FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	Pastoral do Negro em Itaguaí
Autor/Instituição	Pastoral do Negro em Itaguaí/Diocese de Nova Iguaçu
Número de Documentos	1107
Quantidade e tipo de Documentação	Cartas, Informes, Livros, Livretos, cartilhas, fichas, fotografias
Data/Ano	1978 a 2019
Formato	A5, A4, A3, Ofício
Resumo	O arquivo reúne cartas, informes, livros, livretos, cartilhas, fichas, fotografias, atas de encontros, dentre outros documentos produzidos e conservados pela Pastoral do Negro da cidade de Itaguaí, no Rio de Janeiro. O conjunto documental envolve produções locais, nacionais e internacionais voltados para a comunidade negra cristã.
Palavras-Chave	Pastoral do Negro; Itaguaí; Diocese de Nova Iguaçu
Observações	A documentação foi doada para digitalização pela Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, onde se encontram os documentos originais. Encontra-se em bom estado de conservação.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE - CNBB — 1988

CADERNOS DA
A.E.C. DO BRASIL

35

AEC
DO BRASIL

OUVI O CLAMOR DESTE POVO

CRIANÇAS

Subsídios para Aulas e Reuniões

APRESENTAÇÃO

1. *Este caderno foi elaborado com alegria e na esperança de contribuir, com os que dele fizerem uso, para fortalecer a caridade libertadora, no campo da educação.*
2. *Chamamos a atenção dos professores e/ou coordenadores para a grande importância da leitura e do estudo do Texto-Base da CF/88, como condição prévia para orientar adequadamente todo o trabalho a ser desenvolvido.*
3. *O objetivo primeiro da CF é fortalecer os relacionamentos solidários, fraternos e transformadores. Este objetivo deverá estar presente conscientemente em todas as atividades que vão sendo realizadas.*
4. *A situação do negro é abordada pela CF/88 não isoladamente, mas como intrinsecamente ligada à exploração do trabalho e à marginalização social e sobretudo racial.*
5. *É desejável que não só os grupos ou os alunos na própria sala de aula sejam envolvidos pelas atividades e dinâmicas. Estas sempre que possível deverão ser estendidas à escola e/ou à comunidade.*
6. *O presente material foi pensado como ponto de partida para um trabalho mais amplo e criativo, a ser desenvolvido por quem dele fizer uso.*

CADERNOS DA AEC DO BRASIL
Uma publicação da
Associação de Educação Católica do Brasil

Presidente
Agostinho Castejón Garcia
Secretária Executiva
Cléa de Castro Neves
Diretoria Nacional
Antonio Puhl
Emília Welter
Guy Ruffier
Leandro Rossa
Luís Antonio de Souza Amaral
Nelson Carloni

Assessores Nacionais
Edgard Hengemüle
Leandro Rossa
Equipe Técnica
Gerard Janelle
José Pereira da Rocha
Maria de Lourdes da Silva
Maria de Lourdes T. Mennen
Odair Firmino
Suzana de Lima e Moura

Capa: José Maria Fernandes Machado **Desenhos:** AVANT **Textos:** Emília Welter

AEC DO BRASIL
SCS – Quadra 03 – Bloco A – Nº 79 – Ed. João Paulo II – 2º andar
70300 – Brasília – DF – Fone: (061) 223-2947

Composição, diagramação e impressão: Fórmula Gráfica e Editora

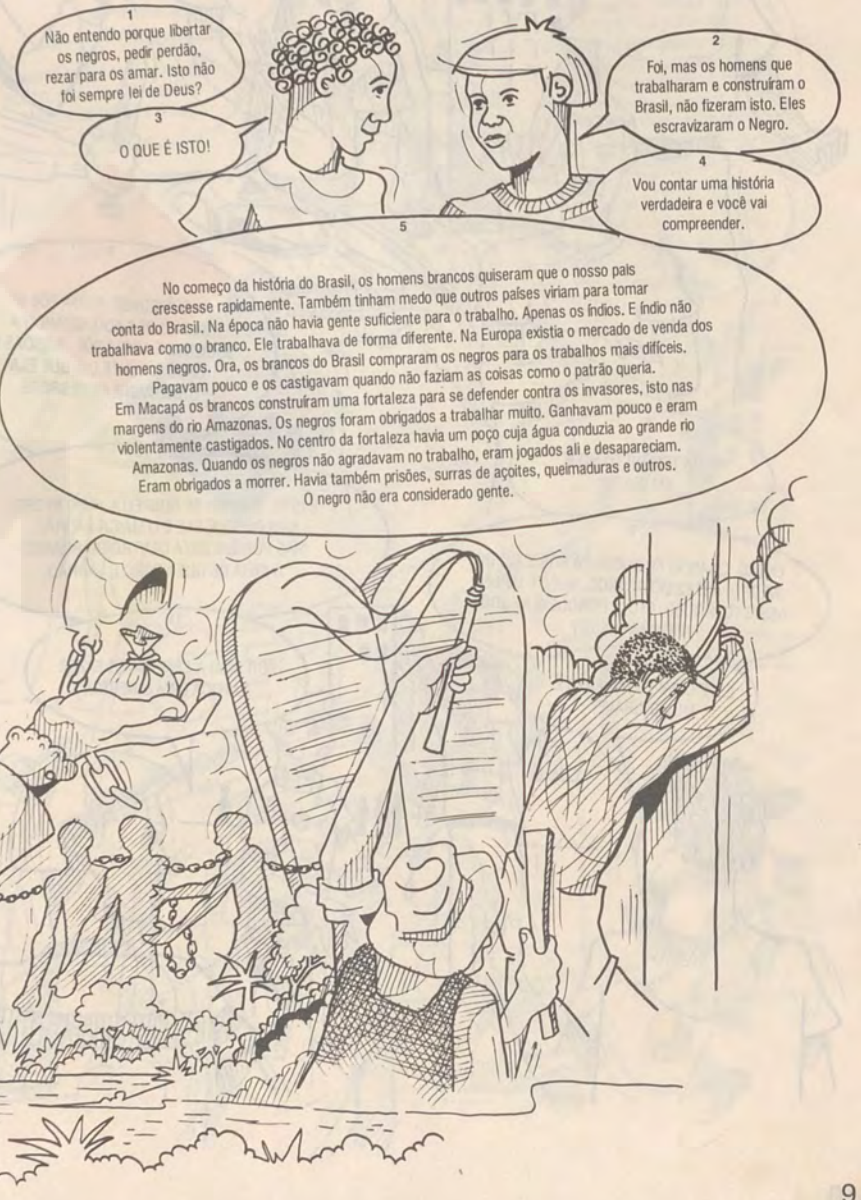
TEMA 1: 25 anos de amor e sacrifício

9
JESUS:
"NISTO SABERÃO TODOS QUE SOIS MEUS DISCÍPULOS, SE VOS AMARDES UNS AOS OUTROS"
(JO. 13,34-35)
5
QUER DIZER QUE A FESTA DA IGREJA É DE ALEGRIA POR TER CONSEGUIDO DURANTE TANTO TEMPO, LUTAR PELO BEM?
7
POR QUE A IGREJA FAZ ISTO?
6
É ISTO!
8
PELA FÉ QUE ELA TEM NA PALAVRA DE JESUS CRISTO!
SÓ A NOSSA IGREJA CHEGA A SUSTENTAR ESTA LUTA?

11
OS ANJOS CANTARAM NA NOITE DO NASCIMENTO DE JESUS QUE É PARA TODAS AS PESSOAS DE BOA VONTADE.
10
PARA QUEM É ESTA MENSAGEM?
13
NINGUÉM... O CRITÉRIO É A BOA VONTADE
12
NINGUÉM PODE SER EXCLUÍDO?

TEMA 2: A fraternidade e o negro

TEMA 3: O que houve com o negro?



TEMA 4: Os negros em número

TEMA 5: Escravidão negra

3
QUEM TIRAVA VANTAGEM DE TANTA CRUELDADE?
5
ENTÃO, TUDO QUE FOI FEITO NO BRASIL, FOI REALIZADO PELO NEGRO?
4
OS LUCROS QUE OS DONOS GANHAVAM COM O TRABALHO DO NEGRO ESCRAVO ERAM DO DONO DO NEGRO E OS PAÍSES QUE COMERCIALIZAVAM O NEGRO TAMBÉM SE ENRIQUECIAM COM O PRODUTO DESTE TRABALHO, POR EX.: NA INGLATERRA, A CIDADE DE LIVERPOOL.
6
O BRASIL DEVE O SEU CRESCIMENTO AO TRABALHO DO NEGRO ESCRAVO.

7
QUE HISTÓRIA TRISTE!
9
ISSO É DISCRIMINAÇÃO! É ESCRAVIDÃO!
8
O MAIS TRISTE É QUE AS CONSEQÜÊNCIAS AINDA ESTÃO AÍ.
AINDA HOJE, AS PESSOAS PASSAM POR TESTES ANTES DE SEREM CONTRATADAS. O NEGRO SEMPRE SAI PERDENDO DE 1X0: POR SER NEGRO: SE FOR MULHER NEGRA, SAI PERDENDO DE 2X0: POR SER MULHER E POR SER NEGRA. E SE FOR MULHER, NEGRA E POBRE, AÍ SAI PERDENDO DE 3X0: POR SER NEGRA – MULHER – POBRE.
10
NOSSA LUTA DEVE SER BEM CONSCIENTE E A PARTIR DOS VALORES DO EVANGELHO.
NÃO
NÃO
NÃO
EMPREGOS!

TEMA 6: O negro lutou para ser livre.
OS QUILOMBOS

TEMA 7: Todos os povos têm seus heróis

TEMA 8: Jesus e o negro

5
OS ANJOS CANTAVAM QUE A PAZ SE ESTABELECESSE ENTRE OS HOMENS DE BOA VONTADE. NÃO SOMENTE ENTRE OS BRANCOS.
7
JESUS JÁ CONHECIA TODO PECADO QUE EXISTIA E EXISTIU NO CORAÇÃO DO HOMEM. POR ISSO A SUA MENSAGEM FOI ABERTA PARA TODOS OS POVOS E PARA TODOS OS TEMPOS E TODAS AS RAÇAS.
9
OS REIS SE APRESENTARAM COMO PERSONAGENS FORTES E DE HONRA. COM UMA COROA NA CABEÇA E ANÉIS NOS DEDOS. FORAM CONDUZIDOS POR UMA ESTRELA. PROCURARAM O REI DOS JUDEUS. A ESTRELA OS CONDUZIU COM MUITA ALEGRIA, LÁ ONDE SE ENCONTRAVA O BERÇO DE JESUS. ELES ENCONTRARAM JESUS E SE AJOELHARAM, O ADORARAM E O ACOLHERAM.
6
SERÁ QUE JESUS SABIA DA FUTURA ESCRAVIDÃO?
8
COMO OS REIS SE APRESENTARAM A JESUS?

10
MAS OS REIS ERAM CRISTÃOS?
12
PARECE UM ACONTECIMENTO NOVO?
11
NÃO. ERAM ESTRANGEIROS PAGÃOS. MAS FORAM OS PRIMEIROS REIS QUE ADORARAM O SALVADOR JESUS.
13
É UM ACONTECIMENTO TOTALMENTE NOVO. O PAGÃO É ACOLHIDO POR JESUS, O ESTRANGEIRO É ACOLHIDO, O NEGRO É ACOLHIDO, O BRANCO E O MORENO, TODOS ESTÃO NO MESMO PLANO DA SALVAÇÃO DE JESUS.

14
O QUE OS HOMENS FIZERAM?

15
OS HOMENS ESTRAGARAM O PLANO DE JESUS. ESCRAVIZARAM SEUS IRMÃOS NEGROS, EXCLUÍRAM OS IRMÃOS NEGROS, CASTIGARAM SEUS IRMÃOS NEGROS, USARAM SEUS IRMÃOS NEGROS. PECARAM CONTRA OS SEUS IRMÃOS NEGROS.

TEMA 9: Os Apóstolos e o negro

TEMA 10: Os sinais do Reino de Deus e o negro

Atividades propostas para o tema

Tema 1
25 ANOS DE AMOR E SACRIFÍCIO

1. Entrevistar o Vigário da paróquia sobre o que ele pensa e faz durante as Campanhas da Fraternidade.
2. Organizar um painel com figuras da Igreja e título de Campanhas da Fraternidade de anos passados.
3. Mandar um bolo para um orfanato ou asilo dizendo que é o bolo da Fraternidade.

Tema 2
A FRATERNIDADE E O NEGRO

1. Desenhar num cartaz o tema da CF/88.
2. Escreva em bandeirinhas as propostas da Igreja.
3. Entrevistar uma criança negra.
4. Convidar crianças negras ou de cor para brincar com elas.

Tema 3
O QUE HOUVE COM O NEGRO?

1. Interprete em desenho a história que ocorreu em Macapá.
2. Pesquise outros fatos onde houve escravidão.
3. Identifique pessoas que hoje são discriminadas.
4. Pesquise quantas pessoas de cor negra são professores, funcionários e serventes.
5. Interprete a figura nº 5 e 8 deste tema.

Tema 4
OS NEGROS EM NÚMEROS

1. Visitar uma obra, ou construção e fazer um levantamento de quantos são negros.
2. Interpretar a figura nº 7.
3. Fazer cálculos sobre os números e estatísticas dos negros.
4. Estudar no mapa os Estados onde se encontram o maior número de negros.
5. Pesquisar na escola quantos alunos negros têm e qual é a percentagem sobre o total de alunos matriculados.

Tema 5
ESCRAVIDÃO NEGRA

1. Leia novamente os pontos (decorar) os fatores que marcaram a escravidão. Escolha 3 e explique-os.
2. Interprete o quadro nº 8.
3. Como se escravizam hoje as pessoas?
4. Que gestos de rejeição você observa no convívio com os negros.
5. Pesquise os países africanos dos quais vieram os escravos.
6. Pesquise sobre as contribuições do negro na cultura brasileira.
7. Escute a música e faça comentário da letra de "Upa Neguinho" – Elis Regina.

Tema 6
O NEGRO LUTOU PARA SER LIVRE. OS QUILOMBOS

1. Escute a música "Zumbi" de Edu Lobo cantada por Elis Regina, e analise como é descrita a história do negro.
2. Pesquise sobre outras formas usadas pelo negro para fugir da opressão e escravidão.
3. Os negros tiveram apoio de grupos organizados de brancos, procure informar-se quais eram e como isto aconteceu.
4. Procure descobrir sobre a existência de outros Quilombos e onde se localizaram.
5. Faça uma dramatização, encenando o Tema "O negro lutou para ser livre".
6. O que era um Quilombo e porque os negros se reuniam nestes Quilombos.

Tema 7
TODOS OS POVOS TÊM SEUS HERÓIS

1. Entreviste um negro para falar sobre suas crenças e seus valores. Peça para que faça um paralelo sobre aquilo que conhece de seus antepassados e o que vive hoje.
2. Quais os instrumentos musicais utilizados pelos negros nos seus cultos.
3. Por que os negros tinham tantos Orixás e o que pediram a cada um deles.
4. De que forma o negro influenciou a dança brasileira. Coloque uma música e procure representar alguns passos.
5. Vamos fazer um cartaz com o seguinte dizer:
   "O Zumbi não morreu, ele está aí, animando as lutas de ontem e de hoje, em busca de liberdade".
6. Recortar de revistas cultos e outras manifestações culturais do negro e ilustrar o painel da escola.
7. Ouvir músicas dos negros e conhecer o seu significado.

Tema 8
JESUS E O NEGRO

1. Leia Mt 2:1-12 e veja como se deu a visita dos Reis a Jesus.
2. Jesus veio ao mundo para libertar o homem tanto espiritualmente como da opressão do mundo. Ele veio para **todos.** Faça um cartaz com uma mensagem aberta de Jesus para a humanidade.
3. Leia Mt 5:5 e veja como você pode contribuir para uma mudança social. Qual é a promessa de Jesus para quem a segue (Mt 5:5)?
4. Faça um círculo de oração pedindo perdão pelas vezes em que você discriminou pessoas por qualquer motivo e peça para que Deus transforme sua vida para que você tenha atitudes diferentes.
5. Faça cartazes enfocando coisas práticas que você aprendeu de Jesus sobre qual deve ser a sua atitude com relação ao negro e espalhe pela sua Igreja.
6. Comprometa-se a compartilhar com alguém as coisas que você aprendeu hoje.

Tema 9
OS APÓSTOLOS E O NEGRO

1. Dramatize o encontro de Felipe e o etíope, narrado em At 8:26-40.
2. Existem negros na sua igreja? Faça uma pesquisa para ver como eles se sentem na Igreja, se são discriminados ou não.
3. O que a igreja pode fazer para integrar de forma mais efetiva o negro na sociedade?
4. Faça uma oração espontânea pedindo pela integração do negro na sua comunidade.
5. Faça um círculo de amor afirmando uns aos outros que você os ama e termine com um grande abraço fraternal.
6. Desenhe o encontro de Felipe com o etíope.

Tema 10
OS SINAIS DO REINO DE DEUS E O NEGRO

1. Como podemos instaurar o Reino de Deus a partir de agora?
2. Muitas pessoas querem impor seu poder através da violência, assim como os brancos quiseram impor seu poder sobre os negros com violência. Qual a motivação do Reino de Deus? Leia Mt 5:44.
3. Escolha um cântico que esteja relacionado com este tema e ofereça-o como louvor a Deus.
4. Faça um desenho de como você imagina o Reino de Deus.

MISSA DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 1988

1. CANTO DE ENTRADA

L: José Thomaz Filho
M: Cireneu Kuhn SVD

1 - Olha,
que eu vim lá de longe,
perdendo raízes,
enchendo porões.
Olha,
cruzei tantos mares,
pisei novas terras,
sofrendo grilhões.

Refrão:
MAS,
MEU CANTO BONITO (Bis)
NEM DOR, NEM CORRENTE
JAMAIS ABAFOU, (Bis)
POIS,
SER LIVRE EU QUERIA, (Bis)
MEU DEUS, ÉS A FORÇA
DE QUEM CONFIOU. (Bis)

2 - Olha,
vendido em leilão,
moído em engenhos,
plantei meu suor.
Olha,
nos campos roçados
reguei com meu sangue
meu sonho maior.

3 - Olha,
eu tenho sofrido
com todo oprimido
cantar sem temor.
Olha,
que vem tempo novo
trazer para o povo
um dia melhor.

4 - Olha,
rompendo correntes
pra nós, liberdade
enfim vai chegar.
Olha,
trazendo esperança
o Deus da Aliança
nós vamos cantar.

2. SALMO RESPONSORIAL

L: Pe. Pedro Brito Guimarães
M: José Marques da Silva

Refrão:
"Ouvi leste povo oprimido o clamor
e vim libertá-lo", nos diz o Senhor.

3. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

L: Equipe da Cf. (cfr. Lc 4,18-19)
M: Frei Joaquim Fonseca de Souza ofm.

Refrão:
Jesus Cristo, és bendito, és ungido, vem falar!
Vem remir-nos do pecado e oprimidos libertar!

4. PREPARAÇÃO DAS OFERENDAS

L: Ir. Ivo dos Santos Fiuza
M: Sérgio Santana da Silva

Refrão:
TRAZEMOS NO VINHO E NO PÃO
A HISTÓRIA DO POVO SOFRIDO,
DO NEGRO E DE TODO OPRIMIDO,
LUTANDO POR LIBERTAÇÃO.

1 - Ouvi o clamor deste povo,
sofrendo, sem ter liberdade,
que insiste em criar mundo novo,
fundado na fraternidade!

2 - Ouvi deste povo o clamor,
da negra mulher explorada,
buscando justiça e amor,
em terra de paz, tão sonhada!

3 - Ouvi o clamor deste povo
na oferta do vinho e do pão!
Mandai-nos o Espírito novo
do amor, que liberta o irmão!

5. CANTO DE COMUNHÃO

L: Antônio C.G. Leite Sobrinho e Eq. CF
M: Francisco José Silva

Antífona:
A CAMINHO DO ALTAR, Ó SENHOR,
VAI TEU POVO EM CONFIANTE ORAÇÃO,
POIS TU OUVES DO POBRE O CLAMOR
POR JUSTIÇA E POR LIBERTAÇÃO.

Refrão:
VEM, SENHOR, COM TEU VINHO E TEU PÃO
DAR AO POVO UNIÃO E VIGOR,
PARA O NEGRO LIBERTAR-SE DA OPRESSÃO
E VIVERMOS A JUSTIÇA E O AMOR!

1 - Quanto ídolo, quanta mentira
que nos fazem viver na opressão!
Da presença de Deus nos retiram,
nos afastam do amor ao irmão.

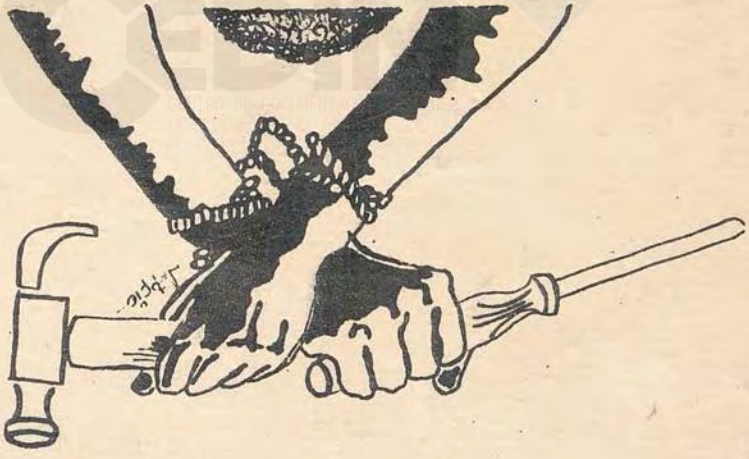
2 - Transfigura, ó Senhor, nossa vida
e nos faze viver como irmãos:
não teremos mais gente oprimida,
nunca mais haverá escravidão!

3 - Este templo de pedra onde estamos,
ao qual damos tão grande valor,
é bem menos que o irmão que deixamos,
por racismo, sem nosso amor.

4 - Cristo traz para o mundo sua luz,
torna a fé julgamento perfeito;
não partilha do amor de Jesus
quem se fecha em qualquer preconceito.

5 - Todo grão que na terra plantamos,
se morrer, muitos frutos dará.
Todo amor que no mundo espalhamos,
faz viver, promover, libertar.

A HISTÓRIA E A FÉ DO POVO NEGRO NO BRASIL E NA AMÉRICA ANDINA



ASSOCIAÇÃO DE TEÓLOGOS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT

BBB

cp. ASETT

Agradecimento.
Ao Quilombo Central
Rua Tabantiguera, 301
01020 Centro - São Paulo
São Paulo - Brasil

ASETT
Caixa Postal 65071
01390 Bela Vista - São Paulo
São Paulo - Brasil

Caros irmãos

Negras e Negros!

A nossa luta de libertação integral prossegue com muito AXÉ. Aqui está mais um momento forte do nosso crescimento intelectual, tendo sempre a perspectiva de partilhar nossos conhecimentos com todos.

Nos dias 24 a 29 de janeiro de 1988 realizamos um curso de formação para trinta lideranças negras cristãs convidados pela Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). O tema motivador do curso era: "TEOLOGIA E CULTURA NEGRA NO BRASIL E NA AMÉRICA ANDINA".

Aqui apresentamos uma síntese do que foi esse Curso de Formação. O esquema segue a seguinte ordem:

1. Uma introdução ao Curso destacando os objetivos, as características e limites e os avanços alcançados;

2. As sínteses dos expositores:

a. Temas Teológicos no Período Colonial no Brasil- Expositor: Marcos Rodrigues da Silva - Brasil;

b. Temas Teológicos no Período Colonial na História de Colonização da América Andina - Expositor: Pe. Rafael Savoia-Equador;

c. O Negro e os 500 anos de Colonização - Aspectos Sociais e Culturais- Expositora : Caetana Damasceno - Brasil.

3. Os elementos fundamentais para uma teologia Afro Latino-Americana recolhidos a partir dos trabalhos de grupos;

4. Subsídios dos temas apresentados e que foram úteis no aprofundamento e discussão dos participantes;

5. A relação dos participantes e assessores.

Queremos agradecer aos membros da ASETT pelo apoio na luta contra a discriminação racial e no fortalecimento (formação e capacitação) de agentes cristãos rumo à elaboração da Teologia Afro - Americana. Também ao Quilombo Central, organismo de serviço dos Agentes de Pastoral Negros que apoiaram essa iniciativa de estudo coletivo.

No mais um forte AXÉ e vamos continuar nossa luta de identidade, libertação na construção do Reino de Deus.

MARCOS RODRIGUES DA SILVA
Coordenador do Programa
NEGRITUDE E RELIGIÃO - ASETT - Brasil

São Paulo, 24 de fevereiro de 1988.

CURSO DE FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS NEGRAS-24 a 30/1/88

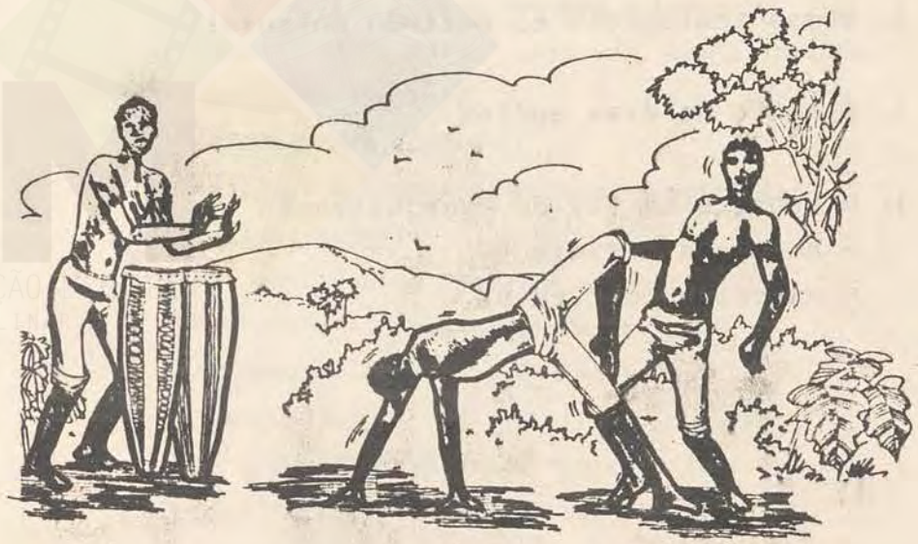
"TEOLOGIA E CULTURA NEGRA
NO BRASIL E NA AMÉRICA ANDINA"

A. OBJETIVO
- . Primeiro encontro de agentes negros cristãos das diversas ações nas Igrejas e Cultos Afro;
- . Recuperar um sentido histórico a partir dos ' esquemas teóricos:
  - a. Teologia Colonial (projeto da empresa colonial);
  - b. Teologia na América Andina;
  - c. As ciências sociais.
- . Pistas da Comunidade a uma reflexão teológica com aprofundamento prático-teórico.

B. CARACTERÍSTICAS E LIMITES DO ENCONTRO:
- . Aspecto pastoralista dos militantes negros;
- . O pouco manuseio dos esquemas teológicos vigentes (clássico, Teol. da Libertação);
- . Repúdio a sistematizar o pensamento teórico - fortalecimento da prática;
- . Pouca compreensão dos discursos pré-teóricos.

C. CARACTERÍSTICAS E AVANÇOS NO ENCONTRO:
- . A possibilidade de se introduzir no campo teórico-prático;
- . A exigência à elaboração de: questões essenciais; de elaboração sistemática;
- . Estabelecimento de uma concepção de liberdade à produção teológica: Prática-Teoria-Prática;
- . Percepção / possibilidade da consciência de classe-na teologia- na elaboração teológica.

D. POSSIBILIDADES DO ENCONTRO:
- . Estimular / aprofundar a pesquisa teoria/prática Latino Americana;
- . Criar intercâmbios de produções no campo teológico prática-teoria-prática;
- . Abertura para uma nova literatura teológica;
- . Novos encontros com os mesmos participantes / ou interessados no tema;
- . Encontro continental de Agentes de Pastoral , militantes, cristãos, teólogos, pastoralistas - intercâmbio de produção.



S I N T E S E

dos expositores

1. Temas teológicos no período colonial

2. O negro na área andina

3. O negro e os 500 de evangelização :
   - aspectos sociais
   - aspectos culturais

Temas Teológicos no Período Colonial

I. Características do regime colonial
   . regime desgastado e decadente do feudalismo
   . fortalecimento da violência opressiva
   . violência legalizada e oficializada - escravidão
   . relação social - senhor + escravidão
   . escravo = objeto (peça)
   . sistema mercantil

II. A figura do senhor - sistema do padroado
   . sua atitude:
   - é o pré-destinado por Deus
   - é o protetor ("Deus abençoe a todos")
   - reúne a "fidelidade" (escravo) com a "devoção" (religião oficial)
   - defensor dos súditos (garante a segurança pessoal e coletiva)
   . características:
   - era configurado "patrono ou padroeiro"
   - era chefe - "pela graça de Deus"
   - "o dono da Igreja" o equivalente a "dono do santo"
   - exigia a fidelidade ao "patrão" (versão colonial) - baseado na opressão legalizada.

III. Os portugueses - o povo eleito (cfr. Gn 12)
   . consideram- se os escolhidos por Deus para:
   - conservar
   - expandir a fé católica

. base bíblica:

- a gratuidade divina da escolha - Gn 12
- o estado teocrático - 1 Samuel 8
- a figura guerreira (Gedeão) - Jz 6,11-15

. O reino lusitano possui:

- a ordem religiosa - Portugal é feudo da Santa Sé
- a ordem natural e social - organização política com bases na prática da fé
- o direito adquirido - expandir o Reino (pol.)
  - construir o Reino (rel.)
  - a dilatação da fé (cristandade)

IV. A cristandade

1. a nova terra para descobrir (os gentios)
2. a sacralidade da realeza (poder divino)
3. o povo eleito (o colonizador cristão)

= uma sociedade cristã!

a Liturgia reunia:

a) a expansão da fé
b) a magestade sagrada
c) o mistério e a pom-pa
d) a proteção dos santos
e) o dia-a-dia cristão
f) a fidelidade

as personagens:

. os príncipes, soldados e clérigos	. os mestiços, mulatos cabloços, negros e índios
a dilatação da fé	implorar graças e favores diante do sofrimento

TODOS NO TEMPLO (A IGREJA)

V. Os camitas da África ao Brasil Colonial

. Justificativa teológica da escravidão

1. a escravidão espontânea
   - a entrega de si mesmo
   - situação de penúria absoluta
   - com o objetivo de ser sustentado pelo senhor
   - "como a vida é um dom de Deus" a preservação do escravo pelo senhor é uma graça, ao escravo é um gesto de salvação renunciando a própria liberdade nesta vida.
2. a escravidão resultante da guerra
   - "poupar a vida do inimigo"
     "motivos justos e santos"
   - o lema das cruzadas: **DEUS ESTÁ AQUI**

. Justificativa teológica popular

. "a maldição divina do 1º homicídio da humanidade (Caim e Abel)
. Abel - símbolo da bondade e fidelidade
. Noé - símbolo da honestidade diante do desprovado
. Origem do povo europeu (lusitano)

. Justificativa filosófica

. Platão - a escravidão era consequência da queda (a não participação no "Dimiurgo")
. Aristóteles: pela própria natureza
  - a uns a liberdade
  - a outros a escravidão

Efeitos da religião cristã no povo negro:

- o batismo: teoricamente a cidadania na colônia
- muitos deveres cristão, nenhum direito social
- dois discursos: - o universalista "O Reino para todos"
  - o particular "A defesa da coroa lusitana"

SP, Marcos Rodrigues da Silva

O NEGRO NA ÁREA ANDINA

I - RESISTÊNCIA E PALENQUES

Em todos os países bolivarianos (Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolíva) se pode encontrar abundante e vasta documentação sobre a reação do Negro ao sistema escravista, particularmente por parte de certos grupos indicados como rebeldes. É o caso, em Colômbia, dos "negros Mina e Cabo Verde" , os quais, segundo o Conselho das Índias(19.8.1704) não somente resistiram à religião, mas também incentivaram a outros para que "procurem a liberdade através de fugas, assim que, juntando-se em grupos nos povoados pouco defendidos e pouco habitados, ocasionavam notáveis danos". Na América Hispana havia também outras formas conhecidas de resistência, desde o suicídio ao infanticídio, etc.

As rebeliões são frequentes, por exemplo,em Zaragoza (Colômbia), nos anos 1598, 1659; em Cartagena (Colômbia) em 1600, 1650, 1693, unidas à conspirações em 1694 e 1799. Havia ataques também a cidades como é o caso de Santa Marta (1545) que foi arrasada e queimada pelos "chimarrones" de Ramada...

No Equador, os mulatos de Esmeraldas ameaçaram' com frequência a cidade de Porto Viejo desde 1555 até 1577.

Os Palenques eram a institucionalização da rebeldia e do desejo de liberdade dos escravos chamados "chimarrones". Estavam organizados de maneira própria e em lugares estrategicamente escolhidos e bem defendidos onde treinavam o manuseio das armas, além de aproveitar das alianças das tribos indígenas que eles mesmos promoviam (conf. Pe. Miguel Cabello de Balboa, "Verdadera y larga relacion sobre' Provincia de las Esmeraldas, 1582).

No Equador é famoso o palenque dos "Illescas", lembrado às vezes nos documentos da época como "República de los Zambos de Esmeraldas". Um grupo de 23 negros e negras que chegaram em outubro de 1553 nas praias de Esmeraldas, aliaram-se com os indígenas e conservaram a praia durante quase todo o período colonial, apesar de pelo menos 60 expedições militares contra eles, e de algumas expedições pacíficas, ou seja, de caráter missionário. No ano de 1620 podem ser contados 120 os descendentes dos primeiros negros Illescas, liderando de 250 a 500 índios. As autoridades da colônia tentaram subornã-los oferecendo-lhes o poder de governar esta provícnia tão cobiçada pelos diferentes governadores. Em 1577 ofereceram ao negro Alonso de Illesca o título de governador, este porém o recusou depois de consultar o seu povo. E ao padre que o exortava a aproximar-se dos sacramentos respondeu que o desejava "porém enquanto estiver ocupado na redenção deste povo" prefiro esperar.

No atual Panamá em 1549 ocorreu a rebelião do "Rey Negro Bayano" que levou consigo, dizem, até dois mil escravos. Os espanhóis afirmavam que "imitando a missa, se reuniam numa espécie de santuário, construído ali, e sobre um altar colocarm um jarro de vinho e um pedaço de pão que eles mesmos faziam. O "bispo" vestindo uma túnica de cor vermelha para celebrar; na própria língua materna cantavam e os outros respondiam, e depois, frente à assembléia dos presentes consumiam o vinho e o pão. Muita atenção era prestada a homilia na qual ele os incentivava a defender a própria liberdade e a do povoado até mediante armas, obedecer e apoiar o seu "Rey Bayano", (Mercado Sousa Elsa, "El hombre y la tierra en Panamá" em 1759 cit. por Idelfonso Gutierrez Azopardo, I936, pag. 32).

de negros e passar a Mompoj onde, unindo-se a outros, atacar Zaragoza. Soube dos desígnios que tinham e da república que iam formar..." (Roberto Arrazola "Palenques Primer Pueblo Librede America" ob. cit. 45-46).

O historiador Roberto Arrazola admite que na mente destes negros "huidos y alzados" havia o propósito de criar uma república com seu rei e governadores tendo como centro Cartagena; de não deixar sucumbir o palenque de Matuna e seus chimarrones sob o poder das tropas coloniais e dos "cuadrilleros" da Santa Hermandad.

Jaramilo Uribe, em relação ao século 18 faz entender que os negros não atuavam ao acaso: "nos anos entre 1750 e 1790, o conflito foi tamanho que se tem a impressão de que poderia ter existido um acordo entre os diferentes grupos de escravos para levar a termo uma rebelião geral". Nesta época os palenques existiram em quase todas as regiões.

No ano 1777 escravos de várias localidades perto de Medellin "sob o nome de "candonga" provocaram outra conspiração contra seus amos".

Em Cali no ano 1772 foi descoberto o plano dirigido pelo mulato Pablo "para fugir às montanhas com 50 escravos a fim de se armar contra os brancos ... e depois, unir-se aos negros em Yurimangui na região mineira da costa, em número de 500".

O movimento de Cartago de 1755 foi "cuidadosamente planejado e tinha conexões com outros do Cauca o Chocó e o Vale. Seu propósito era unir-se a alguns escravos que estavam nas margens do rio Otum para sair matando a todos os brancos desta cidade" (Jaime Uribe Jaramillo, "Ensayos sobre la Historia Social Colombiana" pag. 67, ob. cit. 47).

O negro escravo era realista. Os planos que concebia para sua libertação não era simplesmente uma volta ao passado; tratava de buscar a sua identidade

Em geral nos palenques se conservaram tradições ligadas à Igreja Católica, como a administração do Batismo e outros sacramentos e em várias ocasiões ' pediam um capelão e assistência espiritual.

Dos palenques saiam para atacar comboios e fazaendas ou para libertar seus companheiros de cativeiro.

Quando o palenque era invadido e destruído pelas tropas coloniais os que sobreviviam tornavam a reagrupar mantendo-se livres.

Na Colômbia alguns historiadores afirmam que os palenques estavam presentes ao longo de todo o território e durante todo o período colonial. Gutierrez apresenta uma grande lista desde o palenque de La Ramada perto de Santa Marta (ano 1592)até o de San Bartolomeo de Mompoj (ano 1799),(ob. ' cit. 41-42).

II - O NEGRO TINHA UM PROJETO HISTÓRICO PRÓPRIO?

O historiador Gutierrez se pergunta: "As rebeliões, as sublevações e palenques foram meras e passageiras revoltas sem outro objetivo que protestar contra o maltrato ou fugir frente a ameaça de castigo? Seria um pouco atrevido afirmar que todos estes movimentos constituiram uma revolução e que por isso obedeciam a um plano ou ideal bem concreto e definido; porém sem dúvida podemos dizer que nestes ' há algo mais que um projeto revolucionário rudimentar" (ob. cit. 45).

O governador de Cartagena no começo do século' 16 informando o rei Felipe II sobre os negros rebelados dizia que havia se desencadeado uma "guerra ' de chimarrones tão enfadonha e pesada... custando uma grande soma..." e acrescenta "o plano que tinham se o pudessem executar seria muito bem entendido porque procuravam ir juntando muita quantidade '

e por isso se afirmava tanto no passado que o unia a seus ancestrais, organização, ritos, culto aos mortos, influência do "brujo", etc., como no presente ' no qual pertencia e que estava representado pelos novos crioulos. Ambos, crioulos e bossais, representavam as duas faces da intenção de construir uma sociedade distinta na qual o negro se sentiria num ambiente de equidade como pessoa (ob. cit. 48).

No Peru a esposa do rebelde Gabriel Condorcanqui que se chamava Tupac Amaru, em memória de seu antecessor justiçado em Cuzco, em 1572, é qualificada' de "zamba" e dois tenentes do mesmo rebelde eram negros, já que todo homem busca liberdade.

As bases do projeto negro tinham como objetivo a liberdade, terra para trabalhar e autonomia.

Em todos os países onde reinava a escravidão o negro buscou sobretudo e a todo preço a liberdade, e não somente para si mesmo, mas também para os indígenas (conf. Cabello ob. cit.). Jamais entregaram de volta companheiros fugitivos, seja em Colômbia como no Equador (conf. Pedro Vicente Maldonado). A terra era para o negro condição para sua liberdade. No memorial do Pe. Balthazar de La Fuente ao Conselho das Índias sobre o Palenque de Santa Maria, no final do século 18, se diz: "Que fosse determinado para eles um território para se estabelecerem com terra suficite para trabalhar". Este era um ponto fundamental para poder pacificar os chimarrones que tomavam a terra também como símbolo de independência. Domingo ' Bioho "nunca permitiu que a espanhol algum entrar ' com armas no seu povoado" (ob. cit. 50). E o negro - Illescas dirá ao Pe. Miguel Cabello de Balboa "O que o senhor está fazendo em minha terra?" (ob.cit. Cabello). As lutas que libertaram os camponeses negros do Vale del Cauca, no século passado são lutas por ' terra. A fracassada conspiração de Cartagena(1799) em colaboração com negros franceses não tinha outro

objetivo que o mesmo alcançado pelos escravos do Haiti (cinco anos mais tarde) ao estabelecer um estado negro independente (Arrázola ob. cit. 195 e 294).

III - E A IGREJA?

Já sabemos como ela foi conivente em alguns setores com o poder colonial. Pouco sabemos sobre os defensores dos escravos da colônia, já que sendo considerados subversivos eram controlados, impedidos de escrever e, às vezes de falar, castigados com a prisão e o exílio. Suas obras em geral, não foram publicadas, algumas estão nos arquivos do Conselho das Índias, outras estão sendo encontradas agora.

É o caso das obras do Pe. Jose Francisco Jaca y Aragon junto com a de seu co-irmão de religião o capuchinho, Epifanio Muirzns que atacam abertamente e com uma força de denúncia extraordinária a instituição escravagista (se podem ler alguns trechos destes textos na primeira parte do livro publicado pelo DEMIS e pelas Ed. Paulinas sobre os Afro,1982)

Sabemos que existiram outros companheiros na mesma luta; lembramos o Pe. Miguel del Toro, pregador de Tenerife, que sendo encarregado da assistência espiritual aos palenques da região de Santa Marta, conseguiu da "Real Audiencia de Santa Fe de Bogotá", liberdade e terra para os "palenqueros", entre os anos 1680 al688... porém uma "real cédula" ordenou o contrário.

Entrou em ação o padre tesoureiro da Catedral de Cartagena e "douctrineiro" de Turbago, Baltazar de la Fuente, o qual viajou diretamente a Espanha e conseguiu aquilo que pedia os palenqueros(ano 1692)

A luta contra os interesses dos donos de escravos e outros poderosos inimigos foi muito dura. Estes últimos conseguiam outra vez intervir através da força e os palenques foram caindo.

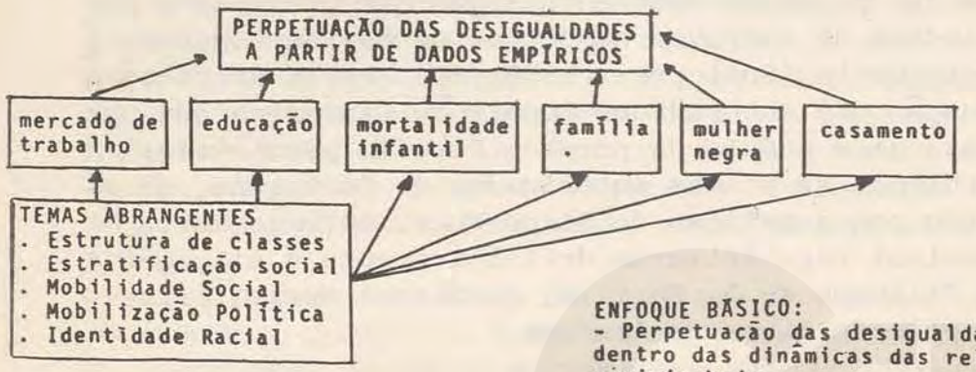
O Pe. Baltazar para salvar os palenques de Santa Maria enviou um memoria à Coroa explicando as causas pelas quais os donos de escravos se opunham a tal libertação "para trabalhar as suas terras utilizsavam os cimarrones". Também outros senhores não podiam cobrar uma intervenção das autoridades porque não possuiam documento algum que provasse a propriedade de escravos sendo que os haviam comprado ilicitamente (Gutierrez, 1985: 63). Porém criticou a atuação das autoridades locais de Cartagena que não acataram a cédula de perdão. Por fim para evitar problemas as mesmas autoridades de Cartagena, de acordo com a petição do Bispo Mons. Antonio Maria Cassiani regularizaram definitivamente a situação do Palenque de S. Basilio, na Sierra Maria, primeiro povoado livre da América.

IV - A RELIGIÃO E OS NEGROS DA COSTA DO PACÍFICO

Na Hispano-América a preocupação principal oficialmente era cristianizar. Desde o começo criaram-se leis que regulamentavam a passagem de Espanha a América. Não houve profundidade na evangelização. O africano era obrigado a aceitá-la pela solidão na qual se encontrava: separado dos seus familiares e também dos de sua mesma língua, já que sempre houve medo em juntar escravos de uma mesma nação. Os escravos domésticos foram mais sujeiros a uma catequese constante. Os que viviam nas minas e nos campos, recebiam menos atenção, não obstante sabemos que haviam práticas obrigatórias como, a confissão uma vez ao ano, certo número de orações diárias, etc.

"O NEGRO E OS 500 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO: ASPECTOS SOCIAIS E CULTURAIS"

= Mudança da Perspectiva Teórica:



ENFOQUE BÁSICO:
- Perpetuação das desigualdades dentro das dinâmicas das relações raciais hoje;
- Ruptura ou mudança na perspectiva teórica,
- Escravidão não mais resíduo passado perpetuando no presente o preconceito e discriminação;
- Efeitos cumulativos do preconceito e discriminação raciais.

SP, Caetana Dasmaceno

ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA UMA TEOLOGIA AFRO LATINO AMERICANA

- Sentido de liberdade e dignidade do(a) negro(a);
- Resgate da identidade enquanto povo Latino-Americano;
- Solidariedade do negro(a) com todos os oprimidos partilha - senso de justiça;
- Realidade de discriminação;
- Reconciliação:
  . dom de perdoar (por quem teria tudo para não perdoar, para se vingar... e não o faz)
  . violência menor frente à violência praticada pelo branco em todos estes anos de opressão... e apesar disto, continuar acreditando na presença de Deus no hoje (se Deus quiser... graças a Deus...);
- Imagem de Deus:
  . "niño Dios" - criança - bem humano;
- Fé na presença de Deus no povo negro pobre:
  . a ação do Espírito na história;
- Deus que está com o povo e o povo que encontra forças na paixão de Cristo (Cristo Sofredor-crucificado) - Dores das mães que se identificam com Maria Dolorosa no Calvário;
- Capacidade de luta frente à prática da injustiça
  . resistência-luta-rebeldia, com capacidade de alegria e festa-"a vida é mais forte que a morte" - Ressurreição
  . luta permanente em favor da vida - esperança;
- Modo especial de "sentir" Deus e expressar a fé, fazendo surgir uma nova espiritualidade onde o sagrado adquire expressão diferente: não é colocado separado da vida cotidiana (presente na natureza, no corpo, ...);
- Modo próprio de celebrar, a partir de novos valores, símbolos;

Interessante notar como haviam negros escravos cristãos procedentes do Congo e Angola (Gutierrez: 32) além disso as confrarias em Cartagena e em Quito, em Lima, tinham como modelo as de Sevilha. Quando os negros dos mesmos palenques não podiam conseguir assistência espiritual, eles mesmos nomeavam ' seus representantes religiosos que formaram um grupo respeitado no interior da Comunidade (continuam' exercendo funções religiosas até nossos dias tanto em Colômbia como no Equador).

É evidente que o Negro da Costa do Pacífico introduziu elementos próprios e foi criando sua própria maneira de viver o cristianismo. Os "arrullos" para os santos, os "chigualos" para a morte de uma criança, o velório para a morte de um adulto, e sobretudo, durante as grandes celebrações da Semana ' Santa se revela uma peculiar expressão religiosa.

Rasgos africanos parece que se conservam, por exemplo, no Peru até meados do século passado. Radiguet (1845) comprovou que a religião muçulmana existia entre os negros pois se ensinava ainda "versões esquecidas e inéditas do Corão". Fernando Romero, investigador peruano afirmava que os negros em pleno século 19 cantavam ainda para as divindades ' da terra mãe, em língua original. Palavras africa-' nas são utilizadas ainda hoje em alguns antigos "arrullos". Muitas vezes os negros foram acusados de ' feiticeiros, de "brujos" (ver Arquivos da Inquisição tanto de Cartagerna como de Lima).

Alguns bailes, como "son de los diablos" parecem que tem relação com a África.

"Os espanhóis tinham criado um catolicismo especial para os escravos com sua próprias confrarias e festas; os negros utilizaram esta discriminação ' para reformular sua comunidade étnica e enfrentar ' solidariamente os brancos" (Cuche: 172).

SP, Rafael Savóia

- Atitude profética diante da postura da Igreja institucional;
- Organizações negras (palenques, quilombos...)formas de sociedade alternativa;
- Ecumenismo popular:
  . onde é que Deus age?
  . age em favor de quem?
  . Igrejas-entender, valorizar, deixar-se questionar, assimilar valores dos cultos/religiões afro na América;
- A Mulher:
  . ótica da mulher negra
  . a tradição
  . a organização
  . a "fé", a "luta"
  . libertação do machismo
  . mulher- condutora, grande dinamizadora, articuladora das práticas de solidariedade na comunidade negra;
- Conflito que vem surgindo a partir de uma postura profética, das questões levantadas pela comunidade negra.

S U B S I D I O S P A R A

UMA REFLEXÃO TEOLÓGICA-PASTORAL

A PARTIR

DA COMUNIDADE NEGRA CRISTÃ

"IMAGENS DE DEUS A PARTIR DA CONSCIÊNCIA E IDENTIDADE NEGRA"

= Assumir a Negritude:

O processo de conscientização e descoberta da Negritude vai aos poucos levando o Negro a entrar no seu mundo real e assumir uma nova postura diante de si, da vida e da sociedade.

Esta mudança vai marcar a saída de uma posição de não aceitação do seu ser negro, para uma posição de gostar de ser negro e a valorizar os elementos próprios constitutivos de sua vida.

Este reconhecer-se negro devolve-lhe a identidade, algo tão difícil de ser recuperado para o Negro. Num primeiro instante esta descoberta fica a nível pessoal, passando depois a assumir uma nova dimensão - a dimensão comunitária. O Negro passa da sua experiência a descobrir-se no serviço aos demais irmãos necessitados e, de fazer a mesma caminhada de libertação.

Entra assim na caminhada sendo voz e testemunho na luta pela libertação do povo negro.

Este assumir tem implicações na vivência da fé a partir deste dado, na comunidade negra se começa a perceber formas concretas e elementos da manifestação de Deus na vida do povo negro. O identificar-se como negro e negra ao resgatar sua dignidade o sentido de liberdade, tudo irá favorecer a descoberta da proposta de Deus para a humanidade, em particular com o povo negro. Esta descoberta faz com que a comunidade negra seja sinal concreto do assumir a dimensão profética na caminhada de libertação.

= Descoberta da Presença de Deus na vida do Povo Negro - Deus na História do Povo Negro Latino Americano:

Os trabalhos de conscientização do Negro e a recuperação de sua identidade têm um momento muito forte que é quando se retoma a história do nosso povo. Começando pelo tráfico de homens e mulheres ne

gras da África, passando pelos horrores da escravidão até a situação de povo marginalizado hoje. Dentro dessa história constata-se a emergência de movimentos de constestação ao regime de opressão instaurado aos negro na América Latina. Entre esses movimentos podemos destacar as centenas de quilombos ' que surgiram no período escravocrata no Brasil, os diversos palenques na América de língua espanhola , as fugas, o banzo e tantas outras formas de organização que disseram "não" à violação da dignidade e liberdade do povo negro. Conforme sabemos, tais movimento traziam dentro de sim um projeto alternativo de sociedade negando, dessa forma, o regime . opressor instaurado.

Um olhar a esses fatos históricos não só a ' partir das ciências sociais, mas sobretudo, a partir da fé vão nos revelar a presença de um Deus que se coloca ao lado do povo oprimido, caminha e faz história com ele. Trata-se de um Deus que foge dos esquemas teológicos institucionais e emerge da prática do povo na busca de alternativas de libertação.

O deus dos esquemas institucionais agiu de modo exatamente contrário. É legitimador do sofrimento e da opressão e muitas vezes aconselhou o povo à não insurreição. Ao contrário, o Deus da Vida fez história com o povo negro forjando novos caminhos , procurando recuperar a vida.

Ainda, nessa retomada histórica que os grupos de negros fazem, constatamos a presença de uma outra face de Deus. É o Deus da Resistência. Não é ' com pouco espanto, ou alegria, ou admiração que nós negros, nesses grupos, constatamos que apesar de ' tantas manobras políticas para destruir(exterminar) o povo negro do cenário geográfico da América Latina (por exemplo: na guerra do Paraguai, onde o negro foi colocado como escudo na frente das tropas o que causou o massacre de milhares), e ainda, toda a política de branqueamento elaborada e posta em execução no início desse século. A tudo isto o negro ' conseguiu resistir e continua presente de forma tão expressiva na população latinoamericana.

Este Deus da resistência ajudou, ao longo da história, o povo negro a continuar fiel as suas tradições culturais e religiosas recriando aqui na A-

mérica, com características originais, as expressões religiosas africanas. O sincretismo é o exemplo mais autêntico da resistência e objeto da repressão cultural feita pela religião oficial.

Ao constatar que Deus caminhou com o povo negro no passado, esses grupos de conscientização aumentam ainda mais, sua convicção de que Deus se faz presente, hoje, na prática do povo negro que busca a libertação na história.

= No presente do Povo Negro

A partir do lugar social que nos colocamos; a partir da ótica que olhamos o mundo e os acontecimentos; a partir da consciência de nossa negritude vamos formulando uma imagem de Deus.

Olhando a partir do Povo Negro constatamos através da nossa experiência que o Deus Libertador toma as feições do Homem Negro e da Mulher Negra. O jeito de ser deste povo negro não está enquadrado ' nos esquemas tradicionais. É um Deus dinâmico que foge da estaticidade dos esquemas pré-estabelecidos. É o Deus que caminha com o povo e o anima na luta. Canta e dança, ginga como faz o povo e o estimula na caminhada. Nesta novidade a descoberta de um Deus diferente que gera a alegria, a certeza enquanto povo negro, em saber que Deus toma sua história, ouve o seu clamor e vê as suas angústias - é sinal de esperança

Percebemos hoje na prática da comunidade negra que o Deus deste povo não foge da luta e nem tem medo de dizer de que lado está. A sua presença sempre ' se manifesta onde a vida se sente ameaçada pela morte. Toma o rosto dos fracos para confundir os fortes (os dominadores e que decretam a morte para o povo ' negro). O nosso Deus vem para romper com as estruturas geradoras de morte.

Ele é o Deus da vida. Ele nos chama ao compromisso com sua causa, contrapondo a idéia de um Deus descomprometido com o povo. Esta imagem de Deus não comporta mais a passividade diante da ameaça da vida. Exige um posicionar na história e um identificar

de posição: de que lado Ele está. Exige um repensar e um redimensionar dos nossos conceitos de Deus, de Igreja, de Sagrado, de fé, de espiritualidade, de teologia, etc.

O povo negro é um povo profundamente religioso (conf. CF/88- Texto Base-64) e não é mais possível que continue em situação de oprimido, sob o peso de uma imagem de um Deus opressor, imposto pelo branco. O Deus do Negro não concorda com esta mentira. Ele quer ser celebrado de acordo com a vida do povo negro.

Esta imagem de Deus que o povo negro está descobrindo é uma realidade nova que incomoda muita gente. Pois este Deus defende os interesses dos pequenos e não mais os interesses dos grandes. Não compactua com a injustiça cometida contra o povo. O Deus agora se encarna na vida do povo, sofre com o povo, alegra-se com ele. É o Deus que não mais separa ou se distancia, mas é Deus-Presença. No modo do povo negro ser, celebrar e viver a manifestação da presença de Deus.

= Conflitos e Desafios

Vários tipos de movimentos estão descobrindo vários formas e símbolos para expressar a sua fé e sua religiosidade. Estes movimentos que vem da base estão se espalhando com grande intensidade por toda a comunidade negra, atingem a Igreja institucional, provocando conflitos e desafios. Neste processo buscam também uma nova organização social, política e religiosa.

= Maneira Negra de Ser Igreja

A Igreja que sempre colocou os negros para assistir seus rituais e usou de seu poder religioso para legitimar o sistema dominante opressor (empresa colonial), sendo questionada pela organização do povo negro, que em muitas vezes inicia este processo na própria Igreja.

Dentre os vários conflitos e desafios na vi-

são de Deus e da religião queremos destacar alguns:

. Ecumenismo: O Povo Negro que sente Deus em todas as ações da sua vida participa com alegria e fé nos cultos-afro e vai com a mesma devoção para as missas, procissões. Outras expressões e crenças populares também seguem os mesmos princípios..

A Igreja que também acusou as religião dos Orixás de demoníaca vê hoje seus fiéis negros apresentando seus símbolos nos altares, a sua história de resistência, os seus antepassados, a sua dança, os seus instrumentos, etc.

A partir do povo, o ecumenismo está acontecendo, é um processo em caminho que se iniciou e não vai acabar mais. A Igreja Institucional saberá dar a sua resposta;

Participação da Mulher: Em todas as igrejas e também nas religiões afro as mulheres desenvolvem uma missão capaz de agrupar, dinamizar, animar a vida e os trabalhos das comunidades. Na Igreja Católica, as mulheres são impedidas de assumir o ministério hierárquico. Como também é discriminada em tantas outras funções de serviços da comunidade eclesial. A atuação comprometida das mulheres no movimento negro, como também a valiosa experiência das mulheres na organização de terreiros como líederes e representantes dos orixás e santos, exigem uma mudança na Igreja. Acreditamos que há de acontecer com o tempo;

. Simbologia: Os negros, como já vimos, expressam Deus na sua vida através de sinais concretos do dia a dia. Estes símbolos enriquecem a liturgia e a compreensão de Deus, sendo a maneira mais objetiva de se fazer a catequese. Mas as Igrejas Cristãs ainda estão usando muito do discurso escrito e os ritos oficiais, que inibem o povo de se expressar e muitas vezes a se dispersar nos atos celebrativos. Tudo promove a dispersão e acentua o prejuízo à evangelização permanente;

. Produção Teológica: Quem escreve e sistematiza a teologia são os intelectuais, sacerdotes, pastores, bispos e os documentos da Igreja. Na medida em que

o povo negro fala da sua experiência religiosa e a vive, ele já está fazendo um novo teologizar. Porém esta nova teologia não foi escrita e são poucos os que procuram entender a necessidade de enegrecer a teologia. Eis o desafio!

. Uma Igreja Negra, Popular e Pobre: É a Igreja capaz de superar todos os conflitos, viver o ecumenismo, estar ligada com todos os pobres e dar passos firmes e decisivos na construção do Reino de Justiça e Igualdade.

Quanto mais negra a Igreja se tornar, mais se identificará com a proposta do Reino de Deus que Jesus nos deixou. Vamos ver se conseguimos colocar o jeito negro de ser Igreja.

= O projeto político que surge da visão teológica

O projeto político surge da identidade deste Deus com a vida do negro. Surge do seu estilo de vida comunitária e solidária com a causa dos oprimidos. O projeto político não se esgota em algumas definições e nem é para ser idealizado no papel. Ele surge da luta concreta que sempre estimulou o povo negro.

Vamos colocar alguns elementos, que inspirados no Deus vivo e verdadeiro; sinais novos presentes na vida do negro quando para superar as barreiras da discriminação experimentam aqui a comunidade totalmente livre. Vamos lembrar a luta pela terra, pela educação, saúde, cultura, emprego, pelo salário justo e de todo clamor po justiça para com a economia, a política, o social e o religioso. Que tudo se integre e o negro, a negra, a criança negra o idoso negro, todos os pobres, marginalizados, migrantes, deportados e toda humanidade tenha VIDA E LIBERDADE!

Concluindo afirmando que o Povo Negro, no convívio com os povos Latino Americanos, viveu e ainda vive uma situação de injustiça, de opressão e de sofrimento. À medida que os negros tomam consciência da sua negritude e buscam a sua identidade que lhe é própria, descobrem o novo rosto de um Deus que surge em sua caminhada.

Rosto de um Deus que não se deixa enquadrar nos esquemas dominantes, que dá um sentido de solidariedade, que rompe com as diferenças e injustiças e que resiste à opressão e ao pecado.

Rosto de um Deus que "derruba dos tronos os poderosos e eleva os humildes" (Lc 1,52).

Ao fazer a experiência desse Deus e percebendo a ação do Espírito na história, o povo negro recupera a esperança para continuar a luta pela liberdade e dignidade como Povo de Deus.

A MULHER NEGRA NA REFLEXÃO TEOLÓGICA

ausente e presente

A humanidade é mulher e homem. (Gn 1,18):"E Deus viu que tudo era bom".

No gesto criado Deus impregnou a criação do bom, do projeto, do belo.

Cada povo tém suas características e valores, deixando refletir a transcendência de Deus.

A mulher negra com seu dons femininos, válores, beleza e capacidade, faz com que visualizemos com maior evidência este gosto pela vida, da festa permanente que existe no céu.

Deus se revela na mulher. Ela é a força geradora e que veicula a vida, no mundo.

A mulher dá a vida por sua capacidade de muitas vezes gerar no silêncio , tanto do ponto de vista biológico, quanto do ponto de vista econômico, social e de transformação(P.ex. , na família, nas CEBs,nas lutas populares, etc.)

A mulher negra se vê como alguém que é digna de respeito, acolhida num processo de libertação, dentro de um povo oprimido e cativo,

Muita vezes ela encontra no espaço eclesial dificuldades para celebrar o Deus da criação, isto devido a acentuada presença masculina.

Esta mulher se sente portadora de uma **missão** "Vai... Eu te envio" (Ex. 3,16)

Daí a importância de uma releitura bíblica na ótica, também da mulher negra, como parcela dos oprimidos.

Ficando na "periferia", à margem do mundo feminino e da mulher

negra, vêmo-la a partir de seu corpo, como instrumento de prazer. Como alguém reprimida, pelo marido, amantes, todos os homens.

A mulher prostituída pela sociedade machista e puritana é fruto desta marginalização a que foi reduzida, ao longo do século. Deus, porém, a vê de modo totalmente diferente. Ao contrário dos homens,Deus vê as mulheres com olhos de pai misericordioso, que as conhece à fundo, suas angustias e opressões. "Eu vi a opressão..."(Ex. 3,7ss).

Como imagem da Trindade ela reflete grande percepção, intuição, presença ao detalhes para dar alegria, nota de festa, fazer o outro ' feliz.

Por causa de sua capacidade aguçada de resistência, de perseveran ça na ação de comunicação, ela foi a primeira a perceber a Ressurreição do Senhor e, a quem foi confiado o anúncio (Jo 20,11-18). Graças a esta força, este dom típicamente feminino, à mulher negra conseguiu sustentar e dar continuidade às lutas na conquista de nossa libertação. Ela possui um grande valor de solidariedade à todos, independente de sua crença.

Defender os humildes, como mulher negra, mais do que um gesto de compaixão é devolver-lhes a capacidade de agentes de sua história.

A ação de Deus explode de modo incontrolável, mas experimental, palpável. "nós vimos com nossos olhos... alpamos o Deus da Vida(1Jo 1,1). Isto é para nós motivo de alegria, de cantar nosso magnificat: "Eu me rejubilo em Deus meu Salvador"..."Sim, Ele fez (e faz) grandes coisas em mim..." ..."Ele vai derrubar os poderosos de sua falsidade, perversão..."(Lc. 46ss)

Com todas as mulheres negras esperamos este dia vitorioso.

A MULHER RELIGIOSA NEGRA

repensando seu compromisso evangélico e étnico

Vida religiosa na comunidade

A Comunidade
lugar de
- compromisso religioso interna
- compromisso religioso externa

interligação
relacionamento
libertação
manifestação de Deus
aceitação recíproca
perdão
reconciliação
celebrar a vida
compromisso
corresponsabilidade
desabrochar - valores
- sexualidade
- espiritualidade
- feminilidade

O negro valoriza muito a família. Sem a família ele não é negro, não é pessoa.

A família para o negro não está restrita a proximidade sanguinea, vai bem mais longe. Portanto, diz-se o mesmo quanto a comunidade.

Devido a sua visão ampla de família, é impossível o negro enxergar a comunidade no sentido restrito. Ela é bem abrangente e aberta. Daí a interligação e ajuda recíproca, comunidade interna e externa.

A comunidade interna se estende na comunidade externa, como espaço de participação.

Deus se manifesta na vida comunitária através da extensão da vida externa da comundade. Do relacionamento e participação no processo de discernimento da vida religiosa

Quando falamos em comunidade temos que acentuar o processo que a identifica - a prática de relacionar-se entre as pessoas:

- consigo mesmo
-com o outro
-com a comunidade
-com o mundo

Como o negro se relaciona? Quais são suas características?

O negro é aberto, espontâneo , vibrante... Portanto, tido o seu relacionamento esta impregnado de todas estas caraterísticas, ou melhor , de tudo o que ele é, e muitas vezes, dentro da instituição é tolhido, O resultado são as categorias de valores com que é identificado: leviano, indelicado. Tudo isso é caminho para ser instrumentalizado em certas situações.

O negro precisa, dentro da sua comunidade, de espaço. Isto lhe garante um espaço para sua cultura, costumes, valores. Enfim, para sua maneira de ser e de relacionar-se passa pela o ideal de construção dos novos quilombos.

"Ao Deus libertador , oferecerei
Esta raça esta cor , oferecerei
Cada negro que luta , oferecerei
Meu povo desterrado, oferecerei."

A vida é sacramento, sinal da presença de Deus no mundo, dom gratuito, oferta...

Consagrar é ofertar este sacramnto ao povo negro, através do compromisso com as suas lutas, sofrimentos, anseios...

1. A consagração

Se dá na medida que reconhecendo nossos valores, resolvemos doá-los gratuitamente para o povo. Quê valores? A própria vida recebida, experiência, aseios , sofrimentos e alegrias. É o mesmo Deus que se manifesta e se revela concretamente nos desafios e acontecimentos da vida e do mundo.

A vida religiosa como meio oferecido para vivenciar esta consagrração, oferece elementos que definimos como **votos**, professados em uma comunidade eclesial que assume o compromisso com o povo. Na realidade, nos comprometemos através dos votos com os mais pobres entre os pobres - **o povo negro, indígena...**

Diante da realidade e desafios da comunidade negra, hoje, sentimos a necessidade de assumir e encarnar na luta pela justiça(pobreza),fazer-se irmãs (os) dos que não têm voz nem vez (castidade) e, acolher o grito de Deus através da comunidade negra (obediência).

A situação que se encontra o povo negro,pode de cada uma de nós um posicionamento radical, comprometido, enraigado no mundo dos empobrecidos. A sede po justiça e o cansaço da opressão e marginalização nos exige esse gesto profético e evangélico.

A sociedade, o mundo eclesial, ainda com o seu grande poder vivem numa posição, muitas vezes, descomprometida, deixando o povo pobre ' sem voz e sem vez.

A vida religiosa vivida pela consagração de mulheres e homens procura levar na vida o desejo de transformar a sociedade através de sua voz profética e na práxis de Jesus. A novidade está em confrontar os desafios da participação, comunhão e partilha no processo de discernimento da vontade de Deus que se manifesta em cada rosto e grito sofrido clamando por libertação.

A nossa consagração como mulheres negras religiosas no Brasil, desafio a situação desumana que o mundo latino-americano se encontra. Ainda, porque tais não estamos fora da realidade pois somos resíduos de uma história desumana e, sentimos na pele as marcas dos sofrimentos.

Penetrando com a vida no coração da comunidade negra, percebemos o rosto de Deus libertador, incomodando, mobilizando o nosso povo na sensibilidade, na profundidade e unidade para lutar em favor do seu reconhecimento, dignidade e liberdade como pessoas.

A nossa espiritualidade

O povo negro foi,e ainda é, visto como não religioso, ou que vive passando de uma religião para outra, com uma prática religiosa sincrética, supersticiosa. Diante dessa visão não foi difícil chegar a conclusão de que as religiosas negras seriam superficais e, até incapazes de vivenciar uma espiritualidade: "Não são muito de oração!"

Olhando para nosso povo negro, para suas expressões de fé, constatamos que na realidade somos profundamente religiosos. Trazemos um Deus muito presente na vida e buscamos viver em comunhão com Ele

A questão que se coloca é que a nossa maneira de perceber, sentir vivênciar e celebrar a presença de Deus na vida se difere e, em alguns pontos se opõe às formas tradicionais.

Procedentes do meio popular, trazendo marcas do sofrimento e da discriminação, o **ser mulher negra** marca profundamente o nosso modo de ser religiosa, nossa espiritualidde. Somo sensíveis à realidade, a vida e é muito comum para nós trazer os acontecimentos do dia-a-dia. As pessoas, fatos e rezar sobre eles, dando uma atenção especial às datas importante para o povo, para a comunidade negra. Esta oração é permeada de afetividade, sentimentos, emoções que são muito vivas em nós.

Uma oração marcada não pelo intelecto, a verbalização, as fórmulas já elaboradas, mas onde o corpo, os gestos, a música, a dança, os símbolos são os principais meios de expressão e tornam-se lugar de encontro com Deus.

Não encontrando,muitas vezes, espaço na comunidade religiosa para nos colocar,nos encontramos com nossos irmãos negros. E, por outro lado, vamos tentando algumas pequenas iniciativas de mudança que nem sempre são aceitas.

Este modo de nos relacionar com Deus é porque acreditamos... no Deus da vida. - presente na vida, que nos faz sensíveis aos pequenos gestos de manifestação da vida e comprometidas sem a luta nos grandes casos e problemas que ameaçam a vida.

... no deus **mãe - mãe negra** - que faz a trança das meninas, embala as crianças, no Deus que cuida e - cuida com carinho e atenção especial dos mais fracos.

... no Deus presente na **sabedoria dos idosos** e que tem no gesto da bênção nos transmite a tradição, a vida dos antepassados.

... no Deus que alimenta a esperança do povo trabalhador, e que é esta esperança, que lhe dá coragem de enfrentar o dia que começa, com todas as adversidades.

... no **Deus preseça libertadora** no sofrimento do povo, que tem no submundo dos empobrecidos, dos negros o lugar priviligiado da sua manifestação e , por isso é para nós religiosas negras, este o lugar de nossa consagração e entrega a Deus.

Um sinal profético

Reconhecemos na atitude que vem assumindo as religiosas negras nas suas congregações. É uma atitude de profetismo, que desafia toda a vida religiosa a se abrir para o novo e deixar-se questionar por Ele.

O novo, provoca rupturas, exige redefinições, questiona a ordem estabelecida, por isso ameaça. Frente a ameaça do novo há diferentes reações e não deixam de existir aqueles que apegados "a lei", e seguros de si, senhores da verdade, arma-se numa posição de fechamento, defesa, procurando eliminar o diferente.

Em decorrência disso assistimos, hoje, em muitas congregações o conflito em relação às irmãs negras, que assumem com coragem e decisão a luta pela causa de seu povo. A resistência que é algo tão proprio de nossa gente faz com que busquemos estratégias diversas para que firmes em nossa identidade, continuemos lutando neste espaço que também é nosso - a vida religiosa.

Mas, infelizmente não são poucas as companheiras que vemos "tombar" na caminhada, devido a forte pressão que sofremos. Umas desistem da luta e preferem se acomodar; outras porque fiéis aos compromissos evangélicos, à ação do espírito. São eliminadas, aconselhadas a se retirar, isto para não dizer: "são mandadas emboras" das congregações. Nestes casos, os reais motivos são encobertos e fortificam-se as falsas justificativas da falta de vocação, de oração, e demasiado envolvimento pastoral e social.

O grito dado hoje por nós quer chamar a vida religiosa a assumir sua verdadeira identidade: **ser um sinal profético**

"O ECUMENISMO DO POVO NEGRO"

A-

ECUMENISMO OFICIAL	ECUM. DO POVO NEGRO
. Escolhe com quem dialogar (Igrejas cristãs, Grandes Religiões)	. Preocupa-se em reconhecer a presença de Deus nos outros ("Deus não é só nosso").
. É feito esporadicamente. Na base das idéias e doutrinas a serem discutidas. A Igreja Católica revela superioridade e paternalismo.	. É feito na convivência do dia a dia, na ajuda mútua, na partilha das preocupações e alegrias. Há comunidades, nas periferias que se unem para lutas comuns.
. Nos encontros de oração reza-se por separado, e se escolhe um lugar "neutro".	. Sabe rezar junto com os outros, nos lugares sagrados, segundo a maneira de cada um.

B-

"Qual é a percepção de Deus?"

- É o DEUS-VIDA que se manifesta nas práticas concretas em favor da vida.
- É o MESMO DEUS que se manifesta de maneiras diferentes nas diversas religiões.
- É o DEUS-PRÓXIMO dos simples, dos pequenos, dos pobres.
- É o DEUS-FONTE desta caminhada.
- Percebe-se pela experiência pessoal do encontro, é SENTIR a revelação para mim do Deus Vida na fé do outro.

- Não é o Deus da Lei que cria separação.
- Nem sempre o Deus da Igreja é o Deus revelado por Jesus Cristo.

"Algumas questões principais"

1. O Ecumenismo popular já existe. Não é reconhecido pelas Igrejas. É desrespeitado. É chamado, às vezes, de sincretismo. O povo negro (e a mulheres negras se destacam nisso) sabe reconhecer e celebrar o mesmo Deus nas diferentes religiões (ex.: religião Afro e Igreja Católica). É marginalizado por isso. Quando começamos a andar por este caminho somos marginalizados e hostilizados.

2. O primeiro passo é o respeito: reconhecer que o outro tem valor. A partir de nossa experiência percebemos que o ecumenismo cresce quando o outro, na sua fé, me revela Deus e me ajuda a crescer na experiência de Deus.

3. Nesta prática, como cristãos, recuperamos a identidade do povo negro. Quando a comunidade negra faz ecumenismo questiona a evangelização ligada a práticas de dominação da Igreja Católica e, mais recentemente, das outras Igrejas Cristãs. Enquanto não houver uma real mudança das relações sociais e raciais, não é possível chegar ao respeito e à comunhão verdadeira.

4. O ecumenismo do povo negro não é caminhada individual. Faz-se junto com uma outra pessoa que nos acompanha na descoberta da fé dele, partilhando a experiência de Deus. O mesmo caminhar juntos revela um Deus novo e comum que não se conhecia.

5. Este ecumenismo nos faz redescobrir a importância dos antepassados, no sangue e na fé, para encontrar o mesmo DEUS da VIDA.

6. As lutas populares (pela terra, de reivindicação etc) ajudam a se unir e a superar os preconceitos de religião.

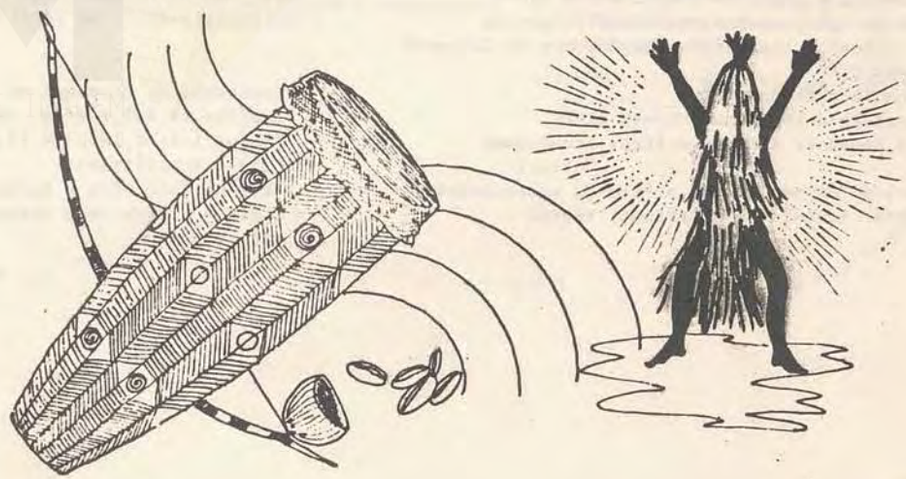
7. Está começando uma nova liturgia que acompanha esta caminhada. Às vezes, se corre o risco da

clorização. Nem sempre o intercâmbio de símbolos é uma prática ecumênica e de comunhão.

C-
"Questões abertas"

- Como passar de um ecumenismo popular de pessoas a um ecumenismo de comunidades de fé?

- Se Deus é o mesmo, por que a Igreja Católica e outras Igrejas Cristãs, se acham superiores e dominam e afirmam que "fora de Jeus Cristo não há salvação"?



H I S T Ó R I A

. Desígnio de Deus = Criador e Amor

POVO AFRO ——————————————————— SALVAÇÃO
REALIDADE E CAMINHO ——— Criação da TEOLOGIA NEGRA ——— PALAVRA DE DEUS
Como falar de Deus Pai, de Jesus Libertador
numa História de Escravidão
A PARTIR DOS POBRES ←——— Descobre-se o valor e o ———→ - À COMUNIDADE NEGRA
sentido libertador - ISRAEL ESCRAVIZADO
- CRISTO CRUCIFICADO

Desde 1.500 d.c. o Povo Africano

1. SUJEITO DE SUA HISTÓRIA

3. VIOLENTADO pelo tráfico negreiro:
   a. Ruptura: Impérios
   Igrejas
   Escravidão
   Os Escravos=Manifestação da Injustiça dos cristãos

   Atitudes "fora" da lógica do sistema que desafiaram

4. RESISTÊNCIA NEGRA (350 anos)
   A opressão
   Contra a perda de identidade e terra
   A Religião: santos "anônimos", "pretos velhos",Martin de Porres,Antonio de Categeró

5. ABOLIÇÃO
-Conquista do Povo Afro
-Aprender a viver como homem livre
-E a Renascer como Povo Afro= Identidade
Cultura
-Abrindo espaço em uma sociedade embranquecida
-Buscar trabalho assalariado, terras

2. ERA UM POVO DE DEUS (L.G.16)

   b. Continuidade em Deus-Pai de Jesus
   Mistério de Iniquidade
   Os Afro-Americanos por sua fidelidade=Libertadores da Instituição eclesiástica
   BATISMO - EVANGELHO
   TESTEMUNHAS VIVAS-"RESTO NEGRO"

AGAR-Ismael= Povo novo(Gn.21,8-21)
Novo Povo Afro-Americano
Sofrimento=Servo de Javé(Is. 53)

-Esperança de Povo que se reconstitue:Jer.29,4-7;Esdras, Neemias, Tobias 1-2; 3,1-6; 14,15.
-Cristo Crucificado:
-Vivo no Povo Afro - Redenção para o mesmo e para seus opressores
Fil. 2,5-11

6. O PRESENTE
   Situação de Marginalidade
   Crescente tomada de consciência:
   -Tradição, Valores culturais, MUlher Negra
   - Direitos Humanos
   - Sentido Político da Fé e opção pelos pobres
   - Necessidade de organizar-se e de solidariedade com os oprimidos
   Desafio de fazer a História com um PROJETO LIBERTADOR (utopia) como Afro-Americanos, como "Povo Novo" na América:
   - Movimentos Negros
   - Grupos de Estudo e Reflexão

7. FUTURO
   - Projeção assumindo o Passado e o Presente com criatividade
   - Seguindo na luta contra prejuízos e barreiras

- Conserva "Sua FÉ" em Cristo Ressuscitado e Libertador(Lc.4,16s)
- Começa a ocupar seu ESPAÇO na IGREJA desde a NEGRITUDE:
  . Assumindo responsabilidades
  . Compartilhando decisões

MISSÃO:
- POVO POBRE E NEGRO PROFETA DE DEUS
- SUJEITO NA CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA NEGRA: animadores, religiosos , sacerdotes, bispos
- COMPLETAR O MISTÉRIO DA LIBERTAÇÃO EM CRISTO

H
I
S
T
ÓRIA REINO DE DEUS DE SALVAÇÃO

= RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES E EQ; DE TRABALHO

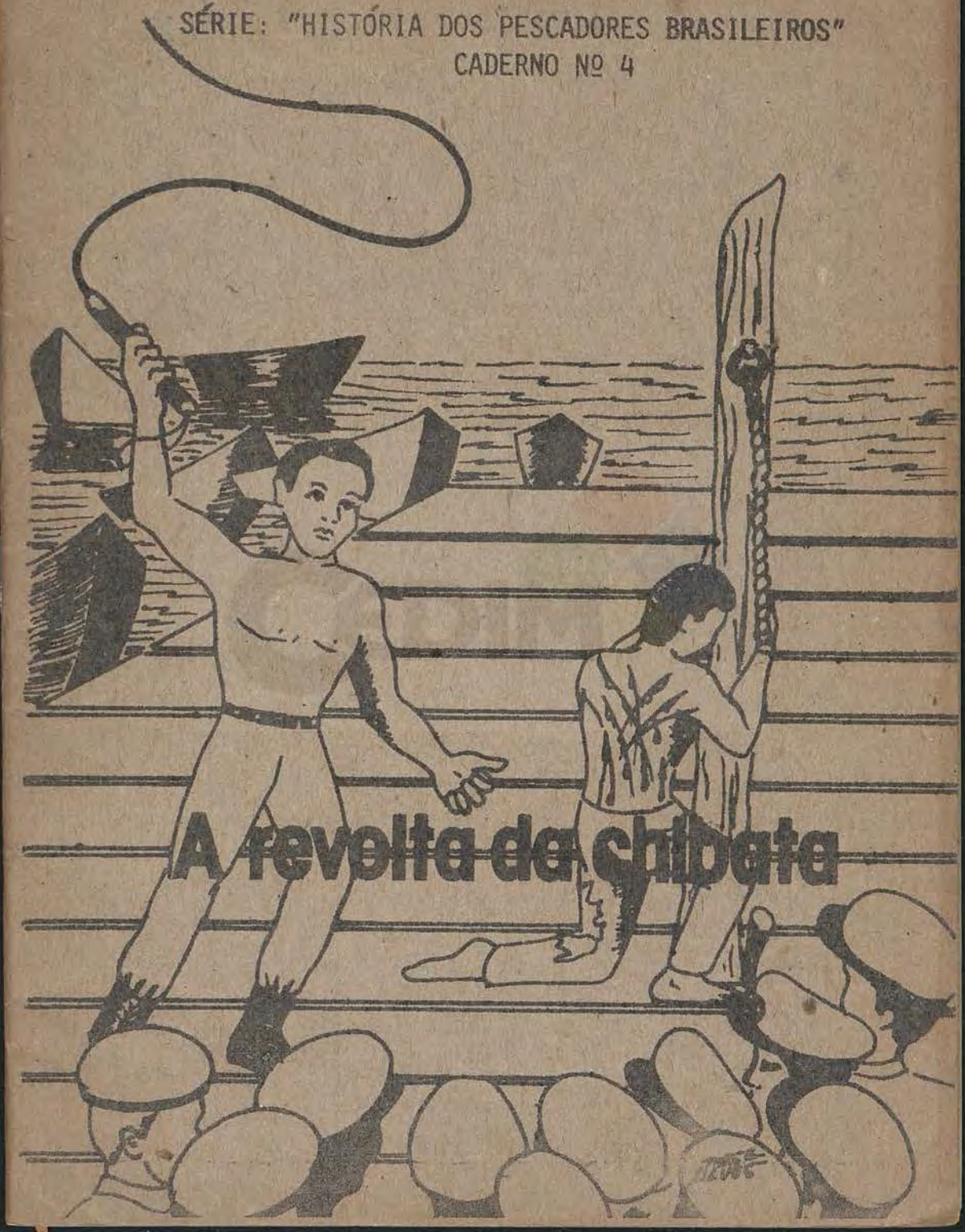
1. Maria Luiza Ribeiro
   Andradina - São Paulo
2. Carlinda Maria de Moraes
   Osasco - São Paulo
3. Leontina Terezinha do Carmo
   São Paulo - São Paulo
4. Marileide da Silva
   Três Rios - Rio de Janeiro
5. Sebastião de Oliviera
   Volta Redonda - Rio de Janeiro
6. Geraldo Rocha
   São João do Meriti - Rio de Janeiro
7. Rufino José Filho
   Ivati - Paraná
8. Alberico Paiva Ferreira
   Salvador - Bahia
9. Maria Raimunda da Silva Oliviera
   Licínio de Almeida - Bahia
10. Margarida Maria dos Santos Costa
    Salvador - Bahia
11. Sylvia Silva
    Nova Iguaçu - Rio de Janeiro
12. Paulo Cesar Gomes
    Vila Velha - Espírito Santo
13. Renato Scano
    Curitiva - Paraná
14. Vera R. Triunpho
    Porto Alegre - Rio Grande do Sul
15. Felisberto Samoel da Cruz
    Cuiabá - Mato Grosso
16. Angelina dos Reis Camilo
    São Paulo - São Paulo
17. Jonas José Santana
    Juiz de Fora - Minas Gerais
18. Gertrudes Moreira
    São Paulo - São Paulo
19. Cleide Martins
    São Paulo - São Paulo
20. Jercília Bento da Cruz
    Bauru - São Paulo
21. Pedro Paulo de Jesus
    Guarulhos - São Paulo

22. *Creuza Maria Godofredo*
    Volta Redonda - Rio de Janeiro
23. *Clarice Maria Ferreira*
    Ceilândia Norte - Distrito Federal
24. *Idelcio Luiz de Oliviera*
    Curitiba - Paraná

EQUIPE DE TRABALHO

25. *Pe. Heitor Frisotti*
    Salvador - Bahia
26. *Alberto Riverte*
    São Paulo - São Paulo
27. *Luzinete Maria Silva* (In.)
    São Paulo - São Paulo
28. *Luis Fernando de Oliviera*
    São Paulo - São Paulo
29. *Tarcísio do Nascimento*
    São Paulo - São Paulo
30. *Pe. Antonio Aparecido da Silva*
    São Paulo - São Paulo
31. *Ana Maria Sales Placidino*
    São Paulo - São Paulo (Ir.)

SÉRIE: "HISTÓRIA DOS PESCADORES BRASILEIROS"
CADERNO Nº 4



A revolta da chibata

COM MAIS ESTE CADERNO, INICIAMOS UMA OUTRA HISTÓRIA QUE TEM COMO TÍTULO: "A REVOLTA DA CHIBATA".

TALVEZ ALGUÉM PERGUNTE:

"QUAL É A FINALIDADE DESSA SÉRIE DE CONVERSAS DE COISAS PASSADAS?

A RESPOSTA É SIMPLES:

É NECESSÁRIO SABER DO NOSSO PASSADO, TER CONHECIMENTO E CONSCIÊNCIA DA NOSSA HISTÓRIA E ISTO, NÃO PARA FICARMOS PRESOS A UM PASSADO, MAS COMPARÁ-LO COM O PRESENTE E LANÇAR AS REDES PARA UM FUTURO MAIS ESPERANÇOSO E FELIZ.

TODOS SOMOS CONSTRUTORES DA HISTORIA. VIVAMOS E FAÇAMOS TAMBEM A NOSSA.

*** ***

- I N D I C E -

. A REVOLTA DA CHIBATA ..... PÁG. 03

. A GOTA D'ÁGUA ..... PÁG. 11

. E PRECISO SABER O QUE ACONTECE
COM OS OUTROS ..... PÁG. 15

. VEJA A PRESSA NO QUE DÁ ..... PÁG. 20

. A TRAIÇÃO ..... PÁG. 22

. O NAVIO-FANTASMA ..... PÁG. 23

. "O SENHOR, ESPERANÇA DOS AFLITOS" PÁG. 25

* * * *

Companheiros!

Eis o quarto número da
Série "História dos Pescadores Brasileiros".

Depois de contar a vida e a luta do
"DRAGÃO DO MAR"
vamos refletir agora sobre a
"REVOLTA DA CHIBATA",
isto é, a rebelião dos marujos
de três navios de guerra, em 1910.

Desde o tempo do Império,
os pescadores brasileiros
vinham sofrendo muita opressão,
seja pelo regime de escravatura
seja pelos impostos extorsivos do pescado,
como também pelo sorteio militar,
o chamado "imposto de sangue".

Até nos navios de guerra,
os companheiros recrutados
recebiam castigos corporais,
as chibatadas.

Mas também na mesma época,
os pescadores começaram a se organizar.
A história do Dragão do Mar
é um exemplo disso.

A "Revolta da Chibata"
foi a última ação organizada
com a participação ativa
de pescadores - marujos.
O próprio João Cândido,
líder da revolta,
era pescador e voltou a pescar
depois de sua "via-sacra".

Companheiros,
leiam e reflitam sobre a história
da "Revolta da Chibata"
e tirem as conclusões
para a vida de hoje!

A REVOLTA DA CHIBATA

No tempo do Império,
era grande a separação social
entre os oficiais e os praças.
Eles não se misturavam:
eram que nem azeite e vinagre.
Principalmente na Marinha,
os oficiais vinham das classes nobres,
dos "senhores" latifundiários
do campo e da cidade.
Eles não eram forçados a servir.
Por isso eram chamados *voluntários*, quer dizer,
iam servir de gosto e vontade.

Os militares de "baixa categoria" eram
levados na marra, para poderem tapar
os buracos deixados pelos *voluntários*.
Isto é, na falta dos ricos
se trazia os pobres à força.
Muitos desses eram pescadores.

PRÁ NÃO ESQUECER DE LEMBRAR

Como a gente sabe, mas é bom lembrar
o Brasil já foi um Império, uma *MONARQUIA*,
isto é, *GOVERNO DE UMA SÓ PESSOA*.

No caso do Brasil,
esta pessoa que governava sozinha,
era o Imperador.
Ele foi derrubado
no dia 15 de novembro de 1889,
dia em que o Brasil virou República.

Mas, tinha um punhado de gente
que tirava algum proveito
do Brasil como Império.
Tinha gente puxa-saco,
como hoje em dia também existe,
que gosta, que tem prazer de
chaleirar os grandes.

Isto é fruto do egoísmo,
da ignorância...
Esses aí queriam a volta
do Imperador.

A Marinha era o último abrigo
de quem era a favor da Monarquia,
como ficou provado em 1893
quando a esquadra se revoltou.

A Marinha foi vencida,
quase foi destruída por Floriano.
Só em 1902 se começa uma reforma
para recuperar
e dar vida nova à Marinha.
Alexandrino de Alencar,
baseia sua atuação na palavra de ordem:
"RUMO AO MAR"

Em 1910,
o Brasil era a terceira força
naval do mundo.
Tinha a afamada *"Esquadra Branca"*
com 24 navios de guerra (belonaves),
com encouraçados e cruzadores.

QUASE SEMPRE AS AUTORIDADES NAO GOSTAM DE OBEDECER AS LEIS

Um dia depois da Proclamação da República,
saiu o Decreto nº 3,
de 16 de novembro de 1889,
que proibia dentro da Marinha se usar de
castigo como: açoites e surras.
Mas, esse Decreto ficou só no papel.
Igual como acontece hoje em dia.

Existem leis contra a poluição,
mas os donos de fábricas
e de usinas não respeitam.
Está faltando uma lei
que obrigue a cumprir as outras leis.
Assim, apesar do Decreto nº 3,
continuava em vigor a LEI DA CHIBATA.

Quando a danada descia nas costas de um,
cortava que nem peixeira amolada.
Centenas de marujos tiveram suas carnes
retalhadas pelas chibatadas.
Uma das vítimas contou o seguinte:

"O bandido pegava uma corda mediana de linho.
Enfiava na corda agulhas de aço,
botava a corda de molho;
a corda inchava, deixando aparecer
só as pontas das agulhas.

Aí a guarnição formava:
O marinheiro faltoso vinha
de mãos amarradas com algemas.
Escutava-se o toque de silêncio,
e era lida uma proclamação.
Tiravam as algemas do infeliz,
nú da cintura prá cima, depois
era levantado no pé de carneiro, que é
um ferro preso na balaustrada do navio,
e o carrasco,
com a chibata em punho,
começava a dar os golpes.

O sangue escorria,
o pobre castigado suplicava.
Mas quem bate não sente...
O carrasco mandava brasa e
largava prá cima a chibata.
A vítima gritava, mas
seus gritos eram abafados pela zoada
dos tambores".

O PRAZER NO SOFRIMENTO DOS OUTROS

Os oficiais iam apreciar a cena com o
segundo uniforme, a roupa de festa, que
era usada em certas ocasiões.
Eles usavam luvas e
estavam armados com as espadas.

NEM TODOS TÊM O CORAÇÃO DE PEDRA

Muitos oficiais viravam a cara
para não ver o castigo.

QUEM SENTE NA PELE, TEM QUE CAÇAR DEFESA

A marinheirada indignada,
danada da vida,
sabia que um dia
qualquer um deles podia passar
pelo mesmo castigo.
Pois quem vê a barba do vizinho arder...
Então os marinheiros falavam
entre os dentes:

"ISTO VAI TER QUE ACABAR".

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. O que é que cada um de nós se lembra desse trecho da história?

2. O que é que a gente entende o que seja uma lei? Como deve ser a lei?

3. Será que toda lei merece o nome de lei? Por quê?

4. Será que as autoridades podem deixar de cumprir as leis?

5. O que fazer quando uma ordem tem nome de lei, mas não favorece os direitos da pessoa humana? Por quê?

A REVOLTA

Todos que embarcavam
tinham o mesmo destino: o maltrato.
Nesse ponto todos eram iguais.
Eles estavam no barco,
da mesma vida pisada,
da mesma vida sofrida.

Companheiros de um mesmo destino
com mais facilidade se juntam
para lutar contra
o destino cruel,
na procura de melhores dias.

Quem é companheiro da mesma vida sofrida
também precisa virar companheiro de luta
por melhores dias.

A GOTA D'AGUA QUE ESTAVA FALTANDO

Neste caso que a gente está contando,
a bordo existia uma situação de revolta.
Só estava faltando um chefe.
Esse chefe foi escolhido na pessoa
de JOÃO CÂNDIDO.

O copo já estava cheio,
quase esborrando,
só faltava a *gota d'água*.
A gota d'água foi o castigo de
250 chibatadas em Marcelino Rodrigues.
Aí o copo transbordou.

Os revoltosos faziam reuniões às escondidas.
Estavam bem organizados com uma diretoria
chamada Comitê Geral.
Muitos navios estavam entrosados.

O Comitê Geral marcou o dia em que
o movimento devia estourar.
Marcou também o sinal, o aviso,
e isto se deu no dia 22 de novembro.
O sinal: O toque de chamada da corneta
às 22 horas (10 horas da noite).

NAO DEIXARAM PARA COMBINAR DE ULTIMA HORA

Preparam tudo bem antes de agirem:

O navio "Minas Gerais",
porque era muito grande,
tinha os toques de comando repetidos,
quer dizer, tocavam duas vezes:
uma na proa, outra na popa,
que era para todo mundo escutar e obedecer.

Naquela noite de 22 de novembro,
o clarim, que sempre pedia silêncio,
naquela noite ia dar *ordem de combate*.

Cada membro do Movimento
ficou no posto que estava marcado.
Prenderam os oficiais nos camarotes,
tudo bem organizado, sem afobação.
Cinco marujos para cada canhão.

Eles tinham ordem de atirar para matar
quem agisse contra o *levante*.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. O que a gente está achando desta Revolta?

2. Na nossa vida, quando a gente pode dizer que o "copo está cheio"? Por quê?

3. Somos muitos companheiros da mesma vida: será que todos já são companheiros de luta?

4. O que falta para que mais gente se chegue ao nosso Movimento?

5. O que fazer para trazer mais gente?

6. Vamos ler uma passagem do Evangelho (Lucas 14,28-32)

"Se algum de vocês,
está pensando em construir uma torre,
primeiro vai se sentar
para calcular quanto vai custar,
para ver se o dinheiro dá.

- Se um rei,
que tem dez mil soldados,
vai partir para combater outro
que vem contra ele com vinte mil,
ele vai se sentar primeiro
para resolver se está bem forte
para enfrentar o outro.

Se não fizer isso
vai precisar mandar mensageiros
enquanto o outro rei ainda está longe,
para combinar as condições de paz".

7. Agora, vamos comparar este
trecho com a história
que vimos.

É PRECISO SABER O QUE ACONTECE COM OS OUTROS

Passados 50 minutos, depois das 10 horas
cessou a luta no convés.
João Cândido mandou disparar
um tiro de canhão,
que era *outro sinal combinado*,
para que os outros navios dissessem
o que acontecia em cada um.

O navio "*São Paulo*" respondeu.
Logo depois o navio "*Bahia*".
Todos os holofotes iluminaram
o arsenal da Marinha,
as praias e fortalezas,
Tudo ficou claro.

Passaram um rádio para o Catete,
dando conhecimento ao Presidente,
de que a Esquadra estava num levante
para derrubar
os castigos corporais.

Nessa luta, os que morreram
foram guardados num caixão improvisado,
ajeitado na hora.
No outro dia, de manhã bem cedo,
os corpos foram mandados para terra.

O Presidente da República era
o Marechal Hermes da Fonseca.
Para ele os rebeldes enviaram
um memorial, um documento,
exigindo que acabasse com
a chibata, o bolo e outros castigos.
Exigiram também um aumento do soldo,
isto é, aumento de salário.

João Cândido deu 12 horas
para o Presidente atender
o que eles exigiam.
Se o Presidente não atendesse,
então a Pátria ia ser aniquilada,
arrasada.

Mais que depressa,
o Senador Rui Barbosa,
apresentou ao Congresso Nacional
um projeto de lei de ANISTIA,
quer dizer, lei prá perdoar,
para passar uma esponja por cima,
para não castigar os revoltosos.
Eles depois iam se apresentar
às autoridades constituídas.

Depois de muito vai e vem
o projeto foi aprovado.

SEGURO MORREU DE VELHO
DESCONFIADO ESTA VIVO...

A tripulação do navio "*Deodoro*"
achou que a esmola era grande...
desconfiou daquela anistia,
que foi dada sem outras garantias.

Será que eles podiam ter certeza
de que as autoridades iam cumprir a lei?

O Marinheiro José Alves de Souza
fez um documento de protesto.
Ele escreveu coisas como as seguintes:

"A gente não tem que ter pressa
com a anistia.
A gente pode e deve esperar
por alguns dias.
Dizem que o nosso soldo
vai ser discutido no Congresso.
Pois então, vamos esperar prá ver
em que chega a discussão deles lá em cima.
Vamos esperar, ou tudo ou nada.
Barco perdido, bem carregado.

A gente está com força,
pois o povo está do nosso lado.
O povo vai nos ajudar
a forçar o governo a chegar
para o que a gente exige".

A maioria dos marujos não escutou
essas palavras de José Alves de Alencar.
A anistia foi aceita.
Depois a gente vai ver no que deu
a pressa dos marujos.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Quem quer contar esse trecho com as próprias palavras?

2. Quem quer completar o que ficou faltando?

3. O que cada um de nós achou mais importante nessa história? Por quê?

4. Que ponto dessa história merece ser estudado mais a fundo? Vamos conversar sobre o ponto escolhido.

5. O que a gente achou da organização deles?

6. Como está a nossa organização? Precisa melhorar?

VEJA A PRESSA NO QUE DA...

Como a gente viu,
a anistia foi aceita.
Findou a revolta.

João Cândido saiu vitorioso.
Ele tinha apenas 30 anos,
mas era considerado um quase-deus,
muito querido pelo povo humilde
do Rio de Janeiro,
e chamado de "Almirante Negro".

Assim que João Cândido
soube da decisão do Congresso Nacional,
passou logo um rádio
para o Presidente Marechal
Hermes da Fonseca.

João Cândido mandou dizer o seguinte:

"NÕS CONFIAMOS NA VOSSA JUSTIÇA.
COM O CORAÇÃO CHEIO DE ALEGRIA,
NÕS ESPERAMOS A VOSSA SOLUÇÃO.
OS CULPADOS DA NOSSA REBELIÃO
SÃO OS MAUS OFICIAIS DA MARINHA.

ELES NOS FAZEM ESCRAVOS DELES
E NÃO DA BANDEIRA QUE TEMOS.
ESTAREMOS DO VOSSO LADO, PRESIDENTE.

O QUE FIZEMOS NÃO FOI POLÍTICA.
FOI PELOS DIREITOS HUMANOS
DOS MISERAVÉIS MARINHEIROS".

A TRAIÇAO

No dia 26 de novembro,
o Almirante Pinheiro Guedes,
chefe do Estado Maior da Armada,
nomeou os oficiais
que deviam tomar conta dos navios
que estavam no poder dos rebeldes.

A bandeira vermelha foi arriada.
Começou o crime contra os anistiados.
Isto faz lembrar o que diz o Salmo 145,3
ou 146,3.

"VOCÊS NÃO CONFIEM NOS PODEROSOS.
ELES SÃO APENAS HOMENS.
NELES NÃO EXISTE SALVAÇÃO".

O NAVIO FANTASMA

Teve até fuzilamentos
a bordo do navio "SATÉLITE"
que estava nas águas do norte.

O Satélite passou a ser conhecido
por *"navio fantasma"*.
O que se passou dentro dele
é o que existe de mais monstruoso.

Era um cargueiro do Lóide Brasileiro.
Ele transportava os rebeldes
do Batalhão Naval
e dos vasos de guerra.

Lá no alto mar, na noite de Natal
fuzilaram a todos
sem dó nem piedade.
Outros rebeldes foram assassinados
nas selvas do Amazonas.

Quem presta atenção nesta história,
vê que João Cândido confiou mais no governo
do que nos companheiros.

O que terá acontecido a JOÃO CÂNDIDO?

Depois a gente vai ver
o que fizeram com ele,
porque agora nós...

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Por que o povo deu tanto cartaz,
   a João Cândido?

2. A gente pode considerar uma pessoa
   como se fosse quase um deus?
   Por quê? Que consequência isso traz?

3. João Cândido confiou mais
   no governo ou nos companheiros?
   Qual o resultado disso?

4. O governo fez a LEI DO PERDÃO, Lei de anistia,
   mas mandou matar os rebeldes...
   como se explica isso?

5. Misturando tudo isso,
   que lição a gente tira prá nossa vida?

Vejamos agora o Salmo 145.
É uma leitura que
mostra a fidelidade e o
amor de Deus com o seu Povo.
É Nele, portanto, que devemos
depositar toda nossa esperança.

"O SENHOR, ESPERANÇA DOS AFLITOS"

Salmo, 145

Quero louvar o Senhor!
Louvarei e cantarei sempre ao Senhor,
enquanto eu for vivo!

Não adianta confiar nos grandes, nos poderosos,
no homem, que não pode salvar ninguém -
morre, é enterrado,
e acabam-se todos os seus projetos.

Feliz aquele que busca seu apoio no Deus vivo,
que põe sua esperança no Senhor nosso Deus.
Foi Ele que criou o céu e a terra,
o mar e tudo que existe.
Mantém fielmente sua Palavra, para sempre.

Nosso Deus é o Deus:
que faz justiça aos oprimidos,
dá o pão aos famintos,
abre os olhos aos cegos,
ampara o órfão e a viúva,
liberta os cativos,
ama os justos,
reabilita os humilhados,
abriga os marginalizados,
entrava o caminho dos maus.

Meu povo, este é o nosso Deus!
Seu poder subsiste eternamente.
Vamos louvá-lo!

****

Nota: Aguardem o 2º número. Sairá breve!

CEDIM

CPP Comissão Pastoral dos Pescadores
Rua do Oriximiá, 48 - Fone: 231-3177 - 50.000 - Recife - PE

MINISTÉRIO DA SAÚDE

MESA REDONDA SOBRE

A SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA

RELATÓRIO FINAL

CEDIM

BRASÍLIA
AGOSTO DE 1996

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Este Relatório Final foi discutido, emendado e aprovado em reunião do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra realizada em 18 de junho de 1996.

Mesa redonda sobre a saúde da população negra : relatório final / Ministério da Saúde. - Brasília : O Ministério, 1996.
21 p.

1. Saúde pública - Brasil. 2. População negra - Brasil. I. Brasil. Ministério da Saúde. II. Grupo Interministerial para Valorização da População Negra.

CDD: 614.0981

SUMÁRIO

I - Apresentação 3
II - Programação da Mesa Redonda 4
III - Material Distribuído e Intercambiado 6
IV - Conclusões e Propostas 10
V - Recomendações 17
VI - Participantes 19

I- Apresentação

Este Relatório Final representa a memória da Mesa Redonda sobre a Saúde da População Negra, realizada nos dias 16 e 17 de abril de 1996.

Integram o presente documento o programa dos trabalhos, a identificação do material distribuído e intercambiado durante o evento, bem como as conclusões, propostas e recomendações consensuais dos participantes.

Ao invés de ser um ponto final, este Relatório serve de marco inicial, no campo da saúde, para a formulação de políticas públicas voltadas para a valorização da população negra, tal como preconizado pelo Presidente da República, nos Decretos de 20/11/95 e 07/02/96.

Cabe enfatizar, ainda, que o Subgrupo Saúde, do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), já tem realização a registrar, pois estão sendo impressas Declarações de Óbito e de Nascidos Vivos incluindo o quesito raça/cor, graças a entendimentos mantidos com a Fundação Nacional de Saúde. Essa inclusão era uma reivindicação do movimento negro, há duas décadas, e terá grande utilidade na elaboração de estudos epidemiológicos, com recorte racial.

Há, porém, muito o que fazer. É fundamental que se aprofundem os laços de relacionamento entre o Governo e a sociedade civil organizada, cuja viabilidade e eficácia ficaram demonstradas na Mesa Redonda, objeto deste Relatório.

Brasília, 23 de abril de 1996.

Amaro Luiz Alves
Representante do Ministério da Saúde
no Grupo de Trabalho
Interministerial

II - Programação da Mesa Redonda

- **PERÍODO**: 16 e 17 de abril de 1996

- **LOCAL**: Sala de Reuniões do Conselho Nacional de Saúde
  Prédio Anexo do Ministério da Saúde - Ala B - 1° andar
  Brasília - DF

- **OBJETIVO**

Discutir experiências pessoais e institucionais, visando a identificar prioridades de ação para a formulação de políticas para a melhoria das condições de saúde da população negra.

- **ANTECEDENTES**

Por intermédio dos Decretos de 20 de novembro de 1995 e de 7 de fevereiro de 1996, o Presidente da República instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial-GTI, com a finalidade de formular políticas de valorização da população negra. Uma das subdivisões e campos de ação do GTI é a saúde, cuja estratégia inicial de trabalho é reunir representantes do governo e da sociedade para um debate.

- **METODOLOGIA**

A Mesa Redonda constará de explanações seguidas de debates, abordando os temas pertinentes ao processo saúde/doença da população negra, previamente indicados. Outros temas poderão ser introduzidos e debatidos durante o evento.

Os participantes não listados como expositores terão importante papel durante os debates, sendo-lhes facultado complementar, ratificar ou retificar informações transmitidas durante as explanações.

Os debates serão abertos a todos os participantes, independentemente de especialização ou cargo ocupado.

Ao final das exposições e debates, será elaborado um resumo-executivo, no sentido da formulação de políticas públicas, cujo teor será levado , novamente, a debates com os participantes.

- **PRODUTO ESPERADO**

O produto esperado, ao final da Mesa Redonda, é um documento indicativo de políticas públicas para a melhoria da saúde da população negra, a ser submetido, pelo Grupo de Trabalho Interministerial, ao Presidente da República, ouvido o Ministro de Estado da Saúde.

- **PROGRAMA**

16 de abril de 1996

09:00 - 09:30	**Abertura** "Expectativas" **José Carlos Seixas (10')** Secretário-Executivo do Ministério da Saúde **Amaro Luiz Alves (10')** Representante do Ministério da Saúde no Grupo de Trabalho Interministerial **Hélio Santos (10')** Coordenador-Geral do Grupo de Trabalho Interministerial
09:30 - 10:00	**1ª Palestra** "A saúde da população negra na bibliografia científica" **Romero Bezerra Barbosa (15')** Membro do Grupo de Trabalho Interministerial Debates: (15')
10:00 - 10:30	Intervalo
10:30 - 12:30	**2ª Palestra** "A saúde da população negra em geral e da mulher negra em particular" **Edna Roland (20')** **Marta de Oliveira (20')** **Fátima Oliveira (20')** Debates: (60')
12:30 - 14:00	Almoço
14:00 - 15:40	**3ª Palestra** "A incidência dos miomas na mulher negra" **Vera Cristina de Souza (20')** Debates: (60')
15:20 - 17:00	**4ª Palestra** "A anemia falciforme e as doenças hereditárias na população negra" **Marco Antônio Zago (20')** **Sandra Gualandro (20')** Debates: (60')
17:00 - 19:00	Elaboração do Resumo Executivo **Amaro Luiz Alves, Abgail Páschoa e Dulce Pereira**

17 de abril de 1996

09:00 - 11:00	Leitura, debate e aperfeiçoamento do Resumo-Executivo
11:00 - 12:00	Conclusões e recomendações

12:00 Encerramento
Adib D. Jatene
Ministro de Estado da Saúde

III - Material Distribuído e Intercambiado

TÍTULO	TIPO	CONTEÚDO	AUTOR(ES)	Nº DE PÁGINAS
Mesa Redonda sobre a Saúde da População Negra	Programa	Período, local, objetivo, antecedentes, metodologia, produto esperado, programa e relação de convidados.	Coordenação do Subgrupo Saúde (GTI)	3
Por uma política nacional de combate ao racismo e à desigualdade racial	Documento	Descreve a situação da saúde da população negra.	Marcha Zumbi	02 (apenas a parte relativa à saúde)
Decreto de 20/11/95	Decreto	Institui o Grupo de Trabalho Interministerial, estabelece suas competências e dá outras providências.	Poder Executivo Federal	01
Decreto de 07/02/96	Decreto	Designa os membros do Grupo de Trabalho Interministerial.	Poder Executivo Federal	01
Os números da cor na população brasileira	Artigo	Descreve a situação da população negra e as condições de educação e renda.	Hélio Santos	04
Anemia falciforme e traço falciforme	Livrete	Dá explicações para pacientes, pais e professores.	Associação Brasileira de Falcêmicos	14

TÍTULO	TIPO	CONTEÚDO	AUTOR(ES)	Nº DE PÁGINAS
Boletim Epidemiológico	Boletim Informativo Periódico	Apresenta artigo sobre a pobreza no mundo, a tuberculose, os casos de notificação compulsória e uma análise sobre as meningites.	Centro Nacional de Epidemiologia FNS/MS	12
MEDLINE / LILACS / BIREME (Pesquisa bibliográfica)	Levantamento	Identifica título, publicação, país e idioma, e resume a conclusão do trabalho quanto à população negra.	Romero Bezerra Barboza	07
Algumas reflexões sobre população negra e saúde mental	Artigo	Vide título	Marta de Oliveira da Silva	02
Women's health needs in underserved communities	Artigo	Comenta a situação da saúde da mulher no Brasil, faz propostas de novas parcerias e propõe a construção da solidariedade.	Edna Roland	15
Alguns dados disponíveis sobre a saúde da mulher / População negra no Brasil e propostas de políticas públicas	Artigo	Sintetiza problemas e apresenta propostas.	Equipe GELEDÉS	04
Sexo / gênero e raça / etnia em epidemiologia	Artigo	Comenta a necessidade dos quesitos sexo e cor, os indicadores, a epidemiologia, a ideologia e o racismo.	Fátima de Oliveira	14
Mulher negra e AIDS	Artigo	Descreve a incidência da AIDS no mundo, no Brasil, na mulher e na mulher negra. Apresenta propostas de investigação.	Edna Roland	10

TÍTULO	TIPO	CONTEÚDO	AUTOR(ES)	Nº DE PÁGINAS
Levantamento da morbidade atendida na rede ambulatorial da Secretaria de Saúde de São Paulo - Demanda do sexo feminino por cor	Artigo	Com gráficos e tabelas, os autores comentam vários aspectos da morbidade, tendo, como base de análise, a cor e o gênero.	Penha Lúcia V. Ramos Marcos Drumond Jr	08
Bioilhas de edição: Megan e Morgan - a clonagem de ovelhas	Artigo	Comenta o episódio das ovelhas obtidas por clonagem e chama a atenção para os riscos dessa inovação.	Fátima de Oliveira	02
Em quais condições é ético que seres humanos sejam "cobaias" ?	Artigo	Dá informações sobre a revisão das normas éticas da pesquisa biomédica e o projeto Genoma Humano.	Fátima de Oliveira	02
Saúde Reprodutiva	Folheto	Informa sobre a doença falciforme e dá orientações.	Berenice A. Kikuchi	01
——	Carta	Divulga produção da Instituição e encaminha ficha de informação.	CEBRAP	05
A ética da vida	Artigo	Define bioética, descreve uma pesquisa a ser realizada e orienta como participar dos laboratórios de bioética.	Fátima de Oliveira	02
Os miomas uterinos e a saúde reprodutiva da mulher negra	Artigo	Descreve pesquisa realizada para a produção de monografia, objeto de mestrado.	Vera Cristina de Souza	01
Mulher negra e miomas: uma incursão na área da saúde, raça/etnia	Dissertação de Mestrado	Mostra a relação entre mioma uterino e saúde da mulher negra de baixa renda.	Vera Cristina de Souza	97

TÍTULO	TIPO	CONTEÚDO	AUTOR(ES)	Nº DE PÁGINAS
Problemas de saúde das populações negras no Brasil. O papel da anemia falciforme e de outras doenças de natureza genética	Artigo	Apresenta a situação da anemia falciforme, as peculiaridades da população negra brasileira, as nosologias das populações afro-brasileiras e formula propostas.	Marco Antonio Zago	10
Transfusão de sangue em doença falciforme	Artigo	Orienta a transfusão de sangue em pacientes com anemia falciforme.	Sandra Gualandro Alfredo Mendrone Jr	03
Manual do Paciente com Anemia Falciforme	Artigo	Descreve sintomas, apresenta perguntas e respostas sobre a doença.	Heloisa Gallo da Rocha Clarisse Lobo	12
Comitê de Hemoglobinopatias Coordenadoria de Sangue e Hemoderivados Ministério da Saúde	Artigo	Metas e realizações.	Vide título	02
——	Ofício nº 011/96 AFARJ	Descreve o trabalho da AFARJ, identifica problemas e apresenta sugestões.	Associação dos Falcêmicos e Talassêmicos do Rio de Janeiro	03
Anemias hereditárias aumentam na região	Artigo do Jornal Estado de Minas (15.04.96)	Descreve a doença e o trabalho do Hemocentro de Uberlândia e da UFMG e constata a grande incidência das anemias hereditárias.	Ruth Rocha	1/2
Resumo Executivo (1ª versão)	Relatório da Mesa Redonda	Identifica as conclusões e as recomendações da Mesa Redonda (a serem debatidas e aprovadas).	Equipe de relatores	08

IV - Conclusões e Propostas

Peculiaridades da População Negra Brasileira

Uma população peculiar

A população negra brasileira é muito particular, do ponto de vista genético. Não corresponde a nenhuma outra população de qualquer outra parte do mundo. Resultou da miscigenação, no país, de indivíduos de etnias muito diversas (e, portanto, com características genéticas e culturais muito diferentes), vindos de regiões muito distintas da África subsaariana. Os dados históricos são bem conhecidos; estudos demonstram que essas diferenças, quanto a seus aspectos biológicos, persistem até hoje. Essencialmente, associaram-se, na formação dessa "raça" muito peculiar, indivíduos de origem banto, originados das regiões mais ao sul da África, grupos oriundos da região da baía de Benin e contingentes muito restritos, vindos da região da Senegâmbia. Essa mistura genética não é observada na região de origem, nem em outros países da América, como Estados Unidos e Caribe.

A necessidade de estudos específicos

Como conseqüência, a população negra brasileira é única, do ponto de vista genético. Da perspectiva médica, isso significa que o conhecimento a respeito de todos os aspectos biológicos ligados à etnia negra, incluindo as doenças, podem ter, no Brasil, características próprias; particularmente, as doenças podem ter comportamentos diversos daqueles observados, quer na África, quer em outros países da América ou da Europa.

Esse aspecto não tem sido devidamente analisado. É comum, na literatura e na prática médica brasileira, absorver-se os achados referentes às comparações de "caucasóides" e "negróides" obtidos em outros países e transpô-los para o Brasil. Esses achados não são obrigatoriamente corretos ou diretamente transponíveis, não apenas pelas diferenças ambientais e culturais, mas, também, porque as populações não são comparáveis do ponto de vista genético.

A falta de conhecimento científico sistemático sobre a população afro-brasileira é resultado da prática cotidiana de discriminação racial e da longa sobrevivência do conceito equivocado de que o Brasil seria um exemplo de democracia racial. A construção científica na área da saúde, sobretudo desse vasto segmento da população, ainda é insuficiente e, por vezes, distorcida, o que torna a prática da medicina excludente.

Até hoje, os estudos que analisam as populações afro-brasileiras, quanto a seus aspectos biológicos e de saúde, são muito escassos. Destacam-se os dados de prevalência de doenças falciformes, mas, mesmo neste caso, são poucas as informações sobre a evolução clínica da doença. Os estudos de G. Serjeant, na Jamaica,

e, posteriormente, na Grécia e na Turquia, comprovaram que a doença pode ter evolução e complicações muito diversas, em diferentes regiões. Por outro lado, o conhecimento sobre a prevalência e a evolução das diversas doenças hereditárias ou adquiridas, apontadas no **Quadro 1,** em populações negras, é muito restrito ou inexistente. Mesmo dados biológicos básicos, como tabelas de peso, crescimento e maturação sexual, não são disponíveis para esta população. Da mesma forma, a ausência do quesito cor, em grande parte das estatísticas vitais de morbidade e de mortalidade, impede a identificação da proporção de negros ou brancos afetados por doenças adquiridas ligadas à pobreza, como desnutrição, abortos sépticos, AIDS, alcoolismo etc.

Doenças hereditárias x doenças adquiridas

As doenças são causadas por fatores genéticos e ambientais, que se interagem e se influenciam mutuamente. Existem doenças cuja causa é, predominantemente, genética (como a anemia falciforme) e outras que são, essencialmente, adquiridas (como as infecções). No entanto, a evolução, as complicações e a resposta ao tratamento das doenças genéticas dependem muito de fatores ambientais (acesso ao tratamento médico, nutrição, condições de trabalho, exposição a infecções); por outro lado, a susceptibilidade, a evolução e a resposta das doenças adquiridas (como infecções) ao tratamento dependem de características genéticas do paciente.

Assim, quando se considera o problema do atendimento à saúde de populações afro-brasileiras, devem ser levados em conta os seguintes aspectos:

a) as nosologias que as afetam (hereditárias ou adquiridas);
b) as condições de acesso ao atendimento médico;
c) as facilidades/dificuldades de tratamento e a influência ambiental, na evolução da doença; e
d) a escassez de conhecimento científico sistemático sobre a realidade dessa população.

As nosologias das populações afro-brasileiras

Quanto às nosologias, há que se considerar que grandes contingentes de populações afro-brasileiras vivem nas periferias dos grandes centros urbanos. As condições sócioeconômicas predominantes são as de pobreza, moradias inadequadas, ausência de saneamento básico, altos índices de analfabetismo, falta de treinamento profissional e de perspectiva de ascensão social. Por outro lado, essa população é, sistematicamente, submetida a um processo de marginalização, enfrentando barreiras no mercado de trabalho, na escola, na moradia e, também, a constante violência, especialmente pelo aparelho policial, tornando-a extremamente vulnerável. Nesses ambientes, os problemas de saúde predominantes são a desnutrição, o alcoolismo, a

toxicomania, a alta mortalidade infantil, os abortos sépticos, a anemia ferropriva e as infecções (entre as quais a AIDS); paralelamente, essas condições agravam a evolução e dificultam o tratamento de doenças crônicas de elevada prevalência, na população geral, como a hipertensão, a diabete, a insuficiência coronariana, a insuficiência renal e as diferentes formas de cânceres (Quadro 1).

Essas doenças ou condições não são peculiares aos descendentes de africanos, mas, sim, das populações pobres, especialmente as que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos e bolsões de miséria. No entanto, essa é a situação sócio-econômica da maioria dos brasileiros de origem negra. Há, pois, uma evidente associação de etnia com doenças e condições médicas e sociais desvantajosas, ligadas à pobreza e à falta de instrução, embora essa não seja uma associação geneticamente determinada. Há que se considerar a exclusão política dessas populações, sua exposição à violência (destacando-se a violência policial) e as várias formas de discriminação a que têm sido submetidas. É importante levar em conta o stress adicional, resultante da prática do racismo - que foi longamente negada, sob os argumentos da democracia racial- e a situação de vulnerabilidade dos afro-brasileiros. A construção científica, na área da saúde, sobretudo dessa população, ainda é, portanto, insuficiente e distorcida.

No Brasil, por exemplo, os dados demonstram um crescimento proporcionalmente maior dos casos de AIDS, em populações de periferia, quando comparados às áreas de melhor nível econômico, concomitante ao aumento do peso da transmissão por drogas endovenosas e da transmissão heterossexual, com grande impacto nas mulheres.

Entre as doenças de natureza genética que ocorrem predominantemente em negros ou têm forte associação com a origem racial, a mais importante, do ponto de vista numérico e por sua expressão clínica, é a anemia falciforme. Também devem ser lembradas a maior prevalência de hipertensão arterial e da diabete melito tipo II.

Quadro 1. Nosologias das populações afro-brasileiras

Condições geneticamente determinadas, dependentes de elevadas freqüências de gene(s) responsável pela doença ou a ela associada.	Condições adquiridas, derivadas de condições sócioeconômicas e educacionais desfavoráveis e intensa pressão social.	Doenças cuja evolução é agravada ou o tratamento dificultado pelas condições ambientais indicadas.	Condições fisiológicas que sofrem interferência das condições ambientais citadas, contribuindo para sua evolução para doenças.
• Anemia falciforme • Hipertensão arterial • Diabete melito • Deficiência de glicose-6-fosfato desidrogenase	• Alcoolismo • Toxicomania • Desnutrição • Mortalidade infantil elevada • Abortos sépticos • Anemia ferropriva • DST/AIDS • Doenças do trabalho • Transtornos mentais	• Hipertensão arterial • Diabete melito • Coronariopatias • Insuficiência renal crônica • Cânceres • Miomas	• Crescimento • Gravidez • Parto • Envelhecimento

Propostas

As propostas devem considerar o aspecto realístico de que a maioria das dificuldades relacionadas à saúde das populações negras não são resultantes de suas características genéticas (pelo fato de serem "negros" ou descendentes de africanos), mas, sim, são resultantes de suas condições sócio-econômicas e educacionais e das desigualdades históricas relacionados com a pobreza.

Por isso, as ações que terão **maior impacto** sobre a saúde das populações de afro-descendentes são aquelas que visam a melhorar as condições sociais e de saúde dessas populações pobres, reduzindo as doenças ou as condições ligadas a esse estado (desnutrição, alcoolismo, abortos sépticos, toxicomania, anemia falciforme) e facilitando o acesso, aos serviços públicos de saúde, para atendimento. A única doença genuinamente ligada à etnia negra, que tem prevalência elevada e evolução clínica suficientemente grave para merecer atenção específica, é a **anemia falciforme**. Nesse caso, a implantação de um programa especial, embora tenha globalmente menor impacto que as medidas anteriores, tem a vantagem de mostrar claro interesse pelos afro-descendentes: enquanto as medidas anteriores atendem a toda a população, com benefício maior para os afro-brasileiros, um programa de anemia falciforme atende quase que exclusivamente a estes últimos.

Do exposto, conclui-se, ainda, que o comportamento clínico da anemia falciforme, no Brasil, não deve, necessariamente, obedecer aos padrões descritos em outros países, especialmente nos Estados Unidos, tendo em vista o predomínio de haplótipo Banto sobre o tipo Benin e a escassez de haplótipo do tipo Senegal. Por outro lado, a prevalência de α-talassemia, equivalente à de outras populações negras, não deve contribuir para modificar, significativamente, o quadro clínico, em relação ao observado naquelas regiões. No entanto, a ocorrência de anormalidades adicionais das hemoglobinas cria associações raras ou diversas daquelas observadas em outras populações. Assim, cerca de um terço dos pacientes com síndrome falciforme, nos quais a eletroforese de hemoglobinas demonstra um padrão de anemia falciforme, têm, de fato, HbS/β-talassemia, ou seja, uma associação de HbS com gene β-talassêmico, de origem italiana. Em vista disso, justificam-se **estudos clínicos** de números adequados de pacientes com a doença, visando a uma clara descrição dos seus padrões, em nosso meio, como exemplificado pelos trabalhos de Hutz e Salzano, de Zago e colaboradores, incluindo o recente estudo multicêntrico que descreve o crescimento e a maturação sexual dos pacientes com anemia falciforme no Brasil.

Resumidamente, as **ações ou iniciativas** que podem ter reflexos benéficos sobre a saúde das populações afro-descendentes, no Brasil, a curto e médio prazos, são:

1. no campo do **conhecimento médico-científico**, promover medidas, programas ou estudos para:

1. identificar o grau de comprometimento de populações negras por doenças adquiridas, especialmente aquelas ligadas aos ambientes desfavorecidos das grandes metrópoles e das regiões de concentração de pobreza;
2. colher, tabular e divulgar dados biológicos básicos sobre as populações negras do país, como expectativa de vida, altura, tabelas de crescimento, peso, maturação sexual e valores laboratoriais, que têm sido objeto de estudos para a população brasileira;
3. identificar as peculiaridades da evolução clínica das doenças genéticas ou de componente genético importante, como anemia falciforme, hipertensão arterial e diabete melito;
4. instituir mecanismos que contemplem a identificação do impacto das violências e do stress adicional, causado pela prática do racismo, nos transtornos mentais que acometem a população negra, e promover, também, medidas para superá-los;

2. no campo da **educação**, promover medidas para:

1. envolver o sistema de comunicação oficial e o sistema de ensino formal público, especialmente dos grandes centros urbanos, na educação para a saúde reprodutiva, profilaxia de alcoolismo e toxicomania, e promover campanhas de esclarecimento sobre doenças de caráter genético, de incidência elevada, em populações negras;
2. insistir junto a faculdades de medicina, de enfermagem e de escolas de saúde pública para incluir ou intensificar o ensino dos temas relacionados com a saúde e as doenças de populações negras, bem como promover uma reflexão, nos cursos formadores, sobre prática de "desvalorização" do pobre e do negro, pelos profissionais de saúde;
3. adotar medidas visando a educação e o esclarecimento sobre a anemia falciforme, integradas a um programa amplo sobre a doença;
4. incluir, no conteúdo programático do ensino das ciências da saúde (e oferecer capacitação nos serviços), questões relativas à importância dos sistemas de informação em saúde e a responsabilidade dos profissionais no preenchimento adequado de fichas, prontuários, atestados de óbito, em especial quanto ao quesito cor;

3. no campo **social**, em áreas de grandes contingentes de descendentes de afro-brasileiros, priorizar:

1. ações de saneamento básico, melhoria das condições de moradia, treinamento profissionalizante e educação básica;
2. formação especializada dos trabalhadores de saúde da região;

4. desenvolvimento de **programas de saúde,** centrados em unidades de saúde das periferias das grandes cidades, objetivando a :

1. melhoria dos serviços públicos de saúde (de interesse para a população geral e de maneira particular para os afro-brasileiros, pois essa é a única forma de atendimento à saúde a que têm acesso os mais pobres);
2. implementação de programas de saúde voltados:
   - à assistência ao pré-natal e ao parto;
   - ao planejamento familiar e à educação para a saúde reprodutiva;
   - à prevenção e ao tratamento da anemia ferropriva;
   - à prevenção e ao tratamento de toxicomania, alcoolismo e doenças sexualmente transmissíveis;
   - à assistência à hipertensão arterial, à diabete melito e ao idoso.

5. Implantação de um **Programa Nacional de Anemia Falciforme**.

Programa Nacional de Anemia Falciforme

As atividades de um **Programa Nacional de Anemia Falciforme** devem ser desenvolvidas a partir de centros de referência, localizados em grandes áreas urbanas (onde for possível, o programa deve ser centrado nos Hemocentros), com os objetivos de implantar e conduzir:

1. os diagnósticos clínico e laboratorial;
2. a oferta de "screening" de população de risco + aconselhamento;
3. a educação da família e da comunidade;
4. o acompanhamento dos pacientes, por equipe multiprofissional de médicos, psicólogos, enfermeiros e educadores, compreendendo :

4.1 o acompanhamento médico regular, incluindo profilaxia de infecções e tratamento das situações crônicas, como desnutrição, retardo de maturação sexual, lesões oftálmicas, renais, pulmonares e cardíacas;

4.2 o atendimento e tratamento das emergências e complicações, incluindo o tratamento das crises de dor, infecções, síndrome torácica aguda, acidente vascular cerebral e priapismo;

4.3 a educação para o autocuidado e o cuidado familiar de situações crônicas (úlceras maleolares, seqüelas de lesões neurológicas, dificuldades de locomoção e gravidez);

4.4 os cuidados médicos especiais:
- anticoncepção;
- transfusões;
- hidroxiuréia;
- transplante de medula óssea;
- abortamento incompleto;

4.5 a atenção à família, inclusive com a elaboração de material educativo; e

4.6 a educação e a orientação profissional.

V - Recomendações

1. Identificação de evidências relativas às doenças que acometem a população negra e que devem ser objeto de proposta de políticas públicas.

2. Estímulo a estudos que contemplem a interpenetração das variáveis classe x sexo/gênero x raça/etnia, na manutenção da saúde e na produção da doença, objetivando delinear a morbidade e a mortalidade na população negra.

3. Conhecimento, explicitação e caracterização das diferenças apresentadas pela população afro-brasileira, sejam elas de caráter genético, ambiental ou social, as quais devem ser tratadas de formas diversas.

4. Desenvolvimento de estudos e pesquisas voltadas para o conhecimento da população brasileira em geral e da população negra em particular, de modo a se dispor de informações relativas às variáveis e diversidades biológicas, à mortalidade e à morbidade deste grupo, tendo em vista a sua especificidade.

5. Definição de um referencial brasileiro para o desenvolvimento de estudos e pesquisas relativas à população negra, considerando as suas peculiaridades, com vistas a subsidiar a formulação de políticas públicas.

6. Estímulo aos órgãos de pesquisa para o desenvolvimento de investigações no âmbito da população afro-brasileira, além da criação de mecanismos de financiamento específicos para estes estudos.

7. Identificação das relações da ocorrência de miomas uterinos, de outras ginecopatias estrogênio-dependentes e suas repercussões na população afro-brasileira.

8. Desenvolvimento de investigação sobre a hipertensão arterial, objetivando verificar a sua prevalência e evolução nos afro-brasileiros.

9. Conhecimento da relação do profissional de saúde com o cliente de raça negra, que é submetido a um estereótipo social negativo, com vistas à identificação dos comportamentos inadequados e a conseqüente adoção de medidas educativas para corrigí-los.

10. Realização de estudo visando a interação entre os traços genéticos e os aspectos ambientais e sociais, que influenciam no aparecimento de doenças e que ocorrem, com maior freqüência, na população negra.

11. Introdução do quesito "cor" ou a identificação racial, no prontuário do paciente, bem como naqueles instrumentos relativos à gerência e à gestão do SUS (AIH, UCA etc.), de forma a permitir um diagnóstico epidemiológico dos grupos raciais/étnicos e a realização de estudos específicos.

12. Formação e reciclagem dos profissionais de saúde para melhor compreensão dos fatores causais ou intervenientes, e conseqüente melhoria do atendimento.

13. Incorporação (por parte da epidemiologia) dos componentes gênero e racial/étnico, assumindo, assim, a desigualdade e a diferença como variáveis fundamentais no processo de saúde/doença.

14. Promoção do conhecimento (para o sistema de saúde, e de seus profissionais formados e em formação) das doenças de elevada prevalência, nas populações negras.

15. Utilização inicial dos hemocentros como centros de referência para o desenvolvimento de programa nacional de anemia falciforme, bem como disseminadores de informações e de capacitação de pessoal, estimulando a descentralização.

16. Estímulo à organização de associações de portadores de anemia falciforme, no sentido de reforçar a atuação desse grupo e a sua participação efetiva na formulação e implementação de políticas públicas.

17. Criação de grupos assessores para apoiar as ações voltadas para o controle da anemia falciforme, bem como a discussão de outras questões envolvidas com esta doença, que requeiram normatização.

18. Desenvolvimento de ações focais de atenção a pacientes com anemia falciforme, para embasar a adoção de um programa específico.

19. Envolvimento dos setores de epidemiologia do Ministério da Saúde e das SES, buscando a identificação dos indicadores necessários para as ações de controle da anemia falciforme.

20. Promoção de ampla reflexão bioética sobre a anemia falciforme, sobretudo quanto ao diagnóstico genético, à confidência das informações e ao aconselhamento.

21. Incorporação, pelo Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher-PAISM, da análise das condições específicas de riscos da mulher negra.

22. Promoção da participação dos veículos de comunicação social na divulgação e disseminação das informações sobre a saúde da população negra.

23. Inclusão, de forma qualificada, das questões referentes à saúde da população negra, nos materiais de comunicação do Ministério da Saúde, e produção de material específico, inclusive o desenvolvimento de campanhas e recomendações pertinentes.

VI - Participantes

Nome	Cargo / Órgão
1. Abgail Páschoa Alves de Souza	Representante da Sociedade Civil no GTI (Subgrupo Saúde)
2. Alfredo Schechtman	Departamento de Assistência e Promoção à Saúde/SAS
3. Amaro Luiz Alves	Representante do Ministério da Saúde no GTI (Subgrupo Saúde)
4. Andréia Ribeiro Abib	Instituto Nacional de Câncer
5. Berenice Assumpção Kikuchi	Prefeitura de Ferraz de Vasconcelos
6. Carlos Alberto Ribeiro Xavier	Representante do MEC no GTI (Subgrupo Saúde)
7. Carlos Moura	Ministério da Justiça
8. Dulce Maria Pereira	Representante da Sociedade Civil no GTI (Subgrupo Saúde)
9. Edna Maria Santos Roland	GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra
10. Hélio Santos	Coordenador-Geral do GTI
11. José Ferreira Nobre Formiga Filho	Coordenador da Coordenação Materno-Infantil/Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher
12. Marco Antônio Zago	Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto
13. Maria de Fátima Oliveira	Fundação Carlos Chagas
14. Maria do Carmo Leal	Fundação Oswaldo Cruz
15. Marta de Oliveira da Silva	Instituto Palmares de Direitos Humanos
16. Regina Coeli Viola	Coordenação Materno-Infantil
17. Romero Bezerra Barbosa	Representante do Ministério da Saúde no GTI (Subgrupo Saúde)
18. Sandra Fátima Menosi Gualandro	Coordenação de Sangue e Hemoderivados/SAS
19. Vera Cristina de Souza	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

EQUIPE DE RELATORIA
Aristel G. Bordini Fagundes
Maria do Carmo C.Sampaio
Maria Lira Cartaxo
Inayá Assis Mathias

RELATORES
Abgail Páschoa Alves de Souza
Amaro Luiz Alves
Dulce Maria Pereira

Impressão e acabamento:
Área de Produção Gráfico-Editorial
ASCOM/GM
MINISTÉRIO DA SAÚDE

CEDIM

BRASIL
GOVERNO FEDERAL

revista bimestral de liturgia 66

negritude e liturgia

novembro-dezembro 1984

a vida em Cristo e na igreja

a vida em Cristo e na Igreja

revista de liturgia
publicação bimestral

fundada pelo pe. Tiago Alberione em 1951

no próximo número:

resposta ao questionário enviado pela linha 4 — CNBB

colaboraram neste número:

penha carpanedo, silde coldebella
pe. antônio aparecido da silva
pe. gilberto dos santos
dom pedro casaldáliga
eduardo hoornaert
pe. marcelino siwinski
pe. gregório lutz

assinaturas:

anual: Cr$ 7.000
col. encadernada: Cr$ 8.000

na capa:

"somos negros
e não nos envergonhamos,
não queremos mais
nos envergonhar
de sê-lo".

foto: verbo filmes

direção, redação, administração:

via raposo tavares, km 18
cx. postal 7542 — fone: 268-7380
01051 — São Paulo — SP

proprietário:

congregação religiosa pias discípulas do divino mestre

conselho redacional:

gregório lutz — gabriela sperandio — geraldo m. agnelo — ione buyst — eclesia bertoldi — maucyr gibin — penha carpanedo

produção e arte:

amoris zerma — janepaula sonda

com aprovação eclesiástica
todos os direitos reservados

impresso na gráfica de edições paulinas — 1984
via raposo tavares, km 18,5 — 01000 São Paulo

Com a força dos braços
lavramos a terra
cortamos a cana,
amarga doçura na mesa dos brancos.

Com a força dos braços
cavamos a terra,
colhemos o ouro
que hoje recobre a Igreja dos brancos.

Com a força dos braços
plantamos na terra,
o negro café,
perene alimento do lucro dos brancos.

Com a força dos braços,
o grito entre os dentes,
e alma em pedaços,
erguemos impérios,
fizemos a América
dos filhos dos brancos.

A brasa dos ferros lavrou-nos na pele,
lavrou-nos na alma, caminhos de cruz.
Recusa Olorum o grito, as correntes
e a voz do feitor,
recebe o lamento,
acolhe a revolta dos negros, Senhor!

Trazemos no peito
os santos rosários,
rosários de penas, rosários de fé
na vida liberta, na paz dos quilombos
de negros e brancos
vermelhos no sangue.
A nova aruanda dos filhos do povo
acolhe, Olorum!

Recebe, Senhor,
a cabeça cortada
do Negro Zumbi,
guerreiro do Povo,
irmão dos rebeldes
nascidos aqui,
do fundo das veias, do fundo da raça,
o pranto dos negros, acolhe Senhor!

(ofertório — missa dos Quilombos)

negritude

verbo filmes

Pe. Antônio Aparecido da Silva
Faculdade de Teologia N.ª S.ª da Assunção

e liturgia

1. liturgia: expressão comunitária de fé

A liturgia é o termômetro da vivência cristã.

Sem cânticos a Deus, sem danças, sem oração e celebrações, não existe vida cristã. Há vinte anos atrás, o documento conciliar "Sacrossanctum Concilium" sobre a Sagrada Liturgia, insistia que "a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força" (SC 10). Puebla retoma a questão e considera a liturgia enquanto expressão da vivência de fé do povo, momento privilegiado de comunhão e participação para uma evangelização que conduz à autêntica e integral libertação cristã (P 895).

As celebrações litúrgicas evidenciam a vida da Comunidade e seu vigor. Na linguagem litúrgica feita de gestos, de compenetração, de sinais, de cânticos, de símbolos, são expressas as realizações, os anseios e buscas comunitárias.

A liturgia é a expressão de uma comunidade de pessoas que vivem situações concretas. E, que, portanto transforma em linguagem litúrgica seu sofrimento, alegria e esperança.

2. liturgia e expressões culturais

A liturgia assume o espaço cultural e desta maneira procura encarnar a fé, dando-lhe características próprias. Uma liturgia é tanto mais rica na medida em que sabe conjugar e expressar os elementos da fé com os vários matizes culturais.

Hoje os grupos e comunidades eclesiais de base procuram resgatar os elementos culturais na liturgia. Aliás, em consonância com a Constituição Conciliar que insiste para que a liturgia possa "cultivar e desenvolver as conquistas e os dotes de espírito das várias regiões e povos, fugindo às formas rígidas e únicas" (SC 37).

Em resumo a liturgia é aquela forma que cada povo com seus costumes e culturas engendram para dizer o seu muito obrigado a Deus.

Com a preocupação proselitista de levar o cristianismo a novas regiões de conquista, ao "novo mundo", por exemplo, nem sempre houve por parte dos pregadores o justo discernimento entre fé e liturgia enquanto expressão de fé e cultura. Muitas vezes a pretensa ortodoxia litúrgica achatou a cultura, suprimindo a originalidade e a espontaneidade culturais.

As liturgias das igrejas cristãs no Brasil se ressentem desta prática de desatenção ou até mesmo de nivelamento das expressões culturais.

3. a marginalização da cultura negra na liturgia

Se houve uma desatenção geral por parte da Igreja em relação às expressões culturais, em particular isto ocorreu com a liturgia católica em relação à cultura de origem afro.

A população negra no Brasil sempre foi marcante. No final do século passado, por exemplo, depois de várias ações oficiais objetivando o "embranquecimento", os negros somavam mais de 45% da população, excetuando os mulatos. Hoje a comunidade negra atinge mais de 1/3 da população brasileira.

Em termos religiosos, o contingente negro engloba três grandes grupos de participação. Há um grande número de negros que pratica o candomblé como expressão de fé, e não participa de nenhuma outra prática religiosa. Ao lado deste, vem o grupo sincretista, que reúne aqueles que praticam um culto de origem afro e as práticas devocionais e sacramentais católicas. O terceiro grupo, não sem dúvida por ordem numérica, mas apenas formal, é composto de negros católicos que não conhecem nenhuma outra prática religiosa além do catolicismo.

Não obstante o elevado número da população negra, a liturgia oficial da Igreja nunca tomou isto em consideração.

As liturgias das igrejas cristãs no Brasil são brancas e o negro para ter acesso a elas tem que sofrer um processo de branqueamento.

No catolicismo de modo particular, devido o seu maior tempo de relacionamento com a população negra no Brasil, a liturgia foi uma das formas de exclusão do elemento negro. Seja através da negação à sua participação de forma ostensiva, não permitindo, por exemplo, o acesso do negro às liturgias católicas para não causar constrangimento aos brancos, seja através do impedimento das formas de expressão litúrgicas. O fiel negro não podia se reconhecer numa prática litúrgica que não assimilava nada da sua cultura. A liturgia verticalista e excessivamente racionalizada de matriz européia não lhe dizia respeito. Sobretudo, não dizia respeito às suas dores, ao seu cativeiro, às suas lutas e resistências. Rezar com o branco opressor, usando a sua própria expressão, era implorar ao sagrado a própria condenação. A liturgia foi então uma forma de discriminação e de domesticação do negro.

Os poucos santos negros foram preteridos e a própria liturgia reforçava os preconceitos acentuando que a "graça é branca" e o "pecado é negro". O culto Marial à Nossa Senhora Aparecida, orientado por Congregações religiosas com o objetivo de controlar as devoções populares, foi descaracterizado perdendo a sua ligação histórica e conseqüentemente a sua denúncia profética que partia da situação do negro. Neste sentido a liturgia não fugiu ao processo global empreendido pelo projeto de colonização com a aquiescência da cristandade. Para o pleno êxito do projeto colonizador era indispensável suprimir qualquer postura cultural alternativa. Daí o motivo pelo qual o sistema colonial reprimiu de forma constante e sistemática toda forma de expressão cultural negra. Reprimiu a dança, impingindo à população que a dança do negro é selvagem; que seu corpo é feio; que sua cor e costumes são expressão de maldição e barbarismo; que seus instrumentos são profanos e grosseiros; seus ritos diabólicos e sua religião macabra. Ao negro não é permitido praticar seus cultos como o branco, em praça pública ou em templos centrais urbanos. Por isso o negro se vê obrigado a praticá-los às escondidas, à noite, em lugares improvisados.

Não obstante este insensível comportamento cultural por parte da liturgia oficial e da pastoral, é grande o número de negros católicos que amam a Igreja, acompanham suas práticas e seguem fielmente seus ensinamentos. Recordemos por exemplo as famílias negras católicas de Minas Gerais, do Maranhão, do Nordeste, do Sul do país, tratando com tanto zelo as práticas religiosas, batizando seus filhos e ensinando-lhes escrupulosamente os preceitos. O encontro do cristianismo com o negro foi frustrante, e por vezes até dramático, mas o negro viu sempre por trás da estrutura de repressão cultural a mensagem libertadora que este carregava por sob as expressas camadas de dominação.

4. a recuperação da negritude na liturgia

Como já é comum constatar, o Concílio Vaticano II continuado depois em Medellín e Puebla, marcou grandes avanços na pastoral da Igreja e na sua maneira de dialogar com a realidade. A cultura e a liturgia anteriormente vistas de maneira elitista, passam a ser concebidas como ação transformadora a partir do povo e sua maneira própria de exprimir a fé. Trata-se de uma nova visão da

Igreja, uma nova eclesiologia, a Igreja "Povo de Deus" (cf. LG 9). E o povo de Deus nas CEBs, nos grupos de base, nas Comunidades que foram proliferando pelas periferias e pelo interior do país, foram reinventando a liturgia e deste modo ajudando a Igreja como um todo a "encontrar a posição real da liturgia na sua missão evangelizadora" (Cf. Puebla, 896).

A eclesiologia do Pós-Vaticano II dinamizada no Brasil e na América latina por uma nova teologia está ajudando a Igreja a superar o seu passado de conivência com as dominações, particularmente em relação ao negro. Hoje pouco a pouco as igrejas começam a se sensibilizar pela causa dos negros que como afirma Puebla, "vivendo segregados e em situações desumanas, são os mais pobres dentre os pobres" (Puebla, 34).

Os negros começam a se organizar em comunidades sob a denominação de diversos grupos. Também na Igreja, os "Agentes de Pastoral Negros" começam a se encontrar para aprofundar sua realidade, dando maior consistência à unidade e à luta de superação do racismo às vezes velado, mas quase sempre declarado que perpassa os vários segmentos da sociedade brasileira. Os grupos e Encontros de Agentes de Pastoral Negros (Padres, Religiosas, Pastores, Seminaristas, leigos engajados) vão se multiplicando pelas paróquias e Comunidades de Base.

Trata-se de uma caminhada centrada na fé que emerge do Evangelho e que deixa claro que toda sorte de dominação: sexual, racial, étnica, social, são entraves à realização do Reino de Deus. A "evangelização no presente e no futuro da América Latina" tem que passar pela superação do racismo sistemático que afeta nossa sociedade. Conviver com tal situação é ser conivente como no passado com posturas anti-evangélicas. É uma luta assumida com firmeza pelos grupos, mas ao mesmo tempo com muito discernimento, evitando evangelicamente todo e qualquer sentimento revanchista, embora historicamente tenha razões para isso.

Mas ao mesmo tempo em que aprofundam a consciência da negritude, os Agentes de Pastoral Negros vão recuperando as suas origens culturais na liturgia. É efetivamente uma nova maneira de viver e celebrar a fé cristã enquanto negro, assumindo a negritude nas celebrações e na luta que alimenta a resistência cotidiana.

As duas dimensões, litúrgica e ética são inseparáveis na prática dos Agentes Negros. A liturgia é expressão de libertação e por isso mesmo é santificadora, fazendo parte do conjunto da salvação.

Na verdade a liturgia se traduz numa experiência de Deus vivida no seio da comunidade. E a presença do seu Espírito, inflama a comunidade de coragem e justiça. E então, os negros levantam a cabeça da submissão secular e unidos percebem que a "libertação está mais próxima".

verbo filmes

5. características das celebrações dos agentes de pastoral negros

verbo filmes

As celebrações litúrgicas dos grupos negros são antes de mais nada marcadas pelo sentimento religioso característico da cultura negra. A visão de mundo dos ancestrais africanos era teológica. Aliás com gêneros literários muito semelhantes aos dos primeiros livros do Antigo Testamento[1]. O afro-brasileiro é por tradição cultural religioso. Não existem dois mundos e duas histórias maniqueisticamente separados, um sagrado e outro profano, mas uma percepção de conjunto dos elementos do universo. Seu relacionamento com Deus, não pressupõe uma divindade estática, um "motor imóvel", mas o Deus que encarna a realidade dos homens, sofrendo com eles, lutando junto e que dança com o povo nas suas vitórias. Deus está aqui e participa da vida condenando toda forma de racismo, sinal de morte.

Por isso as celebrações dos grupos negros são espontâneas, fugindo à rigidez e à simetria burocrática das celebrações ordinárias. Não são liturgias livrescas onde tudo já está pré-determinado condicionando a celebração à mera representação, mas oral, sem explicações excessivas, uma vez que o que se celebra está tão ligado e centrado na vida que não carece de "comentários explicativos".

A liturgia inicial ao som dos atabaques no compasso de dança caracteriza a festa. Na cultura negra os instrumentos musicais, particularmente o atabaque, são instrumentos sagrados. O atabaque está sempre presente na vida do povo, do nascimento à morte. Anuncia as festas, as vitórias e os perigos. Ao som do atabaque a comunidade se torna comunhão.

Ao início da celebração se revive a memória histórica daqueles que sofreram no próprio corpo o martírio de Cristo. E entre estes está Zumbi, mártir maior da causa negra, assassinado no quilombo dos Palmares pelo sistema branco opressor em 1695.

No ato penitencial, os participantes assumem a Igreja "santa e pecadora" e se colocam como tal em atitude penitencial e evocam todas as Instituições que foram coniventes com o pecado da escravidão. Enfim, cada momento litúrgico da celebração revive situações concretas de sofrimento por que passa a população negra. Desta maneira, o culto não se torna uma mera prática devocional, mas memória viva e atualizada do mistério de Cristo. No ofertório, são apresentados os instrumentos de tortura de ontem e de hoje que massacraram tantos irmãos negros. E, logicamente, se oferece o vinho e o pão frutos do trabalho. Porém, se oferece com consciência de que se está oferecendo produtos que historicamente foram de fato produzidos pelas mãos e pelo suor dos negros. Embora, quase sempre o branco opressor é que entrava nas igrejas para oferecer garbosamente, algo que não foi produzido por ele, mas expropriado do pobre, do negro.

Agora a oferta é entregue por quem de fato a produziu. Não obstante a consciência da opressão e discriminação presentes, o ambiente e as perspectivas da celebração são de esperança. Esperança que nasce da fé e das mediações concretas da libertação. Em toda a comunidade é transparente a certeza da realização do Reino, ou seja, do Quilombo Páscoa onde a fraternidade e a justiça serão as normas evangélicas da convivência.

Em síntese, nos ritos, nos cantos, na ligação com a realidade, na espontaneidade, as celebrações das Comunidades Negras que vão se organizando, procuram resgatar os elementos da cultura negra enriquecendo a liturgia da Igreja.

São liturgias fortemente marcadas pela experiência de uma espiritualidade que nasce da vida. E também centrada nas dimensões escatológicas e libertadoras.

Experiência espiritual na medida em que a liturgia evidencia o Espírito de Deus no seio da Comunidade, e que garante que o povo negro não estará jamais sozinho na luta pela libertação. Deus o acompanha.

Uma experiência escatológica. Sistematicamente explorado e marginalizado, aberta ou veladamente, no passado e no presente, o negro celebra em comunidade um amanhã diferente que já inicia hoje quando os grupos começam a se reunir. Deus lhe dá a certeza de uma nova humanidade que não será marcada pelo racismo branco.

Uma experiência libertadora. Na verdade a liturgia dos grupos negros é uma experiência comunitária de libertação. Onde o negro aprende a "gostar de ser negro".

Em nome do amanhã e da confiança na palavra de Deus que mantêm a força histórica dos marginalizados, o presente se transforma em ação.

Profundamente identificada com o Povo de Deus no Egito, a comunidade negra, vítima da diáspora e do cativeiro ainda mais atroz, começa a transpor o "mar vermelho", ou seja, rompe com o limite do medo, e acredita que o fará a "pé enxuto". A ligação com as origens não significa que a "terra prometida" esteja no passado, mas no futuro, para além da aridez do deserto de lutas. Mas desde já a celebração alicerçada na vitória de Cristo, antecipa as alegrias da libertação.

6. o acolhimento, o canto e a memória histórica na liturgia

Há ainda três elementos que merecem destaque na liturgia dos Agentes de Pastoral Negros: o acolhimento, o canto e a memória histórica.

A celebração é antes de mais nada um encontro. Por isso o ambiente é de acolhida. Celebrando, as pessoas sentem-se acolhidas e a assembléia ao invés de ser uma reunião de estranhos que se tocam formalmente, torna-se um aconchego de irmãos na casa do Pai.

O canto é o elemento de ligação comunitária da experiência de Deus. Os grupos vão compondo os cantos próprios. O cancioneiro litúrgico corrente é desprovido de cantos que atinjam a realidade do negro. As letras das canções refletem a caminhada e falam do sofrimento, da luta e da esperança. Não se canta, porém, só com a voz, todo o corpo exprime e fala sua linguagem.

A liturgia não contempla só a luta do negro hoje. O negro sempre lutou e resistiu à dominação. A celebração evoca este passado de luta nas "histórias que não foram contadas" e nos textos da Sagrada Escritura. Sempre presente a memória combativa e revolucionária de Zumbi que a assembléia não cansa de cantar: "Ei Zumbi Ganga meu rei você não morreu, você vive em mim..."

A memória histórica é de capital importância para que o negro possa sentir o seu passado de luta, em vão acobertado pela história oficial dominante. O negro não é descendente de escravos passivos, mas de um povo que foi escravizado e que nunca aceitou esta sujeição.

7. conclusão

Concluindo diríamos que na verdade a caminhada dos grupos negros nas comunidades eclesiais é uma profunda experiência espiritual. A liturgia é parte desta caminhada. Ela sintetiza e encoraja a busca. Conquistando espaço na pastoral, com celebrações características, os grupos vão contribuindo não só com a libertação global do negro, mas também com o enegrecimento da Igreja. Uma liturgia negra meramente instrumental cairia no artificialismo ou em simples expressão folclórica. Uma liturgia que assuma de fato os elementos culturais negros, tem que passar necessariamente pelo enegrecimento da Igreja.

irisfoto

(1) Sobre este tema ver AUGRAS, Monique — O duplo e a metamorfose, Ed. Vozes.

aprendendo com os cultos afro-brasileiros

foto ciric

gilberto dos santos

Gilberto dos Santos é atualmente padre da congregação da Paixão de Jesus Cristo (passionistas). Nasceu em Osasco, onde também cresceu, em contato com a fé umbandista. Ele conta sua experiência como pai-de-santo, chamando a nossa atenção para valores culturais e religiosos presentes nos cultos afro-brasileiros.

Introdução:

Até os 20 anos mais ou menos, fui participante de terreiro de Umbanda, no qual praticamente fui educado. Percorria quase todos os terreiros da região, com os quais mantinha contato. Só não fundei um terreiro próprio porque era pobre e não tinha o suficiente para tanto, por isso mesmo, me dedicava mais aos trabalhos nas casas das pessoas que me procuravam e o que era muito comum acontecer. Até que um dia, por volta de 1969, fui convidado para fazer um curso de Parapsicologia, durante o qual a minha fé umbandista foi questionada, de tal forma, que senti-me desafiado a desmentir as afirmações feitas, de que, o que ocorre nos terreiros, são fenômenos paranormais e que não tinham nada a ver com entidades espirituais. Isto para mim representou um choque muito grande, pois até então não compreendia o que se passava comigo, nos momentos de transe.

Com muita simplicidade e uma sensibilidade muito grande para não ferir as pessoas, o parapsicólogo, durante suas exposições e demonstrações práticas, foi desvendando os mistérios até então desconhecidos por mim.

A partir daí, comecei a fazer experiências nos diversos terreiros e a comprovar a veracidade dos fatos, o que de certa forma me deixou um tanto triste, pois gostava muito da Umbanda e agora um tanto decepcionado me vi no dever de mudar de rumo para não me enganar e nem enganar aos outros. Me afastei dos cultos afros, não porque são condenáveis, mas porque no catolicismo, percebo uma possibilidade maior de realização dos anseios humanos desde que vividos no Espírito de Jesus que crucificado, ressuscitou.

Durante o tempo em que permaneci na Umbanda, confesso que busquei com sinceridade fazer o bem a todos quanto me procuravam para a prática da "caridade" e para isso não media esforços, não havia tempo nem distância que me prendesse em casa. Era uma pessoa de muita oração; embora fossem o Pai-Nosso, a Ave-Maria, a Salve Rainha, orações católicas, eram as que mais rezava, inclusive o terço, não como exceção, mas porque isto é comum em alguns terreiros. Por isso, creio que assim como eu, muitos pais-de-Santo são sinceros no que fazem.

Tão logo saí da Umbanda, alguns amigos me convidaram para participar de um curso de espiritualidade para jovens, no qual conheci alguns jovens com os quais nos propusemos formar um grupo de jovens em nossa cidade. As reuniões desse grupo eram feitas dentro do Seminário (passionistas) e a vida religiosa me despertou curiosidade.

Por fim, em janeiro de 1972, acabei entrando no Seminário para fazer uma experiência vocacional e após concluir todos os estudos, no dia 10 de dezembro de 1983, com mais dois amigos, recebi a ordenação sacerdotal.

Embora o fato de ter sido umbandista, tenha trazido uma série de dificuldades dentro da congregação, não cessei meus estudos e pesquisas sobre os cultos afros, ou seja, Candomblé e suas derivações (Umbanda, Kimbanda, etc.).

Espero que estas reflexões que vêm a seguir possam servir para um questionamento acerca da nossa Pastoral Litúrgica e aponte caminhos para que nossas celebrações sejam realmente expressão de vida.

1. o negro e sua expressão religiosa

a) a situação do negro na África na época da escravidão

Na África, os negros gozavam de uma situação privilegiada pela liberdade em que viviam. Organizavam-se em tribos e nações e os grupos possuíam complexas formas de organizações sociais. Muitos tinham um misto de sociedade tribal-monárquica com muitos reis famosos, alguns graçando a status espirituais de orixás como no caso de **Xangô**, rei de Ifé na Nigéria. Bem como agricultura sedentária, produção de objetos em bronze, ferro e ouro, como também em madeira e barro.

Havia na África reinados riquíssimos em ouro e pedras preciosas que eram partilhados por todos numa Justiça invejável aos brancos europeus. Essas organizações, vamos encontrar mais tarde aqui no Brasil, nos Quilombos (o mais famoso foi o de Palmares), a mais perfeita organização jamais vista pelos brancos em nossa terra.

Cada tribo, ou mesmo nação, possuía Orixás próprios aos quais prestavam o seu culto. A religião era a expressão de tudo o que se acreditava e se vivia, não havia distinção entre a fé e a vida, tudo era uma coisa só. Isso porque acreditavam num deus único **(Olorum)**, que havia, de certa forma, criado tudo o que existe, auxiliado pelos **Orixás**.[1] Tudo o que existe foi entregue aos cuidados dos Orixás que fazem e desfazem de tudo como lhes apraz, como por exemplo: a **Ogum** foi entregue o domínio dos minérios (ferro, bronze, ouro, etc.), dos caminhos e da batalha; a **Oxoce**, o domínio da caça, da agricultura, da subsistência etc.; a **Obá**, o domínio sobre as plantas medicinais; a **Iemanjá** (mãe dos orixás), o domínio do mar e o que ele possui; a **Oxum**, o domínio dos rios calmos, das mulheres grávidas e dos recém-nascidos; a **Xangô**, o domínio das pedreiras, das cachoeiras, raios e tempestades; a **Iansã**, o domínio também dos raios e tempestades, mas ainda o dos mortos (eguns) e dos combates; a **Exú**, o domínio dos búzios e sua mensagem, da comunicação entre os homens e os orixás, da fecundidade, dos caminhos, da guarda das aldeias, etc.

Eles não possuíam escritos sagrados e tudo era baseado em mitos que eram passados de pais para filhos como era a missão dos mais velhos de contar os mitos e principalmen-

(1) Orixás — entidades espirituais ou energias da natureza criadas por Olorum, deus supremo.

te dos "sacerdotes" dos diversos orixás. Os velhos eram valorizados dentro da sociedade negra como uma espécie de arquivo histórico, eles conservavam viva a memória do povo.

Os africanos absorviam sua religião, não só na sua concepção, mas até mesmo sugando leite materno embalado pelos cânticos religiosos que narravam os mitos desde a criação do mundo como também dos orixás. Nos ambientes africanos, além dos grandes templos erigidos aos Orixás, havia também os lugares da natureza a eles consagrados. Isto é, tudo falava de sua fé e não havia distinção entre vida profana e vida religiosa, tudo pertencia a uma única e mesma realidade.

Os cultos, eram momentos fortes da manifestação coletiva da fé, pois acreditavam que cada pessoa tinha sua origem em determinados orixás e por isto uns são filhos destes outros daqueles orixás e acreditavam também que no processo de nascimento, as pessoas sofriam um desligamento brusco de seu orixá, daí a necessidade de passar por um processo iniciatório que, basicamente, consiste em um religamento ao orixá dono da cabeça, para evitar todo tipo de infortúnio.

Ainda mais, os orixás têm necessidade de alimentos e de certos rituais para poderem equilibrar suas energias (axé) e para isso, criam os seus filhos (elegum) que por sua vez, devem obrigações aos seus orixás de cabeça, ou seja, devem emprestar-lhe seu corpo para que o orixá possa vir dançar e desta forma ter contato com seus eleguns, deve também dar-lhe de comer e beber, comidas e bebidas especiais colocadas nos lugares a seus orixás consagrados (encruzilhada, cachoeira, mata, etc.).

Cada obrigação é acompanhada de toques de atabaque, cânticos que narram ou o mito do orixá ou a intenção daquele ato, e também de orações e gestos mímicos dançados.

A cada orixá correspondem: um tipo de objeto da natureza (otá) no qual ele é fixado (assentado) através de um ritual litúrgico (normalmente uma pedra, otá); uma cor ou combinações de cores que o identificam; cânticos, ritmos e gestos mímicos dançados que narram o mito do orixá; um colar que seus eleguns devem trazer no pescoço; um dia da semana a ele consagrado para ser-lhe dado os alimentos e as orações; alguns objetos litúrgicos e as roupas, etc.

Tudo isso, com algumas adaptações, foram trazidos para o Brasil pelos escravos.

b) a colonização e a presença do escravo negro no brasil

Para colonizar o Brasil, Portugal não mediu esforços para proteger as novas terras descobertas e, por isso, recorreu ao uso da escravidão dos africanos. Ao serem arrancados do seu meio, os negros eram submetidos aos ferrolhos, aos navios tumbeiros, pois para muitos foi como uma tumba (cova de cemitério). Na África mesmo ou aqui no Brasil, eles, sem mais nem menos, eram batizados sem serem evangelizados e ao mesmo tempo em que o padre lhes lançava a água benta, outro lhes marcava a ferro em brasa o símbolo do Reino de Portugal e a cruz de Cristo, como prova de que fora recolhido os impostos, como era feito com as mercadorias e esta era a lembrança que o negro carregava do seu batismo.

Como já vimos, o negro vivia sua religião as 24 horas do dia, era ela que dava sentido ao seu viver, e a sua vinda como escravo para cá, se tornou uma terrível ameaça à sua vida, uma tortura tão grande a ponto de muitos praticarem o **banzo**.

O **banzo** era uma forma de luta, de resistência frente à realidade que o negro estava enfrentando no Brasil. Ele se submetia à greve de fome até à morte, pois acreditava que a morte seria a única maneira de se libertar da escravidão e única possibilidade de retorno à África. Ato heróico.

Foram muitas as formas de luta e resistência que os negros escravizados empreenderam para poderem sobreviver, como por exemplo, a fuga em massa e a formação dos quilombos, a eliminação dos donos da terra e a posse das mesmas, até mesmo a traição dos demais para poderem garantir a própria existência, mas esta atitude foi muito rara, as mais comuns eram as de solidariedade na luta, a busca coletiva de libertação, característica dos negros africanos.

Com relação à religião, no Brasil a única permitida era o catolicismo. Nenhuma outra e muito menos a religião dos africanos que fora considerada como religião do demônio, logicamente pelos brancos, que nada entendiam da realidade dos negros na África.

2. os cultos afros no brasil

a) o sincretismo

Impedidos de cultuar os seus orixás, os negros procuravam disfarçá-los com os santos católicos (sincretismo), ou seja, identificando seus orixás com os santos, como por exemplo: **Ogum** seria são Jorge ou santo Antônio; **Oxoce**, são Sebastião; **Oxum**, Nossa Senhora Aparecida ou Imaculada Conceição; **Xangô**, são Jerônimo, **Iansã**, santa Bárbara; **Iroko** ou tempo, são Francisco de Assis; **Oxumarê**, são Lourenço; **Obá**, Joana D'Arc; **Ossãim**, são Benedito; **Nana Buruke**, santa Ana; **Omulu**, são Lázaro ou são Roque; **Oxalá**, Jesus Cristo; **Iemanjá**, Nossa Senhora das Candeias ou outras; **Ijá**, o Espírito Santo; **Logunedê**, são Miguel Arcanjo ou santo Espedito; **Ibêiji**, Cosme e Damião (os gêmios); **Exu**, demônio ou são Pedro, em Porto Alegre; etc.

Havia cerca de 600 orixás na África, que foram reduzidos a uns 50 no Brasil; desses, apenas uns 16 são cultuados no Candomblé e 8 na Umbanda.

b) o candomblé

O Candomblé foi a forma mais autêntica do culto-afro que os escravos trouxeram para o Brasil. Candomblé quer dizer, a dança do orixá ou dança para o orixá. A casa onde se dá o culto chama-se ilê ou barracão.

Nas fazendas, os escravos viviam alojados em grandes barracões chamados **Senzala**, onde simulava-se uma festa aos santos, era quando acontecia o Candomblé. Sobre um altar, colocava-se as imagens dos Santos e no chão, embaixo do altar enterravam os otás ou pedras de assentamento dos orixás, de modo que, disfarçadamente, aos sons de cânticos e atabaques os escravos se lançavam ao chão e batiam a cabeça sob o altar no local onde estavam enterrados os otás, que para os brancos era uma demonstração de profunda devoção aos santos e desta maneira, os cultos afros permaneceram de forma clandestina, "debaixo das barbas dos brancos", por muito tempo. Muita coisa acontecia sem que se percebesse que a religião negra sobrevivia, sob formas diferentes da África, dado as proibições, castigos, etc, mas a resistência dos negros e sua inteligência encontraram formas de não perder a Esperança e reencontrar sentido para o seu viver.

Mesmo depois da lei Áurea, em que foram "libertos" e com a lei de "liberdade de cultos", que passou a vigorar no Brasil após a proclamação da República, os cultos afros continuaram a ser perseguidos de forma violenta pela polícia, de forma ideológica pela sociedade branca como "coisa de preto" e de forma religiosa pela Igreja que continuava a lhes atribuir ligações demoníacas.

Isto tudo ainda não acabou, permanece ainda disfarçada nas diversas formas de discriminações raciais, quando os negros são acoçados para os morros, para as beiras de córregos, para as palafitas etc, quando não lhes dão empregos dignos e lhes reservam os piores serviços da sociedade, quando não lhes dão condições de saúde e oportunidade de educação, etc; até mesmo em nossas igrejas o negro não tem vez. As colônias estrangeiras radicadas aqui no Brasil, todas elas, têm o seu assistente religioso, um padre que reza a missa e lhes dirige a palavra em sua língua natal. Os negros, se quiserem, que se adaptem ao modo branco de viver, se não...

Mas o Candomblé está aí e é uma realidade que não podemos ignorar mais, é necessário que tenhamos uma atitude evangélica diante dele, não podemos mais ficar no ataque sem conhecê-lo. Já existem muitos estudos feitos e muitos livros escritos que nos ajudam a entendê-lo melhor.

Se cremos que o Cristo veio para todos, eles também estão incluídos, porque também são filhos de Deus e têm muito a contribuir para um maior enriquecimento nosso.

Não é que devemos participar do Candomblé, mas chamo a atenção para determinados valores litúrgicos que ele nos apresenta, como por exemplo: a música, o aspecto festivo de seus cultos, os instrumentos musicais, as roupas e seu colorido, os objetos litúrgicos que trás cada orixá, os mitos, a dança que envolve o corpo todo, os gestos, a participação aberta a todos indiscriminadamente.

c) a liturgia do candomblé

A liturgia do Candomblé é algo envolvente, todos os presentes são levados a uma participação efetiva. Ela fala da vida das pessoas, de seus problemas, de suas dificuldades, etc. No candomblé ou durante o culto são retomados todos os mitos que na realidade são histórias do passado, aí o negro relembra sua memória, a torna presente e refaz sua esperança no futuro. Através do rito, dos gestos, da dança e dos objetos que lembram muito da saudosa África, eles "realizam" o sonho dos escravos de um dia poder retornar.

Um gesto muito significativo, neste sentido, é o fato de quando um filho de Santo entra em transe, o primeiro gesto é o de tirar o calçado, significando assim um retorno à África, como quem quer dizer, se eu não posso ir até ela, ela vem até mim pelos orixás.

Um outro aspecto, é o da festividade que dá a impressão de já se ter alcançado o que se sonhava, como se aquele ambiente se tornasse parte da África, é como se estivessem em casa, e realmente o clima é de fraternidade e quem vai pela primeira vez, tem a impressão de ter saído do Brasil. A começar pelos cantos em africano, as pinturas, as roupas, tudo lembra a África, até mesmo as comidas.

Podemos até dizer que dado a influência americana nos meios de comunicação, principalmente através das músicas, muitos brasileiros se americanizaram. No Candomblé, os brancos que ali freqüentam sofrem uma africanização.

Ainda um outro aspecto muito importante, é que no culto, todos se sentem tocados pelo "sagrado". O "sagrado" se faz presente na manifestação do orixá, o que se torna motivo de grande festividade e de efusiva alegria.

Os instrumentos litúrgicos contribuem para este clima festivo, os atabaques, normalmente em número de três (rum, rumpé e lé), fazem vibrar o ambiente acompanhados pelo adja[2] ou mesmo o agogô ou o afoxé, etc.

A dança, que é complementação do cântico, é a narração dos mitos, expressa o dinamismo da festividade; corpo e alma estão envolvidos no culto do Candomblé.

A Umbanda assimilou muitos desses aspectos do Candomblé e os reelaborou a partir da perspectiva dos brancos e do consumismo capitalista.

d) a umbanda

A Umbanda, segundo a maioria dos pesquisadores, surgiu no antigo estado da Guanabara, como resultado de um longo processo de influência das mais variadas crenças: catolicismo, Candomblé, Espiritismo e a Pajelança (culto dos nossos índios). Podemos também dizer que a Umbanda é um "Candomblé abrasileirado".

Na época em que surgiu a Umbanda, a Guanabara era a capital do Brasil e da mesma forma como em Brasília atualmente, tudo se centralizava. Por isso, não foi difícil para as diversas crenças, ao sabor de jeitinho brasileiro, se misturarem e resultar na Umbanda.

A Umbanda carrega em seu bojo os valores e as contradições da sociedade branca capitalista, marcada pelo individualismo e perda do senso histórico.

A palavra Umbanda, é de origem africana com diversos significados, um deles seria a magia-branca, para contrapor à Kimbanda, que seria a magia-negra.

Para fugir da forte perseguição policial, a Umbanda se aproximou em muito do catolicismo, assimilando suas orações, sua teologia: do anjo da guarda (considerado guia); dos santos (que seriam os orixás); das almas, tanto as santas, quanto as do purgatório, normalmente em número de 13; concebeu o sofrimento como algo querido por Deus, juntando a teoria espírita da reencarnação, de que, com o sofrimento nos purificamos dos males da vida anterior (teologia dos méritos).

Dada a presença muito forte dos elementos europeus (catolicismo, ocultismo e espiritismo), a Umbanda assume um moralismo vitoriano introduzindo a separação entre homens e mulheres no seu ambiente de culto, assume também a ideologia do embranquecimento (o branco passa a ser o símbolo da pureza e o preto do contrário) que não se fazia presente no Candomblé. Esses e outros preconceitos ainda estão muito presentes e fortes nas preocupações da Igreja que possue uma quantidade significativa de estudos sobre a Umbanda e muito pouco sobre o Candomblé. Segundo o meu ponto de vista, o Candomblé tem muito mais a contribuir com a nossa liturgia.

3. a nossa liturgia

Sobre a nossa liturgia muita coisa poderia se falar, mas como a pretensão deste artigo é buscar o que os cultos afros têm a contribuir (com nossa liturgia), então tocaremos em alguns pontos mais relevantes.

Até o Vaticano II, a nossa liturgia deixava muito a desejar em termos de celebrar a vida, a caminhada de nosso povo. A nossa missa era fria, algo de misterioso, de escondido, inacessível aos mais simples que sentiam-se excluídos do sagrado, só lhes restando rezar o terço, uma das formas para fazer-se ouvido pelo divino, enquanto o padre de costa e os que entendiam a língua sagrada (latim), gozavam de ligação direta com o Sagrado.

As nossas liturgias se caracterizavam pela frieza, pelo machismo, pelo elitismo (pois eram poucos os que tinham acesso ao presbitério), pelos cânticos tristes e a monotonia dos gestos, etc.

(2) Campanola de metal em forma de pequeno sino que é sacudido durante os cantos.

É bem verdade que muitas coisas mudaram após o Vaticano II e em certos aspectos houve um salto de qualidade, que muitos não conseguiram acompanhar. Em outros aspectos ficou muito a desejar e nestes vamos tentar ver o que a liturgia do candomblé poderia contribuir.

4. a contribuição dos cultos afros à nossa liturgia

Um dos elementos fortes do Candomblé é o mito, que conservava no povo o sentido da história, como forma de resistência para não perder a esperança nos momentos difíceis e nisto eles se aproximam bastante da Sagrada Escritura que relembra o passado para clarear o presente em vista do futuro. Isto já presenciamos de certa forma, também nas CEBs, quando celebram suas lutas, suas derrotas e suas vitórias, conservando no povo o sentido da caminhada.

giancarlo giuliani

Muitos mitos colocam as mulheres, muitas vezes, em situação de destaque, por sua bravura, seu instinto maternal, seus encantos, seu espírito de luta e persistência, valores muito apreciados pelos homens. Lembram muito as mulheres do Antigo Testamento e até mesmo Maria. Se as nossas liturgias recuperassem esse sentido do memorial, de fazer presentes tantos fatos passados que nos ajudassem a clarear mais o presente, como por exemplo, mesmo que recente, a vida e "morte" de Margarida, aquela sindicalista da Paraíba, que foi assassinada por causa da sua luta em favor da justiça. Se fosse no candomblé, ela teria se tornado uma orixá e sua história passaria a ser contada para os mais novos...

Assim como o atualizar dos orixás aqui no Brasil, fez com que o povo negro resistisse na luta, também a atualização da vida dos santos, nos ajudaria a entender a vida de muitos santos dos nossos dias, principalmente os profetas e os primeiros padres da Igreja quando tocavam nos problemas sociais, nos ajudariam entender melhor a luta de Dom Hélder, de Dom Paulo, do Santo Dias, etc.

Um dos mitos que muito me chama a atenção é o de **Omulu**: um negro que se compadece de tal forma da dor e sofrimento de seus irmãos, que acaba por assumir em seu corpo essa dor e sofrimento e desta forma, torna-se o orixá médico dos negros. Este mito se aproxima muito do servo sofredor em Isaías e tem sua semelhança com o próprio Jesus Cristo.

Também os cânticos, como já vimos, ajudam a manter a Esperança, porque narram o mito, a história dos orixás, suas lutas, seus encantos, seus valores. Acompanhados pela expressão corporal os cânticos se tornam também símbolos no sentido de unir as pessoas de maneira coletiva numa única linguagem e esperança, ajudam as pessoas a se identificarem com a história contada.

Em muitos lugares, as CEBs promovem logo após a liturgia, um "arrasta-pé" onde se dança, se brinca e se alegra. No candomblé tudo isso faz parte da própria liturgia. Para nós é difícil unir as coisas, dado a nossa concepção dualista. Nós dividimos o mundo em profano e sagrado e não os misturamos de jeito nenhum. Para o africano, como já vimos, não há distinção, tudo saiu das mãos de **Olorum**, então tudo é de origem divina, mesmo porque tudo está sob o controle dos orixás que são divinos.

Será que nós cristãos não deveríamos ter essa concepção do mundo? Nós cremos, como diz o livro do Gênesis, que Deus é o autor de tudo, que todas as coisas saíram de Deus e muito mais conseqüente deveria ser nossa atuação, se estivéssemos conscientes de que Deus, não entregou sua obra, e nem a nós, nas mãos de outras entidades, mas sim nas nossas mãos, porque acreditou na nossa capacidade de dar continuidade à sua criação. Acrescente-se a isso que nos tornou não filhos de outros, mas de si mesmo e nos fez morada de seu Espírito vivificador.

Os símbolos nos cultos afros, se tornam facilitação e uma expressão coletiva dos que crêem, coisa que não acontece muitas vezes com nossos símbolos, como por exemplo na Eucaristia, celebrada em grandes igrejas, onde, em primeiro lugar, um bom número de pessoas não se conhecem e, em segundo, o padre eleva na consagração, um pão que exige dupla fé: de que aquilo é pão e que Jesus está ali. Nossas liturgias poderiam ser bem mais simbólicas se contassem com outros tipos de movimentação, de dinâmicas durante as celebrações, pois o levantar, sentar e ajoelhar-se não correspondem mais à nossa realidade; tudo isso foi introduzido nas celebrações no tempo dos reis e rainhas, quando se fazia genuflexão e se ajoelhavam aos pés dos monarcas. Hoje isso não existe mais e mesmo se existisse, não foi isso o que Jesus nos pediu, pelo contrário ele mesmo nos diz: "Já não vos chamo de servos, mas sim de amigos, pois tudo lhes dei a conhecer" (Jo 15,15). Ele se fez nosso irmão e ao irmão não se submete, mas se ama e respeita e a forma brasileira é o afetuoso abraço e o aperto de mão, tão pouco usados em nossas liturgias.

A própria disposição do ambiente litúrgico em nossas igrejas dificulta o nosso relacionamento com o sagrado, que acontece à distância de um público assistente. E aqui convém lembrar o grande avanço que as comunidades de base deram, ao celebrarem a Eucaristia ou outras celebrações em pequenos grupos.

Outro aspecto muito positivo das comunidades eclesiais de base, é o fato de seus cânticos falarem das lutas, das esperanças e da vida real em que se encontra o povo e principalmente o povo pobre, tornando as celebrações, momentos de profundo encontro onde se faz de novo a experiência das primeiras comunidades cristãs: ser "um só coração e uma só alma" (Atos 4,32).

Por fim, também nossos instrumentos litúrgicos poderiam ser acrescidos se acompanhados por outros de percussão, como o atabaque, o afoxê, o agogô, o pandeiro, o cavaquinho, etc., para que a liturgia se torne a mais autêntica expressão da alma do povo que celebra sua fé na comunhão com os irmãos e com o Pai-nosso, em Cristo e no Espírito Santo.

conclusão

Talvez muitos se escandalizem ao se defrontarem com tal proposta. Isto é compreensível depois de passarem por um processo cultural e religioso que incutiu uma ferrenha mentalidade discriminatória e racista que não admite aprender nada com os outros, como se fôssemos os únicos criados por Deus.

Na verdade, tudo o que existe de bom, concorre para a maior glória de Deus. E não só os cultos afros possuem valores dos quais podemos aprender, como também as demais religiões e culturas. Quem sabe não será por aí que haveremos de tornar-nos um só rebanho de um único pastor.

Nossa liturgia possui valores de uma profundidade imensa, mas corremos o risco de cairmos no vazio se não soubermos valorizá-los e reatualizá-los, tornando-os acessíveis a todos e não somente a um grupinho de privilegiados; para não trairmos o envio do Cristo: "Ide por todo o mundo e evangelizai . . ." (Mt 28,19).

E a Evangelização não se identifica com nenhuma cultura, mas passa por ela. A evangelização é como a cor, ela não existe em si, mas nas coisas. As diversas culturas podem assimilar a boa nova do Evangelho desde que se sintam acolhidas e valorizadas naquilo que de positivo, também elas possuem... "E nisto saberão que sois meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros como eu amei vocês" (Jo 13,35).

Por tudo isso, é imperativo que conheçamos todas as culturas e principalmente as que estão mais próximas de nós e nas quais somos chamados a evangelizar. Não podemos mais ficar condenando os outros, porque isso, entra justamente em contradição com as atitudes de Jesus que não veio para condenar mas para salvar e assim o fez, acolhendo a todos, oferecendo esperança para alguns e exigindo a conversão de outros.

□

em torno à missa dos quilombos

dom pedro casaldáliga

Em cima da hora ou talvez fora da hora já, lhes escrevo esta carta. Vida de bispo não é bem uma sossegada vida de escritor em tempo. A gente consegue escrever "sobre la marcha", rodando pastoralmente, como quem fala para interlocutores mais longínquos, na hora da preocupação ou da intuição maldecantadas.

Hora de preocupação, em boa medida, é esta hora em que lhes escrevo um levíssimo "depoimento pessoal sobre a Missa dos Quilombos **e também sobre a** Missa da Terra sem males". **Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, essas Missas "proibidas", a Teologia da Libertação, a caminhada da Igreja espantadamente olhada como "Igreja popular" por parte de quem não está muito perto do Povo..., tudo acaba sendo o mesmo providencial desafio, a mesma evangélica tarefa.**

Quando Pedro Tierra e eu resolvemos escrever a Missa da Terra sem Males, por ocasião do Ano dos Mártires Missionários (1978), fazíamos questão de "libertar" em nossa Igreja as fontes da memória, do remorso e do compromisso. Era caseiro demais e até injusto celebrar apenas três mártires riograndenses, quando o sangue que correu naqueles pagos — por uma fé, por outra fé, levando o Evangelho, defendendo a Terra e a Vida de um Povo — foi um verdadeiro rio de martírios amontoados. "Os cristãos estamos habituados a reconhecer e celebrar somente os mártires que outros nos fazem. Ignoramos tranqüilamente os muitos mártires que nós fazemos". Assim desabafava eu, naquela circunstância. E não me parece que se possa contestar de modo simplista a esse meu desabafo. Os três e os milhares, "uns e outros, (são) Mártires da Causa Indígena. A Cruz, no meio deles todos. Aqueles, morrendo pelo amor do Cristo. Estes, massacrados "em nome" do Cristo e do Imperador:

... mártires indefesos
pelo Reino de Deus feito Império,
pelo Evangelho feito decreto
de Conquista".

desenho de mveng

verbo filmes

verbo filmes

Da mesma vontade de "libertar" a memória, o remorso e o compromisso cristãos face à História, — ainda mais triste, dos milhões de escravos negros que os "cristãos" deportaram e venderam e utilizaram, — nasceu a Missa dos Quilombos. "Em nome de um deus supostamente branco e colonizador, que nações cristãs têm adorado como se fosse o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, milhões de Negros vêm sendo submetidos, durante séculos, à escravidão, ao desespero e à morte. No Brasil, na América, na África-mãe, no Mundo".

As boas intenções de muitos missionários e as figuras dos não muitos Bartolomé de Las Casas ou Pedro Claver não nos permitem borrar festivamente a dívida "cristã", "eclesial", que contraímos com os Povos Indígenas e com o Povo Negro. Dívida gravíssima, pública, histórica, que deve se pagar publicamente, historicamente. Vejo com muito receio os preparativos que estão se fazendo — na Igreja, na Península Ibérica, nos Estados Unidos, na América Latina — em ordem à celebração dos 500 anos da "descoberta" (e/ou invasão), da "evangelização" (e/ou colonização) da Ameríndia depredada, proibida, ainda hoje com "as veias abertas"...

No transe-anedota da proibição da Missa da Terra sem Males, da Missa dos Quilombos e da Missa da Esperança, o prefeito da Congregação para o Culto Divino, cardeal Giuseppe Casoria, respondia à resposta de Dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB: "Permita-me, Excelência, poder dizer que a resposta recebida, bem meditada, não parece ter notado exatamente o válido significado da alusão feita à chamada Missa da Terra sem Males; nem exprime na realidade a esperada resposta que era de desejar, assegurando que no futuro a celebração da Eucaristia será como deve ser e é, somente memorial da morte e ressurreição do Senhor, e não reivindicação de qualquer grupo humano ou racial". Eu estou plenamente de acordo em que a "celebração da Eucaristia é o memorial da morte e ressurreição do Senhor". Já gostaria de discutir amigavelmente esse incisivo advérbio "somente". Gostaria também de discutir se a Eucaristia pode ou não pode ser — sendo verdadeira Eucaristia — a "reivindicação" de Justiça, Liberdade, Pão, Terra, Vida "de qualquer grupo humano ou racial". Quem celebra a Morte do Senhor já reivindica toda Vida. Quem celebra sua Ressurreição reivindica a Libertação plena das pessoas e dos povos. Sua Páscoa é a nossa Páscoa. Em sua Morte pendem todas as mortes, em sua Ressurreição vivem, sobrevivem todas as esperanças. Desde os primeiros dias das comunidades cristãs, reunidas para celebrar a Ceia, os mártires foram presença até física na mesa da celebração. Os "mementos" da Missa sempre pretenderam incluir, dentro da Memória D'Aquele Morto Vivente que nos incorpora salvando-nos, a memória dos outros vivos e dos outros mortos com quem formamos corpo no Corpo, com quem caminhamos na mesma Esperança, a quem devemos justiça ou amor, cuja cruz "completa o que falta à Paixão" do Crucificado...

verbo filmes

verbo filmes

Apelando — Teologia e Liturgias à parte — ponderava eu também, me referindo a essa proibição vaticana: "Quantas eucaristias não celebramos já, sacerdotes, bispos e papas para comemorar uma duvidosa efeméride cívica ou militar ou para agradecer o donativo, sacrílego talvez, de um príncipe, uma empresa ou uma madame"!

Seja Missa a Missa, seja a Liturgia conhecida e vivida por todos os cristãos como oração pública da fé, como celebração do Mistério Pascal mais fundamentalmente. Preservem-se no universo mundo aqueles gestos, palavras e sentido básicos da Eucaristia, que cabem em toda cultura e em qualquer hora histórica — se a fé é supracultural e católica mesmo —, façamos o Memorial do Senhor — não outro rito rotineiro, culturalmente imposto, nem uma arbitrária dramatização ou show. Mas seja sempre a Missa aquela "memória subversiva" que purifica e compromete a Igreja de Jesus. Ofereçamos na Missa também "o fruto da terra e o trabalho do Homem", assim como a cultura e a história dos Povos. Incorporemos todo sacrifício ao Sacrifício. Comunguemos o Corpo inteiro, Cabeça e membros. Permitam-nos celebrar a Missa hoje, aqui, nós. Com a nossa fé, pessoal e comunitariamente vivida, trazendo ao altar de Deus as concretas lutas, sofrimentos e esperanças de seus filhos. Há muita Missa asséptica por aí, que já não é mais a Ceia do Senhor para os "assistentes" descomprometidos ou atordoados.

Envio juntamente com esta carta truncada um texto inédito de Eduardo Hoornaert, autoridade maior na confrontação Histórica da Igreja e a Ameríndia, da Igreja e o Mundo Negro. Esse texto do Eduardo vale por muitas meditações.

(conf. pág. 16 desta revista)

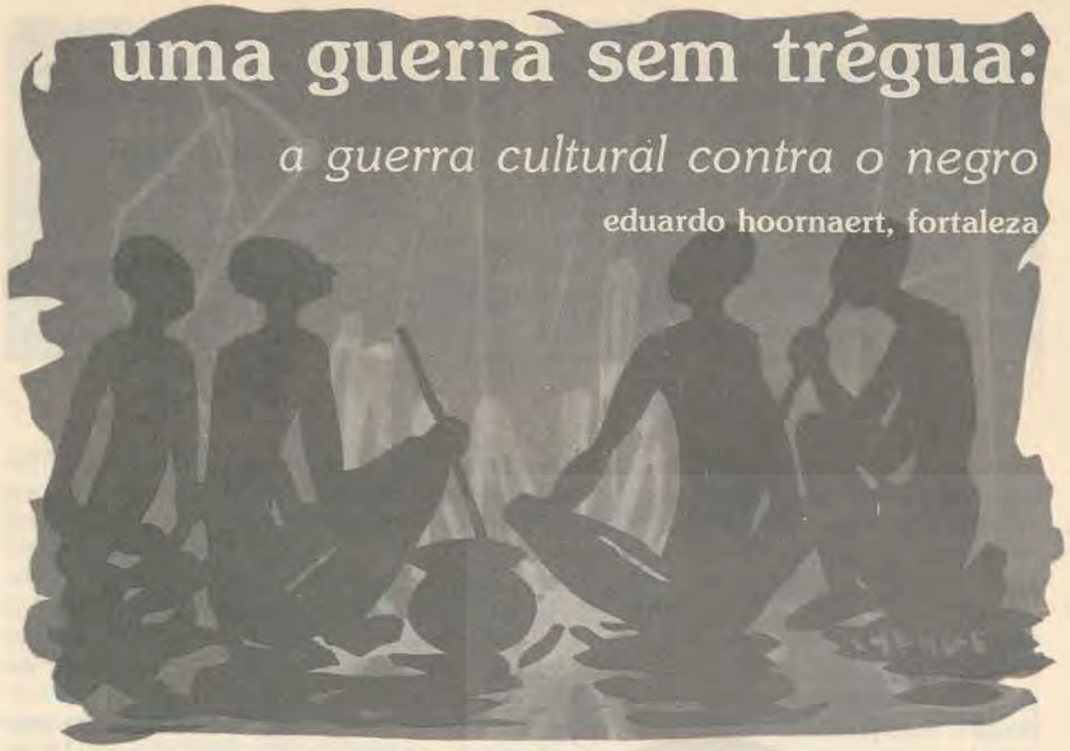
Eu sigo acreditando na catolicidade da Igreja. E por isso a quero católica. Em sua Liturgia também. Creio demais na Eucaristia — Memorial da Morte e Ressurreição do meu Senhor Jesus Cristo — para que aceite vê-la reduzida ao marco estreito de uma cultura ou de uma época. Do oriente do sol até seu ocaso deve-se celebrar a Eucaristia, segundo a exultante constatação dos antigos Padres. Ameríndia, Africana, Asiática, Européia, é sempre a Páscoa de Jesus, a nossa Páscoa. Até que Ele venha!

□

uma guerra sem trégua:

a guerra cultural contra o negro

eduardo hoornaert, fortaleza



desenho de chenge

No seu livro 'Por um Diálogo das Civilizações' (1976), o conhecido autor francês Roger Garaudy afirma que o tráfico negreiro, praticado entre a África e a América dos séculos 15 a 19, foi 'o maior crime da história cometido pelo Ocidente: jamais o mundo conheceu semelhante genocídio'.

Acreditamos que as palavras de Garaudy só apresentam um dos aspectos do comportamento do Ocidente cristão diante do mundo negro: o do tráfico negreiro que de certa forma já pertence ao passado. Acontece que juntamente com o tráfico se praticou uma guerra cultural contra o negro que não terminou nos dias atuais, pelo contrário renasce de mil formas. Por guerra cultural entendemos uma guerra feita por palavras, preconceitos, símbolos, insinuações, discriminações, humilhações. Enquanto as armas materiais amedrontam os corpos e às vezes os ferem e matam, as armas culturais penetram no próprio tecido social em que os corpos se movem, ferem as mentes e as mentalidades, se transmitem quase automaticamente por gerações e envenenam o relacionamento humano de forma durável. O mundo em que vivemos é feito de realidades econômicas, sociais e políticas, mas estas realidades se nos apresentam sob forma de símbolos. O símbolo 'branco', por exemplo, significa dignidade, honestidade, bem estar, 'status', prestígio, enquanto o símbolo 'negro' significa ignorância, atraso cultural, preguiça, deslealdade, falta de dignidade. Estes significados não são espontâneos, de maneira alguma, eles são resultados de uma guerra cultural que não conhece trégua, e renova continuamente seus arsenais.

Jesus de Nazaré disse que a guerra cultural é muito mais temível que a guerra convencional: 'Não temam os que só podem matar o corpo mas não a alma: temam antes o que pode lançar o corpo e a alma ao inferno' (Mt 10,28), matando a própria personalidade, a dignidade, a identidade, a raiz cultural, a memória do passado e o projeto do futuro, e lançando por conseguinte a pessoa e seus descendentes numa vida sem história e sem dinamismo de mudança.

Foi o que aconteceu com o negro transplantado às Américas: atacado na sua personalidade ele perdeu em parte sua identidade e se tornou presa fácil nas mãos dos que se aproveitavam dele economicamente.

Dizemos, 'em parte', pois o negro respondeu à guerra cultural armada contra si, por outra, não menos sutil nem menos eficiente. Mas nestas páginas não vamos comentar a resposta do negro e sim as formas que revestiu a guerra cultural por parte dos brancos, pois é aí que podemos agir como cristãos, detectando armas e desmantelando os arsenais de guerra. Pretendemos passar rapidamente em revista os arsenais da guerra cultural contra os negros, para verificar como eles se insinuam no discurso teológico, filosófico, científico produzido pela cultura ocidental nestes dois mil anos de cristianismo.

o arsenal teológico

O cristianismo já herdou das condições sociais vigentes no Império Romano todo um arsenal ideológico dirigido contra o negro, escravo do branco naquela época, e o incorporou sob forma de teologia. Esta 'doutrina comum' acerca do negro se verifica sobretudo nos escritos dos seguintes Padres da Igreja: Orígenes, Ambrósio, Agostinho. O texto gerador é Gn 9,18-27, a maldição de Noé. O episódio é conhecido: Noé, após beber vinho, ficou nu dentro de sua tenda. Cam, pai de Canaã (símbolo da África), viu a nudez de seu pai e chamou os seus dois irmãos Sem (símbolo da Ásia) e Jafé (símbolo da Europa). Sem e Jafé tomaram um manto e cobriram a nudez do pai, que, — acordado, — soube o que o filho mais novo, Cam, fizera e pronunciou as seguintes palavras: 'Maldito seja Canaã, que ele seja para seus irmãos o último dos escravos'. E disse também: 'Bendito seja Javé, o Deus de Sem e que Canaã seja seu escravo. Que Deus dilate a Jafé, e que Canaã seja seu escravo'.

Este texto bíblico será abusado no sentido de comprovar que a escravidão negra é uma conseqüência do pecado de Cam, uma espécie de pecado original. Assim Ambrósio: 'Os escravos provêm do pecado como Cam o filho de Noé, o primeiro que por culpa própria recebeu o nome de escravo' (Migne, Patrologia Latina, 17, 409). E Agostinho: 'Este nome (escravo) provém da culpa, não da natureza' (De Civitate Dei, 19,15). Orígenes comenta que o ser-negro é associado ao pecado, constitui uma espécie de estado de pecado permanente que afeta os que vivem 'além do rio Etíope', que foi atingido por excessivos pecados e malícias, e resultaram escuros' (Migne, Patrologia Grega, 13, 103). A famosa maldição de Noé, repetida numerosas vezes nos escritos cristãos e constituindo uma doutrina comum dos cristãos, foi usada abundantemente na época do tráfico negreiro. O mundo era julgado ser repartido em três áreas: a de Jafé (a Europa), a de Sem ou dos Semitas (a Ásia), e finalmente a terra, de Cam ou dos Camitas (a África). Tudo parecia revelado por Deus, inclusive a pecaminosidade essencial dos Etíopes ou habitantes da África: 'A cor dos Etíopes significa as trevas da alma e sua hediondez, que se volta contra a luz, se deixa envolver por escuridão, é mais parecida à noite do que ao dia' (Ambrósio, em Migne, Patrologia Latina, 14, 128). Os europeus possuiam um direito teológico a se aproveitar do trabalho dos africanos que era por sua vez uma forma de redenção do pecado, de penitência: 'Eu sou negra pela ignobilidade do meu gênero mas bonita pela penitência e pela fé' (Orígenes comentando as palavras: 'negra mas formosa' do Cântico dos Cânticos, 1,5, em: Migne, Patrologia Grega, 13, 110).

o arsenal filosófico

Durante o século 18 o arsenal de guerra cultural montado contra os negros se ampliou consideravelmente pelos trabalhos dos assim chamados filósofos ou enciclopedistas franceses que, de igual forma como os Padres da Igreja, na realidade representavam a comum opinião da época em vez de propor reflexões originais. Os nomes são Diderot, Voltaire, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau. Estes filósofos ficaram impressionados pela multiplicidade de línguas sobre a terra e iniciaram a pesquisa lingüística comparativa da maneira seguinte: as línguas humanas, no iní-

cio simples, se tornaram complexas com o aperfeiçoamento da razão. As línguas que os europeus encontraram através da expansão colonial eram julgadas simples, parecidas com o balbuciar das crianças, primitivas, que deram origem às línguas européias complexas como o francês e o inglês. As línguas primitivas estão mais perto da matriz lingüística original e são pretéritas diante de nossa modernidade. A Europa é moderna, o mundo não-europeu 'selvagem' e pré-histórico. Estabelece-se uma relação entre civilização (uma palavra mágica no século 18) e situação selvagem. A civilização é moderna e contemporânea; a selva pelo contrário primitiva e pretérita. Quando dialogamos com o mundo não-europeu dialogamos com o nosso próprio passado. A dispersão geográfica é ideologicamente transformada em sucessão histórica e desta guinada nasce o postulado de uma evolução unilinear, tão universalmente aceito no século 19, evolução da qual a Europa representa o ponto mais avançado e os negros o ponto mais atrasado. O 'outro' se torna uma etapa na nossa própria evolução, uma forma inacabada de nossa própria perfeição. Desta forma a Europa 'engole' as outras culturas praticando uma antropofagia muitíssimo mais perniciosa do que a antropofagia da qual os europeus acusavam os índios americanos. A ideologia iluminista dos enciclopedistas é antropófaga na medida em que nega a 'alteridade' dos não-europeus para só se aproveitar do que estes produzem. Esta antropofagia passa pela 'glotofagia', o ato de engolir as línguas e expressões culturais em geral, o reduzir das línguas múltiplas numa só língua chamada civilizada e imposta: o português, o espanhol, o francês, o inglês, o holandês.

Esta filosofia preparou as bases para a discriminação contra os negros. Operam-se as seguintes distinções: língua-dialeto; civilizado-selvagem; moderno-atrasado; nação-tribo; branco-negro; cristão-pagão; religião-superstição. Estas distinções, cujo maniqueísmo não escapa a ninguém, funcionam até aos nossos dias. Nelas se baseiam os dogmas do colonialismo filosófico que afirmam que os colonizados ganham tudo em aderir à cultura dos colonizadores e que as culturas não-européias são inaptas a veicular noções científicas. A ideologia iluminista do século 18 prepara desta forma a ideologia positivista do século 19, no qual a ciência, palavra deveras mágica, se torna a máscara da ideologia colonialista e discriminatória.

o arsenal científico

Interessante observar que o século 19 é ao mesmo tempo o período da expansão do colonialismo inglês e também o do positivismo científico: ambos andam de mãos dadas. Vejamos alguns marcos na formação do arsenal científico contra o negro durante este século.

Darwin analisou a vida e sua evolução segundo os princípios de luta pela vida (struggle for life), seleção natural, sobrevivência do mais apto. É fácil ver a relação entre estes princípios 'científicos' e a luta contra os negros: os brancos são melhores do que os negros, pois são mais selecionados e ganharam na luta pela sobrevivência.

Um outro cientista inglês, Galton, falou do caráter hereditário do gênio e da inteligência e sugeriu a aplicação aos homens, de técnicas de seleção que se aplicam ao gado para chegar a uma 'raça' superior. Já estamos diante do racismo, maior produto ideológico do colonialismo inglês no século 19.

O francês Gobineau é considerado 'pai do racismo' porque transformou as idéias difusas de seu tempo acerca de raças em teoria científica: ele elaborou técnicas de classificação de indivíduos com a finalidade de 'criar' raças superiores e raças inferiores, já que os indivíduos de determinada 'raça' não conseguiram responder corretamente a questões respondidas facilmente por representantes da outra raça. No famoso Q.I., o teste do coeficiente intelectual, ainda temos um exemplo disso. Gobineau procurou provar que certos povos são intrinsecamente superiores a outros por sua civilização ou outros atributos sociais. Por conseguinte a humanidade deve proteger as raças superiores contra a ameaça das raças inferiores, pois há uma relação direta entre as faculdades intelectuais de um indivíduo e sua posição social. Assim a classe média que emerge da evolução histórica na Europa no século 19 tem um direito por assim dizer 'biológico' a privilégios, pois representa a ponta mais avançada da evolução humana.

Gobineau e outros acreditaram que a ciência da hereditariedade permitiria o advento de uma humanidade melhor. Na lógica deste pensamento a 'raça' inglesa, que comprovou ser a mais 'apta', tinha um direito 'biológico' à expansão colonial e mesmo um dever civilizatório, um pouco na linha do que Antônio Vieira imaginara acerca do povo português que, segundo ele, tinha um sagrado dever de evangelizar os índios.

Na opinião comum do século 19 o negro era assimilado ao pré-humano. A vulgarização das idéias de Darwin deu a entender que o homem é herdeiro do macaco, sendo que o negro estava mais próximo do macaco que o branco. Um sem-número de estudos 'científicos' procurou comprovar esta opinião, segundo a qual os negros se situam entre os macacos superiores e os homens. O homem branco nada tem a aprender do negro que é genética e biologicamente inferior. Mesmo cristianizado o negro permanece inferior pois não é capaz de 'mudar de cor'. A cor condena o negro, de maneira irremediável.

foto ciric

depor as armas

Poderíamos alongar a lista dos preconceitos contra o negro e de sua formação histórica mas pensamos que cada leitor tem sua história particular a contar: todos somos marcados por uma ideologia discriminatória contra os negros. O que mais impressiona é que o cristianismo, nos dois mil anos de história, não atingiu este 'bloco ideológico' que permanece marcado por idéias alheias ao modo de pensar e agir de Jesus de Nazaré. Trata-se de um terreno virgem para o trabalho da evangelização. O grande mérito da MISSA DOS QUILOMBOS está no fato de ter penetrado neste terreno praticamente não trabalhado pelo cristianismo. Paradoxalmente a missa foi manipulada durante séculos pelo colonizador europeu sem que a oficialidade da igreja ficasse reagindo. Quando, porém, ela se torna símbolo da dignificação do negro, fala-se em abuso e unilateralismo.

Estas reações suscitadas pela Missa dos Quilombos provam a sua organicidade: existem numerosos estudos acadêmicos acerca da situação econômica e cultural do negro, mas estes estudos circulam apenas nos ambientes alheios à prática popular. A Missa dos Quilombos, pelo contrário, 'mordeu' sobre a realidade vivida por nós aqui no Brasil diariamente, e provocou reações 'viscerais', muito mais que a Missa da Terra sem Males que tinha alertado para a questão indígena no Brasil. A questão indígena por assim dizer é vivida na 'fronteira' do sistema capitalista, no limite de expansão do mundo civilizado. A questão negra, pelo contrário, toca no âmago do capitalismo: os negros vivem dentro de casa, trabalham para nós, limpam nossas roças, transportam nossas mercadorias, dirigem nossos carros, vigiam nossas propriedades. Eles fazem parte do tecido de nossa sociedade e não podemos senão discriminá-los de alguma forma sob pena de romper o tecido que constitui a nossa convivência.

A Missa dos Quilombos abre horizontes para o futuro da tarefa evangelizadora na América Latina e mesmo dentro da Igreja como corpo social.

□

celebrando a vida

penha e silde

na festa do natal

Apresentação:

O que segue são apenas algumas pistas que poderão ajudar na preparação do natal. Não pretendemos fornecer um modelo, pois cada comunidade é uma realidade diferente e a celebração é sempre expressão de uma comunidade concreta.

Isto exige uma maior preparação por parte de quem presta o serviço de animar a celebração, mas sem isso não podemos pensar numa celebração que seja expressão da fé e da vida.

Os cantos que estão indicados, são sugestões. Eles devem ser escolhidos de acordo com a dinâmica da celebração e os acontecimentos da comunidade e devem ser conhecidos de todos, pelo menos os refrões.

o local da celebração:

A arrumação do local onde vai ser a celebração é muito importante. Na liturgia, as palavras, principalmente a Palavra de Deus, têm muito valor. Mas não bastam as palavras, para que uma celebração seja bem participada. O gesto, o canto, o movimento, os sinais, as cores, etc., são elementos capazes de enriquecer a nossa celebração comunitária. Tudo aquilo que pode ajudar a comunidade a exprimir sua caminhada, é bem vindo na celebração. Cabe ao pessoal que vai preparar, descobrir os sinais, os gestos, os cantos... que vão contribuir para uma maior participação de todos. Seguindo, naturalmente, o espírito do tempo litúrgico e a realidade na qual a comunidade está inserida.

Por exemplo: agora estamos celebrando o natal. O presépio é certamente um símbolo bem popular, conhecido em todos os lugares. Ele lembra que um dia, Deus resolveu viver a nossa experiência humana e veio ao mundo como qualquer outro homem. Não apenas quis ser homem, mas se fez pobre com os pobres. Foi tão pobre que até acabou nascendo num curral de boi... O presépio lembra que Jesus veio para anunciar um mundo diferente, onde não mais exista distância entre ricos e pobres.

Em geral, os presépios são montados levando em consideração o contexto histórico em que Jesus nasceu. O curral de boi, no Evangelho, significa que Jesus nasceu fora da cidade, na periferia, fora do convívio e do conforto das classes abastadas.

Então, para que o nosso presépio não fique apenas na recordação do fato passado, precisamos descobrir o que é em nossa realidade concreta este curral de boi. E o menino quem é?

Um presépio vivo (mostrando a realidade onde moramos), com uma criança viva, poderá lembrar com muito mais força o menino de Belém, que continua nascendo em muitos "currais" do nosso tempo!

Tudo deve ser feito com os pés no chão, mas sempre para provocar a vida, para recobrar o ânimo na luta, para suscitar a esperança, pois o nosso compromisso é com a Vida!

O centro de atenção é o menino e tudo o que significa o seu nascimento no mundo (não é o papai-noel o centro de atenção). A sociedade de consumo trocou o MENINO pelo velho barrigudo, que se tornou um mito capaz de provocar as melhores vendas e as melhores compras. Então, creio que devemos mais é que acabar com o papai-noel e não incentivá-lo. Não tem sentido, colocar ao lado do presépio, sinal visível da opção de Deus pelos pobres, o sinal contrário, do capitalismo consumista.

Outro costume é o da árvore-de-natal. No mundo capitalista ela é feita de plástico e aparece cheia de bolinhas coloridas, tão caras que só rico pode adquirir. Se achamos importante este elemento, talvez tenhamos que recriá-lo a partir da vida. Em algumas regiões do interior, por exemplo, o pessoal coloca ao lado do presépio, uma árvore viva. Nela penduram os frutos colhidos nos roçados ali por perto, para lembrar que natal é anúncio de vida, que no caso dos camponeses, começa quando a terra produz uma boa colheita.

acolhida:

O início de toda celebração deve ser marcada pelo acolhimento, pela alegria, pelo sentido de festa e mais ainda, neste dia de natal. O ambiente festivo ajuda, mas a comunidade reunida na amizade e na fé de Jesus, vai criando esse clima fraterno, à medida em que as pessoas vão chegando.

É importante que todos se sintam a vontade, como se estivessem em casa, pois a Igreja é a casa de todos e a reunião que está acontecendo é uma reunião de irmãos.

Na hora marcada para o início da celebração, quando todos já chegaram, a pessoa encarregada da animação convida os presentes para a escuta da Palavra, para a partilha dos dons e da vida, dando continuidade à celebração que começou quando as pessoas começaram a chegar e, quem sabe, antes ainda.

por exemplo:

Estamos reunidos hoje para juntos partilharmos da vida de Deus que se fez presente no meio de nós. Esta vida é Jesus, que veio fazer, com todos nós, a experiência de ser humano, de ser pobre com os pobres.

Ele veio em Belém, antigamente. Ele veio sempre! Ele ainda vem! Ele nasce aqui, nasce ali... Qualquer sinal de vida, qualquer sinal de amor, é Jesus que nasce, trazendo a esperança de um mundo sem dor.

Tudo isso desperta em nós alegria, alimenta a nossa esperança e nos faz ensaiar cantando, o tempo novo da libertação:

Canto:

Celebremos com alegria o dia em que Jesus nasceu, pois os anjos também cantam: "glória in excelsis Deo!"

1. **Vinte e cinco de dezembro, meia noite deu sinal, que nasceu Jesus em palhas, hoje é noite de natal.**
2. **Cristo veio à nossa terra, mas o povo o rejeitou, preferiu a fome e a guerra, sua paz não aceitou.**
3. **Recusemos a injustiça e o mal que ela nos traz, aceitemos Jesus Cristo, que é o príncipe da paz.**

Leitor 1: A alegria que cantamos no natal, não é uma alegria eufórica, nem uma alegria fruto de presentes caríssimos ou de uísques importados tirados dos salários dos pobres. Nossa alegria vem de Deus que nos dá força para não fraquejarmos diante de toda a opressão que está sobre nós. Nossa alegria é uma alegria fruto da Esperança que o nosso Deus desperta em nós sempre de novo.

Canto:

Nossa alegria é saber que um dia
todo este povo se libertará
pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo
nossa esperança realizará **(bis).**

Leitor 2: A alegria que cantamos no natal, não é uma alegria alienada, de quem está satisfeito com o sofrimento e a morte. A dor está diante de nós, a morte açoita os filhos do nosso povo, e nós não estamos de olhos fechados diante dos roubos que os grandes fazem dos pequenos... Mas a nossa alegria nasce de uma certeza: Deus é nossa força na luta contra a miséria e a morte.

Canto:

Nossa alegria é saber que um dia...

Leitor 3: A alegria que cantamos no natal, nasce da nossa fé na promessa que um dia Deus fez através do profeta Isaías (65,17-22): Ele diz que vai criar um céu novo e uma nova terra. O passado não será mais lembrado. Haverá muita festa e muita alegria. Deus mesmo vai participar desta alegria junto ao povo. A gente não ouvirá mais soluços de tristeza, nem grito de angústia. Não morrerão mais crianças com poucos dias de vida. Os velhos morrerão de velhice. Quem construir casa, será para morar nela. O homem cultivará a terra e comerá do seu fruto.

Canto:

Nossa alegria é saber que um dia...

Leitor 4: Leitura do Evangelho de são Lucas (2,1-12).

A comunidade pode participar com suas experiências da Palavra de Deus, lembrando o sentido do natal de Jesus em nosso tempo. O animador pode ajudar na reflexão, colocando algumas perguntas:

Qual a mensagem que a Palavra de Deus trás para nós hoje?
Por que motivo, Jesus nasce no meio dos pobres, num curral de boi?
O que isso tem a ver com a vida do povo hoje?

Depois da reflexão o animador pode convidar os presentes para apresentarem a Deus, sua oração e seus pedidos. E todos respondem: Senhor escutai a nossa prece.

Animador: Celebrar o natal é um ato corajoso. Quando nós nos reunimos para celebrar o nascimento de Jesus, nós estamos apostando na vida. O menino Jesus faz a gente se lembrar, que apesar de toda situação de miséria e maldade, está nascendo no meio do povo, nas comunidades, uma sementinha de vida, semente de uma nova sociedade. Vamos escutar rezando o poema que canta este sonho de ver um dia o natal realizado:

Projeto de natal

zé vicente — crateús — ce

Leitor 5:

Andando no sertão seco
Eu vi um tronco cortado
Estava seco e queimado
Mas tinha um ramo verdinho
Continuando o caminho
Vi uma roça brocada
Esperando ser plantada
Por uma nova semente
Desejando ardentemente
Nova chuva abençoada

Vi também uma mulher pobre
Dando à luz um menino
Bonito, pequenininho
Igual ao ramo florido
Naquele toco ferido.
Então eu vi que no ventre
Desta terra e desta gente
Se gera um projeto novo
De igualdade pro povo
Que espera unido e crente

Vi o rosto do meu povo
Ferido pela pobreza
Sem ter o pão sobre a mesa
Sem a casa e sem a terra
Cá no sertão, lá na serra
Ou nas beiras da cidade
É triste a realidade
Desse povo judiado
Pelo grande organizado
Maldita desigualdade!

Bendito o santo projeto
Que nasce como em Belém
Nasce aqui e nasce além
Sem muita gente enxergar
Mas ele vai se espalhar
Na boca dos pequeninos
Na vida dos peregrinos
Ele vai se enraizar
Bendito o que proclamar
a força desse Menino!

Se for uma comunidade pequena, se poderia preparar alguns pães caseiros, e neste momento repartí-los entre todos, como sinal visível de uma sociedade igualitária, onde haverá pão em todas as mesas, terra para trabalhar, casa para morar; onde todo mundo vai ter chance de viver dignamente como filho de Deus. Enquanto o pão é partilhado, pode-se cantar um canto apropriado, como por exemplo:

Os cristãos tinham tudo em comum
dividiam seus bens com alegria
Deus espera que os dons de cada um
se reparta com amor no dia-a-dia

1. Deus criou este mundo para todos quem tem mais é chamado a repartir com os outros o pão a instrução e o progresso, fazer o irmão sorrir.

Ou:

Eu quero ver, eu quero ver, acontecer
Um sonho bom, sonho de muitos, acontecer

1. Nascendo da noite escura
A manhã futura trazendo o amor
O vento da madrugada, a paz tão sonhada
brotando em flor
Nos braços da estrela guia
A alegria chegando da dor.

2. Na sombra verde e florida
criança em vida brincando de irmãos
No rosto da juventude, sorriso e virtude
Virando canção.
Alegre e feliz camponês
Entrando de vez, na posse do chão.

3. Sonho que se sonha só
Pode ser pura ilusão
Sonho que se sonha juntos
É sinal de solução
Então vamos sonhar companheiros
Sonhar ligeiro
Sonhar em mutirão.

Oração comunitária: Pai-Nosso...

Animador: Ó Deus, nós te invocamos neste dia, em que celebramos o nascimento do vosso filho Jesus. Nós te pedimos força e coragem para levar adiante vosso plano de salvação. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso filho, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. Amém!

irisfoto

Despedida:

O gesto de despedir é tão importante como o gesto de acolher no início da celebração. Pode ser o momento do abraço da paz, que neste momento adquire o sentido de compromisso com Jesus, que ao se encarnar assume a luta em defesa da vida. O nosso abraço quer dizer que estamos unidos para construir NATAL aqui e agora!

Animador:

Que Deus nos abençoe e nos guarde.
Faça brilhar sobre nós a luz da sua face
e nos dê a sua vida.
Que ele mostre o seu rosto
E nos dê a Paz. Amém!

A dinâmica desta celebração não exige o uso de folheto, apenas a letra dos cânticos e um bom treinamento por parte dos leitores e animador.

documentário e realizações

pe. gregório lutz

encontros regionais de liturgia

Realizaram-se, nos meses de agosto e setembro, três Encontros Regionais de Liturgia:

— 16 de agosto em Belo Horizonte, Regional Leste 2: primeira reunião da Equipe Regional de Liturgia, sob a coordenação de D. Roque Opermann, bispo de Ituiutaba, para definir sua identidade e projetar sua ação na linha de reflexão e ação no campo litúrgico, com a presença da Ir. Irene Brunetta da Linha 4 da CNBB Nacional.

— 20 a 22 de agosto em Campo Grande, Regional Extremo Oeste: D. Osório Stoffel, bispo responsável pela Liturgia no Regional, D. Izidoro Kosinski, bispo de Três Lagoas, padres, um diácono, religiosas e leigos, como representantes das suas dioceses, estudaram, com a assessoria do Pe. Gregório Lutz da Linha 4 da CNBB Nacional a liturgia em geral, a missa, celebrações dominicais sem padre e outros assuntos de pastoral litúrgica, visando especialmente a formação de uma Equipe Regional de Liturgia.

— 10 a 13 de setembro em Anápolis, Regional Centro Oeste: D. Geraldo de Ávila, bispo responsável pela liturgia no Regional, presidiu este encontro de representantes das dioceses do Regional, com o tema: Liturgia e religiosidade popular. Colaboraram no encontro os assessores da Linha 4 (Liturgia e música litúrgica) Pe. Gregório Lutz e Frei Joel Postma. No final do encontro formou-se um "Grupo de amigos da Liturgia no Regional Centro Oeste", que poderia ser o embrião de uma futura Equipe Regional de Liturgia.

a sagrada congregação para o culto divino

1. novidades

No dia 15 de abril de 1984, L'Osservatora Romano, Edição Semanal em Português, publicou as seguintes notícias:

— O Santo Padre aceitou a renúncia, por motivo de idade, do Senhor Cardeal Giuseppe Casória, ao cargo do Prefeito da Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino.

— Dividida em dois dicastérios a Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino:

João Paulo II
Servo dos Servos de Deus
para perpétua memória

Visto que na rápida evolução dos fatos também o que se refere à prática pastoral comporta novas motivações e exige caminhos novos, parece oportuno que seja dividida em dois Dicastérios a Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino, instituída por Paulo VI, Nosso Predecessor de venerada memória, a 11 de Julho de 1975, a qual surgiu da união da Sagrada Congregação para a Disciplina dos Sacramentos e da Sagrada Congregação para o Culto Divino. De fato, ela até agora compreendia duas secções, cada uma com Secretário próprio.

Por isso, após maturada reflexão, decretamos e determinamos que a Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Di-

vino seja dividida em duas Congregações, uma para os Sacramentos e a outra para o Culto Divino. Ambas recebem matéria para o respectivo múnus, a qual, como acima dissemos, foi própria de cada uma das secções. Deste modo efetua-se a mais plena conformação destas Congregações na Cúria Romana, mediante o seu reconhecimento como Dicastérios, que já lhes era próprio.

Dada em Roma, dia 5 de Abril de 1984, sexto ano do Nosso Pontificado.
João Paulo II

— João Paulo II nomeou Pró-Prefeito da Sagrada Congregação para os Sacramentos e Pró-Prefeito da Sagrada Congregação para o Culto Divino, D. Augustin Mayer, Arcebispo Titular de Satriano.

D. Augustin Mayer nasceu aos 23-4-1911 em Altötting, na República Federal da Alemanha. Como monge beneditino, na Alemanha, ele era professor de segundo grau. Em 1939 foi chamado a Roma, para lecionar, em Santo Anselmo, cristologia e teologia sacramentária; de 1951 a 1966 era, ao mesmo tempo, reitor do Pontifício Ateneo Santo Anselmo. 1966 foi eleito abade do seu mosteiro, na Alemanha. A partir de 1968 era também abade-preside da Congregação Beneditina da Baviera. Em 1971 foi chamado de novo a Roma, esta vez para ser secretário da Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, cargo que ocupou até a sua recente nomeação como Pró-Prefeito.

Sucedendo a D. Luigi Dadaglio, foi nomeado secretário da Sagrada Congregação para os Sacramentos, D. Lajos Kada, antes Núncio Apostólico em Costa Rica e El Salvador, D. Virgilio Noè permanece secretário da Sagrada Congregação para o Culto Divino.

2. história

A reorganização daquele dicastério da Santa Sé que é responsável pela liturgia, é a terceira que foi realizada depois do concílio Vaticano II.

Depois do Concílio de Trento, em 1588, o Papa Sixto V tinha fundado a Congregação dos Ritos que, até o Concílio Vaticano II, era o órgão de supervisão dos ritos que resultaram da reforma tridentina, e tinha a seu cargo também os processos de beatificação e canonização. A partir do pontificado de Pio XII, esta Congregação supervisionou, através da Comissão para a Restauração da Liturgia, a revisão parcial do Missal Romano, sobretudo da Vigília Pascal e da Semana Santa, do Breviário e do Pontifical, antes do início do Concílio Vaticano II. No ano de 1964, o Papa Paulo VI criou o Conselho para a Execução da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, como órgão independente para a reforma dos livros litúrgicos do Rito Romano. Em 1969, o Papa Paulo VI dividiu a Congregação dos Ritos em duas: a Sagrada Congregação para o Culto Divino e a Sagrada Congregação para as Causas dos Santos.

Em 1975 o Papa Paulo VI criou uma nova Congregação, em lugar da Sagrada Congregação para a Disciplina dos Sacramentos e da Sagrada Congregação para o Culto Divino: a Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino. Atrás desta medida estava a convicção de que os sacramentos e a liturgia não deveriam estar desligados no supremo órgão da Igreja. No entanto, mostrou-se difícil a integração mútua de dois organismos, dos quais cada um tinha sua história própria.

Devemos agradecer o Papa João Paulo II que ele dissolveu o elo ligado por seu predecessor e fazemos votos que a nova Congregação, depois do seu renascimento, possa cumprir plenamente sua missão.

3. atividades

Durante o Sínodo dos Bispos de 1983, no dia 26 de outubro, o então Prefeito da Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino, fez o seguinte relatório sobre as atividades do seu dicastério:

A Congregação tem duas seções: uma para os Sacramentos e outra para a Liturgia em geral.

1. seção para os sacramentos

Tem esta por sua vez duas seções: a primeira ocupa-se da disciplina canônico-pastoral dos Sacramentos, exceto o matrimônio; e a segunda trata das dispensas, sanções e legitimações do matrimônio e das causas de matrimônio rato e não consumado.

a) atividade realizada:

Refere-se aos seguintes pontos: instruções sobre os Sacramentos; relações com as Conferências Episcopais sobre a pastoral sacramental; colaboração com os outros Dicastérios e Conselhos da Cúria Romana; diálogo com os Bispos em visita "ad limina", faculdades e prorrogações; solução de dúvidas sobre a validade do Sacramento; dispensa de irregularidades e de impedimentos; causas de matrimônio rato e não consumado, etc.

A segunda seção para os Sacramentos preocupou-se da especialização de clérigos e leigos nesta matéria, mediante um "centro" instituído em 1970 e que este ano chegou ao XIV curso de especialização sobre as causas de matrimônio rato e não consumado.

b) atividade programada:

— Prevenção de arbitrariedades e abusos experimentais; promoção de uma maior colaboração com as Conferências Episcopais para a difusão das autênticas interpretações dos documentos normativos, etc.
— Revisão de documentos, como as "Normas" (admissão e formação dos candidatos ao sacerdócio) e a instrução "Sacrosanctum" (sobre a validade jurídico-sacramental e litúrgico-pastoral do matrimônio cristão e da família em formação).
— Redação de novos documentos. Instruções relativas às normas sobre os sacramentos da iniciação cristã, à prática penitencial, etc. Está prevista a publicação de dois novos livros: o "Enchiridion" de todos os documentos pontifícios sobre a pastoral sacramental e das fontes do novo Código, e o Diretório pastoral sobre o material do mencionado Enchiridion.

2. seção para o culto divino

Além dos encontros habituais com os Bispos por ocasião das visitas "ad limina" e com os Secretários das Comissões litúrgicas nacionais, cuidou-se da redação de novos documentos como, por exemplo, o "Novo Ordo" para a coroação de imagens da Virgem. Fez-se uma consulta sobre o uso do latim na liturgia romana e os seus resultados foram publicados. Redigiu-se o Decreto sobre as "Variationes" dos textos litúrgicos em conformidade com o Código de Direito Canônico.

Quanto à atividade programada, está prevista a preparação de novos livros litúrgicos, como o "Caeremoniale Episcoporum", o livro das Bênçãos, o Martirológio romano e o quinto volume da Liturgia das Horas. Está também programada a revisão e atualização de textos litúrgicos já publicados, como o Lecionário Romano. É muito provável a preparação de uma "Instrução" sobre a celebração litúrgica dos inválidos e sobre o uso dos meios audiovisuais na liturgia.

4. encontro dos presidentes e secretários das comissões nacionais de liturgia

Com data de 6 de fevereiro de 1984, a Seção de Culto Divino da Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino enviou a D. Geraldo M. Agnelo, bispo responsável da Linha 4 da CNBB (Liturgia) um convite para um encontro dos presidentes e secretários das comissões nacionais de liturgia, a ser realizado em Roma, na Aula do Sínodo no Vaticano, nos dias 23 a 28 de outubro de 1984. O encontro, convocado por desejo do Papa João Paulo II, terá o tema geral "Vinte anos de reforma litúrgica — balanço e perspectivas". Sábado, dia 27 de outubro, à tarde, haverá uma comemoração do 20º aniversário da Constituição sobre a Sagrada Liturgia. O encontro terminará domingo, dia 28 de outubro, de manhã, com uma solene concelebração de todos os participantes, presidida pelo Papa, na basílica de são Pedro.

Para que se possa chegar, durante os cinco primeiros dias do encontro, a uma visão panorâmica do que foi realizado nas Igrejas particulares do que ainda deve ser feito, as comissões nacionais deviam responder a um questionário de 18 perguntas, divididas em 6 capítulos:

— línguas e livros litúrgicos;
— adaptações da liturgia à Índole e às tradições dos diversos povos;
— pastoral litúrgica;
— funções dos leigos na liturgia;
— outros eventuais problemas locais que gostariam de apresentar;
— o que se espera da Congregação para o Culto Divino no futuro?

□

anotações para homilias

ano (A)

marcelino siwinski

31° domingo do tempo comum

todos os santos

4 de novembro

Apocalipse 7,2-4.9-14
1 João 3,1-3
Mateus 5,1-12a

A liturgia deste domingo nos leva para além deste mundo. Nos faz pensar na comunhão dos santos. Na comunhão em Jesus Cristo, de todos os que Nele morreram. Dos que lutaram por um mundo justo, por um mundo melhor. Dos que deram sua vida para que houvesse mais vida na terra.

Hoje é o dia dos "trajados com vestes brancas". O dia de tantas mães que se consumiram em dedicação pelo esposo, pelos filhos, pela comunidade. Dia de tantos pais que consagraram a vida ao trabalho, às vezes duro, para que a família tivesse o pão necessário, o carinho indispensável e o conforto do lar. Dia de tantos jovens, cheios de esperanças, que tiveram suas vidas ceifadas no campo de batalha, na trama das injustiças dos homens e no testemunho radical ao evangelho de Jesus Cristo. Dia de tantas crianças, que morreram por falta de pão e de condições humanas.

Hoje é dia de festa e de alegria, porque estes nossos irmãos e companheiros de caminhada, "Terminaram o bom combate" e agora estão na casa do Pai.

A liturgia que celebramos é uma liturgia de "Parabéns" a todos os que venceram na grande luta pela vida.

Celebrar a festa de todos os santos, significa fazer memória dos nossos antepassados, que viveram de acordo com o projeto do Pai. Daqueles que não apenas passaram pela vida, mas deixaram marcas profundas por onde passaram.

A Igreja nos lembra com esta festividade, que todos nós somos chamados a viver em *Santidade de vida,* todos nós somos chamados a viver, conforme o direito e a justiça.

Por isso, a festa dos santos é a nossa festa e as bem-aventuranças dirigidas aos santos no dia de hoje, são dirigidas a todos os que temos o nome de cristãos. Para os que já se foram, as bem-aventuranças são um elogio, uma homenagem. Para nós que continuamos na luta elas são um convite constante a entrarmos na dinâmica do Caminho de Jesus e a unirmos sempre a nossa fé à fé de Jesus, a nossa causa à causa de Jesus.

32° domingo do tempo comum

11 de novembro

Sabedoria 6,13-17
1 Tessalonicenses 4,12-17
Mateus 25,1-13

Ao ler a palavra de Deus deste domingo, logo surge uma pergunta: qual a relação que existe entre a sabedoria e as virgens prudentes? Como conseguir a sabedoria?

São Paulo, na carta aos tessalonicenses, fala da esperança, cujo fundamento é a Ressurreição de Jesus Cristo: "se Jesus morreu e ressuscitou — e esta é nossa fé — assim também Deus levará, por Jesus e com Jesus, aqueles que morreram".

A comunidade do Ideal fica a 70 Km da cidade de Fortaleza. Há muitos anos o pessoal se reúne para a oração e leitura da Palavra de Deus. Veio a grande seca. Cinco longos anos. Muitos foram embora. Maridos deixaram esposas e filhos. Jovens tomaram o rumo do Sul. Sem contar aqueles que viajaram para Serra Pelada em busca de ouro. Até hoje não voltaram.

A comunidade ficou com poucos homens e a maioria idosos. As mulheres ficaram com muitos filhos...

O que a comunidade fez? Qual foi a sabedoria da comunidade para enfrentar essa situação tão difícil?

As reuniões, as celebrações, as discussões foram dando luz e idéias para descobrir caminhos.

No enterro de uma criança, junto à sepultura a mãe dizia: "quero agradecer a vocês pela força e pelo apoio. Tamanha bondade só pode vir de Deus".

Um dia, chegou uma Kombi, de uma paróquia de Fortaleza, cheia de alimentos. O pessoal não aceitou que os doadores fizessem a distribuição, pública, solene e em filas. "Só aceitamos se vocês deixarem que a comunidade faça a partilha que achar melhor. Nós sabemos quem está passando mais necessidade".

A dura experiência fez a comunidade descobrir a sabedoria para enfrentar a realidade. Ensinou o que significa ser prudente na partilha e no atendimento aos mais necessitados.

"Fiquem vigiando, pois vocês não sabem qual será o dia, nem a hora".

O dia e a hora estamos vivendo. Não podemos deixar para amanhã a descoberta da sabedoria. Deixar para amanhã é comungar com a filosofia e a história das virgens loucas.

O noivo está chegando através dos desafios e problemas da vida, das necessidades das pessoas, da urgência de a comunidade se organizar para conseguir seus direitos. É entrando na luta que a gente o encontra e Ele chega em nossa vida.

33° domingo do tempo comum

18 de novembro

Provérbios 31,10-13.19-20.30-31
1 Tessalonicenses 5,1-6
Mateus 25,14-30

Neste domingo, será muito importante ouvir o que as pessoas pensam das leituras. Como explicar a parábola dos talentos? O livro dos provérbios tem frases lindas sobre a mulher, mas como este texto se liga com o Evangelho?

Fazia, à noite, uma longa viagem. Já na madrugada, ouço uma conversa que parece ajudar na reflexão sobre a Palavra de Deus.

Pedro, homem inteligente, foi tirado de uma fazenda para ser procurador de alguns negócios do patrão na cidade.

Assis, posseiro, lascado, pai de 7 filhos, doente, viajava para visitar um irmão acidentado por um carro.

A conversa estava animada. Pedro pergunta: "Você é muito sabido em Bíblia, porque vive com ela debaixo do braço. Então, deve conhecer aquela passagem que fala dos talentos?"

Assis responde: "Sim, conheço mais ou menos. Aprendi muitas coisas com a comunidade".

Pedro acrescentou: "Eu acho muito boa essa passagem dos talentos, porque dá certinho com o que eu penso. O pobre é pobre porque não sabe negociar. Não sabe mandar as coisas para frente. O pobre é que nem caranguejo, só aprendeu andar pra trás. O pobre quando pede um dinheiro emprestado, em vez de fazer crescer aquele dinheiro, parece que faz é piorar. Fica mais individado. Não tem jeito não".

Assis, meio sem graça, reagiu: "Eu não sei responder isso não, mas acho que não é bem assim não...".

Pedro continuou: "Olha, se eu te empresto cinco mil cruzeiros, com o tempo você não consegue nem pagar esse dinheiro. O nosso patrão tira esse dinheiro no banco e com um ano ele tem vinte mil cruzeiros".

Assis, balançando a cabeça, prosseguiu: "Eu só sei dizer que a resposta não é essa que você está dando... Eu sou um homem trabalhador, honesto, vivo dando um duro danado e estou sempre na pior..."

Será que o Pedro tem razão? Por quê?

Sem querer responder, apenas com o objetivo de ajudar na reflexão, é bom não esquecer que o mundo e a criação foram colocados nas mãos do homem. A responsabilidade é administrá-los bem. E administrar bem, significa pensar no bem estar de todos, prever a subsistência da população, abrir iguais possibilidades de trabalho, de participação e de decisão.

A página sobre a mulher, no livro dos provérbios, é uma orientação para a vida. A pessoa vale mais que as jóias. O trabalho não é escravidão, mas é alegria e dignifica a pessoa. A partilha dos bens e o estender as mãos ao pobre é o segredo da felicidade. O temor ao Senhor é a força na luta. A confiança nas pessoas traz serenidade, a paz e abre os olhos para ver a beleza nas criaturas.

Viver nesta perspectiva é adiantar-se ao dia do Senhor. É viver como filhos da luz e filhos do dia. Vigiar significa não descuidar da filosofia de vida da mulher do livro dos provérbios.

34° domingo do tempo comum

festa de nosso senhor Jesus Cristo, rei do universo

25 de novembro

Ezequiel 34,11-12.15-17
1 Coríntios 15,20-26a.28
Mateus 25,31-46

Hoje é um dia de festa. Dia muito solene e importante. As leituras nos ajudam a entender o sentido desta celebração.

No Evangelho, Jesus fala com muita clareza. Jesus coloca sem rodeios qual deve ser a prática dos cristãos. Não fala nem na oração, nem na missa. Convida a olhar as situações de sofrimento e miséria em que vivem as pessoas e chama para a responsabilidade que nasce da fé em Jesus.

Ontem dona Cida me dizia que o pior de tudo é o pessoal sofrendo tanto... e ninguém vê, ninguém se compadece...

O que fazer? Como se sensibilizar diante das desgraças dos irmãos?

Teles, da Comunidade de Riachinho, me escreve freqüentemente. A sua carta de ontem traz o resumo da reunião da comunidade:

A comunidade esteve reunida para discutir o problema do vizinho João. O pobre do João tinha perdido todo o roçado. O gado do fazendeiro comera a plantação. João estava muito triste e sem saber o que fazer.

Aí a comunidade começou a refletir e as sugestões foram nesta linha: a Marta disse: "temos que fazer alguma coisa pelo seu João. O pobre perdeu tudo e tem dez bocas para dar de comer". Uma catequista dizia: "Tá na hora de agir. A gente se junta, dá um pouco de feijão, farinha, açúcar, um dinheirinho que é pro seu João ir se desapertando..." Os jovens também deram sua opinião a favor do João.

Pedrinho, que estava enrolando um cigarrinho de palha foi dizendo: "Sou amigo do João. Está na hora de ajudar o pobre. Ele está tão fraco que até o vento carrega ele. Agora pessoal, eu acho que não podemos ficar só nis-

so. Amanhã, esse gado vem invadir outros roçados e ninguém vai ter com que ajudar. É preciso cortar o mal pela raiz".

Será que esta história tem alguma coisa a ver com as leituras? Como?

Jesus Cristo está vivo e presente na Igreja. Continua sua missão na Igreja e através dela. Ele é o começo e o fim de tudo e "por ele tudo foi criado". O Senhor é o fim da história humana, ponto para o qual convergem as aspirações humanas, de todos os tempos. Ele é o ressuscitado, o glorificado. Vivificados em seu espírito, caminhamos para a consumação da história.

Cristo dinamiza todas as coisas e conduz a humanidade à plenitude da vida com o Pai.

A sua presença e ação estão presentes na comunidade de Riachinho e em cada comunidade que busca o bem e a justiça para todos.

Como celebrar hoje a festa de Cristo, Rei do Universo, em nossa comunidade?

1° domingo do advento
2 de dezembro

Isaías 63,16b-17; 64,1.3b-8
1 Coríntios 1,3-9
Marcos 13,33-37

Iniciamos hoje, mais um advento. Primeiro domingo do advento de 1984. Que significa advento em nossa vida e em nossa comunidade? O que mais nos impressiona neste tempo? Por que?

Advento é uma preparação para o Natal. Natal é a celebração do nascimento de Jesus Cristo. Ou seja, é a celebração do Mistério da Encarnação, da presença do Filho de Deus na humanidade. A partir do mistério da Encarnação aconteceu algo profundamente novo na criação. Um Deus veio fazer aqui sua morada. Mudou as relações dos homens com Deus e entre si. A história torna-se grávida de Salvação, de Libertação e de Vida.

Advento é redescobrir sempre de novo quem somos, para onde vamos e o que queremos. É tomar consciência, que Jesus Cristo é peregrino conosco na grande peregrinação que fazemos rumo à casa do Pai. Ele é o Emanuel, o Deus conosco.

Para entendermos melhor o mistério do advento é necessário ter presente a realidade que nos cerca e na qual vivemos.

A situação do país está difícil. A luta pela sobrevivência é a dura cruz de milhões de brasileiros. O desemprego, as injustiças, os salários injustos, a miséria, a fome, a mortalidade infantil, a corrupção, a dominação, a exploração dos pobres são o quadro que contemplamos todos os dias.

O que fazer?

O advento é um tempo de meditação e de discernimento. É um convite para fazermos a encarnação de Jesus nesta realidade a fim de fazer nascer o Reino, uma sociedade totalmente nova, baseada num novo tipo de relações sociais.

Isaías lembra a fidelidade de Deus. São tantos os seus benefícios! Diz que é triste a situação do povo e admite a impossibilidade de voltar a Deus se o próprio Deus não tomar a iniciativa de se voltar para o povo. Faz então, a comovente e confiante súplica a Deus para que volte e volte como pai e redentor. O Pai é a fonte da vida familiar. O redentor era membro da família encarregado de vingar ou resgatar um membro do clã, assassinado ou feito escravo.

Nesta perspectiva, advento é retomar a lembrança dos benefícios de Deus e confiar na ação poderosa e eficaz do Pai. Este mundo ainda está assim, porque a transformação pascal de Jesus ainda não aconteceu em nós. A sua vinda ainda não aconteceu plenamente na vida da Igreja. Quando o Senhor vier de verdade tudo será realidade.

E são Paulo diz que o dom de Deus é para o cristão fruto de segura Esperança. Deus o sustentará na expectativa definitiva do Cristo. A ação do Pai na primeira vinda de Cristo corresponde a um compromisso de fidelidade de levar à plenitude a Salvação, no tempo da segunda vinda. Isto é, o homem e sua realidade, a história e a caminhada de Libertação. O advento é chegada do Senhor, hoje, agora e aqui. O advento se prolongará até o último dia, pois Cristo continuará chegando na vida das pessoas, das comunidades, da Igreja e da humanidade.

Contudo, é preciso estar vigilantes. Cristo diz: "Atenção e vigiai, pois não sabeis quando será o momento". O cristão que vive à espera do seu Senhor ou na presença do seu Senhor que age nos acontecimentos, deve assumir as próprias responsabilidades.

2° domingo do advento
9 de dezembro

Isaías 40,1-5.9-11
2 Pedro 3,8-14
Marcos 1,1-8

É o segundo domingo do advento. Um passo mais perto do Natal. A preparação depende do esforço da comunidade e da dedicação das pessoas.

A volta do povo de Deus, do Exílio para a pátria, converte-se em parábola consoladora e encorajante da consumação de nossa redenção no Reino do Messias.

A figura central de hoje é João Batista. Ele é o precursor do Messias que prega em conformidade com as profecias de Isaías. Prega um batismo de conversão para o perdão dos pecados. Testemunha uma vida austera. Assume a penitência. Compromete-se em preparar a chegada do Senhor. Oferece a própria vida para que sua palavra seja eficaz e produza frutos.

A comunidade de Cedro se reuniu para fazer a novena do natal. O texto da leitura, foi o mesmo do Evangelho deste dia. A conversa iniciou com a pergunta: o que é preciso mudar na comunidade para melhor celebrarmos o natal?

Muitas sugestões foram dadas. A maioria insistiu na força e no valor do batismo. A vivência do sacramento é algo importantíssimo. Trás conseqüências para a vida. É um processo que leva a gente a conhecer sempre mais, a descobrir os apelos de Deus presentes nessa realidade, a comprometer a vida com a mudança da situação e promover a participação da comunidade na solução dos problemas.

Promessas e uma alegre espera caracterizam esse domingo: "O Senhor vem para salvar as nações", e "o que nós esperamos, conforme a sua promessa, são novos céus e nova terra, onde habitará a justiça". Quer dizer, o que mantém a nossa luta de pé, é essa Esperança de que Deus vai criar uma terra nova, repartida entre todos; uma sociedade nova, baseada no direito e na igualdade... até que Ele venha, para tornar realidade este nosso sonho.

3° domingo do advento
16 de dezembro

Isaías 61,1-2a.10-11
1 Tessalonicenses 5,16-24
João 1,6-8.19-28

O terceiro domingo do advento é conhecido por muitos como domingo da alegria.

Na 1ª leitura "o profeta apresenta sua vocação: foi consagrado pelo Espírito do Senhor e enviado para anunciar a Palavra. Sua missão é evangelizar e o conteúdo da sua mensagem é a libertação e a paz para o povo.

No Evangelho, descobrimos que João Batista não é o salvador. A Ele compete levar os homens à Fé em Jesus Salvador. João Batista aponta para Jesus ajudando a comunidade a descobrir que Jesus não está longe, mas está presente no interior da própria comunidade: "no meio de vós está alguém..."

São Paulo chama a comunidade para o sentido da alegria cristã e da oração. Chama para a prática do bem e para o discernimento no Espírito a fim de que saiba examinar criticamente todas as coisas e assumir tudo o que possa constituir um valor autêntico, no processo de humanização.

A história da Salvação que começou muito tempo antes do profeta Isaías, não terminou com João Batista. Jesus assumiu na sua vida um compromisso com essa história que continua até hoje. Nossa comunidade é um elo importante desta corrente que vem de tão longe.

Hoje e aqui, nós somos enviados para anunciar a Palavra. Somos enviados a descobrir Jesus, no meio dos acontecimentos. E com são Paulo, podemos vibrar de alegria; não uma alegria vazia, eufórica, como é a alegria fruto do dinheiro e da fama. A nossa alegria vem do Senhor, que "é fiel e vai agir" a favor dos pobres.

4° domingo do advento
23 de dezembro

2 Samuel 7,15.8b-12.14a-16
Romanos 16,25-27
Lucas 1,26-38

O grande desafio é construir uma morada para o homem neste mundo. A glória de Deus é o homem vivo. A criatura mais sagrada e intocável na terra é o homem. A dignidade das pessoas deve ser salvaguardada a todo custo e acima de tudo. Neste desafio está empenhada a Igreja. É o compromisso existencial de todos os cristãos.

Deus vem morar entre nós para garantir o seu compromisso de fidelidade. O mistério da Encarnação é uma valorização da pessoa humana. Se construimos templos materiais para Deus é para mostrar que todas as pessoas merecem uma moradia digna, acolhedora e confortável.

Um passeio pelas favelas e entre casebres nos alerta como está longe de se tornar realidade o projeto de Deus.

Davi constrói um palácio para si. Depois descobre que a arca de Deus se acha numa tenda. Pensa em fazer um grande templo para Javé. Natan, o profeta, faz uma reflexão com ele. Recorda a Davi como foi a caminhada pelo deserto. Faz ver a experiência das tendas. Diz Deus: "Estive contigo em toda parte por onde andavas e exterminei todos os teus inimigos diante de ti. Eu também te darei um nome igual ao dos maiores da terra. Preparei um lugar para o meu povo, para Israel, no qual o coloquei, para que habite alí estavelmente, sem ser jamais incomodado nem oprimido pelos malvados, como antes...".

Se lembramos tantos agricultores sem terra, tantos posseiros, tantos bóias-frias, tantos migrantes, sentimos que a situação é semelhante à Israel, no tempo de Davi.

Deus quer morar junto do seu povo. E é nas casas, casebres e favelas que mora o seu povo. Não para se acomodar, mas para tirar o povo da escravidão.

Preparar uma moradia digna para o homem é construir uma casa ou um palácio para Deus.

Infelizmente, não aprendemos a lição de Natan. Quantos edifícios luxuosos são construídos, enquanto o povo passa fome. Quantas residências riquíssimas, quantas casas de veraneio supérfluas enquanto o povo passa fome.

Esperar o Natal é preparar uma morada digna para os pobres...

O Evangelho ajuda a entender melhor a reflexão de Natan. Deus vem morar entre os homens. Com isso, reafirma a dignidade da pessoa humana. Vem para ser o Libertador. Um Deus se encarna para fazer acontecer a Salvação e a fraternidade entre os homens.

Somos felizes porque cremos na presença do Mistério do Cristo. Ele nos conduz à vida nova. Nele e por ele caminhamos para a casa do Pai. Nele esperamos a vitória sobre todo o mal e sobre toda opressão.

Natal é a festa que anuncia o mundo que Deus quer. Natal é sonho de um mundo que queremos, juntos, construir.

natal de nosso senhor Jesus Cristo
25 de dezembro

Isaías 9,1-6
Tito 2,11-14
Lucas 2,1-14

Celebramos o nascimento de Jesus Cristo. Hoje é Natal. A alegria invade os corações. "Alegremo-nos todos no Senhor. Hoje nasceu o salvador do mundo, desceu do céu a verdadeira paz!"

Neste dia, uma reflexão se impõe a partir da Palavra proclamada.

Aquilo que experimentamos hoje deveria ser o comum

e o normal de todos os dias do ano. Este é o projeto de Deus. É também a aspiração profunda do homem.

Infelizmente a realidade que nos cerca é outra. São tantos os problemas. São tantos os que sofrem. Tantos os que estão nas cadeias. É incontável o número dos desempregados. Milhares de prostitutas lutando pela sobrevivência, milhões de menores abandonados. Jovens entregues às drogas sem possibilidade de encontrar trabalho, de estudar e de construir um futuro. Tantas pessoas idosas nos hospitais, nas ruas e em casas pobres. São milhões os que morrem, anualmente, de fome. A opressão dos ricos sobre os pobres aumenta cada vez mais. É triste a divisão que existe na sociedade. Até parece que não existe pessoas com o coração de carne.

Não é fácil celebrar o Natal nesta realidade! Como celebrá-lo na perspectiva do Evangelho que Jesus veio proclamar?

Isaías, depois de descrever a escuridão, isto é, a triste situação do povo no exílio, apresenta a Salvação em seu aspecto de luz, de alegria, de Libertação. Fala do libertador: "pois nasceu-nos um menino, um filho nos foi dado. Sobre seus ombros está o império e seu nome é: conselheiro admirável, Deus forte, príncipe da Paz!"

Na verdade, a realidade que contemplamos todos os dias, aguarda o Natal. Espera pela libertação do príncipe da paz. O que cabe ao cristão fazer, para apressar a vinda da libertação?

São Paulo na carta a Tito, fala de três pontos:

— Dá o sentido da vinda de Cristo a nós: é a manifestação da graça de Deus e fonte de salvação.
— Descreve com poucas palavras a obra salvífica realizada por Cristo: "entregou-se por nós para remir-nos de toda iniqüidade, e para purificar um povo que lhe pertence, zeloso no bom procedimento".
— Indica como deve orientar-se a vida de todo cristão: renunciar ao mal, viver na justiça e na fidelidade e esperar o nosso grande Deus e Salvador Jesus.

O Evangelho conta o nascimento de Jesus. Ocorre durante um recenseamento. Os poderosos queriam conhecer suas riquezas, o número de pessoas que estavam sob o seu domínio e quanto poderiam receber de impostos.

Jesus nasce entre os pobres e como pobre. Os pastores lhe fazem companhia. Levam os primeiros presentes. Com isso Jesus mostra claramente a sua preferência. Aposta na força dos pobres para a modificação da situação de injustiça e opressão. Mais tarde os chamará de bem-aventurados.

Para nós que celebramos neste ano o Natal do Senhor, fica aberto um caminho: Serão os pobres que farão aparecer no mundo mais claramente o Reino. Serão mestres que nos farão compreender melhor o sentido e o alcance do Natal.

---

sagrada família, Jesus, Maria e José
30 de dezembro

Eclesiástico 3,3-7.14-17a
Colossenses 3,12-21
Lucas 2,22-40

A leitura do Eclesiástico é um texto muito bonito que lembra aos filhos os deveres que eles têm para com seus pais. Lembra que a atenção e o carinho dos filhos terão que ser maiores, na velhice, na doença e nos momentos mais difíceis. Por trás de tudo isso, descobrimos que o que está em jogo é o respeito à vida humana.

No Evangelho "o centro de atenção é o menino apresentado a Deus, tornando-se alvo das palavras proféticas de Simeão e Ana, que anunciavam o cerne da missão universal de Deus. Jesus é verdadeiro homem, crescendo como qualquer homem e preenchendo a sabedoria de cada dia, pois nele a condição humana vai chegar à plena realização".

Paulo mostra que os cristãos são chamados a crescer e a manifestar dentro da comunidade, a vida nova de que já participam. Essa nova vida se traduz num novo tipo de relacionamento entre as pessoas, implicando tudo aquilo que está compreendido no amor e na paz: misericórdia, bondade, mansidão, compreensão mútua, perdão, caridade, paz, gratidão, correção fraterna...

É esse o clima que vai transformando as relações familiares, para que a família seja o lugar de aprendizado e vivência dos valores do Reino de Deus. Vai aprendendo, com a família de Nazaré, a sair de si e a se comprometer com a justiça, com a verdade, com a construção de um mundo melhor, valores que estão acima de todos os laços familiares.

□

Os homens de "boa vontade" ouviram o canto dos anjos.
Os joelhos fracos se revigoraram, as mãos trêmulas se firmaram e o povo que caminhava nas trevas viu a luz.
Então a Palavra se fez carne...
A Palavra fez chover a Justiça e brotou a Paz nos sulcos da terra.
E vimos a sua glória nos olhos dos pobres que se tornaram homens e a Graça e a Verdade fizeram festa
no sorriso das crianças resgatadas à Vida.
Os que viram a estrela nos abriram o Caminho, sobre o qual hoje nós caminhamos.

assinatura e renovação

Se você já é assinante e deseja *renovar* sua assinatura ou se você deseja *assinar* a revista "a vida em Cristo e na Igreja", então envie:

1) seu nome e endereço completo (rua, n.º, cx. postal, cidade, cep, estado);

2) a motivação da remessa (renovação — assinatura);

à redação da revista "a vida em Cristo e na Igreja"
cx. postal, 7.542
01051 — São Paulo — SP

O preço atual da assinatura (até dezembro de 1984), é de Cr$ 7.000 (sete mil cruzeiros).

O pagamento deve ser feito sempre em nome da revista "a vida em Cristo e na Igreja" através de uma das modalidades abaixo:

— vale postal, pagável em São Paulo, na agência central; ou

— cheque nominal ou comprado, de qualquer banco, pagável na agência centro; ou

— ordem de pagamento contra o Banco Bradesco,
agência 0423 — Barão urbano — SP. Conta n.º 037549-7; ou

— através dos centros de apostolados litúrgicos, nos endereços que seguem:

Caxias do Sul — RS
BR 116, km 126 — São Ciro
tel.: (054) 22-2907

Brasília — DF
Edifício Rádio Center — Lote "P"
loja 1 — tel.: (0612) 226-0938

Rio de Janeiro — RJ
Rua do Carmo, 36
tel.: (021) 252-8426

Curitiba — PR
Rua 15 de Novembro, 172
Galeria Ritz — loja E
tel.: (0412) 33-9825

Porto Alegre — RS
Rua Dr. Flores, 327 — loja 3
tel.: (0512) 26-4359

São Paulo — SP
Rua Conselheiro Crispiniano, 109
tel.: (011) 35-7622 — 37-4272

* notificar à redação qualquer mudança de endereço, sem esquecer de anexar ao novo, o endereço antigo.

Trancados na noite,
milênios afora
forçamos agora,
as portas do dia.
Faremos um povo
de igual rebeldia.
Faremos um povo
de bantus iguais.
Faremos
de todos os lares
fraternas senzalas,
sem mais.
Faremos
a Negra Utopia
do novo Palmares
na só casa grande
dos filhos do Pai.

(marcha final — missa dos Quilombos)

30,00

A VIOLÊNCIA NOSSA DE CADA DIA

Agentes de Pastoral Negros
Diocese de Iguaçu

Da série
"ESTA HISTÓRIA EU NÃO CONHECIA"

APRESENTAÇÃO

EM 1982, COMEMORANDO A DATA DE MORTE DE ZUMBI — 20 DE NOVEMBRO — APARECEU NOSSO PRIMEIRO LIVRETO DE QUADRINHOS. FOI UM SUCESSO A EDIÇÃO. MUITOS QUE LERAM GOSTARAM E PEDIRAM QUE NÃO PARÁSSEMOS COM A INICIATIVA.

ESTE ANO, COM A MESMA INTENÇÃO, PREPARAMOS ESTE TEXTO SOBRE A VIOLÊNCIA DO DIA-A-DIA NA VIDA DO NEGRO, NA SOCIEDADE BRASILEIRA.

QUEREMOS QUE VOCÊ APRENDA A PENSAR DIFERENTE SOBRE A HISTÓRIA DA RAÇA NEGRA, SUAS TRADIÇÕES E SUA CULTURA.

A LUTA DO NEGRO HOJE, MAIS DO QUE NUNCA, É PELA VIDA E PELA MUDANÇA DOS GRILHÕES DE MISÉRIA E TERROR QUE O ENCURRALAM DIARIAMENTE.

MAZZA edições

CAPA:

GAZINELI (sobre foto de Ronaldo Theobald - Ag. JB)

ILUSTRAÇÕES:

BENÉ

PRODUÇÃO EDITORIAL:

MAZZA EDIÇÕES

TEXTO:

MAURILIA, GERUZA, ETELVINA, MAZZA E CARLOS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

NESTE NOSSO PAÍS - BRASIL 1983 - ABDIAS NASCIMENTO, BRASILEIRO, NEGRO, DEPUTADO, APRESENTOU UM PROJETO DE LEI APONTANDO A VIOLÊNCIA CONTRA O NEGRO E CRIANDO UMA COMISSÃO PARA DEFESA DOS DIREITOS DO CIDADÃO NEGRO.

O PROJETO FOI REJEITADO PELA CÂMARA, SOB O ARGUMENTO DE QUE O ARTIGO 153 DA CONSTITUIÇÃO GARANTE ESSES DIREITOS.

ENTRETANTO... ISTO ACONTECE.

PM prende e leva favelados pelo pescoço

Só faltavam os grilhões nos pés. No mais, a cena parecia uma gravura colonial: vários homens, todos negros, amarrados uns aos outros com cordas nos pescoços, caminhavam em fila como se fossem escravos, ao fim de uma batida da PM nos morros da Coroa e Cachoeira Grande, no Engenho Novo. "Não temos algemas para todos. Por isso, tivemos que coagi-los psicologicamente", explicou um tenente.

Indiferente às vaias, os soldados agiam como se a prática fosse rotineira, enquanto as mães, mulheres e irmãs dos **suspeitos** agitavam suas carteiras profissionais, para mostrar que eram trabalhadores. (Pa-

(JORNAL DO BRASIL, 30/setembro/1983)

POR QUÊ?

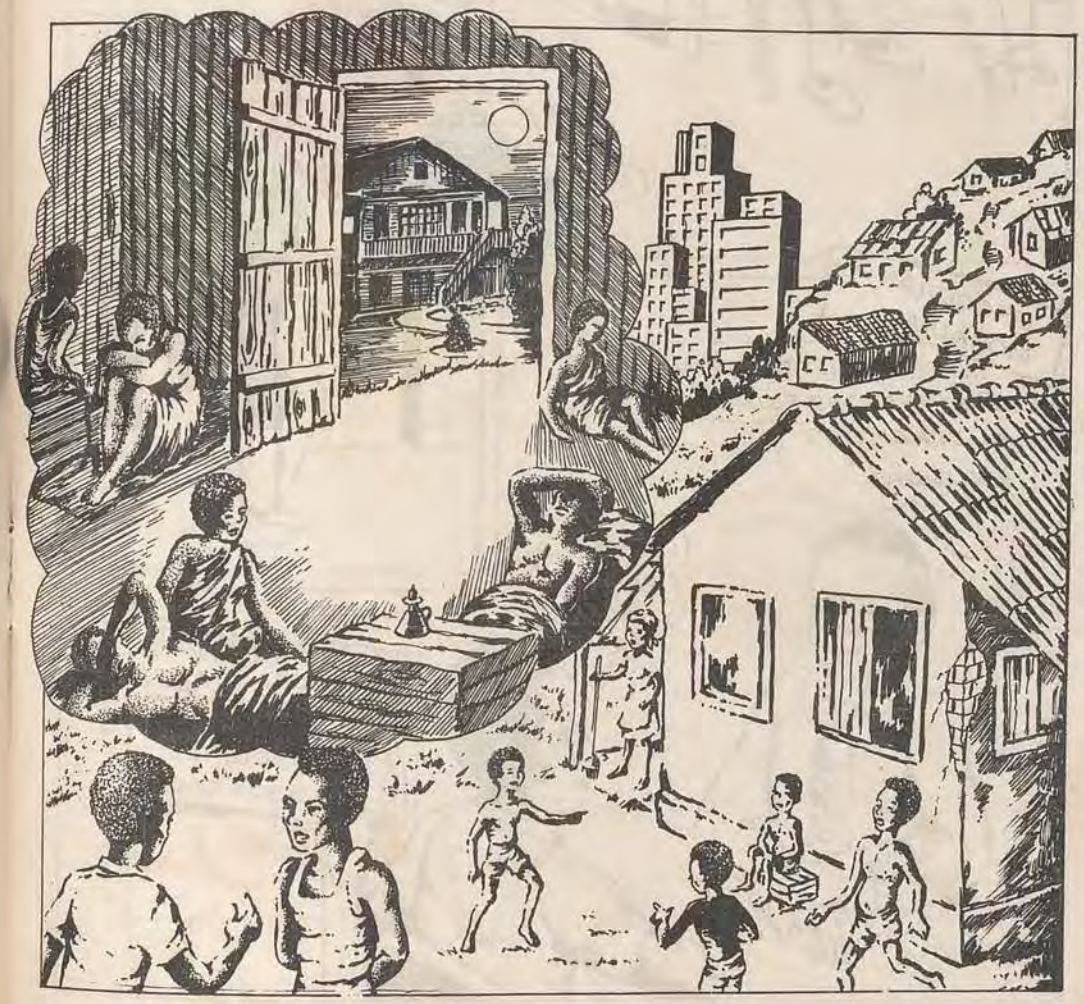
VIOLÊNCIA...

NO DIA-A-DIA

DA SENZALA... À FAVELA, O NEGRO CONTINUA A SOFRER A VIOLÊNCIA DA SOCIEDADE.

CONTINUA SUBNUTRIDO, ENFRENTANDO TODA SORTE DE PRECONCEITO PARA CONSEGUIR TRABALHO...

A GRANDE MAIORIA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA É NEGRA OU MESTIÇA E VIVE CONFINADA EM ÁREAS RURAIS E NAS FAVELAS, NOS CORTIÇOS, ALAGADOS, MOCAMBOS OU EM CONJUNTOS RESIDENCIAIS DE PERIFERIA URBANA.



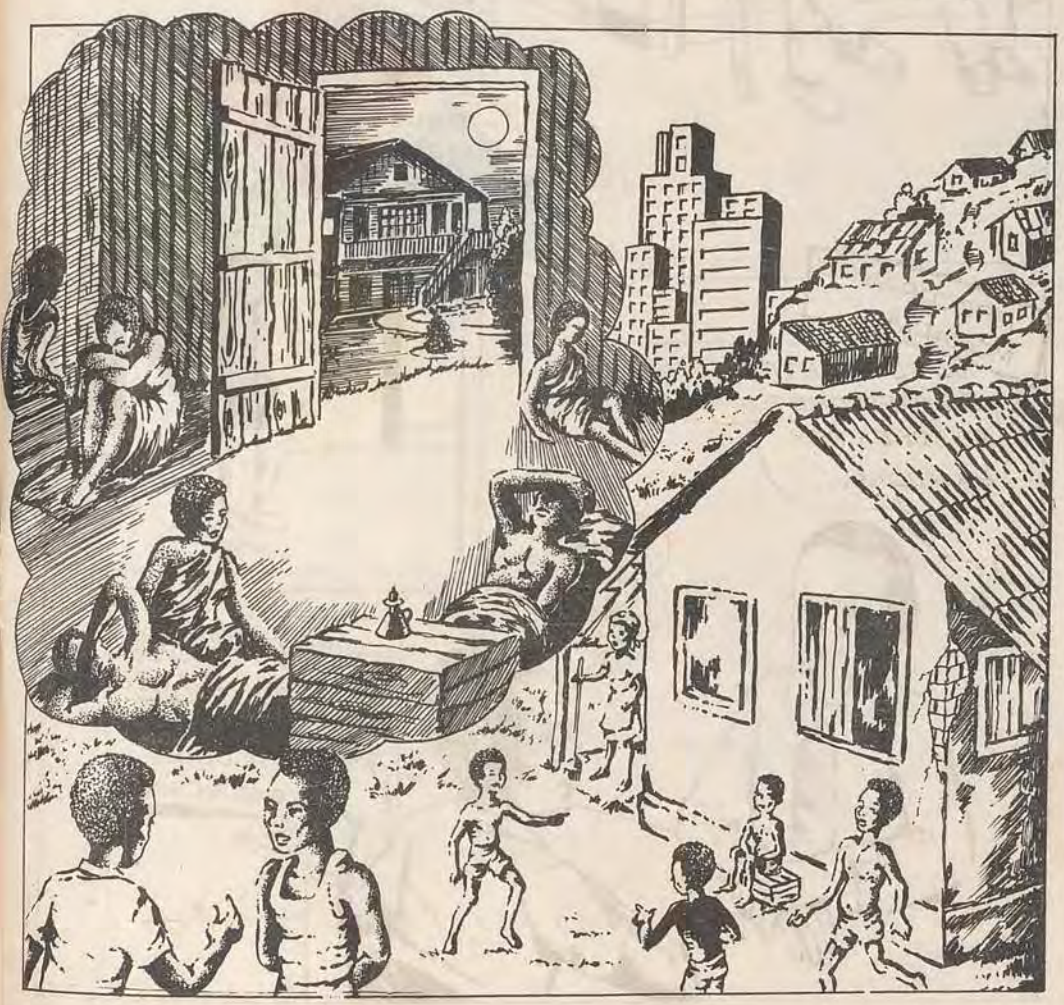
VIOLÊNCIA...

NO DIA-A-DIA

DA SENZALA... À FAVELA, O NEGRO CONTINUA A SOFRER A VIOLÊNCIA DA SOCIEDADE.

CONTINUA SUBNUTRIDO, ENFRENTANDO TODA SORTE DE PRECONCEITO PARA CONSEGUIR TRABALHO...

A GRANDE MAIORIA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA É NEGRA OU MESTIÇA E VIVE CONFINADA EM ÁREAS RURAIS E NAS FAVELAS, NOS CORTIÇOS, ALAGADOS, MOCAMBOS OU EM CONJUNTOS RESIDENCIAIS DE PERIFERIA URBANA.



QUE CONDIÇÕES A SOCIEDADE OFERECE AO NEGRO?

QUE CONDIÇÕES A SOCIEDADE OFERECE AO NEGRO?

PROCURANDO EMPREGO...

TENHO CERTEZA QUE FIZ BOA PROVA.

A MELHOR PROVA É A DO CRIOULO, MAS A VAGA, É DO OUTRO

AUX. ESCRITÓRIO
2.º grau completo. Exige-se boa aparência. Interessados comparecerem à rua Prof. José Rodrigues,

AUX. CRÉDITO E COBRANÇA

...O QUE QUIZERAM DIZER COM BOA APARÊNCIA?

PROCURANDO MORADIA...

INFELIZMENTE, O SENHOR NÃO PREENCHE TODAS AS CONDICÕES EXIGIDAS...

...MAS POSSO PAGAR!

RESIDENCIAL PRINCESA ISABEL
você pode escolher a sua casa

AS SITUAÇÕES SE REPETEM...

CLUBE

...E DIZEM QUE, NO BRASIL, NÃO HÁ PRECONCEITO RACIAL...

SERVIÇO

EI, VOCÊ AÍ! VÁ PELO ELEVADOR DE SERVIÇO.

HOTEL

SENTIMOS MUITO, NÃO TEMOS VAGA.

HOTEL

POR FAVOR, ANTES DE SUBIR AO APARTAMENTO, PREENCHAM AS FICHAS.

AS SITUAÇÕES SE REPETEM...

CLUBE

...E DIZEM QUE, NO BRASIL, NÃO HÁ PRECONCEITO RACIAL...

SERVIÇO

EI, VOCÊ AÍ! VÁ PELO ELEVADOR DE SERVIÇO.

HOTEL

SENTIMOS MUITO, NÃO TEMOS VAGA.

HOTEL

POR FAVOR, ANTES DE SUBIR AO APARTAMENTO, PREENCHAM AS FICHAS.

A BRUTALIDADE POLICIAL É MAIS FORTE EM CIMA DO NEGRO.

GARANTO QUE É VAGABUNDO: NÃO DEVE TER CARTEIRA ASSINADA

VOCÊ AÍ! DOCUMENTOS!

BANCO

EI VOCÊS: CADÊ OS DOCUMENTOS!

CLUBE DE NEGRO É BAGUNÇA; VAMOS DAR UM SUSTO NELES!

CLUBE "JOSÉ DO PATROCÍNIO"

A BRUTALIDADE POLICIAL É MAIS FORTE EM CIMA DO NEGRO.

GARANTO QUE É VAGABUNDO: NÃO DEVE TER CARTEIRA ASSINADA

VOCÊ AÍ! DOCUMENTOS!

BANCO

EI VOCÊS: CADÊ OS DOCUMENTOS!

CLUBE "JOSÉ DO PATROCÍNIO"

CLUBE DE NEGRO É BAGUNÇA; VAMOS DAR UM SUSTO NELES!

NÃO É SÓ PELÉ, MILTON NASCIMENTO, ZEZÉ MOTA, QUE TÊM VALOR. NÓS TAMBÉM TEMOS NOSSO PAPEL NA SOCIEDADE.

VAMOS ASSUMÍ-LO E FAZER TUDO PARA QUE ESSA SOCIEDADE SE TORNE MAIS JUSTA.

VAMOS LUTAR POR NOSSOS DIREITOS E PARTIR PARA A AÇÃO! NÃO SE RESOLVE PROBLEMAS BANCANDO O AVESTRUZ, METENDO A CABEÇA NA AREIA.

"VAMOS MUDAR OS TEXTOS ESCOLARES. HOJE, A CRIANÇA NEGRA APRENDE A DESPREZAR A SI MESMA E A SEUS PAIS E ANTEPASSADOS. NUNCA SE VÊ RETRATADA NO MATERIAL DIDÁTICO COMO SER HUMANO, NEM SUA FAMÍLIA COMO FAMÍLIA HUMANA, COM SUA PRÓPRIA BELEZA E OCUPANDO – COMO PROTAGONISTA – O ESPAÇO SOCIAL, ECONÔMICO, CULTURAL E HISTÓRICO QUE LHE PERTENCE".

VAMOS FAZER VALER A LEI "AFONSO ARINOS", QUE PROIBE E PUNE QUALQUER ATITUDE RACISTA NO BRASIL.

QUANDO É QUE EU ENTRO NESSA?!?

PORTUGUÊS
CIÊNCIAS
MATEMÁTICA
GEOGRAFIA
HISTÓRIA

RACISMO E EDUCAÇÃO

VAMOS DENUNCIAR TODAS AS SUAS MANIFESTAÇÕES

Movimento Negro denuncia o racismo

Esta matéria foi produzida pelo MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE MINAS, através de sua comissão de educadores, onde analisam "o racismo na prática pedagógica" e o emprego das expressões "negro" e "preto" na literatura brasileira. Dentro de sua linha democrática, pois pretende ser um canal de divulgação de todas as correntes de pensamento, o "JORNAL DA EDUCAÇÃO" publica o trabalho na íntegra.

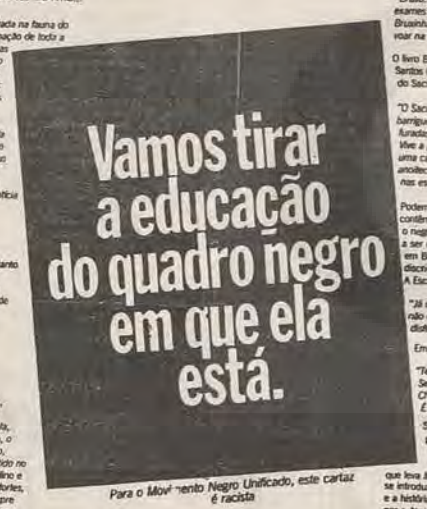
No momento em que toda a comunidade escolar encontra-se mobilizada em torno do Congresso Mineiro de Educação, nada mais oportuno que trazer ao seio dos debates um tema-problema-social dos mais relevantes: Educação e Racismo.

Dentre as propagandas do Congresso uma nos chamou a atenção, aquela que se refere a tirar a educação do quadro negro onde ela se encontra (?)... Percebemos por trás da mensagem uma clara conotação racista muito difundida na nossa sociedade e que é vivamente transmitida nos textos escolares. Aceitando como premissa que um dos objetivos do Congresso é debater amplamente e abrir espaço democrático para um processo longo de reeducação e mudança de comportamento em relação à realidade brasileira, propomos levantar algumas questões para reflexão da comunidade escolar.

Que significa tirar a educação do quadro negro onde ela se encontra? Que significa dizer "o quadro negro da educação mineira"? Algumas pessoas poderão dizer, "não há preconceito nisso, é uma forma de falar, sempre a gente se expressou assim, vocês estão vendo lantejoulas, o quadro negro é sinônimo de escuridão, de falta de referências, queremos criar referências para a educação, traçar caminhos, é nesse sentido que estamos discutindo a educação e foi isso que motivou a elaboração da mensagem...".

Ora, ora, a coisa é mais ampla! Na sociedade brasileira essas expressões transmitem uma nítida conotação de discriminação racial. Fazem parte de um conjunto de estereótipos nacionais sobre os negros. Todo estereótipo envolve um julgamento de valor. Os estereótipos raciais são sempre desfavoráveis aos grupos sociais aos quais se referem. Em relação ao negro são sempre sinônimos de inferioridade, de ruindade, de desgraça: "a coisa está preta" ... "esta crise é a mais negra da história do Brasil" ... Isto é uma constante nos meios de comunicação, nos textos escolares e em muitas obras da literatura brasileira. O racismo na prática pedagógica é ambivalente, sendo feito ao mesmo tempo com habilidade e também de forma aberta. Um exemplo disso é o texto "A GIRAFA BRANCA" do livro Nos Domínios da Linguagem, da 5.ª série, cujos autores são Orlando Bianchini e Maria Antchieta Cunha (Editora F.T.D.):

"A girafa branca, raridade ainda encontrada na fauna do Quênia. A girafa branca sofre a discriminação de toda a manada. Mal-vista e mal amada, segue as outras de longe. É repelida o tempo todo pelas girafas comuns, cobertas de belas nódoas da espécie. A girafa possui olhos grandes e escuros, mas nem esses olhos sombrios e meigos conseguem seus companheiros de manada. Que também não se entenecem com o fato de que ela possui língua imensa e azul escura, como qualquer outra girafa. É branca, e por isso uma verdadeira ovelha negra da família. Apenas duas ou três companheiras mais avançadas a aceitam. Com restrições (Notícia da revista Manchete, Rio de Janeiro — Outubro de 1977).



Para o Movimento Negro Unificado, este cartaz é racista

Outra preciosidade que perpetua o estereótipo e "faz a cabeça" da criança, tanto branca como negra, porque na primeira inculca-se sentimento de superioridade e na segunda, o de inferioridade, é o texto de Orígenes Lessa no livro Atividades de Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa, da 7.ª série e cujo autor é Sargentim (Editora IBEP):

Na página 58:
"os dois garotos brincam na praia. Um branquinho, queimado de sol, olhos claros, quase negro de tamanho sol toda manhã. O outro, negrinho retinto de avós de senzala, de família no morro. O primeiro traz a bola, o segundo traz jogo. O primeiro é bem nutrido, afastado vivo de que calcio de vitamina batido no liquidificador é mesmo bom. O segundo é fino e sujo, os dentes inexplicavelmente claros e fortes, o riso irreverente, a garalhada de areia sempre renovada nas pelejas da praia. Inseparáveis na pelada — Paulinho arma o jogo, Jorginho apanha o couro e arremata de maneira inapelável — uma funda rivalidade os separa em tudo mais. Nunca se entendem. Porque Paulinho é importante, Jorginho um coitado".
Na página 59 continua:

"O meu pai tem retrato no jornal, o teu não tem, tal! É quando Jorginho pula vitorioso. Dessa vez tem resposta. Retira do bolsinho do calção rasgado um pedaço amarfanhado de jornal. Estufe-o peito cheio, orgulhoso no olhar.
— Isso não! O meu também tem.
É em tom de desafio, irretorquível:
— Tu pensa que é só teu pai que é ladrão?"

Uma leitura simples revela uma série de "marcas" raciais, o negro: bom de bola, tavelado, subnutrido, sujo, ladrão e o branco: importante, dono do poder. É importante que se diga que essas "marcas" fazem parte do contexto sócio-econômico que mantém o negro marginalizado desde os tempos da escravidão.

NOTA DO EDITOR: No que se refere à campanha promocional do Congresso, quando uma das peças dizia: "Vamos tirar a Educação do quadro negro em que ela está", julgamos ser apenas uma questão de semântica. Mesmo porque, a palavra "negro" não é propriedade de nenhuma raça e significa, apenas, ausência de luz, segundo o nosso entendimento, embora o Movimento Negro Unificado tenha o direito de discordar.

Na justificativa para a prática do racismo, o texto "Os antigos escravos" de Graciliano Ramos, publicado no livro nos Domínios da Linguagem para 8.ª série, de Maria Antonieta Cunha e Orlando Bianchini (Editora F.T.D.), expressa singelamente:

"Deus, Nosso Senhor, como seus poderes, diviora as criaturas em senhores e escravos".
"Escravos, tinham a certeza de que não lhes faltaria um pedaço de bacalhau, uma esteira na senzala e a roupa de brim com que se vestiam; livres necessitariam prover-se dessas coisas e não se achavam aptos para obtê-la".

Há muitos anos, o líder negro americano Martim Luther King explicava que desde criança, o negro é levado a aceitar e incorporar que tudo o que é ruim é negro, tudo o que dá medo é negro, tudo o que dá azar é negro (o gato preto por exemplo); o que é triste é negro (o luto por exemplo) etc. O ensino em nosso País é muito ilustrativo desses exemplos do mestre Luther King. Na peça "A Bruxinha que era Boa" de Maria Clara Machado isto se constata tranqüilamente. A peça está publicada no livro como ensinar Literatura Infantil, autora Maria Antonieta Cunha (Editora Cultural Brasileira Ltda.):

Na página 137:
"Ângela, a bruxinha loura que não sabe fazer maldades, faz um exame com o Bruxo, o pior feiticeiro do mundo, que se considera o dono de tudo, e não admite ser contrariado. Só passando neste exame poderá ser considerada bruxinha de verdade.
Bruxo:
Por que os cabelos desta bruxa são esquisitos?
Bruxa-Chefe: Ele nasceu assim, sua Ruindade.
Bruxo: Muito estranho isto. É preciso pintá-la com suco de asa de urubu cansado".
Na página 138:
"Bruxo: Você sabe qual é o prêmio para quem não passar nos exames?
Bruxinha Ângela: Ficar presa na Torre de Piche e nunca poder voar na vassoura a jato.

O livro Brasil, minha pátria, de Theobaldo Miranda Santos (Livraria Agir Editora), ao descrever a lenda do Saci Pererê relata:

"O Saci Pererê é um pretinho de uma perna só, barrigudinho, de olhos cor de fogo. Tem as mãos furadas; um nariz de sacó e as orelhas de morcego. Vive a pular, fumando um cachimbo de barro e com uma carapuça vermelha na cabeça. Quando anoitece, persegue os animais e ataca os homens nas estradas".

Podemos citar centenas de exemplos de textos que contêm forte conteúdo racista. Sempre associando o negro ao mágico perigoso, monhoso, preguiçoso, a ser um animal sensual e sexual, a literatura tem em Bernardo Guimarães um especialista em discriminação racial. Na sua famosa obra A Escrava Isaura há a seguinte frase:

"Já que tive a desgraça de nascer cativa, não era melhor que tivesse nascido bruta e disforme como os mais wl das negras?".

Em Gregório de Matos a poesia é agressiva:

"Tem sangue de carrapato
Sem estoraque do Congo
Cheiram-lhe a roupa a mondongo
E cifrar de perfeição".

Surgem então várias questões importantes: por que tantos textos racistas? por que esse reforço de estereótipos em cima das crianças? por que essa prática pedagógica que leva à multiplicação da discriminação racial? por que não se introduz a verdadeira história do negro brasileiro no ensino? e a história da África? e os textos de língua portuguesa feitos por autores africanos?

É evidente que existe um conjunto de fatores que fazem parte de um complexo de dominação maior, que passa pelo controle racial tendo na educação seu principal reforço. O preconceito é cotidianamente recriado pelas relações sociais contemporâneas: nas escolas, escritórios, fábricas. Na exclusão a que são submetidos em termos de emprego e renda. De acordo com o Censo Demográfico de 1980, há 48% de negros sem ou com menos de 1 ano de instrução. A proporção de pessoas negras com rendimentos até de um salário mínimo é de 46%. Tudo isto configura uma situação de discriminação racial que se é óbvia nos textos escolares como ficou demonstrado nesta reflexão, perpetua-se em função da exclusão sócio-econômica da população negra.

Consideramos que a constatação é fundamental para alimentar a reflexão crítica da comunidade escolar. Agora, não queremos ficar só aqui. Propomos um debate amplo nos estabelecimentos escolares sobre a problemática racial, desde já nos posicionando, em defesa da inclusão da história da África e do negro brasileiro nos currículos escolares. A melhor forma de iniciar um processo de reeducação é começar a desmistificar o mito da democracia racial, condenando toda manifestação, aberta ou não, de discriminação racial.

VAMOS, ENFIM, NOS CONSCIENTIZAR DE QUE AS SOLUÇÕES PARA O PROBLEMA ESTÃO NA CONSCIENTIZAÇÃO E UNIÃO DOS NEGROS, LUTANDO PELOS SEUS DIREITOS E CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL.

VAMOS INCENTIVAR E APOIAR MEDIDAS QUE VISEM INVESTIGAR E COMBATER O RACISMO, ATRAVÉS DO ESCLARECIMENTO DA OPINIÃO PÚBLICA E DE PROPOSTAS LEGISLATIVAS.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE RESOLUÇÃO
N.º 58, de 1983

(Do Sr. Abdias Nascimento)

Cria a Comissão do Negro

(À Mesa)

A Câmara dos Deputados Resolve: Art. 1.º – Fica criada, na forma do Art. 30 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, a Comissão do Negro, composta de 11 membros, com número igual de suplentes.

Parágrafo Único: Esta Comissão terá vigência até 13 de maio de 1988.

Art. 2.º – À Comissão do Negro compete opinar sobre todos os assuntos relacionados ao negro. Compete-lhe também, em caráter temporário, receber e investigar denúncias de atentado aos direitos humanos e civis dos brasileiros de ascendência africana. Compete-lhe, ainda, e em colaboração com as demais Comissões da Câmara dos Deputados e com as organizações da comunidade afro-brasileira, propor medidas legislativas atinentes ao resgate da história, respeito à identidade étnica e cultural; interesses da educação, treinamento profissional, emprego, segurança, moradia e saúde das populações negras do Brasil.

Art. 3.º – Revogam-se as disposições em contrário.

"Somente construiremos uma efetiva e democrática igualdade étnica em nosso País, recusando a cumplicidade com a mentira e os falsos valores, e desvelando o rosto da verdade racial que preside nossas relações sociais".

(Abdias Nascimento)

VOZ DO SANGUE

Palpitam-me
os sons do batuque
e os ritmos melancólicos do *blue*

Ó negro esfarrapado do Harlem
ó dançarino de Chicago
ó negro servidor do South

Ó negro de África

negros de todo o mundo

eu junto ao vosso canto
a minha pobre voz
os meus humildes ritmos.

Eu vos acompanho
pelas emaranhadas áfricas
do nosso Rumo

Eu vos sinto
negros de todo o mundo
eu vivo a vossa Dor
meus irmãos.

Agostinho Neto

Pedidos para:
MARIA MAZARELLO RODRIGUES – MAZZA EDIÇÕES
Rua Bragança, 101 – Tel.: (031) 467-6999 – 30 0000 Belo Horizonte, MG
ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Regional Leste 1 da CNBB
R. Benjamin Constant, 23 - S. 520 - Tel. (021) 232 2025
CEP 20.241 - Glória - Rio de Janeiro - RJ

Rio de Janeiro, 9 de junho de 1987.

Co 25/87.

Ref.: Informações sobre a CF..

Prezado coordenador da C.F.:

Estive em Brasília, para o encontro nacional da C.F., de 24 a 26 de maio, quando os coordenadores regionais apresentaram os relatórios de avaliação e deram as sugestões vindas das dioceses.

Algumas informações são importantes:

1. quanto ao pedido de material para 88 - O Centro de Pastoral Popular, que cuida da impressão e distribuição, mandará a folha de pedido, para cada diocese, fiquem atentos à este formulário, caso tenham dúvidas se comuniquem com o Regional. Peço o obséquio de remeterem para nós uma cópia do pedido;

2. quanto à avaliação da C.F. - No ano de 88, comemoraremos os 25 anos da Campanha, por este motivo, pensamos em elaborar 2 avaliações, a primeira será para avaliar o tema do ano que vêm (como vem sendo feito) e a outra para uma análise global de todos esses anos de C.F.;

3. quanto à distribuição de material - A tônica das dificuldades da C.F., foi o atraso na chegada do material, houve esclarecimentos, pedidos de desculpas e etc.. . Para o ano de 88, o esquema será aperfeiçoado, assim seja;

4. quanto aos cartazes do lema "Ouvi o clamor deste Povo" - Por insuficiência de cartazes, foi prolongado o concurso para 23 de junho, quando a CEP escolherá aquele que expressa melhor o tema. Seria bom as dioceses divulgar o concurso, mandando seu trabalho para a CNBB;

5. quanto ao tema e lema de 89 - Adiado para junho, onde também será escolhido pela CEP, mediante sugestões das dioceses;

6. Estou vendo com Pe. Amaro a possibilidade de mais uma reunião da CF, talvez no mês de agosto para estreitarmos mais os laços de amizade e trabalho.

Agradeço a todos pela colaboração e fidelidade com que vocês têm levado a Boa-Nova aos Povos, através da C.F..

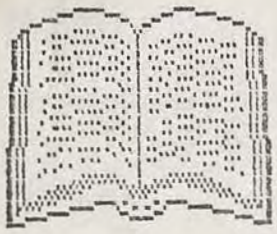
Aldith Maria Teixeira Silva

Aldith Teixeira Silva

Anexos: relatório de avaliação e Boletim "Notícias".

ARTICULACAO NACIONAL DOS PADRES E BISPOS NEGROS - BRASIL

INFORMATIVO No. 7



MENSAGEM FINAL DO IV ENCONTRO DE PADRES E BISPOS NEGROS-92

========= POVO DE DEUS, AXE =========

Em comunhão com os sofredores da maioria do Nosso Povo Brasileiro que são negros (as) em parceria com os construtores do Reino contribuindo eficazmente em nossa sociedade, nós, Padres e Bispos Negros, queremos "aprender a aprender" junto com toda a Igreja do Brasil e sobretudo com os nossos irmãos e irmãs negros. São anos a fio que anualmente dedicamos uma semana inteira a oração, ao aprofundamento da Cultura Afro-Brasileira e Liturgia e a comunhão fraterna, aos desafios que se apresentam ao nosso ministério e vida.

No atual momento procuramos aprofundar os desafios que são apresentados pela Cultura Negra ao nosso ministério celebrativo.

Certos de que não esgotamos o assunto, em apenas 5 dias, queremos partilhar nossos anseios nestas conclusões e que a comunhão dos fiéis em Cristo complementem, se comprometam e se solidarizem conosco:

1o. Entendemos que é fundamental hoje para ser Igreja mostrar o nosso Rosto Negro, em feições eclesiais próprias e através de expressões afro-brasileiras, externar a nossa fé católica, urge coragem e maturidade para nós Padres e Bispos Negros ao assumir do nosso jeito os desafios que nos apontam as culturas afro-brasileiras como sendo instrumentos para as novas fronteiras pastorais e missionárias de Negritude no campo e cidade no Brasil.

Nos propomos na entre-ajuda compreender dialogando até mesmo com os irmãos não cristãos que reunem o Povo Negro em nome de Deus.

2o. Queremos concretizar a nossa missão evangelizadora a partir da opção preferencial pelos pobres e sendo cooperadores na luta por sua libertação. Sabemos que as culturas afro-brasileiras formam a cultura da maioria dos pobres em nossa Sociedade e em nossas Comunidades.

Como evangelizadores negros é fundamental aprender com as riquezas dos pobres, evangelizando-nos, exprimindo na sua cultura a sua Fé, a sua liberdade e o seu testemunho, criativo e crítico, ao Deus Vivo e Verdadeiro.

3o. Assim sendo, queremos contribuir encarnando o Rito Romano, com as contribuições emergentes e que são viáveis a comunhão eclesial através de expressões celebrativas inculturadas.

- Recomendamos aos grupos e agentes negros que buscam estes modos de celebrar na comunhão eclesial que partilhem e amadureçam as experiências em curso;
- Solicitamos um voto de credibilidade aos irmãos (as) em Cristo que não são negros (as) em apoiar, aprender e incentivar, estas celebrações;
- Apelamos aos responsáveis da unidade da ação pastoral de Nossa Igreja Católica um amplo gesto missionário e apostólico. Nós, Padres e Bispos Negros queremos solidariedade neste esforço histórico pastoral aos desafios específicos afro-brasileiros que são eminentemente pastorais; ansiamos respostas recíprocas pastorais.

Pelo Sangue derramado
dos Negros de Queimados, ES, 1842

NOTICIAS INTERNACIONAIS
==========

1. Aconteceu o VII Congresso dos Negros Católicos dos EUA. A Família Afro Americana e os Desafios da Modernidade foi um dos vários conteúdos trabalhados. O VIII Congresso acontecerá em 1997 e já há um convite verbal para enviarmos uma respeitável delegação brasileira (leigos, sacerdotes, formandos, religiosas e Bispos negros).

2. Aconteceu a Ia. Conferência Pan-Africana de Negros Católicos, com representantes de 12 nações, dando um total de 27 pessoas. Numa nova Visão de Mundo a partir da Afro-diáspora foi uma das questões aprofundadas.

3. I Articulação Ecumênica de Negros da América Latina - acontecerá nos dias 19 e 20 de setembro, logo após ao Encontro Ecumênico APD = Assembléia do Povo de Deus (Quito, de 14-18/09/92) - EQUADOR.

4. Conselho Latino Americano de Igrejas está organizando o 1o. Encontro das Igrejas Evangélicas para refletir a emergência de uma PASTORAL AFRO dentro das Igrejas Evangélicas ! Parabéns para CLAI !!! O Encontro será no Panamá.

REDAÇÃO:

Rua Venceslau Brás, no. 78, 1o.andar, sala 101
CEP 01016 - São Paulo - SP

VV

Cecilia

O nome é Manoel
↳ Bertão
Belchior

Rua Clara de Araújo nº 1831
Bairro Cruzeiro do Sul
Nova Iguaçu
perto da igreja Sta Rita
no fundo do Asfalto e Sta Amanda
7 67 23 19

NOV. 2018

pastoral do negro

I+99491

~~G+E~~ 198> - 1989

I+99491

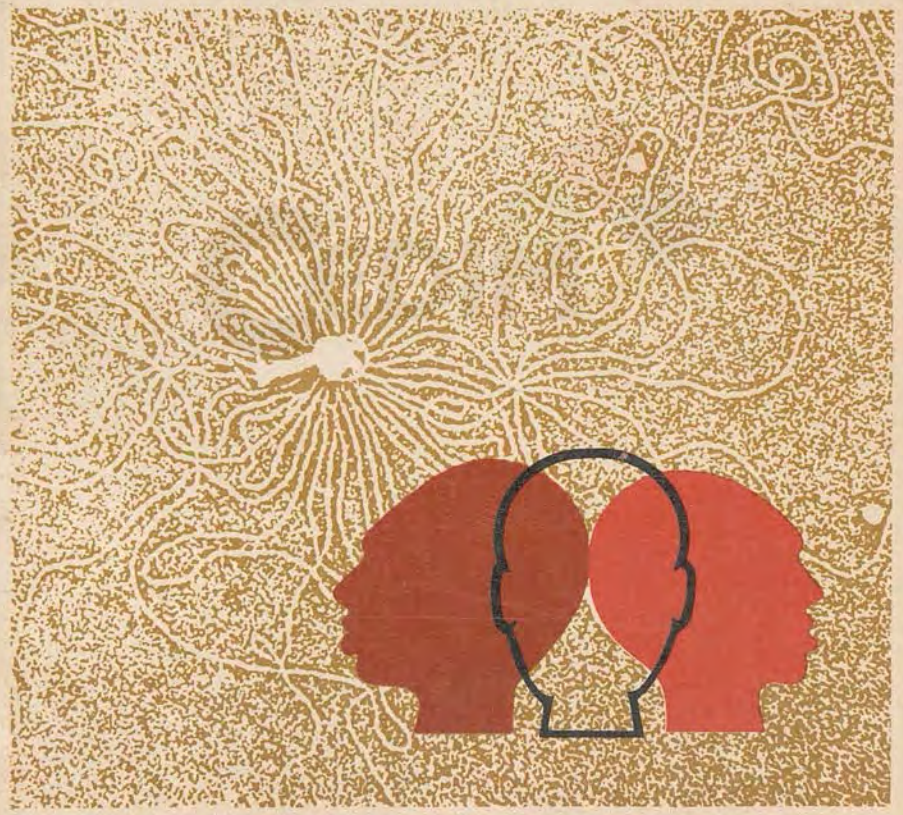
Tirado REVIST ECCLESIÁSTICA

brasileira 48 FASC. 189 03/1988

COSMOVISÃO 4 VOZES

8ª EDIÇÃO REVISTA

brasil:
laboratório racial

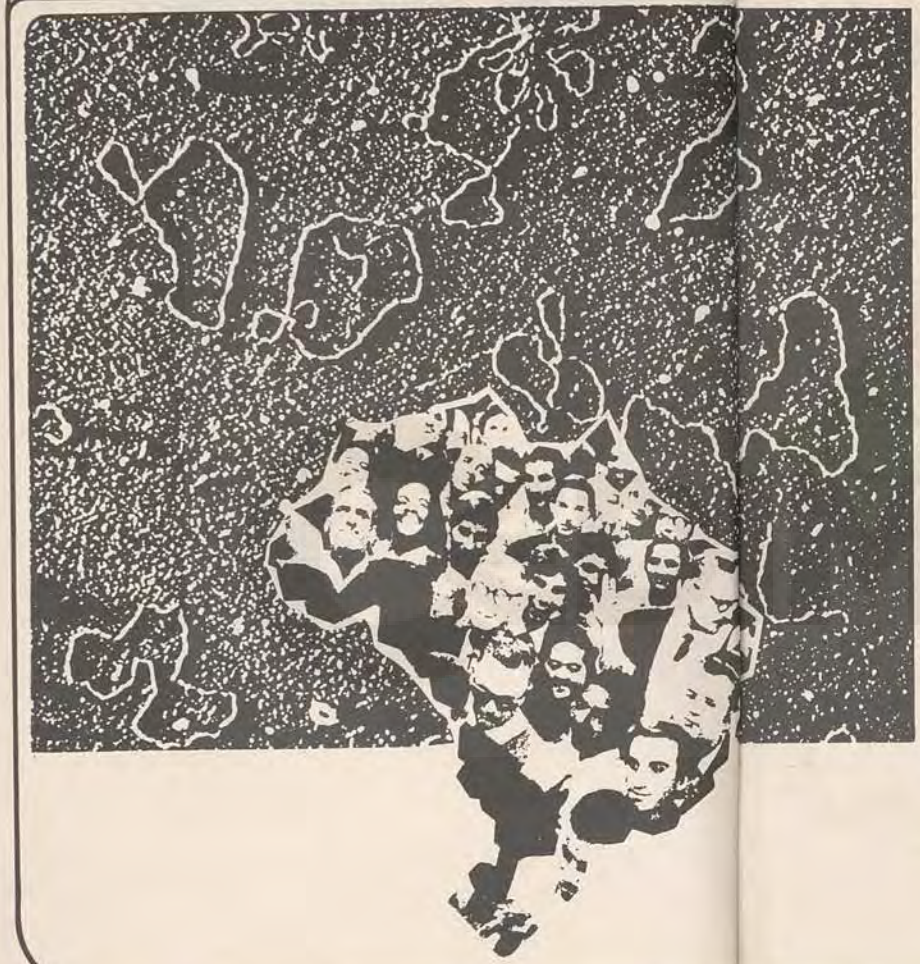


newton freire-maia

235,00

COSMOVISÃO 4 - VOZES

CEDIM



BRASIL
laboratório racial

Newton Freire-Maia

8ª EDIÇÃO REVISTA

VOZES
1987

Orientador da coleção:
Lauro de Oliveira Lima

Planejamento gráfico:
Mário Pontes

Capa: **Paulo de Oliveira**

Esta coleção está aberta a todos os intelectuais capazes de fazer **prospectiva** em sua área de trabalho ou reflexão. Nela só interessa o **futuro.**

Este livro foi composto e impresso
nas oficinas da Editora Vozes Limitada
Petrópolis, RJ — Brasil
Rua Frei Luís, 100
25689 Petrópolis, RJ
Tel.: (0242) 43-5112
Caixa Postal 90023 — End. Telegráfico: VOZES
CGC 31.127.301/0001-04 — Inscr. Est. 80.647.050

© **1973**
Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689 Petrópolis, RJ
Brasil

PREFÁCIO

BRASIL — o caldeirão (oito milhões e meio de quilômetros quadrados!) no qual ferve o «cocktail» em que se apura a amálgama de todas as raças, matéria-prima para fabricação de um novo tronco étnico — o brasileiro.
Nenhum país possui tantos termos para indicar as misturas mais imprevistas: mulato, crioulo, zambo, cariboca, cafuz, mameluco, cabra... branco, preto, moreno, indígena. *Costuma-se dizer que, no Brasil, não se busca muito fundo as raízes da árvore genealógica: é provável que se encontre a origem de muita estirpe cheia de brios heróicos... na* senzala. *O português prestou imenso favor a este país: foi o colonizador mais promíscuo e sem preconceito que se poderia desejar. Fecundou todas as fêmeas que encontrou e reconheceu como filho todos os bastardos. Daí, talvez, a gozação que o brasileiro faz com os que apelam para a tradição da família.*

Lauro de Oliveira Lima

OUTRAS OBRAS DO PROFESSOR **NEWTON FREIRE-MAIA**

1. **Genética Médica.** Vol. I. Teoria. DESA e Edit. da Univ. de São Paulo, 164 p. (1966). Em col. com o Prof. A. Freire-Maia.

2. **Genética Médica.** Vol. II. Prática. DESA e Edit. da Univ. de São Paulo, 164 p. (1966).

3. **Populações Brasileiras. Aspectos demográficos, genéticos e antropológicos.** Cia. Edit. Nacional e Edit. da Univ. de São Paulo, 176 p. (1967). Em col. com o Prof. F. M. Salzano.

4. **Problems of Human Biology. A Study of Brazilian Populations.** Wayne State University Press, Detroit, 200 p. (1970). Em col. com o Prof. F. M. Salzano.

5. **Radiogenética Humana.** Edit. Edgar Blücher Ltda. e Editora da USP, SP, 198 p. (1972).

6. **Genética de Populações Humanas.** Edit. Hucitec e Edit. da USP, SP, 216 p. (1974).

7. **Tópicos de Genética Humana.** Edit. Hucitec e Edit. da USP, SP, 238 p. (1976).

8. **Efeitos Genéticos das Radiações no Homem.** Edit. Hucitec e UNESP, SP, 92 p. (1982). Em col. com o Prof. A. Freire-Maia.

9. **Ectodermal Dysplasias, a Clinical and Genetic Study.** Alan R. Liss, Nova Iorque, XXIII + 252 p. (1984). Em col. com a Dra. Marta Pinheiro.

10. **Displasias Ectodérmicas — Manual para os Profissionais da Área da Saúde.** CEDE/UFPR, Curitiba, 76 p. (1984). Em col. com a Dra. Marta Pinheiro.

11. **Criação e Evolução: Deus, o Acaso e a Necessidade.** Vozes, Petrópolis, 358 p. (1986).

12. **Teoria da Evolução: de Darwin à Teoria Sintética.** Itatiaia, BH/EDUSP, SP (no prelo).

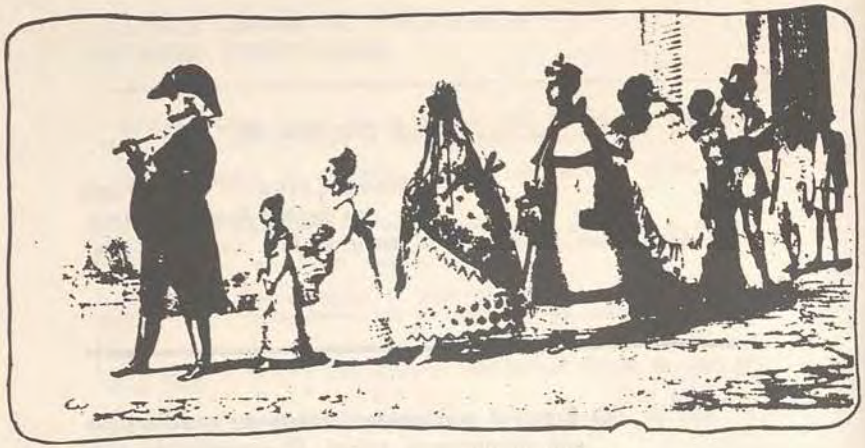
O prof. Freire-Maia é ainda autor de capítulos de vários outros livros editados no Brasil, nos Estados Unidos, na França e na Holanda, e de mais de 400 trabalhos científicos publicados em revistas do Brasil, dos Estados Unidos, do Canadá, da França, da Inglaterra, da Suíça, da Dinamarca, da Alemanha, do Japão, da Argentina, da Itália e de Portugal.

À memória de

Maria Castorina Freire-Maia e de Belini Augusto Maia, meus pais.

"O Brasil é conhecido através do mundo pela sua democracia racial. O preconceito e a discriminação raciais são relativamente moderadas em todo o país em relação ao que existe nos Estados Unidos, no Sul da África e na maior parte da Europa. Isto não quer dizer que não exista nenhum preconceito de raça ou que as características físicas não sejam símbolos de posição social e, portanto, barreiras ou estímulos à mobilidade social. Quer dizer, porém, que as relações de raça são essencialmente pacíficas e harmônicas".

Charles Wagley



"Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição". **Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948, artigo 2).**

"Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus". **Gl 3,28.**

"Todos os homens são feitos da mesma massa". **Provérbio romeno.**

"Todos os seres humanos formam um só corpo e uma só comunidade". **Guilherme de Occam, século XIV, Inglaterra.**

INTRODUÇÃO

O Brasil é conhecido como o país em que os múltiplos aspectos das relações raciais, do simples convívio nos lugares públicos até o casamento, podem servir de modelo a muitos outros povos. A boa fama internacional de que goza nosso país nesse setor baseia-se não apenas na informação fragmentária e superficial de turistas e repórteres, mas também na obra séria de inúmeros cientistas sociais, brasileiros ou não, que realizaram amplos estudos sobre o assunto. Essas pesquisas revelaram, no entanto, *alguns aspectos negativos* que devem ser mencionados e devidamente corrigidos. Felizmente, a discriminação racial constatada em nosso país é de extensão circunscrita e de caráter benigno. Não tem, pois, a importância e a gravidade da que caracterizou alguns sistemas de governo do passado (por exemplo, o da Alemanha nazista) ou ainda marca certas «democracias» modernas, como os Estados Unidos, a África do Sul e a Rodésia.

Um dos motivos pelos quais o assunto é de menor importância social entre nós é que *os negros, vítimas principais desse racismo, têm um nível sócio-econômico médio tão baixo que naturalmente se encontram distantes dos setores onde poderiam vir a sofrer as mais sérias manifestações discriminativas.* O desnível é tão grande que basta para fazê-los «reconhecer o seu lugar» sem que os brancos sejam obrigados a avivar-lhes continuamente a memória, tal como acontece em outros países. Por isto é que, quando não funciona o mecanismo «natural» de segregação e surgem situações

de conflito, esses casos são recebidos, muitas vezes, como verdadeiro ultraje à nossa filosofia de vida.

Infiltrado na sociedade brasileira, existe, pois, um preconceito racial que, por não tomar aspectos graves, isto é, por ser pouco explícito, nem por isto deixa de existir. Como pretende se basear em dados de natureza científica, justo é que se esclareça devidamente que tal pretensão é totalmente descabida. O preconceito racial não é uma atitude apenas anti-humana mas também anticientífica. E não é uma atitude gratuita: suas raízes mais profundas estão fixadas em propósitos muito nítidos, conscientes ou não, de dominação social, econômica ou política.

Este opúsculo visa a dar uma visão analítica geral das relações raciais em nosso país, no passado e no presente, ao mesmo tempo em que apresenta algumas noções básicas de Genética e Antropologia. O leitor interessado procurará, em textos maiores, o desenvolvimento dos assuntos aqui apenas aflorados.

Sou muito grato aos Professores Carlos de Araújo Moreira Neto, Oswaldo Frota-Pessoa, Ademar Freire-Maia, Francisco Mauro Salzano e Eleidi Alice Chautard-Freire-Maia, que leram os originais deste opúsculo e apresentaram inúmeras e valiosas sugestões para a melhoria de seu texto. Este reflete, no entanto, sob alguns aspectos, o pensamento exclusivo do autor, que é o único responsável por todos os conceitos aqui desenvolvidos.

No Brasil, há preconceito racial habilmente disfarçado: existem mil formas sub-repticias de discriminação. Quanto mais sutis... mais difíceis de estirpar. A cordialidade complacente é a suprema forma de humilhação.

1. o Brasil *não foi descoberto em 1500*

Ao ser "descoberto", o Brasil tinha imensa população

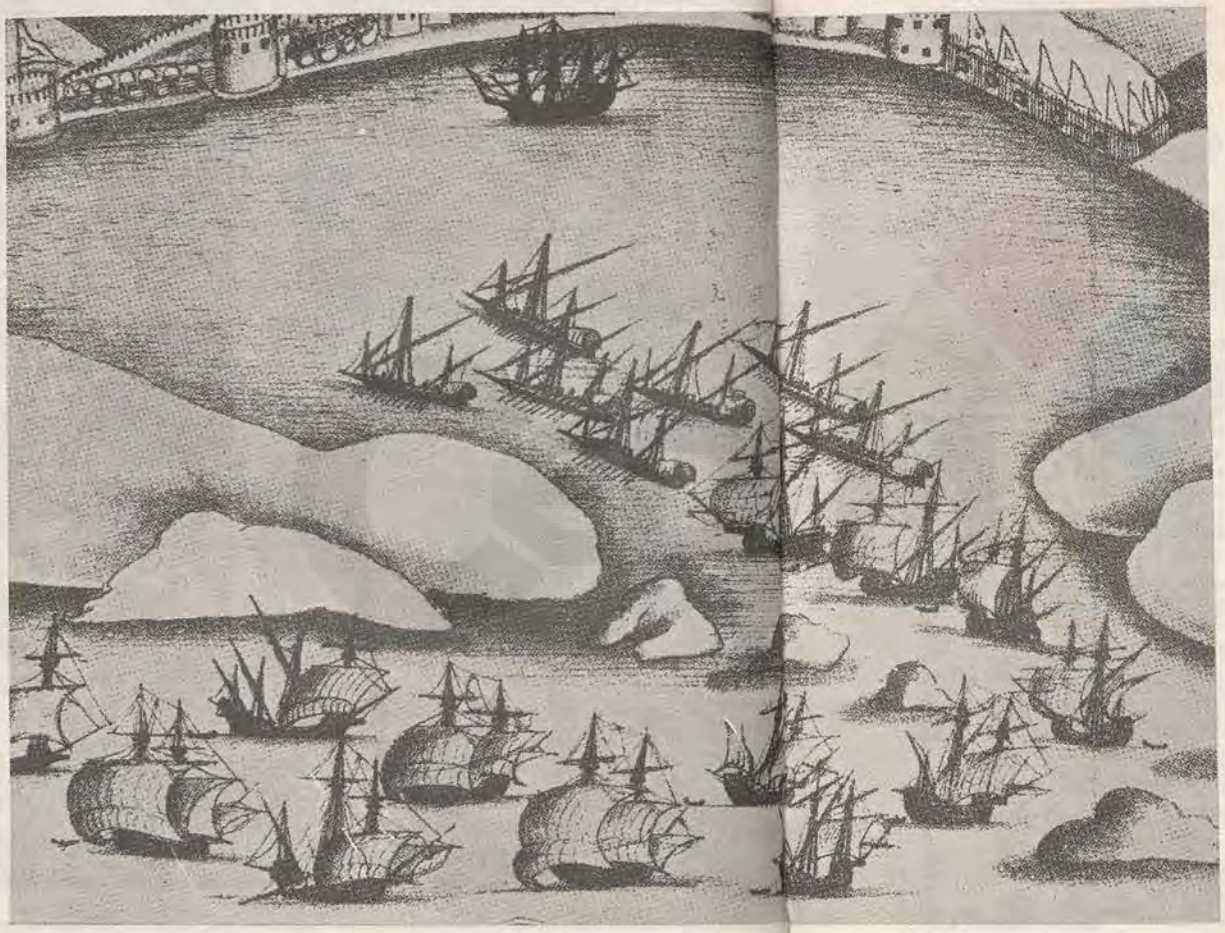
A descoberta que não houve: os indígenas, se tivessem «universidades», passariam a comemorar a «descoberta dos portugueses»

Dizer que o Brasil foi descoberto em 1500 pelos portugueses é cometer erro grave. Há evidência de que navegadores espanhóis tenham tocado as costas brasileiras antes de Cabral. Mesmo estes, no entanto, encontraram a terra habitada por povos que haviam penetrado lentamente pelo nosso território e efetivamente o tinham ocupado muito antes, construindo sociedades que apresentavam sistemas de governo, religiões, línguas e tradições (incluindo alguns conhecimentos agrícolas), forjados ao longo de milênios de vida em comum. Foram esses os povos que "descobriram" o Brasil. Chegaram do norte e, provavelmente, também do oeste, caminhando lentamente, sem preocupações de apossar-se de um território cuja extensão desconheciam e sem interesses econômicos de natureza colonialista. Aqui se disseminaram à procura da caça, dos frutos da terra, de espaço. Sua intenção: **sobreviver.**

A epopéia marítima portuguesa constituiu-se, portanto, em uma descoberta apenas sob o ponto de vista europeu; nunca sob o ponto de vista da humanidade. A princípio, pensou-se que a nova terra era uma ilha, cuja área jamais se poderia imaginar com dimensões continentais. Daí o primeiro nome de Ilha de Vera Cruz. Depois, à medida em que se ampliavam as abordagens litorâneas e cresciam as incursões pelo interior, viu-se que era uma "terra" — terra de Santa Cruz. Mas essas primeiras expedições apenas mostravam um extenso litoral e um mundo cuja profundidade desafiava qualquer imaginação.

Digamos, pois, que o Brasil não foi **descoberto** em 1500, mas apenas **revelado** à Europa e, através dela, ao resto do mundo.

2. A VERSÃO DADA NO DIÁRIO OFICIAL:



No dia 9 de março de 1500, uma esquadra composta de 13 navios e com uma tripulação de 1 200 homens deixou o porto de Lisboa, sob o comando de Pedro Álvares Cabral, com o fim aparente de apenas dirigir-se às Índias, seguindo o caminho marítimo descoberto, dois anos antes, por Vasco da Gama.

Essa esquadra, para afastar-se das calmarias do Golfo da Guiné, capazes de retardar a viagem, desviou-se, demasiadamente, em direção oeste e ... atravessando todo o Atlântico, veio tocar as costas brasileiras, no sul da Bahia, no dia 22 de abril — isto é, depois de um mês e meio de viagem. Fez-se a primeira exploração do local de ancoradouro e descobriu-se que a terra já estava ocupada. Rezaram-se missas. Pero Vaz de Caminha redigiu uma carta a ser enviada a D. Manuel e o comandante da esquadra determinou que aquela "ilha" passava a ser propriedade de Portugal. Encontrava-se "aquém" do meridiano situado a 370 léguas das Ilhas de Cabo Verde e, por isto, não poderia haver dúvidas. O mundo tinha sido dividido em duas partes pelo Papa Alexandre VI (1493) e pelo Tratado de Tordesilhas (1494), e aquela parte era portuguesa. No dia 2 de maio, um dos navios, sob o comando de Gaspar Coelho, regressou a Portugal, levando a carta de Caminha e *três habitantes da terra*

(os primeiros exilados brasileiros)

enquanto o restante da esquadra tomou o rumo das Índias. Aqui ficaram, porém, *dois degredados portugueses, de um dos quais a história guardou o nome:*

Afonso Ribeiro.

O primeiro nome registrado na história do Brasil... era o de um

degredado.

Outras expedições se seguiram à cabralina, com o fim de conhecer melhor o litoral e ocupar a terra. E, assim, foram se formando os primeiros núcleos de brancos:

degredados,
marinheiros,
soldados, náufragos,
funcionários das feitorias,
traficantes de pau-brasil. Todos homens. Teve início, então, a miscigenação entre caucasóides e mulheres da terra, com o nascimento dos primeiros mamelucos.

Brasileiro, traficante de pau-brasil!

Nos três primeiros decênios, o produto da terra mais valorizado, tanto pelos portugueses como pelos franceses, foi o pau-brasil. Mais tarde, também foram transportados para a Europa peles de animais, ouro, óleos vegetais, etc., além de escravos índios.
Em 1530, organizou-se, no entanto, uma expedição que, além das tarefas comuns de exploração e policiamento da costa, vinha com a incumbência de dar os primeiros passos para a efetiva colonização da nova terra. O Diário da Navegação dessa expedição, redigido por Pero Lopes de Sousa, assim se inicia:

"Na era de 1530, sabado 3 dias do mes de dezembro, parti desta cidade e Lixboa, debaixo da capitania de Martim Afonso de Souza, meo irmão, que ia por capitam de hûa armada e governador da terra do Brasil: com vento leste sai fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste."

Transplante do sistema medieval

Em 1534, o Brasil foi dividido em quinze "capitanias hereditárias", cujos donatários possuíam direitos semelhantes aos dos senhores feudais. Em 1548, essas capitanias passaram a ter um governador geral sediado na Bahia. De 1621 a 1774, a colônia permaneceu dividida em duas (o Estado do Maranhão, ao norte, e do Brasil, ao sul), cada uma com um governador geral diretamente ligado à Coroa. A capital do Estado do Brasil, inicialmente na Bahia, passou, em 1763, para o Rio, onde permaneceu, depois da unificação, até 1960, quando se transferiu para Brasília, graças ao genial arrojo bandeirante de JK.

3. QUEM DISSE QUE (TODO) BRASILEIRO É

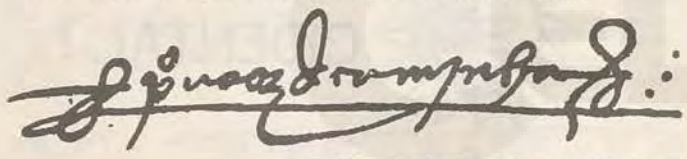
CIDENTAL ?

Como eram os primeiros habitantes da nossa terra? Hoje, não há dúvida de que os "índios" (assim chamados de acordo com a tradição de Colombo que acreditou ter desembarcado na costa oriental das Índias) tenham total ou preponderantemente origem asiática. E que a principal via de passagem dos seus mais antigos ancestrais tenha sido o estreito de Bering. O fato deve ter-se dado há cerca de 30.000 anos, mas é possível que tenham ocorrido várias ondas migratórias.

Gente boa e bela!

Pero Vaz de Caminha, em sua carta, deixou-nos uma descrição minuciosa dos indígenas com os quais entrou em contato. Diz-nos ele, por exemplo, em termos aqui transpostos para o português moderno:

"A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disto são de grande inocência. (...). Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados. (...) moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; (...) ...andavam bem curados, e muito limpos. (...) ...os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não podem ser mais! (...). ...porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. (...). Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons." *



Autógrafo de Pero Vaz de Caminha

4. Nossos avós esquimós e nosso primo Gengiskan

As teorias que negam terem todos os grupos fundadores das primitivas populações ameríndias seguido a rota do estreito de Bering sugerem colonizações também de povos cujos representantes teriam atravessado o Pacífico e o Atlântico.

Há quem, como Birdsell, sugira uma dupla origem: a mongol (já referida) e uma caucasóide (elemento arcaico amuriano) ou mesmo quádrupla: mongolóide e esquimó (pelo Estreito de Bering), australóide (através da Antártida e da Terra do Fogo) e melanesóide (através do Pacífico); ou ainda óctupla: tasmanianos, australianos, melanésios, proto-indonésios, mongolóides, indonésios e esquimós (Inbelloni). Rivet, que propôs a segunda hipótese, admite ainda a possibilidade de outras migrações de menor importância (caucasóides, arcaicos e pigmóides). F. M. Salzano analisou os dados genéticos obtidos em algumas dessas populações e não encontrou evidências positivas para os melanésios, os australianos, os tasmanianos e os proto-indonésios. É interessante lembrar, neste contexto, que, em suas investigações arqueológicas no México, A. Wiercínski obteve evidências (muito fracas, segundo Comas) da presença, ali, de negros e brancos, em épocas pré-colombianas.

A aceitação mais ou menos geral de que o índio norte-americano tenha tido origem em migrações mongóis através do estreito de Bering não impede que se aceite que a contribuição (por exemplo, dos melanésios), através do Pacífico, possa ter sido dada exclusivamente aos índios sul-americanos. O problema continua a ser estudado sem que haja uma solução aceita por todos.

"Escravisavam os aborígenes porque eram considerados animais, entre os negros africanos e os macacos. Não eram homens, mas bestas. / Tanto era assim que os primeiros bandeirantes sustentavam seus cães de guerra com a carne do índio, sem que isso fosse crime ou pelo menos pecado. / Foi em vão que o Papa Júlio III, em 1537, pela bula *Veritas Ipsa*, reconheceu nos índios verdadeiros homens, susceptíveis de fé. / Os paulistas e portugueses espotejavam o bugre como se fazia ao tapir, à onça e aos caititus". (Agripa Vasconcelos, 1966, "A Vida em Flor de Dona Beija", Itatiaia, Belo Horizonte, p. 10).

5. PORTUGUÊS: Ò LIQUIDIFICADOR INTERNACIONAL DAS "RAÇAS"

Os portugueses, secularmente miscigenados, contribuíram para a formação de muitas outras raças.

O DESTINO DO POVO SEM TERRITÓRIO. Portugal tornou-se nação, com o nome de Condado Portucalense, no século XII, quando, em 1139, D. Afonso Henriques foi proclamado rei. Esse lance histórico, porém, apenas criou o novo Estado; os que se seguiram, especialmente as lutas contra os espanhóis e os mouros, é que garantiram a realidade e solidificaram a permanência dessa nação.

Ainda assim, os mouros só foram definitivamente vencidos no século XIII e os espanhóis restabeleceram seu domínio em 1580, sendo que a restauração da soberania portuguesa só ocorreu sessenta anos depois, isto é, em 1640.

Segundo Mendes Corrêa, viviam na Lusitânia, talvez mesmo antes de 7 000 anos aC, algumas tribos "selvagens, miseráveis e pacíficas", que apresentavam parentesco étnico e cultural com as populações do norte da África. *Gregos* e *fenícios* mantiveram contatos com essas tribos, mas uma ampla miscigenação só teve início no século V aC, com a invasão dos celtas. Depois vieram

Era um sonho dantesco... o tombadilho
que das luzernas avermelha o brilho,
em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
legiões de homens negros como a noite,
horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
magras crianças, cujas bocas pretas
rega o sangue das mães;
outras, moças. . mas, nuas e espantadas,
em ânsias e mágoa vãs!

Castro Alves *Navio Negreiro,* IV

A dominação visigoda durou três séculos, a romana cerca de seis e a árabe, cinco. Como, a partir do século XVI (e, muito provavelmente, também durante a ocupação árabe), dezenas de milhares de *negros* foram levados para Portugal, é certo que esse grupo contribuiu igualmente com uma certa parcela para a formação da nova raça portuguesa. Além disto, a população da península ibérica não era sedentária, o que também a transformou numa imensa área de miscigenação interna.

Nos séculos XV e XVI, principalmente sob a influência de D. Henrique, Portugal realizou a sua grande epopéia de expansão marítima e terrestre. De 1415, com a tomada de Ceuta, a 1517, com a implantação de uma colônia em Macau, Portugal revelou o mundo à Europa e, através dela, ao próprio mundo. *

* "Nesga de terra à beira do Atlântico, rampa ocidental da península ibérica, jardim da Europa à beira-mar plantado", segundo o poeta, Portugal parecia menos um país do que um ENTREPOSTO para todos os países ribeirinhos dos "mares nunca dantes navegados". Sofreu todas as invasões, submeteu-se a todos os jugos, deglutiu todas as raças aventureiras, até moldar o MARINHEIRO que iria devassar os oceanos, costurando num único estofo centenas de povos que vinham da pré-história no isolamento dos acidentes geográficos. O português estendeu os mares como a ponte de todos os povos, com a vantagem de ser um produto de todas as raças, logo, irmão de todas as gentes. Estava preparado, pois, o encontro dos dois "caldeirões": o PORTUGUÊS (liquidificador das raças históricas) e o AMERÍNDIO SUL-AMERICANO (confluência dos migradores pré-históricos). No vértice filético, o produto de todas as misturas — o BRASILEIRO. — *L. O. Lima*

6. Os negros, trazidos à força, ajudaram a formar o nosso povo

No fim dos quatro primeiros decênios depois do descobrimento português, a área que forma o Brasil de hoje ainda era uma extensão desconhecida, ocupada predominantemente pelas populações originais (que nem tinham conhecimento da "descoberta") e por alguns núcleos no litoral ou perto dele, em que índios e portugueses conviviam e se miscigenavam. Talvez em 1516 ou um pouco mais tarde (1525? 1538?) tenham chegado os primeiros escravos negros. Assim, povos de três continentes aqui se encontravam, inaugurando o grande laboratório racial brasileiro.

Não se conhecem, com segurança, nem os locais exatos de origem e nem o número dos escravos trazidos para o Brasil. Eram embarcados em portos alinhados numa larga extensão da costa ocidental (da Guiné à Angola) e num menor segmento da costa oriental (Moçambique) e, provavelmente, teriam sido capturados em áreas interioranas vizinhas dessas faixas. Provinham de diferentes "nações", falavam línguas diferentes, tinham religiões e desenvolvimento cultural heterogêneos e, mesmo a um exame superficial, pareciam pertencer a diversas "raças". Eram catalogados segundo denominações gerais ("preto", "escravo", "peças da África", "fôlegos vivos", etc.) ou mais particulares ("negro mina", quando provinham da Costa da Mina; "negros da costa", quando tinham sido embarcados entre Guiné e Angola, assim se diferenciando dos "da Contra-costa", etc.), por mais diferentes que fossem suas línguas, tribos, costumes, religiões, etc. Considerados como *coisas*, eram vendidos e marcados a fogo, sem nenhuma consideração de outra ordem além da estritamente econômica.

Os negros brasileiros provêm, portanto, de diferentes "raças" e, tal como os brancos, derivam de uma extensa área caracterizada por grande diferenciação cultural e biológica. *

Algo determinava que todo contingente racial que na Terra de Santa Cruz aportasse fosse, ou mistura já irreversível, ou os elementos heterogêneos para caldeamento inevitável. Assim foi com os autóctones, assim foi com os portugueses da mouraria e dos bárbaros, assim teria de ser com a negritude que os cargueiros despejavam nas costas brasílicas... trazendo ao verde exuberante dos trópicos a tristeza sem fim do banzo. — *L. O. Lima*

7.

QUANTAS RAÇAS VIERAM PARA O BRASIL

QUE SÃO RAÇAS ?

Há, entre nós, uma tendência generalizada para aceitar a tese simplista de que somos oriundos de três "raças" — o índio, o branco e o negro —, assim esquecendo que, na realidade, a atual população brasileira descende de dezenas ou mesmo centenas de raças ameríndias, européias, africanas e asiáticas. E que todas essas raças resultaram de maior ou menor miscigenação entre muitas outras, ao longo de seus respectivos períodos formativos.

Mas, afinal, que são raças?

Raças são populações mais ou menos isoladas, que diferem de outras populações da mesma espécie, pela freqüência de características hereditárias.

Analisemos essa definição nos seus elementos básicos:

RAÇAS SÃO POPULAÇÕES

MAIS OU MENOS ISOLADAS

QUE DIFEREM DE OUTRAS POPULAÇÕES DA MESMA ESPÉCIE

PELA FREQÜÊNCIA DE CARACTERÍSTICAS HEREDITÁRIAS

1. Isto é: são conjuntos de indivíduos ocupando uma certa área e ali se reproduzindo.

2. *Se não houver isolamento entre duas populações contíguas, elas nunca poderão vir a ser duas raças. As diferenças genéticas surgidas em uma transferem-se, aos poucos, para a outra, assim formando, a princípio, um gradiente e, depois, uma população única, dentro da qual não se poderão delimitar raças.*

3. Isto é: as raças constituem uma categoria sistemática subespecífica. Por isto, por definição todas as raças de uma mesma espécie podem se intercruzar e produzir mestiços férteis e normais. Se se verifica que duas populações animais, até então aceitas, pelos especialistas, como raças diferentes de uma mesma espécie, não são capazes de se cruzar por impedimento de ordem biológica ou não produzem descendência fértil, deixam, imediatamente, de ser chamadas de «raças» e passam a ser consideradas como espécies diferentes. Todas as populações humanas são capazes de miscigenação e todos os seus mestiços são férteis e normais. Por isto, pertencem a uma única espécie: *Homo sapiens*.

4. *O que define uma raça é a freqüência dos traços genéticos. O conceito de raça nada tem a ver, portanto, com língua, religião, cultura, tecnologia, etc. Essas variáveis são importantes em Antropologia Cultural e podem oferecer elementos para a melhor compreensão da formação das raças, mas não as definem e nem as caracterizam. Pessoas de raças diferentes podem falar a mesma língua, praticar a mesma religião, apresentar o mesmo nível de desenvolvimento tecnológico, participar da mesma cultura, etc. Da mesma forma, dentro de uma mesma raça, podemos encontrar diferenças de língua, de cultura, de desenvolvimento tecnológico, etc.*

Diferentes raças animais não podem, naturalmente, ocupar o mesmo território, sem que essa proximidade provoque seu imediato intercruzamento e o conseqüente estabelecimento de uma raça única. Na espécie humana ocorre o mesmo fenômeno mas a fusão das diferentes raças em uma só é aqui retardada por fatores de isolamento de ordem social.

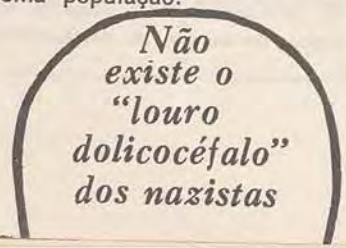
Os conceitos acima delineados decorrem de dois fatos de importância fundamental:

1° a espécie humana é

isto é, está subdividida em populações que diferem entre si sob o ponto de vista genético;

2° a espécie humana é

isto é, cada uma dessas subpopulações possui uma alta heterogeneidade também de caráter genético. Assim, tanto diferem entre si duas populações diferentes como dois indivíduos da mesma população.



8. AS RAÇAS PODEM SER CLASSIFICADAS EM "MAIORES" E "MENORES". ESTAS EXPRESSÕES DEFINEM RELAÇÕES DE TAMANHO E, NÃO, DE VALOR. EXISTE UMA RAÇA BRASILEIRA?

O negro, o branco e o índio formam "raças maiores" porque englobam inúmeras subpopulações, mais ou menos isoladas, que, por diferirem, em maior ou menor grau, sob o ponto de vista genético, de outras subpopulações, também podem ser catalogadas como raças (neste caso, "raças menores"). Os mongóis (da Ásia) também representam uma "raça maior" subdividida em inúmeras raças menores.

Se formos subdividindo uma raça maior em raças cada vez menores, poderemos chegar talvez à idéia de que cada bairro de uma grande cidade ou mesmo cada vila ou aldeia representasse uma raça. Não o fazemos por *conveniência*. À medida em que as raças fossem se tornando cada vez menores, o conceito e a nomenclatura iriam perdendo sua utilidade. O conceito de raça deve ser prático mas, infelizmente, não é suficientemente objetivo para que os limites das raças sejam precisos e bem delimitados. Por isto, dá margem a diferentes classificações. Por este motivo, se bem que praticamente todos concordem com que a espécie humana esteja subdividida em raças, as classificações raciais proliferam e o número das raças, segundo os autores, pode variar de três ou quatro a muitas dezenas. Não sabemos, por isto, quantas raças estão contribuindo para a formação étnica do Brasil. Seu número seria igual a 4 (se aceitássemos como raças apenas as maiores: a *indígena*, a *caucasóide*, a *negra* e a *mongol*) ou a muitas dezenas e mesmo a algumas centenas, se quiséssemos citar todas as raças menores reconhecíveis.

Da mesma forma, tanto podemos dizer que há uma raça maior brasileira (com heterogeneidades regionais e locais) como que há tantas raças brasileiras quantas são as regiões nas quais possamos reconhecer populações geneticamente diferenciáveis. Assim, por exemplo, se tomarmos, ao acaso, amostras de 1 000 paraenses, baianos, mineiros e catarinenses, nas respectivas capitais estaduais, talvez seja fácil designar a que Estado corresponderia cada amostra. As diferenças entre esses quatro grupos serão, provavelmente, mais flagrantes do que as constatadas em amostras semelhantes tomadas em países como a Suécia, em que a heterogeneidade racial é menor. Isto não significa, no entanto, que a raça sueca seja uma raça pura (sem

miscigenações, sem heterogeneidade, sem subpopulações geneticamente diferentes).

Toda essa gradação de raças foi dividida, por Garn, em três categorias básicas:

1. raças geográficas ou continentais,
2. raças locais e
3. micro-raças.

No primeiro grupo, que corresponde às "raças maiores", ele inclui as nove raças seguintes:

AMERÍNDIA
POLINÉSIA
MICRONÉSIA
PAPUA-MELANÉSIA
AUSTRALIANA
ASIÁTICA
ÍNDIA
EUROPÉIA
AFRICANA

Cada uma dessas está subdividida em algumas raças locais, que, por sua vez, se compõem de várias micro-raças.

HITLER MENTIU AOS ALEMÃES:

9. NÃO HÁ RAÇAS PURAS. TODAS AS RAÇAS SÃO HETEROGÊNEAS PELA PRÓPRIA DINÂMICA DO MECANISMO HEREDITÁRIO E PELAS MISCIGENAÇÕES SUCESSIVAS SOFRIDAS DURANTE SÉCULOS E MILÊNIOS.

SÓ HÁ UMA HUMANIDADE.

Na prática, o conceito de "raça pura" talvez pudesse ser usado apenas como expressão comparativa. Assim, por exemplo, se dissermos que 100 brancos "puros" cruzaram-se com 100 negros "puros", o que queremos dizer é que a população resultante é ainda mais heterogênea sob o ponto de vista genético do que as iniciais.

Da mesma forma, quando dizemos que alguém não é inteligente, todos entendem que pensamos ser ele menos inteligente que a média, mas realmente não negamos que ele seja um ser inteligente. Igualmente, se dizemos, na prática, que uma raça é "pura", estamos apenas querendo dizer que é menos heterogênea que outras com que as comparamos, pois no próprio conceito de raça já está incluída a idéia de heterogeneidade genética.

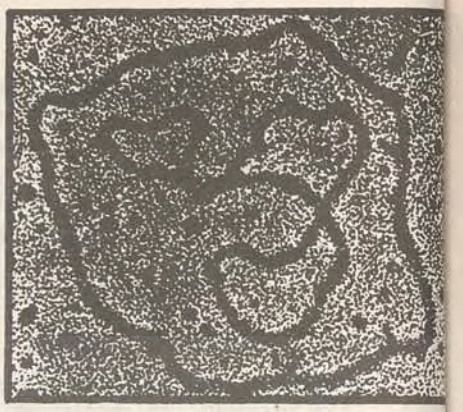
A rigor, e sob o ponto de vista estritamente científico, no entanto, o conceito de «raça pura» simplesmente não tem sentido.

De certa forma, podemos, pois, dizer que

TODAS AS RAÇAS SÃO IMPURAS.

no sentido de heterogêneas, isto é, compostas de indivíduos geneticamente diferentes e de subpopulações de natureza igualmente racial, revelando elevada taxa de miscigenação através de todo o período em que se formaram.
As características hereditárias são condicionadas por fatores denominados

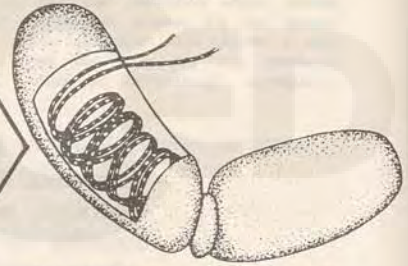
GENES



Material genético de um microorganismo, representado por simples moléculas de ácido desoxirribonucléico (ADN), onde estão codificadas as informações genéticas em unidades denominadas genes.

(constituídos de segmentos da molécula de ácido desoxirribonucleico), os quais se encontram distribuídos longitudinalmente em estruturas chamadas

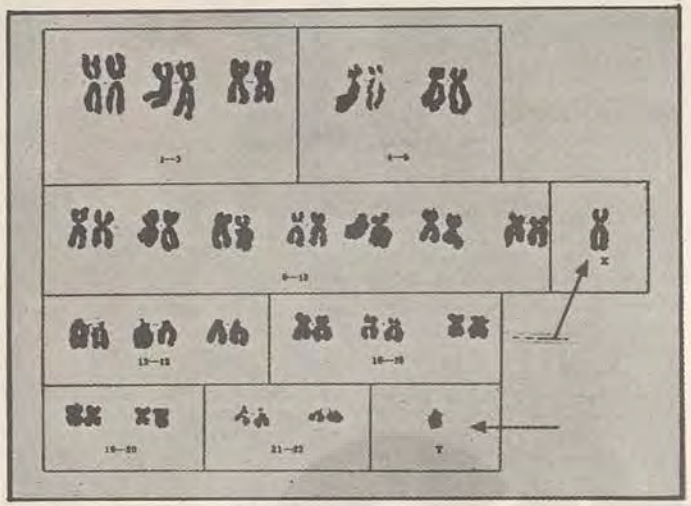
CROMOSSOMOS,

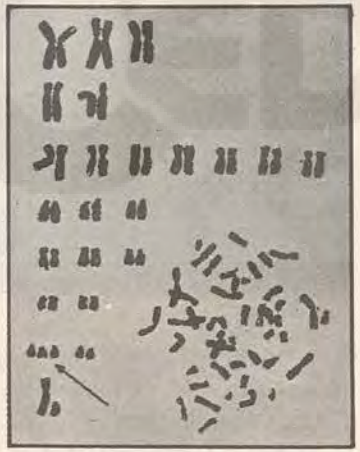


presentes, em número normalmente constante para cada espécie, no interior do núcleo das células. Cada célula somática da espécie humana tem 46 cromossomos, os quais são reconhecidos e classificados de acordo com o seu tamanho, forma e outras particularidades. Todos os genes humanos estão distribuídos dentro desses **46** cromossomos (as formas diferentes de um mesmo gene são denominadas de *alelos*). Para que esse número (46) se mantenha estável, há um mecanismo que o reduz à metade nas células germinativas ou gametas (os espermatozóides e os óvulos). Diz-se que as células somáticas são diplóides e que as germinativas são haplóides. Por ocasião da fecundação, o número diplóide é restabelecido: 23 + 23 = 46. Quando, por qualquer motivo, uma criança nasce com um número cromossô-

Os 46 cromossomos em uma típica célula humana masculina (44 autossomos, um cromossomo X e um cromossomo Y). As células femininas possuem 44 autossomos e dois cromossomos X.

mico diferente de 46 ou com algum segmento de um deles em excesso ou em falta, nela se manifesta um conjunto complexo de anomalias, denominado síndrome genético.





Acima: cariótipo de um homem normal mostrando os cromossomos classificados em grupos; as setas indicam os cromossomos X e Y. Embaixo: cariótipo de um mongolóide. A seta indica a presença de três cromossomos 21 (o número total de cromossomos é igual, pois, a 47). Trata-se de um paciente do sexo masculino (observe os cromossomos X e Y embaixo). Se fosse do sexo feminino, haveria dois cromossomos X e nenhum Y.

Os genes não são sempre estáveis. Cada gene sofre, em média, uma mudança (mutação) em cada 100 000 gametas, por geração. Se denominarmos de **A** o alelo responsável pela ocorrência de uma certa reação metabólica que leva à produção do pigmento denominado melanina, uma mutação, transformando-o em **a**, interrompe a cadeia das transformações bioquímicas naquele ponto, assim impedindo a formação daquele pigmento. Em dose dupla, esse gene assim transformado condicionará o aparecimento da anomalia chamada albinismo. Dizemos, portanto, que **A** e **a** são alelos do mesmo gene. Como cada pessoa recebe um ou outro desses genes, através de cada gameta que recebe de seus pais, há indivíduos **AA**, **Aa** e **aa**. Os indivíduos **AA** e **Aa** são normais (o alelo **A** é dominante; o **a** é recessivo); os indivíduos **aa** são albinos.

Se admitirmos que há 50 000 genes em cada gameta e, portanto, 100 000 genes nas células somáticas da espécie humana, e que a taxa de mutações por gene é igual a 1/100 000, isto significa que cada pessoa possui, em média, uma mutação nova!

Imagine-se esse fenômeno operando, ao longo de milhares de gerações, nos 50 000 genes dos gametas de milhões e bilhões de pessoas, e ter-se-á a imagem da heterogeneidade genética que brota do íntimo do próprio processo reprodutivo. Mesmo que uma raça se isolasse e tentasse sua "purificação", essa meta jamais seria atingida. E' como se a gente quisesse secar, com um pano, o interior de uma lata que recebe continuamente um jato de água.

Além disto, as várias raças humanas sempre sofreram miscigenações de várias ordens, intermitentes ou contínuas. A mutação e a miscigenação são, pois, os dois fatores que impedem a "pureza" das raças. Uma raça, para ser pura, deveria não sofrer mutações (absurdo biológico) e nunca ter tido miscigenações (impossibilidade histórica).

A evolução dos seres vivos revela as peripécias do ACASO e da NECESSIDADE e o fato surpreendente de que as próprias "necessidades" estão sujeitas à imprevisível ação do "acaso" (J. Monod).
A única previsão que se pode fazer, a longo prazo, sobre o destino evolutivo de uma espécie é que, mais cedo ou mais tarde, ela deverá se extinguir (Sewall Wright).
A matéria foi criada por Deus com propriedades evolutivas que possibilitaram e, mais que isto, determinaram o aparecimento da vida e do homem. A evolução do homem caminha para níveis marcados cada vez mais pela fraternidade e pelo amor, em direção ao próprio Deus. O universo não *foi* criado; ele *está sendo* criado e nós, o seu mais alto produto, presenciamos o magnífico espetáculo e dele participamos (Teilhard de Chardin).

10. Todas as raças humanas são saudavelmente impuras! A humanidade lucra com a miscigenação porque

3 + 2 = 4

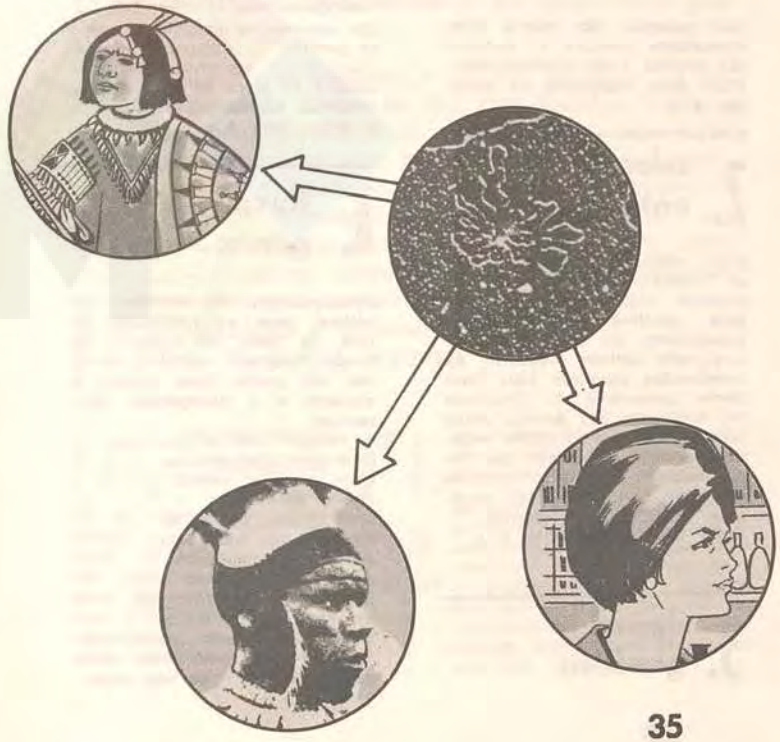
Há um importante princípio em Genética, o qual recebeu o nome de seu descobridor — Wahlund. Não trataremos, aqui, de sua conceituação matemática, mas apenas de uma conseqüência que esse princípio nos permite tirar: **a simples fusão de duas ou mais raças, através da miscigenação, pode fazer baixar a freqüência da ampla categoria de doenças e distúrbios hereditários devidos a genes recessivos, assim melhorando o padrão genético dessas populações.** A miscigenação tem, portanto, função eugênica. Em Genética de Populações, três mais dois é igual a quatro!

Imaginemos uma população **(A)** com uma freqüência de 25% de albinos e outra **(B)**, de igual tamanho, com 1% de albinos. As duas populações têm uma média de (25% + 1%) / 2 = 13% de albinos. Se entrarem em total miscigenação, transformando-se em uma única população **(A + B)**, a freqüência de albinos ficará menor que a média das duas populações teóricas iniciais (no caso, essa freqüência passará a 9%, quando a média era de 13%). Este exemplo, que é arbitrário, ilustra o princípio de Wahlund e mostra como a miscigenação é, por si mesma, saudável sob o ponto de vista genético.

A população **B** saiu prejudicada com a fusão representada no exemplo acima, pois tinha apenas 1% de albinos e seus descendentes (miscigenados) passaram a ter 9%. Os descendentes (miscigenados) da população **A**, no entanto, saíram lucrando: de 25% de albinos, passaram a ter 9%. O conjunto das duas também saiu ganhando (de 13% para 9%). Esse exemplo é válido para todos os genes recessivos que apresentem freqüências diferentes em duas ou mais populações que se fundem. Como é possível que a população **B** tenha uma ou mais anomalias com freqüência superior à da população **A**, aquela lucraria (e esta viria a perder) nesses casos. O fato é que cada uma teria um lucro em relação às anomalias mais freqüentes, havendo, portanto, um benefício global para o conjunto das duas.

11. *Todas as raças são feitas com os mesmos genes. As diferenças entre as raças são de natureza puramente quantitativa.*

O arcabouço cromossômico que abriga os genes é o mesmo em todas as raças. E os genes que aí se encontram e que caracterizam as diferentes raças também são, em geral, os mesmos. Não há genes de raça branca que sejam diferentes dos genes da raça negra ou da raça indígena.



Como explicar então que, com o mesmo material, se formaram raças diferentes em diferentes regiões do mundo?

Falamos, há pouco, do fenômeno da mutação, dando o exemplo do gene que condiciona pigmentação normal ao se transformar no seu alelo produtor de albinismo.

1. A mutação é a matéria-prima da evolução.

Sem mutação, não haveria heterogeneidade genética e, portanto, não poderia haver diversificação. Outro fator importante da evolução é a

2. seleção natural.

Numa população, de acordo com as condições ambientais ali imperantes, algumas mutações são mais vantajosas que outras e possibilitam, aos seus portadores, uma maior aptidão adaptativa. As combinações genéticas mais favoráveis aumentarão de freqüência em detrimento das demais, assim surgindo as diversificações regionais. Não foi por acaso que "raças maiores" se desenvolveram em diferentes continentes, sob condições ambientais tão diversas.
Outro fator evolucionário é a

3. deriva genética.

Pequenas populações podem ter suas freqüências gênicas mudadas pela simples ação do acaso. (É como se jogássemos uma moeda para cima apenas 6 vezes. É muito provável que saiam 3 caras e 3 coroas, mas podem ocorrer, por acaso, até 6 caras ou 6 coroas). Quando o contingente demográfico dessas populações aumenta, essas freqüências modificadas podem permanecer diferentes e, assim, ser fonte de variabilidade interpopulacional.
Um interessante exemplo de deriva genética foi constatado na Ilha dos Lençóis, Maranhão: numa população de cerca de 300 pessoas, nasceram 18 albinos (6%)!
O quarto fator é o

4. fluxo gênico.

(miscigenação). As diferenças genéticas entre as populações do Pará, da Bahia, de Minas e de Santa Catarina, referidas antes, são, em grande parte, devidas à migração e à miscigenação diferenciais.
A mutação cria as condições de heterogeneidade genética sobre as quais atuam a seleção natural, a deriva genética e o fluxo gênico. Como os genes são os mesmos, os três outros fatores apenas os distribuem de forma diferente nas várias raças. Por isto é que as diferenças entre as raças negras, brancas e indígenas são apenas quantitativas. Em cada uma, predominam certos genes que são raros nas outras.

Relativamente às três grandes «raças» (branca, negra e mongol), pesquisas recentes revelaram que dois indivíduos tomados ao acaso dentro de cada uma diferem mais entre si do que, entre si, diferem as três grandes «raças»! Isto mostra que há mais variabilidade genética dentro *dessas raças do que* entre *elas.*

12. HÁ RACISMO NO BRASIL? SIM, HÁ RACISMO NO BRASIL.

O que não temos é ódio racial, discriminação agressiva e perseguição por motivos étnicos.

Quando olhamos a dolorosa e trágica situação da Alemanha nazista, da África do Sul, dos Estados Unidos e de outros focos, passados ou presentes, de ódio racial, somos levados a crer que não haja racismo no Brasil. Se aceitarmos o conceito de racismo como possuindo um componente obrigatório de ódio, agressividade e perseguição, é claro que não temos racismo. Se o tomarmos, porém, apenas como sinônimo de "discriminação por motivos raciais", certamente que o temos.
Onde se manifesta o racismo brasileiro?
Felizmente, em poucos setores:

O CHARME DISCRETO DOS PRECONCEITOS.

1. Em ambientes socialmente refinados e em certos tipos de empregos e funções;
2. Na opinião generalizada de que há raças superiores ("o branco é superior ao negro") e que deve haver um certo isolamento entre os grupos raciais muito diversos. Essa opinião é que induz ao uso de expressões pejorativas (estereótipos depreciativos) de natureza puramente racial.

Em muitos clubes brasileiros de futebol, os negros não eram aceitos *nem como jogadores* há alguns decênios. Em outros, os atuais jogadores negros não podem participar das atividades realizadas na sede social. São ali admitidos apenas como *profissionais*, mas não como *pessoas*.

Essas situações são, como se vê, em geral, de caráter excepcional. Como o negro brasileiro tem, em média, um nível sócio-econômico muito baixo, está automaticamente isolado dos ambientes e serviços refinados e, por isto, nunca se apresenta, para a maioria deles, uma situação em que possa vir a sofrer discriminação. Para alguns negros privilegiados, que adquiriram notável proeminência em setores como a música, o esporte, etc., todas as portas se abrem, e assim passam a participar da sociedade branca; é por isto, por exemplo, que Pelé nega a existência de discriminação racial entre nós.

O romancista Lima Barreto, pobre e mulato, experimentou e reconheceu a força dos preconceitos cuja existência Pelé nega.

"Considero-me afro-brasileira e é minha africanidade que me dá forças para suportar o racismo que sofro, e agora, depois de formada, de maneira mais clara, porque a gente vai para ambientes onde só há brancos e aí a barra pesa" (Eunice Aparecida de Jesus, advogada e professora universitária. Folhetim, Folha de São Paulo, 22.XI.1981).

"Um negro de sucesso tem a obrigação de botar a boca no trombone e denunciar a discriminação que milhões de outros negros sofrem em várias partes do mundo. Por isso sempre achei Cassius Clay um cara sensacional" (Paulo César, jogador de futebol. Veja, n. 683 de 7.X.1981).

13.

Nas camadas sócio-economicamente mais baixas não se notam, em geral, as formas de racismo verificadas nos níveis mais elevados. Brancos e negros *pobres* vivem lado a lado, como companheiros e amigos, sem que, muitas vezes, seja notada a diferença racial.

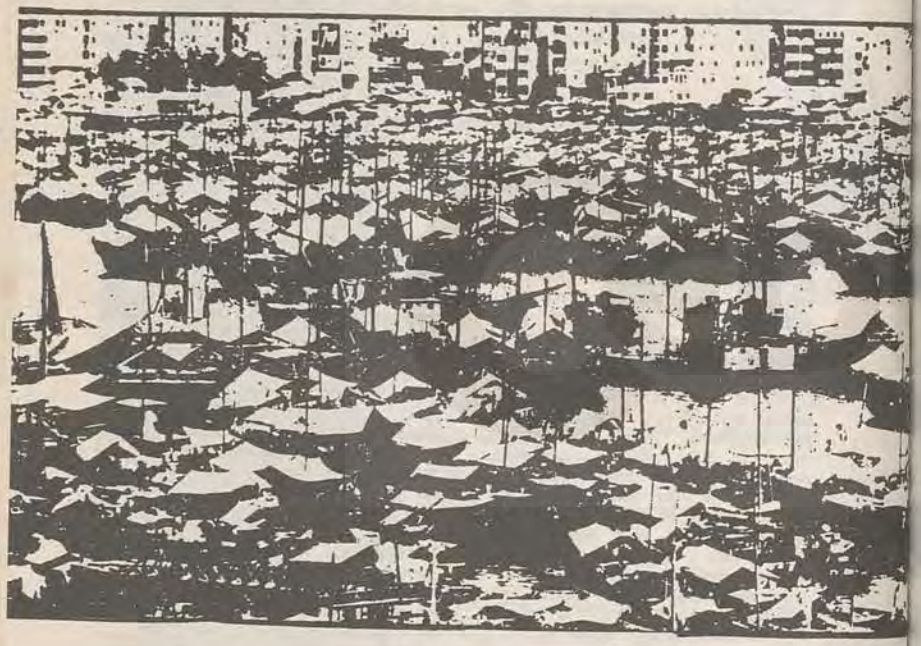
Mesmo nos níveis mais baixos, no entanto, observa-se uma nítida preferência para a homogamia (isto é, casamentos dentro do próprio grupo étnico).

Em zona rural do Sul de Minas, por exemplo, constatamos 43% de casais em que marido e mulher eram brancos, 20% em que um era branco e o outro não-branco (mulato ou negro) e 37% em que ambos eram não-brancos. Se não houvesse restrição alguma aos casamentos mistos, eles deveriam ocorrer numa freqüência aproximada de 50% mas na realidade ocorreram apenas com a freqüência de 20%. Na zona urbana da mesma região, as freqüências eram semelhantes. Há, pois, uma preferência para casamentos homogâmicos. Note-se ainda que existe uma discriminação no interior do próprio grupo não-branco: os não-brancos mais claros preferem casar-se com pessoas de sua cor, assim evitando os mais escuros. Da mesma forma, quando um branco se casa com um não-branco, este é, em geral, mulato-claro e raramente é negro.

Essa preferência homogâmica não representa, no entanto, uma atitude racista. Os casamentos ditos preferenciais são muito comuns e ocorrem por vários motivos: estatura, condição sócio-econômica, nível intelectual, filiação religiosa, origem étnica, etc. O fato de as jovens altas preferirem casar-se com homens tão altos ou mesmo mais altos que elas (assim colocando, em geral, totalmente fora de sua escolha os homens mais baixos); a tendência para casamentos entre os *nisseis* das várias colônias japonesas (tornando-as quase que verdadeiras ilhas genéticas no mar da brasilidade); as intenções de jovens ricos se unirem a senhoritas de seu mesmo nível econômico (mantendo, desta forma, uma tradição

de fortuna dentro de um mesmo quadro social); etc. são fenômenos que nenhuma relação apresentam com os outros que estamos analisando. Nada há a recriminar na união entre duas pessoas semelhantes sob qualsquer aspectos (do religioso ao racial), desde que sua atitude não reflita ódio ou desprezo aos demais agrupamentos. O casamento entre pessoas muito "diferentes" (sob o ponto de vista religioso, étnico, cultural, racial, etc.) pode vir a ser fonte de conflitos familiares ou sociais, que afetarão não só os próprios nubentes como também sua prole.

Acentue-se, no entanto, que, sendo o casamento uma das instituições mais afetadas pela operação de uma série de processos característicos da vida moderna, a união entre pessoas pertencentes a diferentes grupos tornou-se cada vez mais freqüente, transformando-se, pois, o que antes era raro e seria considerado como "desaconselhável" em algo que vai se tornando comum e pode até ser aceito como salutar.



Nas favelas e nos cortiços o "liquidificador" tritura as "raças" (L. O. Lima).

14. OUTRA DIFERENÇA ENTRE O NOSSO "RACISMO" E ALGUNS RACISMOS EXTREMADOS É QUE O NOSSO PRECONCEITO É DE "MARCA" E NÃO DE "ORIGEM", COMO BEM FRISA ORACY NOGUEIRA.

A lei do Reich, de 15 de setembro de 1935, estabelecida para a «proteção do sangue e da honra alemães», proibia, entre outros itens, o casamento e o ato sexual, fora do casamento, entre judeus e cidadãos alemães «ou de sangue semelhante», assim como o emprego, por parte de judeus, «em suas casas ou dependências, de mulheres alemãs ou de sangue semelhante com idade inferior a 45 anos».

Judeu era definido como a pessoa com "pelo menos três avós judeus 100%", ou aquele que, tendo "apenas dois avós judeus 100%, tenha pertencido ou ainda pertencesse à religião judaica, ou tenha se casado com um judeu. "Bastardo judeu" era a pessoa com "um ou dois avós judeus 100%". Os judeus não podiam ser cidadãos alemães e, conseqüentemente, não tinham o direito de votar e nem de ser funcionários públicos.

Da mesma forma, nos Estados Unidos, negro não é o que apresenta as "marcas", completas ou atenuadas, de sua raça,

mas todo aquele
que tenha tido
pelo menos
um ascendente negro.

E' a "origem" que conta. Desta forma um indivíduo, considerado como branco pela sua aparência, passará automaticamente à categoria de negro se se verificar que possui um único e distante ancestral negro.

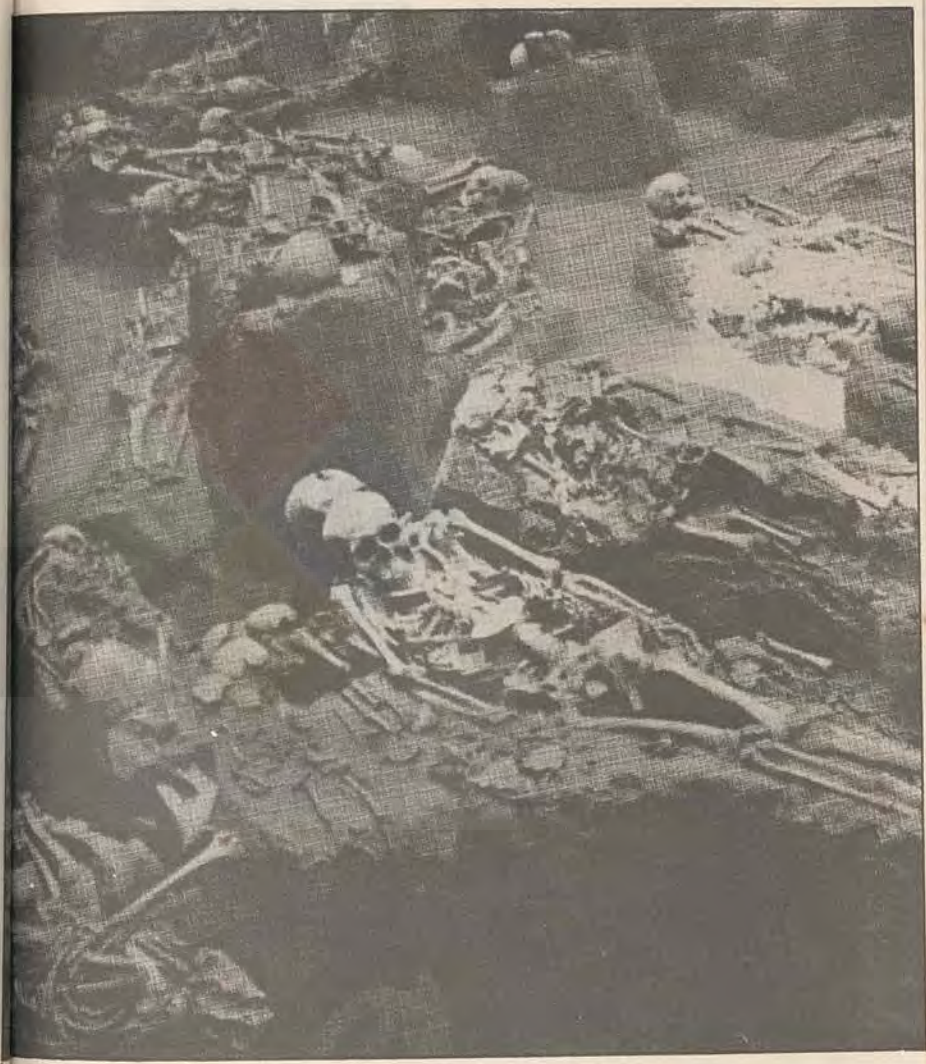
No Brasil, nem mesmo as marcas atenuadas da raça negra definem um indivíduo como negro; assim é que muitos mulatos claros são aceitos como brancos entre nós. Principalmente se ganharem proeminência social.

Em resumo, concluímos que há grandes diferenças entre o racismo nazista ou americano e a "discriminação racial" brasileira: aquele é firmado no ódio e se expressa na agressividade; é amplo, intenso e absorvente; e tem base na "origem" das pessoas. O nosso é apenas uma atitude sem rancores e sem perseguições; é parcial e atenuado, sendo portanto destituido de preponderante importância social; tem base na "marca"; e damos à categoria "branco" uma grande amplitude e à categoria "negro" uma definição muito estrita ("negro puro").

15. ***Longe de nós, no entanto, a intenção de minimizar, com essas palavras, a profunda e grave significação de qualquer forma de discriminação racial, aqui incluindo mesmo a imperante no Brasil.***

O racismo baseia-se, sempre, em princípios anti-humanísticos e sempre se reflete em modos de procedimento anti-social, que usam e manipulam, muitas vezes, as angústias e frustrações de uma parte da população para lançá-la contra outra parte, real ou supostamente distinta em termos étnicos ou raciais, atribuindo-lhe vícios, defeitos e responsabilidades que comprometem a prosperidade, a moralidade e o bem-estar comuns.

E' uma forma de dominação e de controle social, através de medidas discriminatórias e de intimidação que chegam, quando realizadas plenamente, à expoliação e à segregação absolutas da população discriminada ou mesmo à sua própria eliminação biológica (genocídio).



Por isto, sob certo aspecto, é o racismo, em qualquer de suas formas, grave e relevante por defender e executar uma atitude de desprezo e de discriminação de uma parcela da população contra outra, igualmente respeitável em seus direitos e em sua dignidade.

A significação do racismo brasileiro é, portanto, idêntica, em suas raízes, à dos demais racismos conhecidos. Apenas sua extensão social e sua gravidade em termos de atuação é que são muitíssimo menores.

Na distinção entre o racismo brasileiro e o de outros países é de suma importância, também, constatar que, nesses, o racismo é, muitas vezes, formal e legalmente institucionalizado pelo Estado, enquanto, entre nós, pelo contrário, é clara e expressamente proibido por lei como veremos mais adiante.

16.

NÃO SE PENSE QUE A NOSSA DISCRIMINAÇÃO SOCIAL CONTRA O NEGRO TENHA SE AGRAVADO COM O TEMPO.

Foi justamente o contrário o que aconteceu.

Referiremos quatro situações verificadas em séculos passados e de há muito totalmente eliminadas:

1.

A legislação eclesiástica imperante no Brasil, tanto por força de decisões tomadas em Portugal como per outras daqui mesmo, e apenas cancelada nos fins do século XVIII, proibia que se tornassem sacerdotes, não só os hereges, os apóstatas e os filhos e netos de infiéis (judeus e mouros), como também os mulatos e negros.

2.

A burocracia colonial também não aceitava mulatos e negros a seu serviço, na categoria de funcionários públicos. Essa restrição só foi revogada em 1773.

3.

Havia leis que proibiam terminantemente o casamento entre brancos e negros, o que não impediu a intensa miscigenação extraconjugal verificada em toda a história colonial. Oliveira Torres conta, por exemplo, que, nas Minas Gerais, a população das cidades se dividia em três grandes classes:

"*a)* os brancos (não muito puros, é claro) (...). *b)* a classe média constituída pelos brancos não senhores (poucos), pelos mestiços (muitíssimos) e pelos pretos livres (...). *c)* finalmente os pretos escravos, grande massa proletária."

O historiador comenta a seguir:

"Apesar de baseadas em alguns elementos difíceis de serem dominados e superados, estas distinções não faziam barreiras intransponíveis, nem eram castas. Ninguém pode, por exemplo, passar de negro a branco. Uma família, porém, o pode em uma ou duas gerações. A passagem da classe *c* para a *b* era normal e dependia apenas de um pouco de sorte, de capacidade para o trabalho e outras circunstâncias individuais. O que mais difícil se tornava era a entrada nos grandes clãs, bem fechados que eram. Sempre havia uma brecha, porém."

Uma lei de 1561 também proibia o casamento entre índios e negros.

4.

Se bem que muitos leigos e sacerdotes — estes, baseados em documentos oficiais da Igreja — condenassem, desde o início, a escravidão do índio (já proibida por lei de 1566), eram correntemente aceitas e amplamente "justificadas" a do negro e a de seus descendentes com o branco, mesmo que fossem mulatos claros. E' possível que haja uma razão de ordem econômica nessa discriminação: com um nível de evolução cultural superior ao do índio, o negro adaptava-se muito melhor às condições de vida da sociedade branca, revelando-se excelente trabalhador. Mesmo a chamada

«lei do ventre livre»

não extinguiu a escravidão dos filhos de escravos nascidos daí por diante. Apenas possibilitou que, com a idade de 8 anos, pudessem ser resgatados pelo governo. Caso não o fossem, continuariam como escravos até a idade de 21 anos.

Vale a pena lembrar, no entanto, que, se nossa maior discriminação é contra o negro, infelizmente

essa não é a única. Tanto em termos de escolha de cônjuge como em formas menos pessoais e íntimas de relações interétnicas ou raciais, observa-se, em certas regiões brasileiras, especialmente nas áreas mais desenvolvidas do sul do país (caracterizadas por uma quantidade apreciável de habitantes brancos originários de imigração européia recente), uma série de mecanismos discriminatórios mais complexos que incidem não só sobre os negros mas também sobre outros grupos. Entre esses, referiremos os índios, os caboclos e certas minorias de imigração recente (por exemplo, judeus, japoneses e poloneses). Restrições contra esses grupos — e mesmo contra pessoas oriundas de diferentes regiões do país — são bem conhecidas e já foram minuciosamente estudadas (cf. o livro de Octavio Ianni citado na lista final).

O relaxamento "moral" evitou as lutas raciais no Brasil, donde se conclui que os "bons costumes" não são tão "bons" como se diz...
(L. O. Lima).

17.

De como uma ciência mal feita pode levar os estudiosos a formularem os mais falsos conceitos, com ares de quem profere grandes verdades.

Para que não se diga que o nosso "racismo" de marca e sem ódio é um fenômeno circunscrito à massa do povo, capaz, portanto, de ser explicado pela ignorância dos seus aspectos científicos, vamos referir algumas opiniões de Nina Rodrigues, considerado como um dos fundadores da Antropologia brasileira.

Em seu livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, de 1894 (reeditado, em 1957, pela Livraria Progresso Editora, de Salvador), Nina Rodrigues, baseado em "estudos" e "pesquisas" totalmente destituídos de valor e realizados por outros racistas nacionais e estrangeiros, aceita a tese da existência de "raças inferiores", admite seja a mestiçagem produtora de indivíduos indesejáveis; sob o ponto de vista social crê no dogma da criminalidade inata e conclui pela menor responsabilidade penal dos cidadãos pertencentes àquelas raças "inferiores" ou que sejam mestiços delas com as "raças superiores". As seguintes frases daquele autor caracterizam bem suas idéias:

"O estudo das raças inferiores tem fornecido à ciência exemplos bem observados dessa incapacidade orgânica, cerebral" (p. 33); "...nas raças inferiores, a impulsividade primitiva, fonte e origem de atos violentos e anti-sociais, por muita predominação sobre as ações refletidas e adaptadas que só se tornaram possíveis nas raças cultas e nos povos civilizados, com o aparecimento de motivos psíquicos de uma ordem moral mais elevada" (p. 82); "são acordes os melhores escritores, pelo menos os que julgam a matéria pelo lado científico, em tomar como características do brasileiro a falta de energia física e moral, a apatia, a imprevidência" (pp. 134-135); "...o caráter indolente e imprevidente do mestiço brasileiro" (p. 139); "...não só o índio e o negro, mas ainda os seus mestiços devem ser menos responsáveis do que os brancos civilizados" (p. 140); "...procedência hereditária e constitucional que atribuo à degeneração dos mestiços..." (p. 142); "...me parece razoável considerar os mestiços que tendem a voltar a qualquer das raças puras, quer branca principalmente, quer mesmo a negra, como muito superiores aos verdadeiros mulatos, de primeiro ou segundo sangue" (p. 145). "A sensualidade do negro pode atingir então às raias quase das perversões mórbidas. A excitação genésica da classe mulata *brasileira não pode deixar de ser considerada como anormal" (p. 146); "destes dois princípios fundamentais — a herança pela larga transmissão dos caracteres das raças inferiores a que dá lugar, e o mestiçamento, pelo desequilíbrio mental instável que acarreta —, decorre, me parece, a explicação fácil e natural da nossa psicologia de povo mestiço. Por sua vez, dão eles também a explicação mais razoável de certas formas de criminalidade crioula" (p. 148); "...a criminalidade no mestiço brasileiro é, como*

todas as outras manifestações congêneres, sejam biológicas ou sociológicas, de fundo degenerativo e ligada às más condições antropológicas do mestiçamento no Brasil" (p. 158).

Vejamos, agora, algumas citações que Nina Rodrigues faz em apoio de sua tese:

"...torna-se impossível acreditar que logo que sejam afastadas todas as incapacidades civis, desde que a carreira lhe seja aberta e que não sejam nem oprimidos nem favorecidos, *nossos irmãos prognáticos possam lutar com vantagens com os seus irmãos melhor favorecidos de cérebro... Nossos irmãos* negros *não poderão, pois, chegar aos mais altos lugares da hierarquia estabelecida pela civilização, ainda que não seja necessário confiná-los lá para a última classe"* (Huxley, *pp. 112-113*).

"A julgar por certos fatos, a mistura entre raças de homens muito dissemelhantes parece produzir um tipo mental sem valor, que não serve nem para o tipo de vida da raça superior, nem para o da inferior, que não presta enfim para gênero algum de vida" (Spencer, *p. 127*).

A estes conceitos, Nina Rodrigues acrescenta:

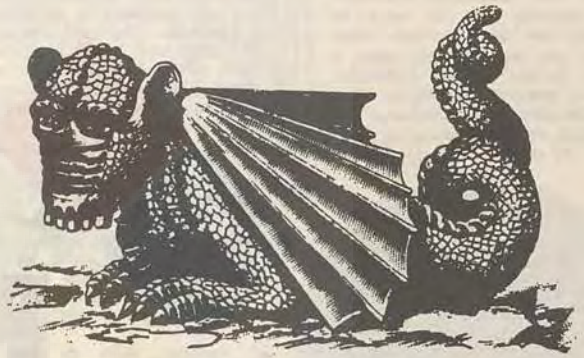
"O mestiçamento no Brasil confirma e exemplifica estas previsões" (p. 127).

"E o que há a fazer para arrancar as raças cruzadas do Pará ao abatimento em que jazem? Pensamos que nada. Esmagá-las sob a pressão enorme de uma grande imigração de uma raça vigorosa que nessa luta pela existência de que fala Darwin as aniquile assimilando-as parece-nos a única cousa capaz de ser útil a esta província" (José Veríssimo, *p. 143*).

E, para continuar esta série de opiniões sem qualquer fundamento científico, aqui vai uma de Couto de Magalhães, sobre os mamelucos:

"Sabe-se hoje que o melhor mestiço é aquele que resultar do tronco branco, no qual se haja infiltrado um quinto de sangue indígena" (pp. 147-148).

Não se pense, no entanto, que aqui se esgota a safra de racistas brasileiros no campo pseudocientífico. Lembraremos, ainda, para finalizar a lista, mais dois nomes entre os mais conhecidos no nosso meio intelectual: Hermann von Ihering (antropólogo e diretor do Museu Paulista), que, na primeira década deste século, defendeu o extermínio dos índios que criavam dificuldades ao avanço da civilização branca, e Oliveira Vianna, nome dos mais influentes e importantes na história das Ciências Sociais em nosso país, que defendeu, em suas obras, teses nitidamente racistas e, por isto mesmo, antibrasileiras.



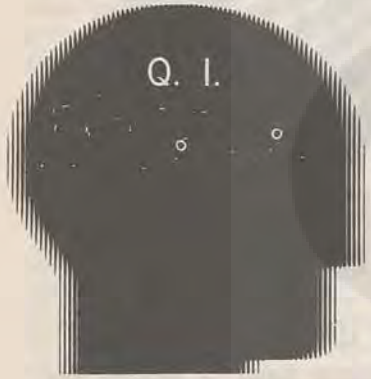
18.

Todas essas teses de fundo racista, inteiramente formuladas sem o apoio de dados insuspeitos, não merecem, hoje, maior consideração.

Investigações recentes, tanto na área estritamente biológica como na psicológica, estão revelando que as causas de "inferioridade" de certos povos e de certas classes sociais são, simplesmente, as condições históricas e os

fatores sócio-econômicos, não sendo, portanto, de ordem genética. Povos, classes e pessoas considerados como "inferiores" têm obtido categoria "superior" quando alteradas, para melhor, sua situação sócio-econômica ou sua situação histórica.

N. E. Morton e colaboradores, no Havaí, e H. Krieger, no Brasil, na base de pesquisas amplas, minuciosas e analisadas com o maior rigor estatístico, revelaram, por exemplo, que as raças humanas, em sua evolução divergente, não se afastaram tanto ao ponto de que, de seu cruzamento, surjam produtos capazes de serem considerados como "inferiores" sob o ponto de vista biológico. Além disto, os melhores estudos sobre o



de indivíduos pertencentes a diferentes grupos raciais, nos Estados Unidos, estão mostrando que as diferenças existentes devem ser, antes, explicadas na base de variáveis sócio-econômicas do que propriamente genéticas. Além disto, as mais sérias pesquisas realizadas tanto no setor da morfologia, como da fisiologia e da patologia comparadas, não permitem afirmar ser uma raça "mais evoluída" do que outra. Derivadas do mesmo grupo primitivo de *Homo sapiens*, que teria vivido há cerca de 250 mil anos (veja Nota Final, na p. 70), as populações humanas dispersas pelos vários continentes evoluíram de forma divergente, formando as atuais "raças geográficas" que, *em média*, se encontram igualmente distantes daquele grupo inicial de que se originaram. (Veja, sobre o assunto, os dois excelentes livros de Comas citados na lista final).

O racismo, além de ser anti-humano e antibrasileiro, é, portanto, também anticientífico. Não há "raças inferiores". O que há são "indivíduos inferiores", que podem ser encontrados em qualquer grupo étnico. O racista é, por exemplo, "uma personalidade socialmente inferior, porque cria conflitos num setor onde só deveria haver interajuda e colaboração" (Salzano e Freire-Maia, obra referida no fim deste opúsculo, p. 47).

Concluindo, podemos concordar com o antropólogo Alfred Métraux:

"a ciência moderna veio confirmar e ratificar a ética da fraternidade humana".

Apesar disto,

19.

VENCIDOS NA GUERRA, ESPOLIADOS DE SUAS TERRAS, DIZIMADOS PELAS DOENÇAS INFECCIOSAS E PELA FOME, VÃO DESAPARECENDO OS PRIMEIROS HABITANTES DO BRASIL.

E' bem conhecida, tal como a descreve Pero Vaz de Caminha, a maneira cordial com que foram recebidos os membros da expedição portuguesa de 1500. Os índios não eram selvagens, perversos, maus ou interesseiros. Justamente pela sua cordura e pela sua jovialidade é que nunca poderiam avaliar o que representava, em termos de história colonialista, aquele primeiro contato e as primeiras trocas de presentes. O que se seguiu foi uma invasão guerreira: a paz só se conseguia pela cessão de terras, pela sujeição em forma de escravatura, pela aceitação total da cultura alienígena. Assim é que, de senhores de terras sem fim, tinham de passar a estrangeiros; de homens livres na mais ampla acepção deste conceito, deviam transformar-se em escravos; de donos de tradições religiosas seculares, tinham de aceitar o cristianismo como era pregado e praticado pelos europeus.

Sobreviventes da tribo dos Xetás, dizimada pelo avanço da «civilização» branca em meados do nosso século. Nada pode a FUNAI realmente fazer, em termos vigorosos, para frear a agressão perene dos brancos contra os índios, antigos donos de todas as nossas terras.

20. PELA GUERRA, PELA FOME E PELAS DOENÇAS, AS RAÇAS AMERÍNDIAS FORAM CEDENDO O ESPAÇO E DESAPARECENDO.

Darcy Ribeiro conta, por exemplo (para só citar a parte mais recente da história), que, de 1900 a 1957 (isto é, em cerca de 60 anos), desapareceram 31% dos grupos indígenas "isolados", 25% dos que apresentavam "contato intermitente" com o homem branco, 72% dos caracterizados por "contato permanente" e 42% dos completamente "integrados", dando uma média de 38%. Isto é: em 60 anos, começando exatamente quatro séculos depois do "descobrimento", mais de 1/3 dos nossos grupos indígenas foram exterminados pela conjunção de uma série de fatores.

Essas estimativas devem ser apenas aceitas como representativas da ordem de grandeza, uma vez que a caracterização, pelos antropólogos, do que seja um "grupo" indígena está sujeita a erros ponderáveis. Basta referir que Malcher reconhece 355 grupos quando Ribeiro vê somente 143. Seja qual for a diferença, os dados de Ribeiro, acima referidos, revelam o lado mais sombrio de um quadro inteiramente doloroso, feito de saques, dominação e extermínio.

21

NÃO HÁ RAZÕES QUE JUSTIFIQUEM A TESE DE QUE OS INDÍGENAS SE CONSTITUAM DE RAÇAS EM «DEGENERESCÊNCIA», EM «DETERIORAÇÃO GENÉTICA», EM «FASE INELUTÁVEL DE DESAPARECIMENTO».

Sua fertilidade é, em geral, muito elevada, oscilando em torno de 6 o número médio de filhos nascidos vivos por mulher prolífica com sua fase reprodutiva completa, e sendo de cerca de 95% a freqüência de mulheres prolíficas entre mulheres com idade igual ou superior a 15 anos. Nossos índios são considerados como de boa saúde, têm bons dentes, apresentam variabilidade genética semelhante à de quaisquer outros povos e revelam capacidade intelectual igual aos índices normais de outras raças.

As "doenças da civilização", às quais o homem branco já se havia adaptado bem ou mal, têm sido causa, no entanto, de verdadeiras hecatombes entre eles. Segundo F. M. Salzano, a mortalidade infanto-juvenil muito elevada (e aqui entramos num setor em que os fatores sócio-econômicos têm papel mais importante que os biológicos) parece ser responsável, em grande parte, pelo declínio demográfico dos nossos indígenas.

Mantidos afastados da civilização branca, em postos estabelecidos e administrados pelo governo federal, quando não "isolados" e, como tal, desamparados diante da cobiça dessa mesma "civilização", nossos índios talvez desapareçam da face de *sua* terra, num futuro próximo, para nossa mais profunda vergonha. Há quem advogue sua incorporação à nossa sociedade branca, através de uma aculturação que certamente os situará nos escalões mais baixos dessa sociedade, assim aumentando sua miséria e a miséria nacional.

22. OS NEGROS

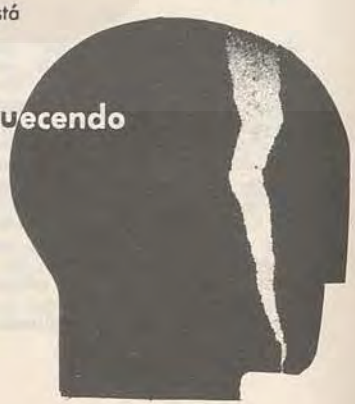
TAMBÉM ESTÃO DESAPARECENDO COM A MISCIGENAÇÃO?

A raça branca engolirá *a negra?*

Os negros, cruelmente tratados como escravos e, como tal, não passando de meras coisas para negócio, acabaram sendo assimilados pela civilização branca, mas nela deixaram a marca viva de sua cultura: nas artes, na religião, nos costumes, na língua. Não existe, pois, um Brasil branco ao lado de um Brasil negro. Há um Brasil só, branco e negro ao mesmo tempo. E tudo leva a crer que o futuro estreitará essa unidade, nas formas religiosas de compromisso afro-católico, na culinária da Bahia, no ritmo do samba, no convívio diário, nas artes plásticas, na literatura, no esporte — enfim, em todas as manifestações da vida nacional.

Mas com a miscigenação o negro está desaparecendo. Há quem diga que a população brasileira está

embranquecendo



com esse cruzamento heterogâmico permanente. E que, por isto, um dia não haverá mais negros.

E' verdade?

SIM, É VERDADE. UM DIA NÃO HAVERÁ MAIS NEGROS, MAS TAMBÉM NÃO HAVERÁ MAIS BRANCOS NO BRASIL.

O conceito de «embranquecimento» da população é, sob certo aspecto, falso porque apenas revela um lado do problema. Para os brancos, talvez ela esteja mesmo embranquecendo, porque a freqüência dos negros «puros» tende a diminuir até chegar a zero. Não se esqueça, no entanto, de que, à medida em que vão desaparecendo os negros «puros», também estarão desaparecendo os brancos «puros».

23.

A TENDÊNCIA É PARA QUE A POPULAÇÃO BRASILEIRA SE TORNE MAIS HOMOGÊNEA RELATIVAMENTE À DISTRIBUIÇÃO DOS GENES DANTES PREPONDERANTEMENTE CONCENTRADOS EM UMA OU EM OUTRA RAÇA.

A "ETERNIDADE" DOS GENES

Esses genes, no entanto, não desaparecem e nem se diluem com a miscigenação. São partículas dotadas de composição bioquímica definida e, por isto, não desbotam e nem se descolorem. Passam de uma geração para a outra sem contaminações, podendo manifestar-se ou permanecer ocultas, mas sempre presentes, sempre inteiras.

Dissemos acima que o conceito do embranquecimento do povo brasileiro era, *sob certo aspecto*, falso. Porque há um aspecto em que ele é verdadeiro. Tendo sido extinto, em 1850, o tráfico dos escravos, e tomado grande incremento a imigração branca depois dessa época (mas principalmente nas décadas em torno de 1900, com a entrada anual de cerca de um milhão de imigrantes em nosso país), é claro que houve um *embranquecimento* de origem migratória. As estatísticas demográficas o comprovam muito bem. Nossa população tenderá pois para uma mulatice geral, variável, que oscilará entre a mais escura e a mais clara, raramente ou mesmo nunca mais revelando um branco ou um negro "puros". Mas o processo será longo e lento. A raça branca não engolirá a negra: ambas serão engolidas pela miscigenação, formando uma nova raça que nada ficará a dever às duas raças maternas e conterá também, embora em baixa freqüência, genes "índios".

24. INVESTIGAÇÕES SOBRE AS IDÉIAS GERADORAS DE DISCRIMINAÇÃO E HOSTILIDADE DE NATUREZA RACIAL REVELARAM QUE NÃO TÊM BASE CIENTÍFICA; A MENTALIDADE RACISTA É TOTALMENTE IRRACIONAL.

Os racistas definem cada "raça", "etnia" ou "povo" discriminado, na base de muitos estereótipos depreciativos e de um ou outro neutro ou mesmo apreciativo. Numa pesquisa realizada em 1950, na Bahia, entre funcionários públicos e estudantes de vários níveis, por exemplo, os seguintes grupos foram classificados da seguinte maneira, segundo a ordem decrescente dos atributos:

A MENTIRA DOS ESTEREÓTIPOS

Americanos — empreendedores, progressistas, alegres, inteligentes, interesseiros, trabalhadores e artistas;

Russos — materialistas, cruéis, organizados, intolerantes, agressivos, trabalhadores, inteligentes e persistentes;

Alemães — inteligentes, cruéis, trabalhadores, disciplinados, orgulhosos e empreendedores;

Judeus — avarentos, gananciosos, inteligentes, astuciosos, desonestos, econômicos e interesseiros;

Argentinos — progressistas, orgulhosos, trabalhadores, pretensiosos, organizados, alegres e gabolas;

Portugueses — religiosos, sujos, trabalhadores, econômicos, pouco inteligentes, bondosos e simples;

Índios — desconfiados, supersticiosos, preguiçosos, vingativos, valentes e traiçoeiros;

Japoneses — traiçoeiros, cruéis, vingativos, trabalhadores, supersticiosos e valentes.

E' de interesse comparar esses estereótipos com os atribuídos ao próprio povo brasileiro: bondoso, inteligente, religioso, preguiçoso, amigueiro, sensual, trabalhador e sincero. Relativamente aos negros, os estudantes universitários os classificaram como supersticiosos, grosseiros, pouco inteligentes, ignorantes, submissos e trabalhadores; e os funcionários, como desconfiados, pouco inteligentes, ignorantes, preguiçosos, tristes e sensuais. A apuração global deu-lhes os seguintes estereótipos: supersticiosos, pouco inteligentes, submissos, tristes, desconfiados e preguiçosos. E' interessante notar que tanto os brancos como os mulatos e os negros conferiram aos negros aproximadamente a mesma freqüência de atributos neutros (20%); que os negros atribuíram a si próprios muito mais atributos apreciativos e muito menos depreciativos do que os outros dois grupos; e que os mulatos deram aos negros quase tantos (58%) atributos depreciativos quanto os próprios brancos (63%). (Dados de Thales de Azevedo, 1966).

Como essa pesquisa foi realizada na Bahia, onde o número de estrangeiros é pequeno, é muito provável que a grande maioria dos entrevistados nunca tenha tido contatos ou nem mesmo visto um único representante de alguma das etnias ou nacionalidades julgadas.

Aliás, pode-se notar claramente, em algumas das respostas, o efeito decisivo do noticiário e dos editoriais da imprensa durante a guerra, ao lado da enorme influência do cinema.

Depois de analisar uma série de estudos sobre esse problema, Klineberg conclui que

1

os estereótipos nacionais podem conter alguma verdade mas também podem ser completamente falsos;

2

são aprendidos;

3

mudam com o tempo e respondem à situação econômica e política do momento;

4

são perigosos para o convívio entre as nações;

5

podem ser tratados por meio de esclarecimento e reeducação (cf. Thales de Azevedo, *loc. cit.*).

Os racistas consideram os seus estereótipos classificadores de raças como tendo origem genética. Assim, quando se diz que os judeus são "muito inteligentes", isto significaria que há uma freqüência mais alta de pessoas "muito inteligentes" entre os judeus do que em outras "raças", e que essa "inteligência" maior se deve à simples atuação de fatores genéticos, sendo, pois, destituída de um componente ambiental (sócio-econômico).

25. ESSAS TESES RACISTAS NÃO ESTÃO PROVADAS.

Não se sabe se alguns estereótipos — e, no caso afirmativo, quais deles — realmente descrevem a maioria da população em causa e, caso representem a realidade, também não se sabe se apenas refletem a atuação de fatores genéticos ou a de ambientais.

Tudo leva a crer, como vimos, que muitos estereótipos brotem de meras impressões baseadas em observações superficiais e que alguns, sendo verdadeiros, não sejam características *raciais*, porém mero efeito de estímulos de natureza sócio-econômica (por exemplo, a "elevada inteligência" dos judeus e a "alta capacidade de trabalho" dos negros).

Investigações realizadas nos Estados Unidos revelaram que as pessoas que mostram ojeriza por certos grupos raciais também mostram o mesmo tipo de sentimentos para com grupos raciais

inexistentes,

cujos nomes (fictícios) haviam sido simplesmente inventados pelo pesquisador para testar a "solidez" daqueles sentimentos. Outra observação interessante é que características consideradas, pelos racistas, como defeitos graves em alguns grupos raciais são constatadas, porém aceitas como virtudes, no grupo a que pertencem. Como se vê, a mentalidade que cria discriminação e hostilidade do natureza racial é totalmente irracional.

Verificou-se também que muitos indivíduos que manifestam clara discriminação contra certos grupos raciais afirmam que ela é baseada no seu conhecimento das pessoas pertencentes a esses grupos; suas descrições desses contatos representam, no entanto, muito mais visões globais dos seus estereótipos do que de pessoas reais. Outras vezes, o discriminador confessa que conhece ou mesmo é amigo de membros das raças discriminadas, os quais, não manifestando os estereótipos depreciativos que ele criou, são descritos como "exceções"; assim, não se sente obrigado a reformular seus preconceitos na base de suas próprias experiências.

Neste caso, a regra foi construída inteiramente segundo preconceitos que resistem à prova da verificação pessoal. Os pontos de vista discriminadores podem basear-se, pois, em pura racionalização, que mascara a origem verdadeira dessas atitudes. Em geral, o racista recebeu suas idéias dos pais, dos mais velhos, da sociedade em que vive, etc., sem se dar ao trabalho de averiguar se elas correspondem à realidade. Algumas expressões de largo uso, porém falsas ou contendo apenas parte da verdade, podem contribuir para disseminar idéias discriminadoras. Por exemplo: .

os «judeus» causaram a morte de Cristo.

Esquece-se de que Cristo também e toda a sua família e todos os seus apóstolos e a maioria dos seus primeiros seguidores também eram judeus. Outra:

os negros são, em geral, sujos.

Esquece-se de que, pertencendo, na sua maioria, a um nível sócio-econômico muito baixo, não podem eles (tal como os brancos pobres), por força de sua própria situação, apresentar um grau de higiene igual ao dos brancos da classe média ou alta.

26. ASSIM COMO OS ESTEREÓTIPOS DEPRECIATIVOS, OS APRECIATIVOS, QUANDO REAIS, TAMBÉM PODEM APENAS REFLETIR MANIFESTAÇÕES DEVIDAS A ESTÍMULOS MAIS FORTES DE NATUREZA SOCIAL.

E' possivel que a alta capacidade intelectual e o elevado nivel econômico dos judeus; o apurado senso musical e o virtuosismo esportivo dos negros; a cordura e o desinteresse pelo acúmulo de bens, assinalados nos índios, etc. nada mais sejam do que resultantes das condições históricas em que se desenvolveram e em que vivem esses grupos.

27. QUALQUER DISCRIMINAÇÃO CONTRA OS JUDEUS EM GERAL, SEM SEPARÁ-LOS NOS VÁRIOS GRUPOS QUE OS COMPÕEM, NÃO PODE TER MOTIVOS REALMENTE "RACIAIS" SIMPLESMENTE PORQUE OS JUDEUS ESTÃO SUBDIVIDIDOS EM SUBGRUPOS DISTINTOS QUE REPRESENTAM VERDADEIROS BOLSÕES DENTRO DO GRUPO MAIOR.

Sendo o judaismo, de princípio, uma religião, a ela se converteram, durante os vinte séculos da diáspora, pessoas de inúmeras raças, assim transformando o primitivo grupo num conjunto de grupos racialmente diversos. Há judeus da Europa ocidental e da Europa oriental há judeus de origem árabe, há judeus mongóis e há judeus negros. Como incluir a todos esses grupos tão diferentes num mesmo sentimento de antagonismo e querer afirmar que os estereótipos que se lhes atribuem têm origem racial?

Raças e Etnias

Raças são populações que possuem contornos biológicos (genéticos). *Etnias* são grupos que se caracterizam por traços culturais (língua, religião, costumes, tradição, folclore, etc.).

Não há uma raça Judia; há uma Etnia Judia

A grande etnia judaica, dotada de uma imensa distribuição geográfica, por isto mesmo perdeu a sua "pureza original" ao longo dos séculos e, atualmente, está subdividida em subetnias, muitas delas geneticamente (racialmente) distintas entre si.

28. UMA LEI ANTI-RACISTA NO BRASIL.

Talvez o leitor não saiba que há uma lei anti-racista brasileira. É conhecida como "Lei Afonso Arinos", por ter sido proposta, no Congresso, por esse deputado. Tem o número 1.390, é do dia 3 de julho de 1951 e não foi revogada e nem modificada. Para a meditação do leitor, aí está a famosa lei:

Inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor.

O presidente da República:
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. Constitui contravenção penal, punida nos termos desta lei, a recusa, por parte de estabelecimento comercial ou de ensino de qualquer natureza, de hospedar, servir, atender ou receber cliente, comprador ou aluno, por preconceito de raça ou de cor.
Parágrafo único. Será considerado agente da contravenção o diretor, agente ou responsável pelo estabelecimento.
Art. 2º. Recusar alguém hospedagem em hotel, pensão, estalagem ou estabelecimento da mesma finalidade, por preconceito de raça ou de cor.
Pena — prisão simples de três meses a um ano e multa de Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) a Cr$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros).
Art. 3º. Recusar a venda de mercadorias em lojas de qualquer gênero, ou atender clientes em restaurantes, bares, confeitarias e lojas semelhantes, abertos ao público, onde se sirvam alimentos, bebidas, refrigerantes e guloseimas, por preconceito de raça ou de cor.
Pena — prisão simples de 15 dias a três meses ou multa de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).
Art. 4º. Recusar entrada em estabelecimento público, de diversões ou esporte, bem como em salões de barbearias ou cabeleireiros por preconceito de raça ou de cor.
Pena — prisão simples de 15 dias a três meses ou multa de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).
Art. 5º. Recusar inscrições de alunos em estabelecimentos de ensino de qualquer curso ou grau, por preconceito de raça ou de cor.
Pena — prisão simples de três meses a um ano ou multa de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).
Parágrafo único. Se se tratar de estabelecimento oficial de ensino, a pena será a perda do cargo para o agente, desde que apurada em inquérito regular.
Art. 6º. Obstar o acesso de alguém a qualquer cargo do funcionalismo público ou ao serviço em qualquer ramo das

forças armadas, por preconceito de raça ou de cor.
Pena — perda do cargo, depois de apurada a responsabilidade em inquérito regular, para o funcionário dirigente da repartição de que dependa a inscrição no concurso de habilitação dos candidatos.
Art. 7º. Negar emprego ou trabalho a alguém em autarquia, sociedade de economia mista, empresa concessionária de serviço público ou empresa privada, por preconceito de raça ou de cor.
Pena — prisão simples de três meses a um ano e multa de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), no caso de empresa privada; perda do cargo para o responsável pela recusa, no caso de autarquia, sociedade de economia mista e empresa concessionária de serviço público.
Art. 8º. Nos casos de reincidência, havidos em estabelecimentos particulares, poderá o juiz determinar a pena adicional de suspensão do funcionamento, por prazo não superior a três meses.
Art. 9º. Esta lei entrará em vigor 15 dias após a sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Rio de Janeiro, 3 de julho de 1951; 130º da Independência e 63º da República.

GETÚLIO VARGAS
Francisco Negrão de Lima

"— Racista eu? Ora, não seja bobo. Sabes como trato a minha negrada. Eles me adoram. Mamei nos peitos duma negra-mina. Me criei no meio de moleques pretos retintos. Quando leio esses casos de ódio racial nos Estados Unidos, comento a coisa com a Lanja e lhe digo que no Brasil a gente, graças a Deus, não tem esses problemas, pois aqui o negro conhece o seu lugar". (Érico Veríssimo, *Incidente em Antares*, Edit. Globo, 1974, 10ª ed., p. 46).

29.

« ... NENHUMA LEGISLAÇÃO, MESMO A MAIS PROGRESSISTA, É CAPAZ DE EXTIRPAR DA CONSCIÊNCIA PRECONCEITOS ANTIGOS. POR VEZES ELES SE ESCONDEM, CAMUFLAM, BUSCAM FUNDAMENTOS NOVOS, MAIS ADEQUADOS À VIDA CONTEMPORÂNEA, E, DE REPENTE, MOSTRAM-SE EM TODA A SUA NUDEZ REPUGNANTE».
Ilya Ehrenburg

Podemos, agora, 32 anos depois de promulgada a lei acima, avaliar os seus efeitos relativamente à erradicação da discriminação racial na vida social brasileira. E seremos levados a tristemente concluir que seus efeitos foram praticamente nulos.

A importância e o poder da lei e dos órgãos incumbidos de aplicá-la são essencialmente diversos em sua eficácia quando se destinam a impor medidas discriminatórias ou opressivas, em nome da política racista do Estado, ou quando, pelo contrário, se voltam a coibir as suas várias manifestações em um determinado país. Por suas profundas implicações de caráter social e econômico, o racismo está sempre, necessariamente, vinculado aos valores e interesses dos grupos e classes econômica e socialmente proeminentes, ao mesmo tempo que se exerce, em geral, contra grupos ou etnias social e economicamente desvalidos. Eis por que costumam ter grande eficácia e alcance os dispositivos legais que favorecem ou reforçam as práticas discriminatórias, enquanto passam muitas vezes, como inócuos, os que as proscrevem.

Na luta contra o racismo, não basta legislar e nem instruir. É preciso, antes de tudo, promover um amplo e profundo movimento **educacional**, através do qual se transmita a todos, das crianças aos adultos (mas principalmente àqueles), a convicção, baseada em dados científicos, de que não há raças inferiores e a política, baseada nos mais altos princípios da ética humanista, de que todas elas têm direito ao mesmo tipo e ao mesmo grau de consideração. E, mais que isto, dar oportunidades iguais a todos, para que as diferenças sociais não condicionem diferenças de outras ordens (cultura, saúde, capacidade de trabalho, etc.), capazes de simular, aos olhos dos leigos, as diferenças raciais propaladas, mas até hoje não provadas, pelos racistas.

Ciência e religião se unem para afirmar

que somos todos irmãos;

por que não transformar em atos de natureza social esse princípio de tão seguros fundamentos e de tão belas conseqüências?

Os psicólogos verificaram que o preconceito racial é implantado nos «quadros mentais» da criança antes dos cinco anos de idade.

30. *LONGE DE AFIRMAR QUE TODAS AS RAÇAS SÃO IGUAIS, O QUE SIMPLESMENTE É FALSO, MANTEMOS QUE, SEJAM QUAIS FOREM AS DIFERENÇAS GENÉTICAS QUE EXIBAM, DE ORDEM FÍSICA (BEM CONHECIDAS) OU DE ORDEM MENTAL (ATÉ HOJE NÃO COMPROVADAS), TÊM TODAS PLENO DIREITO A TRATAMENTO IGUAL.*

Longe de afirmar que devemos admirar ou amar igualmente a todos os grupos étnicos (o que representaria uma violação das preferências individuais, sempre respeitáveis quando não marcadas pela discriminação ao nível racial), mantemos que, sejam quais forem essas preferências, todas as raças merecem o mesmo grau de respeito e de consideração.

A disseminação dos conhecimentos científicos sobre a natureza das raças deverá basear-se, entre outros, nos seguintes princípios:

1. As pesquisas até hoje realizadas não mostram diferenças **intrínsecas**, de ordem mental, entre as várias raças.

2. Há uma grande variabilidade dentro de cada raça, onde se encontram pessoas com **todos** os níveis de inteligência, dos mais baixos (idiotas, imbecis e débeis mentais) aos mais altos (superdotados). Este fato torna impossível qualquer classificação racial na base desses níveis. Uma tentativa de alinhar os indivíduos em categorias, segundo o seu nível intelectual, incluirá, em cada categoria, pessoas de todas as raças.

3. Raças que, num determinado momento histórico, apresentam nível intelectual médio relativamente baixo, podem revelar alto nível em outras condições, e vice-versa. O exemplo de países como os Estados Unidos, a União Soviética e o Japão, que atingiram elevado desenvolvimento cultural e tecnológico em pouco tempo e sob regimes políticos totalmente diversos, deve ser citado ao lado da situação inversa (por exemplo, a Grécia).

4. Inúmeros negros africanos, muitos dos quais ainda mostrando suas marcas tribais no rosto e, como tal, oriundos de grupos étnicos com hábitos "primitivos", foram educados na Inglaterra e na França, aí revelando potencialidades de desenvolvimento intelectual **idênticas** às dos brancos desses países. Esses negros hoje ocupam posição de destaque nos seus países ou fora deles (por exemplo, nas organizações internacionais), como políticos, escritores, professores universitários, cientistas, etc. Atingiram níveis intelectuais elevadíssimos simplesmente porque lhes foram dadas ótimas condições educacionais. Seus pais e irmãos continuam, muitas vezes, o mesmo tipo de vida dos antepassados simplesmente pelo fato de que lhes faltou o estímulo de natureza ambiental. Um outro fato digno de nota neste contexto é que, por ocasião da I Guerra Mundial, o O.I. médio de recrutas negros do norte dos Estados Unidos mostrou-se superior ao dos recrutas brancos do sul do mesmo país.

5. Quando se verifica que o O. I. médio de um grupo racial é inferior ao de outro, o primeiro **sempre** apresenta um nível sócio-econômico igualmente inferior. Os testes de inteligência não revelam a

inteligência inata

(isto é, as potencialidades intelectuais), mas apenas a

inteligência manifesta

(que é, em larga escala, influenciada pelas condições sociais). Por outro lado, o maior ou menor sucesso ao realizar esses testes depende muito do interesse pessoal. Mesmo os testes preparados com a intenção de medir o componente inato da inteligência não conseguem isolar esse componente dos fatores ambientais que sobre ele atuaram. Até os débeis mentais podem melhorar seu nível intelectual através da educação. E muitas pessoas com elevado potencial de inteligência poderiam vir a ser classificadas como débeis mentais se não tivessem sofrido os bons estímulos do ambiente. A inteligência manifesta representa **sempre**, em grande parte, um traço cultural.

6. Não há razões biológicas para se admitir que as raças difiram na média de seu grau inato de inteligência. Sendo a seleção natural o fator evolucionário que dá direção à evolução, ter-se-ia de admitir que, em certas raças, fossem favorecidos os indivíduos de baixa inteligência, o que não é provável. Pelo contrário, é razoável a hipótese de que, sejam quais forem as condições em que se formaram as várias raças, os indivíduos mais "inteligentes", seja qual for a definição que se dê de inteligência, devem ter sido favorecidos na "luta pela vida".

A BELEZA É A UNIDADE NA VARIEDADE.

A INTELIGÊNCIA RESULTA DE:

a) *Maturações* dos fatores genéticos

b) *Exercício e ação* sobre o mundo físico

c) *Imposições sociais* de determinado nível

d) *Equilibração* — fator geral de organização e equilibração.

Jean Piaget

31. Temos no Brasil um campo propício para desenvolver a educação anti-racista.

O fato já mencionado de que não classificamos os homens, em raças, pela sua "origem" mas pela sua "marca", criou uma situação ideal em que, não existindo nem discriminação violenta por parte das raças que ocupam posições sociais mais elevadas e nem ressentimentos por parte das que se situam em níveis mais baixos, há tantas gradações entre elas que, mesmo que se quisessem estabelecer barreiras, não se saberia bem onde colocá-las, a menos que se erguesse uma em torno de cada pessoa. "A segregação, além de não ser desejada, não é possível", como bem afirmou Jacques Lambert, autor das considerações acima.

Esse trabalho educativo necessitaria ser muito mais longo, extenso e profundo e teria muito menores probabilidades de êxito em alguns outros países, onde ocorrem discriminações de ordem legal ou onde impera um tipo de classificação racial, marcado por ódios e ressentimentos, totalmente diferente do nosso.

Ao lado dessa tarefa educativa deveriam ser tomadas medidas de natureza sócio-econômica para elevar o *status* das populações pobres, onde se misturam brancos e negros, para que elas possam atingir os níveis mais elevados da sociedade, assim aproximando os negros de todos os *brancos*. Com isto, suprimir-se-ia a segregação imposta pela situação econômica, que é, entre nós (mas não em outros países), fonte precípua da segregação social.

O racismo não é doença característica de pessoas ou povos incultos e nem floresce apenas onde não haja uma legislação anti-racista.

AVISO

As espécies desaparecem da face da terra por dois motivos: transformação e extinção. *A transformação pode se dar, seja através de sua mudança progressiva em outra* (anagênese), *seja através de sua partição em duas ou mais* (cladogênese).

A cladogênese parece ter terminado para o homem moderno, que vive uma fase de convergência sobre si mesmo (*Teilhard de Chardin*) *e não mais de divergência genética.*

Desaparecerá da face da terra a espécie Homo sapiens *por anagênese ou terá de enfrentar o mesmo fenômeno dos dinossauros (extinção pura e simples)? Talvez a extinção pura e simples possa vir antes de qualquer modificação significativa de ordem anagenética!*

Veja o AVISO da p. 70.

CONCLUSÕES

O fato de que o racismo é totalmente destituído de bases científicas não significa, como vimos, que todas as raças sejam iguais. Aliás, sendo o conceito de raça baseado em diferenças de ordem genética, seria um contra-senso essa afirmativa.

O racismo pode ser examinado sob seus dois aspectos fundamentais: sua base teórica e suas repercussões sociais. A primeira pretende que as raças podem ser classificadas em «superiores» e «inferiores» em relação a quociente intelectual, espírito de empreendimento, capacidade de trabalho, virtudes éticas, etc. As outras refletem o raciocínio de que as raças «superiores» devem dominar as «inferiores», dar-lhes tratamento desigual e isolar-se delas sob todos os aspectos. Veja-se que, mesmo que fosse verdadeira a base teórica, não se justificariam as implicações sociais de natureza anti-humana que os racistas realizam.

A divergência múltipla que sofreu a espécie humana, no decorrer de sua evolução, em forma de raças geográficas, ocorreu em tempo relativamente curto. Quando se iniciou o processo de convergência, através da miscigenação em massa, principalmente a partir do século XVI, verificou-se que essa divergência existente era, até certo ponto, superficial. A adaptação genética das várias raças ao seu ambiente não se tinha realizado de maneira tão profunda, ao ponto de que os produtos do intercruzamento se mostrassem menos viáveis do que os indivíduos pertencentes aos grupos étnicos originais.

O anti-racismo não nega, e nem poderia fazê-lo, a existência de povos «superiores» e «inferiores», desde que usemos, como padrão de medida, parâmetros tais como o desenvolvimento tecnológico, a riqueza, o progresso cultural, o poderio militar, etc. Mas isto nada tem de racismo, porque sabemos que os fatores da situação diferencial dos vários países na nossa escala de valores não é de caráter racial. Assim é que povos considerados como bárbaros

na época do Império Romano, tal como os britânicos e germânicos, passaram a ser altamente civilizados no futuro. Países como os Estados Unidos, a União Soviética, o Japão, etc. subdesenvolvidos no século passado, ocupam posição de destaque no mundo contemporâneo. Por outro lado, mudanças no sentido inverso também podem ser invocadas para mostrar que as potencialidades genéticas de qualquer povo necessitam de estímulos para sua completa realização e que, na falta desses, pode baixar o seu nível de desenvolvimento.

A origem das raças humanas parece ser acontecimento recente: há estimativas sugerindo que a primeira divergência ocorreu há cerca de apenas 100.000 anos (entre Negróides e o grupo dos Brancos e Mongólicos), enquanto que esse último grupo dividiu-se em Brancos e Mongólicos há cerca de 50.000 anos. É por este motivo que as diferenças genéticas entre as raças humanas são pequenas e superficiais.

AVISO

Se você acredita que o universo existe por acaso e que, por acaso, surgiram os seres vivos e o próprio homem, então pode tratar de aumentar sua angústia: não há nada que garanta que nossa espécie possa persistir ao longo de uma evolução anagenética que a conduzirá a níveis mais altos de igualdade, fraternidade e amor. Se, porém, você acredita que Deus criou o universo e imprimiu-lhe um propósito; que a matéria, desde sua origem, tinha propriedades evolutivas que garantiram o aparecimento da vida e do homem; e que a evolução do homem está voltada em direção ao ponto Ômega — então tranqüilize-se: para o Reino de Deus caminhamos.

NOTA FINAL (cf. p. 50): Não se confunda a origem da espécie atual *Homo sapiens* (há cerca de 250 mil anos) com a origem do gênero *Homo* (talvez há cerca de 3 milhões de anos) e ainda com a origem dos hominídeos (que alguns autores recuam até há 15-20 milhões de anos).

SUGESTÕES PARA LEITURAS

ALMEIDA PRADO, J. F. de, 1966. *Primeiros povoadores do Brasil* (1500-1530). Coleção Brasiliana, Cia. Edit. Nac., São Paulo, 244 p.

AZEVEDO, Thales de, 1966. *Cultura e situação racial no Brasil.* Edit. Civiliz. Brasileira, Rio, 200 p.

AZEVEDO, Thales de, 1975. *Democracia racial.* Vozes, Petrópolis, 108 p.

BASTIDE, Roger e FLORESTAN FERNANDES, 1959. *Brancos e negros em São Paulo.* Col. Brasiliana, n. 305. Cia. Edit. Nac., SP, 370 p.

CAMINHA, Pero Vaz de, 1963. *Carta a el-rei D. Manuel* (Introdução, organização do texto, glossário, bibliografia e índices de Leonardo Arroyo). Dominus Edit., São Paulo, 104 p.

CARNEIRO, Edison, 1964. *Ladinos e crioulos. Estudos sobre o negro no Brasil.* Edit. Civiliz. Brasileira, Rio, 240 p.

COMAS, J., 1967. *Unidad y variedad de la espécie humana.* Univ. Nac. Aut. de México, Div. Gen. de Dif. Cult., 164 p.

DIEGUES JR., Manuel, 1963. *Etnias e culturas do Brasil.* Edit. Letras e Artes, Rio, 166 p.

FERNANDES, Florestan, 1965. *A integração do negro na sociedade de classes.* Dominus Edit., SP, 2 vols., 262 e 394 p.

IANNI, Octavio, 1966. *Raças e classes sociais no Brasil.* Edit. Civiliz. Brasileira, Rio, 258 p.

JAHODA, Marie, 1960. *Race relations and mental health.* UNESCO, Paris, 48 p.

JUNQUEIRA, Carmen, 1975. *Os índios de Ipavu. Um estudo sobre a vida do grupo Kamaiurá.* Ática, SP, 112 p. (Este livro, que reflete as importantes pesquisas da Autora, durante vários anos, apresenta, em seu último capítulo, a "visão do mundo" que os índios têm, "sem alterar demasiadamente seu estilo de narrativa".)

LAMBERT, Jacques, 1959. *Os dois Brasis.* INEP, MEC, Rio, 288 p.

LUNA, Luiz, s/d. *Resistência do índio à dominação do Brasil.* (Nota preliminar e apêndice por Brasil Bandechi). Edit. Obelisco, SP, 78 p.

MOREIRA NETO, Carlos de Araújo, 1971. *A política indigenista brasileira durante o século XIX.* Tese de doutoramento, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, 389 p., Apêndice com 101 p.

NOGUEIRA, Oracy, 1955. *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem.* Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Anais do XXXI Congr. Intern. Americanistas,* São Paulo (org. e publ. por Herbert Baldus). Edit. Anhembi, 556 p. (p. 409-434).

OLIVEIRA TORRES, J. C. de, 1944. *O homem e a montanha.* Liv. Cult. Brasil, Belo Horizonte, 192 p.

PIERSON, Donald, 1945. *Brancos e pretos na Bahia. Estudo de contacto social*. Cia. Edit. Nac., SP, 486 p.

RIBEIRO, Darcy, 1962. *A política indigenista brasileira*. Serv. Inform. Agrícola, Ministério da Agricultura, Rio, 178 p.

RIBEIRO, Darcy, 1968. *Estudos de antropologia da civilização. I. O processo civilizatório*. Edit. Civiliz. Brasileira, Rio, 266 p.

SALZANO, F. M., 1975. *Pindorama, a inocência perdida*. Col. Cosmovisão, Vozes, Petrópolis, 60 p. (Este precioso livrinho descreve e analisa o drama das nossas populações indígenas frente à agressão branca.)

SALZANO, F. M. e N. FREIRE-MAIA, 1967. *Populações brasileiras. Aspectos demográficos, genéticos e antropológicos*. Cia. Edit. Nac. e Edit. Univ. SP, São Paulo, 178 p. Obs.: Uma tradução ampliada e atualizada desse livro foi publicada nos Estados Unidos com o título de *"Problems in human biology. A study of Brasilian populations"*. (Wayne State Univ. Press, Detroit 1970, 200 p.).

SODRÉ, Nelson Werneck, 1960. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Centro Brasil. Pesq. Educac., INEP, MEC, Rio, 388 p.

UNESCO, 1953. *Le concept de race. Resultats d'une enquete*. Paris, 114 p.

WAGLEY, Charles, 1957. *Uma comunidade amazônica*. (Estudo do homem nos trópicos). Col. Brasiliana, vol. 290, Cia. Edit. Nac., SP, 402 p.

NOTA: Os temas de Antropologia, Genética de Populações e Evolução, mencionados aqui, podem ser encontrados, com maior desenvolvimento, nos seguintes livros:

BEÇAK, W. e O. FROTA-PESSOA (orgs.), 1976. *Genética Médica*. 3ª edição. Edit. Sarvier, SP, 568 p. (Trata-se de obra redigida por mais de vinte geneticistas). Este livro tem um capítulo, redigido por O. Frota-Pessoa, sobre "A genética da inteligência".

BEIGUELMAN, B., 1981. *Genética Médica. Vol. 2. Dinâmica dos Genes nas Famílias e nas Populações*. EDART, São Paulo.

CARVALHO, H. C., 1982. *Fundamentos da Genética e da Evolução*. LTC e UFMG, Rio e Belo Horizonte.

COMAS, J., 1966. *Manual de Antropologia Física*. Univ. Nac. Aut. de México, Inst. Inv. Hist., México.

DOBZHANSKY, TH., 1968. *O Homem em Evolução*. Polígono e EDUSP, São Paulo.

FREIRE-MAIA, N., 1974. *Genética de populações humanas*. HUCITEC e EDUSP, SP.

HARRISON, G. A., J. S. WEINER, J. M. TANNER e N. A. BARNICOT, 1971. *Biologia Humana*. EDUSP, SP.

JARMAN, C., 1974. *Evolução da Vida*. Melhoramentos e EDUSP, São Paulo.

PETIT, CL. e G. PRÉVOST, 1968. *Genética e Evolução*. Edgard Blücher e EDUSP, São Paulo.

SENE, F. de M., 1982. *Genética e Evolução*. EPU, São Paulo.

SHORROCKS, B., 1980. *A Origem da Diversidade. As Bases Biológicas da Evolução*. T. A. Queiroz e EDUSP, São Paulo.

COSMOVISÃO **4** VOZES

O mundo não é nenhuma máquina de precisão, em que cada parte age no todo de maneira determinada, única, perpétua, imutável. A nova ciência exige uma nova cosmovisão, na qual cada fenômeno se estrutura num conjunto de relações onde tudo interage, tudo influencia e sofre influência, nada é estático nem constituído uma vez por todas. O assunto abordado neste volume mostra um exemplo típico disso no campo da antropologia biológica e racial que vem se configurando no Brasil, através do encontro e fusão de várias raças, formando um novo tronco e tipo étnico: o brasileiro.

DA MESMA COLEÇÃO:

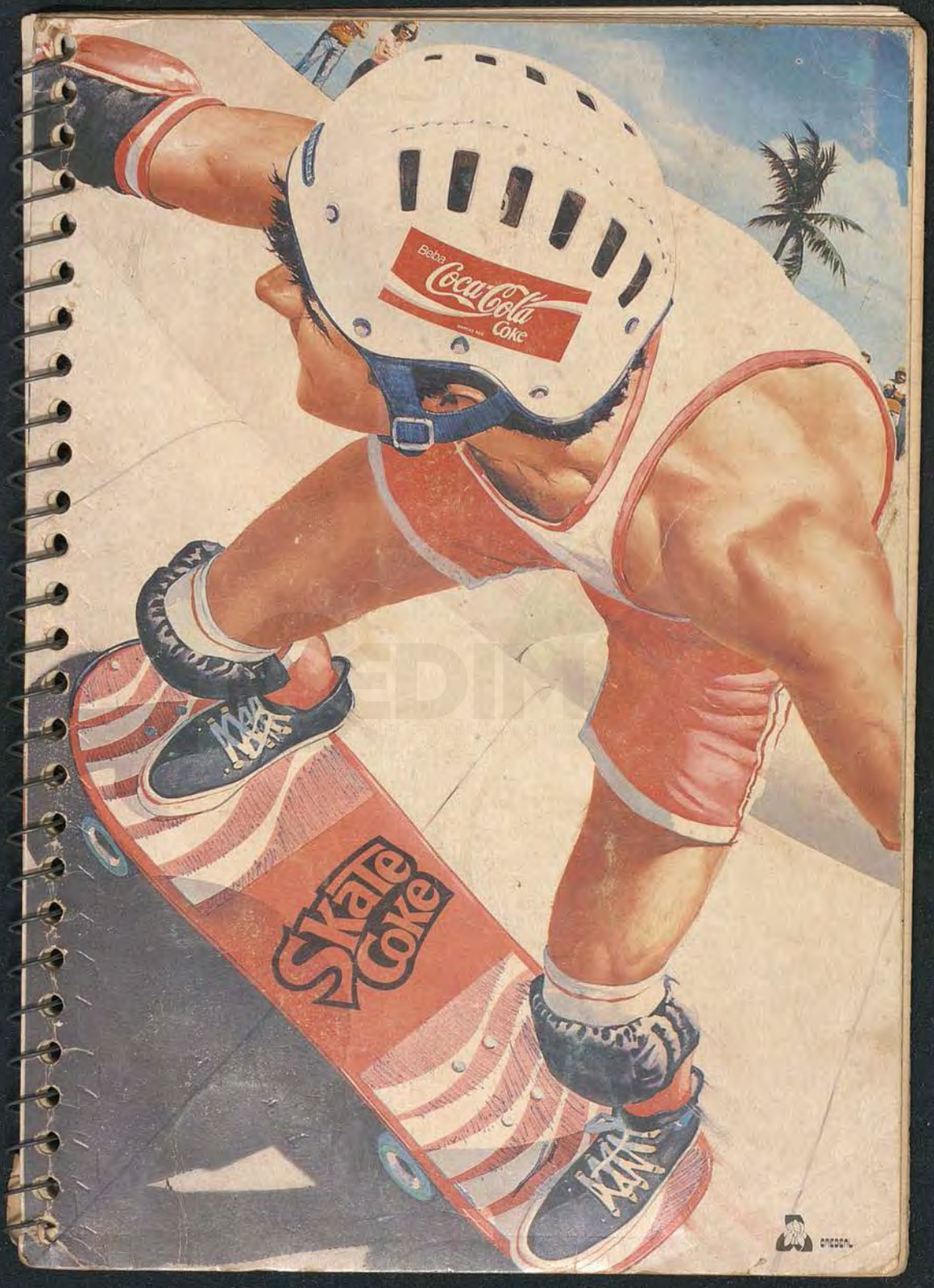
MUTAÇÕES EM EDUCAÇÃO SEGUNDO MCLUHAN
Lauro de Oliveira Lima

MULHER OBJETO DE CAMA E MESA
Heloneida Studart

Atendemos pelo Reembolso.

VOZES

00113-9


Beba
Coca-Cola
Coke
Skate
Coke

IRMÃS MISS. I.C.M.
COMUNIDADE DE FORMAÇÃO
RUA DA GLÓRIA, 261 - CEP 23.800
MONTE SERRAT - ITAGUAÍ RJ

18/04/88

Reunião de APN em Itaguaí

1ª Reunião - Pauta: Rever, avaliar CF88
- Programar: 13 maio
Romaria
novembro
- Programar: Estudos
- Liturgia,

I Avaliação CF88
- Mambucaba.

Houve desinteresse no início e decepções, a solução veio no encontro dos casais.

O Pe. apoiou dando explicações nas liturgias, seguiu-se o manual da CNBB.

Atingiu pouco a catequese em querer falar na discriminação sem falar no negro.

As maiores decepções foram com pessoas ligadas a Igreja, Líderes que não aceitaram o tema, afirmando não existir discriminação no Brasil.

-Angra

Houve reação das lideranças quanto a religião Afro dentro da Igreja.

Partindo do mau entendimento do dia de Estudo em Angra, consequência, diminuir a programação pois a comunidade não esta acompanhando o processo.

Não houve interesse da catequese, dos casais ou demais pastorais.

Muitas lideranças assumiram por obrigação com certa frieza.

No círculo bíblico houve mais interesse.

Atingiu-se a Rádio de Angra,

No encontro das catequista na Ilha Grande houve boa participação.

→As grandes dificuldades estão no:

- ~~Dos~~ Perceber o problema ou
- não querer ver o problema.
- Falta de animadores, talvez fuga,
- Houve paróquias que cantaram os hinos da Arquidiocese do RJ.

A Via Sacra foi feita pelo manual da CNBB.

-Itapinhatu (Angra)

Houve muita aceitação do povo nesta comunidade, a maior parte dos habitantes são negros.

Limitação por pouca preparação dos animadores.

-Balneário (Angra)

Houve aceitação do tema, atuou-se também na catequese, porém o Pe. não aceitou os cântos alternativos, como os da CF eram difíceis, utilizaram-se de cantos comuns.

↔Vai haver planejamento de catequese com o tema do negro.

O material foi estraviado o que dificultou a continuação ou começo do trabalho.

Houve um encontro sobre a história do Negro.

- Mangaratiba

Era época da troca de Padres o que dificultou o início.

Previu-se uma abertura com procissão e ato público mas a chuva atrapalhou e foram cancelados.

Usou-se o material da CNBB e cantos.

A CF se resumiu as pregações e cânticos e estudo bíblico. as comunidades fizeram a CF em família menos a matriz

- Engenho

Não pode se fazer afirmação quanto a outras comunidades a não ser a S. João Batista.

Pe. Henrique utilizou-se das celebrações nas pregações.

Faltou material, veio com atraso o que atrapalhou o andamento.

Houve muita participação, contando casos de discriminação.

Fato interessante foi a ausência dos negros que se omitiram as reflexões.

- São Paulo Apóstolo

Houve despertar para o tema, com reações quanto ao mesmo.

Tivemos acesso a rádio local, na catequese foi boa a influência, usando p/ círculos, etc... o material da CNBB.

- Seropédica:

Houve muito apoio dos padres.

Muita introdução a liturgia II

Algumas críticas de poucas nas Paroquias.

Muitos vibraram com as celebrações.

→ Tiveram peças teatrais elaboradas pelas comunidades.

Forte influência no estudo bíblico e círculos bíblicos formando grupos de estudo.

Houve também participação com as

crianças.

Questões p/ reflexão.

1. Apelo dos animadores para falar da discriminação sem falar, ou explicitar o negro.

2. Por quê não se percebe o problema ou não se quer ver?

3. Porquê da omissão dos negros?

II Objetivos auferidos –

- Formar grupos p/ reflexão sobre a causa do negro;
- Conscientização de um todo
- Conhecer-se e valorizar-se
- Conscientização do aspécto social, político e econômico do negro;
- Por quê chegou a isto? presídios e orfanatos super habitado pelos negros.

III – 13 de maio –

Discutimos e chegamos ao seguinte esquema de apresentação para a celebração.

1 - História da Escravidão: Leis -> demonstrar o massacre às vítimas destas leis.
2 - Situação do negro hoje: ponte das leis e mulher.
3 - Luta e resistência ontem e hoje
4 - Queima da falsa história

Em preparação a este dia haverá em cada região, conforme distintas necessidades uma animação com tríduo.

Encerramos nossas discussões às 15:30, deixando p/ o dia 18 de junho apartir das 9:hs o prosseguimento de nosso encontro e pauta.

Reunião em Mangaratiba 18/06/88.

→ Avaliação das tentativas:

Batizamos mas n Abolismos.

-> Línguas diferentes nas tribos.
-> Sistema jurídico é organizado apartir da escravidão
+> Sem carteira de trabalho
+> sem direitos até à médicos

Itaguaí, 18/07/88

→ Para encaminhamento:
. Devido as dificuldades geograficas.
→ Agir um projeto com:
. Maior nº de assinaturas possíveis

27/08/88

. Angra dos Reis -> Convento do Carmo.

I. Encontro na Bahia.
II. Mês de novembro
III. Mês missionário
IV. aviso (Semana Teológica)

#

I - Berê.
→ A luta do povo negro é a luta do povo mais marginalizado.
→ O povo negro tem como tradição a organização.
→ 1630 a 1695 -> organização forte são os quilombos.
-> o banzo é outro tipo de organização individual;

-> Para os poderes a vitória é apartir do nº de mortos. para o povo pequeno, é medida pelas conseiências q. consiqu despertam.

-> Salvador -> Nagô
Minas -> Banto
Nordeste -> Demnin

Jumento + Égua : Mulo <=> mulato.

-> A comunidade negra ensinou o significado do "perdão" e como é possível perdoar.

Exíia 3. => Sinais de racismo e cativeiro na Bíblia.
• Semelhança na história do negro.

Vocação é chamamento -> Antes da minha (nossa) vocação, Deus teve uma vocação. que é o apelo, o grito do povo pobre. Deus é fiel a vocação dele. Nossa vocação deve ser uma ajuda a Deus ser fiel a vocação dele.

• Quais os motivos de esperanças encontrado neste texto?

->1850 chega a religião ainda mais forte, com a presença da intenção de formar seminários no Brasil, acaba o espaço dos negros nas irmandades, o controle é todo dos padres agora. esta igreja de ser igreja a de Roma.

-> "Não sabemos reconhecer a fé no Reino, ficamos preocupados com a fé na Igreja."

-> Promover a vida, comunhão e justiça de ser nossa verdadeira religião.

Proposta

-> Conhecer a cultura do negro: social político Religiosa.

-> " " cultura do povo brasileiro

-> Saber quais são as atitudes cristãs exigidas para a conversão ao Reino.

Novembro — Fim de Semana de estudo

->Negro e o Reino de Deus
->História do Negro no Brasil
->Como (ei) foi relacionado Negro e Reino no Brasil.

Trazer na próxima reunião:
-> Propósta de Temas

→ Liturgia ;
→ Fundos ; Pe. Antonio Carlos
→ Divulgação ;
↓
O Negro e o Ruino → Concurso de cartaz e slogan. / material para estudar "mês da Bíblia e mês missionário".

Semana da Consciência Negra

Reunião de AEs. Itaquai - 01/10/88
Mangaratiba.

- cartaz =
- Encontro = — Finanças.
- 20 novembro
- CE missionária
- Informes.

- cartaz. nº 10
acrescentar
→ capacete, ~~nas~~ na cabeça
→ nas chibatas : salário, sub-emprego, analfabetismo.
→ da boca : Movimento Negro, grupo de mulheres negras, ~~partidos~~ pol sindicato, CEBs.

fase : nº 15
Negro, na sua resistência a luta de Cristo continua.
vermelho.
— colocar o nome do criador no cartaz.

→ Fazer em stencil queimado.
→ Ver na cúria, esta semana.
500 ou 1000.

#

prêmio : Todos q. participaram receberão algum ; ~~ex~~ cartilha. etc.
o vencedor ganha mais da coleção.

#

Finanças
— 100 pessoas. Talvez 200 mil cruzados.
bala
Forró
Sapinhatuba vai tentar.

Ficha

nome:
Endereço: Fone:
comum:
eidade:
Porquê veio:

Objetivo: assumir a negritude.

20 de novembro.
Balneário: acontecerá alguma coisa, dramatização, jogral... os jovens farão.
Amgra: fora do ambiente de Igreja. Junto a mambucaba histórica - reunião de planejamento acontecerá ~~quarto~~ quinta-feira.

Proposta de celebração: para o Domingo do Cristo Rei, no dia 20 de novembro. Levar ao D. Vital.
Região de Itaguaí = ~~Proj~~ Tarde de Reflexão em

Local indefinido.

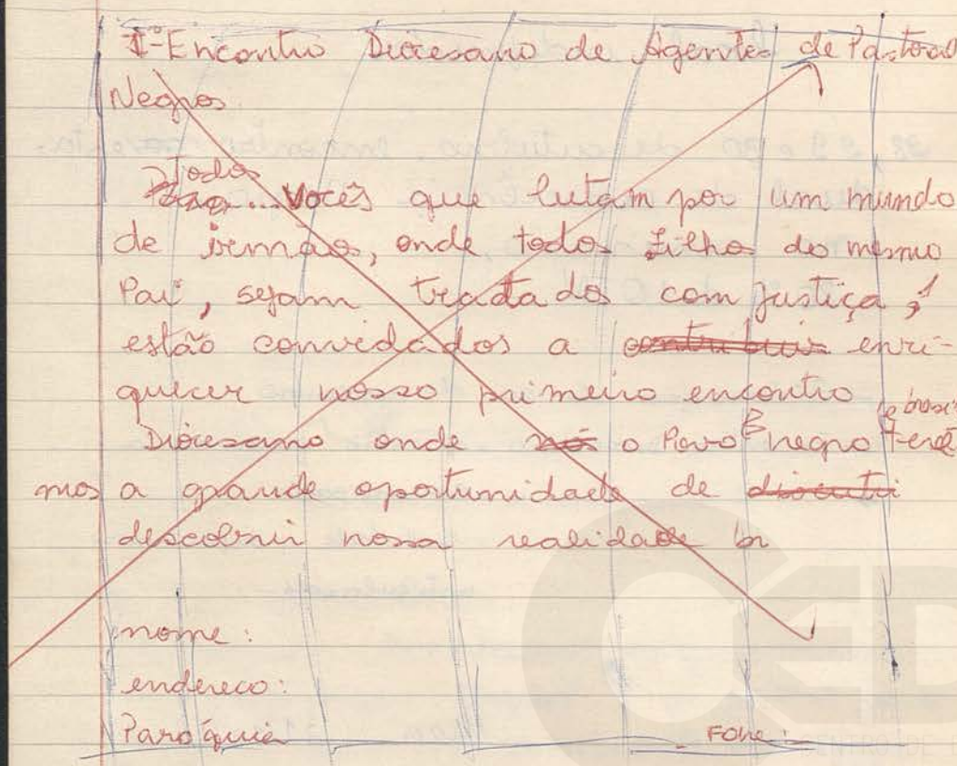
28, 29 e 30 de outubro, encontro ~~nac~~estadual de consciência Negra, no Seminário, 80% de 1,0 TN

→ Celebração de 20 de novembro
→ Encontro Diocesano = questão financeira
= comunicado.
= realidade q. enfrentamos e articulações.

Para: 31/10/88

Temas p/ proximo encontro:

Decoração
Recepção (crachá
Secretaria
~~Lazer~~
cantos (D^a evangelização)



1º Encontro Diocesano de Agentes de Pastoral Negros

Todos ... Vocês que lutam por um mundo de irmãos, onde todos filhos do mesmo Pai, sejam tratados com justiça, estão convidados a ~~contribuir~~ enriquecer nosso primeiro encontro Diocesano onde ~~só~~ o Povo Negro (Afro-brasileiro) terá a grande oportunidade de ~~descobrir~~ descobrir nossa realidade hoje.

nome:
endereço:
Paróquia _____ Fone:

20 de novembro
"Dia da Consciencia Negra"

Queremos convidar "você" para um encontro celebrativo (a se realizar no dia 20 de 11/88 na Comunidade de Santo Antonio em Seropédica)

Dia 25

Chegada 18:30
Jantar 19:00
Abertura: ~~20:30~~ 20:20 / 20:30
Apresentação: 20:00
Oração: na Sala. 21:30

objetivo: sussy.
palavra: ~~Tiago~~ Tiago
preparação
comunicados
slide. A história. entrega próximo dia avaliação.

Obs.: Fotos. chegada e janta.

Dia 26

Despertar 7:hs.
Café 7:30
louvor da manhã 8:00
Releitura da nossa história / 8:30
Cafezinho 10:hs.
Continuação 10:30hs.
Almoço 12:hs
Lazer livre
Retorno: 14hs
Apelos de Deus nessa história.
Café 15:30 hs
Retorno 16:00 hs
~~Celebração~~ : 17: hs
preparação p/ celebração
Culteras - histórica

1 aspectos históricos ontem. hoje. geraldo

Exposição grupos plenários

Obertal Geraldo

(Celebração 19 hs)
~~Jantar~~ 20 hs
Momento ~~Cultural~~ : 20 : hs. (pintados, Roupas, teatro, ~~pipoca~~, chá)
Filmes e Jogos.
teatro com
~~pipoca~~, chá ...

Silêncio 23 : hs

Dia 27.

Despertar 7 : hs
café 7 : 30
louvor da manhã 8 : 00
Compromisso 8 : 30
"Nossa Resposta ao apelo de Deus" Geraldo.
Café 10 : 00
Plenário 10 : 30
Avaliação 11 : 30 "entrega"
Preparação p/ celebração : 11 : 45
Celebração → 12 hs
almoço → 13 hs

Ficha de Inscrição

I Enc. de APNs. início : 18 hs.
Dias 25, 26 e 27 de novembro. → Término com almoço.
Local : Centro de Formação Mariapanálisa

Paróquia : (~~Diocese~~)

-
-
-
-
:

Pedimos que levem roupa de cama
Toalha de banho e
objetos de toalete.
Cada participante deverá, no ato de inscrição Contribuir com a taxa de mínima 7,00.
→ O Dinheiro não deve ser impecílio".

~~Elaborarar com~~
Carissimo Vigário.

Estamos organizando o 1º Enc. Diac. de APNs. e solidários a causa Negra. Gostaríamos de ter representantes de sua paróquia. Durante os dias 25-26-27 de novembro, data de encontro, repetiremos os aspecto histórico, teológico e o nosso compromisso com o Reino.

Nosso objetivo é levar o negro a assumir a sua negritude e se engajar, pra valer, na construção da nova sociedade

Contamos com seu apoio, participação e divulgação.

Enviamos em anexo ficha de inscrição, gostaríamos de tê-la de volta ~~no dia durante a assembléia diocesana~~ até o dia 18 de novembro ou quem sabe durante a assembléia Diocesana -

Beto

Avaliação

1- De modo geral o que você achou do encontro
P N

2- Destaque os momentos mais importantes

3- Trouxe algum questionamento para você? Qual?

4- Que achou das celebrações?

5) O que tem a dizer sobre: sobre a assessoria, sobre as equipes de trabalho? " a noite cultural?

6) Para você o encontro atingiu o objetivo?

7) Que sugestões você daria para o próximo encontro?

1º ~~Encontro~~ Diocesano de APNs ~~Diocesano~~

O Negro e o Reino de D.

Caros Vigários,

Como acreditamos ser de vosso conhecimento que o trabalho iniciado com a CF88 ~~tem ganho~~ do está sendo levado adiante em nossa Diocese.

Tivemos como primeiro passo o encontro de abertura da CF realizado em 12/12/87, onde sentimos apoio e interesse de todos.

Após a caminhada durante a "quaresma", alguns agentes de Pastoral que haviam se dedicado à realização deste sentimos a necessidade de continuarmos discutindo o assunto e partilhando nossas experiências de vida. Um ~~grupo que não é~~ ~~fechado~~

Nosso grupo é misto, e tem-nos feito sentir-mos cada vez mais fortes ~~econquistados~~ e conscientes de nossa dignidade de pessoa.

Como resultado de nossa empolgação, surge a organização do 1º Enco. Dioc. de APNs, no qual gostaríamos de ter ~~esta par...~~ a participação ...

... O encontro é ABERTO a Todos.

~~Queremos~~ Temos consciência da ~~falta~~ dificuldade econômica p/ participantes e em muitos casos da caixa Paroquial, por isto queremos frisar que dinheiro não seja impecílio para ~~os~~ participarem.

≠

— 20 de Novembro —

"Dia da Consciência Negra."

Queremos convidar "você" para este encontro celebrativo, onde aprofundaremos nossas raízes Negras e a luta de tantos, como Zumbi, o grande símbolo da ~~resistência do Povo Negro: e celebrar a nossa luta por nossa liberdade, direito à vida~~ hoje.

dia. hora: Locais.

Contamos com sua presença p/ festejarmos

14

1º Encº Dio. de APNs

~~Caros~~ ONegro e o R: ...

Caros Agentes de Pastoral, 14 3 0 / 2 3
Religiosas,
Párocos,

Como vocês sabem o trabalho da CF 88 continua em nossa Diocese.

~~Alguns~~ agentes de pastoral que animaram os trabalhos durante a "quaresma", sentiram a necessidade de continuar as reflexões ~~em torno~~ d

Como resultado de nossas descobertas e empolgação surge o 1º Encon. Dioc. para AP.Ns. e Solidários a causa do ~~Negro~~.

Esperamos vocé nos dias:
~~25, 26 e 27~~
início: 25 com janta as 18 hs
26 e 27 terminando com almoço
Local: ...

Canto: → Senhor, tinde piedade de nós. Senhor, tinde piedade de nós. → O Senhor disse

Reunião de APNs - Itaguaí 31/10/88.

→ Oração
→ Pauta proposta p/ o dia
→ Obertal ...
→ Divisão de Equipes (sugestão) { Decoração, Recepção, Secretaria, Liturgia } discutir bem as funções obertais.
→ Combinar horário p/ chegar em Mangaratiba.
→ Como enviar os cartazes além do roteiro.
→ É possível próxima reunião.

Geraldo: → Despertar o gosto de ser negro.
→ Mostrar o outro lado da história
→ Não deve ser um encontro de lamentações, só.
→ Jesus Negro, pedir ao Geraldo.
→ Vir junto com Obertal 12 hs do dia 25/10/88.

Ônibus - St Ter Seropédica | Trevo de Mazomba.
Duianema
B. do Brasil.
P. do Engenho.

Comprar folhas p/ cartazes
papéis p/ cartaz.
hidrocor

19/11 -> ajudar ao Barrabaz p/ pintar em prol 25, 26 e 27/11

20 de novembro.

12 hs -> almoço
15 hs -> Encontro de APNs.
- Cantos - apresentações
- Slide - Zumbi
- debates
18 hs -> Celebração.

Quilombo em Itaguaí no primeiro domingo de "dezembro"

I EM - Dioc.

Jessé e Marlene -> Oração da noite vestia
Francisco e Severina -> Coordenar o sábado.
Conceição -> Domingo

Prêmio p/ todos

Cardápio:

Canjica
pipoca
bolo de fubá

25 à noite
Vídeo = Chico Rei

-> Famílias separadas.
-> Desrespeitadas como mulher.
-> Os negros lutaram
-> Não eram considerados Seres Humanos: eram vendidos e mal-tratados.

26 (manhã)
Falar de negro é falar de
Conflito -> culturas
-> Raça
-> Classe
-> Religiosa

Há duas óticas p/ ver-se o mundo. de cima e de baixo, de dentro e de fora.

(Tarde)
-> No Tempo de Jesus Cristo Quem é discriminado? no (N.T)
-> Quais as formas de discriminação que ocorrem no tempo de Jesus?
->

-> Qual a atitude de Jesus?

1 -> Abertura em dezembro 87.
2 -> Fevereiro em Arapa (abertura paroquia esquema)
3 -> Retiro com os jovens
4 -> maio
5 -> novembro
6 -> Encontro Diocesano

1 - esquema = convites / panfletos
2 $$
3 $$
4 $$
celebração
5 esquema
celebrações
6 ~~esquema~~ : esquema
relatório com fotos :

-> ~~Reunião ARDs Ecopedica~~ ← ~~12/03/89~~

Anotações 20/07/89

Sugestões p/ próximo encontro:

- apresentação de grupo de capoeira...
- Falar mais da cultura negra...
- " dos Líderes negros...
- convidar outros grupos negros...
- Religiões Afro
- Aprofundar o tema antes...

Primeiros Passos.
- Sugestão:
-> A mulher negra (Tema)
-> Ver com Elza Vídeo sobre a mulher.

Rm 5,
Ef. 4,1 - 6

Celebração de 1/10/89

Entrada = 3 crianças capoeira
- água de cheiro
- incenso
- trigo, pão, cana, mel, terra, garapa

Ato Penitência: grupo de Paciência
canto: salado por Inês
a cada prece e vão deitando-se no chão
após elevar o (e) ali (e) mento pelo qual rezou-se

Silêncio...

Oração p/ após levantar a cabeça cantar o novo dia (grupo misto entra dançando)

Glória.

Entrada da Bíblia (grupo de Sto. Antônio

Ofertório: amostra de tudo que vai ser vendido na festa

2.º Encontro de Agentes de Pastoral Negros

· Negro e o Reino de Deus ·

/ ser negro(a)

Caros ~~Agentes~~ Padres,
Religiosas,
Agentes de Pastoral.

... Efésios 4,1 6.

#

④

~~Convidamos~~ a todos vocês que lutam nesta esperança única de um mundo melhor, onde Deus possa ser reconhecido na pessoa de cada um, ~~para~~ convidamos para continuar a reflexão em torno da situação de nosso povo negro no Brasil.

~~Desta vez queremos~~ No último encontro refletimos a partir do "Negro que Resiste" e Luta" levando-nos a aprender da resistência de nossos antepassados e ~~aprendermos~~ a erguer a cabeça orgulhosos de nossa coragem e história.

Neste 2.º Encontro portanto queremos aprofundar o nosso "ser negro e negra", como ser autênticos(as) negro(a) num mundo embranquecido ?

... ⑥

~~Todos temos direito~~ Descobrir-nos nos ~~Aprofundar a nossa forma de expressão~~ de fé, e ~~nosso papel de agentes na Ig~~

Acreditando na Força do Deus Pai, presente em todos, planejamos o 2.º Enc. Dioc. de AP Negros e contamos com sua presença e Agen. de sua Paróquia ~~que vão~~ onde juntos enriqueceremos e aprofundaremos nesta caminhada p/ a construção do Reino de Deus entre nós.

O Encon. será dia (16, 17 e 18) de novembro no CFM começando às 18 hs do dia 16. até o almoço do dia 18 (14).

Enviamos junto fichas de inscrição q. devem ser devolvidas até 3 de novembro

na Cúria Diocesana em Moiss de Fr. Berenice.

Contamos com sua presença, apoio e oração
Até lá!

2.º Enc.

"Ser negro, ser negra..."

Ficha de Inscrição

Continuando nosso 1.º Enc. convidamos a todos agora para refletir sobre o no ser negro e negra autenticamente.

Preparação Para 2.º Enc. A.P. Negros.
02/11/89

expectativa do ano passado
dias: 17→
18→
19→

Orações
Celebrações

Ônibus

Expectativas
Elementos da Cultura Negra.
- Grupo de Paciencia: (Pedir ao Ant. Carlos.

- Biblioteca com Personagens Negros. (Exposição)
Benedita e outros recortes de jornal.

cartaz → Colocar as expectativas num cartaz ano passado e deste ano.

= Conhecer A.P. Negros
= dar continuidade, fortalecer a fé
= Passo p/ um mundo melhor.

aprender mais -
= perdão.

- otimismo, ~~se~~ sair satisfeito,
= fatos da sociedade q. nos escravizam.

(17)

Solange

9:00 ou (19:30) = Jantar
9:45 ou (20:30) = Apresentação
Oração Náia
~~21:00~~ = Sugestões e Expectativas deste ano e ano passado
~~21:15 = A cor purpura~~
10:30 Vídeo Quilombo dos Palmares { com pipoca

Equipes será

{ se chegarmos 9 hs as expectativas serão apresentadas serão dia 18 }

(18)

Despertar Susy

7: Café
7:30: oração Berê
8:00: Cartaz com sugestões e expectativas do ano passado e deste ano. Marluce
8:15 - Introdução p/ trabalho individual e grupo

8:15 → Individual = No seu ambiente familiar, escolar e de trabalho, televisão, já percebeu Tratamento de desigualdade entre brancos e negros como se sentiu? Inês
- Quais as dificuldades que sente ou enfrenta sendo negro(a)?
8:30 dois a dois - partilhando o que percebeu.
9:00 Juntar 3 grupinhos (6 pessoas) / preparar apresentação... Criativa.
10:00 cafezinho. Inês e Susy
10:15 Plenário 5' para cada grupo.
11:15 Ex ~~7, 7~~ 10 Berê
~~12~~ Explanação desta Leitura na Realidade apresentada.
14:00 Canto: Momento Novo. / Colocação: Susy
15:30 Lanche
15:45 Dominique. → Ex 3,1 s. (Is 49,1-6)
16:00 Cochicho 30'
- Diante da situação que como negros vivemos qual é a missão que Temos?
2 Quais os recursos que ~~o Servo~~ Temos tem para realizar esta missão? ~~Quem é o Servo?~~
1 Qual nossa missão como negros (as) nas comunidades?
Ex 3,1 s Dominique
17:30 = Banho
18:30 Celebração
19:00 Janta noite cultural.

(18)

Oração da Manhã

- Local: Cachoeira
- Acolhida: Água limpa, lava, vida nova
- Tocando na água enquanto se canta: Ladainha (1).
- Ex 3, 7-10

Partilha ou prece. . O que significou este ato.

~~Pai Nosso~~.

- Canto: Negra Mariama

Caminhando para o salão cantando (Ô Bahia)

Oração da Noite

Local: no Terreno

- Começar Rememorando todo o dia, o que mais marcou,
- Cada um deve ter um símbolo que expresse como se sentiu.

(ao falar o q. marcou apresenta o símbolo)

- Canto: Ao Deus Libertador.

(19)

7:- Café
7:30: Oração
8:00 = Apresentação do que tem sido feito na Diocese (e no Estado do Rio de Janeiro (Nacional))
8:45 = Grupo = Nossas prioridades.
+ 9:15 = Plenário
10:00 = Cafezinho.
10:15 = Amarração e Avaliação.
11:00 = Celebração
12: almoço

Arrumação da Casa e Rua

Orações

Oração Inicial

- Local: Capela

Lá vem o Negro

- Salmo do livro Missões (sou negro)
- A partir de figuras, objetos escolhidos por cada um, irão se apresentar ~~ex~~
- Cada um ganha um pedaço de barbante e remendando à cada um que se apresentou. após segurando o barbante forma-se um grande círculo reza-se o Pai nosso.

→ 3° Encontro - 1990 - 16, 17 e 18 de novembro

→ Avaliação do 2° Encontro - 25 e 26/11/1989
(Com a presença da Secretária do Encontro)

Tarefas

Cantos = Inês
folha de assinatura e endereços (Berê
Cra chás. (Solange
→ Exposição Personagens. (Susy
→ Grupo de Paciencia. Ant. Carlos (Susy
Cartaz de Expectativa (Berê
→ Levar barbante (Susy
caixinha
Urgente → Papél ofício (Marluce - Ligar p/ela 3ª f.)
→ EU Mandar p/ Solange papél chamequinho
Avaliação = Susy (fichas).

(17) #

Recepção = Solange.
Tarefas dias por comunidade = (Berê
Oração = símbolos {quem for mais cedo}
-Dirigente = Néia
Vídeo = Fita e Aparelho = Susy.

(18) Despertar = com música
Copa = Catedral
Oração = Berê
Secretária = Rosimar = 52
Isa Mariza = 5t° Antonio
Apresentação expectativas = Marluce.
Trabalho da manhã = (Susy) Inês
cenários
Amarração = Berê.
Copa = 5t° Antonio } arrumação.
Salão = Aparecida
Tarde = Solange e 5t° Antonio
uma palavrinha = Susy.
2.° parte Tarde = Dominique
e Cachicho
Copa = N. S. da
Oração da noite = Keyla.
Noite cultural = todas

(19)

Copa = ~~Paraty~~ e Angra, Mambucaba
Paraty.
Oração (dos) = Keyla e grupo de paciência.
Trabalho = Diocesano - Berê
Estadual - Marluce e
Keyla.

grupos = (da partilha dia 18) = Susy e Amarração.
Avaliação

Equipe de animação: Inês
Carlos
Aroldo.

copa: Margaratiba.

Bo datilografar para esta reunião.
Fitas K7.
→ Folha para maquina.

(18)

- Negro de alma branca.
- Negro é acolhedor.... (se dão mau)

Manhã

conseguiu
Emprego □ no Trabalho

- Dificuldade de arrumar emprego
- Negra sim!

Escola

Cobrança sobre o comportamento da criança negra na escola.
- Ou por suas características, cabelo...

Casamento
Aceitação da família

Laser:

#

- Ser sob pressão. {Conquistar com: estudo, provar que é capaz. - Posição social é importan-

te; porém não queremos inversão da sociedade, digo, mudança de posição, mas sim uma sociedade nova.

Ex 3, 7.10

• Deus escuta o grito e se faz presente junto a este povo

• Marginalização: . econômica
. social
. cultural

I

Difícil levar / Influenciar nas celebrações
Conscientizar em nosso meio: adulto, crianças.
- cobrar participação de negros, Igreja...
e dos líderes negros que conhecemos
- Porque há poucos negros participando?
- Conquistar, aproveitar e assumir o pouco espaço (como cristãos) que temos
. Tentar formar grupos de negros. Como?
- Unir para transformar.
- aprender a gostar de si
- abrir espaços para conscientizar

II

Dialoga sempre que houver oportunidade em família, escola, lazer...
. Convivência / meio de conscientização
Este enquanto defendendo do nosso direito
- Evangelizar (a Bíblia)
- Recuperar a nossa história
- Levantar a cabeça e gritar:
"Somos gente" (o que é isso)?
- Experiência q. já temos
preparar espaço nos meios de comunicação / Rádio, Jornal, Jornal paroquial, mural de escola, mural informação / espaço que já temos (catequese).

- No Terreiro em silêncio
Ex 3, 7-14 =
Caminhando para a Capela
Chegando - Canto AXÉ.
- Ato Penitêncial
(Fazer as preces) Sws
- Glória a Deus, Glória a Deus é
- Procissão da Bíblia (St° Antonio)
- Ev. Mt. 13, 4-9
(Partilha.)
- Ofertório: - Coisas normais
- barbante
- cartaz
} 5 pessoas mais todos
- Prefácio - sem o santo (vai ser outro)
- Oração Eucarística
- Pai nosso dos mártires
- Comunhão: Vem caminheiro
Axé
- Paz

#

- Por todas as vezes que me omiti diante da fome ~~que~~ de alimento, vida e justiça que vive meu irmão discriminado.
Senhor tende piedade de nós

700
3
2100
1800

- O canavial, lugar de trabalho forçado para tantos no passado e de injustiças, ainda hoje. É também o lugar de onde sai a doçura. Por todas as vezes que não consigo acreditar numa sociedade melhor, onde emane leite e mel. Cristo, tende piedade de nós.

- A Terra é sinonimo de vida e fertilidade, Por todas as vezes que aquido o meu curso ~~normal~~ natural me diminuindo por ser negro(a). Senhor tende piedade de nós.

Itaquaí, 25 de Junho de 1990

Prezado Fr. Mauro

Foi importante lhe conhecer e entrar em contato com a Caritas. Na verdade o que eu saiba sobre Caritas era a parte assistencialista. Fiquei contente com a nova caminhada em que está bem presente a dimensão profética transformadora.

Atualmente estou animando em nossa Diocese os APNs (agentes de Pastoral Negros). A história desse grupo, teve seu início com a CF 88. O nosso objetivo é levar o negro a assumir a sua negritude e se engajar, pra valer, na construção da nova sociedade.

Programamos para este ano a realização do 3º encontro Diocesano dos Agentes de Pastoral Negros.

Dias: 01 - 02 - 03 - 04 até à noite o almoço
Local: centro de Formação Mamanguape

Participantes: 80.
Houve um concurso de cartazes
O cartaz ~~foi feito~~ vencedor
é este que estamos lhe
enviando. É bastante
expressivo. Por si só fala
na dura realidade que nossa
roça enfrenta. Fala também
na resistência e organização.

Gostaríamos muito de
saber de que modo a
Caritas poderia nos ajudar
na realização desse 3º encontro
dos APNs e o que fazer para ter
essa ajuda.

Precisamos: ajuda na
hospedagem dos participantes.
Provavelmente ficará em torno
de Cr$ 180.000,00 a 200.000,00

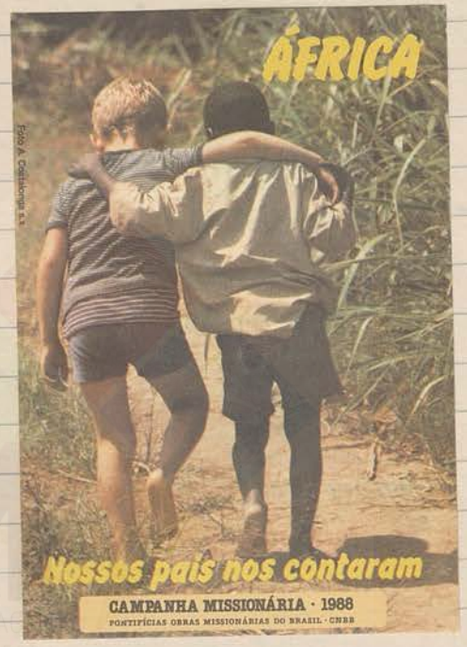
Pensamos em fazer algumas
promoções tipo feijoada, jantar dançante
porém... Mesmo assim, tratando-
-se de estarmos em região
pobre com muitos desempre-
gados e biscateiros, sabemos
de antemão que não conseguir-
emos arrecadar tal quantia.

Temos reservado uma pequena
quantia para assessoria.
Pensamos em convidar gente
daqui de perto para facilitar
esta questão financeira.
Não sei se vocês teriam alguma
outra sugestão...

É importante para nós que
se aprofunde nesses dias os
aspectos históricos, teológicos
e o nosso compromisso na
construção do Reino.

Aguardo ansiosa a
resposta de vocês e desde
já convidamos para participar
e ajudar na realização desse
3º encontro.

Fr. Beatriz


ÁFRICA
Foto A. Castiglioni s.x.
Nossos pais nos contaram
CAMPANHA MISSIONÁRIA · 1988
PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS DO BRASIL · CNBB

2ºENCONTRO DE AGENTES DE PASTORAL NEGROS : DIOCESE DE ITADUAI :1989

PROGRAMAÇÂO:

DIA 17

9:00 jantar
9:45 apresentação e oração (Néia)
formação de equipes : no cartaz (Berê)
10:15 vídeo: QUILOMBODOS PALMARES (Susy)

DIA 18

6:30 despertar (Susy)
7:00 café
7:30 oraçãao da manhã (Berê)
8:00 cartaz com sugestões e expectativas do ano passado e deste ano (Berê)
8:15 trabalhos : INDIVIDUAL (Inês)
1.No seu ambiente familiar, escolar ,de trabalho televisão e laser, já percebeu tratamento desigual entre brancos e negros, como se sentiu?
2.Quais as dificuldades que sente ou enfrenta sendo negro(a)?
8:30 continuar a reflexãao DOIS A DOIS
9:00 juntar 3 grupos (6 pessoas): com apreresentação criativa
10:00 cafezinho
10:15 plenário: 5' para cada grupo (Inês)
11:15 Ex. 3,7-10
Explanação deste texto dentro da realidade apresentada (Berê)
12:00 almoço
14:00 canto:MOMENTO NOVO (St. Antonio)
DRAMATIZAÇÃO
amarraçãao (Susy)
15:30 lanche
15:45 Ex.3,1s e Is.49,1-6
Explanaçãao enfocando nossa missãao diante de nossa realidade ( )
16:00 cochicho de 10'
1.Qual nossa missãao como negros(as) nas comunidades?
2.Quais os recursos que temos para realizar esta missão?
APRESENTAÇÃO (Susy)
17:00 banho
18:30 celebraçãao ( )

DIA 19

6:30 despertar (Susy)
7:00 café
7:30 oração da manhã (Keila)
8:00 apresentaçãao do que tem sido feito na diocese e estado do Rio (Berê, Keila e Marluce)
8:45 grupo: NOSSAS PRIORIDADES (do dia anterior), (Susy e Inês)
9:15 plenário (Susy e Inês)
10:00 cafezinho
10:15 amarração e avaliação (Susy e Inês)
11:00 celebraçãao final
12:00 almoço
ARRUMAÇÃO DA CASA E SÁÍDA (Todos)

EQUIPE DE ANIMAÇÂO :Inês, Carlos, Aroldo e Keila.

Agradecemos ao Movimento Negro Organizado do nosso país pela contribuição dada na construção deste discurso. Principalmente pela colaboração que recebemos dos companheiros do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Brasília.

20 de novembro = Vida e Morte 300 anos de Zumbi

Sr. Presidente, Sras. e Srs. deputados e convidados. É com alegria e tristeza que uso a tribuna do CN para fazer esse pronunciamento nesta data tão importante para a comunidade negra e aqueles que têm compromisso com a construção de uma sociedade libertária, igualitária, fraterna e justa.

Hoje, 20 de novembro de 1995, é o DIA NACIONAL DA CONCIÊNCIA NEGRA, onde homenageamos o grande herói **Zumbi** dos **Palmares** nos 300 anos de sua morte.

É com alegria que vejo a forma como esta data está sendo lembrada.

Para demostrar o Universo que atingiu o nome de **Zumbi** cito um fato:

O jornalista **Abu Jamal** que é negro, foi preso e condenado à morte injustamente nos **Estados Unidos**. Na solidão do cárcere onde se encontra há anos, recebeu carta de apoio do MNU de Brasília, que respondeu com o seguinte texto:

"Estou muito feliz por ter recebido a solidariedade do povo negro, da terra do grande e inesquecível líder **Zumbi dos Palmares**".

Como vemos, o nome de **Zumbi dos Palmares** ultrapassa as fronteiras **do Brasil** e vai se constituindo numa referência para os oprimidos de todo o mundo.

Parabéns a todas as entidades do movimento negro, e às várias gerações de militantes que contribuiram para trazer até aqui o nome de **Zumbi** e dos heróis de **Palmares**.

A luta contra o racismo continua uma prioridade, em um país que teima em não reconhecer a enorme contribuição das culturas africanas

para a civilização brasileira. E insiste em negar aos afro-brasileiros os direitos mínimos da cidadania.

Sr. Presidente, como parlamentar descendente dos povos africanos, é com **tristeza** que afirmo a todos que a sociedade brasileira foi sempre excludente e racista ao deixar à margem os descendentes de africanos, construindo assim obstáculos para a construção da verdadeira democracia.

Vejam, Srs. e Sras, o que dizem os dados do IBGE, instrumento do próprio Estado brasileiro, divulgados em 1993: os homens brancos ganham 6,3 salários mínimos, enquanto que os negros 2,9 salários mínimos. As mulheres brancas ganham 2,9 salários mínimos e as negras 1,7 salários mínimos.

Tais pesquisas desmascaram o mito da democracia racial, mostram ainda uma realidade injusta e perversa, porque a maioria das famílias negras brasileiras vivem em profundo estado de miserabilidade.

Ao longo da história de nosso país, o povo negro tem sido a força motora de acumulação capitalista, sempre ocupando os piores setores da economia e vivendo em situações desumanas.

Vivemos um APARTHEID à moda brasileira que se concretizou na maneira como se estruturou esta sociedade, impedindo que a comunidade negra usufrua dos bens que são produzidos. O racismo anti-negro é algo indesejável, imoral e injusto e vai acontecendo nas ações cotidianas deste país.

Sr. Presidente, Senhores e Senhoras deputados(as), apesar do povo negro ser a grande maioria da população brasileira, nós não temos uma representação institucional condizente com o nosso peso populacional. O próprio Presidente da República reconheceu esse fato no seu discurso de posse nesta Casa.

As elites dominantes tentam vender ao mundo duas grandes mentiras: que somos um país de maioria branca e que existe democracia racial em terras brasileiras.

É necessária a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, onde o povo negro tenha a possibilidade de participar livremente na construção da cidadania.

Hoje em dia, entretanto, como vamos refletir sobre cidadania se a sociedade brasileira é uma das mais injustas do mundo? Conforme o **BIRD,** em setenta países pesquisados, somos o penúltimo em redistribuição de renda; só perdemos para **BUTSUANA**. Essas injustiças recaem principalmente sobre os negros.

A marginalização do negro no mercado de trabalho é profunda. Relatórios da **PNDA** - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - publicada em 1990, demonstram que os negros têm a renda percapita mais baixa da população brasileira.

A grande massa de desempregados, subempregados e párias em nosso país se compõem de não brancos. Pode se encontrar brancos extremamente empobrecidos, mas a extrema pobreza não é privilégio dos brancos. A extrema pobreza é privilégio dos negros.

O racismo, é importante frisarmos Sr. Presidente, não pode ser reduzido apenas a indicadores sociais e econômicos. Ele vai mais além e nega a humanidade dos afro-brasileiros, deformando-lhes a história e agredindo, por todos os meios sua auto-estima.

Sr. PRESIDENTE, nesta sociedade excludente a situação das mulheres negras que trabalham é dramática, são 4 milhões entre os trabalhadores de nosso país. Quase 60% dessas mulheres trabalhadoras atuam na prestação de serviços, onde 80% são empregadas domésticas. Nesta categoria de trabalhadoras boa parte não têm sequer carteira de trabalho assinada.

No que se refere à educação, 80% só atingem 4 anos de estudos, contra 67% das brancas.Quando se trata de mais de 4 anos de estudos, apenas 16% são negras, contra 32% de mulheres brancas.

Quanto à prostituição, de dois milhões de adolescentes de 13 a 18 anos, mais da metade é composta de mulheres negras. A esterilização em massa que acontece em nosso país atinge principalmente as negras. Como se os filhos das trabalhadoras fossem a causa dos problemas sócio-econômicos que afligem a nossa nação.

Sr.Presidente, quando escuto a música **Maria, Maria** de **Milton Nascimento**, sei que ela é inspirada na luta das mulheres negras, principalmente quando diz:

"Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor,
é uma dose mais forte, lenta.
De uma gente que ri quando deve chorar
e não vive, apenas aguenta."

"Mas é preciso ter raça, gana e sonho,
quem traz na pele esta marca Maria, Maria
possui a estranha mania de ter fé na vida,
e lutar sempre".

Srs. e Sras. Congressistas, muito de acordo com a letra da canção que acabo de citar, quero informar-lhes que no último Encontro Nacional de Mulheres realizado no Rio de Janeiro, as mulheres negras constituiam 47% da plenária com representação do **Amapá** ao **Rio Grande do Sul**. Demostrando que estão na luta !

Nós sabemos muito bem que os problemas sócio-econômicos de nosso país são causados pela má administração, pela corrupção, pelo desvio do dinheiro público.

Não se construirá uma nova sociedade tratando a maioria do povo brasileiro, que somos nós descendentes de africanos, com injustiça social e discriminação cultural e racial.

O resultado do tratamento desigual entre brancos e negros na sociedade brasileira leva os afro-brasileiros a serem a maioria entre crianças e adolescentes de rua, mesmo na região sul.

A violência policial nas favelas, nas comunidades carentes e no sistema carcerário, onde a maioria da população também é negra, espantam não só a sociedade brasileira, mas todas as entidades envolvidas com os direitos humanos do mundo inteiro.

Sr. Presidente, nós negros sabemos que **nossa história é bonita, é de luta e é gloriosa. Essa história deve ser recuperada para que nosso rosto negro,** através do resgate da nossa **identidade**, possa **emergir** da sociedade **como um agente de transformação**.

Sras. e Srs.

O negro não aceitou pacificamente a escravidão. À medida que se amplia a conciência social brasileira pode-se perceber o absurdo que

é se imaginar que em algum dia, em algum lugar, seres humanos negados em sua humanidade mais profunda e submetidos à escravidão tenham se acomodado a esta situação.

Sr. Presidente, Palmares já era um ponto de fuga, uma referência para a luta negra contra a opressão escravista, desde a chegada das primeiras pessoas negras à Capitania de Pernambuco. O Quilombo dos **Palmares** chegou a ter, no século XVII, uma população de 20 mil habitantes, entre negros, índios e brancos empobrecidos.

No Quilombo de Palmares a Terra não era de ninguém, era de todos. Todos podiam plantar e a produção era dividida entre seus habitantes, os quilombolas. Como diz a canção **"Cio da Terra"**, **"bastava, para os negros, afagar a terra, conhecer seus desejos e fecundar o chão".** O negro e a Terra, queiram ou não queiram, são e serão eternos amantes.

Assim, em harmonia com a natureza, Palmares resistiu por mais de um século.

Na verdade o colonialismo português não aceitava esta República Negra em seu território. Os negros dos engenhos tentavam sempre romper com o sistema opressor, refugiando-se em **Palmares.**

Os proprietários dos engenhos queriam buscar negros em **Palmares** para trabalhar como escravos, porque era mais vantajoso do que ir à África. Assim, grandes expedições foram construídas para destruir o **Quilombo Palmarino.**

Nesse confronto surge o grande comandante Zumbi, que se torna uma lenda viva, pois parecia imortal, um fantasma de carne e osso. Estava em todos os lugares ao mesmo tempo; um verdadeiro especialista em tática e estratégia militar, derrotando sempre os inimigos.

Esta guerra consome com grandes despesas da Colônia Portuguesa. O rei de Portugal oferece a **Zumbi**, sua esposa e filhos, terra e liberdade. **Zumbi** não aceita e continua ao lado de seu povo, lutando contra o regime colonial.

É importante registrar que **Nelson Mandela** reproduziu esse gesto,em pleno Século XX, quando disse: **" prefiro morrer no cárcere do que deixar de lutar pela liberdade do meu povo e contra o**

Apartheid".

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Zumbi foi assassinado em 20 de novembro de 1695. **Zumbi foi morto física e historicamente em nosso país**. Nós, negros, queremos que esta história seja desvelada, porque **Zumbi** é para o povo negro e para toda a sociedade brasileira, um símbolo de luta pela liberdade.

É necessário que haja uma mudança radical na historiografia brasileira. Sras.e Srs., os dominados têm uma história nesse país.

Hoje, lamentavelmente, o que temos como **História do Brasil**, é a história dos dominadores. Os que aparecem como heróis são os doutores e generais. Os verdadeiros heróis foram os negros, que lutaram pela liberdade, que resistiram nos **Quilombos**, que cultivaram a terra, trabalharam na mineração, na agricultura, nas charqueadas, ergueram suntuosas mansões, igrejas e escolas. Mas, como disse **o poeta Vinícius de Morais, "O operário que tudo construiu, nada possui".**

É preciso lembrar que o negro brasileiro enfrentou todos os invasores, holandeses, espanhóis, franceses, enfim, todos os que ousaram agredir nossa terra. Entretanto, nada disso está escrito na nossa história.

Sr. Presidente, tudo fica no esquecimento, fazendo com que o povo brasileiro não conheça a jornada de luta dos povos africanos e seus descendentes.

Sras. e Srs. Parlamentares, esta história tem que ser contada.

A educação brasileira tem uma grande dívida com os descendentes de Africanos. Somos a maioria dos analfabetos e dos alunos que se evadem dos bancos escolares. Nas universidades somos a minoria, num país de maioria negra, os **Afro-Brasileiros** têm poucas chances de chegar ao mundo acadêmico.

Para se ter uma idéia de quanto desvalorizamos as culturas africanas bastaria dizer que muitos brasileiros têm procurado o **México** para adquirir uma especialização em **história da África**. Pasmem Srs, o segundo maior país negro do mundo, não tem como oferecer uma especialização em um conteúdo fundamental para a compreensão de nossos valores mais profundos.

Ao falar de Educação, não posso deixar de lembrar do mestre dos mestres - **Florestan Fernandes** - que deu a vida pela educação e pelas causas da Nação Negra. Disse um dia o mestre: **"Só teremos justiça social nesse país quando conseguirmos derrubar o apartheid construído pelo preconceito racial".**

Neste ano em que celebramos os **300 anos** da Imortalidade de **Zumbi dos Palmares,** tenho que afirmar ao país, que nossa escola é elitista e racista ao estruturar-se numa realidade que não é a sua realidade, deixando à margem a maioria dos filhos da **Nação negra**.

A imagem de descendentes de africanos que aparecem nos livros didáticos é inferiorizante, tendo como base uma série de esteriótipos, tais como: incapacidade, submissão, preguiça, feiúra, escravidão, agressividade, burrice, entre tantos. Com estas práticas, ao apresentar estas imagens falsas, a escola brasileira contribui para a baixa-estima do alunado negro.

Urge que se reveja o fazer pedagógico em nossas escolas, porque nenhuma escola terá uma educação verdadeiramente libertadora se não incorporar em seus currículos a valorização das culturas africanas, das religiões afro-brasileiras e do resgate da história de lutas do negro no **Brasil**.

Enquanto esse sonho não se torna realidade, sabemos que as práticas continuarão racistas, impondo ao aluno negro um ideal de ego branco e contribuindo para que a maioria do povo brasileiro constituída pela etnia negra negue a sua identidade. Ao deixar o povo negro à margem dos currículos escolares, a escola brasileira está sendo racista, não pelo que foi dito muitas vezes, mas por tudo que foi silenciado.

O Movimento Negro acusa estas práticas que ferem os alunos descendentes de africanos, auxiliando na fuga de sua identidade e contribuindo para o seu fracasso escolar.

Ao resgatar a sua identidade, o povo negro procurará caminhos para tornar-se um agente na busca da transformação da sociedade.

Sr. Presidente, outra dívida que a sociedade brasileira tem para com os afro-brasileiros refere-se à realidade das COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS. O tratamento que é dado a tais comunidades é de opressão. As populações

destas comunidades sofrem nas mãos dos latifundiários, de empresas mineradoras e de madeireiras. Essas populações lutam pelos seus direitos de viver nas terras que foram conquistadas por seus antepassados.

A Constituição Federal desde 1988 determina que o Estado brasileiro deve reconhecer a legítima propriedade das comunidade negras rurais sobre as terras que ocupam há séculos. Elas são centenas e estão espalhadas em todo o território brasileiro. No entanto nenhuma delas recebeu o título coletivo de propriedade de suas terras.

Os trezentos anos da imortalidade de ZUMBI dos Palmares devem ser celebrados com a titulação imediata das terras ocupadas pelos descendentes dos quilombos, cumprindo-se a Constituição Federal e resgatando-se uma das grandes dívidas que a sociedade brasileira tem para com os descendentes de africanos.

O Movimento Negro e várias entidades trazem ao Governo federal a documentação que revela a realidade do povo negro e demais marginalizados da sociedade brasileira, acusando o projeto neoliberal implantado em nosso país, que tem consequências nefastas para a maioria da população brasileira.

Esta documentação desmascara mais uma vez o mito da democracia racial.

Queremos parabenizar os organizadores desta marcha a Brasília, pois mostram à sociedade que são necessárias e urgentes as mudanças.

A História do Movimento Negro começa quando o primeiro negro colocou os pés num navio negreiro. Ele protestou e idealizou um projeto político para uma sociedade livre e igualitária.

Várias entidades negras surgem no século XX. Entretanto, é a partir de 1970 que o movimento negro começa a se fortalecer. Retoma sua herança histórica de resistência, dando conciência à comunidade negra da importância de sua participação mais efetiva no processo cultural, social, político e religioso.

Surgem grupos em todo o país preocupados com o dado histórico, com a crítica à sociedade brasileira. Educação, trabalho, identidade, cultura são as metas de luta em prol da comunidade negra.

É a partir desta época que o movimento negro constrói o dia 20 de novembro como DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA.

É neste período que o movimento negro mostra à sociedade que nosso país vive em meio a um conflito sócio-racial. Não se pode mais analisar os conflitos de classe sem ter presente a questão racial e vice-versa.

Com profundo carinho e respeito vejo o movimento negro e demais entidades que lutam contra a opressão e o racismo presentes em Brasília, nesta grande marcha, trazendo suas preocupações e reivindicações.

É UM MOMENTO HISTÓRICO. É um momento muito importante para refletirmos e celebrarmos os 300 anos da Imortalidade de **ZUMBI DOS PALMARES,** o grande líder do nosso povo negro, que lutou por uma sociedade justa, fraterna e igualitária.

Infelizmente o sonho de Zumbi ainda não se concretizou, por que nós, descendentes de africanos, saímos dos porões dos navios negreiros para os porões da sociedade brasileira.

Sr. Presidente, Srs. e Sras. Parlamentares,

Finalizando este pronunciamento, apresento ações que poderão ser executadas pelo governo brasileiro para mudar esta sociedade:

a) **Exigimos a regulamentação** imediata da terra dos **Quilombos** entregando o certificado de propriedade as comunidades negras remanescentes.

b) **Exigimos** a imediata reparação com indenização aos remanescentes da Raça Negra que foram escravos por mais de 300 anos.

c) **Exigimos** uma política de emprego, começando por diminuir a taxa de juros que é a mais alta do planeta, e reduzindo a jornada de trabalho semanal de 44 para **40 horas semanais**, que geraria cerca de 4 milhões de novos empregos no país. (A maioria dos desempregados são negros).

d) **Que se aprove** o projeto que eleva o **SM para 180 reais**, como a política de reajuste que garanta que ele atinja o que manda a Constituição. (A maioria dos que dependem do SM são os negros).

e) **Somos contra** o fim da **Estabilidade e a Reforma da Previdência**. (Se isto acontecer os primeiros a serem prejudicados serão os negros).

f) **Que reformas** como a Tributária, Fiscal, Urbana e **Agrária** aconteçam verdadeiramente em nosso país;

g) **Que se crie** com urgência o **Programa Nacional de Renda Mínima** e outros programas que combatam pela raiz o mal que gera o fenômeno **crianças e adolescentes de rua**;

h) **Que haja** um programa verdadeiro de erradicação do analfabetismo;

i) **Que se crie** um programa pluriracial de educação, onde a história verdadeira dos povos negros e índios seja resgatada, no primeiro e segundo graus e universidades, conforme projeto de nossa autoria aprovado na CD;

j) **Que** seja implantado no país o **Programa de Assistência integral à saúde da mulher**, construído pelos movimentos de mulheres em 1983, onde o planejamento familiar nele contido apresenta caminhos de se tratar a questão de forma não coercitiva;

l) **Que se tomem** providências para que se garanta que em todos os cursos das universidades públicas brasileiras tenham, no mínimo, **20% de estudantes** provenientes dos povos historicamente oprimidos, negros, indígenas (a exemplo do que acontece na Rússia, Índia e Alemanha), como consta no projeto da **Senadora Benedita da Silva** em tramitação nesta Casa;

m) **Enfim,** que seja atualizada a Lei nº 7.716 de 05 de janeiro de 1989, que define crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor, de autoria do ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro, **Carlos Alberto Caó**, até porque ela foi deturpada com os vetos a ela apostos. Com esse objetivo, estamos apresentando projeto de lei, no dia de hoje.

Se estas ações forem executadas, temos plena convicção de que a utopia gestada por **Zumbi dos Palmares** poderá renascer, neste grande quilombo chamado **Brasil**.

Srs. Parlamentares e Srs. Convidados, cumprimento esta Casa por ter concedido a **Ordem do Congresso Nacional à Sra. Maria do Carmo Gerônimo**, ex-escrava e a mulher mais velha do mundo,

conforme solicitação por nós feita em 14 de junho de 1995. Foi uma homenagem feita ao povo negro pela sua resistência na luta pela cidadania e pela vida, e contra o preconceito racial.

Sr. Presidente,

Me atrevi, sem ser poeta, mas com certa ousadia e muita emoção, a escrever uma poesia para saudar aquele que considero o maior líder de todos os tempos do nosso país. **A poesia** intitula-se **Zumbi**:

"Zumbi é a lembrança da Pátria mãe África.
Zumbi é paz, é vida, é resistência.
É igualdade, é liberdade.
Zumbi não é ilusão, nem sonho, é o retrato da realidade.
É a justiça na busca da nossa identidade.
Zumbi é o símbolo da história de uma raça.
É o herói que os livros omitem, faltando com a verdade.
Zumbi é líder, Zumbi é negro.
Com muito orgulho, sim senhor".

ZUMBI VIVE !
AXÉ, ZUMBI GUERREIRO !
VIVA A NAÇÃO NEGRA !

Deputado Paulo Paim - PT/RS

Cantando a Vida

1. A SEMENTE

1. Toda semente é um anseio de frutificar. / E todo fruto é uma forma da gente se dar.

Põe a semente na terra, / não será em vão. Não te preocupe - a colheita? plantas para o irmão. (bis)

2. Toda Palavra é um anseio de comunicar. / E toda fala é uma forma da gente se dar.

3. Todo tijolo é um anseio de edificar./ E toda obra é uma forma da gente se dar.

2. TODA A BÍBLIA É COMUNICAÇÃO

Toda a Bíblia é comunicação / de um Deus amor, de um Deus irmão. / É feliz quem crê na revelação, / quem tem Deus no coração.

1. Jesus Cristo é a Palavra, / pura imagem de Deus Pai. / Ele é vida é verdade, / a suprema caridade.

2. Os profetas sempre mostram / a vontade do Senhor; / precisamos ser profetas / para o mundo ser melhor.

3. Vossa Lei se fundamenta / na palavra dos apóstolos; / João, Mateus, Marcos e Lucas / transmitiram esta fé.

4. Vinde a nós, ó Santo Espírito, / vinde nos iluminar. / A Palavra que nos salva / nós queremos conservar.

3. OI QUE PRAZER, QUE ALEGRIA

K7 - Ofício Divino das comunidades

Oi que prazer, que alegria o nosso encontro de irmãos!

1. É como um banho perfumado, / gostosa é nossa união!

2. Sereno da madrugada, / gostosa é nossa união!

3. Senhor, tu nos abençoa, / gostosa é nossa união!

4. É vida que dura sempre, / gostosa é nossa união!

4. PROCURANDO A LIBERDADE

1. Procurando a liberdade, caminheiro, / procurando a liberdade também vou; / procurando a liberdade que é vida, / procurando a liberdade de viver, / caminhando eu vou, procurando eu vou.

2. Caminhando levo apenas a esperança / de algum dia a liberdade encontrar; / é a esperança que dá força ao caminheiro / de ir seguindo pela vida a procurar; / caminhando eu vou, procurando eu vou, na esperança eu vou.

3. A liberdade é só certeza na esperança / a encontrar quem na vida se arriscar / e no risco posso ser crucificado, / mas cantando a liberdade vou morrer; / caminhando eu vou, procurando eu vou, / arriscando eu vou, na esperança eu vou.

4. Procurando a liberdade, caminheiro, / procurando a liberdade também vou, / procurando a liberdade que é vida, / procurando a liberdade de viver; / caminhando eu vou, procurando eu vou, / arriscando eu vou, na esperança eu vou.

5. FAZEMOS COMUNHÃO

Fazemos comunhão, construindo a unidade. É nossa vocação servir a comunidade, com Cristo nosso irmão, no sertão ou na cidade.

1. Falta gente pra colheita, há ovelhas sem pastor. / Onde estão os operários do roçado do Senhor?

2. Quem visita os doentes? quem constrói o mundo novo? / quem proclama a salvação? quem reúne nosso povo?

3. Nesta terra sou migrante, / nordestino sofredor, / mas no meio do meu grupo, / me tornei animador.

4. Onde moro tem ministros, / vocações especiais, / Bispo, freiras, padres, leigos, / todos servem como iguais.

5. Somos pobres, pouca gente, / uma Igreja em mutirão, / mas unidos num só povo, toda vida é vocação.

6. O PROFETA
LP - Coração Livre

Tenho que gritar, tenho que arriscar, / ai de mim se não o faço! / Como escapar de ti, como calar, / se tua voz arde em meu peito. / Tenho que andar, tenho que lutar, / ai de mim se não o faço! / Como escapar de ti, como calar, / se tua voz me queima dentro.

1. Antes que te formasses dentro do ventre de tua mãe, antes que tu nascesses, te conheci e te consagrei. / Para ser meu profeta entre as nações, eu te escolhi. / Irás onde eu te envio, o que eu te mando proclamarás.

2. Não temas arriscar-te, porque contigo eu estarei, não temas anunciar-me, porque em tua boca eu falarei. / Te encarrego hoje, meu povo, para arrancar e derrubar, para edificar, destruirás e plantarás.

3. Deixa os teus irmãos, deixa o teu pai e a tua mãe, abandona tua casa, porque a terra gritando está. / Nada tragas contigo, porque a teu lado eu estarei. É hora de lutar, porque meu povo sofrendo está.

7. SER PROFETA É ANUNCIAR
Marcos Sabino - Sebastião C. Lopes
LP - Coração Livre

- Nos meus sonhos de criança, / mil castelos escolhi; / na areia eu brincava / e imaginando me iludi./ Sonhei com a riqueza / com a fama de ser grande; / fui chamado a ser profeta, / e a Deus comunicar.

Ser profeta é anunciar, / pôr em Deus a confiança./ A verdade proclamar, / encher o mundo de esperança. / Agora grito, vem comigo, / vem sem medo de ser feliz / e juntos bem unidos, / vamos construir a paz.

- Este brado tão bonito / meus castelos destruiu, / espalharam-se no chão / e voltaram a ser grão. / Sendo grão na imensidão, / consegui realizar / o meu sonho transformado / e o reino fui levar.

8. DEUS PRECISA DE PROFETAS
Jorge Trevisol — LP - Coração Livre

- O povo está cansado com tanta opressão; / o mal da injustiça cegou seu coração. / E Deus que não se esquece do povo sofredor / precisa de profetas que levam seu amor:/

Eu quero te ouvir, / eu vou te seguir, / "Senhor! Eis-me aqui." (bis)

- Coragem, esperança, vigor em sua mão, / olhares de denúncia, firmeza na missão. /: Amor e confiança, num grito aterrador. / Profeta tem na boca palavras do Senhor:/

- Do mal, as estruturas Deus manda demolir. / Buscar suas raízes, cortar e destruir. /: Abrir caminhos novos e nunca desistir. / Fazer feliz o povo, plantar e construir:/

- Profetas derramaram seu sangue por amor. / E há tantos perseguidos por causa do Senhor. /: Semente que se espalha na terra dos irmãos. / É voz que não se cala e converte o coração:/

9. COMO POSSO ME CALAR?
Jorge Trevisol - Osmar Coppi
LP - Coração Livre

Como posso me calar? Como posso me calar? (bis)

- Semblante de um povo oprimido. / Crianças sem vida e sem lar, / milhares de jovens perdidos, / cansados, com medo de amar. / Meu grito calar não consigo. / Minha voz ninguém vai abafar.

- A tua palavra me queima, / questiona meu modo de ser. / Me faz conhecer a verdade. / Senhor, teu amor faz doer. / Teu grito calar não consigo, / tua voz ninguém pode conter.

- Eu sinto o que sentes do povo, / conheço o amor que lhe tens. / Inquieto eu fico contigo, / até que a esperança não vem. / Teu povo, Senhor, é meu povo. / O teu grito é meu grito também.

10. EU E MEU BARCO
Fabreti

- Um barco, uma rede deixados / na praia bem perto do mar. / Falavam de homens que foram / o reino de Deus anunciar.

Ô, Ô, Ô, eu quero tua voz escutar.
Ô, Ô, Ô, eu quero teu Reino anunciar.

- A rede lançada na fé, / lançada na força do amor. / Colhia pequenos e grandes / pro reino de Nosso Senhor.

- Também eu deixei o meu barco / e andei sem olhar para trás. / Aos braços de quem me chamava / a outros mares pescar.

- Nos mares que agora navego / tem luz e tem noites sem fim. / Remando e cuidando do leme, / Jesus é quem cuida de mim.

11. O ENCONTRO
LP - Coração Livre

- Eu já tinha procurado / tanta coisa importante / que mudasse a minha vida. Muitas delas encontrei, / muita coisa aproveitei / mas de nada adiantou. / Eu tentava abafar, / eu tentava esquecer / o que Cristo me dizia. / Sua voz me perseguia, / o coração me ardia, / por onde é que eu fugiria?

- Até que um dia eu parei, / comecei a refletir: / o que estou fazendo aqui? Minha vida incoerente, / eu não posso ir pra frente / por um lado vou seguir. / Eu larguei tudo o que tinha / a bagagem que levava / e pro alto eu olhei. Decidi por meu Senhor; / a bagagem do amor / é o novo fardo que agarrei.

Eu vou viver por Jesus Cristo / e não importa o que virá, / pois decidi por seu amor. / E vou viver com meu Senhor, / pois decidi por seu amor / e vou viver por meus irmãos.

- Não consigo explicar / o que foi que aconteceu, / mas por dentro eu mudei. / Tudo está tão diferente, / germinou nova semente, / de alegria transbordei. / Retornei ao cotidiano; / estou certo, não me engano, / aprendi o que é amar. Vou doar-me em comunhão / com meu Deus e meus irmãos, / o novo reino anunciar.

12. PARTIDAS QUE TRANSFORMAM
LP - Coração Livre

- Partiu Abraão esperando, / partiu contra toda esperança; / na fé se lançou a caminho / seguro, sem ter segurança.

Feliz é quem parte, quem anda e quem vai. / Certeza na frente, história nas mãos. / Feliz é quem crê na promessa do Pai, / consagra sua vida em favor dos irmãos.

- Partiu Moisés ao Egito, por ver o seu povo na dor, / um povo oprimido e aflito, na espera do libertador.

- Partiu Isaías dizendo: "Aqui eu estou, eu irei". / Profeta de paz e justiça, prepara a chegada do rei.

- Partiu Jeremias temendo, no risco da vida perder, / levando a palavra divina, vai firme e disposto a sofrer.

- Maria partiu confirmando, total doação ao Senhor. / O Verbo entre nós se fez carne, no mundo nasceu o Salvador.

- E Paulo partiu convertido, sabendo em quem confiou, / pregando a "Nova do Reino", no sangue a fé confirmou.

13. CORAÇÃO LIVRE
LP - Coração Livre

- Eu vejo que a juventude tem muito amor, / carrega a esperança viva no seu cantar, / conhece caminhos novos não tem segredos, / anseia pela justiça e deseja a paz. / Mas vejo também a dor da insegurança / que dói quando é hora certa de decidir, / tem medo de deixar tudo e então se cansa, / diz não ao caminho certo e não é feliz.

Hei juventude,/ rosto do mundo! / Teu dinamismo logo encanta quem te vê. / A liberdade aposta tudo; / Não perde nada na certeza de vencer. (bis)

- Vai, vende tudo o que tens, / dá a quem precisa mais / vem e segue-me depois, / vem comigo espalhar a paz.

Jesus convida - conta contigo, / mas é preciso ter coragem de morrer. / Coração livre / comprometido, / partilha tudo sem ter medo de perder (bis)

14. VEM EU TE CHAMO
LP - Coração Livre

Vem eu te chamo, / vai eu te envio! / Vem eu te chamo, / vai eu te envio! / Rumo a um mundo novo, / leva o meu povo. (bis)

- Eu te gerei, / te escolhi, / tu és profeta, / pois vai falar. / E não tenhas medo / vou te inspirar. (bis)

- Eu te consagro / para assumir / perante o povo, / que irás servir. / Darás a vida, / sem tirar a sorte, / te gastarás / até a morte.

- Não vais sozinho, / vou te acompanhar, / pois é preciso, a todos dizer: / "Que o Reino novo / deve acontecer". (bis)

15. Ó TRINDADE
CF/89

Ó Trindade, vos louvamos, / vos louvamos pela vossa comunhão! / Que esta mesa favoreça, favoreça / nossa comunicação!

1. Contra toda tentação / da ganância e do poder, / nossas bocas gritem juntas /: a palavra do viver! :/

2. Na montanha, com Jesus, / no encontro com o Pai, / recebemos a mensagem: /: "Ide ao mundo e o transformai!" :/

3. Deus nos fala na história / e nos chama à conversão: / vamos ser palavras vivas /: proclamando a salvação! :/

4. Vamos juntos festejar / cada volta de um irmão / e o amor que nos acolhe, /: restaurando a comunhão! :/

5. Comunica quem transmite / a verdade e a paz, / quem semeia a esperança /: e o perdão que nos refaz. :/

16. SENHOR, SE TU ME CHAMAS
LP - Caminheiro

Senhor, se tu me chamas, / eu quero te ouvir, / se queres que eu te siga, / respondo: "Eis-me aqui".

1. Profetas te ouviram e seguiram tua voz, / andaram mundo afora e pregaram sem temor./ Seus passos tu firmaste sustentando seu vigor. / Profeta tu me chamas. / Vê, Senhor aqui estou.

2. Nos passos de teu Filho toda a Igreja também vai, / seguindo teu chamado de ser santa qual Jesus. / Apóstolos e mártires se deram sem medir. / Apóstolo me chamas. / Vê, Senhor, estou aqui.

3. Os séculos passaram. Não passou, porém, tua voz, / que chama ainda hoje, que convida a te seguir. / Há homens e mulheres que te amam mais que a si, / e dizem com firmeza: / vê, Senhor, estou aqui.

17. CANTE A ESPERANÇA
LP - Cante a esperança

Levante a cabeça e siga. Encare de frente a vida. Busque dentro de si mesmo a esperança de vencer.

Caminhe pra frente, se ajude. Explore sua juventude. Seja humilde, acredite: você vai vencer.

Jovem, a vida é linda, basta tentar descobrir. Leve a esperança no peito, por onde você seguir.

Cante, cante a esperança. Faça a esperança brilhar. Leve esse canto, essa força a quem precisar; vamos cantar a esperança, fazer a esperança brilhar. E que seu brilho cresça sempre mais pra não mais se apagar. (bis).

18. O BOM PASTOR
Fabreti

1. Pelos prados e campinas verdejantes, eu vou. É o Senhor que me leva a descansar. Junto às fontes de águas puras, repousantes, eu vou. Minhas forças o Senhor vai animar.

Tu és, Senhor, o meu Pastor, por isso, nada em minha vida faltará! (bis)

2. Nos caminhos mais seguros, junto dele, eu vou. E pra sempre o seu nome eu honrarei. Se eu encontro mil abismos nos caminhos, eu vou. Segurança sempre tenho em suas mãos.

3. No banquete em sua casa, muito alegre eu vou. Um lugar em sua mesa me preparou. Ele unge minha fronte e me faz ser feliz. E transborda a minha taça em seu amor.

4. Com alegria e esperança, caminhando eu vou. Minha vida está sempre em suas mãos. E na casa do Senhor eu irei habitar, e este canto para sempre irei cantar.

19. SIM, EU QUERO
LP - Confirmados na Fé

Sim, eu quero que a luz de Deus / que um dia em mim brilhou, / jamais se esconda, / e não se apague em mim o seu fulgor.

Sim, eu quero que o meu amor / ajude o meu irmão / a caminhar guiado por tua mão, / em tua lei, em tua luz, Senhor!

1. Esta terra, os astros, o sertão em paz, / esta flor e o pássaro feliz que vês, / não sentirão, não poderão jamais viver / esta vida singular que Deus nos dá.

2. Quando eu sou um sol a transmitir a luz, / e meu ser é templo onde habita Deus. / Todo céu está presente dentro em mim, / envolvendo-me na vida e no calor.

3. Esta vida nova, comunhão com Deus, / no Batismo aquele dia eu recebi, / vai aumentando sempre e vai me transformando / até que Cristo seja todo o meu viver.

20. MAGNIFICAT

LP - Maria Peregrina com seu povo

Virá o dia em que todos, ao levantar a vista, veremos, nesta terra, reinar a liberdade. (bis)

1. Minha alma engrandece ao Deus libertador. Se alegra meu espírito em Deus, meu Salvador. Pois ele se lembrou do seu povo oprimido. E fez de sua serva, a mãe dos esquecidos.

2. Imenso é seu amor, sem fim sua bondade. Pra todos que na Terra, o seguem na humildade. Bem forte é nosso Deus, levanta o seu braço, espalha os soberbos, destrói todo pecado.

3. Derruba os poderosos dos seus tronos erguidos. Com sangue e suor do seu povo oprimido. E farta os famintos, levanta os humilhados. Arrasa os opressores, os ricos e os malvados.

21. HÁ UM BARCO ESQUECIDO NA PRAIA

Pe. Zezinho — LP - Graça e paz

1. Há um barco esquecido na praia. / Já não leva ninguém a pescar. / É o barco de André e de Pedro / que partiram pra não mais voltar.

Quantas vezes partiram seguros, enfrentando os perigos do mar. / Era chuva, era noite, era escuro, / mas os dois precisavam pescar...

De repente, aparece Jesus. Pouco a pouco, se acende uma luz. / É preciso pescar diferente, que o povo já sente que o tempo chegou. / E partiram, sem mesmo pensar nos perigos de profetizar.

Há um barco esquecido na praia,/ um barco esquecido na praia, / um barco esquecido na praia...

2. Há um barco esquecido na praia. Já, não leva ninguém a pescar. / É o barco de João e Tiago, / que partiram pra não mais voltar.

Quantas vezes em tempos sombrios, enfrentando os perigos do mar, / barco e rede voltavam vazios, mas os dois precisavam pescar...

3. Quantos barcos deixados na praia; entre eles o meu deve estar. / Era o barco dos sonhos que eu tinha, mas eu nunca deixei de sonhar.

Quanta vez enfrentei o perigo, no meu barco de sonho a singrar. / Jesus Cristo remava comigo, eu no leme; Jesus, a remar...

De repente me envolve uma luz, e eu entrego meu leme a Jesus. / É preciso pescar diferente, que o povo já sente que o tempo chegou. / E partimos pra onde ele quis. Tenho cruzes, mas vivo feliz.

Há um barco esquecido na praia, / um barco esquecido na praia, / um barco esquecido na praia...

22. EU QUERO, QUERO

Eu quero, quero, quero, ouvir a voz do povo.

1. Eu quero ver todo o povo acordar, e descobrir dentro da realidade que a semente da verdade está querendo germinar. (bis)

2. Eu quero ver todo o povo como irmão. Eu quero todo o povo caminhando, se libertando do medo que ele tem do tubarão. (bis)

3. Todo povo tem boca pra falar. Inda tem gente que aí se faz de mudo. Fica num canto calado e não se mexe do lugar. (bis)

4. Eu quero ver todo o povo em união. A consciência não se ganha sem esforço. Vamos abrir nossos olhos pra enxergar a situação.

23. MARIA, MARIA

Milton Nascimento

1. Maria, Maria, / é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. / Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta.

2. Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta. / De uma gente que ri quando deve chorar. E não vive, apenas agüenta.

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça. É preciso ter gana sempre. Quem traz no corpo esta marca, Maria, Maria, mistura a dor e alegria.

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça. É preciso ter sonho sempre. Quem traz no corpo esta marca possui a estranha mania de ter fé na vida.

24. ANUNCIAÇÃO

Alceu Valença

1. Da bruma leve das paixões que vem de dentro, tu vens chegando pra brincar no meu quintal. No meu cavalo, peito nu, cabelo ao vento. E o sol corando nossas roupas no varal.

Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais. (bis)

2. A voz do anjo sussurrou no meu ouvido. Eu não duvido, já escuto os teus sinais. E tu virias numa manhã de domingo. Eu te anuncio nos sinos das catedrais. **Tu vens, tu vens...**

25. UM DIA ESCUTEI TEU CHAMADO

1. Um dia escutei teu chamado, / divino recado, batendo no coração. / Deixei deste mundo as promessas / e fui bem depressa / no rumo da tua mão.

Tu és a razão da jornada. / Tu és minha estrada, / meu guia e meu fim. / No grito que vem do teu povo, / te escuto de novo / chamando por mim.

2. Os anos passaram ligeiros, / me fiz um obreiro / no reino de paz e amor. / Nos mares do mundo navego, / e às redes me entrego: / tornei-me teu pescador.

3. Embora tão fraco e pequeno, / caminho sereno, / com a força que vem de ti. / A cada momento que passa, / revivo esta graça / de ser teu sinal aqui.

26. A BARCA

1. Tu te abeiraste da praia. / Não buscaste nem sábios nem ricos. / Somente queres / que eu te siga.

Senhor, / tu me olhaste nos olhos. A sorrir, / pronunciaste meu nome. / Lá na praia, eu larguei o meu barco. / Junto a ti, buscarei outro mar.

2. Tu sabes bem que em meu barco, / eu não tenho / nem ouro nem espadas, / somente redes / e o meu trabalho.

3. Tu minhas mãos solicitas. / Meu cansaço que a outros descanse, / amor que almeja seguir amando.

4. Tu, pescador de outros mares, / ânsia eterna / de almas que esperam, / bondoso amigo / que assim me chamas.

27. DEUS PRECISA DE MIM

Deus precisa de mim, muito mais que eu possa imaginar, a a a.

Deus precisa de mim, muito mais que eu possa imaginar.

Precisa de mim muito mais que as estrelas, / precisa de mim muito mais que o mar, / precisa de mim muito mais que a terra, precisa de mim. (bis)

Deus precisa de ti... Deus precisa de nós...

28. VOCAÇÃO

Pe. Zezinho

Se ouvires a voz do vento chamando sem cessar. / Se ouvires a voz do tempo mandando esperar.

A decisão é tua, a decisão é tua.
São muitos os convidados (bis).
Quase ninguém tem tempo (bis).

Se ouvires a voz de Deus chamando sem cessar. / Se ouvires a voz do mundo querendo te enganar.

A decisão é tua...

O trigo já se perdeu. Cresceu. Ninguém colheu. / E o mundo passando fome, passando fome de Deus.

A decisão é tua...

29. VEM, CAMINHEIRO

Vem, caminheiro, / o caminho é caminhar. / Vai peregrino, / meu amor testemunhar.

1. Eu escutei os clamores do meu povo. / Eu pensei num mundo novo que está no coração / de cada homem / que responde a vocação.

2. Você que tem o futuro pela frente, / anda muito descontente, não tem tempo pra pensar... / Deus tem um plano pra você realizar.

3. Nosso Senhor é a parte da herança / pra quem vive na esperança, sem orgulho e sem temor. / A liberdade é conquistada com amor.

30. CANTO DOS TRÊS JOVENS

João Carlos Ribeiro — LP - Verde Conquista
(Adap. D. Tomás Balduíno)

De Deus criatura e todos mortais / dizei-lhe cantando bendito sejais! / Ó anjos celestes que a Deus adorais, / dizei-lhe cantando bendito sejais!

Bendito sejais, ó Pai criador, / Pai Santo e Senhor, bendito sejais! (bis) / Três jovens de fé desafiaram o rei, / e no fogaréu louvaram a Deus. (bis)

Estrelas e lua e sol que brilhais / dizei-lhe cantando bendito sejais! / Ó noites e dias, manhãs que raiais, / dizei-lhe cantando bendito sejais!

Ó ventos e nuvens que as chuvas formais, / dizei-lhe cantando bendito sejais! / Montanhas e vales que o mundo enfeitais / dizei-lhe cantando bendito sejais!

Florestas e campos, lavouras, quintais / dizei-lhe cantando bendito sejais! / Ó aves e peixes e os animais, / dizei-lhe cantando bendito sejais!

Crianças e jovens, ó filhos e pais, / dizei-lhe cantando bendito sejais! Profetas e justos, de Cristo sinais, / dizei-lhe cantando bendito sejais!

31. IRMÃ MARIA

LP - Verde Conquista

A caminhar pelas estradas da Judéia, / da Samaria e de toda a Galiléia, / Vai, lado a lado, caminhando com Jesus! / De Caná até a cruz / a irmã Maria vai com fé.

Irmã Maria de Nazaré, / irmã Maria, irmã na fé, / irmã do povo que caminha com Jesus! / A irmã Maria vai conosco e vai com fé.

A caminhar pelas estradas da história, / em companhia dos cristãos, os filhos seus, / acompanhando o povo humilde e sofredor! / Toda luta contra a dor / conta com a Virgem Mãe de Deus.

32. CORES DA VIDA

LP - Verde Conquista

O verde da mata eu te dou, / o verde da vida, meu Senhor, / o verde-pitanga eu te dou, / o verde-conquista, meu Senhor.

Pois tudo isso, meu Senhor, / nos vem de tuas mãos, / pois isso mesmo, a ti Senhor, / trazemos nas mãos.

O branco-morada eu te dou. / O branco do trigo, meu Senhor. / O branco da mesa eu te dou, / o branco-partilha, meu Senhor.

O vermelho da roupa eu te dou, / o vermelho da veia, meu Senhor. / O vermelho do vinho eu te dou, / o vermelho-alegria, meu Senhor.

O preto do quadro eu te dou. / O preto no branco, meu Senhor. / O preto da massa eu te dou, / o preto-esperança, meu Senhor.

O azul horizonte eu te dou, / o azul mundo novo, meu Senhor. / O azul-povo-igreja eu te dou, / o azul lá do morro, meu Senhor.

33. PAI-NOSSO DOS POBRES MARGINALIZADOS

Cirineu Kuhn

Pai-nosso dos pobres marginalizados; / Pai-nosso, dos mártires, dos torturados.

1. Teu nome é santificado, / naqueles que morrem defendendo a vida./ Teu nome é glorificado, / quando a justiça é nossa medida. / Teu nome é de liberdade, / de fraternidade, paz e comunhão. / Maldita toda violência, / que devora a vida pela repressão. / Ô Ô Ô Ô - Ô Ô Ô Ô

2. Queremos fazer tua vontade, / és o verdadeiro Deus libertador. / Não vamos seguir as doutrinas, / corrompidas pelo poder opressor. / Pedimos-te o pão da vida, / o pão da segurança, o pão das multidões. / O pão que traz a humanidade, / que constrói o homem em vez de canhões. / Ô Ô Ô Ô - Ô Ô Ô Ô

3. Perdoa-nos quando por medo / ficamos calados diante da morte. / Perdoa e destrói os reinos / em que a corrupção é a lei mais forte. / Protege-nos da crueldade, / do esquadrão da morte, dos prevalecidos. / Pai-nosso, revolucionário / parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos. / Ô Ô Ô Ô - Ô Ô Ô Ô

34. É COMO A CHUVA QUE LAVA (Tua Palavra é assim)

Pe. Zezinho — LP - Sem ódio e sem medo

É como a chuva que lava, / é como o fogo que arrasa; / tua Palavra é assim / não passa por mim / sem deixar um sinal:

Tenho medo de não responder, / de fingir que não escutei. /:Tenho medo de ouvir teu chamado / virar de outro lado e fingir que não sei. :/

Tenho medo de não perceber, / de não ver teu amor passar. /: Tenho medo de estar distraído, / magoado e ferido e então me fechar. :/

Tenho medo de estar a gritar / e negar-te o meu coração. /: Tenho medo do Cristo que passa, / oferece uma graça / e eu lhe diga que não. :/

35. LOUVADO SEJA O MEU SENHOR

Zé Vicente

Louvado seja o meu Senhor por todas as suas criaturas.

- Pelas pessoas que acreditam / no pequeno e se ajuntam / para o mundo melhorar. (bis)

- Pela mulher que lava roupa, cozinha, / arruma a casa, e ainda sabe acarinhar. (bis)

- Pelo trabalhador do campo / que arranca o pão da terra / para a fome não o matar. (bis)

- Pelo operário da cidade / que sabe fazer as coisas / de a gente duvidar. (bis)

- Pelas pessoas que se ajuntam / pra lutar por seus direitos, / não se deixando enganar. (bis)

- Pelo cristão que se organiza / em Sindicatos / e outros grupos / para o mundo transformar. (bis)

36. SE CALAREM A VOZ DOS PROFETAS

Cecília Vaz

1. Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão. / Se fecharem uns poucos caminhos, mil trilhas nascerão.

Muito tempo não dura a verdade, / nestas margens estreitas demais. / Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.

É Jesus esse pão de igualdade, / viemos pra comungar, / com a luta sofrida do povo que quer ter voz, ter vez, lugar. / Comungar é tornar-se um perigo, / viemos pra incomodar / com a fé e a união, nossos passos um dia vão chegar.

2. O Espírito é vento incessante / que nada há de prender. / Ele sopra até no absurdo. / Que a gente não quer ver. Muito tempo...

3. No banquete da festa de uns poucos, / só rico se sentou. / Nosso Deus fica ao lado dos pobres, / colhendo o que sobrou. Muito tempo...

4. O poder tem raízes na areia. / O tempo o faz cair. / União é a rocha que o povo / usou pra construir. Muito tempo...

5. Toda luta verá o seu dia / nascer da escuridão. / Ensaiamos a festa e alegria / fazendo comunhão. Muito tempo...

37. BOCA DO POVO...

Reginaldo Velozo

Boca do povo - povo! / Gritando novo - novo! / Senhor Deus mandou dizer: (bis)

1. Eu vou criar / um novo céu e nova terra, / pois o que passou, passou! As misérias suportadas / já não mais serão lembradas. / Todo mundo a se alegrar, / com o que eu vou criar.

2. Eu vou tornar / Jerusalém uma alegria, / todo o povo a sorrir! / Na cidade eu vou vibrar, / vendo o povo a se alegrar. / Já não mais se ouvirão choro, nem lamentação!

38. SEMEADORES DA PALAVRA

1. Semeadores da Palavra, não cansamos de andar, /: noticiando um novo Reino: que este mundo vai mudar. :/

Nossa força é o amor, nossa guia a verdade. / Trabalhamos pela paz, cremos na fraternidade.

2. Pra quem vive em solidão, sem razão para viver. /: Repartimos esperança de um novo amanhecer. :/

3. Sem escolha de terreno, a missão é semear: /: gesto largo, generoso de quem dá sem calcular. :/

4. A semente tão pequena cai na terra vai morrer. /: Mas a vida tem mais força, vai um dia renascer. :/

5. A mensagem que plantamos com suor no chão do povo /: é semente-alegria pra gerar um mundo novo.:/

39. QUANDO O ESPÍRITO DE DEUS SOPROU...

Zé Vicente

1. Quando o Espírito de Deus soprou, o mundo inteiro se iluminou, a esperança da terra brotou, e um povo novo deu-se as mãos e caminhou.

Lutar e crer, vencer a dor, louvar o Criador; / justiça e paz hão de reinar e viva o amor.

2. Quando Jesus a terra visitou, a Boa Nova da justiça anunciou, o cego viu, o surdo escutou, e os oprimidos das correntes libertou.

3. Nosso poder está na união, um mundo novo vem de Deus e dos irmãos, vamos lutando contra a divisão e preparando a festa da libertação.

4. Cidade e campo se transformarão, jovens unidos na esperança gritarão: a força nova é o poder do amor, nossa fraqueza é a força em Deus Libertador.

40. CIO DA TERRA

Milton Nascimento

1. Debulhar o trigo, / recolher cada bago do trigo, / forjar no trigo o milagre do pão / e se fartar de pão.

2. Decepar a cana, / recolher a garapa da cana, / roubar da cana a doçura do mel, / se lambuzar de mel.

3. Afagar a terra, / conhecer os desejos da terra, / cio da terra a propícia estação / de fecundar o chão.

41. IRÁ CHEGAR (Axé)

Irá chegar um novo dia, / um novo céu, uma nova terra, um novo mar. / E nesse dia os oprimidos, / numa só voz a liberdade irão cantar.

Na nova terra o negro não vai ter corrente / e o nosso índio vai ser visto como gente; / na nova terra o negro, o índio e o mulato, o branco e todos vão comer no mesmo prato.

Na nova terra o fraco, o pobre e o injustiçado / serão juízes deste mundo de pecado. / Na nova terra o forte, o grande e o prepotente, / irão chorar e até ranger os dentes.

Na nova terra a mulher terá direitos, / não sofrerá humilhações e preconceitos. / O seu trabalho todos vão valorizar, / nas decisões ela irá participar.

42. AGORA É TEMPO DE SER IGREJA

M. L. Ricciardi — LP - Nova Evangelização

/: Agora é tempo de ser Igreja, / caminhar juntos participar :/

1. Somos povo escolhido / e na fronte assinalados, / com o nome do Senhor / que caminha ao nosso lado.

2. Somos povo em missão, / já é tempo de partir; / é o Senhor quem nos envia / em seu nome a servir.

3. Somos povo-esperança, / vamos juntos planejar; / ser Igreja a serviço / e na fé testemunhar.

4. Somos povo a caminho / construindo em mutirão / nova terra, novo reino / de fraterna comunhão.

43. A BÍBLIA É A PALAVRA DE DEUS

A Bíblia é a Palavra de Deus semeada no meio do povo. / Que cresceu, cresceu e nos transformou ensinando-nos, viver um mundo novo.

1. Deus é bom, nos ensina a viver, / nos revela o caminho a seguir: / só no amor partilhando seus dons sua presença iremos sentir.

2. Somos povo, o povo de Deus, / e formamos o Reino de irmãos. E a Palavra que é viva nos guia / e alimenta a nossa união.

44. O VIAJANTE

Pe. Zezinho — LP - Sereno e Forte

1. Eu tinha tanta fome de ir embora / pra ver a vida como a vida era / pra'quele teu conselho eu não liguei / e agora eu vejo o quanto eu me enganei.

Manda-me um bilhete de regresso / ou venha me buscar: não ando bem; / pensei que abandonar-te era progresso, / mas sem o teu amor não sou ninguém.

2. Peguei a minha herança e fui embora; / de todos os manjares eu provei. / Não houve nada que eu não fiz lá fora, / mas nem por isso eu me realizei.

3. Dinheiro, amores, droga, malandragem, / eu tinha tudo isso e muito mais; / gastei a minha herança na viagem, / comprei a vida, mas não tenho paz.

4. Eu vi a vida como a vida era / e vi que a vida, às vezes, dói demais; / viver sem teu amor é uma quimera, / eu volto a ser teu filho pra ter paz.

5. Aos poucos eu anseio aquele abraço / que um filho arrependido dá no Pai; / na hora em que eu voltar ao teu regaço, / te juro que eu não saio nunca mais.

45. TU ÉS PRECIOSO AOS MEUS OLHOS

LP - Louvor 2 - Vou profetizar

1. Israel, eis o que te diz teu Senhor: / Não tenhas medo, pelo nome eu te chamo, / tu és meu Israel. / Filho meu, e troco reinos por ti, / pois te aprecio, porque eu te amo. / Estou contigo Israel".

Tu és precioso para mim. / Tu és precioso aos meus olhos.

2. Israel, ainda te diz teu Senhor: / "Mesmo que os montes e as colinas se abalem, / não te deixo jamais. / Filho meu, meu pacto de paz é fiel, / ele é eterno, assim diz teu Senhor / que te ama sem fim".

46. DEUS CHAMA A GENTE

LP - Festa dos pequenos

1. Deus chama a gente pra um momento novo, / de caminhar junto com seu povo. / É hora de transformar o que não dá mais, / sozinho, isolado, ninguém é capaz.

Por isso vem, / entra na roda com a gente, também / você é muito importante! (bis)

2. Não é possível crer que tudo é fácil. / Há muita força que produz a morte / gerando dor, tristeza e desolação, / é necessário unir o cordão!

3. A força que hoje faz brotar a vida / atua em nós pela tua graça. / É Deus quem nos convida pra trabalhar / o amor repartir e as forças juntar.

47. Ó QUE COISA BONITA

/: Ó que coisa bonita. :/

1. Deus Pai Criador criar negra cor. Oh! que coisa bonita!

2. Cristo é nosso irmão sem separação. Oh! que coisa bonita!

3. O Espírito, a fé, a força, o axé. Oh! que coisa bonita!

4. Mãe por Deus escolhida, Negra Aparecida. Oh! que coisa bonita!

5. Celebrar Deus da vida, com festa e comida. Oh! que coisa bonita!

6. Esta reza, esta missa, clamor de justiça. Oh! que coisa bonita!

48. ORAÇÃO DA FAMÍLIA

Pe. Zezinho — LP - Sol Nascente

Que nenhuma família comece em qualquer de repente. / Que nenhuma família termine por falta de amor. / Que o casal seja um para o outro de corpo e de mente. / E que nada no mundo separe um casal sonhador.

Que nenhuma família se abrigue debaixo da ponte. / Que ninguém interfira no lar e na vida dos dois. / Que ninguém os obrigue a viver sem nenhum horizonte. / Que eles vivam do ontem, no hoje e em função de um depois.

Que a família comece e termine sabendo onde vai. / E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai. / Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor / e que os filhos conheçam a força que brota do amor.

Abençoa, Senhor, as famílias. Amém! Abençoa, Senhor, a minha também!

Que marido e mulher tenham força de amar sem medida. / Que ninguém vá dormir sem pedir ou sem dar seu perdão. / Que as crianças aprendam no colo o sentido da vida. / Que a família celebre a partilha do abraço e do pão.

Que marido e mulher não se traiam nem traiam seus filhos. / Que o ciúme não mate a certeza do amor entre os dois. / Que no seu firmamento a estrela que tem maior brilho / seja a firme esperança de um céu aqui mesmo e depois.

49. ALÔ JUVENTUDE

LP - Alô juventude

1. Alô juventude, alô juventude! / Encare com garra o peso da barra, / o tempo é escuro, mas tem solução. / Pra ter no futuro, um porto seguro, / precisa ter força, precisa ter raça, / precisa ter amor no coração.

Pra frente, pra frente, linda juventude! / Você é a esperança do país. / Pra frente, pra frente, linda juventude. / E faça um futuro muito mais feliz.

2. O Brasil é lindo, o Brasil é nosso; / não seja um fraco, não fuja do barco. / Eu sei que é cruel remar contra a maré, / porém, acredito que ainda tem jeito. / A felicidade é nosso direito / A gente não pode perder a fé.

50. ESCREVER A HISTÓRIA

LP - Cante a esperança

1. Se não fosse a fé que eu tenho, / se não fosse a minha fé, / minha vida não seria / nem metade do que é.

O que eu sei é que sou jovem / com a vida por viver. / :Tenho um povo sofrido ao meu lado / e uma história que eu devo ajudá-lo a escrever: /

Se não fosse o sacrifício / de Jesus o galileu, / de uma coisa estou seguro: eu seria menos eu.

51. TE AMAREI

LP - Louvemos o Senhor - Vol.7

1. Me chamaste para caminhar na vida contigo, / decidi para sempre seguir-te não voltar atrás. / Me puseste uma brasa no peito e uma flecha na alma, / é difícil agora viver sem lembrar-me de ti.

Te amarei, Senhor, te amarei, Senhor, / eu só encontro a paz e a alegria / bem perto de ti. (bis)

2. Eu pensei muitas vezes calar e não dar nem resposta. / Eu pensei na fuga esconder-me, ir longe de ti. / Mas tua força venceu e ao final eu fiquei seduzida; / É difícil agora viver sem saudades de ti.

3. Ó Jesus, não me deixes jamais caminhar solitário, / pois conheces a minha fraqueza e o meu coração. / Vem ensinar-me a viver a vida na tua presença, / no amor dos irmãos, na alegria, na paz, na união.

52. NOSSA ALEGRIA

LP - Canto das comunidades

Nossa alegria é saber que um dia / todo esse povo se libertará, / pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo, / nossa esperança realizará.

Jesus manda libertar os pobres / e ser cristão é ser libertador; / nascemos livres pra crescer na vida, / não pra ser pobre, nem viver na dor.

Vejo no mundo tanta coisa errada, / a gente pensa em desanimar, / mas quem tem fé sempre está em Cristo, / tem esperança e força pra lutar.

Não diga nunca que Deus é culpado, / quando na vida o sofrimento vem; / vamos lutar que o sofrimento passa, / pois Jesus Cristo sofreu também.

Libertação se encontra no trabalho, / mas há dois modos de trabalhar: / há quem trabalha escravo do dinheiro, / há quem procura o mundo melhorar.

E pouco a pouco o tempo vai passando, / a gente espera a libertação; / se a gente luta ela vai chegando, / se a gente espera ela não chega, não.

53. A ROMARIA

Zé vicente — LP - Festa dos Pequenos

Bendita e louvada seja, esta santa romaria. / Bendito o povo que marcha. / Bendito o povo que marcha, / tendo Cristo como guia.

Sou, sou teu Senhor, / sou povo novo retirante, lutador. / Deus dos peregrinos, dos pequeninos, Jesus Cristo Redentor.

No Egito antigamente, do meio da escravidão, / Deus libertou o seu povo. / Hoje ele passa de novo, gritando libertação.

Para a terra prometida, o povo de Deus marchou, / Moisés andava na frente. / Hoje Moisés é a gente, / quando enfrenta o opressor.

54. UTOPIA

Zé Vicente — LP - Caminhos da América

Quando o dia da paz renascer, / quando o sol da esperança brilhar, eu vou cantar; / quando o povo nas ruas sorrir / e a roseira de novo florir, eu vou cantar. / Quando as cercas caírem no chão, / quando as mesas se encherem de pão, / eu vou cantar. / Quando os muros que cercam os jardins destruídos, então os jasmins vão perfumar.

Vai ser tão bonito se ouvir a canção / cantada de novo; / no olhar do homem / a certeza do irmão / reinado do povo!
Quando as armas da destruição, / destruídas em cada nação / eu vou sonhar! E o decreto que encerra a opressão, / encerrado só no coração / vai triunfar! / Quando a voz da verdade se ouvir / e a mentira não mais existir, / será enfim / tempo novo de eterna justiça, / sem mais ódio, sem sangue ou cobiça: / VAI SER ASSIM!

55. ACORDA, AMÉRICA!

Acorda, América! Chegou a hora de levantar. / O sangue dos mártires fez a semente se espalhar! (bis)

1. Nestes campos, nestas planícies, / nestes pampas e caatingas, nestas raízes entrelaçadas de etnias tão misturadas: / é assim meu povo em nossa América Latina.

2. Meu irmão índio, meu irmão afro, / meus latinos companheiros, nós somos vítimas das violências, da dependência de um império estrangeiro...

3. Eu me pergunto e a nós todos, / até que dia nós agüentamos esta violência tão assassina... / nos tomam as terras, matam os índios, / nos deixam os restos de nossa América Latina.

56. A BANDEIRA DO DIVINO

Os devotos do Divino / vão abrir sua morada pra bandeira do Menino / ser benvinda, ser louvada.

Deus vos salve este devoto / pela esmola em vosso nome / dando água a quem tem sede, / dando pão a quem tem fome.

A bandeira acredita / que a semente seja tanta, / que esta mesa seja farta, / que esta casa seja santa.

Que o perdão seja sagrado, / que a fé seja infinita / que o homem seja livre, / que a justiça sobreviva.

Assim como os três reis magos / que seguiram a estrela guia, / a bandeira segue em frente, / atrás de melhores dias.

Assim como os pastores / receberam o Menino, / a luz vem para o povo / que nasce dos pequeninos.

No estandarte vai escrito / que ele voltará de novo / que o rei será bendito: / ele nascerá do povo.

57. LATINO-AMERICANOS, POR QUE NÃO?

Pe. Jorge Trevisol

Latino-americanos, por que não? / Latino-americano, sim eu sou! /: Sou jovem, passo aberto, / seguindo o rumo certo / buscando o dia da libertação. :/

Eu tenho um brilho no olhar... / Eu quero ver a festa já! / O amor é um Continente imenso, / tanta gente, / contente esperando o Sol raiar. / Confuso é meu sorriso, / meu peito está ferido, / mas não sou tão bandido: / eu quero apenas transformar.

Na minha pele eu tenho a cor... / Por dentro sinto muito amor. / Sonhando a liberdade eu sigo, / e vai comigo / meu jeito de querer mudar. / Eu trago na garganta / um grito entalado, / não sei mandar recado, / eu mesmo quero chegar lá.

Eu creio nesta comunhão / na força jovem da nação / na fé, na esperança um povo, / nasce novo / do sangue de quem soube amar, / nos braços desta gente, / no mesmo Continente, / na terra Ameríndia / é tempo ainda de plantar.

58. SIM À VIDA

Gustavo Balbinot - Osmar Coppi

1. Como passei no mar da Galiléia / passo hoje a caminhar. / Vejo o meu povo sofrendo de novo / clamando por vida, justiça e paz. / Olho nos teus olhos, sinto tua vida. / Tens coragem de mudar? / Faço uma proposta, / não quero te obrigar, / SE QUERES, eu te digo: / VAI O REINO ANUNCIAR.

Entra na roda co'a gente, / braços unidos, corrente que se faz. / Jovens a caminho, unindo nossa voz: / SIM À VIDA, AMOR E PAZ!

2. Olha no teu rosto: nasce o meu sorriso, / na tua voz o meu falar. / Olha tuas mãos: são o meu serviço; / o teu passo aberto faz seguir meu caminhar. / No teu coração nasce a esperança, / novo jeito de amar. / Eis tua resposta / convite a transformar; / por isso eu te digo: / VAI O REINO ANUNCIAR.

3. Sou caminho aberto na Comunidade, / sou presença viva em cada irmão, / onde acontece "Nova Sociedade", / é lugar da vida, nova terra, novo chão. / Levanta os teus olhos, contempla o horizonte, / a fé te obriga a caminhar. / Ama até o fim / sem medo de morrer, / eis o que eu te digo: / VAI, CONTIGO ESTAREI.

59. ANIMADOS PELA FÉ

1. O teu povo, Senhor, está sofrendo / caminhando de um lado pra o outro. / Uma vida mais digna está querendo, / ou então vai migrar até estar morto.

Animados pela fé e bem certos da vitória, vamos fincar nosso pé e fazer a nossa história e / fazer a nossa história / animados pela fé.

2. Desse jeito que a coisa está andando, / o sistema escraviza e nos domina. / Ele é o mal que está nos desviando / da verdade que Cristo nos ensina.

3. A estrutura da nossa sociedade / força o povo para a migração. / Os da roça estão indo pra cidade / sempre em busca de melhor situação.

4. Na cidade, Senhor, o povo pobre / perseguido, também de migrar. / Quando tenta melhorar o salário / outras fábricas tem de procurar.

5. E quem lucra com esse vai-e-vem / são os grandes enquanto sofre o povo; / já é hora do pobre se unir / para juntos construir um mundo novo.

6. É verdade que nós deste mundo; / somos sempre um povo a caminho. / E Deus nunca se afasta um segundo, / acompanha e ajuda com carinho.

60. HINO PARA O ANO VOCACIONAL "MESTRE, ONDE MORAS?"
Gustavo Balbinot - Osmar Coppi

1. No meu coração sinto o chamado. / Fico inquieto: preciso responder; / Então pergunto: Mestre, onde moras? / E me respondes que é preciso caminhar. /: Seguindo teus passos, fazendo a história, / construindo o novo no meio do povo :/

Mestre, onde moras? Mestre, onde estás? /:"No meio do povo, vem e verás" :/

2. Te vejo em cada rosto das pessoas, / tua imagem que anima e faz viver / no coração amigo que se doa, / no sonho do teu reino acontecer. /:Teu Reino é justiça, é paz, é amor. É boa nova da libertação :/

3. Tua Palavra abre novos horizontes, / é convite de serviço aos irmãos. / A fé me dá coragem de assumir / teu projeto nesta vida, neste chão. /:Meu sim é resposta, é meu jeito de amar, estar com teu povo, contigo morar. :/

61 A VIDA DO VIAJANTE
Luiz Gonzaga

Minha vida é andar por este país / pra ver se um dia descanso feliz. / Guardando as recordações / das terras onde passei, andando pelos sertões / e dos amigos que lá deixei.

Chuva, sol, poeira e carvão, / longe de casa sigo o roteiro / mais uma estação. Laiá, laiá, laiá, laiá / e a saudade no coração, auê, auê, auê, auê, / auê, auê, auê, auê.

Mar e terra, inverno e verão, / mostro o sorriso, mostro alegria, / mas eu mesmo não. Laiá, laiá... / E a alegria no coração. **Minha vida...**

62. ASA BRANCA
Luiz Gonzaga - Humberto Teixeira

Quando olhei a terra ardendo, / qual fogueira de São João, / eu perguntei a Deus do céu, ai, / por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha, / nem um pé de plantação, / por falta d'água perdi meu gado, / morreu de sede meu alazão.

Até mesmo a Asa Branca / bateu asas do sertão, / então eu disse: adeus, Rosinha, / guarda contigo o meu coração.

Hoje, longe muitas léguas / nesta triste solidão, / espero a chuva cair de novo / pra eu voltar pro meu sertão.

Quando o verde dos teus olhos / se espalhar na plantação: / eu te asseguro não chore, não, viu, / eu voltarei, viu, meu coração.

63. ÚLTIMO PAU DE ARARA
Gordurinha - Venâncio

A vida aqui só é ruim / quando não chove no chão. / Mas se chover dá de tudo, / fartura tem de porção, / tomara que chova logo, / tomara, meu Deus, tomara.

Só deixo o meu Cariri no último pau de arara. / Só deixo o meu Cariri no último pau de arara.

Enquanto a minha vaquinha / tiver o couro e o osso e puder com o chocalho / pendurado no pescoço, / eu vou ficando por aqui, / que Deus do céu me ajude. / Quem sai da terra natal / em outros cantos num pára.

Só deixo o meu Cariri no último pau de arara.

64. CORAÇÃO DE ESTUDANTE
Wagner Tiso - Milton Nascimento

Quero falar de uma coisa, / adivinha onde ela anda? / Deve estar dentro do peito / ou caminha pelo ar. / Pode estar aqui do lado, / bem mais perto que pensamos. / A folha da juventude / é o nome certo desse amor.

Já podaram seus momentos, / desviaram seu destino. / Seu sorriso de menino / quantas vezes se escondeu? / Mas renova-se a esperança, / nova aurora a cada dia. / E há que se cuidar do broto / pra que a vida nos dê flor e fruto.

Coração de estudante / há que se cuidar da vida, / há que se cuidar do mundo, / tomar conta da amizade, alegria e muito sonho / espalhados no caminho, / verdes plantas e sentimentos / folhas, coração, juventude e fé.

65. O QUE É O QUE É
Gonzaguinha

Eu fico com a pureza das respostas das crianças: é a vida, / é bonita, e é bonita. No gogó.

Viver e não ter a vergonha de ser feliz. / Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz. / Ah, meu Deus, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será. / Mas isso não impede que eu repita: / é bonita, é bonita, e é bonita. Viver...

E a vida? E a vida o que é, diga lá meu irmão? / Ela é a batida de um coração? Ela é uma doce ilusão? / Mas e a vida? Ela é maravilha ou é sofrimento? / Ela é alegria ou lamento? O que é, o que é, meu irmão? / Há quem diga que a vida da gente é um nada no mundo. / É uma gota, é um tempo, que nem dá um segun-

do. / Há quem fale que é um divino mistério profundo. / É o sopro do Criador, numa atitude repleta de amor. / Você diz que é luta e prazer. Ele diz que a vida é viver. / Ela diz que melhor é morrer, pois amada não é, / e o verbo é sofrer. Eu só sei que confio na moça. / E na moça eu ponho a força da fé. / Somos nós que fazemos a vida como der ou puder ou quiser. / Sempre desejada por mais que esteja errada. / Ninguém quer a morte, só saúde e sorte. E a pergunta roda. / E a cabeça agita./ Fico com a pureza das respostas das crianças...

66. O HOMEM

Roberto Carlos - Erasmo Carlos

Um certo dia um homem esteve aqui, / tinha o olhar mais belo que já existiu, / tinha no cantar uma oração, / no falar a mais linda canção que já se ouviu. / Sua voz falava só de amor / todo gesto seu era de amor / e paz ele trazia no coração. / Ele pelos campos caminhou, / subiu às montanhas e falou o amor maior, / fez a luz brilhar na escuridão, / o sol nascer em cada coração que compreendeu, / que além da vida que se tem / existe uma vida outra além e assim um renascer, / morrer não é o fim.

Tudo que aqui ele deixou / não passou e vai sempre existir, pois nos lugares que pisou / é o caminho certo pra seguir.

Eu sei que ele um dia vai voltar e nos mesmos campos / procurar o que plantou e colher o que de bom nasceu, / chorar pela semente que morreu sem florescer. / Mas ainda há tempo de plantar, / fazer dentro de si a flor do bem crescer / pra lhe entregar quando ele aqui chegar.

67. CÁLIX BENTO

Milton Nascimento

Ó Deus salve o oratório, ó Deus salve o oratório / onde Deus fez a morada, oiá, meu Deus, / onde Deus fez a morada, oiá.

Onde mora o cálix bento, / onde mora o cálix bento / e a hóstia consagrada, oiá meu Deus, / e a hóstia consagrada oiá.

De Jessé nasceu a vara, / de Jessé nasceu a vara, / da vara nasceu a flor, oiá meu Deus, / da vara nasceu a flor, oiá.

E da flor nasceu Maria, / e da flor nasceu Maria, / de Maria o Salvador, oiá meu Deus, / de Maria o Salvador, oiá.

68. EU QUERO APENAS

Roberto Carlos

Eu quero apenas olhar os campos, / eu quero apenas cantar meu canto, / eu só não quero cantar sozinho, / eu quero um coro de passarinhos. / Quero levar o meu canto amigo / a qualquer amigo que precisar. /: **Eu quero ter um milhão de amigos e bem mais forte poder cantar. :/**

Eu quero apenas um vento forte, / levar meu barco no rumo norte, / e no caminho o que eu pescar, / quero dividir quando lá chegar. / Quero levar o meu canto amigo / a qualquer amigo que precisar. /: **Eu quero ter um milhão de amigos e bem mais forte poder cantar. :/**

Eu quero crer na paz, no futuro, / eu quero ter um quintal sem muro, / quero meu filho pisando firme, / cantando alto, sorrindo livre. / Quero levar o meu canto amigo a qualquer amigo que precisar. /: **Eu quero ter um milhão de amigos e bem mais forte poder cantar. :/**

Eu quero amor decidindo a vida, / sentir a força da mão amiga, / o meu irmão com o sorriso aberto; / se ele chorar quero estar por perto. / Quero levar o meu canto amigo / a qualquer amigo que precisar. /: **Eu quero ter um milhão de amigos e bem mais forte poder cantar :/**

69. SENHOR, QUE QUERES DE MIM?

Pe. Jorge A. Trevisol - Pe. Osmar Coppi

1. Como nasce o dia e vai cair no entardecer, / como saem as aves pra seu ninho construir, / como a natureza tem seu tempo, cor e flor, / força da semente, muito amor. / É assim que o povo vai fazendo acontecer / este mundo novo que as crianças hão de ver, / sem temer o mal e a esperança irá surgir. /: Nova humanidade a se fazer :/

Dar as mãos e construir, / passo a passo caminhar. / O que queres tu de mim? / Eis-me aqui, ó meu Senhor! (bis)

2. São tantos projetos impedindo o acontecer / deste novo Reino de justiça e de paz. / Mas é bem maior a nossa força em mutirão, / nosso Deus é da libertação. / Jovens e operários, lavradores e peões, / os desempregados, desterrados deste chão, / homens e mulheres: esta imensa multidão /: É fermento de transformação :/

3. A tua Palavra nos ensina o que é melhor, / ilumina a vida do teu povo que tem fé. / É projeto novo de igualdade e comunhão, / construir na participação. / Ela nos envolve e nos convida a pertencer, / nela toda gente vai saber o que fazer. / Neste mundo novo, nesta terra, neste céu. /: Vamos bendizer o que é de Deus :/

70. RECEBER A COMUNHÃO

Receber a Comunhão com este povão sofrido é fazer a aliança com a causa do oprimido. (bis)

1. Celebrando a Eucaristia / a vida a gente consome ao lutar pela justiça / acabando com fome pra que o outro seja gente / pra que ele tenha nome.

2. Celebrar a Eucaristia / com famintos e humilhados, / com o pobre lavrador / sem ter nada no roçado é estar em comunhão / com Jesus crucificado.

3. Celebrar a Eucaristia / é também ser torturado, é ser perseguido e preso, / é ser marginalizado, ser entregue aos tribunais / numa cruz pra ser pregado.

4. Celebrar a Eucaristia / é festa antecipada de um povo que assume / uma vida partilhada, é a força dos pequenos / nesta grande caminhada.

5. Vai também ao nosso lado / nesta Santa Eucaristia a companheira de luta, / a Santa Virgem Maria guardará no coração / de seu povo a agonia.

71. ÁGUA DE POÇO

Pe. Zezinho — LP - Sereno e forte

Tens água bem melhor do que a que vem daquele poço? / Sacias muito mais do que a cisterna de Sicar; / porém se eu não fizer como a mulher samaritana, / jamais conhecerei o bem que vem de te escutar.

E eu também não sei o dom de Deus, / não sei também direito quem sou eu.

Preciso arranjar tempo de parar pra conversar / e se arranjar um tempo de te ouvir e te escutar, / eu sei que a minha vida mudará.

Ouvir tua palavra e praticar o que ela diz, / deixar-me seduzir pela palavra e ser feliz / e então a minha sede acabará.

72. NESTA MESA DA IRMANDADE

Zé Vicente

1. Nesta mesa da irmandade, / a nossa comunidade / se oferece a ti, Senhor. Nosso sonho, nossa luta, / nossa fé, nossa conduta / te entregamos com amor.

/: Novo jeito de sermos Igreja, / nós buscamos, Senhor, na tua mesa. :/

2. Neste pão te oferecemos / os mutirões que fazemos, / a partilha, a produção. / Neste vinho, a alegria / que floresce, cada dia, dentro de nossa união.

3. Nosso coração inteiro, Deus humano e companheiro, / deixamos no teu altar. Nosso canto e a memória / do martírio e da vitória / nós trazemos pra te dar.

73. LIBERDADE

Liberdade vem e canta e saúda este novo sol que vem. Canta com alegria, o escondido amor que no peito tem. Mira o céu azul espaço aberto pra te acolher. (bis)

Liberdade vem e pisa este firme chão de verdes ramagens. Canta louvando as flores, que ao bailar do vento, fazem sua mensagem. Mira essas flores, abraço aberto pra te acolher. (bis)

Liberdade vem e pousa nesta dura América triste, vendida. Canta com os seus gritos, nossos filhos mortos e a paz ferida. Mira este lugar desejo aberto pra te acolher. (bis)

Liberdade, liberdade, és o desejo que nos faz viver. És o grande sentido de uma vida pronta para morrer. Mira o nosso chão banhado em sangue pra reviver. Mira a nossa América banhada em morte pra renascer.

74. NEGRA MARIAMA

Negra Mariama, Negra Mariama. Chama.

1. Negra Mariama, chama pra enfeitar / o andor, porta-estandarte para ostentar / a imagem Aparecida em nossa escravidão, / com o rosto dos pequenos, cor de quem é irmão.

2. Negra Mariama chama pra cantar. / Que Deus uniu os fracos para se libertar. / E derrubou do trono os latifundiários ;/ que escravizam pra se relegar.

3. Negra Mariama chama pra dançar / saravá, esperança até o sol raiar. / No samba está presente o sangue derramado, / o grito e o silêncio dos martirizados.

4. Negra Mariama chama pra lutar / em nossos movimentos sem desanimar. / Levanta a cabeça dos espoliados, / nossa companheira, chama pra avançar.

75. RELIGIÃO LIBERTADORA

Pe. Zezinho — LP - Sol nascente

É por causa do meu povo machucado / que acredito em Religião Libertadora. É por causa de Jesus ressuscitado / que acredito em Religião Libertadora.

1. É por causa dos profetas que anunciam, / que batizam, organizam e denunciam. / É por causa de quem sofre a dor do povo. / É por causa de quem morre sem matar.

2. É por causa dos pequenos e oprimidos, / dos seus sonhos, dos seus ais, dos seus gemidos./ É por causa do meu povo injustiçado, / das ovelhas sem rebanho e sem pastor.

3. É por causa do profeta que se cala / e até por seu silêncio grita e fala. / É por causa de um Jesus que anunciava, / mas também gritava aos grandes: ai de vós.

4. É por causa do que fez João Batista / que arriscou, mas preparou a tua vinda. / É por causa de milhões de testemunhas / que apostaram suas vidas no amor.

76. DOCE É SENTIR

1. Doce é sentir em meu coração: / humildemente vai nascendo o amor. / Doce é saber: não estou sozinho; / sou uma parte de uma imensa vida / que generosa reluz em torno a mim, / imenso dom do teu amor sem fim.

2. O céu nos deste e as estrelas claras, / nosso irmão sol, nossa irmã a lua, / nossa mãe terra, com frutos, campos, flores, / o fogo e o vento, o ar e a água pura, / fonte de vida de tua criatura, / imenso dom do teu amor sem fim.

77. ÁGUIA PEQUENA

Pe. Zezinho — LP - Sol Nascente, Sol Poente

1. Tu me fizeste uma das tuas criaturas / com ânsia de amar, / águia pequena que nasceu para as alturas / com ânsia de voar. / E eu percebi que as minhas penas já cresceram / e que eu preciso abrir as asas e tentar, / se eu não tentar, não saberei como se voa: / não foi à toa que eu nasci para voar.

2. Pequenas águias correm riscos quando voam, / mas devem arriscar. / Só que é preciso olhar os pais como eles voam / e aperfeiçoar. / Haja mau tempo, haja correntes traiçoeiras, / se já tem asas seu destino é voar. / Tem que sair e regressar ao mesmo ninho / e outro dia, outra vez recomeçar.

3. Tu me fizeste amar o risco das alturas / com ânsia de chegar. / E embora eu seja como as outras criaturas, / não sei me rebaixar. / Não vou brincar de não ter sonho se eu os tenho. / Sou da montanha e na montanha eu vou ficar; / igual meus pais vou construir também meu ninho, / mas não sou águia, se lá em cima eu não morar.

4. Tenho uma prece que eu repito suplicante / por mim, por meu irmão, / dá-me esta graça de viver a todo instante / a minha vocação. / Eu quero amar um outro alguém do jeito certo, / não vou trair meus ideais pra ser feliz. / Não vou descer, nem jogar fora o meu projeto, / vou ser quem sou e sendo assim serei feliz.

78. PRÁ NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Geraldo Vandre

1. Caminhando e cantando e seguindo a canção, / somos todos iguais, braços dados ou não. / Nas escolas, nas ruas, campos, construções / caminhando e cantando e seguindo a canção.

Vem, vamos embora que esperar não é saber. / Quem sabe faz a hora, / não espera acontecer. / Vem, vamos embora que esperar não é saber. / Quem sabe faz a hora / não espera acontecer.

2. Pelos campos há fome em grandes plantações, / pelas ruas marchando indecisos cordões. / Inda fazem da flor seu mais forte refrão / e acreditam nas flores vencendo os canhões.

3. Há soldados armados, amados ou não, / Quase todos perdidos de armas na mão. / Nos quartéis lhes ensinam antigas lições / de morrer pela Pátria e viver sem razão.

79. À BEIRA DO LAGO...

1. À beira do lago dos teus afazeres, / eu abro horizontes de luta e esperança. / A pescas maiores convoco teus braços: / que leves a paz, onde impera a vingança.

O tempo não pára, chegou minha hora. / Eu vou para o Pai, mas eu fico por perto: eu sou este pão, este vinho, este amor! Perfaz o caminho que encontras aberto!

2. A história dos homens tem tanta cobiça, / inveja, opressão e desdém pelos fracos... / Chegou novo tempo, de plena mudança: sou luz, boa nova aos teus olhos opacos.

3. Revelo outro lado, que é pleno de brilho: / é assim que meu Pai quer a vida de todos! / Pois, vai, transfigura essa terra dos homens: / implanta a justiça, demite os engodos!

4. Não penses que a dor é dos céus um castigo. / Meu Pai não se move por vil julgamento, / mas quis corações bem fiéis, renovados; / não fere o caído, lhe dá seu sustento.

5. Te quero comigo. Proclama bem alto; / "Ó vós que esbanjastes, voltai para casa! / Plantemos de novo o sustento de todos, / que a vida se alegra, que a paz não se atrasa..."

80. ONIPOTENTE E BOM SENHOR

Zé Vicente — LP - Sempre Vida

Onipotente e bom Senhor, / a ti a honra, glória e louvor. / Todas as bênçãos de ti nos vêm, / e todo o povo te diz amém.

Louvado sejas nas criaturas, / primeiro o sol lá nas alturas. / Clareia o dia, grande esplendor, / radiante imagem de ti, Senhor.

Louvado sejas, pela irmã lua, / no céu criaste, é obra tua, / pelas estrelas, claras e belas, / tu és a fonte do brilho delas.

Louvado sejas pelo irmão vento / e pelas nuvens, o ar e o tempo, / e pela chuva que cai no chão, / nos dá sustento, Deus da criação.

Louvado sejas, meu bom Senhor, / pela irmã água e o seu valor. / Preciosa e casta, humilde e boa, / se corre, um canto, a ti entoa.

Louvado sejas, ó meu Senhor / pelo irmão fogo e seu calor. / Clareia a noite, robusto e forte, / belo e alegre, bendita sorte.

Sejas louvado, pela irmã terra, / mãe que sustenta e nos governa. / Produz os frutos, nos dá o pão / com flores e ervas sorri o chão.

Louvado sejas, ó meu Senhor / pelas pessoas que em teu amor / perdoam, sofrem tribulação, / felicidade em ti encontrarão.

Louvado sejas, pela irmã morte / que vem a todos, ao fraco e ao forte. / Feliz aquele que em ti amar, / a morte eterna não o matará.

Bem-aventurado quem guarda a paz, / pois o altíssimo satisfaz. / Vamos louvar e agradecer, / com humildade ao Senhor bendizer.

81. AO SENHOR DOS SENHORES

Fontanella — LP - Salmos

1. Ao Senhor dos Senhores cantai, / ao Senhor Deus dos deuses louvai. / Maravilhas só ele é quem faz, / bom é Deus. Ao Senhor, pois, louvai.

Porque eterno é o seu amor por nós. Eterno é o seu amor. (bis)

2. Com saber ele fez Terra e Céu. / Sobre as águas a terra firmou / para o dia reger fez o Sol / e as estrelas pra noite criou.

3. Primogênitos todos feriu, / do Egito, um povo opressor. / E dali Israel fez sair / o poder de sua mão o salvou.

4. No mar bravo ele fez perecer / os soldados e o tal Faraó! / Aliança ele fez com Israel, / no deserto seu povo guiou.

5. Poderosos sem dó abateu. A famosos reis desbaratou. / Sua Terra Israel recebeu / como herança a seu povo entregou.

6. Se lembrou de nós na humilhação / ao Senhor. "Salvador" proclamai. / Dele nós recebemos o pão / ao Senhor, Deus dos céus, celebrai.

82. EU CREIO

Zé Vicente

Eu creio em ti, Deus-Pai, / divino criador! / Eu creio em ti, Deus-mãe, / fonte do puro amor /: Eu creio em ti, Deus irmão, / luz na escuridão, / Jesus libertador!:/

Não creio em Deus sem nome, / sem rosto e sem lugar. / Não creio no Deus dos homens / que vivem a escravizar. /: Meu Deus é força de vida, / e a classe oprimida / vem firme livrar:/

Creio na força nova / vinda da união. / Creio no companheiro / fiel de coração. / : Creio no irmão que foi morto / lutando disposto / por libertação!:/

83. DEIXA-ME SER JOVEM

José Luiz Rizzieri — LP - Cante a esperança

Deixa-me ser jovem. / Não me impeça de lutar, / pois a vida me convida a uma missão realizar. (bis)

1. Deixa-me ser jovem, / ser livre pra sonhar. Não reprima, não reprove / o meu jeito de amar.

2. Fazer também a história / e não ser ignorado. / Preservar os meus valores / e não ser massificado.

3. Muitos jovens, sem saber, / esbanjaram sua idade. / Alienados, se entregaram / aos dragões da sociedade.

4. Não me sinto revoltado, / mas quero me explicar; / de tando ser explorado / eu me pus a protestar.

5. Não nasci para servir / como peça de engrenagem, / nem ser coisa que se vende / ou se compra por vantagem.

6. Quero ser considerado / como "ser", filho de Deus. / realizar os meus anseios, / cada vez sendo mais eu.

84. ORAÇÃO DE UM JOVEM TRISTE

Alberto Luiz

Eu tanto ouvia falar em ti / por isso hoje estou aqui. / Eu sempre tive tudo o que eu quis, / mas te confesso, não sou feliz.

Calça apertada de cinturão, / toco guitarra, faço canção; / mas quando eu tento me procurar, / eu não consigo me encontrar.

Escondo o rosto com as mãos / e uma tristeza imensa / me invade o coração. / Já, já não sou capaz de amar / e a felicidade, cansei de procurar.

Por isso eu venho buscar em ti / o que não tenho, o que perdi. / Vestido em ouro te imaginei / e tão humilde, te encontrei.

Cabelos longos, iguais ao meus, / tu és o Cristo, filho de Deus. / Tanta ternura em teu olhar, / tua presença me faz chorar .

Eu ergo os olhos para o céu / e a luz do teu amor / me deixa tão feliz. / Se, se jamais acreditei, / perdoa-me, Senhor, / pois hoje eu te encontrei.

85. XOTE ECOLÓGICO

Não posso respirar, não posso mais nadar: / a terra está morrendo não posso mais plantar. / E, se plantar, não nasce e se nascer não dá, / até pinga da boa é difícil de encontrar.

Cadê a flor daqui? Poluição comeu. / O peixe que é do mar, poluição comeu. / O verde onde é que está? Poluição comeu. / E nem o Chico Mendes sobreviveu.

86. CANTE CONOSCO

Pe. João Carlos Ribeiro

1. Cante conosco o dia que amanhece / cantem conosco a luz, a flor, o mar / cante conosco o sol que não esquece /: de dizer: glória, de gritar viva, de cantar / glória ao autor do universo. :/

2. Cantem conosco os irmãos que nos rodeiam / cantem conosco alegria e gratidão / cante conosco a fé que não se esquece /: de dizer: glória, de gritar viva, de cantar / glória ao Deus de nossos corações. :/

3. Cante conosco o Deus que nos reúne / cante conosco o seu amor em nós / cante conosco o sim que não se esquece /: de dizer: glória, de gritar viva, de cantar / glória ao nosso Deus, o Rei da paz. :/

4. Cantem conosco o sorriso e a amizade / cantem conosco a acolhida e a união / cante conosco o amor que não se esquece /: de dizer: glória, de gritar viva, de cantar / glória a quem nos faz comunidade. :/

87. LADAINHA DA PALAVRA DE DEUS

Pe. João Carlos Ribeiro

1. O teu grande amor testemunha - na tua Palavra Senhor / fizeste a nós criaturas - com a tua Palavra Senhor / no monte uma lei foi firmada - a tua Palavra Senhor / Pro povo viver libertado - na tua Palavra Senhor.

É voz de Deus, é fé do povo / de um deus fiel, libertador ao nosso lado / é voz de Deus, é fé do povo / de um povo santo e pecador por Deus amado.

2. O Verbo que com Deus estava - a tua Palavra, Senhor / no tempo entre nós se fez carne - a tua Palavra, Senhor /de Cristo falaram os profetas - na tua Palavra, Senhor / cumpriram-se nele as promessas - a tua Palavra, Senhor.

3. No Cristo, na fé proclamada - a tua Palavra, Senhor / formaram-se comunidades - na tua Palavra, Senhor / Prisões e martírios provaram - na tua Palavra, Senhor / Fiéis à verdade ficaram - na tua Palavra, Senhor.

4. Estamos aqui reunidos - na tua Palavra, Senhor / no nome e na graça de Cristo - na tua Palavra, Senhor / seu reino no mundo criamos - na tua Palavra, Senhor / enquanto sua vinda aguardamos - na tua Palavra, Senhor.

88. SONHAR

1. Ninguém pode prender um sonho, e impedir alguém de sonhar. / Ninguém pode cortar a esperança de um povo sofrido a lutar. / Ninguém pode abafar o grito do oprimido clamando Javé. / Deus que salva e liberta o seu povo, que ergue o caído e alimenta sua fé.

2. Todo sonho alimenta a história e a vitória do povo a chegar. / Vamos juntos que neste caminho ninguém sobra ou fica pra trás. / Para ver este mundo florindo, criança sorrindo sem fome e sem dor, / é preciso cuidar bem da vida, que vida sofrida se eleva em clamor.

3. Ninguém pode prender um sonho como a luz do sol que nasceu, / ele brilha, inventando caminhos, e desvela o que a noite escondeu. / Ninguém pode abafar o grito de quem sofre de tanto suor / pelo pão, pela paz e a justiça e anda à procura de um mundo melhor.

89. ACLAMAÇÃO

LP - Tua Palavra Permanece

Aleluia! Aleluia!

Aleluia! Aleluia! Vamos, irmãos, a Palavra festejar! / Ela vem, liberta e salva: algemada não está.

Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, / aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!

90. COMUNHÃO

Pe. Virgílio - Fr. Fabreti

1. Vim de longe, de outras terras, / pelo Espírito enviado, pelo Cristo separado, / proclamar a salvação.

Cristo-pão vem me sustentar. / Sua palavra é vida para a vida iluminar.

2. Mas não lembro os sofrimentos, / os açoites que ganhei, / os insultos que levei, / por amor ao meu irmão.

3. Esquecido do passado, / vivo em Cristo meu presente / e me lanço para frente, / para o Reino construir.

4. Neste peito meu de barro, / para o homem desvalido, / trago o "Deus desconhecido", / e a esperança do porvir.

5. Para o fraco sem defesa, / para o pobre injustiçado, / e o inocente acorrentado, / anuncio libertação.

6. Pelo mundo sem fronteiras, / continuo minha viagem. / Sou de Cristo a nova imagem, / sou de Cristo o coração.

7. Vou correndo até que o Reino, / seja a todos proclamado: / e o homem libertado, / reconheça o Deus-Amor.

91. VOU EVANGELIZAR

Francisco José da Silva
LP - Tua Palavra Permanece

1. Senhor, eu quero te agradecer, / de todos os dias a gente poder conversar. / Senhor, o mundo precisa te conhecer, / mas eu te prometo que vou evangelizar.

Eu quero te dizer agora, / que eu já vou embora, / evangelizar. (bis)

2. Senhor, às vezes me ponho a rezar, / e peço o fim da violência e da fome do irmão. / Senhor, que chegue a todos os povos a graça, o perdão, o anúncio da salvação.

3. Senhor, às vezes me ponho a rezar, / e peço a você pra que fique mais perto de mim. / Senhor, às vezes me ponho a chorar / e não compreendo por que o mundo sofre sem fim.

92. SANTO

Santo, Santo, Santo, dizem todos os anjos / Santo, Santo, Santo, é o Senhor Jesus / Santo, Santo, Santo, é quem nos redime /: Porque meu Deus é Santo e a terra cheia de sua glória está :/ Céus e terras passarão, mas tua palavra não passará :/ Não, não, não passará. Não, não, não, não, não passará.

Hosana Jesus Cristo o Filho de Maria / Bendito o que vem em nome do Senhor / Santo, Santo, Santo, é quem nos redime; /: Porque meu Deus é Santo e a terra cheia de sua glória está. :/

93. NOSSA SENHORA

Roberto Carlos - Erasmo Carlos

Cubra-me com seu manto de amor / guarda-me na paz desse olhar / cura-me as feridas e a dor / me faz suportar.

Que as pedras do meu caminho / meus pés suportem pisar / mesmo ferido de espinhos / me ajude a passar.

Se ficaram mágoas em mim / mãe tira do meu coração / e aqueles que eu fiz sofrer / peço perdão.

Se eu curvar meu corpo na dor / me alivia o peso da cruz / interceda por mim minha mãe / junto a Jesus.

Nossa Senhora / me dê a mão / cuida do meu coração / da minha vida / do meu destino.

Nossa Senhora / me dê a mão / cuida do meu coração / da minha vida / do meu destino / do meu caminho / cuida de mim.

Sempre que o meu pranto rolar / ponha sobre mim suas mãos / aumenta minha fé e acalma / o meu coração.

Grande é a procissão a pedir / a misericórdia o perdão / a cura do corpo e pra alma / a salvação.

Pobres pecadores oh! mãe / tão necessitados de vós / santa mãe de Deus tem piedade / de nós.

De joelhos aos vossos pés / estendei a nós vossas mãos / rogai por todos nós vossos filhos / meus irmãos.

Nossa Senhora / me dê a mão / cuida do meu coração / da minha vida / do meu destino.

Nossa Senhora / me dê a mão / cuida do meu coração / da minha vida / do meu destino / do meu caminho / cuida de mim.

94. UM CERTO GALILEU

Um certo dia à beira mar / apareceu um jovem Galileu / ninguém podia imaginar / que alguém pudesse amar / do jeito que ele amava.

Seu jeito simples de conversar / tocava o coração / de quem o escutava.

E seu nome era Jesus de Nazaré / sua fama se espalhou e todos vinham ver / o fenômeno do jovem pregador / que tinha tanto amor.

Naquelas praias naquele mar / naquele rio, em casa de Zaqueu / naquela estrada, naquele sol / e o povo a escutar histórias tãos bonitas.

Seu jeito amigo de se expressar / enchia o coração / de paz tão infinita.

Em plena rua, naquele chão / naquele poço, e em casa de Simão / naquela relva, no entardecer / o mundo viu nascer a paz de uma esperança.

Seu jeito puro de perdoar / fazia o coração / voltar a ser criança.

Um certo dia, ao tribunal / alguém levou o jovem Galileu / ninguém sabia qual foi o mal / e o crime que ele fez / quais foram seus pecados.

Seu jeito honesto de denunciar / mexeu na posição / de alguns privilegiados.

E mataram a Jesus de Nazaré / e no meio de ladrões puseram sua cruz / mas o mundo inda tem medo de Jesus / que tinha tanto amor...

95. A TI, MEU DEUS!

Frei Fabreti — LP - Tua Palavra Permanece

1. A ti, meu Deus, elevo meu coração, / elevo as minhas mãos, / meu olhar, minha voz. / A ti, meu Deus, eu quero oferecer / meus passos e meu viver, / meus caminhos, meu sofrer.

A tua ternura, Senhor, vem me abraçar. / E a tua bondade infinita, me perdoar. / Vou ser o teu seguidor e te dar / o meu coração. / Eu quero sentir o calor de tuas mãos.

2. A ti, meu Deus, que és bom e que tens amor. / Ao pobre e ao sofredor vou servir e esperar. / Em ti, Senhor, humildes se alegrarão, / cantando a nova canção de esperança e de paz.

96. FALA-ME DA VIDA!

José Acácio Santana
LP - Tua Palavra Permanece

1. Cada vez que eu venho para te falar, / na verdade eu venho para te escutar. / Fala-me da Vida, preciso te escutar! / Fala da Verdade, que vai me libertar!

2. Cada vez que eu venho para oferecer, / na verdade eu venho para receber. / Dá-me o pão da Vida, que vai me alimentar! / Dá-me a água viva, que vai me saciar!

97. PAI-NOSSO!

José Acácio Santana
LP - Tua Palavra Permanece

Pai nosso, Pai nosso, Pai nosso, Pai nosso que estais nos céus!

1. Santificado seja o vosso nome, / venha a nós o vosso Reino! / Seja feita a vossa vontade, / assim na terra como no céu!

2. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, / perdoai as nossas ofensas, / assim como nós perdoamos / a quem nos tem ofendido! Não nos deixeis cair em tentação, / mas livrai-nos do mal!

Pai nosso, Pai nosso, Pai nosso, Pai nosso que estais aqui!

98. CAMINHANDO COM MARIA

José Acácio Santana
LP - Tua Palavra Permanece

1. Santa Mãe Maria, nessa travessia, / cubra-nos teu manto cor de anil. / Guarda nossa vida, Mãe Aparecida, / Santa Padroeira do Brasil.

Ave, Maria! Ave, Maria!

2. Mulher peregrina, força feminina, / a mais importante que existiu. / Com justiça queres que nossas mulheres / sejam construtoras do Brasil.

3. Com amor divino, guarda os peregrinos, / nesta caminhada para o além! / Dá-lhes companhia, pois também um dia / foste peregrina de Belém.

4. Com seus passos lentos, enfrentando os ventos / quando sopram noutra direção; / toda a Mãe Igreja pede que tu sejas / companheira de libertação.

99. MISSA: EIS-ME AQUI

Pe. Pedro Brito Guimarães - Fr. Fabreti ofm

Eis-me aqui, Senhor! Eis-me aqui, Senhor! / Pra fazer tua vontade, pra viver do teu amor, / pra fazer tua vontade, pra viver do teu amor: / eis-me aqui, Senhor! (Hb 10,7).

1. O Senhor é o Pastor que me conduz, / por caminho nunca visto me enviou (Sl 22). / Sou chamado a ser fermento, sal e luz (Mt 5,13-14) / e por isso, respondi: aqui estou!

2. Ele pôs em minha boca uma canção (Sl 40,4); / me ungiu como profeta e trovador / da história e da vida do meu povo / e por isso respondi: aqui estou!

3. Ponho a minha confiança no Senhor, / da esperança sou chamado a ser sinal. / Seu ouvido se inclinou ao meu clamor (Sl 40,2) / e por isso respondi: aqui estou!

100. ESPERANÇA

Frei Fabreti — LP - Tua Palavra Permanece

Javé o Deus dos pobres, do povo sofredor, / aqui nos reuniu pra cantar o seu louvor. / Pra nos dar esperança, e contar com sua mão, / na construção do Reino, reino novo, povo irmão.

1. Sua mão sustenta o pobre, / ninguém fica ao desabrigo: / dá sustento a quem tem fome / com a fina flor do trigo.

2. Alimenta os nossos sonhos, / mesmo dentro da prisão; / ouve o grito do oprimido, / que lhe toca o coração.

3. Cura os corações feridos, / mostra ao forte o seu poder, / dos pequenos é a defesa: / deixa a vida florescer.

101. EU SOU O CAMINHO
José Acácio Santana

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (bis)

1. Guardo no meu coração tua Palavra, / para não te ofender.

2. Tua fala permanece para sempre, / é eterna como o céu.

3. Minha boca sempre canta tua Palavra, / pois são justos teus preceitos.

102. TODA PALAVRA DE VIDA
Zé Vicente

1. Toda palavra de vida é palavra de Deus / Toda ação de liberdade / É a divindade agindo entre nós / Boa nova em nossa vida / Jesus semeou / O evangelho em nosso peito / É chama de amor.

2. Todo grito por justiça que sobe do chão / É clamor e profecia que Deus pronuncia / Para conversão / Aleluia, aleluia bendita a palavra / que faz libertar.

103. GLÓRIA, GLÓRIA A TI MEU DEUS
Zé Vicente

Glória, Glória, Glória a ti, meu Deus
Paz na terra, cantam os povos teus.

1. Violões, charangos, flautas, sons do coração / Tambores, atabaques, te glorificarão.

2. Teu nome é tão bonito, não existe outro igual / Glória ao que vence a morte e o ídolo do mal.

3. América, ameríndia, e África-na-dor / Latina convertida dai Glória ao Deus amor.

4. Na fé da resistência, no axé do nosso canto / No sangue da aliança, Glória, Glória ao Deus Santo.

5. Memória dos vencidos, na cruz seja bendita / No Cristo canta a vida, brilhando infinita.

104. OFERTAR NOSSA VIDA QUEREMOS

1. Ofertar nossa vida queremos / como gesto de amor, doação. / Procuramos criar mundo novo, / trazer para o povo / a libertação.

De braços erguidos, a Deus ofertamos / aquilo que somos e tudo o que amamos. Os dons que nós temos compartilharemos, / aqueles que sofrem, sorrir os faremos.

2. A injustiça que fere e que mata, / tanto homem, criança e mulher / faz o jovem viver sem sentido, / frustrado, e perdido, / distante da fé.

3. Como o pão e o vinho se tornam / Corpo e Sangue de Cristo Jesus, / transformemos a realidade, / pra ser de verdade / esperança e luz!

4. Juventude, milhões pelo mundo, / tanto anseio de libertação! / Gente nova, sem cercas e muros, / constrói seu futuro, liberta o irmão.

5. Na família, primeira escola, / aprendemos a lei do amor. / Nos estudos, uma habilidade, / com seriedade, / buscamos, Senhor.

105. CHEGOU A HORA DA ALEGRIA
Zé vicente

Chegou a hora da alegria /: Vamos ouvir esta palavra que nos guia. :/

Tua Palavra vem chegando bem veloz / por todo canto hoje se escuta a tua voz.

Nada se cria sem a força e o calor / que sai da boca de Deus, nosso Criador.

A tua lei, ó meu Senhor, é perfeição / conforta a alma e nos educa pra união.

O mandamento de meu Deus é retidão / É luz nos olhos e prazer no coração.

Esta é a Palavra da certeza e da justiça / que nos liberta da opressão e da cobiça.

É mais que ouro e mais que sol, a tua lei / dos teus caminhos, meu Deus, não desviarei.

Bendita seja esta palavra do Senhor / mel saboroso e alimento para o amor.

O céu proclama a tua glória, ó meu Senhor / a terra inteira canta um hino de louvor.

106. SÃO PAULO
Pe. Geraldo C. da Silva

Eu era cego, não enxergava / eu perseguia, quem me amava / mas a luz,me iluminou / hoje sou Paulo, apóstolo sou.

Loucura da cruz / loucura do amor / loucura de tudo / por causa do Nosso Senhor.

Eu já não vivo / Cristo vive em mim / quando sou fraco / ele é meu sim / não tenho pátria / e nem nação / do reino dos céus / eu sou cidadão.

Fui perseguido / fui torturado / na paz de Cristo / fui confortado / não tenho medo / de evangelizar / enfrento as tormentas / na terra e no mar.

Eu combati / o bom combate / deixo seu sangue / que me resgate / Cristo anunciado / que importa eu? / Sou decapitado / ressuscitado seu.

107. AMIGOS PARA SEMPRE
LP - Sônia Mara

1. Eu não tenho nada pra dizer / você parece no momento até saber as fases porque estou passando. / Você vê através dos olhos meus / a emoção que sinto, estando aqui e ver o modo que estão me tratando.

Amigos para sempre é o que nós iremos ser. / Na primavera ou em qualquer das estações / nas horas tristes nos momentos de prazer, amigos para sempre. (bis)

2. Você pode estar longe, muito longe sim. / Mas por te amar sinto você perto de mim, e o meu coração, contente. / Não, nos perderemos, não a esquecerei / você é minha amiga, tudo o que sonhei e quis para mim um dia.

3. Olho, pra você e me pergunto. / Se tudo é tão sincero, por que tem que haver, um tempo de dizer adeus.

108. SOMOS CHAMADOS
Casimiro Nogueira

Somos chamados a evangelizar, a Boa Nova do Reino / anunciar. / Quebrar algemas dos corações cativos, / dizer que ainda há motivos pelos quais vamos lutar.

Vai Missionário, o mundo te espera. / Anuncia esta nova era que já se faz acontecer. / Que o Deus conosco, conosco se faz presente. / Grita alto ao mundo descrente para que no amor todos possam crer.

Somos chamados a profetizar, em toda parte a injustiça denunciar. / Anunciar esse Reino de igualdade, / de justiça e de verdade, onde todos têm lugar.

109. MUDANÇAS

LP: Coração Livre

- Revendo meus planos de vida, / projetos e sonhos promessas de paz, / notei que não eram os mesmos / por mim já sonhados há tempos atrás.

- Se antes eu sempre sonhava com luxo, / prazeres, somente riquezas, / agora meus sonhos me falam de muita humildade, / de amor e pobreza, / de reis e profetas que foram / exemplos de fé para um povo sofrido, / de um reino por Deus ofertado / e por nós construído; / do amor que arrasta minha gente / no seu compromisso de vida e luz, / levando na sua bagagem calvário e cruz.

- Meus sonhos agora são feitos de antigas histórias / a me recordar. De homens que um dia deixaram / seus barcos na areia e foram pescar. / Nas praças e ruas que havia em toda cidade / e em toda a Judéia / nos campos, castelos e aldeias / da Galiléia / que eles deixaram seus mares / e foram levar o amor aos irmãos, / que a rede agora lançada é o calor de suas mãos.

- Agora eu sinto que Cristo contando comigo / me envia a servir. / Conduz minha vida e me diz / que eu devo agora também construir. / Que o reino precisa de homens que estejam / dispostos a ser doação, / a ter compromisso de vida / com cada irmão. / E Cristo amou-me primeiro / e hoje me envia assim do meu jeito, / respondo com amor e certeza por ti eu aceito.

Aceito trocar os meus planos / por causa do reino de Deus. / Aceito trocar meus enganos / por causa do reino de Deus.

110. MOISÉS E VOCÊ

LP: Coração Livre

- A voz do nosso Deus, ainda não cessou; / enquanto sofre o povo, o Pai não se calou. / Do Egito vem a nós, o grito de opressão, / da terra vão aos céus, clamores de aflição.

Vai Moisés, liberta o meu povo. / Vá você também e construa um mundo novo. (bis)

- Embora com temor, Moisés se pôs a ouvir: "Contigo estarei, não temas, podes ir". / Confuso e sem temor, sem armas de matar / com Deus e seu irmão o povo vai salvar.

- Há muitos faraós, Egitos há também; / há povo escravizado que sofre e nada tem. / Um novo Moisés que venha libertar / devemos todos ser, devemos nos tornar.

111. SENHOR, QUE QUERES QUE EU FAÇA?

LP: Coração em prece

Senhor que queres que eu faça? / Senhor, que queres de mim? / Mostra-me os teus caminhos. / Senhor, que queres de mim?

1. Eu quero tua mão se abrindo, / teu rosto sorrindo, pedindo perdão. / Eu quero tua vida servindo / e nunca exigindo amor, gratidão.

2. Eu quero a justiça e a bondade, / amor e igualdade, paz e comunhão. / Eu quero meu povo eleito, / buscando seu jeito de libertação.

3-Em nome de muitos quilombos/Formados nos campos e favelas.
Em nome dos desempregados/Marginalizados por causa da pele.(bis)

4-Em nome de um rosto sofrido/Cansado de humilhação.
Em nome de tantos amigos/Já em movimento por libertação (bis)

****

15 - <u>São Benedito</u>
São Benedito que é tão simples como nós
Sabe quem somos vai ouvir a nossa voz (bis)

1-Quem é esse Negro que nós homenageamos
É o filho de uma escrava, uma negra de valor.
Dona Diana, mulher santa braço forte,ensinou
pro seu Negrinho a ser bom trabalhador

2-E foi crescendo, trabalhava arando a terra
E também cultivava o valor do coração
E desse jeito foi lutando pra viver,não foi
fácil pro negrinho garantir o seu feijão.

3-E certo dia Benedito e seus amigos
descobriram outro modo de servir a Jesus
O Benedito foi ser Frade Franciscano
continuou vivendo santo, muitas graças muita luz.

4-O santo negro que é nosso protetor
sempre amou a sua gente,sua raça desprezada
Ele não tinha nem dinheiro nem leitura
mas sabia dar lições a muita gente preparada.

****

16 - <u>Angola</u>
Eu quero ir pra Angola, eu quero ir/Eu quero ver o seu sol e o seu mar
Meu sonho é ver o meu berço sangrio / E conhecer minhas raízes que estão lá (bis)
Refrão - IEMANJÁ
1-Aqui chegamos de navio negreiro/Em ambiente muito cruel
Fomos vendidos para o cativeiro/
Pros fazendeiros como animal (bis)
Refrão: - Iê Iansã

2 - Quando as armas da destruição./ destruídas em cada nação,/ eu vou sonhar!
E o decreto que encerra a opressão/ assinado só no coração, vai triunfar!
Quando a voz da verdade se ouvir/ e a mentira não mais existir./ será enfim.
Tempo novo de eterna justiça/ sem mais ódio, sem sangue ou cobiça: vai ser assim!

****

<u>47 - É bonita demais</u>
É bonita demais, é bonita demais/
A mão de quem conduz a bandeira da paz!

1 - É a paz verdadeira que vem da justiça irmão/
é a paz da esperança que nasce de dentro do coração (bis)

2 - É a paz da verdade, da pura irmandade do amor.
Paz da comunidade que busca a igualdade, ô,ô,ô! (bis)

3 - Paz é a graça presente, na vida da gente de fé
Paz do onipotente Deus da nossa frente. Axé! (bis)

<u>48 - Oferenda negra</u>

Minha negra vontade de viver/O que tenho, hoje trago pra te oferecer
Fé em Deus, no passado, no irmão,/Fé na vida,futuro,comunhão.
Esperança, desejo, nostalgia,/Meu Quilombo toral rever um dia
Caridade, justiça, piedade,/Acolhida, perdão fraternidade.
Resistência ,cultura, acarajé,/Vida plena, hoje e sempre meu AXé.
Nossa luta, Senhor, vem transformar/Em pão nosso que nunca há de faltar.

****

<u>49 -A semente</u>
Põe a semente na terra/ não será em vão
Não te preocupe a colheita/ plantas para o irmão

1 - Toda semente é um anseio de frutificar/ e todo fruto é uma forma da gente se dar

2- Toda palavra é um anseio de comunicar,/ e toda fala é uma forma da gente se dar

3/ Todo tijolo é um anseio de comunicar,/e toda obra é uma forma da gente se dar

4- Todo poema é um anseio de se expressar/ e todo canto é uma forma da gente se dar

50 - Pai-nosso dos mártires

Pai nosso, dos pobres marginalizados!
Pai-nosso, dos mártires, dos torturados!

1 - Teu nome é santificado, naqueles que morrem defendendo a vida
Teu nome é glorificado, quando a justiça é nossa medida
Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão
Maldita toda violência que devora a vida pela repressão

2 - Queremos fazer tua vontade. És o verdadeiro Deus libertador
não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor
Pedimos-te o pão da Vida, o pão da segurança, o pão das multidões
O pão que traz humanidade, que constrói o homem em vez de canhões

3 - Perdoa-nos quando, por medo, ficamos calados diante da morte!
Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte.
Protege-nos da crueldade, do esquadrão da maorte, dos prevalecidos.
Pai-nosso, revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidios!

51 - Força de paz

1-O pão sofrido da terra/ na mesa da refeição
O pão partido na mesa/ se torna certeza e se faz comunhão
O corpo do meu Senhor, é força viva de paz (bis)

2-Vinho de festa e alegria/ é vida no coração
Vinho bebido na luta se torna conduta de libertação
O sangue do meu Senhor, é força viva de paz (bis)

3-Palavra vinda do Reino/ na boca de cada irmão
Palavra que fortalece/ anima e esclarece a nossa união
Palavra do meu Senhor, é força viva de paz (bis)

4-Flores dos jardins dos campos/ sorriso exposto no altar
Flores molhadas no pranto de quem deu a vida pra vida mudar
A vida de quem tombou, é força viva de paz (bis)

5-Água trazida da fonte/ matando a sede que mata
Água da chuva no chão/ traz vida e traz pão pra gente e pra mata
Água da vida, Jesus, é força viva de paz (bis)

3-No Brasil juntei-me aos fracos./Lutei contra a escravidão.
Fiz quilombo, fiz cultura./Construí nova nação (bis)

4-Nesta terra suei sangue./ Dei meu corpo, vida e peito.
Hoje sofro as mesmas dores/do racismo e preconceito (bis)

5-Sem correntes hoje luto,/prá viver em liberdade
Organizo,rezo e sonho./ Meu Brasil fratenidade

****

12 - Ei meu pai Quilombo

Ei meu pai Quilombo eu também sou quilombola/
A minha luta é todo dia, é toda hora (bis)

1-Ei meu pai Quilombodizem que Zumbi morreu/
Zumbi está vivo em quem luta como eu.

2-Quilombos são negros numa grande união
Lutando com força contra a discriminação

****

13 - Balainho de fulô

Ô balainho de fulô,ô,ô (bis)
Eu plantei rosa e nasceu flor (bis)

Tá caindo flor ô,ô,ô (bis)
Lá no céu, cá na terra, ô tá caindo flor
Glória a Deus, glória a Deus, ô,ô,ô
Glória ao Pai, glória ao Filho,glória ao Espírito Santo.

14 - Não é em meu nome que eu falo

Não é em meu nome que eu falo / Não é em meu nome que eu canto
Eu canto em nome de um povo/Em nome de uma raça, em nome de um pranto.

1-Em nome do pranto derramado/De um sangue que a terra bebeu.
De um POVO que foi arrastado/Forçado a ficar no chão que não era seu(bis)

2-Em nome de um suor derramado/Dentro dos canaviais.
Em nome de uma pele rasgada/Em busca de fuga pelos matagais.(bis)

Axé

Negritude.

CARNAVAL 88

BLOCO AFRO AKOMABU

CCN-Ma.
CENTRO DE CULTURA NEGRA – MA

MARAFRICANTO

De: Escrete

O balanço do meu canto
É um canto de lá — Africanto
É um canto de lá ê ê
É um canto de África
Ô mará marafricanto
É de bumba-crioula-lelê
Dá punga, derruba o "apartheid"
Que que quero ver

NÊGO

Canta: Silvia Cantanhede

Quem for nêgo levante a mão
Eu sou, eu sou,
Quem for nêgo levante a mão
Eu sou, eu sou,
Acabou, acabou, acabou
O tempo da escravidão
Quem for nêgão levante a mão
Eu sou, eu sou,
Quem for negona levante a mão
Acabou, acabou, acabou,
o tempo da escravidão.

AFRICANTO IFARADÁ DUDU AKOMABU

De: Tadeu de Obatalá

Africanto é uma forma de amar
A luta e a vida - raça negra
Africanto
Canto das favelas, senzalas da vida
Dançan conscientes na avenida
Forte resistência da África aqui
Cantam osnovos quilombolas
Herdeiros de Zumbi
* Ifarada dudu Akomabu ô á...
(* Ifaradá dudu - resistência negra)

AFRICANTO - UM CANTO DE PROTESTO

De; Paulo Henrique

Sai da garganta do negro um grito profundo
Enraizando seu canto nos cantos do mundo
Fazendo todo esse povo se conscientizar
88 só devemos protestar
Não houve liberdade, só marginalidade
O negro ficou sem campo pra trabalhar
Africanto é
É um protesto em canto
Africanto é um "ezu dada"
ê ê ê ê á
Africanto é o Gil, a Lecí, o Coxinho
o Martinho da Vila
Africanto é o Marly, o Akmabu, a Winnie Mandela
(* Ezu dada - Mudança Já)

13 DE MAIO

De: Tadeu de Obatalá

13 de Maio, a nação nagô
Não faz festa, não, não
Faz festa não.
Em protesto ao dia que diz
que o libertou,
O marginalizou, o jogou
a outra escravidão
Eu não vou festejar redentora
que a história diz por aí
Redentora para mim,
Foi Luiza Maim, Pedro Ivo, Negro Cosme
e o grande Zumbi
Recusa nação nagô
Falsos heróis que a história
quer te dar
Te lembra de heróis que a chibata
e a corrente tentaram sufocar

Este foi o canto final da missa de abertura do C.F.

MÃE DUDU FILHA DE IEMANJÁ

De: Tadeu de Obatalá

Ê ê á... Ê ê á...
São mais de cem anos de luta
Dessa filha de Iemanjá (Mãe Dudu)
Batucou o atabaque
cabaça e agogô
Para saudar a mãe senhora
De toda gente nagô.

RAINHA DO AKOMABU

De: Escrete

Mulher que vem de Angola
Que é quilombola
Rainha do Akomabu
Filha de Gegê, Caribe, Nago e Bantu
Iça Winnie Mandela
Bandeira da África do Sul.

AFRICANTO - BELEZA NEGRA

De: Tuto Ferreira

Akomabu traz no Canto a Mãe África
para danças sob o Cruzeiro do Sul
Bate tambor, me ilumina,
Bate tambor, bela negra melanina
Beleza negra
É o canto que veio com o negro
Forçado pra cá
Beleza negra
É a beleza marcada no passo
do grupo Abanjá
Beleza negra
derruba "apartheid"
e quem mais tentar-nos parar
Beleza negra
é lutar como Zumbi
até a Liberdade chegar.
Bate tambor me ilumina
Bate tambor, bela negra melanina
Africanto é a forma de luta
diária de cada um
velho ou menino
com a espada de Ogum
Africanto carrega consigo
a bênção de Iansã
Vamos à luta melhorar o amanhã.

"AFRO AKOMABU AO SOM DO ATABAQUE LEVANTA A BANDEIRA NAGÔ EM ETERNO COMBATE". Talvez longe do que as pessoas possam imaginar, o Bloco Afro Akomabu, não é um bloco que se apresenta simplesmente na avenida para arrancar aplausos e ganhar prêmios nos carnavais da vida.

Mas é um instrumento de luta do CCN-MA, Centro de Cultura Negra do Maranhão, que ao longo desses quatro (4) anos de existência, vem resgatando nossos valores e nossa cultura nas favelas, terreiros e avenidas.

JUNTE-SE A NÓS; A LUTA CONTINUA

Os ensaios são aos domingos, a partir das 14:00 horas, na nossa sede, na rua dos Guaranys, s/no. - Barés. São Luís-Maranhão.

CANTE NOSSAS MÚSICAS, DANCE CONOSCO.
RESISTÊNCIA.

ALUNA: Adriana Maria de Jesus Bueno Turma|: 502

"OS MENORES ABANDONADOS"

Aos trinta e seis milhões de Menores Abandonados:

Sei que vocês são muitos, mas não tenho como dizer a todos pessoalmente. Por isso vou escrever-lhes algumas palavras.

Sei que as pessoas mais altas, mais bem de situação, batem, brigam, maltratam, matam. Mas sei também, que eles não entendem porque vocês roubam, fumam e andam sujos, dormem debaixo do viadulto e comem restos e sobras de alimentos.

Essas pessoas não sabem que vocês não têm pais, não têm um lar para morar, não têm nem uma pessoa que possa dar-lhes um pouquinho de amor, de carinho, de carícia, de compreensão e de tudo mais que um menor abandonado precisa para sair dessa vida de horror, de dor, de tormento e de angústia.

É triste saber que não existe algo que possamos fazer para vocês saírem dessa vida que é insuportável.

Peço com todo carinho ao meu Brasil: vamos dar a essas crianças um pouquinho mais de atenção, de amor, de carinho e de compreensão. E quem sabe, eles não deixem de ser um menor abandonado e passem a ser crianças bem vestidas, estudiosas e trabalhadeiras também.

Aqui fica todo o meu carinho, amor e compreensão por vocês todos.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

PARATY, 08-06-87

Bom dia, amigos,

Aqui vai um relatório da Comunhão de Fraternidades de 1987. Vocês podem reformular o texto (que é um pouco pessoal...) e talvez publicar no Boletim Diocesano: o trabalho de Adriana Maria mandamos para possível publicação também.

Sem mais nada,

um abraço fraternal,

Pe. João B. Peters

CARTILHA

SOBRE OS DIREITOS CONQUISTADOS NA NOVA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA

A MARCHA pelos
DIREITOS HUMANOS
(em VILAR DOS TELES -
S.J.de Meriti - RJ,
no dia 10 de dezembro de
1991)

* * * * * * *

foi organizada por

Casa da Cultura - Agência de Administração Escolar -APNs - GRUCON - Meriti Mais Mulher - Pastoral da Educação - Polo de Orientação Vocacional - SEPE - Clube de Mães - CAC - PJE

com o apoio do
Centro de Defesa dos Diretos Humanos "*João Cândido*"

Créditos
Organização: MNDDH _ Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos / Regional Leste I

Elaboração:
*** Movimento Comunitário contra a Violência - Volta redonda**
*** Agentes de Pastoral Negros - Volta Redonda**
*** Pastoral Operária de Santo Augustino - Volta Redonda**
*** Grupo de Atualização das Mulheres - Volta redonda**
*** Comissão de Posseiros urbanos - Volta Redonda**
Ilustração Clóvis
Apoio: CESE

Secretaria do MNDDH - Regional Leste I
Caixa Postal 90581
25680 Petrópolis - RJ
Fone: (0242) 42.2462

NOTA DE RESISTÊNCIA

Primeiro eles entraram em nosso jardim
e roubaram uma flor.
Nós não dissemos nada.

Depois o mais frágil deles
entra em nosso quintal
e mata o nosso cão.
Nós não dissemos nada.

Depois, conhecendo nosso medo,
roubam a lua
e arrancam-nos a voz da garganta.
E como nunca dissemos nada,
não podemos dizer mais nada!

V. Maiakovski

Foi pensando em fazer o direito saltar do papel para a vida, que se elaborou esta cartilha.

As leis existem, mas sem a luta do povo para colocá-las em execução, elas ficam mortas.

Que estes direitos, conquistados pelo povo na Constituição '88, vivam e garantam vida digna e justa para todos nós.

Volta Redonda, setembro de 1989.

Todos os homens têm direitos...

Todos os homens nascem livres
e iguais em dignidade.
Têm razão e consciência
e, ao longo da sua vivência,
devem ter fraternidade.

O preconceito é indigno
por razão de sexo ou cor.
O seu direito à vida
deve ser garantido
sem parecer um favor.

O direito à família
e a nela ter proteção,
a expressar livremente
o que for conveniente
sem sofrer qualquer sanção.

Direito de tomar parte
no governo do país,
à saúde e bem-estar,
direito de trabalhar,
na vida de ser feliz.

A instrução é direito:
está na "Declaração".
Todos devem ter acesso
aos bons frutos do progresso
numa justa divisão.

Todos os homens tém deveres
para a comunidade,
direito individual
não é bem pessoal,
mas da coletividade.

Esta marcha organizada
bem aqui em Meriti
é fato muito importante
para ver se adiante
do papel venham sair

esses e outros direitos
escritos mas não praticados.
Já é hora, minha gente,
de não ser indiferente
sendo tão desrespeitado!

Meriti, 10/12/91
Clovis Correia

LUTAR CONTRA A VIOLÊNCIA...

...É LUTAR PELA VIDA!

TEREZA, DONA DE CASA, AGONIA-SE COM O DESAPARECIMENTO DE SEU FILHO MARQUINHOS QUE FOI ARRANCADO DE SUA CASA POR POLICIAIS. ENTÃO TEREZA, POR ORIENTAÇÃO DE AMIGOS, RESOLVEU PROCURAR O MOVIMENTO COMUNITÁRIO CONTRA A VIOLÊNCIA.

Art. 5º, XI – a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre ou para prestar socorro, ou, por determinação judicial:
III – ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
XLIX – é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral;

Art. 5º, LXIII – o preso será informado de seus direitos, entre os quais o de permanecer calado, sendo-lhe assegurada a assistência da família e de advogado;
LXIV – o preso tem direito à identificação dos responsáveis por sua prisão ou por seu interrogatório policial;
LXVI – ninguém será levado à prisão ou nela mantido, quando a lei admitir a liberdade provisória, com ou sem fiança;

Art. 5º, LVII – ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;
Art. 5º, LVIII – o civilmente identificado não será submetido a identificação criminal, salvo nas hipóteses previstas em lei;
Art. 5º, LXI – ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita e fundamentada de autoridade judiciária competente, salvo nos casos de trangressão militar ou crime propriamente militar definidos em lei;

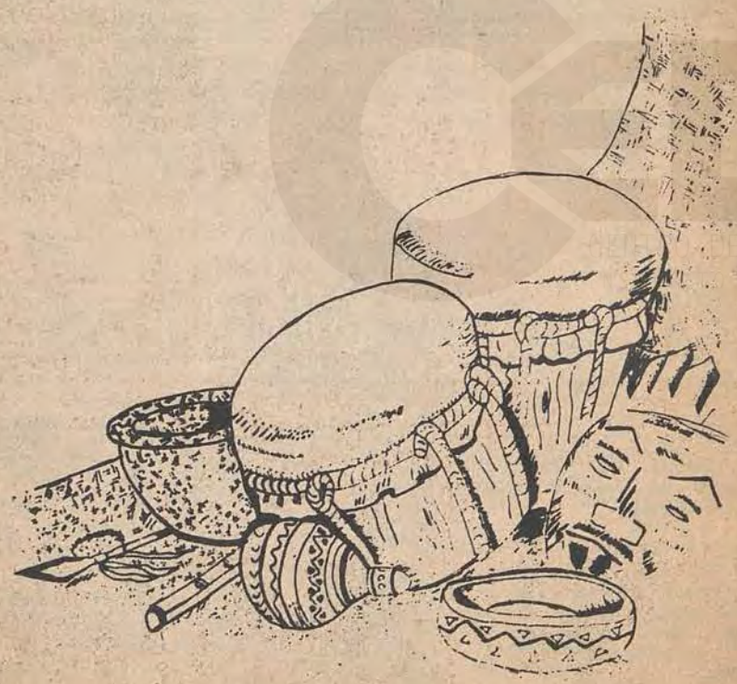
Art. 5º, LXV – a prisão ilegal será imediatamente relaxada pela autoridade judiciária.

1- Art. 5º, XLVIII – a pena será cumprida em estabelecimentos distintos, de acordo com a natureza do delito, a idade e o sexo do apenado;

Art. 5º, LXXV – o Estado indenizará o condenado por erro judiciário, assim como o que ficar preso além do tempo fixado na sentença;

LXVIII – conceder-se-á <u>hábeas corpus</u> sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou por abuso de poder;

RACISMO AGORA É CRIME



MAIS TARDE NO BAR DA CIDADE, SILVIA E JOÃO ESTAVAM SENTADOS QUANDO CHEGA ANA MUITO REVOLTADA.

ANA! OQUÊ ESTÁ ACONTECENDO? VOCÊ PARECE NÃO ESTAR MUITO BEM!?

ESTOU MUITO REVOLTADA! IMAGINE QUE FUI BARRADA QUANDO IA VISITAR UMA AMIGA NO EDIFÍCIL "MAR DEL PRATA"!!

OQUE É ISSO COMPANHEIRA?

O PORTEIRO QUERIA QUE EU SUBISSE PELO ELEVADOR DE SERVIÇO E SABE OQUE ELE ME FALOU? "NEGROS NÃO PODEM USAR O ELEVADOR SOCIAL." É ORDEM DO SÍNDICO, E POR MAIS QUE INSISTI NÃO ME DEIXOU SUBIR!

NOSSA! ISSO É CRIME! SABEMOS QUE A CONSTITUIÇÃO PROIBE A PRÁTICA DO RACISMO.

EXPLIQUE MELHOR ESSA HISTÓRIA.

AGORA QUEM COMETE RACISMO É PRESO, NÃO ADIANTA PAGAR FIANÇA, É UM DIREITO QUE NÃO SE PERDE MESMO QUE A PESSOA SAIA DO PAÍS E RETORNE ANOS DEPOIS.

Art. 5º, XLII – A prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível sujeito a pena de reclusão nos termos da lei;

SE É CRIME, O QUE EU POSSO FAZER PRA DENUNCIAR O SÍNDICO DESTE PRÉDIO?

QUE ISSO COMPANHEIRA!

É MAIS DO QUE ISSO. É DENUNCIAR TAMBÉM O REGULAMENTO DO PRÉDIO.

POR ISSO MESMO FOI CRIADO A LEI COMPLEMENTAR QUE REFORÇA A LEI DA CONSTITUIÇÃO, E EM UM DOS ARTIGOS DIZ QUE É PROIBIDO IMPEDIR A ENTRADA NOS EDIFÍCIOS PÚBLICOS OU RESIDÊNCIAS E ELEVADORES PÚBLICOS.*

OLHA! VOCÊ TEM DUAS COISAS MUITO IMPORTANTE: 1º VOCÊ CONSEGUIU CRIAR O FATO PROVOCANDO O PORTEIRO A DIZER QUE NÃO DEIXARIA VOCÊ ENTRAR POR SER NEGRA.

* Art. 11 – Impedir o acesso às entradas sociais em edifícios públicos ou residenciais e elevadores e escada de acesso aos mesmos.
Pena: reclusão de um a três anos.

E VOCÊ TAMBÉM, ESTAVA ACOMPANHADA DE VERA QUE É UMA TESTEMUNHA!

AGORA COMPANHEIRA VOCÊ TEM AS ARMAS NAS MÃOS, É SÓ PROCURAR UM ADVOGADO E ENTRAR NA DELEGACIA COM A DENÚNCIA CRIME.

É ISSO AÍ! VAMOS FAZER VALER NOSSOS DIREITOS, POR A BOCA NO MUNDO, IR À LUTA!

OBRIGADO PESSOAL, VALEU A INFORMAÇÃO, COM A AJUDA DOS MOVIMENTOS NEGROS, DA COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS, VOU DENUNCIAR. SE A LEI EXISTE TEMOS QUE FAZER VALER!

ESTAMOS JUNTOS COM VOCÊ NESSA!

CONCLUSÃO

A Lei 7716 de 05 de Janeiro de 1989 é uma forte e marcante ferramenta para nossa luta. Ela contém 21 artigos dos quais quatro foram vetados pelo Presidente da República. É preciso divulgar a Lei que fala dos direitos do povo negro na Constituição, para que ela seja cumprida e não caia no esquecimento.

Ao fazer uma denúncia crime procure "criar o fato", isto é: provoque uma situação onde a pessoa fale o motivo da discriminação, como:

- Você não entrou porque você é negro.
- Não atendo negros.
- Preto não pode entrar.
- Não gosto de pessoas de cor.

PONTOS PARA SEREM QUESTIONADOS

1 – Com quem podemos contar? Solidariedade? Convocar todo o pessoal que se envolve com a nossa causa: advogados, políticos, sindicatos, Comissão dos Direitos Humanos. Anotar telefones para contatos a serem usados nas situações necessárias.

2 – Como você pode agir?
- Denunciar o caso
- Divulgar a Lei
- Procurar ajuda dos grupos negros
- Formular uma estratégia

CONSTITUIÇÃO FEDERAL

Art. 5º - XLI (41) - A Lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais.

XLII (42) - A prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível sujeito à pena de reclusão nos termos da Lei.

RACISMO AGORA É CRIME

Lei complementar nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989

Art. 1º – Serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor.

Art. 2º – (VETADO)

Art. 3º – Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da administração direta ou indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos.

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

Art. 4º Negar ou obstar emprego em empresa privada.

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

Art. 5º – Recusar ou impedir acesso a estabelecimento comercial, negando-se a servir, atender ou receber cliente ou comprador.

Pena: reclusão de um a três anos.

Art. 6º – Recusar, negar ou impedir a inscrição ou ingresso de aluno em estabelecimento de ensino público ou privado de qualquer grau.

Pena: reclusão de três a cinco anos.

Parágrafo Único – Se o crime for praticado contra menor de dezoito anos a pena é agravada de 1/3 (um terço).

Art. 7º – Impedir o acesso ou recusar hospedagem em hotel, pensão, estalagem, ou qualquer estabelecimento similar.

Pena: reclusão de três a cinco anos.

Art 8º – Impedir o acesso ou recusar atendimento em restaurantes, bares, confeitarias, ou locais semelhentes abertos ao público.

Pena: reclusão de um a três anos.

Art. 9º – Impedir o acesso ou recusar atendimento em estabelecimentos esportivos, casas de diversões, ou clubes sociais abertos ao público.

Pena: reclusão de um a três anos.

Art. 10º – Impedir o acesso ou recusar atendimento em salões de cabeleireiros, barbearias, termas ou casas de massagem ou estabelecimentos com as mesmas finalidades.

Pena: reclusão de um a três anos.

Art 11 – Impedir o acesso às entradas sociais em edifícios públicos ou residenciais ou elevadores ou escada de acesso aos mesmos.

Pena: reclusão de um a três anos.

Art. 12 – Impedir o acesso ou uso de transportes públicos, como aviões, navios, barcas, barcos, ônibus, trens, metrô, ou qualquer outro meio de transporte concedido.

Pena: reclusão de um a três anos.

Art. 13 – Impedir ou obstar o acesso de alguém ao serviço em qualquer ramo das Forças Armadas.

Pena: reclusão de dois a quatro anos.

Art. 14 – Impedir ou obstar, por qualquer meio ou forma, o casamento ou convivência familiar e social.

Pena: reclusão de dois a quatro anos.

Art. 15 – (VETADO)

Art. 16 – Constitui efeito da condenação a perda do cargo ou função pública, para o servidor público, e a suspensão do funcionamento do estabelecimento particular por prazo não superior a três meses.

Art. 17 – (VETADO)

Art. 18 – Os efeitos de que tratam os arts. 16 e 17 desta Lei não são automáticos, devendo ser motivadamente declarados na setença.

Art. 19 – (VETADO)

Art. 20 – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 21 – Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 05 de janeiro de 1989, 168º da Independência e 101º da República.

DIREITOS SOCIAIS

Você sabia quais são os direitos sociais garantidos aos trabalhadores na nova Constituição? É importante lembrar que estas conquistas só aconteceram através da organização dos trabalhadores.

SALÁRIO MÍNIMO

Art. 7º , IV - Salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender as suas necessidades vitais básicas e as de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vetada sua vinculação por qualquer fim...

É PROIBIDA A DISCRIMINAÇÃO NO TRABALHO

Art. 7º. XXXII – proibição de distinção entre o trabalho manual, técnico e intelectual ou entre os profissionais respectivos;

Anote aqui alguma coisa que achar interessante lembrar:

Art. 7º, I – relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa, nos termos de lei complementar que preverá indenização compensatória, dentre outros direitos;

DOS DIREITOS SOCIAIS

II - Seguro desemprego, em caso de desemprego involuntário;

III - Fundo de garantia do tempo de serviço;

VII - Garantia de salário, nunca inferior ao mínimo;

IX - Quem trabalha à noite, tem que ganhar mais, do que quem trabalha durante o dia;

X - É crime o patrão manter em suas mãos por má fé o salário do trabalhador;

XI - É garantido pela Constituição, a participação dos trabalhadores nos lucros e na gestão da empresa;

XIII - Horário de trabalho;
- **44 horas semanais salvo acordo coletivo;**

XIV - Jornada de 6:00 h. para o trabalho realizado em turno, salvo acordo coletivo;

XVI - Remuneração das horas-extras superior, no mínimo, em 50% da hora normal;

XVII - Ao sair de férias você deve receber o seu salário normal acrescentado de pelo menos mais 33%;

XIX - Licença-paternidade de 5 dias;

XXI - Aviso-prévio, mínimo de 30 dias;

XXII - A empresa deve reduzir ao máximo os riscos no trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança;

XXIII - Quem trabalha em áreas de risco, insalubres ou perigosas, deverá receber uma porcentagem além do seu salário;

XXIV - Aposentadoria;

XXVIII - Seguro contra acidentes de trabalho a cargo da empresa além da indenização a que está obrigada;

XXXIII - É proibido o trabalho noturno, perigoso ou insalubre aos menores de 18 anos, e é proibido qualquer trabalho a menores de 14 anos, salvo na condição de aprendiz;

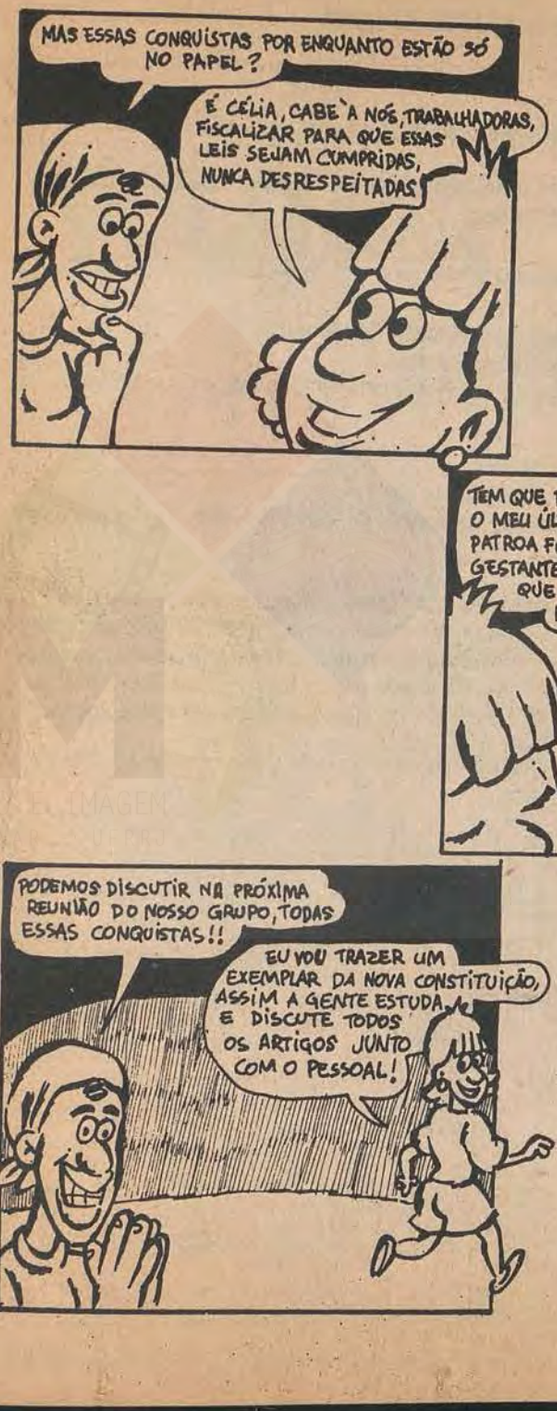
XXXIV - Os trabalhadores fichados ou não, devem ter os mesmos direitos.

****

****

MULHERES

AS MULHERES E SEUS DIREITOS



DOS DIREITOS SOCIAIS

Artigo 7º

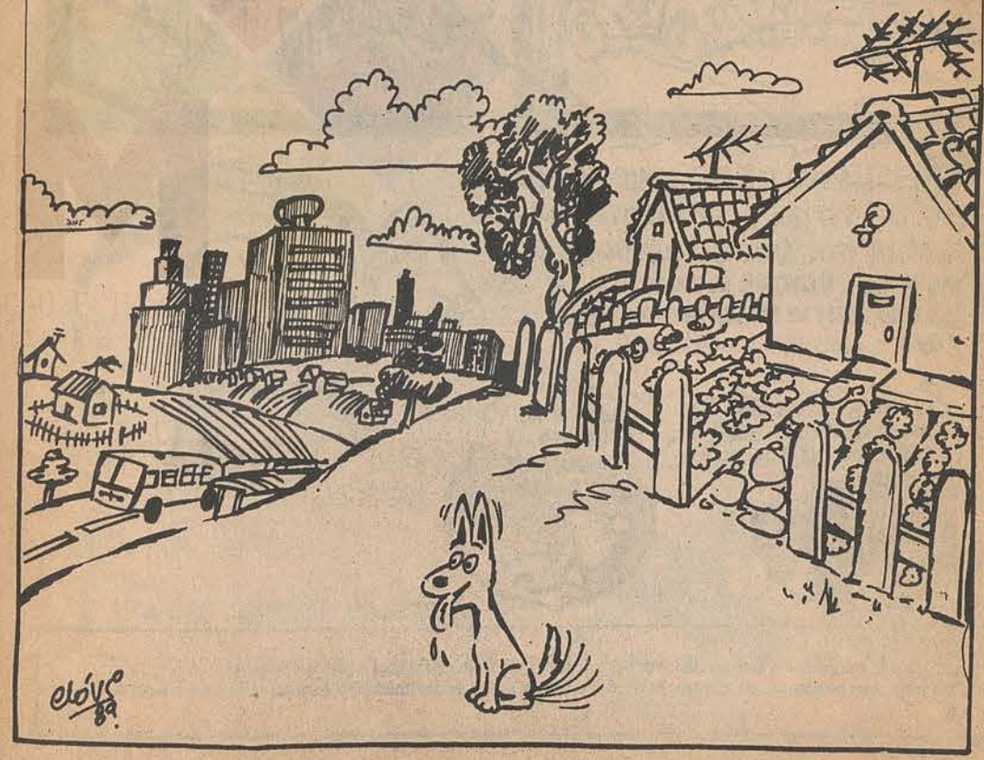
XVIII - licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com duração de cento de vinte dias;
XXV - assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até seis anos de idade em creches e pré-escolas;

Paragráfo único – São assegurados à categoria dos trabalhadores domésticos:

IV - salário mínimo nacionalmente unificado fixado em lei;
VI - irredutibilidade de salário ou vencimento;
VIII - décimo terceiro salário, com base na remuneração integral ou no valor da aposentadoria;
XVII - gozo de férias anuais;
XVIII - licença gestante de 120 dias;
XIX - licença paternidade, nos termos da lei;
XXI - aviso prévio proporcional ao tempo de serviço, sendo no mínimo de trinta dias, nos termos da lei;

Art. 202 - É assegurada aposentadoria aos 60 anos para a mulher, reduzido em cinco anos o limite de idade para os trabalhadores rurais de ambos os sexos e para os que exerçam as atividades em regime de economia familiar (produtor rural, garimpeiro, pescador, artesanal) Após trinta anos de trabalho à mulher. ou tempo inferior por exercício de trabalho sob condições especiais, prejudiciais à saúde ou integridade física.
Após 25 anos à professora por efetivo exercício de função do magistério de primeiro e segundo graus.

POLÍTICA URBANA



POLÍTICA URBANA

TODOS QUE MORAM NUMA CIDADE TÊM DIREITO A TODOS OS BENEFICIOS DELA: ÁGUA, ESGOTO, LUZ, CALÇAMENTO, ESCOLA, TRANSPORTE E OUTRAS COISAS QUE TORNAM A VIDA MAIS FÁCIL E MELHOR.

NÃO PODE HAVER:

Art. 23 - É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:
IX - promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico;

Art. 30 - Compete aos Municípios:
V - Organizar e prestar diretamente ou sob regime de concessão ou permissão os serviços públicos de interesse local, incluído o de transporte coletivo, que tem caráter essencial;

Art. 30 - Compete aos Municípios:
VIII - promover, no que couber, adequado ordenamento territorial, mediante planejamento e controle do uso, do parcelamento e da ocupação do solo urbano;

PARA O PREFEITO PODER CUIDAR DE TODAS AS COISAS QUE VÃO DAR BEM-ESTAR PRA TODO O POVO QUE MORA AQUI, OS VEREADORES VÃO ESCREVER OUTRO LIVRO DE LEIS SÓ PARA NOSSA CIDADE QUE É O **PLANO DIRETOR**. ESTÁ NO ARTIGO 182

ÉSTA, QUE NÓS VAMOS TER QUE LER UM BOCADO DE LIVROS, HEIM?

É, COMPANHEIRO, MAS ISTO É MUITO IMPORTANTE, PRA GENTE PODER PARTICIPAR E NÃO FICARMOS DE FORA. SE NÃO, ELES ESQUECEM DO LUGAR DOS POBRES QUE É A PERIFERIA E AS FAVELAS.

UÉ, GENTE, ENTÃO NÓS VAMOS PODER PARTICIPAR DESSE LIVRO NOVO?

Art. 182 - A política de desenvolvimento urbano, executada pelo poder público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem direito por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.

POR ENQUANTO, NÓS ESTAMOS PARTICIPANDO QUANDO, LEMOS, ESTUDAMOS, BATEMOS PAPO, SOBRE TUDO ISSO. NA HORA DELES ESCREVEREM NÓS TEMOS QUE ESTAR "CORRENDO ATRÁS" PRA VER O QUE ESTÃO FAZENDO E DAR NOSSAS OPINIÕES. **O POVO TODO JUNTO!**

OLHA SÓ: UMA COISA QUE TEM QUE FICAR ESCRITO NESTA LEI QUE SE CHAMA "PLANO DIRETOR" É SOBRE AS TERRAS QUE FICAM PARADAS, SEM CONSTRUIR, NEM PLANTAR, POR AÍ NA CIDADE.

É O QUE ELES PODEM FAZER PRA DAR UM JEITO NISSO?

1º A PREFEITURA DEVE FAZER 3 COISAS:
1º OBRIGAR O DONO DA TERRA A DIVIDI-LA EM LOTES E CONSTRUIR.

2º COBRAR IMPOSTO SOBRE A TERRA PARADA, AUMENTANDO A CADA ANO.

3º DESAPROPRIAR O DONO DA TERRA E PAGAR COM PAPÉIS DA DÍVIDA DA PREFEITURA QUE ELE IRÁ RECEBER DAQUI A 10 ANOS.

TUDO ISSO ESTÁ NO ARTIGO 182.

OH! ENTÃO NÓS QUE ANDAMOS TANTO JÁ PODEMOS IR FICANDO DE OLHO NESSES TERRENOS GRANDÕES QUE TÊM POR AÍ PARADOS! NÉ MESMO?

ISSO MESMO! E TEM MAIS: AQUELE POSSEIRO QUE MORA HÁ ANOS OU MAIS, SEM SAIR DAQUELA TERRA E SEM O DONO NUNCA TER MOVIDO NENHUMA AÇÃO CONTRA ELE VAI TER DIREITO AO USUCAPIÃO URBANO, SE ELE NÃO TIVER OUTRA POSSE OU PROPRIEDADE. ESTÁ NO ARTIGO 183.

Art. 183 - Aquele que possuir como sua área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural.
§ 1º - O título de domínio e a concessão de uso serão conferidos ao homem ou à mulher, ou a ambos, independentemente do estado civil.
§ 2º - Esse direito não será reconhecido ao mesmo possuidor por mais de uma vez.
§ 3º - Os imóveis públicos não serão adquiridos por usucapião.

Art. 3º - Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e Regionais.

1.
Pra não dizer que não falei das flores (G.Vandré)

1. Caminhando e cantando
e seguindo a canção,
somos todos iguais, braços dados ou não.
Nas escolas, nas ruas, campos,
construções,
caminhando e cantando
e seguindo a canção.
Vem, vamos embora,
que esperar não é saber,
quem sabe faz a hora,
não espera acontecer! (2)
2. Pelos campos a fome
em grandes plantações,
pelas ruas marchando indecisos cordões,
inda fazem da flor o mais forte refrão,
e acreditam nas flores
vencendo um canhão!
3. Há soldados armados, amados ou não,
quase todos perdidos de armas na mão,
nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
de morrer pela pátria e viver sem razão.
4. Nas escolas, nas ruas, campos, construções,
somos todos soldados, armados ou não.
Caminhando e cantando
e seguindo a canção,
somos todos iguais, braços dados ou não.
5. Os amores na mente, as flores no chão,
a certeza na frente, a História na mão,
caminhando e cantando
e seguindo a canção,
aprendendo e ensinando uma nova lição.

2.
Coração civil

1. Quero a utopia, quero tudo e mais;
quero a felicidade dos olhos de um pai;
quero a alegria, muita gente feliz;
quero que a justiça reine em meu país.
2. Quero a liberdade, quero o vinho e o pão;
quero ser amizade, quero amor, prazer;
quero nossa cidade sempre ensolarada;
os meninos e o povo
no poder eu quero ver.
3. São José da Costa Rica, Coração Civil
me inspira no meu sonho de amor Brasil.
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real,
bom sonhar coisas novas que o homem faz
e esperar pelos frutos no quintal.
4. Sem polícia nem milícia nem feitiço,
cadê poder?
Viva a preguiça, viva a malícia
que só a gente sabe ter.
Assim dizendo só a minha utopia,
eu vou levando a vida.
Eu vou viver bem melhor,
doido pra ver o meu sonho teimoso
um dia se realizar.

3.
Solidariedade (refrão)

Solidariedade! Solidariedade!
Ajuda teu irmão, cumpre a missão
(gritando) **com solidariedade!**
Solidariedade! Solidariedade!
Só teremos paz e felicidade
(gritando) **com solidariedade!**

4.
Nossos direitos

Nossos direitos vêm!
Nossos direitos vêm!
Se não vir nossos direitos
o Brasil perde também!

5.
Eu quero ver...

Eu quero ver, eu quero ver acontecer
um sonho bom,
sonho de muitos acontecer!

6.
É (Gonzaguinha)

É, a gente quer valer o nosso amor,
a gente quer valer nosso suor,
a gente quer valer o nosso humor,
a gente quer do bom e do melhor,
a gente quer carinho e atenção,
a gente quer calor no coração,
a gente quer suar, mas de prazer,
a gente quer é ter muita saúde,
a gente quer viver a liberdade,
a gente quer viver felicidade...
É, a gente não tem cara de panaca,
a gente não tem jeito de babaca,
a gente está com a cuca
exposta da janela.
para passar a mão nela.
É, a gente quer viver pleno direito,
a gente quer viver todo defeito,
a gente quer viver uma nação,
a gentequer é ser um cidadão! (2)
É, é, é, é, é.

7.

O que é, o que é? (Gonzaguinha)

E a vida?
E a vida o que é diga lá, meu irmão.
Ela é batida de um coração!
Ela é uma doce ilusão?
Mas é a vida!
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é, o que é, meu irmão?

Há quem fale que a vida da gente
é um nada no mundo;
é uma gota, é um tempo
que nem dá um segundo;
há quem fale que é um divino
mistério profundo,
é o sopro do Criador
numa atitude repleta de amor.
Você diz que é luta e prazer,
ele diz que a vida é viver;
ela diz que melhor é morrer,
pois amada não é
e o verbo é sofrer.

Eu só sei que confio na moça
e na moça eu ponho a força da fé;
somos nós que fazemos a vida,
como der ou puder ou quiser.

Sempre desejada
por mais que esteja errada,
ninguém quer a morte:
só saúde e sorte!
E a pergunta roda
e a cabeça agita:
fico com a pureza da resposta das crianças:
é a vida, é bonita e é bonita!

Viver é não ter a vergonha de ser feliz,
cantar a beleza de ser um eterno aprendiz.
Eu sei que a vida deveria ser bem melhor
e será,
mas isto não impede que eu repita:
é bonita, é bonita e é bonita!

Esta cartilha foi reimpressa - em novembro de 1991 - com autorização do Editor aos Movimentos e Entidades, que organizaram a MARCHA pelos DIREITOS HUMANOS, no dia 10 de dezembro de 1991, em VILAR DOS TELES, SJM, RJ.

Esta reimpressão foi coordenada pela EQUIPE PILAR

PILAR - *Av. Pres. Kennedy, 1861 - 25020 Duque de Caxias RJ - Fone: 771.9444*

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA EXTRAORDINARIA E DEFESA E PROMOÇÃO DAS POPULAÇÕES NEGRAS (SEDEPRON)
CENTRO UNIFICADO DE ENSINO E PESQUISA (CEUEP)

RACISMO e VIOLÊNCIA

Tema do Encontro:

As Instituições de Segurança Pública do Estado. Racismo e Violência.

Objetivo:

Sensibilizar quanto ao pleno conhecimento do exercício da cidadania, sob o aspecto da defesa e segurança pública.

Clientela:

*** Autoridades: Policiais (Civil e Militar) e Membros da Sociedade Civil**
*** Organizações e Instituições**
*** Segmentos da Sociedade Civil**

Local:

Centro de Formação de Líderes de Moquetá/RJ
Rua Aymoré nº 8, Nova Iguaçu - tel. 767-2370

Dia:

12 de dezembro de 1991

Horário:

9:00h às 17:00h

Organização:

*** Centro Unificado de Ensino e Pesquisa**
*** SEDEPRON - Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras**
*** Grupo de União e Consciência Negra**
*** Comissão de Religiosos(as), Seminaristas e Padres Negros-Rj**

DESENVOLVIMENTO

Abertura:

1º Momento:
Composição da Mesa
* Juca Martins (Coord. Mesa)
* José Fernandes Dias (CEDAC)
* Cel. Jorge Silva (Sub-Comandante da Polícia Militar do RJ)
* Professora Vanda Maria de Souza Ferreira (Secretária do SEDEPRON)
* Gizlene Neder (Chefe do Depto. de História da UFF)

2º Momento:
Exposição e Perguntas

3º Momento:
Intervalo para Almoço

4º Momento:
Composição da Mesa
* Januário Garcia (Coord. Mesa)
* Dr. William Douglas Resinente dos Santos (Procuradoria Geral da Defensoria Pública)
* Dr. Elson Vaz (P.G.J. - Assessoria de Direitos Humanos e Coletivos)
* Dr. Hélio Luz (Diretor Dep. Geral de Polícia da Baixada)
* (Juiz)

5º Momento:
Exposição e Perguntas

6º Momento:
Encerramento
* Prof. Gisálio Cerqueira Filho (Centro Unificado de Ensino e Pesquisa)

Informações:
* 262-4653
* 756-0804

Linhas de ônibus:
* Carmari Via Rua E
* Carmari Via Três Corações.

CEP
CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO EM IMAGEM
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR - UERJ

VIDA RELIGIOSA E ESPÍRITO SANTO

A Vida Religiosa é criação, dom do Espírito Santo à Igreja (EN). Hoje, a conjuntura da Igreja reforça o polo hierárquico, institucional. O processo de restauração atravessa a Igreja: controle dos teólogos, maior fechamento dos seminaristas nos seminários...

Temos, por isso, que desenvolver uma espiritualidade do espírito. A posição da Vida Religiosa na Igreja se situa mais no lado do povo de Deus, e não na hierarquia. Encarnada e inculturada, comunga com o povo. Começou a assumir muita atividade pastoral, novas frentes de trabalho. Descobrimos a comunhão eclesial e a missão. A VR está muito ligada a Igreja Particular, mas como expressão da Igreja Universal, que se exprime nas várias Igrejas locais ou particulares. Estar inserida na Igreja é estar, a vida religiosa, inserida concretamente numa Igreja Local ou Particular.

O que é Igreja Universal? Pode ser: - O conjunto das Igrejas Particulares diregidas por Roma; - Ou a Igreja de Jesus Cristo. É neste segundo sentido que a VR está inserida na Igreja Universal. Mas há confusão. É preciso entender teologicamente: a Igreja Particular é catolica, universal, pois é aberta a todos.

Num primeiro momento, a Igreja é local. Nasce num local, em torno da Palavra e da Eucarístia. Depois, com a expansão, ela se Universaliza. Roma é uma Igreja Particular a serviço das outras.

A VR se situa não no conjunto dos ordenados, na Igreja, mas no povo de Deus. Situa-se mais no lado do carisma do que no lado da instituição eclesiástica. Há, na Igreja, dus dimensões constitutivas dela, dois polos. Estes polos não se opõem, mas se compõem. Um trabalha no espaço do outro. são dialeticamente unidos mas em tensão. A VR se situa sobretudo no polo carismático, e a hierarquia no institucional:

HIERARQUIA	VIDA RELIGIOSA
Tem o carisma da instituição, compõe-na. Destaca mais o lado da ordem.	É a instituição do carisma, destaca mais o lado carismático, livre.
APOSTÓLICA - representa mais a tradição apostólica.	PROFÉTICA - representa mais a tradição profética, aberta. Para Paulo, a Igreja se funda sobre os apóstolos e os profetas.
ESTRUTURA HIERÁRQUICA - ministério que se define mais pelo fazer que pelo ser.	VIDA E SANTIDADE - mais um ministério do ser que do fazer, e quanto mais radical, melhor.
ORGANIZAÇÃO - o institucional representa mais a ordem, a organização.	EVENTO - a VR representa mais o momento dinâmico, eventual. O Espírito sempre presente institui a Igreja
TRADIÇÃO - a instituição representa mais a tradição já feita.	CRIAÇÃO - é a tradição por fazer. A VR representa mais esta. Voltada para frente.
LEI - necessária na Igreja. Deve haver o mínimo indispensável.	AMOR/LIBERDADE - os religiosos tem suas leis, mas representam mais este amor e esta liberdade.
PEDRO - representa mais a instituição, como organizador.	MARIA - a vida religiosa representa mais como Maria, o que está no seu coração: vida de amor, de fé, do espírito.

Nestes dois polos, a dimensão institucional istá a serviço da dimensão carismática. O polo dominante, da ondem do fim, é o do carisma. A instituição é da ordem dos meios. Pedro (instituição) se submete a Maria (carisma). Temos que garantir este polo na Vida Religiosa.

Na articulação deste quadro, há patologias: autoritarismo (autoridade exercida na ordem da dominação), radicalismo do carisma, que é extremismo ou anarquismo.

A VR se situa no lado melhor, no carisma.

Como nasce o quadro acima? Os dois Polos? Pa melhor entendê-lo, podemos colocar assim: todo movimento (ordem, congregação) nasce do carisma e tem uma experiência fundamental. Com o tempo, o carisma tem que se organizar, sobretudo com a morte do fundador. Enquanto vivo, ele é a fonte alimentadora. Por isso, com sua morte, se o carisma não se institui, morre. O carisma se institui, mas continua fundante primordial. como fazer para que a instituição conserve sempre fresco o carisma? É preciso voltar às fontes. A missa é isso: todo dia se faz a memória de Jesus. A volta é importante, sobretudo na crise:

CARISMA	INSTITUIÇÃO
Experiência do fundador	Organiza o carisma

VOLTA ÁS FONTES

A VR é um movimento do Espírito Santo, é obra do Espírito de Jesus na história. Há alguns pontos que mostram que a VR é criação do espírito. São os cinco eixos da peneumatologia. O Espírito Santo está na fonte de cinco coisas:

ESPÍRITO SANTO

FORÇA — VIDA — AMOR — PALAVRA — LIBERDADE

1º) **FORÇA** (o símbolo é o oléo) - Na Bíblia o Espírito é sempre força de ascensão, vigor: Lc 1,35; At 1,8. A força se relaciona ao óleo. Esta força é: testemunho, força do sofrimento, inclusive na derrota, força da convicção, da santidade, força que vem de dentro (espiritual), de irradiação. Força da verdade. Esta força pode ser manipulada (ex. Collor manipulando F. Damião). Temos que apostar na força do poder do Espírito, não da instituição (Mt 10: é o poder da pobreza, da vida, da fraqueza). Força é vibração, fermento. A Igreja primitiva era muito pobre, mas de grande testemunho. Os cristãos foram esmagados, mas vitoriosos. O grande problema não é a perseguição, mas a VR perder o espírito.

2º) **VIDA** (o símbolo é a água) - A vida do espírito é paixão, fervor, esperança. Somos portadores da vida, que tem na raiz a esperança. Não matar a esperança que é portadora da vida. Nada de baixo astral, especialmente num contexto adverso como o nosso, tanto na vida, social como na eclesial. Representamos o fervor da água, do Espírito Santo que comunica a vida (1Cor. 10). A VR deve cuidar da vida indefesa, em perigo. É portadora da vida. Por exemplo: os pevetes são um dos maiores desafios para a vida religiosa. Assim também todos os excluídos, vítimas do capitalismo explorador e excludente do 3º mundo. Somos plantadores de vida.

3º) **AMOR** (o símbolo é o fogo) - Sermos filhos do Espírito do Amor significa: paixão pelo Reino de Deus, por Cristo, pelo Pai, etc. É o amor maior que cria a Vida Religiosa (S. Agostinho). É o eixo da comunidade religiosa. Amor como afeição transfigurada, ampliada. Se o Espírito é Amor, devemos estar em comunhão com os pastores, pois, Ele une. Deve haver diálogo, obediência, que não é subserviência. mas unidade na Igreja, para não escandalizar os fracos. Isto não elimina a sinceridade, o desabafo, uma palavra de profecia.

4º) **PALAVRA** (o símbolo é o sopro) - Cf At 10. Aqui a Vida Religiosa significa estar na escuta da Palavra, no Espírito que sopra, sobretudo da Palavra missão evangelizadora e da profecia.

5º) **LIBERDADE** (o símbolo é o vento que sopra onde quer) - O Espírito quebra tudo que é rigidez, é incontrolável como o vento. VD aqui é cristão do novo, é surpresa, é totalmente livre. A categoria de loucura, à vista da ordem estabelecida, é uma categoria evangélica. Paulo tinha a loucura de Cristo. A VR é ponta de lança da missão da Igreja, vanguarda evangelizadora. Que caminhos novos criar? Não nos acostumarmos aos caminhos batidos. O estabelecido, o pronto não é mais uma área para a VR (ex. uma Paróquia pronta). A VR é chave pneumatológica. Estamos mais próximos do Espírito do que do Jesus histórico, ou seja, estamos mais próximos do Jesus atualizado.

Anotações de Frei Jayr Silvestre, Provincial dos Capuchinhos do Rio de Janeiro, a partir

VOZES

Ouvi o clamor deste povo... NEGRO!

CARTILHA DOS GRUPOS DE BASE DOS AGENTES DE PASTORAL NEGROS

COMISSÃO DOS RELIGIOSOS, SEMINARISTAS E PADRES NEGROS
RIO DE JANEIRO

CEDIM

"OUVI O CLAMOR DESTE POVO..."

NEGRO

BIBLIOTECA DA
Catequese
ITAGUAÍ

Coleção: **Negros em Libertação/2**

Equipe de trabalho

Geraldo Rocha
Pe. João Munari, Comboniano
Frei David Raimundo Santos, ofm
Manoel Ribeiro Martins Filho
Marilene Gama
Micenio Carlos Lopes — ISER
Sonia Maria Giacomini — ISER
Frei César Paulo Corrêa Chaves, ofmconv

Orientação editorial:

Frei David Raimundo Santos, ofm
Frei Neylor J. Tonin, ofm
Dep. Benedita da Silva
Frei Paulo Gomes, ofm

Comissão dos Religiosos, Seminaristas
e Padres Negros
Rio de Janeiro

"OUVI O CLAMOR DESTE POVO..." NEGRO

Êxodo 3,7

Cartilha dos grupos de base dos agentes de pastoral negros

2ª Edição

VOZES
Petrópolis
1987

© 1987, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689 Petrópolis, RJ
Brasil

Ilustrações
Júlio Cesar de Lemos

Diagramação
Daniel Sant'Anna

Sumário

Introdução, 7
Como usar esta cartilha, 9
I. Discriminação, 11
II. Escravidão, 13
III. Os quilombos, 15
IV. Os falsos heróis, 17
V. Os heróis verdadeiros, 19
VI. Uma história não contada, 21
VII. O lugar do negro na sociedade, 23
VIII. O mercado de trabalho, 25
IX. As conseqüências da discriminação pelo trabalho, 27
X. O mundo dos de cima e o mundo dos de baixo, 29
XI. A ideologia do branqueamento, 31
XII. Um país "para inglês ver", 33
XIII. Justiça na terra, 35
XIV. A religião, 37
XV. Movimento negro: Conquistas e desafios, 39
XVI. Campanha da Fraternidade 88:
Uma conquista das bases, 41
Cantos para os encontros, 44
Bibliografia, 46

Introdução

A Comissão de Padres, Seminaristas, Religiosos Negros do Estado do Rio de Janeiro apresenta este trabalho a todos os grupos de base do Brasil como serviço à caminhada de Libertação, que se afirma cada vez mais, na comunidade negra.

A humildade e o desejo de pedir perdão que transparece na face da maioria de nossos pastores pelos pecados da Igreja de ontem contra o povo negro demonstra o quanto a Igreja está se auto-evangelizando, assumindo a causa negra hoje.

Alguns sinais concretos de amor à justiça e de reparação às injustiças, que talvez, inconscientemente, levaram a Igreja de ontem a se omitir na justa luta do povo negro rumo à libertação, já transparecem na nossa Igreja hoje. Temos como exemplo disto:

Primeiro: A liberação de um padre franciscano para prestar serviço ao povo negro.

Segundo: A publicação desta cartilha através da Editora Vozes, coordenada pelos franciscanos. Esta cartilha será uma eficiente ferramenta para os trabalhos dos grupos de base de todo o Brasil.

A Igreja do Brasil está cada vez mais comprometida com o povo preferido de Deus. Um exemplo concreto desta afirmação está no fato de a Igreja "ouvir os clamores" de centenas de grupos negros de base e aprovar o tema solicitado para a Campanha da Fraternidade de 1988: "A FRATERNIDADE E O NEGRO".

Esperamos que esta cartilha seja realmente uma ferramenta, ou seja: que ela ajude a muitos irmãos negros e brancos a remover a discriminação racial que impregnou a nós todos nestes anos e que a libertação, que é dom de Deus, atinja a todos: negros e brancos!

Frei David Raimundo Santos, ofm

Como usar esta cartilha

1) Ela foi feita pensando nos grupos negros de base que surgem e crescem a partir do espaço eclesial. Daí que você deve levar a Bíblia em todas as reuniões. Pode escolher outros textos bíblicos no lugar do texto indicado.

2) Você deve enriquecer os encontros cantando cantos pelo menos no início e no final dos encontros, bem como fazendo outras orações.

3) Caso seu grupo não seja cristão, você poderá cancelar a reflexão bíblica.

4) Leve para as reuniões recortes de jornais onde o negro é discriminado. Leia e discuta.

5) Seu grupo deve ter *atitudes políticas*. A TV Globo só colocou negros fazendo papéis principais em novelas porque foi pressionada pelos grupos negros de base.

6) Leve esta cartilha para seu trabalho e durante os intervalos (almoço, lanche...) reúna os colegas e leiam juntos.

7) Esta cartilha não poderá ser guardada ao terminar os encontros. Passe a mesma para outros grupos para que eles possam também fazer seus encontros.

8) Para questões de novos materiais comunique-se com:

QUILOMBO CENTRAL
Rua Tabatinguera, 301
CEP 01020 S. Paulo
Tels.: 355863 ou 320775

QUILOMBO REGIONAL
Paróquia N. S. das Graças
25590 EDEM
S. João de Meriti, RJ
Tels.: 7560881 ou 7560804

I

DISCRIMINAÇÃO

O racismo no Brasil é uma realidade que sempre se tentou esconder. Quase todo mundo fala com a maior naturalidade que não existe racismo no Brasil, que todo mundo é igual, que esta história de dizer que o negro é discriminado é bobagem. Isto não está acontecendo.

O racismo é um modo de dizer que uma raça é superior à outra. No Brasil quem sofre com isto é a raça negra. Na prática sempre se afirmou a inferioridade do negro. Diz-se que o negro "não tem capacidade", "é vagabundo", "preguiçoso", "acomodado". Quem diz isto são as pessoas que desejam afirmar a superioridade da raça branca sobre a raça negra. Com isto o negro é posto de lado, é marginalizado, discriminado por causa da sua raça, da sua cor. Ficam também de lado todos os valores dos negros: cultura, religião e até a própria existência do SER NEGRO.

É muito importante nós negros sabermos que existiu e existe uma trama para embranquecer a sociedade brasileira. Um dos modos de fazer isto hoje é *fazer o negro pensar como branco*. É a mesma coisa que querer que o pobre pense com a cabeça do rico. Precisamos pensar com a Cabeça de negros para podermos descobrir como e onde se dá a discriminação racial para lutarmos contra ela.

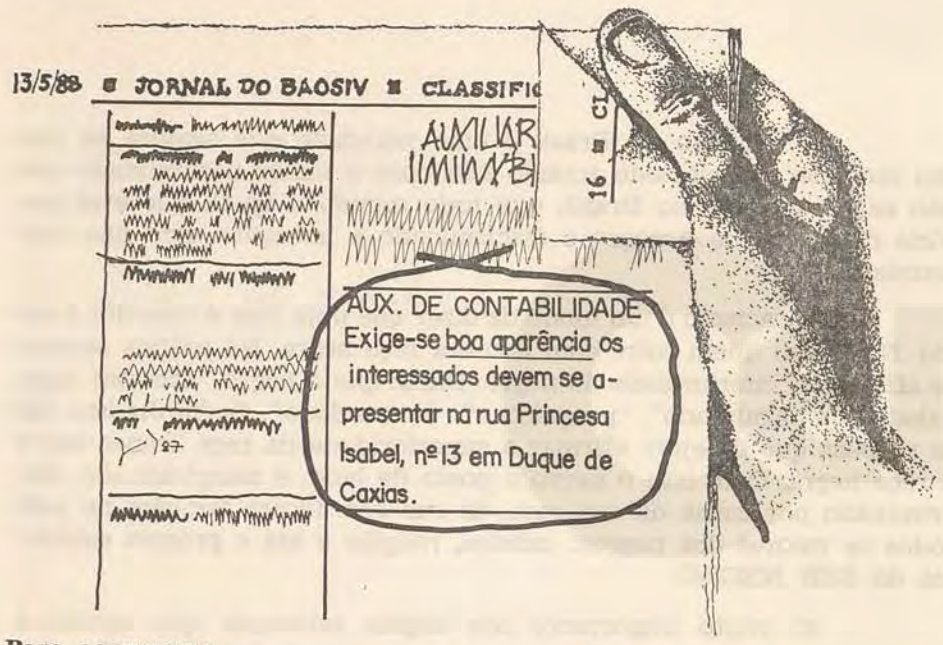
Não é à-toa que os negros no Brasil são os mais pobres. Isto tem que ter uma explicação. A maioria não tem estudo, nem casa; muitos vivem desempregados ou com um pequeno salário nos trabalhos mais pesados; as crianças abandonadas na maioria são

negras; os presos são quase todos negros. Por outro lado, não se vê negro nos altos postos públicos, governos, senadores, deputados, juízes, generais, como não se vê quase negro bispo, padre etc.

A discriminação racial no Brasil tem uma grande responsabilidade pela situação em que vive a maioria do povo negro.

Em todo o lugar em que o negro tiver que competir com o branco, ele já sai perdendo de 1 x 0 por ser negro; se for mulher negra, então sai perdendo de 2 x 0: por ser mulher e por ser negra. E se for mulher, negra e pobre, aí sai perdendo de 3 x 0: negra-mulher-pobre.

A "boa aparência" exigida no emprego é outro modo sutil de desclassificar o negro na nossa sociedade.



Para conversar:

1) Você já foi discriminado(a) alguma vez? Como foi?
2) Quais são as coisas que inventam sobre o negro de que você não gosta?

REFLITA NA BÍBLIA: Gálatas 3,23-29

"Já não há judeu nem grego, nem escravo, nem livre..." O que devemos fazer para viver na prática esta proposta e exigir que a sociedade coloque-a em prática?

II

ESCRAVIDÃO

Os negros não vieram para o Brasil por livre e espontânea vontade. Não vieram à procura de riquezas. Viviam muito bem nas suas terras na África. Foram arrancados de suas terras, separados de suas famílias, de suas culturas, de suas religiões. Foram trazidos e jogados em terras estranhas aqui no Brasil. Isto para o negro significou deixar de ser gente para ser animal, força bruta de trabalho, manobrada pelos senhores-de-engenho.

"Nem mesmo a escravidão do Egito foi tão longa e cruel quanto foi a escravidão do negro no Brasil". A principal característica da escravidão no Brasil foi ser o negro propriedade do senhor. O senhor tinha poder de vida e morte sobre o negro. O escravo tinha que fazer a vontade do senhor. Os castigos eram insuportáveis para os que desobedecessem à sua vontade. A brutalidade do senhor e a sua desumanidade somada com a crueldade eram a forma pela qual os senhores buscavam impedir que os negros escravos criassem resistência à escravidão. Mesmo assim, muitos negros, e de diferentes formas, resistiram à escravidão.

Os negros eram tratados como animais. Durante o dia trabalhavam nos engenhos e nas lavouras e, parte da noite, nas senzalas. Os negros foram escravizados porque davam lucros também para os países que os comercializavam. Muita gente enriqueceu vendendo negros. Até a Igreja lucrou com isto, embora os documentos papais, da época, só permitissem a comercialização de negros que já eram escravos na África. No Brasil, a Igreja chegou a abençoar a escravidão. Os negros, quando chegavam aos portos, eram bati-

zados pelos padres e marcados a ferro quente pelos senhores-de-engenho. Por que não escravizaram os índios? Também o fizeram; o negro, porém, dava mais lucro. Os comerciantes europeus trocavam mercadorias por negros na África, traziam-nos e negociavam-nos no Brasil e, ainda por cima, voltavam com os seus navios para a Europa, carregados de mercadorias que os negros produziam. Era um bom negócio!

Para conversar:

1) Você acha que a escravidão do negro acabou?
2) Quais os tipos de escravidão que se percebem na sociedade hoje?

REFLITA NA BÍBLIA: Êxodo 3,7-9.

Quais os pontos em comum da escravidão dos hebreus no Egito com a escravidão dos negros no Brasil?

III

OS QUILOMBOS

Entre as várias formas que os negros tinham para lutar contra o sistema de opressão, uma das mais significativas foi a formação de quilombos. Os quilombos eram lugares de resistência negra. As pessoas que moravam nos quilombos se chamavam quilombolas. Os quilombos eram um sistema comunitário de vida na floresta para onde iam os negros que conseguiam fugir da escravidão. Às vezes eram cinco, seis casas apenas. Outras vezes chegavam a formar verdadeiras cidades. Estes quilombos eram sempre perseguidos pelos exércitos dos fazendeiros. Quando podiam, destruíam e matavam os negros e os recapturados eram levados de volta para os engenhos, onde eram duramente castigados e marcados.

O maior dos quilombos foi o de Palmares, em Alagoas. Este foi o que mais tempo resistiu aos ataques dos fazendeiros. Essa resistência que durou cem anos deve muito a seu grande líder Zumbi e à sua capacidade de organização. O número de habitantes neste quilombo chegou a 20 mil. Era uma verdadeira cidade onde os negros viviam numa comunidade de fato. Aí se fazia a experiência de fraternidade verdadeira. Era o lugar onde os negros se sentiam iguais de verdade. O quilombo dos Palmares tinha sua base na organização social e política voltada para se defender dos exércitos dos fazendeiros e para garantir a posse coletiva da propriedade. Os quilombos representavam a única possibilidade, fora a morte, para fugir da escravidão e a tentativa de estabelecer uma comunidade negra, autônoma, livre, no meio da floresta. O quilombo dos Palmares foi destruído por um grande caçador de índios e negros chamado Domingos Jorge

Velho e seus soldados. Este capitão-do-mato assassinou Zumbi e muitos outros negros e índios, além de recapturar outros para vendê-los e enriquecer-se com isto.

Mesmo com a destruição de Palmares e com a morte de Zumbi, os negros continuaram a fugir das senzalas e a se agrupar nas florestas, lutando pela sobrevivência e pela liberdade.

Para conversar:

1) Você já havia ouvido falar dos quilombos? O quê?
2) Como os negros lutam pela sua liberdade hoje?

REFLITA NA BÍBLIA: At 2,42-47

Os quilombos tinham alguma semelhança com as comunidades cristãs primitivas? Quais?

IV

OS FALSOS HERÓIS

Os heróis dos poderosos nem sempre são os heróis do povo negro.

Heróis falsos são os heróis que contribuíram para o massacre do negro no Brasil. Existem cidades que levam o nome destas pessoas apresentadas como heróis, outros lugares chegam a ter praças ou clubes com os nomes delas, estátuas grandes, etc.

Vamos ver alguns destes falsos heróis. Alguns deles chegaram mesmo a ser criminosos.

1) RUI BARBOSA: Foi o grande responsável pelo povo negro não poder hoje recuperar totalmente as raízes históricas de onde veio. Foi ele quem mandou queimar todos os arquivos sobre a escravidão negra, para "apagar a mancha da escravidão". Queimou assim os documentos da nossa ligação histórica com a Mãe África. Para nós, negros, ele fez um mal irreparável.

2) DOMINGOS JORGE VELHO: Este foi o grande sanguinário que, com muito esforço, destruiu Palmares e assassinou Zumbi, privando o povo negro de continuar sua experiência de vida fraterna rumo à caminhada para a liberdade. Ele ganhou muito dinheiro para praticar este barbarismo.

3) PRINCESA ISABEL: Esta, que foi chamada de 'a Redentora', assinou a 'Lei Áurea' pressionada pelo 'sistema'. Quando a Lei Áurea foi assinada, só 5,6% dos negros ainda eram escravos. Ela apenas

libertou os brancos da dívida social que tinham com a população branca. Devolveu os negros aos porões da humanidade. Mas daremos a volta por cima.

4) DUQUE DE CAXIAS: Jogou nossos jovens negros no inferno da guerra do Paraguai. Mesmo assim, após a guerra, um grande número de jovens negros estava pronto para retornar aos seus parentes. Vendo que os soldados eram hábeis e corajosos no manejo das armas, escreveu ao imperador pedindo orientação, pois estava com medo que estes corajosos negros, que tinham vencido a guerra do Paraguai, ao retornar ao Brasil, fizessem uma justa revolução interna, a exemplo do Haiti. Os dados estatísticos dizem que antes da guerra a população negra era de 2.500.000 pessoas. Após a guerra caiu para 1.500.000 pessoas. Não é uma afronta à população negra obrigar as crianças negras a marchar no dia de Duque de Caxias, em nossa atualidade?

Para conversar:

1) Que outros falsos heróis você percebe na sociedade? Por quê?
2) É certo obrigar os estudantes negros a marchar em homenagem a Duque de Caxias?

REFLITA NA BÍBLIA: Miquéias 3,1-4

1) Em que os falsos heróis são parecidos com os chefes de Jacó?

V

OS HERÓIS VERDADEIROS

Como vimos, existem falsos heróis. Do outro lado da história estão os nossos heróis verdadeiros. Heróis verdadeiros são aqueles que lutaram pela liberdade do povo negro verdadeiramente. Pessoas que deram a sua vida pela causa negra, pessoas que não deixaram que destruíssem a raça negra. São homens e mulheres que, além de produzirem as riquezas do Brasil, ainda preservaram o que de mais bonito e sagrado existia na África.

Destas pessoas, que são mesmo heróis, a gente quase não ouve falar nada. Nós sabemos que de tudo o que é valor do povo negro não se fala, não é mesmo? Nem nos livros, nem na TV, nem nos jornais, nem nas revistas ou nos rádios. Todos estes meios de comunicação estão nas mãos dos brancos.

Mas mesmo assim queremos ir devagar divulgando os nossos heróis. É muito difícil a gente ver festas para comemorar os heróis negros verdadeiros, mesmo porque eles não estão nos livros de história.

Nós, negros, temos, entre tantos heróis verdadeiros, um que é especial. Este herói se chama ZUMBI DOS PALMARES. Ele derramou seu sangue pela causa negra, para ver seu povo livre, tratado como gente. O dia de comemoração deste herói é o dia 20 de novembro. É o dia em que ele foi assassinado pelo falso herói Domingos Jorge Velho. Este dia 20 de novembro é o dia de nós assumirmos os anseios de liberdade de Zumbi e de lutarmos para fazer crescer em nós a CONSCIÊNCIA de luta contra a situação de escravidão que vivemos como negros hoje.

Para conversar:

— Converse no grupo sobre outros heróis da luta por libertação e conquista de espaço do povo negro.

REFLITA NA BÍBLIA: At 3,12-16

1) Quem persegue os heróis verdadeiros: os exploradores e opressores, ou o povo que quer viver na justiça?

2) Quais as semelhanças entre os matadores de Jesus e os matadores de Zumbi?

VI

UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA

A história do povo negro no Brasil, até hoje, foi contada de uma forma muito mentirosa. Esta história, que mostra o negro como tendo nascido para a escravidão, precisa ser desmascarada.

Já vimos que os negros tinham muitas formas de reagir contra a escravidão: fugindo, fazendo greve de fome (banzo), matando os senhores, incendiando as lavouras, etc.

O povo negro nunca foi um povo "acomodado", "vagabundo" ou "preguiçoso" como dizem. Quem diz isto são os que planejam uma sociedade onde o negro deve ocupar o último lugar. Eles repetem isto até o próprio negro passar a acreditar e a dizer também as mesmas coisas. Tudo isto é mentira que o branco quer colocar na cabeça do negro. Nós precisamos saber que tudo o que foi construído no Brasil foi construído com o suor e o sangue do povo negro. Isto precisamos contar para todo mundo. O Brasil precisa reconhecer que nada seria se não fosse o povo negro. Então, como pensar que somos acomodados? É a história que precisa ser contada a partir dos oprimidos.

O povo negro sempre foi um povo grande e nobre que resistiu e resiste ainda hoje a todas as formas de opressão desta sociedade.

O povo negro é um povo que acredita e tem esperança na liberdade verdadeira, na nova sociedade. O povo negro, que em Palmares experimentou o que é estar livre da escravidão, quer hoje experimentar a liberdade da escravidão atual, do racismo, da discriminação, da marginalização, da miséria, da fome e de toda opressão.

Para conversar:

1) Você acha que é verdade o que as escolas ensinam sobre o negro? Tudo o que ensinam?
2) O que seu grupo pode fazer para difundir a verdadeira história do negro?

REFLITA NA BÍBLIA: Êxodo 5,1-9

1) "Não dêem ouvidos às mentiras que lhes contam". Como você compreendeu esta afirmação do rei? Explique! Você concorda com ela?

VII

O LUGAR DO NEGRO NA SOCIEDADE

Olhando para a nossa sociedade parece que o negro só existe para ser o último de todos. A discriminação só deixa para o negro o último lugar da fila. Vamos analisar um pouco... Que transporte usa a maioria dos negros? Onde moram? Quanto ganham? Quantos podem estudar na faculdade? Quantos podem tirar férias? Que diferença há entre os negros e os outros que têm uma boa moradia, um bom emprego, estudam na universidade, tiram férias para passear...?

É importante nós negros sabermos que a nossa sociedade está montada e pensada para o branco, enquanto o negro fica com a sobra. A vontade de quem montou e sustenta esta sociedade é que os negros acabem, e que o Brasil seja um país branco. Por isto para os negros não são dadas as condições de vida, de trabalho, de estudos, etc. Nós não podemos ficar sem saber disto e temos a obrigação de ir contando para os nossos irmãos negros estas coisas que nas escolas não são ensinadas, pois a escola é dos poderosos que são sempre brancos. Precisamos nos reunir, nos organizarmos como negros para lutar por nossos direitos, para ocupar nossos espaços, para sermos verdadeiramente iguais. Não queremos ser mais que os brancos, nem mais do que ninguém, mas também não suportamos ser menos, sermos tratados como os últimos de todos.

O nosso lugar verdadeiro na sociedade vai depender de nós negros e dos que se solidarizam com a nossa causa.

Vamos à luta, nossa liberdade ainda não chegou, mas vamos conquistá-la!

Para conversar:

1) Você conhece algum lugar onde o negro e o branco não são tratados como iguais? E onde são tratados como iguais?
2) O que você está achando destes encontros? (se puder, envie a resposta pelo correio à equipe organizadora. Veja endereços na p. 10).

REFLITA NA BÍBLIA: Lucas 1,46-56

1) Deste hino cantado pela Negra Mariama (Nossa Senhora), que mensagem você tira para a caminhada do seu grupo?

VIII

O MERCADO DE TRABALHO

Nós, negros, vivemos numa sociedade cheia de armadilhas, todas elas inventadas para criar o bem-estar de um punhado de gente às custas da grande maioria da população. O conhecimento destas armadilhas é, naturalmente, o primeiro passo para que nós, os negros do Brasil, possamos reverter esta situação que nos discrimina.

Há, por exemplo, quem pensa que, num país como o Brasil, o racismo só existe por causa da má-fé de algumas pessoas mal-intencionadas. Mudar a cabeça deste pessoal seria, portanto, suficiente para acabar com a discriminação. Na realidade o racismo é muito mais do que isso; ele é um vírus que já contaminou toda a sociedade, desde as pessoas até as estruturas.

Sem dúvida você já sentiu isto na sua própria pele.

Não é por acaso que o negro ocupa o lugar que tem. Em nosso sistema de vida as pessoas passam através de um crivo, que seleciona aquelas que mais podem contribuir para que a máquina possa funcionar. Aquilo que chamamos de crivo é o mercado de trabalho. Na sociedade em que vivemos, antes ou depois, todos têm que se apresentar oferecendo, no mercado de trabalho, a vontade de trabalhar. Este mercado também é racista no Brasil; aliás, ele está na origem da discriminação.

Você já reparou que nem todos os trabalhos são para os negros? Alguns são só de branco e para branco (discuta com os colegas ou companheiros de grupos para ver quais são eles). Pode

até perguntar às pessoas mais idosas se estes trabalhos um dia, no passado, já foram confiados aos negros. Geralmente os brancos fazem questão de passá-los de pai para filho.

Desta maneira, dentro de uma firma qualquer, você sempre saberá de antemão quais são os trabalhos que irão lhe oferecer: são aqueles serviços que sobram ou que o branco não quer (analise a posição que ocupam brancos e negros no lugar que você trabalha ou estuda).

E tem mais: para um mesmo serviço o negro sempre ganha menos que o branco. Esta diferença às vezes chega a 50% (veja o seu trabalho ou o trabalho de seus pais e compare com o salário dos brancos que fazem o mesmo serviço).

Para conversar:

1) Conte as dificuldades que você já encontrou em relação ao mercado de trabalho.
2) Conte fatos que você conhece de discriminação pelo trabalho.
3) Você conhece grupos organizados que no Brasil tentam mudar esta situação. Quais?

REFLITA NA BÍBLIA: Miquéias 2,1-5

1) Como nós, povo negro, podemos ajudar a Deus a se vingar contra os "maquinadores da iniqüidade"?

IX

AS CONSEQÜÊNCIAS DA DISCRIMINAÇÃO PELO TRABALHO

Vamos analisar mais diretamente as conseqüências da discriminação pelo mercado de trabalho.

1. Se o negro não pode ter acesso a bons empregos, é claro que ele nunca sairá da miséria, a não ser depois de um esforço gigantesco do qual surja uma revolução. Veja o que fazem os negros das favelas e das periferias para sair desta situação: levantam às 4 horas da manhã, enfrentam filas e mais filas, chegam em casa altas horas da noite, depois que o patrão lhe sugou até a última gota de suor, e chegam sem dinheiro nenhum, enquanto que o seu patrão, que chegou no trabalho às 10 horas da manhã levado pelo motorista, termina seu dia dando-se ao luxo de conversar de negócios com os amigos no restaurante mais caro da cidade.
2. A exploração da qual o negro é vítima cria uma infinidade de outros problemas: os seus filhos, mal alimentados e com pouca saúde, não conseguem se sair bem na escola (quando conseguem entrar na escola).
3. Sem educação e sem título, o jovem negro está marcado para o resto da vida, porque a sociedade é boa só para os que têm título de "doutor".
4. Sem chance de subir na vida, o negro ficará eternamente à margem da sociedade. Acontecendo um problema, ele será o suspeito; faltando alguma coisa, ele será o ladrão; quando alguém tiver que pagar, ele será a vítima.

5. Para o negro não há leis que o defendam nem pessoas que se preocupem com ele. Aliás, a única preocupação que a sociedade tem é que o negro não saia do seu lugar e, possivelmente, que não fale, não pense, não diga o que acha, o que quer e, sobretudo, não se organize.

Você já reparou a confusão que está dando este negócio dos negros se encontrarem para falarem dos seus problemas? Não há só militares, mas até bispos e cardeais que se dizem incomodados com isto.

Na verdade, o branco de uma forma geral sabe que o negro é inteligente e, se unir as suas forças, será capaz de conquistar os seus direitos. Os quilombos são ainda pesadelos nas cabeças dos poderosos. Tanto é verdade isto, que o branco sempre se recusou a contar claramente aquilo que o negro fez no passado. Ele sabe que isto é perigoso. Alguém de repente poderia pensar em mudar as coisas, e aí...

Para conversar:

1) Analise a situação de seus irmãos de raça negra e diga: por que estão assim?
2) Onde moram os negros no seu bairro?
3) Faça um levantamento das escolas de sua cidade: Onde estudam os negros?
4) E quando o negro morre, é tratado como branco?

REFLITA NA BÍBLIA: Tiago 5,1-6

1) Que "desgraças poderão sobrevir aos ricos" hoje? Por quê?
2) Você acredita que os ricos devolverão os bens aos trabalhadores livremente? Por quê?

X

O MUNDO DOS DE CIMA E O MUNDO DOS DE BAIXO

Por aquilo que foi dito até aqui, você já deve ter percebido com bastante clareza que o mundo não é bem do jeito que ele parece ser, isto é: igual para todos.

Há na realidade, pelo menos, dois mundos diferentes: o dos de cima e o dos de baixo. Os de cima são aqueles que estão no poder, têm dinheiro, escrevem livros, falam na televisão, são manchetes nos jornais e espalham por aí uma maneira de ver as coisas completamente fora da realidade da grande maioria da população. Para eles, por exemplo, é mais importante um jantar com os amigos do que uma chacina de negros pela polícia na Baixada Fluminense. Jornais e televisões, que são os canais através dos quais este pessoal se comunica, falarão, é claro, enquanto nada dirão da chacina.

O mundo dos de baixo é outro: não só o tipo de preocupações, mas também os valores, as coisas que fazem, as lutas que eles travam.

Para os de cima, a luta principal para a qual eles gastam tempo, dinheiro e energias, será sempre no sentido de melhorarem cada vez mais a fachada que apresentam; para os de baixo, a grande luta é aquela de parar e juntar companheiros e discutir com eles os próprios problemas, até fazer a própria voz chegar a incomodar o pessoal de cima: só na hora em que conseguirmos incomodar é que conseguiremos espaços nos jornais, na TV; e a sociedade, de uma forma geral, se dará conta de que nós existimos, e somos uma multidão.

Durante muito tempo o branco conseguiu que o negro ficasse babando na frente da REDE GLOBO, enquanto se passavam novelas e desfiles de moda de Paris. Aos poucos, nós, negros, estamos nos dando conta de que este é outro mundo. Precisamos arregaçar as mangas e construir o nosso mundo.

Este encontro que você está tendo com seus amigos e companheiros de luta não faz notícia: é muito pouco ainda. Porém, é importante que você saiba que ele é o primeiro passo para um dia os negros darem uma mexida nas coisas.

Para conversar:

1) Dê outros exemplos nos quais apareçam as diferenças entre o mundo dos de cima e o mundo dos de baixo.
2) Por que, em sua opinião, tantas vezes falamos e pensamos como os de cima?
3) E por que os de cima nunca pensam e falam como os de baixo?

Pesquise:

1) Escolha uma estação de TV, e ligue na novela do horário nobre. Em cada trinta minutos, durante quantos minutos aparecem pessoas negras? Que tipo de papel elas desenvolvem?
2) Escolha um jornal de sua preferência. Folheie as páginas e pesquise: quantas vezes eles citam o negro? Em que contexto?

XI

A IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO

Não se assuste com as palavras: estamos entrando no mundo dos de cima e, como você pode ver desde o início, eles têm um palavreado muito fino que parece feito de propósito para ninguém entender nada.

Ideologia é "maneira de pensar".

Existe, no Brasil, uma maneira de pensar não só esquisita, mas profundamente racista: a de que o que é bom e bonito é branco e tudo que não presta é negro. Cabelo bonito é aquele que sacode; as pessoas boas são as de alma branca; e, é claro, a criança que não presta será a ovelha negra da família...

Isto não acontece por acaso nem por engano. Faz tempo que as classes dominantes do Brasil sentem vergonha de, no Brasil, haver tanto negro assim. Dizem e pensam que o Brasil só será um país civilizado no dia que o negro desaparecer; porque, dizem ainda, negro é igual a atraso, a subdesenvolvimento, a bruxaria. Aí, tudo que há de ruim e de pior na sociedade é por causa do negro, que é marginal, vagabundo; o homem de bem terá sempre os olhos azuis e os cabelos loiros.

Esta idéia racista e assassina já fez muitas vítimas: criou em muitos negros o pavor de sua cor e um esforço gigantesco no sentido de disfarçar as suas origens. Eles querem ser como o branco, fazem o possível para serem confundidos com ele, assumem um comportamento e um modo de pensar que é daqueles que sempre os oprimiram.

Querer ser como branco, porque tudo que é branco é bom, isto é o que se chama ideologia do branqueamento. Para isso muitos tentam casar com pessoas mais claras, falsificam documentos onde se pergunta a cor e ficam ofendidos quando chamados de "negros".

E esquecem que a história do Brasil mostra exatamente o contrário: quase tudo de ruim que aconteceu nesta terra foi o branco que provocou, enquanto o negro quase sempre tentou salvar os grandes valores humanos que ainda se conservam: a alegria de viver, o amor à justiça, à paz, à igualdade, à natureza.

Nós, negros do Brasil, temos que afirmar a nossa convicção mais profunda: o Brasil será bom para todos, quando for bom também para os negros.

Para conversar:

1) Dê outros exemplos de como a sociedade procura "branquear" a população negra do Brasil.
2) Quais são os valores negros que a sociedade não reconhece?
3) Quais as propostas com os irmãos de raça que têm a cabeça feita pelos brancos?

REFLITA NA BÍBLIA: Isaías 5,20-24

1) "Ai daqueles que ao mau chamam bom, e ao bom chamam mau". Como negros poderemos ajudar os fazedores do mal a se libertarem?

XII

UM PAÍS "PARA INGLÊS VER"

Um assessor dos agentes de pastoral negros, fazendo um trabalho com a comunidade negra de Tubarão, Santa Catarina, levantou, num grupo de agentes de pastoral negros, o problema das estatísticas. Ele afirmava que o poder quer apresentar para o mundo um país só de brancos. A cada ano as estatísticas oficiais mostram que diminui o número de negros na sociedade. Levantou-se um jovem operário e falou: "Isto que o padre está falando eu posso provar" na próxima reunião; vou trazer ao vivo dois exemplos.

Na reunião seguinte, o assunto pegou fogo.

Ele apresentou duas pessoas da família dele e perguntou: "Eles são brancos ou negros?" Todos responderam: "Negros!" Em seguida pediu que eles apresentassem a certidão de nascimento a todos. O espanto foi geral: O cartório os havia registrado como brancos!

Para conversar:

1) O que está por trás da atitude do cartório?
2) Você conhece outros casos destes? Conte!

REFLITA NA BÍBLIA: Isaías 10,1-4

1) Registrar dados mentirosos equivale a "redigir sentenças opressivas"? Por quê?
2) O que você entende por "a menos que vos curveis entre os cativos"? Explique.

XIII

JUSTIÇA NA TERRA

A terra, dom de Deus, é uma das mais fiéis testemunhas da justiça ou da injustiça de uma nação para com seus filhos. Uma nação justa, digna e cristã não tem conflito de terra.

O primeiro grande conflito de terra no Brasil foi provocado pelo poder branco em 1500. Chegaram aqui os portugueses e expulsaram os índios, matando-os de maneira atroz.

O segundo grande conflito de terra aconteceu em 1850. A força dos poderosos, gananciosa e antifraterna, percebendo que os negros estavam formando fortes quilombos, decretou em 1850 a lei da terra. Através desta lei todos os quilombos eram ilegais, ou seja: qualquer terra só podia ser ocupada se fosse comprada do governo. Com isto, o negro não tendo dinheiro para comprar terra, formou as primeiras favelas no Brasil.

Anos depois, começaram a chegar ao Brasil os imigrantes europeus. Para eles o governo não aplicou a lei da terra: cada família ganhou de graça grandes pedaços de terra. Outras famílias européias recebiam a terra em troca de abertura de estradas, etc.

Como se conclui, a injustiça contra o negro no Brasil foi planejada. A tática foi, através da miséria, diminuir o número de negros na sociedade brasileira.

Vamos levantar a cabeça! Vamos mostrar que Deus está conosco!

Para conversar:

1) Quantas famílias negras, em seu município, possuem terras?
2) Como fazer com que a reforma agrária *urbana* e *rural* beneficie principalmente a população negra?
3) Releia o texto. Como podemos ter certeza de que Deus está conosco?

REFLITA NA BÍBLIA: Amós 5,11-15

1) "Violadores do direito do pobre". No caso do povo negro, quais os direitos que foram violados pelo governo daquele tempo? E hoje?
2) "Fazei reinar a justiça nas vossas assembléias". Como o povo negro deverá fazer a justiça reinar nas assembléias de todo o Brasil?

XIV

A RELIGIÃO

A classe dominante, sabendo da força e da importância da religião na vida de um povo, resolveu perseguir a maneira de se comunicar com Deus do povo negro.

Eles diziam que a única maneira certa de se comunicar com Deus era a deles. Todas as demais religiões eram proibidas.

Hoje, eles mesmos descobrem que estavam enganados. Quando Jesus celebrou a primeira ceia eucarística, respeitou a cultura e o costume do povo judeu. Na verdade, a missa que hoje temos está mais próxima da cultura européia do que da cultura em que Jesus viveu.

Jesus Cristo e os valores do Evangelho devem ser sempre o centro. A maneira de celebrar, de louvar e de ritualizar Jesus, cada povo deve definir.

Nós, negros do Brasil, queremos que haja realmente liberdade religiosa para todos. EXIGIMOS especialmente que todas as Igrejas, ditas cristãs, respeitem os cultos afro-brasileiros. Nossos irmãos negros e brancos que seguem os cultos afro-brasileiros em sua forma mais próxima do original ou nas formas sincretizadas, com os mais diferentes nomes, têm o direito de ter liberdade religiosa. Não podem ser forçados a mudar de religião. Jesus não forçou a ninguém para assumir a fé que Ele apresentava.

Pedimos também que todas as hierarquias das Igrejas Cristãs reflitam: ASSIM COMO VOCÊS ADAPTAM A FÉ CRISTÃ À

CULTURA EUROPÉIA, POR QUE VOCÊS IMPEDEM QUE NÓS NEGROS CRISTÃOS ADAPTEMOS TAMBÉM A FÉ CRISTÃ À NOSSA CULTURA AFRO-BRASILEIRA?

Para conversar:

1) Deve ou não continuar a perseguição às religiões de origem africana? Por quê?
2) Você já participou de uma celebração cristã no estilo afro-brasileiro? Conte.

REFLITA NA BÍBLIA: Mateus 11,25-30

1) Na sociedade brasileira hoje, quem você classifica de "pequeno"? Por quê?
2) "Vinde a mim vós todos que estais aflitos sob o fardo". De quais fardos Jesus quer ajudar a comunidade negra a se libertar?

XV

MOVIMENTO NEGRO: CONQUISTAS E DESAFIOS

O Movimento Negro é uma realidade no Brasil. Os negros e suas organizações estão cada vez mais conquistando um lugar na sociedade brasileira. Estão se organizando para o combate ao racismo e à discriminação.

As questões mais importantes que os negros estão discutindo são: O que é ser negro? Como criticar de maneira efetiva o racismo para superá-lo? Como valorizar nossas raízes africanas? Como conseguir condições dignas para ser homens e mulheres negros?

É importante saber que existem hoje no país aproximadamente 500 grupos e organizações negras, quase todos nas cidades. Entre estes grupos existem dois que estão presentes em quase todos os Estados do Brasil. São eles: Movimento Negro Unificado e Grupo de União e Consciência Negra.

O grande desafio para todos os grupos é o de acabar com o desrespeito com que é tratada a população negra, sempre vista como inferior. É fazer com que o negro não se veja e não seja tratado mais como cidadão de segunda classe. É relembrar o passado de luta da população negra para que hoje ela prossiga numa caminhada até o fim para a superação das desigualdades sociais e da discriminação racial.

Para você discutir e pôr em prática:

1) Existe algum grupo do Movimento Negro na sua cidade, bairro ou Igreja? E se não existe, por que não pensar em organizar um grupo?

2) Você está encontrando resistência na sua paróquia ou diocese?
3) Não desanime. Procure a Associação de Moradores, centros comunitários e escolas e outras entidades de base.
O importante é sua participação na formação e conscientização de novas pessoas e novos grupos. E não se esqueça: 20 de novembro é o DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA.

Desafio para o grupo — Pesquise:

1) Como a Constituição propõe enfrentar as discriminações raciais no Brasil?
2) Como a nação brasileira pode restituir à população negra todos os seus direitos negados nestes últimos 350 anos?

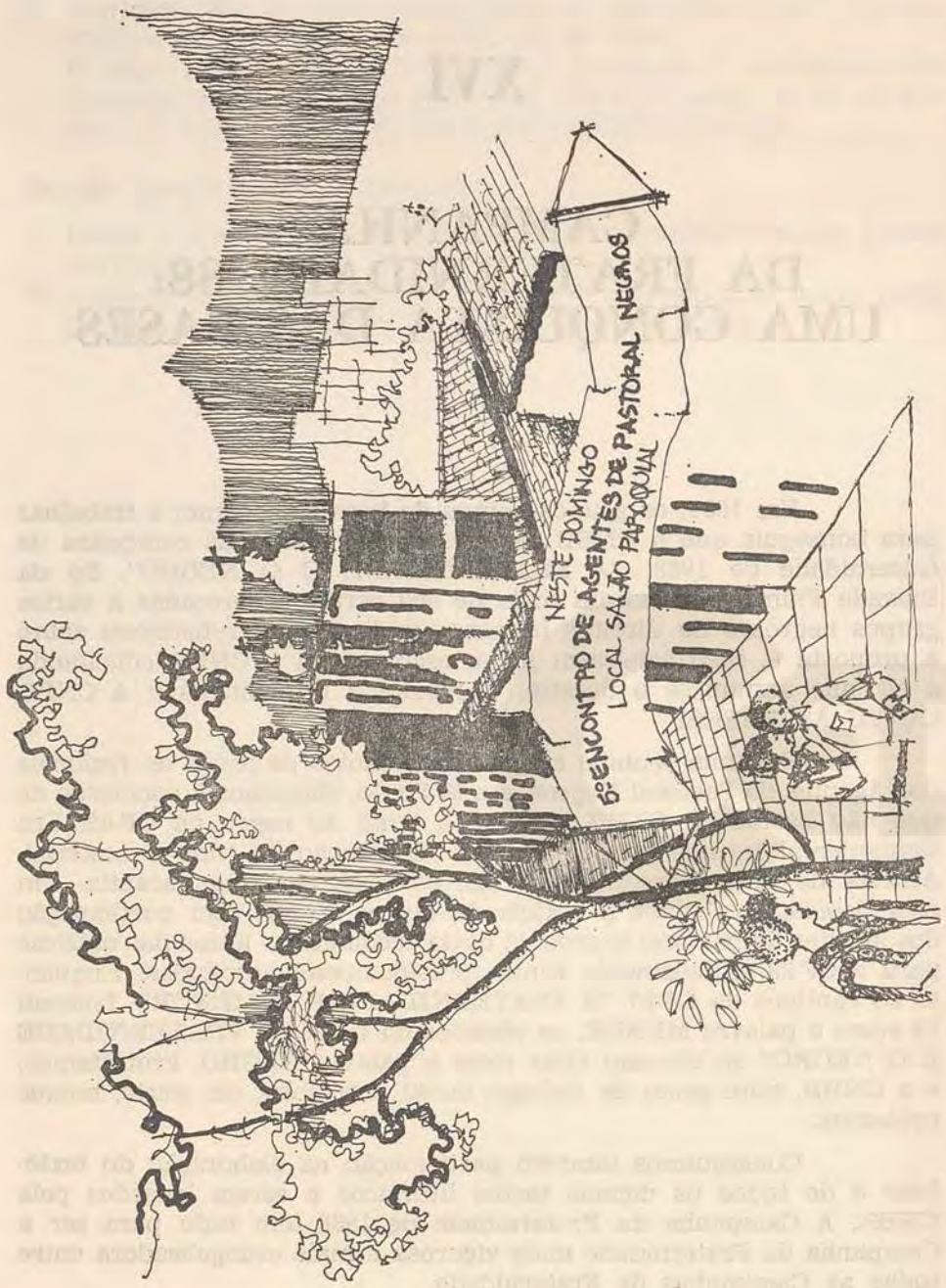
XVI

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 88: UMA CONQUISTA DAS BASES

Em 1984, os grupos negros de base começaram a trabalhar para conseguir que a CNBB assumisse como tema da campanha da fraternidade de 1988: "A FRATERNIDADE E O NEGRO". Só da Baixada Fluminense saíram mais de 400 cartas endereçadas a vários grupos negros e de direitos humanos pedindo que refletissem sobre a proposta e, caso achassem justa, escrevessem à CNBB solicitando a ela que assumisse o desafio. O resultado foi fantástico: A CNBB OUVIU AS BASES!

Em uma reunião com representantes de todos os regionais dos Agentes de Pastoral Negros, em S. Paulo, chegamos à conclusão de que não bastava a CNBB assumir o tema do negro na CF-88. Era fundamental termos participação na elaboração de todo o material. Através de um assessor da CNBB, conseguimos esta garantia. Um mês depois, recebemos a notícia de que a CNBB, sem participação dos agentes de pastoral negros, já havia escolhido as letras das músicas para a CF-88. Infelizmente foram pessimamente escolhidas. Enquanto os cânticos da CF-87 "A FRATERNIDADE E O MENOR" falavam 19 vezes a palavra MENOR, os cânticos da CF-88 "A FRATERNIDADE E O NEGRO" só citavam duas vezes a palavra NEGRO. Protestamos, e a CNBB, num gesto de diálogo, ouviu e acolheu, em parte, nossos protestos.

Conseguimos também participação na elaboração do texto-base e de todos os demais textos litúrgicos a serem lançados pela CNBB. A Campanha da Fraternidade de 1988 tem tudo para ser a Campanha da Fraternidade mais vigorosa e mais evangelizadora entre todas as Campanhas da Fraternidade.



Para conversar:

1) Com garra e objetividade conseguimos que a CNBB FICASSE MAIS PRÓXIMA DE NÓS. O que devemos fazer para conseguir justiça junto aos governos municipais, estaduais e federal?
2) Toda vitória depende de organização e articulação. Os movimentos negros estão se organizando e se articulando?

Pesquise:

a) Quantos padres, religiosas e seminaristas negros tem sua diocese? E quantos brancos? Você acha esta desproporção normal? Por quê?
b) Quantas catequistas negras têm sua paróquia? Na base, a discriminação é maior ou menor?

Cantos para os encontros

I Êi Zumbi / Zumbi Ganga meu Rei /
você não morreu / você está em mim (bis)

1) Êi Zumbi / seu povo não esqueceu /
a luta que você / deixou pra prosseguir.
Êi Zumbi / os novos quilombos /
com seus quilombolas / lutam pra resistir.

2) Êi Zumbi / seu sangue semeou /
coragem em nossa gente / que luta com fervor
Êi Zumbi / a luta é a mesma /
mudou só o cenário / a roupa e a cor.

3) Êi Zumbi / nossa terra é fértil /
outros como você / também tombaram ao chão
Êi Zumbi / e muitos tombarão /
enquanto houver luta / pela libertação.

II Ó meu rei Zumbi / por aqui vamos nós /
cantando alto pois ninguém vai calar nossa voz. (bis)

1) Lá pras bandas de Palmares / um grito já ecoou /
lutar pela liberdade / povo negro começou
/:E essa luta na verdade inda não se acabou:/

2) Eu venho cantar meu canto / com o peito cheio de amor /
me alegro e não me espanto / se às vezes choro de dor
/:pois a luta na verdade inda não se acabou:/

3) Eu canto o canto da terra / com sorriso de criança /
sou de paz não sou de guerra / eu canto minha esperança
/:mas a luta na verdade inda não se acabou:/

III Ninguém ouviu / um soluçar de dor no canto do país /
um lamento triste sempre ecoou /
desde que o índio guerreiro foi pro cativeiro e de lá cantou /
negro entoou / um canto de revolta pelos ares /
nos quilombos dos Palmares onde se refugiou /
fora a luta dos inconfidentes /
pela quebra das correntes nada adiantou /
e de guerra em paz de paz em guerra todo povo desta terra /
quando pode cantar / canta de dor. ÔÔÔ...
E ecoa noite e dia / é ensurdecedor /
ai mas que agonia / o canto do trabalhador /
este canto que devia / ser um canto de alegria /
soa apenas como um soluçar de dor. ÔÔÔ...

IV Ô Bahia ôôô Bahia ô (4v.)

1) Já é hora da gente pensar / numa forma de se libertar
/:essa luta vai longe / essa luta não pode parar:/

2) Quem tem boca fala a verdade / quem tem orelha precisa escutar
/:operário é escravo de hoje / a indústria é o canaviá:/

3) O chicote açoitado no povo / esses cabras não querem parar
/:as correntes libertadoras / já começam a se formar:/

V Negra Mariama / Negra Mariama Chama. (bis)

1) Negra Mariama chama pra enfeitar /
o andor porta-estandarte para ostentar
A imagem Aparecida em nossa escravidão /
com rosto dos pequenos cor de quem é irmão.

2) Negra Mariama chama pra cantar /
que Deus uniu os fracos pra se libertar
E derrubou do trono latifundiários /
que escravizava para se regalar.

3) Negra Mariama chama pra dançar /
saravá esperança até o sol raiar /
no samba está presente o sangue derramado /
o grito e o silêncio dos martirizados.

4) Negra Mariama chama pra lutar /
em nosso movimento sem desanimar /
Levanta a cabeça dos espoliados /
nossa companheira chama pra avançar.

Bibliografia

ALENCAR, Francisco e VENÍCIO, Marcus. *Brasil vivo*. Vol. 1. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.

BRANDT, Vinícius e SINGER, Paul (org.). *São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.

CAMPOS, Ângela V. Dutra de Souza. *O menor institucionalizado: um desafio para a sociedade*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984.

CHIAVENATO, Júlio. *O negro no Brasil*. S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

CONCEIÇÃO, Fernando. *Cala a boca, Calabar*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

FREIRE-MAIA, Newton. *Brasil, laboratório racial*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

GIORDANI, Mário Curtis. *História da África. Anterior aos descobrimentos*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

KHÉDE, Sônia Salomão e DIEGUEZ, Gilda Korff. *Esporte e poder*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

LESBAUPIN, Ivo. *As classes populares e os direitos humanos*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984.

LIMA, Roberto K. de. *A Antropologia da academia. Quando os índios somos nós*. Petrópolis/Rio, Vozes/Universidade Federal Fluminense, 1985.

MARCÍLIO, Maria L. (org.). *População e sociedade. Evolução das sociedades pré-industriais*. Petrópolis, Vozes, 1984.

MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

MINAYO, Maria C. de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis/Rio, Ed. Vozes/Fase, 1986.

MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.

OAB/IDAC. *Você e a violência*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

OLIVEN, Ruben G. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

———. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984.

———. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

PACHECO, Mário V. de Assis. *Controle da natalidade, imperialismo e o FMI*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

———. *Planejamento familiar e libertação no Brasil*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.

———. *Racismo, machismo e "planejamento familiar"*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1981.

PAULO VI. Mensagem sobre a promoção religiosa, civil e social da África (Africae Terrarum). *Documentos pontifícios*, n. 174. Petrópolis, Ed. Vozes.

QUINTAS, Fátima. *Sexo e marginalidade*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984.

RIBEIRO, Darcy. *As américas e a civilização*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.

———. *O processo civilizatório*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

———. *Os brasileiros. Teoria do Brasil I*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

SANTOS, Anísio Ferreira dos. *Eu negro*. S. Paulo, Ed. Loyola, 1986.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

SANTOS, J. Elbein dos. *Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèse e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

SANTOS, Theotonio dos. *Conceito de classes sociais*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

TÉVOÉDJRÈ, Albert. *A pobreza, riqueza dos povos*. Petrópolis/São Paulo. Ed. Vozes/Cidade Nova, 1982.

TONUCCI, Paulo. *História do Brasil* (em quadrinhos). 3 vol. Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia & escravidão*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

VALLA, Victor Vincent (org.). *Educação e favela*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

VÁRIOS. *Educação e desigualdade no Brasil*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984.

———. *O grito de milhões de escravas*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

EDITORA VOZES

MATRIZ

PETRÓPOLIS
R. Frei Luís, 100
Caixa Postal 90023
25689 Petrópolis, RJ
Tel.: (0242)43-5112

FILIAIS

RIO DE JANEIRO
R. Senador Dantas, 118-I
20031 Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021)220-6445

R. Joaquim Palhares, 227
Estácio de Sá
20260 Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021)273-3196

SÃO PAULO
R. Senador Feijó, 158 e 168
01006 São Paulo, SP
Tels.: (011)35-7144
e 36-2288

R. Haddock Lobo, 360
01414 São Paulo, SP
Tel.: (011)256-0611

BRAGANÇA PAULISTA
Av. São Francisco de
Assis, 218
12900 Bragança Paulista, SP
Tel.: (011)433-3675

R. Cel. Teófilo Leme, 1055
12900 Bragança Paulista, SP
Tel.: (011)433-3675

BELO HORIZONTE
R. Tupis, 85, Loja 10
30190 Belo Horizonte, MG
Tels.: (031)273-2538 e
226-5383

R. Aimorés, 1583
30140 Belo Horizonte, MG
Tels.: (031)222-4152 e
226-6838

JUIZ DE FORA
R. Espírito Santo, 963
36013 Juiz de Fora, MG
Tel.: (032)211-8061

PORTO ALEGRE
R. Ramiro Barcelos, 390
90210 Porto Alegre, RS
Tel.: (0512)21-6522

R. Riachuelo, 1280
90010 Porto Alegre, RS
Tel.: (0512)26-3911

BRASÍLIA
CLR/Norte, Q. 704
Bloco A, N. 15
70730 Brasília, DF
Tel.: (061)223-2436

RECIFE
R. dos Coelhos, 485
50070 Recife, PE
Tel.: (081)221-4100

R. da Concórdia, 167
50020 Recife, PE
Tel.: (081)224-3924

CURITIBA
R. Alferes Póli, 52
80230 Curitiba, PR
Tel.: (041)233-1392

R. Voluntários da Pátria, 39
80020 Curitiba, PR
Tel.: (041)223-6059

FORTALEZA
Av. Tristão Gonçalves, 1158
60015 Fortaleza, CE
Tel.: (085)231-9321

R. Major Facundo, 730
60025 Fortaleza, CE
Tel.: (085)221-4877

SALVADOR
R. Carlos Gomes, 135
Edif. Bela Center, Loja 02
40110 Salvador, BA
Tel.: (071)241-0045

CUIABÁ
Av. Getúlio Vargas, 381
78025 Cuiabá, MT
Tels.: (065)322-6809 e
322-6967

..J'ai aussi d'autres brebis qui ne sont pas de, ce troupeau celles-la aussi je dois les conduire afin de faire un seul troupeau avec un seul pasteur.

OUVI O CLAMOR DESTE POVO... NEGRO

Vários Autores

Cartilha dos grupos de base dos agentes de pastoral negros

Coleção: Negros em Libertação/2

A Comissão de Padres, Seminaristas, Religiosos Negros do Estado do Rio de Janeiro apresenta este trabalho a todos os grupos de base do Brasil como serviço à caminhada de Libertação, que se afirma cada vez mais, na comunidade negra.

A humildade e o desejo de pedir perdão que transparece na face da maioria de nossos pastores pelos pecados da Igreja de ontem contra o povo negro, demonstra o quanto a Igreja está se auto-evangelizando, assumindo a causa negra hoje.

Alguns sinais concretos de amor à justiça e de reparação às injustiças, que talvez, inconscientemente, levaram a Igreja de ontem a se omitir na justa luta do povo negro rumo à libertação, já transparecem na nossa Igreja hoje.

Conclamamos toda sociedade brasileira a fazer uma séria reflexão sobre nossa missão de ajudar a superar todas as formas de discriminação nacional e internacional. As forças do anti-Reino (discriminação, opressão, exploração, corrupção) não podem continuar crescendo. As forças do Reino de Deus precisam imperar e só depende de nós. Temos que transformar as estruturas desta sociedade em ferramentas para a construção deste "novo céu e desta nova terra".

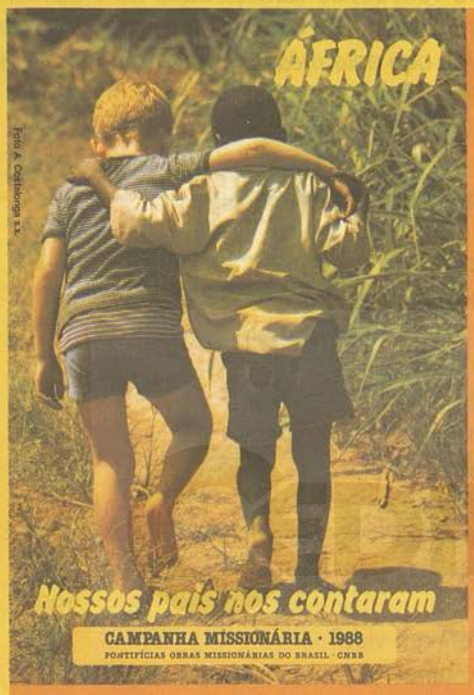
Esperamos que esta cartilha seja realmente uma ferramenta, ou seja: que ela ajude a muitos irmãos negros e brancos a remover a discriminação racial que impregnou a nós todos nestes anos e que a libertação, que é um dom de Deus, atinja a todos: negros e brancos.

VOZES

2651-4

Capa: João Lauro

CARTILHA MISSIONÁRIA



CAMPANHA MISSIONÁRIA · 1988

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS DO BRASIL · CNBB

O MÊS DE OUTUBRO

Há 15 anos, o mês de outubro vem sendo caracterizado no Brasil como mês missionário. Não certamente no sentido que os outros meses não sejam também missionários, mas no sentido que este mês se torna tempo forte, tempo oportuno para refletir, animar e agir missionariamente.

CAMPANHAS MISSIONÁRIAS

1.	"Ser cristão é passar do receber ao dar"	1974
2.	"O mundo tem fome de Deus"	1975
3.	"Fé exige compromisso"	1976
4.	"O mundo é sua família"	1977
5.	"Evangelizar: Semear justiça para colher paz"	1978
6.	"Evangelizar: Dar a todos o que é de todos"	1979
7.	"Ide anunciai: Cristo é a caminhada"	1980
8.	Ide anunciai: Cristo é vida plena"	1981
9.	"Ide anunciar: Cristo é a presença"	1982
10.	"Cristo Chama. Multidões esperam. Qual é tua resposta"?	1983
11.	"Para que todos os povos tenham vida"	1984
12.	"Tive fome e me destes de comer"	1985
13.	"Terra e paz para todos os povos"	1986
14.	"Não se perca um só destes pequenos"	1987
15.	"ÁFRICA: NOSSOS PAIS NOS CONTARAM"	1988

"A Igreja particular deve ter consciência que foi também enviada aos habitantes do mesmo território que não crêem em Cristo a fim de ser, pelo testemunho da vida de cada um dos fiéis e de toda a comunidade, um sinal a mostrar-lhes Cristo" (cf. Ad Gentes, 20).

CARTILHA MISSIONÁRIA

ÁFRICA

NOSSOS PAIS NOS CONTARAM

CAMPANHA MISSIONÁRIA – 1988

POM – CNBB

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR DE RIO

SUMÁRIO

Introdução 3

Informações Gerais 4

Organismos Missionários 7

Conversando sobre o Assunto 9

África Hoje: Refugiados 18
Pobreza 19
Igreja 20

África do Sul 22

Mensagem do Papa para o Dia Mundial das Missões 23

Subsídios: Liturgia 28
Salmos 31
Poesias 33
Contos 36

Sugestão para Ginkana Missionária 40

Sugestão de Jogral 41

Informações/estatísticas 43

500 anos de Evangelização 44

Para pedidos de material e informações sobre a Campanha Missionária sirva-se do seguinte endereço:

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS
Caixa Postal 11.1150
Fone: (061) 226-5462 – 224-4990
70.084 – Brasília-DF

INTRODUÇÃO

Prezados irmãos,

O lema da Campanha Missionária deste ano:

"ÁFRICA, NOSSOS PAIS NOS CONTARAM"

Mais do que um lema é uma provocação fraterna, é um convite que nos aponta para uma realidade já refletida, a do negro, numa abertura maior para o Continente Mãe: ÁFRICA.

O desafio da evangelização é um desafio que envolve a todos os batizados. A Cartilha Missionária que ora colocamos em suas mãos não é uma resposta completa, não é um material acabado. Ela contém somente pistas e sugestões para ajudar sua criatividade a nível de reflexão missionária e mesmo na criação ou adaptação do material à sua realidade de Igreja local.

Mais do que qualquer outro, aquele que está pleno de verdadeiro espírito missionário é engenhoso em descobrir formas de animar missionariamente sua Paróquia, sua comunidade, sua escola, seu bairro, seu trabalho, contribuindo assim para o surgimento de uma sociedade justa e fraterna.

A oração, reflexão, gestos concretos de solidariedade e de fraternidade da nossa ação missionária sejam sinais que "comprometem a todos na comunhão e participação" (Igreja: Comunhão e Missão, 122).

A TODOS, BOM TRABALHO!

A Equipe de Redação

INFORMAÇÕES GERAIS

SUGESTÕES PARA ORGANIZAR A CAMPANHA MISSIONÁRIA

Uma guerra comporta várias batalhas, um jogo, muitos lances; uma campanha, diversas operações.

Nesta campanha deveremos trabalhar em dois níveis:

- da animação, com iniciativas para o crescimento do espírito missionário,
- da ação, com iniciativas no campo específico do negro.

Indicamos aqui em seguida, sem uma ordem estabelecida, algumas possíveis iniciativas.

- O envio dos "agentes missionários" no começo do mês, para que se sintam apóstolos em todas as suas atividades pelo mês afora.
- As reuniões de grupo, nas casas, utilizando o livrinho" "Reflexões Missionárias", ou outro material, preparado a nível local, sobre os negros.
- "Missões" junto às pessoas que não participam, realizadas por "missionários leigos itinerantes".
- Troca de agentes de uma paróquia para outra ou de uma comunidade para outra.
- Exposição sobre negros no mundo, ou desenhos gigantes (caricaturas) explicando visualmente a Cartilha Missionária num varal.
- Mesas redondas. Ato Público sobre o negro.
- A organização de uma pastoral missionária permanente que poderia consistir em:
  - fermentar missionariamente as várias pastorais da paróquia ou comunidade;
  - estudar o problema da negritude e criar um movimento de "consciência negra";
  - estudar a situação latino-americana (começando pelo negro) e solidarizar-se com os povos latino-americanos que estão lutando por sua libertação. Entrar em contato com os mais próximos Comitês de Solidariedade aos Povos Latino-Americanos;
  - entrar ativamente no Projeto Igrejas-irmãs, vendo como está atuando, assumindo um projeto paróquias-irmãs, ou uma iniciativa em prol do negro da Igreja-irmã.
  - estruturar uma ação contínua nos "bolsões missionários", em regiões novas ou difíceis, onde não há uma presença marcante da Igreja.

Outras iniciativas podem ser pensadas e postas em prática, de acordo com a criatividade e mais ainda com os desafios locais e os sinais dos tempos, sempre lembrando que a animação missionária é a que mais é chamada a abrir caminhos.

COMO USAR O MATERIAL

1) CARTAZ:

O cartaz com o lema: "ÁFRICA: NOSSOS PAIS NOS CONTARAM", quer ser uma extensão da Campanha da Fraternidade. Conhecemos a história e nela as páginas desumanas do relacionamento brancos e negros.

Os meninos do cartaz, um negro e um branco, faz-nos sonhar dias melhores onde a história será resgatada e, juntos, negros e brancos, poderemos viver em igualdade e fraternidade. Resgatar a dignidade de ambos. "Não há judeu nem grego; nem homem nem mulher, mas, sois um em Cristo Jesus" (Gl. 3,28).

O cartaz quer "falar" a todos, então deverá ser colocado em lugares públicos, em pontos estratégicos; quer chamar a atenção de *todos* e *levar todos* a uma reflexão e a um gesto concreto.

2) CARTAZETES:

A vantagem do cartazete é da praticidade. Ele cabe em qualquer espaço. Pode ser colocado nas portas das casas, nas rodoviárias, nos ônibus, trens, nas repartições públicas, nos bancos, nas lojas, nos supermercados, nos bares, nos restaurantes, etc. Esta vez os cartazetes não terão a mensagem no verso por sugestão de avaliações de outras Campanhas.

3) CARTILHA MISSIONÁRIA:

É o que está em suas mãos. Foi pensada como subsídio-fundamental para os Animadores e Agentes de Pastoral. Ele traz uma explicação do tema e do lema da CM/88.

4) REFLEXÕES MISSIONÁRIAS:

São cinco encontros. Terço Missionário, muita informação, bastante oração e... um bom bate-papo. Em setembro deverá ser distribuído o material para as pessoas que irão organizar os encontros nas famílias, e realizada a *cerimônia do envio* para os animadores de Comunidade.

5) JUVENTUDE:

Acatada a proposta da Diretoria Nacional da Juventude (PJ), as POM e a CNBB colaboraram para o lançamento de um livreto específico para grupos de jovens.

6) SANTINHOS:

O santinho deste ano é a reprodução perfeita do cartaz. No verso traz impresso um trecho da oração de Jesus do Evangelho de São Lucas, capítulo 10,21. O santinho

por sua natureza deve alcançar as multidões. Pode ser distribuído nas ESCOLAS, NAS IGREJAS, NOS HOSPITAIS e NAS REUNIÕES DE GRUPOS.

7) LISTAS, COFRES E ADESIVOS:

A finalidade deste material é auxiliar as pessoas que desejam fazer algum gesto concreto (coleta) para as Missões. No próprio material está impressa a motivação da arrecadação.

As listas são muito requisitadas pelas crianças. Cada criança pode levar para casa uma lista ou um cofrezinho e se responsabilizar para uma pequena coleta junto à família, aos vizinhos, parentes e amigos. É importante que a criança entregue às pessoas uma mensagem missionária, um santinho, etc.

Os cofrezinhos este ano poderão ser feito de maneira diferente. Nós enviaremos uma faixa que poderá ser colada numa latinha de refrigerante. O sistema é muito prático, econômico e de ótimo efeito. Os adesivos poderão ajudar as equipes de jovens que desejam promover algumas iniciativas como ginkana, pedágio, teatro, corridas, etc; em benefício das Missões.

O QUE FAZER DEPOIS DA CAMPANHA

Reunir as pessoas que refletiram durante o Mês de Outubro para organizar-se de forma a dar continuidade ao trabalho Missionário na Comunidade ou na Paróquia.

Elaborar um projeto missionário a ser atuado durante o ano.

ORGANISMOS MISSIONÁRIOS

OBJETIVO GERAL DA IGREJA NO BRASIL

Evangelizar

- o povo brasileiro em processo de transformação social, econômica, política e cultural.
- anunciando a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem.
- à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres.
- pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão.
- visando formar o Povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e fraterna.
- sinal do Reino definitivo.

LINHA 2 – Dimensão Missionária da CNBB

Sendo a Igreja missionária por natureza, toda a atividade pastoral deve ser impregnada do espírito missionário. O Povo de Deus é enviado para anunciar e testemunhar a todos a Boa Nova do Evangelho, assumindo compromisso especial com as regiões e situações mais carentes, dentro e fora do país e com aqueles povos e grupos onde o Reino ainda não foi suficientemente proclamado.

Entre as tarefas da Dimensão Missionária – Linha 2, encontramos:

- promover e apoiar centros locais e regionais de animação missionária, participar de encontros e preparar subsídios de formação missionária;
- Ajudar comunidades, paróquias, dioceses e regionais a se tornarem, cada vez mais, centros de serviço e de fraternidade para manter viva e eficaz a comunhão com as demais Igrejas e a solidariedade com todos os povos;

Através do COMINA (Conselho Missionário Nacional):

- articular e incentivar as iniciativas dos institutos e organismos missionários existentes no Brasil;
- ajudá-los a prepararem missionários "ad gentes";
- auxiliar na organização e dinamização de COMIREs (Conselhos Missionários Regionais) e de centros de animação missionária em nível diocesano, os COMIDIs.
- assessorar as POM (Pontifícias Obras Missionárias) na preparação e realização da Campanha Missionária de outubro.

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS

As Pontifícias Obras Missionárias (POM), por serem Pontifícias estão diretamente ligadas ao Papa. Atuam com vitalidade, frisando sobretudo a visão Universal da Igreja. Aqui no Brasil insere-se na Linha 2 – Dimensão Missionária, da CNBB.

Para atender esta sua especificidade as POM, se organizam em:

1. **Pontifícia Obra da Propagação da Fé**

Visa ajudar o Povo de Deus a tomar consciência de sua responsabilidade na evangelização, oferecendo-lhe orientações e possibilidades para colaborar espiritualmente e materialmente nesta grande tarefa que Cristo deixou à sua Igreja. Cabe principalmente a ela sensibilizar a consciência cristã sobre este dever, durante o ano todo, mas especialmente no mês de outubro, dedicado às Missões.

Fundadora da Obra: Paulina Jericot.

Ano de fundação: 1822, em Lion (França).

Paulina Jericot lançou o "trinômio" que deveria tornar-se a alma de todas as POMs:

– Rezar pelas missões, oferecendo por elas os sacrifícios de cada dia;

– Conhecer as missões, lendo e difundindo a imprensa missionária;

– Ajudar as missões com ofertas, fruto de sacrifícios.

2. **Pontifícia Obra de São Pedro Apóstolo (para o clero local das missões).**

Tem como finalidade principal favorecer a formação do clero local nas missões, ajudando a procurar recursos para a formação de sacerdotes e construção de casas de formação.

Fundadora: Joana Bigard.

3. **Pontifícia Obra da Santa Infância.**

Esta Obra se denomina "Obra da Juventude Missionária", porque além de crianças, abrange os adolescentes e jovens. Fundadora: Paulina Jericot, no ano de 1842, com D. Carlos de Forbin, bispo de Nancy (França).

4. **Pontifícia Obra da União Missionária**

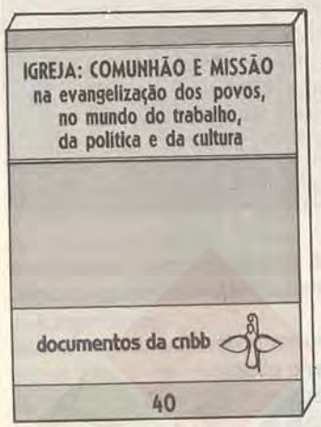
Sua finalidade é incrementar nos sacerdotes, religiosos e religiosas o zelo missionário.

Fundador: Padre Paulo Manna.

A União Missionária incentiva a imprensa missionária com a publicação de livros, revistas e jornais missionários; organiza congressos e encontros de estudo sobre as missões.

ÁFRICA: NOSSOS PAIS NOS CONTARAM
Campanha Missionária 1988 – POM/CNBB

I. CONVERSANDO SOBRE O ASSUNTO



Neste ano o Mês Missionário deve ser marcado por um entusiasmo novo, pois temos nas mãos o Documento: 40: *"Igreja: Comunhão e Missão"*, elaborado e votado pelos nossos Bispos em Itaici em Abril de 1988.

EIS O QUE NOS DIZEM OS BISPOS

Toda comunidade eclesial é, por sua natureza, ministerial e missionária. Ela está a serviço dos irmãos, especialmente dos mais pobres e sofredores. Ela anuncia o Evangelho do Reino, para indicar a todos os homens o caminho da salvação em Cristo. Toda comunidade eclesial, portanto, deve interrogar-se permanentemente sobre seu espírito missionário, sobre sua real disposição e seu empenho no serviço do mundo e do Evangelho. Mas não basta que o espírito missionário se limite a suscitar em alguns atitudes subjetivas, pessoais: vontade de doação ou disposição de servir. Muitas de nossas comunidades, examinando-se a si mesmas, constatarão – como outras já o fizeram – que uma parte muito pequena de seus recursos humanos e materiais está efetivamente voltada para a missão. É preciso que a comunidade se organize de forma que, no seu conjunto e pela repartição dos diversos serviços ou ministérios, toda ela mereça o nome de "comunidade missionária". Tal fim ainda não é alcançado, muitas vezes, porque continua vigorando a falsa concepção que atribui unicamente aos ministros ordenados (bispos, padres, diáconos) e aos religiosos a responsabilidade pela evangelização e missão da Igreja. Essa responsabilidade é de todos os batizados.
(Nº 90).

Numa Igreja toda missionária, num ano todo missionário, temos o mês de outubro como mês específico para aprofundar o nosso dever missionário como cristãos.

"Mês das missões"

Na tradição da Igreja Católica, outubro é mês missionário voltado de preferência às iniciativas missionárias (ou missões) da Igreja *"ad gentes"*, quer dizer, em territórios onde a maioria das pessoas não é cristã, e então Cristo não é conhecido e a cultura local não foi ainda fecundada com a mensagem do Evangelho.

NO MESMO DOCUMENTO 40 LEMOS

A missão da Igreja se estende até os confins da terra, pela ordem que ela recebeu de Cristo e pela vontade de Deus Pai, que "quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (Tm 2,4). Por isso a missão da Igreja – que abrange todo o seu ser e que constitui seu dinamismo essencial – se expressa de um modo particularmente significativo na missão "ad gentes", na evangelização dos povos, a tal ponto que "as missões" se tornaram sinônimo de missão. Hoje uma nova consciência missionária não somente revigora a evangelização dentro de nosso país, como em todos os países de maior tradição cristã, mas suscita também nas novas Igrejas e, particularmente na América Latina, um novo empenho com a evangelização dos povos. (Nº 13).

Nós não poderíamos deixar esta tradição católica de fazer do mês de outubro o mês da missão universal da Igreja, sem empobrecer nossa pastoral e nossa vocação como batizados.

Ademais, vivemos num mundo que muito oportunamente foi chamado de "aldeia global", onde ninguém pode viver isolado ou fechado no seu gueto.

NA PASTORAL DE CONJUNTO

Acatando uma determinação dos Bispos da América Latina na Conferência Episcopal de Medellin, o Brasil vem desenvolvendo sua "pastoral de conjunto", criando uma unidade temática todo ano, a partir da *Campanha da Fraternidade.* Neste ano de 1988 o tema foi *o negro,* daí o lema da CF: "Ouvi o clamor deste povo". É a partir do tema do negro que o mês vocacional (agosto), bíblico (setembro) e, finalmente, missionário (outubro) desenvolvem suas campanhas, segundo o enfoque específico de cada um.

O tema do negro se mostrou extremamente fértil. Nos ensinou que não se pode ter fraternidade acobertando o passado e esquecendo as injustiças. Nos ensinou a apreciar a riqueza humana e espiritual do negro. Nos ensinou que a injustiça econômica se respalda em preconceitos raciais e culturais. E que a humanidade viverá dias melhores quando serão recuperados os valores de cada etnia e o direito de viver de um modo diferente daquele ditado pela "civilização" hoje dominante.

ÁFRICA: NOSSOS PAIS NOS CONTARAM

Para o mês missionário se apresentou assim a feliz oportunidade de escolher como tema a África, nas suas duas referências: de ontem e de hoje, passado e presente. Sim, chegou a hora de falar deste continente (um dos cinco continentes do planeta) que tanto significa para nós. Falando do presente da África, nos deixaremos desafiar pela sua situação social e missionária que nos interpela e nos chama a ir para lá, saindo de nossas fronteiras. (Nota: Sobre a "África hoje", veja as páginas 11 a 18, com mapas e dados de grande atualidade e importância).

Falando no passado da África, faremos justiça ao continente onde estão as raízes de 43% dos brasileiros. Aliás nunca deveríamos esquecer que o Brasil é o segundo país do mundo em população de origem negra, superado apenas pelo país africano da Nigéria.

Na Campanha da Fraternidade fomos levados ao conhecimento da história, injustiça, bravura e sofrimento dos negros no Brasil; outubro é mês de olhar para a África, completando assim este quadro de história. Se explica assim o lema da Campanha Missionária: *África: nossos pais nos contaram.*

HISTÓRIA X ESTÓRIAS

"É sempre o vencedor
que escreve a história do vencido.
O conquistador distorce
as feições do conquistado.
Vai embora o mais fraco,
e o que fica é a mentira".

Estes versos de B. Brecht desmascaram a história oficial como uma coletânea de estórias mentirosas. Praticamente toda cartilha elaborada para a CF/88 se encarregou de corrigir alguma das distorções sobre os negros brasileiros feitas pela história oficial e passadas também pelos livros de texto escolares.

Também as nossas notícias sobre a África do passado não estão livres de distorções e, inclusive, são muito escassas. Então segue um breve perfil da África do tempo do comércio dos escravos. Trata-se de poucas pinceladas, conforme o espaço nos permite, mais para criar mentalidade e postura novas frente à África e à sua história.

LIMPANDO O CAMINHO

Nos disseram que no Brasil se abandonou a escravidão de índios para passar à dos africanos. Isso porque o índio não se adaptava à escravidão, fugia, morria e não sabia trabalhar a terra. Enquanto o negro era dócil e agüentava melhor o trabalho escravo.

Na realidade, entre os indígenas havia povos que sabiam trabalhar em regime sedentário: prova disso são as reduções indígenas. Também os índios continuaram escravizados ao lado dos povos negros, até a metade do século XVIII, sobretudo no Maranhão e São Paulo: a escravidão destes povos conviveu por quase duzentos anos, muito tempo para perceber que "negro é melhor para o trabalho escravo".

Quanto às mentiras do negro submisso, é história não contada a das inúmeras formas de resistência à escravidão, desde as individuais às mais organizadas; desde a resistência não violenta, até a resistência armada. Podemos lembrar as revoltas nos navios negreiros, como a do navio "L'Africain" em 1738, ou a dos macuas em 1823, dois exemplos documentados entre a multidão de casos não registrados.

Finalmente se fala que na África já era praticada a escravidão entre as várias tribos. O que é verdade, mas não é motivo suficiente para explicar e, menos ainda, justificar a escravidão colonial. Praticamente em todos os povos tem formas de dominação de uns sobre outros, sendo a escravidão uma delas. Mas foi na colonização que a escravidão foi elevada a sistema.

A ÁFRICA NO TEMPO DAS DESCOBERTAS

Para se ter uma idéia verídica da África no século XV, não podemos compará-la com nossa situação, mas com a dos outros continentes na época. Aliás o confronto indispensável, o único ao alcance se fazia com a Europa, que se considerava como modelo de progresso e civilização.

Na Europa não havia ainda países e sim feudos. Dentro do feudo a divisão era bastante definida entre senhores e servos da terra. Na África havia tribos; ali a diferença não se dava dentro, mas entre as várias tribos, pois quando uma tribo vencia a outra, reduzia os vencidos em escravos.

Quanto ao sistema econômico, tanto a Europa como a África eram prevalentemente agrícolas. Estaríamos todavia muito enganados se pensássemos que as tribos africanas estivessem na idade da pedra, praticando uma economia de subsistência, baseada na coleta de frutos da terra. Os africanos usavam ferramenta mais aprimorada que os europeus.

Talvez a diferença determinante consista no surgimento dos países na Europa. No século XV Portugal e Espanha se constituíram em países governados por reis, enquanto que na África os reinos e as nações que iam se organizando não quiseram, ou não souberam, se estruturar tão rigidamente como na Europa. Os povos da África continuaram com costumes e línguas diferentes, como também com diferentes níveis de desenvolvimento econômico. Inclusive, por isso não podemos falar de uma cultura negra, mas de culturas negras, no plural.

OS NEGROS DA ÁFRICA PARA O BRASIL

A grosso modo, os negros que vieram ao Brasil pertenciam a dois grandes grupos: *sudaneses* e *bantos.*

Entre os bantos, alguns povos que vieram para o Brasil foram os *cabindas* do Congo, os *benguelas* de Angola, os *mucongo* e *rebolos* também de Angola, os *macuas* e os *angicos* de Moçambique.

Entre os sudaneses, destacaram-se os nagô da Nigéria, os *geges ou ewes* do Daomé, etc. Havia sudaneses de influência muçulmana como os *hauças* e os *mandingas,* que eram grandes guerreiros.

Todos esses povos tinham culturas bastante diferentes. Os *iorubás,* por exemplo, eram superiores em certos pontos até mesmo à cultura europeia na técnica de uso dos metais. Possuiam sociedades baseadas na posse comum da terra, onde trabalhavam em conjunto.

Disse um historiador, Édison Carneiro:

"A religião, a organização política e os costumes sociais de Ioruba davam o modelo a uma vasta zona. Os negros de Ioruba eram principalmente agricultores, mas os seus tecelões, os seus ferreiros, os seus artistas em cobre, ouro e madeira já gozavam de merecida reputação de excelência. Não havia abundância de animais de caça, mas a pesca, nos rios, nos lagos e no mar rendia muito. Criavam-se animais de subsistência – cabras, carneiros, porcos, patos, galinhas, pombos. O cavalo era conhecido há muitos séculos, devido ao contato com os árabes".

Diz outro historiador, Júlio José Chiavenato:

"Em Gana e na Nigéria utilizavam-se enxadas de ferro antes que os portugueses soubessem o que era isso".

Esse historiador cita outra historiadora, Mabel Morsbach, que fala sobre o Mali:

"O mais famoso soberano de Mali foi Mansa Musa... que subiu ao trono em 1307. Fortemente influenciado pelo islamismo, Mansa Musa relizaou a ambição muçulmana de uma peregrinação a Meca. O esplendor de sua corte mostrou-se durante a viagem, que começou em 1324. Cerca de 60 mil pessoas acompanharam o rei. Havia soldados, grandes personalidades da terra, secretários, generais e servos. Quinhentos escravos, cada qual carregando um bastão de ouro puro, caminhavam em fila comprida. Para pagar as despesas de viagem, o rei levava 12 toneladas de ouro. Havia tanto ouro que foram necessários mais de oitenta camelos para transportá-lo. No Cairo, a caminho da Meca, os grandes gastos de Mansa Musa causaram uma ligeira inflação".

Para completar esta parte, podemos lembrar que na cidade de Timbuktu havia uma grande universidade muçulmana.

A ROTA TRIANGULAR

Antes do tráfico dos escravos, os navios dos comerciantes viajavam para a América (ou Indias Ocidentais) quase vazios, transportando armas e manufaturas baratas, enquanto voltavam para a Europa carregados de pau-brasil, açúcar, etc... Sendo que a partir de 1550 a cultura canavieira passou a crescer muito, houve carência de mão de obra.

Foi aí que as companhias de navegação organizaram um comércio altamente vantajoso.

Elas compravam em Portugal produtos manufaturados de baixo preço e armas, seja para trocar na África com escravos, seja para vender a preços bem alto na colônia aos senhores de engenhos. Em seguida, eles navegavam para a África, preferivelmente para o porto de Guiné, onde desde 1482 tinha sido construída a fortaleza de S. Jorge de Mina. Lá na base de troca eles adquiriam os escravos dos chefes das tribos, ou organizavam a caçada. Em seguida voltavam ao mar e rumavam para o Brasil onde vendiam os escravos e outra mercadoria (européia) e compravam pau-brasil, açúcar e outros gêneros que levavam para Portugal (Metrópolis). Este trajeto foi chamado de "rota triangular": Portugal, África, Brasil, Portugal...

Tal comércio chegava a dar 600% de lucro.

PIOR QUE A ESCRAVIDÃO DO EGITO

Será sempre pouco o que se fala a respeito desta mancha da humanidade que foi o tráfico dos escravos. No início só Portugal fazia tráfico negreiro para as colônias. Mais tarde todas as metrópolis (países europeus) querem participar de tão lucrativo comércio. Os ingleses e os holandeses foram aos poucos substituindo os portugueses como principais escravistas.

Também os países de destinação dos negros escravos eram os mais variados, seja na América do Norte como do Sul, passando pela América Central, onde em alguns países os negros chegaram a constituir metade da população.

O resultado foi que a população da África veio gradualmente diminuindo. Comparada com a população mundial, a população do continente africano passou a ser sucessivamente: 18% (em 1650), 13% (1750), 10% (1800), 8,1% (1850) e 7,5 (1900).

De 1900 para cá, saradas as feridas da escravidão, a população voltou a crescer. Hoje os Africanos calculam-se em 560 milhões, que corresponde a 11,2% da população mundial calculada em 5 bilhões.

Os nossos missionários na África escutam os velhos africanos contarem histórias de horrores, transmitidas de pai para filho; eles dizem a dor das famílias dizimadas; especificam que eram sempre os mais fortes a serem presos e levados como escravos; e concluem dizendo: "Mais longa e dura que a escravidão do Egito, foi a escravidão do negro".

O BALANÇO GERAL

A história da África não termina aqui. Muito ainda haveria para se dizer a respeito da colonização na própria África. São outras páginas dolorosas, que relatam um longo pedaço da história do povo africano.

Os países africanos alcançaram sua independência muito tarde, depois de terem sido espoliados de suas riquezas naturais, sem terem pessoas academicamente preparadas e suficientes para dirigir e administrar... Inclusive, não se colocou sequer o problema do tipo de organização sócio-política que mais convinha para a África de tradição tribal milenária. Como também lamentou-se a falta de líderes, mas sem denunciar os colonizadores que, de propósito, atrasaram todo programa de instrução e qualificação dos africanos.

Mas, ficando nos números, temos o seguinte balanço assustador. Na África, foram mortos *cem milhões* de negros, englobando os que foram escravizados na própria África, e os que foram mandados para outros continentes. Para se ter uma idéia deste número, é como se morresse toda a população brasileira, sobrando apenas o Estado de São Paulo.

A LIÇÃO DA HISTÓRIA

O que foi falado até aqui, não visa criar revolta nem pessimismo. Pelo contrário, deve nos incentivar a assumir o nosso lugar na evangelização, levando adiante o Reino de Deus que continua sofrendo violência.

A história é mestra de vida, alertando-nos a não repetir os erros do passado e a aproveitar da experiência alheia para um melhor agir. Devemos nos perguntar:

1. No tribunal da história este fim de milênio será condenado ou absolvido? A miséria dos trabalhadores favelados, perto do luxo dos capitalistas, não será julgada tão severamente como a injustiça das colônias? O apartheid da África do Sul e a fome da Etiópia não será comparado com a escravidão dos navios negreiros?

2. Como indivíduos, como comunidade eclesial, como Igreja, como Brasil, o que estamos fazendo para que haja fraternidade? Toda ação, toda iniciativa, mesmo bem pequena, além do seu próprio valor, tem o valor de sinal do contexto mais amplo da sociedade.

Os dois interrogativos acima se tornam ainda mais insistentes quando tomamos consciência que nesta virada de milênio nós seremos chamados a assumir a tarefa de evangelização dos povos como protagonistas, sendo que o eixo da Igreja Católica, mesmo em termos numéricos, está passando da Europa para a América Latina.

Ademais não podemos esquecer que se está preparando a celebração (de penitência e ação de graças) dos 500 anos de Evangelização da América Latina e de Moçambique, Zaire, Namíbia da Áfr ca, entre outros.

Chegou a tua hora!

> *"PARA UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO: Nova em seu ardor, em seus métodos e em sua expressão".*
>
> *João Paulo II*

SENTIMENTO RELIGIOSO

Com demasiada facilidade se definiram as religiões africanas como: primitivas, animistas, pagãs, fetichistas... Chegou-se a afirmar que a religião do negro é a religião do cão.

O pior é que os próprios africanos passaram a considerar suas religões como inferiores e desprezíveis: entraram em massa para o Islã e para os Catecumenatos por motivos de promoção social.

Hoje os antropólogos chamam mais propriamente as religiões tradicionais africanas de "ecológicas". O africano percebe que ele não pode fazer com as coisas materiais tudo o que ele quer, pois está em constante dependência e diálogo com a natureza. Mais do que isso ele é parte da natureza, está em comunhão e participação com a criação toda. Daí nasce uma postura de responsabilidade e confiança ecológica. Há também um

oportuno temor, mesmo porque existem realidades que não dá para ver: desde os micróbios responsáveis das doenças... até Deus.

Na natureza (e no homem que é parte da natureza) o africano percebe existir uma força vital, divina. Por isso o negro *freme* com a natureza, transpira energia e religiosidade. Ficou nele algo do sol, dos montes, das florestas e dos rios misteriosos da África.

UM EXEMPLO ECOLÓGICO

São Paulo diz que os cristãos formam um só corpo com Cristo. Para os africanos são todas as criaturas que formam um só organismo. Se prejudico a uma árvore, prejudico a todo o organismo, também a mim mesmo.

Veja-se a religiosidade africana no caso da construção de um barco. O pai vai na floresta e procura a árvore certa. Em seguida, volta para a aldeia e toma consigo o filhinho; com efeito a criança é um ser íntegro, sem fracassos nem maldade. O pai leva o filho ao pé da árvore escolhida e manda-o bater docemente com o verso do machado no tronco, em baixo, perto das raízes. O filho, repetindo as palavras do pai, pede para a árvore: "Por favor, espírito da árvore, vai para outro lugar, pois precisamos do seu tronco".

Assim o tronco fica livre para abrigar a alma do barco que também é criatura viva, pois corre e saltita nas águas do rio.

As culturas africanas são densamente espiritualizadas. A razão deste fato está já na própria concepção de mundo africano.

Na cultura religiosa negro-brasileira de origem africana (candomblé), o universo é ao mesmo tempo sagrado e concreto. E isto confere à existência real e cotidiana das pessoas uma dinâmica de interligação entre o indivíduo e a transcendência.

A relação das pessoas com o sagrado é constante, e, sobretudo, se evidencia nos atos litúrgicos.

Embora secularmente reprimida, a cultura religiosa de origem africana no Brasil mantém na nossa gente uma herança espiritual. Mantém esta experiência mística do encontro com a divindade, a fusão do indivíduo com a transcendência.

O povo negro é um povo que dança o sofrimento e reza a alegria. Um povo assim só pode ser um povo de Deus.

Bibliografia

Clamor do Negro – Gemido do Espírito. Grande Sinal, Ano XLII 1988, Ed. Vozes. Petrópolis.
REZENDE, M. V. *Não se pode servir a dois senhores.* Lins, Ed. Todos Irmãos, 1985.
FREITAS, Décio. *Palmares, a guerra dos escravos.* Ed. Graal.
MENDES, Antonio Jr., RONCARI, Luiz, MARANHÃO, Ricardo.
Brasil. História – texto e consulta. Vol I, Colônia, Ed. Brasiliense. 1972.
CHIAVENATO, Julio José. *O negro no Brasil.* Da senzala à guerra do Paraguai. Ed. Brasiliense. 1980.
FNT e GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA. *Escravidão e libertação.* Caderno de formação, série Negros. Ed. FNT. S. Paulo, 1982.
CEHILA, popular. *Escravidão.* Salvador, 1987.
FERREIRA DOS SANTOS, Anízio. *Eu, negro.* Discriminação racial no Brasil. Existe? S. Paulo. Ed. Loyola. 1986.
Igreja: Comunhão e Missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura. Documentos da CNBB, 40. Ed. Paulinas, 1988.

Agradecemos P. Antônio Aparecido da Silva, P. Heitor e os organizadores FNT e GUCN pela colaboração.

II. ÁFRICA HOJE

REFUGIADOS PRESENTES NOS VÁRIOS PAÍSES DA ÁFRICA NO FIM DE 1987

Algéria	167.000	Marrocos	800
Angola	92.200	Moçambique	700
Benin	4.000	(além de 3 milhões de "refugiados internos")	
Botsuana	5.200	Nigéria	4.700
Burundi	267.500	Ruanda	19.400
Camarões	53.600	Senegal	5.500
Rep. Centro-Africana	13.000	Somália	850.000
Congo	2.000	Sudão	1.000.000
Costa do Marfim	900	Suazilândia	30.000
Egito	1.100	Tanzânia	220.300
Etiópia	260.000	Togo	3.500
Djibuti	16.700	Uganda	144.000
Quênia	8.000	Zaire	301.000
Lesoto	11.500	Zâmbia	138.300
Malavi	400.000	Zimbábue	150.000

Fonte: Estatísticas e comunicados do Alto Comissionado ONU para os Refugiados (ACNUR).

POBREZA NA ÁFRICA / INDICADORES DE BASE

	Renda per capita (dólares 1985)	% de crescimento anual (1965-1985)	Expectativa de vida (anos) 1985	Dívida (milhões de dólares 1985)
Etiópia	110	0,2	45	1.869
Burkina	150	1,3	45	539
Mali	150	1,4	46	1.469
Moçambique	160	=	47	=
Malavi	170	1,5	45	988
Zaire	170	–2,1	51	5.497,2*
Burundi	230	1,9	48	446
Togo	230	0,3	51	924
Madagascar	240	–1,9	52	2.588
Níger	250	–2,1	44	1.155
Benin	260	0,2	49	776
Rep. Centro-Africana	260	–0,2	49	341
Ruanda	280	1,8	48	351
Somália	280	–0,7	46	1.486
Quênia	290	1,9	54	4.219
Tanzânia	290	=	52	3.609
Sudão	300	=	48	11.000*
Guiné	320	0,8	40	1.627,7*
Serra Leoa	350	1,1	40	527
Senegal	370	–0,6	47	2.454
Gana	380	–2,2	53	170,8*
Zâmbia	390	–1,6	52	4.483
Chade	=	–2,3	45	161
Uganda	=	–2,6	49	1.030
Mauritânia	420	0,1	47	1.477
Lesoto	470	6,5	54	176
Libéria	470	–1,4	50	1.155
Marrocos	560	2,2	59	=
Egito	610	3,1	61	24.342
Costa do Marfim	660	0,9	53	8.446
Zimbabue	680	1,6	57	2.143
Nigéria	800	2,2	50	18.348
Camarões	810	3,6	55	2.871
Botsuana	840	8,3	57	530,3*
Maurício	1.090	2,7	66	629
Congo	1.110	3,8	58	2.092,3*
Tunísia	1.190	4,0	63	5.250
África do Sul	2.010	1,1	55	=
Algéria	2.550	3,6	61	15.526
Líbia	7.170	–1,3	60	=
Países inferiores ao milhão de habitantes				
Guiné Bissau	180	-1,5	39	
Gâmbia	230	1,1	43	
Comoras	240	–0,3	55	
São Tomé e Príncipe	320	0,8	65	
Cabo Verde	430	5,0	63	
Suazilândia	670	2,7	54	
Gabão	3.670	1,5	51	

Fonte: Banco Mundial, Relação sobre o desenvolvimento do mundo, 1987
* Fonte: Banco Mundial – sem data

REUNIÕES INTERNACIONAIS DE CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS NA ÁFRICA

- SIMPÓSIO DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS DA ÁFRICA E MADAGASCAR SCEAM – SECAM). Sede: Acra (Gana).
- ASSOCIAÇÃO DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS REGIONAIS DA ÁFRICA CENTRAL (ACERAC). Membros: Camarões, República Centro-Africana, Congo, Gabão, Guiné Equatorial e Chade. Sede: Yaoundé (Camarões).
- ASSOCIAÇÃO DOS MEMBROS DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS DA ÁFRICA ORIENTAL (AMECEA). Membros: Etiópia, Quênia, Malawi, Sudão, Tanzânia, Uganda e Zâmbia. Sede: Nairobi (Quênia).
- ASSOCIAÇÃO DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS DA ÁFRICA OCIDENTAL FRANCOFONA (OCEAOF-CERAO). Membros: Costa do Marfim, Benin, Guiné, Burkina, Mali, Mauritânia, Níger, Senegal e Togo. Sede: Abidjan (Costa do Marfim).
- ASSOCIAÇÃO DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS DA ÁFRICA OCIDENTAL ANGLOFONA (AECAWA). Membros: Nigéria, Gana, Serra Leoa, Libéria e Gâmbia. Sede: Monrovia (Libéria).
- ASSEMBLÉIA INTER-REGIONAL DOS BISPOS DA ÁFRICA AUSTRAL (IMBISA). Membros: Angola, Botswana, Lesoto, Moçambique, Namíbia, África do Sul, Suazilândia e Zimbábue. Sede: Harare (Zimbábue).
- CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS INTER-TERRITORIAIS: Norte da África (Algéria – Tunísia – Marrocos – Líbia); Ruanda-Burundi; Senegal-Mauritânia; Serra Leoa-Gâmbia-Libéria; Níger-Burkina.

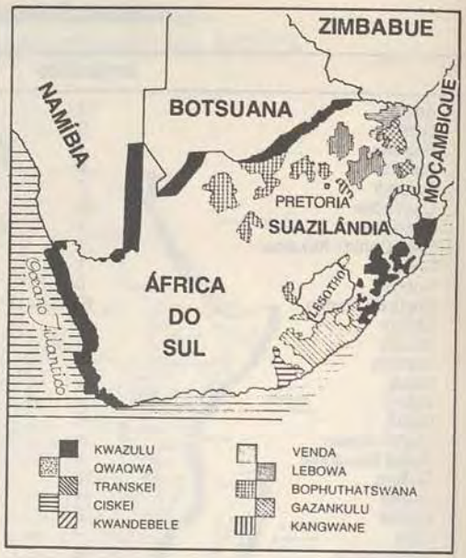
BISPOS RESIDENTES

	AFRICANOS	NÃO AFRICANOS
Angola	11	2
Benin	6	–
Botsuana	1	–
Burkina	9	–
Burundi	7	–
Camarões	14	3
Cabo Verde	1	–
Rep. Centro-Africana	1	4
Chade	1	3
Congo	5	–
Costa do Marfim	10	–
Etiópia	1	2
Gabão	4	–
Gâmbia	–	1
Gana	9	–
Djibuti	–	1
Guiné	2	–
Guiné-Bissau	–	2
Guiné Equatorial	3	–
Quênia	13	4
Lesoto	4	–
Libéria	3	–
Líbia	–	2
Madagascar	13	–
Malavi	5	2
Mali	4	2
Marrocos	–	2
Mauritânia	–	1
Maurício	1	–
Moçambique	7	2
Namíbia	1	1
Níger	–	1
Nigéria	26	4
Reunião	1	–
Ruanda	7	1
São Tomé e Príncipe	–	1
Senegal	5	–
Seychelles	1	–
Serra Leoa	1	2
Somália	–	1
África do Sul	14	10
Sudão	7	–
Suazilândia	1	–
Tanzânia	27	1
Togo	3	–
Uganda	13	1
Zaire	43	3
Zambia	3	2
Zimbábue	2	3

Fonte: Agenzia Internazionale Fides

A 3 de julho de 1987, a Igreja na África de competência da congregação para a evangelização dos povos contava com 495 bispos –, dos quais 338 africanos e 157 não africanos. Sobre os 360 residenciais, 294 eram africanos e 66 não africanos; 20 bispos auxiliares dos quais 19 africanos e 1 não africano; 2 bispos coadjutores africanos. Sobre 113 bispos eméritos, 23 eram africanos e 90 não africanos.

ÁFRICA DO SUL



Superfície: 1.221.037 km²

População: 34 milhões de habitantes (30,3 hab/km²); negros 71,3%; brancos 16,5%; mestiço 2,8%. Em relação à população rural/urbana: 65/35

Capital: Pretória

Religião: cristianismo, animismo, islão

Línguas: afrikans, inglês, xhosa, tswana, sotho, zulu

Data de independência 1910: criação da União Sul-Africana (domínio britânico); 31 de maio de 1961: proclamação da República da África da Sul

Sistema Político: república presidencial. Partidos brancos: Partido Nacional, Partido Federal Progressista, Partido Conservador. Os partidos negros são proibidos. Reservas tribais erigidas em estados (homeland). O governo concedeu a independência a quatro homuland (não reconhecidas pela ONU e a OUA): Tanskei (1976), Bophuthatswana (1977), Venda (1979) e Ciskei (1981).

OS BANTUSTAN

	Etnia	Superfície (km²)	Pop. 1985 (milhões)
Bophuthatswana	tswana	38.000	1.600
Ciskei	xhosa	9.000	950
Gazankulu	shangaan e tsonga	7.490	495
Kangwane	swazi	3.850	390
Kwandebele	ndebele	2.300	232
Kwazulu	zulu	30.151	3.744
Lebowa	bapedi	22.502	1.844
Qwaqwa	shoeshoe	620	183
Transkei	xhosa	45.000	2.950
Venda	venda	6.000	455

Chefe de Estado: Pieter Botha

PNL per capita: 2.480 dólares USA (1983) (a cifra é fictícia, visto que os brancos usufruem somente cerca de 75% do PNL)

Moeda: rand.

Principais fontes econômicas: Ouro, platina, diamante, carvão, açúcar, milho, fruta, pecuária, energia hidroelétrica, turismo

Estruturas sociais – escolas: 50% da população com mais de 20 anos é analfabeta, 79% dos negros nos homeland. Escola segregada: os gastos médios do estado para um estudante branco é de 1.654 rand; indiano 1.088 rand; mestiço 569 rand; negro 234 rand

Transportes: 230 mil km de estradas; 17.885 km de ferrovia; aeroportos internacionais: Jan Smula (Johannesburg), Durban e Cidade do Cabo. Portos: Durban, Table Bay, Port Elizabeth, East London, Saldanha Bay, Richards Bay

Campanha Missionária

BRASIL, CHEGOU A TUA HORA DE SER MISSIONÁRIO: PASSAR DO RECEBER AO DAR

"DÊ CADA UM CONFORME O IMPULSO DO SEU CORAÇÃO, SEM TRISTEZA NEM CONSTRANGIMENTO. DEUS AMA O QUE DÁ COM ALEGRIA". (2 Cor 9,7)

O resultado desta Coleta deverá ser enviado inteiramente para a Cúria Diocesana ou para as POM de Brasília. (Veja endereço na pág. 4).

COLETA PARA AS MISSÕES

LISTA ESPECIAL PARA GRUPOS DE JOVENS OU EQUIPES DE ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

ATENÇÃO:

1. *A coleta para as Missões não é uma esmola mas um gesto concreto de solidariedade e fraternidade universal.*
2. *Ser cristão é ser Missionário. Ser Missionário é passar do receber ao dar. É levar a Boa Nova aos "pobres".*
3. *A importância arrecadada com esta Coleta será inteiramente destinada e aplicada em benefício das Igrejas Missionárias mais carentes do mundo inteiro, inclusive as Igrejas da África.*

CARIMBO DA PARÓQUIA OU COLÉGIO QUE AUTORIZA A COLETA

Responsável p/ Coleta: _____

Endereço: _____

N.	NOME DO OFERENTE	VALOR Cz$
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
17		
18		
19		
20		
	RESULTADO DA COLETA Cz$	

"HÁ MAIS FELICIDADE EM DAR QUE RECEBER" AT 20,35

QUEM AJUDA O POBRE EMPRESTA A DEUS

COLABORE COM AS MISSÕES

SENTIDO EVANGÉLICO DA TUA AJUDA

UM DIA ELE NOS DIRÁ:

- *Tive fome e me destes de comer*
- *Tive sede e me destes de beber*
- *Fui peregrino e me acolhestes*
- *Estive nu e me vestistes*
- *Enfermo e me visitastes*
- *Estava preso e viestes ver-me.*

MAS, SENHOR, QUANDO É QUE TE VIMOS,

- ► *com fome?*
- ► *com sede?*
- ► *peregrino?*
- ► *nu?*
- ► *enfermo?*
- ► *preso?*

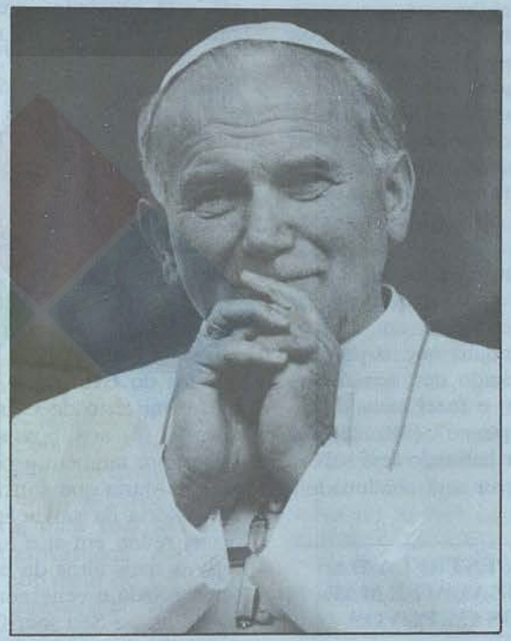
E... JESUS REPLICANDO:

"Em verdade eu vos digo: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes". (Mt 25, 35-40)

O futuro da missão e das vocações missionárias está ligado à nossa generosidade. (João Paulo II).

POM – Pontifícia Obras Missionárias do Brasil
Caixa Postal 11.1150 – 70084 – Brasília - DF

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES



A Presença e a Influência de Maria na Missão Universal da Igreja

III. A PRESENÇA E A INFLUÊNCIA DE MARIA NA MISSÃO UNIVERSAL DA IGREJA

mensagem do Santo Padre para o Dia Mundial das Missões

Caríssimos irmãos e irmãs,

Ao enviar a minha mensagem para o próximo Dia Mundial das Missões quando está quase findo o Ano Mariano que promovi para preparar o Jubileu do Ano Dois Mil, desejo convidar todos os membros do Povo de Deus a refletirem sobre o aspecto particular da evangelização: a presença de Maria na missão universal da Igreja.

Esta missão consiste na proclamação da Boa Nova da Salvação que se obtém por meio da fé em Cristo, conforme o mandato que o próprio Senhor Ressuscitado deu aos Apóstolos: "Ide, pois, e fazei meus discípulos todos os povos" (Mt. 28,19); "quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado" (Mc. 16,6).

I – MARIA, ESTRELA DA EVANGELIZAÇÃO E MÃE DE TODOS OS POVOS

Maria, a Mãe de Jesus, foi a primeira a acreditar no seu Filho e foi proclamada feliz, por causa da sua fé (cf. Lc. 1,45). A sua vida foi um caminho e uma peregrinação da fé em Cristo, na qual Ela precedeu os discípulos e precede sempre a Igreja (cf. Redentoris Mater; 6; 26).

Por isso, onde quer que a Igreja desenvolva a sua atividade entre os povos, a atividade missionária, Maria está presente: presente, cooperando como Mãe na regeneração, e formação dos fiéis (cf. LG. 63); presente, como Estrela da Evangelização, segundo afirmou o meu predecessor Paulo VI (cf. E.N.,82), para guiar e confortar os arautos do Evangelho e sustentar na fé as novas comunidades cristãs, nascidas do anúncio missionário, com o poder da palavra e a graça do Espírito Santo.

A presença e a influência da Mãe de Jesus acompanharam sempre a atividade missionária da Igreja. Os arautos do Evangelho, ao apresentarem o mistério de Cristo e as verdades da fé, aos povos não-cristãos, ilustraram também a pessoa e a função de Maria que entrou intimamente na história da salvação e, por assim dizer, reúne em si e reflete os imperativos mais altos da nossa fé "e, ao ser exaltada e venerada, atrai os fiéis ao Filho, ao Seu sacrifício e ao amor do Pai" (LG, 65). E todo o povo, acolhendo Maria como Mãe, enriquece-lhe o culto e a devoção com novos títulos e expressões, correspondentes às suas necessidades e à sua alma religiosa. Muitas destas comunidades cristãs, fruto da obra evangelizadora da Igreja, encontram no amor filial. à Mãe de Jesus socorro e consolação para perseverarem na fé, durante os períodos de provação e perseguição.

II – MARIA, MODELO DE CONSAGRAÇÃO

A Igreja, na sua vocação e solicitude evangelizadora, toma como exemplo e estímulo a Maria, a primeira evangelizada (cf. Lc. 1,26-38) e a primeira evangelizadora (cf, Lc. 1, 39-58). Ela acolheu com fé a Boa Nova da Salvação, transformando-a em anúncio, canto e profecia. Ela deu a todos os homens a melhor diretiva espiritual que eles nunca tinham recebido: "Fazei tudo aquilo que Jesus vos disser" (Jo. 2,5). Na escola de Maria, a Igreja aprende a consagrar-se à missão.

O saber que mais de dois terços da humanidade ignora ou não partilha ainda sua fé no Cristo Redentor, exige que a Igreja prepare sempre novas gerações de Apóstolos e torne intensa a oração e o empenho para que em toda comunidade cristã se torne mais numerosas as vocações missionárias.

Por isso, se é verdade que, conforme afirma o Concílio, é confiada a todos os discípulos de Cristo a difusão da fé, segundo as possibilidades de cada um, para isso são sobretudo responsabilizados aqueles que o Senhor, por meio do Espírito Santo, chama através da vocação missionária, suscitando no seio da Igreja as Instituições que assumem, como dever específico, o encargo do primeiro anúncio do Evangelho (cf. Ad Gentes, 23).

MISSIONÁRIOS "AD GENTES"

É motivo de conforto, de esperança e de agradecimento ao Senhor o fato de se multiplicarem os serviços missionários das Igrejas particulares, com o envio de sacerdotes diocesanos, os tão beneméritos "Fidei Donum", de leigos e de voluntários, quer para ajudar as Igrejas-Irmãs mais necessitadas, quer para levar o primeiro anúncio do Evangelho e a solidariedade da caridade entre povos e grupos humanos não-cristãos.

Com especial alegria é de salientar que, ao lado das Igrejas de antiga fundação, participam cada vez mais na missão universal as Igrejas da África, da Ásia e da América Latina. O envio de missionários "Ad Gentes" da parte destas comunidades eclesiais, ainda em fase de desenvolvimento, demonstra o autêntico espírito católico e missionário de que devem estar animadas as novas Igrejas, "enviando elas também missionários a pregar por toda a parte o Evangelho, mesmo que também sofram de escassez de clero" (Ad Gentes, 20).

Os pregadores do Evangelho, muitas vezes ignorados, esquecidos ou perseguidos, que gastam a vida na vanguarda da missão da Igreja, encontram um modelo perfeito de dedicação e de fidelidade em Maria que se "consagrou totalmente como Serva do Senhor à pessoa e à obra do Filho" (LG, 56).

Por isso e na ocasião do Dia Mundial das Missões, é-me grato prestar homenagem ao empenho generoso e, mesmo nos nossos dias, heróico até ao martírio, dos missionários e missionárias espalhados por todos os continentes, enviar-lhes e a todas as Famílias religiosas e seculares, masculinas e femininas, dedicadas à missão como componente fundamental da sua consagração, uma afetuosa saudação e um vivo encorajamento, em nome de toda a Igreja, exortando-os a não desanimarem com as dificuldades do seu apostola-

do, a confiarem em Maria e a seguirem o seu caminho.

A todos vocês, missionários e missionárias que trabalham para dilatar a maternidade da Igreja, com o nascimento e a formação de novas comunidades cristãs, repito com todo o coração a exortação feita aos sacerdotes na minha Carta, por ocasião da Quinta-Feira Santa deste Ano Mariano: "É, pois, bom que cada um de vocês 'leve Maria para sua casa', como a tomou o Apóstolo João, no Calvário, como Mãe e Medianeira daquele 'grande mistério' (cf. Ef. 5, 32) que todos desejaríamos servir com a nossa vida" *(In cenaculum nos hodie, 4)*.

III – COMO PREPARAR UM NOVO ADVENTO MISSIONÁRIO COM MARIA

Ao preparar-se para celebrar o Jubileu do Ano Dois Mil e iniciar o terceiro milênio da fé cristã, com a esperança e o empenho de um novo Advento, a Igreja propõe-se renovar e ampliar o seu esforço missionário, para que o anúncio do Evangelho seja levado, com maior eficácia, àqueles povos que ainda não o receberam ou não o acolheram. A Maria, que preparou a primeira vinda do Senhor, confio esta esperança: com sua mediação materna, que ela obtenha para o Povo de Deus uma consciência, cada vez mais viva e operosa da própria responsabilidade pelo advento do Reino de Deus, por meio da Evangelização missionária.

Dirijo-me sobretudo aos Pastores das Igrejas particulares, aos sacerdotes seus colaboradores e a quantos estão empenhados na atividade pastoral: com a palavra, com a catequese e com o exemplo eduquem os fiéis, que lhe são confiados, com um espírito verdadeiramente missionário, "com aquele sentido de responsabilidade que os empenhe, enquanto membros de Cristo, em relação a todos os homens" (Ad Gentes, 21). As comunidades cristãs, guiadas por vocês, exprimem a maturidade e vitalidade de sua fé e comunhão eclesial, dedicando-se à missão universal da Igreja com a oração, a promoção das vocações missionárias, a solidariedade e partilha dos bens, quer espirituais quer materiais, com os pobres do mundo. Sobretudo, as famílias tenham consciência do dever de prestar "um particular contributo à causa missionária da Igreja, cultivando as vocações missionárias no meio dos seus filhos e filhas" *(Familiaris Consortio, 54)*.

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS

Falando da animação missionária das comunidades cristãs, é um dever recordar as Pontifícias Obras Missionárias que se destacam na Igreja por seu espírito empreendedor e perseverante em suscitar cooperação missionária com variadas e apropriadas iniciativas de animação, informação e formação de um espírito verdadeiramente missionário e universal. Porque atuam no vastíssimo campo da caridade e auxílios materiais, a todos faço o convite de doação generosa para a manutenção dos seminaristas, para a formação de leigos, particularmente dos Catequistas, para a construção de igrejas, escolas, hospitas e obras sociais.

Mas o papel destas obras é a animação missionária a começar pela Obra da Propagação da Fé, que tem como função principal a educação, a formação e a sensibilização missionária.

Todas, têm, por isso, como desejo profundo, promover as vocações para a Igreja missionária. Este objetivo, de fundamental importância para a eficácia da missão "ad Gentes", é confiado especialmente à Obra Pontifícia de São Pedro Apóstolo para as vocações sacerdotais e religiosas nas jovens Igrejas, e à União Missionária Pontifícia dos Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, que se empenha em formar no espírito missionário aqueles que na Igreja desempenham o cargo de pastores, animadores e agentes de pastoral. A Obra Pontifícia da Santa Infância, por sua vez, dedica-se à educação e animação das crianças, desde a mais tenra idade.

MARIA: A PRIMEIRA MISSIONÁRIA

Retomando a idéia inspiradora desta Mensagem, não posso deixar de sublinhar mais uma vez que quantos na Igreja promovem e vivem a animação missionária e vocacional, encontram em Maria uma Mãe e um modelo que inspira e sustenta seu esforço. Ela de fato, como já sublinhei no princípio, pode justamente chamar-se "a primeira Missionária", porque foi a Mãe de Jesus, o Enviado do Pai, o primeiro e maior evangelizador, e se uniu à sua missão, colaborando com afeto maternal. Na escola desta Mãe, todos os filhos e filhas da Igreja aprendem o espírito missionário que deve animar sua vida cristã e seu entusiasmo apostólico.

Não posso concluir esta minha Mensagem sem abrir meu coração especialmente a vocês, jovens, que são sinais da vitalidade e grande esperança na Igreja. O futuro da missão e das vocações missionárias está ligado à sua generosidade na resposta ao chamamento de Deus, ao seu convite a consagrar a vida ao anúncio do Evangelho. Com Maria aprendam também vocês a dizer o "SIM" da adesão plena, alegre e fiel à vontade do Pai e seu projeto de amor.

Nossa Senhora, que invocamos Mãe da Igreja e de todos os povos, interceda junto ao seu Filho, para que um novo espírito de Pentecostes anime todos aqueles que, com o Batismo, receberam o dom inestimável da fé. Que Ela os torne sempre cada vez mais conscientes de sua responsabilidade missionária, para que, com sua perseverança e generosidade, o Evangelho seja anunciado a todos os povos e a fé em Cristo leve luz e salvação ao mundo inteiro.

João Paulo II

IV. SUBSÍDIOS

LITURGIA, CATEQUESE, JOVENS, ADULTOS E ESCOLAS

1º Domingo

Toda comunidade é, por sua natureza, Ministerial e Missionária.

Deus é Amor, o Amor não existe por sí, o Amor é comunicação. A Igreja, toda Comunidade, existe para comunicar-se.

Cada Cristão, cada Comunidade é enviada para comunicar a grande revelação de Deus: O SENHOR É PAI E MANDA SEU FILHO PARA NOS SALVAR.

O Cristão não pode viver satisfeito e acomodado na sua fé; quando deixa de comunicar já deixou de viver.

Compromisso para a semana:

A Evangelização é antes de tudo um "ato de amor", amor que é vivido, testemunhado numa nova maneira de viver; um novo relacionamento entre as pessoas.

Durante esta semana procurar fazer contatos com vizinhos para começar um grupo de reflexão bíblica. O pequeno grupo será o lugar privilegiado onde se vive e testemunha o amor do Senhor.

2º Domingo

Missão e serviço dos irmãos especialmente dos mais pobres e sofredores.

"Os Pobres são "OS PREDILETOS DE DEUS"e a Igreja no Brasil quer ser "A IGREJA DOS POBRES." Longe de ser exclusiva e excludente, a opção preferencial pelos pobres realiza, na verdade, o amor de Deus e da Igreja por todos os Homens.

Significa escolher, não uns contra os outros, mas uns em favor de todos.

Preferir os pobres significa amar a todos os Homens naquilo que lhes é mais fundamental: "SUA DIGNIDADE".

Compromisso para a semana

Renunciar a alguma coisa de importante e necessário para repartir com os mais pobres.

Pensar que o supérfluo não me pertence. Se eu tenho demais é porque me apropriei indevidamente.

3º Domingo

É necessário que a Comunidade se organize de forma que, no seu conjunto e pela repartição dos diversos serviços ou ministérios, toda ela mereça o nome de "Comunidade Missionária"

Quando uma Comunidade chega a ter uma certa estabilidade aumenta sempre a preocupação de reforçar sua estrutura interna. Dedica muito tempo para esse fim. Os ministérios giram todos em torno da estrutura da mesma; quando muito, existe a preocupação em aumentar os membros participantes.

Para que a Comunidade seja missionária é necessário que os vários ministérios tenham uma preocupação com o mundo a fim de que a Igreja seja fermento de transformação.

Compromisso para a semana:

Refletir em grupos existentes na Comunidade sobre a dimensão missionária e confrontar com a vida de nossa Comunidade.

Questionar nossa vida cristã voltada muitas vezes para dentro.

Levar nossa Comunidade a uma tomada de consciência a respeito da necessidade de ser "serviço do Reino".

4º Domingo

A missão da Igreja se estende até os confins da Terra pela ordem que Ela recebeu de Cristo.

Há quem pensa que uma Igreja Local e particular só pode enviar missionários quando estiver organizada. Na realidade não é assim porque a Igreja é missionária desde seu nascimento.

"A maturidade de uma Igreja Local é fortalecida na medida em que ela se abre a outros horizontes e contextos eclesiais, sociais e culturais... (nº 118) "A maturidade eclesial é conseqüência e não apenas condição de abertura missionária." Estaria condenando-se à esterilidade a Igreja que deixasse atrofiado seu espírito missionário, sob o pretexto de que ainda não foram plenamente atendidas todas as necessidades locais. (nº 119)

Compromisso para a semana:

É verdade que a grande maioria das Igrejas particulares do Brasil é pobre em recursos humanos e materiais, mas nossas Igrejas podem oferecer algo de original: a busca da salvação e libertação, a riqueza de sua religiosidade popular, a experiência das CEBs, a floração de seus ministérios, sua esperança, e alegria de sua fé. Já se realizaram esforços missionários que se podem aprofundar e se devem ampliar. (nº 120)

Tomar consciência da necessidade de nossa Igreja dar sua contribuição para a evangelização dos Povos.

Se nossa Igreja é pobre em recursos humanos e materiais, saber repartir com quem é ainda mais pobre do que nós.

Durante a semana promover encontro de reflexão com vizinhos para debater este assunto.

5º Domingo

"Cada Igreja particular se organize como Igreja missionária" (nº 124)

A dimensão missionária iluminará toda a pastoral da Igreja particular.

É necessário que todas as dimensões da ação pastoral da Igreja no Brasil levem em conta a dimensão missionária como garantia de vida e crescimento da própria Igreja logal e particular.

É fundamental que tanto as Igrejas particulares como também todas as Comunidades tenham constante preocupação para com as situações missionárias tanto dentro como também fora do País.

O espírito missionário da Igreja responda às interpelações das situações especiais.

Compromisso da Semana:

Informar-se e informar a Comunidade sobre situações missionárias dentro do País.

Procurar dados sobre a situação da evangelização no mundo.

Dos mais de 4 bilhões de habitantes da terra, 3 bilhões nunca ouviram falar de Cristo.

Diante dessa realidade não podemos ficar indiferentes. O que sua Comunidade pode fazer de concreto?

Nota: Os números aqui referidos são do Doc. 40 da CNBB.

SALMOS – SALMOS – SALMOS

SALMO DA BÊNÇÃO

Esta é uma das muitas orações que os anciãos da tribo SAMBURU, do norte do Quênia, rezam pra os recém-casados, desejando-lhes fertilidade e longa vida.

Põe-te a caminho... Nkai ai[1]
para o lugar que Deus quer.
Que Deus alargue
o teu leito
a entrada da tua morada.
Deus te conduza
e sustente.
Esteja contigo, ao teu lado.
Que o teu pé não tropece
na pedra do caminho.
Que não te encontres
com a víbora venenosa.
Derretam-se as conchas benditas
(votos de maternidade fecunda)
Conceda-te Deus
muitos
e muitos filhos.
Difunda-te
como as águas do lago.
Te alastre como o lokorosio[2]
Sejas como o Itepes[3] frondoso
que restaura os viajantes.
Amem-te as gerações que vivem
e as que já se foram.
Que as crianças possam chamar-te
VOVÓ.
Sejas como um jardim
onde as crianças
se encontram para brincar.
Sejas o eixo da tua porta
que nunca falha.
Nutrem-se em ti
todas as gerações
(votos de longa vida)
Sejas fecunda
tenhas tantos filhos
quantos os pés da centopéia.
Agora vai... Nkai ai
porque Deus está de acordo... Nkai ai.

Anciãos rezam pelos recém-casados.

1. Nkai ai... = Meu Deus
2. lokorosio = espécie de trepadeira
3. Itepes = árvore de grande sombra

SALMO DE CONFIANÇA E LOUVOR

As correntes da escravidão foram quebradas
Foram quebradas, finalmente
Foram quebradas.

As correntes da escravidão foram finalmente quebradas
Louvarei a Deus
Até o fim dos meus dias.

Lá longe, naquele vale,
rezando ajoelhado,
disse para Deus o meu penar
e de ajudar-me, por favor.

Disse-lhe o quanto sofro
na cadeia e nas correntes,
e dias com a cabeça baixa
a carne nos extremos da dor.

As correntes da escravidão foram quebradas
Foram quebradas.
Finalmente foram quebradas.
Louvarei a Deus até o fim dos meus dias.

Sabia que Jesus me ouvia
porque o Espírito me falou;
disse: "levanta-te meu filho,
Os teus filhos serão livres e tu também.
Nomeei um valoroso capitão
que organize todas as fileiras,
e traga a mim todos os ensanguentados
ninguém será perdido".

As correntes da escravidão foram quebradas
Foram quebradas,
Finalmente foram quebradas
Louvarei a Deus até o fim dos meus dias.

Negro Espiritual

SALMO DE LOUVOR

Senhor,
eu lanço a minha alegria para o céu
como o vôo dos pássaros!
Quando a noite se afasta
eu me alegro na luz!
Eis um novo dia,
ainda um dia, Senhor!
o teu sol
bebeu o orvalho dos campos
e aquele do nosso coração.

Em nós, ao redor de nós,
tudo é agradecimento.
Obrigado, meu Deus,
pela alegria que me dás
principalmente por existir.

Obrigado pelo meu corpo
cada dia maior e mais forte...
Meu Deus,
alegra-me a criação:
Em tudo vejo a tua presença...
O teu grande sol
atrai para ti, para o céu,
a erva e as plantas da terra:
Aquelas que se cobrem de flores,
aquelas que nos dão o alimento
para nos nutrir.

Para ti, faz levantar
o vermelho tronco do ébano.
Faz sair do meio das folhas
o vôo dos pássaros.

Faz brotar de dentro de nós
os teus louvores
no tam-tam dos nossos corações...

Oração de um Jovem Negro

POESIAS – POESIAS – POESIAS

AS VIRTUDES DO NEGRO

O negro é alegria quando manifesta sem receio
seu espírito de festa.
O negro é liberdade quando realiza seus ideais, com o espírito de justiça.
O negro é força quando está unido ao seu povo para lutar pelos direitos de sua raça,
com espírito de determinação.
O negro é tradição quando transpõe
as barreiras da moda e do progresso
para conservar seus hábitos e costumes,
com o espírito de fidelidade.
O negro é raça quando sabe o que quer e o que tem,
conhecendo o seu potencial e as suas limitações,
e, não tendo preconceitos de sua gente,
fortalece, assim, o espírito de união.
O negro é divino quando permite ser usado
como instrumento de Deus para ajudar
na edificação dos seus irmãos, com o espírito de fé.
O negro é negro quando acredita que todos são iguais,
quando não impõe suas verdades,
mas simplesmente as revela com intuito
de contribuir para humanizar indiscriminadamente
todas as raças, com espírito cristão

Antônio Neves

MÃE, ABRE A PORTA!

Um raio da aurora penetrou
dentro da cabana de palha.

No coração da gente ecoou
a eterna mensagem da criação:

Mãe, abre a porta! –

A mãe estava sentada na palha,
no colo, com o Menino,
como a estrela matutina
no seio da aurora.

Todos dobraram os joelhos
o rei e o mendicante,
o santo e o pecador,
o sábio e o ignorante.

Todos em alta voz gritaram
– Vitória ao Homem,
vitória ao Recém-Nascido,
por Aquele que vive eternamente!

Robindronath Tagore
poeta bengales

VIVER SOBRE ESTA TERRA

Viver
sobre esta terra
não como inquilino
ou como um turista
na natureza.
  Viva neste mundo
  como se fosse
  a casa do teu pai.
  Creia ao grão,
  à terra, ao mar
  mas antes de tudo
  ama o homem.
Ama a nuvem,
a máquina e o livro
mas antes de tudo
ama o homem.
  Sinta a tristeza
  do ramo que seca,
  do planeta que se apaga,
  do animal que está doente,
  mas antes de tudo,
  a tristeza do homem.
Que todos os bens da terra
encha as tuas mãos de alegria.
Que a sombra e a luz
encha as tuas mãos de alegria.
Que as quatro estações
encha tuas mãos de alegria,
mas antes de tudo
que o homem
encha as tuas mãos
de felicidade.

Nazim Hikmet

ABRE-ME IRMÃO

Bati à tua porta,
bati ao teu coração,
para ter um leito,
para ter um pouco de fogo:
por que me repeles?
Abre-me, irmão!

Por que me perguntas
se venho da África,
se venho da América,
se venho da Ásia,
se venho da Europa?
Abre-me, irmão!

Por que me perguntas
pelo comprimento do meu nariz,
pela espessura dos meus lábios,
pela cor da minha pele
e pelo nome dos meus deuses?
Abre-me, irmão!

Não sou negro,
não sou um pele vermelha,
não sou um amarelo,
não sou um branco:
sou apenas um homem.
Abre-me, irmão!

Abre-me a porta,
Abre-me o coração.
Porque sou um homem
o homem de todos os tempos
o homem de todos os céus.
O homem: um como tu!

Renè Philombe – Camarões

SOU NEGRO

À Dione Silva

Sou negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor de engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê.
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu.
Não foi um pai João
humilde e manso.

Mesmo vovó
não foi de brancadeira
Na guerra dos Malés
ela se destacou.

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação...

Solano Trindade
(poeta brasileiro negro)

A ROBERTO DAVID

A Igreja de Moçambique deve muito aos catequistas. Neste tempo de propaganda antireligiosa, guerrilhas e fome, a sua dedicação é admirável... Roberto David, catequista de Inhambane morreu de fome em junho de 1.983.

Diz-me:
Quantos já partiram?
Setenta mil?
Cem mil?
Todos a vileza da fome matou.
  Todavia bastava um só
  Para tornar esta hora
  Cruel e trágica!
  Mas foram aos milhares
  Os ceifados pela fome.
    Aquela noite
    Surgistes pela fama, Irmãos
    Porque a vossa morte
    Pelo número feriu os ouvidos
    De milhares de bem-pensantes.

Que importa a dor?
Quem mede o sofrimento?
Os números são simples
Expressões estatísticas.
E a justiça e o direito de viver?
  Mas quando tu, Roberto, morreste
  E os teus filhos se afastaram,
  Ninguém chorou e ninguém gritou.
  Todos em direção à última morada,
  Tu que em vida de tantos foste companheiro.
    A fome abate e isola.
    E na fome tu foste generoso:
    Tudo deste aos teus.
    Para ti reservaste só a fome
    Que te elevou à imolação!

Francisco Lerma Martinez

CONTOS – CONTOS – CONTOS

POR QUE O SOL E A LUA VIVEM NO CÉU

Há muitos anos o sol e a água eram grandes amigos e ambos viviam sobre a terra. O sol ia ver a água muitas vezes, mas a água nunca lhe retribuía a visita. Por fim o sol perguntou à água por que razão ela nunca o ia ver á sua casa. A água respondeu que a casa do sol não era suficientemente grande e que se ela lá fosse com os seus familiares, expulsariam de lá o sol.

Depois a água disse: – Se queres que te vá visitar, tens de construir uma fazenda muito grande; mas presta atenção, terá de ser um lugar imenso, porque a minha família é muito numerosa e ocupa um espaço imenso.

O sol prometeu que construiria uma fazenda muito grande e logo depois voltou para a casa da mulher, a lua, que o acolheu com um largo sorriso, quando lhe abriu a porta. O sol contou à lua o que havia prometido a água e no dia seguinte começou a construir uma fazenda enorme para nela hospedar sua amiga.

Quando terminou a fazenda, pediu à água que viesse fazer-lhe uma visita no dia seguinte.

Quando a água chegou, chamou o sol e perguntou-lhe se podia entrar sem perigo e ele respondeu: – Sim, podes entrar, minha amiga.

Então a água começou a afluir, acompanhada dos peixes e de todos os animais aquáticos. Pouco depois a água chegava ao joelho e, então, perguntou ao sol se ainda podia entrar sem perigo e novamente o sol disse: – Sim, – e assim a água continuou a afluir.

Quando a água chegou ao nível da cabeça de um homem, a água disse ao sol: – Queres que a minha gente continue a entrar?

O sol e a lua responderam: – Sim – porque nenhum sabia que outra coisa poderiam fazer. Assim a água continuou a afluir até que o sol e a lua tiveram de se acocorar no teto.

Novamente a água se voltou para o sol, mas como recebesse a mesma resposta e a sua gente continuasse a entrar, em breve a água submergiu o teto, e o sol e a lua foram obrigados a subir para o céu, onde ficaram desde então até agora.

O ELEFANTE E A TARTARUGA

Dois seres, Elefante e Chuva, tiveram uma disputa. Disse Elefante: – Se tu dizes que me alimentas, pode-se saber de que modo? Chuva respondeu: – Se tu dizes que não te alimento, não morrerás, quando me for embora? – E então Chuva foi-se embora.

Elefante disse: – Abutre! Tira a sorte para fazer com que chova para mim! – Abutre disse: – Eu não quero tirar a sorte.

Então Elefante disse ao Corvo: – Tira a sorte! – e Corvo respondeu: – Dá-me as coisas para tirar a sorte. – Corvo tirou a sorte e a chuva caiu. Chove tanto que fez alguns lagos, mas depois secaram todos, ficando só um.

Elefente foi à caça. Mas ficou tartaruga, à qual Elefante disse:– Tartaruga, fica perto da água! – Assim Tartaruga ficou lá, enquanto Elefante foi à caça.

Veio Girafa e disse a Tartaruga: – Dá-me água! Tartaruga respondeu: – A água é de Elefante.

Veio Zebra e disse a Tartaruga: – Dá-me água! Tartaruga respondeu: – A água é de Elefante.

Veio Antílope e disse a Tartaruga: – Dá-me água! – Tartaruga respondeu: – A água é de Elefante.

Veio Gnu e disse: – Dá-me água! – Tartaruga respondeu: – A água é de Elefante

Veio Gamo e disse a Tartaruga: – Dá-me água! Tartaruga respondeu: – A água é de Elefante.

Veio Gazela e disse a Tartaruga: – Dá-me água! Tartaruga disse: – A água é de Elefante.

Veio Chacal e disse a Tartaruga: – Dá-me água! Tartaruga disse: – A água é de Elevante.

Veio Leão e disse: – Tartaruguinha, dá-me água! – Tartaruga estava para falar, mas subitamente Leão a agarrou e lhe bateu. Leão bebeu água e desde aquele momento todos os animais beberam água.

Quando Elefante voltou da caça, disse: – Tartaruguinha onde está a água? – Tartaruga respondeu: – A água, os animais a beberam. – Elefante perguntou: – Tartaruguinha, devo mastigar-te ou engolir-te inteira? – Tartaruguinha disse: – Engole-me, por favor. – Então Elefante a engoliu inteira.

Quando Elefante engoliu Tartaruguinha, ela entrou-lhe no corpo e foi-lhe despedaçando o fígado, o coração e os rins. Elefante disse: – Tartaruguinha, tu me matas.

Assim morreu Elefante. Mas a pequena Tartaruga saiu da sua carcaça e foi para onde queria.

COMO A ABELHA CONSTRUTORA FOI BUSCAR O FOGO EM DEUS

Abutre, Coruja e Corvo estavam sem fogo, porque não havia fogo na terra. Então, como tinham necessidade de fogo, todas as aves se reuniram e perguntaram: – Onde encontraremos fogo?

Alguns pássaros disseram: – Talvez com Deus.

Então a Abelha Construtora, voluntariamente se ofereceu dizendo: – Quem quer vir comigo até à casa de Deus?

Responde Abutre, dizendo: – Nós iremos contigo, eu, Coruja e Corvo.

Assim, na manhã seguinte, despediram-se de todos os pássaros, dizendo: – Nós vamos ver se Deus pode dar-nos fogo. – Depois voaram embora. Depois de dez dias de viagem, caiu sobre a terra um montinho de ossinhos: era Abutre; pouco depois, caiu sobre a terra um outro montinho de ossinhos: era Coruja. A Abelha Construtora e Corvo seguiram sozinhos. Passados outros dez dias, um terceiro montinho de ossinhos caiu sobre a terra: era Corvo. A Abelha Construtora continuou sozinha. Passados outros dez dias ainda ela seguia em frente, descansando sobre as nuvens, mas não conseguia chegar ao céu.

Logo que Deus soube disto, foi ao encontro da Abelha Construtora; e, respondendo a Deus (o qual queria saber onde ela ia), a Abelha Construtora disse: – Chefe, eu não vou a nenhum lugar em particular. Vim somente perdir-te um pouco de fogo. Todos os meus companheiros caíram pelo caminho, mas eu continuei a viagem, porque desejava muitíssimo chegar onde está o deus-do-céu.

Então Deus respondeu-lhe, dizendo: – Abelha Construtora, já que chegaste até Mim, tu serás o chefe de todas as aves e répteis da terra. E agora te concedo uma graça. Não terás de procriar os teus filhos. Quando quiseres um filho, vai olhar numa espiga de trigo e encontrarás um inseto que se chama Ngongwa. Quando o tiveres encontrado, prende-o e leva-o para uma casa. Quando chegares a casa, procura a fornalha onde os homens preparam as coisas que comem e constrói aí uma casa para teu filho Ngongwa. Quando a acabares, mete-o dentro e deixa-o lá. Depois de muitos dias, vai olhá-lo. E um belo dia verás que ele se transformou e será agora igual a ti.

E hoje é assim: a Abelha Construtora, antes de construir uma casa, procura a fornalha, exatamente como Deus lhe ordenou.

A FORÇA DOS PEQUENOS

Um dia o leão reuniu os animais.

Ordem do leão: todos os animais, de qualquer gênero, espécie e tamanho, devem reconhecer o leão como seu rei.

Ouviu-se um murmurio geral, depois uma pequena voz se fez ouvir.

Era a porta-voz das formigas guerreiras.

Nós não aceitamos. Os nossos antepassados nos deram uma rainha e nós obedecemos somente às suas ordens!

O leão com um rugido furioso respondeu:

– tereis a vossa punição.

Em seguida todos se dispensaram. No fim da tarde os filhos do leão caçaram um porquinho e o esconderam numa moita. Enquanto foram convidar o chefe para banquetear-se com o porquinho, as formigas se reuniram tão numerosas que cobriram a savana. Devoraram o porquinho e se dispuseram em ordem de guerra. Ao pôr do sol o leão chegou magestoso com sua família. Então o exército das formigas entrou em ação. Os insetos caíram aos montes das ervas e das folhas sobre os azarados ou subiam pelas pernas. Os ferrões atacaram na pele do focinho, nas orelhas, nos olhos, nas narinas... Os leões, rugindo de dor, se jogavam às cegas contra as plantas, rolavam pelo chão... inutilmente.

Na manhã seguinte um abutre, passando em vôo rasante, viu aqui e ali a ossada nua da família do que havia pretendido impor-se como rei absoluto de todos os animais. E considerou que os poderosos não devem nunca despresar a força dos pequenos unidos.

Fonte: Contos Africanos
Fernando Correia da Silva
(Ed. Ediouro)

SUGESTÕES PARA UMA GINKANA MISSIONÁRIA

1. Encenar a aparição de N.S. Aparecida no rio (Paraíba) durante o tempo da escravidão no Brasil.
2. Apresentar com encenação o conteúdo da frase: "Africa nossos pais nos contaram".
3. Fazer um cartaz sobre a vida do negro no Brasil.
4. Fazer pesquisa de como surgiu o LEMA da Campanha Missionária/88: "África, nossos pais nos contaram."
5. Fazer um cartaz com a vida dos negros nos Quilombos.
6. Preparar uma celebração com o tema: **Negro**
7. Procurar no jornal do seu estado, todas as reportagens deste ano **sobre o negro.**
8. Escrever uma carta a um missionário brasileiro que foi enviado em missão para África.
9. Pesquisar na biblioteca da sua escola ou cidade, a vida de Zumbi.
10. Na sua escola quantos funcionários são negros? E quais as funções que exercem?
11. Pesquise sobre a história e atuação dos movimentos negros do Brasil.
12. Do século XVI ao século XIX, quantos negros africanos escravizados foram trazidos para o Brasil?
13. Pesquise a situação das crianças, velhos e famílias NEGRAS do seu bairro ou cidade.
    Que relação existe entre esta situação encontrada e as leis criadas a 'favor' do negro no Brasil: Ventre Livre (1871); Sexagenária (1885); Áurea (1888)?
14. Quais os países da África que foram DESPOVOADOS em conseqüência do tráfico de escravos?
15. Quais os tipos de RESISTÊNCIA vividos pelos negros perante a escravidão?
16. Pesquise a origem da comida Feijoada.
17. Alguns historiadores afirmam: "OS NEGROS ESCRAVIZADOS no período colonial, eram PÉS E MÃOS DOS SENHORES."
    Pesquise o porque desta afirmação.
19. Fazer **uma semana** de exposição missionária enriquecida pelos trabalhos da ginkana.
20. Citar o nome de dois poetas africanos contemporâneos.

SUGESTÃO DE JOGRAL

Este *jogral* pretende ser uma contribuição para que os negros e brancos entendam a VERDADEIRA história dos africanos escravizados e vendidos para quase o mundo inteiro.

Na seqüência do jogral começa-se a falar da vida do negro na África, antes, durante e depois da invasão dos portugueses, ingleses, espanhóis, franceses e holandeses na caça aos negros para o comércio negreiro.

É focalizada particularmente a vida dos escravos no Brasil.

O arbítrio, a ignorância, a violência, a miséria e os preconceitos que a sociedade escravista criou, ainda pesa sobre os negros. É uma situação que é fruto de acontecimentos históricos determinados.

Mas o negro com sua força, alegria e esperança, continua lutando por uma sociedade fraterna e justa.

1 – A África despovoada
Desestruturada também
O comércio triangular
Com as armas a mantém
para o Brasil traz escravos
para Europa leva bens

2 – Este círculo vicioso
Um clima de terror gerou
A segurança e anarquia
Instabilidade criou
Caçadores de escravos
com as tribos arrasou

3 – Na África as tribos
Eram nações organizadas
Formando muitas famílias
Com os seus antepassados
De acordo com o sexo
os trabalhos eram dados

4 – A família era força
Na formação da verdade
No preparo para a vida
Viviam sem crueldade
Produzindo o necessário
para o bem da sociedade

5 – No ano de mil e quinhentos
E trinta e dois, começou
O desembarque dos escravos
Que tanto nos humilhou
Com o sistema escravista
Que logo aqui se implantou

6 – E vinham de Moçambique,
Do Condo, Costa da Mina,
Chegavam arrebentados,
Cumprindo uma triste sina
Que o traficante lhes impunha
Açoite até que se fina.

7 – Quando saltavam em terra
Como um bando de animais,
Dali do porto seguiam
Logo pros canaviais,
E dos entes queridos
Notícias não tinham mais.

8 – De sete a dez anos era
O tempo de utilidade
Que cada escravo servia
Aos seus donos; – na verdade
Morriam de sol-a-sol
na grande propriedade.

9 – Eles iam para engenhos,
E para partidos de cana
Até que findasse o dia
Sem descanso na semana,
E a noite iam pra senzala
Que a todos na dor irmana

10 – Era a senzala um quadrado
De uma porta e sem janela,
Os negros eram jogados
Como bichos dentro dela
E ainda ficaram perto
Feitores de sentinela.

11 – A casa grande era forte
Do poder dos fazendeiros,
Mas para os escravos era
O símbolo vil dos negreiros.
O quartel do latifúndio
Oprimindo os brasileiros

12 – Ao lado sempre uma Igreja
Pra aquela gente rezar;
Quem tem o dinheiro no corpo
Fala em Deus pra enganar.
Não pode Deus ser usado
Por quem vive a explorar

13 – Onde estavam nossos padres
Naqueles dias de horror?
Como é que irão um dia
Prestar contas ao Senhor
Das omissões criminosas
Favorecendo o infrator?

14 – Por que não tomaram eles
A defesa dos escravos?
Nem dos "pardos" da Bahia,
Tão valentes e tão bravos?
É tempo de corrigir
Aqueles tristes agravos!

15 – O Padre Antonio Vieira
Seja por nós exaltado!
Ao invés de outros padres
Seja seu nome lembrado,
Por ter no momento certo
O seu grito levantado

16 – Honrou o cristianismo
No seu viver apostólico.
Com o seu discernimento
E racioconio lógico,
Acusou: – "É um comércio
Desumano e diabólico!"

17 – Mas os negros conspiraram
Se unindo na rebeldia,
E deram um grande exemplo
Ao nosso povo hoje em dia,
Que não topa mais grilhões
De nenhuma tirania.

18 – Lutar pela liberdade
Era tarefa primeira
De todos amontinados
Na floresta brasileira,
Onde treinavam pra luta
o jogo da capoeira.

19 – Todos então se juntaram
Em grande fraternidade,
Onde podiam mostrar
A sua dignidade
trabalhando, produzindo
Na maior felicidade.

20 – Houve eleições em Palmares
De gueirreiros destemidos.
E surgiram comandantes
Da parte dos oprimidos,
Respeitados por seus dotes
De serem bravos queridos.

21 – O comandante teria
De ser valente e capaz,
Teria que ser guerreiro
Inteligente e sagaz
E foi Zumbi escolhido
Por ser um bravo rapaz.

22 – E na Serra da Barriga
Logo um grupo se internou,
Em mil seiscentos e um
A história registrou
Nas matas de Pernambuco,
E a luta então começou.

23 – Por sua dignidade
O negro sempre lutou.
Do seu sangue derramado
Que a nossa terra adubou,
Um jardim de liberdade
Dentro das matas brotou.

24 – Sob a luz da liberdade
Nossa pátria se formou:
E a luz dos palmarinos
Foi quem de fato marcou
A firmeza deste povo
Que a opressão nunca dobrou.

INFORMAÇÕES

COLABORAÇÃO DA IGREJA DO BRASIL PARA AS MISSÕES DA IGREJA UNIVERSAL

Nº	REGIONAL	COLETA 1985 (Cz$)	COLETA 1986 (Cz$)	COLETA 1987 (Cz$)
01	NORTE I	120.811.642,	358.417,20	728.529,00
02	NORTE II	57.537.785,	169.953,56	376.456,00
03	NORDESTE I	37.051.965,	92.894,80	61.628,50
04	NORDESTE II	78.364.205,	255.919,69	492.514,30
05	NORDESTE III	55.227.930,	167.299,23	194.008,00
06	NORDESTE IV	26.513.647,	88.920,30	238.354,60
07	LESTE I	309.648.810,	904.241,43	3.181.507,15
08	LESTE II	577.947.316,	1.656.227,16	4.620.219,24
09	SUL I	699.251.242,	1.854.741,30	6.369.073,05
10	SUL II	417.059.019,	1.131.887,79	2.653.038,30
11	SUL III	199.554.527,	556.455,32	942.524,90
12	SUL IV	65.878.802,	223.426,00	394.681,60
13	CENTRO OESTE	103.614.976,	253.434,45	551.875,00
14	EXTREMO OESTE	77.887.372,	242.605,85	664.426,00
TOTAL (Cz$)		2.826.349.238,	7.956.424,08	21.468.835,64

ESTIMATIVA DO NÚMERO DE CATÓLICOS NO MUNDO.

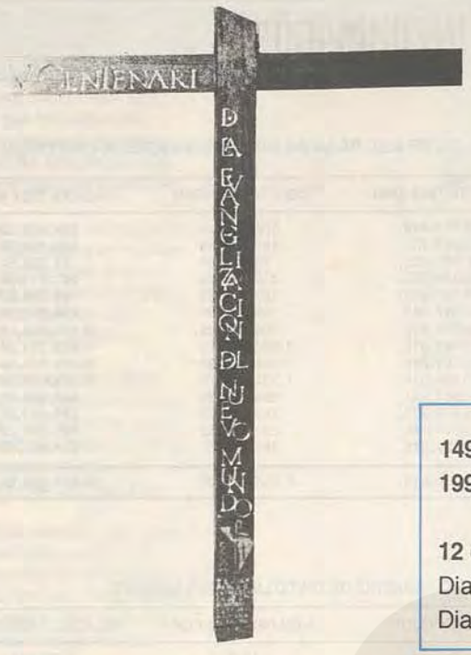
CONTINENTES	Nº CATÓLICOS	% EM RELAÇÃO POP.	RELAÇÃO PADRE/HAB
ÁFRICA	72,6 milhões	13,0	1 30.747
ÁSIA	72,1 milhões	2,5	1 57.562
AMÉRICAS	422,6 milhões	63,0	1 5.610
EUROPA	278,0 milhões	39,0	1 2.091
OCEANIA	6,4 milhões	26,0	1 4.433
TOTAL	851 milhões	=	=

No mundo temos ainda:
3.978 bispos católicos; 253.319 sacerdotes diocesanos; 150.161 sacerdotes religiosos; 917.432 religiosas
Fonte: Revista Grande Sinal da Vozes – edição especial

ESTIMATIVA DO NÚMERO DE ADEPTOS DAS PRINCIPAIS RELIGIÕES

Religiões	América do Norte	América do Sul	Europa	Ásia	África	Oceania	Mundo
Ortodoxos	5.320.400	330.400	43.430.300	2.800.000	6.700.200	370.000	58.951.100
Protestantes	113.700.000	10.000.400	108.809.500	45.329.800	82.800.100	13.129.800	373.769.600
Judeus	7.630.000	720.200	3.800.100	4.480.200	227.500	74.000	16.932.000
Muçulmanos	1.820.300	390.100	20.400.000	381.700.800	150.300.000	89.000	554.700.200
Zoroástricos	2.700	2.600	14.000	230.000	1.500	–	250.800
Xintoístas	48.000	–	–	32.000.000	–	–	32.048.000
Taoístas	30.000	11.000	12.000	20.000.000	–	3.000	20.056.000
Confucionistas	100.000	56.000	410.000	150.400.000	–	18.000	150.984.000
Budistas	350.200	248.000	210.000	246.740.300	15.000	24.000	247.587.500
Hinduístas	380.000	615.200	390.000	461.300.000	800.000	325.000	463.815.200
POPULAÇÃO	400.802.000	268.825.000	775.310.000	2.819.081.000	553.210.000	24.458.000	4.842.046.000

Fonte: 1986 – Britannica Book of the Year



1492
1992

12 de Outubro:
Dia da América
Dia de N. Sra. Aparecida

QUINHENTOS ANOS DE VIDA MISSIONÁRIA NA AMÉRICA LATINA

Em 1992 estaremos celebrando um **"Jubileu Especial"**, *quinhentos anos de presença missionária na América Latina. Para esse acontecimento João Paulo II pede que todas as dioceses se preparem com uma* **novena de anos.** *Será uma novena missionária.*

Fé: 12/outubro de 84 a 85: Vocação à fé cristã
12/outubro de 85 a 86: Resposta a Cristo
12/outubro de 86 a 87: Compromissos do Batismo

Esperança: 12/outubro de 87 a 88: Necessidade da salvação
12/outubro de 88 a 89: Conversão
12/outubro de 89 a 90: Vida Nova

Caridade: 12/outubro de 90 a 91: Comunhão com Deus e os irmãos
12/outubro de 91 a 92: Igreja
12/outubro de 1992...: Civilização do AMOR

MÃE DOS NEGROS

Vou a procura de um artista negro
que pinte uma Virgem negra,
uma Virgem com um lindo "Keyowa"[1]
como é costume de nossas mães.

Tu bem sabes, ó Mãe!
Te deram a sua cor os amarelos,
vermelha os de pele vermelha.
Qual filha do Ocidente
Te representaram os homens
estais talvez com receio
de assumir a nossa cor?

Do dia em que fostes levada
desta terra
em grande triunfo
e entrastes na glória
tu não tens mais cor.

Mas, te tornastes
o adorno de cada cor:
Sois amarela para os amarelos,
vermelha para os vermelhos,
branca para os brancos
e negra para os negros.

Como Mãe de muitos filhos
de cores diferentes,
a qual em cada um deles,
de modo igual te encontras.

Assim, tu és ó Mãe,
Mãe dos negros,
Mãe de cor negra,
que traz no seu dorso,
adormecido, o Menino Jesus.

Uma Virgem com um lindo "keyowa"
como é costume de nossas mães,
uma Virgem de lindo rosto negro
que um pintor negro visualizou um dia.

1. Keyowa – Pano com o qual carrega o bebê nas costas.

O SONHO DE LUTHER KING

Sonhei que um dia este país se ultrapassaria a sí próprio e viveria de acôrdo com as autênticas convicções de seu credo.

Proclamamos uma verdade evidente por si mesma:

Todos os homens são iguais.

Sonhei que um dia, nas colinas da Georgia, os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos amos de escravos, se sentariam juntos à mesma mesa fraterna.

Sonhei que os meus quatro filhos negros viveriam um dia numa nação onde não serão julgados pela côr da pele mas pela sua personalidade.

Tive hoje este sonho.

sonhei que um dia meninos e meninas negros darão as mãos a meninos e meninas brancos como irmãos e irmãs.

Tive hoje este sonho.

... Negros e brancos, todos temos necessidades de emancipação e de compreensão. Precisamos uns dos outros para criar um novo vínculo de união entre nós. Se o meu protesto de não violência fracassar, eu continuarei a ensiná-lo...

Só tenho uma arma: o amor.

Com as nossas ações podemos escrever um novo capítulo luminoso na história. Nestas horas agitadas em que cada um de nós sente na sua carne a provação, ainda temos tempo para fazer frente ao futuro com uma consciência tranqüila.

SE EU MORRER, SERÁ PARA QUE TU SEJAS LIVRE.

Luther King

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
PRESIDÊNCIA E CEP (V) Reunião 4ª
Brasília-DF., 22 a 24 de setembro de 1987

C A M P A N H A D A F R A T E R N I D A D E

I - CRONOGRAMA

MÊS	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL
A) MAIO	1. Preparar o Encontro Nacional da CF	
	a - Circular convocatória	- Secretário Geral e Assessor CF
	b - Preparação do Relatório Financeiro da CF-1	- Tesoureiro
	c - Preparação de pauta, horário, etc.	- Coordenação (Grupo de assessores)
	d - Envio da Lista de Pedidos de material da CF-2	
	e - Seleção de Músicas (Missa CF-2)	- Assessor de Liturgia e júri ad hoc
	f - Animar o Concurso de Cartazes CF-2	- Assessor CF e Setor de Comunicação
	2. Realizar o Encontro Nacional da CF	- Secretário Geral; Coordenação da CF, Coordenadores da CF, Assessores Nacionais
	a - Avaliação da CF-1 que termina	
	b - Preparação da próxima CF (Texto-Base - CF-2)	
	c - Escolha do Tema da CF seguinte (CF-3)	- CEP
	d - Escolha final das músicas da CF-2 (Missa)	- Assessor de Liturgia e Coordenadores CF 2 assessores nacionais
	e - Escolha final do Cartaz da CF-2	- Coordenadores da CF, Assessores Nacionais
	f - Coleta dos pedidos de material da CF-2	- Assessor CF
	h - Indicação do grupo para esquema do Texto-Base da CF-3 que orientará os concursos de letra e música e cartaz	- CEP
B) JUNHO E JULHO	1. Preparar relatório do Encontro Nacional para o Comunicado Mensal	- Assessor da CF
	2. Fazer mapa geral dos pedidos de material da CF-2	- Assessor da CF
	3. Fazer melhorias no Texto-Base para a CF-2 e sua aprovação	- Grupo de trabalho e CEP
	4. Enviar Cartaz de agradecimento aos concorrentes do concurso de cartaz da CF-2	- Assessor da CF
	5. Orientar a produção do roteiro para audio-visual para a CF-2 (textos, cartaz, discos...)	- Assessor da CF e MCS
	6. Realizar contatos com gráficas e gravadoras para orçamentos da confecção do material da CF-2	- Assessor da CF
	7. Diagramação e impressão do Texto-base CF-2	- Assessor da CF
	8. Acompanhar o trabalho de arte final e fotolitos do cartaz da CF-2	- Assessor da CF
	9. Providenciar a elaboração dos diversos subsídios que entram no Manual da CF-2 vários colaboradores. Enviar Texto-Base CF-2 como fonte (mimeografado)	- Assessor da CF e Assessor de Catequese - Assessor de Liturgia

	10. Providenciar os arranjos da Missa para CF-2 e gravação da fita matriz	- Assessor Liturgia (Assessor de Música)
C) 2ª QUINZENA DE JULHO	1. Redação final dos subsídios da CF-2; ilustrações	- Assessor da CF
	2. Entregar à gráfica: material do Manual da CF-2 : fotolitos - cartazes e capa Manual CF-2 : Prever as separatas da CF-2	- Assessor da CF
	3. Entregar à gravadora: fita matriz da Missa CF-2 : fotolitos da capa do Disco CF-2 : contra capa do Disco CF-2 : selo do disco: CF-2	- Assessor da CF
	4. Solicitar à gráfica impressão folhetos com partitura da Missa, que são enviados à gravadora para encarte no disco. (200 a mais para uso CNBB)	- Assessor de Liturgia (Música)
	5. Revisão do Texto-Base CF-2 e impressão definitiva	- Assessor da CF
D) AGOSTO E SETEMBRO	1. Revisão do Manual na gráfica, separatas, etc.	- Assessor da CF
	2. Fornecer relação dos pedidos de material à gráfica e gravadora	- Assessor da CF
	3. Enviar o Texto-Base CF-2 aos coordenadores da CF	- Assessor da CF
	4. Realizar contatos com publicitários para produção do Mini-filme, jingle e spot CF-2	- Assessor MCS
	5. Lançamento Concurso de Letras da Missa CF-3 (Carta, orientações, síntese do texto-base CF-3)	- Assessor Liturgia (Música)
E) OUTUBRO E NOVEMBRO	1. Expedição do material da CF-2 a quem encomendou	- Gráfica e gravadora
	2. Enviar Carta ao Secretário de Estado do Vaticano, solicitando Mensagem ao Santo Padre para lançamento da CF-2 na 4ª feira de Cinzas (Enviar junto o material da CF-2)	- Presidente CNBB
	3. Enviar Carta a ABERT solicitando formação da Rede de Rádio e Televisão para o lançamento da CF-2 na 4ª feira de Cinzas e utilização do material	- Presidente CNBB
	4. Acompanhar produção Mini-filme, jingle e spot para a CF-2	- Assessores MCS e CF
	5. Acompanhar produção audio-visual da CF-2	- Assessor MCS e CF Secretário Geral e Equip. de assessoria
	6. Aprovação do Mini-filme para a CF-2	
F) DEZEMBRO E JANEIRO	1. Realizar a escolha das Letras para a Missa CF-3	- Assessor liturgia (Música)
	2. Enviar carta de agradecimento aos concorrentes concurso de Letras CF-3	- Assessor liturgia (Música)
	3. Lançar o Concurso da Música da Missa CF-3 (Carta, orientações, letras)	- Assessor Liturgia (Música)
	4. Fazer à Mixagem da Mensagem do Santo Padre para a CF-2	- Assessor da CF e EBN

	5. Enviar as cópias dos Filmes para TV e Cinema e os Discos para Rádios	- Assessor CF
G) FEVEREIRO	1. Na 4ª Feira de Cinzas: . Abertura Oficial da CF-2 - Entrevista coletiva à Imprensa	- Presidência CNBB
	2. Lançar o Concurso do Cartaz da CF-3 (Carta, orientações, síntese do tema CF-3)	- Assessor CF
H) MARÇO E ABRIL	1. Enviar Cartas de agradecimentos aos colaboradores: Vaticano, ABERT, E.B.N., Agências Cinematográficas, etc.	- Secretário Geral
	2. Rever Arquivo de todo o material da CF-1 2 e 3 tanto o produzido pelo Nacional como pelos Regionais e outros...	- Assessor CF
	3. Enviar Carta convocatória para o Encontro Nacional da CF	- Assessor CF
	4. Avaliação FINAL da Coordenação central da CF	- Assessor CF e equipe
I) MAIO	Reinício do Processo	- Secretário Geral Assessor da CF, e Assessores Nacionais da CNBB

II - OUTRAS ATIVIDADES DA CF

1. Correspondência

   . Há muito pedido de informações sobre a CF e sobre materiais de anos anteriores.
   . Das bases chegam cartas relatando como foi realizada a CF, alguns resultados alcançados, críticas, sugestões, etc.
   . Há correspondências (intermédias) com concorrentes dos concursos (letra, música, cartazes) que desejam maiores informações que as constantes na Circular. O mesmo acontece com os elaboradores de subsídios.

   NB: A correspondência cresce ano a ano.

2. Telefonemas

   . É crescente o número de telefonemas das mais variadas procedências e sobre os mais diversos aspectos da CF.

3. Manutenção do Arquivo (memória da CF)

   . de correspondência
   . de material (subsídios) em seus diversos passos
   . de produções das bases
   . do intercâmbio com outros países

4. Viagens

   . Aos Regionais para treinamento e animação de Coordenadores Diocesanos da CF.
   . dos participantes do Encontro Nacional da CF
   da Equipe de elaboração do Texto-base

5. Expedição e cobrança dos materiais da CF

   .Pedidos de material (diocese,regional,paróquia...)

   .Expedição: correio,transportadora,sedex,avião...
   por reembolso....

   .Notas Fiscais,cobrança bancária,reembolso...

   .livrarias e rede de redistribuidores

   .implantação de serviço de computação (programas especiais de computador para as necessidades da CF:endereçamento,faturamento,banco de dados,elaboração de textos...)

III - ALGUNS ENTRAVES NO PROCESSO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE

. A falta de ANIMAÇÃO a nível nacional, regional e diocesano, no sentido de ajudar a fazer crescer uma verdadeira mística da CF (processo evangelizador nacional, unidade de pastoral, enfoque libertador e renovadorda quaresma, iluminação do restante do ano pastoral pelo tema da CF, etc.).

. A falta de um aprofundamento teológico do evento "Campanha da Fraternidade" para se evitar cair na rotina ou apenas em campanha superficial de um tema sem muito enraizamento na conversão e na ação transformadora.

. Atrazo no envio à CNBB Nacional dos 10% da Coleta da CF.

. O processo de elaboração do Texto-base e demais subsídios da CF. Questiona-se quais os subsídios devem permanecer com a CNBB Nacional?

CEDIM

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

3ª VERSÃO

"COMUNICAÇAO PARA A VERDADE E A PAZ"

CF 89 - FRATERNIDADE E COMUNICAÇÃO

TEXTO BASE

CEDIM

INSTRUMENTO DE TRABALHO PARA USO INTERNO. FAVOR NÃO DIVULGAR

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 01

Tema 01

Lema 02

Texto Base 03

I PARTE: VER - O Processo de Comunicação na Sociedade 04

O Processo de Comunicação na Sociedade 04
Comunicação Social 05
Meios de Comunicação e Poder 06
Meios de Comunicação no Brasil 07
A NOMIC 08
Políticas de Comunicação 09
Meios de Comunicação e Cultura 10
Comunicação Popular Alternativa 11
Comunicação na Igreja 12
Igreja e Meios de Comunicação 14

II PARTE: JULGAR

Critérios para Análise da Comunicação 18
a) Elementos para uma Comunicação Verdadeira 19
b) Princípios Liberais 20
c) Comunicação como Fato Ético 22
Comunicação como Fato Teológico-Pastoral 24
a) Deus cria uma História de Comunicação 24
B) O Pecado rompe a COmunicação 24
c) Os Profetas reconduzem o Povo à Comunicação 25
d) Cristo é a perfeita Comunicação com o Pai 26
e) A Comunicação nas primeiras Comunidades Cristãs. modelo de Communicação para a Igreja hoje 28
f) A Comunicação dentro da Igreja 29

III PARTE: AGIR

Critérios para a Ação
3.1 Processo da Comunicação na Sociedade 32
3.2 Processo de Comunicação na e pela Igreja 33
3.2.1 Ação diante dos Meios 34
3.2.2 Ação através dos Meios de Comunicação 37
3.2.3 Ação nos Meios de Comunicação 39

Referências 40
Princípios Cristãos de Comunicação 41
Algumas Técnicas para analisar os Meios de Comunicação 46
Bibliografia Sumária 49

INTRODUÇÃO

CF:o que é

1. A Campanha da Fraternidade - CF - realizada no Brasil há 26 anos, durante a Quaresma, é um tempo extraordinário de evangelização em nosso país. A Campanha se realiza nas comunidades da Igreja e pretende promover a fraternidade em todos os ambientes sociais. A fraternidade pertence à mensagem central do Evangelho e é o primeiro caminho de conversão de vida para os cristãos. Evangelizar é anunciar que, em Cristo, todos somos chamados a viver como filhos de Deus e irmãos entre nós.

CF: objetivos

2. A evangelização através da CF, se faz, cada ano, a partir de um tema especial que toca profundamente a vida das pessoas, a estrutura da sociedade e a própria ação da Igreja. É uma evangelização que não quer comunicar simples verdades, mas transmitir um apelo concreto de mudança de vida. Assim, anualmente, durante a Quaresma, a CF convida todos a se converterem e reevangelizarem, dando uma dimensão concreta à renovação Pascal. É uma ajuda para viver o sentido pleno da Quaresma, num processo de conversão continua, que, partindo do coração se expressa na vida concreta de cada dia.

CF e Liturgia Queresmal

3. A Liturgia realiza e celebra o mistério da comunicação de Deus com os homens, por Cristo, no dom do Espírito Santo. A comunidade reunida em nome do Senhor, anuncia a Páscoa do Senhor, crescendo em reconciliação e amor fraterno. O Evangelho que se proclama na Quaresma deste ano é segundo Lucas. A mensagem de conversão e penitência, condição da vida nova, nos chega através do apelo à oração com o Pai e à reconciliação e perdão nas parábolas do Filho Pródigo e da Mulher adúltera. Igualmente, as figuras de Abraão, Moisés e Josué, evocam fortemente a comunicação de Deus com seu povo escolhido.

O dinamismo da CF

A Liturgia Quaresmal é sempre um espaço privilegiado de realização da Campanha da Fraternidade. Para isso são oferecidos subsídios e as comunidades são vivamente incentivadas a produzir outros que melhor respondam à sua realidade. Mas a CF quer ir além das celebrações litúrgicas. Ela deve se derramar para fora da comunidade, nos grupos de reflexão, em dias de estudos e debates.
A CF quer chegar, como mensagem, a todos os ambientes da vida social. Nesse sentido ela é um forte apelo à criatividade evangelizadora das comunidades, grupos, movimentos e organismos eclesiais.

TEMA

O tema de 1989

4. O tema da CF deste ano é "Fraternidade e Comunicação". A CF apela para dois aspectos da realidade da comunicação, um mais abrangente, outro mais especifico. O primeiro é o da comunicação como tal, e se refere ao modo de as pessoas se relacionarem e intercambiarem valores e

idéias, tanto na comunidade eclesial como na sociedade. O segundo é o da comunicação produzida pelo vasto e complexo conjunto dos meios modernos que constituem uma das características de nossa civilização (1).

Comunicação e Fraternidade

5. Comunicação e fraternidade andam juntas. A comunicação aproxima as pessoas e contribui para que adquiram consciência mais profunda da vida comunitária. A CF questiona a comunicação na Igreja e o testemunho de diálogo e comunhão dos cristãos entre si e no seu relacionamento com o mundo (2)

MCS e Fraternidade

6. O segundo âmbito a ser atingido pela CF é o universo dos modernos Meios de Comunicação Social (A), que tanto se desenvolveu nos últimos 40 anos e tende a desenvolver-se muito mais. Já Paulo VI chamava a atenção para sua influência crescente (3). A CF apela para que a Comunicação de Massa produza fraternidade, aproxime pessoas, construa comunidades e elimine barreiras. Convida os profissionais da Comunicação a utilizarem os Meios à sua disposição para promover a solidariedade e a participação, superando todo fanatismo e abuso do poder. Espera, enfim, que um dia, comunicar signifique fraternizar e comunicação se refira à solidariedade, como propôs João Paulo II, em sua mensagem para o XXII Dia Mundial da Comunicação, em 15 de maio de 1987.

Objetivos da CF-89

7. No tocante a este segundo âmbito, a CF quer ainda despertar a consciência crítica do receptor no uso dos mídia, como atitude interior necessária para a Comunicação da Verdade e da Paz. Quer também conscientizar os receptores sobre seu papel de agentes de influência na orientação de programas nos Meios de Comunicação.

LEMA

O Lema de 1989

8. "Comunicação para a Verdade e a Paz" é o lema da CF deste ano. Quando a Verdade é a norma da Comunicação, gera Paz e entendimento entre as pessoas e as classes sociais. Verdade e Paz são os objetivos a serem alcançados em todo processo de comunicação criadora de fraternidade.

O Lema e Ambiguidade dos MCS

9. Os mídia são ampliadores dos processos pessoais, grupais e comunitários de Comunicação. São capazes de fazer as pessoas reunirem-se "como em mesa redonda, para o

---

1. Cf. Paulo VI, Communio et Progressio, n.11.
2. Idem, n.8
3. Cf. Paulo VI, Mensagem para o I Dia Mundial das Comunicações, 02.05.1967, Documentos Pontifícios, n.199, Editora Vozes, Petropólis, RJ.

convivio fraterno e ação comum" (4). Mas são também capazes de destruir, desunir, criar inimizades e preconceitos. Os vínculos de fraternidade que produzem a paz na verdade, seriam, no entanto, "o mais belo resultado da comunicação de massa, hoje" (5).

TEXTO-BASE

Objetivo e alcance do Texto-base

10. Este Texto-Base é um instrumento de trabalho para as comunidades refletir e agir a partir da ótica cristã na área da comunicação. Contém ainda, uma bibliografia resumida, que deverá ajudar a aprofundar os temas propostos. É o texto principal da CF, oferecido pela CNBB como fonte primeira para os Agentes de Pastoral e as Comunidades desenvolverem a CF - 89.

1) Ver

11. A primeira parte oferece subsídios para que as comunidades possam "VER" e analisar o fenômeno da Comunicação e o uso dos mídias pela sociedade. A Igreja quer, também, rever sua própria Comunicação e o uso dos meios tanto da sociedade como seus. O importante, nesta primeira parte é distinguir "processo" e "meios".

2) Jugar

12. A segunda parte pretende indicar critérios para que as comunidades possam "JULGAR" o uso que a sociedade e a Igreja fazem do processo e dos meios de Comunicação Social. Os critérios são apresentados a partir da reflexão sobre a natureza da Comunicaão, vista à luz dos valores humanos, dos ensinamentos de Cristo e do magistério da Igreja.

3) Agir

13. A terceira parte apresenta propostas para o "AGIR" em nível nacional, regional ou diocesano. Estas propostas surgem do VER e das reflexões do JULGAR. Muitas vieram de Agentes de Pastoral e outras surgirão ao longo da CF, resultado da experiência e da necessidade de nossas comunidades. Todas elas ajudarão a organizar ou reafirmar a Pastoral da Comunicação e nos Meios de Comunicação, no Brasil e sobretudo a Comunicação na Pastoral, na Evangelização.

---

4. Paulo VI, Communio et Progressio, n.19.
5. João Paulo II, Mensagem para o XXII Dia Mundial das Comunicçõoes, 15.05.1988

I PARTE: VER

O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE

Comunicação: o que é

14. "A Comunicação humana é um fenômeno essencialmente dialogal. Isso implica a troca de experiência entre os envolvidos no processo de comunicação. Por ser dialógica, trata-se de um processo de produção e recepção de mensagem e entre as pessoas, superando a mera informação de dados. Implica ainda, um compartilhar o mesmo lugar social, onde o código, a mensagem e os pontos de referência estão igualmente distribuídos entre os parceiros da comunicação.
Onde uma só pessoa domina o código, o meio, não há interação e nem liberdade, por isso não há comunicação.
Só existe autêntica comunicação humana quando o comunicador dá o que é, numa atitude de abertura para o outro, a ponto de se identificar ele, sem o subjugar" (6).

Comunicação Interpessoal

15 Comunicação Interpessoal é a conversa, o bate-papo, o diálogo, a relação entre duas pessoas. Este tipo de Comunicação pode acontecer rosto-a-rosto (direto) ou à distância (por carta ou telefone). A linguagem desta relação pode ser verbal (por fala ou escrita) e não-verbal (por gestos, desenho sons, silêncio). Neste nível de Comunicação, ao mesmo tempo, o emissor é receptor, e o receptor é emissor, numa dimensão verdadeiramente dialógica e participativa. Por isso, o amor é a forma completa da Comunicação interpessoal (7).

Comunicação Intrapessoal

16. A Comunicação intrapessoal consiste na relação de cada um de nós com nosso entorno físico, psíquico, culturale espiritual. É o processo pelo qual o indivíduo percebe, interpreta e dá sentido à informação que lhe chega do mundo exterior e de sua própria realidade pessoal (8).

Comunicação Grupal

17. A Comunicação Grupal acontece numa reunião de poucas pessoas em que todos os presentes participam constantemente. As características desta participação são diferentes, de acordo com o tamanho do grupo. O que importa é que todos, sucessiva e alternadamente sejam emissores e receptores na reunião de grupo. Se um só fala e os outros escutam, tipo sala de aula tradicional, não há comunicação grupal. Neste tipo de comunicação todos trocam opinião, experiência e sentimentos.

C.G. Alcances e limites

18. A Comunicação se verifica entre os diversos grupos e pessoas na sociedade: família, bairro, trabalho, organizações sociais e políticas. Nestes grupos, a Comunicação, em geral, não é verdadeiramente fraterna, igualitária, respeitadora do outro. Existem preconceitos que fazem crer que há grupos e classes inferiores, desprezíveis e que são discriminados, excluídos de uma

---

6. Cf. Carta aos Comunicadores, Edições Paulinas, 1984.
7. Cf. 1Cor 13.
8. Cf. Comunicación, Misión y Desafío, DECOS-CELAM, Centro de Publicaciones del CELAM, Bogotá, 1986. 322 p.

comunicação verdadeira. É o caso do racismo, do sexismo, entre outros. Falta comunicação.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

C.S.:alcance e limites

19. A Comunicação Social realiza-se através dos grandes e modernos Meios como, a televisão, o rádio, o cinema, a imprensa. Este tipo de Comunicação, nasceu com estes grandes Meios e com eles se desenvolveu, a tal ponto de serem confundidos, como se fossem sinônimos. Porém, no estágio atual não é a sociedade comunicando-se com a sociedade, porque o emissor é uma empresa, o governo, um grupo politico ou religioso, e o receptor é o público. O público é anônimo (não sei quem é), disperso (não sei onde está) e heterogêneo (todas as classes, idades). É uma Comunicação para todos e a ninguém em concreto. Leva o público a aceitar, não poucas vezes, passiva e emotivamente, tudo o que se transmite.
A seguir, algumas características da Comunicação de Massa e Grupal, como ponto referencial para a análise.

Comunicação de Massa	Comunicação Grupal
Universaliza	Cria a consciência de..
Socializa despersonalizando	Personaliza socializando
Massifica	Forma opinião
Manipula	Conscientiza
Sustenta o poder econômico e politico	Favorece a expressão de pessoas e grupos
Desenvolve a consciência de tudo que acontece no mundo	Suscita interesses de classe, casa ou grupo
Provoca um "feed back"	"feed back" imediato e controlável
Atenua as diferenças culturais	Reforça a autonomia cultural
Tende para a sofisticação	Tende para a autenticidade
Determina o consumidor passivo	Promove a consciência crítica
↓	↓
Cria Massa	Cria Povo

Dimensão dos Meios

20. Em linhas gerais, os modernos Meios de Comunicação podem ser divididos em:

a) - Meios gigantes: possibilitam a Comunicação a enormes distâncias com incrível velocidade e interação de diversos veículos: eletrônica, informátaica, telemática. Eles coletam dados, processam- nos e os distribuem, simultaneamente, a todos os cantos do mundo.
Através destes Meios, Governos e Empresas podem controlar a sociedade (B).

Meios: Grandes e Médios

b) - Grandes e/ou Médios Meios: têm seu domínio restrito a determinadas áreas geográficas e o controle sobre eles é exercido com maior facilidade pelas políticas nacionais de comunicação. Entre eles estão: imprensa,cinema, rádio e televisão. Em cada país, existem legislações e costumes que podem ser modificados, a partir do jogo das forças econômicas, de interesses políticos e práticas culturais.

Meios Pequenos

c) - Pequenos Meios são os acessíveis a um grupo ou comunidade, como alto-falante, mimeógrafo, audiovisual, jornal mural, boletim. Podem ser até tecnologicamente avançados, como é o caso do vídeo e do computador de uso doméstico, mas serão sempre "meios grupais de Comunicação".

Valores e limites dos Meios de Comunicação

21. Esses Meios de Comunicação apresentam riquezas indiscutíveis tais como: registrar e difundir dados que fornecem elementos para analisar o mundo, criar linguagens novas e próprias, requer trabalho em equipe. Por outro lado, não estão imunes à manipulação pelo poder econômico, político e ideológico.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E PODER

MCS e elite

22. Todos os Gramdes Meios de Comunicação se desenvolveram no século XX. Acompanharam, ora como causa, ora como efeito, a industrialização e a implantação dos sistemas capitalista e socialista. Foram chamados "meios de massa", mas nasceram e ainda se conservam como "meios de elite", sobretudo a "elite do poder". Alcançam as massas e as utilizam, em vista de seus próprios interesses.

M.C.S. e os poderosos

23. Os problemas da Comunicação foram assumindo caráter político, ideológico e econômico e dominados por grupos:

a) 90% de rádio e TV estão em mãos de poderosos grupos localizados em cinco países.

b) 79% do "mercado da notícia" no mundo são controlados por quatro agências (C).

c) 70% do "mercado publicitário" são controlados por 10 agências do primeiro mundo. Destas, apenas uma é japonesa. As demais são americanas; e a maioria, atua no Brasil.

A dominação dos MCS

24. Essa dominação refere-se tanto a equipamentos originais ou peças de reposição, quanto aos produtos

prontos (enlatados) como filmes, desenho animado, videoclips, programas religiosos, comerciais. Há uma verdadeira "guerra de mercado" para impor ao terceiro mundo sistemas, instrumentos e produtos fabricados no primeiro mundo. O capitalismo, o socialismo e o fanatismo religiosos utilizam sempre mais a "tecnologia da comunicação" e a circulação de informação" para manter e defender o controle do poder.

MCS:hipnotização das massas

25. Os meios se tornaram, na verdade, um dos grandes sustentáculos do poder. A "pressão informativa" provenientes do excesso de estímulos sonoros e audiovisuais vai reduzindo a capacidade de juízo crítico. Neste processo, muitos receptores se tornam obedientes ao consumo imposto, aos interesses políticos, econômicos, culturais e religiosos que sustentam e reproduzem a estrutura do poder.

Atenção: Discutir o que é mais importante

26. É importante discutir a influência negativa e positiva dos Meios de Comunicação sobre o comportamento das pessoas. Entretanto, é preciso não desviar a atenção de questões mais profundas como: natureza do processo de Comunicação, o direito à mesma por parte de pessoas e grupos e a participação do povo no elaborar e no executar políticas de Comunicação que definem quem tem e quem não tem poder.

> A informação está cada vez mais ligada às atividades econômicas ou culturais. Os bancos de dados integram uma quantidade de informações diversas inimagináveis até agora. Sabe-se que a sua utilização pode trazer consigo toda sorte de pressões ou de violências sobre a vida privada epública. A administração sábia destes Meios se torna a verdadeira condição da paz.
>
> João Paulo II, mensagem para o Dia Mundial das comunicações, de 1988, Col, D.P. n.217.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

27. Entre os países do Terceiro Mundo, o Brasil ocupa um dos primeiros lugares na expansão do Meios de Comunicação. A seguir alguns dados.

Datas Históricas

1852 - introdução do telégrafo
1874 - cabo telegráfico submarino
1877 - primeiras linhas telefônicas
07/09/1922 - primeira transmissão radiofônica.
1950 - início do funcionamento da televisão. Em 1972 é introduzida a TV em cores.

1960 - cria-se o Serviço Nacional de Telex.
1960 - integra-se o sistema de micro-ondas Rio-Belo-Horizonte-Brasília-Goiânia.
1965 - integra-se ao sistema Intelsat
1967 - Cria-se o Ministério das Comunicações
1969 - Primeira transmissão de TV, via satélite
1975 - inaugura-se o sistema DDI
1985 - instala-se o primeiro satélite doméstico Brasil-Sat 1
1986 - instala-se o Brasil-Sat 2

28. Em 1988, no Brasil:

a) Mais de duas mil localidades possuem DDI.

b) São quase 200 estações de TV em funcionamento, atingindo 90% do território.

A situação hoje

c) Há mais de duas mil estações de rádio, ouvidas por 70% das famílias.

d) A imprensa alcança 20% da população.

e) No campo das revistas, 80% do mercado é controlado por uma empresa.

f) 60% do mercado fonográfico é propriedade de multinacionais.

g) Há um grande desenvolvimento do videocassete.

h) A indústria da informática está em pleno desenvolvimento.

i) O Brasil tem uma lei de reserva de mercado da informática.

MSC: Novos Caminhos

A NOMIC

29. Uma tentativa de romper com o domínio do poder sobre a Comunicação e democratizar o sistema de informação, a NOMIC - Nova Ordem da Informação e Comunicação (D) - faz as seguintes propostas:

a) Um novo sistema de propriedade, que pede a ruptura dos sistemas monopolísticos do Estado e da empresa privada, tanto das estruturas da Comunicação quanto dos recursos tecnológicos.

b) Uma nova presença do público, com atitude e mecanismos de participação.

c) Um novo propósito, o serviço social, o bem comum, a defesa dos direitos populares.

d) Um novo comunicador, formado para prestar serviços à coletividade e não aos interesses privados.

e) Um novo receptor, formado para discutir, discernir e participar.

f) Uma nova legislação nacional e internacional orientada para a promoção e a garantia, não só do direito de opinar e de informar, não só do direito à segurança e à ordem pública, mas também orientada para a promoção e a garantia da participação dos membros da sociedade na gestão, uso e desfruto da Comunicação (9).

POLITICAS DE COMUNICAÇÃO

Alcance e Limites deste Capitulo

30. Não é intenção deste Texto-Base fazer uma análise exaustiva da presença dos Meios de Comunicação Social na sociedade. O que nos interessa é considerá-los enquanto instrumentos de uma politica de comunicação que humaniza, promove a Verdade e a Paz.

O que é Politica de Comunicação

31. Politica de Comunicação é o conjunto de diretrizes públicas e privadas que organizam ou estão subjacentes às práticas culturais que envolvem o uso de Meios de Comunicação (10).

32. A politica de Comunicação no momento, tem favorecido grupos econômicos e ideológicos em detrimento do conjunto da população. O debate sobre Comunicação democrática ainda não chegou a possibilitar ao povo comunicar-se e ter acesso aos MCS, mas em favorecer a outros grupos de poder que dominam a comunicação.

Politica de Comunicação: .no Capitalismo; .nos Regimes autoritários

33. Uma das caracteristicas da politica de comunicação no sistema capitalista é a alimentação constante de uma mentalidade consumista, em vista do crescimento continuo do capital. Por isso, a necessidade dos comerciais que, mais do que favorecer a midia, visam condicionar o público, em função do capital de quem investe. Mas, na verdade, é o próprio povo - consumidor dos produtos anunciados - quem financia os MCS. Em sistemas fortemente centralizados, dependentes de ideologias autoritárias, os Meios são colocados a serviço dessas mesmas ideologias. Nestas circunstância, os Meios de Comunicação deixam de ser um serviço ao povo e produzem sua programação em função dos sistemas a que servem. No entanto, o povo que mantém os MCS, não tem como influenciar

---

9. A Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação, NEOTTI, Clarêncio, Ed. Vozes, 1986, p.37-38.
10. Cf. Segurança do Povo: Desafio à Comunicação, Paulinas-UCBC, 1984, p.119.

diretamente nas politicas de comunicação do Estado e das empresas. Nessas condições, o povo não tem liberdade para participar das referidas politicas, mas é obrigado a consumir o que lhe é oferecido. As próprias pesquisas de opinião são, em geral, um instrumento a mais de imposição dos que dominam os Meios.

MCS: posi-
sibilida-
des possi-
tivas

34. Há momentos históricos, entretanto, em que as possibilidades positivas dos MCS se manifestam muito fortemente. Exemplos disso são a solidariedade criada em momentos de catástrofes, a mobilização do povo em função de legítimas aspirações da sociedade e de promoção de valores culturais, cívicos, religiosos. "Comunicação para a Verdade e a Paz" deve ser o esforço para transformar o que, até hoje, tem sido ocasional, em dimensão permanente e normal nos Meios de Comunicação.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

O que é
Cultura

35 O termo cultura é assumido aqui "no seu aspecto globalizante, como processo de humanização decorrente da natureza livre e racional da pessoa humana, como maneira peculiar, através da qual, dentro de um povo, os homens cultivam as suas relações com a natureza, entre si e com Deus, como "estilo de vida" comum desse povo, consequência do seu caráter social. Portanto, "pela maneira diversa de utilizar as coisas, de trabalhar e de exprimir, de praticar a religião e formar bons costumes, devem estabelecer as leis e as instituições jurídicas, de favorecer as artes e de cultivar o belo, surgem diversas condições de vida em comum e formas diversas de dispor os bens da vida. Assim, com estes costumes recebidos, constrói-se o patrimônio próprio de cada comunidade humana. Constitui-se assim um meio definido e histórico, no qual é inserido o homem de qualquer nação ou tempo" (11).

MCS: hoje e
Valores
Culturais

36. Os Meios de Comunicação Social, vinculados em nossa sociedade, ao poder econômico e à ideololgia, difundem um modelo de ser que acentua prevalentemente o hedonismo e o consumismo. O ideal da pessoa humana é colocado no ter mais, no poder e no prazer. A dimensão espiritual do ser humano é apresentada de forma alienante ou ridicularizada. Nestas circunstâncias, os MCS favorecem um projeto de sociedade de acordo com as vantagens do poder estabelecido e das corporações transnacionais. Dessa forma os MCS não respeitam a liberdade e autonomia culturais, promovendo uma verdadeira invasão cultural. Influenciam em mundanças substanciais na visão do mundo dos leitores, ouvintes e espectadores. Induzem a comportamentos alheios aos valores até então considerados válidos e aceitos, amortecem a consciência crítica frente à exploração das relações entre capital e trabalho, desviam a atenção do

---

11. Igreja: Comunhão e Missão, na Evangelizaçao dos Povos, no Mundo do Trabalho, da Politica e da Cultura, Documentos da CNBB 40, Ed. Paulinas, n.230.

povo de pontos de vital importância para a verdadeira libertação do homem e o real progresso da sociedade.

MCS e invasão cultural

37 Esta invasão cultural dos MCS acaba levando a uma padronização da cultura, destruindo aquelas que não têm acesso aos Meios, relegando-as a produto de segunda categoria. Essa invasão transforma-se em agressão quando a propaganda torna desejável um modo de vida inacessível em nível econômico da maioria da população, quando eleva o nível de aspirações do pobre, sem que abram posssibilidade de satisfazê-las. Os MCS, numa sociedade competitiva, recorrem cada vez mais ao sensacionalismo. Isto leva a uma escalada de exploração da violência, do sexo, da ambição. Cria-se assim, uma nova moralidade calcada nos instintos mais descontrolados, em detrimento dos verdadeiros valores pessoais e sociais do ser humano.

COMUNICAÇÃO POPULAR-ALTERNATIVA

MCS o povo ausente...

38. A partir do que foi visto até aqui, em relação aos Meios de Comunicação e Sociedade, constata-se que a Comunicação de Massa não abre espaços para a participação popular. Daí, a necessidade de uma reflexão sobre Comunicação popular-alternativa, não em sua conceituação científica, mas em sua prática na sociedade e na Igreja.

A Comunicação do povo

39. A Comunicação popular - do povo para o povo - são as várias experiências vinculadas a movimentos populares. A maioria delas nasce das necessidades dos grupos e instituições, com o objetivo de ampliar as informações e o relacionamento entre os membros do grupo. Para atingir este objetivo são criados os boletins, jornais de bairro, folhetos, publicações populares.
Nem toda comunicação popular é alternativa, pois esta, não somente faz crítica ao sistema dominante, mas apresenta propostas alternativas. Por exemplo uma proposta alternativa para a reforma agrária, um manifesto contra a violência.

Caracteristicas da Comunicação Popular

40. A comunicação popular-alternativa apresenta as seguintes características:

a) É expressão de um projeto social que visa a transformação da sociedade, para a justiça e fraternidade.

b) Em sua produção, o relacionamento das pessoas envolvidas no processo e a mensagem resultante refletem uma prática social transformadora.

c) Parte sempre do ponto de vista dos setores populares e os mantêm informados do que se passa com eles e com o mundo que lhes diz respeito.

d) É essencialmente horizontal e dialógica.

COMUNICAÇÃO NA IGREJA

Comunicação e Evangelização

41. Comunicadores católicos, reunidos no VIII Congresso da UCLAP, em 1984, em Lima, Peru, afirmaram: "A Comunicação é essencial para a evangelização, missão fundamental da Igreja. No desempenho desta missão, a comunidade eclesial exerce sua vocação comunicadora num duplo sentido: anunciar a libertação e comunhão e denunciar os obstáculos que se opõem à realização da plena fraternidade humana". (Doc. de Lima, n. 9) "A Igreja tem feito, nos últimos anos, muitos esforços em favor de uma comunicação maior em seu interior. Todavia, em muitos casos, o que se realizou até agora, não corresponde plenamente às exigências do momento" (12). Hoje requer-se uma relação dialogal, participativa e fraterna em seu interior. Há muita incomunicação e prática de "comunicar" sem que isso seja resultado de comunicação. Publicações e documentos não são praticados, porque não são suficientemente divulgados. Não existe uma preocupação global de informar e se comunicar intensamente com as bases, num intercâmbio de animação eclesial.

Comunicação e "opção pelos pobres"

42. A Comunicação na Igreja supõe uma "evangélica opção preferencial pelos pobres", "que tire dos comunicadores toda a intenção de dominação que signifique uma supressão da liberdade; supõe que se comprometam com seu processo de libertação e permitam criar condições para que os pobres consigam manifestar a própria voz". (Doc. de Lima, n. 7).
No exercício de fazer comunhão pela comunicação, muitas vezes continuam a ter mais voz aqueles que sabem mais, têm mais conhecimentos acadêmicos, facilidade de ler, escrever e expressar. Falta espaço para os preferidos de Deus, que vivem à margem pela sua situação sócio-econômica e pela faltaa de conhecimento de seus valores culturais, vistos como se fossem cultura secundária (13).

Importância de Comunicação na Igreja

43. A Comunicação na Igreja se dá, em nível local, nas paróquias e Comunidades Eclesiais de Base. Há os Conselhos comunitários, com a participação de leigos,

12. Puebla 1079.
13. Cf. Doc. CNBB 40, n.253.

o Conselho presbiteral e o Conselho pastoral. Em muitas dioceses e paróquias realizam-se assembléias pastorais. Em nível de Igreja, no Brasil, a CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - possibilita a comunicação entre os bispos, de forma que haja uma orientação geral comum, expressa no Objetivo e nas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral. Em nível de América Latina, o CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano - é o organismo respnsável para promover a troca de experiências pastorais.
No âmbito da Igreja Universal, as visitas dos Bispos ao Papa, suas viagens aos vários países e os Sínodos tornam-se momentos oportunos para a comunicação evangelizadora.

Comunicação e Ecumenismo

44. Outra realidade no campo da comunicação na Igreja é o exercício do Ecumenismo e do Dálogo Religioso. Pela comunicação é possível romper a dominação e eliminar o que divide. O Ecumenismo requer o diálogo com os cristãos, "abertura crescente para o diálogo com as religiões não-cristãs e com pessoas, movimentos e grupos de não-crentes. E até com grupos fechados ao Transcendente, em vista do conhecimento mútuo, enriquecimento recíproco e ação conjunta em favor das grandes causas da humanidade" (14).

Questionamentos

45. Há um questionamento, em todos os âmbitos, sobre a forma como se dá processo de participação e decisão. A verdadeira comunicação se faz através da escuta, do diálogo e da participação. Todos têm vez e voz. Conseguem expressar sua fé de forma inculturada e a celebram criativa e vivencialmente.

Funções da Comunicação na Igreja.

46. A Igreja, comunidade de fé no Senhor Ressuscitado, tem tríplice função: anúncio da Palavra, celebração e serviço fraterno.

Evangelizar e Catequizar

47. O anúncio da "Boa-Nova" se faz especialmente pela catequese.
A década de 80 foi marcada pela elaboração do documento Catequese Renovada. Os catequistas aumentaram aos milhares, animando e ampliando a ação evangelizadora. Mas há ainda muitas falhas na catequese. Faltam interação fé e vida e o embasamento dos catequistas.
Outras formas de comunicação da mensagem de Cristo são:

a) A CF que vem se realizando há 26 anos. É um dos momentos mais fortes de comunicação na Igreja e da Igreja.

b) Pregações, encontros, cursos, reuniões, retiros, seminários, círculos bíblicos, atendimento pessoal.

c) A Igreja não pode contentar-se em anunciar o Evangelho só para os próprios membros. Ela é missionária. Tem que estar voltada para os que ainda não conhecem o Senhor. "Durantre vários anos o 'Projeto Igrejas-Irmãs respondeu -

14. CF. Doc. CNBB 38, n.140-141.

e ainda responde - aos imperativos do ideal missionário de numerosas dioceses e prelazias do Brasil. Favoreceu a ajuda e a comunhão entre diversas Igrejas particulares e proporcionou a muitos sacerdotes, seminaristas, comunidades religiosas e agentes de pastoral leigos, experiências apostólicas que os enriqueceram grandemente" (15).

Celebrar

48. Outra dimensão de anúncio do Evangelho pela Igreja é a Liturgia que, "em si mesma é comunicação (16) pois, é celebração da vida na fé. Constata-se que a Liturgia, muitas vezes é repetitiva, sem consequências para a vida, celebrada para a comunidade e não com a comunidade. Em 1988, celebrando os 25 anos da Constituição sobre Liturgia, iniciou-se uma renovação a partir a partir de um instrumento de trabalho intitulado "Novo impulso à vida litúrgica".

Profetizar

49. A Constituição Pastoral Gaudium et Spes, do Vaticano II, afirma que a Igreja precisa tornar-se presente no mundo, dialogar com a sociedade, participar da construçao da comunidade humana, mostrar a forma injusta de organização social, proferir sua crítica ética e evangélica, lutando pela libertação integral do ser humano, aberta às suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias. A função profética de comunicar o desagrado de Deus sobre situações concretas tem sido exercida por organismos de Igreja no Brasil.
Isso não se dá sem o preço do testemunho de vida até a perseguição e o martírio. A defesa de princípios éticos e cristãos tem custado a vida a Leigos, religiosos e padres. Quando não chega a tanto, a calúnia, os processos e outros meios de intimidação, tratam de destruir as pessoas.

IGREJA E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A Igreja e seus MCS

50. A comunicação na Igreja se realiza também através de seus meios de comunicação social. O Decreto Inter Mirifica (n.3) e o Código de Direito Canônico (n.14) reconhecem como direito da Igreja possuir meios de comunicação e usá-los livremente na evangelização.

Datas históricas

Acontecimentos marcantes no desenvolvimento da Comunicação na Igreja do Brasil:
1938-Fundação do SIC - Serviço de Informação Cinematográfica
1952-Fundação da CNBB
1959-Criação da RENEC - Rede Nacional de Emissoras Católicas
1961-Criação da UNCI - União Nacional de Imprensa Católica.
1962-1o. Plano de Ação Pastoral
1962-Criação da Comissão Episcopal de Opiniuão Pública
1969-Fundação da UCBC - União Cristã Brasileira de Comunicação Social - durante um Congresso da UCLAP - União Católica Latino-americana de Imprensa.
1976-Fundação de UNDA/Brasil - União de Radiodifusão Católica

---

15. Doc. CNBB 40, n.125.
16. Puebla 1086.

1982-Fundação da OCIC/Brasil - Organização Católica Internacional de Cinema (E).

51. Os Meios de Comunicação da Igreja pertencem a Congregações, Ordens Religiosas e Dioceses. No campo da imprensa existem:

Impren
sa

Jornais (semanais ou quinzenais)	- Diocesanos 25 - Não Diocesanos 10
Revistas (mensais)	- 35 (de circulação nacional)
Boletins	- Diocesanos: 200 aproximadamente - Paroquiais 3000 aproximadamente
Editoras	- 14.

Editoras
da Igreja

52. Desde 1985, quatro editoras católicas encontram-se entre as 10 maiores do País, pelos títulos novos e exemplares publicados. Há vários anos reúnem-se com o Setor de Comunicação da CNBB.

São as seguintes as Editoras que costumam se reunir:

- Ave-Maria	(Cordimarianos)
- Santuário	(Redentoristas)
- Vozes	(Franciscanos)
- FTD	(Maristas)
- Paulinas	(Paulinas e Paulinos)
- Loyola	(Jesuítas)
- Salesiana	(Salesianos)
- Cidade Nova	(Focolarinos)
- O Recado	(Instituto MEAC)

Rádios
da Igreja

53. No Brasil a radiodifusão é concessão a empresas para tal constituídas.
Teoricamente, a Igreja possui a maior rede de emissoras do País, atingindo potencialmente 50 a 70 milhões de brasileiros. Há, no momento, 110 emissoras católicas de rádio, distribuídas em todo o território nacional, predominando na região centro-sul. Pertencem a Dioceses, Congregações Religiosas e grupos de Leigos.
A prática da comunhão e participação ainda não chegou às emissoras católicas, que nem sempre se integram numa Pastoral de Conjunto. O rádio é o canal de comunicação preferido pelos pobres.
Esforços recentes, liderados pela UNDA Brasil, apontam para um futuro promissor, embora o Rádio continue sendo um veículo no qual pouco se investe e incentiva na ação Pastoral da Igreja.

Igreja e TV

54. No campo da Televisão, a Igreja no Brasil tem duas experiências significativas: a TV Difusora, Canal 10 de Pôrto Alegre, que até 1980 pertencia à Igreja, sob a direção dos missionários capuchinhos, e a TV Sudoeste, em Pato Branco - PR - dos frades Franciscanos, desde 1987 A Associação Senhor Jesus, de Campinas - SP - produz, semanalmente, o programa de 30 minutos, "Anunciamos Jesus", veiculado em 28 canais de TV.
Há uma presença significativa da Igreja na transmissão de celebrações litúrgicas através de Rádio e Televisão, aos domingos.

Igreja e Meios eletrônicos: Liturgia

55. Desde 1972, os Setores de Liturgia e Comunicação da CNBB vêm refletindo sobre a dimensão eletrônica da Liturgia.
No primeiro encontro se fez uma distribuição fundamental: Liturgia no rádio e na TV e Liturgia de Rádio e de TV. Em 1974, realizou-se o 2o. Encontro com o tema: "O Rádio e a TV dentro do ano litúrgico, com as características eletrônicas próprias".
Em 1976, no 3o. Encontro, "a Inserção da Liturgia de Rádio e TV na Pastoral Orgânica." Em 1981, no 4o. Encontro, "Comunhão e Participação e opção pelos pobres na programação da liturgia de Rádio e TV".
Em 1985, no 5o. Encontro "O conceito de presença e Assembléia eletrônica e litúrgica".

mais! claro.

56. Embora a celebração exija participação e presença, há, hoje, a possibilidade de uma assembléia eletrônica litúrgica,(F) mas não como Sacramento. "As restrições de lugar e de presena física diminuem mas não retiram a participação" (G). (17).

"Igreja eletrônica"

57. Igreja eletrônica não é Assembléia eletrônica, nem qualquer tipo de participação das Igrejas nos Meios de Comunicação Social. É chamada "Religião comercial" ou "Marketing eletrônico", que transforma a fé em mercadoria com toda a dimensão empresarial. Surgiu nos Estados Unidos, e hoje se encontra em todo o mundo.

A Igreja eletrônica tem estas características: os programas são distribuídos em nível nacional e internacional; a direção dos programas é de liderança carismática; os receptores são convidados a enviar recursos para a manutenção dos programas; têm sistema de controle dos simpatizantes, colaboradores e receptores em geral; vende diversos produtos pelos programas; a linha dos programas é conservadora, alienante, fundamentalista, pietista e carismática; transforma a Bíblia num livro de receitas para resolver todos os problemas. Estas características não estão sempre em todos os programas e da mesma forma.

Importa registrar, ainda, que a comercialização dos bens espirituais pela Igreja eletrônica, através de verdadeiras "indústrias da fé" não é mero fenômeno religioso. É também político, porque existe relação

17. As conclusões do 5o. Encontro Nacional de Liturgia de Rádio e Tv foram publicadas na COleção Estudos da CNBB n.48, com o título "Assembléia Eletrônica e Litúrgica".

ideológica, que vincula os programas da Igreja eletrônica com a massificação do povo, para manter a situação politica e econômica do pais.

Igreja e Noticias

58. A Igreja no Brasil não possui nenhuma Agência de Noticias religiosas para cobrir seus trabalhos. Possui o serviço de Telex da CNBB, mas este não é ainda expressivo, uma vez que falta agilização de informações por parte de Setores Regionais, Diocesanos e Paroquiais. Durante a Assembléia Nacional Constituinte, a Assessoria de Imprensa da CNBB emitiu, diariamente, 240 mensagens de 30 minutos, via telex.

Os Micro-meios

59. É também de grande importância pastoral a elaboração e distribuição dos Pequenos Meios: discos, audiovisuais, videocassetes, cassetes, filmes de curta e média metragem.

As produtoras católicas de micro-meios passaram ultimamente a se encontrar para discutir seus problemas. São elas:
- Sono-Viso (Franciscanos)
- Verbo-Filmes (Verbitas)
- Centro Gaucho de Audiovisuais (Salesianos)
- COMEP (Paulinas)
- SSV (Salesianos)
- Audio-video (Paulinas).

Boletins populares

60. O novo relacionamento comunitário, sobretudo no interior das CEBs, fez nascer meios alternativos, como boletins, cartazes, murais, circulos biblicos, cursos de treinamento, cartilhas de conscientização, elaborados na própria comunidade, em condições às vezes muito precárias. Esta experiência tem sido objeto de reflexão e pesquisa até por pessoas de fora da Igreja, e tem servido de modelo para outras Igrejas da América Latina.

Centros de Comunicação Popular

61. Nos últimos anos surgiram vários Centros de Comunicação Popular, em nivel local, regional e nacional que ora recolhem a memória do Povo, ora distribuem material elaborado nas bases, dão cursos de capacitação para a produção ou para a leitura critica dos fatos.

CNBB e Comunica-ção

62. A partir de 1972, o Setor da CNBB voltado para a área passou a denominar-se de Comunicação Social, indicando a preocupação dos bispos, não apenas com os Meios, mas também com o processo de Comunicação, que poderia ser objeto de uma pastoral.

Igreja e Espaço nos MCS

63. A Igreja atua também nos meios não-confessionais. Muitas vezes estes espaços são oferecidos pela direção desses Meios. Outras a pedido da própria Igreja. Os programas nem sempre respondem às exigências e necessidades pastorais da Igreja Local. Falta, às vezes, preparação técnica adequada no uso da linguagem própria de cada Meio.

Igreja e Comunicação: Relalcionamento

64. No relacionamento da Igreja com os Meios existem duas tendências: a que prioriza o uso instrumental dos meios e a que trata a comunicação como processo. A primeira tendência valoriza os meios enquanto canais de uma mensagem, independente do contexto sócio-politico-econômico e a filosofia de quem os comanda. A segunda diz respeito ao tratamento da mensagem. Há uma tendência de se prescindir da linguagem própria de cada meio e dos interesses do receptor. A mesma mensagem produzida é utilizada pelos mais diversos veículos, que têm linguagem diferente. A Igreja tem sido muitas vezes amadora e ingênua na comunicação, no que se refere também a conteúdo e profissionalização

Reflexão complementar

1) Completem a visão da realidade sobre a comunicação e os MCS, procurando novos dados e analisando-os.

2) Façam uma reflexão crítica sobre os meios de comunicação no Brasil,

3) Façam uma reflexão crítica sobre os meios de comunicação da Igreja, no Brasil.

4) Façam uma leitura crítica sobre o tipo de programação que as Igrejas realizam nos meios, tanto próprios como de outros.

II. SEGUNDA PARTE: JULGAR

65. E a partir do projeto de Deus que se deve julgar a comunicação dos cristãos na sociedade e na Igreja e o uso que se faz dos MCS.

2. CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO

66. A comunicação nesta segunda parte será vista à luz dos seguintes critérios

1o. Comunuicação como fato humano.
2o. Comunicação como fato ético
3o. Comunicação como fato teologico-pastoral

Comunicação como fato humano

67. A pessoa nasce da comunicação de amor entre seus pais. Nasce dentro de um mundo já existente, já construido. Dele recebe estimulos, informações, conteúdos e assim se forma a personalidade de cada um. Cada qual, por sua vez, reagirá a estes estimulos, dando sua contribuição ao mundo. Nesta ação mutua entre as pessoas e delas sobre o mundo a pessoa se realiza, se torna ela mesma. Como ser social, cada pessoa é um ser em comunicação.

68. É na comunicação que a pessoa se afirma e é reconhecida como ela mesma, como alguém livre. Liberdade é abertura e caracteriza o ser humano. Enquanto os animais estão predeterminados pelo instinto e reagem necessariamente da mesma maneira ao mesmo estímulo, o homem não. Ele está aberto a infinitas possibilidades para realiza-se. É também abertura ao outro. Quando reconhece e promove a do outro, a sua liberdade se torna verdadeira. Neste sentido o amor é a forma mais plena de liberdade. É o reconhecimento do outro como igual, mas diferente. A comunicação só pode se feita pelo diálogo, no respeito mútuo sem excluir ou dominar. O próprio Deus respeita esta estrutura. Ele não se comunica, impondo-se. Chama o ser humano a que realize sua liberdade acolhendo o amor infinito do criador.

a) Elementos para uma comunicação verdadeira

69. A comunicação, construtura de paz, deve levar em consideração alguns elementos como:
- diálogo
- igualdade de oportunidades
- politica de comunicação a partir do lugar social do pobre

70. A educação para a comunicação deve produzir o diálogo e a solidariedade. Afirma o Papa João Paulo II: "A solidariedade não é sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento supeficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes. Pelo contrário, a solidariedade é a determinação firme e preseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, por que todos nós somos verdadeiramente responsaveis por todos (18).

71. O diálogo verdadeiro é a base da comunicação. Há os que pensam ser impossivel o diálogo, por que fatalmente o vencedor será aquele que já é o mais poderoso, acumulando assim maior poder decisório e orientador do destino humano. Porém, o diálogo é possivel e necessário. As condições para um verdadeiro diálogo entre pessoas, grupos, forças politicas e agrupamentos, são:

- a procura daquilo que é verdadeiro, bom e justo para todos os homens, grupos e sociedade;

---

18. Solicitude Social da Igreja, Carta Enciclica do Papa João Paulo II, Ed. Paulinas, Col. Voz do Papa, 117, 1988, n.38.

- a abertura para o acolhimento do outro.é um direito expôr livremente a própria opinião. Mas cabe igual obrigação de ouvir a opinião e os fatos que os outros apresentam;

- a aceitação das diferenças. Há elementos ricos nem sempre percebidos nas diferenças. Reconhecer as diferenças não significa renunciar, por covardia ou contragimento, àquilo que se sabe ser verdadeiro e justo. Mas pode significar o reconhecimento de que o outro também é alguém inteligente, livre e responsável;

- a busca daquilo que é e permanece comum aos homens, mesmo nas tensões, nas oposições e nos conflitos. Neste sentido é fazer do outro um próximo; é aceitar a sua contribuição; é partilhar com ele a responsabilidade perante a verdade e a justiça;

- a procura do bem com meios pacíficos. É a vontade de recorre a todas as formas possíveis de negociações de mediações de arbitragem e de proceder de tal maneira que os fatores de aproximação prevaleçam sobre os fatores de divisão e de ódio.

72. O diálogo deve estende-se também aos Meios massivos. A Comunição é um bem social, sem proprietários ou usuários exclusivos. Quem detém o controle dos Meios eletrônicos (como o rádio e a televisão), ou sua propriedade legal (meios impressos, bancos de dados), exerce uma função e delegação social. Ele não pode entende-se dono absoluto da "verdade" que lhe interessa anunciar, ou até impor, através de ardilosos seduções publicitárias. A especificidade técnica dos meios não permite a participação dos chamados "usuários", "consumidores" ou "públicos" nos processos de produção de mensagem. É justo que haja maneiras de interveções e participaçaõ através de mecanismos estabelecidos pela sociedade, e previstos na legislação ordinária. Não se trata apenas de uma política de defesa do receptor mas de uma política de participação na produção, veiculação e "consumo" da Comunicação social.

73. Se todos são iguais perante a lei nem todos têm iguais oportunidade na vida social. A Comunicação é uma das áreas em que a igualdade de direito é mais desrespeitada. Por exemplo, o tratamento dado ao negro. O seu valor cultural, sua participação positiva na sociedade sua caracterização de "ser negro" não são apresentados e, sim, descriminados. O mesmo pode se dizer de outros grupos, como, mulher e índios.

74. Os sistemas de Comunicação primam pela desigualdade e pelo predominio dos interesses de grupos minoritários. É esperar demais que partam do lugar social do pobre, da defesa dos interesses dos marginalizados. Os MCS porém, devem abrir espaços para que os conflitos e lutas vividos pela maioria da população sejam apresentados como busca de seus direitos fundamentais.

b) Principios liberais

75. Na realidade atual, destacam-se 4 grandes teses de apoio ao trabalho de construção cultural:

- direito à informação;
- direito de opinião;
- direito ao pluralismo cultural;
- direito à livre iniciativa.

76. Tais direitos, defendidos no mundo ocidental, devem porém, ser colocados à luz dos critérios do evangelho.

77. O direito à informação deve ser ampliado e concebido como direito à Comunicação. Este é derivado do direito de construir uma sociedade justa, solidária e participativa.

78. Para que haja verdadeira Comunicaçãoe e para que esta construa paz duradoura, todos, e cada grupo social, têm o direito de ser sujeitos de seus próprios processos de Comunicação. Nenhum grupo poderá falar em nome do outro. Todo grupo humano deverá participar na produção de bens simbólicos, não apenas os detentores de capital ou de poder.

79. Como exercer, na prática, nesse direito, é questão a ser discutida pela sociedade e pelos interessados, com especial participação dos que até hoje têm sido marginalizados dos processos de Comunicação vigentes.

80. O direito de opinião abrange:

- o direito de cada pessoa formar sua própria consciência crítica. É dever da sociedade e especialmente das comunidades cristãs favorecer esta formação para que todos tenham condições de receber adequadamente e com liberdade as mensagens anunciadas;

- o direito de protege-se de informações manipuladas, distrocidas ou errôneas, o que supera o simples "direito de resposta" (19);

- o direito de protege-se contra a divulgações de matérias que são contra a dignidade da pessoa humana, como pornografia, racismo, discriminação religiosa ou política, ideologias totalitárias de direita ou esquerda;

- o direito de participar na elaboração de políticas de Comunicação estabelecidas pelo Estado;

- o direito de participar na formação da opinião pública, criando-se condições para que todos os segmentos da sociedade se manifestem e sejam ouvidos sobre o que lhes diz respeito.

81. O direito ao pluralismo cultural inclui:

- o direito das culturais locais ou marginalizadas à sobrevivência e ao desenvolvimento. Deve-se evitar a

19. Cf. Communio et Progressio, n.33-43.

uniformização cultural, a eliminação das culturas regionais e redução de sua capacidade de manifestar-se;

- o dever dos MCS de discutir os grandes problemas que afetam a vida do povo, buscando soluções que satisfaçam os interesses populares e não apenas os do Estado e das grandes corporações.

82. O direito à livre iniciativa, decorrente do direito à informação, deve ser garantido, não porém sem resguardar o direito da comunidade em fiscalizar o uso social que se faz dos Meios de Comunicação.

83. Para que este princípio seja efetivo, deve-se dar condições para que as classes populares tenham possibilidade de promover seus próprios Meios de Comunicação.

84. A formação de grupos poderosos reduzem o direito à livre iniciativa. Portanto, deve ser combatida. Uma ação concreta e necessária é o estabelecimento de critérios sociais na distribuição das verbas publicitária. Todos os veículos de Comunicação que atendam a um mínimo de exigências de qualidade estabelecidas por lei devem ter tratamento igual. Isto ampliará as possibilidades de pluralismo e reduzirá o compromissos dos veículos com os anunciantes

c) Comunicação como fato ético

85. A Comunicação Social e o uso dos Meios de Comunicação implicam aspectos éticos, que envolvem os conflitos sociais, religiosos, econômicos, políticos e culturais da história humana. A ética fundamenta os princípios do agir humana com referência a um horizonte de valores.

86. Não existe um código de ética para a Comunicação Social e /ou para o uso dos Meios de Comunicação, reconhecido internacionalmente. Várias tentativas se frustraram. Chega-se a afirmar que um Código significaria restrições à liberdade de Comunicação.

87. Mas há códicos nacionais de associações e organismos onde se vê um esforço sério. Percebe-se como empresários e comunicadores profissionais necessitam de diretrizes, não para eliminar a verdade dos fatos e sua transmissão mas de apoio à consciência pessoal, de defesa dos colegas de profissão, de respeito aos clientes e orientação da própria empressa.

88. Muitas vezes os receptores são lesados em sua liberdade de escolha e decisão. São levadas a "uma atitude de aceitação da moda e das necessidades impostas por um materialismo que, ao incentivar o consumo leva as

consciência ao vazio" (20). E raramene as pessoas atingidas têm como se defeder.

89. Para a Igreja não há pessoas anômimas, mas "pessoas concretas e irreptíveis, que devem ser reconhecidas e respeitadas como tais" (21).

90. Não se quer uma censura, entendida como controle arbitrário, seja da parte do governo, seja da parte de grupos econômicos ou ideologicos. Precisa-se, sim, de critérios que, indo além de simples regras internas, alcancem a verdade do homem sobre o homem, em razão do qual existem as ciências e a técnica

91. Precisam-se de normas nacionais e internacionais que protejam o homem e lhe deem maior possibilidade de reflexão do que é verdadeiro e justo.

92. Vários temas se relacionam com o problema ético, como, por exemplo:

- a dignidade humana, tantas vezes feridas pela pornografia e apologia da violência;

- o desenvolvimento integral do homem como um ser intelectual e social

- a honestidade tantas vezes substituida pelo utilitarismo;

- a verdade que liberta, que dá segurança e fundamenta a paz.

93. Outro elemento a considerar na relação Comunicação e ética diz respeito à utilização da violência e exploração da sexualidade como conteúdo dos Meios de Comunicação. Os proprietários dos veículos e seus produtores se justificam com argumentos como:

- não divulgamos a violência nem exploramos indevidamento o sexo. Simplesmente reproduzimos a sociedade. Esta, sim, e competitiva e violenta;

- a ação e a violência têm a função de tornar a linguagem dos Meios assimilável pelo consumidor pois precisamos de audiência;

- os Meios de Comunicação não influenciam seus consumidores, pois todos, indistintamente, selecionam seus programas e produtos culturais. Possuem juízo critico suficiente para distinguir o que é realidade do que é ficção. Por outro lado, se a Igreja quer programas não violentos e respeitodores da sexualidade humana, que faça os seus.

---

20. João Paulo II, Mensagem para o XIX Dia Mundial das Comunicações, 1985.
21. João Paulo II, Mensagem para o XVIII Dia Mundial das Comunicações, 1984

94. Nenhum dos argumentos acima citados são justificados. Se a justificativa é a sociedade violenta, que os veículos se coloquem no lugar social dos violentados, dos empobrecidos, dos marginalizados , dos favelados, dos pequenos agricultores, dos trabalhadores urbanos, dos índios. Se argumento é a necessidade da ação e do drama que estudem e reproduzam os conflitos e as lutas pelos direitos fundamentais vividos pela maioria da população.

95. Na verdade, a maior violência e imoralidade praticada pelos Meios de Comunicação não é apenas a transmisão de cenas violentas, mas, sua política de descompromisso com as classes populares e o continuo esforço para ocultar o real estado de violência estrutural e de imoralidade em que vive a sociedade moderna.

COMUNICAÇÃO COMO FATO TEOLÓGICO-PASTORAL

a) Deus cria uma história de Comunicação.

96. A história humana é, à luz da fé, a história da caminhada de Deus com os homens. Deus cria o mundo e põe nele o ser humano como seu representante (22). Deus que é Trindade comunicativa, se comunica pela criação: "os céus cantam a glória de Deus e o firmamente proclama a obra de suas mãos" (23). Sem palavras a criação fala por toda a parte até os confins do mundo (24).

97. Deus confia todas as criaturas aos homens (25). Mas Deus oferece mais: sua amizade e convivência (26). Estabelece uma Aliança com a humanidade (27), escolhe um povo em que serão abençoadas todas as nações (28). Toda esta ação comunicadora de Deus na criação e na história da salvação quer transmitir e realizar seu projeto salvífico, um projeto de comunhão entre as pessoas e delas com Deus. Este projeto realiza plenamente os anseios que o criador põem em germe no coração humano ao criá-lo como ser social e livre. O plano de Deus vai se revelando pouco a pouco até se comunicar definitiva e irrevogavemente em Jesus Cristo.

b) O pecado rompe a Comunicação

98. O grande impecilho que o homem poem ao projeto de Deus e o pecado. O pecado é fechamento em si, é não-comunicação com Deus e com os irmãos.

99. O pecado não é somente culpa pessoal. Seus efeitos criam estruturas que permanecem. O ato pecaminoso

---

22. Cf. Gn 1,1-2,4.
23. Sl 19,2.
24. Cf. v.4s; Sab 13,1-5.
25. Cf. Gn 1,1-2,46; 26.
26. Cf. Gn 2,15.
27. Cf. Gn 9,8.
28. Cf. Gn 12,2-3.

passa, mais seus efeito ficam na estrutura de pecado que ele cria, a dominação que estabelece, o mundo de incomunicação que gera. É o que se chama pecado social: o efeito do pecado permanece vivo na história. Gera, assim, um mundo fechado, que não quer saber de Deus, nem do Reino, nem de sua justiça. É o mundo do "cada um por si", o mundo da concorrência, da imposição. O pecado isola, rompe a comunicação, como aconteceu na Torre de Babel.

c) Os profetas reconduzem o povo à Comunicação

100. Em meio ao mundo marcado pelo pecado social e estruturado no pecado, Deus chama pessoas que falam em seu nome e comunicam seu juizo sobre o pecado: os profetas. Sua missão e restaurar a Aliana, a Comunicação de Deus com os homens e dos homens entre si.

101. Os profetas exercem sua missão denunciando o pecado: basicamente a idolatria e a injustiça. Idolatria é adorar os falsos valores especialmente a riqueza, o poder e o prazer (29). No AT a riqueza e o prazer são personificados em Baal, o Deus das colheitas abundantes, honrado pela pratica da prostituição sagrada. O poder é personificado nos deuses das grandes potência dominadora: Assíria, Egito ou Babilônia, cujos reis são divinizados para maior dominação.

102. A injustiça e consequência da idolatria. Os senhores da terra para terem maior produção, juntavam casa a casa e campo a campo até não have mais espaço disponivel e assim serem eles os únicos moradores da terra (30). O povo tinha que trabalhar para pagar tributo às grandes potencias e alimentar os exércitos dos reis. O povo passava fome por causa da política dos grandes frente às potencias estrangeiras.

103. Mais os profetas também anunciam que apesar da idolatria e da injustiça que rompem comunicação com Deus e com os irmãos Deus continua a oferece-se como dom, promete comunicação plena no futuro, porque Ele mesmo transformará o coração humano.

104. Para transmitir a mensagem divina, os profetas criam instrumentos de comunicaão. Primeiramente a linguagem verbal, rica em metáforas poeticamente inspiradas. Há nas páginas dos livros dos profetas, verdadeiras joias da poesia universal. Mas há também palavras fortes e duras contra os que praticam a injustiça. Os profetas sabem que a linguagem verbal não é suficiente para sacudir os ouvintes. Porisso lançam mão da linguagem não-verbal dos gestos simbólicos que visibilizam a mensagem: os nomes simbólicos dos filhos de Isaías (31); o jugo de madeira usado por Jerimias (32); a encenação do emigrante por Ezequiel (33).

29. Cf. Puebla 491-506.
30. Cf. Is 5,8.
31. Cf. Is 7,3; 8,1-5.
32. Cf. Jr 27-28.
33. Cf. Ez 12.

Às vezes os gestos simbólicos atingem mesmo a vida dos profetas: o casamento de Oséias (34); o celibato de Jeremias (35); o viuvez de Ezequiel (36). Os profetas são mestres numa comunicação que atinge seus contemporâneos.

d) Cristo é a perfeita Comunicação do Pai

105. "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (37). Cristo encarna-se, assume a condição humana, torna-se o perfeito comunicador entre Deus e os homens.

106. "Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer" (38). Com este versículo se poderia resumir a cristologia do Evangelho de João. Apresenta, através de narrações e discursos, a figura de Cristo, revelador do Pai. Por suas obras e palavras, Jesus dá testemunho do Pai (39), assim como o Pai dá testemunho dele (40). Sendo um com o Pai (41) é o Perfeito Comunicador. "Quem me vê, vê o Pai" (42).

107. A ação de Jesus de caracteriza pela solidariedade com os pobres. Assume na sua vida a pobreza de seu nascimento e vida oculta; ampara e cura os necessitados; vive pobre; prega a boa- nova aos pobres e faz disto uma caracteristica de sua missão (43). Morre como os oprimidos, crucificado, injustamente. Assim Jesus mostra que o Reino de Deus é dos pobres, dos oprimidos e marginalizados. Revela que Deus ama preferencialmente os empobrecidos, não por serem bons mas por serem pobres, oprimidos, deixados de lado. Isto não significa que Deus esqueça os ricos. Ele os convida a se libertarem da riqueza, assumindo a causa dos marginalizados que é a causa mesma do Reino (44).

108. Jesus o é Servo de Javé; é o modelo de comunicação para a verdade e a justiça. Estabelece o direito e a justiça (45). A primeira caracteristica do Servo de Javé é descrita assim pelo profeta: "Ele não clamará, não elevará a voz, não fará ouvir a sua voz nas ruas. Não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fumega" (46). É a negação de uma comunicação dominadora, pois procura valorizar o que há de positivos nas pessoas. A "cana rachada" ainda servirá para algo. A "mecha fumegante" ainda poderá dar fogo. Em vez de usar o

34. Cf. Os 1-3.
35. Cf. Jr 16.
36. Cf. Ez 24,15ss.
37. Jo 1,1; 14.
38. Jo 1,18.
39. Cf. Jo 3,11
40. Cf. Jo 5,36ss.
41. Cf. Jo 10,30.
42. Jo 14,9.
43. Cf. Lc 4,18; 7,22.
44. Cf. Puebla, Mensagem aos Povos da América Latina, n.3.
45. Cf. Is,42,1.
46. Is 42,2-3.

poder que esmaga, o Servo procura comunica-se no diálogo, no respeitos aos outros.

109. Jesus jamais manifesta o desejo de se impor. O que não significa que não tenha feito exigências radicais. Pelo contrário: o Reino de Deus é pedra preciosa. É preciso vender tudo para adquiri-lo (47) Por mais simpatia que o jovem rico desperte em Jesus, ele o deixa ir-se embora, porque não quer assumir a opção pelos pobres (48). Assim Jesus respeita a liberdade de cada um de seus interlocutores ser impôr-se com fogo do céu (49). E com apelo a legiões de anjos (50).

110. Para ser compreendido pelos pobres, Jesus usa uma pedagogia acessível aos simples e pequenos (51). Fala por parábolas com exemplos da vida contidiana, e fala principalmente por gestos de fraternidade e solidariedade. Mas Jesus é enérgico frente aos que detêm o poder, a riqueza e o saber. Os evangelistas registram as fortes denúncias de Jesus contra os exploradores do povo os hipocritas,os corruptos e os manipulares da religão. Quando necessário usa gestos tão enérgicos que beiram à violência (52).

111. Suas palavras são "boa- notícia" para uns, porém "má-notícia" para outros. Estes logo começaram a perseguí-lo, difama-lo, levando-o à morte. De nada adiantam seus múltiplos prodígios, nem sua tentativa de diálogo, que busca de diversas maneiras, e com os mais diferentes grupos de pessoas.

112. Chegado o seu momento não se nega à entrega definitiva, mesmo que, para aceitá-la e vivê-la transpire sangue. É torturado e executado como criminoso. É exposto como exemplo de um ser rejeitado por Deus e pelo os homens.

113. Para expressar que Jesus é aquele que comunica Deus à humanidade restabele a comunicação com Deus, o NT o chama de "mediador entre Deus e os homens" (53), "mediador de uma nova Aliança" (54). Com esta expressão fica dito que Jesus com sua vida, morte e ressurreição destrói o grande "ruído" (H) na Comunicação com Deus e com os irmões: o pecado. Por sua obra redentora, podemos aproximar-nos "com segurança do trono da graça para conseguirmos misericordia e alcançarmos graça como ajuda oportuna" (55). Ele é a ponte (pontífice), o caminho, a verdade e a vida. Só se vai ao Pai através dele (56).

---

47. Mt 13,44-46.
48. Cf. Mc 10,21-23.
49. Cf. Lc 9,54-55.
50. Cf. Mt,26-53.
51. Cf. Mt,11-15ss; Lc 10,21ss.
52. Cf. Mc,11-15ss.
53. 1Tm 2,5.
54. Hb 9,15.
55. Hb 4,16.
56. Cf. Jo,14,6.

114. É em sua pessoa mesma que Jesus se manifesta o Perfeito Comunicador: a Igreja professa, com o concílio de Calcedônia um e o mesmo Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, consubstancial ao Pai e consubstancial a nós, semelhante a nós em tudo menoss no pecado. A moderna teoria da Comunicação encontra na estrutura do processo de comunicação três polos que se conjugam para transmitir uma mensagem: o emissor, o canal, e o receptor.Verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Jesus e ao mesmo tempo emissor e receptor da comunicação de Deus à humanidade e desta a Deus. É com isto também o canal e a mensagem: "Eu sou a caminho a verdade e a vida": o caminho (canal), a verdade (mensagem), a vida (emissor) de si ao Pai e aos irmaos, e, com isto, comunicaçaão do Pai à humanidade (57).

115. Da atuação de Jesus, o cristão pode tirar critéros que norteiem o modo de comunicação na vida cotidiana, na sociedade, na Igreja e também no uso dos modernos MCS. Esta é uma importante tarefa a ser realizada a partir da CF em todas as instâncias da Igreja.

d) A Comunicação nas primeiras comunidades cristãs, modelo de Comunicação para a Igreja hoje.

116. Ressurgindo dentre os mortos o Crucificado vem ao encontro de seus discípulos e reune, pela força do Espírito, em Pentecoste, a grei dispersa pelo escândalo de sua morte (58). Os discípulos passam a constituir o núcleo da Igreja, testemunham a Ressurreição. Animados pelo Espírito levarão adiante por obras e palavras a causa de Jesus. Esse Jesus expulsa dos discípulos o medo, colocando em seu coração a densidade da fé e do amor, tornando-se assim testemunhas comunicativas da presença e da libertação de Jesus.

117. Lucas testemunha, nos Atos dos Apóstolos, a solidariedade vivida na Igreja de Jerusalém: "Assíduos aos ensinamentos dos apóstolos `a comunhão fraterna, à fração do pão e às orações, reuniam-se e punham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um". A multidão dos que haviam crido, era um só coração e uma só alma (59).

118. A Comunicação de si mesmos e do que tinham, no interior da comunidade, era vivida também na relação das comunidades entre si. A fome que assolou a Judéia, no tempo de Cláudio, suscitou a solidariedade da Igreja da Antioquia: "Decidiram então os discípulos enviar contribuições em ajuda aos irmãos que moravam na Judéia, cada um segundo suas posses" (60).

119. E Paulo, em várias de suas cartas,sublinhará a importância da coleta que faz em benefício da Igreja de

---

57. Idem.
58. Cf. Mc 14,27ss.
59. At 4,32.
60. At 11,29.

Jerusalém (61). A comunicação de si mesmos na ajuda econômica retribui a comunicação do Evangelho que lhes veio de Jerusalém (62).

120. Paulo é também modelo no método de evangelizar, na maneira de comunicar a Boa Nova: fazendo-se tudo para todos. "Para os Jedeus fiz- me Judeus a fim de ganhar os Judeus" (...). Para os que estão sujeito à Lei fiz-me como se vivesse a Lei(...).Para os fracos fiz-me fraco a fim de ganhar os fracos (63). Dento da possibilidade de seu tempo Paulo lançou mão de todos os meios de Comunicação existentes pois evangelizar era para ele uma necessidade vital, e evangelizar requer comunicação.

121. O Método de comunicação adotado por Paulo é o de apresentar o evangelho como resposta aos problemas que as pessoas tem. As melhores respostas se tormam desiteressantes se não há uma pergunta a que elas respondam. Para que o receptor acolha a mensegam é preciso que o emissor saiba apresenta-la como um valor, uma resposta às suas questões vitais.

122. Além de comunicar o evangelho com ações solidarias e com palavras a Igreja o comunica celebrando o dom de Deus em Cristo pela força do Espirito. É outra forma de comunicação: por meios de gestos simbólicos, na alegria da festa, a mensagem chega às pessoas e comunidades em niveis do inconsciênte, da emoção e do afeto.

123. A igreja precisa aplicar a si própria os critérios de comunicação de Jesus e das primeiras comunidades cristãs antes de aplica-los a ordem vigentes na comunicação e nos MCS.

f) A Comunicaçao dentro da Igreja

124. Os critérios de Jesus quanto à Comunicação que a Igreja tentou realizar desde as origens, podem resumir-se em:

- dar voz e vez aos que não as têm;

- impôr-se não pela foraa da pessuação humana mas pela força do Espirito que é verdade e justiça;

- opôr-se ao espirito do mundo, que é espirito de dominação e poder opressor;

- perseverar na perseguição, enfrentando imcluive a morte.

125. No contexto de renovação quaresmal, em que se coloca a CF, a Comunicação interna da Igreja é certamente,

---

61. Cf. Rm 15,26-28; Gl 2,10; 2Cor 8,9; At 24,17.
62. Cf. Rm 15,27.
63. 1Cor 9,20-22.

um dos pontos que exigem coragem para mudança e conversão. Neste ponto se enfrentam questões vitais para a própria natureza de comunhão e caridade na Igreja. Como conciliar, por exemplo:

- autoridade e serviço;

- instituição e povo de Deus;

- dogma e espaço de expressão;

- hierarquia e laicato

- ortodoxia e pastoral;

- Igreja no conjunto do pais e diocese;

- recursos para a comunicação social e pobreza;

- formação de agentes internos de Comunicaçao e relação com o mundo.

- metodologia especifica dos MCS e liberdade das pessoas

126. Os pobres, como critério da comuniação interna da Igreja, dão uma lição evangélica através das CEBs, em que se procura viver uma comunicação não dominadora, mas de respeito ao outro, na acolhida ao "menor dos irmãos". São o espaço onde as pessoas adquirem consciência de sua dignidade.

127. A Igreja, a partir das CEBs, em comunhão com os pastores, resdescobrirá novo modo de exercer a autoridade, mais de acordo com a recomendação de Jesus (64):

- autoridade baseada na comunhão:

- autoridade que é em primeiro lugar, submeter-se ao próprio Cristo, única autoridade na Igreja que fala por seu Espirito, soprando onde quer;

- autoridade preocupada primeiramente em não exitigui o Espirito (65);

- autoridade que não julga saber tudo, mas que, com modéstia, exerce seu carisma de"presidir na caridade" (Santo Inácio de Antioquia aos Romanos) discernido tudo e incentivando o que é bom (66);

- autoridade que não vá atrás do rebanho como alheia a seu movimento, nem na frente como quem predertimina o caminho que o Espirito vai fazendo descobrir, mas no meio com quem procura sentir os anseios do rebanho, perceber seus movimentos para discerni-los, porque o único pastor é Cristo a quem todos obedecem e que fala a todos e a cada um;

---

64. Cf. Mc 10,42ss.
65. Cf. 1Ts 5,19; cf. LG 12,Final.
66. Cf. 1Ts 5,21; cf. AA 3,último parágrafo.

- autoridade que se exerce "não por coação... nem por torpe ganância, nem como senhores..."(67);

- autoridade emfim, que aceita as consequências da fidelidade a Cristo até a perseguição e a morte (como vários bispos brasileiros que já sofreram injúria por sua identificação com as alegria e esperanças, dores e tristezas de seu povo).

128. Os critérios de vida, convivência e Comunicação de Jesus convidam a realizar a comunhão e participação a partir das Igreja lociais, especialmente daquelas mais pobres e mais perseguida pela causa do Reino. Nelas se está mais próximo do seguimento de Jesus. Olhando para as Igreja pobres e perseguida, a Igreja está ouvindo o que o Espírito diz no concreto da situação histórica de cada um e do conjunto.

129. O Espírito do Servo de Javé vale também para a Comunicação e o exercício da autoridade entre as Igrejas e destas com a Igreja de Roma, que "presidência na caridade" (cf. Santo Inácio de Antioquia aos Romanos). Não é o poder, nem a inveja, nem as idéias pré-concebida que criam a unidade ou a conservam, mas a força do espírito que sopra onde quer.

130. A Igreja hierárquica deve "ouvir o clamor do povo". E só o ouvirá "se estiver profundamente inserida dentro da vida do povo, assim com fez Jesus Cristo. A Igreja só realiza está comunicação na medida em que ao anunciar o evangelho:

- mergulhar na vida do povo, na sua cultura,nos seus fracasso, nas suas lutas, nas suas vitórias;

- romper como a comunicação dominante que está a servio dos poderosos e é utilizada para manter a situação;

- ensinar, acompanhar, apoiar, trabalhar e celebrar em função das aspiraçõs populares de justiça e fraternidade;

- articular esta Comunicação libertadora com a de outros grupos interessados na libertação dos pobres" (68).

131. A aplicação destes critérios exigem profunda conversão. É mais fácil criticar os MCS do que fazer uma auto-crítica da Comunicação interna da Igreja.

---

67. 1Pd 5,2.
68. Carta aos Comunicadores, Ed. Paulinas, 1984, p.16.

III PARTE: AGIR

CF e conversão

132. Para alcançar os objetivos da CF, cada cristão, cada comunidade, enfim, a Igreja toda, deve entrar num processo de conversão, que se expressa na vida do dia-a-dia. A CF quer ser um momento de Evangelização para realizar a fraternidade. Fraternidade e comunicação andam juntas. A Comunicação aproxima as pessoas e contribui para que adquiram consciência e vivência comunitária.

CRITÉRIOS PARA A AÇÃO

3.1. Processo da Comunicação na Sociedade

Converter as pessoas

133. A primeira realidade a ser transformada, no tocante à comunicação é a própria pessoa e, consequentemente, o seu relacionamento com os mais próximos. Assim, por exemplo, nas famílias, a imposição deve dar lugar ao diálogo, a repressão deve ser substituída por liberdade de expor idéias, discutir problemas, participar nas decisões; a frieza e o nervosismo devem ceder lugar à amizade, ao amor, ao carinho, à valorização do outro...

Transformar o bairro

134. Outra realidade a ser transformada é o bairro onde se vive. O isolamento, o desinteresse e a dominação devem ser mudados em solidariedade e participação igualitária nas associações de bairros, de grupos. O bairro deve se transformar numa extensão da família, numa grande família. Para isso é indispensável criar canais de comunicação, oportunizar o encontro fraterno entre as pessoas etc.

Transformar as relações no trabalho

135. No mundo do trabalho, a verdadeira comunicação deve ser sincera, promovendo o diálogo democrático entre patrões e empregado, veiculando a reflexão sobre a relação de justiça social entre trabalho e capital, processo de produção e consumo, salário e participação nas rendas, trabalho e bem comum. A pessoa deve ser respeitada em seus direitos.

E nos organismos sociais

136. Nos sindicatos, partidos políticos, organismos profissionais, associações e conselhos comunitários, é preciso criar uma rede de comunicação tanto no interior destes grupos, como entre eles, colocando como prioridade o bem comum, os direitos humanos, a justiça social, os valores perenes da humanidade...

Democracia e Comunicaçao

137. Segundo a Constituição brasileira, vivemos num país democrático. Democracia é feita, esencialmente, de diálogo, respeito ao outro e reconhecimento da vontade da maioria. O poder é exercido em nome e em benefício do povo.

Todos têm direito de dizer o que pensam e de se informar corretamente sobre o que se passa no governo. Tudo isso deve ser levado em conta na Comunicação social.

Formar o senso crítico

138. Os meios de comunicação grupais são a melhor escola para a formação da consciência crítica (69). São os recursos contra a despersonalização massiva, provocada pelos Meios de Comunicação Social. São uma escola de participação comum, capazes de criar e repartir conhecimentos através da prática diária.

Funções e Critérios dos M.C.S.

139. O informe MacBride aponta as funções dos Meios de Comunicação, na sociedade, hoje (I) e que serve como critérios para o Agir transformador na Comunicação e através dela, quando usados criticamente e em benefício do povo:

Informação: coletar, armazenar, submeter a tratamento e difundir as notícias, dados, fatos, opiniões, comentários e mensagens, necessários para entender de modo inteligente as situações individuais, coletivas, nacionais e internacionais e para estar em condições de tomar medidas pertinentes.

Socialização: construir um fundo comum de conhecimentos e de idéias que permita a qualquer indivíduo integrar-se na sociedade em que vive e que fomente a coesão social e a percepção ativa na vida pública.

Motivação: perseguir os objetivos imediatos e as finalidades últimas de cada sociedade, promover as opções pessoais e as aspirações individuais, estimular as atividades individuais ou coletivas para a consecução de objetivos comuns.

Debate e Diálogo: apresentar e trocar os elementos de informação disponíveis para facilitar o acordo ou esclarecer pontos de vista sobre assuntos de interesse público, na resolução de todos os problemas locais, nacionais e internacionais.

Educação: transmitir os conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento do espírito, para a formação do caráter e para a aquisição de conhecimentos e atitudes em todos os momentos da vida.

Promoção Cultural: difundir as obras artísticas e culturais para preservar o patrimônio do passado, ampliar o horizonte cultural, ao despertar a imaginação e estimular as ânsias estéticas e a capacidade criadora.

3.2. Processo de Comunicação na e pela Igreja

Critérios Cristãos

140. A partir da atuação de Jesus, o cristão tem critérios evangélicos que norteiam seu modo de comunicar na vida cotidiana, quer na sociedade, quer na Igreja: verdade, justiça, paz, respeito ao outro, fraternidade...

---

69. Puebla 1220.

Comunicação e Objetivo da Ação Pastoral

141. O critério fundamental para um processo de comunicação na Igreja e da Igreja é o objetivo que ela traça para sua Ação Pastoral e que deve se constituir naquilo que se chama de "linha editoral", nos grandes meios. A Igreja, no Brasil, estabelece para cada quatro anos a linha de sua ação, sintetizada no Objetivo Geral da Pastoral.

Evangelizar

- o povo brasileiro em processo de transformação social, econômico, político e cultural,
- anunciando a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o Homem,
- pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão,
- visando formar o povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e fraterna,
- sinal do Reino definitivo (70).

Linguagem

142. O segundo critério, para se conseguir eficácia na Comunicação, é a linguagem. Esta requer adaptação ao meio (rádio, TV, imprensa), ao destinatário (jovem, idoso, criança), à área, (esporte, missa, noticiário) e ao objetivo (evangelizar, informar, divertir).

Participação

143. O terceiro critério é a participação. O diálogo é indispensável para criar uma comum-união viva e vibrante na reunião do grupo, na celebração da liturgia. Também nos Meios de Comunicação é preciso criar diálogo entre todos: técnicos, produtores, locutores, funcionários e receptores.

3.2.1. Ação diante dos Meios

Quem comunica e para quê

144. O objetivo ou intencionalidade mostra que o meio não é a comunicação, mas, apenas canal. Daí, não é a televisão que domina, mas quem a usa. O para quê dá a chave de leitura do processo de comunicação. Neste sentido, é apresentada uma série de ações diante da realidade da Comunicação em si e dos Meios de Comunicação.

145. Em todos os níveis

---

70. Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil. CNBB, Doc. 38, Ed. Paulinas, 1987.

Sugestões

a) Promover o estudo dos processos de Comunicação mantidos pela sociedade, motivando a participação na luta por políticas Democráticas de Comunicação.

b) Analisar os Sistemas de Comunicação adotados pela Igreja, revendo, se necessário, sua política de produção e distribuição de mensagens.

c) Descobrir e desvendar as Estruturas de Comunicação, que desconhecem ou ocultam a situação de marginalidade em que se encontra a grande maioria do povo.

d) Criar e dinamizar o Setor de Pastoral da Comunicação para coordenar e animar a ação, o pensamento e o culto da Igreja, dentro e fora de sua organização.

e) Fazer com que os Agentes de Pastoral conheçam, compreendam e experimentem o fenômeno da Comunicação, para que se integre a Comunicação na Pastoral de Conjunto e as respostas pastorais se adptem a esta realidade (71).

f) Aprofundar e assumir o Objetivo Geral da Igreja no Brasil, como linha editoral de todo tipo de comunicação, articulando e servindo aos outros Setores de Pastoral.

g) Programar Cursos de Formação teológica, pastoral e técnica para Agentes de Pastoral da Comunicação, a fim de se usar o meio mais adequado para responder às necessidades urgentes de hoje.

h) Melhorar o conteúdo e a apresentação dos folhetos litúrgicos, para que facilitem a comunicação na celebração.

146. Em nível Nacional

a) Dar continuidade ao Projeto de Formação dos Professores de Comunicação para Seminários e Casas de formação, aplicando o Documento da Congregação para Educação Católica, "Orientações para Formação de futuros Sacerdotes acerca dos Meios de Comunicação Social" (72).

b) Produzir subsídios e divulgar a Mensagem do Papa para o "Dia Mundial da Comunicação", que se celebra no Brasil, na semana de 5 de maio, por decisão da 24a. Assembléia Geral do Episcopado, em 1986.

c) Formar Agentes de Pastoral, Animadores de Comunidade e Presidentes de celebração para que sua comunicação seja verdadeira através de gestos e palavras.

d) Preparar equipes de Liturgia e de Celebração nos diversos níveis, a fim de que a celebração Eucarística e demais celebrações sejam momentos de comunicação verdadeira com Deus e com os irmãos.

147. Em nível Regional

---

71. Puebla 1083.
72. Ed. Paulinas, 1987, 88p.

a) Organizar o Setor Regional de Pastoral da Comunicação com um coordenador na sede regional e equipe com Coordenadores Regionais de Unda, OCIC, UCBC, Centros de Comunicação Popular e Agentes de Comunicação dos Movimentos Regionais, para que realize o intercâmbio entre o Setor Nacional e os Setores Diocesanos.

b) Na celebração do "Dia Mundial da Comunicação" incentivar as Dioceses a refletir sobre o processo da comunicação, a valorizar os agentes desta pastoral e a promover contacto com os profissionais da Comunicação.

c) Organizar os Setores Diocesanos de Comunicação e formar agentes para esta Pastoral.

148. Em nível Diocesano

a) Organizar o Setor de Pastoral da Comunicação em nível Diocesano e Paroquial.

b) Realizar encontros de formação e animação de agentes da Pastoral da Comunicação em nível de Diocese, Paróquia e Comunidades.

c) Promover a formação para a "Leitura Crítica da Comunicação" (LCC) e envolver as escolas neste processo (J).

Sugestões para o uso crítico da TV em nível de família ou pequenos grupos (73)

- redistribuir o tempo dedicado pela família à televisão, por outras atividade que despertem interesse, tais como: música, artesanato, pintura, vídeo, jogos ou brincadeiras em grupo, onde cada um exercite naturalmente, corpo e imaginação.

- Criar hábito de assistir a programas selecionados e não a programação da televisão como um todo, aprendendo assim, a fazer uso mais frequente do botão de desligar.

- Estimular a família a escolher criticamente seus programas.

- Embora o espaço físico ocupado pelo aparelho não determine sua função, é conveniente não tê-lo em lugar de destaque. Assim, se evita que ele condicione ainda mais a rotina diária da família, influenciando suas açoes e pensamento em torno de uma ideologia expressa através da programação televisiva. É importante que os pais criem com os filhos um debate crítico acerca dos programas assistidos, com a finalidade de interpretá-los e descobrir as mensagens que estão por trás.

---

73. Cf. "A Criança e a Televisão, Amigos ou Inimigos?", Luiz Monteiro Teixeira, Ed. Loyola, 1985, 64p.

- Propiciar à família a oportunidade de receber outras influencias e discursos, paralelamente ao da televisão, fazendo com que este não se sobreponha aos demais.

Sugestões para leitura critica de um Noticiário e de uma Novela

- Informativos

. Qual foi a noticia mais importante de hoje?
. Que tempo, lugar e relevo se deu a ela?
. Em que ponto você concorda com a noticia?
. Em que termos você discorda?
. Que intenção está atrás desta noticia?
. A noticia está a serviço de quem?
. Para que foi dada a noticia desta maneira?
. Por que ela merece mais ou menos crédito?
. Qual foi a conclusão que a noticia sugeriu sobre o fato?
. Em que o noticiário de hoje serviu à minha vida?

- Novela
. Qual foi a mensagem do capitulo de hoje para você?
. Em que ponto essa mensagem vai servir à sua vida?
. Que valores da família foram ridicularizados?
. Que valores novos foram propostos à família?
. Como foi apresentado o amor? Com muito egoismo?
. Houve lições de serviço desinteressado?
. A mentira foi promovida como meio de vencer na vida?
. A verdade foi apresentada em palavras e atitudes?
. Houve atitudes de injustiça, opressão e exploração?
. Foram respeitados os direitos e deveres humanos?

3.2.2 Ação através dos Meios de Comunicação

Não é a mesma coisa comentar missa e contar piada pelo rádio, transmitir futebol pelo rádio e pela televisão. O meio, a área, o destinatário e o objetivo exigem diferentes tratamentos de linguagem. A proposta de ação da Igreja através dos Meios de Comunicação deve levar em conta, portanto, a linguagem.

149. Em nivel nacional

a) Produzir e transmitir boletins radiofônicos diário para as emissoras católicas do pais, numa rede nacional de rádio.

b) Agilizar a comunicação interna da Igreja e com a sociedade, com a instalação do Servio de Telex nos Regionais e nas Dioceses, para alimentar o Noticiário Radiofônico Diário.

c) Criar o prêmio anual para programas de rádio, televisão e imprensa, no estilo do "Margarida de Prata" para o cinema brasileiro, a partir desta CF.

d) Incentivar os Centros de Audiovisual da Igreja a produzir em co-edição, um curso para treinamento de Agentes de Comunicação.

e) Apoiar os Organismos nacionais, os Centros de Produção e Documentação, que prestam serviço a esta pastoral na Igreja

f) Conscientizar todos os niveis de Igreja sobre a urgência de investimentos significativos para a Pastoral da Comunicação.

g) Criar um fundo para a Pastoral da Comunicação a partir da coleta desta CF.

150. Em nivel Regional

a) Fazer um levantamento sobre a atuação regional da Igreja nos Meios de Comunicação Social

b) Criar ou dinamizar o Boletim Informativo.

c) Promover a rede de Emissoras católicas através da Unda Regional.

d) Organizar o "Videoclube" com orientações da OCIC.

e) Ocupar todos os espaços oferecidos nos MCS locais.

151. Em nivel Diocesano

a) Produzir noticiário de rádio para divulgar experiências e garantir a unidade pastoral.

b) Ocupar os espaços nos veículos impressos locais narrando fatos e experiências que reflitam a realidade da própria comunidade.

c) Usar o audiovisual como "Meio de Comunicação Grupal" e Popular.

d) Dar novo impulso à liturgia, motivando a Assembléia. A celebração litúrgica se faz com palavras, gestos e sinais.

e) Produzir e apresentar Liturgia "de" Rádio e Televisão, sempre ao vivo com script, integrando a linguagem oficial da liturgia, com a linguagem do meio, priorizando os receptores.

f) Realizar encontros periódicos, em nivel diocesano e paroquial, para a pastoral através dos Meios de Comunicação.

g) Divulgar as publicações de centros ligados à Igreja, como filme, vídeo, disco, fita cassete, audiovisual, livros, revista e outros.

h) Criar "Centros de Comunicação Popular" nas dioceses, paróquias e comunidades, para: 1) orientar a leitura crítica dos MCS; 2) produzir e divulgar mensagens através dos MCS; 3) capacitar para uso dos MCS; 4) documentar a produção popular e preservar sua memória.

3.2.3. Ação nos Meios de Comunicação

152. Quem comunica em nome da Igreja deve procurar construir corresponsabilidade, para que "todos sejam um" no processo da Comunicação e através dele. A participação exige retorno, análise, resposta, conclusão, ação concreta. Nesta perspectiva, eis algumas sugestões de ação nos Meios.

153. Em nível Nacional

a) Formar uma Comissão Episcopal, constituída de bispos das Regiões em que são produzidos jornal, rádio, TV para todo o País, com o objetivo de manter o diálogo com os responsáveis pelos grandes Meios

b) Manter diálogo e apoiar os profissionais da comunicação, valorizando-os e facilitando seu trabalho na cobertura dos assuntos de Igreja.

c) Desencadear amplo debate nacional dentro das Faculdades Católicas de Comunicação Social, para redefinir seus rumos e objetivos.

d) Desenvolver uma atuação ecumênica na área da Comunicação.

154. Em nível Regional

a) Participar da luta dos comunicadores em favor da justiça.

b) Colocar os Meios de Comunicação da Igreja a serviço das causas populares.

c) Examinar, se em nossos processos de comunicação, nos grupos, na escola, no jornal, na editora, na emissora de rádios, prevalece a dominação de pessoas sobre outras, ou há mecanismos práticos que permitem o exercício do diálogo.

155. Em nível Diocesano

a) Apoiar o comunicador católico no esforço de encarnar o Evangelho em seu ambiente de trabalho e através dos Meios de Comunicação Social.

b) Ajudar o comunicador profissional a ser fiel às exigências da verdade, do respeito à privacidade, da ordem baseada na justiça e da moral pública baseada nos valores evangélicos.

c) Implementar o diálogo em todos os processos comunicativos, a partir das situações vividas pelas próprias comunidades.

REFERÊNCIAS

A) Modernos Meios de Comunicação Social, denominados em linguagem técnica: "Mídia" ou "Meios de Massa".

B) Um satélite comunica, ao mesmo tempo, programas de televisão, rádio, telex, telégrafo, telefone e dados computadorizados. o Intel-Sat 6, transmite, a cada três segundos, o equivalente a uma grande enciclopédia.

C) Associated Press (AP), France Press (FP), REUTERS, United Press International (UPI).

D) Para maiores informações sobre NOMIC, consultar "A Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação", NEOTTI, Clarêncio, Ed. Vozes, 1986.

E) Existem ainda organismos internacionais da Igreja para a comunicação. Entre eles: OCIC - Organização Católica Internacional de Cinema; UCIP - União Católica Internacional de Imprensa; UNDA - Associação Católica Internacional para o Rádio e a Televisão.

F) Assembléia, sob o ponto de vista litúrgico, é o Povo de Deus convocado pela Palavra, presidida por quem de direito, que celebra sua vida na fé, através de sinais da Memoria de Cristo e se compromete com a a transformação do mundo, visando a construção do Reino definitivo.

G) As conclusões do 5o. Encontro Nacional de Liturgia de Rádio e TV, foram publicadas na Coleção Estudos da CNBB 48, com o título "Assembléia Eletrônica e Litúrgica".

H) "Ruído" - em comunicação, entende-se obstáculo, barreira, bloqueio.

I) MacBride - um dos principais organizadores do Seminário sobre a NOMIC.

J) A AEC - Associação de Educação Católica, produz cadernos para as escolas sobre o tema Educação e Comunicação. Para esta CF, verificar, no final deste Texto Base, Bibliografia Básica.

PRINCIPIOS CRISTAOS DE COMUNICAÇAO

Comitê Central da WACC
Trad. de Ephraim F. Alves
Rev. de Cultura VOZES, jan/fev 87

A informação e a comunicação estão dramaticamente modificando o mundo em que vivemos. Mas ao invés de estabelecerem a comunhão e a solidariedade, os meios de comunicação social tendem agora a reforçar a divisão, aumentar a brecha entre ricos e pobres, consolidar a opressão e distorcer a realidade, a fim de preservar os sistemas de dominação e manter as massas silenciosas e manipuladas. Todavia, a comunicação é o grande dom de Deus à humanidade, sem o qual não podemos ser realmente humanos, refletindo "a imagem de Deus". Nem poderíamos viver em grupos, comunidades e sociedades imersas em diferentes culturas e estilos de vida diferentes

Tendo em vista o potencial dos meios de comunicação para a solidariedade e a ameaça que podem representar para toda a humanidade, os membros da Associação Mundial para a Comunicação Cristã resolveram examinar sua política e suas práticas de comunicação, tomando por base a Boa-Nova do Reino. As diretrizes, que exporemos a seguir, querer ser o nosso testemunho comum de Jesus Cristo e da esperança que Ele nos deu mediante o poder transformador de sua própria comunicação.

1. A COMUNICAÇAO EM PERSPECTIVA CRISTA

Jesus proclamou a chegada do Reino de Deus e mandou que proclamássemos o Evangelho a todos os povos até o fim do tempo. Ouvir o Evangelho, vivê-lo e testemunhá-lo: eis a vocação fundamental de todos os cristãos.

A fim de cumprirem essa missão, receberam a promessa da força do Espírito Santo. Este é o Espírito que pode mudar a Babel da confusão no Pentecostes da verdadeira compreensão. Mas o Espírito "sopra onde quer" (Jo 2,8) e ninguém, nem a Igreja nem qualquer grupo religioso, poder ter a pretensão de controlá-lo.

O Evangelho se dirige a cada pessoa e a toda a humanidade. Rezemos para pedir que o Reino venha, bem como pelo pão de cada dia, para que se instaure o Reino de Deus no mundo que há de vir bem como no aqui-e-agora. Para os comunicadores cristãos, o material e o espiritual estão indissociavelmente unidos.

A própria comunicação de Cristo foi um ato de autodoação. Cristo "esvaziou-se totalmente, assumindo a forma de servo" (cf. Fl 2,7). Prestou serviço a todos, mas assumiu especialmente a causa dos materialmente pobres, dos doentes mentais, dos párias da sociedade, dos fracos e oprimidos. De maneira semelhante, a comunicação cristã deveria ser um ato de amor que liberta todos aqueles que dele participam.

Como o Evangelho é a Boa-Nova de Deus para os pobres, deve ser constantemente reinterpretado na perspectia dos pobres e dos oprimidos. Isso desafia as hierarquias das Igrejas a se dissociarem das estruturas de poder que mantém os pobres numa posição de subserviência. Neste sentido, a Boa-Nova para os pobres corporifica a autêntica reconciliação, que permite reafirmar a dignidade de todas as pessoas.

Aceitando a soberania de Cristo, o cumunicador cristão proclama o Reino de Deus melhor que nossas Igrejas divididas. As

Igrejas não existem para si mesmas, mas em função do Reino. Por esse motivo, o comunicador cristão dá preferência á comunicação ecumênica de sorte que os cristãos de denominações diferentes falem a uma voz, dando assim testemunho do único Corpo de Cristo.

Os comunicadores cristãos, como testemunhas do Reino, deveriam despertar e refletir o testemunho comum da Igreja. A vida dos cristãos bem como a atividade dos comunicadores necessitam liberta-se do individualismo que caracteriza algumas culturas e tradições. Temos que redescobrir o modo de compreender da primeira comunidade cristã, de uma Igreja testemunhante e comunicadora.

Temos que compreender a Igreja como a comunidade de fiéis, escolhidos por Deus como instrumentos de promoção do Reino. E isto porque a Igreja corporifica e dá testemunho dos valores centrais do Reino entre os quais, a unidade, a reconciliação, a igualdade, a justiça e a liberdade, harmonia, paz e amor ("shalom").

Além disso, os comunicadores cristãos estão cônscios e se mostram respeitosos dos mistérios divinos, sabem que os caminhos divinos nunca se podem compreender, menos ainda explicar. De modo semelhante, a coroa da criação divina, à pessoa, jamais pode ser plenamente compreendida. Os comunicadores cristãos, portanto, sempre se dão conta de sua deficiência quando falam de Deus e têm plena consciência do "mistério" ao narrarem a história do Povo de Deus.

A comunicação dos cristãos, em última instância, visa a glória de Deus. Neste sentido, toda a comunicação cristã é um ato de culto, um louvor a Deus mediante palavras e atos compartilhados em uma comunidade que vive na consciência da presença divina. A comunicação cristã deve enfrentar o desafio de testemunhar o poder transformador de Deus em todas as áreas da existência humana. Paulo chama-se a si mesmo e aos fiéis servos da Palavra, "servos de sua glória" (cf. Ef 1,12) e portanto "servo de sua alegria" (cf. 2Cor 1,24). A glória de Deus e a alegria pessoal deveriam ser a marca distintiva de toda comunicação cristã.

Esses princípios gerais da comunicação cristã serão agora desenvolvidos no contexto os problemas atuais da comunicação.

2. COMUNICAÇAO CRIA COMUNIDADE

Muitos hoje temem ou deploram a perda da comunidade ou do espírito comunitário. Ao invés de unir as pessoas, muitas vezes os mass media as isolam ou dividem. No entanto, a comunicação, inclusive o uso de meios alternativos, pode revitalizar as comunidades e reacender a chama do espírito comunitário. porque o modo da autêntica comunicação, bem como de qualquer gênero de comunicação, é aberto e includente, ao invés de unidirecional e excludente.

Mas não se deve considerar uma comunmidade como algo exclusivamente local. Deverá surgir uma comunidade de povos e nações bem como uma comunidade de diferentes Igrejas e religiões, caso a humanidae pense em sobreviver. Portanto, um dos principais objetivos de nosso trabalho é derrubar todo tipo de barreiras que impedem o desenvolvimento de comunidades com direitos e justiça para todos - particularmente barreiras como raça, sexo, classe, nação, poder e riqueza. Uma comunicação autêntica só pode ter lugar em um clima sem divisão e alienação, sem isolacionismos e barreiras que perturbam, impeçam ou desvirtuem as interações sociais.

Facilita-se porém a verdadeira comunicação quando as pessoas se congregam sem preocupar-se com questões de raça, cor ou convicção religiosa, e onde todos se aceitam e apoiam mutuamente.

3. A COMUNICAÇAO É PARTICIPANTE

Os mass media foram organizados segundo uma estrada de mão única: fluem do vértice para a base, do centro para a periferia, de poucos para muitos, do "ricos de informação" para os "pobres de informação". Isto condicionou o pensamento de muita gente - não só em termos de conteúdo dos mass media, mas também em termos de criar uma "mentalidade de mass media". Muitos acham que é desse modo que devem atuar os mass media. Mesmo aqueles que recomendam um fluxo horizontal muitas vezes só se preocupam com o aumento do número de canais, com a diversificação dos conteúdos e a localização dos meios. Ainda se apegam ao principio fundamental do topo para a base.

Por outro lado, existe agora uma crescente consciência de que há necessidades de informação e comunicação, sentidas por indivíduos e grupos, que os mass media não conseguem satisfazer. As tecnologias modernas de comunicaão poderiam fomentar um grau de participação muito maior do que aquela que os controladores dos atuais sistemas de informação e comunicação estão dispostos a conceder ou desenvolver.

A comunicação é, por definição, participante. É um processo de mão dupla. É interativa por compartilhar sentido e estabelecer e manter relaçõs sociais. Quanto mais se difundem e quanto mais poderoso se tornam os mass media, tanto maior a necessidade para cada pessoa se engajar em atividades de comunicação, tanto em âmbito local como em âmbito intergrupal. Deste modo vão também redescobrir e desenvolver formas tradicionais de comunicação.

Somente quando as pessoas se tornam sujeito ao invés de objeto da comunicação é que podem desenvolver seu pleno potencial como indivíduos e grupos. A comunicação é agora considerada como necessidade individual e social de tão fundamental importância, que surge como um direito humano universal. A comunicação como direito humano abrange as tradicionais liberdades: de expressão, do direito de procurar, receber e distribuir informação. Mas acrescenta a essas liberdades, tanto para o indivíduo como para a sociedade, um novo conceito, a saber: o do acesso, participação e fluxo bidirecional.

A comunicação participante pode desafiar as estruturas autoritárias na sociedade, nas Igrejas e nos media, bem como democratizar novas áreas da vida humana. Pode também desafiar algumas das "regras profissionais" dos mass media, em consonância com as quais pessoas poderosas, ricas e cheias de "glamour" ocupam o centro do palco, excluindo
gente comum, homens, mulheres e crianças. A comunicação participante, enfim, pode dar às pessoas um novo sentido da dignidade humana, uma nova experiência de comunidade e o contentamento de uma vida mais planamente vivida.

4. A COMUNICAÇAO LIBERTA

Os mass media são um tipo de poder e, muitas vezes, parte de um sistema de poder. normalmente se estruturam de tal modo que servem para consolidar o "status quo", atendendo aos interesses dos poderosos, econômica e politicamente. O poder dos mass media exerce assim um efeito dominador que é contrário a uma autêntica comunicação.

Não podemos nos comunicar com gente que consideramos como "inferior", cujo o valor humano fundamental não respeitamos. Podemos simplesmentte fornecer-lhe informação ou vender-lhe "produtos de comunicação". Uma autêntica comunicação pressupõe o reconhecimento de que todos os seres humanos têm o mesmo valor. Quanto mais explícito se torna a igualdade nas interações humanas, tanto mais facilmente ocorre o processo de comunicação.

Há formas brutais ou sutis para calar o povo. As imposições do modelo nacionalismo e as exigências das ideologias de dominação são exemplos de como a liberdade foi cortada e suprimidos os pontos de vista contrários. Quando se insiste na liberdade de imprensa ou de difusão, dever-se-ia perguntar: Liberdade de quem e para quem? A liberdade de comunicação se acha ligada a um compromisso com a comunidade e como a satisfação das necessidades individuais e sociais, não só de um pequeno grupo.

A comunicação libertadora capacita o povo a articular suas próprias necessidades e o ajuda a se organizar para atender a tais necessidades. Estimula o seu senso de dignidade e frisa o seu direito a uma plena participação na vida da sociedade. Tem como objetivo criar estruturas sociais mais justas, mais igualitárias e capazes de promover a realização dos direitos humanos.

5. A COMUNICAÇAO APOIA E DESENVOLVE AS CULTURAS

A cultura básica de um povo e a necessidade de identidade cultural são parte da dignidade da pessoa humana. Muitas nações e muitos povos estão hoje redescobrindo e redefinindo sua identidade cultural básica. Isso é particularmente urgente onde a cultura, a linguagem, a religião, o sexo, a idade, a etnia ou a raça foram atacada ou tratados com desprezo pelos membros de outros grupos culturais.

As estruturas de comunicação global estão sendo agora organizadas de tal forma que ameaçam as culturas e as prioridade de muitas nações. Pior ainda, as indústrias do entretenimento, particularmente a televisão e os programas domésticos de vídeo, estão criando um ambiente em que muita coisa é alienada e alienante.

Os critérios ocidentais dos mass media já foram adotados pelas elites dos países pobres do hemisfério sul. Eles estabelecem os "padrões" para classificar o que é "profissional" em produções dos mass media, impedindo muitas vezes a emergências de uma forma alternativa de comunicação.

Os comunicadores têm agora uma tremenda responsabilidade, para usarem e desenvolverem formas autóctones de comunicação. Devem cultivar um ambiente simbólico de imagens e significações mutuamente partilhadas, que respeitem a dignidade humana e os valores religiosos e culturais que estão no coração das culturas do Terceiro Mundo. Uma das maiores riquezas do mundo atual se acha na multiplicidade de culturas, revelando a riqueza da imagem de Deus em toda a sua diversidade.

6. A COMUNICAÇAO É PROFÉTICA

Muitos profissionais dos mass média estão procurando interpretar os sinais dos tempos, por ser isso parte do trabalho de informação pública a que se consagraram. Para os cristãos, os acontecimentos de cada dia são parte da agenda divina. Nesses acontecimentos revela-se o plano de Deus através das sempre

novas oportunidades das mudanças circunstanciais. A fim de discernir e interpretar a situação corretamente, os comunicadores cristãos devem ouvir a Palavra de Deus e deixar-se guiar por Seu Espírito. Esta é a condição da profecia.

Mas as palavras são apenas uma parte da profecia. Só adquirem um real significado quando acompanhadas pela ação. A comunicação profética se exprime em palavras e atos. Essa ação profética deve ter como objetivo desafiar os principados e potestades e, por isso, pode comportar um alto preço.

A comunicação profética serve a verdade e combate a mentira. As mentiras e meias verdades constituem grande ameaça à comunicação. A comunicação profética estimula a consciência crítica da realidade construída pelos mass média e ajuda o povo a distinguir a verdade da falsidade, a discernir a subjetividade do jornalista e separar o que é efêmero e banal daquilo que é eterno e sempre válido. Muitas vezes é necessário desenvolver uma comunicação alternativa, de tal forma que se possam realizar palavras e atos proféticos.

Conclusão

Esses princípios deveriam orientar o trabalho e a missão dos cristãos na área da comunicação. Integram também a agenda geral da Associação Mundial para a Comunicação Cristã (WACC - World Association for Christian Communication) no que tange ao apoio de projetos, estudos e divulgação de modos de proceder. Deve-se ver a comunicação como algo central para as Igrejas, como o processo no qual o amor de Deus é recebido e compartilhado, estabelecendo assim a comunhão e a comunidade.

Este Documento foi adotado pelo Comitê Central da WACC, em sua reunião anual de maio de 1986. É assim um documento oficial da WACC, que deveria orientar os membros da Associação em seu modo de pensar, planejar e atuar.

ALGUMAS TÉCNICAS PARA ANALISAR OS MEIOS DE COMUNICAÇAO

É importante relembrar algumas recomendações para uma discussão eficiente. Existem fatores que se devem levar em conta para não se perder tempo, aproveitar bem o tema apresentado (seja através de um texto, um programa de rádio, vídeo, cinema, televisão ou slides) e conseguir o melhor rendimento de todos. Para uma análise de um tema, é importante ter:

> "UM GRUPO QUE SE REÚNE NUM LUGAR APROPRIADO PARA ESTUDAR UM DOCUMENTO ADEQUADO, COM OS EQUIPAMENTOS E RECURSOS NECESSÁRIO E UM MODERADOR QUE FACILITE O FUNCIONAMENTO DO GRUPO".

1. TÉCNICA 1

Apresentar para o grupo um produto cultural que expresse questionamentos para o grupo. Realizar a discussão seguindo os seguintes passos:

a. Sondagem inicial. Esta sondagem visa esquentar o debate, sempre difícil de começar. Nela, os participantes apresentarão a sua primeira impressão deixada pelo produto cultural apresentado. Gostaram ou não? O que mais chamou a atenção? É uma percepção inicial, necessariamente subjetiva.
b. Recontar a história apresentada. Aqui se buscam as informações objetivas sobre o produto. Não deve entrar a subjetividade. Esmiuçar a obra em tantas partes e detalhes quanto possível. Reconstruir os detalhes passo a passo. A observação exata é importante para a interpretação posterior. Esta etapa possui as seguintes finalidades: desenvolver a capacidade de observação; partilhar o que se viu e ouviu; dar tempo para que as idéias se consolidem, evitando a tomada apressada de posições.
c. Temas. Sintetizar a fase anterior em torno dos temas principais apresentados pelo produto cultural, e numerá-los de acordo com as prioridades.
d. Debate ou análise. Agora começa a discussão propriamente dita. Toma-se um tema por vez, relacionando-o com a realidade objetiva que se está vivendo. Ver o que aparece e o que está implícito no tema; determinar o contexto do tema; relacioná-lo com outras situações.
e. Resumo. Nesta etapa, resume-se o discutido,especificando-se os temas que ficaram claros e os que ainda estão confusos.
f. Avaliar e propor ações.

NB: Melhor especificação e explicação desta técnica encontra-se em: OLIVEIRA, Manoel. A Discussão Grupal (LCC cadernos 2). São Paulo: Loyola/UCBC-LLCC/SERPROA, 1987.

2. TÉCNICA 2

Esta técnica pode ser realizada em quatro momentos: a partir dos emissores da comunicação; a partir das mensagens transmitidas; a partir dos destinatários; a partir dos efeitos produzidos.

lo. momento: a partir dos emissores:

a. Quem transmite? São os aspectos referentes ao sujeito da comunicação: suas características, fatores culturais e psicológicos, condicionamentos, dificuldades, circunstâncias.

b. Por que transmite? Refere-se às intenções: finalidades, desejos, propósitos, objetivos, estratégias.
c. Com base a que princípios se comunica? Refere-se aos códigos deontológicos dos profissionais, os aspectos éticos: critérios, ética, valores, moralidade de referência.

2o. momento: a partir das mensagens:

a. O que é transmitido? Análise da própria mensagem: elementos, fontes, conteúdos, sinais, forma, significado.
b. Qual o meio utilizado? Análise do meio: codificação, decodificação, linguagem, esquemas de referência.
c. Em que condições a mensagem está sendo transmitida? Busca-se as condições em que se dá a comunicação: modalidades, limites, possibilidades, características ambientais.

3o. momento: a partir dos destinatários:

a. A quem se dirige a mensagem? Os receptores que utilizam os "midias": cultura, intencionalidade, expectativas,características psicológicas.
b. Como a mensagem é recebida? Contexto no qual se recebe a comunicação: possibilidades de escolhas, sob controle estatal ou monopólio, regime de liberdade, etc...
c. Qual o âmbito em que se recebe? Situação concreta na qual a comunicação é recebida: ambiente, recepção em grupo, individual, capacidade crítica, estado de espírito pessoal.

4o. momento: a partir dos efeitos:

a. Qual o resultado da comunicação? Análise dos efeitos produzidos nos receptores em nível pessoal: identificação projetiva, fortalecimento da mensagem, sonho, despertar do espírito crítico.
b. Que influência e responsabilidade comportam? Análise das conseqências sociais (rapidez da comunicação, presença da notícia em toda parte, mudança dos valores, consumismo, difusão cultural).
c. Quais são as suas repercussões globais? Significado global da comunicação no mundo de hoje: massificação, transformação da realidade, criação de novas formas de poder, flexibilidade nas linguagens, transformações das estruturas.

NB: Um melhor detalhamento e mais ampla explicação destes passos poderão ser encontrados em: CASADO, Alfredo. Os meios de comunicação social e sua influência sobre o indivíduo e a sociedade. Col. Cadernos Humanidade Nova, no. 5, São paulo: Ed. Cidade Nova, 1987.

3. TÉCNICA 3

A técnica anterior pode ser utilizada a partir do conceito de "lugar" social dos envolvidos no processo de comunicação. "Lugar social" entende-se como o ocupado pelos indivíduos na trama social: sua perspectiva, os interesses que defendem,as idéias que passam, a classe social a que pertencem. Por exemplo, o lugar social do dono de uma indústria não é o mesmo que o dos seus empregados; os interesses, as idéias que defende não são as mesmas que as dos seus empregados. Ele vê a sociedade a partir de uma outra ótica, de "outro lugar": a ótica e o lugar das classes ricas, dominantes.

1o. momento: a partir dos emissores:

a. Quem são os emissores da comunicação que domina a sociedade?
b. A que "lugar social" pertencem?

2o. momento: a partir das mensagens:

a. As mensagens transmitidas respondem a que interesses?
b. Sobre que falam estas mensagens? O povo se sente identificado com elas?

3o. momento: a partir dos destinatários:

a. Onde se situam a maioria dos destinatários da comunicação social?
b. Qual é o seu lugar social?

NB. Para uma melhor compreensão desta problemática, ver: GOMES, Pedro Gilberto. Leitura Crítica da comunicação: do emissor ao receptor. LCC CADERNOS 1. São Paulo: Loyola, UCBC/LCC, 1987.
TILBURG, João Luis. Para uma leitura crítica da televisão. São Paulo: Paulinas/SEPAC, UCBC/LCC, 1985.
SOARES, Ismar de Oliveira. Para uma leitura crítica dos jornais. São Paulo: Paulinas/SEPAC, UCBC/LCC, 1985.

Todas essas técnicas, com seus passos, podem ser utilizadas para a análise e discussão de qualquer produto cultural apresentado.

CEDIM

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

1. Os Meios de Comunicação Social, Concílio II.Coleção "Documentos Pontifícios", no. 145. Vozes 1967. 16 p.

O documento é mais conhecido pelo nome latino "Inter Mirifica". Decreto do Concílio, publicado no dia 4.12.1963. Tem apenas dois capítulos: Doutrina da Igreja; Ação Pastoral da Igreja. Pede que a doutrina católica sobre o uso dos Meios de Comunicação seja inserida nos catecismos (n.16).

2. Os Meios de Comunicação Social, Pontifícia Comissão para os Meios de Comunicação Social. Coleção "Documentos Pontifícios, no. 181. Vozes 1971. 64 p.

Mais conhecida pelo título latino "Communio et Progressio". Considerada a "Carta Magna" da Comunicação na Igreja. Pedida pelo Decreto Inter Mirifica (n. 23), esta Instrução foi o primeiro grande trabalho da então recém criada Pontifícia Comissão para os Meios de Comunicação Social. Publicada em maio de 1971, "esta Instrução foi elaborada com a consciência da urgência de necessidades que não permitem demoras: necessidade de entrar em contacto e diálogo com os profissionais do mundo da Comunicação Social, necessidade de lhes dar toda a contribuição a seu alcance, e exortar todos os homens a usar estes meios para o progresso humano e glória de Deus" (n.186).

3. A Evangelização no Mundo Contemporâneo (Evangelii Nuntiandi), Paulo VI.Coleção "Documentos Pontifícios", no. 188. Vozes 1976. 74 p.

Um dos mais famosos textos do Pontificado de Paulo VI, publicado (1975) em forma de "Exortação Apostólica", a pedido do Sínodo de 1974 sobre a Evangelização. O no. 45 é específico sobre o uso dos Meios de Comunicação na Evangelização: "A Igreja se sentiria culpada diante do Senhor, se não fizesse uso destes potentes meios".

4. Dia Mundial dos Meios de Comunicação. As 12 Mensagens do Papa Paulo VI.Coleção "Documentos Pontifícios", no. 199. Vozes 1982. 56 p.

Paulo VI instituiu o Dia Mundial das Comunicações Sociais em 1967. A partir de então escolheu um tema para cada ano e sobre o assunto enviou uma mensagem: O cristão diante do vasto fenômeno moderno dos Meios de Comunicação (1967); Comunicação Social e Desenvolvimento (1968); Comunicação Social e Família (1969); Comunicação Social e Juventude (1970); Os Meios de Comunicação Social a serviço da Unidade (1971); Os Meios de Comunicação Social a serviço da Verdade (1972); Os Meios de Comunicação a Serviço dos valores espirituais (1973); A Comunicação e a Evangelização (1974); A Comunicação e a Reconciliação (1975); A Comunicação e os Direitos Humanos (1976); A Comunicação e a Publicidade (1977); Os direitos e os deveres do receptor (1978).

5. Comunicação e Promoção Humana, João Paulo II, Coleção "Documentos Pontifícios", no. 217. Vozes 1988.

São as dez mensagens (1979-1988) de João Paulo II para o Dia Mundial das Comunicações: Comunicação e infância (1979); Comunicação e Família (1980); Comunicação e liberdade do homem (1981); Comunicações Sociais e Vida dos Anciãos (1982); Comunicação e promoção da Paz (1983); Comunicação e encontro entre fé e Cultura (1984); Comunicação e promoção da juventude (1985); Comunicação e formação da Opinião Pública (1986); Comunicação a serviço da Justiça e da Paz (1987); Comunicação a serviço da Solidariedade e da Fraternidade (1988).

6. Sobre os Meios de Comunicação Social, Congregação para Educação Católica.Coleção "Documentos Pontifícios" no. 211. Vozes 1986. 80 p.

Documento dirigido sobretudo a bispos e superiores maiores e reitores de seminários sobre o ensino da Comunicação e dos Meios de Comunicação nos anos de formação. Distingue três níveis: de base, de entrosamento com a pastoral, de especialização. Contém, em apêndice, uma antologia de 42 textos oficiais, por ordem cronológica, sobre a formação do Clero para o uso dos media.

7. Cultura e Dimensão Humana, João Paulo II. Coleção "Documentos Pontifícios, no. 198. Vozes 1982. 52 p.

Muitas vezes o Papa João Paulo II falou sobre cultura. Nesse opúsculo estão publicados integralmente três pronunciamentos: O sentido humano da cultura (famoso discurso da UNESCO, 2.6.80, continuamente citado nos discursos futuros); Cultura e Liberdade (pronunciado no Rio de Janeiro, aos Intelectuais, 1.7.80); Cultura, um projeto de Humanidade (pronunciado em Coimbra, 15.2.82, onde define o conceito de cultura). Em apêndice: a instituição do Pontifício Conselho para a Cultura, 20.5.82.

8. A Paz é possível. A Paz é um dever, Paulo VI. Coleção "Documentos Pontifícios", no. 215. Vozes 1987. 104 p.

Paulo VI criou o Dia Mundial da Paz, a ser celebrado no dia 1o. de janeiro. A partir de 1968, escreveu e publicou uma mensagem cada vez, sempre sobre o tema do ano: A promoção dos Direitos Humanos, caminho para a Paz (1968); O novo espírito da Paz (1969); Educação para a Paz (1970); Paz e Fraternidade humana (1971); Se queres a Paz, trabalha pela Justiça (1972); A Paz é possível (1973); A Paz depende de ti (1974); A Reconciliação: caminho para a Paz (1975); As verdadeiras armas da Paz (1976); Se queres a Paz, defende a Vida (1977); Não à violência, sim à Paz (1978).

9. Paz: preocupação primordial, João Paulo II. Coleção "Documentos Pontifícios, no. 216. Vozes 1987. 152 p.

Texto integral das Mensagens de João Paulo II para o Dia Mundial da Paz, até 1987 inclusive: Para alcançar a Paz, educar para a Paz (1979); A Verdade, força da Paz (1980); Para servir a Paz, respeita a liberdade (1981); A Paz: dom de Deus confiado aos Homens (1982); O diálogo para a Paz: um desafio para o nosso tempo (1983); De um coração novo nasce a Paz (1984); A Paz e os Jovens caminham juntos (1985); A Paz: um valor sem fronteiras (1986); Desenvolvimento e Solidariedade: duas chaves para a Paz (1987).

10. Carta aos Comunicadores, Equipe de Reflexão do Setor de Comunicação da CNBB. Paulinas 1984. 24 p.

Texto publicado em junho de 1984 pela Equipe de Reflexão do Setor de Comunicação da CNBB e distribuído gratuitamente e em quantidade a todas as dioceses e grande imprensa. Texto para reflexão em grupo, visando sobretudo a consciência crítica diante da manipulação dos Meios de Comunicação. Publicado na íntegra em várias revistas e jornais.

11. Um mundo e muitas vozes, UNESCO. Trad. de Eliane Zagury. Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro 1983. 502 p.

É o famoso "Informe MacBride", ou seja, o relatório da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação, feito a pedido da UNESCO, discutido pelos governos

de todos os países e aprovado na Conferência de Bucarest (novembro de 1980). Posteriormente bastante boicotado pelos países ricos. O documento pede uma nova ordem mundial mais justa e eficaz da informação e da comunicação. MacBride (católico irlandês, nascido em 1904, falecido no dia 15 de janeiro de 1988), jornalista, advogado, político, durante 13 anos presidente da Anistia Internacional, é o único até hoje a ganhar o Prêmio Nobel da Paz (1974) e o Prêmio Lenin da Paz.

12. Temas básicos em Comunicação, Roberto P. de Queiroz e Silva (Org.). Paulinas e Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo 1983. 256 p.

Um livro de divulgação científica para os que se iniciam no campo da Comunicação. 56 autores brasileiros abordam 56 itens.

13. Meios de Comunicação: realidade e mito, Jorge Werthein (org.). Editora Nacional, São Paulo 1979. 278 p.

São treze autores que abordam distintos aspectos, mas todos no contexto da discussão sobre os efeitos políticos das formas contemporâneas de Comunicação Social. Em outras palavras: o livro aborda criticamente os Meios de Comunicação no contexto do desenvolvimento capitalista-dependente da América Latina. O último capítulo estuda especificamente a política de Comunicação do Brasil.

14. Além dos Meios e Mensagens, Juan Díaz Bordenave. Vozes 1983. 112 p.

É uma introdução à Comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. O A. é paraguaio, trabalhou durante 20 anos na OEA e vive ultimamente no Brasil. Especialista em comunicação agrária. Livro de leitura fácil. Boa introdução ao vasto e multifacético tema da comunicação.

15. Comunicação Libertadora, Nereu de Castro Teixeira. Paulinas 1983. 208 p.

Livro nascido da experiência de cursos dados em Medellín e de inúmeras conferências pronunciadas no Brasil sobre a pastoral da Comunicação Social. O livro tem a vantagem de ser escrito por um comunicador que também entende de teologia e pastoral, e é especialista em liturgia.

16. A Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação, Frei Clarêncio Neotti. Vozes 1986. 80 p.

Apanhado histórico do tema com uma aproximação à Igreja na América Latina.

17. Comunicación, Misión y Desafío, DECOS-Celam. Centro de Publicaciones del Celam, Bogotá 1986. 322 p.

Um manual de Comunicação destinado aos seminários e institutos de ensino superior. Na primeira parte (três capítulos e 18 subcapítulos) se estuda o fenômeno da Comunicação Social. Na segunda parte (dois capítulos e 11 subcapítulos) se analisam os elementos para uma reflexão sobre a Comunicação Social à luz da fé. Na terceira parte (quatro capítulos e 27 subcapítulos) se passam as perspectivas pastorais de uma ação comunicadora. A quarta parte é uma bibliografia latino-americana comentada.

18. Comunicación e Iglesia Latinoamericana, Benito Spoletini. Paulinas,OCIC-AL, UNDA-AL, UCLAP, WACC-ALC, Buenos Aires 1985. 236 p.

Coleção de todos os documentos oficiais da Igreja da América Latina sobre Comunicação, de 1955 a 1984. Não traz os

documentos dos organismos católicos. Existe em Português (mas está esgotado) o livro Igreja e Comunicação Social, Frei Romeu Dale. Paulinas 1973. 548 p. Traz os principais documentos da Igreja Universal, da América Latina e inclusive dos organismos católicos até 1971.

19. Para uma Teologia da Comunicação na América Latina, DECOS-Celam. Vozes 1984. 168 p.

Texto para estudo. Procura recolher numa síntese teológico-pastoral os elementos particulares e isolados dos teólogos e pastoralistas sobre o tema da Comunicação, estudada a partir da realidade latino-americana. O livro tem quatro partes: Visão da realidade latino-americana da Comunicação e Incomunicação; Reflexão teológica sobre a Comunicação; A pastoral da Comunicação; Aspectos particulares da Pastoral da Comunicação na Américxa Latina.

20. Puebla/Brasil: Comunicação, Frei Clarêncio Neotti (Org.). Loyola 1981. 318 p.

Um grupo de comunicadores católicos brasileiros faz um estudo crítico sobre o capítulo de Puebla referente à Comunicação. Os capítulos foram escritos, pensando em cursos regionais e paroquiais para lideranças comunitárias. Trata da Comunicação no Brasil, Meios de Comunicação da Igreja, Evangelização e Comunicação; aspectos éticos da Comunicação. Em apêndice, traz as conclusões dos quatro primeiros encontros de Liturgia de rádio e televisão. E as conclusões do VIII encontro nacional de Pastoral da Comunicação, que preparou o texto que o Brasil levou a Puebla.

21. Comunicação & Poder, Pedrinho Guareschi. Vozes 1983. 92 p.

Trata da presença do papel dos Meios de Comunicação estrangeiros na América Latina. "Os Meios de Comunicação de massa estrangeiros são uma variável crucial e indispensável para o entendimento e explicação da situação e do desenvolvimento, subdesenvolvimento ou estagnação dos países menos desenvolvidos" (p.11). O A. traz dados e tabelas ilustrativas.

22. Comunicação & Libertação,José Marques de Melo.Vozes 1981.82 p.

Autor de algumas dezenas de livros e artigos, Marques de Melo é doutor em Comunicação, livre-docente da USP e chefe do Departamento da Escola de Comunicação e Artes da USP. O primeiro capítulo comenta a Comunicação na Igreja latino-americana a partir de Puebla. O segundo estuda a Comunicação a partir dos conceitos pedagógicos de Paulo Freire. E no terceiro fala da Imprensa Comunitária no Brasil.Vários livros seus são bibliografia necessária em qualquer trabalho que se faça no campo da Comunicação.

23. Cultura, Meios de Comunicação e Igreja, Pedro Gilberto Gomes, SJ. Loyola, OCIC-Br, UNDA-Br e UCBC. São Paulo 1987. 72 p.

A relação entre cultura e Meios de Comunicação na América Latina é dos temas mais discutidos ultimamente. O A. estuda o assunto e o aproxima da pastoral, dentro dos parâmetros da Teologia da Libertação.

24. História da Comunicação, Maria Elvira Bonavita Frederico. Vozes 1982. 168 p.

É mais a história do rádio e da televisão, sobretudo no Brasil. Estuda o Sistema Brasileiro de radiodifusão e as várias fases de sua implantação no País. Estuda também os órgãos responsáveis pelas políticas, infra-estrutura, fiscalização,

normalização e controle da radiodifusão, como o Dentel, a Telebrás, e Embratel e a Radiobrás. Preocupa-se com a responsabilidade social dos Meios de Comunicação, cuja primeira função deveria ser servir as comunidades; e com a necessidade de defender nossa identidade cultural diante da avalanche dos "enlatados".

25. Comunicação e Consciência Crítica, Frei Clarêncio Neotti (org.). Loyola e UCBC. São Paulo 1979. 232 p.

Apesar de escrito há dez anos, este livro conserva muita atualidade. Entre os vários capítulos, podemos ler: Os Meios de Comunicação: desenvolvimento ou destruição da pessoa humana?; Comunicação e elaboração cultural nos pequenos grupos; A Comunicação nas cooperativas; A formação crítica do receptor no Brasil; Televisão: bode expiatório; Consciência crítica, o que é; Carta de Leitor: uma resposta crítica?

26. Juventude e Dominação Cultural, Ismar de O. Soares e Reinaldo Fleuri (org.) Paulinas e UCBC 1982 p.

Resultados dos melhores momentos durante o X Congresso Nacional da UCBC. Todos os temas enfocam a juventude. Alguns títulos do índice: Modismos, consumismo e mito da juventude; Publicidade na TV e juventude; O Estado e a juventude brasileira; Família e conflito de gerações; Os jovens diante do imperialismo cultural; Comunicação, juventude e participação.

27. Direitos Humanos: um desafio à Comunicação, Ismar de Oliveira Soares e Joana Puntel (org.). Edições Paulinas e UCBC, São Paulo 1983. 224 p.

Algumas exposições feitas e alguns depoimentos dados durante o XI Congresso Brasileiro de Comunicação Social, promovido pela UCBC na PUC/SP. 120 participantes. 72 debates. O livro tem cinco partes: A Comunicação e os Direitos Humanos; Discurso sobre os Direitos Humanos; Comunicação, liberdade e Direitos Humanos: direitos Humanos, direitos dos oprimidos; A Nova Pastoral da Comunicação.

28. Segurança do povo: desafio à Comunicação, Ismar de O. Soares e Joana Puntel (org.). Edições Paulinas e UCBC. São Paulo 1984. 288 p.

Reúne os melhores trabalhos apresentados no XII Congresso da UCBC, em Recife, em 1983, que estudou os mecanismos de controle da comunicação a pretexto da segurança das instituições. Entre os conferencistas estão Dom Helder e Dom José Maria Pires. O leque de assuntos em torno da segurança e da comunicação é bastante aberto, tornando-se este livro necessário sempre que se estudar o tema da segurança nacional.

29. Comunicação, Igreja e Estado na América Latina, Ismar de O. Soares e Joana Puntel (org.). Edições Paulinas e UCBC. São Paulo 1985. 236 p.

Coletânea das melhores reflexões durante o Congresso que UCBC realizou em Piracicaba, em 1984. Abre o livro a conferência de Dom Ivo Lorscheiter. Há textos de Dom Cândido Padin, Dom Romeu Alberti, Dom Tomás Balduíno e autores de alcance nacional. Vários capítulos analisam especificamente a atuação da Igreja no campo da Comunicação.

30. A Comunicação na construção da Paz, Ismar de O. Soares e João Manoel Motta (Org.). Edições Paulinas e UCBC, São Paulo 1987. 180 p.

Na primeira parte se examinam os grandes obstáculos na

construção da Paz. Na segunda parte se estuda a Comunicação e a cultura da violência. Na terceira encontramos textos sobre a Comunicação e os movimentos sociais na construção da Paz. Abre o volume a conferência do então ministro da Cultura Aluísio Pimenta, sobre otema central do Congresso da UCBC em Belo Horizonte em 1985: "A Comunicação na construção da Paz".

31. A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina, Hugo Assmann. Vozes e WACC-ALC 1986. 216 p.

O tema vem preocupando desde 1982 tanto os setores católicos quanto evangélicos. Este estudo foi feito por um católico a pedido da filial latino-americana e caribenha da Associação Mundial de Comunicação Cristã (evangélica). Embora o A. insista em chamá-lo de "esboço", é o estudo mais alentado que se publicou até agora sobre o assunto.

32. 1) Para uma leitura crítica da Televisão,João Luís van Tilburg. 72 p.

2) Para uma leitura crítica dos Jornais, Ismar de Oliveira Soares. 8o p.

3) Histórias em Quadrinhos - Leitura crítica, Sônia Bibe Luyten. 94 p. Tramas da Comunicação, Regina Festa. 38 p.

São livros lançados pelo SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação (das Edições Paulinas). Textos populares, para estudo em grupo, com perguntas para debates. Todos eles visam a formação do senso crítico diante dos Meios de Comunicação.

33. Comunicación Grupal Liberadora, José Martínez Terrero. Ediciones Paulinas, OCIC-AL, UNDA-AL, UCLAP e WACC-ALC. Buenos Aires 1986. 280 p.

E o primeiro volume de uma série (já foram publicados 8) de livros sobre Comunicação. São livros de divulgação científica ao alcance dos líderes comunitários. Este volume estuda a Comunicação grupal, isto é, a capacidade do grupo de criar conhecimentos e influir na transformação das relações humanas com a ajuda da comunicação. O A. parte sempre da experiência e dela extrai os elementos constitutivos do processo de comunicação grupal. Outros títulos da coleção: Hacia una autonomía cultural en las comunicaciones mundiales, Cees Hamelink (176 p.); ComunicaciLón popular y alternativa, Regina Festa e Outros (este livro foi publicado também em português pelas Edições Paulinas, São Paulo 1986, com o título "Comunicação Popular e Alternativa no Brasil". 272 p.); Comunicación y actitud Crítica, Victorino Zecchetto (184 p.); El Teatro en la Comunidad, Roberto Vega (144 p.). Adoctrinamiento o liberación? Práxis de comunicación cristiana, Francisco Gutiérrez y Otros (176 p.).

34. A Era da Comunicação, Pierre Babin, tradução de Gilberto Vieira, Edições Paulinas, 1988, 288p.

Neste livro que marca uma nova etapa de sua pesquisa, Pierre Babin, especialista notavelmente conhecido nas questões de comunicação, esclarece os grandes temas atuais sobre a renovação espiritual, a crise da fé, a catequese e osimbolismo utilizando os Meios de Comunicação para a evangelização e a formação à comunicação. Ele prepara assim um novo tipo de cristão: Comunicadores.

35. Do Santo Ofício à Libertação, Ismar de Oliveira Soares, Edições Paulinas, 1988, 400p.

O livro analisa o discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a Comunicação Social, do século XVI até nossos dias, discutindo as inter-relações entre Igreja e Sociedade no campo da produção da cultura, identificando o

caminho percorrido, seus avanços e contradições, bem como apontando a emergência de uma nova prática com raízes em toda a América Latina que sustenta a necessidade de se construir uma comunicação essencialmente dialógica a partir dos pressupostos teóricos da Teologia da Libertação. O volume atende às necessidades dos seminários maiores e casas de formação.

36. Comunicação Popular e alternativa, Regina Festa e Carlos Eduardo Lins da Silva (Orgs.).Edições Paulinas.São Paulo 1986. 271 p.

Os Ensaios que compõem este volume foram especialmente produzidos para ele e tiveram como orientação central a preocupação com a conjuntura política brasileira no período compreendido entre 1968 e 1982. Os autores desses ensaios têm todos uma atuação constante e direta junto aos movimentos populares de resistência durante esse período.

37. A Criança e a Televisão, amigos ou inimigos? Luiz Monteiro Teixeira. Edições Loyola. São Paulo. 1985. 64 p.

O objetivo deste livro é fornecer informações para a reflexão sobre o tema "criança e televisão, amigos ou inimigos?", apontando sugestões para uma análise crítica da programação televisiva brasileira. É uma contribuição a todos aqueles que estão ligados ao processo educacional, especialmente pais e educadores.

CEDIM

CEDIM

PARA SER LIDA ESTA MENSAGEM AO INICIAR A PRIMEIRA PROGRAMAÇÃO: DIRIGIR AS PALAVRAS AOS CONVIDADOS.

HOJE DIA 20 DE NOVEMBRO, O EVENTO QUE ESTAMOS DANDO INICIO NESTE MOMENTO É PELO DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA.
TEREMOS DENTRO DA PROGRAMAÇÃO ÀS APRESENTAÇÕES DO GRUPO TEATRAL MENSAGEIRO DA PAZ, O CONJUNTO MUSICAL, FUTEBOL, CAPOEIRA, O GRUPO FUNDO DE QUINTAL " A PATOTA DE COSME" E A SANTA MISSA CELEBRADA PELOS NOSSOS ILUSTRES E IRMÃOS EM CRISTO - PADRES JOÃO E SILVIANO

NESTA OPORTUNIDADE, NÓS, INTERNOS DO PRESÍDIO DA ILHA GRANDE QUEREMOS DIZER A TÓDOS VOCÊS QUE VIERAM NOS PRESTIGIAR, QUE O TRABALHO E A PERSEVERANÇA ENTRE TODOS AQUI DESSE COLETIVO COM OBJETIVO / DE VENCER ÀS DIVERSAS BARREIRAS, É UMA LUTA INCANSÁVEL. SOMOS UM POVO SOFRIDO, CARENTE E BOMBARDEADO PELA DISCRIMINAÇÃO DE VÁRIOS / SEGMENTOS DENTRO DA SOCIEDADE, QUE TRAZEM PRINCIPALMENTE A MARCA DA INDIFERENÇA, ÀS NOSSAS CAPACIDADES DE RESSOCIALIZÁRMOS, CRIARMOS E VENCERMOS HONESTAMENTE. COMO SE ISSO NÃO BASTASSE, TEMOS VÁRIOS / DOS NOSSOS DIREITOS A QUE NÓS CABEM PERANTE ÀS LEIS, SEQUESTRADOS / IMPIEDOSAMENTE. MAS HÁ UM DIREITO QUE JAMAIS CONSIGUIRÃO ARRANCAR DE NÓS, É O DIREITO A UNIÃO.
APESAR DA IMENSA CARÊNCIA E ÀS DIFICULDADES ROTINEIRAS, DEUS SEMPRE OLHOU AQUI PARA ESSE COLETIVO SOFRIDO. E ASSIM ESSE MILAGRE DO ALTÍSSIMO VEM FAZENDO COM QUE PERMANEÇA ESSA UNIÃO, QUE ESTÁ CADA VEZ MAIS VIVA E REINANDO CALOROSAMENTE AQUI ENTRE NÓS.
A VERACIDADE DESSA UNIÃO, E ESSE TRABALHO FEITO COM TODO CARINHO / QUE VOCÊS ASSISTIRÃO HOJE DURANTE A SOLENIDADE.

E QUEREMOS DIZER A VOCÊS QUE ATRAVESSARAM A LONGA EXTENSÃO DE MAR, E APÓS; ULTRAPASSARAM OS PORTÕES DO PRESÍDIO PARA NOS CONHECEREM DE PERTO, PRESTIGIANDO O NOSSO TRABALHO, BEM COMO ÀQUELES QUE JÁ CONHECEM A NOSSA LUTA, QUE TODOS VOCÊS SÃO GRANDES GUERREIROS E HERÓIS.

" A TODOS VOCÊS NOSSOS AGRADECIMENTOS DE TODO CORAÇÃO".

COLETIVO DA ILHA GRANDE.

CULTURAL E RECREATIVO "BOA SOMBRA" C. C. CHIQUINHA X-7

BETO CARIOCA

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1987 / ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE

Foto: Sandra Missagia

"QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE."

Jesus Cristo

Eles não são um. São centenas, milhares. Pés descalços, maltrapilhos, sujos... Pedindo, roubando. São crianças que não tiveram nem o direito de nascer decentemente. São chamados de pivetes, trombadinhas. A criança que existe dentro deles é esquecida, porque desde o início lhes é negado este direito.
Perambulam pelas ruas sozinhos ou em grupos, trazendo nos rostos sofridos a marca do abandono e do descaso do governo e da sociedade.

Nas escolas não reservaram um lugar para eles. Aqueles que lhes oferecem bolsas de estudos pela TV e pelo rádio se esquecem que seus pais vivem do salário mínimo da fome e que nada sobra para o transporte, para os livros caros e para, ao menos, um chinelo.
Na ausência da escola, enchem os fliperamas, disneilândia de seus sonhos.

Para esta multidão o milagre brasileiro reservou apenas fome e miséria. Para eles nada mais sobrou. Nós pedimos mudanças neste Brasil. Mas que as mudanças sejam também para as crianças abandonadas, que mendigam ainda um pedaço de pão e sobras de comida. Essas crianças gritam no seu abandono, para que a grandeza desta mesma Pátria não seja medida apenas pelo frio das toneladas de cimento armado, de seus palácios e obras faraônicas, mas pelo sorriso quente de suas crianças, profetas de nossas ruas, o homem de amanhã...

Foto cedida pela Setembro Propaganda

"Se não houver
união de esforços,
sem trabalhos fragmentados,
o problema do menor
estará sem solução,
cada vez mais
sem solução."

Dom Serafim Fernandes de Araújo

Uma proposta de união

O tema da Campanha da Fraternidade deste ano — "Quem Acolhe o Menor a Mim Acolhe" — é a oportunidade oferecida pela Divina Providência para uma grande caminhada em direção aos meninos carentes.

Por isso fazemos agora uma convocação e apresentamos este trabalho.

Uma convocação a todos para um esforço integrado, dirigido e racional.

Uma proposta de união.

Com este trabalho pretendemos estimular a criatividade das comunidades, das entidades leigas e religiosas — paróquias, foranias e regiões episcopais — às quais caberá dar vida e alma a estas sugestões. Desta forma vamos procurar vencer o desafio proposto à Igreja de Deus em nossa terra.

Para facilitar e integrar todos os esforços da Campanha da Fraternidade, criamos um Grupo de Coordenação, que já está funcionando diariamente, de 14:00 às 17:00 horas, na sede da ASA — Ação Social Arquidiocesana — à rua Espírito Santo, 1059, 12º andar.

A Arquidiocese de Belo Horizonte procura, assim, uma real união de esforços, sem a qual o problema do menor estará sem solução, cada vez mais sem solução.

Dom Serafim Fernandes de Araújo
Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE

VER

Conscientizar toda a Comunidade Arquidiocesana sobre a realidade do Menor Abandonado, informando-a a cerca do Ciclo de Marginalização do Menor.

JULGAR

Propor reflexões aptas a criarem motivações para o engajamento pessoal e social, tendo em vista a busca de soluções libertadoras para a questão do Menor Abandonado.

AGIR

Sensibilizar todos os agentes sociais (Igreja, Poder Público, Entidades, Lideranças e Particulares) a assumirem um compromisso organizado e orgânico de ações eficientes na busca eficaz da libertação do Menor.

Lideranças Cristãs Oficiais:
Párocos, Vigários, Pastores, Dirigentes de Seitas, Coordenadores de Movimentos, Presidentes de Associações Arquidiocesanas, Religiosos, Religiosas, etc.

Lideranças Públicas Oficiais:
Autoridades Civis dos Três Poderes, Juízes de Menor, Diretores de órgãos oficiais de amparo ao Menor, Representantes das Polícias Civil e Militar e de Fundações e Autarquias, etc.

Lideranças Sociais/Profissionais:
Órgãos de Classe, Órgãos de Divulgação, Sindicatos, Clubes de Serviço, Entidades Particulares de amparo ao Menor, etc.

Profissionais Liberais Engajados:
Assistentes Sociais, Sociólogos, Psiquiatras, Psicólogos, Jornalistas, Artistas, Autores e Produtores de Rádio e TV, etc.

Educadores Profissionais:
Diretores de estabelecimentos de ensino, Coordenadores, Supervisores, Orientadores Educacionais, Professores de 1º e 2º graus, etc.

Lideranças Comunitárias Locais:
Presidentes de Associações de Bairro, Comissões "Pró-Melhoramentos", Creches, Postos de Saúde, Clubes, Entidades Comunitárias, etc.

Comunidade Arquidiocesana:
População total da Arquidiocese de Belo Horizonte, incluindo os não-cristãos, também denominada de Povo em Geral.

Menores Empobrecidos e/ou Infratores:
Crianças e Jovens "na Rua" e "de Rua", de estabelecimentos de re-educação, Menores Abandonados, Marginalizados e Oprimidos.

Segmentos	VER Atividades	JULGAR Propostas	AGIR Atividades
Lideranças Cristãs	**a) Nível de Arquidiocese:** - Implantação da Coordenação Geral Arquidiocesana. - Lançamento oficial da Campanha nos meios de comunicação social na Quarta-Feira de Cinzas. - Elaboração de esquema especial para as missas da TV durante a Quaresma. - Produção de pregações (artigos de D. João) em que se conjuguem os ensinamentos das leituras quaresmais com o tema da Campanha da Fraternidade. - Promoção de encontro com lideranças de movimento ecumênico. **b) Nível de Região:** - Realização de encontros com Foranias e Paróquias visando o lançamento da Campanha da Fraternidade. - Coordenação das propostas e atividades provenientes das Foranias e Paróquias da Região. - Promoção de entrosamento das atividades da Região com a Coordenação Geral Arquidiocesana. **c) Nível de Forania:** - Animação das Paróquias para a realização de: • Levantamento de todas as obras existentes que dão assistência aos Menores; • Levantamento de todas as escolas de 1º e 2º graus; • Levantamento de recursos humanos disponíveis para engajamento em obras de serviço ao Menor; • Levantamento de problemas que afetam o Menor nas comunidades locais. **d) Nível de Paróquia:** - Motivação de toda Comunidade Paroquial para realizar: os levantamentos solicitados pela Forania. - Conscientização do verdadeiro sentido da coleta da Campanha da Fraternidade, isto é, a coleta é a concretização física da nossa caridade evangélica para com o Menor.	(Para todos os níveis: Arquidiocese, Região, Forania e Paróquia) - Conscientização, com as comunidades que lideram, sobre o real comprometimento dos cristãos com a questão do Menor carente, à luz da Bíblia, Santos Padres e documentos do Magistério da Igreja. - Análise das causas que provocam a questão do Menor Abandonado. Fazer desta reflexão a base científica para a sua intervenção na realidade, fundamentando suas ações concretas à luz deste conhecimento. - Reflexão sobre a contribuição que a Igreja vem prestando ou pode prestar no equacionamento da questão do Menor.	**a) Nível de Arquidiocese:** - Incentivação à criação de oratórios, creches e órgãos de amparo ao Menor carente nas Regiões, Foranias e Paróquias. - Consolidação do Projeto D. Bosco (em processo de implantação). - Coordenação permanente das obras arquidiocesanas de amparo ao Menor. - Criação de organismos de formação de agentes de Pastoral do Menor, Educadores de Rua e outros. **b) Nível de Região:** - Fortalecimento e incentivação de obras já existentes e outras que possam ser criadas. - Criação de uma coordenação regional das obras, com a finalidade de promover contatos entre elas e com as de outras regiões. - Abertura de espaços para outras iniciativas assumidas, a partir da reflexão e atividades realizadas durante e em conseqüência da Campanha da Fraternidade. **c) Nível de Forania:** - Incentivação à criatividade das paróquias na busca de soluções para as questões encontradas. - Proposição à Região de pistas e soluções para os problemas que ultrapassem as possibilidades das Foranias e Paróquias. - Coordenação e encaminhamento dos resultados das pesquisas realizadas, oferecendo-os posteriormente à Região. **d) Nível de Paróquia:** - Utilização dos dados obtidos para a implantação de obras que respondam às necessidades detectadas. - Coordenação das ações de auxílio mútuo entre as diversas obras e entidades que cuidam do Menor. - Aplicação da coleta da Campanha da Fraternidade em obras e pequenos projetos de assistência ao Menor, de âmbito local.

VER

Segmentos	Atividades
Lideranças Públicas	- Reunião de representantes da Arquidiocese de Belo Horizonte com representantes do Poder Público para analisar a situação do Menor, em busca de um melhor entrosamento na procura de soluções para a questão.
Lideranças Sociais	- Convocação das lideranças sociais para um debate sobre o tema da Campanha da Fraternidade e divulgação junto às mesmas dos projetos pastorais da Arquidiocese em relação ao Menor.
Profissionais Liberais	- Seminário, Simpósio ou Congresso, em nível universitário, sob o título: "O Ciclo de Marginalização do Menor", aberto à participação do público.
Educadores Profissionais	- Divulgação do tema da Campanha da Fraternidade através de material específico encaminhado às escolas de 1º e 2º graus.
Lideranças Comunitárias	- Promoção de debates sobre o tema nas comunidades locais, dinamizados pela utilização de recursos como: teatrais, documentários em vídeo-cassete, projeções de filmes, conferências de especialistas, depoimentos, festivais de músicas, desenhos, etc.
Comunidade Arquidiocesana	- Lançamento da Campanha da Fraternidade através dos meios de comunicação social. Durante a Campanha utilizar todos os meios disponíveis para conscientizar a Comunidade Arquidiocesana, mostrando-lhe, inclusive, as obras e promoções da Igreja neste setor.
Menores Empobrecidos	- Dar oportunidade de participação aos Menores, em programas dos meios de comunicação social, em debates nas escolas, paróquias e comunidades, testemunhando suas experiências de vida e expectativas para o futuro.

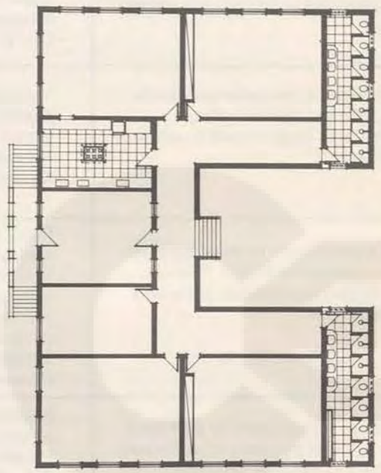
Errata

AGIR

Atividades
- Compromisso das Administrações Estadual e Municipal em assumir VERDADEIRAMENTE a questão do Menor como prioridade, em termo de alocação de recursos para obras e projetos.
- Promoção de entrosamento entre as obras mantidas pelas lideranças sociais e as obras arquidiocesanas e religiosas de assistência aos Menores. - Incentivo à criatividade para descoberta de projetos alternativos de atendimento ao Menor.
- Prestação de serviços técnicos e de assessoria aos diversos órgãos comunitários que amparam o Menor. - Produção científica de documentos e estudos, pesquisa e avaliação das experiências realizadas com os Menores. - Outras ações.
- Valorização do trabalho educativo das escolas sempre vinculado às iniciativas de atendimento ao Menor da comunidade local. - Promoção anual de "Semana de Estudos Sobre o Menor Carente".
- Propor, com criatividade, novas maneiras de atendimento ao Menor em sua comunidade. - Realizar levantamento sobre a situação e de acordo com as prioridades detectadas, estabelecer formas permanentes de ajuda, tais como: cozinha comunitária; creches no lar; centros educacionais e recreativos; famílias irmãs encarregadas de dar abrigo, banho e alimentação a Menores. Outras ações.
- Exigência junto ao Poder Público de prioridade para a questão do Menor. - Estudo das causas reais da marginalização do Menor. - Atuação política em todas as frentes disponíveis, visando as modificações do sistema sócio-econômico-político, que eliminem estas causas. Outras atividades.
- Encontros com Menores de instituições. - Encontros de Menores trabalhadores, para debates sobre o Menor, o trabalho e a lei. - Encontros de Menores de rua. Possível encontro de Menores da Febem.

Segmento	JULGAR Propostas	AGIR Atividades
Liderança Públicas	- Divulgação, junto às autoridades constituídas, da filosofia e objetivos da Campanha da Fraternidade, bem como dos projetos pastorais da Arquidiocese em relação ao Menor.	- Compromisso das Administrações Estadual e Municipal em assumir VERDADEIRAMENTE a questão do Menor como prioridade, em termo de alocação de recursos para obras e projetos.
Liderança Sociais	- Suscitar nos diversos grupos e categorias profissionais e sociais a responsabilidade em participar concretamente no esforço de libertação do Menor, principalmente daqueles que pertencem ao seu próprio estrato social e/ou profissional.	- Prestação de serviços técnicos e de assessoria aos diversos órgãos comunitários que amparam o Menor. - Produção científica de documentos e estudos, pesquisa e avaliação das experiências realizadas com os Menores. - Outras ações.
Profissio Liberais	- Motivação dos universitários e profissionais liberais para refletirem sobre a eficácia de suas ações, levando-os a buscarem novos espaços para o trabalho em prol do Menor Carente.	- Valorização do trabalho educativo das escolas sempre vinculado às iniciativas de atendimento ao Menor da comunidade local. - Promoção anual de "Semana de Estudos Sobre o Menor Carente".
Educado Profissio	- Despertar nos alunos a consciência de responsabilidade coletiva para com a questão do Menor. Suscitar nos mesmos o desejo de participarem nas iniciativas oriundas da comunidade local.	- Propor, com criatividade, novas maneiras de atendimento ao Menor em sua comunidade. - Realizar levantamento sobre a situação e de acordo com as prioridades detectadas, estabelecer formas permanentes de ajuda, tais como: cozinha comunitária; creches no lar; centros educacionais e recreativos; famílias irmãs encarregadas de dar abrigo, banho e alimentação a Menores. Outras ações.
Liderança Comunit	- Reflexão, em comunidade, sobre a questão do Menor Carente, a nível local. Apontar possíveis soluções para situações problemáticas encontradas, principalmente quanto à educação, saúde, alimentação, lazer e trabalho.	- Exigência junto ao Poder Público de prioridade para a questão do Menor. - Estudo das causas reais da marginalização do Menor. - Atuação política em todas as frentes disponíveis, visando as modificações do sistema sócio-econômico-político, que eliminem estas causas. Outras atividades.
Comunic Arquidic	- Mudança da percepção popular, através de campanha educativa, sobre o Menor, repudiando os estigmas sociais, preconceitos e "chavões", evitando-se rótulos depreciativos, como: "trombadinha", "marginal", apresentando-o como a maior vítima de um sistema sócio-econômico iníquo.	- Encontros com Menores de instituições. - Encontros de Menores trabalhadores, para debates sobre o Menor, o trabalho e a lei. - Encontros de Menores de rua. Possível encontro de Menores da Febem.
Menores Empobre	- Despertar nos Menores Empobrecidos a auto-estima positiva, criando neles novos interesses e motivações para a transformação de suas vidas, através de nova modalidade de inserção na comunidade local.	

A Igreja de Belo Horizonte, além de incentivar cerca de 80 entidades religiosas que trabalham com menores, tentará consolidar quatro grandes obras em 1987. De trabalho preventivo, na Betânia e em Venda Nova; de atendimento ao menino que já está na rua, na Cidade Ozanam (Casa Dom Bosco); de profissionalização, as obras do Pe. Agnaldo.



Somente Deus nos libertará desta prisão

"O que faz os menores roubar, cheirar cola de sapateiro e ser ruim? É as pessoas mesmo..."
(Haroldo, menino de rua)

Como você pode participar:

Entre em contato com o Grupo de Coordenação da Campanha da Fraternidade/87 para informações ou entrega de material:
Rua Espírito Santo, 1059 - 12º andar - telefones: 222-2250 / 224-9031

Revolta do Menor Abandonado

Vanderley Lourenço Francisco

Sou uma criança,
roubaram-me o direito de viver
tiraram-me o direito de ser feliz.
Arrancaram-me as lágrimas que eu não tinha
brigaram e fizeram com que, indiretamente
eu sofresse o que não tiveram
a dignidade de sofrer.
Amarraram-me as mãos e os pés.
Não me deram o direito de lutar
para ser alguém.

Foto: Giovani Pereira

Me marginalizaram.
Como consequência da sua eterna inimizade.
E hoje,
não têm a coragem de me oferecer algo
para conseguirem arrancar de mim
o perdão que jamais ousarei conceder-lhes.
Riem quando lhes peço ajuda
e despejam sobre mim,
toda sua ira
quando percebem
que cometi um erro.
Não se lembram de que sou humano
e cruzam os braços,
ao invés de me fazer sorrir
se é que eu ainda saiba sorrir.

Para quem se lembra de que foi criança
Esta página de alguém
que deixa de existir
antes mesmo de ter existido.

(Vanderley Lourenço Francisco é do Centro Salesiano do Menor, mora no Bairro Vista Alegre e trabalha como ascensorista)

COMUNIDADE NEGRA

Interpelações à vida religiosa

Pe. ANTÔNIO APARECIDO DA SILVA, Orionita

CRB

CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS DO BRASIL
Rua Alcindo Guanabara, 24, 4º andar
20031 – RIO DE JANEIRO – RJ
Tel.: (021) 240-7299

APRESENTAÇÃO

O texto "COMUNIDADE NEGRA: interpelações à Vida Religiosa", do Pe. ANTÔNIO APARECIDO DA SILVA, Orionita, destina-se ao aprofundamento da análise da relação entre Comunidade Negra e Vida Religiosa, no Brasil.

Situa-se no contexto da memória histórica que o Centenário da LEI ÁUREA suscita e da CAMPANHA DA FRATERNIDADE de 1988. Expressa o clamor por um lugar mais amplo e justo para o negro, na Igreja e na Vida Religiosa em nossa terra.

O texto foi organizado em forma de roteiro, com questões no final de cada ponto, para a reflexão pessoal ou em encontros comunitários. Dirige-se expressamente aos Religiosos e Religiosas do Brasil.

Nosso desejo é que esse roteiro esteja nas mãos de todas as Comunidades Religiosas para o mês de maio de 1988, para que possam marcar esse mês do Centenário da LEI ÁUREA com a oração e a reflexão em torno do assunto.

Esse texto foi apresentado, para apreciação, à EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA da CRB Nacional, da qual Pe. ANTÔNIO APARECIDO faz parte.

A CRB Nacional agradece ao autor e, ao publicar esse roteiro, tem um único desejo: o de uma presença efetiva e fraterna sempre maior do negro nos quadros da Vida Religiosa no Brasil.

Rio de Janeiro, 15 de março de 1988.

Ir. CLAUDINO FALQUETTO FMS
Presidente Nacional

40,00

BIBLIOTECA DA Catequese ITAGUAÍ

INTRODUÇÃO

A Campanha da Fraternidade de 1988, com o tema: "A Fraternidade e o Negro", e com o lema — "Ouvi o clamor deste Povo" (Negro), ajudou a despertar para os problemas que existem em relação à população de cor negra no Brasil.

Outros acontecimentos ligados à comemoração do primeiro centenário da assinatura da "Lei Áurea", que deveria ter posto fim à escravidão legal do povo negro no Brasil, também contribuíram para uma tomada de consciência do problema.

A intenção da Campanha da Fraternidade expressa no texto-base, era promover, entre os fiéis e todos os homens e mulheres de boa vontate, uma profunda reflexão e análise sobre a situação do negro na sociedade brasileira.

O tema da CF/88 se justificou inclusive, pelo volume de pessoas negras que existem no Brasil. Recordou o Texto-Base da CF que "aproximadamente, 43% do conjunto da população brasileira é constituída de negros, ou tem negros na sua ascendência. Estimativas mais recentes avaliam que, dos 140 milhões de brasileiros, não menos de 60 milhões são constituídos por esse grupo. Temos, pois, um dado significativo que, provavelmente, poucos conhecem: o Brasil é o segundo país do mundo em população de origem negra, superado apenas pela Nigéria"(1).

Mas o que levou a Igreja a solidarizar-se com a Comunidade Negra neste momento histórico, é o estado de discriminação no mundo do trabalho, educacional, e a marginalização social, cultural a que está relegado este povo.

Entre as várias motivações apresentadas sobressai no texto-base o fato de que "a Igreja reconhece, hoje, que nem sempre tratou a situação vivida pelos negros com 'a devida atenção evangelizadora e libertadora' . . ."(2).

A justiça aos empobrecidos passa pela real libertação do povo negro, e assim juntos constróem uma nova sociedade segundo o plano do amor de Deus(3).

Por estes motivos a Campanha da Fraternidade procurou sensibilizar e convocar a todos para ouvir o clamor do povo negro que clama por justiça.

A Campanha da Fraternidade, de maneira muito real, chama a atenção dos cristãos e da sociedade em geral para os problemas do povo negro.

Cabe a cada setor na Igreja e na sociedade continuar a aprofundar esta reflexão de modo específico.

Creio que a Vida Religiosa, por razões óbvias, não poderia se omitir em fazer tal reflexão.

O objetivo deste opúsculo é ajudar as Comunidades Religiosas a refletir a questão.

Para isso destacaremos alguns temas, tratados de maneira suscinta, e seguidos por algumas perguntas que visam a favorecer a dinâmica e o aprofundamento do assunto.

É importante que cada tema seja refletido em comunidade, e que após a leitura haja tempo para que cada religioso(a) possa dar seu parecer sobre as perguntas.

Os temas abordados poderão ser aprofundados, caso haja necessidade, com as leituras complementares indicadas no final do opúsculo.

A leitura deste opúsculo supõe a leitura do texto-base da Campanha da Fraternidade/88 elaborado pela CNBB.

1 – A VIDA RELIGIOSA NUMA SOCIEDADE DE PRECONCEITOS ANTI-NEGRO

O fato de não haver um clima de conflito racial agudo e violento na sociedade brasileira faz com que haja uma mentalidade bastante difusa de que não existe racismo no Brasil. Na verdade, o relacionamento com a população negra não chega declaradamente à intolerância social. De modo geral, independentemente da cor, as pessoas se misturam numa convivência até bastante espontânea. Mas são inegáveis as dificuldades geradas pelo preconceito e pela discriminação contra as pessoas negras. Estas atitudes, ora veladas, ora evidentes, caracterizam o racismo anti-negro brasileiro. Racismo que não é nem melhor nem pior do que aqueles que ocorrem em outras partes do mundo, como por exemplo, na África do Sul ou nos Estados Unidos. O racismo sob qualquer forma e tonalidade é sempre uma prática abominável e pecaminosa, sobretudo se o considerarmos não só como uma atitude psicológica, uma questão de simpatia ou antipatia face ao outro diferente. Ele se manifesta assim também, mas é muito mais que isto.

A escravidão de indígenas e negros foi sem dúvida a primeira desigualdade entre os homens na história do Brasil e da América Latina que deu início ao que aí se manifesta como racismo.

Os representantes do capitalismo nascente europeu implantaram o racismo durante a conquista dos povos americanos, asiáticos e africanos, justificando-o com a afirmação da inferioridade dos povos não-brancos: índios, negros: são bárbaros e escravos por natureza.

O racismo, que é um fato real a partir da Conquista (Século XVI), aparece como doutrina elaborada no século XIX, ou seja, três séculos depois. Arthur de Gobineau (1816), descendente da nobreza francesa, considerado o pai do racismo, foi o primeiro a levantar hipóteses e estabelecer generalizações sobre as diversas raças humanas. Gobineau considera a divisão mais comum em sua época, a das três grandes famílias: branca, amarela e negra. De todas elas, é a raça negra que está no mais baixo da escala.

O racismo de cor é um componente dos interesses econômicos. Entre nós o racismo está ligado diretamente à escravidão, que foi o mais vergonhoso instrumento econômico de exploração do homem pelo homem. Classe e raça aparecem, portanto, como duas categorias indissolúveis da estrutura social dos países conquistados. As classes sociais, na Colônia, estruturam-se segundo a cor da pele. Os senhores brancos encontravam-se no grau mais elevado da escala social e, em ordem descendente, os mestiços, os índios e os negros.

Portanto, o racismo, mais que uma atitude de rechaço ao homem negro, é um fato concreto que tem raízes econômicas.

Racismo é não permitir a um povo ou grupo social, por causa de sua cor, etnia, etc., participar dos bens que são produzidos pelo conjunto da sociedade.

Embora negada, esta atitude é tomada sistematicamente em relação à população negra no Brasil, tanto no período da escravidão quanto hoje.

Na escravidão colonial e imperial os negros-forros (alforriados-livres), que podiam participar em parte dos benefícios da sociedade, eram poucos. A título de exemplo, na primeira matrícula de capaciatação de 1736, em Vila Rica (Ouro Preto), Minas Gerais, havia 20.904 escravos contra apenas 289 forros. Em Mariana, havia 181 forros para 26.752 escravos. A média de forros não chegava a um por cento da população escrava(4).

Hoje também os negros que participam da vida social na classe média superior são ínfima minoria.

Na área profissional, na empresa, na escola, no âmbito social mais abrangente, o negro sofre um processo de peneiramento e discriminação intenso e constante. O preconceito de cor impede que os negros ingressem em uma série de ocupações e instituições, ou quando são recebidos, são destinados aos serviços de menor qualificação e salários inferiores. Sem oportunidades no mundo do trabalho, a população negra na sua maioria vive marginalizada. Não é preciso muita atenção para notar que os negros não estão nos empregos de remuneração média e superior. Grande número de jovens e adultos negros sobrevive no sub-emprego.

Em grande número as moças negras estão servindo como empregadas domésticas, babás, e "margaridas" na limpeza pública. Há poucos negros nos cargos de decisão política, e é quase nula esta presença nos altos escalões das forças armadas. No corpo diplomático do Brasil no exterior, inclusive nos países africanos, não há negros embaixadores e em postos de projeção. Na Igreja ocorre semelhante situação. Os negros são numerosos na base, entre os fiéis, mas na medida em que se eleva na hierarquia dos "serviços": líderes de comunidades, presidentes das associações, movimentos de cursilhistas, freiras, padres, bispos, a presença negra vai desaparecendo.

Por outro lado, a população negra encontra-se segregada nas periferias mais distantes. Em muitas cidades os negros não podem usufruir dos centros de lazer, clubes freqüentados pelos brancos.

Há até um dito comum no Brasil que diz: "Aqui não há racismo, desde que o negro saiba qual seja o seu lugar."

Os menores carentes, que somam 36 milhões no Brasil, dos quais 7 milhões estão abandonados, são na sua expressiva maioria negros.

A adolescente e a jovem negras, pela falta de atendimento social, escolar e profissional, ficam expostas à violência da sociedade e são as vítimas primeiras da droga e da prostituição.

Apesar de tudo, o povo negro é portador de imensos valores culturais, religiosos, éticos.

Na sociedade, nem sempre há espaços para o negro contribuir com sua cultura, e, sobretudo, nas igrejas católica, protestantes e nas congregações religiosas estes espaços lhe foram negados.

Muitas pessoas, leigas e religiosas, ao invés de denunciar esta realidade, preferem preconceituosamente culpabilizar os negros, dizendo que não

gostam de trabalhar e outros preconceitos mais.

A América Latina de população multiétnica está dividida no interior de seus próprios países. Os "brancos" continuam discriminando negros e indígenas, para serem todos mais facilmente engolidos pela voracidade do capitalismo.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. São mais de 60 milhões de negros e de descendência negra próxima hoje no Brasil; a grande maioria vive marginalizada. O que significa isto para a vida religiosa?
2. Será que no Brasil há igualdade de oportunidades no trabalho, na escola, nos vários setores sociais para brancos e negros sem distinção?
3. Você já percebeu alguma prática de racismo no meio em que atua profissional e pastoralmente?
4. Qual deve ser a presença da vida religiosa numa sociedade preconceituosa e racista?

2 – A VIDA RELIGIOSA FACE ÀS DISCRIMINAÇÕES

Estamos a cem anos da abolição do trabalho escravo. Uma data significativa que, por si só, faz pensar. Ela recorda a luta incansável, e um tanto malograda, dos abolicionistas que acreditavam no humanismo acima de qualquer outro interesse. Recorda também a satisfação da classe economicamente dominante da época, os senhores do café, por exemplo, que saíam ilesos do modo de produção escravista para o assalariado, sem ter que pagar indenizações ao trabalhador negro.

A cem anos de distância podemos constatar que a abolição da escravidão, longe de acabar com a exploração e a discriminação, camuflou, sob os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade, as novas relações de classe.

A assinatura da "Lei Áurea" não foi acompanhada de mecanismos que pudessem sanar ou ao menos reparar a chaga social aberta pela prática secular da escravidão.

O tão sonhado e cantado "13 de Maio", data da promulgação da "Lei Áurea", ainda que tenha sido um refrigério para a última geração de negros escravizados, visto que "a liberdade por si só é fecunda", de fato não consolidou a libertação.

Não houve mudanças essenciais nas estruturas econômicas e sociais de forma a permitir uma participação mais igualitária do negro e dos diferentes grupos étnicos vitimados pela colonização. A escravidão que desapareceu como fato jurídico, continuou existindo como fato real.

Não houve a integração do negro na sociedade de classes(05), e isto determinou a sua situação de marginalizado. Não tendo acesso ao trabalho, os negros não têm outra alternativa a não ser refugiar-se nos morros e periferias não-urbanizadas, dando origem às favelas.

Muitas pessoas, inclusive entre religiosos, ou por não estarem atentas a este fato, ou por negligenciá-lo, preferem explicações preconceituosas para a marginalização do negro. Aliás, o preconceito anti-negro cresceu e se multiplicou no período pós-abolicionista. Até aquele momento a dominação do negro estava assegurada legalmente; agora era preciso encontrar mecanismos que pudessem garantir a mesma eficácia, apesar da nova lei. Um desses mecanismos é o preconceito. Pela Constituição Republicana somos todos iguais, mas o negro é menos igual.

Estes cem anos estão ainda sendo fortemente marcados pelas conseqüências deixadas pelos quase quatro séculos de escravidão. Entre estas conseqüências, percebe-se um complexo de inferioridade impingido aos negros, constantemente realimentado por práticas preconceituosas, que procuram convencê-los da sua inferioridade. Faz-se uma falsa vinculação essencial entre ser negro e ser escravo.

Por outro lado, criou-se no branco um complexo de superioridade. Ser branco no Brasil é motivo para privilégios e possibilidades melhores para vencer na vida. O complexo de superioridade é tão ruim quanto o de inferioridade. Ninguém é inferior a ninguém; ninguém é superior a ninguém. Todos temos a dignidade conferida por Deus.

A nível do trabalho, as conseqüências são marcantes. O trabalho que deveria ser o elemento de distinção e diferenciação na sociedade, embora unindo os homens na colaboração, na ação comum, torna-se dissociador e aviltante. A sociedade não se organiza em termos de cooperação, mas de espoliação.

Para o negro, o trabalho está ligado à escravidão, aparece como obrigação penosa, confunde-se com o cativeiro associado às torturas.

Para o branco, o trabalho, principalmente o trabalho manual, é visto como obrigação de negro, de escravo: "Trabalho é pra negro" (6).

É interessante notar a contradição contida nos preconceitos. Por um lado, se define o negro como malandro; por outro lado, o preconceito que atingiu a fala comum assegura que "os pobres trabalham como negros" Malandro e trabalhador são categorias excludentes que se conjugam nos ditos preconceituosos em relação ao negro. A cor de um povo continua sendo a explicação para sua ignorância, marginalização e miséria.

Entre as conseqüências deixadas pela escravidão, constata-se em largos períodos históricos uma verdadeira adulteração do cristianismo que atingiu, inclusive, a vida religiosa.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Como as organizações da Vida Religiosa podem ajudar na superação dos problemas que pesam sobre a comunidade negra?
2. Que atitudes tomar diante das fábricas, indústrias, empresas, clubes recreativos que não aceitam negros como funcionários ou participantes?
3. As nossas comunidades religiosas, na prática, estão realmente abertas aos rapazes e moças negros?

3 – OS RELIGIOSOS E OS NEGROS NO BRASIL

Os Religiosos e os Negros são dois grupos que fazem parte de toda a história do Brasil. "Durante o período colonial colaboraram na empresa missionária os principais institutos religiosos então existentes em Portugal: os franciscanos, os beneditinos, os carmelitas e a nova ordem dos jesuítas"(7).

Infelizmente o encontro dos Religiosos com os Negros se deu em situações históricas adversas; e, em geral, de modo bastante desastroso, cujas conseqüências perduram ainda hoje.

A escravidão negra remonta a 1444(8). Em 1504 já são milhares os negros desembarcados dos navios provenientes da África, destinados ao trabalho de mineração ou agricultura(9). Para o Brasil os escravos foram trazidos desde 1530, e cada vez em número maior. "Em Pernambuco, durante a década de 1580, os africanos já atingiam 1/3 dos escravos da capitania. Na Bahia, no Engenho Sergipe, os africanos passaram de 7 a 37% da população escrava entre os anos 1572 e 1591; e em 1638 quase todos os escravos eram negros"(10).

O Brasil foi o país das Américas que teve o maior número de escravos, e onde a escravidão durou por mais tempo. Foram trazidos para cá, entre 6 a 9 milhões de escravos; e a escravidão aqui durou desde 1530 a 1888. Portanto, foi maior e mais longa do que a escravidão do povo hebreu no Egito.

Os negros, ao chegarem aqui, ou já eram batizados nos portos de onde saíam e traziam uma marca de ferro em brasa no peito em forma de cruz(11); ou ao serem desembarcados eram batizados arbitrariamente e marcados a ferro. Quem os batizava, em geral, era um sacerdote religioso.

De modo geral as primeiras ordens e congregações religiosas que se estabeleceram no Brasil, não só foram teoricamente coniventes com a escravidão do povo negro, mas assumiram uma prática escravista. Neste sentido é bastante conhecida a prática dos beneditinos, carmelitas, franciscanos e mercedários possuidores de terras trabalhadas por escravos(12). Os Jesuítas tiveram uma prática escravista marcante. Tiveram várias fazendas mantidas pelo trabalho escravo. Só em uma delas, a Fazenda de Santa Cruz, na Baixada Fluminense, havia cerca de 2.000 escravos. Número semelhante havia na Fazenda Santana, em Ilhéus(13).

Diz o padre Serafim Leite, historiador da Companhia de Jesus, que "os jesuítas que criticaram mais abertamente a conduta da Companhia em relação aos escravos foram prontamente expurgados." Isto ocorreu com Gonçalo Leite e Miguel Garcia, que "denunciaram a multidão de escravos que possuíram os jesuítas, tanto africanos como nativos, e muitos ilegalmente. Ambos atuaram decididamente contra a posição social assumida pela Companhia, cada vez mais dotada de escravos e conivente com os senhores leigos. Por isso foram recambiados ao Reino antes que findasse a década de 1580"(14).

Os exemplos se multiplicam. As Ordens femininas que se estabeleceram no Brasil no período colonial tiveram procedimento semelhante. "O número de escravos e escravas dos conventos femininos e das próprias freiras em particular foi considerável. No convento do Desterro, na Bahia, em 1764, havia 84 religiosas, e, para servi-las havia não menos que 210 escravas, sendo 26 da comunidade e 184 particulares. O fenômeno não se verificou somente na Bahia. Em São Paulo, em 1748, no Recolhimento de Santa Teresa, e no Recolhimento da Luz, havia expressivo número de escravos. O mesmo ocorreu em Minas Gerais, no Recolhimento de Macaribos, entre outros. Os demais conventos e recolhimentos espalhados pelo Brasil não constituíam exceção"(15).

As Congregações e Institutos religiosos fundados no século passado ou vindos para o Brasil nesta época e que são hoje aqui a maioria, mesmo não tendo praticado a escravidão, acabaram assimilando uma prática discriminadora em relação ao povo negro.

Até 1960–1965 são poucas as Congregações que aceitam candidatos(as) negros para a Vida Religiosa. São poucas as exceções. E, às vezes, embora aceitos, os negros e negras são designados para funções inferiores nas casas religiosas.

A marca desta ferida racista e preconceituosa que impregnou a Vida Religiosa, está até hoje ainda aberta sem se cicatrizar. Os ferimentos foram profundos.

Como explicar que um povo cuja maioria é católica e fiel à Igreja, tenha recebido um tratamento tão discriminador e anti-cristão?

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Na sua Ordem, Congregação ou Instituto, quando foi que teve o primeiro padre, religioso, religiosa negra aqui no Brasil?
2. A partir de quando a Congregação começou a se abrir para as vocações negras? Houve dificuldades por parte dos religiosos(as) para aceitar a presença de negros? Quais as dificuldades que alegaram?
3. Quantos religiosos(as) e padres negros existem na sua Congregação? Acha que está bom? Poderia ter mais? Por que não tem?

4 – NEGRO PODE SER PADRE, FREIRA, RELIGIOSO?

Negro pode ser padre, religioso ou religiosa? Eu quero acreditar que hoje esta pergunta seja desnecessária para a grande maioria das Ordens e Congregações religiosas. Entretanto, há menos de 30 anos grande número dos Institutos religiosos, diante desta pergunta teria respondido: "Não". Para comprovar esta afirmação, basta recordar, por exemplo, a "IV Assembléia dos Superiores Maiores" realizada em julho de 1960 no Rio de Janeiro. O principal tema de estudo da Assembléia foi' "O recrutamento entre os elementos de cor".

A Assembléia constatou que embora os negros constituíssem grande parte da população brasileira, estavam ausentes em quase todas as categorias de Religiosos(16). Entre os padres religiosos, apenas 2,54% eram negros. Nas Congregações que têm padres e irmãos, apenas 6,11% dos irmãos eram negros. Nas Congregações só de irmãos, somente 0,58% eram negros. Entre as irmãs coristas (voltadas para o ensino e o apostolado) só 3,28% eram negras. Entre as irmãs conversas (que se ocupavam dos trabalhos domésticos) as negras somavam 41,6%.

No final da "Assembléia" os Superiores Maiores fizeram um documento recomendando às casas de formação e demais comunidades religiosas que eliminassem os preconceitos raciais, e que não figurasse mais o quesito cor como condição para se aceitar ou não o candidato à Vida Religiosa(17).

No entanto, o próprio documento dos Superiores Maiores enfatiza a discrinação e o preconceito ao insistir que: **"devido ao nível social a que pertence grande parte destas pessoas (negras), recomenda-se na seleção um exame mais rigoroso da hereditariedade e das circunstâncias ambientais de família, legitimidade, nutrição, educação e vida cristã**(18).

Antes da realização da "Assembléia" a C.R.B. enviou um questionário aos Superiores Maiores perguntando se aceitavam ou não negros nas suas Províncias. Dos 100 provinciais masculinos que responderam, 17 desseram que não recebiam negros; 42 só recebiam "pardos"; 36 aceitavam negros; e 5 não aceitavam nem "pardos".

Entre as Superioras Provinciais, das 157 que responderam, 54 não aceitavam negras; 53 aceitavam "pardas"; 20 recebiam negras e 30 não aceitavam nem "pardas"(19).

Constatamos hoje entre nós, padres, religiosas e religiosos negros, que são muitos os que peregrinaram de uma Congregação a outra para conseguir entrar para a Vida Religiosa. Muitos, depois de tanto insistir em vão, desistiram.

Em um dos Encontros Nacionais dos "Agentes de Pastoral Negros" (padres, freiras, leigos engajados, líderes religiosos) a irmã Maria Rita Cândida contou que desde menina admirava o trabalho apostólico das Irmãs... Um dia, quando já mocinha, foi conversar com a superiora da Comunidade, pedindo para entrar para ser freira. A superiora foi "curta e grossa": "Não aceitamos moças de cor".

O padre José Alves relatou uma experiência semelhante, Os padres da Congregação . . . não o receberam por ser negro.

O irmão Vicentino Zacarias, religioso há muitos anos, disse que procurou o seminário religioso para ser padre. Mas, sendo negro, o superior dos padres . . . disse que só o receberia para ser irmão.

A irmã Josefa Gabriel disse que recebeu um "choque" muito forte quando procurou a Vida Religiosa, e lhe disseram que por ser negra, só seria aceita para a categoria das "conversas", isto é, irmãs que se ocupavam dos trabalhos domésticos (lavar, passar, cozinhar), mas não para o apostolado e o ensino.

Os exemplos se multiplicam. E a experiência de humilhação sofrida para poder entrar, pelos que conseguiram romper esta barreira, não terminou aí mas continuou para muitos dentro das casas de formação e comunidades religiosas, e permanece ainda hoje um gosto amargo de um passado tão próximo, e, em muitos casos, ainda presente.

Quando se perguntava pelos motivos da não-aceitação das pessoas negras na Vida Religiosa, a resposta era sempre mitigada, disfarçada: "As pessoas de cor não são aceitas pelos demais...", ou "... as pessoas negras não se adaptam...", diziam os formadores.

A verdade era bem outra, como mostrou Frei Hugo Fragoso, O.F.M., numa síntese enviada à CRB como subsídio de estudo para a "Assembléia" de 1960. Os motivos prendiam-se ao preconceito dos Religiosos em relação aos negros. Os religiosos, de modo geral, afirmavam preconceituosamente que: "Os negros não serviam para a Vida Religiosa e sacerdotal"; "não se adaptavam à vida comunitária"; "não são perseverantes". E uma série de outros dizeres mais.

Na verdade, o preconceito anti-negro na Vida Religiosa faz parte de toda uma pregação de preconceitos difundida em toda a sociedade, sobretudo após a abolição legal da escravidão, em 1888.

É por este motivo que, ainda hoje, quando há uma reunião de religiosos(as), sobretudo de Superiores Maiores, o número de negros é mínimo. Ainda hoje há Congregações que têm reservas em relação ao negro, tanto na promoção vocacional, como na formação, e muitas vezes na distribuição dos serviços.

Entretanto, todos estamos conscientes de que a vocação religiosa é um dom de Deus sem diferenciação de cor ou nacionalidade.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Quantos formadores(as) negros há na sua província ou região?
2. Na sua Congregação negros e brancos exercem os mesmos cargos e funções indiscriminadamente?
3. Quantos negros na sua província ou regional são superiores de comunidade?
4. Já houve algum Provincial ou Regional negro na sua Província ou Região?
5. Será que Deus só chamou para seu serviço aqui no Brasil os brancos, excluindo os negros e índios?

5 – DISCRIMINAÇÃO: PECADO OU FATO NATURAL?

Várias pessoas, no clero, na Vida Religiosa e na sociedade civil, vêem de modo objetivo as atitudes tomadas em relação ao povo negro. Analisam sem paixão e com honestidade o comportamento dispensado à população negra, e, sem querer "tapar o sol com a peneira", afirmam que "a Igreja foi conivente com a escravidão. . . e, juntamente com o Estado tem responsabilidade na discriminação preconceituosa contra o negro. Bem que a Igreja Católica poderia ter sido a primeira voz e a primeira mediação na denúncia e no combate à escravidão negra. A conivência da Igreja com o instituto da escravidão a impediu de superar o preconceito racial.

Por muito tempo, mesmo após a abolição, a instituição eclesiástica se comportou como se o negro fosse realmente inferior. Os seminários estavam praticamente fechados para os descendentes de africanos. Mais ainda os institutos religiosos. Em suas constituições havia proibição expressa de admitir negros. Essas determinações, sobretudo em algumas Congregações femininas, vigoram até os dias da realização do Concílio Vaticano II. Isso explica o número tão reduzido de negros no clero e na vida religiosa, apesar da elevada proporção de afro-brasileiros fiéis seguidores da Igreja"(20).

Estas observações de Dom José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba e de cor negra, representa a vontade sincera, humilde e corajosa de grande parte do clero e religiosas que se esforçam para que a Igreja tenha em relação aos negros uma prática diferente daquela que marcou estes quase cinco séculos: "A situação começa a modificar-se. A Igreja está deixando de ser adversária, de estar do lado oposto. Ela começa a posicionar-se do lado dos negros, como começou a posicionar-se do lado dos pobres"(21).

Esta mudança começa pelo reconhecimento que a Igreja faz de que "nem sempre tratou a situação vivida pelos negros com a devida atenção evangelizadora e libertadora"(22). Reconhecer falhas e omissões históricas por parte da Igreja não significa ofuscar a sua imagem perante o mundo. Na Oração Eucarística todos reconhecemos sempre que a Igreja é "santa e pecadora". Isto nos mostra que embora seu fundador, Jesus Cristo, seja Santo, os homens que atuam no mundo estão sujeitos a falhas. O sacramento do perdão, prática de Jesus confiada à Igreja, nos exorta que as falhas existem para serem superadas, e podermos ser cada vez mais uma Igreja coerente com os ideais do Reino de Deus.

A postura da Igreja, assumida pela CNBB na Campanha da Fraternidade sobre o engro, mostra o desejo de quem quer acertar e abrir-se aos anseios do povo negro, sem esconder nem escamotear o passado com justificativas que não convencem. "Não se trata de julgar o passado escravista com os critérios do presente. Trata-se, isto sim, de reconhecer, à luz da fé, que os traços deste passado permanecem ainda hoje e são contrários à dignidade do homem, à fraternidade

e à justiça. A consciência e denúncia dessa situação são indispensáveis para a conversão e conseqüente mudança efetiva de nossas atitudes e para a necessária transformação social"(23), particularmente, do povo negro.

Se por um lado no clero e na Vida Religiosa é cada vez maior o número daqueles que vêem a história passada do povo negro no Brasil e a situação presente em que a maioria se encontra, como pecaminosa, há, ainda aqueles que, numa atitude de falsa e ufanista defesa da Igreja e de suas instituições, tentam acobertar a sua parcela de responsabilidade no passado escravista e camuflar a situação presente. Alegam estes que o passado deve ser analisado à luz da "consciência possível".

O que é consciência possível? É o máximo de consciência que uma sociedade poderia atingir em sua época(24). A partir deste conceito, um setor do clero e de religiosos ainda hoje insinua que "na época dos grandes descobrimentos e da colonização das novas terras o procedimento da escravidão foi comum entre os descobridores e colonizadores. A própria viabilidade da colonização exigia o recurso ao trabalho escravo que era prática usual. Parece hoje absurdo à nossa mentalidade este recurso. Para entender como povos cristãos o utilizavam, deve-se levar em conta o que se chama "consciência possível", ou seja, a maneira de valorar eticamente uma ação reslizada num contexto e com uma tradição que a recomendava. . ."(25).

Ao apregoarem tais idéias, estes religiosos estão incorrendo em graves erros, não só de miopia histórica, mas também de comprometimento da ética cristã. A verdade é que em qualquer hipótese a teoria da "consciência possível" não procede, pelos seguintes motivos:

Em primeiro lugar, não é verdadeiro dizer que a prática da escravidão no Brasil dominava pacificamente todas as consciências, constituindo o máximo de consciência que as pessoas podiam ter. Muitos, senão a quase totalidade, tinham consciência de estar fazendo uma prática desumana. Mesmo porque escravizar o outro era algo contrário à natureza humana, portanto, algo que a consciência acusava. Mas a ganância do dinheiro, do lucro, e as vantagens dos privilégios acabavam abafando a voz da consciência.

Em segundo lugar, a prova mais patente de que a prática da escravidão não era o máximo de "consciência possível", é o fato de que pessoas como os jesuítas Gonçalo Leite e Miguel Garcia terem-se rebelado contra tal prática e procedimento em relação aos negros, recebendo em troca a expulsão do país.

Em terceiro, e aqui está a razão mais grave, a "consciência possível" para o cristão não é o nivelamento pura e simplesmente com a prática vigente na sociedade. A Igreja e a Vida Religiosa são presenças críticas na sociedade. Se elas se nivelarem ao procedimento dos sistemas sócio-econômico-políticos, perdem sua expressão e razão de existir, e acabam por ser uma ideologia a mais, como tantas outras.

A Igreja é "sal da terra e luz do mundo", portanto, a "consciência possível" para os cristãos face à escravidão moderna não é a desumana prática social escravista de então, mas deveria ser o ensinamento contido já no livro de Êxodo, mais de dez séculos antes do nascimento de Jesus Cristo: ". . . não maltrateis, nem oprimais . . . pois vós fostes escravos no Egito"(26). A "consciência possível" para os cristãos de todas as épocas é a prática de Jesus contida nos evangelhos e que abomina toda discriminação, marginalização e escravidão. Os exemplos estão em cada página dos evengelhos.

A "consciência possível" para os cristãos são os ensinamentos e a prática da comunidade apostólica que na carta aos Gálatas já tem a clara compreensão de que "já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus"(27).

A escravidão e a conseqüente discriminação foram práticas pecaminosas, e é preciso reconhecer isso e assumi-las sem escamoteamentos, pedindo com humildade as luzes do Espírito Santo para que não continuemos a reproduzir hoje os horrores do passado.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Pode-se dizer que a marginalização do negro no mundo do trabalho, a discriminação da mulher na sociedade e nos ministérios na Igreja representam a "consciência possível" de nossa época, ou é fruto da dominação de alguns que têm o poder em mãos?
2. A nossa comunidade religiosa é solidária e aberta para o povo negro? De que formas e maneiras?
3. A CNBB, no "texto-base" da CF/88 insistia na necessidade "do reconhecimento, por parte da Igreja, de um pecado histórico e supõe o pedido de perdão ao povo negro pela escravidão praticada, consentida ou não denunciada, e pela discriminação do negro em seu seio".
O que nós, enquanto comunidade, província ou região, estamos fazendo de prático neste sentido?

6 – NEGROS NA VIDA RELIGIOSA: PROBLEMAS SUPERADOS?

Nos últimos anos tem sido cada vez maior o número de pessoas negras no clero e na vida religiosa. É um fato que precisa ser incentivado, visto que a metade da população brasileira é formada de negros ou de pessoas com ascendência negra próxima, e a maioria dos negros no Brasil é católica.

Têm havido ultimamente ordenações presbiterais de vários padres negros, e também celebrações onde moças negras se consagram à Vida Religiosa.

Algumas Congregações e Institutos religiosos têm dado passos significativos neste sentido. Tem havido não só uma maior compreensão do problema, mas uma real abertura na promoção vocacional, na formação dos candidatos e candidatas negros. É uma prática nova para a grande maioria. Por isso mesmo exige paciência, ajuda recíproca; coragem e atenção não se ficar surdo ao "clamor" e aos sinais dos tempos. Deste povo relegado, verdadeira "pedra rejeitada", poderá vir para a Igreja e a Vida Religiosa uma verdadeira renovação da sua presença profética, espiritual e missionária.

Algumas Regionais da CRB têm também caminhado de encontro à realidade do povo negro e sua presença na Vida Religiosa. Em algumas Assembléias Regionais e Encontros para Superiores e Formadores, este assunto tem sido o tema prioritário. É importante e significativo saber que a Regional da CRB da Bahia está entre as primeiras que despertaram para esta prática.

Contudo, se por um lado há sinais de avanços, não são poucas as dificuldades e até resistências que ainda persistem. Muitos bispos, padres e religiosas comentam e acusam a organização dos grupos negros nas comunidades de prática de "racismo ao inverso". Outros, muito astutamente, procuram fugir ao problema, insinuando que o movimento negro seja um movimento de "luta de classes", como está exemplificado nesta afirmação: ". . . a promoção social do negro dificilmente se dará através da exacerbação de classe, do uso de sua condição social para acirrar conflitos. . ." (28) É lógico, se por "exacerbação de classe" e "acirrar de conflitos" entende-se uma mera técnica de convulsão social, parece procedente a observação, mas se ela visa coibir a ação e a luta do povo negro na conquista da sua real libertação, isso nos parece de mau agouro.

Ainda há Congregações que, se não teoricamente, na prática têm reservas em aceitar candidados negros. E, com um grande número daquelas que aceitam, ocorre o seguinte fato: "A negação dos valores negros na prática diária nas casas de formação induz o negro à sua despersonalização, à perda de sua identidade. Ao tomar consciência desta situação o formando negro começa a reagir. Os formadores encaram esta reação como rebeldia"(29) e insubordinação, motivo suficiente para dispensá-lo alegando falta de virtudes necessárias à vida consagrada.

A resistência, característica histórica do povo negro, transparece nos jovens negros. Ao invés de ser trabalha-

da como fator positivo, os formandos e formandas são acusados de lideranças negativas e são vistos como tumultuadores, e por isso são aconselhados a deixarem a casa de formação. Quando, por outro lado,, não reagem, são acusados de falta de iniciativa, e são também dispensados.

A formação, e todo o modo de vida e de relacionar-se da Comunidade estão baseados numa estrutura cultural religiosa transplantada que desconhece a cultura, a psicologia e o modo de ser afro-brasileiro. Há um desconhecimento generalizado dos valores do povo negro. O formador quer que o rapaz e a moça negros abandonem tudo o que lembra suas origens, tanto do ponto de vista cultural como religioso e no que diz respeito aos costumes, de tal modo que no final do processo de formação, estes formandos negros estarão "embranquecidos".

Nas casas de formação, e nas comunidades religiosas em geral, os superiores têm dificuldades em aceitar a participação dos seus religiosos na comunidade negra. Freqüentemente as atividades dos formandos negros junto às Comunidades e grupos negros não são considerados pelos superiores como trabalho pastoral. Há formandos que insistem em partiripar, no mês de julho, do Encontro Nacional dos Agentes de Pastoral Negros, mas não conseguem dos seus superiores nem o dinheiro necessário para as passagens. Enquanto que para outras atividades têm todo apoio, sobretudo financeiro.

Em síntese, com freqüência os jovens negros na vida religiosa são acusados de desajuste psicológico, desequilíbrio, complexo, rebeldia, falta de espiritualidade. Mas a espiritualidade formal e conceitual oferecida aos formandos condiz com sua realidade? Quem dá e de onde vêm as bases desta espirutualidade? A partir de que cultura, de que valores se propõe a espiritualidade nas casas de formação? Estas e outras questões têm surgido, e não nos parece que haja outra forma para superá-las a não ser a aproximação ao mundo do povo negro, e a inserção da Vida Religiosa neste meio.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Há espaço e compreensão suficientes (sobretudo por parte dos formadores) para que as novas gerações na Vida Religiosa, particularmente os negros, se formem sem a perda dos seus valores culturais?
2. Quais as possibilidades oferecidas aos formadores pela C.R.B. e pela própria Congregação para que estes tenham melhor preparo na orientação construtiva dos formandos provenientes do povo negro?
3. Quais os subsídios oferecidos aos formandos negros para que possam assumir a negritude?

7 – MOVIMENTOS NEGROS E FORMAÇÃO NA VR

Hoje os "grupos negros" crescem em toda parte no Brasil. De um extremo a outro do país, e não só nas cidades grandes, mas também naquelas de tamanho médio, e até mesmo nas pequenas cidades, encontram-se grupos de reflexão sobre a "questão negra". São organizações voluntárias que surgem sobretudo nas áreas mais pobres e marginalizadas.

O fato de o negro se organizar não ocorre por acaso e, embora para muitos seja surpreendente, na verdade não constitiu novidade. Embora haja um preconceito que diz que o negro é desorganizado, o negro brasileiro foi sempre organizador. Durante o período da escravidão, e depois, quando se iniciou – após a Abolição – o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes: quilombos, confrarias religiosas, irmandades, cantos na Bahia, grupos religiosos como o candomblé, terreiros de Xangô e mesmo de Umbanda, mais recentemente.

Em toda a nossa história social vemos o negro se organizando, procurando um reencontro com as suas origens étnicas ou lutando, através dessas organizações, para não ser destruído, social, cultural e biologicamente. Neste século, em décadas sucessivas, os movimentos negros foram atuantes. Houve jornais próprios da comunidade negra, como "O Clarim", fundado em janeiro de 1924, o "Alvorada", "A Voz da Raça", e outros.

No início da década de 1930 foi articulada a formação da "Frente Negra". Esta organização foi o centro convergente de uma série de entidades e grupos negros que marcou época. Em 1954 a "Associação Cultural do Negro" foi uma significativa organização. Foi uma etapa de preocupação da comunidade negra com o problema da ideologia e de valorização da cultura negra.

Em junho de 1978 a Comunidade Negra concentrou-se nas escadarias do Teatro Municipal em São Paulo para protestar pela morte do trabalhador negro Robson Silveira da Luz, ocorrida no mês de maio, provocada por torturas policiais em uma delegacia de Guaianazes (bairro da periferia paulistana). Havia mais de três mil pessoas negras participando do ato público. Protestou-se também contra a explusão, no mês de maio, de quatro atletas negros do time juvenil do Clube de Regatas Tietê; e o assassinato, por um policial, no bairro da Lapa, de Milton Lourenço, negro e operário. Durante o ato público foi criado o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial[30].

Como todo movimento de reivindicação popular, os movimentos negros nas várias épocas sofreram as ações repressivas, sobretudo dos governos ditatoriais e totalitários. No final da década de 70, quando os movimentos de base ressurgem, o movimento negro ressurge com eles, e com grande expressão, como se fosse uma semente que estava em germinação. Os nomes dos grupos que compõem o grande Movimento Negro Nacional são tantos

e revelam a criatividade desta gente e as particularidades de sua luta por libertação. Alguns grupos atuam tomando como ponto de partida o resgate da cultura negra, outros privilegiam as análises sócio-econômicas, e tantos enfatizam a reflexão político-partidária. Há grupos que procuram agir nos meios estudantis de níveis médio e universitários, apesar de os negros serem aí em número bem reduzido. Constata-se que há mais estudantes negros universitários no regime "racista" da África do Sul, do que na "democracia racial" do Brasil.

São também expressivas as iniciativas de organização da Comunidade Negra a partir das periferias, onde a presença negra é altamente densa. Há muita gente que pensa que pelo fato de existirem vários "grupos negros", haja uma divisão. Na verdade, todos estes movimentos, embora com métodos diversos, têm algo fundamental em comum: a conscientização da Comunidade Negra e da sociedade brasileira como um todo, visando uma igual participação do negro nos vários setores da vida nacional. Nos trabalhos de base, nas reuniões dos grupos, na militância nos movimentos, a consciência sobre os problemas e os valores do povo negro vai aumentando, e eliminando as marcas impostas do complexo de inferioridade.

Há um fato que merece a nossa atenção em particular. "Logo depois de Puebla, a Igreja do Brasil começa a abrir espaço para seus Agentes de Pastoral Negros" (padres, freiras, formandas, catequistas, leigos engajados). Logo de início, "os Agentes de Pastoral Negros sentiram a necessidade de que o espaço fosse aberto a todos os negros, mas que fosse confessional, isto é, que abordasse a situação dos negros à luz da fé e a aprofundasse na ótica da Palavra de Deus"[31]. Depois de vários encontros locais, regionais e estaduais, os Agentes de Pastoral Negros organizaram em São Paulo o "Quilombo Central", um centro de articulação e prestação de serviços aos Agentes de Pastoral Negros que vão se organizando em Comunidades paroquiais e "quilombos regionais" por todos os Estados.

A abertura, fraternidade e espírito organizativo, são características dos Agentes de Pastoral Negros, cuja preocupação é, a partir do Evangelho, ajudar a Igreja, a Vida Religiosa e a sociedade a descobrirem e extirparem as raízes e manifestações do racismo, ainda tão fortes em nosso meio.

Alguns superiores de comunidades e formadores têm receio, ou até mesmo proíbem os religiosos e formandos de participar dos "grupos negros". Alegam, entre outras coisas, que vão trazer problemas para a comunidade. Sem dúvidas, é provável que tragam alguns questionamentos à comunidade. Porém, havendo espaço na Comunidade religiosa para discutir e aprofundar tais questionamentos, o resultado é altamente positivo, pois é desta maneira que a Comunidade vai se abrindo de modo adulto às necessidades e anseios do negro que está na Vida Religiosa.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Em nossa comunidade temos apoiado os formandos(as), junioristas, e demais religiosos(as), sobretudo negros(as) a participarem de "grupos negros"?
2. Os formandos(as) e professos(as) têm liberdade para assumir serviços nos grupos negros de base (Agentes de Pastoral Negros ou outros), sem cobranças exageradas de outras tarefas que acabam impedindo este serviço?
3. Na programação anual da nossa casa de formação, ou província, a "questão negra" faz parte dos programas? Sim, não, por quê?

8 – INTERPELAÇÕES À VIDA RELIGIOSA

A Vida Religiosa tem sido um dos sinais mais positivos e promissores da Igreja, particularmente nestes últimos anos. Os religiosos estão assumindo cada vez mais um estilo de vida simples e comprometido. O testemunho de maior identidade com as origens evangélicas da Vida Religiosa vem sobretudo das comunidades inseridas, que vão desenhando no mosaico histórico da Vida Consagrada um modo original do seguimento a Jesus Cristo. Muitas comunidades estão atindo um nível profundo de convivência e solidariedade com os pobres e de inserção em seu meio.

Os rumos da Vida Religiosa no Brasil foram reforçados na prioridade elaborada na 14ª Assembléia Geral da CRB e proposta para o triênio 1986-1989. A Assembléia propôs aos religiosos "o compromisso de viver a dimensão profética da Vida Religiosa: discernindo criticamente no contexto sócio-eclesial, as formas adequadas de encarnação–missão; impulsionando a inserção nos meios populares, segundo a diversidade dos carismas; aprofundando a espiritualidade que nasce da experiência de Deus no compromisso com a libertação do povo"(32).

Para que a prioridade seja mais esclarecida e conseqüentemente colocada em prática, a Assembléia deu, entre outras, as seguintes indicações:

- "Levando em conta a evolução do processo de inserção das Comunidades Religiosas em meios populares, a CRB as assessora na ***busca de uma Vida Religiosa mais profética a partir da experiência de Deus na vida do povo.***
- Com a colaboração dos Religiosos inseridos, a CRB ***promova a explicitação e sólida fundamentação de uma espiritualidade encarnada;*** ajude a aprofundar o sentido da inserção, e anime a releitura e vivência do carisma congregacional no exercício da missão.
- A CRB continue ***incentivando os Religiosos a encontrar novas mediações de compromisso libertador com os marginalizados e oprimidos*** e a redimensionar as próprias obras sociais na linha do testemunho profético.
- A CRB ajude os Religiosos a ***ser apoio e presença libertadora nos movimentos populares e nas pastorais específicas com particular atenção à formação de lideranças e à organização do povo, visando a transformação da sociedade.***
- A CRB apoie as iniciativas na linha de socialização dos meios de produção e bens de consumo pertencentes e Religiosos"(33).

Parece-nos oportuno recordar aqui a "prioridade" e algumas das "linhas de ação" da Assembléia Geral da CRB; elas vão de encontro ao que estamos refletindo sobre o povo negro. Se estas indicações forem levadas a sério pelos religiosos, não há como encarná-las sem levar em conta a população negra, seus anseios e interpelações. Por exemplo, quando a Vida Religiosa se propõe a ser "mais profética a partir da experiência de Deus na vida do povo", esta profecia deve necessariamente assumir a denúncia dos preconceitos anti-negro; a denúncia das ideologias que não permitem a muitos negros, inclusive na vida eclesial e religiosa, a assumir sua negritude; a denúncia da discriminação do negro no mundo do trabalho, e na própria vida eclesial.

A profecia da vida religiosa deverá anunciar a possibilidade de uma nova sociedade baseada na justiça, na fraternidade, no direito. Ninguém aspira tanto por esta sociedade como o povo negro, pelos motivos óbvios de sua grande marginalização. Os negros são os "pobres mais pobres", como afirmam os Bispos em Puebla, mas, paradoxalmente, é a partir daí que se pode construir uma nova história.

Nos "grupos e movimentos negros", a vida religiosa encontrará, sem dúvidas, as "novas mediações de compromisso libertador com os marginalizados e oprimidos" que está buscando. As organizações negras, embora tenham sido sempre constantes ao longo da história do Brasil, são ainda frágeis, e necessitam do apoio da Igreja e dos Religiosos para o seu fortalecimento. O movimento negro, por razões evidentes, constitui o centro dos "movimentos populares", onde os religiosos querem "ser apoio e presença libertadora". A formação de grupos negros não significa de modo algum o enfraquecimento do movimento popular, mas o seu fortalecimento.

A vida religiosa que se inclina para "as pastorais específicas com particular atenção à formação de lideranças e à organização do povo, visando a transformação da sociedade", não poderia assumir de maneira explícita, o incentivo e apoio à organização e formação dos Agentes de Pastoral Negros? Certamente, a inserção dos religiosos no meio do povo negro os ajudará na "animação, releitura e vivência do carisma", nas suas respectivas congregações.

Grande número das Congregações Religiosas surgiram com a missão de trabalhar entre os pobres. Hoje, muitos perderam este propósito fundacional, e, não poucas vezes se surpreendem fazendo exatamente um trabalho oposto. Na grande maioria dos colégios mantidos por religiosos não há lugar para as crianças negras. Como mudar esta situação para que as instituições de religiosos não sejam reprodutoras e reforçadoras da discriminação ao povo negro?

O resultado positivo da abertura da Vida Religiosa à Comunidade Negra haverá de ser também ao nível da espiritualidade. Na busca atual de uma "espiritualidade encarnada", os religiosos encontram na tradição religiosa negra, e na sua situação, elementos fundamentais de uma genuína espiritualidade cristã(34). A espiritualidade é a experiência do encontro com Deus. É no rosto dos "pobres mais pobres", dos negros, que encontramos a presença de Deus, nos asseguram os bispos em Puebla(35).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. O que o conhecimento da realidade do negro deve significar para nós, religiosos brancos?
2. O que significa para nós, religiosos negros, a situação de nossa gente negra?
3. A nossa comunidade tem participado de celebrações onde são recuperados elementos culturais e litúrgicos de origem negra? Quais as nossas observações?

CONCLUSÃO:

Poder-se-á falar muito sobre este assunto: "Comunidade Negra e Vida Religiosa", e sem dúvidas, várias outras reflexões estão sendo elaboradas. Acredito que, em se tratando de Vida Religiosa, a compreensão dos problemas relativos à Comunidade Negra deve ser acompanhada de uma conseqüente abertura. É a atitude necessária para quem quer converter-se mudando um procedimento até então consciente ou inconscientemente preconceituoso e discriminador.

A Vida Religiosa, fiel às suas origens, quer ser sempre sinal do Reino de Deus, por isso mesmo não pode ter uma prática explícita ou disfarçada de discriminação. É preciso fazer-se negra com os negros, assumindo suas dores e anseios na esperança teimosa de uma sociedade fraterna. A presença e participação ativa do negro em todos os setores da Vida Religiosa é, e será mais plenamente o sinal de uma prática que mostra o surgimento de uma nova evangelização: a evangelização a partir dos pobres e marginalizados.

Esperamos que estes simples questionamentos não tenham causado resistências, mas sem nenhuma pretensão, tenham ajudado a nossa comunidade religiosa a refletir alguns aspectos desta realidade tão densa e não menos inquietante: "a questão negra".

A intenção do opúsculo não é outra a não ser colaborar para que através do nosso testemunho pessoal e comunitário, a Vida Religiosa seja coerente com seus propósitos e com a prática de Jesus, seu fundador.

NOTAS

1. CNBB, Ouvi o Clamor deste Povo (texto-base), nº 13-14.

2. Idem, 7.

3. Cf., Idem, 10.

4. Cf., FREITAS, Décio, Escravos e Senhores de Escravos. Porto Alegre, 1977, p. 94.

5. Sobre esta questão é importante a leitura da obra de Florestan Fernandes, "A Integração do Negro na Sociedade de Classes", Vols. I e II. São Paulo, Ed. Ática, 1978.

6. COSTA, Emília Viotti, Da Senzala à Colônia. São Paulo, Livraria Ciências Humanas Ltda., 1982, p. XI.

7. AZZI, Riolando, Os Religiosos no Brasil — Enfoques históricos. São Paulo, Ed. Paulinas, 1986, p. 9.

8. Cehila-Popular, A História dos Africanos na América Latina. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 10.

9. Vários, Raízes da Teoglogia Latino-Americana. São Paulo, Ed. Paulinas, 1987, p. 77.

10. VAINFAS, Ronaldo, Ideologia & Escravidão. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 31.

11. Cehila—Popular, op. cit., p. 12.

12. Cehila, História da Igreja no Brasil, tomo II/2. Petrópolis, Vozes, 1980, p. 274.

13. Arquidiocese do Rio de Janeiro, Várias Raças Um Só Povo (Campanha da Fraternidade/88) Texto-Base, nº 32-33.

14. VAINFAS, Ronaldo, op. cit., p. 79.

15. ALTOÉ, Valeriano, Os Escravos nos Conventos Femininos Coliniais. (Texto mimeografado), p. 14-15.

16. CRB, A IV Assembléia Anual dos Superiores Maiores, in Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, outubro 1960, p. 633.

17. Idem, p. 634.

18. Ibidem. O grifo é nosso.

19. Resultado do inquérito sobre o recrutamento entre o elemento de cor junto aos Superiores Maiores e as casas de formação. (Texto mimeografado), p. 1.

20. PIRES, Dom José Maria, A Identidade do Negro, in Vida Pastoral — março/abril 1988, nº 139. São Paulo, Ed. Paulinas, p. 4—5.

21. Idem, p. 8.

22. CNBB, op. cit., nº 7.

23. Idem, p. 8.

24. Cf. GOLDMAN, L., Ciências Humanas e Filosofia. São Paulo, DIfel, 1978, p. 99.

25. Arquidiocese do Rio de Janeiro, op. cit., nº 18.

26. Cf. Êxodo 22,20.

27. Gálatas 3,29.

28. Arquidiocese do Rio de Janeiro, op. cit., nº 42.

29. Agentes de Pastoral Negros, Seminaristas, Religiosas e Religiosos Negros em Formação: Uma Contribuição aos Formadores e Toda a Igreja do Brasil, in REB/47, Fasc. 188. Petrópolis, Vozes, Dezembro de 1987, p. 908.

30. MOURA, Clóvis. Organizações Negras, in São Paulo: O povo em movimento. Petrópolis, Vozes/CEBRAP – 1980, p. 171.

31 PIRES, Dom José Maria, op. cit., p. 8.

32 CRB Nacional, Prioridade e Linhas de Ação, in Pistas de Reflexão sobre a Prioridade da XIV AGO da CRB. Rio de Janeiro, 1987, p. 3.

33. Idem, p. 3–4. O grifo é nosso.

34. Sobre contribuições da negritude à espiritualidade, ver artigo de Antônio Aparecido da Silva, in Grande Sinal, Revista de Espiritualidade, Vol. XLII – 1988, p. 13–32.

35. Cf. Puebla, 34.

INDICAÇÕES DE TEXTOS PARA LEITURA COMPLEMENTAR

1. MIRA, Pe. João Manoel Lima, A Evangelização do Negro no Período Colonial Brasileiro. São Paulo, Ed. Loyola, 1983.

2. CNBB, Texto-Base da Campanha de Fraternidade de 1988.

3. Revista Vida Pastoral: "A Fraternidade e o Negro I e II", nº 138 e 139 do ano de 1988. São Paulo, Edições Paulinas.

4. Grande Sinal – Revista de Espiritualidade: "Clamor do Negro, Gemido do Espírito", Ano XLII, 1988. Petrópolis, Vozes.

5. VALENTE, Ana Lúcia E.F., Ser Negro no Brasil Hoje. São Paulo, Ed. Moderna, 1987.

6. CELAM, Os Grupos Afro-Americanos. São Paulo, Ed. Paulinas, 1982.

7. REZENDE, Maria Valéria, Não se pode servir a dois senhores. São Paulo, Ed. Paulinas, 1987.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM MULTIDISCIPLINAR – UFRRJ

COMUNIDADE NEGRA CATÓLICA NO BRASIL

DESAFIOS DA CAMINHADA

Nos últimos 5 anos temos atravessado momentos difícies. Vários fatores tem influenciado a nossa caminhada:
- Conflitos com setores da hierarquia;
- Diferentes visões ideológicas dentro dos APN'S;
- Conflitos de origem "bairristas";
- Conflitos de "blocos internos";
- Crise nacional e do leste europeu;
- Ser pastoral ou ser movimento;
- Cansaço nos trabalhos de conscientização;
- Conflitos internos de diferentes conpreensões eclesiológicas;
- Perda dos espaços e dos apoios financeiros das Paróquias e dioceses;
- Etc

Tudo isto provocou uma baixa sem precendentes na história dos APN'S. Por exemplo: No encontro dos APN'S do RS deste ano de 1992 foi feita uma pesquisa-consulta interna com os representantes. O resultado revelou que (hoje 1992), os APN'S do RS estão 40% menores do que em 1987 !!! E, o que é mais preocupante: o RS (Rio Grande do Sul) foi um dos Estados que menos caiu nestes últimos 5 anos. Numa avaliação rápida, arriscamos a dizer que a queda dos APN'S no Estado do Rio de Janeiro chegou a 80% com referência ao ano de 1987!!!

Religiosos, Formandos e Padres Negros neste contexto

Nos encontros Nacionais dos APN'S de 86 e 87, os leigos questionaram os padres, religiosos(as) e seminaristas negros participantes, com referência ao grande número de seminaristas, religiosos(os) e padres negros que não assumiam sua negritude. Colocaram para nós este desafio: CRIAR ESPAÇOS PARA AJUDAR ESTE PESSOAL A SE DESCOBRIR COMO NEGROS. A partir daí começaram a surgir espaços específicos e hoje, mais de 10 congregações e ordens religiosas tem seus encontros próprios. Consolidou-se a articulação dos Padres e Bispos negros e, em alguns estados, consolidou-se também os encontros de seminaristas, religiosos(as) e padres negros.

Infelizmente, nesta fase surgiram vários conflitos de lideranças: leigos X leigos; padre X leigos, etc e também um estranho clima anti formando, religiosos(as) e padres negros. Chegou-se a fazer, nos corredores, esta pergunta: porque os formandos negros só vem para o encontro deles se eles mesmos optaram marcar seus encontros nesta época justamente para facilitar a participação deles no Nacional APN'S? Porque, neste último encontro Nacional APN'S não compareceu nem um padre negro?

O QUE QUEREMOS COM O NOSSO TRABALHO, ENQUANTO APN?

Aqui está uma das grandes fontes de conflitos. O QUE QUEREMOS? O QUE É POSSÍVEL ESPERAR? QUAL É A DIFERENÇA DOS APN PARA UM PARTIDO POLÍTICO? QUAL É A DIFERENÇA DOS APN PARA UM MOVIMENTO? QUAL É A DIFERENÇA DO GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA PARA OS APN? SE OS APN fossem um movimento, qual seria a sua diferença em relação ao grupo de União e Consciência Negra, (uma vez que este se separou do trabalho eclesial justamente porque queria ser movimento)?

Sabemos que uma grande parte dos negros brasileiros que não tem consciência de negritude estão dentro da Igreja Católica. Se os APN assumissem como opção nº 1 para os próximos 5 anos, apenas atingir

este público negro católico, nós APN'S, poderíamos dizer que cumprimos uma grande missão ! No entanto se avaliarmos a metodologia aplicada pela maioria de nós nestes últimos 5 anos, vamos concluir que, em vez de nos aproximarmos deste público, nós nos afastamos... Porque? Temos realmente, interesse em trabalhar junto a este público?

Em alguns momentos, em especial nos trabalhos conjuntos com outras entidades negras, alguns APN'S tem tido vergonha de sua identidade católica. Isto ajuda ou atrapalha?

ARTICULAÇÃO NACIONAL DOS NEGROS CATÓLICOS

Nestes últimos 5 anos os negros católicos trabalharam a questão da negritude dentro de uma diversidade, com certa autonomia e pouca articulação entre si. No entanto, todos, cada um do seu jeito, tem trabalhado o fato de ser negro e católico. A caminhada começa a atingir um rico momento onde se sente falta de uma articulação destes vários espaços. Sente-se também a necessidade e a importância de uma articulação mais clara e definida com a hierarquia da Igreja. A falta desta articulação clara e definida tem gerado muitos mal-entendidos com grandes prejuízos para nós, negros católicos. O que podemos fazer para diminuir estes mal-entendidos e perdas? Há entre nós pessoas que querem trabalhar tendo uma relação madura e definida com a hierarquia da Igreja. Nós temos o direito de proibir ou dificultar esta relação?

O processo de surgimento e crescimento dos negros católicos do Brasil tem algumas semelhanças com o processo dos negros católicos norte-americanos. Eles encontraram uma solução para a articulação dos vários seguimentos, a nível nacional. Criaram o comitê dos Negros católicos, composto de: 6 leigos, 3 religiosas, 1 seminarista, 3 padres, 2 representantes de irmandades negras e 3 bispos.

Chegaram a esta composição após alguns desgastantes conflitos internos. Reconheceram que depois que se organizaram e assumiram, com coragem,, a dimensão eclesial, tiveram um grande impulso, dentro do seu público específico. Lógico que isto teve reações de setores internos anti-hierarquia. Alguns leigos com alguns padres não aceitaram uma ligação sólida com a hierarquia católica. Organizaram-se num movimento e mais tarde criaram uma Igreja católica Negra independente. Não sabemos se eles estão se sentindo melhores como independentes. Sabemos que os comflitos de lá machucaram muita gente. E, nos perguntamos: não é possível encontrarmos soluções mais humanas e menos traumáticas? Acredito que nós brasileiros somos capazes disto !

Nos EUA, o segundo maior poder organizado dentro da Igreja Católica hoje são os negros! Só a conferência dos bispos dos EUA está à frente. Em 55 dioceses eles tem uma boa e equipada coordenação diocesana, com estruturas de serviço, pessoal liberado, sólidos e concretos programas de trabalho, financiamento garantido a médio e longo prazo. No último Congresso Nacional, realizado em New Orleans, o Presidente da Conferência dos Bispos dos EUA declarou que aquele Congresso é um dos maiores eventos do país dos últimos 5 anos ! O congresso tinha 2.194 participantes, sendo mais ou menos 1.500 leigos, 9 bispos negros, 82 bispos brancos, 5 cardeais e 1 pró-míncio ! O restante eram Padres, freiras e seminaristas. A negritude católica norte americana tem consciência de que, usando a Tática da não confrontação, tem conquistado muito mais o seu próprio público negro católico do que na fase anterior, onde haviam muitas comfrontações. Acho que aqui esta mais uma ter

tativa de explicação do porque nós, negros católicos do Brasil, temos tido grandes dificuldades em atingir o próprio negro católico que não está no processo: esquecemos que a grande maioria deles são conservadores(do ponto de vista político e religioso) e o nosso discurso, progressista, foi rejeitado, de imediato, por eles. Aqui vai uma pergunta: não seria este o motivo que, até hoje, dificultou um trabalho nosso junto às irmandades, congados, moçambiques, reizados, etc? Está na hora de revermos nossas Táticas de trabalho ! Na guerra pela causa do nosso povo negro, ter a coragem de fazer uma revisão estratégica da caminhada é definitiva para a vitória !

CONCLUSÃO:

É necessário que todos nós, leigos, religiosas, formandos, padres e bispos que acreditamos que há um Potencial a ser despertado dentro dos negros católicos, nos reunamos num grande encrontro de reflexão.

É necessário que antes,, cada setor faça (de maneira desapaixonada, séria, desarmados, sem rixas, sem medos uns dos outros, sem jogar farpas e com a presença do Espírito de Deus) ...

... UMA RICA REVISÃO DA CAMINHADA

Que se evite o patrulhamento ideológico; que todos tenham o direito de manifestar suas opiniões; que a plurelidade seja acolhida como sinal evidente da riqueza e da emergência do tema !

Que tenhamos em mente as etapas:

1ª) Reflexão dentro de cada setor de católicos negros;
2ª) Encontro das coordenações de todos os setores;
3ª) Retorno das reflexões dentro de cada setor de negros católicos;
4ª) 1ª Assembléia Nacional dos setores Negros Católicos.

Se nós, negros católicos, retomarmos o impulso no trabalho e no aumento de negros no processo de conscientização, iremos motivar os negros das demais Igrejas cristãs, do candomblé, do espiritismo, da umbanda, os negros sem Identidade religiosa a retomarem o processo e, aí poderá ser retomada de maneira nova, a CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA RACIAL, onde, administrando as divergências, poderemos marcar avanços dentro dos partidos políticos e nas conquistas sociais a nível nacional !

Frei David R. Santos OFM

Câmara dos Deputados

FLORESTAN FERNANDES
Deputado Federal

CONSCIÊNCIA NEGRA E TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE

Brasília - 1994

CÂMARA DOS DEPUTADOS

CONSCIÊNCIA NEGRA
E
TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE

Pronunciamento e emenda constitucional do Deputado Florestan Fernandes, abordando as desigualdades raciais e a consciência negra.

Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Publicações

BRASÍLIA – 1994

CÂMARA DOS DEPUTADOS
49ª Legislatura – 4ª Sessão Legislativa
SÉRIE
SEPARATAS DE DISCURSOS, PARECERES E PROJETOS
Nº 59/94

SUMÁRIO

	Pág.
Introdução	5
Pronunciamento em 22-11-94	7
Emenda constitucional	11
Carta à Liderança do PT	15

INTRODUÇÃO

O presente folheto originou-se de uma iniciativa do Prof. Edson Lopes Cardoso, chefe de gabinete e meu principal colaborador. Vacilei em aceitar a idéia. Pensando melhor, logo constatei que ele tinha razão. Em suas páginas encontram-se uma das razões da atividade parlamentar que prometi ao MNU e a outros setores da comunidade negra de São Paulo, das quais tive forte apoio nas duas eleições a que concorri.

A subalternização dos pobres e oprimidos é uma triste realidade. De um extremo a outro da história do Brasil, essa realidade sofreu desgastes, pela resistência ativa ou passiva de suas vítimas ou graças a expoentes da "raça" dominante, que se empenharam em desagregar a escravidão e em cooperar com os de baixo na construção de uma sociedade de classes multirracial nova. Todos esses esforços desembocaram na inércia das elites. Atilados no jogo político, eles sempre souberam incorporar as mudanças inovadoras em seu arraigado conservantismo econômico, social, racial, cultural e político. Nasceu, assim, um Frankstein, que certos antropólogos designaram como "mudança conservadora".

Hoje estamos distantes das épocas históricas, nas quais as elites exerciam um despotismo monolítico. As alterações fundamentais, pelas quais sempre pugnaram os pobres e os humildes, se caracterizaram por conta-gotas e se dissiparam na torrente histórica. Mas o "Não!" dos de baixo tornou-se, crescentemente, mais aterrador para as classes (e raças) dominantes, que temem perder o monopólio da riqueza, da cultura e do poder.

Os negros, logo em seguida à abolição, salientaram-se como pioneiros dos confrontos sociais decisivos. Foram os primeiros a organizar-se em movimentos sociais, em cidades como São Paulo e o Rio de Janeiro, e a brandirem contra o preconceito racial encoberto as armas de que dispunham para conquistar a "condição de gente" e a plenitude da cidadania efetiva. De 1930 em diante, por exemplo, mantiveram jornais e publicaram livros de alta seriedade, que denunciavam a situação do negro e desmascaravam a inobservância das leis no que lhes dizia respeito. Foram, nesse sentido, "paladinos da Constituição", invertendo a "defesa da ordem" de cabeça para baixo. Essas manifestações orgânicas foram esmagadas pelo Estado Novo e proibidas, mais tarde, sob a ditadura militar, como "risco de explosão social" e "questão de polícia".

As pressões de cima para baixo não "amaciaram" o protesto negro. Ele se difundiu por toda a sociedade brasileira e tomou um caráter mais incisivo, como sugere a ação do MNU. Os negros de nossos dias repudiam o papel ambíguo de "paladinos das leis". Querem leis que modifiquem as relações raciais, a estigmatização degradante da "raça negra", exterminem o racismo dissimulado e o genocídio invisível que os perseguem incansavelmente, malgrado a proteção constitucional. E querem, acima de tudo, que a sociedade se abra para eles na extensão do opróbrio, da fome, do desemprego, das barreiras desiguais que pesam sobre a educação, o aproveitamento dos talentos e a seleção profissional igualitária. Abominam a acefalização dos movimentos sociais pelo aproveitamento ocasional do "negro de alma branca", que sobe socialmente e se converte em um fetiche – o negro que serve de símbolo de uma "democracia racial inexistente" e constitui a exceção à regra.

O fato central indiscutível, que se pode inferir cientificamente, é que tais circunstâncias colocam o negro na perspectiva histórica de pedra de toque da democracia. Nunca haverá democracia no Brasil nem será possível a existência de uma república democrática enquanto persistir a desigualdade racial e a discriminação dos negros. Trata-se de uma liberação às avessas: o antigo escravo carrega consigo a solução do dilema número um do Brasil, pois de sua auto-emancipação coletiva depende a autoridade legítima e o próprio destino das antigas camadas senhoriais, dos seus descendentes e sucessores desenraizados da sociedade escravocrata. Voltamos à dialética do senhor e do escravo, apontada por Hegel. Ou ambos serão livres, ou a liberdade de um forjará a sujeição do outro, bloqueando o advento da democracia como estilo de vida.

Reflexões como essas conduziram-me à publicação dos escritos coligidos neste folheto. O parlamentar se defronta com obrigações éticas e políticas nesse assunto. Ele poderá estimular a convergência de processos que exigem imaginação política, e se enfileirar entre os que trabalham por uma verdadeira democracia racial, ou acabará empurrado pelo ímpeto inexorável das mudanças radicais impulsionadas pela indignação das vítimas de convenções e veleidades que atravessaram séculos, mas perderam qualquer sentido.

Brasília, 23 de novembro de 1994. – ***FLORESTAN FERNANDES***

PRONUNCIAMENTO EM 22-11-94

O SR. FLORESTAN FERNANDES (PT – SP) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Deputados, como o meu colega Deputado Alcides Modesto acabou de falar, são bem-vindas todas as manifestações de solidariedade aos negros acontecidas nesses dias. Elas giram em torno dos problemas abordados pelos movimentos sociais e traduzem a situação em que se encontra o negro no Brasil.

Construtor da grandeza da Nação, segundo aqueles que estudaram a escravidão e mostraram suas conexões com a cumulação do capital comercial e depois com o desenvolvimento capitalista, o negro depois foi relegado ao seu próprio destino.

Enquanto havia insegurança a respeito da mão-de-obra, se o Brasil teria ou não outros meios para manter as atividades econômicas, principalmente realizadas no campo, na sexta década do Século XIX ocorreram várias manifestações da intelectualidade branca no sentido de estudar a transformação do negro escravo em trabalhador livre. Entretanto, com a descoberta de que a imigração proporcionava uma mão-de-obra comparativamente até mais barata do que o custo da manutenção do escravo, os brancos viraram as costas para os problemas dos negros como se eles fizessem parte de uma Nação separada do Brasil.

Esse distanciamento se manifestou tanto no Estado de São Paulo, no qual a participação do negro gira em torno de 10%, quanto na Bahia, onde, segundo estatísticas de 1940, a população negra e mestiça alcança a cifra de 70%. Portanto, trata-se de uma maioria.

Não há sentido falar-se em minoria ou maioria negra, mas em cidadão negro, despojado de sua pessoa, da sua humanidade, reduzido à escravidão e, mais tarde, lançado à penúria extrema, como aconteceu em São Paulo.

Tive a oportunidade de estudar esse assunto. E no capítulo II do livro "A Integração do Negro na Sociedade de Classes" – livro em dois volumes – analiso a odisséia percorrida pelo negro naquele período trágico, nefando, que vai da escravidão e chega até a fímbria dos nossos dias.

A Constituição de 1988 acolheu proposta no sentido de punir, criminalizar as manifestações de preconceito racial, de discriminação racial, mas isso não passa de literatura. Nossa Carta Magna só vale para um setor muito limitado, que tem o poder de fazer o que quer e a usa apenas como referência e como fundamento "legal" – entre aspas – de suas operações financeiras nos planos interno e externo.

A mim me preocupa principalmente a data de 20 de novembro. Vinte de novembro é a data que os movimentos negros mais capacitados para a luta cívica escolheram como a da consciência crítica, como a da consciência racial do negro. Essa consciência negra tem de ser necessariamente diferenciada, porque se volta para uma situação na qual a miséria e a exploração são disfarçadas sob o manto da pobreza e da tolerância. E, ao falar em pobreza, pode-se perguntar: para que a tolerância? Essa tolerância é hipócrita. E o fato de terem escolhido o conceito de consciência negra significa que não pretendem apenas uma consciência crítica, e tampouco querem chegar à consciência civil, que foi o baluarte das lutas que os negros travaram em São Paulo de 1930 até o advento da ditadura Vargas. Posteriormente, ocorreram mudanças. Antes, o negro se apresentava como o advogado das leis no País, como aquele que exigia que a legislação não fosse posta em prática de forma desigual e desumana.

Portanto, trata-se de uma consciência que os psicólogos e sociólogos chamariam de diferenciada, porque ela é diferente da consciência indígena, da consciência daqueles pobres que não carregam a marca visível da estigmatização negra. E ela traduz a disposição do negro de ser ele próprio e não o branco o autor de sua autoemancipação coletiva. Os negros não podem esperar de uma sociedade como a nossa que ela se abra para seus problemas fundamentais. Ele próprio tem de tomar consciência dos problemas que atingem os vários setores da população negra, de formas diferentes de estado para estado, de acordo com peculiaridades regionais da formação dessas localidades.

Mas o problema básico geral é o mesmo. A igualdade e a liberdade não são atributos apenas dos privilegiados. A Constituição não institui esses princípios para uma categoria restrita de pessoas, mas para todos os cidadãos brasileiros. Entendo que está em jogo a cidadania do negro, como também a do indígena e de todos aqueles que são explorados, excluídos, humilhados e ofendidos.

Esta é uma tribuna de luta. A Câmara dos Deputados não pode se divorciar de uma data como essa e do seu significado para os diversos movimentos negros, principalmente para o grande Movimento Negro brasileiro, que tem dado uma contribuição única na afirmação do negro por seus direitos e pelas condições de vida na sociedade brasileira: a conquista da educação, do emprego, da habitação e o combate à miséria. Tudo isso é elementar, tudo isso faz parte daqueles requisitos sem os quais não existe vida humana. E o que o negro quer é vida humana civilizada, sem barbárie, que não crie vítimas nas várias formas de preconceitos que praticam o avesso de tudo aquilo que constitui a mitologia da democracia racial brasileira.

Sr. Presidente, agradeço a atenção de V. Exª pela dilatação do prazo nesta tribuna e também a todos os colegas que prestaram atenção nas palavras que disse aqui, com todo o empenho do meu ser e da minha vontade. Não se trata de gritar: negro, uni-vos! Trata-se de dizer que o negro, como membro de classe, como membro da raça, precisa dispor na sociedade brasileira de um espaço intelectual para se desenvolver e para ter os seus talentos aprovados e chegar ao lugar de vultos como Machado de Assis, o maior intelectual brasileiro. Vejam bem a incongruência dos

fatos: o maior intelectual brasileiro é um negro, de origem humilde, mas que nos honra com o legado, não só à literatura brasileira, à literatura hispano-americana, mas à literatura mundial.

Era o que eu tinha a dizer a V. Exª, Sr. Presidente, e a todos os colegas.

EMENDA CONSTITUCIONAL

TÍTULO VIII

Da Ordem Social

CAPÍTULO IX

Dos Negros

Art... São compreendidos como negros os indivíduos e cidadãos que se consideram como tal e os que, por estigmatização, são tratados "como negros" e "pessoas de cor".

§ 1º Portadores de uma herança cultural rica e variável, vêem-se privados de seus padrões, instituições e valores sociais por pressão fragmentadora do ambiente. É direito dos negros e dever do Estado proteger essa vasta herança cultural em seu sentido histórico e em sua função diferenciadora das comunidades negras.

§ 2º Eles são proprietários de faixas descontínuas de terra, com freqüência incorporadas às "fronteiras em expansão", expropriadas por vizinhos ricos e poderosos. Os governos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios procederão a um esforço convergente planificado para garantir suas posses territoriais e a exploração de suas riquezas.

§ 3º Como os mais desiguais em convívio direto com os brancos e populações ricas, são lançados à marginalidade, excluídos do mercado de trabalho sem condições competitivas e bloqueados em suas tentativas de ascensão social e conquista da cidadania. Os governos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios desenvolverão planos ostensivos para conferir às populações negras meios para corrigir essa situação intolerável e, especialmente, para difundir entre si a cidadania ativa.

§ 4º As famílias negras e seus membros enfrentam dificuldades econômicas, culturais e políticas arraigadas para organizar-se em bases institucionais estáveis de modo a proteger os homens, as mulheres e os menores da privação econômica, do desemprego, da pobreza, do alcoolismo, do crime, da mendicância e de outros efeitos desintegradores determinados pelo racismo. Serão feitos esforços especiais para sanar esses problemas e dilemas sociais através de instituições dotadas de recursos humanos e de meios financeiros que sanem tais entraves à humanização da pessoa.

§ 5º A escravidão e a subalternização extrema do "liberto" encontraram no preconceito racial a racionalização para justificar a sua existência e "necessidade" em um país católico. A exclusão do trabalho livre, variável conforme as regiões do país, o aproveitamento da força de trabalho negra como mão-de-obra barata ou a sua exclusão predominante do mercado de trabalho reforçaram as manifestações do "preconceito de cor", da estigmatização e da discriminação raciais. Hoje, o dilema racial do Brasil perpetua-se de modo complexo. O negro é excluído porque não estaria preparado como "trabalhador livre"; e não se converte em "trabalhador livre", porque lhe são negadas as condições de aprendizagem e de socialização. O Poder Público intervirá crescentemente nessa esfera, para acabar com o paradoxo.

§ 6º A oferta de ensino público gratuito não é suficiente para integrar e reter estratos da população negra nas escolas. O Poder Público corrigirá essa contradição oferecendo às crianças, jovens e adultos negros oportunidades escolares persistentes e em constante aumento através de bolsas escolares, destinadas à manutenção pessoal dos estudantes enquanto durar sua escolarização (cf. art. 213).

§ 7º O Poder Público procurou, primeiro através da "Lei Afonso Arinos" e, depois, através do art. 5º, XLII, e da Lei nº 7.716, resolver os problemas do negro como uma forma de racismo. É importante caracterizar as manifestações de "preconceito de cor", de estigmatização e discriminação raciais nesses termos e puni-las como "crime inafiançável". No entanto, a realidade transcende esses limites. O branco precisa tomar consciência de seu comportamento preconceituoso e o negro necessita aprender que não pode eximir-se individualmente dos efeitos nocivos do tipo de racismo existente. O mais importante, porém, é que devem partir da verdade para coexistir fraternalmente como cidadãos de uma sociedade multirracial. A contribuição da escola e das instituições-chave serão manejadas pelo Poder Público nessa direção. O negro não é somente "igual perante a Lei". Ele ocupa uma situação desfavorabilíssima que precisa ser corrigida pela educação democrática, pelo convívio como cidadãos da mesma sociedade civil e do mesmo Estado.

§ 8º O negro destaca-se por sua herança cultural (folclore, religião, canto, música, danças, línguas, etc.) e por acontecimentos históricos nos quais teve participação notável. Esses aspectos devem ser salientados pelo Poder Público, principalmente nas cerimônias públicas, nos livros didáticos especiais e na evocação das grandes personalidades negras, de Zumbi a Machado de Assis ou Cruz e Souza. O mesmo ocorre no êxito ímpar do negro em diversas atividades, altamente valorizadas pela comunicação em massa e pelos padrões de gosto predominantes. Assim, o Poder Público enaltecerá as personalidades negras que colheram êxitos especiais nos campos das artes e das atividades cívicas para alcançar um efeito de educação multiplicativo: a consciência da igualdade dos cidadãos e do êxito do negro quando conta com a liberdade de usar o seu talento.

Justificativa

Há tempo o negro deveria contar com capítulo especial da Constituição da República Federativa do Brasil. Não só por sua contribuição ao nosso desenvolvi-

mento humano, cultural e histórico, mas especificamente pelo que simboliza a Lei do Ventre Livre como uma espoliação final.

Se quisermos possuir uma República democrática temos de atribuir ao negro, como indivíduo e coletividade, um estatuto democrático. O negro tornou-se o teste número um da existência da universalidade e da consistência da democracia no Brasil.

Ele é um *experimento crucis* (um experimento crucial). A liberdade, a equidade e a fraternidade do negro nas suas relações com indivíduos pertencentes a nacionalidades transplantadas por imigrações e a outras raças e etnias redimem o nosso ser histórico do peso da negação e da destruição de raças negras portadoras de civilizações que enriqueceram para sempre o nosso patrimônio cultural. Além disso, graças a essas civilizações, o negro não se envolveu na formação do Brasil e somente como "escravo", "liberto" e "ingênuo". Rasgou um painel que colocou a liberdade em primeiro plano, graças a heróis como Zumbi ou Henrique Dias.

Cumpre assinalar, sobre toda e qualquer outra reflexão: os que foram lançados nos patamares mais inferiorizados da sociedade democrática são os que precisam e merecem um suporte ativo à sua formação humana – psicossocial, cultural e política. Não se trata de um "protecionismo especioso". Mas de corrigir uma injustiça que desgraça as pessoas e as comunidades negras. Para nivelá-los aos brancos, é imperativo conceder-lhes uma espécie de suplementação da condição humana e da posição social. Só assim as elites das classes dominantes se desobrigarão de um crime histórico que sobrecarrega e degrada a consciência crítica dos cidadãos bem formados e emancipa o Estado de sua intervenção nas páginas mais negativas de nossa perspectiva de Nação emergente. Ou liberamos o negro por todos os meios possíveis ou persistiremos escravos de um passado nefando que encurrala o presente e o futuro a uma abjeção singular.

CARTA À LIDERANÇA DO PT

Brasília, 14 de dezembro de 1993

Exmº Sr.
Deputado José Fortunati
DD. Líder da Bancada do PT na Câmara dos Deputados
Em Mão

Senhor Líder:

Como havia afirmado de público, na Bancada do PT, encarei uma das emendas em termos de "objeção de consciência". Comprometi-me, também, a apresentar a V. Exª as razões de minha posição, cuja gravidade avalio devidamente e cujas conseqüências estou firmemente decidido a enfrentar perante V. Exª, a Bancada, a Comissão Nacional Executiva e o Diretório Nacional.

Devo esclarecer que não tomei uma atitude de rebelião. Duas razões indicam a natureza dos vínculos que me prendem ao Movimento Negro. Primeiro, em colaboração com o Prof. Roger Bastide (1941 e 1951) e individualmente, realizei pesquisas e levantamentos sobre os negros em São Paulo e na formação e desenvolvimento da escravidão no Brasil. Escrevi, pela primeira vez, três artigos sobre "O Negro na Tradição Oral". Concebi e redigi o projeto de pesquisa sobre negros e brancos em São Paulo, que serviu de guia à investigação que elaborei em colaboração com Roger Batisde (1951). Suplementei e fiz uma sondagem sobre a imprensa negra em São Paulo (1954). Desse conjunto de sondagens resultaram os livros *Negros e Brancos em São Paulo* (3 edições, com Roger Bastide) e, por acordo mútuo, o livre uso dos materiais *(A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, 2 vols., tese de concurso de cátedra, publicado em 1964 e em edição posterior). *O Negro no Mundo dos Brancos* (1972), *Circuito Fechado* (São Paulo, 1977 – a metade do livro sobre "*A Sociedade Escravista*" e um balanço sobre a situação do negro 25 anos depois da pesquisa de 1951) e *Significado do Protesto Negro* (São Paulo. 1989), interpretações da luta do negro por sua expansão e evolução na sociedade escravista no Brasil. É óbvio que essa parte da minha bibliografia traduz a existência de vínculos com o dilema racial do negro que me obrigam a tentar transmitir aspirações aos companheiros do PT e do Movimento Negro, que nos obrigam a avançar junto com o PT no debate dos problemas raciais.

A segunda razão é mais complexa. O PT e outros partidos unem os "de baixo" ou os "condenados da terra" em um amplo movimento vertical de rebeldia coletiva. A Constituição de 1988 deu espaço ao companheiro Caó para incluir a criminalização do racismo entre seus temas vitais. Ficou ausente algo semelhante ao Capítulo VII (Dos Índios) a respeito Dos Negros (como Capítulo VIII). Como os radicais de 1968 na Europa, nos Estados Unidos e em outros lugares do mundo colocou-se o desafio do "objetor de consciência" (quanto à guerra no Vietnan, à emancipação das minorias nacionais, étnicas e raciais, da liberdade da luta dos jovens e dos radicais) na construção de uma sociedade democrática autêntica. Apesar das atitudes dos conservadores e dos "cidadãos responsáveis" esse movimento de insurreição histórica ajudou a subjugar a guerra no Vietnan e a erguer um mundo de maior liberdade durante e depois da II Guerra Mundial. O ocaso a que foi condenado não impediu que o mundo se transformasse e que a consciência social crítica se divulgasse globalmente. As minhas análises sobre o negro no Brasil – antes dessa rebeldia – prendiam-se à intenção de incentivar a auto-emancipação de negros e mulatos de uma servidão invisível que se prolongou até nossos dias.

Como socialista, como militante de movimentos de protesto social, como sociólogo e professor, coloquei-me na vanguarda dos que combatiam pelo protesto negro. A "questão do negro" não é, apenas, uma "questão social". Ela é simultaneamente racial e social. Além disso, é a pior herança da sociedade de castas e estamentos. Ela trouxe para o presente todas as formas de repressão e opressão existentes em nosso país. É o teste à existência da democracia no Brasil. Enquanto não houver liberdade com igualdade do elemento negro, a idéia de uma "democracia racial" representa um mito arraigado entre os brancos, ricos ou pobres. Por isso, devemos repelir esse tipo de racismo, que indica objetivamente que formamos uma sociedade hipócrita e autocrática.

Sinto vergonha dessa realidade e penso ser meu dever lutar contra ela com todo o vigor. A democracia não pode excluir "os de baixo" e, especialmente, preservar a "vergonha de ter preconceito", mantendo-o e reproduzindo-o dissimuladamente. Prefiro participar da fraternidade dos companheiros negros e combater por uma democracia plena, na qual a liberdade com a igualdade seja válida como objetivo universal.

Agradeço a atenção que me for dispensada e aguardo da Bancada do PT apoio para a emenda.

Cordialmente,

Deputado ***FLORESTAN FERNANDES***

QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE.
Jesus Cristo

MESA REDONDA:

O MENOR E O TRABALHO

CONVITE

DATA: 14/06, 9:00 - 16:00 HORAS
LOCAL: PIRANEMA, S.PAROQUIAL

CAMPANHA DA FRATERNIDADE - 1987 - CNBB

AGENDA

MANHÃ

09:00 h - ABERTURA DOS TRABALHOS
Dom Vital Wilderink
Bispo de Itaguaí

09:20 h - "A Realidade do Menor Trabalhador no Município de Itaguaí"
Apresentação de Pesquisa realizada p/ [illegible] Religioso

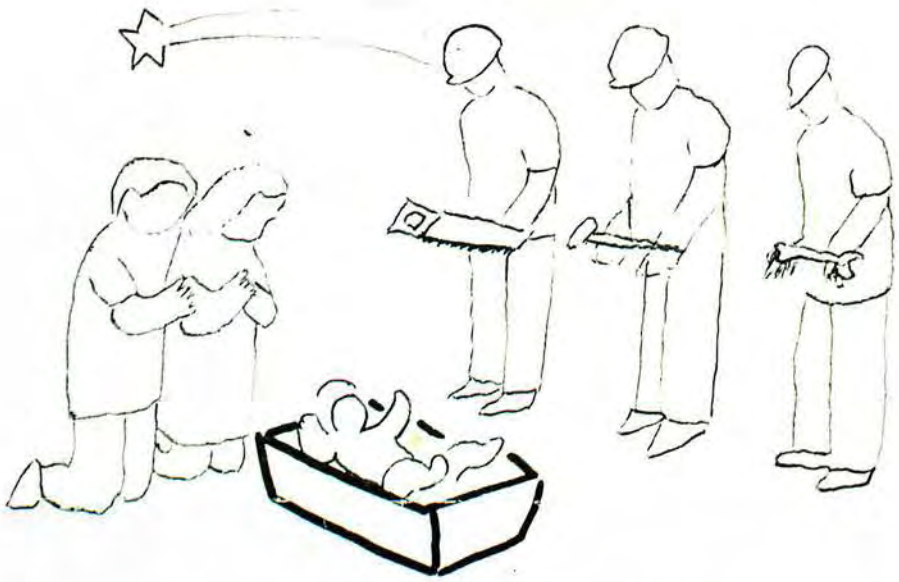
10:00 h - "Consequências do Trabalho sobre a Pessoa do Menor"
Dra. Maria Cecília Teixeira
Psicóloga, Membro do Grupo "Tortura Nunca Mais"

11:00 h - Grupos de Estudo
11:30 h - Plenário
12:15 h - Almoço

TARDE

13:30 h - Painel Sobre Trabalhos Alternhtivos de Menores
Representantes de Entidades de Apoio aos Menores da cidade do Rio de Janeiro

14:30 h - Tempo para Perguntas dos Participantes
15:30 h - Apresentação de Uma Proposta da Diocese para concretizar as Conclusões.
Ana Lucia da Silva Garcia
Assistente Social, Assessora das Pastorais Sociais da Diocese de Itaguaí.
16:00 h - Encerramento



Esperança e decisão de conquistar uma vida plena para todos: aí está o Natal verdadeiro

Convite

Pelo presente, convidamos D. Vital Wilderink

para participar da reunião dos coordenadores paroquiais da Campanha da Fraternidade de 1987. Será realizada no dia 15 de fevereiro de 1987. O início será ás 9,00 horas e o término ás 11,30. O local da reunião será no salão da Igreja do Km 42.

Contamos com sua presença!

Questionados pela Palavra de Deus, na Bíblia, na voz da consciência, no clamor dos empobrecidos apresentaremos nesse dia propostas de nossas Paróquias para desencadear ações que concretizem uma resposta aos apelos da criança, do adolescente, do jovem empobrecidos.

"QUEM ACOLHE O MENOR A MIM ACOLHE"

Itaguaí, 06 de Janeiro de 1987

Berenice dos Santos Borges

BERENICE DOS SANTOS BORGES

Coordenadora da Região de Itaguaí

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Presidência e CEP (V) Reunião 7ª
Brasília-DF., 15 a 17 de dezembro de 1987

P e CEP/87
03 (Sub)

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1989

Para a elaboração do TEXTO-BASE da Campanha da Fraternidade de 1989 foi enviado a todos os srs. Bispos o documento "Elementos para a elaboração da primeira Versão do Texto-Base". Até o presente momento, foram recebidas colaborações das seguintes dioceses: Regional Nordeste 1 (síntese das 9 dioceses do Ceará), Rio de Janeiro, Marajó, Paranavaí, Vitória, Piracicaba, Coxim, Guarabira e da UCBC (Pe. Pedro Gilberto Gomes e Ismar de Oliveira Soares) e do Pe. Francisco de Assis Costa Taborda. A todos foi expedida uma carta de agradecimento.

A Equipe responsável pela elaboração do Texto-Base é composta pelas seguintes pessoas: Frei Clarêncio Neotti, Pe. Francisco de Assis Costa Taborda, Pe. Nereu de Castro Teixeira, Mons. Arnaldo Beltrami, Ir. Maria Alba Vega, Pe. Agostinho Castejón e Pe. Dagoberto Boim.

Nos dias 3 e 4 de dezembro, pp, a Equipe, com exceção do Pe. Francisco Taborda, reuniu-se para incluir as sugestões recebidas dos srs. Bispos no documento "Elementos para a elaboração da primeira Versão do Texto-Base da CF-1989".

Para a redação da primeira Versão foi dividido o trabalho:

VER..... Frei Clarêncio
JULGAR .... Pe. Taborda e Pe. Nereu
AGIR ..... Ir. Maria Alba e Mons. Arnaldo.

Ficou estabelecido entre os membros da Equipe que o Texto-Base se destina aos agentes de pastoral, como instrumento de evangelização. A redação deverá ser entregue até o dia 25 de janeiro de 1988, a fim de que todos tenha, em mãos, o texto completo antes da reunião que deverá realizar-se em Belo Horizonte, nos dias 10 e 11 de fevereiro, pf. Neste interim será enviada à Equipe uma colaboração elaborada por uma equipe de cristãos, da área da comunicação, de São Paulo e Belo Horizonte.

Esta primeira redação será apresentada à Comissão Episcopal de Pastoral, em sua reunião de fevereiro, para a sua apreciação e quais os próximos passos a serem dados.

A Equipe pretende apresentar a redação final no mês de maio.

DIANTE DESTES OBJETIVOS AVALIAR A CF-90

1. AS GRANDES CONQUISTAS (avanços, pontos altos, fatos significativos)
2. AS GRANDES DIFICULDADES (entraves, problemas, pontos negativos)
3. OS GRANDES DESAFIOS e/ou SUGESTÕES PARA ENTUSIASMAR A CF.
4. PONTOS QUE MERECEM CONSIDERAÇÃO REFERENTES A SUBSÍDIOS, COORDENAÇÃO e ENCAMINHAMENTOS.

TEMA PARA 1992

1. QUAL O TEMA? POR QUE?
2. QUAL O LEMA?

A Campanha da Fraternidade é a concretização da vivência quaresmal, participemos com muito zelo.

Por favor manda sua avaliação para a curia diocesana (Itaguai) antes do dia 27 de abril.

Muito grato pela sua colaboração e desejando a todos um Feliz Pascoa...

Pe. Sjaak de Boer
Ir. Sheila Noonan

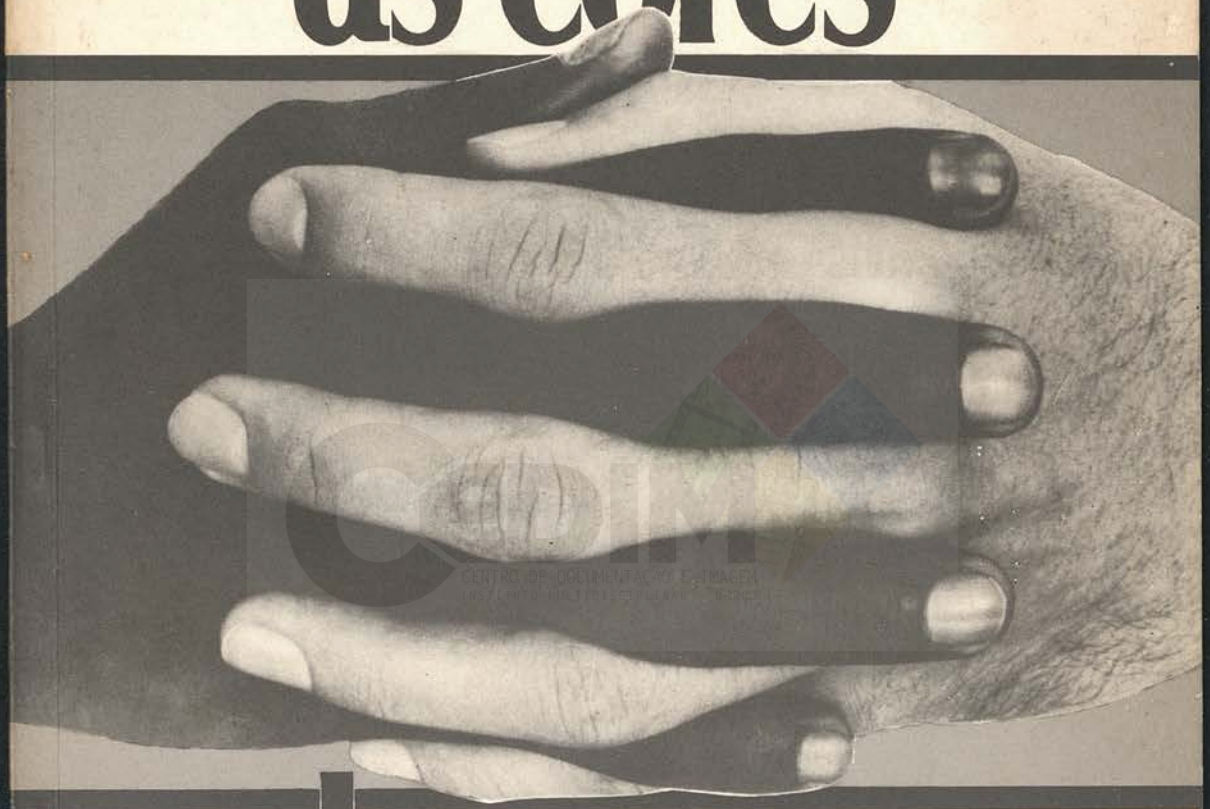
(Coordenação da CF-90)

N.B. LEMBRAMOS:

1º - Estamos na Diocese reunindo assinaturas para pedir que a CF92 seja sobre a JUVENTUDE. Vamos ter isto presente ao responder à pergunta sobre o tema e o lema da CF 1992.

2º Oficialmente a COLETA da CF se faz no domingo de Ramos.
A Paróquia tem direito de ficar com 45% do que coletou e envia o restante para a Cúria que remete 10% à CNBB Regional e 10% à CNBB Nacional.
Mas tem sido costume na nossa Diocese entregar TODA A COLETA na Cúria, para dar mais força ao gesto de fraternidade que a Diocese cada ano se propõe, conforme o tema aprofundado.

Defenda as cores



do nosso país.

Campanha da Fraternidade · 1988

CAMPANHA DA FRATERNIDADE

VÁRIAS RAÇAS
UM SÓ POVO

ARQUIDIOCESE DE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO
1987

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

Com Aprovação Eclesiástica.

Texto preparado por uma equipe sob a coordenação do
Bispo Auxiliar D. José Carlos de Lima Vaz, S.J.

PUBLICAÇÃO DA
Comissão Arquidiocesana da Campanha da Fraternidade do
Secretariado Arquidiocesano de Pastoral da
Arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro

Índice

Apresentação 5

INTRODUÇÃO

1. A Campanha da Fraternidade 7
2. O espírito da Campanha da Fraternidade 10

PRIMEIRA PARTE – VER

1. As raízes do Brasil pluri-racial
1.1 – O fato da democracia racial 14
1.2 – O fato histórico da escravidão 15
1.3 – A escravidão no Brasil Colonial 16
1.4 – O abolicionismo 18

2. A Igreja e a escravidão
2.1 – A palavra dos Papas 19
2.2 – A defesa do índio 20
2.3 – A promoção do negro 22
2.4 – A Igreja e o abolicionismo 23

3. Desafios da democracia racial no Brasil
3.1 – A marginalização social do negro 24
3.2 – O processo de promoção social 26
3.3 – A Igreja e a promoção do negro 27

SEGUNDA PARTE – JULGAR

1. A Palavra de Deus – Antigo Testamento
1.1 – A Promessa da Salvação 30
1.2 – O Caminho da Fé 34
1.3 – A Mensagem Profética 37

2. Palavra de Deus – Novo Testamento
2.1 – A Encarnação do Verbo de Deus 41
2.2 – O Anúncio Evangélico 45
2.3 – O Sacrifício Redentor 47
2.4 – A Igreja, Sinal da Salvação 49

3. A Palavra da Igreja
3.1 – Pelos Direitos do Homem 52
3.2 – Contra a discriminação 53
3.3 – Pela integração em um só Povo 56

TERCEIRA PARTE – AGIR

1. – Princípios de Ação Pastoral
1.1 – Fundamentos da Pastoral Social da Igreja 60
1.2 – Elementos da Pastoral Social: anúncio e denúncia 62
1.3 – Educar para a Fraternidade 64

2. Orientações pastorais
2.1 – Orientações gerais para a CF-88 66
2.2 – Sugestões concretas 67
2.3 – Conclusão 70

Bibliografia 72

APRESENTAÇÃO

A Arquidiocese do Rio de Janeiro, ao planejar a Campanha da Fraternidade de 1988, concluiu que deveria preparar o presente material e outros subsídios que darão o sentido pastoral e a ênfase que julga mais adequados.

Assume a Arquidiocese o tema da Campanha, proposto pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil mas sob outra perspectiva em que emerge a preocupação de prosseguir – usando as palavras do Santo Padre João Paulo II na sua homilia em Salvador na Bahia – a construção no Brasil, com inspiração cristã, de uma verdadeira comunidade humana multi-racial.

Como se expressou Dom Luciano Mendes de Almeida, Presidente da CNBB, "os subsídios que estão sendo feitos no Rio são uma forma de enriquecer o tema e oferecer novos aspectos no tratamento da questão". (Jornal do Brasil, 15/08/1987).

Que a Virgem Mãe Aparecida, Padroeira do Brasil, abençoe este trabalho realizado no ano a Ela especialmente consagrado e o torne fecundo em frutos de maior compreensão e fraternidade para a descoberta dos caminhos da paz!

Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1987

Dom Eugenio de Araujo Sales
Cardeal-Arcebispo

Tema: "FRATERNIDADE E O NEGRO"

Lema: "VÁRIAS RAÇAS, UM SÓ POVO"

– 25 anos da Campanha da Fraternidade

– 100 anos da Abolição da Escravatura

INTRODUÇÃO

01 – A CAMPANHA DA FRATERNIDADE

A ORIGEM DA C.F.

1. A Campanha da Fraternidade completa neste ano de 1988 suas bodas de prata de serviço à evangelização no Brasil. Esses 25 anos tem sua história. A Campanha teve sua fase experimental em 1962 e 1963, na Arquidiocese de Natal. Esta iniciativa local passou a ter dimensão nacional ao ser acolhida pelo Episcopado reunido em Roma, por ocasião do Concílio Vaticano II, em preparação ao Plano de Pastoral de Conjunto. Assim, em 1964, abriu-se a primeira Campanha da Fraternidade para todo o Brasil, com o lema: "Lembre-se, você também é Igreja".

A C.F. E A IGREJA

2. O eco do Concílio que tratou da consciência que a Igreja tem de si mesma e da sua missão no mundo, chegava ao Brasil. Era necessário então renovar a Igreja, a paróquia e o cristão, para o espírito comunitário que o Concílio despertara. Daí os lemas que se sucederam: "Faça de sua Paróquia uma comunidade de fé, culto e amor" (1965); "Somos responsáveis uns pelos outros" (1966); "Somos todos irmãos" (1967); "Crer com as mãos" (1968); "Para o outro o próximo é você" (1969); "Ser cristão é participar" (1970); "Reconciliar" (1971); "Descubra a felicidade de servir" (1972); "O egoísmo escraviza, o amor liberta" (1973).

A C.F. E O MUNDO

3. A Assembléia de Medellin, em 1968, tratou da Evangelização no continente latino-americano à luz do Concílio e despertou para a missão transformadora da Igreja na sociedade, sobretudo entre os mais carentes.

Foi consagrada a expressão "opção preferencial pelos pobres" que a Assembléia de Puebla (1979) retomou, corrigida por "opção preferencial não exclusiva nem excludente". Daí os lemas que se sucederam: "Onde está teu irmão?" (1974); "Repartir o pão" (1975); "Caminhar juntos" (1976); "Comece em sua casa" (1977); "Trabalho e Justiça para todos" (1978); "Preserve o que é de todos" (1979); "Para onde vais?" (1980); "Saúde para todos" (1981); "A verdade vos libertará" (1982); "Fraternidade sim – violência, não" (1983); "Para que todos tenham vida" (1984); "Pão para quem tem fome" (1985); "Terra de Deus, Terra de irmãos" (1986); "Quem acolhe o Menor, a Mim acolhe" (1987).

A C.F. E A AÇÃO PASTORAL NO BRASIL

4. As "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil" foram também assumidas pela Campanha e se resumem hoje no seguinte:

"Evangelizar...

- O povo brasileiro em processo de transformação social, econômica, política e cultural;
- Anunciando a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o Homem;
- À luz da evangélica opção preferencial pelos pobres;
- Pela libertação integral do homem;
- Numa crescente participação e comunhão;
- Visando formar o Povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e fraterna;
- Sinal do Reino definitivo".

Este é o objetivo geral da ação pastoral da Igreja no Brasil, formulado pela 25ª Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em abril de 1987. A Campanha da Fraternidade se coloca dentro deste objetivo como momento privilegiado de evangelização do Povo de Deus no Brasil, numa hora importante de definição do seu perfil cultural, social e político. Esta evangelização pretende ser um elemento de construção de uma nação mais justa e fraterna. Por isso insiste na libertação do homem de tudo que o oprime – o pecado e suas conseqüências sociais – e na sua integração na vida da nação – "numa crescente comunhão e participação".

O TEMA DA C.F.-88

5. Neste espírito que une evangelho e vida, anúncio e sociedade, a Igreja não poderia deixar de se integrar às comemorações deste ano centenário da libertação dos negros escravos, pela assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, pela Princesa Isabel, regente do Trono. Este evento tão significativo para a história nacional, permite e exige que a Campanha da Fraternidade deste ano reflita sobre a integração de todas as raças neste continente nacional que é o nosso Brasil.

O FUNDAMENTO DO TEMA DA C.F.

6. A pessoa de Jesus Cristo que veio para salvar a todos, a mensagem universal do seu Evangelho, a Igreja que reúne em si homens de todas as raças, numa mesma família, são o referencial concreto para se viver a fraternidade, superando possíveis discriminações no interior de nossa Pátria. Para isso, foi escolhido o sugestivo lema: "Várias raças um só Povo". Ele descreve a realidade eclesial. E da Igreja na Pátria. Empenha a todos os cristãos brasileiros a procurarem o que devem ser: irmãos. Corrige possíveis distorções, fruto do pecado do desamor que gera preconceitos e discriminações por classe, religião, cor, comportamento moral, etc.

CONVERSÃO PESSOAL PARA DEUS

7. Tal Campanha, portanto, inspira uma conversão profunda do coração para Deus que quer ser Pai de todos. Para Jesus Cristo que quer ser irmão de todos. Para o Espírito Santo, que quer vir habitar no coração de todos e de cada um. Olhando para esta Trindade Santa de amor, o cristão olha para cada homem como irmão, porque chamado a ser filho de Deus, irmão de Cristo e templo do Espírito Santo. Trata, então, a todos sem distinção, com aquela acolhida fraterna com que também foi acolhido por Deus.

> "Cada vez que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25,40)

CONVERSÃO PARA CRISTO POBRE

8. Cristo, de fato, se identifica com todos e sobretudo com os mais carentes, empobrecidos e marginalizados (Mt 25). Ele próprio foi um discriminado, do nascimento à morte, do estábulo à cruz. E seus contemporâneos o trataram com preconceitos:

"Estuda e verás que da Galiléia não surge Profeta" (Jo 7,25).

"Não é ele o filho do Carpinteiro? Donde então lhe vêm todas essas coisas?" (Mt 13,55-56).

E Jesus teve de reconhecer com pesar:

"Não há profeta sem honra, exceto em sua Pátria e em sua casa" (Mt 13,57).

Portanto, é o Cristo discriminado que se identifica com cada pessoa humana marginalizada. E somente Ele é a inspiração maior desta nossa Campanha pela Fraternidade de todos os brasileiros e, particularmente, da grande maioria dos brasileiros que se confessa cristã.

02 – O ESPÍRITO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE

QUARESMA E C.F.

9. A Campanha da Fraternidade é feita durante o tempo litúrgico da Quaresma que nos prepara para a solenidade mais importante do calendário da Igreja: a Páscoa. Nossa ressurreição com Cristo se dá pela vitória sobre o pecado. Daí a necessidade do anúncio da Boa Nova:

"Arrependei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1,15).

Através da conversão a Cristo e à sua mensagem, o homem revive, se transforma, liberta-se do seu egoísmo. Por isso, o amor ou a fraternidade é o tema chave da conversão quaresmal e pascal.

EUCARISTIA E C.F.

10. Portanto, a Campanha não pode se desvincular da importância deste momento litúrgico. Ela encontra na Liturgia, a força e o sentido de sua atuação. Ainda mais, porque a Eucaristia é o momento mais forte da solidariedade de Jesus, que ainda se estende até nós. Ela é a presença no tempo do único e eterno sacrifício da Redenção universal. Ela é também a comunhão de todos em Cristo e, portanto, a superação de toda e qualquer divisão entre nós.

Por isso, cada Eucaristia que celebra este sacrifício de Reconciliação e de Comunhão, supõe sempre um ato penitencial que revê nosso relacionamento com Deus que não discrimina, e nosso relacionamento com os irmãos.

O ESPÍRITO DE FÉ

11. É importante saber as causas das discriminações e do preconceito para superar os efeitos. Há causas psicológicas, causas culturais, e causas histórico-sócio-políticas. O medo de perder a própria identidade, o receio de abrir-se ao novo e ao diferente. Uma educação classista ou elitista. A herança de um passado escravagista não superado. Entretanto, qualquer ataque às causas, nunca será suficiente se faltar ao cristão a motivação de sua Fé. Por isso, a Campanha não deve ser mais um estudo sociológico sobre o tema, mas um apelo ao Evangelho e do Evangelho. Ela visa desmascarar atitudes não evangélicas em relação ao nosso irmão mais próximo, que distanciamos pelo preconceito e a discriminação. Ela visa, sobretudo, aproximar a riqueza das diferenças, através da unidade fundamental de todos na dignidade eclesial: "Várias raças, um só Povo".

PENITÊNCIA E CONVERSÃO

12. Como já foi lembrado, fiel ao momento litúrgico da Quaresma, a Campanha favorece o espírito de penitência ou conversão ao Evangelho. É necessário, então, pedir perdão a Deus e aos irmãos por qualquer ato discriminatório ou preconceituoso, inclusive pelas omissões verificadas neste campo. A celebração comunitária do Sacramento da Penitência e a própria Via-Sacra, como devoção quaresmal, podem se constituir em momentos privilegiados de conversão para o amor a todos, sem acepção de pessoas, por amor a Deus.

PRIMEIRA PARTE

V E R

1 – AS RAÍZES DO BRASIL PLURI-RACIAL

1.1 – O fato da democracia racial
1.2 – O fato histórico da escravidão
1.3 – A escravidão no Brasil Colonial
1.4 – O abolicionismo

2 – A IGREJA E A ESCRAVIDÃO

2.1 – A palavra dos Papas
2.2 – A defesa do índio
2.3 – A promoção do negro
2.4 – A Igreja e o abolicionismo

3 – DESAFIOS DA DEMOCRACIA RACIAL NO BRASIL

3.1 – A marginalização social do negro
3.2 – O processo de promoção social
3.3 – A Igreja e a promoção do negro

1 – AS RAÍZES DO BRASIL PLURI-RACIAL

1.1 – O Fato da Democracia Racial

MARCA CRISTÃ DO BRASIL

13. A realidade do Brasil pluri-racial é um fato originado de sua história, marcada pela colonização. Ela é o belo fruto gerado do drama social que marcou o crescimento de nossa Pátria, sempre assinalado pela cruz de Cristo no sofrimento dos brasileiros. Com efeito, foi providencial, no desígnio de Deus, que esta nação fosse marcada, desde seu descobrimento, com o sinal da Redenção, pela celebração do Santo Sacrifício da Cruz, a primeira Missa em terra firme, em 1º de maio de 1500. À nova conquista os colonizadores portugueses deram o nome de Ilha de Vera Cruz e, mais tarde, Terra de Santa Cruz que sempre haverá de caracterizar, como o Cruzeiro do Sul, o nosso Brasil.

DEMOCRACIA RACIAL

14. Este encontro de raças deve levar a uma democracia racial. Ela não se fez sem conflitos, entre brancos e índios, e posteriormente, entre brancos e negros. Embora sem ainda se constituir numa realidade socialmente plena, ela já é um fato que nossa cultura atesta na língua, na arte, na religião, nos costumes e, sobretudo, na miscigenação. É impossível falar do Brasil sem se mencionar o caldeamento étnico, inclusive da raça amarela, mais recentemente incorporada pela grande imigração de japoneses e outros grupos orientais. Os tons mestiços, caboclos ou mulatos em nossa rica realidade cultural, será sempre motivo de orgulho nacional, porque revela e descobre nosso passado, estimula a justiça no presente e nos lança para o futuro a conquistar a igualdade de condições humanas para todos.

INTEGRAR A VARIEDADE DE RAÇAS

15. Não se entenderá, porém, a realidade da convivência de muitas raças e dos problemas de ordem cultural e social que nela estão envolvidos sem se considerar os fatores históricos e as condições especiais em que se formou a população brasileira. O presente é sempre tributário do passado. Não é possível equacionar as questões que, nesta convivência, podem desafiar ou eventualmente afrontar a consciência cristã, sem uma compreensão de suas raízes na nossa história. Não se trata de uma interpretação dos fatos ou uma análise do processo histórico da formação do Brasil de hoje.

O importante é conhecer o que aconteceu no passado para que seja possível uma atitude no presente que supere os problemas que impedem a plena integração dos grupos étnicos e culturais que tanto enriquecem o panorama humano de nossa Pátria. A variedade destes grupos e suas culturas somente será uma riqueza quando todos se integrarem, com sua maneira própria de ser, na unidade de um só povo. Este o sentido do lema da Campanha da Fraternidade: "Várias raças, um só Povo".

1.2 – O Fato Histórico da Escravidão

A ORIGEM DA ESCRAVIDÃO

16. Um dos fatos mais importantes no encontro das três raças que iniciaram a configuração étnica do Brasil – o índio, o português e o negro – foi a escravidão. A escravidão é uma realidade presente desde as origens da história da humanidade. Possivelmente nenhuma civilização se fez sem ela. O uso do trabalho escravo, forçado, decorreu, possivelmente, da carência de instrumentos ou máquinas adequadas que suprissem as necessidades do uso da energia mecânica de que precisavam os homens para o domínio da natureza. A ocasião foi, quase sempre, a vitória nas guerras de conquista. A nação vencedora normalmente dominava a vencida reduzindo-a à escravidão. Nas velhas civilizações do Oriente Médio, nas nações e impérios do mundo mediterrâneo, nos povos da América pré-colombiana, nas tribos africanas a escravidão é um fato histórico que perdura até hoje em alguns lugares.

O FATOR CULTURAL NA ESCRAVIDÃO

17. A escravidão criava uma relação entre o povo dominador e o escravizado. Quando eram povos de igual padrão cultural esta relação levava não raro a uma integração, como se verificou em várias civilizações antigas do Oriente Médio. Se o povo escravizado tinha um padrão cultural superior ao vencido, este até se beneficiava enormemente da presença do escravo culto, como ocorreu com os gregos levados a Roma por Pompeu ou Paulo Emilio, que se tornaram preceptores e educadores dos poetas e escritores do século de ouro da literatura latina e desenvolveram a cultura da Roma Imperial. Se porém o povo escravizado era de padrão cultural inferior ao do dominador, passavam a constituir um grupo marginalizado, oprimido, que aos poucos perdia sua identidade cultural ou, fechados em si mesmos, permaneciam relegados a uma posição inferior na vida social. Foi o que ocorreu com os escravos etíopes ou germânicos levados a Roma ou os africanos na Europa Medieval e Renascentista. Foi este o fenômeno que ocorreu com os índios e os negros na América colonizada por portugueses, espanhóis, franceses, holandeses ou ingleses, com conseqüências sociais cujos efeitos ainda hoje perduram.

A "CONSCIÊNCIA POSSÍVEL"

18. Na época dos grandes descobrimentos e da colonização das novas terras o procedimento da escravidão foi comum entre os descobridores e colonizadores. A própria viabilidade da colonização exigia o recurso ao trabalho escravo que era prática usual. Parece hoje absurdo a nossa mentalidade este recurso. Para entender como povos cristãos o utilizavam, deve-se levar em conta o que se chama "consciência possível", ou seja, a maneira de valorar eticamente uma ação realizada num contexto e com uma tradição que a recomendava e não fazia emergir a profunda iniqüidade nela contida. Ainda hoje, a palavra da Igreja não consegue impedir entre cristãos tantos procedimentos de ordem individual ou social moralmente inaceitáveis. Basta pensar nas estruturas sociais injustas, na corrupção, nos atentados contra a vida, na permissividade dos costumes.

A ESCRAVIDÃO NAS AMÉRICAS

19. Este recurso à escravidão iniciou-se com os indígenas caçados e dominados. Quando se verificou, por um lado, a oposição da Igreja a esta prática e, por outro, a pouca capacidade do índio de adaptar-se à prática sedentária do trabalho na lavoura, começou o recurso à importação do escravo africano. A escravidão na África vinha de séculos e era fácil aos traficantes encontrar escravos negros, mais dóceis e submissos, entre os mercadores muçulmanos ou recebendo-os dos vencedores nas permanentes lutas entre os grupos tribais. Assim começou o tráfico de escravos negros, concentrando-se sua comercialização inicialmente na região do Caribe e na costa do Brasil, e expandindo-se depois na região do delta do Mississipi e Flórida ou nas novas regiões mineradoras do interior brasileiro.

1.3 – A Escravidão no Brasil Colonial

A ESCRAVIDÃO DO ÍNDIO

20. No caso específico do Brasil Colonial o processo de escravização iniciou-se com os índios. Em proporção pequena, nas primeiras décadas da colonização no século XVI, tomou ela proporções bem maiores e cruéis sobretudo quando começaram as incursões predatórias dos colonos contra os aldeamentos indígenas organizados pelos missionários jesuítas. Este fato foi mais sentido nas fazendas do Maranhão (a famosa revolta de Beckman contra os jesuítas) ou nas entradas e bandeiras que partiam da Bahia, de Porto Seguro e sobretudo de São Paulo onde, por vezes, se acirraram os ânimos dos "paulistas" contra os jesuítas. Foram sobretudo cruéis as incursões predatórias contra as Reduções dos Jesuítas espanhóis na região das Missões, no oeste do atual Estado do Paraná e na região missioneira riograndense. Entretanto, verificaram os escravocratas a dificuldade em domesticar o índio escravizado e obter resultados de seu trabalho na lavoura. Por outro lado determinações dos Reis de Portugal e a oposição dos Jesuítas levaram aos poucos, à substituição do escravo índio pelo escravo negro trazido da África.

A ESCRAVIDÃO DOS NEGROS

21. A escravidão do negro foi um elemento importante na economia colonial, sobretudo no ciclo da cana-de-açúcar em Pernambuco e na Bahia, no ciclo da mineração em Minas Gerais e nas minas de Goiás e Cuiabá. No final do período colonial e durante o Império foi ela decisiva na expansão da cultura do café. Esta escravidão teve características especiais em relação à realidade de outras partes da América. Embora não deixasse de ser, em muitos aspectos, desumana e, da parte de muitos senhores, sumamente cruel, não deixava de ter um lado humanizante próprio do temperamento do português e facilitou uma grande miscigenação das raças dando origem à enorme população mestiça – os mulatos. A presença dos costumes, da linguagem, dos rituais, da culinária africana nos hábitos da população da colônia configurou muitas marcas tradicionais de nossa cultura e maneira de viver. Se, em muitas ocasiões, os negros se uniram aos brancos na luta contra os estrangeiros (basta ver o caso de Henrique Dias na insurreição pernambucana contra os holandeses), em muitos outros revoltaram-se contra sua situação, fugiam, se organizavam nos "quilombos" e resistiam com bravura aos ataques dos "capitães-de-mato". É conhecido o caso do Quilombo de Palmares em Alagoas chefiado pelo famoso Zumbi. Ainda hoje, nos sertões de Goiás e mesmo no interior de Minas e São Paulo, comunidades inteiramente negras são os remanescentes de "quilombos" que conseguiram se preservar.

O TRÁFICO DOS ESCRAVOS

22. O tráfico dos escravos negros para o Brasil teve um crescimento progressivo, que passou de aproximadamente 50.000 no século XVI, a 560.000 no século XVII e a 1.891.400 no século XVIII (ciclo da mineração). O auge do tráfico se deu, entretanto, na primeira metade do século XIX (ciclo do café), sobretudo, após a Independência, atingindo seu máximo entre 1846 e 1847 (60.000 escravos por ano). O tráfico dos negros escravos era praticado por todos os países europeus com interesse nas Américas. A própria Revolução Francesa via o negro como "mercadoria" ("Balances de Commerce" de 1790 e 1791). A extinção do tráfico se deu não só por motivos humanitários mas por causas econômicas, nascidas do interesse das potências neo-colonizadoras (França e Inglaterra) já então com grandes projetos na África e no Oriente. Em 7 de novembro de 1831 uma lei do Império, referendada pelo Regente Padre Diogo Antonio Feijó, declarava ilícito o tráfico de escravos e livres os africanos aportados ao Brasil desta data em diante. Dificultado cada vez mais, tornado praticamente clandes-

tino, o tráfico seria extinto em 1850 com a Lei Euzébio de Queiróz, no momento em que a pressão internacional, sobretudo da parte da Inglaterra, se fazia sentir com mais intensidade.

1.4. – O Abolicionismo

TENTATIVAS DE ABOLIÇÃO

23. Não falando no papel específico da Igreja, é importante notar que o primeiro marco do Movimento Abolicionista no Brasil remonta a 1758 quando o Padre Manuel Ribeiro da Rocha, da Bahia, publicou em Portugal uma obra raríssima hoje – "Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado". Os Inconfidentes de Minas em 1789 previam no seu projeto a liberdade dos escravos negros. O Movimento Abolicionista começou a tomar corpo na segunda metade do século XIX, nascido das idéias liberais da época a que se associava uma consciência cada vez maior da necessidade da integração social do escravo e portanto de seu direito à liberdade.

Em 1852 é proposta a liberdade dos nascituros, filhos de escravos, que seria concretizada em 1871 na Lei do Ventre Livre. Em 1865 o Visconde de Jequitinhonha propõe a abolição da escravidão no prazo de 15 anos. Ao ideal abolicionista se associaram os adeptos do regime republicano, embora o próprio Imperador Dom Pedro II, conhecido por suas idéias liberais, recomendasse ao Marquês de São Vicente o estudo de projeto de lei abolindo a escravidão no Brasil.

O MOVIMENTO ABOLICIONISTA

24. Com o término da Guerra da Tríplice Aliança, o Ministério do Visconde do Rio Branco apresentou a Lei do Ventre Livre, aprovada em 28 de setembro de 1871, que libertava os filhos nascidos de escravas. Contudo, nem sempre foi observada, especialmente nas fazendas distantes do incontrolável território nacional.

A partir de 1878, Joaquim Nabuco de Araújo, com grande eloqüência, lidera a pregação abolicionista e propõe em 1880, na Assembléia, o fim da escravidão para dentro de 10 anos. Embora contrariando interesses poderosos de grandes fazendeiros, o surto abolicionista foi crescendo nas províncias. É assim que os jangadeiros no Ceará se negaram a embarcar e desembarcar escravos, bloqueando o movimento de negros entre o Norte e o Sul. Esta situação levou à abolição na província do Ceará, em 25 de março de 1884. O Amazonas também libertou seus escravos em 10 de julho do mesmo ano. E em setembro, três municípios do Rio Grande do Sul, também fizeram o mesmo. Um mês depois, a cidade de Pelotas dava alforria a 5 mil escravos. E vários municípios gaúchos arrecadaram fundos de emancipação para comprar a liberdade dos escravos.

Em 1885, o Congresso promulgou a Lei dos Sexagenários, que libertava os escravos que tivessem mais de 65 anos, favorecendo 120 mil pessoas. Finalmente, em 8 de maio de 1888, a Câmara dos Deputados examinou o projeto da abolição da escravatura em todo o território nacional, que foi assinado cinco dias depois, pela Princesa Isabel, Regente do Trono na ausência de seu pai, o Imperador.

CONSEQÜÊNCIAS DO ABOLICIONISMO

25. A euforia do dia 13 de maio de 1888 custaria caro ao Império. É sabido que a Princesa Isabel tinha plena consciência de que seu gesto lhe custaria o trono. Perdendo o apoio dos fazendeiros, senhores dos escravos e enfrentando o descontentamento dos militares que engrossaram os adeptos do regime republicano, o Império encontrou seu fim um ano e meio depois da Lei Áurea, em 15 de novembro de 1889. À Abolição deveriam ter seguido outras medidas que facilitassem a integração social e econômica dos ex-escravos, como a reforma agrária proposta por Joaquim Nabuco. Os anos tumultuados do início da República, os problemas da consolidação do regime, a crise financeira impediram maior atenção ao problema. Quando Rui Barbosa, como Ministro de Estado, determinou a queima dos arquivos com registros da escravidão, tentava eximir o Governo Republicano do pagamento exigido pelos ex-senhores de escravos. No seu despacho dizia expressamente: "... mais justo seria indenizar os ex-escravos". Sem uma tutela legal, uma política inteligente de integração, os ex-escravos ou permaneceram ligados aos antigos senhores, ou voltaram para a África, ou constituíram a grande faixa de grupos marginalizados da atividade produtiva autônoma e em condições de flagrante inferioridade cultural, econômica e social dentro da população brasileira.

2 – A IGREJA E A ESCRAVIDÃO

2.1 – A Palavra dos Papas

CONTRA A ESCRAVIDÃO

26. No início do tráfico de negros para a Europa, em 1462, o Papa Pio II condenou a escravidão como grande crime (magnum scelus)e ordenava aos Bispos excomungar seus praticantes. Em 1537 o Papa Paulo III (Bula "Sublimis Deus"), referindo-se primeiramente aos índios da América mas incluindo africanos e outros povos, afirmava: "Todos os homens de todas as raças deverão gozar de liberdade... e não será permitido a ninguém reduzí-los à escravidão" e declarava nula e sem efeito qualquer declaração anterior ou autorização contrária a esta Bula – como a autorização de Nicolau V ao Rei de Portugal de manter na escravidão os sarraceanos e pagãos capturados. Em 1639 o Papa Urbano VIII determinava

sanções eclesiásticas contra escravizadores de índios. Em 1714 o Papa Bento XIV na Bula "Immensa Pastorum" dirigida aos Bispos do Brasil condenava a escravidão. Sua promulgação no Brasil foi proibida pelo Marquês de Pombal no tocante aos negros e só autorizada sua execução no tocante aos índios. Finalmente, em 1815 o Papa Pio VII pressionava os estados cristãos no Congresso de Viena a abolir o tráfico dos negros escravos. Infelizmente a palavra dos Papas nem sempre alcançava nas colônias da América a repercussão e eficácia desejadas sobretudo pela ação dos governos régios que, valendo-se dos direitos do Padroado, impediam sua publicação ou execução.

NA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

27. Durante o movimento abolicionista, o Papa Gregório XVI em 1839 enviava aos Bispos de todo o mundo uma vigorosa Encíclica condenando o tráfico de escravos e lamentava que muitos cristãos continuassem praticando a escravatura. Por isso condenava a escravidão e a declarava ilícita aos cristãos. Em 1851 o Papa Pio IX, ao beatificar o jesuíta Pedro Claver, apóstolo dos negros na Colômbia, o apresentava como protesto vivo contra a escravidão do negro. Pouco antes da Lei Áurea, em 5 de maio de 1888,o Papa Leão XIII escrevia aos Bispos do Brasil urgindo-os a trabalhar pela abolição. Após a abolição, o mesmo Papa conferia à Princesa Isabel a distinção pontifícia da Rosa de Ouro. Finalmente, em 1912 o Papa São Pio X declarava a escravidão motivo de excomunhão reservada.

2.2 – A Defesa do Índio

NA AMÉRICA ESPANHOLA

28. A defesa da liberdade dos índios pela Igreja começa com a mesma evangelização da América. É conhecida a posição do famoso frade dominicano Frei Bartolomeu de las Casas. Filho de um dos companheiros de Colombo na sua segunda viagem, las Casas veio para a América com 28 anos em 1502 dedicando-se ao comércio e explorando os índios, mesmo depois de ordenado sacerdote. Em 1515 resolveu mudar de vida, fez-se dominicano e passou a ser um ardoroso defensor da liberdade dos índios e do respeito a sua dignidade. Na América Espanhola pode-se citar também o exemplo de Frei Antonio de Montesinos, do bispo Antonio de Valdivieso e sobretudo do Arcebispo de Lima, São Turibio de Mongroviejo. Entretanto a mais decidida obra de proteção e promoção do índio foram as famosas "Reduções" do Paraguai, obra dos missionários jesuítas, organizadas pelo Pe. Ruiz de Montoya e regadas com o sangue dos Beatos Mártires Roque González e seus companheiros, trucidados pelos índios

nas reduções que se fundavam no atual Estado do Rio Grande do Sul. A obra das "Reduções", objeto de tantos estudos e admiração dos estudiosos modernos, não só defendeu os índios da escravização mas os promoveu social e culturalmente, preservou a língua guaraní ainda hoje falada no Paraguai e mostrou, num extraordinário trabalho de inculturação, como a evangelização não destrói as raízes culturais e mas dá condições aos povos primitivos de se integrarem na sociedade civilizada sem perder sua identidade.

NO BRASIL

29. A defesa da liberdade do índio foi a luta permanente dos missionários jesuítas no Brasil colonial. Lutando contra a incompreensão e cobiça dos colonos, perseguidos em vários lugares, conseguiram os padres, através do aldeamento dos índios, não só evangelizá-los mas criar-lhes condições de se promoverem cultural e economicamente para poderem se integrar na sociedade colonial. É extraordinária a visão do Pe. Manuel da Nóbrega na organização da obra evangelizadora, do Beato José de Anchieta no estudo da língua tupí e na utilização do teatro, da dança, dos "autos" para inculturar, na maneira de ser do índio, o conhecimento da fé. Na defesa dos índios destacou-se a coragem do grande pregador Pe. Antonio Vieira contra os fazendeiros que queriam, apesar das proibições régias, mantê-los escravizados. Ainda hoje é notória a luta da Igreja na defesa dos índios, ameaçados pelo avanço da colonização em seus territórios.

A PALAVRA ATUAL DO PAPA

30. O trabalho dos missionários na defesa dos índios tem sido freqüentemente relembrado pelo Papa João Paulo II nas suas alocuções aos índios em visitas à América Latina, como no México (Quetzaltenango e Oaxaca), no Brasil (Manaus), na Guatemala, no Peru (Iquitos, Cuzco). Basta citar suas palavras aos índios em Latacunga no Equador em 31 de janeiro de 1985: "Sei que numerosos missionários lutaram na defesa dos direitos dos índios... Agora, não deve haver oposição a uma integração justa, a uma convivência em nível mais amplo que permita às vossas coletividades o desenvolvimento da própria cultura, tornando-a capaz de assimilar, a sua maneira, os progressos científicos e técnicos. Mas é perfeitamente legítimo procurar preservar o espírito do índio nas suas variadas expressões culturais. Assim, embora a Igreja procure respeitar e estimar a cultura de cada povo, valorizar tudo que neles há de positivo, não pode renunciar a seu dever de elevar seus costumes, pela pregação da moral do Decálogo, a mais fundamental expressão ética da humanidade, revelada pelo próprio Deus e completada pela Lei do amor enviada por Cristo".

2.3 – A Promoção do Negro

A ASSISTÊNCIA AO NEGRO

31. A condição desumana de sofrimento da população negra, trazida para a América pelos traficantes, nunca deixou de suscitar o sentimento de misericórdia de muitos cristãos que lhes dedicaram, com carinho e não raro com heroismo, a assistência material e espiritual. Destacou-se entre todos São Pedro Claver, sacerdote jesuíta canonizado pelo Papa Leão XIII em 1888 e, pelo mesmo Pontifice, declarado em 1896 celestial patrono do apostolado entre os negros. Vindo da Espanha em 1616, dedicou sua vida ao acolhimento dos escravos negros que chegavam ao porto de Cartagena na Colômbia. Sua dedicação heróica aos escravos, sua bondade e caridade, tornaram-no o símbolo deste sentimento profundamente cristão da misericórdia para com os que sofrem. No Brasil, no tempo da Colônia e após a independência as Santas Casas de Misericórdia, os Asilos, os Hospícios (hospedarias ou abrigos) para doentes, espalharam-se pelas pequenas cidades e vilas, construídas pelas Irmandades ou pelos religiosos dando assistência a todos os necessitados, de modo especial, aos escravos ou aos libertos em condições humanas de maior carência.

A PROMOÇÃO DOS NEGROS

32. A Igreja é freqüentemente acusada de ter agido de modo paternalista, dando somente assistência material e procurando converter os negros escravos. Se isto ocorreu ou pode ter ocorrido em muitos casos, não se pode generalizar o fato. Basta citar alguns casos bem explícitos da preocupação da Igreja na promoção do negro escravo. Um deles era a vida dos escravos nas fazendas dos jesuítas. Nelas os negros encontravam um ambiente cuja organização, estruturação material e catequese representavam a única experiência possível na época para educar, promover o negro e integrá-lo na vida social. O exemplo mais conhecido foi o da Fazenda de Santa Cruz na Baixada Fluminense onde cerca de 2.000 escravos, residindo em casas, com família constituída, não só encontravam a catequese, a instrução básica mas eram formados como pedreiros, ferreiros, carpinteiros, escultores, alfaiates, tecelões, músicos. No momento da expulsão dos jesuítas em 1759 os agentes régios relataram o que viram. Estes negros formaram os famosos artífices que no início do século XIX tanto ajudaram na urbanização do Rio de Janeiro a partir da vinda para o Brasil de Dom João VI, causando a admiração dos artistas da Missão Francesa.

A CONSCIENTIZAÇÃO DOS NEGROS

33. Outro exemplo ressalta o resultado deste trabalho nas fazendas dos jesuítas através da conscientização dos escravos de sua dignidade

e seus direitos. Em 1789 os escravos da Fazenda Santana em Ilhéus na Bahia revoltaram-se contra os maus tratos dos novos donos, após a expulsão dos jesuítas. Em dois anos de rebelião reivindicavam dos senhores redução de jornada e melhores condições de trabalho, uso particular das ferramentas, terreno para hortas próprias, venda em proveito pessoal dos excedentes das plantações e aprovação por eles dos nomes dos feitores de trabalho. Esta exigência, que lembra as atuais posições do movimento sindicalista, revela um nível de consciência de classe que em pleno século XVIII seria incompreensível sem a experiência educativa recebida em sua vida na antiga fazenda dos jesuítas.

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS NEGROS

34. Na organização social dos negros, no período colonial, a Igreja desempenhou um papel importante mas pouco lembrado. Como testemunho vivo basta citar o exemplo das Confrarias de Negros. Nas Igrejas do Rosário e outras, encontradas nas cidades mais antigas, vê-se o monumento claro de uma realidade social cujo nível de organização permitiu a construção destas Igrejas. Quem conhece Ouro Preto não pode esconder sua admiração pela beleza arquitetônica da Igreja do Rosário, a riqueza de Santa Efigênia, a graça das duas Igrejas das Mercês construídas pelas poderosas e influentes Confrarias dos Negros. E todo o esplendor da corte de Chico-Rei seria impossível se os escravos não encontrassem na Igreja o espaço para alcançarem a alforria e se organizarem em grupos sociais respeitados no ambiente da velha Vila Rica do século XVIII.

2.4 – A Igreja e o Abolicionismo

ANTECEDENTES NA COLÔNIA

35. Talvez a primeira manifestação da Igreja no Brasil pela liberdade dos negros seja a procuração passada em 1686 ao negro liberto Pascoal Dias pelas 6 Confrarias de negros na Bahia e pelo Arcebispo Dom Frei João da Mãe de Deus enviando-o a Roma para apresentar à Cúria Romana, em nome de todos os escravos, uma petição dizendo a Sua Santidade o Papa "o miserável estado em que se encontram todos os negros cristãos desta e de todas as mais cidades deste Reino...". De modo mais objetivo pode-se citar no século XVIII o trabalho das Igrejas na Capitania de Minas que guardava o ouro que os escravos conseguiam para com ele comprá-los de seus donos e logo os alforriar. Isto explica a grande quantidade de negros forros que causou a admiração dos viajantes europeus nos seus relatos de viagem pelo interior de Minas no início do século XIX.

A AÇÃO DOS BISPOS

36. No Brasil independente registra-se no grande lazarista Bispo de Mariana, Dom Antonio Ferreira Viçoso, cuja causa de Beatificação está iniciada, a primeira palavra da Igreja pela abolição, em sua carta de 1840: "a riqueza só reina onde impera a liberdade e a justiça e não onde mora o cativeiro e a corrupção". Fundou ele na época a Associação Marianense Redentora dos Cativos que arrecadava fundos para dar alforria aos escravos. Em 1846 o Bispo de Diamantina, Dom João Antonio dos Santos, companheiro de Dom Viçoso, iniciava sua campanha pela libertação dos escravos que prosseguiria por mais de 40 anos. Em 1871 o Bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda escreveu uma vibrante Carta Pastoral congratulatória da Lei do Ventre Livre e pedindo a Abolição. Em 1883 o Bispo do Ceará Dom Joaquim José Vieira exorta a Província a decretar a abolição da escravatura que se concretiza no ano seguinte. Nesta ocasião começa ele também a campanha pela promoção social dos ex-escravos. No Pará Dom Antonio Macedo Costa em 1883 alerta os católicos contra o preconceito e a discriminação racial e defende a liberdade dos escravos. Em 1887 pelo menos 6 Bispos apoiam a Campanha Abolicionista e entre eles, o Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho cria o Fundo para a Redenção dos Cativos dando 5% dos rendimentos da Mitra e a terça-parte de sua côngrua pessoal para este fim.

O TRABALHO DOS RELIGIOSOS E DO CLERO

37. Ao lado dos Bispos, foi intensa a ação do clero diocesano e das ordens religiosas no movimento abolicionista. Em 1859 os franciscanos dão a liberdade aos escravos mais idosos e em 1871 a todos os seus escravos. Os Beneditinos libertam em 1866 suas escravas com filhos e em 1871 todos os seus escravos. Em 1887 outras ordens e o clero diocesano davam o exemplo de libertar os próprios escravos. A participação da Igreja neste movimento não só antecedeu mas sobretudo foi o grande apoio do movimento da abolição, levando a uma rápida diminuição do número de escravos no Brasil que decresceu de 1.715.000 em 1864 para cerca de 720.000 em 1888. Infelizmente, a outorga da liberdade não foi acompanhada, após a Lei Áurea, pelo esforço de promoção humana e integração social dos ex-escravos pelo governo, como propugnava a Igreja no Brasil.

3 – DESAFIOS DA DEMOCRACIA RACIAL NO BRASIL

3.1 – A Marginalização Social do Negro

A CONJUNTURA HISTÓRICA APÓS A ABOLIÇÃO

38. A abolição da escravatura não significou, infelizmente, uma verdadeira libertação do negro no Brasil. O abolicionismo deu aos intelectuais um público que os aplaudiu, aos políticos um eleitorado que lhes abriu o cenário do poder na queda da Monarquia e ascensão da República. As boas intenções de Joaquim Nabuco, que defendia a reforma agrária como passo seguinte à abolição, as recomendações dos Bispos de uma tutela do governo para promover a integração social e econômica dos ex-escravos não puderam se concretizar nos últimos meses do Império e no começo tumultuado da República. As revoltas do final do século XIX com grave crise institucional, seguidas da crise financeira do início do século XX relegaram a um segundo plano os problemas sociais do País. Quando se iniciou o processo de industrialização, a preocupação social do Governo se dirigiu para o nascente proletariado urbano. Nesta época já se sedimentara a marginalização social dos ex-escravos tornados agregados nas fazendas, migrantes para as periferias das metrópoles em expansão, sem condições materiais e preparo cultural ou técnico para o trabalho qualificado.

O PROCESSO DE MARGINALIZAÇÃO

39. Na verdade, a experiência dos missionários que nos tempos da colônia organizavam nas suas fazendas escolas de "Artes e Ofícios" para os escravos, habilitando-os para uma profissão qualificada, foi violentamente interrompida em meados do século XVIII pelo Marquês de Pombal. Usados como mão-de-obra primária, o escravo não encontrou, após sua libertação, elementos para obter sua autonomia econômica e sua promoção na sociedade. Neste sentido a liberdade os colocou diante do processo de confronto com uma sociedade em rápido desenvolvimento e modernização. Não tendo dinamismo próprio para nela se integrar, como os imigrantes vindos, na época, da Europa, do Oriente Médio ou do Japão, o ex-escravo seu viu cada vez mais relegado a uma posição marginal, indefeso, na maioria das vezes, diante das múltiplas formas de exploração da pessoa humana e de seu trabalho em que é fértil a sociedade moderna. Neste sentido o Brasil de hoje tem enorme dívida social para com os antigos escravos.

OS DADOS DA MARGINALIZAÇÃO

40. Se o Brasil ostenta o fato de ser o segundo maior País do mundo em população negra, após a Nigéria, a verdade é que ela engrossa a maioria de sua pobreza quase absoluta. Assim sendo, explica-se o porquê da ausência maciça de negros nos melhores setores da sociedade, sobretudo aqueles que estão relacionados com a liderança e o poder decisório. Conseqüentemente, sua presença é significativa no contingente de assalariados de nível inferior. É o que nos apresentam os dados estatísticos do IBGE, levantados em 1976, e publicados em 1979:

População	Branca	Negra	Parda
Renda média mensal Pessoas ocupadas (Cz$)	2.541,7	890,5	1.145,7
Carteira assinada			
Homens	71,8%	51,9%	57,5%
Mulheres	60,4%	34,0%	42,5%
Analfabetismo da população de 10 anos e mais	15,5%	42,4%	31,5%
Renda média do chefe de família:			
Homens:	4,8 S.M.	1,7 S.M.	* 2,5 S.M.
Mulheres	2,0 S.M.	0,7 S.M.	* 0,8 S.M.

Nota: * *S.M. quer dizer salário mínimo. Cf. PNAD, 1976, FIBGE – citado IBASE. Dados da Realidade Brasileira, Vozes, Petrópolis, 1982, pp. 51-55.*

3.2 – O Processo de Promoção Social

EXEMPLOS DO PASSADO

41. A promoção social do ex-escravo não poderia, no Brasil, prescindir das experiências bem sucedidas, embora fragmentárias e de expressão numérica relativa, acontecidas no passado. Uma é a qualificação para o trabalho, a valorização da capacidade organizativa dos negros e sua conscientização como ocorreu nas fazendas dos jesuítas do tempo colonial. Outra, o reconhecimento social de suas organizações como aconteceu com as confrarias. Na verdade, se existem no Brasil, como em outras partes, pessoas preconceituosas no que se refere à cor, é inegável que, de modo geral, a população brasileira aceita o homem de cor em posição social de relevo, quando ele é competente. Não faltam exemplos históricos como o grande Arcebispo de Mariana no final do século passado, o negro Dom Silvério Gomes Pimenta, o mulato Machado de Assis, o negro André Rebouças, famoso engenheiro protegido por dom Pedro II. Os exemplos atuais são muitos e bem conhecidos no campo da política, das profissões liberais, sem falar da música e dos esportes.

A BASE DA INTEGRAÇÃO SOCIAL

42. Entretanto, a promoção social do negro dificilmente se dará através da exacerbação do sentimento de classe, do uso de sua condição

social para acirrar conflitos, do emprego dos elementos folclóricos e festivos de sua maneira de ser para promoção publicitária ou turística. As atitudes da discriminação racial, punidas pela famosa lei Afonso Arinos, possuem duas faces: uma do branco que discrimina o negro por sua cor; outra do negro que faz da sua condição étnica um valor-em-si, se auto-discriminando de forma conflitiva e se tornando impermeável a um processo de integração social baseado no valor fundamental que é a dignidade e os direitos da pessoa humana, independentemente de sua raça.

O EXEMPLO AMERICANO

43. Na verdade, a promoção social do negro só pode ser feita a partir dele mesmo, numa atitude realista, sem o romantismo retórico das incriminações e lamúrias e numa aceitação do dinamismo próprio da sociedade moderna onde a ascensão social tende cada vez mais a nascer da competência, da capacidade de trabalho e organização dos grupos sociais. O enfoque deveria ser não na cor negra mas na condição de marginalidade social para promover sua superação. O exemplo atual e admirável é o que vem ocorrendo nos Estados Unidos cuja história foi marcada dolorosa e tragicamente pelo racismo. O radicalismo e o neocolonialismo interno pertencem ao passado e suas manifestações atuais são episódicas. O "black power" americano percebeu com realismo que seria ingênuo e ineficaz o mero protesto contra a desigualdade social se não houvesse igualdade cultural e profissional. Para competir com o branco, na sociedade tecnológica marcada pela eficiência, percebeu o negro americano que teria que ser igual ou superior a ele em competência. Assim, lutando pela aceitação das crianças e jovens negros nas Escolas Públicas, criando Universidades próprias, procurando competir pela eficiência, em poucas décadas a comunidade negra americana venceu as barreiras legais mostrando ser incompatível a desigualdade de direitos quando a realidade mostrava a igualdade de fato. Hoje é significativa a presença atuante e de reconhecida competência do negro americano não só nos esportes e nas artes, mas na tecnologia avançada, na pesquisa científica, nas profissões liberais, nas Forças Armadas, na diplomacia e na política dos Estados Unidos.

3.3 – A Igreja e a Promoção do Negro

AS CONDICIONANTES HISTÓRICAS

44. Já se viu como no período colonial e no Brasil independente foi importante a participação, não raro isolada mas sempre significativa, que a Igreja teve nos esforços para a libertação e a promoção social do negro. Algumas experiências vingaram e deram frutos como as Confrarias e o trabalho pela Abolição. Outras foram interrompidas por pressões externas como a obra educativa das fazendas dos jesuítas. Certamente não teve a Igreja o prestígio social e a força política para cobrar a promoção

social dos ex-escravos, logo após a Lei Áurea e o advento da República. Ela mesma se viu marginalizada na época da Primeira República das grandes decisões nacionais em virtude do clima que se seguiu à separação da Igreja e Estado e a característica de forte laicismo reinante na vida política do País.

Após a década de 20, envolvida com outros problemas que polarizavam mais sua atenção pastoral – educação religiosa, direitos da família, defesa da liberdade e direitos humanos nas últimas décadas, percebe hoje a Igreja a necessidade de se fazer presente no processo de emancipação e promoção de grupos marginalizados. A "opção pelos pobres" se traduz na consciência dos direitos dos carentes economicamente, do homem sem terra, dos índios e dos negros. Neste sentido se coloca a presente Campanha da Fraternidade procurando conscientizar os católicos na tarefa de integrar, sem discriminar, todas as camadas sociais e grupos raciais num só povo.

O DESAFIO FUNDAMENTAL

45. Este trabalho de integrar é aquele desafio de natureza cultural, sócio-política e econômica que hoje se revela particularmente interpelador e estimulante, como falava o Papa João Paulo II na sua Mensagem aos Bispos brasileiros em abril de 1986. "É o desafio do contraste entre dois Brasís: um altamente desenvolvido, pujante, lançado rumo ao progresso e a opulência; outro que se reflete em desmesuradas zonas de pobreza, de doença, de analfabetismo, de marginalização... Problemas graves como estes não podem ser estranhos à Igreja, ao menos pelos aspectos éticos que eles comportam, como causa ou efeito das situações materiais".

A MISSÃO ESPECÍFICA DA IGREJA

46. De modo particular caberia à Igreja, no que refere à promoção social e plena integração da população negra marginalizada, uma missão que se desdobraria em várias atividades. Primeiramente seria a de tentar mostrar à população negra, de modo especial a seus grupos mais dinâmicos, a necessidade de se conscientizarem do próprio valor e capacidade para se promoverem pela busca da qualificação profissional, da educação em todos os níveis, da valorização da própria estrutura familiar, pela superação dos sentimentos de inferioridade e rejeição e conseqüentemente de revolta e agressão que lhes possam ser passados pelos que os querem utilizar para fim políticos, publicitários ou demagógicos. Em segundo lugar deveria a Igreja abrir sem reservas as portas de suas instituições educativas, de seus quadros, de suas promoções sociais à presença do negro, não por ser ele negro, mas pelo seu desejo de se promover e sua capacidade pessoal. Finalmente, caberia à Igreja, na sua missão profética, a permanente vigilância e denúncia de todas as formas objetivas e claras de um sentimento discriminador, baseado na diferença racial, que possam aparecer ainda nas decisões políticas e na vida social do Brasil.

SEGUNDA PARTE

JULGAR

1 – PALAVRA DE DEUS – ANTIGO TESTAMENTO

1.1 – A Promessa da Salvação
1.2 – O Caminho da Fé
1.3 – A Mensagem Profética

2. – PALAVRA DE DEUS – NOVO TESTAMENTO

2.1 – A Encarnação do Verbo de Deus
2.2 – O Anúncio Evangélico
2.3 – O Sacrifício Redentor
2.4 – A Igreja, Sinal da Salvação

3 – A PALAVRA DA IGREJA

3.1 – Pelos Direitos do Homem
3.2 – Contra a Discriminação
3.3 – Pela Integração em um só Povo

1 – PALAVRA DE DEUS – ANTIGO TESTAMENTO

1.1 – A Promessa da salvação

PECADO E PROMESSA DE SALVAÇÃO

47. O plano de Deus de criar-nos continuamente à sua imagem e semelhança, homem e mulher (Gn 1,27), não se frustrou com o pecado. Porque no seu amor, rico de misericórdia, promete um Salvador:

> "Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua linhagem e a linhagem dela" (Gn 3,15).

Esta vitória de Deus sobre o pecado e as forças demoníacas perva-de toda a história da salvação, na qual Deus é o grande protagonista com o povo de Israel que escolhera, para dele nascer o nosso Salvador.

PECADO E DISCRIMINAÇÃO

48. Este pecado da origem é basicamente um ato de orgulho e de-sobediência:

> "Vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, versados no bem e no mal" (Gn 3,5).

Este fechamento presunçoso contra Deus quebra o relacionamento filial e desencadeia um processo desumanizador. O homem volta-se contra seu semelhante que vê como concorrente e inimigo. O não reconhecimento de Deus Pai, impede o reconhecimento do outro como irmão, querido e amado. A própria relação homem-mulher perde muito daquela sadia diferença complementar:

> "Esta sim, é ossos de meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2,23)

Perde, muitas vezes, a consciência da dignidade fundamental que os une:

> "Porque foi tirada do homem" (Gn 2,23).

E passa a surgir a discriminação e a dominação no relacionamento:

> "Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará". (Gn 3,16).

Na esfera social e pública, Caim mata Abel. É o fratricídio motivado pelo preconceito, alimentado pela concorrência:

> "Iahweh agradou-se de Abel e de sua oferenda. Mas não se agradou de Caim e de sua oferenda, e Caim ficou muito irritado e com o rosto abatido" (Gn 4,4-5).

Caim representa o mesmo homem, incapaz pelo pecado, de acolher a paternidade de Deus e, portanto, sua condição de irmão do outro. Por isso, não responde serena e satisfatoriamente à pergunta de Deus:

> "Onde está teu irmão Abel? – Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?" (Gn 4,9).

DEUS E O INJUSTIÇADO

49. O mesmo Pai que promete a libertação do pecado, causa de toda desordem, se coloca do lado do injustiçado:

> "Ouço o sangue de teu irmão, do solo, a clamar a mim" (Gn 4,10).

Entretanto, Deus, porque permanece Pai, não exclui Caim do seu amor. Nem permite que seja morto por vingança. Embora o pecado tenha instaurado uma corrente de mortes que vai descrever a história do homem sobre a terra, Deus permanece o Senhor absoluto da vida:

> "Quem matar Caim será vingado sete vezes. E colocou um sinal sobre Caim, a fim de que não fosse morto por quem o encontrasse" (Gn 4,15).

É que a salvação do homem está em acolher a Deus como Pai e ao outro, seu semelhante, como irmão.

DEUS REJEITA O PECADO

50. O relato do dilúvio retoma o argumento do homem que não acolhe o outro e, por isso, é reprovado por Deus. O arrependimento que Deus teve em criá-lo, exprime à maneira humana, que o pecado lhe é insuportável porque quer um homem que seja sua imagem e semelhança, isto é, abertura, acolhida, amor:

> "Iahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo o desígnio de seu coração. Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração" (Gn 6,5-6).

Mais do que realçar o castigo de Deus, o dilúvio revela a imagem de um Pai que não pode ser responsabilizado pela violência de seus filhos que fazem a história:

> "Chegou o fim de toda a carne, eu o decidi, pois a terra está cheia de violência por causa dos homens" (Gn 6,13).

O dilúvio também retrata como Deus ainda é fiel à promessa salvífica, pois em Noé visa restaurar a ordem perdida:

> "Pedirei contas do sangue de cada um de vós" (Gn 9,5).

O MUNDO NOVO

51. O pecado, é, portanto, a causa de todos os males e, particularmente, de todas as violências contra o ser humano:

> "Quem derramar o sangue do homem, pelo homem terá seu sangue derramado" (Gn 9,6).

Portanto, também a história trágica dos preconceitos e discriminações só se explica porque o homem decidiu não acolher o Pai nos filhos, seus irmãos. É preciso então, fazer como Noé, repovoar a terra:

> "Sede fecundos, multiplicai-vos, povoai a terra e dominai-a" (Gn 9,7).

Acolhendo, porém, a aliança de Deus. Aceitando como necessária sua paternidade:

> "Eis que estabeleço minha aliança convosco e com os vossos descendentes depois de vós" (Gn 9,9).

Isto é, para uma humanidade renovada não é preciso dilúvio. Ela vive em perfeita harmonia com Deus, com os cosmos e entre si:

> "Estabeleço minha aliança convosco: tudo o que existe não será mais destruído pelas águas do dilúvio..." (Gn 9,11).

Este é o ideal do paraiso perdido que o homem busca, um paraiso que Deus colocou como desejo íntimo em seu coração.

A BABEL DOS HOMENS

52. A pretensão do homem de construir seu próprio projeto, sem Deus ou contra Ele, continua. Volta sempre, de forma nova ou sutil. Cada

geração vai concretizar o pecado da origem nos seus próprios pecados. A torre de Babel toca nesta ferida sempre aberta. O homem que constrói a cidade terrena e nela não se encontra mais. Sua linguagem deixa de ser comunicação e se torna opressão, abuso do poder e da autoridade, desigualdades justificadas, discriminações acentuadas. Nem mesmo nossa era, consciente dos direitos humanos fundamentais, não conseguiu eliminar de si formas cruéis de opressão do homem contra o homem. Este, continua sendo, muitas vezes, lobo de si mesmo. Neste contexto maior podemos entender porque a variedade das línguas, das raças e dos povos nem sempre proporcionou comunhão, partilha, integração. Na realidade, Deus, fundamento da cidade humana, não foi colocado como o Pai. Em vão trabalham os construtores:

> "Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será irrealizável para eles. Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros" (Gn 11,6).

> "Iahweh os dispersou dali por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade" (Gn 11,8).

Ou seja, a não acolhida da paternidade universal de Deus na vida impede a construção da verdadeira cidade humana.

A PROMESSA DE ABRAÃO

53. A promessa, entretanto, se concretiza quando Deus chama Abraão. Ele é convidado a sair de sua terra, a sair de si mesmo, para se abrir ao desígnio de Deus de construir um povo de irmãos. É o "primeiro êxodo" da História Santa, do homem em particular, impelido por um chamado divino, uma vocação do alto, um dom de amor:

> "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção!" (Gn 12,1).

Abraão torna-se assim um Patriarca. Sem saber, será o pai da nossa fé, desta fé no chamado que Deus faz a todos os povos, a todos os homens, a todas as raças e culturas:

> "Por ti serão benditos todos os clãs da terra" (Gn 12,31).

E Abraão partiu. Com 75 anos, este homem velho ganha novas forças. Deixa Harã e vai fazer um grande percurso físico e espiritual. Ponto marcante desta caminhada é a Aliança que Deus fez com ele:

> "Eis minha aliança contigo: serás pai de uma multidão de nações" (Gn 17,4).

OS FILHOS DE ISAAC

54. Entretanto, a luta de desagregação continua, pois o pecado ainda está presente com sua força. Isaac, filho de Abraão, terá dois filhos gêmeos: Esaú e Jacó, que já lutavam dentro do útero de Rebeca, sua mãe, mesmo antes de nascerem:

> "Há duas nações em teu seio, dois povos saídos de ti se separarão, um povo dominará um povo, o mais velho servirá ao mais novo" (Gn 25,23).

Ao crescer, perde Esaú a primogenitura e a bênção do Pai para Jacó, e ambos darão origem a povos rivais, os edomitas e os israelitas. Os edomitas seriam, mais tarde, subjugados por Davi (2Sm 8,13-14). Contudo, o ponto de unidade para todos os descendentes de Abraão será sempre o apelo à fé:

> "Eu sou o Deus de teu Pai Abraão" (Gn 26,23).

Referência que se repetirá, muitas vezes na história do povo e dos personagens mais marcantes de Israel. Elemento necessário em diversas teofanias que repetem a fórmula: o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Referência que encaminhará a Promessa para sua realização definitiva em Cristo Jesus. A Paternidade divina, e ela somente, é capaz de reunir os irmãos dispersos.

1.2 – O Caminho da Fé

JOSÉ E SEUS IRMÃOS

55. A história de José se insere no caminho de fé de Abraão e no caminho do pecado de Caim. A insegurança provocada pelo pecado da origem e de todos os tempos, instaura o desequilíbrio nas relações fraternas retomando sua força:

> "Queres acaso governar-nos como rei ou dominar-nos como Senhor?" (Gn 37,8).

> "Iríamos nós então, eu, tua mãe e teus irmãos, prostrar-nos por terra diante de ti?" (Gn 37,10).

É preciso, então, mais uma vez eliminar o outro para se constituir a si mesmo. E os irmãos vendem José como escravo. A decadência do pecado leva o homem à degeneração. Ele é capaz de rejeitar a imagem e semelhança divina e, portanto, não reconhecer mais o seu próprio semelhante. Ele o escraviza. Ele cria a situação insustentável do homem animalizado, degradado, vilipendiado. Toda escravidão pessoal e social tem sua raiz na escravidão do pecado.

José mantém sua relação com o Deus de seu pai, mesmo em terra estrangeira. Por isso, é capaz de acolher seus irmãos perdoando-lhes. O relacionamento filial para com Deus permite reler sua história com o dedo de Deus: Ele "escreve certo por linhas tortas":

> "Não fostes vós que me enviastes para cá, mas Deus, e Ele me estabeleceu como pai para o Faraó, como senhor de toda a sua casa, como governador de todas as regiões do mundo". (Gn 45,8).

A ESCRAVIDÃO DO EGITO

56. Como não ver aqui um aceno à possibilidade da convivência fraterna entre estrangeiros, mesmo com a visão do mundo e de Deus tão diferenciada? Entretanto, este mesmo Egito conhecerá "um novo rei, que não conhecia José" (Ex 1,8). Então, de novo a força do homem pecador que investe contra o outro, projeta sua iniquidade:

> "Eis que o povo dos filhos de Israel tornou-se mais numeroso e mais poderoso do que nós. Vinde, tomemos sábias medidas para impedir que ele cresça, pois do contrário, em caso de guerra, aumentará o número dos nossos adversários e combaterá contra nós, para depois sair do país" (Ex 1,9-10).

Começa, então, a história do cativeiro no Egito. É todo um povo oprimido com duras penas:

> "A preparação da argila, a fabricação de tijolos, vários trabalhos nos campos, e toda espécie de trabalhos..." (Ex 1,13).

Finalmente, todos os meninos hebreus deviam ser mortos ao nascer. (Ex 1,15-16).

Moisés foi criado pela filha do Faraó. Ao crescer viu um egípcio que feria um dos seus irmãos hebreus, matando-o e escondendo-o na areia. (Ex 2,5-15). A violência gera violência. Mas do fundo da servidão o

clamor dos filhos de Israel subiu até Deus (Ex 2,23). Ele então, desce para chamar aquele que, em Seu nome, deveria libertar o povo. E mostra sua identidade, revelando-se como o mesmo Deus de Abraão, Isaac e Jacó: o Deus da Promessa. E pronuncia seu Nome: EU SOU (Ex 3,13-15). Aquele que age na história do seu povo e na história da humanidade que dirige para seu fim.

O ÊXODO E A ALIANÇA

57. Portanto, o contato de Israel com o estrangeiro, representado pelo Egito, teve a característica negativa da subjugação. Contudo, é a partir da experiência de liberdade do êxodo, que se constitui em Povo de Deus, pela aliança no deserto:

> "Se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos; pois toda a terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Ex 19,5-6).

A condição da Aliança é o cumprimento da Lei ou Decálogo (Ex 20,1-17), que restaura o reto relacionamento para com Deus e o conseqüente relacionamento, justo e fraterno, entre todos. Uma sociedade sem ídolos, que adora o verdadeiro Deus e Pai de todos, é também uma sociedade que honra a família, respeita a vida e o direito de todos.

A LEI DE MOISÉS

58. Entretanto, a lei mosaica prevendo a realidade do pecado, também legislou sobre a escravidão, o homicídio, golpes e ferimentos, roubos, violações e vários delitos (cf. Ex 21-23; Dt 15; 19,22; 23,16-25). Ela é imperfeita, no sentido que ainda é uma lei do talião que, no entanto, tem o mérito de limitar os excessos da vingança. E na sua imperfeição admite a escravidão e a pena de morte para vários delitos, além do homicídio (Ex 21,15-17; 22,17-18, etc.). O conceito de Israel-povo separado – restringe também o relacionamento com os demais e a integração das raças pelo matrimônio (Dt 7,1-5). Contudo, o motivo principal é pedagógico-religioso:

> "Pois deste modo o teu filho se afastaria de mim para servir a outros deuses" (Dt 7,4).

A LEI E OS ESCRAVOS

59. É importante sublinhar as conquistas sociais da legislação. O tempo da escravidão é restrito por seis anos (Dt 15,12). O escravo deve ser libertado com uma retribuição: o produto do rebanho, da eira e do lagar.

E a motivação principal é que "tu foste escravo na terra do Egito e Iahweh teu Deus te resgatou" (Dt 15,13-15). O israelita, mesmo pobre e endividado, não podia ser reduzido à escravidão. Ele trabalhará como um assalariado ou hóspede até o dia do jubileu, quando voltará à propriedade de seus pais. E a motivação principal é que todos são servos de Iahweh que os fez sair do Egito (Dt 25,39-42). Para as famílias pobres que vendiam as filhas como domésticas ou concubinas é dito que não sairão como escravas nem serão vendidas como tais a um estrangeiro (Ex 21,7-11). A própria lei do descanso sabático, favorecia aos escravos (Ex 34,21; Dt 5,12-15), porque podiam descansar da mesma forma que o homem livre. A instituição do ano sabático e do jubileu também vieram favorecer sobremaneira aos escravos e empobrecidos, que perderam suas terras. Nestas ocasiões, todos recuperavam seus pertences e a liberdade (Dt 25,10).

Quanto aos pobres, não podia haver acepção de pessoas no julgamento, pois devia ser ouvido de igual modo o pequeno e o grande (Dt 1,17; Ex 23,6). Não era permitido invadir a casa de alguém para tomar-lhe um objeto penhorado.

E se fosse um pobre, que nada tinha além de sua túnica, o penhor teria de ser devolvido antes do pôr-do-sol (Dt 24,10-13). O assalariado pobre, mesmo estrangeiro, não podia ser oprimido pelo atraso do salário (Dt 24,14-15). Também as viúvas tinham seu estatuto especial (Dt 24,17-18), juntamente com os estrangeiros que não deviam ser molestados (Ex 22,20; 23,9).

1.3 – A Mensagem Profética

OS PROFETAS

60. Entretanto, é somente com a literatura profética que o tema da justiça, no relacionamento para com Deus e para com o próximo, cresce em toda a sua pujança. Isto porque os profetas refletem a situação de pecado como desobediência à Lei de Deus e infidelidade à sua Aliança, como causa das distorções na vida político-social do povo. Mais do que denúncia de males e injustiças, os profetas anunciam e revelam o plano de Deus, sua vontade e seu amor. Os profetas também alimentam a esperança messiânica de um Rei que instaure o Direito e a Justiça. E com freqüência anunciam a dimensão universal deste messianismo, porque o Rei congregaria todas as nações.

ISAÍAS

61. Isaías preocupa-se com a corrupção moral que a prosperidade tinha trazido para Judá:

"Como se transformou em uma prostituta a cidade fiel? Sião onde prevalecia o direito, onde habitava a justiça, mas agora é povoada de assassinos. A tua prata transformou-se em escória, a tua bebida foi misturada com água. Os teus príncipes são uns rebeldes, companheiros de ladrões; todos são ávidos por subornos e correm atrás de presentes. Não fazem justiça ao órfão, a causa da viúva não os atinge" (Is 1,21-23).

Apontando o pecado do homem, Isaías mostra um Deus que exige reparação, quer a sinceridade no culto e a justiça nas relações sociais. Um resto fiel sobreviveria para dele nascer o Messias-Rei. Ele seria descendente de Davi e teria a missão universal de fazer reinar sobre a terra a paz e a justiça, difundindo o conhecimento do verdadeiro Deus. Portanto, aproximaria os povos entre si, sem qualquer tipo de discriminação:

"De Sião sairá a Lei e de Jerusalém a palavra de Iahweh. Ele julgará as nações, ele corrigirá a muitos povos. Estes quebrarão as suas espadas, transformando-as em relhas, e as suas lanças, a fim de fazerem podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra a outra, e nem se aprenderá mais a fazer a guerra" (Is 2,3-4; cf. também Is 11,1-7).

JEREMIAS

62. Jeremias também alimenta a esperança messiânica do povo, anunciando sua missão universal:

"Naquele tempo, chamarão Jerusalém: "Tronco de Iahweh", nela se reunirão todos os povos em nome de Iahweh, em Jerusalém, e não seguirão mais a dureza de seus corações malvados". (Jer.. 3,17; cf. também Jer. 23,5).

AMÓS

63. Amós, o profeta-pastor, prega contra o luxo do Reino do Norte que insulta a miséria dos oprimidos. Denuncia o culto que disfarça a ausência da religião verdadeira. Condena a vida corrupta das cidades, as injustiças sociais, a falsa segurança posta em ritos com os quais a alma não se compromete. O "Dia de Iahweh" será um dia de vingança executada por um povo que Deus chama (Am 9,8), o que já demonstra o senhorio universal de Deus. Este senhorio que congrega as nações se apresenta também de forma mais explícita:

"Naquele dia levantarei a tenda desmoronada de Davi, repararei as suas brechas, levantarei as suas ruínas e a reconstruirei como nos dias antigos, para que conquistem o resto de Edom e todas as nações, sobre as quais o meu nome for proclamado" (Am 9,11-12; cf. também Am 8,11).

MIQUÉIAS

64. Miquéias critica os ricos, os credores, os comerciantes, as famílias divididas, os sacerdotes e profetas gananciosos, os chefes tirânicos, e os juízes desonestos, anunciando a ruína de Jerusalém. Mas aponta para a esperança messiânica do nascimento de um Rei pacífico, em Éfrata, que terá uma missão universal:

"Mas tu (Belém), Éfrata,
embora o menor dos clãs de Judá,
de ti sairá para mim
aquele que será dominador em Israel.
Suas origens são de tempos antigos,
de dias imemoráveis.
Por isso ele os abandonará
até o tempo em que a parturiente dará à luz.
Então o resto de seus irmãos
voltará para os filhos de Israel.
Ele se erguerá e apascentará o rebanho
pela força de Iahweh,
pela glória do nome de seu Deus.
Eles se estabelecerão, pois então ele será grande
até os confins da terra" (Mq 5,1-3).

SOFONIAS

65. Sofonias também anuncia o Dia de Iahweh como um acontecimento universal, pois atinge a todas as nações, por causa do pecado (Sf. 3,6-8), mas também prevê a conversão de todos:

"Sim, então darei aos povos lábios puros,
para que todos possam invocar o nome de Iahweh
e servi-lo com um único ombro" (Sf 3,9).

OS PROFETAS DO EXÍLIO

66. Entretanto, o universalismo religioso se sedimenta durante o exílio na Babilônia. O profeta do Deutero-Isaías, prega entre os exilados, durante as primeiras vitórias de Ciro, que este estrangeiro será ungido por Iahweh (Is 45,1), para libertar o povo. O Profeta, então, consola a todos, esclarecendo que o julgamento já se deu na ruína de Jerusalém e que,

agora, é tempo de restauração e completa renovação. Um novo êxodo está sendo preparado, maior que o primeiro, que haverá de conduzir os deportados da Babilônia para a nova terra:

> "Voltai-vos para mim e sereis salvos,
> todos os confins da terra,
> porque eu sou Deus e não há nenhum outro" (Is, 45,22).
>
> Iahweh descobriu o seu braço santo
> aos olhos de todas as nações,
> e todas as extremidades da terra
> viram a salvação de nosso Deus" (Is 52,10).

O momento mais denso desse universalismo está retratado no quarto canto do servo de Iahweh que reúne seu povo, expia por sua morte os pecados de todos, e é a luz das nações":

> "Mas, se ele oferece a sua vida como sacrifício pelo pecado, certamente verá uma descendência, prolongará os seus dias, e por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar.
> Após o trabalho fatigante da sua alma ele verá a luz e se fartará.
> Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará muitos e levará sobre si as suas transgressões. Eis porque lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a sua alma à morte e foi contado com os transgressores, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores fez intercessão" (Is 53,10-12).

O LIVRO DE JONAS

67. O livro de Jonas prega um universalismo extraordinariamente aberto, talvez como reação ao clima particularizante que a comunidade pós-exílica era tentada a viver. Iahweh não é somente Senhor dos Judeus, mas dos ninivitas e, portanto, dos estrangeiros. E quer a conversão de todos:

> "E Deus viu as suas obras: que eles se converteram de seu caminho perverso, e Deus arrependeu-se do mal que ameaçara fazer-lhes e não fez" (Jn 3,10).

ZACARIAS

68. Zacarias anuncia, definitivamente, o Messias com uma missão universal na própria opção de seu messianismo: rei humilde, pacífico e traspassado:

> "Ele anunciará a paz às nações.
> O seu domínio irá de mar a mar
> e do rio às extremidades da terra" (Zc 9,10; cf. 12,10).

Zacarias anuncia também que o reconhecimento do único Deus terá uma repercussão universal, unificando os tempos, transformando os lugares, eliminando a idolatria:

> "Então acontecerá que todos os sobreviventes de todas as nações que marcharam contra Jerusalém subirão, ano após ano, para prostrar-se diante do rei de Iahweh dos exércitos e para celebrar a festa das Tendas" (Zc. 14,16).

2 – PALAVRA DE DEUS – NOVO TESTAMENTO

2.1 – A Encarnação do Verbo de Deus

A ESPERANÇA DO MESSIAS

69. Em síntese, vimos que em meio a idas e vindas, o Antigo Testamento é fiel à mensagem, presente no relato da queda original e da vocação de Abraão. Deus haveria de suscitar um Salvador Universal e realizar a promessa de estender a bênção abraâmica a todas as nações. Esta esperança cresceu e se desenvolveu tomando corpo na idealização do Messias-Rei-Profeta-Sacerdote que haveria de trazer Paz, Direito e Justiça para Israel e todos os povos.

GENEALOGIA DE CRISTO

70. Em Cristo Jesus que assumiu a natureza humana realiza-se a promessa de salvação de todos, sem discriminação de raça, povo, cultura.

A genealogia de Mateus, embora acentue a ascendência israelita de Cristo (Mt 1,1), abre-se para o estrangeiro nos personagens femininos que acrescenta, e a própria presença de Abraão, que relaciona Jesus à promessa da bênção a todos os povos (Gn 12,3):

> "Judá gerou Farés e Zara, de Tamar" (Mt 1,3).
> Salmon gerou Booz, de Raab,
> Booz gerou Jobed, de Rute,
> Jobed gerou Jessé,
> Jessé gerou o rei Davi,
> Davi gerou Salomão, daquela que foi mulher de Urias" (Mt 1,5-6).

A genealogia de Lucas é, sem dúvida, mais universalista, no sentido que remonta a Adão, cabeça de toda a humanidade (Lc 3,23-38). Jesus, "filho de Adão" (Lc 3,38), é sinal sensível de um Deus que assume todos os homens no mistério da Encarnação.

A REALIZAÇÃO DA PROMESSA

71. Lucas deixa claro que o filho da Virgem, além de ser filho de Deus, nascido por obra do Espírito Santo (Lc 1,35) é a realização da Promessa messiânica de salvação universal, presente em todo o Antigo Testamento:

> "Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre e o seu reinado não terá fim" (Lc 1,31-33).

Maria ao cantar seu "Magnificat" também reconhece a dimensão universal do mistério a que fora associada:

> "Sim! Doravante as gerações todas
> me chamarão de bem-aventurada" (Lc 1,48).
>
> "... conforme prometera a nossos pais,
> em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre!" (Lc 1,55).

O SALVADOR DE TODOS

72. Os anjos são os primeiros a cantar o significado universal do nascimento de Jesus:

> "Glória a Deus no mais alto dos céus
> e paz na terra aos homens que Ele ama!" (Lc 2,14).

E Simeão, movido pelo Espírito Santo, também bendiz a Deus pela dimensão universal da salvação:

> "porque meus olhos viram tua salvação.
> que preparaste em face de todos os povos:
> luz para iluminar as nações,
> e glória de teu povo, Israel" (Lc 2,30-32).

Mateus também reconhece o valor salvífico universal do nascimento de Jesus com a visita dos Magos. Estes sábios estrangeiros atraídos pela luz da sua estrela, representam a vocação cristã lançada a todos os povos, raças e culturas. Por isso, a arte e a piedade popular pintam na figura dos Magos as três raças humanas, como Epifania da confraternidade universal na manifestação de Cristo Deus (Mt 2,1-12).

MARIA ANUNCIA AOS POBRES

73. Na Encarnação, Cristo Jesus assume todos os homens com quem se solidariza, especialmente os marginalizados e pobres. Maria é representante dos pobres de Iahweh, daquele "resto fiel" que não praticou injustiça e que depois do exílio da Babilônia, se tornou herdeiro e depositário da restauração do povo (cf. Sf. 3,13-14). É assim que o anjo, tendo como pano de fundo o anúncio de Sofonias feito aos pobres exilados, usa de palavras semelhantes para saudá-la:

> "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!" (Lc 1,28; cf. 3,14-15).

Portanto, o nome de Jesus, que significa Salvador, se insere neste contexto de libertação dos pobres exilados ou cativos. Maria, então, reconhece que Deus, escolhendo-a para Mãe do Messias, opta pelos seus humildes, famintos e pobres:

> "Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e a humildade exaltou. Cumulou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias" (Lc 1,51-53).

JESUS POBRE E PERSEGUIDO

74. Não ter lugar para nascer e ser reclinado numa manjedoura (Lc 2,7), confirma o messianismo de Jesus, identificado e solidário com os pobres de Iahweh. Ser reconhecido primeiramente pelos pastores (Lc 2,8-20), marginalizados devido ao ofício que impedia a total observância religiosa, reforça o caminho messiânico de Jesus: acolher a todos sem discriminação e servir, sobretudo os mais carentes e necessitados.

Mateus apresenta, com o episódio da fuga para o Egito, a solidariedade do Cristo com os perseguidos e exilados de todos os tempos, relacionando-o com Moisés, o libertador:

> "Do Egito chamei meu filho" (Mt 2,15; cf. Os 11,1).

QUENOSE-DESPOJAMENTO

75. João resume toda a dimensão quenótica ou humilhante da encarnação de um Deus que se aproxima do homem, pela via da identificação com os mais marginalizados, e que, mesmo assim, não é acolhido e compreendido por todos. O homem que discrimina seu irmão se vê discriminando o próprio Deus que se tornou homem carente:

> "a vida era a luz dos homens e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam" (Jo 1,4-5).
>
> "Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu" (Jo 1,10).
>
> "Veio para o que era seu e os seus não o receberam" (Jo 1,11).

Uma reflexão elaborada sobre a dimensão humilhante da Encarnação se encontra no hino da Carta aos Filipenses:

> "Ele tinha condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!" (Flp 2,6-8).

NA CONDIÇÃO DE PECADOR

76. Portanto, a encarnação, do nascimento à morte, da manjedoura à cruz é a experiência de um Deus que se esvazia para se preencher da nossa fragilidade e nos plenificar com sua grandeza. Aqui todo homem, por mais marginalizado que seja, encontra a admirável solidariedade de Deus que o eleva pela sua descida:

> "Com efeito, conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza" (2Cor 8,9).

E a pobreza maior do homem é sua condição de pecador, herança do pecado original, que a todos conduz à morte. Justamente na Encarnação tem início a vitória de Cristo sobre o pecado e a oferta da salvação prometida a todos. É, sobretudo, para livrar-nos do pecado, que Cristo se humilhou ao aceitar um corpo mortal:

> "Uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue, por isso também ele participou da mesma condição, a fim de destruir, pela morte, o dominador da morte, isto é, o diabo, e libertar os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte" (Hb 2,4-15).
>
> "Convinha, por isso, que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos" (Hb 2,17).
>
> "Por isso, ao entrar no mundo, ele afirmou:
> Tu não quiseste sacrifício e oferenda.
> Tu, porém, formaste-me um corpo" (Hb 10,5).

Assumindo em sua pessoa os pecados de toda a humanidade, Cristo se torna pela sua obediência e humildade, o Redentor de todos. De fato, se o pecado entrou no mundo pela desobediência e o orgulho do homem, a Redenção é operada pela obediência e a humildade do Filho de Deus:

> "Por isso eu te digo: Eis-me aqui – no rolo do livro está escrito a meu respeito – eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade!" (Hb 10,7).
>
> "E graças a esta vontade é que somos santificados pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, realizado uma vez por todas" (Hb 10,10).

2.2 – O Anúncio Evangélico

EVANGELIZAR OS POBRES

77. Após o batismo e vencidas as tentações do messianismo político que contradizia a missão do Servo, Jesus aplica ao seu ministério público o programa de Isaías:

> "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão dos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor" (Lc 4,18-19).

De fato, sua vida foi marcada pelo anúncio da chegada do Reino de Deus, manifestada em sinais concretos de libertação ou humanização:

> "Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados" (Mt 11,4-5).

ACOLHER OS REJEITADOS

78. Desta maneira, Jesus vai realizando seu ministério salvífico para todos, sem discriminação, dando prioridade à remissão dos pecados. Por isso, perdoa o rico Zaqueu (Lc 19,1-10), a samaritana (Jo 4,1-42), a pecadora anônima (Lc 7,36-50), enfim, os arrependidos, sem exceção (Lc 15,1-2). Aproxima-se para curar os doentes que lhe acorrem sempre numerosos e particularmente os leprosos, estigmatizados pela rejeição (Mc 1,32-34); (Mt 9,35; Lc 17,11-19). Liberta os possessos das influências demoníacas, discriminados pelo perigo e o medo que causavam (Mc 1,21-28.32). E quando escolhe os Doze, agrupa em torno de si diversos e contraditórios partidos de seu tempo, desde Simão – o zelota, até Mateus – o publicano (Mt 10,2-4), tendo em vista a sua Igreja, povo reunido dentre todas as raças e línguas.

JESUS O DISCRIMINADO

79. A atitude de Jesus para com os pecadores e marginalizados acarreta-lhe o cerco discriminatório contra sua pessoa e atividade:

> "Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam: Esse homem recebe os pecadores e come com eles" (Lc 15,2).

Diante da rejeição sempre crescente, Jesus afirma:

> "A quem vou comparar esta geração? Ela é como crianças sentadas nas praças, a desafiarem-se mutuamente:
>
> Nós tocamos flauta e não dançastes!
> Entoamos lamentações e não batestes no peito. Com efeito, veio João, que não come nem bebe e dizem: Um demônio está nele. Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores". (Lc 11,16-19).

Com efeito, há várias expressões nos Evangelhos que denotam uma atitude preconceituosa contra Jesus ou sua obra:

> "Por que está falando assim? Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?" (Mc 2,7).
>
> "Por que os teus discípulos violam a tradição dos antigos, pois que não lavam as mãos quando comem?" (Mt 15,2).
>
> "Por que fazeis o que não é permitido em dia de sábado?" (Lc 6,2).

> "Dize-nos com que autoridade fazes estas coisas, ou quem é que te concedeu esta autoridade?" (Lc 20,21).

Também é sistematicamente acusado de expulsar demônios em nome de Belzebu (Mt 12,24). De ser impostor (Mt 27,63-64). De possessamento (Mc 3,22). De blasfemo (Mc 14,64; Lc 5,21). De subversivo (Lc 23,5). De enganador do povo (Jo 7,12). De glutão, beberrão, amigo de publicanos e pecadores (Lc 7,33). E até de louco (Mc 3.21). Até o fato de ser considerado Galileu, desacredita sua autenticidade: "Estuda e verás que da Galiléia não surge Profeta" (Jo 7,52).

2.3 – O Sacrifício Redentor

A HUMILHAÇÃO DA CRUZ

80. A cruz é, no entanto, o momento máximo desta rejeição por se tratar de morte, e morte ignominiosa:

> "Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro" (Gl. 3,13; cf. Dt. 21,23).

Aprofunda-se, então, a experiência de esvaziamento do Verbo Encarnado:

> "E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!" (Flp. 2,7-8).

Morre, então, como marginalizado e entre ladrões, fora da porta, como excomungado e maldito, Aquele que assumiu a miséria espiritual e física de todos:

> "Ele foi contado entre os transgressores" (Lc 22,37; cf. Is. 53,12).
>
> "Sobre o madeiro levou nossos pecados em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivessemos para a justiça. Por suas feridas fostes curados" (1Pd 2,24-25).

A RECONCILIAÇÃO DOS HOMENS

81. Cristo Crucificado, vítima de toda a discriminação que o pecado acarreta, morre abandonado pela maioria, mas seu coração, cheio de amor pelo Pai e por nós, se oferece no Espírito Santo como holocausto que destrói o pecado que nos separa de Deus e dos irmãos. Por isso São Paulo vê neste gesto um ato pleno de reconciliação:

"Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas... Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecador por causa de nós, a fim de que, por Ele, nos tornemos justiça de Deus" (2Cor 5,19.21).

Esta plena reconciliação aproxima judeus e gentios e os faz, pela fé, um único Povo:

"Por isso vós, que antes éreis gentios na carne e éreis chamados "incircuncisos" pelos que se chamam "circuncidados" em virtude de uma operação manual na sua carne, lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, excluídos da cidadania em Israel e estranhos às alianças da Promessa, sem esperança e sem Deus no mundo! Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, fostes trazidos para perto, pelo sangue de Cristo. Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação e suprimido em sua carne a inimizade – a Lei dos mandamentos expressa em preceitos – afim de criar em si mesmo um só Homem Novo, estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus em um só corpo, por meio da cruz, na qual matou a inimizade. Assim, Ele veio e anunciou a paz a vós que estáveis longe e paz aos que estavam perto, pois, por meio dele, nós, judeus e gentios, num só Espírito, temos acesso junto ao Pai. Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular" (Ef. 2,11-20).

A IGREJA NASCE DA CRUZ

82. Nasce, pois, a Igreja da cruz. Isto é, do sacrifício redentor de Cristo que aproxima a todos em seu amor, fazendo-nos irmãos. Por isso Jesus Ressuscitado confirma a missão da Igreja e particularmente dos Doze que escolhera:

"Toda a autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 20,17-20).

E o ensinamento de Jesus, pela sua palavra, ministério e morte de cruz, se resume no seguinte:

"Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei.
Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos.
Vós sois meus amigos, se praticardes o que vos mando" (Jo 15,12-14).

Por isso, os amigos de Jesus em todos os tempos, gerações e culturas são aqueles que procuram superar preconceitos e discriminações para que vença o amor vitorioso do coração traspassado pela lança.

2.4 – A Igreja, Sinal da Salvação

O DOM DO ESPÍRITO

83. Jesus, antes de partir, fundou sua Igreja com o sinal ou sacramento da salvação universal oferecida a todos. E prometeu o Espírito Santo que havia de assistí-la para que se lembrasse do que ensinara, e pudesse dar o testemunho da verdade:

"Quando vier o Paráclito que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que veio do Pai, Ele dará testemunho de mim. E vós também dareis testemunho" (Jo 15,26-27).

"Quando vier o Espírito da Verdade, Ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras" (Jo 16,13).

Cinqüenta dias depois da Páscoa, o Ressuscitado realiza sua Promessa, enviando o Espírito Santo sobre a Igreja, no Cenáculo:

"E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem" (At 2,4).

Inverte-se a Babel humana. O homem que não suporta as diferenças e por isso se discrimina mutuamente, se reúne na mesma linguagem da fé ao acolher o dom do Amor de Deus. Nasce a Igreja como pluralidade na unidade:

"Não são, acaso, galileus todos esses que estão falando? Como é, pois, que os ouvimos falar, cada um de nós, no próprio idioma em que nascemos?... Todos os ouvimos apregoar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus" (At 2,7-11).

A VOCAÇÃO DOS GENTIOS

84. Em Pentecostes a Igreja se reconhece Católica e Apostólica, chamada a realizar o mandato de Jesus Ressuscitado:

> "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos" (Mt 28,19).

Tem início, então, a grande aventura da evangelização do mundo, do testemunho da palavra e do sangue, da conversão dos gentios. E a primeira grande dificuldade era a aceitação plena desta missão universalista:

> "Dou-me conta de verdade, de que Deus não faz acepção de pessoas, mas que em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável" (At 10,34-35).

A primeira crise seria, portanto, da superação da necessidade de se circuncidar os gentios convertidos:

> "Pedro estava ainda falando estas coisas, quando o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a Palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que tinham vindo com Pedro, ficaram estupefatos de verem que também sobre os gentios se derramara o dom do Espírito Santo..." (At 10,44-45).

O Concílio de Jerusalém trata e resolve a questão dos circuncidados (Gl 2,1-10) e Paulo defende, diante da atitude ambígüa de Pedro, a liberdade do Evangelho pregado aos gentios, que não necessitam de se tornar judeus:

> "Se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, porque forças os gentios a viverem como judeus?" (Gl 2,14).

O HOMEM NOVO EM CRISTO

85. A novidade de estarmos e vivermos "em Cristo" é para Paulo a identidade do cristão. Ele é nova criatura. Por causa de sua inserção em Cristo, vive também em união com todos crentes, à semelhança do corpo humano, que não rejeita nenhum de seus membros:

> "O corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo. Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo,

> judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito" (1Cor 12,12-13).

Portanto, nem as diferenças sociais gritantes como ser escravo e livre, nem a diversidade necessária de dons e ministérios que edificam a Igreja (1Cor 12,4-11) são motivos para separar o cristão da sua irmandade fundada em Cristo Jesus. Quanto aos dons e serviços eclesiais, o maior é a caridade que é "um caminho que ultrapassa a todos" (1Cor 13), por ser a realização concreta do mandamento de Jesus: amai-vos uns aos outros.

A EUCARISTIA E A UNIÃO

86. E a Eucaristia é o grande gesto da salvação universal continuada pelo sacrifício do Senhor. Nela e por Ela cada cristão se une a Cristo e torna-se mais unido ao seu irmão, apesar das diferenças:

> "Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão" (1Cor 10,17).

Entende-se, pois, porque Paulo deveria afirmar:

> "Vós todos que fostes batizados em Cristo vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois de Cristo Jesus. E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a Promessa" (Gl 3,36-39).

Entende-se, sobretudo, porque acolhe o escravo convertido como um filho, e o entrega a Filemon, como se fosse seu "próprio coração" (Fil. 10).

> "Talvez ele tenha se retirado de ti por pouco tempo, a fim de que o recuperasses para sempre, não mais como escravo, mas, bem melhor do que como escravo, como um irmão amado muitíssimo para mim e tanto mais para ti, segundo a carne e segundo o Senhor. Portanto, se me consideras teu amigo, recebe-o como se fosse a mim mesmo" (Fil. 15-17).

A Igreja primitiva entendera, assim, a força do amor generoso de Deus que nos resgatara na cruz, e procurou repetir o gesto de amar e servir, na caridade que se doa, indistintamente.

3 – A PALAVRA DA IGREJA

3.1 – Pelos Direitos do Homem

O ENSINAMENTO TRADICIONAL

87. Toda religião procura descobrir ou estabelecer os caminhos para um relacionamento do homem com a divindade. Por isso, cada uma terá sua visão do homem. O cristianismo, desde as origens, se centrou na mensagem de Cristo. A redenção rompe as barreiras entre os povos, as raças, as pessoas. Todos são a "nova criatura" em Cristo. Este ensinamento é permanente na Igreja. Desde o século II os Escritores Apologetas mostravam a doutrina cristã sobre a igualdade e fraternidade das raças e povos, do homem e da mulher, a necessidade do amor ao próximo sobretudo, ao mais fraco e carente. A história do cristianismo, em vinte séculos, apresenta a constância deste ensinamento embora na vida dos cristãos nem sempre tenha sido ele vivido de acordo com as exigências da fé. A consciência mais viva dos direitos do homem no Ocidente, desde a Carta de 1215 imposta pelos ingleses ao rei João Sem Terra, até as leis na Inglaterra do século XVII (Petição de Direitos e Habeas-Corpus), as declarações dos direitos da Carta da Independência Americana são desdobramentos de uma consciência nascida da educação cristã. Já se viu como, a luta pela abolição da escravidão teve também uma motivação cristã, sustentada pelas declarações oficiais da hierarquia eclesiástica.

O ENSINAMENTO RECENTE

88. Entretanto, nestas últimas décadas o posicionamento da Igreja face às múltiplas agressões a estes direitos, sobretudo pelo nazismo, o facismo e o comunismo, tiveram nos Papas uma palavra firme de condenação (Encíclicas – "Mit brennender Sorge", "Non abbiamo bisogno", "Divini Redemptoris" do Papa Pio XI – Radiomensagens de Natal em 1942 e 1944 do Papa Pio XII). O Concílio Vaticano II ratificou em nome da Igreja a luta da sociedade moderna pelo reconhecimento e defesa destes direitos:

> "O homem moderno está a caminho de desenvolver mais plenamente sua personalidade e de descobrir e afirmar, cada dia mais, os seus direitos... A Igreja, por força do Evangelho que lhe foi confiado, proclama os direitos dos homens, admite e aprecia o dinamismo dos tempos modernos que promovem, por toda parte, estes direitos". (Gaudium et Spes, 41).

Nesta defesa dos direitos humanos, reconhece a Igreja que é fundamental assegurar a todos a possibilidade e os meios de acesso aos bens

e conquistas em que é fértil o mundo moderno, sem distinção de qualquer espécie:

> "... se reconheça em toda a terra, e seja levado à prática, o direito de todos à civilização humana, conveniente à dignidade da pessoa, sem discriminação de raça, sexo, nação, religião ou condição social" (Gaudium et Spes, 60).

A PALAVRA DO PAPA

89. Nos documentos mais recentes, o acento da Igreja se concentra nos direitos inerentes à dignidade da pessoa humana, cada vez mais oprimida pela sociedade tecnocrática e os sistemas sociais e econômicos. A ida do Papa Paulo VI à ONU em 1965 marca o engajamento ativo da Igreja junto a todos os homens de boa vontade na defesa destes direitos. O Papa João Paulo II tornou-se um peregrino que tem levado ao mundo, nos contextos reais de cada nação, a defesa dos direitos humanos. Possivelmente em nenhum outro documento como a Encíclica "Redemptor hominis", o atual Papa no início de seu Pontificado, mostra com tanta clareza e vigor, os perigos do progresso sem ordenamento ético e base moral e mostra como o problema dos direitos humanos está "intimamente ligado com a missão da Igreja no mundo contemporâneo" (nºs 16 e 17). E no seu famoso discurso na ONU em 2 de outubro de 1979 o Papa elenca, com detalhe e precisão, os direitos sagrados da pessoa humana, que devem ser por todos reconhecidos e defendidos.

3.2 – Contra a Discriminação

90. A discriminação das pessoas, exacerbada no início do século e persistente até hoje no anti-semitismo, merecem da Igreja uma palavra objetiva e enérgica de reprovação no Concílio Vaticano II:

> "Dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos os homens têm a mesma natureza e a mesma origem; redimidos por Cristo, todos gozam da mesma vocação e destinação divina: deve-se portanto, reconhecer cada vez mais a igualdade fundamental entre todos (...) Qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja ela social ou cultural, ou funde-se no sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser superada e eliminada, porque contraria ao plano de Deus (...) Ainda que haja entre os homens justas diferenças, a igual dignidade das pessoas postula que se chegue a uma condição de vida mais humana e mais eqüitativa. Pois as excessivas desigualdades econômicas e sociais entre os membros e povos da única família humana provocam

escândalo e são contrárias à justiça social, à eqüidade, à dignidade da pessoa humana e à paz social e internacional. As instituições humanas, particulares ou públicas, se esforcem por servir à dignidade e ao fim do homem. Ao mesmo tempo lutem denodadamente contra qualquer espécie de servidão, tanto social quanto política, e respeitem os direitos fundamentais do homem sob qualquer regime político" (Constituição Pastoral "Gaudium et Spes", 29).

De modo especial elaborou ele um documento concebido inicialmente para um posicionamento da Igreja contra o anti-semitismo, mas ampliado para as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. Nele aparece a mais clara condenação da discriminação das pessoas:

"Não podemos, na verdade, invocar a Deus como Pai de todos, se recusarmos o tratamento fraterno a certos homens, criados também à imagem de Deus. A relação do homem para com Deus e a relação do homem para com os irmãos, de tal modo se interligam, que a Escritura chega a afirmar: "Quem não ama, não conhece a Deus" (1Jo 4,8).

Elimina-se assim o fundamento a toda teoria ou prática que introduz discriminação entre homem e homem, entre povo e povo, com relação à dignidade humana e aos direitos dela decorrentes.

A Igreja, por conseguinte, reprova toda e qualquer discriminação ou vexame contra homens por causa de raça ou cor, classe ou religião, como algo incompatível como o espírito de Cristo." (Declaração "Nostra Aetate", 5).

A PALAVRA RECENTE DOS PAPAS

91. Os últimos Papas são firmes na condenação da discriminação racial. Na sua Encíclica "Populorum Progressio" em 26 de março de 1967 o Papa Paulo VI é bem claro:

"O racismo não é apanágio exclusivo das nações jovens, onde ele se dissimula por vezes sob aparências de rivalidade de clãs e partidos políticos com notável detrimento da justiça e perigo da paz civil. Durante a era colonial o racismo grassou, com freqüência, entre colonos e indígenas, impedindo o recíproco e fecundo entendimento e provocando ressentimentos após injustiças reais.

E continua ainda a ser obstáculo à colaboração entre nações desfavorecidas e fermento de divisão e ódio, mesmo dentro dos próprios Estados, quando contrariamente aos direitos

imprescritíveis da pessoa humana, indivíduos e famílias se veêm injustamente submetidos à situação de exceção por motivo de raça ou de cor" (Populorum Progressio, 63).

O mesmo Papa, na Carta "Octogesima Adveniens" em 14 de maio de 1971 volta sobre o mesmo tema:

"A discriminação racial reveste-se, neste momento, de maior atualidade em virtude da tensão que ela faz nascer, tanto no interior de alguns países, como mesmo no plano internacional" (Octogesima Adveniens, 16).

Em sua viagem à África o Papa João Paulo II, declarou solenemente diante do Corpo Diplomático em Nairobi, Kênia, a 06 de maio de 1980:

"A discriminação é um mal, seja qual for o modo em que é praticada, sejam quais forem os motivos alegados ou os que a praticam".

A CONFERÊNCIA DE PUEBLA

92. Na América Latina em começos de 1979, a Assembléia Episcopal de Puebla mostrou a discriminação como fonte de marginalização e pobreza:

"A situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela:

- feições de indígenas e, com freqüência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres;
- feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais. (...)

Compartilhamos com nosso povo de outras angústias que brotam da falta de respeito à sua dignidade de ser humano, imagem e semelhança do Criador, e a seus direitos inalienáveis de filhos de Deus" (Puebla, 2.2).

3.3 – Pela Integração em um só Povo

A NECESSIDADE DE INTEGRAÇÃO

93. Se é verdade que a todos os povos deve ser reconhecido o direito de conservar sua própria identidade cultural, como afirmou o Papa Paulo VI em 1969 no seu discurso ao Parlamento de Uganda, a Igreja insiste na necessidade dos grupos étnicos, sobretudo os minoritários, não se fecharem em si mesmos mas se abrirem ao diálogo e colaboração com outros grupos como insistia o Papa João XXIII em 11 de abril de 1963:

> "Deve-se todavia notar que, seja pela situação difícil a que estão sujeitas, seja por vivências históricas, não raro tendem essas minorias (raciais) a exagerar seus valores étnicos, a ponto de colocá-los acima de valores universalmente humanos, como se um valor de humanidade estivesse em função de um valor nacional. Seria, ao invés, razoável que estes cidadãos reconhecessem as vantagens que lhes advêm precisamente dessa situação. O contato quotidiano com pessoas de outra cultura pode constituir precioso fator de enriquecimento intelectual e espiritual, através de um continuado processo de assimilação cultural. Isto acontecerá sobretudo se as minorias não se fecharem à população que os rodeia e participarem de seus costumes e instituições, em vez de semearem dissensões, que acarretam inumeráveis danos, impedindo o desenvolvimento civil das nações". (Encíclica "Pacem in Terris", 96).

A BASE DA INTEGRAÇÃO

94. Esta integração nasce, no pensamento da Igreja, da sua visão do homem como valor em si-mesmo por sua natureza de criatura à imagem e semelhança de Deus e por sua vocação para a filiação divina. Sua preocupação especial com o marginalizado leva-a a buscar a integração, não o aprofundamento das diferenças e conflitos como afirmou categoricamente o Papa João Paulo II na sua visita ao Peru, em Piura, no dia 04 de fevereiro de 1985:

> "Sim, a Igreja faz sua opção preferencial (pelos pobres) – note-se bem, portanto, não uma opção exclusiva ou excludente pois a mensagem da salvação está destinada a todos. Uma opção que se baseia essencialmente na Palavra de Deus e não em critérios tomados à ciências humanas ou às ideologias contrárias que reduzem, com freqüência os pobres a categorias sócio-políticas ou econômicas abstratas".

95. A integração de raças no Brasil é um fato histórico que o Papa João Paulo II ressaltou na sua visita a nosso País e o apresenta aos católicos brasileiros como uma tarefa que devem continuar realizando. Ao chegar a Brasília, em 30 de junho de 1980 ele afirmava ao Presidente da República e autoridades:

> "No perfil histórico desta nobre Nação desejo realçar...: a bem conhecida ecumenicidade brasileira, capaz de integrar povos e valores de diversas etnias, os quais contribuem decerto para as características de abertura e universalidade da cultura deste País... Por isso mesmo, a Igreja não cessa de preconizar as reformas indispensáveis à salvaguarda e à promoção dos valores sem os quais não pode prosperar nenhuma sociedade digna deste nome, isto é, reformas que visem uma sociedade mais justa e sempre mais de acordo com a dignidade de toda a pessoa humana".

E na sua famosa homilia em Salvador, em 07 de julho, mostrava o Papa a realidade pluri-racial do Brasil e apresentava a fé católica como um de seus fatores determinantes:

> "Surge, assim, o catolicismo brasileiro, resultado, como o próprio Brasil, de um dos caldeamentos mais importantes da história humana. Aqui se mesclaram, durante três séculos, o índio, o europeu e o africano e, a partir do século passado, a eles vieram somar-se o sangue e as culturas dos árabes, como os cristãos maronitas, dos migrantes japoneses asiáticos, hoje constituindo uma grande comunidade, predominante católica. Neste sentido o Brasil oferece um testemunho altamente positivo. Aqui vai sendo construída, com inspiração cristã, uma comunidade humana multi-racial. Um verdadeiro tapete de raças, como afirmam os sociólogos, amalgamadas todas pelo vínculo da mesma língua e da mesma Fé (...) De vossas raízes históricas se pode dizer portanto, que elas nos transmitem duas lições: a de uma cultura impregnada, desde o primeiro momento de sua existência, pelos valores da Fé e da capacidade que tem esta Fé para integrar raças e etnias as mais diversas. Não sem razão dizem os estudiosos do Brasil, que, juntamente com a língua, é a Fé católica da maioria do vosso povo um eminente fator dessa integração que desafia o obstáculo das enormes distâncias, das difíceis comunicações, das diversidades climáticas" (João Paulo II, na Homilia de Salvador).

TERCEIRA PARTE

A G I R

1 – PRINCÍPIOS DE AÇÃO PASTORAL

1.1 – Fundamentos da Pastoral Social da Igreja
1.2 – Elementos da Pastoral Social: anúncio e denúncia
1.3 – Educar para a Fraternidade

2 – ORIENTAÇÕES PASTORAIS

2.1 – Orientações Gerais para a CF-88
2.2 – Sugestões Concretas
2.3 – Conclusão

1 – PRINCÍPIO DE AÇÃO PASTORAL

1.1 – Fundamentos da Pastoral Social da Igreja

O QUE É PASTORAL?

96. No seu Decreto "Ad Gentes" sobre a atividade missionária o Concílio Vaticano II ensina qual é o papel da Igreja no meio dos povos:

> "Obediente ao mandato de Cristo e movida pela graça e a caridade do Espírito Santo, a Igreja cumpre sua missão quando, em plenitude, se faz presente a todos os homens ou povos, a fim de levá-los à fé, à liberdade e à paz de Cristo, pelo exemplo de sua vida, pela pregação, pelos sacramentos e demais meios da graça. E assim abre-lhes um caminho desimpedido e seguro para a plena participação no mistério de Cristo" ("Ad Gentes", 5).

Chama-se "Pastoral" a maneira como a Igreja realiza esta missão através do trabalho e da oração de todos os membros do Povo de Deus. Ela é dirigida pelos Pastores da Igreja – os Bispos; promovida por organismos e instituições próprias; exercida através de métodos e técnicas sempre adaptadas às necessidades concretas para se tornarem instrumentos válidos da realização desta missão.

OBJETIVO ÚLTIMO: A GLÓRIA DE DEUS

97. A missão da Igreja tem por objetivo maior e último a glória de Deus. Mas a glória de Deus se manifesta no homem sua criatura mais perfeita – "a glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem se realiza na visão de Deus" (S. Irineu, Contra as Heresias – IV, 20). A Igreja, continuadora da missão de Cristo, n'Ele contempla esta glória – "que resplandece na face de Cristo" (2Cor 4,6) glória que o homem deve refletir pelo dom de Cristo que é seu Espírito.

> "... refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem cada vez mais resplandescente, pela ação do Senhor que é o Espírito". (2Cor 3,18).

Por isso o homem se torna o centro da preocupação pastoral da Igreja – "perita em humanidade", como repete várias vezes o.Papa João Paulo II. E esta preocupação pastoral pelo homem parte da consciência de sua dignidade que a Igreja assume como base da pastoral social.

OBJETIVO IMEDIATO: A PESSOA HUMANA

98. O fundamento da dignidade da pessoa humana tem várias formulações conforme as diversas visões da antropologia filosófica. O homem "emitiu e emite ainda muitas opiniões a respeito de si mesmo, variadas e contrárias entre si. Numas, muitas vezes se exalta como norma absoluta. Noutras, deprime-se até o desespero". ("Gaudium et Spes", 12). O homem seria um lobo para outro homem – como dizia Hobbes? Ou uma aventura sem significado no tempo e no espaço como querem os niilistas? Ou um animal essencialmente predador da natureza e de seus semelhantes, como pretendem os materialistas de diversos matizes? A Igreja fundamenta a dignidade da pessoa humana na sua origem divina, criada à imagem de Deus; na sua liberdade pessoal que lhe abre a possibilidade de responder pelo amor a seu destino transcendente ou de negá-lo o que a faz sujeito responsável por suas opções e ações; no valor de sua inteligência que pode alcançar à verdade; na realidade histórica da presença de Deus na vida dos homens através do mistério de Cristo que elevou a um horizonte infinito as aspirações humanas.

Mas para a Igreja o homem não é somente indivíduo a "hipóstasis" dos gregos ou o "civis" romano, cidadão como constitutivo da "cidade". Ele é "pessoa humana", concebida como imagem e manifestação do mistério de Deus. Por isso o homem é "sujeito", na sua interioridade inviolável e "dom" na sua destinação intransferível para o amor. A pessoa humana é, em si mesma, o absoluto que dá consistência à relatividade da história, mas que tem na sociedade sua expansão aos semelhantes. Só na vida social existe a única mediação possível dos homens entre si.

PASTORAL E POLÍTICA

99. A sociedade humana é, assim, o campo do relacionamento do homem com o homem, que a Igreja procura que se faça como caminho para a plena participação do homem no mistério de Cristo. Daí a inevitável relação entre a Igreja e a Política cujo poder "constitui o vínculo natural e necessário para garantir a coesão do corpo social e deve ter como finalidade a realização do bem comum" (Paulo VI – Carta "Octogesima Adveniens", 46). Cabe a este poder político, reconhece o Papa Paulo VI, a última decisão no domínio do social e do econômico. Daí, ser inevitável que a Igreja tenha uma dimensão política na sua ação pastoral, como corpo social. Sua ação não pode se reduzir a uma presença individual e anônima de cada cristão no campo político mas deve ter a característica de um testemunho social e coletivo, inspirado nas exigências da fé, respeitando um legítimo pluralismo nas opções concretas.

> "As organizações cristãs, sob suas formas diversas, têm uma responsabilidade de ação coletiva. Sem se substituir às instituições da sociedade civil, devem elas refletir, à sua maneira

própria e transcendendo a sua mesma particularidade, as exigências concretas da fé cristã para uma transformação justa e necessária da sociedade (Paulo VI – Carta "Octogesima Adveniens", 51).

Por isso o Concílio Vaticano II, dedica todo capítulo IV da Constituição Pastoral "Gaudium et Spes" à vida na comunidade política. A leitura deste luminoso texto conciliar deveria esclarecer a ação pastoral concreta nas ações sociais que envolvem necessariamente um aspecto político e uma tensão com o exercício desta atividade pelas várias organizações da sociedade civil.

1.2 – Elementos da Pastoral Social: anúncio e denúncia

ASPECTOS DA PASTORAL

100. A Pastoral Social da Igreja, seguindo a pedagogia da Revelação divina contida na Bíblia e na Tradição Apostólica, envolve dois aspectos fundamentais. Um é o aspecto evangelizador, o anúncio da Boa Nova – "anunciar aos homens todos a insondável riqueza de Cristo e colocar em plena luz a realização do mistério oculto desde os séculos em Deus" (Efésios 3, 8-9). É o anúncio de Cristo que une os povos, cria um Homem Novo, estabelece a paz e reconcilia os homens com Deus em um só corpo, de modo que, num só Espírito, todos temos acesso junto ao Pai como descreve a Epístola aos Efésios, 2,14-18. Outro aspecto é o dever da Igreja de descobrir e denunciar, como os Profetas bíblicos e os grandes santos, tudo que no homem, nos valores correntes na cultura, nas estruturas econômicas, sociais e políticas afrontam a dignidade e os direitos da pessoa humana e impedem a convivência fraterna e o encontro dos caminhos da paz.

PASTORAL DO ANÚNCIO

101. A Pastoral do anúncio apresenta quatro momentos básicos, intimamente interdependentes e integrados entre si.

a) O testemunho da Igreja como um todo e sua atuação pela palavra e exemplo anunciando ao mundo de hoje a mensagem evangélica da paz e da justiça. É o que a cada hora proclama o Santo Padre e se vê na busca permanente da Igreja, como corpo social, de superar em sua própria vida as falhas neste campo que nascem de sua condição humana como falou com tanta clareza o Sínodo dos Bispos de 1974.

b) A ação de cada comunidade ou dos cristãos individualmente que diante de problemas concretos, procuram, pela palavra e

pelas iniciativas específicas, tornar presentes as exigências evangélicas "com o auxílio do Espírito Santo, em comunhão com os Bispos responsáveis, em diálogo com outros irmãos cristãos e os homens de boa-vontade" (Paulo VI – Carta "Octogesima Adveniens", 4).

c) Atenção a cada iniciativa sincera, cada movimento dinâmico que surja de forma honesta e coerente para superar as injustiças sociais e tornar o homem livre do que o desumaniza e fazê-lo consciente da própria dignidade. Todos estes movimentos e iniciativas, tem, radicalmente, sua origem, seu dinamismo e sua realização, no contexto histórico da obra salvadora de Cristo. Neste sentido a Igreja, assistida pelo Espírito, saberá discernir nestas iniciativas e movimentos os momentos ricos de evangelização da sociedade.

d) É papel próprio e específico dos leigos esta missão evangelizadora, sobretudo na ordem temporal, como ensina o Concílio Vaticano II (Constituições "Lumen Gentium" 31-33; "Gaudium et Spes" 43; Decreto "Apostolicam Actuositatem" 7 e 29). Para isto, recomenda o Papa João Paulo II aos Bispos do Brasil, "devem ser formados leigos com verdadeira competência e habilitação no campo em que devem atuar, mas sobretudo educados na fé e no conhecimento da doutrina da Igreja" (Carta de 9 de abril de 1986). Mas esta ação evangelizadora da sociedade deve ser também missão dos sacerdotes e religiosos como insiste o Sínodo dos Bispos de 1971 sobre o Sacerdócio Ministerial.

PASTORAL DA DENÚNCIA

102. A denúncia profética das formas permanentes ou esporádicas de violação da dignidade da pessoa humana e de seus direitos é condição para que a Igreja possa gozar de credibilidade no mundo moderno. A denúncia exige sempre coragem, caridade, prudência e firmeza, (Sínodo dos Bispos de 1971 sobre a "Justiça no Mundo").

Como as situações no mundo de hoje são cada vez mais complexas, instáveis e mesmo ambíguas, é fundamental que antes de formular juízos ou promover ações contra uma suposta situação de injustiça, se procure ter um conhecimento sério e objetivo dos fatos e nada fazer sem uma madura reflexão e discernimento.

No famoso discurso à ONU em 10 de dezembro de 1973, o Papa Paulo VI elevava sua voz de protesto e súplica em nome de todas as vítimas silenciosas da injustiça: os marginalizados por motivo de raça ou etnia, os oprimidos pelo colonialismo, as vítimas das perseguições e privadas da liberdade religiosa, os silenciados pelos meios de comunicação, os

prisioneiros maltratados e torturados, a violência contra os adversários políticos e sobretudo contra os seres humanos indefesos, inermes, assassinados ainda no ventre materno. Mas, esclarece o Papa: "Não basta denunciar, às mais das vezes muito tarde e de modo ineficaz. É preciso analisar as causas profundas destas situações e empenhar-se resolutamente em enfrentá-las e corrigí-las de modo certo".

OS DIREITOS DO HOMEM

103. O contraste freqüentemente observado entre a proclamação dos direitos do homem e o respeito concreto a estes direitos leva a pensar se esta oposição entre a teoria e a prática não nasce do uso destes direitos como mera arma política e não como base da construção da justiça e da paz. Por isso, seu anúncio ou denúncia das violações não se pode fazer em função de um mero objetivo político. Por outro lado, as violações dos direitos humanos não existem só no plano individual, mais facilmente descobertas. Elas existem sobretudo de forma quase institucionalizada nas sociedades que consideram o homem simplesmente como fator de produção ou elemento indispensável de uma economia de consumo que tem no lucro seu fim principal. Mas de modo mais cruel a liberdade e dignidade da pessoa humana são quase aniquiladas nas sociedades de inspiração materialista que reduzem o homem a simples engrenagem de um sistema que tudo faz girar em torno de um projeto social ideologicamente imposto como um bem supremo e um valor acima de qualquer contestação ou questionamento.

1.3 – Educar para a Fraternidade

DIMENSÕES DA AÇÃO EDUCATIVA DA IGREJA

104. Um dos elementos fundamentais da ação pastoral é a atividade educativa da Igreja. Não se trata somente da educação no seu sentido formal que se dá nas instituições da Igreja organizadas para este fim. A atividade educativa penetra toda a ação da Igreja, de modo continuado permanente e prático, procurando tornar os cristãos e todos os homens cada vez mais conscientes da dignidade da pessoa humana, da necessidade da liberdade, da exigência de fraternidade entre os homens. Tudo isto não só na teoria mas realizado efetivamente na realidade do quotidiano e nas grandes dimensões jurídicas, nas estruturas políticas e econômicas da sociedade. O trabalho educativo da Igreja tem que se processar primariamente e de modo indispensável no seio da família. São os pais cristãos os primeiros e mais importantes agentes da educação. Mas ele se realiza, quer pela ação específica da Igreja, quer pelo trabalho dos cristãos, nas Escolas Católicas ou naquelas em que atuam os cristãos, na comunidade

paroquial em suas diversas atividades, nos movimentos eclesiais. Mas não pode deixar de existir, pela ação dos cristãos, nos diversos instrumentos educativos da sociedade como os partidos políticos, os sindicatos e sobretudo os meios de comunicação social. Em todas estas instâncias a Igreja como tal ou os cristãos, individualmente ou organizados, tem o dever de educar procurando ensinar a doutrina e promover os meios eficazes para os homens encontrarem, na justiça, na verdade, na liberdade, no respeito e amor ao próximo, os caminhos da paz.

OBJETIVO DA EDUCAÇÃO PARA A FRATERNIDADE

105. No que concerne aos direitos do homem, dos grupos marginalizados de qualquer modo ou por qualquer motivo, não basta a simples proclamação destes direitos, mas é importante encarecer que, a estes direitos, correspondem deveres como insiste o Papa Paulo VI na sua Carta "Octogesima Adveniens", 24.

O Concílio Vaticano II, na sua Declaração "Dignitatis Humanae" sobre a liberdade religiosa, resume de modo claro e preciso o objetivo maior deste trabalho educativo:

> "Por isso, o Concílio Vaticano exorta a todos, principalmente aos que exercem a missão de educador, que se esmerem em formar homens que acatem a ordem moral, obedeçam à legítima autoridade e sejam amantes da verdadeira liberdade; homens que por reflexão pessoal própria julguem os fatos à luz da verdade, organizem seu trabalho com senso de responsabilidade, se esforcem por apoiar tudo que é verdadeiro e justo associando de bom grado sua ação à dos outros." ("Dignitatis Humanae", 8).

PLURALISMO E REALISMO

106. Duas características, no mundo de hoje, são importantes na educação para a paz. Uma é o pluralismo. O cristão deve ter a consciência de que os outros homens existem e são legítimos na inviolabilidade de sua consciência íntima. Portanto, educar para a paz significa educar para o respeito ao outro, às diferenças na maneira de pensar e agir ou nas tendências das pessoas e grupos, para a aceitação no mundo de hoje da legitimidade social e cultural dos outros. Sobretudo educar para a paz significa educar para a descoberta da identidade fundamental, daquilo que une o homem ao homem na visão cristã.

Outra característica é o realismo. A educação não se reduz ao ensinamento abstrato, sem qualquer relação com as condições efetivas em que cada pessoa está inserida na perspectiva e no dinamismo da socieda-

de concreta em que vive. É pois indispensável a busca do equilíbrio entre os direitos da pessoa humana como tal e as condições objetivas dos grupos sociais, dos valores culturais ou das estruturas políticas e econômicas em que vivem as pessoas. Neste sentido, está longe da visão educadora da Igreja a proposta de uma sociedade utópica, comum aos processos revolucionários ou às promessas inerentes à uma visão ideológica da história.

2 – ORIENTAÇÕES PASTORAIS

2.1 – Orientações Gerais para a CF-88

VALORIZAR A PESSOA HUMANA

107. Dos Princípios para a Ação Pastoral apresentados antes, decorrem as orientações gerais para que a Campanha da Fraternidade – Várias Raças, um só Povo" – atinja seu objetivo evangelizador de integrar as pessoas na vida social, sem discriminações de qualquer tipo, sobretudo, as nascidas da raça. Todas as ações propostas devem, antes de tudo, valorizar a pessoa humana como tal. É ela o centro, o princípio e o fim da vida social. Para o cristão, a sociedade humana deveria nascer da fraternidade entre os homens que, em Cristo, descobriram a Deus como Pai. E a consciência da fraternidade só existe no homem que se sente consciente, respeitado e valorizado como pessoa. (Reler o item 98).

EVITAR ATITUDES NEGATIVAS

108. A luta pelos direitos do homem, agredidos pela discriminação racial, tem freqüentemente assumido um tom recriminador, instigador de violência ou recalque, nada evangélico, onde se percebe a manipulação por interesses de caráter político ou ideológico. A dimensão política da ação pastoral da Igreja nada tem a ver com estes interesses nem se reveste deste tom. Ela decorre da natureza social da mensagem evangélica (Reler o item 99). Neste sentido não se pode deixar de reconhecer os grandes méritos da Igreja na defesa da dignidade das raças formadoras de nosso Povo. Houve falhas ou limitações o que ninguém quer negar. Mas isto está longe da intenção manifesta de denegrir a ação evangelizadora da Igreja na formação histórica do Brasil que se percebe em muitos escritores modernos, com visão tipicamente ideologizada da história, ou em propostas pretensamente pastorais, nas quais não se consegue ver o menor respeito e sensibilidade pelo trabalho dos que plantaram a fé cristã em nosso País. (Reler os itens 26 a 37 e 95).

ANÚNCIO DA FRATERNIDADE E DENÚNCIA DAS INJUSTIÇAS

109. É fundamental que as iniciativas inspiradas pela Campanha da Fraternidade tenham o tom positivo do anúncio, da afirmação – "Somos todos irmãos, todos formamos um só povo". Este anúncio deve começar pelo próprio exemplo de fraternidade nas comunidades cristãs, pela promoção de momentos de oração e reflexão ou de iniciativas para evidenciar esta fraternidade. Ao mesmo tempo cabe o apoio dos cristãos a todos os movimentos sociais honestos e coerentes visando a fraternidade, quer surjam da Igreja como tal, quer promovidos por outros grupos que não procurem radicalizar situações, manipular pessoas ou fomentar a divisão e violência (Reler o item 101). Ao mesmo tempo não se pode deixar de denunciar o que discrimina, o que aprofunda divisões, injustiças e afrontas à dignidade das pessoas. Mas sempre com o cuidado de não avançar juízos de valor, de não atribuir de forma maniqueísta todo o mal a uns e todo o bem a outros. De modo especial merecem denúncia corajosa o amoralismo e a permissividade moral, a obsessão do consumismo, o clima de violência das estruturas sociais e dos fatos do quotidiano, o desrespeito às leis e à autoridade legítima que aprofundam as divisões e a desagregação social. (Reler os itens 102 e 103).

ENFATIZAR O VALOR EDUCATIVO DA C.F.

110. A Campanha da Fraternidade, como instrumento de evangelização, é um momento de grande densidade educativa e inspirador de um permanente esforço dos cristãos em educar para a paz. Neste sentido, a Campanha da Fraternidade tem que envolver a preocupação dos homens da Igreja, dos religiosos e dos leigos nas suas instituições próprias – as coordenações de Pastoral, as Paróquias, as Comunidades de Base e os Círculos Bíblicos, os movimentos e associações religiosas, as obras de assistência social e sobretudo as Escolas Católicas de todos os níveis. Para este trabalho educativo devem ser polarizados os diversos instrumentos da atividade da Igreja, sobretudo, a pregação, a liturgia e a catequese. Mas o trabalho educativo deve se estender a outros veículos de maior penetração popular – os meios de comunicação social e sobretudo ser encarecido na educação familiar, no ambiente dos lares e nos hábitos inculcados nas crianças. (Reler os itens 104 a 106).

2.2 – Sugestões Concretas

EM NÍVEL DE PASTORAL GERAL

111. Em nível da Pastoral Geral sugere-se:

– valorizar nas celebrações coletivas do Ano Mariano o papel maternal de Maria em relação a todos os povos, de modo especial aos "pobres evangélicos";

– orientar os subsídios para as celebrações quaresmais no sentido de um processo contínuo de conversão interior que se manifeste na aceitação de todos como irmãos, independentemente da cor ou posição social.

– promover estudos, encontros ou seminários sobre a realidade pluri-racial do Brasil, a história da formação social do povo brasileiro e o papel nela desempenhado pela Igreja;

– procurar esclarecer a opinião pública sobre os fatores da estrutura social, dos hábitos culturais, do aparelho jurídico e da administração pública que possam favorecer qualquer tipo de discriminação das pessoas, quer pela marginalização, quer pelo privilégio injustificado;

– apoiar as atividades assistenciais e promocionais em favor dos grupos sociais ou das áreas mais carentes, onde persistem as situações mais desumanas de marginalização, sobretudo no campo do trabalho (habilitação profissional e pastoral do trabalhador), da habitação (pastoral das favelas) e da saúde (doentes marginalizados).

– manifestar reconhecimento público pela grande contribuição da raça negra para a grandeza do Brasil, mostrando à opinião pública e à consciência dos cristãos, o caráter profundamente anti-evangélico da discriminação ou do preconceito racial;

– apoiar publicamente e insistir no cumprimento da Lei 1390 de 3 de julho de 1951 (Lei Afonso Arinos) que qualifica como crime a discriminação racial.

EM NÍVEL DE PARÓQUIA

112. Em nível de Paróquias e Comunidades, sugere-se:

– valorizar nas celebrações litúrgicas, em seus momentos adequados, de acordo com as normas da Igreja, as manifestações de convivência fraterna e integração social (procissão de oferendas, preces da comunidade, rito da paz, etc...), com destaque para a integração das raças;

– procurar na Catequese criar hábitos fraternos nas crianças e evitar nas suas celebrações e festividades qualquer exigência ou requinte que crie dificuldade à participação de todas, independentemente de seu nível econômico, posição na sociedade, raça ou condição social;

– favorecer nos Círculos Bíblicos a reflexão sobre a fraternidade de todos e a responsabilidade do cristão em superar divisões e preconceitos;

– incutir na Pastoral das Famílias (Cursos de Noivos, Encontros de Casais, etc...) a necessidade da educação das crianças para a fraternidade e para o respeito a todos, manifestado de modo especial na maneira de tratar os empregados domésticos;

EM NÍVEL DE GRUPOS RELIGIOSOS

113. Em nível de associações e movimentos religiosos sugere-se:

– promover momentos especiais de oração e reflexão dentro do espírito da Campanha da Fraternidade;

– procurar rever o trabalho formativo dos leigos que participam nestas associações e movimentos, no sentido de torná-los conscientes do dever dos cristãos de trabalhar pela paz social "em espírito de fé e união com os Pastores, competentes no seu campo específico e conhecedores da Doutrina Social da Igreja" (João Paulo II).

– rever a própria atividade pastoral no sentido de pleno entrosamento com as ações de conjunto, o trabalho de outras associações e movimentos em nível de Paróquia ou Arquidiocese, como expressão da busca de unidade e fraternidade na Igreja.

EM NÍVEL DAS ESCOLAS

114. Em nível de Escolas Católicas, de qualquer nível, sugere-se:

– promover palestras, seminários, atividades especiais, concursos e outras iniciativas sobre a integração social e as diversas formas de discriminação que possam existir na sociedade;

– verificar casos de discriminação que possam estar ocorrendo na comunidade escolar e procurar conscientizar professores e alunos no sentido de corrigí-las;

– dar atenção especial ao conteúdo e metodologia das aulas de História do Brasil ou de outras disciplinas no sentido de evitar uma visão ideologizada e negativa da nossa herança histórica, uma deformação da mentalidade dos jovens e de seu sentimento de patriotismo e civismo, de uma visão dos processos históricos baseada na luta de classes e no mero jogo dos interesses econômicos.

EM NÍVEL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

115. Em nível dos meios de comunicação social, sugere-se:

– uma ampla divulgação dos objetivos e das promoções dentro do verdadeiro espírito da Campanha da Fraternidade;

– o protesto por meio de "cartas à redação" contra a publicação de matérias que levam a sentimentos de violência, discriminação e revanchismo ou atitudes negativas em relação a nosso passado histórico;

– o uso das publicações periódicas (revistas, boletins, etc...), dos programas de rádio e televisão mantidos pelas entidades católicas, para uma evangelização intensa dentro do espírito de fraternidade.

2.3 – Conclusão

A PALAVRA DO PAPA

116. A palavra do Papa João Paulo II à Comunidade Negra Americana no seu discurso de 12 de setembro de 1987 em New Orleans, resume bem o espírito da CF-88:

> "Sob a guia do Espírito Santo, nós procuramos em todas as épocas, de maneira convincente e compreensiva, levar o Evangelho aos povos de todas as raças, línguas e culturas. É importante dar-se conta de que não existe uma Igreja negra, nem uma Igreja branca, nem sequer uma Igreja americana; mas existe e deve existir, na única Igreja de Jesus Cristo, uma casa para negros, brancos, americanos, para todas as culturas e raças. O que eu disse noutra ocasião repito-o de bom grado: A Igreja é Católica porque sabe apresentar em todos os contextos humanos a verdade revelada, que ela conserva intacta com seu conteúdo divino, de tal maneira que propicia que ela se encontre com os pensamentos nobres e as esperanças justas de cada homem e de cada povo".

A BÊNÇÃO DA SENHORA APARECIDA

117. A bênção de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil, é uma realidade constante na história da Igreja em nossa terra. Ela quis ser nossa "Mãe Preta" para revelar aos cristãos do Brasil o verdadeiro rosto de seu Filho, que se identifica com todos, especialmente o discriminado e marginalizado. E ser Igreja é viver a comunhão de muitas raças, culturas e línguas num só Povo, pelo impulso renovador de Pentecostes.

No Ano Mariano, é à Virgem Mãe Aparecida que se devem consagrar as orações, as iniciativas, as esperanças da CF-88, na certeza de que sua proteção maternal não há de faltar para integrar a variedade de raças e culturas num único povo brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

PRIMEIRA PARTE

ALMEIDA PRADO, J.F. de, – "O Brasil e o Colonialismo Europeu", Comp. Editora Nacional – São Paulo, 1956.

ARRUPE S.J., Pedro, – "A Obra da Inculturação" Ed. Loyola – São Paulo, 1978.

AZEVEDO, Thales de, – "Democracia Racial", Ed. Vozes – Petrópolis, 1975.

BASTIDE, Roger, – "As Américas Negras – As civilizações africanas no Novo Mundo", Ed. DIFEL-USP, São Paulo, 1974.

BENCI S.J., Jorge, – "Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos", Ed. Grijalbo – São Paulo, 1977.

BERGMANN, Michel, – "Nasceu um Povo – Estudo antropológico da civilização brasileira", Ed. Vozes – Petropólis, 1972.

BOXER, C.R. – "Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola", Comp. Editora Nacional – São Paulo, 1973.

CARDOSO, Ciro Flamarion – "A Afro-América – A escravidão no Novo Mundo", Ed. Brasiliense – São Paulo, 1982.

CARVALHO, José Geraldo Vidigal de, – "A Igreja e a Escravidão. Uma análise documental", Ed. Presença – Rio de Janeiro, 1985.

CELAM – "Os Grupos Afro-Americanos", Ed. Paulinas – São Paulo, 1982.

COSTA, Emilia Viotti da, – "A Abolição", Ed. Global – São Paulo, 1982.

COSTA PINTO, L.A. – "O Negro no Rio de Janeiro – Relações de raça numa sociedade em mudança", Comp. Editora Nacional – São Paulo, 1953.

FREITAS, Décio, – "O Escravismo Brasileiro", Ed. Mercado Aberto – Porto Alegre, 1982.

FREYRE, Gilberto, – "Casa Grande e Senzala", Liv. José Olímpio – Rio de Janeiro, 1980.

MALHEIRO, Perdigão, – "A Escravidão no Brasil – Ensaio Histórico-Jurídico", Ed. Vozes – Petrópolis, 1976.

MORAES, Evaristo de, – "A Escravidão Africana no Brasil", Comp. Editora Nacional – São Paulo, 1933.

MOURA, Clovis, – "O Negro – de bom Escravo a mau Cidadão", Ed. Conquista – Rio de Janeiro, 1977.

RAMOS, Arthur, – "A aculturação negra no Brasil", Comp. Editora Nacional – São Paulo, 1942.

TERRA S.J., João E.M. – "O Negro e a Igreja", Ed. Loyola – São Paulo, 1984.

SEGUNDA PARTE

BAUER, J.B. – "Dicionário de Teologia Bíblica" – 2 vols., Ed. Loyola – São Paulo, 1980.

CELAM – "A Igreja na atual transformação da América Latina" (Documentos de Medellin), Ed. Paulinas – São Paulo, 1977.

CELAM – "A Evangelização no presente e no futuro da América Latina" (Documento de Puebla), Ed. Loyola – São Paulo, 1980.

JOÃO PAULO II – "Pronunciamentos do Papa no Brasil", Ed. Loyola – São Paulo, 1980.

JOÃO PAULO II – "O Redentor do Homem", Ed. Paulinas – São Paulo, 1979.

SCHELKE, K.H. – "Teologia do Novo Testamento", Ed. Loyola – São Paulo, 1979.

TERRA S.J., João E.M. – "Bíblia, Igreja e Escravidão", Ed. Loyola – São Paulo, 1983.

TERRA S.J., João E.M. – "Os Direitos Humanos na Bíblia", Ed. Loyola – São Paulo, 1981.

VENDRAME, Calisto – "A Escravidão na Bíblia", Ed. Ática – São Paulo, 1981.

WOLFF, Hans W. – "Antropologia do Novo Testamento", Ed. Loyola – São Paulo, 1982.

TERCEIRA PARTE

COMISSION PONTIFICALE "JUSTITIA ET PAX" – "L'Église et les Droits de l'Homme", Città del Vaticano, 1975.

JOÃO PAULO II – "Mensagem ao Episcopado Brasileiro", Ed. Loyola – São Paulo, 1986.

JOÃO XXIII – "Pacem in Terris", Ed. Paulinas – São Paulo, 1963.

PAULO VI – "Evangelii Nuntiandi", Ed. Paulinas – São Paulo, 1978.

PAULO VI – "Octogesima Adveniens", Ed. Paulinas – São Paulo, 1977.

PAULO VI – "Populorum Progressio", Ed. Paulinas, 1978.

VATICANO II – "Documentos do Vaticano II", Ed. Vozes – Petrópolis, 1966.

LEMAS DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE

1964 – LEMBRE-SE: VOCÊ TAMBÉM É IGREJA
1965 – FAÇA DE SUA PARÓQUIA UMA COMUNIDADE DE FÉ, CULTO E AMOR
1966 – SOMOS RESPONSÁVEIS UNS PELOS OUTROS
1967 – SOMOS TODOS IRMÃOS
1968 – CRER COM AS MÃOS
1969 – PARA O OUTRO, O PRÓXIMO É VOCÊ
1970 – SER CRISTÃO É PARTICIPAR
1971 – RECONCILIAR
1972 – DESCUBRA A FELICIDADE DE SERVIR
1973 – O EGOÍSMO ESCRAVIZA, O AMOR LIBERTA
1974 – ONDE ESTÁ TEU IRMÃO?
1975 – REPARTIR O PÃO
1976 – CAMINHAR JUNTOS
1977 – COMECE EM SUA CASA
1978 – TRABALHO E JUSTIÇA PARA TODOS
1979 – PRESERVE O QUE É DE TODOS
1980 – PARA ONDE VAIS?
1981 – SAÚDE PARA TODOS
1982 – A VERDADE VOS LIBERTARÁ
1983 – FRATERNIDADE SIM – VIOLÊNCIA NÃO
1984 – PARA QUE TODOS TENHAM VIDA
1985 – PÃO PARA QUEM TEM FOME
1986 – TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS
1987 – QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM MULTIDISCIPLINAR

Composição e impressão
"MARQUES-SARAIVA"
GRÁFICOS E EDITORES S.A
Rua Santos Rodrigues, 240 –
Estácio de Sá – CEP 20250
Tels: 273-9498 – 273-9447 –
273-9449 – Rio de Janeiro (RJ)

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – UFRRJ

CEDIM

**Duas mãos se entrelaçam, uma negra, outra branca.
Gesto simbólico da nossa campanha.
Mãos que se unem na prece e na
construção do Brasil de várias raças e num só povo.**

Berê, de tarde eu chego!
estes documentos talvez lhe interessem...

CARTA ABERTA AO

ARCEBISPO DESMOND TUTU

Prezado Companheiro de Luta Anti-Racista:

Estamos cansados da politicagem onde o discurso vai para um lado e a ação para outro. O governo brasileiro patrocina sua vinda ao nosso país, mas quer limitar sua visita aos recintos fechados, às solenidades pomposas, às palavras vazias de sentido.

Queremos que você escute a voz das ruas e leve para sua África do Sul a solidariedade dos brasileiros ao seu povo, discriminado odiosamente pela minoria branca. Queremos que você saiba que também aqui os negros, os índios e os pobres em geral são vítimas de preconceitos sociais, raciais e religiosos.

O governo brasileiro convida um Prêmio Nobel da Paz mas continua vendendo armas para regimes racistas como o de Botta e fascistas como o de Pinochet.

Queremos que você sinta o clamor das pessoas simples contra as guerras, as armas nucleares, a violência dos poderosos. Queremos que você saiba que também aqui existem os que lutam por Justiça e Igualdade, sem a qual não há Paz verdadeira.

O Itamarati hospeda um líder da luta anti-racista mas não rompe relações com o governo que o vigia e persegue seus milhões de irmãos de cor. Pelo contrário, os negócios das empresas sul-africanas encontram grandes aliados para sua expansão no Brasil.

Queremos que você leve daqui a melhor impressão. Não a causada por palácios e discursos oficiais, mas pelo povo que se organiza e luta por uma nova sociedade. Os africanos construíram os alicerces desse Novo Mundo e criaram as riquezas tão mal distribuídas desse nosso país. Nós, seus herdeiros, não queremos mais escravidão e preconceito!

Companheiro Arcebispo: diga em sua terra que encontrou no Brasil muitas pessoas que dizem não ao racismo, não às ditaduras, não à repressão e à tortura. Em nome do Deus de todos os nomes - Javé, Obatalá, ... Olorum - em nome do Povo, diga que há também brasileiros na luta por um tempo novo.

- ESTUDANTES E PROFESSORES DO CEAT - CENTRO EDUCACIONAL ANÍSIO TEIXEIRA
- FAMERJ - FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DO RIO DE JANEIRO
- IPCN - INSTITUTO DE PESQUISA DAS CULTURAS NEGRAS
- ASSEMBLÉIA PERMANENTE DO MEIO AMBIENTE

Fala de Tutu emociona estudantes da capital

BRASÍLIA — Desmond Tutu, no anfiteatro nove da UNB, fez o seu mais veemente discurso da capital federal ao falar para os estudantes na manhã de ontem. Com imagens simples e contundentes, desenhou pausadamente a luta anti-*apartheid* de seu país. Cobrou maior empenho de governantes poderosos na defesa de seu povo, enfatizou que "eles ainda valorizam mais seus dólares do que vidas humanas" e insistiu: "Tenho avisado aos poderosos, ditadores e opressores do povo, cuidado, nós não temos dúvidas de que seremos livres."

O auditório lotado e sitiado pela presença de cerca de 1 mil pessoas não economizou aplausos e palavras de ordem pedindo o rompimento do governo brasileiro com a África do Sul. Tutu devolveu o carinho, atribuindo aos jovens de seu país, dos Estados Unidos, da China e da França os méritos pelas pequenas vitórias e pressões internacionais na luta contra o *apartheid*. Aos jovens brasileiros passou a responsabiliade na luta por maior justiça social — aqui — e pela pressão ao governo em favor do rompimento com o regime racista de seu país.

Antes de ir à UNB, Tutu recebeu, no Palácio do Burity, sede do governo do DF, insígnias da Ordem do Mérito de Brasília. Na noite de anteontem foi homenageado também na sede da CNBB, onde, ao saldar o visitante, o bispo Sinésio Bohn, responsável pelo ecumenismo e diálogo religioso da entidade, informou que a campanha da fraternidade do próximo ano será dedicada ao negro, sob o lema: "ouvi o clamor desse povo."

O último compromisso de Tutu em Brasília foi um almoço no Itamarati, onde recebeu a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. O ministro do exterior, Abreu Sodré, disse que, mesmo não rompendo relações diplomáticas, o Brasil tem sistematicamente adotado medidas restritivas, como a proibição de intercâmbio cultural, artístico ou esportivo e a proibição de exportação de armas, venda de petróleo e combustíveis derivados.

Em São Paulo, uma multidão de cerca de cinco mil pessoas aplaudiu, ontem, na Catedral da Sé, o arcebispo sul-africano Desmond Tutu, que participou de um ato ecumênico que reuniu as igrejas Católica, Anglicana, membros da comunidade judaica e representantes do candomblé em São Paulo.

Até à noite, Tutu tinha conseguido se esquivar dos jornalistas — interessados na avaliação da negativa do presidente Sarney em romper relações diplomáticas com a África do Sul —, embora tenha sido cercado desde as 16h45min, quando desembarcou no aeroporto de Congonhas, onde foi recebido pelo governador Orestes Quércia.

Na Catedral, o governador Orestes Quércia disse que a causa dos sul-africanos na luta contra o *apartheid* é também a dos brasileiros e "causa do mundo todo nesse século". Para ele, o Brasil deveria aumentar as sanções contra a África do Sul.

Desmond Tutu foi recebido com muitos aplausos, uma faixa em inglês avisando que *we also have apartheid here* e um grupo de maracatu que o acompanhou com ritmo afro de atabaques até o altar.

São Paulo — Isaias Feitosa

Tutu fugiu da imprensa

Clero negro vê racismo no roteiro

Orivaldo Perin

Excluídos do programa de visitas do arcebispo Desmond Tutu pelo Itamarati, os padres e religiosos negros do Estado do Rio de Janeiro vão hoje, durante uma panfletagem, tentar entregar ao Prêmio Nobel da Paz um manifesto denunciando o racismo na elaboração do roteiro oficial do religioso sul-africano, que em seus cinco dias no Brasil não conhecerá de perto nenhum local que traduza a realidade social dos negros brasileiros.

Para chamar atenção sobre o problema, os padres e religiosos negros (que têm uma comissão estadual com sede em São João de Meriti) sairão da Baixada Fluminense por volta das 14h, em um ônibus cheio de integrantes do movimento e tentarão furar o bloqueio do programa oficial às 15h30min, quando Desmond Tutu estiver visitando o Cedi, Centro Ecumênico de Documentação e Informações, na rua Cosme Velho, 98, uma entidade mantida por várias igrejas no Brasil.

Escrito em inglês e português, o documento será distribuído a todas as pessoas que estiverem acompanhando o visitante. O primeiro de seus quatro itens denuncia a existência de um apartheid também no Brasil (a Baixada Fluminense, onde Tutu não vai, seria um dos muitos Sowetos brasileiros) caracterizado pela discriminação, opressão e exploração dos negros. "Tanto na África do Sul quanto no Brasil, há um apartheid que precisa ser derrubado", disse frei David Raimundo dos Santos, franciscano, um dos coordenadores do movimento de religiosos negros, já organizado em sete Estados brasileiros.

No segundo item, o documento acusa o Ministério das Relações Exteriores de "foco racista", por ter organizado o roteiro de Tutu sem incluir contato com as bases negras do país. No terceiro item, o documento cita números sobre a realidade do negro no Brasil (por exemplo: de cada 100 negros brasileiros, 42 ficam sem estudar e só um consegue entrar na faculdade). No último item, os religiosos negros conclamam a sociedade brasileira a refletir sobre a discriminação racial no país, a partir da visita do "irmão negro Desmond Tutu".

Durante a manifestação no Cosme Velho, os religiosos negros estarão vestidos com uma camiseta que divulga a Campanha da Fraternidade de 88 (promovida pela CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) cujo tema central é o negro. "Tentamos marcar um encontro com Desmond Tutu por três vezes", conta frei David. "Uma, através do PMDB, outra, com a ajuda de D. Mauro Morelli, bispo de Caxias, e a terceira através da assessoria para assuntos afro-brasileiros do Ministério da Cultura. Como não conseguimos nada, decidimos fazer chegar nosso clamor a Tutu através da manifestação que programamos para o Cosme Velho."

DIOCESE DE DUQUE DE CAXIAS (Celebração Eucarística por ocasião do Dia nacional da Consciência Negra/Missa 20 de Novembro 2015)

1)AFRO CANÇÃO (Ir. Ivonete Ribeiro Sales,OFS)

C G7
Acolhida – Beleza afro / afro beleza/ acolhemos você com axé beleza negra. Solidária (o) mas que beleza acolhemos você com
C
axé/ com certeza (bis)

2)CANTO DE ENTRADA

Dm/Dm D7 Am Dm Am D7 Am
Foi Olorum quem mandou celebrar nossa história e festejar as vitórias conquistadas por quem, lutando, tombou.

Dm Am Dm Am Dm Am
1 – Povo negro trazido de longe Escravo, a riqueza gerou. Não aceitou a chibata. Quilombo: liberdade de uma raça com valor.

2 – Leis forjadas, grandes favorecidos. E o negro foi para a periferia. Sofrimento e muita resistência: Nosso povo lutando pra chegar um novo dia!

3 – Palmares, Canudos, Xiapas, grandes glórias e lutas da gente. Nosso sonho é de liberdade: Construir nova história dos povos deste continente.

4 – Favelas, presídios, cortiços, senzalas atuais do sistema. Sem-terra, sem-teto e trabalho: Criar novos Quilombos sem racismo, povo irmão!

3)LADAINHA DOS ANCESTRAIS (Ir. Ivonete Ribeiro Sales, OFS)

F C7 F
Ref.: **Vamos construir/ o quilombo dos sonhos do povo dos sonhos do povo/ com a força dos ancestrais/ Um mundo novo.**

F C7 F A#
1- São Benedito/ rogai por nós/ Irmã Luciana/ rogai por nós/ Margarida Maria/ rogai por nós/ santos e
F F
santas do povo/ rogai por nós.
2- Escrava Anastácia/ rogai por nós/ Pe. De Tião/ rogai por nós / crianças violentadas/ rogai por nós/ santos e santas do povo/ rogai por nós.
3- Zumbi dos Palmares / Companheiro Chico Mendes/ rogai por nós/ Negras ressuscitadas / rogai por nós/ santos e santas do povo/ rogai por nós.

4)AFRO RECONCILIAÇÃO (Ir. Ivonete Ribeiro Salles.OFS)

F C7 F
1- Piedade Senhor pela discriminação/ piedade Senhor/ o teu povo negro que ainda sofre opressão.

F7 A# C7 F
Ref.: **Piedade Senhor/ Piedade Senhor/ dá-nos teu amor/ Teu perdão/ Libertação.**

F C7
2- Piedade Senhor/ desempregado na nação/ piedade Senhor/ a falta de justiça/ que violenta o nosso
F
chão.
F C7 F
3- Piedade Senhor/ pelo não a educação/ piedade Senhor pela corrupção.

5) GLÓRIA DA CONGADA

C G7 C G7 C
R: Tá caindo fulô, ê tá caindo fulô!, tá caindo fulô, ê tá caindo fulô!

G7 C G7 C
Lá no céu, cá na terra, ê tá caindo fulô!, lá no céu, cá na terra, ê tá caindo fulô!

C G7 C G7 C
1 – Glória a Deus, glória a Deus. Ê, glória a Deus, glória a Deus!, glória a Deus, glória a Deus. Ê, glória a Deus, glória a Deus!

C G7 C G7 C
2 – Glória ao Pai, glória ao Filho, glória ao Espírito Santo, glória ao Pai, glória ao Filho, glória ao Espírito Santo

6-ENTRADA DA BÍBLIA

D C
1- SOBERANA, (Mq4,8)/ Deixa a Palavra passar!
Em
HUMILDE E BELA,/ Deixa a Palavra passar!
A7 D
NORTTEADORA ...(Mt13,10-12)/Deixa a Palavra passar!
Bm
Ref.: "PLENA DE AXÉ (...) (Jo 1,16;6,6,51)
G A D
E A PALAVRA DE DEUS VAMOS ESCUTAR! (BIS)
D
2- PRECIOSA, (Ecl 49,18)/ Deixa a Palavra passar!
Em
FORÇA DOS POBRES, (Mq 4,6-7;Sl10 ou 10b,12)/ Deia a Palavra passar!
A7 D
MISSÃO DOS CATEQUISTAS (Nm 24,16)/ Deixa a Palavra passar!
Bm
Ref.: "PLENA DE AXÉ (...) (Jo 1,16;6,6,51)
G A D
E A PALAVRA DE DEUS VAMOS ESCUTAR! (BIS)
D A7
3- "FONTE DE VIDA" (Jo 1,4; Pr 3,20-23)/Deixa a Palavra passar! inspiração dos artistas deixa
Em D
LUZ DOS PROFETAS (Nm 24,3; Sm 1,6; Os 9,7)/Deixa a Palavra passar! palavra passar.
Bm
Ref.: "PLENA DE AXÉ (...) (Jo 1,16;6,6,51)
G A7 D
E A PALAVRA DE DEUS VAMOS ESCUTAR! (BIS)

7)ACLAMAÇÃO

D A7 D
R: Fazei ressoar a palavra de Deus em todo lugar

Dm D A7
1- Na cultura, na história, vamos expressar, levando a Palavra de Deus em todo lugar. Vamos lá!
Dm D A7
2 – Na cultura popular, vamos catequizar, celebrando a fé e vida em todo o lugar. Vamos lá!
Dm D A7
3 – Com o negro e com o índio vamos louvar, e com a comunidade vamos festejar. Vamos lá!
Dm D A7
4 – Com o pandeiro e com a viola vamos cantar. Animando a nossa luta em todo lugar... vamos lá!

8)CANTO DE OFERTÓRIO

D D7
1. Lá vem das senzalas de ontem/ Lá vem das senzalas de hoje/
G D/Bm/Em Em A7 D/D7
Ofertas que é de sangue e suor/ De um povo que pena/ Mas quer livre cantar (bis)

D A7 G D
Obá, obá, obá/ Recebe Olorum nosso Dons! Obá, obá, obá/ Recebe Senhor Pão e Vinho, Obá, obá, obá/
A7 D
As conquistas de um povo a caminho!

D D7
2. Lá vem das aldeias de ontem/ Lá vem das aldeias de hoje/
G D/Bm/ Em D
Ofertas de Fé e resistência/ de um povo que pena/ Mas quer livre brincar (bis)

D D7
3. Lá vem/ Das favelas de ontem/ Lá vem das favelas de hoje/
G D/Bm Em A7 D
Ofertas de uma luta sem trégua/ De uma gente que espera/ E quer livre louvar (bis)

D D7
4. Lá vem/ Dos calvários de ontem/ Lá vem dos calvários de hoje/
G D/Bm Em A7 D
Ofertas das vitorias do novo/ Que é de Cristo e do povo/ Que quer livre louvar (bis)

9) Ofertório

Ref.: **Lá vem as quilombolas/ ofertar/ os frutos da história/ no altar entregar.**
Mãma África (bis) a semente resistiu/ meu Brasil/ Lá vem...

1- A criançada e a mulher/ a raiz de dentro da terra/ e muito axé Lá vem...

2- A operaria/ o lavrador/ no campo e na cidade/ o trabalhador é o clamor Lá vem..

3- Eis o alimento/ liturgia Inculturada/ nossa fé e os sentimentos/ Lá vem...

10)COMUNHÃO

R: **O aiê aô! A mesa tá pronta! O Senhor já me chamou! ô aiê aô! A mesa tá pronta! O Senhor já me chamou!**
Co'a a flor do trigo, co'a a flor do trigo, co'a a flor do trigo o Senhor me alimentou! Com vinho santo, com vinho santo, com vinho santo o Senhor me saciou!

1 – Venha! Veja as obras de Deus, seu amor nos valeu tanta coisa bonita! Eu canto! Ah! Eu canto! É o louvor do meu povo, esse povo que é santo!

2 – Venha! Veja que obra tão bela, transformar mar e terra pro meu povo passar. Vitória! Ah! Vitória! É o canto do meu povo que constrói a história!

3 – Venha! Veja as obras do Rei, suas façanhas direi ao meu povo que clama justiça! Ah! Justiça! É o clamor do meu povo, povo negro que é vida!

4 – Venha! Traga bem na lembrança tantos cantos e danças, tanto choro e sorriso. Escuta! Ah! Escuta! O clamor deste povo, povo negro que é luta!

11)NEGRA MARIAMA

Negra Mariama, negra Mariama chama, chama a negra, negra Mariama, negra Mariama chama!

1 – Negra Mariama chama para enfeitar o andor porta-estandarte para ostentar a imagem Aparecida em nossa escravidão. Com rosto dos pequenos cor de quem é irmão.

2 – Negra Mariama chama pra cantar. Que Deus uniu os fracos pra se libertar. E derrubou do trono latifundiários que escravizavam pra se regalar.

3 – Negra Mariama chama pra dançar, saravá esperança até o sol raiar. No samba está presente o sangue derramado. O grito e o silêncio dos martirizados.

12)RAÍZES

Sou de lá D'África, Se eu não sou de lá meus pais são de lá D'África Sou de lá D'àfrica,
Se eu não sou de lá meus avós são de lá D'àfrica Sou de lá D'África
Se eu não sou de lá meus Ancestrais são de lá D'África
Pela minha cor, sou de lá, pelos meus valores, sou de lá
Pela minha dança, sou de lá d'África, se eu não sou de lá meus pais são de lá D'África
Pela minha luta, sou de lá, pela minha fé, sou de lá, pela minha reza, sou de lá
Pelo meu axé, sou de lá d'África, se eu não sou de lá meus avós são de lá D'África
Pela minha história, sou de lá, pela minha garra, sou de lá, pela minha herança, sou de lá
Pelo meus Orixás, sou de lá d'África, se eu não sou de lá meus Ancestrais são de lá D'África.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE - 1989

Elementos para
elaboração
da 1a. Versão
do Texto Base

TEMA: Fraternidade e Comunicação

LEMA: Comunicação para a Verdade e a Paz

Introdução

1) - Para evangelizar, importa conhecer e compreender a realidade da comunicação.
2) - A Campanha pretende que a fraternidade seja vivida na comunicação e em todos os meios de que esta se serve; quer contribuir para que a comunicação seja um autêntico serviço à verdade e à paz entre os homens.

VER

1 - O que é Comunicação

3) - É processo de transmissão de uma mensagem e da recuperação de seu resultado.
4) - Corresponde ao direito de ser informado e do poder informar.
5) - Supera as distâncias, tornando o mundo um vilarejo.

2 - Fenômeno Humano da Comunicação

6) - Multiplica a vida, socializa e personaliza.
7) - Devolve a capaciade de pensar (comunicação intra-pessoal)
8) - Ensina a dialogar, escutar e responder (comunicação inter-pessoal)
9) - Promove a interação constante dentro do grupo e na sociedade (comunicação grupal e social).

3 - Meios de Comunicação Social

10) - São instrumentos que ampliam a comunicação humana.
11) - Podem ser massivos ou grupais, enquanto atingem a massa ou se dirigem a grupos.
12) - Têm grande poder de mobilização, divulgação da cultura e aproximação das pessoas.
13) - Possuem capacidade de transmitir ou mudar valores culturais.
14) - Os massivos são frequentemente massificantes e os grupais, com mais facilidade, podem ser alternativos, possibilitando a participação personalizada.
15) - Os massivos, na sociedade atual, pertencem a quem tem o poder. Por isso:
. resistem à mudança e tendem a ser manipulados para preservação da dominação;
. vendem audiência, visam prioritariamente o lucro e criam dependência;
. servem de anestésico social e conformismo.

4 - Obstáculos à Comunicação Humana

16) - Artificialismo: impede a comunicação da verdade da própria pessoa.
17) - Verticalismo: impõe uma comunicação sem comunhão-participação- corresponsabilidade do grupo e do povo.
18) - Manipulação: leva a uma deformação dos acontecimentos e da própria verdade, conforme os interesses.
19) - Ruído (termo técnico): não realiza a comunicação por inadequação à técnica e à linguagem do canal usado.
20) - Ineficácia: impede a comunicação por realizá-la sem intenção, sem objetivo e fora do Conjunto.

21) - Ineficiência: impossibilita a comunicação pelo uso de uma linguagem inadequada no campo em que se pretende comunicar (linguagem jornalística num ato litúrgico).

5 - Comunicação Intra-eclesial

22) - O processo de evangelização é um processo de comunicação.

23) - Tudo na Igreja implica comunicação:
. níveis (diocese, paróquia, comunidade)
. serviços (coordenação, catequese, liturgia)
. organismos (assembléias, conselhos e equipes)
. promoções (reuniões, celebrações, festas, romarias)
. ressalta-se aqui a riqueza da Pastoral de Conjunto para a comunicação dentro da Igreja.
- Aspectos positivos e os obstáculos à Comunicação Intra-eclesial são os mesmos tratados na Comuniação Humana.

6 - Meios de Comunicação Social (MCS) e Igreja

A Igreja tem acesso a uma série de meios de comunicação social entre os quais podemos citar:

6.1 Meios Próprios da Igreja

24) - Imprensa:
. A Igreja tem 25 jornais diocesanos e 10 jornais não diocesanos (de circulação nacional), alguns do quais contam com uma tiragem superior aos quarenta mil exemplares;
. Algumas das 35 revistas mensais de circulação nacional ultrapassam os 150 ou 200 mil exemplares;
. São mais de 200 os boletins diocesanos mensais e mais de 2000 os boletins mimeografados das paróquias, movimentos populares, etc. que alcançam, em seu conjunto, mais de três milhões de leitores;
. Quatro das quatorze editoras católicas encontravam-se entre as dez maiores editoras do país, em 1985;
. A área de imprensa é a que mais tem se desenvolvido no Brasil.

25) - Rádio
. A Igreja possui 110 emissoras católicas, de propriedade das dioceses ou de congregações religiosas, algumas de alcance nacional. A maior parte dessas emissoras concentram-se nas regiões centro e sul;
. Há muitos programas religiosos em emissoras que não são da Igreja e, somente aos domingos, são transmitidas em torno de 700 "missas de rádio";
. Falta uma ação conjunta entre as emissoras católicas.

26) - Televisão
. Ha uma única emissora de televisao pertencente a uma congregação religiosa. Os franciscanos inauguraram a TV Celinauta, em Pato Branco,PR.

27) - Telex
. A Agência de Notícias Alternativas (ANA), do Setor de Imprensa da CNBB veicula diariamente 240 mensagens de 30 minutos, 120 linhas, "Boletim sobre Constituinte".
. Muitos regionais, dioceses, emissoras católicas, etc., têm seu equipamento próprio de telex, que agiliza a comunicação interna da Igreja e facilita sua presença nos meios de comunicação social e na mobilização popular.

6.2 Presença da Igreja nos Meios de Comunicação Social (MCS)

28) - A Igreja procura ocupar o espaço que lhe permitem os Meios de Comunicação Social, através de coluna semanais na imprensa e programas religiosos de rádio e TV.
. semanalmente são transmitidas 32 "Missas de Televisão"
28 programas semanais "Anunciamos Jesus" da Associação do Senhor Jesus, de Campinas,SP, com 25 minutos de duracao, são transmitidos em 28 emissoras de 15 Estados.

29) - A Igreja no Brasil é notícia que desperta interesse, porque está comprometida com o povo, inserida na realidade.

39) - Mas o compromisso da Igreja com os povos indígenas, com a Reforma Agrária, com a participação popular na organização da sociedade, tem ferido os interesses dos poderosos, que são os mesmos que detêm os MCS, por isso tem sofrido campanhas injuriosas, notícias manipuladas, ataques falsos.

31) - Apesar de todo o esforço dedicado ao trabalho nos MCS, ainda é precária a organização da Igreja para esta pastoral específica. Um dos grandes problemas é a falta de pessoal qualificado, técnica, profissional e teologicamente para usar o espaço dos MCS.

7. Igreja e Organismos de Comunicação

32) 7.1 Setor de Pastoral da Comunicação: já está organizado, em nível nacional, e em cinco regionais, bem como em várias dioceses. Em outros regionais, dioceses, paróquias e comunidades, sua organização é ainda precária. Por isso, é a grande prioridade da Igreja no Brasil nos próximos quatro anos. Este setor da pastoral serve para organizar, articular e animar a presença do pensamento, culto e aço do Povo de Deus "nos" MCS, através "dos" MCS e "diante" dos MCS, a fim de evangelizar, construindo o Reino de Deus.

33) 7.2 Organização Católica Internacional de Cinema, secção Brasil (OCIC/BR), cuja sede está em São Paulo e que conta com apoio da Verbo Filmes.

34) 7.3 União de Radiodifusão Católica (UNDA/BR): fundada em 1976 para articular 110 emissoras católicas de rádio.

35) 7.4 Sistema Salesiano de Videocomunicação (SSV): centro de produção de videocassetes, em Belo Horizonte.

36) 7.5 União Brasileira de Comunicação Social (UCBC): entidade civil e ecumênica para estimular a presença cristã nos MCS e estudar, analisar e debater os fenômenos sociais implícitos na atividade comunicativa.

37) 7.6 Centros de Produção Audiovisual e Fonográfica. Funcionam, atualmente, sete destes centros, no Brasil: Central Paulina de Audiovisuais; Edições Paulinas/Discos; Sono-Viso do Brasil; Centro Gaucho de Audiovisuais; Projeto Audiovisual de Teresina; "Be-a-bá" da Comunicação, em Vitória, ES; Centro Pastoral Vergueiro, em São Paulo.

8 - A Igreja Eletrônica

38) - "Igreja Eletrônica" não é qualquer participação das Igrejas nos MCS, mas é chamada também de "Religião Comercial" ou "Marcketing Eletrônico", que transforma a fé em mercadoria, com toda a dimensão empresarial. Surgiu nos Estados Unidos, onde os Programas Religiosos de Televisão tiveram grande sucesso nas últimas décadas e hoje se encontram por todo o mundo. Aqui no Brasil, os "Pregadores Americanos de TV" mais conhecidos são Rex Humbard, Billy Grahan e Jimmy Swaggart. Pesquisa feita, no final de 1986, mostrou os grandes pregadores na TV Americana: Pat Robertson (16,3 milhões de telespectadores), Jimmy Swaggart (9,3 milhões), Robert Schuller (7,6 milhões), Jim Baker (5,8 milhões), Oral Roberts (5,8 milhões) e Jeery Fawell (5,6 milh ões).

39) - No Brasil, esse fenômeno é mais radiofônico. Interessante a história de Alziro Zarur, que começou em 1949 com a "Hora da Boa Vontade" na Rádio Globo do Rio de Janeiro, fazendo uma pregação filantrópica que resultou na organização da "Legião da Boa Vontade" por todo o país e em 1956 adquiriu a Rádio Mundial. A Assembléia de Deus mantém dois mil programas de rádio em todo o país. A "Igreja do Evangelho Quadrangular" tem 373 transmissões diárias ou semanais.

40) - A "Igreja Eletrônica" tem estas características: o programa religioso é dirigido por liderança carismática; os receptadores são convidados a enviar recursos para a manutenção

dos programas; tem sistema para controlar os simpatizantes, colaboradores e receptores em geral; vende diversos produtos pelos programas; a linha religiosa do programa é conservadora, alienante, fundamentalista, pietista e carismática; transforma a Bíblia num livro de receitas para resolver todos os problemas. Esta comercialização dos bens espirituais pela "Igreja Eletrônica" é também fenômeno político, porque vincula o programa religioso com a massificação do povo para manter a situação política e econômica do país. Por isso, a "Igreja Eletrônica" não é a mesma coisa que "Assembléia Eletrônica", que começou a ser estudada pelo "5o. Encontro Nacional de Rádio e Televisão", promovido pelo Setor de Comunicação Social e pela Linha 4 - Liturgia, da CNBB Nacional (Estudos da CNBB, n.48).

JULGAR - REFLEXÃO TEOLOGICO-BIBLICA

1 - Natureza Comunicadora da Igreja

41) - O próprio termo "Igreja" envolve o processo de comunicação, convocação,
42) - A natureza e missão da Igreja é ser comunicação
43) - Igreja engloba, na comunhão com Deus, a comunhão com os irmãos.

2 - Conceito de Revelação

44) - Deus se comunica ao homem
45) - Deus diz o seu nome
46) - Deus chama e dá nome às pessoas que chama
47) - Deus cria o homem à sua imagem e semelhança

3 - A Trindade e o Verbo de Deus

48) - Natureza de Deus: Comunicação/Comunhão de Pessoas
49) - Encarnação do Verbo: a perfeita comunicação de Deus
50) - Jesus Cristo o perfeito comunicador

4 - Profetismo e Comunicação

51) - Em toda a história da revelação de Deus, os profetas são os grandes "comunicadores de Deus". Eles usam imagens e gestos concretos a fim de traduzir para o povo a mensagem e a aliança com Deus.
52) - O conteúdo da mensagem profética e o compromisso com a Verdade e a Justiça, visando sempre a realização do Plano de Deus na situação concreta do povo.

5 - Comunicação nas Comunidades Primitivas

53) - Os apóstolos viveram intensamente a força da Mensagem da Boa Notícia e a necessidade de comunicá-la. "Aquilo que vimos... E isso que vos comunicamos..." O mandato de Jesus "Ide e anunciai a toda criatura" é uma ordem de Jesus que esta palpitante em todas as narrativas dos Atos, nas cartas dos Apóstolos, em toda a vida da Igreja Primitiva. Paulo Apóstolo é um exemplo privilegiado dessa comunicação, através de suas visitas, cartas, envio de outras pessoas às comunidades...

6 - "Teologia" e Meios de Comunicação Social

54) - Os Meios de Comunicação Social, como fruto do progresso, fazem parte do plano de Deus que manda "possuir e dominar a terra".,
55) - Seu grande valor, na perspectiva do Plano de Deus, está em que eles se situam na linha da comunhão, fraternidade e união entre as pessoas.
56) - Estão sempre subordinados à pessoa humana, suas necessidades e sua dignidade.
57) - A finalidade mais profunda dos MCS esta no serviço que eles podem prestar ao crescimento da pessoa humana e à convivência da comunidade.
58) - Na atual realidade, em que a maioria das pessoas são marginalizadas, os MCS devem colocar-se a serviço da construção de uma sociedade justa e fraterna, onde todos tenham iguais direitos e oportunidades.

7 - Magistério da Igreja

Entre os muitos documentos do Magistério da Igreja, podem ser citados:

- Documentos da Igreja Universal:

59) - "Miranda Prorsus" (Pio XII, 8/9/57): "Estes meios técnicos - que estão, por assim dizer, ao alcance de todas as mãos - influem extraordinariamente no homem levando-o, graças aos ultrapoderosos e desenfreados instintos que o dominam, tanto ao reino da luz, da nobreza e da beleza, como aos domínios das trevas e da depravação, conforme o espetáculo põe em evidência e estimula os elementos dum e doutro campo..."

60) - "Communio et Progressio" Instrução Pastoral da Comissão Pontifícia da Comunicação Social (23/05/71):

"Pela sua própria natureza, a comunicação social contribui para que os homens, comunicando entre si, adquiram uma consciência mais profunda da vida comunitária. E assim, cada homem, unido a todos os seus irmãos, coopera nos desígnios que Deus tem sobre a história, como que levado pela mão divina. Por sua vez, esta união e solidariedade entre os homens, fim principal de toda comunicação, encontra, segundo a fé cristã, seu fundamento e figura no mistério primordial da intercomunicação eterna entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo que vivem uma única vida divina."

61) - "Inter Mirifica" Decreto do Concílio Vaticano II (04/12/63):

"A Igreja Católica, tendo sido constituída por Cristo Nosso Senhor a fim de levar a salvação a todos os homens, e, por isso, impelida pela necessidade de evangelizar, considera como sua obrigação pregar a mensagem de salvação, com o recurso, também, dos instrumentos de comunicação social, e ensinar aos homens o seu reto uso."

62) - "Os Meios de Comunicacao Social a servico da Unidade dos Homens" - V Dia Mundial das Comunicações Sociais (29/05/71).

"Como veículos de formação e de informação, eles agem sobre a vida quotidiana dos homens. Estimulam suas aspirações e seus ideais; revelam suas necessidades, seus direitos e suas obrigações; influem sobre suas situações sociais, políticas e religiosas; oferecem-lhes a possibilidade de chegarem mais extensamente a instrução, a educação, a cultura e aos requintes da arte; proporcionam-lhes possibilidades de diversão e distração, outrora reservadas a um número limitado de pessoas."

- Documentos da Igreja na America Latina:

63) - "Seminário Continental das Comissões Episcopais" - Santa Ines (Peru) Setembro-Outubro 1966

"No uso dos instrumentos de comunicação social, a Igreja deve levar em conta que vive em um mundo que se vai organizando em forma sempre mais científica e técnica, e que estes meios exigem, por sua propria natureza o serem utilizados no mesmo clima. Por conseguinte, para que sejam úteis à pastoral, é imprescindível que a Igreja se utilize de agentes capacitados em uma perspectiva cientificamente elaborada e planificada, com base em investigações da mesma ordem."

64) - Documento de Medellin (24/08 a 06/09-1968):

"Os Meios de Comunicação Social abarcam a pessoa toda. Plasmam o homem e a sociedade. Enchem cada vez mais seu tempo livre. Forjam uma nova cultura, produto da civilização audiovisual que, se por um lado tende a massificar o homem, por outro, favorece sua personificação. Essa nova cultura, pela primeira vez, se põe ao alcance de todos, alfabetizados ou não, o que não acontecia com a cultura tradicional, que apenas favorecia uma minoria."

65) - Documento de Puebla ((27/01 a 13/02 1979):

A evangelização, anúncio do Reino, e comunicação: portanto, a comunicação social deve ser levada em conta em todos os aspectos da transmissão da Boa Nova."

Documentos da Igreja no Brasil

66) - "Em defesa dos valores morais" Nota da Presidência e CEP (27/09/84):

"Apelamos, pois, para o senso ético dos responsáveis das programações televisivas, das editoras e das produtoras cinematográficas e dos órgãos competentes, que têm a missão de defender a sociedade. Chegue, de modo particular, este nosso apelo aos que se confessam cristãos e afirmam respeitar os valores de nosso povo.

Ao mesmo tempo em que gostaríamos de ver valorizadas as produções nacionais, desejaríamos constatar maior discernimento e coragem na defesa dos verdadeiros valores da cultura brasileira, das culturas regionais e da dignidade moral de nosso povo."

67) - "Carta aos Comunicadores" Setor de Comunicação Social da CNBB 1984:
"Comunicar é ser o outro de certo modo, numa conjugação que não é confusão. Daí que o comunicador isolado e desligado é massificador."

AGIR
---

68) A força da mensagem anunciada por Cristo, deve ser transmitida em sua extensão, através da vida de quem anuncia e dos meios de que ele dispõe para isso. Isto requer:

1 - Pastoral DA Comunicação

A Igreja deverá promover, em todos os níveis, uma efetiva PASTORAL DA COMUNICAÇÃO, para atuar:

69) - buscando colocar todos os meios de comunicação de que dispomos a serviço da fraternidade e libertação integral do homem;
70) - incentivando as mais variadas formas de diálogo, que constitui a essência da comunicação fraterna;
71) - intensificando a formação de agentes de pastoral da comunicação para um uso adequado dos vários meios ao nosso alcance;
72) - promovendo um diálogo constante com os "profissionais" da Comunicação para colaborar com eles na difícil tarefa e na grave responsabilidade que lhes cabe se querem colocar seu trabalho a serviço da Verdade e da Paz.

2-Pastoral NA Comunicação Social
---

73) É preciso e urgente intensificar a ação da Igreja através dos Meios de Comunicação Social, por exigência da própria força da Palavra... É preciso anunciar por todos os meios disponíveis... Para isto, torna-se indispensável:

74) - avaliar a qualidade técnica, a eficácia evangelizadora e, em geral,o uso que está sendo feito dos Meios de Comunicação que são propriedade da Igreja: jornais, revistas, folhetos, rádios, produção de filmes, vídeos e outros audiovisuais...;
75) - rever, igualmente, a utilização de espaços cedidos em meios de comunicação que não são de propriedade da Igreja: colunas periódicas em jornais ou revistas, Missas no rádio e na TV, programas periódicos ou avulsos...;

Precisamos perguntar-nos:

76) . qual é a política de comunicação de nossa Diocese, nossa Paróquia, nossa comunidade? Existe alguma? O que fazer para que venha a existir?
77) . que investimentos de pessoas e recursos são feitos para amplificar a comunicação dentro da comunidade e a partir de nossa comunidade?
78) . que existe de equipamento de comunicação e como é utilizado?
79) . O que fazer para aprofundar a formação humana, técnica e cristã das pessoas que atuam ou podem vir a atuar na Comunicação Social?
80) . Há consciência, entre nós, de que a Comunicação Social é espaço específico de atuação ministerial dos leigos?

3- Pastoral DIANTE da Comunicação Social

Dada a universalização dos Meios de Comunicação Social e sua grande influência na formação das mentalidades, é preciso intensificar a ação pastoral no sentido de:

81) - tomar consciência da importância dos MCS em nosso mundo, de seu papel muitas vezes manipulador e de sua frequente colocação a serviço de interesses de grupos sociais restritos;
82) - promover atividades como cursos, debates, painéis visando a formação da consciência crítica das pessoas diante dos MCS;
83) - incentivar a produção e aproveitamento dos Meios Alternativos de Comunicação onde as pessoas e grupos sejam também agentes de comunicação e não apenas receptores passivos.
84) - Dedicar especial atenção à formação da criança e do jovem para a comunicação social e para a atitude crítica na recepção de mensagens dos MCS.

ENTREVISTA COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO - 50 MEMBROS

17 de setembro de 1987

1. Mudou seu ponto de vista sobre a situação da Igreja na União Soviética depois desta visita ? (Rádio Central de Moscow)
2. Há 70 anos que no país soviético os crentes e ateus trabalham ombro a ombro pelo bem da Pátria, pela preservação da paz no planeta, procuram ajudar a solucionar as tarefas da atualidade. Não será isto uma prova de que a Igreja pode existir também na sociedade socialista? O que pensa a este respeito? (Rádio Central de Moscow)
3. Dom Luciano, o que em sua diocese, em particular os lituanos, de quem falou em entrevista, sabem sobre as mudanças que ocorrem na União Soviética? (Rádio Central de Moscow)
4. Em que dioceses há muitos desempregados? (Rádio Central de Moscow)
5. O que a Igreja no Brasil acha da abertura política no Brasil e sua opinião sobre a reestruturação no país soviético? (Rádio Central de Moscow)
6. O Sr. ficou satisfeito com a informação obtida sobre a situação da Igreja na União Soviética? (Rádio Central de Moscow).
7. Qual é o contributo concreto da Igreja Católica Brasileira para a Reforma Agrária que é parte integrante do processo de democratização? (Agência TASS)
8. Queira comentar o estreitamento das relações políticas entre a URSS e o Brasil, já que este estreitamento tem tido lugar nos últimos tempos (Agência TASS).
9. Como encararm os Srs. a luta pela paz que a Igreja Ortodoxa Russa vem realizando? Conhecem seu trabalho ? (Redatora aposentada de TASS).
10. O Conselho para Assuntos Religiosos unido ao Conselho de Ministros da URSS publica um Boletim de título "Religião na URSS". Poderia este Boletim ser divulgado aos Bispos do Brasil? (Redator de Revista)
11. A Teologia da Libertação está sendo divulgada no Brasil entre os pobres, clero e hierarquia? (Representante do Patriarcado de Moscow)
12. Que pensar da possibilidade da visita do Papa aos Católicos da Lituânia? (Repórtes da TV da Austria).
13. Falou-se da necessidade de fixar bem o conceito de paz. É igualmente importante estabelecer o conceito de liberdade. Para os Srs. a Liberdade inclui os programas pornográficos e o gangesterismos? (Representante do Patriarcado de Moscow).
14. Como a Igreja Católica justifica teologicamente a revolução sem recorrer à Teologia da Libertação que é marxista? (Representante do Patriarcado de Moscow).

ESTUDOS BÍBLICOS

17

O NEGRO E A BÍBLIA: UM CLAMOR DE JUSTIÇA

Eduardo Hoornaert
Sebastião A. Gameleira Soares
Agostinha Vieira de Mello
José Comblin

VOZES

ESTUDOS BÍBLICOS

17

DIRETOR RESPONSÁVEL

Ludovico Garmus

CONSELHO DE REDAÇÃO

Gilberto Gorgulho, Carlos Mesters, Ludovico Garmus, Ana Flora Anderson, Milton Schwantes, José Comblin, Tércio Machado Siqueira

RESPONSÁVEIS POR ESTE NÚMERO

Luiz Carlos Araújo e Sebastião A. G. Soares

COLABORADORES

Região Sul

M. Schwantes, S. A. Görgen, G. A. Wolff, F. M. de Oliveira, P. Kramer, V. da Silva, M. F. Giuliani, C. A. Dreher, F. E. Dobberahn, A. Burin, N. B. Pereira, U. Wegner, D. J. Walker, L. Z. Konzen

São Paulo

A. F. Anderson, G. Gorgulho, P. Lockmann, T. M. Siqueira, D. Zamagna, L. R. Alves

Minas Gerais

L. Stadelmann, C. Mesters, M. A. Couto, J. L. G. do Prado, A. Antoniazzi, B. C. de Oliveira, J. Konings, J. R. Vidigal, W. Gruen, A. J. da Silva, P. S. Torres, L. Garmus, C. Boff, W. O. de Azevedo, E. M. de Oliveira, P. S. Soares

Região Nordeste

S. A. G. Soares, M. A. Veloso da Silva, J. Comblin, I. Gebara, S. V. da Silva, L. C. Araújo, J. P. Lima, A. V. de Melo, R. E. Oliveira, R. Guerre, M. de B. Souza

Região Norte

E. Wambergue, S. Gallazzi, R. M. Rothe, A. M. Rizzante, N. Masi, F. Rubeaux, L. Mosconi, T. Frigerio

América Latina e outros países

P. Richard, N. K. Gottwald, E. Tamez, J. I. Alfaro, J. L. Caravias

Estudos Bíblicos

17

O Negro e a Bíblia: Um Clamor de justiça

EDUARDO HOORNAERT
SEBASTIÃO A. G. SOARES
AGOSTINHA VIEIRA DE MELLO
JOSÉ COMBLIN

VOZES
Petrópolis
1988

© 1988, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689 Petrópolis, RJ
Brasil

Diagramação
Valderes Barboza

Sumário

Editorial, 7

EDUARDO HOORNAERT. A leitura da Bíblia em relação à escravidão negra no Brasil-colônia (um inventário), 11

SEBASTIÃO A. G. SOARES. "Porventura não valeis vós para mim tanto quanto os negros?" (cf. Am 9,7), 31

SEBASTIÃO A. G. SOARES e AGOSTINHA VIEIRA DE MELLO. Protesto e resistência (leitura do Salmo 137), 47

JOSÉ COMBLIN. O batismo do ministro da rainha da Etiópia, 63

JOSÉ COMBLIN. Os escravos e o evangelho de Paulo, 69

Editorial

"Oh! como temo que o oceano seja para vós
mar Vermelho, as vossas casas como a do Faraó,
e todo o Brasil como o Egito!" (Antônio Vieira)

Estamos no ano centenário da lei de abolição da escravatura no Brasil. Para nós cristãos, especialmente da Igreja romana, é tempo de penitência e de conversão.

De penitência, em primeiro lugar. Por motivos econômicos e ideológicos, nossa Igreja resistiu, durante séculos, a reconhecer a maldade intrínseca da escravidão. Às vezes, chegou a condenar os abusos da autoridade senhorial, mas não desmascarou a perversidade da própria relação senhor/escravo. Mais ainda: em vez de inspirar-se na prática de Jesus para denunciar a ignomínia da escravidão, serviu-se muitas vezes da própria Bíblia para legitimá-la (Ver adiante o artigo de Eduardo Hoornaert). É verdade que algumas passagens das Escrituras, sobretudo de epístolas paulinas, podem ser facilmente distorcidas para serem utilizadas como argumentos em favor da escravidão (Ver artigos de José Comblin, neste volume). Mas para nós cristãos existe um princípio de hermenêutica bíblica, que é evidente e imutável: Não se pode coerentemente recorrer à Bíblia para justificar algo que contradiz o Espírito de Jesus. Porque a revelação desse Espírito precede a Bíblia, e a interpretação da Palavra de Deus, contida nas Escrituras, depende fundamentalmente do espírito que habita o leitor: Se o espírito do mal ou o Espírito de Deus. Talvez seja este o sentido profundo daquela palavra posta pelo evangelista na boca de Jesus: "Ao que tem será dado, e ao que não tem, mesmo o que tem, lhe será tirado" (Mc 4,25). A sensibilidade ao Espírito de Deus precede a Bíblia e é condição para que sua leitura seja adequada e frutuosa. "A quem tem será dado". Os condicionamentos históricos, pois, que se alegam para explicar a atitude e os comportamentos da Igreja, que tentou legitimar a escravidão a partir da Bíblia, são, quando muito e em certos casos, atenuantes, mas não isentam de culpa. Portanto, é tempo de penitência.

O pecado da Igreja não foi pequeno. A sua atitude frente aos povos africanos, cujos filhos vieram servir como escravos ao projeto de exploração do Brasil-colônia, caracterizou-se como infidelidade clamorosa ao Espírito de Jesus.

Os nossos irmãos negros da África, espoliados de sua liberdade, arrancados de sua pátria, violentados em sua cultura, maltratados e até torturados, em vez de encontrarem nos ministros da Igreja irmãos solidários com a sua causa, deparam com homens de religião, interessados em convencê-los da bondade de tamanha injustiça e dispostos a seduzi-los com o ópio dos sacramentos e da oração, para conter o grito de imprecação e o gesto de revolta, abafados por baixo de tanta dor e sofrimento. Eduardo Hoornaert relata em seu artigo que o padre Antônio Vieira, num de seus sermões, chega a afirmar que o inferno do engenho pode-se transformar em paraíso, se no meio dos ruídos das máquinas e dos ferros ouvir-se a recitação do terço!

O centenário da lei de abolição da escravatura é tempo de penitência para a Igreja. Ele recorda o quanto a religião cristã tem contribuído para violentar a cultura de um povo e sua religião. Enquanto a Bíblia proclama a igualdade de todos os povos e revela especificamente um desígnio de Deus sobre o povo negro da antiga Etiópia (ver o artigo de Sebastião Armando Soares com o sugestivo título "Porventura não valeis vós para mim tanto quanto os negros?" — Am 9,7), a Igreja esquece o seu passado no Egito, na Babilônia, na época de Antíoco IV, no tempo da perseguição romana, e faz com os povos da África o que os antigos impérios fizeram com o povo de Deus: Impõe a sua religião e tenta reduzir a religião dos negros a superstição e folclore (sobre este tema, ver o comentário de Agostinha V. de Mello ao Salmo 137, com apresentação e análise do texto por Sebastião Armando).

Para a Igreja é tempo de penitência, mas a penitência válida aos olhos de Deus é antes de tudo a conversão.

A primeira das principais conseqüências de quase quatro séculos de escravidão no Brasil é a prepotência selvagem dos poderosos, uns mais outros menos, mas todos com ares, costumes e mentalidade de senhor de Engenho. Basta pensar na resistência obscurantista e ferrenha a qualquer proposta de reforma agrária! De modo geral, o prolongar-se secular da escravidão deixou no povo brasileiro, em particular no Nordeste, a mentalidade de senhor com relação aos que estão embaixo, e a marca da submissão e da dependência com relação aos de cima. Em outras palavras, a ausência de consciência do próprio papel na sociedade, a falta de experiência do poder das ações coletivas e o amortecimento da responsabilidade política. Certamente a única causa desses efeitos não é a escravidão prolongada, mas é inegável a sua preponderância nesse processo nacional de despolitização.

A segunda conseqüência é a supervalorização da cultura dominante e o desprezo pela cultura popular, especialmente a de origem negra e indígena. A utilização folclórica e turística da cultura do povo (A FUNAI, no Dia do Índio, expõe em cabanas indígenas com seus instrumentos de arte e seus produtos de artesanato... como se fossem animais raros em jaula de zoológico...) demonstra, na verdade, o menosprezo mais profundo que por ela se tem. Evidentemente, é o próprio sistema capitalista que produz o antagonismo das culturas dominante e dependente, no marco mais amplo do antagonismo radical de classes inimigas. Mas não se pode negar que o prolongamento multissecular do regime

escravocrata teve seu peso especial na marginalização da cultura popular, porque a cultura tem a ver com a identidade de um povo, e escravo não tem identidade, ou melhor, para os poderosos é como se não tivesse. A linguagem já o diz: Eram classificados como "peças".

A terceira conseqüência é o processo de alienação religiosa. A religião no meio do povo oprimido e escravo teve a vantagem de ser utilizada como instrumento de resistência e de defesa da sua identidade. Foi "suspiro dos oprimidos" e "coração de um mundo sem coração". Tanto a religião dos negros e dos indígenas como a religião cristã, em sua forma popular, ofereceram e ainda oferecem ao povo um inestimável instrumento de preservação cultural e étnica. Todavia, num regime de escravidão explícita ou disfarçada, a religião tende com mais força, não apenas a restringir-se ao aspecto positivo da resistência e da defesa da identidade cultural, mas a resvalar para o aspecto negativo do amortecimento da consciência sociopolítica. Tanto é verdade que agentes religiosos da Igreja e representantes dos donos do poder fazem aliança para favorecer e fomentar no meio do povo essa tendência alienante da religião.

A Igreja cristã, em especial a católica romana, na medida em que favoreceu o regime de escravidão, durante esses séculos, é também em parte responsável por suas conseqüências. Por isso, ela é chamada à conversão, o que significa retomar o caminho da fidelidade à prática de Jesus, dando particular ênfase, na sua ação missionária, à necessidade de conscientização sociopolítica dos empobrecidos, à valorização da cultura popular, à preservação da identidade dos povos negros e indígenas, e ao cuidado de desenvolver o caráter profético da fé cristã, sem ceder à tentação de fazer da religião instrumento de alienação.

Este volume, que ora publicamos, tem a intenção de colaborar no processo dessa conversão, buscando por um lado desmascarar as tentativas ideológicas de servir-se da religião e da Bíblia para legitimar a opressão, e por outro lado tentando mostrar como é abordado nas Escrituras o problema da escravidão e dos povos negros.

Oxalá possamos contribuir para que se cumpra plenamente a profecia de Isaías: "Naqueles dias, um povo de alta estatura e de pele negra (...) trará seus dons (...) ao lugar onde se invoca o nome de Javé", ou seja, ao banquete das nações livres e solidárias (cf. Is 18,7).

Luiz Carlos Araújo

A leitura da Bíblia em relação à escravidão negra no Brasil-colônia
(um inventário)

Confesso que, num primeiro momento, não me senti disposto para aceitar o convite que me foi feito no sentido de apresentar um inventário do modo pelo qual se interpretou a Bíblia no Brasil-colônia em relação à escravidão e à vida dos negros nos engenhos, nas fazendas, nas minas, nos conventos e nas casas senhoriais. Para que remexer esses textos repugnantes, cheios de hipocrisia e falsidade? Por que não virar a página acerca desse período tão revoltante, quando homens marcavam homens com ferro em brasa no peito, como se fossem gado; jogavam homens do bordo de navios negreiros ao mar; se deleitavam em torturar homens — seus iguais — com requintes sadistas; usavam e abusavam da Bíblia para justificar o que não é justificável?

Deixei-me convencer por acreditar que a coleção *Estudos Bíblicos,* ou pelo menos o conteúdo nela tratado, pode chegar a ser usada direta ou indiretamente pelos descendentes das vítimas inocentes dessa ignomínia chamada escravidão. Foi pensando nisso que consegui superar parte da vergonha que sinto em escrever entre brancos sobre negros, entre privilegiados sobre a sorte dos que perderam todos os privilégios e o amparo da mais elementar humanidade.

1. OS TEXTOS TEOLÓGICOS

Os textos propriamente teológicos em torno da questão da escravidão negra no Brasil-colônia são relativamente poucos. Trata-se de dois sermões de Antônio Vieira; uma carta do mesmo escrita em 1691; uma coletânea de quatro sermões de Jorge Benci reunidos sob o título *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos;* o best-seller de Antonil *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas;* o escrito nunca reeditado de Manuel Ribeiro da Rocha: *Etíope resgatado...;* um pequeno escrito português de autor anônimo sob o título *Nova e curiosa relação...;* e finalmente a *Análise...* de Azeredo Coutinho.

Apresentemos brevemente esses textos:

1. *O Sermão quatorze do Rosário à Irmandade dos pretos de um engenho,* de autoria do famoso jesuíta Antônio Vieira, elaborado em 1633. Neste sermão de ocasião Vieira comenta o texto paulino 1Cor 12,13: "Todos nós, sejamos judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num mesmo Espírito, para formar um só corpo". Vieira entende esse texto no sentido de que os africanos — sendo batizados antes do embarque da África à América — devem agradecer a Deus por terem "escapado" da terra natal, onde viviam como pagãos entregues ao poder do diabo: "Todos os de lá, como vós credes e confessais, vão para o inferno onde queimam e queimarão durante toda a eternidade" (cit. SARAIVA, 1967, p. 1.291). A chegada dos negros na América estava nos planos de Deus, como mostra a Bíblia pelo texto onde Rebeca — imagem da Virgem Maria — desvia em benefício de Isaac a bênção de Jacó. A Virgem ama os negros e os tira da maldição antiga (alusão ao tema de Cam), e em sinal de gratidão os negros hão de rezar o terço, mesmo durante o trabalho. Mais adiante Vieira compara a paixão dos negros num engenho com a paixão de Cristo, e afirma que o "inferno" do engenho pode ser transformado num paraíso, se no meio do ruído das máquinas e dos ferros ouvir-se o terço. O sermão termina com uma nota de esperança: os negros que agora rezam os mistérios dolorosos do terço (os senhores rezam os mistérios gozosos), um dia rezarão os mistérios gloriosos, no céu.

2. O segundo texto teológico de Vieira em relação aos escravos negros foi igualmente preparado como sermão de ocasião, novamente para a festa da Irmandade do Rosário dos pretos num engenho do recôncavo baiano, sob o título: *Sermão vinte-e-sete do Rosário à Irmandade dos pretos em um engenho.* A data é posterior a 1682, por conseguinte, cinqüenta anos após o sermão quatorze. Neste texto Vieira comenta a expressão "transmigração babilônica" que ele encontra nos versos 11 e 12 do primeiro capítulo do Evangelho de São Mateus. Como veremos adiante, a "teologia da transmigração" é ponto básico na elaboração teórica de Vieira acerca do lugar dos negros no plano da salvação, e dela decorre uma moral específica. Para Vieira, inicialmente, a escravidão constituía um enigma, um tema de "profunda meditação" (cit. HOORNAERT, 1974, p. 86). Mas logo ele encontra a solução do enigma, através do mistério de diversas transmigrações: "Já me persuado sem dúvida que o cativeiro da primeira transmigração (da África à América, nota do autor) é ordenado por Sua Misericórdia para a liberdade na segunda (da América ao céu, nota do autor)" (HOORNAERT, 1974, p. 87). O desígnio escondido de Deus Pai foi a transmigração "babilônica" da África à América. Assim como ela foi benéfica aos hebreus, assim também aos negros, pois a fé lhes chegou por vias do cativeiro, assim como a segunda transmigração que é a da terra à liberdade eterna do paraíso, sob a proteção da Virgem Maria. O cativeiro do negro na América não é senão um "meio-cativeiro", pois ele só atinge o corpo. Mas a alma não está mais cativa, ela se libertou do poder do diabo que governa a África e o escravo no Brasil deve tentar preservar essa liberdade da alma, para não cair de novo sob o domínio dos poderes que reinam na África. Apoiado em textos

de São Pedro e São Paulo, que comentaremos adiante, Vieira entende que os escravos devem aceitar sua condição como meio de salvação. Segundo ele, não se pode questionar a legitimidade da escravidão, mas sim a brutalidade com que os senhores tratam os escravos: os melhores textos teológicos do Brasil-colônia acerca da questão dos negros são dirigidos, não contra a escravidão, mas contra os maus tratos e torturas.

3. Um terceiro texto, e talvez o mais importante, que revela a postura teológica de Vieira diante da escravidão negra no Brasil, é uma *carta* escrita no *dia 2 de junho de 1691* a um alto funcionário do governo português, o Sr. *Roque Monteiro Paim,* acerca do seguinte caso: um religioso italiano solicitou do rei licença para fazer a "desobriga" dos negros aquilombados em Palmares e o rei estava inclinado a aprovar a iniciativa, pelo bem espiritual dos negros fugitivos. Vieira acha isso um absurdo e alega cinco razões para mostrar a improcedência da medida, das quais a quinta é teológica: "Quinta, fortíssima e total, porque sendo rebelados e cativos, estão e perseveram em pecado contínuo e atual, de que não podem ser absoltos, nem receber a graça de Deus, sem se restituírem ao serviço e obediência de seus senhores, o que de nenhum modo hão de fazer. Só um meio havia eficaz e efetivo para verdadeiramente se reduzirem, que era concedendo-lhes Sua Majestade e todos seus senhores espontaneamente liberal e segura liberdade (...). Porém esta mesma liberdade assim considerada seria a total destruição do Brasil" (cit. PALACIN, 1986, p. 54). Aqui Vieira se desnuda e se revela, sem mais nem menos, "doutrinador do imperialismo português", segundo a feliz expressão de José Honório Rodrigues (RODRIGUES, 1970, p. 34-35). Ou para falar com Enrique Dussel: Vieira foi um teólogo da "totalidade" colonial-portuguesa, não da "exterioridade" africana que se revelava no rosto sofrido dos escravos (DUSSEL, 1986, passim).

4. Jorge Benci, *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos,* Roma, 1705. Benci era um jesuíta italiano do círculo de Vieira, como Antonil. Diante da desumanidade dos senhores no trato com os escravos, ele pregou quatro sermões na Bahia e os reuniu em volume, publicando-os em Roma. O texto todo é um comentário do Eclesiástico 33,25: "Para o asno forragem, chicote e carga; para o servo pão, correção (em latim: disciplina) e trabalho". Benci comenta continuamente trechos da Bíblia, através dos quais podemos perceber seus modelos arquetipais, como veremos adiante.

5. André J. Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas,* Lisboa, 1711. Trata-se de um livro de economia capitalista que revela as riquezas do Brasil na "lavra do açúcar", na "lavra do tabaco", pelas "minas de ouro", e pelas "boiadas". No capítulo nove do primeiro livro Antonil trata "como se há de haver o senhor do engenho com os seus escravos" e comenta passagens bíblicas, como veremos adiante.

6. Manuel Ribeiro da Rocha, *Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado,* Lisboa, 1758. Esse livro curioso sai da corrente dos sacerdotes-estadistas do tipo Vieira-Benci-Antonil e inicia

um discurso novo, de grande sensibilidade pelo sofrimento do negro no Brasil e com sugestões muito interessantes: propõe que o tráfico negreiro seja declarado simplesmente pirataria; que os escravos possam resgatar sua liberdade ao cabo de cinco anos de serviço cativo (aplicação do "ano sabático judeu" ao caso dos escravos); afirma que a maioria das escravidões são injustas e que os comerciantes negreiros andam em estado de condenação "exceto somente algum, a quem a sua total e invencível ignorância o escuse"; opõe-se à "teologia rural, que é o avesso da teologia cristã" e que manda açoitar os escravos logo na chegada no engenho; reprova os castigos a não ser "quarenta açoites menos um", segundo a lei mosaica; é contra o uso de palavras injuriosas contra os negros; é a favor do casamento cristão entre negros escravos; aconselha dar liberdade aos escravos que trabalham bem e com fidelidade; pede a sepultura eclesiástica para os escravos (RODRIGUES, 1979, p. 416-417). Afinal, uma voz humana e cristã a favor dos escravos. O livro de Manuel Ribeiro da Rocha continua até hoje uma raridade bibliográfica, e bem mereceria uma nova edição, depois de 230 anos.

7. Um escrito anônimo publicado em Lisboa no ano de 1764 sob o pomposo título: *Nova e curiosa relação de um abuso emendado, ou evidências da razão; expostas a favor dos homens pretos em um diálogo entre um letrado e um mineiro.* O texto não é propriamente brasileiro, mas está elaborado na forma de diálogo entre um advogado de Lisboa e um dono de mina de ouro no Brasil. O mineiro, é claro, é proprietário de escravos. Inicia-se um diálogo muito interessante que menciona o famoso "texto gerador" do capítulo nove do Gênesis, e por isso nos interessa aqui. Esse panfleto a favor dos negros também não encontrou boa acolhida nos meios intelectuais, pois não se encontra em nenhuma bibliografia, e só encontrei referências a ele em Boxer, o historiador inglês (BOXER, 1977, p. 103).

8. Azeredo Coutinho: *Análise sobre a justiça do comércio de resgate dos escravos da Costa da África,* Lisboa, 1804. Azeredo Coutinho, entre 1789 e 1802 bispo de Olinda em Pernambuco, escreve essa "análise" como texto apologético contra os "filósofos", ou seja, contra os que pretendem que a escravidão seja contrária à lei natural. Como Coutinho se move no campo filosófico, ele faz pouco uso da Bíblia, mas mesmo assim, em notas, revela aspectos importantes de uma visão teológica acerca da escravidão que certamente era compartilhada por muitos na época. Ele alude ao texto do Gênesis 37,27-28, que narra a venda de José por seus irmãos: "Vinde, vendamo-lo aos ismaelitas, mas não ponhamos a mão sobre ele: é nosso irmão, da mesma carne que nós... Venderam José aos ismaelitas por vinte siclos de prata e estes o conduziram ao Egito".

Duas observações:

1. Uma comparação dos textos aqui arrolados permite fazer uma triagem entre os textos escritos por "sacerdotes-estadistas" do tipo Vieira, Antonil, Benci ou Azeredo Coutinho, e os textos mais propriamente proféticos

como o *Etiope resgatado...* ou a *Nova e curiosa relação...* Os primeiros são regularmente reeditados e, por conseguinte, de fácil consulta, enquanto os últimos constituem raridades bibliográficas só acessíveis a raríssimos pesquisadores. Esse fato nos faz suspeitar que continua vigorando entre nós a "condenação da memória" *(damnatio memoriae),* tão típica da história da documentação: os documentos que entram na perspectiva dos "vencedores" são respeitados, venerados e exaltados, enquanto a documentação aberrante e contestadora é jogada ao lixo. Todo arquivo de textos escritos apresenta o perigo de enganar o pesquisador no sentido de que as pessoas que o constituíram no passado tiveram também seus interesses políticos: os "donos da memória" são freqüentemente "donos do esquecimento" (HOORNAERT, 1986, p. 19). A questão da revelação/ocultamento das experiências passadas nos parece ser aqui a verdadeira questão, e não a da "consciência possível" analisada em relação a Vieira por Luís Palacin. Em outras palavras: o "limite de compreensão" de Vieira não nos parece ser o de "um português do século XVII" (PALACIN, 1986, p. 15) mas sim o de um "estadista do século XVII" necessariamente ligado aos interesses da totalidade do sistema por ele defendido e com o qual ele se identificava. Se for assim como Palacin explica, como poderíamos entender que outros jesuítas antes de Vieira, como por exemplo Gonçalo Leite ou Miguel Garcia, já no século XVI, não tiveram esse "limite de compreensão", mas entenderam muito bem que as coisas andam mal quando os cristãos passam a admitir e justificar situações tão desumanas como a escravidão ou a exploração econômica em geral?

Transcrevemos aqui um trecho de uma carta do padre Miguel Garcia ao padre geral da Companhia de Jesus, escrita na Bahia no dia 26 de janeiro de 1583, e conservada no arquivo geral da Companhia de Jesus em Roma, sob a indicação: Lusitania 68, folhas 335-340. Nós mesmos fizemos a transcrição a partir de um microfilme do original. Acreditamos que este trecho revela as questões éticas levantadas pela escravidão negra dentro de um sistema que se diz cristão, muito mais do que as elucubrações de Vieira e companhia, e publicamos este texto como advertência aos pesquisadores que talvez pensem que Vieira, Benci e Antonil são os únicos representantes do pensamento teológico no Brasil-colônia. Na realidade, sempre houve uma corrente alternativa, silenciada e esquecida, condenada pela "memória oficial". Miguel Garcia: "La multitud de esclavos, que tiene la Compañía en esta Provincia y particularmente en este colegio es cosa que de ninguna manera puedo tragar, maxime por no me poder entrar en el entendimiento ser licitamente ávidos, como ya toqué a VP (Vossa Paternidade) en la otra carta, en que hice mención de más de cincuenta personas de Guinea, que entonces tenía este colegio. A mi cuenta sea acrescentado diez y siete (digo veinte minas). Y de los indios de esta tierra así esclavos tenidos por ciertos y por dudosos, como otros que por algún premio sirven, es tan grande el número algunas veces, y el encontrarse a quien se dio algún cuidado, con el Procurador y el Teólogo, y el no usar generalmente el Procurador el oficio acerca de las cosas del colegio y el mandar açotar a negros & que a mi me enfada y con esas cosas y con ver los peligros de la conciencia in multis en esta tierra alguna vez me pasó por pensamiento que más seguramente sirviera a Dios y me salvara in seculo que en Provincia adonde veo las cosas que

veo". O padre Gonçalo Leite, que tinha sido colega de Miguel Garcia na Bahia, escreveu no dia 20 de junho de 1586 de Lisboa acerca do mesmo assunto: "Todos os padres no Brasil andão perturbados e inquietos na consciência com muitos casos acerca de cativeiros..." (Arquivo geral da Companhia de Jesus, Roma, Lusitania 69, folhas 243-244). Ambos foram repatriados para Portugal, pois não podiam ficar na colônia com tantos "escrúpulos" na cabeça.

Houve, pois, uma corrente de interpretação bíblica da escravidão que condenava inclusive o comportamento dos próprios religiosos em relação aos escravos. Ela nunca foi hegemônica, mas é bom saber que existiu.

2. Os oito textos aqui arrolados foram escritos sob um pano de fundo comum, uma doutrina comum *(doctrina communis)* aceita por todos ou pelo menos pela opinião pública. Essa doutrina comum se revela pela volta dos mesmos temas: a dupla criação (brancos e negros), a maldição de Noé (Gn 9,18-27), o "etíope", a transmigração babilônica, Cam, a escravidão como meio de salvação, a penitência e disciplina necessárias aos negros.

2. A DOUTRINA COMUM

Muito antes da colonização da América Latina já existia na Europa, e sobretudo na área em torno do mar Mediterrâneo, uma "doutrina comum" entre os cristãos acerca do negro e da escravidão, e essa doutrina — que não era oficial mas passava por todas as capilaridades do corpo social cristão — era basicamente fruto de uma longa convivência com o escravo africano desde os tempos remotos do Império Romano.

Antes que o oceano Atlântico fosse atravessado pelo tráfico negreiro, o mar Mediterrâneo foi durante séculos usado para transportar negros da África para a Itália, Espanha e outras regiões da Europa. Santo Agostinho, bispo de uma cidade do norte da África, queixou-se junto às autoridades do Império Romano do "fluxo interminável" que saía da África, e pediu que se tomassem providências contra os traficantes da Ásia Menor que organizavam esse comércio humano. Eis o texto: "De qualquer maneira é dever das autoridades tomar providências no sentido de evitar que a África continue sendo roubada em termos de habitantes. As autoridades têm que impedir que tantas pessoas, homens e mulheres, percam sua liberdade em massa e num fluxo interminável, de uma forma que é pior do que quando presos caem nas mãos dos bárbaros" (JANS, 1986, p. 265).

Criou-se em torno do mar Mediterrâneo um estado de espírito que não estranhava mais a presença da mão-de-obra negra a serviço dos brancos. Mais tarde, durante os últimos séculos da Idade Média, o negro passou a fazer parte da vida cotidiana nos conventos, nas casas ricas e nas fazendas da Península Ibérica. Cada ano um fluxo de algumas centenas de negros deixava a África à demanda da Espanha ou de Portugal. E essa "vizinhança" negra cotidiana e não questionada foi transplantada para o Brasil, embora em termos

muito mais importantes. Não foi propriamente a presença do escravo negro que suscitou a inquietação moral na colônia, mas a predominância dessa presença, o modo de produção tipicamente "escravista", como diria Gorender. Havia tantos negros e tantos abusos em termos de castigos e torturas que os autores cristãos começavam a inquietar-se. Um dos primeiros a exprimir essa inquietação foi o teólogo português Molina (1535-1600): "É estranho que até agora nem o arcebispo de Lisboa, nem o seu sufragâneo de Cabo Verde, nem os outros religiosos, nem o clero de Portugal tenham manifestado qualquer reparo quanto ao tráfico negreiro. Pelo contrário, os mercadores e os chamados tangosmãos recebem a absolvição sacramental. Desconfio mesmo que eles nem sequer venham a acusar-se de qualquer coisa a respeito" (cit. MIRA, 1983, p. 77). A mesma insensibilidade pode ser detectada em textos que se querem sensíveis à dor dos escravos e favoráveis aos seus direitos, como no seguinte texto de Antonil: "Aos feitores de nenhuma maneira se deve consentir o dar coices, principalmente nas barrigas das mulheres que andam pejadas, nem dar com pau nos escravos, porque na cólera se não medem os golpes, e podem ferir mortalmente na cabeça a um escravo de préstimo, que vale muito dinheiro, e perdê-lo" (ANTONIL, 82). Querendo dar uma lição de moral, Antonil acaba dando sinais de um espírito mercantil ignominioso. O mesmo se diga de Benci, que se dá ao luxo de fazer um jogo de palavras entre "vício" e "ócio": "Os pretos são sem comparação mais hábeis para todo o gênero de maldades que os brancos, por isso eles com menos tempo saem grandes licenciados do vício na classe do ócio. Logo, consentir o senhor ócio aos escravos, é querê-los mestres em todos os gêneros de vícios e singularmente no vício da desonestidade. Sendo os africanos tão inclinados, por natureza, ao vício da sensualidade, não faz dúvida que os etíopes excedam na lascívia a todas as nações da África e igualem aos brutos mais libidinosos" (BENCI, 158-160).

O mestre Gustavo Gutiérrez não deixa de repetir nos seus escritos que a teologia constitui sempre um segundo momento. Falar de Deus vem em segundo lugar, após o silêncio feito da contemplação de Deus no rosto do irmão e da ação. No rosto visível do escravo sofredor se contempla o *rosto invisível de Deus* (GUTIÉRREZ, 1987, passim). Como produzir uma boa teologia que não seja fundada na contemplação e na sensibilidade pelo "sofrimento do inocente"? Eis a razão pela qual a produção teológica do Brasil-colônia foi tão pobre e tão superficial. Falta-lhe a simpatia pelo pobre escravo. Suas lições são apenas repetições de uma doutrina comum de sustentação da escravidão desde os tempos remotos em que a África começou a ser explorada como terra de exportação de mão-de-obra escrava para o Império Romano.

3. OS TEMAS BÍBLICOS

1. A dupla criação: brancos e negros. Escravos por natureza

Azeredo Coutinho, numa nota teológica de sua *Análise*... pretende que os negros afirmam que Deus, no início, criou brancos e negros. E contemplando a sua obra, Ele apresentou dois presentes às duas espécies de criaturas,

deixando que os negros escolhessem em primeiro lugar. Os presentes eram: ouro de um lado, as "artes" do outro lado. Os negros logo escolheram o ouro e deixaram para os brancos as "artes", a escrita e a leitura. Mas, irritado pela avareza e cobiça dos negros, Deus declarou que estes seriam os escravos dos brancos, sem esperança de libertação (COUTINHO, p. 262). Há diversas versões desse mito das origens, que está na base da famosa teoria aristotélica da escravidão por natureza. Mesmo sendo combatida por Agostinho, como veremos adiante, essa teoria de Aristóteles continuou em pleno vigor no período colonial e ofereceu uma explicação da escravidão a teólogos como Juan Ginés de Sepúlveda na sua famosa disputa com Bartolomé de Las Casas nos anos 1550-1551 diante do próprio imperador Carlos V. A questão entre ambos era: pode-se aplicar aos índios a teoria aristotélica dos "escravos por natureza"? Afinal de contas Aristóteles tinha argüido que a própria natureza criava uns mais espertos do que os outros, e isso em benefício de todos: uns iam trabalhar, outros organizar e coordenar os trabalhos. O rico (esperto) necessita do pobre (burro), e vice-versa. Assim também, argumentava Sepúlveda, os espanhóis são mais virtuosos, inventivos, inteligentes, enquanto os índios são mais aptos para trabalhar e agüentar a dureza do clima tropical. Ambos se completam. O argumento justificativo da escravidão (ou da exploração nas relações de trabalho) a partir da análise de diferenças "naturais" até hoje conserva muita força junto ao povo e é típico da "doutrina comum" da qual falamos no parágrafo anterior. O próprio Las Casas parece aceitá-lo, pois procura provar que a "inferioridade natural" não se aplica aos índios. Mas os negros foram englobados de cheio na qualificação da inferioridade natural (ZAVALA, 1944).

A teoria aristotélica renasceu no positivismo científico típico do colonialismo inglês do século passado. Assim Darwin analisou a vida e sua evolução segundo os princípios da luta pela vida (struggle for life), seleção natural e sobrevivência do mais "apto". É fácil ver a correlação entre esses princípios "científicos" e a luta ideológica contra os negros: os brancos são melhores do que os negros, ganharam a "luta pela sobrevivência" do melhor e mais apto. Outro cientista inglês, Galton, falou do caráter hereditário da inteligência e sugeriu a aplicação aos homens de técnicas de seleção de gado para chegar a uma "raça" superior. Com Galton já estamos no racismo propriamente dito, o maior produto ideológico do colonialismo inglês do século dezenove.

Na opinião pública (doutrina comum) do século dezenove o negro era assimilado ao pré-humano, o que resultou na comparação dele com o macaco, sendo que na evolução darwiniana das espécies o negro devia estar mais próximo do macaco que o branco. Daí resulta que o homem branco nada tem a aprender do negro que lhe é inferior, genética e biologicamente. A cor condena o negro de maneira irremediável. Não vamos aqui apresentar as idéias do francês Gobineau, considerado o "pai do racismo"; basta dizer que no famoso teste do QI (quociente de inteligência), que ainda se aplica em diversas instituições para selecionar o pessoal, os resquícios racistas são mais do que evidentes, assim como na mentalidade comum da classe média atual, que se diz herdeira da "ponta" mais avançada da evolução humana e que pensa que deve proteger-se contra a ameaça de classes e raças "inferiores".

2. A venda de um irmão por seus irmãos: um mal menor

Na sua *Análise...* Azeredo Coutinho alude aos versos 27 e 28 do capítulo 38 do Gênesis, nos quais é relatada a venda de José a mercadores ismaelitas. Ele comenta: "A história mais antiga e mais verdadeira que os homens conhecem é a mesma que nos atesta da venda de um irmão por seus irmãos. Ela nos faz ver: 1. que o comércio da venda dos escravos já naqueles tempos antiqüíssimos era um negócio muito geralmente recebido entre os povos, e de cuja legitimidade ninguém duvidava; 2. que era reconhecido por todos por um menor mal, ainda mesmo pelo homem vendido, o ser antes escravo do que ser morto; 3. que o ser escravo não se reputava uma coisa tão horrorosa, tão vil e tão desonrosa ainda mesmo entre irmãos" (COUTINHO, 262, nota 2). Os portugueses sempre proclamaram em altaneira voz que, nessa história do "resgate" de escravos da África para o Brasil, eles assumiam o papel dos comerciantes ismaelitas que afinal de contas praticavam um ato de caridade, salvando a vida do escravo, e — além disso — introduzindo-o no mundo da salvação pelo batismo administrado — pelo menos em teoria — na África antes do embarque para a América. O argumento do valor transcendente do batismo e da fé cristã em geral em relação ao "paganismo" e por conseguinte do caráter "caritativo" do "resgate" ou da "redenção" dos escravos (redenção do cativeiro da alma, infinitamente pior do que o cativeiro do corpo) chegou a seduzir teólogos da profundidade de pensamento de um Molina, que escreveu: "A escravidão sob o domínio cristão conduz ao bem espiritual dos escravos. É um ato de caridade comprar a liberdade dos negros, para que se tornem cristãos" (cit. MIRA, p. 77).

Contudo, esse argumento não foi o mais usado. Os escritores decerto perceberam sua fundamental hipocrisia. O que os comerciantes portugueses sempre proclamaram bem alto é que eles estavam causando um "mal menor" aos negros: melhor ser escravo e viver do que ficar condenado à morte pela lei da guerra. Benci: "(Dos apetites desordenados dos homens contra o Deus criador) tiveram origem as dissensões e guerras de um povo contra outro povo, de uma nação contra outra nação, de um reino contra outro reino. E porque nas batalhas, que contra si davam as gentes, se achou que era mais humano não haver tanta efusão de sangue, introduziu o mesmo direito das gentes que se perdoasse a vida aos que não resistiam, e espontaneamente se entregavam aos vencedores, ficando estes com o domínio e senhorio perpétuo sobre os vencidos, e os vencidos com a perpétua sujeição e obrigação de servir aos vencedores. Isto se colhe do mesmo nome de servo, que vale o mesmo que 'servatus' (conservado)" (BENCI, p. 28-29). A explicação de Benci é importante pois nos oferece a chave de interpretação de um conceito freqüentemente usado entre moralistas coloniais: o do "escravo *justamente* havido", ou seja: comprado de comerciantes que conseguiram escravos entre os vencidos em guerras intertribais na África.

3. O pecado original dos negros e a maldição de Cam (Gn 9,18-27)

O texto de Gênesis 9 pode ser chamado o texto "gerador" da ideologia escravista cristã. Ele se desdobrou, durante a história da teologia e especificamente da patrística, em numerosas reflexões, comentários e elucubrações, tendo como finalidade justificar a existência da escravidão como instituição dentro do próprio corpo social cristão. O episódio é conhecido: Noé, após beber vinho, ficou desnudo dentro de sua tenda, dormindo. Cam, pai de Canaã, viu a nudez de seu pai e chamou seus dois irmãos Sem e Jafé, que tomaram um manto e cobriram a nudez do pai. Este, ao acordar, soube do acontecido e pronunciou o terrível veredicto: "Maldito seja Canaã, que ele seja para seus irmãos o último dos escravos". E disse: "Bendito seja Javé, o Deus de Sem, e que Canaã seja seu escravo", "Que Deus dilate a Jafé, e que Canaã seja seu escravo".

— *Ambrósio:* "Os escravos provêm do pecado como Cam, o filho de Noé, o primeiro que por culpa própria recebeu o nome de escravo" (PL, 17, 409).

— *Agostinho:* "Nunca lemos nas Escrituras a palavra escravo, antes que Noé o justo por este vocábulo condenasse o pecado do filho. Foi a culpa que mereceu este nome, não a natureza *(nomen istud culpa meruit, non natura)* (O argumento é contra Aristóteles, nota do autor)... A primeira causa da servidão é o pecado *(prima servitutis causa peccatum est)*. O homem é mais feliz em servir a outro do que em servir por exemplo à paixão da dominação. Sob esta ordem pacífica *(illo pacis ordine)* pela qual uns são sujeitos aos outros, a humildade é benéfica aos que servem enquanto a soberba é nociva aos que dominam (*Corpus Christianorum,* series latina, 48, p. 682).

— De novo *Ambrósio:* "Por isso mereceu ter um filho errado quem agiu de maneira errada diante do pai. Daí se entende que os filhos de Canaã foram os cananeus, que após muitas gerações de opressões por parte do povo justo (Sem), a ele cederam a possessão (da terra). O progenitor dos cananeus foi Canaã que por sua vez era filho daquele Cam que foi ímpio diante do pai... Mas há um sentido mais profundo nesses termos. Cam na realidade significa calor, e Canaã perturbação do calor. O que é quente fica continuamente movido e perturbado" (PL, 14, 429).

— *João Crisóstomo:* As paixões humanas como avareza, inveja e cobiça resultaram na escravidão. Assim a mulher diante do homem, o escravo diante do senhor, o cidadão diante do governador: são conseqüências do pecado e como tais devem ser suportadas (PG, 54, 595).

— *Gregório Magno* ensina que todos os homens são iguais por natureza mas que uma escondida dispensação da providência divina fez com que existisse uma hierarquia de méritos, de sorte que as diferenças entre os homens apareçam como resultado do pecado e sejam ordenadas pela justiça de Deus (PL, 76, 203-204).

— *Isidoro de Sevilha* repete mais ou menos a mesma doutrina: a divina providência "permite" a escravidão. Aos que Deus percebeu não estarem preparados para a liberdade, Ele reduziu misericordiosamente à escravidão. A capacidade do escravo em agir mal deve ser restringida pela intervenção do senhor de escravos. É melhor ser humilde na condição de escravo do que ser orgulhoso na condição de homem livre (PL, 83, 717).

Este último texto de Isidoro de Sevilha exerceu grande influência na Idade Média, que assume globalmente os ensinamentos patrísticos sobre a origem teológica da escravidão e os transmite para a época da expansão colonial nos séculos XVI-XIX. Na cultura cristã, a famosa maldição de Cam e de Canaã se tornou uma espécie de artigo de fé, um arsenal de armas ideológicas cuja capacidade de alvo supera de longe a dos arsenais de guerra mais sofisticados, e que está longe de ser desmantelado nos dias que correm. Existe um preconceito muito enraizado e de difícil extirpação, que pode ser verbalizado da seguinte forma: o mundo está sendo repartido entre os filhos de Jafé (europeus), Sem (semitas) e Cam (africanos). Eis a ordenação da divina vontade. Os filhos de Jafé (e Sem) têm um direito "teológico" em se aproveitar do trabalho dos filhos de Cam, pois assim colaboram na redenção daqueles que são marcados por dois pecados "originais": o de ser filhos de Adão (pecado original do comum dos homens), e o de serem filhos de Cam (pecado específico dos africanos e negros em geral). Ainda em 1873 uma "oração pela conversão dos povos da África Central para a Igreja católica", emanada da Secretaria da Sagrada Congregação das Indulgências, dizia assim: "Rezemos pelos povos muito miseráveis da África Central que constituem a décima parte do gênero humano, para que Deus onipotente finalmente tire de seus corações a maldição de Cam e lhes dê a bênção que só podem conseguir em Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor: Senhor Jesus Cristo, único Salvador de todo o gênero humano, que já reinas de mar a mar e do rio até os confins da terra, abre com benevolência o teu sacratíssimo coração mesmo às almas mui miseráveis da África que até agora encontram-se nas trevas e nas sombras da morte, para que pela intercessão da puríssima Virgem Maria, tua Mãe imaculada, e de São José, tendo abandonado os ídolos, os etíopes se prostrem diante de Ti e sejam agregados à tua santa Igreja" (Secretaria da Sagrada Congregação das Indulgências, Roma, 12-11-1873).

Talvez seja oportuno lembrar aqui que foi só em 1964, no documento *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, que a Igreja católica condenou formalmente a instituição da escravidão. Até então suas críticas tinham sido dirigidas contra os abusos da escravidão, nunca contra a instituição em si (MAXWELL, 1975).

Os autores escravistas coloniais como Vieira, Antonil, Benci ou Azeredo Coutinho nada mais fizeram do que repetir o que já estava na doutrina comum e na cultura vivida da cristandade ocidental-latina. Escreve Benci: "O pecado foi o que abriu as portas por onde entrou o cativeiro no mundo; porque rebelando-se o homem contra seu Criador, se rebelaram nele e contra ele os seus mesmos apetites" (BENCI, p. 28. Veja também MIRA, 1983,

p. 88-90). E na *Nova e curiosa relação*... o mineiro afirma que há duas espécies de homens, os negros e os brancos: "Pois nós os brancos somos descendentes de Adão, e os negros de Cam que era preto e que morreu amaldiçoado pelo próprio Deus, como descreve a escritura" (BOXER, 1977, p. 104).

4. Os etíopes

No início do seu *Sermão vigésimo sétimo do Rosário,* Vieira diz: "Uma das grandes coisas que se vêem hoje no mundo, e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração imensa de gentes e nações etíopes, que da África continuamente estão passando a esta América. Das naus que dos portos do mar Atlântico estão sucessivamente entrando nesses nossos, podemos dizer que trazem a Etiópia ao Brasil" (VIEIRA, Sermão 27 do Rosário, introdução). Era comum, na época colonial, chamar os africanos de "etíopes". Esse nome também tem uma longa história. Trata-se de um vocábulo grego derivado de "aitèr" que significa ar que queima, perto do sol, além do "aèr" (ou "ar" propriamente dito). "Aitiops" é aquele que vive nesses ares queimados e tem a face queimada em conseqüência. A palavra foi pois criada a partir do ponto de vista dos povos de clima mais frio e pele mais branca, e já contém um tom pejorativo, o que se deduz de dois textos de Homero (Ilíada, 1, 423-427 e Odisséia, 1, 21-23) nos quais os "etíopes" são relacionados com a idéia de relaxamento moral, ociosidade, falta de "seriedade", "festividade". Essa mentalidade — que deve ter sido generalizada no âmbito do mar Mediterrâneo e regiões adjacentes — infiltrou-se na Bíblia, onde se lê que Maria e Aarão falaram contra Moisés por causa de sua esposa "etíope" (Nm 12,1) (Veja também Ex 2,15-21; 4,25; 18,2).

Acontece que a partir do século quarto de nossa era formou-se na região além das primeiras cataratas do rio Nilo — em terras altas e de difícil acesso — uma cristandade chamada "etíope", formada de negros. Os europeus sempre olharam essa experiência cristã com um misto de admiração mítica e desprezo. Admiração pelas provas de resistência cultural dadas por esses cristãos, tanto contra a cristandade bizantina hegemônica na época de Calcedônia (452), como contra as sucessivas tentativas de romanização da cristandade etíope (os venezianos no final do século XIV e os portugueses a partir de 1540). Desprezo pelo fato de que essa experiência cristã, afinal de contas, era uma experiência de negros. Os portugueses ocuparam a Etiópia entre 1540 e 1632, mas tiveram que abandonar o projeto de "cristianizar" — por insistentes missões jesuíticas — os que já se consideravam cristãos. Foi um dos grandes fracassos da visão jesuítica da evangelização. Desse cristianismo estranho e original, os portugueses guardaram o mito do "Preste João", descendente da rainha de Sabá (1Rs 10, 1-13) e dos "reis magos do Oriente" que visitaram Jesus em Belém (HOORNAERT, 1986, p. 117-124).

Os autores coloniais repetem, aqui também, arquétipos antigos e enraizados que representam, desta vez, a incapacidade que cristãos podem experimentar em entender outros cristãos. Os cristãos portugueses engajados num

projeto imperialista não conseguiram entender seus irmãos que lutavam exatamente contra o imperialismo. Nem Vieira, nem Benci, nem Azeredo Coutinho entendem que cristianismo não significa automaticamente adesão ao projeto imperialista europeu.

Vejamos algumas expressões patrísticas acerca dos "etíopes":

— *Orígenes,* comentando o Cântico dos Cânticos, analisa a frase: "Sou negra, mas formosa" da forma seguinte: "Negra pela ignomínia da raça, mas formosa pela penitência e pela fé"; "Negra pelo pecado, mas formosa pela penitência e pelos frutos da penitência"; "Sou negra, mas formosa: pois não fico até o fim na negridão (nigredo), mas subo branqueada (dealbata)"; "Ela que é negra não é assim pela natureza, nem criada assim pelo Criador, mas sofreu essa situação acidentalmente"; "Assim é a situação dessa gente etíope, que tem uma natural negridão proveniente da sucessão carnal, pois nessas paragens o sol arde com mais fervor e os corpos já queimados permanecem do mesmo jeito pela sucessão do vício"; "Do contrário com a negridão da alma: esta não se adquire pelo nascimento mas pela negligência. A alma se tornou negra porque desceu. Mas quando começa a subir, ela se torna branca e cândida: rejeitando a negridão ela começa a irradiar a verdadeira luz" (PG, 13, 103-112).

— *Ambrósio:* "Bem se diz que o rio Geon (um rio do paraíso, nota do autor), que é figura da castidade, circula em torno da terra dos etíopes, para lavar o corpo abjeto e apagar o vilíssimo incêndio da carne. Na língua latina Etiópia significa abjeto e vil. O que é mais abjeto do que o nosso corpo? O que é mais parecido com a Etiópia, que é negra pelas trevas do pecado?" (PL, 14, 298).

— *Benci* afirma que São Jerônimo "diz que nas sagradas escrituras se chamam etíopes não quaisquer pecadores, mas os que são tintos com a cor preta de todos os vícios" (BENCI, p. 159), e cita Amós 9,7 para confirmar o dito.

5. A transmigração babilônica e os "filhos do fogo de Deus"

No Sermão vigésimo sétimo do Rosário, Vieira elabora uma "teologia do Brasil" que merece toda a atenção, pois parece ser representativa da mentalidade do movimento jesuítico em geral e — mais amplamente ainda — do modo pelo qual o imperialismo português entendia a evangelização do Brasil. Eis o texto: "De duas transmigrações faz menção o nosso Evangelho (de Mateus): uma em que foram levados os filhos de Israel da sua pátria para o cativeiro de Babilônia (Mt 1,11) e outra em que foram trazidos do cativeiro de Babilônia para a sua pátria (Mt 1,12). A primeira transmigração, do cativeiro, durou setenta anos; a segunda, da liberdade, não teve fim porque chegou até Cristo... *Josias autem genuit Jechoniam in transmigratione Babylonis.* Saibamos agora qual a significação destes dois nomes: Josias significa Ignis Domini, o fogo de Deus; Jeconias significa Praeparatio Domini, a preparação de Deus.

Diz pois o texto, ou quer dizer, que na transmigração de Babilônia o fogo de Deus gerou a preparação de Deus. Por quê? Porque o fogo queima e alumia. E no cativeiro de Babilônia não só queimou Deus e castigou os israelitas, mas também os alumiou; e porque os castigou e alumiou no cativeiro da primeira transmigração, por isso e com isso os dispôs e preparou para a liberdade da segunda: *Et post transmigrationem Babylonis.*

Eis aqui, irmãos do rosário pretos, eis aqui o vosso presente estado e a esperança que ele vos dá do futuro: Vós sois os irmãos da 'preparação de Deus' e os filhos do 'fogo de Deus'. Filhos do fogo de Deus na transmigração presente do cativeiro, porque o fogo de Deus neste estado vos imprimiu a marca de cativos; e posto que esta seja de opressão, também como fogo vos alumiou juntamente, porque vos trouxe à luz da fé e conhecimento dos mistérios de Cristo, que são os que professais no rosário. Mas neste mesmo estado da primeira transmigração, que é a do cativeiro temporal, vos estão Deus e sua Santíssima Mãe dispondo e preparando para a segunda transmigração, que é a da liberdade eterna. Isto é o que vos hei de pregar hoje para a vossa consolação" (Sermão 27 do Rosário, Introdução).

O modelo bíblico da transmigração babilônica faz com que Vieira consiga situar teologicamente o Brasil dentro dos planos de Deus. O Brasil seria comparável a Babilônia, onde os israelitas foram ao mesmo tempo castigados e alumiados. Assim, os negros são no Brasil ao mesmo tempo castigados — para que se apague a maldição de Cam — e iluminados pela fé. Nesta ousada geografia teológica elaborada por Vieira (e com que artimanhas de interpretação alegórica!), existem três lugares:

1. a África, comparável ao inferno, onde reina o cativeiro do corpo e da alma;
2. o Brasil, uma espécie de purgatório, onde apenas reina o cativeiro do corpo, infinitamente menos grave que o da alma;
3. a liberdade eterna no céu.

O negro há de "migrar" por esses três lugares para alcançar a salvação.

Nessa geografia não há lugar para quilombos, pois o lugar da salvação é o engenho mesmo. E aí Vieira invoca os textos clássicos dos apóstolos, onde é recomendado aos escravos obedecer aos mestres, mesmo aos cruéis: Cl 3,22-24; Ef 6,5-9; 1Pd 2,18-21; assim como a carta a Filêmon. Só que Vieira interpreta esses textos num sentido escravocrata, o que não é o sentido original. Que diferença entre a carta de Pedro, que vive em Roma numa pequena comunidade de cristãos e escreve aos irmãos da Ásia Menor, pobres, apátridas, sem terra nem moradia fixa, para animá-los e encorajá-los (ELLIOTT, 1985), e o sermão de Vieira (sermão de ocasião) que despeja sobre o seu público-escravo o fogo do artifício de sua exegese barroca.

Por trás da valorização do Brasil, enquanto terra onde se purificam e iluminam os negros para que possam entrar nos planos de Deus, podemos perceber o quadro referencial que engloba o trabalho exegético de Vieira: a fé no "reino consumado de Cristo na terra" através do "povo eleito" dos tempos

modernos que é o povo português. E na medida em que o Brasil entra na perspectiva do projeto português, ele também participa da gloriosa missão confiada a Portugal. Portugal significa a quinta e definitiva tentativa de Deus no sentido de estabelecer seu reino na terra. Os outros reinos convidados por Deus para realizar seu plano falharam por diversos motivos, como sejam a vaidade, a violência, a dominação, mas Portugal foi exatamente escolhido por sua humildade e pequenez, e sobretudo por sua fé.

Foi no final de sua vida que Vieira elaborou os textos que deviam fundamentar essa sua fé pelo reino de Deus por Portugal, como a *História do futuro* (da qual só se publicou o "livro anteprimeiro") (VAN DEN BESSELAAR, 1976), *Clavis Prophetarum* (inédito), *Esperanças de Portugal,* assim como diversas respostas ao Santo Ofício (VAN DEN BESSELAAR, 1976, 1ª parte). Afinal de contas Vieira quis passar para a posteridade como "pioneiro da exegese moderna", e isso por um motivo bem específico. Ele pretendia que tanto a patrística como a exegese "antiga" desconheciam, na sua análise do plano de Deus, os assim chamados "antípodas" ou "os que vivem lá debaixo dos nossos pés; eles vivem lá embaixo, e os nossos andam cá pisando por cima" (cit. VAN DEN BESSELAAR, 2, p. 177). Em outras palavras: Vieira quis trazer a América para o plano da salvação. E esforçou-se por descobrir "vários lugares dos profetas" que se referem ao "novo mundo", e pelos quais se pode ver que os índios esperam a Palavra de Deus desde muitos séculos. Nesta perspectiva o maior acontecimento da história do mundo, depois da encarnação de Jesus Cristo, foi o "descobrimento das Índias", que nos revelou um renovado plano de Deus para estabelecer seu reino neste mundo.

Ora, uma das grandes obras de Deus no "novo mundo" foi a de trazer os negros, perdidos que estavam nas trevas do paganismo africano, à luz da fé através da "transmigração babilônica" que tem decerto um aspecto negativo (filhos do fogo de Deus) mas sobretudo um aspecto sumamente positivo (irmãos da preparação de Deus).

O resultado desse complicado arcabouço teológico é triste e ao mesmo tempo simples: como não há salvação para os escravos fora da escravidão, eles têm que habituar-se a sofrer com paciência e humildade. E Vieira passa a invocar os dois apóstolos São Paulo e São Pedro. Comentando Ef 6,5-7, Vieira explicita: "Quando servis a vossos senhores, não os sirvais como quem serve a homens senão como quem serve a Deus, porque então não servis como cativos, mas como livres, nem obedeceis como escravos senão como filhos" (Sermão 27, sexta parte). E citando 1Pd 2,21 Vieira comenta: "Quia et Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum. Sempre reparei muito na diferença daquele 'nobis' e daquele 'vobis'. A paixão de Cristo teve dois fins: o remédio e o exemplo. O remédio foi universal para todos nós: Passus est pro nobis. Mas o exemplo não duvida São Pedro afirmar que foi particularmente para os escravos, com quem falava: vobis relinquens exemplum. E por quê? Porque nenhum estado há entre todos mais aparelhado no que naturalmente padece, para imitar a paciência de Cristo e para seguir as pisadas do seu exemplo: Vobis relinquens exemplum" (Sermão 27, sexta parte).

Muitos senhores de engenho se apressaram em obedecer a essa "obrigação" de extirpar o pecado nos escravos através dos castigos, de sorte que "no Brasil costumam dizer que para o escravo são necessários três PPP, a saber: pão, pau e pano" (ANTONIL, p. 94). E Benci repetia: "Para o servo: pão, chicote e trabalho" (BENCI, p. 31). Alguns senhores se desempenharam tão esforçadamente desta tarefa "evangelizadora" que davam ao escravo uma boa surra, bem no início da chegada no engenho. Esse comportamento deve ter sido bastante generalizado pois é mencionado por Antonil e Manuel Ribeiro da Rocha. O último se insurge no *Etíope resgatado...*, dizendo que os senhores têm que restringir-se ao "número bíblico" em termos de açoites, isto é, não podem exceder os "quarenta menos um" dos quais fala São Paulo (2Cor 11,24). Manuel Ribeiro da Rocha acrescenta que o instrumento há de ser a palmatória ou um cipó, nunca um pedaço de pau. O chicote é perigoso e o conselho de São Paulo em Ef 4,31 deve ser seguido: "Toda amargura e exaltação e cólera e toda palavra pesada e injuriosa, assim como toda malícia, sejam afastadas de entre vós" (CONRAD, 1983, p. 292-296).

6. O batismo de "fogo"

Voltemos à expressão "filhos do fogo de Deus" usada por Vieira no Sermão 27, sexta parte. Aí Vieira alude claramente às condições reais em que os africanos eram batizados antes do embarque para a América, dizendo que o batismo "imprimiu a marca do cativeiro". E como! Pois visto que os escravos não podiam levar consigo nenhum documento escrito provando que as formalidades para o embarque à América foram cumpridas, esse "documento" foi simplesmente marcado no peito do escravo com ferro em brasa, significando ao mesmo tempo que o escravo prestes a embarcar-se foi batizado e que o quinto real ou imposto de 20% que o rei de Portugal levantava sobre cada "peça" a ser comercializada para o Brasil, foi pago. O batismo entrou nas formalidades de embarque de escravos da África desde que "existia uma ordem régia emanada de Dom João III, o monarca que pôs em execução a colonização efetiva do Brasil, nos anos 1530: os escravos de Angola tinham que ser marcados no peito, a ferro em brasa, com o selo real: coroa ou cruz, como prova de que o imposto real sobre cada 'peça' tinha sido pago. Essa marca funcionava também como certificado de batismo, já em Angola, antes do embarque nos navios negreiros. Dom João VI, em 1813, mandou substituir essa marca de ferro em brasa por uma argola pendurada ao pescoço do escravo, que tinha o mesmo significado" (HOORNAERT, 1977, p. 302-303).

Esse procedimento tranqüilizava a muitos e diminuiu consideravelmente os escrúpulos de consciência que podiam surgir entre comerciantes de negros. Afinal de contas, batizar escravos era praticar um ato de caridade muito grande. Desta forma o escravo se apagava diante da consciência dos brancos enquanto alteridade e projeto próprio. Ele era apenas percebido enquanto servidor. Ainda hoje esse apagar da sensibilidade se verifica no Brasil em relação às empregadas domésticas, por exemplo: é uma das estruturas mentais menos sujeitas à cons-

cientização e mudança. Pois o negro não existia enquanto negro, só enquanto servo. Para falar com Enrique Dussel: o negro exprime de forma premente o "não-ser" da América Latina (ZIMMERMANN, 1987).

Concluindo este levantamento de temas bíblicos usados por autores do Brasil-colônia para justificar ou amenizar a escravidão negra existente, quero desfazer uma impressão que este inventário um tanto denso pode provocar no leitor, no sentido de que o tema do negro tivesse sido muito discutido entre os missionários e padres em geral. É uma impressão que não corresponde à verdade. No século XVI pode-se perceber certa agitação nos espíritos dos missionários acerca da legitimidade da escravidão, sobretudo nos próprios conventos e colégios religiosos (expressão dessa agitação: Gonçalo Leite e Miguel Garcia, já mencionados aqui), mas a partir do século XVII tudo parece "normal" e parece, também, que o negro não existe, tudo funciona sob controle. Quando escritores como Antonil, ou mais tarde Azeredo Coutinho, mencionam a questão teológica levantada pela presença negra no Brasil, é apenas de maneira passageira e como anotação esporádica. O mesmo se diga de Vieira, que só trata do negro em determinadas ocasiões formais como festas da Irmandade do Rosário dos pretos para as quais ele é convidado a pregar. Mas na sua obra *História do futuro,* que pretende elaborar uma teoria do Brasil, o negro simplesmente não existe, e nunca é mencionado na famosa teoria dos "antípodas" (VAN DEN BESSELAAR, 1976). África não existe na geopolítica de Vieira. Não se questiona nada acerca da África. Tudo é silêncio! Mais do que discursos e discussões, o negro no Brasil recebeu da parte dos brancos o silêncio, o pesado silêncio da insensibilidade e do esquecimento.

4. A TEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO

Escrevi no início deste trabalho que levantar um inventário acerca da leitura da Bíblia em relação à escravidão negra no Brasil-colônia me parecia uma tarefa deprimente. Mas é preciso passar por ela para perceber o que fundamenta a reflexão. Ora, a teoria agostiniana acerca da origem da escravidão é muito clara: "Foi a culpa que mereceu esse nome, não a natureza" *(Nomen istud culpa meruit, non natura);* "A primeira causa da servidão é o pecado" *(Primum servitutis causa peccatum est).* Parece que estamos ouvindo o eco das palavras de São Paulo: "Pelo pecado entrou a morte no mundo" (*Per peccatum mors*). E, afinal de contas, o eco de tantas e tantas pregações que insistem na relação entre sofrimento e culpa e constituem o "corpus" de uma teologia da retribuição que sempre foi hegemônica na cristandade ocidental. Ora, a teoria agostiniana acerca da relação entre escravidão e culpa carece do que Gustavo Gutiérrez chama de contemplação. É uma teoria vazia, sem contemplação do sofrimento realmente vivido pelos "inocentes". Como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente? (GUTIÉRREZ, 1987). Certamente não falamos de Deus com propriedade quando atribuímos aos escravos uma culpa que na realidade é a dos seus caçadores, comerciantes, e dos que se aproveitam de seus serviços. Falar de Deus com propriedade numa situação de escravidão é acusar os escravizadores, não os escravos.

O tema dos inocentes sofredores precisa ser abordado por quantos se interessam por uma teologia que responda à realidade brasileira: o tema de Abel e da "Igreja" que nasce dele *(ecclesia ab Abel);* a reunião dos injustiçados e marginalizados; o tema de José e dos que foram vendidos pelos próprios irmãos; o tema de Jó que fala com Deus acerca do mistério de um sofrimento sem falsa culpabilidade; o tema do homem abandonado à beira da estrada entre Jerusalém e Jericó e assistido pelo bom samaritano.

Rejeitar a teologia da retribuição em relação à questão da escravidão no Brasil é uma tarefa que se impõe.

BIBLIOGRAFIA

OBS.: Como de costume cito a partir das edições que estão ao meu alcance aqui no Nordeste, onde há falta de bibliotecas especializadas em história da Igreja. Por vezes tenho que citar a partir de fontes secundárias, e nem sempre tenho ao alcance das mãos as edições mais recentes.

ANTONIL. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* (livro de 1711). S. Paulo, Melhoramentos, 1923.

BENCI. *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos* (livro de 1705). Porto, Livr. Apostolado da Imprensa, 1954.

BOXER, Charles. *Relações raciais no Império colonial português, 1415-1825.* Porto, Afrontamento, 1977.

CONRAD. *Children of God's Fire. A Documentary History of Black Slavery in Brazil.* Princeton, University Press, 1983.

COUTINHO, Azeredo. *Análise sobre a justiça do comércio de resgate dos escravos da costa da Africa* (livro de 1804). Em *Obras econômicas de J. J. da Cunha Azeredo Coutinho (1794-1804).* S. Paulo, Cia. Editora Nac. 1966.

DUSSEL, Enrique. *Ética comunitária.* Petrópolis, Vozes, 1986.

ELLIOTT. *Um lar para quem não tem casa.* Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro. S. Paulo, Paulinas, 1985.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente.* Petrópolis, Vozes, 1987.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro.* Petrópolis, Vozes, 1974.

———. *História da Igreja no Brasil. 1º período.* Petrópolis, Vozes, 1977.

———. *A memória do povo cristão.* Petrópolis, Vozes, 1986.

JANS, Augustinus. A Man for all Seasons. Em *Streven.* Antuérpia, dezembro de 1986, p. 265.

MAXWELL. *Slavery and the Catholic Church.* Londres, Barry Rose Publishers, 1975.

MIRA, João Manoel Lima. *A evangelização do negro no período colonial brasileiro.* S. Paulo, Loyola, 1983.

Nova e curiosa relação de um abuso emendado, ou evidências da razão; expostas a favor dos homens pretos em um diálogo entre um letrado e um mineiro. Lisboa, 1764. Veja BOXER, *op. cit.,* p. 103-109.

PALACIN, Luís. *Vieira e a visão trágica do Barroco.* Quatro estudos sobre a consciência possível. S. Paulo, Inst. Nac. do Livro, 1986.

RIBEIRO DA ROCHA, Manoel. *Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado.* Lisboa, 1758.

RODRIGUES, José Honório. *História e historiografia.* Petrópolis, Vozes, 1970.

———. *História da história do Brasil.* 1ª parte. S. Paulo, Cia. Editora Nac. 1979.

SARAIVA, Antônio José. Le Père Antônio Vieira et la question de l'esclavage des noirs au 17e siècle. Em *Annales,* 1967, p. 1289-1309.

VAN DEN BESSELAAR (Ed.). *Antônio Vieira, história do futuro.* Livro anteprimeiro, 2 vol. Münster, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1976.

VIEIRA, Antônio. Sermão vigésimo sétimo. Em *Sermões de Vieira.* Problemas sociais e políticos do Brasil. S. Paulo, Cultrix, 1981.

ZAVALA, Silvio. Las Casas ante la doctrina de la servidumbre natural. Em *Revista de la Univ. de Buenos Aires,* 1944, 2, p. 45-58.

ZIMMERMANN, Roque. *América Latina, o não-ser.* Uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976). Petrópolis, Vozes, 1987.

Eduardo Hoornaert
Rua Miracema, 460
Messejana
60840 Fortaleza, CE

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM ACERVO MULTIDISCIPLINAR SOBRE O BRASIL

"Porventura não valeis vós para mim tanto quanto os negros?" *(cf. Am 9,7)*

I. "NA TERRA DE CUCH"

O povo bíblico viveu, durante toda a sua história, em permanente relacionamento com o Egito. Afinal, Canaã ou Palestina estava a um passo do território egípcio e era o corredor de passagem para qualquer comunicação entre as regiões da África e a Mesopotâmia, onde se situavam os grandes impérios do Norte (Hititas, Assírios, Babilônios...). É fácil compreender a importância estratégica do território que, para quem vinha do Egito, tinha sua porta de entrada em Gaza, na "Estrada dos Filisteus" (aí o Faraó fazia questão de manter um dispositivo militar com fortificações e tropas), e sua porta de saída na fértil e famosa "Planície da Semeadura" (Jezrael ou Esdrelão), ao sul do lago da Galiléia, no curso do célebre Quison, da batalha de Débora e Barac contra os príncipes de Canaã a serviço do imperialismo egípcio. Sim, Canaã era região prioritária para a segurança nacional do Egito, seu "quintal" ou seu "jardim", como diria o governo dos Estados Unidos da América do Norte sobre a América Central. Gaza corresponderia mais ou menos ao papel da Honduras de hoje...

Logo abaixo do Egito, abrindo passagem para a grande África, desconhecida e misteriosa, estava a "terra de Cuch"; os gregos a chamaram de Etiópia, quer dizer, "rosto queimado". Etiópia incluía o Sudão de hoje e suas relações com o resto do mundo parece que se faziam através do território egípcio e do mar Vermelho. Daí sua proverbial ligação com as terras da península arábica e seus povos.

O livro de Gênesis (2,10-14), em sua descrição do Jardim de delícias, "nas bandas do Oriente", fala-nos de que no meio do Éden nascia um rio que "dali se dividia em *quatro* braços". Vê-se, claramente, a intenção de identificar o paraíso com a totalidade da terra, com seus quatro pontos cardeais, ou "os quatro cantos do mundo". Dois braços do rio dirigem-se para o Norte,

região da Mesopotâmia (Tigre e Eufrates), e os outros dois correm em direção ao Sul. Um "rodeia toda a terra de Hévila", famosa pelos metais preciosos e as especiarias, são as grandes regiões da Arábia; o outro "circunda a terra de Cuch", é a África, sendo Cuch mais exatamente a designação da Etiópia.

Por esta geografia mítica, observa-se como a "terra de Cuch", já desde muito antigamente, causava impressão a outros povos. Era sinônimo de algo extraordinário, fora do comum, digna da companhia de regiões famosas pelo poderio imperial (Assíria) e pelas riquezas de seus produtos (Arábia). Terra longínqua, situada nos confins do mundo, Cuch evocava admiração e sentimento de imensa distância.

Para ressaltar o poder de Javé, capaz de outra vez reunir o seu povo das regiões mais distantes do mundo, uma profecia do período final do exílio babilônico (Is 11,11) vai dizer que "o Senhor tornará a estender a mão para resgatar o resto do seu povo", desde Ocidente (as ilhas gregas) até Oriente (a Pérsia), desde o Norte (Assíria) até Cuch, o extremo Sul.

Quando o profeta Amós quer alertar o povo israelita, denunciando seus sentimentos de auto-suficiência e de falsa segurança, construídos sobre uma má interpretação da *eleição* de Deus, compara-os com os etíopes: Eles parecem tão perto de Javé, seus eleitos, assim o pensam em sua ideologia de uma eleição que produza efeitos automaticamente; e, no entanto, valem diante de Deus o mesmo que valem povos inimigos seus (arameus e filisteus), seu valor não é mais nem menos que o do povo que parece o mais distante do santuário de Javé, os *cuchitas* (*cf.* Am 9,7). Face ao julgamento do Deus dos Exércitos não há privilégios; só um critério conta finalmente: A prática da justiça e da solidariedade entre as pessoas e entre os povos (cf. Am 4,11-13; 5,4-7; 9,7-10).

A terra de Cuch está habitada por descendentes de Cam, um dos filhos de Noé. Cuch é considerado o grande patriarca dos habitantes das terras do Sul. Dele descendem, p. ex., os das terras da Arábia (Hévila) e os da região de Sabá. Na sua descendência está também Nemrod, antepassado de certos povos da Mesopotâmia (Babel, Acad etc.). Egito e Canaã são seus irmãos. Esta genealogia, mais que reproduzir as originais afinidades étnicas dos povos, reflete seus relacionamentos geográficos e históricos (cf. Gn 10,6-8; 1Cr 1,8-10).

Cuch é, então, considerado descendente de Cam. Ora, este é o filho mais jovem de Noé. Este patriarca do dilúvio, novo Adão, princípio de nova humanidade, nos é apresentado como inventor de nova qualidade de vida. Inicia o cultivo da vinha e transforma a doçura da uva na gostosura do vinho, tradicionalmente símbolo da alegria, da festa e do culto (cf. Jz 9,13; 21,19-23). Tomado pelo prazer de sua nova descoberta, Noé, bêbado, "ficou nu dentro de sua tenda". O filho mais jovem, sem sequer pensar nas conseqüências de seu gesto, "viu a nudez de seu pai" e ainda foi até lá fora, com ar debochado, noticiá-lo aos irmãos. Sem e Jafé, cheios de pudor, evitam pôr os olhos na nudez de seu pai e, ao contrário, com um manto, cobrem-no e carregam-no nos ombros. Ao refazer-se da embriaguez, Noé abençoa Sem, exalta sobretudo Jafé e amaldiçoa a "Canaã" (cf. Gn 9,18-27).

O texto é enigmático. Haveria alusão a costumes homossexuais praticados na terra de Canaã? "Ver a nudez" significaria subir ao leito, como é claro em Lv 20,17, quando se trata de relações incestuosas com a própria irmã? Ou seria uma maneira de referir-se a relações adulterinas e incestuosas de Cam com a mulher de seu pai, de modo semelhante ao que se diz de Rúben em Gn 35,22; 49,3s? Como quer que seja, o que parece bem claro é referir-se o texto a costumes sexuais condenáveis.

Este texto, ao longo da história, muito tem alimentado a *ideologia* e o preconceito racial antinegro. Cam é o antepassado de Cuch. Logo, a África é a terra da maldição, o inferno donde Deus se digna retirar os condenados para, pelo purgatório da escravidão nas Américas, finalmente alcançarem o paraíso — tal é a teoria tão brilhantemente desenvolvida, p. ex., pelo padre Antônio Vieira, ele mesmo grande defensor da liberdade dos índios, em famosos sermões (cf. p. ex. Sermão XXVII e Sermão XI).

Tão arraigada estava essa convicção que no Concílio Vaticano I um grande grupo de bispos assinou uma petição para que a Igreja retirasse dos negros a maldição que sobre eles pesava. Só dois dos sete bispos brasileiros aceitaram assiná-la. O papa Pio IX tinha chegado ao ponto de conceder indulgência a uma oração nestes termos: "Nós choramos todos os pecados pelos quais vossa divina majestade foi ofendida por esses povos e seus antepassados, *desde o pecado do desgraçado Cam* até nossos dias". Uma das conseqüências da maldição seria a cor preta (cf. P. CHARLES, Les Noirs, fils de Cham, le maudit, em NRT 55 (1928) 721-739).

Ora, olhando o texto com atenção, percebe-se claramente seu caráter *etiológico*. Há um problema que preocupa os israelitas e sobre ele julgam importante refletir para chegar às causas. Como explicar que os cananeus se tenham enfraquecido e se achem dominados em sua própria terra? Os filhos de Sem (israelitas) os venceram e também os filisteus (povo ocidental, europeu, descendente de Jafé) os dominam. Estes últimos chegam até a exercer poder sobre os próprios filhos de Sem. Enquanto Canaã deverá ficar a serviço de seus irmãos. Como entender que, de senhores da terra, os cananeus se tenham convertido em gente submetida? Só uma maldição pode explicá-lo.

Sabemos como o povo hebreu sentia horror pelos costumes debochados dos cananeus. Basta pensar nos cultos onde o *vinho* e o *sexo* ocupavam lugar de destaque como meios de comunhão com a divindade e garantia da fertilidade da natureza. Os profetas vão, especialmente, denunciar a prostituição cultual. Os conselhos de sabedoria guardam memória dessa atitude crítica face à civilização de Canaã (cf. Provérbios). A narração do pecado em Gn 2 está pontilhada de motivos anticananeus, com suas sutis alusões à tentação de seus cultos orgiásticos como a grande armadilha para o javismo — a serpente, a sensualidade com que se descobre a fruta, a insistência na mulher, a nudez... (cf. C. MESTERS, *Paraíso terrestre, saudade ou esperança?* Petrópolis, Vozes). É desse contexto que vai surgir a lenda da embriaguez de Noé.

O texto não deseja que a maldição de Cam seja interpretada de maneira ampla, como se se estendesse a todos os seus descendentes. Desde o início toma

o cuidado de restringir o alcance da questão. Já no v. 18 faz questão de indicar: "Cam é o pai de Canaã". Ao mencionar Cam, em seguida, no v. 22, outra vez nos alerta: "Cam, pai de Canaã". E, no v. 25, diz diretamente: "Maldito seja *Canaã!*" E a maldição é repetida nos v. 26 e 27 e sempre tendo *Canaã* como objeto. Em nenhum momento se atribui a maldição a Cam. É Canaã o amaldiçoado. E a falta é cometida por Cam, é verdade, mas enquanto *pai de Canaã.*

É certo que o relato manifesta incongruência. Se é Cam o culpado, por que a maldição não se pronuncia diretamente contra ele, mas contra um e *só um* de seus descendentes? Só que a pergunta supõe um tipo de lógica que não é própria das histórias populares nem das lendas etiológicas. Seria semelhante a perguntar se Caim, ao sair, casou-se com sua mãe, pois até o momento a única mulher que aparecera nos textos fora Eva (Gn 4,17). E o povo bíblico transmitia essas histórias sem se fazer tal pergunta. Há exegetas que supõem conter a tradição original dos filhos de Noé, não o nome de Cam, mas de Canaã: Sem, Jafé e *Canaã.* O horizonte do texto seria restrito ao ambiente palestinense. E estaria resolvida a incongruência.

De qualquer maneira, o texto é claro. Sua preocupação é explicar a realidade presente, quem sabe, do período entre Saul e Davi; quando Israel está submetendo os cananeus e os filisteus ainda têm poder de ameaçar Israel: "Deus dilate a Jafé, que habite nas tendas de Sem" (v. 27). E a explicação tem de ser a maldição que cai sobre Canaã. Não é Cam o amaldiçoado, nem toda a sua descendência. A causa da maldição se atribui a Cam na qualidade de "pai de Canaã". E, no momento de pronunciar a maldição, é Canaã quem vem diretamente indicado como seu objeto. Não há maldição generalizada para os descendentes de Cam, muito menos se consideram malditos os habitantes da terra de Cuch. Só as lentes de aumento da ideologia escravista, interessada em legitimar a má consciência de um sistema de inaudita crueldade, pôde enxergá-lo, ou melhor, imaginá-lo. E a imaginação tomou asas de ave de rapina e foi longe demais.

II. "GENTE DE ALTA ESTATURA E DE PELE LUSTROSA"

No capítulo 18 do livro do profeta Isaías temos uma descrição de Cuch, que mostra de maneira sugestiva como era visto esse povo pelos demais. "Terra dos grilos alados", cortada pelas águas de rios; seus habitantes são experimentados navegadores "em barcos de papiro por sobre as águas", velozes portadores de mensagens a outros povos (embaixadores), "gente de alta estatura e de pele lustrosa (sem barba), nação poderosa e ameaçadora" (18,1.2.7). Heródoto diz serem "os mais altos e os mais belos de todos os homens" (III, 20). Eles mesmos apreciam sua cor negra como o grande dom que Deus lhes fez. O que causa especial impressão são suas qualidades militares. Destemidos e admirados, valentes na guerra. Aparecem freqüentemente associados aos egípcios em suas incursões militares.

No tempo de Roboão, sucessor de Salomão em Judá (931-913 aC), Xexonc ou Sesac, primeiro faraó da XXII[a] dinastia, no quinto ano do reinado de Roboão, invadiu a Palestina e locupletou-se dos tesouros do templo, como tributo (cf. 1Rs 14,25s). O pagamento do tributo faz o reino respirar **aliviado (cf. 2Cr 12; 16,18).** Seu exército era formado de combatentes líbios e *cuchitas* (cf. 2Cr 14,8-12). Durante o governo de Asa (911-870 aC) — filho de Abiam (913-911 aC), portanto neto de Roboão, —, apesar da informação do livro das Crônicas de que "a terra gozava de paz e não participou de nenhuma guerra naqueles anos" (2Cr 14,5), diz-nos o livro dos Reis de intensa luta interna travada pelo poder central contra a religião (e a autonomia?) das aldeias, em favor de Jerusalém. Luta que teve seus desdobramentos no próprio interior da família real, com a destituição da rainha-mãe que perde sua dignidade de primeira-dama (cf. 1Rs 15,9-15). E, ainda, teve o rei de fazer face às ameaças de Israel (Reino do Norte) sob o comando de Baasa (909-886 aC), o que o levou a firmar aliança com o rei de Damasco, a quem entrega pesados tributos (cf. 1Rs 15,16-22). Nessa conjuntura já difícil, que obrigava o rei a fortalecer ainda mais seu dispositivo militar (cf. 2Cr 14,6-7), o país sofre um ataque dos guerreiros tradicionalmente temidos. "Zara, *o cuchita,* marcha contra eles com um exército" impressionante. Quem sabe, tratava-se de mais uma incursão a serviço do Egito. Mas a luta favorece a Judá e os etíopes são desbaratados no Sul, em Gerara (cf. 2Cr 14,8-14).

No tempo de Jorão (848-841 aC), rei de Judá, filho do piedoso Josafá (é o período de atuação do profeta Eliseu) e marido da famosa Atalia (841-835 aC), irmã de Acab (de Israel: 874-853 aC — tempo do profeta Elias), levantam-se os filisteus e os árabes, invadem, saqueiam Judá e levam do palácio real até os filhos e as mulheres do rei. E o texto faz questão de ressaltar: "Filisteus e árabes, *vizinhos dos cuchitas*". Como se esta observação servisse para caracterizar de maneira mais forte a violência do ataque (cf. 2Cr 21,16-17). Cuchitas eram guerreiros temidos. O profeta Naum, em tempos posteriores, lá pelo final do século VII (período de Josias: 640-609 aC), ao falar da queda de Tebas, como presságio da próxima ruína de Nínive, diz que "em Cuch repousava sua força", mais uma vez a Etiópia em aliança com o Egito (Na 3,9).

Durante a atuação de Isaías, quando Ezequias é rei de Judá (716-687 aC), o faraó Taraca, da XXV[a] dinastia (690-664 aC), é mencionado declarando guerra a Senaquerib, da Assíria. E a terra de Canaã necessariamente se vê envolvida no conflito por sua condição de corredor de passagem para os grandes impérios. Senaquerib pretende dobrar o poder do Egito e castigar exemplarmente a rebelião de Ezequias que se recusara a pagar-lhe o tributo estabelecido desde o período de seu pai Acaz (736-716 aC), como preço para livrar Jerusalém (cf. 2Rs 16,5-9; 2Cr 28,20-22; Is 7,1-9.18s). Ezequias se confia no Egito, no poderio militar do faraó Taraca, de origem etíope e chamado "rei de Cuch" (cf. 2Rs 19,9; Is 37,9).

Pelo livro de Jeremias os cuchitas são mencionados outra vez como aliados dos egípcios, a serviço de seus interesses, temíveis guerreiros, bem armados de escudos, subindo a terra como avassaladora enchente do Nilo (cf. Jr 46,9). E Ezequiel os apresenta associados a Gog (figura mítica do poder opressor e violento), na grande investida final (cf. Ez 38,5).

Talvez, nesse contexto guerreiro, possa-se entender a razão pela qual o Sl 7, prece do justo perseguido, atribuída a Davi, tem no seu cabeçalho a anotação "a propósito de Cuch". O que parece desautorizar esta explicação é que aí se tem a impressão de que Cuch vem tomado como nome próprio, pois faz-se acompanhar do aposto "benjaminita". Ou será que "ben-y^{e}mînî" não deveria ser interpretado como "filho do Sul"? Nesse caso, teríamos uma designação bem adequada aos cuchitas. A dificuldade é que em outros textos os cuchitas nunca aparecem sob essa designação de "sulistas" (benjaminitas).

Mas, além de impressionar por seu porte guerreiro, as regiões de Cuch são famosas por suas riquezas. O livro de Jó, cantando o valor inigualável da sabedoria, diz ser ela até mais excelente que o topázio de Cuch. O que indica o quanto era famosa a região por suas pedras preciosas (cf. Jó 28,18-19).

Tanto o livro do Gênesis como o de Isaías associam os cuchitas aos habitantes da região de Sabá. Em Gn 10,7, o povo de Sabá aparece como neto de Cuch. Em Is 45,14, junta-se aos egípcios e aos cuchitas na adoração de Javé. As relações entre Cuch e Sabá devem ser intensas mediante a navegação no mar Vermelho (cf. Is 18,1-2). E daí o que se diz de um associa-se imediatamente ao outro. Sabá é famosa por suas riquezas. Como Cuch, evoca a mesma imagem de terra distante e longínqua (cf. Jl 4,8), donde chegam raras especiarias, pedras preciosas, ouro e perfumes requintados (cf. Ez 27,22-24). Havia até a tradição de que sua rainha visitara o grande rei Salomão e, em sua homenagem, trouxera-lhe presentes em camelos carregados de pedras preciosas, de ouro e de aromas raros (cf. 1Rs 10,1.2.10). É de Sabá que se exporta o incenso (cf. Jr 6,20). Sua gente é gente famosa por viajantes e mercadores, comerciantes de coisas finas e apreciadas em toda parte (cf. Ez 27,22-24; Jó 6,19; 1Rs 10,1.2.10). Imagina-se que Jerusalém será um dia o lugar aonde se destinarão as riquezas do Sul, para o louvor de Javé e a glorificação de seu rei (cf. Sl 72,10.11.15). O livro de Isaías, ao falar da grande viragem da história, anuncia que "os produtos do Egito e a *riqueza de Cuch,* bem como os sabeus, gente de alta estatura" (cf. a mesma caracterização dos cuchitas em Is 18,2), todos pertencerão a Israel e, após o castigo, chegarão a reconhecer a Javé e rogarão, eles mesmos, para integrar-se em seu povo (cf. Is 45,14). E Jerusalém se verá inundada por uma "horda de camelos, dromedários de Madiã e Efa, todos virão de Sabá trazendo ouro e incenso e proclamando os louvores de Javé" (Is 60,6). É interessante que Madiã, aqui associada a Sabá, em Hab 3,7 vem associada a Cuch. E em Sf 3,10 diz-se diretamente de Cuch o mesmo que outros textos anunciam de Sabá: Virão trazer suas riquezas e prestar homenagem de adoração a Javé.

E a cor da pele dos cuchitas impressionava sobremodo. Chamava atenção sua "alta estatura e pele lustrosa" (Is 18,2). Impressionava tanto que se convertera em elemento de comparação proverbial. Para expressar situação de radical impossibilidade se dizia: "Pode um cuchita mudar sua pele?" (Jr 13,23). Neste texto, a cor negra não parece ser vista como algo apreciável e positivo, a seqüência da comparação parece indicá-lo: "Podeis vós também fazer o bem, vós que estais acostumados ao mal?" Só que a razão, tudo leva a crer,

é a associação "gente de pele luzidia" e "nação poderosa e ameaçadora". Os cuchitas causavam medo por seu tradicional valor militar. Daí a animosidade que se manifestava, e como que se simbolizava na tão evidente diferença de cor, a começar pelo contraste de ausência de barba. Não se trata, porém, de julgamento a partir de "preconceito racial", mas de uma relação histórica de animosidade que se foi dando a partir das freqüentes situações de guerra quando a "gente de pele lústrosa" aparecia como inimiga, lutando ao lado dos egípcios, o grande poder imperialista, opressor da terra de Canaã. Que assim seja parece evidente no texto de Jeremias, pois, no paralelismo que estabelece no v. 23, a frase correspondente a "pode um cuchita mudar sua pele" é "um *leopardo* as suas pintas". Ora, o leopardo é animal feroz, imagem da força, da rapidez no salto, da agressão, da guerra (cf. Is 11,6; Ct 4,8; Jr 5,6; Dn 7,6; Os 13,7; Hab 1,8; Ap 13,2).

É claro que uma frase como esta de Jeremias, uma vez lida fora de seu contexto, pode muito bem, ao longo da história, ter-se prestado a fundamentar a inominável ideologia do preconceito racial pela qual o mal se identifica com o negro.

Há alguns textos onde se menciona a cor negra. Branco, malhado e negro são as cores dos animais no rebanho de Labão (cf. Gn 30,32.33.35.40), como também dos cavalos que puxam os carros na grande visão de Zc 6,2.6. Em Ap 6,5 o cavalo negro conduz o flagelo da fome. O preto indica a escuridão das sombras nos dias de luto e de sofrimento (cf. Ez 31,15; 32,8; Is 50,3; Jl 2,2; Jó 10,22; Sf 1,15; 2Pd 2,17; Jd 13; Ap 6,12). A pele, pela tristeza ou pela doença, se escurece (cf. Lv 13,31.37; Lm 4,8; Jó 30,30). Negros, como o corvo, são os bonitos cabelos do amado, em Ct 5,11 (cf. Mt 5,36). Finalmente, a cor negra vem associada ao duro trabalho no campo, a pele queimada pelo sol, em contraste com o descolorido que caracteriza as pessoas de elite, parasitas protegidas em suas casas da cidade (cf. Ct 1,5.6).

III. "POR CAUSA DA MULHER NEGRA"

É no contexto das relações comerciais com as terras do Sul, bem como por causa das guerras, que se deve situar a compreensão da presença de cuchitas no seio do povo de Israel.

No tempo de Davi, é um escravo *cuchita,* estrangeiro, o mensageiro escolhido para levar ao rei a trágica notícia da morte de seu filho e adversário Absalão (cf. 2Sm 18,21-32).

Quando Jeremias está em aberto conflito com os poderosos da corte de Jerusalém e ordena a Baruc que leia em público seus oráculos de denúncia e ameaça, este é convocado pelos principais do Estado a comparecer a uma reunião e informá-los das palavras do profeta. Quem vai levar o recado e convocar Baruc são dois homens (dois servos?), Judi, filho de Natanias, e Selemias, filho de Cuchi, quer dizer, "do Negro". Tratar-se-ia de nome próprio

cuja origem se perde no tempo? Seria Cuchi de alguma família etíope que, desde não se sabe quando, vive em Jerusalém, gente imigrada no comboio das múltiplas relações com as terras do Sul? Ou será Selemias membro de alguma família chegada a Jerusalém entre escravos africanos prisioneiros de guerra? De qualquer forma, chama atenção que alguém viva entre a população de Jerusalém, exerça função a serviço da corte e seja chamado de "filho do Negro".

Mais interessante ainda é a narração que se acha em Jeremias 38,7-13. Aí, o profeta, perseguido e metido prisioneiro num poço lamacento e fétido, tem salva sua vida pela intervenção de um *homem cuchita,* de um negro. Este aparece sob o nome de Ebed-Melec, que pode não ser seu nome próprio, pois parece mais um epíteto: "Servo (ministro?) do rei". É alguém de alta posição, eunuco do palácio, com acesso direto ao soberano e com prestígio suficiente para dele obter aquiescência a suas pretensões. Sua *condição de cuchita* é tantas vezes salientada que parece outro epíteto pelo qual é conhecido na corte. Havia, assim, até na corte de Jerusalém, pessoas importantes de origem negra, embora o fenômeno não pareça tão comum, pois o fato de ser cuchita parece ser sentido pelo texto como algo raro, por isso tão insistentemente repetido.

Sua magnanimidade em relação ao profeta é abençoada e o eunuco etíope recebe a seu favor a promessa de salvação de escapar da espada porque havia posto em Javé sua confiança (cf. Jr 39,15-18). Aqui convém lembrar o texto de Isaías 56,4-9, quando se promete a eunucos e estrangeiros participação plena na casa de Javé e "memorial e *nome* mais preciosos do que teriam com filhos e filhas" (Is 56,5). Os Atos dos Apóstolos (8,26-40), no episódio do eunuco cuchita, ministro da rainha Candace, querem indicar que, *em nome de Jesus,* essa promessa se cumpre, os distantes e postos à margem, mutilados, estrangeiros, negros, têm pleno acesso à casa de Deus, como um dia a rainha de Sabá, recebida com todas as honras, na Jerusalém de Salomão, sobre o monte Sião (ver artigo de José COMBLIN neste volume).

Mas, de todas as tradições, a mais preciosa é a que existe em torno da figura do próprio Moisés. Conta-se que fora casado com uma estrangeira e esta era *cuchita* (cf. Nm 12,1). É verdade que, em relação ao casamento de Moisés, há certa hesitação na tradição. Em *Ex 2,16-22* diz-se que sua esposa se chama Séfora, filha de Raguel, sacerdote de Madiã. Em *Ex 3,1; 4,18 e 18,1* seu sogro, apesar de madianita, recebe outro nome, chama-se Jetro. Em *Jz 1,16; 4,11* fala-se do sogro de Moisés como sendo Hobab, e este não é indicado como madianita, mas *quenita. Nm 10,29* parece ser uma tentativa de harmonizar as duas tradições, pois fala-se de Hobab (que segundo Jz é quenita), mas é designado como filho de Raguel, *madianita.*

Temos, assim, três tradições discordantes. Uma atribui a Moisés esposa quenita; outra o relaciona com os madianitas; finalmente, a terceira conserva memória de um casamento com mulher africana, cuchita.

Como já se disse acima, é freqüente a associação dos cuchitas aos egípcios, mas em alguns textos aparecem associados aos sabeus (árabes). E em Hab 3,7 Cuch vem em paralelismo com Madiã (cf. Is 60,6 onde os madianitas

estão associados aos sabeus). Por isso não é estranha a hesitação da tradição entre madianitas e cuchitas.

Por sob as diferentes tradições há claramente uma memória comum, o casamento de Moisés com uma estrangeira, *das regiões do Sul.* Nas origens do povo, nenhum sentimento de xenofobia! E, para surpresa de muitos, não há nenhuma repugnância a que o grande libertador, fundador e legislador do povo — aquele a quem Javé "falava face a face e "a quem toda a sua casa está confiada" (Nm 12,7s), — tivesse em sua companhia uma mulher cuchita, "gente de pele lustrosa", da descendência de Cam, uma negra. E para que fique bem claro Nm 12,1-10 nos diz que Maria, irmã de Moisés (e provavelmente também Aarão, na tradição mais primitiva, cancelada por interesses sacerdotais de não empanar a memória do patrono do clero...), foi castigada com a lepra por murmurar contra seu irmão "por causa da mulher cuchita" que desposara.

Finalmente, temos o caso do profeta Sofonias, "filho de Cuchi" (Sf 1,1), "filho do Negro". Nome próprio de seu pai? Nome próprio revelador da cor parda da pele? De família de origem africana? O fato é que, mesmo permanecendo o enigma, seu pai vem designado como *negro.* E pode-se ressaltar uma interessante coincidência: Sofonias, o negro, é o profeta dos "pobres de Javé", aquele que convida "todos os pequenos da terra" a buscarem o Senhor. Os "pequenos", os que não se fecham na ilusão de que sua fortaleza possa vir de si mesmos, como pensam os da classe dirigente (cf. 1,8-9) e os ricos do país, cujo coração repousa tranqüilo em sua prata e na abundância de seus bens. Mas o dinheiro não pode salvar do desastre (cf. 1,10-18). A terra não pode ser lugar de felicidade enquanto for habitada por gente orgulhosa, que se vangloria em sua arrogância. O povo só será feliz quando o país realmente estiver nas mãos do "resto", gente "pequena e pobre que deposita toda sua confiança no Senhor" (3,12), gente que busca a justiça e põe em prática normas de convivência de acordo com a vontade de Deus. Nesse dia, a terra será, finalmente, destinada ao trabalho produtivo de camponeses e pastores; e as casas, lugar de abrigo seguro (cf. 2,6-7). Nesse dia, poderá haver paz, os estrangeiros se reunirão ao povo de Javé e invocarão o nome de Deus. Todos os povos se considerarão "de lábios puros". E Sofonias leva seu pensamento às terras distantes de seus antepassados (?) e proclama cheio de esperança: "Dalém dos rios de Cuch os *meus adoradores* virão trazer-me suas oferendas" (3,10). Como os israelitas, os cuchitas serão, também eles, adoradores de Javé. Mas isto quando o país estiver nas mãos de "gente pequena e pobre". E assim, a causa dos negros está indissoluvelmente ligada à causa dos pobres. Não é possível separar a luta pela libertação étnica e cultural das *raças oprimidas* da luta pela libertação econômica, social, política e cultural da *classe oprimida.* Pobres e negros têm condições de compreendê-lo e de se confraternizarem na mesma luta. Por isso, diz-nos Sofonias: "Quando eu arrancar do meio de ti (do povo) os que se vangloriam em sua arrogância" (3,11).

IV. "AI DA TERRA DOS GRILOS ALADOS"

Nos escritos proféticos, é ponto central a idéia de que a infidelidade não pode passar sem ser punida. Todos os que se opõem aos desígnios de Javé serão castigados. Freqüentemente, a formulação pode dar a entender tratar-se de pensamento nacionalista, pois identificam-se "inimigos de Javé" com inimigos de seu povo. Só que, na verdade, a questão é outra, bem mais ampla e mais profunda. Ser inimigo de Javé é opor-se a seu sonho de *aliança em favor da vida.* E esse projeto equivale à prática de relações de justiça e igualdade para que se estabeleça na terra o "shalom", a felicidade, cujo sinal mais forte é a paz internacional, quando os povos, finalmente, chegam a eliminar as armas (as despesas militares) e a conviver confiantemente, usufruindo do trabalho produtivo e alimentador da vida (cf. Is 2,1-5; Mq 4,1-3). Javé é Deus de todos os povos, é o único (cf. Dt, Am, Is) e, por isso, todos têm de responder perante Ele. Isto fica ainda mais claro quando não apenas os povos estrangeiros são ameaçados; mas quando o próprio Israel, junto com Judá, são alvo da ameaça e do castigo por não conseguirem realizar um projeto de convivência humana segundo a vontade de Javé, em que a liberdade e a felicidade realmente tomem corpo, desde as relações econômicas e sociais até a dimensão ideológica (a desalienação, superação do "espírito de prostituição", de acordo com a terminologia de Oséias 4,12), passando pela reorganização do poder político. Aliás, em todos os profetas, é sobretudo o povo israelita que cai sob a ameaça do castigo (cf. Am 2,4-5.6-16; 3,1-2; 4,12). E já no século VIII, nos albores do profetismo chamado de clássico, o profeta Amós manifesta clara consciência de que, diante de Javé, "Deus de Israel", paradoxalmente, o seu povo vale tanto quanto os estrangeiros. O julgamento se dá, não a partir do critério arbitrário e automático de uma eleição mal compreendida, mas com base na prática efetiva de uma convivência segundo a justiça (cf. Am 5). Os filhos de Israel, aparentemente tão próximos de Javé, valem tanto quanto os *cuchitas,* essa gente do Sul, aparentemente tão distantes. E o profeta chega à suprema ousadia, nesse processo de denúncia da alienação — alienação que se manifesta no sentimento de auto-suficiência e privilégio —, suprema ousadia de relativizar até mesmo a mais sagrada das tradições, o êxodo do Egito: Assim como Israel migrou do Egito a Canaã, da mesma maneira tradicionais inimigos seus também tiveram suas grandes migrações, os filisteus, de Cáftor (das ilhas da Grécia) e os arameus, de Quir (na Mesopotâmia), e em todos esses trajetos é preciso enxergar a mão condutora de Javé que, misteriosamente, guia a história (cf. Am 9,7).

Neste contexto amplo, internacionalista, os diversos povos devem passar pelo castigo, pelo julgamento de condenação, pela crise. É que, na verdade, só a convivência segundo a justiça pode conduzir os povos à construção de uma sociedade equilibrada. Enquanto persistirem a injustiça e a opressão — o pecado —, a crise será permanente, a sociedade será sempre um tecido em desagregação; enquanto persistir a divisão, haverá inimizade e luta. "Quem semeia ventos, colhe tempestade", lembra Oséias. "Quem amontoa opressão e rapina em seus palácios" só pode estar entesourando violência e apressando

o dia da desgraça (cf. Am 3,10-11; 5,16-20). Os vários profetas têm a sua secção de "oráculos contra as nações" (cf. Is 13—23; Jr 25,13-38; 46—51; Ez 25—32).

Entre os povos a serem castigados estão também os *cuchitas.* E, como acontece com os outros, o eixo da questão é a guerra. A guerra, o militarismo, a disputa de hegemonia é o flagelo que a todos consome. Provocar a guerra e sofrer a guerra, eis o círculo, digamos demoníaco, em que estão encerrados os povos. E os cuchitas, como povo guerreiro, não são exceção. Eles também são vítimas da mesma "espiral de violência" que, paradoxalmente, alimentam e de que, em parte, são seus próprios autores. Ao participarem do jogo histórico do imperialismo, especialmente do imperialismo epípcio, estão ateando uma fogueira na qual eles mesmos se verão consumidos. "Também vós, ó cuchitas, sereis abatidos pela minha espada" (Sf 2,12).

Essa "gente de alta estatura e de pele lustrosa, povo temido por toda parte, nação poderosa e ameaçadora", "ai dessa terra dos grilos alados", "tudo será abandonado às aves de rapina dos montes e aos animais selvagens". Os cuchitas dominam até ao Egito, governado por esse tempo por dinastia etíope, mas tudo será consumido como "por um calor ardente de pleno meio-dia" e as aves de rapina se apoderarão do espaço, de inverno a verão (cf. Is 18). Os filisteus de Azoto ficarão sem nenhuma esperança de socorro, pois punham sua confiança no Egito e nos guerreiros cuchitas. Mas estes serão vencidos por Sargão II, rei da Assíria (no ano 711 aC), e os valentes na guerra se reduzirão a escravos em marcha para o exílio, "jovens e velhos, nus e descalços, com a bunda descoberta, para sua vergonha" (Is 20; cf. 2Sm 10,4).

Um texto cheio de evocações míticas, do profeta Habacuc, descreve a vinda de Javé com "raios saindo de sua mão (...) caminhando a peste diante dele e a febre ardente seguindo seus passos. Ele pára e faz tremer a terra, olha e faz vacilar as nações. As montanhas eternas são destroçadas, desfazem-se as colinas antigas, seus caminhos desde sempre". Pois bem, num texto deste tipo, em reação atemorizada diante da terrível e majestosa presença de Deus, vê o profeta "em aflição as tendas de Cuch e agitadas as tendas da terra de Madiã", regiões distantes e antigas que, no caso, adquirem conotação mítica, cósmica, e representam o mundo inteiro ameaçado pela cólera inflamada de Javé que intervém, à maneira dos primeiros tempos, lançando seu furor contra os rios (o Nilo?) e contra o mar (do Egito?), qual comandante montado em seu cavalo, conduzindo seus carros vitoriosos, e em suas mãos as armas de guerra (3,3-9). A aflição de Cuch se faz símbolo de todos os que se atemorizam diante da intervenção poderosa de Deus.

Algo semelhante acha-se em Is 43,3. Ao anunciar a libertação do povo da opressão e do exílio na Babilônia, o profeta alarga o olhar e diz que, como preço de resgate de seu povo, o Senhor entrega Egito, Cuch e Saba. Não se trata aqui de alusão a um fato histórico preciso, mas de generalização típica da poesia. Por seu povo, Javé é capaz de entregar os povos estrangeiros, até esses que se acham tão distantes. Egito, Cuch e Saba, neste caso, são símbolo das conquistas persas nas quais o profeta está enxergando o caminho concreto

que conduz à libertação de seu povo. Uma confirmação disto está no versículo imediatamente seguinte: "pois és precioso aos seus olhos, és honrado e eu te amo, entrego pessoas no teu lugar e *povos* pela tua vida" (v. 4). Ou seja, como no caso de Habacuc, aqui também Cuch vem tomado simbolicamente, como representação poética, quase mítica. Isto mostra o significado e o caráter evocativo que tinham na cultura de Israel os nomes desses povos do Sul. Povos famosos, de guerreiros valentes, tradicionais aliados do clássico imperialismo dominante na região, habitando em terras distantes e estranhas, o que, talvez, se ressaltasse ainda mais pelo pardo de sua pele. Falar de Cuch era referir-se a algo quase nas fronteiras entre o real e o imaginário. Para além das intenções da Bíblia, isto, sem dúvida, vai ser lenha escolhida para alimentar, no futuro, a fogueira ardente (pela paixão desvairada dos interesses dos exploradores) da cruel ideologia do racismo e do escravismo.

O profeta Ezequiel anuncia a queda do Egito (Nabucodonosor invade o Egito em 568 aC, alguns anos após ter sido aí derrotado, em 601). O país será devastado, para que se manifeste que "o Nilo é meu, eu é que o fiz", desde as fortificações do Norte (Magdol) até ao extremo Sul. E associam-se na mente do profeta, imediatamente, Egito e Cuch — "até às fronteiras de Cuch" (29,10). "A espada cairá sobre o Egito, sobre Cuch se abaterá a angústia", o país se encherá de caídos, trespassados a espada, suas riquezas saqueadas, suas construções arrasadas até aos fundamentos. Cairão o Egito e todos os povos da região, todos integrantes de ampla aliança militar: os árabes, os líbios, os *cuchitas* e outros — todos subjugados e derrubados pela força cortante da espada. Não haverá quem possa sustentar o Egito caindo com todo o peso de sua "força presunçosa", todos os seus apoios (aliados) se revelarão sem consistência e ficarão em pedaços. A angústia será anunciada na região dos cuchitas por embaixadores que, agora, navegarão em direção inversa (30,4-9; cf. Is 18,2).

Finalmente, em Daniel 11,43, fala-se das perturbações que se dão nas regiões do Sul quando das campanhas de Antíoco IV. O Egito não escapará (1ª campanha contra o Egito em 169 aC; e a 2ª em 168. Esta segunda se conclui sob a exigência romana de que Antíoco se retire do território egípcio). As riquezas serão saqueadas e seus aliados, "líbios e *cuchitas,* pôr-se-ão a seus pés".

V. "CUCH ESTENDERÁ AS MÃOS PARA DEUS"

Os profetas desejam a fidelidade incondicional de Isarel a Javé, querem-no um povo-testemunha, um sinal elevado entre as nações. Isto concretamente quer dizer um povo militarmente neutro, eqüidistante das disputas entre os impérios, "não alinhado", desvinculado de blocos e alianças militares (cf. Oséias e Isaías). Sabem muito bem que um país pequeno só tem a perder à sombra das grandes potências. Atribuem a degradação social e as derrotas militares à infidelidade ao pacto com Javé, este sim, a única aliança que Israel é chamado a contratar.

Mas será que seu pensamento é mítico a esse ponto, o que, em termos políticos, equivaleria a dizer ingênuo? Será que não percebem que derrota militar não é apenas efeito de pecado da nação, mas sobretudo de fragilidade política? Um povo pode, por hipótese, ser muito fiel a Deus, ou esforçar-se sinceramente por sê-lo e, no entanto, de fato, e até por causa disto mesmo (basta pensar, em nossos dias, nos casos de Cuba e Nicarágua, ameaçados pela política do Estado norte-americano que deseja com todas as forças destruir o esforço de reconstrução do sistema social em favor do bem-estar da maioria da população), ser atacado e derrotado militarmente. Serão politicamente ingênuos os profetas ao exigirem fidelidade como penhor de paz e bem-estar (shalom)?

É verdade, os profetas exigem de Israel e de Judá fidelidade incondicional às normas da Aliança, cujo ideal de fundo é permanentemente o igualitarismo tribal elevado a modelo teológico e arquétipo de convivência social. Só que essa exigência não é proclamada de maneira isolada, em horizonte fechado e meramente nacional. É sintomático ao mesmo tempo exigirem fidelidade de seu povo e condenarem os estrangeiros por seu comportamento infiel diante de Javé. É claro por aí que o horizonte de sua visão política é internacionalista. Javé, o Deus de Israel, tem exigências de fidelidade para todos os povos e, por isso, os castiga em suas transgressões. Basta verificar a insistência com que denunciam os pecados das nações (cf. os diversos oráculos contra as nações) e isto para além de qualquer interesse nacionalista, hoje diríamos, a partir de critérios de *direitos humanos* e de relações de direito internacional (cf. Am 1,3—2,16; notar especialmente o oráculo contra Moab, 2,1-3, onde não se pode suspeitar de nenhuma ponta de nacionalismo). Não basta a fidelidade de um único povo. Só se estabelecerá o *shalom,* a paz e o bem-estar, na medida em que os povos aprenderem uma nova maneira de conviver, baseada no trabalho produtivo e não nos mecanismos de exploração, de que a guerra é a expressão e o resultado mais dramático (cf. Is 2,1-5; Mq 4,1-3; Zc 9,9-10). Dir-se-ia, os profetas tiveram a clara intuição de que não é suficiente, nem possível, a fidelidade num único país. Formulação antiga de uma questão que, particularmente, em nossa época tem sido amplamente debatida, ou seja, *fidelidade num único país* não corresponderia, em larga medida, àquilo que modernamente se formulou com a interrogação se é possível o *socialismo num só país?*

É por força dessa intuição, é por terem percebido que o *shalom* só se estabelecerá definitivamente se a grande transformação se der em dimensões internacionais e mundiais, é por terem visto isto com clareza que proclamam a utopia da volta de todos os povos a Javé. Daí, seu horizonte escatológico, da transformação definitiva, diríamos hoje, da revolução ou da libertação, não limitar-se apenas a Israel. O horizonte de sua escatologia abarca todos os povos. O mesmo se dá com o pensamento do apóstolo Paulo quando percebe que, só em dimensões internacionais, mundiais e até cósmicas, se pode alcançar compreender adequadamente a Boa-Nova do Evangelho (cf. Ef 2,11-22; Rm 1,16—3,20).

No contexto dessa apoteótica volta dos povos a Javé, situa-se o futuro da *terra de Cuch.* Os cuchitas, os negros, são povo de Deus tanto quanto

Israel. É assim que Javé os olha (cf. Am 9,7). Chegará o dia em que, também eles, "trarão seus dons a Javé dos exércitos, ao lugar onde se invoca o nome de Javé, ao monte Sião" (Is 18,7). O Egito "até à sua fronteira" (a fronteira do Egito é, em diversos textos, associada a Cuch) se transformará em terra de Javé. Aí estará o altar dedicado a Javé, memorial perene e penhor de salvação. "Javé se dará a conhecer aos egípcios e os egípcios, naquele dia, conhecerão a Javé" (comparar com Os 2,22). Israel, Assíria e Egito serão um só povo e uma palavra de bênção se ouvirá por toda a terra: "Bendito meu povo, Egito e Assíria, obra das minhas mãos, e Israel, minha herança" (cf. Is 19,16-25).

O texto acima, de Isaías, deve ser tido como pós-exílico, pois supõe um assentamento de judeus no Egito (cf. v. 18-19 e Jr 44,1) e parece claramente dependente da visão universalista que se vê no Segundo Isaías, o profeta do exílio babilônico. Na mesma linha de idéias, no livro de Sofonias (por volta do ano 630 aC), e, ao que parece, posteriores ao profeta (?), acham-se dois oráculos nos quais se anuncia a mesma grande utopia. Após as vicissitudes pelas quais passarão os povos, e uma vez suprimida a alienação (idolatria), "prostrar-se-ão diante d'Ele", desde os filisteus até Moab e Amon, desde as ilhas do Ocidente até as terras do Sul: "Vós também, ó cuchitas!" (Sf 2,11-12; cf. Is 41,1.5; 42,4.10.12; 49,1; 51,5). Todos os povos terão, então, lábios puros para invocar o nome de Javé e o servirão sob um mesmo jugo. "Do outro lado dos rios de Cuch *os meus adoradores* trarão a minha oferenda" (Sf 3,9-10; cf. Is 18,7; 19,18-25).

O Segundo Isaías, com efeito, anuncia que, após as provações pelas quais deverão passar os povos, os ídolos serão eliminados. Faz ver claramente que a idolatria equivale à condição de alienação, à falsa consciência ou percepção do real: "Estão sujeitos à humilhação os que fabricam ídolos" (cf. Is 40,19-31; 41,6-7; 44,9-20). Superada a alienação, os povos chegarão a reconhecer no projeto da Aliança a única via possível: "Só contigo Deus está. Fora dele não há nenhum Deus". Então, unir-se-ão ao seu povo o Egito, os sabeus e os habitantes da terra de Cuch, e "os produtos do Egito e a riqueza de Cuch" serão trazidos a Sião (cf. Is 45,14-16).

Vemos, assim, como a experiência do exílio babilônico, Israel disperso entre as nações, foi decisiva para rasgar definitivamente os horizontes da concepção de salvação em dimensões universais.

Na mesma perspectiva estão os salmos 68 e 87. No primeiro se diz que, ao levantar-se Deus, "seus inimigos debandam" (v. 2), enquanto "os justos se alegram em sua presença" (v. 4). Ele é "pai dos órfãos e justiceiro em favor das viúvas" (v. 6), o que quer dizer que encarna um ideal de convivência humana em que a defesa dos pobres é o critério central. Em seguida, faz-se desfilar em sua presença (cf. v. 4) as tribos de seu povo. E acrescenta-se: "Dispersa os povos que gostam das guerras! Do Egito virão os grandes, Cuch estenderá as mãos para Deus" (v. 31-32). É interessante observar como os cuchitas são apresentados na condição de justos "em sua presença" e assimilados às tribos do povo. São representantes dos reinos da terra reconhecendo

a Javé e integrando-se ao coro dos que cantam seus louvores (v. 33), solidários com órfãos e viúvas (cf. v. 6).

No salmo 87, chega-se a um dos momentos mais altos da proclamação da universalidade da salvação. Na esteira das idéias de Isaías e de Zacarias (cf. Zc 2,14-17), declara-se que os povos todos chegam a conhecer a Javé e são por Ele conhecidos. Entre esses povos, ressaltam-se expressamente os *cuchitas* (v. 4). E para todos, Jerusalém será a nova pátria comum: "De Sião será dito: Todo homem ali nasceu e foi o Altíssimo que a firmou. Javé inscreve os povos no registro: 'Este homem ali nasceu', tanto os príncipes estrangeiros como os filhos, todos gerados por ti" (v. 5-7). Estamos muito perto da mensagem de Paulo quando nos diz ser Jerusalém a cidade da liberdade e "esta é nossa mãe". E, portanto, "não somos filhos da serva, mas da mulher livre" (Gl 4,26.31). Daí por que não pode haver mais "judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus. E se sois de Cristo, então sois descendentes de Abraão, herdeiros segundo a promessa" (Gl 3,28-29). Pois, "vós que outrora estáveis longe fostes trazidos para perto pelo sangue de Cristo. Ele é nossa paz e dos povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação (...)" (Ef 2,13-22).

A tradição popular cristã percebeu claramente como nisso consiste o coração da mensagem evangélica. E, ao meditar os textos litúrgicos da Epifania ou Manifestação do Senhor (Is 60 e Mt 2), com intuição internacionalista e sentimento definitivamente trans-racial, imaginou em um dos "magos do Oriente" o representante dos povos da África negra que, em Cristo, têm em Jerusalém sua nova cidade, a cidade da justiça (cf. Is 1,21-28) e da paz (cf. Is 2,1-5), definitivamente aberta aos caminheiros das distantes terras de Cuch. Como estamos longe da ideologia racista forjada sob medida, ao longo dos séculos, para justificar em nome da Bíblia a vergonhosa conivência dos cristãos com a escravização da África! esquecidos do duro julgamento que lhes lança em rosto o profeta Amós: "Porventura não valeis vós para mim tanto quanto os negros?" (9,7).

No Novo Testamento, em Atos 8,26-39, chega-se à síntese final. Filipe, o "evangelista" — o mesmo nome do apóstolo — que introduz os povos à presença de Jesus (cf. Jo 12,20), é o encarregado, em nome da Igreja, de acolher o estrangeiro, mutilado e negro (cf. Is 56,4-7; Jr 38,7-13; 39,15-18). Nas suas mãos a Bíblia, em seus "lábios puros" o nome de Jesus, em todo o seu corpo escorrendo a água do batismo. E "tendo o Espírito arrebatado a Filipe, o eunuco não mais o viu, mas prosseguiu *o seu próprio caminho* alegremente" (At 8,39). Sim, a África e todo o povo negro têm o direito sagrado, que lhes confere a liberdade do Evangelho, de "prosseguir *alegremente* o seu próprio caminho", de voltar a sorrir depois de tanta dor, suor, sangue e lágrimas. Com a Bíblia nas mãos, o nome de Jesus em seus "lábios puros" e no seu corpo escorrendo as águas da piscina de Siloé (que quer dizer *Enviado*) que têm o efeito extraordinário de "abrir os olhos" para ver e encher-se de coragem (cf. Jo 9). Sabiamente o Espírito arrebata Filipe, não lhe permite permanecer aí, pois é preciso aceitar definitivamente que os estranhos ("estran-

geiros"), os mutilados e os negros têm o direito sagrado de "prosseguir alegremente o seu próprio caminho" em direção à grande utopia proclamada pelos profetas de Israel e, ainda hoje, ressoando como boa-nova — alvissareira notícia — aos ouvidos de todos os oprimidos da terra, pessoas, grupos e povos.

Sebastião Armando Gameleira Soares
Caixa Postal 27
53001 Olinda, PE

Protesto e resistência *(leitura do Salmo 137)*

TEXTO

I. 1. Na beira dos rios de *Babilônia,*
lá nos assentávamos,
e como chorávamos
ao *lembrarmo-nos* de *Sião!*

2. Nos chorões de suas margens
pendurávamos nossas harpas.

II. 3. Sim. Pois lá
quem nos espoliava pedia-nos *canções*
nossos opressores, *alegria:*
"Cantai-nos algum dos *cânticos de Sião!*"

III. 4. Como cantar *cânticos de Javé*
em terra estranha?

5. Se eu de ti me *esquecer, Jerusalém,*
fique *esquecida* minha direita!

6. E pegue-se minha língua ao paladar,
se de ti *não me lembrar!*
Se não elevar *Jerusalém* ao cume de minha *alegria!*

IV. 7. *Lembra-te, Javé,* dos filhos de Edom
no dia de *Jerusalém,*
os que diziam: "Arrasai-a, arrasai-a até aos fundamentos!"

V. 8. Filha de *Babilônia,* ó devastadora,
feliz quem te retribuir,

9. feliz quem agarrar e esmagar
tua geração contra o rochedo!

ASPECTO LITERÁRIO

Ao escutarmos o poema, a primeira estrofe nos chega com uma força extraordinária. Sua "música" é de uma lentidão impressionante, estamos diante de um lamento, um gemido que se arrasta lentamente. Já não se trata do presente. É evocação de tempo passado e de espaço que se quer deliberadamente distante (lá — *suas* margens — terra estranha). É verdade que se trata de situação já superada, mas recordá-la faz reviver agora intensamente a tristeza que, então, se experimentara. Lentamente vai-se desenhando aos nossos olhos a cena do lamento, o poema tem o poder realmente cinematográfico de fazer ver. E a situação vai-se apresentando numa sucessão de imagens em ritmo crescente. O quadro de abertura é de um bucolismo dramático: As grandes águas dos rios e canais de Babilônia, e às suas margens um grupo de gente cuja *posição corporal* ressalta seu estado de ânimo, não estão de pé, mas assentados, abatidos. Chegamos mais perto e podemos, assim, perceber que estão *chorando*. E aí entendemos melhor o quadro de abertura. É como se "dos olhos tanto pranto rolasse" a ponto de inundar a terra; são torrentes de lágrimas que brotam dos olhos como de fonte impossível de estancar (Em hebraico é a mesma palavra que serve para designar "olho" e "fonte". Nós mesmos temos a expressão "olho d'água") (cf. Sl 124).

À beira d'água, o povo agachado, erguem-se os salgueiros, mas seus ramos pendem na direção do rio, como se quisessem se confundir com as águas e engrossar a torrente. O povo os chama de *chorões*. Como se a natureza inteira em redor fosse como coro de teatro grego cuja função é fazer ecoar, comentar e ressaltar o drama da personagem principal: Em redor tudo se faz eco do pranto dos exilados que recordam sua terra, a sua inesquecível Sião, a *montanha* santa, lugar elevado que aponta ao alto, contrastando com essas terras baixas, quase túmulo, estranhas e impuras. Em relação a elas se guardará sempre um sentimento de distância e quase de nojo (cf. Is 52,11). E, de repente, talvez a cena mais eloqüente: O silêncio dos instrumentos de música. É como se um círculo se fechasse completamente: Por terra, o povo prostrado no abatimento, desfazendo-se em lágrimas, água e lama; no alto, dependurados, sem mãos que os toquem, os instrumentos de festa, a voz da alegria, tornados agora símbolo do luto. Pendentes, confundidos com os chorões, como se tudo aí estivesse a um passo de dissolver-se. Tudo é silêncio. Só se deixam ouvir, abafados, o murmúrio das águas e o gemido do pranto.

A estrofe se constrói segundo um paralelismo rigoroso do v. 1 com o v. 2, onde os diversos elementos se correspondem exatamente:

Na beira dos rios de Babel / Nos chorões de *suas* margens
Aí nos assentávamos e como chorávamos / pendurávamos nossas harpas.

De um lado, o espaço, o lugar; doutro lado, a ação do povo, com a correspondência *baixo* (assentar-se) / *alto* (pendurar). No centro do paralelismo, enfatizada por sua própria posição isolada, a declaração que é a chave de tudo: "Ao lembrarmo-nos de Sião". Note-se ainda a ênfase especial no segundo verbo:

"E *como* chorávamos!" Ao gemido do pranto corresponde o silêncio dos instrumentos de som. Os verbos no imperfeito servem para ressaltar ainda mais o sentimento de recordação e nostalgia, como para fazer reviver experiência ainda inacabada, como se ainda não fosse completamente passada.

A segunda estrofe inicia-se com uma afirmação enfática: "Sim. Pois lá..." Outra tradução possível, mais discursiva, seria: "Porque lá". Quer-se indicar o motivo do silêncio e do calar-se dos instrumentos de música. Não se trata de silêncio passivo, de gesto de gente amedrontada. Mas, ao contrário. Ao insistente pedido (notar a repetição: espoliadores — opressores) — e, neste caso, pedir é ordenar — dos opressores o povo nem mesmo concede responder com o simples silêncio da palavra, responde com o *gesto de silêncio,* os instrumentos de música dependurados. É gesto de protesto e de resistência. Já que nada pode fazer por sua própria iniciativa, opta por não fazer o que se lhe ordena; não sendo possível a ação, permanece sempre possível a omissão, a recusa a agir. Em meio ao pranto, os opressores ordenam alegria, os que os tinham conduzido cativos pretendem espoliá-los até mesmo do que lhes é mais íntimo, sua alma, sua identidade cultural, suas canções. É a ironia do dominador que se acha com direito de possuir de tal forma o dominado a ponto de transformar os motivos de sua dor em fonte de prazer para si próprio, o lamento do povo degradado a "manifestação folclórica", como a "Dança dos Quilombos" que tanta impressão me causou em minha infância nas Alagoas.

Esta segunda estrofe se caracteriza por enfatizar o pedido dos opressores (repetição) e pelo vocabulário do cântico (canções — alegria — cantai — cânticos). Com isto articula-se com a estrofe anterior por contraste: *pranto X alegria.* E também com a estrofe seguinte (v. 4).

A terceira estrofe traz, em tom de pergunta, a resposta explicativa do gesto de resistência. O silêncio é a única palavra possível, a única resposta, a maneira extrema de fazer falar a própria identidade. É que não há conciliação possível entre aquela terra estranha e imunda e Javé. Como conciliar opressão e cântico, espoliação e alegria? À espoliação a única resposta digna é a resistência, nem que seja silenciosa. Assim escreveu uma vez o grande jornalista católico italiano Raniero La Valle, ex-diretor do jornal católico nacional e atualmente senador da República — "independente de esquerda" — pela legenda do Partido Comunista. Tinha sido impedido pela direção de um jornal de Milão de continuar sua coluna "Homens e religião". Em sua última "crônica", já não mais publicada, "Carta ao diretor", assim declara: "Desde há muito que sei muito bem: Quem assume este ministério da Palavra não pode assentar morada permanente. Por isso não me é difícil retomar a mochila e, outra vez, meter-me a caminhar. Não me é difícil reentrar no silêncio. Porque a morte da Palavra não é o silêncio, mas sim a Palavra pela metade, comprometida" (cf. *Dalla parte di Abele*).

"Cânticos de Javé" (v. 4) corresponde claramente a "cânticos de Sião" (v. 3c). Isto significa que a relação com Javé implica em relações muito concretas, sociais, históricas, espaciais até. Cantar a Javé é cantar alegremente nas festas de uma cidade, sentindo-se solidariamente membro de um povo. É reco-

nhecer-se por uma determinada identidade nacional. "Subir a Javé" é "subir a montanha de Sião" (cf. Sl 42; 125,2; 132,13-18; 134). Como estamos longe de qualquer imagem abstrata e longínqua da divindade! Javé evoca algo muito palpável, uma trajetória histórica (cf. Sl 77,4-6: este salmo foi comentado nesta mesma série no caderno "A oração ao Deus da Bíblia": Dt 5,6), o reconhecimento de uma identidade de povo, uma terra para viver feliz (cf. Js 24; Rt 1,15-17), uma cidade (cf. Sl 122). Em contraste com Javé está aquela "terra estranha", lugar do pranto e do silêncio (O texto hebraico explicita a correspondência mediante o uso da mesma partícula introdutória que significa "sobre", "em", nos v. 1a, 2a e 4b. Na tradução tenta-se reproduzir a correspondência por "na", "nos", "em").

O v. 5 constrói-se com um jogo literário sugestivo:

"Se *eu* de ti me *esquecer*
JERUSALÉM
fique *esquecida* minha direita!"

Note-se o jogo de primeira e segunda pessoas (eu-me-minha / de ti) e do verbo *esquecer,* usado de maneira figurada (como o faz o uso popular), propositalmente, para designar a paralisia da mão direita, símbolo da ação, da força e do poder. Entre as duas menções do esquecimento, evoca-se Jerusalém. Esquecer seria a traição.

O v. 6 volta ao mesmo jogo de primeira e segunda pessoas (minha-me / de ti) e se constrói com a rima de paladar/lembrar. Assim se busca reproduzir a rima do texto original, só que ali se o faz mediante o som de "i" que, em hebraico, designa a primeira pessoa.

O v. 6c se destaca. Já não se está mais em diálogo com Jerusalém. A ela se refere em terceira pessoa. É uma espécie de prolongamento-comentário das declarações do v. 5 e 6ab. A menção do "cume" pode muito bem evocar o monte Sião (v. 3c), no cimo do qual acha-se Jerusalém edificada como cidade de Javé e, quem sabe, tem a intenção de contrastar com a "terra estranha" e baixa de Babilônia (v. 4b). Jerusalém no "cume da alegria" equivale praticamente a Javé que habita no cume de Sião (cf. Sl 121,1-2; 122,4; 125,1-2; 132,13-14; 134; Is 2,1-5; Mq 4,1-3), especialmente tendo em conta que o nome de Javé vem mencionado logo em seguida, no v. 7a.

Esta terceira estrofe apresenta uma estrutura quiástica (os extremos e os pontos centrais se correspondem, formando assim uma espécie de cruz):

A. Como cantar cânticos de *Javé*
em terra estranha?

B. Se eu d e t i m e e s q u e c e r, *Jerusalém*
fique e s q u e c i d a minha direita!

B' E pegue-se minha língua ao paladar
se d e t i n ã o m e l e m b r a r!

A' Se não elevar *Jerusalém* ao cume de minha alegria!
Lembra-te, *Javé* (...)

Vê-se claramente como a construção se dá em círculos concêntricos: Javé-Javé; Jerusalém-Jerusalém; de ti me esquecer-de ti não me lembrar; minha direita-minha língua. E é interessante observar que, no círculo maior, que tudo abarca, está *Javé,* enquanto no ponto central, no círculo menor, está o que toca mais de perto o próprio corpo do orante, a mão e a língua.

Nota-se uma evidente articulação com a estrofe anterior, tanto, como já se disse antes, pelo *vocabulário do cântico* (v. 3 e 4a), como pela palavra *alegria* que forma como uma grande inclusão a emoldurar toda a estrofe (v. 3b e 6c). Percebe-se ainda uma claríssima articulação com a primeira estrofe, mediante a repetição do verbo *lembrar* (v. 1c e 6b) e, o que é poética e plasticamente expressivo, a correspondência entre o silêncio voluntário, sinal da fidelidade (lembrança), e o silêncio como castigo, sinal da infidelidade (esquecimento): O silêncio da língua, feita incapaz de cantar, o silêncio das mãos, incapazes de tocar as harpas, reproduzindo fisicamente o *esquecimento* como ruptura interior da Aliança.

A quarta estrofe se introduz pelo imperativo voltado a Javé: "Lembra-te". Trata-se do mesmo verbo usado na primeira e na terceira estrofes. Ao povo que se lembra indelevelmente de Jerusalém Javé deve responder lembrando-se do "dia de Jerusalém". A lembrança positiva da cidade se converte em lembrança negativa em relação a seus inimigos. Lembrar-se de Jerusalém é querê-la preservada, defendida e restaurada (cf. Sl 122,6-7; 128,4-6; 129,5-6; 132,15-18; Is 51,17-52; 6; 54; 60; 62). Ora, essa lembrança adquire sua eficácia na vingança contra os que colaboraram com sua destruição. São duas faces da mesma memória.

De modo semelhante à segunda estrofe, repetem-se literalmente as palavras dos inimigos. Ali, dos opressores no exílio, aqui, dos inimigos no dia em que se iniciara o exílio. Esta maneira literária de construir tem o efeito de conferir especial força e dramaticidade ao texto enquanto reproduz de forma direta a intervenção das personagens implicadas na cena.

Chegamos, enfim, à última estrofe. Vê-se a intenção do poema de fechar-se num grande círculo pela relação direta desta estrofe (v. 8a) com a primeira (v. 1a), mediante a palavra-chave *Babilônia.* Anuncia-se o momento da terrível inversão, quando a devastadora que tudo arrasa até os fundamentos (v. 7) será esmagada até à sua geração. O termo hebraico que aqui se traduz por *devastadora* poderia também ser entendido como *devastada,* na passiva. As consoantes (que são justamente o que constitui a palavra na língua hebraica) são exatamente as mesmas, a diferença depende somente da pronúncia vocálica. Esta ambigüidade textual é, por si mesma, bem significativa e pode ser intencional: A "devastadora", pelo próprio fato de sê-lo, já se constitui em si mesma em sinal da própria destruição: O agente de destruição já anuncia novos agentes de sua própria destruição. Há uma certeza profética da inversão da sorte (cf. Sl 7,16-17; 141,10; ver também Amós). O feitiço vira por cima do feiticeiro.

Dela não deverá ficar nada de sua semente. A palavra traduzida aqui como "geração" é, em geral, traduzida como "filhos", crianças. Deriva de uma

raiz que indica saciar-se, invadir, causar vexame, fazer mal, afligir, ludibriar. Daí, o significado de criança petulante, caprichosa. Será por acaso que se use aqui justamente esse termo? Não estaria indicando que em sua semente, em sua geração haveria de perpetuar-se o mesmo instinto malfeitor e devastador, petulante, de Babilônia? Por isso é preciso esmagar e despedaçar para que do "instinto de Babilônia" nada reste para o futuro. É preciso, agora, sim, arrasar até os fundamentos, até a raiz, até a semente. Será o *dia da retribuição*. A palavra "geração" recebe na Bíblia, freqüentemente, uma conotação negativa, em especial quando se formula junto com o demonstrativo "esta": "Esta geração" (cf. Dt 32,5; Mt 24,34; Mc 13,30; At 2,40). É interessante notar que nas duas estrofes finais se insiste no vocabulário "filhos", "filha", para concluir com "geração". O olhar do poeta se volta para o futuro, o extermínio dos filhos é garantia de que se acabou definitivamente a maldade dos pais.

O *rochedo* sugeriria Javé? O fato é que nos salmos Deus vem designado freqüentemente como o rochedo de seu povo (cf. Sl 18,3; 40,3; 31,4; 42,10; 71,3; 141,6). É especialmente digno de nota o Salmo 141,6. Ao referir-se aos inimigos, diz-se: "Eles estão entregues ao poder do rochedo, seu juiz". O esmagamento seria, então, o dia do grande confronto com Javé. Não é impossível que haja também alusão sutil ao monte Sião, firme e inabalável quanto um rochedo (cf. Sl 46,6; 48,4.9; 87,1-2).

Tudo se conclui com a proclamação de uma bem-aventurança. Ao pé da letra: "*Felicidade* para quem..." E isto se diz de maneira enfática, mediante o paralelismo do v. 8b com 9a. Paralelismo progressivo, repetindo-se a bem-aventurança. Com o paralelismo exprime-se um crescendo neste ato final: retribuir — agarrar — esmagar. É a grande inversão. A felicidade recairá sobre quem for portador da infelicidade a Babilônia. Da infelicidade de Babel, de sua queda, dependerá a felicidade de Jerusalém e de seus filhos exilados e abatidos (cf. Is 40—66). A história como que se interrompera para um povo desenraizado de sua terra, no abatimento, nas lágrimas e no silêncio, única forma de resistência possível. O silêncio da palavra e das harpas, da língua e das mãos, e a inundação destrutiva do "rio de lágrimas que (o povo) tinha para chorar" são bem o símbolo dessa interrupção da história. Só há uma condição de reabrir a marcha, é abrir os portões da "Bastilha" imperialista, arrasar e devastar a muralha que avança avassaladora sobre os povos e lhes impede o passo (cf. Is 47,6-10; Jr 1,14-16; 4,5-31; 6). É preciso "retribuir" a Babilônia e riscar definitivamente da história seu instinto devastador, *extirpá-lo* em sua própria semente.

ESTRUTURA DO TEXTO

Pela análise empreendida até agora não é difícil percebê-la claramente:

A. Iª estrofe: 1-2 — BABILÔNIA
B. IIª estrofe: 3 — PALAVRA DOS INIMIGOS
C. IIIª estrofe: 4-6 — **JERUSALÉM** (objeto da LEMBRANÇA)

B' IVª estrofe: 7 — PALAVRA DOS INIMIGOS
A' Vª estrofe: 8-9 — BABILÔNIA

Iª estrofe: BABILÔNIA: abatimento — pranto
LEMBRANÇA DE SIÃO
silêncio dos instrumentos

IIª estrofe: espoliadores/opressores X alegria/cânticos de Sião

IIIª estrofe: cânticos de JAVÉ X terra estranha
JERUSALÉM — esquecer
direita
língua
lembrar
JERUSALÉM
cume da alegria (JAVÉ: v. 7)

IVª estrofe: JAVÉ — lembrar:
filhos de Edom X JERUSALÉM
arrasar/arrasar

Vª estrofe: BABILÔNIA — *filha*
feliz/feliz — retribuir → agarrar → esmagar
tua *geração*

GÊNERO LITERÁRIO E CONTEXTO VITAL

É forte o tom de imprecação, na mesma linha de outros textos em que o alvo são também Edom e Babilônia (cf. Jr 49,7-22; 50—51; Is 46 e 47; cf. também Lamentações), nos quais se combinam súplica, imprecação e lamento.

Nosso poema entrelaça o *lamento* (v. 1-4), a *imprecação* (contra si mesmo: v. 5-6; contra os inimigos: v. 8-9) e a *súplica* (v. 7).

O ritmo é o da lamentação fúnebre, da elegia. Mas o que se acentua, na verdade, não é o puro lamento ou a simples expressão de dor, em que o orante ressalte quais são os responsáveis pela situação de desgraça que agora experimenta. Domina a *imprecação,* o desejo de que a vingança se faça e a sorte se inverta.

O ambiente vital de uma tal oração deve ter sido uma liturgia penitencial comemorativa da queda de Jerusalém. É este o mesmo contexto em que nasceram as Lamentações. Seria no aniversário da tomada da cidade? Zacarias parece aludir a celebrações penitenciais dessa natureza (cf. Zc 7,5; 8,19).

O contexto litúrgico se revela pela insistência no MEMORIAL (v. 1.5.6.7) e pela bênção final (v. 8). À memória do povo deve corresponder a memória de Deus: Assim se estabelece a relação entre lamento e *súplica.* E a memória se deve manifestar e cumprir de maneira *eficaz* pela inversão da sorte: Babel devastadora deve ser arrasada, a felicidade deve recair sobre

quem lhe trouxer a infelicidade, a maldição (do império) será bênção (para os povos dominados).

A liturgia comemorativa, celebrada agora em Jerusalém, evoca e como que prolonga as reuniões penitenciais e de lamento celebradas no exílio. Não se pode excluir que, durante esse culto, se executassem ações simbólicas alusivas à sorte de Babilônia, expressões *sacramentais* do memorial.

Quanto à data provável do poema, devemos dizer que já se supõe efetuada a volta dos exilados a Jerusalém, ou seja, é posterior à tomada de Babilônia por Ciro, da Pérsia, em 539 aC. A cidade de Babel não fora destruída por Ciro. A tomada se deu sem combate, tendo seu rei Nabônides fugido. O conquistador persa foi recebido pela população na qualidade de libertador. Xerxes foi quem destruiu Babilônia, em 482 aC. Este era filho de Dario, ao qual se referem Ageu e Zacarias. Da cidade foram destruídos os muros, os templos e a imagem de seu deus Marduc foi derretida no fogo. Nosso salmo estaria situado entre essas duas datas.

COMENTÁRIO

PROTESTO E RESISTÊNCIA DOS QUE ESTÃO ÀS MARGENS, MARGENS TINTAS DE SANGUE

Marginalizados, exilados, quem?

No curso do ano de 1988, a leitura do Salmo 137 não pode, não deve ser incolor. Será a partir de um chão colorido. Colorido de negro e de encarnado de sangue. Do chão dessa bela, fogosa e numerosa porção de marginalizados. Esses que estão à margem das margens, na beira das beiras dos rios dos brancos, descoloridos, poluídos pela antiga e nova carga poluente: a opressão marginalizadora. Babilônia de ontem e de hoje.

Se só os negros estivessem às margens de nossa sociedade já perfariam uma multidão. Mas à máquina marginalizadora do sistema é pouco marginalizar essa imensa porção humana. Para garantir o mais rápido fluir das águas de seus rios de morte, precisa gerar mais, sempre mais, marginalizados. É este o ritmo que lhe assegura a acumulação e concentração de poder — a dominação. E o preço é o sangue que esguicha da vida de índios, agricultores, operários, domésticas, bóias-frias, analfabetos, doentes, crianças raquíticas... Homens e mulheres. Também corre o sangue que encharca milhares de migrantes, famílias inteiras, sobretudo nordestinas, exilados em seu próprio país, em busca de terra, trabalho, pão e vida. A onda de sangue se avoluma, amplia-se, é continental. Exilados arrancados de seus países, de suas raízes pelo terror repressivo. É sangue chileno, salvadorenho, guatemalteco, haitiano e, ainda sem ter secado completamente, sangue brasileiro...

Ao leitor fica a tarefa de completar a lista. E de elencar as conseqüências da marginalização. A nível de pessoas, grupos, classes, países, continentes.

Como não lembrar aqui, em registro de utopia, o que diz Apocalipse sobre Babilônia, fabricante de exilados? "Caiu, caiu Babilônia, a Grande! Tornou-se morada de demônios, abrigo de todo tipo de espíritos impuros, abrigo de todo tipo de aves impuras e repelentes, porque embriagou as nações com o vinho do furor de sua prostituição; com ela se prostituíram os reis da terra, e os mercadores da terra se enriqueceram graças ao seu luxo desenfreado" (Ap 18,2-3).

Oração de sangue, memorial da dor

Há orações, cantos, poemas que brotam de situações-limite. Se proferidos pelos que têm fé, assumem uma dramaticidade, uma beleza de pungente clímax, já que aí o amor beira a fronteira da blasfêmia. Mas aos ouvidos, à sensibilidade e até à fé dos que nunca experimentaram esses extremos é difícil compreendê-los. São "gemidos inenarráveis" que somente a linguagem poética consegue *re-velar* e captar de alguma forma. São assim as orações que sobem das grandes crises. Assim orou Jó (cap. 3; 29; 30), orou Jeremias (12,1-3; 15,10-21; 20,7-18), orou o povo em seus lamentos de dor (cf. Lm 1,12-22; 5,1-22; Sl 22; 38; 42; 55; 69; 74; 83; 102 etc.). O salmo 137 é oração desse mesmo tipo. Dos que viveram o exílio ou dos que dele ouviram e o reviveram na celebração. Tais experiências podem ser individuais e coletivas. O grito do salmo 137 é coletivo. É dor plural. Dizia-me outro dia um agricultor que vivera experiência de uma grande seca: "Só quem vive é quem sabe"...

Grito, gemido, vozes silenciosas

Lembro-me do que me contou uma lavadeira do meu bairro, há anos: "Numa noite de chuva pesada nossa casinha de taipa começou a estalar, depois a cair. Caiu uma parede, o armário perto das crianças tombou. Faltou luz. Na escuridão, eu e o neguinho (o marido) segurando o armário. As crianças gritando... Aí eu sentei os joelhos no chão, já cheio d'água, e rezei uma oração. Curta e de sangue, dentro de mim, sem falar. Dessa noite e dessa oração, eu nunca mais vou-me esquecer. Foi uma experiência. Não dá pra esquecer!"

Evoco também um relato coletivo. Episódio vivido numa área de conflito de terra da Paraíba. Fala um agricultor: "A roça de mandioca estava bonita e cheia. Tinha custado nosso suor, nosso trabalho de meses. Chegaram os tratores do proprietário. Foram levando de eito, arrancando, despedaçando as mandiocas, ferindo o chão, arrasando o roçado. Eles armados. Nós só com a roupa do corpo e o chapéu de palha. Botamos as mãos pra trás e só pudemos olhar aquele flagelo. Foram chegando nossas mulheres e nossos filhos, e a gente só podia olhar, calados. E o choro por dentro... Esquecer daquilo? Nunca!"

A casinha da lavadeira foi reerguida por sua família e pelo mutirão da comunidade. A área dos agricultores, após anos de luta, foi afinal desapropriada.

A Bíblia está cheia de relatos-memória. Memoriais de vida e de mortes, experiências que marcaram fundo o povo de Israel. Atravessaram gerações. Aderiram ao coração, à mente, ao corpo do povo. Às vezes bastava um detalhe evocativo e tudo voltava como "naquele dia", "naquela hora"... e as experiências de alegria, de amor, de sofrimento e de morte se faziam de novo atuais, "como no dia de hoje".

O povo soube — e como! — celebrar as "maravilhas de Javé", as intervenções de seu Deus nos passos de sua história. Irrompeu em cânticos, poesia, salmos, profecia e histórias de louvor e de vitória. Assim foi com o êxodo, com a posse da terra, com a reconstrução do Templo, com as festas de colheita etc. Mas soube também — e como! — evocar suas pungentes experiências de sofrimento, de dor e de morte. O salmo 137 é testemunha. Carrega a experiência-memória do exílio em Babilônia. Mesmo redigido após a situação, a experiência permanece indelével, quer para os que tinham vivido o desterro, quer para os que escutavam seu relato após a volta dos exilados.

O exílio abrange os anos de 597 a 538 aC. A dominação babilônica promoveu várias deportações. Atestam-no 2Cr 36,2-7; 2Rs 24,14-16; Jr 52,16.30. O povo ficou reduzido numericamente. Pela morte, pelas fugas, pela depressão. Jerusalém, a cidade tida como morada de Javé, destruída. A economia do país desbaratada. O território invadido, espoliado, diminuído. O templo, em ruínas. Os profetas perseguidos ou desterrados. O país sem governo autônomo, com outros donos. Do coração do povo o poeta desentranha a experiência: tristeza, saudade, humilhação, silêncio, impotência; sentimento de resistência, de enfrentamento; desejo de vingança. Fé e crise de fé. Daí irrompe o lamento, a imprecação, o memorial dos exilados.

Acolher o canto dos exilados — caminhar com eles nos dias de hoje

É impossível querermos ser solidários e comprometidos com os exilados de hoje sem nos aproximarmos de seu mundo real, sem, de alguma forma, mergulharmos em sua vida. Não basta apenas colaborar com eles dando-lhes alguma coisa, nem é suficiente abordá-los por meio da análise socioeconômica (por importante que seja). Pede-se de nós muito mais. Penetrar em sua experiência, em seus sentimentos, em sua cultura, em suas razões de crer (é preciso ser ecumênico com os deuses dos exilados!), no seu jeito próprio de ser. E até ajudá-los a retomar a memória: quantas vezes a história está encoberta e dissimulada pela dor e pela vergonha!

Só assim poderemos caminhar, lutar e cantar com eles, respeitando seus passos de resistência, seu direito de caminhar para fazer um dia cair as babilônias de hoje.

Hoje também, nas situações de opressão, os empobrecidos, exilados dos bens da vida, se agacham, sentam-se às margens dos rios. E sentados choram. Não é raro observarmos entre os pobres atitudes onde seus corpos, sua própria carne proclama o que vivem, recurso extremo a quem restou só

esse tipo de voz: o corpo abatido, a lentidão dos movimentos, o silêncio de lábios secos e parados, olhos fundos, mãos derriadas. Quem já viu um grupo de crianças com fome sentadas em suas carteiras de escola? Quem já viu a pausa de um pedreiro no fim de um dia de trabalho, ou de uma lavadeira depois de lavar três trouxas de roupa? Quem já viu sabe da falsidade do diagnóstico dos grandes deste mundo: preguiça, burrice, malandragem... Quem duvida que existe sabedoria, resistência, discernimento em certos silêncios dos espoliados? No seu calar há eloqüentes denúncias de injustiças.

E isto não se passa apenas com atitudes individuais. Há grupos, comunidades, raças, países em silêncio. O Servo "não fará ouvir sua voz nas ruas" (Is 42,2), mas "faz do seu rosto uma pedra" (Is 50,7). Por isso, por sua resistência de pedra, podem bater-lhe à direita e à esquerda (cf. Mt 5,39-42) — é a superioridade do oprimido sob as aparências de sua fraqueza. O livro das Lamentações nos diz que "os anciãos estão sentados por terra, em silêncio" (2,10). Tenho visto, sim, tenho ouvido desses silêncios, aqui bem perto, no meu bairro. Tenho sabido também de silêncios mais distantes. Na caminhada dos agricultores sem terra em Brasília, em momentos da ação das "Mães da Praça de Maio" na Argentina, nas sessões de tortura por aqui e por aí afora. Tito de Alencar morreu por não ter falado "nos subterrâneos da história"...

Requinte diabólico: espoliar os exilados de sua cultura

Os poderosos de ontem e de hoje sabem muito bem que o povo é rico em cultura. Cultura original, criativa, de sadia alegria, mesmo que mesclada de ambigüidades. E cobiçam essa riqueza. Querem explorá-la como uma mina singular: Querem divertir-se à custa dos empobrecidos, subir e conquistar poder político.

No salmo, opressores e espoliadores pediam "cânticos de Sião". O povo reagiu. Seria como estuprar sua terra, seu Deus, ele próprio. E nos salgueiros penduraram seus instrumentos de música. A terra de exílio não é bom chão para o "povo da terra" tocar, cantar, dançar, fazer versos, preparar suas comidas típicas, enfim, viver do seu jeito.

Hoje já despontam reações a esse tipo de dominação. No Nordeste, alguns grupos populares que dançam quadrilha nas festas de São João, a grande festa do povo, já não aceitam mais entrar em concursos oficiais. Estes, com freqüência, são transformados pelo poder político em currais eleitorais ou em bandeiras populistas de falsos protetores da cultura popular. Estão surgindo encontros de cantadores, repentistas, tocadores, poetas. Homens e mulheres, jovens, crianças e anciãos, num chão liberado, não babilônico, despregam sua arte na sua Jerusalém. Operários do campo e da cidade possuem também sua "arte". E são obrigados pela necessidade a pô-la a serviço da contra-arte dos exploradores latifundiários, industriais e tecnocratas. Aqui também vai brotando o jeito da resistência. Inventam-se operações-tartaruga, paradas parciais e até as grandes interrupções do concerto do lucro, as greves.

Igrejas comprometidas com os pobres — católicas e evangélicas — vêm apoiando, incentivando e, às vezes até possibilitando, a impressão e divulgação de obras de arte de artistas pobres. Vale a pena, por exemplo, ler os poemas dessa poetisa de grande talento e poucos estudos que é Maria Elizabete Lima Mota, a Bete. Mora na rua, junto às sarjetas de São Paulo, debaixo de viaduto. Amigos, irmãs que convivem com o "povo da rua" ajudaram Bete a editar seu livro: *Declaro que estou em tormento*. Belo jeito de revolucionária solidariedade com os que estão no exílio.

"O dragão quase a matou", diz Carlos Mesters no prefácio do livro. "Quase. Nela deixou as marcas de sua violência. Mas a vida resistiu. A poesia foi mais forte. Salvou sua vida". E ela canta como exilada: "A fome é mais doída porque surgem na lembrança os dias comidos". Ou ainda no poema que dá nome ao livro: "Morra quem morrer, a poetisa sabe dizer. Do mais fundo dos meus sentimentos declaro que estou em tormento (...). Caros amigos, sofredores da rua, uma mensagem com carinho: Pise na realidade. Por mais faminta, pise; por mais frienta, torne a pisar, forte. Quando no vazio da noite a solidão bater, diga: Eu vivo, eu quero viver. Fugir da realidade é covardia, é apagar a luz que poderá brilhar um novo dia".

O desafio permanece. A multidão dos exilados de hoje ainda geme, chora, se agacha e silencia nas margens. E o clamor continua fazendo-se ouvir até que caia Babilônia...

Imprecar, um direito de orar dos exilados

Se o mal — tão concretamente historicizado na sociedade em fome, desemprego, espoliação da terra, opressão física, econômica, social, cultural, religiosa — não fustigasse, não violentasse o projeto de Deus, os filhos e filhas desse Pai não teriam motivos senão para o louvor. E a ação de graças seria o único hino, a canção contínua a sair de suas bocas. Poderíamos brincar mais facilmente com Deus (como a "menina" da Sabedoria) e fazer a experiência alegre do Deus conosco. E aí tudo se passaria como sair à rua "pra ver a banda passar, cantando coisas de amor".

Podemos e devemos louvar. Temos motivos demais. Ele fez e continua fazendo maravilhas. Mas como a louvação *ainda* precisa de ser companheira do grito, do berro, da imprecação! Aos bem-situados na vida é difícil, quase impossível, entender e proferir imprecação, xingar em nome de Deus, por causa da justiça e do amor. Como faziam os profetas. Como fez Elias, Amós, Jeremias, Jesus... Imprecar, para esses, não é orar. Seria blasfemar.

Aos que estão no *centro* da sociedade interessa velar a face justiceira do Deus dos pobres, esse Deus que vem, também Ele, das *margens*. Vem junto com os escravos fugitivos do Egito, com os camponeses revoltados contra os príncipes de Canaã, com os pobres espoliados por monarcas e sacerdotes, com os exilados de Babilônia, com os chagados como Jó, com os sem-terra como

Noemi e Rute... Mas aos bem-situados, interessa-lhes fazer de Deus um ídolo domesticado, que não vê e nem ouve, cegado por falsa e alienada mansidão.

O povo do salmo 137 adora o Deus da vida plena, da vida em abundância. Por isso impreca quando querem abafar a vida. Impreca lembrando-se dos cânticos de Sião, com saudade amorosa da terra do leite e do mel, detestando apaixonadamente Babilônia, terra imunda e de fel. Lugar da amargura. E os sem-terra de hoje? Também sabem que já foram possuidores ou posseiros de uma terra que agora lhes é roubada. Esquecê-la? Jamais! É parte de si mesmos! Basta escutar nordestinos em São Paulo, Rio, Brasília, reunidos em dia de domingo para, em grupo, como por um momento, recriar seu chão, cantar seus cânticos e dançar suas danças...

Dizia-me um pedreiro: "Prefiro me lembrar das verdades da vida pra falar com Deus". E continuava: "Prefiro sofrer com o meu povo porque é sofrer com o crucificado e pode trazer uma alegria que tem amanhã. Às vezes eu levanto as mãos pro céu. Já é uma aclamação, já é um benefício pra o acabamento da escravidão". Num encontro de estudo bíblico com agricultores de áreas de conflito contei a história de Elias no Horeb. Terminado o relato fez-se um silêncio prolongado. Então perguntei: "Quem aqui teve experiência parecida?" Todas as mãos se levantaram e um deles falou: "Quando a gente sente a terra perdida, ou quase perdida, e os latifundiários em cima, tem horas que é igualzinho. O jeito é dizer: Basta! Não agüento mais". Um outro foi mais explícito: "No fim de um dia inteiro com os capangas nas nossas roças, armados, farejando a gente, eu deitei no chão e clamei: Chega, meu Deus! Disse isto rastejando como um bicho, de bucho no chão".

O povo da Bíblia conservou sempre a lembrança dos edomitas como infiéis e aliados dos invasores. Inúmeras são as menções a Edom na Bíblia, todas fortes, de tom imprecatório. Basta conferir Jr 49,17; Is 34,1-7; Ez 35,15; Ml 1,3-4; Ap 18,6. Em Joel 4,19 encontramos: "Edom será um deserto desolado, por causa da violência contra os filhos de Judá cujo sangue inocente derramaram na terra. Judá será habitada para sempre e Jerusalém de geração em geração. Eu vingarei o seu povo, não o deixarei impune. Javé habitará sem Sião".

O salmo 137 termina com uma bênção-maldição. Pede a devastação da devastadora Babilônia. E em termos terríveis: "Até à raiz". Lembro-me da paráfrase, supercontextualizada para hoje, que deste salmo faz Ernesto Cardenal, certamente tendo nos olhos e no coração o horizonte da sua querida Nicarágua: "Babel armada de bombas! assoladora! Bem-aventurado o que agarre a teus filhos — as criaturas dos teus laboratórios, e os despedace contra o rochedo!" O salmo clama por uma virada total, radical. Lembra Jeremias: "Eu te constituo, neste dia, sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e destruíres, para exterminares e para demolires, para construíres e para plantares" (Jr 1,10).

Muitos dos nossos tão "religiosos" colonizadores também usaram o tema da "transmigração da Babilônia" em sua catequese, em sua pregação, em sua ação pastoral. Carregando a visão escravocrata explicavam que o Senhor libertara os negros de Babilônia (África) trazendo-os às mãos de senhores

cristãos, libertos de seus ídolos, esta, sim, a "verdadeira" escravidão, o pior cativeiro. E nós, que queremos reler a Bíblia a partir dos empobrecidos e dos exilados, como orar este salmo hoje, depois que aderimos à mensagem de amor do Novo Testamento? O salmo continua sendo um texto vivo, ou uma relíquia de passado já superado?

O salmo continua sendo relido, prolongado na boca dos exilados de hoje. "Quem vive é quem sabe"... Conto uma experiência vivida com este salmo. Num estudo bíblico, um grupo preparava uma dramatização. Deixei-os sozinhos. Dei tempo. Ao voltar, disseram-me: "Está quase pronto. Só estamos encalhados nesse final. Essa maldição é bem pesada". Disse-lhes: "Se vocês vivessem hoje situação semelhante, que diriam?" Novamente afastei-me. Voltaram com a dramatização pronta. Com incrível fidelidade à letra e a sua experiência atual. Derramaram água no chão e às margens da poça, deitados, gemiam, e como gemiam! E foram seguindo. Chegou a hora da última estrofe. Um homem levantou-se. Ficou de pé, todo retesado. Levantou a mão. Olhou para o céu. Sua face era de uma solenidade granítica. E gritou: "Deus que cuide de vocês, seus merdas!"

Era uma leitura. Remetiam ao Deus justiceiro o restabelecimento da justiça e reduziam o poder opressor à máxima nulidade, à merda. Não estavam longe daquela mulher que abre o Novo Testamento com um cântico de confiança e de vitória: "Depôs os poderosos de seus tronos e aos pobres exaltou. Cumulou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias" (Lc 1,52-53). Não estavam longe de Jesus quando, aos gritos, ameaçava: "Sepulcros caiados (mortos, podridão, merda)... cairá sobre vós todo o sangue dos justos derramado sobre a terra" (Mt 23,27.35). Imprecar diante do Deus da vida é invocar sua face de misericórdia, imprecação é forma de dizer o amor. No "dia da retribuição" os espoliadores se acharão em face de encruzilhada decisiva: Ou restituir o espólio, reaprendendo as entranhas da misericórdia, novamente humanizados, ou serão reduzidos a esterco. Amor não é fraqueza, nem cegueira. Queima como a violência da chama e traga como a garganta do abismo.

Na mesma praça onde os assassinos ergueram a cabeça do mártir negro Zumbi, no Recife, junto com os negros, cantamos a Missa dos Quilombos, oração de penitência, de negro lamento, poesia de esperança e de imprecação. Não é conforme a honra de Deus deixar que a história passe *em branco*. A lealdade para com os mártires exige cobrar. Talvez reproduzir aqui o texto de "abertura" da Missa seja a melhor maneira de concluir este comentário (os grifos são nossos):

Estamos chegando do fundo da terra / *estamos chegando do ventre da noite / da carne do açoite nós somos / viemos* lembrar.
Estamos chegando da morte nos mares / *estamos chegando dos turvos porões / herdeiros do* banzo *nós somos / viemos* chorar.
Estamos chegando dos pretos rosários / estamos chegando dos nossos terreiros / *dos santos malditos nós somos / viemos* rezar.
Estamos chegando do ventre das minas / estamos chegando dos tristes mocambos / dos gritos calados *nós somos / viemos* cobrar.

Estamos chegando das velhas senzalas / estamos chegando das novas favelas / das margens do mundo *nós somos / viemos* dançar.
Estamos chegando do chão dos Quilombos / *estamos chegando do som dos tambores /* dos novos Palmares *nós somos / viemos* lutar.
Do exílio da Vida, *das minas da Noite, da carne vendida, da lei do açoite, do* banzo dos mares...
aos novos albores! Vamos a Palmares, todos os tambores!!!

Sebastião Armando Gameleira Soares
Caixa Postal 27
53001 Olinda, PE

Agostinha Vieira de Mello
Rua Monte Castelo, 270
Mandacaru
58025 João Pessoa, PB

O batismo do ministro da rainha da Etiópia

Os negros estiveram presentes nas origens da Igreja, antes mesmo dos europeus. Lucas conservou um antigo documento relativo à entrada na Igreja do primeiro africano negro, no capítulo 8,26-40 dos Atos dos Apóstolos.

1. IMPORTÂNCIA DA CONVERSÃO DO MINISTRO DA RAINHA DA ETIÓPIA

Como sempre, Lucas redige novamente as informações fornecidas pelas suas fontes. Por isso, é impossível separar literariamente a redação do documento original, quer escrito, quer oral. De todas as maneiras, Lucas usou aqui um documento — oral ou escrito — bastante antigo e que oferecia das origens cristãs uma visão diferente da sua própria visão. Adaptou a fonte, mas não a corrigiu. Na visão de Lucas, o centurião romano ocupa um lugar de destaque na formação da Igreja universal que une judeus e nações. Na visão do documento anterior, o ministro da rainha da Etiópia ocupava esse lugar de destaque. Este documento anterior, não sabemos donde vinha. Muitos supõem que procedia de Antioquia ou de sua região, isso por várias razões que não é preciso examinar aqui.

Qual seria o significado do ministro negro da rainha da Etiópia na fonte de Antioquia?

Uma primeira indicação nos vem do contexto. O episódio do ministro da Etiópia está ligado à conversão de Samaria. Intervém nele o evangelista Filipe, assim como na missão da Samaria. De modo mais amplo, o episódio está em conexão com os helenistas de Jerusalém. O documento apresenta-nos três fases na ação dos helenistas: os helenistas em Jerusalém, na Samaria e com o ministro da Etiópia. O que quer dizer isto?

Podemos levar em conta uma observação que nos vem tanto da cultura grega como da Bíblia.

No mundo de cultura grega, todos se lembravam dos poemas de Homero. Todos se lembravam da Odisséia e dos versos nos quais Homero dizia que os Etíopes moram numa terra longínqua situada nas extremidades do mundo (I, 22-24).

No Antigo Testamento também a Etiópia é conhecida como sendo os confins do mundo, as extremidades do mundo. Os profetas anunciaram que futuramente as nações viriam até das extremidades do mundo para adorar Javé em Jerusalém.

Isaías anunciou: "Naquele tempo um povo de alta estatura e de pele bronzeada, um povo temido por toda parte, uma nação poderosa e dominadora cuja terra é sulcada de rios, trará dons a Javé dos Exércitos, ao lugar onde se invoca o nome de Javé, ao monte Sião" (Is 18,7).

Sofonias também anunciou: "Porque, então, darei aos povos lábios puros, para que possam invocar o nome de Javé e servi-lo sob um mesmo jugo. Do outro lado dos rios da Etiópia, os meus adoradores trarão a minha oferenda" (Sf 3,9-10). Comp. Is 18,1-2; 66,18-20; Sl 69,32; 87,4.

Quando o autor da fonte de Lucas mostra o ministro da rainha da Etiópia, que "viera para adorar em Jerusalém" (At 8,27), é impossível que não tenha pensado nas profecias de Isaías e Sofonias que anunciavam que da Etiópia viriam trazer os dons a Deus em Jerusalém no fim dos tempos. A presença do ministro negro em Jerusalém é o sinal da proximidade do fim dos tempos. É um sinal messiânico.

O sinal messiânico fica reforçado pela compreensão que um grego devia ter das profecias de Isaías e Sofonias. Etiópia representa os confins do mundo. No fim dos tempos as nações virão dos confins do mundo até Jerusalém, formar um só povo de adoradores do verdadeiro Deus.

Com tal perspectiva podemos reler o anúncio de Jesus: "Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra" (At 1,8). Ora, o documento de Antioquia mostra-nos os helenistas saindo de Jerusalém: "Dispersaram-se pelas regiões da Judéia e da Samaria" (At 6,1). Depois da Samaria acrescenta-se o encontro com o ministro da Etiópia. Este representa os confins do mundo. Deste modo se realiza o anúncio de Jesus: os evangelistas saem de Jerusalém, vão para a Judéia, a Samaria e até os confins da terra representados pelo ministro da Etiópia. Na pessoa deste ministro completa-se o plano de Jesus. O ministro simboliza desde o início a presença dos confins da terra. Antes que os discípulos fossem até os confins, os confins já vieram até eles.

O africano representa aqui um papel messiânico. Foi escolhido para representar a multidão das nações que viriam até das extremidades da terra para formar o único povo de Deus. Foi escolhido graças à fama de poder e de força que o seu povo tinha na Bíblia. O povo de pele bronzeada era um povo temido e altamente valorizado.

Se bem que a redação final de Lucas relativizou a importância do documento mais antigo que integrou, contudo esta última guarda todo o seu valor e o próprio Lucas quis conservá-la. Pois At 1,8 conserva a marca do papel do Etíope. Roma não convém para representar os confins da terra. Roma achava-se o centro do mundo e não a extremidade. Jesus pensava nos negros da África e não pensava em Roma quando deu aos apóstolos o seu plano.

2. O QUE ERA ETIÓPIA?

Para os gregos, a palavra "Etiópia" pode significar, de modo geral, toda a África negra. De modo mais específico, porém, designava uma região da África negra que não era a região que hoje em dia se chama "Etiópia", mas uma região situada mais a Oeste desta, naquilo que hoje seria considerado como o Norte do Sudão. Naquele tempo chamava-se "reino de Méroe" e estava situado no Sul do Egito entre a primeira e a sexta catarata do Nilo. Esta região chamava-se também Núbia.

A Núbia tinha desempenhado um papel histórico importante na antiguidade. No Egito houve faraós negros procedentes da Núbia: foram os da 25ª dinastia no século VII antes de Cristo.

No tempo de Jesus, o reino de Méroe tinha uma civilização avançada e havia ficado independente. Os Romanos não o conquistaram. Não se sabe qual foi a razão que os levou a deixá-lo como reino independente sem integrá-lo ao Império. Em todo caso, o reino de Méroe foi o centro do comércio entre o mundo romano e a África negra no Sul da Núbia. O comércio era intenso entre África negra e Roma. Houve acordos comerciais assinados entre o imperador Augusto e o reino de Méroe. Encontraram-se objetos romanos em todas as regiões da África, sinal de comércio romano. Aliás, exploradores gregos e romanos percorreram a África toda. A África era mais conhecida no tempo dos Romanos do que durante toda a época que seguiu até o fim do século XIX.

As relações econômicas, políticas e culturais entre o reino de Méroe e o Império Romano explicam que um ministro da rainha da Etiópia tenha subido a Jerusalém. Naturalmente este não tinha sido o primeiro contacto entre o ministro de Méroe e o judaísmo. O ministro já tinha muitas crenças judaicas e possuía uma Bíblia. Por conseguinte, tinha tido relações freqüentes com judeus, quer na Etiópia, quer no Egito, quer em Jerusalém no decorrer de anteriores viagens.

O reino de Méroe era governado pelas rainhas-mães e todas as rainhas se chamavam "Candace"; o documento de Lucas estava bem informado. O ministro era ministro da rainha Candace.

Pela sua situação, o reino de Méroe era a porta da África dentro da perspectiva de Roma ou de Jerusalém. Por meio do ministro da Etiópia, toda a África negra se faz presente no reino de Deus.

3. O MINISTRO DA RAINHA

Não se cita o nome do etíope. As qualificações que lhe são atribuídas mostram que se tratava de uma pessoa importante. É designado como sendo eunuco. Sendo ministro da rainha era muito provável que o fosse no sentido físico da palavra. Pois assim era o costume no Oriente antigo e nos reinos conhecidos, notadamente no Egito.

Por outro lado era tão comum na antiguidade que os servidores das rainhas fossem eunucos, que a palavra eunuco tornara-se sinônima de ministro. Pode ser inclusive que o título de eunuco signifique aqui simplesmente a dignidade de ministro da rainha. Não há meio de se conseguir uma confirmação.

Em todo caso o eunuco era importante, já que guardava os tesouros da rainha. O reino de Méroe não tinha moedas, e por conseguinte o eunuco não era propriamente o ministro da fazenda. Era o conservador dos objetos preciosos da rainha: objetos de ouro, jóias, pedras preciosas, vasilhas de metal etc., talvez inclusive tecidos preciosos, ou distintivos do poder real. De qualquer modo, era uma pessoa de grande responsabilidade.

O texto diz que o eunuco "viera para adorar em Jerusalém" (8,27). No tempo de Jesus "adorar a Deus" tinha muitas vezes um significado preciso. Pois, ao lado dos prosélitos que são os pagãos que entraram no povo de Israel por meio da circuncisão, há também muitos pagãos que não aceitam a circuncisão mas participam de muitas crenças, da vida moral, dos mandamentos, das orações e de vários ritos dos judeus. Estes recebem o nome de "adoradores de Deus". Aqui Lucas parece insinuar que se tratava de um desses "adoradores de Deus". Pois ele tinha uma Bíblia que lia assiduamente, o que significava que estava muito familiarizado com a religião de Israel.

É verdade que Dt 23,2 exclui os castrados do templo de Deus e, se fosse eunuco, o ministro da rainha da Etiópia não poderia ter entrado no templo de Jerusalém nem participado de nenhum culto. No entanto, é possível que Lucas tenha-se lembrado aqui da profecia de Is 56,4-7: "Pois, assim diz Javé aos eunucos que guardam os meus sábados e optam por aquilo que é minha vontade, permanecendo fiéis à minha aliança: Hei de dar-lhes na *minha casa* e dentro dos meus muros um monumento e um nome mais precioso do que teriam com filhos e filhas; hei de dar-lhes um nome eterno que não será extirpado. E quanto aos estrangeiros que se entregaram a Javé para servi-lo, sim para amar o nome de Javé e tornarem-se os seus servos ... trá-los-ei ao meu monte santo e os cobrirei de alegria na *minha casa* de oração... Com efeito, a *minha casa* será chamada casa de oração para todos os povos". O etíope seria esse eunuco, estrangeiro que Javé cobre de alegria e que convida ao seu monte santo de Sião?

O etíope lê o profeta Isaías, justamente o profeta que contém a profecia sobre o povo de pele bronzeada, e que contém também a profecia sobre

os eunucos e os estrangeiros que vão ser glorificados por Deus. Isaías contém também outro texto que o eunuco não consegue entender por si mesmo. O ministro está lendo em voz alta, como sempre se fazia na antiguidade. Possui uma Bíblia: sendo ministro pode comprar uma Bíblia pessoal.

4. O ENCONTRO COM FILIPE

Filipe é um missionário itinerante. Parece que o documento de Antioquia reflete uma etapa da Igreja em que o ministério ainda é itinerante e confiado pelo Espírito a pessoas dotadas de um carisma especial. O "Anjo do Senhor" intervém quando se trata de entregar uma missão da parte de Deus. Aqui Filipe recebe uma missão particularmente importante: entregar a boa-nova a um povo situado nos confins da terra. Entende-se por que a intervenção do Anjo do Senhor foi necessária (Lc 1,11; At 5,19; 10,3; 12,7.23; 27,23).

Em At 8,29 o Espírito pede que Filipe se aproxime. A pergunta que Filipe faz ao etíope não é de modo algum insolente. Não quer dizer ao etíope que é um ignorante. Na realidade, a pergunta reflete a convicção dos cristãos de que ninguém pode compreender as Escrituras se Deus não lhe abre a mente para entender. Os próprios discípulos não entendiam e Jesus teve que explicar-lhes. As palavras da Bíblia são particularmente incompreensíveis quando anunciam a morte de Jesus: ver Lc 24,25-27. Os judeus não entendem as suas Escrituras se Jesus não as explica. O etíope não é mais ignorante do que os outros. Está simplesmente na condição de qualquer pessoa de boa vontade. Ele próprio o reconhece no v. 31 e 34.

Filipe desempenha aqui o papel de Cristo e de todos os apóstolos e missionários: explica o sentido escondido das Escrituras, especialmente as passagens que se referem à morte de Jesus. O apóstolo anuncia a boa-nova de Jesus a partir das Escrituras. Esta boa-nova de Jesus, qual é? Ela é a "nova" da ressurreição de Jesus. Pois Jesus foi humilhado e depois exaltado. Foi exaltado a partir de sua humilhação. Esta deve ter sido uma formulação muito antiga da cristologia.

No v. 36 o eunuco faz uma pergunta que é a pergunta de todos os povos à Igreja. O que impede o acesso dos pagãos à Igreja? Trata-se de um dos temas principais dos Atos, do Evangelho de Lucas, e, já anteriormente, do Evangelho de Paulo. Aqui ninguém responde, nem a Igreja, nem Filipe. A resposta é evidente. A resposta foi vivida pela Igreja. Era evidente que nada podia impedir o Batismo do pagão. As profecias tinham anunciado a sua chegada. A Igreja somente tinha aberto os olhos para a vontade de Deus já anunciada nas Escrituras. A Igreja não podia opor-se à vontade de Deus. O Anjo do Senhor tinha trazido Filipe para isso. O Espírito o mandara aproximar-se do carro para isso. Era evidente que Deus queria que o eunuco fosse batizado. Desde os séculos Deus tinha preparado este momento.

Assim que o etíope foi batizado, Filipe desapareceu: a vontade de Deus estava cumprida, já não fazia sentido a presença de Filipe. Já ficava aí

o etíope como representando a presença da Igreja: o povo dos confins da terra formava a Igreja. A profecia estava realizada.

O Batismo ocupa aqui o lugar da Eucaristia no encontro de Emaús. Assim como Jesus desapareceu quando foi dado o sinal da Eucaristia, Filipe desaparece logo depois do sinal do Batismo. Uma vez realizado o Batismo, o seu papel desaparece. Assim como a Eucaristia torna a presença física de Jesus inútil, assim o Batismo dispensa a presença do apóstolo que fica liberado para outras tarefas.

O etíope continuou o seu caminho "cheio de alegria". Trata-se da alegria que vem da realização do reino de Deus. Todos os seus problemas e todas as suas esperanças chegaram à sua conclusão. O Evangelho chegou aos confins da terra.

De fato, desde a mais longínqua antiguidade houve uma Igreja na Núbia. Na época patrística foi uma Igreja desenvolvida com muitos bispados, muito ligada às Igrejas do Egito e do Oriente em geral. Daí o cristianismo estendeu-se até a Etiópia atual, onde a Igreja está instalada desde o século VI. A Igreja da Etiópia subsiste até hoje com o seu regime próprio, os seus ritos próprios, a sua língua, a sua organização.

Até agora, a Igreja da Etiópia teve poucas repercussões sobre o cristianismo africano, porque as Igrejas da África negra nasceram a partir de missionários católicos ou protestantes que vieram do Ocidente, da Europa ou dos Estados Unidos, isto é, do cristianismo de procedência latina e não oriental. Esses missionários desprezaram muito a Igreja da Etiópia e impuseram aos povos africanos o cristianismo na sua cultura ocidental como se não houvesse na África nenhum antecedente de cristianismo africano. Trata-se de uma anomalia que, estranhamente, subsiste até hoje. Os missionários ocidentais acham que a Igreja da Etiópia representa uma forma decadente de cristianismo, mas nada fizeram para ajudá-la a se recuperar dentro da sua tradição, se é verdade que é assim tão decadente.

Desse modo, a maioria dos negros acha que a sua presença na Igreja é recente, quando na realidade é mais antiga do que a própria missão de Paulo na Europa, e as Igrejas africanas são tão antigas como as outras, mais antigas do que a maioria das Igrejas situadas na Europa.

José Comblin
Centro de Formação Missionária
58385 Serra Redonda, PB

Os escravos e o Evangelho de Paulo

Ao entrar no mundo greco-romano o Evangelho achou-se no meio de milhões de escravos. Ora, o cristianismo suscitou entusiasmo no mundo dos escravos. Muitos escravos aderiram, mesmo às vezes contra a vontade dos seus senhores. Muitos escravos fizeram-se os propagandistas do Evangelho cristão. Os pagãos desprezavam o cristianismo por ser uma religião de escravos e por nascer do proselitismo dos escravos. Viam nisto a marca de uma inferioridade.

Como fez o cristianismo para conquistar tantos escravos e receber deles tanta ajuda espontânea e tantos colaboradores benévolos? Os fatos estão aí e nos mostram certamente as razões mais evidentes. Para todos, senhores ou escravos, as condições eram as mesmas: a fé e o Batismo estavam ao alcance de todos e nivelavam a todos. Pelo Batismo, todos estavam colocados no mesmo nível, homens livres ou escravos. Na mesa Eucarística todos se sentavam ao lado uns dos outros: escravos e homens livres sentados na mesma mesa e compartilhando a mesma comida. Este era o sinal mais evidente de uma subversão de todas as estruturas da sociedade. Uma vez dentro da assembléia cristã, a distinção desaparecia, todos se achavam iguais.

É verdade que, depois da assembléia, todos se achavam de novo no mundo duro e implacável da sociedade escravagista. Contudo, esta não podia não sofrer os efeitos das reuniões em que todos se achavam iguais. A comunhão na Eucaristia devia ter conseqüências no mundo exterior. De fato, teve conseqüências. Pouco a pouco o regime foi forçado a humanizar-se e mudou. Uma sociedade com certo número de cristãos não podia tolerar durante muito tempo o regime desumano da escravidão. O regime cedeu, mais cedo no Império romano do que nos regimes coloniais das Américas em que permaneceu durante mais de 3 séculos. O incompreensível foi que a escravidão renasceu pela ação de cristãos a partir do século XVI.

O Novo Testamento não formulou explicitamente um plano de ação diante do mundo dos escravos. Os cristãos começaram a agir em virtude do

seu instinto cristão. De vez em quando algumas circunstâncias forçaram alguns escritos a dar algumas orientações práticas e circunstanciais.

A mensagem cristã a respeito está dominada pelo exemplo de Cristo que se tornou escravo, semelhante aos escravos na sua morte na cruz. Já antes viveu como um escravo do seu Pai, não fazendo a sua vontade, mas a vontade do seu Pai. Quais deviam ser as conseqüências desse exemplo? Os apóstolos procuraram interpretá-las. Além das explicações e interpretações locais e circunstanciais, subsiste o fato fundamental: Cristo dirige-se aos escravos para libertá-los, trata a todos como seres livres e institui uma comunhão onde todos são iguais, livres e escravos, e os sinais dessa igualdade são o Batismo e a comunhão na mesa eucarística. Todos os textos do Novo Testamento hão de ser interpretados à luz deste fato fundamental.

1. A CONDIÇÃO DOS ESCRAVOS NA ANTIGUIDADE

A palavra escravo designa condições nem sempre iguais no decorrer dos tempos. É uma palavra cômoda que reúne numa mesma categoria fenômenos diversos assinalados em muitas civilizações. O que nos interessa aqui para compreender a Bíblia, é o sentido dos escravos no mundo do Império romano em que entrou o cristianismo desde o primeiro século de sua história.

O que carateriza um escravo é a ausência de liberdade. Ele é um ser não livre, que não pode dispor da sua pessoa, nem do seu trabalho. O escravo pertence a outro homem tanto na sua pessoa como no seu trabalho. A sua vontade está subordinada à vontade do seu dono, e os frutos do seu trabalho pertencem ao seu dono. Um escravo é um sujeito sem direitos. No Novo Testamento a palavra usada para designá-lo é "dulos", palavra que muitas traduções traduzem por "servo", "servidor", "empregado", mas na realidade se trata de escravo, pois toda a estrutura do mundo no tempo de Jesus está fundada no regime da separação entre escravos e livres.

Uma pessoa torna-se escrava por nascença: o filho de uma escrava nasce escravo, qualquer que seja o pai. O filho de uma mulher livre nasce livre, qualquer que seja o pai. Também uma pessoa torna-se escrava pela guerra: os prisioneiros tornam-se escravos e ficam à disposição dos vencedores. Também certas pessoas se tornam escravas porque foram vendidas pelos seus pais ou se venderam a si próprias (por exemplo, para pagar dívidas). No direito romano a condição de escravo pode ser o castigo de certos crimes.

Os escravos podem ser vendidos no mercado de escravos. Houve épocas em que os escravos eram abundantes no mercado, houve tempos de escassez. A proporção de escravos na população do Império variou bastante. Segundo os historiadores, deve ter oscilado entre 25% e 50% da população do Império. Havia mais escravos nas cidades e nos latifúndios.

Houve muitas revoltas de escravos. As mais famosas e as mais perigosas produziram-se entre 140 e 70 antes de Cristo. O maior número de escravos

foi conquistado no decorrer das grandes conquistas romanas, realizadas no 2º e no 1º século antes de Cristo. A grande revolta de Espártaco de 73 a 71 antes de Cristo terminou pela exposição de 6.000 escravos crucificados ao longo da Via Ápia. Revoltas de escravos sempre foram uma ameaça. Os escravos, porém, não tinham projetos políticos firmes ao redor dos quais teriam podido apresentar uma alternativa ao poder romano: a sua fraqueza política os condenava aos inevitáveis fracassos.

Os escravos dedicavam-se a diversos trabalhos. Havia escravos empregados-domésticos, cozinheiros, secretários, professores e pedagogos, ou médicos. As escravas tinham funções domésticas particularmente na educação das crianças. Também eram normais relações sexuais entre amos e escravas. Também muitas vezes as bailarinas, músicas, hetairas eram escravas. Daí diversos tipos de relacionamento que podiam humanizar-se entre amos e escravos.

Os escravos podiam ser libertos e sair da condição de escravidão. Uma vez libertos os escravos podiam trabalhar no que queriam e circular à vontade. A libertação é um ato oficial, definido pela lei romana. O "libertus" ficava submetido a certas obrigações para com o seu ex-amo. Era freqüente a libertação por meio de um testamento. Não era raro os amos libertarem os seus escravos depois de 25 ou 30 anos de trabalho. Desse modo o escravo tornava-se livre aos 40 ou 45 anos de idade, mas mantinha contactos de dependência.

A Epístola a Filêmon fala de uma fuga de escravo. Entre os escravos a fuga era freqüente. Sentiam ânsia de liberdade. Freqüentemente eram maltratados pelos amos ou então mal alimentados. Muitas vezes os escravos fugitivos formavam grupos errantes que viviam de roubos e assaltos e não se atreviam a entrar nas cidades. Os amos faziam tudo para recuperar os seus escravos que representavam um capital importante. Habitualmente as autoridades ajudavam os donos que buscavam os seus escravos fugitivos.

Os escravos foragidos encontravam às vezes refúgio num templo. Os sacerdotes podiam permitir-lhes a permanência a serviço do templo, vendê-los a outros amos ou restituí-los, mediante melhores condições, aos antigos amos. Para os escravos a fuga era sempre um grande risco, porque podiam ser denunciados a qualquer momento e não era tão fácil viajar muito longe como conseguiu fazer Onésimo, o escravo de Filêmon.

2. JESUS E OS ESCRAVOS

Jesus conhece os escravos. Usa a terminologia de escravos. Nas suas parábolas entram escravos (Mt 13,27s; 18,23s; 21,34s; 22,3s; 24,45s; 25,14s). A sociedade que fornece a Jesus os seus exemplos contém escravos. Quem quer ser o primeiro, deve ser o escravo de todos; nenhum escravo pode servir a dois senhores (Mc 10,44; Lc 16,13).

Porém, não há palavras explícitas no que diz respeito à condição dos escravos. Jesus fala dos pobres, dos que choram, dos que passam fome. Com

certeza os escravos estão entre os pobres, entre os que choram e muitas vezes entre os que passam fome. No entanto, Jesus não parece ter falado explicitamente a respeito da condição dos escravos.

Jesus anuncia o Reino de Deus e com ele uma mudança total das condições humanas. Os pobres vão ficar ricos, os famintos serão saciados. Isto tem que incluir uma mudança radical da condição dos escravos.

O Reino de Deus virá no fim deste mundo. Se há um começo desde este mundo, neste começo estaria incluída uma primeira mudança na condição dos escravos. No entanto, não há nenhuma determinação a respeito disso.

O preceito de amar o próximo inclui necessariamente novas relações entre senhores e escravos. De novo, aqui, Jesus não parece ter dito nada específico. Jesus não se referiu a categorias jurídicas específicas. Ficou com a categoria geral dos pobres, maltratados, marginalizados e perseguidos. Não podemos saber de que modo teria enxergado a condição dos escravos num futuro mais próximo.

Jesus não falava para comunidades organizadas. Falava para as multidões e para futuros seguidores. Não falava para institucionalizar condutas. Não estava obrigado a definir nada de modo concreto. Uma vez que se constituíram comunidades cristãs para recolherem a sua herança, para viverem neste mundo a esperança da grande transformação, foi preciso falar concretamente.

Nas comunidades cristãs houve desde o início escravos e não-escravos. Houve provavelmente escravos com os seus amos. Quando o Evangelho passou para o mundo dos gregos e romanos, o número e a atualidade dos escravos cresceram. Então apareceu o problema: o que acontece com os escravos, uma vez que se quer viver de acordo com os ensinamentos de Jesus?

3. A DOUTRINA DAS EPÍSTOLAS PAULINAS

a. Nas epístolas paulinas há em primeiro lugar duas proclamações programáticas que de certo modo se integram no evangelho de Paulo e contêm referência explícita à escravidão como sendo uma das características fundamentais das injustiças do mundo antigo a serem superadas no mundo novo instituído por Cristo.

"Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito" (1Cor 12,13).

No Batismo e na bebida do Espírito (Eucaristia?), todos são iguais. "Um só corpo" tem aqui também um sentido qualitativo: um corpo em que há uma condição só.

"Pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu, nem grego, não há escravo, nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus" (Gl 3,28-29).

Aqui também o Batismo é a fonte da igualização, e um só corpo tem um sentido qualitativo, um corpo em que todos são iguais.

O significado fundamental é a igualdade de valor. A condição visível não muda. No mundo a situação não muda. O grego ainda é grego e o judeu ainda é circunciso; o homem não muda de sexo, nem a mulher, e nenhum perde o sexo. Da mesma maneira o servo ainda é servo e o senhor ainda é senhor.

No entanto alguma coisa muda. Alguma coisa muda no relacionamento entre homem e mulher, entre gregos e judeus e também entre livres e escravos. Não é somente no recinto do culto ou da assembléia cristã que as desigualdades desaparecem. No mundo também alguma coisa vai mudar. A mudança não se fará apenas no fim dos tempos. Nem se limita a disposições puramente interiores. Seria vão tirar de proclamações tão gerais aplicações muito específicas. Contudo elas abrem a porta para tais aplicações no decorrer da história ulterior.

b. 1Cor 7,17-24. A condição do escravo intervém também na instrução da Epístola aos Coríntios sobre o conselho: "cada um permaneça diante de Deus na condição em que se encontrava quando foi chamado" (1Cor 7,24). A idéia é a seguinte: diante de Deus circuncisão ou não, casamento ou não, escravidão ou não, são coisas secundárias. Deus não dá prioridade a isso. O que importa diante de Deus é de outra ordem.

O texto é de interpretação difícil. Paulo não impõe como regra absoluta um dever de permanecer na condição em que cada um está: quem é casado, fique casado, quem é solteiro, fique solteiro, quem é cicuncidado, fique assim sem preocupação, quem não é circuncidado, não se faça circuncidar; e de semelhante maneira, quem é escravo, fique escravo. Pois não proíbe a circuncisão a quem quer praticá-la, nem o casamento a quem quiser casar. O que há, é uma insistência no caráter relativo de todas essas condições. O que importa é a liberdade em Deus.

Dentro desta posição, como interpretar o texto referente aos escravos, 1Cor 7,21-23? O primeiro sentido é o seguinte: o que realmente importa é ser um liberto no Senhor e não ser um escravo dos homens. Por outro lado, é preciso ser um escravo de Cristo. Então para o homem livre, o que importa é ser escravo de Cristo. Para o escravo, o que importa é ser livre em Cristo. Para ambos, o que importa é não ser escravo dos homens, quer dizer, não aceitar uma lei humana como se fosse lei de Deus.

Resta uma dúvida quanto ao v. 21b. A questão é: se o escravo tem possibilidade de se tornar livre, de conquistar a sua liberdade, deve ou pode preocupar-se pela sua libertação jurídica nesta sociedade? Aqui há uma dúvida entre os exegetas: alguns lêem: "aproveite a ocasião"; outros lêem: "procure antes tirar proveito da tua condição de escravo". As duas interpretações são possíveis. Entretanto, tem que reconhecer-se que o contexto favorece a segunda interpretação. Assim como o solteiro é chamado a ficar solteiro e o pagão a

não circuncidar-se, assim o escravo é chamado a não se preocupar pela sua libertação jurídica. Contudo, está claro que não é de modo algum uma obrigação. O que se quer sublinhar é que antes de mais nada há uma liberdade fundamental face ao mundo e face a Deus que é comum a todos, e que o escravo pode viver na sua escravidão tão bem como o amo.

Há um nível de liberdade em Cristo que nenhuma condição social pode tirar. Diante de Deus e dos homens o cristão torna-se livre em um nível mais fundamental do que a liberdade jurídica. Sendo escravo, pode ser mais livre como pessoa do que o seu dono. Porém, esta liberdade não impede que se busque também a libertação jurídica, com a condição de que esta não tenha a ilusão de dar a liberdade que só Cristo pode dar.

c. A Epístola a Filêmon.

Na Epístola a Filêmon, Paulo acha-se diante de um fato concreto. Procura uma solução concreta adaptada ao caso. Não se poderia fazer da resposta a esse caso uma regra geral. Dado o caráter de Filêmon e de Onésimo, dada a circunstância especial em que Onésimo procurou refúgio junto a Paulo — assim como se buscava refúgio junto aos templos pagãos —, este descobre uma solução. Prefere não reter junto a si o próprio Onésimo, embora diga que teria o direito de fazê-lo. Manda o escravo de volta ao amo, mas com o pedido de tratá-lo doravante como irmão, como se fosse o próprio Paulo. A Epístola não tem o valor de um decreto suprimindo a escravidão, o que naquela sociedade teria sido totalmente ineficaz. Paulo estima que a caridade pode tirar da condição de escravo tudo o que tem de desumano. Acha que a solidariedade e a fraternidade que geram a fé e o Batismo são suficientes para criar novas relações. Onésimo trabalhará pelo seu patrão, mas será considerado como membro da família, como um verdadeiro irmão. Esta transformação será a prova de que a solidariedade cristã é mais forte do que as estruturas injustas da sociedade humana.

4. A DOUTRINA DAS EPÍSTOLAS AOS COLOSSENSES E AOS EFÉSIOS

As epístolas aos Colossenses e aos Efésios enxergam de outro modo as estruturas sociais, notadamente as estruturas da escravidão. Tudo indica que elas não são do próprio Paulo, e sim de discípulos de Paulo, e respondem a problemas de uma geração ulterior a Paulo, quando as comunidades cristãs já são "instaladas", "fixas", "integradas na história". Já se sabe que a solidariedade cristã tem limites históricos bastante estreitos. E ainda não se descobriu como agir sobre as estruturas sociais.

No que diz respeito às relações sociais, a preocupação dos autores destas epístolas é antes de mais nada evitar que os cristãos sejam considerados destrutores da família e da ordem social, considerados puros anarquistas. Daí a introdução dos chamados "códigos familiares", que enunciam preceitos correspondentes aos papéis na família: homem-mulher, pais-filhos, donos-escravos (Cl 3,18—4,1; Ef 5,21—6,9). E retoma o código de Cl desenvolvendo-o abundantemente.

Os códigos familiares destas epístolas têm afinidades com os códigos da filosofia grega, sobretudo do estoicismo, tal como ela já tinha sido adotada e adaptada pelos judeus do mundo helenístico.

A moral destes códigos é simples: cada um deve aceitar o papel que corresponde ao lugar que ocupa na família. Os escravos fazem a mesma coisa. Os escravos devem obedecer e fazer o que lhes mandam os senhores (Cl 3,22; Ef 6,5-7). A novidade é que não obedecem aos senhores em virtude do direito que teriam os senhores, mas como obedecendo a Cristo. Desse modo eles permanecem livres, mesmo obedecendo aos seus senhores. Não se reconhecem como escravos, como não-pessoas. Sabem que não são escravos, não-pessoas, mas aceitam ser tratados assim por submissão a Cristo. A obediência que praticam não se dirige aos seus senhores e sim a Cristo. Por outro lado, a sua esperança e a igualdade estão no juízo último.

Tal código mantém ao mesmo tempo a mensagem da dignidade e da igualdade dos escravos por um lado, e, por outro lado, a sociedade estabelecida. Contudo corrompe esta sociedade. Inevitavelmente os cristãos vão perceber que tal sociedade é uma mentira e uma falsidade, que a dominação não tem fundamento real, mas é apenas pura imposição. O problema será: como agir sobre a história? Como mudar a história? Nos tempos de Cl e Ef ainda não aparece nessas comunidades a maneira de agir sobre a história.

5. A DOUTRINA DAS EPÍSTOLAS PASTORAIS

É bem sabido que as epístolas pastorais insistem na ordem e na organização das comunidades, ainda com bem mais força do que as epístolas anteriores. Já se trata de uma terceira geração. Há um problema de calúnias junto às autoridades e à sociedade romana. As comunidades devem dar um exemplo de boa organização e não desafiar a sociedade estabelecida. Dentro desta perspectiva se situam as recomendações feitas aos escravos.

Estas epístolas contêm exortações para as diversas categorias de membros na comunidade. Já não se trata de relações sociais, e sim de "deveres de estado". Para os escravos, as recomendações parecem-nos bastante austeras, muito menos amenas do que nas epístolas anteriores.

"Todos os que estão sob o jugo da escravidão devem considerar os seus próprios senhores como dignos de todo respeito, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados" (1Tm 6,1). Não se diz que os senhores são realmente dignos de respeito, mas hão de ser considerados como tais por motivos de oportunismo. Doutrina mais dura do que a de Cl e Ef.

"Os escravos devem ser em tudo obedientes aos seus senhores, dando-lhes motivo de alegria; não sendo teimosos, jamais furtando, ao contrário,

dando prova de toda a fidelidade, honrando assim em tudo a doutrina de Deus, nosso Salvador" (Tt 2,9-10). O motivo é a estima pela doutrina cristã que haverá no meio da sociedade. Não se deixa desse modo nenhum pretexto para perseguir a comunidade. As exortações feitas aos escravos estão na linha de ordem que se reconhece também às instruções dadas aos presbíteros, aos velhos, às mulheres idosas, aos jovens. Em todos os autores querem que haja boa ordem e boa fama.

Assim mesmo, não há dúvida de que, para os escravos, a Igreja cristã era um porto de salvação. Dentro da Igreja os escravos eram considerados como pessoas humanas iguais aos outros. Escravos podiam ter acesso aos ministérios mais altos. Havia escravos bispos, presbíteros ou diáconos. Houve escravos que foram papas de Roma. Inúmeros escravos buscaram na Igreja um refúgio e uma acolhida. Foram tão numerosos que as Igrejas tiveram a fama de ser associações de puros escravos com mulheres e crianças.

Quanto ao desafio de mudar a sociedade para que desapareça a condição de escravo, ainda não foi superado. Ainda há em muitos lugares do mundo verdadeiros escravos e escravas. Há também níveis de dependência que equivalem a uma semi-escravidão. As comunidades cristãs deverão estar abertas a todos esses escravos ou quase escravos como outrora. Deverão ser um ponto de partida onde poderão recuperar a dignidade ofendida. Daí poderão partir para a reconquista da liberdade e da autonomia social. Quanto à autonomia pessoal — a esse refúgio da personalidade que não capitula diante de ninguém, nem sequer nos campos de concentração —, ela procede de Cristo e os escravos de todos os tempos puderam experimentá-la.

BIBLIOGRAFIA

COMBLIN, José. *Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon.* Comentário Bíblico, NT. Petrópolis/S. B. Campo/S. Leopoldo, Vozes/Impr. Metodista/Sinodal, 1986, p. 85-107.

GNILKA, Joachim. *Der Philemon-brief.* Herders theol. Komm. z. N. T. Freiburg, 1982, p. 54-81.

STUHLMACHER, P. *Der Brief an Philemon.* EKK. Zürich, 1981.

José Comblin
Centro de Formação Missionária
58385 Serra Redonda, PB

EDITORA VOZES

MATRIZ

R. Frei Luís, 100
Caixa Postal 90023
25689 Petrópolis, RJ
Tel.: (0242)43-5112

FILIAIS

R. Senador Dantas, 118-I
20031 Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021)220-6445

R. Joaquim Palhares, 227
Estácio de Sá
20260 Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021)273-3196

R. Joana Angélica
(Ao lado da Faculdade Cândido Mendes)
Ipanema
22420 Rio de Janeiro, RJ

R. Senador Feijó, 158 e 168
01006 São Paulo, SP
Tels.: (011)35-7144 e 36-2288

R. Haddock Lobo, 360
01414 São Paulo, SP
Tel.: (011)256-0611

Av. São Francisco de Assis, 218
12900 Bragança Paulista, SP
Tel.: (011)433-3675

R. Cel. Teófilo Leme, 1055
12900 Bragança Paulista, SP
Tel.: (011)433-3675

R. Tupis, 85, Loja 10
30190 Belo Horizonte, MG
Tels.: (031)273-2538 e 226-5383

R. Aimorés, 1583
30140 Belo Horizonte, MG
Tels.: (031)222-4152 e 226-6838

R. Espírito Santo, 963
36013 Juiz de Fora, MG
Tel.: (032)211-8061

R. Ramiro Barcelos, 390
90210 Porto Alegre, RS
Tel.: (0512)21-6522

R. Riachuelo, 1280
90010 Porto Alegre, RS
Tel.: (0512)26-3911

R. Joaquim Nabuco, 543
93310 Novo Hamburgo, RS
Tel.: (0512)93-8143

CLR/Norte, Q. 704
Bloco A, N. 15
70730 Brasília, DF
Tel.: (061)223-2436

R. 3, nº 291
74000 Goiânia, GO
Tel.: (062)225-3077

R. dos Coelhos, 485
50070 Recife, PE
Tel.: (081)221-4100

R. da Concórdia, 167
50020 Recife, PE
Tel.: (081)224-3924

R. Alferes Póli, 52
80230 Curitiba, PR
Tel.: (041)233-1392

R. Voluntários da Pátria, 39
80020 Curitiba, PR
Tel.: (041)223-6059

Av. Tristão Gonçalves, 1158
60015 Fortaleza, CE
Tel.: (085)231-9321

R. Major Facundo, 730
60025 Fortaleza, CE
Tel.: (085)221-4877

R. Carlos Gomes, 698-A
Conj. Bela Center, Loja 02
40110 Salvador, BA
Tels.: (071)241-0045 e 241-8414

Av. Getúlio Vargas, 381
78025 Cuiabá, MT
Tels.: (065)322-6809 e 322-6967

COLEÇÃO: COMENTÁRIO BÍBLICO

- **Coleção em 70 volumes, comentando a Bíblia toda.**
- **Empreendimento conjunto da Editora Vozes, Imprensa Metodista e Editora Sinodal.**
- **Comentários que querem ajudar ao povo na interpretação que ele mesmo faz da vida à luz da Bíblia.**
- **Uma maneira nova e original de se ler e entender a Bíblia hoje.**

O pobre ao ler a Bíblia busca qual o sentido para ele em sua situação concreta. Ele quer interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. Esta coleção não quer substituir esta leitura que o povo pobre faz, não quer interpretar o texto para ele e muito menos treiná-lo a fazer análise científica da Bíblia. Pretendem os autores colocar à disposição do povo tudo o que de positivo conquistaram as ciências bíblicas nos últimos 50 anos.

Esta coleção ajudará o leitor simples a tirar, com mais precisão e entendimento, o sentido concreto e pessoal da Sagrada Escritura.

Estes comentários serão muito valiosos para padres, freiras, agentes de pastoral e líderes comunitários que têm simpatia pelo povo simples, que procuram valorizá-lo, que assumem suas lutas e em conjunto tentam melhorar sua sorte.

* * *

Um grupo de biblistas católicos e protestantes — comprometidos com a leitura da Bíblia seguida pelo CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) — percebeu que o povo está retomando a Bíblia em suas mãos e a está lendo de uma maneira diferente. Percebeu também que a exegese tradicional, com seus métodos histórico-literários, com sua busca do sentido "em si" do texto, com seus refinamentos de pesquisa arqueológica e lingüística não faz muito sentido para este leitor.

LIVROS JÁ PUBLICADOS:

Epístola aos Filipenses — José Comblin, 72 p.
Zacarias — A Vinda do Messias Pobre — Gilberto Gorgulho, 136 p.
Ageu — Milton Schwantes, 80 p.
Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon — José Comblin, 112 p.
Epístola aos Efésios — José Comblin, 112 p.
Rute — Carlos Mesters, 72 p.
Ester — Sandro Gallazzi, 192 p.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

Epístola aos Gálatas — Ana Flora Anderson
Atos dos Apóstolos — José Comblin
Malaquias — Gilberto Gorgulho
Isaías 1-39 — J. Severino Croatto
Gênesis 12-25 — Milton Schwantes

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM

Da mesma série:

Estudos Bíblicos 1. **A Bíblia como memória dos pobres**
Estudos Bíblicos 2. **Caminho da libertação**
Estudos Bíblicos 3. **Atos dos Apóstolos: ontem e hoje**
Estudos Bíblicos 4. **Profetas: ontem e hoje**
Estudos Bíblicos 5. **Bíblia e organização popular**
Estudos Bíblicos 6. **A violência dos opressores na Bíblia e o direito dos pobres à vida**
Estudos Bíblicos 7. **Leitura da Bíblia a partir dos condições reais da vida**
Estudos Bíblicos 8. **Leitura da Páscoa como memorial da libertação**
Estudos Bíblicos 9. **Os Dez Mandamentos: várias leituras**
Estudos Bíblicos 10. **A oração ao Deus da Bíblia**
Estudos Bíblicos 11. **Trabalhador e trabalho**
Estudos Bíblicos 12. **Unidade e conflitos na Igreja à luz do Novo Testamento**
Estudos Bíblicos 13. **A terra é nossa vida e liberdade**
Estudos Bíblicos 14. **A verdade da justiça**
Estudos Bíblicos 15. **Crises e saídas**
Estudos Bíblicos 16. **A memória popular do êxodo**
Estudos Bíblicos 17. **O negro e a Bíblia: um clamor de justiça**

VOZES ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL 02799-5

FICHA DE AVALIAÇÃO GERAL DA CF/87.

(Favor devolver preenchida ao Grupo de Coordenação até o dia 30 de abril)

Sua contribuição é fundamental.

Faça sua avaliação sobre o resultado da CF na sua Entidade (Paróquia, Escola, Associação, etc). Preencha a ficha abaixo, relatando as atividades planejadas e executadas até a Páscoa (19 de abril).

Planejamento	Execução	Revisão
Ver		
Julgar		
Agir		

Entidade .....
Endereço .....
Preenchido por ..... Cargo .....
Data ...../ ...../.....

Grupo de Coordenação
da Campanha da Fraternidade/87
Rua Espírito Santo, 1059 - 12º andar
Fones 222-2250 / 224-9031
Belo Horizonte

CEDIM

IMPORTANTE

Lideranças Cristãs

Prezado Padre:

Queira relacionar as obras (com respectivos nomes e endereços) existentes em sua Paróquia, que prestam assistência a Menores:

☐ Creches -

.....

.....

☐ Jardim-Elo -

.....

.....

☐ Centros Sociais -

.....

.....

☐ Clubes de Mães -

.....

.....

☐ Postos de Saúde -

.....

.....

☐ PCA - Programa de Complementação Alimentar -

.....

.....

☐ CADs - Complementação Alimentar aos Desnutridos -

.....

.....

☐ Pré-primários -

.....

.....

☐ Núcleos Profissionalizantes -

.....

.....

.....

Escolas de:

☐ 1º grau -

.....

.....

☐ 2º grau -

.....

.....

☐ Associações (de Bairro) com programas ligados ao Menor -

.....

.....

☐ Clubes (de Bairros) com programas voltados ao Menor -

.....

.....

☐ Outras

.....

.....

.....

Outras informações que você julgue importante para este levantamento:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Grupo de Coordenação
da Campanha da Fraternidade/87
Rua Espírito Santo, 1059 - 12º andar
Fones 222-2250 / 224-9031
Belo Horizonte

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNC - Comissão Nacional do Clero
SE/Sul Quadra 801 Conjunto "B"
70401-900 Brasília-DF

FICHA CADASTRAL

Registro nº:	

Nome completo:			
Nome conhecido:			
Filiação	Pai:		
	Mãe:		
Data de Nascimento: / /		Local de Nascimento:	
Tipo Sanguíneo:		Fator RH:	
CPF:			
Carteira de Identidade nº:		Emitente:	Data Exp: / /
Vinculação: ( ) Diocesano ( ) Religioso			
Data de Ordenação:	Diaconal	Presbiteral	Episcopal
Diocese de:	Ordenação	Incardinação	Residência
Congregação:			
Endereço para Correspondência			
	Bairro:		
	Cidade-UF:	CEP:	
	Caixa Postal:	CEP:	
	Telefone: ( ) -	Fax: ( ) -	
Atividade atual:			
Organismo:			
Estudos de Pós Graduação:	( ) Especialização (área):		
	( ) Mestrado (área):		
	( ) Doutorado (área):		

Local, data: _____

_____
Assinatura do Bispo Diocesano
ou Provincial

_____
Assinatura do Presbítero

OBS: 1) Enviar à CNBB aos cuidados da Linha 1 - Setor Vocações e Ministérios
2) Anexar 3 fotos 3 x 4 (recentes)
3) Obrigatória a assinatura do Bispo Diocesano, com o carimbo da Diocese

AXÉ AXÉ AXÉ

AXÉ

AXÉ

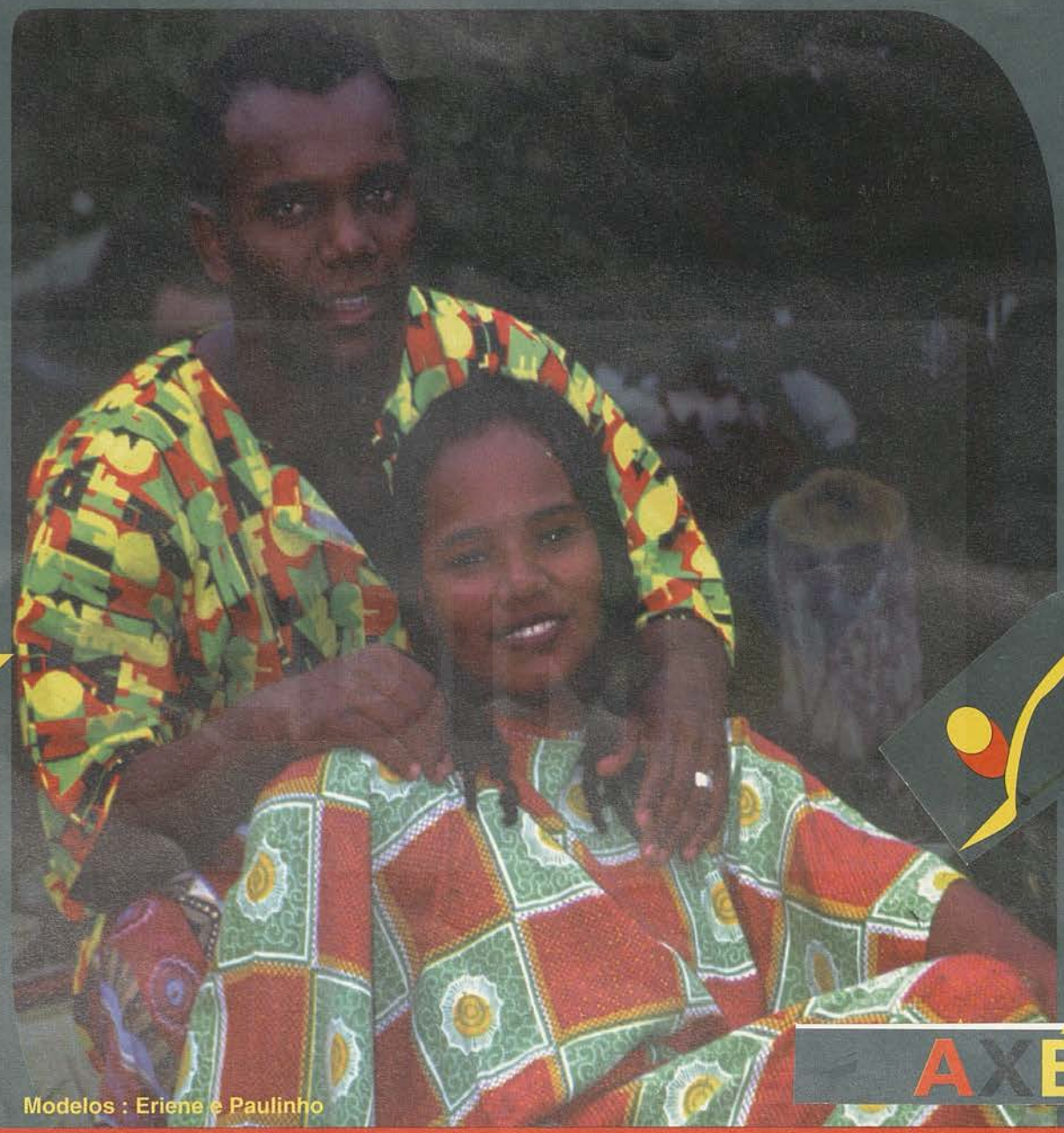
MODELOS: Paulo, Jesus,Paulinho, Elaine, Soraya

AXÉ AXÉ AXÉ AXÉ

A ressurreição inspira um novo jeito de ser negro(a)!

AXÉ AXÉ AXÉ

AXÉ



AXÉ

AXÉ

AXÉ

AXÉ

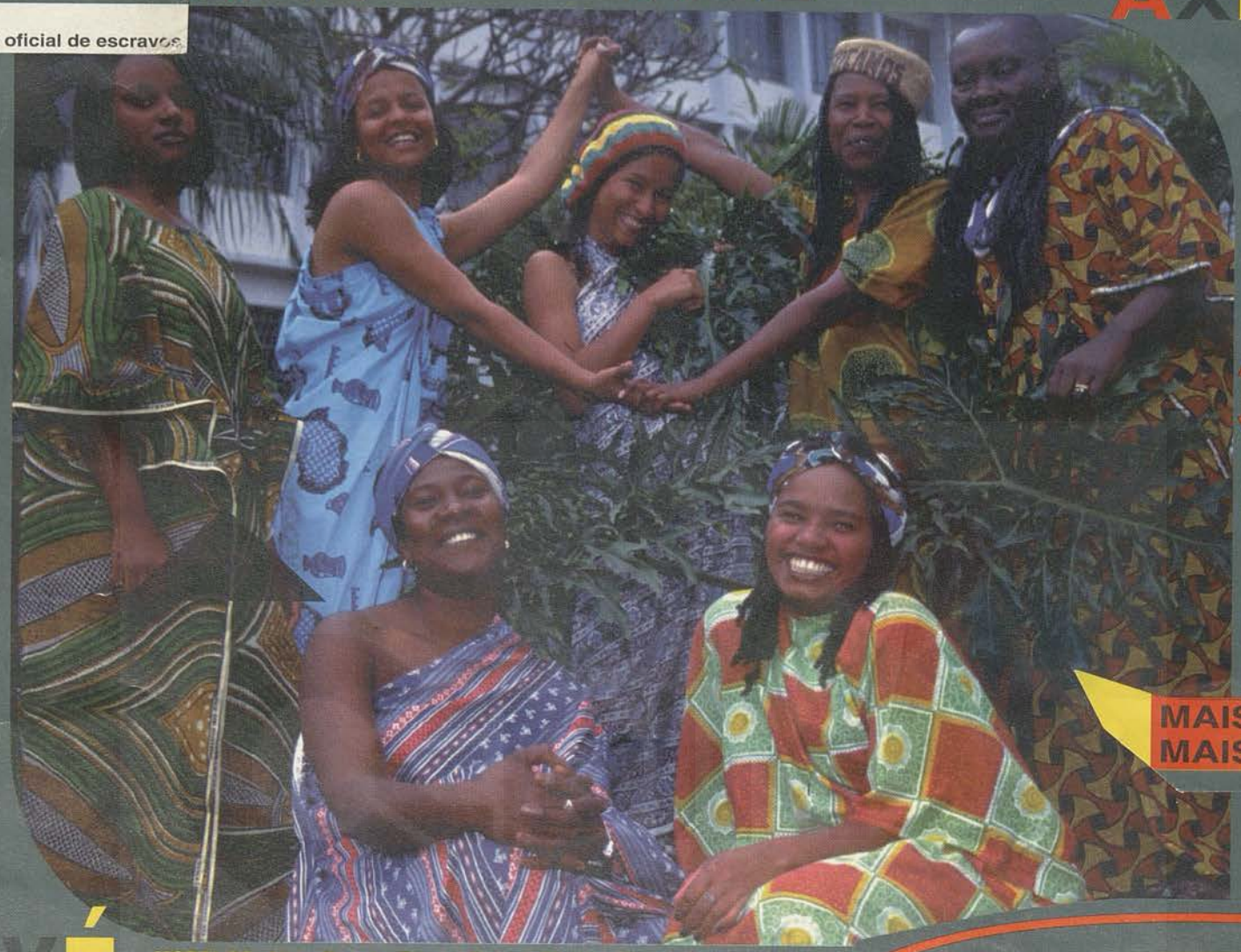
Modelos : Eriene e Paulinho

Somos negros(as) resgatando e preservando nossas raízes.

AXÉ AXÉ AXÉ

01/1883 - Primeira libertação oficial de escravos

- Vila de Acarepé - CE



AXÉ AXÉ AXÉ

MAIS INFORMAÇÃO E MAIS CONSCIÊNCIA."

MODELOS: Alice, Renata, Eriene, Neusa, Silvana, Elaine, Elicéia.

AXÉ AXÉ AXÉ

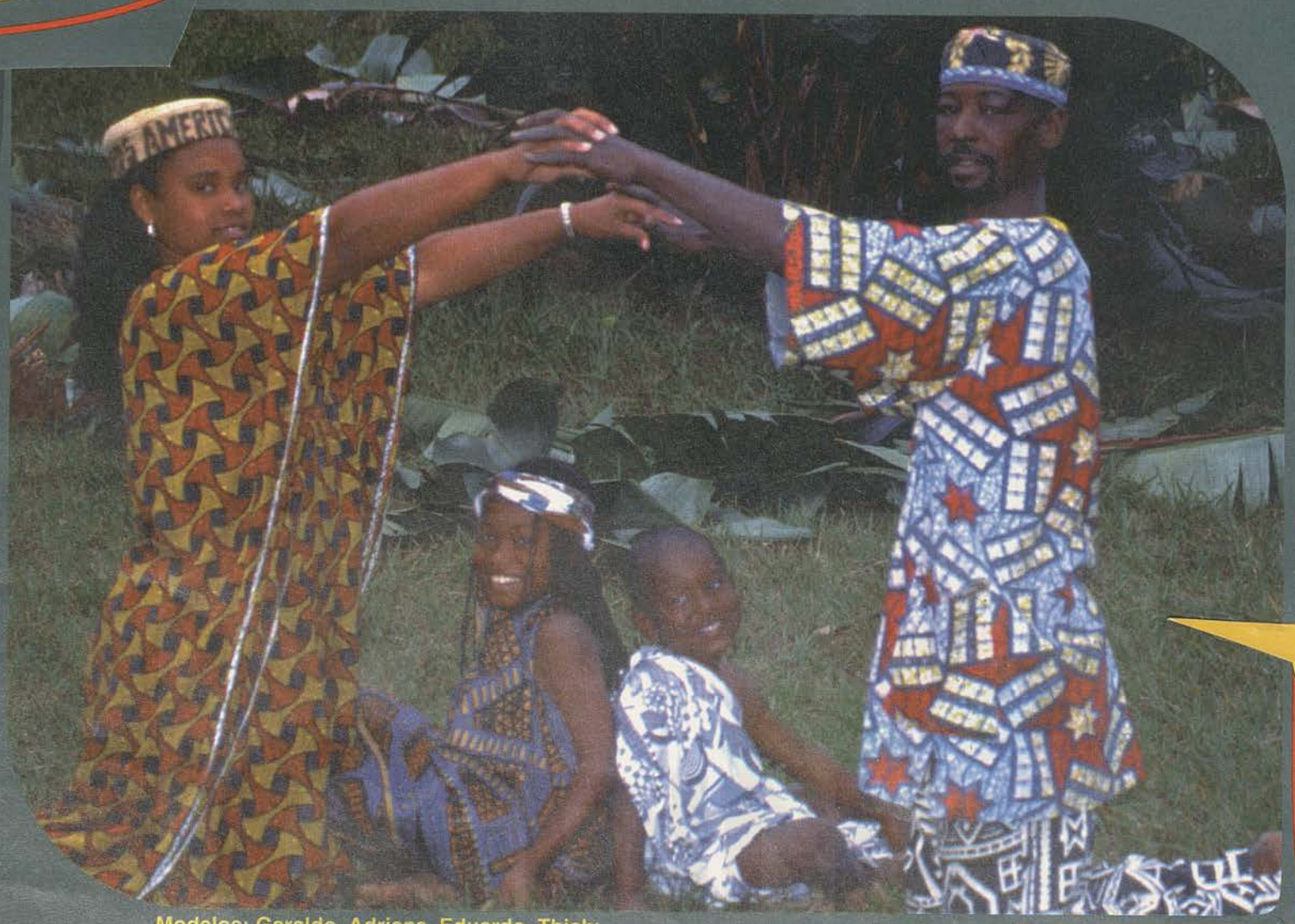
A força da mulher negra é semente de uma nova sociedade.

MODELOS - Elicéia e Renata

AXÉ

BELEZA NEGRA

AXÉ AXÉ AXÉ



AXÉ

AXÉ

Modelos: Geraldo, Adriana, Eduardo, Thiely

AXÉ AXÉ

Na família descobrimos como gostar de nossa raça!

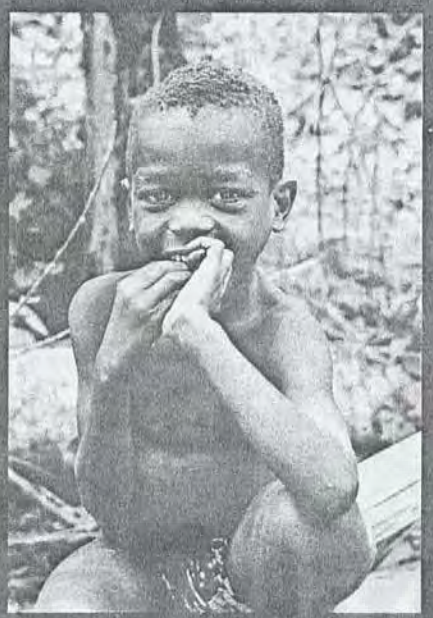
Com Zumbi descobrimos como lutar!

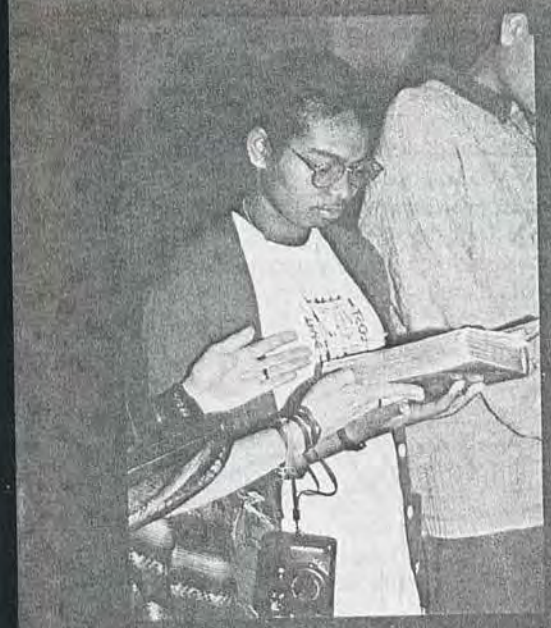
AXÉ

AXÉ AXÉ AXÉ
ESTA TERRA ABENÇOADA POR DEUS É O NOSSO CHÃO!
AXÉ

Talvez, a tarefa mais importante nas nossas comunidades seja o de ajudar o negro a tomar consciência de sua negritude, se assumir como negro, sem medo, ter orgulho de si mesmo, de sua raça, enfim, recuperar a auto-estima. Isso não é fácil! É preciso coragem e muita criatividade

Angelo Costalonga / Vivant Univers





20 DE NOVEMBRO

Dia Nacional da Consciência NEGRA

FRATERNIDAD Y PARTICIPACION

Campañas de solidaridad en América Latina

CEDIM

CONSEJO PONTIFICIO
COR UNUM

SECRETARIADO DE CARITAS
PARA AMERICA LATINA
SELAC

FRATERNIDAD Y PARTICIPACION

Campañas de solidaridad en América Latina

CEDIM

Consejo Pontificio COR UNUM
Palacio Apostólico
00120 Ciudad del Vaticano

FRATERNIDAD Y PARTICIPACION

Campañas de solidaridad en América Latina

SELAC
Apartado 540 - A
Quito - Ecuador

Consejo Pontificio **COR UNUM**
Palacio Apostólico
00120 Ciudad del Vaticano

TABLA DE CONTENIDOS

Presentacion 1
Nacimiento de las Campañas de Cuaresma en América Latina 5

PRIMERA PARTE

GRUPO DE TRABAJO DE COR UNUM SOBRE CAMPAÑAS DE CUARESMA EN AMERICA LATINA 9

Grupo de Trabajo 11
Intercambio de experiencias - Síntesis de las exposiciones 13

— **Brasil: Campaña de Fraternidad** 13

1. Síntesis histórica 13
2. Temas de la CF 16
3. "Subsidios" de divulgación 18
4. Subsidios actuales 18
5. Gestos Concretos 20

— **Colombia: Campaña de Comunicación Cristiana de Bienes** 22

1. Referencia histórica 22
2. Fines propuestos 23
3. Responsables 24
4. Preparación anual - proceso 25
5. Repercusiones pastorales 25
6. Uso del Mensaje del Santo Padre 25

— **Chile: Cuaresma de Fraternidad** 26

1. Reseña histórica 26
2. Objetivos de la Cuaresma de Fraternidad 26
3. Contenidos de la Cuaresma de Fraternidad 27
4. Criterios de la Cuaresma de Fraternidad 27

5. Organización de la Cuaresma de Fraternidad 28
6. Resultados de la Cuaresma de Fraternidad 29
7. Resultados económicos de la Cuaresma de Fraternidad 29
8. Fondos recolectados 29

— **Ecuador: MUNERA Acción de Solidaridad Humana** 30

Naturaleza de MUNERA 30
Características de MUNERA 31
Objetivos para 1983 - 1984 32
Planificación de la Campaña 32
Dificultades 33

— **México: Campaña Nacional del Día de la Caridad** 34

1. Antecedentes 34
2. Objetivos de la Campaña 35
3. Organización 35

— **Panamá: Campaña de Promoción Arquidiocesana** 38

— **Paraguay: Campaña de Cuaresma** 42

1. Referencia histórica 42
2. Fines propuestos 43
3. Responsables 44
4. Preparación Anual 44
5. Evaluación 45
6. Mensaje del Santo Padre 45
7. Evaluación Global 45
8. Perspectivas 46

Resultados del Diálogo - Puntos Comunes 47

1. Objetivos 47
2. Contenido Catequético 47
3. Retos que la Iglesia y la sociedad presentan a la Campaña 48
4. Metodología 49

5. Porcentaje y criterios de distribución de la Colecta 50
6. Mensaje del Santo Padre 51
7. Evaluación 51
8. Hacia el futuro 52

SEGUNDA PARTE

ENCUESTA SOBRE LAS CAMPAÑAS DE CUARESMA EN AMERICA LATINA REALIZADA POR EL SELAC

Nota Preliminar 57

1. Respuestas recibidas 57
2. Datos generales 57
3. Año de iniciación 59
4. Relación con la Jerarquía 60
5. Estructura Administrativa 62
6. Objetivos 63
7. Descripción de la Campaña 65
8. Tiempo en el que se realiza 69
9. Distribución de la Colecta 70
10. Evaluación 71
11. Financiación de la Campaña 73
12. Algunos materiales de interés 74
13. Algunos lemas 75

PRESENTACION

"Moderna Diaconía de la Caridad en el corazón mismo de la Iglesia", como lo ha definido el Papa Juan Pablo II, el consejo Pontificio COR UNUM cuenta entre sus métodos de trabajo la Organización de los **Grupos de Trabajo.** Esas reuniones, efectuadas en Roma, a las que ordinariamente se invita de doce a quince participantes (Obispos, sacerdotes, religiosos o religiosas, laicos, representantes de Organizaciones católicas de ayuda al desarrollo, etc. . .) y de los cuales, al menos un tercio procede de países llamados del "tercer mundo", permiten estudiar y dialogar en profundidad sobre un tema importante correspondiente a uno de los principales sectores confiados a este Dicasterio: urgencias, actividades de promoción humana, salud, coordinación de las ayudas sociales, etc.

Preocupado por ponerse aun más cerca al servicio de las Iglesias locales en sus responsabilidades de Pastoral Social y para ayudarlas a intercambiar mejor sus "riquezas", el Secretariado, con la aprobación del Presidente y los estímulos de la Asamblea Plenaria de COR UNUM, quiso reunir un Grupo de Trabajo fuera de Roma. Para esa "primicia" fue elegida **América Latina,** después de haber consultado a los Miembros Latinoamericanos del Consejo, y que éstos hubiesen animado vivamente ese proyecto. El tema seleccionado fue el de las Campañas de Cuaresma y de Compartir, porque las Iglesias de ese Continente tienen una notable experiencia en ese campo, experiencia que podrá enriquecer a las Iglesias locales de otros continentes.

Por sugerencias de Mons. José Vicente Eguiguren que había colaborado durante tres años en el Secretariado de COR UNUM a título de experto, la Conferencia Episcopal de Ecuador se ofreció a acoger dicha reunión a la que brindó un delicado recibimiento. La preparación se hizo en estrecha colaboración entre COR UNUM y Mons. Eguiguren quien juntamente con sus colaboradores del SELAC (Secretariado Latinoamericano de Cáritas) del que es responsable, también atendió con esmero y eficacia la organización y el desarrollo "logístico" de los trabajos. La lista de los Participantes indica con elocuencia la variedad de las experiencias representadas; en la imposibilidad de invitar a todas y cada una de las Iglesias locales de América Latina, la elección fue delicada, pero debía ser bastante representativa, y no hemos tenido más que felicitarnos.

Después de una reseña y una presentación de las Campañas de Cuaresna y de Fraternidad en América Latina, el Informe del Grupo de Trabajo que mucho le debe a los servicios del SELAC, comprende la presentación hecha por cada representante de la práctica de su Iglesia local. Siguen la evaluación, las conclusiones, los deseos para el futuro, los que resaltan el intenso diálogo del que todos participaron con entusiasmo y gran espíritu pastoral. Finalmente, una "Encuesta sobre las Campañas de Cuaresma en América Latina" que había ya iniciado el SELAC y que representa un rico complemento para esa rendición de cuentas.

*

* *

Un informe no puede decirlo todo, debe ser una síntesis, pero quisiera repetir aquí brevemente las conclusiones que tuve el agrado de compartir, el 20 de junio de 1984, con los participantes a quienes deseo agradecer su colaboración con nuestro Consejo Pontificio.

Tal como se realizan en América Latina, las Campañas de Cuaresma y de Caridad aparecen como un **"lugar estratégico" para la Pastoral Social.** Si se desarrollan a nivel de Parroquias y de sus comunidades eclesiales de base, su preparación y su evaluación pueden "provocar" la cooperación de casi todas las comisiones: catequesis, Biblia, teología, liturgia, acción social, clero y religiosos, misiones, ecumenismo, comunicación social, etc. . .

El acento puesto sobre la evangelización y la Justicia para realizar el Reino de Dios, permite realizar, a partir del tema de cada año, una **verdadera catequesis de la Caridad;** así se realiza lo que Juan Pablo II recomienda a COR UNUM que ha de favorecer: "No puedo menos que animaros. . . a continuar exhaltando el desafío de la Caridad evangélica promoviendo siempre una verdadera teología de la Caridad, iluminando la articulación constante entre justicia y caridad".

Esta práctica pastoral es un verdadero **tesoro para América Latina;** acaso no encontramos allí los valores y las orientaciones, las opciones de Medellín y de Puebla? Evangelización, comunicación cristiana de bienez, opción preferencial por los pobres, purificación de la religiosidad popular. . .

Al reiterar nuestro agradecimiento a Su Eminencia el Cardenal Muñoz Vega y a la Conferencia Episcopal de Ecuador por su recibimiento; a todos los organizadores y participantes, el Consejo Pontificio desea haber rendido un servicio a la Pastoral de las Iglesias locales de América Latina y del CELAM, por medio de ese Grupo de Trabajo cuyas conclusiones confía a Nuestra Señora de Guadalupe.

Ojalá que haya sido COR UNUM ese "lugar de encuentro", de escucha y de concertación fraterna querido por su fundador, el Papa Pablo VI.

Vaticano, Noviembre de 1984

P. Roger du Noyer M.E.P.
Secretario de COR UNUM

NACIMIENTO DE LAS CAMPAÑAS DE CUARESMA EN AMERICA LATINA

Hasta bien entrada la segunda mitad del siglo XX la participación de los católicos de América Latina en el sostenimiento del culto y de sus ministros tuvo carácter preponderantemente jurídico y ritual expresado en formas obligatorias de contribución (diezmos y primicias) o en concordatos y convenios con los estados. La asistencia social fue obra de filántropos que, para perpetua memoria de sus nombres y como signo de penitencia y reparación, hicieron cuantiosas donaciones y legados y crearon fundaciones dependientes de la Jerarquía o de las Comunidades Religiosas. Nacieron así orfanatos, hospitales, ancianatos, escuelas, etc. que perduran hasta hoy.

Los cambios que siguieron a la Segunda Guerra Mundial, la transción de una sociedad agraria a una sociedad urbano-industrial, el creciente secularismo y las nuevas corrientes de pensamiento teológico-pastoral, produjeron un vacío en la contribución de los católicos a la Iglesia.

Paulatinamente se suprimen aranceles y estipendios, considerados impropios; disminuyen los legados y a la Iglesia Latinoamericana no le queda otro recurso que acudir a la generosidad de los católicos de Europa y Estados Unidos que, por esos días, organizan y canalizan generosas ayudas al Tercer Mundo a través de Instituciones expresamente creadas para el efecto.

A las instituciones de misericordia y a la limosna tradicional sucede la ayuda generosa, masiva y no siempre bien organizada, en alimentos, medicinas y vestido. Cuestionado el asistencialismo por donantes y beneficiarios, las donaciones se orientan a impulsar el desarrollo y la promoción humana y se racionaliza la asistencia en las emergencias.

Junto a las Cáritas de antigua data, nacen en Europa nuevas organizaciones que encuentran sus recursos en bien organizadas campañas de cuaresma. La motivación inicial es satisfacer las necesidades vitales de los que en el Tercer Mundo sufren hambre y miseria. El nombre de algunos de estos organismos revela el espíritu con el que fueron creados.

No solo lo social preocupa a las Iglesias del Primer Mundo que constatan las múltiples necesidades de la Iglesia de América Latina para

cumplir su tarea primaria: la evangelización. Se organizan así instituciones dedicadas a cooperar, económicamente, en tan nobilísima misión.

Mientras tanto la Iglesia de América Latina, alentada por el Pentecostés del Concilio Vaticano II, conoce un inusitado despertar y adquiere una cada vez más viva conciencia de su destino histórico. Sin dejar de ser jerárquica, puesto que es apostólica, subraya su carácter comunitario de Pueblo de Dios y su ser Sacramento de Dios en el mundo, fermento de caridad y justicia. Medellín (1968) y Puebla (1979) son capítulos fundamentales en este itinerario.

En este contexto, numerosos sacerdotes, religiosos y laicos comprometidos en la acción social cuestionan la dependencia creada por la ayuda exterior que en algunos casos llega a ser colonialismo religioso. Las propias Iglesia del Primer Mundo y sus Organismos de Ayuda se preocupan del problema y participan activamente en la reflexión sobre temas tan importantes como: solidaridad intraeclesial y autofinanciación. No se trata de suprimir la ayuda de las Iglesias ricas a las Iglesias pobres, antes bien hay que impulsarla, trátase de evitar la institucionalización de la mendicidad y la pérdida del sentido de Iglesia, en las Iglesias asistidas. Los Católicos en América Latina pueden y deben contribuir al sostenimiento de la Iglesia y de sus obras. Debe despertarse el sentimiento de corresponsabilidad eclesial en los laicos.

Este es el origen y motivación de lo que damos en llamar Campañas de Cuaresma, si bien no todas las iniciativas ordenadas a este propósito se denominan así o se realizan en este tiempo litúrgico.

Lo que importa es esto: en América Latina, brota con vigor una inquietud que se va concretando en valiosas iniciativas, que el Grupo de Trabajo convocado en Quito por COR UNUM ha calificado como "tesoro de incalculable valor".

La primera Campaña nace en Brasil, en los albores del Concilio Vaticano II, es la Campaña de Fraternidad, fundada en 1962 por iniciativa de Cáritas Brasileira. Esta es —lo reconocen todos— la Campaña más importante de América Latina. Luego siguen otras, con nombres, tiempos y métodos diversos pero con un común denominador: despertar en los católicos una mayor pertenencia a la Iglesia y en todos los hombres de buena voluntad la solidaridad humana y la preocupación por los más pobres.

Estas son las Campañas de Cuaresma, o similares, de América Latina, unas con ya larga experiencia, otras aún dando sus primeros pasos:

Año de Fundación	País	Nombre
1962	Brasil	Campaña de Fraternidad
1964	Argentina	Campaña de Caridad Argentina
1965	Paraguay	Semana de la Caridad, sustituída en 1983 por la Campaña de Cuaresma
1970	Argentina	Más por Menos
1975	Panamá	Campaña de Promoción Arquidiocesana.
1976	Ecuador	Múnera
1979	República Dominicana	Jornada de Solidaridad
1979	México	Día de la Caridad
1979	Bolivia	Solidaridad
1980	Honduras	Semana de la Caridad
1981	Venezuela	Compartir
1981	Colombia	Comunicación Cristiana de Bienes
1981	Chile	Cuaresma de Solidaridad
1982	Argentina	Regreso con Esperanza
1982	Brasil	Inter-ayuda.

Esperamos que este informe, resultado del Grupo de Trabajo convocado por COR UNUM, de la Encuesta realizada por el SELAC y de la cooperación del Secretariado Nacional de Pastoral Social de Colombia para su edición, sea de utilidad a la Iglesia de América Latina, a las Iglesias y organizaciones hermanas del Primer Mundo y de las lejanas regiones de Asia y Africa que, comparten con América Latina angustias y esperanzas.

Más allá de estas pretensiones, tal vez, exageradas, las siguientes páginas han sido escritas pensando en todos aquellos que —con ilusión y fe— están empeñados en campañas eclesiales para hacer crecer la fraternidad entre los creyentes y así dar testimonio del Amor de Cristo, el Salvador.

El SELAC agradece la confianza que para organizar el Grupo de

Trabajo y preparar este Informe le deparara el Consejo Pontificio COR UNUM. Agradece a quienes lo han hecho posible sea con su presencia en el Seminario de Quito, sea dando respuesta a la Encuesta Latinoamericana, sea ocupándose de la edición de esde documento.

Quito, Diciembre de 1984

Mons. José Vicente Eguiguren
Secretario de las Cáritas
de América Latina

PRIMERA PARTE

Grupo de Trabajo del Consejo Pontificio Cor Unum sobre campañas de cuaresma en America Latina

GRUPO DE TRABAJO SOBRE CAMPAÑAS DE CUARESMA EN AMERICA LATINA

Los días 18, 19 y 20 de Junio de 1984, en la Casa de Retiros de Bethania, Quito - Ecuador, convocado por el Consejo Pontificio COR UNUM se realizó un Grupo de Trabajo sobre Campañas de Cuaresma, integrado por las siguientes personas:

S.E.R.	Cardenal Pablo Muñoz Vega, S.J. Arzobispo de Quito
R.P.	Roger du Noyer, MEP. Secretario del Pontificio Consejo COR UNUM.
Mons.	Renzo Frantini, Auditor de la Nunciatura Apostólica en Ecuador
R.P.	Jaime Vélez, S.J. Secretario del Departamento de Pastoral Social del CELAM
Mons.	José Vicente Eguiguren. Secretario Ejecutivo del SELAC

Y, los representantes de las siguientes Campañas:

R.P. Jacyr F. Braido	Campaña de Fraternidad. Brasil
R.P. Iván Marín	Comunicación Cristiana de Bienes. Colombia
Sr. Juan Claudio Godoy	Cuaresma de Fraternidad. Chile
R.P. Luis Oswaldo Pérez	MUNERA. Ecuador
Lcdo. John Següenza	MUNERA. Ecuador
S.E. Mons. Carlos Talavera	Día de la Caridad. México
Sr. Lionel Stempel	Campaña de Promoción Arquidiocesana. Panamá
Hna. Elfride Schnell	Campaña de Cuaresma. Paraguay

INTERCAMBIO DE EXPERIENCIAS

SINTESIS DE LAS EXPOSICIONES

BRASIL: CAMPAÑA DE FRATERNIDAD

R.P. Jacyr Braido
Coordinador Nacional de la Campaña

1. Síntesis Histórica

La Campaña de Fraternidad nace por iniciativa de Cáritas Brasileira con el apoyo del Secretariado Nacional de Acción Social de la Conferencia Episcopal. Los responsables de Cáritas pensaron en dinamizar su acción mediante una campaña de ámbito nacional. Proyectaban una evangelización intensa a partir de un tema específico y movilizador de la fraternidad cristiana. Se proponían también el autofinanciamiento de Cáritas consiguiendo una gradual independencia de los recursos provenientes de la ayuda de los católicos del exterior. El tiempo escogido fue Cuaresma.

La primera Campaña se realizó en Rio Grande del Norte (con el apoyo de Don Eugenio Sales, Administrador Apostólico de Natal y Presidente de Cáritas) en 1962. Los resultados, desde el punto de vista de Evangelización, fueron óptimos, desde el punto de vista financiero, muy modestos.

En 1963 los Obispos brasileiros, reunidos en Roma con ocasión del Concilio Vaticano II, decidieron promover la Campaña en ámbito Nacional.

En la Cuaresma de 1964 la Campaña se realiza en 70 Diócesis, animada aún por el Secretariado de Acción Social y por Cáritas Brasileira.

En Diciembre de ese mismo año, los Obispos, nuevamente reunidos en Roma con motivo del Concilio, emiten el documento "Campaña de Cuaresma: Puntos Fundamentales decididos por el Episcopado". En este documento se definen los objetivos y las líneas educativa y financiera de la Campaña. Los objetivos quedaron definidos así:

En la línea formativa

- Recordar a los fieles que ellos son Iglesia
- Llevar a los fieles a ser responsables de las obras de apostolado social
- Hacer conocer el trabajo apostólico y social de la Iglesia.
- Hermanar las diversas obras de apostolado y las obras sociales de las parroquias y diócesis.
- Despertar interés por el Plan de Emergencia trazado por el Episcopado y por la Pastoral de Conjunto.

En la línea financiera

- Preparar las parroquias y las diócesis para cuando terminen las ayudas financieras provenientes del exterior.
- Liberar a las parroquias y a las diócesis de la esclavitud de las subvenciones oficiales para las obras sociales.
- Obtener recursos que impulsen nuevas obras de apostolado y obras sociales parroquiales y diocesanas.

A partir de 1966 se produce una transformación importante: la Campaña de Fraternidad es asumida directamente por el Secretario General de la CNBB en el espíritu de la Pastoral de Conjunto. Con todo en la realización práctica dependía de la experiencia y de la organización de Cáritas. Posteriormente se nombra un asesor eclesiástico que pasa a ser llamado Coordinador Nacional. Poco a poco se produce una separación entre Cáritas y la Coordinación de la Campaña. Cáritas se constituye en organismo autónomo anexo a la CNBB mientras que la CF se convierte en actividad intersectorial integrada a la Pastoral de Conjunto.

La participación de las Diócesis en la Campaña se expande rápidamente: en 1965 está en 91 diócesis, en 1960 en 120; en 1967 en 140 de las 184 de Brasil. Posteriormente participan en la CF todas las diócesis.

A pesar de la línea profundamente evangélica y educativa de la CF, predominaba aún el aspecto financiero y asistencialista que no motivaba al Clero el cual veía en la CF una forma de sacar dinero de sus comunidades. Surgió entonces un libro titulado "Campaña de Fraternidad" cuyas ideas básicas eran la organización y la participación. Este libro procuraba esclarecer el verdadero sentido de la Campaña.

La naturaleza de la CF se hizo más clara: "Es un movimiento de formación de la conciencia y de participación apostólica y social. Va mucho más allá que una recaudación de contribuciones financieras pues exije que esas contribuciones sean fruto de la concientización de los católicos. Su realización en la Cuaresma se fundamenta en esta visión ya que la Cuaresma es el momento más adecuado para la formación de la Conciencia".

1967 marca un hito en el camino. Algunas regiones se reunen para evaluar la Campaña. De aquí nace el llamado "Encuentro Nacional de Coordinadores" que continúa hasta hoy. La pauta clásica de estos encuentros comprende: 1) Evaluación de la última Campaña; 2) Preparación de la Campaña siguiente; 3) Selección del tema de la subsiguiente Campaña.

El Encuentro Nacional de 1968 volvió a estudiar la organización de la CF. Enfáticamente se insistió que el objetivo esencial de la Campaña es la Evangelización:

- Debe institucionalizarse la CF, dentro de la Pastoral de Conjunto como "un servicio permanente" de la Iglesia al Pueblo de Dios en Brasil.

- Debe elaborarse un documento base, teológico-pastoral, que fundamente la idea de situar la CF en el cuadro de la Pastoral de Conjunto.

- Recristianizar la Cuaresma a través de la CF como instrumento de apostolado de la opinión pública.

Los encuentros de 1970 y 1971 definen la CF como una acción institucionalizadora de la CNBB, basada en los siguientes fundamentos:

- Objetivo: evangelizar a todos los estratos de la Sociedad.
- Forma pastoral: Campaña institucional de opinión pública.
- Estrategia: utilización combinada de los principales vehículos de divulgación.
  Divulgación de naturaleza pastoral: litúrgica, catequética, de las escuelas, de los laicos. Divulgación de naturaleza publicitaria: televisión, radio, prensa, cine, revistas, grupos de estudio.

Posteriormente, la propia Campaña se ha convertido en hilo conductor de la acción pastoral de la Iglesia del Brasil. Ello ha exigido ultrapasar el tiempo de Cuaresma y tener continuidad, de modo especial en Agosto (Vocaciones), Septiembre (Biblia) y Octubre (Misiones) y durante la Novena de Navidad.

Otro hecho que da realce a la CF son los mensajes del Papa, transmitidos en cadena de radio y T.V. Desde 1970 tales mensajes abren la Campaña.

2. Temas de la CF

1a. Etapa 1964 / 65: Iglesia.

Reflexión sobre la Iglesia a la luz del Vaticano II.

1964	Tema:	Iglesia
	Lema:	"Recuerde: Usted también es Iglesia"
1965	Tema:	Parroquia
	Lema:	Haga de su Parroquia una Comunidad de fe, culto y amor.

2a. Etapa 1966 / 72: Identidad del Cristiano

El cristiano auténtico y su misión para con el prójimo y la comunidad.

1966	Tema:	Fraternidad
	Lema:	Campaña de Fraternidad

1967	Tema:	Co-responsabilidad
	Lema:	Somos todos hermanos, somos todos iguales.
1968	Tema:	Donación
	Lema:	Creer con las manos.
1969	Tema:	Descubrimiento
	Lema:	Para el otro el prójimo es usted.
1970	Tema:	Participación
	Lema:	Ser cristiano es participar.
1971	Tema:	Reconciliación
	Lema:	"Reconciliación".
1972	Tema:	Servicio y Vocación
	Lema:	Descubra la felicidad de servir.

3a. Etapa 1973 / 84: Compromiso Social.

El compromiso para un mundo humano y fraterno es exigencia de la Fe Cristiana.

1973	Tema:	Fraternidad y Liberación.
	Lema:	El egoísmo esclaviza, el amor libera.
1974	Tema:	Reconstruir la vida
	Lema:	Dónde está tu hermano?
1975	Tema:	Fraternidad es repartir
	Lema:	Repartir el pan.
1976	Tema:	Fraternidad y Comunidad
	Lema:	Caminar juntos.
1977	Tema:	Fraternidad y familia
	Lema:	Comience en su casa.
1978	Tema:	Fraternidad y Mundo de trabajo
	Lema:	Trabajo y justicia para todos.

1979	Tema:	Por un mundo más humano
	Lema:	Preserve lo que es de todos.
1980	Tema:	Fraternidad en el mundo de las migraciones, exigencia de Eucaristía
	Lema:	A donde vas?.
1981	Tema:	Salud y fraternidad
	Lema:	Salud para todos.
1982	Tema:	Educación y fraternidad
	Lema:	La verdad os libertará.
1983	Tema:	Fraternidad sí - violencia no
	Lema:	Fraternidad sí - violencia no.
1984	Tema:	Fraternidad y vida
	Lema:	Para que todos tengan vida.

Al tema y al lema de cada año sigue una explicación muy concreta de la idea y del objetivo de que se quiere conseguir. Así en el año 1971 se pretende conseguir "la reconciliación del hombre con Dios, de los hombres entre sí, de la ciencia y la técnica con los hombres, de los esposos, de los padres con los hijos".

3. "Subsidios" de divulgación

La propaganda es esencial para conseguir la meta expresada en el término "fraternidad". Ya desde la primera campaña se utilizaron hojas volantes, hojas de sugerencias, sobres para recoger las donaciones, carteles, documentos base, discos.

4. Subsidios actuales

1o. Manual:

Es la pieza principal que da la orientación de la campaña. Actualmente tiene la forma de un libro que contiene: el texto base, el material litúrgico y catequético, los círculos bíblicos, la integración de los Medios de Comunicación Social, el cronograma. En 1984 se editaron 100.000 manuales.

2o. Carteles

Al inicio fue encomendado a diseñadores y artistas. A partir de 1976 se utilizó el sistema de concursos. Este "grito en la pared" tiene gran importancia como se constata de su tiraje creciente: en 1970: 99.000 ejemplares; en 1984: 745.000 ejemplares.

3o. Disco de la Misa

La Música congrega y revive. El disto de la CF contiene: canto de entrada, canto de meditación, canto de evangelio, ofertorio, comunión. En 1969 se grabaron mil compactos; en 1984 cien mil.

4o. Círculos bíblicos

A los círculos bíblicos se debe la penetración más conciente de la CF en los medios populares. Este método de educación de la fe genera comunidades de Iglesia. En 1984 fueron 120.000 separatas.

5o. C.F. en familia

Su método de "Navidad en familia, liturgia doméstica". C.F. en familia tiene una penetración cada vez mayor divulgando el espíritu misionero de la campaña. En 1982 alcanzó un tiraje superior a los 3 millones de ejemplares. Los subsidios catequísticos alcanzan un tiraje igual.

6o. Audiovisuales

Este material desarrolla la conciencia de Iglesia en grupos de jóvenes, adultos, familias, escuelas, comunidades eclesiales de base, asambleas litúrgicas. En estos ambientes la CF es más creativa. La difusión de los medios audiovisuales es aún restringida.

7o. Minifilms

Los audiovisuales para cine y TV fueron sustituídos en 1970 por

minifilms de 16 mm., algunos de los cuales han merecido premios nacionales.

8o. Disco

El disco para el radio surgió en 1969. Actualmente se distribuyen 1.300 discos.

9o. Mensaje del Papa

Transmitido en Cadena Nacional de Radio y TV. Con este mensaje la CF ha conseguido mayor impacto en la radio y la TV.

10o. Apertura oficial de la Campaña

A partir de 1975 el presidente de la CNBB a nivel nacional y los obispos a nivel diocesano convocan a los Medios de Comunicación Social para declarar abierta la Campaña.

5. Gestos Concretos

Todo lo que en la CF, individual o colectivamente, se realiza en favor del prójimo y la colecta financiera se denomina "gestos concretos".

A lo largo de los años se fue valorizando el "gesto concreto" como expresión visible de la Campaña de Fraternidad.

El documento Base de 1967 decía: "El resultado financiero refleja siempre una penetración mayor del espíritu de fraternidad".

En 1970 el entonces Secretario General de la CNBB, hoy Cardenal Lorscheider, escribía: "Nuestra oferta, en el contexto de la Campaña, es un gesto concreto, señal de nuestro compromiso efectivo con la promoción de la fraternidad entre los hombres".

Como "gesto concreto" la contribución financiera es una constante desde la fundación de la CF, a su aplicación pertenece el Criterio de distribución de la colecta y la presentación de cuentas.

Una de las mayores dificultades al inicio de la Campaña fue el hecho de que el clero no quería asumir la colecta porque parecía simple recaudación para obras asistenciales. A medida que la función evangélizadora de la CF se fue configurando la colecta era asumida como actitud de evangelización.

La evaluación y análisis de los hechos concretos lleva a la siguiente clasificación:

1) Gestos Asistenciales
2) Gestos promocionales
3) Gestos reconciliadores
4) Gestos educacionales
5) Gestos misioneros

En todos estos gestos está presente el sentido de fraternidad, objetivo pastoral de la Campaña. Son todos ellos una comunicación orientada a crear e incentivar el verdadero sentido de Comunión que, por la Fe, produce la Fraternidad.

COLOMBIA: CAMPAÑA NACIONAL DE COMUNICACION CRISTIANA DE BIENES

R.P. Iván Marín López
Secretariado Nacional de Pastoral Social

1. Referencia histórica:

En 1981 la Conferencia Episcopal Colombiana (CEC) en su 38a. Asamblea Plenaria aprobó la celebración anual, a partir del año 1982, de una "Campaña Nacional de Comunicación Cristiana de Bienes" (CCB), durante el tiempo de Cuaresma.

En 1982 se realizó por primera vez la Campaña con el lema: "La Paz es obra de la justicia".

Se editó el libro "HACIA UNA TEOLOGIA DE LA COMUNICACION CRISTIANA DE BIENES". Se hizo la Campaña publicitaria mediante afiches, plegables, guiones litúrgico-pastorales para asambleas y una cuña de televisión.

La Campaña de Cuaresma de 1982 se unió con la "Jornada de la Paz", por eso el lema "La Paz es obra de la Justicia" y agregaba "Se justo con tu hermano, comparte con él tus riquezas espirituales. . . tus bienes materiales. Todos tenemos siempre algo para dar. . . y algo para recibir".

En la evaluación se vió que no había sido acertada la idea de unir la Campaña de Cuaresma con la Jornada por la Paz.

En 1983 se organizó la Campaña con el lema: "Comparte con Alegría". Se editó el libro "Comparte con Alegría", con un marco doctrinal de la Campaña que comprende el aspecto bíblico, y la dimensión pastoral y un capítulo de ayudas pastorales.

Se hizo una Campaña publicitaria: por radio, prensa, afiches, pastorales, calendarios y una cuña por T.V. que mereció el premio de "La Catalina de Oro" como la mejor propaganda no comercial del año.

Ante la dolorosa tragedia de la Arquidiócesis de Popayán, causada por el terremoto, todas las Diócesis, demostraron con gran generosidad su espíritu de Comunicación Cristiana de Bienes.

En 1984 se lanzó la Campaña de Cuaresma con el lema: "GRACIAS, porque tuve hambre y me diste de comer. Gracias a todos, es mucho lo que se ha hecho y tanto lo que falta por hacer".

Se editó el libro GRACIAS, porque tuve hambre y me diste de comer; este libro contiene una justificación de la Campaña, un fundamento doctrinal y cuatro estrategias pastorales: pan, techo, empleo, paz.

Se hizo una campaña publicitaria mediante T.V., radio, prensa, afiches, tarjetas y calendario.

Se hicieron visitas a 15 programadoras de T.V., 8 emisoras de radio; se visitaron y se les envió material a todos los periódicos de la capital; se han hecho contactos para charlas sobre la Campaña con varios centros docentes.

2. Fines propuestos:

Los fines de la Campaña son:

— Crear conciencia, promover y estimular la Comunicación Cristiana de Bienes entre los colombianos.

— Difundir el mensaje evangélico sobre la obligación de todo cristiano de compartir todos los bienes espirituales y materiales con sus hermanos.

— Reafirmar la validez y vigencia de las Obras de Misericordia espirutales y corporales o de la limosna.

— Ayudar a descubrir la dimensión social del ayuno y abstinencia.

— Crear conciencia en nuestras comunidades cristianas de que ellas son las principales responsables de satisfacer las necesidades mate-

riales de sus hermanos y que la ayuda extranjera es sólo apoyo y estímulo.

— Obtener recursos que permitan a las Iglesias Particulares crear y mantener programas de ayuda y promoción con los más necesitados.

— Formar un Fondo Nacional de Emergencias.

3. Responsables:

La CEC encargó a la Comisión Episcopal de Pastoral Social y a su organismo el S.N.P.S., la promoción, organización y apoyo de la Campaña en el ámbito nacional. Pero, cada jurisdicción eclesiástica es responsable de la realización de la Campaña en la diócesis y en las parroquias.

4. Preparación anual. Proceso:

a) Con la evaluación de la Campaña y los datos de situación que vive la Iglesia y el país, se procede a la elección del lema. Este trabajo se realiza en una serie de estudios que hace el S.N.P.S. y consultas a algunas instituciones, a los Señores Obispos y a la Comisión Episcopal.

b) Tratamiento del tema elegido: en primer lugar se concreta al máximo el tema en un lema y se escribe un libro que reúna sobre el tema los aspectos bíblicos, doctrinales, pastorales y sugerencias prácticas para un trabajo en la parroquia.

c) En la tercera instancia se definen los artes publicitarios.

d) Con la Casa "GLOBO PUBLICIDAD" se trabaja el tema hasta definir y editar la cuña de T.V.

e) Durante los meses de noviembre y diciembre se editan los materiales y en enero, en la Reunión Nacional de Directores Diocesanos de Pastoral Social, se entrega el material que llega a las parroquias.

f) A partir del mes de enero, por todos los medios de comunicación, se comienza a difundir el mensaje por T.V. por algunos periódicos, emisoras, boletines, etc.

5. Repercusiones Pastorales:

a) Globalmente se puede afirmar que la Campaña va creando conciencia sobre la obligación de COMPARTIR.

b) Se comprobó el sentido de solidaridad de todas las Iglesias locales con Popayán.

c) La Campaña ha inspirado multitud de iniciativas, tales como:

- Creación de consultorios médicos.
- Consultorios jurídicos.
- Programas de vivienda.
- Pequeñas instituciones de crédito.
- Programas de alimentos.
- Bolsas de empleo
- Microempresas
- Intercambio de agentes de pastoral, etc.

7. Uso del Mensaje del Santo Padre:

El Mensaje del Santo Padre para la Cuaresma es ampliamente difundido y el Episcopado Colombiano suele hacerle eco recomendándolo y a su vez da un mensaje al país para motivar el sentido de la Campaña.

El mensaje del Santo Padre es un valioso refuerzo para la motivación pastoral de la comunidad.

CHILE: CUARESMA DE FRATERNIDAD

Juan Claudio Godoy
Secretario Ejecutivo del Directorio de la Campaña

1. Reseña Histórica:

Los Obispos de Chile, preocupados de la situación por la que atravesaba y atraviesa el pueblo chileno, decidieron desarrollar una Campaña de Fraternidad, que contibuyera a aliviar el dolor de los más pobres y postergados, y así mismo posibilitara un gesto de amor y reconciliación de los chilenos.

Cáritas Chile presenta, en Junio de 1981, un proyecto de Campaña de Acción Cuaresmal para ser discutido y analizado en la Asamblea Plenaria del Episcopado, la cual acuerda pasar el proyecto a la Comisión Pastoral para un estudio más acabado. Sin embargo los Obispos ven que no puede pasar la Cuaresma de 1982 sin una acción concreta de la Iglesia.

El Comité Permanente acuerda en Enero de 1982 pedir a Cáritas que organice la Campaña de Acción Cuaresmal por esta vez, a la espera de un pronunciamiento definitivo de la Asamblea. De esta forma se realiza la primera Campaña en Chile.

Posteriormente, en Septiembre de 1982, los Obispos acuerdan instituir una Campaña de Fraternidad anual, a realizarse en el período de Cuaresma, destinada a Educar en la Fe a partir de la penitencia, austeridad y obras de Misericordia.

La Campaña se denomina desde este momento "Cuaresma de Fraternidad" implementándose así los años 83 y 84.

2. Objetivos de la Cuaresma de Fraternidad:

Realizar, en el tiempo de Cuaresma, una Campaña anual de Fraternidad en todas las diócesis del país, destinada a sensibilizar a los chilenos sobre aspectos específicos de la pobreza de muchos de nuestros hermanos, motivar su generosidad y recolectar fondos para financiar proyectos de Promoción Humana.

3. Contenidos de la Cuaresma de Fraternidad:

La Cuaresma como tiempo de penitencia orientada hacia los más necesitados, en expresión del amor al prójimo.

La fraternidad como expresión de que somos un sólo pueblo y de que los problemas de los más pobres son problemas nuestros. La solución real a las situaciones de miseria pasa por el cambio de actitud que lleva a compartir con quienes necesitan nuestra generosidad.

Expresiones concretas de la fraternidad son las obras de misericordia. Ellas deben ser la expresión de la austeridad de vida adquirida en la Cuaresma.

La limosna y aportes económicos son expresión significativa del deseo de compartir. Por eso, llamamos a expresar ese deseo y a entregar el producto de la austeridad del tiempo de Cuaresma el día Domingo de Resurrección.

Difundir el significado del período Cuaresmal, para lograr una adecuada comprensión, de acuerdo al Magisterio de la Iglesia, y de tal forma, que se manifieste en la conducta humana.

Sensibilizar a la opinión pública para que asuma la cruz de la pobreza compartiendo sus bienes materiales y espirituales.

Lograr una complementación entre el mensaje del Santo Padre para Cuaresma y las orientaciones pastorales sobre todo en lo relacionado con la Conversión y nuevo estilo de vida.

4. Criterio de la Cuaresma de Fraternidad.

En cuanto al estilo y espíritu:

a) Una Campaña basada en la predisposición al amor y dirigida a

las actitudes más que al intelecto. Hacer conciencia que el otro es hor
bre, hermano mio, aunque se equivoque, aunque no comparta mis p
siciones. El me puede ayudar a ver mi pecado y yo le puedo ayudar
ver el suyo. Juntos podemos crecer más que cuando estamos separad

b) Una campaña convocante, litúrgica, marcada principalme
te por un carácter de celebración de la vida.

c) Que incentiva la creatividad en el hombre de Chile para e
contrar formas y expresiones de fraternidad y generosidad que expres
el afán por compartir.

d) Con un estilo caracterizado: por la participación de todos l
sectores posibles, la modestia en la expresión pública y en el uso de l
recursos y por el compromiso de cada diócesis para asumir como prop
la campaña.

En cuanto a la metodología:

a) El sujeto de la Campaña (quien la conduce y realiza) es
pueblo de Dios, en torno a su Obispo, en cada Iglesia diocesana.

b) Propiciar una metodología testimonial.

En cuanto a la organización:

a) Flexibilidad para dar paso a la vida de cada Iglesia diocesan
canalizando naturalmente lo habitual de la diócesis hacia la Campaña.

b) Que dé lugar a la participación de todos los niveles y sector
y en cada instancia de decisión y de acción.

5. Organización de la Cuaresma de Fraternidad.

La Cuaresma de Fraternidad de Chile es una Campaña Diocesan
Cada Diócesis se organiza de acuerdo a su realidad para vivir la Cuare
ma.

El Obispo diocesano encabeza la Cuaresma y delega su realizaci
a la Cáritas Diocesana, que actúa como Secretaría Ejecutiva de ella.

A nivel nacional, existe un Directorio, cuyo Presidente es nombrado por la Conferencia Episcopal y cuya Secretaría Ejecutiva es Cáritas Nacional. Este Directorio debe coordinar y animar el trabajo de las Diócesis, como también proveer a ellos del material central mediante el cual se dan a conocer los criterios y contenidos.

6. Resultados de la Cuaresma de Fraternidad.

La Campaña en términos generales tiene como tarea, durante los primero cinco años, el lograr darse a conocer tanto en su sentido teológico-pastoral, como en sus alcances sociales y como expresión de fraternidad.

7. Resultados económicos de la Cuaresma de Fraternidad.

Los alcances económicos logrados nos pueden demostrar, en alguna medida, cómo ha respondido el pueblo chileno a los estímulos formativos entregados.

8. Fondos recolectados: (en moneda nacional)

Cuaresma 1982	3'333.272,70
Cuaresma 1983	5'675.356,24
Cuaresma 1984 (Parcial)	6'650.697,30

Estos resultados, para la situación que vive el país, son significativos; sobre todo teniendo presente que el grueso de este aporte proviene de las Parroquias de barrios populares. El aumento en los fondos recaudados cada año, refleja la penetración de la Campaña en el ámbito nacional.

Por otra parte, la comunidad nacional ve en esta campaña la posibilidad de cooperar con sus hermanos más desposeídos.

ECUADOR: MUNERA Acción de Solidaridad Humana

Lic. John Sigüenza
Director de Munera
Secretariado Nacional de Pastoral Social

En Navidad de 1976, dirigió el Señor Cardenal Pablo Muñoz Vega, S.J. un mensaje a los ecuatorianos recordando tres cosas:

1. La Iglesia está llamada a "hacer suyas las alegrías y las esperanzas, las tristrezas y las angustias de los hombres de nuestro tiempo, sobre todo de los pobres y de cuantos sufren". (G.S. 1).

2. La Iglesia Ecuatoriana durante ya varios años ha sido beneficiaria de la generosidad de las comunidades eclesiales de Europa y de Norteamérica.

3. "Ha llegado la hora en la que debemos cumplir no sólo el deber de gratitud como beneficiarios de las ayudas que nos vienen del exterior, sino además el deber de organizarnos para dar también nosotros testimonio de justicia social y de amor a los pobres".

Naturaleza de Munera.

Después de este llamamiento se tomó la decisión de larzar desde el año 1977 la Campaña de Cuaresma MUNERA - Acción de Solidaridad Humana. La palabra MUNERA, o sea dones dádivas, evoca la escena de la adoración de los reyes magos, que abriendo sus tesoros ofrecieron dones al Niño, nacido en un pesebre; y evoca también la escena del óbolo de la viuda, que elogió Jesús con finura divina.

La Campaña MUNERA ES:

1. **Una acción evangelizadora** destinada a ir formando, cada vez más hondamente, la conciencia católica de los ecuatorianos sobre la justicia social y el amor a los pobres, en la línea del Evangelio.

2. **Una acción tendiente a organizar** la concreta participación de bienes que se inspire en ese mensaje divino.

La línea prioritaria es la de la evangelización sobre la pobreza, la justicia y el amor mutuo como dimensiones constitutivas del mensaje de Cristo.

MUNERA es una campaña destinada a sensibilizar la conciencia de los católicos sobre las situaciones de miseria social extrema de muchos sectores de nuestra población y a realizar una colecta anual de fondos, con los que sea posible fomentar y apoyar proyectos de promoción humana y asistencia social en los ambientes más necesitados del Ecuador.

Característica de Munera

1. MUNERA no es una nueva Institución, sino una acción al servicio de la Pastoral Social en la que está empeñada la Iglesia Ecuatoriana a nivel nacional y diocesano. En consecuencia MUNERA no proyecta obras y programas propios, sino que presta un servicio de ayuda a los agentes de pastoral y comunidades que se esfuerzan diariamente, en la promoción humana y en la asistencia a los más necesitados. Tiende por tanto, a favorecer y fortalecer la acción social de las diócesis, comunidades religiosas, organizaciones y las múltiples iniciativas del pueblo de Dios.

2. La acción de MUNERA tiene carácter nacional, aunque haya sido la Arquidiócesis de Quito la que tomó la responsabilidad de su iniciación.

3. Las ayudas económicas de MUNERA se destinan según el Plan de Pastoral Social de cada Diócesis y el de la Conferencia Episcopal: a la asistencia social, al socorro en emergencias por catástrofes, a programas de desarrollo socio-económico, de formación y promoción.

Procura que la Iglesia Ecuatoriana no tenga que depender permanentemente de la ayuda externa.

4. Las actividades de MUNERA se desarrollan fundamentalmente en las parroquias, en las comunidades cristianas de base y en las comunidades educativas.

Objetivos para 1983 - 1984

1. Meditar sobre el sentido teológico de Munera y sobre el sentido de la pobreza, la caridad, la justicia y la comunicación cristiana de bienes.

2. Promover y compartir la campaña de Munera con todas las jurisdicciones eclesiásticas del Ecuador.

Planificación de la Campaña.

Para la planificación anual de la Campaña se procede de la siguiente manera:

1. La Asamblea Plenaria de la Conferencia Episcopal determina el tema de la Campaña.

2. La Asamblea Nacional del Secretariado Nacional de Pastoral Social señala los lineamientos generales.

3. Las diócesis y la oficina nacional preparan cuadros de colaboradores voluntarios, a través de cursos locales y encuentros regionales. Se forman comités de Munera.

4. La oficina nacional prepara y distribuye los siguientes materiales:

   - Spot para la T.V.
   - Spots para la radio
   - Mensajes grabados del Señor Cardenal y el Santo Padre.
   - Sobres para la colecta
   - Artículos para la prensa, radio, revistas, boletines, hoja dominical, etc.
   - Hojas volentes de contenido concientizador.
   - Estampas y postales
   - Alcancías de plástico
   - Viacrucis o guías litúrgicas con el tema de la campaña
   - Impresos llamando a concursos de literatura sobre el tema y los afiches para la siguiente Campaña.

5. El Señor Cardenal declara abierta la Campaña, en un programa de televisión, el Miércoles de Ceniza.

6. Los responsables diocesanos organizan la propaganda y colecta de donativos, junto con los Comités de Munera.

7. La oficina nacional evalúa la campaña a 4 niveles: organizadores locales, colaboradores voluntarios, donantes, beneficiarios.

Dificultades.

1. Algunos organizadores, comités de voluntarios y párrocos consideran la Campaña como simple recaudación de dinero y no como ejercicio práctico de la caridad.

2. Muchos donantes consideran que Munera es la ocasión de "dar limosna" durante la Semana Santa.

3. No todas las jurisdicciones eclesiásticas participan en la Campaña. Una opera en total separación con el resto.

4. Los beneficiarios no siempre son concientes de lo que es Munera y la consideran como una oficina para "pedir".

MEXICO: CAMPAÑA NACIONAL DEL DIA DE LA CARIDAD

S.E. Monseñor Carlos Talavera
Presidente de la Comisión Episcopal de Pastoral Social

1. Antecedentes.

El Día de la Caridad en nuestro país ha recorrido diferentes fechas y año tras año se ha incrementado el número de diócesis participantes en la Campaña.

Desde 1975, la Conferencia del Episcopado aceptó que se celebrara el Día de la Caridad. CARITAS Mexicana invitó a los prelados de las diócesis a llevarla a cabo el jueves santo, sin obtener ningun resultado.

En 1977 dos diócesis la realizaron y en 1978 se sumaron siete más.

En 1979 con la fusión de CEPS - CARITAS, la responsabilidad del Día de la Caridad a nivel nacional, la asumió el Centro de Estudios y Promoción Social —CEPS— que es el órgano ejecutivo de la Comisión Episcopal de Pastoral Social del Episcopado Mexicano. El Día de la Caridad se celebró ese año el miércoles de ceniza, en 12 diócesis.

En 1980 fueron 25 diócesis y se celebró el jueves santo; en 1981, 48 diócesis y también se llevó a cabo el jueves santo. En 1982 participaron 59 diócesis y se cambió al primer domingo de cuaresma, lo que continuó en 1983.

En 1984 fueron 69, de las 74 diócesis de México, las que realizaron la campaña, es decir un 94 o/o y por disposición de la Conferencia del Episcopado se inició a partir del miércoles de ceniza, para culminar el 5o. domingo de cuaresma, actual "Día Nacional de la Caridad".

Entre los lemas que la han conducido señalamos: "Si todos los cristianos nos damos la mano, no habrá manos pidiendo pan"; "Construyamos juntos la civilización del amor"; "Amar es compatir"; y el de 1984 "Amo al compatir lo que soy, lo que sé y lo que tengo".

2. Objetivos de la Campaña.

En México la Campaña tiene dos objetivos: el primero y más importante, despertar la conciencia de que la fe debe expresarse en obras concretas de justicia y caridad. Y el segundo, incrementar el Fondo Nacional de emergencias y de ayuda comunitaria, para promover el desarrollo de proyectos de asistencia y promoción integral.

3. Organización.

Como hemos dicho, la coordinación nacional la lleva a cabo el Centro de Estudios y Promoción Social, órgano ejecutivo de la Comisión Episcopal de Pastoral Social.

Cada Obispo en su diócesis es el promotor y animador, auxiliado por el promotor diocesano de pastoral social y el equipo de pastoral social, donde exista. Actualmente hay 66 promotores y 36 equipos diocesanos de pastoral social en todo el país.

El CEPS cuenta con una persona directamente responsable de la Campaña, que es el encargado del área de Comunicación Cristiana de Bienes. Además, un equipo asesor para la realización de contenidos; también colaboradores en contactos con medios de comunicación, un equipo para el seguimiento de la promoción en las diócesis, escuelas, movimientos de apostolado, instituciones no eclesiales y por último un equipo para el envío de material.

Como material de apoyo se utilizan: carteles, sobres-colecta, estampas, manuales para sacerdotes, guías de reflexión para grupos, escuelas y familias, un disco, alcancías familiares y folletos de contenido teológico sobre la Caridad.

La realización concreta se lleva a cabo en las parroquias, en las escuelas católicas, se promueve en los seminarios, monasterios, con los re-

ligiosos, los movimientos de apostolado seglar, en instituciones no eclesiales, etc.

Para promover la campaña en 1984 se realizó un sonorama que se presentó en algunas reuniones del clero diocesano, movimientos de apostolado seglar, escuelas, etc.

La difusión se lleva a cabo a través de la radio y televisión, transmitiendo un spot de 30 segundos, en tiempos obsequiados por las emisoras. Además se realizan ruedas de prensa y se pide colaboración a toda la prensa católica, sugiriéndoles que publiquen artículos relacionados con la campaña.

La evaluación se obtiene de un cuestionario dirigido a los promotores diocesanos de pastoral social, que sirve como retroalimentación para la organización de la campaña del siguiente año. La participación y lo que se recibe de la colecta son elementos también importantes en los resultados de la campaña.

Resultados.

Consideramos como algunos de los resultados de la campaña de 1984, la participación de 69 de las 74 diócesis; la participación también de 13 movimientos de apostolado seglar; la transmisión del spot para televisión durante dos semanas en tres canales de televisión, la emisión del spot en 48 radiofusoras y sus repeticiones en todo el país; la edición de inserciones del día de la caridad en 7 periódicos, y 14 revistas católicas publicaron artículos sobre la campaña.

A estas fechas no podemos conocer todavía los resultados económicos ni las respuestas de la evaluación.

Este año se incrementó el material de apoyo con miras a una mayor concientización, además del ya existente, con los manuales para sacerdotes, grupos, escuelas y familias.

Tomamos la idea de las alcancías familiares de otras Cáritas en el mundo, lo que se recibió como un elemento favorable en la educación de las conciencias hacia el compartir en la familia, escuela y trabajo.

Un logro importante fue la promoción directa que se hizo en algunas diócesis, durante su reunión del clero diocesano ya que se pudo transmitir información y motivar a los sacerdotes acerca de la campaña, teniendo en cuenta que son ellos los que están en contacto directo con la base.

Las principales dificultades son: la falta de conciencia social que relacione la fe y la vida, el individualismo diocesano, la falsa concepción de la caridad, entendida como un mero asistencialismo (limosna), o bien como un mero sentimiento y no como una actitud.

Otra dificultad ha sido la insuficiente motivación de los promotores. Además los pedidos de material por parte de las diócesis llegan con retrazo.

También el no contar con un equipo humano adiestrado y comprometido para el seguimiento en la promoción.

PANAMA: CAMPAÑA DE PROMOCION ARQUIDIOCESANA

Lionel Stempel
Asesor de la Campaña

Hace 8 años sucedieron dos eventos en la vida de la Iglesia Panameña de gran importancia; uno, la convocatoria de la Primera Asamblea Pastoral de la Arquidiócesis de Panamá, en tiempos modernos, y el otro, la reunión de un Comité Ad-Hoc de Finanzas.

Las dos organizaciones, trabajando por separado, llegaron a una misma conclusión: que la Iglesia, para poder desempeñar su papel apostólico en el Istmo, necesitaba de urgencia fondos suficientes para lograr este fin evangélico.

Para entonces, las entradas de todas las fuentes locales eran alrededor de B/. 45,000 anuales (o sea, US$45.000.oo), de las cuales casi dos tercios venían del Fondo de Apostolado, donde un número plural de personal se comprometían a hacer donaciones periódicas durante el año.

Es obvio que la Arquidiócesis de Panamá no podía funcionar con entradas anuales de B/.45.000.oo. En efecto, ella recibía de afuera, de los Obispos y pueblos católicos de Alemania, Estados Unidos, Canadá, Holanda, Bélgica, etc. y por cierto, de Roma, el apoyo que le permitía desempeñar su trabajo en las ciudades, pueblos, montañas y campos de las provincias de Panamá y Coclé que conforman la Arquidiócesis.

Después de un análisis serio del problema económico, se decidió acercarse a la Conferencia de Obispos de los Estados Unidos para investigar si este grupo de mucha experiencia pudiera recomendar algún método para promover una Campaña de Promoción Económica.

Los Obispos Norteamericanos no solamente recomendaron profesionales en esta materia, la Community Counselling Service, de Nueva York, sino que desembolsaron el costo del estudio de factibilidad, que dicha entidad llevó a cabo en Panamá durante cuatro meses.

Luego de consultar todos los niveles y ambientes de nuestro pueblo arquidiocesano –los comprometidos con la Iglesia y los menos comprometidos– La Community Counselling Service concluyó que existían suficientes indicaciones para estructurar una Campaña de Promoción Arquidiocesana que tendría probabilidades de éxito.

Fue entonces cuando se decidió organizar la Primera Campaña de Promoción Arquidiocesana con miras al año 1975.

Esa primera Campaña tuvo primordialmente un propósito económico, aunque la preparación de 5.000 voluntarios para tocar las puertas de un promedio de 50.000 hogares, alcancías en mano, a lo largo y ancho de la Arquidiócesis, requería un ingente trabajo de concientización y evangelización para asegurar el buen resultado del plan.

Probablemente los lectores desean saber de qué manera funciona nuestra Campaña. Creemos que la explicación más sencilla es a través de la experiencia de una Parroquia.

El Párroco, una vez comprometido, llama a sus colaboradores y nombra un (a) Director (a) Parroquial, ordinariamente un seglar. Esa persona, a su vez, busca un promedio de diez capitanes para que ellos atraigan, cada uno, un promedio de diez voluntarios. Así se dividen las Parroquias en sectores donde cada voluntario tendrá que hacer un número plural de visitas, llevando a los hogares de los donantes una alcancía y literatura de lo que está haciendo la Iglesia y de cuáles son sus metas futuras. Al mismo tiempo, el voluntario aprovecha la oportunidad para dialogar con las personas que lo reciben en sus casas.

Las alcancías quedarán en los hogares entre seis semanas y dos meses, mientras la publicidad en favor de la Campaña va aumentándose.

Al final de este tiempo, los mismo voluntarios regresan a los hogares donde fueron inicialmente, portanto una carta de agradecimiento del Señor Arzobispo y retiran las alcancías, después de expresar sus propios agradecimientos por la colaboración recibida.

Recordemos, además, que se reciben las donaciones periódicas para el Fondo de Apostolado y las donaciones anuales que provienen primordialmente de las empresas importantes establecidas en la Arquidiócesis.

Al principio, la preparación de todos estos niveles de cooperación corría por cuenta del Comité Ejecutivo de la Campaña, un grupo relativamente pequeño, pero hoy en día, las mismas parroquias, suplidas del material necesario, saben conducir sus propias actividades. Básicamente, el papel actual del Comité Ejecutivo es más administrativo y organizativo que de motivación, dejando esto a las Parroquias en donde, a final de cuentas, debe estar.

El primer año (1975), la Campaña recaudó alrededor de US$270.000.oo, dividido casi por partes iguales entre alcancías y el Fondo de Apostolado. Después de ocho años, por primera vez, este año, el contenido en las alcancías superó los US$200.000.oo y esperamos que al añadir a fin de 1984, con lo entregado por el Fondo de Apostolado, el total, también por vez primera, sobrepasará a los US$400.000.oo.

Todo el esfuerzo de estos años sería vano si no produjera los efectos, o no se consiguieran los objetivos para los que fue establecida la Campaña de Promoción Arquidiocesana: aumento del sentido de responsabilidad y compromiso del Pueblo de Dios.

En estos momentos, la Arquidiócesis de Panamá comprende 75 Parroquias y comunidades cristianas, tiene un Seminario Mayor floreciente, cuenta con más de 30 equipos de Evangelización (en 1974 habían 9), que trabajan en los barrios y campos de Panamá y Coclé, ha construído una residencia para ancianos, apoya la formación ministerial de jóvenes, asegura la jubilación de sacerdotes que han dado lo mejor de sus vidas sirviendo a la Iglesia Panameña, proporciona ayuda a nuevas Parroquias y a Programas Pastorales específicos. En algunas Parroquias necesitadas, mantiene centros de párvulos y colabora en la promoción de la mujer donde, en muchas ocasiones, ella es la cabeza de la familia.

Otro efecto vivificador de la Campaña ha sido la instalación del Vicariato de Pastoral. La Vicaría cuenta con una serie de departamentos, tales como los de Medios de Comunicación Social, Catequesis, Formación Familiar, Educación, Liturgia, Asistencia Social, Investigaciones Socio-Religiosas.

Existe un aspecto adicional de la Campaña que hay que destacar, tan o más importante que la parte económica –la parte espiritual o evangelizadora–. Concluída la primera Campaña, se lanzó un urgente llamado al pueblo de Dios para prestar otra cara que no fuera exclusivamente monetaria.

En 1976 surgió lo que se conoce como las Asambleas Familiares, grupos pequeños de fieles que se reúnen a discutir temas palpitantes presentados por el Señor Arzobispo mediante mensajes televisados, durante el período de la Campaña. Ha ido tomando mayor coherencia esta fase, de manera que en 1982 hubo 40.000 personas -hombres, mujeres y niños- que semana tras semana participaban en ellas, cada grupo con su coordinador, logrando conclusiones para enfocar mejor la labor de nuestra Iglesia.

Es cierto, todavía hay mucho camino por andar; sin embargo, opinamos que nuestra Iglesia Arquidiocesana viene madurando. ¡Cristiano, La Iglesia Eres Tú!.

PARAGUAY: CAMPAÑA DE CUARESMA

Hna.Elfride Schnell
Secretaria Ejecutiva del Equipo Nacional de Pastoral Social

1. Referencia Histórica.

La CAMPAÑA DE CUARESMA en el Paraguay tiene su antecedente en la SEMANA de la CARIDAD organizada por CARITAS PARAGUAYA a partir del año 1965, durante la última semana de Cuaresma.

La SEMANA DE LA CARIDAD: es la "semana dedicada a difundir los principios cristianos de la asistencia social y recaudar fondos para el sostenimiento de los programas de ayuda"

Su lema: "ES MEJOR DAR QUE RECIBIR". Esta Semana culminaba con el Día Nacional de Cáritas Paraguaya, el Primer Domingo de Pasión, instituído por la Conferencia Episcopal Paraguaya.

A partir del año 1965, la Semana de la Caridad, fue organizada por Cáritas a nivel de Asunción, pero siempre ofreció el material elaborado a las Diócesis del interior. Progresivamente la Semana de la Caridad se fue organizando en las diferentes Diócesis hasta el año 1980.

En 1981 el Equipo Nacional de Pastoral Social, toma la iniciativa de coordinar a nivel nacional esta SEMANA de la CARIDAD, contando con la colaboración y rica experiencia del Equipo Arquidiocesano de Pastoral Social de Asunción.

Su lema: DAR HACE FELIZ. Hace posible la experiencia de un trabajo coordinado y facilita a las Diócesis material a menor costo y de acuerdo a necesidades de cada una.

Año 1982: El Equipo Nacional llevó a cabo esta coordinación a nivel nacional proponiendo además dar un "contenido temático" para

esta Semana, a fin de hacer de ella un medio de evangelización y de concientización para una "cristiana comunicación de bienes".

El tema del año fue: "LA TIERRA DON DE DIOS PARA TODOS", proponiendo de esta forma la reflexión a nivel nacional sobre la "problemática de la Tierra", de urgente actualidad. La propuesta fue aceptada ampliamente por los Obispos reunidos en Asamblea y por las Diócesis.

En la evaluación de esta SEMANA DE LA CARIDAD 1982, realizada con responsables diocesanos de Pastoral Social, se propuso dar otro paso importante: CONVERTIR LA SEMANA DE LA CARIDAD en CAMPAÑA DE CUARESMA. Esta propuesta fue presentada también a la Asamblea de la CEP en noviembre de 1982 y aceptada.

Año 1983: La CAMPAÑA DE CUARESMA tuvo como tema: AYUDAR ES BUSCAR LA FRATERNIDAD Y LA JUSTICIA. Todo el material elaborado tuvo en cuenta el aporte y sugerencias de las Diócesis. La coordinación del Equipo Nacional fue contando cada vez más con la participación de las bases diocesanas.

Año 1984: "ABRE LAS PUESTAS A TU HERMANO", tema concebido como un enlace entre el Año Santo y el AÑO DE LA FAMILIA en 1985, por decisión de la CEP, iniciado en Pascua del año en curso.

Año 1985: el tema será "LA FAMILIA" y se halla en preparación, en coordinación con la Comisión Nacional para el Año de la Familia.

2. Fines Propuestos.

Los objetivos de la CAMPAÑA DE CUARESMA:

a) La Evangelización: un medio para transmitir la BUENA NUEVA DE LA REDENCION y buscar la conversión mediante la oración, la limosna y la penitencia.

b) La Reflexión: sobre los temas cuaresmales y los de cada Campaña particular.

c) Comunicación Cristiana de Bienes: como fruto de la reflexión, la acción de dar de sus bienes (la limosna como signo de solidaridad). Se busca también la "autofinanciación" de programas de ayuda a los hermanos necesitados mediante la solidaridad organizada.

3. Responsable.

El Equipo Nacional de Pastoral Social, como organismo coordinador y los Equipos Diocesanos de Pastoral Social, en cada Diócesis.

4. Preparación Anual.

a) Elección del Tema: En reuniones con responsables Diocesanos de Pastoral Social a nivel nacional se estudia el *Tema* y el *Lema* de la Campaña, teniendo en cuenta la programación de la CEP (como en el caso del Año de la Familia, y el Año Santo).

Esta propuesta se somete a la Asamblea de Obispos para su aprobación lo que asegura el apoyo del Pastor en cada Diócesis, para su Equipo Diocesano de Pastoral Social.

b) Preparación del material: En la misma reunión nacional, se estudia el tema, haciendo posible la participación de las bases diocesanas, mediante sugerencias y pedidos de acuerdo a su realidad. El Equipo Nacional se constituye en ejecutor para la elaboración del material de la Campaña y su distribución a cada Diócesis.

Material elaborado:

- Afiches, alusivos al año
- Apoyo Litúrgico, conteniendo guiones para diversas circunstancias
- Guiones para audiciones radiales en casset
- Alcancías para colectas públicas
- Sobres
- Distintivos
- Brazaletes
- Folleto informativo que permite: dar cuenta a la opinión pública de la utilización del dinero recaudado en la Campaña anterior y notificar los "proyectos" de utilización de la siguiente Campaña.

5. Evaluación después de la Campaña.

Se realiza en cada Diócesis y también a nivel nacional, en reunión con la participación de todas las Diócesis.

Es esta la ocasión para analizar el material elaborado, la metodología utilizada, se intercambian experiencias, y se hacen sugerencias para la siguiente Campaña. En la reunión de Evaluación, se prepara la siguiente Campaña.

6. Mensaje del Santo Padre.

Ocupa un "lugar privilegiado" en el material elaborado (Apoyo Litúrgico), en las Audiciones radiales y en 1984 se utilizó en la T.V. el Video Casset con el Mensaje del Santo Padre.

7. Evaluación global desde la iniciación hasta 1984.

a) La CAMPAÑA DE CUARESMA, propiamente, data del año 1983, es decir, tiene apenas dos años de vida. . . pero tuvo en cuenta la trayectoria y rica experiencia de las SEMANAS DE LA CARIDAD, iniciadas en 1965 en Asunción y que fueron extendiéndose a las demás diócesis.

b) Participación casi total de las Diócesis en las CAMPAÑAS, en todas sus etapas: preparación, ejecución y evaluación y apoyo total de la CEP y los Obispos.

c) Hace posible la "autofinanciación" de proyectos en varias Diócesis.

d) Toma de conciencia en los Equipos Diocesanos de Pastoral Social, de la importancia de la CAMPAÑA DE CUARESMA.

e) Acceso a los Medios de Comunicación Social: prensa, radio y en menor escala la televisión por su alto costo.

8. Perspectivas de la Campaña de Cuaresma.

1) Esta es una actividad genuinamente *evangelizadora,* por lo tanto es un medio para la transmisión de la BUENA NUEVA DE LA REDENCION y para promover la conversión mediante la oración, la limosna y la penitencia cuaresmales. Es una obra, pues, de Iglesia encuadrada en la Liturgia y con medios propios, no prestados ni inventados. A esta riqueza de contenido hay que unir otra ventaja pedagógica de la Campaña: la íntima unión de *Reflexión* (los temas cuaresmales y los de cada Campaña particular) y de *Acción* (la limosna, como signo de solidaridad).

2) La acción evangelizadora señalada anteriormente, a su vez, se inscribe en el marco de la *Religiosidad popular,* tan particularmente valorada en la Iglesia de nuestro continente, especialmente desde Medellín y ratificada en Puebla.

3) Es una actividad en la que necesariamente se debe dar la participación de todos los estamentos eclesiales. La eficacia de la CAMPAÑA depende fundamentalmente de una buena coordinación entre los distintos estamentos eclesiales: párroco, religiosos, líderes de movimientos apostólicos, directores y profesores de centros educacionales.

4) La Campaña de Cuaresma ofrece la oportunidad de "poner al día" un tema no siempre encarado en profundidad en la Iglesia, cual es el de la *autofinanciación.*

5) Es importante proponer a una *organización participativa* de la Campaña ya en la misma *elaboración de los materiales* a ser utilizados.

RESULTADOS DEL DIALOGO

IDENTIFICACION DE PUNTOS COMUNES SOBRE LAS CAMPAÑAS DE CUARESMA EN AMERICA LATINA

1. OBJETIVOS:

1.1 Evangelizar: *proclamación de la verdad de Jesucristo sobre* la *Caridad y la Justicia.* Así las Campañas en América Latina serán una forma de concretar las enseñanzas de la Conferencia del Episcopado Latinoamericano en Puebla sobre la Comunión y la Participación.

1.2 Promover la *Comunicación de Bienes* como concreción del espíritu de fraternidad en la Comunidad Cristiana y como signo de unidad en la fe y en el amor. (Act. 4. 32-37).

1.3 Cooperar, así, en la *construcción del Reino de Dios* en una sociedad más justa y humana.

1.4 Promover la *síntesis entre Fe y Vida* como compromiso individual y comunitario, como credo y como gesto, como autogestión y participación desde la propia pobreza en los problemas de otras Iglesias.

1.5 Descubrir, purificar y enriquecer *la religiosidad popular* y destacar sus valores.

2. CONTENIDO CATEQUETICO:

2.1 El punto de partida es la proclamación de la Buena Nueva en el *contexto litúrgico de la Cuaresma,* cuyo mensaje específico es anunciado, celebrado y vivido.

2.2 La Cuaresma encierra un *riquísimo contenido de Fe* que debe comunicarse con una adecuada catequesis. Se trata de revalorizar la penitencia, el perdón, la conversión, la austeridad,

dando así origen a un nuevo estilo de vida. La Campaña busca así rescatar la Cuaresma.

2.3 El espíritu de Cuaresma se vive plenamente en la *fraternidad,* solidaridad, caridad liberadora, comunión y participación a través de la conversión personal y comunitaria.

2.4 Vivir plenamente la Cuaresma de fraternidad exige un diálogo con la realidad a partir del discernimiento y la reflexión de los *problemas sociales.* Ver, juzgar y actuar a la luz de la Fe para suscitar respuestas concretas en la comunidad y de la comunidad.

2.5 La Comunicación Cristiana de Bienes y la *Diaconía* son las formas, el gesto, en que se concretiza la propuesta de la Campaña de Cuaresma. Es este el camino para recuperar el espíritu de la *primera comunidad cristiana* en la que había "un solo corazón y una sola alma".

3. RETOS QUE LA IGLESIA Y LA SOCIEDAD PRESENTAN A LAS CAMPAÑAS DE CUARESMA

3.1 América Latina es un continente joven, su población está integrada en un alto porcentaje por menores de 21 años. ¿Cómo lograr una *activa participación de la juventud* inmersa en el materialismo, el consumismo pero también con ansia de valores trascendentes en la preparación y realización de la Campaña?

3.2 ¿Cómo revalorizar la *Conversión y la Penitencia?*

3.3 ¿Qué hacer para rescatar y utilizar adecuadamente en la Campaña la *religiosidad popular?*

3.4 ¿Cómo realizar una *Campaña coherente con el "entorno social"* en el que viven y actúan nuestras Iglesias: violencia, injusticia institucionalizada, consumismo, etc.?

3.5 Cada año la Cuaresma presenta un tema para la reflexión... queda en simple reflexión? ¿Cómo asegurar un adecuado seguimiento?'

3.6 ¿Cómo lograr la plena *participación de los párrocos* en los ideales y realización de la Campaña?

3.7 ¿Cómo una Campaña puede servirse adecuadamente de las modernas técnicas de la comunicación y conseguir el apoyo de los *Mass Media?*

3.8 ¿Qué hacer para que la proclamada solidaridad trascienda los límites nacionales y se piense y realice una *fraternidad universal* en la Iglesia?. ¿Cómo organizar una ayuda exterior como signo de unidad en la Asamblea Universal de la Caridad que preside el Obispo de Roma?.

4. METODOLOGIA:

4.1 **Condición previa.** Quien quiera organizar una Campaña de Cuaresma debe antes recibir el mandato expreso del Episcopado.

4.2 Aspectos comunes en las Campañas participantes en el Grupo de Trabajo

a) Para la *preparación* se siguen los siguientes pasos:

- Se recogen las inquietudes y sugerencias de las bases.
- En la selección del tema y del lema se tienen en cuenta consideraciones teológicas y pastorales.
- En la determinación de estrategias se tiene en cuenta: la elaboración de material de apoyo, la preparación de agentes o divulgadores, el contacto con los Medios de Comunicación Social, la elaboración de presupuesto de costos y su financiación.

b) En la *ejecución* de la Campaña son comunes los siguientes aspectos:

- Convocatoria a los responsables, a todo nivel.
- Entrega del material

- Apertura de Campaña
- Elementos de apoyo: seminarios, Mass Media.
- Visitas a hogares, colegios, empresas
- Colecta e información al público de las recaudaciones y de inversiones
- Celebraciones litúrgicas.

c) La tendencia común, aún no plenamente conseguida, realizar la *evaluación* a partir de las bases parroquiales y diocesanas.

5. PORCENTAJES Y CRITERIOS DE DISTRIBUCION DE LA COLECTA

5.1 Porcentajes:

País	Parroquia	Diócesis	Regional	Nacional	Intern.	Materiales
Brasil	45 o/o	35 o/o	10 o/o	10 o/o	-	
Colombia	-	80 o/o	-	20 o/o	-	-
Chile	15 o/o	45 o/o	-	30 o/o	-	10 o/o
Ecuador	-	70 o/o	-	30 o/o	-	-
México	30 o/o	30 o/o	-	30 o/o	10 o/o	-
Panamá	-	100o/o	-	-	-	-
Paraguay	48.5o/o	48.5 o/o	-	3 o/o	-	-

5.2 Criterios:

- Los que entregan un alto porcentaje a las *parroquias* creen que se debe respetar el principio de subsidiaridad. Cada comunidad debe hacerse cargo de sus pobres y solo acudir a otras instancias —nacionales o internacionales— cuando las necesidades sean superiores a su propia capacidad.

  Hay que crear una viva conciencia de compartir riqueza y pobreza en la comunidad de base y parroquial. Es allí donde se vive la fraternidad y se afirma la solidaridad.

- Los que dan prioridad a las *Diócesis* argumentan que así se consigue una redistribución que favorece a los más pobres y se organiza mejor la cooperación.

- Sólo un país dedica un porcentaje a la *ayuda exterior*. En algunos casos no es posible esta ayuda por la prohibición de exportar divisas.

- Los participantes concluyeron en la necesidad de fomentar una pedagogía de la fraternidad en las cuatro dimensiones eclesiales del bautizado: comunidad parroquial, comunidad diocesana, comunidad nacional y comunidad universal, esta última presidida por el Vicario de Cristo.

6. MENSAJE DEL SANTO PADRE

El Papa dirige todos los años a la Iglesia Universal un Mensaje de Cuaresma especialmente orientado a reforzar, son su autoridad de Pastor Universal, las Campañas de Cuaresma. El Consejo Pontificio COR UNUM es el Dicasterio responsable de solicitar al Santo Padre y de enviar a las Iglesias y organizaciones de ayuda el Mensaje escrito, mientras que el Centro Televisivo del Vaticano envía, a quien lo solicite, el Mensaje para Radio y T.V.

El mensaje escrito, dicen los participantes, es de gran utilidad y aprovechado ampliamente en sus países. De gran ayuda es el mensaje radiado transmitido por diversas emisoras, ya sea en forma íntegra, ya en frases seleccionadas.

El mensaje televisado fue usado por debajo de lo esperado. Las razones fueron el alto costo de la producción y de la transmisión. Se obtendría mejor resultado si fuera un mensaje más corto.

En todos los casos los participantes piden que el mensaje sea enviado con mayor anticipación.

7. EVALUACION

7.1 Aspectos positivos:

a) Las Campañas dan prioridad a la Evangelización mien-

tras que se procura que la colecta sea un "gesto concreto" de amor, un testimonio de fe.

b) Las Campañas que se realizan en Cuaresma se presentan como medio eficaz para rescatar el sentido de la misma, para revalorizar la penitencia, el ayuno y la limosna, para *promover un "estilo de vida cristiana"* y para sensibilizar a los cristianos en la obligación de sostener su Iglesia y ayudar a *los pobres.*

c) Se está dando paso a la conformación de una red de agentes, métodos, sistemas de divulgación eficaz y creativa.

d) *Las Conferencias Episcopales* dan decisivo apoyo a las Campañas. La participación de *las parroquias,* "células vivas de la Iglesia", que en la iniciación de las Campañas fue pobre, se va tornando entusiasta y eficaz.

7.2 Aspectos negativos:

a) Dificultad para una adecuada penetración de los Mass Media

b) Resistencia de algunos párrocos.

c) Falta del suficiente asesoramiento técnico.

d) Defectos en la contabilidad de las Campañas en los diversos niveles e inadecuada información al público.

e) No se esclarece suficientemente los criterios de distribución de la colecta.

8. HACIA EL FUTURO.

Al finalizar las sesiones del Grupo de Trabajo los participantes expresaron sus opiniones y deseos para que las Campañas de Cuaresma res-

pondieran cada día mejor al desafío que les plantea la fe en Jesucristo y la realidad social de los pueblos de América Latina. He aquí las proyecciones para el futuro.

1. Reflejar en la Campaña la dimensión Misionera y Universal de la Iglesia.
2. Dirigir el Mensaje a todos los hombres de buena voluntad.
3. Penetrar en los sectores empresarial, sindical, universitario y de juventud y entre los indiferentes.
4. Involucrar a la familia.
5. Optar preferencialmente por los más pobres.
6. Ampliar la visión de "opción preferencial por los pobres" no limitándola al área rural. Dar la debida atención al proceso de urbanización.
7. Rescatar la Cuaresma.
8. Recuperar el sentido de la limosna dominical.
9. Respetar la regla de oro de no tener proyectos propios. La Campaña debe ayudar a los que ya están trabajando. Favorecer las múltiples iniciativas y frente a necesidades no entendidas interesar al pueblo de Dios a crear nuevas obras. La Campaña no debe ser "una obra más" en competencia con otras obras, así se esterilizaría su acción y de desvirtuaría su espíritu.
10. Despertar en cada Comunidad de base y parroquial una lúcida conciencia de sus propias pobrezas y de la obligación de hacerse cargo de sus pobres.
11. Comprometer más aún al Episcopado en la preparación y ejecución de la Campaña.
12. Procurar que la Campaña se realice en todas las Diócesis, con iguales criterios, como testimonio de unidad.

13. Afrontar los problemas globales y urgentes de la sociedad.

14. Pasar de una contribución tranquilizadora de la conciencia a una ofrenda de fraternidad.

15. Organizar encuentros similares al presente con la participación de las Iglesias que no tienen Campañas.

16. Promover adecuados mecanismos, reuniones de peritos, seminarios, etc., para identificar alternativas que den paso a la civilización del amor.

17. Organizar reuniones para tecnificar la metodología de las Campañas.

18. Intercambiar y usar libremente ideas y materiales entre las diversas Campañas como signo de solidaridad y de comunicación de bienes, de ideas y de iniciativas entre las Iglesias.

19. Coordinar la Campaña con otros sectores de la Pastoral.

20. Favorecer la coordinación bajo la presidencia de COR UNUM y la activa participación del CELAM y del SELAC, en sus propias esferas.

SEGUNDA PARTE

Encuesta sobre las campañas de cuaresma en América Latina realizada por el Selac

Nota preliminar:

Utilizamos el término genérico de Campañas de Cuaresma si bien no todas merecen llevar con propiedad este nombre. En efecto, no todad se realizan en Cuaresma, algunas se reducen a una semana de campaña o a la preparación de un día de colecta.

En los últimos años va prendiendo con mayor fuerza la idea de organizar o transformar las actuales campañas o colectas en auténticas campañas de Cuaresma destacando los grandes valores evangélicos de la penitencia, la pobreza, la comunicación cristiana de bienes, la fraternidad.

Consciente de este proceso transformador y de la actualidad del tema, la Comisión Regional de Caritas para América Latina recomendó al SELAC realizar una encuesta y análisis sobre las Campañas de Cuaresma y Solidaridad en América Latina, especialmente las que están a cargo de las Cáritas de esta Región.

A continuación el resultado de esta encuesta realizada en el primer semestre de 1984.

1. Respuestas recibidas.

Organizaciones a las que se envió la Encuesta	21
Organizaciones que acusaron recibo	12
Organizaciones que respondieron al cuestionario	10

2. Datos generales.

2.1 Países donde existen Campañas:

Argentina Costa Rica México

Brasil	Chile	Panamá
Bolivia	Ecuador	Paraguay
Colombia	Honduras	Venezuela

2.2 Nombre, dirección y responsable de las Campañas:

NOMBRE	DIRECCION	RESPONSABLE
"Más por menos"	Conferencia Episcopal Argentina Paraguay 1867 1121 Buenos Aires-Argentina.	Presidente: S.E. Mons. Jorge Gottau
"Campaña de Caritas Argentina"	Caritas Argentina Hipólito Irigoyen 785 4 "L" 1086 Buenos Aires-Argentina.	Presidente: S.E. Mons. Miguel Raspanti Director: Sr. Juan Carlos Viola.
"Solidaridad"	Secretariado de Pastoral Social "MOSOC" Apartado 8777 La Paz - Bolivia	Presidente: R.P. Guido Brault OMI Director: Roberto García
"Campaña de Fraternidad"	Campanha da Fraternidade Caixa Postal 13-2067 70401 Brasilia-D.F. -Brasil	Secretario General de CNBB Don Luciano Méndez de Alemida Coordinador Nacional: Pe. Jacyr Braido.
"Comunicación Cristiana de Bienes"	Apartado Aéreo 12309 Bogotá - Colombia	Presidente S.E. Mons. Félix Torres Director: R.P. Iván Marín.
"Semana Social de la Caridad"	Caritas Costa Rica Apartado 6150 San José - Costa Rica	Presidente: S.E. Mons. Román Arrieta Director: Pbro. Gerardo Brenes.
"Cuaresma de Fraternidad" (1)	Caritas de Chile Casilla 13520 Correo 21 Santiago - Chile.	Secretario Ejecutivo: Sr. Juan Claudio Godoy

"MUNERA"	Secretariado Nacional de Pastoral Social Apartado 1081 Quito - Ecuador	Presidente Cardenal Pablo Muñoz Vega Director: Lcdo. John Sigüenza
"Semana de la Caridad"	Caritas Honduras Apartado 1787 Tegucigalpa-Honduras	Presidente: S.E. Mons. Evelio Domínguez Director: Prof. Francisco Meraz.
"Día de la Caridad"	CEPS Tintoreto 106, Col. Ciudad de los Deportes, Delegación B. Juárez, 03710 México -	Presidente: S.E. Mons. Carlos Talavera Director: Director del CEPS
"Campaña de Promoción Arquidiocesana" (1)	Curia Metropolitana Apartado 6386 Panamá 5- República de Panamá	Presidente: S.E. Mons. Marcos McGrath
"Campaña de Cuaresma"	Equipo Nacional de Pastoral Social. Coronel Bogado 367 Asunción - Paraguay	Presidente: S.E. Mons. Oscar Páez Secretaria Ejecutiva: Hna. Elfride Schnell.
Compartir	Departamento de Pastoral Social - Caritas Apartado 4897, Caracas 1010 - Venezuela	Presidente S.E. Mons. Medardo Luzardo Director: Dr. Nazario Vivero.

(1) No respondieron a la Encuesta.

3. Año de iniciación:

Año 1986

Brasil	Campaña de Fraternidad	1964
Argentina	Campaña de Caritas	1964

Años 1970 - 1979

Años 1970 - 1979

Argentina	Más por Menos	1970
Paraguay	Semana de la Caridad (1)	1972
Panamá	Campaña de Promoción Arquidiocesana	1975
Ecuador	MUNERA	1978
México	Día de la Caridad	1979

Años 1980 - 1983

Honduras	Semana de la Caridad	1980
Venezuela	Compartir	1981
Colombia	Comunicación Cristiana de Bienes	1982
Chile	Cuaresma de Fraternidad	1982
Paraguay	Campaña de Cuaresma	1983

(1) **Transformada en 1983 en Campaña de Cuaresma.**

4. Relación con la Jerarquía

4.1 Autorización recibida.

Mandato expreso de la Conferencia Episcopal:

Argentina	Más por Menos y Campaña de Caritas
Brasil	Campaña de Fraternidad
Colombia	Comunicación Cristiana de Bienes
Ecuador	MUNERA
Chile	Cuaresma de Fraternidad
Venezuela	Compartir

Autorización de la Conferencia Episcopal:

Las Campaña de Bolivia, Costa Rica, Honduras y Paraguay.

Mandato Diocesano:

Campaña de Panamá.

4.2 Organismos Ejecutores de la Campaña:

CAMPAÑA	ORGANISMO EJECUTOR
Campaña de Caritas Argentina.	Caritas Argentina (C.I.)
Más por Menos	Equipo de Ayuda a la Regiones más Necesitadas.
Solidaridad	Secretariado de Pastoral Social de la Conferencia Episcopal Boliviana.
Campanha da Fraternidade	Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil.
Comunicación Cristiana de Bienes	Secretariado Nacional de Pastoral Social de Colombia (C.I.)
Semana de la Caridad	Caritas de Costa Rica (C.I.)
Cuaresma de Fraternidad	Caritas de Chile (C.I.)
MUNERA	Secretariado Nacional de Pastoral Social de Ecuador (C.I.)
Semana de la Caridad	Caritas de Honduras (C.I.)
Día de la Caridad	Centro de Estudios y Promoción Social CEPS (C.I.)
Campaña de Promoción Arquidiocesana	Arquidiócesis de Panamá
Campaña de Cuaresma	Equipo Nacional de Pastoral Social de Paraguay (C.I.)
Compartir	Departamento de Pastoral Social y Caritas (C.I.)

* (C.I.) significa que es Organismo Miembro de Caritas Internacionalis.

4.3 Número de Jurisdicciones Eclesiásticas en las que se realiza la Campaña.

		No. de Jurisdicciones	o/o del Total
Brasil	Campaña de Fraternidad	260	100 o/o
Argentina	Más por Menos	62	100 o/o
Colombia	Comunicación Cristiana de Bienes	59	100 o/o
Venezuela	Compartir	28	100 o/o
Costa Rica	Semana de la Caridad	4	100 o/o
Argentina	Campaña de Caritas	56	95 o/o
México	Día de la Caridad	69	94 o/o
Paraguay	Campaña de Cuaresma	13	82 o/o
Ecuador	MUNERA	16	72 o/o
Bolivia	Solidaridad	6	37 o/o

5. Estructura Administrativa.

Todas las Campañas se apoyan en la estructura normal de la Iglesia: Conferencia Episcopal, Diócesis y Parroquia, insistiendo más o menos en alguno de estos niveles de acuerdo a la filosofía de cada Campaña. Así Colombia insite mucho más en el nivel parroquial, otros países insisten más en el nivel nacional o diocesano.

La Campaña de Fraternidad da importancia protagónica al Secretario General del Episcopado, quien preside la Campaña considerada como acción directa de la CNBB.

Más por Menos tiene su particular organización. Un Equipo Episcopal, integrado por tres obispos de las zonas más pobres del país dirige y orienta la Campaña.

En Bolivia se han creado Comités Diocesanos de MOSOC encargados de la realización de la Campaña.

En 9 países la Campaña está a cargo de las Caritas: Argentina (Campaña de Caritas), Colombia, Costa Rica, Chile, Ecuador, Honduras, México, Paraguay, Venezuela. Aquí la Campaña utiliza al máximo la

estructura de Caritas. En Ecuador se intenta crear Comités Diocesanos y de Base propios de Munera con una aparente duplicación de las estructuras de Pastoral Social. En Venezuela donde Caritas (Departamento de Pastoral Social) no está estructurado en todas las Diócesis, éstas utilizan su normal estructura: presbiterio, asambleas del clero, etc., para realizar la Campaña.

6. Objetivos.

Más por Menos (Argentina)

- Promover la ayuda de las zonas más ricas a las zonas más pobres.
- Ayudar al mantenimiento del culto y a la promoción humana de las regiones más pobres de Argentina.

Campaña de Caritas Argentina

- Dar a conocer el ser y quehacer de Caritas Argentina.
- Recordar la obligación de contribuir al sostenimiento de la Pastoral Social.
- Objetivos coyunturales: en 1982 la llamada "Campaña de Solidaridad" y en 1983 la Campaña "Regreso con Esperanza", en favor de los damnificados por las inundaciones. Esta última Campaña ha tenido buenos resultados y está en camino de institucionalizarse.

Solidaridad (Bolivia)

- Concientizar al pueblo de Bolivia en el mensaje cristiano de justicia y amor para lograr la plena comunión y participación.
- Desarrollar las obras sociales de la Iglesia.
- Incentivar la actividad misionera del laico.
- Crear un compromiso de pertenencia a la Parroquia.
- Promover la comunidad.
- Divulgar la Enseñanza Social de la Iglesia.
- Crear un Fondo Nacional y diocesano para proyectos.

Campaña de Fraternidad (Brasil)

- Evangelización: concientización y animación de la Comuni-

dad a partir de un tema específico en un momento fuerte de Evangelización.
- Promoción Humana: a través de proyectos dinamizadores en las diócesis y en las parroquias.
- Animación Misionera: Promoviendo a cada comunidad, parroquia o diócesis para que ayude a otra. Dar de su propia pobreza.

Comunicación Cristiana de Bienes (Colombia)

- Reafirmar la validez y la vigencia de las Obras de Misericordia, tanto las tradicionalmente expresadas como las que nacen de las exigencias modernas.
- Difundir el mensaje evangélico de la obligación de comunicar los bienes.
- Crear conciencia en todas las parroquias y dentro de ellas, en cada comunidad de la obligación cristiana de ayudar a los más necesitados.
- Obtener recursos que permitan, tanto a nivel nacional como en cada Iglesia particular, crear y mantener programas de ayuda y promoción.

Semana de la Caridad (Costa Rica)

- Atender a las necesidades prioritarias de las personas de escasos recursos.
- Concientizar a la Iglesia costarricense de la situación socioeconómica del país y de la respuesta que se debe dar.
- Promover en las parroquias la conciencia y la vivencia de la Comunicación Cristiana de Bienes.

MUNERA (Ecuador)

- Reflexionar sobre el sentido de la pobreza, la caridad, la justicia, la comunicación cristiana de bienes.
- Reflexionar sobre el sentido teológico de MUNERA
- Promover la Campaña en todas las jurisdicciones eclesiásticas.

Día de la Caridad (México)

- Despertar la conciencia de que la fe debe expresarse en obras concretas de justicia y caridad.
- incrementar el fondo nacional de emergencias y de ayuda comunitaria para promover proyectos de asistencia social y promoción integral.

Campaña de Cuaresma (Paraguay)

- Evangelización: un medio para la conversión y concientización acerca de la implicación de la fe ante la realidad social.
- La participación cristiana de bienes como signo de auténtica caridad y solidaridad cristiana sobre todo con los más necesitados.
- Reflexión y catequesis sobre temas específicos para esclarecer las implicaciones sociales de la fe.

Compartir (Venezuela)

- Contribuir a la misión evangelizadora de la Iglesia Venezolana, particularmente en lo relativo a la opción preferencial por los pobres y a la comunicación cristiana de bienes.

7. Descripción de la Campaña.

Más por Menos

- Convocatoria a la Campaña por el Obispo Presidente mediante carta personal a los Obispos.
- Carta del Obispo presidente a 6.000 direcciones (parroquias, colegios, instituciones)
- Envío a los Obispos y a las 6.000 direcciones del informe contable de recaudaciones y distribución de la colecta.
- Afiche de la Campaña. (Se envían 10 ejemplares a cada dirección).
- El afiche oficial se publica en los principales diarios y revistas del país.

— Sobres para la colecta en templos, comercios, instituciones.
— Petición a las principales firmas industriales, comerciales y bancarias.

Campaña de Caritas Argentina

— Circular de la Comisión Central a los párrocos, rectores de templos y colegios religiosos (5.000 destinatarios) convocándolos a la Campaña.
— La Comisión Central realiza una reducida campaña en los Mass Media.
— La propaganda es realizada por cada Caritas diocesana y parroquial.
— Predicación durante la semana anterior a la colecta.
— Información, en los medios de comunicación local de los resultados de la colecta y de las obras realizadas.

Solidaridad

Divide la Campaña en tres etapas:

1) *Investigación:*

Los Comités diocesanos realizan reuniones para conocer las necesidades y las iniciativas.

2) *Concientización y Evangelización*

- Apertura de la Campaña utilizando los Mass Media.
- Determinación y presentación del gesto solidario.
- Apoyo con actos litúrgicos.
- Preparación y distribución de material: tarjetas, sobres, afiches, alcancías.
- Solicitud a entidades públicas y privadas.

3) *Evaluación*

Evaluación; agradecimiento; entrega de aportes de acuerdo a los objetivos; información por los medios de comunicación.

Campaña de Fraternidad

— Utilización de todos los medios posibles: Medios de Comunicación Social, Seminarios, liturgia, reuniones, presentación de proyectos de promoción humana.
— En el transcurso de año se retoma el tema de la Campaña en los tiempos fuertes especiales: mes de misiones, mes de la Biblia, novena de Navidad.
— Divulgación de materiales propios.

Comunicación Cristiana de Bienes

— El Secretariado Nacional publica un libro, con los contenidos doctrinales.
— Selección del lema.
— Apoyos publicitarios, especialmente: comercial de TV, afiches, almanaques, cuña radial.
— Día de la colecta: 5to. viernes de Cuaresma. En algunas diócesis el 5to. domingo de Cuaresma o el Jueves Santo.
— Equipos Parroquiales: equipo responsable de la concientización, la organización de las asambleas familiares y la Liturgia; equipo responsable de la promoción y publicidad; equipo de financiación.

Semana de la Caridad (Costa Rica)

— Comunicado de la Conferencia Episcopal y del Obispo Presidente de Caritas a todas las parroquias.
— Predicación durante un mes.
— Envío a las parroquias del material publicitario.
— Utilización de los MCS.

MUNERA

— *Oficina Nacional*

Preparación de material publicitario; visitas de promoción y coordinación a las Jurisdicciones Eclesiásticas; campaña por TV; estudio de Proyectos.

— *Oficina Diocesana*

Organización de voluntarios; distribución de propaganda; colecta; realización de proyectos diocesanos.

Semana de la Caridad (Honduras)

- El Equipo Nacional integrado por los delegados diocesanos planifica, coordina y evalúa la Campaña.
- Cada Diócesis elabora el Programa diocesano; igual en cada Parroquia.
- La Oficina Nacional elabora el material publicitario y lo envía a las Diócesis. Uso de los MCS.
- Un Equipo Concientizador Nacional realiza encuentros con grupos.
- Los Obispos publican exhortaciones pastorales.

Día de la Caridad

Planificación: Comisión Episcopal de Pastoral Social y CEPS

Planeación General: Lema, promoción, materiales, difusión, recursos.

Promoción: Con intervención de Obispos, promotores de pastoral social, movimientos de Apostolado, escuelas católicas, seminarios, etc. La promoción la hace cada Diócesis.

Difusión: MCS: radio, TV, prensa. Colaboración de la Prensa Católica.

Campaña de Cuaresma

- El Equipo Nacional, en base a sugerencias y necesidades de las Diócesis elabora el material publicitario que entrega a cada equipo diocesano.
- El Equipo Diocesano es el ejecutor de la Campaña.
- Elementos comunes para todas las Diócesis son: El folleto de apoyo litúrgico: guías para la reflexión, guiones para las misas, Via Crucis, Rosario.

- Guiones para radio, spot para TV, sobres para las colectas, alcancías para la colecta.

Compartir

Se orienta nacionalmente, con el apoyo de material escrito, afiches, trípticos, guiones litúrgicos, cartas pastorales, programas de radio y TV, artículos de prensa, hojas dominicales.

Movilización de la comunidad eclesial para expresar en tareas concretas los objetivos de la Campaña (celebraciones, jornadas de reflexión, iniciativas de ayuno, solidaridad, promoción humana, colectas).

Distribución de ayudas.

8. Tiempo en el que se realiza.

Argentina	(Más por Menos)	2do. domingo de Septiembre
Argentina	(Caritas)	1er. domingo de Junio.
Bolivia (2)		
Brasil		CUARESMA
Colombia		CUARESMA
Costa Rica (2)		
Ecuador		CUARESMA
Honduras		Primera Semana de Julio
México (1)		CUARESMA
Paraguay		CUARESMA
Venezuela		CUARESMA
Chile		CUARESMA

(1) **La Campaña se inicia el Miércoles de Ceniza y finaliza el 5to. Domingo de cuaresma, declarado día de la Caridad.**

(2) **No hay datos sobre el tiempo de realización.**

9. Distribución de la Colecta:

Campaña	Ayuda al Exterior	Nacional	Regional	Diócesis	Parroquial
Más por Menos (1)				100o/o	
Caritas Argentina		33.3o/o		33.3o/o	33.3o/o
Solidaridad (2)		20 o/o		50 o/o	30 o/o
Campanha da Fraternidade (3)		10 o/o	10 o/o	35 o/o	45 o/o
Com. Cristiana de Bienes (4)		20 o/o		80 o/o	
Semana Caridad (Costa Rica)				100 o/o	
MUNERA (5)		30 o/o		70 o/o	
Semana Caridad (Honduras)		33.3o/o		33.3o/o	33.3o/o
Día de la Caridad	10 o/o	30 o/o		30 o/o	30 o/o
Campaña de Cuaresma				50 o/o	50 o/o
Compartir				100 o/o	

(1) Se seleccionan 14 Diócesis: el
- 40 o/o en favor de 4 Diócesis
- 35 o/o en favor de 5 Diócesis
- 25 o/o en favor de 5 Diócesis

(2) El 20 o/o nacional de distribuye así:
- 5 o/o gastos de la Campaña
- 15 o/o para el Fondo Boliviano de Comunicación y Participación.

(3) El 10 o/o Nacional para financiar la siguiente Campaña.

(4) El 20 o/o Nacional para el Fondo Nacional de Emergencias.

(5) El 30 o/o Nacional se distribuye así:
- 5 o/o para proyectos nacionales
- 5 o/o Fondo Nacional de Emergencias
- 20o/o Financiación de la Campaña siguiente.

10. Evaluación

10.1 Resultados Obtenidos:

CAMPAÑA	CONCIENTIZACION			COLECTA		
	Bueno	Regular	Deficiente	Bueno	Regular	Deficiente
Más por Menos		X			X	
Caritas Argentina			X			X
Solidaridad	X					X
Campanha da Fraternidade	X			X		
Comunicación Cristiana de Bienes	X			X		
Semana de la Caridad (Costa Rica)		X			X	
MUNERA	X				X	
Semana de la Caridad (Honduras)	X			X		
Día de la Caridad		X				X
Campaña de Cuaresma	X			X		
Compartir		X				X

10.2 Dificultades encontradas:

A) Dificultades comunes a algunas Campañas

a) Escasa toma de conciencia del clero y agentes de pastoral, particularmente de los párrocos, sobre las virtualidades de la Campaña a la que se toma aún como una colecta más. Se nota, eso sí, un cambio paulatino en este sector, a favor de la Campaña. (Colombia, Costa Rica, Honduras, Paraguay, Venezuela).

b) Falta de sensibilidad social, en los que tienen más, falta de solidaridad. (Argentina, Bolivia, México).

c) Escasez de recursos humanos capaces, responsables y bien formados sobre todo en algunas Diósesis (Bolivia, Honduras, México, Paraguay), de un equipo nacional que haga el seguimiento de la Campaña y de estructuras de Pastoral Social diocesanas interlocutoras de la Nación (Venezuela)

Cuando este equipo está formado sólo por voluntarios se dificulta la continuidad de objetivos y programas (Bolivia).

d) Escasos recursos financieros (Bolivia, Venezuela), crisis económica del país y alto costo de los MCS (Honduras) lo que conlleva a una excesiva dependencia de la ayuda exterior (Bolivia).

e) Dificultades de comunicación (Bolivia) agravada por la gran extensión del país (Brasil).

f) Individualismo diocesano (México) que hace difícil el compartir la colecta entre todas las jurisdicciones eclesiásticas, algunas de las cuales no participan en la Campaña (Ecuador). Esto es causa de la poca coordinación entre el Plan Nacional del Episcopado y el de la Campaña (Venezuela).

B) Algunas dificultades particulares

Caritas Argentina:

Falta de conciencia en los católicos de su obligación de sostener las estructuras y programas de Pastoral Social.

Campanha da Fraternidade:

La rutina, luego de 20 años de Campaña

Comunicación Cristiana de Bienes:

Cercanía de la Campaña a la Semana Vocacional.

MUNERA:

Dificultad de unir una colecta a un proceso evangelizador.

Día de la Caridad:

Dificultad de elaborar material publicitario para un receptor tan heterogéneo como es el pueblo mexicano.

Compartir:

Ambivalencia entre la responsabilidad diocesana para la ejecución y la responsabilidad nacional para la orientación.

Limitada repercusión de la Campaña más allá de la Iglesia Católica.

11. Financiación de la Campaña.

CAMPAÑA	FUENTES DE FINANCIACION					
	Porcentaje de la Colecta	Donaciones Nacionales Especiales	Institución Ejecutiva	Venta del Material Public.	Voluntarios	Ayuda del Exterior
Más por Menos	X					
Caritas Argentina		X				
Solidaridad (1)	X					X
Campanha da						

	Porcentaje de la Colecta	Donaciones Nacionales Especiales	Institución Ejecutiva	Venta del Material Public.	Voluntarios	Ayuda del Exterior
Fraternidade (2)	X					
Com. Cristiana de Bienes	X		X			
Semana de la Caridad (Costa Rica)			X			
MUNERA (4)	X					
Semana de la Caridad (Honduras)	X				X	X
Día de la Caridad	X					
Campaña de Cuaresma (5)	X					
Compartir (6)		X	X	X	X	X

(1) 80 o/o ayuda del Exterior.
(2) 10 o/o de la Colecta.
(3) Costos Directos: la colecta; costos indirectos: el Secretariado Nacional de Pastoral Social
(4) 5 o/o de la colecta.
(5) 5 o/o de la colecta.
(6) Ayuda del exterior por vía excepcional.

12. Algunos materiales de interés

Más por Menos Caritas Argentina	Boletines Informe sobre la Campaña "Regreso con Esperanza"
Campanha da Fraternidade	Los manuales que cada año publica la Campaña. Contienen un rico y variado material. Disco para la Misa de la Campaña (anual).
Comunicación Cristiana de Bienes	Tres libros de contenido teológico: - Hacia una Teología de la Comunicación Cristiana de Bienes. - Compartir con Alegría.
MUNERA Semana de la Caridad (Honduras)	- Gracias. Almanaques (cada año). Via Crucis (Cada año)
Cuaresma de Fraternidad Día de la Caridad	Banderines. Alcancías de cartón. - Guía para grupos de reflexión - Guía para Sacerdotes - Disco: Amo al Compartir.
Promoción Arquidiocesana	Libro "Hacia una familia Renovada" de Monseñor Marcos McGrath.
Campaña de Cuaresma	Libro "Abre las puertas a tu Hermano" (Esquemas para reuniones y liturgias). Informe 1984 Casettes: Campaña de Cuaresma.
Compartir	Folleto "Compartir es darse" (Guiones litúrgicos).

13. Algunos lemas:

Demos más para que otros sufran menos.

Toma mi mano hermano.

Ayúdelos a regresar con esperanza.

Compartir con Alegría.

Gracias porque tuve hambre y me diste de comer.

Siembra justicia y paz compartiendo tu pan.

Vive sencillamente para que otros puedan sencillamente vivir.

Promotores de un mundo nuevo.

Signo de amor cristiano.

Amo al compartir lo que soy, lo que sé, lo que tengo.

La Iglesia eres Tú.

Abre las puertas a tu hermano.

Compartir es darse.

Editado por el Secretariado Nacional de Pastoral Social de Colombia
Apartado 12309
Bogotá – Colombia

1º ENCONTRO DE AGENTES DE PASTORAL NEGROS
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

" O NEGRO E O REINO DE DEUS "

D. Vital,
CARCS VIGÁRIOS e
RELIGIOSAS,

Acreditamos ser de vosso conhecimento que o trabalho iniciado com a CAMPANHA DA FRATERNIDADE 88 está sendo levado adiante em nossa Diocese.

Tivemos como primeiro passo o encontro de abertura da CF88 realizado em 12/12/87, onde sentimos apoio e interesse de todos.

Após a caminhada durante a QUARESMA, alguns "agente de pastoral" que haviam se dedicado à realização desta, sentimos a necessidade de continuarmos discutindo o assunto e partilhando nossas experiências ' de vida.

Nosso grupo é misto, e tem-nos feito sentir-nos cada vez mais fortes e consciêntes de nossa "dignidade de pessoa".

Como resultado de nossa empolgação, surge a ORGANIZAÇÃO DO 1º ENCONTRO DIOCESANO DE AGENTES DE PASTORAL NEGROS, grande passo para o de uma longa caminhada, será durante os dias 25, 26 e 27 de novembro.

Lá, refletiremos os aspéctos Histórico, Teológico e o compromisso com o Reino de Deus.

Nosso objetivo é levar o NEGRO a ASSUMIR a sua Negritude e se engajar, pra valer, na construção da nova sociedade.

*Contamos com seu apoio e participação e também divulgação.

**Enviamos anexo ficha de inscrição, gostariamos de tê-la de volta até o dia 18 de novembro, ou quem sabe durante a Assembléia Diocesana.

O encontro é"aberto" a todos. Temos cansciência da dificuldade econômica para os participantes e em muitos casos, da caixa paroquial, por isto queremos frisar que "dinheiro" não deve ser impecílio para participarem.

O lema é:

Negro, na sua resistência a luta de Cristo continua!

Berê
Coordenação.

I. Encontro de Bispos e Padres

Negros - São Paulo - 1989.

I. Encontro de Bispos e Padres.

Negros. - 1989

I Encontro de Bispos e Padres Negros - 1989 - São Paulo - 3 a 6/04

DOCUMENTO FINAL DO I ENCONTRO DE PADRES E BISPOS NEGROS DO BRASIL

I - Introdução

Reunidos em São Paulo, de 03 a 06 de abril de 1989, nós, padres provinientes de 31 localidades do Brasil, contando com a presença de bispos negros, refletimos, à luz da justiça do Reino de Deus, sobre a nossa situação de padres e bispos negros, ontem, hoje e "amanhã", na Igreja e na sociedade brasileira.

A equipe organizadora havia programado o encontro prevendo a participação de 30 padres. A presença de 46 ultrapassou, em muito a expectativa, o que mostra a importância e necessidade de momentos específicos em nossa caminhada.

II - Objetivos, esperanças e preocupações

Marcado por momentos fortes e ricos de celebrações, os participantes definiram os OBJETIVOS, ESPERANÇAS E PREOCUPAÇOES desta/ articulação, que está se iniciando. Elencamos abaixo algumas:

01. As CEB's são, em sua maioria, compostas por membros da comunidade negra. A Igreja do Brasil precisa dar um passo adiante: além da evangelização e junto com a conscientização política, social, etc, deve ela iniciar um trabalho / de aprofundamento de consciência étnica, junto ao povo da base, pois ainda, no Brasil, de cada 100 negros, 70 tem vergonha de assumirem como negros.

02. Percebemos, com preocupação, que entre os marginalizados/ pela estrutura de nossa sociedade (sem-terra, crianças abandonadas, população de rua, favelados, prostitutas, sub-empregados, população carcerária, mulheres vítimas do machismo, etc) a maioria provém do povo negro. Urge uma atitude profética, por parte dos padres e bispos negros, envolvendo a Igreja, integrada com todos os segmentos organoizados do movimento negro e do movimento popular, no / sentido de criarmos instrumentos para transformar esta situação.

03. A Igreja do Brasil que, historicamente, se colocou mais / na CASA GRANDE do que na SENZALA , que abençoou os ENGENHOS e amaldiçoou os QUILOMBOS, deve penitenciar-se diante da comunidade negra. Nós, padres e bispos negros, apesar deste violento passado histórico de nossa Igreja, acreditamos em todos os seus pequenos gestos concretos de

reconciliação, que aparecem aqui e acolá, e alertamos a CNBB, as dioceses e paróquias para que revejam o seu compromisso evangélico de continuarem assumindo e apoiando/ a questão do negro, pois este assunto não pode limitar -se aos 40 dias de uma Campanha da Fraternidade.

04. Nós, sacerdotes negros, que trazemos para dentro do clero europeu, que atua no Brasil, o rosto do povo empobrecido e explorado por uma sociedade mal evangelizada, percebemos que o modelo de padre apresentado nestes 480 anos precisa ser revisto, pois este modelo gera no povo uma inconsciente, ou consciente, discriminação na medida/ em que o padre chega e começa a atuar nas comunidades.

05. É crescente o número de vocações negras na Igreja do Brasil. Estamos preocupados porque os seminários e congregações religiosas têm uma estrutura demasiadamente européia. De fato, isto tem provocado um alto índice de desistência dos formandos negros. a estrutura que está aí acolhe com facilidade os jovens negros que assimilaram a ideologia do embranquecimento mas dificulta a continuação do formando negro que desenvolveu um processo de / consciência negra. Está na hora da Igreja do Brasil abrir-se para experiências alternativas de formação.

06. Uma nova liturgia está nascendo da vivência celebrativa/ do povo negro conscientizado. Temos certeza de que ela irá enriquecer o conjunto da vida litúrgica da Igreja do Brasil. Eis porque, assim como existem mais de 6 ritos / litúrgicos adequados a culturas determinadas (ítalo-albanês, ucraniano, etc) esperamos ter de maneira oficial,nova opção litúrgica no Brasil: o rito católico afro-brasileiro.

07. Percebemos que pessoas pouco conscientizadas, com limitada visão das estruturas sociológicas, psicológicas e políticas, olham para o nosso encontro de padres e bispos/ negros e nos acusam de racismo ao contrário. Falar isto/ é dizer que a situação como está é harmônica, normal e boa. Nós perguntamos: boa para quem? A custo de que? Rejeitamos, enquanto padres e bispos negros, esta falsa/ harmonia da sociedade, fruto de um amordaçamento, e conclamamos a todos os negros e brancos, que tem senso de / justiça, para lutarmos por uma nova relação que seja de participação e partilha.

08. Apesar do texto-base da C.F./88 sobre o negro orientar a

todos os cristãos a sairem de uma posição de condenação/ das religiões afro e passar para uma posição de reconhecimento e respeito ao direito de existir - enquanto religião - direito reconhecido até na antiga constituição , persiste em vários lugares do Brasil, por parte de padres, leigos e bispos uma posição preconceituosa e racista. Sugerimos que todos os documentos e rituais litúrgicos da Igreja, atualmente em vigor, e que se referem / às religiões afro, de maneira preconceituosa, sejam revistos. O mesmo direito que nós católicos temos de existir enquanto religião, tem também os nossos irmãos que professam a fé em OLORUM como DEUS TODO PODEROSO e nos / ORIXÁS como suas energias intermediárias.

09. Constatamos, com alegria, que a maioria dos padres negros, participantes do encontro estão atuando por opção/ nas periferias onde foi encurralado o nosso povo negro . O que vem corresponder às nossas expectativas de um trabalho popular.

10. A partir dos depoimentos feitos no encontro, há uma preocupação relativa às constantes transferências de padres/ negros, devido ao seu posicionamento em favor da causa / negra. Aos nossos irmãos bispos e superiores religiosos, solicitamos que "desarmem" seus "espíritos" e se deixem/ interrogar por estas questões.

11. Vocacionados ao Reino de Deus, nós nos preocupamos com o número reduzido de padres e bispos negros, em relação/ ao grande número de fiéis de origem negra. Chamamos atenção para o fato de que, enquanto nos E.U.A. há 720 padres e 11 bispos negros, para o número de 2 milhões de católicos negros, no Brasil, somos apenas 7 bispos e 200 padres negros para uma população negra católica de aproximadamente 40 milhões. É importante repensar o nosso modo de ser Igreja.

III - Conclusão

Acreditamos que nós, padres e bispos negros, estamos impulsionados pelo Espírito de Deus. Este Espírito reforça em nós a dimensão profética e o compromisso com o povo que nos deu origem A semente de um mundo novo está germinando! Os "quilombos de libertação" estão sendo recuperados e vivenciados! Todos os que desejam comprometer-se com o "QUILOMBO-PÁSCOA" sejam bem-vindos a esta construção porque todo passo dado pelo negro rumo à liberta

ção benificiará toda humanidade. Os empobrecidos negros, liber - tando-se, libertam os opressores desta terra.

MODJUMBÁ AXÉ!

(Aquele que é minha força o abençoe!)

* O próximo encontro acontecerá em ABRIL/90 em São Paulo.
Para contatos telefonar:

. Pe. Ailton - (032) 721-3608
. Pe. Alfredo - (031) 441-0233
. Fr. David - (021) 756-0804
. Pe. Luiz Fernando - (011) 92-8309

Endereço provisório: Pça. Getúlio Vargas, 1
Igreja Matriz
25.520 - S.João de Merity - RJ

CEDIM

CATÁLOGO DE ENTIDADES DE MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

CEDIM

Comunicações do ISER, 29, 1988

Comunicações do ISER, 29, 1988
ISSN 0102-3055

Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil

precedido de

Um perfil das entidades dedicadas à questão do negro no Brasil

DIOCESE DE
Biblioteca
ITAGUAÍ

Por: Caetana Damasceno, Micenio Santos e Sonia Giacomini
Programa Religião e Negritude Brasileira
Instituto de Estudos da Religião - ISER

Comunicações do ISER

Comissão Editorial: Rubem César Fernandes (coordenador)
Pedro A. Ribeiro de Oliveira
Waldo Cesar
Pedro Celso Uchôa Cavalcanti
Caetana Damasceno
Sonia Giacomini
Secretário de Redação: Flávio Lenz
Revisão: Flávio Lenz e Jorge Moutinho Lima
Programação Visual: Cecília Leal de Oliveira e Eduardo Chor
Capa: Eduardo Chor
Composição: Marisa Silva Lima – CCF/Stage Propaganda Ltda.
Distribuição: Henry Decoster (ISER)

ISER
Largo do Machado, 21 – cobertura
Cep: 22231 Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (021) 265-5747

Apresentação

A idéia de organizar um catálogo de grupos que atuam no Brasil visando o combate ao racismo e à discriminação racial surgiu em 1986. Não partimos do zero: com efeito, já existiam algumas listagens, que constituíram um ponto de partida imprescindível para a organização e publicação deste catálogo.* Foi pelo exame e checagem delas, pela sua reorganização e reatualização, que foi possível dimensionar o universo desses grupos.**

A partir dessa base, o Programa Religião e Negritude Brasileira, do ISER, organizador do Catálogo, trabalhou arduamente durante os anos de 1986 e 1987 para reunir o maior número possível de grupos, de forma a facilitar o contato entre eles e a organização dos mais diversos eventos neste ano do centenário da Abolição. Um questionário detalhado, distribuído a todas as entidades das primeiras listagens, resultou ainda em novas indicações de grupos, que foram incluídos no Catálogo. No caso, o critério foi o de incluir todo e qualquer grupo a partir da indicação daqueles que já faziam parte das listagens iniciais.

Uma pesquisa informal posterior aumentou ainda em cerca de 50 por cento o total de entidades até então obtido (363). Assim, o Catálogo que ora apresentamos contém 573 grupos. Mesmo considerando este elevado total, vale lembrar que, como em outros trabalhos dessa natureza, o resultado deste também é provisório. Entidades novas têm surgido com freqüência, outras desaparecido, e ainda outras mudado de endereço. Por isso, serão muito bem-vindas indicações de grupos que, por motivos estranhos a nossa vontade, ainda não foram incluídos, bem como, se for o caso, atualizações de endereços e de nomes dos responsáveis das entidades já relacionadas.

Agradecemos, por fim, a todos aqueles que, das formas as mais diversas, nos ajudaram nessa tarefa.

Programa Religião e Negritude Brasileira – Instituto de Estudos da Religião (ISER) março de 1988

**Agradecemos, em especial, ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Conjunto Universitário Cândido Mendes (RJ), Grupo União e Consciência Negra de Duque de Caxias (RJ), Agentes de Pastoral Negros – Quilombo Central (SP) e Instituto de Pesquisas das Culturas Negras – IPCN (RJ), que nos forneceram as listagens-base das quais partimos.*

***Para uma análise e perfil dessas entidades, ver "Um perfil das entidades dedicadas à questão do negro no Brasil", neste número de* **Comunicações do ISER.**

Perfil

Este trabalho é um perfil das entidades que atuam no Brasil, através de inserções e maneiras as mais diversas, contra a discriminação e o preconceito racial contra o negro.

O perfil é composto de duas partes. Na primeira, o material analisado é a Relação de Entidades/Grupos Atuando no Brasil no Combate ao Racismo, organizada pelo Programa Religião e Negritude Brasileira – Instituto de Estudos da Religião (ISER).[1] Procedeu-se às análises dos nomes das entidades e da distribuição por estado que elas apresentam. Na segunda parte, o perfil é complementado através de informações obtidas por questionários[2] (ver Anexo I) enviados a todos mas respondidos apenas por uma parcela (10%) dos grupos que compõem a Relação. Nessa parte são examinadas as atividades, as vinculações e o campo de atuação das entidades.

O conjunto de entidades reunido na Relação e aqui analisado merece algumas observações, inclusive porque, como veremos, são várias as questões teóricas e metodológicas que justificam o caráter não conclusivo e de mapeamento deste perfil.

Não partimos de uma demarcação *a priori* de limites para a inclusão ou exclusão de grupos, ou de uma teorização sobre o que é movimento negro. É justamente por essas razões que seria inoportuno, por exemplo, denominar o conjunto de grupos obtido na Relação de "movimento negro", dadas as possíveis significações do termo, ainda que a totalidade de entidades se ocupe da questão do racismo e da discriminação.

Os critérios de inclusão ou exclusão de grupos da Relação, isto é, de *pertencimento* ou não a esse universo, foram aqueles utilizados pelas próprias organizações ao fornecer as suas listagens. Por isso, na Relação encontram-se lado a lado grupos que, sob vários pontos de vista, guardam entre si enormes distâncias, como um "Grêmio Recreativo Escola de Samba", um "Instituto" de pesquisa autônomo e um "Conselho" diretamente vinculado ao Estado. Não são menores as diferenças se pensarmos em um "Terreiro", um "Ilê", ou ainda um "Grupo" com forte marca católica. Há, no entanto, além das distâncias, seguramente muitas aproximações que vão além daquelas subjacentes ao critério por nós estabelecido: indicação de toda e qualquer

forma de organização que se dedica/atua das mais variadas formas à/com a "questão do negro". Esse necessário exercício de análise das aproximações e distanciamento, ou seja, um exercício de classificação, fica, no entanto, por ser feito.

Tivemos três boas razões para considerá-lo prematuro. Em primeiro lugar, estaríamos nos arriscando a construir arbitrariamente categorias que deixariam de fora muitos dos que se autodenominam "movimento negro", e incluiríamos outros que, por certo, não se reconhecem como tal. Em segundo lugar, também seria arbitrária uma inclusão ou exclusão construída no campo do conceito que não levasse em conta, com segurança, a própria área de luta política e os seus espaços de competição em termos raciais. Finalmente, mas não menos relevante, encontram-se dificuldades em delimitar o campo do "movimento negro" enquanto movimento social e político sem antes enfrentar os problemas teóricos e práticos colocados pela complexa *condição da cor* na sociedade brasileira.

Mesmo levando em conta essas dificuldades, não abrimos mão da idéia de desenhar um esboço dos grupos que trabalham numa perspectiva de combate ao racismo no Brasil.

Vale lembrar, por fim, que o questionário procurou contemplar sobretudo a diversidade do universo de entidades de movimento negro, tal como se nos apresentou na Relação, priorizando as seguintes informações: identificação; campo de atuação; vinculação; atividades. E que a mostra obtida, ainda que aleatória (porque baseada *tão-somente* nos questionários respondidos) e pequena, tem o mérito de ser bastante diversificada e representativa, o que nos permitiu arriscar uma análise qualitativa. (Cf. distorções, Quadro I, relação *versus* amostra.)

I – Análise da Relação

1 – Os nomes

Analisando os nomes das entidades que compõem a Relação, percebe-se que dois terços das primeiras palavras que aparecem neles referem-se prioritariamente à forma de organização. Os termos mais recorrentes são, por ordem decrescente: "Grupo", "Movimento", "Sociedade" e "Associação".[3]

"Grupo", o termo mais encontrado na lista, indica uma valorização das relações informais. Em relação a "Grupo", a denominação "Sociedade" apresenta um sentido mais tradicional e institucionalizante. Pode-se também indagar se "Sociedade" não remete igualmente à história do negro, reatualizando, de certa forma, as antigas Sociedades Antiescravagistas da época da Abolição.

O termo "Grupo" indica uma tendência de definição "não institucional". No "Grupo" os limites são fluidos, prevendo-se uma rotatividade normal de seus membros. Nesse sentido, "Grupo" apresenta contornos conjunturais, constituindo-se das pessoas que nele se encontram no momento. A entrada e saída de um "Grupo" são pouco marcadas por regras explícitas. Todos esses aspectos apontam para a valorização de relações do tipo informal ou pouco institucionalizadas.

Quadro I

ENTIDADES NEGRAS – POR ESTADO

	A RELAÇÃO	%	B AMOSTRA CONSEGUIDA	%
Alagoas	3	0,87	–	–
Amazonas	1	0,29	–	–
Bahia	27	7,89	2	5,55
Ceará	3	0,87	1	2,77
Espírito Santo	3	0,87	–	–
Goiás	3	0,87	–	–
Maranhão	3	0,87	3	8,333
Mato Grosso do Sul	2	0,58	–	–
Minas Gerais	33	9,64	6	16,66
Pará	1	0,29	–	–
Paraíba	1	0,29	–	–
Paraná	3	0,87	1	2,77
Pernambuco	8	2,33	–	–
Piauí	1	0,29	–	–
R.G. Norte	1	0,29	–	–
R.G. Sul	8	2,33	–	–
Rio de Janeiro	76	22,22	14	38,88
Santa Catarina	18	5,26	2	5,55
São Paulo	138	40,05	6	16,66
Sergipe	5	1,46	1	2,77
Distrito Federal	5	1,46	–	–
TOTAL	343	100%	36	100%

[1]Esta Relação foi obtida durante os anos de 1986 e 1987 pela equipe do Programa, a partir de listagem própria e de listas fornecidas por entidades do movimento negro, e chegou a um total de 363 grupos. Posteriormente ela foi ampliada, vindo a constituir o Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil, publicado neste número de **Comunicações do ISER.**

[2]O questionário foi elaborado de forma a permitir a quantificação das informações em planilhas. Optamos por questionário com a maioria de questões de tipo "fechada", com o objetivo de facilitar as respostas. Esse caminho exigiu logo de início uma discussão aprofundada e opções por categorias consideradas relevantes para o universo em questão.
Agradecemos a assessoria para quantificação prestada por Rosana Heringer e Fátima Vianna Mello, do IBASE.

"Associação" sugere uma relação entre iguais e uma adesão voluntária e consciente, porém mais formalizada do que "Grupo", por exemplo. "Movimento" encontra-se em contraposição a estruturações mais estáveis, como por exemplo "Conselho" ou "Instituto", que também nomeiam alguns grupos de nossa listagem. O termo "Movimento", tal como "Grupo", pressupõe maior flexibilidade em relação a mudanças de conjunturas, diferenciando-se, portanto, de relações estruturais mais estáveis do tipo "Conselho" ou "Instituto".

De qualquer modo, há algo em comum entre essas quatro categorias organizacionais: trata-se de um movimento de extinção/esvaziamento/cissiparidade ou criação/reativação/incorporação de grupos.[4]

Ao passarmos à apreciação das segundas palavras dos nomes, encontramos um reforço de termos que se reportam à identidade racial: a palavra "cultura", a mais constante entre as segundas palavras, é seguida de perto por outra: "negro". Assim é que tanto "cultura" quanto "negro" confluem para um mesmo ponto: a identidade do grupo. Enquanto "negro" denota uma identificação racial, "cultura" se destaca como o elemento mediador dessa identificação.[5]

Em resumo, as primeiras palavras indicam prioritariamente a forma de organização, enfatizando relações estruturais informais; as segundas encontram-se centradas – através de símbolos culturais, históricos e religiosos – na identidade que se reivindica, pretende ou sugere ao grupo.

2 – Distribuição por estado

Passemos ao segundo aspecto que a relação permite visualizar: a forma como os grupos se distribuem pelo país.

Em um primeiro nível, destacamos que essas entidades estão presentes em praticamente todo o território nacional (em 20 dos 23 estados da Federação). Em um segundo nível, pode-se verificar que essa presença está longe de configurar uma distribuição homogênea. Com efeito, quatro estados reúnem 80% dos grupos negros do Brasil: São Paulo (40%), Rio de Janeiro (22%), Minas Gerais (10%) e Bahia (8%). (Ver Quadro I – Representação de entidades de movimento negro por estado.)

A concentração de grupos negros em São Paulo e Rio de Janeiro (66%) pode ser entendida por características próprias desses dois estados, em relação aos movimentos sociais em geral. Eles apresentam, em comparação aos outros estados brasileiros, tanto um maior espectro de movimentos sociais diferentes quanto uma maior intensidade de organização (sobretudo nas cidades).

Bahia e Minas Gerais (18%), por sua vez, contam com um componente populacional negro muito significativo. Esse fato demográfico, por si só, não tem caráter explicativo da existência de grande número de grupos negros. O fato é que a representação da Bahia, em âmbito nacional, como o centro da "negritude" no Brasil, encontra-se na verdade mais estreitamente ligada a características culturais e religiosas afro-brasileiras do que, simplesmente, a sua densidade populacional negra.[6]

A distribuição de grupos negros nos diferentes estados brasileiros revela, como foi visto, algumas concentrações importantes. Cabe salientar, entretanto, que um grande número de organizações e grupos num mesmo estado não indica, necessariamente, um movimento negro mais estruturado ou atuante. O inverso também pode ser verdadeiro: pode ser revelador de sua fraqueza ou esfacelamento. A densidade numérica das entidades deve ser, pois, sempre relativizada, levando-se em conta as características sócio-raciais de cada estado e suas variáveis culturais.[7]

II – Análise da amostragem

1 – Âmbito de atuação e localização do universo empírico

A nossa amostragem revela que os grupos atuam prioritariamente em nível *local* (em bairros de uma mesma cidade ou em um município). Há também um número significativo de grupos que exercem atividades em âmbito regional (envolvendo um centro urbano e sua periferia ou um conjunto de cidades próximas). Bem menos numerosos são aqueles que atuam nacionalmente. Entre eles destaque-se o Movimento Negro Unificado e o Grupo de União e Consciência Negra, ambos organizados, desde sua fundação, em núcleos espalhados por diversos estados da Federação.[8]

Uma característica comum da localização desses grupos – que apresentam espectros de atuação bastante diferenciados – é a concentração em capitais e suas periferias (72%).[9]

Percebemos desde logo que a grande incidência em capitais não se expressa somente quanto ao nível de localização, mas também quanto ao âmbito de atuação dos grupos. Entre aqueles situados nas

*[3] A análise dos nomes das entidades aqui apresentada inspirou-se no interessante trabalho de LANDIM, Leilah & FERNANDES, Rubem César, "Um perfil das ONGs no Brasil", **Comunicações do ISER, 22**, novembro 1986.*

[4] Com efeito, foram devolvidos pelo correio 10% do total de questionários, por erro ou mudança de endereço ou por extinção da organização. Por outro lado, não é incomum a inexistência de sedes próprias, o que obriga muitos grupos a fazer uso do recurso da Caixa Postal ou de endereços pessoais.

[5] Em termos de identidade, ser "negro", de acordo com os padrões brasileiros, se limita a características fenotípicas ou genotípicas, que não parecem constituir referencial suficiente para construção de identidade. A identificação do grupo encontra na "cultura", obviamente "negra", a passagem necessária para a identificação contrastante e positiva que se almeja.

[6] A esse respeito, é importante observar que os grupos de negros de vários estados, sobretudo aqueles com forte ênfase cultural e religiosa afro-brasileira, têm na Bahia uma referência obrigatória. Por outro lado, os grupos negros nos estados sulinos apontam em sua massiva colonização européia uma correlação populacional étnica desfavorável para um movimento negro vigoroso. Isso explica/justifica, segundo eles, uma dificuldade comparativamente maior do movimento negro, por exemplo, em Santa Catarina e no Paraná do que na Bahia.

[7] Uma comparação entre a distribuição dos grupos tendo como base a Relação e a amostragem obtida posteriormente revela algumas distorções que, contudo, não anulam esse perfil geral de distribuição (Quadro I). Por outro lado, lembramos ainda uma vez que o Catálogo que ora publicamos não foi reavaliado para fins comparativos deste perfil.

capitais, mais da metade atua exclusivamente nessas áreas. Em contrapartida, somente um terço deles tem atuação também fora delas.[10]

Entre os grupos sediados fora de capitais, somente um terço exerce atividades em outras localidades situadas também fora de capitais.

Destacamos, portanto, a característica marcadamente urbana dos grupos, concentrados prioritariamente em grandes cidades. Nesse sentido, é significativo que duas grandes metrópoles, São Paulo e Rio de Janeiro, reúnam a grande maioria das organizações de movimento negro.

2 – As vinculações

Durante a formulação do questionário tivemos a preocupação de, logo de início (ao estabelecer o campo das vinculações), demarcar dos demais aqueles grupos que não apresentariam nenhuma vinculação. A questão foi assim formulada.

"É vinculada a outra instituição (secular ou religiosa)?
(1) Sim
(2) Não, é independente"
(Ver Anexo I, bloco 2, questão 3)

A grande maioria dos grupos (dois terços) assinalou o item 2, a saber: a inexistência de vinculações com outras instituições e a independência do grupo.

É curioso observar, no entanto, que os mesmos grupos, nas questões subseqüentes, apontaram várias vinculações – e inclusive formais. Trata-se, sem dúvida, de uma contradição formal plena de significados. Ora, os grupos priorizam afirmar-se "independentes", ainda que na contingência de, na mesma questão, negarem vinculações dadas a conhecer logo em seguida. Ressaltamos de pronto, nessa opção, o valor fundamental constituído pela categoria independente.

Dos dois terços que se declararam "sem vinculação e independentes", efetivamente um número insignificante reafirmou a ausência de qualquer vínculo com outra instituição. Poderíamos *adendar* a este conjunto aqueles que assinalaram vinculação exclusivamente com "movimento negro", já que *movimento negro* não designa necessariamente uma instituição. Não é, portanto, contraditório que um grupo se veja como *independente* e mantenha vínculos com outras entidades de movimento negro. Ainda assim, o número de grupos *independentes* e efetivamente sem vinculações com instituições de qualquer tipo representa somente a metade daqueles que se declararam nessa situação.

Essa constatação, evidentemente, reforça a idéia de que ser *independente* é um valor para esses grupos. Além disso, atenta para os possíveis significados do termo "movimento negro": pode designar ora instituição, ora movimento social. Na realidade, pode-se supor que as entidades que se consideram *de* movimento negro não vêem essa ligação como vinculação a *outra* instituição.

Do mesmo modo, podemos considerar que "ser independente" num universo tão diversificado não exclui vinculações muitas vezes abertas e nítidas também com igrejas.

2.1. As vinculações religiosas

Do total de grupos, *mais da metade* (52,8%) apresenta algum tipo de vinculação religiosa (nesse conjunto, um terço não especificou a qual religião estaria ligado).

Em nível geral, os vínculos religiosos[11] se dão prioritariamente com religiões do chamado campo "afro-brasileiro" e com o campo católico.[12]

A maioria dos casos de vinculação religiosa apresenta a característica de não ser exclusiva. Assim é que, entre as entidades que apresentam vinculações religiosas dilaceradas, somente 38% apresentam uma única vinculação religiosa (15% com o Candomblé e 23% com a Igreja Católica). Em contraposição, destaca-se a recorrência de entradas religiosas múltiplas: 61% apresentam mais de um vínculo religioso.

Tomando-se os casos de vinculação múltipla, observamos que dois terços se dão com o chamado campo afro-brasileiro[13], e o restante com a Igreja Católica. Fica evidente, portanto, a importância relativa das religiões afro-brasileiras para o universo em questão; e, ainda, no interior desse campo religioso, fica evidenciada a primazia do Candomblé (tanto constitui o único vínculo em alguns casos como é recorrente em grande parte dos vínculos múltiplos).

Com efeito, as religiões afro-brasileiras e, em especial, as religiões de "nação" (Keto, Angola, Nagô, Jeje, Mina), têm uma significação especial no campo cultural, na medida em que, de modo geral, os grupos as tomam como religiões tradicionais dos negros cuja valorização/legitimação é associada àquela do negro brasileiro.

Levando em conta o grau variável de institucionalização das diferentes religiões na sociedade brasileira, observamos uma recorrência de ligações dos grupos de negros aos agrupamentos religiosos menos institucionalizados. Essa preferência, a nosso ver, se articula a uma característica anteriormente apontada, ou seja, ao valor *ser independente* que norteia esses grupos. Daí a preferência por vinculações com grupos religiosos/igrejas comparativamente menos institucionalizados.[14]

2.2. As vinculações institucionais

As vinculações não-religiosas (menos de um terço das vinculações) são significativamente menos numerosas que as religiosas.

A grande maioria das ligações com instituições se dá com universidades – geralmente centros de pesquisa afro-brasileira – e muito poucas com o Estado.[15]

Quanto às ligações com o Estado – é importante destacar –, elas se dão através de mediação de universidades, geralmente federais. O único caso de ligação com o Estado não mediada por universidade se verifica através de convênio com Secretaria e em função de uma atividade específica de ação social.[16]

Tomando-se as vinculações em geral (que incluem movimento negro), percebemos uma certa ordenação decrescente de incidência de ligações[17] com:

1º) Movimento Negro: 58%
2º) Religião(ões): 53%
3º) Universidade: 19%
4º) Estado: 8%

Esse conjunto pode ser lido através de um *continuum*, cujos extremos sinalizam, por um lado, um maior número de ligações com estruturas menos *formalizadas* e/ou oficializadas – movimento negro – e, de outro, um maior afastamento relativo do Estado.

Destaque-se, portanto, a recorrência – também nas vinculações institucionais em geral – daquilo que havíamos anteriormente observado em relação às vinculações especificamente religiosas: a preferência, intencional ou não, desses grupos por ligações com estruturas organizativas informais. Isso reitera, em outro nível, que a informalidade da organização interna dos grupos (*cf.* item I-1) se atualiza também nas vinculações por eles estabelecidas.

Cabe finalmente questionar se essa informalidade ou fraca institucionalização – erigida em valor pelos grupos – não estaria igualmente relacionada a contingências de um grupo social discriminado e alijado do poder.[18]

3 – As atividades e seus beneficiários

Tomando-se as atividades a partir da incidência de escolhas (múltiplas e não excludentes), pudemos agrupá-las da forma como aparecem no Quadro II.

O campo A – "Atividades de Formação e Propaganda" – concentra fortemente o trabalho dos grupos. Analisando as atividades classificadas nesse campo, percebe-se a ênfase em símbolos culturais negros (*cf.* Anexo III). "História do Negro", "Cultura Negra" (englobando todas as formas de expressão culturais e artísticas) e "Racismo/Discriminação"[19] são temáticas invariáveis tanto em relação à "Pesquisa" quanto em relação a "Curso" e "Debate/Seminário". Quanto às atividades "Artísticas / Culturais / Recreativas", elas não somente tematizam a "cultura negra" como constituem formas de exercício e transmissão de elementos associados a essa "cultura" (dança afro, música afro, capoeira, estética negra – penteado e moda negros).

As atividades de "Educação" ligadas ou não a redes formais de ensino objetivam criar uma consciência anti-racista (priorizando líderes de comunidades e professores) e, ao mesmo tempo, visam a uma valorização da "cultura negra". Os casos de vinculação a "Direitos Humanos" reafirmam o quadro geral de combate à discriminação através da luta pela cidadania do negro.

Comparando-se os campos de atividades A e B (Quadro II), pode-se notar que as atividades do campo A não somente remetem à especificidade do "negro" como, ao mesmo tempo, atuam sobre ela, enquanto que as atividades do campo B apresentam parâmetros referenciais de outra ordem. Com efeito, no campo da "Promoção Econômica", "Filantropia" e "Saúde" são designadas por beneficiárias as ditas "comunidades carentes", onde, ainda que a maioria seja negra, a referência constitutiva não é apenas de ordem racial[20], mas de ordem social: "da pobreza".

Quadro II

A – ATIVIDADES DE FORMAÇÃO E PROPAGANDA		
Debate/Seminário	31	13,5
Pesquisa	26	11,3
*Curso	21	9,1
Art./Cult./Rec.	28	12,1
Educação	27	11,8
Direitos Humanos	19	8,3
Assessoria	16	7,0
Total	168	73,1
B – ATIVIDADES ECONÔMICAS E ASSISTENCIAIS		
Promoção Econômica	8	3,5
Filantrópica	6	2,6
Saúde	5	2,2
Total	19	8,3
C – ATIVIDADES DE MÍDIA E COMUNICAÇÃO		
Audiovisual	9	3,9
Vídeo	4	1,7
Publicação	20	8,7
**Outras	9	3,9
Total	42	18,2
TOTAL	229	100,0

**De 21 entidades com cursos articulados às atividades políticas de formação e propaganda, somente uma apresentava curso de cunho profissionalizante.*
***Discos, material de divulgação, artigos para jornal, fotos.*

No conjunto das atividades representadas no campo A, destacam-se atuações concomitantes nos campos da cultura e da política. A forte tematização da "cultura negra" remete, sem dúvida, a uma política de valorização cultural do negro ligada à construção de uma identidade positiva. Nesse sentido, é através da "cultura" que os grupos procuram forjar uma identidade "negra", apresentando a "cultura", nesse caso, uma função essencialmente política.

Política e "cultura" encontram-se inextricavelmente associadas, por exemplo, nas atividades de formação de quadros. Os "Cursos", "Pesquisas" e "Debates/Seminários" almejam a formação/informação de militantes negros, inclusive a questão do exercício da cidadania. Alguns grupos desdobram essas atividades de formação: em nível interno – de "negros" para "negros"; e em nível externo ao grupo – de "negros" para "brancos".

As "Atividades de Mídia e Comunicação" (campo C) referem-se a meios de instrumentalização, prioritariamente ligados a atividades de formação e propaganda. Destaca-se entre elas o item "Publicação"[21], (ver Anexo II), que representa quase a metade de todas as atividades de "Mídia e Comunicação".[22]

O quadro geral de atividades revela, portanto, uma concentração de esforços na "formação de quadros" e na "propaganda". Essa priorização pode ser entendida como uma política de construção de identidade positiva do "negro" num contexto social dominado pela "ideologia da democracia racial" e, evidentemente, por seus pressupostos históricos, teóricos e ideológicos (ver no Anexo III, como remetem a eles os temas de "Cursos", "Pesquisas", "Debates e Seminários"). Ainda que não se pretenda entrar aqui na discussão da "ideologia da democracia racial" no Brasil, é necessário destacar ao menos um aspecto: trata-se da existência do "branqueamento", que é entendido em sentido muito amplo e que inclui um processo histórico e cultural de perda gradual de marcas étnicas e culturais negras em favor do "nacional" ou genuinamente "brasileiro". Ora, o que se pode perceber quanto às atividades e temáticas é que as entidades buscam realizar o movimento exatamente inverso: a afirmação e a reconstrução de valores culturais, sociais e históricos caracterizados especificamente como negros.

A questão da construção e afirmação de identidade negra constitui, portanto, o eixo que direciona política e ideologicamente as atividades. Esse eixo geral é o de combate e denúncia do racismo e da discriminação que passa pela valorização e vivificação de valores religiosos e culturais "negros" e pela revisão da história. Em resumo, identifica um campo de combate a fenômenos que não se encontram circunscritos ou delimitados local ou espacialmente, mas que têm como característica o fato de se atualizarem no conjunto do país e das relações sociais.

Algumas entidades chegaram a indicar que seu campo de atuação ideal seria aquele que pudesse abarcar toda e qualquer manifestação de racismo onde quer que ela ocorresse, ou seja, através de ação indiscriminada em todo o espaço social. Essa intenção generalizadora reaparece também em relação aos "beneficiários" das atividades. Com efeito, a grande

maioria das atividades não apresenta um destinatário localizado. A luta contra a discriminação racial tem por foco, evidentemente, mostrar a existência de uma "questão do negro" na sociedade em geral.

Essa concepção de luta ideológica e política elucida também o fato de existirem muito poucas atividades apresentando "beneficiários" no sentido usual do termo, isto é, beneficiários imediatos. Trata-se, sem dúvida, de uma intervenção de natureza diversa daquela que, por exemplo, se dirige a "populações carentes", visando exclusivamente a uma melhoria imediata de condições sócio-econômicas. Sem dúvida, a questão da pobreza não é absolutamente negligenciável para esses grupos. A luta contra o racismo e a discriminação, contudo, na visão dos próprios grupos, não se esgota na melhoria das condições de sobrevivência.

É importante remarcar que até aqui fizemos referências a atividades que apresentam um certo planejamento e alguma regularidade. Desse tipo também são atos públicos, manifestações de repúdio, comemorações realizadas anualmente, com datas fixas, como por exemplo o "13 de Maio",[23] o "Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de Novembro, Zumbi", a "Semana Afro-Catarinense", o "Ato contra o *Apartheid*". Entretanto, a grande maioria dos grupos dedica-se a uma série de atividades – de grande importância política – que raramente são planejadas com muita antecedência. São eventos, em geral, organizados em resposta a conjunturas específicas, como a "Convenção Nacional do Negro pela Constituinte" (1986), assim como a série de debates organizados por grupos em diversos estados. Esses últimos buscam comprometer candidatos negros de vários partidos com pautas reivindicativas do movimento.

Também numerosas são as entidades atuando junto a "Crianças de Rua", bem como buscando atingir aquelas internadas em estabelecimentos "de amparo ou bem-estar do menor" vinculados ao Estado, ou ainda, em menor escala, a população carcerária. Estas atividades não apresentam, entretanto, um caráter puramente "filantrópico" ou simplesmente de "promoção econômica". No modo de pensar dos grupos, visam antes a conscientização e a construção de instrumentos de reflexão e ação para o combate ao racismo e à discriminação.

---

[8] Convém remarcar aqui a flexibilidade das categorias organizacionais "movimento" e "grupo". Ao analisarmos estes dois termos na primeira parte deste perfil, insistimos na informalidade das relações que eles sugerem. Contudo, são exatamente as organizações que se constituíram como "Grupo" e "Movimento" aquelas que se organizaram nacionalmente desde o início.

[9] Essa mesma característica pode ser observada na relação.

[10] O termo "fora de capital" foi o melhor que pudemos encontrar a fim de evitar generalizações equivocadas que ocorrem, por exemplo, na utilização do termo "interior".

[11] Ver no Anexo I, bloco 2, item 5 a multiplicidade de entradas religiosas apresentadas no questionário.

[12] É importante destacar que inúmeros questionários – não incorporados à nossa amostra por questões de prazo – apontam vinculações de entidades com Igrejas Protestantes, entre elas a Igreja Metodista.

[13] É forçoso lembrar que normalmente o termo "afro-brasileiro" incorre numa generalização abusiva. Exclusivamente com o objetivo de demarcar campos religiosos em relação a vinculações dos grupos, e na falta de termo melhor, optou-se por utilizá-lo.

[14] No mesmo sentido pode ser pensada a resistência de muitos grupos em fornecer informações para esse perfil. Uma pesquisa dessa natureza, ainda que realizada por um instituto autônomo como o ISER, parece representar para esses grupos, se não uma ameaça de controle, pelo menos uma certa ingerência em sua "independência".

[15] No questionário elaborado constam, além das instituições mencionadas, também **Sindicato** *e* **Partido Político.** *Embora não tenha sido assinalada nenhuma vinculação desse tipo, podemos lembrar que, nos últimos anos, são comuns grupos negros de partidos políticos. Em relação a sindicatos, deve ser levada em conta a existência de uma mobilização em torno da questão do negro, que se materializa também, por exemplo, no "1º Encontro de Sindicalistas Negros" realizado em São Paulo, em 1986.*

[16] Trata-se de convênio com Secretaria de Trabalho e Ação Comunitária especificamente voltado à distribuição de leite a uma comunidade.

[17] Relembramos que o total excede a 100%, uma vez que as vinculações não são excludentes.

[18] Esse questionamento é tanto mais pertinente uma vez que, em várias ocasiões em que se apresentaram – a grupos ou militantes – oportunidades de participação em nível institucional ou governamental, inclusive por pressão do próprio movimento, houve uma certa adesão e ocupação de cargos públicos. Isso é comum, sobretudo após a Anistia (1979), quando pôde-se perceber a existência de certos grupos ou militantes situados nas franjas do poder do Estado. Ver, por exemplo: Fundação Pró-Memória, Conselho da Participação da Comunidade Negra, Projetos Educacionais viabilizados por Secretarias Municipais de Educação, como as do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

[19] As outras entradas convencionais são: "Mulher Negra", "Relações Raciais/Participação", "Movimento Negro/Participação Política", "África/Apartheid" e "Educação".

[20] Diferentemente dos EUA, no Brasil não existem bairros ou comunidades exclusivamente de negros. Isso, contudo, não significa que não existam locais com forte concentração de população negra, como as favelas, nem tampouco que não se possa identificar uma segregação espacial situando-se justamente naqueles locais que apresentam as piores condições de acesso a bens de consumo coletivo e de segurança.

[21] Em geral essas publicações não apresentam periodicidade regular, respondendo quase sempre a conjunturas específicas.

[22] Ressalte-se que, em comparação com as outras atividades desse campo, as publicações não somente requerem menor custo de produção como também não exigem grande especialização técnica, nem tampouco requerem a utilização de equipamentos muito caros.

[23] O Centenário da Abolição que se comemora esse ano promete um 13 de Maio e, provavelmente, também um 20 de Novembro particularmente significativos.

Anexo I – Questionário

CADASTRO

Observações sobre o preenchimento:

a – Assinale com um x apenas o(s) número(s) entre parênteses.
b – Não preencha os espaços em branco, situados à margem esquerda, que são reservados à computação.
c – Se for o caso, é possível assinalar mais de um item no mesmo campo.

BLOCO 1 – IDENTIFICAÇÃO

01 – Nome da Entidade:

02 – Sigla:

03 – Endereço: Bairro:

CEP: Cidade: Estado:

04 – / / / / DATA DE FUNDAÇÃO:

05 – Questionário respondido por:

BLOCO 2 – CAMPO DE ATUAÇÃO

01 – / / / Espaço(s) de atuação:
(1) Local
(2) Regional
(3) Nacional
(4) Internacional

02 – / / / Se o espaço de atuação é local, regional ou internacional, diga qual ou aonde:

03 – / / / É vinculada a outra instituição (secular ou religiosa)?
(1) Sim
(2) Não, é independente

04 – / / / Se tem vinculação(ões) religiosa(s), ela(s) é(são):
(1) Formal
(2) Informal

05 – / / / O(s) vínculo(s) religioso(s) é(são) com:
(01) Candomblé
Nação. Qual?
(02) Xangô
(03) Batuque Pará
(04) Candomblé de Caboclo
(05) Mina
(1) Mina Jeje
(2) Mina Nagô
(06) Umbanda
Linha:
(07) Omolocô
Traçado / Cruzado com:
(08) Igreja Católica
(1) Romana
Irmandade. Qual?
(2) Brasileira
(09) Protestante
Denominação:
(10) Ecumênica
(11) Oriental
Qual?
(12) Espírita
Qual?
(13) Muçulmana
Qual?
(14) Fanti-Achanti
(15) Jurema
(16) Tambor de Crioula
Outra, qual?

06 – / / / É ligada a:
/ / / (1) Estado
/ / / (2) Universidade
(3) Sindicato
(4) Partido Político
(5) Movimento Negro. Qual?

07 – / / / Se existe esta ligação, ela é:
(1) Formal
(2) Informal

BLOCO 3 – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

01 – / / / Assessora algum grupo?
(1) Sim
(2) Não

02 – / / / Possui publicações?
(1) Sim
(2) Não

03 – Se sim, diga o título e desde quando publica:
/ / / a.
/ / / b.

04 – / / / Qual a periodicidade das publicações?
/ / / a.
/ / / b.
/ / / c.

05 – / / / Produz audiovisuais?
(1) Sim
(2) Não

06 – / / / Se sim, especifique os temas:
/ / /
/ / /

07 – / / / Produz vídeo?
(1) Sim
(2) Não

08 – / / / Se sim, especifique os temas:
/ / /
/ / /

09 – / / / Desenvolve outras atividades de comunicação que não sejam publicação, audiovisual ou vídeo?
(1) Sim
(2) Não

10 – / / / Se sim, quais?
/ / /
/ / /

11 – / / / Tem atuação na área de direitos humanos?
(1) Sim
(2) Não

12 – / / / Se sim, especifique o tipo de atuação:

13 – / / / Desenvolve atividades na área de educação?
(1) Sim
(2) Não

14 – / / / Essas atividades estão ligadas à rede formal de ensino?
(1) Sim
(2) Não

15 – / / / Se são ligadas à rede formal de ensino, especifique as atividades:
/ / /
/ / /

16 – / / / Se não são ligadas à rede formal de ensino, indique qual é o espaço de atuação:
/ / /
/ / /

17 – / / / Desenvolve atividades que promovam direta ou indiretamente a melhoria das condições econômicas de grupos (exemplos: organização de hortas comunitárias, oficinas de artesanato etc.)?
(1) Sim
(2) Não

18 – / / / Se sim, especifique quais:
/ / /
/ / /

19 – / / / Desenvolve atividades filantrópicas?
(1) Sim
(2) Não

20 – / / / Se sim, especifique quais:
/ / /
/ / /

21 – / / / Desenvolve pesquisa?
(1) Sim
(2) Não

22 – / / / Se sim, o(s) tema(s) tratado(s) é(são):
/ / / (1) Escravidão
(2) Mulher negra
(3) Religião
(4) Racismo
(5) Trabalho
(6) Educação
(7) Movimento negro
(8) Cultura negra. Especifique a área:
Outro, qual:

23 – / / / Desenvolve atividade artística ou cultural de qualquer tipo?
(1) Sim
(2) Não

24 – / / / Se sim, quais?
/ / /
/ / /

25 – / / / Atua na área de saúde?
(1) Sim
(2) Não

26 – / / / Se sim, qual o tipo de atuação?

27 – / / / Promove cursos?
(1) Sim
(2) Não

28 – / / / Se sim, quais os temas de preferência?
/ / /
/ / /

29 – / / / Promove debates?
(1) Sim
(2) Não

30 – / / / Se sim, quais os temas de preferência?
/ / /
/ / /

31 – / / / Promove seminários?
(1) Sim
(2) Não

32 – / / / Se sim, quais os temas de preferência?
/ / /
/ / /

33 – / / / Se desenvolve outras atividades não especificadas aqui, diga quais:
/ / /
/ / /

BLOCO 4 – BENEFICIÁRIOS

01 – / / / Indique quais são os grupos beneficiários negros:
/ / /
/ / / (1) camponeses/trabalhadores rurais
(2) grupos religiosos
(3) crianças
(4) mulheres
(5) sindicatos
(6) trabalhadores urbanos – especifique a categoria:
(7) artistas
(8) profissionais liberais
(9) esportistas
(10) universitários
(11) associações de moradores
(12) universidades
outro – qual?

02 – / / / Beneficia algum grupo não negro?
(1) Sim
(2) Não

03 – / / / Se sim, quais?
/ / /
/ / /

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

01 – Poderia indicar outras instituições ou grupos que atuam contra a discriminação racial (nome, endereço, pessoa para contato) para constar desse cadastro? (Anexar, se necessário, listagem de grupos e instituições.)

02 – Indicar a(s) pessoa(s) responsável(eis) por contatos na sua entidade:

OBS.: Devolver esse questionário preenchido ao:
Instituto de Estudos da Religião – ISER
Largo do Machado, 21 – cobertura
22221 – Rio de Janeiro – RJ

Anexo II
LISTA DE PUBLICAÇÕES DE ENTIDADES DE MOVIMENTO NEGRO

PUBLICAÇÃO	NOME DO GRUPO	CIDADE	PERIODICIDADE	1º NÚMERO OU EDIÇÃO
– *Jornal Elemi*	Grupo Cultural "Os Negões"	Salvador	trimestral	set/85
– *Escravidão Hoje (cartilha)* – *Cultura Negra (cartilha)* – *Escravidão e conscientização do negro (cartilha)* – *Racismo no Mercado de Trabalho (cartilha)*	Grupo de União e Consciência Negra – Fortaleza	Fortaleza	– – –	1985
– *As Leis Abolicionistas (cartilha)* – *A História do Negro (livro)*	Centro de Cultura Negra do Maranhão		anual –	1982 1986
– *Terreiros de São Luís (mimeo)* – *Seminário Religião e Negritude (mimeo)*	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/UFMa	São Luís	– –	1985 1985
– *Candomblé no Maranhão* – *Orixás e Voduns em Cânticos Associados*	Tenda São Jorge Jardim de Ueira	São Luís	– –	– –
– *Alienação e Política* – *Zé Povinho Vai à Luta*	Federação de Associações de Moradores	Belo Horizonte	– –	1979 1979
– *Cadernos Movimentos Populares*	Grupo de Estudos e Trabalho em Educação Comunitária	Contagem	–	1981
– *Nêgo* – *Revista do M.N.U.* – *Raça*	Movimento Negro Unificado	Belo Horizonte	– – –	– – –
– *Estudos Afro-Asiáticos* – *Conjuntura Africana (Relatórios de Pesquisa)*	Centro de Estudos Afro-Asiáticos / Universidade Cândido Mendes	Rio de Janeiro	semestral –	– 1985
– *Caderno de Estudos sobre a contribuição do negro na formação social brasileira*	Grupo de Trabalho André Rebouças	Niterói	anual	–
– *Boletim Informativo do IPCN*	Instituto de Pesquisas das Culturas Negras – IPCN	Rio de Janeiro	–	–
– *Nzinga Informativo*	Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras	Rio de Janeiro	–	julho/1985

LISTA DE PUBLICAÇÕES DE ENTIDADES DE MOVIMENTO NEGRO

PUBLICAÇÃO	NOME DO GRUPO	CIDADE	PERIODICIDADE	1º NÚMERO OU EDIÇÃO
– *Revista Afro-Brasileira*	Agentes de Pastoral Negros	Lins	bimestral	–
– *África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP*	Centro de Estudos Africanos da USP	São Paulo	–	–
– *Grupo Negro da PUC*	Grupo Negro da PUC-SP	São Paulo	–	1980
– *Dédalo – Revista de Arqueologia e Etnologia*	Museu de Arqueologia e Etnologia – USP	São Paulo	anual	1965
– *Boletim Informativo "Carapinha"*	União Cultural Negra de Botucatu	Botucatu	mensal	1983
– *A História que não foi contada* – *Contando nossa história*	Grupo de União e Consciência Negra – Florianópolis	Florianópolis	anual	–
– *Situação Sócio-Econômica do Negro* – *Levantamento Biográfico de personalidades Negras*	Semana Afro-Catarinense	Florianópolis	anual	–
– *PAMÁfrica – África IYA N'LA* – *Arte e Cultura Negra em Sergipe*	Conselho de Cultura Afro-Sergipana	Aracaju	–	–

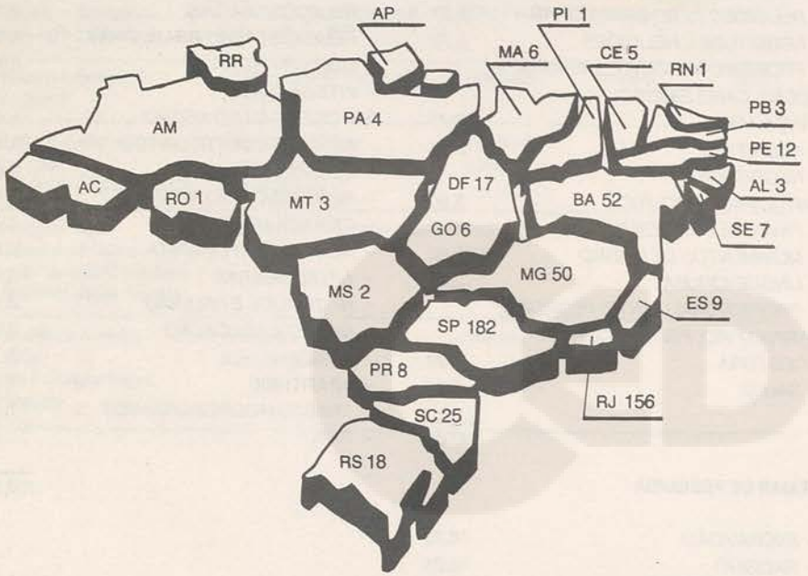
Anexo III
TEMÁTICAS DE ATIVIDADES

TEMAS DE CURSOS	%
– *NEGRO E HISTÓRIA*	14,30
– *CULTURA E ARTES NEGRAS*	11,40
– *O NEGRO NO BRASIL*	11,40
– *RACISMO*	8,57
– *CAPOEIRA*	8,57
– *DANÇA AFRO-BRASILEIRA*	8,57
– *RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*	8,57
– *NEGRITUDE E RELIGIÕES*	5,70
– *PROFISSIONALIZANTE: SERIGRAFIA, VIOLÃO, CABELEIREIRO, DANÇA AFRO*	5,70
– *NEGRITUDE*	2,80
– *NEGRITUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA*	2,80
– *FAVELA E MENINOS DE RUA*	2,80
– *MOVIMENTOS DE BAIRRO*	2,80
– *LÍNGUE IORUBA*	2,80
– *PROFISSIONALIZANTE: PEDREIRO, CARPINTEIRO, PINTOR, CORTE E COSTURA*	2,80
– *SAÚDE*	2,80
	100,00

TEMAS DE PESQUISA	%
– *ESCRAVIDÃO*	16,25
– *RACISMO*	16,25
– *CULTURA NEGRA*	13,75
– *MOVIMENTO NEGRO*	12,50
– *MULHER NEGRA*	10,00
– *EDUCAÇÃO*	10,00
– *RELIGIÃO*	8,75
– *TRABALHO*	7,50
– *BRASIL-ÁFRICA*	1,25
– *ÁFRICA*	1,25
– *SÓCIO-ECONÔMICA*	1,25
– *MOVIMENTOS POPULARES*	1,25
	100,00

TEMAS DE DEBATES E SEMINÁRIOS	%
– *RACISMO, VIOLÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO*	13,50
– *CULTURA NEGRA*	8,10
– *MOVIMENTO NEGRO*	8,10
– *O NEGRO NO BRASIL*	8,10
– *HISTÓRIA DO NEGRO*	6,75
– *RELAÇÕES RACIAIS*	6,75
– *RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*	5,40
– *MULHER NEGRA*	5,40
– *INTEGRAÇÃO / PARTICIPAÇÃO DO NEGRO*	5,40
– *NEGRO E CONSTITUINTE*	5,40
– *NEGRO E POLÍTICA*	4,00
– *RESISTÊNCIA DO NEGRO*	2,70
– *CRIANÇA NEGRA*	2,70
– *MOVIMENTO FEMINISTA*	2,70
– *ARTES NEGRAS*	2,70
– *NEGRITUDE E RELIGIÃO*	2,70
– *NEGRO E EDUCAÇÃO*	2,70
– *ÁFRICA*	2,70
– **APARTHEID**	1,30
– *TRABALHADORES URBANOS*	1,30
– *ÍNDIO*	1,30
	100,00

Distribuição de entidades de movimento negro nos estados brasileiros, conforme o Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil.



Total: 573

Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil

Comunicações do ISER, 29, 1988

LEGENDAS:
** Universo analisado para a composição do "Perfil..."*
*** Respondido depois do prazo (não utilizado no "Perfil...")*
**** Devolvido ao remetente*

Alagoas

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL ZUMBI**
  Praça São Vicente, 16 – Centro
  Cep: 57025 Maceió – AL

- **GRUPO NEGRO FILHOS DE ZUMBI**
  Praça São Vicente, 16 – Centro
  Cep: 57025 Maceió – AL

- **NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS – NEAB**
  Universidade Federal de Alagoas
  Praça São Vicente, 16 – Centro
  Cep: 57025 Maceió – AL

Comunicações do ISER, 29, 1988

Amapá

- **UNIÃO DOS NEGROS DO AMAPÁ – UNA**
  A/C Paulo José da Silva Ramos
  Av. Ernestino Borges, 737
  Cep: 68900 Macapá – AP
  Tels.: (096) 222-0059 / 231-3509 / 222-4108

Amazonas

- **MOVIMENTO ALMA NEGRA – MOAN**
  A/C Irinea Vieira dos Santos
  Rua 3 c/40-A Parque 10 –
  Conselheiro Castelo Branco
  Cep: 69000 Manaus – AM

Bahia

- **AFOXÉ UNIÃO DAS RAÇAS**
  Rua Copacabana, 20 – Jardim Cruzeiro
  Cep: 40430 Salvador – BA

- **ASSOCIAÇÃO DOS ARTÍFICES RIOCONTENSES**
  A/C Maria Conceição de Brito Souza
  Praça Cel. Carlos Souto, 93
  Cep: 40170 Rio de Contas – BA

- **BADAUÊ-AFOXÉ**
  Rua Manoel Faustino, 26
  Engenho Velho de Brotas
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **BLOCO AFRO MALÊ DEBALÊ**
  A/C Edson Tosta
  Rua Gregório de Matos, 51 – Sé
  Cep: 40370 Salvador – BA
  ou
  Rua Cajueiros, 17 – Itapuã
  Cep: 41600 Salvador – BA

- **BLOCO AFRO MUZEMZA**
  A/C Jonilson R. Santos
  Rua Silvino Pereira, 225 aptº 205
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **BLOCO AFRO ORUNMILÁ**
  Av. Floresta, 55 fundos – IAPI
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **BLOCO CARNAVALESCO ILÊ-AIYÊ**
  Rua do Curuzu, 233 – Liberdade
  Cep: 40370 Salvador – BA

- **BLOCO CARNAVALESCO ORUNMILÁ – GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL ORUNMILÁ – MOVIMENTO DE CONSCIÊNCIA NEGRA ORUNMILÁ**
  A/C Arany Santana
  Ladeira de Curuzu, 198 – Liberdade
  Cep: 40370 Salvador – BA
  ou
  Av. da Alegria, 21 – Liberdade
  Cep: 40370 Salvador – BA
  Tels.: (071) 932-1321 r. 273
  235-3492

- **BLOCO OBÁ DUDU**
  A/C Geovendo Herculano C. do Amor Divino
  Av. Vasco da Gama, 26 – Duque Pequeno
  Cep: 40240 Salvador – BA

- **CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAÇÃO DA UFBa-CEAO**
  Rua Leovigildo Filgueiras, 392 – Garcia
  Cep: 40145 Salvador – BA
  ou
  Caixa Postal 392
  Cep: 40001 Salvador – BA

- **COMISSÃO DE DEFESA DO TERRITÓRIO DA CASA BRANCA DO ENGENHO VELHO**
  Rua Tamoios, 96 – Rio Vermelho
  Cep: 41910 Salvador – BA

- **COMISSÃO DE PRESERVAÇÃO DA CASA BRANCA – UBERCA**
  Rua Tamoios, 96 – Rio Vermelho
  Cep: 41910 Salvador – BA

- **COMITÊ CONTRA A DESCARACTERIZAÇÃO DO CULTO AFRO-BRASILEIRO**
  A/C Tosta Passarinho
  Caixa Postal 6429
  Cep: 40012 Salvador – BA

- **COMUNIDADE DO TERREIRO ZOGODÔ BODUM MAÊ UNDÔ**
  Ladeira Manoel do Bonfim, 35
  Cep: 40220 Salvador – BA

- **CONSELHO DE ENTIDADES NEGRAS DA BAHIA – CENBA**
  Praça da Sé, Ed. Themis, sala 109
  Cep: 40020 Salvador – BA
  ou
  Caixa Postal 6424
  Cep: 40012 Salvador – BA

- **FEDERAÇÃO DOS MORADORES DE BAIRROS DE SALVADOR**
  A/C Armando Salu Santos
  Rua Almirante Alencar, 34 – Vila Rui Barbosa
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **GRUPO CULTURAL OLODUM**
  Largo do Pelourinho, 9 - 1º andar
  Cep: 40025 Salvador – BA

- **GRUPO CULTURAL OS NEGÕES***
  A/C José Augusto Sacramento
  Rua Marquês de Maricá, 81 c/8 – Pau Miúdo
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **GRUPO DE CULTURA POPULAR VANDRÉ**
  A/C Ivonei Pires Oliveira
  Caixa Postal 2624
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **GRUPO DE MULHERES DO ALTO DA POMBA**
  A/C Rita de Cássia Santos Pereira
  Rua Teixeira Mendes, 9
  Alto das Pombas – BA

- **GRUPO DE MULHERES DO MNU/BA**
  Rua Luiz Guimarães, 6
  Cep: 40370 Salvador – BA

- **GRUPO DE NEGROS HOMOSSEXUAIS OU GRUPO ADÉ DUDU**
  Caixa Postal 6429
  Cep: 40101 Salvador – BA

- **GRUPO DE TRABALHO CONTRA O RACISMO**
  Praça da Sé, 1
  Cep: 40020 Salvador – BA

- **GRUPO NEGRO PALMARES DE NOVO**
  A/C Milton dos Santos
  Rua São Luiz, 55 – Pau da Lima
  Cep: 41200 Salvador – BA
  Tel.: (071) 242-3518

- **GRUPO PALMARES**
  Rua Amparo de Tororó, 181
  Cep: 40050 Salvador – BA

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DA BAHIA**
  A/C Ana Rosa dos Santos
  Rua São Francisco, 34 – Massaranduba
  Cep: 40430 Salvador – BA

- **ILÊ IYÁ-NASSÔ CASA BRANCA**
  A/C Antonio Angel
  Av. Vasco da Gama, 465
  Cep: 40230 Salvador – BA

- **INSTITUTO NACIONAL DA TRADIÇÃO E CULTURA DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS – INTECAB**
  A/C Mestre Didi
  Rua Bamboxê, 247 – Ubaranas
  (sede da SECNEB)
  Cep: 40000 Salvador – BA
  Tel.: (071) 248-6225

- **LEGIÃO RASTA**
  A/C Lua
  Rua Vila Graça, 79 – Queimadinho
  Cep: 40325 Salvador – BA

- **MALLET A.C.M. BLOCOS E AFOXÉS**
  Rua São Cristóvão, 154 – Liberdade
  Cep: 40370 Salvador – BA

- **MOVIMENTO DE FAVELADOS DE SALVADOR**
  A/C Sofia Boaventura
  Rua Caetano Veloso, 23 – Canahana
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO – MNU/BA**
  A/C Ana Amélia da Silva
  Rua Maria Romana Calmon, 46-E
  Ed. Caiçaras – Brotas
  Cep: 40220 Salvador – BA
  ou
  Caixa Postal 6423
  Cep: 40012 Salvador – BA

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO – JUAZEIRO**
  Caixa Postal 78
  Cep: 48900 Juazeiro – BA

- **NÚCLEO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO**
  A/C Nilson M. Santos
  Praça Ana Néri, 5 – Nazaré
  Cep: 40040 Salvador – BA

- **NÚCLEO CULTURAL NÍGER-OKAN**
  A/C Raimundo Gonçalves dos Santos
  Rua Cajueiro, 16 – Itapuã
  Cep: 41600 Salvador – BA

- **NÚCLEO DE DIFUSÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA**
  A/C Apolônio Souza de Jesus Filho
  Av. da Alegria, 21 – Liberdade
  Cep: 41860 Salvador – BA

- **NÚCLEO DE ESTUDOS DO NEGRO DA BAHIA**
  A/C Julio Santana Braga
  Mestrado em Ciências Sociais da UFBa
  Rua Augusto Viana, s/nº – Canela
  Cep: 40140 Salvador – BA
  Tel.: (071) 245-2811

- **NÚCLEO DE ESTUDOS LUÍS GAMA**
  A/C Luiz Alberto Silva
  Rua Gerson de Carvalho, 31
  Cep: 41100 Salvador – BA
  ou
  Caixa Postal 071
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **PITANGA – DANÇA AFRO NA BAHIA**
  Rua Senador Costa Pinto, 23 aptº 304 – Largo 2 de Julho
  Cep: 40110 Salvador – BA

- **POLÊMICA NEGRA**
  Rua Thomaz Gonzaga, 328
  Cep: 41100 Salvador – BA

- **PROJETO LAB – LÍNGUAS AFRICANAS DA BAHIA**
  A/C Diretório Acadêmico do Instituto de Letras da UFBa
  Av. Joana Angélica, 183
  Cep: 40050 Salvador – BA

- **SOCIEDADE BENEFICENTE E RECREATIVA CALABAR**
  Rua Nova do Calabar, 67
  Cep. 40000 Salvador – BA

- **SOCIEDADE BENEFICENTE E RECREATIVA SÃO JORGE DO ENGENHO VELHO**
  Av. Vasco da Gama, 463
  Cep: 40230 Salvador – BA

- **SOCIEDADE COMUNITÁRIA OJÚ-OBÁ**
  A/C Ivanildo D. Ferreira
  Av. da Alegria, 21 – Liberdade
  Cep: 40370 Salvador – BA

- **SOCIEDADE CULTURAL DA LADEIRA JOÃO DE DEUS ENGENHO**
  A/C Carlos Augusto Costa Ferreira
  Velho da Federação
  Raz. Grande 1 casa 9 caminho 9 Q. F
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **SOCIEDADE DE ESTUDOS DA CULTURA NEGRA NO BRASIL – SECNEB**
  A/C Profª Juana Elbein dos Santos
  Rua Bamboxê, 247 – Ubaranas – Pituba
  Cep: 40000 Salvador – BA
  Tel.: (071) 248-6225

- **SOCIEDADE FIÉIS DE SÃO BARTOLOMEU**
  Ladeira Manuel Bonfim, 35
  Engenho Velho da Federação
  Cep: 40220 Salvador – BA

- **SOCIEDADE MALÊ CULTURA E ARTE NEGRA – S. MALÊ****
  A/C Atalito Batista
  Praça Anchieta, 17 – Terreiro de Jesus
  Cep: 40020 Salvador – BA

- **SOCIEDADE PROTETORA DOS DESVALIDOS – SPD****
  A/C Manuel de Souza Galvão / Atàlito Batista
  Praça Anchieta, 17 – Terreiro de Jesus
  Cep: 40020 Salvador – BA
  Tel.: (071) 243-0415

- **TERREIRO AXÉ-OPÔ-AFONJÁ***
  Rua Direita de São Gonçalo, s/nº
  – Cabula
  Cep: 40000 Salvador – BA

- **TERREIRO BATE-FOLHA SOCIEDADE BENEFICENTE SANTA BÁRBARA**
  Travessa São Jorge, 65-E –
  Mata Escura do Retiro
  Cep: 41200 Salvador – BA

- **UNIÃO DAS RAÇAS – AFOXÉ**
  Rua Copacabana, 20 – Jardim Cruzeiro
  Cep: 40430 Salvador – BA
  Tel.: (071) 226-8554

Ceará

- **GRUPO NEGRO DE FORTALEZA**
  Rua Coronel Ferraz, 76 sala 2001
  Cep: 60060 Fortaleza – CE

- **GRUPO ORUM-AYÊ**
  A/C Jorge Paulo Caminha
  Rua Espírito Santo, 410
  – Panamericano
  Cep: 60440 Fortaleza – CE

- **GRUPO RAÍZES**
  Rua Nogueira Acioly, 2025 – Piedade
  Cep: 60000 Fortaleza – CE

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA – CE***
  A/C Jeovane Rodrigues da Silva
  Rua Rio Solimões, 605 casa 32
  – Jardim Iracema
  Cep: 60340 Fortaleza – CE

- **MOVIMENTO NEGRO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL**
  Rua Presidente Castelo Branco, 210
  Parque Araxá
  Cep: 60000 Fortaleza – CE

Distrito Federal

- **AFOXÉ-AXÉ-ILÊ**
  A/C Márcio Caput Correa Pinto
  SQN 104 Bloco C aptº 504
  Cep: 70733 Brasília – DF

- **AGENTES DE PASTORAL NEGROS – APN**
  Paróquia da Ressurreição
  QNN 5 conj. D lote 47
  Cep: 72225 Ceilândia Norte – DF
  Tel.: (061) 581-1046

- **AMIGOS UNIDOS EM MOVIMENTO – AUM**
  A/C Arlindo dos Santos
  QNM 3 conjunto I casa 01
  Cep: 72215 Ceilândia Sul – DF

- **ASSESSORIA PARA ASSUNTOS DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA**
  A/C Carlos Moura Alves
  Ministério da Cultura
  SBN – Ed. Central Brasília,
  5º andar sala 505
  Cep: 70040 Brasília – DF

- **ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES FÍSICOS DE BRASÍLIA**
  SDS – Ed. Venâncio IV sala 409
  Cep: 70302 Brasília – DF
  Tel.: (061) 225-9584

- **CENTRO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS****
  Caixa Postal 070120
  Cep: 70254 Brasília – DF
  ou
  SRTVN – Ed. Brasília Rádio Center,
  – sala 19/20
  Cep: 70719 Brasília – DF
  Tel.: (061) 226-3148

- **CENTRO DE TRADIÇÕES POPULARES**
  Caixa Postal 600042
  Cep: 73000 Sobradinho – DF

- **CLUBE DE CAPOEIRA BERIBAZU**
  A/C Presidente Mestre Zulu
  (Antônio B. Pinto)
  Sede: Colégio Agrícola de Brasília
  Academia: CLRN 703 Bloco C, nº 2
  Cep: 73300 Brasília – DF
  Tel.: (061) 596-1795

- **COMISSÃO DO NEGRO DO PT/DF**
  A/C Cecilia Maria Luli
  SCLN 312 Bloco E aptº 12
  Cep 70365 Brasília – DF
  Tels.: (061) 213-5170 / 213-5172 /
  213-5173

- **COMISSÃO DO NEGRO DO PDT**
  A/C Rubens Martins
  SDS – Ed. Jockey Clube, sala 306
  Cep: 70300 Brasília – DF

- **COMISSÃO NEGRA DO PCB**
  A/C Jusmar Antônio de Oliveira
  SCS Q. 05 Bloco C, nº 25
  Cep: 70300 Brasília – DF

- **FUNDAÇÃO PRAIA VERDE**
  A/C Chico Piauí
  Antigo Núcleo de Custódia de Brasília
  Caixa Postal 08165
  Cep: 71701 Núcleo Bandeirante – DF

- **INSTITUTO NACIONAL AFRO-BRASILEIRO – INABRA**
  Ed. Brasília Rádio Center, sala 1088
  Cep: 70719 Brasília – DF
  Tel.: (061) 226-2663
  ou
  Caixa Postal 071027
  Cep: 70359 Brasília – DF

- **MEMORIAL ZUMBI**
  A/C Olímpio Serra
  Fundação Pró-Memória
  – Ministério da Cultura
  SBN Q. 02 – Ed. Engenheiro
  Paulo Maurício
  Bloco J – Sobreloja
  Cep: 70068 Brasília – DF

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO – MNU**
  Caixa Postal 111192
  Cep: 70084 Brasília – DF

- **NÚCLEO DE NEGROS DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO**
  A/C Waldemiro de Souza
  SQS 406 Bloco G aptº 203
  Cep: 70255 Brasília – DF

- **UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA/DF**
  A/C Amilton Osmail Matias
  SCS – Q. 03 Bloco A, salas 107/111
  Cep: 70300 Brasília – DF

Espírito Santo

- **ASSOCIAÇÃO GANGA ZUMBA DE CACHOEIRA**
  Rua Governador José Sette, s/nº
  – Casa da Cultura
  Cep: 29010 Vitória – ES

- **CENTRO DE ESTUDOS DA CULTURA NEGRA – CECUN/ES**
  A/C Luis Carlos Oliveira
  Escadaria São Cosme, 59
  Cep: 29000 Vitória – ES

- **COMISSÃO DE NEGROS DO PT/ES**
  Rua Duque de Caxias – Ed. Joel,
  6º andar
  Cep: 29010 Vitória – ES

- **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA ANDARAÍ**
  Rua Oswaldo Aranha, s/nº
  – Santa Marta
  Cep: 29045 Vitória – ES

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA**
  Caixa Postal 41 – Cariacica
  Cep: 29154 Campo Grande – ES

- **INSTITUTO CULTURAL PRINCESA DO SUL DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM**
  Caixa Postal 160
  Cep: 29300 Cachoeiro de Itapemirim
  – ES

- **MOVIMENTO CULTURAL DA RAÇA NEGRA DE GUAÇUÍ-MOCURAN**
  Rua Dolores Machado, 76
  Cep: 29560 Guaçuí – ES

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DO ESPÍRITO SANTO**
  Comissão Executiva / Regional Vitória
  Caixa Postal 2017
  Cep: 29000 Vitória – ES

- **SECRETARIA ESTADUAL DE AÇÃO SOCIAL**
  A/C José Wagner da Silva
  Praça Manoel Silvino Moradia, 98
  Cep: 29000 Vitória – ES

Goiás

- **ASSOCIAÇÃO AFRO-BRASILEIRA DE GOIÁS**
  A/C João Humberto Lázaro (Toró)
  Rua 2, nº 245 – Nova Vila
  Cep: 74000 Goiânia – GO

- **CENTRO DE PROFESSORES DE GOIÁS – CPG***
  A/C Ciríaco Maurício da Silva
  Coj. 1HI – Rua 9 c/12
  Cep: 77223 Novo Gama – GO

- **MOVIMENTO NEGRO DE GOIÂNIA**
  A/C Paulo Prudêncio
  Rua C, 9 Q. 52 lote 15
  Conj. Novo Horizonte
  Cep. 75510 Goiânia – GO

- **MOVIMENTO NEGRO DE MINEIROS**
  A/C Ezalmone M. dos Santos
  Rua 10, nº 81
  Cep: 76360 Mineiros – GO
  Tel.: (062) 661778

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE GOIÁS – MNU/GO**
  Caixa Postal 1290
  Cep: 74000 Goiânia – GO

- **UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE GOIÂNIA**
  Caixa Postal 866
  Cep: 74001 Goiânia – GO

Maranhão

- **CASA FANTI-ACHANTI***
  Rua Militar, 1158 – Cruzeiro Anil
  Cep: 65060 São Luís – MA

- **CENTRO DE CULTURA NEGRA DO MARANHÃO – CCN/MA***
  A/C Magno José Cruz
  Praça da Misericórdia, 266
  Caixa Postal 430
  Cep: 65015 São Luís – MA

- **GRUPO DE MULHERES MÃE ANDREZZA DO CCN/MA**
  Rua dos Guaranys, s/nº – Bares
  Cep: 65040 São Luís – MA

- **NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS – NEAB***
  A/C Carlão
  Deptº de Sociologia e Antropologia
  Universidade Federal do Maranhão
  Campus Bacanga
  Cep: 65080 São Luís – MA

- **TENDA TAMBOR MINA SÃO JORGE**
  A/C Luis Carlos Guerreiro
  Rua Dep. José Rios, 225
  – Bairro de Fátima
  Cep. 65030 São Luís – MA

- **UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE BACAHAL/MA**
  A/C José Nilson Carvalho Santos
  Rua Pe. Mohana, 592
  Cep: 65700 Bacahal – MA

Mato Grosso

- **CASA DA CULTURA – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA**
  A/C Therezinha Arruda
  Rua Presidente Artur Bernardes, s/nº
  – Duque de Caxias
  Cep: 78000 Cuiabá – MT
  Tels.: (065) 321-4767 / 321-8381

- **EQUIPE PASTORAL SANTA TEREZINHA**
  A/C Luzia Silva Monteiro
  Caixa Postal 05
  Cep: 78395 Santa Terezinha – MT

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE MT**
  A/C Geraldo Henrique Costa
  Rua Profª Azélia Mamoré de Melo, 395
  – Araes
  Cep: 78010 Cuiabá – MT

Mato Grosso do Sul

- **TRABALHO E ESTUDO ZUMBI – TEZ**
  Caixa Postal 195
  Cep: 79700 Fátima do Sul – MS

- **TRABALHO E ESTUDO ZUMBI – TEZ**
  Caixa Postal 1100
  Cep: 79100 Campo Grande – MS

Minas Gerais

- **ASSOCIAÇÃO AFRO-BRASILEIRA DE BATUQUE**
  A/C Wilson Novaes
  Rua dos Palmares, 55 – Monte Castelo
  Cep: 36040 Juiz de Fora – MG

- **ASSOCIAÇÃO CAPOEIRA DO BONFIM**
  Rua Barão do Retiro, 388 – Bonfim
  Cep: 36050 Juiz de Fora – MG

- **ASSOCIAÇÃO CÍVICA E PROFISSIONAL DAS DOMÉSTICAS DE JUIZ DE FORA**
  Rua Marechal Deodoro, 533 sala 9
  Cep: 36013 Juiz de Fora – MG

- **ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DA 1ª AMÉRICA**
  A/C Luiz H. Neto
  Rua Espírito Santo, 49 14º andar
  Cep: 30160 Belo Horizonte – MG

- **BATUQUE AFRO-BRASILEIRO****
  Praça Dr. João Fortes, 194 – Bom Pastor
  Cep: 36022 Juiz de Fora – MG

- **CASA DANDARA**
  Rua Bragança, 101 – Pompéia
  Cep: 30280 Belo Horizonte – MG
  Tel.: (031) 467-6999

- **CENTRO CULTURAL 28 DE SETEMBRO**
  Rua Marechal Deodoro, 533 sala 9
  Cep: 36013 Juiz de Fora – MG

- **CENTRO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS**
  A/C Romeu Sabará
  Deptº de Sociologia e Antropologia – UFMG
  Rua Carangola, 288 subsolo sala 01 – Santo Antonio
  Cep: 30350 Belo Horizonte – MG
  ou
  Caixa Postal 253
  Cep: 30161 Belo Horizonte – MG

- **CENTRO DE ESTUDOS PONTENOVENCE DE CULTURA E ARTE NEGRA**
  Rua 1º de Maio, 176
  Cep: 35430 Ponte Nova – MG

- **CENTRO DE INTEGRAÇÃO SÓCIO-CULTURAL DA RAÇA NEGRA – CIRCUNE**
  Rua 1, nº 733 aptº 301 – Nova Pampulha
  Cep: 33800 Ribeirão das Neves – MG

- **CENTRO ESPÍRITA PAI TOMÉ E OGUM SETE ONDAS**
  A/C Adahil Batista de Jesus e
  Maria do Rosário
  Rua Nicolina Lima, 71 – Jardim América
  Cep: 30340 Belo Horizonte – MG

- **CHICO REI CLUBE**
  Rua Pernambuco, 460
  Cep: 37700 Poços de Caldas – MG

- **CLUBE CONCÓRDIA*****
  Cep: 38400 Uberlândia – MG

- **CLUBE UNIÃO DE ARAXÁ SOCIEDADE CIVIL CLUBE UNIÃO**
  Rua Santa Rita, 190
  Cep: 38180 Araxá – MG

- **COMISSÃO REGIONAL DE COMBATE AO RACISMO DA IGREJA METODISTA – 4ª REGIÃO ECLESIÁSTICA / MG**
  Av. Presidente Juscelino
  Kubitscheck, 56
  Cep: 30710 Belo Horizonte – MG

- **CONCÓRDIA CLUBE**
  A/C Herly Pinheiros
  Rua Fernando Sabino, 125
  Cep: 38100 Uberaba – MG

- **CONSELHO DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE AFRO-BRASILEIRA**
  Rua Major Eustáquio, 92
  Cep: 38010 Uberaba – MG

- **ELITE CLUBE DE UBERABA**
  Rua Tupinambás, 18
  Cep: 38100 Uberaba – MG

- **FEDERAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DA REGIÃO LESTE***
  A/C Célia Gonçalves / Maria Madalena
  Rua Conceição Teodoro, 53 – Nazaré
  Cep: 31980 Belo Horizonte – MG

- **FEDERAÇÃO DOS CONGADOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO ESTADO DE MINAS GERAIS**
  A/C Waldomiro Gomes de Almeida
  Rua Laci Nogueira, 96
  Bairro Floramar
  Cep: 30000 – Belo Horizonte – MG

- **FEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO ESTADO DE MINAS GERAIS**
  Rua Caetés, 530 s/806/807
  Cep: 30120 Belo Horizonte – MG
  Tel.: (031) 201-7648

- **FRAÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO DO PCB**
  A/C Antônio E. Fernandes
  Rua Hilda de Oliveira, 22
  Cep: 31030 Belo Horizonte – MG

- **FRENTE NACIONAL AFRO-BRASILEIRA**
  Praça Rui Barbosa, 2
  Cep: 38100 Uberaba – MG

- **GRUPO DE CONGADA CATUPI**
  A/C Ivo Silvério da Rocha
  Rua do Cruzeirinho, 171
  Milho Verde
  Cep: 39155 Serro – MG

- **GRUPO DE ESTUDOS E CONSCIÊNCIA NEGRA DE ITUIUTABA**
  Rua 36C – Avenidas 19 e 21, nº 1496
  Cep: 38300 Ituiutaba – MG
  Tel.: (034) 262-0525

- **GRUPO DE ESTUDOS E TRABALHO EM EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA – GETEC***
  A/C Rosimeire Rodrigues / Mª
  Aparecida / Cristina Cunha / Mª Fátima
  Av. Davi Sarnoof, 5510 / 2º andar
  Cidade Industrial
  Cep: 32210 Contagem – MG

- **GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA – GRUCON***
  A/C Silvani Valentim
  Rua Furtado Nunes, 86 – Pe. Eustáquio
  Cep: 30730 Belo Horizonte – MG

- **GRUPO DOS ARTÚRIOS**
  Secretaria de Cultura de Contagem
  Cep: 32000 Contagem – MG

- **GRUPO IUNA DE CAPOEIRA ANGOLA***
  A/C Júlio César de Oliveira
  Rua Euclides de Andrade, 299
  – Santo André
  Cep: 31210 Belo Horizonte – MG

- **GRUPO SENZALA, UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA**
  A/C Maria Júlia
  Rua Culmene, 119 – Bairro Santana
  Cep: 37100 – Varginha – MG

- **JORNAL OBJETIVO**
  A/C Willian Evangelista
  Rua Henrique Dias, 794
  Cep: 38100 Uberaba – MG

- **MOVIMENTO ARTÍSTICO E CULTURAL NEGRO BRASILEIRO – MACUNBRA** (MG)**
  A/C Antonio Carlos Campos (Joca)
  Vila Salvador, 49 – Centro
  Cep: 36880 Muriaé – MG

- **MOVIMENTO CULTURAL DE RAÇA NEGRA BARBACELENSE – MOVIMBAR****
  A/C Marco Antônio da Silva
  Rua Cel. João F. de Castro, 206F
  Cep: 36200 Barbacena – MG

- **MOVIMENTO DA MULHER DO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANÁ**
  A/C Conceição Leal
  Av. Sigismundo Pereira, 3570
  Cep: 38400 Uberlândia – MG

- **MOVIMENTO NEGRO DE ARAXÁ – MONAVA**
  Rua Paul Harris, 337
  Cep: 38180 Araxá – MG

- **MOVIMENTO NEGRO DE BETIM**
  A/C Gilberto S. Santos
  Rua Juiz de Fora, 281
  Cep: 32500 Betim – MG

- **MOVIMENTO NEGRO DO PDT / UBERLÂNDIA / MG**
  Rua Marques Poroa, 1026
  Cep: 38400 Uberlândia – MG

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO – MNU/MG***
  A/C Marcos Antônio Cardoso
  Caixa Postal 526
  Cep: 30160 Belo Horizonte – MG
  Tels.: (031) 273-1740 / 201-0275

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE VIÇOSA**
  A/C Eduardo Elias S. Santos (BALEIA)
  DCE Universidade de Viçosa
  Cep: 36570 Viçosa – MG

- **MOVIMENTO SANJOANENSE DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA**
  A/C Cássia Maria Resende de Oliveira
  Rua Dr. Antonio de Freitas Carvalho, 205
  Cep: 36300 São João del Rey – MG
  Tel.: (031) 371-2280

- **NÚCLEO DE NEGROS DO PARTIDO SOCIALISTA CRISTÃO**
  A/C Pedro Correia A. Barros
  Rua Pouso Alegre, 1390
  Cep: 31010 Belo Horizonte – MG

- **PALMEIRA CLUBE**
  Rua 32, 1370
  Cep: 38300 Ituiutaba – MG

- **QUILOMBO DOS PALMARES**
  A/C Wilson Batista
  Rua Batista de Oliveira, 1126
  Cep: 36020 Juiz de Fora – MG

- **QUILOMBO DOS PALMARES SOCIAL CLUBE*****

- **SOCIEDADE AFRO-BRASILEIRA**
  Rua dos Carijós, 424
  Cep: 30120 Belo Horizonte – MG

- **SOCIEDADE BENEFICENTE CULTURAL REPÚBLICA QUILOMBO DOS PALMARES**
  A/C Wilson Novaes
  Rua dos Palmares, 545
  – Monte Castelo
  Cep: 30040 Juiz de Fora – MG
  Tel.: (032) 231-6000
  ou
  Caixa Postal 747
  Cep: 30040 Juiz de Fora – MG

- **SOCIEDADE CIVIL CLUBE UNIÃO**
  A/C Wilson Alves da Silva
  Rua Santa Rita, 190
  Cep: 38100 Araxá – MG

- **SOCIEDADE CULTURAL LIMA BARRETO**
  Av. Getúlio Vargas, 695 casa 10
  Cep: 36100 Juiz de Fora – MG

- **UNIÃO NEGRA ARTÍSTICA E CULTURAL – UNAC**
  Rua 1º de Maio, 173
  Cep: 35430 Ponte Nova – MG

- **UNIBAIRROS – GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA**
  A/C Gabriel Rocha
  Rua Barão de Aquino, 143 casa 2
  – Alto dos Passos
  Cep: 36020 Juiz de Fora – MG

Pará

- **BAMBARÊ ARTE E CULTURA NEGRA**
  Rodovia Augusto Monte Negro
  Conj. Maguari Alameda, 24 casa 86
  Cep: 66000 Belém – PA

- **CENTRO COMUNITÁRIO LIBERDADE**
  A/C Elias
  Av. São Sebastião, 3245
  Cep: 68100 Santarém – PA

- **CENTRO DE ESTUDOS E DEFESA DO NEGRO DO PARÁ – CEDEMPA**
  A/C Zélia Amador de Deus / Raimunda Nilma
  Rua dos Timbiras (entre Generalíssimo Deodoro e 14 de Março – Passagem Paulo VI, 244)
  Bairro da Cremação
  Cep: 66040 Belém – PA
  Tels.: (091) 222-1625 / 222-0056
  ou
  Caixa Postal 247
  Cep: 66001 Belém – PA

- **JORNAL EMBANDA MENSAGEIRO DOS ORIXÁS**
  Travessa Etororo, 697 – Pedreira
  Cep: 66000 Belém – PA
  Tel.: (092) 222-4593

Paraíba

- **COMISSÃO PRÓ-ASSOCIAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DO DIREITO DA MULHER**
  A/C Francinete B. Rosas
  Rua João Gualberto, 3
  Cep: 58800 Souza – PB

- **FEDERAÇÃO DOS CULTOS AFRICANOS DO ESTADO DA PARAÍBA**
  Av. Antônio Gama, 565
  – Expedicionários
  Cep: 58040 João Pessoa – PB

- **MOVIMENTO NEGRO DE JOÃO PESSOA**
  Rua Benjamin Constant, 446
  – Jaguaribe
  Cep: 58015 João Pessoa – PB

Paraná

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL AFRO-CATARINENSE**
  A/C Wangivaldo Bispo Filho
  Av. Souza Neves, 53
  Cep: 87200 Cianorte – PR

- **CASA DA CULTURA AMERICANA**
  A/C Mariza Bertoli
  Rua Arnaldo Alves de Araújo, 67
  Cep: 80430 Curitiba – PR
  Tels.: (041) 253-7234 / 242-4014

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA – GRUCON / PR**
  A/C Dalzira Maria Aparecida
  Rua Rio Jaguaribe, 770 – Bairro Alto
  Cep: 82500 Curitiba – PR
  Tel.: (041) 256-9982

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORNÉLIO PROCÓPIO**
  A/C Agostinho Benedito
  Avenida XV de Novembro, 750
  Cep: 86300 Cornélio Procópio – PR
  Tel.: (0435) 23-1956
  ou
  Caixa Postal 282
  Cep: 86300 Cornélio Procópio – PR

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE LONDRINA**
  A/C Valmir Carlos Trindade ou Sonia Pinheiro
  Av. Paraná 97-A Sobreloja – Ed. Panorama
  Cep: 86100 Londrina – PR
  Tel.: (0432) 23-0035
  ou
  Caixa Postal 513
  Cep: 86001 Londrina – PR

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE MARINGÁ**
  A/C Edinaldo Matos
  Rua Managuá, 1592 – Vila Morangueira
  Cep: 87040 Maringá – PR
  Tel.: (0442) 22-6634

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE UMUARAMA**
  A/C Pedro Alves Batista
  Rua São João Quadra 8 Lote 05
  – Jd. São Cristóvão
  Cep: 87500 Umuarama – PR
  Tel.: (0446) 22-3316

- **NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL LONDRINA**
  A/C Prof. Eduardo Judas Barros
  Campus Universitário
  Cep: 86100 Londrina – PR
  Tel.: (0432) 27-5151 ramal 599

Pernambuco

- **ABIDIMAN**
  A/C Wanda Chaise
  Rua Martins Júnior, 48/301
  Boa Vista
  Cep: 50060 Recife – PE

- **AFOXÉ POVO DE ODÉ**
  Rua São Paulo, 402 – Jardim Brasil
  Cep: 53230 Olinda – PE

- **ASSOCIAÇÃO RECREATIVA CARNAVALESCA AFOXÉ ALAFI OYÓ**
  A/C MNU/PE
  Caixa Postal 692
  Cep: 50000 Recife – PE

- **BALÉ ARTE NEGRA DE PERNAMBUCO**
  A/C Thelma Chase
  Av. Conde da Boa Vista, 1016/103
  Cep: 50060 Recife – PE

- **CENTRO DE ATIVIDADES MARIA DA CONCEIÇÃO ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO MORRO DA CONCEIÇÃO**
  A/C Maria Lúcia Gomes dos Prazeres Farias
  Rua 2 de Fevereiro, 46 – Casa amarela
  Cep: 52080 Recife – PE
  Tel.: (081) 241-9596

- **CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA – CCAB**
  Rua João Tavares Moura, 200 – Peixinhos
  Cep: 53230 Olinda – PE
  ou
  A/C Jorge de Moraes
  Av. Eug. Domingos Ferreira, 1935 - 1º andar
  Cep: 50000 Recife – PE
  Tels.: (081) 325-0070 / 228-1984

- **CENTRO DE CULTURA E EMANCIPAÇÃO DA RAÇA NEGRA**
  A/C Laurinete Teles de Santana
  Av. Itamarati, 505/102
  Cep: 53140 Olinda – PE
  ou
  A/C Severino do Remo Correia
  Rua Romeu Wanderley, 190 – Várzea
  Cep: 50741 Recife – PE

- **COMITÊ ANTI-APARTHEID**
  A/C Laurinete Teles de Santana
  Caixa Postal 1892
  Cep: 50000 Recife – PE

- **FUNDAÇÃO AFRO-BRASILEIRA – FUNDABRÁS**
  A/C Murilo da Costa Selaniã
  Rua Laurindo Coelho, 134
  Cep: 52060 Recife – PE

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE PERNAMBUCO – MNU/PE**
  Caixa Postal 692
  Cep: 50000 Recife – PE

- **MUSEU DA ABOLIÇÃO MINC – PRÓ-MEMÓRIA – SPHAN**
  A/C Angela Sumarielle
  Rua Benfica, 1150 – Madalena
  Cep: 50720 Recife – PE
  Tel.: (081) 228-3011

- **UNIÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA DE PERNAMBUCO**
  Rua do Riachuelo, 105 sala 1017 – Boa Vista
  Cep: 50050 Recife – PE

Piauí

- **MOVIMENTO NEGRO ESPERANTINENSE**
  Rua Leonardo das Dores, 1001
  Cep: 64180 Esperantina – PI
  ou
  A/C Francisco Antônio Souza
  Rua Leônidas Melo, 228
  Cep: 64180 Esperantina – PI

Rio de Janeiro

- **AÇÃO NEGRA DE NILÓPOLIS**
  A/C Manoel Batista
  Rua Walace Paes Leme, 1769 casa 1
  Cep: 26500 Nilópolis – RJ

- **AFOXÉ FILHOS DE GHANDI**
  A/C Índio
  Rua Francisco Muzi, 68
  Magalhães Bastos
  Cep: 21750 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 332-2096

- **AFOXÉ ILÊ MALÊ**
  Estrada do Otaviano, 500
  Rocha Miranda
  Cep: 21540 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 395-5745

- **AFRO-AXÉ FILHOS DE DÃ**
  A/C Almir / Elza
  Rua Prado Junior, 500 – Santa Cruz
  Cep: 23550 Rio de Janeiro – RJ

- **AFRODAI**
  Rua Ministro Viveiros de Castro, 66
  – Copacabana
  Cep: 22021 Rio de Janeiro – RJ

- **AGENTES DE PASTORAL NEGROS DE DUQUE DE CAXIAS**
  Paróquia de São Sebastião
  Av. Gal. Rondon, 56
  Cep: 25050 Duque de Caxias – RJ
  Tel.: (021) 771-9444

- **AGENTES DE PASTORAL NEGROS DE NOVA IGUAÇU**
  A/C Obertal Xavier
  Seminário Paulo VI
  Rua Estados Unidos s/nº
  Cep: 26060 Nova Iguaçu – RJ

- **AGENTES DE PASTORAL NEGROS GRUPO DE RESENDE**
  Rua Prof. Clodomiro Meira, 1070
  – Santo Amaro
  Cep: 27500 Resende – RJ

- **AGENTES DE PASTORAL NEGROS DE VOLTA REDONDA**
  A/C Creuza Maria Godofredo
  Rua A nº 220 – Bairro 9 de Abril
  Cep: 27180 Volta Redonda – RJ

- **ASSESSORIA AFRO-BRASILEIRA DA SECRETARIA DE ETNIAS DO MINISTÉRIO DA CULTURA NO RIO DE JANEIRO**
  A/C Justo de Carvalho
  Rua da Imprensa, 16 - sala 912
  – Centro
  Cep: 20030 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 220-7764 / 262-8733

- **ASSOCIAÇÃO AFRO-CULTURAL DO RIO DE JANEIRO**
  A/C Paulo Nunes
  Rua 7 de Setembro, 141
  Cep: 20050 Rio de Janeiro – RJ

- **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM**
  A/C Ana Lúcia Jesuína
  Rua Nossa Senhora de Lurdes, 79/301
  – Grajaú
  Cep: 21540 Rio de Janeiro – RJ

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**
  Rua Nilópolis, 558 – Realengo
  Cep: 21720 Rio de Janeiro – RJ

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL AFRO-IGUAÇUANA**
  Rua Gilson s/nº – Vila Iracema
  Sede da A.A. Vila Iracema
  Cep: 26015 Nova Iguaçu – RJ

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL APOIO AO NEGRO**
  A/C Zózimo Bulbol
  Rua Marquês de Penedo, 46
  – Laranjeiras
  Cep: 22231 Rio de Janeiro – RJ

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL DA CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA**
  A/C Luiz Henrique Almeida
  Rua São Jorge, 228 – São Lucas
  Cep: 27180 Volta Redonda – RJ

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE APOIO ÀS ARTES NEGRAS – ACAAN**
  Rua Camerino, 55 – sobreloja
  Cep: 20080 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 253-1819

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL NEGRA DE NOVA IGUAÇU**
  Praça Antônio F. Teixeira, 11 sala 306
  Cep: 26255 Nova Iguaçu – RJ

- **ASSOCIAÇÃO DA VELHA GUARDA DAS ESCOLAS DE SAMBA**
  A/C Miranda Rosa
  Rua Alzira Valdetaro, 98 aptº 202
  – Sampaio
  Cep: 20950 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 201-3635

- **ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DO RIO DE JANEIRO**
  Rua Paulo de Frontin, 665
  – Rio Comprido
  Cep: 20260 Rio de Janeiro – RJ

- **ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**
  Rua Jacinto, 67 – Méier
  Cep: 20721 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 269-3445

- **ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DA FUNABEM – ASSEAF**
  Rua 24 de Maio, 43 – Rocha
  Cep: 20951 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 281-0560

- **ASSOCIAÇÃO FILHOS DE ÉBANO**
  A/C Aldemário Sanziel
  Rua das Marrecas, 48/402 – Lapa
  Cep: 20021 Rio de Janeiro – RJ

- **ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DEFESA DOS DIREITOS DO NEGRO – ANDDN**
  A/C Hélio Hosalvo
  Divisão de Manutenção e Obras
  Rua Conselheiro Josino, 16/17º andar
  Cep: 20230 Rio de Janeiro – RJ
  ou
  A/C Valério / Gilberto
  Rua Haddock Lobo, 359 – Tijuca
  Cep: 20200 Rio de Janeiro – RJ

- **ASSOCIAÇÃO NIKITA NISSECI TOBO ILÊ**
  A/C Sr. Wilson
  Rua Tupinambá, 89 – aeroclube
  Cep: 26285 Nova Iguaçu – RJ

- **BLOCO CARNAVALESCO ILÊ ZANHI AYÊ**
  Rua do Andaraí, 550 – Andaraí
  Cep: 20031 Rio de Janeiro – RJ

- **CASA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA DE VOLTA REDONDA***
  A/C Bernadete Dias Paulino /
  Ana Cláudia / José Garcia
  Rua Leopoldina, 290 – São Cristóvão
  Cep: 27263 Volta Redonda – RJ

- **CASA DA CULTURA BRASIL-ANGOLA**
  A/C Ediléa
  Rua General Glicério, 445/603
  – Laranjeiras
  Cep: 22251 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 245-7043

- **CENTRO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO MUSSUNGANGA**
  A/C Glória Maciel
  Rua do Amparo, 288 – Cascadura
  Cep: 21381 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 591-3914

- **CENTRO CULTURAL SOLANO TRINDADE**
  A/C Eva Alice
  Rua Bazalto, 48 bloco 26 aptº 505
  – Realengo
  Cep: 21750 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 722-0105

- **CENTRO CULTURAL ZLANA AIYÊ DO LAR STA. BÁRBARA E SÃO JORGE**
  A/C Tia Lora
  Rua Pernambuco, 1161 – Encantado
  Cep: 20730 Rio de Janeiro – RJ

- **CENTRO DE CULTURA AFRO-MAGIENSE**
  Praça Nilo Peçanha, 8
  Cep: 25900 Magé – RJ

- **CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS – CEAA***
  Rua da Assembléia, 10 sala 501
  – Centro
  Cep: 20011 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 221-3536

- **CENTRO DE ESTUDOS BRASIL-ÁFRICA – CEBA**
  Rua Feliciano Sodré, 41 sala 310
  Cep: 24610 São Gonçalo – RJ

- **CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISA DA CULTURA YORUBANA**
  A/C Dr. Fernando Portugal
  Caixa Postal 7046
  Cep: 20232 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 293-0649

- **CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS ACORDA CRIOULO**
  A/C Adauto Pereira
  Travessa Eunice, casa 30
  – Cidade de Deus
  Cep: 22700 Jacarepaguá – RJ

- **CENTRO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES**
  Rua Aimorés, 8 – Moquetá
  Cep: 26285 Nova Iguaçu – RJ

- **CENTRO DE MULHERES DE FAVELA E PERIFERIA**
  A/C Sandra Helena
  Rua Euclides da Rocha, 17 casa 75
  Cep: 20031 Rio de Janeiro – RJ

- **CLUBE PALMARES**
  Av. 17 de Julho, 369
  Cep: 27180 Volta Redonda – RJ

- **COMISSÃO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO**
  A/C Vanda / Helena Teodoro
  Rua Afonso Cavalcanti, 455 sala 226
  – Cidade Nova
  Cep: 20550 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 273-6117 r. 2138/2167/2140

- **COMISSÃO DE PROFESSORAS NEGRAS DE DUQUE DE CAXIAS**
  A/C Valéria Alves de Souza
  Rua Marinho de Oliveira, 7 – Beira Mar
  Cep: 25080 Duque de Caxias – RJ

- **COMISSÃO DE RELIGIOSOS, PADRES E SEMINARISTAS NEGROS DO RIO DE JANEIRO**
  A/C Frei David R. dos Santos
  Av. Rio Branco, 257 sala 403/404
  Cep: 20060 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 220-4094

- **COMISSÃO ESTADUAL DA MULHER NEGRA / RJ**
  A/C ASSEAF
  Rua 24 de Maio, 43 – Rocha
  Cep: 20951 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 281-0560

- **COMISSÃO NACIONAL ECUMÊNICA DE COMBATE AO RACISMO**
  A/C Silvia Schuneman
  Rua Barão da Torre, 98 – Ipanema
  Cep: 22411 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 267-4800 / 255-4436

- **COMISSÃO REGIONAL DE COMBATE AO RACISMO DA IGREJA METODISTA – 1ª REGIÃO ECLESIÁSTICA / RJ**
  A/C Gerson Martins
  Rua Marquês de Abrantes, 55
  Cep: 22230 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 245-8000 r. 22

- **COMISSARIA AFRO-BRASILEIRA DE NEGÓCIOS**
  Rua Visconde de Pirajá, 303 sala 801
  – Ipanema
  Cep: 22410 Rio de Janeiro – RJ

- **COMITÊ ANTI-APARTHEID**
  Rua Álvaro Alvim, 31/502
  Cep: 26385 Rio de Janeiro – RJ

- **COMITÊ BRASILEIRO DE SOLIDARIEDADE AOS POVOS DA ÁFRICA DO SUL E NAMÍBIA – COMÁFRICA**
  Rua Senador Dantas, 75 grupo 1001
  – Centro
  Cep: 20031 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 220-0781

- **COMITÊ DE VIGILÂNCIA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E SOCIAL – RACISO**
  Rua Major D'Ávila, 470
  Cep: 20511 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 242-8891

- **CONSELHO DAS ENTIDADES NEGRAS DO INTERIOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – CENIERJ**
  A/C Jorge Santana
  Caixa Postal 108474 – São Gonçalo
  Cep: 24400 São Gonçalo – RJ

- **CONSELHO MUNICIPAL DE DEFESA DOS DIREITOS DO NEGRO DO RIO DE JANEIRO**
  Rua Afonso Cavalcanti, 455 sala 1344
  – Cidade Nova
  Cep: 20211 Rio de Janeiro – RJ
  Tels.: (021) 293-1749 / 273-6117 r. 2863

- **CONSELHO NACIONAL DELIBERATIVO DA UMBANDA**
  Rua Sá Viana, 69 – Grajaú
  Cep: 20540 Rio de Janeiro – RJ

- **CORDÃO CARNAVALESCO E CULTURAL DE SAMBA, FREVO E CAPOEIRA DIVINA SENZALA – SAMFRECAPO-DS**
  A/C Roberto Ananias
  Rua Silva Mourão, 70 casa 8
  – Cachambi
  Cep: 21781 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 594-5158

- **CP – COR DA PELE PRODUÇÃO E VÍDEO LTDA.**
  A/C Filó Oliveira Filho
  Av. Rio Branco, 181 sala 407 – Centro
  Cep: 20040 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 262-7210

- **EDITORA DISTRIBUIDORA ÉBANO**
  Rua Costa Lobo, 257 – Triagem
  Cep: 20911 Rio de Janeiro – RJ

- **ENUGBARIJO COMUNICAÇÕES VÍDEO-TV***
  A/C Adauto de Souza Santos
  Rua Joaquim Murtinho, 307
  – Sta. Tereza
  Cep: 20241 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 232-0453

- **FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA**
  Av. Passos, 30 – Centro
  Cep: 20051 Rio de Janeiro – RJ
  Tels.: (021) 221-3153 / 221-3155

- **FEDERAÇÃO NACIONAL DAS SOCIEDADES RELIGIOSAS DE UMBANDA**
  Rua Alves de Brito, 21/102A
  Cep: 20530 Rio de Janeiro – RJ
  ou
  Rua Barão de Ubá, 423
  – Praça Baronesa
  Cep: 20260 Rio de Janeiro – RJ

- **FOLIA DE REIS ESTRELA-D'ALVA DO ORIENTE**
  Rua Nossa Senhora de Fátima, 32
  – Vila Cruzeiro
  Cep: 21070 Rio de Janeiro – RJ

- **FRENTE DE AÇÃO NEGRA DE NILÓPOLIS**
  Rua Getúlio Vargas, 2182
  Cep: 26525 Nilópolis – RJ

- **FUNDAÇÃO AFRO-BRASILEIRA DE ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA**
  Rua da Lapa, 180/804 – Centro
  Cep: 20021 Rio de Janeiro – RJ

- **GRÊMIO RECREATIVO AFRO AXÉ TUE BABÁ**
  A/C José Carlos Limeira
  Rua Santa Cristina, 144
  Cep: 20241 Rio de Janeiro – RJ

- **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA EM CIMA DA HORA**
  Rua Zeferino da Costa, 556
  Cep: 21370 Rio de Janeiro – RJ

- **GRUPO AFRO AGBARA DUDU**
  A/C Vera Mendes
  Rua Ernesto Lobão, 44 – Madureira
  Cep: 21351 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 591-1976

- **GRUPO AFRO ALAFIN AIYÊ**
  Renascença Clube
  Rua Barão de São Francisco, 54
  – Andaraí
  Cep: 20500 Rio de Janeiro – RJ

- **GRUPO AFRO-CULTURAL VINTE DE NOVEMBRO**
  A/C Luis Fernando
  Rua Bicuíba, 599 – Bloco de Areia
  Cep: 26100 Mesquita – RJ

- **GRUPO AFRO JOÃO CÂNDIDO**
  A/C José dos Santos /
  Nilson L. Santana
  Faculdade Niteroiense de
  Educação, Letras e Turismo
  Rua Visconde do Rio Branco, 123 e 137
  Cep: 24020 Niterói – RJ
  Tel.: (021) 719-4192

- **GRUPO AFRO ILÊ ZAMBI APONGUE**
  A/C Zezé
  Rua Santos Dumont, 173 sala 15
  Cep: 25900 Piabetá – 6º Distrito
  de Magé – RJ
  Tel.: (021) 739-1639

- **GRUPO CONSCIÊNCIA NEGRA**
  Rua Delfim Moreira – Campo do Prado
  Cep: 28690 Cachoeira de Macacu – RJ

- **GRUPO DE DANÇA ÁFRICA-BRASIL**
  A/C Edmar Joaquim da Silva
  Rua Getúlio Vargas, 2182
  Cep: 26525 Nilópolis – RJ
  Tel.: (021) 791-2906

- **GRUPO DE DANÇA AFRO ONIJO OLOKUN**
  A/C Gilberto de Oliveira
  Rua Tibet lote 19 Q. 24 - Vilar dos Teles
  Cep: 25555 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 751-1794

- **GRUPO DE DESENVOLVIMENTO DAS CULTURAS NEGRAS**
  A/C Jorge Luiz Rosa
  Rua Eudino Egger, 33
  Cep: 24710 São Gonçalo – RJ

- **GRUPO DE ESTUDOS ÁSIO AFRO LATINO-AMERICANO – GERAL**
  Rua Marquês de Olinda, 61 bloco C/908
  Cep: 22251 Rio de Janeiro – RJ

- **GRUPO DE MULHERES NEGRAS DO RIO DE JANEIRO**
  A/C Délia
  Estrada dos Bandeirantes, 8325 Q. 7
  1ª Etapa aptº 1105
  Cep: 22700 Rio de Janeiro – RJ
  Tels.: (021) 249-1920 / 275-1399

- **GRUPO DE TEÀTRO RAIZ DA LIBERDADE**
  A/C Cidilene
  Travessa Salatiel, 17 – Cidade de Deus
  Cep: 22700 Rio de Janeiro – RJ

- **GRUPO DE TRABALHO DO MOVIMENTO NEGRO**
  Fundação Pedroso Horta – PMDB
  Rua Almirante Barroso, 72/8º andar
  Cep: 20031 Rio de Janeiro – RJ

- **GRUPO DE TRABALHOS ANDRÉ REBOUÇAS – GTAR***
  Caixa Postal 107039
  Cep: 24250 Niterói – RJ

- **GRUPO DO NEGRO DO PT**
  Rua da Matriz, 505
  Cep: 25525 São João do Meriti – RJ

- **GRUPO FILHOS DE ZUMBI**
  A/C Néia
  Rua Firmino Fragoso, 297/309
  – Madureira
  Cep: 21351 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 359-3587

- **GRUPO ILANA AIYÊ DO LAR SANTA BÁRBARA E SÃO JOSÉ**
  A/C Tia Lora
  Rua Pernambuco, 1161 – Encantado
  Cep: 20730 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 269-1178

- **GRUPO LEMI AYÓ**
  A/C Antonio Martins da Silva Filho
  Rua São Cristóvão, 51/102
  Cep: 20940 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 234-6010

- **GRUPO NEGRO DE MIRACEMA**
  A/C Elibero Soares
  Rua José Monteiro de Barros, 332
  Cep: 28460 Miracema – RJ

- **GRUPO NEGRO DO PDT**
  Rua Francisco Dantas, 25
  Cep: 25000 São João do Meriti – RJ

- **GRUPO NOBREZA**
  A/C Jorge Braz de Jesus
  Rua Santo Antonio, 405 fundos
  Cep: 25515 São João de Meriti – RJ

- **GRUPO OLORUM BABA MIM***
  A/C Isaura de Assis
  Rua Siqueira Campos, 43/1210
  Cep: 22031 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 236-6153

- **GRUPO RAÍZES DA RAÇA**
  A/C Neca do Rio
  Rua Antonio Alexandre de Oliveira, 513
  Cep: 25000 São João do Meriti – RJ

- **GRUPO RECREATIVO DE ARTE NEGRA E ESCOLA DE SAMBA QUILOMBO**
  Rua Ouseley, 810 – Acari
  Cep: 21530 Rio de Janeiro – RJ

- **GRUPO RENOVADOR CHICO REI**
  Jardim Nova Guaratiba, Rua 62 Q. 67
  Lote 1 – Campo Grande
  Cep: 23000 Rio de Janeiro – RJ

- **GRUPO TEATRAL QUINTAL SUBURBANO**
  Rua Frei Pedro Sinzigio, 564
  Cep: 21510 Rio de Janeiro – RJ

- **GRUPO UNIÃO BLACK PROMOÇÕES – UBP***
  A/C Gilson José Ferreira
  Rua 1 nº 146 – Metalúrgico
  Cep: 27400 Barra Mansa – RJ

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA / NÚCLEO DE CACHOEIRA DE MACACU**
  A/C Celeida de Souza
  Rua Delfim Moreira, 93
  Cep: 28680 Cachoeira de Macacu – RJ
  ou
  A/C Pe. Leopoldo
  Igreja Católica de Macacu
  Cep: 28680 Cachoeira de Macacu – RJ

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA / NÚCLEO DE CUBANGO**
  A/C Luzilda Coelho da Silva
  Rua Retiro Saldoro, 40 – Cubango
  Cep: 24140 Niterói – RJ

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA / NÚCLEO DE SÃO JOÃO DO MERITI**
  A/C Neide Rodrigues
  Rua Rocha, 185 – Vale da Simpatia
  Cep: 25570 São João do Meriti – RJ
  Tel.: (021) 751-4080

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE DUQUE DE CAXIAS**
  A/C Jorge Luís
  Rua Rio Grande do Sul, 516 casa 6 – Paulicéia
  Cep: 25020 Duque de Caxias – RJ
  Tel.: (021) 223-3293

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA / NÚCLEO DE NITERÓI / RJ**
  Rua Américo Rabelo, 4 – Cubango
  Cep: 24240 Niterói – RJ

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA / NÚCLEO DE PETRÓPOLIS**
  A/C Graça Fortunato
  Caixa Postal 91060
  Cep: 25621 Petrópolis – RJ

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DO RIO DE JANEIRO**
  A/C Neide Rodrigues
  Rua Rocha, 185 – Vale da Simpatia
  Cep: 25065 São João de Meriti – RJ
  Tel.: (021) 751-4080

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA / NÚCLEO DO PARQUE JOSÉ BONIFÁCIO**
  A/C Neide ou Magali
  Rua Rocha, 185 – Vale da Simpatia
  Cep: 25065 São João do Meriti – RJ
  Tel.: (021) 751-4080

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA / NÚCLEO DE ÉDEN**
  A/C Máxima de Oliveira Gonçalves
  Rua Ananias Antero da Costa, 600
  Cep: 25545 São João de Meriti – RJ

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA / NÚCLEO DE SARACURUNA / RJ***
  A/C Eva Maria
  Rua Miguel Couto, 10 – Saracuruna
  Cep: 25215 Duque de Caxias – RJ

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA / NÚCLEO DE VENDA VELHA**
  A/C Gutemberg Serafim / Neide / Magali
  Rua Rubens de Almeida, 130
  – Venda Velha
  Cep: 25580 São João de Meriti – RJ
  Tel.: (021) 751-4080

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE VILA TIRADENTES**
  A/C Neide / Magali
  Rua Dr. Lúcio, 73 – Vila Tiradentes
  Cep: 25525 São João de Meriti – RJ
  Tel.: (021) 751-4080

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE VILA TIRADENTES / NÚCLEO DE VILAR DOS TELES**
  A/C Neide Ferreira Rodrigues / Magali
  Rua Rocha, Lote 9, nº 185
  – Vale da Simpatia
  Cep: 25065 São João de Meriti – RJ

- **GRUPO VISSUNGO**
  Rua Pedro Ernesto, 80 – Saúde
  Cep: 20220 Rio de Janeiro – RJ

- **GRUPO ZIMBABWE**
  Av. Santos Dumont, 173 sala 15
  – Piabetá
  Cep: 25900 Magé – RJ

- **ILUAIÊ: ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**
  Av. Ministro Edgar Romero, 239 –
  Galeria E – loja 10 (Ilê Odara)
  – Madureira
  Cep: 21360 Rio de Janeiro – RJ

- **INSTITUTO CULTURAL BRASIL-ÁFRICA**
  Rua Álvaro Alvim, 31/502
  Cep: 20031 Rio de Janeiro – RJ

- **INSTITUTO CULTURAL BRASIL-NIGÉRIA**
  Caixa Postal 65014
  Cep: 20072 Rio de Janeiro – RJ

- **INSTITUTO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS**
  Caixa Postal 55025
  Cep: 22732 Rio de Janeiro – RJ

- **INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDO DA LÍNGUA E CULTURA YORUBÁ-IPELCY**
  A/C Jairo Pereira / Gesia de Oliveira
  Rua Tibet, 19 – Vilar dos Teles
  Cep: 25555 São João de Meriti – RJ
  Tel.: (021) 751-1794

- **INSTITUTO DE PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS – IPCN***
  A/C Januário Garcia / João Marcos R. /
  Mª Cristina Ramos
  Av. Mem de Sá, 208 – Centro
  Cep: 20030 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 252-6683

- **INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS – IPEAFRO**
  A/C Abdias Nascimento
  Rua da Lapa, 180 sala 804 – Centro
  Cep: 20021 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 242-0619

- **INSTITUTO PARA FORMAÇÃO DE SEMINARISTAS DOS CULTOS AFROS – INFORBRAL**
  A/C Prof. Ornato José da Silva
  Rua General Canabarro, 165 c/02
  Cep: 20271 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 264-1895

- **IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DOS HOMENS PRETOS**
  Rua Uruguaiana, 77 – Centro
  Cep: 20050 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 221-3119

- **JORNAL APARTE**
  Caixa Postal 94209
  Cep: 25800 Três Rios – RJ

- **JORNAL MAIORIA FALANTE**
  Caixa Postal 50002 – Ag. Carioca
  Cep: 20062 Rio de Janeiro – RJ

- **JORNAL RAÍZES**
  Caixa Postal 3256
  Cep: 20001 Rio de Janeiro – RJ

- **JORNAL RITUAL E MAGIA**
  A/C Heliete A.R. Santos
  Av. Mem de Sá, 31 sobrado – Centro
  Cep: 21040 Rio de Janeiro – RJ

- **LUMINOSIDADE NEGRA MODELOS E MANEQUINS**
  A/C Profª Anailda
  Renascença Clube
  Rua Barão de São Francisco, 54
  – Andaraí
  Cep: 20560 Rio de Janeiro – RJ

- **MAGUILUANDA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA.**
  Av. Lineu de Paula Machado, 926
  Cep: 22470 Lagoa – RJ

- **MOVIMENTO AFRO-BRASILEIRO DE ITAPERUNA**
  Caixa Postal 145
  Cep: 28300 Itaperuna – RJ

- **MOVIMENTO ANTI-APARTHEID BRASILEIRO**
  A/C Eustáquio José Rodrigues
  Rua Francisco Xavier, 649/504 – Tijuca
  Cep: 20550 Rio de Janeiro – RJ

- **MOVIMENTO CULTURAL E SOCIAL DO NEGRO DE NOVA FRIBURGO***
  A/C Nélio dos Santos
  Rua Fernando Enes, 22
  Cep: 28600 Nova Friburgo – RJ
  Tel.: (0245) 22-3008

- **MOVIMENTO CULTURAL FILHOS DE JAH**
  A/C Ivo Gonçalves da Rocha
  Rua Real Grandeza, 546 – Botafogo
  Cep: 22281 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 232-8723

- **MOVIMENTO DA CONSCIENTIZAÇÃO NEGRA DE VOLTA REDONDA**
  A/C Magna Almeida de Souza
  Rua 548/76 – Jardim Paraíba
  Cep: 27180 Volta Redonda – RJ

- **MOVIMENTO DE DEFESA DO NEGRO**
  A/C Antonio Augusto Ferreira
  Rua Conde de Bonfim, 1156/304
  Cep: 20530 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 571-2818

- **MOVIMENTO DE PESQUISA E CULTURA NEGRA DE CABO FRIO**
  Rua Assunção, 855
  Cep: 28900 Cabo Frio – RJ
  ou
  A/C José do Carmo Pereira
  Rua Narciso F. Portugal, 26
  Cep: 28900 Cabo Frio – RJ
  ou
  A/C Manoel Justino da Silva
  Caixa Postal 155
  Cep: 28900 Cabo Frio – RJ

- **MOVIMENTO NEGRO DE CARMO**
  A/C Jandira Balbino
  Rua Nilo Passos, 592 ou 651 – Centro
  Cep: 28640 Carmo – RJ

- **MOVIMENTO NEGRO DE TRÊS RIOS**
  Rua Antenor Fontainha, 43
  Cep: 25800 Três Rios – RJ

- **MOVIMENTO NEGRO DO CLUBE PALMARES DE VOLTA REDONDA***
  A/C Carlos Henrique Almeida
  Av. Roma s/nº – Jardim Europa
  Cep: 27180 Volta Redonda – RJ
  Tel.: (0243) 42-1208

- **MOVIMENTO NEGRO DO PRESO (EM CRIAÇÃO)**
  A/C IPCN
  Av. Mem de Sá, 208 – Centro
  Cep: 20030 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 252-6683

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO – MNU/RJ**
  Caixa Postal 794 – Ag. Central
  Cep: 20001 Rio de Janeiro – RJ

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE NOVA FRIBURGO**
  A/C Zélia
  Rua Maranhão, 83 – Bela Vista
  Cep: 28600 Nova Friburgo – RJ
  Tel.: (0478) 22-5251

- **MOVIMENTO POLÍTICO QUILOMBISTA SOCIALISTA OU NEGROLOGIA DO BRASIL**
  A/C Severino Clementino dos Santos
  Rua Carmelita Vilard de Andrade, 18F
  Cep: 25575 São João de Meriti – RJ

- **MUSEU AFRO-BRASILEIRO JERÔNIMO DE SOUZA DO CENTRO ESPÍRITA PAI JERÔNIMO**
  A/C Marinete M. de Souza
  Rua Barão de Ubá, 423 – Tijuca
  Cep: 20260 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 273-1316

- **NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS – NEAB**
  A/C José Flávio P. de Barros
  Universidade do Estado do
  Rio de Janeiro – UERJ
  Rua São Francisco Xavier, 524 Bloco D
  sala 8033 – Maracanã
  Cep: 20550 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 284-8322

- **NZINGA – COLETIVO DE MULHERES NEGRAS***
  A/C Helena Maria de Souza / Marisa
  Caixa Postal 2073
  Cep: 20001 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 714-0251

- **ONIJÓ OLOKUM**
  Rua Mário Portela, 120/202
  – Laranjeiras
  Cep: 22241 Rio de Janeiro – RJ

- **PROGRAMA ORIGENS**
  A/C Helena Teodoro
  Rádio MEC
  Praça da República, 141A/6º andar
  Cep: 26020 Rio de Janeiro – RJ

- **PROGRAMA RELIGIÃO E NEGRITUDE BRASILEIRA**
  A/C Caetana M. Damasceno
  Instituto de Estudos da Religião – ISER
  Largo do Machado, 21 cobertura
  Cep: 22221 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 265-5747

- **PROJETO ÁFRICA ZUMBI – ARTE NEGRA**
  Caixa Postal 0794
  Cep: 20001 Rio de Janeiro – RJ

- **PROJETO NEGRO – IBASE**
  A/C Vânia Santana
  Rua Vicente de Souza, 29 – Botafogo
  Cep: 22251 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 286-0348

- **QUILOMBO REGIONAL**
  Paróquia N. Sra. das Graças
  Praça Getúlio Vargas, s/nº
  Cep: 25590 São João de Meriti – RJ
  Tels.: (021) 756-0881 / 756-0804

- **QUILOMBO UNIÃO DAS RAÇAS**
  A/C Fátima Lima
  Av. Ezequiel, bloco 4 aptº 104 nº 392
  – Cidade de Deus
  Cep: 22773 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 342-1225

- **RENASCENÇA CLUBE***
  Rua Barão de São Francisco, 54
  Cep: 20560 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 268-2348 / 288-3399

- **REUNIÃO DE MULHERES NEGRAS AQUALTUNE**
  Rua Gomes Freire, 559/302
  Cep: 20231 Rio de Janeiro – RJ

- **SECRETARIA DO MOVIMENTO NEGRO DO PDT/RJ**
  A/C Ordenael Silva
  Rua 7 de Setembro, 141/4º andar
  – Centro
  Cep: 20050 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 221-0093

- **SINDICATO DOS PUBLICITÁRIOS DO RIO DE JANEIRO**
  A/C Maria Helena Morais
  Av. Beira Mar, 216 Grupo 801
  Cep: 02140 Rio de Janeiro – RJ

- **SOCIEDADE BENEFICENTE DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA**
  Estrada do Outeiro Santo, 1481
  – Jacarepaguá
  Cep: 22700 Rio de Janeiro – RJ

- **SOCIEDADE DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA**
  A/C Ornato José da Silva
  Rua General Canabarro, 165 cob. 102
  – Tijuca
  Cep: 20271 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 264-1895
  ou
  Caixa Postal 3256
  Cep: 20001 Rio de Janeiro – RJ

- **SOCIEDADE DE ESTUDOS DOS PROBLEMAS E INTERESSES COLETIVOS DE BANGU**
  A/C José Miguel
  Rua Catiri, 605
  Cep: 21860 Rio de Janeiro – RJ

- **SOCIEDADE DE INTERCÂMBIO BRASIL-ÁFRICA – SIMBA**
  Caixa Postal 627
  Cep: 20001 Rio de Janeiro – RJ

- **SOCIEDADE YORUBANA TEOLÓGICA DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA**
  Caixa Postal 40070
  Cep: 22180 Rio de Janeiro – RJ

- **TEATRO PROFISSIONAL DO NEGRO**
  A/C Ubirajara Fidalgo
  Fidalgo Produções Artísticas
  Rua Carvalho de Mendonça, 35/901
  Cep: 22020 Rio de Janeiro – RJ
  Tel.: (021) 541-2661

- **UNIÃO BLACK PROMOÇÕES**
  Rua 1/146 – Bairro dos Metalúrgicos
  Cep: 27180 Volta Redonda – RJ

- **VENERÁVEL IRMANDADE SANTO ELESBÃO E SANTA EFIGÊNIA**
  Rua da Alfândega, 219 – Centro
  Cep: 20061 Rio de Janeiro – RJ

Rio Grande do Norte

- **CENTRO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS**
  Universidade Federal do
  Rio Grande do Norte
  Cep: 59000 Natal – RN

Rio Grande do Sul

- **ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DO RIO GRANDE DO SUL**
  Av. Alberto Bins, 1020 sala 25
  Cep: 90030 Porto Alegre – RS

- **CENTRO CÍVICO CULTURAL JOAQUIM MESSIAS DA SILVA**
  A/C Adão Assis Brasil
  Av. Venâncio Aires, 1092 Conj. 81 e 91
  Cep: 93540 Porto Alegre – RS

- **COMISSÃO E NÚCLEO DE NEGROS DO PT**
  Av. João Pessoa, 209 – Centro
  Cep: 90040 Porto Alegre – RS

- **COMISSÃO REGIONAL DE COMBATE AO RACISMO DA IGREJA METODISTA – 2ª REGIÃO ECLESIÁSTICA / RS**
  A/C Sandra Mariza Rodrigues
  Vila Ipê 1 Via 15, 23 – Paternon
  Cep: 90000 Porto Alegre – RS
  Tels.: (0512) 34-7381 / 41-8000

- **FUNDAÇÃO LEOPOLD SENGHOR**
  A/C Mauro Paré
  Av. Dr. Nilo Peçanha, 557/504
  Cep: 90430 Porto Alegre – RS
  Tels.: (0512) 33-4142 / 34-9772

- **GRUPO DE REFLEXÃO E COMBATE AO RACISMO**
  A/C Luiz Batista da Rosa
  Rua Nossa Sra. das Graças, 118 – Glória
  Cep: 90630 Porto Alegre – RS

- **GRUPO PALMARES**
  A/C Oliveira Silveira
  Rua Tomás Flores, 303 – Bonfim
  Cep: 90210 Porto Alegre – RS

- **GRUPO QUILOMBHOJE**
  Av. Assis Brasil, 280/120D
  Cep: 91010 Porto Alegre – RS

- **GRUPO TIÇÃO**
  A/C José Vainer Camargo
  Rua Jacinto Gomes, 135/8 – Bonfim
  Cep: 90040 Porto Alegre – RS

- **MARIA MULHER**
  Caixa Postal 1781 – Centro
  Cep: 90000 Porto Alegre – RS

- **MOVIMENTO NEGRO DE PORTO ALEGRE**
  Rua José do Patrocínio, 804/901
  Cep: 90000 Porto Alegre – RS

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO – MNU/RS**
  Caixa Postal 771
  Cep: 90000 Porto Alegre – RS

- **MOVIMENTO QUILOMBISTA**
  Travessa Marechal Bormann, 159
  Cep: 90640 Porto Alegre – RS

- **MOVIMENTO TRABALHISTA DE INTEGRAÇÃO DA RAÇA NEGRA – MOTIRAN**
  Rua Demétrio Ribeiro, 961 aptº 80 – Centro
  Cep: 90010 Porto Alegre – RS
  ou
  A/C Luiz Fernando Lima
  Rua Riachuelo, 908 – Centro
  Cep: 90020 Porto Alegre – RS
  Tel.: (0512) 27-5241

- **PASTORAL DO NEGRO**
  A/C Vera Triunfo
  Rua Tijuca, 346
  Cep: 90630 Porto Alegre – RS
  Tels.: (0512) 24-5444 / 23-6434 (res.)

- **PARTIDO DO NEGRO BRASILEIRO - PNB****
  Caixa Postal 706
  Cep: 90430 Porto Alegre – RS

- **SOCIEDADE BENEFICENTE CULTURAL FLORESTA AURORA**
  Rua Curupaiti, 1221 – Bairro Cristal
  Cep: 90650 Porto Alegre – RS

- **TEATRO NEGRO AXÉ**
  Rua José do Patrocínio, 804/901
  Cep: 96010 Porto Alegre – RS

Rondônia

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE RONDÔNIA**
  A/C Ana Maria Ramos
  Av. Sete de Setembro, 2170
  Cep: 78900 Porto Velho – RO
  ou
  Caixa Postal 1733
  Cep: 78900 Porto Velho – RO

Santa Catarina

- **CENTRO CÍVICO CRUZ E SOUZA**
  A/C Renato Carlos de Oliveira
  Praça Siqueira Campos, 20
  Cep: 88500 Lajes – SC
  Tel.: (0492) 22-1072

- **COORDENAÇÃO PARA ASSUNTOS AFRO-BRASILEIROS**
  Av. Gov. Irineu Bornhausen, 5000
  – Agronômica
  Cep: 88025 Florianópolis – SC

- **FEDERAÇÃO CATARINENSE DE ENTIDADES NEGRAS – FECEM**
  R. Fúlvio Aducci, 186 – Estreito
  Cep: 88075 Florianópolis – SC

- **GRUPO AFRO-BRASILEIRO**
  A/C João de Souza Domingos
  Rua Paraíba, 465
  Cep: 89010 Joinville – SC
  Tel.: (0474) 33-6607*

- **GRUPO AFRO-BRASILEIRO DE CAMBORIÚ**
  Rua Antônio Bittencourt, 199/8
  – Bairro dos Pioneiros
  Cep: 88330 Balneário Camboriú – SC

- **GRUPO AFRO-BRASILEIRO DE CRICIÚMA**
  A/C Prof. Vilson Lalau
  Av. Victor Meirelles, 1140
  – Vila Operária
  Cep: 88800 Criciúma – SC
  Tel.: (0484) 33-0461

- **GRUPO AFRO-BRASILEIRO DE FLORIANÓPOLIS*****

- **GRUPO AFRO-BRASILEIRO DE ITAJAÍ**
  A/C José Paulino da Silva
  Rua Blumenau, 473
  Cep: 88300 Itajaí – SC
  Tel.: (0473) 44-1921

- **GRUPO AFRO-BRASILEIRO DE JARAGUÁ**
  A/C Leocádio O. Rodrigues
  Prefeitura Municipal
  Cep: 89250 Jaraguá do Sul – SC
  Tel.: (0473) 72-0988

- **GRUPO AFRO-BRASILEIRO DE TUBARÃO**
  A/C Jorge Luis de Oliveira
  Rua do Comerciário, 56
  Cep: 88700 Tubarão – SC
  Tel.: (0486) 22-2006

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA***
  A/C Márcia José Pereira de Souza / Ivan Costa Lima
  Rua Juvan Rocha, 13 – Agronômica
  Cep: 88025 Florianópolis – SC
  Tel.: (0482) 22-8576

- **MOVIMENTO EXALTAÇÃO MÁRTIR ZUMBI**
  A/C Moacir P. Corrêa
  Rua Germano Siebert, 1197
  Cep: 88700 Tubarão – SC
  Tel.: (0486) 22-2624

- **MOVIMENTO NEGRO INDEPENDENTE*****

- **NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A POPULAÇÃO DE ORIGEM AFRICANA EM SANTA CATARINA**
  A/C Ilka Bartolomeu Leite
  Departamento de Ciências Sociais
  Centro de Ciências Humanas – UFSC
  Campus Universtário – Trindade
  Cep: 88049 Florianópolis – SC
  Tels.: (0482) 33-9253 / 23-0581

- **NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS/SC**
  A/C Ivan Costa Lima
  Rua Ana Maria Nunes, 35 casa 9
  Cep: 88000 Florianópolis – SC
  Tel.: (0482) 22-0692
  ou
  Caixa Postal 3241
  Cep: 88001 Florianópolis – SC

- **PASTORAL DO NEGRO DE CRICIÚMA**
  Rua Santa Bárbara, 40
  – Bairro Santa Bárbara
  Cep: 88800 Criciúma – SC

- **PASTORAL DO NEGRO DE JOINVILLE**
  Caixa Postal 778
  Cep: 89200 Joinville – SC

- **PASTORAL DO NEGRO DE LAGUNA**
  Caixa Postal 342
  Cep: 88879 Laguna – SC

- **SEMANA AFRO-CATARINENSE – SEAFRO***
  A/C Flavio da Cruz / Osvaldo Vieira S. Filho / Flavio da Silva Filho / Francisco Librânio da Silva
  Rua Victor Meirelles, 44
  Cep: 88000 Florianópolis – SC
  Tel.: (0482) 33-4421

- **SOCIEDADE BRASILEIRA ÁLVARO CATÃO**
  Cep: 88780 Imbituba – SC

- **SOCIEDADE CRUZ E SOUZA**
  Rua Siqueira Campos, 20
  Cep: 88500 Lajes – SC

- **SOCIEDADE RECREATIVA COPALOIDE**
  Rua Gal. Vieira da Rosa, 99
  Cep: 88020 Florianópolis – SC

- **SOCIEDADE 13 DE MAIO**
  A/C Ruberval de Souza Delfino / Ciciliano Delfino
  Rua Marechal Deodoro, 1535
  Cep: 88700 Tubarão – SC
  Tel.: (0486) 22-2419

- **SOCIEDADE UNIÃO MINEIRA**
  Rua do Comércio, s/nº
  Cep: 88860 Siderópolis – SC

- **UNIÃO BRASILEIRA DOS HOMENS DE COR – UBRAC**
  Alameda Adolfo Konder
  Cep: 88010 Florianópolis – SC

São Paulo

- **ACADEMIA DE CAPOEIRA CAPITÃES DE AREIA**
  Rua Vitorino Carmilo, 172
  – Barra Funda
  Cep: 01153 São Paulo – SP

- **ACADEMIA DE CAPOEIRA SENZALA DA BAHIA*****

- **ACADEMIA SÃO PAULO DO SAPOPEMBA**
  Caixa Postal 54079
  Cep: 01296 São Paulo – SP

- **AGENTES DE PASTORAL NEGROS – APN***
  A/C Pe. Edir Soares
  Rua 9 de Julho, 1010
  Cep: 16400 Lins – SP
  Tel.: (0145) 22-2165
  ou
  Caixa Postal 114
  Cep: 16400 Lins – SP

- **AGENTES DE PASTORAL NEGROS – QUILOMBO CENTRAL**
  Rua Tabatingüera, 301
  Cep: 01020 São Paulo – SP

- **ASSESSORIA PARA ASSUNTOS AFRO-BRASILEIROS DA SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO**
  Rua Líbero Badaró, 39/8º andar
  Cep: 01009 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 257-1311 r. 227/166

- **ASSOCIAÇÃO ASSISTENCIAL ÁUREA BRASILEIRA (AAPABA)***
  A/C Sebastião José da Silva
  Rua Maria Rita Balbino, 189
  – Jardim Ester
  Cep: 05372 São Paulo – SP

- **ASSOCIAÇÃO ASSISTENCIAL E CULTURAL DE MOGI*****

- **ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CULTURAL RECREATIVA TAMOIO**
  Rua Treze, 13
  Cep: 13500 Rio Claro – SP

- **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ADVOGADOS RURAIS**
  Av. Glicério, 1329 Conjunto 21
  Cep: 13100 Campinas – SP
  ou
  Caixa Postal 1396
  Cep: 13001 Campinas – SP

- **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SOLIDARIEDADE AO POVO MOÇAMBICANO – ABASSO*****
  Rua Augusta, 55 sobreloja
  – Consolação
  Cep: 01305 São Paulo – SP

- **ASSOCIAÇÃO CASA DE ARTE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA – ACACAB**
  Rua Bela Cintra, 195 – Consolação
  Cep: 01415 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 259-9940

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA ABC**
  Rua Campos Salles, 545
  Cep: 09015 Santo André – SP

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL AGOSTINHO NETO**
  Rua Marquês de Itu, 633 – Vila Buarque
  Cep: 01223 São Paulo – SP

- **ASSOCIAÇÃO CULTURAL RECREATIVA COLOREDES**
  Rua Humaitá, 2032
  Cep: 14800 Araraquara – SP

- **ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA E BLOCOS CARNAVALESCOS DE ARARAQUARA**
  Av. Benedito da Silveira Cruz, 126
  Cep: 14800 Araraquara – SP

- **ASSOCIAÇÃO DAS RELAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS AFRO-BRASILEIRAS – ARPAB**
  Av. Brigadeiro Tobias, 118/3423
  Cep: 01032 São Paulo – SP

- **ASSOCIAÇÃO DAS RELAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS AFRO-BRASILEIRAS DE MOGI-MIRIM – ARPAB**
  Rua Humaitá, 15 2º andar
  Cep: 13800 Mogi-Mirim – SP

- **ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA SENZALA**
  Rua Pego Junior, 20
  Cep: 11100 Santos – SP

- **ASSOCIAÇÃO DE MESTRES E PROFESSORES DE CAPOEIRA DO ESTADO DE SÃO PAULO**
  Rua Amaral Gurgel, 292 – Vila Buarque
  Cep: 01221 São Paulo – SP

- **ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA AFRO-ASIÁTICO DO BRASIL**
  Av. Sen. Lineu Prestes, 159
  Cep: 05434 São Paulo – SP
  ou
  Caixa Postal 8105
  – Cidade Universitária
  Cep: 05568 São Paulo – SP

- **ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS – SP**
  Rua Capri, 163 – Pinheiros
  Cep: 05425 São Paulo – SP

- **ASSOCIAÇÃO RECREATIVA DOS HOMENS DE COR**
  Rua dos Ciclames, 41
  Cep: 03146 São Paulo – SP

- **ARISTOCRATA CLUBE**
  Rua Álvaro de Carvalho, 118
  Cep: 01415 São Paulo – SP

- **BALOGUM**
  Rua Visconde de Inhaúma, 440 sala 1
  Cep: 14100 Ribeirão Preto – SP

- **BLOCO DA KREOLA**
  Rua Pinheiros, 1376
  Cep: 05422 São Paulo – SP

- **CÂMARA DO COMÉRCIO AFRO-BRASILEIRA**
  A/C Presidente Adalberto Camargo
  Av. Paulista, 1499 conj. 1001
  Cep: 01311 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 221-4585

- **CASA AFRO-BRASILEIRA**
  Rua Campo Grande, 367
  Cep: 06000 Osasco – SP

- **CASA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**
  Rua Capitão José Leite, 38
  – Vila Matilde
  Cep: 03510 São Paulo – SP

- **CENTRAL GERAL DOS TRABALHADORES – CGT**
  A/C Oswaldo de Oliveira
  Av. Washington Luiz, 6979
  Cep: 04627 São Paulo – SP

- **CENTRO AFRO-BRASILEIRO ANDRÉ REBOUÇAS**
  Rua Senhora Aparecida, 87
  Cep: 06300 Carapicuíba – SP

- **CENTRO COMUNITÁRIO DE CULTURA NEGRA – CECUNE**
  Rua 11, nº 3216 – BNH
  Cep: 13500 Rio Claro – SP

- **CENTRO COMUNITÁRIO DO MENOR – CCM**
  A/C Benedito de Jesus Batista Laurindo
  Rua Tabatingüera, 301
  Cep: 01020 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 32-0775

- **CENTRO CULTURAL E RECREATIVO ITAMARATI*****
  Cep: 11100 Santos – SP

- **CENTRO DE CONSCIENTIZAÇÃO DO NEGRO – CECONE**
  Rua D. Pedro II, 334 – sala 212
  Cep: 07010 Guarulhos – SP

- **CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA**
  Campus Universitário
  Cep: 13560 São Carlos – SP

- **CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA CONGADA**
  A/C Casemiro Paschoal da Silva
  Rua Madre Saint Bernardi, 770
  Cep: 13560 São Carlos – SP
  Tel.: (0162) 72-2661

- **CENTRO DE CULTURA OPERÁRIA**
  Rua Maria José, 326 – Bela Vista
  Cep: 01324 São Paulo – SP

- **CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS* USP – CIDADE UNIVERSITÁRIA/SP**
  A/C Liana Maria S. Trindade
  Caixa Postal 8105
  Cep: 05568 São Paulo – SP

- **CENTRO DE ESTUDOS COMUNITÁRIOS CULTURA AFRO-BRASILEIRA – CECAB**
  Rua Prof. Juvenal da Costa e Silva, 397
  Cep: 12080 Taubaté – SP

- **CENTRO DE ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS**
  Rua Adolfo Tabacow, 201
  Cep: 01453 São Paulo – SP

- **CENTRO DE ESTUDOS CULTURAIS AFRO-BRASILEIROS "ZUMBI"*****
  Rua Alberto Veiga, 32 – Marapé
  Cep: 11100 Santos – SP

- **CENTRO DE ESTUDOS E ATIVIDADES SOCIAIS**
  Deptº Jurídico 22 de Agosto
  Rua Monte Alegre, 1024
  Cep: 05014 São Paulo – SP

- **CENTRO DE INFORMAÇÃO MULHER**
  Caixa Postal 11399
  Cep: 05499 São Paulo – SP

- **CENTRO SOCIAL CULTURAL RECREATIVO BENEFICENTE JOSÉ DO PATROCÍNIO – CSCRB**
  Rua José do Patrocínio, 59
  Cep: 14100 Ribeirão Preto – SP

- **CLUBE BENEFICENTE E RECREATIVO 28 DE SETEMBRO JUNDIAIENSE**
  Praça da Bandeira, 363
  Cep: 13200 Jundiaí – SP

- **CLUBE CULTURAL RECREATIVO DE CAMPINAS**
  Rua Cerqueira, 66 – Vila Industrial
  Cep: 13100 Campinas – SP

- **CLUBE DA VELHA GUARDA**
  Rua Mauá, 806
  Cep: 01028 São Paulo – SP

- **CLUBE DAS DEZ**
  Rua Saldanha Marinho, 1090
  Cep: 14100 Ribeirão Preto – SP

- **CLUBE 9 DE JULHO**
  Av. São Jorge, 184
  Cep: 13100 Campinas – SP

- **CLUBE RECREATIVO BANGU**
  Rua Francisco Glicério, 34
  Cep: 13990 Espírito Santo do Pinhal – SP

- **COLETIVO DE MULHERES DA BAIXADA SANTISTA**
  A/C Alzira Rufino dos Santos
  Av. Cons. Nébias, 651 aptº 107
  Cep: 11050 Santos – SP

- **COMISSÃO DE MULHERES NEGRAS DO CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA**
  Rua Batatais, 187 – Jardim Paulista
  Cep: 01423 São Paulo – SP
  Tels.: (011) 887-0900 / 887-4122

- **COMISSÃO DE NEGROS DO PT**
  Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1224
  sala 13
  Cep: 01318 São Paulo – SP

- **COMISSÃO NACIONAL DE COMBATE AO RACISMO DA IGREJA METODISTA**
  A/C Reverendo Antonio Olímpio de Sant'Ana
  Caixa Postal 68
  Cep: 13400 Piracicaba – SP

- **COMISSÃO PARA ASSUNTOS DA MULHER NEGRA DO CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA/SP**
  A/C Maria Lúcia da Silva
  Rua Batatai, 187 – Jardim Paulista
  Cep: 01423 São Paulo – SP
  Tels.: (011) 887-1188 / 887-4122 / 887-0900

- **COMISSÃO REGIONAL DE COMBATE AO RACISMO DA IGREJA METODISTA / 3ª REGIÃO ECLESIÁSTICA / SP**
  A/C Maria de Jesus
  Caixa Postal 55202
  Cep: 04799 São Paulo – SP

- **COMPANY SOUL PRODUÇÕES**
  Rua Vitorino Camilo, 1016
  Cep: 01153 São Paulo – SP

- **COMUNIDADE NEGRA DA FREGUESIA DO Ó**
  Estrada da Parada, 86-A
  – Vila Penteado
  Cep: 02860 São Paulo – SP

- **CONSELHO COORDENADOR DAS ASSOCIAÇÕES DE FAVELA DE SÃO PAULO – COROFASP**
  A/C Messias José da Silva
  Rua Japurá, 192 – Bela Vista
  Cep: 01319 São Paulo – SP

- **CONSELHO DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NEGRA**
  A/C Hélio Santos
  Rua Antonio de Godoy, 122 sala 709
  Cep: 01034 São Paulo – SP
  Tels.: (011) 220-2946 / 223-8674 / 280-1083 / 223-8477 r. 15/16

- **CONSELHO NACIONAL DE CINECLUBES**
  A/C J. Batista / J. Félix
  Rua Maria Elisa Siqueira, 221
  Cep: 02558 São Paulo – SP

- **CORAL NEGRO – CANTAFRO**
  A/C Estevão Maya Maya
  Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos
  Largo do Paissandu, s/nº
  Cep: 01034 São Paulo – SP

- **CORREIO D'ÉBANO**
  Rua José Paulino, 1459
  Cep: 13100 Campinas – SP

- **DEPARTAMENTO FEMININO DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA**
  A/C Marta Arruda
  Rua 24 de Maio, 250 6º andar
  Cep: 01041 São Paulo – SP

- **ÉBANO ATLÉTICO CLUBE*****

- **EBOH – EDITORA LIVRARIA LTDA.**
  A/C Isidoro Teles de Sousa / Marcio Damazio
  Rua Conselheiro Ramalho, 688
  – Bela Vista
  Cep: 01325 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 289-6086

- **EDITORA E DISTRIBUIDORA ÉBANO LTDA.**
  Rua Bela Cintra, 195 – Consolação
  Cep: 01415 São Paulo – SP

- **ESCOLA CULTURAL ÁUREA BRASILEIRA**
  Rua Maria Rita Balbino, 189
  – Jardim Esther
  Cep: 05372 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 832-5839

- **ESCOLA DE SAMBA FLOR DE VILA DALILA**
  Rua José Piedade, 21
  Cep: 03521 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 291-3219

- **ESCOLA DE SAMBA IMPERIAL**
  Rua Benedito Ernesto Guimarães, 181
  – Bairro Marapé
  Cep: 11070 Santos – SP

- **ESCOLA DE SAMBA PAULISTANO DA GLÓRIA**
  A/C Geraldo Filme
  Rua da Glória, 132 – Liberdade
  Cep: 01510 São Paulo – SP

- **ESCOLA DE SAMBA VAI COMO PODE**
  Av. I, 975
  Jardim Boa Vista
  Cep: 14620 Orlândia – SP

- **ESCOLA DE SAMBA X-9**
  Rua Campos Salles, 93
  Bairro do Macuco
  Cep: 11100 Santos – SP

- **ESPAÇO CULTURAL DO TERCEIRO MUNDO**
  A/C Paulo Cana B. Filho
  Rua Fradique Coutinho, 890 – Pinheiros
  Cep: 05416 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 210-3298

- **EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA NEGRA*****

- **FRENTE NEGRA BRASILEIRA**
  Rua Coronel Benedito de Almeida, 149
  Cep: 08550 Poá – SP

- **FUNDAÇÃO DE APOIO AO CULTO E TRADIÇÃO YORUBANA NO BRASIL – FUNACULTY**
  A/C Donato G. Filho
  Rua Afonso Sardinha, 295 – Lapa
  Cep: 05076 São Paulo – SP

- **FUNDAÇÃO SÓCIO-CULTURAL E ASSISTENCIAL AFRO-BRASILEIRA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (FUSOCAAB)****
  A/C Manoel Mescias Ferreira
  Rua Regente Feijó, 1002 – V. Elvira
  Cep: 15070 São José do Rio Preto – SP

- **GRÊMIO CULTURAL RECREATIVO BENEFICENTE E FACUL. SAMBA BARROCA ZONA SUL**
  Av. do Cursino, 140
  Cep: 04118 São Paulo – SP

- **GRÊMIO CULTURAL RECREATIVO BRASIL DE SANTOS*****

- **GRÊMIO ESPORTIVO ASES NEGROS**
  Rua Siqueira Campos, 70
  Cep: 13100 Campinas – SP

- **GRÊMIO INTERIORANO DE CULTURA NEGRA GARRA AFRICANA – GICNGA**
  A/C Adivair Augusto / Francisco (Quilamba)
  Rua Serrana, 657 – Vila Queiroz
  Cep: 13480 Limeira – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO BENEFICENTE FAMILIAR 13 DE MAIO**
  Rua Pe. Teixeira, 1438
  Cep: 13560 São Carlos – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO CULTURAL BENEFICENTE DA ESCOLA DE SAMBA CATEDRÁTICOS DE VILA SÔNIA**
  Rua Prof. José Esteves Carrominha, 77
  – Vila Sônia
  Cep: 05625 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO CULTURAL COIMBRA**
  Av. São João, 1413 2º andar
  Cep: 01261 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO CULTURAL ESCOLA DE SAMBA DA LAPA**
  Rua Cincinato Pamponei, 128
  Cep: 05072 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO CULTURAL ESCOLA DE SAMBA PRÍNCIPE NEGRO DE VILA PRUDENTE**
  Rua Antonio Bittencourt, 438
  Cep: 03159 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO CULTURAL ESCOLA DE SAMBA REPÚBLICA**
  Rua Benedito Lacerda, 18
  – Jardim Pinhal
  Cep: 07000 Guarulhos – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO CULTURAL FILHOTES DA X-9**
  Rua Roberto Cláudio, 1A – Vila Ré
  Cep: 03666 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO CULTURAL IMPÉRIO DO CAMBUCI**
  Rua dos Estudantes, 77
  Cep: 01505 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO CULTURAL UNIDOS DO PERUCHE**
  Rua Zilda, 650 – Casa Verde Alta
  Cep: 02545 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA BRASIL DE SANTOS*****

- **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA CABEÇÕES DE VILA PRUDENTE**
  Rua Taiaçupeba, 77 – Quinta das Palmeiras – Vila Prudente
  Cep: 03150 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA CAMISA VERDE E BRANCO**
  Rua James Holland, 663 – Barra Funda
  Cep: 01138 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA FIO DE OURO**
  Rua Ricardo Batista, 101 – Bela Vista
  Cep: 01326 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA NENÊ DE VILA MATILDE**
  Rua Julio Rinaldo, 1 – Vila Salete
  Cep: 03615 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA PÉROLA NEGRA**
  Rua Girassol, 45
  Cep: 05433 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA VAI VAI**
  Rua São Vicente, 276 – Bela Vista
  Cep: 01314 São Paulo – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO JOSÉ DO PATROCÍNIO**
  Rua Antonio Alves de Toledo, 32
  Cep: 14700 Bebedouro – SP

- **GRÊMIO RECREATIVO MOCIDADE ALEGRE**
  Av. Casa Verde, 3498
  Cep: 02520 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 275-0055

- **GRUPO AFRO-ZUMBI DOS REMÉDIOS**
  A/C Isa Costa
  Rua Antônio Airoza, 253
  – Vila dos Remédios
  Cep: 05103 São Paulo – SP

- **GRUPO ARTE E CULTURA**
  Rua Clodomiro Amazonas, 1256/102
  Cep: 04537 São Paulo – SP

- **GRUPO CORAL E ARTÍSTICO ORIGERANÇA*****

- **GRUPO DE DIVULGAÇÃO DA ARTE E CULTURA NEGRA DE ARARAQUARA – GANA**
  Rua José Bonifácio, 1358
  Cep: 14800 Araraquara – SP

- **GRUPO DE MULHERES DO MNU**
  Rua Vitorino Damico, 173 casa C
  – Jardim Monte Alegre
  Cep: 06750 Taboão da Serra – SP

- **GRUPO DE NEGRO ECUMÊNICO**
  Rua Piruini, 47 casa 4
  Cep: 03710 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 229-7448

- **GRUPO DE NEGROS DA PUC/SP***
  A/C Roseli de Oliveira
  Rua Ministro de Godoy, 960 – Perdizes
  Cep: 05015 São Paulo – SP

- **GRUPO DE ORIENTAÇÃO E INTERFERÊNCIA EM SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO TRABALHO – GOISDRT**
  A/C Mª Aparecida da S.B. Teixeira / Odomair O. Ogumhiyi
  Secretaria de Estado de Relações do Trabalho / SP
  Av. Brigadeiro Luis Antonio, 1224
  1º andar sala 13
  Cep: 01006 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 288-1083

- **GRUPO DE ORIENTAÇÃO E INTERFERÊNCIA PARA ASSUNTOS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL**
  Secretaria de Segurança Pública de São Paulo
  Av. Higienópolis, 758
  Cep: 01238 São Paulo – SP

- **GRUPO DE POLÍTICOS NEGROS DO PMDB/SP**
  Rua Martiniano de Carvalho, 807 Sala Esmeraldo Tarquino – Bela Vista
  Cep: 01314 São Paulo – SP

- **GRUPO DE TEATRO E EVOLUÇÕES – GTE**
  A/C Antonio Carlos dos Santos
  Rua Montese, 711
  – Vila Castelo Branco
  Cep: 13100 Campinas – SP

- **GRUPO DE TRABALHO DE AÇÃO LOCALIZADA**
  Rua Ourinhos, 291
  Cep: 03186 São Paulo – SP

- **GRUPO DE TRABALHO DE PROFISSIONAIS LIBERAIS E UNIVERSITÁRIOS NEGROS – G.T.P.L.U.N.**
  Rua Cervantes, 9
  Cep: 03126 Vila Prudente – SP
  Tel.: (011) 273-0341

- **GRUPO DE TRABALHO PARA ASSUNTOS AFRO-BRASILEIROS**
  A/C Rachel de Oliveira / Ismael Antonio Freire / Percy da Silva / Nice Camança Tudrey
  Secretaria do Estado da Educação / SP
  Rua Rego Freitas, 527 9º andar sala 93
  Cep: 01220 São Paulo – SP

- **GRUPO FEMININO AFRO-BRASILEIRO**
  Av. 09, nº 1180
  Cep: 13500 Rio Claro – SP

- **GRUPO MALUNGO**
  Rua Júlio Rodrigues Medeiros, 204 – Cidade Líder
  Cep: 08200 São Paulo – SP

- **GRUPO NEGRO DA FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA**
  Rua General Jardim, 522 – Vila Buarque
  Cep: 01223 São Paulo – SP

- **GRUPO NEGRO DAS COMUNIDADES UNIVERSITÁRIAS DE BASE**
  Rua Cardoso de Almeida, 313 – Perdizes
  Cep: 05013 São Paulo – SP

- **GRUPO NEGRO RAÍZES*****
  Cep: 14780 Barretos – SP

- **GRUPO RECREATIVO CULTURAL ESCOLA DE SAMBA DA ACLIMAÇÃO**
  Rua Machado de Assis, 165 – Vila Mariana
  Cep: 04106 São Paulo – SP

- **GRUPO TRAVESSIA**
  Av. Paris, 61 – Jardim Independência
  Cep: 14100 Ribeirão Preto – SP

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE SÃO PAULO**
  A/C Maria Elvira Rocha
  Av. Ipiranga, 1267 8º andar
  Cep: 01030 São Paulo – SP

- **INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS AFRICANISTAS**
  Av. Graúna, 326 c/5 – Vila Uberabinha
  Cep: 04514 São Paulo – SP
  ou
  A/C Prof. Clovis Moura
  Rua Mª Paula, 82/4º andar
  Cep: 01319 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 240-7500

- **INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS CIDADE UNIVERSITÁRIA ARMANDO DE SALLES**
  Ed. Geografia e História
  Cep: 11154 São Paulo – SP

- **INSTITUTO NEGRO DE ESTUDOS BRASILEIROS – INEB**
  A/C Edna Roland
  Rua Gioconda Mussolini, 259
  Cep: 05587 São Paulo – SP

- **INSTITUTO DE RELAÇÕES LATINO-AMERICANAS**
  Rua Ministro de Godoy, 960
  Cep: 05015 Perdizes – SP

- **INSTITUTO DE RESISTÊNCIA DA CULTURA NEGRA DO BRASIL**
  Rua Rui Barbosa, 613
  Cep: 01326 São Paulo – SP

- **JORNAL O TAMBU**
  A/C Bernadino Antônio Francisco
  Rua Machado de Assis, 112
  Cep: 18035 Sorocaba – SP

- **LIGA DE INTEGRAÇÃO NEGRA*****

- **LIGA DOS HOMENS DE COR**
  Rua Visconde do Rio Branco, 788
  Cep: 13100 Campinas – SP

- **LORD CLUBE DE SANTOS**
  Rua Júlio Mesquita, 85
  Cep: 11100 Santos – SP

- **MEMÓRIA DISCOS E EDIÇÕES LTDA.**
  Al. Santos, 2500 – Cerqueira César
  Cep: 01418 São Paulo – SP

- **MESQUITA MUÇULMANA AFRO-BRASILEIRA**
  Rua Bruna, 64 – Vila Madalena
  Cep: 03370 São Paulo – SP

- **MOVIMENTO CULTURAL NHO NHO CORREA**
  Rua Padre Adelino, 886 aptº 02
  Cep: 03303 São Paulo – SP

- **MOVIMENTO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL**
  Rua Luis Góis, 74 casa 6 – Vila Mariana
  Cep: 04043 São Paulo – SP

- **MOVIMENTO NEGRO ALMA NEGRA**
  Caixa Postal 1239
  Cep: 01051 São Paulo – SP

- **MOVIMENTO NEGRO DE ARARAS**
  A/C Angela Maria Bento
  Rua Visconde do Rio Branco, 1005
  Cep: 13600 Araras – SP
  Tel.: (019) 541-7982

- **MOVIMENTO NEGRO DE CARAPICUÍBA SOLANO TRINDADE**
  A/C Edson Robson A. dos Santos
  Av. Amazonas, 271 aptº 15
  Cep: 06325 Carapicuíba – SP

- **MOVIMENTO NEGRO DE PIRACICABA**
  Rua Juca Fernando, 613
  Cep: 13400 Piracicaba – SP

- **MOVIMENTO NEGRO DE RIBEIRÃO PRETO**
  Rua Visconde de Inhaúma, 400
  Conj. 202
  Cep: 14100 Ribeirão Preto – SP

- **MOVIMENTO NEGRO DO PDT / JUNDIAÍ / SP**
  A/C Ernani José dos Santos
  Rua Bela Vista, 301
  Cep: 13200 Jundiaí – SP

- **MOVIMENTO NEGRO DO PDT / SP**
  Al. Barão de Limeira, 238
  Cep: 01202 São Paulo – SP

- **MOVIMENTO NEGRO METODISTA**
  Rua do Sacramento, 230
  Cep: 09720 Rudge Ramos – SP

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO – MNU/SP**
  Rua Rêgo Freitas, 474 – Vila Buarque
  Cep: 01220 São Paulo – SP

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE CAMPINAS**
  A/C Reginaldo Bispo
  Caixa Postal 6144
  Cep: 13100 Campinas – SP

- **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DE FRANCA / SP – MONUF**
  A/C Wanderley Tristão
  Rua Modestino Gomes, 1900
  – Setor Bueno
  Cep: 14400 Franca – SP

- **MOVIMENTO SÓCIO-CULTURAL DA COMUNIDADE NEGRA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS**
  A/C Cristina M. Leite
  Rua Maurício Diamante, 65
  – Jardim Mattarazo
  Cep: 12210 S. José dos Campos – SP

- **MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA USP – MAE***
  A/C Kabengele Munanga
  Setor África
  Cidade Universitária
  Caixa Postal 8105
  Cep: 05568 São Paulo – SP

- **NEGRO ARTE E CULTURA – NAC**
  Rua Oscar Thompson, 42/01
  – Barra Funda
  Cep: 01151 São Paulo – SP

- **NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS / UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**
  Cidade Universitária – Barão Geraldo
  Cep: 13100 Campinas – SP

- **NÚCLEO DE NEGROS**
  A/C Osvaldo de Oliveira
  Partido Socialista Brasileiro – PSB
  Av. Washington Luiz, 6979
  Cep: 04627 São Paulo – SP

- **NÚCLEO DE NEGROS DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO**
  A/C José R. Militão Ferreira
  Rua Toneleiros, 327/131
  Cep: 05056 São Paulo – SP

- **PARTICIPAÇÃO UNIVERSALISTA PELO RENASCIMENTO HUMANO*****
  Rua Maria José, 45
  Cep: 01324 São Paulo – SP

- **QUILOMBHOJE E LITERATURA**
  A/C Wilson R. Levy
  Caixa Postal 58142
  Cep: 01397 São Paulo – SP

- **QUITANDINHA PRAIA CLUBE**
  Rua Senador Feijó, 589
  Cep: 01006 São Paulo – SP

- **REDE MULHER**
  Rua João Ramalho, 991
  Cep: 05008 São Paulo – SP

- **SINDICATO DOS MARCENEIROS DE SÃO PAULO**
  A/C Wilson R. Levy
  Rua Salomão Maieranitch, 52
  – Vila Sta. Maria
  Cep: 02562 São Paulo – SP

- **S.I.R. JOSÉ DO PATROCÍNIO**
  Rua José Revel, 968
  Cep: 13320 Salto – SP

- **SOCIEDADE ACADÊMICA AMIGOS DO SAMBA**
  A/C Geraldo David
  Av. 15 de Novembro, 539
  Cep: 14800 Araraquara – SP

- **SOCIEDADE AFRO-BRASILEIRA**
  Rua Rubens Arruda, 961
  Cep: 17100 Bauru – SP

- **SOCIEDADE BENEFICENTE ESTRELA DO ORIENTE**
  Rua Dezoito, nº 826
  Cep: 14780 Barretos – SP

- **SOCIEDADE BENEFICENTE E RECREATIVA LOURENÇO DIAS**
  Av. Senador C.L. Vergueiro, 77
  Cep: 13600 Araraquara – SP

- **SOCIEDADE BENEFICENTE E RECREATIVA 28 DE SETEMBRO**
  Rua Machado de Assis, 112
  Cep: 18035 Sorocaba – SP

- **SOCIEDADE BENEFICENTE TREZE DE MAIO DE PIRACICABA**
  Rua 13 de Maio, 1118
  Cep: 13400 Piracicaba – SP

- **SOCIEDADE DE PROMOÇÕES SOCIAIS**
  Rua Douzane Ricardo, 788
  Cep: 12280 S. José dos Campos – SP

- **SOCIEDADE E.S.I. DO IPIRANGA**
  Rua Canoas, 99
  Cep: 04445 São Paulo – SP
  Tel.: (011) 289-6207

- **SOCIEDADE RECREATIVA BENEFICENTE 13 DE MAIO**
  Rua São Benedito, 367
  Cep: 18530 Tietê – SP

- **SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL ICARAÍ**
  Rua Afonso Pena, 646
  Cep: 17060 Bauru – SP

- **SOCIEDADE RECREATIVA JOSÉ DO PATROCÍNIO**
  Rua Teodoro Bauripaire, 127
  Cep: 14700 Bebedouro – SP

- **SOCIEDADE RECREATIVA LUCIO GABRIEL*****
  Cep: 13470 Americana – SP

- **SOCIEDADE RECREATIVA S. CARECÕES DE VILA PRUDENTE**
  Rua Tatoupeba, 77
  Cep: 03150 São Paulo – SP

- **SOS MULHER**
  Rua Cajaíba, 19/5
  Cep: 05025 São Paulo – SP

- **SUBCOMISSÃO DO NEGRO DA OAB**
  Praça da Sé, 385 – Centro
  Cep: 01001 São Paulo – SP

- **UNIÃO CULTURAL NEGRA DE BOTUCATU***
  A/C Reinaldo José dos Santos / Eduardo Guedes Casimiro
  Av. Rangel Pestana, 756 sala 4
  – Mercado Mundial
  Cep: 18600 Botucatu – SP
  ou
  Caixa Postal 80
  Cep: 18600 Botucatu – SP

- **UNIÃO CULTURAL RECREATIVA DE CAMPINAS**
  Rua Cerqueira, 66 – Vila Industrial
  Cep: 13100 Campinas – SP

- **UNIÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA PAULISTANA*****

- **UNIÃO DE MULHERES DE SÃO PAULO**
  A/C Maria Aparecida Nunes
  Rua Coração da Europa, 1395
  – Bela Vista
  Cep: 01314 São Paulo – SP

- **UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA**
  Rua Cândido Figueiredo, 304
  – Vila Gustavo
  Cep: 02249 São Paulo – SP

- **TEATRO POPULAR SOLANO TRINDADE**
  A/C Raquel Trindade Souza
  Largo dos Jesuítas, 99B
  Cep: 06800 Embú – SP

- **TENDA ESPÍRITA DE CANDOMBLÉ E CABANA ERUIÁ*****

- **ZUMBI YLÊ**
  Rua Silveira Martins, 147/11
  Cep: 01019 São Paulo – SP
  ou
  Caixa Postal 4030
  Cep: 01051 São Paulo – SP

Sergipe

- **ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE ARACAJÚ – AMANOVA**
  A/C Joconias Rosendo
  Rua João Ferreira Lima, 125
  – Nova Veneza
  Cep: 49000 Aracajú – SE

- **CASA DA CULTURA AFRO-SERGIPANA – CCAS***
  A/C José Severo dos Santos
  Rua Mato Grosso, 677
  Cep: 49050 Aracajú – SE

- **COAGRI**
  A/C Marinalva David Santos
  Rua Mato Grosso, 1174
  Cep: 49050 Aracajú – SE

- **FEDERAÇÃO DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS E UMBANDA DE SERGIPE – FCABUS**
  A/C Manoel Messias Jesus
  Rua Mato Grosso, 677
  – Siqueira Campos
  Cep: 49050 Aracajú – SE

- **GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA DE PROPRIÁ**
  A/C Irmã Odete
  Arquidiocese de Propriá
  Cep: 49900 Propriá – SE

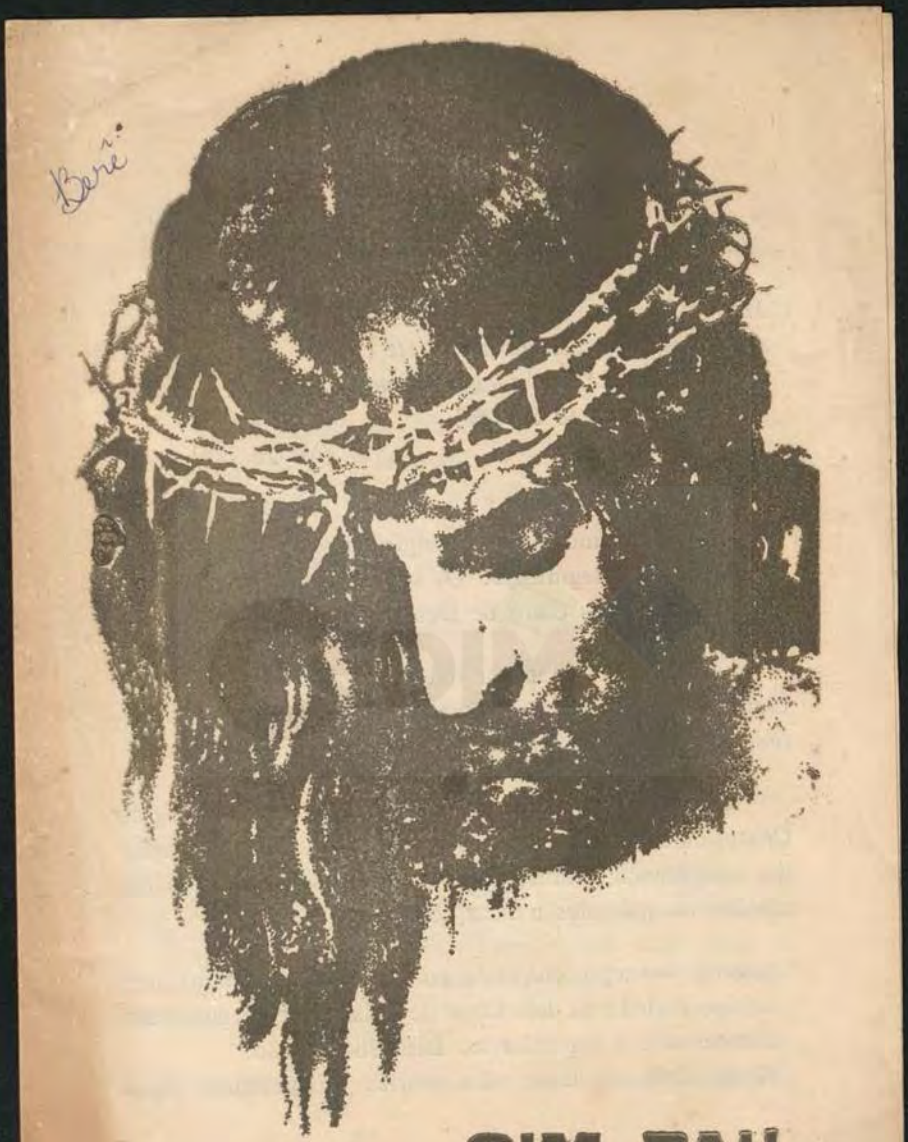
- **NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS – NEAB**
  A/C Mª Nele
  Universidade Federal de Sergipe
  Campus Universitário
  Cep: 49000 Aracaju – SE
  Tel.: (079) 224-1331 r. 333/339

- **UNIÃO DOS NEGROS DE ARACAJÚ – UNA/SE**
  A/C Solange Elias
  Rua Neópolis, 199 – Siqueira Campos
  Cep: 49050 Aracajú – SE
  ou
  Caixa Postal 661
  Cep: 49000 Aracaju – SE

PERPAPTE
rua do acre, 44 • 263-4249

ISER

CEDIM



SIM, PAI!

DÊ UM NOVO SENTIDO AOS SEUS SOFRIMENTOS

"Meu pai,
se é possível, afaste de mim este cálice!
Todavia, não se faça o que eu quero,
mas sim, o que tu queres"

(Mt 26,39b)

O sofrimento, a dor, a angústia, sempre nos causam medo, pavor, insegurança. Os sofrimentos fazem parte de nossa vida. Aos olhos de Deus têm um valor infinito.

Cristo, ao sofrer por todos nós, deu-lhes uma nova dimensão, e também nos mostrou qual deve ser nossa atitude diante dos sofrimentos.

Vejamos esta citação de Mateus, onde o próprio Cristo, na sua parte humana, experimentou tristeza, angústia, insegurança; sentindo a necessidade do apoio humano, convida os apóstolos a ficar com Ele:

"Assentai-vos aqui, enquanto eu vou orar". E, tomando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes, então:
"Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo". Adiantou-se um pouco, e prostrando-se com a face por terra, assim rezou: "Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice! Todavia, não se faça o que eu quero, mas, sim, o que tu queres". Foi ter, então, com os discípulos e os encontrou dormindo. E disse a Pedro: Então, não pudestes vigiar uma hora comigo... Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca". Afastou-se segunda vez e orou dizendo: Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade!" (Mt 26,38b-42).

Cristo coloca-se nas mãos do Pai. São Paulo, na citação abaixo, não só nos mostra esta nova dimensão que Cristo deu aos sofrimentos, mas também a realidade de que "**SOMOS PECADORES SALVOS:**

"Uma prova brilhante do Amor de Deus por nós: quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós. Portanto, muito mais agora, que estamos justificados pelo Seu Sangue seremos por Ele salvos. Fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, e com muito mais razão, estando reconciliados, seremos salvos por sua Vida." (Romanos 5,8b-10).

São Paulo foi um Apóstolo que teve consciência de

sua união com Cristo e de sua missão na obra da Redenção.

Vejamos algumas citações onde ele nos faz estas afirmações:

"Agora eu me alegro pelo que tenho sofrido por vocês, porque por meio dos meus sofrimentos, **COMPLETO NA MINHA CARNE** o que ainda falta dos sofrimentos de Cristo." (Colossenses 1,24)

"Posso enfrentar todas as situações, pelo poder que Cristo me dá" (Flp 4,13).

"Os sofrimentos deste mundo não têm proporção com a glória que nos será revelada." (Romanos 8,18).

"Já não sou eu quem vivo: é o Cristo que vive em mim. Enquanto vivo na carne, vivo na fé do Filho de Deus que me amou e se entregou por mim'" (Gálatas 2,20).

"Deus, em sua graça, me escolheu antes mesmo de eu ter nascido, e me chamou para servi-lo" (Gálatas 1,15).

Deus nos escolheu e nos constituiu continuadores de sua Vida e de sua obra...

O QUE É PRÉ - VESTIBULAR

PARA NEGROS E CARENTES?

1993

I- O NASCIMENTO

Nasceu na Bahia, a partir das reflexões das entidades negras, como instrumento de conscientização, articulação e apoio à juventude negra da periferia de Salvador.

Na Baixada Fluminense, surgiu a partir de duas constatações:

1a) Péssima qualidade do ensino de 2º grau na região. O sistema quer, consciente ou inconscientemente, eliminar a possibilidade do pobre(branco e negro) ter acesso ao conhecimento acadêmico.

2a) No último censo, o IBGE divulgou que a população negra (pardo+preto) do Brasil é de 44% do total da população brasileira. Se não houvesse este sutil "racismo à brasileira", 44% dos estudantes universitários brasileiros deveriam ser negros. No entanto, menos de 5% dos universitários brasileiros são negros !

Estas duas injustiças foram motivadoras desta experiência que hoje se multiplica pela Baixada Fluminense, Rio de Janeiro e por outras cidades do Brasil.

II- QUEM FINANCIA?

O trabalho é totalmente auto-sustentável, não gerando onus financeiro para a comunidade, grupo de pessoas ou associação de moradores, entre outros que o assume. Cada aluno contribui mensalmente com 5% do salário mínimo. Este dinheiro é usado para xerox, apagador, giz, apostilas das matérias e, ficando sempre um dinheiro em caixa para pagar os gastos de passagens e lanches dos professores . Portanto, a entidade ou comunidade que se dispõe a entrar neste MUTIRÃO DE EDUCAÇÃO ALTERNATIVA não necessita fazer campanha financeira ' entre seus membros, nem projetos para o exterior, pois os próprios estudantes têm assumido com consciência esta parte. Um outro aspecto é que, com este trabalho a gente combate a "INDÚSTRIA DO PRÉ-VESTIBULAR" que se beneficiam da péssima qualidade de ensino no país, cobrando dos alunos altas mensalidades.

III- SÓ SE ESTUDA MATÉRIAS DO VESTIBULAR?

O trabalho comunitário não quer ser uma extensão do automatísmo de educação. A coordenação, alunos e professores fazem destes Pré-Vestibulares espaços alternativos para se discutirem e aprofundarem as grandes questões que angustiam a Sociedade. Para isto foi criada a matéria CULTURA E CIDADANIA. Ela é ministrada todos os sábados .

Na matéria CULTURA E CIDADANIA se debate com alunos e professores presentes, questões tais como: racismo, ideologia do embranquecimento , violência policial, direitos constitucionais, análise da conjuntura , etc. Tendo a mesma carga horária semanal das outras disciplinas. No entanto, sua construção pedagógica é diferente, pois abre para que o conjunto construa uma nova visão de si e dos outros(Sociedade), numa dinâmica que engloba: debates; análise de filmes, músicas e textos ; teatros; dinâmica de grupo. Esta matéria não tem professor próprio , sendo animada pela coordenação através de convites a pessoas especializadas nos vários assuntos específicos.

IV- BALANÇO DE 1993/1994

Um Pré-Vestibular particular, aqui da Baixada, iniciou, o ano de 1993, com uma turma de 50 alunos e terminou no final do ano com 15 alunos. O nosso, alternativo, iniciou, também em 1993, com 98 alunos e terminou com 50 alunos. Consideramos um alto índice de perseverança. Dos que chegaram ao fim, 34% passou nas universidades públicas, tendo 4 passados para a PUC Rio. A PUC, em apoio a esta experiência comunitária concedeu para todos bolsas de estudos integrais! Para manter a bolsa até ao fim do curso, não poderão ter média abaixo de seis. Esta bolsa é um grande incentivo à juventude negra e carente . Não só as bolsas, mas este trabalho como um todo está fazendo renascer a esperança na juventude das periferias, morros e favelas.

Em janeiro de 1994 tínhamos apenas um pré organizado. Foi o Pré da Matriz em São João de Meriti. Ampliamos de 100 para 150 vagas e começamos a receber inscrições. No dia 18/02/94, último dia para as inscrições, tínhamos um total de 716 pessoas inscritas! Fomos surpreendidos com a grande procura e imediatamente começamos a animar a abertura de novas frentes.

Ao longo de 1994 nasceram no Estado do Rio de Janeiro 23 novos Prés alternativos, articulados entre si. Em São Paulo, Pará , Minas Gerais, etc nasceram outras experiências seguindo a mesma proposta de trabalho. O Jornal do Brasil do dia 29/09/94, na página 16 , fez uma importante reportagem com a experiência que nasceu em São Paulo, dentro da USP.

No Vestibular de meio de ano/94 conseguimos bolsas de estudos no valor de 40% na Faculdade de Enfermagem LUIZA DE MARILAC e no valor de 80% na Universidade Estácio de Sá. Do total de alunos aprovados na Estácio de Sá, 69 assumiram a bolsa de estudos e estão fazendo mais de 10 diferentes cursos superiores.

V- FUNCIONAMENTO

O curso funciona como um INTENSIVÃO, somente aos sábados , das 8:00 às 20:00 horas, tendo 5 minutos de intervalo entre as aulas e 1:30 minutos para almoço. Alguns funcionam durante a semana, à noite .

Cada frente está organizada de maneira diferente no que se refere ao almoço, percebendo-se a criatividade e solidariedade da juventude. Trazem de casa os alimentos e em pequenos grupos partilham. Vão nas pensões da localidade, em três e juntos, partilham uma única refeição! Alguns Prés organizam cozinhas próprias onde cada um tráz um Kg de alimento e os pais dos alunos encarregam-se de fazer a comida. Outros contam com o apoio da Associação de Moradores que assume a cozinha e no fim do mês rateiam-se os gastos.

Os vários Prés existentes funcionam nos seguintes municípios:

CAXIAS

- Centro- = COLÉGIO SÃO FRANCISCO.
- Centro = COLÉGIO METODISTA ÁLVARO ALBERTO.
- Pilar = FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES.
- Nova Campinas = ESCOLA MUNICIPAL.

PETRÓPOLIS

- Centro = IGREJA SAGRADO CORAÇÃO.

RIO DE JANEIRO

- Rocinha = IGREJA METODISTA.
- Gamboa = IGREJA METODISTA;
- Cascadura = CIEP da rua Ferraz.
- Jacarepaguá = IGREJA CATÓLICA.
- Anchieta = Associação.
- Campo Grande = IGREJA CATÓLICA.

MAGÉ

- Centro = ESCOLA ESTADUAL.

SÃO JOÃO DE MERITI

- Centro = COMUNIDADE SANTA CLARA.
- Centro = MATRIZ.
- São Mateus = CADT's.
- Eden = IGREJA CATÓLICA.
- Vilar dos Teles = ABM.
- Vilar dos Teles = COLÉGIO LUTHER KING.
- Coelho da Rocha = CAC.

NILÓPOLIS

- Centro = IGREJA NOSSA SENHORA APARECIDA.

BELFORD ROXO

- Bairro Itaipú = IGREJA CATÓLICA.

NOVA IGUAÇU

- Miguel Couto = COLÉGIO ESTADUAL.

VI- COMO SE ABRE UMA FRENTE?

O primeiro passo é ter um grupo de pessoas da localidade interessada nesta proposta comunitária. Fazem algumas reuniões para refletirem a proposta e definem uma coordenação provisória para o trabalho. Na maioria das vezes esta proposta nasce de uma entidade popular. Exemplos: Agente de Pastoral Negros, Associação de Moradores, Pastoral da Juventude, etc.

Sempre que possível uma pessoa de um dos Prés organizados tem ido para ajudar a refletir a idéia, a partir das nossas experiências anteriores.

Cada Pré-Vestibular para negros e carentes que esta nascendo é totalmente autônomo, tem vida própria, coordenação própria, etc. Articulam-se em Assembléias periódicas. As quatro primeiras foram: São João de Meriti(Matriz); Vilar dos Teles(ABM); Duque de Caxias e Bairro São Mateus.

O segundo passo é refletir, escolher e conseguir o espaço onde a experiência irá funcionar: na sede da Associação de Moradores? Numa Igreja Evangélica? No Sindicato? Num CIEP? Numa Escola Municipal? Numa Escola Particular ? Num Salão da Igreja Católica?

O terceiro passo é visitar os professores que moram no bairro, apresentar a proposta e convidá-los para serem mais um Voluntário mutirão de educação alternativa, doando apenas uma hora de aula por semana, ministrando a matéria de sua preferência.

VII- CONCLUSÃO

Os mais de 250 professores e coordenadores envolvidos nesta experiência sentem-se profundamente gratificados pelo espaço novo de partilha, de consciência política, de consciência racial, de cidadania e visão crítica do direito e da justiça desenvolvidos nestes espaços. Em especial, a alegria se consolida quando se vê a corajosa tentativa dos ex-alunos que já passaram para as várias Universidades se ORGANIZAREM EM UMA ASSOCIAÇÃO. Já temos jovens nas seguintes universidades: UERJ, UFF, UFRJ, PUC, Universidade Estácio de Sá, Nuno Lisboa, AFE, Faculdade de Enfermagem Luiza de Marilac e UNI-RIO. Temos consciência de todas dificuldades e impecilhos encontrados pelo povo de base para se organizarem, mas temos esperanças de que este trabalho se enquadre de cheio na proposta do nosso mestre que nos diz que "devemos ser fermento na massa".

PARA CONTATO:

Praça Getúlio Vargas, nº1
São João de Meriti - RJ
CEP:25520-580
TEL: 756-0804

PASTORAL AFRO – PROJETO PELA FÉ –CANTOS LITÚRGICO

FÉ E VIDA- CULTURA E LITURGIA

AFRO CANÇÃO (Ir. Ivonete Ribeiro Sales,OSF)

1- **ACOLHIDA:** Beleza afro/ afro beleza/ acolhemos você com axé beleza negra.

Solidária (o)/ mas que beleza acolhemos você com axé/ com certeza (bis)

Ir.Ivonete Ribeiro Salles.OSF.

2- **CANTO DE ENTRADA: No passo do meu Afoxé (Frei Athaylton M. Belo, OFM Frei Tatá)**

R: No passo do meu afoxé- com fé,/ eu vou... Eu vou à Aparecida Vou ver Nossa Senhora. (bis). (Vou a Casa da Mãe!)

1- Com que alegria e esperança, Eu vou à Aparecida, Vou ver Nossa Senhora. (...)//
2- Com Confiança em Jesus, (Jo 7,31 eu vou...// Eu vou à Aparecida, Vou ver Nossa Senhora. (...)//
3- Clamando por Justiça eu vou...(Lc 1,52)// Eu vou à Aparecida, Vou ver Nossa Senhora. (...)//
4- Levando a juventude negra eu vou...// Eu vou à Aparecida, Vou ver Nossa Senhora. (...)//
5- Contagiando toda Igreja eu vou...// Eu vou à Aparecida, Vou ver Nossa Senhora. (...)//
6- Com todos os solidários – Axé! Eu vou... Eu vou à Aparecida, Vou ver Nossa Senhora. (...)//

3- **LADAINHA AOS ANCESTRAIS (Ir. Ivonete Ribeiro Sales,OSF)**

Refrão: Vamos construir/ o quilombo dos sonhos do povo/ com a força dos ancestrais/ Um mundo novo.

1- São Benedito/ rogai por nós/ irmã Luciana/ rogai por nós/ Margarida Maria/ rogai por nós/ santos e santas do povo/ rogai por nós.

2- Escrava Anastácia/ rogai por nós/ Pe. de Tião/ rogai por nós/ crianças violentadas/ rogai por nós/ santos e santas do povo/ rogai por nós.

3- Mártires da África / rogai por nós/ Padre Jósimo/ rogai por nós/ Dona Raimunda/ rogai por nós/ santos e santas do povo/ rogai por nós.

4- Zumbi dos Palmares / Companheiro Chico Mendes/ rogai por nós/ Negras ressuscitadas / rogai por nós/ santos e santas do povo/ rogai por nós.

5- Senhor Otávio / rogai por nós/ Companheira Edna/ rogai por nós/ Pr. Toninho/ rogai por nós/ santos e santas do povo/ rogai por nós.

6- Abdias do Nascimento // rogai por nós/ Jovens desaparecidos/ rogai por nós/ Ir. Filomena/ rogai por nós/ santos e santas do povo/ rogai por nós.

Ouvi-nos Senhor/ Atendei-nos Senhor (bis).

4-AFRO RECONCILIAÇÃO(Ir.Ivonete Ribeiro Salles.OSF)

1- Piedade Senhor pela discriminação/ piedade Senhor/ o teu povo negro que ainda Sofre opressão.

Refrão - Piedade Senhor/ Piedade Senhor/ dá-nos teu amor/ Teu Perdão/ Libertação.

2- Piedade Senhor/ desempregado na nação/ piedade Senhor/ a falta de justiça/ que violenta O nosso chão.

3- Piedade Senhor/ pelo não a educação/ piedade senhor pela corrupção.

5- ENTRADA DA BÍBLIA – Mantra (Frei Tatá, OFM)

R: MANTRA: "Fala, Fala, Senhor/ Tua Palavra eu quero escutar./ Fala, fala, Senhor!" (Sm3.9)

Fala Senhor, Javé!

Fala, senhor, Olorum!

Inunda-me com o teu Espírito Santo.

"Só tu tens Palavras de Vida Eterna."

Conduz esse teu povo – como Moisés, teu Servo.

Chama a nossa juventude negra para servir a tua Igreja – ao teu reino.

Ajude os nossos padre negros: " que eles possam caminhar com o teu povo quilombola" (Papa João II – em Santo Domingos).

Ajude as nossas lideranças, catequistas, as nossas mulheres...

Que a tua palavra nos traga a Paz! A paz que vem de Jesus!/ O Ressuscitado. Axé!

6- ENTRADA DA BÍBLIA : Soberana (Frei Tatá, OFM)

1-SOBERANA, (Mq 4,8)/Deixa a Palavra passar !

HUMILDE E BELA,/Deixa a Palavra passar !

NORTEADORA...(Mt13,10-12)/Deixa a Palavra passar!

REF: "PLENA DE AXÉ (...) Jo 1,16;6,51)

E A PALAVRA DE DEUS, VAMOS ESCUTAR !

2- PRECIOSA, (Ecl 49,18)/Deixa a Palavra passar !

FORÇA DOS POBRES, (Mq 4,6-7; SL 10 ou 10b,12)/Deixa a Palavra passar!

MISSÃO DOS CATEQUISTAS (Nm 24,16) /Deixa a Palavra Passar !

REFRÃO: PLENA DE AXÉ (...) Jo 1,16;6,51)

E A PALAVRA DE DEUS, VAMOS ESCUTAR !

3-" FONTE DE VIDA" (Jo 1,4; Pr 3,20-23)/ Deixa a Palavra passar!

LUZ DOS PROFETAS (Nm 24,3s; Sm 1,6; Os 9,7;)/Deixa a Palavra passar!

INSPIRAÇÃO DOS ARTISTAS/Deixa a Palavra passar !

REFRÃO: PLENA DE AXÉ (...) Jo 1,16;6,51)

E A PALAVRA DE DEUS, VAMOS ESCUTAR !

7-CANTO DE ACLAMAÇÃO: ALELUIA ! (Ir.Ivonete Ribeiro Salles.OSF)

ALELUIA ! ALÊ ! ALÊ! ALELUIA ! ALÊ ! ALÊ!

O Evangelho aclamar !

O Evangelho anunciar !

O Evangelho testemunhar!

Para o Povo Negro se libertar !

ALELUIA ! ALÊ ! ALÊ!

ALELUIA ! ALÊ !

ALELUIA ! ALÊ ! ALÊ!

ALELUIA ! ALÊ !

8- CANTO DE ACLAMAÇÃO : VAMOS FICANDO DE PÉ (Frei Athaylton M. Belo, OFM Frei Tatá)

Vamos ficando de pé (bis)

É atitude de quem crê (bis)

Na força da Palavra de Jesus de Nazaré (bis)

Axé, Auêre, Aleluia! (bis)

Reverência, esperança e escuta,

Olha que coisa mais linda a Palavra de meu Deus(bis)

9-OFERTÓRIO :LÁ VEM AS QUILOMBOLAS (Ir.Ivonete Ribeiro Salles.OSF)

Refrão: Lá vem as quilombolas/ ofertar/ os frutos da história/ no altar entregar.

Mama África (Bis) a semente resistiu/meu Brasil/ Lá vem...

1-A criançada e a mulher/ a raiz de dentro da terra/ e muito axé Lá vem...

2-A operária/ o lavrador/ no campo e na cidade/ o trabalhador é o clamor Lá vem...

3-A vela/ a flor/ o mar/ energia alegria/ povo negro aqui esta Lá vem...
4-Eis o alimento/ liturgia Inculturada/ nossa fé e os sentimentos/ Lá vem...

10-COMUNHÃO (Ir.Ivonete Ribeiro Salles.OSF)

Refrão: Cristo Jesus é comunhão/ alimento o meu ser/ é a nossa missão.

(Bis)

1-A quilombola vem prá participar/ e o quilombola não pode faltar. (Bis)

2-Afro Pastoral/ articula a nação/ com todos os grupos/ Para a libertação. (Bis)

3-A vela/ o mar / o planeta/ nossa casa/ vamos cuidar/ celebrar com toda massa. (Bis)

4-O povo negro é sujeito da história/negros /índios/ pobres/ é o resgate da memória. (Bis).

5-A gratidão aos antepassados/louvor a Deus/ pelo sangue derramado. (Bis).

6-Mariana mãe intercessora/Paz e Bem/ bênção pra terra toda (Bis).

11-COMUNHÃO (Frei Athaylton M. Belo, OFM Frei Tatá)

A Santa Comunhão,// é alimento, é dom.//

//"Que o povo de Zumbi, Dandara e Ganga Zuma, souberam valorizar!" (bis).

R: // Pela fé, é Jesus de Nazaré.// (3X)

//.Pela fé, é Jesus de Nazaré// // É Jesus a nossa Páscoa.//

Canta Santuário!// Canta Povo de Zumbi!//

12- AFOXÉ DE SÃO JOSÉ (Frei Athaylton M. Belo, OFM Frei Tatá)

Refrão : Este canto que sobe aos Céus/ É um canto lindo, afro-louvor" (Bis)

1) Hoje é dia de São José/ Padroeiro da Igreja, o esposo de Maria/ o Pai adotivo de Jesus. (refrão)

2) Cantai hoje povo negro, São José foi trabalhador/ o trabalho honra ao homem/ assim louvai ao Senhor (refrão)

3) Pelas graças de São José/ nos vem à boa chuva/ com fé sempre rezemos/ com Deus só temos fartura. (refrão)

13- Ação de graças: VIVA NOSSA SENHORA(Frei Athaylton M. Belo, OFM Frei Tatá)

1- Ela surgiu nas águas do Rio Paraíba, dando alegria para simples pescadores.

2- Pesca milagrosa onde a fome dissipou. Uma igrejinha na colina logo surgiu da fé.

3- Canto como magnífica a mãe de cor morena, a padroeira do Brasil a serva humilde e serena.

14- CANTO FINAL: ROMARIA DO POVO NEGRO (Frei Athaylton M. Belo, OFM Frei Tatá)

Ah,ah,ah,ah, Ave-Maria (bis)

1- É para casa da Mãe que eu vou fazer minha romaria, receber a Eucaristia, de Zumbi recordar.

2- Vou preparar a minha roupa de festa, tudo colorido, é lindo ver meu povo negro a cantar.

3- A caminhada é de fé e esperança, no Santuário, pedir a Virgem pra justiça avançar.

4- Esta é pra ficar na lembrança, Mãe da Esperança, Negra Aparecida vem conosco caminhar...

Resumo dos Conencs

1 ° -Congresso -1998. de 4 6 de setembro Limeira,SP.

- Tema: Comunidade Negra Celebrando a vida, fazendo História.
- Lema: Nós Estamos Fazendo História

2º Congresso-de 22 a 24 de Julho de 2000-Goiânia (GO)

- Tema: Comunidade Negra Solidariedade e Alternativas(Cartilha doEPA).
- Lema: A Caminho do VIII EPA

3º Congresso-III CONGRESSO NACIONAL DE ENTIDADES NEGRAS CATÓLICAS (III CONENC) *São Paulo, 29 de junho de 2003.* Tema: "Comunidades negras : mística, espiritualidade e identidade em construção".

- Objetivo: reunir o conjunto da Pastoral Afro- brasileira para troca de experiências, reflexões, debates; possibilitando o estudo de temas pertinentes a nossa caminhada, e assim fortalecer o nosso compromisso diante dos desafios que se apresentam hoje para a nossa missão evangelizadora.

4º Congresso- IV Congresso Nacional de Entidades Negras Católicas em Porto Alegre de 21 a 26 de janeiro de 2005

- : NEGROS, NEGRAS E INCLUSÃO SOCIAL
- Lema: EM CRISTO, PROMOVENDO A INCLUSÃO

5º Congresso- V CONENC de 18 a 21 de janeiro, no Colégio Marista, em Salvador (BA)2008

- Tema: Pastoral afro-brasileira: identidade e missão e lema: Mais negro /a, mais missionário. abordará o tema Pastoral afro-brasileira: identidade e missão e lema: Mais negro/a, mais missionário;
- Objetivos: Oportunidades as socializações de novos conhecimentos sobre a PAB, o intercâmbio de experiências significativas.

6º Congresso- VI Congresso de Entidades Negras Católicas- São Luiz No Maranhão de 8 a 11 de julho de 2009.

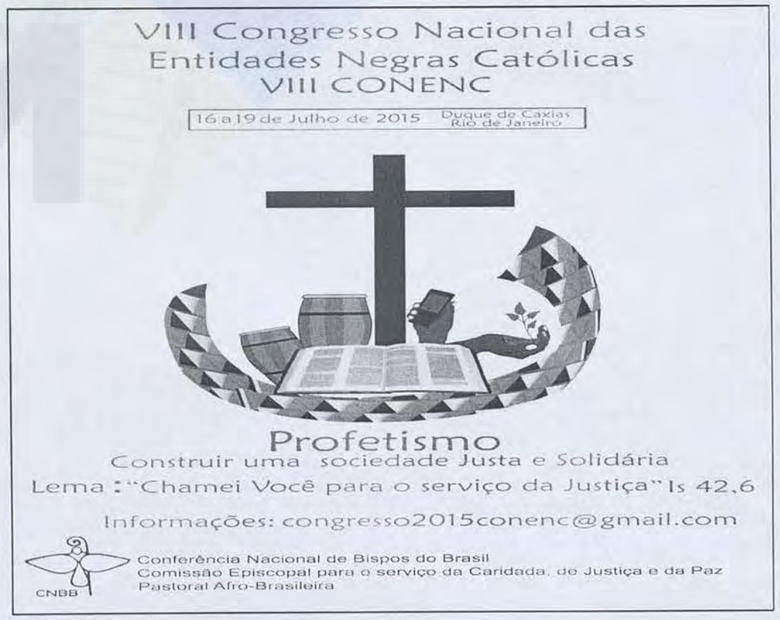
- Tema: A Pastoral Afro Brasileira de Medellín a Aparecida;
- O CONENC tem se constituído no espaço para a reflexão, avaliação, articulação e construção de diretrizes para diversos grupos da Pastoral Afro-Basileira (PAB), em relação à discussão da negritude no Brasil.

7º Congresso- VII Encontro Nacional de Entidades Negras Católicas – Londrina Paraná de 9 a 12 de fevereiro de 2012

- O objetivo do encontro será: "refletir a ação social e eclesial dos afro-brasileiros no período pós-Vaticano; favorecer o maior conhecimento dos desafios do século XXI à luz do Vaticano II; compreender a importância da espiritualidade litúrgica na missão do agente de pastoral afro-brasileiro; refletir a incidência das demandas dos afro-brasileiros nos programas de Estado;

8º Congresso- Duque de Caxias- Rio de Janeiro

17 a 19 de Julho de 2015



Revolta da Chibata

(QUINTA PARTE)

SÉRIE: HISTÓRIA DOS PESCADORES BRASILEIROS

CADERNO Nº 5

- I N T R O D U Ç A O -

EIS, A CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA SOBRE
A "REVOLTA DA CHIBATA".

NESTE NÚMERO, VEREMOS
A "VIA-SACRA" DE JOÃO CÂNDIDO;
SEUS SOFRIMENTOS, LUTAS,
PERSISTÊNCIA E ESPERANÇA.

SUA VIDA, DEIXA UMA LIÇÃO
PARA TODOS NÓS.

****

QUE FIZERAM COM JOAO CANDIDO?

Como a gente viu
João Cândido deu muita confiança
ao Governo, às autoridades.
Mas ele era um rebelde.
As autoridades nunca perdoam um rebelde.
O perdão dos poderosos é uma tapia,
um faz de conta.
João Cândido ia ser fuzilado.

O VALOR DA OPINIÃO PÚBLICA

Cá na terra,
o pessoal da oposição
que sempre fica de olho mais aberto
não vai atrás de toda conversa.
A oposição começou a contar ao povo
a história dos revoltosos,
como e porque eles estavam sendo fulizados.

Aí o povo ficou mais esclarecido.
Formou-se no povo a opinião
de que os revoltosos lutavam
pelos seus direitos.

Assim, a opinião pública,
partindo de um povo esclarecido,
tomou o partido dos revoltosos.
O povo esclarecido tomou posição,
espalhou a notícia,
e começou a protestar contra o Governo.
O Presidente Marechal Hermes da Fonseca
ficou em maus lençóis.

Mesmo dentro do próprio Governo
no meio das autoridades,
teve gente que não concordava
com o castigo dos revoltosos,
como Maurício de Lacerda
do Gabinete Civil
da Presidência da República.

Dentro do Congresso Nacional,
senadores e deputados federais,
como também jornalistas e escritores de fama
fizeram discursos ou escreveram
a favor de João Cândido.

Por exemplo,
Rui Barbosa e Pinheiro Machado,
grandes nomes da República,
falaram a favor de João Cândido.
Pela boca e caneta desses homens
João Cândido quase virou santo.

O nome de João Cândido
passava de boca em boca,
criou boa fama no meio do povo.
O Governo ia se dar mal
se mandasse fuzilar
uma pessoa querida do povo.
Quando o Governo contraria o povo,
quando o Governo vai contra
a opinião do povo,
o Governo não se sustenta muito tempo.

Por isso, muitas vezes
o Governo volta atrás
larga os anéis prá não perder os dedos.

De última hora
João Cândido não foi fuzilado.

Tem mais história pela frente
mas é bom a gente parar um pouco para...

CONVERSAR SEM PRESSA

1. A gente viu o valor da opinião pública.
   O que é mesmo OPINIÃO PÚBLICA?

2. O nosso Movimento de pescadores
   esclarece a opinião pública?
   Como? Por meio de que?
   Está dando resultado? Quais?

3. Na luta pelos nossos direitos
   a gente sempre descobre muita coisa.
   O que a gente já descobriu?
   Será que a gente está espalhando as
   descobertas no meio dos companheiros?

4. A gente tem conseguido mais gente
   prá fazer parte do nosso Movimento?
   Para que? Como melhorar nossa ação?

A VIA-SACRA DE JOAO CANDIDO

Via-Sacra quer dizer CAMINHO SAGRADO
É o caminho de quem dá a vida pelos irmãos
como fez Jesus Cristo.
João Cândido não foi fuzilado.
Mas, sabem o que fizeram com ele?

Ele e mais 17 marujos
foram tirados do xadrez do
Primeiro Regimento da Infantaria,
que ficava no Quartel General
na Praça da República.

O GOVERNO DÁ COM UMA MAO
MAS TIRA COM A OUTRA.

Não fuzilaram João Cândido
Ele mais os 17 foram sacudidos
numa masmorra,
numa prisão subterrânea,
isto é, debaixo da terra,
feita no tempo antigo
do carrancismo mais carrancudo.

É bom a gente voltar a lembrar
que todo esse castigo
caía em cima de homens
que já tinham sido perdoados
pela LEI DA ANISTIA
Mas, continuemos a nossa história:

Essa masmorra, a prisão onde estavam,
ficava embaixo de um hospital.
Um dia, eles pediram água
mas, ao invés de água
receberam cal virgem no corpo.

Antero José Marques
que era capitão-tenente reformado
contou o que viu, dizendo:

"Na alta madrugada do dia 25,
o carcereiro foi chamado pelo guarda,
pois, notou algo fora do normal na prisão.
Quem estava de fora,
escutava gritos abafados,
porém, não dava para ver
o que se passava lá dentro.
A prisão tinha mais capa do que cebola:
era um portão atrás do outro.

Prá ver o que se passava
foram incomodar o comandante
que dormia no Clube Naval.
- Como sempre acontece,
os pequenos se acabando, e
os grandes na folga, no conforto.

Depois de muito vai e vem
entraram na prisão
e viram a calamidade:
16 homens mortos!
Sobraram dois para contar a história:
João Cândido e um soldado.

De que valeu aquela LEI DE ANISTIA?
É possivel Lei do perdão com vingança?

Somente Deus perdoa, apaga
e esquece nossos pecados (Miquéias 7,18)

João Cândido ainda escapou.
Ele mesmo conta o seguinte:

"Eles mesmos tiraram os cadáveres
lavaram a prisão com água limpa
e jogaram a gente de novo
naquela prisão.
Depois eu fui mandado prô hospício,
para um hospital de loucos".

Lá no hospício,
João foi examinado pelos médicos,
que não encontraram nele
nem um sinal de loucura.
O resultado dos exames
não foi do agrado do Governo
que mandou tirar João daquele hospital.

Depois, João Cândido foi levado
para a prisão da Ilha da Maldição
que era menos ruim do que a outra.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

A GENTE ESTÁ LENDO E ESCUTANDO
A HISTÓRIA DO SOFRIMENTO
DE QUEM LUTA PELOS DIREITOS.
E TANTO SOFRIMENTO
QUASE SEMPRE DÁ EM PRISÃO,
EM PERSEGUIÇÃO, EM MORTE.

- Por que ainda aparece gente
  que se mete na luta pelos direitos?

- Será que a luta pelos direitos
  se casa com a fé em Deus? Por quê?

- Será que a gente se lembra de algumas passagens
  da Bíblia que mostram Deus protegendo
  o direito e a Justiça?
  (Dizer as passagens, mesmo se não se lembrar
  o capítulo e versículo)

- O que a gente acha da passagem seguinte:

  "O MEU POVO ESTÁ SENDO DESTRUÍDO
  POR FALTA DE CONHECIMENTO" (Oséias 4,6)

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

- O que a gente acha dessa história de luta?
- Seria bom que outros soubessem essas histórias?
  Por quê?
- Como os outros podem conhecer estas histórias?

****

PARA LEMBRAR

A LUTA PELO DIREITO, PELA JUSTIÇA
TAMBÉM DÁ EM BEM-AVENTURANÇAS..

- BEM-AVENTURADOS OS QUE CHORAM,
  PORQUE SERÃO CONSOLADOS.

- BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FOME E SEDE
  DE JUSTIÇA, PORQUE SERÃO SACIADOS.

- BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO PERSEGUIDOS
  POR CAUSA DA JUSTIÇA,
  PORQUE É DELES O REINO DOS CÉUS

(Mateus, 5.4.6.10)

JUSTIÇA ATRASADA NAO E JUSTIÇA

Um ano e meio depois
em 2 de julho de 1912,
o Conselho de Guerra,
se reunia pela primeira vez
para julgar João Cândido
e os 70 marinheiros.

- Quando se trata de questão com os pequenos
  a justiça não anda, se arrasta,
  que nem uma tartaruga, um cágado...

No meio dia de 29 de novembro de 1912
quatro meses depois da primeira sessão,
começou a sessão final.
O julgamento levou dois dias completos.
João Cândido ali,
encarava de frente os juízes:
não fraquejou nem uma vez,
não voltou atrás em nada.
No derradeiro momento da sessão
veio a sentença dizendo que
todos os membros do Conselho de Guerra
por UNANIMIDADE, isto é sem faltar um voto,
declaravam que não podiam
acusar nada contra João e os outros.

Sendo assim eles foram absolvidos,
quer dizer, considerados inocentes, perdoados.
- Mas, os grandes não perdoam de verdade,
  pois os grandes não esquecem...

SOMENTE DEUS PERDOA E ESQUECE (Miquéias 7,18)

****

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Por que JUSTIÇA ATRASADA NÃO É JUSTIÇA?

2. Quando a questão é dos pobres,
   porque a Justiça demora tanto?

3. Será que os grandes sabem perdoar? Por quê?

4. Como será o pensamento de Deus .
   em relação à Justiça?

5. Deus dá a seguinte ordem:

"DEFENDAM O OPRIMIDO E O ÓRFÃO;
FAÇAM JUSTIÇA AO HUMILDE E AO POBRE".

(Salmo 81,3 ou 82,3)

. A justiça dos juízes da terra está de acordo com a ordem de Deus? Por quê?

6. Nós aqui, estamos sendo justos fazendo o que é de justiça uns com os outros?

7. Será que nós estamos mesmo defendendo os direitos de nós todos?

. Será que ainda podemos melhorar?

. O que está faltando fazer?

. O que já podemos ir fazendo?

JOÃO CANDIDO CONTINUA SENDO PERSEGUIDO

Ele foi desligado da Marinha
à qual serviu 19 anos.
Quando saiu da prisão
estava com os pulmões atacados.
Tuberculoso, sem roupa,
só com um par de botinas,
era um trapo humano.
Seus 8 irmãos estavam espalhados
no meio do mundo.

João procurou emprego na Marinha,
mas, foi em vão.

O ENCONTRO QUE TROUXE ESPERANÇAS

Passando na praça 15
João se encontrou com o carpinteiro Freitas,
da oficina de Mocanguê.
Freitas ofereceu um quarto a João
que foi morar de favor
na Rua Ipiranga, bairro Laranjeiras,
no Rio de Janeiro.

Freitas, tinha 6 filhas
Uma das filhas, Marieta, se engraçou de João.
Pegaram a namorar.

João sempre queria trabalhar
na Marinha de Guerra.
Já estava perdendo a esperança.
Afinal conseguiu emprego numa embarcação,
no pequeno patacho chamado, "ANTONICO".

Foi pelos mares do sul,
carregando açucar
que João ganhou bastante dinheiro.
Voltou e se casou com Marieta.
Mas, logo começou nova perseguição.
A perseguição partiu do Comandante dos Portos
de Santa Catarina.
Esse Comandante, tempos atrás,
era oficial maquinista do "Minas Gerais".
Ele ficou preso naquela revolta
e ficou sempre querendo se vingar.
Aí João Cândido não parava
em nenhuma embarcação
Era sempre demitido.
Ficava na beira do cais
esperando trabalho.

NINGUÉM SE LEMBRAVA DELE...

Comprou um barquinho por 100 cruzeiros.
Pescava na praia de Santa Luzia e
depois ia vender o produto no mercado.

Em 1917 ficou viúvo, e voltou a casar de novo.
Sua segunda mulher se matou
tocando fogo nas roupas.
Morreu no Hospital do Pronto Socorro.
Esse caso se deu em
14 de setembro de 1928.

Os jornais voltaram a falar
no nome de João Cândido.
- Só nessas horas é que
o nome dos pobres sai nos jornais.
Depois disso, João Cândido
ficou mais morto do que vivo.

Os jornais deram a notícia
da morte da sua mulher.
Lembraram as lutas de João.
Na hora de sair o enterro
só restavam João e seus filhos.

Para espanto de todos
chegaram vários marinheiros
do navio "Minas Gerais".
Eles traziam uma coroa de flores
que tinha uma faixa escrita dizendo:

"HOMENAGEM DOS MARUJOS
À ESPOSA DO AMIGO JOÃO CÂNDIDO"

João não conhecia nenhum daqueles
jovens marinheiros.
Um deles se destacou,
foi até junto de João Cândido e cochichou:

"JOÃO, A SUA HISTÓRIA FICOU NA MARINHA.
A GENTE HOJE NÃO APANHA,
A GENTE TEM UM SOLDO REGULAR,
E UMA COMIDA DECENTE.
TUDO ISSO VEIO COM SUA LUTA.
NÓS AGRADECEMOS TUDO ISSO AO SENHOR".

João Cândido se comoveu,
passou a mão na cabeça do grumete
e agradeceu a homenagem dos jovens.
Depois de 18 anos de luta
os jovens gozavam dos benefícios
da revolta da Guanabara.

Anos depois, na tarde de 6 de dezembro de 1969
beirando os 90 anos,
João Cândido viu que estava no fim.
Pediu para ir pro hospital, e
foi levado ao Hospital Getúlio Vargas.
Os médicos nada puderam fazer.
Ele estava com uma hemorragia,
perdendo sangue, por causa do cancer.

À noitinha,
longe do mar,
sem o barulho das ondas
João Cândido partiu
para a outra vida
para a VIDA SEM FIM...
Para a vida sem choro, sem dor...
porque essas primeiras coisas já passaram.

(leiam Apocalipse 21,4)

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Porque João Cândido não segurava emprego?

2. João Cândido tirou proveito das suas lutas? Por quê?

3. Quem foi que aproveitou das lutas e sofrimentos de João?

4. Muita gente já esqueceu o nome de João Cândido A gente achou importante conhecer o nome dele? Por quê?

5. Tem muita gente que nem João Cândido, que lutou e até deu a vida, lutando pelos direitos dos companheiros.

Vamos parar para lembrar essas pessoas.

O que fizeram elas? Que lição deixaram para nós?

AGORA VAMOS VER NO EVANGELHO:

Numa passagem, estando Jesus com os seus discípulos, falou:

"SE O GRÃO DE TRIGO, LANÇADO SOBRE A TERRA, NÃO MORRE, FICA SOZINHO; MAS, SE MORRE PRODUZ MUITOS FRUTOS"
(Jo. 12,24)

Noutra parte Ele também diz:

"SE ALGUÉM QUER ME SEGUIR
DEVE ESQUECER DE SI MESMO, CARREGAR
A CRUZ DE CADA DIA (AS DIFICULDADES,
AS LUTAS, AS PERSEGUIÇÕES...)
E ME ACOMPANHAR.
PORQUE QUEM QUISER SALVAR A SUA VIDA,
VAI PERDÊ-LA
MAS, QUEM PERDER À SUA VIDA
POR MINHA CAUSA, VAI SALVÁ-LA.
(Mat. 16,24-25)

Olhando a vida de Jesus,
parece que tudo foi um fracasso.
Ele é caluniado, desprezado
e morto no pior dos castigos:
a morte de cruz.
Temos a impressão de que
tudo foi por água abaixo,
que ele foi derrotado.
Ao invés, três dias depois
a vitória, a RESSURREIÇÃO.

ENTÃO...

- VALE A PENA LUTAR, SOFRER, E NÃO VER OS RESULTADOS?

- Comparando a vida de João Cândido com esses textos do Evangelho, o que encontramos de parecido?

. O que João escolheu?

. Qual a causa de suas lutas e persistência ?

Agora, para concluir este nosso caderno,
queremos lembrar de novo
o que disse o marinheiro
a João Cândido,
e que mostra
o resultado das suas
lutas e sofrimentos:

"JOÃO, A SUA HISTORIA
FICOU NA MARINHA.
A GENTE HOJE NÃO APANHA,
A GENTE TEM UM SOLDO REGULAR
E UMA COMIDA DECENTE.
TUDO ISSO VEIO COM SUA LUTA
NÓS AGRADECEMOS TUDO ISSO AO SENHOR".

E nós acrescentamos:

Foi o sacrifício de João Cândido
e de todos os seus companheiros
que trouxe essa mudança.

ATENÇAO:

EM BREVE SAIRÃO MAIS CADERNOS DA
SÉRIE "HISTÓRIA DOS PESCADORES BRASILEIROS"

AGUARDEM!

DESEJANDO OUTROS LIVRINHOS DESTE NÚMERO,
E DOS NÚMEROS ANTERIORES
FAÇA SEU PEDIDO À:

COMISSAO PASTORAL DOS PESCADORES
RUA DO GIRIQUITI,48 - RECIFE - PE,

ESCREVENDO SEU NOME E ENDEREÇO COMPLETO.

****

ESTE LIVRO PERTENCE A:_____

COLONIA:_____

CEDIM

CPP Comissão Pastoral dos Pescadores
Rua do Giriquiti, 48 - Fone: 231-3177 - 50.000 - Recife - PE

AGORA É LEI

SEMANA DE CONSCIENTIZAÇÃO DA SOCIEDADE SOBRE O NEGRO - de 15 a 23 de novembro / 1997

Município de São João de Meriti

Introdução

A partir da promulgação da Lei Municipal sobre a Semana da Conscientização da História do Negro, algumas entidades negras e grupos do movimento popular, em conjunto com as Secretarias de Educação e de Cultura e Lazer vem apresentar este subsídio como uma contribuição no processo de conscientização.

No Município de São João de Meriti vive uma significante parcela da população negra. Entretanto, esta realidade é muito pouca considerada no processo de educação. Muito pouco se conhece da história do negro no Brasil. Nas escolas, o processo de discriminação atinge por demais a auto-estima das crianças negras, fazendo com que estas venham sistematicamente a negar a sua identidade.

O material a seguir é extraído de uma cartilha " Ouvi o Clamor Desse Povo Negro" . São algumas temáticas fundamentais a serem trabalhadas no processo de educação da Rede Municipal , bem como em grupos e comunidades, com o objetivo de buscar a real emancipação da comunidade negra em nosso município.

QUEM FOI ZUMBÍ

"Acorda negro cativeiro acabou.
Negro velho era escravo hoje ele é doutor".

Zumbi nasceu em Palmares, em[1655] e, como muitas crianças da época, foi excluída da família. Acabou sendo criado por um Padre. Segundo o Padre, Zumbi, que ajudou na igreja aos 15 anos, demonstrava habilidade jamais encontrada entre os próprios brancos, era muito corajoso, de grande valor próprio e de constância rara.

Surgiu na sua própria vida e no seu coração o Espírito da grande família Africana. Não nascemos para viver como escravos e nem sem liberdade. Nossa história não começou com Escravidão, mas com a liberdade de filhos de Deus.

Zumbi fugiu para o Quilombo dos Palmares e foi viver o espírito comunitário da grande família Africana. Organizou o Quilombo a economia, a fé, o lazer, a política, baseado não no interesse pessoal, mas comunitário. Infelizmente a classe dominante procurou ocultar sua grandeza, reduzindo Zumbi a um Marginal, a um diabinho que andava destruindo as pessoas sabido que o negro foi sempre comparado ao negativo da sociedade. "Tudo que não presta é serviço de Preto".

A grande lição que Zumbi nos mostra hoje é que não devemos perder a identidade, a nossa cultura, a nossa maneira de viver e fazer as coisas. O comunitário deve estar acima do pessoal. Zumbi foi morto no ano de 1695. VIVA ZUMBÍ!

PARA REFLETIR:

O que você já tinha ouvido falar sobre Zumbi?

Quais os valores de Zumbi e que estão presentes no povo hoje?

Você se considera digno de pertencer à Raça Negra ou relacionar-se com pessoas que se identificam com a mesma?

CANTO
****

Ei meu pai Quilombo/ Eu também sou Quilombola.
A minha luta é todo o dia e toda hora.

Ei meu pai Quilombo/ Dizem que Zumbi morreu.
Zumbi está vivo em quem luta como eu.

ACULTURAÇÃO DA ESCOLA

Nosso antepassados chegaram ao Brasil a partir do ano de 1540, trazidos a força, escravizados e sofrendo toda a forma de violência e humilhação. A escravidão aliada aos maus tratos, a tortura e a negação de sua dimensão humana, transformou a história do Negro no Brasil no maior massacre que houve contra o povo em todos os tempos. Nem as barbaridades do ***"Monstro" Hitler,*** contra o povo Judeu chegou próximo ao nivel de opressão que passou o povo negro.

Como conseqüência vemos que hoje quando o aluno Negro chega à escola sente-se um alienígena, pois vê fora de seu mundo, fora do seu tempo. A escola sempre esteve planejada sobre a ótica do branco, negando e desqualificando o viver do aluno negro.

Mas é certo afirmar que o negro se perdeu na escola, quando não conseguiu se apropriar do saber do vencedor, da magia de quem o faz justamente por estar sempre à margem de seus sonhos e direitos essenciais.

Ao negarem a identidade dos Negros, esses alunos negam também suas possibilidades de lutarem por uma mudança social.

Assumindo um identidade própria, o negro é capaz de combater e de se livrar da identidade negativa que por muitos anos lhe foi imposta pelos colonizadores brancos. Ao ser considerado, ao reconhecer-se negro, tem a possibilidade de lutar por um tratamento de igualdade e manter as diferenças neste contexto de pluralidade racial.

PARA REFLETIR:

- Você acha que o negro é discriminado na escola? Por que?

- O que o negro deve fazer para que no futuro possam ter uma porcentagem significativa ocupando cargos sociais elevados?

- Cite nomes de pessoas Negras que ocupam cargos sociais de nível elevado em sua cidade, Escola ou Bairro.

I

DISCRIMINAÇÃO

O racismo no Brasil é uma realidade que sempre se tentou esconder. Quase todo mundo fala com a maior naturalidade que não existe racismo no Brasil, que todo mundo é igual, que esta história de dizer que o negro é discriminado é bobagem. Isto não está acontecendo.

O racismo é um modo de dizer que uma raça é superior à outra. No Brasil quem sofre com isto é a raça negra. Na prática sempre se afirmou a inferioridade do negro. Diz-se que o negro "não tem capacidade", "é vagabundo", "preguiçoso", "acomodado". Quem diz isto são as pessoas que desejam afirmar a superioridade da raça branca sobre a raça negra. Com isto o negro é posto de lado, é marginalizado, discriminado por causa da sua raça, da sua cor. Ficam também de lado todos os valores dos negros: cultura, religião e até a própria existência do SER NEGRO.

Não é à-toa que os negros no Brasil são os mais pobres. Isto tem que ter uma explicação. A maioria não tem estudo, nem casa; muitos vivem desempregados ou com um pequeno salário nos trabalhos mais pesados; as crianças abandonadas na maioria são negras; os presos são quase todos negros. Por outro lado, não se vê negro nos altos postos públicos, governos, senadores, deputados, juízes, generais, como não se vê quase negro bispo, padre etc.

A discriminação racial no Brasil tem uma grande responsabilidade pela situação em que vive a maioria do povo negro.

Em todo o lugar em que o negro tiver que competir com o branco, ele já sai perdendo de 1 x 0 por ser negro; se for mulher negra, então sai perdendo de 2 x 0: por ser mulher e por ser negra. E se for mulher, negra e pobre, aí sai perdendo de 3 x 0: negra-mulher-pobre.

A "boa aparência" exigida no emprego é outro modo sutil de desclassificar o negro na nossa sociedade.

II

ESCRAVIDÃO

Os negros não vieram para o Brasil por livre e espontânea vontade. Não vieram à procura de riquezas. Viviam muito bem nas suas terras na África. Foram arrancados de suas terras, separados de suas famílias, de suas culturas, de suas religiões. Foram trazidos e jogados em terras estranhas aqui no Brasil. Isto para o negro significou deixar de ser gente para ser animal, força bruta de trabalho, manobrada pelos senhores-de-engenho.

"Nem mesmo a escravidão do Egito foi tão longa e cruel quanto foi a escravidão do negro no Brasil". A principal característica da escravidão no Brasil foi ser o negro propriedade do senhor. O senhor tinha poder de vida e morte sobre o negro. O escravo tinha que fazer a vontade do senhor. Os castigos eram insuportáveis para os que desobedecessem à sua vontade. A brutalidade do senhor e a sua desumanidade somada com a crueldade eram a forma pela qual os senhores buscavam impedir que os negros escravos criassem resistência à escravidão. Mesmo assim, muitos negros, e de diferentes formas, resistiram à escravidão.

Os negros eram tratados como animais. Durante o dia trabalhavam nos engenhos e nas lavouras e, parte da noite, nas senzalas. Os negros foram escravizados porque davam lucros também para os países que os comercializavam. Muita gente enriqueceu vendendo negros. Até a Igreja lucrou com isto, embora os documentos papais, da época, só permitissem a comercialização de negros que já eram escravos na África. No Brasil, a Igreja chegou a abençoar a escravidão. Os negros, quando chegavam aos portos. eram batizados pelos padres e marcados a ferro quente pelos senhores-de-engenho. Por que não escravizaram os índios? Também o fizeram; o negro, porém, dava mais lucro. Os comerciantes europeus trocavam mercadorias por negros na África, traziam-nos e negociavam-nos no Brasil e, ainda por cima, voltavam com os seus navios para a Europa, carregados de mercadorias que os negros produziam. Era um bom negócio!

III

OS QUILOMBOS

Entre as várias formas que os negros tinham para lutar contra o sistema de opressão, uma das mais significativas foi a formação de quilombos. Os quilombos eram lugares de resistência negra. As pessoas que moravam nos quilombos se chamavam quilombolas. Os quilombos eram um sistema comunitário de vida na floresta para onde iam os negros que conseguiam fugir da escravidão. Às vezes eram cinco, seis casas apenas. Outras vezes chegavam a formar verdadeiras cidades. Estes quilombos eram sempre perseguidos pelos exércitos dos fazendeiros. Quando podiam, destruíam e matavam os negros e os recapturados eram levados de volta para os engenhos, onde eram duramente castigados e marcados.

O maior dos quilombos foi o de Palmares, em Alagoas. Este foi o que mais tempo resistiu aos ataques dos fazendeiros. Essa resistência que durou cem anos deve muito a seu grande líder Zumbi e à sua capacidade de organização. O número de habitantes neste quilombo chegou a 20 mil. Era uma verdadeira cidade onde os negros viviam numa comunidade de fato. Aí se fazia a experiência de fraternidade verdadeira. Era o lugar onde os negros se sentiam iguais de verdade. O quilombo dos Palmares tinha sua base na organização social e política voltada para se defender dos exércitos dos fazendeiros e para garantir a posse coletiva da propriedade. Os quilombos representavam a única possibilidade, fora a morte, para fugir da escravidão e a tentativa de estabelecer uma comunidade negra, autônoma, livre, no meio da floresta. O quilombo dos Palmares foi destruído por um grande caçador de índios e negros chamado Domingos Jorge Velho e seus soldados. Este capitão-do-mato assassinou Zumbi e muitos outros negros e índios, além de recapturar outros para vendê-los e enriquecer-se com isto.

Mesmo com a destruição de Palmares e com a morte de Zumbi, os negros continuaram a fugir das senzalas e a se agrupar nas florestas, lutando pela sobrevivência e pela liberdade.

IV

OS FALSOS HERÓIS

Os heróis dos poderosos nem sempre são os heróis do povo negro.

Heróis falsos são os heróis que contribuíram para o massacre do negro no Brasil. Existem cidades que levam o nome destas pessoas apresentadas como heróis, outros lugares chegam a ter praças ou clubes com os nomes delas.

Vamos ver alguns destes falsos heróis. Alguns deles chegaram mesmo a ser criminosos.

1) RUI BARBOSA: Foi o grande responsável pelo povo negro não poder hoje recuperar totalmente as raízes históricas de onde veio. Foi ele quem mandou queimar todos os arquivos sobre a escravidão negra, para "apagar a mancha da escravidão". Queimou assim os documentos da nossa ligação histórica com a Mãe África. Para nós, negros, ele fez um mal irreparável.

2) DOMINGOS JORGE VELHO: Este foi o grande sanguinário que, com muito esforço, destruiu Palmares e assassinou Zumbi, privando o povo negro de continuar sua experiência de vida fraterna rumo à caminhada para a liberdade. Ele ganhou muito dinheiro para praticar este barbarismo.

3) PRINCESA ISABEL: Esta, que foi chamada de 'a Redentora', assinou a 'Lei Áurea' pressionada pelo 'sistema'. Quando a Lei Áurea foi assinada, só 5,6% dos negros ainda eram escravos. Ela apenas libertou os brancos da dívida social que tinham com a população negra. Devolveu os negros aos porões da humanidade. Mas daremos a volta por cima.

4) DUQUE DE CAXIAS: Jogou nossos jovens negros no inferno da guerra do Paraguai. Mesmo assim, após a guerra, um grande número de jovens negros estava pronto para retornar aos seus parentes. Vendo que os soldados eram hábeis e corajosos no manejo das armas, escreveu ao imperador pedindo orientação, pois estava com medo que estes corajosos negros, que tinham vencido a guerra do Paraguai, ao retornar ao Brasil, fizessem uma justa revolução interna, a exemplo do Haiti. Os dados estatísticos dizem que antes da guerra a população negra era de 2.500.000 pessoas. Após a guerra caiu para 1.500.000 pessoas. Não é uma afronta à população negra obrigar as crianças negras a marchar no dia de Duque de Caxias, em nossa atualidade?

V

OS HERÓIS VERDADEIROS

Como vimos, existem falsos heróis. Do outro lado da história estão os nossos heróis verdadeiros. Heróis verdadeiros são aqueles que lutaram pela liberdade do povo negro verdadeiramente. Pessoas que deram a sua vida pela causa negra, pessoas que não deixaram que destruíssem a raça negra. São homens e mulheres que, além de produzirem as riquezas do Brasil, ainda preservaram o que de mais bonito e sagrado existia na África.

Destas pessoas, que são mesmo heróis, a gente quase não ouve falar nada. Nós sabemos que de tudo o que é valor do povo negro não se fala, não é mesmo? Nem nos livros, nem na TV, nem nos jornais, nem nas revistas ou nos rádios. Todos estes meios de comunicação estão nas mãos dos brancos.

Mas mesmo assim queremos ir devagar divulgando os nossos heróis. É muito difícil a gente ver festas para comemorar os heróis negros verdadeiros, mesmo porque eles não estão nos livros de história.

Nós, negros, temos, entre tantos heróis verdadeiros, um que é especial. Este herói se chama ZUMBI DOS PALMARES. Ele derramou seu sangue pela causa negra, para ver seu povo livre, tratado como gente. O dia de comemoração deste herói é o dia 20 de novembro. É o dia em que ele foi assassinado pelo falso herói Domingos Jorge Velho. Este dia 20 de novembro é o dia de nós assumirmos os anseios de liberdade de Zumbi e de lutarmos para fazer crescer em nós a CONSCIÊNCIA de luta contra a situação de escravidão que vivemos como negros hoje.

CANTOS

01 - AXÉ

Irá chegar um novo dia/ um novo céu, um nova terra, um novo mar/ e neste dia os oprimidos/ numa só voz a liberdade irão cantar.

Na nova terra o Negro não vai ter corrente e nosso índio vai ser visto como gente. Na nova terra o negro, o índio e o mulato, o branco e todos vão comer no mesmo prato.

02 - VALEU ZUMBI

Valeu Zumbi / O grito forte dos Palmares / que correu terra, Céus e mares, enfluênciando a abolição Zumbi valeu! / Hoje a vila é Kizomba, é batuque, canto e dança, jogo e maracatu

Vem Menininha pra dançar o Caxambu / ÕÕÕ Clementina Anastácia não se deixou escravizar/ ÕÕÕ negra mina, o pagode é partido popular/ Sacerdote ergue a taça, convocando toda a massa / neste evento que consagra / gente de todas as raças, numa mesma emoção / Esta Kizomba é nossa constituição.

(bis)

Que magia / reza, ajeum e orijás/ Tem a força da cultura, tem a arte e a bravura e o bom jogo de cintura / vai valer seus ideais / e a beleza pura de seus rituais/ vem a lua de Luanda para iluminar a rua, nossa sede, e nossa sede de que o Aparthaid se destrua

(bis)

Valeu Zumbi

03 - CANTO DAS TRÊS RAÇAS

Ninguém ouviu um soluçar de dor no canto do Brasil. Um lamento triste sempre ecoou desde que o índio guerreiro foi pro cativeiro e de lá cantou.

Negro entoou um canto de revolta pelos ares, no Quilombo dos Palmares onde se refugiou. Fora a luta dos inconfidentes pela quebra das correntes nada adiantou...

E de guerra em Paz de Paz em guerra, todo o povo desta terra quando pode cantar, cantar de dor.

ÔÔÔÔÔÔÔÔÔ...

E ecoa noite e dia é ensurdecedor. Ai, mais que agonia o canto do trabalhador.

Esse canto que devia ser um canto de alegria soa como um soluçar de dor.

ÔÔÔÔÔÔÔÔÔ...

II° ECAI

II° ENCONTRO DA CULTURA AFRO DE ITAGUAÍ

C O N V I T E

FUNDAMENTOS

O NOSSO OBJETIVO É APROFUNDAR CONHECIMENTO E REFLEXÕES SOBRE A CULTURA **AFRO BRASILEIRA** E A SUA MATRIZ AFRICANA, DESDE O PONTO DE VISTA PRÓPRIO, O QUE IMPLICA TAMBÉM UMA VISÃO CRÍTICA DAQUILO QUE A SOCIEDADE E O ACADERMICISMO CONVENCIONAL TEM DIVULGADO À RESPEITO DO ASSUNTO.

IMAGEM PROTO HISTÓRICA DO SENHOR TERPA NETER DA RAÇA ANU, PRIMEIRO HABITANTE DO EGITO (FONTE CHEIKH ANTA DIO PG. 1974 - FIG. 04).

PROGRAMA

PALESTRA SOBRE **AFRICA BERÇO DA HUMANIDADE?**, A SER PROFERIDA PELA DRA. ELISA LARKIM NASCIMENTO, COORDENADORA DO SETOR DE ENSINO DO PRO AFRO, CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - U.E.R.J., E DIRETORA DO IPEAFRO.

DIA: 26 DE NOVEMBRO (SÁBADO)
HORÁRIO: 18:00 HORAS
LOCAL: SALÃO NOBRE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ITAGUAÍ - RJ.
RUA: AMÉLIA LOUZADA, 277 - CENTRO - ITAGUAÍ - RJ.

APOIO CULTURAL

* CÂMARA MUNICIPAL DE ITAGUAÍ
* SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
* SECRETARIA DE PROGRAMAS ESPECIAIS
* SECRETARIA DE SAÚDE E BEM ESTAR SOCIAL

Autor: Franklin MAXADO Nordestino

REI ZUMBI, O HEROI DO QUILOMBO DE PALMARES

Leia e colecione CORDEL, a Literatura de nossas raízes.

Rua Augusta, 1.524 - loja 55
Tel. 289-8725 - São Paulo - SP.

Aqui eu conto uma história
Da nossa História geral
A guerra contra Zumbi
Um rei que foi general
Comandando os quilombos
Contra armas de Portugal

Esta história se passou
No sertão lá do Nordeste
Quando os negros rebelados
Fugiam para o oeste
Auxiliados pelos índios
E paravam no agreste

No ano de 1.600
Uns 30 escravos fugiram
Para a Serra da Barriga
E por ali construiram
Suas cabanas com paus
E pra guerra, se instruiram

Fabricaram arco e flecha
Treinaram nas capoeiras
Pra enfrentar capitães
Do mato com as bandeiras
Assim, viviam sozinhos
Numa terra de palmeiras

Na solidão, desejaram
Ter mulheres pra amar
E na precisão, decidiram
Nas redondezas, raptar
Em engenhos ou fazendas
Eles as foram buscar

Pois continuavam os ricos
A comprar mais negra gente
Que chegava como peças
Do africano continente
Em porões dos tais navios
Trocada por aguardente

Os navios levavam açúcar
Para a Europa dominante
Na volta, passavam em África
Pro lucro do negociante
Trocando escravos por fumo
Ou cachaça embriagante

Nisso, se ganhava tanto
Que despoertou os holandezes
Eles invadiram o Brasil
Batendo os portuguezes
E ensejando aos escravos
Fugirem nos entremezes

Foi desorganizada a vida
Na casa grande e cidade
A produção caiu muito
Relaxou-se a severidade
Dos castigos e vigilância
O escravo então se evade

Calada, corria a notícia
Por ouvidos das senzalas
De que tinham negros livres
Que viviam em matas ralas
Fazendo mucambos semples
Cercados com umas talas

Aí, fugiram mais outros
Fundando novos quilombos
Deixando de tomar taca
Pelas costas e pelos lombos
Que judiava ou deixava
Cicatrizes e calombos

E nesse tempo teria
Fugido uma princesa
De nome de Aqualtune
De por ter sua nobreza
Chefiou um dos mucambos
Com a sua realeza

Aqualtune teve filhos
Que foram chefes reais
Ganga Zumba e Gana Zona
Se transformaram nos tais
Organizando seu povo
Que crescia sempre mais

O seu chefe mais famoso
Foi o Zumbi conhecido
Era neto, por ser filho
Duma filha e era tido
Como sucessor, porque
Ali, não se tinha partido

Quem sucede, é o sobrinho
Por costumes africanos
E o feiticeiro é o sábio
Que aconselha os soberanos
Lhes fecha o corpo pra guerra
E os ajuda nos planos

Tudo isso foi misturado
Com lições do catolicismo
Que lhes ensinaram os padres
Ministrando o catecismo
Assim, fizeram capelas
Para o seu sincretismo

Palmares agora tinha
Aldeias desde a beirada
Do grande rio São Francisco
Umas com praça edificada
De Alagoas a Pernambuco
Com a terra trabalhada

Os palmarinos plantavam
Fabricavam e colhiam
Cereais, frutas, cerâmica
Que levavam e vendiam
Nas cidades e vilas perto
Dos mucambos em que viviam

Compravam as ferramentas
As armas e munições
Pra se defenderem logo
Nos casos de perseguições
E pra fazerem mais roças
Aumentando as produções

A guerra contra os batavos
Pôde deixá-los nas matas
Recebendo os fugitivos
Brancos e também mulatas
Em paz no meio dos índios
Vivendo de roças e catas

Os Índios, que também eram
Perseguidos por colonos
Ensinaram trilhas e ervas
Para o negro já sem donos
Ali forro e misturado
Com outras raças e monos

No meio de mato e bichos
Palmares era um Estado
Com muitos mucambos fortes
Por um chefe governado
Que era o Zumbi escolhido
Por sangue ou por passado

Zumbi era mais um título
De quem era chefe ou rei
E assim Palmares era
Segundo eu estudei
Uma Federação, República
E Reino. Coisa que estranhei

Os zumbis então podiam
Serem nobres ou eleitos
Governando com leis próprias
Chefiando luta e feitos
Como ataques e defesas
Para guardarem seus leitos

Tinha lá também escravos
Que eram os negros trazidos
Em expedições de ataques
A engenhos guarnecidos
Porém, quem trazia outros
Por libertos, eram tidos

Parece que se podia
Ter harém lá em Palmares
Contanto que se pudesse
Dar sustento pra seus lares
Zumbi mesmo tinha um
Com branca entre as pares

Palmares já possuia
Umas 50 mil pessoas
Vivendo por Pernambuco
E nas serras de Alagoas
Produzindo mantimentos
E até ferragens boas

A capital era um mucambo
Macaco era chamada
Com quase 2.000 malocas
Cercada com paliçada
Por alagadiços, fojos
E estrepes, era guardada

Mas essa paz foi quebrada
Após se dar a expulsão
Dos holandezes dali
E na reorganização
Fez-se guerra a Palmares
Saída da escravidão

Zumbi em um dos combates
Tomou dois tiros certeiros
Não morreu e virou lenda
Como o maior dos guerreiros
Um bravo com liderança
Um general dos arteiros

Porém, Ganga Zumba firma
A paz com os lusitanos
Zumbi discorda do ato
E os seus preparam danos
Envenenam Ganga Zumba
E Zumbi comanda os manos

Assume a luta atacando
Toda a periferia
Os senhores se agrupam
Pra acabar a rebeldia
Em 1.680
E seis, acham uma via

Contratam o bandeirante
Um paulista experiente
O Domingos Jorge Velho
Que tinha vindo da frente
No Piauí, contra os índios
Com a fama de competente

A guerra começou logo
Mas sem ter muita vantagem
Porque Zumbi defendia
Com estrategia e coragem
Porém, ficou sitiado
Dentro da sua paragem

Houve sempre escaramuças
Que não definiam a luta
A coisa não era fácil
Pra vencer a força bruta
Foi então que o bandeirante
Usou uma idéia arguta

Foi um vil estratagema
De soltar negros doentes
Contagiando os guerreiros
Enfraquecendo as gentes
Mesmo assim pediu reforços
Para os meios combatentes

Zumbi era respeitado
Até como capitão
Por muitos senhores brancos
Que conheciam sua ação
Porisso, pensaram usar
Mais homens e um canhão

Mandaram negros e índios
Brancos, caboclos e mulatos
Para a frente da batalha
Segundo dizem os relatos
Preparando a vitória
Com derradeiros assaltos

Só em 94
É que puderam entrar
Porque o canhão abriu
Uma brecha no lugar
Da cerca de pau-a-pique
Que havia pra guardar

A batalha foi feroz
E durou 22 dias
Mulheres jogavam água
Fervendo e os vigias
Atiravam lança e pedras
Paus, cacos e estrias

Muitos procuraram fuga
E Zumbi, mesmo ferido
Não se entrega e luta
Sem ficar esmorecido
Até que não teve geito
Vendo seu povo perdido

Uns dizem que ele foi
Pra beira do precipício
Se jogando lá de cima
Terminando o seu suplício
Morrendo sem se render
Achando um fim pro início

Entretanto, há um registro
Que o Zumbi conseguiu
Fugir com uns quilombolas
E em outro chão construiu
Umas cabanas humildes
Para ter um passadio

Porque em 95
Prenderam lá em Penêdo
Um preto velho e mendigo
Que destrinchou o enredo
Trocando a liberdade
Pela traição com medo

Disse onde Zumbi estava
Este foi surpreendido
Mesmo com 20 guerreiros
Pôde afinal ser vencido
Deceparam o seu quengo
Que na vila foi exibido

A história terminei
De contar como eu a li
Mas quero só tecer umas
Considerações que ouvi
Do escritor Clóvis Moura
Sobre o vulto de Zumbi

Na falta de documentos
Falam que ele foi criado
Como escravo por um padre
Que lhe botou bem letrado
Ensinando até Latim
Para ser mais respeitado

Também, que ele era
De raça banto de Angola
E que o termo Zumbi
Aprendido sem escola
Quer dizer: "o Deus da Guerra"
O que mata e esfola

O idioma falado
Por todos os palmarinos
Era o quibundo dos congos
E que deixou traços finos
Nas palavras e nas falas
De todos os nordestinos

M- anifestei o meu ponto
A- tencioso no problema
X- ave pra se entender
A escravidão e tema
D- a minha parte, encerro
O que sei desse sistema.

São Paulo-SP., outubro de 1981.

"A Literatura de Cordel é, enfim, tudo isso impresso. Pode ser em prosa e em verso. Atualmente, no Brasil, o fenômeno é mais com estórias versadas e impressas em folhetos baratos.

O nome Literatura de Cordel vem da Península Ibérica, onde esses impressos eram exibidos e vendidos dependurados ou cavalgando cordões. E cordão, em língua provençal, quer dizer cordel.

Mais tarde, foi que começou a se fazer distinção entre literatura erudita e cordel, como expressão popular."...

(Extraido do livro "O QUE É LITERATURA DE CORDEL?", da Editora Codecri-Rio).

III SEMANA DE
CULTURA AFRO-BRASILEIRA

São Paulo - SP., 10 a 20

de novembro de 1981.
(Distribuição Gratuita)

Família Cristã

Ano 83 – julho de 2017 – nº 979

R$11,00

00979

9 770014 712060

CONVIVER COM O SEMIÁRIDO

Ideias simples e solidárias para bem viver na região

ESCOLA
A "terceirização" da educação dos filhos

CONVENTO DA PENHA
Beleza e devoção no penhasco capixaba

REFORMA
O modo de Lutero compreender e viver a fé

Paulinas

Ofereço a ti, ó Mãe, a minha devoção

CD Cód. 126276

Produto oficial!

Para celebrarmos os 300 anos de fé, amor e bênçãos!

Glorifica minha alma ao Senhor
Músicas da Missa Jubilar dos 300 anos de Aparecida.
R$ 18,90

Preço válido até 31/8/2017

Leia, escute, assista e celebre os 300 anos de Aparecida.

Cód. 530522

Aparecida
300 anos de romaria em prece
Lina Boff
R$ 12,50

CD Cód. 126098

Mil vezes Aparecida
O musical
Pe. Zezinho, scj
R$ 21,90

CD Cód. 126233

Aparecida
Canções de amor e fé
R$ 18,90

DVD Cód. 171964

Mãe Aparecida
Encontro de fé e alegria
Duração: 35 min
R$ 26,90

À venda na Rede Paulinas de Livrarias.
Se preferir, ligue 0800 70 10081 – (11) 94569-0240 (WhatsApp)
ou acesse www.paulinas.com.br

Paulinas

Corrente de amigos revista Família Cristã

QUANTO MAIS AMIGOS INDICAR, MAIS MESES GRÁTIS PARA VOCÊ!

Ter amigos é tudo de bom. Mas, ter amigos que podem lhe dar exemplares grátis da revista *Família Cristã*, é melhor ainda! A corrente de amigos da *Família Cristã* é fácil:

Indique
1 amigo e receba
3 meses de
assinatura grátis!

Indicando
3 amigos,
você recebe
6 meses grátis!

Agora, se você indicar
5 amigos,
você receberá
1 ano grátis *

Corrente de amigos da revista *Família Cristã*.

E você ainda aumentará seu círculo de amizades ao participar.

Informações
0800 70 100 81
Ou envie-nos uma mensagem (11) 94569-2898 (WhatsApp)
assinaturas@paulinas.com.br

*** Os exemplares grátis só serão enviados a partir da confirmação do pagamento realizado pelo amigo indicado.**

Família Cristã

Promoção válida até o dia 31/10/2017, somente para assinantes ativos da revista *Família Cristã*.

Sumário

7

Entrevista

O doutor em Teologia Cesar Kuzma fala sobre os 500 anos da Reforma Protestante, um movimento que fez parte de um processo histórico

42

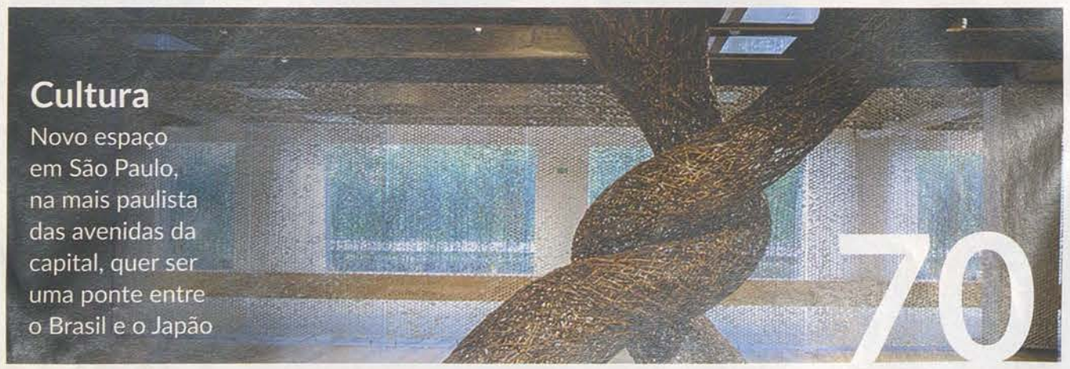
Maturidade

Que "o amor prevaleça na vida, o mesmo amor que os fez escolher ficarem juntos seja eternizado e renovado a cada amanhecer e findar do dia"

52

Francisco

Papa Francisco instituiu, através da Carta Apostólica *Misericordia et misera*, o 1º Dia Mundial dos Pobres, que será celebrado no dia 19 de novembro



Cultura

Novo espaço em São Paulo, na mais paulista das avenidas da capital, quer ser uma ponte entre o Brasil e o Japão

70

ATUALIDADES

11 **Direitos humanos** Coisa de bandido?
12 **Reportagem** O bem viver no semiárido
16 **Política** Entre desconfianças e delações
18 **Painel do leitor** Homenagens
19 **Povos da floresta** Pau D'Arco
20 **Saúde e bem-estar** No limite do estresse
22 **Bioética** Cuidados paliativos pediátricos (2)

FAMÍLIA

24 **Páginas que transformam** Amor compartilhado
26 **Entre jovens** Olhar de Bia
31 **Comportamento** A arte de deixar para depois...
32 **Filhos** Educação que vem de casa
35 **Família** O outro lado da Ocupação
38 **Dinâmica familiar** Avós e netos, casos que viram histórias
40 **Ser um** Descansar o casamento

RELIGIÃO

O EVANGELHO NA COMUNIDADE

46 6 de agosto 18º Domingo do Tempo Comum Transfiguração do Senhor
47 13 de agosto 19º Domingo do Tempo Comum
48 20 de agosto 20º Domingo do Tempo Comum
49 27 de agosto 21º Domingo do Tempo Comum

51 **Paz inquieta** Evangelizar ou impor?
57 **Juventude e fé** Corrente de graças
58 **Igreja** 500 anos da Reforma
61 **Santo do mês** Santa Olga
62 **Sacramentos** Muitos serviços na mesma Igreja

ARTE E CULTURA

64 **Panorama** Belezas do alto, em Vila Velha (ES)
68 **Crônica** Cor e calor para a amizade
72 **Culinária** Caldinhos da Dione
74 **Trabalhos manuais** Vamos organizar a vida!

CARTA AO LEITOR

Aos leitores, com carinho,

O mês de julho começa e com ele preocupações e esperanças! Há tempo que abordamos nesta *Carta ao leitor* a esperança, a confiança, com a certeza de que a realidade que continuadamente vem nos desafiando mude. Mas o desafio continua. Contudo, é nos desafios, nas crises, que a ética, a expectativa de novos tempos, de algo, se consolide. É um pouco de toda essa mescla de incertezas, inseguranças, interrogações, que movemos a cada dia. E esse movimento não pode parar.

Águas paradas apodrecem. O movimento dá vida nova à água e a tudo que está ao longo de seu percurso. A vida humana pode ser comparada à água corrente de um rio. No seu percurso encontra obstáculos, mas continua abrindo sulcos e fornecendo vida aos que dela usufruem!

A revista *Família Cristã* quer ser esse rio de água pura, cristalina, que revigora a vida das pessoas, da sociedade. Com essa intenção ela é produzida e concretizada para que chegue aos lares, às famílias, levando esperança de vida, apesar de tantos sinais de morte que se encontram no dia a dia.

Por isso, vai um convite aos assinantes e leitores: leia sua revista, da primeira à última página, ofereça-a a alguém, e assim estaremos multiplicando e distribuindo a água pura que tem poder de dar vida e revigorar tantas pessoas que dela necessitam. O deserto de nosso país e de nossas vidas agradecem!

Boa leitura e abençoado mês de julho a todos!

Fale conosco

REDAÇÃO
Rua Dona Inácia Uchoa, 62, Bloco A
Vila Mariana – CEP 04110-020
São Paulo (SP)
Fone/fax: (11) 2125-3588
E-mail: familiacrista@paulinas.com.br

SITE E REDES SOCIAIS
www.familiacrista.org.br
/familiacrista.br
@familiacrista
revistafamiliacrista

CENTRAL DE ASSINATURAS
Ligue grátis: 0800 70 100 81
De segunda a sexta-feira, das 8h às 18h
ou na *Rede Paulinas de Livrarias*.
À vista R$ 104,00
2 parcelas de R$ 55,00
3 parcelas de R$ 40,00
Edição do mês R$ 11,00
Assinatura para o exterior US$ 90,00
Capa e índice para encadernação R$ 45,00
Coleção encadernada R$ 105,00
Números atrasados ao preço de capa
E-mail: assinaturas@paulinas.com.br

CENTRAL DE ASSINANTES
SAC: 0800 77 100 81 | (11) 2125-3599
E-mail: assinaturas@paulinas.com.br
De segunda a sexta-feira, das 8h15 às 12h e das 13h às 17h30 ou na *Rede Paulinas de Livrarias*.

PUBLICIDADE E MARKETING
(11) 2125-3500 – Ramal 3712
E-mail: fcmarketing@paulinas.com.br

EXEMPLARES AVULSOS
Paulinas Livrarias ou (11) 2125-3599

Paulinas
Presidente Maria Antonieta Bruscato

Família Cristã
ano 83/nº 979

Fundadora no Brasil Stefanina Cillario (1912-2006)

Diretora-geral Purificacion Vega Garcia
Diretora de Redação Maria Alba Vega **MTb** 3039 MG
Editora Rosalina Botasso
Repórteres Karla Maria e Nathan Xavier
Revisão Sueli S. Dal Belo
Colaboradores Alvicio Thewes, André Kawahala, Carmen Beatriz Fávero, Celso Pedro da Silva, Cleusa Thewes, Felicio Pontes Jr., José de Almeida Amaral Júnior, José Fernandes de Oliveira, Léo Pessini, Luciney Martins, Luiz Turra, Lukas Borges, Moisés Sbardelotto, Paloma Dantas de A. Monteiro, Reginaldo Carreira, Rita Massarico Kawahala, Roseane Welter, Valdênia Lanfranchi, Wagner Lopes Sanchez

Arte
Produção e Diagramação Mateus Leal e Rebeca Souza Venturini
Capa/foto Sérgio Amaral
Ed. gráfica Mateus Leal

Família Cristã *on-line*: www.familiacrista.org.br
Editora Maria Alba Garcia
Gerência do site Angela Klidzio

Promoção e Marketing Maria Vanderlane Araújo
Divulgação Esther Thomasi
Administração Financeira Mônica Welfer
Distribuição Nilton J. de Castro

COMPOSIÇÃO PRÓPRIA
Impressão
Divisão Gráfica da Editora Abril S.A. Regime Especial. Proc. DRT 1–12289/90 MJ/703 – P. 209/73.
Todos os direitos reservados.
REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ Nº 979 (ISSN 0014-7125), Ano 83 – JULHO/2017 – é uma publicação mensal de *Paulinas*.
Razão social: PIA SOCIEDADE FILHAS DE SÃO PAULO.
Rua Dona Inácia Uchoa, 62, Bloco A – Vila Mariana – CEP 04110-020 – São Paulo (SP)
Fone/fax: (11) 2125-3580.
E-mails: supermais@paulinas.com.br – paineldoleitor@paulinas.com.br

VENDAS DE ASSINATURAS
São Paulo (SP) – Rede Família – (11) 2125-3500; **São José dos Campos (SP)** – Sérgio Fernandes da Silva (12) 3907-1247; **Sul de Minas Gerais** – Osmar Antonio de Castro (37) 3371-1750.

REDE PAULINAS DE LIVRARIAS: Aracaju (SE) Rua Laranjeiras, 76 – Centro – 49010-000. Tels./Fax.: (79) 3214-5622; **Belém (PA)** Rua Santo Antônio, 278 – 66010-090. Tels.: (91) 3241-3607/3241-4845; **Belo Horizonte (MG)** Av. Afonso Pena, 2.142 – 30130-007. Tels.: (31) 3269-3700/3269-3725; **Belo Horizonte (MG)** Rua Curitiba, 870 – 30170-120. Tel.: (31) 3224-2832; **Brasília (DF)** SCS – Q. 05 – Bl. C – Lojas 18/22 – 70300-500. Tel.: (61) 3225-9595; **Caxias do Sul (RS)** Rua Marquês do Herval, 1.469 – Centro – 95020-262. Tel.: (54) 3538-4964; **Cuiabá (MT)** Rua Joaquim Murtinho, 329 – 78005-290. Tel.: (65) 3622-0708; **Curitiba (PR)** Rua Voluntários da Pátria, 225 – Centro – 80020-000. Tel.: (41) 3224-8550; **Fortaleza (CE)** Rua Major Facundo, 332 – Centro – 60025-100. Tel.: (85) 3226-7544. **Fortaleza (CE)** Rua Antônio Sales, 2919 – Dionísio Torres – 60135-102. Tel.: (85) 3224-4229; **Goiânia (GO)** Av. Goiás, 636 – Centro – 74010-010. Tels.: (62) 3224-2585/3224-2329; **João Pessoa (PB)** Rua Duque de Caxias, 597 – Centro – 58010-821. Tels.: (83) 3241-5591/3241-5636; **Joinville (SC)** Rua Engenheiro Niemeyer, 70 – Centro – 89201- 130. Tel.: (47) 3027-2509; **Macapá (AP)** Av. Presidente Vargas, 341 - Sala 30 – Villa Nova Shopping – Centro – 68900-070. Tel.: (96) 3131-1239; **Maceió (AL)** Rua Joaquim Távora, 71 – Centro – 57020-320. Tel.: (82) 3201-6400; **Manaus (AM)** Av. Sete de Setembro, 665 – Centro – 69005-141. Tels.: (92) 3233-5130/3233-2580; **Maringá (PR)** Av. Getúlio Vargas, 276 – 87013-130. Tel.: (44) 3226-3536; **Natal (RN)** Rua João Pessoa, 220 – Centro – 59025-500. Tel.: (84) 3212-2184; **Niterói (RJ)** Rua Aurelino Leal, 46 – Centro – 24020-320. Tels.: (21) 2622-1219/2613-3929; **Porto Alegre (RS)** Rua dos Andradas, 1.212 – Centro – 90020-008. Tel.: (51) 3221-0422; **Porto Velho (RO)** Rua Dom Pedro II, 864 – Centro – 78900-010. Tel.: (69) 3224-4522; **Recife (PE)** Rua Frei Caneca, 59 – Loja 1 – Santo Antônio – 50010-120. Tels.: (81) 3224-5812/3224-6609; **Rio de Janeiro (RJ)** Rua Sete de Setembro, 81-A – 20050-005. Tel.: (21) 2232-5486; **Rio de Janeiro (RJ)** Rua Dagmar da Fonseca, 45-A/B – Madureira – 21351-040. Tels.: (21) 3355-5189/3355-5931; **Salvador (BA)** Av. Sete de Setembro, 680 – S. Pedro – 40060-001. Tels.: (71) 3329-2477/3329-3668; **São Luís (MA)** Rua de Santana, 499 – Centro – 65015-440. Tels.: (98) 3232-3068/3232-3072; **São Paulo (SP)** Rua Domingos de Morais, 660 – Vila Mariana – 04010-100. Tel.: (11) 5081-9330. **São Paulo (SP)** Rua 15 de Novembro, 71 – Centro – 01013-001. Tel.: (11) 3106-4418; São **Paulo (SP)** Rod. Raposo Tavares, km 19,145 – 05577-300. Tel.: (11) 3789-1429; São Paulo (SP) Av. Marechal Tito, 981 – São Miguel Paulista (SP) – 08010-090. Tel.: (11) 2297-5756; **Teresina (PI)** Rua Rui Barbosa, 172 – Centro – 64001-090. Tels. (86) 3221-3155/3221-3190. **Vitória (ES)** Rua Barão de Itapemirim, 216 – Centro – 29010-060. Tel.: (27) 3223-1318.

Cesar Kuzma Por Karla Maria

Um olhar sobre a Reforma, *500 anos depois*

ARQUIVO PESSOAL

"A esperança cristã que nasce de sua teologia deve estar inserida no mundo para transformá-lo", escreveu Cesar Kuzma (*foto*), doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da mesma instituição e atual presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter), do Brasil, no livro recém-lançado *Ecumenismo e Reforma*, de *Paulinas Editora*.

Kuzma é um dos autores da obra e também nosso entrevistado do mês, que, em meio à organização do 30º Congresso Internacional da Soter, que acontece este mês na PUC-MG, reservou-nos tempo para uma entrevista sobre os 500 anos da Reforma Protestante. Um movimento que, segundo ele, fez parte de um processo histórico, social, cultural, político, religioso e teológico e que é o caminhar deste processo até os nossos dias, com suas interpelações e desdobramentos que trazem relevância para a sua celebração.

FC – O ano de 2017 é marcado pelos 500 anos da Reforma Protestante. Quais as marcas que essa Reforma deixou para o mundo?

Cesar Kuzma – Muitas são as marcas deixadas por esse evento, chamemos assim, e elas devem ser vistas e compreendidas em um sentido que nos faça entender o tempo e contexto do que ocorreu, e, de que modo, nos dias atuais, podemos reler e aprender com esses

fatos. E alguns momentos foram tensos, com enormes divisões e conflitos. Faz-se necessário olhar a história criticamente para poder aprender com ela e traçar novos passos, também críticos, sentindo o novo tempo e contexto onde estamos. O evento da Reforma marcou a história do Ocidente, e essa influência não ficou restrita ao campo religioso/teológico, mas também social, cultural e político, de um modo que podemos nos denominar hoje – todos nós – como herdeiros da Reforma.

FC – Quais são os princípios fundamentais da Reforma?

Cesar Kuzma – É importante dizer que o universo teológico que abrange a Reforma é mais amplo e complexo do que isso, porém, como princípios fundamentais, esse evento trouxe cinco expressões, chamadas de "*sola*", do latim "*somente*": somente a fé, somente a graça, somente Cristo, somente a Escritura e somente a glória a Deus. No entanto, para entender a abrangência de cada parte (*sola*), é importante se debruçar sobre o contexto histórico/teológico da época e de como os reformadores fizeram valer os seus argumentos teológicos.

FC – Qual a relevância deste momento histórico para as diferentes tradições chamadas protestantes, tendo em vista a sua pluralidade e o ecumenismo?

Cesar Kuzma – O celebrar dos 500 anos da Reforma deve ser visto por todo o cristianismo como uma grande oportunidade para dar um passo à frente em direção ao ecumenismo, salvaguardando a pluralidade de cada tradição/igreja, mas buscando a unidade em Cristo. Penso que é um momento de celebrar, mas também de refletir. Não tanto um ponto de chegada, mas sim um novo ponto de partida; com um olhar atento e crítico ao passado e aberto e disposto ao futuro.

FC – E para a Igreja Católica Apostólica Romana? O que é possível apreender desse momento histórico com vistas a viver um ecumenismo de fato?

Cesar Kuzma – A Igreja Católica está diretamente envolvida nesse evento histórico e deve voltar um olhar crítico ao passado, mas também aberto para este momento e com esperança para o futuro. É claro que houve erros no passado e violências foram geradas em nome da fé, em ambos os lados. No entanto, o chamado de Deus para nossas igrejas e a busca de uma unidade ecumênica para o trabalho do Reino devem se fazer mais fortes. A Igreja Católica já tem dado passos significativos no ecumenismo, e isso é fruto de um amadurecimento da fé na história e de uma compreensão eclesial que ganhamos com o Concílio Ecumênico Vaticano II. Isso pode ser visto em decretos e documentos, declarações conjuntas e projetos de missão. Mas ainda existem lacunas e desentendimentos. Este pode ser um momento de luz e de esperança.

FC – Qual tem sido o papel do papa Francisco neste cenário de diálogo e ecumenismo?

Cesar Kuzma – O papa Francisco é um grande líder religioso e tem avançado de modo prático em aspectos ecumênicos. Não se limita aos tratados e declarações conjuntas. Vai além. Destaco aqui a sua visita à Suécia, em 2016, para a abertura das festividades, onde esteve numa catedral luterana; também em seus discursos pela unidade e num resgate positivo da pessoa de Lutero. Porém, Francisco inova também nos seus gestos como pontífice. Valendo-se do que se quis no Vaticano II, Francisco procura adotar uma condução mais colegiada na Igreja, portando-se de modo bem simples e desmistificando a figura do papado, sendo mais um entre os demais, um com o povo. Com essas atitudes, Francisco não diminui o significado do papa para os católicos, mas valoriza a pessoa do Cristo para todo o cristianismo.

FC – Líderes evangélicos das "chamadas igrejas neopentecostais" defendem na mídia uma Teologia da Prosperidade de modo incisivo. Como avalia esse cenário, à luz da Reforma Protestante e da atualidade?

Cesar Kuzma – Infelizmente esse cenário não é exclusivo de igrejas evangélicas, pois podemos encontrar essa ação neopentecostal e uma pregação da Teologia da Prosperidade também na igreja católica. Diria que é um fenômeno religioso/cultural que tem suas raízes muito mais nas debilidades da nossa estrutura humana e social, fazendo da religião uma fuga ou comércio, do que no cristianismo ou mesmo na Reforma, como algo específico.

FC – Há uma deficiência teológica nesse contexto?

Cesar Kuzma – Sim, na origem, e uma compreensão equivocada de Deus e sua ação. Além disso, não se leva em conta a realidade de nossa sociedade, onde as injustiças, misérias e opressões são produzidas pela arrogância e maldade humana, ocasionando um problema estrutural. A Reforma, em seus 500 anos, e uma boa teologia hoje nos diriam que a ausência de uma boa cristologia e de um olhar atento às Escrituras leva a esses desvios.

"Também a Igreja Católica é chamada a novas reformas e nos parece que o papa Francisco tem esta intenção"

FC – A centralidade da *Bíblia* na vida das Igrejas é um dos pontos que convergem nas denominações religiosas cristãs?

Cesar Kuzma – Sim, pois a *Bíblia* é o que fundamenta a nossa caminhada de fé e é ela que liga a nossa história de Igreja à caminhada do Povo de Deus, ao qual somos chamados a ser pelo nosso Batismo. Com a *Bíblia*, temos uma fonte segura, e as igrejas podem acolhê-la e interpretá-la no tempo presente, fazendo dela luz para o nosso caminho e discernimento seguro para os nossos desafios. A *Bíblia* é uma palavra aberta, e esta palavra foi promessa, ela se fez história e se fez carne em Cristo, e ela nos chama a uma nova vida, é a esperança cristã.

FC – Quais as diferenças mais expressivas entre igrejas protestantes e Católica Apostólica Romana? Elas, ou a falta de compreensão ou respeito delas, ainda são motivo de cismas?

Cesar Kuzma – Esta é uma questão complexa. As igrejas protestantes possuem uma grande variedade de expressões e tradições, algumas mais próximas à Católica, seja pela liturgia ou pastoral, ou mesmo em campo doutrinário. Outras já possuem aspectos mais próprios. Algumas têm abertura ecumênica, outras nem tanto. Não podemos negar que são 500 anos de separação, e esses anos trazem acentos culturais próprios, frutos de uma caminhada e de um amadurecer cristão. Talvez, em âmbito geral, o que mais caracteriza a Igreja Católica frente às demais seja o fato de manter uma unidade universal, sustentada na figura do papa. Por mais que o Vaticano II destacou a dimensão das igrejas particulares e a autoridade de cada bispo, ainda se tem esta imagem com o bispo de Roma, aquele que por tradição preside os demais na caridade.

FC – O que nos separa?

Cesar Kuzma – As recentes declarações conjuntas entre luteranos e católicos e outros tratados com as igrejas orientais mostram que teologicamente pouco ou quase nada nos separa. No entanto, o caminho a ser buscado é o de uma unidade que saiba conviver com a diversidade, sendo capaz de reconhecer na outra igreja a qualidade e a verdade de ser Igreja, como expressão autêntica da fé. Este ainda é um desafio, e somente um avançar teológico, mas também pastoral e histórico, pode trazer. É algo a ser buscado e é uma motivação para a celebração desses 500 anos. Sim, o perigo de um novo cisma sempre existe. A unidade é um desafio, mesmo dentro de nossas igrejas.

FC – Ainda há o que ser reformado na Igreja Católica Apostólica Romana? E nas igrejas protestantes?

Cesar Kuzma – Certamente que sim. A Igreja é chamada a ser um sinal no tempo e na história, e este tempo e esta história estão em mudança constante. As nossas igrejas devem estar sempre em constante transformação sob a força do Espírito, e este mesmo Espírito nos impele a dialogar com o mundo, a fim de que o Evangelho seja anunciado e que o Reino aconteça. Ainda há muito o que fazer. Para os nossos irmãos protestantes e evangélicos, trata-se de um momento ímpar, em que podem celebrar e refletir esse evento histórico. Mas também a Igreja Católica é chamada a novas reformas, e nos parece que o papa Francisco tem esta intenção.

FC – Coerência do Evangelho...

Cesar Kuzma – O pedido do papa São João XXIII de "uma Igreja pobre para os pobres" é uma exigência a ser buscada pela coerência do Evangelho. Francisco tem apontado para isso em suas reformas estruturais. Pensar uma Igreja pobre é pensar uma Igreja que seja capaz de um despojamento, de uma abertura, de um mergulhar na história a ponto de assumi-la e transformá-la, deixando-se conduzir pela força do Espírito. Sem pobreza, sem abertura, é impossível. E isso vale também para o material, para tudo aquilo que nos impede de atrair o Evangelho para dentro das nossas estruturas eclesiais. Isso é colocar Cristo no centro do cristianismo e esta é, ou deve ser, a grande Reforma! Que o celebrar dos 500 anos nos faça encontrar este caminho. Todos nós! Todas as Igrejas!

INOVAÇÃO PARA A SUA COMUNIDADE

DESENVOLVA CONOSCO UM **SUPER SITE**
E AINDA GANHE UM **APLICATIVO**

PLATAFORMA ESPECIAL PARA A IGREJA CATÓLICA, INCLUINDO:

Layout Personalizado · ADM em Wordpress · Vela virtual
Mensagem do Pároco · Liturgia diária · Conexão com o Facebook
Fotos · Vídeos · Podcasts · Downloads · Revista digital
Notificações push (com agendamento e envio por localização)
Estatísticas · Cadastro de fiéis · Doações · E muito mais!

minhaPARÓQUIA
comunicação & tecnologia

www.minhaparoquia.com.br
(11) 3455 7631 / (19) 3227 0149
contato@minhaparoquia.com.br

Valdênia Lanfranchi

Mestra em Direito Social e voluntária das Pastorais do Menor e Carcerária.

Direitos humanos, coisa de bandido?

Outro dia fui apresentada a um grupo de pessoas como defensora de direitos humanos. De imediato notei que algumas delas fizeram uma expressão de aprovação, outras de perplexidade e, junto com as expressões de desprezo, uma pessoa perguntou: "Quando os direitos humanos serão para os humanos e não para bandido?".

Há mais de 30 anos atuando na defesa e promoção dos direitos humanos, ouvi muitas vezes essas perguntas e sempre agradeci às pessoas que as fizeram, pois elas me deram oportunidade de desconstruir a ideia que a mídia sensacionalista, patrocinada por grupos que têm interesse na manutenção da desigualdade socioeconômica, insiste em disseminar.

Estudando o tema de direitos humanos, verificamos que as religiões já os traziam em muitos de seus princípios, na convicção do valor inestimável da vida de cada ser humano. Mas o respeito aos princípios passa sobretudo pelos valores morais e éticos da pessoa, dos grupos, da comunidade e da sociedade. Logo, a depender desses valores, os princípios podem ou não ser respeitados. Entretanto, quando os princípios se transformam em lei, respeitá-los passa a ser um dever.

Foi o que aconteceu após a Segunda Guerra Mundial quando milhares de famílias perderam suas casas e suas vidas, aniquiladas nos campos de concentração, pessoas com deficiência eram executadas por não serem produtivas, o direito de ir e vir, o de opinar e o de se reunir eram reprimidos; as execuções em massa eram justificadas pelo poder dos tiranos, os direitos que estavam apenas no campo dos princípios ganham *status* de normativa internacional com a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH).

Em meio às atrocidades da Segunda Guerra Mundial, um ganho muito importante ficou para a humanidade: o reconhecimento legal de que nenhum povo é melhor ou pior que o outro, que uma pessoa não é mais ou menos que a outra. Todas as pessoas e povos são igualmente importantes e filhos e filhas de Deus. O que muda é o acesso às oportunidades para que as pessoas e os povos possam se desenvolver dignamente. É por isso que as Campanhas da Fraternidade, no Brasil, sempre pautaram temas de direitos humanos.

Respeito à vida – Quando falamos de direitos humanos, pensamos em Railda, uma mãe que reclama o direito de um tratamento digno ao seu filho usuário de drogas. Falamos de Miriam, mãe na porta da cadeia, humilhada por pedir que o filho cumpra sua pena como está previsto na lei de execuções, sem maus-tratos ou torturas. Falamos da família de Alessandra, que, por lutar junto com outras famílias pelo direito à terra onde sempre viveu, teve sua mãe violentada sexualmente, seu pai e irmão torturados por homens a mando do latifundiário, um desembargador aposentado. Falamos de famílias indígenas, ribeirinhas, quilombolas, expulsas de suas terras em nome do desenvolvimento econômico. A lista de casos de violações de direitos humanos básicos é infinita.

> Agora sabemos que defender os direitos humanos é obrigação de todos os cristãos. É o que fazem nossas pastorais sociais e é o que nos ensina o papa Francisco com seus atos cotidianos

Não é por menos que o papa Francisco insiste para que haja o fim da violência e o respeito com os direitos humanos. Ele nos ensina que "os direitos humanos são violados não só pelo terrorismo, a repressão, os assassinatos, mas também pela existência da extrema pobreza e de estruturas econômicas injustas, que originam as grandes desigualdades".

Não podemos mais reproduzir clichês vendidos pela mídia sensacionalista e conservadora, mas procurar saber quem a financia para entender seus verdadeiros interesses. Agora sabemos que defender os direitos humanos é obrigação de todos os cristãos. É o que fizeram dom Oscar Romero, irmã Dorothy Stang, dom Paulo Evaristo, padre Chico, da Pastoral Carcerária, Waldemar Rossi e tantos outros. É o que fazem nossas pastorais sociais e é o que nos ensina o papa Francisco com seus atos cotidianos.

O BEM VIVER NO SEMIÁRIDO

Falta de chuva e influência do El Niño levam população do semiárido a praticar uma economia solidária com olhar sensível aos frutos e potencialidades da região

BULLDOG MDA

Karla Maria

"Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas", escreveu Rachel de Queiroz, em seu *O Quinze*, em 1930. Nele, Rachel explorou o significado da seca na vida do povo nordestino e amarrou os efeitos desse fenômeno climático à vida de seus personagens ao longo da trama.

Passados 87 anos dessa publicação, o clássico é um convite à reflexão e à atualização do olhar do cidadão brasileiro à realidade do povo que vive no semiárido e que, nos últimos cinco anos, tem de fato vivido a pior seca do século, influenciada por mudanças climáticas e pelo fenômeno El Niño.

O semiárido é caracterizado pela má distribuição das chuvas no tempo e no espaço, levando em consideração a precipitação média anual inferior a 800 milímetros, um índice de aridez de até 0,5 e risco de seca maior que 60%. No Brasil, dez estados estão caracterizados como semiárido, numa área de aproximadamente 970 mil quilômetros quadrados, na qual vivem 24 milhões de pessoas.

Essa região abrange os estados do Nordeste, com exceção do Maranhão, além de um do Sudeste, ocupando os seguintes estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Berenice Leal Guimarães Sales, 52 anos, nasceu em Gandu, cidade ao sul da Bahia, e vive em Poções, na zona rural do estado, a cerca de 450 quilômetros de Salvador. Cozinheira e mãe de três filhos: Lucas, 31 anos , Mateus, 29, e Marcos, 25, a mulher de José Gomes Sales, 64, confeiteiro, conta o que tem observado e vivido sobre a seca em sua região.

"Aqui na área rural nós plantávamos tomate e agora o rio secou e plantamos bem menos. Quando eu cheguei aqui, há um ano, ainda a represa estava cheia, aí foi secando. O povo desmatou muito. O clima já é seco, aqui é sertão, mas na realidade os gestores da cidade não contribuem. Eles cortaram muitas árvores da beira do rio para fazer plantação", conta a baiana, de olho no rio que tem em seu horizonte.

SÉRGIO AMARAL MDS

Francisca de Assis do Assentamento Paraíso, no município de Madalena (CE), com sua cisterna, um reservatório de armazenamento que aproveita a água das chuvas

A sabedoria de Berenice é atestada pelo estudo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, intitulado *Rio das mulheres: diagnóstico ambiental das áreas no entorno de nascentes em Poções*, que apontou a existência de apenas 60% de cobertura vegetal nos mananciais, enquanto os outros 40% exibem um quadro de degradação ambiental de escassez de cobertura vegetal nativa e proximidade das nascentes com áreas de lavouras.

O rio a que Berenice se refere é o mesmo do estudo. "Morei aqui há 25 anos, e naquela época era muito diferente. Tinha muita água, tinha floresta, muitas árvores e depois de muito desmatamento o clima ficou mais seco ainda. Os fazendeiros abriram represas e desviaram a água do rio para fazer grandes plantações, e isso contribui mais ainda para acabar com a água", desabafa Berenice, que convive em um rodízio de quatro dias sem água e dois com.

A seca e o amanhã – "A gente tem medo do futuro, sim. Nem no poço artesiano não está tendo mais água. Antes eles ofereciam 30 mil litros d'água por hora, agora são 2 mil litros por hora. Não dá para nada. A fonte está secando", conta a mulher.

A tendência é que a seca se mantenha na região de Berenice, já que os modelos oceânicos analisados pelos principais centros de meteo-

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Berenice Leal Guimarães Sales vive em Poções, na zona rural, sabe lidar com o clima do sertão e tira proveito dos frutos que o semiárido possibilita

Família se alegra com a chegada da chuva em Irecê, na Bahia

ARQUIVO DA CÁRITAS DIOCESANA DE IRECÊ

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Berenice mostra a parte seca do Rio das Mulheres, que é o principal manancial de água doce da cidade de Poções

rologia do mundo apontam a possibilidade de o El Niño influenciar negativamente o regime de chuvas no Nordeste brasileiro. As informações são do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

"A continuidade da seca no semiárido trará insegurança alimentar e hídrica para uma população rural e urbana de mais de 24 milhões de pessoas que vivem na região", aponta relatório do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites (Lapis), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), em parceria com o (Insa).

A convivência – Como, portanto, viver com esses dados e a realidade que visita e aquece a vida de tanta gente? Convivendo. A cobertura vegetal do semiárido é a caatinga, e, no período chuvoso, ela fica verde e florida. Abriga, nos ensina Roberto Malvezzi, colaborador da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e da Articulação Popular Semiárido Vivo, uma das maiores biodiversidades brasileiras de insetos, inclusive a abelha, o que a torna muito favorável para a produção de mel.

"O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mais de acabar com a seca, mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente, claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes", afirma Malvezzi, em seu artigo "Pensar o Brasil: semiárido".

Segundo ele, o segredo da convivência com o semiárido passa pela produção e estocagem dos bens em tempos chuvosos para se viver adequadamente em tempos sem chuva, sendo a água o principal bem a ser estocado. De acordo com a pesquisadora Marilene Melo, do Instituto Nacional do Semiárido, tecnologias sociais foram desenvolvidas para captar água da chuva nos telhados das casas e levá-la por meio de canos para cisternas, garantindo o consumo das famílias e dos animais. Já a água acumulada nos barreiros, que são tanques escavados no solo, pode ser usada nas plantações. "No semiárido, a água é um recurso limitado. Por isso é importante estocar", afirma.

Ainda segundo a pesquisadora, as criações também são fundamentais para garantir renda aos pequenos produtores. "Os agricultores foram percebendo que a melhor estratégia para enfrentar um longo período de estiagem é manter um rebanho com pequenos animais, como cabras e ovelhas. Além disso, também foram reduzindo a quantidade de animais em suas propriedades", explica.

Estocar e repensar o uso daquilo que a natureza fornece é uma das práticas

ANA LIRA/ASA BRASIL

FOTOS: LEO DRUMOND_NITRO

As cisternas são o principal elemento de um projeto de aproveitamento de águas pluviais, variam em volume e material e garantem água no período da estiagem

realizadas pelo povo que vive no e do semiárido. Outra, muito comum, observada diariamente, é a solidariedade. Berenice, a baiana de Poções, explica. "Aqui nós fazemos assim, plantamos, e o que fica bom nós trocamos com os vizinhos", diz, referindo-se aos pés de quiabo, fava, andu, maracujá, coco, mamão, salsa e aipim, que planta e compartilha com os vizinhos.

Doce alternativa – Em Serrinha, cidade baiana a cerca de 360 quilômetros de onde vive Berenice, o Grupo de Mulheres Trabalhadoras Rurais desenvolveu, com o apoio da Cáritas local, uma estratégia ecológica e social que aponta alternativas econômicas à realidade do semiárido: a produção de geleias.

"A gente percebeu que se perdiam muitas frutas. Hoje essas dez famílias produzem as geleias que estão na merenda escolar alimentando as crianças", diz Angelita Miranda, coordenadora do Grupo de Mulheres Trabalhadoras Rurais, explicando que o principal desafio do grupo é a regulamentação que garante a inclusão de informações como o valor nutricional e código de barras, que permitirão a comercialização do produto em supermercados.

A experiência não é exclusiva de Serrinha. Em 2005, sete mulheres do Assentamento Novo Zabelê, em plena caatinga, no município de São Raimundo Nonato, no Piauí, começaram a aproveitar o umbu e o maracujá do mato, transformando-os em doces. Com a assessoria da Cáritas Diocesana de São Raimundo Nonato, o projeto cresceu e atualmente são 25 mulheres e 2 homens que se envolvem com a produção e a colheita da matéria-prima.

A produção cresceu tanto que foi construída uma unidade de beneficiamento de frutas, erguida com muito esforço e em meio a várias viagens em busca de fortalecer laços com os mercados e garantir a venda das diversas delícias, ainda produzidas de modo semiartesanal.

Os recursos para a construção da Unidade de Beneficiamento (UB) e de diversos equipamentos vieram do Projeto Dom Helder Câmara, uma iniciativa de ações referenciais de combate à pobreza e apoio ao desenvolvimento rural sustentável no semiárido do Nordeste.

"Além de já estar gerando essa renda às famílias, o grupo possui um caixa que permite pagar nossas contas. Temos um capital de giro para compra da matéria-prima, pagando preço um pouco acima do mercado local, e já estamos até investindo em novos equipamentos com recursos próprios", afirma Maria Luciene Miranda, agricultora da equipe de gestão da UB.

Além de produzir e comercializar os doces, polpas e geleias, o grupo vem apoiando as famílias na venda de produtos da roça. "Intermediamos a venda de mais de 20 toneladas de abóbora só neste ano", informa Maria Luciene, que segue adoçando sua vida e a de outros pelo semiárido nordestino.

(Com informações da Cáritas)

CÁRITAS DIOCESANA DE SERRINHA

A geleia de frutas silvestres é fruto de um dos projetos apoiados pela Cáritas em Serrinha, na Bahia, que visa a saídas economicamente sustentáveis à realidade das famílias do semiárido

José de Almeida Amaral Júnior
Economista, especialista em Sociologia e mestre em Políticas de Educação.

Entre desconfianças e delações

Nos primeiros dias de junho, o governo comemorou o resultado do primeiro trimestre do Produto Interno Bruto (PIB) 2017. Temer publicou em seu Twitter: "Acabou a recessão! Isso é resultado das medidas que estamos tomando. O Brasil voltou a crescer. E com as reformas vai crescer mais". Ministros também se regozijaram. Dyogo Oliveira, do Planejamento, disse que foi interrompida a mais longa recessão da nossa história recente. Os dados indicaram que a economia subiu 1% no primeiro trimestre de 2017, em comparação ao último de 2016. Detalhando um pouco mais, pensando nos três setores de produção, o primário, onde está o agronegócio, foi o grande destaque: teve alta de 13,4%; o secundário, setor de transformação, teve expansão de 0,9%; e, por fim, o terciário, abrigando comércio e serviços, fechou estável entre um período e outro, ou seja, com 0,0% de crescimento. Em valores correntes, o PIB encerrou o primeiro trimestre em 1,6 trilhão de reais. Foi um avanço, mas não há ainda motivos de comemoração. E, infelizmente, nem de afirmar o final da recessão.

Está claro que o resultado foi positivo porque o setor primário teve bom desempenho e puxou os dados. Mas os serviços têm um peso de 70% em nossa economia e estão parados. Inclusive, se houver um comparativo deste trimestre com o mesmo de 2016, se verifica queda de 0,4%. E mais, o resultado acumulado dos quatro últimos trimestres terminados agora em março registra queda de 2,3% em relação a igual período anterior. O País está hoje em estágio compatível a sete anos atrás.

Tempo de incertezas – Três outros dados significativos: a Despesa de Consumo das Famílias caiu 1,9%; a Taxa de Investimento ficou em 15,6% do PIB, abaixo, então, dos 16,8% no mesmo período de 2016, e a Taxa de Poupança foi de 15,7% contra 13,9% do mesmo período no ano passado. Isto demonstra as consequências dadas desde as turbulências do período eleitoral, passando pela traumática desestabilização via *impeachment* e chegando ao momento tenso e atarantado que os brasileiros vivem hoje. Estamos parados.

Dois dos maiores bancos, Itaú e Bradesco, reviram para baixo o crescimento do PIB 2017. Para o Bradesco, ficará apenas "estável"; para o Itaú, cai de 1% para 0,3%. Ambos falam em intenso "cenário de incertezas". Nisso estão cobertos de razão. Aliás, o Conselho Federal de Economia divulgou nota, horas antes do estudo do PIB ser publicado. Criticou as reformas do governo federal, como a trabalhista e a previdenciária, pediu o afastamento de Temer do cargo e a realização de eleições diretas como "passos indispensáveis para a tão desejada retomada do crescimento econômico". E, para isso, é preciso que seja oficializada a Proposta de Emenda Constitucional que permita a eleição direta no caso do afastamento de Temer.

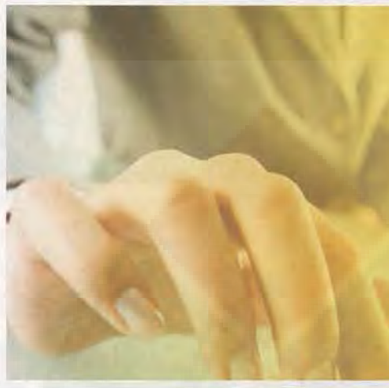
> Neste cenário de desconfiança, fica muito difícil, realmente, esperar que os investidores apostem suas fichas no Brasil

Vale lembrar que, em maio, veio à tona uma conversa gravada entre ele e o empresário Joesley Batista, da JBS, na qual falavam sobre acertos de pendências com o ex-deputado federal e agora detido Eduardo Cunha (PMDB/RJ), comprando seu silêncio. O caso é grave e delações podem ser investigadas pela Procuradoria-Geral. De outro obstáculo preocupante, todavia, Temer já se livrou: o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não viu irregularidades na chapa vitoriosa PT-PMDB, e ele, então, pôde se manter no cargo, embora cada vez menos prestigiado pela opinião pública e por parcelas de congressistas. Neste cenário de desconfiança, fica muito difícil, realmente, esperar que os investidores apostem suas fichas no Brasil. Enquanto isto, 14 milhões de pessoas já se acumulam no agonizante desemprego.

PADRES E IRMÃOS CAMILIANOS
a Serviço da Vida

Jovem, junte-se a nós, seja um Camiliano também!

Serviço de Animação Vocacional
Av. São Camilo 1200A - Granja Viana - Cotia - SP - 06709-150
Tels.:11 3872-7063 e 11 95827-3492
vocacional@camilianos.org.br - www.camilianos.org.br



ATENÇÃO ASSINANTE

"Prezado assinante, devido a exigências bancárias para emissão de boleto registrado, por ocasião da renovação de sua assinatura, contamos com sua colaboração, enviando-nos seu CPF ou CNPJ. Contate-nos através do 0800 77 100 81 ou (11) 94569-2898 WhatsApp. Agradecemos".

Bodas de Diamante

O agente missionário da revista *Família Cristã* Amilton Antonio Nichele e sua esposa, Angelina Nichele, de Curitiba (PR), celebram neste mês de julho 60 anos de matrimônio. Seus filhos, noras, genros, netos e bisnetos prestam homenagem ao casal com gratidão e alegria, desejando-lhe muitas bênçãos de Deus.

O casal Amélia e Anízio Stinghel, de Baixo Guandu (ES), assinantes da revista *Família Cristã* há muitos anos, comemora 60 anos de casamento neste mês de julho. Amélia diz que "lê toda a revista, que a atualiza e orienta de muitas maneiras, e a leitura ajuda a manter a família muito unida".

Odila Brandalize Riboldi e Avelino Riboldi, de Cascavel (PR), celebram 60 anos de feliz matrimônio neste mês de julho. Segundo o casal, 60 anos de companheirismo e amor. Seus filhos e familiares homenageiam o casal.

Leonilda Paulina R. Dalazen

Os filhos de Leonilda Paulina R. Dalazen prestam homenagem à sua mãe, por ocasião do aniversário de 80 anos, destacando o amor, a ética e a fidelidade na formação de uma família por sua grandeza de espírito, personalidade e sabedoria. Toda a família cumprimenta a aniversariante e agradece a Deus essa pessoa tão especial.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Nós, da revista *Família Cristã*, saudamos a todos e pedimos que Deus continue abençoando e protegendo estas famílias que fazem parte da grande família de assinantes.

Felício Pontes Jr.
Procurador regional da República e mestre em Teoria do Estado e Direito Constitucional.

Pau D'Arco

Não há dúvidas de que este ano de 2017 ficará marcado como um dos mais sangrentos contra a população campesina do Brasil. Num espaço de 35 dias, houve três massacres e uma tentativa. O saldo foi de 22 mortos. No último, e maior deles, em 24 de maio, nove homens e uma mulher foram assassinados no município de Pau D'Arco, sudeste do Pará.

Na versão oficial, as vítimas eram criminosos que invadiram a Fazenda Santa Lúcia e estavam fortemente armados. Sob a justificativa de cumprirem mandados de prisão, as Polícias Civil e Militar partiram para o local com 29 homens. Dizem que foram recebidos a tiros e revidaram.

De início, salta aos olhos uma operação policial planejada com quase o mesmo número de pessoas que lhe confrontariam. Depois, um "confronto" sem nenhum arranhão no lado policial. Por fim, vítimas mortas, com tiros nas costas e nas nádegas, e retiradas do local do crime sem esperar a perícia.

Não houve confronto. Houve massacre. Reforça essa tese o trabalho da jornalista Ana Aranha, da Repórter Brasil. Ela foi a primeira a entrevistar os sobreviventes: "A gente ouviu alguns colegas chorando antes de morrer".

> Nove homens e uma mulher foram assassinados em Pau D'Arco, sudeste do Pará

Latifúndio e grilagem – A causa remota do conflito merece destaque. A forma de aquisição dessa fazenda está sob suspeita de grilagem – terra pública registrada em cartório como particular. No Pará, se todos os registros em cartório fossem ocupados, teria três, nove *vezes* o seu imenso território. A conclusão é do Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJPA), que instituiu a Comissão Permanente de Monitoramento, Estudo e Assessoramento das Questões Ligadas à Grilagem de Terras.

Portanto, de um lado, há um latifúndio suspeito de grilagem. De outro, dezenas de famílias tentando produzir em regime de agricultura familiar – aquela que coloca mais de 70% da comida em nossas mesas.

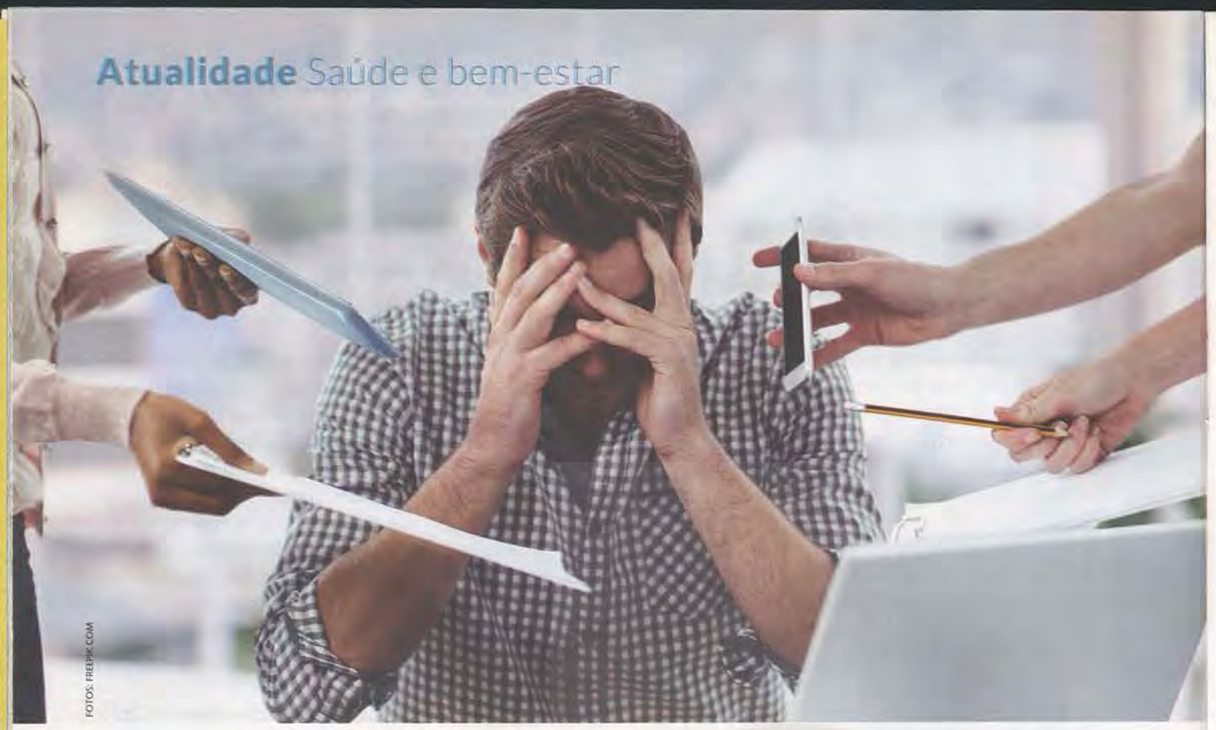
Trata-se do confronto entre o modelo de desenvolvimento predatório e o modelo de desenvolvimento socioambiental. O primeiro se instalou na Amazônia, desde a década de 1970. Suas atividades principais são madeira, pecuária, mineração, incluindo água para hidrelétricas, e monocultura. Todas as vezes que ocorreram massacres na Amazônia houve, de um lado, um representante do modelo predatório defendendo uma das atividades citadas.

Do lado das vítimas, a tentativa de produzir em um modelo de desenvolvimento que integra preservação ambiental com desenvolvimento econômico. Em Pau D'Arco, a atividade seria o agroextrativismo.

Ainda no Pará, o resultado do modelo predatório imposto continua aparecendo. O município de Altamira, local da construção da Hidrelétrica de Belo Monte, foi o mais violento do Brasil em 2015 – época em que a construção da usina estava a todo vapor. O dado é oficial. É do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), recentemente divulgado.

O Massacre de Pau D'Arco somente tem paralelo com o Massacre de Eldorado dos Carajás, na mesma região, em abril de 1996, e vitimou 19 trabalhadores rurais. Poderia ser dito que regredimos 21 anos. Porém, regredimos muito mais.

A Nota Pública das Pastorais do Campo alerta que "o ano de 2017 promete superar o de 2016, que foi recordista em ocorrências de conflitos de terra no Brasil, nos últimos 32 anos". E traz uma pista para quem quiser saber o porquê do aumento da violência no campo: "É evidente que esta exacerbação dos conflitos agrários em número e violência tem ligação com a crise política e com o avanço das forças do agronegócio sobre os poderes do Estado brasileiro. Os desmandos autoritários da cúpula da República, com seu jogo de poder servil aos interesses da minoria do capital, vilipendiam os direitos sociais e relativizam os direitos humanos".



FOTOS: FREEPIK.COM

NO LIMITE

O estresse atrapalha o rendimento no trabalho e nas tarefas diárias, porém, é possível e necessário aprender a conviver com ele

Nathan Xavier

Em entrevista ao programa *The Tonight Show*, do apresentador Jimmy Fallon, nos Estados Unidos, a atriz Demi Moore, 54 anos, confessou que passou por um período de estresse e, por isso, perdeu dois dentes. "Eu adoraria dizer que foi andando de *skate* ou algo muito legal, mas eu acho que é importante compartilhar porque o estresse, depois de doenças do coração, é uma das maiores causas de problemas nos Estados Unidos."

No dia a dia recebemos muitos estímulos de variados meios: a poluição sonora ou visual, o trânsito parado ou a complexidade em enfrentar um transporte público lotado, e nem todas as pessoas encaram com calma situações como essas. Há também casos em que nossa personalidade pode ser o fator gerador de estresse, como perfeccionismo exagerado, pressa, querer manter tudo sob controle ou fazer tudo ao mesmo tempo. O estresse pode manifestar-se de diversas formas, bem como irritabilidade, tensão muscular, entre outras (*veja boxe*). Selma Bordin, psicóloga do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo (SP), afirma que mesmo algo bom pode gerar estresse, como o nascimento de um filho, promoções no emprego ou mudança de casa.

Fuga ou luta – Ainda que a palavra tenha se tornado comum na boca das pessoas, a psicóloga faz um alerta para o verdadeiro estresse: "Normalmente, usam a palavra para significar que o dia foi corrido ou cheio de tarefas. Isso não necessariamente gera sinais de estresse". Ela explica que o estresse em si não é ruim, pois, se não fosse ele, a raça humana provavelmente não teria chegado até aqui. Quando nossos ancestrais se deparavam com um perigo – um animal perigoso, por exemplo – precisavam se defender, seja fugindo ou seja atacando. Assim, qualquer uma das reações fazia com que o cérebro automaticamente produzisse uma série de hormônios estressores – cortisol e adrenalina, por exemplo –, levando a pressão arterial a subir, os músculos a se contraírem, a frequência cardíaca a aumentar e a respiração a acelerar. No âmbito psicológico, esses mesmos hormônios estimulam a irritabilidade, ansiedade, frustração, tristeza, insegurança e ressentimento.

A questão central é como a pessoa lida com esses sentimentos após o "perigo", ou a situação estressante, também chamada estressor. Por isso que duas pessoas podem passar pela mesma situação, e uma pode ter o estresse e a outra não. Há também mais um agravante: "Atualmente, vivendo em cidades e enfrentando problemas bem diversos dos da selva – como pressões para atingir metas –, o corpo continua preparando-nos para lutar ou fugir quando nos sentimos ameaçados. Mas, em geral, não partimos para a briga física, nem saímos em disparada. E toda a adrenalina, por exemplo, liberada em nosso sangue, fica sem função", explica.

Evitando o estresse – Selma lembra que todo mundo tem um pouco de estresse, e as situações que o geram são importantes para a nossa vida: "É preciso estresse para viver. É ele que nos faz levantar e ir atrás do que queremos ou precisamos, com algum grau de satisfação. O problema é quando se torna excessivo e supera nossa capacidade de adaptação ou quando persiste por muito tempo", alerta.

Para enfrentar o estresse, a psicóloga recomenda primeiro reconhecer o próprio limite, identificando aquilo que "pesa" mais sobre nós, e aprender a dizer não ou, ao menos, negociar.

Sinais de estresse

- Sensação de desgaste constante
- Alteração de sono, dormir demais ou pouco
- Tensão muscular
- Formigamento, na face ou nas mãos, por exemplo
- Problemas de pele
- Queda de cabelo
- Hipertensão
- Alterações de humor
- Perda de interesse pelas coisas
- Problemas de atenção, concentração e memória
- Úlceras, gastrites, gripes, diarreias também podem ser ocasionadas por estresse

Fonte: Hospital Israelita Albert Einstein

"Entrevistei muita gente que trabalhava mais de 16 horas todos os dias, tentando uma produtividade maior. Não adianta. Se não descansarmos adequadamente, nossa capacidade de atenção, concentração, memória, julgamento e tomada de decisão ficará comprometida. E os 10 minutos necessários para compreender determinado relatório não serão suficientes. Precisaremos de 20."

Outro item importante é aumentar nossa resistência aos fatores que nos estressam, mantendo nosso organismo saudável para enfrentar os desafios. Por isso, Selma aconselha a dormir bem, cuidar da saúde, comer de forma saudável, praticar atividades físicas, proporcionar-se momentos de prazer e relaxamento, evitar estimulantes, como café e substâncias tóxicas como tabaco. Finalmente, se não for possível eliminar o que causa o estresse, aprender a se adaptar a ele. "Se seu problema é o trânsito, tente outros horários ou rotas alternativas. Se tiver que enfrentá-lo, faça da melhor maneira: ouvindo música, ou treinando o ouvido para idiomas. Precisamos resolver o que fazer com o problema que está lá e vai continuar por lá."

Mas e se o problema for interno, de nossa própria personalidade? "Quando o jeito de lidar com as coisas é problemático, aconselha-se procurar um psicólogo", orienta Selma. De qualquer forma, a regra de ouro é nunca se automedicar. "Não existe medicação para tratar estresse. Se ele for crônico e evoluir para um estado depressivo ou ansioso, encaminhamos para avaliação de um psiquiatra", explica. ■

Léo Pessini
Professor doutor em Bioética
e sacerdote camiliano.

Cuidados paliativos pediátricos (2)

O direito das crianças a cuidados paliativos, assim como o de todos os seres humanos com doenças graves, é parte integrante do direito à saúde. Deriva de outros princípios básicos consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, especialmente na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança. Esse direito requer um forte compromisso para assegurar que as crianças e suas famílias tenham acesso a cuidados paliativos e tratamento das dores específicos e eficazes, que lhes permitam crescer e desenvolver todo o seu potencial.

Os governos nacionais devem desenvolver planos de Cuidados Paliativos Pediátricos (CPPs) inseridos no quadro das estratégias nacionais e cobertura universal de saúde, que assegurem, progressivamente, acessibilidade, sustentabilidade e aceitabilidade de programas de qualidade. Isso deve ocorrer com equidade, sem discriminação e em todos os locais onde as crianças recebem cuidados, incluindo na comunidade e no domicílio. Os governos precisam facilitar a acessibilidade a medicamentos essenciais para os cuidados paliativos em crianças e incluir formulação de apresentações pediátricas nas listas nacionais de medicamentos. Os cuidados paliativos para crianças e famílias devem ser integrados no currículo dos programas de formação e treinamento dos profissionais de saúde, bem como formação e atualização contínua.

A criança gravemente doente é dependente, vulnerável e pode não ter autonomia. Em muitas partes de nosso planeta, organizações baseadas na fé proporcionam cuidados de saúde

Valores – A espiritualidade é um aspecto dinâmico e intrínseco da humanidade, através do qual as pessoas buscam um sentido último da vida, o seu propósito e a transcendência. A espiritualidade é expressa através de crenças, valores, tradições e práticas. É uma necessidade que requer a mesma atenção e treino em cuidados paliativos como domínios físico e psicossocial. Em CPPs, precisa ser enquadrada no contexto específico da criança: um ser em desenvolvimento, cuja compreensão está em constante mudança.

Para muitas pessoas, a religião é uma expressão da espiritualidade. Descreve as tradições e práticas que proporcionam um meio para a expressão das crenças e valores. A religião refere-se a um conjunto de regras ou normas, incluindo rituais, que estão associadas a um sistema específico de crenças que pode providenciar uma estrutura e espaço para a expressão de emoções e desgosto intenso, assim como oportunidades para a partilha social de significados e afirmação de ligações comunitárias.

As religiões defendem que a preservação da dignidade é uma responsabilidade imperativa e moral de todos. A qualidade da vida individual tem de ser compreendida para cada criança. A criança gravemente doente é dependente, vulnerável e pode não ter autonomia. Em muitas partes de nosso planeta, organizações baseadas na fé proporcionam cuidados de saúde.

Em qualquer sistema de saúde, os líderes religiosos podem ser membros importantes da equipe de saúde. Com treino adequado, costumam ter inúmeros papéis no cuidado prático de crianças gravemente doentes e suas famílias. Isto pode acontecer a três níveis. Podem ajudar a cuidar individualmente, por exemplo ao desafiar de forma construtiva as ideias sobre a natureza e o valor do sofrimento da criança. Podem sensibilizar e educar a equipe de saúde para abordar questões de cunho espiritual, bem como influenciar a cultura.

Enfim, não nos esqueçamos de que os cuidados paliativos pediátricos defendem e protegem o ético fundamental da dignidade como um valor intrínseco de cada criança. Esta, quando gravemente enferma ou no final da vida, necessita de respeito, cuidado e compaixão para que viva dignamente até o final de sua vida.

Amor compartilhado

Neste mês, trazemos a bonita história da família da Lúcia Jandyra de Moraes, que prova que o amor, quando dividido, se multiplica

Nathan Xavier

Na era digital, a troca de mensagens por aplicativos como WhatsApp, Messenger ou *e-mail*, que alguns ainda chamam de correio eletrônico, torna difícil o recebimento de cartas físicas pela forma tradicional. Normalmente as gerações mais novas acreditam que os Correios só servem para entregar aquela compra feita pelo *site*. Mesmo com a diferença no número de mensagens via redes sociais e *e-mail*, não chega a ser raro recebermos cartas, as de papel, na Redação da revista *Família Cristã*. E, com muita alegria, no fim de março, recebemos a carta da assinante Lúcia Jandyra Cancellieri de Moraes, de 83 anos de idade, a mesma da revista, como frisou em sua carta, contando como conheceu e se tornou assinante da revista há mais de 57 anos!

Ela conta que conheceu a *Família Cristã* em 1953: "Eu era recém-casada e morava de aluguel. Uma família muito católica e assinante da revista, veio morar vizinha à minha casa".

FOTOS: ANDRÉ KAWAHALA E LUCAS ABIB

A assinante Lúcia e sua sobrinha, Jacira, a qual continuou a assinar a revista para a tia após a morte de sua mãe

"Quando a revista chega, é como se fosse minha querida irmã chegando, então eu digo: 'Obrigada, minha irmã' (...). Hoje faz mais de 20 anos que recebo de presente esta abençoada revista"

Lúcia de Moraes

Naquele tempo, os vizinhos se conheciam melhor e, claro, Lúcia logo fez amizade com a Benedita Aparecida Silva, sendo apresentada à revista *Família Cristã*, que "visitava" as duas casas, emprestada pela vizinha Benedita. "Assim foi por muito tempo até que eu pude fazer minha própria assinatura, em nome do meu saudoso esposo, Francisco de Moraes."

Propagar o que é bom – O pagamento da assinatura era realizado diretamente para as próprias irmãs, que desciam na Estação Ferroviária de Piracicaba (SP), a alguns quarteirões de distância da casa de Lúcia, indo até a casa dela receber o pagamento. Como tudo o que é bom precisa ser propagado, assim como Benedita emprestava a revista, Lúcia passou a ideia adiante e fez assinatura para suas quatro irmãs, sendo que uma continuou assinando até falecer. "Quando viajava para a casa delas, eu sempre a levava comigo: eu fazia companhia a elas e eu, além de minhas queridas irmãs, também tinha a companhia da *Família Cristã*. Hoje essas irmãs já estão com Deus."

Infelizmente os percalços da vida fizeram com que Lúcia parasse de assinar, mas isso não a impedia de continuar a ler a revista: "A minha irmã, a que me referi (*a que manteve a assinatura até falecer*), lia primeiro e depois me emprestava".

E como ela voltou a assinar? A própria Lúcia conta: "Uma de minhas irmãs, Mariana, morava em Jundiaí (SP) e me visitava com frequência. Numa dessas visitas, sentiu a falta da revista, pois eu sempre a deixava na sala. Ela me perguntou: 'Cadê sua revista? Não estou vendo'. 'Parei de assinar', respondi. E contei a ela as dificuldades que estava tendo naquela época. Sabendo do valor que a revista tinha para mim, pegou uma das edições antigas e imediatamente telefonou fazendo a assinatura no meu nome: 'Agora você não vai mais ficar sem a sua revista!'. Lembro disso com muita saudade. Ela faleceu há quase 20 anos e sua filha, minha querida sobrinha Jacira, continua me dando este presente. Quando a *Família Cristã* chega, é como se fosse minha querida irmã chegando, então eu digo: 'Obrigada, minha irmã'(...). Hoje faz mais de 20 anos que recebo de presente esta abençoada revista".

Lúcia conta que teve quatro filhos e que a educação deles foi muito baseada na revista. Hoje tem nove netos, oito bisnetos e muitos sobrinhos! "Tenho uma família muito abençoada por Deus."

Junto à sua cartinha, um texto anexo da sobrinha Jacira Menegatti explica por que ela continuou assinando a revista *Família Cristã* para a tia depois do falecimento da mãe. "Para mim, é uma honra e uma alegria poder continuar o que minha mãe iniciou. Tenho por esta tia um carinho imenso e uma gratidão maior ainda; sua presença e grande ajuda foram muito importantes, fundamentais mesmo, por ocasião da doença grave que acometeu minha mãe e que a levou para junto de Deus. Ela esteve presente em todos os momentos difíceis, com seu carinho e companheirismo; jamais esqueceria e acho que jamais poderei retribuir todo o amor que sua presença trouxe à nossa casa, à nossa vida (...). Creio que a revista pode ter contribuído para que ela tivesse esse coração tão grande e amoroso."

Lúcia Jandyra, é o coração grande e amoroso das suas famílias que nos dá força para continuarmos a levar até vocês, e a milhares de leitores, o sério compromisso de matérias relevantes, com credibilidade e muito amor, há 83 anos!

OLHAR DE BIA

Há cerca de 11 anos, a jovem guarulhense Beatriz Martins pratica e compartilha o bem tornando-se a mudança que quer ver no mundo

Texto e fotos Karla Maria

Às 19 horas, os tatames azuis e amarelos instalados no Parque Cecap, ali pertinho do aeroporto, em Guarulhos, já recebiam pulos acelerados de crianças e adolescentes agitados. Era uma noite especial, de entrega de quimonos conseguidos depois de um ano de mobilização da Organização Não Governamental (ONG) Olhar de Bia.

A alegria no tatame era a emoção dos professores. "Sabemos que um quimono faz toda a diferença durante uma luta, até na parte técnica da disputa. Se fôssemos comprar em uma loja, não pagaríamos menos de 300 reais cada um. Os alunos que receberam a vestimenta precisam ter a noção de que não ficarão com ela para sempre, pois eles vão crescer. Além disso, esperamos que, em breve, alguns entrem no mercado de trabalho e tenham condições de comprar o seu próprio quimono", ressalta Rafael Calazans, 35 anos, um dos professores de jiu-jítsu da ONG.

Bia e seu pai, Ricardo Martins de Souza, na noite de entrega dos quimonos, no Parque Cecap, em Guarulhos

Ele é um dos voluntários da ONG Olhar de Bia que acreditam ser possível fazer o bem. Calazans, que hoje inspira crianças no tatame, deixou-se inspirar pela ideia de uma menina, a Bia. "Há cerca de 11 anos trabalhamos para transformar vidas. O esporte é um meio que utilizamos para atingir o nosso objetivo. Esperamos que cuidem destas 'armaduras' com o mesmo carinho que temos pelo projeto", pede Beatriz Martins, a Bia, de 17 anos.

A rede do bem – Bia é a fundadora da organização não governamental, que começou a partir de sua indignação, quando pequenina, aos seis anos, ao deparar com a situação de pobreza de crianças que pediam dinheiro e alimento nos faróis de sua cidade, em Guarulhos, na Grande São Paulo.

Contando com parcerias, a ONG entregou quimonos para crianças e jovens; a aposta é que eles vençam cada vez mais dentro e fora dos tatames

"Um dia eu estava passeando de carro com o meu pai perto de uma favela e vi o que, para mim, não era comum. Vi crianças com uma realidade totalmente diferente da minha e, incomodada, perguntei ao meu pai o motivo daquilo, e ele me disse que os pais deles não tinham emprego como ele e que não podiam comprar roupa etc. Eu vi aquilo e quis mudar tal história."

E mudou. Ao longo dos cerca de 11 anos de existência do Olhar de Bia, mais de 130 mil crianças, jovens e adolescentes foram destinatários de modo direto ou indireto pelo desejo de mudança da jovem. No começo, lá pelos seis anos de idade, o que Bia fazia era guardar todas as balas que ganhava para poder dar às crianças.

"Eu ganhava balas e não as chupava, ia guardando em casa por meses. Meu pai começou a perceber e veio me perguntar o que estava acontecendo, aí disse a ele do meu desejo de dar as balinhas às crianças. Meu pai gostou da minha ideia, telefonou para alguns amigos e conseguimos naquele ano ajudar 600 pessoas", conta Bia, entre os pulos no tatame ao lado.

De lá pra cá, essa rede do bem só aumentou, e, segundo a própria entidade, mais de 130 mil pessoas já foram beneficiadas. "O esporte é uma isca para as crianças, a partir dele podemos evitar que entrem na vida do crime e das drogas. Encontramos no esporte também uma ferramenta de inclusão", diz a jovem empreendedora do bem, lembrando-se do Bruno.

Ele tem 17 anos e uma energia incrível. Na noite de entrega dos quimonos, lá no Parque Cecap, a alegria e a energia de Bruno eram contagiantes. "Por várias vezes tentei incluí-lo e fazer com que praticasse um esporte, até que conheci o Olhar de Bia. Quando ex-

pus a situação aos professores, eles o acolheram, acompanharam lado a lado todos os exercícios, deram um quimono e o colocaram em campeonatos, com direito a medalha. Muitas crianças com outras dificuldades fazem parte da ONG, e fico muito feliz porque é o que eles precisam, da inclusão, do brincar, do fazer esporte e serem respeitados", desabafa a mãe do adolescente, Samira Guelli, no portal da entidade.

Além do jiu-jítsu, a organização não governamental oferece taekwondo e judô, bem como oficinas de música no mesmo espaço, no Parque Cecap. Todas as atividades são gratuitas e destinadas a alunos de 5 a 17 anos.

Além do esporte, a entidade investe na capacitação profissional dos jovens, através de parcerias com faculdades e alimentando gestos de solidariedade, bem como campanhas de brinquedos, alimentos, entre outras

De olho no futuro – E não é só no tatame que a entidade trabalha. A solidariedade é praticada sempre com campanhas de doações de alimentos, brinquedos e tempo dos voluntários com a presença e trabalho nos asilos, escolas, creches. Mas para o presidente da ONG, Ricardo Martins de Souza, 47 anos, não basta apenas fazer a doação material. "Investimento no social precisa ter um propósito. E é exatamente isso que o Olhar de Bia sugere. Responsabilidade social de verdade", conta Ricardo, pai de Bia.

Por isso a ONG oferece o Projeto Alicerce, que reúne profissionais de várias áreas de atuação para ministrarem de forma voluntária cursos sobre suas profissões a jovens, carentes ou não, que ainda não têm planos para a carreira. "O Alicerce prepara os jovens não só para o mercado de trabalho, mas também para a vida. É uma grade multidisciplinar que desenvolve habilidades pessoais e profissionais transformadoras", explica Bia.

No ano passado, a Universidade Brás Cubas, através do polo de Ensino a Distância (EAD) de Guarulhos, apoiou o projeto oferecendo as aulas gratuitamente em parceria com o Olhar de Bia. "Eu acredito demais na educação. E tenho certeza de que todos os jovens que passaram por aquelas salas de aula não serão mais os mesmos", diz a gestora do polo de EAD da Universidade Brás Cubas em Guarulhos, Cristiane Rosa.

Os cursos versam sobre questões práticas também, desde como se portar para uma entrevista de emprego até como escrever um texto. "Chamamos de Alicerce porque queremos dar a base, formar mesmo. Muito mais do que formar pessoas para o mercado de trabalho, queremos formar as pessoas para a vida", diz a jovem, que parece ter nascido com a missão de compartilhar o bem.

Bruno Guelli, 17 anos, é um dos alunos de jiu-jítsu que mais se destacam no tatame

Família, origem de tudo – E de onde vem tudo isso? Da família. Bia é a filha do meio do casal Ricardo e Jane Silva Souza, 47 anos. É uma casa de mulheres: a mais velha é Paula Souza Felipe, 24 anos, e a caçulinha é Vitória Martins de Souza, de 11 anos. Juntos, os membros da família criaram o hábito de conversarem sobre os rumos que a vida vai tomando.

"Sempre conversamos muito e estivemos próximo das nossas filhas. Muitos pais escutam os filhos mas não prestam atenção, deixam as coisas passarem. Se nós dermos mais atenção aos nossos filhos quando falarem alguma coisa, teremos mais sucesso na educação deles. Foi isso que aconteceu com a Bia", conta o pai.

"O que eu deixo de conselho, se esta é a palavra correta, é que escutem os seus filhos, sejam amigos. Se começamos a humanizar um pouco essa relação pai e filho, começamos a ter uma situação de cumplicidade e de amizade e, de certo modo, levamos isso também para a ONG Olhar de Bia", aconselha Ricardo, que se emocionou na noite de entrega dos quimonos. E tudo porque há praticamente 11 anos deu ouvidos à sua pequena Bia.

Beatriz concluiu o Ensino Médio e atualmente trabalha 12 horas por dia representando a ONG em eventos e reuniões, angariando parceiros e patrocínios, dando entrevistas e participando de atividades da ONG. Apresenta um programa de rádio diário lembrando aos seus ouvintes que é necessário amar as pessoas e cuidar delas, fazendo o bem.

Bia quer ser jornalista para pautar as questões sociais que permeiam a vida de tantas crianças e adolescentes em todo o Brasil. Que essa garota do bem conquiste várias manchetes por aí. ■

A entidade surgiu do olhar de uma criança, da Bia, e depois de cerca de 11 anos continua fazendo o bem com a presença indispensável dos voluntários que se apaixonam pela causa

Bella Arte

Lembranças de Sacramentos

Cartões • Postais • Marca Páginas
Pôsteres • Artigos Religiosos

www.cartoesbellaarte.com.br
54. 3522 0040 | 54. 3321-0286

Família Cristã

ANUNCIE PARA O BRASIL

CONHEÇA NOSSOS PLANOS E DIVULGUE-SE PARA MILHARES DE LEITORES DA REVISTA *FAMÍLIA CRISTÃ*

ENTRE EM CONTATO CONOSCO

fcmarketing@paulinas.com.br (11) 94569-2898

Paloma Dantas de A. Monteiro
Psicóloga

A arte de deixar para depois...

A palavra procrastinação significa adiamento de uma ação. De maneira geral, procrastinar se refere à arte de deixar para depois. A maioria das pessoas possui um hábito bem comum de adiar algo que poderiam já ter feito. Ilustrarei com um exemplo cotidiano. Certo estudante tem um trabalho escolar para entregar em 30 dias. Então ele pensa que tem muito tempo, e depois faz. O tempo vai passando até que, quando se dá conta, falta um dia para entregar o trabalho, e bate aquele desespero, aquela correria para dar conta, sendo que poderia ter feito com tranquilidade. Afinal foram 30 dias.

Podemos citar também o despertador, que colocamos só mais cinco minutinhos e mais cinco minutinhos e, quando nos damos conta, já estamos em cima da hora ou a perdemos. Isso parece ser familiar? Já passou por alguma situação parecida?

Interessante analisar que a procrastinação só acontece naquilo que é dever. Não procrastinamos coisas que nos são agradáveis ou que nos tragam eventual prazer. O benefício imediato é claramente percebido pelo nosso cérebro.

Não procrastinamos coisas que nos são agradáveis ou que nos tragam eventual prazer. O benefício imediato é claramente percebido pelo nosso cérebro

Buscando soluções – E o que podemos fazer para acabar com a procrastinação? Existem muitas técnicas, livros, de como podemos nos livrar dela. Eis algumas dicas que podem ser valiosas se forem colocadas em prática.

1. Conheça a si mesmo. Analise as tarefas a serem executadas com maior rapidez, aquilo que lhe dá prazer. Qual horário você rende melhor, por exemplo. Há pessoas que possuem maior disposição no período noturno para a realização de tarefas; e outras, no período diurno.

2. Peça a ajuda de familiares ou amigos. Quando encontrar dificuldades em realizar alguma tarefa, peça ajuda, seja para começar ou para terminar.

3. Diminua a exigência consigo mesmo. Muitas vezes, a nossa mania de perfeição nos leva a procrastinar por querer que tudo saia perfeito, sem mesmo ter começado, e já com aquele pessimismo, sem ao menos ter tentado.

4. Remova as distrações. Sejam elas ocasionadas por televisão ou internet. Se para realizar sua tarefa você precisa de uma atenção concentrada, desligue a televisão ou mantenha o celular longe.

5. E, por último, defina prazos. Comece imediatamente. Mesmo que não finalize a tarefa no mesmo dia, comece e tente cumprir as metas estipuladas para a realização da mesma.

Estas são dicas para aumentar a sua produtividade, nos estudos, no trabalho ou nos afazeres domésticos. Mas, em casos em que a procrastinação é difícil de ser vencida por si mesmo, indica-se a avaliação de um psicólogo ou psiquiatra. É bom sempre ter presente o velho ditado: "Não deixe para amanhã o que pode ser feito hoje".

Todos nós somos procrastinadores, uns mais, outros menos. Mas depende de nós, o seu futuro está em suas mãos. O que você escolhe? Alcançar seus objetivos hoje ou deixá-los para amanhã?

ILUSTRAÇÃO FOTO: FREEPIK.COM

Delegar a educação dos filhos às escolas se tornou comum nos dias de hoje. Porém, as escolas não devem nem podem ter essa função, que é da família, na qual os afetos estão presentes

Rosangela Barboza

Educação vem de berço. Essa frase não é nova e sempre traduziu em poucas palavras a responsabilidade da família pela educação dos filhos. Mas os tempos eram outros: em geral, as mães cuidavam do lar e os pais trabalhavam fora. E hoje, século 21, de quem é essa missão? Afinal, o modelo de família mudou: as mulheres trabalham fora, seja por opção ou por força da conjuntura econômica, e boa parte cria os filhos sozinha. Segundo dados divulgados em 2015, na pesquisa do Instituto Data Popular, o Brasil tem 67 milhões de mães. Dentre elas, 31% são solteiras (cerca de 20 milhões) e 46% trabalham. E ainda em algumas famílias não há a figura materna, e os pais ou outros familiares, como avós e tios, são responsáveis pelas crianças.

Assim, uma situação muito comum é que os filhos, desde pequenos, já estão sob os cuidados de outros parentes, de babás ou escolas. Porém, o sinal vermelho se acende quando os pais ou outros responsáveis pela criança delegam à escola a tarefa de educar. "A conjuntura econômica em que vivemos induz, de certa forma, as famílias a terem menos tempo para seus filhos", ressalta Ana Paula Cordeiro, professora e doutora assistente do Departamento de Didática da Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Marília (SP). "A escola cumpre um papel muito importante na questão educacional, pois as crianças têm ficado lá por mais tempo. Só que, nesta chamada terceirização, é preciso esclarecer quais são os limites da escola e qual papel cabe aos pais ou familiares.

A educadora se reporta à Constituição Brasileira, artigo 205, no qual está estabelecido que a educação é dever do Estado e da família. "Há pais que, talvez pelo desconhecimento, dizem que a escola deve oferecer tudo. Mas não é assim. A escola tem o dever de oferecer todo conhecimento cultural e científico, trabalhando também os valores, temas transversais e várias questões atuais que precisam ser desenvolvidas de maneira sistemática e científica", explica. E à família "cabe o papel de uma educação mais ampla, onde os afetos estão mais envolvidos, que vise à formação do campo dos valores, moral e convivência social", comenta a educadora, defendendo maior diálogo e parceria entre pais e escolas, para promover uma educação completa. De acordo com Ana Paula, tudo se complica quando as famílias, por inúmeros motivos, compram a ideia de que a escola deve trabalhar com tudo. "Essa mentalidade deve ser desconstruída o tempo todo, pois na verdade escola e família precisam caminhar juntas."

Para a psicopedagoga Edimara Lima, diretora da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), existem alguns pais que delegam essa função pela impossibilidade de fazê-lo, mas eles estão presentes de alguma forma. "Tem a família que sabe que não está presente, mas se torna parceira da escola, e isso passa a ser muito produtivo para a criança, e tem aquela que acredita que escolheu uma boa escola e que isso é o melhor que ela pode oferecer. Nesse caso, o desastre está anunciado."

A educadora Ana Paula Cordeiro: tempo dos pais e parceria com a escola são fundamentais para a educação

R. BARBOZA

Um tempo para os filhos – Mesmo com a rotina de mil afazeres, inclusive a vida profissional, é fundamental o tempo para os filhos. "É preciso um mínimo de tempo, pois mais do que a quantidade, a qualidade desse tempo é muito importante", afirma Ana Paula. "Trata-se de compartilhar momentos muito simples, mas gratificantes, onde há chance para florescer o afeto e a proximidade, como ir a um supermercado, preparar os alimentos, fazer uma hortinha", lembra. "Estimular a criança, dialogar com ela, ouvi-la, valorizar seus trabalhos escolares também é muito importante e pode ser feito em conversas simples, que são muito positivas para a vida da criança." A psicopedagoga Edimara faz coro. "É preciso entender que presença não é estar todo o tempo fisicamente ao lado da criança, mas estar presente no dia a dia dela. Acordar uma hora mais cedo para poder ter um café da manhã junto com o filho, por exemplo, também faz a diferença. Então a questão é fazer daquele pequeno tempo com o filho um tempo intenso de prazer e companhia", ressalta. "Há mães que viajam e utilizam a tecnologia para se fazerem presentes", exemplificou. "Não é a presença quantitativa que resolve, é a postura que se tem."

Escola não é mãe nem pai – Pais devem compreender que delegar a educação dos filhos a terceiros ou à escola é prejudicial para os pequenos. "O processo de formação que acontece na família é insubstituível", ressalta Ana Paula. "Por mais que dentro da escola haja afeto, a figura do professor e educador não substitui a formação mais profunda e o afeto que pais e responsáveis oferecem à criança." A pedagoga lembra que na escola todos são passageiros, e os professores podem mudar a cada ano. "É importante que a criança tenha a segurança de que existem pessoas que a amam, a olham e a educam e que não são passageiras. Pessoas que lhe dão segurança e aporte para a vida", esclarece.

A psicopedagoga Edimara lembra algumas reações das crianças diante da ausência da família. "Há crianças que ficam doentes fisicamente, porque sabem que em caso de dor física a escola vai entrar em contato com a mãe. Quando elas percebem que isso funciona, começam a fazer mais vezes, de forma sistemática, podendo até chegar à doença psicossomática, levando a família a se tornar presente, nem que seja para ir à farmácia e comprar um remédio", conta. "Há casos de crianças que começam a incomodar, fazendo coisas que afetam os pais. O rendimento escolar, por exemplo, pode se tornar uma arma na mão delas. Na verdade, é uma forma de pedir socorro."

Valéria e sua turminha: uma das milhares de brasileiras que trabalham e criam os filhos sozinhas

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Mãe e educadora

A paulista Valéria Aparecida da Silva, de 34 anos, é funcionária pública e mãe de uma turminha: Raphael, 12 anos, Henrique, 10, Maria Eduarda, 8, e Gabrielle, 5. Divorciada há quatro anos, arranja fôlego para trabalhar, cuidar da casa e da educação dos filhos. E tem dado certo. Já sabem de suas responsabilidades, são queridos na escola e em casa, um ajuda o outro.

"Desde quando meus filhos estavam na creche, eu tenho o costume de conversar com as professoras deles e participar de todas as reuniões. Hoje sou membro da comissão de pais da escola. Sempre fui rígida quando o assunto é educação e deveres escolares. Eu os preparei para ir à escola, conviver com outras crianças e respeitar os professores e funcionários. Eu creio que a responsabilidade de enviar um 'cidadão' para a escola é dos pais. A escola está lá para ensinar a ler, a escrever e orientá-los a seguir um rumo para o futuro, porém cabe aos pais ensinar a eles as regras e as normas, respeitar as pessoas e viver em harmonia. E, acima de tudo, conscientizá-los de que precisam ir à escola para estudar e ter um futuro melhor."

Diferentemente do que foi publicado na edição 977, na seção *Filhos*, editoria *Família*, as orientações nutricionais dadas a partir do 12º parágrafo são da nutricionista especializada em dietas vegetarianas Renata Akimoto e não de Lara Natacci.

O outro lado da Ocupação

Famílias sem teto vivem em Ocupação à espera de decisões judiciais que lhes garantam moradia em imóveis abandonados e sem função social

Por **Karla Maria** • Fotos **Luciney Martins**

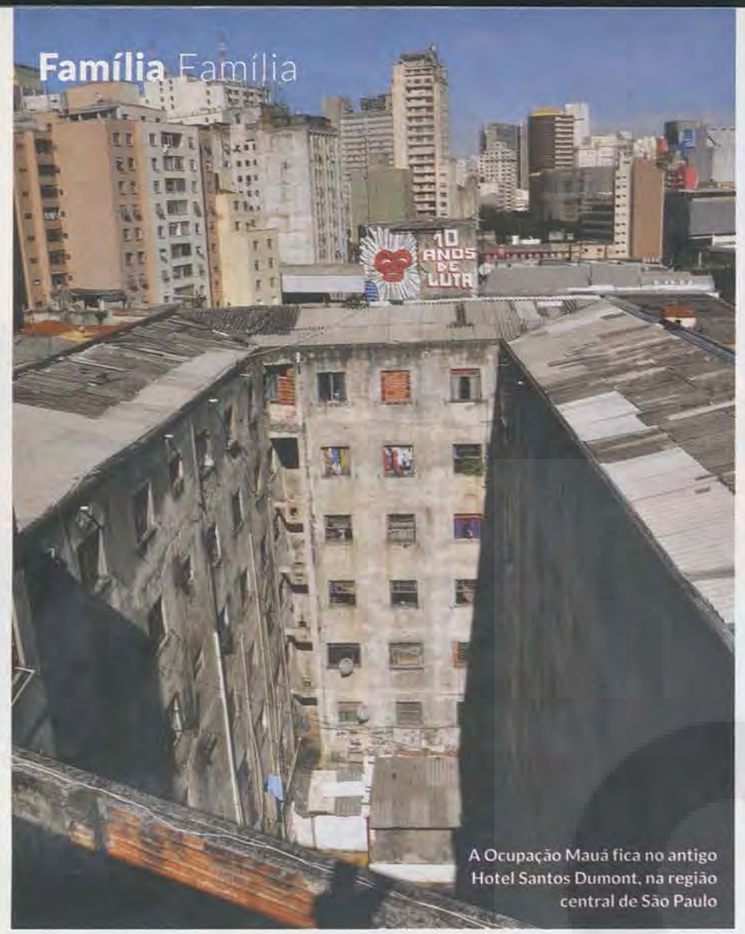
Às 15 horas o sol está forte na capital paulista e, na portaria da Ocupação Mauá, é aquele entra e sai de crianças com mochila nas costas e adultos com sacolas cheias de "quentinhas" e encomendas para os moradores do prédio de fachada vermelha e cinza. Para entrar no prédio, o porteiro Marcelo de Santos Alves, de 43 anos, pede o documento e registra a visita.

O prédio, localizado na Rua Mauá, 340, é alvo de processo judicial que tramita no Tribunal de Justiça de São Paulo, em uma ação da prefeitura da capital contra os proprietários, Mendel Zyngier, Sara Zyngier e Abram Sznifer, por falta de pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e abandono do edifício. O valor desta ação se aproxima de 5 milhões de reais.

Conhecida como o antigo Hotel Santos Dumont, do Bom Retiro, a área foi em outubro de 2016 destinada para moradia popular com a publicação de um Decreto de Interesse Social. Contudo, os proprietários entraram com um pedido de embargo, no mesmo período, o que torna o caso mais um imbróglio jurídico e lar temporário para famílias sem teto de São Paulo.

O prédio possui seis andares. Cada pavimento forma um anel com 30 quartos, totalizando 180 unidades. No térreo, há um pátio central, onde as crianças brincam e os *skates* passeiam. Aos fins de semana, grupos com gente de dentro e de fora da Ocupação se reúnem para saraus e seminários sobre diversos temas. Eis um grande fórum de ideias.

Da cobertura do prédio, de onde se tem uma visão privilegiada da capital



A Ocupação Mauá fica no antigo Hotel Santos Dumont, na região central de São Paulo

que não dorme, de frente à estação de trem da Luz, veem-se as dezenas de janelas dos moradores e nelas pistas bem familiares. Roupas no varal, ventiladores, plantas, potes de plástico, televisores, gente que passa um café, gente que reza. Ali, as famílias improvisam o jeito de viver, em apartamentos pequenos e gratos pelo teto.

É assim com Janete de Fátima Andrade, 54 anos, recém-desempregada. Ela mora no 4º andar em um quarto com seu marido, o porteiro Marcelo. Em seu apartamento pequenino, ao custo de 200 reais por mês, há espaço para uma cama de solteiro, um armário, um fogão e uma sapateira, além do colchão da caçula, que vive com a avó paterna, mas que aos fins de semana aparece. Uma porta sanfonada de plástico separa o espaço do banheiro improvisado, um luxo para poucos da Ocupação.

"Vim do interior para São Paulo em 1972 com a minha família e sempre moramos aqui na região central. Trabalhei com um pouco de tudo, fui serralheira, vendedora, ajudante de pedreiro, mas achei que a vida podia ser mais fácil e acabei caindo no tráfico", conta Janete, que ficou presa durante cinco anos na penitenciária de Tremembé.

"Foi muito difícil e no meu período do semiaberto eu vinha para São Paulo, conheci a Ocupação e me estenderam a mão, me deram a possibilidade de um teto, porque eu não tinha para onde ir", diz.

Ela tem seis filhos e pernas fortes. Vive e percorre os andares a pé, já que não há elevador. O prédio se mantém com a luz improvisada, os chamados "gatos", que se enunciam pelos fios que cortam os corredores vermelhos da edificação. Não estão sozinhos, já que 260 famílias vivem ali, à espera e na luta por uma oportunidade de moradia através dos programas de habitação do governo federal.

Organização – A Ocupação Mauá existe desde o dia 25 de março de 2007, formada por famílias pobres e organizada por três grupos: o Movimento dos Sem-Teto do Centro (MSTC), a Associação Sem-Teto do Centro (ASTC) e o Movimento de Moradia da Região Central (MMRC).

"Ocupamos porque a prefeitura (*gestão Serra-Kassab*) tinha encerrado o atendimento do bolsa aluguel – um subsídio de 300 reais por 30 meses – e, como as famílias, nós não tínhamos mais como pagar, portanto nos juntamos para ter um teto", conta Ivaneti de Araújo, 43 anos, a coordenadora da Ocupação, que não chegou ao movimento por acaso.

"Vivi com meus filhos de cortiço em cortiço, até que eu fui morar na rua. Vivi em situação de rua, embaixo do viaduto do Glicério, em São Paulo, e a partir do momento que eu me vi em necessidade, vi no movimento uma possibilidade de acessar meu direito à moradia", desabafa.

O direito – A Constituição de 1988 estabeleceu como basilar o princípio da dignidade humana. No seu capítulo 6º, a Carta estabelece que a moradia é um direito humano. Em 2001, a lei federal conhecida por Estatuto da Cidade reforçou que a cidade e a propriedade devem cumprir uma função social.

No artigo "Ocupar prédios abandonados é legítimo", o professor de Planejamento Urbano e Ambiental da Universidade Federal do ABC, Francisco Comarú, reforça que, em países democráticos que conheceram o Estado de Bem-Estar Social, o princípio da legitimidade no uso de um imóvel desocupado, que tem sua função social reativada por um movimento social, é levado em conta pelo Judiciário.

"As ocupações foram toleradas durante muitos anos, e países como Reino Unido e Holanda têm se mostrado tolerantes até recentemente. No caso do Reino Unido, as ocupações foram consideradas legais sempre que se tratava de edifícios habitáveis e nos casos em que os mesmos permaneciam vazios por mais de um ano, e quando o proprietário não tinha um plano de ação imediata para uso do edifício."

Ivaneti e suas famílias estão sob ameaça de desapropriação constante. "Hoje estou aqui em Brasília para falar com o corregedor, explicar a nossa situação e pedir apoio, porque não é possível interpretar a lei de modo parcial. A lei nos garante uma moradia", conta a coordenadora.

Ela destaca que o maior desafio é fazer com que os imóveis vazios, sem cumprirem sua função social, com dívidas de imposto com o governo municipal, se transformem em moradia social para a família de baixa renda com toda a qualidade de vida. "Por isso o primeiro passo é a ocupação. A gente entende que é um estado provisório, mas lutamos e defendemos para que se concretize e se transforme em uma moradia definitiva", explica.

Outro desafio é o atendimento das famílias que vivem por lá. Quando não têm possibilidade nem de pagar os 200 reais, a coordenação vê de perto a situação da família, oferece cesta básica e ajuda na busca de emprego. Para a boa convivência das quase mil pessoas que vivem por lá, em assembleia os moradores redigiram um regimento interno com regras claras.

Cada família paga 200 reais por mês para permanecer na Ocupação de apartamentos; as famílias que não têm condições de arcar com o "aluguel" recebem apoio da coordenação dos movimentos

"Há proibição do uso de drogas e do consumo de bebidas, não podem brigar também. Os casais não devem tomar banhos juntos em banheiro coletivo, e estas dentre outras regras são discutidas em assembleia. É superimportante essa questão, porque não é uma decisão da coordenação ou de um coordenador, e sim de todo um coletivo", explica a coordenadora da Ocupação.

Déficit no Brasil – A realidade dos moradores da Ocupação Mauá é, segundo análise do Departamento da Indústria da Construção (Deconcic), da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), de 2014, a de 6,198 milhões de famílias. Em 2010 eram 6,941 milhões, ou seja, registrou-se uma queda de 2,8% ao ano. Só na cidade de São Paulo o déficit é de 230 mil moradias.

O estudo também revela que em 2014 a maior parte (3,258 milhões) das famílias que compunham o déficit habitacional estava no componente ônus excessivo com o aluguel. Na coabitação familiar, outro componente importante do déficit, havia 1,762 milhão de famílias, ou 28,4% do total.

Em termos absolutos, a maior concentração do déficit ocorreu na região mais populosa do País, o Sudeste, onde 2,562 milhões de famílias se enquadravam nas condições de déficit habitacional. O estado de São Paulo tinha 1,432 milhão de famílias nesta condição em 2014. Em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, o déficit foi de, respectivamente, 545 mil e 472 mil famílias nesse ano.

Marcelo e Janete estão juntos há 18 anos e corroboram as estatísticas do déficit de moradia. Eles lutam e sonham. "Deus nos move e acreditamos que amanhã vai ser melhor, juntos em família vamos superar essa fase. Vamos continuar lutando pelo nosso cantinho com nossa filha Vitória (*a caçula*)", diz o pai, na portaria da Ocupação Mauá, que não para. ■

FREEPIK.COM

Avós e netos, casos que viram histórias

Escutar com o coração e com todos os sentidos é uma arte afetiva a ser desenvolvida na criança. Narrar histórias e com elas transmitir ensinamentos é um dos caminhos desta arte

Cleusa e Alvicio Thewes *

Mel, 70 anos – O desejo da vovó Mel é deixar uma herança peculiar às netas, Clara e Carolina, de 8 e 6 anos, respectivamente. Trata-se de uma herança simples, inusitada, sem valor pecuniário, porém com grande valor afetivo, constituído tão-somente dos livros de histórias escritas por ela.

Mel escreve histórias infantis. Ela própria produz os seus livros, usando material reciclável. Os personagens de Mel são bonecas. As histórias dela sempre se transformam em peças teatrais para crianças, suas netas e outras, e idosos. Suas peças fazem sucesso, e a vovó Mel encanta a todos com criatividade e dinamismo.

Rangel, 78 anos – Vovô Rangel é engenheiro civil aposentado. Trabalhou muito, adoeceu e agora está fragilizado e debilitado. Mesmo assim conserva o bom humor, o prazer de viver e o amor pela família.

Vovô Rangel cultiva momentos gratificantes com o netinho, Vítor, de 8 anos. Vítor tem seu quarto na casa do vovô. Quando lá pernoita, ele e o vovô se deitam na penumbra e contam histórias. Vítor narra ao avô suas imaginações de bombeiro, marinheiro e aviador; o vovô entra nos sonhos do neto e juntos andam no enorme caminhão vermelho de sirenes estridentes, navegam no navio em alto-mar alimentando baleias e tubarões, voam para o alto atravessando temporais e nuvens até o avião tocar as asas no céu.

Aos sábados eles têm tarefas domésticas, bem como fazer o pão caseiro da semana seguinte. Vítor coloca os ingredientes na grande bacia: farinha de trigo, ovos, leite, fermento e açúcar. Depois amassam a quatro mãos até a massa ficar lisinha. Então enchem as formas, aguardam o crescimento dos pães e os levam ao forno. Finalmente o pão chega à mesa. Vítor corta uma fatia, deixa esfriar, degusta e exclama: "*Show* de bola, vovô".

Esta rotina doméstica e a invenção de histórias envolvem avô e neto. Ao escutar o neto e ao ensinar-lhe a fazer o pão, Rangel reconhece que entre eles há troca de afetos e aprendizados.

E mais histórias... – Os doces avós têm a habilidade de adoçar o convívio com os netos através da criatividade, da narração de histórias, da transmissão de conhecimentos. As histórias infantis ensinam valores, habilidades, atitudes, de forma lúdica, leve e determinada. Histórias fotografam vidas imaginárias e povoam a cabecinha das crianças com conteúdo sadio. Histórias oportunizam a aproximação de gerações, fazendo avós e netos mergulharem no tempo, na fantasia e, também, na realidade.

Contar histórias potencializa as habilidades de falar, olhar e escutar. A pausa na escuta é como a chuvinha fina caindo e penetrando na terra, que a acolhe silenciosa. O espaço entre o falar, o ver e o escutar desenvolve a empatia, ou seja, sentir o outro e ser sentido por ele. Escutar com o coração e com todos os sentidos é uma arte afetiva a ser desenvolvida na criança. Narrar histórias e com elas transmitir ensinamentos é um dos caminhos desta arte.

Na sociedade atual, marcada pelo individualismo e por sentimentos pouco elaborados, as pessoas desenvolvem a inabilidade de tudo falar e nada ouvir; de tudo olhar e nada ver; de tudo receber e nada doar; de tudo ter e pouco ser. Daí a importância do convívio de avós e netos. Idosos e crianças experienciam a sinergia entre o falar, o olhar, o escutar, o dar e o ser. A saúde das emoções, o alívio da ansiedade e a alegria de viver transitam neste tranquilo sentir.

As histórias de bonecas da vovó Mel e os bombeiros, os aviadores, os marinheiros e o pãozinho do vovô Rangel comunicam sentimentos e com certeza vão virar ternas e eternas histórias na vida destes netos e avós.

Entrelaçando vínculos – Neste contexto, referimo-nos, unicamente, a vínculos familiares, a laços fortes de afeto, segurança e pertencimento que ligam e vinculam as pessoas.

A construção afetiva desses laços entre avós e netos é diferente dos vínculos criados entre as demais pessoas. Comunicando o sentido da vida aos netos, os avós, peregrinos vividos e experientes, mantêm-se humanos, ternos e vivos, pois enquanto lá fora o mundo grita, os avós cantam, angelicalmente, no lar; enquanto o mundo corre, os avós sentam; enquanto o mundo agride, os avós acolhem; enquanto o mundo dorme, os avós rezam. O coração e a vida dos avós é uma enorme casa/lar, onde filhos e netos encontram compreensão, cuidado e perdão. Ali histórias e pãezinhos sempre existirão. Aquelas nutrindo o espírito, e estes alimentando o corpo. Os benefícios dessa convivência são recíprocos e reconhecidos pela ciência.

"É preciso que todos os homens permaneçam seres humanos durante todo o tempo em que estiverem vivos"

Simone de Beauvoir

* Cleusa e Alvício Thewes são casados há 29 anos e têm dois filhos. Ela é terapeuta familiar e especialista em Orientação Familiar. Ele, advogado e especialista em Família.

Descansar o casamento

André Luís Kawahala e
Rita Massarico Kawahala *

No artigo anterior, falamos sobre o cansaço no relacionamento e sua relação com a caminhada que os casados iniciam no namoro. Mas o que fazer quando o "casamento cansa" ou faz ficar cansado?

Uma união conjugal profunda somente pode acontecer quando há disposição e disponibilidade total em nos oferecermos inteiramente, sem reservas, à pessoa a quem amamos. Sem medos, a doação plena de si requer um comprometimento das duas pessoas, com suas qualidades e também com seus defeitos. "É preciso pôr de lado as ilusões e aceitá-lo (*o outro cônjuge*) como é: inacabado, chamado a crescer, em caminho" (*Amoris Laetitia*, nº 218). Não se pode esperar que haja uma pessoa perfeita para somente então fazer o pacto de amor por toda uma vida. E é por isso que o namoro mal vivido pode "cansar a relação" anos mais tarde. A vocação é para duas pessoas completas, que empreenderão uma caminhada juntos, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença.

Mas hoje... – Vivemos uma era de desconfianças, de receios e de medos. É também um tempo de conveniências, onde se pretende buscar o melhor "custo-benefício" até mesmo nos relacionamentos. Por isso o sucesso tão grande dos aplicativos de namoro e relacionamentos-relâmpago, que visam somente ao prazer pessoal. Não há margem de tolerância, nem esforços para o entendimento da outra pessoa. É muito cômodo e conveniente ficar sempre na defensiva, colocar-se na posição de vítima ou apresentar como justificativas os defeitos do outro cônjuge. São todas desculpas arranjadas. É possível ser diferente e fazer diferente!

Descansando sem (se)parar – "Muitas feridas e crises têm a sua origem no momento em que deixamos de nos contemplar. (...) O amor abre os olhos e permite ver, mais além de tudo, quanto vale um ser humano" (*Amoris Laetitia*, nº 128). O verdadeiro amor compreende uma vida iluminada por um amor que imita o amor de Deus. O Criador nos deu a capacidade de nos relacionarmos, como ele mesmo o faz. Mas, tendo sido criados com corpo e alma, precisamos viver nossa conjugalidade nas dimensões humana e espiritual. Portanto, para que um casamento não se canse, os cuidados também precisam seguir esses dois caminhos.

O caminho espiritual – O cuidado com a fé não é algo para ser vivido em grandes momentos, mas uma busca diária, muitas vezes feita de pequenas e constantes gotas, que preencherão a vida do casal. Para tanto...

1. Cada cônjuge precisa **buscar a Deus com fé**. Cultivar a oração pessoal, a leitura da Palavra de Deus, a interiorização da verdade divina e buscar vivê-la, primeiramente com a pessoa amada e, depois, com todas as pessoas.

2. Esforço mútuo para **momentos de oração e espiritualidade a dois**, em família e na comunidade eclesial, para transbordar o amor e conseguir perceber a presença de Cristo na outra pessoa, a começar pelo cônjuge.

3. **Doar-se**, cada dia mais, imitando o amor de Cristo, que se entrega pela Igreja, como também o esposo deve se entregar à esposa e vice-versa, com fidelidade e desejo de eternidade.

O caminho humano – É preciso viver um eterno namoro dentro do casamento. A construção do "até que a morte os separe" é feita de descobertas diárias, de recombinações e de muito respeito, paciência e calma para poder compreender a outra pessoa e perdoar os erros com sinceridade, mas também festejar os acertos com muita alegria. Para tanto, é preciso:

* **Cultivar a ternura**, tanto a esposa, quanto o esposo, que nos faz sentir a outra pessoa de maneira não somente erótica, mas de forma carinhosa e sentimental, a ponto de conseguir se mover pelo apaixonamento, mesmo que a vida a dois esteja nos pontos baixos da existência.

* Estar sempre aberto ao **diálogo franco, sincero e sem medos.** Expor-se e motivar a outra pessoa a expor-se também, falando sobre os sentimentos, as vontades e os desejos. Nunca usar o silêncio como castigo nos momentos de raiva. E jamais usar o diálogo como arma para ferir o outro.

* **Atenção para com o cônjuge** a ponto de descobrir todos os dias uma nova característica ou uma nova qualidade. Senão, perceber detalhes e sutilezas que somente quem profundamente se dedica a alguém consegue fazer.

* Incentivar a outra pessoa a **crescer diariamente** com palavras e também com o testemunho, pois é preciso se oferecer sempre melhor e novo para quem amamos.

* **Cultivar a história a dois** e celebrar com grande empenho e alegria as datas importantes do relacionamento.

* Ainda que seja necessária a rotina, sempre há como **fazer algo novo** e, muitas vezes, surpreendente. De tempos em tempos, surpreenda com algo novo, seja fisicamente, seja sentimentalmente, seja espiritualmente. Renove sempre a sua união.

Eis apenas algumas dicas que descansam o casamento. Exercitá-las é praticar a arte de amar, para que as crises não surjam de maneira destrutiva na caminhada conjugal. Crises são inevitáveis, mas se o casal está decidido a viver o amor, custe o que custar, tudo se resolve. Terminamos com mais uma afirmação do papa Francisco para você refletir: "Quando se assume o matrimônio como uma tarefa que implica também superar obstáculos, cada crise é sentida como uma ocasião para chegar a beber, juntos, o vinho melhor" (*Amoris Laetitia*, nº 232).

* André Luís Kawahala e Rita Massarico Kawahala são casados há 25 anos, trabalham com casais e famílias há mais de 20 e são membros da Pastoral Familiar.

VISUALHUNT.COM

Amor verdadeiro

Que "o amor prevaleça na vida, o mesmo amor que os fez escolher ficarem juntos seja eternizado e renovado a cada amanhecer e findar do dia"

O casal Guiomar e Lázaro Vilas Boas celebra 70 anos de matrimônio com o amor e o carinho crescentes, e cada dia mais enlevados

Por **Roseane Welter** • Fotos **Lukas Borges**

Amor verdadeiro não existe apenas na ficção. Na vida real, por todos os cantos do Brasil, encontramos muitas histórias de vida permeadas de amor, cumplicidade e fidelidade. Em Andradas, cidade localizada no sul de Minas Gerais, com aproximadamente 40 mil habitantes, encontramos Lázaro Faustino Vilas Boas, 95 anos, e Guiomar Lozano Vilas Boas, 86, que neste ano celebram suas bodas de vinho, 70 anos de casados.

Uma história permeada de muito amor. Ambos garantem que o que marcou essas sete décadas de união foi e ainda continua sendo o amor. Amor este que a cada dia que passa só aumenta mais, segundo o casal. Uma trajetória vivida a dois que inspira a todos. A família e, sobretudo, os netos veem nos avós um exemplo que desejam espelhar para as suas vidas.

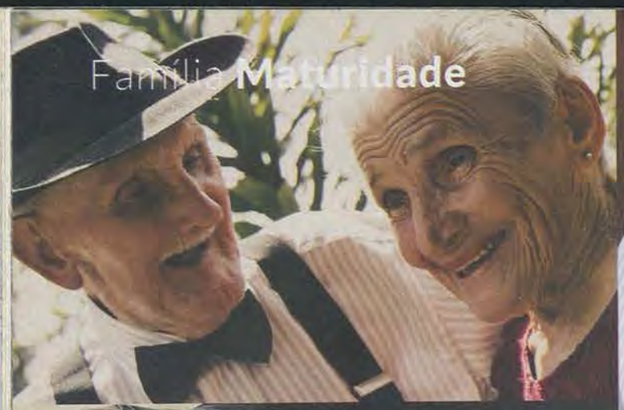
Amor e superação – Lázaro e Guiomar se conheceram na juventude. E garantem que foi amor à primeira vista. "Quando a vi pela primeira vez, ela tinha 15 anos e me apaixonei", afirma Lázaro. O sentimento foi recíproco. "Ele estava machucado e fui visitá-lo, e aí o coração falou mais alto", conta Guiomar.

A vida foi generosa com o casal. Casaram-se, e ambos garantem que estão bem próximo. E atualmente, como em todos esses anos de casados, estão sempre juntos. "Onde está um, pode crer, está o outro aí fazendo companhia", afirmam pessoas próximas ao casal.

Mas, como todo casal, nem tudo na vida foi um mar de rosas. Enfrentaram ao longo desses anos muitos desafios. O primeiro, ainda no tempo de namoro, quando os pais de Guiomar não aceitaram o relacionamento da filha e, para separarem o casal, venderam tudo e estavam de mudança para o Paraná. Os jovens enamorados pensaram num jeito de não se separarem. Resolveram fugir para viverem essa história de amor. "Marcamos encontro sob a copa de cedro, dei uma volta longa para encontrá-la e, a partir daí, foi muito amor, felicidade", afirma Lázaro. Guiomar recorda que a decisão "no início foi difícil, fugi com ele apenas com uma muda de roupa, mas deu tudo certo, e estamos aqui, felizes e apaixonados", diz emocionada, ao relembrar como tudo começou.

Recordar de tudo, hoje, é bom porque nos faz ver que "vivemos muitas coisas juntos, mas o amor que sentimos um pelo outro foi mais forte e nos fez enfrentar tudo um ao lado do outro, nos apoiando", enfatiza Guiomar. As dificuldades enfrentadas serviram para fortalecer os laços e amadurecer os vínculos na certeza de que nasceram um para o outro. "Eu cuido dele, e ele cuida de mim, sempre foi assim, desde o começo", menciona Guiomar.

Uma das maiores alegrias do nosso casamento foi o nascimento dos dez filhos. "Ver cada um crescendo, sorrindo, não tem explicação para emoção maior, até nos esquecemos das dificuldades enfrentadas", comenta o casal. Com o passar dos anos, a família aumentou, hoje, vivem rodeados pelo amor e carinho de seus 16 netos, 12 bisnetos e 1 tataraneta. Para celebrar essa data, a família, parentes e amigos se reuniram no sítio em que vivem na zona rural de Andradas. A neta Anna Paula Vilas



Boas teve a ideia de fazer um ensaio fotográfico para registrar essa história e convidou o amigo e fotógrafo Lukas Borges para eternizar o momento.

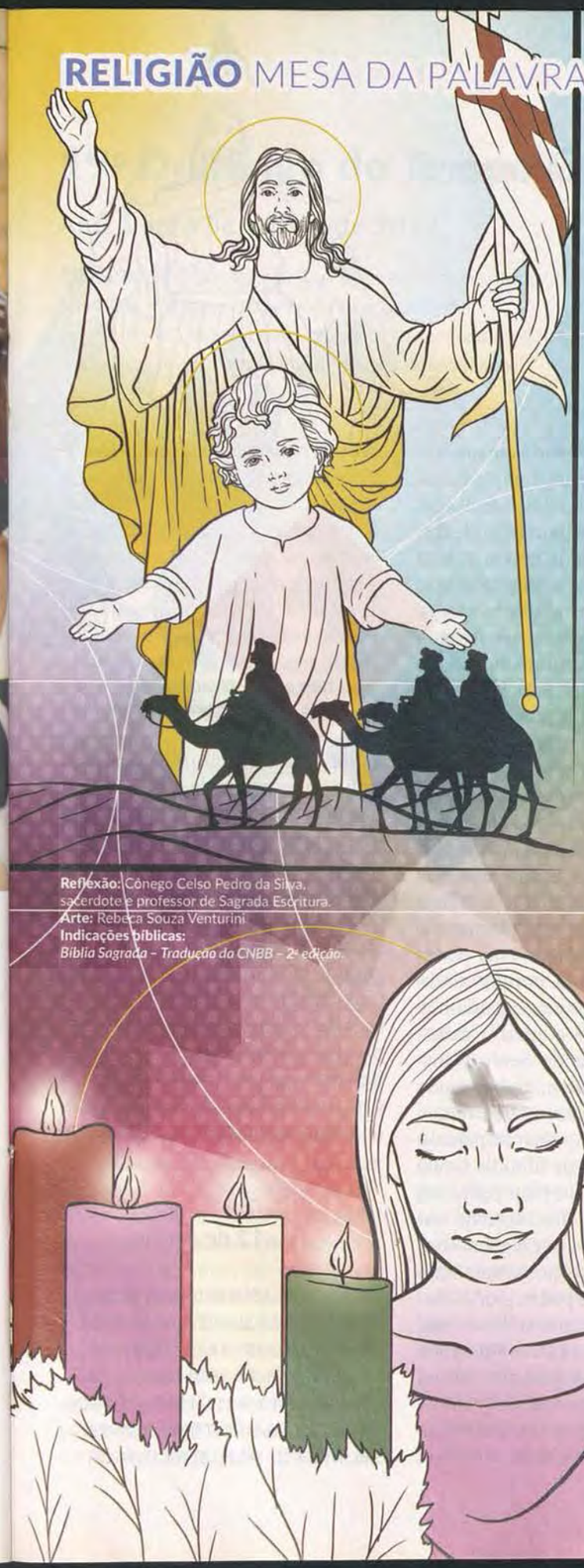
Muito amor – "Prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da minha vida", a fórmula do rito do casamento expressa bem o que o casal viveu e vive até hoje. "Sempre vivemos um para o outro, construímos nossa vida juntos nos ajudando e amando. A alegria hoje é ver os filhos, netos, bisnetos e a tataraneta bem. Eles completam nossa vida e temos a certeza de que tudo valeu a pena", diz o casal.

Nesta época em que os relacionamentos são passageiros, eles provam o contrário, e garantem que o segredo para um casamento feliz e duradouro é o "amor, muito amor". Apesar de tudo, em nenhum momento pensaram em desistir um do outro. E garantem que o Sacramento do Matrimônio é algo consagrado por Deus, e que a base de tudo é o respeito. "Onde há respeito e valorização há grandes chances de dar certo", afirmam, sem contar que muitas vezes é preciso abrir mão da própria ideia, dos desejos, para caminharem e trilharem uma jornada de braços dados.

Amor que inspira – O amor é algo válido em nossos dias, pois constantemente somos movidos pelo ideal que é pautado no verbo amar. Sonhamos um relacionamento que dure para sempre. Para isso, é preciso estar aberto para as pequenas descobertas de cada dia, reconquistar a mesma pessoa diariamente, desejar estar junto, valorizar as pequenas sutilezas da convivência. O casal septuagenário garante que, para o sucesso na longevidade do casamento ou qualquer forma de relacionamento humano e profissional, o respeito e a paciência são fundamentais. "É preciso muito respeito e muita paciência de ambas as partes. Paciência para superar os acontecimentos de cada dia", afirma o casal.

O amor atrai, une e renova as esperanças. Para os novos casais, a partir da própria experiência de vida, Lázaro e Guiomar desejam que "o amor prevaleça na vida, o mesmo amor que os fez escolher ficarem juntos seja eternizado e renovado a cada amanhecer e findar do dia". Vou contar um segredo, diz Guiomar, "ele é o homem da minha vida".

RELIGIÃO MESA DA PALAVRA



Reflexão: Cônego Celso Pedro da Silva, sacerdote e professor de Sagrada Escritura.
Arte: Rebeca Souza Venturini
Indicações bíblicas:
Bíblia Sagrada – Tradução da CNBB – 2ª edição

Índice

18º Domingo do Tempo Comum
Transfiguração do Senhor.....46
19º Domingo do Tempo Comum.....47
20º Domingo do Tempo Comum.....48
21º Domingo do Tempo Comum.....49

18º Domingo do Tempo Comum
Transfiguração do Senhor

Ano A • 6 de agosto de 2017

Dn 7,9-10.13-14 – Um ancião se assentou, vestido de branco
Sl 96 (97) – Os céus anunciam a sua justiça
2Pd 1,16-19 – "Este é o meu Filho bem-amado"
Mt 17,1-9 – "Levantai-vos, não tenhais medo"

"Seu rosto brilhou como o sol e suas roupas ficaram brancas como a luz"

Dia 6 de agosto é o dia da festa da Transfiguração de Jesus, que neste ano se celebra no domingo. Jesus tinha subido a um monte, talvez o Monte Tabor, na Galileia, e lá seu corpo mudou de figura, mudou de aparência. É o que chamamos de transfiguração.

São Pedro, em sua segunda carta, dá testemunho do que viu e ouviu, quando esteve na montanha, e diz com palavras claras que não são fábulas inventadas o que ele nos conta e transmite. Ele foi testemunha ocular da glória que se manifestou em Jesus e da voz do Pai que se fez ouvir, dizendo: "Este é o meu Filho bem-amado, no qual ponho o meu benquerer". Jesus quis que seus apóstolos, particularmente Pedro, Tiago e João, o vissem glorificado antes de vê-lo crucificado, para que soubessem de antemão que o Crucificado é o Senhor da glória.

Nesse sentido, a transfiguração anunciou a ressurreição de Jesus. Ao mesmo tempo, a manifestação de Moisés e Elias ao lado de Jesus revela aos apóstolos e a todos nós que em Jesus se realiza tudo o que disseram e escreveram Moisés e os profetas. Em Jesus se realiza toda a Sagrada Escritura, porque ele é a Palavra do Deus vivo. A cena da transfiguração mostra também que o único que permanece é Jesus. Os apóstolos, assustados, tinham caído de rosto por terra, e quando se levantaram "não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus".

A transfiguração é também um ensinamento direto para nós. Na Carta aos Filipenses (3,20-21), São Paulo fala da nossa transfiguração. Ele diz que "a nossa cidadania está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo, que transfigurará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela força que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas". Esperamos então pelo dia da transfiguração do nosso corpo. Sabemos que ele se desfará na nossa morte, mas sabemos também que ressuscitaremos. Como o mundo que há de vir não é repetição deste, ficamos contentes ao menos por saber que nosso corpo terá a forma do corpo glorioso de Jesus. Não podemos entender tudo porque ainda estamos do lado de cá. Aguardamos com fé, esperança e amor a manifestação da glória do Senhor. Enquanto ele não vem, trabalhamos para que o ser humano, que vemos na transfiguração, seja respeitado em sua dignidade de filho de Deus.

O profeta Daniel vê Deus como um ancião de muitos dias, sentado em seu trono de glória, e vê alguém com aparência humana, que se aproxima do ancião e recebe poder, glória, realeza e um reino que não se dissolverá. Essa visão se aplica a Deus Pai e a seu Filho, Jesus Cristo, para que em sua carne humilhada possamos ver a sua glória e a glória que nos está reservada.

Em nossa caminhada terrestre, muitas vezes difícil, olhamos para o alto do monte onde está o Senhor crucificado e o vemos transfigurado. A luz que nele brilha nos ilumina e ilumina o nosso caminho para que, sem tropeçarmos, cheguemos ao cume do monte e experimentemos com os apóstolos o bem-estar que lá se dá, para descermos depois e enfrentarmos com ânimo e coragem a luta de cada dia. Pedro queria ficar no alto do monte, e nós também queremos, mas descemos para enfrentar a vida de cada dia, com os olhos voltados para o alto, de onde nos vem a certeza da salvação.

Leituras e Salmos
(7 a 12 de agosto)

2ªf.: Nm 11,4b-15; Sl 80 (81); Mt 14,13-21.
3ªf.: Nm 12,1-13; Sl 50 (51); Mt 14,22-36.
4ªf.: Nm 13,1-2.25 – 14,1.26-30.34-35; Sl 105 (106); Mt 15,21-28.
5ªf.: 2Cor 9,6-10; Sl 111 (112); Jo 12,24-26.
6ªf.: Dt 4,32-40; Sl 76 (77); Mt 16,24-28.
Sáb.: Dt 6,4-13; Sl 17 (18); Mt 17,14-20.

19º Domingo do Tempo Comum

Ano A • 13 de agosto de 2017

1Rs 19,9a.11-13a – "Sai e permanece sobre o monte diante do Senhor"
Sl 84 (85) – Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia
Rm 9,1-5 – Não estou mentindo, mas digo a verdade, em Cristo
Mt 14,22-33 – "Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus!"

"Senhor, salva-me"

Jesus multiplica os pães. Depois, manda os discípulos embarcarem para o outro lado do lago. Despede as multidões, sobe o monte e fica sozinho rezando. Ficou lá um bom tempo, até de madrugada. É interessante notar que Jesus dedica um bom tempo à oração. Parece que ele gosta de rezar sozinho em algum lugar deserto. É um exemplo para nós. Podemos procurar um cantinho, ficar quietos, nos recolher e meditar. Tendo tranquilizado o coração e a mente, repousamos um pouco em Deus e com ele conversamos. Além da oração comunitária, é bom ter um tempo pessoal de recolhimento.

De madrugada, Jesus anda sobre as águas e assusta os discípulos que pensam que é um fantasma se aproximando do barco. O vento estava contrário, e eles demoraram bastante para chegar à outra margem. Ouvem então Jesus, que lhes diz: "Coragem! Sou eu. Não tenham medo!". Vimos Jesus rezando sozinho no monte e agora ouvimos estas suas palavras. São palavras de estímulo e palavras confortadoras. Gostaríamos de ouvi-las muitas vezes na nossa vida. Podemos guardá-las no coração e na memória e ouvi-las quando estivermos em dificuldades: "Coragem. Sou eu. Não tenham medo!".

Pedro ainda não tem certeza de que é Jesus quem fala com eles. Para ter uma prova, pede para andar sobre as águas. Jesus manda que ele venha ao seu encontro, e ele caminha sobre as águas em direção a Jesus. O vento sopra, Pedro fica com medo e começa a afundar. "Senhor, salva-me", grita ele, e Jesus lhe estende a mão e o segura. Quando o vento forte sopra sobre nossas vidas, podemos gritar: "Senhor, salva-me". Temos fé, queremos ser corajosos, mas às vezes parece que estamos afundando. Jesus sempre estende a mão e nos segura com firmeza. O vento forte pode ser também o sopro do Espírito, e nós não percebemos. Perceberemos mais tarde, na hora certa.

O vento se acalmou, e os que estavam nos barcos se prostraram e disseram: "Na verdade, tu és o Filho de Deus". E assim Jesus mostra quem ele é, para que veio, o que espera de seus discípulos. E em tudo revela o poder e a misericórdia do Pai.

No Monte Horeb, onde estava o profeta Elias recolhido numa gruta, depois de um vento impetuoso, terremoto e fogo, o Senhor se manifestou ao profeta no murmúrio de uma brisa suave. O profeta sabia que o Senhor ia passar e passou depois do vendaval. Deus tarda, mas não falha, diz o nosso povo.

Paulo sofre por causa de seu povo, os israelitas que não reconheceram Jesus de Nazaré como o Messias. Paulo também tem que aprender a esperar, a dar tempo ao tempo. Talvez ele mesmo deva ser a brisa suave no rosto de seus irmãos para que eles continuem a glorificar a Deus em atos e palavras. O Espírito sopra e se manifesta nos atos de amor que praticamos. Paulo um dia verá seus irmãos que socorreram muitos Lázaros brilhando na glória de Deus ao lado dos santos patriarcas e de todos os profetas.

Para nós fica hoje a certeza de que, quando gritarmos: "Senhor, salva-me", ouviremos a resposta: "Coragem. Sou eu. Não tenham medo". Nenhuma tempestade poderá nos abater, nem a nós nem a Igreja de Jesus. Quando o vento forte atinge o rosto de Pedro, o Senhor o segura com mão firme para que não afunde. À frente do Senhor anda a justiça, e a salvação segue os seus passos.

Leituras e Salmos
(14 a 19 de agosto)

2ªf.: Dt 10,12-22; Sl 147 (147B); Mt 17,22-27.
3ªf.: Dt 31,1-8; Cânt.: Dt 32,3-4a.7-9.12; Mt 18,1-5.10.12-14.
4ªf.: Dt 34,1-12; Sl 65 (66); Mt 18,15-20.
5ªf.: Js 3,7-10a.11.13-17; Sl 113A (114); Mt 18,21 – 19,1.
6ªf.: Js 24,1-13; Sl 135 (136); Mt 19,3-12.
Sáb.: Js 24,14-29; Sl 15 (16); Mt 19,13-15.

20º Domingo do Tempo Comum

Ano A • 20 de agosto de 2017

Is 56,1.6-7 – Minha casa será chamada casa de oração
Sl 66 (67) – Faça brilhar sobre nós a sua face
Rm 11,13-15.29-32 – Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis
Mt 15,21-28 – "Mulher, grande é tua fé"

"Mulher, como queres, te seja feito"

"Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim. Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio." Assim gritou uma mulher que não pertencia ao povo de Israel. Ela era cananeia, e quando viu Jesus passar foi gritando atrás dele. Jesus pareceu não dar atenção àquela mulher e disse aos discípulos que ele tinha sido enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel.

Jesus estava fora de Israel, na região de Tiro e Sidônia. Uma mulher daquela região, que tinha ouvido falar de Jesus e acreditava em seu poder, se dirigiu a ele, suplicando pela cura de sua filha. Esta mulher pagã se dirige com humildade a um profeta judeu por amor a sua filha, que certamente estava muito doente. Era uma mulher de fé, e Jesus lhe dirá: "Mulher, grande é tua fé. Seja feito como tu queres".

Por que estava num território que não era israelita? Não tinha sido enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel? A verdadeira obediência não impede boas iniciativas, sobretudo quando se trata do bem do próximo. Diante de Jesus estava uma mulher cheia de fé, cheia de amor e cheia de esperança de que alguma coisa boa aconteceria em favor de sua filha. Podemos pensar que Jesus se dirigiu à região de Tiro e Sidônia em atitude de "saída", iniciando um Israel sem fronteiras.

A mulher foi muito humilde e se pôs no nível dos cachorrinhos que comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos. No entanto, maior que sua humildade foi a sua fé. Jesus lhe disse: "Seja feito aquilo que você quer". A mulher acreditava mesmo que Jesus podia curar sua filha? "Seja feito como você quer." E a filha foi curada como ela queria. Que Deus nos dê a mesma fé, cheia de esperança e caridade.

Deus diz pela boca do profeta Isaías que sua casa será chamada "casa de oração para todos os povos". É possível não pertencer ao povo de Israel, é possível não pertencer à Igreja Católica e, no entanto, estar em aliança com Deus, realizando a sua vontade. A graça de Deus não falta a quem tem boa vontade. E esta graça podemos ser nós, que cremos em Jesus e professamos a fé na Trindade Santíssima. Nossa presença amiga e silenciosa, sobretudo junto aos que sofrem e se sentem angustiados, pode ser sinal da presença de Deus.

Foi assim que o anjo Rafael apareceu no caminho de Tobias e curou seu pai e sua futura esposa. Ele veio como uma presença amiga. Que Deus nos conceda a graça de poder revelar a sua bondade a quem precisa, seja quem for, de qualquer raça, nação ou religião. Nossa presença poderá ajudar as pessoas a acreditarem que o amor existe e começar a praticá-lo com fé e esperança.

Os judeus são os irmãos que foram chamados em primeiro lugar, dos quais nasceu o Salvador. Depois foram chamados também os pagãos. São Paulo escreve aos romanos e se dirige aos que entre eles não eram judeus, chamando-os de "cristãos vindos do paganismo". São Paulo deseja que eles se entendam bem, se respeitem e se amem. São todos cristãos, uns vindos do judaísmo e outros do paganismo.

Ninguém é melhor do que ninguém, e diz Paulo: "Deus encerrou todas as pessoas na desobediência, a fim de exercer misericórdia para com todos". Os diversos tipos de cristãos existentes no mundo devem se respeitar por causa do único Senhor Jesus Cristo, e todos devem revelar a bondade de Deus aos que não são cristãos.

Leituras e Salmos

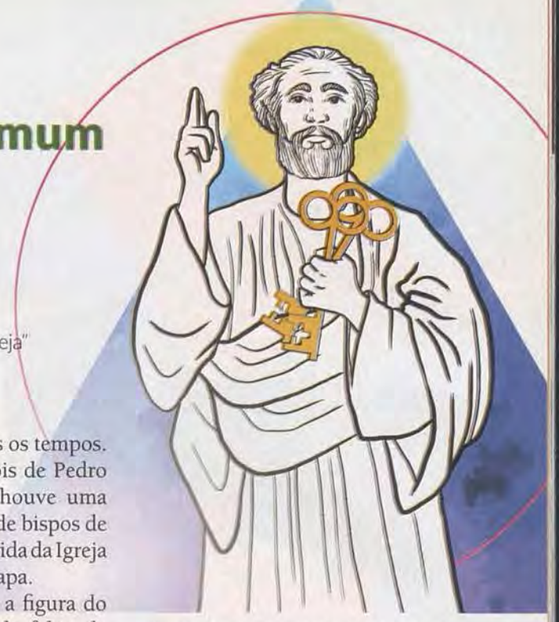
(21 a 26 de agosto)

2ªf.: Jz 2,11-19; Sl 105 (106); Mt 19,16-22.
3ªf.: Is 9,1-6; Sl 112 (113); Lc 1,26-38.
4ªf.: 2Cor 10,17 – 11,2; Sl 148; Mt 13,44-46.
5ªf.: Ap 21,9b-14; Sl 144 (145); Jo 1,45-51.
6ªf.: Rt 1,1.3-6.14b-16.22; Sl 145 (146); Mt 22,34-40.
Sáb.: Rt 2,1-3.8-11; 4,13-17; Sl 127 (128); Mt 23,1-12.

21º Domingo do Tempo Comum

Ano A • 27 de agosto de 2017

Is 22,19-23 – Ele será um pai para os cidadãos de Jerusalém
Sl 137 (138) – Senhor, tua bondade dura para sempre
Rm 11,33-36 – Tudo é dele, por ele e para ele
Mt 16,13-20 – "Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja"



"Eu te darei as chaves do Reino dos Céus"

Jesus faz uma rápida pesquisa perguntando aos discípulos o que diziam as pessoas a respeito dele e, também, o que eles mesmos achavam de Jesus. Quem era Jesus para eles? Se hoje perguntarmos na rua quem é Jesus, receberemos respostas muito diversificadas. E, nós mesmos, quem é Jesus para nós?

São Pedro respondeu que Jesus é "o Messias, o Filho do Deus vivo". Talvez não entendesse tudo o que estava dizendo, mas não falava por si mesmo. Jesus lhe dirá: "Não foi um ser humano quem te revelou isso, mas o meu Pai que está no céu". O Pai do céu revela a Pedro quem é Jesus, e ele diz em voz alta o que lhe foi revelado para que todos escutem. Essa é a função de Pedro: dizer com segurança quem é Jesus. Quem ouve a voz de Pedro não erra porque Pedro fala o que Deus lhe revelou. Essa segurança dada a Pedro é dada também aos seus sucessores, que devem manter viva e firme a fé dos seguidores de Jesus até o fim dos tempos.

Jesus continua dizendo que Pedro é a pedra sobre a qual ele construirá a sua Igreja e lhe dá as chaves do Reino dos Céus. É possível que ao longo da história alguém tenha dificuldade de relacionamento com algum dos sucessores de Pedro. O que não se compreende é que alguém, lendo o Evangelho, não veja Jesus dando a Pedro uma função especial junto aos seus discípulos de todos os tempos. Todos sabem que, depois de Pedro até o papa Francisco, houve uma sequência ininterrupta de bispos de Roma que presidiram a vida da Igreja e foram chamados de papa.

O profeta Isaías usou a figura do poder das chaves quando falou de Eliacim, filho de Helcias, que levaria "aos ombros a chave da casa de Davi". Quem tem a chave tem o poder de abrir e fechar, ou seja, é ele quem governa a casa. As chaves foram dadas a Pedro, as chaves do Reino dos Céus. O que ele ligar na terra será ligado nos céus, o que ele desligar na terra será desligado nos céus.

Na Carta aos Romanos, São Paulo exalta o modo de proceder de Deus, incompreensível para nós, mas cheio de sabedoria e de ciência. Seus caminhos às vezes não coincidem com os nossos e nem sempre são fáceis de serem compreendidos. São, porém, sempre verdadeiros. Nada acontece sem que ele queira, e o que ele quer é sempre bom. Cabe a nós discernir a cada instante a sua vontade. Ao instituir Pedro como cabeça visível de sua Igreja, Jesus não fez nada de extraordinário. Fez até algo muito razoável instituindo alguém para apascentar todo o rebanho. Deu-lhe sem dúvida uma graça especial, a graça de estado, para confirmar a fé de seus irmãos. E Pedro faz isso por meio de seus sucessores desde então até o dia de hoje.

Lendo com atenção os Evangelhos, vemos o destaque que Jesus dá a Pedro e como os próprios evangelistas reconhecem que Pedro era aceito pelos outros como quem tinha a primazia. Isto não significa que Pedro não tivesse limitações e defeitos. Jesus o chamou de Satanás quando ele não quis entender que seu Mestre morreria na cruz. Negou Jesus três vezes na hora da sua prisão. O ministério petrino é dado a um ser humano assistido pelo Espírito Santo em tudo o que diz respeito à nossa fé e ao nosso modo de viver. Tal ministério não é dado como um poder de dominação e sim como serviço para o bem dos irmãos e a glória de Deus.

Leituras e Salmos

(28 de agosto a 2 de setembro)

2ªf.: 1Ts 1,1-5.8b-10; Sl 149; Mt 23,13-22.
3ªf.: Jr 1,17-19; Sl 70 (71); Mc 6,17-29.
4ªf.: 1Ts 2,9-13; Sl 138 (139); Mt 23,27-32.
5ªf.: 1Ts 3,7-13; Sl 89 (90); Mt 24,42-51.
6ªf.: 1Ts 4,1-8; Sl 96 (97); Mt 25,1-13.
Sáb.: 1Ts 4,9-11; Sl 97 (98); Mt 25,14-30.

Paulinas Revistas Encadernadas

Ótimas ideias e formação para você, sua família e alunos

Adquira a coleção encadernada ou capas com os índices de 2016.

Faça seu pedido

0800 70 100 81

assinaturas@paulinas.com.br

CUPOM PARA ADQUIRIR A COLEÇÃO E/OU A CAPA E ÍNDICE

Preencha e envie este cupom com o cheque nominal, no valor do seu pedido, à revista *Família Cristã*: Rua Dona Inácia Uchoa, 62, Bloco A – Vila Mariana – CEP 04110-020 – São Paulo – SP.

( ) Coleção encadernada revista *Família Cristã* – R$ 105,00
( ) Coleção encadernada *Super+* – R$ 60,00
( ) Coleção encadernada *Diálogo – Religião e Cultura* – R$ 65,00
( ) Somente a capa e índice – R$ 45,00
( ) Somente a capa e índice – R$ 35,00
( ) Somente a capa e índice– R$ 40,00

Nome: .....
Endereço: ..... nº: .....
Apto., sala: ..... Bairro: ..... CEP: .....
Cidade: ..... Estado: ..... Tel.: (.....) .....
E-mail: ..... Data: ...../...../.....

Para cartão de crédito, boleto bancário ou depósito, ligue 0800 70 100 81
ou envie um *e-mail* para assinaturas@paulinas.com.br.

Padre Zezinho, scj
Escritor, cantor e compositor.

Evangelizar ou impor?

Seguro do que sabia, Jesus não forçava suas ideias. Não sendo fanático, não impunha, não marginalizava, não boicotava nem separava. Por isso não fugiu dos confrontos, mas amou seus inimigos. Morreu orando por eles. Censurou o discípulo por usar de violência (cf. Mt 26,51-52). Elogiou gente de outra fé (cf. Mt 8,5; 15,21). Disse aos discípulos que deixassem em paz um homem que agia em nome dele sem ser do grupo dele (cf. Mc 9,38). Sabia quem estava com ele e quem estava contra ele. Disse que tinha outras ovelhas que não eram do seu rebanho e que um dia as uniria (cf. Jo 10,16). Nunca pregou o uso de mentiras ou de promessas falsas para atraí-las. Uma coisa era ser dele e outra pertencer ao grupo dele. Ser ele era mais do que estar no seu grupo.

É o que muitas Igrejas e muitos grupos dentro das Igrejas não conseguem ou não querem entender. Seu grupo é mais e o dos outros é menos. Encontram dificuldade de ouvir os outros, de cantar os cantos dos outros, de ler os livros dos outros, de aceitar a liderança e a pregação dos outros, de reunir-se com os outros. Os outros poderiam desviá-los do seu chamado excepcional. Ninguém de fora poderá lhes trazer algum acréscimo. Mas se julgam chamados a acrescentar sua espiritualidade à dos outros e acrescentar os outros ao seu grupo, porque um dia todo mundo será como eles e descobrirá o que eles descobriram. Convicção dez e humildade zero!

De outros ângulos, de outros telescópios, também se pode ver a mesma estrela!

Estar em Jesus – Há aqueles que seguem na direção oposta à de Jesus, que chegou a dar liberdade aos seus de irem embora, quando outros já tinham ido (cf. Jo 6,67). Deu liberdade e não forçou o jovem rico a segui-lo (cf. Mt 19,16-24). Não usou de *marketing* para convencê-lo, e também não disse que ele se perderia. Só falou de como é difícil para alguns entender o Reino e aceitá-lo. Disse a verdade. Alguém beneficiado por ele quis pregar ao seu lado, e Jesus achou melhor que ele ficasse em casa com os familiares. Não o fez discípulo do grupo. Seria dele, mas não do seu grupo (cf. Mc 5,19).

Jesus soube distinguir muito bem entre ter discípulos do seu grupo (cf. Mt 10,1), discípulos em outros grupos (cf. Mc 9,39) e admiradores como Nicodemos, que não era do seu grupo (cf. Jo 3,1). Ofereceu conversão e paz a muita gente que não chamou para ir com ele. O paralítico de Betesda, por exemplo (cf. Jo 5,14). Ele fazia discípulos, mas nem sempre os chamava para viver ao lado dele.

Pregadores de todos os tempos, sobretudo os de agora, com o poder do rádio e da televisão, andam esquecendo isso. Chamam para os templos, tendas e acampamentos com a falsa afirmação de que só lá o fiel encontrará o Cristo. São mais fazedores de adeptos para o seu grupo do que evangelizadores. De certa forma condicionam a pessoa a ficar naquele canal, ir àquele templo em tais dia e horário com garantia de milagres, associar-se a eles como exigência para o encontro com Cristo. Chamar é uma coisa, mas dizer que só lá está o Cristo é chantagem.

Jesus alerta contra tais pessoas que diriam ter ou ser o seu único endereço (cf. Mt 24,24). Chamou-os de falsos ungidos e chega a chamá-los de abutres. Evangelização deve rimar com compaixão, mas às vezes rima com imposição. Quem impõe é impostor, por isso tomemos cuidado com o *marketing* agressivo e invasor de qualquer grupo religioso, seja ele da nossa ou de outra Igreja. Quem aponta demais para si e para o seu grupo perdeu o senso de direção. De outros ângulos, de outros telescópios, também se pode ver a mesma estrela! É uma grande descoberta um fiel admitir que seu grupo não é o único que pode levar ao Cristo! Naquele dia terá se tornado um pouco mais discípulo!

Os pobres, a "carne de Cristo"

FOTOS: VISUALHUNT.COM

O desafio é promover um verdadeiro encontro com os pobres, dando lugar a uma partilha que se torne estilo de vida (papa Francisco)

Moisés Sbardelotto *

Os pobres como a "carne de Cristo", a pobreza como "âmago do Evangelho", a "opção fundamental" da Igreja pelos pobres: é com esse conjunto de sentidos e significados que, em 2017, será celebrado o 1º Dia Mundial dos Pobres, convocado pelo papa Francisco. A data foi instituída pelo pontífice na conclusão do Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, em 2016. E, no mês passado, o Vaticano divulgou a primeira mensagem do papa Francisco para essa nova celebração, que será sempre lembrada no 33º Domingo do Tempo Comum, o domingo anterior à Solenidade de Cristo Rei, que, neste ano, será no dia 19 de novembro.

A primeira mensagem traz como título "Não amemos com palavras, mas com obras", retirada da Primeira Carta de São João capítulo 3, versículo 18. Segundo Francisco, "estas palavras do apóstolo João exprimem um imperativo de que nenhum cristão pode prescindir", isto é, "contrapor as palavras vazias, que frequentemente se encontram na nossa boca, às obras concretas, as únicas capazes de medir verdadeiramente o que valemos". Portanto, afirma, "quem pretende amar como Jesus amou deve assumir o seu exemplo, sobretudo quando somos chamados a amar os pobres". Pois a predileção de Jesus pelos pobres é "um elemento requintadamente evangélico".

1º Dia Mundial dos Pobres – Mas por que o Dia Mundial dos Pobres será celebrado no 33º Domingo do Tempo Comum do Ano Litúrgico? Justamente porque antecede a festa de Cristo Rei, de modo a torná-la "ainda mais autêntica", explica Francisco. "Na verdade" – continua –, "a realeza de Cristo aparece em todo o seu significado, precisamente no Gólgota, quando o Inocente, pregado na cruz, pobre, nu e privado de tudo, encarna e revela a plenitude do amor de Deus. O seu completo abandono ao Pai, ao mesmo tempo que exprime a sua pobreza total, torna evidente a força deste amor, que o ressuscita para uma vida nova no dia de Páscoa."

Foi a partir do testemunho dessa "pobreza total" que a Igreja deu os seus primeiros passos. Segundo Francisco, um dos primeiros sinais com os quais a comunidade cristã das origens se apresentou ao mundo foi o serviço aos mais pobres. Contudo, reconhece o papa, houve momentos na história da Igreja "em que os cris-

tãos não escutaram profundamente este apelo, deixando-se contagiar pela mentalidade mundana". Mesmo assim, "o Espírito Santo não deixou de os chamar a manterem o olhar fixo no essencial", fazendo surgir homens e mulheres que ofereceram a sua vida ao serviço dos pobres, animados por uma "generosa fantasia da caridade". Dentre estes, o papa destaca o exemplo de Francisco de Assis, que foi seguido por tantos outros homens e mulheres. Seu testemunho, afirma o pontífice, "mostra a força transformadora da caridade e o estilo de vida dos cristãos".

Hoje, para Francisco, celebrar um Dia Mundial dos Pobres é favorecer que as comunidades cristãs de todo o mundo se tornem cada vez mais e melhor sinal concreto da caridade de Cristo pelos últimos e os mais necessitados. Por isso, os cristãos e as cristãs não devem pensar nos pobres apenas como destinatários de uma boa obra de voluntariado, que se pratica uma vez por semana, para pôr a consciência em paz. Ao contrário, o desafio é promover um verdadeiro encontro com os pobres, dando lugar a uma partilha que se torne estilo de vida. De fato, sintetiza Francisco, a prova da autenticidade evangélica do discipulado está na caridade que se torna partilha.

Encontrar-se com os pobres é "tocar com as mãos a carne de Cristo". Para o papa, se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia. Nesse sentido, Francisco cita as fortes palavras de São Crisóstomo: "Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm o que vestir, nem O honres aqui no tempo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez".

> Francisco convoca esse Dia Mundial dos Pobres como uma forma de reagir à cultura do descarte e do desperdício, assumindo a cultura do encontro

Mãos benditas – Em relação a esse toque sagrado na pobreza encarnada, Francisco elenca, quase poeticamente, novas Bem-Aventuranças: "Benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança. Benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. Benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem 'se' nem 'mas', nem 'talvez': são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus".

O chamado do papa a toda a Igreja, portanto, é o de estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. Por sua vez, a mão dos pobres estendida a nós é também um convite a sairmos das nossas certezas e comodidades e a reconhecermos o valor que a pobreza encerra em si mesma. Pois, para os discípulos de Cristo, explica o papa, a pobreza é uma vocação a seguir Jesus pobre. É um caminho atrás dele e com ele: um caminho que conduz à bem-aventurança do Reino dos céus, uma atitude do coração que impede de conceber como objetivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo.

Mas a pobreza, para o papa, também assume outros rostos no mundo contemporâneo, rostos marcados pelo sofrimento, pela marginalização, pela opressão, pela violência, pelas torturas e a prisão, pela guerra, pela privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e pelo analfabetismo, pela emergência sanitária e pela falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e pela escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. Em todos esses casos, a pobreza é "fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada", exclama o pontífice.

Por isso, aos fiéis em geral Francisco convoca esse Dia Mundial dos Pobres como uma forma de reagir à cultura do descarte e do desperdício, assumindo a cultura do encontro. Para isso, sugere que as comunidades cristãs se empenhem na criação de muitos momentos de encontro e amizade, de solidariedade e ajuda concreta aos pobres, por exemplo, aproximando-se deles e acolhendo-os como hóspedes privilegiados à nossa mesa; poderão ser mestres, que nos ajudam a viver de maneira mais coerente a fé.

Em suma, afirma Francisco, o novo Dia Mundial dos Pobres é um forte apelo à nossa consciência de fé, na convicção de que partilhar com os pobres nos permite compreender o Evangelho na sua verdade mais profunda.

* Moisés Sbardelotto é jornalista, mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), no Rio Grande do Sul, e La Sapienza, em Roma. É também autor de *E o Verbo se fez bit* (Editora Santuário).

Destinatário
Paulinas Revistas
Rua Dona Inácia Uchoa, 62
Bloco A - Vila Mariana
CEP 04110-020 - São Paulo - SP

PARA QUE SUA CARTA CHEGUE, POR FAVOR COLE O SELO "CARTA COMERCIAL" AQUI

"A Família Cristã FOI MUITO útil NA EDUCAÇÃO dos meus filhos"

LÚCIA JANDYRA C. DE MORAES
Assinante há quase 60 anos

Paulinas
Família Cristã

Páginas que transformam

Confira o depoimento de Lúcia Jandyra, acessando: youtube/paulinasrevistas

COLE AQUI DEPOIS DE DOBRAR

Escolha a forma de pagamento, preencha o cupom e envie pelo correio, no endereço: Rua Dona Inácia Uchoa, 62, Vila Mariana, São Paulo (SP), CEP 04110-020, ou entregue em uma *Paulinas Livraria*. Acesse www.familiacrista.org.br ou ligue 0800 70 100 81. Após a confirmação do pagamento, você receberá em sua casa a revista escolhida.

Revista *Super+*
(12 edições por ano)

- ☐ À vista R$ 36,00
- ☐ 2x R$ 19,00

Revista *Família Cristã*
(12 edições por ano)

- ☐ À vista R$ 104,00
- ☐ 3x R$ 40,00
- ☐ 2x R$ 55,00

Revista *Diálogo - Religião e cultura*
(4 edições por ano)

- ☐ À vista R$ 48,00
- ☐ 2x R$ 26,00

ASSINE E GANHE

um livro de oração para rezar com o papa Francisco

A revista que educa para uma boa convivência com o mundo plural.

Formas de pagamento
☐ Cartão de crédito (Mastercard, Visa, Diners) ☐ Boleto bancário ☐ Cheque nominal à revista *Família Cristã*

Cartão de crédito _____ Nº _____

Titular _____ Validade _____ Código de segurança _____

Autorizo a cobrança em meu cartão de crédito FCV979 VALIDADE: 30/07/2017

COLE AQUI

Nome _____ Estado civil _____ Sexo M ☐ F ☐

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Tel. _____ Celular _____ Data de nasc. _____

RG _____ Órgão expedidor _____ CPF _____

E-mail _____

Profissão _____ Grau de instrução _____

Padre Reginaldo Carreira
Conferencista, cantor e compositor.

Corrente de graças

Este ano a Renovação Carismática Católica (RCC), surgida em 1967, completa 50 anos e vive seu Jubileu de Ouro! Sei que este artigo sempre se destina, de forma especial, à espiritualidade da juventude, mas, entendendo a RCC como uma das espiritualidades que mais atraiu e atrai a juventude na Igreja Católica, penso que seja importante lembrar e celebrar com ela este momento tão especial. Entendo que os diversos movimentos, espiritualidades e carismas suscitados pelo Espírito Santo na vida da Igreja são nossa grande riqueza. Não nos subdividimos em diversos caminhos, mas nos completamos e nos fortalecemos com a diversidade deles na unidade da Igreja.

Eu sou padre para a Igreja, mas reconheço minha vocação como nascida na RCC. Desde criança, senti o chamado ao sacerdócio, mas foi após uma Experiência de Oração para Jovens, no fim dos anos 1980, que me senti mais convicto e capaz de responder a este chamado. Assim como eu, muitos jovens foram e ainda são chamados à vida na graça, através da RCC.

> Que muitos e muitos cristãos, especialmente a juventude, experimente a graça que nos foi dada pelo Batismo e deve ser revigorada a cada dia

Compromisso do Batismo – No início de junho deste ano, aconteceu a principal celebração para marcar este ano de graças: o Jubileu de Ouro em Roma, junto ao papa Francisco, celebrando Pentecostes! Tive a graça de estar lá e de viver momentos únicos! Num desses momentos, o papa Francisco reafirmou o que ele diz ser a RCC: uma corrente de graças, que deve levar a graça do Batismo no Espírito Santo para todos! Nessa ocasião, com líderes de diversas Igrejas cristãs, mais de 100 mil pessoas, vindas de cerca de 120 países, clamaram juntos: "Vinde, Espírito Santo!". Dessa multidão, uma grande parte era formada por jovens. Uma juventude que se denomina carismática e disposta a anunciar o Evangelho com a força do Espírito Santo a todas as nações.

Não havia espaço para a insensibilidade! Cada momento, cada oração, cada canto entoado por diversas nações e línguas nos davam a verdadeira sensação de Pentecostes atualizado em nós! A compreensão entre todos pela linguagem mais comum e mais capaz de unidade: a linguagem do amor, que nos dava uma sensação profunda de alegria e paz! Realmente, "o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado!" (Rm 5,5). O testemunho de pessoas de todas as idades, inclusive nas viagens de metrô e nos encontros ocasionais pela rua com turistas e com cidadão de Roma, me fazia rememorar o que as primeiras comunidades nos testemunham nas Sagradas Escrituras. E também o que vivemos em nossas missões populares e outras iniciativas missionárias da Igreja. Que alegria ser cristão, que bênção ser católico, que graça viver este momento histórico!

Bendito seja Deus pela RCC, parabéns pelos seus 50 anos! E que muitos e muitos cristãos, especialmente a juventude, experimente a graça que nos foi dada pelo Batismo e deve ser revigorada a cada dia, que é a presença do Espírito Santo, com seus dons e frutos!

"Vinde, Espírito Criador, a nossa alma visitai
e enchei os corações com vossos dons celestiais.
A nossa mente iluminai, os corações enchei de amor,
nossa fraqueza encorajai, qual força eterna e protetor.
Nosso inimigo repeli, e concedei-nos a vossa paz,
se pela graça nos guiais, o mal deixamos para trás."

500 ANOS DA REFORMA:

tempo para construir e celebrar a unidade

Lutero viveu uma descoberta pessoal que transformou o seu jeito de compreender a fé e a salvação. Essa descoberta se deu com a leitura da carta de Paulo aos Romanos 1,17

Wagner Lopes Sanchez *

Os séculos 14 e 15 foram de muita insatisfação com relação aos costumes e às práticas religiosas na Europa. Existiam reivindicações de mudanças e tentativas de reforma para tornar a Igreja mais fiel ao Evangelho. Além disso, em vários lugares, sobretudo na Alemanha, havia muita insatisfação por parte de príncipes que eram obrigados a pagar inúmeras taxas à Igreja.

Nesse momento de crise da Igreja, surge Martinho Lutero. Ele era membro da Ordem Agostiniana, teólogo e grande estudioso da *Bíblia*, e não aceitou uma prática que havia sido adotada em algumas dioceses alemãs: a prática da venda de indulgências, a qual visava a atender às necessidades financeiras de alguns bispos alemães e da Cúria Romana.

No dia 31 de outubro de 1517, Lutero enviou suas 95 Teses aos bispos de Brandenburgo e Magdeburgo e a alguns teólogos com o objetivo de provocar o debate em torno do tema. Essas 95 Teses questionavam muitos aspectos das indulgências e não tinham nenhum elemento que contrariava a doutrina tradicional do cristianismo.

Essa data é considerada o início do movimento de Reforma, que teve em Lutero um dos líderes. A partir daí, outros reformadores em outros países, inspirados nesse líder, propuseram mudanças profundas no jeito de ser da Igreja. A própria Igreja Católica, a partir do Concílio de Trento (1545-1563), também deu início à sua Reforma, que ficou conhecida como Reforma Católica. Em virtude desses vários movimentos de Reforma, o século 16 é considerado como o século das Reformas.

Lutero, no entanto, foi aquele que, com sua reflexão e questionamentos, forneceu as principais bases teológicas que fundamentaram os movimentos de Reforma no século 16. Três são os aspectos do pensamento de Lutero e que influenciaram decisivamente esses movimentos: a justificação pela fé, as Sagradas Escrituras como fonte de fé e o sacerdócio universal dos crentes.

A teologia de Lutero está marcada pelo retorno às fontes do cristianismo presentes nas Sagradas Escrituras

A justificação pela fé – Lutero era um homem profundamente preocupado com a sua salvação e com os meios para obtê-la. Essa, aliás, era também a grande preocupação do povo no século 16. Esse líder viveu uma descoberta pessoal que transformou o seu jeito de compreender a fé e a salvação. Tal descoberta se deu com a leitura da carta de Paulo aos Romanos 1,17: "Porque no Evangelho a justiça de Deus se revela da fé pela fé, conforme está escrito: *'o justo viverá da fé'*". Tão importante foi essa descoberta que o próprio Lutero chegou a escrever mais tarde: "Em razão desta descoberta, senti que renascera e entrara pelas portas abertas do paraíso. Toda a Escritura passou a ter um novo significado [...] esta passagem de Paulo tornou-se, para mim, o portão para o Céu".

A partir dessa descoberta, Lutero elabora a doutrina de justificação que está fundada na ideia de que a salvação é uma iniciativa exclusiva de Deus e que ele salva por causa da sua misericórdia. A salvação, portanto, não depende de uma iniciativa humana, tais como as práticas devocionais e de caridade. Para o reformador, a salvação depende da justiça de Deus que se manifesta pela fé. Dessa forma, ao insistir na salvação como iniciativa exclusiva de Deus, Lutero discordava das práticas religiosas da época que visavam a conseguir de Deus a salvação por meio de práticas religiosas e de ações de caridade. Para ele, a salvação é graça que brota do coração de um Deus misericordioso e apaixonado pela pessoa humana. Isso o levou a criticar duramente a venda de indulgências, pois, segundo ele, nenhuma ação humana pode conseguir de Deus a salvação, já que esta é iniciativa exclusiva de Deus.

As Sagradas Escrituras – Lutero era um estudioso da *Bíblia*; a sua descoberta, narrada quase 20 anos depois de ter acontecido, confirmou nele a importância que a *Bíblia* tinha em sua vida e que deveria ter na vida da Igreja.

Toda a teologia de Lutero está marcada por esse retorno às fontes do cristianismo presentes nas Sagradas Escrituras. Para ele, a *Bíblia* é a fonte de fé dos cristãos, e todos os ensinamentos que não se basearem nela, ou que estiverem em desacordo com ela, não devem ser aceitos. Assim, para ele, a *Bíblia* ocupa papel central na vida da Igreja e dos cristãos.

Esse ensino de Lutero, numa época em que o povo não tinha acesso às Sagradas Escrituras e que a interpretação da mesma era exclusiva do clero – bispos e padres –, deu às pessoas liberdade muito grande para ler a *Bíblia* e, ao mesmo tempo, muitas preocupações para a hierarquia eclesiástica que percebia que isso dava ao povo a possibilidade de interpretar os textos sagrados de modo diferente da interpretação oficial.

Em 31 de outubro de 1517, Lutero enviou suas 95 Teses a bispos e teólogos

O sacerdócio universal – Outra doutrina importante desenvolvida por Lutero foi a do sacerdócio universal dos crentes. Com essa doutrina, ele insistia na igualdade dos membros da Igreja. A partir da Primeira Carta de Pedro (2,9), o reformador defendia que só há um sacerdócio – o sacerdócio de todos os crentes – que se sobrepõe a todos os ministérios existentes na Igreja e que diz respeito, justamente, à condição de todos os batizados. Essa doutrina era uma crítica à distinção rígida presente na Igreja Católica entre a hierarquia eclesiástica e os leigos. A doutrina do sacerdócio universal dos crentes nasce da afirmação de que todos os membros da Igreja têm plena cidadania.

A Igreja e a Reforma – Esta provocou na Igreja Católica duas reações: em primeiro lugar, um esforço para corrigir os erros existentes e repensar suas práticas religiosas, procurando adotar medidas que, inclusive, moralizaram os costumes do clero; em segundo lugar, a Igreja Católica assumiu uma atitude defensiva contra os movimentos de Reforma com o objetivo de estancar a saída de católicos. Essa atitude defensiva se estendeu até o início da década de 60 do século 20.

Só por ocasião do Concílio Vaticano II (1962-1965) a Igreja Católica, sob o imperativo do diálogo, reconheceu a importância das grandes afirmações da Reforma: a centralidade da *Bíblia* na vida da Igreja e o sacerdócio universal dos crentes. A Constituição *Dei Verbum* sobre a revelação divina propôs à Igreja um retorno às fontes e o reconhecimento da centralidade das Sagradas Escrituras. A Constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja afirmou que ela é antes de tudo povo de Deus e que nela há um sacerdócio comum de todos os fiéis.

No ano de 1999, a Igreja Católica e a Federação Luterana Mundial assinaram a Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação. Nessa declaração, as duas comunidades, católica e luterana, concordaram que estavam superadas as divergências em torno dessa doutrina por ocasião da Reforma.

O papa Francisco deu mais um passo decisivo de aproximação com os luteranos: no dia 31 de outubro de 2016 visitou a Catedral Luterana de Lund, na Suécia, para participar da cerimônia de abertura das comemorações dos 500 anos da Reforma. Naquela ocasião, o papa disse em sua homilia: "Nós, católicos e luteranos, começamos a caminhar juntos pela senda da reconciliação. (...) Temos a possibilidade de reparar um momento crucial da nossa história, superando controvérsias e mal-entendidos que impediram frequentemente de nos compreendermos uns aos outros".

As comemorações dos 500 anos da Reforma são uma oportunidade para todos nós, cristãos, olharmos o nosso passado e compreendermos que cabe a nós, neste tempo, o desafio de construir a unidade da Igreja cristã em meio à rica diversidade existente no cristianismo. O pedido feito por Jesus ao Pai no Evangelho de João 17,11, "guarda-os em teu nome que me deste, para que sejam um, assim como nós", continua sendo para nós um programa de ação a ser cumprido.

* Wagner Lopes Sanchez é leigo católico e professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp). É membro da diretoria do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Ceseep) e do Observatório Eclesial Brasil.

Dia 17

Santa Olga

Olga, primeira santa russa do calendário católico bizantino, é considerada o elo entre a época pagã e a cristã, na história das populações eslavas. Segundo fontes históricas, Olga nasceu em 890, na Rússia. Era uma bela jovem. Em 903, assim que o príncipe Igor a viu, quis logo se casar com ela. Em 945, Igor foi assassinado e ela, de temperamento correto, mas violento, vingou-se mandando matar chefes inimigos e aos sobreviventes impôs taxas e tributos vários.

Tornou-se regente no lugar de seu filho, de apenas 3 anos de idade, governando Kiev (Ucrânia) com política severa, colocando o principado em situação financeira privilegiada. Era amada pelo povo, que a reconhecia como justa e misericordiosa.

Olga rezava pela conversão de seu filho e para o bem dos súditos. Ao terminar a regência, retirou-se para atividades particulares, continuando seu apostolado. Construiu algumas igrejas, inclusive a de Santa Sofia, em Kiev. Viveu piedosamente e morreu em 11 de julho de 969, com cerca de 80 anos. A veneração à santa começou durante o governo de seu neto Vladimir. Seu culto foi confirmado pelo Concílio Russo em 1574, mantendo a festa na data de sua morte.

Dia 9

Bem-Aventurado Agostinho Zhao Rong e 119 Companheiros

Mártires chineses entre os anos de 1815 e 1930. A Igreja Católica levou o Evangelho ao povo chinês a partir do século 5º. No seguinte, já existia a primeira igreja com sede episcopal em Beijing. A adaptação da liturgia se deu porque o cristianismo era visto como uma realidade que enriquecia os valores das tradições do povo chinês, não se opondo a eles. Mas, com o passar do tempo, a questão dos rituais católicos chineses começou a irritar o imperador, que passou a perseguir os cristãos. No início foi disfarçada, mas, com o passar do tempo, foram muitos os massacres. Do século 17 ao 19 vários missionários e fiéis leigos foram mortos.

Agostinho Zhao Rong foi um soldado chinês e acompanhou um padre missionário após a morte deste. Ele sentiu-se impelido com seu exemplo a abraçar a fé, e, após invocá-lo, converteu-se, recebeu o batismo, ingressou em um seminário e foi ordenado sacerdote. Reconhecido como cristão, sofreu o martírio e morreu decapitado, em 1815.

No ano do Jubileu de 2000, São João Paulo II proclamou-o bem-aventurado, assim como todos os mártires da China.

Fonte: comeceodiafeliz.com.br

ILUSTRAÇÕES: REBECA VENTURI

PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA [illegible] SÃO PAULO (SP)

Muitos serviços na mesma Igreja

O fato de existir um ministério especial não quer dizer que seja um ministério exclusivo

Frei Luiz S. Turra, ofm cap. *

Em nenhum tempo e nenhum lugar, a Igreja pode pensar-se apoiada em privilégios e acomodada em títulos e poderes. A Igreja só será Igreja de Cristo se estiver em estado permanente de missão. "A Igreja é missionária por natureza" (*Ad Gentes*, AG, nº 2). A missão "é o paradigma de toda a obra da Igreja" (*Evangelii Gaudium*, EG, nº 15). Estar em missão significa posicionar-se como servidora, assim como Cristo, que "não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida como resgate por muitos" (Mt 20,28).

É significativa a oração sacerdotal de Jesus quando confirma ao Pai ter realizado sua missão: "Eu te glorifiquei na terra completando a obra que me deste para fazer. Agora, glorifica-me em ti" (Jo 17, 4). Essa missão cumprida por Jesus necessita ser continuada pela Igreja a serviço da humanidade até o fim dos tempos. Para isso, Jesus envia o Espírito Santo confirmando sua missão "continuadora". A referência a Cristo é que autoriza a missão da Igreja. Não é uma aventura, mas uma atualização da salvação que Cristo conseguiu. Cabe à Igreja promover o Reino até a sua plenitude.

As três dimensões – A Igreja, em sua missão ministerial, atualiza as mesmas dimensões e características da missão de Cristo.

Dimensão profética ou da Palavra: Diversos ministérios mencionados no Novo Testamento se ordenam e convergem em torno da Palavra: os apóstolos, os profetas, os mestres, os evangelizadores (cf. At 13,1; 1Cor 12,28; 14,3; Ef 2,20). O anúncio da Palavra é o primeiro objetivo dos serviços internos da comunidade (cf. 1Cor 12,8; Rm 12,6-8; Hb 13,7). Hoje essa dimensão continua fundamental e tão necessária como nunca. Concretiza-se no ministério da evangelização, pregação, homilia, o ensino, a catequese e o testemunho da fé, na palavra e nas ações cotidianas.

Dimensão da caridade ou diakonia: Já que seremos todos julgados pelo amor-caridade, confirma-se a importância fundamental desta dimensão, na vida e na missão da Igreja. Não cabe no corpo de Cristo qualquer divisão nem discriminação (cf. Gl 3,26-28). A mensagem mais acreditável dos cristãos ao mundo é sua unidade no amor fraterno (cf. Jo 17,23; 1Jo 2,24; 4,11). A visibilidade do Reino que Jesus confirmou se concretiza na opção pelos mais necessitados de vida. Esta deve ser a atenção preferencial da Igreja (cf. At 4,32-37; 6,1-6; 11,29-30; Rm 12,8-13; 15,26-27). A superação da cultura da indiferença pela solidariedade pede gestos concretos e pessoas determinadas que se dediquem a este serviço (cf. At 4,32; 6,1-6). Nesta dimensão básica para a veracidade da Igreja, concentram-se os ministérios da hospitalidade e acolhida, da atenção aos enfermos, da caridade organizada e promoção humana, das pastorais sociais e libertação política. Toda a luta pela justiça, paz e ecologia confirma uma Igreja a serviço do Reino.

Cabe à Igreja promover o Reino até a sua plenitude

Dimensão do culto ou liturgia: "A liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força" (*Sacrosanctum Concilium*, SC, nº 10). Esta dimensão sacerdotal se une intimamente às demais dimensões. O serviço do culto acontece de muitos modos: a reunião nas casas, as assembleias litúrgicas, os hinos e as ações de graças (cf. At 2 e 3; 1Cor 10 e 11). Pedro e Paulo também conferem a outros a missão de batizar (cf. At 10,48; 19,5-6; 1Cor 1,14-17); aos apóstolos é confiada a celebração da ceia eucarística (cf. Lc 22,14-19) e lhes é recomendado o ministério da reconciliação (cf. Jo 20,21-23). O exercício desta dimensão envolve a ordenação, a celebração e os serviços para promover a participação ativa, consciente e frutuosa dos cristãos. Deve-se promover aqui o louvor a Deus e a santificação das pessoas. Servem a esta dimensão os ministérios litúrgicos, desde a presidência da Eucaristia e demais sacramentos até o desempenho das diversas funções: acolhida, leitorado, acolitado, canto, música etc.

Serviço de comunhão – Toda a riqueza e variedade de ministérios, mesmo com sua hierarquia necessária e suas atribuições diferentes, necessita cultivar e promover a comunhão, como elemento básico da identidade da Igreja. A presidência e a direção estão destinadas ao serviço da comunhão. Os ministros de Cristo, a seu exemplo, devem promover a comunhão, sem a qual comprometemos a credibilidade da vida e missão da Igreja. O Concílio Vaticano II afirma: "Não há na Igreja pluralidade de ministérios, mas unidade na missão" (*Apostolicam Actuositatem*, AA, nº 2).

A Igreja servidora da vida não se serve do Sacramento da Ordem para garantir privilégios e privilegiados, mas para garantir que a missão de Cristo chegue a nós de forma comprometida e autenticada para servir sacramentalmente. O fato de existir um ministério especial não quer dizer que seja um ministério exclusivo. A intensidade do compromisso ordenado implica mais atenção, maior cuidado e melhor serviço à globalidade para o dinamismo eclesial. "É necessário suscitar em cada batizado e em cada forma de organização eclesial uma forte consciência missionária que interpele o discípulo missionário a 'primeirar', isto é, a tomar iniciativa, a sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo" (Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, DGAE, nº 38).

* Frei Luiz S. Turra pertence à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

BELEZAS DO ALTO

Em Vila Velha, no alto do penhasco, a Virgem da Penha aguarda seus fiéis e os presenteia com paisagens de tirar o fôlego

Texto e fotos Karla Maria, especial de Vila Velha (ES)

A ladeira íngreme de mais de 150 metros de altitude, em meio à Mata Atlântica, convida o romeiro a se manter firme na caminhada. Os pássaros e o sol animam o passo que, para cada devoto de Nossa Senhora da Penha, tem um sentido diferente, um pedido, um agradecimento. Estamos no Convento da Penha, no alto de um penhasco 500 metros do nível do mar, em Vila Velha, no estado do Espírito Santo.

O caminho que milhares de fiéis e turistas percorrem diariamente nesse recanto de fé e exuberância da natureza capixaba foi feito séculos antes por frei Pedro Palácios, que em 1558 chegou a essas terras trazendo consigo um painel de Nossa Senhora das Alegrias, até hoje venerada na capela do convento.

Quem caminha por ali, a partir do Campinho de palmeiras imperiais, depara com paisagens privilegiadas pela altitude. Um giro de 360 graus leva o visitante da barra de Vitória e do oceano Atlântico até a vista panorâmica de Vila Velha, com o 38º Batalhão de Infantaria, localizado no Parque da Prainha, ao pé do morro do convento. É o contato com a natureza, com a Criação.

Subindo os largos degraus de pedra, chega-se ao Museu de Nossa Senhora da Penha. Instalado pelo então guardião do convento, frei Alfredo W. Setaro, em 1952, o museu exibe objetos do acervo histórico do convento, os quais fazem parte da história daquele espaço sagrado, como a imagem de Sant'Anna Mestra com Nossa Senhora Menina, de pé, feita de madeira policromada do século 18. Outros datam de 400 anos.

Vista parcial da cidade de Vila Velha, do Convento da Penha

Manifestação da fé – Ao lado do museu fica a Sala dos Milagres, com parte dos ex-votos ofertados a Nossa Senhora da Penha. Fotografias, peças em gesso, roupas e diplomas registram o agradecimento pelas graças alcançadas. Naquela sala, além dos objetos, o povo marca presença, muitos de joelhos prostrados, apresentando seus pedidos em pequenos pedaços de papel e depositando-os ao pé da Virgem da Penha.

É ali também que encontramos a imagem de Nossa Senhora da Penha de 1958, esculpida pelo italiano Carlo Crepaz, fac-símile da original que é denominada imagem peregrina por visitar as paróquias e comunidades de todo o estado.

Os romeiros podem acessar o convento a pé ou de *vans*, ao custo de 3 reais

Mais acima, no topo do penhasco, está a capela edificada em 1562. O interior da igreja é revestido, parcialmente, com madeira de cedro, entalhada com motivos fitomorfos, ou seja, que representam folhas, flores, feitas pelo escultor português José Fernandes Pereira, entre os anos de 1874 e 1879.

O assoalho da capela, entalhado em marchetaria, foi reformado em 1980. O altar-mor da igreja, altar principal, foi remodelado em 1910 e conta com mais de 200 peças de 19 tipos diferentes de mármore que adornam o retábulo e as colunas. O trabalho de Carlo Crepaz chama atenção pela cuidadosa talha de madeira dourada.

Arte talhada – É tanta beleza que os olhos se perdem entre os detalhes do espaço sagrado com a imensidão da natureza que o envolve. Observam-se na madeira entalhada capitéis, coríntios, festões, guirlandas com elementos vegetalistas, medalhões, anjos e frontão, datando do século 19.

Além da imagem de Nossa Senhora da Penha, encontram-se anjos, querubins e os santos franciscanos: São Francisco de Assis e Santo Antônio de Lisboa e de Pádua, lembrando que aquela é uma casa franciscana, que o Convento da Penha é um belo e importante registro de toda a trajetória histórica evangelizadora dos religiosos da Ordem dos Frades Menores da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, a partir de sua instalação em terras capixabas.

A capela, sempre repleta de fiéis que se espremem para acompanhar a missa, conta em suas paredes com obras paisagísticas do Convento da Penha, realizadas por Vítor Meireles, e as obras sacras de Pedrina Calixto, que assinou as mesmas nos anos de 1926 a 1927.

Pórtico principal de entrada para o Convento da Penha

As palmeiras imperiais enfeitam o Campinho, espaço que fica repleto de fiéis em dias de festa

Na Sala dos Milagres, além dos ex-votos, há uma imagem de Nossa Senhora da Penha esculpida por Carlo Crepaz, em 1958, fac-símile da original que veio de Portugal em 1569

Os visitantes contam ainda com a capela de São Francisco e a gruta de frei Pedro, na entrada velha para o convento, e com a Ladeira das Sete Voltas, caminho antigo de pedras, com o seu portão, que representa as sete alegrias de Nossa Senhora: anunciação, visita à prima Isabel, nascimento de Jesus, recebimento do Espírito Santo, apresentação de Jesus no templo, ressurreição e ascensão de Nossa Senhora.

A obra – Foi em 1652 que as obras para a construção do Convento da Penha começaram. Em 1660, elas terminaram, mas depois passaram por inúmeras ampliações, reformas e adaptações. Segundo o historiador frei Basílio Röwer, autor de *Páginas de história franciscana no Brasil*, o número de escravos nas obras "ultrapassava o de qualquer outro convento".

"Esta mão de obra, de que os Franciscanos dispuseram desde os tempos coloniais, era por eles empregada nos mais variados serviços: nas lavouras do pomar, no atendimento do gado e limpeza dos currais, nas atividades da pesca, nos encargos ligados à rotina diária dos conventuais", pontua.

Ainda segundo o historiador, foi através da mão de obra escrava que os Franciscanos puderam realizar muitas das grandes obras do santuário e do seu entorno, inclusive o calçamento, a pedra da ladeira tradicional que dá acesso ao monumento e até a construção das senzalas.

A partir de 1870, alguns escravos começaram a ser alforriados pelos Franciscanos. Mesmo assim, informa frei Basílio que, em 1872, o convento contava com 42 escravos, sendo três pedreiros; um carpinteiro; 11 lavradores; sete cozinheiras; seis lavadeiras; três engomadeiras; cinco costureiras e seis sem ofício. Em 1880, o número havia caído para 19, dos quais três fugiram.

Subir, portanto, as ladeiras do Convento da Penha torna-se mais do que uma atividade religiosa para o cristão-católico. É, para todo turista, o contato com a história do Brasil e com um capítulo vergonhoso de nosso passado: a escravidão. É o contato com o trabalho e o suor de tantos homens e mulheres negras que antes de nós deram – literalmente – a vida para construir o Convento da Penha e possibilitar hoje a visitação que tantos realizam diariamente. É também um gesto de gratidão.

Serviço

São celebradas missas diariamente no Convento da Penha

De segunda a sexta-feira
6h, 7h, 8h, 9h30 e 15h

Sábado
6h, 7h30, 9h, 11h e 15h30

Domingo
5h, 7h, 9h, 11h, 14h e 16h

Missa da Saúde (Campinho)
2ª quarta-feira do mês – às 15h

Sala dos Milagres
Diariamente, das 8h às 16h45

Portão de Acesso
De segunda a sábado, das 5h15 às 16h45
Domingo, das 4h15 às 16h45

Endereço
Rua Vasco Coutinho, s/nº
Prainha – Vila Velha – ES
CEP 29100-231

Para o seu dia começar bem

Baixe o aplicativo "Comece o dia feliz"

Momentos felizes, um carinho e mensagens positivas nos ajudam na preparação para mais um dia. Baixe o aplicativo "Comece o dia feliz" e confira o Evangelho diário, os santos e santas do dia, textos marianos, dicas para uma vida mais saudável e as datas comemorativas. Tudo para que você tenha um BOM DIA!

Disponível:

App Store Google Play

Comece o dia feliz

Gratuito

Mais uma boa ideia:
App Paulinas

www.comeceodiafeliz.com.br

Paulinas

Cor e calor para a amizade

A ave constrói o ninho até os filhotes aprenderem a voar, e o homem constrói um lar para que os filhos possam voltar

Carmen Beatriz Fávero, fsp *

"A ave constrói o ninho; a aranha, a teia; o homem, a amizade." Ao conceituar essa compreensão, o poeta inglês William Blake afirma que a amizade para o ser humano é tão essencial quanto o ninho para a ave e a teia para a aranha. Pela amizade, o homem transforma o ninho e a teia, dando-lhes sentido, cor e calor. Esses nichos ecológicos, simples arte técnica de seres que buscam a sobrevivência, quando aquecidos pela amizade, se transformam em realidades vivas. O ninho se torna família; e a teia, uma textura social costurada pela linha evolutiva do respeito e do progresso.

A família sem o calor da amizade seria apenas um teto, um abrigo, um agrupamento de pessoas; e a teia social, somente uma rede de relações conectadas por interesses egoístas, sem relevo e sem sustentabilidade. A arte e a beleza, seja do ninho, seja da teia, se revigoram quando a amizade lhes dá sentido, voz e seiva.

A ave constrói o ninho até os filhotes aprenderem a voar, e o homem constrói um lar para que os filhos possam voltar. O ninho da ave é provisório, exposto às intempéries, feito para ser abandonado; já o ninho humano é alicerçado por laços protetores, embebidos de afeto, esperando retornos, entrelaçando gerações.

* * *

A aranha constrói a teia para a sua sobrevivência; o ser humano constrói a sociedade para a convivência. A aranha tece com fios frágeis, viscosos, fios de captura, de armadilha. Teias de refúgio, de cópula e de segurança. O ser humano tece sua rede com relações de troca, negociadas na confiança, conectando diferenças.

Esta é a vocação do homem, como se expressou o papa Francisco, em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais: "Gostaria de encorajar a todos a pensar a sociedade humana não como um espaço onde estranhos competem e procuram prevalecer, mas antes como uma casa ou uma família cuja porta está sempre aberta procurando aceitar uns aos outros".

Francisco prossegue exortando para que a comunicação crie "proximidade". Uma proximidade que "cuida, conforta, cura, acompanha e faz festa". E o que é que aproxima gerando essas atitudes senão a amizade? Somente uma comunicação construída na confiança, na abertura, no abraço sincero, sem preconceito, pode promover a cultura do encontro, por meio da qual aprendemos a sentir e acolher o outro como amigo.

Construamos ninhos com o calor e teias com a cor da amizade, para suavizarmos o frio da solidão e colorirmos a teia das relações. As palavras de amizade, de esperança e de misericórdia – como nos exorta o papa – podem ser simples, mas seu eco ressoa para sempre. Ficam gravadas no mais profundo, e a simples lembrança resgata a alegria e o prazer de se ter amigos.

Só a palavra amiga cria o diálogo que constrói pontes para a cultura do encontro. Sem a confiança, a solidariedade e o interesse coletivo, transformamos nossas relações numa guerra de egoísmos, uma competição desumana, uma tragédia. Portanto, o ninho e a teia humana têm de ser tecidos e sustentados pelos laços da amizade duradoura, construtiva, que educa e apoia. Do contrário, seremos eternos pássaros feridos, perdidos, sem horizontes ou aranhas ardilosas entrelaçando fios que capturam, dilaceram, rasgam e destroem. De outra forma, estaríamos sempre nos refugiando em ninhos e teias na selva onde impera a lei do mais forte.

Bem-vindas as relações que nos surpreendem com uma amizade de passagem, mas alegram e dão relevo à arte do benquerer. Amigos à distância que alimentam a saudade, por vezes doída, mas nos proporcionam a alegria do reencontro. São esses desenhos todos, de laços multicoloridos, entrelaçados de cuidados, que aquecem e dão sabor à convivência humana.

* * *

Já dizia Cícero, o filósofo romano: "Quem afasta a amizade da vida parece que arranca o sol do mundo, pois os deuses imortais não nos deram nada melhor nem mais doce".

Nada melhor, porque a amizade verdadeira pressupõe igualdade em termos de virtudes éticas, e nada mais doce, porque somente os amigos verdadeiros podem conjugar a doçura do verbo conviver. E ainda que ninho e teia sejam sempre imperfeitos – porque em contínua construção –, os fios da amizade os tornarão sempre mais próximos do belo, do nobre, do construtivo. Poetas e escritores souberam descrever muito bem a felicidade de se ter amigos:

Abençoados os que possuem amigos, os que os têm sem pedir.
Porque amigo não se pede, não se compra, nem se vende.
Amigo a gente sente!

Benditos os que sofrem por amigos, os que falam com o olhar.
Porque amigo não se cala, não questiona, nem se rende.
Amigo a gente entende!

Benditos os que guardam amigos, os que entregam o ombro pra chorar.
Porque amigo sofre e chora.
Amigo não tem hora pra consolar!

Benditos sejam os amigos que acreditam na tua verdade ou te apontam a realidade.
Porque amigo é a direção.
Amigo é base quando falta o chão!

Benditos sejam todos os amigos de raízes, verdadeiros.
Porque amigos são herdeiros da real sagacidade.
Ter amigos é a melhor cumplicidade!

VISUALHUNT.COM

* Carmen Beatriz Fávero, fsp, autora do livro *A pétala*, de *Paulinas Editora*.

O MODERNO JAPÃO

Novo espaço em São Paulo, na mais paulista das avenidas da capital, quer ser uma ponte entre o Brasil e o Japão

Nathan Xavier

No dia 18 de junho de 1908, aportava em Santos (SP) o navio Kasato Maru, com 781 lavradores a bordo, vindos do Japão para as fazendas do interior paulista. Quase todos encontraram péssimas condições para trabalhar, mas ao longo do tempo conseguiram reverter a situação. Hoje, o Brasil detém a maior concentração nipônica fora do Japão: são cerca de 1,5 milhão de *nikkeis* (termo usado para denominar os japoneses e seus descendentes) e é no estado de São Paulo onde se observa a grande influência japonesa no dia a dia da população, e, em especial, na capital, com um bairro inteiro dedicado à cultura, culinária e arte orientais. Agora a Avenida Paulista, cartão-postal de São Paulo, ganhou uma nova atração: a Japan House.

O prédio de três andares e arquitetura arrojada, com atrações gratuitas voltadas à arte, gastronomia e tecnologia, reúne o Japão contemporâneo, inovador e diferenciado, mas sem se esquecer de suas raízes históricas, conhecidas em todo o mundo. A diferença é que o espaço mostra o Japão do presente de olho no futuro. Construída pelo governo japonês, a Japan House escolheu primeiramente o Brasil para abrigá-la, ainda serão abertas uma em Los Angeles (EUA) e outra em Londres (Inglaterra).

Troca de contatos – No Brasil, o local abriga, além do espaço de exposições, um café, um restaurante, salas para *workshops*, lojas e uma biblioteca com quase 2 mil livros em português, japonês e inglês, abrangendo assuntos como artes, arquitetura, *design*, turismo, gastronomia e cultura japonesas.

A Japan House também funciona como ambiente de negócios, facilitando a troca de contatos e conhecimentos entre os dois países. Estão previstas ainda, somente neste ano, oito exposições sobre a cultura mi-

NOVO LANÇAMENTO
DE PAULINAS MULTIMÍDIA

Lançamento
R$ 28,80

Fé - Dom de Deus
Luz para a humanidade

É um convite aos cristãos de todas as idades, a percorrer um caminho de fé a partir, da primeira comunicação de Deus com a humanidade até o agora dos novos tempos

0800 70 100 81 Ou em uma *Paulinas Livraria*

Paulinas MULTIMÍDIA

Jovem!

Você também é chamada:

A pensar
sobre sua vida

A escutar
o que Deus lhe diz

A seguir
sua escolha vocacional

O anúncio do Evangelho não pode parar.

Irmãs Paulinas, uma congregação a serviço do Evangelho com a comunicação.

Entre em contato conosco!

Irmãs Paulinas

www.irmaspaulinas.org.br
irmaspaulinas@paulinas.com.br
www.facebook.com/irmaspaulinas
Tel: (11) 3043-8100 / 99998-0323

A expansão do mercado informal, ou paralelo, explica que em período de crise ou estagnação, não haja altas taxas de desemprego. É assim que em 1988, segundo o próprio IBGE, o aumento no mercado informal foi de 19,8% e apenas de 4,9% no mercado formal. O aumento do informal é maior no setor de serviços onde cresce o número de trabalhadores sem carteira. As contratações ilegais , que aumentam em período recessivo, existem sobretudo para não pagar os custos trabalhistas e as cargas fiscais sobre as empresas.

O número de empregados sem carteira, quer dizer sem proteção nenhuma, supera ainda 40%. Os sem rendimentos estão também na sua quase totalidade sem carteira. E os 6,28 milhões de contribuintes em nome pessoal são quase todos autônomos. Mesmo assim , mais da metade destes não contribuem. Assim, a nível nacional , temos mais da metade das pessoas ocupadas sem carteira ou INPS.

Além de ficar indefeso, sem direitos trabalhistas e previdenciários, o trabalhador informal ganha uma remuneração bem inferior à dos "com carteira" como o indicam os dados seguintes:

15 - A REMUNERAÇÃO NO MERCADO INFORMAL E NO MERCADO FORMAL:

1986 - %	Contribuintes Mercado formal	Não contribuintes Mercado informal
até 1/2 salário mínimo	1,3	16,3
1/2 - 1 salário mínimo	13,2	25,8
1 - 2 "	23,4	21,9
2 - 3 "	16,3	7,7
3 - 5 "	26,1	7,7
5 - 10 "	14,4	3,6
mais de 10 "	9,9	1,7
Sem rendimentos	0,3	15,3
Ou seja		
de 0 a 1 salário mínimo	14,8	57,5
de 0 a 2 salários-mínimos	38,2	79,4

Fonte: IBGE 1986

*Explicando:

Fica claro que quem está no mercado informal ganha bem menos. Ou seja, 79,4% dos que trabalham no mercado informal ganham no máximo até 2 salários mínimos.

16 - CRIANCAS E ADOLESCENTES NO MUNDO DO TRABALHO:

As crianças (10-14 anos) e adolescentes (15-17 anos), em 1987 eram 23,9 milhões e representavam 17,2% da população do país. É uma faixa que deveria estudar, se formar profissionalmente, ser protegida e ajudada para preparar o seu futuro e o do país, e no entanto, já tem que trabalhar, cedo demais, e representa 12,2% da PEA. População jovem, mão-de-orra barata, sem qualificação, muitas vezes utilizada para trabalhos insalubres. População sem defesa, muito marcada no seu corpo e na sua personalidade pelo trabalho prematuro, a cuasa dos rendimentos familiares insuficientes. Estima-se que 900 mil famílias sobrevivem unicamente com o trabalho dos menores (cf. CF 1987)!

Entre os jovens de 10 a 17 anos, em 1987, 59,4% só estudavam, 12,4% estudavam e trabalhavam, 17,6% só trabalhavam, 7,5% eram ocupados com afazeres domésticos, e 3% com outras atividades. Ou seja, 30% dos 10-17 anos hão de trabalhar incluídas na PEA e 10% estão fora dos estudos por outras atividades.

A porcentagem relativa dos jovens trabalhando, como não há de estranhar, é bem maior no campo do que na cidade. Considerando agora apenas os 30% dos jovens na PEA, os dados são os seguintes:

Total		10-14 anos	15-17 anos
	milhões	(%)	(%)
No campo	3,07	1,51	1,55
Na cidade	3,93	1,26	2,67

Fonte: IBGE 1987

É na agricultura que se encontra a maioria da mão-de-obra infantil e adolescente. No entanto, observa-se um forte deslocamento dos jovens, em busca de trabalho remunerado, do mundo rural para o mundo urbano. Aí, em 1987, empregam-se sobretudo na indústria (29%), na prestação de serviços pessoais (quer dizer à pessoas) ou auxiliares (20%) e nos comércios. Mas sabe-se também de muitas crianças e adolescentes, menores marginalizados que, para subsistir trabalham como bóias-frias, catadores de papel, vendedores de bala, guardadores de carro, engraxates, etc. quando não são empurrados ao tráfico de drogas, ao roubo, à mendicância e à prostituição...

M.V.REZENDE

"Não se Pode Servir A DOIS SENHORES"

HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL - PERÍODO COLONIAL

3133

"NÃO SE PODE SERVIR A DOIS SENHORES"

HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL - PERÍODO COLONIAL

278.1
REZ
N

M. V. REZENDE

"NÃO SE PODE SERVIR A DOIS SENHORES"

(História da Igreja no Brasil - Período Colonial)

CEHILA - Edição Popular

1ª edição - Julho 1980 - 10.000 exemplares
2ª edição - Maio 1981 - 5.000 exemplares
3ª edição - Junho 1982 - 5.000 exemplares

ILUSTRAÇÕES:
Adélia Carvalho
M. Verônica Azevedo
M. V. Rezende

Desenho da Capa: M. V. Rezende

BIBLIOTECA
D. VITAL WILDERINK
N.º 744 | Data 27.07.89

EDITORA TODOS IRMÃOS
Rua Hipólito Alves Noronha, 270 — Fone, (0145) 22-1974 — Cx. Postal, 41 — LINS - SP
1982.

Apreciação

"NÃO SE PODE SERVIR A DOIS SENHORES"

História da Igreja no Brasil
Período Colonial

A novidade desta História da Igreja, que Valéria Rezende escreveu e CEHILA e "Todos Irmãos" apresentam, aparece já, como um impacto de entrada, no próprio título do livro.

Essa palavra de Jesus seria normal num sermão - nem tão normal, infelizmente; seria normal talvez numa meditação ou num comentário bíblico.

Aqui é o título e o espírito de um livro de História. Um título evangelicamente dialético, que responde ao "sinal de contradição" que o próprio Jesus Cristo é, e que deve ser, sendo cristã, a Igreja de Jesus Cristo.

A providencial e perseguida CEHILA (Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina) nos presta com este livro um favor impagável. Por primeira vez se escreve, entre nós, popularmente, todo esse período de cativeiro batizado. E se escreve com a verdade e a liberdade que a História e o Evangelho requerem.

Sem agressividades desnecessárias, com muitas referências estimulantes. Mas desadulterando a memória.

A simples leitura do índice equivale a uma regeneração mental. A verdade liberta, dizia Jesus. A verdade histórica deste livro é um esplêndido serviço à caminhada de Libertação da nossa Igreja.

A linguagem é muito comunicativa. Os desenhos, limpos e funcionais.

Trata-se de uma "versão popular", o que não significa que ela seja menos cientificamente precisa. Porque é "popular", é clara e realista, sem eufemismos, contando a verdade como o Povo a sabe contar.

Este manual, vivo e direto como um relato, pode devolver o Povo criticamente às suas origens cristãs. Sacudirá a muitos, como a memória nua de um passado que deve ser corrigido. Ler este livro com fé leva a se comprometer renovadamente no serviço do Reino.

Muito obrigado, Valéria. Muito obrigado, CEHILA. Muito obrigado, "Todos Irmãos".

O Povo de Deus de nossas Comunidades saberá agradecer, com a prática evangélica de uma História nova, esse esclarecimento surpreendente da velha História, que vocês, com este livro, lhe estão oferecendo.

Pedro Casaldáliga
bispo de São Félix do Araguaia, MT
outubro de 1980

APRESENTAÇÃO

Uma das maiores tristezas que afligem o povo é a falta quase absoluta de memória de seu passado. Por onde os europeus e depois os norte americanos passaram, do século 16 para cá, eles destruíram a lembrança do passado, queimando casas e roças dos indígenas, transportando africanos pelo oceano Atlântico, deslocando populações inteiras, matando a cultura antes de matar os corpos.

O resultado está aí: o povo não conhece mais seu passado senão de maneira adulterada, ele é vítima de uma importação cultural através da TV mas também através da igreja e da escola.

Os livros didáticos acerca da história do Brasil não ensinam senão feitos interpretados pelos poderosos e ricos, uma visão que marginaliza e humilha os pequenos e humildes.

Só a tradição bíblica é capaz de nos tirar deste terrível "desenraizamento" em que nos encontramos. Só ela nos faz valorizar o passado como meio de formar um projeto diferente para o futuro, pois "um povo que desconhece seu passado está condenado a repeti-lo". O passado é nosso grande "mestre de vida".

O trabalho pioneiro de Valéria Rezende: **"Não se pode servir a dois senhores"** de insere na tradição bíblica continuada e realizada no Brasil. Ele apresenta uma **"Historia da Igreja no Brasil Colonial"** que é na realidade uma história do povo brasileiro, de sua dignidade, resistência e estratégia diante de uma dominação incrivelmente insensível frente à desgraça dos humilhados.

Este trabalho mostra que o conhecimento da história pode ajudar muito na nossa pastoral de hoje, pois a história revela as raízes dos principais problemas com os quais lidamos hoje. A história não é uma apresentação enfadonha de fatos passados: é uma excelente orientadora de nossos trabalhos pastorais.

Eduardo Hoornaert

INTRODUÇÃO

Este livrinho foi escrito com preocupação pastoral e não acadêmica. Entretanto, como não poderia deixar de ser, procurou ser fiel à verdade da História do Brasil e da Igreja, conforme a linha de interpretação proposta pela CEHILA (Comissão de História da Igreja Latinoamericana).

Esperamos que este texto sirva sobretudo para as comunidades populares de base, para seus participantes mais interessados na vida eclesial, que assumem tarefas diretamente pastorais. Acreditamos que é grandemente educativo para os cristãos de hoje conhecer as raízes do modo como é hoje vivido ou falsamente vivido o Evangelho em nossa terra. É na história da implantação do cristianismo no Brasil que podemos encontrar muitas dessas raízes. Esperamos que isso nos ajude a compreender melhor a realidade que temos hoje e a descobrir como convertê-la cada vez mais em verdadeira realidade evangélica. Cremos que é principalmente aos pobres que cabe essa tarefa, e por isso, este texto foi escrito em linguagem simples, para que seja acessível a todos, sem supor um grau de escolarização que é privilégio de poucos.

Dedicamos este texto aos cristãos que no presente ensaiam a libertação, na esperança de encontrá-la inteira e perfeita no futuro. Desejamos que o passado da Igreja, de seus missionários e fiéis possa ser para nós um espelho que nos ajude a ver melhor os perigos que corremos hoje de fugir dos caminhos do Evangelho. A fé, a caridade, as dificuldades e perseguições, e até mesmo as infidelidades dos cristãos do passado ajudem a ver com clareza maior o que o Evangelho nos pede na vida de hoje.

ÍNDICE

Apresentação 5
Introdução 6
1. Como era o Brasil antes de 1500 9
2. Como viviam os índios 9
3. Educação e religião dos índios 12
4. Como o Evangelho chegou ao Brasil 13
5. Os portugueses queriam ser missionários 14
6. O Papa encarregou o Rei de cristianizar 15
7. Os portugueses queriam aumentar o império português 15
8. Como o Evangelho entrou no Brasil nos primeiros trinta anos . . . 16
9. A riqueza da terra atrai outros estrangeiros 18
10. Os portugueses queriam aproveitar sozinhos 19
11. A cana de açúcar 20
12. Os portugueses precisavam de mão de obra 22
13. O que os portugueses pensavam dos índios 24
14. Os portugueses trouxeram missionários 25
15. Como os colonizadores entendiam o evangelização 26
16. Os descimentos 27
17. O que os missionários queriam nos aldeamentos 29
18. A vida e a evangelização nos aldeamentos 30
19. O colégio dos jesuítas 31
20. A colônia só podia ser escravista 32
21. Os missionários e a escravidão 33
22. A guerra "justa" 34
23. Os conflitos entre missionários e colonos 36
24. O caso da Paraíba 37
25. Como os índios reagiam à escravidão 37
26. Como os índios viam a religião dos brancos 38
27. O fracasso dos primeiros aldeamentos 39
28. A experiência faz mudar o pensamento 40
29. O rei dominava a Igreja 41
30. Os novos aldeamentos 42
31. Os aldeamentos do sertão nordestino 43
32. Mais perseguições contra índios e missionários 44
33. Mudam os poderosos, mas não muda a opressão 47
34. As missões do Paraguai 47

35. A ganância dos paulistas contra a comunidade dos guaranis 50
36. A fraternidade realizada nas comuninades guaranis 53
37. Não havia necessitados entre eles 54
38. A liberdade das reduções tinha inimigos 56
39. O Evangelho vivido nas reduções do Paraguai 57
40. Uma república livre mas perseguida 58
41. A ganância acaba por destruir a obra do Evangelho 59
42. Os cristãos chegam ao Maranhão 62
43. Novos aldeamentos - A luta pela liberdade dos índios. 63
44. Perseguição e expulsão dos jesuítas 64
45. A escravidão dos africanos 68
46. A Igreja e a escravidão dos africanos 69
47. A vida nos engenhos de açúcar. 71
48. O catolicismo nos engenhos 72
49. Como os escravos viam a religião dos brancos 75
50. A luta entre senhores e escravos 76
51. A religião dos quilombos 79
52. Dificuldades da Igreja em terra de escravidão 80
53. Tentações da Igreja colonial 81
54. Era obrigatório ser católico no Brasil. 82
55. As missões ambulantes e as desobrigas. 84
56. Os grandes missionários 85
57. A Igreja na região das minas 87
58. Os ermitães. 88
59. As Irmandades e Confrarias, uma Igreja de leigos 90
60. As Irmandades, associações de homens iguais. 93
61. As Irmandades dos pobres 95
62. Como ficou a religião dos ricos 99
63. Como ficou a religião dos pobres 100
64. A herança da Igreja colonial 102
Bibliografia 104

1. COMO ERA O BRASIL ANTES DE 1.500

Qualquer brasileiro que tenha frequentado a escola primária acostumou-se a pensar no Brasil como uma realidade que começou no ano de 1.500.

"Quem descobriu o Brasil?"

"Foi Pedro Álvares Cabral em 22 de abril de 1.500".

Essa perguntinha com sua resposta decorada é a primeira coisa, e as vezes a única que a gente aprende da História do Brasil. Antes disso, a gente tem a impressão de que não havia nada . . . só índios. Isto quer dizer que a gente tem a impressão de que os índios não eram nada, não valiam nada, que não acontecia nada aqui antes de chegar Cabral. Na medida em que formos lendo este livrinho, vamos compreender melhor porque foi que ficamos com essa idéia sobre o Brasil e sobre os índios.

Mas o fato que nos interessa agora é que havia muita coisa aqui, sim, antes de Cabral chegar, antes do ano de 1.500. Essa imensa terra que hoje chamamos Brasil já existia, com suas matas e montanhas, rios, campos e praias, muitos milhões de anos antes de Pedro Álvares Cabral desembarcar numa dessas praias. E o que é mais importante, nestas terras vivia muita gente.

Nas terras brasileiras viviam muitos povos, feitos de gente como nós, pessoas humanas, filhos de Deus, que aqui nasciam, viviam, trabalhavam, sofriam e se alegravam, festejavam e rezavam, com faz cada povo em sua terra.

Esses primeiros habitantes do Brasil formavam vários povos diferentes, cada qual com sua língua, seus costumes e seus territórios, e seu próprio nome. O nome de "índios" foram os portugueses que lhes puseram quando aqui chegaram. Como eram muitos esses povos e, portanto, muitos nomes diferentes, para facilitar nós também vamos chamá-los "índios".

Naquele tempo, as costas de nossa terra, quer dizer, a faixa de terra mais próxima do mar, era quase inteiramente coberta de matas fechadas, com fartura de caça e frutas. Nessas matas do litoral, do norte ao sul do Brasil, havia grande número de habitantes, de povos ou nações indígenas diferentes. Existiam ainda outros índios que viviam mais para o interior, sobretudo nas matas da Amazônia. Todos esses povos já tinham "descoberto" o Brasil muitos milhares de anos antes dos portugueses.

2. COMO VIVIAM OS ÍNDIOS

> **"Todos os que creram, pensavam e sentiam do mesmo modo. Ninguém dizia que as coisas que possuía eram somente suas, mas todos repartiam uns com os outros tudo o que tinham . . . Não havia entre eles nenhum necessitado . . .** *(Atos 4,32 e 34).*

Os vários povos indígenas que viviam nas terras brasileiras viviam organizados em tribos, cada tribo distribuída em vários grupos ou aldeias.

A terra pertencia ao conjunto dos membros da tribo, e não havia propriedade particular da terra.

"Todos trabalhavam juntos e recebiam sua parte na distribuição dos produtos do trabalho."

Para se alimentar os indios dependiam da caça, da pesca, da coleta de frutas nas matas, e das roças de milho, mandioca e outras plantas que eles cultivavam. Essas tarefas eram divididas igualmente entre todos os adultos da tribo. Em geral os homens se ocupavam da caça e da pesca, e as mulheres cuidavam das roças e da coleta de frutas.

Todo esse trabalho era feito em grupos e o produto do trabalho era repartido, com toda a tribo ou com toda a aldeia, de maneira que nunca acontecia de uns passarem fome enquanto sobrava comida em casa de outros.

Também não acontecia que pessoas adultas, com boa saúde, vivessem sem trabalhar, às custas do trabalho dos outros.

Todos trabalhavam e todos recebiam sua parte na distribuição dos produtos do trabalho.

Os índios não conheciam ainda o Evangelho, mas, na maneira de organizar a sociedade deles, tinham muito do ideal evangélico de igualdade, justiça e fraternidade: todos eram iguais e viviam da colaboração e participação de todos.

Eles tinham também sua política.

Cada tribo ou cada aldeia tinha seu chefe, ou cacique, que tinha a função de organizar a distribuição das tarefas e dos produtos, zelar para que todos dessem sua colaboração à comunidade e recebessem também sua parte com justiça. Devia também organizar a defesa da tribo em caso de perigo ou de guerra.

O cacique não era nada parecido com um rei ou um presidente que fica no seu palácio dando ordens, enquanto o povo trabalha. O cacique participava do trabalho como todos, vivia numa casa de palha como as dos outros, talvez apenas um pouco maior, e em caso de guerra, era ele quem ia na frente.

Por tudo isso, o cacique era escolhido entre os mais fortes, que mais podiam produzir para o bem da tribo, entre os mais corajosos e respeitados por toda a tribo. Tinha que passar por várias provas de coragem e resistência para ser aceito como cacique. A função do cacique era servir ao bem do seu povo e não de ser servido pelo povo. Nesse caso também vemos que os índios, mesmo sem saber, estavam próximos do ideal do Evangelho que diz, "que aquele que governa seja como aquele que serve" (*Lc 22,26*).

Mesmo assim, o chefe não governava sozinho. Todas as decisões importantes para a tribo eram tomadas pelos chefes junto com todos os homens adultos da tribo, que costumavam reunir-se todas as noites em volta da fogueira para discutir os problemas e os fatos da vida da tribo. A palavra dos mais velhos tinha uma importância especial, pois os índios viam neles gente que tinham mais experiência da vida e mais sabedoria, e nunca eram deixados de lado.

Isso não quer dizer que os indios vivessem num paraíso sem nenhuma maldade. Tinham seus problemas, sofriam doenças e perigos nas matas, guerreavam entre si, tinham também inimizades e defeitos comuns às pessoas humanas. Mas o modo deles organizarem sua sociedade, normalmente, garantia uma igualdade e justiça básicas para todos, não estava baseado na exploração de uma classe de poderosos sobre uma classe de oprimidos.

3. EDUCAÇÃO E RELIGIÃO DOS ÍNDIOS

Com os velhos, as crianças também tinham muita importância na vida dos índios e eram respeitadas. Eram criadas com muito carinho pelos pais e por todos os adultos. Nunca havia crianças abandonadas, pois cada criança era considerada filha não apenas de seus pais, mas da tribo toda. Os índios não batiam nem castigavam as crianças, e elas tinham liberdade para ir participando do trabalho e de todas as atividades dos adultos. Essa era a escola, a própria vida, na qual elas aprendiam tudo o que era necessário para ocupar bem o seu lugar na vida da comunidade tribal; d- sa escola, nenhuma criança ficava de fora.

As crianças eram consideradas a grande riqueza da tribo. Essa era uma das razões por que, para os índios, uma mulher nunca deveria ficar solteira, mas deveria sempre casar-se e dar filhos para a tribo. Por isso, quando havia mais mulheres do que homens na tribo, um homem podia tomar mais do que uma esposa, e era normal uma família de um marido e muitas mulheres, que viviam em harmonia. Isso se chama poligamia, e era praticado normalmente em muitas tribos. Quando a terra ocupada por uma tribo já não estava mais dando o sustento necessário para todos, por falta de caça, lavoura enfraquecida, falta de peixes, seca ou outra razão qualquer, a tribo se mudava em busca de outras terras. Então, podia acontecer de uma tribo invadir a terra de outra, e nesse caso surgiam as guerras.

Algumas tribos tinham um costume que se chama de antropofagia, ou canibalismo: quando prendiam um guerreiro forte e corajoso de outra tribo, matavam-no e distribuíam sua carne para que todos da tribo comessem. Eles acreditavam que assim todos receberiam um pouco das qualidades de força e coragem do guerreiro morto. Não se tratava de comer gente para matar a fome, como se come a carne dos animais, mas sim de uma maneira de se alimentar das boas qualidades do outro, e era coisa que só se fazia raramente. Os índios tinham também sua religião.

Praticavam o culto das tradições e dos **antepassados,** de quem tinham recebido os ensinamentos sobre a vida, as técnic-s para construir suas casas, plantar lavoura, curar doenças, fabricar objetos de madeira, barro, pedras, palha, tecer roupas de fibras e penas de animais, fabricar as armas para a caça, a pesca e a guerra.

Tendo sua vida muito ligada com a natureza, também viam nos seres da natureza, animais, plantas, rios ou astros do céu, espíritos bons, que os protegiam. Os índios respeitavam, rezavam e prestavam culto aos espíritos em que acreditavam.

Cada tribo tinha seus pajés, que eram como sacerdotes, encarregados de zelar para que fossem guardadas as tradições da tribo, que não se perdessem os ensinamentos e a sabedoria transmitida pelos antepassados, e cuidar do culto aos espíritos, e do respeito à natureza.

Vivendo num clima quente, os índios andavam praticamente nús, apenas enfeitados com colares, pulseiras, tangas de contas ou penas de animais. Eles não viam maldade nenhuma nisso, que para eles era normal.

Como vemos, a vida dos índios era bem organizada, e seus costumes

tinham uma razão de ser pára a sobrevivência e paz dentro da comunidade tribal.

Calcula-se que cerca de 5 milhões de índios viviam no Brasil no momento da chegada dos primeiros brancos, espalhados principalmente nas regiões de grandes florestas, isto é, no litoral e na Amazônia.

Até o ano de 1500, os índios viveram sua vida, a seu modo, sem tomarem conhecimento da existência de homens brancos nem negros, sem saberem da existência de outras terras e outros povos, do outro lado do oceano.

4. COMO O EVANGELHO CHEGOU AO BRASIL

Como sabemos, a palavra de Deus foi primeiro revelada ao povo hebreu, que vivia na Palestina, uma região que se encontrava na parte da Ásia que fica mais próxima da África e da Europa. Foi no meio desse povo que Jesus nasceu e pregou o Evangelho. Partindo da Palestina, os cristãos foram espalhando o Evangelho para outras partes do mundo. A Ásia, a África e a Europa tinham comunicação por terra ou navios. Por isso foi possível que o Evangelho logo se espalhasse naqueles continentes.

Mas existe um grande continente, a América, que está separada dos outros por grandes oceanos. Durante quase 1500 anos, desde o nascimento de Jesus, não havia comunicação possível entre a América e os outros continentes onde já se conhecia o Evangelho. Era preciso atravessar o oceano, e para isso eram necessárias embarcações grandes e fortes que os povos daquele tempo ainda não eram capazes de construir. Na América está o Brasil.

Só lá pelo ano 1450, quer dizer, 1450 anos depois no nascimento de Jesus, é que os europeus, principalmente os portugueses, conseguiram aperfeiçoar seus navios e os conhecimentos de navegação que permitissem maiores aventuras pelos oceanos.

Os portugueses, naquele tempo, eram grandes comerciantes, e viviam com seus navios procurando chegar a outras terras, onde pudessem recolher mercadorias e vendê-las a outros países da Europa, com bastante lucro. Assim, foram conquistando pontos da África, deram a volta pelo sul da África e foram chegar do outro lado da Ásia, na Índia.

Em março de 1500, Pedro Álvares Cabral saiu de Portugal, mandado pelo Rei português, Dom Manuel, para mais uma dessas viagens à Índia, com uma frota de vários navios, movidos à vela.

Muitos livros dizem que, no meio da viagem, por causa da falta de ventos, Cabral e sua frota se perderam e vieram, sem querer, bater aqui nas praias do Brasil. Mas parece que o certo é que os portugueses já sabiam da existência dessas terras, e o Rei mandou que Cabral, no caminho para a Índia, desse uma volta mais para o lado do poente e viesse aqui tomar posse da terra em nome dele.

E assim aconteceu. Os portugueses chegaram, desembarcaram numa praia onde hoje é a Bahia, e logo trataram de tomar posse da terra para o Rei de Portugal. Como sinal dessa posse, fincaram logo na terra um marco de pedra, que tinha gravado os sinais do Rei e a cruz. A terra agora, conforme entendiam os portugueses, pertencia ao Rei de Portugal.

Ao desembarcarem, os portugueses já encontraram muitos índios na praia, que os receberam muito bem, alegres e amigos, e até os ajudaram a carregar água e lenha para os navios, e lhes deram presentes das coisas da terra. Os índios não compreendiam as intenções dos portugueses e nem seus sinais de posse. E os portugueses tomaram posse da terra para o Rei, sem pedir licença aos índios.

Sendo cristãos, os portugueses traziam sempre capelães a bordo de seus barcos, e uma parte da tomada de posse da nova terra foi a celebração da primeira missa em terras do Brasil, pelo Frei Henrique de Coimbra. À nova terra encontrada, os portugueses cristãos deram o nome de terra de Santa Cruz, e continuaram sua viagem para a Índia.

Foi assim que se abriu o caminho para a chegada do Evangelho de Jesus às terras brasileiras.

5. OS PORTUGUESES QUERIAM SER MISSIONÁRIOS

> **"Hipócritas! Isaías estava certo quando falou a respeito de vocês:**
> **Este povo - disse Deus - honra-me com as suas palavras, mas na verdade o seu coração está longe de mim.**
> **Não adianta nada me adorarem, porque ensinam doutrinas humanas como se fossem mandamentos de Deus".** *(Mt 15, 7-9).*

Os índios ainda não conheciam o Evangelho de Jesus, mas os portugueses, ao contrário, eram todos cristãos. Para compreender bem o que se passou aqui no Brasil, precisamos saber como era o modo de os portugueses entenderem o cristianismo e a situação da Igreja em Portugal, naquele tempo.

Sabemos que, nos seus primeiros tempos, a Igreja de Jesus Cristo foi uma Igreja de pobres e perseguidos, como a gente lê nos Atos dos Apóstolos. Assim, nos primeiros séculos da vida cristã, só se tornava cristão mesmo aquele que tinha fé na palavra de Jesus e estava pronto a sofrer perseguição por causa da fé, a mudar de vida para seguir o Evangelho de Jesus. Ser cristão não trazia vantagens, riqueza, nem poder para ninguém, naqueles primeiros tempos.

Foi assim até que os poderosos, principalmente o imperador de Roma, Constantino, começaram a aceitar o cristianismo e a fazer dele a religião oficial e até obrigatória em seus reinos. Daí em diante, os reis passaram a dar privilégios e vantagens para a Igreja e os cristãos, de tal modo que todo o mundo era obrigado a ser cristão para poder viver bem na sociedade. Isso aconteceu principalmente na Europa.

Assim a Igreja de Jesus deixou de ser uma Igreja de pobres e passou a ser uma Igreja dominada pelos poderosos e à qual todo o povo era obrigado a pertencer. Como os poderosos não estavam dispostos a deixar suas riquezas e seu poder, o jeito que encontraram para ser cristãos foi ir mudando ou esquecendo o verdadeiro sentido do Evangelho.

Isso tinha acontecido também em Portugal, já havia muitos séculos, quando os portugueses chegaram no Brasil.

Em Portugal o povo todo, assim como o rei e os poderosos, eram batizados e pertenciam à Igreja católica, e não podiam nem pensar em ser outra coisa. Assim, achavam que Portugal era um país cristão, que suas leis, seus costumes, sua maneira de viver eram o cristianismo. Não faziam distinção entre os verdadeiros ensinamentos do Evangelho, que são dirigidos para todos os homens igualmente, e aquilo que eram os costumes do povo português, a maneira portuguesa de entender as coisas, os interesses dos portugueses. Para eles, ser cristão era ser como eles em tudo. Todo costume, toda maneira de ser de outro povo, que não fosse como eles, era vista como uma coisa do demônio que era preciso destruir.

Por causa disso, achavam que era missão do povo português ir conquistar os outros povos que não eram cristãos, para salvá-los. Achavam que Deus tinha escolhido Portugal para converter o mundo todo à fé cristã.

6. O PAPA ENCARREGOU O REI DE CRISTIANIZAR

O próprio Papa fez um trato com o Rei de Portugal, encarregando-o de ir descobrir outras terras e outros povos, para convertê-los ao cristianismo. No entender dos povos católicos da Europa, já que o mundo pertencia a Deus Criador, e que o Papa era seu representante, o Papa tinha o direito de entregar aos reis católicos qualquer terra que não fosse de cristãos, para ser convertida. Para isso, os reis tinham o direito de conquistar, dominar e tornar-se donos dessas terras. Os povos não cristãos, chamados de infiéis, não tinham direito sobre suas terras, e deviam se sujeitar ao domínio dos cristãos. Todos os portugueses deviam ser missionários. O rei devia mandar seus navios e soldados conquistar povos para a fé cristã. Por ordem do Papa, o Rei de Portugal, sendo o chefe dos portugueses, se tornava também o chefe da ação missionária, e da Igreja em Portugal.

Assim, cada vez que partiam com seus navios para conquistar outras terras, os portugueses achavam que estavam partindo como missionários, para salvar outros povos, fazendo-os aceitar a fé cristã, nem que fosse à força.

Por isso é que ao chegar numa nova terra, a primeira coisa que os portugueses faziam era celebrar a missa e fincar na terra um marco de pedra onde estavam talhadas as marcas do Rei entrelaçadas com a cruz. Isto era o sinal de que o Rei de Portugal tomava posse daquela terra para convertê-la a Cristo.

7. OS PORTUGUESES QUERIAM AUMENTAR O IMPÉRIO PORTUGUÊS

> **"Não ajuntem riquezas neste mundo, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e roubam. Ao contrário, ajuntem riquezas no céu... Pois o coração de vocês estará sempre onde estiverem as suas riquezas".** *(Mt 6, 19-21).*

Muitos portugueses podiam até acreditar sinceramente que conquistavam terras dos outros povos somente para salvá-los dos infernos. Mas quando tomamos conhecimento dos verdadeiros acontecimentos, descobrimos que, por trás daquela intenção tão boa, se escondia uma outra intenção, um ou-

tro interesse.

Portugal é um país pequeno, pouca terra e não muito boa para a agricultura, não podia enriquecer muito só com sua própria produção.

Os portugueses então se dedicaram muito à arte da navegação no mar e da construção de embarcações e conseguiam se tornar os melhores navegadores, levando vantagem, nesse ponto, sobre os outros países da Europa.

Podendo navegar para longe, os portugueses se tornaram grandes comerciantes. Partiam para as terras da África e da Ásia, conquistavam portos e aí, por meio de trocas ou mesmo à força, enchiam seus navios com mercadorias que eram raras na Europa. Depois vendiam essas mercadorias aos outros países da Europa, com grandes lucros. Como seus barcos eram mais fortes e velozes, tinham mais força do que os outros no mar, e conseguiam impedir que os comerciantes de outras nações chegassem onde eles estavam.

Com a proteção das ordens do Papa para evangelizar os povos infiéis, o que os portugueses faziam era aumentar seu poder, suas terras e sua riqueza. O que Portugal procurava era aumentar o império português em outras terras, para enriquecer com as riquezas dessas terras.

Esse era o verdadeiro interesse de Portugal quando veio conquistar as terras do Brasil:- dominar e enriquecer, mesmo que o Rei declarasse: "A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à nossa santa fé **católica**".

Uma coisa são as palavras e as intenções, e outra coisa são as ações. Vamos ver que as ações dos portugueses do Brasil mostram que o seu verdadeiro objetivo era o enriquecimento e o poder para o reino português e não a verdadeira evangelização. Vamos ver que o rei de Portugal realmente queria era garantir o seu domínio sobre as nossas terras para que os comerciantes portugueses pudessem tirar daqui o maior lucro possível.

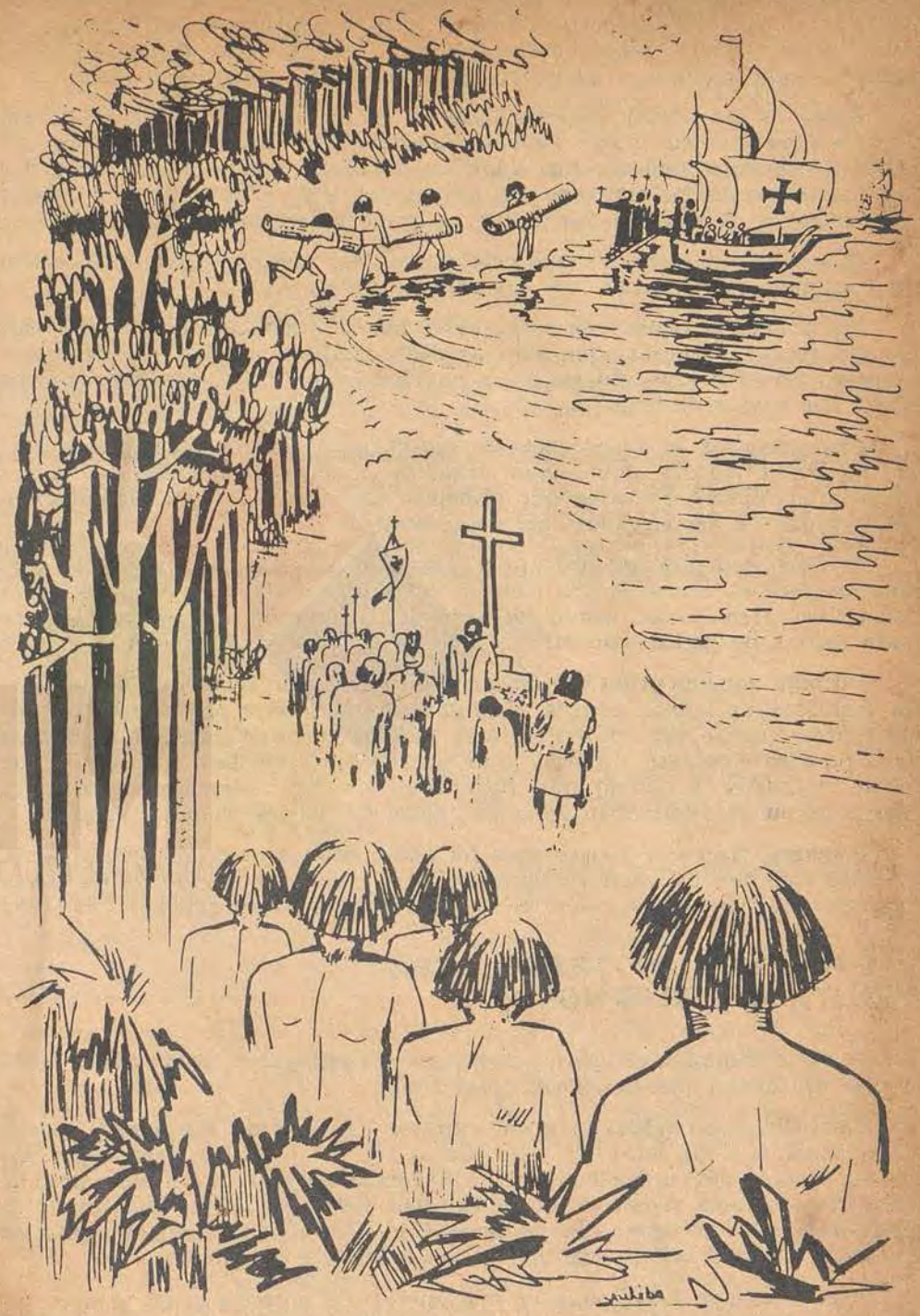
Logo que aqui chegaram, encontram o pau-brasil, uma madeira vermelha que fornece uma tinta muito apreciada para tingir tecidos. Os tecidos eram fabricados em grande quantidade em outros países europeus. Os portugueses trataram de dominar o litoral do Brasil para daqui levarem todo o pau-brasil que pudessem. Era essa principal riqueza que tiravam do Brasil nos primeiros tempos, e dela veio o nome do nosso país.

8. COMO O EVANGELHO ENTROU NO BRASIL NOS PRIMEIROS TRINTA ANOS

Como vimos, os índios só cultivavam e caçavam o suficiente para alimentar-se cada dia.

Os índios não praticavam nenhum comércio, e por isso não tinham o costume de cultivar nada além do necessário. Os índios não tinham mercadorias para comerciar com os portugueses. Além disso, as coisas que os índios cultivavam não tinham valor, nos mercados da Europa. O pau-brasil, para os índios, não tinha nenhum valor especial. As matas do litoral estavam cheias dessa madeira.

Os índios, de boa vontade, cortavam e carregavam o pau-brasil para os



"Os índios viam e escutavam com espanto a celebração da missa sem compreender".

navios dos portugueses, em troca de alguns objetos que não conheciam, como facas e machados de ferro, espelhos, contas coloridas e outras coisas de pouco valor que os portugueses lhes davam. Nos primeiros tempos, então, as relações foram pacíficas e amigáveis, pelo menos da parte dos índios.

Além do pau-brasil, os portugueses levavam como mercadoria também araras e papagaios ou outros animais desconhecidos na Europa, e, especialmente, os próprios índios. Enganados, convidados a conhecerem a terra dos portugueses, os índios embarcavam nos navios, e na Europa eram vendidos como escravos. À amizade dos índios, os brancos respondiam com traição.

O que mais interessava aos portugueses era mesmo o pau-brasil e isto eles conseguiam facilmente com a ajuda dos índios.

Nos primeiros tempos, os portugueses não se interessam em ocupar realmente a terra, vir morar aqui, cultivar nada. Bastava mandarem seus navios encostar, trazer alguns objetos para agradar os índios, e esses enchiam os porões dos navios de madeira.

Nos primeiros 30 anos depois da sua chegada, poucos portugueses ficaram no Brasil. Apenas alguns para organizar o corte da madeira e o corregamento dos navios, e outros que tinham sido condenados por algum crime em Portugal e eram largados aqui como castigo.

Por isso, também nos primeiros 50 anos, o Rei não mandou padres missionários para cá e nem se fez nada de mais organizado para evangelizar os índios. Isso ajuda a ver como, na verdade, a intenção dos portugueses era muito mais a de ganhar dinheiro do que de espalhar a fé em Cristo.

Durante aqueles primeiros 50 anos, foi quase por acaso que alguns frades franciscanos, muito poucos, desembarcaram aqui, e procuraram por algum tempo evangelizar os índios. Mas não eram missionários que tinham vindo para cá com essa intenção. Em geral eram capelães dos navios que tinham afundado e tinham que ficar aqui por um tempo esperando outro transporte, ou que desembarcavam por causa de doença ou outra caisa.

Podemos dizer que nesses anos foi quase nada a evangelização. Apenas, os índios com certeza viam e escutavam com espanto a celebração da missa e as rezas dos portugueses, sem compreender o que era aquilo.

9. A RIQUEZA DA TERRA ATRAI OUTROS ESTRANGEIROS

Durante muitos anos, só os portugueses conseguiam atravessar o oceano para vir buscar pau-brasil em nossa terra.

Também os espanhóis já eram capazes de navegar tão longe, mas o rei da Espanha tinha feito um trato com o rei de Portugal. Esse trato chamou-se Tratado de Tordesilhas e foi confirmado pelo Papa. Por esse tratado, Portugal e Espanha repartiam entre os dois todas as terras dos infiéis já descobertas ou que ainda fossem descobrir. Por causa disso, os espanhóis não se metiam nas terras que tinham ficado para Portugal.

Mas, passou-se o tempo, e os marinheiros de outros países, como a Inglaterra, a França, a Holanda, aprenderam também a navegar como os portugueses e já eram capazes de vir até o Brasil. Esses países eram os fregueses que costumavam comprar o pau-brasil dos portugueses. Acontece que os portugueses vendiam a madeira muito cara, pois queriam muito lucro. Então os outros países acharam que seria mais proveitoso para eles mandar seus próprios navios aqui para buscar também a madeira, a troco de quase nada, como faziam os portugueses.

Assim, começaram a chegar, nas praias brasileiras, navios franceses, ingleses ou holandeses. Fazim a mesma coisa que os portugueses: davam alguns presentes sem valor para os índios, e enchiam seus porões de pau-brasil.

Para os índios, todos os estrangeiros eram iguais: homens brancos e barbudos, vestindo roupas estranhas, viajando em barcos grandes, e que queriam trocar facas e enfeites por madeira.

O Brasil é grande demais, aqui havia muito poucos portugueses, e era fácil um navio estrangeiro ancorar numa praia qualquer e ficar muito tempo para carregar, sem ser encontrado por portugueses.

Os índios ajudavam uns e outros. Para eles era tudo a mesma coisa.

Começou então a haver concorrência para os portugueses, já não era tão fácil vender o pau-brasil tão caro. Se continuasse daquele jeito, os portugueses iam perder a freguesia. Os antigos fregueses vinham eles mesmos buscar a madeira aqui. Isto atrapalhava os planos de Portugal.

10. OS PORTUGUESES QUERIAM APROVEITAR SOZINHOS

> **"Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos selvagens. Vocês os conhecerão pelo que eles fazem. Os espinheiros não produzem uvas e nem as plantas espinhosas dão figos"** (*Mt 7,15-16*).

Vendo a ameaça aos seus interesses comerciais, o novo Rei de Portugal, Dom João III, resolveu tomar outras providências.

O próprio Papa tinha dado o direito a Portugal de ser o único a explorar as riquezas do Brasil, porque tinha encarregado os portugueses de cristianizar a nossa terra.

Mas os outros países não queriam obedecer a essa ordem. Os portugueses, sem ocuparem todo o litoral brasileiro, não conseguiam vigiar para impedir os outros de chegarem aqui e carregarem o pau-brasil. Então o Rei resolveu povoar o Brasil, isto é, mandar muitos portugueses para viverem aqui e tomarem conta da terra, garantido o proveito dela somente para os comerciantes portugueses.

Foi então que o Rei disse: "A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à santa fé católica". Mas, se era verdade que essa era a principal causa para povoar o Brasil, por que foi que o Rei só se preocupou com o povoamento depois que viu sua riqueza ameaçada pelos estrangeiros? Por que foi que levou mais de trinta anos para mandar portugueses cristãos para ficar vivendo aqui e para mandar mis-

sionários para os índios? Por que é que, no começo, os portugueses só chegavam aqui para buscar madeira e ninguém queria ficar para evangelizar os índios.?

Esses fatos fazem a gente ver que o enriquecimento tinha muito mais importância para o reino de Portugal do que a evangelização dos índios.

Enfim, para poder ter quem tomasse conta do Brasil para Portugal, o Rei resolveu repartir as terras do Brasil entre homens portugueses ricos, que deveriam vir para cá, trazer trabalhadores e soldados para cultivar a terra, de modo que o litoral não ficasse abandonado.

O Rei achava que a terra era dele e não dos índios. Não pediu licença nenhuma aos índios, e começou a repartir a terra deles.

A terra brasileira foi dividida em 15 partes, cada uma delas dando para o mar e entrando pelo interior a dentro. Foram chamadas CAPITANIAS HEREDITÁRIAS. Cada capitania foi dada a um **donatário.** O donatário era uma espécie de governador que ficava encarregado de organizar a vida na capitania, garantir a ordem e a defesa da terra contra os estrangeiros.

O donatário devia também repartir as terras de sua capitania com outros portugueses, dando, a cada um, um lote para guardar e cultivar. Esses lotes dentro da capitania eram chamados **sesmarias,** e eram enormes extensões de terra. O próprio donatário podia guardar para si mesmo uma sesmaria de 10 léguas de beira mar, e entrando para o interior até onde pudesse chegar.

Junto com a doação da sesmaria, vinha a obrigação de cultivar a terra, plantar e defender essa terra dos estrangeiros. Então, é claro que somente um homem muito rico podia receber uma sesmaria, pois tinha que ter meios de pagar soldados para a defesa e gente para cultivar terras tão grandes. Se a terra não fosse cultivada dentro de 5 anos, e se o dono da sesmaria não construísse fortes para defender a terra, perdia o direito à sesmaria que podia ser dada a outro. Assim, somente os muito ricos é que ficaram donos de terra no Brasil.

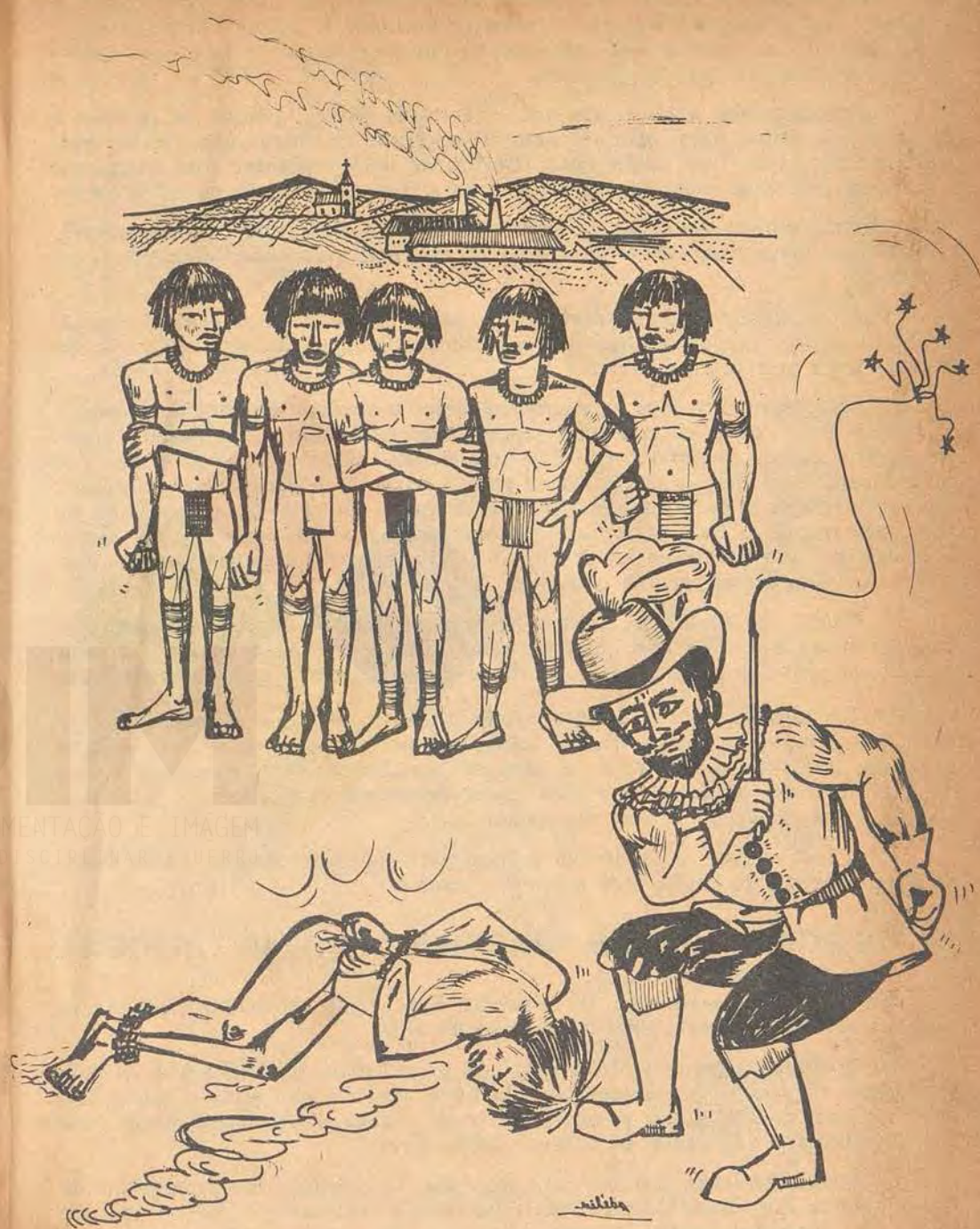
Foi assim que começaram a vir portugueses para se estabelecer definitivamente aqui, povoando de gente branca a terra que até então só era habitada pelos índios de pele morena.

11. A CANA DE AÇÚCAR

Os portugueses que vinham para o Brasil, só vinham com a intenção de enriquecer e muito. Assim, só queriam sesmarias se fosse para tirar delas muito lucro. Para isso era preciso cultivarem a terra com alguma coisa que pudesse ser vendida bem cara na Europa.

Não podiam enriquecer com pau-brasil, pois o Rei, mesmo dando capitanias e sesmarias, tinha reservado para ele mesmo o direito a todo o pau-brasil que havia nas matas. Os comerciantes que vinham com os navios buscá-la só podiam ficar com uma porcentagem do ganho, mas a maior parte do lucro pertencia ao Rei e assim continuou sendo.

Mas havia uma outra mercadoria que tinha muito valor nos mercados



"Com a chegada da cana de açúcar, desapareceu a falsa amizade dos portugueses com os índios."

da Europa naquele tempo: o açúcar. As terras e o clima da Europa não servem para a cana de açúcar. Por isso o açúcar era uma mercadoria difícil e cara pois tinha que ser trazido de outros continentes. Havia tão pouco açúcar e tinha tanto valor que só era vendido nas farmácias, em pequenas quantidades, e receitado para os doentes.

Os portugueses logo viram que a terra do Brasil, quando se cortava a floresta, era ótima para plantar cana. Trouxeram de outros continentes mudas de cana, que não havia aqui. Decidiram então plantar suas sesmarias com cana e montar engenhos de açúcar para depois vendê-lo no estrangeiro.

Montar um engenho de açúcar também era coisa que exigia dinheiro, e essa era mais uma razão para que só os ricos pudessem enfrentar essa empresa.

Para conseguir realizar esse plano, uma primeira coisa era necessária: acabar com as florestas e tirar dali os índios que nelas habitavam, deixando a terra livre para a cana.

O enriquecimento dos portugueses com o açúcar também interessava muito ao Rei. Todos os cristãos, naquele tempo, tinham a obrigação de pagar o dízimo, isto é: tinham que dar uma décima parte de sua produção para a Igreja. Esse dízimo devia servir para o sustento dos padres e religiosos, construir igrejas e conventos, e para as despesas do culto. Como o Papa tinha encarregado o Rei de zelar pela evangelização do Brasil, o Rei era o verdadeiro chefe da Igreja em Portugal e nas terras dominadas por ele. Assim, era o Rei quem recebia o dízimo.

O dízimo, na realidade, tornou-se uma espécie de enorme imposto que se pagava ao Rei. Por isso, quanto maior fosse a produção, maior o dízimo e maior o proveito para o Rei, que fazia desse dízimo o que bem entendia.

O Rei passou então a facilitar tudo para aqueles que queriam plantar cana, até mandando seus próprios soldados para despejar os índios das terras. Essa tarefa era bastante fácil para os portugueses que possuíam armas de fogo, contra os índios que não eram acostumados à guerra e possuíam apenas arcos, flechas e lanças de madeira.

Com esses fatos, desapareceu a falsa amizade que parecia haver entre os portugueses e os índios nos primeiros anos.

12. OS PORTUGUESES PRECISAVAM DE MÃO DE OBRA

Mas, a terra apenas não dá riquezas. Era preciso trabalho, trabalhadores. E a cana-de-açúcar exige muita mão de obra.

Os portugueses, que vinham para cá, eram ricos, ou vinham querendo enriquecer depressa pela exploração da nova colônia, ou ainda como soldados. Nenhum desses queria pegar no cabo da enxada. Além disso, eram poucos demais para dar conta de cultivar tanta terra.

Sem trabalhadores não se criam riquezas. Os portugueses precisavam de trabalhadores que produzissem o mais possível e custassem o menos possível para eles. Trataram então de usar os índios como trabalhadores para suas plantações.

"Outro modo que os portugueses encontraram para aumentar seus trabalhadores foi terem filhos com mulheres índias".

Mas essa solução não podia se fazer pacificamente. Para expulsar os índios das terras, os portugueses já tinham feito guerra contra eles e matado muitos. Além disso, os índios, que não conheciam nem compreendiam o comércio e o dinheiro, não haviam de se sujeitar a trabalhar mais do que o que estavam habituados para sua sobrevivência. Os índios, mesmo que fossem pagos para trabalhar, não se interessavam em acumular dinheiro. E, por outro lado, os portugueses não queriam pagar trabalhadores. Só mesmo à força, presos e escravizados, é que os portugueses podiam obrigar os índios a trabalharem para eles.

Assim, estendeu-se por todo o litoral a guerra dos portugueses contra os índios para ocupar suas terras e fazer prisioneiros para escravizar.

Outro modo que os portugueses encontraram para aumentar seus trabalhadores foi terem filhos com mulheres índias. Esses filhos de índias com portugueses chamavam-se **mamelucos.** Na mentalidade dos índios, os filhos pertenciam ao pai e, assim, os mamelucos, mesmo sendo parte índios, passavam a servir os interesses de seus pais, isto é, os interesses dos portugueses contra os índios, e eram criados à maneira portuguesa.

Os índios, entretanto, lutavam com todas as suas forças para escapar à escravidão, e só mesmo pela violência ou pelo engano e traição, os portugueses conseguiam fazê-los escravos.

13. O QUE OS PORTUGUESES PENSAVAM DOS ÍNDIOS

> "Por que é que você olha para o cisco que está no olho do seu irmão, e não vê o pedaço de madeira que está no seu próprio olho?... Hipócrita! Tire primeiro o pedaço de madeira que está no seu olho, e então poderá ver bem para tirar o cisco que está no olho do seu irmão" (*Lc 6,41-42*).

Por todos esses fatos, já podemos ver que os portugueses não tinham nenhum respeito pelos índios. Para eles os índios eram quase animais, selvagens, ignorantes e malvados. Os brancos achavam que não tinham nada a aprender dos índios e que só o modo português de viver é que tinha valor. Assim, eles não procuravam compreender e nem apreciar a sabedoria, os conhecimentos, enfim a cultura própria dos índios.

Esse modo de ver era reforçado pelo fato de os portugueses serem cristãos e os índios não conhecerem o Evangelho. Assim, os brancos achavam que os índios eram gente do demônio e não mereciam respeito enquanto não fossem cristianizados. Acontece que, para eles, cristianizar era acabar completamente com os costumes dos índios, fazer os índios entrarem no sistema português, viverem como os portugueses, e principalmente, trabalharem para os portugueses. Para eles, cristianizar era a mesma coisa que aportuguesar.

Achavam que a natureza dos índios era ruim, e que, por eles mesmos, nunca desejariam nada de bom.

Diziam que os índios eram preguiçosos porque trabalhavam apenas o suficiente para viver cada dia, não tinham a preocupação de acumular riquezas e não queriam aceitar ser escravos nas plantações dos brancos.

BIBLIOTECA D. VITAL WILDERINK

Pensavam que os índios eram malvados e dominados pelo demônio porque praticavam a antropofagia.

Diziam que, se os índios continuassem a viver como índio, iriam todos ser condenados ao fogo do inferno. Por isso, os portugueses achavam que estavam até fazendo um benefício aos índios quando os escravizavam, pois assim os tiravam daquela vida "de pecado" e os obrigavam a viver como portugueses cristãos, ganhando a salvação, mesmo que fosse à força.

Na realidade, o que contava mais para os portugueses era o lucro que iam ter com o açúcar; mas acalmavam suas consciências dizendo que toda a crueldade que cometiam contra os índios era para salvá-los do inferno.

Como vemos, aos olhos dos portugueses, os índios eram apenas pagãos que deviam ser dominados, explorados e convertidos a qualquer custo.

14. OS PORTUGUESES TROUXERAM MISSIONÁRIOS

Já em 1531, veio a primeira leva de gente com intenção de ficar aqui para colonizar o Brasil. Foi a expedição de Martin Afonso de Sousa, que se estabeleceu em São Vicente. Em 1534, o Rei distribuiu as capitanias e começaram a chegar os povoadores. Entretanto, nesses anos, ainda não vieram missionários para os índios. No início vinha apenas um ou outro padre, como capelão do navio, ou apenas para servir às necessidades espirituais dos novos colonos portugueses que chegavam.

Acontece que nem todas as capitanias deram bons resultados. Fora Pernambuco e São Vicente, nas outras capitanias os colonizadores tiveram muita dificuldade em cumprir os objetivos determinados pelo Rei. Para isso muito contribuiu a resistência dos índios que, não desejando ver suas terras invadidas e seu povo escravizado, faziam guerra cerrada aos invasores. Algumas capitanias chegaram a ficar completamente abandonadas.

Vendo que os donatários não davam conta da tarefa, o Rei decidiu nomear um Governador Geral que se encarregasse de supervisionar tudo e cuidar para que os donatários e sesmeiros cumprissem seus compromissos. Para capital do Governo Geral, foi escolhida a Bahia. O primeiro Governador Geral, Tomé de Souza, chegou em março de 1549, e com ele é que vieram os primeiros missionários enviados especialmente para evangelizar os índios. Eram seis padres jesuítas, chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega, e vinham para ficar, estabelecer missões.

Os jesuítas eram membros de uma nova ordem religiosa, a Companhia de Jesus, fundada pelo Santo Inácio de Loyola, havia poucos anos. Eram cheios de amor a Jesus e ao Evangelho e desejavam sinceramente evangelizar e salvar os índios. Vinham realmente com intenção missionária compreendida à maneira daquele tempo.

No modo de pensar do Rei e do Governador Geral e seus colonizadores portugueses, porém, a principal função dos missionários era outra, ajudar na colonização, no povoamento e no estabelecimento do sistema português de exploração da terra brasileira.

Os colonizadores já tinham percebido que não podiam dominar os índios à força, pois esses resistiam, guerreavam contra os brancos, e isso tor-

nava difícil a ocupação da terra com a cana e engenhos. Então acharam que o melhor modo de dominar os índios seria convencê-los pela palavra, modificar a mentalidade dos índios, fazê-los deixar de pensar e sentir como índios para se submeterem aos desejos dos brancos. Tomé de Sousa até recebeu uma ordem do Rei para proibir violências contra os índios, a não ser que fosse por uma causa "justa", isto é, se os índios provocassem guerra com os portugueses.

Quem seriam as pessoas mais preparadas para fazer esse trabalho de atrair e convencer os índios? Nas intenções do poder colonizador, essa devia ser justamente a tarefa dos missionários. Os colonizadores queriam que os missionários catequizassem os índios, fazendo-os crerem que deviam abandonar sua vida na tribo, que era uma vida de "pecado" e condenação, e buscar a vida que os portugueses ofereciam a eles, na qual seriam mais felizes e salvariam suas almas. Além disso, é claro, trabalhar para os portugueses que teriam assim mais lucro.

Havia uma diferença na maneira de ver a missão, por parte dos jesuítas e por parte dos colonizadores leigos. Os jesuítas estavam interessados primeiramente em salvar as almas dos índios, e os colonizadores queriam, antes de tudo, progredir em seus negócios e ganhar mais dinheiro.

Entretanto, os padres, sendo missionários, não deixavam de ser portugueses. Também eles partilhavam da maneira geral dos brancos verem os índios: pagãos, ignorantes, imorais e dominados pelo demônio. Também os missionários achavam que os índios não podiam se salvar vivendo como índios. Achavam que, para ser cristãos, os índios deviam abandonar tudo o que era costume indígena e a vida livre das matas. Os missionários, no final das contas, também pensavam que evangelizar era aportuguesar e não viam a diferença entre o verdadeiro modo evangélico de vida e os costumes portugueses. Não pensavam em fazer uma crítica do modo de vida e de ação dos portugueses, em comparação com o Evangelho de Jesus. Davam como certo que todos os portugueses, pelo fato mesmo de serem portugueses, já eram evangelizados e que tudo o que faziam, de modo geral, era cristão. Só viam que alguns podiam cometer pecados individuais, abusos de crueldade ou imoralidade. Mas não achavam nada a censurar no modo dos portugueses tomarem o Brasil e quererem organizar sua exploração.

Os missionários queriam atrair os índios para junto dos portugueses porque achavam que só assim eles poderiam ser cristãos. Os colonizadores, os senhores de engenho achavam que era preciso evangelizar os índios e atraí-los para a fé, porque só assim é que eles iam aceitar trabalhar para os brancos e ceder-lhes as suas terras. Na prática, dava quase no mesmo, como projeto de ação. Mas esse desencontro na maneira de ver as coisas vai provocar muitos conflitos entre os missionários e os poderosos colonos portugueses.

15. COMO OS COLONIZADORES ENTENDIAM A EVANGELIZAÇÃO

Hoje, quando ouvimos falar de evangelização, pensamos logo em todo esse movimento de comunidades que se reúnem para conhecer e viver melhor o Evangelho de Jesus, na união, na oração e na luta por uma vida me-

lhor para o povo. Mas naquele primeiros tempos da colonização portuguesa no Brasil, não era assim.

Os colonizadores portugues não achavam que anunciar o Evangelho de Jesus era converter o coração das pessoas para que tivessem fé e então mudassem livremente sua vida pa seguir Jesus. Para os colonizadores, mais importante do que o coração, era exterior, a aparência. Evangelizar era fazer as pessoas aprenderem de cor palavras da doutrina cristã, serem batizadas e frequentarem os sacramento não cometerem os atos que eram considerados pecados pelos cristãos da ele tempo e, principalmente, se ajeitarem para viver na sociedade portugu a que era considerada uma sociedade cristã. Evangelizar era tratar de fazer com que as pessoas se comportassem desse modo, mesmo que fosse à força, r medo, sem compreensão e sem fé.

Mesmo os missionários, muitas ve s, pensavam desse jeito, e isso influiu demais no modo deles fazerem seu rabalho de missão.

16. OS DESCIMENTOS

Os jesuitas que chegaram para evangel ar os índios, nem pensaram em ir viver com eles em suas tribos. Pelo cont rio, seu primeiro trabalho era o de ir à procura dos índios e convencê-los, la pregação, a deixarem suas aldeias indígenas, nas matas, e virem para o l ral viver nas missões ou aldeamentos cristãos. Para esse fim, era preciso nhecer as língua dos índios, e tiveram grande importância os missionários q conheciam bem essas línguas e podiam falar diretamente com eles. Os je ítas portugueses que não sabiam a língua indígena tinham que falar aos ind com a ajuda de alguém que traduzisse.

Os missionários, chegando às aldeias dos índios, ratavam de convencê-los de que deviam deixar suas aldeias e suas terra e acompanhar os padres, para livrar-se da condenação e de todos os male e viver, nas aldeias cristãs, uma vida de salvação e felicidade.

Havia dois fatores que ajudavam os missionários a onvencerem os índios. Um era a lenda que existia em muitas tribos indi nas que dizia que um dia os deuses enviariam para a tribo homens santos e iam ensinar a eles o caminho de uma terra e uma vida mais feliz. Assim vendo os padres que falavam uma língua diferente, condenavam seus costu es e prometiam uma vida melhor, muitos chefes indígenas acreditavam qu estes eram os enviados que eles estavam esperando, e assim faziam toda a bo abandonar suas terras e acompanhar os missionários para o litoral.

Além disso, outro fato ajudava os padres a convencer os ndígenas de que sua vida nas matas era ruim. Os índios, quando viviam m nenhum contacto com os brancos, não tinham doenças infecciosas. Muit das doenças que estamos acostumados a ver por toda parte hoje, não istiam no Brasil antes da chegada dos portugueses, como a gripe, o saramp cachumba ou papeira, tuberculose, varíola, e muitas outras. Os micróbios de s doenças foram trazidos pelos portugueses. Acontece que os portugueses já estavam acostumados a conviver com essas doenças e tinham mais r stência aos micróbios, mas os índios não resistiam, adoeciam logo e morriam Quando os missionários e seus companheiros portugueses chegavam numa aldeia indígena, logo muitos índios começavam a adoecer gravemente. Mas ser om-

"Os missionários lhes davam roupas e mandavam queimar as casas e as roças da aldeia".

preender que eram os brancos que estavam trazendo as doenças, os índios pensavam que a terra em que estavam é que tinha se tornado doentia, e que era mesmo melhor ir com os padres para outro lugar. Na realidade, o que acontecia é que, quanto mais chegavam perto dos brancos, mais adoeciam e morriam, de modo que, no fim da viagem, já estava muito diminuído o número dos índios.

Quando os índios aceitavam de partir de suas terras para perto do mar, os missionários lhes davam roupas para que se vestissem e mandavam que queimassem as casas e as roças de sua aldeia para que eles não tivessem a tentação de desistir e voltar para lá.

Outro modo ainda utilizado para atrair os índios, era dar presentes e prometer vantagens para o chefe, e esse então ordenar a toda a aldeia ou tribo que seguisse os padres.

Essas expedições ao interior para atrair os índios para o litoral chamavam-se "descimentos", pois se tratava de fazer os índios descerem do interior para perto do mar.

Vemos então que os missionários não viam problemas em utilizar o engano ou o medo para atrair os índios, com o fim de poder cristianizá-los, transformá-los de índios livres em trabalhadores para os portugueses, mesmo que isso custasse a morte de muitos deles, pois pelo menos assim, pensavam os missionários, suas almas estariam salvas. Morriam os índios, mas morriam batizados, o que os cristãos achavam melhor do que viver pagãos.

Uma vez "amansados", quer dizer, dominados, os índios iam ser então evangelizados. O resultado disso também era tornar os índios "civilizados", quer dizer, imitadores dos portugueses, vivendo dentro do sistema português, mas não como senhores, é claro, e sim como trabalhadores dominados.

Os colonizadores levavam grandes vantagens com o sucesso desses "descimentos", pois os índios abandonavam sem resistência suas terras, e elas ficavam livres para os brancos se apossarem e plantarem seus canaviais. E isso sem o prejuízo das guerras, pois os índios estavam convencidos, pela pregação que recebiam, que só assim se salvariam.

17. O QUE OS MISSIONÁRIOS QUERIAM NOS ALDEAMENTOS

Como resultado desses descimentos, nasceram os primeiros aldeamentos de índios dirigidos pelos padres missionários, no início apenas os jesuítas.

Os jesuítas desejavam realmente cristianizar os índios e formar com eles comunidades cristãs. Queriam fazer uma "igreja nova", uma cristandade com o povo das terras brasileiras reunidos em seus aldeamentos.

Para conseguir isso, desejavam poder conviver em paz com os índios organizados em comunidades livres da escravidão e dirigidos pelos missionários. Procuraram fazer esses aldeamentos fora dos muros das povoações de portugueses, mas o governo geral não permitiu. Assim os primeiros aldeamentos missionários foram feitos junto das povoações dos brancos.

Entre os missionários que mais trabalharam nesse período estavam o

Pe. Manoel da Nóbrega e o Pe. José de Anchieta. Eram dedicados e sinceros, mas acreditavam que o cativeiro podia ser um meio bom para trazer os índios à vida cristã, quando não havia outro jeito. Diziam também que os indígenas só se convertiam pelo medo, diante da "espada e a vara de ferro", e não com razões nem com palavras e pregação.

Por outro lado, também percebiam que a opressão contra os índios era um impedimento à cristianização, pois o próprio Anchieta também disse: "O que mais espanta os índios e os faz fugir dos portugueses e por conseguinte das igrejas, são as tiranias que com eles usam, obrigando-os a servir toda a sua vida como escravos . . ."

Podemos ver que os missionários, diante dessa situação nova que encontravam no Brasil, ficavam bastante confusos, com idéias contraditórias, com dificuldades de saber o que fazer.

Os padres jesuítas levaram a sério a ordem do rei que dizia que não seria permitido escravizar os índios livres. Percebiam que não podiam aceitar que cristãos levassem inocentes para o cativeiro. Mas para os colonizadores ricos, comerciantes e senhores de engenho, essa ordem não tinha valor. Eles precisavam de escravos para fazer suas terras renderem. Desobedecendo às ordens do rei, entravam pelo interior, provocavam guerra com os índios e traziam cativos aqueles que não morriam na luta. Os missionários esforçavam-se para reunir em seus aldeamentos a maioria dos índios, pensando assim em protegê-los dos caçadores de escravos e poder então educá-los para a vida cristã.

Os primeiros aldeamentos já começaram no ano de 1553, e foram se espalhando nos anos seguintes. Estavam localizados sobretudo no litoral da Bahia, do atual estado de São Paulo, que era a Capitania de São Vicente, no nordeste, de Alagoas até o Ceará, e, mais tarde, no Rio de Janeiro.

18. A VIDA E A EVANGELIZAÇÃO NOS ALDEAMENTOS

Reunidos os índios nos aldeamentos, os missionários tratavam então de fazer deles cristãos e de civilizá-los, quer dizer, fazê-los deixar de ser índios, "amansá-los".

Era mais fácil atrair e conquistar as crianças, por isso os missionários começavam por elas. Como os índios tinham grande amor a seus filhos, os padres esperavam, por meio das crianças, convencerem também os pais.

A evangelização nos aldeamentos se fazia especialmente em três pontos:

1. A doutrinação: tratava-se de ensinar a doutrina do catecismo aos índios e fazê-los aprender as orações. O modo de fazer isso era repetir muitas vezes as palavras até os índios aprenderem de memória e serem capazes de responder corretamente às perguntas e dizer as orações. O importante era saberem repetir certo as palavras, mesmo que não compreendessem o que diziam.

2. A moralização: isso queria dizer: fazer os índios aprenderem a viver à maneira dos portugueses e conforme com a moral cristã. Os índios deviam andar vestidos, reorganizar as famílias com uma mulher só, e aprender a trabalhar como os brancos, e a respeitar a propriedade particular, que era coisa que os índios não conheciam antes.

3. A sacramentalização: isto é, preparar os índios para o batismo, o mais depressa possível e ensiná-los a frequentar os sacramentos, casarem-se religiosamente, assistir à missa, confessarem-se, e, só nos casos de índios já completamente "civilizados", receber a eucaristia.

Deviam também abandonar os costumes de festas e enfeites, pois isso era visto como coisa de pagãos.

Cada aldeamento tinha sua própria roça. Os índios aí deviam trabalhar não ao seu modo, apenas o suficiente para a alimentação deles. Deviam trabalhar ao modo português, o dia todo, produzindo mais do que o necessário, mercadoria para ser vendida à povoação e dar recursos para a missão. Os padres respeitaram nos índios a língua. Os missionários jesuítas se esforçaram muito para aprender as línguas dos índios para poder ensiná-los melhor. Houve jesuítas que foram grandes conhecedores das línguas indígenas, e escreveveram catecismo e livros orações, poemas e cânticos nessas línguas para o uso dos índios.

Como havia algumas pequenas diferenças na língua de uma tribo para outra, os missionários se esforçaram para que todos os índios passassem a falar a mesma língua, que era uma adaptação das primeiras. Essa "língua geral" criada pelos jesuítas ficou sendo a língua mais falada no Brasil, por índios, mamelucos, e até brancos e negros, até o ano de 1760 quando os jesuítas foram expulsos do Brasil e a língua portuguesa passou a ser obrigatória.

Vendo também o gosto dos índios pela música e pela dança, os padres utilizaram isso também para atrair e catequizar. Nesse ponto também os padres respeitaram alguma coisa da cultura dos índios, tentando compreendê-los e permitir que eles rezassem a seu modo. Assim, tudo se fazia com muito canto e dança, até mesmo a liturgia da missa.

Alguns missionários, principalmente o famoso Padre Anchieta, compunham peças de teatro que transmitiam a mensagem cristã e eram representadas com muito gosto pelos índios.

Por meio de tudo isso, os missionários procuravam também ensinar aos índios algumas virtudes cristãs, como a humildade, a paciência, a aceitação do sofrimento e a obediência. Acontece que essas eram justamente as qualidades que os colonizadores brancos queriam ver nos índios, pois essas qualidades os deixavam prontos para serem explorados pelos ricos sem protestarem e sem se revoltarem. Assim, querendo ou sem querer, os missionários estavam ajudando os colonizadores a estabelecerem no Brasil seu sistema de exploração dos trabalhadores.

19. OS COLÉGIOS DOS JESUÍTAS

Para os primeiros jesuítas que aqui chegaram, sua tarefa mais importante era a salvação dos índios por meio da evangelização nos aldeamentos.

Como apoio para essa missão nos aldeamentos, criaram colégios que recebiam meninos órfãos mandados de Portugal, ou filhos de portugueses que os padres esperavam educar para serem também missionários. Além disso, o colégio servia como lugar de preparação ou de repouso e recuperação para os padres que viviam pelo interior, à procura dos índios, ou nos

aldeamentos. O importante era a missão, o colégio existia para ajudar à missão.

Mas, com o tempo, o entusiasmo dos padres pela missão junto aos índios foi decaindo. Com isso, os colégios foram perdendo o seu primeiro sentido e foram se tornando institutos com a finalidade de dar uma educação privilegiada para os filhos dos ricos colonos portugueses. Desde aí, muitos jesuítas ficavam apenas nos colégios, e já nem pensavam mais em trabalhar com os índios.

Durante muito tempo, os colégios dos jesuítas foram as únicas escolas que existiam no Brasil. Dedicaram-se especialmente a educar os filhos dos poderosos portugueses da colônia, acreditando que com isso poderiam converter o coração dos grandes e colaborar para que aqui se fizesse uma sociedade cristã.

Os colégios serviram também para formar os futuros jesuítas, e como seminários que faziam a formação de todos os candidatos à vida sacerdotal na colônia.

20. A COLÔNIA SÓ PODIA SER ESCRAVISTA

Como já vimos, os jesuítas queriam defender a vida e a liberdade dos índios contra os colonos brancos que queriam invadir suas terras e escravizá-los.

Mas será que os missionários eram contra qualquer forma de escravidão?

Há uma coisa que a gente precisa compreender bem, para poder entender os problemas graves da evangelização no Brasil, no tempo da colônia portuguesa. É preciso compreender bem a importância da escravidão no estabelecimento da colônia.

O fato é que não podia haver colônia portuguesa no Brasil sem escravidão.

Vejamos bem: o principal interesse dos portugueses no Brasil era o enriquecimento. Era para ganhar dinheiro que interessava a Portugal dominar outras terras.

Podia haver santos missionários que não tinham nenhum interesse em dinheiro, que queriam apenas pregar o Evangelho aos índios. Mas esses, sozinhos, não tinham nem como chegar até aqui. Os donos dos navios eram os ricos comerciantes, eram os poderosos portugueses apoiados pelo Rei. Eles é que tinham meios para as viagens e para dominar a situação, na nova terra.

Todo comerciante, para enriquecer, precisa ter freguesia pafa sua mercadoria e se não há freguesia ou se há muitos outros vendendo a mesma mercadoria, os preços baixam e não se pode enriquecer tanto.

Para conseguir a exclusividade na venda do pau-brasil, era preciso guardar as praias do Brasil contra os estrangeiros. Isso queria dizer, povoar o Brasil com portugueses, fiéis ao seu país.

Nenhum português vinha para cá livremente, se não fosse para enriquecer e muito. Então, começou a produção de açúcar. Mas sem trabalhadores não há produção. Quem havia de trabalhar para produzir? Os portugueses

que vinham para cá forçados, condenados por algum crime, eram muito poucos e só trabalhariam se fossem pagos. Sendo poucos, podiam pedir salários altos. Os índios não se sujeitavam a trabalhar livremente, nem que fossem pagos.

Sem trabalhadores para explorar, sem meios de enriquecer, não havia português que quisesse ficar aqui, longe de sua terra. Se eles não ficassem, os comerciantes de outros países voltariam a buscar o pau-brasil impedindo o enriquecimento de Portugal. Só tinha um jeito de Portugal manter sua colônia e tirar proveito do Brasil: a escravidão. Só arranjando trabalhadores cativos, que trabalhavam forçados, é que havia meio dos portugueses enriquecerem no Brasil e, portanto, ficarem aqui, garantindo o domínio sobre a terra.

Se não houvesse a escravidão, os portugueses teriam que abandonar a colônia, perdendo assim grandes lucros.

21. OS MISSIONÁRIOS E A ESCRAVIDÃO

> "Ninguém pode servir a dois senhores, pois odiará um e amará o outro; ou será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e também servir ao dinheiro" *(Lc 16,13)*.

É claro que a escravização dos índios doía na consciência dos cristãos portugueses. Mas tinham que escolher entre sua consciência e a ganância. Jesus diz no Evangelho que "ninguém pode servir a dois senhores, não se pode servir a Deus e ao dinheiro", mas os portugueses cristãos daquele tempo acharam que podiam "dar um jeito".

Então os brancos passaram a dizer que só era errado escravizar inocentes que viviam livres e em paz. Mas diziam também que não seria um pecado comprar dos pagãos pessoas que já estivessem escravizadas por eles. Diziam que assim até faziam um benefício aos escravos, pois, tornando-se escravos de senhores cristãos, seriam também evangelizados e salvariam suas almas. Diziam que era melhor ser escravo cristão do que ser escravo pagão. Saíam então em busca de tribos indígenas que tivessem escravos ou prisioneiros de guerra de outra tribo, e traziam esses escravos para trabalharem para eles.

Outro jeito que os cristãos encontraram para ter escravos e ficar com a consciência tranquila, foi dizerem que não era errado escravizar os índios que fossem inimigos dos portugueses, que atacassem os brancos. Achavam que, nesse caso, a guerra contra os índios era uma "guerra justa". Nas "guerras justas", os índios que caíssem prisioneiros podiam ser também escravos, como castigo por sua maldade e como meio para convertê-los ao Evangelho.

Mas os índios escravizados preferiam muitas vezes morrer, até recusando-se a comer, do que trabalhar para os brancos. Só a escravização dos índios não bastava para enriquecer os portugueses. Eles então começaram a comprar escravos na África e trazê-los para cá.

E o que pensavam os missionários? Esses queriam ficar no Brasil para evangelizar os índios. Viam que o único jeito de ficar aqui era se a terra

fosse uma colônia portuguesa. Por isso, os missionários acabavam aceitando as desculpas criadas pelos outros colonizadores, e pensando do mesmo jeito que eles a respeito da escravidão: era justo comprar gente que já era escrava ou escravizar os índios inimigos, presos durante as tais "guerras justas".

Assim, os missionários defendiam a liberdade dos índios que vivessem pacificamente em suas tribos, principalmente daquelas que aceitavam de vir viver nos aldeamentos dos padres. Mas se conformavam com a escravidão dos outros índios, dos rebeldes e revoltados contra a invasão portuguesa, e aceitavam também a escravidão dos africanos. Com o tempo, os missionários acabavam até tendo seus próprios escravos em seus colégios, conventos e fazendas.

22. A GUERRA "JUSTA"

É preciso dizer que a idéia da "guerra justa", ou de guerra santa, não foi somente dos portugueses. Os outros povos cristãos da Europa também tinham essa idéia de que era justo fazer guerra contra os povos que não aceitassem a religião cristã. Achavam que tinham o direito de aumentar a sociedade cristã, e para isso, aumentar os impérios dos reis cristãos, mesmo que fosse à força. Foi com essa idéia que, alguns séculos antes da colonização do Brasil, os cristãos da Europa fizeram as famosas Cruzadas, que foram guerras contra os árabes da religião muçulmana, para tomar deles a Terra Santa, a Palestina.

A guerra contra os índios que não aceitavam o poder dos invasores brancos era também vista como uma cruzada, uma guerra santa, para tirar das mãos dos pagãos a terra brasileira e fazer dela uma terra cristã. Esse era o modo de pensar dos cristãos, naquele tempo, há mais de quatrocentos anos.

Aqui no Brasil, essa "guerra justa" tinha outra utilidade: a de adquirir escravos para os senhores de engenho. Por isso, quanto mais guerras justas houvesse, melhor para os colonizadores. Os brancos quase sempre levavam vantagem nessas guerras, pois tinham armas muito mais poderosas que as flechas dos índios.

Querendo aumentar as suas terras e escravos, os colonizadores, por qualquer motivo, por qualquer pequena coisa que os índios fizessem, já se achavam no direito de fazer "guerra santa" contra eles.

No caso das "guerras justas", os missionários não protestavam, e muitas vezes até ajudavam os brancos. Frequentemente os missionários é que davam o motivo para a guerra, pois iam pelos sertões tentando trazer os índios para os aldeamentos, e muitas vezes eram aprisionados e mortos por índios que só viam neles a figura dos invasores brancos. Esses ataques aos missionários davam um ótimo motivo para a guerra. Houve até casos em que os missionários levavam os índios "amansados" dos aldeamentos cristãos para combater pelos portugueses, contra os índios "brabos".

Outro fato que servia de boa desculpa para os portugueses fazerem guerra contra os índios era que esses ajudavam a qualquer estrangeiro que chegasse ao Brasil e que os tratassem bem, dando presentes. Ajudavam franceses, ingleses, holandeses. Justamente naquele tempo, apareceu na Europa o protestantismo. Muitos dos europeus que aqui vinham buscar pau-bra-

"No caso das "guerras justas" os missionários até ajudavam os soldados brancos".

sil, já não eram cristãos católicos, e sim cristãos protestantes, e considerados hereges pelos portugueses. O índio que ajudasse um francês protestante estava se aliando com um herege, traidor da Igreja Católica. Isso era motivo para fazer guerra santa contra ele.

Esse modo de ver a guerra como uma Cruzada, a serviço de Deus, fazia com que os portugueses tivessem muita devoção aos santos soldados ou guerreiros, como São Jorge, São Martinho, São Sebastião, São Miguel. Eles trouxeram para cá essa devoção que até hoje se encontra em muitas regiões do Brasil.

O fato é que, durante os primeiros tempos da colonização, enquanto houve índios na terras próximas aos lugares ocupados pelos portugueses, houve guerra, de tal maneira que, dos milhões de índios que havia no Brasil em 1500, depois de cem anos, já não restava quase nada. A colônia portuguesa no Brasil se estabeleceu à custa de uma horrível matança de índios.

23. OS CONFLITOS ENTRE MISSIONÁRIOS E COLONOS

> **"Lembre-se do que eu disse: "O empregado não é mais importante do que o patrão". Se me perseguiram, também perseguirão vocês..."** (*Jo 16, 20*).

Acontecia, porém, que os colonos não se contentavam com os escravos que adquiriam com a "guerra justa". Os indígenas não serviam para o trabalho, se recusavam e se deixavam morrer, adoeciam fácilmente, fugiam, não sabiam trabalhar à maneira dos portugueses. Não havia escravo indígena que que chegasse para enriquecer os colonizadores.

Assim, muitas vezes, os brancos nem esperavam um motivo para fazer guerra, e partiam para o interior para "caçar" índios. Nem mesmo os índios aldeados nas missões eram respeitados. Por exemplo, na guerra dos colonizadores contra os caetés em Pernambuco, os portugueses arrasaram os aldeamentos missionários de Bom Jesus, Santo Antônio, São Pedro e Santo André. Depois disso, dos quinze mil índios que viviam nessas missões, restaram apenas mil. No Ceará, chegaram a existir sessenta aldeamentos missionários que em 1647 tinham todos desaparecido, destruídos por essas guerras.

Diante disso, os missionários protestavam e entravam em conflitos com os colonizadores. Os jesuítas foram os que mais lutaram para defender a liberdade dos índios. Mas quando o interesse ecônomico do império português estava em jogo, os poderosos não queriam saber de ouvir a voz dos missionários. Quando os padres criavam problemas por causa da escravização dos índios, eram chamados de subversivos e expulsos da região pelo governo colonial.

Por causa dessas disputas, os jesuítas foram muitas vezes expulsos: em 1593 foram expulsos da Paraíba; em 1640 foram expulsos de São Paulo e Santos, por 13 anos, e ameaçados de ser expulsos também do Rio de Janeiro; em 1661 foram expulsos do Maranhão e do Pará e, finalmente, foram todos expulsos do Brasil em 1759.

Em 1558, os jesuítas tentaram fazer, na Bahia, uma "greve dos confessionários". Eles se recusavam a aceitar a confissão dos brancos que possuíssem escravos indígenas. Mas os padres que não eram jesuítas não tinham a

mesma opinião e aceitavam a confissão dos senhores de escravos, de modo que, na prática, o protesto dos jesuítas não conseguiu mudar as coisas. Mas isso mostra que muitos missionários não se conformavam com a injustiça feita contra os índios e tentavam lutar contra ela.

Houve até o caso de dois jesuítas, Gonçalo Leite e Miguel Garcia, que não aguentaram ver tanta crueldade contra os índios e negros, não podiam aceitar de modo nenhum a escravidão, por isso foram-se embora do Brasil. Já que não conseguiam mudar a situação, também não suportavam ficar aqui assistindo àquela violência.

24. O CASO DA PARAÍBA

O caso da conquista da Paraíba é um bom exemplo do desencontro entre conquistadores e missionários. A conquista das terras da Paraíba foi muito difícil para os portugueses. Os corajosos índios Potiguares, aliados com comerciantes franceses que ali vinham buscar madeira, resistiam fortemente à ocupação de suas terras. O Rei de Portugal mandou então uma frota de navios e soldados para combater os franceses e potiguares e tomar a Paraíba. Sendo guerra contra os franceses hereges, até os jesuítas acharam que era guerra "justa", e no início ajudaram, abençoando as tropas portuguesas, carregando a cruz à frente dos soldados, e celebrando missa diária para eles. Quando os franceses foram expulsos, os jesuítas ajudaram a fazer as pazes com os índios, porque sabiam falar a língua indígena.

Os índios potiguares, vencidos na Paraíba, foram aldeados pelos jesuítas em 1585. O aldeamento ia bem, os potiguares aceitavam a evangelização dos jesuítas. Em 1592 registraram-se na aldeia 300 confissões de índios, 29 casamentos, 54 batismos.

Mas o comandante português, Frutuoso Barbosa, começou a desconfiar dos jesuítas. Ele queria que os aldeamentos servissem ao seu intento de estabelecer ali a exploração da cana de açúcar. Queria que os aldeamentos de índios "amansados" servissem de guardas para suas terras de engenho. Mas os jesuítas queriam apenas fazer comunidades cristãs com os índios, e não servir aos interesses de Frutuoso Barbosa. Então, esse comandante, usando do poder que o Rei lhe dera para conquistar a Paraíba, expulsou dali os jesuítas e entregou as missões e aldeias potiguares aos franciscanos, em 1593. Em 1619, porém, também os franciscanos acabaram expulsos dessas missões, porque também não se submeteram aos desejos dos colonizadores. Os aldeamentos foram entregues a padres seculares. Isso provocou enorme fuga dos índios.

Como vemos, não apenas os jesuítas, mas qualquer missionário que quisesse, sinceramente, evangelizar os índios, acabava por entrar em brigas com os poderosos portugueses que queriam as terras e o trabalho escravo dos índios. Assim foi durante todo o tempo da colônia portuguesa no Brasil.

25. COMO OS ÍNDIOS REAGIAM À ESCRAVIDÃO

Pelos fatos que já contamos, podemos perceber que os índios não aceitavam quietos a invasão de suas terras e a escravização de seu povo pelos brancos.

Diante da ameaça de escravidão, muitas tribos resistiam, lutavam corajosamente para defender, e preferiam morrer na luta do que se entregar ao cativeiro.

Outras tribos, não podendo enfrentar as armas mais fortes dos portugueses, fugiam para o interior, muitos índios deixaram as matas do litoral e foram procurar abrigo nas terras do sertão, onde a vida era muito mais difícil, terra ruim e seca. Perdiam suas terras, levavam uma vida dura, mas preferiam guardar sua liberdade.

Aqueles que eram forçados ao cativeiro, também não aceitavam a situação. Quando não conseguiam fugir, recusavam-se a trabalhar e até mesmo a comer, acabando muitos por morrer dos castigos e da fome.

Mas havia ainda alguns que se acomodavam, obedeciam os brancos e tentavam assim, apesar de cativos, sobreviver. Esperavam, agradando os portugueses, voltar a receber deles vantagens e presentes como nos primeiros tempos. Mas esse caminho levava apenas à sujeição.

Na realidade, desde o estabelecimento da colônia portuguesa no Brasil, a vida para os índios se tornou quase impossível. O que resultou para os índios foi a morte, na guerra, no cativeiro ou pelas doenças transmitidas pelos brancos, ou então uma vida de sofrimento, no sertão ou na escravidão. Foram muito poucos os que conseguiram sobreviver numa vida um pouco mais humana, nos aldeamentos missionários

Ao fim de cem anos de colônia, já não havia quase nenhum índio livre nas terras próximas do mar. Estavam todos mortos, cativos ou tinham fugido para o sertão.

26. COMO OS ÍNDIOS VIAM A RELIGIÃO DOS BRANCOS

Como já vimos, a pregação do Evangelho aos índios vinha misturada com a imposição da maneira de viver dos portugueses, e muitas vezes vinha acompanhada da escravidão e de muito sofrimento.

Esse fato fazia com que fosse muito difícil os índios realmente compreenderem o Evangelho de Jesus, que ensina o amor verdadeiro a todos os homens. O Evangelho dizia uma coisa e os cristãos brancos faziam outra.

Então, os índios compreendiam e viam a religião dos brancos à maneira deles.

Muitos rejeitavam a religião cristã, por ser a religião dos invasores. Os pagés, que eram encarregados de fazerem sua tribo respeitar as tradições dos antepassados, viam que a pregação religiosa dos brancos queria destruir todos os costumes, as tradições, a vida própria dos índios. Eles viam então essa nova religião como uma traição do ensinamento dos antepassados, uma traição aos povos indígenas. Por isso eles rejeitavam o cristianismo e tentavam levar toda a tribo a rejeitá-lo também. Muitos pagés tentaram defender a cultura dos índios contra a imposição da cultura dos brancos.

Outros viam que aquela era a religião de homens que pareciam muito mais fortes do que eles, mais ricos, que possuíam armas de fogo. Tinham medo dos portugueses. Achavam que certamente o Deus dos portugueses era mais poderoso do que os deuses dos índios. Ficavam com medo dos brancos

e de seu Deus e aceitavam por isso tornar-se cristãos e seguir os brancos.

Outras vezes, tornavam-se cristãos por interesse e não por fé. Os missionários davam-lhes presentes para atraí-los aos aldeamentos, davam coisas que os índios não podiam fabricar e desejavam muito, como facas e machados, espelhos, roupas coloridas, enfeites de contas brilhantes. Os padres prometiam outros presentes e vantagens para aqueles que quisessem ser cristãos. Assim, muitos aceitavam o batismo pensando em agradar os portugueses e receber ainda mais.

Essa conversão por interesse era feita sobretudo com os caciques. Muitos caciques ficavam seduzidos pelos presentes que recebiam dos padres e usavam a autoridade que tinham entre os outros para agradar os missionários. Muitos desses caciques ordenaram a suas tribos que acompanhassem e obedecessem os padres, mesmo sem saber porque e nem para onde iam.

Havia ainda índios que conseguiam manter-se livres e iam viver junto aos portugueses, procurando imitá-los e agradá-los para poder ter um lugar na sociedade dos brancos. Esses viam que o poder dos portugueses era mesmo maior do que o dos índios e preferiam se acomodar e procurar "subir na vida" do que lutar junto com seus irmãos, pela liberdade.

Para ser aceito na sociedade dos brancos, era preciso ser cristão. Muitos, então, se faziam cristãos e viam a religião como meio de se promover na sociedade.

Assim é que muitos índios se faziam exteriormente cristãos, mas continuavam cultivando as crenças da sua religião indígena.

Apenas uma parte dos índios, os que ficavam nos aldeamentos dos missionários mais dedicados, é que chegavam a se converter pela fé e a compreender alguma coisa do Evangelho de Jesus.

Para a maioria dos índios, enfim, a religião cristã que prometia a vida eterna depois da morte, ficou sendo o único consolo para todas as degraças trazidas a eles pelos brancos. Daí ficou muito forte entre eles a idéia de que essas desgraças, a sujeição, as doenças, as injustiças era Deus que mandava, pois foi Deus que mandou os portugueses para cá. Até hoje há muitos pobres brasileiros que pensam assim.

27. O FRACASSO DOS PRIMEIROS ALDEAMENTOS

Naquela situação que reinava na colônia, os primeiros aldeamentos dos jesuítas, feitos junto das povoações portuguesas do litoral, resultaram num grande fracasso.

No fim dos primeiros cinquenta anos dessa experiência, já quase não havia aldeias que sobrevivessem.

Um grande número dos aldeamentos tinha sido destruído pelos ataques dos caçadores de escravos.

Quando não atacavam diretamente o aldeamento, os brancos prendiam os índios que encontravam trabalhando fora da aldeia, sem querer saber se eram ou não cristãos aldeados.

A proximidade dos portugueses fazia com que as suas doenças passassem

para os indígenas provocando epidemias que matavam centenas deles, despovoando as missões.

Além disso, pelo regulamento desses primeiros tempos, depois de "amansar" e cristianizar os indígenas, os padres deveriam distribuí-los entre os colonos portugueses da vizinhança para que lhes prestassem serviço. Pela lei, esses índios não seriam escravos, seriam considerados livres e não poderiam ser vendidos a outros. Mas eram forçados a servir aos portugueses, sem serem pagos, apenas em troca da alimentação: na prática, isso era igual à escravidão. Os brancos não respeitavam os índios cristãos mais do que os outros escravos. Matavam os índios com trabalho demais, má alimentação e castigos. Os que não morriam, fugiam e não voltavam ao aldeamento, mas procuravam refúgio nas matas, abandonando a vida cristã.

Vendo tudo isso, muitos dos índios que chegavam aos aldeamentos por meio dos descimentos e da pregação dos padres, logo tratavam de fugir, antes que morressem de doença ou dos sofrimentos no cativeiro.

28. A EXPERIÊNCIA FAZ MUDAR O PENSAMENTO

Todos esses acontecimentos, aos poucos, foram fazendo os missionários mudarem de idéia a respeito da missão e da escravidão.

A violência dos brancos sobre os indígenas, o fracasso dos aldeamentos foram fazendo os padres enxergarem melhor a realidade. Os jesuítas foram os primeiros que começaram a descobrir que não havia jeito de "servir a dois senhores".

Muitos missionários, que antes haviam pensado que a escravidão podia até ser um bom meio para salvar as almas dos índios, iam descobrindo que isso era impossível. Aos poucos, foram vendo que a escravidão é como uma infecção que contamina e apodrece toda a sociedade.

Ia ficando cada vez mais claro que a evangelização não era possível com a escravidão. Os brancos não queriam diminir seus lucros por respeito aos escravos cristãos, e nem deixaram de tratá-los com crueldade. Assim, ficava quase impossível fazer os índios crerem em Jesus que ensina que todos os homens são irmãos, filhos de Deus. Os atos dos portugueses cristãos mostravam o contrário disso.

Os senhores de escravos pouco se importavam com a vida cristã de seus cativos: impediam que eles fossem à Igreja, separavam as famílias cristãs formadas pelos missionários, e provocavam a morte ou a fuga de índios que mal tinham começado a se evangelizar. Desse modo, todo o esforço dos missionários para atrair os indígenas à fé cristã acabava sendo inútil.

Vendo que não poderiam continuar sua obra missionária se ficassem perto dos brancos, os missionários partiram para novas experiências.

Essa mudança na maneira dos missionários verem sua missão foi se fazendo pouco a pouco e os novos aldeamentos criados foram caminhando cada vez mais em busca de independência e liberdade.

29. O REI DOMINAVA A IGREJA

Não era nada fácil para os missionários no Brasil fazer seu trabalho de modo independente. Era praticamente impossível escapar do poder dos colonizadores, ir contra a vontade dos poderosos. Era quase impossível cuidar mais dos interesses dos índios do que dos interesses do império português.

A situação ficava especialmente difícil porque a Igreja na colônia era completamente dependente do Rei de Portugal, do governo português.

Essa dependência vinha do trato feito pelo Papa com os reis de Portugal. Sendo os reis de Portugal muito católicos e dispostos a impor a fé católica aos outros povos, o Papa deu ao Rei o lugar de chefe das missões e, afinal, de toda a Igreja no império português. Vejamos bem que o encargo da missão foi dado ao Rei e não diretamente aos religiosos.

Por causa dessa situação, era o Rei que escolhia e enviava os missionários para o Brasil, e era ele quem tomava as decisões mais importantes, que fazia as leis e regulamentos que os missionários deviam obedecer. Todos os padres e bispos para o Brasil eram escolhidos pelo Rei. Os bispos do Brasil nem podiam escrever cartas diretamente ao Papa: Tudo tinha que passar pelas mãos do Rei de Portugal. Até os missionários religiosos, isto é, que pertenciam às ordens ou congregações religiosas, só podiam vir e ficar no Brasil com a permissão do Rei. Os religiosos que não eram portugueses tinham que passar antes por Portugal, para poderem embarcar para o Brasil.

Havia em Portugal uma repartição do governo, chamada Mesa de Consciência e Ordens, que era uma espécie de ministério encarregado de dirigir as coisas da Igreja e da religião nas colônias. Era essa Mesa que nomeava ou expulsava padres, religiosos e bispos, e que mandava na Igreja. Assim, quem não fosse do agrado do Rei, quem não estivesse disposto a defender, antes de tudo, os interesses de Portugal, dificilmente conseguia ser missionário no Brasil. Não era possível nem viajar para cá sem licença do Rei, pois só os navios portugueses é que vinham até aqui, e todos controlados pelo governo português.

Havia ainda outro aspecto da dependência da Igreja para com o Rei. Era a dependência econômica.

Todos os cristãos eram obrigados a pagar o dízimo, isto é, a décima parte de toda a produção de mercadorias que lhes pertencessem, para a manutenção da Igreja. Mas, por ordem do Papa, no império português não era a Igreja, diretamente, quem recebia esse dízimo, era o Rei. Era como um imposto cobrado diretamente pelas autoridades do governo português e depois distribuída pelos padres e missionários para seu sustento e manutenção do culto e das missões. O dinheiro ia todo para Portugal, e depois apenas uma pequena parte voltava para as despesas da Igreja, como se fosse um favor que o Rei estava fazendo aos padres e ao povo. Esse dízimo era fonte de um grande enriquecimento para o Rei e a corte de Portugal.

É claro que o Rei queria guardar a maior parte dessa riqueza para si, e normalmente já era pouco o que vinha para as missões e custava para chegar. Os encarregados do pagamento demoravam e também tiravam a sua parte. Quando se tratava de um missionário que não estava fazendo coisas bem do jeito que os colonizadores queriam, aí então é que a situação piorava. Era

fácil, assim, para o governo, controlar e sujeitar os missionários: bastava cortar o pagamento e os padres ficavam sem meios para viver e continuar o seu trabalho.

É claro que a maioria dos padres que vinham para cá, assim como os bispos, escolhidos pelo Rei, eram aqueles que estavam dispostos a defender mais os negócios de Portugal do que o bem dos índios. Mesmo entre os missionários das congregações religiosas, que eram um pouco mais independentes do que os outros padres, nem todos estavam dispostos a enfrentar os poderosos. Uma grande parte dos missionários se acomodava à situação e tratava de não criar casos com os ricos moradores portugueses por causa dos escravos.

Esse sistema de dependência da Igreja para com o Rei chamava-se Direito de Padroado. Esse sistema de Padroado foi uma das coisas que tornou mais difícil a verdadeira evangelização no Brasil, pois fazia prevalecer o desejo de lucro dos brancos contra a verdadeira ação missionária.

30. OS NOVOS ALDEAMENTOS

Os missionários mais sinceros viam que, dentro dessa situação, nem era possível ser fiel ao Evangelho e nem evangelizar realmente os índios.

Começaram então a tentar fazer suas missões longe, onde os outros portugueses ainda não haviam chegado. Procuraram um meio de fazer seus aldeamentos também independentes econômicamente, para não terem que viver do dinheiro mandado pelo Rei, e ter assim mais liberdade para defender os índios.

Muitos missionários chegavam a querer criar um mundo para os índios cristãos, completamente separado dos colonizadores brancos.

O objetivo desses aldeamentos isolados era defender a vida dos índios contra os caçadores de escravos e as doenças transmitidas pelos brancos. Queriam também defender os índios do mau exemplo dos maus cristãos portugueses e fazer nos aldeamentos um modelo de comunidade cristã. Queriam também poder respeitar mais as tradições e o modo de ser dos índios.

Essas experiências de aldeamentos separados dos brancos foram iniciadas pelos jesuítas, mas logo seguidas por outros missionários, como os franciscanos, os capuchinhos e os oratorianos.

Os novos aldeamentos se desenvolveram principalmente em tres regiões: nos sertões do nordeste, desde a Bahia até o Ceará, e sul do Piauí; também na Amazônia, que naquele tempo era chamada toda de Maranhão, pegando atuais estados do Maranhão, Pará e Amazonas; e ainda no sul do Brasil de hoje, parte no Paraná e parte no Rio Grande do Sul.

Para serem econômicamente independentes, os missionários organizavam o trabalho dos índios, para a sobrevivência de toda a aldeia, e também para produzir algumas mercadorias que fossem vendidas aos brancos.

Todo esse desejo de independência, escapando aos planos de maiores lucros dos colonizadores, só podia desagradar aos poderosos, e acabou resultando na destruição das experiências.

31. OS ALDEAMENTOS DO SERTÃO NORDESTINO

As primeiras tentativas de aldeamentos longe do litoral foram iniciadas nas margens do rio São Francisco, entrando pelo sertão dos atuais estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Bahia, depois do ano de 1600.

Para aí foram os jesuítas, e também os capuchinhos, os franciscanos e os oratorianos, todos procurando aldear e evangelizar os índios.

Entrando pelos sertões, os missionários foram fundando novos aldeamentos em Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Como sabemos, eles procuravam fugir da cobiça dos colonizadores, querendo manter seus aldeamentos livres e isolados dos brancos.

Mas não se passou muito tempo antes que a ganância do poder colonizador estendesse suas mãos também para a região dos novos aldeamentos do interior. Só que agora já não era o senhor de engenho que vinha em busca de terra e de escravos, pois aparecia uma nova figura entre os ricos e poderosos portugueses: o fazendeiro de gado.

A terra do sertão não servia para a cana, mas era boa para a criação de gado. O grande desenvolvimento da produção de açúcar, o enriquecimento dos proprietários, sobretudo no nordeste do Brasil, estava fazendo com que se desenvolvessem também outros tipos de produção. Uma das coisas que mais crescia e que poderia dar lucros era a criação de gado. A carne era necessária para a alimentação da população portuguesa que crescia, e o couro também muito utilizado. Também todo o transporte de carga e os engenhos eram puxados por animais.

Partindo principalmente da Bahia, os colonizadores avançavam para o sertão para conquistar terra para seus rebanhos, e fazer dos índios escravos em suas fazendas.

Outro motivo que fazia colonos invadirem também as terras do interior era a esperança de encontrar minas de ouro. Os moradores de São Paulo, especialmente, organizavam suas expedições, chamadas de "bandeiras", para procurar ouro pelo interior sem deixar também de "caçar" indígenas para o cativeiro. Esses famosos bandeirantes eram quase todos mamelucos que procuravam enriquecer servindo o poder colonial português contra os índios.

Assim, depois de algum tempo de sossego, nos aldeamentos distantes, recomeçaram os problemas e os conflitos entre missionários e índios de um lado e os fazendeiros e bandeirantes de outro. Esses conflitos se deram principalmente nas margens do Rio São Francisco, que oferecia suas águas como uma verdadeira estrada para penetrar no interior, e por isso era muito importante e cobiçado pelos brancos.

Assim mesmo, entre conflitos, problemas, lutas, esses aldeamentos tiveram mais sucesso e vida mais longa do que os primeiros, do litoral. Só desapareceram completamente em 1.760, quando os últimos missionários que defendiam a liberdade dos índios foram expulsos.

Mas antes disso, a experiência de aldeamentos do sertão já começava a ser derrotada. O isolamento que permitia que os aldeamentos se desenvol-

vesssem no inicio já não exisitia mais. Os brancos com seu gado já tinham invadido toda a região. Os colonizadores já estavam outra vez perto demais e os mesmos fatos se repetiam.

Os índios foram expulsos também dessas terras, muitos morreram resistindo aos brancos e outros foram escravizados, tornando-se boiadeiros, vaqueiros, trabalhadores para os fazendeiros.

Com as dificuldades, muitos missionários foram desanimando, perdendo o entusiasmo e até se conformando. Já em 1700 havia antigos missionários que até começavam a ter suas próprias fazendas de gado, e por isso ter também escravos. Já se sabe que quem tinha propriedades de terra no Brasil, acabava sempre por ter escravos, pois não havia outro meio de se tirar lucro da terra. Os padres que se tornaram proprietários também não escapavam dessa necessidade.

32. MAIS PERSEGUIÇÕES CONTRA ÍNDIOS E MISSIONÁRIOS

> **"E Jesus disse ainda: — Eu digo isso para que vocês não fiquem desanimados. Vão expulsá-los das casas de oração, e chegará o tempo em que qualquer um que os matar pensará estar fazendo a vontade de Deus. Vão fazer isso porque não conhecem o Pai nem a mim."** *(Lc 16,1-3).*

Entre os missionários que fizeram aldeamentos nas margens do Rio São Francisco, os que mais se destacaram foram os frades capuchinhos franceses.

Com a chegada dos capuchinhos, aparece na evangelização do Brasil alguma coisa de novo: a presença de missionários mais independentes do Rei de Portugal.

Os capuchinhos não pertenciam ao Padroado português, não eram nem enviados e nem pagos pelo Rei, como os outros missionários. Eles eram enviados e mantidos diretamente de Roma, pela "Propaganda Fide". Tratava-se de uma organização criada pelo Papa em 1622, justamente para poder enviar missionários mais livres, independentes dos governos, para evangelizar os povos pagãos. O Papa também já estava descobrindo que a dependência da Igreja para com os poderosos deste mundo impedia que se desse testemunho do Evangelho verdadeiro.

Esses novos missionários, como não recebiam dinheiro do governo português, e nem eram diretamente sujeitos ao rei, tinham mais liberdade para se arriscarem a desagradar os poderosos colonizadores. Por outro lado, tinham a proteção do Papa.

Os primeiros que chegaram eram franceses. Nessa época, em 1646, Portugal já tinha feito as pazes com a nação Francesa, e aceitou os missionários franceses na sua colônia.

O mais dedicado foi o frei Martinho de Nantes. Ele e seus companheiros partiram de Olinda para os sertões do São Francisco e começaram aldeando índios cariris nas ilhas do rio. Foram continuando, e conseguiram fazer aldeamentos pelos sertões de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do

"Os índios se revoltaram. Frei Martinho não abandonava os índios."

Norte e Ceará. Mas seu trabalho mais importante foi feito na margem direita do Rio São Francisco, do lado da Bahia.

Nas cidades grandes do litoral, os capuchinhos fundavam "hospícios" - uma espécie de asilos ou hospitais - para servir de apoio para as missões, como os colégios dos jesuítas. De fato, esses hospícios funcionavam muito bem como ajuda para os aldeamentos, garantindo o sustento dos padres e do trabalho deles em várias aldeias. Os hospícios dos capuchinhos cumpriram sua função muito melhor do que os colégios dos jesuitas.

Mas logo os problemas começaram a surgir, às margens do Rio São Francisco. Uma poderosa família de ricos proprietários da Bahia, a família Dias d'Ávila, não se contentando com toda a riqueza que já possuía, envia seus soldados para tomar dos índios e missionários as margens do grande rio. Os Dias d' Ávila queriam a terra para o gado, o rio como estrada para buscarem ouro mais para o interior, e outras riquezas da região. Fizeram uma verdadeira guerra contra os índios, que durou dezenas de anos. Mandavam seus homens desocupar as terras à força e escravizar os índios.

Em 1680, os índios se revoltaram com a perseguição e passaram a atacar também os homens de Dias d' Ávila. Os colonizadores então mandavam contra os índios verdadeiros exércitos bem armados, com ordem para arrasar tudo. Dezenas de aldeamentos dos missionários foram destruídos.

Frei Martinho de Nantes, corajosamente, não abandonava os índios, ficava do lado deles e escrevia para o Rei, as autoridades, o Papa, denunciando as matanças feitas pelos Dias d' Ávila. Outros missionários, como os jesuítas que trabalhavam na outra margem do rio, também protestavam contra os fazendeiros que matavam índios e destruíam igrejas, e denunciavam alguns padres que ficavam do lado desses fazendeiros, envergonhando a Igreja e traindo o Evangelho.

Essa luta continuou até que, em 1698, o Rei de Portugal rompeu sua amizade com o Rei da França, e mandou então expulsar os capuchinhos franceses do Brasil.

Em 1705, chegam capuchinhos italianos que vão para os mesmos aldeamentos, retomando e desenvolvendo o trabalho de seus irmãos franceses. Mas aí também a perseguição não ia faltar. Em 1758, os aldeamentos perderam seus direitos especiais e foram transformados em vilas e povoados sujeitos à autoridade dos funcionários do governo colonial.

As missões foram acusadas de estar se tornando ricas demais porque se negavam a pagar os impostos ao Rei; na realidade, os missionários tinham criado um sistema de sustento independente, nas missões, o que desagradava os colonos que desejavam explorar o trabalho dos indígenas e a riqueza da terra.

Outra acusação aos missionários era que eles e os índios de seus aldeamentos não obedeciam à autoridade do governo, nem mesmo ao bispo e aos padres seculares. Além disso, diziam que os padres treinavam os índios para a guerra contra os brancos, e que os índios ficavam unidos demais aos missionários, sendo, assim, um perigo para os brancos. Na realidade, os colonizadores não podiam suportar ver, no meio de sua colônia, regiões inteiras que eles não conseguiam dominar, sujeitar e explorar. Os missionários acabaram expulsos, ou tiveram que se retirar porque, por ordem do Marquês de Pombal,

os aldeamentos deveriam tornar-se paróquias e os missionários capuchinhos não podiam ser vigários.

33. MUDAM OS PODEROSOS, MAS NÃO MUDA A OPRESSÃO

Já sabemos que não eram só os portugueses que andavam conquistando terras aqui pela América do Sul. Também os espanhóis tinham estabelecido suas colônias do lado de cá do Oceano Atlântico. Já tinham ocupado o México, e avançado para o Sul, pela América Central e para a América do Sul, do lado do poente, já na beira de outro oceano, o Oceano Pacífico. De lá, tinham entrado também pelo interior, até chegar quase nas fronteiras das teras ocupadas pelos portugueses, principalmente no sul do Brasil.

Por causa daquele tratado feito entre os reis de Portugal e Espanha, as terras que hoje formam os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul pertenciam à Espanha.

Também nas colônias espanholas, a ganância dos colonizadores destruía e escravizava os povos indígenas. Também nos domínios do Rei de Espanha reinava o Padroado do rei sobre a Igreja e os missionários encontravam os mesmos problemas para evangelizar os índios. Tudo se passava de maneira muito parecida.

No ano de 1580, o Rei da Espanha passou a ser também Rei de Portugal, porque o Rei português, Dom Sebastião I, tinha morrido numa batalha, sem deixar filhos. Felipe II da Espanha era seu primo e herdeiro da sua coroa. Esta situação durou até 1640, quando os portugueses conseguiram colocar outra vez um rei português em seu trono.

Mas a situação nas colônias de Espanha e de Portugal era tão semelhante, que essa mudança não fazia diferença para os povos indígenas, perseguidos e escravizados. Que o Rei morasse em Lisboa ou em Madri, que o Rei falasse em português ou em espanhol, a dominação e a exploração das terras do índios e a violência dos colonizadores era a mesma.

Acontece, porém, que essa união dos dois reinos, sob a coroa do mesmo rei, fez com que o tal tratado entre as duas nações fosse esquecido por algum tempo. Assim, os colonizadores portugueses e mamelucos começaram a avançar mais para o interior, mesmo entrando em terras que seriam da Espanha, sem que o Rei tomasse medidas sérias contra eles. Afinal das contas, eles avançavam para procurar ouro e caçar índios, e isso interessava também aos colonizadores espanhóis. No fundo, os colonizadores brancos, fossem portugueses ou espanhóis, tinham os mesmos interesses: dominar os índios, tomar suas terras, levá-los para o cativeiro.

34. AS MISSÕES DO PARAGUAI

Também nas colônias espanholas estavam os missionários jesuítas. Também ali, os jesuítas, que desejavam evangelizar os índios, descobriram que não era possível fazer comunidades indígenas cristãs com a ameaça de escravidão. Dentro do sistema espanhol, enfrentaram os mesmos problemas e perseguições que os jesuítas portugueses do Brasil.

De sofrimentos semelhantes, nasceram também ações semelhantes. E os jesuítas espanhóis partiram para reunir os indígenas em novos aldeamentos, longe dos espanhóis. A missão dos jesuítas espanhóis se realizou principalmente com os indígenas da nação guarani, que habitavam toda a parte sul do nosso continente, onde hoje se encontra o sul do Brasil, a Argentina, e o Paraguai. Naquele tempo, toda essa região era chamada de Paraguai.

Foi justamente no tempo da união entre os reinos de Portugal e Espanha que os jesuítas começaram suas missões no Paraguai.

A nação guarani era muito numerosa e espalhada por quase a metade da América do Sul. Os documentos antigos dizem que havia vários milhões de guaranis no momento da chegada dos colonizadores.

Também eles foram considerados pelos espanhóis como selvagens, ignorantes e filhos do demônio. Isso, como já sabemos, servia para enganar a consciência dos colonizadores diante da crueldade que estavam fazendo contra os indígenas.

Só na região do Paraguai, havia um milhão de guaranis, mas, no ano de 1797 só restavam oito mil e duzentos, sem contar os que tinham ficado protegidos nas missões dos padres jesuítas.

Eles acreditavam em um só Deus, mas não tinham o costume de render culto e não tinham sacerdotes. Tinham apenas seus pagés, que eram mais como conselheiros e curandeiros.

Viviam em grupos, cada grupo com seu cacique e não tinham morada fixa: mudavam frequentemente de terras, procurando melhor caça e pesca, e fazendo novas roças.

Os jesuítas começaram fazendo missões ambulantes, mas logo viram que não poderiam cristianizar os guaranis sem reuni-los e fazê-los permanecer vivendo num mesmo lugar. Mudando sempre de lugar, os missionários não conseguiam encontrar uma tribo durante tempo suficiente para evangelizá-la. Procuraram então atrair os índios para fixar moradia em aldeamentos missionários, chamados de "reduções".

Vendo porém que os colonos estavam trazendo os índios para a escravidão, decidiram fazer seus aldeamentos longe dos brancos. Nas cidades espanholas do Paraguai, havia várias brigas entre missionários e colonizadores por causa da escravização dos guaranis. Muitas vezes os jesuítas foram expulsos da cidade ou proibidos de entrar porque censuravam os senhores de escravos.

Os guaranis, entretanto, também lutavam e resistiam aos caçadores de escravos. Assim, havia muitas terras em que os espanhóis não conseguiam entrar, pois perdiam as batalhas contra os corajosos guaranis. Isso acontecera na região de Guaíra, hoje estado Paraná, onde viviam cerca de 150.000 guaranis livres, que os espanhóis não conseguiam dobrar.

Depois de muita luta, os missionários conseguiram ordem do rei garantindo a liberdade para os guaranis e o direito dos jesuítas irem fundar reduções na região de Guaíra. Mas, como sempre, as ordens do Rei iam ficar apenas no papel, se dependesse da vontade dos colonizadores brancos. Só a proteção e o trabalho dos missionários poderiam garantir um pouco de paz para os guaranis. Sem isso, eles teriam que continuar a se defender dos

espanhóis em guerra onde muitos deles perdiam a vida.

Os colonos brancos fizeram de tudo para impedir a fundação das reduções, mas tiveram que aceitá-las diante da perseverança dos jesuítas e das ordens do Rei.

Acontece que o estabelecimento dessas reduções afastadas também interessava ao governo colonial espanhol. O governo desejava e esperava que as missões espanholas servissem como guardas das fronteiras contra seus vizinhos portugueses, garantindo as terras para a Espanha.

Os missionários conseguiram do Rei a promessa de que não seria permitido escravizarem os indígenas das missões e das terras de Guaíra, e conseguiram também a ordem de serem apenas eles, os jesuítas, os responsáveis pela organização e o governo das reduções. Qualquer outro branco, até mesmo o bispo ou o governador da colônia, eram proibidos de entrar no território das missões sem ordem expressa do Rei.

Em 1610 foi fundada a primeira redução, próxima do rio Iguaçu, no Paraná de hoje. Prometendo aos índios proteção contra os colonos espanhóis, os padres logo conseguiram atrair muitos deles, que aceitaram deixar a vida ambulante pelas matas e vir viver no aldeamento.

Muitos outros índios viram que, na verdade, aqueles que estavam na redução tinham mais segurança do que os que ainda viviam nas matas e campos. Logo a população da primeira redução cresceu demais. Um dos caciques guaranis, chamado Atycaya, sugeriu que se repartisse a população e se fundasse outra aldeia a uma légua e meia de distância.

Rapidamente outra e mais outras reduções foram sendo fundadas. O trabalho tinha sido começado por apenas dois padres, que logo necessitavam de outros para ajudá-los, de tanto que crescia o número de índios aldeados.

Jamais os jesuítas utilizaram a ajuda de soldados ou de qualquer outro branco para forçar os índios a virem para as reduções. Eles vinham livremente, em busca de segurança, ameaçados pelos caçadores de escravos.

Cresciam as aldeias, com a igreja construída no centro de uma grande praça, ruas de casas para as famílias guaranis, escolas e oficinas. Em pouco tempo, as reduções já pareciam verdadeiras cidades, cercadas de campos cultivados e grandes fazendas de gado, tudo isso pertencendo à comunidade.

Os padres se dedicavam a organizar a vida material dos guaranis e também à evangelização. Davam testemunho do Evangelho, assim, pela ação e pela palavra, cuidavam das almas e dos corpos.

Mais adiante, às margens do rio Paraná, outros jesuítas começaram novas reduções que também se desenvolveram muito.

Havia problemas com colonos brancos do Paraguai, que tentavam prender e escravizar os índios que eles encontravam trabalhando sozinhos nos campos, fora das aldeias da redução. Mas, de modo geral, as reduções se desenvolviam, floresciam, começavam a dar frutos e a experiência parecia um sucesso.

Em 1630 já havia 24 reduções no Guaíra, contando com quase cem mil moradores, todos guaranis, com alguns poucos missionários. Mais para o sul,

na Serra do Tape, outras doze reduções, e mais quatro no Vale do Rio Paraná.

Tudo ia indo bem, mas a perseguição também havia de chegar.

35. A GANÂNCIA DOS PAULISTAS CONTRA A COMUNIDADE DOS GUARANIS

> **"Eu afirmo que quando vocês fizeram isso ao mais humilde dos meus irmãos, de fato foi a mim que o fizeram"** *(Mt 25, 40).*

Os missionários tinham procurado fazer suas reduções o mais longe possível, para escapar ao perigo dos colonos espanhóis. Mas, sem saber, tinham se colocado ao alcance de novos inimigos: os bandeirantes paulistas, do lado do Brasil.

A Vila de São Paulo de Piratininga, hoje a grande cidade de São Paulo, era habitada na maioria por mamelucos bem comprometidos com a empresa colonial. As terras da Capitania de São Vicente, onde ficava São Paulo, não eram tão boas para a cana de açúcar e, além disso, o açúcar produzido em seus engenhos era mais difícil de exportar para a Europa, pois ficava bem mais longe, no sul, tornando o transporte mais caro. Os vicentinos e paulistas não podiam enriquecer tanto com o açúcar como os colonos do nordeste do Brasil. Por isso mesmo, tinham dificuldade de comprar escravos africanos, que eram mais caros, e continuavam a depender muito mais de escravos indígenas.

O modo que os paulistas encontravam para ter mais lucro era procurar minas de ouro ou pedras preciosas e, principalmente, "caçar" índios para o cativeiro.

Descendo com suas canoas pelo rio Tietê, ou pelo Paranapanema, que desaguam no rio Paraná, com facilidade chegavam às reduções de Guaíra e outras reduções do Paraguai. E aí encontravam os guaranis reunidos nas missões, alvo fácil para seus ataques.

Desde 1618, já começaram os ataques dos paulistas às reduções dos guaranis, primeiro com pequenas expedições que matavam ou levavam cativos muitos índios. A partir de 1628, começaram a chegar com verdadeiros exércitos de milhares de homens arrasando com os aldeamentos, massacrando velhos e crianças que não podiam aguentar uma viagem de volta pela selva, e levando cativos centenas de homens e mulheres guaranis.

Os padres não desanimavam, tentavam começar tudo de novo, mas os mamelucos paulistas voltavam e continuavam sua destruição.

Os índios não podiam se defender, pois não tinham a permissão de possuir armas de fogo, e suas flechas pouco podiam contra a pólvora e o chumbo dos bandeirantes.

Quinze mil guaranis chegaram a ser levados cativos para São Paulo, de uma vez, enquanto outros milhares tinham sido mortos. As reduções do Guaíra estavam destruídas.

Dois dos jesuítas, desesperados, seguiam atrás dos bandeirantes e guaranis presos e conseguiram, mortos de fome e canseira, chegar até São Paulo. Lá foram presos também, mas acabaram libertados pela intervenção dos

"Os cristãos de São Paulo destruíram as comunidades dos cristãos guaranis."

jesuítas de São Paulo. Conseguiram depois chegar ao Rio e mandar seu protesto ao Papa pelo massacre realizado pelos mamelucos contra os cristãos guaranis, e contra todas as ordens do Rei e da Igreja.

Diante das reclamações dos missionários, as autoridades diziam sempre que eles tinham toda razão, que aquilo era um abuso, mas tudo ficava apenas em palavras. Não tomavam nenhuma providência contra os paulistas. Os quinze mil guaranis já tinham sido vendidos em diferentes portos, a muitos senhores de escravos, e era impossível encontrá-los e libertá-los. Os jesuítas conseguiram encontrar apenas doze deles no Rio de Janeiro e levá-los de volta para Guaíra.

Na realidade, as autoridade coloniais até favoreciam os paulistas, pois os exploradores brancos não podiam aguentar a existência de um território que escapava ao seu domínio, povoado por milhares de índios livres. Os colonizadores queriam terras e escravos.

Os ataques e massacres continuavam, cada vez que os missionários e guaranis tentavam reconstruir suas aldeias. Algumas vezes, pequenos exércitos de guaranis, armados de lanças e flechas de madeira, conseguiam resistir e barrar o avanço dos mamelucos, mas esses sempre voltavam, cada vez mais numerosos e bem armados.

Por fim, os jesuítas conseguiram um decreto do Papa que declarava excomungados todos os cristãos que atacassem as missões e que escravizassem os índios das reduções. Isso provocou a revolta dos paulistas, que acabaram por expulsar da capitania de São Vicente todos os padres jesuítas, que só puderam voltar treze anos depois. Também no Rio de Janeiro, arrombaram as portas do colégio e da igreja dos jesuítas, querendo expulsá-los. Só se acalmou a situação no Rio porque as autoridades prometeram aos colonos dar um jeito na situação junto ao Papa.

Nem decretos do Papa, nem ordens do Rei, nada fazia efeito contra a cobiça dos paulistas. As destruições continuaram.

O único jeito que os missionários acharam para salvar os guaranis que ainda restavam foi mudarem-se todos mais para o sul, seguindo o rio Paraná, para longe dos paulistas. E assim fizeram um verdadeiro êxodo, um povo todo que abandonava suas terras cultivadas e tudo o que já tinha construído, para salvar suas vidas e sua liberdade, em busca de uma terra de paz.

Em 1631, mudaram-se duas mil e quinhentas famílias, viajando a pé ou em canoas, perseguidos pelos mamelucos. Só conseguiram salvar-se dos paulistas e chegar à nova terra em segurança porque atravessaram para o outro lado das grandes cachoeiras da Foz do Iguaçu.

Mas aí também chegaram os mamelucos, depois de algum tempo. Novos ataques, novas mortes e prisões. O único jeito era fugir de novo, ainda mais para o sul. E assim fizeram, chegando à região de Entre Rios, na Argentina, e ao Rio Grande do Sul, depois de meses de canseira, fome, doenças.

Ao fim de tudo isso, dos cem mil guaranis que havia somente nas reduções do Guaíra, restavam apenas doze mil. Porém novas tribos vieram se juntar aos guaranis cristãos, e logo estavam reunidos na nova terra mais de cinquenta mil pessoas, prontas a começar tudo de novo.

Depois de tudo isso, finalmente, no ano de 1639, os jesuítas conseguiram do Rei a licença para que os guaranis se armassem também com armas de fogo. Agora a situação mudava.

Os mamelucos não desistiram, perseguiram os guaranis em suas novas terras, mas dessa vez encontraram um exército guarani bem armado e bem treinado que venceu os invasores, em 1641. Desde então, os bandeirantes foram obrigados a deixar em paz os guaranis.

Essa paz durou cerca de cem anos, permitindo então um extraordinário desenvolvimento das reduções guaranis, grande parte delas no atual estado do Rio Grande do Sul. Nesse período, apenas as epidemias, sempre mortais para os indígenas, ou crises de fome por causas naturais é que atacavam as reduções que assim mesmo cresceram.

36. A FRATERNIDADE REALIZADA NAS COMUNIDADES GUARANIS

Quando fundavam uma nova redução, os jesuítas do Paraguai logo se ocupavam em organizar a vida da comunidade de modo que os indígenas atraídos pudessem viver com um mínimo de conforto.

Enquanto a vida material ia se organizando, os padres iniciavam a evangelização dos moradores da missão. Essa evangelização era feita pouco a pouco. Os missionários sabiam que a maioria dos índios não tinham vindo para a redução por causa do desejo de conhecer a fé cristã, mas sim em busca de proteção contra os espanhóis escravistas. Embora não deixassem de procurar forçar os índios à conversão, não era pela força física que os jesuítas o faziam.

Apenas um ou dois missionários se encarregavam de iniciar cada nova redução, e até mais de uma ao mesmo tempo sem a ajuda de nenhum outro branco, muito menos soldados. Não poderiam forçar os índios pela violência. Era mais pela força da sua pregação, do exemplo e da caridade que os jesuítas conquistavam a confiança, a colaboração e a conversão dos guaranis. Em pouco tempo, todos iam aceitando a fé cristã. Aqueles que ainda não tinham se convertido tinham o direito de viver na redução e receber benefícios, mas os convertidos tinham privilégios e melhores condições; isso também influía para os índios aceitarem ser cristãos.

Rapidamente, os missionários foram conseguindo criar com os guaranis uma nova sociedade, um verdadeiro mundo novo, que em nada se parecia com o mundo colonial dos espanhóis.

Os jesuítas tomaram como modelo a comunidade dos primeiros cristãos, conforme está descrita nos Atos dos Apóstolos: os primeiros cristãos punham tudo em comum, repartiam o que possuíam conforme as necessidade de cada um, e não havia necessitados entre eles. Seguindo esse modelo, os padres quiseram criar com os novos cristãos guaranis uma sociedade em que todos fossem irmãos, iguais, na realidade, no próprio modo de organizar a vida, a produção e a distribuição das riquezas, e não apenas em palavras.

Os guaranis e missionários conseguiram organizar sua vida de uma forma tão extraordinária que enchia de admiração a todas as pessoas de boa vontade que os visitavam. Quem não gostava do que estava acontecendo eram os gananciosos colonizadores espanhóis e portugueses.

37. NÃO HAVIA NECESSITADOS ENTRE ELES

Nas reduções, como já era costume dos indígenas, não existia propriedade particular de nenhum dos meios de produção, isto é, das coisas que são necessárias para produzir os bens que a gente precisa para viver. Terras, gado, plantações, oficinas e ferramentas, tudo pertencia igualmente a toda a comunidade.

Cada família recebia da comunidade uma casa para toda a sua vida, sem precisar comprá-la e nem pagar aluguel, mas não podia deixá-la de herança para os filhos. Mas a herança não era necessária, porque cada jovem que se casava recebia igualmente uma casa por toda vida.

Toda a produção das plantações e das oficinas era entregue no armazém da comunidade. Os encarregados dos armazéns, todos guaranis, anotavam tudo que entrava e qual tinha sido a produção de cada pessoa. Semanalmente, os encarregados dos armazéns entregavam aos chefes de quarteirão os mantimentos necessários para as famílias de seu quarteirão. Os chefes então distribuíam conforme o número de pessoas em cada casa.

Quanto melhor aprendiam a trabalhar e aumentar a produção, aumentava a fartura na mesa de todos os guaranis, igualmente.

Quando um pai de família desejava outras coisas produzidas pela comunidade, além dos mantimentos, podia retirá-las do armazém comunitário, no valor dos bens que ele tinha produzido com seu trabalho. Tudo estava anotado e contado, de modo que os preguiçosos não podiam se aproveitar e viver às custas do suor dos outros.

O valor dos produtos era dado pelo tempo de trabalho necessário para produzi-los.

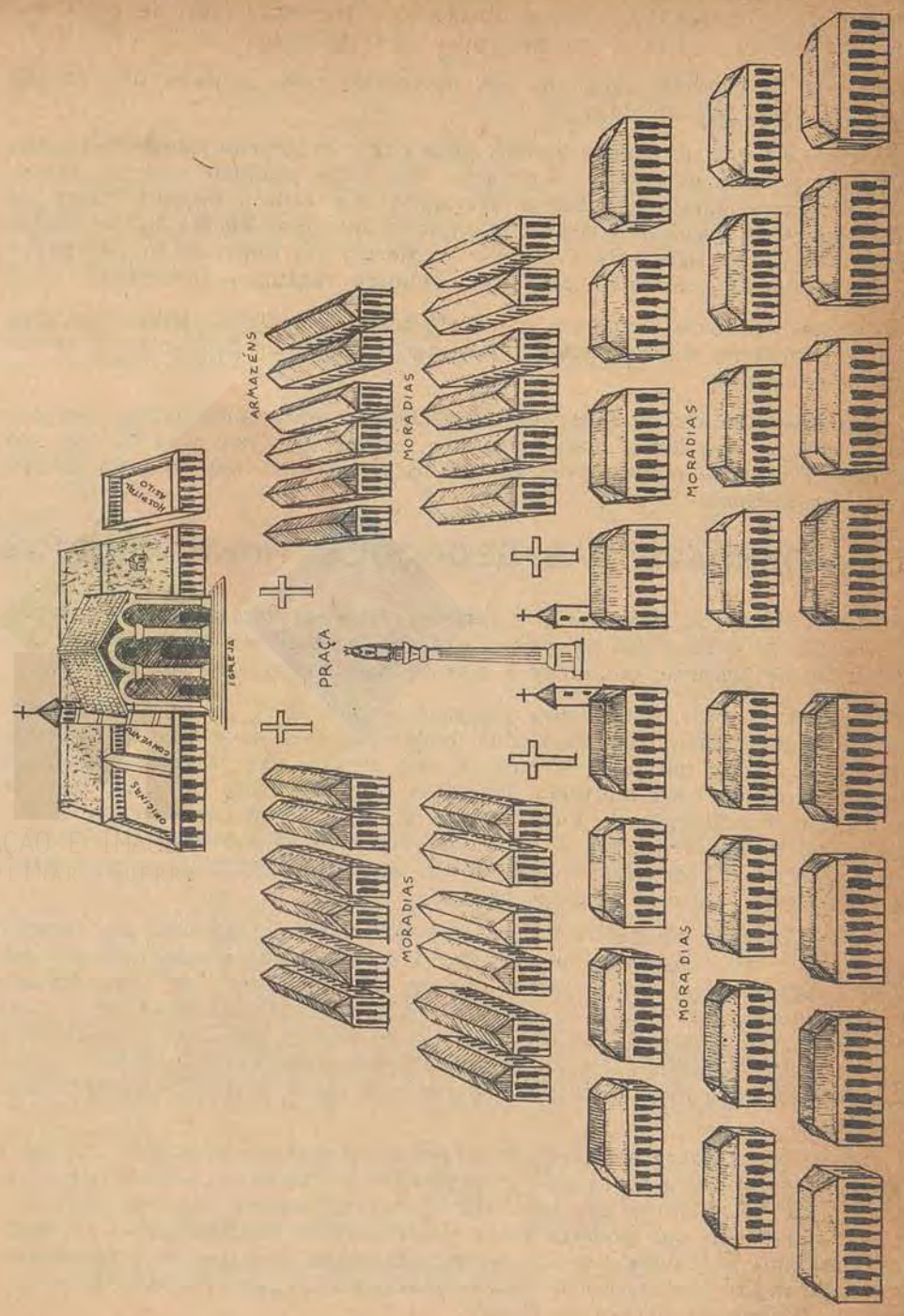
As crianças, velhos e doentes, recebiam igualmente da comunidade todo o necessário para viver. Havia casas especiais para as viúvas, hospitais para os doentes. As moças tomavam conta de todas as crianças que ainda não iam para a escola, para que as mães ficassem livres para os serviços de casa.

Nas reduções não circulava dinheiro, que não era necessário, e nem feira nem comerciantes. Toda a produção pertencia a todos e era distribuída conforme as necessidades de cada um.

Todos deviam trabalhar na produção ou em serviços necessários para a vida da redução. Mesmo as crianças, fora de seu horário de escola, deviam colaborar no trabalho. As mulheres cuidavam da casa e também de fiar e tecer o algodão e a lã, produzindo tecidos para vestir a população. Trabalhavam em casa.

Todos os outros tipos de trabalho, nos campos ou nas oficinas, eram feitos por grupos, com a chefia de um contramestre também guarani, eleito pelos companheiros. O contramestre não estava dispensado de trabalhar na produção.

Como todas as pessoas trabalhavam, e ninguém vivia às custas dos outros, bastavam seis horas de trabalho por dia para que a comunidade produzisse tudo o que precisava para viver, e ainda mais, para vender aos es-



"Modelo de uma redução Guarani do Guairá, destruída pelos bandeirantes chefiados por Raposo Tavares em 1629"

panhóis. Somente nos tempos de semeaduras ou da colheita, é que o trabalho aumentava até oito horas por dia. Enquanto isso, no resto do mundo, os pobres escravos e trabalhadores eram obrigados a trabalhar mais de doze horas por dia sem descanso e sem nenhuma lei trabalhista.

A parte da produção que não era necessária para o povo da redução era vendida fora, por dinheiro.

O dinheiro era necessário apenas para pagar os impostos devidos ao Rei, ou para comprar as coisas que a redução não podia produzir sozinha, sobretudo o ferro para fundir e fabricar ferramentas e outros objetos. Eram os próprios guaranis, escolhidos pela comunidade, que iam, certas épocas do ano, às cidades coloniais para fazer esse comércio em nome de toda a população das reduções, sem levar com isso nenhuma vantagem individual.

Algumas reduções chegaram a ter até mais de vinte mil habitantes, mas quando a população crescia demais, uma parte saia para fundar novo aldeamento mais adiante.

Com esse sistema, as reduções progrediam muito rapidamente, sua produção crescia, e logo havia mais fartura e riqueza nas reduções do que nos territórios dominados pelos colonizadores. É claro que isso causava inveja, despeito, problemas.

38. A LIBERDADE DAS REDUÇÕES TINHA INIMIGOS

Os colonizadores, inimigos das missões, ficavam enraivados porque não podiam explorar e tirar proveito das terras das reduções e do trabalho dos guaranis. Só os próprios indígenas é que se beneficiavam de seu trabalho.

Os brancos começaram então a acusar os padres de estarem escravizando os índios para enriquecer às custas deles. Mas essa acusação era caluniosa. Como é que um punhado de padres, sem armas, sem soldados, poderiam dominar e explorar uma multidão de índios, que chegaram até a ser mais de trezentos mil, nos tempos de maior prosperidade das reduções? Se os índios aceitavam viver nas reduções, era porque viam que ali o sistema de vida lhes trazia benefícios, embora fosse verdade que os padres mantinham uma disciplina bem rígida, até com castigos físicos.

Outra acusação contra os jesuítas era que estavam fazendo um sistema comunista. De fato, nas reduções não havia propriedade privada, tudo era comunitário. Os inimigos das reduções diziam que isso era um impedimento para o progresso, pois tirava o estímulo dos índios para trabalharem e enriquecerem. Mas, na verdade, as reduções progrediam e produziam muito mais do que o resto da colônia. Os índios trabalhavam com vontade, sabendo que tinham toda a segurança na velhice, na doença, toda a vida, garantida pela comunidade.

Mesmo assim, para se livrar da acusação de serem comunistas, os padres tentaram transformar a terra em propriedades particulares, dando um lote para cada família. Mas os guaranis não quiseram aceitar essa mudança de jeito nenhum. Viam que podiam viver muito melhor continuando a ter tudo em comunidade, de modo que não havia inimizades, disputas de propriedade, e ficava garantido o sustento de todos igualmente. A terra comunitária era chamada "Tupamba": "Terra de Deus".

Nas oficinas, que também eram comunitárias, chegavam a produzir com perfeição todos os objetos conhecidos naquele tempo: móveis, instrumentos musicais, ferramentas, barcos, objetos de couro e até relógios. Eram excelentes artistas, na música, na pintura, na escultura, teatro e dança.

O conjunto das reduções do Paraguai, que duraram cerca de 150 anos, chegou a ser a região mais desenvolvida de toda a América. Todo viajante que chegava a visitar as missões, escrevia depois livros ou cartas contando maravilhas sobre a vida dos guaranis.

Suas cidades eram muito mais bonitas, asseadas e confortáveis do que as cidades dos colonizadores, seus campos e gados muito melhor tratados, e suas igrejas muito maiores, mais belas e bem cuidadas que as igrejas dos cristãos brancos.

39. O EVANGELHO VIVIDO NAS REDUÇÕES DO PARAGUAI

Os documentos e cartas dos visitantes também falavam com espanto da grande fé e devoção que viam entre os guaranis cristãos.

De fato, a organização da vida nas missões, em que todos viviam realmente como irmãos, facilitava muito mais a compreensão do Evangelho de Jesus que se baseia na fraternidade e no amor. Ali os indígenas podiam compreender a verdade do Evangelho, o que não acontecia com os índios escravizados.

Pela manhã, todas as crianças iam ao catecismo. Todos compareciam às orações da manhã, na praça em frente à Igreja, e à oração do rosário, à tardinha. A missa era obrigatória só nos domingos e dia santos, para os guaranis já convertidos e batizados, mas muitos iam à missa todos os dias. É claro, porém, que os mais piedosos eram mais bem vistos pelos padres e recebiam privilégios.

O trabalho só se iniciava às nove horas da manhã e terminava às 4 ou 5 da tarde, de modo que todos tinham bastante tempo para se dedicarem à oração ou ao divertimento e convivência com a família e os companheiros.

As festas religiosas eram muito frequentes, e até nas missas se rezava sempre com muita música, cantos e danças, muito ao gosto dos indígenas. Para essas festas eram convidadas reduções vizinhas.

Os próprios guaranis se dedicavam ao apostolado entre os pagãos. Saiam em expedições pelas matas, em busca de seus irmãos ainda desconhecedores do Evangelho, para pregar a Palavra de Deus e convidá-los a virem para as reduções. Onde até os padres falhavam, esses apóstolos guaranis conseguiam converter os outros. Muitos deles perderam a vida como mártires ao serviço do Evangelho.

Os grupos de trabalhadores, quando saíam para os campos, pela manhã, ou voltavam, pela tarde, vinham em procissão, cantando e conduzindo a imagem de Santo Isidoro, padroeiro dos agricultores.

Muitos visitantes consideraram exemplar a vida cristã dos convertidos guaranis.

Apesar disso, nunca foi permitido a um dos indígenas das reduções ser ordenado padre. Podemos ver que os próprios jesuítas, apesar de seu amor pelos guaranis, ainda traziam muito daquela mentalidade dos brancos europeus: achavam que os índios eram inferiores em muitas coisas e não seriam capazes de dar bons padres. Achavam que eles não tinham bastante inteligência e nem seriam capazes de guardar castidade. Mas os fatos provaram que os guaranis tinham uma cabeça e uma alma tão boa quanto os brancos e foi apenas o preconceito dos brancos que impediu o crescimento deles.

40. UMA REPÚBLICA LIVRE MAS PERSEGUIDA

O conjunto das reduções guaranis formava uma verdadeira república, uma nação livre e independente na prática, embora, no papel, fossem considerados súditos do Rei da Espanha.

Os missionários aceitavam um acordo com o Rei de Espanha para poder garantir a liberdade das reduções.

Por esse acordo, os guaranis deveriam servir ao Rei, pagando impostos. Mas os próprios padres e indígenas davam um jeito para não pagarem os tais impostos. Os índios sabiam bem que nada deviam ao Rei, pois eles eram os verdadeiros donos da terra e os brancos eram invasores. Sentiam que não eram devedores dos espanhóis. Pelo contrário, os espanhóis é que eram devedores dos guaranis.

Comprometiam-se também a prestar ajuda militar ao Rei quando fossem convocados, mas evitavam entrar em guerra, a não ser quando a própria segurança das reduções estava ameaçada. Assim, as milícias guaranis combateram ao lado das tropas do Rei espanhol, contra os portugueses na colônia do Sacramento, e contra uma rebelião dos moradores da cidade colonial de Assunção, no Paraguai.

Todos os homens das reduções recebiam treinamento militar e se tornavam ótimos soldados. Não havia exército profissional. Todos continuavam trabalhando na produção.

Tinham seu exército bem armado. Passaram a fabricar suas próprias armas de fogo, inclusive canhões, e contavam com batalhões de arqueiros e lanceiros, e centenas de barcos de combate. Precisavam estar sempre alerta para defender sua liberdade.

As fronteiras eram guardadas por homens armados, nenhum branco entrava no território sem permissão.

Cada reducão era governada por um Corregedor guarani e um Conselho, eleitos por todo o povo, por um espaço de um ano.

Todo os outros cargos de administração e chefia dos serviços públicos eram também preenchidos por eleição e renovados de tempos em tempos.

Os governantes, entretanto, não recebiam nenhum privilégio a mais do que os simples moradores. Deviam continuar a trabalhar na produção e recebiam o mesmo tanto que os outros na repartição. Não se criava uma classe privilegiada de políticos e poderosos.

As reduções tinham suas próprias leis e regulamentos. Aquele que fal-

tasse à lei era julgado pelo conselho e punido. Não havia pena de morte, que era comum em todos os outros países do mundo. A punição era apenas a prisão, ou, nos casos mais graves, o açoite, mas em número determinado e moderado.

O Corregedor e o Conselho, com o padre encarregado da redução, é que tomavam juntos todas as decisões que influíam na vida geral do povo.

41. A GANÂNCIA ACABA POR DESTRUIR A OBRA DO EVANGELHO

Acontece, porém, que nenhuma decisão e nem eleição feita pelo povo podia ser posta em prática sem a aprovação dos padres. Também o governo do conjunto das reduções ficava na mão do Superior Jesuíta e nunca foi confiado diretamente aos guaranis, e nem se reunia uma assembléia dos Corregedores.

Esse parece ter sido o principal erro dos missionários: terem sido demasiadamente paternalistas com os guaranis. Nunca chegaram a confiar inteiramente na capacidade deles mesmos se governarem, de assumirem, inteiramente, toda a responsabilidade de sua república. Os padres consideraram sempre os guaranis quase como crianças grandes, que precisavam de que os missionários estivessem sempre tomando conta deles. Veremos que esse fato, mais tarde, foi uma das causas da destruição da República Guarani do Paraguai.

Diante dessa descrição da vida da República Guarani, podemos logo imaginar o ódio que ela despertava entre os colonizadores brancos.

Aquela sociedade de índios onde reinava a fraternidade e a igualdade, a fartura e a riqueza comunitária, e sobretudo a liberdade e a posse de terras extensas e férteis, atiçava a cobiça do sistema colonial no resto da América. A consciência dos colonizadores doía, a sua cobiça crescia. Procuravam um meio de acabar com tudo aquilo.

Finalmente, chega o dia da desgraça definitiva para os guaranis.

Em 1750, Portugal e Espanha já eram novamente, desde muito tempo, dois reinos separados. Os portugueses possuíam a Colônia do Sacramento, nas margens do Rio da Prata.

Os espanhóis queriam para si a Colônia do Sacramento. Os portugueses, por seu lado, desejavam a posse das terras que ficavam na margem direita do Rio Uruguai, hoje estado do Rio Grande do Sul.

Os dois reis então fizeram um novo trato, chamado o Tratado de Limites, no qual faziam uma troca: Portugal cedia à Espanha a colônia do Sacramento, e a Espanha entregava as terras do Rio Grande do Sul, onde existiam sete reduções de guaranis, das mais populosas e ricas.

Os missionários e índios receberam ordem de abandonar suas cidades e terras, e levar apenas seus bens móveis e o gado, mudando-se para a parte espanhola, do outro lado do rio Uruguai.

No início, todos os jesuítas das missões tentaram convencer os índios a obedecerem o Rei. Mas os guaranis, conscientes de seus direitos à terra e

às riquezas que tinham construído com seu trabalho, se recusaram a partir. Consideravam-se uma nação livre, dona de seu território, e não iam entregá-lo por causa de um tratado que o Rei tinha feito sem nem ao menos consultá-los. Para os guaranis, pelo direito, o Rei não podia tomar decisão nenhuma sobre eles e suas terras.

Chefiados pelo Corregedor da redução de São Luís, Miguel Javat, os guaranis se armaram e iniciaram a resistência às tropas espanholas e portuguesas que vinham para fazer cumprir o tratado. Logo foram seguidos pelos guaranis da redução de São Miguel, chefiados pelo Corregedor Sepé Tiaraju. Diante do comando espanhol, Sepé Tiaraju declarou: "a terra que vocês querem tomar só pertence a Deus e a São Miguel. E eu só reconheço as ordens do Padre Superior e do Pároco".

Os colonizadores passaram então a acusar os jesuítas de estarem animando os guaranis à desobediência. Na verdade, o que aconteceu foi bem diferente. Muitos dos jesuítas continuaram se esforçando para convencer os índios a se sujeitarem. Mas a resistência livre e decidida dos indígenas é que fez com que alguns missionários, não todos, decidissem não abandoná-los, ficar com eles, e ajudá-los na luta de defesa contra os invasores, como os padres Lourenço Balda, Adolfo Skall, Tadeo Hennis e Miguel Sotto.

As demais reduções do território ameaçado também se organizaram para defender suas terras. Sepé Tiaraju chefiava toda a luta com enorme coragem. Tinha a certeza de que sua luta para a defesa da liberdade de seu povo era a vontade de Deus. Sepé morreu numa das batalhas, e o povo dessa região guardou sua memória como a de um santo que morreu como mártir. Existe até, no Rio Grande do Sul, uma cidade chamada São Sepé. Nicolau Languiru, Corregedor da redução de Concepción, substituiu Sepé, continuando a luta.

A guerra dos Guaranis durou quatro anos, de 1752 a 1756, e, finalmente, as tropas portuguesas e espanholas, juntas, em grande número, conseguiram vencer.

Os sobreviventes fugiram para a outra margem do rio, deixando destruídas e abandonadas as sete cidades de suas reduções.

Mas a vitória dos colonizadores só foi possível, porque apenas as reduções da margem esquerda do Uruguai, as que estavam atingidas pelo tratado, é que entraram na luta. Como não havia um governo geral dos guaranis, feito por eles próprios, não tiveram meios de organizarem eles mesmos a defesa de sua república, com a participação dos exércitos de todas as reduções. Se assim não fosse, as tropas dos brancos talvez não teriam podido vencer a todos os guaranis, e a república teria sido conservada livre. Mas, em cadâ redução, os guaranis continuavam dependendo das ordens do missionário que a dirigia, e os padres não tiveram a coragem de permitir a participação das outras reduções numa guerra geral de resistência e defesa da República contra os colonizadores.

Depois desses fatos, os destino das reduções já estava traçado. Por causa dos missionários que ficaram ao lado dos guaranis resistentes, todos os jesuítas foram acusados de traidores da Espanha. Muitos dos jesuítas não eram espanhóis, mas franceses, alemães, e de outras nações européias. A perseguição, o ódio contra eles continuaram e aumentaram enquanto seguiam com

"A resistência dos guaranis fez alguns jesuítas ficar com eles e ajudá-los no combate".

seu trabalho nas reduções do lado espanhol.

Até que, em 1767, o Rei da Espanha, Carlos III, assinou um decreto expulsando os jesuítas da Europa e de suas colônias. Os jesuítas do Paraguai, tanto os dos colégios como os das reduções, foram presos, maltratados, torturados, durante meses e até anos. Nenhum habitante da colônia podia nem sequer falar com um jesuíta preso, sob a pena de morte. Finalmente, foram todos enviados, a ferros, para a Espanha.

As reduções foram então entregues à administração dos funcionários coloniais, as fronteiras abertas aos comerciantes, ao dinheiro, à ganância dos brancos, ao álcool e à exploração. Os guaranis perderam suas terras e acabaram transformados em miseráveis trabalhadores, quase escravos, explorados pelo poder colonial.

Novas leis feitas pelo Rei diziam que agora os guaranis eram cidadãos da Espanha, com todos os direitos dos espanhóis, podendo até ser eleitos para o governo, na Colônia ou na Espanha. Mas, como acontece muitas vezes, a lei dos poderosos era apenas um pedaço de papel...

Em poucos anos, não restavam senão ruínas e povos oprimidos, onde antes vivera uma feliz e florescente sociedade de irmãos livres e iguais. A crueldade e a ganância tinham vencido a justiça e a fraternidade.

Assim, as terras do Paraná e do Rio Grande do Sul, agora sabemos, foram regadas pelo sangue de centenas, talvez de milhares de homens que perderam a vida porque acreditavam que a terra foi dada por Deus para todos os homens, para aqueles que nela trabalham, porque acreditavam que Deus quer que vivamos todos iguais, como irmãos verdadeiros, e não podemos aceitar uma sociedade de injustiça e opressão.

42. OS CRISTÃOS CHEGAM AO MARANHÃO

Também ao norte de nosso país, onde hoje estão os estados de Maranhão, Pará e Amazonas, os missionários jesuítas tentaram fazer alguma coisa parecida com a República dos Guaranis, contrariando os desejos do poder colonial. Igualmente, sua experiência foi destruída à força.

Durante o tempo da colônia portuguesa, aquela região ao norte era toda chamada de Maranhão, e era uma colônia separada da chamada colônia do Brasil. A colônia do Maranhão tinha um governo geral colonial e a colônia do Brasil tinha outro. Cada uma das duas colônias dependia diretamente de Lisboa, da coroa portuguesa, e toda a administração era separada. Assim, quando falamos aqui de Maranhão, estamos falando de toda a região que vai desde o atual estado do Maranhão até o atual estado do Amazonas.

A colônia de Maranhão tinha uma imensa população indígena, espalhada em suas matas, e organizada em numerosos povos diferentes.

A mata Amazônica, que cobria quase toda a colônia, era rica em produtos de vários tipos que muito interessavam aos portugueses para comerciar na Europa. Colher esses produtos na mata era trabalho duro e exigia que se conhecesse a mata. Na prática, só índios eram capazes de fazer essa tarefa. Por isso, nessa colônia, os portugueses também só podiam enriquecer escravizando os indígenas.

E foi para escravizar os índios que os colonizadores avançaram o quanto puderam pela região que chamavam Maranhão.

Os portugueses tinham também um outro interesse em ocupar o Maranhão: o de garantir para Portugal a posse de terras mais extensas, de defender suas fronteiras contra os avanços dos franceses e holandeses que vinham entrando pelo norte, e dos espanhóis que vinham do lado do poente.

Já nas primeiras entradas dos colonizadores portugueses naquela região, vieram junto missionários, para catequizar e aldear os índios.

Nas intenções dos colonizadores, como sempre, o papel dos missionários era "amansar" índios para sujeitá-los a trabalhar para os portugueses, por meio dos aldeamentos perto das povoações de colonos. Mas queriam também que se fizessem aldeamentos missionários nas regiões mais afastadas para servir de guardas das fronteiras contra os outros estrangeiros.

Nessas primeiras entradas, vieram principalmente missionários carmelitas e franciscanos, que se adaptaram mais ou menos aos desejos dos colonizadores. Apenas alguns missionários isolados não se conformavam a servir os interesses dos exploradores.

O resultado desse avanço dos colonizadores foi semelhante ao que acontecia no resto do Brasil: a matança e a escravização dos índios. Do mesmo modo, os índios morriam, seja pela violência das guerras, seja pela dureza da vida no cativeiro, ou pelas epidemias de doenças transmitidas pelos brancos.

A maioria dos missionários, no início, não via o horror que se cometia contra os índios, e cumpria os desejos dos colonizadores. Pensavam que assim estavam salvando as almas dos índios, ainda que para isso os índios tivessem que perder a vida. Era o pensamento da maioria dos cristãos europeus daquele tempo: só a alma é que tinha valor, o corpo dos filhos de Deus podia ser maltratado, sofrer a escravidão e mesmo morrer, desde que fosse batizado para que sua alma se salvasse.

43. NOVOS ALDEAMENTOS - A LUTA PELA LIBERDADE DOS ÍNDIOS

> **"Recebi todo o poder no céu e na terra. Portanto, vão a todos os povos e façam com que todos sejam meus discípulos: batizem esses discípulos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e os ensinem a obedecer tudo o que tenho mandado."** *(Mt 28, 19-20).*

Mas alguns missionários começaram a ver as coisas de modo diferente.

O missionário Luís Figueira, padre jesuíta, fez uma viagem pelo interior do Maranhão, e ficou entusiasmado com a numerosa população indígena que aí vivia. Em 1626, ele fez um sermão na cidade de São Luís do Maranhão onde dizia que se devia criar uma "Igreja nova" com os índios daquela região. Ele pensava em comunidades cristãs de índios livres, e não na escravidão que os colonos brancos queriam.

Animado com seu plano missionário, o Pe. Figueira foi para Portugal e de lá voltou com vários outros jesuítas, também entusiasmados com a missão.

Mas a tentativa de Figueira, no começo, fracassou, pois, numa viagem missionária que fez, em 1643, êle próprio e mais 16 companheiros foram mortos por índios.

Em 1653, chegam mais 15 missionários, vindos de Portugal e prontos para recomeçar a obra do Pe. Figueira. Com eles vinha o Padre Antônio Vieira que seria o líder dos jesuítas do Maranhão.

Sendo amigo do rei de Portugal, Vieira, vendo o modo como os índios eram escravizados e massacrados pelos brancos, conseguiu do rei leis que proibiam a escravidão indígena, e o direito dos missionários aldearem os índios livremente, sem estarem sujeitos ao poder do governador da Colônia.

Desse modo, somente os jesuítas é que tinham o governo de seus aldeamentos missionários, e as autoridades coloniais não podiam interferir.

Os jesuítas do Maranhão, sabendo da experiência que estava sendo feita no Paraguai, procuraram organizar as coisas da mesma maneira. Estimulavam os índios a plantar e trabalhar para ter seu sustento, produzindo primeiro aquilo de que a comunidade precisava para viver, e não as coisas que serviam para exportar para a Europa, como os portugueses queriam. Isso queria dizer que os índios deviam ter também propriedade das terras que ocupavam, não permitindo a entrada dos colonizadores.

Por causa da má influência, da crueldade e das doenças dos brancos, os missionários faziam tudo para impedir os encontros entre os índios aldeados e os colonizadores portugueses.

Como era necessário dinheiro para certas coisas que não podiam ser produzidas na própria missão, os índios também colhiam as "drogas do sertão" para serem vendidas nos portos dos brancos. Para esse comércio, os missionários tinham armazéns nas cidades dos portugueses e pessoas encarregadas de vender a mercadoria.

Os missionários desses aldeamentos se preocupavam em preparar bem ao batismo os índios que já mostravam ter mesmo aceitado a fé cristã, e também só se faziam os casamentos quando havia certeza da família continuar unida.

As missões novas começaram a crescer e prosperar, espalhando-se pelo Maranhão, até bem longe na mata Amazônica.

44. PERSEGUIÇÃO E EXPULSÃO DOS JESUÍTAS

Mas a atividade dos missionários jesuítas só podia despertar a raiva dos colonos portugueses.

Desde que chegou ao Maranhão, o Pe. Vieira, em seus sermões nas igrejas dos portugueses, falava contra a escravização e a exploração dos índios. Vieira considerava este o maior pecado que se cometia no Maranhão.

Pelas leis que Vieira conseguiu do Rei, os jesuítas é que deviam chefiar todas as entradas que portugueses fizessem pelo sertão e não permitiriam a escravização dos índios. Também eram eles que escolhiam onde iriam estabelecer novos aldeamentos indígenas e tinham toda a autoridade sobre esses aldeamentos, não permitindo que os colonos tirassem dali índios para trabalhar

para eles.

Mesmo quando os portugueses compravam de alguma tribo prisioneiros de guerra que já estavam condenados à morte, só podiam ficar com esses índios depois que os jesuítas examinavam o caso para ver se a história era verdadeira. Mesmo assim, conforme a lei, a permissão dada pelos jesuítas era para que o índio ficasse escravo apenas por cinco anos, devendo ser libertado ao fim desse prazo.

Com tudo isso, os colonos brancos não conseguiam mais ter tantos escravos índios quantos desejavam. Crescia o ódio dos colonos contra os jesuítas.

A importação de escravos africanos para o Maranhão era muito difícil e cara. Os portugueses dessa colônia diziam que estavam ficando na miséria por falta de trabalhadores escravos para explorar, e diziam que os padres jesuítas eram culpados de sua situação.

Os colonos tentavam de todo jeito enganar os missionários e escravizar os indígenas. Mas os jesuítas, tendo a lei ao seu lado, iam dominando a situação.

Ao fim de algum tempo, os jesuítas conseguiram defender de fato a liberdade dos índios, e as missões cresciam.

Mas os colonos brancos não haviam de se conformar com a situação. Finalmente, em 1661, um grupo de colonizadores resolveu reunir os outros descontentes e prender e expulsar os jesuítas da colônia do Maranhão.

Em pouco tempo, conseguiram revoltar a população branca de São Luís do Maranhão e de Belém do Pará, prenderam todos os jesuítas e os enviaram para ser julgados em Portugal, acompanhados por um representante do povo da colônia que ia também para fazer a acusação contra os padres. Dessa expulsão só escaparam dois missionários jesuítas que estavam em viagem de missão, muito longe, no rio Amazonas.

No ano seguinte, o governo de Portugal mandou um novo governador para resolver a questão.

O novo governador conseguiu que os colonos aceitassem de volta os jesuítas. Em troca dessa aceitação, o governador prometia facilitar o comércio de escravos africanos para o Maranhão. Haveria também outra mudança: o poder de governar as missões, que antes era dos jesuítas, ficava suspenso até nova decisão do rei. Os missionários agora só poderiam se ocupar da parte espiritual.

O resultado foi que logo os abusos e a perseguição recomeçaram por parte dos colonos contra os índios. Alguns anos mais tarde, mudou o rei de Portugal, e o novo rei fez outra lei, permitindo a escravidão.

O novo bispo, que chegou ao Maranhão, escreve ao Rei protestando também contra a terrível situação dos indígenas. Sai então uma nova lei proibindo a escravidão, em 1680.

Os colonizadores portugueses outra vez se revoltaram. Além da lei contra a escravidão, estavam descontentes porque não tinha sido cumprida a promessa de diminuírem os impostos sobre escravos africanos para o Maranhão.

Estourou uma revolta chefiada por um colono chamado Beckmann, co-

nhecido como Bequimão. Os revoltosos queriam duas coisas: mudar o sistema de comércio com Portugal; e expulsar os jesuítas que eram culpados de defender a liberdade dos índios. Os jesuítas foram novamente presos e expulsos.

Veio um novo governador, derrotou os revoltosos e fez voltar os jesuítas. Mas a luta entre os colonos que queriam escravos e os jesuítas que queriam a liberdade dos índios vai continuar por muito tempo.

Os brancos acusavam os missionários de quererem os índios para trabalhar só para eles. Diziam que os padres é que escravizavam os índios e estavam enriquecendo às custas deles. Para provar isso, mostravam os armazéns das missões nas cidade, cheios de mercadorias das "drogas do sertão".

A verdade é que, como em todo o Brasil, os colonizadores queriam escravos e não podiam aceitar que os missionários defendessem a liberdade e o direito dos índios de terem sua própria terra.

A oposição entre os colonos e os missionários jesuítas e alguns franciscanos continuou até que, em 1759, todos os jesuítas foram expulsos do Brasil e do Maranhão. Também alguns franciscanos foram expulsos e outros tiveram que deixar seus aldeamentos que foram transformados em vilas-paróquias.

Essa expulsão foi feita por ordem do Marquês de Pombal que governava Portugal e suas colônias naquele tempo, como ministro do Rei.

Os jesuítas tinham conservado e até valorizado as línguas dos índios, escrevendo livros, gramáticas e fazendo toda a catequese na língua indígena. Mesmo que os missionários não respeitassem outros costumes dos índios, a língua própria ajudava-os o continuarem se sentindo diferente dos portugueses, e lembrando que eles eram os primeiros moradores e donos desta terra. Pombal proibiu que se continuasse usando as línguas indígenas, e obrigou todos os índios aldeados a falarem português.

Pombal decretou também que os índios não precisavam mais de nenhuma proteção especial de missionários, que não seriam escravos, mas que seriam cidadãos iguais aos brancos. Pelas leis de Pombal, eles poderiam ser até eleitos para os cargos do governo colonial.

Mas, na prática, sem a proteção dos missionários e entregues ao governo dos colonizadores, o que restou para os índios foi a escravidão, a morte ou a fuga para a mata, quando conseguiam escapar. Como sempre, a lei dos poderosos ficou no papel e serviu só para enganar as consciências.

Alguns aldeamentos permaneceram, dominados pelos brancos, explorados, e sem nenhuma ação verdadeiramente missionária e evangelizadora, até o ano de 1870. Nesses locais, o povo descendente dos índios das missões continuou a praticar a seu modo a religião aprendida com os missionários.

A transformação, por lei, do aldeamento em paróquia colocava o governo da povoação nas mãos dos colonos brancos e a autoridade religiosa nas mãos de um padre secular que tinha uma mentalidade semelhante à dos colonos.

Outra vez vemos que, sempre que cristãos se colocam ao lado dos pobres e oprimidos, contrariando os poderosos que querem explorar e enriquecer, chega logo a perseguição.

Até agora falamos muito dos missionários que procuraram defender os

"Em 1759, todos jesuítas foram expulsos do Brasil e do Maranhão. O que restou para os índios foi a escravidão".

fracos e oprimidos no tempo da colônia. Infelizmente isso não foi sempre assim, e nem em todos os lugares da colônia. Foram poucos os que souberam ver a injustiça e tiveram a coragem de lutar contra ela. Grande parte dos cristãos eram cegos diante da realidade, aceitavam a exploração e até mesmo tiravam proveito dela, como traidores do Evangelho.

45. A ESCRAVIDÃO DOS AFRICANOS

Até agora falamos mais do que aconteceu com os índios e dos esforços feitos por alguns missionários para evangelizá-los e defender a liberdade deles.

Mas já sabemos que os índios não foram os únicos escravizados no Brasil. Sabemos também porque os portugueses queriam tantos escravos e não podiam enriquecer sem eles. Podemos compreender que a dificuldade em escravizar os índios foi fazendo com que a escravização dos africanos fosse sendo cada vez mais importante na colônia portuguesa. Se não era possível enriquecer só com o trabalho dos índios, o jeito que os portugueses encontraram foi trazer para cá milhões de escravos africanos.

Para comerciar com escravos, formaram-se grandes companhias, possuidoras de muitos navios que, em pouco tempo, se tornaram muito poderosas. Até leis do governo português proibindo a escravização dos índios muitas vezes foram feitas por influência dos mercadores de escravos africanos que queriam ficar livres da concorrência dos "caçadores" de índios que vendiam escravos muito mais barato.

Os portugueses, ingleses e holandeses já tinha ocupado e dominado vários lugares no litoral africano. Desses portos africanos é que os europeus traziam milhares de negros por ano para trabalhar nas terras do Brasil e de toda a América.

A população africana vivia também em diversas tribos ou povos que já praticavam a escravidão entre eles mesmos. Havia guerras entre os povos africanos para aprisionar membros de outras tribos e escravizá-los. Esses escravos passaram a ser vendidos aos brancos que vinham revendê-los aqui. Os europeus estimulavam os africanos a guerrearem entre si para terem mais cativos. Na falta de escravos oferecidos pelos próprios africanos, atacavam as aldeias e aprisionavam os africanos livres.

Centenas de negros eram transportados em cada navio, amontoados nos porões como se fossem animais, quase sem ar, água e alimentação, presos com correntes de ferro. Nessas condições, grande parte deles já morria durante a viagem, e os corpos eram jogados no mar.

Os que conseguiam sobreviver, encontravam aqui um destino igualmente cruel. Vendidos em leilões aos senhores de engenho e grandes proprietários, passavam a ser propriedade dos donos, como um animal de carga a quem o dono podia explorar, castigar, vender e até mesmo matar como quisesse. O negro que fugisse era "caçado" por uma espécie de polícia especial, os chamados "capitães do mato".

Os africanos, já em sua terra, conheciam uma agricultura mais adiantada e também outras técnicas de trabalho, como a fundição do ferro, e vários tipos de artesanato. Isso fazia com que eles fossem muito melhores para o trabalho no sistema dos portugueses do que os escravos índios. Assim, com

o tempo, os portugueses ricos foram desistindo de escravizar índios, e organizando toda a exploração da terra brasileira baseada no trabalho dos escravos africanos.

Nos primeiros séculos da colônia, a grande maioria dos escravos negros era usada nas plantações e engenhos de açúcar, enquanto uma parte deles era reservada para os trabalhos domésticos, nas casas grandes dos engenhos e nas cidades, ou para fabricar objetos de que seus senhores necessitavam. Quando a escravidão negra se estabeleceu completamente no Brasil, não havia mais trabalho manual nenhum que não fosse feito por escravos. A população toda da colônia estava quase reduzida a apenas duas classes de pessoas: os ricos proprietários senhores de escravos, e a grande multidão de pobres cativos.

46. A IGREJA E A ESCRAVIDÃO DOS AFRICANOS

> "Eu estava com fome e vocês não me deram comida, com sede e não me deram água. Era estrangeiro e não me receberam em suas casas, estava sem roupa e não me vestiram. Estava doente e na prisão e vocês não cuidaram de mim". (*Mt 25, 42.43*).

Se houve um esforço de uma parte de Igreja da colônia para evangelizar e defender a liberdade dos índios, não se pode dizer que houve a mesma dedicação para com os escravos africanos.

Praticamente não houve missionários dedicados especialmente aos africanos, nem um projeto de evangelização para eles. A escravidão dos negros foi aceita e também aproveitada pela Igreja. Em toda a história do cativeiro dos africanos no Brasil, quase nunca houve protestos da Igreja e nem dos missionários contra aquela injustiça.

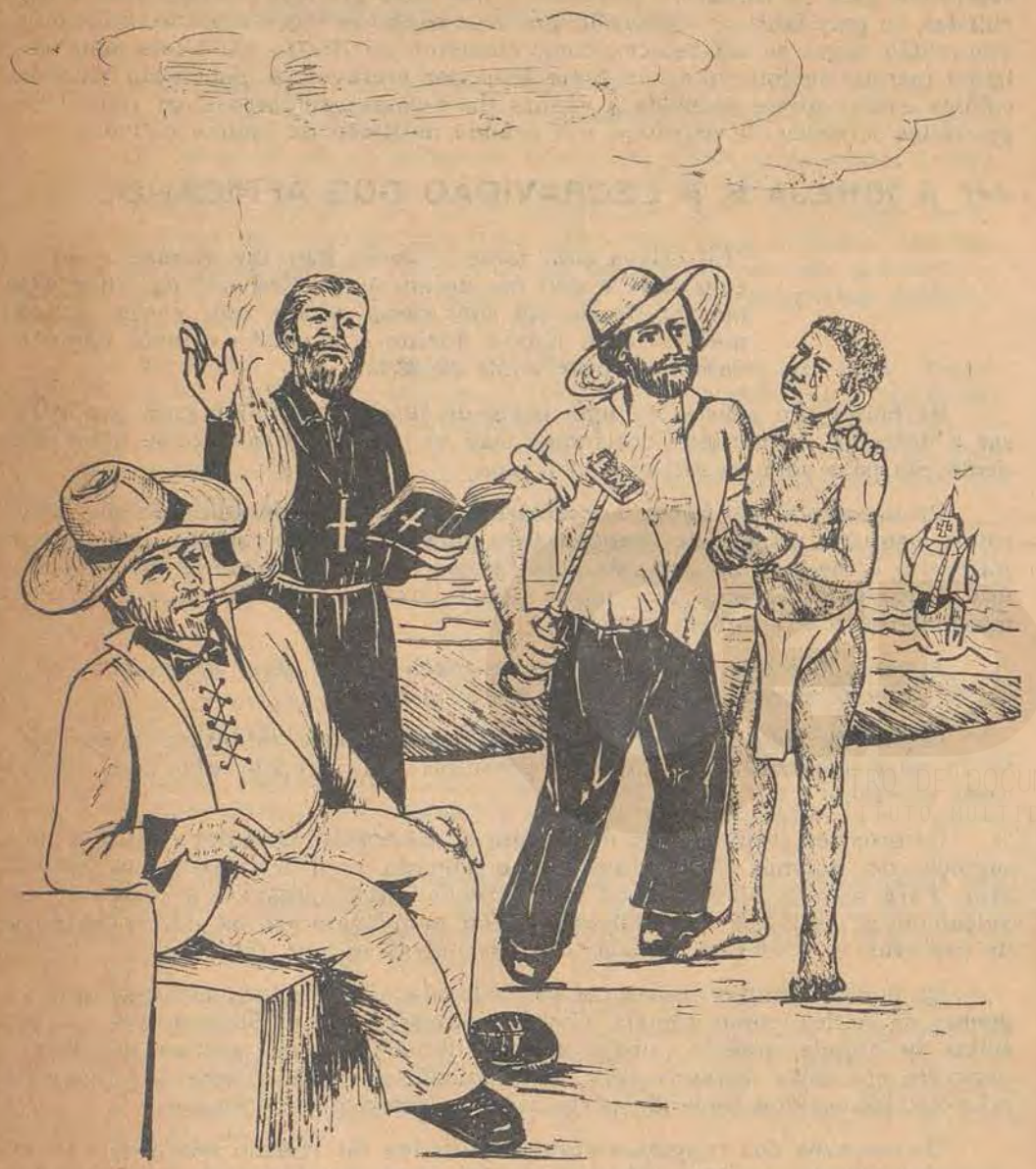
A verdade é que a Igreja, padres e católicos em geral viveram e enriqueceram explorando o trabalho dos escravos negros.

Depois de alguns anos no Brasil, não havia padre, ou bispo, ou convento de congregação religiosa que não possuísse suas propriedades com numerosos escravos.

Os próprios jesuítas, que defendiam a liberdade dos índios contra a perseguição dos colonos, tinham um comportamento contrário para com os negros. Para manter seus colégios e as fazendas, que ajudavam a sustentar os aldeamentos indígenas, os jesuítas também mandavam vir da África centenas de escravos, e o mesmo faziam todas as outras ordens religiosas.

Os padres jesuítas tinham se estabelecido também nas colônias portuguesas da África, como Angola, Guiné e outros lugares. Sabe-se que os jesuítas de Angola, quando tinham alguma dívida com os jesuítas do Brasil, pagavam enviando escravos para os missionários daqui. Assim os próprios missionários acabam tomando parte até no comércio de escravos.

Os escravos dos religiosos eram explorados do mesmo modo que todos os outros cativos. A única diferença é que eram considerados "escravos dos Santos", uma diferença apenas de palavras, e não podiam ser vendidos a outros senhores. Talvez os castigos fossem um pouco menos cruéis, mas sabemos que a vida desses escravos era também de grande sofrimento, pois eles,



"A marca de ferro na carne do escravo indicava o batismo e o pagamento do imposto".

quando podiam, fugiam tanto dos conventos quanto dos engenhos.

Além de se aproveitar também do trabalho dos escravos, a Igreja teve outra função importante no sistema de escravidão: eram os padres que pregavam as idéias que justificavam o cativeiro dos africanos, ajudando assim os colonizadores a arrancarem até a última gota de suor e sangue dos negros sem ficar com dor na consciência.

Até mesmo o padre jesuíta Antônio Vieira, o mesmo que foi expulso do Maranhão porque defendia a liberdade dos índios, foi um dos mais importantes pregadores de idéias que apoiavam a escravização dos negros.

Os missionários diziam que a escravidão dos africanos era permitida, até mesmo querida por Deus, para salvar as almas dos negros. Eles diziam que, se ficassem lá na África, livres ou escravos de outros pagãos, continuariam praticando religiões pagãs e não poderiam se salvar. Achavam que os negros só se salvariam sendo trazidos para uma sociedade cristã, como eles pensavam que fosse a colônia portuguesa do Brasil. É claro que isso só acontecia com os negros sendo forçados, cativos. Mas a escravidão, então, não parecia um mal, no entender dos portugueses, pois ia dar condições para os africanos serem batizados e, mesmo que morressem por causa dos maltratos, poderem ir para o céu.

Era assim que, sem nenhum remorso, os cristãos portugueses baseavam todo o sistema de suas colônias na escravidão, contando com toda a colaboração e a participação daqueles que, por missão, deviam viver e ensinar o Evangelho da justiça, da igualdade e do amor.

Essa colaboração entre a Igreja e o poder colonial para manter a escravidão aparecia desde a hora do embarque dos negros cativos nos navios que os traziam para cá. Nos portos africanos, havia sempre padres, ou até mesmo bispos, que batizavam os negros que iam partir, ao lado do funcionário do governo que cobrava o imposto devido ao Rei por cada escravo comerciado. Os comerciantes pagavam o imposto, e, como sinal do pagamento cada, escravo era marcado a ferro em brasa com a marca da coroa portuguesa, como se marca o gado. Assim, ao chegar aqui, conhecia-se, por essa marca na carne, os escravos que já tinham sido batizados. Os escravos que eram contrabandeados sem pagar o imposto vinham sem a marca e sem o batismo, e eram batizados quando chegavam aqui.

Havia padres que se preocupavam em esperar nos portos brasileiros os navios negreiros para batizar os escravos pagãos e garantir sua salvação. Essa pressa em batizar se explica bem, pois grande parte dos escravos chegavam tão doentes da viagem, que morriam logo em seguida. Mesmo os que ainda prestavam para trabalhar não resistiam, em geral, mais do que poucos anos, pelos maltratos que sofriam.

47. A VIDA NOS ENGENHOS DE AÇÚCAR

Era para os engenhos de açúcar, cercados de imensas platações de cana, que ia a grande maioria de escravos africanos.

Afastado das cidades do litoral, com a dificuldade de transporte daquele tempo, sem estradas, cada engenho era quase como um mundo fechado, que vivia sem comunicação com o resto da colônia, a não ser para o comércio do

açúcar que saía, e de algumas poucas mercadorias que entravam, entre elas os escravos.

Nas próprias terras do engenho, e usando o trabalho dos escravos, era produzido quase tudo que o engenho necessitava para viver: os mantimentos, os móveis de madeira, carroças, o algodão e o pano grosseiro para vestir os escravos, e outros objetos de uso doméstico para a casa grande. De fora vinham os vinhos e outros artigos de luxo para o senhor de engenho e sua família.

Em volta do terreiro principal do engenho, encontravam-se sempre a casa-grande, moradia do senhor do engenho e sua família, a capela e a senzala, onde os escravos ficavam trancados à noite.

Aqueles eram os lugares em que o proprietário tinha um poder absoluto. Havia, entretanto, um outro espaço, pequeno e escondido, o terreiro dos escravos, onde eles realizavam seus cultos religiosos africanos, seus batuques, onde certamente se comunicavam uns com os outros, lembrando as coisas da África, sonhando com a liberdade, planejando fugas. Ali, do jeito que podiam, os cativos se defendiam do domínio do senhor.

Nos engenhos mais ricos havia sempre um padre que ali vivia como capelão. A função desses capelães de engenho, em geral, era ensinar aos filhos do proprietário, celebrar a missa e dirigir as orações na capela do engenho, e também fazer a catequese dos escravos. Convivendo com a casa grande e comendo à mesa do senhor de engenho, é claro que esses padres estavam comprometidos com seus patrões e não pensariam em defender os escravos.

Alguns escravos eram utilizados para os serviços domésticos, e tinham certos privilégios e um trabalho mais leve. A grande maioria dos negros, porém, trabalhava nos canaviais e no engenho, sem descanso, com uma péssima alimentação, sofrendo castigos violentos, desde à prisão às chicotadas e maltratos de toda espécie.

Havia também alguns trabalhadores que não eram escravos e que recebiam salários, como os mestres que dirigiam o trabalho do engenho, ou os feitores que vigiavam os escravos. Em alguns engenho, a parte da terra que não servia para a cana podia ser arrendada a algum agricultor pobre para produzir alimentos.

Nesse mundo fechado do engenho, o proprietário reinava com poder quase total, até de vida e morte sobre os seus dependentes.

A religião também era vivida de modo independente, cada engenho fazendo sua própria catequese, seu culto, suas rezas e costumes. Tudo debaixo do poder do proprietário.

48. O CATOLICISMO NOS ENGENHOS

Assim como o Rei era o chefe da Igreja portuguesa, dentro do engenho, o proprietário é que era o verdadeiro chefe religioso. O capelão estava totalmente sujeito ao senhor de engenho, e nada se fazia dentro da propriedade que não fosse conforme os desejos do dono.

O catolicismo dos engenhos, por causa do isolamento, quase não recebeu influência dos verdadeiros missionários. A religião que ali se ensinava e vi-

via era aquela que interessava ao proprietário e era transmitida pelo capelão, pelos feitores, pela senhora do engenho, a dona da casa grande. Às vezes passavam pelos engenhos os vigários das paróquias ou alguns missionários ambulantes mas apenas para uma visita e pregação. Esses também se hospedavam e se, fartavam na casa do dono e estavam por isso comprometidos com ele, defendendo seus interesses. Não havia padre que entrasse nos engenhos independente da vontade do senhor.

É claro que os senhores de engenho e todos os que defendiam seus interesses não poderiam viver e nem ensinar o Evangelho da fraternidade e da justiça, pois viviam da exploração dos pobres escravos. Por isso, a religião dos engenhos se limitava às festas religiosas, à repetição de orações, à missa e sacramentos, à devoção aos santos.

Os escravos eram batizados à força, mesmo antes de chegar ao engenho. No engenho, eram forçados a se comportar como católicos, comparecendo às celebrações na capela e sendo obrigados a se confessarem nos dias marcados. Não havia uma procura de converter os escravos pela fé em Jesus Cristo, mas sim de sujeitá-los a se comportarem, da boca para fora, como se tivessem fé.

A catequese dos escravos em geral se resumia em fazê-los decorar as orações e os mandamentos de Deus e da Igreja. Além disso, a pregação dos padres e os ensinamentos dos senhores e dos feitores diziam aos escravos que eles deviam sentir-se felizes de ser escravos de cristãos, pois assim podiam se salvar. Queriam fazer os escravos crerem que foi a Providência de Deus que os levou para o cativeiro, para que eles pudessem ganhar a vida eterna. Desse modo, foi se criando, na mentalidade dos pobres, a idéia de que a Providência de Deus está do lado rico e quer a pobreza e a opressão dos mais fracos.

Não se ensinava aos escravos a fraternidade, a luta pela justiça e pela liberdade, nem a união, a fé e a esperança. A pregação dizia aos escravos que as maiores virtudes do cristão eram a obediência, a humildade, a sujeição à vontade do proprietário porque isso era a vontade de Deus. Ser cristão, no dizer dos colonizadores, não era lutar por um mundo melhor, onde o Evangelho fosse a lei, mas sim se conformar com a vida de sofrimento no cativeiro, para poder merecer o céu. Os sofrimentos e as injustiças eram apresentados como vontade de Deus.

Como todos os outros, o Pe. Vieira, que era defensor dos índios, também pregava do mesmo modo quando falava aos escravos. Este é um trecho de um sermão do Pe. Antônio Vieira aos cativos:

> **"Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à Cruz e Paixão de Cristo que o vosso em um desses engenhos. Bem aventurados vós se souberdes conhecer a fortuna do vosso estado... Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado, porque padeceis em um modo muito semelhante ao que o mesmo Senhor padeceu... Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isso se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio".**

Tudo isso era dito não para animar os escravos a lutarem pela liberta-

"Os escravos eram obrigados a ser católicos. Só às escondidas e que podiam praticar suas religiões africanas".

ção, mas para que permanecessem conformados com o cativeiro, pois o padre Vieira também dizia:

> "Quando servis aos vossos senhores, não sirvais como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus..."

A falta de padres em muitos engenhos, e portanto a falta de missa, assim como a impossibilidade de pregar o Evangelho deram maior importância a outros tipos de prática religiosa, como as rezas, novenas, festas, promessas e procissões.

Não era muito diferente o modo como o cristianismo foi apresentado aos escravos nas cidades. Apenas em alguns dos principais portos, houve certos missionários que se preocuparam com uma evangelização mais completa dos negros. Houve padres que procuraram aprender as línguas africanas, e percorriam as casas e ruas da cidade tentando evangelizar os escravos. Mas esses missionários verdadeiros foram poucos, e tinham sempre a sua ação dificultada pelo poder dos senhores de escravos.

Na realidade, era impossivel evangelizar de verdade dentro de uma sociedade escravista: para ser fiel ao Evangelho, os senhores teriam que deixar de ter escravos e isso eles não queriam, preferindo esquecer a palavra de Deus. Por outro lado, como os escravos podiam crer no Evangelho de Jesus, se eram explorados e maltratados pelos próprios cristãos?

49. COMO OS ESCRAVOS VIAM A RELIGIÃO DOS BRANCOS

Certamente, todos os escravos africanos e seus descendentes acabaram aceitando praticar o catolicismo conforme lhes era apresentado. Na realidade, eles não tinham escolha. Ou obedeciam, ou então eram entregues a violentos castigos e até à morte. O negro que não quisesse ser católico, no modo de pensar dos colonizadores, estava negando a Deus e escolhendo o demônio, e, por isso, não merecia nenhum respeito, mas sim castigo.

Nessa situação, o medo do castigo fazia com que os negros se sujeitassem, pelo menos da boca para fora. Sem verdadeira evangelização, no entanto, no fundo de seus corações, os escravos continuavam crendo em seus deuses africanos.

Foi assim que os cativos encontraram um modo próprio de conservar suas religiões africanas sem sofrer os castigos dos brancos: passaram a prestar culto aos deuses africanos revestidos com os nomes e as formas dos santos católicos impostos a eles pelos brancos. Com o tempo, na consciência religiosa dos escravos, os santos católicos foram se misturando com os espíritos africanos. Essa mistura hoje se chama de sincretismo.

Os nomes de muitos santos católicos, como São Jorge, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição, São Sebastião, e muitos outros, ficavam sendo, para os negros, novos nomes de seus antigos espíritos africanos, como até hoje, na Umbanda e no Candomblé. Quando os escravos participavam do culto a Nossa Senhora da Conceição, na realidade, em seus corações, estavam cultando a Yemanjá. A novena de Santa Bárbara era a festa de Iansã, e assim por diante.

Acontecia, porém, que nem sempre era fácil conservar a lembrança das religiões da África. Hávia diferenças nas crenças dos diversos africanos. Aqui, os escravos eram separados de suas tribos ou nações, e encontravam-se nos engenhos misturados com africanos de outras tribos e outras crenças. Essas diferenças podiam fazer esquecer os deuses da África e ir aceitando o catolicismo imposto pelos brancos.

Grande parte dos escravos acabava sendo católica, à maneira daquele tempo. Na sua condição de cativos, em meio a tanto sofrimento, que parecia sem saída, a promessa da vida eterna depois da morte e da recompensa eterna pelos sofrimentos acabava sendo o único consolo dos oprimidos. Eles se apegavam então aos santos mártires, a Jesus Crucificado, e viam sua condição de escravos como a penitência necessária para a salvação.

Havia também escravos que certamente procuravam ser católicos fiéis para conseguir favores e aprovação por parte dos brancos e sofrer menos. Um dos favores era de ser destacados para os serviços domésticos na casa-grande, onde a vida era menos dura do que nos canaviais.

Afinal, havia uma outra vantagem em ser católicos: é que as rezas, a missa, as festas religiosas, às quais todos os escravos deviam assistir, eram os únicos momentos de repouso e festa que eles tinham.

Mas é preciso também lembrar que, se a religião era ensinada de um modo que favorecia os brancos colonizadores, podia acabar servindo também à luta dos escravos pela liberdade. O fato é que a cristianização dos africanos no Brasil, fazendo com que eles esquecessem suas religiões africanas, podia contribuir para fazê-los também esquecer as diferenças e inimizades entre as diferentes nações de sua terra, e a começarem a unir-se para se libertar do cativeiro. Nesse caso, a religião católica, que era igual para todos, fossem eles de Angola ou da Guiné, Congos ou Minas, podia ser mais um traço de união junto à situação comum de cativeiro.

50. A LUTA ENTRE SENHORES E ESCRAVOS

> **"Se alguém diz: "Eu amo a Deus", e odeia o seu irmão, é mentiroso. Porque ninguém pode amar a Deus a quem não vê, se não ama o seu irmão a quem vê".** *(1 Jo 4,20)*

As relações entre escravos e senhores foram sempre de luta, durante todo o tempo da colônia e também mais tarde, no império.

Os senhores só podiam manter a escravidão usando a força e a perseguição constante. Temiam uma revolta dos escravos e estavam sempre vigilantes, por meio de seus capangas e feitores, procurando novas maneiras de dominar.

Os escravos, por seu lado, não aceitavam a opressão e lutavam para se libertar. É certo que os cativos, vivendo isolados, fechados nos engenhos e senzalas, sem nenhuma informação sobre o que acontecia fora, e mantidos na ignorância, não podiam ter uma idéia do conjunto da sociedade colonial, nem podiam se organizar com o projeto de modificar a sociedade para acabar de uma vez com o cativeiro. Mas nem por isso os cativos se sujeitavam, e buscavam a liberdade por meio de fuga, individual ou em grupos.

Não é verdade, como vemos, que a história do Brasil tenha sido de paz e cordialidade. Os senhores só se mostravam bondosos para com os escravos que se sujeitassem e se humilhassem. Os demais eram tratados com grande crueldade.

O principal meio utilizado para dominar os negros era a violência direta: o pelourinho, as chicotadas, a prisão, as torturas de todo o tipo, as grilhetas de ferro nos pés e nas mãos, no pescoço, e o tronco de madeira onde os negros eram presos pelos pés e as mãos juntos. Qualquer indisciplina dos escravos era punida com crueldade, mas os piores castigos eram para os escravos que tentavam fugir. Era difícil o sucesso na fuga, pois os "capitães do mato" tinham cavalos e armas e quase sempre conseguiam capturar o fugitivo que era barbaramente castigado diante de todos os seus companheiros, para servir como exemplo e ameaça aos outros.

Diante disso, a atividade da Igreja era quase sempre favorável ao senhor de escravos fugitivos. Os padres julgavam os escravos fugitivos como pecadores.

A Igreja também não condenava os castigos que eram dados aos escravos. Aceitava o castigo, julgava mesmo necessário para corrigir moralmente os escravos "pecadores". Apenas, muitas vezes, a Igreja protestou contra os abusos de crueldade de muitos senhores ao castigar seus escravos. A Igreja, que não tinha esquecido inteiramente o Evangelho de Jesus, recomendava que os senhores fossem bondosos e tratassem seus escravos o melhor possível. Mas, na realidade, essas recomendações de nada serviam.

Já vimos como se procurava fazer também da religião um meio de dominar.

Outro meio utilizado pelos senhores para impedir a luta dos escravos pela liberdade era provocar divisões e inimizades entre os cativos. Conseguiam isso concedendo benefícios a alguns e negando a outro. Os escravos beneficiados pelo senhor se tornavam bajuladores e espionavam os outros, para denunciar os que pensavam em fugir.

Também para impedir a união dos escravos, procuravam manter as inimizades entre os negros de diferentes nações africanas. Para isso, embora obrigassem os escravos a parecerem católicos, fechavam os olhos quando os escravos de cada tribo faziam, escondidos, seus cultos e batuques africanos. Permitindo que cada grupo de escravos conservasse uma parte de seus costumes e de suas religiões africanas, faziam com que eles não esquecessem as divisões e inimizades entre as tribos. A Igreja protestava contra essa pemissão, mas não porque quisesse ver os cativos unidos contra os senhores, mas porque queria que a religião católica fosse a única. Quando a Igreja fazia isso, sem saber, podia estar ajudando os negros a esquecer suas desavenças e a reconhecerem que eram todos irmãos no mesmo cativeiro.

A opressão dos escravos pelos senhores tinha ainda outras armas: com o tempo, muitos senhores deixaram de fornecer alimentação aos escravos, mas davam-lhes um pedaço de terra onde eles podiam plantar seus roçados para se alimentarem. Dessa forma, os escravos, que tinham que trabalhar para o proprietário o dia todo durante a semana, ficavam apenas com as noites de luar e o domingo para cultivar seus roçados e não morrer de fome. Isso tornava difícil organizar suas fugas, sem tempo para se encontrarem e esgotados de trabalho.

A Igreja também era contra essa medida, porque impedia os escravos de guardarem o domingo e os dias santos, e de cumprir a obrigação da missa dominical.

"Condenados aos açoites, os escravos eram levados da prisão (1) à Igreja (2) para pedir perdão de seus pecados antes de ser amarrados ao pelourinho (3) e açoitados. Igreja e poder colonial estavam unidos".

Os castigos violentos, os batuques, e o trabalho nos domingos foram causa de constantes conflitos entre os padres e os senhores de escravos. Mas os protestos da Igreja pouco conseguiam contra a ambição e os interesses dos ricos proprietários.

Outra questão que provocava conflitos entre os missionários e os senhores de escravos era a questão do casamento dos escravos.

Os senhores não queriam que os negros se casassem para não criarem laços de família que poderiam fortalecer uma união entre eles. Por outro lado, os senhores costumavam tomar mulheres cativas e ter filhos com elas, o que iria aumentar o número de seus escravos. Mesmo quando os escravos eram casados, pelo sacramento, os senhores frequentemente separavam o marido da mulher, ou os pais dos filhos, vendendo uns e conservando os outros em seu poder. Os protestos dos padres contra esses abusos, essa imoralidade, em defesa da família do escravo, quase não adiantavam nada. O resultado era que os escravos, embora obrigados a assistir às missas, em geral não eram admitidos à comunhão porque sua vida sexual e familiar não estava de acordo com as leis da Igreja e não eram considerados cristãos por inteiro.

51. A RELIGIÃO NOS QUILOMBOS

Apesar de toda essa repressão, sempre havia negros que conseguiam fugir. Quando tinham sucesso na fuga, organizavam-se em comunidades livres, nas matas virgens, que se chamavam quilombos. Alguns quilombos conseguiram guardar sua liberdade por muitos anos. Mas acabavam sendo destruídos pelos exércitos dos brancos. O maior quilombo que se conhece, que durou quase cem anos, foi o dos Palmares, no nordeste do Brasil. Mal um quilombo era destruído, logo surgia outro, em outro lugar, durante todo o tempo de escravidão.

A Igreja nunca deu assistência religiosa aos quilombolas, como se chamavam os negros livres dos quilombos.

Mas, em geral, nos quilombos, os negros conservavam a religião católica e até proibiam as religiões africanas para impedir que se criassem divisões e inimizades de tribos dentro do quilombo: para guardar a liberdade, a união era indispensável. Às vezes, os quilombolas raptavam um padre e o levavam para celebrar a missa e administrar os sacramentos nos quilombos.

Uma vez, um padre jesuíta italiano, missionário no Brasil, pediu licença para ir ao quilombo dos Palmares, livremente, dar assistência aos negros. Ele se preocupava com a situação daqueles cristãos sem o apoio e a assistência da Igreja. Recebeu permissão do Papa para ir, mas seu superior, que era o mesmo Pe. Antonio Vieira, não deixou que fosse. Vieira dizia que aqueles escravos, tendo fugido e se revoltado, estavam em pecado mortal e por isso não tinham o direito aos sacramentos, enquanto não voltassem aos seus senhores.

O Padre Vieira também dizia que a única solução seria os senhores concederem a liberdade aos negros do quilombo, mas achava que isso não era possível, pois assim logo apareceriam numerosos Palmares e isso ia por em perigo o sistema da escravidão. Vieira via muito bem que toda a colônia e o poder de Portugal no Brasil tinham a escravatura como alicerce, e que "sem

escravos não havia Brasil". Como ele queria que a colônia continuasse a existir, não podia ser contra a escravidão.

Esse foi o drama da Igreja no Brasil colonial e escravista: ou aceitar a escravidão, ou desistir de ficar no Brasil. Mas, aceitando a escravidão, aceitava, talvez sem perceber, a traição do Evangelho de Jesus.

52. DIFICULDADES DA IGREJA EM TERRA DE ESCRAVIDÃO

"O semeador saiu a semear. . . mas uma parte da semente caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a abafaram".
(Mt 13, 1 . 7)

Com tudo o que já conhecemos da história da Igreja nos primeiros tempos de sua presença em nossa terra, já podemos ver que aqueles que desejavam realmente evangelizar tinham que enfrentar grande número de dificuldades e tentações.

Já vimos também que grande parte da Igreja não foi capaz de ser verdadeiramente missionária e dar testemunho do Evangelho. Mas não podemos imaginar que isso tudo acontecesse por maldade e falta de sinceridade de todos os cristãos portugueses que aqui chegavam.

Não podemos duvidar da sinceridade missionária de muitos religiosos que arriscavam suas vidas viajando a pé quase sozinhos, pelos interior, em busca de aldear índios para catequizá-los. Muitos encontraram a morte nas mãos dos próprios índios ou pelas doenças e a fome. Mesmo quando procuravam fazer os escravos se conformarem com o cativeiro e esperarem a libertação só depois da morte, muitos estavam procurando sinceramente fazer o bem.

Hoje, que temos uma visão diferente do mundo e do Evangelho, vemos que estavam colaborando com uma injustiça. Mas, para quem vivia naquele tempo, dentro daquela situação, não era possível compreender estas coisas com a mesma clareza que temos hoje.

Não podemos esquecer que os padres, os missionários eram criados como todos os europeus, com a idéia de que eles eram superiores aos outros povos, e que índios e africanos eram gente inferior, bruta e ignorante. Também pensavam que a civilização da Europa e sua cultura eram as melhores e inteiramente cristãs. Mesmo o reinado português, que procurava enriquecer e aumentar seu poder, justificava sua ação sempre em nome de Deus.

Uma mentalidade assim, principalmente quando ela serve para apoiar os interesses e vantagens de um povo ou de uma classe sobre as outras, é como um véu sobre a vista, que deixa as pessoas como cegas diante de muitos fatos. Os missionários daquele tempo tinham a mentalidade da época e eram, assim, incapazes de enxergar muitas coisas. Agiam sinceramente conforme a compreensão que conseguiam ter.

Além da mentalidade que carregavam dentro de si, os missionários encontravam outras dificuldades, como o poder do rei e dos funcionários do governo sobre a Igreja. Lembramos que, na colônia, tudo dependia das ordens da coroa portuguesa. Para cá só vinham e só podiam ficar os padres que eram aprovados pelo Rei e estavam prontos a fazer a vontade dos poderosos. Muitos aceitavam esse compromisso porque era a única maneira de poder vir trazer o Evangelho para a nova terra.

Como já sabemos, a escravidão era indispensável para os portugueses manterem sua colônia e seu poder no Brasil. Mesmo que quisessem, os padres não teriam força para impedir a escravidão. Os que tentaram acabar com a escravidão dos índios fracassaram. Dependiam em tudo, até para ter o que comer, do dinheiro pago pelo Rei. Para ficar aqui, aceitavam e até colaboravam com a escravidão.

Nessa situação de escravidão, onde é impossível os homens serem todos irmãos, como é que se podia viver inteiramente o Evangelho?. Como poderia o escravo viver a fraternidade com o outro cristão que o explorava e castigava? O modo como estava organizada, a sociedade brasileira da colônia era, desde a sua raiz, contra a fraternidade. E, por isso, a semente do Evangelho não encontrava força bastante para crescer. Sobrevivia a custa, escondida e abafada pelo espinheiro da escravidão.

53. TENTAÇÕES DA IGREJA COLONIAL

A situação da colônia não trazia só dificuldades para o Evangelho, mas também numerosas tentações para seus missionários.

Uma grande parte dos padres que para aqui vinham, na realidade, não eram missionários sinceros. Era costume daquele tempo os pais mandarem os filhos para o sacerdócio apenas para garantir para eles um lugar de conforto e prestígio na sociedade. Buscava-se o sacerdócio não por amor ao Evangelho e ardor missionário, mas para ter garantias e vantagens na vida, como se procura uma profissão vantajosa. Esses padres que só queriam enriquecer e viver bem, compunham uma grande parte do clero da colônia. Aqui era lugar bom para quem queria enriquecer, se não se importasse de explorar o trabalho dos escravos. Esses padres se tornavam muitas vezes senhores de engenhos e de fazendas, viviam unidos com os outros poderosos, faziam parte deles, e nada queriam saber dos sofrimentos dos pobres.

Essa situação era uma tentação, mesmo para os padres que tinham vindo como missionários sinceros. Muitos deles, depois das primeiras dificuldades e fracassos na missão, acabavam cedendo à tentação, e se acomodavam, bajulando os poderosos e buscando também o conforto e a riqueza fácil.

Desse modo, as cidades ricas, os portos, estavam cheios de padres, principalmente padres seculares que não pertencem a nenhuma ordem religiosa, mas que dependem diretamente do bispo. Enquanto isso, as populações do interior, dos engenhos e fazendas, dos aldeamentos, sofriam a falta de missionários e de assistência religiosa.

A ação pastoral desses padres era apenas a de celebrar as missas nas numerosas igrejas das cidades, ouvir as confissões, sair à frente das procissões, e embelezar com ouro e obras de arte suas igrejas. O dinheiro farto que corria nas mãos dos poderosos fazia com que fossem muito ricas as igrejas das cidade. Muitas igrejas foram até construídas e enriquecidas com os lucros que vinham do comércio de escravos africanos, principalmente na Bahia.

A possibilidade de enriquecer facilmente aqui, a falta de controle moral

que havia na colônia, onde achava-se natural que mesmo os padres, como os outros colonos, tivessem mulheres índias ou africanas, tudo isso atraía para o Brasil a pior parte do clero de Portugal, aqueles que não eram bem vistos em sua terra natal, os que só procuravam vantagens pessoais.

Enquanto isso, os brasileiros de sangue indígena ou africano, por mais convertidos que fossem a Jesus Cristo, não eram aceitos para o sacerdócio. Os bispos, no Brasil, por ordem do Rei, só podiam ordenar jovens brancos, filhos de portugueses, e era proibido ordenar mulatos e mamelucos. Muitas famílias faziam questão de ter um filho padre para provar que eram de raça branca pura. Desse modo, o clero era formado por gente que vinha do meio dos colonizadores, que partilhava de seus interesses, e ficaria sempre do lado dos poderosos. Os pobres, índios e negros, nunca puderam ter seus próprios padres, saídos de seu meio, que se sentissem comprometidos com o lado dos pobres, durante o período colonial.

Podemos, agora, avaliar quanto heroísmo houve nos humildes e verdadeiros missionários que resistiram a essas tentações e procuraram sinceramente evangelizar, mesmo que, em muitos pontos, estivessem enganados pela mentalidade de colonizadores e não fossem capazes de ver as injustiças.

Por tudo isso também se compreende como a Igreja enriqueceu no Brasil. Até os missionários verdadeiros, que lutavam pela liberdade dos índios, acabaram contribuindo para o enrequecimento da Igreja. Como era impossível ter liberdade e independência diante do poder colonial enquanto dependiam do dinheiro que era enviado pelo Rei, dentro do sistema do Padroado, os missionários procuraram outro meio para sustentar suas missões. O modo que encontraram foi o de pedir sesmarias de terras para formar também fazendas e engenhos que pudessem sustentar os padres e as missões. Mas como é que iriam tirar lucros dessas propriedades, sem trabalhadores? Como os únicos trabalhadores que havia na colônia eram os escravos, os missionários acabaram tendo também grandes propriedades com numerosos escravos trabalhando para eles.

Nesse terreno tão pedregoso e cheio de ervas daninhas, foi só graças aos cuidados de alguns cristãos mais corajosos, e principalmente dos pobres e humildes, que a pequena semente do Evangelho sobreviveu abafada, esperando os momentos em que podesse florescer e dar frutos no coração do povo.

54. ERA OBRIGATÓRIO SER CATÓLICO NO BRASIL

Pelas leis de Portugal, não era permitido a ninguém, nem no reino, nem na colônia, ter outra religião ou deixar de praticar a religião católica. Mas a fé é alguma coisa que se passa no interior, no coração de cada pessoa, e não se pode obrigar ninguém a ter fé. Por isso, as leis só poderiam obrigar as pessoas a mostrarem, pela aparência, que eram católicas, pois não havia meio de ver dentro do coração de ninguém.

Aquele que fosse suspeito de ser herege, isto é, de crer numa doutrina diferente da doutrina da Igreja Católica ou praticar cultos que não fossem os da Igreja, era considerado criminoso. A heresia não era considerada apenas um pecado contra Deus, mas também um crime contra as leis do Reino de Portugal. O herege podia ser punido com a prisão, torturas e até a pena de morte, pelas leis portuguesas, além de ser privados dos sacramentos pela lei

da Igreja.

Era considerado herege todo aquele que praticasse ou mostrasse simpatia pela religião dos judeus, ou ainda aquele que falasse alguma coisa contra a Igreja, que blasfemasse, ou que praticasse alguma espécie de feitiçaria. As religiões dos africanos e dos indígenas eram consideradas como feitiçaria.

A religião protestante havia surgido justamente na época do início da colonização do Brasil, e era a religião principalmente de ingleses, holandeses e dos franceses que queriam também fundar colônias no Brasil, inimigos políticos e concorrentes comerciais de Portugal. Embora o Rei dissesse que perseguia os hereges por amor à fé católica, na realidade tinha também medo de que, se houvesse protestantes aqui, eles se aliassem com os protestantes estrangeiros e prejudicassem os interesses de Portugal.

Havia também, em Portugal e no Brasil, numerosos "cristãos novos", como eram chamados os judeus que tinham sido batizados à força e obrigados a se tornarem católicos. Eram constantemente vigiados, para ver se não estavam, às escondidas, praticando sua antiga religião.

Assim, judeus, africanos e índios, que tinham sido cristianizados à força, sem verdadeira conversão, e podiam ter conservado, no interior da alma, suas antigas crenças, eram sempre suspeitos de heresia. Essa suspeita representava um perigo de prisão, tortura e condenação, ou, pelo menos, de desprezo e dificuldades na vida social.

Havia até um tribunal da Igreja, o Tribunal do Santo Ofício, que se chamou também de Inquisição, que se encarregava de julgar se os suspeitos eram mesmo hereges, antes de entregá-los ao governo para serem castigados.

O medo da Inquisição e das perseguições fazia com que todas as pessoas se esforçassem por mostrar muito bem que eram católicos fervorosos. O modo de mostrar isso era aparentarem o mais possível sua devoção à igreja e aos santos, dar dinheiro para embelezar as igrejas, fazer festas de muito luxo para os padroeiros, frequentar as procissões e celebrações, procurando ficar nos primeiros lugares para que todos lhe vissem a devoção. Foi assim que a população se acostumou a praticar a religião muito mais por aparência, para ser bem visto na sociedade e conseguir vantagens das autoridades coloniais, e não por verdadeira fé. Isso influiu também para que as festas da Igreja e as próprias igrejas se tornassem momentos e lugares de desperdício e de ostentação de riqueza.

Podemos compreender melhor porque o Rei era tão rigoroso na perseguição aos não católicos, se lembrarmos que ele era o verdadeiro chefe da Igreja em Portugal e suas colônias, e por isso tinha o privilégio de cobrar o dízimo de todos os católicos.

Sendo o Rei chefe da Igreja, qualquer grupo que se formasse de seguidores de outra religião representava um perigo político que ameaçava a autoridade e o poder do Rei. Além disso, o dízimo era contribuição que os católicos deviam pagar, conforme a lei da Igreja, para manter o culto católico e o clero. Se o Rei permitisse que seus súditos praticassem outras religiões, teria que dispensá-los do pagamento dos dízimos, que era uma obrigação de católicos. Se fosse assim, muita gente iria mudar de religião para não ter que pagar o dízimo, e os lucros do Rei diminuiriam muito. Para que a Coroa portuguesa continuasse enriquecendo às custas da colônia brasileira, era obriga-

tório que todos fossem católicos.

A Igreja, o clero, colaboravam com essa repressão do governo contra os não católicos, em parte por interesse, em parte pensando que assim estavam fazendo um bem, defendendo a verdadeira fé. Ninguém parecia compreender que a verdadeira fé só floresce na liberdade.

Nem os ricos escapavam dessa perseguição religiosa. Pelo contrário, aquele que fosse condenado como herege, teria toda sua riqueza confiscada, e passada para os cofres do Rei. Principalmente os ricos judeus tornavam-se os alvos preferidos para as suspeitas de heresia. Foi assim que os poderosos se acostumaram a ostentar muita devoção na Igreja, embora desconhecessem o Evangelho e oprimissem os pobres.

55. AS MISSÕES AMBULANTES E AS DESOBRIGAS

Desde o começo da colonização houve no Brasil missionários que não se fixavam num lugar, num aldeamento, mas que percorriam longos caminhos pregando missões nos aldeamentos indígenas, nos engenhos e fazendas, ou nas vilas do interior.

A maioria dos padres da colônia não queria viver nos lugares pobres ou afastados, mas preferia o conforto das cidades do litoral, entre os portugueses ricos.

Eram poucos os verdadeiros missionários, e muitos deles ocupados nos aldeamentos dos quais eram responsáveis.

Grande parte da população ficava, assim, sem assistência religiosa, sem a pregação e os sacramentos, durante quase todo o ano. Praticavam as devoções que podiam, sem a presença do padre, e as novenas, promessas, procissões, acabam tendo mais importância para eles do que a Eucaristia e os sacramentos.

Para atender a toda essa população, é que se faziam as missões ambulantes. Era no momento da missão que se fazia a "desobriga". A "desobriga" consistia em ajeitar a situação daqueles que estavam vivendo de maneira irregular para um católico, por causa da falta de padres. Era o momento em que se faziam os casamentos religiosos dos que já estivessem vivendo juntos, batizavam-se as crianças e escravos, e todos tinham que cumprir a obrigação da confissão anual e da comunhão.

Quem se recusasse a receber os sacramentos obrigatórios, durante a missão, era castigado como criminoso.

Os missionários tentavam também impor a moral católica sobre os costumes bastante relaxados da população colonial. As pregações, várias por dia, chegavam a durar muitas horas, o que era comum naquele tempo.

Alguns desses missionários peregrinos partiam sozinhos, e procuravam sobretudo as aldeias indígenas para converter. Mas a maioria deles ia aos engenhos, fazendas e vilas, convidados pelas autoridade e pelos senhores brancos, que desejavam a ajuda do missionário para melhor controlar e sujeitar seus escravos e empregados. Esses pregadores eram hospedados nas casas dos poderosos do lugar e recebiam deles favores e pagamento pelo seu trabalho

e pregação.

Durante séculos, e até nossos dias, para muitos brasileiros, essa foi a única forma de pastoral que a Igreja pôde oferecer. Seu objetivo, na prática, era apenas de tentar moralizar os costumes e fazer cumprir as leis da Igreja.

Com o fracasso dos aldeamentos missionários, com a expulsão dos jesuítas e de outros religiosos, as missões ambulantes se tornaram a forma principal de ação missionária.

56. OS GRANDES MISSIONÁRIOS

> "Jesus chamou os doze discípulos e os enviou dois a dois... Deu ordens para não levarem nada pelo caminho, a não ser uma bengala para se apoiarem. Não deviam levar comida, nem sacola, nem dinheiro." *(Mc 6,7.8).*

Entre os missionários ambulantes dos tempos coloniais, houve alguns que tinham grande amor pelo povo e pelo Evangelho, e por eles arriscavam a vida.

Esses missionários consideravam suas caminhadas como uma romaria de penitência, e andavam sempre a pé ou de canoa pelos rios, sozinhos, ou com um ou dois companheiros e, às vezes, apenas na companhia de um cão.

Embora os caminhos fossem longos e duros, eles nunca se deixavam carregar nas redes, como faziam os demais colonos. Conforme a recomendação do Pe. Anchieta, achavam que "o pastor é que deve carregar as ovelhas, e nunca as ovelhas carregarem o pastor".

Muitos deles perderam a vida nessas viagens, mortos pelos índios ou por acidentes e doenças.

Um desses grandes missionários foi o padre jesuíta Gabriel Malagrida, nascido em 1689, e feito jesuíta com 22 anos. Percorreu, mais de uma vez, a pé ou de canoa, todo o nordeste do Brasil, desde a Bahia até o Maranhão. Por toda a região, fundou seminários para os rapazes, recolhimentos para moças que queriam se dedicar à vida religiosa, e casas de oração. Dedicava-se apenas aos pobres, e não foi compreendido pela Igreja de sua época. Quando foi expulso do Brasil, as obras que fundara foram desaparecendo por falta de apoio.

De volta a Portugal, o Pe. Malagrida acabou martirizado em Lisboa, condenado pela Inquisição e pela perseguição do Marquês de Pombal, a morrer na fogueira.

Grande missionário foi também Frei Antônio do Extremo, franciscano que pregou missões durante treze anos por Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo e o Sul do país. Viajava a pé, usando uma cuia como chapéu, apenas um par de sandálias, um bastão para apoiar-se, e levando apenas seu livro de orações.

Entre esses sinceros pregadores encontramos também os capuchinhos. Frei Carlos José Spezia percorreu Pernambuco por quarenta anos e dizia: "Desejo morrer pregando". Frei Clemente de Adorno pregou em Minas Gerais por vinte e três anos: mandado para dirigir o hospício de Salvador, na Bahia, quis voltar para morrer junto a seus indígenas, em Minas.

"Os missionários não se deixavam carregar nas redes como os demais colonos. O pastor é que deve carregar as suas ovelhas, e não as ovelhas carregar o pastor".

O principal pregador capuchinho na colônia foi Frei Apolônio de Todi que pregava a penitência e a paixão de Cristo. Sua ação se desenvolveu na Bahia e às margens do rio São Francisco. Na serra de Piquaraçá, transformou um monte num calvário, com capelas representando os passos da Paixão, onde passava quatro meses por ano, rezando e pregando. Voltava sempre às vilas que tinha visitado, para continuar seu trabalho de evangelização dos moradores. Pregou numa época em que os antigos aldeamentos missionários já tinham sido destruídos, os indígenas estavam sujeitos totalmente aos brancos. Morreu em 1820.

57. A IGREJA NA REGIÃO DAS MINAS

Nos primeiros tempos da colônia, quando viveram os aldeamentos missionários, a principal atividade econômica no Brasil era a produção de açúcar, de algodão, de fumo, enfim a agricultura e a criação de gado, ou a colheita de produtos das florestas.

Mas entre os anos de 1690 e 1700 foram descobertas grandes minas de ouro nas montanhas de Minas Gerais, que vieram a modificar muito a vida na colônia do Brasil.

A notícia da descoberta do ouro atraiu enorme população para Minas vindo das outras regiões da colônia e também de Portugal. Quase um terço da população portuguesa da época se transferiu para o Brasil em busca do enriquecimento fácil. Aumentou também a importação de escravos africanos para o duro trabalho das Minas. Alguns anos depois, descobriram-se também diamantes.

Por ordem da Coroa portuguesa, todo o ouro devia ser mandado para o Rio de Janeiro e daí escoado para Portugal. O Rio de Janeiro torna-se uma cidade populosa e rica, e o governo geral da colônia acaba sendo transferido da Bahia para lá.

O governo da colônia repartia as terras de Minas por aqueles que queriam procurar ouro. Os mineradores deviam entregar uma quinta parte de ouro encontrado ao Rei. Mesmo com esse alto imposto, o enriquecimento era possível e até fácil.

Havia os grandes exploradores, com numerosos escravos que ajuntavam enorme fortunas, mas havia também os pequenos mineradores que trabalhavam sozinhos ou com poucos escravos.

Concentrava-se assim uma grande população na região das minas que, em alguns anos, passou a ser região de muita riqueza e luxo. Quase não se produzia mais nada ali, além do ouro e diamantes. Tudo o mais era comprado de fora com os grandes lucros da mineração. Todo esse enriquecimento se fazia às custas do trabalho e da vida de milhares de escravos.

Houve várias revoltas dos mineradores contra a cobrança do quinto do ouro pelo governo português, sendo que a mais conhecida delas foi aquela chefiada por Tiradentes.

A febre do ouro se espalhou por toda a população. Só se pensava em enriquecer a qualquer custo.

O Rei tomava uma série de medidas para garantir seu domínio sobre as minas de ouro. Criou até um exército especial, os Dragões, para manter seu

poder sobre os mineradores. Entre essas medidas, estava uma que proibia a entrada de missionários de congregações religiosas na região das Minas Gerais. Para lá só podiam ir os padres seculares que eram muito mais obedientes ao Rei, que se aliavam com os poderosos e também procuravam enriquecer.

Assim, a maioria do clero das minas era formada por homens que levavam o título de padres, mas que se importavam muito mais com ouro e luxo do que com a vida espiritual do povo. Os padres tornaram-se também mineradores, senhores de escravos, aventureiros que em nada se diferenciavam dos demais caçadores de ouro que ali chegavam.

Nessa situação, a religião nas minas dependeu muito mais da iniciativa dos próprios leigos, livres ou escravos, que a praticavam e organizavam a seu modo.

58. OS ERMITÃES

> "Jesus olhou para ele com amor e disse:- Você precisa somente de uma coisa: Vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, e assim terá riquezas no céu. Depois, venha e siga-me." *(Mc 10,20).*

Na realidade, desde os inícios da colonização, grande parte da vida espiritual no Brasil dependeu muito mais dos leigos do que dos padres.

Entre os leigos que assumiam uma ação missionária, destacavam-se os ermitães. Os ermitães eram homens de fé que, desgostosos com o mundo que viam, com as injustiças, a imoralidade e a falta de verdadeira fé da sociedade colonial, decidiam afastar-se disso tudo e dedicar-se à oração. Era esse o seu modo de afirmar sua crença no Evangelho e de protestar contra a desordem da sociedade colonial.

Os ermitães partiam para lugares desertos e isolados, construíam uma pequena capela, chamada ermida, e se dedicavam a rezar, acolher e consolar os pobres e promover o culto. Essas ermidas logo se tornavam centros de romaria, e era ali que se vivia a verdadeira fé e a religião dos pobres.

Vivendo de esmolas, em extrema pobreza, os ermitães eram independentes diante do poder colonial, e por isso não eram vistos com bons olhos senão pelos pobres. O governo e o clero sempre fizeram tudo para controlar esses centros religiosos e fazer com que os ermitães se submetessem à autoridade. Mas a fé dos ermitães e do povo oprimido sempre resistiu como pode às proibições dos grandes, e esses centros se conservaram, alguns até hoje, como lugar de peregrinação e de oração dos pobres.

De 1558 a 1570, o espanhol Pedro Palácios viveu como ermitão numa gruta perto de Vila Velha, no Espírito Santo, rezando e fazendo penitência. Dali só saía para pedir esmola nas ruas de Vila Velha, para seu sustento e dos pobres que ele amparava, para ensinar o catecismo às crianças e principalmente rezar o terço com os índios aimorés. De sua ação missionária nasceu o santuário da Penha de Vila Velha, até hoje lugar de romaria e fé popular.

O Santuário de Bom Jesus da Lapa, na margem do Rio São Francisco, nasceu da ação de outro ermitão leigo, Francisco de Mendonça Mar, portu-

"Os ermitães eram independentes do poder colonial, e, por issso, só eram bem vistos pelos pobres".

tuguês que se converteu, deu a liberdade a seus escravos, distribuiu suas posses com os os pobres e saiu pelas fazendas, levando a Cruz e a imagem de Nossa Senhora, até chegar ao São Francisco e estabelecer sua ermida. Sua fé e devoção atraíam para a gruta do Bom Jesus grande número de pobres, desprezados pela sociedade colonial.

A vida de ganância e luxo, a vaidade e a ostentação da população de Minas no tempo da corrida do ouro, deixando esquecidas as coisas de Deus, escandalizava a muitos homens de fé que então rejeitavam aquele mundo e se tornavam ermitães. Foram eles os únicos verdadeiros missionários das terras do ouro.

O mais famoso ermitão dessa época foi o irmão Lourenço de Nossa Senhora, que tinha sido minerador de diamantes, mas converteu-se e largou tudo para dedicar-se à devoção a Nossa Senhora. Retirou-se para a serra do Caraça, e lá construiu uma capela e um abrigo onde reuniu uma comunidade de irmãos na fé, todos gente pobre. O que mais desejava era trazer para ali padres missionários para evangelizar o povo das minas, mas morreu em 1819 sem ver seu sonho realizado.

Também o santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Cogonhas do Campo, grande centro de romaria das minas, tem origem na conversão de um leigo, Feliciano Mendes, que doou todo o ouro que tinha para a construção dessa igreja.

O Evangelho diz que "não se pode servir a Deus e ao dinheiro". Os ermitães foram os homens que compreenderam isso, no Brasil colonial, e escolheram ficar do lado de Deus, rejeitando completamente o mundo do dinheiro e dos poderosos. Por isso sua vida atraía os mais pobres e suas ermidas eram os lugares onde os oprimidos sentiam-se livres para viver sua fé longe da humilhação dos poderosos.

59. AS IRMANDADES E CONFRARIAS, UMA IGREJA DE LEIGOS

Podemos dizer que a maior parte da vida religiosa da Colônia não dependia da ação do clero, mas sim dos próprio povo, dos próprios leigos. Desde cedo, no Brasil, o povo começou a se organizar em irmandades, confrarias religiosas e ordens terceiras.

Essas associações religiosas de leigos eram as principais responsáveis pelo culto religioso, pela manutenção das devoções aos santos, e até mesmo pela promoção da vida sacramental.

As ordens terceiras eram ligadas com as grandes ordens religiosas que tinham seus conventos no Brasil. Havia assim as ordens terceiras de São Francisco, do Carmo, de São Bento, etc . . .

Mas as irmandades ou confrarias eram independentes do clero e dirigidas unicamente pelos próprios leigos, que se reuniam com o fim de promover a devoção de algum santo, ou de realizar obras de caridade.

Para poder funcionar, a irmandade ou confraria tinha que ser aprovada pelo Rei.

Foi sobretudo nas grandes cidades que se desenvolveram as irmandades.

Era praticamente indispensável fazer parte de uma confraria ou irmandade para ter um lugar na sociedade colonial. Na sociedade colonial, onde o rei era o chefe da Igreja, não havia separação entre a vida civil e a vida religiosa das pessoas. Todos os momentos mais importantes da vida só podiam se realizar na Igreja: a certidão de batismo era a certidão de nascimento, o único casamento que havia era o casamento religioso, e somente na Igreja é que se encontrava sepultura para os mortos. A própria necessidade que todo povo tem de fazer festa só podia se realizar na Igreja, pois não havia quase nenhum outro tipo de festa, sobretudo para as mulheres e os escravos. As irmandades se encarregavam de organizar e oferecer aos seus membros todos esses aspectos da vida social e religiosa.

Além das atividades religiosas, as irmandades funcionavam também como associações de entre-ajuda. Tinham sempre uma caixa comum para auxiliar os irmãos que se encontrassem em dificuldades, e todos os irmãos tinham obrigação de visitar os companheiros doentes, prestar-lhes assistência, e, em caso de morte, acompanhar o enterro, que tinha enorme importância naquele tempo. Era o número de pessoas no enterro que mostrava o prestígio que uma pessoa tinha tido na vida.

Cada irmandade queria ter sua própria igreja, e grande parte da atividade dos associados era para conseguir meios para construir e enfeitar sua igreja, da maneira mais rica possível. O prestígio de uma irmandade dependia da riqueza de suas igrejas, paramentos, vasos, cálices e outros enfeites. Havia verdadeira rivalidade entre as irmandades nessa busca de tornar mais belas suas igrejas

Os membros da irmandade eram obrigados a comparecer às reuniões dos irmãos, a pagar uma mensalidade, e a frequentar a missa da irmandade, as procissões e festas.

Praticamente todas as pessoas, até mesmo os escravos, faziam parte de alguma irmandade, mas não de qualquer uma. Na realidade, as irmandades correspondiam à divisão social que reinava na colônia. Havia as irmandades dos brancos ricos, que exigiam que os irmãos tivessem o "sangue limpo", maneira de dizer que não tivessem sangue judeu, negro ou indígena. Entre essas estavam as irmandades da Misericórdia, que mantinham hospitais e outras "obras" de caridade para os pobres, além de tratar também dos interesses de seus sócios ricos. Outra irmandade das mais importantes, que também reunia os ricos e não permitia a presença de pobres e mestiços, era a irmandade do Santíssimo Sacramento.

Não sendo aceitos nas irmandades dos brancos, os homens de cor fundavam suas próprias irmandades: a irmandade de Nossa Senhora do Rosário, dos pretos, fossem eles livres ou escravos, e as irmandades dos homens pardos, quer dizer, dos mestiços, sobretudo mulatos, como as irmandades das Mercês, do Amparo, da Purificação, dos Remédios, etc . . . Os negros e pardos eram proibidos de pertencer às irmandades dos brancos, mas por seu lado não podiam proibir os brancos de pertencer às suas irmandades.

Na realidade, nessa divisão social, que havia entre as irmandades, aparecia com clareza um fato importante na vida dos cristãos da colônia: a separação dos cristãos em irmandades de pobres e ricos, de brancos, negros e mulatos mostrava muito bem que, na sociedade colonial e escravocrata, os homens não podiam ser todos irmãos. Cada um podia ser "irmão" daqueles que

"As irmandades correspondiam à divisão ecônomica e social que havia entre os habitantes da colônia".

fossem de sua mesma classe, da mesma raça, da mesma categoria social, mas a fraternidade era impossivel entre todos os homens.

As irmandades já se desenvolviam e tinham um papel importante na vida das cidades coloniais do litoral, mas foi na região das minas de ouro e diamantes que tiveram maior riqueza e importância. Isso se explica porque a falta de assistência religiosa era maior nessa região: o clero secular pouco se dedicava à pastoral, e os missionários religiosos eram proibidos de entrar. Assim, o povo tinha mais razões para se organizar em irmandades, pois isso se tornava a única maneira de poder garantir uma assistência religiosa.

60. AS IRMANDADES, ASSOCIAÇÕES DE HOMENS IGUAIS

Se é verdade que a divisão dos habitantes da colônia em diferentes irmandades refletia a desigualdade social existente, no interior de cada irmandade, pelo contrário, todos os irmãos eram considerados iguais, com os mesmos direitos.

Cada irmandade era dirigida por uma Mesa (diretoria), eleita democráticamente por todos os irmãos. Todos os irmãos tinham as mesmas obrigações e os mesmos direitos dentro da sua irmandade.

Reunindo pessoas da mesma classe, raça ou categoria social, que se encontravam frequentemente, discutiam seus problemas e tinham interesses iguais, as irmandades poderiam se tornar associações mais ou menos semelhantes a "sindicatos" onde cada classe ou categoria social pensasse e preparasse a defesa de seus interesses, contra as outras classes ou contra o governo colonial.

Os próprios ricos, que gozavam de todas as vantagens na vida colonial, também tinham interesses a defender diante do governo, principalmente contra os altos impostos cobrados pelo Rei, ou contra leis que pudessem limitar o seu enriquecimento. As irmandades de escravos, por seu lado, poderiam se tornar focos de revolta dos cativos contra os seus senhores.

Para evitar que isso acontecesse, havia uma grande preocupação da parte do governo de controlar as irmandades, e também da parte dos brancos em controlar as irmandades dos negros e pardos, para evitar que elas se tornassem organizações de luta. Por isso é que pelos estatutos das irmandades dos pretos, que só podiam funcionar com a aprovação do Rei, não podiam impedir a entrada dos brancos. Era preciso que nas irmandades de pobres houvesse sempre alguns brancos para espioná-los.

Todos os atos importantes das irmandades, até mesmo um aumento ou diminuição das anuidades, tudo dependia de uma ordem do Rei para se realizar. Os livros de contas e as atas de trabalhos eram minuciosamente examinados por um funcionário régio, um Provedor especialmente nomeado para isso. Também as autoridades religiosas tentavam controlar o que se passava nas irmandades, por meio de visitadores, ajudando as autoridades coloniais a impedir que as confrarias se tornassem focos de revolta. Entretanto, o maior poder sobre as irmandades ficou mesmo nas mãos do Rei, pessoalmente.

Cada irmandade, entretanto, procurava guardar a sua liberdade. Contudo,

nunca chegavam a ser verdadeiras associações de defesa de direitos das classes contra o poder colonial.

O governo colonial tinha medo da independência das irmandades, mas nunca pensou em proibir sua existência, porque elas traziam também vantagens para o reinado português.

De fato, para controlar a população da colônia, era melhor para o Rei que ela estivesse toda dividida e organizada dentro de associações onde ficava mais fácil controlá-la. Como praticamente ninguém podia ficar fora de uma irmandade, ninguém escapava dos ouvidos e olhos observadores dos fiscais do Rei.

Podia haver até vantagens financeiras também. Como já vimos, o rendimento dos dízimos era todo enviado para Portugal, e depois devia voltar de lá para sustentar o culto e a vida religiosa da colônia. Mas essa volta nunca se dava satisfatoriamente. O dinheiro do dízimo para os gastos religiosos voltava muito diminuído, a maior parte ficava mesmo nas mãos do Rei, e, além disso, chegava sempre com grande atraso para as necessidades.

Diante disso, as irmandades desistiam de esperar e construiam suas igrejas com seus próprios meios, com as contribuições dos irmãos e com campanhas de coleta de fundos entre os moradores da colônia. Outras vezes, o Rei procurava "comprar" a fidelidade das irmandades concedendo-lhes favores e auxílios para as construções.

Com o pagamento dos padres acontecia uma coisa semelhante: o Rei só pagava as "côngruas". Era pouco e chegava atrasado. Os outros padres tinham que se sustentar de outro modo. Muitos se dedicavam à mineração, na região do ouro, e tinham escravos que trabalhavam para eles. Era permitido a esses padres cobrarem dos fiéis uma taxa para administrarem os sacramentos, celebrarem a missa, encomendarem os defuntos. Essas taxas chamavam-se "conhecenças" ou "pés-de altar". Os padres, que queriam enriquecer como todos os brancos da colônia, cobravam caro. Por isso, para diminuir esses gastos, as irmandades contratavam padres como seus capelães. Desse modo, o padre era um funcionário da irmandade que não tinha nenhuma autoridade sobre os outros assuntos da associação e, pelo contrário, estava submetido à autoridade da Mesa, composta por leigos, que podia dispensá-lo quando não estava contente.

As autoridades da Igreja não ficavam nada contentes com essa situação de independência dos leigos em coisas da religião. Também não aceitavam que fosse o Rei e não o Bispo quem devia aprovar ou não a fundação das irmandades. Os vigários das paróquias tentavam meter-se e controlar as irmandades. Mas, sendo favoráveis ao Rei, este apoiava a independência das irmandades diante da hierarquia da Igreja, e os padres acabavam por se sujeitar à autoridade dos leigos.

Era principalmente a riqueza que garantia a independência da irmandade. Por isso todas elas se esforçavam por conseguí-la. Procuravam construir um patrimônio que desse lucros para a irmandade. Quase todas tinham casas e escravos para alugar, e as irmandades dos brancos ricos funcionavam como bancos, emprestando dinheiro a juros até mesmo à Administração Colonial. Essa riqueza era ostentada com orgulho pela irmandade, nas suas festas e procissões, cada uma procurando aparecer mais do que as outras.

Os estatutos das irmandades eram muito exigentes quanto aos costumes e comportamento dos irmãos, e aquele que levasse uma vida escandalosa deveria ser expulso. Ser expulso de uma irmandade era pena muito grande naquele tempo, pois colocava a pessoa fora da vida social, mal vista por todos. Desse modo, as irmandades contribuíam para impor uma certa ordem moral na vida relaxada da Colônia, mesmo que esses estatutos não fossem cumpridos com rigor e que se fechasse os olhos para muitos abusos por parte dos irmãos. Essa função das irmandades também interessava ao Rei.

Outra influência importante dessas associações religiosas foi no desenvolvimento das artes na colônia. Seu desejo de ornamentar ricamente suas igrejas e de abrilhantar suas festas fez com que se desenvolvessem grandes artistas, escultores, pintores e músicos cujos serviços as irmandades contratavam, principalmente em Minas Gerais. Isso tornou possível o crescimento de uma classe de trabalhadores que não eram nem ricos proprietários e nem escravos, formada pelos artistas e artesãos, sobretudo mulatos e negros forros, isto é, que tinham se libertado da escravidão.

Com o tempo, a maioria das irmandades foi entrando em decadência, deixando de lado as atividades religiosas, a preocupação espiritual e a ajuda mútua entre os irmãos, e passando a se ocupar apenas das rivalidades e ostentação de riqueza nas procissões e festas. Isso fez com que muita gente se desinteressasse e abandonasse as associações, e, quando as minas começaram a fornecer cada vez menos ouro e diamantes, também a riqueza das irmandades começou a decair.

61. AS IRMANDADES DOS POBRES

Naturalmente, os brancos ricos não poderiam aceitar formar irmandades junto com os negros, principalmente os escravos. Não podiam aceitar os negros como seus irmãos e iguais. Para justificar a dominação e a injustiça que faziam contra os homens de cor, os brancos diziam que os outros eram inferiores a eles, ignorantes, sem inteligência, sem moral, enfim, uma raça "inferior" que devia mesmo ser mandada pela raça "superior" dos brancos. Queriam que os próprios negros acreditassem nisso para facilitar a exploração do seu trabalho. Aceitar irmãos negros nas irmandades dos brancos iria por idéias de igualdade na cabeça dos negros e atrapalhar os interesses dos senhores brancos. Não, os negros tinham que ficar fora, separados e abaixo dos brancos.

Mas já que os negros eram também obrigados a ser católicos, e a frequentarem a missa e os sacramentos, os senhores acabavam desejando que seus escravos também estivessem em uma confraria ou irmandade. Isso era importante porque todos os atos religiosos, como batismo, casamento, a confissão e a comunhão anuais obrigatórias, tinham que ser pagos, o senhor tinha a obrigação de pagar por seus escravos, e ficava muito mais barato se eles pertencessem a uma irmandade. Além disso, a maioria dos senhores acreditava, à sua maneira, em Deus e no céu e tinha medo do inferno e, por isso, zelava pela vida espiritual de seus escravos para garantir a sua própria salvação. Assim, todos os escravos pertenciam a confrarias. O senhor é que pagava por eles as contribuições. Às vezes, fazia grandes donativos em nome do escravo, que era outro modo de ostentar riqueza e "comprar" a salvação.

A principal irmandade dos pretos, que existia em quase todas as cidades

"Qualquer irmão, mesmo cativo, podia ocupar os cargos importantes da irmandade, por eleição. Ali eram realmente todos irmãos".

da Colônia, era a de Nossa Senhora do Rosário. Reunia pretos e mulatos, escravos ou libertos. Dentro da irmandade não se fazia nenhuma diferença entre os escravos e os livres. Ali eram realmente todos irmãos, iguais. Qualquer irmão, mesmo cativo, podia ocupar os cargos mais importantes da irmandade, por eleição.

Além de Nossa Senhora do Rosário e das Mercês, os negros tinham grande preferência e devoção pelos santos também negros e morenos como Santo Antônio de Catagerona, Santa Efigênia, São Benedito, São Gonçalo, Santo Onofre. Existiram também irmandades especiais de devoção a cada um desses santos, que reuniam cristãos negros ou pardos. Mas as irmandades do Rosário eram as mais importantes e mais espalhadas por toda a colônia.

O que mais atraia os homens de cor para as irmandades era a liberdade e respeito que recebiam dentro da associação e o auxílio que ela prestava a seus membros.

De fato, era dentro da sua irmandade que o homem de cor, desprezado e oprimido pela sociedade dos brancos, "virava gente". Como membro da irmandade, era respeitado, tinha direitos e apoio, e, por ocasião das festas, das procissões, saía com seus irmãos, vestindo belas opas, carregando andores, cruzes e luminárias que rivalizavam em beleza e riqueza com as dos senhores brancos. Naquela hora o negro mostrava que, diante do Deus, nas coisas da religião, o branco não podia ser mais do que ele. A irmandade era o terreno onde podiam florescer os sentimentos de dignidade e de igualdade dos homens de cor, mesmo que os brancos quisessem impedir.

Também o auxílio que o irmão podia receber da associação, nos momentos de dificuldade, era de enorme importância para os pobres negros e mulatos, escravos ou livres. Os negros e mulatos livres eram mal vistos e perseguidos pela sociedade dos brancos. Eram pobres demais para ter com que trabalhar por conta própria, e os senhores de escravos não contratavam trabalhadores pagos. Viviam quase na miséria e ficavam abandonados na doença e na velhice.

Os escravos, por sua vez, estavam sempre sujeitos a serem abandonados pelo senhor quando se tornassem inválidos ou velhos. Quando um escravo não servia mais nem para trabalhar nem para ser vendido, muitos senhores simplesmente os mandavam embora, davam-lhe a carta de alforria, uma liberdade que então só servia para ir morrer de fome na rua. Mesmo enquanto ainda podiam trabalhar, muitos escravos passavam necessidades, pois os senhores não lhes davam o suficiente para seu sustento, obrigando-os a trabalharem por conta própria nos domingos e nas noites de lua para não morrerem de fome.

Assim, a irmandade, que construía asilos para abrigar os irmãos desamparados, e auxiliava os que se encontravam na miséria, representava uma salvação para os pobres

Reunindo negros de várias nações africanas diferentes, as irmandades foram mais um meio de fazê-los esquecerem as diferenças tribais e de se unirem, serem irmãos ligados pela mesma cor e pela mesma situação social. Ali eles se juntavam e se defendiam dos sofrimentos e das injustiças contando apenas com seus próprios recursos e tomando eles mesmos suas decisões

As irmandades de pretos, porém, nunca chegaram a ser organizações que

levassem a defesa de seus membros ao ponto de lutarem abertamente contra a instituição da escravatura. Sua unidade não chegava a ser perfeita. Surgiam às vezes rivalidades pessoais entre irmãos, ou entre os negros africanos e os crioulos, já nascidos no Brasil. A rivalidade podia aparecer também entre os negros e os mulatos, quando, seguindo o exemplo dos brancos, os homens de cor queriam tomar a cor da pele como sinal de superioridade de uns sobre os outros. Essas rivalidade quase sempre resultavam na saída de uma parte dos irmãos da confraria para fundar outra, sob outro padroeiro.

As irmandades do Rosário também não conseguiam ser associações unicamente de homens de cor. Nos próprios estatutos, por exigência dos brancos que deviam aprová-los, o tesoureiro das confrarias de negros devia ser um branco. Os pobres não eram considerados capazes de tomar conta de suas próprias finanças. Também sempre havia alguns brancos que faziam parte das irmandades do Rosário, para controlá-las, saber o que se passava e também porque participar de várias confrarias era sinal de riqueza e aumentava o prestígio. Mas, fora a tesouraria, os brancos não podiam acupar os outros cargos, a direção da irmandade ficava reservada só aos negros, e o voto de cada irmão tinha o mesmo valor, independente da cor da pele.

Mas tudo isso não impedia que as irmandades de escravos tomassem medidas para aliviar o peso da escravidão sobre seus irmãos. Não lutavam contra a escravidão como um todo, mas protestavam e denunciavam os maus senhores que maltratavam os irmãos escravos; auxiliavam os irmãos a comprar sua liberdade quando seu cativeiro era especialmente duro; emprestavam dinheiro para irmãos comprarem a carta de alforria; enfim, procuravam a libertação individual do cativeiro, mas não a abolição da escravatura, sendo que as irmandades de pretos chegavam a ter seus próprios escravos, embora pouco numerosos.

A irmandade também era a possibilidade dos escravos terem momentos de liberdade, pois os senhores não podiam impedir seus escravos de participarem das reuniões, celebrações e festas obrigatórias da irmandade. Sobretudo na região das minas, os escravos conseguiam obter um certo respeito por parte dos senhores, pois esses tinham medo de que os escravos descontentes os denunciassem como contrabandistas de ouro ou diamantes. Como todos procuravam escapar dos impostos e o governo colonial procurava de todos os modos controlar as minas, qualquer pessoa podia denunciar o contrabando, mesmo os escravos, e isso acarretava rigoroso castigo. Entretanto, os próprios escravos também faziam contrabando, e provavelmente daí vinha boa parte dos recursos das irmandades dos negros. Isso explica que, mesmo irmandades de escravos, conseguissem construir igrejas e ornamentá-las ricamente, embora não conseguissem igualar a riqueza das irmandades dos brancos.

Além dos cargos de administração, a irmandade do Rosário dos pretos elegia também seu rei e sua rainha, que tinham grande prestígio e tinham uma função não de dominar, mas de proteger e representar os irmãos de sua confraria. Quase sempre recebiam o título de reis do Congo, mas podiam ser de qualquer nação africana, e talvez alguns deles fossem mesmo escolhidos entre os descendentes dos que tinham sido chefes ou reis na África. Embora esses reis só "reinassem" dentro de suas irmandades, essa era uma maneira dos negros rejeitarem a autoridade dominadora e imposta dos brancos, e de afirmarem seu desejo de liberdade, escolhendo, pelo voto, suas próprias auto-

ridades. As coroações dos reis e rainhas eram ocasião de grandes festas, que tinham sua parte religiosa, mas também folguedos populares realizados fora da igreja. Aí se conservou também parte das tradições africanas.

Ao formarem irmandades separadas dos brancos, os pobres estavam se submetendo às exigências da divisão social que reinava na colônia, mas, ao mesmo tempo, com isso tomavam uma consciência mais clara dessa divisão e da injustiça que ela representava. Passado o tempo da colônia portuguesa, já sob o Império, nos últimos anos do cativeiro, é que as irmandades dos negros vão ter uma participação no movimento pela abolição da escravatura.

Há ainda irmandades que restam até nossos dias, mas já não têm a importância e a vida que tinham no período colonial, e poucos cristãos ainda participam delas.

62. COMO FICOU A RELIGIÃO DOS RICOS

> **"Ai de vocês, fariseus! Pois dão para Deus a décima parte até da hortelã e da arruda, e de todas as verduras, mas desprezam a justiça e o amor a Deus. Vocês deviam fazer aquelas coisas sem desprezar estas. Ai de vocês, fariseus, pois gostam demais dos lugares de honra nas casas de oração..."** (*Lc 11,42.43*)

Os fatos aqui narrados passaram-se nos três primeiros séculos do domínio português no Brasil. No ano de 1822, com a proclamação da independência, acaba o poder de Portugal sobre nossa terra e o príncipe Dom Pedro, filho do rei torna-se imperador do Brasil. Daí em diante, outras coisas vão mudar e influir também na vida da Igreja. Mas muito do que tinha sido plantado nos primeiros trezentos anos continuou enraizado na vida dos católicos brasileiros.

Já sabemos que a terra que recebeu a semente do Evangelho no Brasil não era igual por toda parte: a vida e o coração dos pobres era bem diferente da vida e do coração dos ricos, e a semente cresceu, foi abafada ou brotou retorcida, conforme a terra em que caiu. No Brasil colonial, praticamente, só havia os ricos proprietários, de um lado, e, do outro, os muito pobres, escravos na sua grande maioria. Quem não era escravo, ou trabalhador pobre, era senhor de escravos. A situação ainda continuou assim por longos anos. A fé e a vida religiosa tomaram um jeito próprio, dependendo da classe a que pertenciam as pessoas. Tanto os ricos quanto os pobres oprimidos misturaram com a fé cristã as suas próprias idéias, suas experiências, seus interesses. Foi assim que a religião dos poderosos tomou um jeito diferente da religião dos pobres.

Os ricos se mostravam muito católicos, frequentando as celebrações e os sacramentos da Igreja, procurando ficar sempre em lugar bem visível, para serem bem vistos pela sociedade. Durante muito tempo, até lugar reservado nas igrejas os ricos tinham, assim como havia lugar marcado, no fundo da igreja, para os escravos e os demais pobres.

Os poderosos conservaram também a crença no poder de Deus e no céu, a devoção aos santos e o medo da condenação eterna. Mas pensavam que podiam agradar a Deus apenas cumprindo as leis da igreja e que podiam

comprar a salvação com donativos para a igreja. Os católicos da classe rica não aprenderam que oprimir e explorar os irmãos é a maior ofensa feita a Deus; continuaram pensando que a caridade consistia apenas em compensar com uma esmola, dada em dias especiais, a injustiça feita todos os dias.

O Brasil deixou de ser colônia de Portugal, os ricos do Brasil não tinham mais que pagar impostos a Portugal, mas a organização da sociedade brasileira continuou a mesma, por dentro: poucos brancos ricos, proprietários de quase tudo, explorando o trabalho da maioria da população, escravizada ainda por muito tempo, e, mais tarde, explorando os operários, empregados, moradores. Como os reis de Portugal pensavam e diziam, os ricos continuaram a pensar e a dizer que essa ordem injusta da sociedade era a vontade de Deus. Continuaram dando nomes de santos às suas fazendas, suas propriedades, suas lojas, chamando os padres para benzer suas casas-grandes, suas fábricas, seus bancos, como se Deus estivesse de acordo com tudo isso. Continuaram pensando que a sociedade brasileira, escravocrata, injusta e desigual, era uma sociedade cristã, um modo de realizar o Reino de Deus, e que eles eram todos bons católicos.

Os brancos ricos achavam que as pessoas de outras raças eram inferiores pela própria natureza, feitos assim pelo próprio Deus, para servir e obedecer aos brancos. Pensavam que suas riquezas eram dadas pela Providência de Deus, continuaram dando grandes donativos à Igreja para agradecer a Deus ou aos santos a "graça" de ter feito um grande negócio, sem sentir nenhum remorso por explorar o trabalho dos pobres.

Assim como acontecia na colônia, os poderosos achavam mesmo que os padres, os bispos, a Igreja deviam estar do lado deles, apoiando seu poder e ajudando a manter o povo sujeito e conformado com o sofrimento. Quando um missionário queria defender os pobres contra a opressão dos ricos, estes o chamavam de subversivo, diziam que não era um verdadeiro cristão, e tratavam logo de prender, perseguir, expulsar. Por isso continuaram procurando agradar as autoridades da Igreja, e dar dinheiro para as obras da Igreja, querendo garantir o seu apoio.

63. COMO FICOU A RELIGIÃO DOS POBRES

> "...Jesus ficou muito alegre e disse:
> — Ó Pai, Senhor do céu e da terra! Eu te agradeço porque tens mostrado aos que não são instruídos aquilo que escondeste dos sábios e dos entendidos. Sim, Pai, isto foi feito pela tua própria escolha e vontade."

De acordo com a pregação e a catequese que tinha recebido, a grande maioria dos pobres acreditou que a maneira injusta com que a sociedade estava organizada era natural, que não podia ser de outro jeito, e que se conformar com a pobreza e o sofrimento era aceitar a vontade de Deus.

Mas, apesar disso, os pobres compreenderam e confiaram na bondade de Deus. As promessas e os pedidos de graças a Deus e aos santos, que passaram a ocupar um grande espaço na religião dos pobres, expressavam a fé dos oprimidos na misericórdia do Pai. Expressavam também o desejo dos pobres por uma vida melhor, para a qual viam em Deus a única esperança, já que nada podiam esperar dos poderosos deste mundo.

Privados por muito tempo dos sacramentos, por falta de missionários que se dedicassem a eles, ou por não serem considerados dignos, os oprimidos acostumaram-se a expressar a sua fé e a procurar a união com Deus através de outras práticas: as orações, novenas, procissões e romarias, o rosário, as festas e as penitências, que não dependiam da presença do padre ou do apoio das autoridades religiosas.

A religião dos pobres também ficou uma religião de pessoas humildes, que não se consideravam bons católicos que já tinham a salvação garantida, mas sim que se consideravam pecadores que só se salvariam pela misericórdia de Deus. Por isso, davam grande valor à penitência e aos sacrifícios, às longas e custosas romarias, à Via Sacra e tantas mortificações.

Vivendo uma vida de constante sofrimento, dores e humilhação os pobres guardaram uma grande devoção à Paixão de Jesus, ao Senhor Morto, a Nossa Senhora das Dores, e aos santos mártires, como São Sebastião, consolação e exemplo para suportar seu próprio sofrimento. Mas, não tendo recebido uma evangelização completa, tendo ficado privados da leitura da Bíblia, da esperança de libertação, os pobres não puderam desenvolver a alegria da ressureição na vida cotidiana, e uma luta coletiva pela libertação dos oprimidos, animada pela fé. A Sexta-feira Santa ficou sendo mais importante do que o Domingo da Páscoa, na religião dos pobres.

Mas nem só de tristezas se fez a religião dos pobres. Conservaram também um grande gosto pelas festas religiosas, momentos de alegria em que se esqueciam as desgraças desta vida, em que se fugia da opressão e se mostrava que, diante de Deus, somos todos iguais, festas que eram "um retrato de lá do céu" aqui na terra.

Também a caridade dos pobres ficou diferente da caridade dos ricos: não consistia em dar dinheiro, que os pobres não tinham, mas em repartir com o irmão necessitado como eles o pouco que tinham, e em receber os irmãos sofredores como enviados de Deus.

Os pobres também adquiriram e conservaram o costume de se reunirem entre si para rezar, em suas casas, em pequenas capelas pobres, em seus lugares de romaria, longe das ricas igrejas dos brancos, e longe das autoridades da Igreja. Continuaram procurando os ermitães, os beatos, os pregadores do povo e seus lugares de romaria, desprezados pelas autoridades, reconhecendo neles verdadeiros servidores de Deus e lugares de oração.

Junto com a religião cristã, os pobres também conservaram, uns mais, ontros menos, as crenças que restaram das religiões indígenas e africanas. Essas crenças e práticas eram vistas pelas pessoas instruídas como superstições e ignorância, mas, na realidade, eram as lembranças que ficaram na alma do povo das culturas próprias de seus avós antes de serem oprimidos pelos brancos cristãos.

Pelo que já conhecemos da história dos inicios da Igreja no Brasil, podemos compreender como foi que as diferentes experiências vividas tornaram também diferentes os modos de viver a fé cristã entre os pobres e os ricos. É claro que sempre houve individuos e grupos que não correspondiam a essa descrição, ricos que mudavam de vida levados pela fé, como os primeiros ermitães, ou pobres que imitassem a religião dos ricos. Aqui apenas falamos, de um modo geral, de algumas características da religiosidade das principais

classes sociais do Brasil colonial, muitas delas visiveis até hoje entre os católicos brasileiros.

64. A HERANÇA DA IGREJA COLONIAL

O que o Brasil português deixou como herança para o Brasil do século dezenove, foi uma Igreja sem liberdades, dominada pelo poder político, passando da coroa portuguesa às mãos do imperador. O que é mais grave, ao fim do primeiro período colonial, os responsáveis pela organização da Igreja, a hierarquia, aceitavam essa situação e se acomodavam a ela. Uma parte do clero era dedicada apenas a uma pastoral que não fosse contra os interesses do poder porque dependia do poder para a sua sobrevivência, para os lugares e cargos que ocupava. Outra parte do clero era constituida de padres fazendeiros, mineiros, senhores de engenho, senhores de escravos, fazendo, assim, parte da classe dos poderosos.

Com a expulsão dos jesuitas por ordem do Marquês de Pombal, ministro português, e as perseguições a outros religiosos, a Igreja chega ao fim do período colonial português muito carente de verdadeiros missionários. Grande parte dos padres se dedicavam a outras atividades, e apenas celebravam suas missas nas ricas igrejas das cidades principais. Para o povo, principalmente para as populações mais pobres e de lugares afastados, a Igreja só podia oferecer as "desobrigas" e, com os poucos missionários que restavam, algumas missões temporárias.

Os bispos que tivessem maior preocupação de liberdade e de ação pastoral, ou de melhorar a disciplina do clero, eram impedidos de exercer sua autoridade. E muitos dos bispos, confundidos com as autoridades do governo, chegavam mesmo a substituir os governadores quando esses se ausentavam.

Parte dessa herança foram ainda as imensas propriedades de terras, os inúmeros escravos e as ricas igrejas que a situação colonial criara. E, junto com tudo isso, a incapacidade da Igreja de perceber e de lutar contra a injustiça que servia de base à organização da sociedade brasileira.

A Igreja colonial deixou ainda a devoção a muitos santos e a tradição das grandes festas religiosas, e todas as regiões mais populosas organizadas em paróquias. A organização paroquial já tinha substituído completamente os antigos aldeamentos missionários, também por ordem do Marquês de Pombal, e o fim do domínio português nada mudou nesse caso.

Os antigos aldeamentos missionários conseguiam manter uma certa liberdade interna, protegendo os indios do contacto prejudicial dos brancos, na na medida em que os missionários tinham o governo tanto espiritual como material desses povoados. A transformação em paróquia deixava os indigenas sob o domínio direto do poder politico dos brancos. No aldeamento transformado em vila e paróquia, o poder material passava para as mãos de um funcionário do governo, e a autoridade espiritual passava para o vigário. Os vigários, que ficavam limitados às coisas "espirituais", eram nomeados pelo governo, principalmente entre os padres seculares, muito mais dependentes e obedientes aos poderosos. De fato, essa medida do Marquês de Pombal tinha como finalidade estender e fortalecer o poder absoluto do Rei e eliminar qualquer organização que pudesse resistir à sua autoridade.

Mas, ao lado de tudo isso, a Igreja dos primeiros séculos do Brasil deixou também, em sua herança, a fé cristã autêntica vivida por tantos brasileiros, principalmente entre os pobres. Deixou também o testemunho de todos aqueles que lutaram, até à custa da própria vida, do modo como foram capazes, pela liberdade e pela justiça em nome do Evangelho. O exemplo não deixou de dar frutos durante toda a história da Igreja no Brasil, até os nossos dias.

BIBLIOGRAFIA

de HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL COLONIAL

HOORNAERT, Eduardo - "Formação do Catolicismo Brasileiro"
Ed. Vozes - Petrópolis - 1974

HOORNAERT, Eduardo e outros - "História da Igreja no Brasil"
II Tomo da "História Geral da Igreja na América Latina" - (CEHILA)
Ed. Vozes - Petrópolis - 1977

LUGON, Charles - "A República "Comunista" Cristã dos Guaranis"
Ed. Paz e Terra - Rio de Janeiro - 1977
(3.ª Edição)

PACHECO, Eliezer - "O Povo Condenado" - Ed. Artenova
Rio de Janeiro - 1977

SCARANO, Julita - "Devoção e Escravidão" - Companhia Editora Nacional - São Paulo - 1976

LUSTOSA, Fr. Oscar F. - "A Presença da Igreja no Brasil" - História e Problemas - (1500 - 1968) - Ed. Giro
São Paulo - 1977

Veja também as Edições Populares da História da Igreja - folhetos de cordel - publicadas pela Ed. Vozes.

* "O Justiceiro de Deus" (Frei Martinho de Nantes)
* "Ajuricaba e os Gemidos dos Remeiros do Rio Negro".
* "O Peregrino de Deus" (Pe. Malagrida).
* "A Traição de Tibiriçá" (Aimberê)
* "A História de S. Sepé" (Tiaraju)
* "Os Estranhos Sermões de Antônio Vieira".
* "Isidoro o Garimpeiro"
* "História de São Sebastião"
* "São Jorge e o Dragão"
* "Puebla Acontecendo"
* "Nem Grilhões e nem chicotes: a conquista de Chico-Rei e de seu povo".
* "Engenhos da Escravidão e Palmares da Liberdade".

CEHILA

COMISSÃO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA

VERSÃO POPULAR

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO

EDITORA TODOS IRMÃOS
Cx. Postal, 41 — Fone, (0145) 22-1974
16.400 - LINS - SP

814

NEGRO,
UM CLAMOR
DE JUSTIÇA

KWANZAA – 2003/2004

Festival Afro-Americano no Brasil – Rio de Janeiro

1 – ACOLHIDA (Dirigente)

2 – CANTO DE MOTIVAÇÃO

1 – Que povo é esse que ao som do atabaque e a batida do tambor canta e dança seu lamento, sua dor.(2x)
2 – Esse canto é pra Olorum, esse canto é pra Zumbi. É um canto de amor para meu povo sofredor que assume a sua cor. (2x) Linda raça! Linda negra! Linda raça negra!
3 – Essa gente foi gerada pra ser vendida, penhorada. Alugada, noite e dia escravizada. (2x) Linda raça! Linda negra! Linda raça negra!
4 – Somos um povo de paz e não um povo de guerra. Somos raça de um povo em desigualdade nessa terra. (2x) Linda raça! Linda negra! Linda raça negra!

3 – O QUE SÃO OS SETE PRINCÍPIOS OU "NGUZO SABA?" (Dirigente)

"Kwanzaa é uma palavra de origem africana kiswahili, falado no leste da África que significa o Primeiro ou os primeiros frutos da colheita. O Kwanzaa é um festival Afro-americano que foi criado em 1966 pelo Dr. M. Ron Karenga, com o objetivo de unir o povo Afro-americano para uma celebração que resgatasse sua identidade, estabelecessem propósitos e determinasse a direção a seguir".

De 26 de dezembro a 01 de janeiro:

"O Kwanzaa é único no sentido de que não é uma celebração religiosa, nem política, nem heróica, mas pura e simplesmente uma celebração cultural que presta tributo às ricas raízes culturais dos povos ancestrais africanos. Nesta paisagem de ancestralidade estamos trazendo esta proposta ao povo Afro-brasileiro, pois a exemplo do Dr. Karenga, entendemos que a chave da crise do povo Africano na diáspora é a crise ideológica e cultural".

4 – VAMOS ACENDER NOSSAS VELAS

Dirigente: HABARI-GANI!

O povo diz o nome dos princípios...

1 – UMOJA – (Unidade) – Na família, na comunidade, na nação e entre a nossa Raça. (Entre as raças na nova ordem mundial – Tolerância).
2 – KUJICHAGULIA – (Autodeterminação) – Poder de decidir, perseguir idéias.
3 – UJIMA – (Trabalho coletivo e responsabilidade) – Saber trabalhar em grupo, em comunidade, em família. Transformando a nossa comunidade num lugar seguro e produtivo.
4 – UJAMAA – (Economia conjunta) – Criar e manter os nossos negócios, na ajuda mútua, partilhando os lucros, informações, gerando rendas...
5 – NIA – (Propósito) – Saber planejar a vida, os negócios. Ajudar a organizar a nossa comunidade; dar sentido a vida familiar, profissional, afetiva...
6 – KUUMBA – (Criatividade) – Sempre fazermos o máximo, da melhor maneira possível para deixar a nossa comunidade melhor do que recebemos de nossos pais...
7 – IMANI – (Fé) – Acreditar com todo nosso coração em nossos pais, nossos mestres e líderes. Na certeza da vitória em nossa luta.

5 – A BANDEIRA DO DIVINO

1 – Os devotos do Divino, vão abrir sua morada, pra bandeira do menino ser bem-vindo ser louvada.
2 – Deus vos salve este devoto pela esmola em vosso nome, dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome.
3 – a bandeira acredita que a semente seja tanta, que a mesa seja farta, que essa casa seja santa.
4 – Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita, que o homem seja livre, que a justiça sobreviva.
5 – Assim como os três reis magos, que seguiram a estrela guia, a bandeira segue em frente atrás de melhores dias.
6 – No estandarte vai escrito que ele voltará de novo, e o rei será bendito, Ele nascerá do povo.

6 – AGRADECIMENTOS:

EMC PROGRAM (Inglês e Espanhol Comunitário)
Paróquia São João Batista
Comunidade Santa Luzia
Comunidade São José
Comunidade Santa Clara

7 – INFORMAÇÕES:

(21)2756-0804 – Frei Tatá

8 – AVISO IMPORTANTE:

. As inscrições para Inglês e Espanhol Comunitário para 2004 estão abertas - Informações com Carlos: 9381-6282
. Todo 1º Domingo às 18:00 horas – Missa Inculturada na Comunidade São José
Rua Cristóvão Berberéia, 312 – Engenheiro Belford – São João de Meriti

E.M.C Program / 2004
Inglês e Espanhol Comunitário

A coordenação deste projeto, os professores voluntários e os voluntários de apoio deste Projeto - desejamos para todos e todas, boas vindas, extensivo aos seus familiares! Acreditamos que a partir de hoje, somos parte de uma mesma família, temos os mesmos interesses ou seja, que você faça parte do mundo de alguns poucos que podem estar fazendo um curso de língua estrangeira neste pais. Isto é claro: de forma solidária, alternativa e mais, discutindo que sociedade é esta, através de momentos de Cultura e Cidadania.

Para o bom êxito do nosso projeto, por favor observem:

a) Vamos cumprir os horários. Hora de chegada; período de intervalo (10 mm) e não mais. Hora de saída; e por favor, de modo especial nossos adolescentes, ao saírem, tomar o caminho de casa.
b) Vamos falar Inglês ou Espanhol em sala de aula. Vamos exercitar a língua – aqui e agora! Tire imediatamente suas dúvidas com o teu professor, ou seja, perguntem. Participem! Vamos fazer os exercícios pedidos, tanto em aula ou em casa.
c) Vamos manter a colaboração financeira em dia. Todo o dia 10 de cada mês, vence. Você vai receber um bloco de pagamento, observe a data de vencimento. OBS: a segunda via deste bloco será cobrado o valor de R$ 2,00. A colaboração mensal é de R$ 14,00 – em caso de atraso após o dia 10 de cada mês, você deverá passar a colaborar com o valor de R$ 18,00 (fixo).
d) O valor da apostila é de R$ 10,00 – pedimos que cuide deste instrumento de trabalho. Não é permitido a reprodução (xerox) deste material pelos alunos a outrem.
e) A participação em atividades extras é obrigatória. Aconselháveis, tem um caráter de integração do projeto, bem como de formação geral.
f) A participação nas assembléias são extremamente obrigatórias. Lembre-se que o projeto é comunitário, existe uma co-responsabilidade de cada um/uma nas decisões tomadas para cada semestre. Os pais também são convidados para estarem presentes nestes momentos.
g) O lanche será feito com a colaboração de cada um, turma por turma. Combinar com o professor e o voluntário - voluntária de apoio em cada núcleo.
h) Todo material e em especial, os aparelhos de som, quadros, mapas são de uso coletivos, e tem a responsabilidade direta do professor e do voluntário/a de apoio, pedimos a tua colaboração para o bom uso e manutenção dos mesmos.

Etc.. .Nós do E.M.C Program estamos felizes em podermos estarmos juntos. Bom Semestre!

A Coordenação

S. João de Meriti, 7 de Fevereiro de 2004

Kwanzaa 2012 / 2013

Homenageando os Jornalistas comprometidos com a Comunidade Negra

1- AFRO ACOLHIDA
(Ir. Ivonete Ribeiro Sales,OSF)

ACOLHIDA: Beleza afro/ afro beleza/ acolhemos você com axé beleza negra.
Solidária (o)/ mas que beleza acolhemos você com axé/ com certeza (bis)

INVOCAÇÃO Á SANTISSIMA TRINDADE

Negro toca Caxambu,
Negro bate um Candongueiro,
Vamos começar a nossa reza, como faz um bom Jongueiro.
//O bom Jongueiro não se esquece da Virgem Maria; de São Benedito e do Amigo São José.
Toda vida é um ponto: família, trabalho – roda de jongo, e muita fé.//(bis)
Ref.: Em nome do Pai, o Deus que tudo criou.
Em nome do Filho, O Nazareno / Redentor.
Em nome do Espírito Santo, "Deus em todo canto" – Fogo abrasador. (bis)

2 – MOTIVAÇÃO
Kwanzaa, é uma palavra de origem africana – Kiswahili, falado no Leste da África (Ex. Republica Democrática do Congo). Kwanzaa significa: Primeiro, ou primeiros frutos da colheita. É o nome da moeda de Angola; é o nome de um dos seus principais rios. Dr. M. Ron Karenga, é o idealizador do Festival – 1966. Este Festival é o único no sentido que não é: uma celebração religiosa (sacramento), nem política, nem heróica, mas pura e simplesmente uma celebração cultural que se presta um grande tributo às ricas raízes culturais dos povos de ancestralidades africanas. Os que celebram, certamente, adaptam a sua realidade – respeitando o principio fundamental, de lembrar os SETE PRINCIPIOS. O objetivo fundamental do Kwanzaa é elevar a Auto-Estima do Povo Negro e (classes populares). É educar as nossas crianças e famílias para AUTO DETERMINAÇÃO, algo que poderíamos dizer em outras palavras: exercer com todas as letras a sua Cidadania. Kwanzaa quer incentivar em especial o caminho da educação para os nossos jovens, como caminho fundamental para a sua realização na vida.

3. ACLAMAÇÃO:
"Vamos ficando de pé.... é a atitude de quem crer....

4. EVANGELHO: (MT 12, 14-21)

5. MANTRA AFRO

Fazer memória, guardar na história, apontar para a luz (bis)
Eles vivem, eles sabem, tudo é obra de Deus (bis)
Os de Deus, vão ressuscitar (bis)
Eu canto, eles estão em paz (bis)
Tudo é Páscoa, é esperança, para os nossos antepassados. (bis)
Os de Deus, vão ressuscitar. (bis)

4. O ACENDER DAS VELAS (KINARA)

Dirigente diz: HABARIGANI! A comunidade responde com o nome do Princípio desejado....

1. UMOJA – (unidade) Em nossas famílias, em nossas comunidades e em nossos movimentos. Unidade entre as raças e hoje, em especial entre os irmãos (ãs) de fé – Tolerância...

2. KUJICHAGULIA – (Auto determinação) – O poder de decidir, perseguir ideais.

3.UJIMA – (Trabalho coletivo e responsabilidade) – saber trabalhar em grupo, em comunidade, em família. Transformando a nossa comunidade num lugar mais seguro e produtivo.

4. UJAMAA – (Economia conjunta) – criar e manter os nossos negócios, na ajuda mútua, partilhando os lucros e informações – saber, gerando renda.

5. NIA – (Propósito) saber planejar a vida, os negócios. Ajudar a organizar a nossa comunidade, dar sentido a vida familiar, profissional e afetiva.

6. KUUMBA – (Criatividade) sempre fazermos o máximo, da melhor maneira possível para deixar a nossa comunidade melhor, bem melhor do que recebemos de nossos pais.

7. IMANI – (Fé) acreditar com todo nosso coração em nossos pais, nossos mestres e lideres. Na certeza da vitória em nossas lutas.

5. AÇÃO DE GRAÇAS: (Viva Nossa Senhora)

1. Ela surgiu nas águas do rio Paraíba, dando alegria para simples pescadores.
2. Pesca milagrosa onde a fome dissipou. Uma igrejinha na colina logo surgiu da fé.
3. Canto como magnífica a mãe de cor morena, a padroeira do Brasil a serva humilde e serena.

6. ABRAÇO DA PAZ:

"Deus é mais, Deus é mais, Deus é mais...."

AGRADECIMENTOS:
- Comunidade São Benedito
- Comunidade São José
- Comunidade Santa Clara
- Comunidade Santa Lúzia
- Sr. Antônio e família
- Iamara e família
- Dona Nice e família
- Aos amigos (AS) do COMIRA E SUPPIR
- Familiares
- Frei Walter e fraternidade

Kwanza

O núcleo da celebração do K. Tem sete objetivos principais que recebem o título de NGUZO SABA. Estes princípios devem ser menorizados, discutidos e vivenciados durante os sete dias do K. E por todo o ano, integrando-se a vida do homem e da mulher negra. Nguzo Saba em SWAHILI significa "Sete Princípios".

São eles:

1 - UMOJA (Unidade) - Trabalhar juntos, com nossa família, com nossa comunidade, nação e nossa raça.

2 - KUJICHAGULIA (Auto - determinação) poder de decidir, estabelecer e perseguir os ideais eos objetivos temos na vida.

3 - UJIMA - (Trabalho coletivo e responsabilidade) Trabalhar em grupo resolvendo problemas e transformando a nossa comunidade num lugar seguro e produtivo.

4 - UJAMAA (Economia conjunta) - Criar e manter as nossas próprias lojas, nossos próprios negócios, na ajuda mútua, partilhando o lucro do nosso trabalho de forma ampla.

5 - NIA (Propósito) Ter um planejamento para o futuro e estar disponível a ajudar outros a terem sucesso também.

6 - KUUMBA (Criatividade) Sempre fazermos o máximo que pudermos, da maneira que pudermos, com o objetivo de deixar para a nossa comunidade um lugar melhor e mais bonito.

7 - IMANI (FÉ) Acreditar com todo o nosso coração em nosso povo, nossos pais, nossos mestres, nossos líderes e na certeza de estarmos no caminho certo, rumo à vitória da nossa luta.

Enfim, segundo as palavras do Dr. Karenga (Idealizador do Kwanzaa): "Eu sou porque nós somos, porque nós somos, Eu sou."

KWANZAA

Esta palavra lhe parece familiar? Não?

Kwanzaa é uma palavra de origem africana kiswahili, falado no leste da África que significa o primeiro ou os primeiros frutos da colheita.
O kwanzaa é um festival Afro Americano que foi criado em 1966 pelo Dr. M. Ron Karenga com o objetivo de unir o povo Afro Americano para uma celebração que resgatasse sua identidade, estabelecesse propósitos e determinasse a direção a seguir.

E onde este festival é celebrado?

Nos Estados Unidos.

Quem o celebra?

A comunidade Afro Americana.

Em que período é celebrado?

De 26 de dezembro a 01 de janeiro.

O kwanzaa é único no sentido que não é nem uma celebração religiosa, nem política nem heróica mas pura a simplesmente uma celebração cultural que presta tributo às ricas raízes culturais dos povos de ancestrais africanos. Nesta paisagem de ancestralidade estamos trazendo esta proposta ao povo Afro Brasileiro, pois a exemplo do pensamento do Dr. Karenga , entendemos que a chave da crise do povo Africano na diaspora é a crise ideológica e cultural.

Por estarmos envolvidos em todas as questões pertinentes ao contexto do negro no Brasil e no mundo, pelas experiências adquiridas por oportunas viagens ao exterior e sendo militantes formais ou não do movimento negro, nós Frei Athaylton (Tatá) , Rosângela Valle e Cleide Paulino ambas professora de língua Inglesa, sentimo-nos no dever de partilhar com os nossos irmãos e irmãs Afro- brasileiros o festival KWANZAA.

Assina:

Frei Athaylton, OFM

Rosangela Valle

Cleide Paulino

Kwanzaa / 2015/2016
ANO DA MISERICÓRDIA

1. AFRO ACOLHIDA (Ir. Ivonete Ribeiro Sales,OSF)
ACOLHIDA: Beleza afro/ afro beleza/ acolhemos você com axé beleza negra.
Solidária (o)/ mas que beleza acolhemos você com axé/ com certeza (bis)

2. CANTO DE ENTRADA
Negro toca o Caxambu,
Negro bate um Candongueiro,
Vamos começar a nossa reza, como faz um bom Jongueiro.
//O bom Jongueiro não se esquece da Virgem Maria; de São Benedito e do Amigo São José.
Toda vida é um ponto: família, trabalho – roda de jongo, e muita fé.//(bis)
Ref.: Em nome do Pai, o Deus que tudo criou.
Em nome do Filho, O Nazareno / Redentor.
Em nome do Espírito Santo, "Deus em todo canto" – Fogo abrasador. (bis)

3. ATO PENITENCIAL

4. GLÓRIA
R: OLHA A GLÓRIA DE DEUS, BRILHANDO, ALELUIA! (4X)
1. Nosso Deus é o artista do universo, é a fonte da luz, do ar da cor. É o som, é a música, é a dança, é o mar jangadeiro e pescador. É o seio materno sempre fértil/ é a beleza, é a pureza e é calor (bis). **Aleluia, aleluia, vamos criar que é pra glória de Deus brilhar!** (2x).
2. Nosso Deus é caminhada do seu povo para a terra da libertação. Onde quer que esteja um oprimido, é Javé que promove a redenção. Ele quebra a força do tirano e garante a vitória da união. **Aleluia, aleluia! Vamos lutar que é pra glória de Deus brilhar!** (2x).
3. Nosso Deus é a voz que se levanta, é o canto, o gemido é o clamor, é abraço em nome do amor. É o pé conquistando novo espaço, é a terra, é o fruto, é a flor. Aleluia, aleluia. Vamos amar que é pra glória de Deus brilhar! (2x).

5. PROCISSÃO DA BÍBLIA (Frei Tatá)
1. SOBERANA, (Mq4,8)/ *Deixa a Palavra passar!*
HUMILDE E BELA,/ *Deixa a Palavra passar!*
NORTTEADORA ...(Mt13,10-12)/*Deixa a Palavra passar!*
Ref.: "PLENA DE AXÉ (...) (Jo 1,16;6,6,51)
E A PALAVRA DE DEUS VAMOS ESCUTAR!
2. PRECIOSA, (Ecl 49,18)/ *Deixa a Palavra passar!*
FORÇA DOS POBRES, (Mq 4,6-7;Sl10 ou 10b,12)/ *Deixa a Palavra passar!*
MISSÃO DOS CATEQUISTAS (Nm 24,16)/ *Deixa a Palavra passar!*
Ref.:
3. "FONTE DE VIDA" (Jo 1,4; Pr 3,20-23)/*Deixa a Palavra passar!*
LUZ DOS PROFETAS (Nm 24,3; Sm 1,6; Os 9,7)/*Deixa a Palavra passar!*
INSPIRAÇÃO DOS ARTISTAS/ Deixa a Palavra passar!
Ref.:

6. ACLAMAÇÃO:
1. SOBERANA, (Mq4,8)/ Deixa a Palavra passar!
HUMILDE E BELA,/ Deixa a Palavra passar!
NORTEADORA ...(Mt13,10-12)/Deixa a Palavra passar!
Ref.: "PLENA DE AXÉ (...) (Jo 1,16;6,6,51)
E A PALAVRA DE DEUS VAMOS ESCUTAR!
2. PRECIOSA, (Ecl 49,18)/ Deixa a Palavra passar!
FORÇA DOS POBRES, (Mq 4,6-7;Sl10 ou 10b,12)/ Deixa a Palavra passar!
MISSÃO DOS CATEQUISTAS (Nm 24,16)/ Deixa a Palavra passar!
Ref.: "PLENA DE AXÉ (...) (Jo 1,16;6,6,51)
E A PALAVRA DE DEUS VAMOS ESCUTAR!
3. "FONTE DE VIDA" (Jo 1,4; Pr 3,20-23)/Deixa a Palavra passar!
LUZ DOS PROFETAS (Nm 24,3; Sm 1,6; Os 9,7)/Deixa a Palavra passar!
INSPIRAÇÃO DOS ARTISTAS... Deixa a palavra passar!

7. EVANGELHO:

MOTIVAÇÃO
Kwanzaa, é uma palavra de origem africana – Kiswahili, falado no Leste da África (Ex. Republica Democrática do Congo). Kwanzaa significa: Primeiro, ou primeiros frutos da colheita. É o nome da moeda de Angola; é o nome de um dos seus principais rios. Dr. M. Ron Karenga, é o idealizador do Festival – 1966. Kwanzaa quer incentivar em especial o caminho da educação para os nossos jovens, como caminho fundamental para a sua realização na vida.

8. MANTRA AFRO
Fazer memória, guardar na história, apontar para a luz (bis)
Eles vivem, eles sabem, tudo é obra de Deus (bis)
Os de Deus, vão ressuscitar (bis)
Eu canto, eles estão em paz (bis)
Tudo é Páscoa, é esperança, para os nossos antepassados. (bis)
Os de Deus, vão ressuscitar. (bis)

9. O ACENDER DAS VELAS (KINARA)
Dirigente diz: HABARIGANI! A comunidade responde com o nome do Principio desejado....
1. **UMOJA** – (unidade) Em nossas famílias, em nossas comunidades e em nossos movimentos. Unidade entre as raças e hoje, em especial entre os irmãos (ãs) de fé – Tolerância...
2. **KUJICHAGULIA** – (Auto determinação) – O poder de decidir, perseguir ideais.
3.**UJIMA** – (Trabalho coletivo e responsabilidade) – saber trabalhar em grupo, em comunidade, em família. Transformando a nossa comunidade num lugar mais seguro e produtivo.
4. **UJAMAA** – (Economia conjunta) – criar e manter os nossos negócios, na ajuda mútua, partilhando os lucros e informações – saber, gerando renda.
5. **NIA –** (Propósito) saber planejar a vida, os negócios. Ajudar a organizar a nossa comunidade, dar sentido a vida familiar, profissional e afetiva.
6. **KUUMBA** – (Criatividade) sempre fazermos o máximo, da melhor maneira possível para deixar a nossa comunidade melhor, bem melhor do que recebemos de nossos pais.
7. **IMANI** – (Fé) acreditar com todo nosso coração em nossos pais, nossos mestres e lideres. Na certeza da vitória em nossas lutas.

10. OFERTÓRIO
1. Lá vem das senzalas de ontem... Lá vem das senzalas de hoje, oferta que é sangue e suor de um povo em clamor, que quer livre cantar.
R: Obá, obá, obá! Recebe, Olorum nossos dons! Obá, obá, obá! A oferta de nossas nações!
Obá, obá, obá! Recebe, Senhor, pão e vinho.
Obá, obá, obá! As conquistas de um povo a caminho.
2. Lá vem das aldeias de ontem, Lá vem das
aldeias de hoje, Oferta de fé e resistência De um povo que pena, mas quer livre brincar.
3. Lá vem das favelas de ontem... lá vem das favelas de hoje, oferta de uma luta sem trégua, de uma gente que espera, e quer livre dançar!
4. Lá vem dos calvários de ontem... Lá vem dos calvários de hoje, oferta das vitórias, que é de Cristo e do povo, que quer livre louvar!

11. SANTO

12. ABRAÇO DA PAZ

13. COMUNHÃO
Ô, aiê, ao/ A mesa está pronta, o Senhor já me chamou (2x) Co'a flor do trigo (2x) co'a flor do trigo o Senhor me alimentou/Com vinho santo (2x) com vinho santo o Senhor me saciou.
1. Venha! Veja as obras de Deus/ seu amor nos valeu tanta coisa bonita./ Eu canto Ah! Eu canto/ é o clamor do meu povo/ povo negro que é santo.
2. Venha! Veja as obras tão belas/ transformou mar em terra pro meu povo passar./ Vitória Ah, vitória/ é o cantar do meu povo/ que constrói a história.
3. Venha! Veja as obras do Rei/ suas façanhas direi ao meu povo que clama./ Justiça Ah, Justiça/ é o clamor do meu povo/ povo negro que é vida.
4. Venha! Traga bem na lembrança/ tantos cantos e danças/ tanto choro e sorriso/ Escuta Ah Escuta/ o clamor deste povo/ povo negro que é vida.

14. AÇÃO DE GRAÇAS
1. Para que se cumpra a profecia: / "todas as gerações, hão de cantar" (lc 1,48) / para nós, ela é a mãe, **Negra Aparecida,** / - sempre presente neste lugar.
ref.: "Chegou a hora de Nossa Senhora entrar." (bis) (Negra Mãe Aparecida!) (ah, chegou a hora de Nossa Senhora entrar... Vamos louvar!)
2. "O poderosos lhe fez grandes coisas". (lc 1,49) / - Juventude negra, lhe estenda as mãos; / com o seu Manto azul, da cor do céu, / a Virgem te guiará teu coração. (ref.)
3. "Emanuel" (is 7,14) é o seu filho, / o Messias, / nosso Jesus de Nazaré, / do povo negro, - amado e conhecido, / - **desde além mar,** / - provada fé. (ref.)

KWANZAA – Realização: Pastoral Afro

FELIZ 2016!

Lei 12981/14 | Lei nº 12.981, de 28 maio de 2014.

Dispõe sobre a oficialização no território nacional do Hino à Negritude. Ver tópico (26 documentos)

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1o Fica oficializado, no território nacional, o Hino à Negritude, de autoria do Professor Eduardo de Oliveira.

Art. 2o Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Ver tópico

Brasília, 28 de maio de 2014; 193o da Independência e 126o da República.

DILMA ROUSSEFF

Marta Suplicy

Luiza Helena de Bairros

Agora é oficial: o Brasil tem 'Hino à Negritude'

Após 48 anos de tentativas, lei sancionada pela presidente Dilma Rousseff manda hino ser tocado em todas as 'solenidades dirigidas à raça negra'

O Brasil ganhou nesta quinta-feira um novo hino, por incrível que pareça. **A partir de agora, todos os eventos voltados aos negros no país, como um congresso para discutir questões raciais ou um festival de cultura afro, terão obrigatoriamente que começar com a execução do *Hino à Negritude***, uma composição com mais de 70 anos de idade assinada por Eduardo de Oliveira, militante histórico do movimento negro no Brasil e primeiro vereador negro de São Paulo.

A lei que oficializa o hino e determina que seja "entoado em todas as solenidades dirigidas à raça negra" foi publicada no Diário Oficial da União desta quinta, após sanção da presidente Dilma Rousseff. A medida foi muito comemorada por setores do governo ligados ao movimento negro. A ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Luiza Bairros, declarou que o hino "marca a participação dos negros na construção da história brasileira".

O autor do projeto no Congresso Nacional, o deputado Vicentinho (PT-SP), não fez questão de mostrar sobriedade. Para ele, conforme destacou o site da bancada no PT na Câmara, "este é um momento histórico para todo o país celebrar, já que o hino, mesmo escrito há mais de 70 anos, é atual".

A institucionalização do *Hino à Negritude* foi conquistada depois de um longo trajeto: foram cinco projetos de lei e 48 anos de espera. A proposta de oficializar a composição em todo o território nacional foi apresentada ao Congresso pela primeira vez em 1966, pelo deputado federal Teófilo Ribeiro de Andrade Filho. Depois, em 1993, pelo deputado Nelson Salomé. Em 1997 foi a vez do deputado Marcelo Barbieri. Vicentinho tentou duas vezes, em 2007 e 2009, quando a proposta entrou finalmente na rota da aprovação, o que se consumou ano passado.

Reproduzindo o tom ufanista de muitos hinos nacionais, o *Hino à Negritude* evoca imagens épicas logo nas primeiras estrofes: "Sob o céu cor de anil das Américas / Hoje se ergue um soberbo perfil / É uma imagem de luz / Que, em verdade, traduz / A história do negro no Brasil / Este povo, em passadas intrépidas / Entre os povos valentes se impôs / Com a fúria dos leões / Rebentando grilhões / Aos tiranos se contrapôs".

A letra também menciona Zumbi, o Quilombo dos Palmares e os orixás, e elogia a beleza da "tez cor de ébano". Morto em 2012, aos 86 anos, o autor Eduardo de Oliveira não viveu para ver sua obra ganhar as páginas do Diário Oficial.

Hino à Negritude - Eduardo Oliveira

Sob o céu cor de anil das Américas
Hoje se ergue um soberbo perfil
É uma imagem de luz
Que em verdade traduz
A história do negro no Brasil
Este povo em passadas intrépidas
Entre os povos valentes se impôs
Com a fúria dos leões
Rebentando grilhões
Aos tiranos se contrapôs
Ergue a tocha no alto da glória
Quem, herói, nos combates, se fez
Pois que as páginas da História
São galardões aos negros de altivez

Levantado no topo dos séculos
Mil batalhas viris sustentou
Este povo imortal
Que não encontra rival
Na trilha que o amor lhe destinou
Belo e forte na tez cor de ébano
Só lutando se sente feliz
Brasileiro de escol
Luta de sol a sol
Para o bem de nosso país
Ergue a tocha no alto da glória
Quem, herói, nos combates, se fez
Pois que as páginas da História
São galardões aos negros de altivez

Dos Palmares os feitos históricos
São exemplos da eterna lição
Que no solo Tupi
Nos legara Zumbi
Sonhando com a libertação
Sendo filho também da Mãe-África
Aruanda dos deuses da paz
No Brasil, este Axé
Que nos mantém de pé
Vem da força dos Orixás
Ergue a tocha no alto da glória
Quem, herói, nos combates, se fez
Pois que as páginas da História
São galardões aos negros de altivez

Que saibamos guardar estes símbolos
De um passado de heroico labor
Todos numa só voz
Bradam nossos avós
Viver é lutar com destemor
Para frente marchemos impávidos
Que a vitória nos há de sorrir
Cidadãs, cidadãos
Somos todos irmãos
Conquistando o melhor por vir
Ergue a tocha no alto da glória
Quem, herói, nos combates, se fez
Pois que as páginas da História
São galardões aos negros de altivez
(bis)

MAISON DE LA NÉGRITUDE et DES DROITS DE L'HOMME

de CHAMPAGNEY

_ FRANCE _

Briser la Chaîne des Esclaves ...

La Maison de la Négritude et des Droits de l'Homme de Champagney, fondée en 1971, est placée sous le haut patronage de S.E. Monsieur Léopold Sédar Senghor, ancien Président de la République du Sénégal, membre de l'Académie Française. Elle est animée par une association créée en 1974, soutenue et encouragée par l'UNESCO.

MAISON DE LA NEGRITUDE ET DES DROITS DE L'HOMME

Historique

En 1789 les villages de France eurent à rédiger leurs cahiers de Doléance pour la convocation des Etats Généraux.

Or, les habitants de CHAMPAGNEY, après leurs revendications d'ordre général, incluent dans leur cahier, un article 29, étonnant et unique en son genre, à savoir, la condamnation énergique de la Traite des Noirs et la demande ferme de l'Abolition de l'esclavage.

Voici le texte de cet article :

Article 29

"Les habitants et communauté de Champagney ne peuvent penser aux maux que souffrent les nègres dans les colonies, sans avoir le coeur pénétré de la plus vive douleur, en se représentant leurs semblables, unis encore à eux par le double lien de la religion, être traités plus durement que ne le sont les bêtes de somme. Ils ne peuvent se persuader qu'on puisse faire usage des productions des dites colonies si l'on faisait réflexion qu'elles ont été arrosées du sang de leurs semblables : ils craignent avec raison que les générations futures, plus éclairées et plus philosophes, n'accusent les français de ce siècle d'avoir été antropophages, ce qui contraste avec le nom de français et encore plus celui de chrétien. C'est pourquoi, leur religion leur dicte de supplier très humblement Sa Majesté de concerter les moyens pour, de ces esclaves, faire des sujets utiles au Roy et à la patrie".

Cahier de doléance adressé le 19 mars 1789 au roi Louis XVI par les habitants du village de CHAMPAGNEY

Document B 4213 des ARCHIVES de la HTE - SAONE à VESOUL 70000 - FRANCE

Ce texte d'avant garde fut vraisemblablement suggéré par un noble originaire de Champagney, Jacques Antoine PRIQUELER, proche de la société "Les Amis des Noirs" crée à Paris en 1788, mais aussi par l'esprit de Fraternité et de respect de la dignité de son prochain, qualités inhérentes à la foi chrétienne animant la population pauvre de ce village.

En 1971, un habitant de Champagney : René SIMONIN, décédé en 1981, esprit éclairé et érudit, tire de l'oubli ce texte, le fait connaître, et fonde autour de cet article 29 appelé "Voeu de Champagney" un mémorial célébrant la mémoire des signataires du Voeu, mais entretenant aussi la flamme des Droits de l'Homme par une action de sensibilisation et d'éducation.

C'est : LA MAISON DE LA NEGRITUDE ET DES DROITS DE L'HOMME

Le terme NEGRITUDE est adopté en hommage au Président L.S. Senghor, qui, dès l'origine, accorde son patronage à l'entreprise, et son soutien ne s'est jamais démenti jusqu'à ce jour, considérant "que les habitants de Champagney ont eu le constant souci de la dignité des hommes en général, des noirs en particulier..."

Compte tenu de l'époque et de la Teneur du texte du Voeu, nos Ancêtres peuvent également être considérés comme "des Prémoniteurs des Droits de l'Homme" (J.M. Jeanneney, ancien ministre du Général de Gaulle). Ce qui justifie le complément à l'appellation de la Maison.

La Maison de la Négritude : le contenu

Sur la même place où le 19 mars 1789 les "Champagnerots" s'étaient rassemblés, se situe la Maison de la Négritude : 2 grandes salles incluses dans une aile de la Maison Commune.

Cette réalisation, avec ses modestes moyens en finances et en personnel se veut un lieu de rencontre et de réflexion autour des thèmes engendrés par le racisme qui fut à la base de la traite des Noirs.

Ainsi le portrait d'Anne Frank (jeune juive morte en déportation en 1945) côtoie les gravures évoquant le trafic négrier ; on y trouve évoque aussi bien Nelson Mandela que l'Abbé Grégoire, Desmond Tutu que Martin Luther King ou Victor Schoelcher artisan de l'abolition définitive pour la France en 1848 ou encore la mémoire des "tirailleurs sénégalais" soldats noirs morts pour la France...

La place d'honneur revient au "Voeu de Champagney", entouré de chaînes d'esclaves en provenance de Gorée. L'esclavage y est évoqué par une documentation appropriée ainsi que la lutte pour l'abolition à travers des personnalités comme l'Abbé Grégoire, Schoelcher...

La Négritude, "valeurs de Civilisation du monde noir" y est concrétisée par une exposition d'objets d'art africains, d'instruments de musique, de documentation sur danses, littérature, musique, spécifiques à l'Afrique.

Un ensemble de livres et revues d'actualité consacrés à l'Afrique, aux problèmes liés aux Droits de l'Homme, aux pays en voie de développement, constitue la bibliothèque.
De nombreux documents l'enrichissent constamment : voyage du Pape à Gorée... Le 5ème Centenaire de la Découverte de l'Amérique et les nombreuses parutions qui gravitent autour de cet évènement...

Nous devions une place privilégiée au fondateur de cette Maison : René SIMONIN.

Enfin, un Coin UNESCO rappelle son oeuvre et ses buts : le rapprochement des peuples à travers le développement et l'éducation.

Moyens et objectifs :

Un groupe de personnes motivées (dont certaines sont descendantes directes des signataires du Voeu) ont crée une Association assurant le fonctionnement de la Maison, elle-même propriété minicipale.

- des visites sont assurées dans ce "Mémorial de nos Ancêtres", rappelant le message de 1789, mais oeuvrant surtout pour plus de tolérance et d'harmonie dans notre monde actuel. Les scolaires, nombreux, doivent être éveillés et sensibilisés aux problèmes évoqués dans nos murs.

- des expositions itinérantes ont été crées par nos soins.

- Nous organisons une journée annuelle : Commémoration du Voeu et Thème de réflexion sur l'actualité avec support concret (film) témoignages, discussions (Cambodge - Chili - Afghanistan - cette année 1992 le génocide Indien).

- un bulletin "Dignité" rend compte de cette action.

Le Bicentenaire :

Un des points forts de nos manifestations fut la célébration du Bicentenaire du Voeu de Champagney en Mai 1989, comportant en particulier :

- l'inauguration par L. Fabius (alors Président de l'Assemblée nationale française) d'une stèle à la mémoire des signataires du voeu.

- l'émission 1er jour à Champagney du timbre "Fraternité" évènement de dimension nationale.

- un office religieux à la mémoire de toutes les victimes de l'Esclavage et de la lutte pour les Droits de l'Homme retransmis en direct sur la Télévision Nationale.

Les visites :

Des personnalités de haut niveau ont prouvé par leur visite qu'elles jugeaient notre Maison digne d'intérêt.
Citons entr'autres :
- Michel ROCARD, ancien premier ministre (en 1987)
- Laurent FABIUS, Président de l'Assemblée Nationale (en 1989)
- Danièle MITTERRAND dans le cadre de "France Libertés" (en 1990)
- Le Comte de Clermont, fils du Comte de Paris (en 1989) descendant de l'Impératrice du Brésil qui a aboli l'esclavage dans cet état.
- Monsieur Jean-Noël JEANNENEY, ministre (en 1992)
- Des personalités religieuses, des personnalités d'Afrique Noire
- Des représentants de l'UNESCO.

Nous sommes heureux et fiers d'appartenir au village de Champagney mais notre souhait et de donner à la Maison de la Négritude une dimension à la mesure du prestigieux appel de nos ancêtres.

MAISON DE LA NÉGRITUDE et DES DROITS DE L'HOMME

de CHAMPAGNEY (Haute-Saône)

Tél. : Le Conservateur : 84.23.11.03
L'Association : 84.23.16.31
Mairie : 84.23.13.98

Tous les êtres humains naissent libres et égaux en dignité et en droits. Ils sont doués de raison et de conscience et doivent agir les uns envers les autres dans un esprit de fraternité.
1948

CHAMPAGNEY, le 1er août 1992

Excelência,

Temos a honra de submeter à vossa benevolência uma súplica da "Casa da Negritude e dos Direitos Humanos" de CHAMPAGNEY.

Uma dupla motivação nos leva a dirigir a Vossa Excelência esta mensagem:

- Em 1789, nossos antepassados de CHAMPAGNEY exprimiram, em petição a El-Rei, uma surpreendente condenação da escravatura. Atualmente, nós, seus descendentes, temos consciência de que essa exploração do homem pelo homem, da qual foram vítimas quinze milhões de Africanos, representa um verdadeiro terremoto demográfico, assim como um atentado odioso à dignidade humana, uma negação da Fraternidade.

Em homenagem a nossos antepassados, sentímo-nos no dever, neste ano de graça de 1992, de repercutir esse protesto emocionado de há dois séculos, mas também de transformá-lo em um apêlo em favor do perdão e da paz.

- Ademais e sobretudo, o gesto capital e simbólico de Sua Santidade o Papa, em Gorée, em fevereiro de 1992, foi para nós um farol indicando o caminho a seguir. O perdão invocado "na verdade e na humildade" por João-Paulo II, naquela ilha-símbolo da escravidão negra, constitui sem dúvida um magnífico prelúdio à reunião de São Domingos.

Este ano do Quinto Centenário do Descubrimento da América evoca um evento capital para a humanidade, mas também o genocídio dos Ameríndios, o qual conduziu em seguida ao tráfico negreiro.

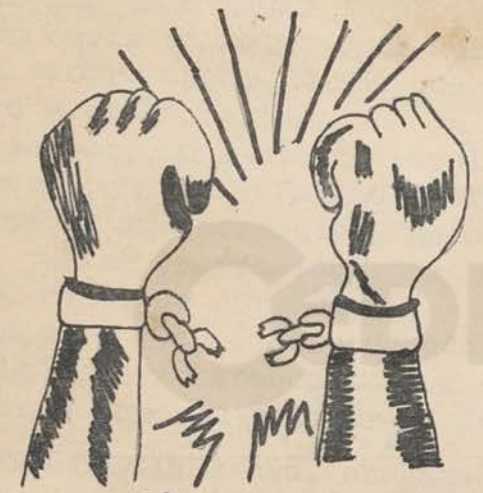
Neste momento do Quinto Centenário do "Encontro dos Dois Mundos" - mais exatamente, do Choque dos Três Mundos - pareceu-nos oportuno, ainda que presunçoso da nossa parte, que nos dirigíssemos às Altas Instâncias Eclesiásticas, reunidas no quadro da 4a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.

'A semelhança de nossos antepassados, rogamos respeitosamente a Vossa Excelência o favor de acolher, em espírito de compreensão, esta nossa súplica.

O Presidente O Conservador

La Maison de la Négritude et des Droits de l'Homme de Champagney, fondée en 1971, est placée sous le haut patronage de S.E. Monsieur Léopold Sédar Senghor, ancien Président de la République du Sénégal, membre de l'Académie Française. Elle est animée par une association créée en 1974, soutenue et encouragée par l'UNESCO.

A vez e a voz do negro



QUILOMBOS

3º Encontro Diocesano de Agentes de Pastoral Negros

Livro nº 129

Centro de Formação de Mangaratiba
1 a 4 de novembro de 1990.
"Diocese de Itaguaí"

Tanta coisa eu não sei
a escola não contou
mas o negro resistiu
fez a história sim senhor

Alguma coisa agora eu sei
pois aqui se partilhou
eu contei, você contou
nós vencemos o doutor.

1) CANTO DAS TRÊS RAÇAS

Ninguém ouviu um soluçar de dor no canto do Brasil/um lamen triste sempre ecoou, desde que o negro guerreiro foi pro ca tiveiro e de lá cantou.
Negro entoou, um canto de revolta pelos ares do quilombo do Palmares, onde se refugiou, fora a luta dos inconfidentes pela quebra das correntes, nada adiantou.../e de guerra em paz de paz em guerra todo povo desta terra, quando pode cantar, canta de dor.ôôô....
Ecoa noite e dia, é ensurdecedor, ai mas que agonia o canto do trabalhador/ este canto que devia ser um cnato de alegria soa apenas como um soluçar de dor.ôôô...

2) ESTAMOS CHEGANDO êêê, chegamos cantado êêa/
sambamos revolta êêê, nós somos humanos êêa.

UM CLAMOR DE JUSTIÇA ESTÀ NO AR..(4x)

Ouvi os clamores êêê, deste povo negro êêa/
que clama e que luta êêê, por direito e justiça êêa

Cantamos rezando êêê, rezamos cnatando êêa/
a fé e a esperança êêê, da libertação que vai chegar.

3) LÁ VEM O NEGRO trazendo a espada na mão/ ele sonha, ele lut por sua libertação.

Canta, canta negro canta/ canta sua voz há de se ouvir
canta, canta negro canta/ canta que a vitória há de vir.
Grita, grita negro grita/... →Luta, luta negro luta/...
Dança, dança negro dança/...

LADAINHA
SENHOR TENDE PIEDADE DE NÁs (bis)
CRISTO TENDE PIEDADE DE NÓS (bis)
SENHOR TENDE PIEDADE DE NÓS (bis)

Lembremos de Zumbi em todos os altares
pois derramou seu sangue no Quilombo dos Palmares
ROGAI POR NÓS, ROGAI POR NÓS.

Do nossa povo negro Benedito é o protetor,
com a Mãe Aparecida ouça o nosso clamor.

Queremos liberdade de toda a escravidão
por vossa intercessão ó Cosme e Damião.

E contra o desemprego nós queremos reclamar
com sua intercessão ó mão Iemanjá.

pedimos nesta hora empenho pela vida
por sua intercessão ó negra Margarida,

Ó companheiro Dina nós pedimos a você
que junto a Santo Dias venha o pobre defender.

Querenos invocarJoilson de Jesus
menor abandonado que morreu como Jesus.

Com Martin Lutherking nós também vamos rezar
pois junto a causa negra nunca cansou de lutar.
Rogai Oscar Romero, João Bosco e São Sepé
que o vosso testemunho renove a nossa fé.

Ao bispo Dom Silvério e também a Pe. Vitor
queremos implorar que esctute o nosso grito.

Queremos libertar nossagente da desgraça
por sua intercessão ó escrava Anatácia.

Sepé, Ortã e Marçal lutou contra o fuzil
para salvar a vida dos índios do Brasil.

JESUS CRISTO OUVI-NOS, JESUS CRISTO ATENDEI-NOS

(5)
EU SOU NEGRO SIM, como Deus criou(bis)
sei lutar pela vida, cantar liberdade, gostar desta cor...

Nasci livre fui feliz lá na África querida/partilhando os dons de Deus festejando o Deus da vida.
Poderosos arrancaram da mãe terra minha gente/resisti morri de banzo, fui escravo por corrente.
No Brasil juntei-me aos fracos, lutei contra a escravidão/ fiz quilombo, fiz cultura construí nova nação.
Nesta terra suei sangue,dei meu corpo, vida e peito/ hoje sofro as mesmas dores do racismo e preconceito.
Sem corrente hoje eu luto pra viver em liberdade/ organizo, rezo e sonho meu Brasil fraternidade.

(6)
TÁ NA HORA DE PARTILHAR Ê Ô Ê Ô/tá na hora de partilhar.(bi
1.Como povo de Deus negro vem comungar/
Corpo e sangue de Cristo pão e vinho no altar...
2.Com todo empobrecido, Negro vem comungar/Corpo e sangue.
3.Com todo o que tem fome,Negro vem comungar/ " "
4.Com aquele que chora, Negro vem comungar/ " "
5.Com todo odiado, negro vem comungar/ " "
6.Com todo injustiçado,negro vem comungar/ " "
7.Com todo rejeitado, negro vem comungar/ " "
8.Com quem é perseguido,negro vem comungar/ " "
9.Com quem busca justiça,negro vem comungar/ " "
10.Com quem promove a paz,negro vem comungar/ " "
11.Com o povo aflito, negro vem comungar/ " "
12.Com marginalizado,negro vem comungar/ " "
13.Com todo explorado, negro vem comungar/ " "

(7)
IRÁ CHEGAR um novo dia, um novo céu, uma nova terra um novo
e nesse dia, os oprimidos, numa só vóz, a liberdade irão ca

Na nova terra o negro não vai ter corrente, e o nosso índio
vai ser visto como gente/ na nova terra o negro, o índio e
o mulato, o branco e todos vão comer no mesmo prato.

(8)
MEU QUILOMBO TÁ LINDO COMO QUÊ(bis)4x
Vou chamar...prá vir ver. | Quem não viu há de se arr
quero ver a negrada responder. | Quero ver a negrada respo

9. PAI NOSSO, dos pobres marginalizados
Pai nosso, dos martires, dos torturados

Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida/ teu nome é glorificado quando a justiça é nossa medida
Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão./Maldita toda a violência que destrói a vida pela opressão.
...
Queremos fazer tu a vontade és o verdadeiro Deus libertador/Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pela poder opressor/pedimos o pão da vida o pão da segurança o pão das multidões/O pão que traz humanidade que constrói o homem em vez de canhões.

Perdoa-nos quando por medo, ficamos calados diante da morte/ perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte/Protegenos da crueldade do esquadrão da morte dos prevalecidos.
Pai nosso revolucionário, parceiro dos pobres Deus dos oprimidos.

. . .

10.QUE SABEDORIA é esta, que ven do meu povo? É o Espírito Santo agindo denovo.

Quem te ensinou, povo meu, a repartir entre irmãos o teu pão, os teus dons, teu coração? /Quem te ensinou povo meu que o amor a teu Deus buscarás pro ódio não poder nascer?

Quem te ensinou, povo meu, que na Bíblia terás, reflexões paras tudo sob o sol?
Quem te ensinou, povo meu, no Evangelho encontrar, condições pra uma vida já igual?

11. MULHER NA LUTA

Vai pra beira do riacho, com a trouxa na cabeça/pra ganha um micharia, lava roupa todo dia, se resfria e não se queixa.

Já não tem mais o marido e vai pra roça sozinha/ deixa o filho de 2 anos, e mais um nem está andando cuida deles mariquinha.

É mulher do posseiro, que o pistoleiro assassinou/ tudo é culpa do sistema, pois o rico não tem pena do povo trabalhado

É a mulher do bóia-fria, é o peso do facão/ quando a cana vai caindo, ela pensa nos meninos, é uma dor no coração.

Mas o tempo vai passando e elas vão se apercebendo/que é somente se engajando e se conscientizando que a luta vai rompendo.

É a mulher que se organiza e ao homem dá a mão/ duas forças bem unidas, pra fechar esta ferida e acabar com a opressão.

. . . .

12.PÕE A SEMENTE NA TERRA não será em vão
Não te preocupe a colheita plantas para o irmão (2X)

Toda palavra é um anseio de comunicar e toda fala é uma forma da gente se dar.

Toda semente é um anseio de frutificar e todo fruto é uma forma da gente de dar

Todo tijolo é um anseio de edificar e toda obra é uma forma da gente se dar.

Todo poema é uma forma de se expressar e todo canto...

13.DEUS CHAMA A GENTE PRA UM MOMENTO NO
de caminhar junto com seu povo, é hora
transformar o que não dá mais, sozinho
lado ninguém é capaz.

Por isso vem, entra na roda com a gente
também, você é muito importante vem!

Não é possivel crer que tudo é fácil,
muita coisa que produz a morte, gerando
dor, tristeza e desolação. é necessário
unir o cordão.

A força que hoje faz brotar a vida, atu
em nós pela sua graça, é Deus quem nos
vida pra trabalhar, o amor repartir e a
forças juntar...

. . . .

14.ALELUIA, ALELUIA, ALELUIA, ALELUIA
Sango Ndamo Todima e/ Nganga Nzanbe toy
Nsango Ndamu Todima e , ALELUIA.

Dimbola liloba la ye/ Sakola liloba la
Dimbola liloba la ye, ALELUIA.

. . .

(15) ACLAMAÇÃO.
Bimbi ia Gana/ Bimbi i Kola/ Bimbi
Bolula, ALELUIA, ALELUIA, ALELUIA...

(Palavra do Senhor, Palavra que sala
Plavra que liberta)

(16) SENHOR DEUS DOS AFLITOS OUVI NOSSOS GI
SENHOR.(bis)

Das senzalas, das favelas, do Brasil,
do mundo inteiro/ escuta o clamor do
Negro, Ó Senhor Deus justiceiro.

. . .

Ta na hora de Partilhar!

(17)

OFERECEREI

1.Ao Deus Pai criador...Ofereceerei/esta raça esta cor..
cada negro que luta... /Por um mundo sem racismo,
meu sangue me batismo OFERECEREI.
2.Pão comida escaça.../vinho vício cachaça...
preto velho Yayá.../NEGRO Branco homem livre a
fé que sempre tive...OFERECEREI.
3.Negra história negada.../toda dor suportada...
negra bela raíz este povo fliz...OFERECEREI
4.Meu trabalho escravo.../ alugado mal pago...
Quilombola guerreira.../Na cidade e na roça esta festa
que é nossa... OFERECEREI
5.Vinho sangue suado.../pão partido esmagado...
um clamor de justiça.../Arte, samba, vitória nas mãos
da história ...OFERECEREI.

(18)

OFERTÓRIO

1.Trazemos nos olhos as águas dos rios/
o brilho dos peixes, a sombra das matas/
o orvalho da noite o espanto da caça/ a dança dos ventos
a lua de prata/:Trazemos nos olhos o mundo Senhor.
2.O som do atabaque marcando a cadência/dos negros
batuques nas matas imensas/ da África negra, da negra
Bahia, das Minas Gerais os surdos lamentos/
:Calados tormentos acolhe Olorum.
3.A brasa dos ferros lavrou-nos na pele/lavrou-nos na
alma caminhos da cruz, recusa Olorum os gritos as
correntes e a voz do feitor. Recebe o lamento,
:Acolhe a revolta do negro,Senhor.
4.Os pés tolerados nas rodas de samba, o corpo domado
nos termos do congo/ inventou na sombra a nova cadência
rompendo as cadeias, forçando os caminhos,ensaiam
libertos as marchas do povo,:A festa dos negros acolhe
:A festa dos negros acolhe, Olorum.

(19)

VOU PEGAR MINHA VIOLA, eu sou um negro cantador/ o negro
canta deita e rola, na senzala do senhor/ Vou botar fogo
no engenho onde o negro apanhou.

DANÇA AÍ NEGRO NAGÔ (bis)

Tem que acabar com esta história, que o negro é inferior/O
negro é gente e quer escola quer dançar samba e ser douto
temos negro em toda parte, na assembléia e sindicato/ daqu
a pouco vamos ter a raça negra no senado.

(20)

Ô BAHIA ÔÔÔ BAHIA Ô(bis)
Já é hora da gente pensar, numa forma de se libertar/:
esta luta vai muito longe, esta luta não pode parar(bis)

Quem tem boca fala a verdade, quem tem orelha precisa escu
tar/:Operário é escravo de hoje a indústria é o canavial(b

O chicote açoitado no povo, esses cabras não querem parar/
:As corrente libertadoras, já começam a se formar(formar)

(21)

ÓÁ EA O,A MESA ESTÀ PRONTA, O SENHOR JÁ ME CHAMOU (bis)
Co'a flor do trigo(3x) O Senhor me alimentou.
Com vinho Santo(3x) O Senhor me saciou.

Venha! Veja as obras de Deus/ seu amor nos valeu tanta coi
bonita/ Eu canto, Ah! Eu canto!/ é o louvor do meu povo,
esse povo que é santo.

Venha! Veja as obras tão belas: transformou mar em terra/
pro meu povo passar. Vitória! Ah! Vitória. É o cantar do
povo, que constrói a história.

Venha! Veja as obras do Rei, suas façanhas direi, ao meu
povo que clama: Justiça! Ah! Justiça! É o clamor do meu
povo, povo negro que é vida.

Venha! Traga bem na lembrança tantos cantos e danças,tant
choro e sorriso:Escuta! Ah! Escuta!/ Oclamor do meu povo
povo negro que é luta.

22. ZUMBI, ZUMBI, ZUMBI, auê, auê, auê
Xangô o enviou, auê, auê, auê
Para formar quilombo, auê, auê, auê
Seu povo libertar,auê, auê, auê.
Seu sangue derramou.../Quilombo é para sempre...
Zumbi está presente.../é força permanente...
ZUmbi, Zumbi, Zumbi.../Xangô o enviou,..

23. EI, EI ZUMBI, Zumbi ganga neu rei, você não morreu você está em mim.(bis)

Ei Zumbi, seu povo não esqueceu aluta que você deixou pra prosseguir/ ei Zumbi os novos quilombos com seus quilombòlas lutam pra resistir.

Ei Zumbi, seu sangue semeou coragem em nossa gente que luta com fervor/ ei Zumbi a luta é a mesma mudou só o cenário a roupa e a cor.

Ei Zumbi, nossa terra é fértil outros como você também tombaram ao chão/ ei Zumbi e muitos tombarão, enquanto houver luta pela libertação.

24. SANTO
Santo, Santo Ele é Santo: O Senhor é Santo
Ele é Santo, Ele é Santo: " "
Céus e terras ploclamam: "
Vossa Glória Senhor: "
Hosana nas alturas: "
Bendito que vem: "
Em nome do Senhor: "
Hosana nas alturas: "
Hosana nas alturas: "

ÍNDICE

	pag.	Nº
Axé	4	7
Aclamação	6	15
Aleleuia	6	14
Canto da tres Raças	2	1
Dança aí negro Nagô	8	19
Deus dos Aflitos	6	16
Eu sou Negro Sim	4	5
Estamos Chegando	2	2
Ê Zumbi	9	23
Ladainha	3	4
Lá vem o Negro	2	3
Meu Quilombo tá Lindo	4	8
Momento Novo	6	13
Mulher na Luta	5,6	11
OA E AO a mesa esta pronta	8	21
O Bahia	8	20
Oferecerei	7	17
Ofertório	7	18
Pai Nosso dos Mártires	5	9
Põe a Semente na terra	5,6	12
Que sabedoria é esta	5	10
Santo	9	24
Tá na hora de Partilhar	4	6
Zumbi	9	23

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
SE/Sul Quadra 801 - Conjunto "B"
Cx. Postal 13-2067 - Fone: (061) 225-2955
70.401 - Brasília - DF

Brasília-DF., 01 de setembro de 1987

CF - C - nº 1114/87

Coordenadores Regionais
e Diocesanos da
CAMPANHA DA FRATERNIDADE

Assunto: CONCURSO DE LETRAS
CF - 1989

Prezados(as) Amigos (as),

O amor de Cristo é que nos move!

1. A CNBB Nacional, a partir do levantamento de sugestões realizado por ocasião da Avaliação da CF-87, escolheu em junho deste ano o tema para a Campanha da Fraternidade de 1989: COMUNICAÇÃO E FRATERNIDADE. Imediatamente solicitamos colaboração para o lema e sobre os 250, que nos chegaram, foi escolhido em agosto este: COMUNICAÇÃO PARA A VERDADE E A PAZ.

2. Em anexo seguem as orientações relativas ao CONCURSO DE LETRAS para a Missa da CF-89.

- LETRAS (poemas);
- para PARTES DA MISSA (Entrada, Salmo de Meditação, Aclamação do Evangelho, Oferendas, Comunhão);
- Missa durante a QUARESMA DO ANO LITÚRGICO C;
- Missa levando em conta o tema COMUNICAÇÃO E FRATERNIDADE e o lema COMUNICAÇÃO PARA A VERDADE E A PAZ.

Estamos fornecendo ORIENTAÇÕES PASTORAIS na primeira parte e ORIENTAÇÕES TÉCNICAS na segunda.

3. Segundo o cronograma da CF, os autores enviam as letras para a CNBB Nacional CF-89 obedecendo as orientações do regulamento. Prazo: até 30 de dezembro. Os bispos na reunião de dezembro farão a escolha definitiva, após seleção prévia por uma equipe convocada pela Coordenação da CF.

4. Agradecemos, o empenho que se der para o bom êxito deste trabalho em prol da CF-89.

Fraternalmente,

Irmão Nery fsc
Ir. Israel José Nery, fsc
Assessor Nacional da CF
e P/ Frei Joel Postma ofm
Assessor Nacional p. Música Litúrgica

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
SE/Sul Quadra 801 - Conjunto "B"
Cx. Postal 13-2067 - Fone: (061) 225-2955
70.401 - Brasília - DF

MISSA DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 1989

CONCURSO NACIONAL DE LETRAS (Sub 1)

1. ORIENTAÇÕES PASTORAIS PARA AS LETRAS DOS CANTOS DA MISSA

A) O tema de 89

A CNBB Nacional, a partir de sugestões levantadas na Avaliação da CF-87, escolheu em junho deste ano o tema COMUNICAÇÃO E FRATERNIDADE para a CF de 1989 e o Lema COMUNICAÇÃO PARA A VERDADE E A PAZ, em agosto.

Alguns motivos para esta opção: Há vários anos o assunto comunicação vem preocupando a Igreja no Brasil, sobretudo em relação à Comunicação Social (influência dos grandes meios de comunicação na formação da opinião pública e na veiculação de valores e contra-valores). Uma outra preocupação é relativa à presença da Igreja nos Meios de Comunicação e o uso que deles faz para a evangelização e a celebração. Tem-se observado também que a comunicação interpessoal, nas famílias e nos grupos está sofrendo forte pressão por parte dos grandes Meios de Comunicação. Um outro motivo que levou a CNBB a escolher este tema se relaciona com a preparação do 5º Centenário de Evangelização da América em 1992. O Papa João Paulo II ao abrir o novenário de anos, em 1984, convocou a Igreja para um grande processo de re-evangelização da América. Ora, não há evangelização eficaz sem um bom processo de comunicação da Boa-Nova do Senhor. Neste sentido a CF-89 vai prestar um inestimável serviço. A CNBB, em sua Assembléia Geral de 1987 escolheu três destaques para o quadriênio 1987-1990. Em primeiro lugar figura COMUNICAÇÃO.

Como todo os anos, os fiéis serão convocados para tratarem do assunto "comunicação" sob três enfoques: a) UM ESTUDO SÉRIO da realidade da Comunicação hoje, especialmente em nível social; b) UMA FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA E PASTORAL da Comunicação, focalizando o testemunho do próprio Senhor que, para se revelar aos homens, vai utilizando ao longo da História da Salvação diversos processo de comunicação, culminando na própria encarnação de sua Palavra Divina: "E o Verbo (a Palavra) se fez homem e armou a sua tenda entre nós" (Jo 1,14); c) CRITÉRIOS EVANGÉLICOS E PISTAS DE AÇÃO para se colocar o processo de comunicação a serviço da verdade da justiça, da fraternidade. A "comunicação" será um novo ângulo pelo qual a Igreja continuará, em sua teimosia profética, a dar sua contribuição para a construção de uma sociedade justa é fraterna.

B) As LETRAS para a Missa CF-89

- O Concurso tem suas exigências específicas muito precisas, a partir de três critérios teológicos-pastorais básicos:

a) Letras para uma MISSA QUARESMAL, portanto dentro do clima próprio de MISSA no período da QUARESMA.

b) Letras para uma Missa Quaresmal segundo o espírito do ANO LITÚRGICO C cuja temática é a Misericórdia de Deus.

c) Letras que levem em conta a BUSCA DA FRATERNIDADE LIBERTADORA a partir do tema da CF-89: Comunicação e Fraternidade, numa síntese equilibrada dos três critérios. É importante a referência ao Lema da CF-89.

- Os TEXTOS BÍBLICOS dos Domingos da Quaresma do Ano C e que devem inspirar as Letras da Missa da CF-89 são:

1º Domingo: A Libertação é Dom e ao mesmo tempo Compromisso.

Dt 26, 4-10: O povo escolhido, povo libertado pela força do mistério da Páscoa renova a sua fé e glorifica o Deus da história.
Sl 90: Deus é abrigo, proteção, segurança e está atento ao nosso clamor.
Rm 10,8-13: Cristo é nossa Salvação. Invoquêmo-lo e professemos nossa fé nele.
Lc 4, 1-13: Como Jesus, venceremos as tentações pela fidelidade à palavra de Deus.

2º Domingo: A Aliança com Deus nos liberta e transfigura

Gn 15, 5-12.17-18; Deus faz Aliança com Abraão que tem sua vida transformada e um futuro garantido.
Sl 26: Procuremos a face do Senhor, nossa luz, salvação e fortaleza. Nele coloquemos toda a nossa esperança.
Fl 3, 17-4,1; Viver as exigências do batismo é viver a Aliança com Deus. Esta fidelidade garante a nossa glorificação.
Lc 9, 28b-36: Na ORAÇÃO Jesus se alimenta da força do Pai, e assim fortalecido e transfigurado, continua a cumprir sua Missão levando à perfeição a História da Salvação (a Lei e os Profetas). Sem o auxílio de Deus, obtido na oração, não conseguimos estabelecer no mundo a fraternidade e a justiça.

3º Domingo: Deus não nos salva sem a nossa participação

Ex. 3,1-8a.13-15; Deus convoca Moisés para assumir com Ele o processo de libertação do povo escravo que deve passar a ser, na liberdade, o seu povo escolhido.
Sl 102: O Senhor é compaixão e misericórdia, faz justiça aos oprimidos. Ele os ama e liberta.
1Cor 10,1-6.10-12: Deus está conosco, nos acompanha, nos sustenta. Mas se rompemos a aliança com ele e não colaboramos, certamente caminhamos para a perdição.
Lc 13,1-9; Deus nos fala nos acontecimentos e interpela nossa vida para que convertamos. Pacientemente ele ainda nos dá um prazo...

4º Domingo; Deus Pai nos espera de braços abertos. Mas é preciso tomar a iniciativa e ir ao seu encontro

Js 5, 9a.10-12; Da páscoa da libertação (saída do Egito) à páscoa da terra conquistada (entrada em Canaã). De ano em ano, de eucaristia em eucaristia, será que estamos cada vez mais longe da terra da escravidão e mais dentro da terra prometida?
Sl 33; Pobres todos, alegremos-nos no Senhor, vamos louvá-lo e glorificá-lo. Ele é bom e nos liberta das angústias todas.
2Cor 5,17-21; Somos novas criaturas, porque Deus nos reconciliou consigo em Cristo. Sejamos ministros de reconciliação...
Lc 15,1.3.11-32: O inferno é não estar em comunicação e comunhão com o Pai. O céu é, aqui na terra, a certeza de que ele nos acolhe com todo o amor.

5º Domingo: O Senhor não nos condena se, de fato, com ele nos reconciliamos. Deixando para trás o que é do passado ele nos projeta para um novo futuro.

Is.43.16-21; Deus quer estender sua Aliança também aos animais, à água, à toda a natureza e assim atender a seu povo eleito.
Sl 125; Risos e canções, pois Deus nos libertou. Ele fez por nós maravilhas!
Fl 3,8-14; A força da fé e o arrebatamento do amor nos impulsionam à plena comunhão com Cristo, alvo e prêmio de nossa vocação.
Jo 8,1-11: Só Jesus, que não tem pecado, poderia condenar; "quem não tem pecado, atire! Como todos se retiraram, Jesus disse à mulher; "Nem eu te condeno! .. Vai e não peques mais!"

C) Os "momentos " da Missa orientam as Letras

São 5 cânticos para a Missa CF-89: Entrada; Refrão do Salmo de Meditação (baseado no lema da CF); Refrão para a Aclamação do Evangelho; Canto das Oferendas; Canto de Comunhão. Nem é preciso dizer que não se trata de cantos para encontros, cursos, congressos, etc., e também que há diferença entre as letras segundo o momento específico da Missa.

1º) CANTO DE ENTRADA (Comunicação formando a Comunidade)

A LETRA deve expressar a convocação da Assembléia para se congregar, vencendo as barreiras das distâncias, dos preconceitos, da timidez, da solidão para formar comunidade na comunicação entre os membros,na comunhão da mesma fé, da mesma esperança, da mesma caridade, do engajamento no mesmo projeto libertador de Deus. Deus, Pai misericordioso está à nossa espera, quer estabelecer conosco a Aliança, nos libertar e nos transformar. Ele quer contar conosco para a construção de um mundo fraterno.

Levando, portanto em consideração o espírito da Quaresma, o tema da CF, a temática do ano C e o momento da Missa, ou seja, A ENTRADA, os autores componham letra para um canto processional, com REFRÃO para o povo cantar enquanto se congrega para a celebração (sem se distrair com folhas de canto). É de suma importância elaborar bem o refrão, pois ele deve repetir a mensagem central. As ESTROFES podem ser cantadas também pelo povo, mas preferentemente por um grupo. Ao longo de 5 ou 6 estrofes os autores tentem comunicar as grandes mensagens que um CANTO DE ENTRADA deve ter em 1989: o tema da comunicação, da fraternidade, do perdão e da conversão, Deus que é comunicação, a comunidade, nossa missão, etc.

É evidente que, em se tratando de letra para música, os autores devem cuidar da MÉTRICA para que todas as estrofes possam ser cantadas com a mesma melodia e sem atropelos de sílabas...

2º) REFRÃO PARA O SALMO DE MEDITAÇÃO (Comunicação-Resposta da Comunidade à Palavra de Deus)

Os Salmos todos do Ano Litúrgico C expressam alegria, confiança, segurança, louvor. Deus ouve o clamor do povo, ele faz justiça, perdoa, ama e liberta.

Os autores do Refrão poderão partir da tônica dos Salmos e compor um texto que inclua o LEMA da CF-89. Como é um Refrão, tipo Antífona, evidentemente não pode ser longo.

Não se preocupem com a métrica do texto dos salmos dos domingos da Quaresma, pois a Equipe de Liturgia da CNBB disto se encarregará.

3º) REFRÃO PARA A ACLAMAÇÃO DO EVANGELHO (Comunicação-Preparando a Acolhida da Boa Nova)

Na Quaresma não se canta o Aleluia, expressão específica das alegrias pascais. Mas os fiéis não deixam de cantar o dom da Palavra de Deus no Senhor Jesus e em sua mensagem nos Evangelhos.

Os autores do Refrão levem em conta que se trata de ACLAMAR O VERBO DE DEUS QUE SE COMUNICA CONOSCO NA PALAVRA DO EVANGELHO E NOS CONVOCA PARA SERMOS COM ELE COMUNICADORES DAS MARAVILHAS DE DEUS.

O texto deve ser CURTO, DE LOUVOR, COM REFERENCIAS AO TEMA OU LEMA DA CF-89, EVIDENTEMENTE, A CARACTERÍSTICA COMUNICATIVA DE JESUS E DA BOA NOTÍCIA pode ter referência neste texto.

Não se preocupem com a frase evangélica a ser cantada após o refrão. A Equipe de Liturgia da CNBB metrificará as que são próprias de cada domingo da Quaresma do Ano C, para serem musicadas.

4º) CANTO PARA O MOMENTO DAS OFERENDAS (Comunicação-Encarnada nos Sinais da Vida)

Trata-se aqui, é claro, das OFERTAS DE VINHO E PÃO. Não é ainda o OFERTÓRIO DO CRISTO AO PAI (que se faz logo após a Consagração).

Incentivamos os autores a seguirem o mesmo esquema da oração da apresentação do pão e do vinho no momento das oferendas.

Aqui também é muito importante trabalhar bem o REFRÃO, já que se trata de um canto processional. Nas estrofes (no máximo quatro) podem ser contemplados o mundo da comunicação (oferta e pedido de transformação).

5º CANTO PARA A PROCISSÃO DE COMUNHÃO (Comunicação-Comunhão de Vida)

O que vamos cantar indo processionalmente receber o Corpo e Sangue de Senhor Jesus, que se dá a nós na mais perfeita possibilidade de comunicação-comunhão? Os autores construam uma oração,na qual os fiéis conversam com o Senhor sobre o encontro com ele, a fraternidade, a comunicação, sua importância e seus desafios para a transformação do mundo, a força da Eucaristia e da Comunidade, a verdade e a paz na Comunidade.

O REFRÃO é aqui de grande importância. A exemplo de anos anteriores pode-se fazer referência aos Evangelhos dos Domingos da Quaresma nesta canto-oração. Em geral é conveniente umas 5 ou 6 estrofes para este momento da Missa.

Imagem p/ CNBB, 1987.

CEDIM

Incentivamos os autores a seguirem o mesmo esquema da oração da apresentação do pão e do vinho no momento das oferendas.

Aqui também é muito importante trabalhar bem o REFRÃO, já que se trata de um canto processional. Nas estrofes (no máximo quatro) podem ser contemplados o mundo da comunicação (oferta e pedido de transformação).

5º CANTO PARA A PROCISSÃO DE COMUNHÃO (Comunicação-Comunhão de Vida)

O que vamos cantar indo processionalmente receber o Corpo e Sangue de Senhor Jesus, que se dá a nós na mais perfeita possibilidade de comunicação-comunhão? Os autores construam uma oração,na qual os fiéis conversam com o Senhor sobre o encontro com ele, a fraternidade, a comunicação, sua importância e seus desafios para a transformação do mundo, a força da Eucaristia e da Comunidade, a verdade e a paz na Comunidade.

O REFRÃO é aqui de grande importância. A exemplo de anos anteriores pode-se fazer referência aos Evangelhos dos Domingos da Quaresma nesta canto-oração. Em geral é conveniente umas 5 ou 6 estrofes para este momento da Missa.

CEDIM

irmã Zezy fpl
CNBB, 1987.

ORIENTAÇÕES TÉCNICAS PARA OS POEMAS DOS CÂNTICOS

DA CF-89 (Sub 2)

REGULAMENTO DO CONCURSO

Art.1 - A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), através da Assessoria Nacional da Campanha da Fraternidade, abre dia 1º de setembro de 1987 o CONCURSO NACIONAL PARA AS LETRAS A SEREM MUSICADAS POSTERIORMENTE EM VISTA DA MISSA DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 1989, com o tema COMUNICAÇÃO E FRATERNIDADE e o lema COMUNICAÇÃO PARA A VERDADE E A PAZ!

§ unico: O Concurso encerra-se no dia 30 de dezembro de 1987.

Art.2 - As LETRAS previstas neste Concurso são para as seguintes partes da Missa:

- Canto Processional de Entrada
- Refrão para os Salmos Responsoriais dos Domingos da Quaresma de 1989 (Ano Litúrgico C)
- Refrão para a Aclamação do Evangelho
- Canto Processional das Oferendas
- Canto Processional de Comunhão

Art.3 - As Letras para essa Missa da CF-89 devem obedecer aos critérios de índole pastoral apresentados na Circular da CNBB (CF-89 Sub 1) que desenvolvem os seguintes aspectos: textos para Missa, de Quaresmas, segundo o Ano C, levando em conta a respectiva parte da Missa e o tema da CF-89.

Art. 4 - Para concorrer

a) enviar o(s) poema(s) com pseudônimo

b) à CNBB - (Concurso Letras CF-89)
Cx. Postal, 13.2067
70.401 - BRASÍLIA - DF

c) anexando junto envelope fechado com quatro informações:

- pseudônimo e nome correspondente
- endereço completo
- declaração de cessão à CNBB dos direitos autorais em prol da CF.
- autorização para que a Equipe Nacional da CF possa, se necessário, introduzir melhorias ao texto, se escolhido.

d) não usar envelope timbrado nem indicação alguma que possibilite a alguém do juri saber quem está concorrendo.

Art.5 - Quanto às questões técnicas específicas os poemas devem obedecer às seguintes orientações:

§1. métrica igual em todas as estrofes, pois trata-se de poemas para serem musicados. Portanto, todas as linhas sigam um mesmo padrão de sílabas acentuadas e não acentuadas para que a mesma melodia possa ser cantada em todas as estrofes. O REFRÃO pode ter métrica diferente do que a das estrofes.

§2. a extensão das linhas e estrofes seja de tamanho não muito longo. A rima facilita a execução do canto.

§3. as letras da CF sendo para Missa não devem ser doutrinais (ensinamento), nem moralizantes. Trata-se de oração, celebração, meditação, convocação... Veja para isso o Sub 1.

Art.6 - Os participantes podem concorrer com um só ou mais textos para um ou vários ou todos os cantos da Missa.

Art.7 - Os textos deverão ser datilografados ou escritos de modo bem legível (com caneta preta), pois serão fotocopiados para os vários membros do juri.

Art.8 - Os autores dos poemas escolhidos terão seus nomes publicados, bem como os das Músicas e do Cartaz. Os demais colaboradores da CF ficam no anonimato.

Art.9 - Para informações ou esclarecimentos CNBB-CF-89 Tel: (061) 225-2955 com Frei Joel.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES EXTRAS

1. Os Cantos Processionais da Entrada e da Comunhão podem ter duas formas:

a) Canto estrófico. A Assembléia canta o Refrão e o coro as estrofes

b) Canto tropo com refrão e versos. Há uma ANTIFONA inicial cantada pelo coro ou solista que desemboca num Refrão cantado pela Assembléia. Depois o restante é executado dialogando o Coro (estrofes) com a Assembléia (Refrão). No final o coro ou solista canta novamente a Antífona e a Assembléia o Refrão. É o caso do Canto da Comunhão da Missa CF-88.

NB. Esta segunda modalidade envolve de modo mais completo os participantes da celebração.

2. Os principais livros com as Diretrizes sobre Música Litúrgicas são:

- Constituição "Sacrosanctum Concilium" sobre a Sagrada Liturgia - Cap. VI "Música Sacra" (Doc. do Concílio Vaticano II - Ed. Vozes, 1966).
- Pastoral da Música Litúrgica no Brasil - (Col. Documentos da CNBB, nº 7 - Ed. Paulinas
- Estudo sobre os cantos da Missa - (Col. Estudos da CNBB, nº 12 - Ed. Paulinas).
- Hinário Litúrgicos - 2º Fascículos (Quaresma, Semana Santa, Páscoa e Pentecostes). Cf. Introdução e Contracapa (Col. "Hinário Litúrgico" - CNBB, nº 2 - Ed. Paulinas).

Ir. Israel José Nery fsc
Assessor Nacional da CF - CNBB

Frei Joel Postma ofm
Assessor Nacional de Música - CNBB

MISSA DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 1989

TEMA: A FRATERNIDADE E A COMUNICAÇÃO

LEMA: "COMUNICAÇÃO PARA A VERDADE E A PAZ"

CANTO DE ENTRADA

Participação principal de
Pe. Pedro Brito Guimarães
Horácio Pessoa
Wagner Pedro Menezes

1. Divulgando a Boa Nova ,
convidando à conversão,
Jesus Cristo anuncia
a total libertação.

Refrão: QUE A COMUNICAÇÃO
NÃO SE CANSE JAMAIS
DE ESTAR A SERVIÇO
DA VERDADE E DA PAZ!

2. O Espírito prometido
continua a revelar
a verdade que os discípulos
haverão de proclamar.

3. Como membro de um só corpo
cada um fale, então,
com amor e com franqueza
a verdade ao irmão!

4. Denunciemos toda forma
de humilhante opressão:
tudo aquilo que deforma
nosso povo, nosso chão!

5. Promovendo-se na vida
a justiça e a paz :
o silêncio do exemplo
testemunha muito mais!

REFRÃO DO SALMO RESPONSORIAL

Refrão: FELIZ DE QUEM CAMINHA NA JUSTIÇA,
DIZ A VERDADE E NÃO ENGANA O SEU IRMÃO!

REFRÃO DA ACLAMAÇÃO DO EVANGELHO

Refrão: SALVE,Ó CRISTO, IMAGEM DO PAI,
TU NOS FALAS PALAVRAS DE VIDA,
COMUNICAS A PLENA VERDADE
QUE POR NÓS HÁ DE SER TRANSMITIDA!

CANTO DAS OFERENDAS

Refrão: Ó SENHOR, VOS BENDIZEMOS
PELA COMUNICAÇÃO.
QUE ELA SEJA INSTRUMENTO
DE FRATERNA COMUNHÃO!

1. Fale o povo pela imprensa
com direito e liberdade,
repartindo feito pão:
a mensagem da verdade.

2. Fale o povo pela rádio,
animando o caminhante,
faça a vida transbordar
como o vinho inebriante.

3. Fale o povo, claro e forte,
pelo som e pela imagem,
através de cor e luz
faça entrar nova mensagem.

* * *

CANTO DE COMUNHÃO — Ir. Maria Luiza P.Ricciardi.

Refrão: Ó TRINDADE, VOS LOUVAMOS
PELA VOSSA COMUNHÃO!
QUE ESTA MESA FAVOREÇA
NOSSA COMUNICAÇÃO!

1. Contra toda tentação — Lc 4,1-13
da ganância e do poder,
nossas bocas gritem juntas
a Palavra do viver!

2. Na montanha, com Jesus, — Lc 9,28-36
no encontro com o Pai,
recebemos a mensagem:
"Ide ao mundo e o transformai!"

3. Deus nos fala na história — Lc 13,1-9
e nos chama à conversão:
vamos ser palavras vivas
proclamando a salvação!

4. Vamos juntos festejar — Lc 15,1-3.11-32
cada volta de um irmão
e o amor que nos acolhe,
restaurando a comunhão!

5. Comunica quem transmite — Jo 8,1-11
a verdade e a paz,
quem semeia a esperança
e o perdão que nos refaz.

* * * *

CANTO DE AÇÃO DE GRAÇAS

José Thomaz Filho

Refrão VAMOS TODOS OUVIR NOSSO DEUS!
ELE É PAI, É JUSTIÇA, É VERDADE,
NOS ACOLHE, SUSTENTA E ENVIA
PARA A PAZ, PARA A FRATERNIDADE!

1. Ele fala nas flores do campo,
nos surpreende na voz do universo,
nos procura nas dores do povo,
ele junta o que andava disperso.

2. Ele fala nas muitas mensagens
que prometem a felicidade:
escolhemos a cor das algemas
ou guardamos maior liberdade.

3. Ele fala, também, no silêncio:
alicerce de encontros serenos,
horizonte de novos caminhos,
condição de escutar os pequenos.

4. Ele fala nas coisas da vida:
na maldade que fala do avesso,
na esperança que nunca se entrega,
na bondade que paga seu preço.

5. Ele fala no longo caminho
do seu povo tirado do Egito:
em lugar de opressão, liberdade;
união superando o conflito.

6. Ele fala nos dando seu Filho:
rejeitados terão vida nova,
prepotentes serão destronados,
o perdão se fará a maior prova.

* * *

Missa da Campanha da Fraternidade de 1989 COMUNICAÇÃO E FRATERNIDADE.

CANTO PROCESSIONAL
DAS OFERENDAS. I

Vagalume.

Refrão: Ó SENHOR, VOS BENDIZEMOS
PELA COMUNICAÇÃO.
QUE ELA SEJA INSTRUMENTO
DE FRATERNA COMUNHÃO.

1. Fale o povo pela imprensa,
com direito e liberdade,
repartindo feito pão:
a mensagem da verdade.

2. Fale o povo pela rádio,
deixe a vida transbordar,
como vinho repartido
que a paz vai recriar.

3. Fale o povo, claro e forte,
pelo som e pela imagem.
Abra as portas da TV:
faça entrar nova mensagem.

+ + + +

CANTO PROCESSIONAL
DAS OFERENDAS . II

Coração Alado.

Refrão: NESTE PÃO E NESTE VINHO NÓS TRAZEMOS
NOSSA LUTA, TÃO PENOSA, E DEVOÇÃO.
TRANSFORMA NOSSO MEDO E SILÊNCIO
NUM GRITO CORAJOSO E EM AÇÃO!

1. Nas revistas, nos jornais de cada dia,
quanta triste violência, quanta morte!
São retratos verdadeiros, deprimentes
do que aflige o nosso povo, tão sem sorte!

2. Nosso povo, explorado e abandonado,
não dispõe de boa comunicação:
vive marginalizado e calado
nas favelas de tamanha humilhação.

3. Ó Senhor, aceita os muitos sacrifícios
que fazemos para ser um povo irmão.
Vem, ajuda a vencer o inimigo
da discórdia que impede a comunhão!

Missa da Campanha da Fraternidade de 1989: COMUNICACÃO E FRATERNIDADE .

CANTO DE ENTRADA

REFRÃO:(I) AO REDOR DESTA MESA, SENHOR, — Vagalume
NOSSO GESTO É SINAL DE UNIÃO,
COMPROMISSO, FIRMADO NO AMOR,
DE LUTAR POR UM MUNDO IRMÃO.

1. No tumulto das nossas cidades,
onde impera a voz do poder,
comunica, Senhor, a mensagem
do teu livre e fraterno viver!

2. A TV se tornou um mercado:
onde o homem perdeu o valor.
Já é tempo, Senhor, do teu povo
divulgar a mensagem do amor.

3. Como outrora, no tempo do exílio,
nosso canto é um grito de dor:
mas ouvimos mais cantos ruidosos,
a serviço do dominador.

4. A imprensa nos fala do mundo
que não sabe o rumo a seguir.
És a boa notícia, Senhor,
que o povo precisa ouvir.

Refrão (II)
Reunidos em comunidade
para a vida pascal celebrar;
procuremos a paz e a verdade
que Jesus nos mandou divulgar!

+ + + +

SALMO RESPONSORIAL

REFRÃO: 1) Mais forte, por nova esperança — Vagalume
que tua palavra nos traz,
teu povo, Senhor, te promete
viver na verdade e na paz.

ACLAMAÇÃO DO EV;

Refrão: 1) SALVE, Ó CRISTO, IMAGEM DO PAI, — Vagalume
TU NOS FALAS PALAVRAS DE VIDA,
COMUNICAS A PLENA VERDADE
QUE POR NÓS HÁ DE SER TRANSMITIDA!

ou: 2) ATRAVÉS DA PALAVRA TU REVELAS — Coração Alado.
O TEU PLANO DE PAZ E SALVACÃO.
TUA VERDADE, SENHOR, É PARA NÓS:
SABEDORIA E COMUNICAÇÃO.

Missa da Campanha da Fraternidade de 1989: COMUNICAÇÃO E FRATERNIDADE.

CANTO DE COMUNHÃO: Vagalume

Refrão: (I)

Ó TRINDADE, VOS LOUVAMOS
PELA VOSSA COMUNHÃO!
TODOS NÓS FOMOS CRIADOS
PARA A COMUNICAÇÃO !

1. Contra toda tentação — Lc. 4,1-13
da ganância e do poder,
nossas bocas gritem juntas
a Palavra do viver!

2. Na montanha, com Jesus, — Lc 9,28-36
no encontro com o Pai,
recebemos a Mensagem:
"Ide ao mundo e o transformai!"

3. Deus nos fala na história — Lc 13,1-9
e nos chama à conversão:
vamos ser palavras vivas
proclamando a salvação!

4. Vamos juntos festejar — Lc 15,1.3,11-32
cada volta de um irmão
e o amor que nos acolhe,
restaurando a comunhão!

5. Comunica quem transmite — Jo 8,1-11
a verdade e a paz,
quem semeia a esperança
e o perdão que nos refaz.

\+ + +

Refrão(II)

Ó Jesus, te agradecemos
pelo repartir do pão:
que esta mesa favoreça (Fortaleça)
nossa comunicação!

"PÃO, PAU E TRABALHO" - A ESCRAVIDÃO

Com a dizimação das populações indígenas e a publicação de Leis a elas favoráveis, pôs-se o problema da mão-de-obra. A solução foi buscá-la na África. E os escravos encheram o continente americano.

Cidades houve em que 95% da população era constituída de escravos. Os 5% de brancos viviam na preguiça, sustentados pelo sangue e suor dos negros.

POR QUE PEDIR PERDÃO?

O capítulo da escravidão negra é o mais doloroso e injustificável da Igreja no Brasil. A expressão "**pão, pau e trabalho**", como pedagogia para conduzir o negro, revela a face cruel dos "cristianismo" desse período. O próprio pedido de perdão, reiterado pelo Papa João Paulo II, dificilmente apagará a memória de 4.500.000 africanos deportados para o Brasil. Foram batizados para serem cristãos, mas acabaram sacrificados a serviço do bem-estar e da preguiça dos patrões, todos eles " cristãos"!!!

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Pode-se dizer que a escravidão sempre acompanhou a história humana, continuando hoje em países africanos, asiáticos, americanos..., e, ainda hoje, no Brasil. Nunca, porém, foi tão intensa e teve tal deslocamento continental de populações como na América portuguesa, espanhola, inglesa, holandesa e francesa.

Durante três séculos, 12 milhões de africanos foram comercializados para a escravidão americana. Era uma atividade tão lucrativa que nenhum povo europeu a desprezou. Ingleses, holandeses, espanhóis, franceses, anglicanos, protestantes e católicos se envolveram nesse comércio, a fonte de enriquecimento mais rápida e segura na época. Era um negócio que chegava a dar lucro de 1000%.

No século XVIII, os traficantes brasileiros superaram a todos os demais. Até as ordens religiosas chegaram a se envolver nisso.

Os primeiros escravos negros chegaram ao Brasil em 1533. Eram trocados na África por açúcar, panos e, especialmente, por cachaça e tabaco de má qualidade.

Cachaça e tabaco tornaram o negro cada vez mais barato na África e mais caro no Brasil. Portugueses e brasileiros tinham seus representantes no continente africano para "arrebanhar" negros.

ESCRAVIDÃO CORRUPTORA

Esses apresadores provocavam guerras tribais ou montavam pequenos exércitos para caçar a "mercadoria". A escravidão, que já existia na África, tornou-se mais intensa e corruptora. São africanos vendendo africanos. Corrompeu também a sociedade brasileira, tornando-a preguiçosa, a ponto de até hoje se confundir liberdade com preguiça e ócio.

Calcula-se que o Brasil recebeu, em termos globais, 4.500.000 africanos. O aumento do número foi progressivo: de 5 mil ao ano até 1550, a 6 mil a partir do século XVIII. O aumento coincidiu com o desenvolvimento da mineração.

OS NAVIOS NEGREIROS

O drama do negro tinha início com seu apresamento; depois o sofrimento não tinha mais fim. Famílias, tribos, eram separadas e misturadas, tornando quase impossível a comunicação e o relacionamento afetivo. Os primeiros escravos vieram da Guiné; no século XVII foram bantos (Nigéria): congos, benguelas e ovambos.

No século XVIII, começa o ciclo da escravização sudanesa (Angola, Moçambique, Benin), a mais numerosa, envolvendo os povos iorubas (nagôs), geges, minas, huaçás, tapas e bornus.

A crueldade do tráfico já é revelada pelos números: 1/3 morria até chegar aos portos africanos; 1/3 morria nos navios e 1/3 chegava ao destino. Ao chegar ao porto, estavam, no navio: negros vivos, doentes, alguns já mortos, recém-nascidos famintos e todos com muito sofrimento. O navio negreiro era uma verdadeira sepultura.

No destino, pagava-se imposto como qualquer mercadoria e eram postos à venda nos mercados de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, como se fossem produtos de feira. Estavam nus, cabelos raspados, marcados com ferro quente no peito e cheios de feridas adquiridas na longa viagem. O investimento num escravo se pagava em 5 anos. Como chegava a trabalhar de 7 a 10 anos, o retorno era positivo.

E então eram batizados, após uma catequese que geralmente não entendiam. Ser batizado era entrar no mundo civilizado, fazer parte do império português ou brasileiro: com a água benta recebiam um novo nome. Havia uma discussão sobre se deveriam os negros ser batizados na África ou no Brasil.

Alguns teólogos achavam que, se fossem batizados na África, deixariam de ser mercadoria; então o mais cristão era batizar nos portos brasileiros, depois de serem comprados. Assim chegavam como mercadoria e não havia impedimento para o comércio. Na Inglaterra, cada desembarque era presidido por um padre anglicano que proferia um sermão agradecendo a Deus pela graça de conduzir novas almas ao rebanho divino.

JUSTIFICAÇÃO DA ESCRAVIDÃO

Há uma pergunta que não pode deixar de ser feita: como é que o Cristianismo, a religião da fraternidade, do amor, da paternidade divina, pôde chegar a admitir escravos e escravos batizados? Infelizmente, os mesmos profetas que ergueram a voz em defesa do indígena, não o fizeram pela causa do negro.

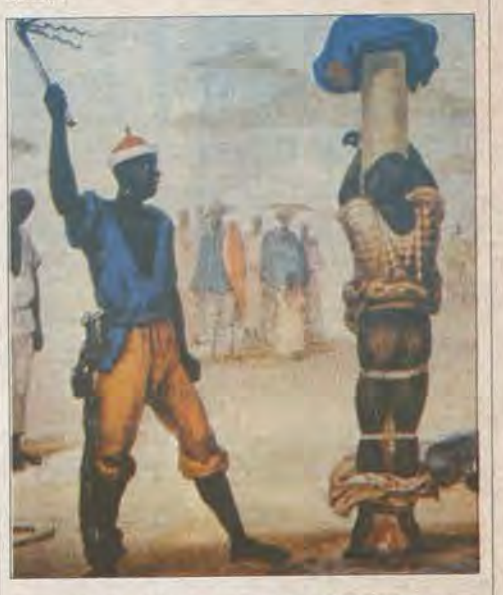
Consultados, grandes teólogos de Salamanca e Coimbra apaziguaram a consciência dos escravocratas. Primeiramente dizendo que, ao ser comprado, o escravo é uma mercadoria e toda mercadoria está sujeita à compra e venda. Por acaso, e em segundo lugar, a mercadoria é uma pessoa... Em 1568, na primeira reunião provincial dos jesuítas em Salvador, o 10º item fala "*de vaccis et servis*": engloba no mesmo tema as vacas e os escravos.

Há uma **justificação teológica**, tirada da Bíblia (Gn 9,20-27): os negros são descendentes de Cam, o filho amaldiçoado de Noé. Sua maldição é eterna, e por causa dela pode ser colocado a serviço dos outros povos. Sofrendo a escravidão, seu destino natural, poderá receber a graça do Batismo e se salvar.

A justificação filosófica vê a escravidão como uma deficiência da natureza: cada um tem sua competência e ocupa, de acordo com ela, um lugar na escala social. Há os que nasceram para mandar e se tornam senhores e reis; há os que nasceram para guerrear e são os soldados; há os que foram feitos para serem mandados e são os servos e os escravos. Cada um cumpre uma missão pré-estabelecida.

A grande justificação, porém, é **histórica**: o sistema colonizador cairia por terra sem escravos. Não havia mão-de-obra disponível na sociedade branca: sem escravos, adeus canaviais, adeus mineração, adeus cafezais. Isso aparece claro na carta do Pe. Serrão, jesuíta, em 1568: "Não se encontra gente de trabalho para se contratar: o único remédio é ter escravos".

Se os religiosos tratavam o negro como mercadoria, o que se poderia esperar dos comerciantes?



UMA SOCIEDADE RACISTA

O mulato tinha certas regalias no mundo escravocrata: era filho do patrão. Atento a isso, Vieira afirmou que o Brasil "era o inferno dos negros, o purgatório dos brancos e o paraíso dos mulatos".

Não é verdadeira a afirmação de que a miscigenação racial brasileira seja fruto de uma característica do povo português. Se isso procedesse, por que em Angola, Moçambique, Cabo Verde, também colônias de Portugal, a miscigenação foi quase nula? A explicação é econômica: no Brasil, o português teve filhos com a negra por necessidade econômica: precisava de mão-de-obra, de mais escravos.

As Constituições do Arcebispado da Bahia (1707), que valiam para todo o Brasil, não permitiam a ordenação de negros ou mulatos. Os padres negros que aqui trabalharam no período colonial tinham vindo da África já ordenados. Algumas ordens religiosas aceitavam membros mulatos apenas quando estivessem perto de morrer, com dispensa de Roma.

Evitava-se ao máximo o casamento entre escravos: uma vez casados, não podiam mais ser vendidos separadamente. Apenas acasalados, continuavam à disposição para o comércio. A escravidão tentou apagar, da cultura e da nação do africano, a memória da família.

Pe. José Artulino Besen

Para Refletir

1. *Procure entrevistar pessoas negras mais idosas para colher testemunhos pessoais sobre a escravidão.*

2. *Quais as razões pelas quais o Papa pede perdão aos negros da América? Conte um pouco de sua triste história.*

JUBILEU 2000 E O PERDÃ

"A dívida não é mais um dos problemas que precisa

O problema da dívida dos países pobres é um obstáculo insuperável nas tentativas de saírem de uma situação, não poucas vezes, de verdadeira miséria.

Vários movimentos de opinião têm-se unido no mundo inteiro, às vésperas do Terceiro Milênio, para encontrar uma solução que permita a esses países de saírem desta situação.

Evidentemente, todo empreendimento precisa de dinheiro para se afirmar e vingar. Para isso, muitas vezes, recorre-se ao empréstimo. Esse é o caminho que tiveram que percorrer os países do terceiro mundo. Isso é normal e positivo, desde que as taxas de juros sejam relativamente baixas, estáveis e o dinheiro seja efetivamente bem administrado e aplicado. Mas aconteceram fatos que desestabilizaram esse processo.

A ORIGEM

O ponto de partida da dívida é atribuída geralmente ao problema do petróleo dos anos 70. Em 1973, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) quadruplicou o preço do petróleo, aumentando-o, ainda mais, em 1979.

Os ganhos com estes aumentos favoreceram muitos bancos, como também países e pessoas ligadas ao comércio de petróleo, que procuravam quem quisesse empréstimos.

Como estes petrodólares chegavam facilmente, os bancos emprestaram enormes quantidades de dinheiro, sem analisar devidamente os projetos, sem se preocuparam com a sua correta aplicação e com os custos econômicos e sociais que daí surgiriam.

Este dinheiro foi também mal utilizado pelos responsáveis, muitas vezes corruptos. O dinheiro foi empregado para comprar armas, financiar projetos mal geridos e mal estudados, beneficiando uma pequena minoria, quando não acabou até em contas particulares.

Os credores podiam emprestar, porque sabiam que as dívidas passariam para os governos seguintes. Outro fato marcante deu-se em 1971, quando os Estados Unidos decidiram que o dólar, moeda de referência, não seria conversível em ouro: isso provocou uma instabilidade monetária no mundo inteiro.

As taxas de juros subiram assustadoramente: empréstimos feitos a 7 ou 9% passaram a ser reembolsados a 15%, 19%...

UM NOVO PROCESSO

O novo processo de endividamento apresenta-se mais complexo em suas relações econômicas internacionais. A dívida externa não é o único indicador de dependência de recursos internacionais, uma vez que as várias dívidas - externa, interna, pública e privada -, aumentam cada vez mais e apresentam em comum uma sobrecarga de obrigações à sociedade, cujas conseqüências são de várias naturezas:

- **Elevação** dos compromissos a pagar em moeda estrangeira no presente e no futuro. Um exemplo é a recente desvalorização da moeda brasileira, pois como a dívida geralmente é em dólar, automaticamente aumentou a dívida brasileira pela valorização do dólar.
- **Aumento** da dependência econômica do país.
- **Ônus** ilimitado aos orçamentos públicos, comprometendo as prioridades para áreas fundamentais (saúde, educação, moradia, emprego...).
- **Perda** de soberania e submissão às estratégias internacionais do capital financeiro e dos países dominantes.
- **Sacrifício** do povo humilde e desprotegido, que não tendo obtido os benefícios do período de expansão dessas dívidas, é obrigado a sofrer com o pagamento da dívida e de seus encargos.

Isto transformou a vida de boa parte da população mundial num imenso inferno humano de degradação, violência e morte.

NÃO SE PODE ESQUECER

Face a esta situação desastrosa, não se devem esquecer certos fatos:

O REEMBOLSO: Antes de mais nada, deve-se afirmar que a maior parte dos países endividados já pagam o principal, isto é, o que receberam emprestado. A sua dívida atual consiste, sobretudo, senão totalmente, nos juros do empréstimo. O que significa que os países pobres devem financiar as especulações financeiras dos países ricos.

FALÊNCIA IMPOSSÍVEL: Quando uma empresa não pode honrar seus compromissos, entra em processo de falência. Um país nunca pode entrar neste processo porque não há procedimento jurídico para isso. A nível internacional são os credores, e não um tribunal, que decidem exigir ou não do país devedor a amortização da dívida e impõem as condições que querem.

O CUSTO SOCIAL: O pagamento da dívida absorve, em grande parte, os recursos que deveriam ser destinados ao combate à pobreza ou à criação de infra-estruturas, como estradas, escolas e hospitais. Seis dos sete países mais endividados da África pagam de juros um montante superior ao destinado para a luta contra a desnutrição, as doenças, o analfabetismo e a mortalidade infantil.

A VIDA ANTES DA DÍVIDA

Diante desta situação, não basta fazer uma avaliação econômica, é necessário também fazer uma análise ética, baseada na dignidade da pessoa humana.

A dignidade da pessoa humana é o critério fundamental a partir do qual devem ser avaliados todos os sistemas políticos, econômicos e sociais. Se as pessoas têm direitos e deveres mútuos para assegurar o bem comum, os Estados também os têm.

E a dívida externa torna-se um peso enorme para os Estados e afeta a dignidade humana, os direitos e o bem-estar das pessoas, particularmente dos pobres, os mais vulneráveis da comunidade internacional.

A justiça social pede que se tenha em conta as situações daqueles que não tiveram voz quando foi feito o contrato da dívida externa, mas que hoje são profundamente atingidos pelas medidas impostas para o seu pagamento.

O Cardeal Echegaray, já em 1987, escrevia que o pagamento da dívida não pode ser feito às custas da asfixia econômica de um país e que nenhum governo pode exigir da sua população privações incompatíveis com a dignidade humana.

A DÍVIDA E O JUBILEU

Está chegando o ano 2000. A antiga tradição previa para um jubileu, entre outros compromissos, a remissão das dívidas e a libertação dos escravos. Nós, hoje, estamos convictos que perdoar as dívidas dos países mais pobres do mundo não é somente moralmente necessária, mas também conveniente para um novo empenho de desenvolvimento a serviço da humanidade.

João Paulo II nos convida a celebrar o jubileu do ano 2000 no espírito do Levítico, pensando na "redução parcial, senão no perdão total da dívida internacional".

A questão da Dívida, como nos diz o Papa na Mensagem do Dia da Paz, "faz parte de um problema mais vasto: o da persistente pobreza, às vezes extrema, e o da multiplicação de novas desigualdades que acompanham o processo de globalização.

Parte do dinheiro emprestado acabou, infelizmente, servindo para comprar armas.

...ÃO DA DÍVIDA EXTERNA

...os enfrentar. É o problema." (Dom Andrés Rodrigues – CELAM)

O espírito do Jubileu nos obriga a aliviar, ou tirar, o peso da dívida para restabelecer um relacionamento de maior justiça entre as nações, que permita aos países mais pobres um justo acesso a todas as riquezas materiais e espirituais que pertencem à família das nações".

Líderes de Igrejas e militantes políticos de 17 países do continente latino-americano se encontraram este ano em Honduras para traçar uma estratégia comum de luta contra os grandes bancos dos países ricos e as instituições financeiras internacionais. Esta conferência foi organizada pelo movimento "Coalizão Jubileu 2000", sediado em Londres, e a mais poderosa ONG empenhada no perdão da dívida externa.

A FORÇA DO ANO JUBILAR

O ano jubilar, tem um poder mobilizador que a comunidade cristã pode e deve usar para fazer ouvir sua voz em face da questão crucial da dívida externa e do modelo econômico dominante.

Ele é, antes de tudo, a proclamação do direito dos povos a uma vida em dignidade, justiça e comunhão.

Estamos convencidos da força de um "movimento geral de solidariedade", unindo grande número de cidadãos, numa só voz, publicamente, em direção a uma única causa.

O Jubileu deve tornar-se um momento forte de renovação pessoal e social, que leve a eliminar as grandes injustiças e restabelecer, nas relações entre as pessoas e com a criação, a harmonia e a justiça que Deus sempre quis.

O QUE FAZER?

Em relação ao endividamento dos paises subdesenvolvidos, o Simpósio sobre a Dívida Externa, realizado em Brasilia, sugere as seguintes linhas de ação:

Apoiar mobilizações sociais nacionais e internacionais que objetivam implementar políticas de redução ou de cancelamento total do pagamento das dívidas externas insuportáveis ou ilegítimas.

Proporcionar debates e fornecer informações sobre a situação atual dos diversos aspectos da Dívida Externa, e suas conseqüências para a vida de toda a população.

Garantir que os países aplicarão os recursos que seriam gastos na amortização e serviços da dívida na implementação de políticas sociais, com a plena participação da sociedade.

Apoiar iniciativas de criação de mecanismos internacionais para definir limites de endividamento e reconhecer situações de insolvência de Estados nacionais.

Incentivar iniciativas nacionais e internacionais em favor do perdão total e imediato das dívidas externas dos países muito empobrecidos.

Pedir a criação de uma ampla auditoria, com participação de organismos da sociedade civil, do processo de endividamento externo brasileiro que garanta a transparência e a informação para todos os cidadãos.

Comprometer-se, como cristãos e cidadãos, para evitar que o pagamento de dívidas impliquem na falência das economias e da soberania nacional, impedindo que os governos imponham aos seus povos privações incompatíveis com a dignidade da pessoa.

Trabalhar para que se perdoe ou reduza a dívida externa é contribuir para que todos tenham vida em plenitude e tomar consciência dos graves problemas que afetam mais de um bilhão e 400 milhões de pessoas nos países mais pobres do mundo.

O Jubileu será realmente uma grande festa se, depois de 2.000 anos de redenção, os homens, abandonando atitudes prepotentes e gananciosas, se converterem e atenderem finalmente ao grande convite formulado por Jesus, o grande aniversariante:

Amai-vos uns aos outros
como Eu vos amei.

MAURI LUIZ HEERDT

Dados Assustadores

DÍVIDAS E GASTOS

Hoje qualquer africano tem uma dívida de 440 dólares americanos, por força da dívida externa.

Em Uganda, o governo gasta anualmente três dólares por pessoa em saúde, enquanto gasta 30 dólares por pessoa para pagamento da dívida.

Em Moçambique, 33% das despesas públicas são destinadas ao pagamento da dívida, enquanto que apenas 7,9% são destinados à educação, e 3,3% à saúde.

A Zâmbia, entre 1990 e 1993, gastou 35 vezes mais com a dívida do que com a educação.

Revista Boa Nova

A DÍVIDA EM NÚMEROS

Vejamos alguns números do crescimento da dívida dos países em desenvolvimento:

1980: 647 bilhões
1985: 991 bilhões
1990: 1.510 bilhões
1995: 2.068 bilhões
1996: 2.095 bilhões de dólares.

Segundo o Banco Mundial, a dívida dos países da América Latina chegará a 706 bilhões este ano.

OS MAIS ENDIVIDADOS EM VALORES ABSOLUTOS (1998)

PAÍS	EM BILHÕES DE DÓLARES
Brasil	179,04
México	157,12
Indonésia	129,03
China	128,87
Rússia	124,81
Argentina	93,84
Tailândia	90,82
Índia	89,82
Turquia	79,79
Filipinas	41,21
Polônia	40,89
Malásia	39,77

OS MAIS ENDIVIDADOS EM RELAÇÃO AO PIB ANUAL

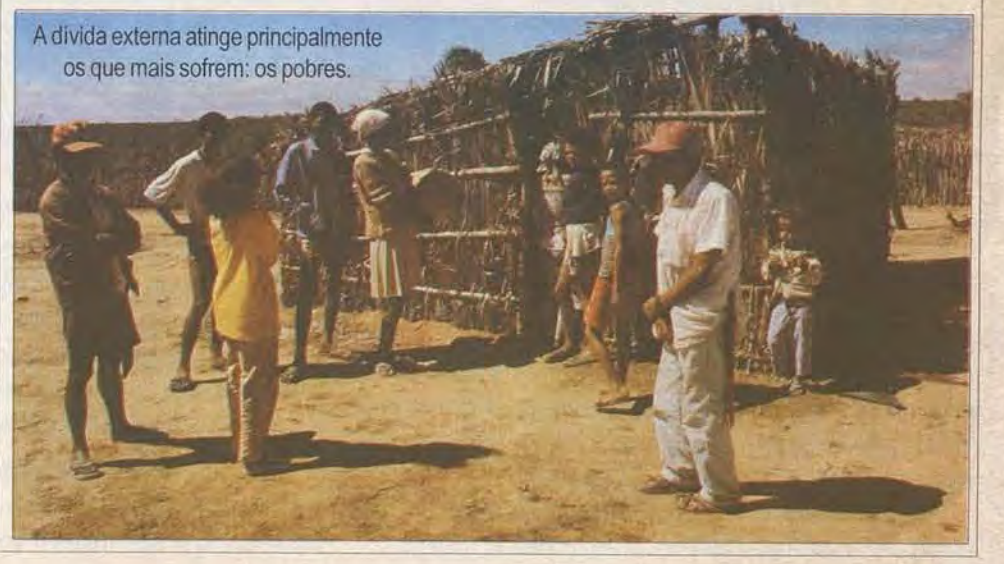
PAÍS	RELAÇÃO DA DÍVIDA COM O PIB (Quanto a dívida é superior ao PIB anual, em %)
São Tomé	647%
Moçambique	432%
Somália	406%
Nicarágua	395%
Guiné Bissau	376%
Angola	368%
Rep. Dem. Congo	309%
Guiana	294%
Sudão	282%
Mauritânia	234%
Costa do Marfim	230%
Zâmbia	225%

Fonte: Banco Mundial (1998)

Para Refletir

1- Por que, hoje, se fala tanto na dívida externa?

2- Qual a relação entre a celebração do Jubileu e a dívida externa?



A dívida externa atinge principalmente os que mais sofrem: os pobres.

A Questão é SER Pai

No mês em que celebramos o Dia dos Pais e tantas outras programações relacionadas ao tema da família, publicamos duas mensagens que poderão ajudar a formação de uma família e sua posterior convivência.

Não se case por acaso

Que nenhuma família comece em qualquer de repente...

Que o casal não se conheça na Segunda e case na Terça. Não importa se se conheceram num bar, desde que não se casem de cara cheia. Que ninguém se case por acaso. O amor é bonito demais para ser um acaso a vida inteira. Vá lá que o casal se conheça por acaso! Mas casar-se por acaso é arriscar-se demais! Encontros nem sempre se podem planejar. Casamento sim, deve ser planejado.

Família não pode ser fruto de impulso. São vidas importantes demais, para se brincar de loteria. O risco sempre existirá, como haverá sempre um risco de os aviões caírem. Mas há muita gente séria por detrás de um vôo. Por isso, os riscos são relativamente pequenos. Vôos costumam ser planejados. Sabe-se de onde veio, para onde se vai e quais as rotas alternativas. E ninguém vira piloto da noite para o dia. Quem quer voar, tem que se preparar.

Imagine seu casamento como um longo vôo a dois: piloto e co-piloto. Os dois, igualmente importantes, precisam de um plano para voar. Obedecem às normas básicas da aviação: não voam de tanque vazio, não saem da rota, checam os controles, ouvem o pessoal de terra, conversam com outros pilotos, conhecem a velocidade e sabem quando exigir o máximo das turbinas e quando diminuir o fogo. Pilotos aprendem primeiro em terra. Só depois, voam. A decolagem é sumamente importante. É quando as turbinas estão no máximo de sua capacidade.

Se não tem certeza, não brinque de piloto. Se não tem certeza, não case. Adie, peça tempo, peça ajuda, mas não se case só porque tem que se casar. Não voe só porque tem que voar. Se não confiar no seu conhecimento do painel e dos controles, não voe.

Não se case, se achar que não ama o suficiente a pessoa com quem voará pela vida inteira por entre e sobre as nuvens da vida. Muita gente perdeu a chance de ser feliz e de ter um alguém especial, por medo de se arriscar. Sabiam, mas tinham medo. Muita gente arriscou sem saber, sabendo que não sabia o suficiente, e desastrou-se.

De cada cem aventureiros que ousassem pilotar um avião, sem ter aprendido as leis da aviação, 99 cairiam. Voar é complicado. De cada cem aventureiros que se casaram por impulso e sem preparo, quantos deram certo? Não se case por acaso! Prepare seu casamento, pois ele ficará no ar por muito mais tempo. Talvez até chegar ao céu...

Pe. Zezinho

Ser pai! Como?

Os seres humanos manifestam a evidente necessidade de uma presença afetiva e educativa chamada "pai". Como o pai pode realmente ser esta presença?

Amar é um verbo, e o pai deve conjugá-lo de uma maneira bem própria. A primeira característica da paternidade é exprimir a força do amor de uma maneira concreta. Vejamos algumas características deste amor:

Ser presença. A presença do pai é percebida pelos filhos como uma necessidade. Um pai ausente, ou emotivamente distante, é vivido como uma traição.

Não é questão de tempo, mas de efetiva comunicação e presença. A qualidade do relacionamento de um filho com o pai é um dos elementos mais importantes para a formação de um filho.

A mãe, não raras vezes, é aquele "casulo" quente; o pai é mais aquele que impele para o exterior, o desconhecido, o futuro.

Ser proteção. "As carícias de meu pai são ásperas: suas mãos estão cheias de calos porque é um pedreiro, mas para mim são leves como seda porque ele me ama". A presença de um pai não é neutra.

Um pai ama como uma mãe; tem a verdadeira ternura de quem diz: "Aconteça o que acontecer, eu estou contigo". Daqui nasce a atitude vital entre pai e filho, que é a confiança e também aquele incrível empurrão que faz os filhos enfrentarem o mundo.

Ser modelo. Os filhos sentem sempre o pai como exemplo forte e decisivo. No passado, para transmitir valores, era suficiente impô-los; agora deve-se demonstrá-los vivendo-os. Para os filhos o pai é depositário da sabedoria prática da vida; é aquele que conhece a meta e a estrada para lá chegar. O primeiro e verdadeiro grande "letreiro indicador" da vida.

Ser gerador. Trata-se de formar uma estrutura que permita uma verdadeira autonomia dos filhos. Um sistema de valores que seja como bússola, um centro, uma consciência. É muito mais importante decidir quais são os grandes "sim" que os pais devem absolutamente comunicar aos filhos. Às vezes, o pai deve emprestar aos filhos sua própria força, sustentá-los como um alicerce sustenta uma casa.

Ser autoridade. A época dos pais-patrões acabou, mas, para que uma família funcione do ponto de vista educativo, é indispensável que alguém se resigne a colocar-se como autoridade. Trata-se de uma atitude necessária também para criar segurança nos filhos. Claro que não é a autoridade alcançada através do medo e da força, mas pelo exemplo e pela experiência.

A autoridade, em sua essência, não consiste em mandar. O próprio verbo latim do qual a palavra deriva significa "ajudar a crescer".

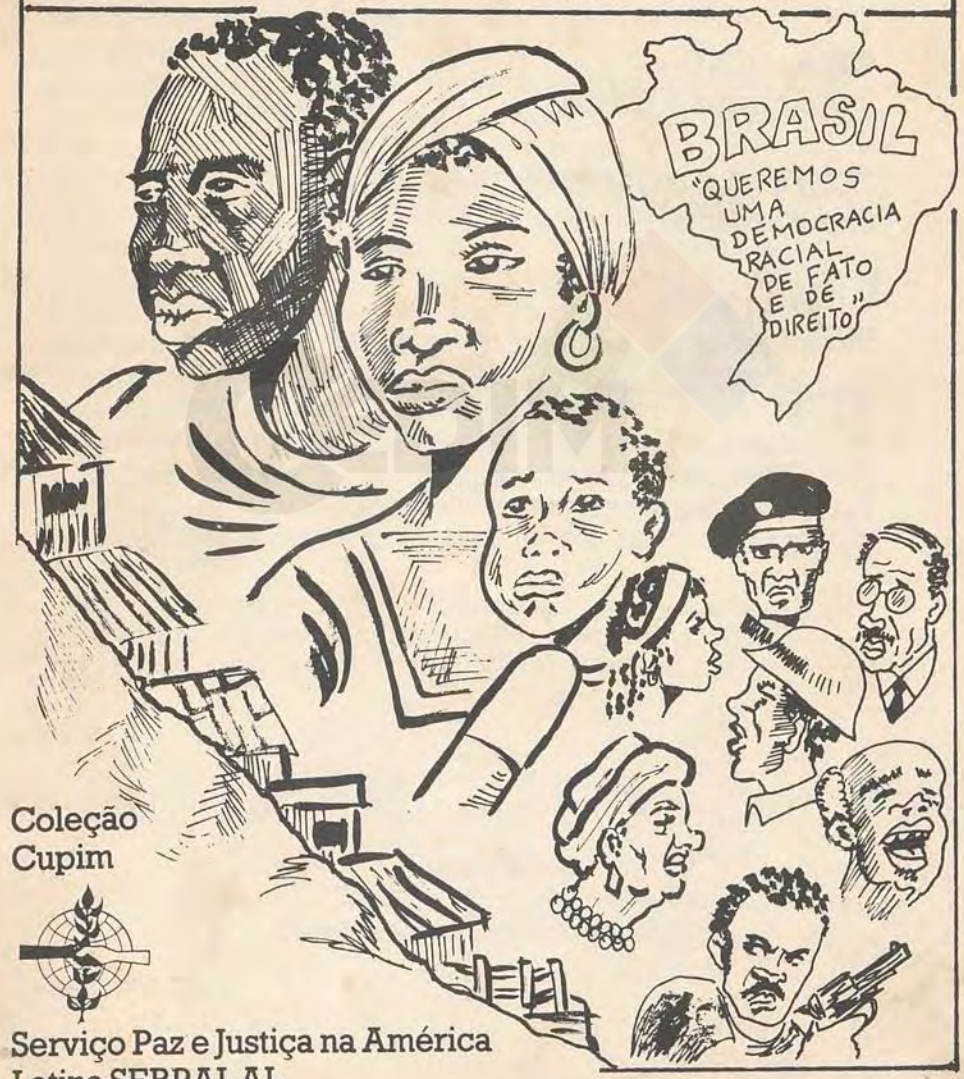
Se os pais não ajudam os filhos com sua própria amorosa autoridade, serão as instituições públicas que deverão impor seu princípio de autoridade, e certamente não será com o afeto.

O pai é aquele que ajuda a "subir". E não lhe faltará a recompensa que vem do alto:

"Cada vez que fizeste isso a um só dos meus irmãos menores, é a mim que o fizeste".

MOVIMENTO NEGRO

PELA IGUALDADE DE DIREITOS E RESGATE DA DIGNIDADE DE UM POVO!



Coleção Cupim

Serviço Paz e Justiça na América Latina SERPAJ-AL

MOVIMENTO NEGRO
Educação para os direitos do pobre

CRIA-AÇÃO
Togo Ioruba & Krisnas

TEXTOS E COORDENAÇÃO GERAL
Creuza Maciel

Publicação de
SERPAJ-AL

SERVIÇO PAZ E JUSTIÇA NA AMÉRICA LATINA
Rua da Lapa, 180, sala 1107
20021 Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 232-8535

BIBLIOTECA DA Catequese ITAGUAÍ

APRESENTAÇÃO

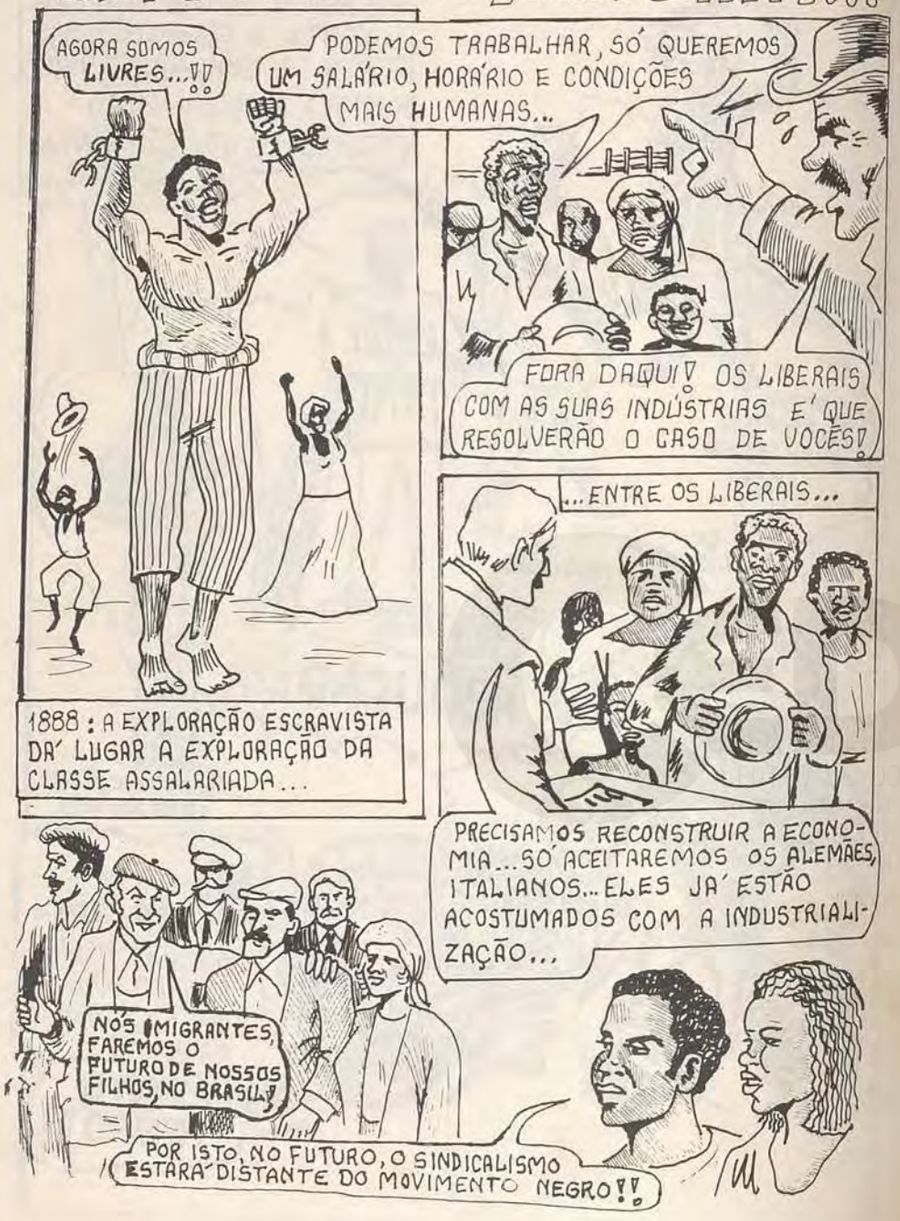
Este livrinho pretende ser um começo de conversa.
A discriminação racial no Brasil está mais clara na cabeça de muita gente, especialmente daqueles que sofrem na pele.
No próximo ano, 1988, o governo brasileiro vai celebrar os cem anos da "abolição da escravatura". Aproveitando deste fato, a Igreja Católica em sua campanha quaresmal, vai trabalhar sobre o tema do racismo, embora seja um tema que está criando muita polemica e algumas dioceses estão tentando camuflar o problema.
Há muita expectativa e movimentação em outros setores, a fim de se fazer perceber que não há razões para se celebrar a abolição da escravatura no Brasil. Na medida em que a situação de injustiça contra o povo negro se torna mais evidente, muitos negros assumem sua raça, começam a se organizar e lutar.
Sozinho ninguem consegue mudar nada; sozinho não conseguiremos nem siquer fazer cumprir o que está na lei, que é proibido a discriminação e o racismo e que toda discriminação será punida. Unidos e organizados, podemos não somente fazer cumprir o que está na lei deste país, e mais ainda, conseguir que o Brasil pague pelos crimes cometidos aos povos vindos da África para serem escravizados aqui; pague indenizações morais, culturais, econômicas... e crie programas especiais, para recuperar as perdas do passado, especialmente as perdas relacionadas ao econômico, ao estudo, e à dignidade de cidadão livre.
"Movimento Negro" chega em sua mão como uma contribuição de SERPAJ-AL neste processo de luta pela IGUALDADE DE DIREITOS E RESPEITO DA DIGNIDADE DE UM POVO!

Creuza Maciel

Coordenadora Geral de SERPAJ-AL

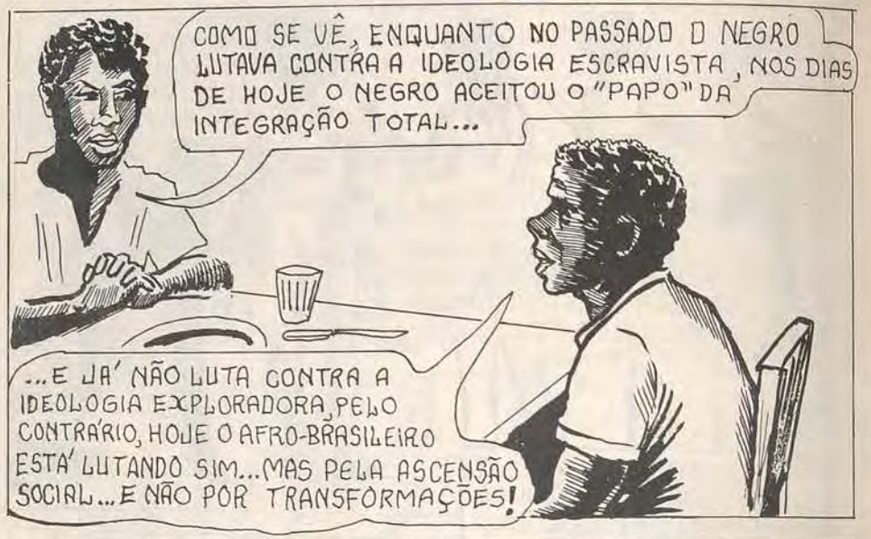
Os AFRICANOS NO BRASIL, SEMPRE LUTARAM CONTRA A ESCRAVIDÃO, MAS DEPOIS DE 1888, A IDEOLOGIA RACISTA GANHOU NOVAS FORMAS DE ATUAÇÃO CONTRA OS NEGROS...
QUILOMBO PALMARES 1590-1680 ZUMBI
REVOLTA DOS MALÊS LICUTÃ 1825-1830-1835
REVOLTA DA CHIBATA JOÃO CÂNDIDO 1910
"ABOLIÇÃO" (?)
IMPRENSA NEGRA 1916 ATÉ HOJE.
HOJE, A CHAMADA RESISTÊNCIA DOS NEGROS CONTRA O RACISMO É CONHECIDA COMO... MOVIMENTO NEGRO!!

UM POUCO DE HISTÓRIA...

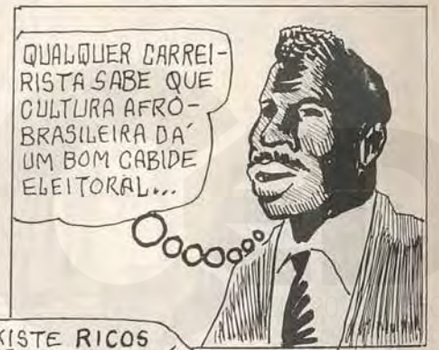


AS "REVOLUÇÕES" DE 1930 E A DE 1964, EM NADA CONTRIBUIRAM PARA NÓS... VAMOS VER AGORA, A NOVA REPÚBLICA!!
FRENTE NEGRA
MOVIMENTO SOCIAL NO PERÍODO DE 1930 A 1937. FOI ESVAZIADO QUANDO ACEITOU ENTRAR NO JOGO PARTIDÁRIO...
A "REVOLUÇÃO" DE 1930, PARECIA ACABAR COM OS ELITES RURAIS...
...E COMO ALGUNS NEGROS FORAM BENEFICIADOS NOS TRABALHOS ASSALARIADOS E SERVIÇOS PÚBLICOS...

E HOJE COMO VAI A LUTA DO MOVIMENTO?
...TEMOS FEITO PASSEATAS, MANIFESTOS... CRIAMOS BLOCOS AFROS...
... FICOU A FALSA IDÉIA QUE A "REVOLUÇÃO" DE 30 TRANSFORMARIA A REALIDADE...
...QUAL O QUE!!
OS RESULTADOS NÃO TEM SIDO FAVORÁVEIS AOS POLÍTICOS ORIUNDOS DO MOVIMENTO...
PÔ, QUE LUTA! A GENTE FAZ DENÚNCIAS E A IMPRENSA FORMAL, QUE PERTENCE ÀS ELITES, NÃO DÁ A MÍNIMA!
... E ISTO, QUANDO OS PARTIDOS POLÍTICOS NÃO FATURAM ÀS NOSSAS CUSTAS!!
QUE LUTA! PRECISO AUMENTAR O MEU ELEITORADO... TALVEZ UM ANGÚ NA FAVELA SEJA UMA BOA IDÉIA...
A IDEOLOGIA CAPITALISTA FAZ COM QUE SEJAM CRIADAS SOLUÇÕES INDIVIDUAIS E NUNCA COLETIVAS...


COMO SE VÊ, ENQUANTO NO PASSADO O NEGRO LUTAVA CONTRA A IDEOLOGIA ESCRAVISTA, NOS DIAS DE HOJE O NEGRO ACEITOU O "PAPO" DA INTEGRAÇÃO TOTAL...
...E JÁ NÃO LUTA CONTRA A IDEOLOGIA EXPLORADORA, PELO CONTRÁRIO, HOJE O AFRO-BRASILEIRO ESTÁ LUTANDO SIM... MAS PELA ASCENSÃO SOCIAL... E NÃO POR TRANSFORMAÇÕES!

...NÓS VALORIZAMOS AS ARTES E CULTURA AFRO-BRASILEIRA...


QUALQUER CARREIRISTA SABE QUE CULTURA AFRO-BRASILEIRA DÁ UM BOM CABIDE ELEITORAL...

...NÃO SEI PRÁ QUE EXISTE RICOS E POBRES... POR QUE NÃO EXISTE SÓ RICOS OU SÓ POBRES?!
SABE DE UMA COISA... ...ACHO QUE O NOSSO MOVIMENTO PRECISA DE OUTRAS PRÁTICAS PARA ALCANÇARMOS AS COMUNIDADES...

A REPRESSÃO AO NEGRO NO DIA-A-DIA AINDA NÃO FOI DIRETAMENTE ABORDADA PELOS MILITANTES
DOCUMENTOS?
UÉ!? SÓ PEDIU OS MEUS? PORQUE? O ÔNIBUS TÁ CHEIO!

HÁ UMA PREDISPOSIÇÃO EM CONSIDERAR O NEGRO, COMO UM "SUSPEITO EM POTENCIAL". A SOCIEDADE AINDA O VÊ COMO UM ETERNO TRABALHADOR "BRAÇAL" (AINDA UM EX-ESCRAVO), SEM DIREITO ÀS OPÇÕES DO CIDADÃO COMUM...

A ESTRATÉGIA RACISTA DESDE OS TEMPOS COLONIAIS, É DIVIDIR PARA ENFRAQUECER, COLOCANDO NEGROS NA REPRESSÃO A OUTROS NEGROS, IMPEDINDO A COMPREENSÃO REAL DO PROBLEMA... NÃO QUEREMOS MAIS ENCARAR NOSSOS IRMÃOS COMO NOVOS "CAPITÃES DO MATO"!!
ANTIGAMENTE
HOJE

...ENQUANTO ISSO, A MULHER NEGRA...

...E A JUVENTUDE NEGRA...

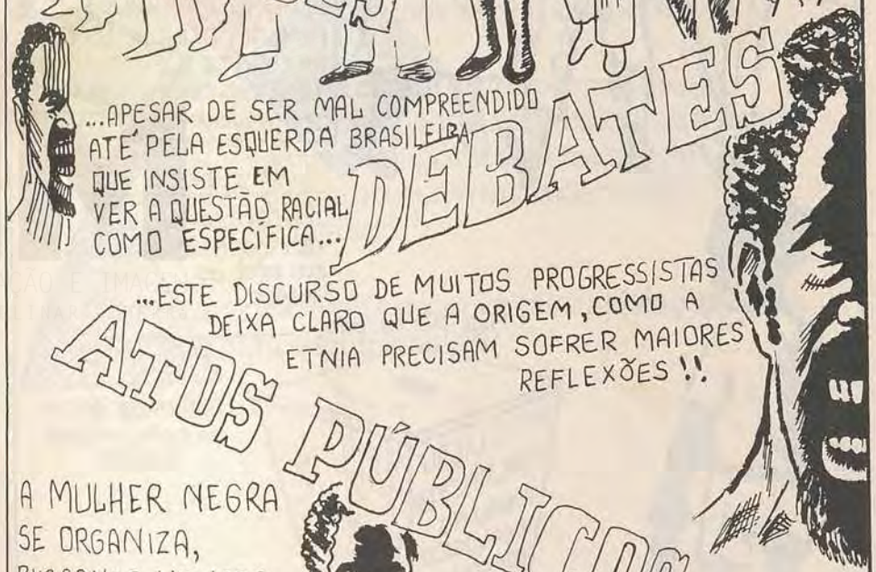
O AMPARO A VELHICE...

OS MEIOS DE COMUNIÇÃO OFICIAIS CENSURAM AS REINVIDICAÇÕES EMINENTEMENTES POLÍTICAS E CONDICIONAM A IMAGEM "FOLCLÓRICA" OU DESAJUSTADA.

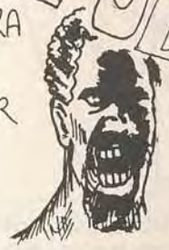
DENÚNCIA

O MOVIMENTO NEGRO TEM CONSEGUIDO AO LONGO DESSES ANOS, ALGUMAS ATUAÇÕES IMPORTANTES... APESAR DE QUE O SISTEMA ACABA SEMPRE ESVAZIANDO O IMPÁCTO POLÍTICO DELAS!

...APESAR DE SER MAL COMPREENDIDO ATÉ PELA ESQUERDA BRASILEIRA QUE INSISTE EM VER A QUESTÃO RACIAL COMO ESPECÍFICA...



...ESTE DISCURSO DE MUITOS PROGRESSISTAS DEIXA CLARO QUE A ORIGEM, COMO A ETNIA PRECISAM SOFRER MAIORES REFLEXÕES!!



A MULHER NEGRA SE ORGANIZA, BUSCANDO VENCER O RACISMO E O MACHISMO, DO NEGRO E DO BRANCO!!

DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Para começo de conversa, devemos nos perguntar se o **jeito** da gente lutar e trabalhar prolonga o jeito da classe dominante, ou é o contrário, há participação, há confiança, amizade, colaboração???

2. Quais são os sinais de que a luta do povo negro está transformando a vida da sociedade?

3. O que você deseja alcançar com o seu trabalho e com sua luta?

4. Estamos sendo força de transformação na nossa comunidade, no nosso movimento, na sociedade,?

5. Se você já participa de um grupo ou movimento, descreva, com todos os detalhes, o trabalho realizado por você (ou por seu grupo ou movimento) de maneira que dê para a gente entender o JEITO que você (nós) está lutando.

6. Onde é que você vai buscar forças e animação para a sua luta e para seguir lutando?

Se você ainda não participa, segue alguns endereços para você começar a unir forças

1. Quilombo Central
   APM — Agentes Pastorais Negros
   R. Tabatinguera, 301
   01020 São Paulo, SP
   Tel. (011) 35-5863 (com Irmã Graça ou Pe. Batista)
   32-0775
2. Sede Regional do Quilombo
   Frei David Raimundo Santos
   Pça. Getúlio Vargas, S/N (Igreja)
   25.520 — São João de Meriti, RJ
   Tel. (021) 756-0804
3. M.N.U. — Movimento Negro Unificado
   a/c Luiza Bairros
   C. Postal, 6423
   40.000 Salvador Bahia
   Tel. (071) 235-0527
4. Grupo União e Consciência Negra

Nota: Existem outros grupos, inclusive de Pesquizas, de estudos. Se você se comunica com um destes, eles poderão informar se existe em sua cidade, ou lugar, ou como você iniciar um grupo novo.

Dia de Zumbi dos Palmares
20 de novembro
Dia Nacional da Consciência Negra

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM

MULHER NEGRA:

TRAVESSIA

ESTA HISTÓRIA EU NÃO CONHECIA

3

BIBLIOTECA DA
Catequese
ITAGUAÍ

Apresentação

A SÉRIE "**ESTA HISTÓRIA EU NÃO CONHECIA**" PRETENDE SER UMA TENTATIVA DE LER A REALIDADE DO NEGRO DE UMA FORMA DIFERENTE. HÁ TRÊS ANOS, POR OCASIÃO DA COMEMORAÇÃO DE MORTE DE ZUMBI - **20 DE NOVEMBRO**, INICIAMOS A PUBLICAÇÃO DOS FOLHETOS. O PRIMEIRO SAIU COM O NOME QUE SERVIU PARA DESIGNAR A SÉRIE. O SEGUNDO, "**A VIOLÊNCIA NOSSA DE CADA DIA**", SIGNIFICOU UM PASSO ADIANTE EM NOSSA REFLEXÃO EM 1985, ENTREGAMOS ESTE, SOBRE A MULHER NEGRA, EM AGRADECIMENTO A TODOS AQUELES QUE NOS TEM DADO APOIO E NOS ANIMADO A SEGUIR EM FRENTE COM O PROJETO.

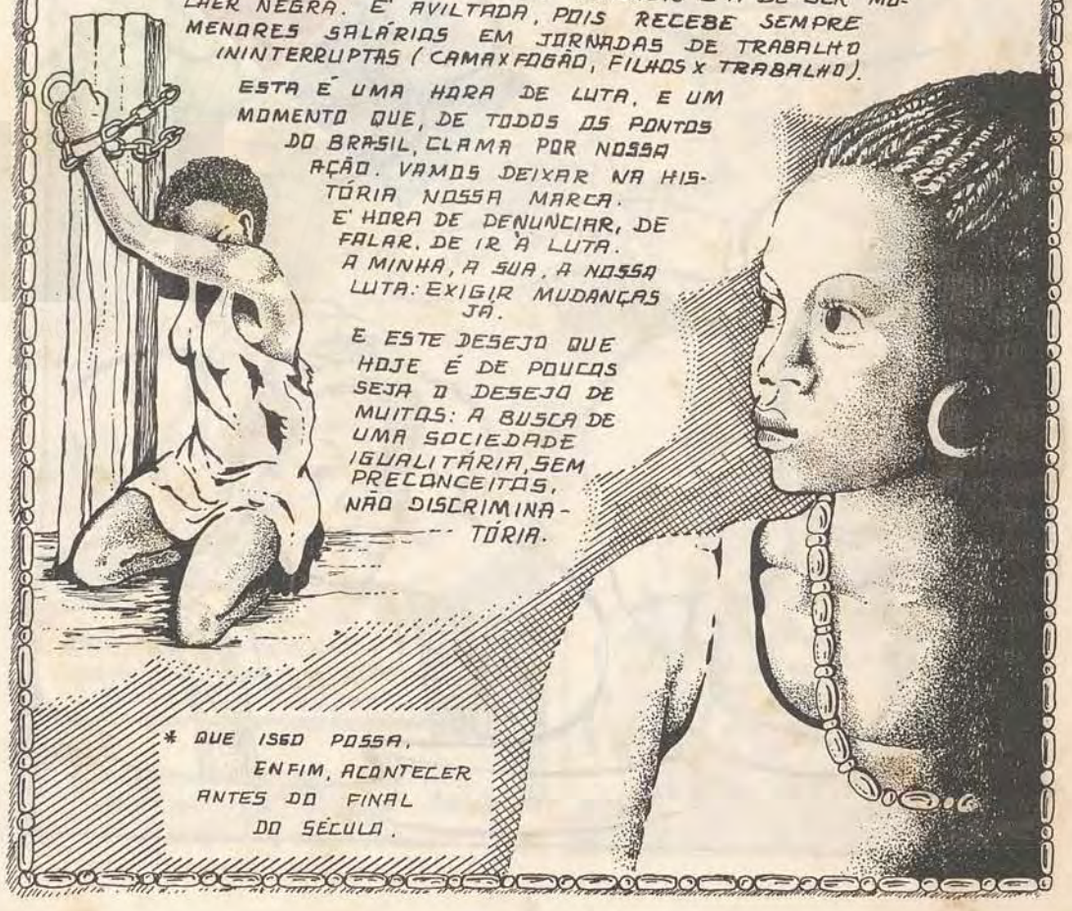
ELE SERVIRÁ, TEMOS CERTEZA, PARA VOCÊS, JOVENS E ADULTOS NEGROS, PENSAREM NA SITUAÇÃO DA MULHER EM NOSSA SOCIEDADE. ESSA MULHER QUE RECEBE DUPLA DISCRIMINAÇÃO: A DE SER MULHER E A DE SER MULHER NEGRA. E' AVILTADA, POIS RECEBE SEMPRE MENORES SALÁRIOS EM JORNADAS DE TRABALHO ININTERRUPTAS (CAMA x FOGÃO, FILHOS x TRABALHO).

ESTA É UMA HORA DE LUTA, E UM MOMENTO QUE, DE TODOS OS PONTOS DO BRASIL, CLAMA POR NOSSA AÇÃO. VAMOS DEIXAR NA HISTÓRIA NOSSA MARCA.

E' HORA DE DENUNCIAR, DE FALAR, DE IR À LUTA.

A MINHA, A SUA, A NOSSA LUTA: EXIGIR MUDANÇAS JÁ.

E ESTE DESEJO QUE HOJE É DE POUCOS SEJA O DESEJO DE MUITOS: A BUSCA DE UMA SOCIEDADE IGUALITÁRIA, SEM PRECONCEITOS, NÃO DISCRIMINATÓRIA.



* QUE ISSO POSSA, ENFIM, ACONTECER ANTES DO FINAL DO SÉCULO.

DONA OLÍVIA, PRETA DA ÉPOCA DO CATIVEIRO, PUXA SEU CIGARRINHO E CONVERSA COM SUAS TRÊS NETAS

DONA OLÍVIA - 93 ANOS

EFIGÊNIA, 35 ANOS MÃE SOLTEIRA.

ROSA - 18 ANOS

HELENA - 25 ANOS

COMO VOCÊS ESTÃO FORTES MENINAS! E BONITAS...

QUEM ESTÁ FORTE E' A SENHORA, COM ESSA IDADE TODA E AINDA LEMBRANDO DE TANTA COISA

E' PORQUE NO SEU TEMPO VOCÊS TRABALHAVAM MENOS TINHAM UMA VIDA MAIS TRANQUILA E COMIAM MUITO MELHOR.

VOCÊS NÃO SABEM MENINAS MAS A MULHER NEGRA SEMPRE AGUENTOU O BATENTE.

DONA OLÍVIA, COMO SE VIAJASSE NO TEMPO E NO ESPAÇO, COMEÇA A LEMBRAR E FALAR DA VIDA E DO TRABALHO DA MULHER NEGRA.

A VIDA NOSSA ERA MUITO DURA...

A COLHEITA DO CAFÉ

O TRABALHO DURO DO PILÃO.

A TINA DE ROUPA

O FERRO DE BRAZA

NÃO PENSEM QUE SEJA SÓ ISTO NÃO!

ERAM MAUS TRATOS, CASTIGOS. ALÉM DE SATISFAZER AS VONTADES DO PATRÃO...

... E NÃO VÁ BATER COM A LINGUA NOS DENTES, SENÃO...

MINHA OBRIGAÇÃO ERA: TRAZER TUDO A TEMPO E A HORA, ENFEITAR SINHAZINHA; ELA DEVIA FICAR BONITA. Ô' TEMPO RUÍM! E NÃO ACABOU COM A ABOLIÇÃO!

HOJE

VEJO QUE A VIDA DE VOCÊS TAMBÉM NÃO TÁ FÁCIL.

AS TRÊS CONVERSAVAM, ENQUANTO DONA OLIVIA BOCEJAVA.

A VÓ TEM RAZÃO VEJAM SÓ A VIDA DE NÓS TRÊS...

DE LÁ PARA CÁ A SITUAÇÃO QUASE NÃO MUDOU.

PDIS EU, MINHA FILHA, FAÇO FAXINA NUM PRÉDIO E DE NOITE AINDA GARANTO UM EXTRA NA BOITE ELITE."

ELITE DANÇAS

Boite Elite

MAS EU COMO BABÁ TAMBÉM AGÜENTO MINHAS BARRAS:
- A GUARDA DOS MENINOS,
- A DESCONFIANÇA DA PATROA,
- AS CANTADAS DO DR. SÉRGIO.

ROSA: EU DEIXEI O DINHEIRO E ELE DESAPARECEU DAQUI. O SÉRGIO NÃO VEIO EM CASA HOJE.

ESCOLA

CURSO SUPLETIVO

E AINDA ACHAM QUE ME FAZEM UM FAVOR PDIS "ATÉ" PERMITEM QUE EU FAÇA O SUPLETIVO À NOITE.

E EU? MEU FILHO HOJE EU NEM SEI POR ONDE ANDA!
MINHA VIDA É "COLAR BARRIGA" NO FOGÃO DO RESTAURANTE "CHIC", NA ESPERANÇA DE MELHORES DIAS...

MULHER NEGRA NO BRASIL SÓ TEM VEZ SENDO ARTISTA DE T.V.!

CLEMENTINA DE JESUS

LECI BRANDÃO

MAS... A MULHER NEGRA NÃO LUTA SÓ COMO ARTISTA, NÃO! ELA VEM OCUPANDO OUTROS ESPAÇOS NA VIDA DOS TRABALHADORES, COMO POR EXEMPLO:
- NA POLÍTICA
- NA EDUCAÇÃO
- NA DANÇA
- NA LITERATURA
- NOS SINDICATOS, ETC., ETC...

TEREZA SANTOS

MARLENE SILVA

CAROLINA DE JESUS

BENEDITA DA SILVA

E TEM AINDA A LUTA DA MULHER NEGRA QUE A GENTE DESCONHECE E NÃO APARECE NA TELEVISÃO...

POSSEIRO ASSASSINADO

NO DIA 6/10/85, O JULIO RODRIGUES DE MIRANDA FOI ASSASSINADO E BALEADA SUA ESPOSA, PAIS DE APARECIDA (**CIDA**) PRESIDENTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE UNAÍ, MG. ANTE A VIOLÊNCIA DO LATIFUNDIÁRIO E DO IMPÉRIO DA INJUSTIÇA, **CIDA**, NEGRA, TRABALHADORA E LÍDER SINDICAL RURAL, DECLAROU:

ESTA LUTA NÃO PODE PARAR, PORQUE O SANGUE DE MEU PAI NÃO PODE TER SIDO DERRAMADO EM VÃO.

Foi assassinado no dia 06/10/85, às nove horas da manhã, o posseiro Júlio Rodrigues de Miranda (46 anos), e baleada sua esposa, D. Cipriana da Cruz Rodrigues (44 anos), pais de Aparecida Rodrigues de Miranda (Pres. do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Unaí, Minas Gerais).

O fato ocorreu na localidade de Mandiocal (Fazenda Riacho dos Cavalos), Município de Bonfinópolis de Minas.

O Sr. Júlio de Miranda, juntamente com mais 11 famílias, moram na área há 23 anos. Tudo o que foi feito na fazenda — estradas, roças e até pastos para os bois — foi feito pelos posseiros.

Em 1972, Boaventura Moreira Magalhães, latifundiário inclusive na Bahia, comprou a fazenda de Floriano Costa, começando a grilar terras de pequenos proprietários e pressionando os doze posseiros para que saíssem da área.

- *Em 1972 exige 30% das roças dos posseiros;*
- *manda plantar capim nos lugares onde os posseiros cultivavam suas roças;*
- *em 1983 derruba a casa do Sr. Júlio. Passa a não deixar os posseiros fazerem novos roçados;*
- *em 1983 Itamar Rodrigues de Miranda (17 anos), filho do Sr. Júlio, é ameaçado de morte por Boaventura;*
- *Boaventura expulsou quatro famílias de posseiros da área.*

Desde 1972 os posseiros da comunidade de Mandiocal são perseguidos por Boaventura.

A comunidade de Mandiocal fica distante 15km. do distrito de Natalândia. Para se chegar lá é preciso andar 12km a pé; isto porque Boaventura nunca deixou os posseiros fazerem estradas. Colocou também jagunços nas duas entradas da fazenda para vigiar os posseiros.

O Sr. Júlio era homem de muita fibra. Lutador, nunca aceitou as injustiças praticadas por Boaventura.

O Sr. Júlio, que havia requerido usucapião de sua posse, abriu novo roçado, mas sabia que Boaventura o mataria. Ele passou seu roçado antigo para Sabino, seu cunhado, que havia sido expulso da área pelo fazendeiro, mas retornou à terra.

Boaventura foi à casa de Sabino "tirar satisfação", porque ele havia voltado para a terra. Sabendo que Boaventura estava na casa de Sabino, o Sr. Júlio e D. Cipriana foram dar o seu apoio a ele.

Boaventura, sem apear do cavalo, ao ver Júlio e Cipriana começou a gritar com eles, dizendo que no outro dia iria derrubar o cercado com os bois. D. Cipriana disse ao fazendeiro: "o novo roçado foi aberto porque os filhos dos posseiros precisavam comer, não estavam com a barriga cheia como ele não". Imediatamente Boaventura sacou o revólver, deu um tiro em D. Cipriana e dois no Sr. Júlio, que tombou morto.

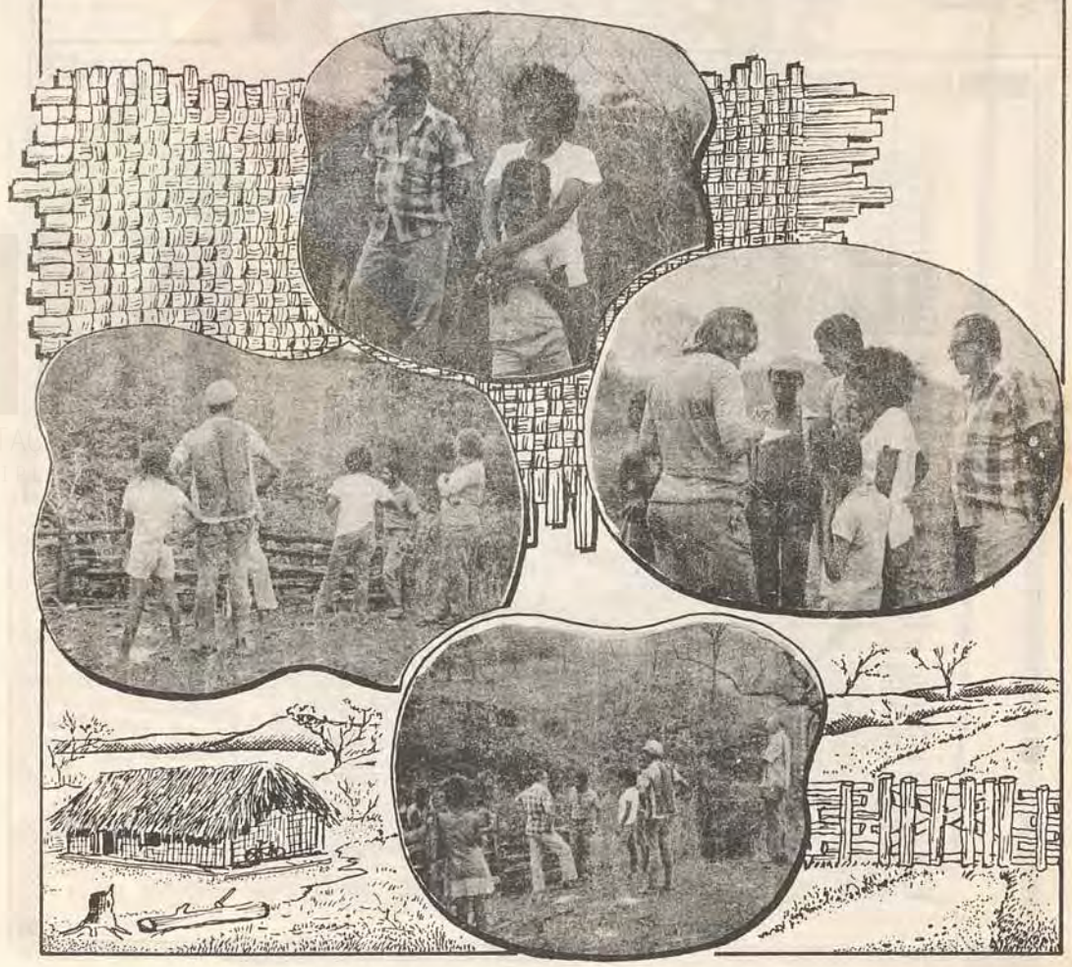
Boaventura saiu em direção à casa de Lucas, outro posseiro, irmão de D. Cipriana, para matá-lo, mas ela, mesmo ferida, levantou-se indo buscar ajuda. No caminho, encontrando-se com Boaventura gritou-lhe várias vezes: "Meu marido morreu, mas morreu lutando pela Justiça".

Boaventura está foragido. O Sr. Júlio foi enterrado na própria comunidade de Mandiocal.

Nota assinada pela CPT—MG — CEBs — PT de Unaí — GRUCON (Grupo de União e Consciência Negra) — TRILHANDO — Centro de Assessoria aos Movimentos Populares e Sindicais — CIMI (Movimento do Sem Terra) — CEM (Centro de Educação do Menor— — Associação dos Moradores do Bairro Canaã — Clube das Mães (Divinéia) — JOLAN (Jovens Ligados ao Mestre) — Movimento Jovem Amizade — STRs de Unaí e outras entidades.

MIRE E VEJA:

ESTE CHÃO
ESTA TERRA
TÊM UMA HISTÓRIA
DE LUTA E CORAGEM
PARA A FAMÍLIA
DE CIDA



O IBGE REVELA A "DEMOCRACIA RACIAL"

Filme

Uma montagem: Joana Siqueira, de episódios até as 6h uma tênis dessa época. Filmou uma esta tinha, ao mesmo tempo, ao que diz Bia Ho ter lá ver seu custo e a

Mal Bisnetos negra, apenas sete exemplares Sete e Cantar de 1000 para filme inglês "Almas em ... milhões sob a direção dos tantes negros como Jo Davies, Rodney Lemon também, uma mulher, apaixonada e engaja tempo.

Aposentada, Bea desd de 1980, foi ligada a Brasil, cantou e atuo... ... se consolidou também... ... tempo teve ... e fazia ... e bate ... uma condição d ... Ela observa ... também, homens pe ... trabalhar ao m ... Brasil, Mandela ... Brasil, e não ... Ela considera ... Orestéia. ... estrangeiros ... tarde: houve e go

Um tipo

Conforme citamos Thiesen em 1982. Filmou mas deu quase prostituta ... ... sobre mesmo ... depoimento, alcoólatra, ... de uma arrivista ... principais filmes, destaca... ... do Brasil, ... "Zé Dias", Glauco... ... Mendes, ... Orestes e Jacques Pinheiro, ... Oduvaldo Vianna ... de Trás, ... Adeus à Sua Companheira" e de Domingos, no filme ... Antonio Fagundes, "A Amor" (Lá Bonde, 30), ... to de Arthur Schnitzler ... ... de Miguel ... para a época, "As Três Bonecas de Saias Rodado, do papa da "Paris Está em Ch ... ... no Carro-Dormitório ... Maria Duarte ("A Cabo ... la Grassini, "A Nau d... Pinto e Oduvaldo Vianna ... "Chamada Para um M... Deadly Affair) de Sidney ...

Balé da Ci... volta a da... Victor Nav...

"Vivaldi", para o "20 "Quatro Estações", "Dan... e Prokofiev, estão estre... bauer, e "Apocalipse", ... de João Mac Lau... coreografias de Victor N... os quais o Balé da Cid... Paulo recentemente bon... artiste espanhol. Como o ... foi criado por artistas ... será injetado de bom sa... ele dirigiu no Teatro ... dois mil lugares, i... Cidade e a idéia de rec... ... ...

SE A NOSSA HISTÓRIA A GENTE NÃO SABE DIREITO, TÁ PASSANDO DA HORA DE FICAR SABENDO...

PRÁ COMEÇO DE CONVERSA JUNTE A TURMA E DISCUTA AS QUESTÕES:

1. EM QUE SITUAÇÃO VOCÊ SE IDENTIFICA COM A HISTÓRIA DESTE FOLHETO?

2. QUAIS SUAS SUGESTÕES EM TERMOS DE PROPOSTA DE CONSCIENTIZAÇÃO DA MULHER NEGRA?

3. QUE ASPECTOS O FOLHETO DEIXA DE CONSIDERAR E QUE VOCÊ ACHA IMPORTANTE?

TRAVESSIA

Afirmar-se como ser humano significa exigir os direitos devidos a um ser humano. Olhar-se com dignidade, como mulher negra e trabalhadora. Respeitar-se e lutar por comportamentos que a respeitem.

A luta se faz no dia-a-dia, exercendo o poder da construção de uma sociedade nova, aqui e agora. Essa sociedade se inicia na discussão aberta e franca com pais, maridos, filhos, companheiros, vizinhos e amigos, levantando a cabeça, alongando os corpos, refletindo sempre sobre atitudes machistas e racistas. Negando-se a aceitar violências verbais, físicas e sexuais, em qualquer momento e lugar, condenando toda forma de humilhação social.

Enfim, valorizando-se como ser humano, que tem uma história para contar e uma outra para fazer, com direito ao trabalho em igualdade de condições, tanto de salários como de oportunidades. MULHERES: SIM. NEGRAS: SIM. TRABALHADORAS: SIM, LADO A LADO DAQUELES QUE LUTAM PARA mudar o curso da história do Brasil, na cidade e na área rural, em todos os lugares, lutando por uma sociedade sem qualquer discriminação, de nenhuma espécie, quer sexual, sócio-econômica ou racial.

TRAÇOS

Marcos A. Cardoso

. . . De repente, sinto teus olhos
Escuros e profundos, brilhar
Como faróis, navegando
Na escravidão do mundo,
Conter o bote, salto felino a esperar. . .

A certeza de que o cabelo "duro"
É tão belo, duro quanto a vontade
Surda e forte no coração, a perguntar:
— De que adianta alisar
As cabeças, já tão marcadas a frio,
a ferro, fogo e chibatadas. . .

Vãs tentativas de trocar a cor
traço comum
De corpos arrepiados, sempre a pedir
A voz, grito surdo, muda
No momento em que a dor,
Medonhamente, passa a exigir
Muito mais do peito ávido,
Da pele, do suor, da cor
Negra raiz da África
Marca do mesmo corpo
da mesma voz
da mesma luta
do mesmo sangue
Dos mesmos que tombaram
no mesmo chão
Por um grito de LIBERDADE. . .

Marcos A. Cardoso é membro do
MNU (Movimento Negro Unifico).

Pedidos para:
MARIA MAZARELLO RODRIGUES — MAZZA EDIÇÕES
Rua Bragança, 101 — Tel.: (031) 467-6999
30.280 — Belo Horizonte, MG
ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

negro

tem valor

ep

NEGRO TEM VALOR

EDIÇÕES PAULINAS

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INTERDISCIPLINAR - UERJ

Subsídio elaborado pelo
Grupo de Trabalho contra a Discriminação Racial

Endereço do Grupo de Trabalho:

Comissão Justiça e Paz
Praça da Sé, 1
40.000 Salvador — BA

Revisão

Gilmar Corazza

Ilustrações

Domingos Sávio M. Carneiro

EDIÇÕES PAULINAS
Rua Dr. Pinto Ferraz, 183
04117 — São Paulo — SP (Brasil)
End. telegr.: PAULINOS

© Edições Paulinas — São Paulo, 1986
ISBN 85-05-00564-3

INTRODUÇÃO

Este roteiro nasceu depois de alguns encontros de reflexão sobre o racismo e de algumas reuniões de jovens negros, num bairro da periferia de Salvador. Logo chegou a necessidade de termos algum material que nos ajudasse a "espalhar a voz" e a combater o racismo que existe em nossa sociedade. Preparamos este roteiro para ajudar outros grupos de jovens que se reúnem no bairro, nas igrejas, nas escolas e que moram nas periferias das grandes cidades, a descobrir o racismo e a começar esta luta para vencê-lo.

Cada encontro é composto de três partes:

1) VER — (o que acontece ao nosso redor): um fato da vida e umas perguntas para acrescentar outros fatos, experiências e vivências pessoais;

2) JULGAR — um texto de reflexão com algumas informações e perguntas para ajudar a julgar as situações analisadas no encontro;

3) AGIR — aqui vão só algumas sugestões. Se gostarem das tarefas sugeridas, façam outras. O importante é fazer alguma coisa, ainda que pequena.

Se alguma reunião deste roteiro leva pra longe ou é difícil demais, deixem pra lá... É melhor ver o que acontece em suas vidas e histórias. E, mais importante ainda, ofereçam a todos a possibilidade de falar.

QUE CADA UM TENHA VEZ E VOZ.

Os grupos cristãos poderão se perguntar o que tem a ver o Evangelho e Jesus com tudo isso.

Esperamos suas observações, críticas e sugestões para melhorar este livrinho.

Pra começar...

VER

Tonho estava pensando passar o sábado como sempre: encontrar Manoel, Gilmar e os outros: bater um papo, ir à discoteca, namorar um pouco, talvez um sambão... Mas desta vez não deu certo. Ficou lá esperando os amigos, até aparecer Luís.

LUÍS — Oi, tudo bom?

TONHO — Mais ou menos...

L. — Que tá fazendo aqui? Por que não vai com a gente? Tem um encontro, lá no Centro, sobre racismo... Não ponha esta cara, rapaz!... Nunca ouviu dizer: 'negro não presta, negro é burro, aqui negro não entra...'?

T. — Tô até cansado de ouvir!

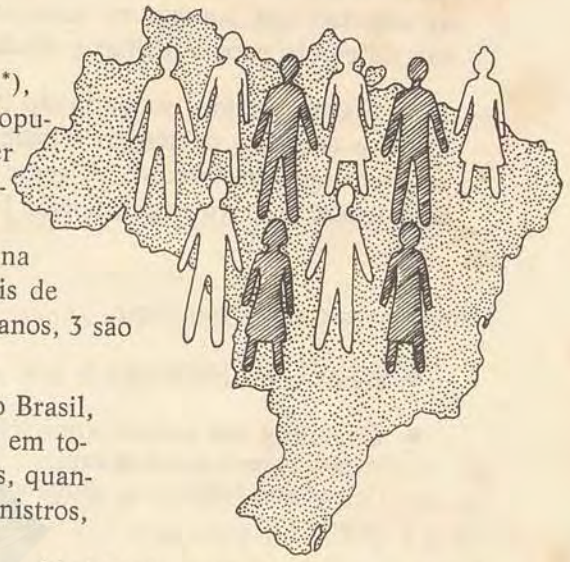
L. — Vamos! Me acompanha até o ônibus e falamos um pouco disso.

Tonho não estava com vontade nenhuma, mas acabou indo com Luís e começaram a falar de todas as vezes que alguém barrou eles na porta de um prédio, das brincadeiras dos meninos brancos na escola, daquela vez que apanharam da polícia...

- Não aconteceu nunca com você?
- No seu ambiente familiar, escolar e de trabalho já percebeu tratamento de desigualdade entre brancos e negros? Como se sentiu?
- Quais as dificuldades que sente ou enfrenta sendo negro(a)?

JULGAR

Vamos aprofundar um pouco a coisa: Naquele encontro sobre racismo, Tonho ouviu dizer:



— No Brasil, nós negros somos quase 50 milhões (*), isto é, mais de 40% da população brasileira (40% quer dizer que, de cada 10 brasileiros, 4 são negros).
Em alguns estados, como na Bahia, chegamos a ser mais de 75%: isto é, de cada 4 baianos, 3 são negros!

— Se não existisse racismo no Brasil, deveríamos estar presentes em todo lugar da sociedade. Mas, quantos negros são médicos, ministros, advogados, professores?...
Quantos estudam na universidade? Quantos negros são ricos? Por que no Congresso Nacional em Brasília há tão poucos negros? Por que na Assembléia da Bahia não há ninguém? Deveríamos ser 75%, lá também!

— Mas tanto na Bahia, como em outros estados, percebemos que, se qualquer negro cometer um engano, errar ou fracassar em alguma coisa, somos logo julgados por sermos negros; jogam em nossa cara a suposta causa do fracasso, a cor de nossa pele: "só podia ser negro!", "sujeira só parte de negro mesmo!"...

(*) nota: segundo o último censo de 1980, onde os negros foram divididos em pretos e pardos.

— Nossa sociedade é racista porque quer que nós, negros, participemos dela como inferiores e não como iguais. Por isso, a maioria dos negros são biscateiros, desempregados ou trabalham duro e recebem salário de fome. Como conseqüência, são pouquíssimas as crianças que conseguem terminar o primeiro grau: têm que sair da escola para trabalhar e ajudar em casa...

— Nós, negros, estamos despertando para a luta...
Estamos cansados de sermos tratados pela cor de nossa pele e de ser chamados de "pretos". A gente pertence a um povo nobre e trabalhador, o povo negro. Somos NEGROS e não pretos!

Vamos pensar um pouco nisso:

- Vocês concordam com o que acabamos de ler?
- 'Os outros nos tratam como inferiores'.
  Vocês acham justo isso?
  Coloquem fatos que demonstrem que os negros não são inferiores.

AGIR

Uma sugestão:

Façam uma pequena e rápida pesquisa em seu bairro para ver:

— Quantas crianças negras há na escola (de 1º grau e 2º grau).
Há mais na 1ª ou na última série? Por quê?

— Entre as crianças que trabalham, quantas são negras?

— Há médico, advogado, professor negro? Quantos?
Em que trabalhos há mais negros?

Racismo! O que é?

VER

Manoel — Ó Tonho, que há com você? Parece que está sonhando...

Tonho — To sonhando, sim...

M. — O quê? E desde quando está sonhando desse jeito?

T. — Oh, desculpe, viu. Nem te cumprimentei. Tudo bom?

M. — De melhorar...

T. — Melhorar... É isso mesmo que tava sonhando. Sabe, há alguns dias que uma coisa tá mexendo na minha cabeça. Será que podemos dar um jeito nisso tudo? Ou a gente tem de ficar sempre desempregado, sem estudos, morando nas favelas... todo mundo batendo na gente só porque a gente é negro? Será que o dinheiro só pode ficar nas mãos de branco?...

M. — Puxa, você tá fora mesmo! Vamos tomar uma...

T. — Não, obrigado. Desta vez quero pensar mesmo nisso. E ver se damos um jeito.

Tonho está assim desde quando participou de uma reunião de um grupo de jovens negros. Falavam de racismo, de que negro tem valor, de que tudo pode mudar.

Vocês também acham que vale a pena parar um pouco e falar, disso, não é? E como esta é a segunda reunião, vamos lembrar o que foi feito da outra vez:

- Todos estão sabendo o que quer dizer racismo?
- Façam alguns exemplos ou relatem fatos que aconteceram, e depois, juntos, tentem julgar o que era racismo e o que não era.

- Por exemplo: Um grupo de negros que se reúne para discutir os problemas deles, é um caso de racismo?

JULGAR

Vamos aprofundar um pouco...

Alguns dizem que o racismo sempre existiu. Outros não. O certo é que começaram a falar de raça, a dividir os homens pelas características físicas e a afirmar que alguns, os brancos, só por isso, são melhores do que os outros. Depois disseram que os brancos eram civilizados e os outros — os negros, os índios e demais povos — eram selvagens ou atrasados e que nunca tiveram civilização. Tudo isso é mentira, e muitos cientistas, hoje, demonstraram que a raça não determina a inteligência de uma pessoa, ou seu ser inferior ou superior a alguém, e que todos os povos têm civilização. Muitos cientistas até demonstraram que as raças são tantas que não se pode falar nem de "branco" nem de "negro" ou de "amarelo"... Isto é, não existem raças puras.

Mas, aquelas idéias permitiram declarar guerra a outros povos, explorá-los econômica e politicamente, escravizá-los ou, quando a escravidão terminou, manter as diferenças sociais entre uns e outros. Até a religião e a Igreja ficaram envolvidas em tudo isso.

O "racismo", isto é, considerar os outros inferiores porque pertencem a outras raças, contribuiu muito para a existência de todas essas práticas.

As principais conseqüências do racismo são:

— *os preconceitos* (de cor) = opiniões erradas acerca dos outros, formuladas sem reflexão;

— *a discriminação racial* = tratar os outros de maneira diferente por causa da raça ou cor;

— *a segregação racial* = separar, afastar, isolar dentro do mesmo país as pessoas de outra(s) raça(s). Isso, por exemplo, aconteceu por lei nos Estados Unidos e está acontecendo na África do Sul.

Alguns dizem que um grupo de negros que se reúne sozinho é racista.
Mas, vamos ver:

Há muito branco que se reúne sozinho e ninguém fala nada. Quando, por exemplo, é em razão de sua condição social: há muita reunião de banqueiro, advogado, engenheiro, onde não há negro. Enquanto numa reunião de garis ou de empregadas domésticas há pouco branco. Ninguém fala de racismo nesses casos. Também há muita reunião de japoneses, italianos, portugueses no Brasil. Reúnem-se sozinhos para lembrar melhor as suas tradições e reforçar os laços que os unem como povo. Por que os descendentes de africanos, os negros, não poderiam fazer a mesma coisa? Finalmente, quando se reúnem os diretores de uma empresa, ninguém repara na falta de operários. Assim, quando se reúnem os operários, no sindicato ou no clube, ninguém se maravilha da falta do patrão.

O que queremos dizer é que negro tem direito a se reunir por amizade, para manter vivas as suas tradições ou redescobri-las, para reivindicar os seus direitos e lutar por eles. Não porque os brancos fazem a mesma coisa, mas porque não é racismo (não é afirmar que os outros são inferiores) e é justiça (ter direitos iguais).

Para refletir:

- Conhece grupos de negros que se reúnem para manter vivas as tradições da África ou do povo negro no Brasil, ou para reivindicar direitos iguais e lutar por eles?... Até hoje, o que achou deles?

AGIR

Uma sugestão:

Procure ver com seus amigos, em casa, na escola, no lugar de trabalho, o que os outros acham do racismo. Tente dar algum esclarecimento pelo que sabe. Se aparecerem outras dúvidas, traga-as para o grupo.

Negro pobre – Negro rico

VER

Tonho, não caia nessa conversa. Estão tentando fazer a sua cabeça. Você acredita mesmo no que dizem esses caras? Afinal, o que é que estão querendo? Eu lhe digo: manchar a imagem do Brasil!

Não é verdade que existe racismo aqui. Isso é coisa dos Estados Unidos ou da África do Sul. Existe aqui uma lei que está proibindo negro casar com branca? Ou que impede negros pegar o ônibus junto com os brancos? Isso é papo furado! O que existe é uma diferença de possibilidades. Você tem grana? Pode entrar onde quiser... no banco, na política, nos clubes...

A verdade é que preto é mesmo preguiçoso. Não quer. Senão já estaria lá... E essa criançada toda que não quer estudar, só brincar na rua e vender picolé... Olha só!

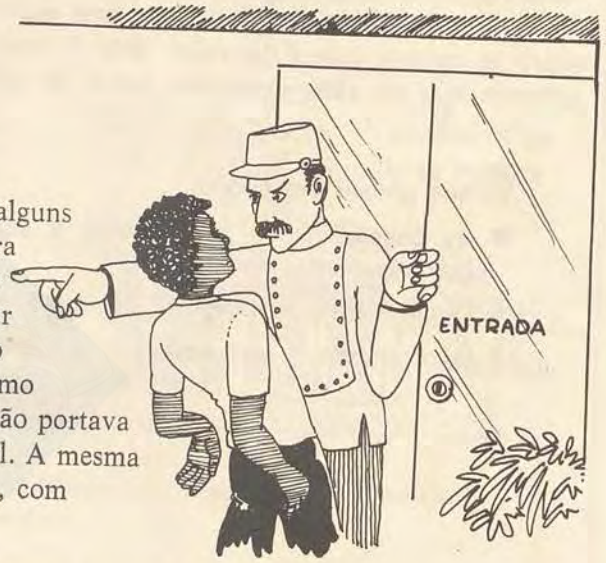
Eu estou onde estou porque quis. Nessa Sociedade, o que vale é ter dinheiro. Você tem? Ninguém vai reparar na sua cor.

Tonho continuava concordando e dizendo 'sim' com a cabeça, enquanto Del Rey falava (o nome verdadeiro era Francisco, mas todos o chamavam Del Rey pelo carro que tinha). Depois Tonho ficou pensativo...

Puxa, este cara estava desmanchando tudo. Decidiu falar desta conversa aos amigos e terminou perguntando aos outros o que achavam.

- E vocês, o que acham disso?
- É verdade que negro rico não é discriminado?
- Existe racismo no Brasil, ou negro é tratado assim só porque é pobre?
- Uma sociedade é racista só quando tem leis racistas ou quando as pessoas e seus comportamentos são racistas?

JULGAR



Olhem só...

O cantor Djavan, alguns anos atrás quando já era conhecido como grande nome da música popular brasileira, foi detido no centro de São Paulo como *"desocupado"*, porque não portava uma carteira profissional. A mesma coisa aconteceu, no Rio, com Luís Melodia.

Graciette Ferreira Costa, advogada, foi morar com seu marido num apartamento do Rio. Os outros moradores falavam deles como um casal muito distinto *apesar* de serem negros. Paulo César Lima, jogador de futebol, foi barrado na porta da sede do Fluminense; o porteiro foi claro: "O clube não permite a entrada de preto!"

Quando José Pompílio da Hora, professor de Direito, quis começar a carreira diplomática, responderam para ele: "Você pode ser tudo, menos diplomata. Por que não vai trabalhar no Cais do Porto?"

Esses são só alguns fatos que manifestam que o racismo discrimina também negros ricos. Quando um negro tenta ocupar lugares que sempre foram ocupados por brancos, logo se enfrenta com a barreira do racismo. E se conseguir, é vítima da humilhação dos outros, quase todos os dias, como uma tortura. Até a amizade ou o respeito vingarem.

Muitos dizem: "brancos e negros pobres são iguais!" Mas quando chega um emprego, quem fica com ele geralmente não é o negro. Assim também os negros sofrem discriminação quando buscam melhores condições de moradia, parceiro amoroso, médico, clube...

Pessoas que estudaram bem a coisa dizem que é mentira que o racismo existe só entre pobres e ignorantes. Uma recente pesquisa publicada na Folha de São Paulo mostra que o racismo se dá mais entre ricos do que entre pobres. Ali muitos chegam a dizer que poderiam aceitar um patrão ou prefeito negro, mas que não aceitariam que um negro se casasse com filha deles. Isso é como dizer: "fora de casa agüento, mas em casa, negro não entra, de jeito nenhum!..."

Vamos pensar um pouco...

- As possibilidades para chegar a ser rico são iguais para brancos e para negros?
- Quem é mais favorecido? Por quê?
- Isso também é racismo?

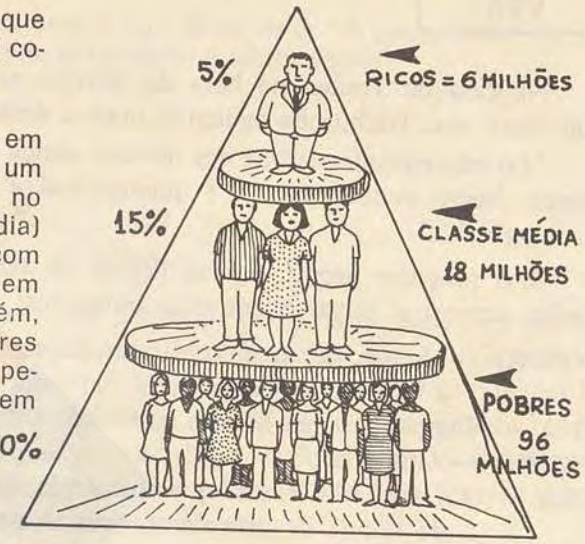
AGIR

Uma sugestão:

Já ouviram falar de que a nossa sociedade é como uma pirâmide?

Há muitos pobres em baixo, alguns com um pouco de dinheiro no meio (= classe média) e pouquissimos com muito dinheiro bem em cima. Acontece, porém, que os trabalhadores pobres sustentam o peso de quem está em cima.

No Brasil é assim.

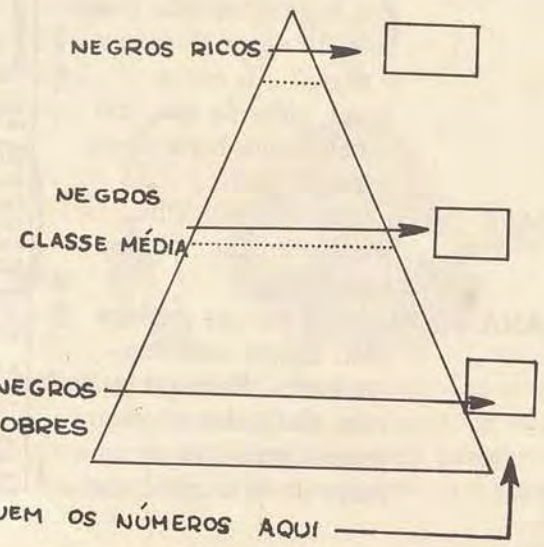


Tentem agora fazer a pirâmide dos negros na sociedade. No seu bairro, por exemplo:

— Quantos negros ricos há?

— Quantos negros de classe média? (isto é, têm carro que não usam para o trabalho, os filhos estudam em bons colégios, têm boa comida...).

— Quantos negros pobres?



Branco é bonito, eles dizem...

VER

Na casa de Tonho, na hora da novela, ninguém abre a boca. Mas desta vez, Tonho não agüentou mais e desabafou:

"Eu não entendo porque nas novelas nunca se vê uma família de negros. Negro nunca aparece, e quando está é motorista, doméstica ou marginal..."

Mas ninguém pegou. Foi só depois de terminar a novela que Tonho conseguiu puxar a conversa outra vez:

TONHO — Então, por que, com tanto negro que tem por aqui, na TV só cabe branco?...

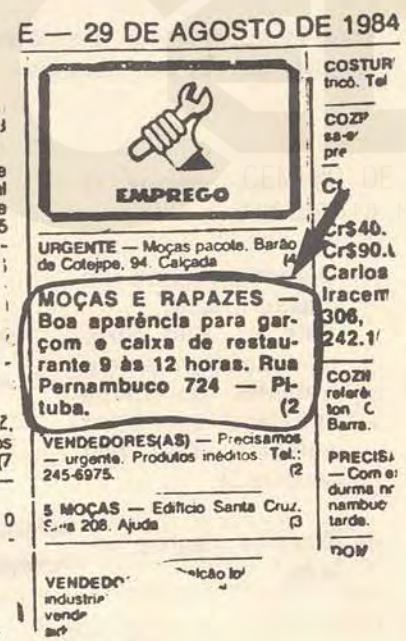
ANA — Claro que sim! Branco é bonito, preto é feio.

TONHO — Que é isso?...

ANA — Ah, você não lembra que no colégio, quando havia a escolha da rainha da primavera, menina preta não entrava? Podia ser até bonita, mas era a loura e branquinha que ficava como rainha. E você nunca viu meninos na rua fazendo pouco caso do outro só porque é negro?... É que a gente, além da cor, tem cabelo ruim, nariz chato e beiços feios...

MÃE — Eu acho que não, filha. Você é bonita... já tem namorado...

ANA — Ah, sim? Porém, esta manhã, aquele cara sem-vergonha disse que pra mim não tinha emprego porque precisava de uma moça de 'boa aparência'...


E — 29 DE AGOSTO DE 1984

EMPREGO

URGENTE — Moças pacote. Barão de Cotejipe, 94. Calçada (4

MOÇAS E RAPAZES — Boa aparência para garçom e caixa de restaurante 9 às 12 horas. Rua Pernambuco 724 — Pituba. (2

VENDEDORES(AS) — Precisamos — urgente. Produtos inéditos. Tel.: 245-6975. (2

5 MOÇAS — Edifício Santa Cruz, S...a 208. Ajuda (3

VENDEDO... indústria vende...

COSTUR... tricô. Tel

COZI... sa-e pre

Cr$40.
Cr$90.
Carlos
Iracem
306,
242.1

COZI... referê... ton C... Barra.

PRECIS... — Com e... durma n... nambuc... tarde.

NOW

- Isso é racismo?
- Esta maneira de pensar é só de alguns ou está na cabeça de todos?
- Quem bota isso na cabeça da gente: A escola, a televisão, a família, os brancos?...
- Você concorda com o que disse Ana: "A gente, além da cor tem cabelo ruim, nariz chato e lábios feios"?

JULGAR

Vamos aprofundar um pouco...

É esquisito: todos ficam pensando que uma mulher, para ser bonita, tem que ser branca, loura e de olhos azuis. Talvez seja porque, desde criança, encontramos nos livros de escola imagens de crianças felizes (sempre brancas); e nos dizem na TV que cabelo bonito é cabelo que sacode...; vemos que as vencedoras de Miss Mundo são sempre louras...; até Jesus, Nossa Senhora, e Adão e Eva, são sempre representados como louros, de olhos azuis!...

Muito negro acha que, para ser gente, é preciso imitar o branco... e então alisa o cabelo, procura encontrar alguém que é mais escuro para dizer, a si mesmo, que não é tão negro assim... Até nas famílias, o mais escuro é o que sofre mais.
Tem moreno mais claro que logo passa do lado dos brancos. Tem até moça que tenta afilar o nariz ou que nunca vai na praia com medo de ficar mais escura.

O pior é que, como é impossível tornar-se branco, muitos ficam se odiando. É isso mesmo! Não gostam de seu cabelo, do nariz, de sua cor, e ficam desprezando a raça. Às vezes fazem isso sem perceber. Depois querem casar com branco(a) para limpar o sangue... ou para

que os filhos não sofram como ele(a) sofreu e tenham mais possibilidades de estudar, encontrar trabalho ou até chegar a ser ricos.

Tudo isso é culpa de uma maneira de pensar e tem também um nome: chama-se de *'ideologia do branqueamento'*. São palavras um pouco difíceis, que querem dizer que tudo na sociedade leva a pensar que "branco é bonito e melhor; e preto é feio e ruim". Isso, porém, não é verdade. É a idéia racista que uns poucos tiveram no fim do século passado e botaram isso na cabeça de todos, através de palavras, exemplos, livros e escolas, jornais... e até crenças religiosas (onde jamais se viu santo preto?).
E continua até hoje...

Ora, isso não tem fundamento científico nenhum!

E além disso, cada povo tem sua imagem do que é belo, assim como cada povo usa as cores como quer. Na Europa, por exemplo, o branco é a cor da pureza e o preto a cor do luto; mas, na Índia é o branco a cor da morte e do luto!

Assim entre os povos africanos existe outro padrão de beleza: o cabelo natural (black) ou que permite vários penteados e trancinhas diferentes, os olhos profundos, os grandes lábios, a pele cor de Angola... tudo isso é beleza na África. Por que não pode sê-lo entre nós também? Ou será que estamos condenados a pensar como uns poucos querem que pensemos?

Vamos tentar responder a estas perguntas:

- É verdade que muitos acham no Brasil que "branco é bonito e preto é feio"?
  Você já tinha reparado nisso e nas suas conseqüências?
- Como mudar esta maneira de pensar?
  Como mostrar que negro é bonito, inteligente e tem muitas outras qualidades?

AGIR

Duas sugestões:

— Procurem alguns livros de escola ou algumas revistas, ou um jornal da cidade, e examinem quando aparecem brancos e quando aparecem negros.
Tentem descobrir também as situações em que aparecem (como iguais, com inferioridade; quantas vezes, onde...); podem fazer a mesma coisa com a TV (novelas, comerciais, Jornal Nacional... etc).

— Comecem desde hoje a afirmar com mais consciência que negro é bonito. Façam isso com seus parentes, amigos, crianças... quando necessário explicando o porquê.

Gostar de Negro

VER

Tonho estava lá sentado, no fundo do ônibus, com os olhos fechados, voltando para casa.

O Carnaval tinha acabado, este ano também. Outro ano! Mas este foi diferente. Por isso agora não dormia, mas estava lembrando tudo o que tinha acontecido nos últimos dias...

A morte da vovó Tereza... Depois dos 80 anos já falhava um pouco, mas era sempre simpática. Ela gostava de falar do avô dela, Jorge, homem alto e forte, um dos últimos escravos. Tonho lembrava que quando vovó Tereza começava a falar da escravidão, ele não gostava e ia embora. Isso lhe doía dentro... ele, descendente de escravos!... Melhor esquecer. E agora que queria saber mais, não podia. Vovó Tereza sempre dizia que o avô Jorge era ussá. Tonho não sabe nem porque, mas, depois da morte da vovó, tinha começado a perguntar aos amigos o que queria dizer ussá. Até que encontrou Luís, do movimento negro. Ele sabia de história e dessas coisas... Muitas explicações, Tonho não entendeu, mas descobriu que ussá (Luís dizia 'haussá') era um povo da África, chamado também de Malê. Homens fortes e sabidos. Os primeiros deles até tentaram fazer uma revolução em Salvador. O avô Jorge devia ser descendente deles, ou um dos últimos chegados...

Depois chegou o Carnaval! Os outros anos era só pular e "tomar" e dormir na rua. Este ano, Tonho fez questão de ver todos os afoxés e os blocos afros. Que bonitos! As músicas dos Filhos de Gandhi, o Ilê cantando Angola, o Araketu, o Malê Debalê... Este ano foi só África e só negro!

Saltando pela porta traseira, se perguntou o que estava acontecendo com ele. Começava a gostar de ser negro!... Luís dizia que isso

era *assumir-se*. Agora entendia... não tinha mais vergonha de ser negro. Pelo contrário... ele, filho de malê, filho da África... Agora gostava de ser negro!

- O que quer dizer gostar de ser negro?
- Já encontrou negros que gostam de ser negros? Quando?
- O que pensa de si mesmo? Aceita-se?
  Conte para os outros como aprendeu a se gostar.
- Alguma vez procurou saber alguma coisa de sua história e de sua família?
- O que é que sabe da África?

JULGAR

Vamos refletir...

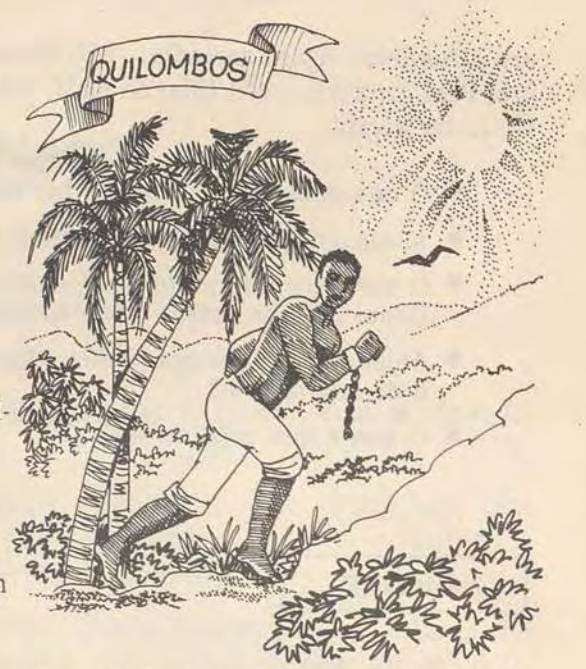
É claro que antes Tonho não gostava de ser negro ou de sua história. Nos livros de escola, os negros só apareciam com correntes, sendo chicoteados ou trabalhando como escravos. Todas as coisas bonitas eram dos brancos: as aventuras, os heróis, os trabalhadores livres, os fundadores de cidades, as descobertas científicas...

A escravidão tinha ficado nele como uma mancha, e o lugar que ocupava hoje com sua família, lá na favela, parecia ser fruto dessa 'incapacidade' do negro de fazer coisas boas.

É que Tonho não sabia que a história que tinha estudado era a história escrita por quem estava mandando na sociedade. É lógico que, quem manda, fala bem dele e mal dos outros... Se Tonho soubesse como contam a história os que foram e são oprimidos, descobriria coisas bem diferentes. Por exemplo:

- Que junto com a "civilização" os colonizadores trouxeram sofrimento e morte para os legítimos donos destas terras: os povos indígenas. Eles, não só pegaram os produtos da terra, mas "roubaram" a mesma terra.

- Que a escravidão não foi suave. Os escravos submissos e o senhor de engenho bondoso... mas que a escravidão foi cruel.



- Que muitos escravos, já desde o começo, se rebelaram e fugiram e até foram comunidades livres, OS QUILOMBOS, que os senhores de engenho consideravam "refúgio de marginais a serem destruídos" — porque eram um perigo para a existência da escravatura e seus lucros, é claro! Não eram perigo nenhum para uma sociedade justa.

- Que na África não havia selvagens, mas grandes reinos, grandes civilizações, grandes homens, destruídos através de guerras, de enganos e de corrupção.
  Naquele tempo o dinheiro comprava e mandava como hoje.

- Que as leis do sexagenário e do ventre livre não deram liberdade aos negros, pelo contrário, "descarregaram" os donos de escravos da necessidade de cuidar dos idosos e das crianças (que não podiam trabalhar).
  A abolição de 13 de maio de 1888, a Lei Áurea, deu a liberdade aos escravos... Mas, a liberdade de ser desempregados e marginais, porque muitos negros saíram das fazendas sem dinheiro nenhum, e nenhuma lei se preocupou em favorecer a entrada deles nos novos trabalhos.

Como essas, muitas outras coisas ficam escondidas aos olhos de quem não tem possibilidade de saber mais. Assim, fica-se com a idéia de que a história e a escravidão são uma mancha para os negros, quando na realidade são uma mancha para os brancos!

- Você conhece outros fatos como esses, ou é a primeira vez que escuta essa história diferente?
  (Para compreender melhor como foi possível escrever a mesma história de maneira diferente, pense como um torcedor do Flamengo e outro do Fluminense falariam do mesmo FLA-FLU. Deu para entender?...)

- É muito importante que o negro conheça e saiba escrever sua história. Como chegar a isso?...

AGIR

Uma sugestão:

Tome um fato histórico — a escravidão. Os Quilombos, Zumbi e Palmares, os Bandeirantes — ou um fato da vida: morar na favela, desemprego, pagar aluguel, fazer greve — e tentem fazer duas histórias diferentes:

— A DOS DOMINADORES
— A DOS OPRIMIDOS.

Muitas mentiras

VER

"Chatíssimo. Isso mesmo! Tá bom, o cara tinha tomado algumas, mas não podia falar dos negros assim... ficou mesmo com vontade de brigar. O outro estava bêbado, não podia... Mas da próxima vez..."

Aconteceu num bar da Pituba. Era domingo, e depois de curtir uma praia, Tonho ficou lá batendo um papo com Zeca, quando este cara começou a falar alto:

"Negro é preguiçoso. Lá na loja ninguém quer trabalhar. Só ficam batendo papo. E eu que gastei dinheiro para conseguir tudo isso! Não querem nada! Ficam na favela porque gostam de sujeira e de marginal... É mesmo: negro que corre é ladrão! E, além disso, são burros... Trabalho deles é mesmo carga pesada. E é melhor que não aprendam a ler, assim ficam lá onde estão. Negro não tem que pensar, só obedecer. É branco que foi feito pra mandar.
Graças a Deus que o Brasil foi descoberto por portugueses que trouxeram a civilização... Só com índios e negros, isso não ia pra frente. Tenham cuidado com os negros, porque quando não sujam na entrada, sujam na saída. Mas eu vou despedi-los, amanhã mesmo!"

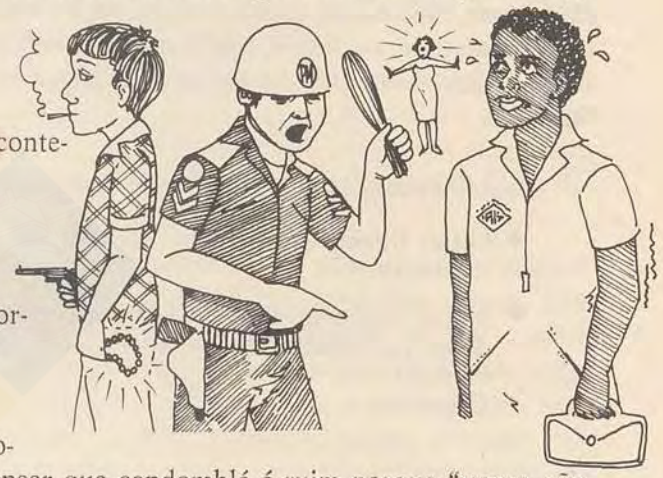
Pô, esse cara merece uma surra mesmo. Quem era ele pra ofender o seu povo? Só porque Zeca o segurou, senão...

- O que achou disso?
  Aquele cara estava falando mentiras ou dizia a verdade?
  Qual era sua experiência?
- Existem muitos ditados sobre o negro. Você conhece alguns?
  Coloque algum fato que manifesta que os ditados são mentirosos.

JULGAR

Vamos ver juntos...

Desprezar o outro é uma maneira para se defender. Não é a melhor, mas às vezes funciona. Todas essas frases que vocês encontraram nessa estória de Tonho ou que ouviram em sua vida, são uma espécie de guerra disfarçada para colocar o outro em desvantagem. Imaginem o que pode pensar um patrão quando se apresentam diante dele um negro e um branco pedindo emprego, e ele, ouvindo sempre dizer: "negro é preguiçoso"! Nem dará chance ao negro de fazer um período de prova.



A mesma coisa acontece na cabeça de um policial diante de um negro correndo: logo pensa que é marginal, porque "branco que corre é atleta, negro que corre é ladrão".

Da mesma maneira, vocês foram levados a pensar que candomblé é ruim porque "negro não tem religião: ele só pode ser feiticeiro e viver de superstição".

Essas são algumas mentiras. Não é verdade que todo negro é preguiçoso ou marginal. E não é verdade que todo branco é bom, trabalhador, rico e patrão.

A raça não faz o homem santo ou assassino. Infelizmente essas mentiras ficaram na cabeça de todos por muito tempo e alguns até acreditaram nelas na hora de entender o que aconteceu na história do Brasil ou o que está acontecendo na nossa sociedade. Por exemplo, nos livros encontramos que os índios (o racismo não é só contra negros!) eram selvagens e cruéis e que os africanos eram dóceis e obedientes; por isso, os portugueses deixaram de escravizar os índios e trouxeram pra cá africanos.

Mentira! Negro jamais gostou de escravidão!

A verdade é que muito mais pessoas ganhavam dinheiro com o tráfico de escravos africanos do que com a escravidão dos índios: pensem nos construtores de navios negreiros, nos mercadores que dirigiam o tráfico, nos fabricantes de armas vendidas na África, nos vendedores de escravos, e, finalmente, na Coroa portuguesa que recebia uma taxa por cada africano escravo (sobre os índios escravos não tinham taxa nenhuma). E como este caso, muitos outros... Isso também é racismo. E dos piores!

(Aqui precisa esclarecer uma coisa: neste livrinho se fala muito de branco. Não estamos pensando que todos os brancos são racistas, ricos ou exploradores, ou que todo branco não presta. Isso também seria racismo. Se usamos a palavra branco, é porque a maioria dos ricos e dos poderosos, no Brasil, são brancos. Isso é tão verdadeiro que, em nosso bairro, todo rico, qualquer que seja a sua cor, é chamado de 'branco').

Depois dessas observações, vale a pena perguntar outra vez:

- Essas frases são só para ofender ou atrás delas há outros interesses?
- Isto é, demonstrando que essas frases são mentiras e tirando-as da cabeça das pessoas, mudaria alguma coisa na sociedade?
  O quê?...

AGIR

Duas sugestões:

— Conhecem algum amigo que participa do Movimento Negro? Peçam a ele que esclareça um pouco para você essa questão da história e dessas idéias. Por que tantas mentiras ontem como hoje?

— Organizem um pequeno teatro, uma dramatização, para fazer com os moradores da rua, da escola, na igreja... apresentando o que pode acontecer quando acreditamos nesses falsos ditados.

Afinal, por que isso?

VER

A vida de Tonho tinha mudado bastante depois daquele encontro com Luís. Não, Luís não tinha jogado nenhuma coisa nova na cabeça dele, como se fosse o último disco de Michael Jackson, nem tinha feito a sua cabeça, como diziam alguns que antes eram seus amigos. O que tinha acontecido era outra coisa. Luís tinha ajudado Tonho a descobrir uma coisa que o fazia sofrer e que ele não sabia enxergar. Era como uma coisa invisível que ia açoitando-o, e Luís foi aquele que tinha dado ao Tonho óculos que permitiam reconhecê-la.

As coisas mudaram mesmo. Antes Tonho não queria saber nada de sua história: estava com medo ou com vergonha dela. Agora, não. Queria saber. Mas não a história como a contavam os brancos... agora queria saber como a conhecia o povo negro. Antes agüentava todas aquelas mentiras que escutava na rua, na escola, e até em casa. Agora reagia, dizia que não era verdade, defendia seu povo negro. Alguns diziam que era um revoltado ou um subversivo. Tonho tinha até medo dessas palavras... Mas, não era isso não. Ele só queria um pouco de justiça. Porque o racismo dói... e como dói! Agora que sabia reconhecê-lo, era ainda pior. Antes podia disfarçar, fingir não escutar e deixar pra lá. Agora não podia mais, porque gostava de ser negro e não compreendia como muitos não gostavam de negro.

Isso mesmo, por que ser racista, se o racismo é tão ruim? Não é brincadeira não: ele mata dentro e é pior do que matar mesmo. Por que essa injustiça? Por que considerar uns inferiores aos outros e condená-los para sempre a ser marginais, a não poder estudar, a não ter um emprego melhor, a não ser gente, a pensar que branco não pode ser amigo de negro? Por que essa injustiça?...

Vamos tentar responder a esses "porquês", começando por uma coisa mais simples: ver as conseqüências, os frutos do racismo.

- Qual é o lugar que os negros ocupam na sociedade brasileira?
- É um lugar que o negro escolheu livremente ou que outros determinaram para ele?

JULGAR

Vamos aprofundar um pouco...

Muitos acreditam que, no Brasil, vivemos numa democracia racial, onde todos têm as mesmas possibilidades. Até mesmo o presidente Geisel, numa entrevista à televisão francesa, em 1977, afirmava: "Os negros convivem harmoniosamente com todos e se não atingiram camadas mais altas e postos mais importantes no país, em sua generalidade, é porque eles chegaram um pouco tarde..." Porém, "chegar um pouco tarde" não parece ser a verdadeira razão. Afinal, os negros chegaram aqui muito antes dos imigrantes de outros países, mas em condição de não poder nunca subir na sociedade; antes porque mantidos como escravos e depois porque "abandonados"; aos imigrantes europeus — alguns sofreram muito também — foram dadas mais possibilidades do que aos ex-escravos. Até as terras, lá no Sul, onde os negros viviam em quilombos, foram tiradas deles e entregues aos imigrantes. Também porque, pensavam os fazendeiros: 'europeu é melhor e é como a gente'. Por isso, os descendentes deles hoje têm até boa representação no governo e ocupam lugares de destaque na sociedade. Conheceu algum deles?

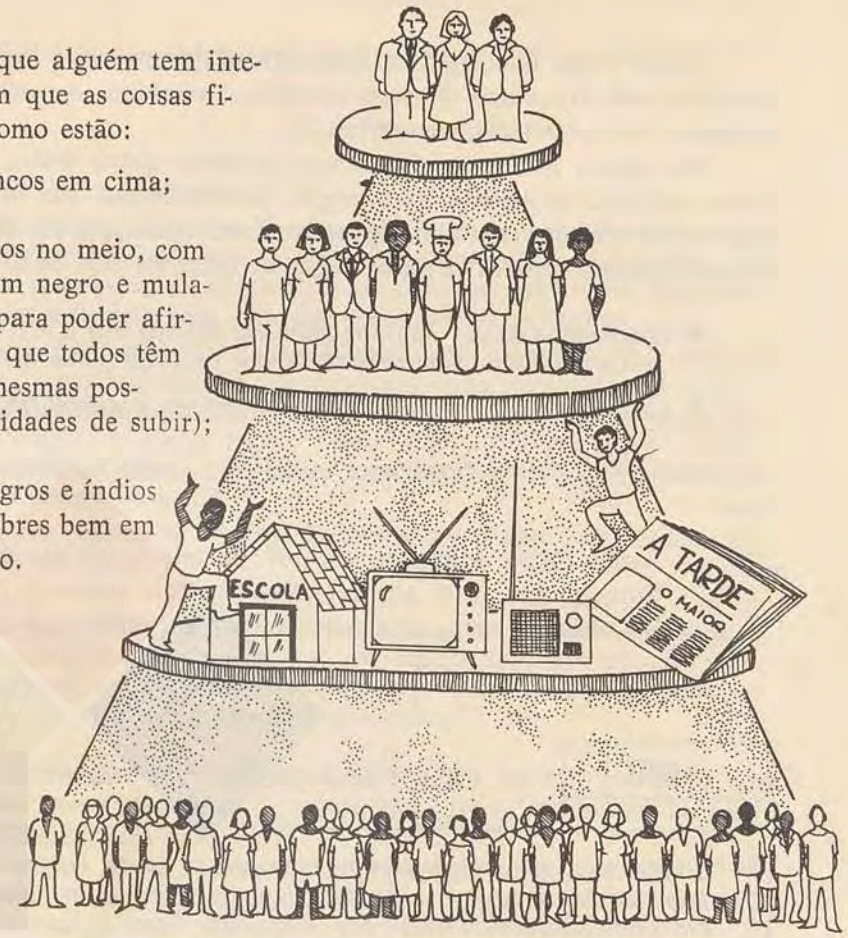
Outros afirmam que o racismo que hoje existe no Brasil é fruto da escravidão: nem passaram cem anos da abolição da escravatura e por isso, na cabeça de alguém, existe ainda a antiga distinção senhor-escravo. Talvez o passado possa determinar ainda as relações entre brancos e negros hoje, mas um fogo continua aceso só se for colocado carvão ou madeira para queimar. Se o racismo continua vivo depois de tantos anos, deve haver outra razão.

É que alguém tem interesse em que as coisas fiquem como estão:

— brancos em cima;

— outros no meio, com algum negro e mulato (para poder afirmar que todos têm as mesmas possibilidades de subir);

— e negros e índios e pobres bem em baixo.



Então, o racismo é útil porque é como um filtro que deixa subir na sociedade só os que aceitam a maneira de pensar dos de cima. Por isso, para subir, negro tem que vender a alma e tornar-se "branco"; pensar como quem manda e agradecer sempre a ele a possibilidade de ser menos pobre.

Dessa maneira, por culpa do racismo, o negro tem, além da pobreza, outra barreira que lhe impede melhorar as suas condições de vida. E forma assim um grupo social, às vezes uma massa, que só serve aos interesses de quem já possui muito:

> "Quantas pessoas a menos chegam a ser ricas, mais dinheiro fica para mim! E quanto mais desempregados houver, melhor. Assim, quem não aceitar o salário miserável que eu pago, cai fora!..."

O pior é que isso divide os pobres também: pedreiro branco não gosta de pedreiro negro, e assim também o operário, o motorista, o cobrador, o comerciário, o empregado...

Mas, quem não gosta de deixar as coisas como estão, escolhe outro caminho: se assume como negro, reconhece que sua pobreza é injusta e se organiza com outros para combater o racismo e exploração. Só assim haverá verdadeira participação de todos na vida da sociedade.

- O que acha disso? Já tinha pensado alguma vez que o racismo podia ser uma arma para defender os interesses de alguns?
- Essa luta, por demorada que seja, vai ser possível de vencer?

(Seria bom tentar fazer uma espécie de avaliação destes encontros:

— Foram úteis? Ajudaram em quê? O que é que ajudou mais? Conseguiram fazer alguma coisa concreta contra o racismo? Da próxima vez, o que é que fariam e como?...).

AGIR

Chegando a esta última página, teríamos ainda outras coisas para acrescentar e muitas sugestões para dar. Talvez em outro caderno... Mas, por enquanto, fiquem com esta: TENTEM FAZER OUTRO GRUPO QUE PENSE SOBRE ISSO, E COMECE SUA LUTA CONTRA O RACISMO: QUANTOS MAIS FICAREM SABENDO, MELHOR.

BOM TRABALHO!... E muito axé!

MOVIMENTO NEGRO

O Movimento Negro no Brasil surgiu quando aqui pisaram os primeiros escravos, porque eles iniciaram a resistência à escravidão, suicidando-se nos navios, rebelando-se e matando seus vendedores, incendiando fazendas e fugindo para as matas, formando os quilombos.

Após a falsa abolição, o Movimento Negro começa a luta contra o racismo e a marginalização do negro. Surgem várias formas de organização: grupos de capoeira, grupos de cultura popular, clubes sociais (Renascença do Rio; Palmeira de Barra; etc.), a Frente Negra Brasileira — primeira organização política negra, — o Teatro Experimental do Negro, a imprensa negra (O Clarim e outros...).

Após um período de recessão do Movimento Negro, surgem dois grandes marcos no Brasil:

1) **O ILÊ** AIYÊ, em 1974, na Bahia, que vai expandir a identidade cultural através da afirmação da história, cultura e estética negra, gerando um movimento cultural, representado, hoje, por dezenas de blocos afros, afoxês e grupos culturais.

2) **O MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO** (MNU), que surge em São Paulo a partir de um ato público contra o assassinato do garoto negro Robson da Luz.
O MNU retoma a expansão política do Movimento Negro. Movimento democrático popular, o MNU propõe-se atualmente a formar quadros (pessoas) para atuar na sociedade na luta contra o racismo e marginalização do povo negro e de todos os oprimidos. Resgatou e tornou conhecida, em todo o Brasil e no exterior, a figura de Zumbi dos Palmares. Instituiu o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, como o DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA, comemorado hoje em todo o Brasil.
Fez surgir também outras entidades negras político-culturais.

Na Bahia, além do MNU, existe o Conselho das Entidades Negras da Bahia (CENBa) formado por entidades políticas e culturais como o Niger Okan, Grupo Cultural Olodum, G.C. Os Negões, Ilê Aiyê, G.N. Palmares de Novo, Versus Negro, Legião Rasta e muitos outros, com o objetivo de unir forças contra o dominador que utiliza o racismo como instrumento para marginalizar e explorar o povo negro.

ABAIXO O RACISMO! POR DIREITOS E RESPEITO PARA TODOS.

MNU-BA — C.P. 6423 — 40.000 SALVADOR, BA

ÍNDICE

pág.

3 Introdução
4 Pra começar...
7 Racismo! O que é?
10 Negro pobre — Negro rico
14 Branco é bonito, eles dizem...
18 Gostar de negro
22 Muitas mentiras
25 Afinal, por que isso?
29 Movimento negro

Se você ler este livrinho uma só vez e logo o guardar, não será tão útil como a gente deseja. Porque foi feito para ser lido e discutido em grupo, onde é mais fácil descobrir o racismo presente em nossa sociedade e encontrar os métodos para combatê-lo. Então, procure um grupo e...
BOM TRABALHO!

Fé em muito Axé!

ep Impresso na Gráfica de Edições Paulinas - 1986
BR 116, Km 125 - 95100 CAXIAS DO SUL - RS

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR DE PERU

"... A caridade vivida por uma comunidade poderá tomar formas bem diversas: em primeiro lugar, ajudar alguém a aprofundar a própria fé, depois, também em gestos de promoção humana de pessoas ou grupos em depressão, ou gestos de integração de marginalizados, defesa de direitos humanos pisoteados, busca da justiça em situações de iniqüidade, ajudar a superar condições infra-humanas, criação de mais solidariedade em uma determinada sociedade etc. Tudo isso, porém, deve levar a marca de uma verdadeira caridade".

(Papa João Paulo II aos Líderes das CEBs, Manaus)

Coleção "Cadernos de Base":

- A vida de grupo nas CEBs
- Encontro com Nossa Senhora
- Beabá do Sindicato
- Como funciona a Sociedade?
- Cartilha das CEBs
- A Eucaristia nas CEBs
- Eucaristia - Escola dos ministérios
- As CEBs celebram a esperança
- Grupos de Rua, sementes de transformação
- O Evangelho na Rua - Grupos de Rua, sementes de união
- Em busca do Poder Fraterno - Grupos de Rua, sementes de organização
- Assembléia das comunidades
- Jesus de Nazaré, seu rosto e sua mensagem
- Jesus de Nazaré, o Batismo e as tentações
- O povo descobre a sociedade
- Colonizar não é a solução
- A situação do homem do campo
- Jornalismo popular
- A comunicação do povo
- Como se organiza um centro popular de documentação e comunicação
- Negro tem valor

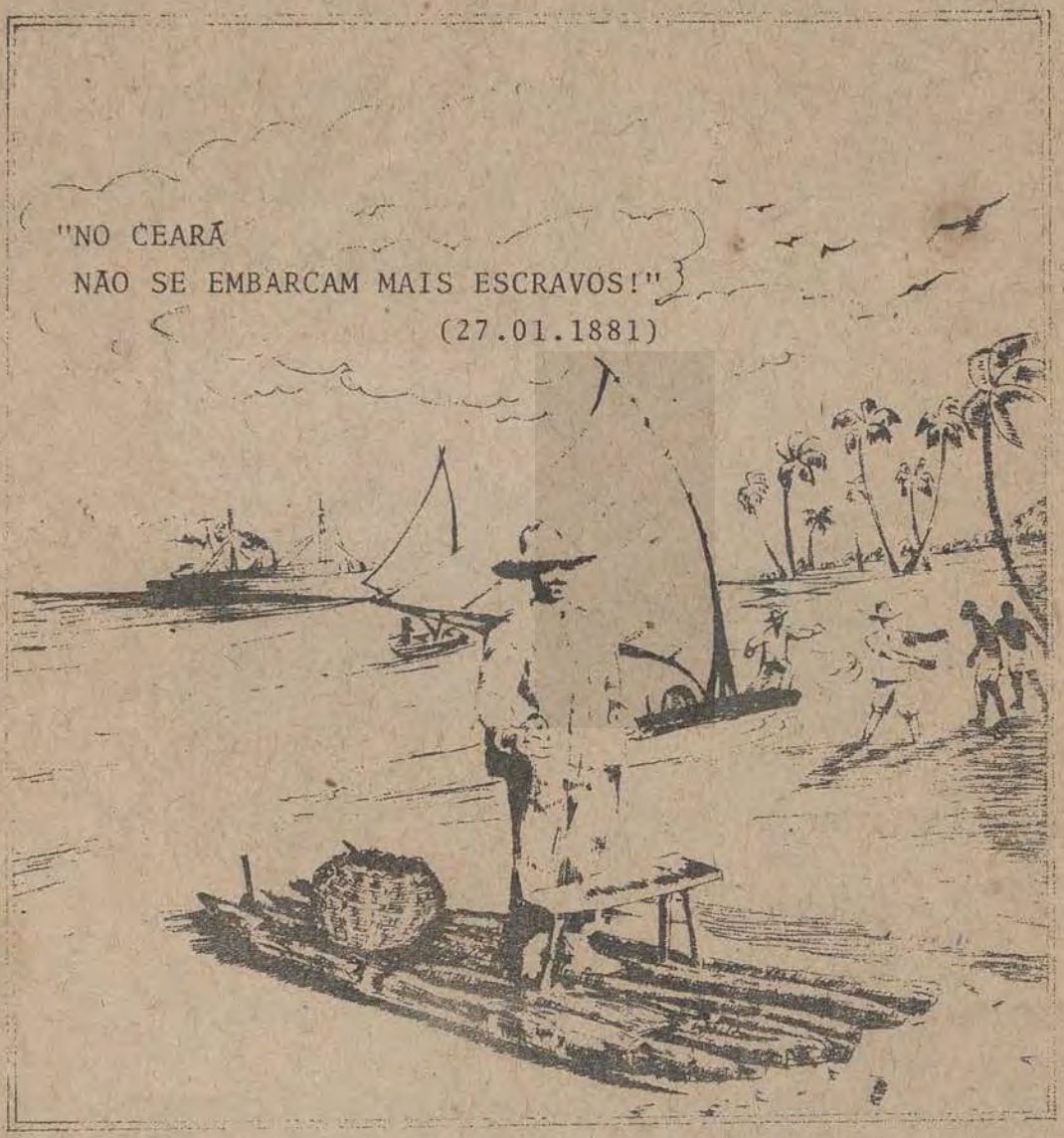
ep
edições paulinas

ISBN 85-05-00564-3

NEGRO,
UM CLAMOR
DE JUSTIÇA

O DRAGÃO DO MAR

(PRIMEIRA PARTE)



SÉRIE: HISTÓRIA DOS PESCADORES BRASILEIROS

CADERNO Nº 1

Companheiros.

O nosso abraço!

A COMISSÃO PASTORAL DOS PESCADORES
está começando a escrever
uma enfieira de histórias
interessantes e importantes
da vida e das lutas
de pescadores brasileiros.

Histórias essas
que nos fazem pensar e refletir,

Histórias que nos ajudam
a examinar nossa vida
e nossas lutas de hoje.

Os primeiros três livrinhos
contam a história
do "DRAGÃO DO MAR",
daquele jangadeiro cearense
que, com seus companheiros,
lutou contra o tráfico
de escravos negros
no fim do século passado.

Leia e reflita sozinho.
Leia e reflita também
com seus companheiros
ou em família.

Em reuniões e encontros,
estes livrinhos podem ajudar muito
a gente a tomar consciência
da nossa situação de hoje.

Aproveite, gente!

O DRAGÃO DO MAR

= O que nos conta a primeira parte desta história?

Ela nos conta o seguinte:

Quem era o Dragão do Mar.....Pág. 4
A grande seca de 1977.....Pág. 6
E quando aparece João Cordeiro.....Pág. 7
A Sociedade Cearense Libertadora.....Pág. 11
O Ceará vira República de pretos e brancos.....Pág. 14
A primeira luta contra o tráfico negreiro.....Pág. 20
Outras lutas da Sociedade Libertadora.....Pág. 25
O pecado contra o Espírito Santo.....Pág. 28
Cadê o Dragão do Mar.....Pág. 34
27 de janeiro-Dia para não esquecer..Pág. 37

.....

O DRAGÃO DO MAR

QUEM ERA O DRAGÃO DO MAR

Dragão do Mar
era como chamavam a
Francisco José do Nascimento.

Ele nasceu num lugar
conhecido pelo nome de Chapéu,
uma vila de pescadores
numa praia do Ceará.

Dragão do Mar
era filho de Manoel do Nascimento
e de Matilde Maria da Conceição.
Por isso também era conhecido como
Chico da Matilde.

DE QUE VIVIA O DRAGÃO DO MAR

Ele começou a trabalhar bem jovem.
Trabalhou em várias embarcações.
Aí resolveu parar num lugar,
montou casa em Fortaleza.
Casou-se com Dona Joaquina Francisca.
Assim ele formou sua própria família
que levava uma vida simples.
Apesar de ser uma família modesta,
ainda abrigava sobrinhos e afilhados.
Ele comprou duas jangadas
para poder dar conta do recado.

Ele também trabalhava
na Capitania dos Portos
como segundo prático.
Para esse cargo foi nomeado pelo
capitão-tenente João Rodrigues Pinto,
em junho de 1874.

A GRANDE SECA DE 77

Nascimento - o nosso Dragão do Mar
era homem de muita fé em Deus.
Ele procurava cumprir à risca sua fé
fazendo todo o possível
para remir as necessidades dos irmãos.

Foi quando chegou a grande seca
que durou de 1877 a 1879.

Eita, quanta calamidade no Ceará!
De cada cem pessoas
25 morreram de fome e da peste.

Não foi só no Ceará.
Foi no Nordeste como um todo.
Ainda hoje os nordestinos
têm um ditado que diz:

"feio que só a fome de 77"

Quem escapou da seca virou flagelado.
Nascimento procurou ajudar os flagelados.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1 - Desde 1979, já entrou pra 5 anos,
os Nordestinos estão às voltas
com outra grande seca.

2 - Se o Dragão do Mar estivesse vivo,
como ele ia ajudar os flagelados?
Nós estamos vivos...
O que nós estamos fazendo
para ajudar os flagelados?
o que podemos fazer por eles?

E QUANDO APARECE JOÃO CORDEIRO

João Cordeiro era um homem
desses que nascem um em mil...
Era contra o sistema do Império.

João sonhava com um Brasil diferente,
um Brasil republicano, uma República,
em que as autoridades
são escolhidas e eleitas pelo povo.

Uma REPÚBLICA, quer dizer,
A COISA PÚBLICA, O BEM DE TODOS.
O bem do povo deve estar acima do BEM DE ALGUNS.
NUMA REPÚBLICA todos devem ter vida parecida.

Quem sonha com uma República
também tem que desejar
a liberdade para todas as pessoas,
a igualdade de direito para todo mundo.

João Cordeiro era contra
a escravidão dos negros.
Mas ele trabalhava numa empresa
que vivia do comércio de escravos,
empresa que comprava e vendia gente
fazia comércio de carne humana.
João era gerente dessa empresa.
Como gerente ele era empregado.
Tinha que obedecer as ordens de cima.

Um dia João se revoltou,
deu um basta!
Abandonou o emprego,
se mandou para Fortaleza.

A chegada deste homem
foi que nem um farol...

Lá em Fortaleza,
pelas ruas e praças
se via muita gente, centenas de pessoas
caídas de fome ou de peste.
Eram as vítimas da seca.

João Cordeiro começa a ser
COMISSÁRIO GERAL DOS SOCORROS PÚBLICOS.

Da classe dos pescadores
quem mais ajudou João Cordeiro
foi Chico da Matilde, o Dragão do Mar.
João mais Chico - a panela com o testo,
a corda e a caneca.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1 - A gente viu alguma coisa,
do que é uma REPÚBLICA.
Quem se lembra do que é REPÚBLICA?
Que outras coisas fazem parte
de uma República?

2 - Numa República de verdade
não pode, nem deve existir
poucos ricos com muitos na miséria.
Sendo assim,
O Brasil é ou não é uma República?Por Quê?

A SOCIEDADE CEARENSE LIBERTADORA

No Ceará, a escravidão
foi sendo diminuída
pela morte de muitos escravos...

As senzalas iam ficando
com menos gente...

Nos primeiros dias de agosto de 1862
quando terminou a epidemia de cólera
uma base de onze mil
pessoas haviam morrido.

Quanto mais gente é escrava
tanto mais forte é a escravidão.

Quando diminui o número de escravos
aí então a escravidão enfraquece...
e fica menos difícil enfrentar
a luta para libertar os outros cativos,
para acabar de vez com a escravidão

Foi então que nasceu a idéia de criar
a Sociedade Cearense Libertadora,
que foi como um fortificante
que despertou a coragem dos cativos
para enfrentarem sem medo
as lutas humanas
a fim de derrubarem o cativeiro.
As senzalas pegaram a fervilhar...

A nova organização
- a Sociedade Cearense Libertadora -
foi instalada com todas as festas,
no Palácio da Assembléia Legislativa.
Isso se deu no dia da Conceição,
8 de dezembro de 1880.
João Cordeiro foi escolhido para presidente.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1- Será que Deus escreve certo
Por linhas tortas?
A gente tem alguma prova disto
na vida da gente mesmo? Vamos contar.

2- Será que escravidão, cativeiro
é só a dos negros?
A gente conhece alguma outra escravidão?
Explicar a resposta.

3- Será que em nossas Colônias de Pescadores
não existe escravidão?
De que forma?

4- Se existe alguma escravidão
a gente pode deixar que ela siga em frente?
Por que? O que fazer?

O CEARÁ VIRA REPÚBLICA DE PRETOS E BRANCOS

Com a animação da Sociedade Cearense Libertadora
foi-se espalhando a BOA NOTÍCIA, a BOA NOVA,
de que no Ceará o povo dava alforria.

Quem é que não vai atrás de uma BOA NOTÍCIA?

Aí pegaram a chegar em Fortaleza
os cativos que arribavam das propriedades
do Ceará e de outras províncias.

Naquele tempo pra trás,
uma província é o que hoje se chama estado.

Os negros fugidos sabiam
que não basta fugir para ficar livre.
Por isso eles também sabiam
que tinham de defender
a liberdade duramente conquistada.

Daí eles estavam sempre prontos,
sempre tinham disposição
de lutar pela sua liberdade
a cada dia, a cada hora, a cada instante.

Pra gente SER livre
precisa TER certas condições de vida...
A liberdade se compara com uma festa:
uma pessoa sozinha não faz uma festa.
Do mesmo jeito:uma pessoa sozinha não é livre.
Ou todo mundo TEM condições de SER livre,
ou ninguém é livre de verdade.

Toda aquela coragem e animação
fazia o Ceará fervilhar,
no desejo de derrubar a escravidão,
no desejo maior ainda de derrubar
o sistema de Governo do Império,
para o Brasil virar uma REPÚBLICA.

No Ceará, começaram a tirar as provas
de que preto e branco é só cor...
que não é a cor que faz a pessoa humana...

Assim, o Ceará virou
uma República de pretos e brancos.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1- Qual era a BOA NOTÍCIA
que se espalhava no Ceará?

2- Será que uma pessoa sozinha
pode ser livre de verdade? Por que?

3- Por que os negros arribados
tinham sempre disposição pra lutar?

4- Será que por aqui todo mundo é
livre para fazer o que quer,
para viver como deseja?
A gente tem fuga pra viver?
Quem não é livre é o que?
O que fazer pra gente ficar
mais livre?

VAMOS PENSAR JUNTOS

Todos os cativos corriam para o Ceará
pois de lá vinha a BOA NOTÍCIA, a BOA NOVA,
de que os cativos ficavam livres...

A palavra EVANGELHO quer dizer
BOA NOTÍCIA, BOA NOVA.

A BOA NOTÍCIA é que
JESUS NASCEU PARA LIVRAR TODOS NÓS
DE TODO CATIVEIRO, DE TODA SUJEIÇÃO.

Pra gente poder fazer as coisas boas que deseja.
A boa notícia é o próprio Jesus Cristo.
É mais ou menos isto que está escrito em
- Lucas 4,14-22,
vamos ver o que Jesus diz:

"Jesus então, cheio da fôrça do Espírito,
voltou para a Galiléia...
Dirigiu-se a Nazaré, onde se havia criado.
Entrou na sinagoga em dia de sábado,
segundo o seu costume,
e levantou-se para ler.

Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías.
Desenrolando o livro,
escolheu a passagem onde está escrito (61,1s):

O Espírito do Senhor está sôbre mim,
porque me ungiu; e enviou-me
para anunciar a boa nova aos pobres,
para sarar os contritos de coração,
para anunciar aos cativos a redenção,
aos cegos a restauração da vista,
para pôr em liberdade os cativos,
para publicar o ano da graça do senhor.

E enrolando o livro,
deu-o ao ministro e sentou-se;
todos quantos estavam na sinagoga
tinham os olhos fixos nêle.

Êle começou a dizer-lhes:

"Hoje se cumpriu êste oráculo
que vós acabais de ouvir".

Todos lhe davam testemunho
e se admiravam das palavras de graça,
que procediam da sua bôca, e diziam:
"Não é êste o filho de José?"

Será que todos nós já estamos
indo atrás de Jesus Cristo? Por que?

O que é que a gente está fazendo
com o EVANGELHO, com a BOA NOVA?

A PRIMEIRA LUTA CONTRA O TRÁFICO NEGREIRO

Tudo tem seu tempo.
Tem tempo para juntar força.
Tem tempo para usar a força
que se juntou...

A Sociedade Cearense Libertadora
seguia em frente na sua luta,
unindo braço com braço,
unindo força com força.
Dando os passos do tamanho das pernas,
mas sempre caminhando pra frente.

Foi quando chegou 27 de janeiro de 1881
Era um dia para mais um pecado
dos barões que compravam e vendiam
as criaturas humanas pretas.
Eles iam exportar, vender pra fora,
quatorze homens e mulheres.

Por esse tempo,
faltando 20 anos para mudar o século,
outras nações da terra
se levantavam contra a escravidão.

O povo daqui,
a Nação Brasileira não podia ficar prá trás,
não podia ficar como rebarba da humanidade.
O século não podia virar
sem a Nação Brasileira tomar posição
contra a escravidão, a miséria, as injustiças

Pois se a gente deseja que
cada ANO NOVO seja melhor,
muito mais ainda a gente deve desejar
um NOVO SÉCULO DE VERDADE E JUSTIÇA
sem as misérias do século que passou.
A GENTE TEM QUE LUTAR
PARA ALCANÇAR O QUE DESEJA...

A Sociedade Cearense Libertadora,
tendo à frente João Cordeiro,
resolveu aproveitar o 27 de janeiro
para mostrar que já tinha muita força,
que podia topar a parada
de não deixar 14 pessoas serem vendidas.

Todos aceitavam a idéia...
De um a um, foram chegando na praia.
De grão em grão...
Com pouco a praia estava cheia de gente,
de gente que protestava
contra a compra e venda de pessoas humanas.

Já na noite passada, 26 de janeiro de 1881
os libertadores resolveram
trancar o porto de Fortaleza
para não embarcar os negros.

Os libertadores procuraram animar
os jangadeiros e os capatazes
para que eles fizessem uma greve.

Mas numa hora de distração
os que viviam às custas dos negros
conseguiram embarcar 9 escravos
que iam para o mercado da Corte.

No meio dos 9 ia Luíza, uma mucama,
que foi comprada
por um juíz de direito
que pisou na lei para fazer a compra.

Mas Luíza, preta velha,
já estava livre por causa da lei.

Os libertadores aproveitaram dessa lei,
foram até a autoridade competente
que deu ordem de retirar Luíza do navio.

Com lei ou sem lei,
os libertadores já iam fazer isso,
pois, O DIREITO DE VIVER É MUITO MAIOR
DO QUE QUALQUER LEI DOS HOMENS.

Mas já que tinha lei,
não custava aproveitar...

Minha gente,
tiraram Luíza do navio,
cobriram Luíza com a bandeira do Brasil,
tocaram música,
soltaram foguete,
o povo gritava de alegria.

Foi assim debaixo de maior festa
que Luíza chegou em terra firme.
Foi esta também a primeira vitória
da Sociedade Cearense Libertadora.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1- O que foi que a gente mais gostou
de todo esse trecho? Por quê?

2- O que a gente deseja
em cada ano novo?

3- Quais são as coisas ruins
deste século começado por mil e novecentos?

4- O que é que se deve acabar,
junto com mil e novecentos?

5- Só faltam poucos anos para o século virar.
Quais são os sonhos da gente
para o ano dois mil?
O que é que a gente já pode ir fazendo
para nossos sonhos darem certo?

6- O Estatuto das Colônias é uma lei para nós.
Será que nessa lei tem alguma coisa que
desrespeita a liberdade da pessoa humana?
Por quê?

7- Para nós agora
ainda é tempo de juntar força,
ou já é tempo de usar a força que se juntou?
Por quê?

OUTRAS LUTAS DA SOCIEDADE LIBERTADORA

A gente viu como foi bonita
a história de Luíza.
Será que nós ainda lembramos de Luíza?
Mas não ficou só aí,
pois quando a união vai crescendo,
vai fazendo coisas, criando assuntos,
que depois a gente conta a história.

Um dia, lá no porto do Maranhão,
embarcaram no porão do navio Pará
uma mulher, que já era livre,
mais quatro filhas.
Iam ser vendidas no Rio de Janeiro.
A mulher estava pra morrer.

Os libertadores tinham seus "espias"...

Quando o navio chegou em Fortaleza
os libertadores já estavam esperando...
Já tinham procurado o chefe de polícia...
ele não ficou muito satisfeito,
mas os libertadores estavam agindo
de acordo com a lei.
O chefe de polícia teve que se chegar.
Ele deu ordem de soltar as cinco.

A mulher, pra morrer,
quando saiu do navio
estava quase sem roupa,
com os ossos de fora,
morta de fome.
Era uma situação de cortar coração.

O navio levantou âncora,
seguiu a viagem,
mas deixou em terra as vítimas
da pervesidade negreira.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1 - O que a gente achou dessa história?

2 - O que a gente achou da organização,
do controle, da Sociedade Libertadora?
Como eles ficavam sabendo de tudo que
se passava nos outros portos?

3 - Como está nossa união?
A nossa união já gerou história pra se contar?
Como está nosso controle, nossa organização?

4 - Nós sabemos o que se passa na nossa Colônia?
Participamos ativamente da vida da Colônia?
Será que somente a diretoria
é que é responsável pela Colônia? Por quê?

O PECADO CONTRA O ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo foi o nome
que os grandes escolheram
para um barco que carregava escravos.
Os grandes não respeitam nem a Deus.
Por aí a gente vê
como os grandes se aproveitam
das coisas da religião.
Não escapa nem o nome do Espírito Santo...

O barco Espírito Santo atraca em Fortaleza.
A história aqui é mais complicada.
Um estrangeiro age por baixo do pano...
Ele manobra cinco comerciantes brasileiros.
Esses tais comerciantes
vão exportar, vender prá fora,
trinta pessoas de cor.
No meio tem até criança.

O embarque devia ser às 11 horas.
Eles precisavam de jangadas
para levar o pessoal para o navio...

Existia um *José Napoleão*,
preto de muita coragem,
que juntou dinheiro
até poder comprar a carta de alforria
de sua mãe e quatro irmãs.

Cara bom, raçudo esse Zé Napoleão!
Ele tomou a frente
pra não deixar embarcar as 30 pessoas...
Quando menos os 5 comerciantes esperavam,
Zé Napoleão riscou na praia.
Brabo que nem agulhão de vela.

Ele chamou os companheiros jangadeiros.
Ele falou mais ou menos o seguinte:

"Pobre tem que estar do lado do pobre.
A união dos pobres
forma uma árvore de muita sombra
para proteger cada pobre necessitado.

Pobre que não defende
a liberdade dos outros pobres
termina perdendo a própria liberdade.

A liberdade vale a vida.
De nada adianta viver sem liberdade.

Pois bem, meus companheiros,
mesmo que venham soldados armados
vocês não se dobrem.

Esse barco aí ofende ao Espírito Santo.
Nós não vamos ajudar nessa ofensa não".

A fala de Zé Napoleão
caiu dentro do coração dos jangadeiros.
Eles botaram o caso em si.
Cochicharam uns com os outros.

De repente estrondou o grito de greve.
O pessoal gritava:

"NO PORTO DO CEARÁ
NINGUÉM VAI MAIS EMBARCAR ESCRAVOS!"

Foi um Deus nos acuda.
Lá vem promessa de dinheiro:
um conto de réis para cada jangada
que levar 5 negros até o navio.
Era dinheiro que só vendo.

Mas nenhum jangadeiro se dobrou.
Ninguém faltou com o trato
feito na reunião da noite de véspera.

O valor do pobre é viver com moral.
Pobre que se vende por dinheiro
é pobre que perde todo valor.

Nenhuma jangada se mexeu.
O navio apita 3 vezes,
mostra que quer partir...
mas cadê os negros?

Lá no trapiche só se escutava:
ABAIXO A ESCRAVIDÃO! ABAIXO A ESCRAVATURA!

Os soldados que estavam
para garantir o embarque
dão meia volta para o quartel...

A greve deu conta do recado,
Nenhum negro embarcou.
O verdadeiro Espírito Santo abençoou,
dando coragem e força
a quem lutava por dias melhores.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Será que Deus Espírito Santo
   abençoa um navio pra carregar escravos?
   Por quê?

2. Quem ofende os fracos e pobres ofende a Deus.
   Será que ainda hoje se emprega mal
   o nome de Deus, dos Santos, a bênção...
   em coisas, em lugares que ofendem a Deus?

3. O que a gente achou da fala de Zé Napoleão?

4. Será que a fala de Zé Napoleão serve para
   nós hoje em dia? Por quê?

5. Hoje em dia,
   Será que o Espírito Santo
   está olhando para essa terra?
   O que o Espírito Santo vê na gente?
   A nossa união já está no ponto de merecer
   a bênção do Espírito Santo? Por quê?

6. Que lição a gente teve dessa história?

CADÊ O DRAGÃO DO MAR?

Francisco José do Nascimento, o Drãgão,
continua como prático da barra.
Ele não toma parte ativa
naquela primeira greve
que foi animada por José Napoleão.
Mas ele presenciou tudo
a bordo de um navio estrangeiro
que ele levava para o canal do porto.

Em todo o caso,
o corajoso José Napoleão
não tinha inclinações
para seguir como cabeça do movimento
em favor da liberdade dos negros.

José do Amaral fez tudo
para Napoleão encabeçar a campanha.
Ele era muito acanhado,
mas homem de muito pensar,
apontou o Dragão para o cargo.
Ele disse mesmo assim:

"Seu Zezinho
tem aqui um homem
que serve para o que o senhor quer.
O homem talhado pra isso é
Chico da Matilde".

Foram falar com Chico, o Dragão.
Perguntaram se ele queria
dar sua solidariedade
à Cruzada Redentora.
Em cima da bucha,
ele respondeu com um sim.

Na luta de vida e morte
contra o cativeiro,
temos agora dois heróis que são
Francisco José no Nascimento, o Dragão,
mais José Napoleão.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1 - Será que foi por covardia
que Napoleão não quis seguir como cabeça?

2 - Zé Napoleão podia seguir na frente
mas não quis e apontou outro nome.
O que a gente acha disso?
Ou será que ele que já tinha alguma fama
devia seguir na frente? Por quê?

3 - Será que a gente conhece gente
que não tem muito jeito prá um cargo,
ou que tinha jeito e cansou,
mas fica no cargo muito tempo?
Por que é assim?

4 - As pessoas que ficam muito tempo em um cargo
sempre dizem que os outros não sabem,
que o povo não quer nada com a união.
Por que será que dizem isso do povo?

5 - O que fazer para nossa união
ser mais organizada, mais animada?
Como trazer gente nova pra cá?

27 DE JANEIRO - DIA PRÁ NÃO ESQUECER

Foi em 27 de janeiro
que eles tomaram a decisão
de não deixar que o porto de Fortaleza
servisse para tráfico de escravos.

Em 30 de agosto de 1881
eles tiveram que lembrar do 27 de janeiro.
Outra vez o barco negreiro Espírito Santo
estava lá em Fortaleza
para levar 38 filhos de Deus de cor preta.
No meio também estavam crianças.
Todos iam ser vendidos no sul.

Os criminosos negreiros
se valem do governo
e pedem força militar
para garantir o embarque.
Eles querem desmoralizar os libertadores.

Os 38 negros que deviam embarcar
estão todos em um galpão
que dá os fundos para um capinzal,
na beira do mangue.

Madrugada a dentro,
três diretores da Sociedade Libertadora,
furam a parede do galpão
acertando tudo com os cativos.

Ficou certo que iam fingir um incêndio.
Quando o fogo fosse ateado
as igrejas iam repicar os sinos.
Esta era a hora dos cativos arribarem dali.

Dito e feito.
Levaram capim seco
para junto do galpão,
tocaram fogo.
Deram o alarme.
Os sinos pegaram a bater.
Também se ouvem as cornetas
do Batalhão da Força Pública.

Cada qual com seu jeito de agir.
Cada qual com sua missão.
Cada qual seguindo a própria inclinação.
Assim o movimento rendeu muito mais.

Quando as portas do galpão
foram arrombadas,
os negros meteram pernas no mundo,
se misturaram com o povo
que espiava o incêndio.
Tudo estava bem preparado,
os abolicionistas já tinham arrumado
lugar seguro
para abrigar os libertos.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1 - O que a gente achou desse caso?

2 - Por que será, que a união organizada inventa astúcia como o incêndio?

3 - A nossa união já deu de inventar alguma astúcia? Qual?
Contar a história, o caso.

(O segundo número da Série da História dos Pescadores Brasileiros continuará falando no DRAGÃO DO MAR. Aguarde!).

CPP Comissão Pastoral dos Pescadores
Rua do Giriquiti, 48 - Fone: 231-3177 - 50.000 - Recife - PE

O DRAGÃO DO MAR

(SEGUNDA PARTE)

SÉRIE: HISTÓRIA DOS PESCADORES BRASILEIROS

- CADERNO Nº 2 -

Companheiros!

Estamos aqui com o segundo número
da Série "História dos Pescadores Brasileiros".
Será que vocês já leram o primeiro número?
Leram e refletiram bem
sobre a primeira parte da história
do DRAGÃO DO MAR?

Discutiram, trocaram idéias sobre os assuntos
em família, nas palhoças,
em reuniões e encontros?
Esperamos que tenham gostado
e aproveitado bastante.

Agora vamos entrar na segunda parte
da história do DRAGÃO DO MAR.

Esta parte vai nos falar
da reação do Governo
contra a luta pela libertação dos escravos.

Vai nos contar também
como foi a festa da vitória final
do DRAGÃO DO MAR
e de seus companheiros.

Leiam e reflitam com atenção
e comparem a história
com a situação de hoje.

A história dos pescadores
nos dá muitas lições.

Nós pescadores de hoje
precisamos adquirir
uma CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.
Isto é, precisamos urgentemente
aprender da história.
Olhar e estudar o tempo PASSADO
Comparar com o PRESENTE, com o tempo de hoje,
e sacudir a rede para pescar um FUTURO FELIZ.

Então, companheiros,
mais uma vez: Mãos à obra!

O DRAGÃO DO MAR

(segunda parte)

Este caderno nos conta o seguinte:

O Governo quer vingar a derrota.....pág.06
Onde fica a mulher nisso tudo.....pág.15
Ano Novo, 100 anos atrás.....pág.19
Festejando a liberdade.....pág.24
Ceará-Exportador de liberdade.....pág.31
Vamos ler na Bíblia.....pág.33

O GOVERNO QUER VINGAR A DERROTA

O Governador do Ceará
tinha até leão no nome.
Era Leão Velloso.
Ele não perdoa a vitória dos negros.
Ele faz de tudo para abrir o porto
ao comércio dos escravos.

Aí os jornais dão a notícia
de que vão ser embarcados
duas mucamas de um major da polícia.

Essa notícia era mesmo pra provocar, desafiar.
Assim de um lado,
o governo com tropas da infantaria e cavalaria,
centenas de soldados armados.

Do outro lado,
milhares de cidadãos, pessoas desarmadas.
Manhã bem cedo.
A praia foi tomada pelas tropas.
Até mesmo os soldados
já estavam pendendo para a abolição.

O comércio trancou as portas.
Parecia mesmo que o governo
ia aproveitar a ocasião
para começar uma guerra.

O navio já estava apitando, apressando.
Num bairro mais afastado
os libertadores reunidos com o Dragão
resolveram enfrentar a parada
para as duas mucamas não viajarem.
Mãos à obra!

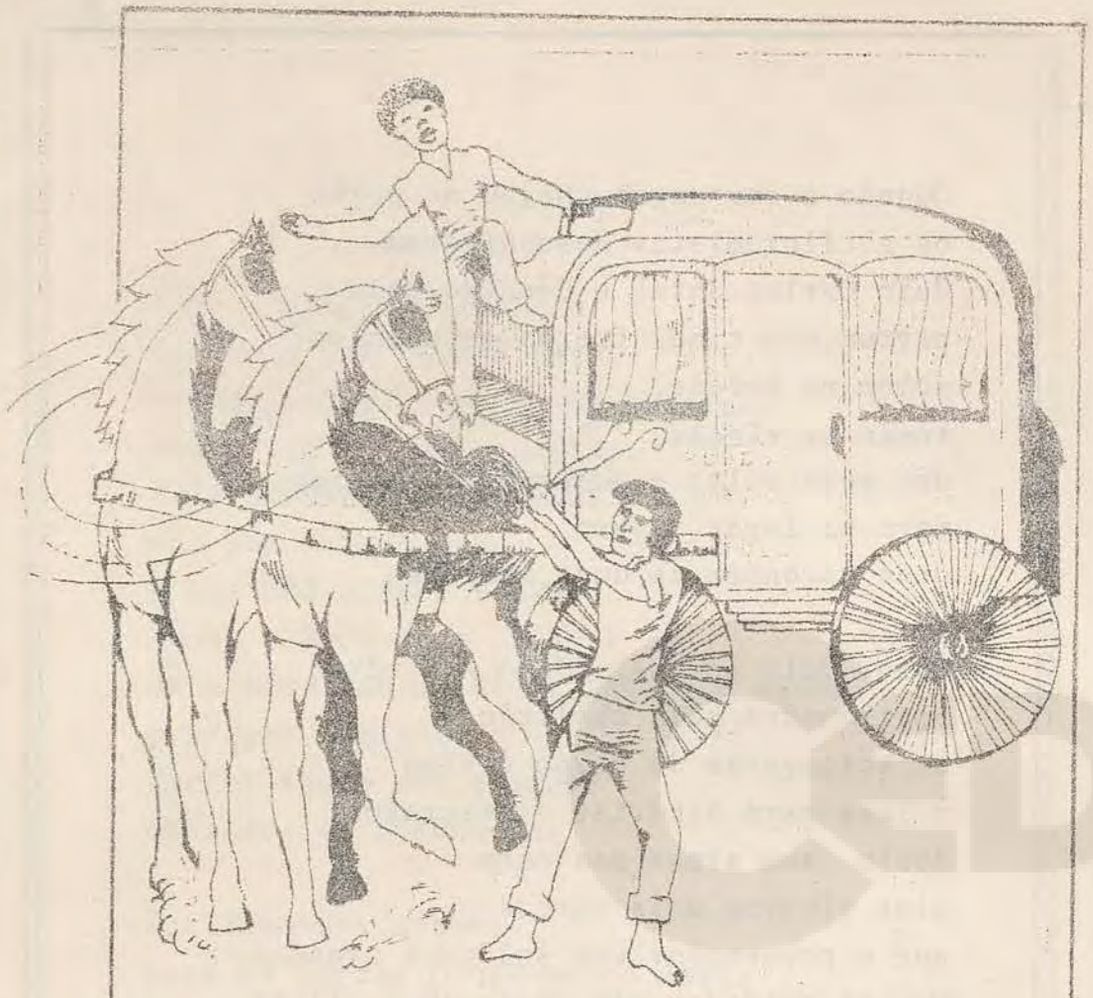
A Sociedade Libertadora
fez como das outras vezes:
entrou com um recurso na justiça.
Desta vez, o juíz bandido,
juíz vendido aos grandes,
não deu autorização.
A LEI DOS HOMENS FALHOU:
Agora a Sociedade ia agir
de acordo com a LEI DE DEUS que manda
proteger a VIDA,
dar proteção aos fracos,
defender os indefesos.

Partiram pra greve...
para as negras chegarem ao navio
só restava o bote da Polícia Marítima.
Mas não tinha quem dirigisse.

Para despistar os libertadores
os negreiros usaram de uma artimanha
que foi levar as negras
dentro de uma carruagem de bicho.

Quando a carruagem chegou no porto
os abolicionistas desconfiaram...
João Carlos Jataí e Cândido Maia
partem pra cima, freiam os cavalos,
sobem na boléia,
tomam as rédeas,
dão meia volta e disparam pra cidade,
para um lugar seguro
onde escondem as duas mulheres.

Esses dois homens - João e Cândido
apaixonados pela abolição
se entregaram de corpo e alma
à luta para libertar os escravos.
Assim, sem armas nas mãos
eles tiveram mais forças
que o governador com soldados armados.
Mas os soldados não chegaram a atirar.
Eles já estavam de coração balançado...



"... João Carlos Jataí e Cândido Maia
partem pra cima, freiam os cavalos,
sobem na boléia,
toma as rédias,
dão meia volta e disparam ...
para um lugar seguro".

Mais uma vez o ESPÍRITO SANTO
agiu por meio de gente como nós
para barrar o navio Espírito Santo.
Mas Deus ESPÍRITO SANTO mostrou que
não estava do lado do dono do navio
pois ele dá força e alumia
quem é fraco, quem está com os fracos.

O navio partiu batendo.
No porto do Ceará
era trabalho perdido
querer embarcar negros cativos.

Com essa derrota,
o Governador Velloso virou um Leão...
e partiu para perseguir os abolicionistas
que eram empregados do governo.

Francisco José do Nascimento,
que é o Dragão do Mar,
foi eleito diretor
da Sociedade Cearense Libertadora.
No meio dos jangadeiros
ele é o chefe daquela união organizada.

Homem de muita ação,
José Nascimento não perde tempo pra agir.
Quando ele toma conhecimento
que vão embarcar os cativos
ele se mete na jangada
acompanha a esteira branca
do navio negreiro, até o canal
que se acaba na ponta de Mucuripe.

Ele é um sentinela, um vigia do oceano.
Ninguém tem ousadia
de embarcar os negros no porto de Fortaleza.

Ele vigia o porto noite e dia.
Ninguém conseguiu comprar ou enrolar
José do Nascimento, o Dragão do Mar.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Como se explica
   que gente sem arma, desarmada,
   possa vencer tanta arma?

2. A gente pode cruzar os braços
   quando a lei e a justiça farrapam?
   Por quê?

3. De onde veio a coragem e a animação
   de João Carlos e de Cândido?

4. Essa história traz lição para nós?
   Qual lição? Por quê?

CEARENSES LIBERTADORAS

ONDE FICA A MULHER NISSO TUDO

Até agora, neste livro,
pouco ou nada se falou da mulher.
Falou-se da Matilde, mãe do Dragão do Mar.
Falou-se da Joaquina, mulher do Dragão.
Pelo nome, também apareceu Luíza.

Mas a gente não sabe dos nomes
das escravas que foram salvas.
Quase sempre é assim:
a mulher recebe do pai,
recebe do marido, recebe do filho.
Será que a mulher não dá, não oferece nada?

É preciso que se contem direito as histórias.
Tem sempre alguma mulher lutando,
ajudando nas grandes lutas.

Como bem,
nesta história da ação do Dragão do Mar
é preciso lembrar que
Joaquina não foi só a mulher do Dragão.
Joaquina mais outras mulheres
fundaram em 18 de dezembro de 1882
a Associação chamada
CEARENSES LIBERTADORAS.
Dona Joaquina Francisca do Nascimento
foi uma das principais cabeças da associação.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Será que a mulher cumpre sua missão
   somente como filha, esposa, mãe e irmã?
2. Será que Deus fez a mulher
   só pra ser "mulher" de casa, cozinha?
3. Será que as mulheres sabem conversar
   dos assuntos que interessam aos maridos?
4. Os maridos tratam as mulheres
   dos problemas da vida, da Colônia?

As pessoas mais estudadas
dão dois sentidos para a palavra HOMEM.
Um sentido é homem como PESSOA HUMANA.

No sentido de pessoa humana
homem é homem e mulher,
que formam o casal criado por Deus.

O outro sentido da palavra homem
é o sentido mais conhecido de homem,
como a pessoa do sexo masculino.

A sociedade humana
tem um lado homem
e outro lado mulher.

A sociedade, as associações
as entidades só vão pra frente
quando forem controladas
administradas, dirigidas, pensadas,
por homens e mulheres juntos.
Para isso é preciso que
as mulheres se preparem mais.

VAMOS PARA AS ÚLTIMAS PERGUNTAS

1. O que os homens acham
   de ajudar na preparação das mulheres?

2. O que as mulheres acham de
   procurar entender mais da vida,
   do trabalho, das lutas pelos direitos?

3. O que podemos fazer para ajudar as mulheres?

ANO NOVO, 100 ANOS ATRÁS

O dia primeiro de janeiro de 1883
dá começo a uma vida nova
na terra da luz, o Ceará.

A liberdade vai de vento em popa
derrubando a escravidão no interior.
É a caravana da libertação
que vai passando,
levando alento e liberdade para os cativos.

Os grandes e seus bajuladores
não gostaram nada dessa caravana.
O capitão dos Portos, Severino Nunes,
ficou sabendo que João do Nascimento
fazia parte da caravana.
Procurou fazer desfeita ao Dragão.
O capitão queria mesmo humilhar.

Mas Chico da Matilde, o Dragão,
viu que o capitão queria mesmo
era desmoralizar o Movimento.
Então Chico foi ao jornal
declarou para todo mundo
ficar sabendo o seguinte:

"Ao público: prá todo o mundo saber.
Eu sou um libertador
e não é de agora que
venho da primeira fila.
Por causa do Movimento,
no dia 30 de agosto de 1881,
eu fui demitido do meu emprego
de prático-mor.
Depois eu fui chamado de volta.

Ontem eu fui a Pacatuba.
Hoje fui suspenso do emprego
por 15 dias.

A minha dignidade me obriga
a não aceitar esta ordem,
porque ela não está de acordo com a lei,
também não dei motivo.
Não posso trabalhar a pulso
nem vou aceitar a suspensão.
Eu peço demissão,
tenho que zelar por minha dignidade.
Por isso me recuso a aceitar a suspensão.

Considero meu pedido de demissão
como uma honra para mim.

Por causa disso
meus colegas de trabalho
e todos os homens de bem
vão me olhar com respeito.

estou demitido.
Agora só me resta acertar as contas
com meus covardes inimigos,
aos quais eu não devo nada."

Fortaleza, 3 de fevereiro de 1883
assina: Francisco José do Nascimento.

O Capitão dos Portos exonera-o,
quer dizer, despede o Dragão do Mar,
Esse ato faz o povo se revoltar.

A jornada gloriosa não esmorece.
A caravana segue em frente.
Só vendo pra acreditar:
os escravos descendo as serras,
se juntando na caminhada.
Todos, brancos e pretos, são livres.

Chega a hora de entrarem em Fortaleza.
Entraram a todo vapor.
Em 24 de maio de 1883
o capitão liberta os cativos.

Até os soldados do exército
entram na festança com os negros,
com os antigos escravos.

É a grande confraternização,
quer dizer, festa de irmão com irmão,
sem olhar a cor da pele.
Todos filhos de Deus.
Deus pai de todos - todos irmãos.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. O que a gente achou desse trecho da história do Dragão do Mar?
2. O Dragão recebe suspensão de 15 dias. Por que?
   Mas, por que ele preferiu pedir demissão?
3. O Dragão deu logo conhecimento ao público do que se passava.
   O que a gente acha disso?
4. O Dragão zelava o nome da Sociedade Cearense Libertadora.
   Ele amava sua associação, sua entidade, a ponto de prejudicar sua vida.

A GENTE TOPA EXAMINAR A NÓS MESMOS?

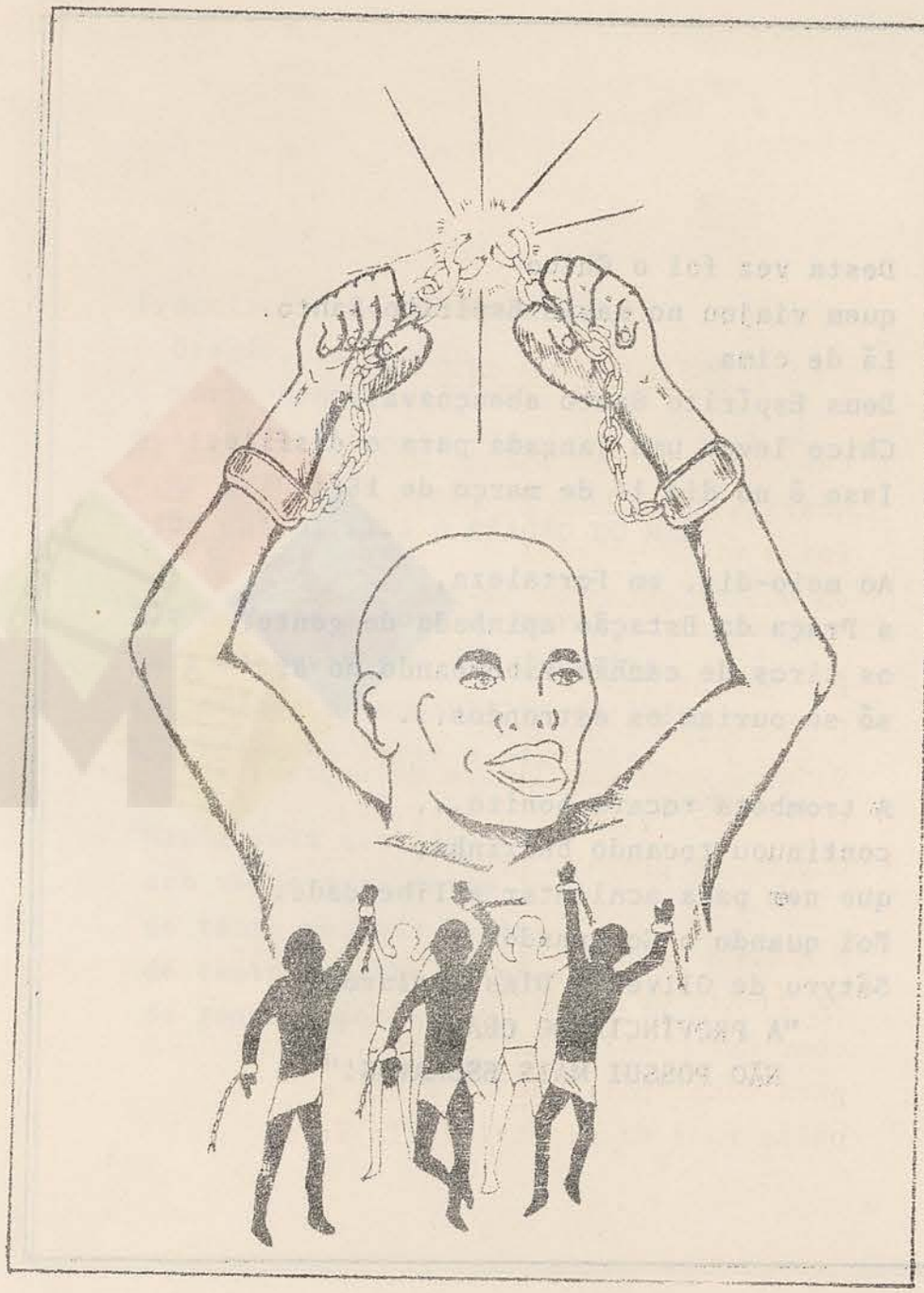
- Nós aqui, somos de alguma associação?
- A nossa associação peleja pela liberdade, por tempos melhores? Como?
- A história do Dragão do Mar traz alguma lição para nós? De alguma coisa, a carapuça cai na nossa cabeça?
- Como a gente pode melhorar a nossa Colônia ou associação?

FESTEJANDO A LIBERDADE

Casa de ferreiro,espeto de pau...
Acarati, a cidade do Dragão do Mar,
foi a última cidade do Ceará
em que os escravos se libertaram.

É o ano de 1884.
É festa pra todo lado.
O Ceará está todo livre da escravidão
É hora de festejar a liberdade.
O povo se prepara pra festança.

É quando os abolicionistas da Corte,
lá do Rio de Janeiro,
convidam o Chico da Matilde,
para tomar parte de um desfile
pelas ruas da capital do Império.



Desta vez foi o Chico
quem viajou no navio Espírito Santo.
Lá de cima,
Deus Espírito Santo abençoava...
Chico levou uma jangada para o desfile.
Isso é no dia 14 de março de 1884.

Ao meio-dia, em Fortaleza,
a Praça da Estação apinhada de gente,
os tiros de canhão ribombando no ar,
só se ouviam os estrondos...

A trombeta tocava bonito...
continuou tocando baixinho,
que nem para acalentar a liberdade.
Foi quando o Governador
Sátyro de Oliveira Dias declarou:
"A PROVÍNCIA DO CEARÁ
NÃO POSSUI MAIS ESCRAVOS!"

Francisco José do Nascimento,
o Dragão, lá no Rio,
é muito homenageado,
muitas festas para ele,
e os gritos de
VIVA CHICO! VIVA O DRAGÃO DO MAR!

Ele não via a hora de parar
para escrever pra sua Joaquina,
sua mulher e companheira de luta.
Ele botou na carta o seguinte:

"Minha véia querida,
seu velho está tonto
de tanto receber festas,
de tanto apertar as mãos
de gente importante".

Diga aos companheiros
Isaac Amaral e José Marrocos
que a festança foi de arromba
e o nome da nossa querida Sociedade
foi muito vivado.
O seu velho está com muita saudade.
assina: Chico"

Na Corte do Império,
Chico é chamado Dragão do Mar,

Depois dos festejos,
Chico volta para o Ceará.
O navio tocando em todos os portos.
O povo vai conhecer "o homem",
aquele preto de sangue nas guelras.

Quando chegou na Bahia,
a capital, Salvador, em festa.
O povo descia dos altos, dos morros,
tomando conta da cidade baixa.
No meio de tanta alegria
deram ao Dragão do Mar, o título de
BENEMÉRITO, quer dizer, QUE MERECE O BEM.
Ele bem merece tudo de melhor
ele merece palavras, honras e festas.

Em Recife,
existia uma organização secreta
que lutava pela abolição.
Essa organização era o CLUBE CUPIM
fundada por José Mariano.
O Clube Cupim
preparou homenagem para Chico.
Num pergaminho,
que é papel muito fino e especial,
o pessoal do Clube escreveu:
"O CEARÁ É O COMEÇO DE UMA PÁTRIA LIVRE!"

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Como foram as festas para comemorar a abolição de escravatura no Ceará?

2. Por que o Dragão foi chamado BENEMÉRITO?

3. Quem de nós ainda lembra do nome do capitão dos portos que perseguiu o Dragão?

Vamos pensar no que diz a Bíblia
provérbios 10,7 diz que:

"A memória do justo é abençoada,
mas o nome dos perversos cai na podridão".
é o mesmo que dizer:
"os bons são lembrados como uma bênção,
porém os maus logo são esquecidos".

4. Nós, na nossa vida, como estamos agindo no trabalho, em casa, na Associação?
5. O nosso nome vai apodrecer e ser esquecido?
6. Apesar dos nossos defeitos, o que estamos fazendo de bom, que vai ficar?

CEARÁ - EXPORTADOR DE LIBERDADE

O Ceará é muito conhecido
como exportador de
algodão, cera de carnaúba, couro .

A partir de março de 1884
sem escravos, sem escravidão,
o Ceará começa a exportar a liberdade
que não pode faltar na vida da gente,
pois gente sem liberdade
é gente pela metade.

O Ceará manda o Dragão
para a Corte do Império;
manda outros nomes importantes
para mexer em Manaus.
Eles vão dar força ao movimento
que procura libertar os negros do Amazonas.
Os catraeiros de Manaus
seguem o exemplo dos jangadeiros do Ceará.
Os catraeiros se negam a transportar os cativos.
Só dão transporte para ajudar a fugir.

O Ceará, o Amazonas,
o Rio Grande do Sul,
são os Estados que viram
a abolição da escravatura
como fruto de uma luta do povo,
que proclamou a liberdade
em praça pública, antes da lei.

Esses três Estados
não esperam pela lei
porque a lei não cria
o direito da gente ser livre.

Quem criou o direito de liberdade
foi Deus quando criou a gente.
Nem tudo que está na lei dos homens
é justo e bom, como a LEI DE DEUS.
Tem muita lei ruim e injusta,
que não faz justiça a quem tem direito.
Quase nunca a lei dos homens
é justa, conforme a justiça de Deus.

Pela justiça de Deus,
quem deve ser mais bem tratado
é o pobre, a viúva, o órfão, o aflito...
Esses têm os primeiros lugares.

VAMOS LER NA BÍBLIA

. Jesus lavou os pés de seus discípulos
(João 13,1-12)

. Depois fala sobre a importância do serviço
(João 13,13-17)

Vós me chamais Mestre e Senhor,
e dizeis bem, porque eu o sou.
Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre,
vos lavei os pés, também vós
deveis lavar-vos os pés uns aos outros.
Dei-vos o exemplo,
para que, como eu vos fiz,
assim façais também vós.
Em verdade, em verdade vos digo,
o servo não é maior do que o seu Senhor,
nem o enviado é maior
do que aquêle que o enviou.
Se compreenderdes estas coisas,
sereis felizes,
sob condição de as praticardes.

O que vai acontecer com os bons,
vamos ler no Apocalipse 21,3-4:

Ao mesmo tempo ouvi do trono
uma grande voz que dizia:
"Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens.
Habitará com êles e serão o seu povo,
e Deus mesmo estará com êles.
Enxugará tôda lágrima de seus olhos,
e já não haverá morte,
nem luto, nem grito, nem dor,
porque passou a primeira condição".

O que vai acontecer com os maus,
vamos ver no Apocalipse 21,8

Os tíbios, os infiéis, os depravados,
os homicídas, os impuros, os maléficos,
os idólatras e todos os mentirosos,
terão como quinhão
o tanque ardente de fogo e enxôfre,
a segunda morte.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Que lição tiramos deste trecho do Evangelho?

2. Será que aqueles que têm os primeiros lugares na terra, são os mais queridos por Deus? Por que?

3. Aqui na terra, as leis, as autoridades estão agindo conforme o querer de Deus?

4. As nossas Colônias servem realmente os seus associados?

5. E nós, nos esforçamos para estar um a serviço do outro?

6. O que fala a leitura do Apocalipse?

TERMINANDO A NOSSA CONVERSA

1. Dessa história toda,
   de todas as nossas conversas,
   o que a gente se lembra de melhor?
   O que podia ter sido melhor?

2. Tem sido bom parar para conversar?
   Todos conversam? Ou tem gente que
   fala muito e gente que fala nada?

3. Como podemos melhorar
   daqui prá frente?

Escrevam dando suas sugestões
e aguardem o 3º número que falará sobre a
"Revolta dos Jangadeiros contra o
Sorteio Militar."

CPP Comissão Pastoral dos Pescadores
Rua do Giriquiti, 48 - Fone: 231-3177 - 50.000 - Recife - PE

O DRAGÃO DO MAR

(TERCEIRA PARTE)

SÉRIE: HISTÓRIA DOS PESCADORES BRASILEIROS

CADERNO Nº 3

Companheiros!

Eis o terceiro número da série
"HISTÓRIA DOS PESCADORES BRASILEIROS".
Ainda fala sobre o DRAGÃO DO MAR.

Desta vez conta os acontecimentos
que se deram 20 anos depois
da luta vitoriosa
contra o tráfigo dos escravos.
São protestos de greve
contra o sorteio militar
o chamado "imposto de sangue",
pois, era um recrutamento forçado,
arbitrário e violento.

Os recrutados eram mantidos
em regime de escravidão e de chibata
dos navios de guerra.

A revolta do "DRAGÃO DO MAR"
dos seus companheiros e familiares
custou sangue e vidas preciosas.
Mas, foi pacífica e vitoriosa.

Leiam com atenção
e tirem da história
as lições para as lutas de hoje.

Bom trabalho, companheiros!

* * * * * * *
* * * * * *

A REVOLTA SANGRENTA DE 1904

Prá manter a liberdade
é preciso ficar sempre de olho aberto.

O tempo corre depressa.
Já é 3 de janeiro de 1904.
O Dragão do Mar é um homem
que dorme de olho aberto
para não deixar que
ofendam a liberdade de ninguém.
Ele é como um farol
que vigia os caminhos da liberdade.

É quando se dá o caso
que remexe o coração e a alma
do jangadeiro Dragão do Mar.

O Capitão dos Portos, Lopes da Cruz,
faz um ato de traição
contra os jangadeiros.
Os pais de família, quase todos pescadores,
foram sorteados para o Serviço Militar.
Deviam viajar para o sul do Brasil.
Eles com famílias grandes
de 8 a 10 filhos.
Muitos já tinham netos.

Deviam embarcar naquele 3 de janeiro,
no navio chamado *Maranhão*.
Só foram avisados
três dias antes do embarque.

Como é que se faz uma coisa dessa
com tantos pais de família?

Eles se amotinam, se revoltam
contra a ordem do capitão dos portos.
Também mandam um aviso
com pedido de socorro ao Dragão do Mar.

Ele já não é criança.
O Dragão já tem 65 anos de idade.

As honrarias, o título de Major-Ajudante,
nada disso subiu na cabeça do Dragão.
O Dragão continuou sem orgulho.
Foi recebendo o aviso dos revoltosos
e foi correndo para a praia.

Viu o alvoroço do pessoal.
Chamou todos para uma conversa.
Escutou toda história.
O pessoal estava coberto de razão.
Então o Dragão do Mar deu a ordem:

NINGUÉM EMBARCA!

Essa ordem de Chico da Matilde
forma um eco
que o vento vai levando
pra dentro de cada palhoça
da Praia do Peixe.

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. O que a gente achou mais importante dessa parte da história? Por quê?

2. O Capitão do Porto é uma autoridade. Será que uma autoridade tem poder para fazer e desfazer? Por quê?

3. Pela LEI MAIOR, que é a CONSTITUIÇÃO, o poder é do povo;
   Toda autoridade deve agir em nome do povo.
   Será que as autoridades estão agindo de acordo com a LEI MAIOR?

4. Será que o povo todo já sabe que o PODER É DO POVO? Por quê?

5. O que podemos fazer para ajudar o povo a descobrir seu valor e seu poder?

É PRECISO SABER PROTESTAR

Francisco José do Nascimento, o "Dragão",
quando ele protesta por alguma coisa,
não é pelo gosto de protestar.

Os protestos que ele faz
são protestos de sentido humano,
de defesa dos mais fracos, dos injustiçados.

Como por exemplo nesse caso:
por ali existiam rapazes solteiros,
mas eram brancos, ricos,
de melhor posição na sociedade.
Esses rapazes não são sorteados
para o serviço militar.

Os sorteados são os pobres, pretos,
trabalhadores, arrimos de família.
Como fica uma família grande,
sem a presença do chefe, do arrimo?
Foi pensando nisso que o Dragão
deu a ordem:

NINGUÉM EMBARCA!

A revolta se alastra,
os rebeldes não têm armas.
Eles são a PLEBE, quer dizer,
fazem parte da classe pobre,
que não são da ELITE, dos NOBRES.

O governo é a força, força armada,
com Escola de Aprendizes Marinheiros
e também com a Polícia.

A atitude do Capitão dos Portos
não foi aprovada
pelos oficiais da guarnição federal,
muito menos pelo Tenente Penha,
esse, que também era deputado,
não se dobrava com facilidade.

Os advogados entram na Justiça,
pedindo o habeas-corpus:
mas o pedido não foi julgado.

Os sorteados foram enrolados,
cairam numa armadilha:
Foram à Capitania dos Portos.
Debaixo de ameaça de fuzil
são obrigados a embarcar na marra.

Aí o Dragão do Mar faz por onde
nem o governo possa se mexer.
Nenhum remo podia ser manejado.
Acerta tudo para o fracasso da cilada.

O povo enche as ruas.
A tropa marcha para a praia.
É quando o governador Pedro Borges
dá a ordem mais criminosa:

"O embarque tem que ser feito
nem que corra sangue!"

A "carga" dos sorteados chega na ponte.
Mas os barcos não têm remos
e os homens dos barcos
estão do lado dos revoltosos.

As autoridades,
que vivem do dinheiro do povo,
elas puxam as armas
contra o povo, contra os praieiros.

É quando se escuta de novo
o grito do Dragão:

NINGUÉM EMBARCA!

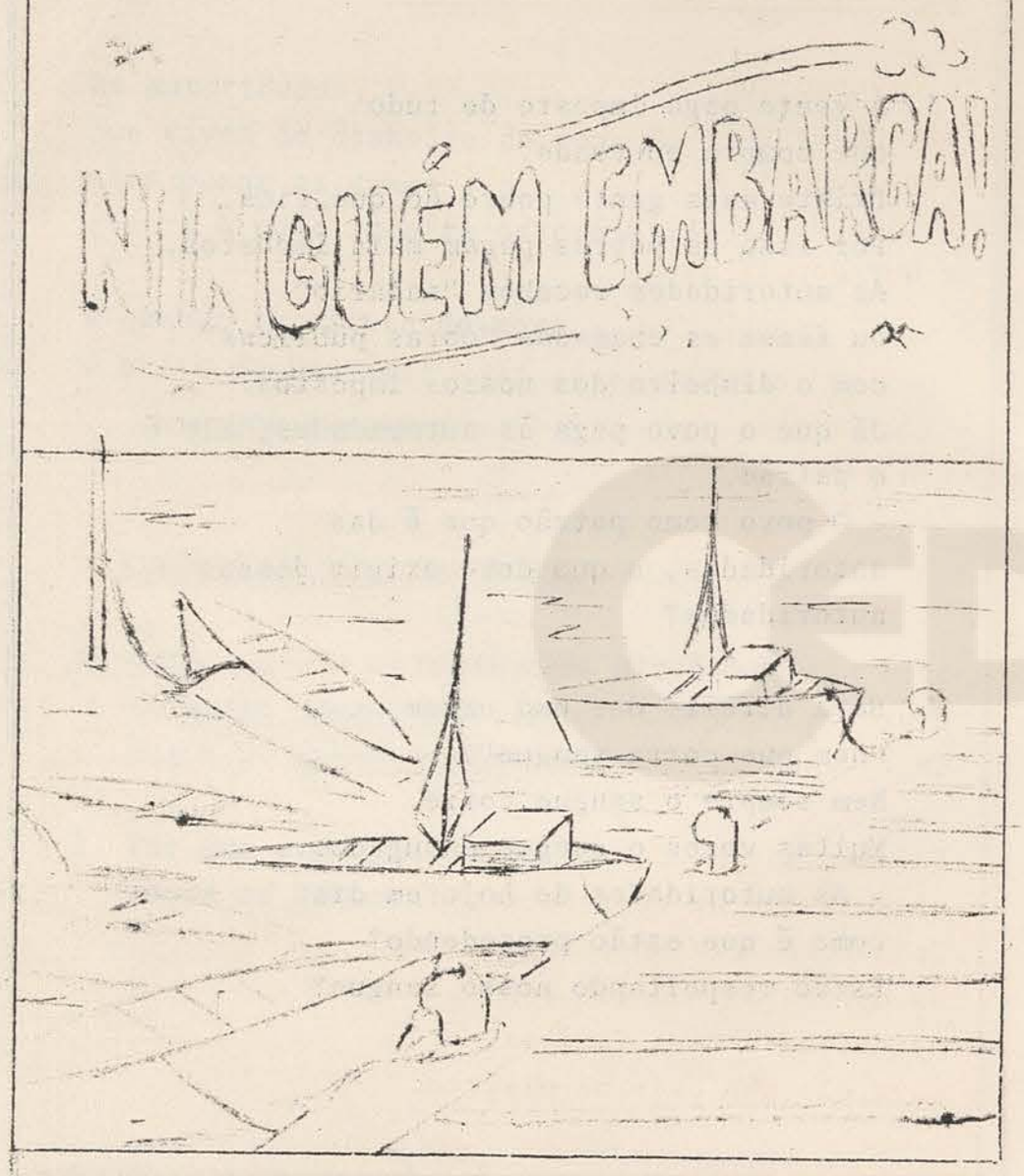
VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. Como a gente entende essa história
de saber protestar?
O que é "saber protestar"?

2. Por que o Dragão do Mar
nunca se dobrava?

3. A gente paga imposto de tudo
que compra ou vende.
Existe mais gente pobre do que rica.
Por isso os pobres pagam mais impostos.
As autoridades recebem "salário"
ou fazem as chamadas "obras públicas"
com o dinheiro dos nossos impostos.
Já que o povo paga às autoridades, ele é
o patrão.
- O povo como patrão que é das
autoridades, o que deve exigir dessas
autoridades?

4. Será direito dar uma ordem
"nem que corra sangue"?
Nem sempre o sangue corre.
Muitas vezes o sangue é sugado...
- As autoridades de hoje em dia
como é que estão procedendo?
Estão respeitando nosso sangue?



CADA UM É UM CHEFE DO MOVIMENTO

O Governo quer mesmo fazer um massacre.
Ele pensa então em prender os cabeças
para desmantelar o Movimento.
É como diz o Profeta Zacarias (13,7)
e que depois Jesus repete (Mateus 26,31):

"Quem fere o pastor
espalha as ovelhas."

É o mesmo que dizer:

"Quem quer destruir a união
ataca primeiro os cabeças, os líderes".

Para não ser fácil destruir a união
é preciso que cada um seja
um cabeça, um chefe, um líder.

Foi bem assim naquela revolta,
não existia um chefe sozinho.
Cada homem era um chefe
na defesa da sua liberdade,
na defesa de sua família,
para ela não cair na miséria.

O Governo manda entregar armas
aos meninos da Escola de Aprendizes.
Fez isso para dar reforço à Polícia.
Ninguém mais acredita na Polícia.

O Capitão dos Portos vai ao trapiche.
É recebido com vaias.

Os praieiros agora estão armados...
As armas são : pedras e pedaços de pau.
Eles estão a fim de dar a vida
contra o novo jeito de ser escravo.

O Governo manda a última ordem:

- Rendição ou Morte!

Os injustiçados responderam:

- Nós preferimos a morte!

Começa a rajada de tiros,
lá vem uma carga de baioneta.

Caem as primeiras vítimas.
Morre João Mendes da Silva,
pai de dez filhos...

O pânico, o alvoroço é completo.
Duzentos homens vão ser massacrados.
O tiroteio alcança o povo.

A luta é desigual
de um lado, tropas com fuzis,
do outro lado,
os amotinados com pedra e pau.

Os tiros cobrem no ar.
Ateiam fogo no barracão
onde estão os praieiros.
Mas se ouve de novo:

NINGUÉM EMBARCA!

"QUEREMOS JUSTIÇA"

O chão está coberto de cadáveres.
O Dragão socorre os feridos
levando para a Santa Casa de Misericórdia,
ou para as casas de família.

São noventa feridos,
alguns perderam pernas e braços

Um dos massacrados foi
Adelino Marques Dias,
empregado do comércio.

O povo leva o corpo dele
até o Palácio da Luz
aos gritos de "JUSTIÇA! JUSTIÇA!"

O governador fica lá de cima
espiando aquele cortejo triste
que é puxado pelas viúvas e órfãos.

De repente o governador
grita para o major da polícia

- *"Espalha esta canalha!"*

Dragão do Mar grita:

- "QUEREMOS JUSTIÇA!"

O povo repete:

- "QUEREMOS JUSTIÇA!"

Ninguém arreda o pé.
Os soldados procuram
tomar o cadáver que o povo leva.
Os soldados atiram pra cima.
Mas o povo fica firme e aos gritos:

JUSTIÇA! JUSTIÇA!

O governador vê que não tem jeito,
sai da janela do palácio.
As tropas vão para o quartel.

Aqueles a quem
o governador chamou de "canalha",
aqueles pobres, da plebe, desarmados
sairam vencedores.

O Dragão do Mar
continua sendo perseguido.
É passado pra trás como prático.
Vai cuidar mais do seu pequeno negócio.
Ele mesmo só tem uma filha,
mas umas 30 pessoas,
parentes, crianças, vivem às custas dele.

Esse 3 de janeiro de 1904
foi sua última proeza.
Ele já estava quase com 70 anos,

O Dragão do Mar morreu pobre,
no dia 5 de março de 1914,
em sua "cabana mira-mar".
Deixou uma filha.
Deixou muitas lições para nós...

VAMOS CONVERSAR SEM PRESSA

1. *Quando o pastor é ferido*
   as ovelhas se espalham!
   Que lição a gente tira dessa passagem'

2. *Panela em que muitos mexem*
   ou sai insossa ou salgada.
   Como entender que cada um
   deve ser chefe, podendo mexer a panela?

3. Com tanto soldado armado,
   o governador perdeu.
   Como é possível que o povo desarmado
   tenham alcançado vitória?

4. De tudo que a gente leu e ouviu
   dessa história do Dragão do Mar,
   o que cada um de nós gravou?

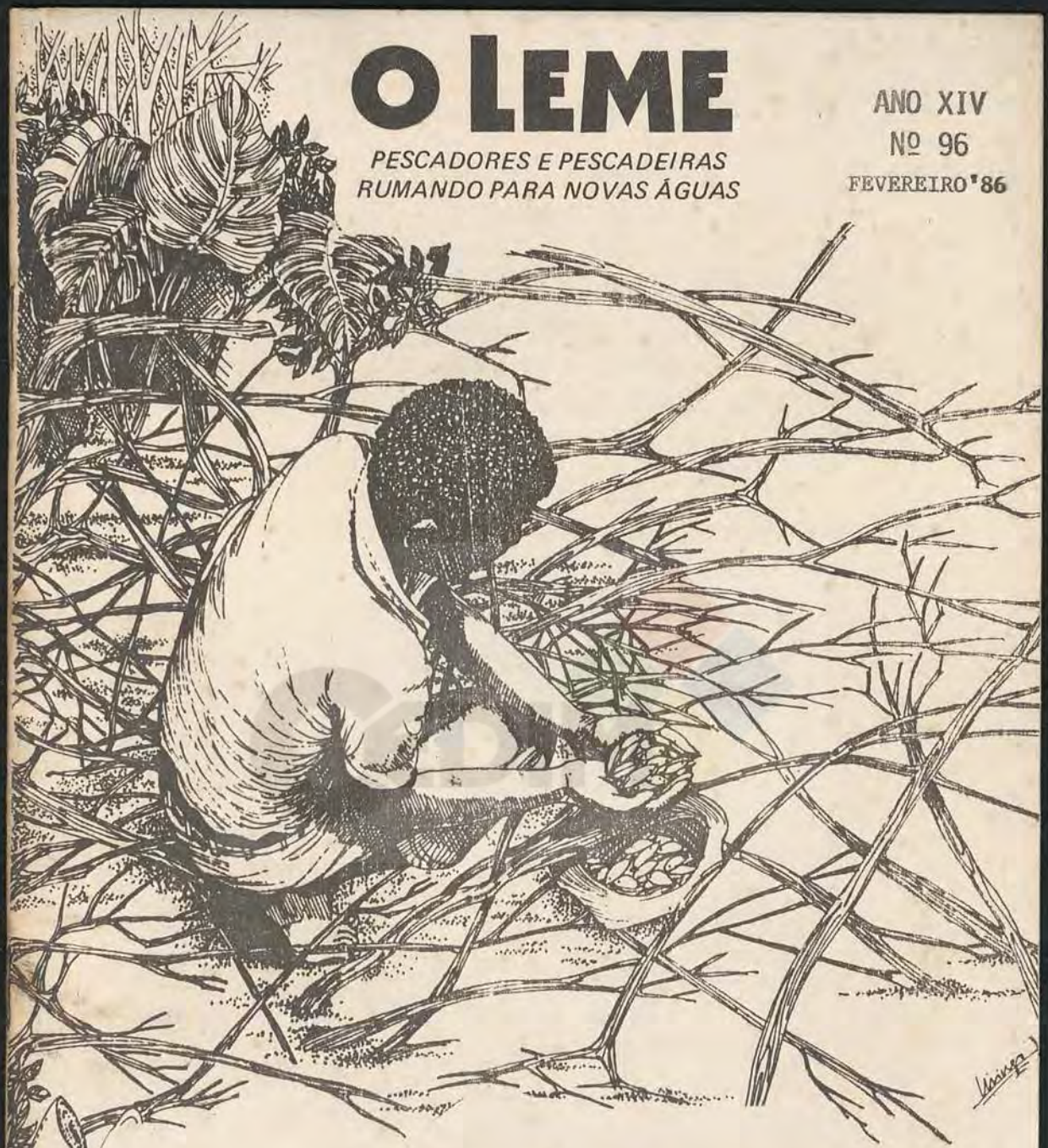
5. O que a gente aprendeu para a nossa vida
   com essa história do DRAGÃO DO MAR?

CPP Comissão Pastoral dos Pescadores
Rua do Giriquiti, 48 - Fone: 231-3177 - 50.000 - Recife - PE

O LEME

PESCADORES E PESCADEIRAS
RUMANDO PARA NOVAS ÁGUAS

ANO XIV
Nº 96
FEVEREIRO '86



TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS

Amigos!

"TERRA DE DEUS
TERRA DE IRMÃOS"
é o tema da Campanha
da Fraternidade deste ano (CF 86).
O texto Base da CF 86 e o Manual
falam nos problemas de terra
sofridos pelos lavradores, posseiros,
bóias-frias, canavieiros, índios...
Para os pescadores, a terra é
tão importante como para os
trabalhadores rurais,
mesmo se,
como a gente sabe,
é sobretudo da água
que eles tiram o seu sustento.
Mesmo assim,
todos os pescadores enfrentam
problemas muito sérios
em relação à terra.
Aproveitando o tema da CF 86
apresentamos neste número
de "O LEME", alguns problemas
de terra que atingem

diretamente os pescadores
e as comunidades pesqueiras.
Isso não significa
que conseguiremos dizer tudo!
Esperamos apenas que este "O LEME"
sirva de ajuda
para a reflexão dos pescadores
nas suas diversas Colônias,
como também
nas suas possíveis lutas.
O "Texto Base"
e o Manual da CF 86
poderão ajudar muito
neste sentido.
Além disso,
temos o documento nosso
"A Luta pela Posse de Terra".
São materiais
que poderão dar uma orientação
à nossa caminhada.
Portanto, continuemos
nas nossas lutas
até que esta terra
criada por Deus para os homens,
possa um dia
ser realmente de TODOS OS IRMÃOS!

VAMOS VER A SITUAÇÃO DOS PESCADORES:

O COMEÇO DAS COMUNIDADES PESQUEIRAS

Se a gente for pensar bem direitinho, as comunidades pesqueiras no Brasil são muito antigas. Segundo os diversos documentos da nossa história, elas começaram desde o período do descobrimento.

Muitas das primeiras comunidades foram criadas pelos próprios portugueses que tiveram ao longo da costa brasileira vários *"portos de pesca"*. Outras foram resultados das comunidades indígenas, isto é, dos índios que já moravam aqui antes dos portugueses chegarem. Ou, ainda, outras formadas por escravos e moradores que fugiam das fazendas.

Pouco tempo atrás, ainda existiam várias comunidades pesqueiras, mesmo nas cidades grandes. Podemos ver isto pelos diferentes recenseamentos feitos a partir do século 19. Além disso, muitos pescadores ainda hoje contam como eram as vilas de pescadores no tempo de seus avós e até mesmo bisavós.

Antigamente as áreas ocupadas pelos pescadores não tinham valor para a sociedade. Alí eles viviam e passavam esse jeito de viver para seus filhos, netos... isto é, de geração em geração. Produziam o necessário para viver e não participavam do sistema econômico da nação (talvez porque não tivesse necessidade).

Durante todo esse tempo, cheio de transformações, uma das coisas que sustentou a sobrevivência dos pescadores foi a possibilidade de ocupar espaços perto às áreas de pesca do mar ou do rio.

Os pescadores nunca se preocupavam com o título de propriedade da terra (escritura), ocupando o chão simplesmente, sendo reconhecidos como legítimos donos daquele chão.

OS ACONTECIMENTOS DOS ÚLTIMOS 30 ANOS

Nos últimos 30 anos, as comunidades pesqueiras vêm sofrendo muitas mudanças.

As indústrias ocupam grandes áreas na beira dos rios, dos lagos e do mar.

O crescimento das cidades transforma as praias e os manguesais em áreas de moradia.

O turismo e o veraneio fazem aumentar a especulação imobiliária, os loteamentos do litoral, inclusive de terrenos de Marinha.

Há pouco tempo o governo lançou o Programa Nacional do Álcool. O que aconteceu? Aconteceu que, com este Programa, cresceram as plantações de cana e os canaviais chegaram até à beira dos rios, das lagoas e até do mar.

Neste caso os moradores que sempre tinham na pesca sua atividade principal, passaram a trabalhar na *"palha"*, ou seja, a ser cortadores de cana.

A EXPULSÃO DOS PESCADORES

Como os moradores das áreas rurais ou das áreas mais pobres das cidades grandes, também os pescadores são expulsos não só dos lugares onde moram, como também dos lugares onde trabalham.

Podemos dizer que existem dois tipos de expulsão: uma chamada de expulsão direta, e a outra de expulsão indireta. Esses dois tipos variam de lugar para lugar.

Vamos ver como acontecem essas expulsões. Assim, cada comunidade pode ver que tipo de expulsão está sofrendo.

EXPULSÃO DIRETA

O que é a expulsão direta?

Chamamos de *"expulsão direta"* aquela praticada pelos órgãos públicos, pelas indústrias, pelos fazendeiros, pelas firmas imobiliárias, por pessoas particulares (são os chamados *"agentes de despejo"*), quando usam de:

- *ameaças aos moradores,*
- *violência física contra os moradores,*
- *destruição das casas, caiçaras e plantações,*
- *expulsão judicial, isto é, com ordem do juiz.*

Muitas vezes as ameaças estão escondidas atrás das promessas. Assim, por exemplo, proprietários legais (não legítimos) de terrenos (coqueirais, terrenos próximos à praia etc.) prometem dar aos moradores outro pedaço de chão ou até uma casa pronta. Em outros casos, os proprietários oferecem às famílias a compra do chão onde moram, exigindo no entanto, preços que estão completamente fora do alcance delas.

Ou, então, os proprietários prometem indenização em dinheiro, para os moradores poderem comprar outro chão. Mas também essas promessas frequentemente não são cumpridas porque dizem que os habitantes não são proprietários do terreno e, por isso, não têm direito à indenização. Há casos em que os filhos ou os corretores agem desta maneira, enquanto *"o velho"* quer conservar sua imagem de bonzinho perante a comunidade.

Outras vezes, quando os proprietários chegam a pagar indenização aos moradores, estas são tão pequenas que se assemelham mais a uma esmola que não dá nem para transportar os pertences para outro lugar.

EXPULSÃO INDIRETA

A "*expulsão indireta*" é quando os agentes de despejo (os mesmos que vimos na "*expulsão direta*") nada ou pouco falam aos moradores sobre o despejo, mas na prática vão ocupando o espaço dos moradores da seguinte forma:

- *puxando cercas ou muros até as casas,*
- *fazendo aterros até as casas, enchendo-as de lama,*
- *proibindo o conserto das casas,*
- *fechando as vias de acesso às áreas de pesca e/ou às casas,*
- *cortando o acesso às fontes d'água, etc.,*
- *destruindo as fontes de vida pela poluição dos rios, pelo aterro ou corte dos manguesais.*

Desta forma, os moradores se vêem privados das condições mínimas para continuar vivendo naqueles lugares e resolvem abandoná-los, sem indenização, sem saberem para onde ir, ficando muitas vezes longe dos seus pesqueiros, longe de suas embarcações e de suas caiçaras.

A CAIÇARA E SEUS PROBLEMAS

As caiçaras são barracas ou palhoças onde os pescadores guardam seus petrechos de pesca, consertam suas redes, pequenas embarcações e motores, ou até dormem para que o material não seja roubado. Por determinação da Marinha, as caiçaras que se situam em terrenos de marinha devem ficar semi-abertas, isto é, as paredes não podem ser fechadas completamente para facilitar o controle. É uma questão de segurança nacional e de combate ao contrabando.

Para construir uma caiçara em terrenos de marinha, o pescador precisa da licença expressa (por escrito) da Capitania dos Portos. Mas a licença é sempre provisória e pode ser cancelada à qualquer hora, deixando os pescadores sempre na insegurança.

Vejamos agora o que acontece frequentemente com as caiçaras:

VERANISTAS E IMOBILIÁRIAS NÃO QUEREM CAIÇARAS NAS PRAIAS

Existem pessoas que fazem pressões sobre os pescadores, alegando que as caiçaras ficam em frente de suas casas bonitas fechando a visão do mar e não querem se lembrar que eles é que construiram suas casas atrás das caiçaras.

Outras vezes dizem que os pescadores fazem baderna nas caiçaras, perturbando a vida dos veranistas. Acontece, porém, que não são tanto os pescadores que fazem a baderna, mas, sim, os veranistas que acham que tudo para eles é permitido.

Tais veranistas ou firmas imobiliárias recorrem à Capitania dos Portos, exigindo a retirada das caiçaras. Há casos em que eles nem chegam à Capitania, ficando na instância inferior que são os capatazes (funcionários da Capitania). Estes, comprados ou não pelos veranistas e à revelia do Comandante dos Portos, começam a exercer pressão sobre os pescadores que, por respeito às *"autoridades"*, cedem e levantam sua caiçara em outro lugar ou ficam privados dela.

CAPITANIAS PERMITEM EXPULSÃO DE PESCADORES

Há áreas de marinha, principalmente aquelas que estão mais perto das grandes cidades e em regiões de veraneio, onde as Capitanias dão ordens bruscas aos pescadores para retirarem ou transferirem suas caiçaras para outro local dentro do prazo de 24 ou 48 horas ou dentro de 15 dias.

Essas ordens frequentemente são acompanhadas de ameaças: *"Se, dentro desse prazo, as caiçaras não forem retiradas, o trator ou o jipe da Marinha vai derrubá-las com tudo que tem dentro"*.

Frequentemente, Prefeituras e órgãos estatais reforçam tais ameaças quando se trata de áreas de *"interesse público"*.

O pescador vê-se obrigado a derrubar sua caiçara, às vezes sem ter outro local, ou a transferí-la para um local pouco apropriado para encostar sua embarcação, o que dificulta muito o seu trabalho e a sua vida.

NAS NOSSAS REUNIÕES VEJAMOS SE:

1. Existe algum pescador que sabe contar como era a vida dos pescadores?

2. A nossa comunidade já sofreu algumas mudanças? Como foram essas mudanças?

3. Tem algum caso de expulsão? Vamos contá-lo?

4. E as caiçaras, ainda existem em nossa comunidade? Se não existem, como desapareceram?

5. Como se comporta a Capitania na nossa comunidade?

VAMOS JULGAR ESTA SITUAÇAO:

A IMPORTÂNCIA DA TERRA E DA ÁGUA PARA O PESCADOR

Se para o trabalhador rural, a terra é a fonte de sua vida, para o pescador é a terra e a água.

Para o pescador, terra e água se entrelaçam, se confundem. Principalmente para o artesanal que pesca em rios, estuários e mangues, terra e água são inseparáveis. Ambas são a fonte de vida, são como a mãe que gera vida. Não há necessidade de descrever aqui a importância da água para o pescador. Ninguém melhor do que ele poderia falar disso. Vamos lembrar aqui apenas alguns pontos da importância da terra e do mangue:

A IMPORTÂNCIA DA TERRA

Para o pescador, um pedacinho de chão à beira do mar, dos rios e estuários é de muita importância porque:

a) é local de trabalho, isto é, de fabricação e conserto de redes, embarcações e outros petrechos de pesca, sem os quais a mãe água não cede seus frutos;

b) é local de moradia: o pescador precisa morar perto de seu local de trabalho, porque não pode deixar ao léu seus instrumentos de pesca nem as embarcações;

c) em redor da casa precisa ter um pouco de terra para plantar, a fim de completar a alimentação da família.

Assim, também para o pescador a terra é sagrada. Também para ele, o direito à terra é o próprio direito à vida. É da água, mas também da terra que ele produz seu alimento e nas duas realiza seu trabalho humano.

A relação do homem com a terra possui também uma dimensão vivencial e de globalidade. Não se vive apenas na e da terra: vive-se a terra. Enquanto a terra, o sertão, as montanhas e serras marcam profundamente a alma de seu povo, a água, os rios, estuários, o mar e também a terra penetram na alma das comunidades pesqueiras, formando a sua índole, seu caráter, sua cultura e religiosidade (Cfr. texto base da CF 86, número 90 a 95).

A IMPORTÂNCIA DOS MANGUES

As regiões que dispõem de estuários com mangues contam com um importante recurso natural renovável que pode contribuir decisivamente para solucionar dois graves problemas: fome e desemprego.

Os mangues são terra e água ao mesmo tempo ou melhor, sucessivamente conforme as marés. São água e lama com uma vegetação riquíssima. Debaixo do mato típico, encontram-se sururu, ostra, siri, caranguejo, guaiamum. Muitas espécies de peixe e camarão dependem dos mangues em alguma fase de sua vida, principalmente na desova e na criação dos filhotes, mesmo dos peixes que se pesca no oceano.

Mas os mangues hoje em dia estão em perigo. Há o perigo de:

DESMATAMENTO:

Cortar madeira de mangue atrasa o mangue e prejudica os bichos que nele crescem.

Quando se derruba uma grande área de mangue, ela dificilmente se recupera e os peixes,

crustáceos e moluscos morrem. E, nos casos em que se recupera, leva 15 a 20 anos para crescer.

ATERRO:

Quando o mangue é aterrado, aí não tem mais jeito: é a morte do mangue.

O FECHAMENTO DOS FLUXOS D'ÁGUA SALGADA:

Por aterros ou diques mata também toda a vida nos mangues, pois os peixes, crustáceos e moluscos não podem viver sem uma percentagem alta de água salgada. O mangue fica como queimado.

POLUIÇÃO:

A poluição causada pelas indústrias ataca diretamente os mangues e assassina toda a sua vida. Água e lama poluidas trazem doenças para quem nelas entra.

(Cfr. O LEME, nº 79, de fevereiro 1983)

TERRA DE MARTÍRIO

Como para os lavradores, também para os pescadores e suas famílias, a posse da terra, a utilização dos mangues e estuários torna-se frequentemente um martírio, pelas ameaças que sofrem, pelo sofrimento que suportam nas expulsões violentas.

Mas o martírio não pára aqui. Já houve ameaças de morte, como em Quebra-Pote, São Luis, Estado do Maranhão, onde um pescador teve que se afastar temporariamente de sua família.

Em dezembro de 1976, o pescador de carangueijo, José Antônio Cláudio, foi encontrado morto nos mangues de Maragogi, Alagoas. Ele estava com várias balas encravadas no corpo, um braço e uma perna fraturados. Qual foi o crime que ele cometera? Pegar carangueijo no mangue.

Vocês, companheiros, certamente sabem outros casos de martírio, por questões de terra e de mangue. Procurem lebrar-se.

A LEI E OS MANGUESAIS

Existe alguma lei que defenda os manguesais?

Existe. É o "*Código Florestal*", ou a chamada Lei da Preservação Permanente.

O Artigo 2 do Código Florestal diz que os mangues são considerados vegetações naturais de preservação permanente (Lei nº 4771, de 15.09.1965).

Para isso é preciso que os mangues estejam localizados em uma distância mínima, a contar da margem do rio para fora. Esta distância depende da largura do rio:

a) se o rio tiver a largura de 10 metros, a menor distância protegida do mangue será de 5 metros.

b) se o rio tiver a largura de 100 a 200 metros, a distância protegida será igual

à metade da largura do rio. Exemplo: 100 metros de largura do rio - 50 metros de distância protegida.

c) se o rio tiver a largura de mais de 200 metros, a distância mínima protegida será sempre de 100 metros.

d) também os mangues localizados ao redor das lagoas serão igualmente protegidos.

A DEFESA DOS MANGUESAIS: QUEM É RESPONSÁVEL?!

O órgão de defesa dos mangues como vegetação de preservação permanente é o IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, criado pelo Decreto-Lei 289, de 28.02.1967.

Quem pode fiscalizar os mangues?

a) O Governo Federal, através do IBDF,

b) As Capitanias dos Portos, quando se trata de mangues situados em terrenos de marinha,

c) Os Governos Estaduais, através de seus órgãos de controle de meio ambiente,

d) Os Municípios, através de seus órgãos competentes.

AS CONSEQUÊNCIAS DA LEI DOS MANGUES

Enquanto o Código Florestal, com seu artigo 2, estiver em vigor, nenhuma autoridade por si só poderá dar outro destino às áreas de mangue.

No caso de um mangue ser destruido ou danificado, as autoridades públicas têm o dever de fazer renascer o mangue, mesmo que este se encontre em terreno de particular.

Os mangues, mesmo situados em propriedades particulares, são considerados de preservação permanente. Logo, a Lei os protege, sem o proprietário poder exigir indenização.

Os mangues considerados de preservação permanente não podem ser explorados, isto é, ninguém pode devastar os mangues, com a intenção de aproveitar a sua madeira, nem se pode aterrar o mangue para construir casas e prédios.

DEVASTAR MANGUE PODE DAR CADEIA

As devastações de mangues considerados de preservação permanente são considerados de contravenção penal, dando prisão de 3 meses a 1 ano ou multa de 1 a 100 vezes o salário mínimo ou, então, ambas as penas.

As autoridades públicas são obrigadas a fazer um inquérito policial para saber das responsabilidades do destruidor de mangues.

Também sofrem as mesmas penas as autoridades que tenham se omitido, facilitado ou tenham consentido na prática da devastação.

A LEI DOS TERRENOS DE MARINHA

A grande maioria dos pescadores e até das diretorias das Colônias desconhece a legislação sobre terrenos de Marinha.

Muitos pescadores acham que, pelo simples fato de serem pescadores, automaticamente tem direito de se estabelecerem em terrenos de marinha.

Segundo o Decreto-Lei nº 9.760, de 05.09.46, ninguém pode ocupar terreno de marinha sem autorização expressa do Serviço do Patrimônio da União - SPU - e da Capitania dos Portos, nem para levantar uma caiçara.

Entretanto, os pescadores e as Colônias de Pescadores estão enquadrados nas preferências ao aforamento de terrenos de marinha. Segundo o artigo 105 do Decreto-Lei nº 9.760, o pescador e a Colônia estão em nono lugar nas preferências, depois de uma série de outras preferências, principalmente daqueles que já tem a posse ou ocupação legal.

O artigo 105, item 9, diz que tem preferência ao aforamento "... *os pescadores ou*

Colônias de Pescadores que se obrigarem a manter estabelecimento de pesca correlata ou indústria correlata, quanto aos terrenos julgados apropriados".

Mas a Lei dos Terrenos de Marinha não pára aqui. Há mais dificuldades para os pescadores. Vejamos:

Mesmo se os pescadores fossem consultados, antes que os terrenos fossem aforados a terceiros, como manda a Lei, esta não facilita a posse dos terrenos de marinha por parte dos que tem renda baixa e instável:

"Os terrenos aforados pela União ficam sujeitos ao foro de 0,6% (seis décimos por cento) do valor do respectivo domínio pleno" (art. 101).

"O pagamento do foro deverá ser efetuado adiantadamente durante o primeiro trimestre de cada ano, sob pena de multa de 20% (vinte por cento)" (§ 1º).

E tem mais:

Para conseguir o aforamento de terrenos de marinha já ocupados por pescadores estes teriam

que pagar o preço correspondente ao domínio útil (Cfr. Decreto-Lei 1.561, de 13.07.78). Levando em conta os altos preços de terrenos em áreas litorâneas, não há necessidade de esclarecer que o pescador não pode nem sonhar com a aquisição legal de tais terrenos.

E que dizer da dificuldade que o pescador sente de andar nas repartições públicas, no SPU, na Capitania dos Portos etc.!?

Vocês mesmos, companheiros, podem falar melhor dessa dificuldade.

Resumindo, podemos concluir que a legislação específica dos terrenos de marinha tende a favorecer as classes privilegiadas. Isto tanto em termos de facilidades burocráticas seja em termos de preferências econômicas, isto é, o homem de gravata é o mais favorecido.

Um olhar pelas praias confirma a nossa conclusão.

O DIREITO NATURAL A UM ESPAÇO PARA VIVER

Um dos direitos fundamentais que Deus colocou no homem é ter espaço suficiente para viver dignamente como pessoa humana e filho de Deus. Isto implica necessariamente na função social da sociedade.

Na Bíblia, já desde o Antigo Testamento, a questão da terra se põe de modo diferente de hoje. Em geral, a terra não era vista como mercadoria, sendo de uso tribal. As diversas tríbos e famílias tinham a posse da terra, mas não a consideravam propriedade particular. Ela era herança da família: o direito de uso passava de geração em geração. Os poderosos exigiam tributos, cobrados sobre os frutos do trabalho dos camponeses. Não se apropriavam da terra, mas de parcelados produtos dela retirados.

Entre nós a terra é vista no contexto de capitalismo e, portanto, em nível de negócio. Terra é principalmente mercadoria: possui-se, compra-se, vende-se. Hoje, este negócio é feito não só por indivíduos, mas por entidades jurídicas, é negócio institucionalizado que

visa lucro às custas do pequeno e pobre que fica sem espaço para viver.

O que diz a Bíblia sobre isso?

Quando os Reis de Israel começavam a explorar demais e até a expulsar os camponeses de suas terras, os profetas, por exemplo Elias, Eliseu, Amós e Miquéias, elevaram a voz, protestando contra o latifundio e a extensão (Cfr. 1 Rs 21; Mq. 2,1-2), contra os altos dízimos e tributos (Mq. 3,1-4), a exploração e o empobrecimento dos pequenos proprietários (Amós 2,6-7; 3,10; 5,11; Isaías 5,8-10).

Jesus anuncia o Reino de Deus, um Reino de Justiça e Fraternidade, um novo Céu e uma nova Terra, uma *"Terra sem Males"*.

Este Reino de Deus tem uma dimensão presente e vigente. Já está entre nós (Cfr. Lc. 17,21), mas é sempre objeto de esperança (Lc. 11,2; Rom. 8,18-22). Esta novidade radical lhe dá um caráter conflitivo, uma característica de inconformidade com a situação vigente, uma oposição aos reinos do mundo. Esta marca de conflito que o Reino de Deus traz é radicalmente espiritual e, ao mesmo tempo, tem profundas

dimensões e implicações sociais e políticas (Cfr. Texto Base da CF 86, números 103 a 133).

A Igreja, desde os primeiros tempos, já desde os tempos dos apóstolos, vem repetindo as admoestações e os protestos dos profetas. Há inúmeros documentos que nos provam isso. Vocês poderão encontrar alguns no Texto Base da CF 86, números 134 a 154.

Aqui queremos lembrar somente o que o Papa João Paulo II disse, quando de sua visita ao Recife, aos 07.07.1980:

"O próprio direito de propriedade, em si mesmo legítimo, deve, numa visão cristã do mundo, cumprir sua função e observar a sua finalidade social. Assim, no uso dos bens possuidos, a destinação geral que Deus lhes deu e as exigências do bem comum prevalecem sobre vantagens, comodidades e, por vezes, mesmo necessidades não-primárias de origem privada. Isso é verdade também... quando se fala do mundo rural e do cultivo da terra, pois a terra foi posta por Deus à disposição do homem".

NAS NOSSAS REUNIÕES VAMOS JULGAR SE:

1. Todas as pessoas entendem que a terra é também importante para os pescadores? Vamos explicar?
2. Vimos a importância dos mangues. Eles são respeitados?
3. Existe uma lei que protege os mangues. Quem não cumpre essa lei em nossa comunidade?
4. Os órgãos do governo e da marinha, responsáveis pela preservação da natureza, cuidam dos mangues de sua área?
5. Por que a Lei não é respeitada? Por que o pobre não tem vez nos terrenos de marinha, nos mangues, à beira dos rios e lagoas?
6. Quais são as consequências da situação para os pescadores e para a pesca?
7. O que diz a Bíblia sobre isso?

COMO VAMOS AGIR DIANTE DOS PROBLEMAS DE TERRA?

O Texto Base da CF 86 da pistas boas para a nossa ação. Leiam os números 158 a 197.

Aqui queremos lembrar apenas as discussões e resoluções da Comissão Nacional Constituinte da Pesca, reunida em Brasília, de 10 a 12/12/85.

A Comissão tratou largamente dos terrenos de marinha e que chegou a algumas resoluções. Vocês poderão encontrá-las no número anterior de O LEME (nº 95), páginas 21 a 23.

Também nos parece importante a resolução que vocês encontram na página 17, em cima, e que fala no direito de pescar em terrenos invadidos por enchentes.

Agora é hora de discutir essas resoluções nas Colônias e na Comissão Estadual Constituinte da Pesca, aprovando-as ou fazendo emendas.

Lembrem-se que a próxima reunião da Comissão Nacional Constituinte da Pesca se realizará na segunda quinzena de abril.

E agora, gente, que ação concreta vamos planejar para defender os mangues e o nosso direito de trabalhar e morar perto dos nossos pesqueiros e portos?

ALGUMAS NOTÍCIAS FINAIS:

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS PESCADORES

Uma das reivindicações da Comissão Nacional Constituinte da Pesca já foi cumprida pelo Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Pedro Simon: a manutenção de Severino Dario Franco de Oliveira no cargo de Presidente da Confederação Nacional dos Pescadores, até 31 de dezembro de 1985.

É uma vitória dos pescadores e garantia de que a Constituinte da Pesca vai continuar.

VISEU, PA

No dia 19 de janeiro de 1986, a nova diretoria da Colônia Z-21 tomou posse. É pela primeira vez em quase 50 anos que pescadores assumem a direção da Colônia de Viseu, após uma luta árdua contra intermediários e políticos que se julgavam os donos absolutos dela.

SÃO LUIS, MA

Também nesta cidade, no dia 02.02.86, os pescadores conseguiram conquistar a direção da Colônia Z-10. Foi uma vitória até contra os pelegos da Federação.

I N D I C E

. VAMOS VER A SITUAÇÃO DOS PESCADORES:

. O COMEÇO DAS COMUNIDADES PESQUEIRAS.....Pág. 05

. OS ACONTECIMENTOS DOS ÚLTIMOS 30 ANOS.... Pág. 07

. A EXPULSÃO DOS PESCADORES..... Pág. 08

. A CAIÇARA E SEUS PROBLEMAS..... Pág. 11

. VERANISTAS E IMOBILIÁRIAS NÃO
QUEREM CAIÇARAS NAS PRAIAS..... Pág. 12

. CAPITANIAS PERMITEM EXPULSÃO
DOS PESCADORES..... Pág. 13

. VAMOS JULGAR ESTA SITUAÇÃO:
A IMPORTÂNCIA DA TERRA E DA
ÁGUA PARA O PESCADOR..... Pág. 15

. A IMPORTÂNCIA DOS MANGUES..... Pág. 17

. A TERRA DE MARTÍRIO..... Pág. 19

. A LEI E OS MANGUESAIS..... Pág. 20

. A DEFESA DOS MANGUES:
QUEM É RESPONSÁVEL..... Pág. 22

. AS CONSEQUÊNCIAS DA LEI DOS MANGUES..... Pág. 23

. DEVASTAR MANGUE PODE DAR CADEIA..... Pág. 24

. A LEI DOS TERRENOS DE MARINHA..... Pág. 25

. O DIREITO NATURAL A UM
ESPAÇO PARA VIVER..... Pág. 28

. COMO VAMOS AGIR DIANTE DOS
PROBLEMAS DE TERRA?..... Pág. 32

CEDIM

CPP *Comissão Pastoral dos Pescadores*
Rua do Giriquiti, 48 - Fone: 231-3177 - 50.000 - Recife - PE

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA GUIA

CX. POSTAL 11 TEL. 789-1543
CEP 23.880 MANGARATIBA-RJ

DIOCESE DE ITAGUAÍ - COORDENAÇÃO PROVISÓRIA DE PASTORAL RURAL

Histórico:

No dia 02 de Maio p.p., algumas pessoas da Diocese de Itaguaí, desejosas de dar continuidade ao trabalho da antiga CPT, se reuniram na Cúria com a presença do Pe. Galdino, coordenador diocesano da Pastoral Social.

Estavam presentes: Sr. Fontenelle (de Mangaratiba)
Sra. Elza (que já foi agente da CPT)
Dr. Paulo (que já foi assessor da CPT)
Cristiano (jovem de Itaguaí)
Sr. Francisco Moreira dos Santos (de Sta. Cruz)
Pe. Galdino

Depois de um amplo debate, com uma análise profunda da história da CPT em Itaguaí e da atual conjuntura na relação com a CPT estadual e nacional, foi decidida a criação de uma

COORDENAÇÃO PROVISÓRIA DE PASTORAL RURAL DIOCESANA

dando-se esta identidade e estes objetivos:

Identidade:

Em continuidade com o trabalho da CPT diocesana de Itaguai, a PASTORAL RURAL é um referencial de JUSTIÇA, de FRATERNIDADE e de DESENVOLVIMENTO PARA AS PESSOAS DO CAMPO, plantado pela Igreja Diocesana de Itaguaí no Litoral Sul.

Objetivos:

Referencial de Justiça: pretende assessorar, também juridicamente, as Pessoas do campo em seus conflitos para a posse da terra e a reforma agrária;
Referencial de Fraternidade: pretende colaborar no esforço para fazer crescer no campo a dignidade, a participação comunitária, a ajuda recíproca e a solidariedade de categoria;
Referencial de Desenvolvimento: pretende colaborar, em parceria com o poder público, com entidades particulares e com as organizações dos Trabalhadores Rurais, para o crescimento e o progresso cultural, social e econômico.

Itaguaí, 02 de Maio de 1997

PESCADORES RUMANDO PARA NOVAS ÁGUAS

. de novembro - DIA NACIONAL DE LUTA DOS PESCADORES

UMA HISTÓRIA DESCONHECIDA

…tes de falar desta história
…u responder uma pergunta que
… fez um pescador.

"POR QUE DE PRIMEIRO QUASE TODOS OS MARINHEIROS ERAM PESCADORES?"

Por muitos motivos:

1. Porque a MARINHA não tinha pessoal preparado.
2. Não tinha ESCOLA DE APREDIZ DE MARINHEIRO, suficiente
3. Só os pescadores tinham EXPERIÊNCIA de vida de mar.

Assim sendo, os pescadores e seus filhos eram recrutados à força para serem SOLDADOS DA MARINHA
Disto resulta ser
as COLÔNIAS DE PESCADORES, VIVEIROS DA MARINHA.

É o primeiro ESTATUTO, 1[illegible]
vem confirmar esta idéia no segundo artigo:

"AS COLÔNIAS...TERÃO POR FIM UNIR...OS PESCADORES... ORGANIZANDO-SE EM VIVEIROS PARA A MARINHA E EM RESERVA NAVAL DA REPÚBLICA".

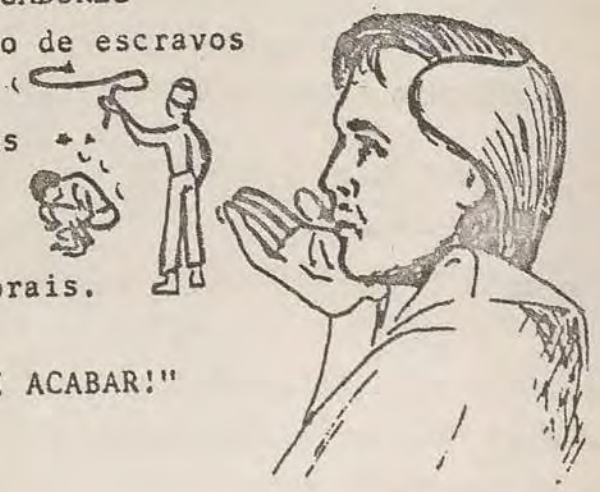
Antigamente estes ESTATUTOS eram feitos e aprovados pelo MINISTÉRIO DA MARINHA;
Só a partir de 1933
que passou para o MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.

Mas ainda hoje, é a MARINHA quem dar ao pescador a carteira de inscrição pessoal.
E o pescador se considera MARINHEIRO.
E ele sente satisfação por isto.

Dada esta informação, agora vamos começar a nossa HISTÓRIA.

Corria o ano de 1910.
Era Presidente da República
o Marechal HERMES DA FONSECA
Naquele tempo a Marinha de Guerra
era o orgulho do Brasil.
Seus navios,
o "MINAS GERIAS", o "SÃO PAULO",
o "BARROSO", o "BAHIA"...
formavam então a terceira
e mais poderosa
esquadra do mundo.

arinheiros como já vimos,
m em sua maioria PESCADORES
recebiam um tratamento de escravos
lém do pouco soldo,
inda vigorava para eles
LEI DA CHIBATA,
BOLO,
e outros castigos corporais.



Mas um dia... "ISTO VAI ACABAR!"
falavam os marujos.

Dito e feito!
O estupim pegou fogo
e a bomba estorou no Rio de Janeiro
que era a capital do Brasil.
Foi no dia 22 de novembro
de 1910.
E isto aconteceu quando
o marinheiro MARCELINO RODRIGUES
do navio "MINAS GERAIS" foi castigado
levando 200 chibatadas.

Na ocasião do espancamento
estava no timão do navio
o pescador JOÃO CÂNDIDO
de 22 anos de idade
que era Cabo da MARINHA DE GUERRA.
JOÃO CÂNDIDO e seus companheiros
se apossaram das munições,
prenderam os oficiais
e gritaram por justiça.

Todos os marinheiros dos outros navios
que estavam no cais do porto
do Rio de Janeiro
aderiram ao Movimento
que passou para a História
com o nome de
REVOLTA DA CHIBATA.
Os canhões eram apontados
para a cidade do Rio de Janeiro
e os marujos ameaçavam
bombardeio geral
caso o Governo não atendesse
suas justas reivindicações
no prazo de 24 horas.

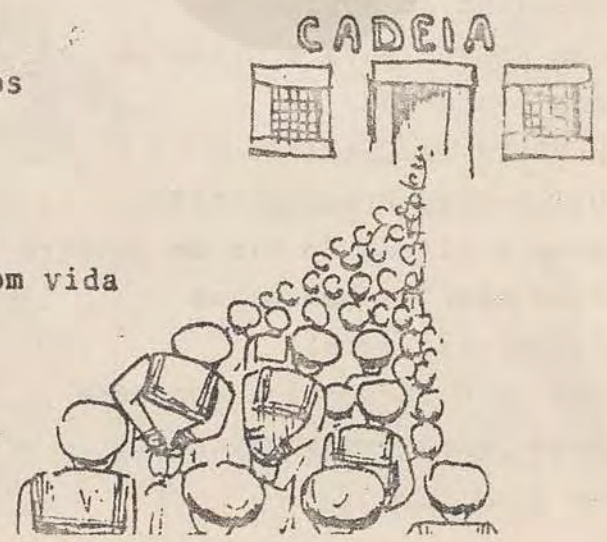
que os marinheiros pediam:

QUE DESAPARECESSE A LEI DA CHIBATA
O BOLO E OUTROS CASTIGOS PARECIDOS
AUMENTO DO SOLDO
ANISTIA GERAL
E OUTROS.

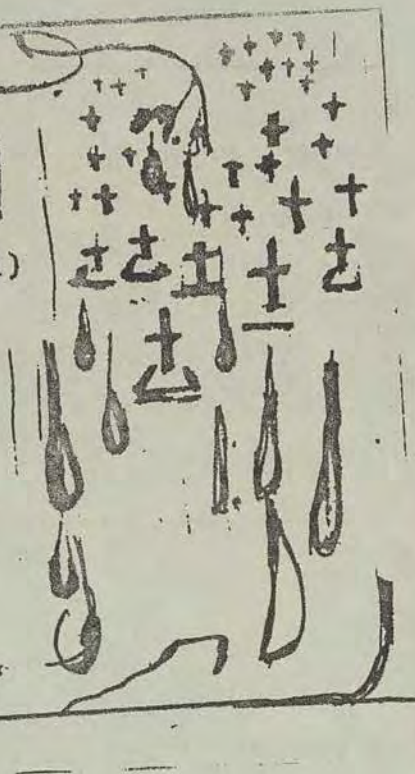
Mas vejam
o que aconteceu:

O Governo aceitou as propostas dos marinheiros (pescadores), mas, logo depois de uma semana ele fez traição.

JOÃO CÂNDIDO
e mais mil companheiros
foram metidos
nas masmorras
da Ilha das Cobras.
E, os que escaparam com vida
foram deportados
para a Amazônia.
Lá, morreram à míngua.



Na REVOLTA DA CHIBATA
e em consequência dela
morreram mais de 2.000 (duas mil)
pessoas.
JOÃO CÂNDIDO ficou conhecido
com o nome de
ALMIRANTE NEGRO
que veio a falecer com 89 anos
em 1969.



Daí porque o dia 22 de novembro
é um dia especial
para os pescadores.

É o dia da luta pela justiça
É o dia em que a gente se colocou de pé
como filhos de Deus,
criados à Sua imagem e semelhança.

ATENÇÃO! **Companheiros**
e companheiras!
Convidamos a todos daí
dessa Comunidade
para fazer alguma coisa
no dia 22 de novembro
para festejar o nosso dia!

Como podemos festejar o dia 22 de novembro?

Ora, fazendo coisas que ajude a Comunidade a pensar.
Por exemplo:

REUNIÕES
CONCENTRAÇÕES PÚBLICAS
PALESTRAS
CAMINHADAS
PROJEÇÕES DE FOTOGRAFIAS OU DESENHOS
MUTIRÕES
ABAIXO-ASSINADOS, etc.

Pastoral dos Pescadores
REGIÃO SUL

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
SE/Sul Quadra 801 - Conjunto "B"
Cx. Postal 13-2067 - Fone: (061) 225-2955
70.401 - Brasília - DF

Brasília, 16 de agosto de 1988
CF-C-nº 716/88

Objeto:
SUBSÍDIOS CF 89
FRATERNIDADE E COMUNICAÇÃO

Coordenador(a) Diocesano(a) da CF

Comunico-lhe que o Texto-Base e demais Subsídios da CF-89 já estão redigidos e deverão ser entregues, o mais breve possível, à Editora Salesiana para serem impressos e expedidos às dioceses.

Quanto ao pedido de material da CF foi decidido durante a Avaliação Nacional (22-24/05 p.p.) que:

- o material será pedido diretamente pelas Dioceses ou através dos Regionais, conforme a conveniência, ao Secretariado Nacional da CF;
- o Nacional informará aos Regionais os pedidos recebidos para, se for o caso, poder animar as dioceses que não fizeram o pedido;
- a Editora Salesiana substitui o CPP na publicação e distribuição do material da CF;
- o material da CF será distribuído também pelas livrarias católicas;
- o cronograma do envio do material priorizará os pedidos das dioceses e dos Regionais ao das livrarias.

Quanto aos subsídios:

- o Nacional continuará produzindo, como vem fazendo até o presente, tendo em vista a grande demanda dos vários subsídios;
- o Nacional entregará a preparação dos subsídios a equipes competentes;
- verificou-se que os Regionais, Dioceses, etc, já estão produzindo subsídios próprios, inclusive com tiragem superior a do próprio nacional. Esta produção deve continuar com o apoio do nacional, tendo em vista, um processo de maior participação.
- Spots para TV e jingle para rádio - foi relembrado o alto custo financeiro deste material; por outra parte, trata-se de um espaço na TV e no Rádio tão importante que não se deve cogitar em perdê-lo;
- foi levantada a hipótese de entregar os Spots só nas matrizes das emissoras para baratear os custos, mas a proposta foi descartada por terem os responsáveis locais mais facilidade de acesso e contacto.

PEDIDOS DE SUBSÍDIOS DA CF-89

Arqui/DIOCESE/PRELAZIA .....

REGIONAL .....

SUBSÍDIOS	QUANTIDADE
TEXTO-BASE	.....
MANUAL	.....
MISSA: DISCO	.....
FITA K-7 (MISSA E OUTROS CANTOS).....	.....
VIA-SACRA	.....
CELEBRAÇÃO DA MISIRICÓRDIA DE DEUS	.....
VIGÍLIA EUCARÍSTICA COMUNITÁRIA	.....
CF COM JOVENS	.....
CÍRCULOS BÍBLICOS	.....
COMUNICAÇÃO NA CATEQUESE	.....
A CF E OS MCS: SPOTS TV	.....
SPOT PARA RÁDIO	.....
CARTAZES : GRANDE	.....
MÉDIO	.....
PEQUENO	.....
CARTÃO COM ORAÇÃO CF	.....
CARTÃO SEM ORAÇÃO CF	.....
ADESIVOS	.....
ENVELOPES	.....

RESPONSÁVEL .....

....., de de 1988

Quanto ao custo deste material foram levantadas 4 hipóteses:

1. O custo integrado ao preço do material distribuído
2. Os Regionais que se beneficiam dos 10% da arrecadação assumam 50% das despesas atualmente cobertas pelo Nacional
3. As Dioceses assumam as despesas do material usado pelas emissoras da sua área
4. Continuar como está.

Destas quatro propostas, foi decidido pela Coordenação Nacional com Dom Celso Queiroz que prevalecerá a 2ª proposta: "Os Regionais que se beneficiam dos 10% da arrecadação assumam 50% das despesas atualmente cobertas pelo nacional(Ata do CM - Ano 37 - N421, p 768).

Anexo a esta circular segue a folha de pedido de material da CF-89. Se a sua diocese já o fez, não será necessário fazê-lo novamente. Quanto mais rápido for feito o seu pedido melhor, pois, assim a Editora Salesiana poderá enviar, até fins de setembro, o Texto-Base, Cartaz, Disco e Fita K-7 .

Chamamos a atenção para uma PEÇA NOVA: A COMUNICAÇÃO NA CATEQUESE.

O Setor da Catequese da CNBB achou oportuno refletir sobre a Comunicação na Catequese. Por isto acrescentou mais um subsídio para a CF-89: "COMO VAI A COMUNICAÇÃO NA CATEQUESE". Destina-se aos catequistas, mas dá, também, valiosas orientações para outros setores da pastoral.

Seja a CF-89 um momento de pastoral de conjunto para vivenciarmos a quaresma segundo as orientações da Igreja.

Fraternalmente no Senhor,

Pe. Dagoberto Boim
Secretário Executivo CF

PREPARAÇÃO - MOTIVAÇÃO

1. Para que se possa entender melhor e motivar a celebração, os animadores LEIAM a cartilha "LEIS DA LIBERTAÇÃO NA ÉPOCA DA ESCRAVIDÃO" e ASSISTAM os SLYDES - "NEGRO SIM (dos A.P.N - RJ e IBASE) e/ou HISTÓRIA QUE NÃO FOI CONTADA e/ou DA LEI ÁUREA AO SALÁRIO MINIMO e/ou NEGRO QUER FALAR" na comunidade que atua ou no grupo que participa.
2. PREPARAR O LOCAL do Ato Celebrativo com cartazes, símbolos, jornais, livros, revistas para serem usados durante a queima.
3. Um dos cartazes, pode ser a ANELIAÇÃO DO QUE SEGUE no roteiro.
4. Propomos que nesse dia o animador PROMOVA UMA COLETA para ajuda aos APN.

I - I N T R O D U Ç Ã O

CANTO: Eu Sou Negro Sim
EU SOU NEGRO SIM, COMO DEUS CRIOU
SEI LUTAR PELA VIDA, CANTAR LIBERDADE, COSTAR DESTA COR REFRÃO

1. Nasci livre, fui feliz, lá na África querida.
Partilhando os dons de Deus, festejando o Deus da vida (bis)
2. Poderosos arrancaram da mãe terra minha gente
Resisti morri de banzo, fui escravo por corrente (bis)
3. No Brasil juntei-me aos fracos, lutei contra a escravidão
Fiz Quilombo, fiz cultura, contrui nova nação (bis)
4. Nessa terra suei sangue, dei meu corpo, vida e peito
Hoje sofro as mesmas dores do racismo e preconceito (bis)
5. Sem correntes hoje luto, pra viver em liberdade
Organizo, rezo o sonho meu Brasil - Fraternidade (bis)

A. Após anos de resistência do povo negro, "101 ano de liberdade", nós A.P.N pela segunda vez queremos marcar publicamente através dessa celebração o NOSSO PROTESTO a essa falsa liberdade, assinada por "mãos brancas no dia 13 de maio de 1888.

CANTO: CLAMOR DE JUSTIÇA

1. Estamos chegando êêê - Chegamos cantando êêê
Sambamos revolta êêê - Nós somos humanos êêê

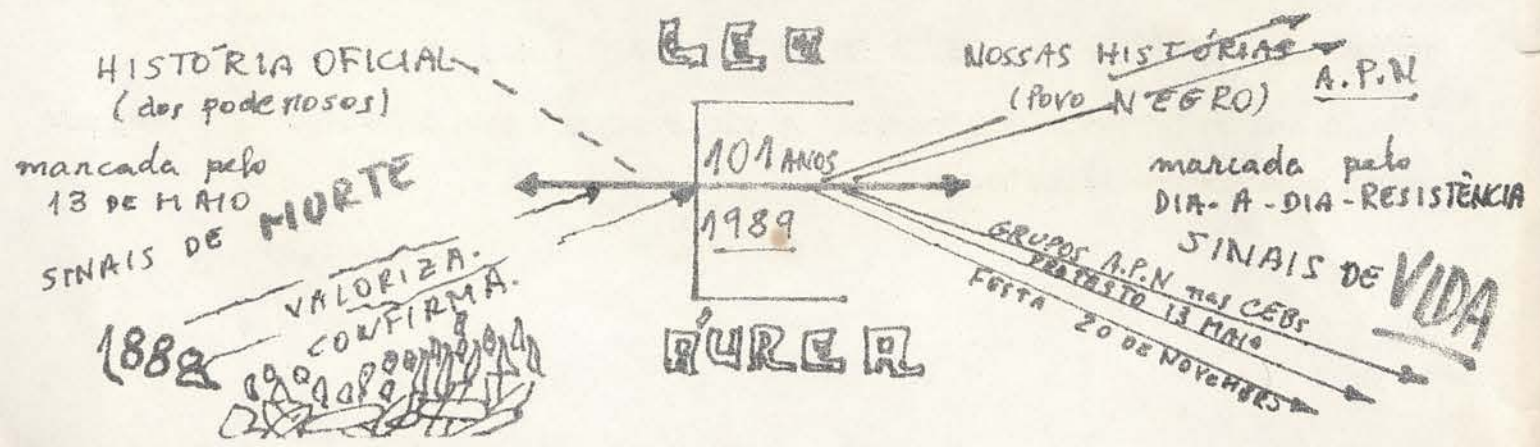
REFRÃO: UM CLAMOR DE JUSTIÇA ESTA NO AR / UM CLAMOR DE JUSTIÇA ESTA NO AR

2. Ouvi o clamor êêê - Deste povo negro êêê
Que clama e que luta êêê - Por direito e justiça êêê

A. Queremos também avaliar e rever apartir de quem foi feita e contada essa história e as conseguências que isso trouxe para o povo negro até nossos dias. REFRÃO: LÁ VEM O NEGRO TRAZENDO A HISTÓRIA NA MÃO
ELE SONHA, ELE LUTA, POR SUA LIBERTAÇÃO

II - APRESENTAÇÃO DO QUADRO
VAMOS REFLETIR O PASSADO E O PRESENTE

O animador com uma grande folha, papel pardo ou manilha, cartolina ou outro que o valha, deve A M P L I A R este quadro abaixo e/ou C O M P L E T A R .



III - O QUE VAMOS QUEIMAR ! ! !

L. Nossa história é marcada de muita esperança, sangue, sofrimento, lutas e vitórias que não aparecem na história oficial. Queremos nesse momento, recuperar e queimar tudo aquilo que a história oficial mentirosa escreveu como sendo de libertação, mas que na verdadedsignificou e ainda significa escravidão e morte para o povo negro.

O N T E M: Os falsos heróis; as LEIS... da Terra (1850), do Ventre Livre (1871) o menor negro no abandono, do Sexagenário (1885) os idosos na rua, Áurea (1888) todos os negros ficaram abandonados - tirados da senzala jogados nas favelas e periferias.

A BURGUESIA DA ÉPOCA NÃO VIA MAIS INTERESSE NO ESCRAVISMO
ESSE DIFICULTAVA A EXPANÇÃO DO CAPITALISMO.

Sobre as LEIS - Pags 7-13 Livro
Leis da libertação na época da escravidão

H O J E: No nosso meio existem MARCAS que provam que essas leis não trouxeram nenhuma libertação e devemos queimar . . .

A situação de miséria
A disciriminação e exploração no mercado de trabalho
abandono do menor
Dupla discriminação sofrida pelas mulheres negras
Meios de comunicação social - que reproduz o racismo
Discriminação e preconceito racial

O animador deve junto a comunidade comentar outros sinais que confirmam a escravidão, depois diante do fogo queima-se o material que temos.

TODOS: (EM RODA) LÁ VEM O NEGRO TRAZENDO A HISTÓRIA NA MÃO
ELE SONHA, ELE LUTA, POR SUA LIBERTAÇÃO

A. Com o fogo se faz uma marca, um SINAL permanente.

O povo diz: ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO...

E nós confirmamos: ONDE HÁ FOGO, HÁ LUZ...

Essa LUZ que se acende com o queimar da FALSA LEI e ilumina um NOVO TEMPO nos CONVOCA e nos ENVIA EM M I S S Ã O ! ! !

O que celebramos nos convida a viver um momento inovador na nossa história e na nossa libertação.

PALAVRA DE DEUS

Eis o meu servo que eu sustento,
o meu eleito, em quem tenho prazer.
Pus sobre ele o meu espírito,
ele trará o julgamento às nações.
Ele não clamará, não levantará a voz,
não fará ouvir a sua voz nas ruas;
não quebrará a cana rachada,
não apagará a mecha bruxuleante,
com fidelidade trará o julgamento.
Não vacilará, nem desacorçoará
até que estabeleça o julgamento na terra;
na sua lei ilhas põem a sua esperança. (Isaias 42,1-4)

Q U E S T I O N A M E N T O : O que queremos marcar ??? (SILÊNCIO)

* UM TEMPO NOVO, mais um ano de RESISTENCIA E CONQUISTAS *

* * VÁRIOS MOVIMENTOS NEGROS DENTRO DA HISTÓRIA * *

* * * Nas CEBs, um ano após a CF de 1988 e a CF de 1990 - MULHER * * *

* * * VÁRIOS GRUPOS DE Agentes de Pastoral Negros(APN) * * *

IV - FOGO - S I N A L D E E S P E R A N Ç A

A comunidade dança ao redor do fogo, ao som dos atabaques. O animador deve pedir que 2 ou 3 pessoas façam um testemunho de vida de um FATO que marcou sua história. Depois de cada Fato a comunidade volta a dançar...

V - S I N A L

Marcando o companheiro com a cinza da fogueira (numa parte do corpo - cabeça, ombro, mãos, pés, etc...) que é sSiInNaAlL de luta e de caminhada. Passe ai a cinza e diga o porque.

Todos: CANTO: COISA BONITA

Ó QUE COISA BONITA (bis)

1. Deus Pai libertador / criar negra côr - ó que coisa bonita
2. Jesus é nosso irmão/ sem separação - óoque coisa bonita
3. O Espírito, a fé, / a força e o Axé - ó que coisa bonita
4. Mãe por Deus escolhida / Negra Aparecida - ó que coisa bonita
5. Celebrar Deus da vida/ com festa e comida - ó que coisa bonita
6. O que vim celebrar / vou viver e anunciar - ó que coisa bonita

CANTO: MODJUMBÁ AXE

Modjumbá Axé, Modjumbá Axé
Aquele que é minha força, ME abençoe, TE abençoe

1. Não queremos comemorar o 13 de MAIO.
   É uma CELEBRAÇÃO DE PROTESTO contra toda falsa abolição.
   Nossa Festa é 20 DE NOVEMBRO - marco ZUMBI dos PALMARES verdadeiro lider pela libertação do Povo Negro
2. Não é um roteiro fixo. O grupo deve criar. É apenas uma orientação.
3. A LUTA continua. Aqui e em todos os lugares do Brasil.

AXÉ - a Comissaão!

Regional Leste 1 da CNBB
R. Benjamin Constant, 23 - S. 520 - Tel. (021) 232-2025
CEP 20.241 - Glória - Rio de Janeiro - RJ

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE - 87

CEDIM

Regional Leste 1 da CNBB
R. Benjamin Constant, 23 - S. 520 - Tel. (021) 232-2025
CEP 20.241 - Glória - Rio de Janeiro - RJ

Relatório de Avaliação Regional da C.F.-87

"Quem acolhe o Menor a Mim acolhe"
(disse Jesus)

a) Como o Regional preparou e coordenou a C.F.-87?

A preparação se deu em reunião, realizada a 9 de novembro de 1986, com a participação de 8 dioceses do Regional, estando ausentes 2 dioceses.

Naquela reunião pudemos contar com a presença do Profº Roberto José, que se dedica a Entidade São Martinho, na abordagem, acolhimento e promoção do Menor de rua. Passou aos participantes uma visão histórica da C.F. 64 a 86 e em seguida apresentou o Texto-Base, dentro do método, Ver - Julgar - Agir. No Agir, foram colocadas as realidades de cada diocese, na questão do Menor. Resultou um pedido para o Regional fazer caminhar juntos, neste ano, a C.F. e a Pastoral do Menor. Em anexo enviamos o relatório da reunião de preparação.

Recentemente aos 9 de maio, tivemos um encontro de avaliação desta caminhada onde estiveram presentes coordenadores de 9 dioceses, com excessão de 1, e também representantes da pastoral do Menor e Entidades Civil que tem o Menor, como objetivo a atingir.

Estiveram presentes:

. Ney Gomes - Volta Redonda
. Arydalton Carlos Vilarinhos - Volta Redonda
. Maurício Figueira - Rio de Janeiro
. José Heluy - Campos
. Glaucio Correa Soares - Campos
. Alveri Vianello - Nova Friburgo
. Celso Pinto Carias - Duque de Caxias
. Menandro dos Santos - Niterói
. Nise Maria Orlonso - Niterói
. Maria do Carmo Ferreira - Niterói
. Antonio D. Fernandes - Niterói
. Ir. Helena Teresinha Rech - Valença
. Fernando Marques Duarte - Valença
. Maria José Graça Leal - Valença
. Azulcika Sampaio Rodrigues - Nova Iguaçu
. Ir. Vera Melo Freire - Itaguaí

Regional Leste 1 da CNBB
R. Benjamin Constant, 23 - S. 520 - Tel. (021) 232-2025
CEP 20.241 - Glória - Rio de Janeiro - RJ

Ausentes:

. Petrópolis

Na oração inicial refletimos o Salmo 145.

Frei Mariano Gijsen, coordenador de orientação religiosa da Funabem, esteve presenta à parte da manhã, falando sobre o Menor de rua e a repercussão da C.F. -87. Frei Mariano, entre tantas coisas falou sobre o perfil do jovem. O que o caracteriza?

. Ele é pobre - (grande pobreza material) - se possui alguma coisa (casaco, camisa, chapéu etc..), logo ele perde, por roubo ou por solidariedade com os colegas de rua.

. Em geral, falta a figura do pai - pai bêbado, assaltante, desconhecido, ou que abandona a mãe com muitos filhos. Por isso, é difícil para o Menor, o relacionamento com o homem, que lhe aparece na vida como o Juiz, o guarda, proibindo-o de vender suas coisas, prendendo ou, às vezes, batendo.

. Ele é desconfiado - quase sempre esses meninos têm vários nomes e idades, conforme passam pela polícia, sua identidade quase sempre deturpada e confusa.

. Capacidade de imaginação - sonham muito em serem fortes exterminando com os maus. Imaginam os maus sendo punidos, por seus erros. Encontram no sonho uma válvula de escape.

. Vida afetiva - com a ausência do pai, e uma certa afetividade com a mãe, os menores formam logo um bando, onde descobrem sua afetividade. As relações sexuais começam muito cedo entre 9 e 11 anos. Para eles as relações sexuais são o ato mais natural e que lhes dão prazer.

. Curiosos e espertos - em geral, não têm escolaridade, mas conseguem guardar números de telefones de cor, lugares e situações. São muito inteligentes.

. Preguiça - alguns trabalham duro, outros já conseguiram uma vida fácil e não querem trabalhar, mas gostam de serem utóis.

. Religião - para eles, Deus é muito complicado. Inferno já é aqui. O céu é comida boa. Para os viciados é um pouco de maconha, dormir bem, numa cama e uma mulher. São cheios de superstição e não entram no cemitério, nem na Igreja.

Regional Leste 1 da CNBB
R. Benjamin Constant, 23 - S. 520 - Tel. (021) 232-2025
CEP 20.241 - Glória - Rio de Janeiro - RJ

.Senso crítico - senso de justiça - questionam a fundo o problema social, não entendem porque muitos são presos por roubarem coisas insignificantes e outros roubam milhões, jóias e ninguém os prendem. Muitos recriminam o fato deles fazerem sexo e ninguém recrimina aqueles que tem dinheiro, para frequentar os motéis.

O Menor, profeta do século XX, que incomoda, mostrando-nos que estamos cada vez mais materialistas, apegados. Nós é que precisamos nos converter.

Concluímos a manhã, vendo a possibilidade do Regional, prestar um serviço às dioceses no tocante à questão do Menor, articulando as dioceses para que estas descubram como melhor atender o chamado de Deus.

b) O que de mais importante a destacar da C.F. em nível Regional?

Os pontos mais destacados foram:

. criação de materiais como: slides, boletim, fascículo de orientação, cartazes, camisas e etc... ; (Rio, Nova Iguaçu, Campos)
. Seminário e curso com autoridades e coordenadores da C.F. sobre o tema; (Campos e Rio)
. maior participação nos grupos de reflexão;
. atividades com creches, centro de recursos de atendimento a menores de rua, cooperativa de menores, pequena fábrica de vassouras; (Rio, V. Redonda, Valença, N. Iguaçu)
. criação da pastoral do Menor (Friburgo);
. divulgação na imprensa; (Rio, Friburgo, Valença, Campos)
. Congresso de Menores trabalhadores, em 13-09-87; (Itaguaí)
. aceitação espontânea, do povo, ao tema deste ano.

C) Que dificuldades o Regional encontrou na animação da CF-87?

. atraso do material (todas as dioceses sentiram esta dificuldade);
. atraso na recepção do filme para TV (Rio);
. na diocese, a evidencia é o Menor carente, trabalhador, que não harmonizava com o cartaz, nem com as músicas que ressaltavam o Menor Abandonado (Itaguaí);
. amplitude do problema Menor;
. encontrar uma equipe para dedicar a C.F. atuação em tempo integral;
. gastos onerados com a distribuição confusa do material (telefonemas, devolução de material por parte das paróquias etc...);

Regional Leste 1 da CNBB
R. Benjamin Constant, 23 - S. 520 - Tel. (021) 232-2025
CEP 20.241 - Glória - Rio de Janeiro - RJ

. falta de informação exata, sobre o teor do material da C.F.;
. as editoras continuam a receberem o material em primeiro lugar.

d) Constantes - desafios - sugestões:

. Constantes:

. maior aceitação e adesão ao tema da C.F.-87, por parte do povo e dos órgãos municipais, escolas particulares e outros;
. criação de centros de recuperação, entidades de promoção ao Menor Carente, pastoral do Menor, convênios com micro-empresas etc.. .

. Desafios:

. em alguns casos é um desafio a extensão territorial da diocese (Campos, V. Redonda, Valença, Friburgo);
. o tema Menor, se torna um desafio, quando vemos a causa, materialismo, sociedade impune, injustiças sociais, hipocrisia, falta de conversão. Como eliminar a causa?
. criar a nível regional, serviço de appio às dioceses,
. Sugestões: no que toca a questão do menor.

. precisão nas informações e distribuição do material.
. prévio conhecimento do material elaborado.

e) Avaliação do material:

. Texto-Base - bem confeccionado, conteúdo rico em dados históricos, estatísticos e gráficos e fotografias.
. Disco - reclamação quanto ao fato de não conter todas as músicas. Músicas mais apreciadas: ofertório e comunhão.
. Filmeto para TV - um pouco confusa a distribuição, quanto ao filme bom, talvez a imagem poderia ser mais clara.

f) Sugestão para 89:

. Idoso
. Mulher
. Droga
. Índio
. Família

Regional Leste 1 da CNBB
R. Uruguaiana, 23 - S. 520 - Tel. (021) 232-2025
CEP 20.241 - Gloria - Rio de Janeiro - RJ

ANEXOS:

nº 1. relatório da reunião de preparação. (já foi enviado anteriormente).

Côn. Amaro Cavalcanti de Albuquerque
Secretário do Reg. Leste CNBB

Aldith Maria Teixeira Silva
Coordenadora da C.E.

CEDIM

RELATÓRIO DO TRABALHO REALIZADO NA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 1987 EM PARATY.

Eu, CILENCINA RUBEM DE OLIVEIRA MELLO, na coordenação da Campanha da Fraternidade de 1987, cujo tema foi: " QUEM / ACOLHE O MENOR A MIM ACOLHE " atuei da seguinte maneira:

O primeiro passo, foi uma viagem a Itaguaí acompanhada pela senhora Benedita Natividade Torres Pádua e do padre / João, a fim de participar com o padre Antonio Carlos e outros / membros da Diocese, de uma reunião, para obter subsídios para / iniciação do trabalho. No regresso, convidei várias senhoras / atuantes na paróquia para uma reunião e juntas formarmos grupos para encontros nas famílias, dos diversos bairros e no centro.

Pelo relatório que recebi de cada grupo, o "tema" e as músicas, foram bem divulgadas. Em várias comunidades, também foram realizados encontros, e, bem participados.

Coordenando a Campanha, participei de cinco reuniões no grupo sob a responsabilidade de Anna Zita Corrêa e Benedita / Padua.

Nas casas que nos reunimos, nosso apelo não teve / "eco", visto o número reduzido de participantes. Esses encontros foram no Bairro da Patitiba.

Realizei mais cinco, no Bairro da Mangueira na casa que deverá chamar-se Nossa Senhora Aparecida, local de reuniões/ semanais, com o catequista Sr. Francisco. Ali não faltou o apoio de Anna Zita e Benedita Pádua e do referido catequista. A assistência foi bem melhor e a participação também, que a do outro / bairro. Atendendo convite das senhoras: Perolina, Dirce e Nezi, integrantes de outro grupo, para que juntas fôssemos ao / CIEP, lá estivemos. Tive o privilégio de iniciar o encontro e,/ deixando de lado o folheto da Campanha, falei de improviso para os cento e cinco alunos que lotavam o auditório relacionando o tema da Campanha, aproveitado para fazer considerações especificamente com eles, ali. Saímos satisfeitas, achando que a oportunidade foi muito boa.

Em todas as reuniões que participei, num total de / onze, iniciávamos sempre com uma Ave Maria, pedindo ao Espírito Santo, luz e força para o melhor desempenho de nosso trabalho.

Ainda com a Benedita Pádua, procuramos os Guiasmirins, falando com seus pais, convidando-os para uma reunião, que se realizou em 21 de março, no Salão João XXIII.

Roteiro Missa Inculturada Afro/ Duque de Caxias – 20 de novembro de 2012

Preparado pela equipe em Reunião: (Presentes: Tarcizio, Nádia, Ercília, Cláudio, Ana Lígia, Francisco, Marizia, Lúcia e Maria José).

1) Acolhida Afro Acolhida nº 01

Símbolos de Entrada: Água – S. João/ Terra – Duque de Caxias / Banner de Zumbi – S. João /Faixa – Duque de Caxias.

2) Canto de Entrada: nº 02 - Axé do povo negro

3) Sentido da Celebração: Nádia / Alderine

4) Ato Penitencial: Canto nº 04

5) Invocação dos antepassados:

Lúcia estará com fogo passando pela Assembleia. Ao som do atabaque, invocam-se os nomes dos antepassados do povo negro e de nossas lutas. Após canta-se o mantra nº 03

6) Glória – nº 05

7) Entrada da Bíblia – Canto nº 06 / Viviane - Duque de Caxias

8) 1º Leitura: Viviane (D. de Caxias)

9) Salmo : Adelaide (S. João)

10) Aclamação ao evangelho – Canto nº 07

11) Evangelho

12) Homilia

13) Oração da Comunidade: Irmã Ivonete

14) Ofertório (Apresentamos os frutos do trabalho do homem, dom de Deus, junto a grande oferta , o sacrifício de Jesus Cristo morto e ressuscitado. Canto n ° 08.)

15)Oração Eucarística _____(Resposta será cantada)

Santo: Canto nº 09

Pai Nosso: Rezado

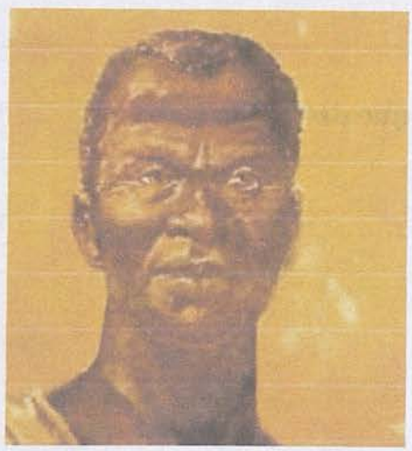
16)Canto de Comunhão: 10 e 11

17)Leitura dos Objetivos da Pastoral Afro.

18) Ação de Graças: Nesse Momento de ação de graças, gratos por todas as bênçãos que recebemos de nossa senhora Vamos receber a Mãe Negra Aparecida / Canto nº 12 (Os jovens da Comunidade Bom Pastor -Paróquia São João Batista, farão a entrada)

19 - Benção Final

Procissão de saída - Nra. Aparecida / Banner / Ofertas / Padres (os alimentos, só serão partilhados no salão. Todos deverão sair atrás da Procissão de saída cantando o Canto nº 13 - Romaria do Povo Negro).



Irmã Elisabeth Alves

SAÚDE DO POVO I

DIOCESE DE ITAGUAÍ
Cx. Postal, 193
23.800 - Itaguaí - RJ

É-nos profundamente grato fazermos a apresentação deste trabalho.

Trata-se de um livro despretensioso, escrito em linguagem simples, desataviada, inocente, e endereçado aos mais simples, aos mais humildes, aos mais pobres, aos mais necessitados.

As intenções de sua autora são perfeitamente definidas: ajudar, cooperar, participar, transmitir, doar gratuitamente aquilo que gratuitamente de Deus recebeu: sabedoria, bondade, caridade, humanidade.

Seus objetivos são óbvios e anunciados ao longo do texto por seu personagem Zeca Coragem.

Volta Redonda, 15 de junho de 1978.

DR. LUIZ BARBOSA FILHO
Diretor do Dep. de Saúde e Serviço Social

Ilustração da capa: Cristovão Vilela

SAÚDE DO POVO I
Vermes e Latrinas

Irmã Elisabeth Alves

CEDIM

Petrópolis
Editora Vozes Ltda.
1978

© 1978, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25600 Petrópolis, RJ
Brasil

Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas da

EDITORA VOZES

Rua Frei Luís, 100 - Petrópolis, RJ

CEDIM

Capítulo I

AS BICHAS

O João só vivia doente.
Seu corpo era fraco, pesado...
E de coragem, coitado:
Andava bem fracassado!

E o povo com sabedoria,
Vendo seu ar de fastio,
Ajuntou-lhe mais um nome
Chamando-o JOÃO DOENTIO.

I. AS BICHAS!

Até que um dia...
Zeca Coragem, um homem que só vivia estudando, procurando melhorar as coisas, apareceu por lá. Conversa vai, conversa vem, tiveram uma idéia que poderia ser a solução de muitos problemas do João Doentio. Marcaram um certo dia da semana, combinaram o lugar, seria feita uma reunião com todas as pessoas que se interessassem por entender mais de saúde.

O Zeca Coragem arranjou mais uns livros na cidade e se preparou para o dia da conversa sobre SAÚDE.

Quando os vizinhos do João Doentio souberam da idéia, gostaram da novidade. A turma foi toda.

O Zeca Coragem entrou logo no assunto e perguntou:

VOCÊS SABEM O QUE SÃO BICHAS?

Foi um zunzum. Cada um sabia alguma coisa.

E COMO AS BICHAS ACABAM DENTRO DA GENTE, SABEM?

E foi a partir daí que o Zeca Coragem começou a reunião.

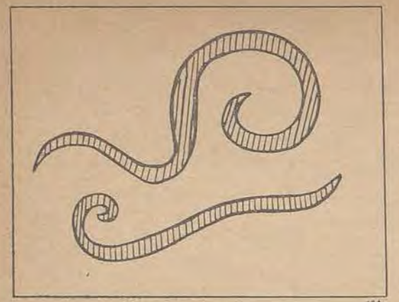
Nós falamos bichas, mas o nome mesmo é: VERMES. E não são todos iguais. Os peixes não são iguais, nem as flores. Muito menos os vermes. O certo é que qualquer um deles estraga tudo que é saúde. E a saúde é muito importante, a gente vive animado, tem coragem de trabalhar, jogar bola... por isso, é preciso saber defender a saúde que temos. Ter saúde depende da gente também!

D. Rosa Descrente falou logo:

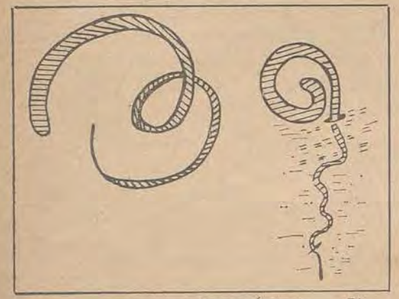
Onde se viu? Quem pode fazer isso é só o Doutor!

Mas o Mané Ponderado respondeu:

Vamos ver o que o Zeca tem a dizer, depois a gente discute.



LOMBRIGAS



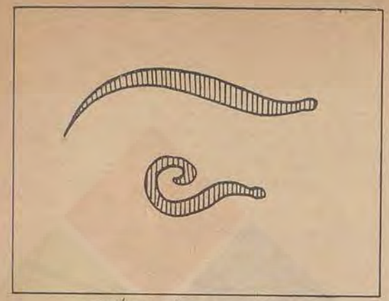
ANCILOSTOMÍDEOS

O Zeca Coragem continuou:
Eu li nos livros e fiz tudo isso em minha casa e deu muito certo. Não sou doutor, e sei muito pouco, mas quero ajudar vocês. Trouxe até uns desenhos e quem não sabe ler vai entender logo.
Os vermes gostam de viver nos homens e animais. São muitos.

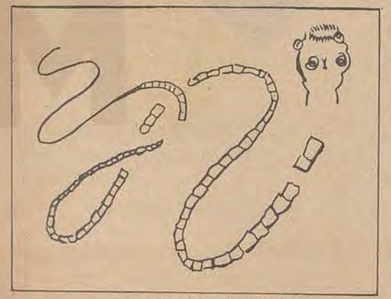
Esse aqui é muito conhecido por nossos lados. Seu nome é ASCARIS LUMBRICOIDES, e todo mundo conhece como LOMBRIGA. Quando são pequenas podem caminhar por diversos pontos de nosso corpo e causar males muito sérios. Essas lombrigas deixam a gente com dor de barriga, ficando nervoso, com prisão de ventre (cocô duro). Quem possui vermes, quando faz as necessidades, cocô, os ovos dos vermes saem misturados. O cocô tem um nome diferente: fezes. Vejam na figura como acontece:

Tem uma doença que conhecemos como AMARELÃO. Ela é causada por esse verme aqui, o nome é feio que nem ele: ANCICLOSTOMÍDEO. Ele suga o sangue da gente, tira toda a coragem de trabalhar. E a cor amarela é porque o sangue perde sua força.
Esse verme entra na gente pela pele, até mesmo pela planta (sola) do pé, como está mostrando essa gravura.

Esse daqui gosta muito de crianças. E' pequenino, parece um fio de linha. O nome dele é OXIUROS e deixa uma coceira danada no traseiro (ânus), principalmente à noite!



OXIÚROS - "FIO DE LINHA"



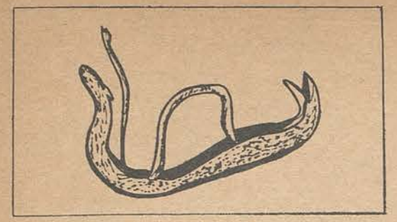
SOLITÁRIA - (TENIA)

A pessoa se coça, mesmo dormindo, ficando com os ovinhos nas unhas. E se não lava as mãos direito, torna a enviar os ovos para dentro da barriga.

Estou falando o nome deles para vocês verem que não são todos iguais. O importante não é saber os nomes, é saber como evitar esses danados!

A solitária todos conhecem. Ela se chama SOLITÁRIA porque onde há uma, não sobra lugar para outra. Chega a ter metros de comprimento. Seu nome é TÊNIA — e existem duas qualidades mais comuns. A **Tenia saginata** que fica no boi que come coisas possuindo os ovos da Tênia e quando comemos sua carne mal cozida comemos os ovos. Não são todas as carnes de gado que os possuem, mas é sempre melhor cozinhar bem. O outro tipo é a **Tenia solium,** que vamos continuar chamando de solitária, e se encontra mais comumente no porco. Sempre que fazemos cocô no chão, se estamos com solitária, os porcos comem essas fezes e depois que estão «infectados», isto é, com ovos na carne, se comemos mal cozidas, levamos tudo de novo para dentro de nós. Sem falar em gente que joga os penicos nos chiqueiros, porque sabe que o porco não tem cerimônias!

OS VERMES SAEM MISTURADOS COM AS FEZES E SE ESPALHAM!



SCHISTOSOMA

Vão para a água que bebemos,
fazemos comida,
regamos verduras,
lavamos roupa,
tomamos banho.

Da terra, entram pela sola do pé,
as crianças sujam as mãos e levam à boca.

As moscas se sujam e levam ovinhos de vermes para nosso angu...

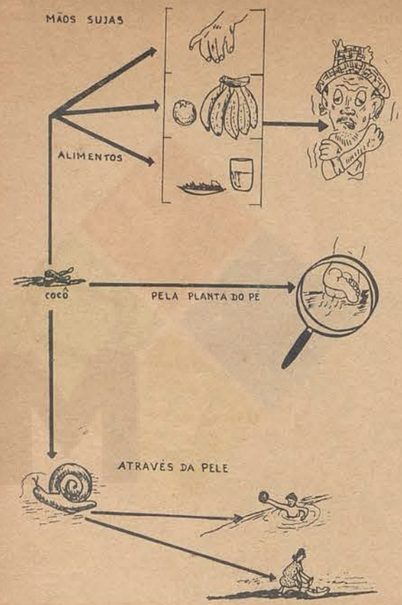
E' assim que voltam para dentro de nós outra vez!

Severino Pena acrescentou:

Nisso os gatos fazem melhor do que gente.
Sempre enterram o que fazem.

Este verme de nome muito feio: SCHISTOSOMA, vive nas águas onde existem caramujos (gostam de viver neles), águas onde se jogam as fezes... e entram na gente através da pele, quando tomamos banho ou mesmo lavamos a roupa.

Vejam nesse cartaz como podemos levar os vermes para dentro de nós. E isso, sempre saindo do costume de andar fazendo tudo pelo chão.



Aí, o Zeca Coragem deu a lição mais importante daquele dia: não adianta ficar tomando remédio, erva-de-santa-maria, losna, etc., se não acabar com a «criação» de vermes em casa. Todos podem fazer isso. Arranjar um lugar para enterrar. Isso é muito fácil de se fazer. Chama-se FOSSA.

D. Rosa Descrente foi logo dizendo:

Já temos tanta dificuldade na vida...
Fazer essa tal de fossa é muito difícil.

Ainda bem que no mundo não tem só Rosa Descrente, tem Mané Ponderado, e o Pedro Esperteza, senão todo o mundo desanimava. E foi o Pedro que teve a idéia.

Olha, Zeca, vê como é que se faz essa tal de FOSSA.
Uns ajudam os outros. Você sabe como é: o povo unido resolve muitos problemas.

E assim nasceu o assunto da segunda reunião: A FOSSA.

DIOCESE DE ITAGUAI
Cx. Postal, 103
23.800 - Itaguaí - RJ

Capítulo II

ADEUS, BANANEIRAS!

CEDIM

II. ADEUS, BANANEIRAS!

No dia marcado todos os moradores estavam lá. Levaram tábuas, uns caixotes... parecia sala de aula.
Por falar nisso, é bom dizer que o Zeca Coragem solicitava muito a ajuda que lhe podiam dar outras pessoas mais entendidas, como a professora da escola.

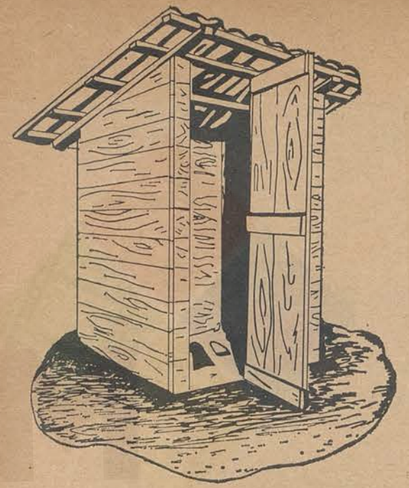
Estava muito bonito o cartaz, pregado nas tábuas do barraco:

NADA PELO CHÃO!

FOSSA OU LATRINA!

NOS PÉS, A BOTINA!

O povo que não sabia ler não tinha problema, as figuras já davam o recado.
O Antônio Construtor estava bem na frente. Construir era com ele.
O Zeca Coragem estava tão entusiasmado, mostrando desenhos, ensinando de todo jeito como fazer.
Uns poderiam resolver logo os problemas, pois usavam penicos e bastava cavar um buraco, que deveria ser sempre tampado com madeira ou zinco para evitar moscas e outros insetos. E esse buraco só precisava obedecer a algumas coisas muito fáceis. E daí começou a relação do que precisava:



1. Escolher um lugar seco, para que as chuvas não carreguem tudo.

2. Construir mais ou menos perto da casa, para ninguém ter preguiça de ir até lá, e poder ser mantido limpa.

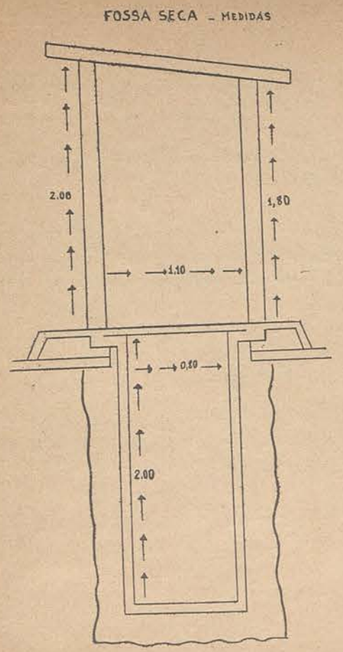
3. CUIDADO ESPECIAL: que fique abaixo do poço ou mina d'água e distante uns bons metros.

4. A tampa para o buraco da fossa é muito importante, porque não deixa o mau cheiro, catinga, se espalhar e nem as moscas sujarem suas patas e levarem os ovos dos vermes para nossa comida.

Agora, vejam como deve ser a construção:

Cavar um buraco de 2 metros de fundo, que vai ficando mais apertado para o fundo, isso evita desbarrancar com as chuvas. A largura é de 80 centímetros.

O Antônio Construtor deu logo uma saída:
para evitar desbarrancar, a gente pode
escorar com umas lenhas!



Em volta do buraco, deixar a terra amontoada para não deixar a chuva entrar, nem sair o material lá de dentro, quando chove demais.

Depois disso, faz-se uma armação de madeira, com um metro, na boca do buraco, deixando uma saída de ar, e ao mesmo tempo o lugar para cair as fezes.

Para ter mais gosto de usar a fossa, faremos uma casinha de sapé, madeira ou tijolos, deixando na parte de cima uma entrada de ar.

Vejam aqui o desenho que fiz:

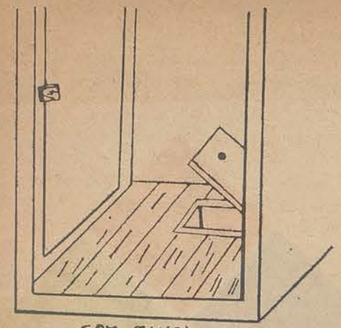
Pergunta daqui, pergunta de lá, cada um foi entendendo melhor. Uns iriam começar fazendo só um buraco com tampa. Outros, mais animados, fariam a tal de fossa seca de uma vez.

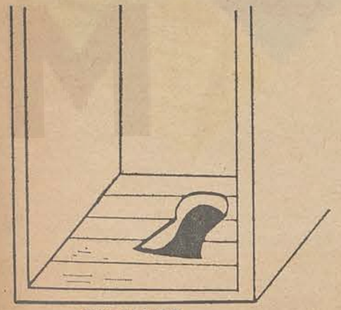
Depois, foi a vez da explicação, mostrando as figuras (é o jeito melhor do povo entender!) como pode ser por dentro da CASINHA:

Pode ter só um buraco.

Pode ter um buraco com tampa.

Pode ter um vaso sanitário ou latrina.





E todos os dias um deles ia à casa do Zeca Coragem pedir uma explicação. O Antônio Construtor não parou mais de trabalhar. Estava tão entendido que achava logo o lugar certo e ficava uma beleza a FOSSA SECA DO ANTÔNIO, como o povo já andava dizendo.

E nunca ficava esquecido o detalhe de manter limpo e capinado em volta.

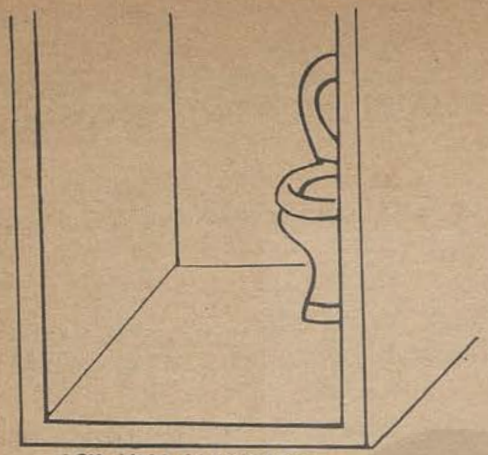
O Zeca Coragem andava feliz da vida. Danado esse Zeca! Tinha uma vontade enorme de ver o povo feliz, com saúde!

Vieram buscá-lo de um lugarejo distante, onde tudo era ainda mais difícil. As casas eram ajuntadas nos morros e a sujeira de uma casa, nos dias de chuva, passava dentro das outras.

Mas o povo se reuniu, explica que explica, a solução apareceu. O Antônio Construtor ajudou como pôde. Logo ficou resolvido que ninguém jogaria as fezes nos terreiros.

E ficou acertado: fossa de um lado do morro. Água de outro. E como tudo é muito sem jeito, fizeram fossas para várias famílias usarem juntas — faltava espaço. E os penicos não eram mais jogados nas portas... e ninguém fazia nada pelo chão!

E foi então que o Zeca Coragem explicou que para gente como o João Doentio tinha de ter mais uma ajuda. E' o



COM VASO SANITARIO - LATRINA

EXAME DE FEZES, isto é, o seu primeiro cocô seria guardado numa vasilha limpinha e lá na cidade seria olhado com uma lente feita de óculos, muito mais especial, e seria visto qual dos vermes o João hospedava na barriga. Era a vez do doutor.

O médico daria um VERMÍFUGO, um lombrigueiro, que faria os vermes saírem todos. E como o João Doentio estava usando a fossa, não teria mais esse problema.
Severino Pena, entendido nesses assuntos, ensinava a todos como fazer — e até levava as latinhas para a cidade e vinha de volta com a lista de remédios ganhos no posto.

CEDIM

Irmã Elisabeth Alves

SAÚDE DO POVO II

DIOCESE DE ITAGUAI
Cx. Postal, 193
23.800 – Itaguai - RJ

SAÚDE DO POVO II
Água, Higiene, Alimentos

Irmã Elisabeth Alves

CEDIM

Petrópolis
Editora Vozes Ltda.
1978

© 1978, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25600 Petrópolis, RJ
Brasil

Capítulo I

ÁGUA DA GENTE, BOI NÃO BEBE

ÁGUA CONTAMINADA

O Zeca Coragem resolveu ter uma conversa sobre a água que se usa em casa. Foi logo dizendo:

A água que usamos vem da chuva,
dos lagos,
dos rios,
das minas ou nascentes,
dos poços.

Para que serve a água?

Foi uma chuva de respostas:

— para matar nossa sede
— para fazer comida
— para as plantações poderem viver
— para limpeza.

Pois é, serve para tanta coisa boa em nossa vida. Por isso precisamos ter cuidado também com a água. Ela pode estar cheia de perigos para nossa saúde. Com aquele aparelho que aumenta tudo, que tem uma lente especial, a gente pode ver, em certas águas, muitos bichinhos pequeninos, eles têm o nome de micróbios, e muitas outras sujeiras. E se não temos certos cuidados, bebemos e usamos essa água.

D. Rosa Descrente fez logo a sua pergunta:

— Como é que a água fica tão ruim assim, gente? Ela é tão boa!

Zeca Coragem até gostava da franqueza de D. Rosa Descrente, e explicou para ela: A água é mesmo boa. Veja a água que vem da chuva: é limpa, mas se a guardamos numa vasilha suja, ela se torna suja também. A água do córrego é limpa e boa, mas se jogamos nela as nossas fezes, como já vimos no livro **Saúde do Povo I**, ela deixa de ser limpa. Estamos tendo o cuidado de não fazer as fossas perto do poço, para os vermes não irem até a água e a gente tornar a bebê-los, não é?

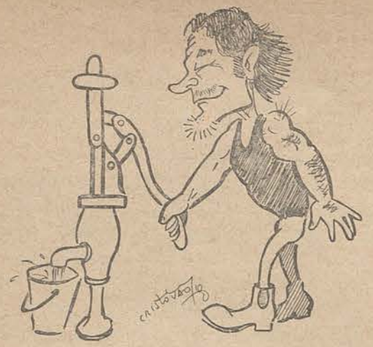
Poço aberto: entra poeira, caem insetos. Vejo por aqui lugares onde as crianças bebem da mesma água dos animais, bem juntos!

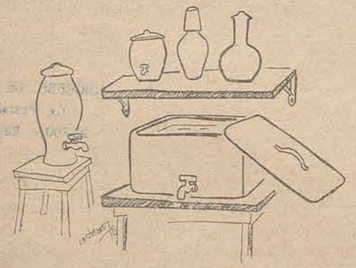
A água é muito importante para nossa saúde. Podemos ficar com fome alguns dias. Mas com sede não. E cada um de nós precisa beber 1 a 2 litros de água por dia. Até mesmo quando não sentimos sede. E sempre beber água:

FERVIDA OU FILTRADA!

DIOCESE DE ITAGUAI
Cx. Postal, 193
23.800 - Itaguaí - RJ

Se temos o cuidado de ferver a água que usamos para beber e fazer comida, os bichinhos chamados micróbios morrem. Até mesmo lá na cidade, onde o povo tem água encanada e tratada pela Prefeitura, a água deve ser filtrada.
Se podemos, devemos fazer um esforço e comprar um FIL-





TRO. Agora, vejam os cuidados mais importantes que devemos ter:

1. Apanhar água em poços e fontes bem protegidos.
2. Guardar em vasilhas tampadas e limpas.
3. Transportar em vasilhas tampadas.
4. Ver se o poço está longe da fossa e se não caem sujeiras dentro dele. A tampa é sempre importante.
5. Não comer frutas e legumes sem antes lavar muito bem. Raízes cruas, como cenoura, devem ser raspadas antes de lavadas.
6. Água da família, boi, cachorro, galinha, outro bicho não bebe junto.
7. Não esquecer de FERVER ou FILTRAR a água de toda a família!

Capítulo II

ÁGUA E SABÃO

A turma estava tão animada com o que aprendia que bastava avisar o dia e não faltava um. O João Doentio estava bem melhor e até varria o terreiro para esperar o pessoal. O Zeca Coragem ganhou a confiança do povo. Chegava sempre com uma novidade. Dessa vez foi um ditado muito conhecido que deu início a tudo:

«E' DE PEQUENINO QUE SE TORCE O PEPINO!»

Todos conheciam o ditado, mas o resto, muita gente não sabia: é de pequeno que se aprende a limpeza. Andar limpo não é para ricos — é para todos. E a receita foi logo dada:

ÁGUA E SABÃO!

E' isso mesmo. Andar sujo, descalço, não gostar de se lavar, isso também é causa de muita doença. Todos nós trabalhamos e suamos. A poeira fica na pele e só tem um jeito de sair: BANHO, e bem tomado. (Muita gente ficou caladinha — ainda pensava que por ser pobre é preciso andar sujo). A gente fala tanto em «pé de meia», em economia, em não gastar. Mas esquece que a roupa sempre suja acaba mais depressa, e a roupa lavada dura mais. Tudo que é sujo estraga mais depressa. Vocês já viram, no livro **Saúde do Povo I**, na parte sobre as bichas, como mãos e unhas sujas podem levar vermes para dentro de nós. E essa conversa que banho todo dia faz mal, que de resguardo não se toma banho, que banho dá friagem, não está nada certo.

Todos elogiam e gostam muito da Ritinha Asseada, pois ela só anda limpa e toma banho e tem muita saúde. Tenho muito orgulho de ser seu primo.

A Rosa Descrente tinha ficado pensando... Depois, resolveu falar de uma vez:

— Tem cheiro que não sai com água e sabão, disso você não falou!

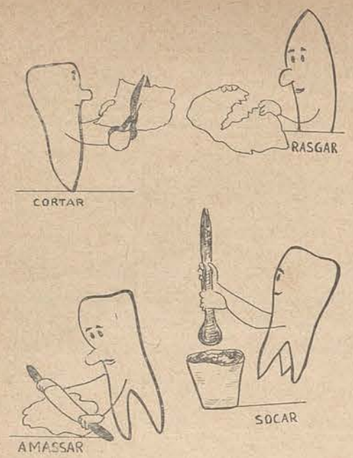
O Zeca Coragem elogiou a D. Rosa Descrente. E' isso mesmo. Tem um cheiro de suor que precisa mais coisa. No armazém tem uma pomada baratinha, chamada MINÂNCORA, se a gente usa um pouquinho DEPOIS DO BANHO acaba tudo que é cheiro de suor.

D. Raimunda Neca deu uma risada antes de perguntar:

E dente feio que nem os meus, é água e sabão que limpa? (Neca foi juntado ao seu nome porque não tinha mais que um dente, coitada).

O Zeca Coragem estava prevenido. Tinha arranjado até uns desenhos.

Dente estragado pode causar doença, sabiam?



Dente estragado não deixa a gente mastigar direito, engole-se tudo quase inteiro e são eles que começam a fazer que o que comemos possa ser bem aproveitado.
Vejam o que fazem com os alimentos:

O Severino Pena teve um exemplo muito bom.

Eu vivia doente. Dor de barriga que não parava. Dava cada piriri (desenteria) que só vendo. Um doutor descobriu que era um dente cheio de pus. Eu engolia aquilo e pronto. Tratei de tirar o dente e fiquei logo bom.

Pois está aí um exemplo muito certo. Por isso é que eu disse que de pequenino se torce o pepino. Os dentes devem ser cuidados desde criancinha para que não se percam como os da Raimunda Neca. Uma escova de dentes para cada um da família não custa assim tão caro. Muitas vezes a gente se queixa do preço dessas coisas tão necessárias, mas paga qualquer preço por uma cachaça, por essa pinga que tanto estraga a saúde.
A limpeza dos dentes não é com sabão — existe uma pasta, um creme dental que pode ser um para toda a família. Escovar bem os dentes pela manhã e à noite. Ter o cuidado de limpá-los depois de comer.

Não se mete qualquer coisa nos dentes, como grampo de cabelo, galho de mato. Pode-se fazer uns palitos de espinho de

laranjeira ou outro, dar uma fervida em água limpa ou comprar palitos.
A gente ainda não tem a sorte de ter um dentista por esses lados. Mas se um dia aparecer, ou formos à cidade, podemos ir sem medo. Existe remédio que não deixa a gente sentir uma dorzinha.
Até saiu uma frase engraçada, nem sei quem falou:

DENTE ESCOVADO, SORRISO RESGUARDADO!

Capítulo III

O ALIMENTO PODE SAIR DO SEU CHÃO

João Doentio, ou melhor, João Fortão, como o povo já andava dizendo, chegou todo animado, abraçando todo o mundo. Aquele negócio de fossa, a água fervida e separada das águas dos animais, a botina que não saía mais do pé. É, o João estava virando outro. E até já estava dando lição!

Chegou contando, no maior entusiasmo: VOU TIRAR ALIMENTO DO MEU PEDAÇO DE CHÃO! Vou plantar couve, alface, milho, tomate, já arranjei mudas com o Machado Lenhador e logo que a terra esteja pronta vou buscar.

— Quem te viu e quem te vê! pensava a Rosa Descrente. Depois, resolveu sair com mais essa:

Bom mesmo era a gente ser que nem os santos, não precisar de comer!

Todos riram. Sabiam que isso é estória mal contada como a da mula-sem-cabeça. Nem animal vive sem comer. Até as plantas, se a terra é fraca, acabam morrendo.

O Zeca Coragem sabia que o assunto dos alimentos, com o preço de tudo que anda por aí, seria difícil. Mesmo assim, resolveu falar:

OS ALIMENTOS: ou, como dizemos, a comida, são necessários para todos. Sem boa alimentação ficamos fracos. A vida, os trabalhos, vão gastando nossas forças — é a alimentação que coloca outra força no lugar da que perdemos. Lembram como o João Doentio vivia com canseira, desanimado? Agora, livre dos vermes, come melhor, está com outra cara, tem vontade de viver, de trabalhar, não sente moleza.

Os alimentos são muito importantes e temos muitas crenças que não estão certas. Os senhores de escravos inventaram que fruta à noite faz mal — para que os escravos não roubassem o pomar. Até hoje tem gente pensando que isso é verdade. E mais coisas como:

manga com leite faz mal;
banana com leite pode matar;
folha de couve-flor é venenosa.

Mas acham bom outras crenças como:
cachaça é bom para o coração;
comer muito é sinal de saúde.

E' preciso mudar essas coisas. Cachaça é ruim demais para a saúde e fruta não faz mal algum.

Existem alimentos que são mais importantes. Possuem PROTEÍNAS, que são construtores do nosso corpo. As crianças que comem alimentos com proteínas crescem com melhor saúde, são mais inteligentes.

A Rosa Descrente pensava com ela mesma: «Nunca vi falar nessa comida!»

Mas o Zeca Coragem continuou a explicação: as proteínas estão nas carnes de animais e em algumas plantas.

Antônio Construtor disse logo:

Quem pode comprar essas coisas?

Realmente, muita coisa não podemos comer. Tudo foi feito para todos, mas há gente que pensa existir tudo para eles. O importante é a gente descobrir como sair do problema... juntos.

Vamos aprender umas saídas. A carne de vaca tem muitas proteínas, também o fígado, coração, língua, miolo, bucho, rins e o leite. Mas outros animais também: o porco, o carneiro, caça e todas as aves.

O peixe, por exemplo, a gente pode pescar no rio, ou comprar mais barato, e tem muitas proteínas.

A galinha é fácil de criar, e os ovos de galinha caipira são muito mais fortes. A gente não pode vender todos os ovos... deve comer também, dar para as crianças. Cabra é um bicho fácil de criar, nem precisa muito cuidado, e seu leite é uma beleza.

Leite com banana: eis uma força nova! Uma banana vale por 10 batatas!

Plantas que também possuem muitas proteínas: feijão, soja, lentilha, ervilha, trigo.

Muita coisa a gente não sabe. Comer verduras faz muito bem para a saúde. Precisamos perder o costume de dar valor só a feijão, arroz e angu. Se você comer só fubá é bom, mas se você misturar umas verduras, como couve, fica muito mais forte, alimenta-se melhor.

Muitas vezes reclamamos da vida, e preferimos comprar tudo o que precisamos, até alface. E todos podem fazer como o João, tirar o alimento do seu chão. Plantar uma pequena horta de couve, alface, tomate, cebola, salça, cenoura. E se você conseguir muito tomate, troque com o outro que conseguiu muita batata, e assim a vida fica bem mais fácil. Mané Ponderado ficou pensando e perguntou:

Como vamos conseguir remédio para a terra?

Mas o Zeca Coragem tem jeito para tudo. Ele acredita sempre que é melhor tentar e falhar, que não tentar nada na vida. E, sobretudo, que o povo unido consegue bem mais que cada um no seu canto.

— Isso é muito fácil. Todas as casas ajuntam lixo que fica pelo terreiro. Quando formos capinar a terra, vai sair muita sujeira com o mato. Basta cavar um buraco e ir jogando lixo e terra por cima, mais lixo, mais terra para evitar moscas. Isso vai apodrecendo e vira um remédio maravilhoso para a terra. E' o que chamamos ADUBO, sem falar no esterco, estrume de gado que temos demais por aqui.

Estou pensando também que muitos não possuem enxadas — e isso é fácil de resolver. As que tenho, empresto uns tempos para cada um. E daí, surgiu uma porção de ferramentas... cada um ofereceu a sua para todos.

Foi uma conversa geral. O povo estava certo que podia melhorar sua alimentação. Até andaram falando no valor do limão como ajuda na saúde, e tantos são perdidos sem se fazer uma limonada. E no final, os mandamentos:

1. A melhor refeição deve ser a da manhã — comer frutas como banana é ótimo.

2. A refeição da noite deve ser a mais leve.

3. A água usada nos alimentos deve ser limpa e, se não temos certeza, fervida.

4. Frutas e verduras só podem ser comidas depois de bem lavadas.

5. Muito sal e muita gordura prejudicam a saúde, especialmente depois da juventude... dos 30!

6. Comer bem não é comer muito e ficar lerdo!

7. Comer sem pressa, procurar mastigar tudo direitinho. (Só a Raimunda Neca não pode cumprir esse preceito!)

8. Leite, ovos, devem ser comidos sempre.

9. O SEU PEDACINHO DE CHÃO PODE DAR FLORES E ALIMENTOS PARA VOCÊ. CUIDE DELE! PLANTE e verá como a terra gosta de agradecer!

Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas da

EDITORA VOZES

Rua Frei Luís, 100 - Petrópolis, RJ

CEDIM

SEPAI
SECRETARIADO DE PASTORAL DIOCESANA DE ITAGUAÍ
R. Cel. Freitas, 45 - Tel. 788-3007
Caixa Postal 74.193 - CEP 23.800
Itaguaí – Rio de Janeiro – RJ

Itaguaí, 4 de setembro de 1996

Caro Padre

Esta ficha que lhe estou remetendo é para ser enviada depois à CNBB a fim de que receba sua NOVA CARTEIRINHA DE PRESBÍTERO.

É preciso preenchê-la em letra de forma ou à máquina e devolvê-la à Cúria para Irmã Maria Cecilia até dia 30 de setrmbro 1996, com os três (3) retratos 3X4 RECENTES, conforme a ficha está pedindo.

Agradecendo a colaboração
subscrevo-me irmãmente

Maria Cecilia

Caro Pároco de

Aqui lhe estou enviando os nomes dos conselheiros do CONSELHO PASTORAL DIOCESANO que foram indicados por sua Paróquia.

Por favor, indique o quanto antes aqui para o SEPAI, falando a Irmã Maria Cecilia, se estas pessoas continuam como conselheiros ou quais são os substitutos.

Avise por favor a todos, antigos e novos conselheiros, que a Reunião anual será dia 5 de outubro, começando às 9:00h no CDF em Mangaratiba e que se pede o comparecimento de todos, titulares e suplentes.

Agradecendo sua atenção e providências

Maria Cecilia

SEPAI
SECRETARIADO DE PASTORAL DIOCESANA DE ITAGUAÍ
R. Cel. Freitas, 45 - Tel. 788-3007
Caixa Postal 74.193 - CEP 23.800
Itaguaí — Rio de Janeiro — RJ

A F R A T E R N I D A D E E O N E G R O

"OUVI O CLAMOR DESTE POVO"
CAMPNHA DA FRATERNIDADE de 1988

Diretrizes das gravuras

O LIVRO: 2 partes: Dados da realidade
Propostas de ação

I - O TEMA: Delicado porque a sociedade brasileira, embora não o reconheça, discrimina o Negro/a.

= Quem pode contar casos em que se sentiu discriminado por sua cor?

Importante naquele ano de 1988

= Por quê? Qual o sentido dessa fato histórico da "abolição"?

II - DADOS HISTÓRICOS (em linha de tempo)

III - CONSEQUÊNCIAS DA ESCRAVIDÃO HOJE

1. A IDENTIDADE NEGRA É NEGADA
Muita gente da raça africana no Brasil não assume sua negritude. (O mesmo acontece, por exemplo, em Manaus, com índios que vivem na cidade)
= Por que será isso?
Em conclusão: a discriminação é tão forte que os próprios negros e negras se negam o direito de serem negros/as.

2. A DIGNIDADE É NEGADA
A mulher negra, mais que qualquer outra mulher, é objeto sexual como o foi no tempo da escravidão
Reina machismo, desrespeito, exploração e rejeição
Visto que a família de negros não permanecia unida (cada um vendido para um dono diferente), ainda hoje essa "dispersão" acontece facilmente, por outros motivos...
Negras e negros eram mercadoria e máquinas para produzir e enriquecero colonizador
Essa condição "inferior" pelo fato de terem trabalho braçal ainda existe...

3. A CONSTITUIÇÃO É NEGADA
Em vários artigos a Constituição brasileira pretende "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Art.3º,IV) e portanto, "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.... (Art.5º)
No entanto, no dia-a-dia, verificam-se constantes formas de discriminação nem há igualdade de oportuniades para todos:

NO TRABALHO:
os negros nos trabalhos manuais, subalternos, pesados... com baixa remineração...
exemplos: na construção: em geral o negro é servente, o branco é mestre de obras
na escola, a negra é merendeira, a branca é professora
As condições de admissão ao trabalho quando pedem "boa aparência" muitas vezes querem dizer "cor branca"

NA MORADIA: nas favelas, a maioria é negra...

QUANTO À INSTRUÇÃO: quanto mais se sobe na escala dos graus de ensino, menos negros se encontram porque não tiveram oportunidade de estudo básico, ou porque as escolas das periferias têm conteúdos e instrumental didático deficientes...
Os livros didáticos só tratam do negro sob o enfoque da escravidão e não dão o devido espaço a temas como Zumbi, Palmares, Quilombos...

SEPAI
SECRETARIADO DE PASTORAL DIOCESANA DE ITAGUAÍ
R. Cel. Freitas, 45 - Tel. 788-3007
Caixa Postal 74.193 - CEP 23.800
Itaguaí — Rio de Janeiro — RJ

NA TV: Os negros aparecem nas novelas com paéis inferiores ou condenáveis...

NA CULTURA: Literatura, Arte, Música, pouco valorizam artistas negros. Com ressalva para a música popular.

NO LAZER: assim como se percebe a existência de classes sociais, dá também para perceber que há "classes de lazer": teatro é para os brancos, estádio é para negros...

CONSEQUÊNCIAS PROFUNDAS E FUNDAMENTAIS PARA A POPULAÇÃO NEGRA:
Falta de condições de /igualar" com os brancos
Complexo de inferioridade que leva à resignação, muitas vezes...
Negação da própria identidade, vergonha de ser negro/a
PARA A MENTALIDADE NO BRASIL:
mito da "democracia racial" que é uma verdadeira farsa
permanente discriminação, desprezo, opressão que são a verdade dolorosa da vida da gente negra.

IV _ AÇÃO TRANSFORMADORA

a) QUE AÇÃO ESCOLHER?
. As que levem a construir fraternidade
. As que favoreçam o crescimento do povo negro em dignidade e em capacidade de colaborar em pé de igualdade com os brancos na construção de um Brasil de irmãos
. As que façam viver mais concretamente valores de Evangelho opção pelos pobres
. As que assegurem uma atuação libertadora

b) QUE ATITUDES TOMAR?
. de perdão a pedir por parte dos brancos/as
a dar por parte dos negros/as
. de assumir sua identidade humana, independente de cor, superando os gravames históricos
. de valorizar a negritude

c) QUE PONTOS CONCRETOS ABORDAR?
. Negros e brancos estudarem elementos da cultura negra, de seu culto...
. Abrir espaços ao povo negro, nas liturgias,
na escolha para os ministérios
nos eventos das comunidades
. Unir-se ao povo negro na defesa de seus direitos
. Rever nossa linguagem para que não se usem expressões negativas a respeito dos negros
. Promover seminários de studo para que se formem muitos agentes de pastoral que caminhem com os negros.

ORAÇÃO

Deus de nossos pais, Senhor da História, Pai dos Pobres!
Tu que ouviste o clamor de teu povo Israel e o libertaste da terra da servidão,
arranca de nosso coração, da tua Igreja e de nossa sociedade
as marcas do pecado da escravidão que dominou o Brasil por tantos séculos!

Livra-nos do racismo, do preconeito e da discriminação!

Ouve o clamor do povo negro, com todos os empobrecidos da terra, a caminho da Libertação!

Faze reinar entre nós tua Justiça, "derruba do trono os poderosos e exalta os humildes,
sacia de bens os faminstos e despede os ricos sem nada".

Senhor, apressa o dia em que, vivendo o teu Amor, sejamos, no coração da história, semente do Povo Novo, livre de toda injustiça e de todo pecado.
Isso Te pedimos com a Virgem Aparecida, por Jesus Cristo,
na unidade do Espírito Santo! Amém!

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
SE/Sul Quadra 801 - Conjunto "B"
Cx Postal 13-2067 - Fone: (061) 225-2955
70.401 - Brasília - DF

Brasília, 27 de agosto de 1986

CF - C - nº 1286/86

Às Dioceses que ainda
não solicitaram
MATERIAIS DA CF-87

Prezado(a) Coordenador(a) Diocesano(a)
da Campanha da Fraternidade

Graça e Paz no Senhor!

1. Há mais de um mês enviamos a todas as Dioceses um folheto sobre os SUBSÍDIOS da CF-87 que versará sobre o tema "A FRATERNIDADE E O MENOR" com o lema: "Quem acolhe o Menor, a Mim acolhe". Como até agora não recebemos a resposta desta Diocese, permitimo-nos enviar-lhe novamente o referido folheto.

Por gentileza, o mais rápido possível, devolva-nos o coupon preenchido, assinalando a quantidade que a Diocese deseja para cada material da CF. Não esqueça de colocar o CGC da Diocese pois dele precisamos para a nota fiscal. Para seu controle, conserve uma cópia de seu pedido.

2. Aproveitamos para comunicar-lhe que o TEXTO-BASE da CF-87 já está no prelo e será distribuído, conforme nosso cronograma, a partir do dia 20 de setembro. O Manual da CF e demais subsídios estarão à disposição a partir de 20 de outubro.

3. Contamos com seu zelo e criatividade para dinamizar a preparação imediata da CF-87 com a promoção de estudos sobre o Texto-Base e os diversos subsídios. Mas contamos com sua ajuda também para a animação de letristas para a CF-88. Estas letras devem chegar à Brasília, no mais tardar até 15 de dezembro.

Unidos na oração e no entusiasmo em ajudar as Igrejas a usufruirem cada vez melhor desse precioso dom que é a CF.

Fraternalmente,

Irmão Israel José Nery fsc
Assessor Nacional da CNBB para a CF

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
SE/Sul Quadra 801 - Conjunto "B"
Cx. Postal 13-2067 - Fone: (061) 225-2955
70.401 - Brasília - DF

Brasília-DF, 24 de março de 1988

CF -C- nº 257/88

Aos Bispos Responsáveis pela Comunicação
Aos Coordenadores Regionais da CF
Às (Arqui) Dioceses
Grupos diversos

Caríssimos,

Anexo enviamos a 2ª versão do Texto Base da CF-89, apenas o VER e JULGAR, pois AGIR ainda será elaborado, contando com a colaboração de diversos ouganismos e Dioceses. Gostaríamos que todos participassem, na medida em que isso for possível a fim de que a CF seja assumida por todos como uma ação de Pastoral Conjunta.

Em vista do cronograma da Campanha, pedimos encarecidamente que enviem as contribuições até 15 de abril p.f., pois dia 23 teremos reunião da Equipe de Redação e precisamos incorporar ao texto as contribuições e observações que recebermos. Lembramos que de 12 a 22 de abril estaremos todos empenhados com a 26ª Assembléia Geral do Episcopado, em Itaici.

Para as observações e correções pedimos que observe o indicado na 1ª página do Texto. E lembramos também que é apenas um instrumento de trabalho interno e que não deveria ser passado a terceiros.

Um dos pontos importantes da colaboração que esperamos é em relação ao AGIR, pois seria bom que houvesse mais participação das comunidades nesse ítem.

Contamos com a colaboração de cada um e agradecemos desde já pela participação nesta fase da Campanha.

Com votos de Feliz Páscoa, subscrevemo-nos.

Cordialmente,

Pe. Dagoberto Boim
Secretário Executivo da CF

Ir. Maria Alba Vega
Assessora da Comunicação da CNBB

Território de Educação para Promoção da Igualdade Racial - TEPIR

Apresenta:

OS TAMBORES NA BAIXADA FLUMINENSE

Sons, afetos e expressões da cultura afro brasileira

25, 26 e 27 de setembro de 2015

Local: **FEUDUC**
Avenida Governador Leonel Brizola, 9422
São Bento - Duque de Caxias - RJ

"Não jogue este folheto nas vias públicas, preserve o meio ambiente"

Duque de Caxias
2015

Não se pode afirmar a origem histórica dos tambores. Contudo, sua presença na trajetória humana é de um tempo imemorial. Os tambores estão presentes em diferentes sociedades, sendo uma referência para agregar as pessoas, seja através de rituais religiosos, seja pela sociabilidade cultural. É possível que os primeiros tambores tenham sido fabricados de troncos ocos de árvores, tocados com as mãos, buscando vibrações e diferentes sons. Desde os tempos mais remotos, é possível identificar os tambores como objetos de comunicação social e espiritual ou como elementos decorativos, variando de acordo com os materiais de que eram feitos, bem como das representações de cada cultura que os utilizavam.

A Baixada Fluminense é uma região marcada pelas identidades afro brasileiras. Em seu território identifica-se uma ampla rede de mestres e rodas de capoeira, reisados e folias, blocos carnavalescos, rodas de samba e seus compositores, casas de candomblé das mais diferentes nações, como Ketu, Fon, Angola, entre outros. Desse modo, é possível afirmar que os sons e as vibrações das diferentes expressões da cultura afro brasileira representam as múltiplas identidades que caracterizam a região. Em mais de 4 milhões de pessoas, distribuídos por seus 12 municípios, ainda é preciso disseminar o processo de valorização das identidades afro brasileiras entre professores, estudantes, artistas e o cidadão em geral. Para isso, é preciso produzir atividades de formação, de sociabilidade e de divulgação das expressões afro brasileiras, de suas memórias, de forma que seja possível resgatar a imaterialidade como patrimônio no âmbito desse processo.

O projeto ***"Os tambores da Baixada Fluminense: sons, afetos e expressões da cultura afro brasileira"*** *trata-se de um seminário que envolve pesquisa, palestra, debate, oficinas, apresentações culturais e estudos de campo distribuídos em três dias de atividades. Durante essas atividades, serão envolvidos professores, estudantes, pesquisadores, artistas e demais interessados na temática afro brasileira. Assim, entende-se a necessidade de agregar agentes e valores voltados para uma cartografia dos tambores da Baixada Fluminense.*

Programação

Dia 25 de setembro (sexta-feira)

09:00 *– Roda de Pesquisadores – "Fontes e metodologias para a Cultura Afro Brasileira como Patrimônio". Pesquisadores convidados: Andrea Mendes (UNICAMP); Otair Fernandes (UFRRJ); Marta Ferreira (UFRRJ); Eduardo Possidônio (Feuduc/UNIVERSO); Daniela Cavalheiro (Feuduc/UNICAMP); Taís Noronha (Unigranrio); Nielson Bezerra (Feuduc/UERJ); Elaine Marcelino (UNIVERSO)*

12:30 *– Almoço*

14:00 *– Apresentação cultural*
- *"Os Comedores de Palavras", com as Mediadoras do SER.*

15:30 *– Apresentação cultural*
- *"Roda Interativa de Danças Populares", com o Grupo Dandalua Danças Populares.*

18:00 *– Credenciamento.*

18:30 *– Apresentação cultural*
- *"A sociedade secreta dos tambores bantus", com Macedo Griot*

19:00 *– Apresentação. Cesar Marques Secretario Executivo do Se Essa Rua Fosse Minha*

19:15 *– Palestra debate*
- *Coordenação: Prof. Dr. Nielson Rosa Bezerra (FEUDUC/UERJ)*
- *As influências dos tambores nas culturas centro-africanas, Andrea Mendes (Doutoranda em História Social da África – UNICAMP)*

20:30 *– Coquetel*

Dia 26 de setembro (Sábado)

09:00 *– Café da manhã*

09:30 *– Palestra e Debate*

- *Coordenação: Profa. Marta Ferreira*
- *Memórias do candomblé na Baixada Fluminense (Prof. Dr. Nielson Rosa Bezerra – FEUDUC/UERJ)*

12:00 *– Almoço*

13:30 *– Oficinas*

1 - ***Os Tambores e a Capoeira****: toques, batuques e movimentos – Mestre Gege*

2 - ***Os Tambores e o Candomblé****: Oficina sobre os atabaques e toques do candomblé – Alabè Jefferson Santos (ti Oşóssè)*

3 - ***Os Tambores e o Samba****: compassos, ritmos e memórias – Império do Gramacho*

4 - ***Os Tambores do Maracatu****: Oficina de Maracatu de Baque Virado – Pollyana Aires (ti Ayrá) e Mariah Moreira (ti Oşum)*

5 - ***Os Tambores e o Jongo****: os sons e os ritmos afro brasileiros (Jéssica Castro)*

15:00 *– Atividade Cultural*

- *Encontro de Tambores (Mestres e grupos oficineiros)*

16:00 *– Encerramento*

Dia 27 de setembro (domingo) (Opcional)

08:00 *– Ponto de saída: Centro de Duque de Caxias*

- *Estudo de Campo: Os caminhos dos tambores: Patrimônio e Diáspora Africana na Baixada Fluminense*

18:00 *- Encerramento*

Inscrições
Tel: 2653-7681
www.museuvivosaobento.com.br
Tel: 3648-0298
www.seessarua.org.br

Realização

Se essa rua fosse minha
ESTENDER O ABRAÇO, AMPARAR A TRAVESSIA E ORIENTAR O SALTO

FEUDUC

Apoio

MUSEU VIVO SÃO BENTO

CRPH

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

PATROCÍNIO

PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

territórios negros

nº 2 • março/abril de 2001

Informativo de apoio às Comunidades Negras Rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo • Publicação de KOINONIA

editorial

É com alegria que lhes entregamos o segundo número desse informativo. Apesar dos problemas com o correio (responsável por muitos extravios e atrasos), recebemos várias comunicações de apoio e adesão a essa iniciativa. Nossa alegria se deve também ao fato desse número sair simultaneamente a um evento importante para a constituição da *rede de informações e apoio às comunidades negras rurais*. Foi realizada entre os dias 11 e 13 de maio, por KOINONIA, a *1ª Oficina Territórios Negros*, destinada a reunir em um ambiente de franca troca de experiências as comunidades negras rurais com as quais o *Projeto Egbé – Territórios Negros* vem estabelecendo contato. Foram convidados quatro representantes de cada uma das oito comunidades atualmente acompanhadas pelo projeto. Pela primeira vez, essas pessoas têm a oportunidade de se reunir para lembrar suas histórias, falar sobre a atual situação (social, legal e ambiental) de seus territórios e trocar impressões sobre os aspectos semelhantes de suas comunidades. As oito comunidades convidadas refletem situações muito diferentes, que vão dos assentamentos em projetos de reforma agrária (como é o caso das famílias do assentamento Novo Horizonte em Campos), até uma situação carente de qualquer apoio institucional ou organização política formal e em pleno processo de expropriação por grileiros (como as famílias de Preto Forro em Cabo Frio). Há ainda comunidades oficialmente reconhecidas como remanescentes de quilombos, mas sem a devida titulação de suas terras, como a Rasa (Búzios) e Caveira (São Pedro da Aldeia).

José Maurício Arruti

Comunidade Preto Forro, Cabo Frio/RJ

Nossa alegria está, finalmente, no anúncio de um outro evento, que também vem contribuir para a consolidação dessa rede. Trata-se do *1º Encontro de Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro*, promovido pela Associação de Moradores da Comunidade de Campinho (Paraty), em parceria com a Vice-Governadoria do Estado e apoiado pela prefeitura municipal e pela Fundação Cultural Palmares (FCP). A data ainda não é certa, mas será no mês de junho.

De fato, se o objetivo é criar uma "rede" de informações e apoio público a essas comunidades, parece indispensável que seus primeiros e mais sólidos laços sejam estabelecidos justamente entre elas. Isso é fundamental para que essas comunidades sejam os principais atores nesse processo de crescimento político coletivo. São elas que devem se capacitar, em primeiro lugar, para falarem em seus próprios nomes. Todas as iniciativas nesse sentido terão o nosso apoio.

Um abraço a todos.

notícias

A associação Benedito Meia-Légua, do movimento Negro de Conceição da Barra (ES), associada ao escritório da FASE no Espírito Santo, começou a visitar as comunidades negras rurais do Norte do estado. O grupo listou 20 comunidades e já visitou oito delas. O objetivo é iniciar o cadastramento dessas comunidades, tendo em vista os enormes problemas ecológicos e fundiários a que a maioria delas está submetida, pela ação da empresa Aracruz Celulose. O crescimento da floresta de eucaliptos, criada e explorada pela empresa, se deu justamente sobre essas comunidades tradicionais, por meio da compra de terras, sempre feita sob condições suspeitas. Algumas delas resistiram em vender suas posses e hoje estão praticamente sufocadas pelo eucaliptal e pela forte carga de agrotóxicos de que ele necessita.

A comunidade remanescente de quilombos de Porto Coris, a única titulada pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em Minas Gerais, está ameaçada pela Hidrelétrica de Irapé. Situadas às margens do rio Jequitinhonha (município de Leme do Prado), as famílias de Porto Coris estão entre as 850 famílias que serão atingidas pelo lago de Irapé, cobrindo as terras mais férteis e as áreas de mata mais preservadas da região. A CEMIG, empresa estadual responsável pelo projeto, ainda não apresentou aos atingidos as terras onde pretende reassentá-los, desobedecendo, mais uma vez, os compromissos assumidos. Na justiça, a empresa tem procurado anular o título de posse da terra e o reconhecimento como remanescente de quilombo concedido pela FCP à comunidade em 08 de julho de 2000.

Em outubro de 2000 foi realizado o II Simpósio Técnico-Científico da Marambaia promovido pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Nele discutiu-se, entre outros temas, o projeto de criação de uma Estação Ecológica na Ilha da Marambaia, iniciativa que tem apoio da Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Enquanto isso as famílias de pescadores locais, em sua maioria descendentes de escravos, esperam alguma atitude oficial em relação à pesca predatória. As traineiras industriais que pescam na baía de Sepetiba comprometem a pesca tradicional local, único meio de renda dos pescadores. A expectativa é que qualquer plano de proteção ecológica seja elaborado com a participação deles e não desconheça seus direitos históricos e culturais.

A Comunidade Remanescente de Quilombo da Rasa, no município de Armação dos Búzios (RJ), recebeu no mês de abril a visita de um pastor africano da Assembléia de Deus da Nigéria. Vestindo os trajes típicos de seu país, o pastor nigeriano participou de cultos dando seu testemunho do trabalho da sua igreja. Ele foi recebido pelo pastor Luiz, da Assembléia de Deus da Rasa, uma das lideranças da comunidade que também já manteve contato com um pastor da Assembléia de Deus de Angola.

fique sabendo

QUANTAS SÃO AS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS NO BRASIL

Não há números exatos. O desconhecimento do assunto é grande, e muitas comunidades nem mesmo sabem sobre seus direitos às terras que ocupam. Quanto mais esse direito constitucional é conhecido, mais o número de comunidades listadas tende a crescer.

Em um levantamento de 1999, da Universidade de Brasília, foram listadas 814 comunidades negras em todo país. Em janeiro de 2000, a FCP publicou um livro que apresenta uma lista de 743 comunidades. Ambas as listas, no entanto, fornecem poucas informações sobre tais comunidades, não distinguem comunidades rurais de urbanas e até incluem comunidades já extintas.

Em alguns estados, organizações não governamentais e órgãos estaduais vêm realizando levantamentos mais cuidadosos, chegando a outros resultados. Um dos exemplos é o Maranhão, onde o Projeto Vida de Negro localizou aproximadamente 401 comunidades negras rurais, contra a estimativa oficial de apenas 172. Algo semelhante acontece nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro.

De qualquer forma, destas 743 ou 814 comunidades, apenas 33 foram oficialmente reconhecidas e 18 foram tituladas.

QUANTAS SÃO AS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS NO RIO DE JANEIRO

Segundo a FCP, foram identificadas 14 comunidades no Rio: Maria Conga (Magé), Caixa D´Água (Barra do Piraí), Ilha de Marambaia (Mangaratiba), Quilombo do Coco (Campos), Quilombo Manoel Congo (Paty do Alferes), Karu Cango (não especificado), Santana (Quatis), Campinho da Independência e Patrimônio (Paraty), Rasa (Búzios), Caveira e Botafogo (São Pedro da Aldeia), São José da Serra (Valença), Bracuhy (Angra dos Reis) e Ilha do Governador (?!). O Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro – ITERJ – identifica também as comunidades de Santa Tereza (Valença) e Cabral (Paraty). Destas, Rasa Caveira, São José, Santana e Bracuhy foram oficialmente reconhecidas como remanescentes de quilombos e Campinho teve suas terras tituladas.

Cabe lembrar, no entanto que a maioria dessas comunidades nem mesmo foi visitada e nenhuma possui, além do laudo, estudos sistemáticos, com exceção de Campinho.

um pouco de história

O Quilombismo

A palavra "quilombo" originalmente se refere a um local onde se abrigavam negros fugidos, ainda no período da escravidão. Mas há alguns anos essa palavra vem ganhando novos significados. O líder comunista Astrogildo Pereira, ainda em 1929, teria sido o primeiro a dar um novo sentido à palavra quilombo, associando a histórica luta de Palmares à luta de classes. Anos depois, em 1944, Edson Carneiro escreveu o livro "O Quilombo de Palmares", que foi dedicado a Astrogildo Pereira, usando o "quilombo" para falar da resistência ao governo Getúlio Vargas. O tema "Quilombo" começava a ganhar novos significados, mas ainda não estava vinculado a uma questão propriamente racial.

Somente no final da década de 70 e início de 80, o "quilombo" passa a ser utilizado como símbolo da resistência negra. Em 1980, Abdias Nascimento publicou o livro "O Quilombismo", buscando definir justamente o novo papel político que o termo histórico quilombo deveria receber. Para ele, "quilombismo" é toda forma de resistência física e cultural da população negra, tenha ela sido criada na forma de grupos fugidos para o interior das matas na época da escravidão ou, em um sentido bastante ampliado, na forma de todo e qualquer grupo tolerado pela ordem dominante, em função de suas declaradas finalidades religiosas, recreativas, beneficentes, esportivas etc. Todos esses grupos teriam uma importante função social para a comunidade negra em geral já que sustentariam a continuidade da tradição africana como verdadeiros focos de resistência física e cultural. Para esse autor, todos foram e são quilombos, ainda que legalizados pela sociedade dominante.

De acordo com Abdias Nascimento, "o quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros". Ele propõe que o quilombismo seja adotado como um projeto de "revolução não violenta" da população negra brasileira com o objetivo de criar uma nova sociedade, o "Estado Nacional Quilombista". Para Abdias o "comunitarismo da tradição africana" unificaria os diversos níveis de vida e todos os meios de produção seriam de propriedade coletiva,

José Maurício Arruti

Comunidade Serraria, Conceição da Barra/ES

com vistas a assegurar a realização completa do ser humano.

Para esse autor o "quilombismo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial".

Em 1988, o artigo 68 da Constituição Federal passou a reconhecer os direitos territoriais das comunidades remanescentes de quilombos. Nesse caso também o "quilombo" tem outro significado. As comunidades assim intituladas não são somente aquelas que tiveram origem, de fato, em antigos quilombos mas também aquelas que resultaram da compra de terras por negros libertos; da posse pacífica de terras abandonadas pelos proprietários; da ocupação e administração das terras doadas aos santos padroeiros, etc. "Remanescentes de Quilombos" são, enfim, segundo seu uso contemporâneo, todas as comunidades negras rurais mobilizadas pela legalização de suas formas de uso comum da terra.

PARA SABER MAIS LEIA

"O Quilombismo", de Abdias Nascimento publicado pela editora Vozes, 1980.

Comunidade São José da Serra

Dia primeiro de maio é "dia do trabalhador", e é também o dia em que se homenageia São José Carpinteiro. Nesse dia, a comunidade São José da Serra, localizada na Serra da Beleza, em Valença (RJ), se reúne com amigos e parentes e festeja o seu padroeiro. O trabalho em conjunto, a crença religiosa, a culinária, o futebol e o caxambu se sucedem repetindo num só dia de festa a consagração de laços criados por seus antepassados em meados do século XIX na mesma fazenda.

O grupo é a sétima geração desde os primeiros escravos comprados para trabalhar nas lavouras de café da fazenda São José. Com a abolição, os ex-escravos construíram suas casas de adobe cobertas de sapê no alto da serra, à beira de um córrego. As gerações seguintes construíram laços de parentesco e solidariedade, viveram a crise do café e sua substituição pelo milho e depois pelo gado. E assim conseguiram permanecer, por mais de um século, na mesma terra herdada por seus ancestrais do antigo proprietário da fazenda.

As famílias de São José assistiram a sucessivas gerações de herdeiros adiarem a promessa de legalizar a doação originalmente feita "de boca" pelo primeiro proprietário. Mesmo sem sua posse legal, essas famílias têm resistido como podem ao avanço da expropriação de suas terras, como quando impediram que o velho jequitibá fosse derrubado. Com seus mais de duzentos anos, a árvore representa para os moradores a antiguidade da sua relação com o território.

Nessas terras, os negros de São José constituíram um núcleo religioso e cultural procurado não só pelos moradores das cidades próximas, mas de vários outros pontos do estado. Além do poder místico de sua matriarca, a comunidade é uma referência também por seu jongo, que atrai bailarinos, estudiosos ou simples simpatizantes. É em São José que o grupo de jongo da Serrinha, local em que nasceu a escola de samba Império Serrano (município do Rio de Janeiro), tem ido se realimentar nas raízes dessa dança tradicional das populações ex-escravas da região sudeste.

O reconhecimento como "remanescente de quilombo" (5 de abril de 1999) abriu caminho para a titulação de suas terras, mas o processo tem se mostrado muito demorado. Ele depende da desapropriação da fazenda, vendida pela primeira vez há cerca de doze anos. A venda quebrou com a continuidade dos herdeiros e com as promessas de legalização da doação ancestral. O atual proprietário resiste em aceitar os direitos adquiridos pela comunidade e tenta impedir que ela continue lutando por eles. Depois do reconhecimento esse fazendeiro parou de investir na agricultura e tentou convencer os fazendeiros vizinhos a negar trabalho aos moradores de São José, alegando que eles "queriam tirar terra dos outros".

Atualmente essa situação está mais controlada, em decorrência de muitas denúncias feitas aos órgãos competentes e da organização de uma associação de moradores, registrada em junho de 2000. Com ela renasce a expectativa de que a regularização do território finalmente se torne uma realidade. Uma expectativa partilhada com os familiares distantes, que retornam todos os anos para reviver seus laços no dia da festa de São José.

territóriosnegros

Este boletim é produzido pelo projeto EGBÉ – TERRITÓRIOS NEGROS de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Sua periodicidade é bimestral com tiragem de 500 exemplares. Dirigido às comunidades negras rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Colabore com notícias e manifeste sua opinião.

Secretário-executivo de KOINONIA *Rafael Soares de Oliveira*

Coordenador do projeto para o Rio de Janeiro e Espírito Santo *José Maurício Arruti*

Pesquisadores *Ellen Monteiro, Alessandra Tosta, Fábio Mota e Elizete Ignácio*

Programação visual *Anita Slade*

Apoio editorial *Helena Costa e Mara Martins*

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (21) 224-6713 Fax (21) 221-3016
E-mail koinos@ax.apc.org www.koinonia.org.br

territórios negros
nº 3 • maio/junho de 2001
Informativo de apoio às Comunidades Negras Rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo • Publicação de KOINONIA

número especial

Primeira Oficina Territórios Negros do Rio de Janeiro

Nesse número especial, ampliamos nosso espaço (e nosso atraso) para lhes apresentar o relatório da nossa 1ª. OTN-RJ, realizada entre os dias 11 e 13 de maio passado.

A Oficina foi programada para receber quatro representantes de cada uma das oito comunidades negras rurais com que o projeto *Egbé – Territórios Negros,* de KOINONIA, mantém contato regular no estado do Rio de Janeiro. Infelizmente, por motivos muito variados, três dessas comunidades, Machadinha (Quissamã), São José (Valença) e Ilha da Marambaia (Mangaratiba), não puderam estar presentes. Apesar disso, os trabalhos contaram com 18 representantes de comunidades, 10 homens e 8 mulheres, com idades entre 20 e 75 anos.

O principal objetivo da Oficina foi abrir um espaço para a troca de informações e experiências entre aquelas comunidades. Uma das metas do projeto *Egbé – Territórios Negros,* é justamente criar as condições para a formação de uma rede regional de apoio a elas. Dois outros objetivos complementares eram: repassar informações sobre as alternativas de regularização fundiária de seus territórios e melhoria de qualidade de vida de suas comunidades; e registrar seus depoimentos para produzir material didático destinado àquelas e a outras comunidades negras rurais que venham se juntar à rede.

José Maurício Arruti

Para isso, depois de um jantar de confraternização na sexta-feira à noite, organizamos os trabalhos do sábado na forma de dois painéis. Pela manhã, nos dedicamos a montar a "árvore da memória" de cada comunidade. Cada grupo desenhou uma árvore que deveria simbolizar a história da comunidade. Nas raízes, a origem. No tronco, os principais fatos que marcaram a história da comunidade. Nos galhos, os grupos, as famílias e questões atuais. Finalmente, nos frutos, as suas conquistas. Este foi um exercício extremamente rico. Para além dos conteúdos objetivos recuperados, ele permitiu que as comunidades presentes refletissem sobre sua capacidade de organização e sobre os pontos de contato ou comparáveis entre suas diferentes histórias.

Na parte da tarde, propusemos que cada uma delas voltasse a se reunir para montar o mapa de seu território. Além de recuperar informações geográficas objetivas, a intenção novamente era permitir que os grupos produzissem um diagnóstico sobre sua situação territorial (conquistas, perdas e carências) e as comparassem com a dos outros grupos.

Ao final, no momento de avaliação dos trabalhos, os participantes pareciam misturar à sensação de cansaço, a satisfação por terem respondido

com sucesso a um desafio novo para todos. De nossa parte, ficou a tarefa de responder às solicitações formuladas nesse momento. A primeira, de realizar uma nova Oficina, com um número maior de comunidades – todos pareciam muito curiosos sobre isso. A segunda, que nessa Oficina nós dispuséssemos de mais tempo, para um melhor aproveitamento do raro encontro entre elas – laços de amizade pareciam estar se formando.

Esperamos que os leitores possam apreciar um pouco dessa experiência no resumo que apresentamos a seguir.

Nele trazemos pequenos textos de apresentação de cada comunidade, seguidos da descrição dos exercícios de construção da "árvore da memória" e do mapa de cada uma delas. Nos boxes há trechos de alguns depoimentos. Infelizmente não foi possível incluir os desenhos de todas as comunidades.

"Essa luta que a gente teve, igual a vocês eu era criança quando eles estavam na luta e conseguimos. Nós conseguimos esse título da gente. E estamos aqui para ajudar a vocês no que vocês precisarem e onde tiver reunião, qualquer coisa para ajudar vocês a gente está junto". DILMA – CAMPINHO

a oficina

Campinho da Independência

A comunidade de Campinho da Independência fica localizada na zona litorânea ao Sul do Estado do Rio de Janeiro, no município de Paraty. Sua área total é de 287 hectares, ocupados por pouco mais de 80 famílias negras, divididas em diversos sítios familiares usados como área de moradia e de trabalho. Todos que moram em Campinho da Independência, conhecido na região como um "bairro de pretos", são descendentes das irmãs Antonica, Marcelina e Luíza, consideradas por todos as fundadoras da comunidade.

Até a década de 70 não havia disputa pelas terras da comunidade de Campinho. Os habitantes cultivavam principalmente a mandioca, fabricavam farinha e produziam artesanato como meio de sobrevivência. Mas, depois da construção da rodovia Rio–Santos, em 1973, a vida da população muda drasticamente. Diante da repentina valorização de suas terras e da ameaça de grileiros, os moradores de Campinho reagem e se organizam, fundando uma Associação de Moradores, pedindo ajuda à Igreja Católica (por meio da Comissão Pastoral da Terra) e associando-se ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Paraty. Assim, em 1975, eles vão à Justiça em busca de seus direitos, por meio do pedido de usucapião de suas terras. As terras chegaram a ser desapropriadas pelo governo do estado, mas nunca foram entregues à comunidade.

Passados quase trinta anos de luta, a comunidade de Campinho finalmente teve a propriedade de suas terras reconhecida no dia 21 de março de 1999. Foi a primeira titulação de terras do estado baseada no artigo 68 da Constituição Federal (ADCT).

A ÁRVORE E O MAPA

Campinho compareceu à Oficina com um grupo composto por dois homens e duas mulheres, predominantemente jovens lideranças (Vaguinho, Sílvio, Sirlene – entre 20 e 25 anos – e Dilma – 45 anos). A construção da árvore não teve maiores problemas para eles. Primeiro, porque um deles (o Sílvio) é o artista plástico que tem sido responsável pela produção de faixas, camisetas e pela identidade visual da Associação de Moradores. Segundo, porque o grupo veio preparado com uma pasta cheia de material histórico, documentos e recortes de jornais que compõe um verdadeiro quebra-cabeça da história da comunidade. A "árvore da história" do Campinho estava sendo contada por pessoas que, como eles mesmo ressaltavam, já estavam colhendo os frutos da luta pela terra. Daí, a memória apresentada ter um formato bastante estável e sem conflitos, com uma organização muito próxima da história escrita, sem as eventuais controvérsias provocadas pelo confronto de experiências daqueles que viveram os fatos pessoalmente.

A árvore de Campinho foi organizada segundo três marcos fundamentais. O primeiro, a decadência do café, que resultou no abandono das terras pelos proprietários e na sua doação às três irmãs ex-escravas. Depois, a valorização das terras com a construção da rodovia Rio–Santos, que levou aos conflitos decorrentes da especulação imobiliária. E, finalmente, o reconhecimento da comunidade como remanescentes de quilombos, que significou a definitiva conquista da terra e o início da preocupação com a cultura e conscientização racial do grupo.

A construção do mapa de Campinho, ao contrário da sua árvore, por não ter um roteiro previamente estabelecido, foi o momento de uma maior criatividade. Os participantes partiram de suas percepções pessoais para estabelecer detalhadamente os marcos de seu território, dividindo o mapa entre os núcleos familiares (Santos, Besto, Cândido, Amâncio, Nascimento, Martins, Conceição e Remédios) e ressaltando a importância do campo de futebol para a comunidade, lugar de convívio coletivo dos moradores. Em contraposição a isso, descreveram como a Igreja Assembléia de Deus tem construído uma nova mentalidade no interior do grupo, com a "satanização" do futebol e de outras manifestações lúdicas. Chamavam a atenção para carências, como a falta de médicos e incentivos à cultura, etc.

"Eu acho que é um problema muito sério a questão dos remanescentes do país. Temos hoje a terra garantida, temos a luta da comunidade sim, que começou há vários anos, mas temos muitas dificuldades. E precisamos unir cada vez mais as comunidades. Se a gente não se unir, vai ser difícil a luta. A luta tem que ser mais aprofundada, mais conjunta, mais próxima, pra gente ter mais força pra lutar junto. Uma comunidade quilombola lá distante, outra distante, sem o mínimo de comunicação... A gente precisa desse engajamento mais próximo[...] Estamos hoje aí nessa luta, estamos em um processo de conscientização dos jovens porque a gente tem o maior orgulho de falar que somos quilombolas e isso está falando de auto-estima, de realidade, de assumir a negritude [...] A gente tem trabalhado muito a questão de realidade cultural, porque ser negro não é só bater no peito e dizer que é quilombola, tem que saber de sua história, suas raízes, a sua identidade". WAGNER – CAMPINHO

Caveira

Atualmente a Fazenda da Caveira é ocupada por aproximadamente 100 famílias, algumas descendentes dos antigos escravos da Fazenda Campos Novos e outras vindas de outros municípios e estados. A Fazenda da Caveira localiza-se no município de São Pedro da Aldeia, entre Cabo Frio e Armação dos Búzios. De acordo com os moradores da Caveira, a ocupação desta fazenda teria se dado ainda no tempo da escravidão por seus antepassados que trabalhavam na Fazenda Campos Novos.

A partir de 1950, com a suposta compra da fazenda Campos Novos pelo "Marquês", aquelas famílias passam a sofrer a imposição de novas e duríssimas regras de trabalho e moradia, além do arrendamento das terras que até então ocupavam livremente.

A insubordinação dos trabalhadores às novas regras e a contratação, pelo "grileiro", de jagunços para intimidá-los (muitas vezes acompanhados de policiais que auxiliavam na destruição de casas e roças) dá início ao conflito que se arrasta até hoje.

Apesar das decisões da Justiça em favor dos posseiros nos anos de 1960, as ameaças e violências persistiram por toda a década de 1970.

Em 1983 a parte da antiga Fazenda Campos Novos situada em Cabo Frio é desapropriada para dar lugar a um assentamento do INCRA.

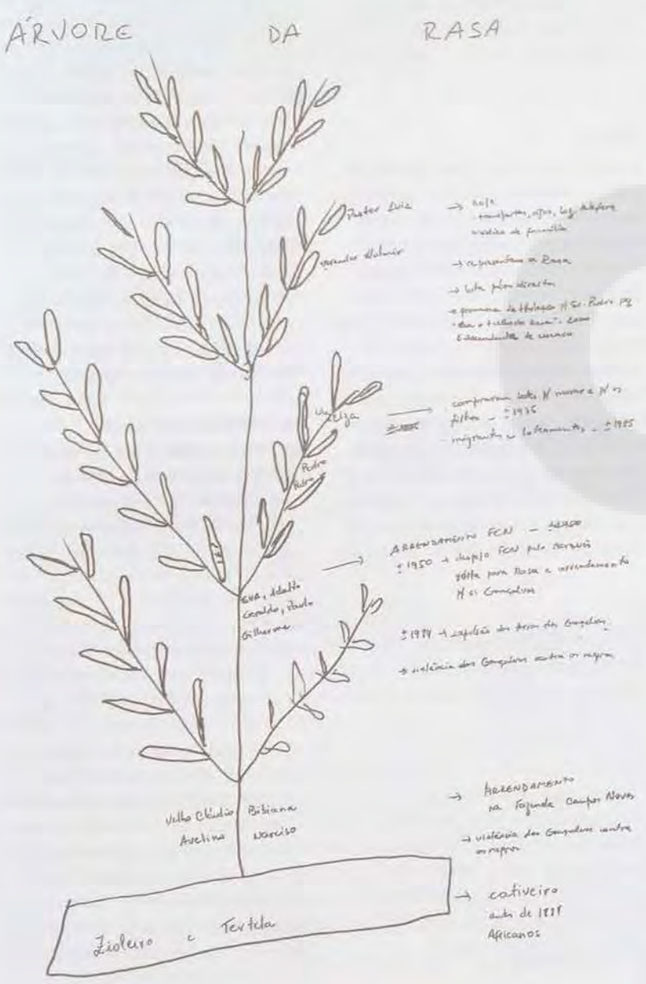
Em 1999, a Fazenda Caveira foi reconhecida como remanescente de quilombo, mas ainda tem convivido com intensos conflitos com os pretensos proprietários dos pequenos sítios. Além disso, a extração ilegal de areia tem causado o empobrecimento do solo e ameaçado a vida dos moradores que dependem da terra não só para morar mas também para a lavoura. Apesar das inúmeras denúncias feitas aos órgãos responsáveis a extração não foi interrompida.

"A luta não pára, a luta continua...essa luta é nossa... o que mais me surpreende é num momento que nós vemos que a maioria da juventude está voltada para um lado totalmente diferente e eu vejo aqui muitos jovens interessados e que é de muito futuro, dependendo do nosso trabalho...". SEU JOÃO – CAVEIRA

eles, uma memória pronta e única da Rasa, que represente toda a "comunidade". Os mesmos acontecimentos foram contados como sendo vivenciados separadamente por cada uma das três famílias ali representadas. Apesar disso, ao longo do exercício e com o apoio da equipe do *Projeto Territórios Negros*, eles puderam construir um consenso em torno da seqüência de acontecimentos vividos por seus antepassados, que permite falar em uma história comum.

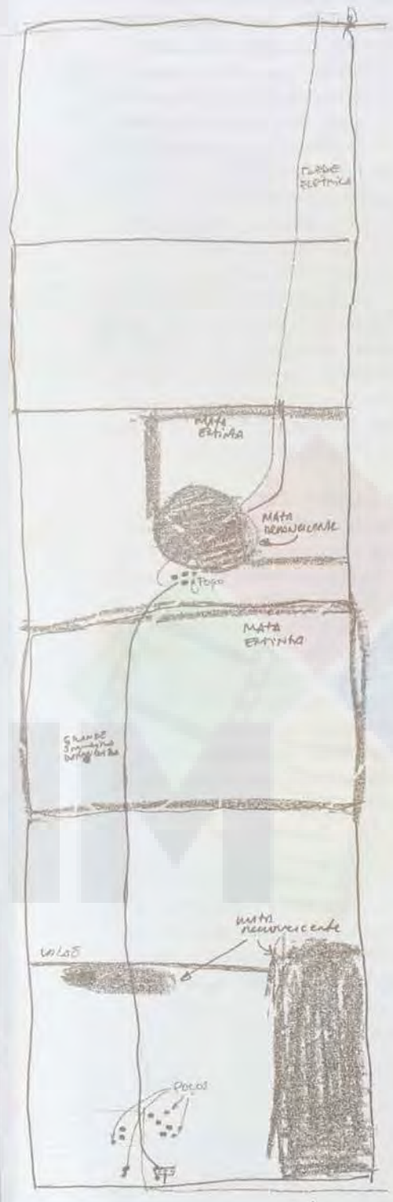
Assim, a *árvore da memória da Rasa* foi dividida em quatro partes que correspondem a quatro gerações. As raízes, os bisavós africanos daqueles moradores. O tronco, seus avós, já libertos, que moravam e trabalhavam na Fazenda Campos Novos, pagando arrendamento aos antigos senhores. Os galhos da árvore, seus pais, que continuaram pagando arrendamento até cerca de 1950, quando foram despejados por Antonio Paterno, conhecido como "Marquês". A partir dessa data é que eles transferiram-se para a Rasa, passando a pagar arrendamento para uma outra família de grandes proprietários, os Gonçalves, lembrados pela violência contra os negros e que dominou todo esse período, até muito recentemente.

"Foram lá me entrevistar porque eu era o mais velho do lugar. Meu pai era do tempo do cativeiro. Então eles colocaram na mente do povo que aquele povo de fora tinha que entregar aquilo tudo par a mim, que aquilo era meu. E o povo se alvoroçou contra mim.[...] não me deram título nenhum e saíram fora. Não me falaram mais nada. Não me falaram mais nada. Quando eu vim de lá para cá ontem, o pessoal ficou tudo grilado". SEU PEDRO – RASA



Finalmente, as folhas, representando eles mesmos, foi a geração que, a partir de meados dos anos de 1970, começou a comprar lotes para morar. Merece destaque, nesse período, a chegada em grande número de pessoas vindas de outros municípios, que iam se estabelecendo nos terrenos desocupados dos loteamentos. A população negra do local nunca teria se apossado desses terrenos, como os que chegavam de fora, em função da proibição estabelecida pelo pastor do bairro. Segundo o pastor, os filhos de Deus nunca poderiam se apossar de algo que não fosse deles.

O reconhecimento oficial do grupo como comunidade remanescente de quilombos não foi relacionado entre os momentos marcantes na história das suas famílias. Pelo contrário, os participantes tinham mais dúvidas que certezas sobre o significado de tal reconhecimento e o Sr. Pedro, por exemplo, reclamava dos seus efeitos imediatos. Ele foi procurado em outubro de 2000 pelo jornal *O Globo* que trazia a informação de que as terras de sua casa teriam sido tituladas, como uma primeira etapa do processo de titulação de toda a "Comunidade Remanescente de Quilombo da Rasa". Apesar de não ter tido qualquer contato com os órgãos responsáveis pelo processo de titulação (Fundação Cultural Palmares ou ITERJ), a matéria publicada tem lhe causado problemas com os moradores vizinhos. Alguns deles, por não estarem incluídos entre os "remanescentes", ficaram temerosos de perder suas terras e passaram a ver o Sr. Pedro como um símbolo desse medo (cf. depoimento de Seu Pedro, Rasa).



Terras de Preto Forro

Aparentemente, as únicas pessoas que têm informações sobre o reconhecimento do bairro da Rasa como terra de remanescentes de quilombo são: o pastor Luiz, da Assembléia de Deus, e o vereador Walmir, apontados como os representantes da Rasa ("são eles que lutam por nós"). Mas, apesar de convidados, nenhum dos dois pôde estar presente na Oficina. O trabalho de construção da árvore foi dificultado porque as pessoas que estavam trabalhando na recuperação da memória do bairro pararam com seus esforços. Foram ameaçadas por pessoas contrárias à investigação sobre quem eram os antigos proprietários daquelas terras.

Quanto ao mapa, os participantes fizeram um esquema bastante simples e resumido do bairro, onde se destacam a praça, a igreja, a escola, a delegacia e a quadra esportiva. Baseados no mapa, localizaram como pontos positivos, a presença de um colégio com segundo grau, o transporte freqüente, a água encanada e a rede de luz elétrica. Sobre os pontos negativos do bairro, citaram a falta de saneamento básico, de hospital e de creche, o desemprego e a divisão territorial entre Cabo Frio e Búzios, que dificulta o acesso a certos serviços públicos. A Associação de Moradores é constituída apenas por "gente de fora".

"Meu objetivo é sair daqui com alguma notícia, alguma coisa para passar pro pessoal lá, o que aconteceu o que não aconteceu, por que eles não puderam vir. Fico muito feliz de estar aqui com vocês, porque aqui a gente esta aprendendo... e fica passando e vem mais gente aqui para conhecer... e isto que é mais importante para todo mundo". ADEMIR – PRETO FORRO

Preto Forro

Na área rural de Cabo Frio, em um bairro chamado Angelim, ficam localizadas as Terras de Preto Forro. Seus moradores, distribuídos por 10 casas, somam aproximadamente 60 pessoas descendentes de antigos escravos que trabalhavam em duas fazendas vizinhas. Contam que o nome Preto Forro foi dado àquelas terras para marcar a diferença de outras terras ocupadas por trabalhadores em regime de escravidão.

Há três gerações a responsabilidade com as terras Preto Forro tem permanecido entre os homens descendentes diretos do primeiro dono e fundador da comunidade. Uma delas era o pagamento dos impostos que era divido entre todos os moradores. No final da década de 1980, o responsável arrendou parte das terras da comunidade para que um fazendeiro vizinho as usasse como pasto, sob o argumento de que assim, o grupo teria como pagar os impostos sobre a terra. Em pouco tempo, porém, o constante endividamento pessoal desse responsável junto ao fazendeiro, levou a que ele lhe transferisse o direito de posse das terras como forma de pagamento, apesar de não ter direito a isso.

A partir daí o fazendeiro tem forçado o deslocamento daquelas famílias de diferentes formas que evitam a violência direta. Suas plantações têm sido destruídas pelo gado, eles estão sendo proibidos de ampliar seus quintais ou construir casas para seus filhos, e a mata original, de onde eles extraíam de forma equilibrada a madeira para a produção de carvão em pequena escala, já foi praticamente toda destruída para a ampliação do pasto. Das poucas árvores frutíferas que restaram, o fazendeiro já não permite que os moradores retirem os frutos.

A comunidade, apesar de ter um dos times de futebol mais bem equipados e organizados da Região dos Lagos, não tem uma Associação de Moradores própria, nem seus componentes são sindi-

"A gente é herdeiro da terra e tinha um primo da gente, ele tinha uma parte que ele morava. Antes o pessoal pagava (imposto), aí ele chegou e falou que o pessoal não precisava mais pagar porque ele tinha alugado o pasto para um cara e o dinheiro que ele pegava, pagava. Daí passaram uns tempos e o cara apareceu dizendo que ele era dono da terra, dizendo que 'eu comprei e vocês não podem fazer mais nada aí'. Mas como não pode fazer se é da gente, por que a gente não pode fazer? Aí o pessoal lá, os primos, o pessoal entraram e fizeram no peito. Um troço que é da gente não vai fazer porque o cara proibiu? Tem que entrar e fazer. A gente tem que meter bronca para frente, entrar e fazer mesmo. Ele está com o gado dele lá. Estamos correndo atrás desse objetivo".
ADEMIR – PRETO FORRO

calizados. O consenso local sobre a legitimidade de suas posses não tinha criado a necessidade de uma maior organização, até agora.

A ÁRVORE E O MAPA

Da comunidade de Preto Forro participou da Oficina apenas uma pessoa, Ademir (33 anos). Como estava sozinho, durante a produção da "árvore da história" ele foi absorvido pelo grupo da Caveira, por se supor uma convergência entre suas histórias mais remotas. Mas tanto as discussões que prevaleceram naquele grupo, quanto os limites temporais da história que Ademir está habilitado a reconstituir frustraram essa expectativa. No momento da apresentação da árvore, quando foi convidado para contar a história da sua comunidade, ele concentrou-se justamente nos acontecimentos da última década, a partir de quando a posse pacífica das Terras de Preto Forro foi posta em perigo.

Uma maior participação ficou por conta da construção de seu mapa, quando pudemos recuperar mais detalhadamente as dimensões daquelas terras e o impacto da entrada do fazendeiro, tanto na destruição das reservas de mata nativa, quanto nos efeitos da presença do gado. As famílias locais passaram a cercar suas posses familiares, quando antes o que existia era uma única terra de uso comum que era ocupada de acordo com as necessidades e capacidades familiares a cada novo ano.

Novo Horizonte

Os Assentados de Novo Horizonte são ex-trabalhadores da Usina Horizonte e estão situados entre a Lagoa Feia e a Serra do Imbé, ambos no distrito de Morangaba – Campos dos Goytacazes. A Região do Imbé foi marcada pela presença de inúmeros quilombos, principalmente a partir de fins do século XVIII e início do século XIX, com o desenvolvimento da produção açucareira e do número de escravos nos engenhos.

Atualmente a Região é povoada por famílias negras que lutaram por seus direitos e hoje estão livres da exploração dos usineiros da região. Os moradores do local se referem ao processo de reforma agrária como "conquista da liberdade". No caso dos Assentados de Novo Horizonte, tudo começou quando as atividades da usina foram interrompidas, em 1984, deixando os trabalhadores sem os seus salários desde 1982. No ano de 1985, a usina teve a falência declarada, e em 1987, a maior parte da área agrícola da massa falida foi apropriada pelo Estado. Após articulação dos trabalhadores, foi feito um acordo em que as indenizações trabalhistas seriam feitas em lotes de terra e, finalmente, em 4 de agosto de 1987, lhes foi dada a emissão de posse.

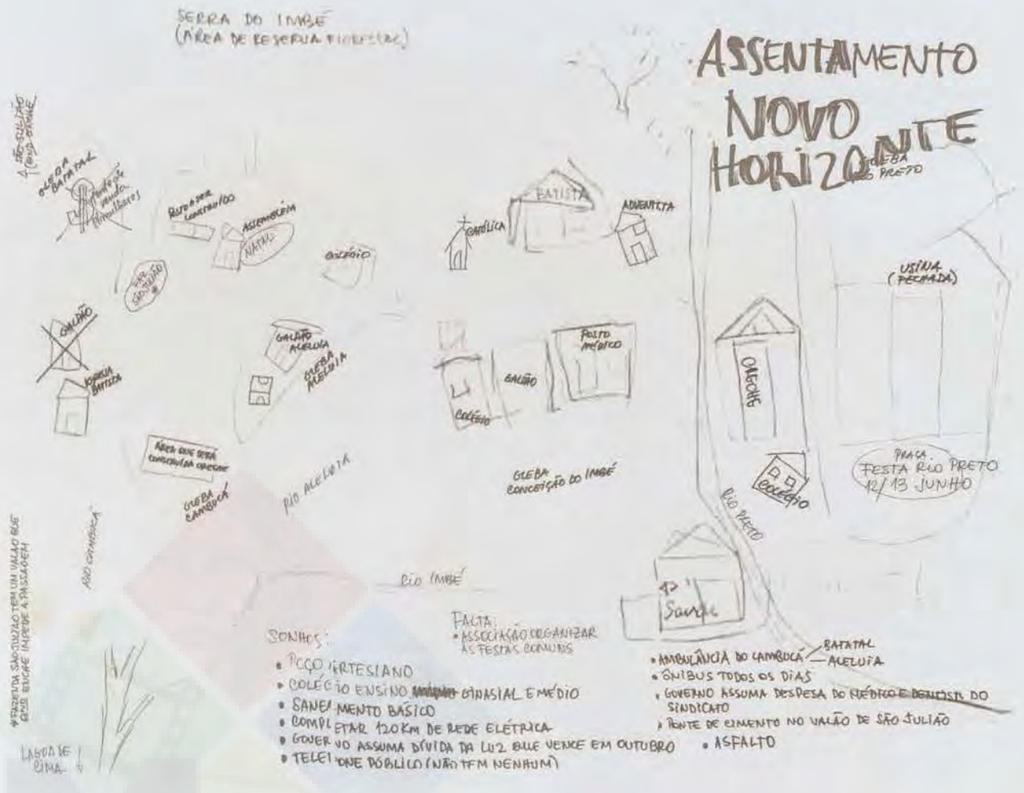
Na região do Imbé foram assentadas 132 famílias, distribuídas por quatro assentamentos: Batatal (15 famílias), Cambucá (27), Aleluia (28), Conceição (62), que são representadas por duas Associações de Pequenos Produtores.

A ÁRVORE E O MAPA

Participaram da Oficina quatro representantes das duas associações do Imbé, com idades entre 40 e 60 anos (Paulo, Vigante e Elza, e Berenice). Paulo é presidente tanto da Associação Cambucá e Batatal quanto do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos. Embora nem todos tenham nascido na região, todos participaram dos processos de desapropriação das fazendas e formação dos assentamentos na região.

O processo de elaboração da "árvore da história" do Assentamento refletiu a experiência sindical do grupo, em função da qual estão acostumados a dar depoimentos para políticos, jornalistas e

José Maurício Arruti



"Então eu me lembro quando foi recebido um convite, na época era o Benedito que era o presidente. Que recebi um convite na 'ferinha da roça', que era pra mim vim na Federação ali em Niterói pra um encontro. Aí eu disse: 'Não, eu num quero ir, você coloca a companheira Lúcia...' Aí ele disse: 'Não Berenice, eu tô convidando você, não a Lúcia'[...] eu preferi que ela fosse porque não sei de nada , não entendo nada, não sei de nada, não tenho leitura, o pouquinho que eu sei hoje é ler a Bíblia... então eu preferi que ela viesse, mas ele teimou comigo: 'Não Berenice, eu quero que vá neste encontro, eu faço questão que você vai' [...] Esta foi a primeira caminhada minha. Saber, conhecer as pessoas, conheci muita gente que eu nem sabia da onde era e passei a saber de onde é. Então é aí que a pessoa caminha [...] nós temos que ser unidos para vencer a luta, para vencer a guerra. Porque pra conseguir aquela terra, aquele pedaço de chão nós, primeiro comemos o fel todo, pra depois comer um pedacinho do mel. Ontem nós chegamos naquele lugar ali, Quissamã, e a companheira batia na porta e um dizia 'Ah, eu não tô preparado' e o outro: 'Ah, eu também não tô', aí eu fiquei matutando a vida deles. Antes eu era assim também, tinha a maior vergonha de sair da minha casa para ir alguma reunião. Hoje, se eu for numa reunião, eu tô no meu direito, se eu não falar nada, não saio de lá satisfeita. Eu era tão envergonhada, eu andava de cabeça baixa, eu era muito carrancuda, eu não olhava pra rosto de ninguém. Mas depois que eu passei a conhecer a reforma agrária, passei a bater na porta dos nossos direitos, eu aprendi a olhar no olho".
BERENICE – NOVO HORIZONTE

pesquisadores. Apesar da dificuldade em determinar as datas precisas dos eventos, os marcos temporais da árvore foram divididos em dois grandes troncos, tendo em conta, de um lado, as estratégias de luta dos proprietários e poderes locais e, de outro, as do Sindicato. Isso explica tanto a facilidade de construir uma detalhada "árvore da memória", quanto a dificuldade de recuperar uma memória mais antiga, que surge fragmentada, repleta de lacunas e, mesmo assim, não ultrapassa a década de 1950.

Essa narrativa tem início em 1960, quando José Pureza da Silva participa da ocupação do Mocotó (fazenda vizinha) e, durante a repressão, Chico Noel o esconde em sua casa, no Imbé. Em represália, vários trabalhadores são espancados.

Na década de 1970 a Usina entra em crise e os trabalhadores passam a sofrer com a falta de alimentos, remédios e roupas. O medo da repressão já experimentada os mantém desorganizados.

Em 1976 inicia-se a violência dos proprietários para forçar a saída dos trabalhadores. Estes rompem com o Sindicato da Indústria, a que eram filiados e que era dominado pelos patrões, e filiam-se ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Eles fazem questão de enfatizar que, em 1980, o radialista e vereador Anthony Garotinho lhes dá grande apoio pelo rádio, divulgando o problema, contra as pressões da UDR e da Igreja.

Aliados aos operários fornecedores de cana, eles ocupam a usina e desligam máquinas, sob a repressão da polícia. Os fazendeiros arrendam as terras para uma massa falida, mas em 1986, há a rescisão do contrato.

Em 1987 as terras da Usina são desapropriadas e em 1989 eles fundam a Associação de Produtores Rurais (APROAM), mas suas terras continuavam ocupadas pelo gado de 22 fazendeiros. A televisão vai ao local e filma os bois comendo plantações e a justiça intercede em favor dos trabalhadores. Finalmente, na década de 1990 eles passam a receber o apoio dos órgãos públicos, conseguem rede de energia, escola, linha de ônibus e a criação de uma Feira no centro da cidade para venderem sua produção.

Na elaboração do mapa os moradores usaram o mesmo recorte criado pela mobilização da "luta", localizando apenas as glebas da Região do Imbé e deixando de fora as do Rio Preto. Incluíram no mapa a Usina e todos os prédios públicos: escola, posto de saúde, igreja. Destaca-se a localização dos rios e a Serra (área de reserva ambiental) sem a preocupação de localizar suas casas. Com relação aos "desejos" dos moradores, cada um focalizou as necessidades de sua gleba.

Na oportunidade da 1ª OTN-RJ, a "Dona Rosa da Farinha", da comunidade da Caveira, nos solicitou que divulgássemos a seguinte carta, que ela dirigiu ao governador do estado e permanece sem resposta.

São Pedro, 19 de fevereiro de 2001
A Paz do Senhor Irmão Garotinho!
Sou sua irmã em Cristo da Igreja Assembléia de Deus de Cabo Frio, do Pastor Wanderlei Rodrigues Bento, me chamo Rosa Geralda Silveira, tenho 72 anos e sou membro da comunidade rural negra da Fazenda da Caveira. Recebi em minha casa, durante o período de 1998 e 1999, uma equipe de pesquisadores do ITERJ e da Fundação Cultural Palmares para a produção do laudo antropológico que reconheceu a comunidade como Remanescente de Quilombo e, além disso, comprovou a antiguidade da casa e da casa de produção de farinha de minha família. Por ser a única casa remanescente do período da escravidão, a equipe de pesquisadores concluiu da necessidade da restauração da casa e da casa de farinha, que atende a toda comunidade cobrando apenas os gastos com o uso das máquinas (óleo e lenha).
Prezado Governador, venho por meio desta carta, pedir a rapidez na execução do início das obras, agora não só por necessidade de preservação de um bem material que se encontra em péssimo estado de conservação, mas principalmente por uma necessidade física. Tenho sérios problemas respiratórios e recebi recomendações de um médico sanitarista que deveria restaurar a minha casa urgentemente, o que minhas condições econômicas me impedem. Por ser muito antiga, ela guarda uma série de fungos, ácaros e cupins que são extremamente prejudiciais à minha saúde. Nesses últimos meses, que são meses de chuva, a bronquite se agrava em virtude da umidade e faz com que me torne cada vez mais dependente do nebulizador.
Gostaria, por último, que minha solicitação não fosse interpretada como sendo um pedido individualista que visa somente o benefício de um único membro da comunidade. A restauração da minha casa é fruto da preocupação de um grupo de pesquisadores que visava preservar o único bem material do período da escravidão ainda existente da comunidade. E agora o que eu faço é reafirmar essa preocupação não somente com o bem material histórico mas com minha própria saúde.
Aproveito a oportunidade para refazer o pedido de titulação da posse de nossas terras que vem sofrendo todo tipo de exploração, como a grilagem e extração de areia, que tem transformado terras férteis em enormes áreas improdutivas. Várias denúncias aos órgãos responsáveis já foram feitas sem que nada fosse resolvido.
Desde já agradeço.
ROSA GERALDA SILVEIRA

territóriosnegros

Este boletim é produzido pelo projeto EGBÉ – TERRITÓRIOS NEGROS de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Sua periodicidade é bimestral com tiragem de 750 exemplares. Dirigido às comunidades negras rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Colabore com notícias e manifeste sua opinião.

Secretário-executivo de KOINONIA *Rafael Soares de Oliveira*

Coordenador para o Rio de Janeiro e Espírito Santo e editor do informativo *José Maurício Arruti*

Pesquisadores *Ellen Monteiro, Alessandra Tosta, Fábio Mota e Elizete Ignácio*

Programação visual *Anita Slade*

Apoio editorial *Helena Costa e Mara Martins*

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (21) 2224-6713 Fax (21) 2221-3016
E-mail territoriosnegros@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br

A *1ª Oficina Territórios Negros* foi realizada no Colégio Assunção, em Santa Tereza (Rio de Janeiro), com a participação da equipe do Projeto Egbé (José Maurício, Alessandra, Ellen, Elizete e Fábio) e a colaboração de Marisa Rios e Vera Câmara. Contou com o financiamento do Conselho Mundial de Igrejas e com o apoio da Secretaria de Cultura, Educação e Turismo de Cabo Frio, no transporte dos representantes da Rasa, Caveira e Preto Forro.

territórios negros
nº 3 • maio/junho de 2001
Informativo de apoio às Comunidades Negras Rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo • Publicação de KOINONIA

número especial

Primeira Oficina Territórios Negros do Rio de Janeiro

Nesse número especial, ampliamos nosso espaço (e nosso atraso) para lhes apresentar o relatório da nossa 1ª. OTN-RJ, realizada entre os dias 11 e 13 de maio passado.

A Oficina foi programada para receber quatro representantes de cada uma das oito comunidades negras rurais com que o projeto *Egbé – Territórios Negros,* de KOINONIA, mantém contato regular no estado do Rio de Janeiro. Infelizmente, por motivos muito variados, três dessas comunidades, Machadinha (Quissamã), São José (Valença) e Ilha da Marambaia (Mangaratiba), não puderam estar presentes. Apesar disso, os trabalhos contaram com 18 representantes de comunidades, 10 homens e 8 mulheres, com idades entre 20 e 75 anos.

O principal objetivo da Oficina foi abrir um espaço para a troca de informações e experiências entre aquelas comunidades. Uma das metas do projeto *Egbé – Territórios Negros,* é justamente criar as condições para a formação de uma rede regional de apoio a elas. Dois outros objetivos complementares eram: repassar informações sobre as alternativas de regularização fundiária de seus territórios e melhoria de qualidade de vida de suas comunidades; e registrar seus depoimentos para produzir material didático destinado àquelas e a outras comunidades negras rurais que venham se juntar à rede.

José Maurício Arruti

Para isso, depois de um jantar de confraternização na sexta-feira à noite, organizamos os trabalhos do sábado na forma de dois painéis. Pela manhã, nos dedicamos a montar a "árvore da memória" de cada comunidade. Cada grupo desenhou uma árvore que deveria simbolizar a história da comunidade. Nas raízes, a origem. No tronco, os principais fatos que marcaram a história da comunidade. Nos galhos, os grupos, as famílias e questões atuais. Finalmente, nos frutos, as suas conquistas. Este foi um exercício extremamente rico. Para além dos conteúdos objetivos recuperados, ele permitiu que as comunidades presentes refletissem sobre sua capacidade de organização e sobre os pontos de contato ou comparáveis entre suas diferentes histórias.

Na parte da tarde, propusemos que cada uma delas voltasse a se reunir para montar o mapa de seu território. Além de recuperar informações geográficas objetivas, a intenção novamente era permitir que os grupos produzissem um diagnóstico sobre sua situação territorial (conquistas, perdas e carências) e as comparassem com a dos outros grupos.

Ao final, no momento de avaliação dos trabalhos, os participantes pareciam misturar à sensação de cansaço, a satisfação por terem respondido

com sucesso a um desafio novo para todos. De nossa parte, ficou a tarefa de responder às solicitações formuladas nesse momento. A primeira, de realizar uma nova Oficina, com um número maior de comunidades – todos pareciam muito curiosos sobre isso. A segunda, que nessa Oficina nós dispuséssemos de mais tempo, para um melhor aproveitamento do raro encontro entre elas – laços de amizade pareciam estar se formando.

Esperamos que os leitores possam apreciar um pouco dessa experiência no resumo que apresentamos a seguir.

Nele trazemos pequenos textos de apresentação de cada comunidade, seguidos da descrição dos exercícios de construção da "árvore da memória" e do mapa de cada uma delas. Nos boxes há trechos de alguns depoimentos. Infelizmente não foi possível incluir os desenhos de todas as comunidades.

"Essa luta que a gente teve, igual a vocês eu era criança quando eles estavam na luta e conseguimos. Nós conseguimos esse título da gente. E estamos aqui para ajudar a vocês no que vocês precisarem e onde tiver reunião, qualquer coisa para ajudar vocês a gente está junto". DILMA – CAMPINHO

a oficina

Campinho da Independência

A comunidade de Campinho da Independência fica localizada na zona litorânea ao Sul do Estado do Rio de Janeiro, no município de Paraty. Sua área total é de 287 hectares, ocupados por pouco mais de 80 famílias negras, divididas em diversos sítios familiares usados como área de moradia e de trabalho. Todos que moram em Campinho da Independência, conhecido na região como um "bairro de pretos", são descendentes das irmãs Antonica, Marcelina e Luíza, consideradas por todos as fundadoras da comunidade.

Até a década de 70 não havia disputa pelas terras da comunidade de Campinho. Os habitantes cultivavam principalmente a mandioca, fabricavam farinha e produziam artesanato como meio de sobrevivência. Mas, depois da construção da rodovia Rio–Santos, em 1973, a vida da população muda drasticamente. Diante da repentina valorização de suas terras e da ameaça de grileiros, os moradores de Campinho reagem e se organizam, fundando uma Associação de Moradores, pedindo ajuda à Igreja Católica (por meio da Comissão Pastoral da Terra) e associando-se ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Paraty. Assim, em 1975, eles vão à Justiça em busca de seus direitos, por meio do pedido de usucapião de suas terras. As terras chegaram a ser desapropriadas pelo governo do estado, mas nunca foram entregues à comunidade.

Passados quase trinta anos de luta, a comunidade de Campinho finalmente teve a propriedade de suas terras reconhecida no dia 21 de março de 1999. Foi a primeira titulação de terras do estado baseada no artigo 68 da Constituição Federal (ADCT).

A ÁRVORE E O MAPA

Campinho compareceu à Oficina com um grupo composto por dois homens e duas mulheres, predominantemente jovens lideranças (Vaguinho, Sílvio, Sirlene – entre 20 e 25 anos – e Dilma – 45 anos). A construção da árvore não teve maiores problemas para eles. Primeiro, porque um deles (o Sílvio) é o artista plástico que tem sido responsável pela produção de faixas, camisetas e pela identidade visual da Associação de Moradores. Segundo, porque o grupo veio preparado com uma pasta cheia de material histórico, documentos e recortes de jornais que compõe um verdadeiro quebra-cabeça da história da comunidade. A "árvore da história" do Campinho estava sendo contada por pessoas que, como eles mesmo ressaltavam, já estavam colhendo os frutos da luta pela terra. Daí, a memória apresentada ter um formato bastante estável e sem conflitos, com uma organização muito próxima da história escrita, sem as eventuais controvérsias provocadas pelo confronto de experiências daqueles que viveram os fatos pessoalmente.

A árvore de Campinho foi organizada segundo três marcos fundamentais. O primeiro, a decadência do café, que resultou no abandono das terras pelos proprietários e na sua doação às três irmãs ex-escravas. Depois, a valorização das terras com a construção da rodovia Rio–Santos, que levou aos conflitos decorrentes da especulação imobiliária. E, finalmente, o reconhecimento da comunidade como remanescentes de quilombos, que significou a definitiva conquista da terra e o início da preocupação com a cultura e conscientização racial do grupo.

A construção do mapa de Campinho, ao contrário da sua árvore, por não ter um roteiro previamente estabelecido, foi o momento de uma maior criatividade. Os participantes partiram de suas percepções pessoais para estabelecer detalhadamente os marcos de seu território, dividindo o mapa entre os núcleos familiares (Santos, Besto, Cândido, Amâncio, Nascimento, Martins, Conceição e Remédios) e ressaltando a importância do campo de futebol para a comunidade, lugar de convívio coletivo dos moradores. Em contraposição a isso, descreveram como a Igreja Assembléia de Deus tem construído uma nova mentalidade no interior do grupo, com a "satanização" do futebol e de outras manifestações lúdicas. Chamavam a atenção para carências, como a falta de médicos e incentivos à cultura, etc.

"Eu acho que é um problema muito sério a questão dos remanescentes do país. Temos hoje a terra garantida, temos a luta da comunidade sim, que começou há vários anos, mas temos muitas dificuldades. E precisamos unir cada vez mais as comunidades. Se a gente não se unir, vai ser difícil a luta. A luta tem que ser mais aprofundada, mais conjunta, mais próxima, pra gente ter mais força pra lutar junto. Uma comunidade quilombola lá distante, outra distante, sem o mínimo de comunicação... A gente precisa desse engajamento mais próximo[...] Estamos hoje aí nessa luta, estamos em um processo de conscientização dos jovens porque a gente tem o maior orgulho de falar que somos quilombolas e isso está falando de auto-estima, de realidade, de assumir a negritude [...] A gente tem trabalhado muito a questão de realidade cultural, porque ser negro não é só bater no peito e dizer que é quilombola, tem que saber de sua história, suas raízes, a sua identidade". WAGNER – CAMPINHO

Caveira

Atualmente a Fazenda da Caveira é ocupada por aproximadamente 100 famílias, algumas descendentes dos antigos escravos da Fazenda Campos Novos e outras vindas de outros municípios e estados. A Fazenda da Caveira localiza-se no município de São Pedro da Aldeia, entre Cabo Frio e Armação dos Búzios. De acordo com os moradores da Caveira, a ocupação desta fazenda teria se dado ainda no tempo da escravidão por seus antepassados que trabalhavam na Fazenda Campos Novos.

A partir de 1950, com a suposta compra da fazenda Campos Novos pelo "Marquês", aquelas famílias passam a sofrer a imposição de novas e duríssimas regras de trabalho e moradia, além do arrendamento das terras que até então ocupavam livremente.

A insubordinação dos trabalhadores às novas regras e a contratação, pelo "grileiro", de jagunços para intimidá-los (muitas vezes acompanhados de policiais que auxiliavam na destruição de casas e roças) dá início ao conflito que se arrasta até hoje.

Apesar das decisões da Justiça em favor dos posseiros nos anos de 1960, as ameaças e violências persistiram por toda a década de 1970.

Em 1983 a parte da antiga Fazenda Campos Novos situada em Cabo Frio é desapropriada para dar lugar a um assentamento do INCRA.

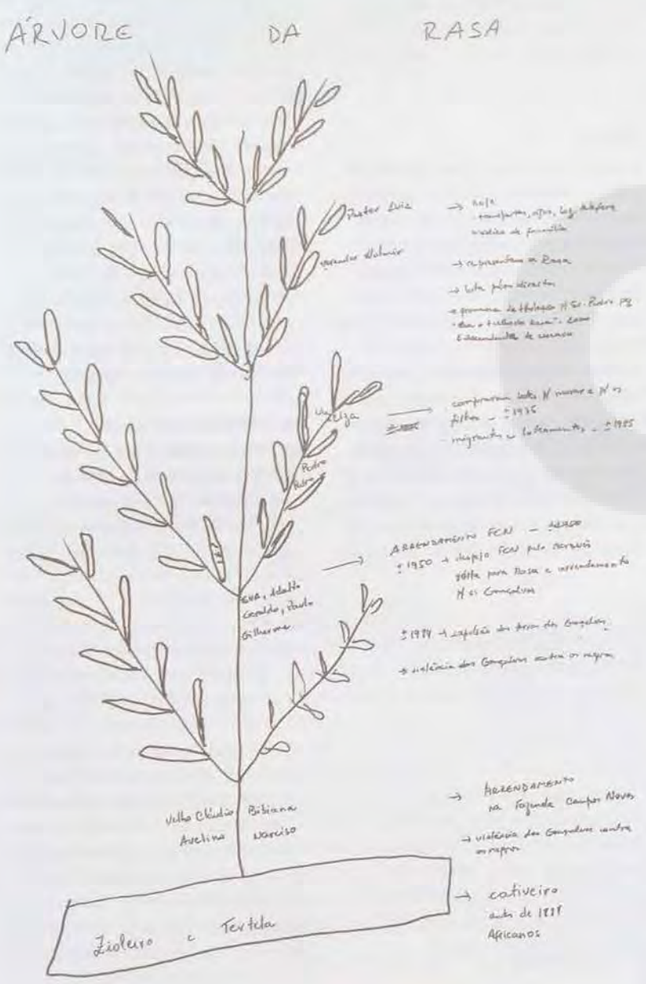
Em 1999, a Fazenda Caveira foi reconhecida como remanescente de quilombo, mas ainda tem convivido com intensos conflitos com os pretensos proprietários dos pequenos sítios. Além disso, a extração ilegal de areia tem causado o empobrecimento do solo e ameaçado a vida dos moradores que dependem da terra não só para morar mas também para a lavoura. Apesar das inúmeras denúncias feitas aos órgãos responsáveis a extração não foi interrompida.

"A luta não pára, a luta continua...essa luta é nossa... o que mais me surpreende é num momento que nós vemos que a maioria da juventude está voltada para um lado totalmente diferente e eu vejo aqui muitos jovens interessados e que é de muito futuro, dependendo do nosso trabalho...". SEU JOÃO – CAVEIRA

eles, uma memória pronta e única da Rasa, que represente toda a "comunidade". Os mesmos acontecimentos foram contados como sendo vivenciados separadamente por cada uma das três famílias ali representadas. Apesar disso, ao longo do exercício e com o apoio da equipe do *Projeto Territórios Negros*, eles puderam construir um consenso em torno da seqüência de acontecimentos vividos por seus antepassados, que permite falar em uma história comum.

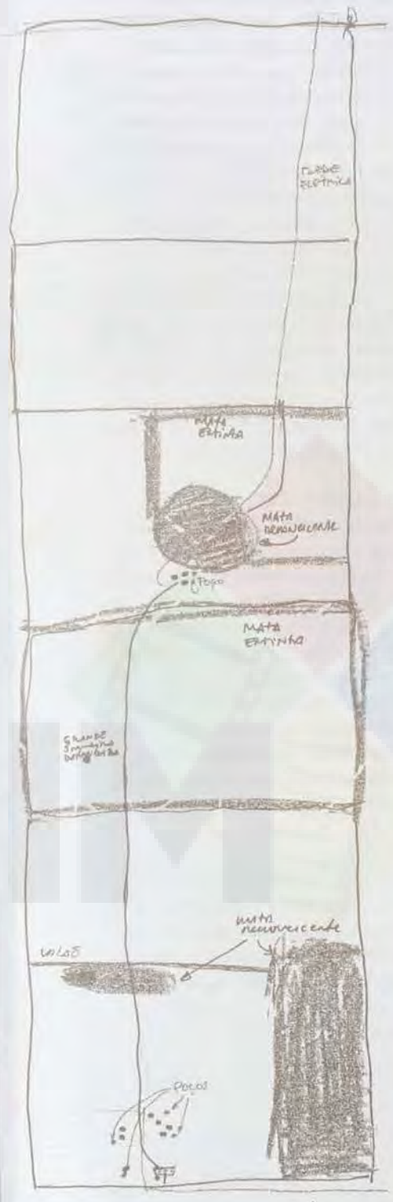
Assim, a *árvore da memória da Rasa* foi dividida em quatro partes que correspondem a quatro gerações. As raízes, os bisavós africanos daqueles moradores. O tronco, seus avós, já libertos, que moravam e trabalhavam na Fazenda Campos Novos, pagando arrendamento aos antigos senhores. Os galhos da árvore, seus pais, que continuaram pagando arrendamento até cerca de 1950, quando foram despejados por Antonio Paterno, conhecido como "Marquês". A partir dessa data é que eles transferiram-se para a Rasa, passando a pagar arrendamento para uma outra família de grandes proprietários, os Gonçalves, lembrados pela violência contra os negros e que dominou todo esse período, até muito recentemente.

"Foram lá me entrevistar porque eu era o mais velho do lugar. Meu pai era do tempo do cativeiro. Então eles colocaram na mente do povo que aquele povo de fora tinha que entregar aquilo tudo par a mim, que aquilo era meu. E o povo se alvoroçou contra mim.[...] não me deram título nenhum e saíram fora. Não me falaram mais nada. Não me falaram mais nada. Quando eu vim de lá para cá ontem, o pessoal ficou tudo grilado". SEU PEDRO – RASA



Finalmente, as folhas, representando eles mesmos, foi a geração que, a partir de meados dos anos de 1970, começou a comprar lotes para morar. Merece destaque, nesse período, a chegada em grande número de pessoas vindas de outros municípios, que iam se estabelecendo nos terrenos desocupados dos loteamentos. A população negra do local nunca teria se apossado desses terrenos, como os que chegavam de fora, em função da proibição estabelecida pelo pastor do bairro. Segundo o pastor, os filhos de Deus nunca poderiam se apossar de algo que não fosse deles.

O reconhecimento oficial do grupo como comunidade remanescente de quilombos não foi relacionado entre os momentos marcantes na história das suas famílias. Pelo contrário, os participantes tinham mais dúvidas que certezas sobre o significado de tal reconhecimento e o Sr. Pedro, por exemplo, reclamava dos seus efeitos imediatos. Ele foi procurado em outubro de 2000 pelo jornal *O Globo* que trazia a informação de que as terras de sua casa teriam sido tituladas, como uma primeira etapa do processo de titulação de toda a "Comunidade Remanescente de Quilombo da Rasa". Apesar de não ter tido qualquer contato com os órgãos responsáveis pelo processo de titulação (Fundação Cultural Palmares ou ITERJ), a matéria publicada tem lhe causado problemas com os moradores vizinhos. Alguns deles, por não estarem incluídos entre os "remanescentes", ficaram temerosos de perder suas terras e passaram a ver o Sr. Pedro como um símbolo desse medo (cf. depoimento de Seu Pedro, Rasa).



Terras de Preto Forro

Aparentemente, as únicas pessoas que têm informações sobre o reconhecimento do bairro da Rasa como terra de remanescentes de quilombo são: o pastor Luiz, da Assembléia de Deus, e o vereador Walmir, apontados como os representantes da Rasa ("são eles que lutam por nós"). Mas, apesar de convidados, nenhum dos dois pôde estar presente na Oficina. O trabalho de construção da árvore foi dificultado porque as pessoas que estavam trabalhando na recuperação da memória do bairro pararam com seus esforços. Foram ameaçadas por pessoas contrárias à investigação sobre quem eram os antigos proprietários daquelas terras.

Quanto ao mapa, os participantes fizeram um esquema bastante simples e resumido do bairro, onde se destacam a praça, a igreja, a escola, a delegacia e a quadra esportiva. Baseados no mapa, localizaram como pontos positivos, a presença de um colégio com segundo grau, o transporte freqüente, a água encanada e a rede de luz elétrica. Sobre os pontos negativos do bairro, citaram a falta de saneamento básico, de hospital e de creche, o desemprego e a divisão territorial entre Cabo Frio e Búzios, que dificulta o acesso a certos serviços públicos. A Associação de Moradores é constituída apenas por "gente de fora".

"Meu objetivo é sair daqui com alguma notícia, alguma coisa para passar pro pessoal lá, o que aconteceu o que não aconteceu, por que eles não puderam vir. Fico muito feliz de estar aqui com vocês, porque aqui a gente esta aprendendo... e fica passando e vem mais gente aqui para conhecer... e isto que é mais importante para todo mundo". ADEMIR – PRETO FORRO

Preto Forro

Na área rural de Cabo Frio, em um bairro chamado Angelim, ficam localizadas as Terras de Preto Forro. Seus moradores, distribuídos por 10 casas, somam aproximadamente 60 pessoas descendentes de antigos escravos que trabalhavam em duas fazendas vizinhas. Contam que o nome Preto Forro foi dado àquelas terras para marcar a diferença de outras terras ocupadas por trabalhadores em regime de escravidão.

Há três gerações a responsabilidade com as terras Preto Forro tem permanecido entre os homens descendentes diretos do primeiro dono e fundador da comunidade. Uma delas era o pagamento dos impostos que era divido entre todos os moradores. No final da década de 1980, o responsável arrendou parte das terras da comunidade para que um fazendeiro vizinho as usasse como pasto, sob o argumento de que assim, o grupo teria como pagar os impostos sobre a terra. Em pouco tempo, porém, o constante endividamento pessoal desse responsável junto ao fazendeiro, levou a que ele lhe transferisse o direito de posse das terras como forma de pagamento, apesar de não ter direito a isso.

A partir daí o fazendeiro tem forçado o deslocamento daquelas famílias de diferentes formas que evitam a violência direta. Suas plantações têm sido destruídas pelo gado, eles estão sendo proibidos de ampliar seus quintais ou construir casas para seus filhos, e a mata original, de onde eles extraíam de forma equilibrada a madeira para a produção de carvão em pequena escala, já foi praticamente toda destruída para a ampliação do pasto. Das poucas árvores frutíferas que restaram, o fazendeiro já não permite que os moradores retirem os frutos.

A comunidade, apesar de ter um dos times de futebol mais bem equipados e organizados da Região dos Lagos, não tem uma Associação de Moradores própria, nem seus componentes são sindi-

"A gente é herdeiro da terra e tinha um primo da gente, ele tinha uma parte que ele morava. Antes o pessoal pagava (imposto), aí ele chegou e falou que o pessoal não precisava mais pagar porque ele tinha alugado o pasto para um cara e o dinheiro que ele pegava, pagava. Daí passaram uns tempos e o cara apareceu dizendo que ele era dono da terra, dizendo que 'eu comprei e vocês não podem fazer mais nada aí'. Mas como não pode fazer se é da gente, por que a gente não pode fazer? Aí o pessoal lá, os primos, o pessoal entraram e fizeram no peito. Um troço que é da gente não vai fazer porque o cara proibiu? Tem que entrar e fazer. A gente tem que meter bronca para frente, entrar e fazer mesmo. Ele está com o gado dele lá. Estamos correndo atrás desse objetivo".
ADEMIR – PRETO FORRO

calizados. O consenso local sobre a legitimidade de suas posses não tinha criado a necessidade de uma maior organização, até agora.

A ÁRVORE E O MAPA

Da comunidade de Preto Forro participou da Oficina apenas uma pessoa, Ademir (33 anos). Como estava sozinho, durante a produção da "árvore da história" ele foi absorvido pelo grupo da Caveira, por se supor uma convergência entre suas histórias mais remotas. Mas tanto as discussões que prevaleceram naquele grupo, quanto os limites temporais da história que Ademir está habilitado a reconstituir frustraram essa expectativa. No momento da apresentação da árvore, quando foi convidado para contar a história da sua comunidade, ele concentrou-se justamente nos acontecimentos da última década, a partir de quando a posse pacífica das Terras de Preto Forro foi posta em perigo.

Uma maior participação ficou por conta da construção de seu mapa, quando pudemos recuperar mais detalhadamente as dimensões daquelas terras e o impacto da entrada do fazendeiro, tanto na destruição das reservas de mata nativa, quanto nos efeitos da presença do gado. As famílias locais passaram a cercar suas posses familiares, quando antes o que existia era uma única terra de uso comum que era ocupada de acordo com as necessidades e capacidades familiares a cada novo ano.

Novo Horizonte

Os Assentados de Novo Horizonte são ex-trabalhadores da Usina Horizonte e estão situados entre a Lagoa Feia e a Serra do Imbé, ambos no distrito de Morangaba – Campos dos Goytacazes. A Região do Imbé foi marcada pela presença de inúmeros quilombos, principalmente a partir de fins do século XVIII e início do século XIX, com o desenvolvimento da produção açucareira e do número de escravos nos engenhos.

Atualmente a Região é povoada por famílias negras que lutaram por seus direitos e hoje estão livres da exploração dos usineiros da região. Os moradores do local se referem ao processo de reforma agrária como "conquista da liberdade". No caso dos Assentados de Novo Horizonte, tudo começou quando as atividades da usina foram interrompidas, em 1984, deixando os trabalhadores sem os seus salários desde 1982. No ano de 1985, a usina teve a falência declarada, e em 1987, a maior parte da área agrícola da massa falida foi apropriada pelo Estado. Após articulação dos trabalhadores, foi feito um acordo em que as indenizações trabalhistas seriam feitas em lotes de terra e, finalmente, em 4 de agosto de 1987, lhes foi dada a emissão de posse.

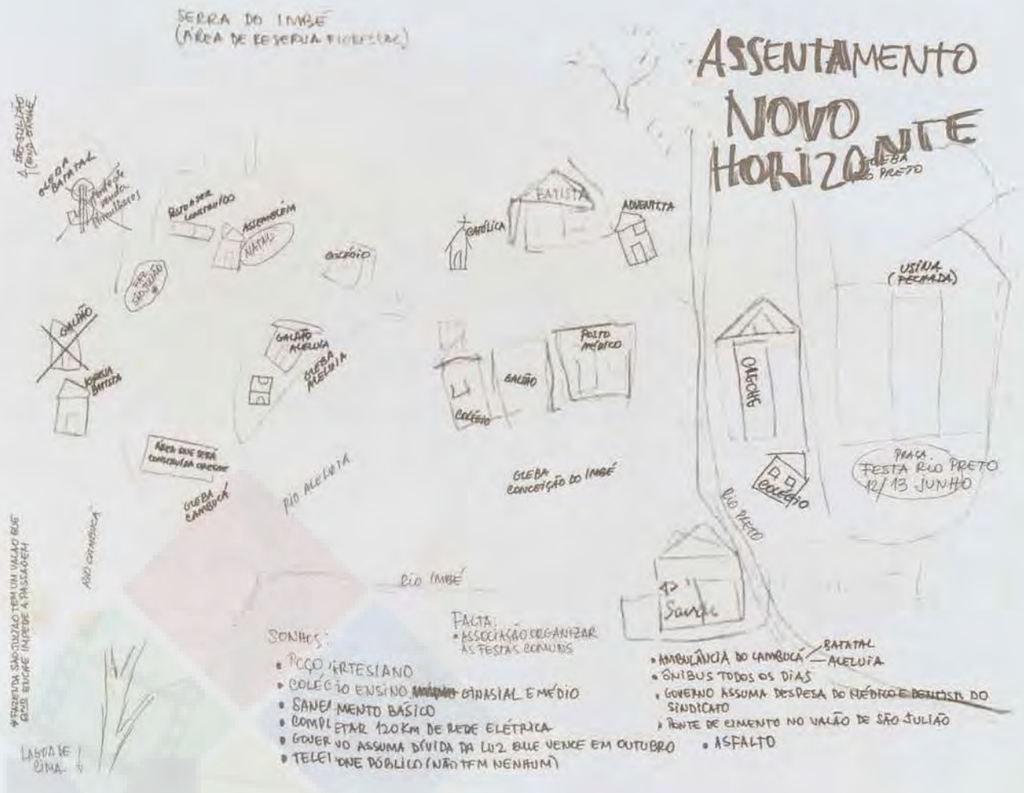
Na região do Imbé foram assentadas 132 famílias, distribuídas por quatro assentamentos: Batatal (15 famílias), Cambucá (27), Aleluia (28), Conceição (62), que são representadas por duas Associações de Pequenos Produtores.

A ÁRVORE E O MAPA

Participaram da Oficina quatro representantes das duas associações do Imbé, com idades entre 40 e 60 anos (Paulo, Vigante e Elza, e Berenice). Paulo é presidente tanto da Associação Cambucá e Batatal quanto do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos. Embora nem todos tenham nascido na região, todos participaram dos processos de desapropriação das fazendas e formação dos assentamentos na região.

O processo de elaboração da "árvore da história" do Assentamento refletiu a experiência sindical do grupo, em função da qual estão acostumados a dar depoimentos para políticos, jornalistas e

José Maurício Arruti



"Então eu me lembro quando foi recebido um convite, na época era o Benedito que era o presidente. Que recebi um convite na 'ferinha da roça', que era pra mim vim na Federação ali em Niterói pra um encontro. Aí eu disse: 'Não, eu num quero ir, você coloca a companheira Lúcia...' Aí ele disse: 'Não Berenice, eu tô convidando você, não a Lúcia'[...] eu preferi que ela fosse porque não sei de nada , não entendo nada, não sei de nada, não tenho leitura, o pouquinho que eu sei hoje é ler a Bíblia... então eu preferi que ela viesse, mas ele teimou comigo: 'Não Berenice, eu quero que vá neste encontro, eu faço questão que você vai' [...] Esta foi a primeira caminhada minha. Saber, conhecer as pessoas, conheci muita gente que eu nem sabia da onde era e passei a saber de onde é. Então é aí que a pessoa caminha [...] nós temos que ser unidos para vencer a luta, para vencer a guerra. Porque pra conseguir aquela terra, aquele pedaço de chão nós, primeiro comemos o fel todo, pra depois comer um pedacinho do mel. Ontem nós chegamos naquele lugar ali, Quissamã, e a companheira batia na porta e um dizia 'Ah, eu não tô preparado' e o outro: 'Ah, eu também não tô', aí eu fiquei matutando a vida deles. Antes eu era assim também, tinha a maior vergonha de sair da minha casa para ir alguma reunião. Hoje, se eu for numa reunião, eu tô no meu direito, se eu não falar nada, não saio de lá satisfeita. Eu era tão envergonhada, eu andava de cabeça baixa, eu era muito carrancuda, eu não olhava pra rosto de ninguém. Mas depois que eu passei a conhecer a reforma agrária, passei a bater na porta dos nossos direitos, eu aprendi a olhar no olho".
BERENICE – NOVO HORIZONTE

pesquisadores. Apesar da dificuldade em determinar as datas precisas dos eventos, os marcos temporais da árvore foram divididos em dois grandes troncos, tendo em conta, de um lado, as estratégias de luta dos proprietários e poderes locais e, de outro, as do Sindicato. Isso explica tanto a facilidade de construir uma detalhada "árvore da memória", quanto a dificuldade de recuperar uma memória mais antiga, que surge fragmentada, repleta de lacunas e, mesmo assim, não ultrapassa a década de 1950.

Essa narrativa tem início em 1960, quando José Pureza da Silva participa da ocupação do Mocotó (fazenda vizinha) e, durante a repressão, Chico Noel o esconde em sua casa, no Imbé. Em represália, vários trabalhadores são espancados.

Na década de 1970 a Usina entra em crise e os trabalhadores passam a sofrer com a falta de alimentos, remédios e roupas. O medo da repressão já experimentada os mantém desorganizados.

Em 1976 inicia-se a violência dos proprietários para forçar a saída dos trabalhadores. Estes rompem com o Sindicato da Indústria, a que eram filiados e que era dominado pelos patrões, e filiam-se ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Eles fazem questão de enfatizar que, em 1980, o radialista e vereador Anthony Garotinho lhes dá grande apoio pelo rádio, divulgando o problema, contra as pressões da UDR e da Igreja.

Aliados aos operários fornecedores de cana, eles ocupam a usina e desligam máquinas, sob a repressão da polícia. Os fazendeiros arrendam as terras para uma massa falida, mas em 1986, há a rescisão do contrato.

Em 1987 as terras da Usina são desapropriadas e em 1989 eles fundam a Associação de Produtores Rurais (APROAM), mas suas terras continuavam ocupadas pelo gado de 22 fazendeiros. A televisão vai ao local e filma os bois comendo plantações e a justiça intercede em favor dos trabalhadores. Finalmente, na década de 1990 eles passam a receber o apoio dos órgãos públicos, conseguem rede de energia, escola, linha de ônibus e a criação de uma Feira no centro da cidade para venderem sua produção.

Na elaboração do mapa os moradores usaram o mesmo recorte criado pela mobilização da "luta", localizando apenas as glebas da Região do Imbé e deixando de fora as do Rio Preto. Incluíram no mapa a Usina e todos os prédios públicos: escola, posto de saúde, igreja. Destaca-se a localização dos rios e a Serra (área de reserva ambiental) sem a preocupação de localizar suas casas. Com relação aos "desejos" dos moradores, cada um focalizou as necessidades de sua gleba.

Na oportunidade da 1ª OTN-RJ, a "Dona Rosa da Farinha", da comunidade da Caveira, nos solicitou que divulgássemos a seguinte carta, que ela dirigiu ao governador do estado e permanece sem resposta.

São Pedro, 19 de fevereiro de 2001
A Paz do Senhor Irmão Garotinho!
Sou sua irmã em Cristo da Igreja Assembléia de Deus de Cabo Frio, do Pastor Wanderlei Rodrigues Bento, me chamo Rosa Geralda Silveira, tenho 72 anos e sou membro da comunidade rural negra da Fazenda da Caveira. Recebi em minha casa, durante o período de 1998 e 1999, uma equipe de pesquisadores do ITERJ e da Fundação Cultural Palmares para a produção do laudo antropológico que reconheceu a comunidade como Remanescente de Quilombo e, além disso, comprovou a antiguidade da casa e da casa de produção de farinha de minha família. Por ser a única casa remanescente do período da escravidão, a equipe de pesquisadores concluiu da necessidade da restauração da casa e da casa de farinha, que atende a toda comunidade cobrando apenas os gastos com o uso das máquinas (óleo e lenha).
Prezado Governador, venho por meio desta carta, pedir a rapidez na execução do início das obras, agora não só por necessidade de preservação de um bem material que se encontra em péssimo estado de conservação, mas principalmente por uma necessidade física. Tenho sérios problemas respiratórios e recebi recomendações de um médico sanitarista que deveria restaurar a minha casa urgentemente, o que minhas condições econômicas me impedem. Por ser muito antiga, ela guarda uma série de fungos, ácaros e cupins que são extremamente prejudiciais à minha saúde. Nesses últimos meses, que são meses de chuva, a bronquite se agrava em virtude da umidade e faz com que me torne cada vez mais dependente do nebulizador.
Gostaria, por último, que minha solicitação não fosse interpretada como sendo um pedido individualista que visa somente o benefício de um único membro da comunidade. A restauração da minha casa é fruto da preocupação de um grupo de pesquisadores que visava preservar o único bem material do período da escravidão ainda existente da comunidade. E agora o que eu faço é reafirmar essa preocupação não somente com o bem material histórico mas com minha própria saúde.
Aproveito a oportunidade para refazer o pedido de titulação da posse de nossas terras que vem sofrendo todo tipo de exploração, como a grilagem e extração de areia, que tem transformado terras férteis em enormes áreas improdutivas. Várias denúncias aos órgãos responsáveis já foram feitas sem que nada fosse resolvido.
Desde já agradeço.
ROSA GERALDA SILVEIRA

territóriosnegros

Este boletim é produzido pelo projeto EGBÉ – TERRITÓRIOS NEGROS de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Sua periodicidade é bimestral com tiragem de 750 exemplares. Dirigido às comunidades negras rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Colabore com notícias e manifeste sua opinião.

Secretário-executivo de KOINONIA *Rafael Soares de Oliveira*

Coordenador para o Rio de Janeiro e Espírito Santo e editor do informativo *José Maurício Arruti*

Pesquisadores *Ellen Monteiro, Alessandra Tosta, Fábio Mota e Elizete Ignácio*

Programação visual *Anita Slade*

Apoio editorial *Helena Costa e Mara Martins*

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (21) 2224-6713 Fax (21) 2221-3016
E-mail territoriosnegros@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br

A *1ª Oficina Territórios Negros* foi realizada no Colégio Assunção, em Santa Tereza (Rio de Janeiro), com a participação da equipe do Projeto Egbé (José Maurício, Alessandra, Ellen, Elizete e Fábio) e a colaboração de Marisa Rios e Vera Câmara. Contou com o financiamento do Conselho Mundial de Igrejas e com o apoio da Secretaria de Cultura, Educação e Turismo de Cabo Frio, no transporte dos representantes da Rasa, Caveira e Preto Forro.

territórios negros
nº 1 • fevereiro de 2001
Informativo de apoio às Comunidades Negras Rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo • Publicação de KOINONIA

editorial

A todos os amigos

Pressionado por reivindicações da sociedade civil, o Estado brasileiro, a partir dos anos 1970, vem ampliando os recursos legais que reconhecem direitos até então negados à população negra.

Parte dessa ampliação significou o reconhecimento da legitimidade da posse sobre espaços físicos onde a população afro-brasileira inscreveu, e por meio dos quais continua escrevendo, sua memória, sua cultura e sua religiosidade. São a esses espaços que chamamos *Territórios Negros*.

A proteção oficial, por meio do tombamento, da garantia de propriedade da terra ou ainda por meio de políticas públicas especiais dirigidas aos terreiros de candomblé e aos remanescentes das comunidades de quilombos são marcos privilegiados dessa conquista de direitos históricos e culturais. Com base nesses novos direitos, uma série de comunidades negras rurais até então acuadas, estão se organizando, assim como buscando uma articulação entre si.

As comunidades mais conhecidas são aquelas que já foram oficialmente reconhecidas como "remanescentes e quilombos", mas além delas existem muitas outras. Umas ainda reivindicam esse reconhecimento, outras nem sabem dessa possibilidade legal e outras, ainda, conhecendo o artigo 68, preferem encaminhar sua luta por outros meios legais.

Ellen Monteiro

O boletim *Territórios Negros* é destinado a toda essa variedade de comunidades, tendo por objetivo **colaborar** na sua organização e na sua articulação. Ele trará informações sobre a legislação, sobre os acontecimentos que têm atingido essas comunidades e promoverá a troca de informações e experiências entre elas. Ele será entregue gratuitamente em todas as comunidades às quais temos acesso e às pessoas interessadas no tema.

Com o espírito de cooperação e parceria oferecemos esse primeiro número do boletim a todos os amigos da causa, esperando que ele sirva de instrumento à articulação de uma rede regional de apoio às comunidades negras rurais dos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo.

notícias

◗ NOS DIAS 16, 17 e 18 de março acontece em Magé o XXIX Congresso do Conselho das Entidades Negras do Interior do Estado do Rio de Janeiro – CENIERJ. Haverá um ciclo de palestras com os seguintes temas: Eleições Municipais, Educação Multicultural, Conferência Internacional Contra o Racismo, Mulher Negra e As Comunidades Quilombolas. Maiores informações com o Centro Afro da Comunidade Brasileira – CACEB, no telefone 633-2407.

◗ COM EXIBIÇÃO prevista na rede de televisões educativas a partir de abril, o curta-metragem "Morre Congo, fica congo", fala do Jongo, dança que os escravos realizavam e seus descendentes realizam. A comunidade jongueira do Morro do Carmo, em Angra dos Reis (RJ), serve de base para o filme que mistura dramaturgia e realidade para contar, em 15 minutos, a história que começa no início dos anos 70, na ditadura militar. Por causa da especulação imobiliária, os jongueiros, que eram pequenos proprietários rurais em bairros como Frade, Mambucaba e Belém, perderam as terras e migraram para o morro, onde permanecem até hoje. O filme registra depoimentos de mestres do Jongo Rural: Carmo Moraes, 84 anos; Zé Adriano, 78; Dona Luíza, 76; Zady Rita, 61 e Rosalvo Bernardo, 57 anos.

◗ DE 29 DE NOVEMBRO a 3 de dezembro de 2000 realizou-se em Salvador/BA o 2º Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas, com o tema **Território e Cidadania para o povo negro!** Foram discutidos temas variados como a participação ativa dos jovens e das mulheres nos destinos dos quilombos; o meio ambiente; os conflitos agrários; a organização estadual e nacional dos quilombos; os impactos das políticas neoliberais e de globalização sobre a vida dos quilombos, a participação no processo da III Conferência Mundial contra o racismo, entre outros assuntos. O encontro foi organizado pela Comissão Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.

O artigo 68, da Constituição Federal de 1988, Atos das Disposições Transitórias, diz o seguinte:

"Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos".

◗ A COMUNIDADE Remanescente de Quilombo São José da Serra, do município de Valença, aproveitou o V Encontro de Jongueiros de agosto de 2000, realizado em Angra dos Reis, para se manifestar contra a postura omissa da Fundação Cultural Palmares que desde que reconheceu a comunidade a abandonou a própria sorte. Os moradores pediram um minuto de silêncio contra a fundação como forma de protesto. Além disso, mostraram uma faixa na qual pediam urgência na titulação de suas terras.

saiba que

O QUE SÃO COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBO?

O conceito de quilombo foi bastante modificado em relação a seu significado original. Hoje são **reconhecidas** como comunidades remanescentes de quilombos não apenas as comunidades que tiveram origem, de fato, em antigos quilombos. Também são contempladas aquelas que resultaram da compra de terras por negros libertos; da posse pacífica de terras abandonadas pelos proprietários em épocas de crise econômica; da ocupação e administração das terras doadas aos santos padroeiros, etc. Assim, o nome "remanescente de quilombos" descreve diversos grupos de negros rurais que, em todo o país, estão mobilizados pela legalização de diferentes **tipos de uso comum da terra**.

QUEM AS RECONHECE?

A Fundação Cultural Palmares (FCP), vinculada ao Ministério da Cultura, tem assumido em todo o país a responsabilidade pela realização ou simples aprovação dos **laudos de identificação** das comunidades negras rurais como remanescentes de quilombos. Ao aprovar o laudo e publicá-lo no Diário Oficial da União, a FCP está reconhecendo oficialmente, em nome do Estado brasileiro, a existência de tais comunidades e de seu direito a terra. Há um debate, no entanto, em torno da possibilidade de outras instituições, como o INCRA, assumirem função semelhante, ao encaminharem a regularização de terras de remanescentes de quilombos sem a necessidade do parecer da FCP. Em outros casos ainda, como o do Instituto de Terras de São Paulo, a existência de uma legislação estadual nova, tem permitido que esse reconhecimento se dê no nível estadual, com resultados ainda mais rápidos que os da FCP.

O QUE É UM LAUDO?

O laudo é um relatório feito por um especialista (antropólogo ou historiador) que registra um pouco da história da comunidade, sua organização social, sua relação com a terra e dos usos dos recursos naturais, das formas de organização do trabalho e das formas de resistência e conflitos enfrentados pelo grupo. Um laudo deve identificar (ou não) a referida comunidade como remanescente de quilombo, no sentido atualmente atribuído ao termo. Caso o laudo seja aprovado, um resumo dele deve ser publicado no Diário Oficial da União, tornando público o "reconhecimento" e suas razões.

um pouco de história

Terras de uso comum: "terras de preto"

Na década de 1980 a Campanha pela Reforma Agrária ganhou grande impulso e foi acompanhada de uma série de lutas por terras específicas, diferente da luta dos pequenos proprietários ou dos trabalhadores assalariados. Esse foi um momento de avanço dos movimentos camponês, indígena e de categorias de trabalhadores até então com pouca representação, como os "atingidos por barragens", seringueiros e garimpeiros.

Ellen Monteiro

No IV Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais (1985), no qual foi apresentado o I Plano Nacional de Reforma Agrária da Nova República, os trabalhadores solicitaram ao Estado pela primeira vez o reconhecimento de situações de posse e uso da terra desprezado durante os períodos anteriores. Em resposta a essas reivindicações, os órgãos fundiários começaram a elaborar novos instrumentos técnicos, que deveriam ser capazes de registrar e cadastrar sistematicamente tais áreas de uso comum. As "terras de uso comum", que os órgãos fundiários passaram a designar como "ocupações especiais", incluem inúmeras situações de posse e uso da terra que não se encaixavam nas categorias até então utilizadas pelos órgãos governamentais, isto é, que não são controladas livre e individualmente por um determinado grupo doméstico de pequenos produtores diretos ou por um de seus membros. São "ocupações especiais" aquelas conhecidas como Terras de Santo, Terras de Índio, Terras de Herança, Terras Soltas ou Abertas e, finalmente, as Terras de Preto.

As chamadas Terras de Preto compreendem propriedades adquiridas ou doadas a familiares de ex-escravos, com ou sem formalização jurídica. Tais propriedades podem ter tido origem em antigos quilombos; em áreas de alforriados; ou em concessões do Estado usadas como pagamento à prestação de serviços guerreiros. Podem ter tido origem também em propriedades economicamente decadentes, cujos proprietários perderam seu poder de coerção, passando a adotar o arrendamento apenas formal das terras a seus antigos escravos, que podem utilizá-las de forma coletiva, em troca de pagamento simbólico, mantido apenas para demarcar seu caráter de propriedade privada. Os descendentes dessas famílias permanecem nessas terras há várias gerações sem desmembrá-las e sem delas se apoderarem individualmente. Em alguns casos registrou-se a existência de grupos em relativo isolamento, mantendo regras e uma concepção de direito baseados na apropriação comum dos recursos.

Em 1987, porém, tais iniciativas de registro sistemático dessas situações não vingaram em função do fracasso da reforma agrária da Nova República. Elas só seriam retomadas, parcialmente, em meados da década de 1990, em função das discussões abertas pelas demandas de regularização das terras como "comunidades remanescentes de quilombos".

PARA SABER MAIS

Leia o artigo *"Na Trilha dos Grandes Projetos"*, escrito por Alfredo Wagner B. Almeida que se encontra no livro "Terras de Preto, Terras de Santo, Terra de Índio", organizado por J. Hábette e Edna Castro e editado pela NAEA/UFPA, Belém, em 1989.

um território

Campinho da Independência

No dia 21 de março de 1999, Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, o Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro (ITERJ) e a Fundação Cultural Palmares entregaram o título definitivo à Comunidade Remanescente de Quilombo de Campinho da Independência, localizada na zona litorânea ao Sul do Estado do Rio de Janeiro no município de Paraty. Trata-se da primeira titulação de terras do Estado baseada no artigo 68 da Constituição Federal (ADCT) que assegura às comunidades negras rurais a propriedade definitiva das terras que ocupam. A titulação foi feita de forma coletiva em nome da Associação de Moradores de Campinho.

A área total da comunidade é de 287 hectares ocupados por mais de 80 famílias negras divididas em diversos sítios familiares usados como área de moradia e/ou trabalho. Todos que moram em Campinho da Independência, conhecido na região como um "bairro de pretos", são descendentes das irmãs Antonica, Marcelina e Luíza, consideradas por todos as fundadoras da comunidade.

As terras de Campinho da Independência foram doadas pelo "senhor" a essas três irmãs, escravas da Casa Grande, sede da antiga Fazenda Independência. Elas ganharam as terras e transmitiram os direitos de uso aos seus filhos e netos. De lá para cá são mais ou menos seis gerações ocupando a área.

Até a década de 1970 não havia disputa pelas terras da comunidade de Campinho. Os habitantes cultivavam principalmente a mandioca, fabricavam farinha e produziam artesanatos como meios de sobrevivência. Até que em 1973 a construção da rodovia Rio-Santos mudou drasticamente a vida da população. Além da rodovia, uma série de obras e investimentos de interesses particulares e públicos (como a construção das usinas nucleares e de empreendimentos turísticos) supervalorizaram as terras de Paraty fazendo aparecer diversas pessoas que passaram a se intitular proprietários das terras da comunidade.

A comunidade de Campinho encontra-se às margens da rodovia Rio-Santos e essa área apresenta fortes potenciais turísticos. Paraty, além de ser tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, possui uma área de preservação ambiental e belas praias, o que despertou a atenção de empresários interessados na especulação imobiliária possibilitada pela abertura da rodovia Rio-Santos.

Diante da ameaça de grileiros que começam a aparecer na área tentando expulsá-los de suas terras, os moradores de Campinho reagiram e se organizaram. Em 1975, os negros de Campinho foram à Justiça em busca de seus direitos antes daqueles que os ameaçavam. Nesse processo de organização fundaram a Associação de Moradores, pediram ajuda à Igreja Católica (através da Comissão Pastoral da Terra) e associaram-se ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Paraty. Chegaram a entrar com o pedido de usucapião para garantirem a posse da terra e conseguiram sua desapropriação pelo Estado. Mas, apesar disso, as terras não foram repassadas legalmente à comunidade. No período que vai de 1975 a 1990 a vida dos moradores de Campinho foi marcada pela resistência e pela luta em se manter nas terras herdadas de seus ancestrais. Passados quase trinta anos de empenho, a comunidade de Campinho da Independência finalmente tem a propriedade de suas terras reconhecida.

territóriosnegros

Este boletim é produzido pelo projeto EGBÉ – TERRITÓRIOS NEGROS de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Sua periodicidade é bimestral com tiragem de 500 exemplares dirigido às comunidades negras rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Colabore com notícias e manifeste sua opinião.

Coordenador para o Rio de Janeiro e Espírito Santo *José Maurício Arruti*

Pesquisadores *Ellen Monteiro e Alessandra Tosta*

Programação visual *Anita Slade*

Apoio editorial *Helena Costa e Mara Martins*

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (21) 224-6713 Fax (21) 221-3016
E-mail koinos@ax.apc.org www.koinonia.org.br

territórios negros

ano 2 • nº 2 • 2002

Informativo de apoio às Comunidades Negras Rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo • Publicação de KOINONIA

editorial

As eleições se aproximam e o tema dos remanescentes de quilombos desapareceu da pauta governamental. O decreto de setembro de 2001 e o veto presidencial ao Projeto de Lei (nº 129/95 e nº 3.207/97) que regulamentaria o artigo 68 do ADCT, foram decisivos para isso, protegendo o governo (ainda que com argumentos juridicamente questionáveis) das pressões da sociedade civil organizada.

Apesar disso, a atenção sobre o tema tem crescido e as próprias comunidades têm buscado alternativas à imobilidade federal. No plano dos governos estaduais, o Rio Grande do Sul, São Paulo e Pará têm tomado importantes iniciativas com relação ao tema.

No Rio Grande do Sul, um grupo de antropólogos e militantes do movimento negro estão realizando um projeto do governo que tem em vista o reconhecimento oficial e a regularização fundiária de seis comunidades negras rurais como remanescentes de quilombos. Em São Paulo, o Instituto de Terras acabou de fazer a contratação de quatro antropólogos para realizarem os relatórios técnico-científicos de oito comunidades negras, necessários ao início dos trabalhos de regularização fundiária previstas na legislação estadual. E, no Pará, no município de Gurupá, um convênio entre a Fase e o Programa Raízes, do governo estadual, já garantiu a propriedade da terra para nove comunidades. Nos dois últimos casos, pelo menos, há o compromisso expresso dos governos e das entidades de apoio em dar continuidade aos reconhecimentos por meio de projetos de manejo sustentável dos recursos naturais.

José Maurício Arruti

Representantes das comunidades que participaram da II Oficina Territórios Negros, Cabo Frio/RJ

No plano das agências de estudos e pesquisas, duas iniciativas acabam de ser anunciadas. Pela primeira vez este ano, o Fórum de Iniciativas Negras, realizado pelo Centro de Estudos Afro-brasileiros em parceria com KOINONIA, com participantes de todo o país, terá uma noite de debate sobre remanescentes de quilombos, com a participação de pesquisadores e representantes de comunidades da região sudeste, além da Articulação Nacional das Comunidades Remanescentes de Quilombos. De outro lado, a Associação Brasileira de Antropologia anunciou a realização de um documentário em vídeo, de caráter científico, sobre o tema.

Outras iniciativas, mais locais e relacionadas às lutas concretas das comunidades, estão sendo relatadas na seção "notícias" desse informativo. Como havíamos anunciado antes, estamos trabalhando para que este espaço traga informações de caráter nacional. Para isso, temos contado com uma importante rede de informação e apoio que, a partir deste número, estará sendo anunciada nominalmente junto do expediente editorial. Dessa forma vamos conseguindo dar realidade à idéia de uma rede de apoio aos territórios negros.

notícias

CASCA/RS **Audiência pública.** Foi realizada em 21 de junho na Associação de moradores da comunidade da Casca, no município de Mostardas, Audiência Pública para discutir os limites das terras da comunidade. A antropóloga Ilka Boaventura, autora do laudo, propôs a realização dessa audiência diante da necessidade de incluir uma área que não havia sido contemplada no laudo na segunda medição feita no âmbito do projeto da Secretaria do Trabalho Assistência Social e Cidadania. Estiveram presentes lideranças do movimento negro, Conselho de Desenvolvimento de Participação da Comunidade Negra (Codene) – e representantes do governo do estado. Ficou deliberado que será exigida a publicação no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul da área de 2.490 hectares acrescida dos 419 hectares levantados no trabalho feito pelo Gabinete da Reforma Agrária (GRA). A comunidade aguarda essa primeira providência do governo para que se inicie o processo de desapropriação e demarcação da área. No Diário Oficial da União já consta a área de 2.490 hectares.

PORTO CORI/ MG **Acordo.** A Fundação Estadual do Meio Ambiente concedeu licença provisória para a construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Irapé, no rio Jequitinhonha, Nordeste de Minas Gerais, que será implementado pela Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig). A Fundação Estadual do Meio Ambiente concedeu a licença para a realização das obras, desde que fosse assinado um Termo de Acordo entre o Ministério Público Federal e a Cemig, de preservação do meio ambiente e de integridade das comunidades locais, sobretudo Porto Cori, por se tratar de uma área remanescente de quilombo. No que se refere à comunidade, as medidas do acordo são: i) A Cemig terá que apresentar quatro áreas inspecionadas pelos técnicos da Emater, para que a comunidade escolha uma delas; ii) Cada família terá que ter um módulo fiscal, o equivalente a mais ou menos cinqüenta hectares. Serão cerca de mil e cem hectares para a comunidade; iii) A Cemig terá que começar a apresentar essas áreas para as comunidades a partir da segunda quinzena de setembro, e até 31 de dezembro as áreas terão que estar definidas. Participaram da reunião de definição do acordo: Fundação Cultural Palmares, Comissão dos Atingidos por Barragens, Organização Não-Governamental Campo Vale e Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de Minas Gerais.

CAÇANDOCA / SP **Reintegração de posse.** A situação da comunidade da Caçandoca, localizada no litoral norte do Estado de São Paulo, é cada vez mais grave há anos. Os moradores aguardam o desenrolar de duas ações. Uma Ação Discriminatória foi encaminhada em 5 de agosto de 1999 a partir do relatório técnico-científico elaborado pelo Itesp e, até agora, não há resultado do processo. Desde a década de 1960 a comunidade enfrenta ações na justiça movidas pela Urbanizadora Continental S/A. A última levou ao impasse sobre o âmbito em que deveria ser julgada uma reintegração de posse contra seus moradores. O Ministério Público Federal entrou com um agravo para julgar a ação, argumentando a incompetência do Estado de São Paulo e o fato de aquelas terras estarem em processo de reconhecimento como remanescente de quilombo. Em 12 de agosto de 2002, a 1ª Câmara do Primeiro Tribunal de Alçada Civil do Estado de São Paulo julgou que a ação é de competência do Estado de São Paulo e não da União. O temor da comunidade da Caçandoca é de que isso facilite o poder de pressão da Urbanizadora Continental S/A interessada em suas terras. Enquanto aguardam a decisão da justiça, os moradores continuam sendo vítimas de uma violência rotineira, que incluí invasão de casas, queima de documentos e agressões.

III FÓRUM DE INICIATIVAS NEGRAS / RJ **Participação das comunidades.** A partir de uma parceria entre o Projeto Egbé – Territórios Negros e o Centro de Estudos Afro Brasileiros, estará em debate no III Fórum de Iniciativas Negras a situação das comunidades remanescentes de quilombo. Estarão reunidos na mesa de debates representantes de algumas comunidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo, e a Coordenação da Articulação Nacional de Remanescentes de Quimlombo. Estavam presentes os companheiros: Givânia da Silva – comunidade do Salgueiro/PE e Articulação Nacional; Domingos Santos – comunidade do Córrego de São Domingos/ES; Bendito Alves da Silva – comunidade de Ivaporanduva/SP; Antônio Fernandes – comunidade de São José/RJ e Ronaldo Santos – comunidade de Campinho da Independência/RJ; e representantes das regiões Sul e Sudeste. Essa será uma importante oportunidade de troca de experiência e discussão e fará parte da programação do evento que acontece entre os dias 7 e 18 de outubro, no Rio de Janeiro.

II OFICINA TERRITÓRIOS NEGROS / RJ Entre os dias 27 de julho e 10 de agosto, realizou-se, na associação de Moradores e Amigos do Bairro de Botafogo, município de São Pedro da Aldeia, a *II Oficina Territórios Negros do Rio de Janeiro*, com objetivo de dar continuidade e aprofundar o espaço de trocas e intercâmbios entre as diferentes comunidades negras rurais do estado, dando realidade à idéia de uma "rede". A realização do evento na sede da Associação de Botafogo (como também é conhecida a comunidade remanescente de quilombos da Caveira, que já havia estado na I Oficina em 2001), permitiu uma maior participação de comunidades negras vizinhas, que ainda não haviam tomado contato com o tema dos remanescentes de quilombos, e, ao concentrar as discussões nos grupos da Região dos Lagos, ampliar nossa capacidade de reflexão sobre aquele contexto. Além disso, desta vez, KOINONIA contou com a colaboração do Programa Cidadania e Direitos Humanos, da UERJ, que colaborou com palestras de alguns de seus professores: Procurador Miguel Baldez, Desembargador Sérgio Verani e professora Maria de Lourdes Fonseca.

Um dos produtos dessa II Oficina foi a carta que os representantes das comunidades presentes preparam e assinaram e que KOINONIA se comprometeu em divulgar, além de encaminhar para os órgãos oficiais e que transcrevemos no box abaixo.

CAVEIRA / RJ **Outra carta.** Antes da oportunidade da II Oficina, em 19 de abril de 2002, a comunidade de Botafogo já havia escrito uma carta encaminhada pelo vereador da comunidade Roberto dos Santos, solicitando providências do governo estadual no sentido de implementar medidas que atendessem à algumas demandas da comunidade. As solicitações feitas a governadora Benedita da Silva se referem ao estabelecimento de uma infra-estrutura mínima, o que inclui: um projeto educacional específico para o bairro, posto de saúde, transporte, telefones públicos, tratamento da água, apoio ao pequeno produtor e, principalmente, a titulação definitiva da terra. Até o momento os moradores da comunidade da Caveira aguardam resposta do governo do estado sobre sua solicitação.

Arquivo TN

Equipe do Projeto Egbé – Territórios Negros e participantes da II Oficina

São Pedro da Aldeia, 17 de agosto de 2002.
Nós, das comunidades de Caveira (São Pedro da Aldeia), Rasa (Búzios), Sítio dos Elias (Cabo Frio), Fazenda do Espírito Santo (Cabo Frio) e Preto Forro (Cabo Frio), reunidos na II Oficina Territórios Negros queremos fazer chegar até o conhecimento das autoridades o seguinte:

Somos um conjunto da Comunidade Negra com uma história comum porque descendemos dos escravos que ocuparam e produziram a Região dos Lagos e Campos Novos; porque desde a abolição conseguimos permanecer na região em posse coletiva adquirida por ocupação, compra e herança, quase sempre sem documento e por isso sempre sofremos a pressão de pessoas que se passavam por proprietários destas terras ou que simplesmente as invadiram pela força.

Hoje continuamos partilhando uma série incomum de problemas: a insegurança diante das ameaças contra nossas posses centenárias e a falta de serviço básico (iluminação pública, transporte regular e acesso à justiça), que deveriam ser garantidos pelo poder público.

As duas comunidades que entre nós foram reconhecidas como remanescentes de quilombos (Caveira e Rasa) se sentem enganadas por continuarem sem seus títulos, e por não saberem quais as vantagens que o reconhecimento trará. O reconhecimento só está no papel e queremos saber como transformá-lo em realidade.

Assim, nós de Caveira, Rasa, Fazenda Espírito Santo, Sítio dos Elias e de Preto Forro esperamos que as autoridades que receberem essa carta se responsabilizem em dar respostas aos nossos problemas.

[seguem-se 25 assinaturas]

conheça

O LIVRO E CD SOBRE A MEMÓRIA DA SERRINHA/RJ
O livro *O Jongo da Serrinha,* que vem acompanhado de um CD, traz a história da comunidade do morro de Madureira no Rio de Janeiro, onde até hoje a prática do jongo é preservada. Traz também a história de personagens fundamentais como Vovó Maria Joana Rezadeira, que veio da Fazenda da Saudade em Valença, e Mestre Darcy, seu filho. O lançamento contou com a presença dos jongueiros da comunidade de São José da Serra. Para adquirir: jongodaserrinha@uol.com.br, tel: (21) 3852-0053 / (21) 3852-0043.

O LIVRO COM LAUDOS ANTROPOLÓGICOS SOBRE QUILOMBOS
Publicado este ano, *Quilombos – identidade étnica e territorialidade,* é o resultado do projeto "Terra de Quilombo" que a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) desenvolveu com o apoio da Fundação Ford. Traz trabalhos de antropólogos, historiadores, advogados e procuradores que esclarecem questões relativas às terras das comunidades negras rurais. Para adquirir: Editora Fundação Getúlio Vargas, editora@fgv.br, tel: (21) 2559-5532.

OS VÍDEOS SOBRE COMUNIDADES DE SÃO PAULO E PERNAMBUCO
Um pouco da história e do coti-

diano das comunidades negras rurais vem sendo documentado em vídeo. É o caso de *"O Povo do Quilombo"*, documentário sobre as comunidades negras do Vale do Ribeira, região sul do Estado de São Paulo. O contato para aquisição do vídeo é rederua@cidade net.org.br. (11) 331-6642.

Outro trabalho importante é o documentário sobre a comunidade de Conceição das Crioulas. Esta comunidade que está localizada no sertão, a 514 km de Recife, é composta por aproximadamente 356 famílias. Para adquirir: o contato é Centro de Cultura Luiz Freire, clf@alternex.com.br. (81) 3301-5241.

fique sabendo

Todas as comunidades reconhecidas ou em processo de reconhecimento como remanescentes de quilombo, no Rio de Janeiro, já procuraram o Judiciário com algum tipo de ação em busca do titulo de suas terras. As ações mais comuns utilizadas pelos advogados dessas comunidades (25) são ações de USUCAPIÃO e POSSESSORIAS. A comunidade de Campinho da Independência, em Paraty, quando reconhecida em 1999, tinha na justiça 22 ações de usucapião. Essas ações foram arquivadas após 21 de março de 1999, data da entrega do título definitivo àquela comunidade pela Fundação Cultural Palmares.

Caveira, em São Pedro da Aldeia, também reconhecida em 1999, possui na Justiça mais de 20 ações. Dessas, 12 são de usucapião e as demais são possessórias.

Essas comunidades buscam a defesa de suas posses por meio dessas ações, já que em muitos momentos de sua história são ameaçadas de perderem suas terras pelos fazendeiros, e aí o remédio encontrado pelos advogados dessas comunidades, na sua grande maioria, são as ações de Manutenção e Reintegração de Posse, bem como as ações de usucapião.

O QUE É "POSSE"

Posse é uma forma de apropriação dos bens que se caracteriza e se justifica não porque existe um documento de propriedade, mas uma utilização do bem. Tem a posse aquele que faz uso da terra.

O posseiro tem uma relação de fato com a terra, vivendo dela e tendo-a como sua. Quem tem a posse de um pedaço de terra, e a faz produzir, obtém direitos sobre essa terra, apesar de não ter o título definitivo sobre ela. O posseiro adquire direitos pela própria posse, por seu cultivo, por sua moradia etc. Por isso, o tempo de utilização da terra conta muito para o direito da posse. O direito do trabalhador sobre a terra se forma e toma corpo a partir do momento em que ele utiliza a terra, produz nela e dá a ela uma função produtiva.

No decorrer do tempo da posse surge o direito que é o de ser proprietário, isto é, o de ter o título definitivo.

O QUE É "USUCAPIÃO"

O usucapião conhecido entre novos trabalhadores como "uso campeão" é uma das formas encontradas na lei para a transformação da posse em propriedade. É a aquisição da propriedade pela posse continuada do bem durante um tempo determinado pela lei. A posse duradoura de uma coisa por quem não é proprietário é o fundamento do usucapião, que, transforma o posseiro em proprietário daquilo que já é utilizado por ele.

A nossa Constituição Federal, em seu artigo 191, diz: "Aquele que, não sendo proprietário de imóvel rural ou urbano, possua como seu por cinco anos ininterruptos, sem oposição, área de terra, em zona rural, não superior a cinqüenta hectares, tornando-a produtiva por seu trabalho ou de sua família, tendo nela sua moradia, e deseja adquirir-lhe a propriedade."

QUEM TEM DIREITO AO "USUCAPIÃO"

Para ter direito ao usucapião o trabalhador rural precisa provar para o juiz:

1. Posse do imóvel sem oposição nem interrupção. Isto é, provar que sua posse não foi contestada por ninguém, que não foi interrompida durante cinco anos, e, que é exercida de forma pacífica.

2. Extensão. É preciso provar que está na posse a mais de 5 anos. Não importa que durante esse tempo somente o atual posseiro tenha exercido a posse. Pode ser que essa posse, tenha sido de mais de um possuidor. Nesse caso a lei permite somar à sua posse a do seu antecessor, contanto que em nenhuma ocasião tenha havido contestação, oposição ou interrupção.

3. Possuir o imóvel como seu. É preciso mostrar a intenção clara de ser dono do imóvel. A vontade do posseiro precisa estar muito clara e firme nesta hora. Apesar de saber que não é proprietário, é preciso mostrar que seu uso estabeleceu um domínio ou um desempenho de dono da terra.

4. Não possuir outro imóvel. O trabalhador precisa provar que não possui outra terra.

Portanto, a posse é o requisito mais importante para quem quer ter o título definitivo de sua terra.

O QUE É "USUCAPIÃO COLETIVO"

A lei número 157, de 10 de março de 2001, que regulamenta a política urbana, de que tratam os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, admite a Ação de Usucapião Coletivo para regularizar as áreas urbanas com mais de 250 metros quadrados, ocupadas por populações pobres para moradia. O que ainda não é possível na região rural, cuja legislação só permite ações de usucapião de forma individual. Isso tem dificultado as comunidades na utilização dessas ações de usucapião para regularização definitiva de suas terras. As ações individuais ficam também mais caras.

São Miguel dos Pretos/RS

Na região central do Rio Grande do Sul, a 10km da sede do município de Restinga Seca, localiza-se a comunidade de São Miguel dos Pretos. Constituída de noventa e cinco famílias distribuídas em 83 casas, a comunidade soma aproximadamente quatrocentos e setenta pessoas. Apesar de dispor de menos de 50 hectares, a atividade principal dos seus moradores é a agricultura de subsistência, complementada pelo trabalho como diaristas nas grandes e médias lavouras vizinhas.

As terras de São Miguel dos Pretos surgiram como uma brecha entre duas grandes sesmarias que pertenciam a duas grandes famílias rivais da região, os Santos Martins e os Bernardes Carvalho. Conhecida em fins do século XIX como Picada do Pau, essas terras eram o único local em que os negros podiam viver em liberdade, uma vez que, mesmo após a abolição formal da escravatura, foram mantidos na mais absoluta miséria e submetidos a várias formas de trabalho escravo.

A memória da comunidade de S. Miguel dos Pretos tem como seu marco de origem a revolta e fuga de "vovô Geraldo", como é lembrado por seus atuais moradores. Seus descendentes contam essa história com riqueza de detalhes, reproduzindo longos diálogos, nos quais "vovô Geraldo" surge como um "homem terrível" e "temível" por sua força e seu temperamento – "o maior campeiro que foi visto por aqui" – capaz de intimidar os próprios patrões, conhecidos por sua crueza no trato dos escravos.

Arquivo TN

Comunidade Sítio dos Elias, Cabo Frio/RJ

Em um desses dias de abuso por parte dos Martins, "vovô Geraldo" rebelou-se e, sozinho, acuou seus patrões na casa grande, ameaçando degolá-los com o seu instrumento de trabalho, o enorme facão que carregava. Porém ele decidiu deixá-los vivos, a pedido dos outros escravos, mas partiu para procurar abrigo entre os Carvalho, que os compraram dos Martins, apesar da resistência desses últimos, que pediam uma alta soma pelo seu "mulato". Como contam seus descendentes:

"Era muito dinheiro [32 onças]! Mas o falecido vovô dizia, 'eu não quero servir vocês Martins, eu não quero servir mais de jeito nenhum, senão eu vou ter que fazer uma desordem e matar esses filhos da... passar a faca na garganta deles'. 'Pois é Geraldo, mas nós não te entregamos de graça, também, tu é um mulato de muito valor'. Aí fizeram negócio. O Carvalho torceu o cinto cheio de onças [...]

Para "vovô Geraldo" a troca de patrões significava a própria liberdade – "Graças a Deus, estou liberado, estou com os Carvalho, estou bem", ele teria dito. Como novo capataz da fazenda dos Carvalho, dos quais adotou o nome, Geraldo passou a ter uma função remunerada, o que lhe permitiu comprar as terras dos Martins, que estavam em crise, conquistando assim certa autonomia. Seus descendentes conseguiram legitimar suas posses em 1892, após sua morte. Mas parte da propriedade foi vendida para dois irmãos alemães e estes começaram a avançar com suas cercas, grilando as terras de São Miguel dos Pretos.

Em 1999, os descendentes de Geraldo Carvalho criaram a "Associação Comunitária Vovô Geraldo", que tem como um dos seus objetivos prioritários o reconhecimento, demarcação e titularização das terras de São Miguel como de remanescentes de quilombos. Recentemente deu-se um passo importante nessa direção: foi encaminhado à Secretaria do Trabalho do Rio Grande do Sul um laudo antropológico e os pretos de São Miguel esperam os resultados do processo.

um pouco de história

O jongo e os novos jongueiros

O jongo é uma dança de origem rural e é uma das importantes manifestações culturais que deram origem ao samba. Praticado no Brasil, inicialmente pelos escravos das fazendas de café e cana-de-açúcar, nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais, é também chamado de caxambu devido aos tambores de mesmo nome que são feitos de troncos de árvores. O jongo era praticado durante as festas, em vésperas de dias santos ou no final de um período de colheitas e seu canto é realizado sob a forma de versos improvisados que contém uma linguagem figurada e construções de duplo sentido, o que muitas vezes garantiu aos escravos que o cantavam transmitir suas mensagens aos outros cativos sem despertar a desconfiança dos senhores. Por este motivo, as autoridades do período da escravidão acabavam na maioria das vezes por proibir a prática do jongo, por não saber se aquelas reuniões de escravos em torno da fogueira eram apenas divertimento ou reuniões para organizar fugas.

Hoje, diversos grupos de jongueiros se reúnem uma vez por ano no Encontro de Jongueiros que vem acontecendo desde 1996. Este encontro, idealizado pelo professor Hélio Machado de Castro, tem como principal objetivo difundir e "manter viva a parte da cultura do interior ligada aos ciclos econômicos que fizeram parte da nossa história regional". Assim, o primeiro encontro, realizado em Pádua (RJ), visava o divertimento mas também a valorização da cultura negra e o combate ao preconceito racial. O segundo, realizado em Miracema, e o terceiro encontro, também em Pádua, tiveram o mesmo objetivo que o primeiro. O quarto encontro aconteceu na Lapa, na cidade do Rio de Janeiro; o quinto, organizado em parceria da UFF, a prefeitura e o Grupo Ylá Du Du, aconteceu em Angra dos Reis (RJ) e teve como objetivo celebrar a resistência da cultura negra no Brasil. O último encontro, realizado em Valença (RJ), teve objetivos muito específicos: a formação da Rede de Memória do Jongo, que pretende difundir o jongo e estreitar os laços entre jongueiros, pesquisadores e, também, o apoio à Comunidade Remanescente de Quilombo de São José da Serra que, baseada no artigo 68 da Constituição, reivindica a titulação das terras em que vive.

De 1996 até 2001 os encontros cresceram muito com a participação de novos grupos de jongueiros, e com a presença de interessados. Atualmente, esses encontros reúnem mais de dez comunidades jongueiras, além de grupos dos movimentos negros e pesquisadores. Na maioria deles a programação prevê uma mesa de debates entre pesquisadores e jongueiros, troca de experiência entre as diferentes comunidades, e uma grande roda de jongo.

territóriosnegros

Este boletim é produzido pelo projeto EGBÉ – TERRITÓRIOS NEGROS de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Sua periodicidade é bimestral, com tiragem de 750 exemplares, dirigido às comunidades negras rurais do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Está disponível também na *home page* de KOINONIA. Colabore com notícias e manifeste sua opinião.

Secretário-executivo de KOINONIA *Rafael Soares de Oliveira*

Coordenador para o Rio de Janeiro e Espírito Santo e editor do informativo *José Maurício Arruti*

Pesquisadores *Alessandra Tosta, Mariza Rios e Simone Souza*

Colaboraram com esse número No Rio Grande do Sul: *Ubirajara Toledo, José Carlos dos Anjos e Iosvaldyr Carvalho;* em Minas Gerais: *Ricardo Alvarez;* em São Paulo: *Rosely Cruz, Juliana G. Aparecida M. Graciole e Débora Stucchi;* no Pará: *Paulo Soares.*

Programação visual *Anita Slade*

Apoio editorial *Helena Costa e Mara Martins*

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (21) 2224-6713 Fax (21) 2221-3016
territoriosnegros@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

(2ª REDAÇÃO)

"COMUNICAÇÃO PARA A VERDADE E A PAZ"

CF - 89: FRATERNIDADE E COMUNICAÇÃO

T E X T O - B A S E

(Instrumento de trabalho para uso interno. Favor não divulgar)

NB. Enviar emendas redigidas indicando o nº do parágrafo correspondente.

Endereço

CNBB - CF-89
SE/Sul - Q. 801 - Conj. B
70401 - BRASÍLIA-DF

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CAMPANHA DA 'FRATERNIDADE E COMUNICAÇÃO' EM 1989
Brasília (DF), 22 de março de 1988.

FRATERNIDADE E COMUNICAÇÃO

Texto-Base da CF/89

Introdução

1. A Campanha da Fraternidade, que se faz no Brasil há 26 anos, durante a Quaresma, é um momento nacional de comunicação da Igreja e tempo forte de evangelização no país. É uma Campanha que se realiza em todos os níveis da Igreja e por todos os meios de comunicação da sociedade. Pretende sempre promover a Fraternidade em todos os ambientes sociais. A Fraternidade é a mensagem central do Evangelho. Por isso, a Igreja vive no Brasil, com a Campanha da Fraternidade, aquilo que os Bispos Latinoamericanos afirmaram em Puebla, que " a Evangelização, anúncio do Reino, é Comunicação" (Puebla 1063).

2. Esta evangelização anuncia, cada ano, um tema especial relativo à Fraternidade, que toca fundo na vida das pessoas, na estrutura da sociedade e na própria ação da Igreja. É uma evangelização da fraternidade, que não quer comunicar noções abstratas, mas transmitir um apelo de mudança, inserido na realidade histórica e geográfica dos brasileiros. Assim, anualmente, durante a Quaresma, a Campanha da Fraternidade exige que todos se renovem, se convertam, se reevangelizem, dando uma dimensão concreta e comprometida para a preparação da Páscoa. É uma ajuda para o cristão viver no Brasil o sentido pleno da Quaresma, num processo de conversão contínua, que se expressa na vida concreta e não apenas no foro íntimo e na hora do culto.

Tema

3. O tema da Campanha, de 8 de fevereiro (Quarta-feira de Cinzas) a 26 de março (Páscoa da Ressureição) de 1989, é "Fraternidade e Comunicação". A Campanha deste ano apela para que a 'Comunicação de Massa' produza 'Fraternidade', aproximando pessoas, construindo comunidade e eliminando barreiras, como a exaltação, o desprezo e a rejeição. Esta Campanha deseja que os 'Profissionais da Comunicação' utilizem as técnicas e os meios à sua disposição para promover a solidariedade, a partilha e a participação, superando todo espírito de corporação, fanatismo e abuso de poder. O tema desta Campanha espera que, um dia, 'comunicar' signifique

'fraternizar' e 'comunicação' se refira à 'solidariedade', como propos João Paulo II em sua Mensagem para o 22º Dia Mundial da Comunicação, 15 de maio de 1987.

4. O tema 'Fraternidade e Comunicação' faz o brasileiro descobrir um mundo de incomunicação, feito de comunicados, onde não há diálogo, nem respeito, igualdade e dignidade. Nesta situação, Jesus ensina a comunicação, que é abertura para o outro, na qual o outro se sente importante , ao ponto de descobrir um irmão no amigo e no inimigo. Essa relação fraterna entre os 'primeiros cristãos' fazia com os romanos e gregos se convertessem para uma 'comunicação na fraternidade', porque 'viam como eles se amavam'. Assim, a Campanha questiona hoje a comunicação dos cristãos e a comunicação na Igreja. É uma relação de fraternidade e realização de comunidade, pela qual a sociedade se deixa evangelizar? (Communio et Progressio 8).

Lema

5. A Campanha da Fraternidade deste 1989 quer, como lema, uma 'Comunicação para a Verdade e a Paz'. Porque o fenômeno da Comunicação Social se desenvolveu muito nos últimos cincoenta anos, tornando-se a base de toda sociabilidade e das mudanças rápidas, profundas e globais e da sociedade. Reúne o mundo de hoje, 'como em mesa redonda, para o convívio fraterno e a ação comum' (Communio et Progressio 19). De fato, esses vínculos de fraternidade que produzem a Paz na Verdade, seriam 'o mais belo resultado da Comunicação de Massa hoje", lembra João Paulo II (22º Dia Mundial da Comunicação, 15.05.88). Por isso, o lema da Campanha questiona, no Brasil, o uso dos Meios de Comunicação Social e o próprio processo em que a comunicação se realiza.

6. O fenômeno da comunicação 'influenciou e influenciará a socieade', afirmou Paulo VI no 1º Dia Mundial da Comunicação, 2 de maio de 1967 (Documentos Pontifícios 199). Essa influência faz refletir sobre o Terceiro Milênio, onde a Comunicação Social poderá construir a Paz na Verdade, se estiver comprometida com a promoção da fraternidade e solidariedade. Pois, a Comunicação é a terceira indústria do mundo, estreitamente ligada à primeira, que é a fábrica de armamentos. Por isso, o lema da Campanha questiona a comunicação que se faz no Brasil. É para agravar divisões, gerar violência e tornar impossível toda relação fraterna?

Texto-Base

7. A Igreja no Brasil, convencida de que formará o Povo de Deus e participará da construção de uma sociedade justa, na medida em que souber trabalhar no campo da comunicação (1), propõe esta campanha para que se aprofunde o fenômeno da comunicação à luz da relação fraterna. Esse aprofundamento terá sua 'base' neste 'texto', que se divide em tres partes, para Ver, Julgar e Agir sobre uma comunicação que transmita a verdade e construa a paz.

8. A primeira parte é para 'Ver' o processo da comunicação social e o uso dos meios de comunicação, na Sociedade e na Igreja, dentro da proposta de uma 'Nova Ordem Mundial da Iformação e Comunicação' (NOMIC). A Igreja quer 'olhar' de modo especial para a sua comunicação, nas comunidades, na educação e na liturgia, através dos Meios de Comunicação Social e dos Organismos Católicos de Comunicação, avaliando seu relacionamento com os grandes, médios e pequenos meios de comunicação. O importante nesta primeira parte, é distinguir 'processo' de 'meios' no fenômeno da comunicação, para que se vença a ingenuidade de aceitar o 'uso dos meios' como sendo 'a comunicação'.

9. A segunda parte é para 'Julgar' a comunicação entre as pessoas, na sociedade e na Igreja, através dos modernos meios de comunicação, à luz do Plano de Deus, das Escrituras e do Magistério da Igreja, por critérios técnicos e pastorais. O que importa, nesta segunda parte, é analisar com critérios cristãos o processo e o uso dos meios de comunicação, no sentido de multiplicar a verdade e gerar a paz. Pois, a pessoa é ser de comunicação, Deus criou um história de comunicação, o pecado rompe a comunicação, os profetas reconduzem à comunicação, Cristo é a perfeita comunicação e a Igreja é canal da comunicação de Deus.

10. A terceira parte é para 'Agir' no processo e nos meios de comunicação, através do processo e dos meios de comunicação, diante do processo e dos meios de comunicação, a fim de que 'comunicar' seja 'fratenizar' numa 'Comunicação para a Verdade e a Paz'. O importante, nesta terceira parte do texto-base da Campanha da Fraternidade-1989, é organizar a Pastoral da Comunicação, em todos os níveis da Igreja no Brasil, a fim de que a comunicação seja evangelização, produzindo a comum-união dos homens entre si e com Deus.

---

(1) - João Paulo II, Discurso em Porto Alegre, 'Pronunciamentos', Vozes, 1980, p.535.

Primeira Parte : VER

I. FENÔMENO DA COMUNICAÇÃO

11. A comunicação é o fenômeno que desperta mais expectativa hoje, pelos seus poderosos recursos tecnológicos. Esses recursos eletrônicos fazem confundir 'meios' com 'processo' de comunicação. Mas importa distingui-los, porque a comunicação é um processo social vital, que nasce com o próprio homem (Puebla 1064). Tanto que não se pode pensar uma pessoa sem comunicação. Ela nasce para se comunicar. Por isso, quem não se comunica, não se realiza. A comunicação é o combustível da vida, do crescimento e desenvolvimento humano. E a incomunicação desumaniza, marginaliza, é total na morte. É preciso, portanto, descobrir a importância do fenômeno da comunicação na sua globalidade, como processo amplo e profundo de todas as relações humanas, que se expõem à influência dos meios audiovisuais (Puebla 1065).

12. O fenômeno da comunicação é um processo pelo qual alguma coisa chega a ser comum entre duas pessoas. Para que essa comunicação seja verdadeira e eficaz, essas pessoas devem ser conscientes e livres. Sujeitos e não objetos do processo. Pois, o processo da comunicação 'é diretamente ligado aos sujeitos que comunicam, baseados exatamente na comum+união que existe entre eles' (2). Esse é o direito à comunicação, que é um dos direitos humanos. Direito não apenas a ser informado, mas para dizer a sua palavra, escutar a sua voz e escrever o seu pensamento. Todo homem tem direito à uma comunicação ativa e não apenas passiva. É esse processo ativo da comunicação entre pessoas, que trocam informações, idéias e sentimentos, de forma autônoma, criativa e crítica, que gera comunhão e participação (3).

1. Comunicação horizontal e vertical

13. Há duas grandes modalidades de comunicação : o processo horizontal e o processo vertical. O importante é evitar que a comunicação se torne comunicado, num processo unidirecional, de mão única, que só vai. A comunicação verdadeira é diálogo, intercâmbio, num processo de duas mãos, que vai e vem.

14. A Comunicação Horizontal é o processo dialógico que se dá entre dois amigos. Ambos falam e escutam alternativamente, dando e recebendo com franqueza, sem preconceito, nem ocultamento. É o diálogo, a partilha, o por-em-comum entre iguais, que constitui o valor mais profundo da comunicação humana. Algo semelhante pode

---

(2) - João Paulo II, Audiência Geral, Vaticano, 19.12.1979.

(3) - Comunicación,Misión y Desafio, Decos-CELAM, Bogotá, 1986, p.22.

acontecer entre cidades e nações. É evidente que, quanto mais abrangente e complexo for o nível em que se realizar a comunicação, mais difícil se tornará este processo dialógico entre iguais. A própria 'política de comunicação', adotada em nível internacional, dificulta a comunicação dialógica entre os povos, desrespeitando os interlocutores, atribuindo-lhes direitos desiguais para falar e ser ouvido.

15. A Comunicação Vertical é o processo autoritário, usado para divulgação de informações, transmissão de dados e imposição de mensagens, através de canais oferecidos pela tecnologia, com o objetivo de levar o receptor a aceitar o modo de pensar do emissor ou a realizar determinada ação, como comprar um produto. É o processo mais difundido e utilizado na sociedade de hoje.

16. Esse processo vertical de comunicação massifica o receptor pela passividade ou pela robotização. O receptor passivo da comunicação vertical é totalmente submisso ao emissor, que é tido como força superior, que pode e sabe tudo, por isso ele se acomoda, sem assumir qualquer compromisso e tornando-se alheio a tudo. É o receptor alienado. O receptor robotizado é o que se limita a dar as respostas provocadas pelo estímulo do emissor, de forma mecânica, por razões emocionais, sem pensar com a própria cabeça. É o receptor domesticado, sendo mais o que os outros querem que ele e menos o que ele deseja ser.

17. O modelo vertical de comunicação é muito antigo. Sua melhor época foi no tempo dos romanos. Quando os habitantes de Roma estavam diante de um perigo ou calamidade, delegavam sua autoridade a um ditador, atribuindo-lhe plenos poderes para comandar e decidir. Com 'voz de comando', os ditadores podiam resolver rèpidamente os problemas sem ouvir o povo ou dialogar com seus representantes. Logo apareceu o risco deste modelo de relação entre 'o comandante', com o poder de emitir ordens sem dialogar, e 'o povo', com o dever de obedecer sem questionar. Acostumando-se com o poder, os ditadores tinham dificuldade para devolver a voz e o comando ao povo. Alienado com a passividade, o povo tinha dificuldade para perceber a possibilidade de existir outros modelos de relação política e comunicação. Hoje ocorre fato semelhante, uma vez que difìcilmente o povo discute as 'políticas de comunicação' na sociedade e na Igreja.

18. Para compreender melhor os 'sistemas de comunicação' é útil analisar os 'modelos na área da educação', que se encontram na prática em nosso país, como :

(1) - Modelo Tradicional, que concebe a educação como transmissão de conceitos e valores. Cabe ao educador ensinar os conceitos, sendo tarefa do educando entendê-los, guardá-los e repeti-los o mais exatamente possível. É o que se denominou de 'Educação Bancária'.

(2) - Modelo Comportamental, que vê a educação com a finalidade de

moldar o comportamento das pessoas segundo normas preestabelecidas. Dá ênfase à mudança de comportamento na vida dos educandos. É o processo muito utilizado hoje na publicidade, buscando persuadir o receptor para mudar de hábitos.

(3) - Modelo Dialógico, que centra a ação pedagógica no processo da educação. Nesse modelo, cabe ao educando 'ser sujeito do seu próprio desenvolvimento', responsabilizando-se pelo rumo da sua vida, como ensinou o Episcopado Latinoamericano em Medellin (Educação II,1 - Ed.Paulinas, 1977, p.50). E cabe ao educador conduzir o processo, garantindo orientações, informações e recursos indispensáveis aos educandos. É o processo de 'aprender fazendo', subordinando conteúdo e comportamento ao diálogo e à participação do educando. É um modelo aberto de educação, mas não permissivista.

19. Há muita semelhança entre as intencionalidades da educação e da comunicação, que não se confundem e mantêm sua especificidade. Pois, a comunicação poderá privilegiar exclusivamente a mensagem, à semelhança do 'modelo tradicional' de educação; ou a persuasão para mudar o comportamento, à semelhança do 'modelo comportamental' em educação; ou o processo em que se dá a comunicação, reconhecendo o direito do receptor ser emissor, participando do próprio processo da comunicação, à semelhança do 'modelo dialógico' da educação.

20. O processo da educação e o processo da comunicação estão sempre situados numa estrutura social, econômica e política, onde são condicionados e controlados pelos que detêm o poder. Quando a educação e a comunicação não executam a política e os interesses do grupo no poder, são censurados, reformados e até proibidos de funcionar. Essa manipulação acontece no sistema do 'liberalismo capitalista' e do 'coletivismo marxista', porque em ambos uma minoria domina a maioria, também através do processo vertical persuasivo da comunicação e educação. Comunicação e educação são 'aparelhos ideológicos' para garantir o poder.

21. A Igreja do Brasil experimentou, no final de 1987, esse uso da comunicação como aparelho ideológico para defender interesses dos grupos dominantes. Pois, a CNBB tinha conseguido colocar no Projeto da Constituição a defesa dos direitos indígenas contra a exploração de minérios por empresas privadas, através das Subcomissões, das Comissões Temáticas e de Emenda Popular com 44.948 assinaturas. Porque a Igreja restringia a mineração em subsolo indígena, o jornal 'O Estado de São Paulo' publicou seis reportagens, de 9 a 15 de agosto, com base em documentos forjados por uma mineradora, acusando a CNBB de suposta 'Conspiração contra a soberania do Brasil'. Essa injúria repercutiu, orquestradamente, nos grandes Meios de Comunicação e no Congresso Nacional, que instaurou uma 'Comissão Parlamentar Mista de Inquérito' (CPMI), dia 3 de setembro, com 18 Parlamentares, metade a favor das mineradoras e metade defendendo os índios. O Relator dessa Comissão

provou que os documentos básicos das reportagens do 'Estadão' eram falsas. Por isso seu Relatório foi arquivado sem votação e a Comissão só se reuniu tres vezes. Mas, quando a 'Comissão de Sistematização' iria votar a Emenda da CNBB em favor dos índios e contra os interesses privados nos minérios do subsolo indígena, o 'Estadão' voltou a atacar a Igreja, publicando de 8 a 12 de novembro, calúnias contra Bispos, acusações infundadas contra Missionários e distorções sobre a pastoral da CNBB, com base em doze pastas dos 'Estudos sobre a atuação da Igreja no Brasil',feitos pelo Conselho de Segurança Nacional e enviados pela 3ª Subchefia da Secretaria Geral ao Presidente da CPMI. Não houve tempo e nem prorrogação para se votar, dia 14 de novembro de 1987, a Emenda em favor dos índios. Permaneceu o texto na forma como desejavam as Mineradoras, o Conselho de Segurança Nacional, metade dos Parlamentares da CPMI e os grandes Meios de Comunicação. Ficou claro que os grandes Meios de Comunicação são conservadores, têm posição político-partidária, linha editorial determinada pela classe dominante e estão a serviço dos que desejam impedir a participação popular na transformação da sociedade.

2. Comunicação Interpessoal, Grupal e Social

22. As duas grandes modalidades do Processo da Comunicação, Horizontal e Vertical, realizam-se em diversos níveis de relação, como no nível da conversa, da reunião de grupo e dos grandes Meios Eletrônicos.

23. Comunicação Interpessoal é a conversa, o bate-papo, o diálogo, a relação entre duas pessoas. Este tipo de comunicação pode acontecer rosto-a-rosto (direto) ou à distância (por carta ou telefone). A linguagem desta relação pode ser verbal (por fala ou escrita) e não-verbal (por gestos, desenhos, sons, silêncio). Neste nível de comunicação, ao mesmo tempo, o emissor é receptor, e o receptor é emissor, numa dimensão verdadeiramente dialógica e participativa. Por isso, o amor é a forma completa da comunicação interpessoal (1 Cor. 13).

24. Comunicação Grupal acontece numa reunião de poucas pessoas, em que todos os presentes participam constantemente. As características desta participação são diferentes de acordo com o tamanho do grupo, se há mais ou menos pessoas. O que importa é que todos, sucessiva e alternativamente, sejam emissores e receptores na reunião do grupo. Se um só fala e os outros escutam, tipo sala-de-aula tradicional, não há comunicação grupal. Neste tipo de comunicação todos trocam opiniões, experiências e sentimentos , usando 'meios grupais de comunicação', como diapositivos, cartazes, flanelógrafo, audiovisuais e outros, conforme os objetivos da reunião. Talves seja o tipo de comunicação mais usado na Evangelização hoje, sobretudo com o desenvolvimento das Comunidades Eclesiais de Base.

É a melhor escola para a formação da consciência crítica e da "conscientização da responsabilidade comum" (Puebla 1220). É o remédio contra a despersonalização massiva , provocada pelos desvios da comunicação social.

25. Na Comunicação Grupal, ninguém é mestre, e todos aprendem. Ninguém marca a estrada e todos caminham. Esta comunicação supõe o exercício da Comunicação Interpessoal. Cria, alimenta, corrige e anima a comunidade. É uma escola de participação e comunhão. Promove a relação do diálogo fraterno e da cooperação solidária em tudo o que diz respeito ao grupo. É capaz de criar e repartir conhecimentos a partir da prática diária.

26. Comunicação Social realiza-se através dos grandes e modernos, como a televisão, o rádio, o cinema, a imprensa. Este tipo de comunicação nasceu com esses grandes Meios e com eles se desenvolveu, a tal ponto de serem confundidos, como se fossem sinônimos. Neste nível de comunicação, o emissor é uma empresa, o Governo, um grupo político ou religioso, e o receptor é o público. O público é anônimo (não sei quem é), disperso (não sei onde está) e heterogêneo (todas as classes,idades). É uma comunicação para todos e a ninguém em concreto. Leva o públi co a aceitar passiva e emotivamente tudo o que se transmite. Quem detém esses grandes Meios de Comunicação, detém o poder, por isso inventa fatos e silencia fatos, de acordo com os seus interesses para garantir seu poder. O povo, em geral, não sabe ler televisão, cinema, rádio, e pensa que é verdade tudo o que os Meios de Comunicação Social afirmam. Por isso, é muito importante aprender a 'Leitura Crítica da Comunicação'.

27. O termo 'Comunicação Social' foi lançado pelo Decreto 'Inter Mirifica', do Concílio Vaticano II, que é 'Sobre os Meios de Comunicação Social' (Documentos Pontifícios, Vozes, nº 211). Hoje, esse termo é aceito por todos e substituiu 'Comunicação de Massa' dos americanos, 'Difusão Coletiva' dos belgas, 'Informação' dos franceses, 'Comunicação Comunitária' dos espanhóis. "Entre as admiráveis invenções da técnica, destacam-se os Meios de Comunicação Social que, por sua natureza, não só são capazes de atingir e movimentar os indivíduos, mas também a própria multidão e a sociedade humana inteira" (Inter Mirifica, 1).

II. COMUNICAÇÃO NA IGREJA

28. Depois que vimos o Fenômeno da Comunicação, que caracteriza o nosso tempo, vamos olhar para a Comunicação Interna da Igreja. Partimos do fato, que comunicar é ser, o que se deve ser, integralmente e sempre. Pois, em comunicação, a gente dá 'o que é' e não 'o que tem'. daí que todo artificialismo é obstáculo à comunicação. Por isso vamos ver, primeiro, a Comunicação da Igreja, que brota do seu ser, da sua natureza, mostrando a comunhão das pessoas dentro da Igreja, como experiência viva da comunhão que existe na Trindade Santa. Depois, veremos a Comunicação pela Igreja, pelo seu agir, pelas suas funções pastorais, que constroem e alimentam a comunhão e a participação dentro e fora da Igreja, como caminho que pode conduzir a uma sociedade digna do homem. Por fim, analisaremos a Comunicação na Igreja, entre os elementos humanos que estruturam a sua organização corresponsável e seu funcionamento coordenado.

1.Comunicação da Igreja

29. A Comunicação da Igreja é a comunicação da realidade divina e humana da Igreja, que é Corpo de Cristo, ligado vitalmente à Santíssima Trindade, e Povo de Deus, inserido concretamente no mundo. Mostra que a Igreja é a experiência viva da comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si. É a resposta histórica ao amor do Pai, prolongando a encarnação do Filho, sendo fruto da ação do Espírito Santo. É o testemunho da comunidade eclesial, como 'povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo' (Lumen Gentium,4).

30. Aqui no Brasil, de quatro em quatro anos, a Igreja projeta um Objetivo Geral para a pastoral, favorecendo essa comunicação da realidade divina e humana da comunidade eclesial. Nos últimos vintes anos, após o Concílio Vaticano II, a dimensão divina da comunhão eclesial tem sido menos experimentada por muitos, que, por outro lado, têm um vivo sentido de sua dimensão humana. Isso tem dificultado a comunicação da Igreja.

31. As Comunidades Eclesiais de Base, que existem em nosso país desde 1960, são uma nova maneira de comunicação da Igreja. Criam, animam e comunicam uma comunhão concreta e uma participação comprometida, na família, no trabalho e na localidade. As CEBs revolucionaram a comunicação da Igreja no Brasil de tal forma, que têm sido motivo de aplausos e reservas, por causa do seu novo modo de ser comunhão eclesial. É um modo de ser Igreja, um modo de a Igreja ser,ou um modo de toda a Igreja ser, perguntam. O fato é que as CEBs estão sendo nova comunicação de Igreja.

32. A Campanha da Fraternidade, há 26 anos, é uma forma significativa de comunicação da Igreja no Brasil. É um momento forte de comum+unidade nacional, para buscar resposta a situações injustas dos irmãos brasileiros. Não é feita para chocar a sociedade, nem para agredir mentalidades, mas para comprometer com a fraternidade através de todos os meios de comunicação. Mas, o medo de assumir a Campanha de forma vital, decisiva e comprometida, tem dificultado esta comunicação da Igreja em nosso país.

33. Como você está vendo o problema da Comunicação da Igreja no Brasil, no seu Regional, na sua Diocese, Paróquia e Comunidade de Base? É uma comunicação que promove a unidade 'para que todos sejam um'? É transformadora da sociedade, porque mostra 'como os membros da Igreja se amam'? Comunica a realidade divina e humana da Igreja ou só uma dessas dimensões? Pratica as Diretrizes Gerais da Ação da Igreja no Brasil, dentro do processo da pastoral orgânica? Participa da Campanha da Fraternidade, fortalecendo a unidade eclesial no país?

2. Comunicação pela Igreja

34. A Comunicação pela Igreja é a comunicação pela tríplice função da comunidade eclesial : pelo serviço da Solidariedade (Diaconia), pela pregação da Palavra (Querigma) e pela celebração dos Sacramentos (Liturgia), para formar o Povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e fraterna. É a comunicação que contribui para organizar a sociedade humana, celebrar a vida na liturgia e iluminar a vida com a Palavra. É a comunicação da esperança de 'nova terra e novo céu' pelo serviço da caridade, da catequese e da liturgia, dentro das diferentes realidades e situações humanas do nosso país.

35. A Igreja, investida de uma missão divina, é simultâneamente um povo que vive na história e cujos membros se comunicam pela ação profética (solidária) com a sociedade. Essa comunicação faz a Igreja se tornar presente no mundo, dialogar com a sociedade, participar da construção da comunidade humana, mostrar a forma injusta da organização social, ensinar a doutrina social, proferir sua crítica ética e evangélica, lutando pela libertação integral do homem. Nos últimos quinze anos, a Igreja no Brasil tem sido marcada por essa comunicação de diálogo com o mundo, denúncia profética das injustiças e até martírio de seus missionários. Por ocasião da Assembléia Nacional Constituinte, a Igreja foi perseguida como nunca, através dos grandes Meios de Comunicação, pela defesa que fazia da Reforma Agrária, dos Direitos Indígenas e da Participação Popular na organização da sociedade brasileira.

36. Outro aspecto da comunicação pela Igreja é a Catequese, que faz ecoar dentro das pessoas e comunidades a Palavra de Deus, que é proposta na Bíblia, nos Documentos da Igreja e nos acontecimentos. Essa comunicação irradia a força transformadora do Evangelho, para que o Povo de Deus possa agir do jeito que o Pai deseja e a Igreja promova o processo comunitário da educação permanente da fé. Está década de 80 marcou a Igreja do Brasil com a 'Renovação da Catequese', que se organizou em todos os níveis e se revestiu de história e vida, com nova linguagem teológica, bíblica e litúrgica, adaptando-se à índole e caminhada das Os catequistas se multiplicaram aos milhões em todo o Brasil, animando e ampliando a novidade dessa comunicação pela Igreja. Há muitas falhas ainda na catequese, como a interação entre fé e vida. Porque a comunicação da catequese ainda é demasiadamente doutrinária, desligada da vida e da realidade, o que deverá aprender com as Comunidades Eclesiais de Base.

37. Outra dimensão da comunicação pela Igreja é a Liturgia, que é 'Comunicação em si mesma' (Puebla 1086). A liturgia é a comunicação entre Deus e o Povo na alegria de uma fé viva, que conduz à libertação cristã integral (Puebla 895). A comunicação da liturgia é para glorificar a Deus presente e atuante na história, através das formas e dos elementos rituais de cada comunidade, em vista da celebração do mistério pascal de Cristo e da Igreja, conforme o Ano Litúrgico w num determinado lugar, visando a educação da fé e a vivência de uma espiritualidade a partir dos pobres, com base no seguimento de Jesus Cristo e na luta pela promoção da vida plena. Faz 25 anos que o Papa Paulo VI promulgou a 'Constituição sobre Liturgia', primeira obra do Concílio Vaticano II, que teve muita repercussão na renovação da Igreja do Brasil. Nos últimos anos, o interesse pela liturgia se arrefeceu e se desvirtuou em nosso país. Por isso, 1988 foi um ano especialmente dedicado à liturgia, em que todos os níveis e setores da Igreja em nosso país receberam um 'Instrumento de Trabalho', com quase cem páginas, "Novo Impulso à Vida Litúrgica", preparado pela CNBB, para ser estudado nas bases, a fim de que a Assembléia do Episcopado em 1989 aprove um documento para orientar a renovação litúrgica no Brasil. Esse 'instrumento' para debate nas bases apresenta resposta para vários pontos controvertidos, depois de abordar todos os campos da liturgia. Pois, o cristão brasileiro deve realizar a união entre fé, liturgia e vida cotidiana. O que preside a celebração precisa ser animador e servidor da assembléia litúrgica. Importa aprender discernir e compreender a ligação entre celebração da fé e celebração da vida; libertação e redenção; história humana e história da salvação; acontecimento profano e acontecimento cristão. A comunicação na liturgia necessita de grande renovação.

38. Como você vê a 'Comunicação pela Igreja' no Brasil, em seu Regional, na sua Diocese, Paróquia e Comunidade Eclesial de Base? Sua comunidade dialoga com o mundo, anunciando o Reino, denunciando profèticamente, sendo presença transformadora na sociedade, sofrendo o martírio? A catequese de sua comunidade está desligada da realidade, é educação permanente da fé, num processo comunitário, com relacionamento fraterno, partilha de bens, vivência dos sacramentos, prática da Palavra? A celebração litúrgica é expressão e fonte de comunhão e participação, comunicativa, criativa, adaptada, libertadora, unindo fé e vida, com espiritualidade e educação da fé?

3. Comunicação na Igreja

39. A Comunicação na Igreja é o fluxo interno das relações entre os elementos que integram a estrutura eclesial para garantir a força da pastoral de conjunto. Essa comunicação interna ajuda construir a comunhão e participação do Povo de Deus, animando sua interação, cooperação e corresponsabilidade. Torna a Igreja um organismo vivo e não uma organização mecânica. Esta comunicação interna se faz através dos 'meios de coordenação pastoral', como os Dirigentes (Bispo, Padres, Animadores de Comunidade), Níveis (Universal,Continental,Nacional, Regional,Subregional,Diocesano,Paroquial,Comunidade), Serviços (Catequese,Liturgia,Juventude,Movimentos,Associações), Conselhos (elo de ligação entre os níveis para revisão e planejamento), Assembléias (lugar de decisões e animação do nível), Boletim (instrumento de coordenação, animação,formação) e outros.

40. "A Igreja tem feito, nos últimos anos, muitos esforços em favor de uma comunicação maior em seu interior. Todavia, em muitos casos, o que se realizou até agora, não corresponde plenamente às exigências do momento" (Puebla,1079). O momento exige conversão dos que coordenam os diversos meios de comunicação na Igreja, para que haja mais relação dialogal, participativa e fraterna dentro da Igreja. Há muita incomunicação e prática de 'comunicados' dentro da Igreja. Falta conscientização real na Igreja de que 'Comunicação' é mecanismo indispensável para a coordenação pastoral. Publicações e documentos da Igreja não são praticados, porque não são lidos, nem chegam às bases. Não existe uma preocupação global para informar e se comunicar sistemàticamente com as bases num fluxo e refluxo de animação eclesial. Talves, o desenvolvimento das seitas possa ser explicado pela comunicação interna muito mais dialógica, participativa e interpessoal, onde cada membro se sente valorizado, importante e comprometido.

41. Como você vê a comunicação na sua Diocese e Paróquia? A coordenação diocesana chega, de que fo.ma, às bases? Com que meios seu Bispo atinge todo o seu rebanho? Que canais seu Pároco utiliza para se comunicar com seus fiéis? Como os Bispos se comunicam entre si? Quando e como os Padres se comunicam mùtuamente? Quais as consequências para a Igreja da intercomunicação desses Dirigentes Eclesiais? Qual a eficácia de cada um desses meios, usados para a comunicação na Igreja? Como melhorar a qualidade da comunicação interna da Igreja?

III. MCS E SOCIEDADE

42. Vimos o fenômeno da comunicação, cujo processo não se confunde com os meios e pode se relizar em diversos níveis de relação. Depois olhamos para a comunicação interna da Igreja, onde há muitos meios, usados inadequadamente. Neste terceiro capítulo vamos 'ver' os Meios de Comunicação Social (MCS) na sociedade, enquanto instrumentos de uma 'Política de Comunicação'. Tal fato não impede, que alguns dados estatísticos e outras informações de interesse, apareçam complementando a análise.

1. Modernos Meios de Comunicação

43. Os modernos Meios de Comunicação, em linhas gerais, podem ser divididos em quatro grandes grupos : os gigantes, grandes, médios e pequenos Meios.

44. Os Meios Gigantes, que possibilitam a comunicação em enormes distâncias, com incrível velocidade e interação de diversos veículos, como realizam os 'Satélites de Comunicação'. Esses Meios Gigantes existem a partir da combinação de diversos tipos de recursos da telecomunicação, com os mais sofisticados avanços tecnológicos da eletrônica, informática e telemática, para coleta de dados, seu processamento e sua distribuição simultânea a todos os cantos do mundo. Um Satélite comunica ao mesmo tempo programas de televisão, rádio, telex, telégrafo, telefone e dados computadorizados. O Intelsat VI dos Estados Unidos pode transmitir, a cada tres segundos, o equivalente à Enciclopédia Britânica. Através desses Meios, Governos e empresas multinacionais conseguem deter, cada vez mais, o controle sobre suas 'Políticas de Comunicação' em relação a toda a sociedade.

45. Os Grandes Meios, como imprensa, cinema, rádio, televisão, têm seu domínio restrito a determinadas áreas geográficas, e o controle sobre eles é exercido com maior facilidade pelas políticas nacionais de comunicação. Em cada país, existem legislações e costumes, que podem ser modificados, a partir do jogo das forças econômicas, interesses políticos e práticas culturais.

46. Os Médios Meios são os tradicionais veículos impressos ou audiovisuais, que cobrem áreas geográficas bem localizadas, como um Estado, um Cidade ou Bairro de uma cidade.

47. Os Pequenos Meios são os 'meios de comunicação' acessíveis a um grupo ou comunidade, como alto-falante, mimeográfo, audiovisual, jornal mural, boletim. Podem ser até tecnològicamente avançados, como é o caso do video e do computador de uso doméstico, mas serão 'Meios Grupais de Comunicação'.

48. Apesar da variedade e diversidade desses Meios de Comunicação, eles possuem características comuns, das quais destacamos algumas :

(1) - permitem o registro e a difusão de dados e informações, ampliando a voz humana, de acordo com a capacidade de cada instrumento, fornecendo ao usuário elementos para analisar o mundo, se emocionar e tomar decisões;

(2) - criaram, e continuam criando, linguagens novas. Neste sentido, não é mais possível julgar a linguagem de um veículo, pela comparação com a de outro, sem graves prejuizos. Um programa de televisão, por exemplo, pode parecer superficial no tratamento de um tema, se for compradao com a linguagem escrita, própria do livro ou do jornal. Esse mesmo programa, dada a especificidade de sua linguagem, poderá ser considerado profundo, enquanto consegue transmitir informações e emoções em tempo muito menor, que o faria o livro e o jornal, e com maior eficácia.

(3) - exige Trabalho de Equipe, constituindo-se numa verdadeira Indústria Cultural.

2. MCS E PODER

49. Todos os Grandes Meios de Comunicação se desenvolveram no século XX. Acompanhara, ora como causa, ora como efeito, a industrialização e a implantação dos sistemas capitalista e socialista. São tributários da luta pela hegemonia da capitalismo e do socialismo. Foram chamados 'Meios de Massa',

mas nasceram e ainda se conservam como 'Meios de Elite', sobretudo a 'elite do poder'. São 'Meios de Elite', não é porque não alcansam as massas, mas porque as massas são atingidas pelos Meios segundo os interesses da elite.

50. Bem cedo, os problemas da Comunicação foram assumindo caráter político, ideológico e econômico. Hoje o espectro radielétrico mundial está 90% nas mãos de cinco paises, onde reduzido grupo assumiu a quase totalidade do controle da produção e distribuição.

51. O mesmo acontece com a Informação veiculada.
Quatro Agências manejam 75% do 'mercado da notícia' no mundo.
O mesmo acontece com a 'indústria publicitária', capaz de mudar todos os padrões. No 3º Mundo, 70% do mercado publicitário está ocupado por dez Agências do 1º Mundo.

52. Os Meios de Comunicação Social se tornaram, hoje, o sustentáculo do sistema multinacional do poder. A 'pressão informativa' dos meios visuais e audiovisuais vai eliminando a capacidade de juízio crítico e apassiva de tal modo o receptor, que o torna obediente ao consumo imposto e sensível aos valores políticos, econômicos, culturais e religiosos, que sustentam e reproduzem a estrutura multinacional do poder.

53. Esta dominação multinacional se refere, tanto a equipamentos originais dos MCS, como a peças de reposição; tanto a produtos prontos para os MCS (enlatados), como filmes, quadrinhos, estereótipos de publicidade. Ninguém ignora a 'guerra de mercado' para colocar no 3º Mundo sistemas, instrumentos e produtos fabricados por alguns paises do 1º Mundo. Nos últimos anos, o capitalismo mundial tem confiado sempre mais na 'tecnologia da comunicação' e nos 'fluxos de informação', para manter e defender sua posição de controle das Políticas de Comunicação.

3. MCS E CULTURA

54. Depois de descobrir que deter os MCS,na nossa sociedade,é deter o poder, vamos 'ver' que um dos objetivos de quem está no poder, é usar os MCS para modificar a cultura de acordo com os seus interesses.

55. O documento de Puebla (nº 386) descreve cultura como "a maneira particular como, em determinado povo, os homens cultivam sua relação com a natureza, suas relações entre si próprios e com Deus, de modo que possam chegar a um nível verdadeiro e plenamente humano. É o estilo de vida comum que caracteriza os diversos povos : por isso é que se fala em pluralidade cultural". Por isso, a

cultura "abrange a totalidade da vida de um povo; o conjunto de valores que anima e dos desvalores que o enfraquece e que, ao ser partilhado por seus membros, os reúne na base de uma mesma consciência coletiva. A cultura abrange, outrossim, as formas através das quais estes valores e desvalores se exprimem e configuram, isto é, os costumes, a lingua, as instituições e estruturas de convivência social, quando não são impedidas e reprimidas pela intervenção de outras culturas dominantes (Puebla nº 387).

56. A cultura compreende, pois, as relações de produção de uma sociedade, as relações sociais e políticas, o modo de expressar todas essas relações e a interpretação do conjunto todo da realidade. A cultura não é pré-fabricada, mas constituida pelas próprias mãos do homem, segundo um modelo, um projeto. No desenvolvimento da cultura através dos tempos, os vários processos de comunicação adotados, não só se apresentam como elemento integrante das diversas culturas, mas também são geradores de transformações.

57. A questão que hoje se põe frente aos MCS é que modelo de homem, que projeto de sociedade eles difundem. Observa-se que os MCS não respeitam a liberdade e autonomia cultural, promovendo uma 'nvasão cultural', influenciando em mudanças substanciais da visão de mundo dos leitores, ouvintes e espectadores, induzindo a comportamentos alheios aos valores até então considerados válidos e aceitos, amortecendo a consciência crítica frente à exploração das relações entre capital e trabalho, desviando a atenção do povo de pontos de vital importância para o verdadeiro progresso do país.

58. A 'invasão cultural' dos MCS acaba levando à homogeinização da cultura, seja a nível internacional, seja a nível nacional, destruindo subculturas que não têm acesso aos MCS ou levando a que se considerem como produtos de segunda categoria.

A nível religioso, por exemplo, verifica-se a imposição de um tipo de religiosidade pentecostal, desligada da vida concreta, faminta de milagres e prodígios. Desta forma agride-se o 'substrato católico' do povo brasileiro, que até agora impregnara nossa cultura.

4. Nova Ordem da Comunicação

59. Desde que começou a Indústria da Comunicação, um pequeno grupo se apoderou dela. Se, de um lado, a fez desenvolver-se, de outro lado, a usou como instrumento de poder econômico e político. Daí se entende, mas não se justifica, que os donos dos meios de comunicação partam sempre de uma visão oligopolítica do mundo. Acham normal, até necessário, que um pequeno grupo observe todos os fatos, os avaliem

e selecionem as notícias em função de seu poder econômico e político, transmitindo só o que lhes é útil. A liberdade de comunicação não se prende ao direito à verdade, mas ao pseudo direito de defesa de interesses privados em assunto de relevância pública. O receptor e´visto e mantido como elemento passivo e consumidor obediente. Quando falam de comunicação democrática, significa a não dependência de partidos ou governos autoritários. E nesta luta merecem elogios. Mas, para eles, comunicação democrática não significa a participação do povo na escolha dos conteúdos da comunicação. Em outras palavras, a comunicação não se faz em função do povo, mas se faz em função de um 'grupo de poder'.

60. Cada país adota sua própria política de comunicação. Os paises capitalistas aplicam o princípio da livre iniciativa, com algumas especificidades. Paises, como os Estados Unidos e o Brasil, optaram pela predominância da posse e uso dos recursos da comunicação por parte de empresas particulares. Na Europa continua a prevalecer, ao mesno no campo do rádio e da televisão, a disposição legal que estabelece um maior controle por parte do Estado, dos partidos políticos ou mesmo de entidades representativas da sociedade civil sobre as políticas de produção e veiculação das emissoras. Os paises socialistas detêm a posse e o controle dos veículos nas mãos do Estado, sendo dificultada a iniciativa particular neste campo.

61. Uma das diferenças marcantes entre as Políticas socialista e capitalista de Comunicação está no fato de que no mundo capitalista cabe à publicidade o custeio da maior parte das despesas e dos custos de instalações dos veículos, de sua produção e veiculação. Sendo assim, os anunciantes têm papel preponderante nos resultados que se obtêm. Na verdade, é o próprio povo - consumidor dos produtos anunciados - quem financia os meios de comunicação, uma vez que os custos da publicidade já estão embutidos nos comerciais. A inconveniência deste sistema de captação de recursos, reside no fato de que o povo, ainda que seja obrigado a manter os veículos funcionando com o custo de seu próprio trabalho, não tem como influenciar nas políticas dos empresários da comunicação. Quem faz ouvir suas vozes e em última análise exercem um controle efetivo sobre as programações, são os grandes capitalistas-anunciantes e o próprio Estado, que no Brasil é o principal anunciante. É hipocrisia dizer-se que os veículos de comunicação se utilizam de pesquisas para saber o que o povo quer saber, ver e ouvir. Os resultados das pesquisas servem apenas para melhorar a programação, adequá-la a objetivos pré-estabelecidos, descobrir melhores formas de persuadir os receptores a aceitar esta ou aquela tese defendida pelos defensores do poder. O modelo utilizado atualmente pelos paises socialistas também não é democrático, porque

tira à sociedade civil e aos diversos segmentos da população a possibilidade de expressar-se.

62. No mundo ocidental têm sido adotados ou, ao menos, aceitos como ideais, os seguintes princípios :

* Deve ser garantido o direito à informação.
* Deve ser garantido o direito de opinião.
* Deve ser garantido a pluralidade cultural de uma sociedade.

A aplicação destes princípios, a partir da interprepatação dada pelas grandes empresas, que controlam os Meios de Comunicação Social, levaram a conviver, na prática, com a situação que chega a impedir o exercício do direito à informação e à opinião, produzindo um imenso desequilíbrio no mundo da informação.

63. Por dois caminhos reagiram as Comunidades. O primeiro, foi criar um tipode de Comunicação Zlternativa. Uma Comunicação que fosse participada por todos, no sentido horizontal. Usando meios simples, como o mimeógrafo, ou sofisticados, como o vídeo. O que importa é a participação de todo o grupo. A Comunicação Alternativa começou a ter expressivo êxito, onde os Grandes Meios estiveram a serviço de governos de exceção. Vhegou a ter características próprias, ainda válidas, já que ela está em prática em sindicatos, comunidades de bairro e associações populares :

(1) - É expressão de um projeto social que visa a transformação da sociedade.
(2) - Em sua produção, mensagem e relação, reflete uma prática social transformadora.
(3) - Parte sempre do ponto de vista dos setores populares e os mantem informados do que se passa com eles e com o mundo que lhes diz respeito.
(4) - É essencialmente horizontal , dialogante.
(5) - Tem sempre uma função mobilizadora e organizadora.
(6) - Leva a um comportamento analítico e crítico dos fatos, das mensagens e da própria história.

Quase sempre é Comunicação Grupal. Não dispensa a Grande Comunicação, mas ensina um comportamento crítico diante dela.

63. O segundo caminho correu por vias da grande política internacional, discussão em nível de blocos, organizações, universidades e associações de classe. Começando nos anos 70, com o nome de 'Nova Ordem Econômica' (NOEI), passou a chamar-se 'Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação' (NOMIC), quando o debate foi assumido oficialmente pela UNESCO. Combatida e ridicularizada pelos grandes MCS, a NOMIC conseguiu ser discutida em nível governamental por todos os paises filiados à ONU. A bem da verdade, chegou mesmo a provocar uma larga crise no interior da UNESCO, que elaborou e publicou um grosso documento sobre

a situação da informação e da comunicação no mundo de hoje (Um Mundo e Muitas Vozes, Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1983, 502 p.). Alguns paises chegaram a retirar-se da UNESCO, como os Estados Unidos e a Inglaterra. Outros ameaçaram sair, como o Japão e a Holanda, caso a UNESCO não desistisse de levar a diante o estudo e a prática de uma nova política comunicacional.

64. São as seguintes as teses definidas pela NOMIC, entre outras :

(1) - Um novo sistema de propriedade, que pede a ruptira dos sistemas monopolísticos do Estado e da Empresa privada, tanto das estruturas da comunicação, quanto dos recursos tecnológicos.

(2) - Uma nova presença do público,
com uma atitude e mecanismos de participação.

(3) - Um novo propósito, que é o serviço social,
o bem comum, a defesa dos direitos populares.

(4) - Um novo comunicador, formado para prestar serviço à coletividade,
e não aos interesses privados.

(5) - Um novo receptor, formado para discutir,
discernir e participar.

(6) - Uma nova legislação nacional e internacional,
orientada para a promoção e a garantia,
não só do direito de opinar e de informar,
não só do direito à segurança e à ordem pública,
mas também orientada para a promoção e a garantia
da participação dos membros da sociedade
na gestão, uso e desfruto da Comunicação.
(Cf.Clarêncio Neotti, A NOMIC, Vozes, 1986, p. 37-38).

65. As questões e princípios levantados pela UNESCO a respeito da necessidade de uma nova ordem de informação e comunicação, tocam fundo as Políticas Nacionais de Comunicação. Por isso, esses princípios não são suficientes para garantir a todos e a cada hòmem, a todas a cada comunidade, o direito essencial e vital à comunicação.

IV. MCS E IGREJA NO BRASIL

1, História

66. A história da Comunicação da Igreja no Brasil está muito relacionada com a situação social, econômica, política e cultural das várias fases da história de nosso país. No Período Colonial, a Igreja se comunica com os indígenas, entrando na sua vida, aprendendo sua lingua, valorizando seus símbolos e promovendo sua cultura, o que se denomina hoje de 'inculturação'. Os comunicadores, que marcaram esse período, foram o franciscano, Frei Pedro Palácios, fundador do Convento da Penha, no Espírito Santo, e o jesuita, Bemaventurado José de Anchieta, fundador da cidade de São Paulo, com seus autos, poemas e catequese na lingua indígena. Caracteriam essa fase as Reduções dos Jesuitas, no sul do país, onde os índios se organizaram em comunidade e cooperativa, para defender sua terra e seus interesses, sobretudo na área da educação e evangelização. Muitos Missionários dessa época se celebrizaram pela comunicação da sua oratória, na defesa do índio marginalizado e do negro escravizado, ao ponto de serem perseguidos, desterrados e até mortos. Houve, também, a utilização da Igreja, sobretudo de seus ritos e sacerdotes, para justificar e reforçar a 'política de dominação' dos Senhores da Terra sobre todos os segmentos da cidade.

67. No final do Império, fins do século XIX, por ocasião da separação entre a Igreja e o Estado com a 'Questão Religiosa', o clero foi injuriado e atacado duramente pela imprensa da época, e a Igreja não tinha meios para se comunicar com a sociedade. Por recomendação expressa do Papa Leão XIII, muitas Dioceses montaram suas tipografias e nasceu uma dezena de periódicos. Com a instalação da República e vinda de muitos missionários da Europa, começou o 'Apostolado da Boa Imprensa' e as tipografias de Igreja se multiplicaram, das quais algumas se tornaram expressivas Editoras Católicas no cenário nacional.

68. A segunda metade deste século foi marcada pela fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1952), o nascimento das Comunidades Eclesiais de Base (1960) e o planejamento da ação da Igreja no Brasil (1962), pano de fundo para que a comunicação da Igreja em nosso país começasse a se organizar. A CNBB criou a 'Comissão Episcopal de Opinião Pública' (CEOP) em 1962, para integrar e coordenar o que já havia em nível nacional na área da comunicação : Rede Nacional de Emissoras Católicas (RENEC) de 1959; Central Católica de Cinema, em 1961, pa-

ra substituir o 'Serviço de Informação Cinematográfica' (SIC) que a Ação Católica Brasileira fundara em 1938; União Nacional Católica de Imprensa (UNCI) em 1961; Movimento de Educação de Base (MEB) em 1961, para alfabetização e conscientização de camponeses, com o método de Paulo Freire e a participação animadora da 'Juventude Universitária Católica' (JUC) através de emissoras de rádio no nordeste.

69. Com a consolidação das 'Comunidades Eclesiais de Base', que aparecempela primeira vez num documento da Igreja, no Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970) da CNBB, e em 1968 no documento de Medellin, o debate nacional e latinoamericano era sobre o valor do uso de 'Pequenos Meios de Comunicação' para a participação e a comunhão. O debate evoluiu para a 'Comunicação Alternativa' e a dimensão dialógica, participativa e pobre dos 'Meios Grupais de Comunicação', em oposição aos MCS por privilegiarem a 'comunicação vertical', dirigida ao consumismo, dificultando a conscientização dos direitos e deveres, além de exigir grandes recursos financeiros. Chegou-se a negar à Igreja o direito de possuir e até de usar os Grandes Meios de Comunicação, como uma emissora de rádio. Hoje, não se discute o uso exclusivo de um tipo de Meio de Comunicação sobre outros, interessando muito mais aprofundar os processos de comunicação na Igreja, o uso pastoral dos Meios, ocupar todos os espaços para evangelizar e integrar no Objetivo Geral da Pastoral a comunicação através de todos os Meios possíveis. A partir dos anos 70, a Igreja do Brasil defende veementemente o direito da 'Liberdade de Expressão', denunciando a censura e repressão impostas ao país pelo Estado. A Igreja teve Cartas Pastorais, Folhetos Litúrgicos, Boletim 'Notícias' da CNBB falsificados para confundir a opinião pública. Na Arquidiocese de São Paulo, o jornal semanário 'O São Paulo' sofreu prolongada censura dentro da sua gráfica, e a Rádio 9 de Julho foi fechada.

2. USO DOS MCS

70. O relacionamento da Igreja com a Comunicação Social no Brasil apresenta pontos decisivos para a reflexão em vista de uma evangelização hoje e no futuro. Eis alguns aspectos fundamentais, já que não é objetivo deste texto-base abordar exaustivamente o tema, sobretudo considerando a diversidade de problemas locais.

Imprensa

71. A CNBB não possui nenhum grande Meio de Comunicação. Os chamados 'Meios de Comunicação da Igreja' pertencem a Congregações, Ordens Religiosas e Dioceses, que fazem deles instrumentos de apostolado. No campo da imprensa, uma pesquisa

realizada pela CNBB em 1981, dá conta que a Igreja tem no Brasil :

* 25 jornais diocesanos e 10 jornais não-diocesanos
  alguns de circulação nacional, com tiragem de 40 mil exemplares

* 35 revistas católicas mensais de circulação nacional
  algumas com a tiragem de 150 mil e 200 mil exemplares

* 200 Boletins Diocesanos mensais
  2000 Boletins de Paróquias, CEBs, Movimentos Populares
  Os Boletins, alcançam em seu conjunto, tres milhões de leitores

* 14 Editoras Católicas
  04 delas encontravam-se entre as dez maiores do país em 1985
  pelos títulos novos e exemplares publicados

* A área de imprensa é a que mais tem se desenvolvido na Igreja do Brasil.

72. As Editoras Católicas do Brasil, há vários anos, reunem-se duas vezes por ano com o Setor de Comunicação da Conferência dos Bispos, para analisar seu trabalho evangelizador, seu papel cultural e seu serviço à comunidade brasileira e à Igreja no país. Nenhuma das Editoras Católicas, que costumam se encontrar, é fonte de lucro para um grupo religioso Todas revertem seus rendimentos na própria empresa. Neste particular está a grande diferença das Editoras Católicas das outras empresas editoriais. Elas se concentram no eixo Rio-São Paulo.

73. Vivemos num país em que a maioria da população é de semi-analfabetos e onde a grande opção dos empobrecidos, não é para a imprensa, mas para o rádio. O fato de termos constatado que a imprensa é a área de comunicação em que a Igreja mais se desenvolveu no país, deve levar à reflexão a uma revisão da Pastoral de Comunicação Social à luz da opção de Medellin, Puebla e CNBB.

Rádio

74. A Igreja do Brasil, teòricamente, possui a maior Rede de Emissoras do país :

* 110 Emissoras Católicas por todo o território nacional
* Rádio Aparecida, de São Paulo, é a única que cobre todo o país
* Pertencem a Dioceses, Congreg ações Religiosas e Grupos de Leigos.
* A maior parte delas se encontra na região sul do Brasil.
* Aos domingos são transmitidas cerca de 800 Missas de Rádio.

75. A prática da comunhão e participação ainda não chegou até as Emissoras Católicas do Brasil, que não vivem a força do seu conjunto na Pastoral da Evangelização, através deste canal, preferido pelos pobres. Pode-se calcular que elas atingem de 50 a 60 milhões de brasileiros.

Televisão

76. Depois da TV Difusora, Canal 10, de Porto Alegre, pioneira da 'televisão a cores' no Brasil e fruto do esforço missionário dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, que foi vendida para a Rede Bandeirantes de Televisão em 1980, nasceu recentemente, outubro de 1987, a TV Sudoeste, em Pato Branco, no Paraná, construida e dirigida pelos Padres Franciscanos.

Agência

77. Durante a Assembléia Nacional Constituinte, a Agência de Notícias Alternativas (ANA), do Departamento de Imprensa da CNBB, veiculou diàriamente, 240 mensagens de trinta minutos, via Telex, informando e analisando o processo Constituinte. Muitos Regionais, Arquidioceses, Dioceses, Emissoras Católicas e Pastorais Específicas (CPT,CIMI) têm seu equipamento próprio de Telex, outros se serviram de terceiros. O Telex agiliza a comunicação interna da Igreja e facilita sua presença grandes Meios de Comunicação e para a mobilização popular.

78. A Igreja, porém, não possui nenhuma Agência de Notícias Religiosas para cobrir os trabalhos de suas 242 Circunscrições Eclesiásticas, centenas de Ordens e Congregações Religiosas, Institutos de Vida Consagrada e Grupos de Leigos, engajados na evangelização. Por isso, não se pode dizer que seja expressivo este Serviço de Telex na CNBB, uma vez que importa organizar os Setores Regionais, Diocesanos e Paroquiais para dinamizaro fluxo e refluxo das informações na comunicação interna da Igreja no Brasil.

79. Há muitas pequenas empresas de comunicação por todo o país, que se dedicam aos micro-meios. É inestimável o serviço que prestam no campo didático e catequético, sobretudo com audiovisuais, discos e cassetes. Já estão entrando progressivamente na área de produção e distribuição de vídeo e de curta e média metragens.

80. A Igreja ocupa espaços nos Meios de Comunicação, chamados 'Não-confessionais' , às vêzes, muito mais por insistência dos Diretores desses veículos, do que por consciência da necessidade de usá-los. Nota-se a falta de pessoas comprometidas com a Igreja, com um mínimo de técnica na comunicação social, para usar pastoralmente os espaços oferecidos em emissoras de rádio, colunas de jornal e horários de televisão. A mentalidade de receber esses espaços para comunicação como 'esmola', faz com que por razões banais, eles sejam cortados, mudados, desrespeitados, dificultando aquela frequência e pontualidade fundamental para a comunicação social. A Igreja do Brasil, nesta área, não tem a mesma visão nem a prática dos irmãos evangélicos, que sempre mais investem em programas religiosos de rádio e televisão, para a proclamação de sua mensagem.

3. Organismos Católicos

81. Os Organismos Católicos de Comunicação não receberam ainda o apoio suficiente para seu desenvolvimento e para o exercício de suas obrigações.
Os Organismos são de dois tipos diferentes. Os do primeiro tipo estão intimamente ligados à ação da Igreja Jerárquica.
Enumeram-se nesse tipo o Setor de Comunicação da CNBB, os Departamentos de Comunicação de cada um dos 15 Regionais da CNBB, a Equipe Pastoral de Comunicação de cada diocese, e a Sala de Imprensa das Cúrias Diocesanas.

82. Os Organismos do segundo tipo são mais associativos de leigos católicos que trabalham nos Meios, Escolas e Pesquisas na Comunicação. Seus membros evangelizam, exercendo a profissão de comunicadores, assessorando os Departamentos de Comunicação regionais, diocesanos ou da CNBB.

Eles são três, filiados a Organismos internacionais, com estatutos próprios reconhecidos pela Santa Sé.

83. 1. - A UCIP - União Católica Internacional de Imprensa (fundada em 1927, hoje com sede em Genebra, 37-39 rue de Vermont). Ela tem filiais em cada Continente. Na América Latina se chama UCLAP (União Católica Latino-Americana de Imprensa, fundada em 1959).
Cada país tem sua filial. No Brasil, foi fundada em 1969, com o nome de União Cristã Brasileira de Comunicação Social - UCBC. Tem sua sede na Praça da Sé, 21, sala 612. 01000 São Paulo.

84. 2. - A UNDA (fundada em 1928) tem sua sede em Bruxelas. Congrega os comunicadores e/ou entidades de rádio e televisão.

Na América Latina se chama UNDA-AL. A filial brasileira, fundada em 1976, tem sua sede na Rua Espírito Santo, 1059, sala 901. 30 160 Belo Horizonte, e é conhecida como UNDA-Brasil.

85. 3. - A OCIC - Organização Católica Internacional de Cinema e Audiovisuais. Fundada em 1928. A filial continental se chama OCIC-AL. A brasileira, fundada em 19 , conhecida como OCIC-Brasil, tem sua sede na Rua Verbo Divino, 993. 04719 São Paulo.
Os três Organismos continentais têm uma secretaria em conjunto, em Quito, no Equador (Apartado 11194 ag.17).
Os três Organismos têm boletim próprio, em nível internacional, continental e nacio

4. Comunicação Social

86. A relação da Igreja com os MCS, próprios ou não, permite aos agentes de evangelização transmitir mensagens ou difundir o culto divino, sobretudo atingindo regiões e pessoas "distantes" do contato com ela, ou impossibilitadas de fazê-lo.

Continua a valer o que dizia Puebla:

"A Igreja tem sido explícita quanto à doutrina referente aos msc, publicando numerosos documentos sobre a matéria, embora tenha havido delongas' em levar estes ensinamentos à prática" (Puebla, 1075).

Acrescenta ainda: "Há insuficiente aproveitamento das oca - siões de comunicação que se oferecem à Igreja por parte dos meios estranhos e incompleta utilização dos seus próprios meios ou daqueles que são por ela influenciados; além disso, os meios próprios não estão integrados entre si, nem na pastoral de conjunto"(Publa, 1076).

87. Se há motivos de alegria por contar a Igreja com espaços e meios para evangelização, há, no entanto, a necessidade de se refletir no uso evangelizador que se tem feito destes meios e espaços, bem como na ausência de políticas da Igreja no seu relacionamento com os veículos da comunicação.

A Igreja do Brasil ainda não conseguiu um diálogo franco e sincero com os responsáveis principais das comunicações no país, diálogo não ocasional, mas frequente, sobretudo em nível de cúpula.

Houve sim esta tentativa por ocasião do XVIII Dia Internacional das Comunicações, quando o tema a ser refletido era"As Comunicações Sociais como instrumento de encontro entre fé e cultura".

88. Naquela ocasião (3.junho.1984), a Equipe de Reflexão do Setor de Comunicação Social da CNBB publicou a "Carta aos Comunicadores" (Ed. Paulinas, SP, 24 p.), onde se dizia: "Queremos nos encontrar com todos os Comunicadores brasileiros para refletir e dialogar"(p.5).

O objetivo foi alcançado em parte apenas. Mas o diálogo tornou-se inviável naquele momento, porque vários organismos patronais de comunicação se viram de antemão agredidos pela Carta e responderam com injúrias generalizadas.

89. Basicamente existem três tendências no relacionamento da Igreja com os Meios:

1º visão instrumental dos grandes meios (mass media)

É a mais tradicional das tendências e a mais comum: priori za o uso instrumental dos grandes meios, tomados em si mesmos, fora do contexto sócio-político-econômico em que estão colocados, possuindo valor somente enquanto possibilitam veicular uma mensa gem.

Esta visão tem levado a Igreja a algumas frustrações, so - bretudo com relação à imagem da Igreja que esses canais veiculam e aos interesses unilaterais com relação à Igreja como notícia .

90. 2º visão instrumental dos Médios e Pequenos Meios (MPM)

Nesta tendência prioriza-se o uso dos méidos e pequenos meios, também chamados "meios grupais",

Nesta visão se nega a possibilidade de um processo de e- vangelização através dos grandes meios, considerados, pela sua estrutura, como autoritários e anti-evangélicos. Esta visão emergiu pelos anos 70 com a utilização dos meios grupais na pas toral.

91. 3º visão da comunicação como processo

Esta terceira tendência, ainda em desenvolvimento, procu ra implementar uma política da comunicação que leve em conta os seguintes elementos:

_ a concepção de comunicação como processo, dentro de uma visão de Igreja que tome o Povo de Deus como fato básico da rea lidade eclesial; bem como uma visão do homem como ser relacio - nal;

- o uso dos meios, pequenos ou grandes, partindo do estu- do de sua adequação à política de conjunto que a Igreja deseja implantar quer a nível nacional, quer regional ou local;

- o respeito aos direitos e necessidades dos perceptores e seus problemas específicos, transformando o princípio que afir mava dever a Igreja a ser "voz dos sem voz", em "ajudar o povo a ser sua própria voz";

— o respeito à especificidade da linguagem de cada canal, lembrando a conquista de Puebla ao falar de Liturgia e Meios:

"Incrementar as celebrações pelo rádio e televisão, levando em conta a natureza da Liturgia e a índole dos respectivos meios de comunicação utilizados" (Puebla, 949);

— a capacitação de recursos humanos para o desenvolvimento da comunicação;

— a alocação de recursos suficientes para desenvolver uma política de comunicação que atenda às necessidades pastorais da Igreja.

5. Grandes Meios

92. Ao analisar concretamente o comportamento da Igreja em seu relacionamento com os grandes meios, nota-se que não há uma práxis unica e com direção única, mas uma atitude, às vezes, até contraditória com posições antagônicas.

Em primeiro lugar, é importante lembrar que a Igreja busca a propriedade dos meios, como direito seu, reconhecido pelo decreto conciliar Inter Mirifica. Tal tendência não exclui a opção de muitos setores em preferir o controle sobre a produção de mensagens através de recursos específicos, abdicando da propriedade dos meios. Neste caso, a veiculação se dá através de meios de terceiros.

É o caso, por exemplo, das celebrações litúrgicas transmitidas por cadeia de rádio ou por emissoras de TV, ou ainda de programas de evangelização que começam a surgir no Brasil.

93. Outra questão importante diz respeito ao tratamento da mensagem. Há uma tendência geral em se prescindir da linguagem própria de cada meio e das necessidades dos receptores, produzindo-se mensagens para os mais variados veículos com o uso de linguagens inadequadas. A tendência geral é o uso do discurso retórico-acadêmico. Os principais esforços em mudar esta pedagogia do uso dos meios têm-se verificado principalmente no rádio e nos médios e pequenos meios.

94. A Igreja, às vezes, prescinde, dificulta e se confronta com os profissionais da Comunicação no exercício de seu trabalho. Trata-se de uma desconfiança que encontra sérias razões históricas para se fundamentar, mas que não se justifica numa sociedade que se pretende aberta e democrática. As experiências de respeito ao trabalho dos profissionais têm produzido bons frutos pastorais. É o que se denomina "pastoral nos Meios de Comunicação".

Nesses casos fica claro a intenção da Igreja de não se servir dos profissionais apenas quando interessam a ela, mas de tratá-los como seres humanos, com sua dignidade, suas opções e sua busca de verdade.

95. O outro problema da Igreja é a dificuldade em lidar com a secularização dos Meios de Comunicação pluralista. Tal fato explica a tentação de recomendar, em alguns casos, a aplicação da censura por parte do Estado.

Em seu próprio trabalho, a Igreja mostra-se renitente em utilizar-se do trabalho profissional na área da comunicação, preferindo remediar situações com a contratação de amadores. Tal situação teria explicação num processo inicial de utilização dos meios. Com a Igreja, já no final do século XX, não há como aceitar esta prática, a não ser que se admita a precariedade de sua visão a respeito do fenômeno e das especifidades da comunicação social. No caso da comunicação através dos médios e pequenos meios, há que se prover a capacitação adequada dos agentes, para evitar o amadorismo que desprestigia os produtos a serem oferecidos aos públicos receptores.

O amadorismo é outra face séria do problema da Igreja em sua relação com os meios; ela se mostra renitente em investir no trabalho profissional numa área tão profissional como é a comunicação social.

Com o amadorismo nota-se também a improvisação, sobretudo nos meios próprios da Igreja.

Esta atitude denota bem a precariedade de visão do que a força e atuação da comunicação social hoje, força e atuação que só tendem a crescer com o desenvolvimento vertiginoso desta área da tecnologia.

96. Outra marca, que é uma tentação à qual sucumbe com frequência a Igreja, é considerar a notícia como um elemento catequético a mais, desconhecendo a natureza e a linguagem do fato jornalístico. Para muitos da Igreja só é notícia o relato que favorece a boa imagem da instituição e difunde a palavra oficial da hierarquia, esquecendo - se que pode ser notícia o sofrimento, a fragilidade, os problemas do povo, suas lutas e triunfos, e a própria fraqueza da instituição eclesiástica.

A dinâmica de uma catequese crítica e capaz de "ler" os acontecimentos será exatamente da "notícia passar à mensagem evangélica", que o evento comporta, denota ou revela, guardando a verdade dos fatos.

A práxis da Igreja é decorrente do próprio processo pelo qual a instituição vem se relacionando com o universo da Comunicação Social e decorre das opções dos católicos no campo das políticas de comunicação. Neste sentido, para o exame da questão aqui levantada, é necessário que se discuta em profundidade, justamente, o problema das políticas de comunicação na Igreja.

6. Pequenos Meios

97. Esta área da Comunicação em que a Igreja sobressai no país especialmente na experiência das Comunidades de Base onde, não apenas se vive uma nova maneira de comunicação interna como também para fora.

Realiza-se esta comunicação, chamada "alternativa", através de "boletins populares", seja litúrgicos ou não, "murais", "círculos bíblicos" e "cursos e treinamentos", tanto que, esta experiência tem sido objeto de reflexão, estudo e escritos mesmo por gente desligada da Igreja, bem como tem sido modelo para outras Igrejas da Amérida Latina.

98. Nos últimos anos houve uma explosão no uso dos médios e pequenos meios (MPM). No interior da Igreja, estes meios proliferam de um extremo ao outro do país, principalmente nos assim chamados Centros de Comunicação Popular.

O surgimento destes MPM deve-se à opção por uma comunicação dialógica e horizontal e à existência das CEBs, possibilitando a assunção da palavra pelo leigo. As comunidades de base proporcionaram a descoberta e a valorização dos pequenos meios como elementos fundamentais da pastoral.

99. Apesar disto, muitos dos MPM têm utilizado, em seus processos de produção, elementos de comunicação vertical e autoritária.

Por outro lado, nem sempre se utilizou uma metodologia adequada no emprego dos MPM. Portanto, eles não puderam alcançar a eficácia desejada nem tiveram seu potencial mobilizador plenamente desenvolvido.

Falta, ainda, um melhor conhecimento dos usos e mediações que os receptores dão aos MPM. Isto é, dado que a recepção não é unívoca, desconhecem-se os diversos tipos de uso que são dados aos MPM pelos receptores de suas mensagens.

100. Ultimamente se tem dado ênfase aos cursos de capacitação para a produção nestes meios. Busca-se a socialização do conhecimento adquirido nos centros superiores, para que o povo também possa veicular e difundir sua palavra.

Falta, entretanto, desenvolver centros de coordenação de socialização dos materiais produzidos, de capacitação. As experiências aínda estão isoladas e voltadas para si mesmas. Não há a compreensão de que o intercâmbio é fundamental para o prosseguimento do processo.

7. Comunicação e Educação

101. O relacionamento da Comunicação com a educação é um ponto que suscita muitas reflexões. Também aqui este relacionamento adquire diversas formas. Desde a utilização dos meios para a educação até a educação para os meios e para a Comunicação.

A Igreja, na sua história, sempre se preocupou com a educação. Faz parte de sua missão trabalhar na tarefa educativa.

No decorrer desta história, a Igreja se utilizou dos meios existentes, em cada época, para o trabalho educativo, trabalhando por exemplo, com o teatro, a música, a arquitetura, a pintura, a escrita, o rádio e os audiovisuais.

Em geral, esta utilização foi instrumental, dentro de uma concepção vertical de educação. Privilegiavam-se a mensagem e o conteúdo.

102. Na área da educação não formal houve esforços e experiências ousadas de uso dialógico e horizontal dos meios, principalmente o rádio (por exemplo, a experiência do uso do rádio no projeto do Movimento de Educação de Base - MEB - de alfabetização de adultos à distância).

Na mesma área da educação não formal, verifica - se que nos últimos anos houve esforços de associação, centro de comunicação e editoras no sentido de produzir e divulgar textos, cartilhas, pequenos livros, material audiovisual para a capacitação de agentes culturais na área da comunicação.

103. No campo da educação formal constata-se que permanece uma dicotomia entre seu projeto pedagógico institucional e as novas exigências e possibilidades trazidas pelos modernos meios. Isso leva a um distanciamento entre Escola e os meios.

Deste modo, a Escola não costuma levar em conta que os MCS influenciam a estrutura mental, tornando-a mais intuitiva, ágil, existencial, fragmentada, icônica e, para os padrões tradicionais, superficial.
Esta nova realidade traz conseqüências, tais como:

- O condicionamento da capacidade de aprendizagem à linguagem audiovisual;
- A criação e dificuldade para o aprofundamento de idéias e conceitos que exijam a elaboração de conceitos teóricos;
- O reforço a determinados modelos de comportamento, destacando-se o continuado apelo ao individualismo e ao consumismo, fato que reduz o necessário convite ao diálogo e à solidariedade;
- Neste sentido, o próprio relacionamento com a sociedade acaba sendo condicionado;

104. Devido a esta dicotomia entre Comunicação e Educação a maioria dos professores, dos pensadores e autores desconhecem as possibilidades do uso da linguagem dos meios para tratar conteúdo escolar, teológico ou pastoral com seriedade. Há um verdadeiro preconceito neste sentido, fruto exatamente do pouco desenvolvimento de experiências do uso destes meios na educação.

É fácil, então, jogar sobre os meios de comunicação social a responsabilidade da não-educação do povo ou de sua "des-educação", bem como a perda dos valores culturais do país, assim como criticar o surgimento da chamada "cultura de massa".

8. Liturgia de Rádio e Televisão

105. A Igreja no Brasil vem refletindo sobre a dimensão eletrônica da Liturgia e o aspecto litúrgico dos Meios de Comunicação Social, desde 1972. Porque esses Meios dão um novo alcance à participação, nova experiência à comunhão e levantam toda uma problemática sobre a presença. Essas reflexões foram promovidas pelo Setor de Liturgia e pelo Setor de Comunicação da CNBB, que realizaram cinco Encontros Nacionais , alguns deles assumidos pelo Conselho Episcopal Latino-americano. A motivação dessa caminhada foi a busca da integração do código de Rádio e TV com a linguagem da Liturgia. As conclusões são inéditas na Igreja Universal e já publicadas na Coleção 'Estudos da CNBB' e também, numa síntese de todos os Encontros, pelo Departamento de Liturgia do CELAM.

106. O 1º Encontro, realizado em Apucarana, com 62 participantes de 10 Estados do Brasil, fez uma distinção fundamental. Concluiu que Liturgia no Rádio, Rádio na Liturgia e Liturgia de Rádio, são coisas bem diferentes. Pois, Liturgia na TV, é a celebração que vai ao ar, sem que os celebrantes dêem a mínima atenção ao equipamento de televisão, simplesmente desconhecendo o código daquele veículo. Televisão na Liturgia é o contrário, a realização de um programa de TV, sem que as imagens reforcem e expressem o que de fato se celebra, desrespeitando todas as normas litúrgicas. Por isso, que êsse 'de' é importante para caracterizar, que essa Liturgia vai realizar toda a linguagem própria do Meios que se está utilizando para a oração oficial da Igreja. Daí que jamais se pode celebrar Liturgia de Rádio, como de Televisão, sem 'script', o roteiro em que tudo está previsto na área de áudio e vídeo.

107. As conclusões do Encontro de 1972 são clássicas, porque com fundamentação litúrgica e indicações técnicas para Rádio e TV, foi montado o roteiro para se produzir e apresentar missa nesses grandes Meios. Foi nesse Encontro que se levantou a problemática da 'Assembléia Eletrônica', tema do último seminário realizado em 1985. Em 1974, tratou-se da celebração de rádio e televisão dentro do Ano Litúrgico, com as características eletrônicas próprias. O 3º Encontro, de 1976, aprofundou a inserção dessa Liturgia com tanto alcance e técnica, dentro da Pastoral Orgânica. Concluiram que, como tudo o que se comunica através dos grandes Meios, também a Liturgia de Rádio e TV deve servir de expressão, suporte e animação da Pastoral Org ânica e da caminhada do Povo de Deus. Em 1981, o 4º Encontro debateu a comunhão a participação e a opção pelos pobres, que eram temas recentes de Puebla, dentro dessa programação da Liturgia de Rádio e TV.

108. Esses Encontros deram orientações práticas e bem fundamentadas para essa celebração. Por exemplo, jamais poderá ser gravada, em vídeo ou em áudio. Seria enganar o telespectador, transmitir uma missa gravada pela TV. Aliás, seria mais uma reportagem sobre o que se celebrou, do que realmente uma celebração viva, ao vivo, que faz o telespectador participar. Gravada, não é verdade, é documentário. Não acontece aquele vínculo da presença 'eletrônica' , que constitui a comunidade celebrante.

109. Os grandes Meios têm um código, imagem na televisão e som no rádio, que fortalece os ritos, a palavra, os gestos, os objetos, as pessoas, suportando a idéia central e colocando a vida dentro da celebração. Por isso, que essas missas são verdadeiros programas de rádio e televisão. Devem ser bem preparadas, desde aquele que preside, os que irão proclamar a Palavra, cantar. Essa Liturgia pode ser bastante enriquecida e dar uma dimensão missionária e evangelizadora à oração.

110. Esses encontros conseguiram reunir por mais de quinze anos um grupo de comunicadores e liturgistas, que se tornaram amigos entre si e profundamente comprometidos com a Pastoral da Comunicação na Igreja do Brasil. A Campanha sobre Comunicação poderá criar essa Fraternidade entre os Agentes de Pastoral da Comunicação, para que a Liturgia em nosso país seja de fato 'comunicação' e se for através dos grandes Meios, também verdadeiros programas de rádio e de televisão.

II PARTE : JULGAR

111. Comunicar-se é humano: é condição inerente ao ser humano, desde sua criação. O desenvolvimento tecnológico potenciou a comunicação a limites inacreditáveis. Em busca de critérios para reger sua comunicação com os semelhantes no dia a dia, na sociedade e na Igreja e o uso que faz dos modernos MCS, o cristão procura considerar a realidade humana e a revelação de Deus. Só à luz do plano de Deus inscrito em sua natureza e manifestado nas Escrituas, o cristão será capaz de comunicar-se na verdade, criando paz, e usar os meios fornecidos pelo progresso tecnológico no sentido de propagar a verdade e alicerçar a paz.

112. É, pois, a partir do projeto de Deus que se procurará agora julgar a comunicação dos cristãos na sociedade e na Igreja, e o uso que fazemos dos MCS.

113 1. O ser humano é um ser de comunicação

"Homem algum é uma ilha". O ser humano nasce da comunicação de amor entre seus genitores e nasce para dentro de um mundo já existente, já constituído. Dele recebe estímulos, informações, conteúdos e assim se irá constituindo a personalidade de cada um. Cada qual, por sua vez, reagirá a esses estímulos, dando sua contribuição ao mundo que lhe é oferecido. Nessa inter-ação, nessa ação mútua entre as pessoas e delas sobre o mundo, o ser humano se vai realizando, se vai tornando ele mesmo. Como ser social, o ser humano é ser de comunicação.

114 Essa característica não nega a individualidade humana. Pelo contrário, a fundamenta. De fato, o ser humano não é ele mesmo, apesar de social e apesar de gerar e encontrar identidade na comunicação com os outros. Antes, é justamente na comunicação que o ser humano se afirma e é reconhecido como ele mesmo, ou seja, em sua liberdade.

115 A liberdade define o ser humano. Ora, liberdade não é simplesmente escolher entre isso ou aquilo, entre o bem e o mal. Liberdade é abertura. Uma abertura infinita que caracteriza o ser humano. Enquanto os animais estão predeterminados pelo instinto e reagem necessariamente da mesma maneira ao mesmo estímulo, o ser humano não. Ele está aberto a infinitas possibilidades para realizar-se. Mas essa abertura só chega a sua plenificação, quando satisfeita por outro ser que tenha a mesma abertura radical. Só a outra liberdade (humana ou divina) é capaz de saciar a liberdade, de satisfazê-la. Como ser livre, o ser humano é abertura ao outro. Quando escolhe reconhecer a outra liberdade como igual a si, só então é livre, realiza plenamente sua liberdade. O amor é a forma mais plena de liberdade. Amor que é o reconhecimento do outro como igual a mim, mas distinto de mim.

J6 Afirmar que o ser humano se realiza no amor, equivale a dizer que ele se realiza na comunicação de si mesmo ao outro e do

outro a si mesmo, na comunicação mútua. E nessa comunicação se realiza a liberdade.

116 O processo, pelo qual se propicia a todos os homens e mulheres o reconhecimento mútuo de sua dignidade e liberdade, é o processo de libertação. Participar dele é criar comunicação livre de dominações entre todas as pessoas.

J8 Ora, a liberdade é não só o que identifica cada ser humano em sua individualidade, é também a meta da história. Como ser livre, que para tanto precisa comunicar-se ao outro, o ser humano é sujeito da história.

117 A liberdade é característica do ser humano como <u>ser pessoal</u>. Conhecemos as coisas, quando as dominamos, quando somos capazes de decompô-las, explicar seu funcionamento, recompô-las. Isso porque as coisas são inanimadas, mortas, sem liberdade. Elas estão aí e se oferecem a nosso conhecimento e domínio. Se lhes descobrimos as leis internas, podemos dominá-las sem que reajam contra. O ser humano, pelo contrário, como não é coisa, mas pessoa, só pode ser conhecido, se se dá a conhecer, se aceita entrar em comunicação com o outro. O conhecimento a nível pessoal é sempre também amor, confiança, porque comunicação mútua.

18 Como ser social, livre, pessoal, a comunicação entre os humanos só pode ser comunicação dialógica, horizontal, no respeito mútuo, sem dominações, apelando à liberdade do outro. Deus mesmo respeita essa estrutura que pôs na sua criatura: não se comunica impondo-se, mas apelando à liberdade, chamando o ser humano a que realize sua liberdade, abrindo-se ao amor infinito do Criador.

2. Deus cria uma história de comunicação

119 A história humana que é á luz da fé a história da caminhada de Deus no meio dos homens e das mulheres e destes rumo a Deus, começa num ato de comunicação: Deus cria o mundo e põe nele o ser humano, como seu representante para continuar sua obra (cf. Gn 1,1-2,4). Aprouve a Deus comunicar-se pela criação. "os céus contam a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos" (Sl 19,2). Sem palavras, a criação fala por toda parte, até os confins do mundo, do Criador (cf. v. 4s; Sb 13, 1-5). Por ela Deus comunica à humanidade seus dons e, em última análise, seu amor, comunica-se a si mesmo.

120 Mas é ao ser humano, sua imagem e semelhança, que Deus por excelência se quer comunicar. Ele é o ponto culminante da criação, segundo a narração sacerdotal (cf. Gn 1,1-2,4b). Aos humanos Deus submete todas as criaturas (v. 26). Mas Deus oferece mais ainda aos homens: sua amizade e convivência (cf. Gn 2,15; 3,8). Estabelece sua aliança com a humanidade (cf. Gn 9,8), escolhe um povo em que serão abençoadas todas as nações (cf. Gn 12,2-3).

121 A história deste povo serve de paradigma do amor de Deus a toda a humanidade. Ao embate dos acontecimentos, Deus se

vai revelando a ele, até chegar à afirmação de Javé como único Deus, Senhor da história (cf. Is 40-55).

122 Um dos pontos altos dessa comunicação de Deus a seu povo é a revelação de seu nome. O nome significa a própria pessoa. Pois bem, Deus se diz a si mesmo, como sinal de sua presença entre o povo. Javé significa "Eu sou o que estarei presente a vossa história" (cf. Ex 3,14). "Javé, Deus de compaixão e de piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade" Ex 34,6).

123 Javé não se comunica de forma genérica. Ele escolhe pessoas, chama-as e lhes dá uma missão: Abraão e Sara, Moisés, Josué, os juízes, Samuel, Davi, os profetas, os sábios, Judite, Ester... São instrumentos da comunicação de Deus a seu povo.

124 Toda essa ação comunicadora de Deus na criação e na história da salvação no povo de Israel visa a transmitir e realizar seu projeto salvífico, um projeto de comunhão entre as pessoas e delas com Deus. Esse projeto realiza plenamente os anseios que o Criador pôs em germe no coração humano ao criá-lo como ser social, como ser livre, que realiza sua liberdade ao acolher e respeitar a outra liberdade, como pessoa que encontra sua realização na abertura ao outro. Esse projeto se vai desvelando pouco a pouco até se comunicar definitivamente e irrevogavelmente em Jesus Cristo.

125 Em Jesus Cristo se revelará então a raiz última de toda comunicação e, com isso, o critério último para julgar toda comunicação: Deus em si mesmo é comunicação, porque é Trindade. Deus é a comunicação no eterno diálogo entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O Pai comunica todo seu ser ao Filho e pelo Filho e com o Filho ao Espírito Santo. E o Espírito Santo se volve com todo seu ser ao Pai, com o Filho e pelo Filho, de forma que há comunhão perfeita de pessoas, comunicação total de cada pessoa às outras duas.

126 Um antigo credo trinitário expressa de forma muito feliz essa comunicação inefável: "A clemente Trindade é uma só divindade... O Pai Deus e o Filho Deus e Espírito Santo Deus não dizemos serem três deuses, mas com toda piedade confessamos ser um só. Porque ao nomear as três pessoas, com católica e apostólica voz professamos ser uma só substância... Três nem confundidos nem divididos, mas tão distintamente unidos como unidamente distintos... iguais pela divindade, co-semelhantes pela majestade, concordes pela Trindade, partícipes da claridade. De tal modo são uma só coisa, que não duvidamos de que são também três; de tal modo três que confessamos não poderem separar-se entre si. De onde não há dúvida que a injúria de um é afronta a todos, porque o louvor de um atinge a glória de todos" (DS 73).

127 A fé trinitária expressa nesta profissão de fé do séc. V-VI mostra na comunicação intradivina aquilo que é o ideal da comunicação humana. A comunicação na verdade que de fato conduza à paz, será aquela em que se puder dizer com o credo "Clemens Trinitas": os seres humanos vivem "concordes pela comunidade, nem confundidos nem divididos, de tal modo que o bem de um seja o bem

de todos, porque as necessidades e as esperanças de um atingem as necessidades e esperanças de todos". Ao contrário da sociedade em que vivemos, onde cada ser humano é como um lobo para o outro, o ideal a que nos aponta o mistério da vida intratrinitária é o de que a unidade entre as pessoas provenha exatamente do fato de serem diferentes e respeitadas em sua diversidade. Assim como a Trindade não é concorde apesar da Trindade, mas "concorde pela Trindade", assim também a comunicação verdadeira que traz a paz é aquela em que se respeite a diversidade das pessoas.

3. O pecado rompe a comunicação

128 O grande empecilho que o ser humano põe ao projeto de Deus é o pecado. Ele é fechamento em si, é incomunicação. "Amor de si até chegar ao desprezo de Deus" (Agostinho). Pelo pecado o ser humano se encapsula em si mesmo, fechado na ausência de comunhão com Deus e com os irmãos. Quer por si mesmo se encontrar, fazendo dos outros meros instrumentos seus, estabelecendo com os outros uma comunicação vertical, impositiva. Por isso, o pecado impede a comunicação com Deus e os irmãos. Mais ainda, o pecado é incomunicação, porque "comunicação" sem diálogo não comunica.

29 Pecado diz culpa pessoal, ato e atitude de um ser humano individual. Mas há outra dimensão do pecado que convém não esquecer. Toda ação humana é criadora de uma ordem da realidade, é criadora de estruturas que permanecem, de efeitos que duram, mesmo que a ação que as criou, já pertença ao passado. Por suas ações o ser humano cria um mundo que é conforme tiverem sido seus atos.

130 Assim é também com o pecado. Seus efeitos permanecem conretizados em leis, costumes, modas, princípios. O ato pecaminoso passa, mas seu efeito fica, a estrutura de pecado que ele criou, a dominação que estabeleceu, o mundo de incomunicação gerado por ele. É o que se chama pecado social - o efeito do pecado permanece vivo na história que esse pecado gerou. E o pecado social multiplica os pecados pessoais, porque as pessoas vão entrando nessa história de pecado e ratificando-a, confirmando-a, consolidando-a. A incomunicação com Deus e com o irmão se torna coisa normal. "Todo o mundo faz assim". Será fácil seguir por aí, difícil mudar essa estrutura.

131 O pecado gera assim um mundo fechado, que não quer saber de Deus, nem do Reino, nem de sua justiça. O mundo do "cada um por si", onde "o outro é inferno para mim". O mundo da concorrência, em que se trata de vencer ao outro, em que o outro é sempre visto como perigo para mim, em que o "homem é lobo para o homem".

132 No horizonte desse mundo estruturado no pecado, onde a injustiça é institucionalizada, o ser humano também não se comuicará no diálogo, mas numa atitude de imposição, em que o poder procura prevalecer sobre a liberdade e a dignidade humanas. É a comunicação dominad

não se realiza na verdade e segundo a verdade do ser humano, ela não contribui para a paz, pois "a paz é resultado da justiça" (Is 32, 17, lema de Pio XII).

4. Os profetas reconduzem o povo à comunicação

133 Em meio ao mundo criado pelo pecado pessoal e estruturado no pecado (pecado social), Deus chama pessoas que falem em nome dele, comuniquem seu juízo sobre o pecado: os profetas. Sua missão é restaurar a aliança, restabelecer a comunicação de Deus com os seres humanos e destes entre si, pois o verdadeiro culto a Deus e a prática da justiça andam sempre juntos. São os dois compromissos básicos da aliança.

134 Os profetas exercem sua missão primeiramente denunciando o pecado: basicamente a idolatria e a injustiça. Idolatria é adorar o não-adorável, especialmente a riqueza, o poder, o prazer (cf. Puebla 491-506). No Antigo Testamento a riqueza e o prazer eram personificados em Baal, o deus das colheitas abundantes, honrado pela prática da prostituição sagrada; o poder era personificado nos deuses das grandes potências de turno, fossem elas Assíria, Egito ou Babilônia.

135 A injustiça é conseqüência da idolatria e expressão dela. Os senhores da terra, para terem maior produção, juntavam casa a casa e campo a campo até não haver mais espaço disponível até serem eles os únicos moradores da terra (cf. Is 5,8). O povo tinha que trabalhar mais para pagar tributo à grande potência de turno ou para alimentar os exércitos do rei, ou passava fome pela política dos grandes frente às potências estrangeiras.

136 Mas os profetas também anunciam que, apesar da idolatria e da injustiça que rompem a comunicação com Deus e com os irmãos, Deus continua a oferecer-se como dom, promete comunicação plena no futuro, comunicação garantida porque Deus mesmo transformará o coração humano.

137 Para transmitir a mensagem divina de rompimento e de restauração, os profetas são férteis em criar instrumentos de comunicação. Primeiramente a linguagem verbal, geralmente rica, abundante de metáforas, poeticamente inspirada. Há nas páginas dos profetas verdadeiras jóias da poesia universal.

138 Mas os profetas sabem que, por mais bela e cultivada, a linguagem verbal não é suficiente para sacudir os ouvintes. Por isso lançam mãos da linguagem não-verbal dos gestos simbólicos que visibilizam a mensagem de forma chamativa: os nomes simbólicos dos filhos de Isaías (cf. Is 7,3; 8,1-5); o jugo de madeira usado por Jeremais (Jr, cap. 27 e 28); a encenação do emigrante por Ezequiel (cf. Ez 12). Às vezes os gestos simbólicos atingem mesmo a vida dos porfetas: o casamento de Oséias (Os 1-3); o celibato de Jeremias (cf. Jr 16), a viuvez de Ezequiel (Ez 24,15ss). Os profetas são mestres numa comunicação que atinge seus contemporâneos.

5. Cristo é a perfeita comunicação do Pai

139 "Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer" (Jo 1,18). Com este versículo se poderia resumir a cristologia do Evangelho de João que apresenta, através de narrações e de discursos, a figura de Cristo, revelador do Pai. Por suas obras e palavras, Jesus dá testemunho do Pai (cf. Jo 3,11), assim como o Pai dá testemunho dele (cf. Jo 5,36s). Sendo um com o Pai (cf. Jo 10,30) é seu perfeito comunicador: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9).

140 Contemplando sob essa luz as obras e palavras de Cristo, revela-se aos olhos dos fiéis quem é o Pai.

141 J33 A ação de Jesus se caracterizou por sua solidariedade com o pobre, assumindo em sua vida a pobreza de seu nascimento e de sua vida oculta, amparando e curando o necessitado, vivendo pobre, pregando a Boa Nova aos pobres e fazendo disso a característica de sua missão (cf. Lc 4,18; 7,22), morrendo a morte dos oprimidos, crucificados injustamente. Assim Jesus anunciava plasticamente, historicamente que o Reino de Deus é dos pobres, oprimidos, marginalizados, e que o Deus do Reino ama preferencialmente o pobre, não por ser bom, mas por ser pobre, oprimido, por ter sido deixado de lado.

142 Para ser compreensível aos pobres, Jesus usa uma pedagogia acessível aos simples e pequenos (cf. Mt 11,25s; Lc 10,21s). Fala por parábolas, com exemplos da vida cotidiana. E fala principalmente por seus gestos de fraternidade e solidariedade com os últimos, mas enérgicos e denunciadores, claros, frente aos poderosos, possuidores da riqueza opressora, não-comunicada (ricos), do saber religioso excludente (escribas), da santidade elitista (fariseus).

143 Assim se Suas palavras foram "boa notícia" para uns, foram "má notícia" para outros. Estes logo começaram a persegui-lo, difamá-lo, conseguindo, finalmente, condená-lo à morte. E de nada adiantou que o Pai demonstrasse que estava a seu lado, através de múltiplos prodígios. Adiantou pouco, também, que o próprio Jesus se dispusesse ao diálogo, buscado de diversas maneiras e com as mais diferentes categorias de pessoas.

144 Na sua forma de comunicar-se, Jesus jamais manifestou o desejo de impor-se. Respeitou a liberdade de cada um de seus interlocutores; apoiou os pobres e marginalizados; denunciou os opressores; desmascarou várias engrenagens injustas; defendeu a solidariedade sem fronteiras, a exemplo de Deus, a quem tratava como Pai.

145 Por isso, no meio das perseguições, Jesus muda sua estratégia de Comunicação. Concentra seus esforços e sua atenção em seu "pequeno rebanho". Desta maneira forma os doze que, depois ~~sua comunidade de base e entrega-lhe tudo aquilo~~ de Ressurreição, constituirão a Igreja a quem confiará ~~dá-lhe um estranho conselho "Vai~~ a missão de construir outras tantas comunidades, levando a todo o mundo o seu Evangelho ("Boa Nova").

146 Chegado o seu momento, não se negou, todavia, à confrontação definitiva, mesmo que, para aceitá-la e vivê-la, tenha suado sangue. Foi torturado e executado como um bandido, sendo exposto como exemplo de um ser rejeitado por Deus e pelos homens.

147 Para expressar que Jesus era aquele que comunicava Deus à humanidade e restabelecia a comunicação desta com Deus, o NT chama-o "mediador entre Deus e o ser humano" (1 Tm. 2,5), "mediador de uma nova aliança" (Hb 8,6; 9,15; 12,24). Com essa expressão fica dito que Jesus, com sua vida, morte, ressurreição destruiu o grande estorvo na comunicação com Deus e com os irmãos: o pecado. Por sua obra redentora, podemos aproximar-nos "com segurança do trono da graça para conseguirmos misericórdia e alcançarmos graça, como ajuda oportuna" (Hb 4,16).

148 Por sua história, Jesus mostra o funcionamento correto da comunicação com Deus e com os irmãos num mundo estruturado no pecado: é dando preferência aos últimos, marginalizados, oprimidos, empobrecidos, para que, privilegiados no amor, possam de verdade encontrar seu lugar na comunidade humana de comunicação; é sendo profundamente livre frente a todas as estruturas que es-

magam o ser humano, mesmo as que pareçam mais sagradas, como o sábado, a lei, o templo.

149 Por fim é em sua pessoa mesma que Jesus se manifesta o perfeito comunicador: nossa fé professa, com o Concílio de Calcedônia, um e o mesmo Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, consubstancial ao Pai e consubstancial a nós, semelhante a nós em tudo, menos no pecado. A moderna teoria da comunicação encontra na estrutura do processo de comunicação três pólos que se conjugam para transmitir uma mensagem: o emissor, o canal e o receptor. Verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Jesus é ao mesmo tempo emissor e receptor da comunicação de Deus à humanidade e desta a Deus. É com isso também o canal e ele mesmo é a mensagem: "anunciamos a Cristo crucificado" (1 Co 2,23). "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6): o caminho (emissor), a verdade (mensagem), a vida (comunicação de si ao Pai e aos irmãos e, com isso, comunicação do Pai à humanidade).

6. Critérios de Jesus para a comunicação humana

150 A partir da atuação de Jesus, o cristão hoje pode tirar critérios que norteiem o modo de comunicar-se na vida cotidiana, quer na sociedade, quer na igreja, e também orientem no uso dos modernos MCS.

151 O primeiro critério são os pobres e a solidariedade cotidiana com sua causa e seus anseios, com seus direitos segundo o plano do Pai. Havia no tempo de Jesus muitas opções de vida que eram procuradas por fidelidade a Deus. Os fariseus apegavam-se cegamente à Lei. Os essênios fugiam para o deserto. Os zelotas provocavam sedição e violência. Os sumos sacerdotes buscavam o esplendor do culto e garantiam o poder e riqueza de suas famílias. Os saduceus procuravam um modo de viver possível na situação de dominação estrangeira, de forma a não perderem poder e riqueza. João Batista optara pelo rigor ascético.

152 Ao contrário de todos eles e sem negar o diálogo e a comunicação com eles, Jesus traça seu caminho no convívio com o povo simples, como missionário itinerante, que mostra a presença do Reino na sua solidariedade com os pobres, os marginalizados, os desprezados, a imensa multidão do povo.

153 A partir desse lugar social Jesus se dirige também aos "santos" e aos poderosos e aos ricos que por isso mesmo não o aceitam (ou só excepcionalmente).

154 Esse critério básico de Jesus está resumido no hino da Epístola aos Filipenses: "sendo de condição divina, não considerou como sua presa a agarrar o ser igual a Deus. Mas ele se despojou, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos

homens..., ele se abaixou, tornando-se obediente até à morte, e morte sobre uma cruz" (Fl 2,6-8).

155 Aqui aparece a encarnação em todo seu realismo: não apenas o esvaziamento da "condição divina", mas mesmo como ser humano, Cristo se esvaziou, "tomando a condição de servo".

156 Este resumo da comunicação de Deus à humanidade, em Cristo, remete à atitude do Servo de Javé, como modelo da comunicação para a verdade e a justiça, pois estabelecer o direito e a justiça é a missão do Servo (cf. Is 42,1). No exercício dela, a primeira característica do Servo de Javé é descrita assim pelo profeta: "Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a sua voz nas ruas; não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fumega" (is 42, 2-3; cf. Mt 13, 18-21: primeiro cântico do Servo de Javé).

157 É a negação de uma comunicação dominadora, pois procura valorizar o que há de positivo nas pessoas a que se dirige, mesmo que seja mínimo. A "cana rachada" ainda servirá para algo, a "mecha fumegante" ainda poderá dar fogo. Em vez de usar um poder que esmaga e se substitui aos demais, o Servo trata de comunicar-se no diálogo, no respeito aos outros. Aliás, bem de acordo com a natureza humana tal como Deus a criou.

158 Se desta forma confia nos irmãos, o Servo, no entanto, põe sua confiança no Senhor, pois os humanos decepcionam (cf. Is 49,4), mas Deus será a força do Servo (cf. Is 49,5: segundo cântico do Servo de Javé).

159 Essa confiança vai até ao extremo da docilidade e obediência, a ponto de não recusar as injúrias por fidelidade a Javé (cf. terceiro cântico, Is 50,4ss). E essa fidelidade vai mesmo até à morte (cf. quarto cântico: Is 52,13 - 53,12).

160 Jesus assumiu a "condição de Servo" até às últimas conseqüências. Como Servo, valoriza os últimos, os desprezados, pobres e marginalizados, as "canas rachadas" e "mechas ainda fumegantes" de seu tempo. E nesta solidariedade a eles, na confiança e entrega ao Pai, vai até o fim: morre também solidário com os últimos, vítima da injustiça, como todos os pobres de todos os tempos.

161 Também a autoridade de Jesus obedece à "condição de Servo". Não é autoridade de dominação, como a dos fariseus, escribas, saduceus e sacerdotes (cf. Mt 7,29). O NT usa mesmo duas palavras diversas para designar a autoridade verdadeira e a autoridade de dominação. A primeira é exousía; a segunda é arché ou kratos. Exousía expressa a liberdade frente a tudo que não seja direito e justiça. Por essa liberdade, quem tem exousía se impõe

por si a todos os que são abertos aos verdadeiros valores do Reino. Jesus fala com exousía, com autoridade e age também assim. Não como os chefes das nações que as mantém sob seu poder, nem como os grandes que as dominam (cf. Mc 10,12). A comunicação de Jesus não é, pois, autoritária - de cima para baixo -, mas cheia de autoriadade - conforme a verdade e a justiça, os valores do Reino que criam fraternidade. Por ser assim é a autoridade do Deus do Reino, que não precisa de força para dominar e para impôr-se, pois fala ao coração do ser humano, fala a partir das exigências intrínsecas plantadas no ser humano.

162 Esse tipo de comunicação se chocará com a comunicação própria ao mundo estruturado no pecado e as "autoridades" do mundo tentarão fechar a boca a Jesus, condenando-o à morte. Este é mais um critério da comunicação segundo o Espírito de Cristo: a perseguição e a morte, decretada pelos bem situados que detém o monopólio da comunicação.

7. Igreja, sacramento da comunicação de Deus

163 O destino de Jesus acompanhará sua Igreja, sempre que comunicar a Boa Nova em fidelidade ao Espírito de Cristo. Vivendo sob as condições da história, como Igreja santa e pecadora, onde se mesclam o "já" e o "ainda não", a Igreja vive dividida entre o seguimento de Jesus e o seguimento do mundo. E mesmo o seguimento de Jesus é vivido nessa ambigüidade de quem ainda peregrina longe do Senhor (cf. 2 Co 5,6). Não obstante a Igreja tem que ter sempre diante dos olhos, como ideal a norteá-la, o que ela é: sacramento da comunicação de Deus à humanidade. Ela é tal por ter brotado do lado aberto do Crucificado (cf. J 19,34) e por ser comunhão de comunidades.

164 Ressurgindo dentre os mortos, o Crucificado vem ao encontro de seus discípulos e reúne a grei dispersa pelo escândalo de sua morte (cf. Mc 14,27s). Eles passam a constituir o núcleo da Igreja, testemunhas da Ressurreição que, animados pelo Espírito, passarão a levar adiante por obras e palavras a causa de Jesus. Pela vida, morte e ressurreição de Jesus, o Pai a convocou, para, animada pelo Espírito, comunicar à humanidade os dons de seu amor.

165 A Igreja é comunhão, comunidade. Comunhão de pessoas (cf. At 2,42ss), comunhão de comunidades (cf. LG 26). Ora, comunhão é a forma mais profunda de comunicação, pois é comunicação de si mesmo. No caso, a comunhão entre pessoas e comunidades se dá por força da comunicação de Deus à humanidade e em vista de viver e levar adiante a mensagem de Jesus. A comunhão entre as pessoas se dá na ajuda mútua, no apoio de uns aos outros, na celebração comum. Entre as comunidades, a comunhão - comunicação sedá através de visitas, cartas, apoio à comunidade que sofre penúria ou perseguição, enfim, na solidariedade.

166 Não que tenha sido fácil realizar esse ideal, não que não houvesse polêmica entre eles, como a de Paulo (um convertido) com Pedro (a maior autoridade dos cristãos) contada pela Epístola aos Gálatas, 2,11. O diálogo resolvia os impasses. Um diálogo fraterno, sincero e profundo.

167 Lucas testemunha nos Atos dos Apóstolos dessa solidariedade vivida na Igreja de Jerusalém: "assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações" (At 2,42), "reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um" (v. 45). "A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma" (At 4,32).

168 A comunicação de si mesmos e do que tinham, ao interior da comunidade, era vivida também na relação das comunidades entre si. A fome que assolou a Judéia, no tempo de Cláudio, suscitou a solidariedade da Igreja de Antioquia: "Decidiram então os discípulos, cada um segundo suas posses, enviar contribuições em ajuda aos irmãos que moravam na Judéia" (At 11,29).

169 E Paulo, em várias de suas cartas, sublinhará a importância da coleta que faz em benefício da Igreja de Jerusalém: Rm 15,26-28; Gl 2,10; 2 Co 8-9; At 24,17. A comunicação de si mesmos na ajuda econômica retribui a comunicação do Evangelho que lhes veio de Jerusalém (cf. Rm 15,27).

170 Com isso passamos ao nível primordial de comunhão que dá sentido à Igreja: a solidariedade proveniente da comunicação do Evangelho. O imperativo de comunicar a fé a quem ainda não a recebeu (cf. 1 Co 9,16), o consolo de confirmar na fé quem já a acolheu (cf. Rm 1,11s), levam o apóstolo a anunciar o Evangelho e incansavelmente percorrer o mundo então conhecido.

171 Ao mesmo tempo que exemplo de ímpeto comunicador, Paulo é também modelo no método de evangelizar, na maneira como comunicar a Boa Nova: fazendo-se tudo para todos. "Para os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus... Para os que estão sujeitos à lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei... Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz como se vivesse sem a lei... Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos" (1 Co 9,20-22).

172 O método de comunicação adotado por Paulo é,pois, o de apresentar o Evangelho como resposta aos problemas que as pessoas concretas têm. As melhores respostas se tornam desinteressantes, se não há uma pergunta a que elas respondam. Para que o receptor acolha a mensagem é preciso que o emissor saiba apresentá-la como um valor, uma resposta a suas questões vitais.

173 Além de comunicar o Evangelho com ações solidárias e com palavras, a Igreja o comunica, celebrando o dom de Deus em Cristo atuante entre nós pela força do Espírito. É outra forma de comunicação: por meio de gestos simbólicos, na alegria da festa,

a mensagem atinge as camadas mais profundas da comunidade e de seus membros, a nível do inconsciente, da emoção, do afeto.

174 Seu ser de comunicação a Igreja realiza na ambigüidade do presente e na esperança da plenitude escatológica futura. Ela já realiza o que é: comunhão, comunicação com Deus e com os irmãos, instrumento de comunicação de Deus à humanidade, mas não o realiza ainda em plenitude. O pecado da Igreja cria obstáculos á comunicação em todos os níveis. Daí a necessidade de constante conversão - para o que o tempo da Quaresma é o tempo por excelência -, revisando sua efetiva comunicação a partir do critério de toda comunicação que é a autocomunicação de Deus à humanidade. Ora, Deus se autocomunica para implantar o seu Reino, uma ordem nova de coisas onde reine a fraternidade e a justiça, porque Deus é Pai.

175 Assim a Igreja precisa aplicar a si própria os critérios de comunicação de Jesus, antes de aplicá-los à ordem vigente na comunicão e nos MCS.

8. A comunicação na Igreja à luz dos critérios de Jesus

180 Os critérios de Jesus quanto à comunicação, que a Igreja, lutando contra seu pecado e concupiscência, tentou realizar desde as origens, poderiam resumir-se em: 1. dar voz e vez aos pobres; 2. impôr-se não pela força da persuasão humana, mas pela força do Espírito que é verdade e justiça; 3. opôr-se ao espírito do mundo que é espírito de dominação e de poder opressor; 4. perseverar na perseguição, enfrentando inclusive a morte. Tudo isso enraizado no amor ao Pai, o Deus do Reino, que por seu Filho Jesus Cristo e pela ação do Espírito Santo mostra qual o ideal da Igreja, "multidão reunida pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (São Cipriano, De orat. dom. 23: PL 4, 553, citado na Lumen Gentium 4).

181 No contexto de renovação quaresmal, em que se coloca a Campanha da Fraternidade, a comunicação interna da Igreja para chegar a realizar esse ideal certamente é o aspecto que mais exige coragem para mudança e conversão. De fato, neste ponto se enfrentam questões vitais para a própria natureza de comunhão e caridade na Igreja: autoridade e serviço, instituição e Povo de Deus, dogma e espaço de expressão, hierarquia e laicato, ortodoxia e pastoral, Igreja no conjunto do país e dioceses, recursos para comunicação social e pobreza, formação de agentes internos de comunicação e relação com o mundo.

182 Os pobres como critério da comunicação interna da Igreja em primeiro lugar dão uma lição evangélica através das CEBs em que se vive uma comunicação não dominadora, no respeito ao outro, na acolhida ao "menor dos irmãos", como espaço onde adquirem

consciência de sua dignidade aqueles que na sociedade envolvente são desprezados como "cana rachada" ou "mecha ainda fumegante". Através da prática dos pobres nas CEBs, Jesus continua a evangelizar a Igreja toda, incentivando a que procure comunicação semelhante em todos os níveis.

183 Segundo os critérios de Jesus, a Igreja é exigida a voltar-se a esses pobres e reestruturar-se a partir das CEBs, como Igreja de comunhão e participação, onde as "canas rachadas" se tornem moirões e estacas, onde as "mechas apenas fumegantes" descubram o fogo que podem acender.

184 Na Igreja, reestruturada a partir das CEBs, se redescobrirá novo modo de exercer a autoridade, mais de acordo com a recomendação de Jesus (cf. Mc 10, 42ss). A autoridade baseada na comunhão e que surge a partir da comunhão. Autoridade que é em primeiro lugar submeter-se ao próprio Cristo, única autoridade na Igreja, que por seu Espírito fala, soprando onde quer. Autoridade preocupada primeiramente em não extinguir o Espírito (cf. 1 Ts 5,19). Autoridade que não julga saber tudo, mas com modéstia exerce seu carisma de "presidir a unidade na caridade" (Santo Inácio de Antioquia aos Romanos), discernindo tudo e incentivando o que é bom (cf. 1 Ts 5,21). Autoridade que não vá atrás do rebanho, como alheia a seu movimento; nem na frente, como quem predetermina o caminho que o Espírito vai fazendo descobrir; mas no meio, como quem procura sentir os anseios do rebanho, perceber seus movimentos para discerni-los, porque o único Pastor é Cristo a quem todos obedecem e que fala a todos e cada um. Autoridade que se exerce "não por coação... nem por torpe ganânica, nem como senhores..." (1 Pd 5,2). Autoridade, enfim, que aceita as conseqüências da fidelidade a Cristo até a perseguição e a morte (como vários bispos brasileiros que já sofreram injúrias por sua identificação com as alegrias e esperanças, dores e tristezas de seu povo; como Dom Oscar Romero que morreu por esta causa).

185 Julgando a Igreja a nível local com os critérios de Cristo, contribui-se também para a conversão da Igreja a nível nacional, continanetal e universal. Neste âmbito, os critérios de Jesus convidam a realizar a comunhão e participação a partir das Igrejas locais, especialmente daquelas mais pobres e/ou mais perseguidas pela causa do Reino, pois nelas especialmente se está mais próximo do seguimento de Jesus. Olhando para as Igrejas pobres e perseguidas, a Igreja nacional, continental e universal estará ouvindo o que o Espírito diz às Igrejas (cf. Ap 2,7) no concreto da situação histórica de cada uma e do conjunto.

186 O espírito do Servo de Javé vale também para a comunicação e o exercício da autoridade entre as Igrejas e destas com a Igreja de Roma que "preside na caridade" (cf. Santo Inácio de Antioquia aos Romanos). Não o poder, nem a inveja, nem as idéias

187 O primeiro direito, à informação, deve ser ampliado e concebido como direito à comunicação. Este é derivado do direito de ser pessoa (cf. "julgar", 1) e do direito de construir uma sociedade justa e equitativa; é derivado do direito à solidariedade e à participação.

188 Mas para que haja verdadeira comunicação e esta construa uma paz duradoura, todos e cada grupo social terão o direito de ser sujeito de seus próprios processos de comunicação. Nenhum grupo poderá pretender falar em nome de outro. Todo grupo humano deverá poder participar na produção de bens simbólicos, não apenas os detentores de capital ou de poder.

189 Como exercer na prática esse direito, é questão a ser discutida pela sociedade e pelos interessados, com especial participação dos que até hoje tem sido marginalizados dos processos de comunicação vigentes.

190 O segundo direito é o direito de opinião. À luz dos [illegible]

1. O direito de cada pessoa de formar sua própria consciência crítica e no correspondente dever da sociedade e especialmente das comunidades cristãs de possibilitar e favorecer esta formação para que todo cidadão tenha condições de receber adequadamente e com liberdade as mensagens a ele dirigidas.

2. O direito de proteger-se de informações manipuladas, distorcidas ou errôneas - o que supera o simples "direito de resposta" (cf. Communio et Progressio nº).

3. O direito de proteger-se contra a divulgação de matérias que atentam à dignidade da pessoa humana, como pornografia, racismo, discriminação religiosa ou política, ideologias totalitárias de direita ou de esquerda...

4. O direito de participar na elaboração de políticas de comunicação estabelecidas pelo Estado.

5. O direito de participar na formação da opinião pública, criando-se condições para todos os segmentos da sociedade se manifestem e sejam ouvidos sobre o que lhes diz respeito.

191 O direito ao pluralismo cultural à luz dos critérios de Jesus deve incluir:

1. O direito das culturas locais ou marginalizadas à sobrevivência e ao desenvolvimento, evitando o processo de uniformização cultural com a inevitável eliminação das culturas regionais ou a redução de sua capacidade de expressão.

2. O dever concernente aos MCS de fazer emergir e de discutir os grandes problemas que afetam as maiorias, buscando soluções que satisfaçam os interesses populares e não apenas os interesses do Estado e das grandes corporações.

3. A formação de monopólios e oligopólios reduz, substancialmente, o direito à livre iniciativa. Portanto, deve ser combatida. Uma ação concreta e necessária é o estabelecimento de critérios sociais na distribuição das verbas publicitárias, garantindo-se a todos os veículos de comunicação que atendam a um mínimo de exigências de qualidade estabelecidas por lei a suplementação indispensável à sobrevivência. Este fato ampliará as possibilidades de pluralismo e reduzirá o compromisso dos veículos com os anunciantes.

192 O direito à livre iniciativa recebe, dos critérios de Jesus para a comunicação, as seguintes contribuições:

1. O direito à livre iniciativa, decorrente do direito à informação, deve ser garantido, não, porém, sem resguardar o direito da comunidade em fiscalizar o uso social que se faz dos meios de comunicação.

2. Para que este princípio seja efetivo, tem-se que dar condições para que as classes populares tenham possibilidade de promover seus próprios meios de comunicação.

3. A formação de monopólios e oligopólios reduz, substancialmente, o direito à livre iniciativa. Portanto, deve ser combatida. Uma ação concreta e necessária é o estabelecimento de critérios sociais na distribuição das verbas publicitárias, garantindo-se a todos os veículos de comunicação que atendam a um mínimo de exigências de qualidade estabelecidas por lei a suplementação indispensável à sobrevivência. Este fato ampliará as possibilidades de pluralismo e reduzirá o compromisso dos veículos com os anunciantes.

193 A Carta aos Comunicadores (São Paulo: Ed. Paulinas, 1984, p. 16) resume bem como a Igreja seguirá os critérios de Cristo na sua comunicação: ouvindo o clamor do povo. E só o ouvirá, "se estiver profundamente inserida dentro da vida do povo, assim como fez Jesus Cristo. A Igreja só realiza essa comunicação na medida em que mergulhar no povo, na sua cultura, nos seus fracassos, nas suas lutas, nas suas vitórias; romper com a comunicação dominante, que está a serviço dos poderosos e é utilizada para manter a situação; acompanhar, apoiar e trabalhar em função das lutas populares; articular essa comunicação libertadora com a comunicação dos demais grupos interessados na libertação dos pobres de nosso país".

194 A aplicação dos critérios de Jesus na comunicação dento da Igreja é, pois, muito comprometedora, exige profunda conversão, é mais difícil que falar dos MCS. mas é o que dará à Igreja autoridade para aplicar os mesmos critérios nos MCS.

9. Os princípios de comunicação vigentes à luz dos critérios de Jesus

195 Cabe agora iluminar os princípios liberais da comunicação (cf. "ver", III) com os critérios de Jesus. O resultado será perceber a necessidade de reformular os princípios da comunicação. Deverá dar-se razão à UNESCO quando propugnava uma nova ordem mundial da informação e comunicação (NOMIC).

Daí a advertência do Papa João Paulo II, no discurso à UNESCO: "Os Meios de Comunicação não podem ser meios de domínio sobre os outros, por parte dos agentes do poder político e por parte das potências financeiras que impõem o seu programa e os seus modelos" (João Paulo II , Col. D.P. nº 198, n.16).

Falando aos membros da União Católica Internacional da Imprensa (UCIP), em setembro de 1980, o Papa João Paulo se referiu expressamente ao problema da NOMIC: "Vós estais preocupados com uma nova ordem mundial da informação e da comunicação. O assunto não é estranho à Igreja, que deve dele participar".

Na Conferência da UNESCO, 1983, Mons. Angelo Felici, representante da Santa Sé, voltou a apoiar a NOMIC nestes termos: "A Delegação da Santa Sé deseja manifestar todo o seu apreço pelos esforços da UNESCO, consideráveis e inovadores em muitos aspectos, no assunto tão complexo da NOMIC, bem como quanto às iniciativas muito diversas que tendem a formar e a sintetizar o programa da Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação" (Osservatore Romano, ...)

10. O fenômeno moderno da comunicação segundo o Magistério da Igreja

196 Pio XII reconheceu a importância da Opinião Pública, sobretudo no discurso preparado para a conclusão do Congresso Internacional de Imprensa Católica (Roma, 16-19 de fevereiro de 1950), que não chegou a ser pronunciado por ter o Papa adoecido, mas que, publicado e entregue aos congressistas, teve vasta repercussão. Nele encontramos frases como estas: "Na verdade, onde não funciona livremente a opinião pública, a paz está em perigo" (n.45); "A Igreja é um corpo vivo e faltaria alguma coisa em sua vida se lhes faltasse a opinião pública, e desta falta seriam culpados os pastores e os fiéis (n. 46) (E. Baragli, Comunicazione, Comunione e Chiesa, Roma 1973, p.582).

O Concílio Vaticano II, pouco depois, ensinou a necessidade de liberdade de pesquisa, de pensamento e de expressão (cf. Gaudium et Spes 62; 73).

197 O Concílio Vaticano II, ao insistir na comunhão que deve haver entre os cristãos e destes com todo o mundo circundante, implicitamente falava da comunicação viva, sem a qual não pode haver comunidade. Ora, a Igreja se define como uma comunidade. Isso vem tão belamente expresso no primeiro parágrafo do documento sobre a Igreja no Mundo de Hoje: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e dos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração " (Gaudium et Spes, 1).

198 O Concílio Vaticano II produziu um documento específico sobre a comunicação: o decreto Inter Mirifica, publicado em dezembro de 1963. Este documento marca época por reconhecer definitivamente o direito à informação, por criar a autonomia pastoral para a área de pastoral da Comunicação, por incentivar o uso dos Meios de Comunicação na Evangelização e por recomendar a necessidade de se promover a educação crítica dos receptores das mensagens.

199 Nunca é demais repetir que, para a Igreja, não há pessoas anônimas. Mas "pessoas concretas e irrepetíveis, que devem ser reconhecidas e respeitadas como tais" (João Paulo II, Mensagem para o XVIII Dia Mundial das Comunicações, 1984).
Ora, muitas vezes, a consciência - em vez de incentivada - é transtornada pela Comunicação Social "fazendo aparecer como reinvidicações de direitos aquilo que, na realidade, deles é atropelo flagrante (Paulo VI, Mensagem para o IX Dia Mundial das Comunicações, 1976).

200 Daí a necessidade de normas nacionais e internacionais que, no seu cumprimento, protejam o homem e lhe dêm maior possibilidade real de "por reflexão própria, julgar os assuntos à luz da verdade, organizar suas atividades com senso de responsabilidade, se esforçar por secundar tudo o que é verdadeiro e justo, associando com gosto o próprio trabalho ao dos outros" (Decreto Dignitatis Humanae, 8).

201 Vários temas se conectam com o problema ético, como, por exemplo, a dignidade humana, tantas vezes ferida pela pornografia e pela apologia da violência; o desenvolvimento integral do homem, como ser individual e social ; a honestidade, tantas vezes substituída pelo utilitarismo; a verdade, que liberta, dá segurança e fundamenta a paz.

II. A RESPONSABILIDADE ÉTICA DO COMUNICADOR CATÓLICO NA AL

1. O comunicador católico na América Latina enfrenta, entre outros, os seguintes riscos:

a) no plano pessoal, considerando a sua proximidade com o poder, ele é tentado a se deixar corromper pelo poder, colaborando na manipulação da opinião pública;

b) o comunicador se vê tentado ao burocratismo profissional pelo uso indiscriminado de *press-releases* com risco de não mais criticar a matéria-prima da notícia, deixando assim de fazer uma comunicação libertadora;

c) outro risco é o orgulho intelectualista pelo qual o comunicador profissional substitui a voz do povo, acorrentando a alma das massas (cf. João Paulo II em Salvador da Bahia, 1980), e se julgando superior aos demais trabalhadores;

d) ceder ao consumismo e favorecer o luxo e a acumulação de riquezas também é outra tentação para o comunicador católico na América Latina;

e) corre, também, paradoxalmente, o risco da desinformação quanto à própria ação da Igreja, cedendo aos preconceitos difundidos pela indústria cultural a respeito da autêntica atuação da Igreja em sua missão libertadora;

f) chegar à autocensura, imposta por medo às represálias e castigos subseqüentes, entre outros, a perda do emprego de forma definitiva;

g) outro risco seria o condicionamento ou submissão ao meio, renunciando aos seus princípios e acomodando-se ao mesmo meio em que deve desenvolver-se.

2. Colocam-se hoje estas principais exigências éticas para o jornalista católico na América Latina:

a) apoiar os movimentos populares que lutam por conseguir uma sociedade mais justa e mais humana, à luz de Medellín e Puebla;

b) imprimir uma linha libertadora à sua tarefa jornalística, dando voz aos que não têm voz e vez aos que não têm vez;

c) propugnar, nos casos em que seja necessário, uma urgente revisão na linha editorial da publicação em que trabalha, colocando, como ponto de partida, os setores marginalizados da sociedade latino americana;

d) participar ativamente das lutas dos demais jornalistas, cristãos e não-cristãos, em favor da justiça;

e) apoiar o Povo de Deus — seus bispos, sacerdotes, religiosos e leigos — no esforço de encarnação do Evangelho na realidade latino-americana;

f) somar-se à luta pelo homem novo, na construção de uma nova sociedade, segundo o Documento de Puebla;

g) além de ser fiel às exigências da verdade, respeito à privacidade, à ordem baseada na justiça e da moral pública quando baseada nos valores evangélicos, deve o comunicador católico ser misericordioso, acrescentando à prática da justiça a marca da fraternidade;

h) deve, igualmente, esforçar-se pela superação profissional, procurando ser mais, conhecer mais e melhorar a sua qualidade técnica como comunicador.

Belo Horizonte, 2 de maio de 1981

DO DOCUMENTO DA UCLAP

DOCUMENTO DE PUEBLA

Este Documento faz parte das Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado da América Latina, reunida em Puebla (México) de 28 de janeiro a 12 de fevereiro de 1979. As Conclusões foram publicadas em volume que leva o título "A Evangelização no presente e no futuro da América Latina".

1063 A evangelização, anúncio do Reino, é comunicação: portanto, a comunicação social deve ser levada em conta em todos os aspectos da transmissão da Boa-Nova.

1064 A comunicação, como ato social vital, nasce com o próprio homem e tem sido potencializada na época moderna mediante poderosos recursos tecnológicos. Por conseguinte, a evangelização não pode prescindir, hoje em dia, dos meios de comunicação.[1]

5.1. Situação

Visão da realidade na América Latina

1065 A comunicação social surge como dimensão ampla e profunda do relacionamento humano, mediante o qual o homem, individual e coletivamente, ao passo que se inter-relaciona no mundo, expõe-se ao influxo da civilização audiovisual e à contaminação da "poluição sonora".[2]

1066 Devido à diversidade de meios existentes (rádio, televisão, cinema, imprensa, teatro, etc.) que atuam de maneira simultânea e maciça, a comunicação social incide em toda a vida do homem e sobre ele exerce de maneira consciente ou subliminar, uma influência decisiva.[3]

1067 A comunicação social está condicionada pela realidade sócio-cultural de nossos países e constitui, por sua vez, um dos fatores determinantes que mantêm esta realidade.

1068 Reconhecemos que os meios de comunicação social são fatores de comunhão e contribuem para a integração latino-americana, bem como para a expansão e democratização da cultura; contribuem outrossim para o lazer, especialmente das pessoas que vivem fora dos centros urbanos; aumentam as capacidades perceptivas pelo estímulo visual-auditivo, de penetração sensorial.

1069 Não obstante os aspectos positivos assinalados, devemos denunciar o controle desses meios de comunicação social e a manipulação ideológica que exercem os poderes políticos e econômicos, que se empenham em manter o *statu quo* e até em criar uma ordem nova de dependência-dominação ou, pelo contrário, em subverter esta ordem para criar outra de sinal contrário. A exploração das paixões, dos sentimentos, da violência e do sexo, com objetivos consumistas, constituem uma flagrante violação dos direitos individuais. Igual violação aparece na indiscriminação das mensagens, repetitivas ou subliminares, com respeito à pessoa e principalmente à família.

Os jornalistas nem sempre se mostram objetivos e honestos na transmissão de notícias, de forma que são eles mesmos os que às vezes manipulam a informação, calando, alterando ou inventando o conteúdo da mesma, com grande desorientação da opinião pública. 1070

O monopólio da informação, tanto por parte do governo como de interesses privados, permite o uso arbitrário dos meios de informação e dá lugar à manipulação de mensagens de acordo com interesses setoriais. Particularmente grave é o manejo da informação que empresas e interesses transnacionais fazem a respeito de nossos países ou com destino a eles. 1071

A programação, em grande parte estrangeira, produz transculturação não-participativa e mesmo destruidora de valores autóctones; o sistema publicitário, tal como se apresenta, e o uso abusivo do esporte, enquanto elemento de evasão, os transformam em fatores de alienação; seu impacto massificante e compulsivo pode levar ao isolamento e até à desintegração da comunidade familiar. 1072

Os meios de comunicação social têm-se convertido muitas vezes em veículo de propaganda do materialismo reinante, pragmático e consumista, e criam em nosso povo falsas expectativas, necessidades fictícias, graves frustrações e um doentio afã competitivo. 1073

Visão da realidade na Igreja da América Latina

Existe na Igreja da América Latina certa percepção da importância da comunicação social, porém não como realidade global, que afeta todas as relações humanas e a própria pastoral, bem como da linguagem específica dos *media*. 1074

A Igreja tem sido explícita quanto à doutrina referente aos meios de comunicação social, publicando numerosos documentos sobre a matéria, embora tenha havido delongas em levar estes ensinamentos à prática. 1075

Há insuficiente aproveitamento das ocasiões de comunicação que se oferecem à Igreja por parte dos meios estranhos e incompleta utilização dos seus próprios meios ou daqueles que são por ela influenciados; além disso, os meios próprios não estão integrados entre si, nem na pastoral de conjunto. 1076

Salvo raras exceções, ainda não existe na Igreja da América Latina uma verdadeira preocupação por formar o Povo de Deus na comunicação social; capacitá-lo para assumir uma atitude crítica frente ao bombardeio dos *mass media* e para opor-se ao impacto de suas mensagens alienantes, ideológicas, culturais e publicitárias. Situação que se agrava pelo pouco uso que se faz dos cursos organizados nesta área, escasso orçamento que se destina aos meios de comunicação social em função evangelizadora e descuido da atenção devida a proprietários e técnicos desses meios. 1077

Deve-se mencionar aqui como fenômeno altamente positivo o rápido desenvolvimento dos meios de comunicação grupal (MCG) e dos pequenos meios, com uma produção sempre crescente de material para a evangelização e com um emprego cada dia maior desses meios pelos agentes de pastoral, propiciando-se assim um acertado crescimento da capacidade de diálogo e de contacto. 1078

A Igreja da América Latina tem feito nos últimos anos muitos esforços em favor duma comunicação maior em seu interior. Todavia, em muitos casos, o que se realizou até agora não corresponde plenamente às exigências do momento. O fluxo de experiências e opiniões legítimas, como expressão pública de pareceres no interior da Igreja, reduz-se a manifestações esporádicas e, portanto, insuficientes, que têm pouca influência na totalidade da comunidade eclesial. 1079

5.2. Opções

Critérios

a) integrar a comunicação na pastoral de conjunto. 1080

b) Dentre as tarefas por realizar neste campo, dar prioridade à formação na comunicação social, tanto do público em geral, como dos agentes de pastoral em todos os níveis. 1081

c) Respeitar e favorecer a liberdade de expressão e a correlativa informação, pressupostos essenciais da comunicação social e de sua função na sociedade dentro da ética profissional, conforme a Exortação *Communio et Progressio*. 1082

Propostas pastorais

À luz da problemática latino-americana e levando em conta o fenômeno da comunicação social e suas implicações na evangelização, cabe formular as seguintes propostas pastorais:

a) Urge que a hierarquia e os agentes pastorais em geral conheçam, compreendam e experimentem mais a fundo o fenômeno da comunicação social, a fim de que se adaptem as respostas pastorais a esta nova realidade e se integre a comunicação na pastoral de conjunto. 1083

b) Para que a articulação da pastoral da comunicação com a pastoral orgânica seja efetiva, é preciso criar, onde não existe, e potencializar, onde existe, um departamento ou organismo específico (nacional e diocesano) para a comunicação social e incorporá-lo nas atividades de todas as áreas pastorais. 1084

c) A tarefa de formação no campo da comunicação é uma ação prioritária. Portanto, urge formar neste campo todos os agentes da evangelização. 1085

Para os aspirantes ao sacerdócio e à vida religiosa, é necessário que esta formação se integre nos programas de estudos e formação pastoral.

Para os sacerdotes, religiosos, religiosas, agentes de pastoral e para os próprios responsáveis pelos organismos nacionais e diocesanos de pastoral de comunicação social, é mister programar sistemas de formação permanente.

Especial atenção merecem os profissionais da comunicação e a formação mais adequada dos que cobrem a área da informação religiosa.

d) Dentro das normas litúrgicas, cada Igreja particular providencie a forma mais adequada para introduzir na liturgia, que é em si mesma comunicação, os recursos de som e imagem, os símbolos e formas de expressão mais aptos para representar a relação com Deus, de sorte que se faculte uma participação maior e mais adequada nos atos litúrgicos. 1086

Recomenda-se utilização esmerada da técnica de som nos lugares de culto. 1087

e) Educar o público receptor para que tenha uma atitude crítica perante o impacto das mensagens ideológicas, culturais e publicitárias que nos bombardeiam continuamente, com o fim de neutralizar os efeitos negativos da manipulação e massificação. 1088

Recomenda-se aos organismos eclesiais que operam em escala continental (UNDA, OCIC, UCLAP) dediquem uma especial atenção à formação do público receptor, assim como das pessoas acima mencionadas. 1089

f) Sem descurar a necessária e urgente presença dos meios de comunicação de massa, urge intensificar o uso dos meios de comunicação de grupo (MCG) que, além de serem menos custosos e de mais fácil utilização, oferecem a possibilidade de diálogo e são mais aptos para uma evangelização de pessoa para pessoa que suscite adesão e compromisso verdadeiramente pessoais.[1] 1090

g) Para maior eficácia na transmissão da mensagem, a Igreja deve lançar mão duma linguagem atualizada, concreta, direta, clara e ao mesmo tempo caprichada. Esta linguagem deve ficar próxima da realidade que o povo enfrenta, de sua mentalidade e religiosidade, de tal sorte que possa ser facilmente captada; para isso, é preciso levar em conta os sistemas e recursos da linguagem audiovisual própria do homem hodierno. 1091

h) Com o objetivo de iluminar pelo Evangelho os acontecimentos cotidianos e acompanhar o homem latino-americano com base no conhecimento de seus afazeres diários e dos fatos que influem sobre ele, a Igreja deve preocupar-se com possuir canais próprios de informação e de notícias que assegurem a intercomunicação e o diálogo com o mundo. Isto é tanto mais urgente quanto a experiência mostra as continuas distorções do pensamento e dos fatos de Igreja por parte das agências. 1092

A presença da Igreja no mundo da comunicação social exige importantes recursos que devem ser providenciados pela comunidade cristã. 1093

i) Conhecida a situação de pobreza, marginalização e injustiça em que estão imersas grandes massas latino-americanas e de violação dos direitos humanos, a Igreja, no uso de seus meios próprios, deve ser cada dia mais a voz dos desamparados, apesar dos riscos que isto implica. 1094

j) As limitações que temos encontrado no Continente nos forçam a ratificar o direito social à informação, com suas obrigações correlativas, dentro dos limites éticos que impõem o respeito à privacidade das pessoas e à verdade. Maior validez ainda têm esses princípios no interior da Igreja. 1095

1. Cf. *Evangelii Nuntiandi*, 45; *Communio et Progressio*, 1.
2. Cf. *Communio et Progressio*, 8.
3. Cf. *Communio et Progressio*, 6.
4. Cf. *Evangelii Nuntiandi*, 45 e 46.

(ELEMENTOS PARA TRABALHAR)

202 Na Comunicação intervêm pessoas. Para a Pastoral isto é um fator básico.

A Comunicação só será verdadeira e eficaz na medida que os que nela participarem forem conscientes e livres.

Se uma das pessoas se reduzisse a emissor e a outra a receptor, dificilmente evitaríamos o binômio dominador-dominado.

Se o receptor se limitasse a dar as respostas provocadas pelo estímulo do emissor, estaríamos diante do homem robotizado.

As pessoas que se comunicam intercambiam informações, idéias e sentimentos de forma ativa, autônoma, criativa e crítica (cf. "Comunicación, Misión y Desafío, DECOS-CE - LAM, p. 22, Bogotá 1986)

Só esta Comunicação é capaz de gerar comunhão e propiciar comunidade.

203 A Pastoral dos Meios de Comunicação tem que levar a Igreja a pensar qual sua estratégia para formar a Opinião Pública Interna, "sem a qual, faltaria à Igreja qualquer coisa de vital, e a culpa recairia tanto sobre os pastores qomo sobre os leigos"(CP,121).

204 Uma conversão para a comunicação tem que levar a todos os agentes e participantes desta oomunicação interna a ver sua eficácia, seu uso realmente comunicativo, seus conteúdos e sua abertura missionária.

205 Alguma coisa já se fez, mas é muitíssimo mais o que há por fazer, especialmente na conversão para a mística da comunicação e a necessidade das comunicações, as quais não serão instrumentos de Evangelização sem investimentos de recursos financeiros. " A presença da Igreja no mundo das comunicações sociais exige importantes recursos que devem ser providenciados pela comunidade cristã (Puebla 1093) (cfr. CP 133 134).

"Só existe uma autêntica Comunicação humana onde o comunicador dá o que é, numa atitude de abertura para o outro, ao ponto de se identificar com o outro, sem subjugar. Comunicar é ser! Por isso, todo artificialismo é obstáculo à comunicação.

"Comunicar é ser o outro de certo modo, numa conjugação, que não é confusão. Daí que o comunicador isolado e desligado é massificador."

206

Gostaríamos de frisar que uma coisa é a Comunicação Social, que tem o homem como agente, e outra coisa são os meios, neutros em si (cf. Paulo VI, 1.5.73).
Assim, quando falamos de pastoral dos Meios ou nos Meios, trata-se sempre de ações evangelizadoras junto aos proprietários dos meios ou junto aos comunicadores profissionais.
Mas reconhecemos que o desenvolvimento dos Meios provocou o desenvolvimento da Comunicação Social que é, portanto, um fenômeno moderno.
Com razão, Paulo VI o chamou de "vasto e complexo fenômeno" (Paulo VI, op. cit.).
É um fenômeno concatenado, cujos últimos elos estão, neste momento, sendo aproveitados para novas invenções.

214 6. - Descobrir aliados cristãos e não-cristãos que tra - balham nesta linha.

215 7. - Descobrir métodos de comunicação participativa e ensinar a utilizá-los com eficiência.

216 8. - Analisar a comunicação informativa da Igreja. Isto é, verificar quem tem voz e quem não tem.

217 9. - Introduzir o estudo de técnicas e linguagens pró - prias dos MCS na formação de lideranças que traba - lham na Igreja e nos movimentos populares.

218 10. - Valorizar toda produção na área da Comunicação que atenda aos interesses das grandes maiorias e dos se tores marginalizados da população.

219 11. - Valorizar as instituições que trabalham com peque - nos meios ou grupais.

220 12. - Criar centro de comunicação para facilitar:

1º - o conhecimento dos MCS e dos sistemas em que estão inseridos (formação de consciência críti ca);

2º - a produção de mensagens através dos meios de comunicação e sua difusão;

3º - a capacitação para o uso dos MCS nas diversas atividades das comunidades;

4º - a coordenação das atividades na área da Comu - nicação;

5º - a documentação da produção popular e a preser- vação de sua memória;

221 13. - Discutir com os profissionais da comunicação as políticas defendidas pelos diferentes organismos que prestam serviços à Igreja (UCBC, OCIC-Br e UNDA-Br) quando tais políticas representam claros sinais de opção evangelizadora.

214 6. - Descobrir aliados cristãos e não-cristãos que tra - balham nesta linha.

215 7. - Descobrir métodos de comunicação participativa e ensinar a utilizá-los com eficiência.

216 8. - Analisar a comunicação informativa da Igreja. Isto é, verificar quem tem voz e quem não tem.

217 9. - Introduzir o estudo de técnicas e linguagens pró - prias dos MCS na formação de lideranças que traba - lham na Igreja e nos movimentos populares.

218 10. - Valorizar toda produção na área da Comunicação que atenda aos interesses das grandes maiorias e dos se tores marginalizados da população.

219 11. - Valorizar as instituições que trabalham com peque - nos meios ou grupais.

220 12. - Criar centro de comunicação para facilitar:

1º - o conhecimento dos MCS e dos sistemas em que estão inseridos (formação de consciência críti ca);

2º - a produção de mensagens através dos meios de comunicação e sua difusão;

3º - a capacitação para o uso dos MCS nas diversas atividades das comunidades;

4º - a coordenação das atividades na área da Comu - nicação;

5º - a documentação da produção popular e a preser- vação de sua memória;

221 13. - Discutir com os profissionais da comunicação as políticas defendidas pelos diferentes organismos que prestam serviços à Igreja (UCBC, OCIC-Br e UNDA-Br) quando tais políticas representam claros sinais de opção evangelizadora.

222 14. - Manter um relacionamento positivo com os profissionais de Comunicação, facilitando seu trabalho na cobertura dos assuntos relacionados com a vida da Igreja nos seus diversos níveis.

223 15. - Analisar os sistemas de Comunicação adotados na diocese, nas paróquias e comunidades, e no movimento popular. Rever, quanto necessário, sua política de produção e distribuição de mensagens.

----0000----

SEMANA TEOLÓGICA: 20-22 MAIO 1988
SEMINÁRIO DIOCESANO PAULO VI

UM CLAMOR DE JUSTIÇA

-CANTOS-

ÍNDICE

	PG.	CANTO Nº
LÓRIA DOS POBRES	1	1
NGOLA	1	2
O DEUS LIBERTADOR	2	3
OIS BENDITOS		4
O MEU CORAÇÃO	3	5
LÓRIA		6
VE MARIA DOS OPRIMIDOS		7
EGRO LIVRE?	4	8
ANTO NEGRO		9
ADAINHA	5	10
PRECISO MUDAR	6	11
OISA BONITA	7	12
ANTO		13
LÁ VEM O NEGRO		14
UILOMBO		15
ISTÓRIA DESUMANA	9	16
UM CLAMOR DE JUSTIÇA	10	17
A BAHIA		18
OS QUILOMBOS ONTEM		19
MARIA MARIA	11	20
CANTO DAS TRÊS RAÇAS		21
TÁ CAINDO FULÔ		22
ESTATUINHA	12	23
ACLAMAÇÃO	13	24
CANTO A XANGÔ		25
MEDITAÇÃO		26
BWANA		27
OFERTÓRIO DO POVO	14	28
PELA FORÇA DO REI		29
NEGRA MARIAMA	15	30
ZUMBI AUÊ		31
ENGENHO DE FLORES		32

GLÓRIA DOS POBRES* 1.

Glória a Deus nas Alturas/É o canto das criaturas
Rios e matas se alegram/Teus pobres por ti esperam
Paz para os povos sofridos/É o grito dos oprimidos
A terra mal repartida clama por tua justiça

Glória,glória,glória te damos Senhor
Glória,glória,venha teu Reino de Amor

Glória a Jesus nosso guia/Filho da Virgem Maria
Veio pro meio dos pobres/Pra carregar nossas dores
Filho do Altíssimo Deus/Por nós na Cruz padeceu
Venceu a morte e a dor pra nos dar vida e valor

Glória ao Espírito Santo/Que nos consola no pranto
Que orienta a Igreja/ Pra que do pobre ela seja
Que deu coragem a Pedro/E aos santos seus companheiros
Que hoje junta este povo pra buscar um Mundo Novo

ANGOLA 2.

Eu quero ir pra Angola eu quero ir/Eu quero ver o seu sol
e o seu mar/Meu sonho é ver o meu berço sangrio/E conhecer
minhas raízes que estão lá (bis) IEMANJÁ
Aqui chegamos de navio negreiro/Em ambiente muito brutal
Fomos vendidos para o cativeiro/Pros fazendeiros como
animais(bis)
Deixamos lá a nossa cultura/E a nossa religião/Chegamos
aqui para sofrer tortura/E a maior forma de escravidão(bis)
Aqui levando peia em nosso lombo/Nós procurava nos organizar
fugir pras mata formar quilombos/Mas os caçadores ia nos
caçar(bis)

*AO DEUS LIBERTADOR 3.

Ao Deus libertador/ofereceréi/Esta raça,esta cor/ofe..
Cada negro que luta/ofe..Por um mudo sem racismo meu
sangue em batismo ofereceri.

Pão comida escassa/ofe..vinho,vício cachaça/ofe..
Ao Deus de tantos nomes/ofe..Negro,branco, homem livre
a fé que sempre tive ofercerei.

Negra história negada/ofe..toda dor suportada/ofe..
Preto Velho Yayá/ofe..Negra bela raíz
Este povo feliz ofereceréi.

Meu trabalho escravo/ofe..alugado mal pago/ofe..
Quilombola guerreira/ofe..Na cidade e na roça
Esta festa que é é nossa ofereceréi.

Vinho sangue suado/ofe..pão partido esmagado/ofe..
Um clamor de justiça/ofe..Arte,samba,vitória
Nas mãos da história ofereceréi

DOIS BENDITOS 4.

/:Meu São Benedito é um Santo dos negros
Que fala na boca responde nos peitos:/

QUIRIÊ Ê AI JESUS DE NAZARÉ (BIS)

/:Que santo é aquele que vem lá de fora
É São Benedito com Nossa Senhora:/
/:Que santo é aquele que vem lá de dentro
É São Benedito que vai pro convento:/
/:Meu São Benedito desde menino
É o Santo de todos e do amor Divino:/
/:Meu São Benedito sua manga cheira
Cheira cravo e rosa, flor de larangeira:/

NO MEU CORAÇÃO 5.

No meu coração já não cabe mais/colocar tristeza pois já demais (bis)

Quando a gente pintou por aqui/nos disseram que tudo era
E crescemos com sede de ver/este mundo de gente feliz.

Quando a gente pintou no trabalho/o patrão prometeu melho
Dê um duro seu moço que um dia/sua vida também mudará

Quando a gente passou a votar/prometeram fazer desse chão
Um Brasil com um povo contente/sem sofrer,sem ter fome de

Hoje em dia está tudo mudado/as promessas falharam pra nó
O Brasil que é dos explorados/é a fome,o trabalho feroz

GLÓRIA 6.

Glória a Deus Pai Criador/Glória este povo,esta luta,esta raça,esta cor/
Glória a Jesus Redentor/Que veio salvar todo o homem e morreu por amor.

Glória ao Espírito Santo/Espírito de vida e Libertador/
Que nos anima na luta/Por um Reino de justiça,Reino de am

AVE MARIA DOS OPRIMIDOS 7.

Ave Maria dos oprimidos/abre a nós teu coração
Bendito é o fruto do teu ventre/que é semente de libertaç

OUVE O GRITO QUE SAI DO CHÃO/DOS IRMÃOS NEGROS EM ORAÇÃO

Santa Maria dos infelizes/das horas extras,das horas trist
Livra-nos todos da opressão/de toda forma de escravidão.

NEGRO LIVRE? 8.

Cada vez que se vê o negro por aí
Sem terra,sem casa, sem pão
/:É sinal claro que no Brasil
Negro não é livre não:/

NEGRO,NEGRO É PARTE DESTE POVO BRASILEIRO
NEGRO,NEGRO PROCURA LIBERDADE VERDADEIRA.

Cada vez que se vê o negro por aí
Quase sempre em trabalhos pesados
/:É sinal claro que no Brasil
Negro é discriminado:/

Cada vez que se vê o negro por aí
Com seus direitos negados
/:É sinal claro que no Brasil
Negro é marginalizado:/

Mas cada vez que se vê o negro por aí
Fazendo sua organização
É o povo negro que no Brasil
Luta por libertação
É o povo negro que no Brasil lá lá iá
Clama por libertação.
&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&

CANTO NEGRO 9.

/:Meu canto negro, meu canto negro
Meu canto negro vem pedir libertação
Libertação,libertação
Para este povo que vive na escravidão:/
Viemos como escravos povo escravo de outro povo
Vivemos na escravidão de irmãos contra irmãos
É hora de acabar com esta situação/ se organizar
Como negro e acabar com a escravidão.

LADAINHA 10.

Senhor tende piedade de nós/Senhor tende piedade de nós
Cristo tende piedade de nós(bis) Senhor tende.....(bis)

Lembremos de Zumbi em todos os altares
Pois derramou seu sangue nos Quilombos dos Palmares
Do nosso povo negro Benedito ó protetor
Com a Mãe Aparecida ouça o nosso clamor
Queremos liberdade de toda a escravidão
Por nossa intercessão o Cosme e Damião
E contra o desemprego nós queremos reclamar
Com sua proteção o Mãe Iemanjá
Pedimos nesta hora um empenho pela vida
Por sua intercessão o Negra Margarida
Marlene favelada que morreu de tanto amor
Pedimos nesta hora que socorra a nossa dor
Ó companheiro Dimas nós pedimos a você
Que junto a Santo Dias venha o pobre defender
Queremos invocar Joilson de Jesus
Menor abandonado que morreu como Jesus
Com Martin Luter King nós também vamos rezar
Pois junto à causa negra não cansou de denunciar
Rogai Oscar Romeiro Dom Bosco e São Sepé
Que o vosso testemunho renove a nossa fé
Ao Bispo Dom Silvério e também ao Padre Vitor
Queremos implorar que escute o nosso grito
Queremos libertar nossa gente da desgraça
Por sua intercessão ó Escrava Anastácia.

É PRECISO MUDAR * 11.

É preciso mudar/esta forma de ser/
Novo mundo melhor/para o home viver.

/:NÃO SE PODE AGUENTAR TANTA LEI TANTO REI TANTA GENTE A MANDAR/TANTOS FALSOS PROFETAS QUERENDO FAZER A GENTE SE CALAR:/

O lavrador quer a terra pra plantar/O latifúndio chega pra explorar/E nossa gente fica calada/não fala nada mas quer mudar.

Nós operários queremos emprego bão/Mas o patrão só quer mesmo é explorar/vai nossa gente organizada/fazendo greve pois quer mudar.

Raíz de um povo não se pode corromper/Y love you yesterday não vou dizer/vai nossa gente meio iludida/ levando a vida mas quer mudar.

Mulher e negro não podem participar/pois o racismo os nega voz vez e lugar/Eles são gente fazendo história/quer liberdade de transformar.

Ngai na ye Mokonzi(bis) Ngai na ye na ye Koposa yo Mobanza (bis)

/:Na Kabanzela mpe misala mi ngai/ngai na ye Mokonzi:/
/:Na Kabanzela yo mpe Babati ba ngai/ngai na ye Mokonzi:/

Na Kabanzela yo mpe Be nzela na ngai/ ngai na ye Mokonzi:/

COISA BONITA * 12.

Ó que coisa bonita(bis)Deus Pai Libertador criar negra cor..
Ó que coisa bonita(bis)Jesus é nosso irmão sem separação....
Ó que coisa bonita(bis)O Espírito,a fé, a força,o Axé....
Ó que coisa bonita(bis)Mãe por Deus escolhida Negra Aparecid
Ó que coisa bonita(bis)Celebrar Deus da vida cmo festa e cor
Ó que coisa bonita(bis)Esta reza,esta missa clamor de justiç
Ó que coisa bonita(bis)Prosseguir na missão partilhar comunh
Ó que coisa bonita(bis)O que vim celebrar vou viver,anunciar
Ó que coisa bonita(bis)Negro-irmão libertado,reconciliado...
Ó que coisa bonita(bis)Viver fraternidade em comunidade....
Ó que coisa bonita(bis)Negra fé que atiça,clamor de justiça.

SANTO * 13.

Santo,Santo Ele é Santo.O Senhor é Santo/Ele é Santo,Ele é Santo,O Senhor é Santo. Ele é Deus do Universo,O Senhor é Santo,Céus e terra proclamam O Sennor é Santo.Vossa Glória Senhor, O Senhor é SAnto.Hosana nas alturas,O Senhor é Santo Bendito o que vem O SEnhor é Santo.Em nome do Senhor,O Senho é Santo.Hosana nas alturas O Senhor é Santo.Hosana nas altur O Senhor é Santo.

LÁ VEM O NEGRO * 14.

Lá vem o negro trazendo espada na mão/Ele sonha,ele luta por sua libertação(bis)

Canta,canta negro canta/Canta,sua voz há de se ouvir
Canta,canta negro canta/Canta que a vitória há de vir

Grita, grita...
Dança, dança....
Luta,luta...
Briga,briga...

QUILOMBO 15.

Já se passaram cem anos/da dita abolição
Mas até hoje vivemos/na mesma situação
Criaram algumas leis/com a Afonso Arinos
Que nada modificou/o nosso destino

Nesta terra ninguém liberta ninguém
Só a luta derruba as correntes
Nova história iremos escrever
Novo Quilombo vai ter que acontecer

Nossa independência/foi feita por um rei
A abolição do Negro/pelo "sim"do Reino Português
Matam nossa cultura/dignidade da Nação
A luta do herdeiro negroé acabar c/ discriminação

A juventude negra/é esperança e a inspiração
O grito novo e forte/contra a escravidão
O jovem conscientizado/é semente neste chão
De fazer nascer a nova/ e verdadeira ablição

O negro é engraxate/pião ou marginal
Doméstica carregadores/lembrados só no carnaval
Mas o negro já desce do morro/Junto com outros
irmãos/É canto,é dança,é povo,é amor,
é libertação.

HISTÓRIA DESUMANA 16.

Ninguém se engan,ninguém se engana que a nossa história
já começou desumana (bis)

Há muito tempo os portuguêses vieram/muita desgraça fizera
pra quem nesta terra mora/Quando chegaram começaram logo a
guerra/tomando conta da terra botando os índios pra fora

houve as entradas denominadas bandeiras/com ação muito
grosseira/pra dominar os nativos/Eram tratados com a maior
crueldade lhes roubando a liberdade fazendo povo cativo

O nosso índio que isto não conhecia/quando podia fugia/de
crime desumano/E planejaram outra ação mais prepotente/
foram buscar na corrente os negrinhos africanos

Lá na senzala os negros sem liberdade/na mais triste crue
dade/levando peia no lombo/Atormentados dos horrores que
faziam/tendo vaga eles fugiam pra formarem os quilombos.

O Governo preparou a expedição/mandou mais de um batalhã
aos quilombos destruir/investindo nos Quilombos dos Palma
res destrui vários milhares liderados por Zumbi.

Outro episódio desta nação brasileira/guerra brutal e gro
seira que findou matando tudo/Destruindo de um povo a esp
rança/homens,mulheres,criaças/nos arraiais lá em Canudos

Motivados pelo espírito de ambição/querem fazer produção
Enviando a outra zona/Pegam o Nordeste formam fila e dã
de marcha/ os soldados da borracha vendidos no Amazonas

E a história desumana continua/se enfeita praça e rua/bot
placa e dá-se nome/então se olha pra tanta gente doente/
tanta gente inocente que hoje morre de fome

UM CLAMOR DE JUSTIÇA * 17.

Estamos chegando êêê/Chegamos cantando êê a
Sambamos revolta êêê/Nós somos humanos êê a
UM CLAMOR DE JUSTIÇA ESTÁ NO AR (4 vezes)

Ouvi o clamor êêê/Deste povo negro êê a
Que clama e que luta êêê/Por direito e Justiça êê a

Cantamos rezando êêê/Rezamos sambando êê a
A fé e a esperançaêêê/Na libertação que vai chegar

Ô BAHIA 18.

Ô Bahia ôôô Bahia ô (4vezes)

Já é hora da gente pensar/numa forma de se libertar
Esta luta vai muito longe/Esta luta não pode parar(bis)

Quem tem boca fala a verdade/Quem tem ouvido precisa escutar/Operário é escravo de hoje/A indústria é o canavial(bis)

O chicote assoitado no povo/Estes cabrs não querem parar/ As correntes libertadoras/Já começam a se formar(bis)

OS QUILOMBOS ONTEM 19.

Êi Zumbi/Zumbi Ganga meu rei/você não morreu
você está em mim (bis)

Êi Zumbi/seu povo não esqueceu/a luta que você/
deixou pra prosseguir./Êi Zumbi/os novos Quilombos
com seus quilombolas/ lutam pra resistir.

Êi Zumbi/seu sangue semeou/coragem em nossa gente/
que luta com fervor/Êi Zumbi/a luta é a mesma/
mudou só o cenário /a roupa e a cor

MARIA MARIA 20.

Maria Maria é um dom uma certa magia uma força que nos ale
Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do
planeta/Maria Maria é o som é a cor é suor é a dose mais
forte e lenta de uma gente que ri quando deve chorar e não
vive apenas aguenta.

Mas é preciso ter força,é preciso ter raça,é preciso ter
garra sempre/quem traz no corpo esta marca Maria Maria
mistura de dor e alegria.

Mas é preciso ter manha,é preciso ter graça,é preciso ter
sonho sempre/quem traz no corpo esta marca possui uma
estranha mania de ter fé na vida.

CANTO DAS TRÊS RAÇAS 21.

Ninguém ouviu um soluçar de dor no canto do Brasil/Um
lamento triste sempre ecoou desde que o índio guerreiro foi
pro cativeiro e de lá cantou/Negro entoou um canto de revol
pelos ares/Nos quilombos dos Palmares onde se refugiou/Fort
a luta dos inconfidentes/Pela quebra das correntes/ Nada
adiantou/E de guerra em paz,de paz em guerra/Todo povo dest
terra/Quando pode cantar,canta de dor. ô ô ô...

Ecoa noite e dia, é ensurdecedor/Ai mas que agonia o canto
do trabalhador/Este canto que devia ser um canto de alegri
Soa apenas como um soluçar de dor. Ô ô ô...

TÁ CAINDO (FULÔ) FLOR 22.

Tá caindo (fulô) flor,tá caindo flor (bis)
Lá no Céu, lá na terra ôh tá caindo flor(bis)

ESTATUINHA 23.

Se a mão livre do negro/pegar na argila o que é que vai nascer?Vai nascer pote pra gente beber,nasce panela pra gente comer./:Nasce vasilha nasce parede nasce estatuinha bonita de se ver:/

Se mão livre do negro/pegar na onça o que é que vai nascer?Vai nascer pelo pra cobrir nossa vergonha/ nasce tapete pra cobrir o nosso chão/:Nasce caminha pra se ter nossa Ialô, e atabaque pra se ter onde bater:/

Se a mão livre do negro/pegar na Palmeira o que é que vai nascer?Nasce choupana pra gente morar nasce a rede pra gente se embalar/:Nasce esteiras pra gente se deitar e os abanos pra gente se abanar:/

Se a mão livre do negro/pegar no fuzil o que é que vai nascer?Um mundo livre onde o negro vai morar/tranquilidade pro negro trabalhar/:E liberdade pro negro batucar pra Jesus Cristo, Ogum ou Iemanjá:/

Se a mão livre do negro pegar no fuzil é Deus que vai se vingar/Vingar o sangue que embebeu a pura terra dos que em Pálmares dominaram toda a terra/:Dos que trazidos pra cá por Inglaterra cantam com a gente o seu canto que é de guerra:/

Se a voz livre do negro /se escutar na estrada que vai a todos libertar/Vai ter branco que vai muito admirar/de ver a história pelo negro avançar /:No fim da briga todo cara que escapar a liberdade na avenida vai sambar:/

ACLAMAÇÃO 24.

Aclamemos a Palavra de Deus /que agora será lida/prá nós meditar/Aleluia, aleluia, aleluia a Palavra de Deus é pra nos libertar.

ALELUIA,ALELUIA,ALELUIA ALELUIA
Aleluia,aleluia ,aleluia/ a Palavra de Deus é pra nos transformar/ Aleluia,aleluia, aleluia a Palavra de Deus é pra nos LIBERTAR

CANTO A XANGÔ 25.

Quando eu canto eu danço,eu canto e danço sim sinhô
Canto dançando a esperança de ver na terra a justiça de Xa

Quando eu grito eu clamo eu clamo e grito sim sinhô
Um grito que sai da garganta de um povo oprimido,povo sofr

Este clamor é justiça, justiça justiça é este clamor
Negro clama por justiça ao Deus justiçeiro chamado Xangô

É um grito que fere ouvidos,justiça justiça é o nosso clam
Escuta do negro este grito ó Deus justiçeiro de nome Xangô

MEDITAÇÃO 26.

Senhor Deus dos aflitos ouvi nossos gritos Senhor(bis)

Dandara Nelson Mandela/Gangazumba rei Zumbi/Luter King, Menininha/ Felina, Luiza Mahin

Das senzalas, das favelas/Do Brasil do mundo inteiro/
Escuta o clamor do negro/ó Senhor Deus justiçeiro

BWANA 27.

Bwana,Bwana,Bwana Huturhumiê (bis)
Bwana,Bwana Huturhumiê,Huturhumiê, Huturhumiê
Kritu,Kristu,Kristu, Huturhumiê (bis)
Kristu,Kristu,Huturhumiê, Huturhumiê,Huturhumiê

OFERTÓRIO DO POVO 28.

Quem disse que não somos nada/que não temos nada para oferecer/:Repare nossas mãos abertas trazendo as ofertas do nosso viver:/

A fé do homem nordestino/que busca um destino/um pedaço de chão/A luta do povo oprimido/que abre caminho/transforma a nação. ôôô recebe Senhor(bis)

Retalhos de nossa história/bonitas vitórias que meu povo tem/Palmares, Canudos,Cabanas,são lutas de ontem, de hoje também. Ôôô recebe Senhor...

Aqui trazemos a semente/sangue desta gente que fecunda o chão/Do gringo,tantos lavradores/Santos operários/ em libertação. Ôôô recebe Senhor...

Coragem de que dá a vida/seja oferecida neste vinho e pão/é força que destrói a morte/e muda nossa sorte á Ressurreição. Ô ôô recebe Senhor...

PELA FORÇA DO REI 29.

Ó meu Rei Zumbi/por aqui vamos nós/cantando alto pois ninguém vai calar nossa voz.(bis)

Lá pras bandas de Palmares/um grito já ecoou
Lutar pela liberdade/povo negro começou.
/:Essa luta na verdade inda não se acabou:/

Eu venho cantar meu canto/com o peito cheio de amor
Me alegro e não me espanto/se às vezes choro de dor
/:Pois a luta na verdade inda não se acabou:/

Eu canto o canto da terra/com sorriso de criança
Sou de paz não sou de guerra/eu canto minha esperança
/:Mas a luta na verdade inda não se acabou:/

NEGRA MARIAMA 30.

/:NEGRA MARIAMA ' NEGRA MARIAMA CHAMA:/

Negra Mariam chama pra enfeitar/o andor porta estandarte para ostentar/A Imagem Aparecida em nossa escravidão/com rosto dos pequenos/cor de quem é irmão.

Negra Mariama chama pra cantar/que Deus uniu os fracos pra se libertar/E derrubou do trono latifundiários/que escravizavam pra se regalar.

Negra Mariama chama pra dançar/saravá esperança até o sol raiar/No samba está presente o sangue derramado/o grito e o silêncio dos martirizados.

Negra Mariama chama pra lutar/em nossos movimentos sem desanimar/ levanta a cabeça dos espoliados/nossa companheira chama pra avançar.

ESTAMOS CHEGANDO 33.

Estamos chegando dos ricos fogoẽs/Estamos chegando dos pobres bordéis/Da carne vendida nós somos viemos amar:
Estamos chegando das velhas senzalas/Estamos chegando das novas favelas/Das margens do mundo nós somos viemos dançar.
Estamos chegando dos trens dos subúrbios/Estamos chegando dos loucos pingentes/Com a vida entre os dentes chegamos viemos cantar
Estamos chegando dos grandes estádios/Estamos chegando da escola de samba/Sambando revolta chegamos viemos gingar

A DE O...

Estamos chegando do vento de Minas/Estamos chegando dos tristes mocambos/Dos gritos calados nós somos viemos cobrar.
Estamos chegando da cruz dos engenhos/Estamos sangrando a cruz do batismo/Marcados a ferro nós fomos,viemos gritar.
Estamos chegando do alto dos morro/Estamos chegando

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

AGENTES DE PASTORAL NEGROS
QUILOMBO REGIONAL
PRAÇA GETÚLIO VARGAS S/Nº (Matriz)
25.520 SÃO JOÃO DE MERITI -RJ
Tel:(021) 756 08 04

MITRA DIOCESANA DE VALENÇA
CGC - 32.356.438/0001-01
Praça Visconde do Rio Preto, 375
Caixa Postal 87332
Telefones 0244 / 52-0260 e 52-0207
27.600 — Valença — Estado do Rio

Valença, 20 de março de 1988.

Estimado Sr.Arce(Bispo):

rsp 12.05.88 N. 23/88

Saudações cordiais.

Em sua última recente reunião, o nosso Regional Leste 1 entendeu que poderia confiar-me a coordenação da Pastoral das Comunicações Sociais. Fico agradecido pela confiança manifestada em minha pessoa.

O plano mínimo de trabalhos para este ano prevê o seguinte:

1º) a celebração condigna do Dia das Comunicações Sociais - Ocorrerá em 5 de maio próximo futuro, uma quinta feira, coincidindo com o Dia Nacional das Comunicações Sociais. Nesse dia conviria que houvesse um encontro-recepção ou um almoço-jantar, oferecido pela Diocese, aos representantes dos diversos meios de comunicação social dessa Igreja Particular. Seria, sem dúvida, uma forma de expressar-lhes o apreço da Igreja pelo seu trabalho, captar a sua benevolência e agradecer a colaboração possivelmente já oferecida à ação evangelizadora da Igreja.

A celebração mais ampla e popular do Dia das Comunicações Sociais parece-me que seria mais indicada se se realizasse no domingo seguinte, 8 de maio, ou no outro domingo, 15, festa litúrgica da Ascensão do Senhor.

2º) a constituição da Coordenação Regional das Comunicações Sociais. - Para tanto, necessido, urgentemente, do nome de um presbítero ou leigo que V.Excia. julgue ter as condições para representar a sua Diocese nessa Coordenação. Faríamos apenas duas reuniões por ano, na cidade do Rio de Janeiro. Logo mais seria fixada a data da primeira reunião, provavelmente em junho ou agosto.

3º) o Encontro Regional de comunicadores sociais católicos - Oportunamente, para o segundo semestre desta ano ou mesmo em janeiro do ano de 1989, tentaríamos realizar o I Encontro Regional de Comunicadores Sociais Católicos.

4º) a Campanha da Fraternidade - Já está sendo preparado o texto-base da CF/89, sobre Fraternidade e Comunicação. Está, igualmente, aberto, o concurso nacional de letras para a Missa e de desenho para o cartaz da CF/89. Se alguém desta Diocese desejar concorrer, poderá dirigir-se à Assessora da CNBB para as Comunicações Sociais, Irmã Alba Vega, endereço da própria CNBB, em Brasília.

Certo da atenção de V.Excia. e grato pelo interesse que tem pelos MCS e pelos comunicadores sociais, sou, em Cristo Jesus e in Corde Matris,

+ Amaury Castanho

Dom Amaury Castanho
Bispo Diocesano

vida pastoral

CEBs

CEBs: JEITO NOVO DE TODA A IGREJA SER
Plenários do dia 22 de julho — p. 2

LUTA PELA NOVA SOCIEDADE
Plenários do dia 23 de julho — p. 9

TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS
Plenários do dia 24 de julho — p. 15

"CEBs: POVO DE DEUS EM BUSCA DA TERRA PROMETIDA"
Documento final — p. 21

MISSÃO DAS CEBs: DESPERTAR O POVO PARA SEUS PROBLEMAS
Depoimento — p. 27

O CLAMOR DOS ÍNDIOS PELA TERRA E PELA VIDA
Depoimento — p. 31

"UM PEDACINHO DA TERRA PROMETIDA É VIVER NAS CEBs"
Depoimento — p. 33

IGREJAS DAS CATACUMBAS
Depoimentos — p. 38

ROTEIROS HOMILÉTICOS
Pe. Ivo Storniolo — p. 41

NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1986
ANO XXVII
131

ep

REVISTA PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL

vida pastoral

revista
para sacerdotes
e agentes
de pastoral

Editora
Pia Sociedade de São Paulo (Paulinos)

Diretor
Pe. Ângelo Sônego

Redator
Pe. José Bortolini

Equipe de redação
Euclides M. Balancin
Pe. Ivo Storniolo
Pe. Manoel C. Quinta
Pe. Zolferino Tonon

REDAÇÃO
Rua Dr. Pinto Ferraz, 183
04117 São Paulo - SP
Fone: (011) 572-2362

ADMINISTRAÇÃO
Via Raposo Tavares, km 18,5
Cx. Postal 8.107 - 01051 SÃO PAULO, SP
Fone: (011) 268-6141 (Horário Comercial)

© By EDIÇÕES PAULINAS — SÃO PAULO

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS DE ED. PAULINAS

3 **O Reino de Deus,** George V. Pixley — **A primeira epístola aos tessalonicenses,** M. Trimaille — **As epístolas de Pedro,** E. Cothenet — **Os profetas do Antigo Testamento,** L. Monloubou — **Os Dez Mandamentos, ferramenta da comunidade,** Carlos Mesters

5 **Nossa rua tem um problema,** Ricardo Azevedo — **Assombramentos,** Mirna Pinsky

8 **A estrela misteriosa,** Maria H. Penteado — **A longa viagem do Rei Cágis,** Lina Farronato — **Vida de Cristo,** S. Garofalo e Equipe — **Jesus de Nazaré,** Normann J. Bull

14 **A Palestina no tempo de Jesus,** C. Saulnier-B. Rolland — **Uma leitura do Apocalipse,** VV. AA. — **Segundo as Escrituras,** C. H. Dodd — **Vamos conhecer a Bíblia,** VV. AA. — **Fé cristã e compromisso social,** P. Bigo-Fernando B. de Ávila

23 **Caminho dos ascetas, iniciação à vida espiritual,** Tito Colliander — **Escola de oração,** Anthony Bloom — **São Jerônimo Emiliani, um leigo a serviço dos pobres,** C. Pellegrini — **Santo Antônio de Categeró, sinal profético do empenho pelos pobres,** S. Guastella — **O coração fala mais alto, vida de são João Maria Vianney,** Ney de Souza

26 **A sabedoria cristã,** J. Comblin — **Pastoral popular e política partidária,** VV. AA. — **Igreja Católica no Brasil, um estudo de mentalidade ideológica,** José C. Souza Araújo — **A lógica do amor, pensamento teológico de Carlos Mesters,** Teresa Maria P. Cavalcanti — **Pais, filhos, droga,** L. Ciotti-G. Vaccaro

29 **Calendário do povo latino-americano — 1987,** CEHILA popular — **Cantar a Deus em terra estranha,** VV. AA. — **...E o amanhã?,** Sevilha Nogueira

37 **Calendário para a Liturgia da Palavra de cada dia — 1987**

47 **Os religiosos no Brasil, enfoques históricos,** R. Azzi-José O. Beozzo — **Inculturação e libertação,** CNBB/CIMI — **Os caminhos da vocação para servir,** José Dias Goulart — **Quem é teu irmão?,** Karl Rahner — **Pela vida e pela paz,** Marco Antonio Gonçalves

53 **Deus-Pastor na Bíblia, solidariedade de Deus com seu povo,** E. Bosetti-S. Panimolle — **Maria libertadora na caminhada da Igreja,** J. Marins e Equipe — **Liturgia da Palavra, caminho da fé, Ano A,** Johan Konings — **Jovens reunidos para reflexão e oração,** Dom David Picão — **Os casamentos interconfessionais, uma visão teológico-pastoal,** CONIC

64 **Reedições de Ed. Paulinas**

CENTROS DE DIFUSÃO DE "EDIÇÕES PAULINAS"

★ 01001 **São Paulo, SP:** Praça da Sé, 180 - Tel.: (011) 37-9524 ★ 05550 **São Paulo, SP:** V. Raposo Tavares, Km. 18,5 - Cx. P. 8.107 - Tels.: (011) 268-2333 e 268-6186 ★ 04010 **São Paulo, SP:** R. Domingos de Morais, 642 - Tel.: (011) 549-9777 ★ 01013 **São Paulo, SP:** R. 15 de Novembro, 71 - Tel.: (011) 36-4418 ★ 04013 **São Paulo, SP:** R. Azevedo Macedo, 129 - Cx. P. 45.352 - Tels.: (011) 572-4199 e 549-8298 ★ 01000 **São Paulo, SP:** V. Raposo Tavares, Km. 19 - Cx. P. 26.050 - Tel.: (011) 268-1444 ★ 04743 **São Paulo, SP:** R. Manoel Borba, 72 - Sto. Amaro - Tel.: (011) 521-8277 ★ 66000 **Belém, PA:** Rua Ó de Almeida, 545 - Tel.: (091) 222-2437 ★ 30000 **Belo Horizonte, MG:** R. Curitiba, 870 - Tel.: (031) 224-2832 ★ 70000 **Brasília, DF:** SCS - Q. 05 - Bl. C - Lote 18/22 - Cx. P. 142.296 - Tel.: (061) 242-7511 ★ 13100 **Campinas, SP:** R. Barão de Jaguara, 1.163 - Tel.: (0192) 31-5866 ★ 79100 **Campo Grande, MT:** R. Mal. Rondon, 1248 - Tel.: (067) 382-3251 ★ 95100 **Caxias do Sul, RS:** Av. Júlio de Castilhos, 2029 - Cx. P. 173 - Tel.: (054) 221-8266 ★ 78000 **Cuiabá, MT:** R. Antônio Maria, 180 - Tel.: (065) 321-1827 ★ 80000 **Curitiba, PR:** R. Vol. da Pátria, 225 - Cx. P. 6.128 - Tel.: (041) 224-8550 ★ 60000 **Fortaleza, CE:** R. Major Facundo, 332 - Tel.: (085) 226-7544 ★ 74000 **Goiânia, GO:** R. 6, 201 - Centro - Tel.: (062) 223-6860 ★ 88300 **Itajaí, SC:** Praça Irineu Bornhausen, s/n - Edifício Paroquial - Tel.: (0473) 44-3371 ★ 36100 **Juiz de Fora, MG:** R. Braz Bernardino, 172 - Tel.: (032) 213-2160 ★ 87100 **Maringá, PR:** Praça Napoleão M. da Silva, 469 - Cx. P. 365 - Tel.: (0442) 22-2213 ★ 24020 **Niterói, RJ:** R. Dr. Borman 33 - Tel.: (021) 718-3995 ★ 90000 **Porto Alegre, RS:** R. Dr. Flores, 252 - Tel.: (0512) 24-8904 ★ 50000 **Recife, PE:** R. Frei Caneca, 59 Lj-1 Tel.: (081) 224-5812 ★ 14015 **Ribeirão Preto, SP:** R. São Sebastião, 621 - Tel.: (016) 634-9203 ★ 20031 **Rio de Janeiro, RJ:** R. México, 111-B - Tel.: (021) 240-1303 ★ 20050 **Rio de Janeiro, RJ:** R. 7 de Setembro, 81-A - Tel.: (021) 242-5753 ★ 40000 **Salvador, BA:** Av. 7 de Setembro, 680 - Tel.: (071) 241-0046 ★ 65000 **São Luís, MA:** Trav. Dom Francisco, 12, Centro - Tel.: (098) 222-2978.

vida pastoral

REVISTA PARA SACERDOTES
E AGENTES DE PASTORAL

ANO XXVII - NÚMERO 131
NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1986

Aos nossos leitores

Este número de nossa Revista é dedicado às CEBs. Procuramos documentar o que se passou durante o 6.º Encontro Intereclesial das CEBs, acontecido em Trindade (GO), de 21 a 25 de julho. Foi um verdadeiro "concílio", em torno do Santuário do Pai Eterno. Protagonistas do Encontro foram o Espírito Santo, a Palavra de Deus, os mártires da caminhada e as Comunidades Eclesiais de Base, definidas como "o jeito novo de toda a Igreja ser".

Participaram do Encontro 1.643 pessoas. 742 eram delegados da base, e 203 agentes. Havia 56 observadores latino-americanos e 17 observadores de outros países. 30 assessores prestavam seu serviço de orientação quando solicitados. Estavam presentes 10 delegações de índios, 16 Igrejas Evangélicas, 47 bispos e 35 observadores nacionais. O pessoal da imprensa e documentação somava 86 pessoas, e 381 pertenciam às equipes de serviço.

Dos 742 delegados da base, 706 deixaram seus dados pessoais. Sendo assim, podemos identificá-los melhor. Divisão por sexo: *435 homens e 271 mulheres.* Idade: *327 têm até 35 anos; 299 têm de 36 a 65 anos.* Moradia: *260 vivem na roça; 236 em periferias; 189 na cidade.* Estado civil: *449 casados (alguns trouxeram suas crianças de peito) e 221 solteiros.* Profissão: *262 lavradores; 101 operários; 90 professores; 65 trabalham em escritório; 46 no comércio; 24 são empregadas domésticas e lavadeiras; 71 têm outras profissões.* Renda: *272 ganham até 1 salário mínimo; 198 recebem de 1 a 2 salários; 112 ganham de 2 a 5 salários; 26 ganham mais de 5 salários.* Estudo: *7 nunca estudaram; 124 têm Mobral ou primário incompleto; 225 estudaram até a 4.ª série; 125 têm até a 8.ª série; 145 têm o 2.º Grau; 66 têm curso superior.* Sindicalização: *314 são sindicalizados. Há 87 participantes que são ou foram candidatos a algum cargo eletivo.* Participação social: *507 participaram de alguma organização popular.* Perseguição: *389 já sofreram perseguições; 11 foram presos; 18 foram expulsos da terra; 13 apanharam da polícia ou capanga; 13 sofreram atentados; 51 foram demitidos.*

Estes são os protagonistas deste número de VIDA PASTORAL. A palavra está com eles. São eles que nos ensinarão o jeito novo de toda a Igreja ser. Eles serão nossos catequistas, nosso sal e luz para os dias de hoje.

Por isso apresentamos, em primeiro lugar, os plenários dos dias 22 a 24, de acordo com os diversos temas por eles debatidos. Tivemos a preocupação de conservar o texto assim como chegou às nossas mãos, com sua linguagem própria. Os temas dos plenários estão, de certa forma, condensados no Documento Final, também apresentado na íntegra neste número.

Durante o Encontro tivemos a oportunidade de ouvir as bases. Por isso, apresentamos uma série de preciosos depoimentos que retratam as mais diversas situações do País. Ouvimos o sr. Sebastião, de Jaru (RO), a srta. Irma, acampada de Chapecó (SC). Dos 10 índios presentes ao Encontro, 6 deles deixaram seu depoimento contundente. Ouvimos o incrível testemunho de Dona Luzia, de Itumbiara (GO). Quisemos também trazer três depoimentos de outros países: um da Colômbia e dois da Guatemala. Em todas essas entrevistas, procuramos conservar a linguagem simples e coloquial. Desde já agradecemos a quantos se prestaram para fornecer esses depoimentos.

Este número, como os demais, traz os preciosos subsídios homiléticos, sob a responsabilidade do Pe. Ivo Storniolo.

Queremos, finalmente, desejar a todos os nossos Leitores e aos participantes do 6.º Encontro, um Feliz Natal.

Pe. José Bortolini

plenários do dia 22 de julho

CEBs: JEITO NOVO DE TODA A IGREJA SER

Nos dias 22 a 24, os participantes do 6.º Encontro Intereclesial das CEBs debateram seus problemas, divididos em 4 grandes plenários. O tema do dia 22 foi "CEBs, jeito novo de toda a Igreja ser". Este tema estava dividido em 4 ítens, um para cada plenário. Apresentamos, a seguir, as conclusões de cada um desses plenários, assim como chegaram às nossas mãos: de forma sintética. Em linhas gerais, essas reflexões foram assumidas no Documento Final.

PLENÁRIO A:

Tema: **IDENTIDADE E MISSÃO DAS CEBs**

Síntese dos trabalhados da parte da manhã do dia 22: Os 23 grupos responderam à questão: *Na sua região, o que as CEBs trouxeram de novo para a Igreja?*

As CEBs são um *novo modo,* um *novo jeito de ser Igreja* para construir uma sociedade nova. A característica mais marcante e englobante deste novo modo de ser Igreja é a *ligação entre a fé e a vida.*

1. As CEBs são comunidade de fé cristã

• A fé tem que ser conhecida, tem que ser aprofundada para poder se decidir por essa nova maneira de ser Igreja;

• As pessoas das CEBs têm que ser comunidade, têm que se unir para poder ser Igreja viva;

• As CEBs têm como centro a Palavra de Deus, o projeto do Pai, o Evangelho libertador de Jesus Cristo e a força do Espírito Santo;

• As CEBs têm que celebrar a própria vida das pessoas, os sofrimentos e as alegrias, a Cruz e a Ressurreição. Se não se celebra a fé em Deus não se celebra nada. Nas celebrações da fé das CEBs são muito importantes as representações e encenações.

2. A fé cristã das CEBs tem que ser uma fé vivida, ligada à vida, comprometida com a libertação

• Não se pode ficar só na oração. É necessário também a ação. Com a conscientização da ligação Fé-Vida, as CEBs sabem que estão trabalhando pelo Reino de Deus, por uma nova sociedade.

• Para isto é necessária a conscientização de como são e como devem ser as estruturas da Igreja e as estruturas da sociedade.

3. Os frutos novos trazidos pelas CEBs para a Igreja

• A participação e a responsabilidade de todos na Igreja e na sociedade;

• A valorização dos leigos, a valorização das pessoas. Nas CEBs reconhece-se que o povo pobre tem importância, tem valor. O que não acontece na sociedade. As CEBs trouxeram os pobres para dentro da Igreja;

• Acesso à Palavra de Deus e valorização da Palavra de Deus;

• Antes das CEBs o povo era acomodado. Foram as CEBs as que despertaram o povo para assumir a reivindicação de seus direitos, a luta pela justiça, pela libertação dos oprimidos;

• As CEBs trazem a alegria da participação. As CEBs não são uma Igreja de velório;

• As CEBs, onde elas funcionam, vão convertendo os bispos e os padres; fazem com que eles se afastem dos fazendeiros e dos empresários e se aproximem do povo, caminhem com o povo, ponham os pés no chão. No novo modo de ser Igreja das CEBs não há lugar para bispos e padres que queiram dominar autoritariamente. A autoridade na Igreja é para servir;

• As CEBs levam à conscientização e organização do povo através de: cooperativas e hortas comunitárias; participação nos sindicatos e associações de bairros; luta pela terra; participação nos movimentos populares; construção ou reivin-

ep novidades *edições paulinas*

O REINO DE DEUS — George V. Pixley — "O que procuramos com este estudo — diz o Autor — é conhecer tanto o modo como a noção de Reino de Deus orientou o povo de Israel para uma sociedade justa e fraterna, quanto a maneira como foi usada para submeter o povo à tirania; é ver o que esse Reino representou para Jesus, no sentido de se lutar por uma vida melhor para os pobres de todos os tempos". — 128 páginas, Cz$ 36,00.

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES — M. Trimaille — Trata-se de um comentário ao primeiro texto escrito do Novo Testamento, nascido vinte anos após a ressurreição de Jesus. Permite encontrar os traços das formulações iniciais da fé em Cristo, assim como avaliar a vitalidade dos inícios do Evangelho. Esclarece também o alvorecer do pensamento de Paulo. — Col. *Cadernos Bíblicos, 37* — 112 pp., Cz$ 30,00.

AS EPÍSTOLAS DE PEDRO — E. Cothenet — Nas cartas de Pedro descobre-se uma teologia diferente da de Paulo ou João. Isso é sinal de que a expressão da fé não possui uma forma única. As cartas de Pedro têm o mérito de mostrar a tradição em marcha, pois elas são como que a ponte entre os Evangelhos e os Padres da Igreja, escritas num tempo de duras perseguições. Col. *Cadernos Bíblicos, 38* — 80 pp., Cz$ 30,00.

OS PROFETAS DO ANTIGO TESTAMENTO — L. Monloubou — O livro inicia apresentando as fontes do profetismo. Passa, a seguir, à análise da literatura profética, da situação em que viveram os profetas, sua fé e o fim do profetismo em Israel. Um breve excurso aborda o tema do cumprimento das profecias. É um ótimo subsídio para uma introdução à literatura profética. — Col. *Cadernos Bíblicos, 39* — 88 pp., Cz$ 30,00.

OS DEZ MANDAMENTOS — Ferramenta da comunidade — Carlos Mesters — Os Dez Mandamentos estão na origem da organização do Povo de Deus. Eles expressam, de maneira concreta, concisa e didática, a vontade de Deus em relação ao povo, e indicam ao mesmo tempo o caminho seguro e certo para o povo se organizar como povo irmão, sinal de Deus no mundo, construtor de uma sociedade justa e fraterna. — 80 pp., Cz$ 10,00.

dicação de escolas, postos médicos, creches, ruas, esgotos, água encanada; grupos de jovens, mães, domésticas, bóias-frias, lavadeiras, garimpeiros, pescadores etc.; mutirões: com eles a gente se fortalece;

• Abertura e colaboração com outras Igrejas cristãs;

• Conscientização política;

• Catequese renovada;

• Responsabilidade pela preparação para receber os sacramentos e pela administração de alguns deles;

• Liturgia renovada;

• As CEBs trazem também como fruto uma grande divisão na sociedade: de um lado, estão os ricos e poderosos; de outro, o povo oprimido querendo se libertar e ser libertador. Não se pode ficar em cima do muro. É necessário se unir para construir uma nova sociedade.

4. Restam, ainda, muitas dificuldades, resistências, questionamentos

• Tentação de desanimar e desistir diante das perseguições, torturas; impunidade dos que roubam e matam. Mas por outro lado, os nossos mártires nos dão uma força enorme na caminhada;

• Em muitos lugares os bispos e padres não aceitam ainda as CEBs como novo modo de ser Igreja;

• As CEBs têm realmente poder? Que poder devem ter para se defender?

PLENÁRIO B:

Tema: **FÉ E POLÍTICA**

Trabalho de grupo: Os 20 grupos procuraram responder à seguinte pergunta: *Na prática de sua comunidade, como vocês estão ligando fé e política hoje?*

Síntese do plenário

1. Narração de experiências significativas

a. Uma pastora batista que, por ser mulher, teve de enfrentar lutas na comunidade até ser aceita como pastora através dos ministérios específicos com os bóias-frias, nas associações de bairros etc;

b. Encruzilhada Natalino (RS) e a criação de experiências comunitárias em Nova Ronda Alta;

c. Fazenda Annoni e romaria de 250 colonos — adultos, jovens e crianças — até Porto Alegre, percorrendo 450 km a pé;

d. No Maranhão, casos de tortura a agentes comprometidos com as CEBs, e um deles, inclusive, está presente ao Encontro.

2. Análises gerais

a. Constatações negativas

• Comunidades para as quais a política ainda é algo alheio à fé;

• Existência de muitos sindicatos-pelego no campo;

• Avanço e instalação da UDR;

• Membros do clero (bispos, padres) que impedem a caminhada ou não dão apoio claro;

• Tensão no interior das CEBs por causa das opções políticas;

• Dificuldades de organização por medo e por causa das perseguições dos grandes;

• Ilha de Marajó, excluída da Reforma Agrária tão necessitada;

• Enganação da Nova República a respeito da Constituinte.

b. Constatações positivas

• Crescimento e conscientização que se manifesta de muitas formas. Ex.: escolha de candidatos às eleições ligados aos interesses populares, lançamento de candidatos próprios das CEBs, engajamento nos mais diversos movimentos populares, lutas populares e pastorais engajadas (CPT, PO, PJP);

• Organização de cursos sobre Fé e Política em nível de diocese para esclarecer sobre os problemas políticos e sociais;

• Avanço da teologia a partir da percepção de como o plano de Deus faz exigências políticas: Deus quer o homem livre e libertado;

• Maior consciência na denúncia das injustiças sociais;

• Produção de textos para a formação política dos membros das CEBs;

• Luta para transformar os sindicatos-pelego;

• Empenho em assumir, em nível de diocese, a luta pela Reforma Agrária e pela criação de infra-estrutura para que dê certo;

• Existência de muitas lutas específicas de índios, mulheres, negros, sem-terra e problemas específicos;

• Existência de grupos de estudo e reflexão sobre problemas de Fé e Política;

• Clareza cada vez maior de que não há verdadeira fé sem compromisso político.

c. Questionamentos

1. O que podemos fazer para que a hierarquia aceite a caminhada libertadora das CEBs?

2. Como superar a barreira da politicagem?

3. Como enfrentar o problema da absorção dos membros das CEBs pelos membros partidários?

4. É hora de uma "Pastoral Política"?

5. Como resolver o problema da dupla militância, nas CEBs e nos Partidos?

6. Esclarecer melhor o problema da Igreja com sua opção de classe e opção partidária.

PLENÁRIO C:

Tema: **ESPIRITUALIDADE LIBERTADORA DAS CEBs E BÍBLIA**

Dinâmicas

1. Bate-papo rotativo a partir da questão: *Quais as idéias fortes que a Bíblia traz para a caminhada da sua comunidade?*

2. Trabalho em grupo a partir da questão: *Como a Bíblia entra nas lutas da sua comunidade?*

Síntese

• A Bíblia entra nas CEBs através dos círculos bíblicos, liturgia e organização do povo;

• As comunidades percebem que a maioria do povo da Igreja ainda não lê a Bíblia como mensagem de libertação;

• Os meios de comunicação social dificultam a leitura e a compreensão da Bíblia;

Sideral Vitrais Artes

DE JOSÉ ISSA

VITRAIS e VIAS-SACRAS – Especialista em Restauração de Vitrais Antigos

EXECUTAMOS ESTILO CLÁSSICO E MODERNO

Projetos e Orçamentos: Rua Motu-Poranga, nº 43 — Fone 294-4559
Penha - Cangaíba - CEP 03716 S. Paulo, SP

ep novidades edições paulinas

NOSSA RUA TEM UM PROBLEMA

Ricardo Azevedo

Trata-se de um livro para crianças, escrito e executado de forma inteligente e criativa. Um menino e uma menina falam, desde seus pontos de vista e de sua psicologia, dos problemas existentes na mesma rua, no mesmo espaço vital. Embora tenham visão diferente das mesmas coisas, ambos se deparam com o autoritarismo. Ilustrado a cores. — 24 pp., Cz$ 31,00.

ASSOMBRAMENTOS

Mirna Pinsky

São contos para crianças, criados a partir de elementos que fazem parte da vida das crianças, de sua capacidade imaginativa e criadora. Em cinco contos, a Autora percorre o mundo fantástico e leva as crianças a uma viagem maravilhosa. Nela, todos tomam parte de forma ativa. A Autora integra o texto à imagem, numa relação dinâmica e comunicativa. Recupera os contos de fada, adaptando-os à nova realidade cultural em que vivemos. Ilustrado a cores. — 72 pp., Cz$ 90,00.

• Muitas vezes a leitura da Bíblia é feita ainda individualmente;

• A leitura da Palavra de Deus traz consigo sempre um risco, um perigo: aparece como um julgamento da parte de Deus para aqueles que não aceitam o convite de caminhar com seu povo. Um julgamento também para a Igreja, como instituição, onde a ordem hierárquica tem mais importância do que a comunhão;

• A organização do povo cresce na resistência à opressão e no esforço de libertação. A leitura da Bíblia vem para sustentar a luta; para continuar a luta; é alimento na luta. Essa leitura é sempre coletiva;

• O povo que sofre encontra na Bíblia histórias que contam como Deus convoca o povo para a resistência. Por isso, a Bíblia não está freando o povo, nem levando a queimar etapas, mas indica que a vitória é certa;

• A Bíblia nos revela que Deus está presente na história. Os relatos bíblicos refletem a nossa própria história. Por isso, a Bíblia pode ser considerada como "espelho" da vida do povo;

• A Bíblia é nossa parceira e nossa companheira;

• A Bíblia é um livro que nos ensina a sermos solidários com aqueles por quem Deus tomou partido: os fracos, os pobres, os marginalizados. Nesse sentido, a Bíblia nos convida a nos engajarmos na luta pela concretização de uma sociedade de partilha, de justiça e de liberdade. Ela pode ser compreendida como uma ferramenta no processo de libertação;

• A Bíblia é luz e permite ter uma visão mais clara das ideologias e das estruturas, bem como perceber qual é o projeto de Deus sobre o momento histórico que estamos vivendo. Isso nos leva a entender um jeito novo de ser Igreja;

• Essa leitura, feita nas comunidades, unindo Vida e Bíblia, é muito fecunda.

PLENÁRIO D:

Tema: **CEBs, HIERARQUIA E MINISTÉRIOS**

No bate-papo rotativo foi discutido: *Como as CEBs estão superando os desencontros dentro da Igreja?* A questão levantada para os trabalhos dos 15 grupos foi a seguinte: *Como os novos ministérios/serviços estão construindo o nosso modo de ser Igreja?*

Depois do debate em grupos houve um plenário em que os relatores apresentaram o resultado da discussão em grupo, seguido por um momento de tribuna livre, "a fila do povo". Queremos sintetizar os dois momentos em 5 pontos:

1. As lutas vitoriosas do povo

Espontaneamente e com muita alegria o pessoal lembrou várias lutas vitoriosas do povo: conquista das diretorias de sindicato, criação de um conselho de moradores, de uma horta comunitária etc. Isso como sinal que *a fé do povo* e sua expressão eclesial, *as CEBs,* estão vivas, *ligadas às lutas pela vida.* Uma nova maneira de ser Igreja com novos ministérios só nasce a partir da base, quando se parte das angústias, das necessidades, da realidade do povo.

2. Quais são os novos ministérios/serviços?

a. São *os ministérios de sempre* (catequese, liturgia...) só que agora exercidos *de maneira diferente:* mais ligados à vida do povo, exercidos em equipe. E agora exercidos por *pessoas diferentes:* são os animadores/leigos que em algumas comunidades assumem o ministério do batismo, do casamento...

Esses ministérios foram chamados "ministérios internos", de serviço à construção da própria CEB.

b. São *os ministérios novos mesmos,* que nasceram de alguns anos para cá: ministérios a serviço da saúde popular, dos direitos humanos, do mutirão, da pastoral da terra, da pastoral operária, dos jovens, da promoção da mulher, dos subsídios populares... Todos eles ligados às lutas do povo. São os "ministérios externos" de serviço político à sociedade.

3. O que gerou essa mudança no exercício dos ministérios e o nascimento de outros novos ministérios?

• Foram os Círculos Bíblicos, a recuperação da Bíblia pelo povo;

FUNDIÇÃO ARTÍSTICA PAULISTANA

Sinos para igrejas, capelas, fazendas, navios, etc.

Especialidade em carrilhões, toque eletrônico e reformas de campanários

FERNANDO LUCAS ANGELI

Av. Iraí, 1787 — Indianópolis
04082 SÃO PAULO — Tel.: 61-7806

• As reuniões em pequenos grupos onde cada um pode falar;

• O método ver-julgar-agir, que ajuda a ligar a fé com a vida, a ligar as CEBs com os movimentos populares;

• As próprias lutas do povo fizeram crescer a consciência dos pobres: é o pequeno acreditando no pequeno;

• Nisso tudo ajudou muito o apoio de bispos, padres e vários serviços pastorais: CPT, CPO, CEBI, PJ...;

• A descentralização dos serviços pastorais da paróquia abriu espaço para o povo participar e assumir sua Igreja;

• A própria cultura do povo, seu jeito de convivência, de partilha e solidariedade deu um grande impulso aos ministérios e serviços.

4. Aparece uma Igreja com novo rosto

• Toda ela ministerial, cada qual contribuindo com seu dom;

• Comprometida com o povo: uma Igreja dos pobres;

• Com a base na Palavra de Deus, o Evangelho de Jesus Cristo;

• Celebrando a vida do povo;

• Partilhando o poder em inúmeras instâncias, do conselho comunitário até a assembléia diocesana.

5. Existem, todavia, ainda muitos desafios e questões

• Há *bispos e padres* que atrapalham e dificultam a caminhada das CEBs, levando um dos participantes a desabafar: "CEBs somos nós. Vamos acabar com a hierarquia eclesial", mas logo corrigido por outro participante: "Não é o caso de acabar com a hierarquia; os bispos e padres devem se adaptar ao povo, se converter ao povo, e logo depois dar orientação ao povo". Ou outro: "Como pode o bispo que não vai de acordo com a maioria do povo continuar como pastor?!" "Tem muitos bispos que ficam em cima do muro". "Quando é que a Igreja se tornará pobre de verdade?" "Só haverá conversão quando padres e bispos experimentarem o que é a vida do povo".

• Existe ainda, no exercício dos ministérios e serviços, discriminação de jovens e de mulheres: "Por que a mulher não pode ser sacerdote?"

• São poucas ainda as comunidades em que os leigos assumem ministérios tradicionalmente reservados a ministros ordenados (diácono, padres e bispo), como, por exemplo, o ministério do batismo, do casamento...

• E no caso de leigos assumirem esses ministérios: "como confirmá-los nessa missão sem criar minipadres?"

• Em relação à militância política existe certo preconceito nas CEBs: o medo da política partidária, o não saber distinguir bem o espaço da CEB e da política;

• Como guardar o elo de ligação entre o povo das CEBs e os militantes na política partidária?

• Temos de ter cuidado com o nosso trabalho de mutirão e outras promoções para não fazer o que o governo deveria fazer;

• Neste ano de eleições devemos estar atentos para não deixar que políticos mal intencionados se aproveitem da gente.

ÓRGÃOS ELETRÔNICOS-LITÚRGICOS COM TRANSPOSITOR

seis modelos

• teclado com 61 teclas; • 1 teclado com 61 teclas e pedaleira com 13 teclas; • 2 teclados com 61 teclas cada e pedaleira com 32 teclas (3 modelos); • 3 teclados com 61 teclas cada e pedaleira com 32 teclas.

• GERADOR DE CRISTAL A QUARTZO
• ACOPLAMENTOS
• COMBINAÇÕES LIVRES E FIXAS
• PEDAIS DE EXPRESSÃO E CAIXAS ACÚSTICAS
• TRANSPOSITOR
• GARANTIA TOTAL POR DOIS ANOS

ÓRGÃOS DE TUBOS: REFORMA EM GERAL E MANUTENÇÃO

J. C. RIGATTO — IND. E COMÉRCIO — Fone (011) 864-5686
02515 São Paulo — Casa Verde — Cx. Postal 16.406 — SP

NESTE NATAL, DÊ LIVROS DE PRESENTE

O Natal é sempre uma ocasião para presentear as pessoas que amamos. Bons livros, que ajudem a pensar no grande presente que a humanidade recebeu na pessoa de Jesus, colaboram para tornar essa grande festa numa celebração do amor de Deus e das pessoas entre si.

A ESTRELA MISTERIOSA — Maria Heloisa Penteado — É um texto infantil sobre o Natal, numa visão bem moderna, não diretamente religiosa, que leva a criança, junto com a família, a esperar e a contemplar o Cristo que vem. Desperta o sentido da expectativa e da partilha, a valorização das pessoas, das coisas e das potencialidades de cada um. O livro é ilustrado a quatro cores. — 24 páginas, Cz$ 13,00.

A LONGA VIAGEM DO REI CÁGIS — Lina Farronato — É uma lenda universal, narrada para crianças. Relata a história de um quarto Rei Mago, o Rei Cágis. Ele também vê a estrela que anuncia o nascimento de Jesus. Põe-se a caminho, numa longa viagem, cheia de peripécias, que dura mais de trinta anos. Por fim, chega a Jerusalém e encontra Jesus, o Rei, indo para o Calvário. Ilustrado e encadernado. — 108 pp., Cz$ 50,00.

VIDA DE CRISTO — S. Garofalo e Equipe — Reconstrução iconográfica dos momentos mais significativos das narrativas dos Evangelhos, mostrando como em vinte séculos de história a vida de Cristo foi representada na história da humanidade. As ilustrações selecionadas mostram uma imagem fotográfica da realidade da Palestina no tempo de Jesus, reconstruída em seus pormenores. Ilustrado e encadernado. — 176 pp., Cz$ 58,90.

JESUS DE NAZARÉ — Normann J. Bull — Ao recontar a história da vida de Jesus, o Autor traz para o presente os fatos daquele tempo. Dá informações sobre como Jesus viveu, seu dia-a-dia, sua religião, sua terra, seus milagres, as pessoas com as quais viveu e às quais entregou seu tempo, vida e amor. Dá especial ênfase às parábolas. O livro é ricamente ilustrado a quatro cores e encadernado. — 158 pp., Cz$ 66,20.

plenários do dia 23 de julho

LUTA PELA NOVA SOCIEDADE

O tema debatido no dia 23 foi "Luta pela nova sociedade". Este tema estava dividido em 4 ítens, um para cada plenário. Apresentamos, a seguir, as conclusões de cada um desses plenários que, em linhas gerais, foram assumidas pelo Documento Final.

PLENÁRIO A:

Tema: **CONSTITUINTE POPULAR E NOVA CONSTITUIÇÃO**

No bate-papo rotativo foi discutida a questão: *Como sua comunidade está participando da preparação para a Constituinte?*

Em todo o Brasil, as CEBs já começaram a fazer seus debates, suas assembléias, cursos etc. a respeito da nova Constituição e do processo constituinte. Há uma consciência generalizada da importância deste momento histórico, embora se tenha a percepção dos *limites* da participação popular no processo constituinte, em virtude da opção do governo por um *Congresso constituinte.* Tem-se, contudo, a perspectiva da oportunidade deste momento para o avanço da *consciência* e da *organização* do povo, como nunca ocorreu antes em nossa história na elaboração das nossas Constituições.

Os grupos discutiram a seguinte questão: *O que se pode ainda fazer por uma Constituinte popular e uma Constituição favorável aos interesses do povo?* As sugestões visam às três fases do processo: antes, durante e depois.

Antes

1. A exigência fundamental dessa fase é uma profunda *conscientização* sobre o significado e a importância do processo constituinte para a vida nacional e, de modo particular, para as classes populares. Essa conscientização deve ser feita utilizando todos os meios disponíveis tanto no interior das CEBs e das comunidades paroquiais, como, partindo daí, das grandes massas oprimidas de nosso país;

2. Escolha de *candidatos* de base ou candidatos comprometidos com as causas populares. Deve haver exame sério de sua biografia no que diz respeito ao engajamento com as causas populares;

3. Elaboração de *propostas,* que devem ser encaminhadas aos candidatos, e exigir seu compromisso com elas;

4. Fazer do dia 7 de setembro o *Dia Nacional da Constituinte* para que toda a população do país possa descobrir a importância do que estamos por realizar;

5. Unir-se, na luta, tanto às demais *Igrejas cristãs,* como também às diversas entidades da sociedade;

6. Escolha e formação de *missionários da Constituinte:* cristãos esclarecidos sobre a questão, e dispostos a ajudar no processo de conscientização popular.

Durante

1. Criação de uma Comissão de Base para acompanhar, em Brasília, a elaboração da nova Constituição;

2. Publicação de um *Boletim* para informar as comunidades sobre o que está sendo discutido;

3. Funcionamento, em Brasília, de uma *Assembléia Nacional Popular* paralela ao Congresso constituinte, para o debate das grandes causas populares;

4. Descobrir diferentes maneiras de pressionar os constituintes;

5. Acompanhar os candidatos eleitos pelo voto popular, a fim de que eles possam ser fiéis aos compromissos assumidos com o povo;

6. *Romaria da Constituinte* a Brasília como forma de fazer o Congresso constituinte voltar-se para as aspirações populares.

Depois

1. Estudos nas bases para conhecimento da Nova Constituição;

2. Exigir o cumprimento das novas leis;

3. Avaliar o significado do processo constituinte para o crescimento do movimento popular.

PLENÁRIO B:

Tema: **MOVIMENTOS POPULARES E LUTAS ESPECÍFICAS**

Síntese dos trabalhos de grupo em torno da pergunta:

Quais são as conquistas e as dificuldades encontradas pelos movimentos populares?

1. ***Índios:*** *Conquistas:* Poucas conquistas, apenas algumas demarcações precárias. Projeto do gado, apoiado pela igreja do Roraima, para combater o gado dos fazendeiros. Apoio do CIMI.

Problemas: Falta de transporte (Rio Negro), saúde, educação, terra, não demarcação (Projeto do Gen. Diniz: não demarcar terras indígenas próximas às fronteiras). As fazendas e mineiração estão cercando áreas indígenas. Índios são muitas vezes torturados, mortos, levados à extinção.

O que os índios querem: a demarcação sem violência, e respeito como povo indígena.

2. ***Negros:*** *Avanços:* Movimentos de agentes pastorais negros, Movimento de União e Consciência Negra, resgatando a história e cultura do negro. Algumas dioceses se preocupam em estudar a cultura e religião (Candomblé), o negro e a pastoral da Igreja (Ilhéus, BA). Celebração de datas importantes: 13 de maio, 20 de novembro (morte e ressurreição do grande mártir Zumbi). Tema da Campanha da Fraternidade de 1988, sobre os negros. Comemoração dos 100 anos de luta contra a discriminação após a chamada "lei áurea". Ecumenismo: diálogo com as religiões afro e lutas comuns (moradia, desemprego etc.). Uma educação voltada para a consciência histórica do negro.

Problemas: O sul é profundamente racista. Negros com estudo não conseguem emprego. Discriminação até nas CEBs. Negros estão escondidos nas favelas. Dificuldade de o negro se assumir como negro. Repressão policial. Muitos pensam que o movimento negro veio para dividir, mas na realidade a divisão já existe. O movimento negro é autônomo, mas tem lutas comuns com os outros movimentos.

3. ***Lavradores:*** *Conquistas:* Passeatas do dia 1º de maio para reivindicar ambulância, postos de saúde etc. Conquista de professora rural, cooperativas para o pequeno produtor e agricultor, sindicalização, indenização, derrubada dos sindicatos-pelego, projetos de casa comunitária, desapropriação de três fazendas através de greve de fome, melhoria de transporte, greves de bóias-frias, assembléias que conquistaram assentamentos de famílias, conquistas do PT, tomada de posse da sede da fazenda, acampamento para conseguir sementes, projeto de conscientização do valor da terra, para que não seja vendida, hortas comunitárias.

Dificuldades: Falta de saúde, atendimento médico, sementes, terra, estradas; falta de organização dos sindicatos; preço baixo dos produtos agrícolas, paternalismo, salários baixos, sindicatos-pelego, fazendas de gado, projeto JICA, UDR, dificuldade de crédito nos bancos, política agrícola, desemprego na entressafra (bóias-frias); professores do NE que ganham Cz$ 80,00 por mês; projetos de usinas em terras de lavradores.

4. ***Sem-terra:*** *Conquistas:* Lavradores sem-terra enfrentam pistoleiros; ocupações de terras e terrenos; trabalhos de mutirão; assentamento de famílias; movimento dos sem-terra em todos os estados; resistência em favor da reforma agrária; o sindicato despelegando; crescimento das CPTs estaduais e vitória dos militantes políticos indicados pelos sem-terra; manifestações, caminhadas, união para vencer as pressões políticas.

Problemas: Conflito com o governo, fazendeiros e pistoleiros; violência no campo; política e juiz do lado do latifundiário; barragens para irrigação das terras dos latifundiários, até com apoio do bispo. Pequenos se organizando contra pequenos; sindicatos-pelego. Propaganda de uma reforma agrária que não passa de legalização de um trabalho antigo e títulos de posse. Problema do babaçu nas mãos dos grandes (PI). Conquista da terra só no papel. Política de colonização que leva gente do sul para o norte, sem condições. Evasão das escolas, devido à migração. Doenças, cansaço, desânimo, fome e medo. UDR, cultura de exportação. Falsos discursos dos políticos. Demora do INCRA na demarcação das terras. Manipulação dos meios de comunicação.

5. ***Posseiros:*** *Conquistas:* Têm posse da terra, mas em todas as regiões de posse há pistoleiros. Na luta pela defesa, "as mulheres servem de alavanca com as orações". "O posseiro só vive produzindo o que consome e consome o que produz". Vive muito isolado.

Dificuldades: "O posseiro só vive produzindo o que consome e consome o que produz". Vive muito isolado, não tem conhecimento de como lutar por meios específicos. Desconhece a sociedade, não tem visão político-social, mas tem profundo conhecimento de defender "o que é seu". Falta transporte, escolas; os produtos que compra são caros demais. Poucos sindicatos tomam a peito os problemas.

6. ***Sindicalismo:*** *Conquistas:* Formação de delegacias sindicais no meio rural. União entre associação de domésticas e sindicatos operários. Conseguiu-se acabar com a escala de revezamento dos operários em uma fábrica, que prejudicava as famílias.

Dificuldades: Peleguismo dentro do sindicato, mas também por parte do povo que não dá apoio aos sindicatos. Medo das greves. Alguns sindicatos rurais, formados com o apoio da Igreja, caíram quando membros da Igreja voltaram ao trabalho pastoral. Falta de conscientização dos trabalhadores.

7. ***Mulheres:*** *Conquistas:* Conscientização através de conquistas; elaboração de documentos para a Constituinte; participação das mulheres na CPT; melhoria de salários para lavadeiras e domésticas; reivindicação de escolas e saúde; encontros e entrosamentos com outras religiões: as mulheres que organizam as lutas da comunidade; participação das mulheres nos mutirões e piquetes; associação das mulheres; conscientização das mulheres; posto de saúde; caixa comunitária; fornos; hortas; lavanderia e farmácia comunitárias; mulheres que saem de casa para estudos sobre a Constituinte e reforma agrária; tabelas de preços para as lavadeiras e domésticas; clubes de mães; delegacia de mulheres em Cuiabá; organização das mulheres; ocupação de terras para construir um centro comunitário; pastoral da mulher; prostitutas organizadas; centro comunitário; melhoria da vida através de greves, encontros das esposas, artesanatos próprios; participação das jovens mulheres na luta; descoberta do papel das mulheres na Bíblia. "Nós semeamos. Quem vai colher são os nossos netos".

Dificuldades: Machismo do homem pela:

- dupla *moral:* o homem pode fazer tudo e a mulher não; a mulher é prostituta, mas onde estão os homens prostitutos?
- dupla *educação:* a mulher é educada para viver dentro de casa;
- dupla *economia:* salários da mulher sempre mais baixos que os dos homens;
- dupla *lei:* leis que favorecem mais os homens;
- dupla na *Igreja:* a não-participação da mulher na hierarquia da Igreja: por que a mulher é marginalizada, se Maria foi a primeira sacerdotisa?

Muitas mulheres são escravas dos maridos; domésticas e lavadeiras exploradas; infiltração dos partidos; sindicatos-pelego; problemas de emprego; distâncias que dificultam reuniões; dificuldade de se organizarem; não valorização da mulher; acomodação de muitas; dificuldades de participar de encontros maiores e mais distantes; muitas mulheres são espancadas pelos maridos.

MIMEÓGRAFOS
GESTETNER — REX-ROTARY
(NOVOS E USADOS)

* Fornecemos p/ todo o Brasil, com garantia de um ano
* Tinta e estêncil
* Assistência técnica garantida para todo o Estado de São Paulo

Consultas por carta — telegrama ou telefone
DUCMAQ — Novo Fone: (011) 562-4567
Av. Cupecê, 5.768 — 04366 São Paulo — SP

emphasis

VITRAIS REALMENTE ARTÍSTICOS
O detalhe que faz a diferença

✻ Vitrais inquebráveis e totalmente seguros.
✻ Gama infinita de cores à sua escolha. ✻ Riqueza de detalhes.
✻ Equipe especializada desenvolvendo motivos e estilos segundo a arquitetura. ✻ Várias texturas de vidro. ✻ Serralheria opcional.
✻ PREÇOS e ARTE SEM CONCORRÊNCIA! CONHEÇA E COMPROVE!

VISITA E ORÇAMENTO SEM COMPROMISSO

04029 SÃO PAULO:
Av. Ibirapuera, 1.865
Tel.: (011) 549-0614

12940 ATIBAIA (SP):
Av. Brig. Faria Lima, 431
Av. Major Joviano Alvim, 523 — Tel.: (011) 484-2755

8. *Associação dos moradores: Conquistas:* Saúde, escola, mercados, esgotos, luz, água, hospitais, creches, encampação de uma clínica, fornos e hortas comunitários, ocupação de terras urbanas, reuniões com o povo para conscientizar, verbas para melhoria da escola, cursos com o método Paulo Freire, identidade nas propostas comuns com as CEBs, comissão de saúde para melhorar o funcionamento dos hospitais.

Dificuldades: Infiltração de políticos; manipulação política; migração, boicote das informações; muitos ficaram só nas reivindicações; falta de terra para as hortas; falta de apoio; desapropriação de terrenos e favelas; escolas caras; falta de competência de muitos professores; diretores nas escolas colocados por políticos; falta de competência na administração escolar; falta de salas de aula; casas pequenas; dificuldades nos mutirões; prefeitos que apóiam as clínicas particulares; autoridades que prometem, mas nada fazem; os políticos que dizem que as conquistas são deles; pouco exercício da democracia no poder; confusão entre movimento popular e CEBs; loteamentos clandestinos não legalizados; hospitais que não funcionam como posto de saúde por falta de equipamentos.

PLENÁRIO C:

Tema: **PROJETO POLÍTICO POPULAR**

Dinâmicas

Bate-papo rotativo a partir da pergunta: *Quais as duas ou três coisas necessárias para o povo numa nova sociedade?* Trabalho em grupos a partir da pergunta: *Como sua comunidade está contribuindo na construção de um Projeto Político Popular (ou Projeto de Libertação do Povo)?*

Síntese

O plenário entende o Projeto Político Popular como sendo um processo em construção, através da prática, numa dupla dimensão: conscientização e organização.

A nível de conscientização, através de:

- Formação de trabalhadores, jovens, mulheres e crianças; cursos; Bíblia;
- Sindicalismo;
- Política;
- Rádio, informações;
- Boletins: subsídios para reflexão dos grupos.

A nível de organização, através de:

- Mutirões;
- Reivindicações organizadas;
- Sindicatos autênticos;
- Oposição sindical;
- Cooperativas;
- Movimentos de mulheres;
- Organizações dos negros;
- Comitês pró-Constituinte;
- Apoiar os candidatos da base e a administração popular;
- Luta pela terra: CPT, Pastoral Rural, movimentos dos sem-terra, movimento do solo urbano;
- Hortas e roças comunitárias;
- Movimento pró-favela;
- Associações de moradores;
- Movimentos de organização em defesa da vida;
- Saúde comunitária.

O processo da construção do Projeto Político Popular deve desembocar numa sociedade onde o poder político será exercido pelo povo a serviço do povo, e os meios de produção serão socializados. Isso será garantido pela confiança do pobre no próprio pobre, à medida que, nas pequenas lutas, são vencidos os limites como o medo, o peleguismo, a violência, a desigualdade social e o poder como dominação e exploração.

Desafios

- Como politizar as reivindicações? Apenas reivindicar, ou apresentar propostas alternativas de um Projeto Político Popular?
- O que é específico das CEBs e o que é específico do Estado?
- Como conviver com o poder, entendendo poder como serviço?

BANCOS E ALTARES

PARA IGREJAS
DIVERSOS MODELOS

- Fabricados em imbuia maciça (não trabalhamos com compensados e aglomerados).
- Reservas florestais, extração e serraria própria.
- Secagem natural da madeira por período superior a dois anos
- Maquinário e técnica modernos. Pessoal altamente especializado.
- Transporte próprio, portanto, custos mais reduzidos.
- Financiamento, aceitando também sem sinal.
- Fornecemos estudos, planejamento e orçamento gratuito.

PARA MELHORES INFORMAÇÕES, SOLICITE CATÁLOGO, E VISITA DE VENDEDORES, SEM COMPROMISSO

IRMÃOS FAERBER LTDA.
QUASE MEIO SÉCULO MOBILIANDO A CASA DE DEUS
Cx. Postal, 29 — Porto União — Santa Catarina

ESCRITÓRIOS DE VENDAS
EM CURITIBA: Rua Van Gogh, 120 — Cx. Postal 2.333 Fone: (041) 262-6135 — A qualquer hora
NO RIO DE JANEIRO: Rua Uruguai, 59 — Apto. 902 Cx. Postal 24.070 — Fone (021) 258-3593 20522 — RIO DE JANEIRO — RJ

NÃO TEMOS SOCIEDADE COM NENHUMA FIRMA

PLENÁRIO D:

Tema: **O MUNDO DO TRABALHADOR E SINDICALISMO**

O bate-papo rotativo foi em torno da questão: *Quais os conflitos existentes na sua área de trabalho?* Nos 16 grupos foi discutida a questão: *Como as comunidades podem fortalecer o sindicalismo combativo?* Houve, nos trabalhos de grupos, uma convergência em relação aos seguintes pontos:

1. Necessidade de desenvolver um grande trabalho de conscientização dos trabalhadores sobre a importância de participar do sindicato, de suas lutas e seu fortalecimento como entidade dos trabalhadores;

2. Necessidade de as CEBs estimularem a participação dos trabalhadores na vida e nas lutas sindicais, apoiando as direções combativas e combatendo as direções-pelego;

3. As CEBs devem apoiar de todas as formas as lutas dos trabalhadores organizados em sindicatos;

4. Necessidade de uma campanha de sindicalização que leve os trabalhadores a assumirem o sindicato como instrumento de suas lutas. Sindicatos fortes nascem da participação de todos;

5. Necessidade de formar quadros de jovens para uma participação consciente no sindicalismo e de promover uma participação maior da mulher na organização e direção dos sindicatos;

6. Necessidade de apoiar e reforçar as pastorais ligadas aos trabalhadores, particularmente CPT e CPO;

7. Divulgar para o conjunto dos trabalhadores as informações sobre a existência e a importância dos sindicatos, de forma a estimular a sindicalização, a maior participação e a democratização dos sindicatos;

8. Fortalecer as oposições sindicais que lutam contra as direções pelegas. Apoiar os movimentos dos sem-terra;

9. Lutar pela unidade sindical e apoiar o fortalecimento da CUT;

10. Desenvolver a confiança dos trabalhadores nos próprios trabalhadores.

SONORIZAÇÃO PROFISSIONAL

A DI-SOM É UMA EMPRESA ESPECIALIZADA EM SONORIZAÇÃO DE AMBIENTES.
CENTENAS DE CLIENTES EM TODO O BRASIL COMPROVAM NOSSA EXPERIÊNCIA E QUALIDADE.

INDÚSTRIAS, ESCRITÓRIOS, LOJAS COMERCIAIS, SUPERMERCADOS, COLÉGIOS, HOSPITAIS, IGREJAS, PRAÇAS DE ESPORTES, CLUBES, TEATROS, SHOPPINGS, ETC.

POSSUIMOS UM EXCELENTE KNOW-HOW EM TODAS AS MODALIDADES DE SONORIZAÇÃO DE AMBIENTES.
FABRICAMOS, PROJETAMOS E INSTALAMOS

di-som
PRODUTOS ELETRÔNICOS IND. COMÉRCIO LTDA.
RUA CIPRIANO BARATA, 781
IPIRANGA - SÃO PAULO - SP. -
FONE: (011) 914-0533 -
Cx. POSTAL: 5182 - CEP: 04205
FILIAIS E REPRESENTANTES EM TODO O BRASIL

Pedimos preencher este formulário e nos enviar para receber a visita de um técnico orçamentista.

NOME DO RESPONSÁVEL:_____
NOME DA ENTIDADE:_____
ENDEREÇO:_____
BAIRRO:_____ TEL.:_____
CIDADE:_____ ESTADO:_____
DATA:_____
ASSINATURA:_____

ep reedições
edições paulinas

A PALESTINA NO TEMPO DE JESUS — C. Saulnier-B. Rolland — O livro começa analisando a situação política, geográfica, social e econômica do Império Romano. A seguir, traça o perfil da Palestina sob esse Império: a economia, as instituições religiosas, a sociedade judaica, os grupos político-religiosos do tempo de Jesus. Por fim, aborda o tema da resistência judaica frente à civilização greco-romana. — 2ª ed., 96 pp., Cz$ 17,10.

UMA LEITURA DO APOCALIPSE — VV. AA. — Após breves notas introdutórias, o livro analisa o texto do Apocalipse, mostrando a Igreja comprometida em levar adiante o projeto de Deus. Depois dessa análise, os Autores fornecem estudos complementares sobre temas importantes, tais como: Êxodo e Apocalipse; A Liturgia no Apocalipse; Testemunho e profecia. Uma breve análise do evangelho de Tomé encerra a obra. — 2ª ed., 96 pp., Cz$ 17,10.

SEGUNDO AS ESCRITURAS — Estrutura fundamental do Novo Testamento — C. H. Dodd — O Autor afirma que a comunidade primitiva conservou oralmente, antes de serem postos por escrito, os conteúdos essenciais do Antigo Testamento que iluminavam e provavam ser Jesus o Messias prometido. É a esses conteúdos essenciais que os Autores do Novo Testamento se referem, quando empregam a expressão "segundo as Escrituras". — 2ª ed., 144 pp., Cz$ 23,10.

VAMOS CONHECER A BÍBLIA — Iniciação bíblica para o povo de Deus — VV. AA. — O livro é um curso para entrar em contato com as linhas mestras da Sagrada Escritura. Contém as idéias fundamentais e a mensagem central da Bíblia. É um subsídio para grupos de estudo bíblico e para aulas nas escolas de primeiro e segundo graus. A ordem dada aos livros da Bíblia é a do seu aparecimento. — 2ª ed., 136 pp., Cz$ 19,50.

FÉ CRISTÃ E COMPROMISSO SOCIAL — P. Bigo-Fernando Bastos de Ávila — O livro contém elementos para uma reflexão sobre a América Latina à luz da doutrina social da Igreja. O texto tem a preocupação de definir essa doutrina social cristã como sendo "uma seqüência sempre aberta, nunca definitivamente acabada, de concepções relativas ao social, em toda a amplitude do termo". — 3ª ed., 480 pp., Cz$ 75,60.

plenários do dia 24 de julho

TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS

O tema discutido no dia 24 foi "Terra de Deus, terra de irmãos". Também este tema estava dividido em 4 ítens, um para cada plenário. A seguir, apresentamos as conclusões de cada um desses plenários. Em linhas gerais, o Documento Final reassume os principais anseios aqui apresentados.

PLENÁRIO A:

Tema: **LUTA PELA TERRA: NOSSA REFORMA AGRÁRIA**

Discutindo esse assunto, 283 participantes foram divididos em 18 grupos, procurando responder às seguintes questões: **1.** *O que é necessário para a reforma agrária?* **2.** *Como acontecem as lutas pela terra em sua região?*

Questão 1: ***O que é necessário para a reforma agrária?***

É necessário: Partir do povo; que a reforma agrária seja controlada pelos trabalhadores: que os trabalhadores tenham o poder jurídico para controlar; a cidade deve apoiar; conscientização das bases; apoio das CEBs; fixar o módulo máximo (500 ha); criar uma política de incentivo, dar condições: estradas, escolas, saúde, sementes...; romarias para sensibilizar e reforçar; reforçar os sindicatos; desmascarar a falsidade do governo; desapropriações com título coletivo; que o governo crie infra-estrutura necessária; desapropriar os latifúndios; demarcação das áreas indígenas; título intransferível; impostos mais baratos; deve ser urgente; preço mínimo dos produtos; terra coletiva; assistência agrícola e comercialização dos produtos; repensar a política de exportação; policultura; reforma agrária também em terras produtivas; que o povo fiscalize as desapropriações; fim do incentivo aos grandes; legalização das terras dos acampados; que as sugestões do povo sejam ouvidas; terra a quem precisa e a quem trabalha, e no seu lugar, onde está; eleger parlamentares da base; representantes dos trabalhadores junto ao INCRA; terra para cada família, de acordo com as necessidades; mudança na legislação agrária; terra boa para todos na própria região; Bíblia como instrumento de conscientização; acabar com o atravessador; reforma agrária e não colonização; usar os meios de comunicação social; terra comunitária para todos os lavradores.

Questão 2: ***Como acontecem as lutas pela terra em sua região?***

Acontecem através de: Comissões de base dos sem-terra; resistência na terra; união entre sindicatos, CPT, Igreja; articulação de entidades de apoio com tomadas de posse e acampamentos; ocupação do INCRA; programas de rádio semanais; atos públicos de apoio à reforma agrária; levantamentos dos sem-terra; roças comunitárias; cursos sobre sindicalismo, Bíblia; caminhadas e romarias; marchas; celebração das conquistas; cooperativas; grupos de mutirão; conselho de moradores; assentamentos; ocupações no Rio, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Roraima; pressões sem violência; derrubada de sindicatos-pelego; apoio das Igrejas: católica e metodista; grupos que discutem a reforma agrária e a resistência; luta pela legalização dos acampamentos; o povo força a desapropriação apesar das mortes; atos públicos e abaixo-assinados; celebrações e vigílias; manifestações; ocupações simultâneas; derrubadas de diretorias pelegas.

Síntese

1. Antes da reforma agrária

- Conscientização, romarias etc.;
- Todos fizeram referência a quem deve fazer a reforma agrária: os trabalhadores. Todos têm consciência de que pode sair uma reforma agrária pelega. Como fazê-la? — Limitando o tamanho da propriedade; os beneficiados não podem vender a terra. Como deve ser? Integral!

2. Como estão as lutas?

Há dois tipos de luta:
a. Resistência na terra (os que estão);
b. Ocupação (os que não têm terra).

Fora dos locais

• Atos públicos, articulação, pressões;
• Organização política das ocupações (conselhos, leis de uso da terra, mutirões e acampamentos);
• Organizam o núcleo da nova sociedade, baseada no novo projeto popular.

PLENÁRIO B:

Tema: **PROJETOS DO GOVERNO**

Os 16 grupos deste plenário procuraram responder às seguintes perguntas: **1.** *Na sua região, que problemas trazem os projetos do governo? Ajudam ou atrapalham a reforma agrária?* **2.** *Como as CEBs estão reagindo em defesa do povo, diante desses projetos do governo?*

Síntese dos trabalhos

I. Tipos de projetos

São 36 grandes projetos conhecidos.

1. Alguns deles são voltados para o assim chamado desenvolvimento regional. Exemplo: SUDENE, NORDESTÃO (SÃO VICENTE), SUDAM, projetos ligados com a área de irrigação, NORDESTE, Plano de Emergência para o Nordeste.

2. Projetos voltados para a modernização e incentivo à produção para exportação. Exemplo: CARAJÁS, PRÓ-ÁLCOOL, FORMOSO, Usinas hidrelétricas (barragens), projetos cerrados (JICA), reflorestamento, zona franca.

3. Projetos político-sociais: AIS (Ação Integrada de Saúde), Fundo Rural, reservas florestais, colonização etc.

II. Objetivos dos projetos

"O governo não pensa em fazer reforma agrária, mas pensa em fazer reforma agrícola". Esta expressão de um participante revela que esses projetos estarão voltados a responder aos grandes interesses nacionais e multinacionais, para dar um bom nome ao governo, e não resolver os problemas reais da maioria da população.

Promover a modernização da agricultura, orientando a produção para exportação, ligando assim o nosso país ao mercado mundial. Em conseqüência, não se produz no país o que a população necessita. Exemplo: o projeto JICA, que é um projeto japonês, tem a finalidade de produzir alimentos aqui no Brasil para serem comercializados no mercado mundial pelos japoneses.

Observação: Todos os projetos vêm de cima para baixo, sem nenhuma participação do povo. Isso faz com que a maioria do povo não conheça esses projetos.

III. Conseqüências sociais dos projetos

As conseqüências sociais da aplicação ou não desses projetos foram destacadas:

• Expulsão do homem do campo, resultando em maior concentração da propriedade das terras nas mãos dos grandes;
• Deslocamento das populações, seja para cidades ou para áreas de colonização;
• Produção de bóias-frias, explorando o trabalho com baixos salários e "escravidão branca";
• Atrapalham a vida, destruindo a natureza;
• Divisão e desarticulação das organizações populares, criando a ilusão de que os governos vão resolver os problemas;
• Confundem a opinião pública, dando a idéia de que o governo está fazendo muita coisa no plano social, dificultando o apoio dos movimentos populares, que são tidos como insatisfeitos;
• Colhendo informações da vida do povo através de questionários, fazem com que os próprios lavradores entreguem a organização do povo e os seus líderes;
• Usam os projetos para fins eleitoreiros.

Mesmo que não seja objetivo declarado, a prática revela que os projetos têm, como finalidade geral, não a participação do povo e a satisfação de suas necessidades, mas o seu controle. Funcionam como "cala boca".

IV. Ação das CEBs

A ação das CEBs se realiza de diversos modos, dependendo da realidade e do amadurecimento da comunidade. Das ações indicadas, destacam-se:

• Conscientização e discussão dos projetos, ligando-os com os problemas concretos da vida, desenvolvendo um senso crítico;
• As CEBs são alimento da luta, fortalecendo as organizações populares;
• Estimula a participação nos sindicatos, associações, cooperativas etc.;
• Denuncia as situações de injustiça;
• São solidários nas lutas pela presença e coleta de alimentos (ex.: acampados);
• Repúdio dos projetos com vigílias de oração e jejuns;
• Luta por um projeto popular de reforma agrária, desenvolvimento agrícola, baseado na idéia de conquista;
• Desperta para a consciência de luta de classe;
• Apoio aos sindicatos autênticos e renovação dos sindicatos-pelego;
• Articula a solidariedade frente a violência feita aos lavradores;
• Promove e participa de romarias da terra, passeatas etc.;
• Preocupa-se com a conscientização de crianças e adolescentes;
• Estimula a posse e o uso comunitário da terra;
• Questiona a propaganda dos meios de comunicação, que tiram a esperança da conquista da terra.

Proposta: Que as CEBs assumam a proposta da campanha nacional pela reforma agrária, no sentido de criar comitês da reforma agrária por todo o Brasil.

PLENÁRIO C:

Tema: **SOLO URBANO E MORADIA**

Dinâmica

Trabalho em grupos (10) em torno das questões: **1.** *Como ligar a luta pela terra no campo e na cidade?* **2.** *Quais os jeitos que o povo está descobrindo para garantir o direito de posse e de moradia digna?*

Síntese

Todos os grupos percebem que a luta no campo e na cidade tem uma única raiz: a expulsão das famílias do campo, o êxodo rural, o inchaço das cidades. Daí a necessidade de lutar nesses três níveis: conscientização, organização, solidariedade.

Conscientização

As pessoas do campo e das periferias das cidades precisam se dar conta de que seus problemas têm a mesma raiz. Por isso, é a mesma luta com ferramentas diferentes. Além disso, a cidade não pode viver sem o campo e nem o campo sem a cidade. São fundamentais, portanto, as lutas pela reforma agrária e pela reforma urbana.

Organização

Tanto o povo da cidade como o do campo percebem que a luta individual ou por setores isolados não leva a nada. É essencial a sua organização e a sua articulação com todos os que estão na luta: CPT, CPO, sindicatos rurais e urbanos,

ESTRUTURAS METÁLICAS PARA IGREJAS

Estrutura Metálica em Módulos
Pré-Pintados e Parafusados
Modelos: Arco, Duas Águas ou conforme necessidade
Colocação 20 Dias
Solicite ao nosso Depart. de Engenharia Estudo e Orçamento (sem compromisso) a:
ETO ENGENHARIA LTDA.
AV. PEDRO II, 3.724 - TEL.: (031) 462-9330 - BELO HORIZONTE/MG

SINOS CRESPI Ltda.

TRADIÇÃO E QUALIDADE
DESDE 1498 – CREMA – ITÁLIA

FABRICANDO SINOS DE AÇO
E SINOS DE BRONZE
sempre com muita arte e dedicação

VISITE NOSSA EXPOSIÇÃO
OU SOLICITE CATÁLOGO!

SINO DE BRONZE
Agora também fabricando sinetas de bronze a partir de 1 kg.
SINO DE AÇO
Avenida Santa Mônica, 467 – CEP 05171 – PIRITUBA – SP – Fones: 834-5530 – 834-4294

COMEP AUDIOVISUAL
LANÇA NOVA SÉRIE PARA CATEQUESE

Em novembro, você poderá ter em mãos dois lançamentos da nova série "AO ENCONTRO DE CRISTO". A série, composta de 12 audiovisuais, na linha da Catequese Renovada, inicia com a história da salvação, através dos períodos litúrgicos.

1os LANÇAMENTOS:
● ADVENTO, tempo de espera
● NATAL, Deus conosco

Numa linguagem compreensível às comunidades, **ADVENTO, tempo de espera** apresenta o tema central do advento: a espera do libertador prometido pelos profetas. E, **NATAL, Deus conosco** - apresenta o irromper de Deus na história, que parece não responder às expectativas do homem.

Numa releitura destes fatos, o audiovisual mostra a necessidade de ter um coração puro e discernimento para identificar os sinais da ação de Deus.

Estojo único: 72 imagens
24'de duração (duas partes).

Pedidos: **Edições Paulinas**
Cx. Postal 45.352 (04092) - São Paulo - SP

movimento dos sem-terra e de todos os outros grupos que, em cada região, atuam na defesa do povo.

Muitos têm feito a experiência de que a conquista do solo urbano se faz da mesma forma que a da terra no campo: ocupação, negociação, pressão. Trocar a posse de direito pelo direito da posse. Alguns exemplos foram dados:

- Criação de comissões de posseiros urbanos;
- Organização de atos públicos, como já foi feito na Assembléia Legislativa;
- Acampamentos em praças públicas ou diante de prédios de órgãos do governo;
- Caminhadas de manifestação.

Solidariedade

Tendo percebido que a luta é a mesma, o povo cria as mais diferentes formas para manifestar sua solidariedade;

- Apoio através de presença, cartas, mensagens, mutirões, quanto a garantir os meios econômicos de sustento durante a luta;
- Informação sobre o que acontece tanto no campo quanto na cidade.

Ao fazer suas colocações, os grupos mostraram concretamente, com experiências vividas, que em todas as regiões do Brasil as CEBs estão comprometidas na luta pelo direito ao solo urbano e moradia.

Depois das colocações dos grupos, o assessor Antônio Cechin salientou diversos pontos a respeito do tema:

1. As nossas cidades não são cidades. São formadas de um pólo industrial, cercado de um grande campo (as periferias). O problema do solo urbano só existe porque não existe reforma agrária;

2. Posse ou propriedade? Na hora da ocupação é preciso lembrar que estamos em busca do Projeto Popular. Por isso nós só queremos a posse e o uso da terra. Chamamos a isso ocupação alternativa, porque não vamos entrar no jogo do sistema;

3. Diferenças da luta no campo e na cidade: A luta é a mesma. As ferramentas e as etapas é que são diferentes;

4. A luta da mulher: Por causa do trabalho, muitos homens estão bastante ausentes de suas vilas, na cidade. O papel da mulher aí é fundamental;

5. O poder popular: O povo pobre é a força de toda ocupação, mas precisa de apoio na sua luta, sob todos os aspectos: jurídico, político, religioso;

6. A importância da Constituinte: "A luta faz a lei". A conscientização se faz na luta;

7. O papel da Igreja: Se nós somos Igreja, temos que entrar com tudo nessa luta;

8. Comunicação, troca de experiências: É importante conhecer, trocar idéias com outros grupos que estão na mesma caminhada.

Fila do povo: 23 pessoas falaram e muitas delas, especialmente as mulheres, deram testemunhos comoventes de sua valentia e coragem. Algumas cantaram canções de sua autoria, ou do seu Regional, ligadas ao tema do plenário.

PLENÁRIO D:

Tema: **TERRA PROMETIDA POR DEUS**

É difícil resumir em poucas palavras toda a riqueza que a gente descobriu e partilhou no plenário. Seguem umas linhas-mestras refletidas nas opiniões e depoimentos. Queremos nesta síntese ser fiéis à maneira de expressar dos participantes. Discutimos duas questões: **1.** *O que você pensa desta frase: "Queremos terra na terra. Já temos terra no céu"?* **2.** *O que os mártires da luta pela terra significaram para nós?*

1. "Queremos terra na terra"

Hoje somos estrangeiros na própria pátria; exilados da terra. "E a vida na terra sem a terra é um inferno!"

Temos que lutar pela terra aqui. Temos que conquistá-la. Esta terra não é só um pedacinho do chão, mas é tudo o que gera uma vida digna: terra para plantar, moradia, o pão de cada dia. Pois tudo vem da terra. Da terra nasce a vida. Inclusive nós mesmos: "Somos da terra e voltamos para a terra".

Somos filhos e herdeiros do Dono e Criador da terra. Por isso nós todos temos direito à terra e temos que administrá-la bem.

Deus precisa dessa nossa contribuição para construir uma terra de irmãos.

2. "Terra na terra e terra no céu"

Se a gente não lutar aqui não conseguiremos a terra no céu. É lutando pela terra que nós tomamos posse da terra no céu. A terra do céu começa a ser construída aqui. O Reino de Deus se realiza quando o homem se realiza.

Esta luta deve ser uma luta digna, sem ganância, sem egoísmo. Uma luta de um povo unido.

3. "Já temos terra no céu"

A promessa de Deus que garante que a gente já tem terra no céu não significa que podemos cruzar os braços. Ao contrário: faz a gente lutar com esperança, coragem e fé.

Nossa fidelidade a Deus, à sua promessa e a nossa fidelidade aos irmãos, obrigam a gente a lutar por uma terra de justiça e paz.

Ficam esses questionamentos:

- Será que os pobres miseráveis que vivem e morrem calados e que não têm condições de entrar nessa luta, será que eles não teriam acesso à terra no céu?! Será que Deus é tão ruim?
- Sempre insistimos nestas duas palavras: lutar e organizar-se. Agora, o que vamos fazer mesmo daqui pra frente? Vamos na base da paciência? Na lei ou na marra?

Quanto à segunda pergunta:

1. Um *mártir* é um testemunho da fé. Ele não luta pela própria vida, mas por uma coisa que o ultrapassa: a vida do povo e o Evangelho de Jesus Cristo. Ele não é um indivíduo, mas é um símbolo da luta de um povo todo. Ele não é violento; é violentado;

Sarasá — QUADROS EM AZULEJOS

PAINÉIS PARA FACHADAS DE IGREJAS, ALTARES, VIA-SACRA, ETC., EM AZULEJOS POLICROMADOS.

A AÇÃO DO TEMPO EM NADA AFETA O SEU DESENHO E COLORIDO. VITRAIS INQUEBRÁVEIS COM TÉCNICA PRÓPRIA. EXECUTAMOS QUALQUER DESENHO.

CATALOGADOS NOS PRINCIPAIS DICIONÁRIOS DE ARTES PLÁSTICAS DO BRASIL.

ENDEREÇO: VIA ANCHIETA 1075 - TELEFONE 63-2109
C. E. P. 04247 - IPIRANGA - SÃO PAULO - S. P.

2. Os mártires nos dão coragem, força e esperança. Eles despertam a força da união para uma ação solidária na construção de uma nova vida: "Uma nova terra e um novo céu";

3. Ao mesmo tempo, os mártires questionam a gente. A gente fica até acanhado. O sangue deles nos chama à conversão, ao compromisso com o povo, convida-nos a tomar posição;

4. Os mártires são semente de nova vida. Sementes que já estão germinando. Eles são uma luz que mostra o caminho. O sangue é como a luz da ressurreição. Os mártires nos abrem os olhos para tirarmos as cercas de nós;

5. O martírio é um sinal de que a Igreja, Povo de Deus, está no caminho certo. Mesmo conscientes de que nem toda a Igreja vive o compromisso de estar com o povo. Nós podemos desconfiar de uma Igreja que não conhece o martírio;

6. Mas, assim mesmo, não queremos mais mártires. Chega de mártires. Porque o martírio significa que não existe ainda justiça. E também porque é melhor um líder vivo do que morto;

7. Podemos até nos questionar: será que não morreram porque a organização e a mobilização do povo estavam fracas? Não estariam eles sozinhos na luta?! Será que em determinados momentos a comunidade não foi imprudente em deixá-los sozinhos?

8. Tudo isso levanta o problema das estratégias de luta, sobretudo nesta Nova República que tem uma maneira diferente de reprimir: matando as lideranças e fazendo o povo se cansar pela demora da reforma agrária e das demarcações.

Na *fila do povo* foi repetidamente falado que os cristãos chegam sempre atrasados: a gente faz manifestações depois que a pessoa morreu. Temos que manifestar-nos antes, andar sempre juntos, sobretudo quando ameaçados. Pois o pistoleiro age como uma víbora, às escondidas, com medo da gente.

Da palavra dos assessores queremos trazer algumas idéias fortes:

• Carlos Mesters lembrou para a gente que na Bíblia a palavra central é a *vida*. E a vida sem terra não existe. Este tema percorre a Bíblia do começo ao fim. Nessa luta pela terra, Deus sempre garante sua presença: "Estou com vocês" é o seu nome. Deus quer ver seu povo feliz. O povo é a noiva de Deus. E quem não gosta de ver a noiva feliz?!

• Marcelo Barros, além de reforçar o que o povo disse, salientou a seriedade do martírio. A Igreja nunca incentivou a fabricação de mártires. Nem Deus. Deus quer a vida e não a morte. Isso não significa fugir da luta, mas defender a própria vida a serviço dos outros. É seguir o conselho de Jesus: "Sejam simples como as pombas, prudentes e espertos como serpentes";

• Tereza Cavalcanti deu sua contribuição como mulher-assessora. A terra e a promessa são femininas. Coisas que uma mulher entende bem. Pois uma mulher está acostumada a esperar. Espera nove meses para ter um filho. Ela tem a prática da espera, da resistência. Como Débora, na Bíblia, as mulheres hoje em dia são verdadeiras alavancas na luta do povo.

Há também um aspecto de martírio na mãe que oferece o filho para a luta e o vê morrer na luta. Foram as mulheres, junto com Maria, que ficaram *de pé* ao lado da cruz.

RECURSOS AUDIOVISUAIS

RETROPROJETOR

650W — 110 ou 220V
25×25 cm
Área de projeção:
1,20×1,20 cm
Cz$ 4.500,00

PROJENAR

Lâmpadas — Acessórios
— Transparências —
3 pagamentos
sem acréscimos.
Mande a entrada
com o pedido.
Despachamos
para todo o Brasil.

CINÓTICA
SOMOS ESPECIALIZADOS PARA SERVIR MELHOR

R. Cons. Crispiniano, 76
Telefone (011) 36-6961
Telex (011) 53865
Caixa Postal 5.119
São Paulo, SP

EPISCÓPIO

1000W — 110 ou 220V
19×20 cm — Livros
até 6 cm de espessura.
Dimensão: 0,26×0,36×0,45 cm
Cz$ 6.000,00

"CEBs, POVO DE DEUS EM BUSCA DA TERRA PROMETIDA"

Queridas Irmãs e Irmãos,

1. Nós, representantes das CEBs de todo o Brasil, reunidos em nome de Deus e das nossas comunidades, junto ao Santuário do Divino Pai Eterno em Trindade, Goiás, de 21 a 25 de julho de 1986, com muita alegria nos dirigimos a vocês para destacar alguns pontos fundamentais do que aconteceu nesta semana tão importante para toda a Igreja.

2. Somos 1647 pessoas, sendo 742 representantes da base, 203 agentes de pastoral, 56 observadores latino-americanos, 17 observadores de outros países, 30 assessores, 10 representantes dos povos indígenas, 16 representantes de igrejas evangélicas, 51 bispos, 35 observadores nacionais, 86 pessoas da Imprensa e Documentação, 381 pessoas, homens e mulheres, das equipes de serviço.

3. Sentimos particular satisfação com a presença dos nossos queridos irmãos evangélicos, com a presença dos sofridos irmãos de outros países da América Latina e Caribe e da África, e os irmãos do Canadá e Europa; com a presença do Secretário da CNBB, D. Luciano Mendes de Almeida, do responsável nacional pelas CEBs, D. Celso Queiroz, do Cardeal Primaz da Holanda, D. Adriano Simonis e de grande número de nossos bispos. Sentimo-nos profundamente comovidos com a presença de Dona Olinda, mãe de padre Josimo, que nos trouxe à memória a figura corajosa da Mãe das Dores e de todas as mães de nosso povo de mártires. A palavra e a bênção que o Papa nos enviou nos confirmaram na caminhada e nos fizeram sentir em comunhão com toda a Igreja.

4. O encontro foi realmente um grande momento de partilha, reflexão e celebração: celebração de solidariedade, penitência, comunhão, ação de graças, esperança e compromisso e de modo impressionante e comovente a celebração dos nossos mártires. Nestes dias, procuramos ouvir o clamor do povo e descobrir o rumo do Espírito de Deus que sopra no mundo e na nossa história. À luz da Palavra de Deus, refletimos sobre a nossa responsabilidade como cristãos e sobre a missão das nossas comunidades na atual situação do Brasil, em busca de novas pistas de trabalho e luta.

Primeiro dia:

"O jeito novo de toda a Igreja ser"

5. No primeiro dia, trocamos idéias sobre o novo jeito de ser Igreja. Vimos a força que nos vem da Palavra de Deus na nossa caminhada e na luta pela transformação da sociedade. A Palavra de Deus, lida a partir da realidade do povo e celebrada na comunidade, é alimento que nos sustenta para o serviço do amor e para o compromisso de fé com a caminhada do povo. A Bíblia é companheira e parceira de luta, sempre presente, como água do rio que carrega o barquinho das CEBs.

6. Na comunidade procuramos imitar Deus, cuja Trindade é a melhor comunidade: Pai, Filho e Espírito Santo. Três pessoas distintas, cada uma com o seu modo próprio de ser e, ao mesmo tempo, tão unidas que são um só Deus, que quer ver seu povo livre e feliz. Assim, na comunidade há variedade de serviços: leigos, padres e bispos, cada um com o seu modo próprio de ser, porém, todos unidos a favor da libertação do povo.

7. As CEBs têm a missão de ajudar cada pessoa a ser mais gente, assumindo cada vez mais a causa do oprimido e, com isto, ajudar todos a participar de forma consciente, como fermento de transformação. As CEBs são serviço que nos empurra na busca do Reino de paz, de justiça e de amor. Para que isto aconteça, são necessárias a organização e participação na vida da Igreja e da sociedade. Este serviço ao povo é que converte o coração de todos: bispos, padres, pastores, religiosos(as) e leigos(as), e nos faz viver melhor o Evangelho.

Segundo dia:

"A luta pela nova sociedade"

8. No segundo dia, refletimos sobre a luta que fazemos pela nova sociedade. Nesta reflexão apareceram alguns pontos muito importantes que merecem a atenção de todos:

a. Vimos a importância da ação política dos cristãos, pois vivendo em sociedade, sem a política somos uns desorientados e não chegamos a lugar nenhum.

b. As CEBs precisam chegar a uma definição mais clara na questão partidária: discutir juntos o programa dos partidos e o perfil dos candidatos, e verificar se eles têm compromisso real com a caminhada do povo.

c. As CEBs devem favorecer, apoiar e acompanhar estes militantes que estão à frente da luta e, se necessário, cobrar deles os compromissos assumidos.

d. Apoiamos a luta dos índios pela sua autodeterminação, pela urgente demarcação das suas terras e pela preservação da sua cultura.

e. Assumimos a luta dos negros pelos seus direitos e, com eles, lutamos contra qualquer forma de discriminação.

f. Destacamos a importância da participação cada vez maior das mulheres na luta pela nova sociedade e, mulheres e homens, queremos lutar contra toda forma de machismo como também contra a exploração da mulher, prostituição de menor e a marginalização da mãe solteira.

g. Denunciamos o trabalho escravo no campo e a exploração das lavadeiras, domésticas, operários, bóias-frias, pescadores e trabalhadores em geral.

h. Enche-nos de esperança a presença e a participação das crianças e dos jovens que, animados por suas catequistas e coordenadores, entram cada vez mais na caminhada libertadora do povo em busca da Terra Prometida.

i. Repudiando a forma antipopular como foi encaminhada a questão da Constituinte, mesmo assim assumimos o compromisso de lutar para que da Constituinte possa sair uma Constituição que respeite os direitos dos povos.

9. As CEBs são um ensaio do Reino, o coração da nova sociedade, um pedacinho da Terra Prometida por Deus.

10. As lutas do povo são como as fontes de água que brotam do chão, viram o riachinho que desce o morro até se transformar em rio. E o rio, com a força de Deus e a união do povo, vai crescer até levar de roldão a velha sociedade construída em cima da exploração do povo.

11. O movimento popular tem muitos rios: o rio do sindicato, o rio do partido político, o rio das associações de moradores, o rio do movimento dos sem-terra, dos favelados, da mulher marginalizada, dos pescadores, dos hansenianos, dos deficientes físicos, das crianças, das mulheres, dos negros, das nações indígenas. Há rios que já são grandes, outros ainda pequenos. Mas as lutas narradas pelo povo mostram que elas estão crescendo em todo o Brasil, passando de lutas de resistência para lutas de conquista. É o projeto político do povo que vai canalizar as águas dos riachos para o grande rio que vai acabar com a sociedade de lucro e opressão e fundar a sociedade do jeito que Deus quer.

Escola de Artes Plásticas
CIRILLO DELL'ANTONIO

Imagens — crucifixos
vias-sacras
presépios — altares

Consulte-nos sem compromisso
Executamos qualquer desenho

TRABALHAMOS EXCLUSIVAMENTE EM MADEIRA

Rua Dom Manoel, 176
63600 Senador Pompeu CE
Fone (085) 922-0069

Terceiro dia:

"Terra de Deus, terra de irmãos"

12. No terceiro dia, refletimos sobre a questão da terra na cidade e particularmente no campo. A luta pela terra não é só uma luta econômica. É uma luta pela dignidade das pessoas, que exigem serem reconhecidas como filhas e filhos de Deus. Por isso a terra é mais do que um pedaço de chão. Ela é dom de Deus, o lugar do trabalho e da vida.

13. Por isso, a luta pela terra é, para o lavrador, a luta pela vida. Para o grande proprietário, a terra é como se fosse uma vaca: ele quer que ela dê o dinheiro que o enriquece; enquanto o lavrador quer que ela lhe dê o leite que o alimenta. O latifundiário não quer ceder, porque ele não se sente apenas dono da terra, mas também dono da vida das pessoas e dono do poder. Ele está matando. Os mártires estão aí, como prova. E até quando vai continuar matando? Basta de assassinos! Queremos nossos líderes vivos!

ep novidades *edições paulinas*

CAMINHO DOS ASCETAS — Iniciação à vida espiritual — Tito Colliander — O livro se baseia nos ensinamentos do Padres da Igreja Ortodoxa; compõe-se principalmente de extratos de seus escritos. O Autor acrescentou algumas explicações e aplicações práticas. A doutrina exposta retrata, com fidelidade, o ensinamento espiritual da Igreja Ortodoxa, comum ao Oriente e ao Ocidente. — 88 pp., Cz$ 20,00.

ESCOLA DE ORAÇÃO — Anthony Bloom — É um livro que condensa toda a espiritualidade oriental e sua arte de rezar. O Autor inspira-se na tradição espiritual do cristianismo russo, que permanece vivo apesar das perseguições sofridas. O que o alimenta e lhe permite sobreviver é a inspiração de uma profunda espiritualidade. É essa riqueza e tesouro de vida espiritual que o livro oferece. — 112 pp., Cz$ 27,00.

SÃO JERÔNIMO EMILIANI — Um leigo a serviço dos pobres — Carlo Pellegrini — O livro retrata a vida desse santo leigo que, coerente com o Evangelho e a prática de Jesus, fez sua opção em favor do menor, dos abandonados e dos enfermos, trabalhando heroicamente pela causa dos desfavorecidos e marginalizados da sociedade. Esse "pai dos órfãos" é estímulo para a prática dos cristãos hoje. — 80 pp., Cz$ 15,00.

SANTO ANTÔNIO DE CATEGERÓ — Sinal profético do empenho pelos pobres — Salvatore Guastella — O livro resgata, partindo de uma fonte histórica segura, a memória de um santo negro e de sua preferência pelos pobres. As motivações que levaram esse santo a se tornar sinal profético do empenho pelos pobres continuam desafiando-nos para que, coerentes ao Evangelho, também façamos essa opção. — 96 pp., Cz$ 28,00.

O CORAÇÃO FALA MAIS ALTO — Vida de São João Maria Vianney narrada para o homem de hoje — Ney de Souza — A vida do santo **Cura D'Ars** fala aos jovens desafiados, hoje, a ouvir e a seguir o chamado do Senhor na realização do ideal de serviço ao povo. Fala a todo cristão que busca responder ao apelo de santidade que nos vem do Evangelho, no contexto concreto da história de hoje. — 104 pp., Cz$ 22,00.

14. Mas o povo não cede diante das mortes, não se amedronta. Ele está lutando em defesa da vida. E sua luta está minando o poder dos grandes. Eles têm que enganar o povo, para ver se conquistam a legitimidade. O governo assina um plano legal de reforma agrária, mas o que põe em prática é outra coisa: um plano elaborado por forças contrárias à participação e aos interesses do povo e feito no maior segredo.

15. Os lavradores, sentindo-se parte do povo que é fonte do poder, já estão fazendo suas próprias leis, a que eles respeitam. Não precisam de polícia para guardar suas leis, porque são leis legítimas, que eles próprios seguem.

16. Esclarecidos e animados por estas reflexões, convidamos vocês todos, irmãs e irmãos, para entrarem com toda a firmeza e fé nesta luta por uma reforma agrária do povo. Sabemos que Deus está conosco, ele que chama Abraão para ir em busca da terra. Chama Moisés para libertar o povo do Egito e conduzi-lo para a terra onde corre leite e mel. De Jesus temos a promessa: "Estarei com vocês até o fim dos tempos!" Ele disse: "Coragem! Eu venci o mundo!" Deixou conosco Maria, a Mãe dos caminhantes, que nos ensina a caminhar em busca da Terra Prometida!

17. Queremos agora apresentar a vocês mais algumas propostas que surgiram durante este encontro.

O 6º Encontro Intereclesial apela:

1º) À CNBB, para que encaminhe um pedido ao Secretariado Geral do Sínodo em Roma para que as CEBs possam estar presentes através de alguns de seus animadores, quer na preparação do Sínodo sobre os Leigos, quer na sua realização em Roma.

2º) Às várias instâncias da Igreja, para que abram sem tardar o debate sobre a participação da mulher nos vários níveis de serviço, de ministério e de representação dentro da Igreja.

3º) Aos bispos e padres, religiosos e religiosas, teólogos e teólogas, para que assumam a caminhada do povo oprimido e favoreçam sem ambigüidades o novo modo de ser Igreja, segundo o modelo da Trindade que é a melhor comunidade.

4º) Às Comunidades Eclesiais de Base, para que dêem sua contribuição concreta para a elaboração de uma Constituição que corresponda aos interesses populares, apoiando atividades, tais como:

Vitrais Veneza

- *Vidros orgânicos inquebráveis.*
- *Translúcidos*
- *Infinitas côres.*

Executamos réplicas de vitrais clássicos com técnica de envelhecimento.

Equipe de projeto e criação, desenvolvemos idéias sôbre qualquer padrão ou motivo ornamental e sacro.

Orçamento sem compromisso.

Texturas em vidro (belga, pontilhado, etc.) e 2K (2 lados conjugados).

Realizamos os mais lindos jateados (jato de areia).

Serralheria própria (serviços de baculantes, portas, cúpulas, etc.).

Obras realizadas em São Paulo e em todo o Brasil (igrejas, residências, clubes, hotéis e escolas).

Preços imbatíveis.

"O BATISMO"
RÉPLICA DE VITRAL CLÁSSICO
IGREJA SÃO BENEDITO
AVARÉ - SP

Vitrais Veneza
O MELHOR COM CERTEZA

SÃO PAULO
- R. Pedro Côrte Real, 109
  Pque. São Rafael, CEP 01000
  F. (011) 919-2356
- R. Gama Lôbo, 582
  Ipiranga - CEP 04269
  F. (011) 272-7870

RIO DE JANEIRO
- R. Visc. de Pirajá, 25/503
  Ipanema - CEP 22410
  F. (021) 287-2772
- R. Dias da Rocha, 20/1002
  Copacabana - CEP 22051
  F. (021) 255-2385

BAHIA
- R. Antonio Muniz, 27-B
  CEP 45.600 - Itabuna - BA.
  F. (073) 211-6014

- Romaria a Brasília durante a Assembléia Nacional Constituinte;
- Assembléia Constituinte simultânea de cunho popular;
- Organizar, em nível local, comitês populares e manter, em nível nacional, uma comissão permanente constituída de representantes do Congresso Nacional Constituinte, no sentido de garantir a expressão constitucional dos direitos do povo oprimido;
- Plebiscito nacional para a apreciação popular da nova Constituição;
- Versão popular da nova Constituição.

5º) Aos bispos e padres, para que dêem um acompanhamento pastoral efetivo àqueles cristãos das bases que assumem a luta partidária, inclusive em cargos eletivos, a fim de que permaneçam ligados à comunidade eclesial, inclusive em suas funções, e ao mesmo tempo levem para dentro dos partidos o fermento libertador do Evangelho, respeitando sempre a posição suprapartidária da Igreja.

6º) Às CEBs, para que continuem com força cada vez maior na luta por um projeto de reforma agrária popular, participando firme e pacificamente em atividades, tais como:

- Resistência à expulsão da própria terra;
- Legítima ocupação de terras ociosas na cidade e no campo, procurando evitar a violência;
- Acampamentos diversos;
- Romarias da terra;
- Organização comunitária própria nas áreas ocupadas;
- Pressões sobre o INCRA e outros órgãos do governo;
- Acompanhamento pastoral dos sem-terra etc.

Que a Igreja dê o exemplo de uma reforma agrária popular em suas próprias terras, como já vem acontecendo em várias dioceses.

7º) Às CEBs, para que pressionem com todos os meios possíveis, sobretudo através da imprensa, as autoridades judiciais e policiais, a fim de que os autores, mandantes e mandados, de crimes particularmente cometidos contra gente do povo, sejam julgados e as sentenças devidamente cumpridas.

8º) Às igrejas locais, para que identifiquem com urgência os membros das CEBs comprometidos na luta do campo e que estão "marcados para morrer", e lhes dêem toda proteção possível, quer através de todos os recursos legais, quer por uma constante guarda até mesmo pessoal.

9º) A toda a Igreja, particularmente às CEBs, para que assumam um compromisso de solidariedade com todos os países irmãos da América Latina, de modo especial com os irmãos sofridos da América Central. Por ocasião da celebração dos 500 anos de Evangelização da América Latina, recuperem a memória histórica das vítimas da colonização, índios, negros e outros oprimidos, em função de uma nova e corajosa Evangelização libertadora no Continente.

Finalizando, queremos expressar o nosso mais vivo agradecimento à igreja local, que tão calorosamente nos acolheu, a seu pastor Dom Antônio Ribeiro de Oliveira que se mostrou verdadeiro servidor dos seus irmãos, e em particular às equipes de coordenação e de serviço, que trabalharam com tanta generosidade e eficácia, e a todo regional centro-oeste e extremo-oeste, pelo trabalho de preparação, iniciado pelo profético pastor Dom Fernando Gomes, e tão bem assumido pelo seu sucessor.

Irmãs e Irmãos, renovados na esperança e acompanhados por Maria, a Mãe de Jesus, e nossos mártires, prossigamos na caminhada com a bênção da melhor comunidade: Pai, Filho e Espírito Santo.

ATELIER ARTÍSTICO MORAL
FONE: (011) 571-4477

PIONEIRO EM PINTURA DE ARTE
EM AZULEJOS HÁ MAIS DE 40 ANOS

TRABALHOS EXECUTADOS EM IGREJAS
DE TODO O BRASIL E EXTERIOR.
PAINÉIS PARA FACHADAS, ALTARES,
VIAS-SACRAS ETC.

FAZEMOS ORÇAMENTO E VISITAS
AOS LOCAIS SEM COMPROMISSO.

RUA DIONÍSIO DA COSTA, 227 – VILA MARIANA
CEP 04117 – SÃO PAULO – SP.

ep novidades
edições paulinas

A SABEDORIA CRISTÃ — Col. "Breve curso de teologia" — Tomo IV — J. Comblin — Este volume encerra o ciclo do *Breve curso de teologia.* Pelos assuntos que trata, corresponde a certos elementos da *Teologia moral.* O método adotado é análogo ao dos três tomos anteriores. Na moral, o comportamento, a consciência e os costumes são mais importantes do que a exposição sistemática e dogmática. — 248 pp., Cz$ 55,00.

PASTORAL POPULAR E POLÍTICA PARTIDÁRIA — VV. AA. — O livro pertence à série *Teologia em diálogo,* sob a direção da Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção. Temas abordados: A opção partidária; A Igreja-instituição e a política; Os cristãos e a esquerda; A "nova política"; Cristianismo e marxismo; as CEBs frente à política partidária; Eclesiologia latino-americana; Os cristãos e a política. — 120 pp., Cz$ 44,00.

IGREJA CATÓLICA NO BRASIL — Um estudo de mentalidade ideológica — José Carlos Souza Araújo — Esta obra é um estudo interpretativo, acurado e paciente, resultado de vasta e minuciosa pesquisa sobre *cartas pastorais e coletivas* do episcopado brasileiro entre 1890 e 1922. Delas o Autor analisa a mentalidade ideológica relacionada com os caminhos e posições do catolicismo no Brasil. — 120 pp., Cz$ 45,00.

A LÓGICA DO AMOR — Pensamento teológico de Carlos Mesters — Tereza Maria P. Cavalcanti — Neste trabalho procura-se detectar os elementos dispersos nos escritos de Carlos Mesters. A Autora observa os traços salientes e característicos da visão teológica de Mesters — sempre voltada para a Bíblia e para o povo das comunidades pobres. Livro útil para fundamentar a pastoral bíblica popular. — 128 pp., Cz$ 35,00.

PAIS, FILHOS, DROGA — L. Ciotti-G. Vaccaro — Estas páginas são uma carta aberta aos pais, escrita, em grande parte, pelos próprios filhos. São testemunhos e confidências de jovens que, penosamente, superaram a experiência da droga, ou estão tentando fazê-lo. Todos esses depoimentos reconhecem que só o relacionamento humano e o diálogo fraterno é que ajudam a superar a dependência. — 184 pp. Cz$ 36,00.

MISSÃO DAS CEBs: DESPERTAR O POVO PARA SEUS PROBLEMAS

Durante o 6.º Encontro Intereclesial das CEBs, VIDA PASTORAL entrevistou duas pessoas da base, com a finalidade de captar, na base, o dinamismo que orienta as CEBs. Entrevista concedida a ***Pe. José Bortolini*** *e* ***Ir. Rosana Pulga.*** *Procuramos conservar a linguagem coloquial da entrevista.*

SEBASTIÃO VIANA, 51 anos, casado, pai de 12 filhos. Pertencia à diocese de Cascavel (PR), onde trabalhou 11 anos como Ministro da Eucaristia e Agente da Pastoral da Terra. Foi para Rondônia, como se fosse a Terra Prometida, pois onde morava já não havia condições de sobrevivência. Chegando a Ji-Paraná, com outras cinco famílias, "como gato ensacado", sem nada conhecer, foi tomar conta de uma fazenda de pistoleiros, onde o fazendeiro tinha sido assassinado e os pistoleiros estavam "arranjados" nas matas. Foram dois anos de sufoco e perseguição. De Ji-Paraná mudou-se para Jaru (1980), pois cada família ganhou do INCRA 50 hectares de terra (21 alqueires). Em novembro de 1983 é que a estrada chegou ao local onde tinha sua terra. A cada semana, duas ou três pessoas da família eram internadas no hospital, com malária. Agente da Saúde contratado pela Secretaria do Governo, não tinha, no início, bons conhecimentos sobre a malária e a Secretaria não fornecia medicamentos suficientes para tratar a doença.

IRMA BRUNETTO, solteira, da diocese de Chapecó (SC). Participa do movimento dos sem-terra, como acampada, há um ano e meio, na luta pela terra. Era coordenadora de catequese e liturgia, do movimento de mulheres, CPT, sindicato, na CEB onde morava. Hoje, como acampada, faz parte da coordenação estadual do movimento dos sem-terra e coordena, no acampamento, a organização das mulheres na luta pela terra.

VIDA PASTORAL: Como são as CEBs no lugar em que vocês moram, e qual a situação social dessa região?

SEBASTIÃO: Em 1980, 2500 famílias foram assentadas, mas só 20% moram dentro dessa área, pois não há estradas de acesso. Na nossa comunidade, plantamos arroz, feijão e milho. A planta definitiva que cultivamos é cacau, café e seringueiras. As terras são nossas. Mas há uma área devoluta do INCRA que seria doada como gratificação aos políticos, como aconteceu em Alvorada (RO), em 1982: foram doados de 500 a 2000 hectares a "doutores" que jamais foram pra roça. Aí nós orientamos as famílias para entrar nessa área devoluta. Da minha comunidade saíram mais ou menos 40 famílias. O sindicato está demarcando a área (21 alqueires de terra para cada família). Há aí um grande problema: o povo que vive nos travessões não tem nenhum acesso à estrada. Esse povo sofre demais, porque há só a estrada-mestra. Há pessoas morando a 18 quilômetros dentro do travessão, sem que haja sequer cem metros de estrada. Há famílias com 300 ou 400 sacos de arroz empilhado, esperando que o Governo abra os travessões para escoar o produto. Esse povo vive do caucho, que é diferente da seringueira. O caucho a gente tem que cortar a árvore. Cai a árvore e a gente risca o tronco e cai a borracha no chão, que é catada de oito em oito dias e levada pra vender. Quando alguém deles cai doente, é trazido para o Posto de Saúde carregado numa rede. Leva um dia e meio pra chegar. No Posto não há um analgésico sequer pra abaixar a febre. E é tratado com remédio caseiro e a gente encaminha pro hospital. Os Padres Combonianos têm mandado muitas amostras-grátis. Mas é um sofrimento penoso.

Na nossa comunidade, é uma beleza. Todos se ajudam pra qualquer coisa. Às quartas-feiras a gente tem reflexão na capela, coberta de tabuinha e cercada de lasca, ou nas casas. No culto dominical, todas as famílias participam. Quando o vigário vai lá para celebrar a missa, é uma festa!

IRMA: A nossa região é uma das mais privilegiadas. A principal renda é a agricultura. É o

lugar onde há mais minifúndios, só que os latifúndios estão aumentando sempre mais. É grande o êxodo rural. Os sem-terra somam 36000 famílias, e o número cresce a cada dia. A situação política não é diferente dos demais lugares: a burguesia tem o controle de todos os setores. A discriminação da mulher é muito grande, em vista também da mentalidade dos colonos italianos.

V.P.: Dentro dessa situação em que vocês vivem, qual é a missão de uma CEB?

SEBASTIÃO: Nós procuramos viver tudo o que a Igreja propõe como forma da gente crescer. O que a Diretoria propõe à comunidade é bem aceito e assumido. Se uma pessoa cai doente, nós avisamos na igreja e todos ajudam do modo como podem. O que se ajunta dá de sobra. Somos, em Jaru, 120 comunidades e temos só um padre. Ele vem nos visitar a cada dois meses. Nós temos a Diretoria-construção e a Diretoria-espiritual. Temos ministros de preparação para batismo e crisma. Talvez ainda neste ano a gente irá ter ministros do matrimônio dentro da comunidade. Na nossa capela não temos Eucaristia. Recebemos a comunhão só quando o padre vai lá.

IRMA: A missão da CEB é despertar o povo para seus problemas. Fazer com que o povo, discutindo em comunidade os problemas da comunidade, pela fé, vá à luta para conquistar seus direitos. A CEB é aquela que anima e alimenta o povo pra partir pra essas lutas. Sem a comunidade, sem a base, não se vai muito longe. Na nossa comunidade há os grupos de estudo que têm a função de conscientizar e aclarar as idéias. Isso é muito importante porque aí é que a gente vai ver quem é o inimigo, como a gente deve se organizar. É lá na comunidade que são discutidas essas questões, porque não é no mundo-cão que essas idéias vão se aclarear. A CEB é o principal articulador dos movimentos e das lutas do povo.

V.P.: Qual a importância da Bíblia numa CEB?

SEBASTIÃO: Nós damos um valor imenso à Palavra de Deus, porque sem ela nada podemos fazer. Uma vez por mês nós fazemos uma celebração com a Bíblia, com flores, colocando a Bíblia numa estante, abençoando com a mão em cima (da Bíblia), fazendo uma promessa todos juntos. Ela tem autoridade dentro de nossa comunidade. No culto, nós fazemos o sermão de acordo com o povo do lugar. Se o assunto do culto é diferente do nosso, nós mudamos para os nossos problemas. Nós, dirigentes, fazemos as perguntas, "jogamos verde", para que ninguém fique na sombra. A Bíblia, assim, serve para descobrir também as lideranças dentro da comunidade. As pessoas se animam, começam a dar valor à Palavra de Deus porque se sentem valorizadas. A gente quer repartir o trabalho. E repartindo esse trabalho, a pessoa tem mais fé.

IRMA: Nas nossas comunidades a Bíblia ocupa o primeiro lugar. É o alicerce de tudo. Não se faz nada sem ela. Na nossa luta pela terra, a Bíblia foi extraordinária. A partir de uma luta, a gente abre a Bíblia, e cada situação que ela apresenta é a nossa situação. No tempo da ocupação, a gente refletia muito sobre a caminhada do povo. Na noite em que a gente saiu para a ocupação, pegou a Bíblia e refletiu a partir do povo judeu no Egito: como fizeram a janta, etc. E a gente comemorou uma passagem semelhante, lá dentro do acampamento. A cada situação, a gente leva a Bíblia, lê e percebe que, assim como tratavam o povo lá no Egito, assim as autoridades nos tratam hoje. É muito interessante. E o povo descobre: "Poxa, a Bíblia nós também podemos escrever!" O povo descobriu tantas coisas que ficava cada vez mais entusiasmado. A Bíblia, lida a partir de uma luta, fala muito mais, e a gente entende muito mais. É diferente, por exemplo, da leitura feita em certas comunidades, como rotina. Os fatos da Bíblia iluminam os fatos da vida.

SEBASTIÃO: É. Iluminam os fatos da vida e põem o povo a caminhar com as próprias pernas.

Luz e cor em todas as igrejas do Brasil!

CONRADO - VITRAIS E CRISTAIS LTDA.

Conrado Sorgenicht Filho

Os nossos tradicionais e legítimos vitrais de vidro e chumbo iluminam e decoram mais de 600 igrejas desde 1888. Atualizando-nos, criamos uma seção de vitrais econômicos, visando servir as igrejas de poucos recursos para que todas possam ter seus vitrais — pois uma igreja sem vitrais é como um dia sem sol.

Especialistas em restaurações

Peça desenho e orçamento pelos telefones (011) 287-5174 e 287-3733, ou visite-nos à Av. Paulista, 1195 — 18° apto. 186 — São Paulo — SP

V.P.: Um dos temas tratados no primeiro dia deste Encontro é o relacionamento entre CEBs e hierarquia. Como vocês sentem a presença do seu bispo e dos padres nas lutas de vocês?

SEBASTIÃO: Faz dois anos que a gente mora lá em Jaru. E o meu bispo já foi duas vezes na minha casa, ou melhor, no meu rancho, porque não tenho casa. Quando os padres vão pra lá, nunca deixam de passar na casa da gente. Vou contar um fato: Nós temos um membro da comunidade que é responsável pelo dízimo na nossa região. Há vinte anos atrás, numa cidade do Paraná, por causa de uma greve, sentiu-se prejudicado por causa da atitude do bispo daquela cidade. O bispo foi a causa de eles terem perdido aquela greve. Por isso se afastou por mais de vinte anos da Igreja. Chegando na nossa comunidade, nós começamos a convidá-lo para os cultos dominicais. Meio escondido, começou a aparecer, e foi indo, indo. Um dia ele me falou: "Sebastião, esse padre é padre mesmo. Nesse eu acredito. Esse aí, o que ele fala, fala do coração. Eu vou dar mais uns dois ou três domingos e vou ver se volto. Se esse padre continuar fazendo o que está fazendo aí, eu vou voltar novamente à religião". A família dele é muito grande. Aí ele passou mais uns domingos e foi se engajando conosco e hoje é responsável pelo dízimo. Tudo isso por causa do modo como nosso bispo e nosso vigário tratam a comunidade. Quando o vigário vem fazer alguma coisa pra nós, é motivo de festa e alegria. Ele sempre diz pra gente: "Vocês é que mandam. O que vocês fizerem está feito". A gente se sente valorizado e responsável com isso.

IRMA: O nosso bispo é excelente. Ele é o maior incentivador dos nossos trabalhos. Mas na diocese há padres que são menos comprometidos. Há pastores de outras religiões que são excelentes, que tiveram um papel muito importante no apoio ao movimento dos sem-terra. Ajudaram a refletir e deram assessoria. Há padres que dão liberdade para o povo se organizar. Hoje, nos assentamentos, se está pensando numa outra forma de organizar a comunidade, sem essa coisa de presidente, vice, etc. É mais uma coisa de conjunto, uma coordenação, uma única caixa. Por exemplo: se alguém vai num encontro de igreja, usa o dinheiro da igreja, mas se vai num encontro de sindicato, por que não pode usar o mesmo dinheiro? A gente pensa em ter tudo em comum. Tudo o que é organização de trabalhadores tem uma caixa só. Certas comunidades refletem ainda o estilo do poder: presidente, vice... Nós já estamos estudando uma forma alternativa pra esse esquema.

V.P.: Há experiências de novos ministérios nas CEBs em que vocês moram?

ep novidades *edições paulinas*

CALENDÁRIO DO POVO LATINO-AMERICANO 1987

CEHILA Popular

Este calendário semanal apresenta a história e a vida do povo latino-americano a partir do oprimido, dos vencidos. São privilegiados os negros, as mulheres, os índios, os sem-terra, os marginalizados da história. Serve como calendário de parede e também como subsídio de reflexão para grupos e escolas. Formato: 29 × 21 — Cz$ 25,00.

CANTAR A DEUS EM TERRA ESTRANHA

O livro contém 48 salmos e 4 cânticos da Liturgia das Horas, adaptados à realidade brasileira, com as posições para violão. Cada salmo traz pequena síntese e indicações para o uso litúrgico. Um índice ajuda a situar esses salmos dentro da Liturgia. Ilustrado. — 80 pp., Cz$ 15,00.

...E O AMANHÃ?

Sevilha Nogueira

O volume traz reflexões sobre os mais variados momentos da vida e sobre as diversas situações em que o ser humano se encontra. É um desafio diante do desconhecido, o amanhã que todos têm que enfrentar. Ilustrado. — 64 pp., Cz$ 26,00.

SEBASTIÃO: Antes de responder à pergunta, gostaria de dizer que lá em Jaru nós estamos partindo pra roça comunitária: plantar um alqueire ou dois, todo mundo ajuda a fazer a roça, ninguém precisa fazer empréstimos ou cobrar dízimo um do outro. Tem muita gente que já está fazendo isso. Respondendo à pergunta, na nossa comunidade há um ministério novo: é o da visita aos fracos e doentes, e há também uma equipe que a gente chama "a equipe da saúde". Veja bem: a malária é horrível na nossa região. A SUCAM é um exemplo de como nós precisamos organizar a nossa equipe. Se alguém de nós pega a *malária vivax* (que dá no sangue e no fígado), a SUCAM trata com dez comprimidos de cloroquina e três de primaquina, para um adulto: quatro de cloroquina e três de primaquina no primeiro dia, e depois três num dia e três no outro. São três dias de tratamento. Quando alguém pega a *malária falciparum* (que dá só no sangue), o tratamento que a SUCAM faz é o mesmo da *malária vivax,* o que é um absurdo. Pois na instrução que nós recebemos de um especialista de Manaus, aprendemos que se deve tratar a *malária vivax* com dez cloroquinas e vinte e um quininos ou paludil. Veja bem: cada uma tem tratamento diferente, e a SUCAM trata igual. Ela não dá o quinino de jeito nenhum. Daí a oito dias vão fazer lâmina da outra malária. Enquanto isso, a estatística da malária está subindo. Aí é mais salário, mais gente ficando à toa e mais medicamento que o Governo tem que comprar do exterior, e a gente lá no nosso bairro morrendo de malária. Em se tratando, ela não mata ninguém. Ela derruba por sete dias. A missão da nossa equipe é, portanto, a de fazer pressão em cima da SUCAM, em cima dos responsáveis, das autoridades, para que tratem direito. Fizemos abaixo-assinados, e é através disso que o secretário de saúde de Jaru tem oferecido os medicamentos certos e necessários. É um ministério muito importante, que a Igreja ordenou que nós fizéssemos. Ela nos ensinou o caminho. E nós tomamos essa decisão.

IRMA: Na nossa comunidade está surgindo de maneira forte o trabalho em favor da saúde preventiva, dos remédios caseiros, dos primeiros socorros. Na diocese existe a Pastoral da Saúde. A liderança de jovens também é uma força nova nas nossas comunidades. O grupo de jovens é um treinamento e daí nascem as lideranças, que assumem os movimentos. No acampamento é outra realidade. Aí surgiram muitos ministérios interessantes, que a gente chama de coordenação. É o pessoal que tem a função de conscientização e organização. Há lideranças de colonos. Há lideranças de segurança. Tudo isso em benefício do povo.

FORROS
. Acústicos
. Isolantes
. Decorativos
. Luminárias

15 Anos de Experiência em Forros

em nosso Currículo:
IGREJAS·TEATROS·LOJAS·BANCOS

rossi com. repr. ltda.

RUA D. PEDRO II, Nº 653
FONE: (016) 626-4594
14.100 - RIBEIRÃO PRETO - SP

depoimento

O CLAMOR DOS ÍNDIOS PELA TERRA E PELA VIDA

VIDA PASTORAL entrevistou, durante o 6.º Encontro Intereclesial das CEBs, seis dos dez índios presentes ao Encontro. VIDA PASTORAL abriu esse espaço para que eles pudessem falar dos seus problemas e esperanças. Entrevista concedida a ***Pe. José Bortolini*** *e* ***Ir. Rosana Pulga.***

EMÍLIO LOPES DE OLIVEIRA, índio Xakriabá, de Itacarambi (MG). A tribo, dentro da reserva, tem cerca de 2500 pessoas. Mas há muito índio que vive fora dessa reserva. A metade da terra dessa tribo ficou fora da reserva. Estão lutando para conseguir de volta todas as terras, e assim integrar novamente a tribo.

JOSÉ PEREIRA LOPES, índio Xakriabá, de Itacarambi (MG).

VITORINO, índio Xerente, de Tocantínia (GO), representante da nação Xerente. Sua expectativa e seu pedido é em relação à saúde, estudo e educação para sua tribo. Participa dos movimentos de Igreja para conseguir esses objetivos "porque a FUNAI não faz o que a gente pede, e a gente não está conseguindo". Os Xerentes são 300. Moram em 11 aldeias. Falam a língua akoê.

MOACIR DE BRITO XERENTE, índio Xerente, da aldeia de Rio do Sono, norte de Goiás, 22 anos. "Estamos aqui reunidos representando o Brasil. Quanto mais unidos, a gente terá mais força".

ANTÔNIO, índio Guarani, de Amambai, a 290 km de Campo Grande (MS). Sua língua é o guarani e tem laços com os Guaranis do Paraguai e do Paraná. Na aldeia são 600. "Há poucos dias, 90 índios foram despejados, expulsos pelo fazendeiro, na aldeia de Imbaracaju (MS). Em Paraguassu (MS) também houve despejo. Fazendeiro botou 1500 cabeças de gado dentro da aldeia. Índio tomou muito prejuízo porque a vaca entrou lá, quebrando plantas e fazendo invasão. 300 índios foram lá. Mas quando chegamos lá, o fazendeiro já tinha tirado o gado de lá. Nós fomos dispostos a fechar gado e tudo, porque o prejuízo que ele fez, ele não pagou. Se ele não pagasse, nós não iríamos soltar o gado. A gente não sabe como a coisa vai terminar".

ANTÔNIO SOUZA BENITEZ, índio Kaiowá, de Caarapó (MT), é da mesma região dos Guaranis e fala a língua guarani. São cerca de 240 pessoas na aldeia. Moram na mesma área dos Guaranis. Estão tentando, há mais de cinco anos, formar uma federação de tribos para defenderem seus direitos. Já fizeram encontros em Dourados (Kaiowás e Guaranis) e Campo Grande, com os Terenas, para unir forças e resolver seus problemas. "No norte do Mato Grosso há grandes problemas por causa da demarcação de terras. A gente não sabe se a FUNAI vai tomar alguma providência. Isso é demais! É uma vergonha! A FUNAI sabe que o índio está nas mãos dela!"

VIDA PASTORAL pediu que cada um dos entrevistados resumisse brevemente os principais problemas de suas tribos.

EMÍLIO: Na nossa aldeia está aparecendo muito problema. Entre jagunço e pistoleiro, perseguindo, atirando em índio, matando nossos irmãos. Há cerca de dois meses, nosso irmão José, que está aqui (veja o depoimento, abaixo), levou três tiros e uma facada. Foi para o hospital, onde ficou oito dias. E outro companheiro também ficou dez dias no hospital. O pistoleiro está lá, dentro da nossa área, e a justiça o esconde. Parece que não está mais existindo justiça, e sim injustiça. E a FUNAI não resolve esses problemas. Ela é uma autoridade que tem capacidade, mas não faz nada. A gente denuncia pra ela, e o réu lá dentro. Precisava de ter uma justiça para tomar providências, para não deixar mais o sangue de nossos irmãos ser destruído. E não só eles. Nós também estamos correndo o mesmo perigo.

VITORINO: O maior problema é essa tal de Reforma Agrária. A gente está preocupado. E a Constituinte também. A gente não quer que a Reforma Agrária passe na área dos índios do Brasil todo. Nós não queremos desrespeitar nossas leis, nossos direitos. Nós temos direitos!

MOACIR: Nossos problemas são também no setor da saúde e da educação. Está tudo desorganizado. A gente está tentando organizar pra que a gente consiga alguns objetivos nesse sentido. Por isso estamos reunidos aqui: pra definir um objetivo, um documento, pedindo pra autoridade, para FUNAI, pro CIMI, para que nos possam ajudar nessa parte de saúde e educação. A gente não está sabendo o que será a Reforma Agrária. Não sei se vai atingir o ciclo da área indígena. E a gente está preocupado com isso. Nossas terras já são um problema, já são pequenas. E a gente não quer que a Reforma Agrária atinja o ciclo da área indígena. Nós estamos batalhando bastante para que isso não ocorra em nossas terras. O índio é nativo da terra. Sem ela não sobrevive. Ele precisa da terra para sobrevivência, vivendo da caça e da pesca. Ele não quer uma terra para destruir. Quer para aproveitar toda a natureza que a terra oferece. Cada aldeia apresenta seu problema. Na minha, é mais no setor da saúde e da educação, e isso porque a FUNAI não está providenciando. Estamos participando dessas reuniões para reforçar mais, junto com nossos irmãos.

JOSÉ: A história da confusão que aconteceu comigo foi assim: Teve o casamento de uma índia e a gente foi pra lá, uns doze. Chegando lá, tinha outros índios. A gente estava lá no fundo da casa, já tarde, todo mundo brincando, o tocador tocando, na maior alegria. Eu saí do fundo da casa e fui lá pra frente. Lá estavam os pistoleiros: "Segura índio", gritaram. Eu ia passando, e quando virei, estavam segurando os índios, e os pistoleiros, armados. Aí eu fiquei agoniado com aquilo. Aí eu fui falar: "Gente, o que é isso? Não precisa disso não! Aqui é tudo índio, é amizade". Quando eu falei isso, eles soltaram o índio e partiram pra riba de mim, atirando: "Mata", e aquele tiroteio esquisito. Eu baixei, saí rolando no chão, e ele atirando em mim. Encostou o revólver na minha testa. Quando eu vi que ia me matar, rolei pra riba dos pés dele e levantei. Fiquei dentro dos braços dele e me defendi de muitos tiros. Fiquei lutando. Aí eles bateram a faca na garganta do tocador, que estava tocando. O tocador deitou a correr com a sanfona. Aí eles atiraram no meio das costas dele, traçou o coração dele e caiu ali adiante. Outro índio saiu do quarto dele pra correr, e eles atiraram bem na barriga dele. Vertia muito sangue, urinava sangue, vomitava sangue. E ficou completamente atingido. E a gente não quer briga. A gente é fraco. Mas os fazendeiros ficam desunindo a gente. Nós não podemos desfazer nossos irmãos. Nós não vamos expulsar índio para tomar terra de índio. Seria um pobre desfazendo outro pobre. E a justiça deve resolver esses problemas.

ANTÔNIO: A maior preocupação da minha aldeia é um fazendeiro que está trabalhando na nossa área de 800 hectares, no sul do Mato Grosso. Há 3900 pessoas morando em 2018 hectares. Esses 800 hectares são da aldeia e o fazendeiro está trabalhando neles. Já tentamos uma porção de vezes, mas ele não quer entregar nossas terras. Para evitar brigas, nós deixamos parado. Será que a Reforma Agrária vai resolver nosso problema, ou vai tomar da gente aquela área? Nós não temos nenhuma viatura na região, para os casos de doença. A gente tinha uma; a FUNAI tomou. Em caso de emergência, a gente não tem como levar os doentes pro hospital. Nós não temos condições para comprar uma viatura.

MIMEÓGRAFOS E **OFFSET**

(REX-ROTARY e GESTETNER) **(REX-ROTARY e outras marcas)**

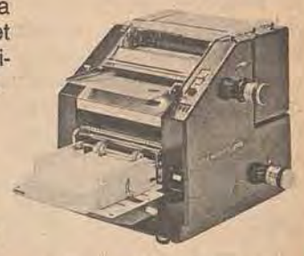
Rex-Rotary 450

• Gravador eletrônico de stencil • Tinta e stencil • Produtos químicos para offset • Gravadora eletrostática de chapa • Guilhotina de mesa • Duplicador a álcool

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE

COMPRA E VENDA DE MÁQUINAS NOVAS E USADAS

Rex-Rotary 1502S



DUPLIC MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO LTDA.
Rua Monsenhor Passalaqua, 158
01323 SÃO PAULO, SP
(011) **288-3666**

depoimento

"UM PEDACINHO DA TERRA PROMETIDA É VIVER NAS CEBs"

No decorrer do 6.º Encontro Intereclesial das CEBs, VIDA PASTORAL procurou ouvir as bases e levar aos leitores a riqueza existente nelas. Essa riqueza está condensada no depoimento de Dona Luzia. Entrevista concedida a ***Pe. José Bortolini*** *e* ***Ir. Rosana Pulga.***

LUZIA SANTOS FLORÊNCIO, da comunidade Sagrada Família, paróquia de Cristo Rei, Itumbiara (GO), casada, seis filhos e três netos, que cria desde que nasceram.

VIDA PASTORAL: Dona Luzia, qual a situação do seu marido?

LUZIA: Meu marido tem 54 anos, trabalha numa associação de sindicato da companhia CIBRAZEN, entre os ensacadores e carregadores, na maior exploração. Está muito doente e não o "encostam". Tem que continuar trabalhando nesse serviço e, por cima, doente. Tem medo de deixar o trabalho porque nessa idade não encontra outra firma que o aceite. Então ele fica agüentando a mão.

V.P.: A sra., além de cuidar da casa, teve que trabalhar fora?

LUZIA: Já trabalhei de empregada, lavadeira, bóia-fria, até três anos atrás. Aí tive que sair do trabalho e ficar mais em casa, porque os filhos que ainda são moços e moram em casa precisam de mim, e as três crianças também. Embora eu tenha precisão de trabalhar fora, tenho que ficar em casa para dar um pouco de assistência à família.

V.P.: Como nasceram as CEBs em sua paróquia?

LUZIA: As CEBs em nossa paróquia nasceram da seguinte maneira: logo após a criação da paróquia, há uns quinze anos, nasceram as CEBs. Quando o nosso vigário ouviu falar em CEBs, ele se interessou por primeiro. Foi a Belo Horizonte pra fazer um curso de CEBs. Quando voltou, fez uma proposta para as pessoas mais chegadas à igreja: Quem queria fazer um curso de CEBs, baseado na Bíblia, com duração de três anos? Um bom grupo topou essa proposta. Esse curso foi de formação de líderes. Foi uma coisa muito boa. Ali nós fizemos curso de batismo, catequese, ministros de eucaristia. Formamos uma equipe muito boa. Depois de três anos fomos para as bases pra trabalhar.

V.P.: Qual é a situação do lugar onde a sra. mora?

LUZIA: O bairro onde moro é um dos mais pobres. Nossa paróquia também é uma das maiores, e muito pobre. A maioria do pessoal do bairro é desempregada. Os que trabalham, a maioria é bóia-fria, domésticas e lavadeiras. Por mais que a gente lutasse, não tínhamos até pouco tempo nenhum sindicato. A gente não tem muito conhecimento das leis trabalhistas e não sabia como fundar um sindicato, embora a gente tenha um grupo de trabalhadores que luta pela conscientização. Há dois anos atrás, chegou lá um senhor. Ele se diz trabalhador, mas a gente não sabe se é trabalhador, e não se sabe quais são as idéias e as intenções dele. Ele fundou um sindicato provisório, mas o trabalhador não tem acesso a esse sindicato. Não tem vez. A gente não sabe direito como funcionam as idéias dele. É ele quem manda.

V.P.: E o que vocês estão fazendo diante disso?

LUZIA: Estamos conscientizando as comunidades no sentido de participar de tudo o que acontece lá dentro, para conhecer as idéias e pra ver como mudar as coisas. Mas as coisas estão difíceis porque o trabalhador não tem proteção.

V.P.: Qual era a situação antes do nascimento das CEBs?

LUZIA: Antes que existissem as CEBs, havia muita pobreza e o pessoal era muito desunido. Aconteciam coisas horrorosas. Não eram coisas das quais eu ouvia falar. Foram coisas que eu presenciei: mães de família que iam trabalhar doentes e às vezes voltavam mortas, porque mal alimentadas; crianças que morreram intoxicadas com medicamentos derrancados, pois o irmão maior ia dar remédio para o irmãozinho e dava o remédio derrancado; crianças que morriam queimadas, três, quatro de uma vez: os pais, bóias-frias, saíam de madrugada, as crianças pegavam a lamparina e, sem saber, botavam fogo na casa; crianças que morriam dentro de poços, atropeladas na rua...

V.P.: A situação mudou com o surgimento das CEBs?

LUZIA: Com as CEBs isso melhorou um pouco, porque a gente aprendeu a assumir. Os bóias-frias saem de madrugada, e quem fica em casa durante aquela semana, dá um giro, e onde tem criança sozinha, se precisar, leva para casa; se precisa, dá um banho, se está doente, sem comida, a gente reparte o leite com o filho da gente; a mãe que está amamentando lhe dá de mamar. Depois que vieram as CEBs — é uma experiência dos pobres — mas a gente partilha tudo: a vida, a luta, a dor, as vitórias. Eu comparo a comunidade com o Cristo e sua comunidade, com aquele pessoal lá do Evangelho, onde mostra a multiplicação dos pães. O Cristo podia multiplicar, mas nós também repartimos o pouco que temos, com muita alegria, sem nenhum pretexto. Apesar de pobres, a gente vive com muita alegria. Não são muitas as famílias que vivem assim, mas tem um grupo aqui, um grupo mais adiante, outro mais adiante. E acontecem as celebrações. Quando tem a celebração da primeira eucaristia, aniversário de casamento, os convidados se reúnem para celebrar. É uma vida muito pobre, mas muito alegre e feliz, de gente muito unida.

V.P.: Como é feita a catequese nas CEBs?

LUZIA: A catequese acontece na comunidade mesmo, para o jovem trabalhador, que é bóia-fria, para as meninas que são empregadas. O catequista é de lá mesmo e arranja um horário para aquelas meninas que trabalham; para os doentes é feita uma catequese resumida, numa linguagem que eles podem entender. As crianças que a gente sabe que têm dons, já ficam ajudando na catequese. Quando elas fazem a primeira eucaristia já são catequistas. Há em nossa comunidade uma menina que vai fazer a primeira comunhão no final do ano e já é catequista. Eu viajei e a turma ficou com ela. É uma menina de treze anos. E dá tudo certinho.

Na comunidade, quando a gente começa um trabalho de grupo, ao sair dali, ao terminar aquele encontro, já ficou ali alguém para tomar conta daquele grupo e levar adiante o trabalho. As CEBs são o lugar onde a gente se conhece pelo nome, onde todos são iguais. Um pedacinho da Terra Prometida é viver nas CEBs.

V.P.: O que é preciso ter para se viver numa CEB?

LUZIA: É preciso ter um espírito de muito desprendimento, de naturalidade. É preciso ir conseguindo essas coisas. É a maior riqueza que a gente pode conseguir, esse espírito de desprendimento e naturalidade, deixando as coisas acontecer, não ficar preocupado, ir trabalhando naturalmente e acreditar que Deus ajuda a gente a caminhar na comunidade. Quando a gente pensa: "É eu que tenho que fazer", aí a preocupação atrapalha. Quando a gente vai trabalhando naturalmente, quando a gente se sente igual, quando se percebe que o maior valor que temos é ser filhos de Deus, aí a coisa caminha bem, aí não tem pobreza. Nem a morte pode tirar isso da gente.

Na minha casa, meu genro morreu assassinado, deixando as crianças. Quando ele, um moço de 23 anos, morreu misteriosamente — ninguém sabe quem e nem por que o matou — no momento em que todo mundo quis desesperar, eu disse: "Olha, é o momento de unir forças. Deus está com a gente. A gente tem fé não só para as horas em que tudo corre bem. Também na hora da dor é o momento de unir as forças. Estamos firmes". E a comunidade acertou.

É assim que a gente vive na comunidade. As coisas vão acontecendo naturalmente, à luz da Palavra de Deus, com a oração e a catequese. Para mim, a catequese é toda a vida da gente. Há quem pense que a catequese seja só para a primeira eucaristia, casamento, etc.

Há um grupinho na minha comunidade que está muito preocupado com o trabalho (os que trabalham em casa). Mas se chega alguém na minha casa, a gente vai conversar, seja quem for, na rua, a gente se assenta no chão, pode ser prostituta, bêbado, seja lá quem for, a gente se assenta em qualquer lugar e vai conversar. Vai saber da vida dele, saber onde mora; a gente convida pra ir em casa, almoçar com a gente, tomar café, seja lá quem for.

Há um grupo lá que espontaneamente vive nessa catequese. Essa catequese voluntária, seja na rua, ou em qualquer lugar. A gente senta em qualquer lugar, entra em qualquer casa, a gente não perde um olhar para pessoa alguma na rua.

V.P.: A sra. considera isso um novo ministério?

LUZIA: Claro que sim. É um ministério que muda a vida e a mentalidade da gente, das pessoas, das famílias e da própria Igreja. Muda, muda mesmo!

V.P.: Há pouco a sra. falou da Bíblia. Gostaria de falar um pouco mais? Qual a importância da Bíblia para a vida das CEBs?

LUZIA: Para muitas pessoas da minha comunidade, a Bíblia é como a necessidade de tomar água e comer todos os dias. A gente deixa o trabalho lá fora e volta pra dentro de casa pra pegar a Bíblia, pra dar uma olhadinha que ilumine a vida. Quando chega visita na casa da gente, uma das coisas que acontecem normalmente, em certo momento a gente pega a Bíblia. Se é uma pessoa que não está acostumada com isso, a gente arranja um jeitinho: contar um caso, lembrar uma coisa, disfarçadamente; é um trabalho que a gente não faz com imposição, mas espontaneamente, a cada momento de uma forma diferente, mas isso é importante. Quando a gente deixar de lado a Palavra de Deus, começa a escurecer a vida e aparecem os tropeços. A gente não entende mais as coisas. Mas com a luz da Palavra de Deus a gente consegue atravessar as maiores barreiras.

V.P.: Nós vimos ontem, na assembléia, uma encenação muito bonita. O barco das CEBs, onde cada qual remava para um lado, sem que o barco saísse do lugar. Mas a partir do momento em que a Bíblia entra no barco, todos remam na mesma direção, o barco anda e o povo derruba a cerca do latifúndio, conquistando a Terra Prometida. A sra. está de acordo com o que vimos?

LUZIA: Sim, estou de acordo. Sob a luz da Palavra de Deus a gente tem uma força muito grande. Minha vida fala disso. Eu nasci prematura, de sete meses, na beira de uma estrada, filha de mãe solteira com menos de quinze anos. Agora vocês imaginem o resto... Esse foi o primeiro passo da minha vida. Quando eu tinha de cinco a sete anos, sentia uma preocupação que não sabia o que fosse. Era uma verdade que eu precisava acreditar. O ambiente em que eu vivia não me ajudava a entender. Minha mãe sempre mais na prostituição. Eu precisava ver, acreditar de fato, mas não sabia o quê. Eu plantava flores onze-horas. Quando floriam, eram para mim a expressão da felicidade que eu queria, da verdade que eu buscava. Quando eu ajeitava meus irmãozinhos, morando no rancho, varria o terreiro com vassoura de rama, pra mim aquilo era a expressão da verdade que eu precisava acreditar.

Casei muito cedo, com doze anos. Aos dezesseis, tinha uma filha muito doente, com menin-

VIDROARTE

• MOSAICOS ARTÍSTICOS
• VITRAIS ARTÍSTICOS CHUMBADOS — COLADOS
• RESTAURAÇÕES DE VITRAIS ANTIGOS
• VIDROS COLORIDOS
IMPORTADOS E FABRICAÇÃO PRÓPRIA

Longos anos dedicados à ARTE SACRA, com centenas de obras em todo o Brasil e exterior

Rua Raposo Tavares, 725 (Pilarzinho)
Cx. Postal 3351 — 80000 CURITIBA — PR
Telefones: (041) 234-5513 e 222-9760

MÓVEIS UNIÃO — LOTHAR C. HARTMANN

Bancos — Altares — Púlpitos e Esculturas para Igrejas (Diversos modelos)

✻ Fabricados em imbuia maciça ✻ 90% sem emendas ✻ Esmerado acabamento ✻ Transporte próprio

Não aceitamos adiantamento — Financiamento a longo prazo

Os nossos vendedores são nossos próprios funcionários.
Solicite catálogo, visita e orçamento sem compromisso.

ATENDEMOS QUALQUER QUANTIA EM TERRITÓRIO NACIONAL

FÁBRICA
Cachoeira Salto Doner
Estrada Geral, 1205 — C. P. 26
89124 BENEDITO NOVO — SC

ESCRITÓRIO DE VENDAS
Fábrica 2
R. Bogotá, 007 (Morangueirinha)
87100 MARINGÁ — PR
Tel.: (0442) 23-6883

gite, sem condições de tratar, com paralisia infantil, num desespero muito grande, grávida, meu marido tinha morrido (sou casada duas vezes), sozinha, sem poder trabalhar.

Certo dia passou na rua um grupo de jovens e um deles me perguntou por que eu estava tão triste. Aí eu fui explicando, me abrindo com eles. Um deles me falou: "O amor de Cristo é maior do que todo o sofrimento do mundo. Acredite nele que você vai vencer". Outro jovem sentou bem perto de mim e perguntou: "Você está me sentindo aqui, perto de você?" Eu disse: "estou". "Pois bem, disse ele, o Cristo está muito mais perto de você do que a gente que você está vendo. Acredite nisso".

Eu perguntei: "Como é que vou saber disso?" "Procure ler a Bíblia, procure rezar". Aí, sim, encontrei novas forças. Sofri muito, mas eu sempre buscava novas forças. Noutro dia, esses jovens deram um pedacinho do Antigo Testamento pra minha menina que estava doente. Faz trinta anos e tenho essa lembrancinha guardada até hoje. Daí pra cá a gente foi caminhando, embora não seja fácil. Eu lia a Bíblia, não entendia bem, mas alguma coisa ficava, e me pus a rezar.

Casei de novo. Com seis meses de casada descobri que meu marido bebia. Era o homem mais bravo da cidade. Continuei rezando, rezando, rezando. Criei mais quatro filhos. Hoje meu marido não bebe mais, é um amigo, um homem bom. Meus filhos estão criados e estou criando uma nova família. E tudo isso não é força humana, não. É a força de Deus, da oração, da Palavra de Deus que ilumina e que dá força. Uma força que só ele pode dar.

V.P.: Como você considera a Bíblia pra você e sua comunidade?

LUZIA: É uma luz que ilumina o caminho e a vida de cada pessoa. É uma luz mesmo! Tanto que na catequese para jovens e adultos eu não uso outro livro senão a Bíblia. A gente acompanha a história da salvação, desde o Antigo Testamento até a vida da Igreja. A catequese que a gente dá para os adultos é isso aí. A gente lê lá na Bíblia e joga tudo na nossa vida. Lá e cá. Demora um pouquinho, mas a gente vê todos os pontos, todinhos. A cada semana a gente resume um bom trecho da Bíblia. Eu não abro a Bíblia na frente deles, não. A gente conversa como se estivesse contando a história do meu pai, do meu avô...

V.P.: No ano que vem, a Campanha da Fraternidade irá tratar do tema do menor abandonado. A gente sabe que há milhões de crianças abandonadas no Brasil. Como a criança é tratada na sua comunidade?

LUZIA: A criança é amparada, é muito querida pelas comunidades. Quando os pais saem, outras pessoas tomam conta, estão ali com elas, ajudam a olhar. Elas são vistas com muito carinho. Ainda há crianças abandonadas, porque nossos grupos são pequenos e a cidade é grande. Não dá para cuidar de todas. Não dá para responder a todas as necessidades. A gente fica muito feliz, mas é preciso muita gente que esteja disposta a trabalhar.

V.P.: Como a sra. sente o papel da mulher na CEB?

LUZIA: Eu vejo a mulher com direitos iguais. No meu casamento, tive uma luta muito grande pra ter esse direito de igualdade. "Você é o dono da casa? Eu também sou dona da casa! Você não está? Então eu posso decidir". Na educação dos filhos eu posso decidir, eu também sei o que fazer. Posso viajar sozinha, posso decidir se preciso sair. Não preciso pedir ao marido pra sair. Ele tem seus afazeres na vida, eu também tenho os meus. A gente foi conversando, conversando, conquistando, conquistando. E a gente luta pra ensinar isso também na comunidade. A mulher tem o mesmo direito que o homem e precisa lutar para conseguir isso.

Veja como é interessante: Você pergunta a uma mulher: "Você trabalha?" E ela responde: "Não. Eu só fico em casa". Pois se eu fico em casa, trabalho mais ainda. Porque lá em casa sou a mãe dos meus filhos, sou a lavadeira, a passadeira, a arrumadeira, sou aquela que orienta. Não trabalho? Por quê? Trabalho muito! E é um trabalho pesado!

Na catequese para noivos eu falo disso. Eu digo: Quando vocês tiverem filhos, acham que só ela é quem deve olhá-los. Por quê? De jeito nenhum! Depois que ela se casar com você, não pode mais usar um vestido bonito como tinha costume de usar, ir a festas? Só você é que pode? Não! Vão os dois! Têm criança? A criança é nossa. Então nós a levamos e vamos olhar juntos. Eu sozinha vou levantar de noite pra trocar fralda e fazer mamadeira? Não! Você também! Você chegou e a comida não está pronta? Você é que vai fazer, eu estou cansada, estou meio doente, tenho outra coisa pra fazer, vou sair, e você vai fazer a comida...

V.P.: Onde é que a sra. aprendeu isso?

LUZIA: Aprendi isso à luz da Palavra de Deus. Lá no Gênesis se diz que Deus criou a mulher da costela do homem. Por que Deus tirou a mulher do lado (da costela) do homem? Do lado pra caminhar juntos, para ser companheira. Por que não foi tirada do osso do pé? Se fosse pra ela andar debaixo dos pés do homem, Deus a teria tirado do osso do pé. Ela é companheira, por isso foi tirada do osso do lado. É aquela que caminha junto, que decide junto. É aquela que trabalha junto.

A própria vida e o sofrimento vão ensinando. A gente vai se esclarecendo sobre as coisas. Isso está muito firme na minha cabeça e eu tento passar isso pra todo lugar onde vou passando: pros jovens, casais, crianças, pra todo mundo, até para as meninas da catequese. Temos voz, temos direito. Temos que lutar pra isso!

V.P.: A sra. também faz parte dos grupos de consciência negra?

LUZIA: O nosso grupo deu uma caidinha nesse sentido, mas agora a gente tenta reativar. Houve momentos bons.

V.P.: As CEBs, portanto, são o lugar onde se toma consciência dos direitos da mulher e onde a mulher é promovida, não é mesmo?

LUZIA: Sim. Porque se nas CEBs há desigualdade, então não são verdadeiras CEBs. A CEB é onde a gente se sente irmão, igual, caminha junto, trabalha junto, com direitos iguais. A evangelização nas CEBs leva em conta tudo isso, pois Cristo veio para a salvação total do homem, para a felicidade total do homem. Uma mulher oprimida, mesmo que tenha casa e comida, ela não é feliz. Pode o casamento servir para a escravidão? O casamento é para a gente ser feliz. Quando a gente é oprimida, a gente não é feliz. Tem que lutar por essa liberdade, essa liberdade santa, consciente, de todo mundo.

Quando minhas filhas viajavam para longe, me perguntavam: "Você deixa suas filhas viajar sozinhas?" Eu respondia: "Deixo, porque elas têm que ser felizes nesse mundo que está aí". Só que a gente conversa. Eu digo: "Olhem, tem muita coisa aí; é nesse mundo que vocês têm que ser felizes, não é fugindo dele". O cristão consciente tem que ser aquele que enfrenta tudo, vê tudo e sabe separar. Sabe até onde pode ir, o que pode fazer. O cristão consciente precisa ser desse jeito. Não é fugindo das coisas que a gente vai ser feliz.

V.P.: Em relação às pessoas das outras religiões, como é que a sra. age?

LUZIA: Vou a casamento de crentes, converso com eles, sou amiga deles. Até já fiz um curso de Bíblia com eles! É assim que eu vejo a vida.

V.P.: Dona Luzia, uma palavra final.

LUZIA: Posso dizer muito tranqüila: sou muito feliz! Feliz mesmo! Não tenho dinheiro, não tenho casa boa, não tenho nada, tenho muitos trabalhos, tenho dificuldades; uma das minhas filhas é prostituta. Mas é minha filha, que eu quero bem. Tenho sempre uma palavra de carinho pra ela. Ela ficou viúva e caiu na prostituição. Suas crianças estão comigo. Mas mesmo assim sou muito feliz e tenho uma confiança muito grande em Deus. Às vezes eu digo: no dia em que eu morrer, cantem, celebrem, porque apesar de tanto sofrimento, eu sou feliz. Não precisa chorar. Cantem e celebrem!

ARTESANATO COSTA

VISITE NOSSA EXPOSIÇÃO!

IMAGENS — CRUCIFIXOS
PRESÉPIOS — MENINO JESUS

FONES: 562-8713 e 562-8850

Rua Domenico Palma, 168
CEP 04652 — Cidade Ademar
SÃO PAULO — SP

CALENDÁRIO PARA A LITURGIA DA PALAVRA DE CADA DIA — 1987 (Ano A) — O presente calendário oferece àqueles que desejam estar em sintonia com a liturgia de cada dia: **a)** Indicação das leituras; **b)** Indicação da semana do saltério da Liturgia das Horas; **c)** Um pensamento tirado do Salmo de Meditação da missa do dia. Formato: 7,5 × 15,5. — 32 pp., Cz$ 3,00.

depoimentos

IGREJAS DAS CATACUMBAS

Durante o 6.º Encontro, VIDA PASTORAL teve a oportunidade de colher alguns depoimentos significativos das CEBs em outros países da América Latina. As pessoas que nos prestaram esses depoimentos pediram-nos para que seus nomens não fossem publicados. Entrevistas concedidas a ***Pe. José Bortolini*** *e* ***Ir. Rosana Pulga.***

Na Colômbia, as CEBs são completamente censuradas pela Conferência Episcopal Colombiana. Ela condenou esse movimento em nosso país. Estão tentando fomentar o crescimento de assembléias familiares, com uma linha não libertadora, mas de resignação. Sacerdotes que trabalham com o povo, que entregam suas vidas a serviço de comunidades, são perseguidos, psicologicamente torturados, submetidos a julgamentos de até quatro horas, sem oportunidade de defesa. São submetidos a constantes julgamentos que os debilitam e angustiam. São tratados como indignos, como opróbrio da Igreja; se continuam em seu trabalho popular, suas paróquias lhes são retiradas e são substituídos por outros que combatem o trabalho anterior.

Alguns padres tiveram que sair da Arquidiocese de Medellín por esses motivos. Alguns padres são de tal forma perseguidos que até seus quartos são revistados, para examinar livros. E, apontando para cartazes de D. Romero, perguntam com desprezo: "É seu novo santo?" Boff, Frei Betto, Gutiérrez, Casaldáliga são proibidos à leitura dos sacerdotes.

Fomenta-se a leitura do Evangelho, mas não a da Bíblia, em vista do caráter libertador do Povo de Deus que ela possui. Ela levanta comunidades. Isso não é conveniente para os critérios da hierarquia. Há uns quatro anos, catequistas da roça foram massacrados, assassinados. Cinco jovens foram sentenciados contra uma árvore, a cinco metros de sua casa, por grupos paramilitares de apoio aos latifundiários.

Os que carregam a Bíblia são vistos como subversivos.

* * *

A partir de 1978, a Igreja da Guatemala foi muito perseguida. Isso se agravou em 1980/1, quando temos já uma perseguição declarada. Vários padres e centenas de catequistas são assassinados. Uma diocese inteira foi "fechada" porque tanto o bispo como os sacerdotes tiveram que se exilar. Inicia-se uma etapa na qual ter uma Bíblia é considerado subversivo. Isso se dá tanto na roça quanto nas periferias das cidades, onde religiosas e sacerdotes tiveram que abandonar suas paróquias.

Embora atualmente a perseguição não seja tão forte, há por parte da Igreja certo receio em se manifestar. Por isso, a igreja dos pobres é uma igreja escondida: as pessoas se reúnem em grupos de três ou quatro e refletem sobre a Palavra de Deus e sobre o como ela está presente em sua vida cotidiana. Os grupos não podem ser mais numerosos e, menos ainda, podem se reunir nas igrejas.

As comunidades de base não contam com o apoio da hierarquia. É por isso que se trata de um trabalho escondido.

Na roça, a situação é pior ainda, pois não é possível reunir um grupo de pessoas, tendo em conta que lá existem patrulhas de defesa civil, há um grande número de militares, de "orelhas", por isso o povo não pode se reunir.

Simulando fazer visitas nas famílias é que podem partilhar a Palavra. Quando o padre quiser ir celebrar a missa nesses lugares, tem que fazê-lo com a presença de um membro do exército que controla o que se diz e o que é feito durante a missa. Nesses lugares, que são chamados de "pólos de desenvolvimento", já não há confissão, porque houve casos em que pessoas foram se confessar e a seguir foram torturadas para se saber delas o que tinham dito ao sacerdote. Por isso, os padres preferem não atender às confissões e as pessoas não vão se confessar, para evitar mortes.

Chegou-se a tal ponto que em certa paróquia um santo foi vestido com o uniforme do exército. Isso para ver até onde chegaram! Conventos e casas de religiosos foram confiscados, e aí as pessoas foram torturadas e mortas.

Há também comunidades que vivem nas florestas e montanhas do país. São pessoas que não quiseram buscar refúgio no México e nem se submeter a morar nos "pólos de desenvolvimento". Essas pessoas sobrevivem nas condições mais desumanas, comendo raízes... Porém, estão firmes em seu compromisso de fé. Embora não tenham acompanhamento pastoral, há, no meio deles, catequistas que conseguiram sobreviver e fazem celebrações, batizam, presidem os casamentos.

Vivem em comunidade e produzem comunitariamente. Há, entre eles, um compromisso muito sério.

Na roça, a partir de 1980, inicia uma campanha de massacres nos povoados indígenas dos planaltos do país. Os militares chegavam aos povoados e começavam a vasculhar toda casa ou rancho que encontrassem. E se encontrassem neles Bíblias, matavam as pessoas. Se as pessoas estivessem celebrando nas igrejas, massacravam-nas ali mesmo e a seguir as queimavam. Isso fez com que o pessoal fugisse para os montes para poder partilhar a Palavra. Tiveram que esconder suas Bíblias debaixo do chão, para que quando chegasse o exército não as encontrasse e não os matasse.

Atualmente a Bíblia Latino-americana continua sendo considerada comunista, uma Bíblia subversiva. Por isso as pessoas têm medo de possuir essa Bíblia, pois quem a possui é fichado.

Mas mesmo que lhes tirem a Bíblia escrita no papel, eu creio que ela continua escrita na vida dessas comunidades, em seu caminhar, na fé que eles possuem de que chegará o dia em que a liberdade irá chegar, e na confiança que têm no Senhor que os guia na caminhada. Para eles, tanto Deus como seus filhos representam a esperança de dias melhores. Por isso, em primeiro lugar estão Deus e seus filhos. São comunidades muito firmes em sua fé, como eles mesmos dizem: "Preferimos que nos matem a deixar de seguir o Evangelho libertador".

* * *

A Bíblia é uma mensagem de libertação, e por isso é considerada pelo exército da Guatemala como um livro subversivo, "comunista", como eles dizem. Muitas vezes o exército, que está oprimindo e matando o povo, chega às casas para seqüestar o que há nelas. A primeira coisa que perguntam é: "Onde estão os fuzis, as armas, a Bíblia?" Para eles, as armas e a Bíblia são iguais. Por isso, muitos na Guatemala tiveram que enterrar a Bíblia no chão de terra batida das próprias casas. Por cima, põem velas. E quando a família reza, rezam todos em torno daquele lugar onde está enterrada a Bíblia. Por seu caráter libertador, a Bíblia é considerada subversiva. É por isso que se pode falar de uma igreja das catacumbas na Guatemala.

Sobretudo na roça, porque é mais controlada, o pessoal não pode se reunir para a leitura da Bíblia. Um grupo de, por exemplo, quinze pessoas, é suspeito. Não pode haver reuniões com tantas pessoas. Eles têm que ir de três a quatro pessoas a uma casa, simulando que se trata de visita familiar, uma visita de cortesia ou algo semelhante. Na realidade, o que fazem é ler a Bíblia para compará-la com a própria vida, para que os ilumine e fortaleça. Há muitas comunidades que fazem assim. E os que passam não percebem nada. Isso, contudo, não quer dizer que não exista uma igreja dos pobres, uma igreja muito forte. Mas é necessário ser muito cauteloso, porque a qualquer sinal de suspeita o exército seqüestra, tortura e mata. Já foram assassinadas centenas e centenas de catequistas, sem contar os padres e religiosos. Em certos lugares, os catequistas, indo buscar hóstias para as comunidades, são revistados pelos militares que controlam tudo: param os ônibus e revistam tudo. Para esses catequistas, é perigoso levar hóstias, porque o exército, quando encontra alguém com hóstias, sabe que aí encontrou um ministro da Palavra. Esses ministros as escondem no meio do feijão, do milho, entre "tortillas", e assim por diante.

Na cidade há maior liberdade. Aí pode haver grupos de pessoas que se reúnem, ao passo que na roça não. A Bíblia é uma semente de libertação, pois aí as pessoas encontram muita inspiração. Elas crêem que Jesus tem muito a dizer à situação da Guatemala. Elas sabem que tanta miséria e opressão não é o Reino de Deus. É necessário criar esse Reino já aqui na terra. É preciso começá-lo aqui. O que o exército quer é: "Vocês são pobres, mas na outra vida terão tudo". Por meio da Bíblia o povo descobriu que as coisas não são exatamente assim... O exército tem medo porque o povo não é um povo conformado. O povo sabe que precisa passar por um processo de libertação, e o exército não o permite. Por isso é que a Bíblia é muito importante, tem muito a dizer para o povo e sua história.

Os Paulinos, atuando na Igreja com os Meios de Comunicação Social, distribuem gratuitamente a revista VIDA PASTORAL a todas as paróquias e entidades religiosas do Brasil. Pedidos avulsos de Agentes de Pastoral são atendidos em qualquer período do ano, terminando em dezembro do mesmo ano. Para continuar recebendo a Revista, basta que os Agentes de Pastoral escrevam à Administração de VIDA PASTORAL, solicitando a renovação da assinatura. Aceitamos contribuição para as despesas do correio.

PADRE ALBERIONE, VOCACIONADO DE DEUS

A 4 de abril de 1884 nascia, em São Lourenço de Fossano, Itália, o pequeno e frágil Tiago Alberione. Tal como grandes vocacionados da história, Alberione foi cumpridor fiel da missão específica confiada por Deus. Sua fidelidade ao chamado do Senhor fez com que crescesse em graça, participando autenticamente na construção de uma humanidade melhor. Nesta reflexão, conheceremos um pouco da história deste leal apóstolo, recorrendo inicialmente ao seu contexto de origem a fim de que, em seguida, melhor compreendamos o desenvolvimento de sua caminhada.

1. A família

A vida da família de Tiago Alberione, bem como outras da região em que morava, era materialmente precária. Por isso, era estritamente necessário que todos — mesmo os filhos de menor idade — contribuíssem no exaustivo e pouco recompensador trabalho da lavoura. Além do espírito de trabalho, outra característica marcante na família Alberione era a religiosidade, a simples mas autêntica piedade. Tiago cresceu nesse contexto de esforço, dedicação e devoção, características presentes em toda sua vida de vocacionado.

2. A escola

Alberione, desde pequeno, sempre sentiu particular interesse pelos estudos. A propósito, foi exatamente em ambiente escolar que o jovem Tiago sentiu sua vocação adquirir forma mais concisa. Na escola, a professora indagara a vocação de cada um de seus alunos. Ao que respondeu resoluto nosso vocacionado, após encher-se de suficiente coragem: "Eu quero ser padre".

De fato, era preciso coragem para poder aspirar a tal vida; afinal, era quase impossível o fato de que alguém em suas condições (educação insuficiente, carência financeira, longas distâncias...) tivesse possibilidades de ingressar em um seminário e seguir a "carreira" do sacerdócio. Entrementes, Alberione não desanimou em alimentar seus sonhos, assim como o faziam todas as crianças de sua idade. Apenas uma característica o distinguia dos demais: a atração especial pelos estudos. Aliás, a consciência da importância dos estudos será algo em que constantemente insistirá.

3. A caminhada

Padre Alberione possuía uma característica peculiar a todos os chamados de Deus: a convicção da existência de uma missão particular confiada ao vocacionado, que sustenta a perseverança e supera as contradições e toda sorte de obstáculos da vida. Assim, embrenhou-se corajosamente Alberione numa jornada difícil, permeada de "nãos", de incompreensões, de pré-requisitos que estavam acima de suas capacidades.

Não obstante as dificuldades que viu-se no dever de enfrentar, Tiago Alberione crescia tanto na fé e convicção vocacional como na força e entusiasmo do ser. Deixava claro, no entanto, que toda sua força — sempre renovada e renovadora — não era tão-somente fruto do esforço individual, mas graça vinda do próprio Jesus Cristo presente no tabernáculo.

Alberione sonhou com bravura, discernindo as verdadeiras necessidades da Igreja e da realidade que envolve o mundo contemporâneo. Mas suas aspirações não ficaram somente ao nível da teoria. Tiago Alberione lutou muito para ver realizado seu elevado ideal: fazer alguma coisa pelo homem do "novo século", levando-lhe integralmente Jesus Mestre, como o Caminho, a Verdade e a Vida, utilizando-se para isso dos modernos meios de comunicação social.

O homem de Deus

O sonho de padre Alberione realizou-se. Continua sendo realizado e sempre se realizará na figura da grande família que ele nos deixou: a Família Paulina, composta de padres, irmãos, irmãs e leigos, difundida por todo o mundo. Não só a ela como a todos nós Tiago Alberione transmitiu valiosíssimas heranças e entre elas uma que bem o caracteriza: o testemunho da indispensável humildade e atenção ao chamado de Deus, que torna seus limitados servos tão brilhantes quanto seus mais perfeitos benfeitores da humanidade.

Estudantes de Filosofia — São Paulo

Informações
sobre os padres e irmãos paulinos:

CENTRO VOCACIONAL PAULINO

Cx. Postal 8.107 — *01051 São Paulo, SP*
ou
Cx. Postal 173 — *95100 Caxias do Sul, RS*

ROTEIROS HOMILÉTICOS*

Pe. Ivo Storniolo

FINADOS (2 de novembro)

DEUS NOS CHAMA PARA A VIDA

I. INTRODUÇÃO GERAL

"Em nossa vida nunca temos o suficiente: vivemos voltados para um contínuo 'amanhã', do qual esperamos sempre 'mais': mais amor, mais felicidade, mais bem-estar. Vivemos impelidos pela esperança. Mas no fundo dessa nosa dinâmica de vida e esperança se oculta, sempre à espreita, o pensamento da morte; um pensamento ao qual não nos habituamos e que quereríamos expulsar... A morte permanece para o homem mistério profundo. Mistério cercado de respeito também pelos que não crêem. Ser cristão muda alguma coisa no modo de considerar e enfrentar a morte?" *(Missal Dominical, Missal da Assembléia Cristã,* Ed. Paulinas, São Paulo).

A maior promessa de toda a Bíblia é que Deus vai destruir a morte para sempre, a fim de que os homens possam viver com ele em aliança eterna (I leitura). Em Jesus Cristo Deus nos dá o seu Espírito, que nos torna filhos de Deus, destinados à glória (II leitura). Mas esse caminho para a vida tem uma condição: vivermos concretamente o compromisso com Jesus, voltando-nos para a libertação dos pobres e marginalizados (Evangelho).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 25,6.7-9): Deus destruirá a morte para sempre

A perícope litúrgica pertence ao assim chamado "Grande Apocalipse de Isaías", conjunto formado por Is 24-27. O tema central é o grande julgamento com que Iahweh sentencia os reis rebeldes ao seu projeto (24,21-23); do seu povo salva-se um resto disperso que de novo se multiplica e se reúne em sua terra. Então Iahweh inaugura seu *Reino* e celebra o grande banquete (25,6-9).

O Reino é apresentado como banquete preparado por Iahweh no monte Sião para todos os povos (v. 6a). Ter muitos convidados é sinal de poder e riqueza, que transparecem na abundância de comida e bebida (v. 6b): metáfora para exprimir a vida que Deus partilha com os homens. Nesse banquete Iahweh oferece dois grandes presentes: o primeiro é sua *presença e manifestação* (v. 7). Antes os povos não conheciam Iahweh porque estavam como cegos, com os olhos cobertos; agora Iahweh em pessoa arranca o véu que cobria os olhos dos povos, para que todos possam reconhecê-lo. O segundo presente é a *destruição da morte para sempre* (v. 8a). A morte era a maldição que pesava sobre a condição humana (Gn 3); ela é destruída para que os convidados vivam sempre com Iahweh. Começa a liberdade e a vida em plenitude, sem dor nem lágrimas (v. 8): doravante está cumprida a esperança, e só resta usufruir a salvação e celebrar a Iahweh (v. 9).

Em todo o AT não existe promessa maior. O v. 8 tornou-se famoso graças à releitura que a comunidade cristã fez do AT. Paulo o aplica à vitória de Jesus ressuscitado sobre a morte (1Cor 15,54), e o Apocalipse o aplica à comunidade unida em aliança perpétua com Deus (Ap 21,3-4).

2. II leitura (Rm 8,14-23): Somos filhos de Deus, destinados à glória!

Em Rm 5-8 Paulo trata da salvação, e a explica finalmente como a vida segundo o Espírito (Rm 8). A perícope litúrgica reúne dois temas; os cristãos são filhos de Deus graças ao dom do Espírito (vv. 14-17) e destinados à glória (vv. 18-23).

a) *Filhos de Deus pelo Espírito* (vv. 14-17)

O Pai é fonte de vida e, no batismo, ele nos concede o seu Espírito, que nos liberta e nos dá a própria vida de Deus, tornando-nos seus filhos (vv. 15-16). Essa condição nova implica duas coisas: primeiro, *deixarmo-nos guiar pelo Espírito* (v. 14), da mesma forma que Jesus, guiado pelo Espírito, desenvolveu toda a sua vida e ação, realizando a vontade do Pai; em segundo lugar, *conformando-nos à pessoa e ação de Jesus* (v. 17), continuando sua presença e ação em nossa história. Desse modo os

* *Estes roteiros seguem as indicações de leituras bíblicas do DIRETÓRIO LITÚRGICO, apresentadas integralmente no Semanário Litúrgico-Catequético O DOMINGO.*

cristãos se tornam "herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo", partilhando da liberdade e da vida que Deus projeta para todos.

b) *Destinados à glória* (vv. 18-23)

O tempo presente é difícil, pois o testemunho de Jesus faz com que os cristãos estejam em permanente conflito com as estruturas do pecado que geram no mundo a escravidão e a morte. Contudo, conduzida pelo Espírito e participando do caminho de Jesus, nossa condição cristã está voltada para a glória do Ressuscitado "que deverá revelar-se em nós" (v. 18).

Os vv. 19-23 mostram que o homem e o mundo são solidários no mesmo destino. Através do pecado o homem arrasta consigo toda a criação para a escravidão e a morte. Através da salvação o homem reconduz a criação à liberdade e à vida. Na condição presente de conflito tanto a criação como os cristãos gemem numa angústia de parto, até que se manifeste em todos a glória dos filhos de Deus (1Jo 3,1-2), chamados a concretizar o projeto final de Deus: reunir tudo em Cristo, para que Cristo entregue tudo ao Pai, e "Deus seja tudo em todos" (1Cor 15,28).

3. Evangelho (Mt 25,31-46): O julgamento para a vida e para a morte

Mt 24-25 é a última e decisiva conferência que o Jesus de Mateus faz à sua comunidade, e Mt 25,31-46 é o seu ápice. Note-se que no início da conferência os discípulos pediam: "Dize-nos quando vai acontecer isso, e qual é o sinal da tua vinda e da consumação dos tempos" (24,3). Eles queriam saber *quando* e *como* Jesus iria se manifestar em sua glória, mostrando a verdade dos homens (julgamento) e comunicando a plenitude da vida (Reino). Todo o decorrer do discurso deixa claro que não é possível aos homens saber quando e como Jesus vai se manifestar (24,36). O que a comunidade cristã pode fazer? Estar atenta e vigilante (24,37-44), e não relaxar (24,45-51); pelo contrário, ser prudente e preparar-se ativamente (25,1-13), cumprindo fielmente a missão que o Senhor Jesus confiou a ela (25,14-30).

Qual é a missão? Mateus vai mostrá-la e, curiosamente, vai apontar também o *quando* e o *como* da manifestação gloriosa de Jesus, julgando e trazendo o Reino. Com isso o evangelista mostra que, se o *quando* e o *como* são imprevisíveis, é porque a manifestação de Jesus não tem data marcada e modo preciso, mas pode acontecer e acontece sempre e em qualquer tempo da vida dos homens. Como? Dentro das relações entre os homens. É no quando e no como dessas relações que Jesus se manifesta, mostrando a verdade ou mentira dos homens, e confirmando os verdadeiros na plenitude da vida humana, que é a própria vida de Jesus e de Deus na vida do homem (cf. Jo 3,16-21; 1Jo 3,11-20; 4,7-21).

O texto de Mt 25,31-46 não é parábola nem apocalipse, mas *descrição profética do julgamento.* Ela é feita para mostrar que todos os homens são julgados a partir do ponto decisivo de uma fé que é ou não vivida concretamente, e vivida como amor que se abre e responde à situação concreta do homem que necessita de salvação.

a) *Jesus é o Pastor, Rei e Juiz da humanidade* (vv. 31-33)

A manifestação gloriosa de Jesus é apresentada sobriamente, com traços apocalípticos e parabólicos. Ele é Juiz e Rei *(trono)* universal *(todas as nações),* o Filho do Homem de Dn 7,13 e também o Pastor supremo que realiza a justiça anunciada em Ez 34. Como Pastor e Juiz ele vai *separar,* isto é, discernir e distinguir os homens conforme a verdade de cada um (vv. 32-33). Como Pastor e Rei ele é o soberano supremo que vai selar o destino de cada homem, destino que é conseqüência da vida de cada um. Neste sentido, Jesus não dita a sentença. Esta é ditada pela vida de cada um. Jesus apenas a confirma.

b) *Jesus manifesta e confirma a justiça* (vv. 34-40)

É o aspecto positivo do julgamento: a vida do Reino é reconhecida e confirmada para os justos, os que são fiéis a Jesus, vivendo em concreto a fé que em última análise é o amor que responde em concreto — comida, bebida, acolhida, veste, visita — às necessidades concretas de Jesus — fome, sede, estrangeiro, nudez, doença, prisão (vv. 35-36).

Há um elemento *surpresa:* "quando é que fizemos isso?" (vv. 37-39). Afinal, tudo fora feito aos que a estrutura da sociedade marginalizara física e moralmente, e ninguém identificara Jesus no meio, e muito menos na própria pessoa desses marginalizados. Exatamente, diz Jesus: "todas as vezes que vocês fizeram isso a um desses meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizeram" (v. 40). O Reino de Deus estava se realizando para os pobres marginalizados através da ação desses justos anônimos! (Mt 5,1-12). E, em última análise, isto significa que eles já estavam participando do Reino (Mc 12,32-34).

É importante notar que esses justos ignoravam o sentido daquilo que viviam fazendo. Eles viviam consoante um amor que animava o sentido profundo de suas vidas. Mas o sentido só lhes foi revelado no confronto com Jesus: são fiéis a Jesus, ou seja, vivem conforme o projeto de Deus revelado e realizado em Jesus: o amor que liberta e dá a vida (cf. Jo 3,16-21). Isso nos leva a conclusões muito importantes:

— *primeiro,* que a fidelidade e a fé em Jesus não são coisas abstratas, idéias ou sistemas de pensamento, mas uma vida na qual se manifesta um *agir,* muitas vezes inconsciente, um *fazer concreto* que testemunha o amor que liberta e dá vida aos homens que necessitam de libertação e vida. Jesus se solidarizou com os marginalizados — "Meus irmãos mais pequeninos" — e não deseja nada para si. Com sua autoridade soberana ele canoniza todo e qualquer gesto de amor, e só quer ser servido nos irmãos.

— *segundo,* o texto não diz se esses justos são manifestamente cristãos batizados ou não. Ele apenas deixa claro que o conhecimento e o seguimento de Jesus ultrapassam uma questão de rótulos e títulos, para ser uma questão de vida concreta que realiza atos concretos. Crer em Jesus é realizar uma prática libertadora.

c) *Jesus denuncia a injustiça* (vv. 41-45)

É o aspecto negativo do julgamento: também é reconhecida e confirmada a injustiça dos "malditos", isto é, os que não viveram concretamente a fé como amor encarnado que responde a situações concretas de Jesus na humanidade marginalizada (vv. 42-43). Estes são confirmados na sua má sorte ou "maldição", isto é, na sua injustiça que os exclui do Reino (v. 41). Também eles têm uma *surpresa,* certamente a de descobrir que a justiça que Jesus quer não está na ortodoxia de idéias, intenções, sentimentos e orações *sem* prática concreta (Mt 7,21-23). A sabedoria que liberta e introduz o homem na vida é a palavra soberana de Jesus, pois ela é a revelação suprema da justiça que é o próprio cerne da vida de Deus: amar os homens, salvando e dando a vida (cf. Mt 7,24-27; 1Jo 4,7-21).

A *palavra final* (v. 46) é o selo decisivo de Jesus, o soberano da vida e da história, mostrando que a vida de cada um é o que manifesta e confirma cada um na experiência decisiva da realização final e total da vida *(vida eterna)* ou na frustração total da vida *(castigo eterno).*

Deste modo é dada resposta à pergunta dos discípulos (24,3) e é apresentado o significado final do estar vigilante, do não relaxar, do ser prudente e preparar-se ativamente, cumprindo fielmente a missão que o Senhor Jesus confiou à sua comunidade: colocar a vida a serviço do amor que constrói um mundo novo, em que a verdade e a justiça fazem aflorar a liberdade e a vida *para todos.*

III. SUGESTÕES PARA A HOMILIA

Frente à realidade inevitável da morte física, os textos nos convidam a refletir sobre o horizonte novo que a fé descortina:

1. Deus é o Senhor e a fonte da vida, e seu projeto é a vida para todos. É necessário, porém, que os homens vivam o seu projeto, lutando contra todas as estruturas que geram a morte. Quais são essas estruturas e como elas agem em nosso meio?

2. Como filhos de Deus somos chamados a viver segundo o mesmo Espírito que levou Jesus a uma ação que produzia liberdade e vida. Quais são as estruturas que geram escravidão e morte? O que o Espírito nos convida a realizar hoje, a fim de libertar os que estão sob a escravidão e a morte?

3. A certeza da morte física que atingirá a todos deixa-nos com pavor do julgamento. Mas o Evangelho nos mostra que o julgamento já se realiza a cada instante, e o critério do julgamento é se vivemos ou não o amor que realiza atos concretos de libertação dos pobres e marginalizados. Como a nossa comunidade tem vivido a fé que se confirma através da prática concreta, respondendo às situações dos "irmãos mais pequeninos" de Jesus?

4. A perda de nossos entes queridos nos enche de tristeza. Mas o que se esconde por trás dessa tristeza? Não seria o fato de que *agora* é que estamos percebendo todo o bem que lhes poderíamos ter feito e não fizemos, assim como todo o mal que lhes fizemos e que poderíamos ter evitado? A morte nos dá uma lição: não percamos tempo e mudemos de vida enquanto é tempo!

32º DOM. COMUM (9 de novembro)

DEUS ESTÁ PRESENTE NO MEIO DOS HOMENS (DEDICAÇÃO DA BASÍLICA LATERANENSE)

I. INTRODUÇÃO GERAL

"O palácio de Latrão, propriedade da família imperial, tornou-se residência privada do Papa no séc. IV. A basílica adjacente, dedicada ao Divino Sal-

Bancos, altares e móveis para igrejas.
Diversos modelos.
Só fabricamos em embuia maciça de primeira qualidade, não trabalhamos com aglomerados ou compensados.
Só trabalhamos com madeira seca (com secagem de 3 a 5 anos).
Desfrutamos de maquinário moderno, técnica altamente especializada.
Venda direta da fábrica.
Transporte próprio.
Não aceitamos pagamentos adiantados, somente após a entrega.
Consulte-nos sem compromisso.

Vendas:
R. Aracati, 200 – CEP 09000 – Sto. André – SP
Fones: 447-2811 – 447-2136 – 447-2558

OBERTIME

INDÚSTRIA DE BANCOS PARA IGREJAS
GENERAL CARNEIRO, PR

FÁBRICA DE ALTARES, BANCOS E MÓVEIS PARA CAPELAS E IGREJAS

Peça catálogo ou um banco para demonstrações, ou solicite a visita de nosso representante.

Escritório, Depósito e Exposição:
R. Vieira de Morais, 1235 – Aeroporto – CEP 04617 – São Paulo – SP – Sala 11 – (Fones: 241-1563 – 241-1718)
Fábrica: General Carneiro – PR

vador, foi a primeira catedral do mundo: aí eram celebrados principalmente os batismos na noite de Páscoa. Dedicada depois também aos dois são João, Batista e Evangelista, foi por muito tempo considerada a Igreja-Mãe de Roma e hospedou as sessões de cinco grandes Concílios ecumênicos" *(Missal Dominical, Missal da Assembléia Cristã,* Ed. Paulinas, São Paulo).

Os templos materiais não têm valor em si. São apenas *símbolos* da presença de Deus no mundo e exprimem a fé que os homens têm nessa presença. Na visão de Ezequiel, o Templo e as águas que dele correm são símbolo da presença de Deus que dá a vida e restaura o seu povo (I leitura). João mostra que o corpo de Jesus ressuscitado é o novo modo de Deus estar presente no mundo (Evangelho). Jesus é o Templo definitivo que se torna concreto e visível na comunidade cristã, a continuadora de sua presença e ação na história (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 47,1-2.8-9.12): A presença de Deus dá vida ao seu povo

O texto litúrgico faz parte do conjunto formado por Ez 40-48, onde o profeta, através de uma visão, anuncia a restauração de Israel e da Palestina, contemplando a cidade futura onde viverá o povo de Deus. A cidade de Jerusalém transformou-se num Templo, a casa em que Deus estará reunido com seu povo, num clima de família.

Assim como a infidelidade a Deus fora a causa de todo o mal do exílio, o seu verdadeiro culto torna-se a fonte inexaurível da vida. Isso é simbolizado na visão das águas que saem do Templo (vv. 1-2). O Templo é a presença de Deus no meio do povo, trazendo-lhe o dom da vida, que é abundante e inimaginável (vv. 3-7). As águas vivificam toda a terra deserta e tornam saudável todo o mar Morto, símbolo do povo esterilizado por seus pecados e pelo exílio (vv. 8-11), fazendo surgir a salvação que só Deus pode conceder para sempre, curando os males, conseqüências do pecado, e alimentando a vida nova (v. 12). A presença de Deus é o espelho que revela o pecado, leva à conversão e introduz o povo no caminho da vida.

Em Ap 21,1-22,5 João vê o futuro da humanidade, apresentada como a Jerusalém Celeste, num pano de fundo fortemente influenciado por Ez 47: o centro da humanidade futura, transformada numa cidade-templo, é a presença de Deus e de Jesus Cristo, concedendo aos homens o dom do Espírito, que é a Vida (Ap 22,1-5; cf. Jo 7,37-39).

2. Evangelho (Jo 2,13-22): Jesus Ressuscitado é o Novo Templo

Jo 1-2 é um texto elaborado de modo a formar um cumprimento teológico de Malaquias 3,1: "Eis que eu envio o meu mensageiro que preparará o caminho diante de mim" (Jo 1 = João Batista é o mensageiro); "de repente o Senhor virá ao seu Templo" (Jo 2,13-22 = Jesus vem ao Templo).

A comparação com os Sinóticos mostra que João seguiu uma tradição diferente e uniu dois fatos que os outros evangelistas conservam separados: a *purificação* do Templo (2,14-18) e o *dito sobre a destruição* do Templo (2,19s). Os Sinóticos põem a purificação logo antes da prisão de Jesus, tornando-a a "gota d'água" que provocou a morte de Jesus (Mc 11,15-18 e par.), e só mencionam o dito sobre a destruição como falso testemunho no julgamento de Jesus (Mc 14,57-58 e par.). João conhece três viagens de Jesus para a Páscoa em Jerusalém e pôde situar melhor os acontecimentos; todavia, transpôs a purificação para o início do evangelho, onde já havia a predição da destruição do Templo, pois tinha uma história melhor para ser a "gota d'água" da morte de Jesus: a ressurreição de Lázaro (Jo 11).

No v. 22 João diz que o verdadeiro sentido dos fatos só foi entendido após a ressurreição. De modo que a ação de Jesus foi entendida de forma diferente pelos *contemporâneos de Jesus,* e pela *comunidade cristã,* à luz da teologia joanina.

a) *A purificação do Templo* (vv. 13-18)

A ação podia ser compreendida pelos contemporâneos de Jesus na linha do protesto dos profetas contra a profanação da casa de Deus. Purificar era o sinal de que a era messiânica havia chegado e Jesus estava corrigindo um abuso (cf. Zc 14,21; Ml 3,1b-4). Além disso, naquele tempo havia apreensão sobre a destruição do Templo. A ação de Jesus é grave, pois o Templo era o centro econômico, político e ideológico do judaísmo, e atacá-lo significava atacar a raiz de toda a estrutura social. É por isso que as autoridades perguntam que autoridade Jesus tem para fazer isso (v. 18). Que Jesus sempre se opôs ao Templo João o mostra bem (8,48).

A comunidade cristã entendeu a purificação como anúncio da morte de Jesus. Depois da ressurreição "os discípulos lembraram-se" do fato e o interpretaram à luz do Sl 69,10: "O zelo por tua casa me devora, e os insultos dos que te insultam recaem sobre mim" (v. 17; notar que o v. 9 do salmo está por trás de Jo 2,12). O salmo se referia ao consumar-se das emoções; João coloca o verbo no futuro — *consumará* — transformando a citação numa profecia: o zelo pelo *Templo,* isto é, o conjunto da atividade de Jesus como manifestação da *presença de Deus,* provocará a sua morte.

b) *O dito sobre a destruição do Templo* (vv. 19ss)

Os contemporâneos de Jesus o compreenderam no sentido de destruição e reconstrução material do Templo de Jerusalém (v. 20). Jesus diz que, se eles o destruírem, ele o substituirá num prazo de tempo muito curto (em 3 dias) pelo Templo messiânico. O AT já falava desta substituição (Ex 40 - 46; Tb 13,10 ou 12). O tempo curto indicava que o Templo messiânico tinha natureza misteriosa, e que Jesus deveria então ser o Messias. É por isso que, ao ouvir a falsa testemunha se referir à declaração de Jesus, o sumo sacerdote logo pergunta: "És tu o Messias?" (Mc 14,58-61).

A comunidade cristã entendeu o dito como anúncio da ressurreição de Jesus. Note-se que o dito do v. 19 está na boca de Jesus, e que João usa o verbo *egheirô* (levantar), termo técnico para a ressurreição, enquanto os Sinóticos usam *oikodoméô* (reconstruir um edifício material). Os vv. 21-22 mostram que o Templo que os ouvintes de Jesus vão destruir é o próprio Jesus que eles vão entregar à morte. Jesus é o Templo porque ele é a presença de Deus entre os homens (Jo 1,14.51; Ap 21,22). Ele concede o sinal que as autoridades pediram (v. 18; 6,30; Mc 8,11; Mt 12,38ss; Lc 11,16.29ss), não, porém, para que elas o reconheçam sem aderir a ele.

Qual a importância da ação de Jesus? Tanto a purificação como o anúncio da destruição do Templo representavam ataque radical ao eixo que sustentava toda a estrutura da sociedade judaica acobertada pela aparência de religião. Todo o sistema religioso judaico vai ser substituído pelo modo de ser de Jesus, diante de Deus e dos homens (Jo 4,21-24; Lc 24,19b). O sinal que Jesus dá para comprovar sua autoridade é sua morte e ressurreição, que constitui a *salvação* para os que nele crêem, comprometendo-se com sua pessoa e ação, e a *condenação* para os que não crêem nele, indo contra sua pessoa e ação (3,18). A ironia é que o sinal será realizado tendo as autoridades judaicas como instrumento: são elas que irão destruir o Templo, isto é, Jesus (8,28). Mas o Templo messiânico se refaz logo — três dias — pois é o próprio corpo de Jesus ressuscitado, o novo lugar da presença de Deus para os que têm fé.

Notemos que João escrevia em Éfeso, para uma comunidade que já ouvira dizer que a Igreja é o corpo de Cristo (Ef 1,23; 2,19-21; Cl 1,18). Assim, o corpo de Jesus ressuscitado, novo Templo da presença de Deus no mundo, se torna concreto na comunidade cristã, a continuadora da purificação da vida dos homens. E qual o sinal da autoridade da comunidade para fazer isso? É o mesmo que Jesus deu, aliás, o único: ir até a morte e ressuscitar com Jesus. E assim é a Igreja na história.

3. II leitura (1Cor 3,9-11.16-17): A comunidade cristã é o Templo da Nova Aliança

Na comunidade de Corinto surgem brigas e divisões, com a conseqüente formação de grupos fechados e rivais. Causa disso é o culto de personalidade dos seus próprios evangelizadores: uns preferem Paulo, outros preferem Apolo (cf. v. 4). Paulo mostra que a comunidade arrisca perder de vista a unidade nascida em Cristo crucificado para escolher os caprichos da sabedoria do mundo, que levam à ruína (3,18-20).

MICHELANGELO

QUADROS SACROS EM AZULEJOS
QUADROS P/ FACHADAS DE IGREJAS,
COLÉGIOS, CAPELAS, ALTARES E VIA SACRA
RESTAURAÇÃO DE QUADROS A ÓLEO

ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO:
RUA CRISTÓFORO MANTEGAZZA, 226 - CEP 04178
V. DAS MERCÊS - SAÚDE - SÃO PAULO - S.P.
TELS.: ATELIER 215-0448 - RES.: 577-1297

casa del vecchio

CASA DEL VECCHIO
COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
ÓRGÃOS NACIONAIS E IMPORTADOS
VIOLÕES — GUITARRAS
AMPLIFICADORES E FANFARRAS
Rua Aurora, 185 — Fone: PBX 221-0099 — Caixa Postal 611
São Paulo — SP.

O Apóstolo apresenta a comunidade como o campo e o edifício de Deus (v. 9b), construído sobre o alicerce de Jesus Cristo (v. 11). Ela não é propriedade de ninguém, a não ser de Jesus e de Deus (v. 23), enquanto tudo o mais lhe pertence (vv. 21-22). Os apóstolos e evangelizadores não são mais do que empregados que trabalham junto com Deus para construir a comunidade (v. 9a), cada um realizando o que lhe é possível, servindo conforme suas capacidades e segundo as circunstâncias (vv. 5-8.10).

A comunidade cristã é o Templo da Nova Aliança, tomando o lugar do Templo de Jerusalém, porque o Espírito de Deus e de Jesus Cristo nela habita (v. 16), realizando de modo mais perfeito o que a presença da Glória de Deus já fazia no Templo do AT (cf. 6,19; 2Cor 6,16). O v. 17 é certamente alusão às divisões que ameaçam a comunidade. Tais divisões, conforme Paulo, são atentado destruidor ao Templo de Deus. A comunidade é santa porque Deus a consagrou para ser una no Espírito de Jesus Cristo, seu alicerce e fundador. Redescobrir e desenvolver na história a presença e a ação de Jesus é a primeira, última e contínua tarefa de toda comunidade cristã.

III. SUGESTÕES PARA A HOMILIA

Excelente ocasião para esclarecer a comunidade sobre a natureza e o modo da presença de Deus entre os homens, mostrando a evolução dessa presença através da história: primeiro Deus está presente através de um *Templo* material (AT); depois Deus se manifesta na pessoa e ação de *Jesus Cristo* (Evangelhos); a seguir ele se manifesta na *comunidade cristã* que, recebendo o Espírito Santo e comprometendo-se com o projeto de Deus e de Jesus, se torna o sacramento da presença e da ação de Deus e de Jesus dentro da sociedade e da história. O ponto final será quando toda a humanidade, criada à imagem e à semelhança de Deus (Gn 1,26s) se tornar o Templo vivo, o sacramento final da presença e da ação de Deus (cf. Ap 21,1-22,5). Dentro desse pano de fundo, salientar:

1. Como Deus está presente *hoje* à humanidade? Está presente através daqueles que se comprometem com a pessoa e a ação de Jesus.

2. Jesus é a manifestação da presença de Deus porque em sua pessoa e ação ele revelou e concretizou o projeto de Deus (Reino) para a humanidade: liberdade e vida *para todos.*

3. A comunidade cristã é o Templo de Deus e de Jesus entre os homens *se* e *quando* ela, em sua vida e ação, testemunhar o dinamismo do projeto de Deus que Jesus testemunhou.

4. E que sentido tem um templo material? É apenas o lugar em que a comunidade se reúne para *rever, celebrar* e *projetar* a vida e a ação que ela procura realizar a partir do compromisso com o projeto de Deus totalmente manifesto em Jesus.

33º DOM. COMUM (16 de novembro)

O REINO CRESCE PELO TESTEMUNHO PERSEVERANTE

I. INTRODUÇÃO GERAL

A história é uma tensão dramática entre o projeto de Deus, que quer liberdade e vida *para todos,* e os projetos dos homens, que também querem vida e liberdade, mas procuram reservá-las egoisticamente para si mesmos, sua classe e sua nação. Nasce daí um processo histórico conflitivo onde se multiplicam lutas e guerras, frias e quentes, visando a conquistar mais liberdade (= poder) e mais vida (= riqueza). Comprometida com o projeto de Deus, a comunidade cristã vive dentro dessa história, e é aí que ela deve testemunhar a pessoa e a ação de Jesus Cristo. Muitas vezes ela pode se sentir perplexa e tentada a abandonar seu compromisso. Os textos litúrgicos visam a reanimar sua fé e a estimular a perseverança no testemunho.

A história aparentemente é dirigida pelos injustos e parece aprovar a sua conduta, deixando os justos no desânimo e desespero. Nessa situação é preciso lembrar sempre que Deus julga os homens, manifestando a verdadeira face de cada um (I leitura). Em meio aos acontecimentos catastróficos da história, a comunidade cristã se mantém tranqüila e vigilante para não ser enganada e não se afastar do seu dever fundamental: perseverar na fé e no testemunho de Jesus até o fim (Evangelho). Na sua vida comunitária os cristãos devem assumir o trabalho como parte integrante de sua vocação para o bem comum e para a partilha na caridade (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ml 4,1-2a; hebr.: 3,19-20a): Deus julga a vida dos homens

Ao voltar do exílio o povo de Deus esperava encontrar paz e prosperidade. Em vez disso continua dominado pelo império persa, e encontra uma realidade social difícil e escandalosa: os ímpios prosperam às custas do povo justo. Ao mesmo tempo, Deus parece demorar para atender às aspirações dos justos. Assim sendo, dizem os justos, não seria melhor viver exatamente como os ímpios? (3,13-15).

O profeta Malaquias mostra então que o povo deve perseverar na justiça, porque Deus protege os justos e se lembra do seu testemunho. Solidarizando-se com eles, Deus fará o julgamento para mostrar a diferença entre os justos e os ímpios, diferença que muitas vezes fica encoberta pelas aparências da vida (3,16-18).

O julgamento se realiza no *"dia que vem"* (3,19). Não se trata apenas de um dia futuro, mas da ação de Deus dentro dos acontecimentos da história, manifestando a verdade dos homens e o seu destino. Os ímpios desaparecerão, sofrendo as conseqüên-

ep novidades *edições paulinas*

OS RELIGIOSOS NO BRASIL — Enfoques históricos — Riolando Azzi- José Oscar Beozzo — Este volume é continuação de **A vida religiosa no Brasil — Enfoques históricos.** Os trabalhos deste volume se concentram na etapa conhecida como Reforma Católica, dos meados do séc. XIX às primeiras décadas do séc. XX. Os bispos reformadores desse período se serviram de religiosos vindos da Europa. — 224 pp., Cz$ 70,00.

INCULTURAÇÃO E LIBERTAÇÃO — CNBB/CIMI — O volume recolhe os resultados de uma semana de estudos teológicos. O fio condutor das reflexões é: O que significam **encarnação** e **salvação** para um povo oprimido em sua cultura e em sua história? O livro apresenta enfoques bíblicos, históricos, antropológicos, sociológicos, teológicos e pastorais, numa visão de Igreja encarnada e missionária. — 232 pp., Cz$ 52,00.

OS CAMINHOS DA VOCAÇÃO PARA SERVIR — José Dias Goulart — É uma apresentação clara e simples dos **ministérios e serviços na Igreja.** Os pontos enfocados são: Vocação; Reino de Deus; Envio ou missão; Igreja-povo e Igreja-instituição; Evangelização e catequese; sinais e sacramentos; Serviços individuais e colegiados; Ministérios permanentes; Leigos; Agentes de Pastoral; Profetas. — 192 pp., Cr$ 40,00.

QUEM É TEU IRMÃO? — Karl Rahner — Neste livro, o Autor delineia em largos traços a situação em que o cristianismo contemporâneo é chamado a viver a caridade fraterna. Com suas considerações encoraja-nos a descobrir novos caminhos para poder realizar uma colaboração fraterna com todos os homens, colocando como base de toda a prática cristã o amor fraterno incondicional. — 64 pp., Cz$ 17,00.

PELA VIDA E PELA PAZ — Justiça e não-violência ativa — Marco Antonio Gonçalves — O modo de participação dos jovens na sociedade já é por si uma mensagem de paz. Tanto mais quando trabalham juntos pela não-violência. Este livro procura analisar as causas de tanta violência e injustiça, para que os jovens participem nos movimentos populares de maneira consciente. — 56 pp., Cz$ 17,00.

cias de sua conduta (3,19), e os justos verão que o seu testemunho não foi em vão: para eles surgirá novo dia em que serão iluminados pelo sol da justiça (3,20a).

A imagem do sol de justiça foi aplicada ao tempo messiânico, no qual se manifesta a salvação para os homens. Conforme Lc 1,78-79 Jesus é o Messias que, como o sol que surge do Oriente, veio iluminar o mundo com a justiça de Deus, encaminhando a humanidade para a paz.

2. Evangelho (Lc 21,5-19): Testemunhem e perseverem até o fim

O texto é parte do discurso de Jesus (Lc 21) que usa o gênero literário do apocalipse para revelar o que acontece na história e qual deve ser o comportamento da comunidade de seus seguidores dentro da história. O Evangelho anuncia que os cristãos não devem ter medo dos acontecimentos (v. 9). Em meio a tudo, sua tarefa principal é testemunhar a pessoa e a ação de Jesus (v. 13), perseverando até o fim (v. 19). É assim que os cristãos serão reconhecidos como justos e acabarão vitoriosos com Cristo. O trecho apresenta três temas:

a) *A destruição do Templo de Jerusalém* (vv. 5-6)

Lucas escreveu depois do ano 70 d.C., quando Jerusalém e o Templo já haviam sido destruídos pelos romanos (cf. 19,27.44; 21,20-24). O Templo, como centro econômico, político e ideológico do judaísmo, era o alicerce sobre o qual se edificava a sociedade judaica. Com sua destruição o judaísmo perdia sua estrutura e se tornava superada. Doravante, o novo Templo da humanidade é o corpo de Jesus ressuscitado, presente no mistério da vida de Deus e na fé das comunidades que se comprometem a manter a presença de Jesus na história, continuando a sua ação (cf. o Evangelho do domingo anterior). Para as comunidades que haviam assistido ao fim trágico do judaísmo, o Evangelho anuncia:

b) *"Não tenham medo e não se deixem enganar!"* (vv. 7-11)

As pessoas têm medo do fim do mundo. E perguntam: "Quando será? Quais serão os sinais de que o fim está chegando?" No tempo de Jesus pensava-se que a invasão dos pagãos e a destruição do Templo eram os sinais do fim (v. 7). Muitos se deixavam enganar pelos falsos messias que diziam ter a solução para todos os problemas, e tapeavam as multidões (v. 8). Nos tempos difíceis sempre aparecem os mistificadores que se aproveitam da boa fé das pessoas, muitas vezes apresentando-se em nome de Deus e de Jesus. O Evangelho, porém, convida ao *discernimento:* "não se deixem enganar!" As comunidades tinham visto a guerra e as lutas que precederam a tomada e a destruição de Jerusalém. Mas isso não era o fim do mundo: era apenas o fim do mundo judaico (v. 9).

A comunidade cristã não deve ter medo dos acontecimentos. Os sinais apontados nos vv. 10-11 (guerras, terremotos, fome, peste, prodígios e sinais no céu) eram as figuras com que os profetas costumavam descrever a chegada do fim (cf. Is 24,19-20; Ez 5,12; 6,11-12; Jr 14,12; 15,2; 18,21; Ag 2,6-9; Zc 14,4-5). O Evangelho mostra que, mesmo diante do fim do mundo, a comunidade cristã deve permanecer tranqüila, e o importante é

c) *Testemunhar e perseverar até o fim* (vv. 12-19)

O Evangelho não ilude ninguém. Pelo contrário, deixa bem claro que a perseguição é o sinal de que o Reino de Deus está chegando ao mundo dos homens. O Reino nasce por dentro de conflitos onde se verifica o choque entre o projeto de Deus e os projetos dos homens. Os homens buscam *poder* e riqueza, produzindo opressão e miséria. Deus quer liberdade e vida *para todos,* e propõe a fraternidade e a partilha, para que todos possam ter vida humana digna. Jesus testemunhou o projeto de Deus e inaugurou grande conflito com a injustiça humana; por isso foi perseguido e assassinado. Se a comunidade cristã vive fielmente nos passos de Jesus, ela também vai ser odiada, perseguida, e os cristãos serão presos e julgados como Jesus, por estarem continuando o conflito inaugurado por Jesus (vv. 12.17). Jesus sofreu para entrar na glória do Pai (24,26). Por isso a comunidade perseguida também poderá reconhecer que o Reino está próximo. Isso já estava acontecendo quando Lucas escreveu o Evangelho.

Há perigo, porém. Quando as coisas ficam difíceis, a maior tentação para os cristãos é abandonar o compromisso e trair a causa de Jesus. Na hora da perseguição até a família poderá abandonar e trair o parente cristão (v. 16). Por isso, a comunidade deve se preparar continuamente para enfrentar as dificuldades; não deve alimentar ilusões, mas plena confiança em Deus, porque ele protegerá os que se comprometeram com Jesus (v. 18). Diante dos adversários, os cristãos não precisarão se preocupar com a própria defesa (v. 14): mesmo perseguido, o cristão se preocupa antes de tudo em dar o testemunho de Jesus (v. 13). Esta é a sabedoria e o espírito que vence as idéias e o modo de vida dos adversários (v. 15).

Toda a história da Igreja será pontilhada pelas perseguições, pois em nome de Jesus, ela deve anunciar o projeto de Deus realizado em Jesus, denunciando a opressão e a exploração da vida humana. Por isso a comunidade deve perseverar na luta (v. 19). É desse modo que ela se salvará e se perpetuará na história, mantendo a causa de Jesus viva e atuante. No livro dos Atos, Lucas lembra que o Reino de Deus é fruto da perseverança em meio às perseguições: "É preciso passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus" (At 14,22).

3. II leitura (2Ts 3,7-12): Vida cristã empenhada no trabalho

O Apóstolo recebe a notícia de que na comunidade de Tessalônica muitos viviam na preguiça: não

faziam nada e transformavam-se em parasitas da comunidade, provocando desordens e agitações (v. 11). A desculpa dessas pessoas era que a vinda de Jesus estava próxima e, portanto, também o fim do mundo. "Se é assim, é inútil trabalhar", diziam eles.

Paulo ordena que os preguiçosos trabalhem para comer (v. 12). Anteriormente, em visita à comunidade, ele já deixara uma regra: "Quem não quer trabalhar, não coma" (v. 10). Desta vez ele se apresenta como exemplo a ser imitado: sendo apóstolo, ele tinha o direito de ser sustentado pelas comunidades (v. 9; cf. 1Cor 9,4-14; Mt 10,10); entretanto, ele não quis ser um peso para a comunidade e, além do seu trabalho apostólico, ele trabalhou também para o seu próprio sustento (vv. 7-8; cf. 1Ts 2,9).

No exemplo do Apóstolo podemos perceber que a vida cristã não dispensa dos deveres sociais, mas faz redescobrir esses deveres, principalmente o trabalho em vista do bem comum. O projeto de Deus, com o qual a comunidade se comprometeu, dá nova visão sobre o *uso dos bens:* o bem de todos requer o trabalho de cada um para repartir os bens entre todos (v. 8). É graças ao trabalho justo que os cristãos poderão concretizar o amor, atendendo às necessidades dos irmãos menos favorecidos e necessitados (At 20,35; Ef 4,28).

III. SUGESTÕES PARA A HOMILIA

Os textos oferecem uma ocasião para a comunidade rever sua situação e ação na história, convidando a avaliar a natureza e as conseqüências do seu testemunho num meio social cheio de conflitos e dificuldades. Diante disso, é interessante notar que:

1. A I leitura oferece o pano de fundo para situar o testemunho cristão. A história é aparentemente dirigida pelos ricos e poderosos. Quais as conseqüências disso? De que lado a comunidade se posiciona: do lado de Deus ou dos poderosos deste mundo?

2. O testemunho cristão continua e reaviva o conflito entre o projeto de Deus, realizado em Jesus Cristo, e o projeto dos homens, concretizado na estrutura injusta da nossa sociedade. Mostrar onde está a diferença entre os projetos.

3. Deixar bem claro que o testemunho de Jesus suscita conflitos e acelera os conflitos que já existem. Em que ou quem a comunidade vai se apoiar para perseverar no compromisso com Jesus? Salientar o papel da solidariedade cristã, através da qual Deus e Jesus sustentarão a comunidade, para que esta persevere na luta até o fim.

4. Se a I leitura e o Evangelho salientam o testemunho da comunidade diante da história e da sociedade, a II leitura focaliza o clima da *vida interna* da comunidade. De que modo cooperamos com o bem comum? Até que ponto estamos dispostos a partilhar nossos bens e o resultado do nosso trabalho com os menos favorecidos e os mais necessitados?

34º DOM. COMUM (23 de novembro)

JESUS CRISTO É O REI DO UNIVERSO

I. INTRODUÇÃO GERAL

O poder político é uma tentativa, feliz ou infeliz, de reunir e ordenar os homens em sociedade, articulando-os numa relação que seja o mais possível harmônica e vital. Sua função seria visibilizar e viabilizar o projeto de Deus que está no mais íntimo de todos e de cada um dos homens: *liberdade e vida para todos.* A autoridade política seria, portanto, um sacramento da presença da autoridade do próprio Deus, dirigindo a sociedade no sentido da vida e da liberdade. Não é o que vemos sempre, porém. Os detentores do poder político são homens, e não pertence à essência da humanidade desenvolver poder. O poder pertence a Deus; na mão dos homens ele é risco e tentação contínua de desvios e corrupção. Por isso Jeremias e João vêem o futuro da humanidade liberto de toda e qualquer mediação, inclusive a política (cf. Jr 31,31-34; Ap 21, 22-23).

O último domingo do ano litúrgico é um convite a contemplar o fim do projeto de Deus: a realeza de Jesus Cristo sobre todo o universo. Essa realeza tem sua raiz primeira em Davi, o antepassado profético de Jesus (I leitura). Ela se realiza através da missão de Jesus como Servo de Deus (Evangelho), e chegará à consumação quando toda a realidade estiver reunida em Jesus, porque ele é a origem, o centro e o sentido de toda a vida (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Sm 5,1-3): Davi, rei de todo Israel

Davi é importante por ser o antepassado profético de Jesus, o Messias prometido que será chamado o "filho de Davi". Unificando todas as tribos de Israel sob o seu governo, Davi tornou-se o chefe do povo de Deus, antecipando a figura do Messias e do reino messiânico, que iria se estender sobre todo o universo (cf. II leitura).

Israel tem como base da sua existência um conjunto de tribos. A unificação se realizou sob Davi, processando-se em duas etapas. Davi fora ungido rei pelo profeta Samuel (1Sm 16,11-13) e logo foi proclamado e ungido rei sobre a tribo de Judá (2Sm 2,4.7). As tribos do Norte (Israel) por algum tempo continuaram fiéis à família de Saul, mas a sucessão de acontecimentos desagradáveis fez com que elas também se voltassem para Davi. Os representantes das tribos de Israel o elegeram rei (2Sm 5,1-3), apresentando-lhe três motivos: a fraternidade de raça (v. 1), sua experiência militar e a bênção de Deus (v. 2). Fez-se então uma aliança que submetia Israel ao governo de Davi (v. 3).

A unificação do povo de Deus sob Davi tornou-se fato político e profético que anuncia a vontade de Deus sobre os homens: Deus não quer a di-

visão, mas a unidade. Doravante, a unidade será o sinal de que os homens são fiéis e vivem na graça de Deus. As rupturas e as divisões se apresentarão como pecados que testemunham a infidelidade a Deus, provocando a desgraça e a ruína entre os homens. Jesus é o filho de Davi, o rei que veio governar o universo, conduzindo a história ao seu fim (Ap 19,11-16): a unidade e a plenitude da vida em Deus, "tudo em todos" (1Cor 15,25-28).

2. Evangelho (Lc 23,35-43): A fé proclama a realeza de Jesus

Para os evangelistas a narrativa da crucifixão e morte de Jesus não foi apenas ocasião para escrever uma crônica jornalística dos acontecimentos. Eles apresentaram um anúncio de Jesus Cristo para suscitar a fé, proclamando o verdadeiro significado de sua pessoa: Jesus é o Salvador, o Messias, o Eleito, o Servo de Deus, o Rei. Lucas salienta essa proclamação através da *rejeição* irônica (vv. 35-39) e da *aceitação* na fé (vv. 40-43). Deste modo Jesus é apresentado como o foco central e final da história. Diante dele todos os homens devem tomar uma atitude: aceitá-lo ou rejeitá-lo (cf. Jo 3,16-21), sendo que num e noutro caso Jesus será sempre proclamado como rei.

a) *A rejeição da realeza de Jesus* (vv. 35-39)

O *povo olha.* O que estaria se passando na mente da multidão presente? Todos haviam experimentado na pessoa e na ação de Jesus o Reino se aproximando e comunicando a liberdade e a vida. Contudo, por que as coisas terminaram assim? A cruz, sentença de morte para os criminosos políticos, é um desmentido para toda a vida e ação de Jesus? Seu projeto de liberdade e vida acabou em fracasso?

De outro lado temos os representantes do poder: os *chefes religiosos* e os *soldados.* Estes caçoam de Jesus, fazendo-lhe a proposta diabólica de provar que ele é o Messias e o Servo de Deus (vv. 35-37; cf. 4,10-11). Aos olhos de todos a *inscrição na cruz* funciona como um desmentido: "Vejam bem: este homem pretendeu a realeza messiânica, mas não passa de criminoso político..." A isso faz eco *um dos criminosos* que passam pelo mesmo suplício: "Você não é o Rei-Messias? Pois então salve-se a si mesmo e também a nós".

Aparentemente, o fracasso de Jesus é total. Para os cristãos, porém, este é um Evangelho, uma Boa Notícia a ser anunciada ao "povo que olha", em todos os tempos e lugares. Através da sua fé eles podem ver o sentido verdadeiro dos fatos: Jesus é o Servo de Deus, enviado para salvar os homens "e por meio dele o projeto de Deus há de triunfar" (cf. Is 49,7; 52,13 — 53,12). E a salvação começa já no Calvário.

b) *A aceitação da realeza de Jesus na fé* (vv. 40-43)

Todos os evangelhos falam que Jesus foi crucificado entre *malfeitores,* certamente criminosos políticos (cf. Is 53,12). Somente Lucas, porém, apresenta o diálogo entre os malfeitores, sintetizando a reação da humanidade diante do anúncio da realeza de Jesus. Como eles, todos os homens são pecadores necessitados de conversão e salvação. O primeiro nega e caçoa, como as autoridades que o julgaram e condenaram (cf. 22,67-71); o outro reconhece Jesus como inocente e rei, como Pilatos (cf. 23,3-4.13-16.20.22).

O texto mostra como o evangelista vê a formação da realeza de Jesus. Lucas está interessado na atitude do "bom ladrão", pois ele é o modelo do que o Evangelho pede a todos os homens: *primeiro* ele *reconhece* a própria situação — a condenação justa que está sofrendo — e proclama a inocência de Jesus (vv. 40-41); *depois* ele faz a sua *profissão de fé* na realeza de Jesus e *suplica* pela salvação (v. 42). Temos aqui o movimento da conversão que já é apresentado no Sl 51: reconhecimento do pecado e da situação de castigo, a proclamação do inocente que salva, e finalmente a súplica pela salvação. A realeza de Jesus se constitui a partir desse movimento de conversão dos homens que deixam sua vida pecaminosa para se comprometer com a causa de Jesus.

O ápice da narrativa é a resposta de Jesus. Ao pecador arrependido e aberto na fé Jesus oferece o perdão e a salvação no presente: *"hoje* estarás *comigo* no *Paraíso"* (v. 43). Lembremo-nos de que, para Lucas, Jesus é o Novo Adão que introduz a humanidade no paraíso, que é a comunhão íntima e plena com Deus, fonte de toda a vida (cf. 3,38). A partir da fé e da conversão o pecador recebe vida nova, que ultrapassa todas as expectativas: a comunhão íntima com Jesus que leva o homem ao paraíso, isto é, à plenitude da liberdade e da vida, que é o cerne do projeto de Deus realizado em Jesus Cristo. Não se trata de vida no além, mas da vida que se inicia quando o homem se compromete com a pessoa e a ação de Jesus. A realeza de Jesus entra e cresce na história através da confissão do pecado, da proclamação da inocência de Jesus, e da aceitação do perdão, que levam a humanidade à reconciliação com Deus, criando nova unidade entre os homens: o Reino de Jesus Cristo.

3. II leitura (Cl 1,12-20): Jesus Cristo é o Rei do universo

Os cristãos da comunidade de Colossas estão ameaçados por uma heresia que mistura elementos pagãos, judaicos e cristãos. Seus seguidores dão muita importância aos poderes angélicos, às forças cósmicas e a outros seres intermediários entre Deus e o homem, que teriam papel importante no destino de cada pessoa. Tudo isso compromete gravemente a pureza da fé cristã, que vê em Jesus Cristo o mediador único do projeto divino de salvação. Escrevendo à comunidade, Paulo relembra dois pontos:

a) *A iniciativa da salvação vem de Deus* (vv. 12-14; cf. At 26,18)

Os cristãos devem agradecer a Deus a conversão, o batismo e a vida comprometida com Jesus. Foi graças ao perdão dos pecados (v. 14; cf. Evangelho) que eles puderam receber a herança dos santos, isto é, participar do mistério da salvação na comunidade (v. 12; cf. Ef 1,11-14; 2,11-22). Deste modo, os pagãos foram transferidos da treva da vida no pecado para o reino do Filho amado, a comunidade cristã, na qual está presente o próprio Jesus ressuscitado, como luz que guia os homens para a liberdade e a vida (cf. Ef 5,5-14; Jo 1,9.17; 8,12).

A seguir Paulo utiliza um hino cristológico (vv. 15-20), que apresenta Jesus como o rei do universo criado (vv. 15-17) e redimido (vv. 18-20).

b) *Jesus é o rei de todo o universo* (vv. 15-20)

Jesus é o rei do universo, porque ele é a manifestação de Deus (Jo 14,9), a sabedoria que vem de Deus e leva todas as criaturas a Deus (v. 15; cf. Sb 7,26; Pr 8,22-36). Deus criou tudo em Jesus, por meio de Jesus e para Jesus. Por isso Jesus é o princípio, o centro e o chefe da criação. Ele está acima de todas as criaturas, forças e poderes que possam existir no universo: em Jesus tudo foi chamado a existir, tudo continua a existir por meio de Jesus, e em Jesus tudo encontra a sua razão de existir (vv. 15-17).

Jesus é a *origem,* o *centro* e o *sentido* da vida, porque ele é o homem verdadeiro, o Novo Adão (v. 15; cf. Gn 1,26-27). Por causa da ressurreição é dele que nasce e cresce a nova humanidade — representada pelas comunidades cristãs — através da qual Jesus realiza o seu domínio sobre todo o universo (v. 18). Em Jesus ressuscitado a salvação vem e se dirige a todos, porque ele tem a plenitude da vida de Deus (cf. 2,9), e por isso nele reside a força que restabelece toda a criação na harmonia, fazendo com que cada uma das criaturas viva plenamente o sentido da sua vida. Mas foi pelo seu ato de amor na cruz que ele trouxe a vida e a paz, levando todas as coisas à ordem e à submissão ao Pai, fonte e fim de toda a vida (vv. 19-20; cf. 1Cor 15,28; Ap 5).

III. SUGESTÕES PARA A HOMILIA

Os textos propiciam terminar o ano litúrgico com a revisão profunda do compromisso que a comunidade assumiu com Jesus Cristo. Após situar a realeza de Jesus sobre todo o universo (II leitura), seria interessante levar a comunidade a rever sua atitude diante de Jesus, utilizando o Evangelho para estimular a reflexão com os seguintes questionamentos:

1. De que lado nos posicionamos na cena da crucifixão? No lado do povo perplexo? Das autoridades, soldados e criminoso que caçoam e desacreditam? Do lado do "bom ladrão"?

2. Como vemos a pessoa e a ação de Jesus? Ele viveu a luta para implantar o projeto de Deus — liberdade e vida *para todos* — e acabou crucificado como criminoso político. Por quê? E nós, que luta vivemos?

3. Somos convidados a reconhecer nossa situação de pecado (compromisso com uma sociedade que gera a escravidão e a morte do povo), proclamar a inocência de Jesus, e suplicar o perdão. Para começar, quais são os pecados que distanciam a comunidade do projeto de Deus vivido por Jesus?

4. Deixar bem claro que Jesus vai pouco a pouco tornando-se Rei, à medida que a comunidade o coloca como o motor de sua vida e ação; em outras palavras, tornamo-nos sacramento de sua presença e ação no mundo, à medida que agimos para dirigir a história no sentido da liberdade e da vida.

1º DOM. DO ADVENTO (30 de novembro)

ACORDEM! DEUS ESTÁ CHEGANDO!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Todos e cada um de nós aspiramos por vida e liberdade, e sonhamos com uma cidade justa, que reúna os homens numa relação social baseada na partilha e na fraternidade. Mas a realidade que vivemos frustra nossas aspirações e despedaça nossos sonhos: em vez da partilha igualitária dos bens entre todos, encontramos a riqueza e a pobreza, exploradores ao lado de explorados; em vez da fraternidade em que todos participam da organização social, encontramos os poderosos que ditam as regras e a maioria que fica oprimida e só obedece. Para sobreviver e encontrar segurança todos entram na luta competitiva para ter riqueza e poder. Os projetos se multiplicam, mas a quem eles favorecem? E as cidades, tão belas em sua aparência, tornam-se fachada que esconde a miséria e a ruína do humano.

O Advento nos faz pensar no acontecimento que explode nossos projetos: Deus entra em nossa vida para criar nova realidade. Da ruína humana de nossas cidades ele fará surgir uma cidade para todos, cheia de justiça e paz (I leitura). Deus realizou o seu projeto em Jesus, e Jesus continua a se manifestar na vida e na história dos homens. Esse acontecimento é certo, mas escapa a qualquer controle e previsão. É preciso viver atentos para ver e prontos para agir (Evangelho). É hora de acordarmos, porque o acontecimento de Deus em Jesus Cristo fez nascer novo dia, e não podemos continuar vivendo como se fosse noite (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 2,1-5): Deus vai criar uma cidade para todos

O oráculo não tem muita ligação com o contexto de Isaías e é praticamente repetido por Miquéias 4,1-5. Vendo sua semelhança com a pregação do Segundo Isaías (Is 40-55) e principalmente do Terceiro Isaías (Is 56-66), os estudiosos pensam que se trate de oráculo exílico ou pós-exílico que foi transmitido em meio aos escritos de Isaías e Miquéias.

O anúncio foi feito em tempo de crise. Jerusa-

lém está destruída e o povo ameaçado pelo desânimo e descrença. Mas o oráculo traz uma promessa que incita à fé e à esperança (v. 5): Deus vai agir de modo imprevisível, transformando Jerusalém em cidade nova e universal, em foco de vida não só para Israel, mas para todas as nações (v. 2). Todos reconhecerão a Deus, procurando-o para ouvir a sua Palavra e aprender a sua Lei, descobrindo e vivendo o seu projeto de vida e liberdade *para todos* (v. 3). Governadas e julgadas por Deus, as nações se reconciliarão, transformando as armas de guerra em instrumentos pacíficos para o serviço do bem comum (v. 4).

O profeta fez o anúncio, mas certamente não sabia como e quando ele se realizaria. O NT mostrará que Deus agiu definitivamente em Jesus, congregando nele uma Jerusalém nova: a Igreja que reúne as nações para ouvir o anúncio que leva à construção da cidade nova, fundada na justiça e na paz. A comunidade cristã é a cidade sobre o monte, o sinal-testemunho que congrega as pessoas em torno do projeto de Deus (Mt 5,14.16). E, através do seu povo, Jesus põe a história em marcha para a Jerusalém Celeste, a cidade em que todos terão vida e liberdade (Ap 21,1-22,5).

2. Evangelho (Mt 24,37-44): Estejam atentos e prontos para agir

A ação de Deus se realiza continuamente na vida e na história, seja nos grandes acontecimentos que envolvem nações e grupos humanos, seja nos pequenos acontecimentos e situações do dia-a-dia das pessoas. Os acontecimentos são o lugar teológico em que Deus se manifesta para julgar e salvar as pessoas. O julgamento é o ato em que Deus espelha a verdade das pessoas, dando-lhes a chance de mudar e escolher a vida que Deus quer. Deus quer que todos os homens tenham a vida, mas os homens são livres: podem aceitar a chance que Deus dá, ou podem ficar indiferentes e até mesmo rejeitar sua proposta. Quando o homem não quer, nem mesmo Deus poderá salvá-lo.

O Evangelho é anúncio dirigido à liberdade do homem, mostrando a gravidade e a responsabilidade do modo como se vive. A vida tem muitas surpresas, mas a maior surpresa é quando Deus se faz presente, na hora e no modo em que menos se espera. No tempo de Jesus o povo esperava o Dia do Senhor, no qual Deus julgaria e salvaria os homens. Nesse dia viria o Filho do Homem para realizar o julgamento e instaurar o Reino de Deus (cf. Dn 7). Jesus, porém, mostra ao seu povo que somente o Pai sabe o dia e a hora do julgamento (v. 36).

O que fazer, então? Jesus diz que há uma só coisa a fazer: *"Vigiar"* (v. 42). Vivam atentos e de prontidão para ver como Deus se manifesta! Estejam acordados e bem conscientes para ver e acolher a chance da vida! Para o povo entender melhor, Jesus usava parábolas, exemplos que ilustravam o que ele queria dizer com fatos antigos e recentes que todo mundo conhecia (cf. vv. 37-44).

A Igreja primitiva reconheceu na fé que Deus já se manifestou inteiramente em Jesus, e isso já trouxe o julgamento e o Reino. Jesus é o Filho do Homem de Dn 7, e ele já realizou e continua a realizar o julgamento e a vinda do Reino, até que o projeto de Deus chegue a todos e tudo esteja consumado. Depois da vinda de Jesus a humanidade vive dentro do Dia do Senhor. Só há uma coisa a esperar agora: que Jesus se manifeste completamente na vida dos homens, levando todos à liberdade e à vida que Deus quer. A grande tarefa é estar consciente e atento para os sinais que manifestam essa presença e ação de Jesus, julgando e trazendo o Reino. A Igreja primitiva adaptou então as parábolas de Jesus para as comunidades cristãs, mostrando-lhes a necessidade de vida consciente e atenta para a contínua manifestação do *ato de Deus em Jesus: a justiça e o amor que introduzem os homens na liberdade e na vida* (cf. Jo 3,16-17). A comunidade cristã é o sacramento dessa justiça e amor (cf. Jo 13,34-35; Mt 5,16). Por isso ela deve estar pronta e atenta para ver e responder aos apelos dessa justiça e amor, pois é nesses apelos que Jesus, o Filho do Homem, se apresenta com o julgamento e o Reino (cf. Mt 25,31-46). É pela vivência ou não da justiça e do amor que Jesus salva ou condena os homens. As parábolas de Mt 24,37-44 ilustram a prontidão que a comunidade deve ter em vista da manifestação de Jesus na vida.

a) *O dilúvio* (vv. 37-39)

No tempo de Noé as pessoas continuavam despreocupadas a vidinha de todos os dias (comer, beber, casar-se...), sem perceber os sinais da catástrofe que pegou todo mundo de surpresa. Noé se salvou porque estava atento.

A comunidade cristã não pode viver inconscientemente, "deixando a vida como está para ver como fica". Ela deve estar sempre atenta aos sinais que mostram os apelos de Jesus. A prontidão em viver a justiça e o amor faz com que ela saiba ver e responder ao Deus que se manifesta através das pessoas e dos acontecimentos, antes que seja tarde demais e ela se torne culpada no julgamento.

b) *Os dois homens e as duas mulheres* (vv. 40-41)

Dois homens trabalham no campo, e parecem iguais. Duas mulheres trabalham em casa, e parecem iguais. Mas o julgamento mostra a verdade de cada pessoa e as separa: uma é atingida, a outra não.

Um cristão pode aparentemente viver como qualquer outra pessoa (come, bebe, casa, trabalha...). O que conta é a disposição e prontidão para viver a justiça e o amor. Desse modo ele é declarado inocente no julgamento, pois vive segundo o projeto de Deus (cf. Mt 25,31-46; Jo 3,19-21).

c) *O ladrão* (v. 43; cf. 1Ts 5,2-4; 2Pd 3,10; Ap 3,3; 16,15)

Alguém foi assaltado em casa. Se soubesse a hora em que o ladrão viria, ele teria vigiado e impedido o assalto.

ep novidades *edições paulinas*

DEUS-PASTOR NA BÍBLIA — Solidariedade de Deus com seu povo — E. Bosetti-S. Panimolle — O presente estudo visa recuperar o sentido de **ser pastor.** Partindo da análise do termo no Antigo Oriente, passa-se ao Antigo Testamento para se chegar à prática pastoral de Jesus (João, Lucas) e da Igreja (1 Pedro). Ser pastor é estar afetivamente comprometido, solidário com seu povo. — 128 pp., Cz$ 35,00.

MARIA LIBERTADORA NA CAMINHADA DA IGREJA — José Marins-T. Trevisan-C. Chanona — Os Autores mostram a relação entre Maria e a Igreja inserida no meio do povo. Essa Igreja tem no **Magnificat** seu programa de vida, tornando-se sinal eficaz de libertação e depositária do projeto de Deus. A Igreja que encarna Maria é o milagre de Deus no mundo de hoje, para que este creia, ame, sirva e se salve. — 128 pp., Cz$ 35,00.

LITURGIA DA PALAVRA, Caminho da fé — Ano A: O novo Povo de Deus — Johan Konings — São subsídios para as celebrações dominicais, que visam proporcionar um planejamento global como catequese permanente dos fiéis. O encontro da Palavra de Deus com a vida da comunidade se torna mais fecundo e eficaz se a Palavra for bem compreendida, explicada e encarnada na vida da comunidade. — Cz$ 22,00.

JOVENS REUNIDOS PARA REFLEXÃO E ORAÇÃO — Dom David Picão — Os temas deste livro são resultado de uma série de artigos que o Autor escreveu no Ano Internacional da Juventude. O objetivo é que sejam refletidos e aprofundados em grupos. O Autor visa também prestar homenagem "aos jovens e às jovens que constituirão e construirão o final deste século e o início do próximo, dentro dos valores humanos e cristãos". — 64 pp., Cz$ 16,00.

OS CASAMENTOS INTERCONFESSIONAIS — Uma visão teológico-pastoral — CONIC — É um texto-documento, elaborado pela Comissão Telógica do CONIC, a partir da realidade atual. Casamentos mistos vêm se multiplicando. O objetivo é o de ajudar os cristãos a encontrar uma expressão de fé comum, com base no respeito e na caridade. — 32 pp., Cz$ 8,00.

Na vida ninguém sabe quando e como Jesus vai manifestar sua presença e apelo, provocando uma resposta de justiça e amor. Nos acontecimentos e pessoas Jesus vem e julga, e condena ou salva. Mas se a comunidade não estiver consciente e alerta ela não distinguirá sua presença e apelo e, pega de surpresa, perderá a chance de testemunhar o projeto de Deus.

Jesus vem na hora em que menos se espera (v. 44), pedindo à comunidade um gesto concreto de justiça e amor, que testemunhe o compromisso com o projeto de Deus. Mas não existe hora e modo previamente marcados. O Evangelho apela ao discernimento e à liberdade. Mt 24,37-44 deixa um ponto bem claro: a chance de participar ativamente no projeto de Deus sempre se apresenta, mas o tempo e o modo em que se manifesta é incerto. Só quem é verdadeiramente consciente e responsável saberá prestar atenção para ver, reconhecer e responder à novidade imprevisível do Deus que a cada momento apela aos homens.

3. II leitura (Rm 13,11-14): "Chegou a hora de acordar!"

Paulo diz aos cristãos: "Vocês sabem em que tempo estamos vivendo!" É convite a tomar consciência da importância do tempo da vida cristã no projeto de Deus. O cristão vive na era escatológica, tempo de julgamento e salvação que sempre "está mais perto", porque se aproxima da consumação (v. 11). Esta perspectiva mostra a importância de todos os momentos, pois eles são decisivos no dinamismo da vida cristã, que é a passagem, a conversão contínua para realizar o compromisso com Jesus Cristo assumido no batismo (v. 14).

Ser cristão é deixar continuamente o compromisso com a injustiça da vida pagã para se comprometer com o testemunho de Jesus. Paulo exorta os cristãos a viverem o momento presente como passagem para a vida segundo Jesus Cristo. Ele usa a metáfora da passagem da noite para o dia (noite, amanhecer, acordar, vestir-se, andar de dia, etc.) (vv. 11-14).

A *noite* é a vida fora do projeto de Deus, com suas obras injustas, feitas às escondidas (orgias, bebedeiras, brigas, injustiças, egoísmo, orgulho, ciúme, etc.). O cristão deve deixar seu compromisso com essa vida pagã, acordando para viver à luz do compromisso com o testemunho de Cristo no "dia que vem chegando" (v. 12). Ele se reveste de Cristo (v. 14), isto é, dá testemunho claro e público de vida comprometida com o projeto de Deus realizado em Jesus. Nem sempre esse testemunho é fácil. Muitas vezes ele se realiza em meio a lutas e, por isso, Paulo fala de vestir a "armadura da luz" (v. 12b).

O cristão se apresenta como soldado que luta por vida nova, por uma humanidade iluminada pela vida e ação de Jesus. Essa batalha se realiza em cada momento: cada instante é o momento da salvação que leva o homem a acordar para a vida da ressurreição.

III. SUGESTÕES PARA A HOMILIA

Os textos convidam a comunidade a se preparar para um novo ano de vida e testemunho. A I leitura apresenta o projeto de Deus: uma cidade-sociedade fundada na justiça e na paz *para todos*. O Evangelho nos adverte que Jesus se manifesta em nossa vida de forma inesperada, fazendo apelos e provocando respostas. Paulo nos convida à conversão contínua: deixar o compromisso com o paganismo para nos comprometermos com Jesus Cristo. Dentro dessas perspectivas, dialogar com a comunidade sobre os seguintes pontos:

1. Qual é a situação do povo explorado e oprimido em nossas cidades? Quem os oprime e explora, e que modos usa para fazê-lo?

2. Jesus se manifesta inesperadamente através das pessoas e das situações, pedindo resposta de justiça e amor. Quais dessas situações e pessoas temos encontrado? De que modo respondemos a elas?

3. O cristão não nasce feito, mas se faz a cada momento em que deixa o paganismo para se comprometer com o projeto de Deus realizado em Jesus Cristo. Isso é *acordar*, passando da noite para o dia; é converter-se continuamente. Em que pontos a comunidade precisa se converter? De que modo ela pode testemunhar que Jesus trouxe o dia definitivo para a nossa história?

2º DOM. DO ADVENTO (7 de dezembro)

CONVERTAM-SE! DEUS ESTÁ CHEGANDO!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Os homens sonham com nova sociedade, fundada na justiça e na paz. E fazem continuamente milhares de projetos endereçados para essa nova sociedade. Contudo, quando os projetos se concretizam, percebe-se que estavam pensando apenas em si mesmos, ou no seu grupo, ou na sua classe; enquanto isso o povo continua explorado e oprimido por uma estrutura injusta que fabrica a escravidão e a morte para o povo. Ao mesmo tempo vemos na história uma contra-corrente: a fé penetra os acontecimentos e, em meio às lutas pela justiça, percebe que Deus vem chegando à história para realizar o seu projeto de liberdade e vida *para todos*.

Isaías anuncia a vinda do Rei-Messias justo que, governado pelo Espírito de Deus, levará o povo a viver na justiça e na paz (I leitura). A sorte dos homens é decidida na tomada de consciência da vinda de Deus em Jesus Cristo, fazendo-os converter-se para o compromisso com o projeto que Deus realiza em Jesus (Evangelho). A comunidade cristã reconhece a reviravolta que Jesus produziu nas relações entre as pessoas, e abre-se para os pequenos e os fracos (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 11,1-10): O Messias de Deus vai trazer a justiça e a paz

Deus havia feito uma aliança com Davi e os seus descendentes, os reis de Judá (2Sm 7,14): prometeu que haveria sempre um rei-messias no trono de Judá, uma autoridade cuja missão era defender o povo dos inimigos e fazê-lo viver na justiça e no direito. Contudo, o passar do tempo mostrou que os reis não cumpriam esse ideal da autoridade. No tempo de Isaías o rei Acaz desenvolve uma política de alianças extremamente perigosa. Isaías o critica e anuncia a vinda futura de um rei-messias justo, que estabelecerá uma era de justiça e paz. Relendo o AT a Igreja Primitiva percebeu que esse oráculo se cumpriu inteiramente em Jesus.

O Messias anunciado será descendente de Davi (v. 1; Cf. Mt 1,1-25) e receberá a plenitude do Espírito de Deus para realizar a missão da autoridade (v. 2 = 7 espíritos = plenitude do Espírito; cf. Mt 3,16). A característica fundamental do governo do Messias será a fidelidade a Deus que se expressa na promoção da justiça (v. 5). E justiça, segundo Deus, é defender os pobres e oprimidos, contra a prepotência dos ricos e poderosos que os exploram e oprimem (v. 4; cf. Sl 72). Desse modo, o Messias vai instaurar o reino da justiça e do direito, sem ceder às parcialidades, aparências e falsas informações (v. 3; Mt 5, 3-12). Nascerá então uma era de justiça e paz entre os homens, significada pela visão parabólica dos animais selvagens morando junto com os animais domésticos (vv. 6-8). Todos os povos reconhecerão e se aproximarão para serem governados por esse messias (v. 10; Sl 72; Rm 15,12; Jo 12,32).

Qual o fundamento da justiça e da paz da era messiânica? É o conhecimento de Deus (v. 9), que revelará o seu projeto e levará os homens a discernirem a justiça que Deus quer: liberdade e vida *para todos*. Conhecendo a Deus e a seu projeto os homens também conhecerão a si mesmos e saberão como viver e agir para o bem de todos, sem a necessidade da mediação das autoridades (cf. Jr 31,31-34).

2. Evangelho (Mt 3,1-12): Convertam-se, porque Deus está chegando!

Os quatro evangelhos apresentam João Batista como o arauto do Reino de Deus, aquele que abre a porta da nova era de justiça e paz para todos os homens. O texto de Mt chama a atenção para três pontos:

a) *A missão de João* (vv. 1-6)

João se apresenta como os antigos profetas (v. 4; cf. 2Rs 1,8; Zc 13,4), e sua missão é semelhante à do profeta exílico: preparar o povo para a manifestação de Deus (v. 3; cf. Is 40,3). Esta preparação é realizada:

— *pela pregação* (v. 2): "Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo". Como os profetas e depois Jesus (4,17), João prega a *conversão* que, segundo o AT, não é apenas arrependimento e tristeza pelos pecados, mas mudança radical de vida e ação, exprimindo a volta incondicional dos homens para o compromisso com o Deus da Aliança e seu projeto. É preciso mudar a consciência e a mentalidade, porque Deus está se aproximando dos homens ("Céu" é uma perífrase semítica para evitar o nome de Deus). O Reino de Deus é o amor de Deus pelos homens que se manifesta como justiça que quer liberdade e vida para todos. A conversão é a abertura para acolher esse amor de Deus que vai se manifestar completamente em Jesus;

— *pelo batismo e confissão dos pecados* (vv. 5-6). Os moradores das redondezas aceitam a pregação de João e são batizados, confessando os pecados. Reconhecer os próprios erros é o primeiro passo para a renovação da pessoa. O mais importante, porém, é descobrir a raiz comum desses erros: o compromisso com uma estrutura injusta que gera a escravidão e a morte para os outros. O batismo de João era o sinal externo que exprimia a atitude interior, mostrando a vontade de mudar de vida (cf. Is 1,16). Era batismo preparatório, pois apenas introduzia a pessoa no grupo dos que esperavam o Messias e a era de justiça e paz.

b) *Conversão é mudança de vida e não apenas gesto externo* (vv. 7-10)

João critica os fariseus e saduceus porque sabe que não estão dispostos a mudar de vida, mas só querem o batismo (v. 7), o que para eles seria um mérito a mais, ao lado de outros. Ora, o povo conhecia bem a hiprocrisia dos fariseus ("façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço") e a injustiça dos saduceus (grandes proprietários de terras e comerciantes bem estabelecidos que exploravam e oprimiam o povo, ocupando cargos importantes no setor político e religioso). Apresentando-se ao batismo de João sem mudar de vida eles podiam escandalizar os que estavam realmente se convertendo. Por isso João os desafia em público, pedindo que eles mostrem que estão mudando de vida (v. 8). Ao mesmo tempo, João avisa que não adianta fugir da ira de Deus, do julgamento que Deus fará por meio de Jesus: Deus vai mostrar a verdade de cada um (cf. Jo 3,19-21). Por isso João os compara:

— *às cobras* (v. 7) que fogem do perigo. Eles sabem do julgamento e tentam fugir, fingindo conversão.

— *às pedras* (v. 9): eles se gloriam de ser filhos de Abraão, com direito às promessas que Deus fez ao seu povo. Mas Deus pode suscitar filhos de Abraão (pela fé), tão numerosos como as pedras do deserto (cf. Rm 4,16s).

— *à árvore estéril* (v. 10), que é verdejante, mas não dá fruto e, por isso, é cortada. Eles querem o batismo mas não testemunham a mudança de vida, e por isso vão ser condenados.

c) *João dá testemunho de Jesus* (vv. 11-12)

O texto contrapõe dois batismos e duas pessoas: *João é o servo* que prepara os homens para o en-

contro com Jesus; seu batismo é o sinal de que as pessoas estão se preparando para o compromisso com Jesus. *Jesus é o Senhor* que vai realizar o julgamento e o Reino. Ele traz o batismo definitivo, que vai separar os homens assim como o lavrador separa o grão da palha (v. 12; cf. 13,42.50). *Os que o aceitam* receberão o Espírito de Deus, fogo que purifica (Ml 3,2; Zc 13,9) e transforma o coração (= consciência, Is 44,3s; Jo 2,28s ou 3,1s) e estarão preparados para se comprometer com a pessoa e a ação de Jesus. *Os que o rejeitam* estarão condenados e se perderão, como a palha que é carregada pelo fogo (Is 31,9; Ml 3,19 ou 4,1). Frente a Jesus todos e cada um dos homens decidirão seu próprio destino.

3. II Leitura (Rm 15,4-9): "Acolham-se uns aos outros"

Paulo reconhece que existem diferenças na comunidade: os fortes e os fracos (cf. 14,1ss). Ele aconselha os fortes a não agir em vista dos próprios interesses e satisfação, mas a se abrir e se colocar a serviço do bem comum e do crescimento dos fracos, seguindo o exemplo de Jesus, que realizou a vontade do Pai (vv. 1-3). Ao citar a Escritura (v. 3; Sl 69,10) o apóstolo lembra que a função da Bíblia é ensinar, para que sejamos perseverantes e tenhamos a esperança, alma da vida cristã (v. 4).

Escrevendo à comunidade, Paulo relembra o centro da esperança cristã: a união no amor fraterno. A realização dessa esperança é dom de Deus, e por isso Paulo pede que Deus conceda aos cristãos a graça da perseverar no exemplo de Jesus: dar glória a Deus através de relações que testemunhem o interesse pelo serviço mútuo, fazendo com que haja unidade, tanto na aspiração interior (coração), como na expressão exterior (boca, vv. 5-6).

O princípio básico para a construção da unidade está no v. 7: "Acolham-se uns aos outros como Cristo acolheu a vocês". O acolhimento se traduz pela aceitação e compreensão, que são os primeiros passos para a edificação do bem comum, levando os irmãos da comunidade ao crescimento (cf. v. 2). Jesus é o modelo do acolhimento que dá glória a Deus: assumiu a condição humana para salvá-la, levando-a à plenitude da liberdade e da vida do Reino (cf. Fl 2,5-11; Jo 17). Ele acolheu tanto os *judeus,* testemunhando a fidelidade de Deus às promessas feitas aos patriarcas (v. 8), como os *pagãos,* chamando-os à fé e fazendo-os participar da mesma Igreja, constituindo um único povo universal que dá glória a Deus (v. 9).

III. SUGESTÕES PARA A HOMILIA

Os textos sugerem que a comunidade faça revisão de suas expectativas a respeito da convivência social. Todos nós queremos uma sociedade justa, onde todos possam prosperar em paz, cada um tendo direito a todos os bens necessários para a vida, e tendo acesso aos meios que possibilitem a livre expressão de seu ser. A partir disso surgem as questões para um diálogo:

1. A sociedade em que vivemos faz justiça ao povo e assegura vida em paz para todos? Onde está o problema que emperra a relação social, produzindo escravidão e morte para o povo, enquanto um grupo de privilegiados desfruta a liberdade e a vida?

2. A política é a tentativa de arranjar a sociedade de modo a satisfazer a todos. Estamos todos satisfeitos? Nossos políticos asseguram a justiça, que é defender o pobre e o fraco contra os ricos e poderosos?

3. Mais um Natal se aproxima e, com ele, mais uma vez a esperança de mundo novo. Até onde estamos dispostos a deixar o compromisso com a estrutura injusta de uma sociedade, para nos comprometermos com a pessoa e a ação de Jesus, que trazem a esperança de um mundo em que *todos* poderão usufruir da liberdade e da vida?

4. Não adianta sonharmos com nova sociedade em que todos tenham os mesmos direitos, *se* não começamos desde já a testemunhar isso em nossa comunidade. Como tratamos as pessoas simples, fracas e pobres em nossa comunidade?

3º DOM. DO ADVENTO (14 de dezembro)

ALEGREM-SE! A LIBERTAÇÃO ESTÁ PRÓXIMA!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na sociedade produzida pelos homens, os primeiros são aqueles que possuem o dinheiro, o poder e o saber. E, enquanto um grupo se privilegia, o povo fica relegado à pobreza, à escravidão e à alienação. O dia-a-dia do povo torna-se cada vez mais o testemunho clamoroso da necessidade de libertação, em todos os níveis e sentidos.

A aspiração pela liberdade e pela vida é projeto e promessa de Deus, colocada no mais profundo de cada pessoa (I leitura). Contudo, quem abrirá o caminho da liberdade, concretizando a salvação e a vida para o povo? Será que é Jesus Cristo, ou devemos esperar e procurar outro? (Evangelho). Tiago lembra que a comunidade cristã deve perseverar no compromisso com Jesus e esperar com paciência a sua manifestação (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 35,1-6a.10): Deus vai libertar o seu povo

O profeta anuncia a libertação e a volta para a pátria a pessoas enfraquecidas, vacilantes e desanimadas pelo duro período de escravidão no exílio. Sua palavra é grito de fé e esperança no Deus que liberta: "Coragem! Não tenham medo! Eis aí o seu Deus! Com ele vem a vingança. Aproxima-se a retribuição de Deus: ele mesmo vem para salvar vocês" (v. 4; cf. 40,29-31).

CONHEÇA OS SEMANÁRIOS DE EDIÇÕES PAULINAS

O DOMINGO
SEMANÁRIO LITÚRGICO-CATEQUÉTICO
MISSA DO 3º DOMINGO DO ADVENTO

O DOMINGO
(Semanário litúrgico-catequético)

✻ Liturgia da missa com comentários ✻ Liturgia da Palavra completa ✻ Artigo sobre a mensagem central do Evangelho ✻ Artigo sobre a Constituinte (1987) ✻ Cantos gravados em discos próprios ✻ Cartazes (46×65) ilustrando a mensagem do Evangelho, distribuídos gratuitamente aos assinantes com um mínimo de 50 assinaturas.

O DOMINGO-CULTO DOMINICAL
(Semanário litúrgico-catequético para as comunidades sem padre)

O CULTO DOMINICAL
SEMANÁRIO LITÚRGICO PARA A CELEBRAÇÃO DA PALAVRA
CULTO PARA O 3. DOMINGO DO ADVENTO

✻ Estrutura própria, diferente da missa ✻ Cantos gravados em discos próprios ✻ Liturgia da Palavra e Homilia ✻ Celebração da Palavra completa (com ou sem distribuição da Eucaristia) ✻ Curso continuado sobre SEITAS (a partir de 1987) ✻ Cartazes gratuitos, ilustrando a mensagem, a partir de 50 assinaturas.

O DOMINGO
CELEBRAÇÃO DA MISSA COM CRIANÇAS
MISSA DO 32º DOMINGO COMUM

O DOMINGO-CELEBRAÇÃO DA MISSA COM CRIANÇAS

✻ Comentário e orações próprias para crianças ✻ Cantos para crianças, gravados em discos próprios ✻ Liturgia da Palavra adaptada ✻ Estorinha para ajudar a criança a entender o Evangelho ✻ Oração Eucarística completa ✻ Expressão corporal e sugestão de gestos.

BÍBLIA-GENTE
(Semanário para Círculos Bíblicos)

BÍBLIA GENTE
SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS
OS TIJOLOS SOMOS NÓS

✻ Círculos Bíblico sobre o Evangelho do domingo ✻ Fatos da vida para entender o Evangelho ✻ Perguntas para debate e aprofundamento ✻ Cantos e orações ✻ Círculos Bíblicos sobre o tema COMUNIDADE (a partir de 1987).

INFORMAÇÕES: Administração de O DOMINGO
Cx. P. 8107 — 01051 SÃO PAULO, SP — Tel.: (011) 268-6141
(horário comercial).

A libertação que vem pelo ato de Deus, porém, não consiste apenas em mudar as pessoas de um lugar para outro. É salvação que transforma radicalmente o povo, libertando-o dos limites externos e internos que o aprisionam: o cego vê, o surdo ouve, o coxo salta, o mudo fala. O ato de Deus provoca a transformação total das situações que impedem o povo de ver a realidade, andar por si e dizer a sua palavra na construção da sociedade e da história (vv. 5-6a).

O caminho de volta para a pátria passa pelo deserto hostil. Mas a terra árida reconhecerá a glória e a grandeza do ato de Deus, tornando-se jardim florido e alegre, paraíso, imagem do coração do povo transformado pela libertação (vv. 1-2). A volta do povo é imaginada como procissão para Jerusalém. O deserto se transforma em grande estrada e nela as pessoas caminham felizes, cheias de alegria. Já não existe choro e tristeza, pois todas as realidades se transformam quando se caminha para a vida com liberdade (vv. 8a.10).

2. Evangelho (Mt 11,2-11): A libertação vem por meio de Jesus, ou devemos esperar outro?

Após preparar o povo para a vinda de Jesus, que é o Messias forte (3,1-12), João foi preso e encerrou sua atividade (4,12). Jesus começou sua atividade logo em seguida (4,17), mas parecia estar retardando a manifestação da sua glória messiânica. Sua prática já era conhecida e comentada (Mt 8 - 9), porém, não impunha Jesus como Messias, inclusive para o próprio precursor (Mt 11 - 12). João parece não reconhecer em Jesus o realizador do terrível julgamento que salvaria a uns e condenaria a outros (3, 10-12). A pregação e os atos de Jesus parecem não ser eficazes para implantar a justiça e transformar a sociedade... E agora?

a) *Jesus é realmente o Messias, ou devemos esperar outro?* (v. 3)

João e seus contemporâneos estão surpresos e impacientes com Jesus, da mesma forma que outras pessoas, em todos os tempos e lugares. João está preso: o Messias não libertaria os prisioneiros, principalmente os aprisionados pela causa do projeto de Deus? (cf. Lc 4,18; Is 61,1).

A pergunta de João é importante porque encerra muitas questões que podem ser as nossas: Quem é Jesus? Qual a natureza de sua ação libertadora? Como saber que ele é realmente o Messias que vai instaurar a esperada era de justiça entre os homens? Esperar nele ou procurar outro?

b) *As obras de Jesus respondem por ele* (vv. 4-5)

Jesus aponta para a sua prática: "o que estais *ouvindo* e *vendo*" (v. 4; cf. Lc 7,21). Seu anúncio e ação testemunham que ele, salvando os marginalizados da vida e da sociedade, cumpre as profecias sobre o ato de Deus na era messiânica (cf. Is 35,4-6; 29,18-19; Ez 37,13; Is 61,1-2). Ora, tanto João como seus contemporâneos e os homens de todos os tempos já conhecem as obras de Jesus. Se tais obras correspondem às profecias, por que razão Jesus não se impõe imediatamente à fé? Eis a questão.

c) *Feliz de quem não duvida de Jesus!* (v. 6)

Há um mistério em Jesus que só a fé pode penetrar. Jesus assume a fraqueza da condição humana e realiza a salvação de modo escondido e humilde: obediência ao Pai no serviço que liberta as pessoas (cf. 8,17; 11,29; 12,17-21). É assim que se realiza a justiça de Deus. E aqui está também a armadilha, a pedra que faz tropeçar. Jesus realiza a obra do Messias (Is 11,1-10), mas na obediência e no serviço escondido, como empregado e não como senhor (Is 42,1ss; 52,13 - 53,12). Ele não impõe a justiça e nem se apresenta com o brilhantismo do poder, como as pessoas tanto apreciam.

A pessoa de Jesus, portanto, pode suscitar a fé ou a dúvida, o compromisso com ele ou o descompromisso, e é nisso que se realiza o julgamento (3, 10-12; 10,32-33; cf. Jo 3,19-21). Feliz de quem crê, aceitando Jesus como o Messias que vem realizar a justiça através do amor que obedece a Deus, libertando e dando vida aos homens. Jesus pede que os homens tenham fé nele, pois João vai ser morto (14,1-12) e o próprio Jesus será crucificado como criminoso político. E a sua cruz vai trazer às pessoas a possibilidade da grande dúvida: "Será que ele é mesmo o instaurador da justiça, o libertador do povo oprimido?" (cf. 16,21-23; 26,31-35). Só a fé pode discernir e aceitar que Jesus é o Messias, o verdadeiro caminho para a vida (cf. Jo 14,6).

d) *João, Jesus, e o homem de fé* (vv. 7-11)

Jesus mostra quem é João. As multidões foram ao deserto, ouviram João, mas não compreenderam quem ele era realmente. Pensavam que João fosse apenas profeta. Mas ele é mais do que profeta. É o precursor da era messiânica que Jesus está inaugurando (vv. 7-9). O elogio de João encerra a apresentação velada de Jesus. O v. 10 mistura o texto de Ml 3,1 com Ex 23,20. Malaquias falava de mensageiro que iria preceder a vinda escatológica do próprio Deus. No Êxodo falava-se do anjo que guiaria Israel no deserto. Mostrando que João é esse anjo-mensageiro (= Elias, cf. Ml 3,23), Jesus também aponta a si mesmo como aquele em quem Deus está presente e em ação, instaurando o Reino. Jesus é o novo povo em aliança com Deus. Para a fé a pergunta do v. 3 já tem resposta: Jesus é o Messias que devia vir. Não esperem nem procurem outro.

O Evangelho faz uma reviravolta na concepção do que é grande e do que é pequeno (v. 11). João é o maior dentre os nascidos de mulher, porque é o precursor de Jesus. Mas entre o tempo de João e o tempo de Jesus há ruptura total, ruptura que João experimenta na dúvida e na prisão. O Reino de Deus que se manifesta aos homens em Jesus é novidade radical, e por isso a condição do menor no Reino, isto é, da pessoa que se compromete com a pessoa e a ação de Jesus, é uma condição maior do que a de João. Com efeito, o menor no Reino não é apenas nascido de mulher, mas é filho de Deus, um estado cuja significação só os "pequeninos" podem compreender (cf. 11,25). Na verdade, o menor no Reino é o próprio Jesus, cuja autoridade não está na manifestação do juiz terrível que condena, mas na do servo que se compromete e sofre com os homens, servindo-os até o fim para libertá-los e dar-lhes a vida (Mt 20,28; Jo 13,1).

3. II leitura (Tg 5,7-10): Esperem a manifestação de Jesus Cristo!

Na sua carta, Tiago tratou antes da riqueza, mostrando como ela é vazia e ilusória (4,13-17). Depois ameaçou severamente os ricos, pois, explorando e oprimindo os pobres, os ricos se tornam alvo do julgamento de Deus (5,1-6). Agora ele se dirige aos pobres, explorados pelos homens e provados pela vida, e que não vêem saída para a sua situação (5,7-11). Tiago faz três exortações:

a) *Tenham paciência e aguardem a vinda do Senhor, porque ela está próxima* (vv. 7-8)

Os cristãos vivem no tempo escatológico, na era da salvação iniciada com a ressurreição de Jesus, a força que conduz a história à sua consumação, quando Jesus estará manifesto em todos (Cl 3,11). Os cristãos daquele tempo pensavam que essa manifestação de Jesus seria logo. Contudo, mesmo que isso pareça demorar, é certo que Jesus se manifestará, libertando os pobres e os oprimidos. Quando e como? Não há tempo nem modo pré-estabelecido. Jesus já se manifestou e continua a manifestar-se nas situações da vida, fazendo justiça a todos. Por isso é preciso ser paciente e estar atento, como o agricultor que espera o tempo de colher o que já foi semeado.

b) *Não fiquem murmurando uns contra os outros* (v. 9)

O julgamento e o destino das pessoas está no confronto com Jesus (cf. Jo 3,19-21). Por isso os cristãos não devem julgar, pois correriam o risco de ser injustos, e assim, de se condenarem a si mesmos (cf. Mt 7,1ss).

c) *Sigam os modelos de fé e paciência* (vv. 10-11)

Os cristãos não são os primeiros a experimentar o vazio e a dificuldade que existem entre a promessa de Deus e o seu cumprimento. Vejam os profetas e Jó! Os profetas não perderam a fé, mesmo com perseguições e martírio. Jó resistiu até o fim. Os cristãos também não podem vacilar na fé e na esperança. Eles devem perseverar, lembrados de que "é preciso passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus" (At 14,22) e "aquele que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 10,22).

III. SUGESTÕES PARA A HOMILIA

Todos nós aspiramos por nova condição social, em que a liberdade e a vida sejam possíveis para todos. A cada momento recebemos projetos e propostas para a realização desse desejo. Mas, qual é o resultado? Os textos litúrgicos sugerem tomar consciência de que:

1. É Deus que libertará seu povo, tirando-o da marginalização para dar-lhe vida e direito de cidade. O povo hoje está à margem da liberdade e da vida? Onde podemos ver a presença e a ação de Deus, libertando o seu povo?

2. Deus age em Jesus Cristo, realizando o seu projeto. Onde colocamos nossa fé e esperança de transformação? Em Jesus? Ou esperamos por algum outro?

3. Jesus continua presente e agindo através da comunidade cristã. De que modo nos inserimos na ação de Jesus, testemunhando a vinda do Reino para os marginalizados?

4. A comunidade cristã vive da fé e da esperança em Jesus. Fé é compromisso. Esperança é perseverança confiante. Perseveramos confiantes no compromisso com a pessoa e a ação de Jesus?

4º DOM. DO ADVENTO (21 de dezembro)

DEUS ESTÁ CONOSCO!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Em meio aos acontecimentos mais ameaçadores da vida, a humanidade é convidada a descobrir uma presença que a faz sobrepujar o medo e viver na confiança: Não estamos sós: Deus está conosco! (I leitura). E, para cimentar nossa confiança, Deus assumiu a condição humana: em Jesus ele permanece o Deus conosco para sempre (Evangelho). Os homens são convidados à vida nova, participando da intimidade de Deus na vida de Jesus Cristo ressuscitado (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I Leitura (Is 7,10-14): Tenham fé! Deus está conosco!

O oráculo foi pronunciado entre 736-734 a.C., em situação histórica difícil. O império assírio estava em ascensão e procurava dominar todo o Oriente Médio. Para enfrentar à dominação iminente, os reis da Síria e de Israel se aliam, apoiados pelo Egito, e, como o rei de Judá recusa participar da liga, eles planejam invadir Judá, depor o rei Acaz e nomear novo rei, favorável à liga (Is 7,6). A dinastia davídica (2Sm 7) estava em perigo.

Jerusalém entra em pânico (7,2) e Isaías procura o rei Acaz, que pensa em fazer aliança com a Assíria, isto é, entregar-se logo ao inimigo (2Rs 16,7). O profeta procura demover o rei dessa política, mostrando que ele deve ter fé em Deus: o ataque não se realizará (7,4-9). Acaz resiste e o profeta propõe-lhe pedir um sinal da presença de Deus (vv. 10-11). Mas o rei não quer saber de sinal e nem de fé, e desembaraça-se do profeta, alegando respeito (v. 12;

cf. Ex 7,2.7; Dt 6,16). O rei preferiu ficar "com o pé no chão", ou seja, confiar em si mesmo e não em Deus. Deus então ameaça Acaz (vv. 13.16-17) e, ao mesmo tempo, dá um sinal: "Eis que a *jovem* conceberá e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel" (v. 14).

O sinal mostra que Deus continuará fiel a Davi: apesar da infidelidade de Acaz haverá um descendente que conservará viva a dinastia davídica. Historicamente, a jovem é a esposa do rei e o filho que vai nascer é Ezequias, que sucedeu Acaz, garantindo a promessa e realizando a salvação. Seu nome é *Emanuel,* isto é, "Deus está conosco", porque o seu nascimento testemunha que Deus continuará em aliança com o povo por meio do rei. Em outras palavras, a liga entre a Síria e Israel não atacará o reino de Judá.

O oráculo de Isaías teve grande repercussão no horizonte da fé. A tradição judaica entendeu a "jovem" *('almá)* como "virgem" (tradução grega do AT). Mais tarde a tradição cristã pensou em Maria, aplicando-lhe o oráculo (cf. Mt 1,13). Ao fazer isso o evangelista entrava na linha de Isaías, exortando: "Tenham fé e confiança! Em Jesus, o Messias prometido, Deus está conosco para nos socorrer e nos salvar, para sempre!" (cf. Evangelho).

2. Evangelho (Mt 1,18-24): Jesus é a presença do Deus que salva

O Evangelho não é crônica de acontecimentos, mas anúncio do significado que a fé percebe nos acontecimentos. Mt 1 apresenta a obra de Deus e o seu significado para os homens: a genealogia de Jesus (1,1-17) mostra que a atividade criadora e salvadora de Deus se realizou ao longo da história, culminando no nascimento de Jesus (1,16-25). Jesus é, portanto, o centro e o sentido da história: ele é homem, pois nasceu ao longo das gerações; ele realizará as promessas, pois é filho de Abraão; ele é o enviado de Deus, o Messias, o filho de Davi que reunirá e governará o povo de Deus. Deus suscitou a salvação messiânica em Jesus, intervindo de modo soberano e escondido no seio de família judaica.

O evangelista faz uma catequese em forma de narração, para mostrar duas coisas:

a) *O significado da pessoa de Jesus para a humanidade*

Deus age no seio da humanidade para realizar a salvação (o nome "Jesus" significa "Iahweh é salvação"). Salvação é o Deus presente dentro da humanidade (o nome "Emanuel" significa "Deus está conosco"). Jesus, portanto, é a presença do Deus que salva. Ele é o centro da história humana, pois realiza a expectativa do AT (cf. genealogia) e, ao mesmo tempo, é promessa para todo o futuro: "Eis que eu estou com vocês todos os dias, até a consumação dos séculos" (28,20b). Deste modo, o Evangelho de Mateus se apresenta como a história de nova criação: é o "livro da gênese de Jesus Cristo" (1,1; cf. Gn 2,4a), a história de Deus em comunhão com a humanidade para sempre.

b) *O modo como Jesus é filho de Davi*

O personagem central dos vv. 18-25 é José. Todavia, ele não tem sequer o mérito de escolher o nome para o menino, privilégio ciumentamente reservado ao pai. A finalidade da narrativa é esclarecer o que já foi dito em 1,16: Jesus nasceu de uma virgem e, através de José, seu pai adotivo, ele é descendente de Davi, o Messias prometido.

Os vv. 18-19 apresentam a *ação de Deus pelos homens.* A narrativa é simples e direta. José e Maria já estão casados, mas ainda não moram juntos. A concepção de um filho, portanto, tem caráter inaudito: não foi causada pelo homem, mas pela ação do Espírito Santo, isto é, foi ato de Deus que Mateus não ousa explicar nem analisar. A atitude que José pensa tomar é óbvia. Ele não sabe ainda do mistério e pensa que Maria adulterou. Sua justiça consiste na fidelidade à Lei que culmina em justiça maior: o gesto concreto da misericórdia (5,20).

Os vv. 20-21 são o *centro da narrativa.* O anjo do Senhor é a revelação de Deus que mostrará o mistério que o homem não pode perceber por si mesmo. O sonho mostra que só Deus pode revelar o que está acontecendo. A concepção de Maria é obra de Deus e, portanto, o filho que ela vai ter não é adulterino, mas divino. Ele se chamará *Jesus,* nome que indica sua função no projeto de Deus: *"Iahweh é salvação".* Por isso Mateus salienta: "pois ele salvará o seu povo dos seus pecados".

Contudo, *por que José recebeu essa revelação?* Ele é chamado "José, filho de Davi", e tem uma função no projeto de Deus. Compreendendo que Maria não é adúltera, ele não deverá abandoná-la, mas acolhê-la e adotar seu filho, pois é através dessa adoção que Jesus, o Messias esperado, é filho de Davi.

A seqüência está no v. 24: tendo recebido a revelação de Deus, o homem obedece, realizando uma atividade concreta e humilde: José recebe Maria em sua casa, silenciosamente.

Nos vv. 22-23 o evangelista faz um comentário a respeito do que foi narrado. A fórmula do v. 22 mostra que Deus governa continuamente a história, e que as realidades do NT são a coroa e a plenitude do AT (cf. 2,15; 4,14; 21,4 etc.). Mateus cita o oráculo de Is 7,14 não tanto para falar do nascimento virginal do Messias. Isto já era dado de fé na Igreja primitiva, e Lucas o apresenta de outro modo, sem citar Is 7,14 (cf. Lc 1,28-35). Vendo a consonância do oráculo com a fé da Igreja, Mateus o citou para salientar que *Jesus é o Emanuel,* o messias prometido. Ele frisa a sua intenção ao dizer que este nome "traduzido, significa: *'Deus está conosco'* ". Assim Mateus mostra o significado da pessoa e da obra de Jesus: em Jesus Deus está presente e em comunhão com a humanidade, para socorrê-la e salvá-la, e para sempre, porque Jesus continuará sempre presente entre os homens (28,20b).

3. II leitura (Rm 1,1-7): O Evangelho que conduz à vida

O cabeçalho da carta do Apóstolo à comunidade cristã de Roma é um grande parêntesis: ele se abre com a apresentação de Paulo, servo de Jesus e apóstolo do Evangelho (v. 1), e se fecha com a saudação aos destinatários, lembrando-lhes qual é a sua glória: serem amados por Deus e chamados à santidade (v. 7).

Dentro do parêntesis temos uma profissão de fé e um programa de catequese. Paulo mostra qual é o centro do Evangelho, prometido através dos profetas (v. 2), cumprido e promulgado por Jesus (Jo 5,39), e pregado pelos apóstolos (vv. 5-6): o Evangelho é o dinamismo que introduz os homens na vida íntima de Deus. Note-se a profissão trinitária: o Pai (v. 1), o Filho (vv. 3-4), o Espírito (v. 4).

Jesus é a realização das promessas feitas por Deus (v. 2; cf. 2Cor 1,20). Ele é o Filho de Deus que, segundo a carne, isto é, pela encarnação, manifestou-se como filho de Davi (v. 3; cf. 2Tm 2,8) e, segundo o Espírito, isto é, pela força da ressurreição, manifestou-se plenamente como Filho de Deus, o Messias Senhor de todo o universo. Ele tem, portanto, o poder salvífico que ele exercita como Espírito Santificador, realizando a santificação dos homens (vv. 6-7).

III. SUGESTÕES PARA A HOMILIA

A proximidade da festa do Natal nos enche de expectativas. A sociedade consumista se aproveita da ocasião para oferecer um sem-número de ofertas, propícias para os pais se redimirem de sua falta de atenção e afeto para com os filhos, e para todos se redimirem de relacionamentos onde a doação pessoal pode agora ser substituída por um presente ou simples cartão. Enquanto isso, os textos litúrgicos nos lembram o sentido do acontecimento que celebramos:

1. Nas circunstâncias difíceis Deus está conosco. Não precisamos vender nossa vida e liberdade "a preço de banana", por mais terríveis que sejam as nossas situações.

2. Em Jesus Deus veio viver a nossa vida, fazendo uma aliança que é para sempre. Sua presença é presença de salvação que, ao mesmo tempo, responde às aspirações de toda a história humana passada e abre horizonte novo de vida. Estamos preparados para ver num menino pobre o dom de Deus que é salvação para o mundo?

3. O Evangelho é a grande notícia de que Deus está com os homens através de Jesus. Na sua pessoa e ação encontramos o caminho do futuro: chamados a ser filhos de Deus como ele, todos nós somos convocados a construir a grande família do Pai.

NATAL — MISSA DA NOITE (25 de dez.)

DEUS SE FAZ HOMEM PELOS HOMENS

(Para o comentário dos textos bíblicos desta festa, cf. VIDA PASTORAL, nº 125, pp. 61-63).

SAGRADA FAMÍLIA (28 de dezembro)

DEUS CONVOCA OS HOMENS PARA VIVER EM FAMÍLIA

I. INTRODUÇÃO GERAL

As rápidas transformações científicas e tecnológicas que invadiram a sociedade do séc. XX, nem sempre acompanhadas por respectivo desenvolvimento humano, acabaram por abalar seriamente a estrutura e até mesmo o significado do pequeno berço social em que toda pessoa nasce e cresce: a *família.* Para alguns, a família continua a ser o centro da vida social. Para outros, ela está ultrapassada, e toda pessoa deveria estar aberta para relacionamentos e envolvimentos sociais maiores e mais livres. Diante disso a palavra de Deus vem recolocar o homem diante de um fato básico da consciência humana: a recordação e o reconhecimento grato a Deus, que se expressa como respeito para com aqueles que geraram a vida, fundamentando a gratuidade daqueles que gerarão a vida futura (I leitura). Na família de Jesus nem tudo foi paz e serenidade. Também ela passou pelo sofrimento e dificuldades do exílio e da perseguição, que dela exigiram o clima de escuta e obediência à palavra de Deus, fonte e fim de toda a vida (Evangelho). Deus, por sua vez, entrega seu Filho a toda a humanidade, para revelar e concretizar nos homens o sentido da vida humana como relação nova, de fraternidade universal (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eclo 3,2-6.12-14: Vulgata 3,3-7.14-17): Honra teu pai e tua mãe

O texto trata da relação familiar, comentando o quarto mandamento: "Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que Iahweh teu Deus te dá" (Ex 20,12). A divisão que o texto faz entre pai e mãe é apenas formal, de modo que ambos e cada um representam a instituição, podendo-se entender simplesmente "pais".

A autoridade dos pais é de instituição divina (v. 2), e, portanto, o comportamento dos filhos para com os pais implica diretamente a obediência a Deus, e está ligado à salvação (v. 6). Qual deve ser esse comportamento? O texto enumera alguns aspectos: honrar, consolar, socorrer, não entristecer, ter piedade, compadecer-se (sofrer junto) deles, e não desprezá-los quando estão velhos. Os efeitos desse comportamento são as bênçãos que se concretizam na realização humano-religiosa: prosperidade, respeito dos filhos, longa vida, expiação dos pecados, certeza de ser ouvido nas orações e de não ser esquecido por Deus.

Por trás do texto podemos perceber que todo o comportamento para com os pais se baseia no respeito para com a vida, e especificamente para com a vida daqueles que foram a fonte próxima da vida

dos filhos. E isso é respeito para com Deus, fonte primeira de toda a vida, que está em permanente ação criadora através da função geradora de todos os pais. E, implícita nesse respeito, que passa de geração em geração, perpetua-se a consciência da gratidão e da gratuidade que vai sempre gerando a vida de novos filhos, também chamados a viver esse respeito, na gratidão e na gratuidade.

2. Evangelho (Mt 2,13-15.19-23): A família de Jesus escuta a palavra de Deus

Os quatro episódios narrados em Mt 2 não pertencem ao gênero histórico — não são acontecimentos brutos — mas ao gênero *midráxico,* isto é, são episódios *montados* graças à *releitura de textos do AT,* como se evidencia pelas citações sempre encabeçadas pelas expressões "porque assim está escrito" (v. 5), "para que se cumprisse" (v. 15), "então cumpriu-se" (v. 17), "para que se cumprisse" (v. 23). No conjunto aparece a preocupação da catequese primitiva, interessada em mostrar Jesus como a realização das expectativas de Israel e, principalmente, em chamar os pagãos à fé em Jesus Cristo.

O texto lido na liturgia mostra como a família de Jesus se insere no drama humano e vive na escuta da palavra de Deus e na obediência a ela. Os fatos narrados nada têm de inverossímil: são comuns à história desse tempo a fuga de famílias suspeitas para o Egito, a violência de Herodes, o Grande (cf. vv. 16-18), e, sobretudo, a instalação na Galiléia para escapar à tirania e ao terror dos dez anos de reinado de Arquelau na Judéia.

a) *Novo êxodo* (vv. 13-15)

Jesus reassume e realiza em si toda a história do seu povo, para dar início a nova história. Por isso ele mesmo deve, como Israel, dirigir-se ao Egito, a fim de organizar novo êxodo.

O anjo do Senhor (v. 13) é o enviado e o arauto de Deus, um modo de apresentar o próprio Deus. O *sonho,* segundo o AT, é o meio de Deus dar as diretrizes para guiar o seu povo (cf. Gn 20,3-7; 31,24; 46,2-4; At 16,9; 18,9; 13,11); salienta a iniciativa de Deus, mesmo em questões de prudência humana, e a responsabilidade do homem. Por isso José deve obedecer prontamente (v. 14). O Egito, ao longo da história de Israel, aparece como o lugar seguro para os refugiados políticos (cf. 1Rs 11,40; 2Rs 26,26). A fuga para o Egito relembra a história de Moisés, que, antes de sua missão, é obrigado a fugir (Ex 2, 15.16-22).

O evangelista quer frisar que Jesus está ligado ao destino da história de Israel. Como a família de Jacó (Gn 46,1-4) Jesus vai para o Egito, a fim de ser chamado para a liberdade e para ser o libertador, organizando o novo êxodo da humanidade para viver como nova sociedade, na liberdade e dignidade da aliança com Deus. Por isso Mateus aplica a Jesus o texto de Os 11,1 (v. 15), onde o profeta relembra a volta do povo eleito, "filho primogênito" de Deus, do exílio no Egito. O evangelista vê estreita analogia entre a salvação de Jesus do poder de Herodes e a libertação do povo eleito da opressão do Faraó. Como novo Moisés, Jesus liderará e organizará a vida do novo povo de Deus, reunido no seu seguimento.

b) *Jesus, o nazareu* (vv. 19-23)

Herodes, o Grande, morreu no ano 4 a.C. Jesus, portanto, nasceu 6 ou 7 anos antes do início da assim chamada "era cristã". Novamente a iniciativa é de Deus (v. 19). Jesus deve voltar para "Israel", inaugurando novo êxodo de salvação (vv. 20-21). A narrativa parece influenciada por Ex 4,19-23, onde se narra o exílio de Moisés em Madiã.

José, porém, teme voltar, certamente para Belém (v. 22), e com razão, pois Arquelau, que reinava sobre a Judéia, Samaria e Iduméia, não era melhor que seu pai Herodes. Deus novamente intervém, através de sonho (v. 22b), e José se dirige para a Galiléia, onde se refugia. A Galiléia, com efeito, era lugar mais seguro para os patriotas hostis ao império romano (cf. 4,12-15).

A moradia em Nazaré é explicada com um texto do AT (v. 23). "Nazareu" (em grego *nazoraios,* forma usada por Mt, Jo e At) e o seu sinônimo "nazareno" *(nazarenos,* forma usada por Mc; Lc usa ambas) são duas versões do mesmo adjetivo aramaico *(nasraya),* derivado do nome da cidade de Nazaré *(Nasrath).* Aplicado primeiro a Jesus, com certa nuança pejorativa (26,69.71) e depois aos seus seguidores (At 24,5), o termo passou a designar os discípulos de Jesus no mundo semita, enquanto entre os gregos e romanos prevaleceu o termo "cristão" (At 11,26). Contudo, é difícil determinar a qual texto do AT o evangelista se refere. É possível o *nazîr* = consagrado a Deus, de Jz 13,5-7, ou o *necer* = rebento de Is 11,1, ou *naçar* = guardar, de Is 42,6; 49,8, de onde provém *naçur* = o resto. Segundo J. L. LEUBA, o mais provável é que Mateus não aluda a nenhuma profecia determinada do AT; simplesmente afirmaria que Jesus realizará sua missão de modo totalmente diverso do que se estivesse no domínio sacral de Judá e Jerusalém. A humildade da residência em Nazaré, vilarejo desconhecido ao AT, salienta o modo como Jesus cumpre as profecias sobre a humildade do Servo prometido.

3. II leitura (Cl 3,12-21): O espírito da família de Deus

Paulo mostra que os cristãos são chamados a crescer e a manifestar a vida nova de que já participam, e que é "vida que está oculta juntamente com Cristo, em Deus" (3,1-4). Esse crescimento e manifestação se operam dentro de uma comunidade em que as pessoas se revestem dos sentimentos de Cristo, obedecendo à sua palavra (vv. 12.16), para viver uma vida segundo o espírito de Jesus Cristo, como ação de graças ao Pai (v. 17).

O clima dessa vida nova é apresentado pelo Apóstolo como transformação das relações entre as pessoas, implicando tudo aquilo que está compreendido no *amor* (v. 14) e na *paz* (v. 15: misericórdia,

365 DIAS COM ORGANIZAÇÃO E EFICIÊNCIA

AGENDAS E CALENDÁRIOS EDIÇÕES PAULINAS

1. AGENDA DE MESA
- Páginas pautadas com total aproveitamento;
- calendário litúrgico, com indicação da festa do dia e leituras bíblicas;
- apêndice com informações úteis para o planejamento. Capa plástica Cz$ 68,00

2. AGENDA DE BOLSO

365 DIAS CELEBRANDO A ESPERANÇA
- Calendário 87/88, destacando feriados e datas comemorativas;
- mensagens bíblicas, em cada página, sobre a esperança;
- informações gerais, mapas e bandeiras de todos os países.

Capa plástica - Cz$ 25,00

3. AGENDA DO ESTUDANTE
- Formato 12,5x17; capa à quatro cores;
- conteúdo: calendário 87, espaço para anotações escolares, espaço em branco para as MINHAS DESCOBERTAS, É BOM VOCÊ SABER (conhecimentos gerais), espaço para programação extraclasse. - Cz$ 50,00

4. CALENDÁRIO DE PAREDE
- Calendário destacando feriados e fases da lua;
- 6 páginas ilustradas, a quarto cores, sobre a vida de Maria e de Cristo. Cz$ 15,00

5. CALENDÁRIO LATINO-AMERICANO

CEHILA
- Formato de parede 21x30 cm; ilustrado com fatos históricos; destaca datas comemorativas esquecidas pela história oficial. - Cz$ 25,00

6. CALENDÁRIO DE MESA

EM CADA AMANHECER...
- Formato de livro aberto; ilustrado à quatro cores; Textos de reflexão sobre a vida e obra de São Francisco de Assis. - Cz$50,00

7. AGENDA PERMANENTE
- Informações: CEP, DDD, DDI, Datas comemorativas, Calendários (1800 - 2050);
- índice alfabético para endereços e telefones;
- formatos: 24,5 x 18 e 11,5 x 20

Pequena - capa em couro - Cz$ 190,00
capa plástica - Cz$ 100,00
Grande - capa em couro - Cz$ 280,00
capa plástica - Cz$ 120,00

Pedidos: Edições Paulinas - Cx. Postal 45.352 (04092) - São Paulo - SP

bondade, humildade, mansidão, paciência, compreensão mútua, perdão, caridade, paz, gratidão, correção fraterna...). É esse o clima que vai penetrando e cristianizando as relações familiares (vv. 18-21), para tornar todos os cristãos conscientes de que são "o povo santo de Deus, escolhido e amado" (v. 12).

III. SUGESTÕES PARA A HOMILIA

Os textos oferecem ocasião ímpar de rever as relações que existem na família, à luz da palavra de Deus. Nesse sentido:

1. Rever como vivemos em nossas famílias. Temos consciência de que o respeito aos pais se fundamenta no respeito à vida e, em última análise, ao próprio Deus, fonte da vida? Os filhos respeitarão os pais na mesma medida que seus pais respeitam os próprios pais.

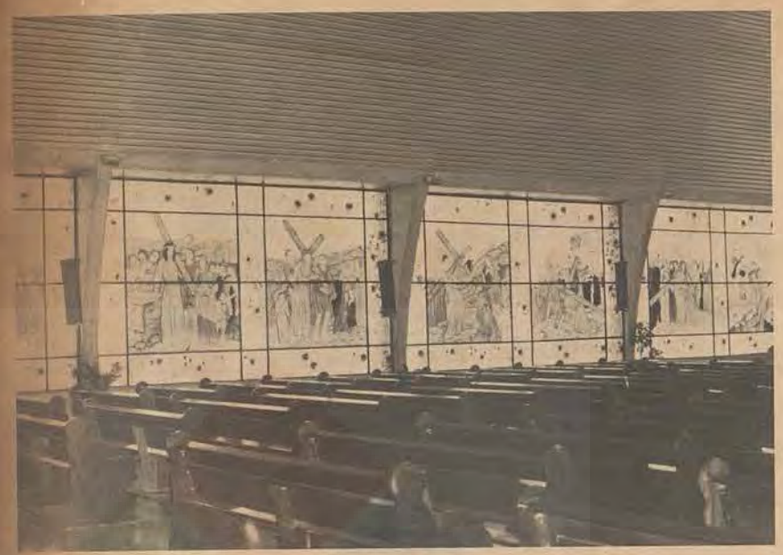
2. A família de Jesus escuta a palavra de Deus Pai, e obedece. O que a palavra de Deus tem a dizer sobre os destinos da nossa família? De que modo nossa família pode trilhar a história de liberdade e vida que Deus projeta para todos?

3. Pelo batismo somos irmãos de Jesus e filhos de Deus, que quer congregar a humanidade como uma grande e única família. Nossas relações familiares devem se abrir, para incluir todos aqueles que Deus coloca em nosso caminho. Como a nossa família tem realizado isso?

ep reedições
edições paulinas

* **O SILÊNCIO QUE EU PERDI** — Roque Schneider — 13ª ed., — 96 pp., Cz$ 14,10.
* **AS ASAS DO AMOR** — Roque Schneider — 6ª ed., — 32 pp., Cz$ 5,60.
* **O VALOR DAS PEQUENAS COISAS** — Roque Schneider — 20ª ed., — 104 pp., Cz$ 14,10.
* **A PAZ QUE VOCÊ PROCURA** — Carlos Afonso Schmitt — 12ª ed., — 72 pp., Cz$ 14,10.
* **O SEGREDO É CULTIVAR(-SE)** — Carlos Afonso Schmitt — 5ª ed., — 136 pp., Cz$ 17,50.
* **QUANDO A VIDA É UMA FESTA** — Carlos Afonso Schmitt — 3ª ed., — 104 pp., Cz$ 13,20.
* **CONQUISTE SUA LIBERDADE** — Paulo Daher — 5ª ed., — 36 pp., Cz$ 5,60.
* **VALORIZE SUA VIDA** — Paulo Daher — 7ª ed., — 36 pp., Cz$ 5,60.
* **OS POBRES E SUA FAMÍLIA: A solução é ter menos filhos?** — CNBB, Regional Norte II — 4ª ed., — 80 pp., Cz$ 7,40.
* **OS JOVENS EM 1 MINUTO** — Pe. Zezinho — 10ª ed., — 64 pp., Cz$ 6,30.
* **CADA DIA UM NOVO DIA — Preces que brotam do coração** — Hugo Schlesinger — 2ª ed., — 104 pp., Cz$ 16,80.
* **ROSÁRIO BÍBLICO** — J. Palmer Gabriel — 9ª ed., — 88 pp., Cz$ 8,70.
* **OS SACRAMENTOS EM SUA VIDA** — José Bortolini — 7ª ed., — 160 pp., Cz$ 16,10.
* **MISSAL ROMANO** — 7ª ed., — 1152 pp., Cz$ 245,70.
* **UM MINUTO PARA VOCÊ** —Nereu de Castro Teixeira — 3ª ed., — 376 pp., Cz$ 39,30.
* **UM SANTO PARA CADA DIA** — M. Sgarbossa-L. Giovannini — 3ª ed., — 432 pp., Cz$ 48,00.
* **GRAÇAS A DEUS PELA VIDA** — L. Arrué-L. de Devoto-J. Pisano — 4ª ed., — 32 pp., Cz$ 8,00.
* **DEUS NOS CRIOU** — L. Arrué-L. de Devoto-J. Pisano — 4ª ed., — 32 pp., Cz$ 8,00.
* **ELISEU E AS OVELHAS** — L. Arrué-L. de Devoto-J. Pisano — 2ª ed., — 32 pp., Cz$ 8,00.
* **DEUS ESTÁ CONOSCO** — L. Arrué-L. de Devoto-J. Pisano — 4ª ed., — 32 pp., Cz$ 8,00.
* **PARTILHAR AMOR — Reflexões para casais** — Pedro Cometti — 2ª ed. — 88 pp., Cz$ 16,00
* **CRESCER EM CRISTO** — A. N. Castellanos — 2ª ed., — 128 pp., Cz$ 17,90.
* **SÃO BENEDITO, O SANTO NEGRO** — Cleusa M. Matos de Barros — 3ª ed., — 112 pp., Cz$ 13,30.
* **LIVRO DA VIDA** — Santa Teresa de Jesus — 2ª ed., — 368 pp., Cz$ 47,00.
* **CONSTITUINTE DO POVO — Um projeto de Deus** — Centro de Comunicação Pastoral Popular (Osasco) — 2ª ed., — 32 pp., Cz$ 6,00.
* **FORÇA INTERIOR** — Fernando Iório — 4ª Ed. — 80 pp., Cz$ 14,70.
* **O MÉTODO BILLINGS — Controle da fertilidade sem drogas e sem dispositivos artificiais** — Dra. Evelyn Billings-Ann Westmore — 3ª ed., — 264 pp., Cz$ 41,70.
* **CAMINHANDO PARA DEUS — um pensamento de Santa Teresinha para cada dia do ano** — 6ª ed., — 408 pp., Cz$ 11,80.
* **A VERDADE SOBRE O AMOR** — Maria-Cláudia Monchaux — 8ª ed., — 96 pp., Cz$ 19,60.
* **A VERDADE SOBRE OS BEBÊS** — Maria-Cláudia Monchaux — 7ª ed., — 88 pp., Cz$ 19,60.
* **O ANTÔNIO QUE UNE OS CORAÇÕES** — Antônio Bággio — 5ª ed., — 160 pp., Cz$ 13,30.
* **MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO E AUTO-REALIZAÇÃO** — Jorge Renato Johann — 2ª ed., — 136 pp., Cz$ 18,20.
* **O AGITADO CORAÇÃO ADOLESCENTE** — Pe. Zezinho — 9ª ed., — 104 pp., Cz$ 12,30.
* **A VERDADE SOBRE O SUDÁRIO** — K. E. Stevenson-G. R. Habermas — 3ª ed., — 264 pp., Cz$ 44,00.

VITRART VITRAIS



Parte componente da "VIA SACRA", numa obra com mais de 250 m² de vitrais, em São Paulo — Capital.

*A **Vitrart**, além de confeccionar os seus vitrais, tem a sua serralharia própria, podendo fornecer o conjunto completo dos vitrais e das ferragens, quer estas sejam móveis ou fixas.*

Características Exclusivas dos Vitrais da VITRART:

- *elaboração em **qualquer textura de vidro** (belga, martelado, pontilhado, confeti etc).*
- *feitos exclusivamente à mão e só sob encomenda.*
- *infinitas cores e tonalidades translúcidas para a perfeita harmonia dos Vitrais.*
- *criações e/ou reproduções acompanhadas permanentemente por nosso "staff" artístico que é altamente treinado.*
- *virtualmente inquebráveis e com duplo reforço, tendo 5,5mm de espessura, podendo chegar a até 15-20 mm se preciso for.*
- *temos a experiência do 1.º fabricante de Vitral inquebrável do Brasil, de há 10 anos.*
- *aperfeiçoamos constantemente as nossas técnicas com os estágios que fazemos na nossa filial dos Estados Unidos.*

"O JUÍZO FINAL" — Vitral principal da Nave, componente central do altar, em São Paulo — Capital.

VITRART VITRAIS — Artesanato em Vitrais Ltda.

- **São Paulo — Show-Room e central de vendas — Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1756 — CEP 01403 — Fone (011) 251-5291**
- **Itu — Show-Room — Praça Padre Miguel, 93 — CEP 13300 — Fone (011) 482-2077**
- **Estados Unidos — Show-Room e central de vendas — 8900 NW 79 CT — Tamarac, Flórida — 33321 — Fone (305) 721-3299**

Arte Sacra Dimensional

Conjunto de três vitrais em estilo clássico (Atibaia - S. Paulo)

A Dimensional oferece:

- *Total Segurança dos vitrais (eles são inquebráveis).*
- *Solução imediata quanto a reposição de vidros.*
- *Mais de 50 cores à sua escolha.*
- *Desenhos exclusivos ou reprodução de qualquer tipo de desenhos.*
- *Um preço justo por uma verdadeira obra de arte.*
- *Orçamentos sem compromisso.*

A Dimensional coloca a disposição de seus clientes completa assessoria técnica quanto a elaboração de projetos especiais, criação de desenhos, bem como a colocação de seus vitrais.

Nossos vitrais são de vidro orgânico, por isso, não quebram e são **absolutamente seguros,** *dispensando, a proteção de grades, telhas ou vidro temperado.*

Conheça os vitrais Dimensional, e tenha a certeza de que você escolheu o melhor.

Peça a presença de um representante sem compromisso ou faça-nos uma visita.

Detalhes dos vitrais componentes da "Via Sacra".

dimensional artes industriais ltda

SÃO PAULO: Escritório e Show Room: *Rua Estados Unidos, 2.225*
CEP 01427 — Fones: (011) 881-2520 • 883-3103 — São Paulo — SP
Fábrica: *Rua Corumbá de Goiás, 111 — CEP 07000*
Fone: (011) 912-3100 — Cumbica — Guarulhos — SP
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: Show Room: *Rua Siqueira Campos, 2.652*
CEP 15100 — Fone: (0172) 32-8543

vida pastoral

A FRATERNIDADE E O NEGRO – II

A IDENTIDADE DO NEGRO
D. José Maria Pires — p. 2

BÍBLIA E ESCRAVIDÃO
Uma meditação sobre Gênesis 9,20-27
Milton Schwantes — p. 10

O ESPAÇO DO NEGRO NA COMUNIDADE ECLESIAL
Edir Soares — p. 17

RECONCILIAÇÃO, SOLIDARIEDADE, HOMEM NOVO À LUZ DA COMUNIDADE NEGRA
Marcos Rodrigues da Silva (Org.) — p. 21

CELEBRAR A PARTIR DA REALIDADE DO POVO NEGRO
Marcos Rodrigues da Silva — p. 27

MEDITAÇÕES BÍBLICAS SOBRE A EUCARISTIA
Pe. Luís Alonso Schökel — p. 31

ROTEIROS HOMILÉTICOS
Frei Inácio Pinzetta-Pe. José Bortolini — p. 34

MARÇO-ABRIL DE 1988
ANO XXIX
139

ep

REVISTA PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL

vida pastoral

revista
para sacerdotes
e agentes de pastoral

Editora
Pia Sociedade de São Paulo (Paulinos)

Diretor
Pe. Ângelo Sônego

Redator
Pe. José Bortolini

REDAÇÃO
Rua Dr. Pinto Ferraz, 183
04117 São Paulo - SP
Fone: (011) 572-2362

Equipe de redação

Euclides M. Balancin
Pe. Ivo Storniolo
Pe. Manoel C. Quinta
Pe. Zolferino Tonon

ADMINISTRAÇÃO
Via Raposo Tavares, km 18,5
Cx. Postal 8.107 - 01051 SÃO PAULO, SP
Fone: (011) 268-6141 (Horário Comercial)

© By EDIÇÕES PAULINAS — SÃO PAULO

CENTROS DE DIFUSÃO DE "EDIÇÕES PAULINAS"

66020 *Belém, PA*
Rua Ó de Almeida, 545
Tel.: (091) 222-2437

30170 *Belo Horizonte, MG*
Rua Curitiba, 870
Tel.: (031) 224-2832

70300 *Brasília, DF — SCS — Q. 05*
Bl. C — Lojas 18/22 — Cx. P. 142.296
Tels.: (061) 225-9595 — 225-9664

13015 *Campinas, SP*
Rua Barão de Jaguara, 1.163
Tel.: (0192) 31-5866

79013 *Campo Grande, MS*
Rua Marechal Rondon, 1.284
Tel.: (067) 382-3251

95010 *Caxias do Sul, RS*
Avenida Júlio de Castilhos, 2.029
Cx. P. 173 — Tel.: (054) 221-8266

78030 *Cuiabá, MT*
Rua Antônio Maria, 180
Tel.: (065) 321-1827

80020 *Curitiba, PR*
Rua Voluntários da Pátria, 225
Cx. P. 6.128 — Tel.: (041) 224-8550

60025 *Fortaleza, CE*
Rua Major Facundo, 332
Tels.: (085) 226-7544 — 226-7398

74000 *Goiânia, GO*
Rua 6, 201 — Centro
Tel.: (062) 223-6860

88300 *Itajaí, SC*
Praça Irineu Bornhausen, s/n
Edif. Paroquial — Tel.: (0473) 44-3371

36013 *Juiz de Fora, MG*
Rua Braz Bernardino, 172
Tel.: (032) 213-2160

87013 *Maringá, PR*
Praça Napoleão M. da Silva, 469
Cx. P. 365 — Tel.: (0442) 22-2213

24020 *Niterói, RJ*
Rua Doutor Borman, 33
Tel.: (021) 718-3995

90020 *Porto Alegre, RS*
R. dos Andradas, 1.212 — Tel.: (0512) 21-0422

50010 *Recife, PE*
Rua Frei Caneca, 59 — Loja 1
Tels.: (081) 224-5812 — 224-6609

14015 *Ribeirão Preto, SP*
Rua S. Sebastião, 621 — Tel.: (016) 634-9203

20031 *Rio de Janeiro, RJ*
R. México, 111-B — Tel.: (021) 240-1303

20050 *Rio de Janeiro, RJ*
R. 7 de Setembro, 81-A — Tel.: (021) 224-3486

40110 *Salvador, BA*
Avenida 7 de Setembro, 680
Tel.: (071) 241-0046

65000 *São Luís, MA*
Travessa Dom Francisco, 12 — Centro
Tel.: (098) 221-5026

01001 *São Paulo, SP*
Praça da Sé, 180 — Tel.: (011) 37-9524

05550 *São Paulo, SP*
Via Raposo Tavares, Km 18,5
Cx. P. 8.107 - Tel.: (011) 268-6699

04010 *São Paulo, SP*
Rua Domingos de Morais, 660
Tels.: (011) 549-9777 — 549-7628

01013 *São Paulo, SP*
Rua 15 de Novembro, 71 — Tel.: (011) 36-4418

04013 *São Paulo, SP*
Rua Azevedo Macedo, 129 — Cx. P. 45.352
Tels.: (011) 572-4199 — 549-8298

05531 *São Paulo, SP*
Via Raposo Tavares, Km 19
Cx. P. 26.050 — Tel.: (011) 268-1444

08010 *São Paulo, SP*
R. José Dias Miranda, 100
São Miguel Paulista

04743 *São Paulo, SP*
Rua Manoel Borba, 72
Santo Amaro — Tel.: (011) 521-8277

29010 *Vitória, ES*
Rua Barão de Itapemirim, 216 — Centro
Tel.: (027) 223-1318

vida pastoral

REVISTA PARA SACERDOTES
E AGENTES DE PASTORAL

ANO XXIX - NÚMERO 139
MARÇO-ABRIL DE 1988

Aos nossos leitores

*A **FRATERNIDADE E O NEGRO** ocupam nossa atenção, particularmente nesta Quaresma. Quisemos, neste número, iluminar alguns dos múltiplos aspectos desse tema, abrindo espaço para uma questão que certamente não se esgotará neste período quaresmal. De fato, a Campanha da Fraternidade tem servido à maior conscientização, mobilização e organização das comunidades eclesiais, no esforço de instaurar o Reino da justiça e da igualdade. Cremos, pois, que com os números de janeiro-fevereiro e março-abril, secundados pelo de maio-junho (sobre a Lei Áurea), nossos Leitores e suas respectivas comunidades terão bons subsídios para novas propostas pastorais no que se refere à questão do Negro.*

*D. José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba, nos fala sobre a **IDENTIDADE DO NEGRO:** a origem do preconceito; a submissão do Negro e as conseqüências daí derivantes (perda e negação da identidade); os pecados da Igreja, Estado e sociedade brasileira contra os Negros. Conclui apresentando os sinais de esperança rumo aos quais é necessário caminhar.*

*Com freqüência, no passado e ainda hoje, a Bíblia foi usada para justificar a escravidão. Os defensores da escravização dos Negros viam-na biblicamente justificada a partir de Gn 9,20-27: a maldição de Canaã. O biblista e pastor luterano **Milton Schwantes**, em **BÍBLIA E ESCRAVIDÃO: Uma meditação sobre Gn 9,20-27**, localiza literária e historicamente esse texto bíblico, reconhecendo-lhe a validade e os limites, de modo que não seja arbitrariamente manipulado para justificar opressões do passado e do presente.*

*Os agentes de pastoral negros procuram encontrar caminhos e conquistar espaço dentro da comunidade eclesial, afirmando sua identidade de Negros e de agentes de pastoral. Em **O ESPAÇO DO NEGRO NA COMUNIDADE ECLESIAL, Edir Soares** apresenta os desafios e compromissos que a Comunidade Negra tem enfrentado.*

*Um desafio surgido nos últimos dez anos de vivência no movimento de consciência negra é o de relacionar a militância política frente aos valores religiosos do povo negro. Em **RECONCILIAÇÃO, SOLIDARIEDADE, HOMEM NOVO À LUZ DA COMUNIDADE NEGRA, Marcos Rodrigues da Silva** tenta sintetizar a caminhada do povo negro dentro desse período. O mesmo Autor, em **CELEBRAR A PARTIR DA REALIDADE DO POVO NEGRO** aborda a incorporação de gestos e símbolos da comunidade negra nas celebrações populares.*

*Neste número publicamos a última das **MEDITAÇÕES BÍBLICAS SOBRE A EUCARISTIA** (XII: Bênção final) do **Pe. Luís Alonso Schökel.** Acreditamos, com isso, ter propiciado a nossos Leitores maior compreensão do mistério eucarístico à luz das Sagradas Escrituras.*

*O Mistério Pascal marca a caminhada da Igreja neste período de Quaresma-Páscoa. Os **ROTEIROS HOMILÉTICOS**, elaborados por **Frei Inácio Pinzetta** e por nós, visam orientar e aprofundar o cerne do projeto de Deus na paixão, morte e ressurreição de Jesus. Queremos, com isso, augurar aos que nos acompanham, apóiam e incentivam nessa caminhada, os melhores votos de Feliz Páscoa na vida nova do Senhor Ressuscitado.*

Pe. José Bortolini

A IDENTIDADE DO NEGRO

D. José Maria Pires

Mal me entendi por gente e "já sabia" que não é bom ser Negro. Aprendi essa "verdade" em família. O que se dizia e o que se fazia com relação ao Negro era em tom de brincadeira, sem azedume, sem agressividade, sorrindo. Mas... se dizia e se fazia. Meu pai tinha traços de português, descendente que era dos Pires de Oliveira. Em minha mãe predominava a linhagem africana com sinais de mestiçagem causada pela entrada do elemento cigano duas ou três gerações antes. E nós todos, os cinco filhos, herdamos as características da mãe negra exceto na cor da pele: cabelos crespos, nariz achatado, lábios grossos. Aprendi desde cedo que nosso cabelo é ruim porque é grosso e enrolado; o do branco é bom porque é liso e fino; nosso nariz é feio porque é chato e o do branco é bom porque é afilado; nossos lábios são horrorosos e pesam quilo e meio enquanto os lábios do branco são tão delicados. Meu irmão mais velho gostava de dizer a papai que ele, casando-se com minha mãe, piorou a raça em vez de melhorá-la. Por coincidência, os meus quatro irmãos, dois homens e duas mulheres, casaram-se todos com brancos. Na escola primária e no seminário, branco era sempre tido como melhor do que preto. Mesmo que o preto demonstrasse a mesma capacidade intelectual e, por vezes, até ultrapassasse o branco nos estudos... preto enquanto preto era considerado de raça inferior ao branco. Exceções havia nessa inconsciente discriminação, mas eram exceções. O barbeiro discriminava os Negros pois só usava em nossa cabeça a máquina um ou zero. Para os brancos ele trazia navalha e tesoura. Um velho e piedoso empregado da casa, o Sebastião, que rezava muito pelas vocações sacerdotais, me dizia: "Dê graças a Deus por você ser preto e feio; isso é bom para quem quer ser padre".

1. Origem do preconceito

A pretensa inferioridade do Negro, entre nós, tem sua primeira explicação no fato da escravidão. Reduzidos ao cativeiro em terras de África e vendidos como escravos aos comerciantes que se dedicavam ao tráfico negreiro, para aqui foram trazidos nossos antepassados e tratados como coisas, peças a serem comercializadas em praça pública. Comprados como se adquire um animal de serviço, tornavam-se propriedade do senhor que, sem nenhuma obrigação para com seus escravos, lhes explorava a força de trabalho até mais não poderem. Sem lar que não fosse a desconfortável e promíscua senzala, sem vida de família, sem possibilidades de estudo e devendo acatar com docilidade as ordens e os caprichos de seus senhores, o Negro tinha que parecer mesmo um ser inferior. Para sobreviver era bom que não aparecesse sua inteligência e a grandeza de sua alma a não ser em casos excepcionais que a História se encarregou de registrar. O Negro, em geral, devia ser tido como inferior ao branco. Isso legitimava sua submissão e tranqüilizava as consciências mais delicadas: afinal, seres inferiores podiam ser reduzidos à servidão.

2. Submissão do Negro

Como o animal que se deixa domesticar e aceita a carga, o Negro se submeteu. Mais do que o animal que não transmite a domesticidade aos descendentes, o Negro fez da submissão uma das marcas de seu ser e a transmitiu a seus filhos. Aparentemente, pelo menos. Porque se poderia alegar contra essa afirmação da docilidade do Negro o exemplo dos quilombos tão numerosos, formando comunidades de Negros que conseguiram fugir do cativeiro; se poderia lembrar o fato várias vezes repetido de Negros que planejaram e executaram a morte de seus senhores; se poderia evocar os milhares de Negros que se mataram ou se deixaram morrer de banzo. A maioria, porém, conseguiu adaptar-se à nova condição mesmo a preço da própria dignidade. Para permanecer vivos renunciaram ao direito de ser livres. Essa opção foi certa. Permitiu salvar o que era salvável: a vida. Enquanto se tem vida permanece a esperança de recuperar os valores perdidos. O sacrifício da vida só tem sentido enquanto testemunho em defesa da própria vida. É o caso dos que tombaram na luta pela libertação. É o caso dos que se deixaram matar em sinal de protesto contra tudo o que fere a vida e os direitos da pessoa humana.

3. Conseqüências da submissão do Negro

Perda da identidade: A opção de viver, ainda que privado da liberdade e ferido na sua dignidade, trouxe conseqüências muito sérias para o Negro cativo. Antes de mais nada ele teve que renunciar à sua identidade: deixar de reconhecer-se como pessoa, sujeito de direitos. O Negro cativo não tem direitos, só tem deveres. Seu senhor, ao invés, não tem obrigações em relação a ele: só tem direitos. O senhor nunca erra em relação a seu escravo, está sempre com a razão. Tudo o que ele fizer em favor do escravo é gesto de pura bondade, e não dever de justiça. Esses "princípios" eram ensinados com a palavra, com a palmatória, com o chicote, com o tronco e com o pelourinho. O Negro "aprendeu" a lição e a foi ensinando aos filhos: "Negro é inferior, Negro tem que obedecer a branco".

Negação da identidade: "Consciente" de sua inferioridade em relação ao branco, o Negro passou

ep novidades *edições paulinas*

TEOLOGIA DO BATISMO. Considerações teológico-pastorais s/ o batismo — V. Maurício Goedert — Trata-se de estudo que pretende oferecer uma visão de conjunto dos mais diferentes aspectos do batismo: a relação entre ele e os ritos congêneres dos pagãos; a doutrina neotestamentária; os ensinamentos da Igreja Primitiva; a teologia do batismo, sua dimensão sacramental, litúrgica e pastoral. — 224 pp., Cz$ 310,00.

A TRINDADE COMO HISTÓRIA — Ensaio sobre o Deus cristão — Bruno Forte — Fala da Trindade falando da história, e fala da história falando da Trindade; falando de Deus, fala também do homem. A Trindade, enquanto história a ser narrada, é a origem, o presente e o futuro do mundo, o seio, adoravelmente transcendente, da história. Fala também de Deus **contando** o amor que se realiza na história. — 216 pp., Cz$ 400,00.

RAÍZES DA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA — Pablo Richard (Org.) — O livro possui cinco partes: **I.** Teologia na época da cristandade colonial; **II.** Teologia na época da neocristandade; **III.** Teologia na literatura latino-americana; **IV.** A atividade teológica dos pobres; **V.** Tentativa de teologia protestante. Objetivo da obra é reconstruir o significado histórico da teologia da América Latina. — 464 páginas, Cz$ 750,00.

CURSO DE VERÃO — José O. Beozzo (Org.) — O livro é um mutirão de formação, reunindo as comunidades de todo o Brasil. Visa dar aos animadores de comunidades uma base teológico-pastoral. A seção bíblica dedica-se ao Êxodo; a teológica à Cristologia na América Latina; a pastoral à questão dos leigos e ministérios; a seção Igreja e Sociedade trata da fé e política e da CF '88. — 192 páginas, Cz$ 270,00.

CEBs: GENTE QUE SE FAZ GENTE NA IGREJA — Pe. Massimiliano Leorato — O livro pretende ser útil a todos os animadores de CEBs. O trabalho é fruto da colaboração e esforço de muitas pessoas. Recolhe grande quantidade de elementos, idéias, experiências e considerações referentes às CEBs. Apresenta etapas possíveis na implantação das CEBs e as exigências na formação de líderes. — 256 pp., Cz$ 320,00.

Filme
longa-metragem
sobre a Igreja no Brasil
e sua opção pelos pobres e marginalizados.
Considerado o melhor filme do Terceiro Mundo
no Festival de Cinema de Mannheim
(Alemanha Ocidental)

80 minutos de duração.
Em vídeo ou filme 16 mm.
Temos fita K-7 com a trilha sonora
original do filme.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 88
"Ouvi o clamor deste povo"

- **Audiovisuais:** "AXÊ"
  "ZUMBI: RAIZ DA LIBERDADE"
- **Disco:** "NEGROS AFRICAMOS"
- **Filme/Vídeo:** "MISSA DOS QUILOMBOS"
- **Fitas K-7:** Fitas com dramatizações sobre a realidade do povo negro. Ideal para debates e celebrações.

VERBO FILMES
Rua Verbo Divino, 993 - Santo Amaro
04719 São Paulo SP Brasil
Telefones (011) 548-5744 - 247-4490

a não querer mais sua identidade. Ficou com vergonha de ser Negro e procurou esconder ou disfarçar sua negritude. Negro falou mal de Negro. Negro denunciou, caçou e prendeu Negro. Negro se colocou a serviço de branco contra Negro. E Negro começou a querer parecer-se com branco: espichou os cabelos, pintou o rosto, mudou os trajes e passou a imitar em tudo o branco, tornando-se assim "Negro de alma branca". Desse modo foi possível chegar à "democracia racial": o Negro reconheceu o seu lugar. Reconhecendo o seu lugar e procurando aproximar-se docilmente do branco, ele se convencerá sempre mais de que "Negro é feio, de cabelo ruim, negro é sem inteligência, sem caráter, preguiçoso, mentiroso, desordeiro e beberrão". Aproximando-se do modo de ser e agir do branco, ele poderá subir na vida e, um dia, quem sabe? se poderá dizer dele o que foi dito a meu respeito: "Ele pode já ter sido Negro; hoje não é mais"...

4. Igreja e Estado na causa do Negro

Tudo isso é realidade experimentada no dia-a-dia do Negro comum. A discriminação é um fato presente em todos os segmentos da sociedade brasileira. A discriminação só tem sido superada à medida que pessoas e entidades tomam consciência de sua existência e extensão, e iniciam um processo deliberado de combate a ela. Historicamente tanto a Igreja Católica como o Estado Brasileiro têm sua parte de responsabilidade na discriminação preconceituosa contra o Negro.

5. "Pecados" da Igreja contra os Negros

Conivência com a escravidão: Com a palavra o abolicionista Joaquim Nabuco: "Entre nós o movimento abolicionista nada deve, infelizmente, à Igreja... Nenhum padre jamais tentou impedir um leilão de escravos nem condenou o regime religioso das senzalas" (citado em *História da Igreja no Brasil,* tomo 2, Ed. Vozes, p. 263). No contexto socioeconômico do Brasil-Colônia, parecia não haver outro caminho para os objetivos de Portugal a não ser o da escravidão. "Sem negros não há Pernambuco", escreveu o Pe. Antônio Vieira. Os mesmos missionários que não admitiam a escravidão dos indígenas, mostravam-se complacentes diante da escravidão negra. Mais do que complacentes, consideravam-na necessária e legítima. Bispos e padres, colégios e conventos, tinham numerosos escravos. Moralistas e pregadores justificaram a escravidão. E não faltaram documentos do Magistério Supremo autorizando os reis cristãos de Portugal e Espanha a reduzir pagãos ao cativeiro perpétuo. "A abolição teria sido obra de outro alcance moral — escreve ainda Nabuco — se tivesse sido feita do altar, pregada do púlpito, prosseguida de geração em geração pelo clero e pelos educadores de consciência" (op. cit. p. 263). Essa conivência da Igreja com o instituto da escravidão a impediu de superar o preconceito racial. Por muito tempo, mesmo após a abolição, a instituição eclesiástica se comportou como se o Negro fosse realmente inferior. Os seminários estavam praticamente fechados para os descendentes de africanos. Mais ainda os institutos religiosos. Em suas constituições havia proibição expressa de admitir Negros. Essas determinações, sobretudo em algumas congregações femininas, vigoraram até os dias da realização do Concílio Vaticano II. Isso explica o número tão reduzido de Negros no clero e na vida religiosa, apesar da elevada proporção de afro-brasileiros fiéis seguidores da Igreja.

Menosprezo pela cultura afro: A pretensa inferioridade do Negro, e a suposta menor aptidão para o clero e a vida religiosa, trazem como conseqüência o descrédito para tudo que procede de sua cultura, principalmente a expressão religiosa. Desde o início a religiosidade do Negro foi proibida de manifestar-se sob suas formas originais. Foram-lhe impostas as formas européias. E era exatamente pela religião que começava o iníquo processo de destruição da identidade do Negro. Logo ao desembarcar em terras brasileiras, aparecia um sacerdote para "batizá-lo" e dar-lhe um "nome Cristão". Seu nome de origem, sempre cheio de significado e carregado de densidade afetiva, não valia mais nada nem devia ser pronunciado. Não importava que o novo nome fosse desprovido de qualquer sentido para ele: importava que fosse um nome cristão e que tivesse sentido para quem foi ao mercado comprá-lo como escravo. Se até agora ele era Khumalo poderá chamar-se Joaquim, se Smangaliso será batizado pelo nome de Anastácio, Antônio seria uma boa opção para quem sempre se chamou Souleymane etc., etc. O nome identifica a pessoa. Desrespeitar o nome de alguém é desrespeitar e ofender gravemente quem responde por aquele nome. Apagar o nome é como destruir a pessoa. Foi pela perda do nome próprio que o sistema começou a expressar para o Negro que ele não era mais pessoa, não tinha mais direitos; por isso perdera seu nome próprio e recebera um nome comum, que não tinha significação para ele: o Negro não era mais ele mesmo, não tinha identidade.

Imposição de outra cultura: Juntamente com a substituição de um nome "pagão" por nome "cristão", vem a imposição de uma nova religião. Não era o Evangelho que se lhe apresentava. O Evangelho não se impõe, se propõe. O que lhe era oferecido sem alternativa era a maneira como a cultura européia expressava o cristianismo. Não se admitia outra maneira. Era como se a Palavra de Deus não pudesse encarnar-se em nenhuma outra cultura. Isso significava que as expressões religiosas dos Negros trazidos para aqui como escravos eram todas consideradas erradas e pecaminosas. A religião deles se confundia com a mais sórdida superstição. Em meu tempo de criança, éramos proibidos de ver um batuque porque "era pecado". E até o ano de 1966, quando fui transferido para a Paraíba, os chamados cultos afro-brasileiros eram proibidos por lei. O então capelão da polícia narrava com entusiasmo suas numerosas façanhas noturnas de comandar grupos de soldados para "acabar" com um terreiro de xangô que funcionava clandestinamente.

Clandestinidade e sincretismo: E não havia outros caminhos para o Negro salvar o que era possível de sua identidade espiritual: ou entrar na clandestinidade religiosa ou recorrer ao sincretismo. Ou esconder-se nas trevas para praticar o culto ou esconder-se atrás dos símbolos cristãos, enganando os padres e os senhores. As duas opções tiveram seus adeptos no tempo do cativeiro e após a abolição. A primeira, a clandestinidade, tornou-se desnecessária desde que a Lei deixou de proscrever a "religião dos orixás" e a polícia desistiu de "fechar" terreiros.

Vitrais Realmente Artísticos

emphasis

Os Detalhes que fazem a Diferença!

✻ Vitrais inquebráveis e totalmente seguros.
✻ Equipe artística especializada desenvolvendo motivos segundo a arquitetura. ✻ Gama infinita de cores:
✻ Vitrais com riqueza em detalhes.
✻ Várias texturas de vidro. ✻ Serralheria opcional.
✻ Réplicas idênticas de vitrais clássicos de vidro e chumbo.

✻ **PREÇOS E ARTE SEM CONCORRÊNCIA!**
CONHEÇA E COMPROVE!

Visitas, Orientação Artística e Orçamentos sem compromisso.
Show-Room e Departamento Artístico.

Av. Ibirapuera, 1865 — Indianópolis
PABX (011) 549-0614 — 04029 SÃO PAULO, SP.

O sincretismo, ao invés, passou a constituir uma espécie de nova identidade religiosa para milhões de Negros brasileiros. Assim, Nossa Senhora da Conceição é Iemanjá, mas é também Nossa Senhora da Conceição; São Jorge (ou Santo Antônio) é Ogum, mas é também São Jorge. Igualmente para Iansã, que é Santa Bárbara, e São Lázaro, que é Omolu. Já o Senhor do Bonfim é o bom Oxalá. As duas expressões convivem tranqüilamente na cabeça e no coração desses milhões de Negros. Eles ficam surpresos e tristes quando percebem que os padres não entendem assim e não os aceitam com as duas expressões religiosas. Julgam que podem perfeitamente praticar tanto o catolicismo como a religião dos Orixás.

Por insistente solicitação do saudoso Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, fui a Salvador participar de um encontro com representantes dos cultos afro-brasileiros. Estavam presentes algumas Mães-de-santo, outros membros ativos de terreiros e agentes de pastoral. As Mães-de-santo — por sinal todas elas gente simples e humilde — queixavam-se amargamente dos padres que desprezavam a religião delas e as injuriavam com palavras descorteses. E explicavam: "No terreiro nós fazemos as obrigações. Depois devemos ir agradecer na igreja. Quando chegamos lá, o padre não nos deixa entrar para agradecer. É claro que esse agradecimento tem também sua expressão bem africana. A São Lázaro, por exemplo, se agradece oferecendo pipocas. Como não podem fazê-lo na igreja, fazem-no do lado de fora, expondo a oferta à "profanação" dos que não crêem. O mais surpreendente, porém, foi saber, naquele encontro, que mais de um agente de pastoral é fervoroso militante na Igreja e, simultaneamente, devoto iniciado no terreiro da "mãe Tal"! E não vê nisso nenhum mal. Um deles chegou a confidenciar: "Já faz quatro anos que sou iniciado, e até hoje não encontrei nada na religião dos Orixás que seja incompatível com minha fé cristã e com a minha fidelidade ao Evangelho".

6. "Pecados" da sociedade brasileira contra os Negros

Quebrou as resistências: O ateísmo militante fez enormes estragos na humanidade, mas não conseguiu apagar do coração do homem a imagem de Deus nem a consciência de sua presença. Do mesmo modo a imposição de outra cultura religiosa quebrou as resistências de muitos Negros, mas não foi suficiente para fazer desaparecer os traços mais marcantes da identidade religiosa afro-brasileira. E, ao que parece, foi exatamente a força aglutinadora e sublimadora da religião que permitiu a grande número de Negros permanecer eles mesmos apesar do rolo compressor da sociedade civil brasileira. Essa sociedade tinha um esquema perverso para dobrar as resistências interiores do Negro reduzido ao cativeiro. A primeira providência consistia em separá-lo de quem pudesse dar-lhe qualquer apoio afetivo: língua, família, tribo. Pais eram separados de seus filhos, maridos de suas mulheres, membros de uma tribo deviam ir viver e trabalhar com escravos de outra tribo e língua. A insegurança era total. A isso se juntavam os castigos humilhantes para tornar "dóceis" os escravos.

Defender o lucro: Aquilo que, mais tarde, pareceu gesto humanitário, não tinha como finalidade minorar os sofrimentos dos escravos, mas diminuir as despesas dos senhores ou desobrigá-los de responsabilidade financeira por escravos que já não produziam o bastante. A Lei do Sexagenário foi isso. Um escravo, quando chegava aos sessenta anos, não tinha mais condições físicas de trabalhar. Tornase um peso econômico ao invés de gerar lucro. A Lei o Sexagenário obrigava o senhor a dar-lhe carta de alforria, mas ao mesmo tempo o senhor não tinha mais obrigação de sustentar e vestir o escravo alforriado: livrou-se de um peso e apareceu como generoso. O velho Negro forro estava condenado a passar o restante da vida na dependência da caridade pública.

A Lei do Ventre Livre foi isso. Até então, filho de escrava era escravo, ainda que o "pai" fosse livre. Mas o investimento na criação do filho de escrava demorava muitos anos para começar a dar retorno. Começou-se a verificar que, no estágio que a sociedade colonial havia atingido, ficava mais barato contratar mão-de-obra assalariada do que manter uma criança e esperar que tivesse condições de produzir. Com a Lei do Ventre Livre, o senhor ganhava de dois lados: não precisava gastar com a criação do filho da escrava e podia exigir mais da escrava, uma vez que o filho dela não era mais pertença do senhor dela. Desse modo a Lei do Ventre Livre fez mais órfãos abandonados do que futuros cidadãos. E a tão decantada Lei Áurea não foi outra coisa. No final do século 19 já era bem reduzido o número de escravos. Desde que o tráfico negreiro foi proibido por lei, tornou-se dispendioso adquirir escravos novos, que só entravam no país por contrabando. Os escravos remanescentes caíam cada vez mais em produtividade. Tudo pesado, ficava mais barato pagar salário do que manter escravos. A abolição da escravatura era medida politicamente simpática frente aos outros países, e economicamente vantajosa. O Negro não ganharia casa para morar, não teria terras para trabalhar, não receberia aposentadoria, pensão ou indenização pelo tempo de serviço, não teria nada, mas teria a *liberdade!* As terras e os incentivos seriam para as famílias de imigrantes vindas da Europa. Para os Negros, nada! Só a liberdade outorgada pela Lei Áurea. E viva a Princesa Isabel, a Redentora!

Esse é um terrível pecado da sociedade brasileira. Ela impediu e continua impedindo o Negro de ser ele mesmo, de recuperar sua identidade. Essa injustiça clamorosa fez do Negro forro um marginalizado social, salvas as poucas exceções dos que conseguiram "remar contra a corrente".

Ideologia do branqueamento: Como se não bastassem essas atitudes pecaminosas, cria-se nova arma contra os Negros. Começa-se a lamentar que o Brasil tenha se tornado muito escuro com a vinda de tantos milhões de escravos africanos. É necessário clareá-lo de norte a sul porque "nossa etnia é portuguesa", e nosso tipo deve aproximar-se do europeu, considerado superior aos demais. É a ideologia do *branqueamento.* Branco é melhor, branco é mais bonito, branco é superior. Das três culturas que entram na formação de nossa nacionalidade, só a branca é destacada e só ela é promovida oficialmente. O que vem de índio é selvagem, o que procede de Negro é atrasado, só o que é branco é civilizado. O Negro deve ajustar-se aos padrões dos brancos. Especialmente a mulher negra é induzida a submeter-se à moda das mulheres brancas. Para isso estica os cabelos e procura disfarçar todas as características africanas.

A presença do racismo: Os Meios de Comunicação Social, especialmente a televisão, quase só apresentam o branco. Negro em destaque é exceção. Lugar social do Negro é ser porteiro, faxineiro, doméstico ou criminoso. A ideologia do branqueamento mostra-se evidente na pirâmide social: os Negros, numerosíssimos na base, vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do vértice. Essa ideologia mostra-se também no linguajar comum: Quando uma publicidade anuncia: "Precisa-se de pessoas de boa aparência" já se sabe que o Negro está sendo excluído. Nos livros religiosos se diz que a graça é branca e o pecado é negro. Deus só é imaginado como branco, os anjos também. Os padres e as freiras que aparecem nas ilustrações dos catecismos e livros de administração dos sacramentos são invariavelmente padres e freiras brancos. E, para significar "a brancura da alma", se coloca sobre o batizado uma *veste branca.* O que é mau, desagradável, difícil, se identifica com o negro e se expressa pela cor negra. Por isso, se diz inconscientemente: "a coisa está preta", "foram momentos negros em minha vida". Quando, portanto, as normas oficiais do Governo brasileiro determinavam que "os imigrantes serão admitidos de conformidade com a necessidade de preservar e desenvolver o Brasil, na composição de sua ascendência européia" (Decreto-Lei nº 7967 de 18.09.1946) não fazia mais do que traduzir legalmente o preconceito racista bem arraigado na mentalidade brasileira e bem vivo ainda hoje. É na percepção crítica desse preconceito que se devem ler fatos históricos como o da Guerra do Paraguai, na qual foi envolvido e exterminado enorme contingente de Negros. Após a guerra, os Negros estavam reduzidos à metade no Brasil. Isso contribuiu para *clarear* o país. Não se trata de "humor negro": foi humor branco. Com a mesma intenção, Rui Barbosa mandou apagar o Negro de nossa História, fazendo queimar a documentação referente ao tráfico negreiro, à quantidade de Negros trazidos como escravos para o Brasil, e o preço de cada um no mercado da época. Para nós, Negros, tornou-se quase impossível reconstituir a história e reencontrar nossas raízes: destruíram os documentos de nossa identidade. A decantada "democracia racial" no Brasil só existe à custa da eliminação de toda forma de organização e reivindicação por parte dos Negros que *devem reconhecer seu lugar e não tentar sair dele.*

7. Eu ouvi o clamor do meu povo (Ex 3,7)

Os quilombos: Bem que a Igreja católica poderia ter sido a primeira voz e a primeira mediação na denúncia e no combate à escravidão negra. Não o foi pelos motivos anteriormente enunciados. Diante de uma escravidão mais dura que a dos hebreus no Egito, a presença do Deus libertador não se mostrou na Igreja, mas nos quilombos. Eles foram o sinal que a Igreja não soube ler. Os quilombos eram comunidades formadas por Negros que conseguiam fugir do cativeiro, comunidades abertas a índios perseguidos e também a brancos que concordassem em aceitar a lei do quilombo, a saber, a fraternidade, o trabalho, a solidariedade. Houve quilombos que chegaram a pedir a designação de um padre para assistir religiosamente os quilombos que o quisessem. Foi negado porque isso corresponderia a apoiar Negros rebeldes que se encontravam em pecado de revolta contra seus legítimos senhores (!). Os quilombos foram perseguidos e destruídos, mas hoje, à luz dos sinais dos tempos e da opção preferencial da Igreja pelos pobres, surgem como o testemunho de que Deus ouve o clamor do povo oprimido. No

BANCOS E ALTARES

PARA IGREJAS
DIVERSOS MODELOS

- Fabricados em imbuia maciça (não trabalhamos com compensados e aglomerados).
- Reservas florestais, extração e serraria própria.
- Secagem natural da madeira por período superior a dois anos
- Maquinário e técnica modernos. Pessoal altamente especializado.
- Transporte próprio, portanto, custos mais reduzidos.
- Financiamento, aceitando também sem sinal.
- Fornecemos estudos, planejamento e orçamento gratuito.

PARA MELHORES INFORMAÇÕES, SOLICITE CATÁLOGO, E VISITA DE VENDEDORES, SEM COMPROMISSO

IRMÃOS FAERBER LTDA.
QUASE MEIO SÉCULO MOBILIANDO A CASA DE DEUS
Cx. Postal, 29 — Porto União — Santa Catarina

ESCRITÓRIOS DE VENDAS
EM CURITIBA: Rua Van Gogh, 120 — Cx. Postal 2.333
Fone: (041) 262-6135 — A qualquer hora
NO RIO DE JANEIRO: Rua Uruguai, 59 — Apto. 902
Cx. Postal 24.070 — Fone (021) 258-3593
20522 — RIO DE JANEIRO — RJ

NÃO TEMOS SOCIEDADE COM NENHUMA FIRMA

Egito, foi Moisés o profeta do Senhor. Entre nós, foi Zumbi dos Palmares e tantos outros que comandaram a resistência nas condições mais adversas. Se a Igreja tivesse então entrado a favor da causa dos Negros como hoje se empenha na defesa dos índios, canavieiros, camponeses, sem-terra, a História do Brasil teria tomado outro rumo. As vozes e movimentos em prol da Abolição não nasceram na Igreja e não contaram com seu entusiasmo.

Tentativas de organização: Outro tanto sucedeu com os Negros que resolveram organizar-se e lutar contra a discriminação que continuou e permanece tantos anos depois da abolição oficial do cativeiro. Eles também não contaram com o apoio da instituição eclesiástica. Foram até acusados (e ainda o são) de estarem fomentando o racismo que, na visão desses acusadores, não existe entre nós. Quando a Igreja do Brasil se preparava para a Conferência Episcopal de Puebla, um grupo de Negros, supondo que eu fosse um dos Delegados do Episcopado Brasileiro à Conferência, dirigiu-me longa carta cheia de amarguras contra a Igreja. Ao final, afirmavam: "O senhor como Negro é nosso irmão, como bispo é nosso adversário". Aceitei as duas atribuições, a primeira com alegria, a segunda com humildade.

A Igreja "se converte" ao Negro: A situação, porém, começou a modificar-se. A Igreja está deixando de *ser adversária,* de estar do lado oposto. Ela começa a posicionar-se do lado dos Negros como começou a posicionar-se do lado dos pobres. Antes, seu compromisso era com os pobres enquanto desvalidos. Faltava-lhe visão crítica da pobreza e, por isso, não percebia que o pobre entre nós só é desvalido porque é empobrecido. Igualmente o Negro foi despojado de tudo pela injustiça dos colonizadores. Essa injustiça continua exigindo não a comiseração, mas condigna reparação de perdas e danos.

A grande perda, o maior dano, foi o Negro perder sua identidade, ter vergonha de ser Negro, querer ser parecido com o branco. Alertada por João Paulo II sobre os mecanismos que... "produzem em nível internacional ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres" (Discurso inaugural de Puebla, 3.4), a Igreja da América Latina entendeu que não basta criar instrumentos de assistência e de promoção dos pobres; é urgente ajudá-los a se organizar em vista de uma transformação que procure inverter o sentido da tendência indicada pelo papa. Assim teríamos pobres cada vez menos pobres à custa de ricos cada vez menos ricos. Este sentido já fora eloqüentemente proclamado pela Virgem Maria em seu hino de louvor ao Deus que "derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes; sacia de bens os famintos e despede os ricos sem nada".

Primeiros encontros: Logo depois de Puebla, a Igreja do Brasil começa a abrir espaço para seus Agentes de Pastoral Negros. Para eles promove um primeiro encontro em Capão Redondo, SP. A principal questão colocada foi esta: "Você, Agente de Pastoral Negro, como se sente na Igreja e na sociedade?" A partir do 2º encontro, realizado em Brasília, os próprios Negros assumiram a responsabilidade total de seus encontros. A CNBB continuava, entretanto, disposta a dar cobertura logística que lhe fosse solicitada. Entrementes a CNBB ia promovendo, através de sua Linha Missionária, outros encontros de reflexão sobre negritude, para os quais eram convidados teólogos e pastoralistas brancos e negros.

União e Consciência Negra: O grupo que teve seu início de caminhada no encontro de Capão Redondo passou a denominar-se Grupo de União e Consciência Negra. Ele se desenvolveu e criou seções em diversos Estados do Brasil. Duas "aberturas" foram logo adotadas: O Grupo não seria apenas de Agentes de Pastoral Negros e não seria confessional. O denominador comum seria a negritude. Condição para qualquer Negro pertencer ao Grupo seria sua capacidade de dialogar, isto é, não ser radical, respeitar o direito de o outro ser e manifestar-se diferente. Foi certamente um grande passo que permitiu levar aos Negros do meio popular uma reflexão que, até então, só se processava entre Negros de classe média, portadores de escolaridade de nível médio ou superior.

Os novos "quilombos": Com o passar dos anos, os Agentes de Pastoral Negros sentiram necessidade de espaço que fosse aberto a todos os Negros, mas que fosse confessional, isto é, que abordasse a situação dos Negros à luz da fé e a aprofundasse na ótica da Palavra de Deus. Organizou-se, em conseqüência, um grupo de Agentes de Pastoral Negros (APN) em São Paulo, ao qual se deu o nome de Quilombo Central. A diversificação correspondia a nova necessidade surgida no percurso, e vinha enriquecer e fortalecer o movimento negro geral. Outros quilombos foram surgindo fora de São Paulo, e a esperança é que aos poucos todos os Agentes de Pastoral Negros pertençam ao quilombo de sua área ou organizem um quilombo onde ainda não existe. Esses novos "quilombos" guardam dos primitivos a abertura, fraternidade e espírito organizativo, e têm de novo a preocupação de ajudar Igreja e sociedade a descobrirem e extirparem as raízes e manifestações do racismo, ainda tão fortes em nosso meio.

Campanha da Fraternidade 1988: A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil assumiu conscientemente sua parte de responsabilidade na advertência de Puebla: "O problema dos escravos africanos não mereceu, infelizmente, a devida atenção evangelizadora e libertadora da Igreja". O tema da Campanha da Fraternidade para o ano de 1988 é sinal desse desejo de reparar o passado criando condições para crescente integração do negro. Houve não pequenas dificuldades para a aceitação do tema "a Fraternidade e o Negro". Mais difícil foi encontrar a forma adequada de tratá-lo. O texto-base passou por mais de 10 redações, no esforço de se chegar a um consenso que, desta vez, não pode ser atingido. É possível que até mesmo essa inegável divergência entre nós contribua para tornar mais perceptíveis as manifestações de racismo que ainda existem na sociedade e na Igreja do Brasil, não por parte dos Negros, mas contra eles. Será ouvindo com atenção e simpatia o clamor desse povo, clamor impregnado de angústia e, por vezes, de indignação, que a Igreja contribuirá para que o Brasil vá se aproximando da chamada "democracia racial". É uma meta que estamos longe de atingir. Caminhar em sua direção é preciso. ■

Sideral Vitrais Artes

DE JOSÉ ISSA

VITRAIS e VIAS-SACRAS - Especialista em Restauração de Vitrais Antigos

EXECUTAMOS ESTILO CLÁSSICO E MODERNO

Projetos e Orçamentos: Rua Motu-Poranga, nº 43 — Fone 294-4559
Penha - Cangaíba - CEP 03716 S. Paulo, SP

ep novidades edições paulinas

LITURGIA DA PALAVRA — CAMINHO DA FÉ. Ano B: Jesus, o Messias — Johan Konings — São breves reflexões sobre a Palavra de Deus no Ano B. Querem proporcionar um planejamento global das celebrações dominicais como catequese permanente dos fiéis. Livro para sacerdotes, ministros, catequistas, equipes de liturgia. — 72 páginas, Cz$ 130,00.

OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA MISSÃO — D. Senior-C. Stuhlmueller — O livro serve para estabelecer e inspirar a obra dos chamados à missão cristã, e para ajudar os que refletem sobre os problemas teológicos da missiologia contemporânea. Para os Autores, a Bíblia é princípio e fonte da missão. Livro para estudantes de teologia e cursos de missiologia. — 504 páginas, Cz$ 900,00.

HISTORINHAS ILUSTRADAS PARA MISSAS COM CRIANÇAS — Padre Mauro Odorissio-Edith M. Pellanda — O livro contém uma historinha para cada domingo e festas do Ano B. Cada historinha traz uma dezena de ilustrações que poderão ser copiadas, ampliadas, transformadas em lâminas para retroprojetor ou utilizadas em episcópio etc. — 528 páginas, Cz$ 620,00.

BÍBLIA E ESCRAVIDÃO
Uma meditação sobre Gênesis 9,20-27

Milton Schwantes

Escravas e escravos são tematizados em muitos textos bíblicos. Faziam parte das realidades de então. E a Bíblia testemunha a presença de Deus em meio às realidades.

A posição diante da escravidão varia. Não prevalece a mesma em todos os textos. Afinal, cada autor teve seu contexto específico. As variações vão de um Amós que contesta a escravidão, ao condenar a compra e venda de pessoas (Am 1,6; 2,6; 8,6), até à instrução categórica "escravos, sede submissos aos vossos senhores" (1Pd 2,18). Não se pode uniformizar. Nem se pode nivelar. Importa que se respeitem as intenções e possibilidades de cada autor.

Este também é o caso de Gênesis 9,20-27.

Um texto usado

Este trecho se fez conhecido por causa da maldição que proclama contra Canaã, filho de Cam. Esta partezinha o tornou interessante para alguns. Fez com que fosse usado e, sem dúvida, abusado.

Ora, em Gn 10, este Cam, do qual descende Canaã, é relacionado a Cuch (v. 6). E Cuch sabidamente está situado na África. São os negros.

Conseqüentemente, defensores da escravização dos negros viam biblicamente justificada sua atitude a partir de Gn 9: Aí Canaã é maldito e destinado a ser escravo. Sendo Canaã um dos filhos de Cam e este pai também de Cuch, isto é, dos povos africanos e negros, fica "comprovado" ser "bíblico" escravizar negros. Lógica chocante, sem dúvida! Mas ela foi praticada. E por alguns ainda o é.

Estamos, pois, diante de um texto cuja interpretação vem marcada por racismo e escravismo. E pode?

O texto

Não convém pôr-se a defender textos bíblicos. A mim ao menos tais apologias não agradam. Se um trecho merece crítica, devemos formulá-la. Afinal, o Novo Testamento procede assim com o Antigo.

O que nos cabe não é a defesa a qualquer preço. Importa antes fazer justiça aos textos. Avaliá-los em seu contexto literário e à luz de suas circunstâncias históricas. Proponho-me a esta tarefa.

Convém que, inicialmente, voltemos a atentar para o texto. Apresento-o na tradução da Bíblia de Jerusalém:

> *[20]Noé, o cultivador, começou a plantar a vinha.*
> *[21]Bebendo vinho, embriagou-se e ficou nu dentro de sua tenda. [22]Cam, pai de Canaã, viu a nudez de seu pai e advertiu, fora, a seus dois irmãos. [23]Mas Sem e Jafé tomaram o manto, puseram-no sobre os seus próprios ombros e, andando de costas, cobriram a nudez de seu pai; seus rostos estavam voltados para trás e eles não viram a nudez de seu pai. [24]Quando Noé acordou de sua embriaguez, soube o que lhe fizera seu filho mais jovem. [25]E disse:*
> *"Maldito seja Canaã!*
> *Que ele seja, para seus irmãos,*
> *o último dos escravos!"*
> *[26]E disse também:*
> *"Bendito seja Iahweh, o Deus de Sem,*
> *e que Canaã seja seu escravo!*
> *[27]Que Deus dilate a Jafé,*
> *que ele habite nas tendas de Sem,*
> *e que Canaã seja seu escravo!"*
> *(Gn 9,20-27).*

De qual conjunto maior faz parte esta cena?

Esta questão é importante. Sua resposta influi de maneira significativa sobre o sentido.

Víamos acima que se poderia querer conjugar nossa cena ao cap. 10. Isso de alguma maneira tem sentido. Mas também não se pode deixar de ver a diferença. Na verdade, nossa cena tematiza Canaã, não Cam. Diferente é o cap. 10. Nele Cam é bem mais central. Sim, em nossa cena a referência a Cam até é bem secundária. Parece ser agregada, em função do cap. 10.

E, de fato, a relação mais intensa de nossa cena não se estabelece com o que lhe segue (o cap. 10), mas com o que lhe precede. Antecede-lhe a narração sobre o dilúvio.

Uma parte da história do dilúvio

Nossa cena da maldição de Canaã constitui a parte final da história do dilúvio. O início desta está no cap. 6. Seu final está justamente em nossos versículos. À narração sobre o dilúvio pertencem, pois, os caps. 6-9, ao todo quatro capítulos. No bloco de Gn 1-11 — estórias sobre a humanidade — o dilúvio ocupa o maior espaço! Além disso, está exatamente no centro desses onze capítulos. Pode-se, pois, dizer que em Gn 1-11 a história do dilúvio é a mais importante para os autores bíblicos. Dela nossa cena sobre Canaã, filho de Cam, é uma parte, o momento final.

Qual é o sentido do dilúvio?

Não é fácil dizê-lo em poucas palavras.

Em todo caso, devemos tratar de situar-nos dentro da visão de mundo daqueles tempos antigos. Para as pessoas de então, a terra estava cercada por águas. Estas não só eram representadas por mares e rios, que através de enchentes e maremotos punham em perigo as pessoas; perigo maior constituíam as águas acima dos céus e abaixo da terra. Portanto, de todos os lados a terra era rodeada e ameaçada por águas. E este é o contexto da narração sobre o dilúvio.

Águas eram, pois, ameaça de caos. Somente poderia reivindicar autoridade divina quem pusesse tais águas ameaçadoras e caóticas sob seu controle. Os reis mesopotâmicos, sejam eles assírios ou babilônios, afiançavam ser representantes de divindades que controlavam as águas, em especial as que se situavam acima dos céus. Em conseqüência, a obediência a esses reis e a suas divindades tornava-se pré-requisito para a sobrevivência. Na Mesopotâmia, as histórias do dilúvio — diversas delas nos são hoje conhecidas através de descobertas arqueológicas — serviam ao sistema. Justificavam governos, reinados e suas opressões. Quem não se submetesse aos soberanos e a seus deuses estava a provocar a ira dessas divindades. Sujeitava-se a estar provocando os deuses a desencadear um dilúvio.

Bem outro é o sentido do dilúvio em Gênesis 6-9.

Minorias proféticas — eis a solução!

A solução não está em algum rei. Qual nada! A proposta da história bíblica do dilúvio é completamente outra.

Sua proposta leva o nome de Noé. Ele é a mediação da sobrevivência. Porém, não será suficiente concentrar-se na pessoa de Noé. Tal tipo de personalismo não combinaria com a perspectiva coletiva e grupal do mundo bíblico. Noé representa toda uma família, melhor talvez fosse dizer: um clã.

Mediações de sobrevivência para a humanidade não são, pois, as estruturas e instituições do reinado e do estado, mas da família e do clã. Aí está o berço da vida. Noé não é rei. É lavrador!

Porém, Noé não representa quaisquer estruturas clânicas. Simboliza-as de modo qualificado. O próprio texto o explicita ao caracterizar Noé como "homem justo e íntegro" (Gn 6,9). Justiça e integridade são os princípios da profecia (Am 5,25; Os 6,6; Mq 6,8; Jr 22,16). Noé representa, pois, a proposta dos profetas. As minorias proféticas — estruturadas de modo clânico e tribal e imbuídas do espírito da justiça — são o fermento e a esperança da humanidade.

Além desta, a história do dilúvio tem outra ênfase, particularmente importante em vistas à nossa cena de maldição de Canaã. Vejamos.

Não haverá outro dilúvio!

O dilúvio não terá reprise. Este é um acento deveras importante na narração bíblica. Aliás, nossos quatro capítulos culminam na promessa de que não haverá repetição do dilúvio: "Não mais haverá dilúvio para destruir a terra" (Gn 9,11).

A história do dilúvio não quer estimular o medo. Pelo contrário, visa superá-lo. Efetivamente liquida-o. Iahweh põe fim à possibilidade de irrupção das águas. Tal caos jamais haverá. Que maravilha!

Enquanto contavam com a possibilidade de repetição do dilúvio, as pessoas viviam em medo e horror. E sobre o medo costumam implantar-se as ditaduras. Opressões postulam afastar nossas incertezas através de repressões. Os reis mesopotâmicos — mas não só eles! — postulavam ser a garantia contra o caos, impondo medo e submissão por meio de seus exércitos. A história bíblica do dilúvio liquidou essa lógica. Deu-lhe atestado de óbito. Já não haverá novo dilúvio nem caos. É Iahweh quem barra o caos. Seus mediadores não são militares, mas é Noé, são as minorias proféticas.

A história do dilúvio torna-se ainda mais surpreendente quando lhe perguntamos por que já não mais haverá dilúvio.

Por que não haverá outro dilúvio?

Porque esta é a decisão de Deus. A promessa divina elimina, por completo, outra destruição pelas águas. Para confirmá-lo, foi estabelecido o arco-íris

MIMEÓGRAFOS
GESTETNER — REX-ROTARY
(NOVOS E USADOS)

* Fornecemos p/ todo o Brasil, com garantia de um ano
* Tinta e estêncil
* Assistência técnica garantida para todo o Estado de São Paulo

Consultas por carta — telegrama ou telefone
***DUCMAQ* — Novo Fone: (011) 562-4567**
Rua Francisco Alvarenga, 103 — 04417 São Paulo — SP

como sinal visível. É o que afiança e tematiza Gn 9,1-17.

A decisão divina — não a situação humana! — torna esse cataclismo irrepetível. A condição humana continua a mesma. Não se operaram mudanças em sua qualidade moral. Nem houve melhoramento. O que mudou foi a decisão de Deus: "Não mais haverá dilúvio para devastar a terra" (Gn 9,11).

Entre as pessoas não se operou tal mudança. A humanidade antes e após Noé não se diferencia quanto à sua qualidade moral. Continua "mau o desígnio íntimo da pessoa desde a sua mocidade" (Gn 8,21).

Nesse contexto literário situa-se nossa cena sobre a maldição de Canaã. Sua função é a de caracterizar a humanidade pós-Noé.

Impasses do mundo pós-Noé

Dilemas e confrontações são o que caracteriza a humanidade que descende de Noé. Vive em dificuldades. Sofre de impasses. Não é nada ideal, nem moral.

Há problemas em muitas áreas.

Uma sentença programática encabeça a apresentação das dificuldades em que vivem os que provêm de Noé. Encontra-se em Gn 8,21. Acima já a citávamos. "Mau é o desígnio íntimo", o "coração", como se expressa o texto original.

A descendência de Noé, gente de "mau coração", vive em conflito com os animais. Usa-os. Mata-os. Deles se alimenta. A respeito lemos em Gn 9,1-4. Não só vivem em antagonismo aos animais. Até matam uns aos outros. É o que lemos em Gn 9,5-6. E inclusive disputam espaços, pois um toma a tenda do outro, como menciona Gn 9,27. E, enfim, um escraviza o outro, como destaca a cena da maldição de Canaã, em Gn 9,20-27.

De fato, a vida dos descendentes de Noé — de nós! — está repleta de lutas, de contradições, de injustiças. Não é nenhum Jardim do Éden!

Contudo, não deixará de haver preservação. "Não deixará de haver sementeira e ceifa" (Gn 8,22). Fica proibido alimentar-se de sangue de animais, porque nele está a vida (Gn 9,4). E assim mantém-se viva a memória de que, a rigor, não é justo matar animais. Também é protegida a vítima de assassínio através da exigência de punição para o homicida (Gn 9,6). E igualmente se sabe que escravização é fruto de um desajuste.

Os "filhos de Noé" — nós! — vivemos nessa tensão. Por um lado, vivemos na gratuidade de um mundo preservado por Deus. Por outro lado, constituímos cruéis injustiças. Aquela é nosso alvo e medida; estas precisam ser superadas e "afogadas". E isso também vale em relação à maldição de Canaã.

Retornando à cena da maldição

Para fazer justiça a nosso texto (Gn 9,20-27), localizamo-lo em seu contexto literário maior: a história do dilúvio. Pareceu-nos necessário proceder assim. Afinal, a maldição de Canaã é um momento, uma cena dentro da grande história do dilúvio. Aí tem sua função.

Sua função é a de ajudar a caracterizar os dilemas e impasses em que vive a descendência de Noé. Ela convive, entre outros, com a opressão e escravização de uns sobre os outros.

Tais injustiças não são, porém, internas. Perfazem o mundo em que estamos. Não indicam o mundo para o qual a gratuidade de Deus nos convida ir. São, pois, passíveis de transformação. Não há maldição que resista à gratuidade e à bênção de Iahweh, inclusive a que se dirige contra Canaã.

Feita a localização literária de nossa cena da maldição, passemos a situá-la na história. Em que época surgiu? Qual era seu sentido em seu momento histórico?

Sarasá — QUADROS EM AZULEJOS

PAINÉIS PARA FACHADAS DE IGREJAS, ALTARES, VIA-SACRA, ETC., EM AZULEJOS POLICROMADOS.

A AÇÃO DO TEMPO EM NADA AFETA O SEU DESENHO E COLORIDO. VITRAIS INQUEBRÁVEIS COM TÉCNICA PRÓPRIA. EXECUTAMOS QUALQUER DESENHO.

CATALOGADOS NOS PRINCIPAIS DICIONÁRIOS DE ARTES PLÁSTICAS DO BRASIL.

ENDEREÇO: VIA ANCHIETA 1075 - TELEFONE 63-2109
C. E. P. 04247 - IPIRANGA - SÃO PAULO - S. P.

Um horizonte palestinense

Três pessoas estão sendo enfocadas: Sem, Canaã e Jafé. São personificações de três povos. Sem representa, em nossa cena, Israel (veja Gn 10,21-30; 11,10-32). Canaã, filho Cam, é o povo que habitava a Palestina antes dos israelitas (confira Gn 10,6-20). E Jafé vem a ser os filisteus (Gn 10,2-5).

Estes três povos — israelitas, cananeus e filisteus — situam-se no âmbito da Palestina. Este é, pois, o horizonte de nosso texto. Sua perspectiva não é genérica ou universal, como a do cap. 10. Portanto, não faz sentido pretender correlacionar os cananeus de nossa cena com povos africanos.

Não só o horizonte de nossa cena de maldição de Canaã permanece dentro dos limites palestinenses, mas também seu momento histórico é específico e circunscrito. Vejamos.

Um momento determinado

Encontramo-nos após o 13º século antes de Cristo. Os cananeus já há séculos viviam na Palestina. A partir de meados do 13º século, surgem dois novos grupos: israelitas (isto é, Sem) e filisteus (isto é, Jafé).

Inicialmente cada um dos três grupos ocupa um espaço geográfico específico. Os cananeus são habitantes da planície, em especial no norte. Os filisteus se agruparam na região litorânea, ao sul. E os israelitas emigraram nas montanhas. Durante alguns séculos cada povo permaneceu em sua área. Até o final do 11º século, viviam lado a lado, cada qual dentro de suas modalidades, sejam elas tribais (como no caso de Israel), sejam elas de pequenas cidades-estado sob o mando de monarcas (como no caso de filisteus e cananeus). Ora, nosso texto certamente não provém desta época.

Sob as circunstâncias especiais do final do 11º século, cada um dos três grupos trata de expandir sua área de influência. Os filisteus se deslocam para o norte. Os reis cananeus tratam de se juntar em coalizões. Os israelitas constituem reis, primeiro sob Saul e logo depois sob Davi e Salomão. Generaliza-se a guerra.

O grande vitorioso nessas confrontações é Israel, sob Davi. Anexa os territórios cananeus. Repele os filisteus para dentro de suas áreas ao sul. E, mais tarde, Salomão até os incorpora.

Esse é o momento histórico de nossa cena! Os cananeus estão liquidados. Israelitas e filisteus os destroçaram.

Jafé habita nas tendas de Sem

Parece-me que até podemos ser um pouco mais precisos na fixação histórica de nosso texto. Jafé/filisteus e Sem/israelitas convivem. Repartem o mes-

SONORIZAÇÃO PROFISSIONAL

A DI-SOM É UMA EMPRESA ESPECIALIZADA EM SONORIZAÇÃO DE AMBIENTES.
CENTENAS DE CLIENTES EM TODO O BRASIL COMPROVAM NOSSA EXPERIÊNCIA E QUALIDADE.

INDÚSTRIAS, ESCRITÓRIOS, LOJAS COMERCIAIS, SUPERMERCADOS, COLÉGIOS, HOSPITAIS, IGREJAS, PRAÇAS DE ESPORTES, CLUBES, TEATROS, SHOPPINGS, ETC.

POSSUIMOS UM EXCELENTE KNOW-HOW EM TODAS AS MODALIDADES DE SONORIZAÇÃO DE AMBIENTES.
FABRICAMOS, PROJETAMOS E INSTALAMOS

di-som
PRODUTOS ELETRÔNICOS IND. COMÉRCIO LTDA.
RUA CIPRIANO BARATA, 781
IPIRANGA - SÃO PAULO - SP. -
FONE: (011) 914-0533 -
Cx. POSTAL: 5182 - CEP: 04205
FILIAIS E REPRESENTANTES EM TODO O BRASIL

Pedimos preencher este formulário e nos enviar para receber a visita de um técnico orçamentista.

NOME DO RESPONSÁVEL:
NOME DA ENTIDADE:
ENDEREÇO:
BAIRRO: TEL.:
CIDADE: ESTADO:
DATA:
ASSINATURA:

mo espaço, as mesmas "tendas". Jafé inclusive alcança expandir-se em direção às "tendas", ao território de Sem. Isso mostra que, em todo caso, não estamos em tempos de Salomão. Em seu governo, a Filistéia já estava incorporada a Israel. Encontramo-nos nos tempos de Davi que, por mais que se tenha imposto militarmente contra os filisteus, não deixava de ter em suas tropas "cereteus e feleteus" (2Sm 8,18; 15,18 etc.), isto é, gente filistéia. Percebe-se aí como "Jafé habitava nas tendas de Sem". Portanto, nosso texto corresponde ao momento histórico de implantação do reinado davídico. Canaã foi uma das vítimas dessa inovação, desse reinado.

Em que sentido Canaã foi feito escravo?

A pergunta poderia parecer descabida. Afinal, escravo é escravo. Pois não é! No mundo bíblico, a escravidão tem outras características, seja em comparação ao escravismo romano, seja em comparação ao trabalho escravo no contexto do colonialismo dos séculos passados.

Na verdade, o mundo bíblico conhecia o escravo, cujo corpo e força de trabalho é de outrem. É o caso de Agar, em Gn 16, ou de José vendido ao Egito, em Gn 37-50. Contudo, esse tipo de escrava(o) era bastante raro em tempos do Antigo Testamento. De jeito nenhum era um fenômeno de massas, como ocorreu no Império Romano ou no colonialismo. Sob escravidão, o Antigo Testamento via de regra entende outra coisa, em especial quando está em jogo todo um povo, como é o caso de Canaã, em nosso texto.

Escravo é quem paga tributo em excesso. Vêm a ser os cidadãos livres submetidos, temporariamente, a altas taxas de tributo ou a um excesso de trabalho forçado (de corvéia). No Estado antigo, em meio ao qual surgiu a Bíblia, os camponeses eram tributados. Tributo "justo" era o que correspondia aos serviços prestados pelo Estado. Tributo injusto e escravo era aquele que o Estado, mediante o uso da repressão ou da força da religião, exigia junto aos lavradores sem correspondente prestação de serviço.

A esse tipo de escravidão aludem os textos do livro do Êxodo. Ao designar os hebreus como escravos, define-os como gente injustamente recrutada para trabalhos forçados junto a obras para o Estado. No caso, o faraó egípcio não era proprietário desses hebreus escravizados, mas "tão somente" seu dono temporário, em função da construção das obras públicas.

Nesse sentido nosso texto se refere a Canaã. A escravidão de Canaã não transforma esse povo em objeto de compra e venda. Submete-o aos pesados tributos de Sem/Israel e Jafé/filisteus. Convoca-o ao trabalho forçado, ao trabalho compulsório, em prol dos interesses do Estado de Israel.

Como avaliar tal subjugação de Canaã?

A alegria pela derrota dos opressores

A gente não pode esquecer que as pessoas e as tribos que vieram a compor Israel, a partir do 13º século, tinham tido más, se não péssimas experiências com Canaã. Reis e exércitos cananeus haviam exagerado na opressão. Por séculos haviam massacrado os lavradores. Muitos destes se juntaram a Israel, quando suas tribos passaram a se constituir.

Sob esse pano de fundo foi formulada a maldição de Canaã. É reação a séculos de opressão. Nela se espelha algo da alegria dos oprimidos ao verem despedaçar-se seus opressores.

Nesse sentido, a maldição não se volta, a rigor, contra um povo ou uma raça, mas contra um sistema de opressão, contra a fonte de uma longa dominação. E esta se chamava, naqueles tempos, Canaã. A este Canaã-opressão se dirige a maldição.

A dificuldade com estrangeiros

Estrangeiros são um problema. Bem o sabemos em nossos próprios dias. Nos tempos dos reis de Israel, a questão era semelhante. Clãs, tribos e Estado tratavam de defender os seus. Os de fora ficam como gente de segunda categoria.

Na maldição de Canaã, também se espelha algo dessa dificuldade com quem é diferente, por estar em outro povo, falar outra língua, seguir outros costumes. Fica rejeitado.

Já o profeta Amós se distanciava enfaticamente dessa mentalidade. Integrava Israel ao mundo dos povos. Defendia os pobres, quer estivessem entre os povos (1,3-2,5), quer fossem israelitas (2,6-16). A maldição contra Canaã ainda não respira tais internacionalismos. Seu horizonte ainda não é de grande alcance!

O euforismo monarquista

Nosso texto, enfim, também respira algo do clima monarquista daqueles tempos de Davi. Certos setores de Judá e Israel saudaram com entusiasmo a constituição do reinado. Às cidades, os pecuaristas e os agricultores mais abastados deram vivas aos monarcas. Sabiam-se melhor protegidos. Mas também os pobres, em especial os mais endividados, aderiram aos novos tempos. Afinal, encontraram emprego no exército que se ia formando.

Até parece que nas primeiras décadas do 10º século a ampla maioria aderia à monarquia. A maldição de Canaã foi pensada nesse clima. Foi articulada num ambiente que saudava com euforia o exercício do poder real contra estrangeiros. Escravização, momentaneamente, parecia ser algo bom, enfim era exercida contra os de fora.

Já nos profetas vamos ouvir outras vozes. Afinal, esses porta-vozes dos pobres perceberam que entre opressão de estrangeiros e do próprio povo não existe grande distância. Nesse sentido, a maldição de Canaã não subsiste diante da crítica profética. Ela tem seus limites, os de suas circunstâncias.

E agora?

Não vem ao caso estabelecer uma conclusão. Está implícita no que expus até aqui.

Partíamos da verificação do uso da maldição contra Canaã. Esse uso está interessado em justificar a escravização, em especial a de povos africanos.

Não pretendi ir em defesa do texto em questão. Propus como tarefa situá-lo em seu contexto literário e em sua situação histórica.

A partir de seu local, literário e histórico, pode-se avaliar Gn 9,20-27, reconhecendo sua validade e limites. ■

ATELIER ARTÍSTICO MORAL
FONE: (011) 571-4477
PIONEIRO EM PINTURA DE ARTE
EM AZULEJOS HÁ MAIS DE 40 ANOS
TRABALHOS EXECUTADOS EM IGREJAS
DE TODO O BRASIL E EXTERIOR.
PAINÉIS PARA FACHADAS, ALTARES,
VIAS-SACRAS ETC.
FAZEMOS ORÇAMENTO E VISITAS
AOS LOCAIS SEM COMPROMISSO.
RUA DIONÍSIO DA COSTA, 227 – VILA MARIANA
CEP 04117 – SÃO PAULO – SP.

ep novidades edições paulinas

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE — Paul-Eugène Charbonneau — O Autor procura ajudar adolescentes e jovens a fazer opções em matéria de comportamento sexual. Auxilia-os a preparar o amor que só é amor verdadeiro se for vivido ultrapassando a si mesmo, na liberdade compreendida no sentido profundo, na mais intransigente lucidez. Livro para adolescentes, jovens e educadores em geral. — 120 páginas, Cz$ 210,00.

TERRA: FERRAMENTA DA VIDA — Diocese de Santarém — A equipe de Catequese Rural dessa Diocese se propôs fazer uma leitura da questão agrária a partir da Bíblia, a fim de esclarecer e organizar o povo da roça. A primeira parte do livrinho é uma leitura da realidade e dos sistemas sociais; a segunda procura iluminar essa realidade com aquilo que a Bíblia traz sobre o tema. — 72 páginas, Cz$ 90,00.

CULTO É VIDA — Diocese de Santarém — A equipe de Catequese Rural dessa Diocese preparou este opúsculo para ajudar as comunidades rurais e das periferias a celebrarem o Culto Dominical. É um cursinho sobre o Culto, que é vida, parte do nosso dia-a-dia, do nosso trabalho, da nossa luta pela transformação da sociedade injusta em que vivemos. Livrinho para animadores de comunidades. — 20 páginas, Cz$ 40,00.

A vez e a voz do negro

O Brasil é o segundo país em população negra. O negro, porém, nunca teve voz nem direitos... só deveres. Ele não quer apenas caminhar com a história, mas também participar dela. Vamos dar-lhe o espaço que é seu?

NEGROS QUEREM FALAR

É um novo audiovisual da Comep — Comunicação Edições Paulinas.
O audiovisual tem a coragem de questionar um dos mitos da sociedade brasileira, a democracia racial.
Em seus 14 minutos de apresentação, através de 55 eslaides, denuncia o racismo existente na sociedade brasileira e pede maior participação para os negros.
Acompanha o audiovisual um roteiro para atividades, antes e depois da projeção.

Os negros querem falar — também em videocassete VHS

O homem da cruz

Via-sacra audiovisual para o homem de hoje

O Homem da cruz é mais um lançamento Comep — Comunicação Edições Paulinas, onde através de 38 eslaides são apresentadas propostas para oração-contemplação que integram e revelam o profundo sentido de cada quadro da via-sacra.

À venda em todas as livrarias de Edições Paulinas e seus revendedores

Não atendemos por reembolso postal.

O ESPAÇO DO NEGRO NA COMUNIDADE ECLESIAL

Edir Soares

Este artigo quer ser mais um diálogo com o leitor desta Revista sobre os desafios e compromissos que a Comunidade Negra tem enfrentado.

Nós, agentes de pastoral negros, temos procurado encontrar caminhos e conquistar espaço dentro da comunidade eclesial. Não tem sido fácil, pois queremos nossa identidade de Negros e de agentes de pastoral.

Somos questionados por outros grupos e movimentos negros que nos mostram a história da escravidão, onde a Igreja não só foi conivente, mas participou do sistema escravista, possuindo seus escravos.

O próprio batismo veio para o Negro como elemento de aculturação. Enquanto fator de aculturação, foi uma tentativa de destruição de todos os elementos culturais e religiosos da raça negra.

Portanto, nosso primeiro desafio é a experiência histórica de 400 anos de escravidão. Somos desafiados a recuperar nossa história de luta e seus mecanismos de solidariedade: a história de luta é marcada pelos quilombos, e os mecanismos de solidariedade são marcados pelos Negros livres comprando a liberdade para outros.

I. IDENTIDADE ECLESIAL

Para nós, Negros, o grande desafio é a questão da identidade negra: como encontrar nossa identidade numa sociedade que não nos aceita como Negros? Como encontrar nossa identidade numa sociedade marcada pela ideologia do branqueamento? Essa ideologia pervade também o espaço eclesial.

No espaço eclesial, o caminho é o do enegrecimento da Igreja. A questão negra em chave pastoral vai exigir o enegrecimento da pastoral, ou seja, que ela se constitua a partir das situações concretas de opressão, discriminação e racismo em que vive a Comunidade Negra. Terá que precisar os termos relativos a essa questão; terá que divorciar-se da ótica branco-opressora, e assumir nova cosmovisão com olhos de gente negra.

A questão das identidades do Negro e da pastoral tem exigências ainda mais pertinentes: exigirá o enegrecimento do agente de pastoral, sua profunda sensibilidade e partilha dos problemas da Comunidade Negra. Dentro dessa busca de enegrecimento queremos dar destaque ao aspecto da liturgia.

1. O Negro e a liturgia

O Negro sofreu profundo processo de aculturação. Essa aculturação torna-se mais perversa e destruidora quando o povo que está sendo aculturado é povo eminentemente religioso, como no caso dos Negros africanos.

No "período da escravidão" os Negros encontraram na religião e celebrações um santuário de resistência. No meio da noite dançavam, invocavam os orixás, os antepassados, e se encontravam com a Mãe África. Nós, agentes de pastoral negros, queremos hoje recuperar esse valor místico e celebrativo do povo negro. A Comunidade Negra, que participa das religiões cristãs institucionalizadas, sente necessidade e tem direito de celebrar sua fé no modo próprio do *ser negro.* Ela vê as religiões africanas como lugar litúrgico privilegiado para a conservação da africanidade e da negritude, e por isso entra em contato com os terreiros, para encontrar aí "as sementes do Verbo" (EN 53).

Temos feito "ensaios" de liturgia afro-brasileira em nossos encontros de agentes de pastoral negros. Esses ensaios estão sujeitos a críticas, avaliações, revisões; contudo, para nós constituíram-se em celebração da vida. A celebração é uma festa, o ponto culminante dos encontros. Nela participamos com todo nosso ser, corpo e alma. Não é celebração que fica na superfície, mas é a pessoa inteira que está engajada; não só os ouvidos e a boca, mas também a vista, mãos e pés, e sobretudo o coração.

Acreditamos estar trabalhando dentro do espírito do Concílio Vaticano II, que pede para acolher tudo o que há de bom e salutar nas outras religiões. O Vaticano II nos reporta aos argumentos patrísticos das "sementes do Verbo", valorizando as religiões não-cristãs. Vê em seus elementos verdadeiros "uma secreta presença de Deus" (AG 9/884), "uma semente oculta do Verbo" (11/887), "lampejos da Verdade que ilumina a todos" (NA 2/1582). Nós, Negros, acreditamos que podemos e devemos dar à Igreja uma grande contribuição no aspecto litúrgico.

Na *memória* — que é um dos pontos fundamentais das liturgias cristãs — é preciso incluir as lutas de libertação dos povos e, em particular, dos *povos negros,* o massacre das populações negras na diáspora, e o holocausto de seus líderes: Zumbi dos Palmares, Santo Dias e outros. No mistério da ressurreição de Jesus vemos as nossas vitórias e resistências históricas.

Pouco a pouco vai sendo elaborado o cancioneiro negro que lembra nossa identidade negra: "Vamos aprender a gostar de ser negros, / como os brancos gostam de ser brancos, / indo à luta com garra e sem medo, / indo em frente sem nenhuma travanca".

É um cancioneiro que nos reporta à Mãe África. Eis a luta: "Eu quero ir na Angola, eu quero ir, / eu quero ver o seu sol e seu mar. / Meu sonho é ver o meu berço sangrio / e conhecer minhas raízes que estão lá".

A luta pela libertação dos Negros é expressa no canto: "Ei, Zumbi! Zumbi Ganga meu Rei. / Você não morreu. Você está em mim". Usamos esse cancioneiro negro em nossas liturgias, acompanhadas com danças, símbolos da cultura negra, mitos, instrumentos musicais e ritmos próprios. Nasce, assim, uma liturgia que é espaço de acolhimento, com o lugar devido aos mais velhos e crianças.

A mulher, "mãe-de-Santo", tem papel importante na formação do terreiro da irmandade. Maria aparece unida à luta da mulher negra. Por isso cantamos: "Negra Mariama! Negra Mariama chama. / Negra Mariama chama pra lutar / em nossos movimentos sem desanimar. / Levanta a cabeça dos espoliados. / Nossa companheira chama pra avançar".

A invocação dos antepassados e de nossos falecidos está sempre presente em nossas celebrações. Cantamos e dançamos a ladainha dos santos de ontem e também de hoje. A certeza da ressurreição nos garante que os mortos estão vivos.

Podemos concluir esse item sobre o aspecto litúrgico com o texto-base da Campanha da Fraternidade deste ano: "A vida da Igreja será, sem dúvida, enriquecida à medida que as diversidades culturais puderem encontrar espaço para se expressarem na oração e nas celebrações: canto, gestos, ritmo, instrumentos musicais, danças. Na busca da interação entre fé e vida é importante que se inclua nas celebrações, e mesmo na liturgia, a causa do Negro, suas lutas pela libertação, o fruto de seu trabalho, seus valores" (p. 59).

2. Linguagem e símbolos cristãos depreciativos em relação ao Negro

A tradição religiosa ou litúrgico-cristã, dentro de outro contexto, supervalorizou a cor branca como símbolo da graça, pureza, vitória... E, por conseqüência, a cor negra (preta) como luto, pecado, morte... Quantos quadros religiosos já vimos em que o demônio aparece como negro... imagens de São Miguel pisado sobre satanás negro.

As lembranças do batismo, confirmação e primeira eucaristia levam a pensar que as crianças do Brasil são todas brancas, e que também os anjos, Jesus e os santos são todos brancos. A canção retrata bem essa realidade: "Pintor! Me diga, por favor, / por que seu pincel só pinta anjinhos branquinhos? / Será que no céu não há também anjinhos negrinhos?"

Conhecemos ainda hoje muitas mulheres negras traumatizadas, pois, por serem negras, não puderam coroar Maria na coroação de Nossa Senhora. A veste branca do batismo pode reforçar o branco como sinal de pureza. O acento deve ser posto sobre a veste de festa que, para nós Negros, é uma roupa bem colorida, com a qual vamos ao encontro do Senhor, bailando.

Nesta Campanha da Fraternidade, todos nós que estamos empenhados na luta contra o racismo deveremos fazer séria revisão de nossa linguagem, pois com muita facilidade usamos a palavra negro (preto) como coisa ruim ou diabólica. Impõe-se também a revisão dos textos de catequese e da pedagogia catequética, não raramente vazados de elementos discriminatórios. Um dos nossos encontros de agentes de pastoral negros foi dedicado à análise dos textos de catequese. Em muitos textos há total omissão do Negro, tanto nas figuras como nos textos. Em outros, algo discriminatório aparece nitidamente. Urge, portanto, a revisão dos textos catequéticos.

3. Espaço do Negro no cristianismo

Para nós, agentes de pastoral negros, esta é a questão: qual o espaço do Negro enquanto Negro no cristianismo e na comunidade cristã, sem que ele tenha de negar sua identidade de Negro? Acreditamos na conquista desse espaço, pois cremos na universalidade da mensagem de Jesus Cristo. Vemos com alegria e otimismo o espaço conquistado nestes últimos sete anos.

O espaço eclesial não está desligado do espaço social. O movimento negro é uma realidade no Brasil. Os Negros e suas organizações estão conquistando cada vez mais um lugar na sociedade brasileira; estão se organizando para combater o racismo e a discriminação.

O mesmo está acontecendo dentro da comunidade eclesial. A presença da Igreja nos meios populares e nas periferias tem provocado crescente aumento do número de seminaristas e postulantes negros(as). Esses jovens entram na pastoral conscientes de sua negritude. Os encontros de postulantes e seminaristas negros têm levantado, para os formadores, questionamentos sobre as vocações negras.

As religiosas negras já fizeram vários encontros, viram a história da discriminação racial pela qual muitas delas passaram; mas, sobretudo, olham com esperança para o presente e o futuro.

Também no mundo evangélico os encontros de pastores têm levado ao encontro de um eixo ecumênico. Estamos unidos pela fé em Jesus Cristo, mas também por nossa negritude. Há sinais bastante visíveis de que estamos conquistando espaço na comunidade eclesial. Basta olhar para a imprensa católica, onde se percebe a presença de muitos artigos sobre o Negro. A própria Campanha da Fraternidade deste ano, como o afirma a cartilha da Comissão dos Religiosos, Seminaristas e Padres Negros do Rio de Janeiro, é uma conquista das bases.

Há anos temos as novenas de Natal para os grupos negros. Celebramos, em muitos lugares e com nosso modo de ser negro, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora Aparecida.

Diante dessa caminhada — e diante do muito que temos para avançar — podemos afirmar que é possível ser cristão e ser negro. Há muito que fazer, principalmente no que se refere à nova leitura bíblica, a partir de olhos negros. A Bíblia é história de oprimidos para oprimidos que anseiam por libertação. Para os Negros, mais que para qualquer outro, salvação e libertação formam um único indivisível. Na Bíblia temos núcleos centrais com os quais nos identificamos plenamente: o êxodo, o exílio na Babilônia...

Nessa busca de espaço para o Negro urge repensar os quadros de agentes de pastoral. A Igreja, na sua função primordial profética, deverá denunciar não só as opressões de ordem econômica, política e social, mas também as relações pastorais permeadas de discriminação; denunciar as discriminações em relação aos Negros por parte da hierarquia das Igrejas: bispos, padres, ministros do culto, animadores de comunidade... bem como anunciar o necessário reconhecimento das várias expressões culturais.

Cumpre recuperar também os quadros da espiritualidade, fazendo-a enriquecer-se com elementos que provêm da mística dos povos negros. Somos um povo contemplativo. Para nós, os mensageiros de Deus estão presentes no cantar das cachoeiras e cascatas; Deus é glorificado nas matas e no cantar dos pássaros. A comunidade católica poderá ter nova escola de espiritualidade a partir dos Negros. A experiência místico-contemplativa do Pe. François junto aos terreiros da Bahia será sempre testemunho dessa possibilidade.

4. Estrutura eclesial

Acreditamos que seja possível levar a comunidade cristã a ser espaço para os Negros discutirem seus problemas, pois a experiência nos tem mostrado muita boa vontade por parte de muitas comunidades cristãs. Há religiosas que cederam seus colégios para encontros de Negros, e paróquias que colocam seus salões e toda a infra-estrutura a serviço dos grupos negros. Sobretudo a nível do diálogo tem acontecido grande abertura por parte da comunidade cristã branca. Tudo isso é motivo de esperança e confiança. Temos certeza de que um dia nós, Negros, nos sentiremos em casa na comunidade eclesial, dia em que todos os seguidores de Jesus serão testemunho para o mundo; testemunho de que em nosso ambiente eclesial não haverá racismo, mas espaço para todos, formando uma só e única família.

Nessa caminhada de luta pelo espaço eclesial sentimos fortemente a presença do Espírito Santo. É ele nosso grande aliado. É o mesmo Espírito que impulsionou Paulo a pregar o evangelho aos gentios; que levou Pedro à casa de Cornélio; que está suscitando os movimentos negros dentro da Igreja. Nossa grande companheira é Maria, Mãe de Jesus, que para nós tem rosto negro. É a Virgem Aparecida quem protege nossos movimentos.

5. Processo pedagógico

Nas avaliações dos encontros negros há sempre um ponto positivo: o fato de nos encontrarmos enquanto negros. Isso é conquista de espaço, é caminho para encontrarmos nossa identidade. É um processo pedagógico de luta, lento, penoso, mas que vale a pena! Há algo novo acontecendo: é os Negros falando a partir do seu *ego sum*. Por isso, no primeiro momento, não se entra na análise dos tra-

SINOS CRESPI Ltda.

TRADIÇÃO E QUALIDADE
DESDE 1498 — CREMA — ITÁLIA

FABRICANDO SINOS DE AÇO
E SINOS DE BRONZE
sempre com muita arte e dedicação

VISITE NOSSA EXPOSIÇÃO
OU SOLICITE CATÁLOGO!

SINO DE BRONZE

SINO DE AÇO

Avenida Santa Mônica, 467 — CEP 05171 — PIRITUBA — SP — Fones: 834-5530 — 834-4294

Escola de Artes Plásticas
CIRILLO DELL'ANTONIO

Imagens — crucifixos
vias-sacras
presépios — altares

Consulte-nos sem compromisso
Executamos qualquer desenho

TRABALHAMOS EXCLUSIVAMENTE
EM MADEIRA

Rua Dom Manoel, 176
63600 Senador Pompeu CE
Fone (085) 922-0069

balhos, mas no significado pedagógico, pois, ao que parece, cria-se nova visão crítica a partir do oprimido.

Nem sempre os caminhos mais batidos são os que levam às fontes. Os encontros são caminhos que abrem pistas para o novo na caminhada dos Negros.

II. MOVIMENTOS NEGROS

É importante saber que existem hoje, no Brasil, quase todos na cidade, aproximadamente 500 grupos e organizações negras. Entre eles, dois estão mais presentes, em quase todos os estados: é o Movimento Negro Unificado e o Grupo de União e Consciência Negra. Os agentes de pastoral negros têm profundo respeito por todos os grupos negros. Não podemos nos dividir por problemas metodológicos e de palavras, mas unir-nos no que é fundamental: a luta contra o racismo e discriminação racial.

CONCLUSÃO

O espaço do Negro na comunidade eclesial é uma conquista, é algo de irreversível. Os encontros proporcionam conquistas: **1.** na revisão histórica da situação do negro (o livro *Eu, Negro* é uma prova disso); **2.** maior espaço na imprensa católica; **3.** maior visão crítica dos agentes pastorais; **4.** contribuição para a liturgia; **5.** ligação da luta do Negro com as demais lutas por justiça, paz e fraternidade.

Bibliografia

1. VV.AA., *Identidade negra e religião* (ASETT), CEDI e Ed. Liberdade, São Paulo, 1986.
2. SANTOS, A. F. (Org.), *Eu, Negro,* Loyola, São Paulo, 1986.
3. "Ouvi o clamor deste povo negro!" — Cartilha dos grupos de base e agentes de pastoral negros, Rio de Janeiro, 1987.
4. Campanha da Fraternidade '88 — Texto-base.

Gostaria de comentar essa bibliografia básica, tendo em vista os grupos de base que estão começando a se unir e, normalmente, têm dificuldades em relação ao material a ser usado.

Trabalho muito bom é o livrinho, em forma de cordel, de Urbano José Alicate. Livrinho simples, que condensa os grandes temas negros.

Eu, Negro é o próprio Negro contando sua história. Tem sabor de novidade. Faz feliz ligação do tema *negro* com os temas da atualidade: **a.** o Negro e a Igreja; **b.** a mulher negra; **c.** o Negro na política; **d.** Negro criança e estudante; **e.** o Negro migrante.

Para grupos principiantes há cartilhas de grande valor: **a.** *Negro tem valor* — reflexões próprias para grupos jovens, pois o texto nasceu da reflexão de jovens da periferia de Salvador (cartilha publicada por Ed. Paulinas); **b.** *Ouvi o clamor deste povo... Negro!* — cartilha dos grupos de base dos agentes de pastoral, Rio de Janeiro. É um trabalho bem feito que mostra com todas as letras a discriminação racial no Brasil, a situação de escravidão do passado e de hoje. Apresenta os quilombos, nossa grande experiência de luta e resistência. Os falsos heróis: Rui Barbosa, Domingos Jorge Velho, Princesa Isabel, Duque de Caxias, são apresentados como realmente são: falsos heróis. Outro valor dessa cartilha é o de trazer sempre um texto bíblico para ajudar na reflexão.

Para os grupos que fizeram uma caminhada maior, sugerimos dois livros: **1.** *Identidade negra e religião,* que consulta sobre a cultura negra e a teologia da América Latina. É um trabalho feito em mutirão. Relevante nesse texto é o aspecto ecumênico, não só o ecumenismo tradicional, mas sobretudo o diálogo religioso com as religiões afro-americanas. Ponto importante desse livro é a participação de teólogos do Caribe e de outras partes da Afro-américa; **2.** *A evangelização do negro no período colonial,* de João Manoel Lima Mira. É livro básico para maior revisão da história. O trabalho de Mira é feito em base à nova ótica de fazer história a partir dos oprimidos, essa nova maneira de se fazer história, inaugurada pela CEHILA. É tese de mestrado, obra de grande erudição.

Os grupos de base que necessitarem de assessores e de material popular para começar a trabalhar a partir da Campanha da Fraternidade '88 poderão se dirigir ao Quilombo Central — Rua Tabatinguera, 301, 01020 S. Paulo, SP — Tel.: 35-5863 - 32-0775; ou ao Quilombo Regional — Paróquia N. Sra. das Graças, 25590 EDEM — S. João do Meriti, RJ — Tel.: 756-0881 - 756-0804.

Concluo lembrando as palavras do Cardeal Gantin aos grupos eclesiais negros, em visita ao Brasil: "Vão em frente, Deus está com vocês. O Papa está com vocês. Vão fazendo..." A vitória é de todo o Povo de Deus. Axé! ■

ep reedição *edições paulinas*

BREVE CURSO DE TEOLOGIA — Tomo II — O ESPÍRITO SANTO E SUA MISSÃO — J. Comblin — Livro elaborado de acordo com o esquema do primeiro tomo (Jesus Cristo e sua missão). Procura restituir ao Espírito Santo tudo o que lhe pertence, em perspectiva evangelizadora. O evangelizador possui a novidade do Espírito, enviado pelo Pai e por Jesus, para fazer com que neste mundo tudo seja novo. — 360 pp., Cz$ 410,00.

RECONCILIAÇÃO, SOLIDARIEDADE, HOMEM NOVO À LUZ DA COMUNIDADE NEGRA

Marcos Rodrigues da Silva (Org.)

1. Introdução

Um desafio surgido nos últimos dez anos de vivência no movimento de consciência negra é o de relacionar a militância política frente aos valores religiosos do povo negro. Ao longo desse período foram produzidos muitos textos sobre esses temas, procurando sempre tomar um aspecto e, a partir da idéia central, elaborar um conteúdo.

Em 1987, um grupo de cristãos procurou, a partir de sua vivência nas diversas práticas pastorais, refletir sobre a caminhada do povo negro, seus valores e esperanças. Mas assumiu um desafio maior: sistematizar um texto e, como ensaio, propor algumas pistas para se chegar ao grande projeto cristão que é o Reino de Deus. Aqui está um pouco desse esforço. Ele certamente crescerá com a discussão e, com a contribuição de outros trabalhos, fará com que sejamos cada vez mais abertos a esse grande bloco da nossa sociedade, atentos ao que Deus propõe na vida e na luta do povo negro, hoje.

1. Reconciliação

A realidade vivida pelos países do Terceiro Mundo é de profunda divisão a partir de sua estrutura básica: a sociedade. Isso atinge, particularmente, o povo negro. Como tudo isso começou?

É fruto de um projeto de colonização desenvolvido em meados de século XVI, quando Portugal e Espanha invadiram as terras da América. Essa invasão proporcionou a chegada do escravo africano ao Brasil. Ele entrou como mão-de-obra, sendo submetido aos caprichos e interesses dos senhores de escravos. Foi utilizado pelo sistema colonial durante todo o período, prolongando-se até nossos dias. Ideologicamente introjetaram-lhe um modo de se perceber incapaz, inferior e, portanto, submisso. Tudo isso ratificado pela prática da religião católica, também a serviço do mesmo sistema colonial, muitas vezes justificando-o.

Olhando para a América Latina de hoje, podemos constatar dois fortes elementos, responsáveis diretos, nos dias atuais, pela manutenção dessa decisão: a dívida externa e o militarismo.

O militarismo emprega a força para se manter, reprimir e dificultar toda e qualquer forma de organização popular. Isso é, para nós, forte expressão do desrespeito à dignidade da pessoa humana e violação da liberdade de o povo ser sujeito de sua história.

A dívida externa, com implicações de longo alcance não só a nível econômico-político, mas sobretudo a nível social, entrega nossos países às grandes potências mundiais. O resultado é o povo subjugado e obrigado a pagar com o próprio suor e sangue uma dívida que não foi por ele contraída, nem tampouco dela se beneficiou.

Tudo isso é sinal de morte para o povo latino-americano, especialmente para o povo negro; povo do qual o sistema necessita como força mantenedora da produção.

O Negro, por sua forte consciência religiosa, terá como traço característico de sua identidade um compromisso com o Deus libertador que não cessa de dizer: "Ouço o sangue do teu irmão, do solo, clamar para mim" (Gn 4,10), engajando-se na organização, na luta por sua libertação.

Há, porém, uma questão que sempre lhe é colocada por aqueles que, na realidade, têm uma dívida a pagar: reconciliar... isto é o que o povo negro deve buscar!

Uma reflexão teológica que tenha como sujeito a comunidade negra, ao tratar de temas específicos, poderá muitas vezes nos surpreender, isso porque as questões teológicas sempre foram tratadas a partir da visão e compreensão da reflexão européia.

Como Negros, diante da reconciliação nos perguntamos: o que é reconciliar, e com quem reconciliar? A divisão da sociedade entre negros e brancos, pobres e ricos, está gerando um sistema de morte. Essa divisão foi provocada pelo povo negro? De quem é a tarefa de reconciliar? Acaso pode-se dizer ao oprimido: "Vá e reconcilie-se com seu opressor"?, ou ao que foi roubado: "Vá e peça perdão"? Sabemos que ao longo da história se criou uma estrutura que mantém e acirra, cada vez mais, essa divisão, na maioria das vezes legalizando-a, legitimando-a e justificando-a nas práticas de injustiças diárias. É possível restabelecer reconciliação e comunhão nesse sistema? Não sendo possível, qual é nossa missão e papel enquanto Negro? O que é reconciliação: uma meta a alcançar, um suporte para a construção do Reino de Deus na terra, ou o sinal do Reino no meio dos homens?

Uma reflexão teológica que acentue o tema da reconciliação não pode ser concebida pelo povo negro em que os teólogos e teólogas negras comecem a refletir desde a ótica do povo negro. Enquanto o modo de elaborar o pensamento teológico ficar distante da vivência do povo negro será muito fácil

elaborar um discurso sobre a reconciliação. É fundamental que haja um processo de encarnação na experiência do povo negro em suas diversas situações (marginalizados nas favelas, cortiços, alagados, viadutos, sarjetas, subempregados, desempregados, violentados em sua dignidade humana). Tudo isso é carga da realidade de miséria causada por um sistema injusto e anti-humano, provocador de morte. Devemos, portanto, entender que não é possível reconciliação dentro desse sistema de divisão entre negros e brancos, homens e mulheres, pobres e ricos, homem machista e mulher subjugada... não podendo haver identificação e reconciliação entre aqueles que oprimem e os que são oprimidos, entre exploradores e explorados.

Jamais poderá haver reconciliação verdadeira entre justiça e injustiça, entre bem e mal. Reconciliação implica perdão, e não poderá haver perdão sem arrependimento. Não haverá arrependimento sem a remoção completa da culpa e pecado que provocaram a divisão. Essa divisão não foi, na sociedade atual, provocada pelo povo negro, mas sim por ambição incontrolável de setores da sociedade branca dominante, que tinham o controle dos instrumentos regedores da sociedade, ontem e hoje, e que numa atitude de arrogância e prepotência, controlam e dominam através do capital.

A comunhão foi rompida. Esse rompimento impede a reconciliação. Dentro desse sistema de pecado não é possível restabelecer comunhão. Já foram sacrificados milhares de Negros para fortalecer esse sistema que domina a sociedade. As artimanhas do capital são venenosas. Entre tantas está sua capacidade de mudar ao longo do tempo, permanecendo em sua essência. Ele, por natureza, divide e impede que as pessoas se aproximem para celebrar a vida. É um sistema que procura relacionar a vida à produção. Por isso, não é possível comunhão nem reconciliação dentro de um sistema de morte. Comunhão e reconciliação passam obrigatoriamente pela queda desse sistema.

A reconciliação é dom de Deus. Ela é transparente, hoje, em diversas práticas de resistência. Entre elas está a prática desenvolvida pelo povo negro. Esse clamor e postura do povo negro são frutos da graça de Deus. É a graça que nos move na busca da comunhão. A reconciliação é a atitude proposta por Deus para libertar o povo oprimido, tomando sempre uma opção preferencial pelos mais fracos e advertindo os poderosos por seus atos. Deus se torna companheiro e exerce atividade de justiça no mundo, proporcionando as condições básicas para a reconciliação (Ex 3,4ss; Lc 4,16-21).

Tudo isso se torna realidade plena em Jesus Cristo, o libertador e reconciliador por excelência. A cruz e a ressurreição são sinal da vitória de Deus sobre a escravidão[1]. Essa reconciliação será a morte do pecado, isto é, das realidades objetivas que mantêm o povo em escravidão.

A reconciliação é fruto de gigantesco esforço coletivo de todos os pobres da terra. É conquista e ressurreição, é a morte dando lugar à vida. É a inauguração da escatologia, novo céu e nova terra onde habitará a justiça (Is 45).

A reconciliação não é atitude interior; é luta revolucionária de todo dia. Não é ponto de partida de novo relacionamento, mas ponto de chegada. Nossa luta e esforço coletivo enquanto Negros, mulheres e demais oprimidos, movidos pelo Espírito da graça de Deus, se tornarão conquista.

A reconciliação será verdadeira quando remover as causas do racismo[2]; quando for inaugurada nova postura entre os povos; quando for quebrado o eixo da marginalização (centro-periferia, cidade-campo); quando for possível construir novo relacionamento entre homem e mulher, entre branco e negro, entre seres humanos e natureza, entre os seres humanos e o Criador. A reconciliação é o grande desafio do homem e da mulher de fé de todos os tempos e de todas as religiões.

2. O Homem Novo

O grande desafio para constituir o Homem Novo é um mundo de acordo com o projeto de Deus. Homem Novo é o que aceita esse constante desafio: *construir a justiça de Deus no meio dos homens.* O Homem Novo sente necessidade de renovar-se no empenho por justiça, na luta pelo processo de humanização dos oprimidos e na descoberta de sua identidade. Particularmente o homem negro e a mulher negra, desenraizados de sua terra e obrigados a viver uma cultura imposta, sentem profundamente a necessidade de buscar a própria identidade, negada ao longo da história. O passo seguinte é colocar tudo isso a serviço dos empobrecidos, partindo dos dramas impostos pela sociedade.

O Homem Novo tem a *esperança como ferramenta na construção da justiça,* somada à sua capacidade de socializar tudo aquilo que Deus dispôs no mundo para o bem de todos os seres humanos. *Terá a proposta e a Palavra de Deus como luz para iluminar os caminhos onde encontrar a justiça.*

A Boa-nova "convertei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1,15) não é apenas conversão individual, mas essencialmente conversão a nível das relações sociais e econômicas, fazendo aí penetrar a novidade cristã, a fim de não perverter a novidade do Evangelho, como aconteceu com a Igreja quando justificou a escravidão, fortalecendo e reforçando a mentalidade discriminatória, marginalizadora e oposta ao ideal de fraternidade humana e cristã.

O "converter e crer no Evangelho" passará a ser para o Homem Novo um apelo revolucionário de transformação (Lc 5,1ss) de tudo o que gera morte na sociedade e que, por isso, se opõe ao *projeto do Reino, que é projeto de vida em abundância* (Jo 10,10).

A exemplo dos profetas, de Jesus Cristo e seus seguidores, o *Homem Novo é eminentemente revolucionário por causa do Evangelho.* Seu compromisso constante será lutar contra toda forma de opressão, injustiça, enfim, contra as estruturas de morte.

3. Solidariedade

A essência da solidariedade é sentir-se responsável pela vida do outro. O ser solidário se define pelo estar em luta contra a estrutura de sociedade que não defende a vida, pelo vibrar na alegria, estando presente no sofrimento. E, juntos, enxergar um sinal de esperança.

Existe também a forma imperfeita de solidariedade. É a que busca a si, fazendo do outro objeto de caridade: "Quem dá aos pobres empresta a Deus", diz o ditado popular. Essa prática não valoriza o outro; pelo contrário, despersonifica e, certamente, não liberta.

Um dos sinais do Reino em nosso meio é a prática da solidariedade entre os povos. A história de Deus para com a humanidade é a da solidariedade. A solidariedade maior de Deus com os povos oprimidos é Jesus Cristo (Fl 2,5-7).

A solidariedade de Jesus com o povo oprimido não foi sentimentalista, mas provocou transformações na sociedade, indicou a libertação. Como Jesus, a comunidade negra vive a solidariedade, denunciando os sinais de morte existentes, reconquistando uma proposta de sociedade interrompida (quilombos) e anunciando a vida plena (Lc 7,12-15; 8,43-48).

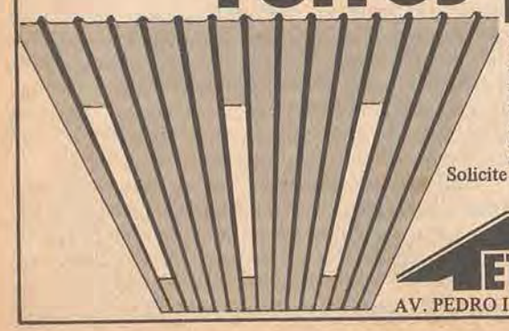
Para refletir a solidariedade a partir da ótica da comunidade negra dever-se-á cobrar, à sociedade latino-americana, o tratamento que tem dispensado ao povo negro, às suas manifestações religiosas e a seus modos de exercer a solidariedade libertadora.

Solidariedade numa compreensão ampla: Para a comunidade negra, solidariedade é mais que simples prática fraternal. Algumas atitudes de solidariedade são limitadas em sua própria proposta, não proporcionando ao outro condições básicas para que possa crescer e buscar plena vida.

Numa sociedade capitalista, do tipo que vivemos na América Latina, são muitos os exemplos dessa forma de solidariedade: salário-família, distribuição de roupas, alimentos, remédios, doação de casas etc. Essas práticas, no seu conjunto, não produzem modificação na estrutura que mantém tal situação de pobres e abandonados. Precisamos testemunhar, aos que negam verdadeira atitude de irmandade, que ser solidário é dizer ao negro(a), com nossa ação, que ele é capaz de superar as adversidades e vivenciar a alegria de ser pessoa. Agir de forma a mantê-lo(a) numa situação de tranqüilidade, eliminando assim a situação de comodidade (recordamos Zumbi dos Palmares, que era a força motora da liberdade). Tudo isso corresponde à exigência de conversão ao Reino de Deus.

A partilha aponta-nos claramente os princípios evangélicos. Essa ação é mais fecunda, produz novas reações e conduz a práticas e atitudes renovadas. Tudo isso possibilita que ambas as partes envolvidas no processo de solidariedade estejam abertas para a experiência de sofrimento que não é causada somente pela ação pessoal, mas principalmente pelas estruturas injustas da sociedade latino-americana capitalista. Essas também contribuem para os desníveis econômicos, culturais e religiosos. A abertura levará todos à busca da solidariedade, com a partilha do pouco que resta sobre a mesa. É o opos-

Forros para Igrejas



Forro de Aluminio Espacial Acústico, em Cores Diversas
Forros Isolante Termo-Acústico com Perfis Metálicos
Forro de Madeira (Lambril) em Madeira Nobre
Forro Decorativo
Iluminação Conjugada ao Modelo do Forro

Solicite ao nosso Depto. de Engenharia, estudo e orçamento (sem Compromisso) a:

ETO ENGENHARIA LTDA.
AV. PEDRO II, 3.724 - TEL.: (031) 462-9330 - BELO HORIZONTE/MG

FUNDIÇÃO ARTÍSTICA PAULISTANA

Sinos para igrejas, capelas, fazendas, navios, etc.

Especialidade em carrilhões, toque eletrônico e reformas de campanários

FERNANDO LUCAS ANGELI
Av. Iraí, 1787 — Indianópolis
04082 SÃO PAULO — Tel.: 61-7806

to do paternalismo que, diante da desigualdade provocada por sua própria prática, acena com migalhas para atenuar as desgraças do povo.

Para a comunidade negra, isso não traz muita novidade, pois essa prática perpetua o sofrimento ou, quando muito, o atenua.

Para nós é fundamental sejam estimuladas aquelas ações que no seu conjunto buscam a transformação das estruturas injustas que produzem a ruptura entre os seres humanos.

Deverão ser desenvolvidas, de forma resoluta, por aqueles que creêm no Reino de Deus, as formas de solidariedade que no seu conjunto sejam práticas de libertação. Todavia, buscando explicitar essas ações, teremos que nos reportar à experiência dos Negros africanos. Eles foram trazidos para as várias colônias da América Latina e Caribe, onde sofreram todas as formas de sacrifícios (marcados a ferro em nome de civilização e do progresso!). Nesse particular, o povo negro tem muito a ensinar, pois diante desse sofrimento imposto surgiram lutas de libertação dos povos latino-americanos. Muitas vezes não foram divulgadas e, ainda hoje, continuam os processos de luta no Haiti, América Andina, Nicarágua, Antilhas, que são sinais concretos.

No Brasil, os quilombos são sinal claro de uma proposta comunitária que buscou o novo projeto de sociedade radicado no valor da liberdade. Nos quilombos, Negros, brancos empobrecidos e indígenas, todos desprovidos de suas riquezas, buscavam se organizar, e resistiram por vários anos aos ataques da sociedade colonial.

Em relação à religião, os Negros, como nenhum povo na América Latina, conseguiram fazer a síntese da religião do sistema (catolicismo) e a vivência religiosa trazida da África. A religião que serviu, no início, como arma ideológica da Metrópole, foi transformada em arma de união entre os diversos grupos negros latino-americanos para animá-los a lutar por sua libertação.

Essa é uma experiência bem próxima a nós, que hoje buscamos, através das várias Igrejas, reunir o povo negro disperso, para construirmos novos quilombos. Aquele que busca a verdadeira prática da solidariedade tem a tarefa de recuperar a pessoa, investir em sua promoção e participar das diversas fases do seu erguimento para uma nova prática de libertação. Assim viveu e viverá o Negro latino-americano, esperando e lutando na certeza de que o Reino de Deus está chegando.

4. Comunidade negra e solidariedade

Para desenvolver esse tema procuraremos sentir a solidariedade nos dois momentos mais fortes da caminhada de construção enquanto povo negro no Brasil.

O primeiro momento refere-se à solidariedade que brota dentro desse povo ao se deparar com um irmão que, por causa da violência imposta, vive em situação de morte. O objetivo dessa solidariedade é não permitir que a força da morte seja vitoriosa. O segundo momento é político, pois se trata de planejar a vida, criando condições para que seja plena e sadia, antes mesmo que surja a força da morte. A esta atitude chamamos de *solidariedade a favor da vida.*

No continente africano, a comunidade negra se deparou com o homem europeu, cujo comportamento era como o do portador da morte. O papa Leão XIII, em 1888, no documento de saudação aos brasileiros pela elaboração da Lei Áurea (Carta-encíclica *In Plurimis,* 5 de maio de 1888), afirma que em cada cem negros aprisionados na aldeia, cinqüenta eram violentamente mortos antes de chegar ao navio[3]. Aí a solidariedade da comunidade negra se fortaleceu diante da morte sempre iminente. Num primeiro momento a solidariedade se manifestou na luta com o próprio corpo, arriscando e quase sempre perdendo a vida; num segundo momento ela se manifestou no chorar juntos, no acolher o outro com o olhar, no reunir-se, na tentativa de burlar o forte esquema de segurança e de preparar as possíveis fugas.

A morte iminente persegue a comunidade negra até os dias atuais, desde o velho sem justa aposentadoria até a criança que já nasce ameaçada pela desnutrição.

MÓVEIS UNIÃO — HARTMANN & HARTMANN

Bancos — Altares — Púlpitos e Esculturas para Igrejas (Diversos modelos)

✻ Fabricados em imbuia maciça ✻ 90% sem emendas ✻ Esmerado acabamento ✻ Transporte próprio

Não aceitamos adiantamento — Financiamento a longo prazo

Os nossos vendedores são nossos próprios funcionários.
Solicite catálogo, visita e orçamento sem compromisso.

ATENDEMOS QUALQUER QUANTIA EM TERRITÓRIO NACIONAL

Fábrica
Cachoeira Salto Doner
89124 BENEDITO NOVO, SC

ESCRITÓRIO DE VENDAS
Fábrica 2 — Cx. P. 1.785
R. Bogotá 007 (Morangueirinha)
87040 MARINGÁ, PR
Tel.: (0442) 23-6883

A solidariedade contra a morte é atitude que visa regenerar aquilo que foi violado; tenta evitar que a violência seja ainda maior. A vida cotidiana tem vários exemplos disso: uma criança negra que não tem pai no lar e que perde a mãe: a solidariedade brota imediatamente na comunidade através do gesto de alguém acolher essa criança, integrando-a na nova família; uma mãe que não pode amamentar o filho, encontra na vizinha a partilha do leite com outra criança; um velho conselheiro que tenta recriar a destruída harmonia no interior de cada pessoa que o procura; uma benzedeira que, diante da não-partilha dos recursos que deveriam manter a boa saúde da população, se coloca a serviço dos doentes sem recursos. E para ter êxito emprega todos os recursos que encontra na natureza (ervas, chás etc.).

A sociedade branca, desconhecendo muitas vezes a origem dessas atitudes solidárias no seio do povo negro, irá acentuar cada vez mais as palavras de acusação e discriminação. Tudo isso irá proporcionar, direta ou indiretamente, atitudes de violência e de morte contra a comunidade negra.

5. Solidariedade a favor da vida

A comunidade negra, desde a Mãe África, tem profunda comunhão com a vida instaurada por Deus. O símbolo mais forte a favor da vida, que marca a tradição de luta do povo negro, está na força dos *quilombos.* Eles são a nova sociedade, despida em grande proporção de tudo o que é desumano, desintegrador, aprendido no contato com a civilização branca. Os quilombos foram uma proposta ampla, que não só restaurava a vida, como também criava ambiente para novas vidas. As propostas dos quilombos são tão íntegras que por si só não admitem a existência do sistema de morte.

A comunidade negra conseguiu, até hoje, mesmo perseguida, massacrada e integrada pela democracia racial à sociedade ocidental latino-americana, manter seu espaço de vida. Um desses espaços é o candomblé com tudo o que representa de resistência, de guarda de uma cultura, de defesa dos valores de um povo. São, hoje, momentos e espaços de solidariedade o reunir a comunidade negra para se posicionar contra o racismo e outras formas veladas de violência, das quais a comunidade negra, grupos ou pessoas são vítimas constantes.

Os movimentos negros, grupos e entidades que se espalham por todo o Brasil, vão oferecendo um novo conteúdo às reflexões e discussões para a tomada de consciência do povo negro.

Outro resultado importante é a tomada de consciência que devemos ter, em todas as ciências, com o principal objetivo de contribuir no avanço do movimento de identidade negra. Em tudo isso os cristãos têm uma certeza: a solidariedade, a partir da militância por uma causa e com certeza da vitória, se concretiza na luta permanente pela implantação do Reino de Deus. ■

1. James H. Cone, *O Deus dos oprimidos,* Ed. Paulinas, São Paulo, 1985, p. 248.
2. Quince Duncan, "Racismo", em *Identidade negra e religião,* ASETT/CEDI, Ed. Liberdade, 1986.
3. Cf. Doc. Pont., n. 140, Vozes, Petrópolis, 2ª ed., 1987.

ep reedições *edições paulinas*

✻ **ENTERREM-ME DE BOTAS,** Sally Trench, 4ª ed., 296 pp., Cz$ 370,00.

✻ **JESUS FORMA DOS MISSIONÁRIOS,** J. Comblin (Org.), 2ª ed., 30 pp., Cz$ 60,00.

✻ **JESUS LUTA CONTRA OS FALSOS PASTORES,** J. Comblin (Org.), 2ª ed., 32 pp., Cz$ 60,00.

✻ **MARIA DE TODOS NÓS,** Patrício Sciadini, 6ª ed., 136 pp., Cz$ 190,00.

✻ **OS JOVENS EM 1 MINUTO,** Pe. Zezinho, 11ª ed., 64 pp., Cz$ 80,00.

✻ **RITO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS E SUA ASSISTÊNCIA PASTORAL,** 5ª ed., 216 pp., Cz$ 650,00.

✻ **RITO PARA BATISMO DE CRIANÇAS,** 6ª ed., 152 pp., Cz$ 560,00.

✻ **CATECISMO DA BÍBLIA,** D. Paulo Lopes de Faria, 11ª ed., 32 pp., Cz$ 38,00.

ep novidades
edições paulinas

VOZ DOS SEM VOZ. A palavra profética de Dom Oscar Romero — As introduções, comentários e seleções de textos foram feitos por J. Sobrino, I. Martín-Baró e R. Cardenal. Ao longo do livro aparece a visão teológica e eclesiológica de Dom Oscar Romero: como ele pensava a Igreja frente às organizações políticas populares; como ele entendia a missão da Igreja diante das crises nacionais. — 288 páginas, Cz$ 450,00.

CAMINHOS PARA A UNIDADE CRISTÃ. Past. de Ecumenismo — Texto elaborado pela Comissão de Ecumenismo e Diálogo Religioso da Arquidiocese de SP (CEDRA). Apresenta os seguintes temas: A Igreja de Jesus Cristo; Rupturas históricas na comunhão das Igrejas; Ecumenismo; Diálogo ecumênico das expressões da fé cristã; Questões catequéticas e pastorais; Experiências e orações ecumênicas. — 408 páginas, Cz$ 630,00.

PASTORAL DA JUVENTUDE: Sim à civilização do amor — CELAM — O livro, preparado com a colaboração dos responsáveis pela Pastoral da Juventude em toda a América Latina, quer ser válida colaboração para o advento da civilização do amor, que indubitavelmente está nas mãos dos jovens. Eles a desejam, encaram as coisas com mente nova, eles são "força dinamizadora da sociedade e da Igreja". — 224 pp., Cz$ 380,00.

ORAR COM O CORAÇÃO — J. Lafrance — Pessoa alguma aprende a orar com base em raciocínios, nem adentra na vida de oração porque está convencida de que é mais perfeita, mas porque algum dia percebeu o sopro do Espírito que, desde o batismo, vive dentro dela, esperando o momento de poder manifestar-se. Baseado nisso, o Autor propõe o caminho de oração a partir de dentro, do coração. — 128 páginas, Cz$ 190,00.

PRESBÍTEROS, pastores do povo — Carlo M. Martini — O livro recolhe cartas pastorais do Cardeal de Milão, endereçadas ao clero. Elas transcendem o âmbito da diocese para falar ao coração de todo sacerdote no que diz respeito ao caminho sacerdotal, à comunhão presbiteral, ao caminho de pobreza, ao anúncio do Evangelho, ao ministério da presidência e à tarefa do consolar o povo de Deus. — 128 páginas, Cz$ 200,00.

CELEBRAR A PARTIR DA REALIDADE DO POVO NEGRO

Marcos Rodrigues da Silva

Nos últimos cinco anos, uma experiência de celebrar a realidade do povo vem marcando as liturgias populares e, muitas vezes, as ordenações e festas particulares das igrejas: trata-se da incorporação, às vezes com críticas parciais, de gestos e símbolos da comunidade negra.

Voltando um pouco aos anos passados, percebemos como era difícil introduzir nas celebrações litúrgicas um instrumento típico do ritmo negro: chocalho, pandeiro etc. Muito mais difícil era introduzir o *atabaque!* Para muitos agentes de pastoral, esse instrumento é sinal visível da introdução dos cultos afro na liturgia cristã. Deduz-se daí que há discriminação em relação aos membros da comunidade negra, denotando ignorância dos próprios agentes de pastoral.

Que sentido terão esses instrumentos na globalidade que compreende o celebrar a fé popular e negra? Como estabelecer uma prática que respeite e leve a conhecer os cultos afro? Aqui não se trata de termos respostas prontas, mas de aprofundarmos quais os caminhos que vão clareando a realização do Reino de Deus entre os homens e mulheres, hoje.

Uma fé forte

A marca de qualquer comunidade negra é o testemunho diário de fé no Senhor da criação. Quando estamos numa família negra, é comum, ainda hoje, percebermos as relações entre pais e filhos, símbolo da proteção de Deus: é a fé que se expressa nos acontecimentos da vida cotidiana. Outro momento onde a fé é sinal visível é o mundo do trabalho: a grande massa trabalhadora negra tem o costume de "oferecer seu trabalho" como benefício dado pelo Senhor (mesmo que na maioria das vezes se trate de trabalhos que pagam salários de fome).

Na comunidade fica sempre um sinal de continuidade dessa tradição de um povo crente. Estamos falando das vovós e dos vovôs. Através dos velhinhos perpetua-se a tradição oral, comunicando as primeiras palavras que irão conceituar a atitude de fé das crianças.

Uma religiosidade simbólica

A vivência da fé negra está profundamente relacionada às imagens. Ao longo da história, alguns estudiosos chamaram de sincretismo religioso a essa prática da fé negra. Sem dúvida, o povo negro não só foi forçado a uma prática sincrética, mas realizou uma ação que identifica essa prática religiosa.

Quando observamos os orixás, as entidades divinas, os poderes e forças dos ancestrais, percebemos um mundo religioso repleto de simbolismo. Todos têm seu gesto, imagem, alimentos, cantos. Quem é escolhido para servir e deixar-se servir pela entidade terá um sentido novo no espaço do terreiro.

Outro fator importante no espaço do simbólico é o terreiro. Nesse sentido, nos reportamos a Salvador (BA). Nessa capital encontramos três casas tradicionais nagôs: Ilê Iyá Nassô, Ilê Oxossi e Ilê Opó Afonjá. Nessas casas conserva-se um legado de tradições que será alimento às demais casas da capital e de todo o Brasil. Nessa tradição está presente o ritual jejê-nagô e também alguns traços congo-angoleses.

É importante salientarmos que o sincretismo irá se acentuar na vivência individual das pessoas, enquanto as casas (terreiros) mantiveram suas tradições tipicamente afro. Já nos rituais da Umbanda será mais acentuado o sincretismo com influência católica (principalmente no Norte e Nordeste e na Região Sudeste).

O sujeito que irá manter essa tradição de sincretismo afro e catolicismo será a mulher negra. Em sua vida cotidiana será encarregada de algumas tarefas onde não poderá desvincular teoria e prática, isto é, quando pratica os rituais cristãos, e mesmo o ensino doutrinal, procurará estabelecer relação positiva com os ensinamentos obtidos nos terreiros. Nada é para o mal, mas tudo será contributo importante no fortalecimento da fé e na força de viver bem.

É gostoso sambar

Devemos reconhecer que para as igrejas cristãs o simples pronunciar a palavra *samba* provoca as mais diversas e variadas opiniões. Nessas reações podemos encontrar o primeiro limite que impossibilita o diálogo e abertura à presença total do povo negro nas igrejas. O sambar está integrado no ser negro. Para este, não se trata de atitude externa ao seu cotidiano. Podemos chamá-lo de diversos modos: coco, samba de matuto, quilombo, frevo, samba de breque etc. É importante reconhecermos que o corpo do negro ou da mulher negra é o altar celebrativo de uma conjugação de melodias e magia, possuindo seu mistério de beleza e comunicação.

Outro gesto marcante na convivência negra é a alegria. A relação entre ser empobrecidas e alegres, que acontece nas mulheres negras, é elemento gritante que questiona a ação evangelizadora de nossas comunidades.

Devemos alimentar os gestos que marcam a vida da comunidade negra. Neles estão presentes a vida do povo negro e uma atitude profundamente comunitária. Aqui estão os sinais do Reino, freqüentemente obscuro para muitos.

Destacamos três idéias que enriquecem a caminhada do povo negro: a primeira é a *celebração da vida* do negro enquanto passo importante na luta pela verdadeira liberdade, isto é, a continuidade de um projeto que vem desde a senzala. A luta pela liberdade passa, principalmente, pelo resgate da identidade negra, pelo respeito à sua dignidade como negro, pelo respeito às suas crenças.

A segunda é reconhecer o rosto de Jesus a partir do lugar do negro. Esse rosto está espalhado por todos os cantos de nossa sociedade. Nos últimos tempos são rostos cada vez mais empobrecidos, sobrevivendo a todo custo, nesse sistema de fome e morte que ameaça a todos.

A terceira é o desafio de viver a prática de irmão. Trata-se de reconhecer de forma integral tudo aquilo que identifica e realiza o povo negro. Todos sabem que temos facilidade de integrar ritos e gestos das diversas culturas existentes no Brasil. Mas quando nos aproximamos de comunidades negras surgem desculpas e preconceitos. O desafio de viver comunidade de irmãos está em descobrir nos atos práticos pelos irmãos negros a comunhão e a realização do Reino de Deus.

Vamos caminhar na construção da nova sociedade considerando todos os valores presentes na vida do povo negro. ■

ep novidades *edições paulinas*

MANUAL DE PLANEJAMENTO PASTORAL — M. Cabello-E. Espinoza-J. Gómez — O manual se estrutura em quatro partes: **1.** O que é planejar; **2.** Aspectos do planejamento pastoral, integrados num processo dinâmico de renovação; **3.** Aspectos importantes da organização pastoral; **4.** A avaliação da pastoral como aspecto-chave na execução ou aplicação de um plano de pastoral e a utilização da pedagogia ativa. — 160 páginas, Cz$ 210,00.

A CABANAGEM NA FALA DO POVO — Padre Tiago Thorlby — A intenção deste livro é contestar a versão dominante da história a respeito da Cabanagem, movimento popular que se deu no norte do Brasil, no século passado. Com este objetivo, o livro recolhe a "memória perigosa do povo". Valoriza e devolve ao público as coisas que não são valorizadas pela história oficial. — 112 páginas, Cz$ 190,00.

PRIMEIRA SEMANA BRASILEIRA DE CATEQUESE — Estudos da CNBB, 55 — O livro gira em torno do evento celebrado em 1986: os objetivos da 1ª SBC, sua preparação e realização. A seguir, traz os conteúdos dos temas abordados e debatidos durante a semana. Por fim, apresenta o encerramento e avaliação do encontro. Livro importante para todos os que estão comprometidos com a catequese. — 320 páginas, Cz$ 360,00.

MEDITAÇÃO CRISTÃ — John Main — O Autor descreve sua própria caminhada espiritual, e demonstra que o caminho da oração e meditação é via aberta a todos. Como iniciação à oração e à prática concreta da meditação na tradição cristã, este livro é insuperável em simplicidade e testemunho de vida. O desafio lançado às comunidades cristãs é descobrir o poder que possuem ao meditar e orar. — 64 páginas, Cz$ 100,00.

ep novidades *edições paulinas*

O FILHO DO HOMEM. A mensagem político-teológica de Jesus — Wendelin Kellner — O livro é a redescoberta do título **Filho do Homem** que Jesus atribuiu a si. Partindo de Daniel 7, o Autor faz ver o que esse título significava na prática de Jesus: é símbolo de nova sociedade. Jesus é aquele que luta contra os regimes desumanos e situações intoleráveis do passado e do presente. — 192 páginas, Cz$ 450,00.

ROMA EM FACE A JERUSALÉM — Visão de autores gregos e latinos - J. Comby-J. P. Lemonon apresentam seleção de textos da literatura grega e latina do séc. I. Essa antologia nos permite conhecer o que os autores pagãos sabiam sobre o judaísmo e o cristianismo nascente, e a organização do império romano, ambiente dos judeus e cristãos. Coleção **Documentos do Mundo da Bíblia — 4.** — 104 pp., Cz$ 280,00.

A FRATERNIDADE QUE SALVA — Gênesis 37-50 — A. Bonora — O livro é um estudo sobre a história de José, focalizando o aspecto mais saliente desse drama divino-humano: o da fraternidade que salva. O Autor analisa o texto sob diversos ângulos possíveis: literário, o da antropologia-fraternidade-reconciliação e teológico: o Deus que se revela nos dramas da humanidade inteira. — 104 páginas, Cz$ 150,00.

PEQUENO VOCABULÁRIO DO JUDAÍSMO — Dr. Hugo Schlesinger (Org.) — O objetivo do livro é oferecer, em forma quase telegráfica, definições, servindo também como fonte de consultas rápidas de expressões hebraicas. Apresenta, em poucas pinceladas, valores morais e éticos dos antigos e modernos filhos de Israel. Verbetes se referem à Bíblia, legislação, culto, tradição, rituais e filosofia de Israel. - 288 pp., Cz$ 490,00.

ORAÇÕES DE UM POVO A CAMINHO — VV.AA. — O livro expressa a profunda sensibilidade religiosa e a fé inabalável do povo latino-americano, que há 500 anos luta pela liberdade. Manifesta também o sentido poético e o gosto pela expressão verbal, características desse povo. Essas orações estão muito próximas aos salmos de lamentação, que falam não só de tristeza, mas de esperança. — 136 páginas, Cz$ 190,00.

MEDITAÇÕES BÍBLICAS SOBRE A EUCARISTIA

Pe. Luís Alonso Schökel, sj

(As meditações I-XI foram publicadas nos números 132-138 desta Revista).

XII. BÊNÇÃO FINAL

1. Nossa eucaristia se encerra com um novo sinal da cruz e invocação trinitária, formando uma conspícua inclusão. Mas desta vez, no final da celebração, tem caráter diferente. Não é marca, mas bênção.

Portanto, devemos recordar o que foi dito sobre "bendizer" a propósito do ofertório-*beraká*. Quando o homem bendiz a Deus, reconhece e agradece; quando Deus abençoa o homem, pronuncia uma palavra eficaz, outorga bens, ou seja, Deus começou abençoando o homem com os frutos da terra; o homem respondeu oferecendo um obséquio agradecido, fruto de seu trabalho; Deus responde abençoando de novo o homem. Tal é o ritmo do grande diálogo.

Para compreendê-lo melhor vou citar e comentar um salmo exemplar: 134. Trata-se da troca de sentinela da guarda sacerdotal no Templo. Dia e noite, sucedem-se os turnos de serviço no Templo, na casa do Senhor. Por meio de sacerdotes, seus representantes, o povo se apresenta e está presente diante do Senhor. Talvez sejam menos importantes os variados atos de serviço: cuidar de candelabros e lâmpadas, repor os pães, vigiar os acessos. Provavelmente o mais importante seja representar uma comunidade que é hóspede na terra do Senhor e quer sê-lo na casa do Senhor: "Feliz quem escolhes e aproximas para habitar em teus átrios" (Sl 65,5).

Os turnos estão sob a responsabilidade das famílias sacerdotais, de modo que marquem o ritmo e assegurem a continuidade: "Nunca calam, nem de dia nem de noite" (Is 62,6). O salmo surpreende o momento em que chegam os sacerdotes do turno da noite: a troca de sentinelas. Os que terminam passam a ordem aos que começam: "E agora, bendizei a Iahweh, servos de Iahweh! Vós que servis na casa de Iahweh pelas noites, nos átrios da casa do nosso Deus. Levantai vossas mãos para o santuário e bendizei a Iahweh! Que Iahweh te abençoe de Sião, ele que fez o céu e a terra" (Sl 134).

A função dos sacerdotes é "bendizer o Senhor", isto é, agradecer-lhe em nome da comunidade todos os benefícios ou bênçãos. Enquanto vizinhos e cidadãos dormem, o coração deles vela na pessoa dos sacerdotes. Essas mãos erguidas para o santuário, ou seja, para o edifício que se eleva dentro do recinto do Templo, levantam e apresentam a comunidade. Como os braços de Moisés que se elevam intercedendo (Ex 17,11s). Deus começou abençoando o povo, o povo responde bendizendo a Deus; assim transcorre o grande diálogo do povo com seu Deus. E não é pequena honra ser interlocutor em tão nobre processo.

O diálogo não termina aí. Deus, que tem a primeira palavra, tem também a última. Por isso o salmo acrescenta um versículo de petição eficaz. Alguém, talvez o chefe do grupo, pede ao Senhor a bênção (como em outra epíclese). Vai continuar assim o diálogo? Sim, mas com uma diferença capital. O homem bendizendo a Deus pronuncia palavras, "bendiz", exprime sentimentos, não realiza, não executa. Deus, pelo contrário, quando abençoa, pronuncia palavras eficazes: dizendo bem, faz bem. Seu abençoar é beneficência. Ele num princípio pronunciou palavras e "criou o céu e a terra". Alguém que dando ordens cria o universo, pode com sua palavra de bênção conservar e enriquecer o seu povo.

Daí o ritmo de nossa eucaristia. No final, aquele que fez o céu e a terra, aquele que transformou frutos da terra no corpo glorificado de seu Filho, nos abençoa. Com que bênçãos?

2. Antes de responder, vou completar o salmo citado com alguns textos. Tomo o primeiro do salmo 138, que conclui com uma belíssima jaculatória. O salmo brota como ação de graças do orante, à qual devem unir-se outros povos: "Eu te celebro, Iahweh, de todo coração... Prostro-me para o teu sagrado templo... por teu amor e verdade. Todos os reis da terra te celebrem, Iahweh..." (vv. 1a. 2a. 4a).

É salmo eucarístico. "Dar graças" pode soar como sinônimo de "bendizer". O orante recebeu diversos benefícios: "quando te invoquei, tu me escutaste... me conservas a vida... tua direita me salva". É justo agradecer o fato; e não o é menos esperar o que falta. Como ao homem falta muito para fazer-se, a Deus resta algo a fazer. É isto que pede e espera a jaculatória final: "Iahweh fará tudo por mim: Iahweh, o teu amor é para sempre! Não abandones a obra de tuas mãos!" (v. 8). Ao terminar a nossa eucaristia ou ação de graças, resta a Deus algo a fazer? Será penhor disto e dinamismo eficaz sua bênção conclusiva. O que precede é garantia e fonte.

O outro texto é o final do salmo 90: desabafo ao sentir a caducidade do homem, a brevidade da vida, súplica para que este espaço de existência se encha de sentido. Que a intensidade compense a brevidade: "Que a bondade do Senhor esteja sobre nós! Confirma a obra de nossas mãos!" (v. 17). O ritmo deste salmo é muito diverso da eucaristia. Mas seu final nos leva a observar o conteúdo da bênção.

3. Que bênçãos nos são dadas? Antes de mais nada, as bênçãos concentradas na celebração eucarística. Na renovação do sacrifício de Cristo concentram-se todas as bênçãos que Deus Pai nos deu por meio de Cristo, às quais se refere a carta aos Efésios: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo!" (1,3).

No final da missa abre-se uma comporta para dar saída a este caudal inesgotável de graças, à potência ou energia de um corpo glorificado. A comporta toma forma de cruz e abre-se com som trinitário.

Falar de graças e dons pode dar uma idéia falsa ou limitada. O caudal de água que se derrama pela comporta não é simples massa cúbica de matéria, mas energia que se fará luz, que moverá fábricas, acionará aparelhos, fecundará campos. A bênção bíblica pertence à esfera da energia mais do que à esfera da matéria.

O primeiro capítulo do Gênesis, estilizando a obra da criação, conta a criação dos animais: "Deus criou as grandes serpentes do mar e todos os seres vivos que rastejam e que fervilham nas águas segundo sua espécie, e as aves aladas segundo sua espécie. Deus disse: 'Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie' e assim se fez. Deus fez as feras segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis do solo segundo sua espécie" (Gn 1,21.24-25).

Por que a insistência monótona e hierática "segundo sua espécie"? Porque o autor nos inculca que Deus não criou no princípio todos os animais individualmente, mas somente as cabeças de espécie. E o mesmo aconteceu com os homens. A estes animais, e ao homem, infundiu-lhes como que uma participação de seu poder de criar: o poder de procriar. Tal dinamismo prodigioso é outorgado na bênção: "Deus os abençoou e disse: 'Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a água dos mares, e que as aves se multipliquem sobre a terra'. Deus os abençoou e lhes disse: 'Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a' " (Gn 1,22.28).

A bênção não é principalmente entrega de dons, mas entrega de poderes. A fecundidade é a primeira e máxima bênção. Toda bênção de Deus tem algo de genesíaco; mas a glorificação supera o Gênesis.

Quando Eva se vê mãe de um filho, exclama: "Adquiri um homem com a ajuda do Iahweh" (Gn 4,1): Eva é (significa) Mãe dos Viventes.

4. Fecundidade significa antes de tudo geração: "No dia em que Deus criou Adão, ele o fez à semelhança de Deus. Homem e mulher os criou e os abençoou... Quando Adão completou cento e trinta anos, gerou um filho à sua semelhança, como sua imagem..." (Gn 5,1b-2a.3a).

O homem gera um novo homem, que é corpóreo e espiritual. Mas o espírito tem outras formas de fecundidade. Assim, falamos de uma vida fecunda, um escritor ou compositor fecundo. Esse é o sentido da conclusão do salmo 90. Como nossa vida se realiza numa série de obras e empreendimentos, invocamos a bênção de Deus para que as faça fecundas: "faze prosperar a obra de nossas mãos".

Alguns pedem a Deus que lhes dê as coisas feitas ou que as faça ele mesmo. Mais justo é pedir de ordinário que nos capacite para fazê-las. "Foi ele que nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança nova" (2Cor 3,6). "Portanto, não vás dizer no teu coração: Foi a minha força e o poder de minhas mãos que me proporcionaram estas riquezas" (Dt 8,17).

A eucaristia semanal (também a diária) é uma pausa em nossas tarefas. Quando vamos empreender uma nova etapa, nos inclinamos para receber a bênção de Deus para nossas tarefas: corporais, intelectuais, espirituais, individuais, sociais. No regime de Israel a série soava assim: "Bendito serás tu na tua cidade, e bendito serás tu no campo! Bendito será o fruto do teu ventre, o fruto do teu solo, o fruto dos teus animais, a cria das tuas vacas e a prole das tuas ovelhas! Bendito será o teu cesto e a tua amassadeira! Bendito serás tu ao entrares, e bendito serás tu ao saíres!" (Dt 28,3-6).

A série é bastante concreta para refletir uma sociedade e uma economia, bastante estilizada para funcionar simbolicamente. A cidade e o campo: cultura urbana e cultura agrária; a cidade é "pólis", mãe da política como convivência social, e o campo é a produção em cadeia organizada. Ambos são a relação entre produzir e consumir. Benditos sejam ambos e sua relação. Os gados são fecundos, para a alimentação e a roupa (Pr 27,26s); são e produzem riqueza. De "pecus" vem "pecunia"; hoje acrescentamos a fecundidade mecânica e inteligente da indústria. A cesta é para recolher, a amassadeira para transformar: não é fábrica uma amassadeira genial de transformação? Sair é começar e entrar é concluir.

QUADROS EM AZULEJOS
30 anos de arte em azulejos

R I Z Z I

Fone (011) 458-1495
R. Edgar Gerson Barbosa, 219
Vila Dayse — São Bernardo do Campo
CEP 09730 SÃO PAULO

Naturalmente, as bênçãos não são única nem principalmente materiais, de bem-estar; são antes de tudo bênçãos "do Espírito", para a vida cristã.

5. Muito menos se orientam as bênçãos a interesses e vantagens individuais. Seria contradizer o sentido da "comunhão", do compartilhar.

A bênção que encerra a eucaristia tem forma de cruz. A cruz pode ser bênção? A forma de cruz que a liturgia imprime à bênção está recordando que a fecundidade que brota da eucaristia passa pelo sacrifício do egoísmo. Que o serviço e também o sofrimento ao serviço de outros é fonte de fecundidade porque é abençoado por Deus. Assim voltamos ao começo da celebração, que nos marcava com esta marca de salvação.

Além disso, a bênção se faz invocando o nome trinitário. O texto clássico da bênção de Israel oferece um texto e explica a cerimônia: "Assim abençoareis os filhos de Israel. Dir-lhes-eis: 'Iahweh te abençoe e te guarde! Iahweh faça resplandecer o seu rosto sobre ti e te seja benigno! Iahweh mostre para ti sua a face e te conceda a paz!' Porão assim o meu nome sobre os filhos de Israel e eu os abençoarei" (Nm 6,23b-27).

Abençoar aqui é propriamente ação de Deus; os sacerdotes são convidados a invocar o nome do Senhor (uma espécie de epíclese). O nome se pronuncia três vezes.

A invocação que encerra a celebração eucarística também se faz pela invocação do nome de Deus, não três vezes, mas do nome trinitário: A bênção de Deus Todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre!

Dia após dia, semana após semana, a nossa vida cristã "cresce e se multiplica" pelo efeito da repetida bênção. Mas o ritmo da existência não deve fazer-nos esquecer a esperança. "Porque para isto fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção" (1Pd 3,9). Como Jacó herdou de Isaac a bênção divina, Isaac de Abraão, assim nós herdamos por Cristo a bênção do Pai. Agora como penhor e promessa; um dia escutaremos: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino" (Mt 25,34).

EPÍLOGO

Em doze homilias comentei algumas secções, vários aspectos da celebração eucarística. Cada um de forma limitada e parcial. Espero que tenham servido ao leitor para compreender melhor e apreciar mais a eucaristia. Mas o melhor fruto dessas reflexões seria despertar nos leitores o desejo de continuar estudando e meditando, e de recorrer para isto a obras mais sérias, documentadas e sistemáticas. ■

Luz e cor em todas as igrejas do Brasil!

CONRADO - VITRAIS E CRISTAIS LTDA.

Conrado Sorgenicht Filho

Nossos tradicionais e legítimos vitrais de vidro e chumbo iluminam e decoram mais de 600 igrejas desde 1888. Mais duas belas igrejas em São Paulo atestam e confirmam nosso renome como artistas máximos dos vitrais autênticos no Brasil: Igreja de São Judas Tadeu — a tradicional — no Bairro do Jabaquara (Av. Jabaquara), e a nova Igreja Matriz de N. Sra. de Nazaré (Jardim Arpoador), que acabamos de ornamentar com nossos vitrais.

Convidamos nossos amigos a visitá-las e certificarem-se de que somos realmente "uma casa tradicional, mas sempre na vanguarda".

Telefone-nos para **(011) 287-3733**, e teremos prazer em acompanhá-lo nessas visitas.

Ainda criamos uma seção de vitrais econômicos, visando servir às igrejas de poucos recursos, para que todas possam ter seus vitrais, pois uma igreja sem vitrais é como um dia sem sol.

Especialistas em restaurações

Chame nosso representante pelo telefone **(011) 287-3733**

Para correspondência: Av. Paulista, 1.195, 18º andar, apto. 186 Cerqueira César, 01311 São Paulo, SP.

ANO MARIANO

LIVROS MARIANOS

"O Ano Mariano deverá promover uma leitura nova e aprofundada daquilo que se disse sobre a bem-aventurada Virgem Maria."
João Paulo II

CELEBRAÇÕES

Encontro com Nossa Senhora, Arquidiocese de Vitória — *Dinâmicas e roteiros para 4 encontros; sugestões para encerramento de um mês vivencial com N. Senhora. 32 pp., Cz$ 42,00.*

Nossa Senhora das bem-aventuranças (novena), Frei Clodovis Boff — *Nove roteiros de celebrações. Maria aparece como a primeira que busca um mundo mais justo e fraterno. 80 pp., Cz$ 110,00.*

Nossa Senhora visita sua família, Ernesto N. Roman — *Para acompanhar a visita da capelinha domiciliar ou da imagem de Nossa Senhora de casa em casa. 40 pp., Cz$ 60,00.*

Rosário bíblico, J. Palmer Gabriel — *Meditações e reflexões dos mistérios do rosário a partir da Bíblia. 84 pp., Cz$ 95,00.*

CELEBRAÇÕES

Um hino ao Senhor, A. G. Cantarela — *Novena bíblica inspirada no Cântico de Maria. 32 pp., Cz$ 32,00.*

Nossa Senhora no meu caminho, D. Hélder Câmara — *Poemas dedicados à Maria. Um "amor velho" e, ao mesmo tempo, "sempre novo" de D. Hélder. 104 pp., Cz$ 150,00.*

Um mês com Maria, Pe. Harold Rahm, Maria Lamego — *Para encontros em louvor a Maria, durante o ano, ou no mês de maio. 134 pp., Cz$ 170,00.*

O silêncio de Maria, Inácio Larrañaga — *O silêncio, uma das características de Maria, significou disponibilidade e fecundidade. 210 pp., Cz$ 190,00.*

Mês de Maria: pela vida e pela reconciliação, Ir. Henrique G. Ahumada — *Comemorar as celebrações marianas é transformá-las em momentos de estudo, de reflexão e de convivência. 124 pp., Cz$ 120,00.*

Maria de todos nós, Patrício Sciadini — *A devoção mariana busca novos caminhos: Maria é gente como nós, muito próxima de todos os que seguem a Cristo. 136 pp., Cz$ 190,00.*

Meditando o rosário com João Paulo II, João Paulo II. — *48 pp., Cz$ 65,00.*

Maria de Nazaré, José M. Vigil — *São 31 celebrações marianas para serem realizadas em grupos, na família ou individualmente. 144 pp., Cz$ 160,00.*

LITURGIA

Coletânea de missas de Nossa Senhora — vol. I, Congregação para o Culto Divino — *Formulários com missas para os tempos litúrgicos. Contém o Ordinário da Missa e um Suplemento com as Missas Marianas no Brasil. 304 pp., Cz$ 500,00.*

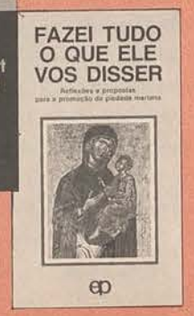
Lecionário para missas de Nossa Senhora — vol. II, Congregação para o Culto Divino — *Completa a Coletânea (vol. I). Traz todos os textos bíblicos que se referem explicitamente a Maria, e os que a Tradição da Igreja relacionou com ela. Uma série de Índices favorece o manuseio. 216 pp., Cz$ 450,00.*

Missal cotidiano (missal da assembléia cristã): *anos par e ímpar. Encadernação resistente, formato 11×19 cm. 2.084 pp. em duas cores; papel bíblia. Cz$ 2.400,00.*

TEOLOGIA

Maria e a vida cristã, A. Rouet — *Apresenta:* **a.** *linhas mestras para a orientação de uma pesquisa mariológica;* **b.** *textos bíblicos mais importantes;* **c.** *bibliografia acessível e comentada. 160 pp., Cz$ 210,00.*

O culto a Maria, hoje, VV.AA. — *O culto a Maria é de novo destaque na pastoral. O livro apresenta os aspectos dogmáticos e litúrgicos do culto a Maria. 344 pp., Cz$ 490,00.*



Fazei tudo o que ele vos disser — Documento de teologia mariana, *voltado ao público mais amplo. 128 pp., Cz$ 180,00.*

OUTROS

Maria libertadora na caminhada da Igreja, José Marins, T. Trevisan, C. Chanona — *Apresenta a relação entre Maria e a Igreja. 128 pp., Cz$ 220,00.*

Lourdes: Curas medicamente inexplicáveis, Lucila B. Pereira — *Obra narrativa, que traz também depoimentos médicos e posicionamentos teológicos. 320 pp., Cz$ 530,00.*

Maria no Novo Testamento, VV.AA. — *Estudo realizado por uma equipe ecumênica, que chegou a um consenso substancial quanto ao modo como Maria foi considerada pelos cristãos do primeiro século. 336 pp., Cz$ 530,00.*

Maria, a mulher que acreditou, Carlos Carretto — *Com sua visão centrada em Cristo, o Concílio Vaticano II obrigou-nos a fazer uma revisão da piedade mariana. 128 pp., Cz$ 230,00.*

Maria, modelo de fé, Bernhard Häring — *31 meditações e orações para o mês mariano. 152 pp., Cz$ 220,00.*

A mulher em quem deves confiar, J. Pessatti — *apresenta as razões que nos levam a confiar em Maria, sobretudo porque o próprio Pai confiou nela. 56 pp., Cz$ 80,00.*

O diário que Maria não escreveu, Justo Asiaín — *O diário imaginário de Maria, da escolha de José ao nascimento das primeiras comunidades cristãs. 128 pp., Cz$ 170,00.*

Nossa Senhora de todos os dias, Frei Hugo Baggio — *O autor encara Nossa Senhora como uma dona-de-casa, um ser encarnado, assumindo as realidades da vida. 120 pp., Cz$ 170,00.*

EDIÇÕES PAULINAS - Cx. Postal 45.352 - 04092 São Paulo, SP

CUPOM DE PEDIDOS Pedido mínimo Cz$ 400,00. Preços válidos até 31/03/88

( ) Encontro com Nossa Senhora - 42,00
( ) N. Senhora das bem-aventuranças - 110,00
( ) N. Senhora visita sua família - 60,00
( ) Rosário bíblico - 95,00
( ) Um hino ao Senhor - 32,00
( ) N. Senhora no meu caminho - 150,00
( ) Um mês com Maria - 170,00
( ) O silêncio de Maria - 190,00
( ) Mês de Maria - 120,00
( ) Maria de todos nós - 190,00
( ) Meditando o rosário c/ João Paulo II - 65,00
( ) Maria de Nazaré - 160,00
( ) Lecionário p/ missas de N. Senhora - 450,00
( ) Coletânea de missas de N. Senhora - 500,00
( ) Missal cotidiano (ferial-sant.) - 2.400,00
( ) Fazei tudo o que ele vos disser - 180,00
( ) O culto a Maria hoje - 490,00
( ) Maria e a vida cristã - 210,00
( ) Lourdes: curas m. inexplicáveis - 530,00
( ) Maria libertadora na caminhada... - 220,00
( ) Maria no Novo Testamento - 530,00
( ) Maria, a mulher que acreditou - 230,00
( ) Maria, modelo de fé - 220,00
( ) A mulher em quem deves confiar - 80,00
( ) O diário que Maria não escreveu - 170,00
( ) Nossa Senhora de todos os dias - 170,00

50 ANOS DE UMA MISSÃO PASTORAL
(Irmãs Pastorinhas)

"Penetrando com a mente no futuro, parecia-lhe que, no novo século, almas generosas sentiriam o que ele sentia..." (HC 137). A história comprovou essa intuição de Pe. Alberione. Realmente hoje somos uma família marcando a história deste século.

Celebrando 50 anos de fundação, nos sentimos impulsionadas a olharmos para frente. Um novo século aponta, e não com menores preocupações que as apresentadas pelo século passado. A técnica avançou, chegou a era da informática. A comunicação une o mundo em frações de segundos. Fica-nos um grande questionamento: o Evangelho está sendo propagado com a mesma rapidez que a técnica, a informática? Os meios de comunicação chegam a todo mundo?

Nós, que somos chamadas a associar-nos a Jesus e Maria na redenção do mundo (Pr V. III, p. 219, § 6), sentimos profundamente esses apelos de conversão e solidificação do nosso ser religioso na Igreja. A mudança de ótica na evangelização solicita de nós coragem e garra. Não podemos esmorecer diante dos conflitos que essa mudança nos apresenta.

A Igreja latino-americana, a partir de Medellín e Puebla declarou a virada, passou a optar preferencialmente pelo empobrecido, exigindo de todo agente de pastoral, e de modo particular dos religiosos, uma nova estratégia pastoral.

Para alcançarmos esse objetivo, nestes 50 anos de nossa história realizamos quatro capítulos gerais e vários regionais, que nos ajudaram a acompanhar os sinais dos tempos.

Como fruto de toda essa releitura, somos chamadas a enfrentar tempos novos com maior unidade de objetivos e radicalidade evangélica.

A exigência dessa radicalidade evangélica e síntese de vida nos une no presente e nos impulsiona a reavivar a nossa vida de congregação na e pela missão pastoral.

O grito do empobrecido encontra eco em nós e nos coloca numa atitude de escuta, solidariedade e envolvimento, para respondermos a seu apelo. Certamente temos ainda muitas dificuldades para chegarmos à radicalidade evangélica que a história nos solicita. Algumas causas dessas dificuldades são de ordem externa, outras de ordem interna, mas a confiança de que somos "obra de suas mãos" — e de que se existimos na Igreja é porque o Senhor nos quis, portanto é ele quem nos conduz — nos faz caminhar e encontrar saídas mais acertadas para respondermos a seu plano de salvação. Se olharmos para nossa pequenez, falhas e pecados, temos a tentação de desanimar na caminhada; mas se olharmos para a misericórdia e o amor do Senhor que nos quis e nos quer na Igreja e na sociedade, retomamos a coragem e caminhamos seguras, pois é ele quem nos conduz.

Na celebração deste cinqüentenário, como congregação assumimos o horizonte traçado pela nossa norma de vida, partindo da história e da situação existencial considerada lugar teológico da Missão Pastoral, e nos dispomos a avaliar e rever toda nossa história para sermos instrumentos de libertação no meio do povo.

Com essa coragem e estímulo, queremos ser presença do Reino na construção de nova sociedade, e convidamos a todas as pessoas de boa vontade que se juntem a nós nessa batalha de evangelização. Para que o novo século possa ser mais evangelizado do que este que está acabando. Que a nossa história humilde e cheia de pecados seja estímulo para novas "almas generosas" que venham engrossar as fileiras daqueles que entregam suas vidas para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Diante da missão a que somos chamadas, nos sentimos limitadas em qualidade e número. Lançamos, pois, o convite para quem nos acompanhou na leitura desta página a motivar outras jovens para que venham fazer parte desta família, doando suas vidas na edificação do Reino. Nosso programa de vida é simples, mas dá muita alegria e plenitude para aqueles que se colocam a serviço dos irmãos empobrecidos, através da nova maneira de ser Igreja hoje.

Nossos endereços:

Irmãs Pastorinhas — R. Marco Gianini, 91
05550 Jardim Gilda Maria — São Paulo, SP

Av. São Leopoldo, 458 Cx. Postal 121
95100 Caxias do Sul, RS

Ir. Florinda Dias Nunes

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Frei Inácio Pinzetta-Pe. José Bortolini

(Frei Inácio Pinzetta elaborou os Roteiros do 3.º, 4.º e 5.º Domingos da Quaresma e do 3.º e 4.º Domingos da Páscoa; Pe. José Bortolini elaborou os Roteiros da Semana Santa até o 2.º Domingo da Páscoa).

3º DOM. DA QUARESMA (6 de março)

O CORPO DE CRISTO É O NOVO TEMPLO PARA O ENCONTRO EM COMUNIDADE

I. INTRODUÇÃO GERAL

O decálogo (ou "as dez palavras") possui duas formas muito semelhantes, sem diferenças substanciais. Encontramo-lo em Ex 20,1-17 e Dt 5,6-21. Iahweh se dirige aos que redimiu da casa da escravidão do Egito, oferecendo-lhes normas para se viver em comunidade (I leitura). O povo, porém, não soube caminhar conforme essas normas, e em vez de um relacionamento de amor, passou a viver segundo o modelo de opressão do Egito. Deus renova, então, sua Aliança, substituindo o Templo pelo corpo ressuscitado de Jesus (Evangelho). Este sinal de amor do Filho de Deus, morrendo na cruz, é capaz de reunir todos os que crerem nele (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 20,1-17): Os mandamentos são para formar comunidade

Os mandamentos jamais recebem, no AT, este nome. Chamam-se unicamente "as dez palavras" (Ex 34,28; Dt 4,13; 10,4). Ex 20,1-17 inicia dizendo "Deus falou todas estas palavras". Elas regulam a relação do povo com Iahweh e são a força motriz de sua história. Chamam Israel à existência como povo, como comunidade.

A palavra de Deus é criadora. Deus cria falando. No Gênesis, ele fala dez vezes e realiza oito obras. O judaísmo posterior viu nas dez palavras (mandamentos) uma transposição às "origens", na convicção de que Israel fora criado como povo mediante as dez palavras.

Os três primeiros mandamentos dizem respeito a Deus, revelando-o como Libertador. Os outros sete mostram como o povo deve se organizar para viver em comunidade. Juntos, porém, formam um todo. A autenticidade do amor a Deus se verifica no amor ao próximo. É compromisso mútuo.

Constatamos na história a tendência de os homens multiplicarem seus deuses. Com ela vem a difusão do medo e da opressão. No Egito, os Faraós se consideravam filhos de Deus. Com isso se outorgavam o poder sobre os homens. A relação passava a ser a de patrão-escravo. Deus proíbe esse comportamento (Ex 20,3). Ele quer um povo irmão. Mais sutil da tentação de fabricar deuses é a tentação de fazer de Deus uma imagem conforme os nossos desejos. Agindo assim, tornamo-nos escravos de nós mesmos. O deus do Faraó era uma imagem feita por ele para escravizar o povo. O Deus que se revela aos patriarcas, a Moisés e ao povo de Israel é um Deus libertador. A verdadeira imagem de Deus é o homem (Gn 1,27). Esta é a imagem que devemos amar. Deste amor nasce comunidade. Os deuses dividem os homens porque são conforme aos seus desejos. O Deus libertador nega essas imagens (Ex 20,4-7), pois elas negam o homem.

No Egito, o Faraó usava o nome do deus que fabricara para exigir do povo a realização de seus desejos. Esse deus apoiava a injustiça e a opressão praticada pelo Faraó. O Deus do povo de Israel é Iahweh: Aquele que é e que faz ser. Não se pode praticar o mal em nome de Deus (Ex 20,7). Isso não faz comunidade. Gera escravidão.

Deus ordena que o homem ganhe o pão com o suor de seu trabalho (Gn 3,17). O Faraó, no entanto, além de ganhar o pão com o trabalho dos escravos, acumulava riqueza sobre riqueza com o sacrifício deles. O trabalho objetiva o sustento e ao mesmo tempo leva a termo a obra iniciada por Deus. O homem, porém, tem direito ao descanso. Por ele se celebram as maravilhas de Deus, se festeja a libertação e se fortalece a comunidade. Para o Faraó, o descanso era um estorvo para sua fome de acumular bens.

Na Bíblia, vida longa é sinal de bênção. Quem honra seu pai e sua mãe terá vida longa (Ex 20,12). É um mandamento abrangente. Inclui os pais de família e pode incluir também os pais da comunidade, isto é, os organizadores, os anciãos... aqueles que zelam pelo bem da comunidade em torno da palavra de Deus.

"Não matarás" (Ex 20,13). É o centro do decálogo. Toda lei tem como fundamento a manutenção da vida. O Faraó mandava matar (Ex 1). Moisés ao sair da casa do Faraó matou (Ex 2,12). No Sinai descobre que só Deus é o Senhor da vida e da morte. O Faraó tinha um sistema que gerava morte. Deus tem um sistema que gera vida. Quando se vive como irmãos Deus está presente.

"Não cometerás adultério" (20,14). Para viver em comunidade é necessário fidelidade. Deus é o exemplo dessa fidelidade para com seu povo. A infidelidade divide. Não faz família.

"Não furtarás" (20,15). O sistema do Faraó era estruturado no roubo. Roubo da liberdade. Roubo do trabalho dos outros para favorecer a si mesmo. O Deus libertador quer uma comunidade de irmãos onde não haja exploração.

"Não levantarás falso testemunho contra teu próximo" (20,16). A ganância torna o homem inescrupuloso (cf. 1Rs 21). A este não interessa mais a verdade e a justiça. Aí vale tudo, o mais pobre não tem como defender seus direitos. Sem justiça não é possível a vida em comunidade.

Quanto mais se tem, mais se quer ter. O Faraó, assim como os reis, viviam num sistema que fomentava a cobiça. Deus quer um povo que viva como irmãos, sem cobiça (Ex 20,18) e sem inveja. A vida em comunidade educa a repartir.

Os mandamentos são normas que Deus oferece aos homens para que vivam em comunidade, buscando sempre mais uma vida de irmãos.

2. Evangelho (Jo 2,13-25): Anúncio da ressurreição

O Templo de Jerusalém era o edifício consagrado ao culto judaico. Três vezes ao ano o povo ia para lá em peregrinação, nas três grandes festas do ano: Páscoa, Pentecostes e Tendas. O Templo, construído por Salomão (cf. 1Rs 6-8) havia substituído a antiga "tenda do encontro" (Ex 33,7-10). Nessa, Deus manifestava sua glória (Ex 40,34-38; 1Cr 5,14). O Templo era também o lugar onde se reunia o Sinédrio, o governo de Israel, presidido pelo sumo sacerdote (Jo 11,47-49). Nos pórticos do Templo se encontravam as escolas da Lei que atraíam judeus do mundo inteiro. O Templo era o centro e o símbolo das instituições judaicas. Ali se encontrava também o tesouro que sustentava a economia do país. A ação de Jesus no Templo (Jo 2,13-25) tem, portanto, repercussão religiosa, política e econômica.

Em João o tema do Templo percorre todo o evangelho, em contraste com Jesus, o novo Templo. Está intimamente ligado ao tema da glória. Inicia no Prólogo com o uso do verbo acampar (1,14), fazendo alusão à tenda do encontro do Êxodo, repleta da glória de Deus (Ex 40,34-38). Anuncia-se desde o princípio a substituição do Templo com a pessoa de Jesus. A primeira menção do Templo se encontra em 2,13.

A nossa perícope (Jo 2,13-25) se encontra dentro do Livro dos Sinais (Jo 1,19-12,50). Aqui o tema da fé é predominante, como o indicam os colóquios de Jesus com Nicodemos e com a samaritana. O sinal aponta para uma realidade que está além. Ele necessita de descodificação, de interpretação. Os dirigentes judeus não entenderam o sinal. Os discípulos de Jesus o entenderam mais tarde (2,22) à luz da ressurreição.

O que antecede Jo 2,13-25 são as bodas de Caná, que mostram a nova Aliança. As bodas anunciam o aspecto glorioso do mistério pascal, enquanto a purificação do Templo revela seu aspecto doloroso (2,19).

O episódio no Templo nos transporta da Galiléia (Caná) a Jerusalém (v. 13), lugar onde acontecerá a Hora (morte e ressurreição) de Jesus. Aqui ele dará o vinho (sangue) da nova e eterna Aliança. Enquanto isso Jesus vai educando os seus discípulos e o povo na fé com sinais e palavras.

Os Sinóticos remetem esse acontecimento à vigília da morte de Jesus. Isto porque eles relatam uma só subida a Jerusalém. João, porém, narra várias viagens de Jesus à cidade santa. Jesus, entrando no Templo, nota que este já não serve para lugar de encontro. Não ajuda a formar comunidade em torno da Palavra de Deus. O Templo torna-se lugar de desencontro, negócios e exploração. Deixara de ser casa de Deus. A idéia da presença de Deus no santuário se desenvolveu amplamente no AT e no NT. Iahweh se torna Templo (Ez 10,18; 11,15-16). Durante sua vida pública, Jesus torna atual a presença de Deus entre os homens, especialmente em Israel. João diz: "Ele plantou sua tenda entre nós" (1,14). O Templo caducara. Por isso Jesus o purifica (2,15).

Não se admitindo a moeda romana como pagamento do tributo do Templo por causa das efígies imperiais, era necessário o câmbio da moeda; daí a presença dos cambistas (2,15). Os bois, ovelhas e pombas eram animais vendidos para serem sacrificados. Jesus faz antever que esse sacrifício não era mais eficaz. Ele próprio será o verdadeiro sacrifício para Deus. As pombas e rolinhas eram o sacrifício dos pobres (Lv 5,7). Isto talvez explique o trato menos duro que seus vendedores receberam (2,16).

O episódio da purificação recordou aos discípulos o Sl 69,10. O evangelista cita a forma verbal no futuro (me devorará) relevando que o gesto alcançará mais tarde sua plena realização. O zelo de Jesus (2,17) será a causa de sua morte (12,12-19). Mas é na sua morte que porá fim à aliança antiga.

ARTESANATO COSTA

VISITE NOSSA EXPOSIÇÃO!

IMAGENS — CRUCIFIXOS

PRESÉPIOS — MENINO JESUS

FONES: 562-8713 e 562-8850

Rua Domenico Palma, 168
CEP 04652 — Cidade Ademar
SÃO PAULO — SP

Os judeus pedem um sinal para que Jesus justifique seu procedimento (2,18). Com que autoridade? Jesus, porém, não quer fazer sensação. Os sinais devem suscitar a fé real. A sensação levaria a uma fé superficial. Jesus não atende ao pedido dos judeus.

Os Sinóticos reservam o "logion" de Jesus para as falsas testemunhas durante seu processo e para os burladores que passam pelo Calvário (Mc 15,29). Isso objetiva evidenciar a má vontade dos judeus. Em Mc 14,58 o escândalo das testemunhas surge diante da distinção entre o Templo atual e o outro que não é feito por mãos de homens. Marcos insinua o que João diz claramente: o novo Templo é o corpo de Jesus ressuscitado (Jo 2,21). João adapta o "logion" (2,19) para dar aplicação cristã, substituindo o verbo *reconstruir* por *levantar,* isto é, fazer ressurgir, preparando a passagem à ressurreição. Os três dias que em origem significavam "em breve" suscitaram no espírito dos primeiros cristãos o pensamento dos três dias que separam a morte de Jesus da sua ressurreição. Jesus não constrói um novo Templo. Ele mesmo se torna o Templo, a presença de Deus.

A partir da ressurreição os discípulos entenderam o "logion" de Jesus. O verbo *pisteuein* (crer, Jo 2,22) enfoca o problema da fé. Nos capítulos a seguir (3-4) João apresenta vários candidatos à fé: um judeu: Nicodemos; uma herética: a samaritana; um pagão: o oficial do rei.

Jesus é o novo Templo, o novo lugar de encontro, o novo espaço que reúne a comunidade numa Aliança de amor imperecível.

3. II leitura (1Cor 1,22-25): A cruz de Cristo é sabedoria de Deus

Paulo apresenta a teologia da cruz. A cruz de Cristo é o lugar de contradição para os homens, tida por alguns como escândalo e loucura; por outros como eficaz.

Paulo não se ocupa da cruz como um símbolo geral e impessoal, mas da cruz de Cristo. Esta sua apresentação destrói a lógica dos gregos que é a racionalização, onde tudo deve passar pela luz da razão. Jesus crucificado, anunciado como Salvador, é loucura para a razão. Este mesmo anúncio causa escândalo aos judeus. Estes querem sinais para dar garantia à sua fé.

Paulo elabora sua reflexão por meio de antítese: sabedoria-loucura; potência-escândalo; forte-fraco.

Sobre estes campos opostos as pessoas se confrontam. Diante destes dois pólos as pessoas se agregam, umas com a aceitação da fé, outras com a apropriação da lógica mundana. O que Paulo quer apresentar é Jesus Cristo, Filho de Deus, que morreu na cruz, num gesto extremo de amor, para a salvação dos homens.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

• O Deuteronômio afirma oito vezes que os mandamentos devem ser observados "com todo o coração e com toda a alma" (6,5; 10,12; 11,13...). Construir comunidade é um processo. Uma caminhada. Exige do homem muito empenho, abnegação e crescimento na fé. Para isso os mandamentos se apresentam como normas que, vividas, formam comunidade. Nós os vivemos como um dom gratuito de Deus e os colocamos em prática na organização e na vivência de nossa vida comunitária?

• O corpo de Jesus ressuscitado é o novo Templo que torna sempre atual o amor de Deus para com os homens. Todo o cristão que vive a fé em comunidade se torna pedra viva deste Templo. Quais são as explicitações dessa nossa fé?

4.º DOM. DA QUARESMA (13 de março)

O AMOR DE DEUS E O EMPENHO DO HOMEM CONSTROEM VIDA NOVA

I. INTRODUÇÃO GERAL

A nossa história é um alternar-se de morte e vida. Situações de morte e situações de vida. É dentro da história que vamos descobrindo quais são os sinais de vida que Deus nos apresenta para que seu plano se realize. Tudo aquilo que propicia morte torna negativa a existência do homem e vai contra o projeto de Deus. É no discernimento da vontade de Deus que os homens vão se libertando desta situação de morte para uma situação de vida (I leitura). Essa passagem se dá porque o amor de Deus é infinito e disto somos sabedores porque Jesus Cristo o revelou de forma estupenda, dando sua vida para a salvação de todos. Aqueles que optam por Jesus caminham para a salvação, enquanto aqueles que preferem viver nas trevas trazem sobre si o próprio julgamento (Evangelho). Cabe ao homem, enquanto artífice da história, escolher entre viver sem Cristo ou com Cristo. Optando pela primeira, permanecerá na morte; escolhendo a segunda, renascerá para a vida, graças à misericórdia de Deus (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Cr 36,14-16.19-23): A vontade de Deus se manifesta na história

Crônicas é tradução literal do hebraico (dibrê hajjamim), cujo significado é: "os fatos do dia". Estes livros são também conhecidos por "Paralipômenos": livros que relatam "coisas omissas". Seu conteúdo se divide em quatro partes: **a.** 1Cr 1-9: genealogia de Adão até Davi; **b.** 1Cr 10-29: a vida de Davi; **c.** 2Cr 1-9: a vida de Salomão: **d.** 2Cr 10-36: do cisma (divisão do reino em dois) até o exílio.

Para as Crônicas o centro da história de Israel se encontra no Templo e no culto. O cronista se propõe mostrar como a comunidade de Jerusalém é a única herdeira das promessas. Não dá espaço à história do reino do norte, convencido de que a eleição divina é reservada a Judá (sul), a Jerusalém e ao seu rei. O reino de Davi é para sempre (2Cr 13,14s). Depois de Davi-Salomão a atitude em relação aos reis se torna menos entusiasta. Sua esperança é frágil, adequada à situação política do seu tempo e ligada a resíduos das glórias passadas. Ele narra os eventos sem particulares pretensões históricas. O cronista é um teólogo. As molas principais de sua obra são: a esperança messiânica e o amor ao culto. Uma das teses mais evidentes em sua obra, mas talvez menos importante, é a da retribuição: pecado-castigo. Isto vem aplicado até nos fatos mais insignificantes, tais como as doenças dos reis, que o cronista se preocupa em explicar em base a alguma culpa cometida. Nesse sentido o cronista admite para todos os reis um alternar-se de altos e baixos.

O autor apresenta um julgamento e uma revisão da história de Judá, que havia alcançado o máximo de corrupção nos tempos dos reis Joaquim e Sedecias (598-586 a.C.). O reino de Judá estava "maduro" para ser devorado pelos inimigos. Tal amadurecimento foi acalentado pelas abominações e infidelidades dos sacerdotes e do povo (36,14). De nada adiantaram as intervenções dos profetas (36,16). A destruição de Jerusalém e de seu Templo por Nabucodonosor com seu exército é conseqüência da não obediência do povo à Aliança. Os reis fizeram sua própria vontade e não a vontade de Iahweh. Eles imitaram o sistema dos Faraós, seguindo outros deuses, praticando injustiças, oprimindo os mais pobres, gerando assim uma situação crescente de morte. A elite que tanto escravizara, com a deportação é reduzida à escravidão. É o juízo de Deus sobre a história.

Assim como destrói Jerusalém por Nabucodonosor, Deus também a reconstrói por meio de Ciro, rei dos persas. A última palavra de Deus é sempre de misericórdia. Ele castiga não para destruir, mas para renovar aquilo que estava deteriorado. Com o edito de Ciro (36,22-23) o povo de Israel faz seu segundo êxodo, e com ele surge nova oportunidade para viver a Aliança com fidelidade. Deus é fiel e educa o povo para a fidelidade, por meio da qual se forma um povo irmão.

2. Evangelho (Jo 3,14-21): Em Jesus Deus manifesta sua plenitude de vida

No terceiro capítulo de seu livro, João apresenta Nicodemos como "um homem" numa alusão à frase precedente (2,25: Jesus conhecia o que havia no homem). Antes de dar-nos o nome, caracteriza-o como fariseu, isto é, pertencente ao grupo judaico que esperava a perfeição pessoal e a reforma do povo por meio da estrita observância da lei mosaica, interpretada de acordo com a tradição rabínica.

Nicodemos vai encontrar-se com Jesus à noite (3,2). A luz que é Jesus não o ilumina (9,4). Ele não

ESTRUTURAS METÁLICAS PARA IGREJAS

Estrutura Metálica em Módulos
Pré-Pintados e Parafusados
Modelos: Arco, Duas Águas ou conforme necessidade

Colocação 20 Dias

Solicite ao nosso Depart. de Engenharia Estudo e Orçamento (sem compromisso) a:

ETO ENGENHARIA LTDA.

AV. PEDRO II, 3.724 - TEL.: (031) 462-9330 - BELO HORIZONTE/MG

VIDROARTE

• MOSAICOS ARTÍSTICOS
• VITRAIS ARTÍSTICOS CHUMBADOS — COLADOS
• RESTAURAÇÕES DE VITRAIS ANTIGOS
• VIDROS COLORIDOS
IMPORTADOS E FABRICAÇÃO PRÓPRIA

Longos anos dedicados à ARTE SACRA, com centenas de obras em todo o Brasil e exterior

Rua Raposo Tavares, 725 (Pilarzinho)
Cx. Postal 3351 — 80000 CURITIBA — PR
Telefones: (041) 234-5513 e 222-9760

havia compreendido o gesto de Jesus no Templo (2,3s) em chave de amor, e permanece nas trevas. Nesse ambiente se desenvolve o diálogo, cujo tema fundamental é o renascimento vindo do Espírito. É por isso que a alusão batismal está bem presente no texto.

Nesse colóquio, Jesus aprofunda as questões levantadas por Nicodemos e enfatiza o assunto introduzindo nas respostas a expressão: "em verdade, em verdade te digo" (vv. 4.5.11). A partir do v. 11 o diálogo se converte num monólogo de Jesus. Os verbos estão no plural, e servem de réplica ao "nós sabemos" (v. 2) de Nicodemos. Nicodemos e os judeus conhecem somente aquilo que deriva da Lei e dos Profetas, que são testemunhas indiretas. Jesus, porém, tem seu testemunho fundado no Pai e os judeus o rejeitam. Com o plural, Jesus está se dirigindo a todo o povo judaico, do qual Nicodemos é representante.

Jesus é apresentado por João como o Filho único de Deus que veio para salvar o mundo. Cabe ao homem acolher ou rejeitar essa salvação oferecida por Deus por meio de seu Filho.

O contexto de Jo 3,14-21 é o do diálogo de Jesus com Nicodemos. O evangelista retoma a figura veterotestamentária da serpente (Nm 21): durante a caminhada no deserto, muita gente do povo de Israel perecia por causa da mordida das serpentes. Moisés fabrica, então, uma serpente de bronze e a coloca em uma haste. Todo aquele que fosse mordido bastava contemplar a serpente de bronze e continuaria vivo. Do mesmo modo, Jesus, ao ser levantado, se converte em fonte de vida para todos (12,32). Sua elevação na cruz é ao mesmo tempo a elevação para a glória do Pai. Ali se revela o amor de Deus que é universal (3,16: o mundo) e ele o demonstra dando o seu único Filho. O escopo do seu amor é que o homem não conheça a morte, mas tenha a vida eterna (v. 16) e ninguém pereça (v. 18). Sendo o amor o único princípio de vida definitiva, para recebê-la é necessário aderir a Jesus, modelo de amor até o extremo (13,1.34). O homem tem diante de si a alternativa: morrer ou possuir a vida. Quem adere a Jesus não está sujeito a julgamento (v. 18); não é julgado (cf. 5,24). O julgamento se opõe à salvação. Quem, porém, não adere a Jesus, já tem a própria sentença, permanecendo privado da vida. O projeto de Deus é a realização da plenitude humana (cf. 10,10b); quem pratica o amor realiza-se e ajuda os outros a se realizarem; age segundo o plano de Deus e alcança a plenitude da vida. Quem age de modo perverso (3,19) impede em si mesmo e nos outros a realização do plano: não saberá jamais o que é a vida (3,26).

Em João, a luz é o esplendor da vida (1,14). A identificação da luz com a vida mostra a equivalência entre trevas e morte. Jesus é a luz do mundo. Aderindo a Jesus e seguindo-o, o homem obtém a luz e foge das trevas (8,12; 12,36). Há um contraste decisivo: luz-trevas. É o máximo de oposição: vida-morte. Quem despreza a oferta de Deus — seu próprio Filho — permanece na morte, refletida nas ações más (v. 19). Viver é agir segundo a mensagem e vida de Jesus. Esse viver se concretiza na práxis.

Não se trata de aceitação ou rejeição no plano da razão, mas no próprio operar do homem, configurando-se às obras de Cristo.

3. II Leitura (Ef 2,4-10): Optar por Cristo é optar pela vida

Viver sem Cristo (vv. 1-3) e viver com Cristo (vv. 4-10): Estes são os dois modos de vida que Paulo apresenta. Após mostrar o passado dos pagãos ("vocês", 2,1-2) e o dos judeus ("nós", 2,3), o Apóstolo mostra como se realiza a salvação: por meio do Ressuscitado (2,4-10) com particular insistência sobre a graça (2,8-9). Na primeira parte (2,1-3) o Autor reevoca a morte em que se encontravam esses dois grupos por causa da situação de pecado em que viviam. Morto é quem organiza sua vida sem Cristo, pensando exclusivamente em si, entregue ao seu egoísmo, alheio ao amor e comunhão com os irmãos. O amor de Cristo é capaz de minar a força do pecado com o fulgor de sua vida, morte e ressurreição. Unindo-se a Cristo, o homem renasce, saindo de sua condição negativa de pecado. O texto coloca em destaque a finalidade teológica: o acento não é colocado no homem, mas em Deus, na sua misericórdia (2,4). Tudo vem de Deus e tudo vai para Deus. A salvação não decorre de nossas obras, mas é presente de Deus. Ela não resulta de nossos méritos (2,8-9), mas da misercódia de Deus (2,4-5). As obras não nos garantem a salvação porque, a exemplo de Cristo, nosso relacionamento com Deus e com os irmãos não é um "troca-troca", mas um relacionamento de vida e amor. Não é certo chegar à conclusão de que podemos viver na passividade. O amor é dinâmico e nossa vida deve se direcionar para as obras que Deus nos preparou de antemão. Entra aqui a tarefa de descobrir quais são essas obras preparadas por Deus e que precisamos operar. Somos convidados a manifestar em nossa vida, como renascidos pela graça, a misericórdia de Deus, praticando a caridade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Comunidade alguma é plenamente realizada. Ela cresce e se fortalece na medida que põe em prática na sua organização e serviço a vontade de Deus. Essa vontade é manifestada de diversos modos: pelos mandamentos, profetas, apóstolos, mártires... e mais plenamente pela vida de Jesus Cristo. Quem opta por ele se compromete com o bem comum na prática das boas obras, única maneira de confirmar o "Creio" que professamos. Tal modo de viver nos torna mais irmãos e nos faz renascer para uma vida cada vez mais nova. Dentro desse processo cabe ao homem discernir quais são as forças do bem e quais as forças do mal que atuam em nossa vida e na vida da comunidade. Viver com Cristo é empenhar-se para que o bem vença o mal.

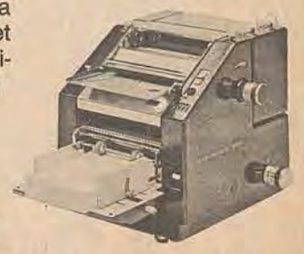
5º DOM. DA QUARESMA (20 de março)

A HORA DE JESUS INAUGURA A NOVA ALIANÇA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Um código de leis, embora bem elaborado, não é suficiente para que se viva uma vida justa e fraterna. Todos nós o experimentamos e também o experimentou o povo de Israel. Muitas vezes o povo hebreu rompeu a Aliança com Deus. Em vão tentara Josias (620 a.C.) fazer a reforma. A solução deve partir de dentro, do coração. Deus promete uma nova Aliança para a restauração do povo (I leitura). Essa nova Aliança, universal, se realiza em Jesus Cristo, por meio de sua morte e ressurreição (Evangelho). Ela pressupõe a conversão do homem no seguimento de Jesus Cristo que, por sua obediência a Deus, se tornou o Sumo Sacerdote por excelência (II leitura).

MIMEÓGRAFOS E **OFFSET**
(REX-ROTARY e GESTETNER) **(REX-ROTARY e outras marcas)**
Rex-Rotary 450

• Gravador eletrônico de stencil • Tinta e stencil • Produtos químicos para offset • Gravadora eletrostática de chapa • Guilhotina de mesa • Duplicador a álcool
ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE
COMPRA E VENDA DE MÁQUINAS NOVAS E USADAS
Rex-Rotary 1502S

DUPLIC MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO LTDA.
Rua Monsenhor Passalaqua, 158
01323 SÃO PAULO, SP
(011) **288-3666**

Paróquia de S. Antonio
Pe. Waltencir
Pirapetinga - MG

Paróquia do Bem Aventurado José de Anchieta
Pe. Balbino
Aracajú - SE

Vitrais Veneza

APRESENTA

Os vitrais mais lindos da paróquia

É ver para crer:

Vidros translúcidos, inquebráveis, côres divinas, várias texturas e desenhos exclusivos.
Temos ainda serralheria própria, referências de inúmeras obras em todo o Brasil e um sagrado compromisso: o de fazer sempre o melhor.

Orçamentos sem compromisso!

—RIO DE JANEIRO—
(021) 235-1348
R. Dias da Rocha, 20 - cj. 1002
Copacabana - Cep 22051

—SÃO PAULO—
(011) 919-9349
R. Pedro Côrte Real, 109
Parque São Rafael - Cep 08300

Paróquia S. Luiz Gonzaga
Pe. Edmundo
São Paulo - SP

Paróquia de S. Antonio
Pe. Camilo
Rio de Janeiro - RJ

Paróquia N. S. do Rosário
Santuário de Santa Teresinha
Cônego Teófilo Taubaté - SP

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 31,31-34): A nova aliança

Jeremias 30-33 é uma condensação do anúncio de salvação dirigido ao povo de Israel. Estes capítulos são conhecidos também como o "livro da consolação". Encontram-se inseridos no grande bloco 26-45: o que acontece a Jeremias, enquanto 30-33 falam do futuro: uma mensagem positiva. Os capítulos 26-29 retomam o tema da desventura, onde Jeremias denuncia os falsos profetas que dizem: paz! paz! simplesmente para encobrirem a verdade. A partir do capítulo 34 a redação retoma outra vez o tema da desventura e Jeremias repete sempre a mesma coisa: Jerusalém será destruída; Jerusalém cairá nas mãos de Babilônia (34,2; 35,20.22; 37,8-10; 38,3.12.13). É um discurso negativo. Dentro desse discurso negativo encontramos Jr 30-33: uma mensagem positiva, de salvação. Deus destrói aquilo que havia prometido com fidelidade eterna. Essa "contradição" de Deus é suavizada pelo fato que no coração do discurso encontramos a mensagem positiva. Parece que Deus, na cólera, muda de idéia e destrói. Mas o fato de colocar no centro a mensagem de salvação, significa que o discurso negativo (destruição) tem uma função positiva (salvação). Destruir para edificar. A destruição não é a última palavra de Deus.

Dos quatro capítulos (30-33), o mais rico é o cap. 31, que constituiu o núcleo central do livro. É aqui que encontramos o texto 31,31-34. Deus promete uma nova Aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. As bases dessa restauração são:

a. A promessa de uma Aliança nova. A Aliança realizada por ocasião do êxodo era excelente, mas os dirigentes e o povo de Israel a romperam pela má conduta (Jr 11,10-11; cf. 11,3-5; 22,8-9). Em nome dela os regimes multiplicaram a desigualdade, a escravidão e as injustiças. Muitos profetas fizeram as mais fortes denúncias, acusando tamanha falsificação. O rei Josias (640-609 a.C.) havia tentado a reforma, mas seus sucessores não o seguiram. O desejo de restauração não passou de um desejo. Deus promete, então, uma Aliança nova.

b. Coração e Lei. Uma lei, por melhor que seja, não muda ninguém. O povo de Israel tinha diante de si as melhores indicações de como poderiam viver como irmãos. Mas isto lhe fora insuficiente. Desprezara a Lei (Jr 6,19; cf. 2,8; 26,4; 9,12) por ter um coração indócil e rebelde (Jr 5,23; cf. 14,13-16; 17,1-4). Por isso Deus colocará a Lei no peito do homem e a inscreverá no seu coração (31,33). Incorporada assim tão intimamente, permitirá uma mudança fundamental na conduta do homem e da sociedade. O coração receberá uma capacidade nova porque a Lei nele inscrita será interiorizada.

c. Conhecimento de Deus. O Faraó não conhecia Iahweh (Ex 5,2) e em nome de outros deuses oprimia o povo hebreu. A casa de Judá também não conhecia Deus (Jr 9,2; cf. 2,8; 4,22; 5,4; 8,7) não obstante ele ter se revelado tantas vezes. Dessa forma a casa de Judá imitou a conduta do Faraó. O conhecimento de Deus não é um conhecimento intelectual, mas sim uma verdadeira experiência existencial que muda a vida.

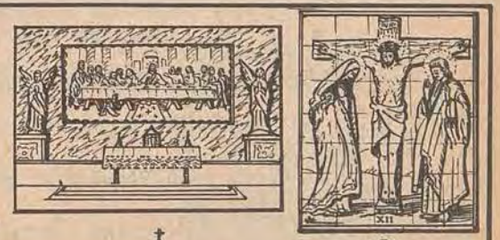
d. O perdão das iniqüidades e a não lembrança dos pecados. No contexto do livro de Jeremias, os pecados e iniqüidades de Israel são as causas do julgamento de Iahweh (Jr 2,23; 5,25; 15,13). O pecado está inscrito no coração do povo e as conseqüências são desastrosas (Jr 17,1-4). Para superar a crise do relacionamento Deus-povo, quem toma a iniciativa é Deus, com o perdão dos pecados. Sobre a misericórdia de Deus está alicerçada a nova Aliança. Esta será inaugurada por Jesus Cristo (Mt 26,28).

2. Evangelho (Jo 12,20-33): A Hora de Jesus

A grande multidão, que havia ido a Jerusalém para a festa, vai ao encontro de Jesus, recebendo-o com aclamações cheias de entusiasmo (Jo 12,12-14). O povo pensava estar recebendo a visita do Messias esperado, capaz de levar a cabo a restauração de Israel e o triunfo do poder. Há de se considerar que o conceito de Messias na época de Jesus era muito difuso e ambíguo: uma figura mandada por Deus no tempo escatológico, normalmente como uma figura de poder. Algumas vezes como um rei, outras vezes como herói ou revolucionário. Ou ainda como libertador, Sumo Sacerdote, profeta, mestre e

MICHELANGELO

QUADROS SACROS EM AZULEJOS
QUADROS P/ FACHADAS DE IGREJAS,
COLÉGIOS, CAPELAS, ALTARES E VIA SACRA
RESTAURAÇÃO DE QUADROS A ÓLEO



ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO:
RUA CRISTÓFORO MANTEGAZZA, 226 - CEP 04178
V. DAS MERCÊS - SAÚDE - SÃO PAULO - S.P.
TELS.: ATELIER 215-0448 - RES.: 577-1297

mensageiro... que anuncia o início do Reino de Deus, como em Mc 1,15. No tempo de Jesus o Messias era sobretudo alguém que iniciava a revolução contra os romanos (Israel estava sob o império romano). Algumas vezes são apresentados dois ou até três messias. A sua tarefa principal é uma função intrajudaica, para os hebreus. Algumas vezes se diz que tem função de reconciliar todos os povos, mas normalmente sua função primária é só para os hebreus. Essa é a idéia de messias no tempo de Jesus. Nota-se que nos evangelhos não há nenhuma palavra de Jesus afirmando: "Eu sou o Messias". O título não era adequado para exprimir a função de Jesus histórico. Ele evita os títulos porque não levam ao conhecimento da pessoa. Para conhecer uma pessoa se deve entrar em contato com ela, relacionar-se. Só assim se saberá quem ela é. Para compreender Jesus é preciso encontrá-lo além dos títulos, especulações e conceitos. O encontro se dá na experiência de morte e ressurreição. Paulo encontrou Jesus na experiência mística e não na lógica. E isso muda tudo. Só então se pode dizer que Jesus é o Messias, o Cristo, o Filho de Deus. Jesus como Messias se apresenta de forma muito atípica para os judeus. Os próprios discípulos não entendiam o que estava acontecendo. Só depois da ressurreição seus olhos se abriram (Jo 12,16).

• *Chegou a Hora.* A Hora, anunciada desde Caná (2,4), se cumpre agora (paixão-ressurreição). Em Caná Jesus prometera implicitamente um vinho seu que seria dado na sua Hora. Esta culmina na sua morte. Jesus mesmo indica a chegada da Hora e lhe dá seu significado: a manifestação da glória do Filho do Homem (12,23), explicando logo a seguir que tal manifestação terá lugar através de sua morte (12,24: "se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas se morre, produz muito fruto"). A conexão da Hora com sua morte provoca em Jesus conturbação e tentação de fugir dela (12,37). É esta, porém, que determina a finalidade de sua missão, pois foi "precisamente para esta Hora que vim" (12,27). A sua morte manifestará a glória do Filho e ao mesmo tempo a do Pai (17,1; cf. 12, 23.28). A Hora mostra a fecundidade do amor. A morte deixa de ser um momento negativo pelo fruto de vida que dela deriva (12,24: se o grão de trigo morre, produz muito fruto).

A Hora de Jesus revela o amor e a universalidade de sua missão, doando a vida para a salvação de todos os povos. A presença de alguns gregos (12,21) aponta para essa dimensão. Eles querem ver Jesus e ele se manifestará em toda a sua glória pelo amor levado até o extremo (morte-ressurreição). Pela sua morte Jesus explicita o verdadeiro significado do Messias. Ele não é um messias com uma missão intrajudaica, restrita ao povo judeu, mas aberta a todos; nem tampouco um messias triunfalista. Ser seguidor de Jesus é se envolver no paradoxo: pelo sofrimento e morte em obediência a Deus se alcança a vida. Nossa vida unida a Cristo se multiplicará em abundância, pois nele também somos glorificados. A glorificação de Jesus passa pelo caminho da morte, inaugurando assim a nova Aliança, não mais inscrita na pedra ou em rolos, mas no coração de cada um. Essa Aliança exige de cada um de nós empenho, doando nossa vida para o bem de todos.

MICROFONES DE LAPELA DUPLO

SISTEMA DE SOM COMPLETO
PARA IGREJAS E SALÕES PAROQUIAIS
COM DOIS ANOS E MEIO DE GARANTIA TOTAL

✻ Coluna de som revestida com lã de vidro que ajuda a absorver o eco e alto-falantes com suspensão acústica e Tuite com 90 Vats de potência
✻ Megafones para procissão
✻ Ventiladores Novelle e Trom

ATENDEMOS EM TODO O BRASIL

Celestino Garcia Ferraz de Almeida

Rua Santa Rita, Quadra 7, nº 60
Tel.: (0142) 22-6462
17060 BAURU, SP

Rua Santo Antônio, Quadra 12, nº 05
Tel.: (0142) 22-6667
17060 BAURU, SP

3. II leitura (Hb 5,7-9): Cristo é o Sumo Sacerdote

A carta aos Hebreus (que não é propriamente uma carta, mas um sermão) tem como idéia capital de seu desenvolvimento o sacerdócio de Cristo (8,1). Este é um tema original no NT, visto que em nenhum outro lugar aparece tal argumentação. De acordo com a Lei judaica Jesus não era sacerdote, pois não pertencia a nenhuma família sacerdotal (cf. Hb 7,14). Nem tampouco em sua vida exerceu o sacerdócio no sentido antigo da palavra. Apesar disso, o Autor da carta afirma com viva convicção, numa exegese bem elaborada, que Jesus é o Sumo Sacerdote (Hb 3,1; 4,14.15; 5,10; 6,20). Um sacerdote diferente dos demais. Estes eram encarregados de manter as boas relações entre o povo e Deus. Sendo pecadores, para ser mediadores necessitavam de banho ritual, a fim de ficar purificados. Sua mediação não era perfeita porque a condição de pecadores não lho permitia. Jesus, assumindo plenamente a condição humana, exceto o pecado (4,16) é o verdadeiro representante dos homens. E, sendo o Filho de Deus, também é o seu legítimo representante. Torna-se assim o perfeito pontífice, o mediador capaz de ligar o homem a Deus. Por Jesus o homem chega a Deus e Deus se manifesta plenamente ao homem (Hb 4,14; 9,15). As relações povo-Deus, rompidas pelo homem com a desobediência à Aliança, são restabelecidas em Cristo, que se torna o mediador de uma nova aliança (9,15).

A paixão (5,7-8) é para Jesus Cristo o caminho do sacerdócio (5,10) porque por ela se solidariza até o profundo com a miséria humana, abrindo essa miséria à ação transformadora de Deus, que cria nele o homem novo. Essa dupla relação serve de fundamento à mediação sacerdotal.

Jesus que ora e suplica (5,7) nos faz lembrar os relatos de sua paixão (Mc 14,33-36) que se apresenta como oração e oferenda. Ela foi aceita (5,7b), pois Jesus triunfa da morte após tê-la sofrido. O resultado de sua oração é o de ter alcançado a força de superar a angústia e de enfrentar-se com a morte sem tremer. Uma oração aberta inteiramente à ação de Deus. Sua aceitação consiste na vitória completa sobre a morte, alcançada por meio da própria morte (2,14s). Essa aceitação significou para Jesus a transformação do sofrimento em caminho de salvação. Devido ao que sofreu, aprendeu a obediência. O sofrimento serve para estabelecer relação mais estreita e íntima entre o homem e Deus. Por ele Deus purifica e transforma o homem, e o faz participante de sua santidade (12,10). Sofrendo, Jesus aprende a obediência que o une a Deus. Essa aprendizagem a que Jesus se submeteu não lhe era necessária. Isto, porém, revela a seriedade da encarnação e redenção. Ele aceitou compartilhar nossa natureza deformada pelo pecado, a fim de purificá-la pelo sofrimento. Obediente a Deus, Cristo se torna o perfeito pontífice e fonte de salvação para todos aqueles que o seguem na obediência (5,9).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

• A glorificação de Jesus passa pela morte. Seu martírio mostra a fidelidade, obediência e amor levados ao extremo. Qual grão, sua morte produziu frutos em abundância. Quais os mártires que conhecemos em nosso continente e em nosso país? Quais os sinais de vida que suas mortes produziram?

• A Lei por si mesma não salva ninguém. Por sua natureza, ela se interessa pelos comportamentos externos. Com a nova Aliança, anunciada por Jeremias e concretizada em Jesus, não basta cumprir a Lei. Torna-se necessário interiorizá-la. Quem salva não é a Lei, mas Jesus Cristo. A salvação não é mérito pessoal. Ela é oferta generosa de Deus a todas as pessoas. Essa oferta pode ser aceita ou rejeitada. Aceitá-la significa seguir Jesus Cristo, vivendo em comunidade, pois ninguém se salva sozinho.

F.A.S.U.
FUNDIÇÃO ARTÍSTICA DE SINOS UBERABA

REFUNDICÃO DE SINOS — FUSÃO NO SISTEMA ARTESANAL
REFORMA DE CAMPANÁRIOS

Nossos sinos:
1 — São 100% brasileiros;
2 — Têm notas musicais exatas;
3 — Têm os menores preços do Brasil.

Solicite orçamento a:

José D. Silva
Rua Barão da Ponte Alta, 101-F
Bairro Abadia — Caixa Postal, 127
38100 UBERABA, MG — Fones: (034) 333-9130 / 333-9435

DOMINGO DE RAMOS (23 de março)

JESUS: SERVO SOFREDOR E TESTEMUNHA FIEL

I. INTRODUÇÃO GERAL

Sentimo-nos desconcertados numa sociedade competitiva, que privilegia a posse, prazer e poder, gerando violência e alienando as pessoas. O que é capaz de satisfazer os anseios mais profundos de libertação e vida plena? Como realizar aquele que é o projeto de Deus? O que significa ser cristão hoje?

A I leitura nos apresenta a missão do Servo Sofredor plenamente moldável nas mãos de Iahweh e suficientemente coerente na execução de sua missão, passando por cima do que é capaz de mexer com os brios de qualquer um: ofensas, violência, perda de honradez.

Lendo a Paixão de Jesus segundo Marcos somos convidados a tomar posição dentro dos conflitos que levaram Jesus à morte, desmascarando os sistemas que ceifam vidas inocentes e indefesas.

Celebrando o dia de Ramos, Paulo pede que examinemos se o nosso projeto de vida coincide com o de Jesus: servo, obediente até o fim, ou se pautamos nossa vida segundo as leis da sociedade em que vivemos (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 50,4-7): A missão do Servo Sofredor

Estamos diante de um texto do Segundo Isaías (Is 40-55). A perícope é chamada de "terceiro canto do Servo de Iahweh". Os cantos são assim distribuídos: 1º canto: 42,1-9; 2º canto: 49,1-6; 3º canto: 50,4-11; 4º canto: 52,13-53,12.

Ao lermos qualquer um desses cantos surge logo a mesma pergunta feita pelo eunuco a Filipe: "De quem o profeta está falando: de si mesmo ou de outro?" (At 8,34). A resposta não é fácil. Até o momento, as opiniões dos estudiosos podem ser sintetizadas em quatro tipos de interpretação de quem seja o Servo Sofredor: **a)** *Interpretação coletiva:* tratar-se-ia do povo de Israel; **b)** *Interpretação individual:* o Servo Sofredor seria uma pessoa anônima; **c)** *Interpretação mista:* ele seria ora Israel como um todo, ora um grupo de pessoas, ora uma pessoa só, como, por exemplo, o proprio profeta; **d)** *Interpretação messiânica:* os cantos falariam de um messias do futuro ideal. Segundo os autores do Novo Testamento, esse ideal encontrou perfeita realização em Jesus.

O nosso texto — parte do terceiro canto — pertence a uma seção maior, que abrange os capítulos 49-55, e cujo tema central é a restauração e glorificação de Jerusalém, a cidade-esposa de Iahweh. Os exilados — usando uma linguagem da esfera matrimonial — se queixam de que Deus tenha repudiado sua esposa (Jerusalém) e vendido seus filhos como escravos. A resposta de Iahweh precede imediatamente o terceiro canto do Servo Sofredor (50, 1-3). Embora não se saiba quem seja esse Servo, podemos, pelo contexto que o antecede, perceber claramente qual seja sua missão: *a de mostrar, à custa das ofensas recebidas, que o amor de Iahweh é perene.*

Os vv. 4-7 mostram o que Iahweh faz para o Servo em vista do bem do povo, e a responsabilidade do Servo, plenamente obediente e fiel: o Senhor Iahweh (a expressão é repetida três vezes: vv. 4.5.7) *dá* ao Servo uma língua de discípulo, para que possa levar conforto ao povo; *abre-lhe* os ouvidos para que aprenda, como discípulo, a transmitir o que ouviu e lhe *dá* proteção. Em outras palavras, prepara-o para a ação. O Servo, por sua vez, para não trair o conteúdo da mensagem, *dá* as costas aos que o torturam (= não oferece resistência); toma a iniciativa de *oferecer* a face aos que lhe arrancam os fios de barba (ter a barba arrancada é sinal de grande humilhação; o Servo não liga para a perda da honradez); *não esconde o rosto* à ofensa maior: injúrias e escarros. O rosto manifesta os sentimentos e desejos de uma pessoa. Torná-lo duro como pedra (v. 7) é não levar em conta toda e qualquer espécie de ofensa, em vista da opção assumida.

TEMOS DE TUDO ligue (011) 491 8063

A MAKPEL, ampliando suas atividades, vem oferecer uma nova opção de prestação de serviços para **PARÓQUIAS, COLÉGIOS, ASSOCIAÇÕES, ENTIDADES RELIGIOSAS, EMPRESAS E COMÉRCIO EM GERAL**, pela melhor oferta do mercado:

MATERIAIS DE PAPELARIA, ESCRITÓRIO E COMPUTAÇÃO, MÓVEIS, MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO, MIMEÓGRAFOS E SERVIÇOS GRÁFICOS.
APARELHOS ELETRO-ELETRÔNICOS E UTILIDADES DOMÉSTICAS.
CAMISETAS E BRINDES PROMOCIONAIS.
Consulte nossos preços sem compromisso.

MAKPEL Central de Vendas e Representações Ltda.

Rua Tereza Maria Luizetto 184 - Centro
Caixa Postal 205 - 06750 TABOÃO DA SERRA - SP-FONE: (011) 491.8063
ou Secretária Eletrônica 24 horas por dia (011) 268.2990

DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL E EXTERIOR

2. Paixão de Jesus Cristo segundo Marcos (14,1-15,47): Jesus e os cristãos diante da Paixão

Marcos é o primeiro evangelho a ser escrito. O evangelista queria oferecer aos catecúmenos uma espécie de manual de iniciação em preparação ao batismo e à vida cristã dos adultos. Marcos tinha esta preocupação fundamental: mostrar aos catecúmenos *quem é Jesus.* Por isso esse evangelho não faz outra coisa senão responder a essa pergunta. Porém, não se trata de teorizar sobre Jesus. Marcos quer levar os catecúmenos à adesão plena a Jesus enquanto Messias e Filho de Deus. Da pergunta *Quem é Jesus?* decorre outra: *Quem sou eu? Como me posiciono diante dele?*

A narrativa da Paixão não pode ser dissociada dessa preocupação básica. Chegando a esse estágio de preparação, os catecúmenos se punham graves interrogações: por que a morte, se Jesus era o Messias? Como foi possível desfecho tão trágico do homem justo e inocente? Jesus tinha que passar pela morte? O que é ser cristão até o fim?

Marcos descreve detalhadamente a Paixão de Jesus para mostrar que ela não foi fruto do acaso, mas o resultado do confronto entre pessoas, entre o projeto de Deus e o dos que se fecharam em si próprios. A Paixão de Jesus é fruto do jogo de interesses, de rejeições premeditadas. Com isso o evangelista adverte os catecúmenos (e os cristãos) dizendo: "Cuidado! As opções de vocês fazem parte da Paixão de Jesus! Como vocês se situam dentro dela?"

O evangelista quer deixar claro que Jesus, diante da morte, assume posição corajosa: ele quis enfrentar a Paixão e a morte (cf. 14,8.21.24.36). Ele quis ir ao encontro da morte para estar conosco sempre e em tudo, até o fim.

Segundo Marcos, a Paixão de Jesus é um confronto entre pessoas. Cada pessoa reage a seu modo, de acordo com o "estar dentro" ou o "estar por fora" do Reino (cf. 4,11). Desse confronto resulta a prova de estarmos ou não em sintonia com seu projeto. Na Paixão, todos se confrontam com Jesus, a semente do Reino. Ele é sempre o mesmo para com todos. O posicionamento das pessoas é que difere, fazendo com que, ainda hoje, a Paixão de Jesus se prolongue na paixão do mundo, dos pobres marginalizados e oprimidos desta sociedade.

A título de exemplo, vamos salientar alguns desses confrontos no relato da Paixão segundo Marcos (fórmula longa: 14,1-5,47):

— *Jesus, as autoridades, Judas e a mulher com o vaso de perfume* (14,1-11). O trecho marca com força o conflito e as tomadas de posição. De um lado, as autoridades, auxiliadas por Judas, procuram matar Jesus; de outro lado, a mulher que reconhece Jesus como o *Messias-pobre.* Servindo-o ensina a servi-lo nos pobres, sacramento da presença dele. Os vv. 12-31 (ceia pascal) mostram que Jesus é o novo Cordeiro pascal libertador. Dá-se em alimento, oferece seu corpo e sangue derramado como memorial do Reino de Deus. Os discípulos, entretanto, vacilam entre negação, profissão de fé corajosa e traição.

— *Jesus, Judas e os outros discípulos* (14,43-52). Judas posiciona-se contra o projeto de Deus, traindo Jesus com um beijo; um dos discípulos procura mostrar-se fiel a Jesus usando as mesmas armas do poder opressor; os demais fogem; outro discípulo é inconstante e prefere perder a roupa a arriscar a pele.

— *Jesus e as autoridades* (14,53-65). Há tempo as autoridades haviam decretado a morte de Jesus (cf. 3,6). Agora procuram, através de processo aparentemente legal, eliminá-lo. Marcos mostra a falsidade desse julgamento: não há provas. Não havendo provas, Jesus é que se torna juiz do sistema que elimina vidas inocentes e indefesas. E o faz declarando-se Messias, o Filho do Homem (isto é, o juiz supremo, cf. Dn 7,13), o novo Templo onde Deus está presente para fazer justiça. Temos aqui o auge da revelação e o ponto alto da rejeição. Os soldados, "cumpridores da lei", torturam Jesus.

— *Jesus e Pedro* (14,66-72). Pedro encarna o tipo do catecúmeno (e do cristão) envolvido em suas

casa del vecchio

CASA DEL VECCHIO

COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.

ÓRGÃOS NACIONAIS E IMPORTADOS

VIOLÕES — GUITARRAS

AMPLIFICADORES E FANFARRAS

Rua Aurora, 185 — Fone: PBX 221-0099 — Caixa Postal 611
São Paulo — SP.

ATELIER "LE VITRAIL"
avant garde na arte sacra

- criadores do vitral inquebrável na textura dos vidros belgas
- desde 1973 com cerca de 10.000 m² instalados
- padrão técnico e artístico de nível internacional (exportamos)
- arte e sensibilidade a preços altamente competitivos

NOVO!! SENSACIONAL!!!
BLOCLITE® — uma resposta às suas preces

- elemento vazado vitralizado
- inquebrável
- os vidros fundidos têm a transparência do cristal
- qualquer combinação de cores
- dispensa caixilhos
- qualquer pedreiro instala
- dezenas de modelos em cerâmica ou concreto
- despachamos qualquer quantidade para toda a América do Sul
- sem compromisso executamos qualquer projeto dentro do seu orçamento

- *Solicite mais informações e catálogos da nossa linha BLOCLITE® e vitrais*
- *visite nosso show-room e fábrica em prédios próprios em Itu*

LE VITRAIL

Praça Padre Miguel, 93
CEP 13300 ITU, SP
Tel.: (011) 482-2077
Qualquer horário

incoerências. Fora capaz de reconhecer Jesus como o Messias (8,29), sem contudo discernir-lhe o caminho (8,32) e sem se comprometer de forma clara e decisiva.

— *Jesus, Pilatos, Barrabás e a multidão* (15,1-15). Pilatos é o representante máximo da autoridade romana opressora. Dele dependia a execução da sentença em relação a Jesus. Pressionado pelo Sinédrio, serve-se da *lei de anistia,* um artifício político para contornar a situação. Essa lei previa, anualmente, a soltura de um prisioneiro político. Barrabás era um zelota, defensor da liberdade pelas armas. O resultado desse episódio é o seguinte: para as autoridades, Pilatos e a multidão manipulada pelo aparato ideológico estatal, Jesus é mais perigoso que Barrabás. De fato o é: sua proposta é a transformação radical. Por isso as autoridades e Pilatos tratam de salvaguardar seus interesses, decretando a sentença condenatória de Jesus.

— *Jesus e os soldados* (15,16-20). Os soldados são os mantenedores da "ordem" social. Estão a serviço do poder. Por isso ridicularizam Jesus (manto vermelho e coroa são expressões desse poder). Mas o verdadeiro poder de Jesus, sua Realeza, está no dar a vida pelo povo, diferentemente de Pilatos que elimina vidas e se serve do povo para se manter no poder.

— *Jesus, o Cireneu, os crucificadores e os zombadores* (15,21-32). Jesus encontra solidariedade em quem está fora do sistema implantado na cidade (o Cireneu volta do campo). Mas essa solidariedade esporádica não serve para reverter a situação. Consciente de sua missão até o fim, Jesus recusa a bebida entorpecente: não quer consumar a missão dopado. Os que matam são o final da corrente do sistema opressor, revelando-lhe as intenções e finalidade. Os zombadores revelam a verdadeira identidade de Jesus: salvar os outros sem preocupação de se salvar.

— *Jesus e o Pai* (15,33-38). Jesus realiza sua missão no completo abandono, aparentemente abandonado por Deus. Mas o rasgo da cortina do santuário mostra que o Pai está plenamente presente na morte de Jesus. Ele é o acesso ao Pai, suprimindo as mediações religiosas, políticas e econômicas representadas pelo Templo de Jerusalém.

— *Jesus e o oficial do exército* (15,39). Aqui está a verdadeira confissão de *quem é Jesus:* "Na verdade, este homem era mesmo Filho de Deus!" É o reconhecimento, na fé, da realeza de Jesus, feito por quem até o presente estivera a serviço do sistema de morte. Cabe aqui um questionamento aos cristãos que procuram descobrir *quem é Jesus.* Marcos põe na boca de um estrangeiro a suprema declaração do messianismo de Jesus, e isso diante da situação de morte que presencia. Como descobrir, nas situações de morte, a presença do Deus vivo?

— *Jesus, as mulheres e os amigos* (15,40-47). A Paixão de Jesus se encerra na expectativa: terão as forças da morte prevalecido sobre o projeto de Deus, que é vida? A solidariedade com Jesus não consiste em servir a um morto, apesar da piedade que esse gesto encerra. A verdadeira solidariedade se resumirá em voltar à Galiléia (16,7) para fazer as mesmas coisas que ele fez, lutando até o fim contra os sistemas geradores de morte.

3. II leitura (Fl 2,6-11): O Evangelho de Jesus Cristo

Paulo está preso em Éfeso, mas tem em mãos um trunfo que lhe garantirá a liberdade: basta que prove ser cidadão romano. A decisão de fazer valer seus direitos de cidadão romano provocou grande mal-estar em Éfeso e também em Filipos. De fato, para os primeiros cristãos, o martírio era o momento mais nobre e mais propício para a propaganda do Evangelho. Declarar-se cristão e morrer violentamente por causa disso, provocava adesões à fé. Por que, então, Paulo foge desse momento? Estaria anunciando uma coisa e vivendo outra?

Eis, então, que ele escreve aos filipenses. Para ele, é vantagem morrer, mas opta pela libertação em vista da possibilidade de ainda continuar evangelizando (1,23-24). A seguir, passa a mostrar os perigos que ameaçam os filipenses: perigos de fora (os falsos missionários, cf. 1,27-30) e perigos de dentro (divisões na comunidade, cf. 2,1-4). Por fim, convida a todos para que tenham em si as mesmas disposições pessoais (sentimentos) que havia em Cristo Jesus.

Segue-se o hino cristológico, que é a síntese do Evangelho de Paulo. É um dos primeiros hinos da liturgia cristã, mostrando o projeto de Deus assumido por Jesus. Estando em pé de igualdade com Deus (v. 6), esvaziou-se a si mesmo, assumiu corpo humano, apresentando-se ao mundo como servo (v. 7). Enquanto servo, é obediente até à morte mais ignominiosa, a crucifixão (v. 8). Tal é o projeto de vida de Jesus, assumido conscientemente. Isso soava como blasfêmia para judeus e loucura para gregos (1Cor 1,23), mas para os cristãos, a humanização de Deus no projeto de Jesus homem, servo, obediente, crucificado, é o maior alento e desafio para a realização do plenamente humano.

A primeira parte do hino (v. 6-8) mostra a ação radical de Jesus-servo-obediente. A segunda (vv. 9-11) apresenta a ação do Pai em favor de Jesus: ele o exalta (ressurreição-ascensão) e lhe confere o nome de Senhor (o nome caracteriza a identidade de Jesus ressuscitado). A ele todos devem adoração (seres celestes, terrestres e os que vivem sob a terra — todos) e reconhecimento pleno: Jesus é o Senhor, o realizador do projeto divino-humano.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

- Questionar os modos de combater a violência com a violência, salientando a missão do Servo Sofredor (I leitura).
- Questionar os projetos humanos construídos sem o projeto de Jesus: humano, servo, obediente até o fim (II leitura).
- A Paixão de Jesus exige que o cristão faça uma opção radical por ele para não se colocar contra ele (Relato da Paixão). Como descobrir, nas situações de morte de hoje, a presença do Deus vivo?

QUINTA-FEIRA SANTA (31 de março)

EUCARISTIA: FRATERNIDADE, AMOR, SERVIÇO

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Páscoa dos judeus, prefiguração da Páscoa cristã, trazia em seu bojo alguns elementos básicos daquilo que hoje celebramos: o início de uma nova ordem de coisas, a partilha, a preservação da vida e o memorial dos feitos de Deus (I leitura).

O episódio do Lava-pés concretiza o projeto de Deus manifestado em Jesus. Para ser cristã, a comunidade precisa assumir esse projeto, tornando-o realidade no amor-serviço aos outros. Essa é a autêntica conversão a Jesus Cristo (Evangelho).

A Quinta-feira Santa é o dia em que celebramos a instituição da Eucaristia. Escrevendo aos coríntios, Paulo dá uma amostragem de como deve ser celebrada para que possa eliminar as ambigüidades dos que dela participam (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 12,1-8.11-14): Vida em meio à morte

A Páscoa era originariamente uma festa de pastores que celebravam o nascimento das ovelhas, na primavera. Nessa festa, os pastores derramavam sangue de cordeiros em torno do acampamento para espantar os espíritos que poderiam prejudicar a fecundidade do rebanho.

Na saída do Egito, a festa foi adaptada às condições de Israel sedentário durante a escravidão. Torna-se a celebração do Êxodo, traduzida em forma de refeição. Foi associada à festa dos Ázimos, que era uma festa agrícola. A festa dos Ázimos, porém, só começou a ser celebrada quando Israel tomou posse da Terra Prometida. E só foi associada à festa da Páscoa depois da reforma de Josias (ano 622). Como, então, essas duas festas aparecem juntas num relato de acontecimentos tão anteriores como os do Êxodo, cerca de 600 anos antes?

O texto que relata a Páscoa dos judeus (Ex 12,1-13,16) foi posto por escrito bem mais tarde, num contexto de opressão para Israel, semelhante ao primeiro, ou seja, durante o exílio em Babilônia, alguns séculos depois. Na ocasião, Páscoa e Ázimos já eram celebradas juntas. O redator sacerdotal coletou informações das fontes Javista e Eloísta, elaborando o texto final, para que viesse a responder aos anseios do povo oprimido no exílio em Babilônia, reevocando assim a libertação do Egito.

Ex 12,1-4 fala do ritual da Páscoa. Mas o texto não deve ser lido pela ótica de quem quer saber *o como* se deveria celebrá-la. Trata-se de um *memorial,* ou seja, a atualização da libertação de Iahweh em favor do seu povo. O texto devia *falar ao coração* dos novos exilados e suscitar-lhes a memória dos feitos de Deus. O texto deve, pois, ser lido pela ótica do *por quê* celebrar a Páscoa.

Nesse sentido, o texto oferece algumas indicações preciosas: a Páscoa *marca o início de uma no-*

va era, o tempo da libertação: "Este mês será para vós o princípio dos meses; será o primeiro mês do ano" (v. 2). Inicia-se vida nova. Chegou a libertação. A festa vai determinar o futuro do povo: será um povo para a libertação. É o início da vitória do povo sobre as estruturas de poder opressoras (do Egito, da Babilônia, dos nossos dias).

Para a inauguração dessa nova era requer-se *partilha,* onde ninguém tenha demais e a ninguém falte o que comer: "O cordeiro será escolhido na proporção do que cada um puder comer" (v. 4). O que sobrar, o fogo o devorará (v. 10).

É uma festa que visa à *preservação da vida:* o sangue não mais afugentará os maus espíritos, mas servirá de sinal para a preservação de Israel *enquanto povo,* ameaçado de desaparecer pela política de morte dos poderes opressores: o faraó que controla os nascimentos, Ex 1,15-16 (não só o faraó, mas todo e qualquer sistema impositivo que controla a origem da vida).

É uma festa da *memória histórica,* lembrando o passado desastroso (ervas amargas). É celebrada às pressas (pães ázimos). Os que dela tomam parte devem estar preparados para uma longa viagem (v. 11) que os leve para fora do sistema opressor, introduzindo-os numa sociedade plenamente humana e fraterna, onde a história seja construída sobre os alicerces da liberdade e da comunhão.

2. Evangelho (Jo 13,1-15): O cerne do amor é o serviço

O texto de Jo 13 não fala da Eucaristia como o fazem os Evangelhos Sinóticos (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,19-20). João sequer nomeia a Páscoa dos judeus e menos ainda a faz coincidir com a Páscoa de Jesus (cf. 13,1). A verdadeira Páscoa é a que Jesus celebrará com sua morte na cruz. Reforçando esse argumento há o fato de João não mencionar Jerusalém. Jesus havia rompido definitivamente com o sistema opressor, instalado em Jerusalém, para inaugurar uma nova era de serviço e de partilha na qual o próprio Deus toma a iniciativa consciente de ser o grande servidor. O texto de Jo 13,1-15 pode ser dividido assim: a) *Introdução* (v. 1); b) *O Lava-pés* (vv. 2-5): c) *Resistência de Pedro* (vv. 6-11); d) *Ensinamento de Jesus* (vv. 12-15).

a) A Páscoa de Jesus (v. 1)

A primeira informação que o texto nos oferece é a de que se inaugura aqui uma nova era, a da Páscoa de Jesus. Ele está *plenamente consciente* desse momento. Isso é caracterizado, em grego, pelo verbo *oida,* que significa *conhecimento adquirido, plena consciência do que se faz* (o verbo aparece ainda nos vv. 3.11, referidos a Jesus, ao passo que Pedro *não sabe,* v. 7). Essa consciência está associada à *hora* de Jesus, que culmina com a morte na cruz. O que ele vai fazer, não o fará arrastado pelas circunstâncias, mas consciente de que abre o caminho de acesso ao Pai. Essa breve introdução fala ainda do amor constante de Jesus pelos seus, amor que agora se manifestará de forma perfeita: "amou-os até o extremo", até à perfeição do amor. E o que segue explicitará essa afirmação.

b) O Lava-pés (vv. 2-5): Amor é serviço

Tomar refeição juntos é sinal de comunhão e partilha. Jesus vive esse clima familiar com os seus, mas vai além. João salienta que a ceia já começara. Jesus teria ocupado o lugar de honra, mas irá mostrar concretamente de que honra se trata: certamente não é a mesma de Judas, no qual o diabo (= ambição, espírito de não partilha) havia tomado conta do coração (sede das opções de vida).

Consciente de estar realizando o projeto de Deus (v. 3), Jesus mostra como esse projeto se traduz em ações concretas que serão a norma da comunidade: despoja-se do manto (sinal de dignidade) e pega o avental. É o Senhor que se torna servo (cf. Fl 2,6-7). Despojar-se do manto significa *dar a vida,* sob a forma de *serviço.* De fato, quem devia lavar os pés eram os subalternos e escravos.

João não especifica quem foi o primeiro a ter os pés lavados. Todos recebem o mesmo amor, sem preferências ou precedências. Jesus faz tudo sozinho: derrama água, lava, enxuga. Mais adiante (v. 12), ao retomar o manto, não se diz que ele tenha deposto o avental. Dá-se a entender que ele tenha vestido o manto por cima. Isso significa que seu ser-

BANCOS PARA IGREJAS

ALTARES, GENUFLEXÓRIOS PARA IGREJAS, CAPELAS, SANTUÁRIO

• *Imbuia maciça* • *Diversos modelos*
• *Maquinário e pessoal especializado*

— Melhores preços — 3 pagamentos sem acréscimo
— Solicite orçamentos sem compromisso

FARIMÓVEIS IND. COM. LTDA.
R. Das Antas, 144 — ANDIRÁ — PR
CEP 86380 — Fone (0437) 33-2225 (com Sirleny)

ep novidades *edições paulinas*

A SELVA E O MAR — Rubem Alves — Ricamente ilustrado a cores, o livrinho conta a história de um amor que se foi, ou seja, o Autor procura ajudar casais separados em contato com filhos divididos por causa da separação. Ajuda pais e filhos a abrirem diálogo sobre a dor da separação. O Autor afirma: "A estória é para os grandes, para aqueles que uma vez amaram e depois se separaram. Eu pensei que o pai ou a mãe poderiam ler para si mesmos e para a criança". — 40 pp., 250,00.

CURSO BÁSICO DE HISTÓRIA DA IGREJA — Roland Fröhlich — O livro oferece um quadro amplo e completo dos fatos da História da Igreja. A disposição ordenada de datas e acontecimentos, a presença de mapas e tabelas ilustrativos, além de apresentarem uma visão panorâmica e completa de cada milênio, inserem o leitor no meio-ambiente no qual a Igreja teve que se confrontar e se desenvolver. — 176 pp., Cz$ 480,00.

MULHER, ELA MESMA — France Quéré — O livro divide-se em quatro partes: **1. Desigualdade e diferença** (o feminismo de hoje em relação ao do passado); **2. Igualdade e similitude** (o feminismo de hoje mesclado ao do passado); **3. Crítica aos feminismos** (a semelhança nos defeitos); **4. Por um feminismo total** (quais as novas formas para que o feminismo seja verdadeiro e plenamente cristão). — 168 pp., Cz$ 270,00.

FALANDO DE MEDICAMENTOS — Klaus Th. Finkam — O livrinho nasceu de encontro de agentes de saúde da Diocese de Bacabal (MA). Fala do abuso e uso errado de medicamentos, tanto entre médicos como na população. Destinado ao agente de saúde, dirigente e líder de comunidade, presidente ou delegado de sindicato, animador de grupos de reflexão, e todos que têm liderança na comunidade. — 64 pp., Cz$ 130,00.

PAIS, EDUCANDO PARA O ANO 2000 — Alzira Lopes — O livro se destina a todos os pais, no intuito de conscientizá-los a respeito de sua missão de educadores. Fala do papel dos pais no lar, dos reflexos de suas atitudes nos filhos, da formação da personalidade nas várias etapas de crescimento dos filhos, da educação sexual e da educação para o amor. Livro de elevado teor pedagógico. — 200 páginas, Cz$ 300,00.

viço continuará, culminando na cruz: "Está consumado" (19,30).

Com esse ato consciente sela a idéia de que Deus é o servidor dos homens (cf. 5,17). Fazendo-se servo, torna senhores os seus, mas senhores enquanto conscientemente *lavam* os pés uns dos outros (v. 14).

c) Resistência de Pedro (vv. 6,11): O processo de conversão do cristão

Pedro vive mergulhado em categorias. Para ele, é normal que a comunidade se estribe em relações de servo-senhor. Espanta-se que o *Senhor* lhe lave os pés (v. 6). O súdito não aceita a igualdade. Por isso Jesus lhe diz que *não sabe* nada. Porém, mais tarde compreenderá (v. 7). Pedro se firma na posição de que a desigualdade é legítima e até necessária para a ordem da comunidade. A resposta de Jesus é radical: se não for assim, será impossível ter parte com ele, ou seja, o projeto de Deus não se cumpre (v. 8). O processo de conversão é a adesão total ao projeto de Deus realizado em Jesus-servo.

Pedro superou a primeira fase do processo: "Senhor, não apenas meus pés, mas também as mãos e a cabeça" (v. 9). Mas ele ainda não aderiu ao que Jesus *faz*. Para se tornar verdadeiro participante do projeto, deverá *sujar-se* as mãos. Pedro ainda entende o lava-pés como um rito de purificação ao qual, como judeu, estava tão acostumado. Jesus mostra que, mesmo purificando-se ritualmente, alguém pode continuar impuro. É o caso de Judas: lavados os pés, sua impureza permanece, porque aderiu ao diabo, o espírito antifraterno que leva à cobiça e não à partilha e ao serviço (v. 11). O rito de purificação contemplava só o lavar as mãos. Ao lavar os pés dos discípulos Jesus dá a perfeita dimensão do ser cristão: é ser servo dos outros. Ele não se coloca acima dos demais, mas a serviço deles, como Jesus. Aí está a nascente da verdadeira conversão!

d) Ensinamento de Jesus (vv. 12-15): Tal Mestre, tal discípulo

Jesus retoma o manto e se põe de novo à mesa, ou seja, volta à posição de homem livre (os escravos não sentavam à mesa), mas conserva a disposição de servo (não tira o avental). A cena é fortemente simbólica: ele continua sendo sempre aquele que serve.

O que segue tem valor de testamento-mandamento: "Vós me chamais *o Mestre e o Senhor*" (com artigo). Há diferença entre Jesus e os discípulos. Mas ele lhes recorda qual a dimensão desses títulos: ele é aquele que ensina através do exemplo. Os que o chamam Mestre devem aprender dele; os que o chamam Senhor devem identificar-se com ele no amor desinteressado, posto a serviço de todos, inclusive dos que serão capazes de traições que levam à morte.

3. II leitura (1Cor 11,23-26): Eucaristia sem fraternidade é comungar a própria condenação

Estamos diante do primeiro texto escrito do Novo Testamento que trata da Eucaristia. Esta é celebrada dentro de um contexto bem preciso: o da comunidade de Corinto, com todos os seus problemas e divisões entre ricos e pobres.

Os primeiros cristãos, antes de celebrar a Ceia do Senhor, faziam uma refeição onde todos punham em comum o que cada qual trouxera. Era o *momento da partilha,* que precedia o grande sinal que *atualizava* (memorial) a partilha de vida do Senhor: a ceia cristã. E justamente aí se situa o grande dilema: é possível celebrá-la sem partilhar os bens com os que nada têm? Não seria comungar a própria condenação? (Observação: Seria muito bom que, na Missa, fosse lido o texto completo: vv. 17-34, que dão uma visão de toda a problemática. Para isso, veja: *Eucaristia sem fraternidade é comungar a própria condenação,* in *Vida Pastoral,* n. 123, julho-agosto de 1985, pp. 2-8).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

• Levar a comunidade a se questionar para ver se é sinal de uma nova era para os que estão dentro ou fora dela; se nela há sinais de partilha; se promove a vida; se caminha para a libertação (I leitura).

• "Tal Cristo, tal cristão". Questionar os encargos, os lugares de honra etc., para ver se são motivados pelo exemplo de Jesus (Evangelho).

• Ver se a comunidade que celebra a Eucaristia é o lugar da partilha, ou se vamos a ela carregados de divisões e interesses pessoais (II leitura).

SEXTA-FEIRA SANTA (1.º de abril)

JESUS: SERVO, REI, SACERDOTE

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Palavra de Deus nos apresenta a síntese da vida e ação de Jesus: ele é o Servo que carrega os pecados da humanidade (I leitura), o Rei Universal que dá a vida (relato da Paixão) e o único Sacerdote e Mediador entre Deus e os homens (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 52,13-53,12): O Servo Sofredor: A redenção pelo sofrimento

Breve visão de conjunto: A perícope é chamada "o quarto canto do Servo de Iahweh" (veja o comentário à I leitura do Domingo de Ramos). É um poema de um servo de Deus que enfrenta conscientemente a dor e a rejeição até a morte e acaba sendo glorificado por isso. No texto entram em cena três personagens: Iahweh, um grupo anônimo de pessoas e o Servo (que é objeto de atenção por parte dos outros dois personagens). Dessa forma, o texto pode ser dividido assim: **a)** Iahweh pronuncia um oráculo a respeito do Servo (52,13-15); **b)** O grupo anônimo fala do sofrimento do Servo, lamentando o fato de não ter entendido a tempo o significado dessa dor (53,1-10); **c)** Intervenção de Iahweh em favor do Servo (vv. 11-12).

É difícil identificar o Servo. Mas o conteúdo do quarto canto é muito claro. Contrariando a doutrina da retribuição (= cada um recebe a troca pelo mal que fez), esse Servo inocente sofre (ao passo que os culpados não), é condenado, morre e torna a viver glorioso. Pura teoria? A não ser que o texto seja interpretado metaforicamente, parece que isso jamais se tenha cumprido no Antigo Testamento. Mas serve para ressaltar uma das grandes conquistas de Israel durante o exílio, ou seja, a crítica à doutrina da retribuição, o valor do sofrimento redentor, a vitória do oprimido e a vida após a morte. Em tudo isso se manifesta misteriosamente "o braço do Senhor" (53,1) que, solidário com o sofredor, intervém para glorificá-lo.

Lendo este texto, as primeiras comunidades cristãs perceberam que foi inteiramente realizado na Paixão de Jesus (cf., por exemplo, Fl 2,6-11).

2. Paixão de Jesus Cristo segundo João (18,1-19,42): Jesus, único verdadeiro Rei

Alguns temas fundamentais

a) Jesus é o doador da vida nova. O relato da Paixão segundo João inicia e termina num jardim (18,1; 19,41). É uma alusão ao jardim de Éden. Onde o homem não sabe se comportar como verdadeiro homem, rejeitando a vida para escolher a morte, Jesus ensina o modo de possuir a vida: dando-a gratuitamente em favor dos outros. Diante de Jesus, o homem tem duas opções: ou reconhece-o e se compromete com ele, ou acaba aderindo ao sistema injusto que o rejeitou e condenou, anulando assim a chance de ter a vida.

b) A paixão revela o conteúdo pleno da Hora de Jesus. No último *sinal* do Evangelho de João (a morte de Jesus), o Filho do Homem conclui sua obra em favor da humanidade: "Está consumado" (19,30a). Sua obra de agora em diante será completada pelo Espírito, que ele entrega: "Inclinando a cabeça, entregou o espírito" (19,30b). A Hora de Jesus provoca o julgamento. É o momento em que são postas às claras as opções que os homens fazem a favor ou contra Jesus.

c) Jesus é o verdadeiro e único Rei. O tribunal montado contra Jesus manifesta sua incapacidade de condená-lo. O Filho do Homem declara que sua realeza não se baseia no jogo de poder das realezas deste mundo, que fazem uso da força e da violência. A realeza de Jesus consiste em dar testemunho da verdade (= fidelidade de Deus ao seu projeto). Ele é Rei porque cumpre até o fim a vontade do Pai que é a de amar de tal modo o mundo a ponto de enviar seu Filho único (3,16). Na Paixão segundo João, Jesus é o verdadeiro Rei. João evita, por isso, falar dos maus tratos que sofre. Ao falar dos soldados que caçoam de Jesus, coroando-o de espinhos e vestindo-o com um manto de púrpura (19,2-3), o autor do IV Evangelho ironiza e desmascara os poderes deste mundo, ressaltando ainda mais que a realeza de Jesus é diferente.

Na cruz Jesus atua plenamente a realeza, da qual se beneficiarão os povos (os soldados que repartem as vestes). João evita pôr na boca de Jesus as palavras "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?" (Mt 27,46; Mc 15,34): ele dá a entender que o Rei está plenamente consciente do que faz. Outro indício de sua realeza é o da quantidade de perfume usada no sepultamento de Jesus: mais de 32 quilos, quantidade empregada só para o enterro de reis. Ungindo assim o corpo de Jesus, Nicodemos está, na realidade, preparando o esposo para a festa de casamento com a humanidade (cf. Sl 45,9).

d) Jesus é o Cordeiro de Deus. Jesus morre durante a Preparação da Páscoa dos judeus. João faz coincidir a morte de Jesus com o momento em que no Templo eram imolados os cordeiros para a Páscoa dos judeus (19,31). Com essa coincidência de eventos ele ressalta que o verdadeiro Cordeiro Pascal é o que foi imolado na cruz, cujo sangue redime a humanidade, conferindo-lhe vida nova (não como o sangue do cordeiro em Ex 12,7), e de cujo corpo a nova humanidade irá se nutrir. Ele é o pão descido do céu, que dá vida ao mundo (6,34). É o verdadeiro Cordeiro (1,36; cf. Ap 5,6-14).

3. II leitura (Hb 4,14-16; 5,7-9): Jesus, Sumo Sacerdote digno de fé em relação a Deus e misericordioso em relação aos homens

A assim chamada carta aos Hebreus não é uma carta, e sim um discurso sobre o sacerdócio de Cristo. O autor é um cristão anônimo que, aí pelo ano 80, escreveu a cristãos tentados de desânimo e em perigo de rejeitar a fé em Jesus revelador e portador da salvação. Os motivos de desalento desses cristãos eram: o ter que suportar sofrimentos por serem cristãos, a vontade de retornar às formas já superadas do culto judaico e o afrouxamento diante da demora da salvação final.

O nosso texto pertence a uma parte que pode ser intitulada: *Jesus, Sumo Sacerdote digno de fé e misericordioso* (3,1-5,10). Ele é digno de fé porque preencheu todos os requisitos para o que Deus tencionava realizar. Sua credibilidade perante Deus

Os Paulinos, atuando na Igreja com os Meios de Comunicação Social, distribuem gratuitamente a revista VIDA PASTORAL a todas as paróquias e entidades religiosas do Brasil. Pedidos avulsos de Agentes de Pastoral são atendidos em qualquer período do ano, terminando em dezembro do mesmo ano. Para continuar recebendo a Revista, basta que os Agentes de Pastoral escrevam à Administração de VIDA PASTORAL, solicitando a renovação da assinatura. Aceitamos contribuição para as despesas do correio.

foi plena (3,2-6). Por isso, a humanidade adere a ele com plena confiança (3,7-4,14). Sendo plenamente confiável perante Deus, ele é também Sumo Sacerdote misericordioso em relação aos homens (4,15), por ter experimentado nossa condição humana, conhecendo nossas fraquezas. Por meio do sofrimento tornou-se obediente de obediência tal que, se os homens a fizerem sua aderindo a ele, saborearão a salvação eterna (5,9).

Jesus abriu o caminho de acesso a Deus. Não o fez como o faziam os sumos sacerdotes da antiga Aliança, que se apresentavam diante de Deus no Santo dos Santos, com o sangue das vítimas, mas penetrando no céu, tendo derramado o próprio sangue para o perdão e salvação da humanidade. Ele é, portanto, o único Caminho e Mediador entre Deus e os homens.

VIGÍLIA PASCAL (2 de abril)

A MORTE NÃO PODE MAIS OPOR-SE À VIDA

"Deus é o Senhor também da morte. A morte não pode mais opor-se à vida... Aquele que, como orvalho desceu do céu, e como orvalho saiu do seio de Maria, posto no sepulcro penetra na terra com sua umidade vivificante, e com a luz de sua ressurreição ilumina e vivifica os mortos. Hoje, sábado, parece que a morte tenha triunfado, que o último inimigo tenha obtido a vitória máxima, matando o Filho de Deus. Mas não! No silêncio da morte o orvalho está impregnando a terra. Amanhã, domingo, a morte não terá mais poder sobre ele. Amanhã terá fim a vitória da morte... Se alguém pode vencer o último inimigo, a nossa vida é esperança, pois o último inimigo, a morte, foi aniquilado" (L. Alonso Schökel).

1. Os símbolos pascais

a) O simbolismo do fogo

Reconhecido pelos antigos como um dos quatro elementos do mundo, o fogo é um princípio ativo. Suas características são certa "materialidade" ou "espiritualidade", que o torna próximo a Deus. Tem capacidade de purificar e regenerar. Os ritos de purificação são bem conhecidos: basta lembrar as queimadas que preparam o manto verde da natureza; o crisol onde são purificados os metais etc. Em sentido translato, o fogo representa o amor, as paixões que se aninham nos corações. Na Bíblia, o fogo é sinal da presença e ação de Deus no mundo (1Rs 19,12), é expressão da santidade e transcendência divinas. As teofanias sob a forma de fogo marcam momentos ímpares de revelação de Deus: no Horeb (Ex 3,2ss) e Sinai (19,18ss), e são importantes do ponto de vista da vocação de alguns profetas (Is 6,6; Ez 1,4; cf. 2Rs 2,11).

Na Liturgia da Vigília Pascal, o fogo representa a grande teofania de Deus: a nova criação realizada na ressurreição de Jesus.

b) O simbolismo da luz

A luz é a força fecundante, condição indispensável para que haja vida. Em oposição às trevas, que são, corolariamente, símbolo do mal, da infelicidade, da perdição e da morte, a luz exalta o que é belo e bom. Na Bíblia, Deus é luz (Sl 27,1; Is 9,1). Jesus é a luz do mundo (Jo 8,12; 9,5). Quem crê se torna luz (Mt 5,14), reflexo da luz de Cristo (2Cor 4,6). A vida inspirada pela fé é um "caminhar na luz" (1Jo 2,8-11). A transfiguração de Jesus, manifestação da sua filiação divina, é uma antecipação da glória pascal que ilumina os que crêem.

Entre todos os simbolismos que derivam da luz e do fogo, o *Círio Pascal* é a expressão mais forte por sua riqueza de significados. É a fusão da lua cheia de Nisan (símbolo da salvação pascal) e o rito da luz (quando, à tardinha, os hebreus acendiam as lâmpadas), que é uma ação de graças pelo dom da luz. Representa Cristo ressuscitado, vencedor das trevas e da morte (os cravos do Círio), Senhor da história (os algarismos), princípio e fim de tudo (A e Z), sol que não conhece ocaso. É aceso com o fogo novo, produzido em plena escuridão, pois na Páscoa tudo renasce.

A tipologia da luz é descrita no *Exultet,* que forma um todo orgânico com o anúncio da libertação pascal. A aclamação "Eis a luz de Cristo" é um memorial da Páscoa. A procissão com o Círio marca a presença do Cristo no meio do seu povo.

c) O simbolismo da água

A água é símbolo da vida. Representa a eficácia do sangue redentor de Cristo, comparado à água que lava. A descida do catecúmeno à fonte batismal é assimilada à descida de Cristo às profundezas da terra. A imersão do Círio Pascal na água é a união do elemento divino com o humano, a força fecundante de Cristo, gerador de vida nova, para que todos os que se banharem nessa água fecundada, se tornem filhos de Deus (obs.: Estas considerações sobre os principais símbolos da Vigília Pascal foram extraídas do *Novo Dicionário de Liturgia,* Edições Paulinas, São Paulo, em preparação).

2. Liturgia da Palavra

As leituras procuram dar uma panorâmica da História da Salvação, desde a criação até a nova criação realizada na morte-ressurreição de Jesus. De fato, parte-se do Gênesis (1,1-2,2), onde "tudo era bom" (I leitura). No sacrifício de Isaac e na fé de Abraão (Gn 22,1-18) estão prefigurados o sacrifício de Jesus e a adesão dos fiéis, pela fé em Cristo, ao projeto de Deus (II leitura). A libertação de Israel da escravidão (Ex 14,15-15,1) anuncia a libertação definitiva em Cristo e a "passagem" dos cristãos da morte à vida (III leitura).

As crises de Israel no Exílio em Babilônia (Is 54,5-14) suscitam a memória do amor perene de Iahweh por seu povo, sua esposa (IV leitura). As promessas de Deus se cumprem na história, fecundando de esperança a vida dos homens (Is 55,1-11), e essas promessas atrairão todos os povos a Deus (V leitura).

IGREJA E EDUCAÇÃO

IGREJA E EDUCAÇÃO. Perspectivas pastorais — Estudos da CNBB, 6 — O livro, em sua quarta edição, é válido instrumento de reflexão para quantos se interessam pela renovação da escola católica e pela problemática da pastoral estudantil e universitária em nosso país. Contém três textos: A escola católica hoje; Pastoral para adolescentes; Perspectivas de Pastoral Universitária. — 112 páginas, Cz$ 130,00.

PARA UMA PASTORAL DA EDUCAÇÃO — Estudos da CNBB, 41 — O livro dá condições para que educadores, movimentos de educação e escolas católicas se sintam questionados pela dimensão pastoral da educação; para que cresça na Igreja a consciência da importância da Pastoral da Educação; para que se organizem e fortaleçam equipes regionais e diocesanas de Pastoral da Educação. — 3ª ed., 144 páginas, Cz$ 180,00.

O ENSINO RELIGIOSO — Estudos da CNBB, 49 — O livro quer recuperar a memória histórica do ensino religioso no Brasil; situar seus objetivos dentro da educação integral; apresentar a reflexão da Igreja em relação ao ensino religioso; propor, como prioridade, a formação de agentes da educação, e ser um manual para pastores e leigos em suas atividades pastorais. — 200 páginas, Cz$ 320,00.

ORIENTAÇÕES PARA OS ESTUDOS FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS — Est. da CNBB, 51 — Este Ementário para os estudos filosóficos e teológicos é complemento indispensável para a implantação de currículos. Mais que simples resumo do conteúdo de disciplinas, representa uma proposta pedagógica e didática coerente com as determinações da Igreja e as necessidades da formação presbiteral. — 96 páginas, Cz$ 150,00.

TEXTOS E MANUAIS DE CATEQUESE — Estudos da CNBB, 53 — É um livro de orientação para coordenadores de Catequese, autores, cursos e escolas de catequese, catequistas, pais, pastores e agentes de pastoral, já que a questão da catequese interessa a todos na Igreja. O texto é resultado de dois anos de trabalho do GRECAT (Grupo Nacional de Reflexão sobre Catequese). — 96 páginas, Cz$ 130,00.

Quem foi infiel: Iahweh ou Israel? Baruc (3,9-15.32-4,4) exorta Israel a tomar consciência do que fez, convidando-o ao arrependimento (VI leitura). Esgotados todos os recursos para salvar o povo, Deus anuncia a nova Aliança (Ez 36,16-17a.18-28), na qual ele será o nosso Deus e nós seremos o seu Povo (VII leitura). Essa nova Aliança foi selada na morte e ressurreição de Jesus (Mc 16,1-7). Com o anúncio do anjo: "Ele ressuscitou. Não está aqui", os cristãos começam a celebrar o memorial da presença de Deus no meio do povo (Eucaristia). Esse memorial inicia com o Batismo: mortos com Cristo, viveremos para Deus (Epístola, Liturgia batismal).

PÁSCOA (3 de abril)

O AMOR GERA A FÉ, A FÉ GERA O TESTEMUNHO

I. INTRODUÇÃO GERAL

Anseios de vida nova, busca de um sentido para a própria existência, medo da morte como fracasso, esperança do amor que tudo renova... tudo isso encontra sua razão de ser na ressurreição de Jesus (Evangelho). Ele é o dinamismo que impulsiona a vida e ação dos que se comprometem com Cristo, de modo que se atue hoje a prática de Jesus de Nazaré (I leitura). Essa prática exige discernimento, desapego, para que o cristão, ressuscitado com Cristo no batismo, caminhe para a plena realização (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Jo 20,1-9): O amor gera a fé

O texto é uma catequese sobre a ressurreição de Jesus, própria da comunidade do autor do IV Evangelho. Com essa perícope, visa-se responder à pergunta: com que sentimentos deve o cristão encarar o túmulo vazio do Domingo da Páscoa? Serão ainda necessários "sinais" que suscitem a fé em Jesus? De fato, o trecho cita sete vezes a palavra *sepulcro.* É uma insistência martelante que provoca tomadas de posição. O texto pode ser dividido em três pequenas cenas: ***a)*** *Maria Madalena junto ao sepulcro e com os discípulos* (vv. 1-2); ***b)*** *Os dois discípulos junto ao sepulcro* (vv. 3-8); ***c)*** *Explicação da incredulidade* (v. 9).

a) Maria Madalena: A comunidade que ainda não assimilou a morte de Jesus (vv. 1-2)

A cena inicia com uma indicação de tempo, que não é mera datação formal: "No primeiro dia da semana". Iniciou-se a nova criação nascida da morte e ressurreição de Jesus.

Maria Madalena é figura simbólica. Representa a comunidade sem a perspectiva da fé, incapaz de assimilar a morte de Jesus. Ela é figura representativa de todos os que pensam que o túmulo seja o lugar do fracasso do projeto de Deus. No v. 2 ela fala na primeira pessoa do plural (não sabemos), denotando que é figura representativa de um todo. Já é de madrugada (nasceu o novo dia), mas para ela é ainda trevas.

As trevas representam o "mundo", a negação da vida, que não aderiu a Jesus (1,5; 3,19, 6,17; 12,35). O gesto de Maria indo ao sepulcro sintetiza as buscas da comunidade cristã, ansiosa de vida e amor, mas que às vezes os procura em lugar errado.

Diante da pedra rolada ela pensa em roubo de cadáver. Para ela, a morte havia interrompido a vida, para sempre. E o relato que faz aos dois discípulos o confirma: "Tiraram o Senhor do túmulo" (v. 2a).

b) Os dois discípulos: Corre mais quem ama mais (vv. 3-8)

Também os dois discípulos representam a comunidade que não assimilou a morte de Jesus. O evangelista dá a entender que a comunidade tinha se dispersado (cf. 16,32). Por isso Maria Madalena encontra os dois a sós. A intenção de João é bem clara: a comunidade não subsiste sem a vivência da fé em Cristo ressuscitado.

Os dois discípulos são Simão Pedro e "aquele que Jesus amava". Eles saem correndo em direção ao sepulcro. É uma verdadeira maratona. Quem corre mais? Quem chega em primeiro lugar? Certamente não é quem está em melhores condições físicas, e sim aquele que tem as autênticas disposições para correr. Em outros termos, quem ama corre mais e chega primeiro. De fato, o "outro discípulo" não traz nome, mas um apelido: "aquele que Jesus amava" (v. 2). Foi esse discípulo quem esteve perto de Jesus por ocasião do julgamento e da morte. Com isso, João mostra quais são os sentimentos do cristão em relação à morte de Jesus. Mas isso não é tudo.

O discípulo amado chega antes. "Abaixando-se, ele viu os panos de linho estendidos, mas não entrou" (v. 5). Ele percebe que há sinais de vida, mas ainda não alcança a plena compreensão do que aconteceu. Os panos de linho (e os perfumes) podem ser uma tênue referência à cama nupcial: para João e para o discípulo amado que *vê,* o túmulo não é lugar da morte, e sim o lugar do encontro do Senhor da vida com sua esposa, a comunidade.

Chega Simão Pedro. O fato de deixar que Pedro entre antes no sepulcro é, da parte do discípulo amado, um gesto de reconciliação e de amor, gesto que repete o de Jesus. Tendo seguido a Jesus, disposto a morrer com ele, o discípulo amado não se considera por isso superior a Pedro. Este entra, "viu os panos de linho estendidos, e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus não estava com os panos de linho estendidos, mas estava dobrado num lugar à parte" (vv. 6b-7). A descrição da cena quer demonstrar claramente que não houve violação do sepulcro e nem roubo de cadáver, pois os ladrões não teriam se preocupado em dobrar o sudário.

Aconteceu algo de inaudito: Jesus não continuava prisioneiro das malhas da morte. Ele estava vivo (comparar a cena com a ressurreição de Lázaro, 11,44: *"Desatem-no* e deixem-no ir embora").

c) Explicação da incredulidade (v. 9)

Dissemos que Pedro é figura representativa da comunidade que ainda não fez o salto de qualidade para passar do temor à fé. Por isso o evangelista lembra um texto da Escritura que diz: "Os teus mortos tornarão a viver, os teus cadáveres ressurgirão... Porque Iahweh está para sair do seu domicílio" (Is 26,19.21a).

2. I leitura (At 10,34a.37-43): A fé em Cristo ressuscitado gera o testemunho

No plano de Lucas, os Atos dos Apóstolos são a continuação do Evangelho que ele escreveu. Neste, ele relatou o caminho de Jesus; nos Atos, apresenta o caminho da Igreja que procura reproduzir as palavras e ações de Cristo. A caminhada da Igreja é, portanto, o prolongamento da prática do Filho de Deus.

Em At 10 temos uma situação histórica nova para a Igreja: a do contato com os gentios. O contato com os pagãos era proibido pela legislação judaica. Quem convivesse com eles tornava-se impuro.

Simão Pedro é o primeiro a romper esse esquema elitista, salientando o modo de ser Igreja. De fato, ele está hospedado na casa de um curtidor de peles de nome Simão (pura coincidência de nomes ou sinal de identificação com os marginalizados?). Os curtidores de peles eram tidos como pessoas impuras por parte dos judeus. Devia-se evitar o contato com tais pessoas.

Cornélio, militar romano, vivia em Cesaréia, nos confins do território judaico. Ele manda chamar Simão Pedro para que vá à sua casa. Pedro, portanto, leva a comunidade cristã para fora do território judaico. No seu discurso em casa de Cornélio, salienta os seguintes pontos:

— Deus não faz distinção de pessoas. O novo Povo de Deus não está ligado a uma raça ou nação. o critério para ser Povo de Deus é temê-lo e praticar a justiça (v. 34).

— Isso encontra seu fundamento na ação de Jesus de Nazaré, ao qual Deus ungiu com o Espírito Santo e com poder. A ação de Jesus é sintetizada nas seguintes palavras: "Ele passou fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo demônio" (v. 38).

— A ação da comunidade cristã é a de ser *testemunha:* anunciar e praticar o que Jesus fez (note-se a quádrupla menção do termo *testemunhar,* vv. 39.40.42.43).

— A ação da comunidade cristã encontra seu fundamento no mandato de Jesus, cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15; Lc 24,47-48 (v. 42a).

— O conteúdo do testemunho cristão é o anúncio de que Jesus é o juiz dos vivos e dos mortos, ou seja, ele é o critério para sabermos se um ação, como a de Pedro, vem de Deus ou não (v. 42b).

— Cumpre-se assim aquilo que foi anunciado pelos profetas, isto é, Jesus é a realização cabal do projeto de Deus. Quem adere a ele, pela fé, recebe o perdão dos pecados e passa a fazer parte do seu Povo (v. 43).

3. II leitura (Cl 3,1-4): Viver a ressurreição entre o já e o ainda não

Paulo escreveu aos cristãos de Colossas provavelmente quando estava preso em Éfeso (anos 55-57) para corrigir algumas teorias que admitiam uma série de seres celestes, intermediários entre Deus e os homens. Esses seres celestes comandariam o ritmo do universo, comprometendo assim a supremacia de Cristo.

A carta aos Colossenses tem duas partes. A primeira, além do endereço, saudação, ação de graças e súplica (1,1-14), é de caráter doutrinal e expositivo. É nela que Paulo corrige os erros infiltrados na comunidade (1,15-2,23). A segunda parte é de caráter prático e exortativo, na qual o Apóstolo move os cristãos a serem coerentes com o nome que trazem (3,1-4,1), seguida de notícias pessoais e saudações finais (4,2-18).

O cristão, pelo batismo, condivide a sorte de Cristo morto e ressuscitado (2,12). Cristo ressuscitado está à direita de Deus, ou seja, é o Senhor universal (cf. Sl 110). O cristão já participa dessa vida nova de Cristo, mas ainda não plenamente, porque está neste mundo. A tarefa do cristão é *pensar* e *procurar* as coisas do alto. Em outras palavras, trata-se de discernir o que é conforme ou não ao projeto de Deus, ao qual o cristão está associado pelo batismo. Paulo contrapõe as *coisas do alto* às *coisas da terra* para alertar o cristão não avisado do perigo que pode correr, levando uma vida ambígua que não manifesta o Cristo resssuscitado. O cristão já participa da vida de Cristo, mas o que ele deve fazer concretamente ainda não é claro e exige discernimento constante, até que Cristo se manifeste definitivamente, levando os cristãos à plena comunhão com ele.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

- O amor gera a fé na ressurreição de Cristo. Comunidade sem fé não é comunidade cristã (Evangelho).
- A fé em Cristo ressuscitado suscita o testemunho. Ser cristão é fazer o que Jesus fez (I leitura).
- O cristão vive na tensão entre o já pertencer a Cristo e o ainda não estar com ele definitivamente (II leitura). Daí nasce a práxis para um mundo melhor: "Ouvi o clamor deste povo".

2º DOM. DA PÁSCOA (10 de abril)

O RESSUSCITADO: VIDA DA COMUNIDADE CRISTÃ

I. INTRODUÇÃO GERAL

Jesus ressuscitado está presente na comunidade, dando início à nova criação. Os cristãos sentem sua presença na ação do Espírito que os move à implantação do projeto de Deus na história. A comunidade precisa ter fé madura, que não exija sinais extraordinários para perceber Jesus presente nela (Evangelho).

Só o amor é extraordinário. Ele nasce de Deus, cuja paternidade é universal, e se encarna nas relações fraternas entre as pessoas. Nesse clima a comunidade vence o "mundo", o antiprojeto, para criar o mundo novo (II leitura).

O mundo novo já esteve presente na primeira comunidade cristã. O retrato mais bonito dessa comunidade ficou gravado nestas palavras: "eram um só coração e uma só alma... tinham tudo em comum... entre eles não havia necessitados" (I leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Jo 20,19-31): A nova criação

O texto de Jo 20,19-31 pode ser dividido em duas cenas distintas: vv. 19-23 e vv. 24-29. Segue-se um epílogo (vv. 30-31) que, originariamente, era a conclusão do IV Evangelho. Na primeira cena enfatiza-se a criação da comunidade messiânica que, a mandato de Cristo ressuscitado, dá seqüência ao projeto de Deus. A segunda cena reflete, por contraste com a atitude de Tomé, o amadurecimento na fé dos que, apesar de não terem visto Jesus, aderiram a ele plenamente. O epílogo sintetiza a finalidade para a qual o IV Evangelho foi escrito.

a) A criação da comunidade messiânica (vv. 19-23)

O texto inicia situando a cena no tempo. É a tarde do Domingo da Páscoa. Para os judeus, já havia iniciado um novo dia. Para João, contudo, é ainda o dia da ressurreição, a nova era inaugurada pela vitória de Jesus sobre a morte. A referência à tarde de domingo reflete a práxis cristã de celebrar a Eucaristia no Dia do Senhor, à tardinha. Estamos, portanto, num contexto eucarístico. As portas fechadas denotam um aspecto negativo (o medo dos discípulos) e um aspecto positivo (o novo estado de Jesus ressuscitado, para o qual não há barreiras).

Jesus apresenta-se no meio da comunidade (mais uma referência ao contexto eucarístico) e saúda os discípulos com a saudação da plenitude dos bens messiânicos: "A paz esteja com vocês!" *(shalom).* É a mesma saudação da despedida (cf. 14,27). Por sua morte e ressurreição ele se tornou aquele que venceu o mundo e a morte. É a saudação do vencedor que ainda traz em si os sinais de vitória: as mãos e o lado (v. 20a), a saudação do Cordeiro. Dele a comunidade se alimentará.

A reação da comunidade é a alegria (cf. 16,20) que ninguém, de agora em diante, poderá suprimir (cf. 16,22).

A comunidade, assim fortificada, está pronta para a mesma missão que Jesus recebeu: "Como o Pai me enviou assim também eu envio vocês" (v. 21b). Quem garante a missão da comunidade será o Espírito Santo. Para João, o Pentecostes acontece aqui, na tarde do dia da ressurreição. De agora em diante, batizados no Espírito Santo (cf. 1,33), os cristãos têm o encargo de continuar o projeto de Deus. Esse projeto é sintetizado assim: "Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados; os pecados daqueles que vocês não perdoarem não serão perdoados" (vv. 22b-23). O que é *pecado* para João? Consiste essencialmente em aderir à ordem injusta que levou Jesus à morte. Os *pecados* são os atos concretos decorrentes dessa opção. Fundamentalmente, a tarefa da comunidade é mostrar, em palavras e ações, que quem se fechou ao projeto de Deus permanece em seus pecados (cf. 9,41: O pecado de vocês permanece).

"Os discípulos continuam a ação de Jesus, pois ele lhes confere a mesma missão (20,21). Pelo Espírito que dele recebem, tornam-se suas testemunhas perante o mundo (15,26s). Sua ação, como a de Jesus, é a manifestação, em atos concretos, do amor gratuito e generoso do Pai (9,4). Diante desse testemunho, acontecerá o mesmo que aconteceu com Jesus: haverá quem o aceite, e quem se endureça em sua atitude hostil ao homem, rejeitando o amor e se voltando contra ele, chegando inclusive a perseguir e matar os discípulos em nome de Deus (15,18-21; 16,1-4). Não é missão da comunidade, como não era a de Jesus, julgar os homens (3,17; 12,47). Seu julgamento, como o de Jesus, não é senão o de constatar e confirmar o juízo que o homem faz de si próprio" diante do projeto de Deus (J. Mateos-J. Barreto, *El Evangelio de Juan,* Cristiandad, Madrid, 1983, p. 869).

b) A fé amadurecida (vv. 24-29)

O episódio de Tomé foi lembrado pelo autor do IV Evangelho para eliminar mal-entendidos na comunidade, segundo os quais as testemunhas oculares estariam num plano superior em relação aos que não viram pessoalmente o Senhor ressuscitado.

Tomé era um dos Doze (v. 24) que estivera com Jesus antes da Paixão. O evangelista quer salientar que o importante não é tanto o ter estado com Jesus antes de sua morte, e sim viver a vida que nasce da ressurreição, assumindo o projeto de Deus como opção pessoal. De fato, não obstante a boa vontade de Tomé (cf. 11,16: "Vamos também nós, para morrermos com ele!"), ele não fizera a experiência do Cristo vivo, nem recebera o Espírito (cf. v. 24). Contrariamente a quanto faziam os convertidos, ele não aceita o testemunho dos discípulos. Sua fé ainda é fraca: não nasce da experiência de amor da comunidade, mas depende de sinais extraordinários.

A referência ao oitavo dia denota mais uma vez o contexto eucarístico do texto. É o dia da nova criação, da plenitude, "oitavo dia por sua plenitude e primeiro por sua novidade".

Digna de nota é a resposta de Tomé: "Meu Senhor e meu Deus". É a maior profissão de fé do IV Evangelho. Ele reconhece em Jesus o servo glorificado (Senhor), em pé de igualdade com o Pai (Deus). Descobre em Jesus o projeto acabado de Deus e o toma como modelo para si *(meu* Senhor e *meu* Deus). É a primeira vez, fora o prólogo, em que Jesus é chamado de Deus. Note-se que, para os judeus, a prova cabal de que Jesus devia morrer foi o fato de se ter proclamado igual a Deus (5,18), ou de fazer-se Deus (10,33).

A cena se conclui com a única bem-aventurança explícita no Evangelho de João (cf. 13,17). Ela privilegia os que irão crer sem ter visto. O Evangelho é abertura para o futuro e desafio: aceitá-lo ou não, aí se joga a sorte do ser homem e do ser cristão.

LIVROS DE ATUALIDADE

EDUCAÇÃO RELIGIOSA CRISTÃ. Compartilhando nosso caso e visão — Thomas H. Groome — P. Freire assim define: "É um livro de fundamental interesse não apenas para quem se preocupa com os aspectos mais específicos da educação religiosa — que encontra nela o tratamento de temas da Teol. da Libertação — mas igualmente para o estudioso, de modo geral, da Filosofia da Educação". — 432 páginas, Cz$ 630,00.

PODEMOS ENSINAR AS CRIANÇAS A SEREM BOAS? — R. Straughan — Com a obra, o Autor pretende cobrir uma sensível lacuna no campo da educação moral. Deseja contribuir para que pais e pedagogos, estudantes de filosofia e teologia, pastores e catequistas tenham um subsídio que os ajude a abrir caminhos para uma boa educação ética. É um contributo para teoria e prática da educação moral. — 160 pp., Cz$ 270,00.

CONTROLE DA NATALIDADE PELO MÉTODO DA OVULAÇÃO — Mercedes Auzú Wilson — Manual muito rico de informações. O rigor científico vem acompanhado de inúmeros exemplos de casos particulares. E as muitas ilustrações tornam o texto bem acessível. O método aplica-se não só para evitar, mas também para conseguir a gravidez em casos de aparente infertilidade. — 272 páginas, Cz$ 570,00.

IGREJA PARA A LIBERTAÇÃO — D. Regan — O livro é o perfil da Igreja no Brasil desde o Vaticano II até hoje. É um retrato do processo de conversão pelo qual a CNBB passou, assumindo corajosamente a opção preferencial pelos pobres, identificando-se com o povo e com as Comunidades Eclesiais de Base nas suas aspirações de libertação. O Autor analisa também a leitura da Bíblia feita pelas CEBs. — 336 pp., Cz$ 680,00.

COMUNICAÇÃO POPULAR E ALTERNATIVA NO BRASIL — R. Festa-C. E. Lins da Silva (Orgs.) — Há, no Brasil, importante literatura sobre as práticas de comunicação popular "alternativa" em relação aos grandes meios de comunicação. O livro reúne as mais variadas formas de comunicação alternativa. Com isso pretende ajudar as pequenas comunidades a se organizarem criativamente. — 272 páginas, Cz$ 510,00.

c) Epílogo (vv. 30-31)

A maioria dos estudiosos admite que aqui se encerrava o Evangelho de João. O cap. 21, que segue, foi acrescentado mais tarde. O epílogo sintetiza a atividade de Jesus, marcada por *sinais* cuja função é o próprio objetivo do Evangelho: suscitar a fé e adesão ao projeto de Jesus, o Cristo, levado a cabo em sua morte e ressurreição. Esse projeto é o mesmo do Pai, do qual o Filho é a expressão fiel. Aderindo a ele, os homens têm a vida.

2. II leitura (1Jo 5,1-6): De onde nasce a comunhão entre os cristãos?

A primeira carta de João foi "dirigida às comunidades cristãs da Ásia Menor, que passavam por séria crise, provocada por um grupo de dissidentes carismáticos. Estes propunham uma *doutrina gnóstica,* que afirmava que o homem se salva graças a um conhecimento religioso especial e pessoal. Eles negavam que Jesus era o Messias e se gloriavam de conhecer a Deus, de amá-lo e de estar em íntima comunhão com ele; afirmavam ser iluminados, livres do pecado e da baixeza do mundo: não davam importância ao amor ao próximo e talvez até odiassem e hostilizassem a comunidade... A carta mostra que é vazio e sem valor qualquer espiritualismo que não se traduz em comportamento prático. Não é possível amar a Deus sem amar ao próximo e sem formar comunidade: se Deus é Pai, os homens são filhos e família de Deus, e conseqüentemente todos devem amar-se como irmãos" *(Novo Testamento — Edição Pastoral,* Ed. Paulinas, São Paulo, 1986, p. 399).

Os vv. 1-5 foram muito bem elaborados pelo Autor. Uma de suas características é a concatenação de temas, um puxando o outro. Procurando salientar as palavras ou expressões que nesse texto ocorrem com maior freqüência, chegamos à seguinte seqüência de temas: fé, nascer-ser gerado, *amor ao próximo-amor a Deus,* nascer de Deus, fé enquanto vitória sobre o mundo. No centro dessa seqüência está o amor ao próximo como expressão do amor a Deus. Isso demonstra que o Autor quer conferir-lhe cuidado especial dentro de todo o discurso.

Esses versículos salientam alguns temas importantes: **1.** A fé em Jesus Messias é o verdadeiro nascimento para os cristãos (cf. Jo 3,1-7). Eles nascem *de Deus,* a fonte comum (v. 1); **2.** Deus é Pai de todos. Seu amor é o mesmo para todos os seus filhos. Nascer de Deus, portanto, é discernir o alcance da paternidade de Deus e o alcance da fraternidade dos filhos dele (v. 1b); **3.** Viver nessa perspectiva é praticar os mandamentos, cuja síntese é o amor ao próximo na mesma medida do amor de Jesus para conosco (vv. 2-3; cf. Jo 13,34); **4.** Ter nascido de Deus, discernindo o alcance da paternidade divina e o da fraternidade dos seus filhos, é vencer o "mundo" (aqui entendido em sentido negativo: o anti-projeto, o projeto de morte, oposto ao da vida, v. 4a); **5.** A arma que vence o "mundo" é a fé em Jesus, Filho de Deus (vv. 4b-5).

O v. 6 explicita o que é a fé em Jesus. É adesão total desde o encontro com ele (batismo = água) até a entrega da própria vida (martírio = sangue). O testemunho do cristão é sustentado pelo Espírito, aqui chamado de "a verdade". É que, na Bíblia, a palavra *verdade* significa *fidelidade:* o Pai sempre foi fiel a seu projeto; o Filho, a Verdade (cf. Jo 14,6), é a expressão concreta dessa fidelidade, e o Espírito, enquanto *memória* do que Jesus ensinou e fez, é o fermento que leva os cristãos à prática de Jesus, a "fazer a verdade".

3. I leitura (At 4,32-35): O retrato da comunidade cristã

Nos primeiros capítulos dos Atos, Lucas inseriu três retratos da comunidade cristã (2,42-47; 4,32-35; 5,12-16). O texto de hoje — o segundo retrato — faz parte de uma seção maior (4,32-15,11). Essa seção pode ser dividida em três partes: vv. 32-35: retrato da comunidade: vv. 36-37: exemplo positivo (Barnabé vende seu terreno e põe o dinheiro à disposição da comunidade); 5,1-11: exemplo negativo (mentira de Ananias e Safira).

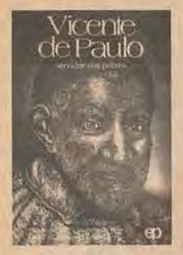
Lucas escreveu os Atos dos Apóstolos para despertar comunidades entorpecidas, chamando-lhes a atenção para a ousadia da novidade de vida das primeiras comunidades cristãs. Tem sido comum, ao longo da história, a acomodação das comunidades aos sistemas fundados na desigualdade e exploração de um sobre o outro. Reagindo a essa acomodação — já presente nas comunidades do final do primeiro século da era cristã — Lucas pinta a primeira comunidade fundada na união e na fé, embora fossem muitos: "A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava como próprias as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum" (v. 32). A razão dessa união é a fé no Cristo ressuscitado (v. 33). É à luz da vitória de Cristo sobre a morte que a comunidade se sente livre para partilhar tudo como expressão da única fé. Para Lucas, a posse e o acúmulo são sintomas do medo da morte, ao passo que a comunhão dos bens é sinal da vitória sobre a morte.

Os primeiros cristãos tinham consciência de ser a comunidade messiânica nascida do Espírito do ressuscitado. De fato, jamais no Antigo Testamento se realizara o que previra o Deuteronômio: "É verdade que em teu meio não haverá nenhum pobre, porque Iahweh vai abençoar-te..." (15,4). Esse ideal messiânico só se concretizou na comunidade cristã: "Entre eles ninguém passava necessidade" (At 4,34a), sendo Cristo o motor dessa forma nova de viver (cf. Lc 12,33; 18,22). As relações de gratuidade espontânea, a nível do econômico e social (diferentemente do que acontecia, por exemplo, em Qumrã, onde a comunhão dos bens era forçada), é sinal de que os primeiros cristãos venceram a obsessão do acúmulo para se abrirem ao modo de ser apresentado por Jesus.

O retrato da comunidade tem um ideal: acabar com a miséria, suprimindo para sempre o acúmulo do latifúndio e a especulação imobiliária, a fim de que todos tenham o necessário para viver com dignidade. Esse ideal se fundamenta na vitória de Cristo sobre as formas de morte, e se concretiza na partilha dos bens. A partilha pressupõe o discernimen-

ep novidades *edições paulinas*

A DOR QUE DÓI NA JUVENTUDE — Pe. Zezinho — O Autor tenta dialogar com os jovens a partir de seus dramas existenciais, manifestos ou camuflados. Esses dramas nascem freqüentemente de situações que os jovens enfrentam, sem saber como encará-las e superá-las. Mais que receitas para as dores da juventude, este livro pretende ser um modo de caminhar com quem sofre. — 216 páginas, Cz$ 240,00.



VICENTE DE PAULO, Servidor dos pobres — Luiz Miguel Duarte — O livro narra a vida do fundador da **Família Vicentina,** arauto da ternura e da misericórdia de Deus. Ambicionava riquezas, e encontra pobres; almejava comodidades, mas esbarra numa multidão de indigentes que gritam por socorro. Seu caminho vai ao encontro de menores, órfãos, viúvas, presidiários, vítimas da guerra etc. — 160 páginas, Cz$ 200,00.

O PODER DA PALAVRA — Arnaldo A. Padovani — A Palavra de Deus possui poder criador e salvador. A palavra das pessoas, às vezes, destrói e mata, porque não é palavra de verdade e sim de mentira. Os pensamentos do Autor sobre o poder da Palavra divina e das palavras humanas se voltam para o ideal de paz e harmonia daquele que criou todas as coisas para o bem da humanidade. — 96 páginas, Cz$ 120,00.

O DESAFIO DO MAR — Vilmar Berna — É uma parábola que fala dos desafios da vida. "Há pessoas que deixam de navegar milhares de milhas para se conformarem com umas poucas centenas, porque têm medo de atrair ventos contrários. Não existem tempestades que durem para sempre. Quando a gente se abandona no jogo delicioso da vida descobrimos que a vida deve ser vivida intensamente". — 32 pp., Cz$ 210,00.

A HISTÓRIA DO NENÊ FELIZ — Maria Coruja — O livrinho nasceu da idéia de que se todos os casais sem filhos pudessem imaginar quanta alegria, recompensa e contemplação pode trazer um **filho adotivo,** o mundo seria muito mais humano e as pessoas bem mais felizes. **A adoção de um filho** é um ato de amor que se difunde sem se consumir, que dá felicidade e, em troca, recebe felicidade. — 48 páginas Cz$ 150,00.

to: detectar as necessidades, destruir os contrastes sociais para que a comunhão se torne realidade (v. 35).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

• O Ressuscitado faz a comunidade cristã ser *igreja de portas abertas*, responsável pela criação do mundo novo. A vivência da comunidade cristã acusa o mundo de pecado: o pecado de estar contra o projeto de vida querido por Deus (Evangelho).

• Ver com a comunidade se está vivendo a comunhão no amor, ou se está vivendo à moda das comunidades da Ásia Menor (II leitura).

• O retrato de nossa comunidade já se assemelha ao da primeira comunidade cristã? Já conseguimos criar relacionamentos espontâneos e gratuitos? Ainda há necessitados entre nós? (I leitura).

3º DOM. DA PÁSCOA (17 de abril)

O RESSUSCITADO CONTINUA PRESENTE NA VIDA EM COMUNIDADE

I. INTRODUÇÃO GERAL

As primeiras comunidades cristãs fazem a releitura do AT à luz de Jesus ressuscitado. Reconhecem, naquele que os judeus crucificaram, o Messias que as Escrituras anunciaram. Ele está presente, e em seu nome formam comunidades. Arrependem-se dos pecados e se convertem. Ele manifesta o Deus que liberta e salva. A própria comunidade se sente enviada a continuar a obra de libertação (I leitura). O reconhecimento de Jesus ressuscitado acontece gradativamente. Isso porque as situações de morte que nos envolvem impedem de ver o Senhor. Toda vez, porém, que se busca melhores condições de vida por meio do empenho de mais justiça e fraternidade, as nossas mentes e corações se abrem e enxergam o resultado. Essa dimensão exige contínua releitura das Escrituras adaptada à nossa realidade (Evangelho). A única maneira de professar nossa fé na ressurreição é concretizar o mandamento do amor (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 3,13-15.17-19): O nome de Jesus tem o poder de renovar a vida

Esta perícope narra o discurso de Pedro aos judeus que estão impressionados com o fato de ele ter curado um coxo de nascença (3,11-26). Este identifica a situação do povo: oprimido e dependente. Pedro e João encarnam a comunidade cristã, formada sobre a pedra rejeitada: Jesus Cristo. O que anima e faz andar o aleijado não são as riquezas (ouro e prata), mas o nome de Jesus. O discurso de Pedro responde à pergunta dos judeus: em nome de quem fazes isto? É em nome de Jesus.

A cena acontece no Templo onde os dois apóstolos tinham ido para rezar. A subida ao Templo mostra que eles continuam sendo profundamente judeus. A cura e o discurso, porém, revelam ao mesmo tempo uma nova dimensão: há uma comunidade que está nascendo, que caminha aderindo a Jesus Cristo e realizando todas as coisas por meio de seu nome. Pedro explica ao povo a força deste nome. O nome de Jesus é o tema central do texto. Quem é Jesus? É o servo de Deus (v. 13). Deus o glorificou. A comunidade cristã o reconhece como o servo sofredor do Segundo Isaías. Semelhante designação parece estar ligada à paixão de Jesus, que mediante seus sofrimentos realiza a profecia de Isaías. A glorificação de Jesus é uma alusão a Is 52,13. Deus o glorificou por causa de sua solidariedade com o povo e por sua fidelidade (Is 52,13; 53,10-12). É relendo o AT a partir da morte-ressurreição de Jesus que a comunidade o reconhece como o Servo de Deus, o Santo e Justo (v. 14), o Messias (v. 18) que as Escrituras anunciaram. Muitos judeus, de modo especial os fariseus, não foram capazes de fazer esse reconhecimento. Eles esperavam um messias nacionalista e forte. Com esse conceito, não poderiam ver em Jesus, que morre numa cruz, o Messias anunciado. Para poder ver Jesus como o esperado há muito tempo, é necessário ver a história da salvação com fé e atenção, onde Deus sempre se coloca ao lado do mais necessitado, exigindo uma organização de irmãos. Tal leitura só é possível dentro de um contexto de vida em comunidade (2,1s).

Curando o coxo se evidencia a presença libertadora de Deus, o mesmo Deus de Abraão, Isaac e Jacó (v. 13) que libertou o povo judeu da escravidão do Egito.

No sumário da paixão (vv. 13b-15a) se acentua a rejeição de Jesus por parte dos judeus. Por meio de antíteses, esses versículos enfatizam o contraste: vida-morte; paixão-ressurreição. Deus se manifesta como vencedor da morte ressuscitando o Autor da vida que eles haviam matado (v. 15). A morte é resultado da ignorância. Quem conhece Deus busca sempre a vida. Mas apesar disso, há o convite ao arrependimento e conversão, para que os pecados sejam perdoados (v. 19). O acesso à vida está sempre aberto porque ela é infinitamente maior que a morte. Em nome de Jesus os homens vão realizando o projeto de Deus que é um projeto de fraternidade e de salvação aberto a todos os homens.

2. Evangelho (Lc 24,35-48): Se repartirmos o pão, conheceremos o ressuscitado

Lucas, nos Atos dos Apóstolos, nos diz que as aparições de Jesus em Jerusalém tiveram a duração de quarenta dias (At 1,3-4), até o dia da Ascensão (At 1,6-11). Em seu evangelho, porém, resume toda a experiência da Páscoa em um só dia, incluindo a Ascensão (Lc 24). Este capítulo apresenta um ciclo completo dos fatos pascais, composto de dois momentos: experiência do sepulcro vazio e as aparições. A primeira parte é dominada pelo vazio do lugar da morte, onde não é mais possível encontrar aquele que está vivo. A segunda parte é dominada

CONHEÇA OS SEMANÁRIOS DE EDIÇÕES PAULINAS

O DOMINGO
(Semanário litúrgico-catequético)

✻ Liturgia da missa com comentários ✻ Liturgia da Palavra completa ✻ Artigo sobre a mensagem central do Evangelho ✻ Artigo sobre CATEQUESE MARIANA (durante o ano de 1988) ✻ Cantos gravados em discos próprios ✻ Cartazes (46x65) ilustrando a mensagem do Evangelho, distribuídos gratuitamente aos assinantes com um mínimo de 50 assinaturas.

O DOMINGO-CULTO DOMINICAL
(Semanário litúrgico-catequético para as comunidades sem padre)

✻ Estrutura própria, diferente da missa ✻ Cantos gravados em discos próprios ✻ Liturgia da Palavra e Homilia ✻ Celebração da Palavra completa (com ou sem distribuição da Eucaristia) ✻ Curso continuado sobre CATEQUESE MARIANA (durante o ano de 1988) ✻ Cartazes gratuitos, ilustrando a mensagem, a partir de 50 assinaturas.

O DOMINGO-CELEBRAÇÃO DA MISSA COM CRIANÇAS

✻ Comentário e orações próprias para crianças ✻ Cantos para crianças, gravados em discos próprios ✻ Liturgia da Palavra adaptada ✻ Estorinha para ajudar a criança a entender o Evangelho ✻ Oração Eucarística completa ✻ Expressão corporal e sugestão de gestos.

BÍBLIA-GENTE
(Semanário para Círculos Bíblicos)

✻ Círculo Bíblico sobre o Evangelho do domingo
✻ Fatos da vida para entender o Evangelho
✻ Perguntas para debate e aprofundamento
✻ Cantos e orações.

INFORMAÇÕES: Administração de O DOMINGO
Caixa Postal 8.107 — 01051 SÃO PAULO, SP — Tel.: (011) 268-6141
(horário comercial)

pela presença do ressuscitado, aquele que percorrera a Palestina anunciando o Reino de Deus, e que fora crucificado. Agora envia os seus a anunciarem as coisas das quais foram testemunhas, para que todos os povos se convertam e se salvem (24,47).

Após narrar o episódio do sepulcro vazio (24,1-12) e o dos discípulos de Emaús (24,13-35), Lucas nos introduz no trecho de hoje: a aparição de Jesus aos onze (24,36-48). O versículo 35 serve para ligar o episódio dos dois discípulos de Emaús com o nosso trecho. Este trecho se divide em duas partes: vv. 36-43 e 44-48.

O reconhecimento de Jesus (vv. 36-43). O sepulcro vazio não havia convencido ninguém. Era necessário que Jesus aparecesse para que os olhos e o coração dos onze se abrissem. Reconhecem Jesus porque o escutam e podem tocá-lo, porque podem vê-lo comer. Lucas insiste na realidade corpórea. Isso porque seu evangelho se dirige a gregos cujo pensamento dualista não admite facilmente a ressurreição dos corpos (At 17,32; cf. 1Cor 15,12; 2Tm 2,18). A aparição de Jesus suscita nos discípulos medo e espanto. Estão cheios de dúvidas (v. 38), como quem pensa consigo mesmo: será que é mesmo ele? Essa reação não permite aos discípulos reconhecerem Jesus. Ao lhes mostrar suas mãos e pés, Jesus se identifica como sendo ele mesmo (v. 39), aquele que morreu na cruz. Esse gesto mostra que a ressurreição está intimamente ligada à paixão. Para conhecer Jesus é necessário ver os dois lados. A paixão revela a gratuidade e o amor. A ressurreição mostra o poder da vida.

Aos poucos os discípulos vão reconhecendo o Mestre. A alegria (v. 41) os entusiasma, porém continuam espantados por tão grande surpresa. Sua fé ainda não alcança acreditar na presença de Jesus no meio deles. Jesus, então, pede para comer. Isto nos transpõe na tradição da comida comunitária, provavelmente procedente do ambiente litúrgico. Não se trata de uma comida aparente como fala o anjo Rafael a Tobias (Tb 12,19). A intenção é a de manifestar que o ressuscitado é um ser corpóreo. A ressurreição atinge o próprio corpo. Tudo o que se faz para que o homem tenha mais condições de vida: moradia, comida, estudos... é um sinal concreto de ressurreição: renasce a vida. Ao comer, Jesus se comporta como a menina ressuscitada (Lc 8,55). Comer é uma ação que anuncia uma vida nova (1Rs 19,1-8; Est 8,17; Jó 42,11). Também é sinal de uma grande alegria: o "renascimento" do filho pródigo (Lc 15,23-24). O ressuscitado está presente quando fazemos partilha. A mesma partilha nos faz reviver com o corpo ressuscitado de Jesus.

Ser missionários (24,44-48). Foi no partir do pão que os olhos dos discípulos de Emaús se abriram e eles reconheceram Jesus (24,31). Mas antes disso, Jesus havia percorrido com eles as Escrituras, partindo de Moisés e continuando por todos os profetas (24,27), explicando aquilo que a ele se referia. Cristo descobre aos olhos dos discípulos a própria presença no AT, estabelecendo assim a função e o sentido das Escrituras. Cabe aos apóstolos e a todo cristão proclamar e interpretar a mensagem de Cristo, lendo as Escrituras à luz do mistério do Cristo glorificado. Todo o AT é a busca da glória de Deus (Sl 106,20; Is 6,3; Sl 57,6; 19,2). Cristo é a glória de Deus. A Páscoa revela esse fato. A comunidade redescobre na Bíblia um novo sentido e pode aceder à significação da Páscoa. Esse novo evento, fruto do dom da fé, faz com que a comunidade se torne evangelizadora (v. 47). Quem se fecha em si mesmo se asfixia e morre. A história das primeiras comunidades continua em nós. Somos chamados ao amadurecimento da fé por meio da meditação das Escrituras, pela partilha na vida fraterna e pela dimensão missionária. Nessa vocação nossos olhos se abrirão e reconhecerão o ressuscitado, presente em nosso meio, que nos faz renascer para uma vida melhor.

3. II leitura (1Jo 2,1-5a): Deus se torna visível no amor fraterno

João inicia o segundo capítulo de sua carta dirigindo-se aos seus leitores de forma muito carinhosa: "meus filhinhos" (2,1). Fala de coração a coração. Um estilo de profunda comunhão fraterna. O contexto em que o trecho se encontra é o do caminhar na luz (1,5-2,28). Caminhar na luz é seguir Jesus, a luz do mundo (Jo 1,4; 8,12; cf. 9,5; 12,35. 36.46). O pecado, porém, empana a luz e deixa o homem nas trevas. Daí a exortação a não pecar (1Jo 2,1). Mas João acrescenta, a seguir, uma palavra de consolo: Jesus morreu por nossos pecados e se constituiu, por ser o justo, em nosso advogado (vv. 1-2). Só quem é justo pode comparecer à presença de Deus e interceder pelo injusto. E para participar da sua justiça, precisamos caminhar na luz, vivendo em comunhão uns com os outros (1Jo 1,7). Essa forma de vida nos torna puros dos pecados porque a morte de Cristo teve como efeito a eliminação de todo o pecado. Sua eficácia é ilimitada: para os pecados do mundo inteiro (v. 2). Vivendo como irmãos atualizamos os mandamentos. Esses mandamentos podemos sintetizá-los em um só: o mandamento do amor. Um mandamento ao mesmo tempo antigo e novo (Jo 13,34). Antigo porque vem da origem do cristianismo, isto é, de Cristo. Novo, porque constitui e constituirá sempre a grande novidade cristã (2,7-8). Só conhecemos Deus se vivermos o mandamento do amor que se torna visível na vida fraterna. É um conhecimento que podemos verificá-lo na observância da Palavra de Deus vivendo na caridade. Quanto mais vivermos no amor, tanto mais conhecemos a Deus, pois o amor de Deus se realiza em quem vive sua palavra na comunhão fraterna (v. 5a).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

- Pedro, no seu discurso, convida as pessoas ao arrependimento e à conversão. Quais são os sinais de morte em nossa comunidade? Como podemos sair dessa situação?
- A comunidade primitiva relia as Escrituras iluminada pelo Espírito do ressuscitado. Continuamos a ler as mesmas Escrituras a partir de Jesus Cristo?
- Desde o início a Igreja foi missionária. Como nossa comunidade está desenvolvendo essa missão?
- Só é possível ver o Cristo vivo se amamos o irmão, especialmente o mais necessitado. Que "visibilidade" temos de Cristo em nossa comunidade?

ep novidade
edições paulinas

JESUS ANTES DO CRISTIANISMO — Albert Nolan — O Autor procura apresentar Jesus como era antes de se tornar o centro da fé cristã, antes de ser relido à lz das questões das comunidades onde nasceram os evangelhos. O método da obra é histórico, mas o objetivo não é acadêmico. O Autor é movido pela urgência de fazer algo diante do sofrimento diário de tantos milhões de pessoas, com a perspectiva de sofrimento ainda maior, como, por exemplo, o dos negros da África do Sul, em meio aos quais ele vive. — 208 pp., Cz$ 390,00.

4º DOM. DA PÁSCOA (24 de abril)

JESUS É O BOM PASTOR

I. INTRODUÇÃO GERAL

A figura do pastor era muito popular desde o tempo dos patriarcas, que viviam como nômades, dependendo do trabalho pastoril. Também depois de povo constituído, Israel fez deste trabalho um dos meios principais para ganhar a vida.

Jesus, ao se apresentar como pastor, toma uma das figuras mais populares de sua época. Na alegoria as ovelhas são o povo e o pastor é Jesus. O que o caracteriza é sua bondade e amor para com o rebanho/povo. Os dirigentes, ao contrário, são apresentados como mercenários que visam o bem próprio, conduzindo as ovelhas à perdição. Jesus, o bom pastor, dando sua vida pelas ovelhas, torna-se o único pastor (Evangelho). Os apóstolos seguem o bom pastor, e tirando o coxo de sua difícil situação, atraem sobre si o ódio dos dirigentes judeus. Isso porque eles o fizeram em nome de Jesus, o único capaz de salvar (I leitura). Somente aqueles que aderem ao rebanho do pastor podem conhecê-lo e entrar em intimidade com Deus, tornando-se seus filhos (II leitura).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 4,8-12): Agir em nome de Jesus

A morte e ressurreição de Jesus dão nova dimensão à vida dos apóstolos e do povo. Pedro e João, curando o aleijado (At 3,1-10) evidenciam a eficácia do evento pascal. O anúncio da ressurreição de Jesus, acompanhado pela cura do coxo, provoca a ira dos sacerdotes, do chefe da guarda do Templo e dos saduceus (v. 2). Não admitem a ressurreição daquele que haviam posto à morte. De outra parte, grande número de pessoas professam sua fé, crendo que Jesus está vivo e continua operando o bem (v. 4).

O supremo tribunal de Israel (vv. 5-6) faz Pedro e João comparecerem diante dele. Eles devem responder à questão: "Com que poder, ou em nome de quem, vocês fazem isso?" (v. 7). O processo acontece porque a fé dos apóstolos se mostra não só em palavras, mas em atos: a cura de um aleijado. É uma fé encarnada na vida, capaz de transformar uma situação negativa (coxo) em uma situação positiva (andar). A fé ligada à vida não deixa ninguém estar onde está. Mexe. Provoca uma atitude. Muitos aderem. Outros fazem um processo.

A resposta de Pedro é clara: foi em nome de Jesus que ele tirou o aleijado de sua má condição. Só Jesus pode salvar. A salvação vem dele, de seu nome. A invocação do nome é a expressão da fé. Para sermos salvos necessitamos crer. Pedro parece estar fazendo alusão a Joel, onde o profeta diz: "todo aquele que invocar o nome de Iahweh será salvo" (Jl 3,5; cf. Mt 2,21).

A resposta de Pedro certamente não agradou ao Sinédrio porque a salvação vem exatamente daquele que eles haviam mandado matar. Bem melhor seria se eles tivessem realizado a cura em nome próprio ou de outro qualquer. Mas não de Jesus.

As acusações que Pedro faz (v. 10s) objetivam conduzir os judeus ao arrependimento. É um apelo implícito. Os outros discursos mostram que o meio para alcançar o perdão é o arrependimento. Pedro quer torná-los conscientes do fato do Calvário. A pedra que haviam rejeitado tornou-se a pedra fundamental.

Porque nos convertemos a uma pessoa e não a um sistema de verdades abstratas, é muito difícil esperar a conversão do Sinédrio. Seria o reconhecimento de terem matado o Autor da vida (3,15) e que agora continua vivo no meio do povo.

Não encontrando outro modo de explicar a cura, o Sinédrio reprime os apóstolos. Teme a opinião pública, que se torna consciente do fato pascal e adere a Jesus Cristo.

2. Evangelho (Jo 10,11-18): Dando a vida por suas ovelhas, Jesus se torna o modelo de pastor

O trecho de hoje se encontra dentro da seção: Jesus, luz do mundo (8,1-10,42). Nela, João desenvolve a questão da fé em Jesus. Fala da cegueira dos fariseus que permanecem no pecado (9,41b); da divisão entre os judeus por causa da cura do cego de nascimento (10,19-21) e da fé de um grande número de pessoas diante dos sinais realizados por Jesus (10,40-42). A conclusão de 9,41 prepara as alegorias do cap. 10,1-18: o verdadeiro pastor, oposto aos maus pastores (10,1-5), a porta das ovelhas (10,7-10), o bom pastor e o mercenário (10,11-18). Jesus se apresenta como aquele que deve fazer sair os fiéis do recinto da antiga aliança para constituir um só rebanho. A condição dessa obra é sua morte redentora (10,17-18).

A figura do bom pastor. Tanto a palavra *pastor* quanto o verbo *pastorear* pertenciam à linguagem popular que identificava os chefes e suas funções em relação ao povo (ovelhas, rebanho). No AT essa linguagem se refere a Deus (Gn 48,15; 49,24; Jr 23,3; Ez 34,11-12) e aos chefes (2Sm 7,7; Is 56,11; Jr 2,8; Zc 10,3). De modo especial designava Davi (Sl 78, 70s) e o futuro Davi (Jesus), o rei que Deus iria enviar para tirar as ovelhas dá má situação em que se encontravam (Ez 34,23s). O pastor, portanto, é um modo de designar o Messias.

A figura do pastor apresenta três traços fundamentais:

• Entra pela porta porque tal direito lhe é reconhecido (10,2).

• As ovelhas são de sua propriedade (10,3.12).

• Dá sua vida por elas (10,14) mantendo estreito vínculo de intimidade (10,3).

Estas características fazem de Jesus o único pastor (10,16; cf. Ez 34,23; 37,24).

Jesus, pastor-modelo. Na primeira parte da alegoria (Jo 10,1-6) Jesus se apresenta como a porta do curral das ovelhas. Quem não entrar por ela é ladrão. A porta está em oposição ao átrio do Templo. Pelo átrio se entrava no Templo, numa instituição fechada e opressora. Quem entra pela porta (Cristo) encontra a liberdade (entrar e sair) e alimento (10,9). Na segunda parte da alegoria Jesus é o pastor em oposição aos mercenários (essa passagem tem como pano de fundo Ez 34). Ele é o modelo porque não busca seus próprios interesses como fazem os mercenários. Estes visam o bem próprio e, por isso, diante de qualquer perigo, fogem, abandonando as ovelhas (vv. 12-13). Tal é a atitude dos dirigentes judeus em relação ao povo, e também a atitude de todo aquele que não cuida com amor da sua comunidade.

Morrendo na cruz, Jesus deu sua vida por todos nós. Com esse ato de amor ele nos comunica a vida de Deus. Por sua morte e ressurreição recebemos dele vida em abundância (10,10b).

Jesus é o bom pastor porque conhece intimamente suas ovelhas (vv. 14-16). A finalidade desse conhecimento é a de estreitar a união entre os seguidores de Jesus. Nessa alegoria, a bondade não é feita de misericórdia e indulgência como em Lc 15,4-7 e Mt 18,12-14. Ela deriva do cuidado que ele tem para com suas ovelhas. Seu amor pelo rebanho o leva a dar a vida por elas (10,11.15.17.18). Ninguém, exceto o bom pastor, chega a isto.

Não é por um rebanho já existente que ele dá sua vida. Seu amor é universal (v. 16) e é pela morte que constitui o rebanho. Seu amor está aberto para todas as pessoas de todos os tempos e povos. Muitos se opõem a essa universalidade, querendo fazer da salvação um privilégio muito particular. O que Jesus quer é que haja um só rebanho e um só pastor vivendo unidos no vínculo do amor. Esse projeto encontrará forte oposição por parte daqueles que visam seus próprios interesses e que querem manter a todo o custo a sua instituição (redil). Jesus conhece esses obstáculos, mas não recua e dá sua vida de modo livre e consciente (vv. 17-18).

3. II leitura (1Jo 3,1-2): Somos filhos de Deus

No último versículo do segundo capítulo (1Jo 2,29), João aponta um novo tema: viver como filhos de Deus. Este versículo acentua a justiça. Todo aquele que a pratica entra em comunhão íntima com o justo: Jesus Cristo. Aliás, toda sua vida foi uma manifestação da justiça divina. Pai e Filho são justos. E quem pratica a justiça faz parte dessa família. Portanto, para ser filho de Deus o batismo não basta. É necessário a prática da justiça. Ou seja, praticar aquilo que pelo batismo professamos.

O fato de sermos filhos de Deus mostra todo o amor que o Pai tem para conosco (3,1). Participar de sua família é coisa extraordinária. Essa condição de filhos é algo tão profundo e maravilhoso que não conseguimos entendê-la plenamente. Vamos entendê-la gradativamente, à medida que praticamos a justiça, porque esta nos põe em estreita relação com Deus que é justo. O mundo é incapaz de reconhecer isso pelo fato de viver na injustiça. É na comunidade, no exercício do amor fraterno, que participamos da filiação divina. E somente quando o Cristo se manifestar completamente na sua glória entenderemos inteiramente o que significa sermos filhos de Deus, pois ali seremos semelhantes a Jesus. Nosso compromisso é com a justiça. Somente por ela crescerá nosso amor fraterno e aumentará nossa familiaridade com Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

• Seguir Jesus é amar a todos e de modo especial os mais necessitados. Esse amor deve manifestar-se na prática da vida. O que estamos fazendo em nossa comunidade em favor dos mais carentes? Eles fazem parte de nossa comunidade, como irmãos?

• Jesus, o bom pastor, deu sua vida pelo rebanho. De que jeito estamos doando nossa vida para que este mesmo rebanho cresça cada vez mais e conheça seu pastor?

• Para sermos filhos de Deus não basta o batismo. É necessário praticar a justiça. O que nossa comunidade está fazendo para promover essa prática?

VITRART VITRAIS

Carmelo Sta. Terezinha do M. Jesus — 175m² — Campinas, SP

Detalhe do Vitral principal do Carmelo Sta. Terezinha do M. Jesus, Campinas

Fundindo os seus vitrais ***exclusivamente*** *com as texturas de vidro, a Vitrart consegue um produto acabado de extrema beleza e total segurança e, por serem inquebráveis, dispensam qualquer tipo de proteção. Fornecemos: — total assistência na parte artística, criando ou reproduzindo qualquer estilo de desenho ou Arte Sacra; — uso ilimitado de cores; — assistência técnica quanto à colocação, vedação e iluminação dos vitrais.*

Venha fazer-nos uma visita e comprove a qualidade dos nossos vitrais, ou então, solicite-nos um orçamento sem compromisso.

Estaremos sempre prontos a atendê-lo.

Salesiano D. Bosco, 12m² — Americana, SP

Detalhe da 3ª janela - Igreja N.S do Montenegro — Jundiaí, SP

Igreja N.S. do Montenegro — 230m² — Jundiaí, SP

VITRART VITRAIS — Artesanato em Vitrais Ltda.

Em São Paulo — Show-Room e Central de Vendas para atendimento em todo o Brasil:
Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1.756 — CEP 01403 — Fones: (011) 885-5291 / 885-2436

A FRATERNIDADE E O NEGRO
Subsídios para a Campanha da Fraternidade

Teologia Negra
Gayraud S. Wilmore e James Cone
Propostas para uma teologia
a partir do Negro.
566 pp., Cz$ 1.000,00

O Deus dos oprimidos
James Cone
O Deus revelado na Bíblia é o dos marginalizados. É o dos Negros oprimidos.
286 pp., Cz$ 430,00

Evangelizar ou colonizar?
Joseph G. Donders
A experiência
Africana
de Jesus.
232 pp.,
Cz$ 410,00

Inculturação e libertação
CNBB-CIMI
A Igreja frente
aos Índios
e Negros.
232 pp.,
Cz$ 470,00

O Deus da resistência negra
Laënnec Hurbon
A resistência dos Negros
ao Deus dos colonizadores.
232 pp., Cz$ 460,00

Para adquirir qualquer um destes livros, preencha e devolva o Cartão-Resposta Comercial da sobrecapa desta Revista; ou procure-os na livraria de EDIÇÕES PAULINAS mais próxima.

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – UFRRJ